



*Album - Almanac
1904 - S Paulo.*

2 off

A SEMANA

VOLUME I

(JANEIRO A DEZEMBRO DE 1885)

RIO DE JANEIRO

Redacção, Officinas e Gerencia

36 TRAVESSA DO OUVIDOR 36

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NO 1º VOLUME (ANNO I) D'A SEMANA

A. F.
Bellas Artes — 21. (*)
A. R.
Aluizio Azevedo (Novas obras) — 44.
ADELINA L. VIEIRA
A borboleta (L. Ratisbonne) — 39.
Os ingratos » » — 40.
Vingança » » — 41.
Contraste — 43.
O Natal — 46.
O Anjinho — 47.
D. Quixote — 48.
O dia de Natal — 52.
ADRIÃO DE CASTRO
Semper, soneto, (*Collaboração*) — 45.
AFFONSO CELSO JUNIOR
A esposa (traducção de Catulle Mendès)
poesia — 4.
AGAPITO DA VEIGA
Victor Hugo — suplemento ao n. 24.
ALBERTINA PARAISO
Prantos de criança (poesia) — 46.
Ao mar (poesia) — 47.
ALBERTO CONRADO
Victor Hugo (*Collaboração*) — 22.
ALBERTO D'OLIVEIRA
Lendo os antigos (soneto) — 7.
Titania » — 8.
A janella e o sol » — 9.
Sombra » — 10.
Manto real » — 18.
Victor Hugo » — 22.
Galatèa » — 23.
Paraiso vedado » — 33.
A entrada do inverno » — 37.
ALEXANDRE DUMAS
Carta a Duse-Checchi — 29.
ALFINETE
O bispo nas eleições — 2.
Responso da «Folha Sôva» (trioletes) — 17.
Aqui, ali, acolà — 35, 37, 41, 44, 50 e 52.
ALFREDO PALHETA
Bellas Artes — 23, 30, 32, 34, 35 e 39.
ALFREDO DE SOUZA
O vaso de flores (traducção de Th. Gau-
tier) — 3.
Pezar (soneto) — 11.
Ventura » — 17.
Victor Hugo — 22.
A caveira — 28.
A Duse Checchi — 29.
Meditando — 37.
Intima — 51.
ALPHONSE DAUDET
Os rouxinões do cemiterio, (traducção de
Lucio de Mendonça) — 14.
ALUIZIO AZEVEDO
Ruy-Vaz — 20, 21, 23 e 24.
Victor Hugo (22 de Maio) — 22.
Duse Checchi — 29.
Bellas Artes (O grupo de Bernardelli) —
14.
AMBROSIO SEVÉRO
Poesia e poetas — 14,
Política e politicos — 16, 18, 19, 21, 22,
23 e 27.

« Quadros de hontem e de hoje » — 29.
Poesia e poetas (As Bohemias) — 32.
AMERICÓ LOBO
Chanson — 12.
A Victor Hugo (soneto) — 48.
ANGELO DE S. PRAY
Paginas de um livro — 49.
ANTONIO NOBRE
Santa Cecilia (soneto) — 36.
ARARIPE JUNIOR
Germinal — 18, 20 e 21.
Os nossos livros « Tropos e Fantasias »
— 34.
ARTHUR AZEVEDO
Victor Hugo — 22
Duse-Checchi — 29.
ARTHUR MENDES
Duse-Checchi — 29.
Phalena — 35
Mater infelix (soneto) — 41.
As crianças — 52.
ASCANIO MAGNO.
Anjo (soneto) — 56.
AUGUSTO DE LIMA
Atravez dos seculos (Paginas esque-
cidas) — 32.
BARÃO RECLAME
Catastrophe — 9.
BIBIANO
Cofre das graças — 2, 3, 4, 12, 18, 28, 29,
30, 31, 32, 34, 36, 37, 40, 41, 45, 49 e 51.
C. CASTELLO BRANCO
Maria da Fonte (excérpto) — 17.
Na « aguia de ouro » » — 48.
C. REGAZOLI
Moralidade da imprensa — 7, 9 e 13.
CABRION
Receitas culinarias — 31, 32, 33, 34, 39 e 40.
CAMILLO DE ASSIS
Sultana (*Collaboração*) — 32.
CANTER
Sport — 37 e 39.
CATÃO
Poules — 37, 38 e 40.
CATULLE MENDÈS
As tres boas fadas (traducção de R.
Porciuncula) — 26.
A boa doença (traducção de R. Porciun-
cula) — 44.
A caridade recompensada (traducção de
R. Porciuncula) — 47.
O processo das rosas (traducção de R.
Porciuncula) — 50.
CHICO FÉRULA
Bolos — 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 13, 16, 17,
24, 26, 31, 37, 39 e 52.
COELHO DE CARVALHO
Canção de outono — 24.
CYRO DE AZEVEDO
Rabagas — 37,
Fischio, fischio... — 38.

Deus & Filho — 39.
A palavra e o garfo — 40.
Beppa — 43.
O enterro — 46 e 50.
D. PASTEL
Tratos á bola — 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10,
11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 23,
25, 26, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40,
41 e 44.
D. PINTO
A convalescente — 9.
D. RUY
Poesia e poetas — 1, 4 e 17.
DIONYSIO TANCREDO
Petit tableau (*Collaboração*) — 22.
DOMINO' PRETO
Revista dos collegas — 6 e 7.
Cochilos — 11.
ELOY, O HEROE
Uma anedocta de Arthur de Oliveira
— 12.
EMILIO ROUÈDE
Dictionnaire artistique — 29.
EMILIO COURTOIS
Os funeraes de V. Hugo. — 28.
EMYGDIO MONTEIRO
Cartas de Lisboa — 33, 34 e 39.
ERNESTO LODI
O lago (soneto) — 14.
EUGENIO DE MAGALHÃES
Duse-Checchi — 29.
F. A.
Um retrato de Bernardelli — 48.
F. C. VASQUES
Duse-Checchi — 29.
FERNANDO CALDEIRA
A vida (soneto) — 15.
FILINTO D'ALMEIDA
Sempre (soneto) — 2.
Resposta do destino (soneto) — 5.
Chora! » — 6.
Maguas » — 9.
Causa ignota » — 10.
Bolos — 18.
Victor Hugo — 22.
O incidente Morel — 23.
O que eu não vejo (soneto) — 24.
Poesia e poetas « Ardentias » — 21.
Eleonora Duse-Checchi — 29.
A Duse-Checchi — 30.
A ilha phantastica (poesia) — 38.
Madrigaes » — 39.
Supplica » — 40.
Madrigaes » — 41.
Silencioso (soneto) — 42.
Sacrificio (poesia) — 44.
Vida nova » — 48.
Novo bem (soneto) — 52.
FILINDAL
Bucolica moderna (Parnaso alegre) — 9.
Historia dos setes dias — 33, 35, 36, 37,
39, 41, 43, 45, 46, 47, 48 e 49.
FILINDAL & COMP.
Historia dos sete dias — 40, 42 e 44.

(*) Os algarismos indicam os numeros d'A Semana em que foram publicados os trabalhos.

- FOGLIANI**
Eleonora Duse-Cecchi — 29.
FRANCISCO SARCEY
Consello a jornalistas — 35.
FRANCISCO DE SERPA
Soneto a premio — 48.
FREI ANTONIO
Algumas definições — 5, 6, 7 e 9.
Tratos à bola — 43, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 51 e 52.
G. BELLEGARDE
Manoel de Mello — 4.
GALPI
Gibuk — 36.
O flôr — 41.
GASPAR DA SILVA
A' uma hora da manhã (tradução de Baudelaire) — 10.
Arthur Barreiros — 13, 15 e 16.
GOMES LEAL
O Anti-Christo (excerpto do poema) — 18.
GONZAGA FILHO
Hippodromo — 44.
Seis vocabulos — 45.
Tê, até — 46.
Pudico — 47.
Conselho Canto — 48.
DR. GREGORIO
Algumas definições — 28.
GUERRA JUNQUEIRO
O que é a terra — 14.
O melro (excerpto; poesia) — 38.
GUY DE MAUPASANT
O leito (versão de V. Magalhães) — 32.
H.
Critica scientifica — 6, 10 e 12.
HENRIQUE DE MAGALHÃES
Phalenas e crianças (soneto) — 4.
Recordações " — 12.
Imprecação " — 25.
As aves do templo (poesia) — 27.
Vindicta (tres sonetos em um) — 32.
O crime (dois sonetos) — 42.
A estatua de carne (soneto) — 45.
Ingratidão da terra " — 47.
Syrius (poesia) — 50.
Methamorphozes (dois sonetos; *Parnaso Alegre*) — 51.
Historia dos sete dias (O Natal; poesia) — 52.
HENRIQUE DE SÁ (DR.)
A prostituição no Rio de Janeiro — 4, 6 e 10.
Consulta medica — 8.
HYPOLITO DA SILVA
No Guanabara (soneto) — 27.
IGNOTUS
Traduções litteraes e fóra da letra — 11.
A musica do futuro — 13.
Alfarrabios. Um poema esquecido — 30.
Dr. A. Henriques Leal — 40.
J. DE ALENCAR
O ermitão (*Paginas esquecidas*) — 33.
J. CASTELLO BRANCO
Cantiga (*Paginas esquecidas*) — 41.
J. M. DO AMARAL
Tres sonetos — 40.
J. P.
A nossa mãe (*Collaboração*) — 51.
- J. SOULARY**
Me, me adsum... (tradução de Lucio de Mendonça) — 41.
JAYME DE SEGUIER
Analyse (soneto, traduzido de Richepin) — 34.
JOÃO DE DEUS
Proverbio de Salomão (poesia) — 39.
JOÃO RIBEIRO
Marinha (poesia) — 10.
Lux et tenebras (soneto) — 16.
JOÃO SARAIVA
Mors sancta (soneto) — 35.
JOÃO SINCERO
Bolos — 38.
JOAQUIM DE ARAUJO
Nunc et semper (soneto) — 26.
Bisavô " — 31.
Ruinas " — 40.
JOSÉ DO EGYPTO
O suicidio em moda — 4.
Historia dos sete dias — 24, 25, 30, 31, 32, 34, 50 e 51.
JOSÉ MARIA PIMENTEL
Victor Hugo (*Collaboração*) — 22.
JOSÉ DE SOUZA MONTEIRO
As « Meridionaes » (carta a Alberto de Oliveira) — 9.
JOSEPH REINACH
Victor Hugo — 25.
JULIA LOPES
As lagrimas (Iluminuras) — 9.
Os pombos " — 10.
Mutações " — 12.
Sensitiva " — 15.
Os sapatinhos azues (conto infantil) — 19.
Uma ruina (Iluminuras) — 25.
Os morangos (conto infantil) — 27.
A esmola (conto infantil) — 33.
Adeus (Iluminuras) — 37.
Ainda bem — 38.
O sineiro — 41.
Num serão de marinheiros — 43.
A ingratição — 46.
A fada boa (conto infantil) — 52.
JULIO RIBEIRO
Cartas sertanejas — 11.
JULIO VALMOR
Canção de um romantico — .
JULIO VERIM
Um retrato de G. Junqueiro — 13.
L.
O amor (tradução do inglez) poesia — 4.
Os nossos livros — 51.
L. C. FURTADO COELHO
Duse-Cecchi — 24.
L. M. BASTOS
Sport — 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51 e 52.
LAURO
O relógio da vida — 29.
LOPES DE MENDONÇA
A Gonçalves Dias — 38.
LORGNON
A vida elegante — 5, 8, 10, 13, 18, 19, 26, 29, 31, 32, 33, 35, 36, 40, 41, 42, 43, 47, 49 e 51.
LUCINDA F. COELHO
Duse-Cecchi — 29.
- LUCIO DE MENDONÇA**
O Luz Horas do bom tempo — 1, 2, 3 e 6.
Horas do bom tempo — 10.
Mãe cabocla — 5.
Canção de viagem (poesia) — 10.
A tapera " — 15.
Luiz Barbosa da Silva — 21.
Hugonanas e hugonianas — 25.
Analyse (soneto, traduzido de Richepin) — 34.
Correio litterario — 45, 46, 49, 51 e 52.
Viver às claras — 50.
LUIZ DELFINO
A sahida (soneto) — 1.
Per agros " — 3.
In her book " — 5.
Andorinha que emigra (soneto) — 8.
Epilogo das Aspacias " — 11.
Num carro de bois " — 13.
Libido " — 20.
Victor Hugo — 22.
Idylho no bosque (poesia) — 25.
Sub parva lucerna (soneto) — 30.
A' arena! excerpto; poesia — 34.
Os funeraes de Achilles (soneto) — 40.
Christo e adultera (excerpto) — 49.
LUIZ J. PEREIRA DA SILVA
Duse-Cecchi — 29.
LUIZ MURAT
O Dr. Theophilo Dias — 1.
Poesia e poetas — 4 e 34.
A republica em Portugal — 6.
Sonho de um louco (soneto) — 7.
Politica moderna — 15 e 16.
Politica e politicos — 17, 29 e 34.
A' Gazeta da Tarde — 18.
Verdades politicas — 19.
O Dr. Luiz Delfino e a poesia nacion d — 19, 20, 22, 24 e 25.
Confissão (poesia) — 20.
Victor Hugo — 22.
Ray Barbosa (Conferencia abolicionista: Supplemento do n. — 24.
Duse-Cecchi — 24.
Não temas (poesia) — 29.
A' eminente actriz Sra. Eleonora Duse-Cecchi — 31.
Sulus (poesia) — 36.
M. DE A.
Duse-Cecchi — 28.
M. F. LIMA JUNIOR
Morta (*Collaboração*) — 21.
M. V.
A obra de Victor Hugo — 41.
Instrucção Publica — 42.
Alberico, o assassino — 46.
M. ZALINA ROLIM
Yôyô — 36.
MACHADO DE ASSIS
Arthur Barreiros — 8.
DR. MAGALHÃES CASTRO
Victor Hugo — 22.
MARCOS VALENTE
Historia dos sete dias — 28.
O Sr. Visconde de Correia Botelho — 39.
Os nossos livros (*Romances de Delfino*) — 43 e 48.
Os surdos-mudos — 49.
MARIO
O rio, soneto (*Collaboração*) — 31.
MONTEIRO RAMALHO
A' tardinha (nota de viagem) — 19.
Em wagon — 37.
NOVIÇO
Um homem gasto — 21, 22, 23 e 25.

- O. DE NIEMEYER
Instrução publica — 20.
Victor Hugo — 22.
- OLAVO BILAC
Fiat lux! (soneto) — 46.
Nocturno " — 51.
- ORYC
Politica e politicos — 39, 40, 41, 42 e 45.
- P. LABARRIÈRE
Duse-Checchi — 29.
- PANTAGRUEL
Canhenho de um moralista em disponibilidade — 12 e 18.
- PEDRO TALMA
Theatros — 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48 e 51.
- PEDRO VÉRON
O carnaval da Historia — 2, 3, 4, 29 e 35.
- PEFF
Beijos sem perigo (poesia) — 30.
Equivocou-se " — 32.
- PETIT-PITT
Politica e politicos — 7, 8, 10, 12, 28, 30, 35, 36 e 38.
- PIFF
Em passeio conduz a ver as feras... — 29.
- PIFF-PEFF
Herança (poesia) — 33.
- R. MONIZ
Confronto (soneto) — 49.
- R. PORCIUNCULA
Duse-Checchi — 29.
- RALPHO
Certa viuva moça, luzidia... — 29.
- RAUL POMPEIA
Canções sem metro (Rugidos do mar) — 21.
- RAYMUNDO CORRÊA
Banzo (soneto) — 2.
Lodo e estrellas (poesia) — 12.
A Luiz Delfino (soneto) — 16.
Mysantropo " — 26.
- REVOCATA H. DE MELLO
A... (Collaboração) — 33.
- RICHEPIN
Analyse (soneto) — 34.
- RODRIGO OCTAVIO
Intimo, soneto (Collaboração) — 47.
- SAHEN (DR.)
Critica scientifica — 39, 41, 44, 46 e 50.
Conselhos salutareos — 41, 42, 44 e 49.
- SANTOS BEMVINDO
Decepção (Collaboração) — 36.
- SATANAZ DA SILVA
Pitadas ecclesiasticas — 2, 3 e 6.
- SOARES DE SOUZA JUNIOR
Ave Maria (soneto) — 6.
Trilogia da vida (poesia) — 30.
Olhar de minha mãe (soneto) — 32.
Os bebês (poesia) — 52.
- SULLY PROUDHOMME
No collegio; poesia (tradução de Valentim Magalhães) — 45.
- T. DIAS
Antonio Gonçalves Dias, — 38.
- TEIXEIRA BASTOS
Poetas brasileiros (V. Magalhães) — 25.
- THEODORO DE BANVILLE
O bom Deus (tradução de V. Magalhães) — 3.
Os sete pecados mortaes (tradução de V. Magalhães) — 12 e 13.
Ernesto Renan (tradução de Alfredo de Souza) — 19.
Michelet (tradução de Alfredo de Souza) — 19.
Victor Hugo (tradução de Alfredo de Souza) — 22.
- THOMAZ RIBEIRO
Até quando? (poesia) — 44.
- TOB
Politica e politicos — 31, 32 e 33.
- U. D.
Os dois leitões — 35.
- UDO
Poesia e poetas — 5, 6 e 9.
- URBANO DUARTE
Poesia e poetas (As opalas) — 3.
O anonymo na Imprensa — 27.
Duse-Checchi — 29.
- V. M.
Lingua vernacula — 25.
- V. R.
Aurelio de Figueiredo — 49.
- VALENTIM DA COSTA
A primeira lagrima (soneto) — 14.
- VALENTIM MAGALHÃES
Ainda o Pachiderme — 8.
Julio Ribeiro — 11.
A cabeça do engraxate — 13 e 15.
Historia dos sete dias — 21.
Novo sol (poesia) — 22.
Luiz Delfino — 23.
O padre-mestre Belmonte — 24.
Uma victima do Centro Positivista Supplemento do n. 24 e n. 26.
Noites eternas — 26.
Historia dos sete dias — 27.
Duse-Checchi — 29.
Poesia e poetas (A Musa Moderna) — 29.
Dadiva (poesia) — 35.
Adeus á Duse-Checchi — 38.
Um casamento feliz — 43.
As férias — 49.
Um suicida de 13 annos — 50 e 51.
Objecto de amor — 52.
- X.
Salva! Salva! — 1.
- YLANG-LANG
O Brazil e os brasileiros — 30, 32, 6 e 39.
- ZÉCA
Galeria jornalística (Chrispiniano) — 17.
" " (Dermeval da Fonseca) — 20.
Galeria jornalística (Ferreira de Araujo) — 24.
Galeria jornalística (Mudson do Povo) — 29.
- ...
Mattos, Malta ou Matta? — 1, 2, 3, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 16, 17 e 19.
- NÃO ASSIGNADOS
A Herança de 1884 — 1.
O humerus do Malta — 1.
Policia da Corte — 2.
Aos caloteiros — 51.
Arthur Barreiros — 8.
Cancioneiro dos ciganos — 17.
Carnaval — 8.
Critica scientifica — 2.
D. Fernando — 51.
Georges Ohnet — 31.
Historia dos sete dias — 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20 e 26.
O Correio Geral — 5.
Pedro Americo — 15.
Roubo escandaloso — 37.
Terremotos — 9.
Theatros — 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38 e 40.
Thomaz Driendl — 18.

N. B. Deixámos de incluir neste indice os artigos de pouca importancia, noticias etc.

A SEMANA

Publica-se aos Sabbados

POR TRIMESTRE :

Dentro e fóra da capital:
28000 rs.

DIRECTOR — VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — TRAVESSA DO OUIDOR, 36, SOBRADO

NUMERO AVULSO:

Do dia 100 rs.; atrasado
200 rs.

Não se restituem originaes, embora não publicados.

SUMMARIO

« A Semana. » — A herança do 1884. — O humerus do Malta. — Policia da Corte. — O dr. Theophilo Dias. — Horas do bom tempo. — Lucio de Mendonça. — Salva! Salva! — A sahida, soneto, Luiz Delfino. — Mattos, Malta ou Matia? — Poesia e poetas, D. Ruy. — Cofre das graças. — Bibiano. — Theatros. — Recebemos. — Tratos á bóla, D. Pastel. — Declarações. — Annuncios. — Noticias esparsas.

A SEMANA

Rio, 3 de janeiro de 1885.

Dissemos nos prospectos com que annunciámos a creação d'esta folha: « A Semana constitue uma novidade para o publico. » E acreditamos não haveremos enganado o publico.

As razões que tínhamos e temos para pensar que *A Semana* é uma novidade são as seguintes, apontadas nos prospectos:

Não é propriamente uma revista, como as que até hoje tem havido. Publicação hebdomadaria, terá, no entanto, o caracter de um jornal diário.

O seu fim unico será este: — fazer a historia completa e fiel da semana decorrida, dando a *nota do dia*. Para isso terá secções em que se occupará com tudo quanto tenha sido feito na semana em sciencias, artes, letras, commercio, industria, costumes, religião, etc., offerecendo aos leitores uma curta noticia, satisfatoria e imparcial, de todos os factos que em todos esses ramos de actividade se tiverem realizado nos sete dias decorridos.

No intuito de auxiliar os jovens escriptores de talento, aceitará *A Semana* qualquer trabalho litterario em harmonia com a sua indole e o seu programma, publicando-o, e pagando-o ao seu auctor, de conformidade com a tabella da folha. A primeira das condições para a acceptação d'esses trabalhos será a responsabilidade de seus auctores. Embora sejam publicados com pseudonymo, exigir-se-ha que os originaes tragam a assignatura authentica do autor.

Os Srs. assignantes terão vantagens que até hoje não têm sido proporcionadas por nenhum periodico; taes como:

— Os Srs. assignantes receberão a folha antes de ser posta á venda.

— Terão direito á inserção gratuita

de qualquer annuncio ou reclamação que não exceda de tres linhas uma vez por mez.

— Além d'isso, e é esta a principal vantagem, tem qualquer dos Srs. assignantes o direito de consultár a folha, por carta assignada, sobre qualquer questão, duvida ou emergencia, juridica, medica, commercial, litteraria ou de qualquer natureza, que se revista de character serio, obrigando-se a redacção a responder-lhe por carta nos casos de urgencia e pela folha nos outros. Para esse fim tem a folha advogados, medicos, commerciantes, em summa: — pessoas competentes, encarregadas de responder a todas as consultas, assumindo a responsabilidade dos seus conselhos. Este serviço, a que têm direito os Srs. assignantes, é igualmente gratuito. *A Semana* é o primeiro jornal que o apresenta, no Brazil.

Terão igualmente direito a todos os supplementos e boletins que a folha publicar. E ella publicará um supplemento ou boletim, que será vendido avulso, separadamente, a 40 ou 60 réis, sempre que houver qualquer facto importante, qualquer acontecimento de interesse publico.

Por esta fórma terá *A Semana* perfeito character de folha diaria, interessada directamente e continuamente na vida commum, sob todas as suas faces e modalidades.

Reunindo as vantagens e qualidades de folha diaria ás da revista, — e sem apresentar muitos dos inconvenientes e defeitos proprios quer d'esta, quer d'aquella — acreditamos sinceramente que *A Semana*, se não vem preencher uma lacuna, pelo menos encontrará vasio um logarzinho, em que se accomode, na imprensa da capital.

Queremos crer que a lotação do *bond* do jornalismo ainda não está completa, e que *A Semana* não ha de ser repellida por não haver nelle mais logar occupavel.

Se laboramos em erro dil-o-á o Publico. *conductor* benevolo, mas inilludivel, que, ao envez dos outros, recebe passageiros, mas não recebe passagens. Ao contrario: — paga-as; — quando os passageiros lhe agradam — está bem visto.

Cumpriremos o que promettemos e se mais não promettemos é porque quem muito promete pouco cumpre.

E não queremos faltar ás promessas feitas.

São redactores effectivos d'*A Semana*, encarregados de secções fixas — as quaes não apparecem todas n'este numero por ser o primeiro e por isso faltar-lhes assumpto — os Srs. Alberto de Oliveira, Alfredo de Souza, Aluizio Azevedo, Arthur Azevedo, Filinto de Almeida, Luiz Murat, Dr. Pedro Americo, Urbano Duarte e Valentim Magalhães.

Quanto á collaboração — será representada pelos nomes mais conhecidos e respeitadas nas letras e nas sciencias. Declinal-os seria estender inutilmente uma lista enorme, além do inconveniente de impedir a surpresa de encontrar-os, assignando os seus interessantes e valiosos trabalhos.

Apresentado por essa fórma o seu *passé* ao *conductor*, tem *A Semana* a subida honra de comprimentar os seus collegas de *bond* e de lhes pedir um logar entre elles, para em tão amavel companhia e com o mesmo destino fazer a mesma viagem — se não ficar no caminho; *quod Deus avertat!*

Depois de exhibido o *passé*, feitos os cumprimentos e derramado o latim do estylo, queira o respeitavel *conductor* tocar a campainha: — Siga o *bond!*

E dê-nos Deus boa viagem!

A HERANÇA DO 1884

As eleições — O caso Malta

Ao recém-nato e gentil filhinho do misero e velho anno que ha algumas horas « bateu a bóta » é mister informar acerca dos bens que, como legitimo herdeiro, vae receber de seu paes.

Não é pequeno o espolio. Mas o inventario, a que neste julzo de orphãos se vae proceder, mostrará que os bens deixados são de difficil liquidação, sobre serem de pessima qualidade. Vejamos:

— *Eleições geraes*. D'estes bens só provieram males ao fallecido. E passamos ao seu herdeiro em tal estado que melhor fóra, se possível fosse, consideral-os bens do evento e dal-os... ao diabo. Alem

do cacete, da garrucha, da faca, do revolver e da cabeçada da *flôr da genta*, que abrilhantaram notavelmente essas eleições, tivemos as duplicatas; de forma que, além de enlameados e ensanguentados, saem os « augustos e digníssimos » das respectivas urnas—aos pares, como os frades. Cada junta apuradora diplomou dois candidatos:—um reconhecido pela maioria, outro pela minoria dos membros da junta. Resultado final: em vez de 125 deputados—o que já não era pequena calamidade, teremos 250;—o que será simplesmente um caso para suicídio geral. Oh! antes uma sogra do que 250 deputados!...

O innocente pimpolho recebe esses bens com a obrigação de concluir a sua liquidação no segundo esrutínio. E será isso a sua primeira infelicidade. O segundo esrutínio que se realizará amanhã—ainda que chova— não será uma *errata* das falcaturas e desmandos do primeiro; mas sim—queira Deus que nos enganemos!—segunda edição augmentada e mais incorrecta dos ditos desmandos e falcaturas.

Ninguém sabe ao certo o que esperar das urnas n'este segundo parto, quanto aos filhotes que devem dar á luz. Apenas o que todos esperam é—cacete.

Prepare-se, portanto, o menino para *dansar*—com musica de pancadaria.

Não temos tempo de inventariar todos os bens do espolio.

Por isso, sem mesmo nos occuparmos com alguns dos mais importantes, como sejam—a questão do elemento servil, o assassinato dos escravos na cadeia do Rio Bonito, a questão das Missões e a possível guerra com os nossos *valientes* ex-aliados, e outros bens de não menor monta, falaremos unicamente da mais grave, mais intrincada e mais recente das contas a liquidar:

— *O caso Castro Malta*. Vae ter muito que fazer com elle o joven 1885. Está obscurissima esta questão; ainda mais obscura tendo ficado com os resultados do ultimo inquerito feito na policia pelo ex-terceiro delegado, por ordem do ex-chefe.

Nelle depuseram quatro testemunhas:—Antonio de Andrade Pessôa, o companheiro de passeio e prisão de Castro Malta, e mais tres empregados da policia:—o administrador do deposito policial, o seu ajudante e um official do expediente da policia.

Estas tres ultimas pessoas são naturalmente suspeitas; quanto á primeira—o Pessôa, esta tornou-se suspeita pelas seguintes razões:

Havendo sido preso com Castro Malta na noite de 16 de novembro, não foi ouvido nem lembrado nos primeiros inqueritos e d'elle ninguem sabia que fôra feito.

Um bello dia, o *Jornal do Commercio*, depois de haver negado a violação da sepultura de Malta, lembrou que se inquirisse um certo Antonio de Andrade Pessôa, que fôra preso com Castro

Malta na noite de 16. E nesse mesmo dia—que coincidência!—era inquirido Andrade Pessôa na policia! Depois de haver deposto, e isto é o mais interessante, veiu Pessôa cá para fóra contar a todo o mundo a mesma historia e especialmente ás redacções das folhas, ás quaes expontaneamente se apresentou.

Isto não é natural. Andrade Pessôa, que, sabendo de toda a verdade, sómente depois de ella estar bem obscurecida, e muito tarde, é interrogado a respeito; que em seguida vem contar a historia a quem quer ouvil-a e que se apresenta ás folhas sem que estas o chamem—é suspeito; não merece fé. É possível que este Sr. Andrade seja excellente pessoa, mas o que parece certo é que é Pessôa... da policia.

Pelo ultimo inquerito parece provado que Castro Malta não morreu victima de violencias, dos rigores do reflexo; mas sim á mingua de recursos medicos, por absoluta falta de tratamento. Attestam-n'o todos os depoentes, inclusive o administrador do deposito que declarou que sabia que Malta estava doente e que isso participou ao ex-1.º delegado por um empregado inferior e por um—barbante! Mas parece que tanto o barbante como o empregado têm fraca memoria, e por isso perdeu-se a participação. Dêmos, todavia, por demonstrado e certo que Malta morreu de morte natural. á falta de recursos e tratamento. E nem por isso ficará innocenta a policia; muito pelo contrario.

O novo chefe tomará seguramente a devida conta a gravissima confissão d'esses empregados da policia: que sabiam que Malta estava gravemente enfermo e nada fizeram por elle e o abandonaram inteiramente á sua molestia.

Bem. Mas a que enfermidade succumbiu elle?

A congestão hepatica, como attestou o Dr. Autran?

Não é possível, porque o exame do cadaver, apresentado como o de Malta, mostrou que elle fallecera de uma pleurisia dupla suppurada.

— Então, succumbiu a uma pleurisia dupla suppurada. Mas tambem não é possível porque todos os medicos,—e os mais illustres já o declararam,— são concordes em affirmar que um individuo affectado de tal enfermidade, nos oito dias anteriores á morte é obrigado a guardar o leito, ou, se o abandona, difficilmente caminhará, soffrerá muito de suffocações e dores etc., e que, portanto, não pode absolutamente, dois ou tres dias antes da morte, andar na pandega, em troça, pelas tavernas. Ora, quando Malta foi recolhido não se queixava de nenhum incommodo, tinha até « boa apparencia », disseram-o todas as testemunhas; ainda no dia 17 comeu, e apenas na tarde d'esse dia mostrou-se triste; e perguntando-lhe Pessôa o que sentia, respondeu que estava um pouco incommodado (*sic*). (Vide depoimento de Andrade Pessôa.) Consequentemente, não

foi de pleurisia dupla suppurada que Malta falleceu. Logo:—o cadaver apresentado não é o de Castro Malta. Onde está então o cadaver de Castro Malta?

Se elle de facto succumbiu á enfermidade, e não a violencias e refladas, porque sonegaram e substituíram o seu corpo?

Com que interesse? Para que fim?

Este é o ponto principal da questão e que não póde ser esquecido ou prejudicado nem mesmo pelo parecer dos peritos, no caso em que declarem haver encontrado vestigios da fractura no collo cirurgico do *humerus* do braço do cadaver.

Eis o estado em que o 1885 recebe esta questão, aggravada ainda pelo incidente gravissimo da violação da sepultura e profanação dos cadaveres.

Triste herança! Funebres e dolorosos legados!

Que a liquide da melhor maneira—o anno novo e, que nol-a faça esquecer, apagando-lhe a memoria sob a impressão de grandes prazeres e de venturas sem fim.

É talvez o impossivel que pedimos ao herdeiro do fallecido 1884; mas nem mesmo no pedir devemos mostrar-nos pobres.

O humerus do Malta

Sabemos que a comissão de peritos, nomeada pelo Sr. conselheiro Jaguaribe para dar parecer sobre a fractura de um dos *humerus* do supposto cadaver de Castro Malta, não chegou a nenhum resultado definitivo, em consequencia de haver encontrado grandes difficuldades no exame do osso. O adeantado estado de putrefacção em que estava o cadaver escurecen demasiadamente o *humerus*, de fórma a tornar necessaria uma longa maceração e outros meios de clarifical-o, meios esses que demandam muito tempo.

O que nos faz crêr que não seja sufficiente o praso concedido, vendo-se a comissão obrigada a pedir prorrogação d'elle.

POLICIA DA CORTE

O novo chefe

Depois de não pequenas difficuldades, encontrou-se afinal um substituto para o Sr. Dr. Tito de Mattos.

Por decreto de 31 do passado foi nomeado chefe de policia da corte—o Dr. José Antonio Gomes.

O estado lastimavel em que aquelle senhor deixara o cargo que ultimamente não soubera conservar na altura do respeito e dignidade que lhe são proprias; as causas da sua exoneração, as numerosas e graves difficuldades a vencer para restituir á instituição o perdido prestigio; e, mais do que tudo isso, a asperissima e temerosa obrigação de resolver a questão Castro Malta, deixada pelo Sr. Dr. Tito e pelos seus delegados quasi insolúvel

tornaram de difficillimo préenchimento o cargo de chefe de policia da côrte.

Havia ainda uma outra razão para afugentar candidatos e tornar « presente grego » o offerecimento do cargo.

E essa razão é que a vida do ministerio Dantas e a propria vida da situação considera-se infelizmente em perigo, e não são poucos os augures que prophetisam para Março um trambolhão mortal.

Nestas condições era difficil achar quem acceitasse o bastão. Faltava confiança no patrão da canôa, e portanto, n'ella embarcar seria correr os riscos de provavel naufragio.

A vontade dos mais bem dispostos arrefecia diante da perspectiva de ser chefe de policia por dous ou tres mezes.

O Sr. Dr. José Antonio Gomes serviu *interinamente* igual cargo em Nictheroy, unicamente para satisfazer deveres de partidario e de amigo, e o seu desejo, como é sabido, era voltar a assumir a jurisdicção da comarca de Araruama, de que é primeiro magistrado, e da qual havia sido chamado por inesperado telegramma a substituir o Dr. Monteiro de Azevedo na chefia de policia de Nictheroy.

Como conseguiram fazel-o acceitar a da côrte é o que não sabemos, mas o conhecimento que temos das anteriores circumstancias e do caracter do Dr. Gomes, levam-nos a crer que elle acceitou o logar em condições taes e com taes garantias que se pode com segurança dizer, como os nossos collegas da *Folha Nova*: — Temos homem! Ultimamente deu o Dr. Gomes irrecusavel prova da sua rectidão, da sua independencia de caracter e da inflexibilidade da sua justiça na maneira porque procedeu no *incidente* do Rio Bonito.

Apenas soube que havia sido atacada e arrombada a cadeia e *lynchados* os tres escravos accusados do assassinato do fazendeiro Martins Portella, partiu para lá, e, apenas chegado, abriu rigoroso inquerito sobre os auctores d'esse monstruoso crime.

Ao contrario do que sempre acontece, esse inquerito produziu resultados sérios.

Tal energia e tanto zelo empenhou o illustre magistrado na indagação da verdade, que fez prender varios auctores do assassinato, pessoas de *gravata lavada*, como se costuma dizer, e de consideração na localidade.

O assalto e a morte dos negros foram planejados e levados a effeito por fazendeiros, dos municipios do Rio Bonito e Saquarema e principalmente por pessoas aparentadas com o fallecido Portella ou d'elle dependentes.

Mais tarde revelaremos toda a historia d'este crime, que é interessantissima.

Por agora referimo-nos a ella simplesmente para pôr em relevo a importancia do que fez o Dr. Gomes, prendendo e processando os auctores do crime que joudo descobrir. Ao seu substituto resta

completar a sua obra, tão brillantemente iniciada.

Consta-nos que o procedimento do Dr. Gomes n'essa questão agradou summamente ao *Altissimo*, o que faz presumir fosse Este quem o indicasse para substituir o Dr. Tito de Mattos.

Fosse porém como fosse, o que é certo é que o novo chefe reúne todas as qualidades e requisitos para pôr em pratos limpos a malfadada e vergonhosa questão Malta e para, senão restituir á policia tudo o que esta perdeu com ella, ao menos collocal-a em posição tal que infunda esperanças de jamais se reproduzirem semelhantes desmandos e vergonhas. Sabemos que S. Ex., para começar, prepara algumas demissões de importantes funcionarios policiaes.

Ao terminarmos, complimentando-o com o acatamento e sympathia que nos merece, permittirá S. Ex. que lhe digamos francamente que jogou perigosissima cartada acceitando a chefia de policia da côrte, e cartada da qual vão depender a respeitabilidade do seu nome e a segurança do seu futuro:—Ou S. Ex. resolve a tenebrosa charada Castro Malta, dando contas ao publico d'esse rosario de obscuros delictos e punindo os culpados, ou S. Ex. desmoralisa-se, perde-se no conceito publico, inutilisa-se.

E' este o dilemma.

Antonio de Andrade Pessoa, o companheiro de prisão de Castro Malta, declarou no seu depoimento que na noute a que seguiu-se a prisão, elles andaram bebendo e passeando em companhia de um terceiro individuo, de nome João de tal, cuja morada disse ignorar. Parecenos que seria de grande interesse descobrir esse tal João e inquirir-o rigorosamente sobre tudo quanto diga respeito a esta malfadada questão.

Não será difficil descobri-lo desde que a policia o queira.

Tambem não seria mau dar noticias d'aquelle urbano que no cemiterio, por occasião da segunda exhumação, declarou á vista de muitas pessoas ter sido elle um dos que prenderam Malta e que ainda tinha em casa o reflexo com que o feriu nas pernas.

Estamos certos de que S. Ex. o Sr. chefe de policia liquidará todos esses pontos bem como não deixará no olvido a violação da sepultura, de que talvez saibam alguma cousa o Sr. inspector e mais empregados do cemiterio do Cajú.

Com honradez, independencia e zelo tudo poderá S. Ex. conseguir.

O dr. Theophilo Dias

O Sr. Alberto Torres — um distincto academico — no dia 20 do corrente, pelo *Diario Mercantil*, de S. Paulo, provocou uma explicação da parte do Sr. Dr. Theophilo Dias, pelo facto de ter elle assumido a redacção da *Gazeta Liberal*, orgão official d'esse partido n'aquella provincia.

Os republicanos esperam que o Sr. Dr. Theophilo Dias venha desfazer, sem demora, as desconflanças que pairam sobre S. S. e ao mesmo tempo dizer aos seus adversarios politicos, que a democracia não é a resultante de uma hallucinação demagogica, mas sim um facto cujas raizes se aprofundam na propria natureza humana e cujas manifestações se reconhecerão facilmente depois de um simples estudo sobre o conjuncto historico das sociedades.

Esperamos, pois, uma explicação de S. S.

Porque de duas uma: ou o Sr. Dr. Theophilo Dias aclara os pontos obscuros do seu procedimento, e, n'esse caso só tenho que felicitar o partido por ver que é infundado o aserto infamante lançado á consciencia politica do illustre moço, ou S. S. se furta a dar essa explicação, e, n'esse caso, serei forçado a assignalar publicamente mais um exemplo de apostasia e de degenerescencia civica.

LUIZ MURAT.

Rio, Dezembro de 1884.

Acceitam-se neste escriptorio assignaturas para os seguintes livros que proximamente virão a lume:

SONETOS E POEMAS

um volume de 200 paginas, por Alberto de Oliveira.

SONETOS DE TODA A COR

um volume de cerca de 200 paginas, por Henrique de Magalhães, com uma introdução do grande poeta brasileiro LUIZ DELFINO.

O preço de assignatura para qualque d'esses livros é de

2\$000

HORAS DO BOM TEMPO

(A VALENTIM MAGALHÃES)

« O LUZ »

Quanta saudade mal adormecida me vieram despertar os teus *Contos Academicos*! Disse-te na occasião, respondendo á amabilidade de um convite, que d'aquelle grato assumpto havia tambem de escrever depois. Escrevo agora, para a tua *Semana*, bello convivio de espiritos moços, onde não serão muito descabidas estas recordações de rapazes.

Perpetuamente rapaz, o d'estas memorias, o bom, o grande Luz! E' ainda o que era n'aquelle tempo, e o mesmo ha de ser emquanto alegrar com a vida este valle de miseria. Os outros, os que se tornaram sisudos com o peso da vida, podem desdenhar d'elle e fallar da sua eterna estroinice com uma benevolencia de grandes homens; eu hei de admiralo sempre e muito, e ao endiabrado espirito, fóco de inextinguivel mocidade.

Que é uma lastima grande ver a gravidade postica d'estes rapazes de hontem, só porque chegaram a deputados, a presidentes de provincia ou a ricos.

Pois esses senhores não perebem que qualquer um pôde chegar a tudo isso e a tudo mais? Pois vale a pena, por tão pouco, desmentir um homem a côr do seu cabelo?

Com que consternação, mas sincera, quasi lacrymosa, li, ha mezes, nos entrelinhados do *Jornal do Commercio*, um artigo do Moraes Carneiro (hoje auctor de maximas, Santo Deus!) com protestos de amor e lealdade á lavoura e aos interesses permanentes da sociedade, e com um peso de vinte mil arrobas... de café!

O Moraes Carneiro! o primeiro folhetinista do seu tempo, em S. Paulo! Já tinha ambições, decerto, e mostrava-as; mas tinha tambem espirito — e o mostrava.

Pois lá está agora o homem com o progresso bem entendido, com as considerações de ordem... gothica, com as inspirações da prudencia, com as maximas tabaquentas, com o diabo que o carregue!

E quantos outros, levados para longe da phantasia, na cheia do engrandecimento official!...

Oliveira Bello, presidente de provincia.

Brasílio Machado, o das *Madresilvas*, presidente de provincia.

Affonso Celso Junior, deputado.

Mello e Cunha, ex-deputado provincial e juiz municipal reconduzido.

Alfredo Brandão, juiz municipal com quadriennio e não sei bem se fazendeiro com barriga.

Ludovico, deputado provincial.

Ezequiel Freire, juiz municipal.

Espereidião Eloy, juiz de direito.

Só me falta vêr o Pedro Paulo conselheiro d'Estado, e o Souza, « o nosso calouro », desembargador!

Ah! o bom tempo!... como ficou tão longe!

Viva o Luz, o diabo do Luz, que não conta com a vida!

Não sei porque não lhe ponho o nome todo, porque este, com certeza, não reclamava, como fez comtigo o Souza, de pateta. O Luz sabe quanto bem lhe quero, e que, ao recordar aqui, — n'uma palestra de moços que têm muito gosto e muita honra em continuar a ser moços, emquanto puder ser, — alguns dos fisonhos episodios de sua biographia de estudante, o que mais desejo e procuro é contribuir para que se perpetue, para que chegue, ao menos, a esta geração de mancebos sabios e sérios, a tradição de alegria do nosso bom tempo de S. Paulo.

Mas sempre lhe ajunto mais um nome, e fica sendo Ribeiro da Luz, para a apresentação ao leitor.

De uma vez que, no Lévy, o apresentaram, não sei mais a quem, pelo nome inteiro, o outro, para lhe ser agradavel, suggeriu:

— Provavelmente, o seuhor é parente do conselheiro Joaquim Delfino. Este era então ministro da marinha...

— Não! creia que não! reclamou com vivacidade o Luz. E cseusa procurar-me parentes celebres: sou, da familia, o unico homem conhecido.

E isto com uma importância que punha para nada a do ministro da marinha.

Basta por hoje, não? O assumpto é convidativo, mas nem por isso tenho menor obrigação de poupar a paciencia dos teus leitores. E temos tempo.

S. Gonçalo do Sapucahy, dezembro de 1884.

LUCIO DE MENDONÇA.

A SEMANA

Acceita annuncios nas seguintes condições:

Nas ultimas paginas, na secção propria, a 2ª cada um dos quadrinhos. Intercalados no texto, entre os artigos de redacção, 500 réis a linha. Em logar especial, de inevitavel leitura, 1ª a linha.

Reclames

Publicam-se n'esta folha *reclames* commerciaes sob a fórma de contos, poesias, noticias, etc... Verdadeiras armadilhas, agradaveis e infalliveis, á attenção do leitor. Preços variaveis, conforme a natureza e o tamanho da *reclame* e mediante previo ajuste no escriptorio da folha — Travessa do Ouvidor n. 36, sobrado.

SALVA! SALVA!...

I

O leitor deve lembrar-se d'aquella pallida rapariga loura, pallida e loura como uma willis, que costumava passar todos os dias pela rua do Ouvidor entre uma e duas horas da tarde, apoiada meigamente ao braço de um velho magro, de suissas brancas e cartôla preta.

Sim, deve lembrar-se, porque, á sua passagem, levantavam-se exclamações de pasmo e suspiros de amor; e em torno á sua bella cabeça, emmoldurada em um grande chapéu preto — que lembram aquelles versos de um illustre poeta nosso:

« Chapéu preto emplumado; a cabelleira
« Lá dentro, como o sol dentro de um vallo...

Zumbiam em fremitos os desejos, como um bando de abelhas douradas.

O leitor deve lembrar-se della porque com certeza teve a immensa ventura de vel-a, ao menos uma vez, e quem a viu uma vez — jámais pôde esquecel-a.

Celina — era o seu nome.

Um nome do céu!

Um nome que é um suspiro de brisa morrendo em toucas de rosas, que lembra a um tempo um favo de mel e um gemido d'harpa; o nome della — emfim!
Pois bem, Celina...

II

... Está moribunda!

— Sim! Morre, morre — a minha pobre, a minha querida Celina! — exclamava o pae, o respeitavel ancião, para quem a sua filha era a sua alegria, o seu sol, a sua vida, o seu Deus!

A infeliz menina estava tísica.

Uma noute, ao sahir de um baile, em Botafogo, onde valsára loucamente, arrebatada nos braços do seu noivo adorado — porque ella, a pobresinha devia casar-se em breve! — corria uma aragem fria, humida, cortante, vinda do mar. O *dotmann* de Celina estava mal cerrado

sobre o seu collo decotado, offegante e callido ainda do excessso das dansas... Constipou-se.

A' constipação seguiu-se uma bronchite; á bronchite a tuberculose, a grande assassina!

O desespero do pae e do noivo era enorme, indscriptivel!

Avalem-no, se pôdem, os que tiveram a desgraça de vêr uma filha, uma filha unica! — ou uma noiva, loucamente amada, ás tenebrosas portas da morte.

III

Todas as celebridades medicas, todos os clinicos illustres da Côte foram chamados á cabeceira da angelica doente, e todos elles, depois de examinal-a cuidadosamente — retiravam-se tristes e com palavras de consolo — mas sem palavras de esperança.

Estava perdida a infeliz Celina!

Que restava da sua deslumbrante e rara belleza?

Apenas os seus grandes olhos côr do céu, banhados em luz divina, doces como um perdão e castos como os lyrios.

Os seus olhos e os seus cabellos: — os seus longos cabellos que pareciam de ouro fluido, macios como a paina e cheirosos como um cofre de sandalo de Smyrna.

Entretanto, a divina creatura tinha esperanças, muitas esperanças e sorria alegremente, recostada na *chaise-longue* em frente á janella aberta, por onde entravam os aromas e os cantos e a claridade das bellas manhans de Maio.

Emquanto o pae e o noivo choravam em silencio, occultando o rosto, ella, a misera condemnada, sonhava no seu noivado!

E descrevia jovialmente, com a sua voz acariciante, entrecortada pela tosse — o seu vestido nupcial!...

Era a Morte que, escondendo a fouce, a attrahia perfidamente com os seus dulcissimos cantos de sereia maldicta.

— Salvem-m'al! salvem-m'al! bradavam o pae e o noivo, de mãos postas, aos medicos silenciosos e compungidos.

— Impossivel! — diziam senão os seus labios, que se conservavam mudos — os seus olhos humidos, postos no chão.

IV

Um d'estes dias celebrou-se o casamento de Celina.

Não o leram na *Folha Nova*?

Quem a salvou? — perguntais-me.

A HERVA HOMERIANA, o milagroso especifico contra as affecções pulmonares, que hoje gosa de universal renome. Alguns pacotes bastaram.

— Se minha filha ainda vive, diz agora o venerando ancião, pae de Celina, devo-o a Deus e abaixo de Deus á HERVA HOMERIANA!

X.

A SAHIDA

(SERTANEJAS)

O gallo canta: o ar, qua fremeo, é quente:
Desce rullando pelo valle o vento;
Ha no horizonte os rôlos de uma enchente
Do mar, que invade e doira o firmamento.

Toca a sineta: vem sahindo a gente
Da senzala, n'um jorro somnotentoc
D'pois da reza, a passo largo e lento,
Enchada ao hombro, dous a dous de frente;

Ao eito vão pelo carreiro aberto:
O matto cheira, rumorejão ninhos
No cafezal, de branca flor colerto.

Ha um grande chilrar de passarinhos...
E emquanto o oscravo vai... segue-o de perto
A risada da luz pelos caminhos.

LUIZ DELFINO.

Mattos, Malta ou Matta?

De um cavalheiro cujo nome occultamos, não só a seu pedido, como porque seria imprudente e talvez mesmo perigoso revelal-o, recebemos uma importantíssima carta, a que damos publicidade porque o seu assumpto se prende intimamente á gravíssima questão — Castro Malta.

E' possível, provavel mesmo, que das obsequiosas informações d'esse cavalheiro resultem novos elementos de convicção que auxiliem o desfecho d'essa questão, concorrendo para descobrir esse tenebroso mysterio, que tanto se empenha a policia em occultar.

Ao nosso amavel informante pedimos desculpa de havermos publicado integralmente a sua carta e que nos remetta sem detença quaesquer informações novas, que por ventura venha a colher.

Eis a carta:

« Sr. redactor da *Semana*.

Posto que apenas ligeiros laços de cortezia liguem as nossas relações, tomo a liberdade de dirigir-me a V. S. porque entendo ser esse o melhor caminho para chegar aos fins a que desejo chegar.

Trata-se de merecer de V. S. um obsequio, cuja realisação, que não lhe custará grande sacrificio, trará no emtanto para este seu criado vantagens incalculaveis, e mais ainda como que o góso do cumprimento de um dever.

O meu desejo é que V. S. dê na sua esperançosa folha uma noticia, uma simples noticia, a respeito de certo facto, insignificante na apparencia, mas em verdade de um grande alcance social e politico. E, para que V. S. possa dar tal noticia com toda a segurança, preciso é que eu falle de outros factos, sobre os quaes não dariá palavra, se imprevisas circumstancias não me obrigassem a similhante coisa.

Em primeiro logar, Sr. redactor, convém lembrar-lhe que eu sou casado; que, se não tenho filhos é porque morreu o unico que me chegou a nascer; e que até hoje tenho desempenhado com toda a rectidão e todo o zelo o modesto emprego que conquisei a concurso na secretaria, em que ainda hontem tive o prazer de encontrar V. S., pedindo informações a respeito de *certa autoridade*, envolvida na grande questão que neste momento preoccupa a população inteira desta vastíssima cidade — A questão Malta.

Além do que fica dito, é publico e notorio que não sou homem de escandalos, que não me embriago, nem ando com francezas e que, em todo o principio do mez, logo ao receber o meu ordenado, pago pontualmente aos meus fornecedores, e guardo o resto do dinheiro para as despezas de bonds e de outras coisas que não admittem credito.

Vê, pois, V. S. que sou homem de bons costumes, que vivo ás claras, como se costuma dizer, e que, por conseguinte, se me acho mettido n'uma questão suspeita e de todo o ponto transcendental, é simplesmente porque assim o quizeram outros, sem que eu, dou-lhe a minha palavra de honra, tenha de modo algum contribuido para isso.

Sr. redactor, disse-lhe já que sou casado, mas ainda não acrescentei que, ha coisa de anno a esta parte, sou o mais desgraçado dos maridos. Ha um anno, que me entrou pela primeira vez no cerebro o demonio da desconfiança a respeito das virtudes de minha mulher, e desde então a esta data não consigo um momento de repouso.

Imagine V. S. que eu, uma tarde, por signal que era sabbado, entrando em casa um pouco mais cedo do que de costume, encontrei minha mulher escondida debaixo da escada, entre uma barrica vazia e um colchão que servia ás vezes para algum amigo que porventura pernoitasse connosco.

Perguntei-lhe que fazia alli; ella, em vez de responder, abriu a chorar, e escondeu o rosto.

Já bastante intrigado com a brincadeira, puxo-a pelo braço e observei o logar deixado por ella, a ver se descobria a explicação daquelle facto estranho.

A principio nada encontrei, além da barrica vazia e do colchão; mas empurrando este com o pé, dei com um numero da *Gazeta de Noticias*, para o qual não teria attentado, se minha mulher não soltára um grito, justamente na occasião em que eu o tomára com avidéz.

Eu, porém, sem lhe dar tempo a arrancar-me das mãos a folha, ganho o meu quarto de carreira, fecho-me por dentro, dando duas voltas á fechadura.

Era isso mesmo todavia o que desejava e o que conseguira a espertalhona, porque, segundo fui mais tarde informado, ella, em bem não me vio fugir com a *Gazeta*, tornou logo ao ponto em que a encontrei e, rebuscando com a mão por detraz da barrica, d'ahi saccou um objecto e com elle fugio para o porão da casa.

Esse objecto, vim depois a descobrir, era um pequeno cofre de madeira preta com embutidos de metal amarello, contendo o que ainda não sei.

Minha mulher, em seguida a esse facto, principiou a não me querer encarar de frente e a evitar commigo a menor troca de palavras. Enterrava-se no quarto das seis ás seis, e, se eu a outra qualquer hora tentava chamal-a a mim, escondia a cabeça nos travesseiros e punha-se a soluçar, que era uma coisa por demais.

Aborrecido, triste, completamente desarticulado dos meus habitos, deixava-me então ficar pelos cantos, a seismar, a enfiar cachimbadas, sempre em busca de descobrir a ponta daquelle mysterio, que já me tirava regularmente o somno e o appetite.

E minha mulher — nada de desembuchar. A principio lancei mão da violencia: ameacei-a com os punhos cerrados, fallei no meu revolver de seis tiros; depois — empreguei meios brandos: fiz-me terno, pedi, choramiguei; em seguida — recorri á astucia: armei ciladas, fiz planos, espiei pelas fechaduras, andei na ponta dos pes, apalpei as trevas e procurei agarrar um gesto dos seus, um sorriso, ou uma d'essas palavras indiscretas que ás vezes nos escapam na inconsciencia do sonho. Mas tudo isso foi inutil; tudo isso foi trabalho perdido. Cresciam as duvidas e com ellas o meu padecer e as minhas tristezas.

Então, meu consolo unico era um papagaio que ella trouxera quando nos casámos. Mas, ai, esse mesmo, desde que a dona se enterrára no quarto, estava quasi tão triste como eu e não queria dar á lingua, nem á mão de Deus Padre.

Afinal, um dia, quando, de furioso que estava, até já me dispunha a torcer-lhe o pescoco, o pobre bicho encrespou as pennas da nuca, fechou voluptuosamente os olhos, abriu de leve as azas e disse, como quem suspira:

« João Alves! »

Eu voltei-me para elle o mais ligeiro que é possível: — Heim?! Como?! Falla, falla, minha rosa! Peço-te por amor de Deus que falles! Vamos! Quem passa, meu loiro?...

Mas o maldito abaixou a cabeça, e calou o bico por uma vez.

Entretanto, aquellas duas palavras que lhe escaparam, aquelle nome, eram já

um indicio, uma descoberta, um ponto de partida. Si o papagaio as pronunciará tão bem, era sem duvida porque de muito se havia familiarizado com ellas.

Ora, eu nunca levára á casa nenhum João Alves; pela visinhança tambem não me constava que houvesse gente com esse nome... de quem pois o ouvira o papagaio?...

Esta era a minha questão; este era o meu ponto de partida.

Mas, que noites, Sr. Redactor! que noites passei eu a pensar n'aquellas duas palavras!... Quantas e quantas suspeitas não me passaram pela mente. Ah! Só pode comprehender o peso de uma duvida d'essa ordem quem como eu a carregou nos hombros por tantos dias.

« João Alves! João Alves! » Estas duas palayrinhas cosiam-me os miolos, como se uma fosse a agulha e a outra o fio!

Uma noite surpreendi-me defronte de minha mulher, a berrar-lhe contra o rosto:

« Tu me has de dizer quem é o João Alves! ou eu te beberei até a ultima gotta de sangue! »

Minha mulher soltou um grito e cahio de costas na cama, sem sentidos. Corri á dispensa em busca do vinagre; mas, de atrapalhado que estava, demoro-me um pouco a encontrar o galleiteiro e, quando volto ao quarto, já não achei ninguém.

Percorro toda a casa, revisto os moveis, os cantos, o quintal, o porão — nada! A perfida havia-se escapado pela porta da coziuha.

Salii, fui á venda pedir informações; indago pela visinhança, e só no dia seguinte descubro que a miseravel fugira com um tal João Alves que ha muito a convidava para isso.

— Ah! O papagaio tinha razão!

Armei-me, passei a noite a fariscar-lhes a pista. Pela manhã, depois de quebrar a cabeça em procural-os, vim a saber que os infames estavam refugiados a dous passos de minha casa, n'uma hospedaria que ficava ao canto da rua.

Corri para lá espumando de raiva, metti hombros á porta, entrei; mas os fugitivos já lá não estavam e delles só havia um vestigio importante. Foi um cartão de visita que o amante de minha mulher deixára ficar por esquecimento.

Pois bem, Sr. redactor, nesse cartão estava escripto « Castro Matta. » E estes dous novos nomes, ligados aos que pronunciará o papagaio, aproximam-se muito singularmente do nome por extenso daquelle celebre homem que hoje os jornaes com tanto affincam procuram descobrir. E agora, custe o que custar hei de desencaval-o; não porque me interessem as questões publicas, mas porque esse João Alves de Castro Matta ha de soffrer pelo que me fez.

E' isso, Sr. redactor, o que por ora lhe tenho a communicar e do que, peço, faça uma pequena noticia, escondendo os pontos mais privados desta carta. E, si V. S. quizer ligar o seu esforço ao meu, havemos de dizer ao publico o que foi feito do Malta ou Matta, porque, seguindo as ultimas informações que colhi e que amanhã lhe enviarei, cada vez mais se justificam as minhas suspeitas sobre a identidade do grande patife.

Pelo que eu lhe fôr dizendo, verá V. S. que estou a par de tudo e que os mais culpados nesta questão, não são os que mereceram as maiores accusações da imprensa.

Consola-me a idéa de que, vingando a minha honra ultrajada, vou igualmente prestar um grande serviço á justiça e ao direito.

Rio de Janeiro, 28 de Dezembro de 1884.

Sou de V. S.
Att' cr. obr'.,

...

POESIA E POETAS

Especialmente para a Poesia a secção presente. Abrimol-a. como uma janella ao sol, dando entrada ás calhandras de concertado gorgueio, ás patativas e rouxinóes que a Arte abandôa e faz cantar, como uma princeza antiga rodeiada de seus musicos e de seus trovadores.

Chegai!

Ou lyricos e apaixonados, como o aedo da ilha de Têos, ou bellicosos e ardentes como o cantor semi-deus de Troya vencida. — bardos e cytharedos, com a lyra de marfim ou a trombeta de bronze, com a grinalda de rosas ou a corda de heliocrisos:

Chegai!

Victoriosos de hontem, adestrados na tectura do instrumento querido, aqui tereis redobrados applausos; inexperientes de hoje, indecisos e vacillantes, a vós — o conselho opportuno, a palavra amiga, que não reprehende senão pelo bem, e é sempre oriente onde ha ainda a hesitação e a incerteza.

A *Evangelina* de Longfellow! eis a nossa primeira visita.

Trouxe-a pela mão um poeta de raça, o Sr. Americo Lobo, arrancando-a ás florestas do norte do Novo Mundo, onde a havia emoldurado o gigantesco symcoro da poesia n'aquella America.

Não é esta a primeira transplantação que se faz para o nosso idioma d'esse poema, em cujas estrophes ha a *magna vox* do deserto, os rythmos e symphonias rumorejadas pelas harpas selvagens das araucarias, nas proximidades da noite.

Outras conheço, bellas, sem duvida, devidamente applaudidas, talvez mais opulentadas na phrase, talvez mais fleis; eu, no entanto, a opinar, decido-me por esta, e fico que não estarei sósinho no meu julgamento.

E' que acho aqui mais do poeta, da natureza que elle tão bem soube trasladar para os seus cantos, vendo-a, ouvindo-a, estudando-a nos seus mysterios, de intimidade com ella, aspirando-a no embalsamado da sua flora vertiginosa, sentindo-a, e estremecendo. á deflagração dos seus poentes de purpura, ao romper dos seus luares de uma transparencia hyalina, ao passar dos seus monstros, dos seus bisões, das suas manadas de bufalos.

Entre nós parece-me o alexandrino o unico verso capaz de resistir n'uma traducção ao grande sopro que atravessa a poesia de Longfellow, e bem avisado andou o Sr. Americo Lobo, empregando-o de preferencia a outro qualquer. Nem se comprehenderia a cega loucura de alguém que emprehiendesse vasar o oceano n'um copo d'agua. O alexandrino supporta-o: estende-se, e a tormenta pôde á vontade bramir-lhe no bojo.

Ainda assim, com tão apropriada medida, sobra muito da estatua do deus, largas partes ficam sepultas na sombra, invisiveis, desconhecidas, porque os gran-

des poetas nunca passam inteiros n'uma traducção, em que pese aos que comom ás vezes quasi toda a existencia estudando-os e interpretando-os.

N'este sentido é uma obra incompleta a que ora julgamos, e sel-o-lião todas cujo objectivo fôr este. Resta, porém, o esforço, a boa vontade com que ella foi operada, e é n'este ponto que ao seu auctor enviamos o nosso applauso sincero.

Ha mais de uma incorrecção, mais de um verso frouxo, de um verso duro ou pouco fluente no seu trabalho, é verdade; mas a parte sadia avulta, e é já o bastante para a apresentação do poeta e do artista.

D. RUY.

Foram nomeados hontem delegados de policia da-côrte os Exms. Sr. Dr. Pedro Augusto de Moura Carijó, que já desempenhou igual cargo em Barra Mansa, e o Sr. Dr. Cyro de Azevedo, promotor publico do Rio Bonito.

COFRE DAS GRAÇAS

Um illustre homem de letras manda a um filho arrumar-lhe a livraria, dispondo os volumes na ordem das materias respectivas.

O rapaz começa o trabalho, mas esbarra logo em principio com uma difficuldade: — não sabe como conhecer os livros que tratam de philosophia. E, muito atrapalhado, vae consultar o pae.

— E' simples, meu filho, o meio de conheceres e distinguires os livros de philosophia. Olha: — pegas em um volume ao acaso; abres, lês algumas linhas. Se não entenderes nada, já sabes: — é philosophia.

×

Em uma roda de rapazes, no jardim do theatro Sant'Anna:

— Então o Rodolpho continúa a viver com a Mathilde?... (A Mathilde é uma velha *cocotte* que passava n'aquelle momento).

— Ora, *c'est une collage!*

— Mas que diabo lhe ensinará a Mathilde? A arte de amar?

— Qual!... A arte de ser avô.

×

Um estudante de nome Pompeia foi uma vez reprovado em allemão; o que fez exclamar ao seu teutonico professor:

— Tiapo! Bombeia domou pompa!

BIBIANO.

THEATROS

A semana que hoje finda foi pobrissima de acontecimentos theatraes. Nem uma peça nova.

O Sant'Anna remontou o *Barba Azul* para reentrada da Sra. Herminia e, felizmente, annuncia outra reentrada... e outro remonte: reentrada da Sra. Rose Méryss, e remonte do *Boccacio*. D'esta vez a empresa mandou pôr em letras grandes o nome da distincta actriz cantora, e dispensou-lhe aquelle adjectivo. O publico deve lembrar-se que o Sr. Heller allegou ha tempos que a Sra. Rose Méryss despedira-se por que elle fôra parco em adjectivos e letras grandes. Se foi verdadeira a allegação dev-

mos felicitar a reentrante por esta cendencia da empresa ao seu capricho singularmente feminino, aquella dupla vaidadesinha de mulher e de artista.

Emfim, lá estão as letras grandes e o «distincta»; pouco importa que o Sr. Heller esteja tambem com o nariz maior e mais distincto.

No Lucinda não houve peça nova nem remonte; antes pelo contrario. Dá-nos *Os estranguladores de Paris*, drama-lhaço em 5 actos e 7 quadros, que já aqui foi representado ha annos, mas que esta empresa ainda não representára. Abstemo-n's prudentemente de dar opinião sobre a peça, porque isso roubar-nos-hia muito espaço e porque o publico já a conhece sufficientemente. O desempenho que lhe dá o hom pessoal da empresa Torres é satisfactorio e digno de vêr-se.

Este theatro annuncia tambem para breve *Um marido no campo* e os *Mysterios da Inquisição*.

Commetteremos mais a indiscrição de revellar aos nossos leitores que elle vai preparar tambem *O escravo da culpa*, bello drama hespanhol, em tres actos, de uma simplicidade notavel em peça hespanhola e de um assumpto novo e interessantissimo.

O *Recreio* conquistou o bezerro d'ouro com as *Tres mulheres para um marido*, que o publico já conhece muito bem, e prepara com afan a grandiosa e celebre tragedia de Echegaray: — *No seio da morte*. Esta peça foi offerecida e recommendada ao intelligente empresario Dias Braga por S. M. o Imperador, que possui o theatro completo do grande autor hespanhol que ainda ha pouco nos deslumbrou com uma obra prima — *O Gran Galeoto*.

A tragedia, comquanto repellida do theatro moderno pelo advento da escola romantica na litteratura da Europa, é todavia um genero muito apreciavel quando tratada por um talento da ordem de Echegaray. Alem d'isso, o nosso publico tem mostrado preferir as peças violentas, de situações tragicas, lances vehementes, paixões extremas e scenarios deslumbrantes.

Pois *No Seio da Morte*, tem de tudo isso á farta, com a vantagem sobre muitas peças do genero, de ser escripta em formosissimos versos, de metro variado, e estylo fluente e simples, como os sabe fazer o grande mestre da scena hespanhola.

Dos scenarios a empresa encarregou os distinctos artistas Claudio Rossi e Frederico de Barros, o que é o mesmo que dizer-se que havemos de ter obra assejada.

A traducção é feita pelos mesmos traductores do *Gran Galeoto*.

Se no proximo numero da *Semana* houver um pouco de espaço disponível mimosearemos os nossos leitores com um dos melhores trechos do *Seio da Morte*.

PAPELARIA COMMERCIAL

Sortimento completo de objectos de gosto para presentes

OFFICINAS DE TYPOGRAPHIA A VAPOR
60 RUA DOS OURIVES 60

Recebemos:

Dos amaveis papelleiros Guimarães & Ferdinando dons valiosos presentes:

— Um *block-notes* de parede, especialmente feito para a nossa folha, coberto por uma bella estampa, represen-

tando Guttemberg; delicada lembrança que nos penhora; e

— Uma gentilíssima folhinha, para 1885, já se vê, (perdão, *Folha Nova!*) em que se aprecia gentil pastora (não nos referimos á confeitaria do mesmo nome) pastoreando gentis carneiros. Uma gentileza... geral!

AOS SRS. CHEFES DE FAMILIA

IMMINENTE PERIGO DE VIDA!

Com o unico fim de salvar a nossa responsabilidade, prevenimos a todos os consumidores do nosso kerozene inexplosivo denominado SALVA VIDAS E PROPRIEDADES, privilegiado e premiado com o diploma de honra, pela secção de Salvação Publica na Exposição Scientifica de 1884, a maior cautela e toda a attenção para algumas imitações na côr, cuja fraude e falsificações têm se espalhado, principalmente nos arrabaldes, o que, além da infracção bem definida de nosso privilegio, constitue um grande perigo de vida em todas as casas que, por ignorancia, forem illudidas em sua boa fé, em usarem semelhantes mystificações perigosas.

Todas as caixas do nosso kerozene, além da indicação do nosso deposito geral e nossa firma, tem em letras bem visiveis SALVA VIDAS E PROPRIEDADES.

As latas, além da nossa marca registrada na Junta Commercial, têm a nossa firma de chancellaria.

CORAL & CARDOSO.

Rio de Janeiro.

TRATOS Á BOLA

Quizcramos, excellentissimas senhoras, dedicar-vos esta secção; mas... o sexo opposto ao vosso, o qual se faz representar por uns bigodes e cigarro á bocca, poderia se amofinar, e, declaramos aqui, sem medo da policia: não temos muito desejo de nos metter em allhadas.

Por tanto:—Charadistas de ambos os sexos, é vossa, inteiramente vossa, esta secção.

Quem ao nosso escriptorio vier em primeiro lugar, munido de decifrações exactas, terá (vale a penna dar tratos á bola) uma assignatura gratis d'*A Semana*, por um semestre; quem vier em segundo receberá as *Meridionaes* de Alberto de Oliveira — um livro de versos que bem merece ser lido, relido e decorado; finalmente quem em terceiro lugar nos trouxer suas decifrações ganhará (oh! tentação! oh sorte!) o decimo n. 851 da loteria da côrte que se ha de extrahir quarta-feira, 7 do corrente.

Eil-as:

DECAPITADA

No exame não tenho vontade de—; eu lá não quero—, do contrario tomo um—.

Antigas

Um deus é elle
Com valor de seis;
Em qualquer poema
De enconral-o haveis. — 1
No mourisco adorno,
N'outras veste mais,
Pelos altas grimpas
Enconral-o-has — 2

Arrebitado,
Pequeno, esguio,
Anda por barço,
Sempre macio.

2—2 — Com quatro pés, este quadrupede é dormitorio.

1—2 — Esta machina antiga nas minas é de sopro.

1—2 — Psio! É de couro no navio.

1—2 — Esta letra no canto é de côr.

LOGOGRIPO

A primeira co'a segunda
Agora não posso dar.— 1—2
Terceira com quarta, faz
Das outras differencar.— 3—4

A quarta com a segunda,
E' quente, quente, mui quente!— 4—2

A terceira com a primeira
Solta um gemido estridente.— 3—1

Emfim, segunda com prima

Cae'na garganta que é um gosto.— 2—1

Decifra o que se decifra
Que eu fico cá no meu posto.

PATUSCA

Tem azas mas não voa, acaba em RIZ;
Tabaqueia, tem ventas... o pimpão!
Quem nunca decifrar este nariz,
Um dito ganhará de papelão.

Olha o concito aqui:

Atichi!!

D. PASTEL.

N. B.—Tudo quanto diga respeito a esta secção deve nos ser remettido em carta, dirigida a *D. Pastel*, redactor da cmesma.

LINGUAS

PORTUGUEZ, FRANCEZ E INGLEZ

PROFESSOR RODOLPHO PORCIUNGULA

Informações no escriptorio desta folha

DECLARAÇÕES

COLLEGIO PUJOL

ESTAÇÃO DOS MENDES

Relação das approvações obtidas pelos alumnos d'este collegio nos exames geraes da côrte, nos mezes de outubro e novembro do anno findo.

Portuguez (professor, o director)

D. Angelina Ferreira, Macacos; approvada com distincção.

Alberto Borges Soreval, Rio Grande do Sul; approvado com distincção.

D. Ernestina Pujol, Mendes; plenamente.

Lauro Teixeira Campos, Pirahy; plenamente.

Americo Barbosa dos Santos, Pirahy; plenamente.

Valentim Coelho Portas, Turvo; plenamente.

Olintho de C. M. de Carvalho, Campos; plenamente.

Luiz Francisco da Silva, Pirahy; plenamente.

Francisco Teixeira Leite, Vassouras; plenamente.

J. R. de Souza e Silva, Minas; plenamente.

Oribes Ribciro da Silva, Campos; approvado.

João Lopes de Oliveira Souza, S. João da Barra; approvado.

Gastão da Camara Barreto, Cantagallo; approvado.

Joaquim José Ferreira, Macacos; approvado.

Francisco Leitão Maldonado, Pirahy; approvado.

Omyntas Procopio Lopes, Mogy das Cruzes; plenamente.

Leandro Antonio da Silva, Barra Mansa; approvado.

Ruino Rocha dos Santos, Mendes; approvado.

Prudencio S. Brandão, côrte; approvado.

Jorge Marques Dubouchet, côrte; approvado.

Francez (professor, o director)

Alberto B. Soreval, Rio Grande do Sul; plenamente e.

Antonio Souza Rodrigues, Queimados; approvado.

Elpidio Garcia, Barra do Pirahy; approvado.

Olintho M. de Castro, Campos; approvado.

José Gonçalves Pereira Junior, Ouro Preto; approvado.

Inglez (professor, o Sr. Levindo Lafayette)

Afonso Lignori Lopes, Mogy das Cruzes; plenamente.

Emilio da Gama Lobo d'Eça, Matto Grosso; plenamente.

Pretextato José da Silva, Maranhão; approvado.

Antonio Souza Rodrigues, Queimados; approvado.

Lucio Pereira de Mello, Queimados; approvado.

Geographia (professor, o director)

Izidoro Souza Ribeiro, côrte; plenamente.

Gastão Camara Barreto, Cantagallo; plenamente.

Valentim Coelho Portas, Turvo; approvado.

Oribes Ribeiro da Silva, Campos; approvado.

Afonso Lignori Lopes, Mogy das Cruzes; approvado.

João Lopes de Oliveira Souza, S. João da Barra; approvado.

Historia (professor, o director)

Florentino Souza Avides, Haguahy; plenamente.

José Dias Moreira, Cantagallo; approvado.

Arthur Gomes Mexias, Mendes; approvado.

Arithmetica (professor, o Sr. Clementino de Araujo)

Antonio Pedroso Souto, Rio Grande do Sul; plenamente.

Samuel Gonçalves Moraes, Volta Redonda; approvado.

Arthur Coutinho Alvarenga, Victoria; approvado.

Julio de Paula Rodrigues, Cantagallo; approvado.

Geometria (professor, o Sr. Clementino de Araujo)

José Dias Moreira, Cantagallo; approvado.

Recapitulação

Approvados com distincção	2
Approvados plenamente....	15
Approvados.....	27
Total.....	44
Reprovados.....	8

A frequencia d'este anno foi de 73 internos, pertencendo a maior parte dos alumnos ao curso primario.

O director aproveita a oportunidade para agradecer aos Srs. pais a confiança n'elle depositada, e aos Srs. professores Levindo Lafayette, Paulo Caldeira, Clementino de Araujo, Procopio Carneiro, Luiz Felipe da Rosa, Dias Moreira e J. J. Pereira o seu zelo incançavel e valiosa coadjuvação nos trabalhos escolares e na gerencia interna do estabelecimento.

As aulas reabrem-se a 10 de janeiro proximo.

O collegio entrou em seu 16º anno de existencia.

Os estatutos podem ser procurados, por especial obsequio, no escriptorio d'esta folha.

NOTA.— Não recebe alumnos maiores de 14 annos.

Mendes, 1º de Janeiro de 1885.—O director, *H. C. Pujol*.

ALBUM DE DANSA

No Imperial Estabelecimento de Planos e Musicas de Buschmann & Gulmarães encontram-se as seguintes novidades:

POLKAS — « Dudú »	por Quirino R. Vieira.	QUADRILHAS — « Harmonias brasileiras »	por Quirino R. Vieira.
» « Teus olhos me matam »	» » » » »	» « Arcadia »	» Franc. Gonzaga.
» « Radiante »	» Francisca Gonzaga.	» « Stella »	» Frederico Mallio.
» « Si fuera verdad! »	» » » » »	VALSAS — « Perola »	» Geraldo Ribeiro.
		» « Comme je t'aime! »	» Olivier.

52 RUA DOS OURIVES 52

COLLEGIO D. CASTORINA

Este collegio para ambos sexos, abrirá suas aulas no dia 10 de Janeiro.

RUA MARTINS LAGE N. 5
ENGENHO NOVO

SALÃO SALVADOR

Grande salão de barbear e cortar cabellos e completo sortimento de perfumarias.

JOSÉ PINHEIRO
7 RUA DO OUVIDOR 7

JAMES E. HEWITT

PROFESSOR DA LINGUA INGLEZA

134 RUA DO ROSARIO 134

EXTERNATO JOÃO DE DEUS

Curso geral de instrução primaria e secundaria

Das 9 horas da manhã ás 4 da tarde.

Rua Sete de Setembro n. 60

PENDULA MERIDIONAL

Especialidade de brilhantes do Brazil, joias modernas e relógios de todas as qualidades.

CASA DE ERNEST MERLIN
38 PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO 38

AGENCIA DE ASSIGNATURA

para todos os jornaes Estrangeiros, Redacção e administração dos jornaes A Estação e A Mãe de Família.

LOMBAERTS & C.^{IA}
7 RUA DOS OURIVES 7
RIO DE JANEIRO

MENEZES VIEIRA

JARDIM DAS CRIANÇAS

26 RUA DOS INVALIDOS 26
TRABALHOS DIDACTICOS

VENDEM-SE NAS PRINCIPAES LIVRARIAS DA CORTE

AU GRAND FIGARO

SALÃO DE BARBEIRO E CABELLEIREIRO

Grande e variado sortimento de perfumes

VIANNA & COSTA
34 D RUA DOS OURIVES 34 D

GAZETA LITTERARIA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Preço da assignatura para a corte e provincias 48000 por anno. Numero avulso 200 reis.

Publica artigos de critica litteraria, romances e contos originaes, ineditos de verdadeira importancia para a historia patria, impressões de viagem, poesias selectas e artigos scientificos e litterarios de interesse real para o paiz.

Recebe annuncios pelos seguintes preços: na 1.ª pagina 153; pagina inteira 123; meia pagina 73; quarto de pagina 43. Por linha 140 rs. Aviso 200 rs. por linha.

Qualquer reclamação póde ser dirigida aos nossos agentes os Srs. FARO & NUNES, Livraria Contemporanea.

RUA DO OUVIDOR 74, Rio de Janeiro.

GRANDE E VARIADO SORTIMENTO

DE

CALÇADO NACIONAL E ESTRANGEIRO
F. DE CARVALHO

14 Largo de S. Francisco de Paula 14

CASA ESPECIAL

DE

REFRESCOS E BEBIDAS

Bernardino Teixeira Ramos

39 Rua dos Ourives 39

A SEMANA

Publica-se aos Sabbados

POR TRIMESTRE:

Dentro e fóra da capital:
28000 rs.

DIRECTOR — VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — TRAVESSA DO OUIDOR, 36, SOBRADO

NUMERO AVULSO

Do dia 100 rs.; atrazado
200 rs.

Não se restituem originaes, embora não publicados.

SUMMARIO

A Semana — Historia dos sete dias — O humerus de Malta — Critica scientifica — Banzo, Raymundo Correia — O bispo nas eleições, Alfinete — Bolos, Chico Ferula — Horas do bom tempo, Lucio de Mendonça — Mattos, Malta ou Matta? — Eleições — Theatros — Correio — Declarações — Anuncios.

A SEMANA

Rio, 10 de janeiro de 1885.

Não podia ser mais lisongeira nem mais auspiciosa a recepção feita á *Semana* pelo publico e pela imprensa.

E' verdade que a chuva espessa e continua que cahiu em toda a manhã do dia 3, entristecendo-a, obrigou *A Semana* a fazer o seu apparecimento nas ruas um pouco mais tarde do que desejava e devia. Mas ás 11 horas brilhava alegremente o sol, e os *raggazzinos* trefegos corriam as ruas, ainda enchárcadas, aprégoando entusiasticamente a recém-nascida.

Que era esperada com curiosidade, senão anciosa, ao menos sympathica, mostrou-o a avultada extracção que rapidamente obteve. E ainda mais claro o demonstra a abençoada chuva de assignaturas que diariamente, e muito ao nosso agrado, cai no escriptorio d'*A Semana*.

Isso quanto ao publico.

Quanto á imprensa, não nos correu menos propicia a fortuna.

Os nossos estimaveis collegas fizeram-nos um acolhimento extremamente amavel, e, á excepção da *Folha Nova*, á qual respondemos em outro logar, e da *Gazeta da Tarde* que não disse nada, só encontráram, para accusar a nossa primeira visita, boas palavras de comprimento e de hospitalidade.

Não se enganou, pois, *A Semana*, quando disse que do *bond* do jornalismo da capital não havia de ser repellido—por falta de espaço.

Os seus distinctos companheiros de viagem não tiveram necessidade de se apertar para abrir logar á recém-chegada; e, mostrando-lhe o largo espaço desoccupado, disseram-lhe gentilmente, com a gentilisa cavalheiresca com que se recebem senhoras:

— Bom dia, collega. Seja bem vinda.

Sente-se entre nós. Viajaremos junctos, em amistosa e bôa camaradagem.

Agradecendo a todos os seus collegas em geral a generosa amabilidade, pede venia *A Semana* para transcrever no fim d'este pequeno *cavaco* as noticias de alguns, que, por mais amaveis e mais generosos, mais vivamente nos pnhorraram.

Como sóe acontecer sempre com todas as folhas, e em geral com todas as ccusas, é o principio a parte mais difficil e portanto, mais incompleta, menos satisfatoria.

No começo é que são ellas; como se diz vulgarmente. Depois regularisam-se as cousas, tudo entra e se accomoda nos respectivos eixos e a empresa, quando bem dirigida, deslisa e corre como *sur des roulettes*.

Quer isto dizer que *A Semana* irá melhorando, dia a dia, e que os defeitos e imperfeições que ao principio apresenta devem-lhe ser desculpados e lançados todos á conta do principio de que—*n'elle* é que são ellas.

O papel d'este numero, por exemplo, como deve ter notado o leitor, é muito melhor que o do primeiro.

E, como esse, apresenta hoje *A Semana* outros melhoramentos que a modestia nos manda calar, mas que do publico não passarão por certo despercebidos.

No proximo numero transcreveremos alguns dos lisongeiros juizos dados sobre *A Semana* por varios collegas da côrte. Não o fazemos hoje por falta de espaço.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Resume-se toda em uma só palavra:— Eleições.

No dia immediato áquelle em que *A Semana* teve a honra de vir ao mundo effectuou-se o segundo escrutinio na Côrte e em Nictheroy.

Eram estes os candidatos que competiam:—No primeiro districto, Valdetaro e Ferreira Vianna; no segundo—Henrique de Carvalho e Fernandes de Oliveira; no terceiro—Bezerra de Menezes e Bulhões Carvalho; e em Nictheroy, quarto districto—Castrito e Fróes.

A eleição foi, como era de prever, disputadissima; mas felizmente sem a

«pancadaria velha», que se esperava e temia. O cidadão pacato foi exercer tranquillamente a sagrada parcella de Soberania Nacional que o compadre, o patrão ou o chefe, lhe deu na vespera, fechada em um envelope singello e mysterioso.

E os *Bijús*, sobre que repousam a paz, a honra e a gloria do municipio neutro, deixaram que o cidadão pacato livremente votasse, sem a censuravel coerção de uma faca espetada no chorume da pansa ou de alentado *petropolis* a medir-lhe as costas.

Se houve pressão,—como ha quem diga, e não nos acliámos authorisados a desmentir de todo,—essa pressão, parece-nos, não foi além dos chapéus de pello. Como, porém, felizmente para os chapelheiros, os chapéus não são feitos para guardar a consciencia do cidadão, e como a maior parte dos eleitores, precavtos e finos, para evitar a pressão havia deixado as consciencias em casa, na gavetinha da mesa de cabeceira com o barrete de dormir e os phosphoros, a eleição correu ás mil maravilhas, sem constrangimento de especie alguma, excepção feita dos callos.

A' tarde, entretanto, um numeroso e bello bouquet de flôres... *da gente* desatou-se de improviso na rua da Uruguayana e foi comprimentar a redacção da *Gazeta da Tarde* um pouco mais vivamente do que fóra para desejar. Foi um sarilho de todos os diabos!

Os honrados *ca te espero*, longamente *amolados* de esperar em vão o ensejo de mostrar que as suas navalhas o estavam tanto como elles, irritados contra a vergonhosa inercia a que os haviam forçado, arremetteram de navalhas *despidas*, chapéu á nuca, bamboleando os quadris, contra a corporação typographica e mais empregados d'aquella folha, com a perversa intenção de reduzil-a... a um *pastel*.

Esta circumstancia fez attribuir a auctoria do attentado ao conhecido Sr. Paschoal, que desejava offerecer aos innumerados freguezes da sua confeitaria, para festas de Reis, um novo e tentador pastel, a que daria o nome de—*pastel Guttemberg*.

Mas afinal reconheceu-se o nenhum fundamento de semelhante boato e é hoje opinião corrente que a projectada

empastellação da *Gazeta da Tarde* fôra encommendada pelos conservadores. Apoiando aquella folha o projecto Dantas e, portanto, os candidatos que são por elle, havia recommendado que toda a votação dos abolicionistas fosse dada a esses eandidos; e como as cousas não correram muito ao sabor dos conservadores, estes.—para protelar a publicação do resultado das eleições, lançando a confusão e a incertesa no espirito publico, e dando mais algum tempo ás necessarias tricas e manobras,—mandáram á flôr da sua gente empastellar a *Gazeta*.

E' possível não seja esta a verdade, mas é o que se diz.

— O segundo escrutinio deu o seguinte resultado :

<i>1° districto</i>	
Valdetaro.....	291 votos
Ferreira Vianna.....	268 »
<i>2° districto</i>	
Fernandes de Oliveira.....	594 votos
Henrique de Carvalho.....	583 »
<i>3° districto</i>	
Bezerra de Menezes.....	795 votos
Bulhões Carvalho.....	782 »
<i>4° districto de Nictheroy</i>	
Castrioto.....	832 votos
Frões da Cruz.....	776 »

Não contámos os votos em separado. Por essa fórma estavam eleitos dois liberaes e dois conservadores.

Mas no proprio dia em que as folhas diarias publicaram esse resultado, noticiaram fraudes e vicios, que adulteram as eleições.

Em Jacarepaguá os liberaes protestaram contra a eleição por ter começado ás 11 horas, e por ter feito parte da mesa uma auctoridade policial em exercicio.

Diz-se tambem que em certa secção deste districto votaram alguns eleitores...mortos.

Em Itamby e em Cordeiros os liberaes tambem protestaram, allegando graves irregularidades havidas na eleição.

A's 10 horas da noite do mesmo dia 4 foi o cartorio do escrivão de paz da primeira secção da parochia de Santo Antonio invadido por um grupo que tentou apoderar-se da urna e dos livros eleitoraes que aquelle escrivão irregularmente tinha em casa para concluir o seu trabalho de transcripção de actas, etc...

Mas o escrivão recolheu a tempo a papellada á urna, fechou-a á chave e guardou-a cuidadosamente. Durante a noite, tal qual como no antigo regimen eleitoral, que Deus haja, foi a urna guardada á vista pelo subdelegado, escrivão e varias outras pessoas; e na manhã seguinte conduzida, não em charóla,—o que seria tão pittoresco—para a secretaria da policia, afim de evitar um novo assalto que se estava preparando.

Na policia o Dr. Oliveira Andrade, juiz de direito, presidente da junta apuradora do 2° districto, procedeu á abertura da urna em presença do presidente

e mesarios da 1ª secção da freguezia de Santo Antonio e áquelle entregou os livros e papeis nella encerrados.

A transcripção da acta estava incompleta, indo apenas até ao nome do sexto eleitor que deixou de votar.

Mas não pararam aqui as irregularidades e violencias.

O terceiro districto não quiz ficar atraz do primeiro e *deitou* tambem attentado.

Das onze á meia-noite do dia 5, uma commissão de tres gatunos eleitoraes de *primo cartello* aj resentou-se em casa de um dos mesarios da 3ª secção de S. Christovão, na ausencia do dono da casa, e em nome do Dr. Bezerra e dos mesarios, pediu á senhora do mesario ausente que lhe entregasse sem demora o livro de transcripção das actas eleitoraes e mais papeis relativos á eleição effectuada. A incauta e ingenua senhora—*sancta simplicitas!*—entregou aos habilidosos gatunos tudo quanto elles pediam. Estes, logo que se pillharam de posse da preciosa carga, nem mais *ob igado* disseram: — pernas, para que te quero?

O resto é sabido: — A policia tomou conhecimento do facto, abriu-se o competente inquerito, procede-se a deligencias...

Mais outro attentado ainda.

Isto é um nunca acabar!

A's 9 horas da noite de 6, um magóte de individuos disfarçados em jogadores da *Maria Angé*, com barbas postiças, mas sem cantar:

Estas suissas,
Estas suissas,
Estas suissas,
E' convenção
Traser postiças,
Traser postiças,
Traser postiças,
E casação,

penetrou, pelos fundos, na casa do Sr. Manuel Candido de Leão, presidente da 3ª secção da freguezia do Espirito-Santo; e enquanto uns o subjugavam, impedindo-lhe a resistencia, os outros se apoderaram dos papeis e livros da eleição; feito o que, soltaram o Leão vencido e desataram a correr com a papellada que era um gostinho vel-os.

O resto é sabido: — A policia tomou conhecimento do facto, abriu-se o competente inquerito, procede-se a deligencias...

— Ora ali tem o leitor, resumida em ligeiros e pallidos traços, a historia das eleições até á data em que escrevemos.

E' bem possível e muito provavel que continuem os attentados, cada vez mais impudentes e brutaes, até ao ponto de se realisar o que o *Lulú Senior* espirituosamente contou hontem nas *Balas d'estalo*:—o furto, não mais das actas e papeis, mas das proprias pessoas dos candidatos; de modo a *annullal-os*, ficando eleitos os seus contendores.

Emfim, e para concluir, se não fosse o grande respeito e a consideração que temos pelo Sr. conselheiro Saraiva, sempre lhe diriamos, em vista dos resul-

tados da applicação do seu famoso sistema eleitoral:

— Queira limpar as mãos á parede, senhor conselheiro.

— O resto da semana foi occupado por alguns suicidios, dos quacs dous se tornaram notaveis:—o do conhecido relojociro Gondolo, cuja fortuna, desde a celebre descoberta das correntes de ferro envoltas em casquinha de ouro, começou a desandar até esse lugubre desfecho; e o do Sr. Antonio Augusto Rodio, que deu cabo da vida em um *bond* da companhia de Carris Urbanos, quando este deslisava pela rua do Lavradio.

Original. na morte ao menos, o Sr. Rodio!

Ora ali está uma nova descoberta da prejudicialidade dos bonds:— Até aqui julgava-se que elles só serviam para administrar a morte, fóra, por meio das rodas e dos burros. Descobriu agora o infeliz Rodio que elles tambem se prestam á morte—dentro, sobre os bancos, no correr da viagem.

Deus queira que a descoberta não pegue, por que é perigosa como o diabo! Olhem se um dos tiros desgarrá! Pobres visinhos de banco!

A semana, cuja triste historia concluímos, registrou de cinco a seis casos de suicidio—perpetrados por varios meios, desde o revolver ao aconito.

Querem vêr que é epidemia!

Não admiraria, entretanto, se a epidemia do suicidio infestasse a cidade:—se esta é tão triste, tão suja, tão desprovida de divertimentos e tão farta de preocupações e desgostos!

E' preciso injectar alegria, muita alegria!—na alma deste povo, essencialmente mercantil.

Sómente os tristes desejam a morte.

Desfochemos a gargalhada contra o suicidio.

Afugentemol-o—a rir!

— E está concluida a historia dos sete dias.

O humerus do Malta

Confirmou-se a noticia que demos no nosso primeiro numero, e que fomos os primeiros a publicar:—A commissão de peritos requereu novo praso de 15 dias para continuar os seus estudos sobre os vestigios da fractura do *humerus* de Castro Malta.

Não tem nenhum fundamento a noticia dada por um illustrado collega—de que os peritos iam requerer nova exhumação.

CRITICA SCIENTIFICA

N'este paiz lê-se pouco e sabe-se pouco.

Raramente tem-se occasião de percorrer algumas paginas de uma obra de incontestavel valor.

Afeito á frivolidade, o espirito brasileiro, ainda na sua meninice intellectual,

ensaia-se nas columnas de algum periodico e faz-se poeta, critico, jornalista, politico ou sociologo.

Exaltado pela convicção de que é realmente uma fina tempera litteraria ou philosophica — abandona os trabalhos serios onde deve haurir os germens da sua educação, para restringir a sua actividade mental a um pequeno circulo de idéas homogeneas e elementares.

Se d'esses homens que se dedicam á cultura das lettras, ha alguns que conseguem exceder o nivel commum da mediocridade — conseguem-o á força de um extraordinario poder psychologico espontaneo, mas nunca pelo esforço mental applicado ás investigações dos methodos da sciencia contemporanea.

O jornalismo, com muito poucas excepções, derrama — *largam manu*, sobre o espirito d'este povo as idéas mais falsas, as theorias mais abstrusas — as formulas politicas ha muito tempo soterradas nos archivos archeologicos da sciencia humana. Sem ter opiniões politicas, porque estas são a resultante de um estudo comparativo dos periodos sociaes que se succedem naturalmente e de que cada uma representa a maneira de ver da precedente — o jornalismo partidario revolve-se no sargaço das tradições politicas e procura plantar theorias que se dissolveram com a expansão violenta do regimem democratico em um ambiente onde respiram as idéas de que foi portadora a evolução que se estende do seculo XVIII ao seculo XIX.

Os vellhos politicos brasileiros, isto é, aquelles que se bateram pela maioridade de S. M., são os que ainda dirigem os destinos d'este paiz.

Não se pôde estabelecer uma differença entre as idéas pregadas pelos orgãos da politica conservadora ou liberal e as opiniões dos antigos estadistas que ha cincoenta annos faziam a apologia do regimem monarchico.

Sim. Durante esse largo curso de desenvolvimento, os nossos homens de Estado não avançaram um passo.

Parece inerivel que, durante esse lapso de tempo consideravel (e que é bastante para reorganisar as intelligencias e oriental-as sobre as cousas que dizem respeito á nossa felicidade commum) o proselitismo official ainda se faça echo de principios condemnados pelo estudo historico das sociedades e pelo bom senso.

Imporem-nos como a ultima consequencia politica o syncrétismo das suas idéas e adaptarem o pensamento moderno ao meio politico onde se baralham em profundo cahos as fórmulas eaducas e atrasadas do Poder espiritual e temporal, eis — o que é scientíficamente impossivel.

Esta lucta tem sido insana.

Tudo quanto se tem conseguido, tanto nas artes, como nas sciencias, traz o cunho de uma energia volativa e assombrosa.

Os poderes, ligados ao seu empirismo, só têm feito uma cousa: a proerastinação da sua estabilidade transitoria, difficul-

tando assim toda a tentativa de emancipação social.

E se alguma cousa se tem feito em beneficio da humanidade, foi devida á acção expontanea do tempo, aos acontecimentos industriaes fortuitos á heterogenia das forças intellectuaes, revigorando-se pelas descobertas e alargamento das espheras da actividade humana, e finalmente, na eliminação, pela mortalidade dos elementos esterilizadores, dando logar um novo processo selectivo, base de todo o progresso.

Tudo quanto se tem feito, em politica, como em religião, tem sido annuciado pelo derramamento de rios de sangue, embaraçado — ou pela intervenção religiosa na esphera civil, ou pela violencia arbitraria da autoridade secular.

Os poderes, que se exercitam em pequenas escaramuças e que mutuamente se laceram em odios hereditarios, alheios a todas as medidas de que depende a tranquillidade publica, em vez de se reconstituirem pela assimilação de novas idéas, estacionaram e encimaram a frontaria do edificio politico, onde se recolhiam, esta *bella* formula ultra-conservadora:

« *Conservar pa'a viver, viver para dominar.* »

Uns, por ignorancia sómente, outros, por ignorancia e má fé, não vêm que é alargando as orbitas da actividade nacional, e alimentando a industria que se conseguirá o bem estar do maior numero e a satisfação das necessidades que se multiplicam á proporção que os governos procuram manter a sua autoridade com o alevantamento de forças materiaes, que só servem para enfraquecer a energia do povo e precipitar a sua queda.

A paz é simplesmente uma condição essencial do trabalho. E' por ella que se conseguirá firmar a autonomia nacional e reerguer o caracter corrompido das sociedades. E toda a paz repousa no exercicio do regimem industrial, exercicio este que vem substituir o militarismo decadente, que só serve para ferir a dignidade dos homens livres e enturbar os seus direitos e a sua integridade moral.

O espirito de pesquisa, transformando a historia em um instrumento de elevado alcance para a comprehensão dos phenomenos politicos, deu um golpe mortal nas instituições conservadoras e deduziu da massa dos factos sociaes o criterio positivo que tem presidido sempre a todas as organizações de ordem religiosa como de ordem politica. Pela descoberta do condicionalismo que tem preparado a emancipação lenta das nacionalidades e a coordenação de todos os estímulos que revigoram de tempos a tempos as forças exgotadas das sociedades, ella preparou as bases sobre que se deve levantar a unanimidade das convicções e a disciplina das formas racionais que deverão substituir os poderes empiricos que entendem fixar a ordem pela estagnação ou estabilidade.

Procedendo assim, a sciencia veio demonstrar a impossibilidade de se estabelecer o equilibrio entre duas naturezas antitheticas: isto é, entre o que é *estavel* e o que é *transformavel*.

Só ella soube comprehender em que condições pôde a *ordem* coexistir com o *progresso* e explicando claramente como se dão essas condições — alargou os horizontes a que estavam circumscriptas as nacionalidades e tem proeorado romper as peias de que os governos se socorrem para impedirem o desdobramento do ambiente politico dos povos limitando ao mesmo tempo a intervenção orthodoxa que ha muito tempo procura, por meio de processos pedagogicos estramboticos cereear as intelligencias incipientes, apoderar-se da razão e do sentimento popular e desvial-o das theorias positivas para a theologia.

O methodo positivo, pois, é o que procuraremos seguir nos trabalhos criticos d'esta secção e faremos tudo quanto estiver em nossas forças para desenvolver a circulação das idéas philosophicas que abraçamos, porque estamos convencidos, ha muito tempo, de que ellas condensam a theoria geral do progresso e, filiando o passado ao presente pela solidariedade historica, preparam-nos para futuras luctas e futuras victorias.

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado no seu escriptorio, á Travessa do Ouvidor, 36, — das 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

BANZO

Eis tudo que o africano céo incuba:
A canicula o azul avermelhando,
E, como um basilisco d'ouro, ondeando,
O Senegal, e o leão de ruiva juba,

E a giboia, e o chacal... e a fera tuba
Dos cafres pelas grótas reboando,
E as corpulentas arvores, que o bando
Selvagem de hyppopotamos derruba...

Como o guaraz nas pennas rubras, dorme,
Dorme em nimbus de sangue, o sol occulto...
Osai bro inflamma a Nubia ineandescente...

Dos monolithos cresce a sombra informe...
Tal em minh'alma vae crescendo o vulto
D'esta tristeza, aos poucos, lentamente...

RAYMUNDO CORRÊA.

O BISPO NAS ELEIÇÕES

Quantas vezes não terá acontecido ao leitor, ao sentar-se á mesa do jantar, de volta do trabalho, — guardanapo ao queixo, punhos suspensos, no ollar o lampejo glutão de quem vai saciar confortavelmente um appetite robusto, — atirar a colher sobre o prato da sopa, depois de proval-a, exclamando com asco e pena:

— Diabo! Nesta sopa entrou *bispo*!

Não ha quem ignore que a maior desgraça que possa ferir cosinheiro honrado e pichoso é entrar-lhe o *bispo* na panella da sopa.

O *bispo* nesse caso é a fumaça, a ascorosa fumaça, que estraga o paladar á sopa, tiznando-a, enchendo-a de um travor ignobil.

Emfim, o bispo para os cosinheiros é... o diabo!

Pois bem.

Deante do resultado das eleições que em segundo escrutínio se realizaram no primeiro districto da corte, encontramos em posição identica á do cosinheiro desapontado ante a panella e do cidadão desolado ante o prato de sopa fumegante, e, como elles, podemos exclamar:

— Diabo! Nesta eleição entrou bispo!

E' verdade; o bispo entrou na eleição do primeiro districto e estragou-a, como costuma fazer ás sopas, quando nellas entra.

O Sr. D. Lacerda, encantado pela posição tomada pelo seu collega de Marianna, que entrou na sopa do Sr. Matta Machado; quero dizer: na eleição do Sr. Matta Machado, em Minas, estragando-a... para o paladar do sympathico ex-ministro, e fazendo vencer o Dr. Felicio dos Santos, — livre pensador catholico, — resolvera imital-o; e disse lá com as suas fivellas episcopaes:

— Entro na sopa do Ferreira Vianna.

E se bem o disse melhor o fez. Tocou a rebate com fervoroso afan, chamando a postos todos os padres alistados no primeiro districto da corte e *deitou-lhes mais ou menos esta fallação*:

— Meus filhos, chamei vós todos pr'a vós todos votarem no nosso seraphico collega Frei Dr. Ferreira Vianna. E' o meu homem, é portanto o vosso homem tambem; e, conseguintemente, é o candidato designado pelo Altissimo; é deputado por direito divino. Ouviram, meus amados filhos? Votação cerrada no nosso homem!

A padraria, humillimo rebanho, que adora o seu pastor, cumpriu-lhe as ordens como devia: — religiosamente. Isso, porém, não pode fazer com que o Dr. Ferreira Vianna fôsse eleito. O veneravel... veneravel não, que é palavra maçonica; o venerando candidato episcopal foi derrotadinho da Silva.

E a padraria disseminou-se, compungida e triste por haver perdido o seu rico latim, enquanto o bispo derramava copiosas lagrimas crocodillares sobre o vasto chapêu do Chile do philosophico candidato, que se recolheu em piedosa meditação sobre as pastoraes de D. Lacerda... e de Beethoven.

Sic transit gloria mundi!

Falemos agora seriamente — para acabar.

O Sr. D. Lacerda protegendo a candidatura do Dr. Ferreira Vianna, inimigo do projecto Dantas, e escravocrata por disciplina partidaria, embora abolicionista no terreno philosophico, veiu infelizmente mais uma vez confirmar o alto espirito humanitario de que tantas vezes, tanto elle como os seus collegas, tem dado sobejas provas.

Não foi seguramente Christo, o apostolo de todas as liberdades, que inspirou ao Sr. D. Lacerda o seu procedimento lamentavel.

Um bispo verdadeiramente christão já mais aconselharia os seus subordinados a que votassem no candidato que sus tenta e defende, seja porque motivos fôr, a escravidão dos homens. Christo pré-gou a egualdade humana e que todos os homens são irmãos.

E D. Lacerda protege a candidatura de um defensor da escravidão!

A apostar, entretanto, como S. Ex. julga com isso haver feito jus a um cantinho no reino do Céu.

E o caso é que o fez realmente!...

ALFINETE.

GAZETA LITTERARIA

ANNO 48000

Assigna-se na Livraria

FARO & NUNES

BOLOS

Abre-se aqui esta secção com o fim de corrigir, ou pelo menos castigar, os meninos malcreados ou insolentes, atrevidos ou descuidados, cujos delictos reclamarem licção severa ou troca desdenhosa.

*
**

Principiaremos, pois, por chamar a bolos a *Folha Nova*, que no seu numero do dia 5, noticiando o apparecimento da *Semana*, diz umas tantas tolices que revelam toda a insensatez e ignorancia d'aquella colmeia de guarda-livros desoccupados.

Não comprehende como, fazendo-se a historia completa e fiel da semana, se possa dar a *nota do dia*! Diz que o nosso programma conta muitas outras cousas egualmente incompreensíveis. Pergunta depois se a *nota* do primeiro numero será o « incidente Malta? »

Oh! meu rico Pae do céu! Que faria a *Folha Nova* do miolo que tu lhe destribuiste, que ella já não comprehende as coisas mais rudimentares e mais simples?

Pois não saberá a *Folha Nova* que *nota do dia* é expressão vulgar a que se emprestou o significado de resumir o acontecimento predominante da occasião, do momento, do dia, ou de um certo periodo durante o qual esse acontecimento preoccupou o espirito publico?

Perguntasse a folha dos guarda-livros, até o dia 2 ou 3 do corrente, qual era a *nota do dia*, e todo o mundo lhe responderia que era a questão Malta, apesar de que essa questão durou mais de um mez.

Pergunte a *Folha Nova*, ainda hoje, qual é a *nota do dia* — e todos lhe responderão: — As eleições. Entretanto, as eleições começaram no dia 4.

Já se vê, pois, como é facil á *Folha Nova* desenvolver a sua acanhadissima comprehensão. Porém ella, teimosa e renitente como qualquer collegial atrevida, não ha de querer sujeitar-se ao nosso conselho. Todavia, se o quizer, pergunte e verá a resposta que obtem.

Ficamos á espera da revelação das outras cousas egualmente incompreensíveis do nosso programma, para esclarecermos a *Folha Nova*.

*
**

Agora, outra cousa: a *Folha Nova* lembrar-se-ha do seu programma? Se me não engano elle foi tão incompreensível e tão obscuro, quando exposto no seu primeiro numero, que alguns jornaes pediram explicações, e a *Folha Nova* foi obrigada a esclarecel-o e explicital-o pouco depois em um artigo intitulado, se nos não falha a memoria, *Pontos nos ii*.

E é agora *ella* que nos acha obscuros! Bem dizia um grande escriptor que a parvoice humana não tem limites.

Com a noticia de que nos estamos occupando, revellou mais a folha da lavoura o seu largo espirito de colleguismo e a sua vasta comprehensão do que seja a delicadeza e a união entre collegas. Deixaremos tambem de notar que a *Folha Nova* devia á *Semana* mais gentileza e consideração, porque algumas das pessoas da nossa redacção prestaram-lhe em tempo serviços que só os ingratos esquecem.

O melhor é deixarmol-a seguir, agarrada ao dinheiro dos escravocratas, por entre a indiferença publica, até ao seu término inglorio.

Passe muito bem.

*
**

O *Jornal do Commercio*, velha criança descuidada, publicou no dia 3 uma in-

teressante correspondencia de uma das capitães da Europa.

Essa correspondencia, tratando das discussões da conferencia de Berlim, falla de uns novos *estados*, cuja denominação nos encheu de assombro e pasmio. Diz o correspondente que a Associação Internacional Africana não se acha representada na conferencia, por não estar ainda reconhecida pelas potencias. Entretanto nós sabemos muitissimo bem, por ouvirmos dizer e por experiencia propria, que os alludidos *estados* têm sido sempre reconhecidos por todas as potencias indiscutivelmente garantidas e authenticas. Trata tambem a conferencia de marcar os limites da bacia de um certo rio dos sobreditos *estados*, rio que, ao que nos consta, é de agua salgada e em cuja appetecida foz sempre as potencias achiaram divertimento e prazer.

Porque razão, pois, não querem as potencias da Europa reconhecer officialmente a Associação Internacional, que só deseja constituir d'aquelles *estados* uma republica soberana e autonoma?

Para nós, se encararmos esta questão politico-deleitosa pelo olho do nosso egoismo, diremos que para aquella parte da geographia humana, queremos a monarchia absoluta, com um só poder e um só rei, investido do direito divino, ou do divino *direito*, como querem que se diga alguns auctores; encarada, porem, a questão sob o ponto de vista das doutrinas particulares de Epicuro, parecemos que o que mais convem é mesmo uma republica independente, com livre entrada para o porto e para a bacia em litigio.

A questão não foi bem discutida nem elucidada n'estes pontos pelo correspondente do *Jornal*, o que é uma lastima para um leitor como eu, que muito me importo tanto com aquelles *estados* como com as potencias que se obstinam em não auxiliar a Associação que os protege.

*
**

O *Jornal do Commercio*, que, com a descoberta de uma nova applicação do *Pó da Persia*, constituiu um novo estado nos Paizes Baixos, podia muito bem contribuir para a renovação politica da Africa, aconselhando a união d'esse estado aos descobertos agora pelo seu correspondente, formando assim n'aquellas florescentes regiões a republica dos *Estados-Unidos*.

Ah! que se este sonho fagueiro se realisa, eu heide, como auctor da lembrança, entrar n'elles triumphantemente, como D. Carlos em Barcelona.

CHICO FÉRULA.

O CONSTRUCTOR

JOSÉ ALFREDO DA CUNHA VIEIRA

encarrega-se de construcções de predios e levantamento de plantas

ESCRITORIO

4 RUA DE S. PEDRO 4
1º ANDAR

HORAS DO BOM TEMPO

(A VALENTIM MAGALHÃES)

« O LUZ »

(Continuação)

O Luz era o chefe da *communa*, instituição formidavel, de que ainda se lembram transidos os burguezes de S. Paulo, e da qual foram membros varios rapazes estimaveis, cujos nomes omitto porque me parece que hoje dispensam esta honra accrescentada aos seus titulos officiaes.

A *communa* era uma vasta *republica*, no sentido academico de « casa de estudantes »; á rua do Senador Feijó, um sobrado do coronel Coutinho.

Incauto coronel! nunca imaginou a que monstro alugava a casa, no mesmo sobrado de sua habitação, paredes-meias com o seu proprio lar domestico. A *communa* plantou logo, a uma sacada da frente, um manequim, ao qual applicou um tubo de folha de Flandres, que lhe ia ter á bocca, e a cuja extremidade opposta, prolongada para dentro da sala, fallavam os *communistas*. Era o manequim, unica figura da *communa* que se via á janella, quem dava as boas tardes á familia do senhorio e as vaias aos lentes que passavam. Consequencia immediata: a familia fechou aquelle lado da casa, e os lentes abstiveram-se de passar por aquella rua.

Mas nem recolhida soccegou a familia do coronel. N'um dia de grande trovoadas, como as que agitam a atmospheria paulistana, uma pessoa delicada da familia, muito medrosa de raios, teve uma syncope, devida a esta diabrura: no mais forte do temporal, quando os relampagos succediam-se a cada minuto e os trovões rolavam medonhamente como bramidos de uma revolta de gigantes, os *communistas*, armados de folhas, de bacias, de bandejas, de pannels, e tendo previamente accumulado sobre a mesa de jantar toda a mobilia e louca da casa, a um signal dado, *brraah!* viraram a mesa, quebrando-se tudo que se pôde quebrar, produzindo um estrondo infernal, seguido de gritos pavorosos.

E d'ahi a pouco, um bondoso recado da familia, a saber se algum dos moços tinha sido victima do raio.

*

A troça capital da *communa* foi o furto nocturno de taboetas e emblemas das casas commerciaes da cidade.

Toda aquella collecta pictoresca ia-se accumulando na unica sala fechada da *communa*,—pois esquecia-me d'esta circumstancia, originariamente explicativa do titulo: a *communa* era uma republica aberta, dia e noite, a todos os estudantes, que alli podiam comer a qualquer hora, como na propria casa, e dormir, quando era possivel.

Entre os emblemas furtados, avultava gloriosamente um grande veado de pau, todo dourado, da pharmacia do *Veado de Ouro*, da rua de S. Bento.

Dois dias depois do seu desaparecimento da frente da botica, lia-se no *Correio Paulistano* um annuncio singular, n'estes termos, sem grande differença, e de começo litteralmente identico:

Pharmacia do Veado de Ouro

RUA DE S. BENTO

« O ILLM. SR. LADRÃO, que, na noite de tantos, levou do frontispicio d'este estabelecimento o veado dourado, que lhe servia de emblema, terá a bondade de o vir ou mandar restituir, n'esta sua casa, á rua de S. Bento n. tantos. Garante-se absoluto segredo e uma gratificação de 50\$000. »

E' preciso accrescentar que os cincoenta mil reis do pharmaceutico Selummann não foram engrossar a receita da *communa*?

*

O Jorge Seckler, com casa de objectos de escriptorio e typographia de luxo, tendo a insignia *Ao Livro Verde*, escripta em letras douradas n'um grande livro de madeira pintado de verde, deu, uma triste manhã, por falta do emblema, e, com uma bonhomia de allemão, mandou fazer novo livro verde, era tudo como o primeiro e a mais, em bello romano, a letras douradas, no lombó, a veridica numeração—II.

O Luz, que isto viu, foi comprar-lhe uma caneta e, ao deixar-lhe o nickel de tostão, proferiu, baixinho e sinistro, como um aviso de nihilista ao ouvido do czar:

— Aprrompte o IIII aprrompte uma livraria verde inteira!

E na mesma noite, — por desfôro, na mesma—desappareceu o *livro verde* n. 2.

Jorge Seckler resolveu, avisadamente, concluir no segundo volume a obra da sua pertinacia.

*

A policia andava álerta e a tractos; sabia—ólá se sabia!—que aquillo era obra da *communa*, mas isto adeantava-lhe muito pouco. Depois, é de boa chronica observar que a policia de S. Paulo consagrava á *communa* um terror supersticioso.

Por um d'aquelles dias, os estudantes amigos da *communa*,—e n'esse numero honro-me de declarar que eu estava,—recebiam, nas aulas, um mysterioso convite para uma grande exposiçãõ de despojos de guerra, seguida de proeissãõ, á uma hora da madrugada, nas arcadas da entrada da academia.

A' hora marcada, nas arcadas profusamente illuminadas, ostentava-se a maravilhosa collecçãõ de taboetas e emblemas do mais variado aspecto. O *Veado de Ouro*, que era a peça principal, estava sobre um andor enfeitado.

Depois de alguns discursos entusiasticos sobre a pratica abusiva de particularisar ainda mais com lettreiros e insignias a abusivissima propriedade privada, ia-se dar começo á proeissãõ, para, na volta, destruir pelo fogo aquelles productos de uma civilisaçãõ, sobre fetichista, abominavelmente egoista, quando um assistente, que não fôra convidado, a policia, em grossa patrulha, assomou ás arcadas e deu voz de prisãõ a todos os presentes.

Sahiu á frente o Luz.

— Rendemo-nos á descriçãõ.

Entregamos á soldadesca desenfreada o fructo das nossas vigalias.

Cevae os vossos instinctos brutaeas n'aquella easta filha do Occano (e com um gesto inspirado designava a *Sereiz Paulista*, emblema de uma casa de banhos); saciae o barbaro appetite nas carnes saborosas d'aquelle incola de nossas selvas (e mostrava o *Veado de Ouro*); reduzi

a captiveiro degradante aquelle heróe nunca vencido (e indicava um soldadinho de gesso, com a espada desembainhada e esta inscriçãõ no sócco:—*Ao guerreiro invicto*, emblema de uma loja de molhados)! Mas contaes, patifes, com a maldicçãõ da Historia!

Proferidas estas palavras, abotoou o paletó, acenou aos companheiros, que se formaram em grupo, e, intimando á patrulha que os acompanhasse, poz-se em marcha, á frente dos communistas, escoltados da policia, pelo largo de S. Francisco, em direcçãõ á rua do senador Feijó.

Embocearam por esta e seguiram; quando fronteavam com a *communa*, em dous saltos metteram-se pelo corredor a dentro e pelas escadas acima, e um instante depois, pela bocca do manequim, convidavam delicadamente a policia embasbacada— a uma ceia frugal, mas de boa vontade.

LUCIO DE MENDONÇA.

O Sr. J. M. Vaz Pinto Coelho colligiui em um volume de 237 paginas todos os pareceres da imprensa e de escriptores brasileiros sobre as poesias e romances do fallecido poeta Bernardo Guimarães. Juntou tambem a estes alguns versos pouco conhecidos e ineditos do inspirado poeta.

Accusando o recebimento d'este livro, sabemos que a critica nada tem a fazer ahi. Depomos, pois, nossa penna de criticos, e, como admiradores do grande lyrico mineiro, diremos ao Sr. Pinto Coelho:

Esta brochura que nos enviou é a melhor corõa que se tem entretido á memoria do illustre poeta. Coroas d'estas, não ha vento que as desfolhe, nem pó que as consuma!

Mattos, Malta ou Matta?

NOVAS REVELAÇÕES

SEGUNDA CARTA

« Sr. redactor da *Semana*.

Não sei se lhe agradeça o seu procedimento com a minha carta ou se lh'o censure; o que afianço é que elle me surpreendeu de veras e, se não me magoou, tambem não me produziu grandes impressões de gosto.

Esperava que V. S., attendendo ao meu justo pedido, se limitasse a extrahir, de tudo que lhe enviei, uma pequena noticia e, quando vi a minha carta publicada na sua integra e, quando tive occasiãõ, de ver a sensaçãõ que ella produziu sobre o publico d'esta capital, confesso-lhe, Sr. redactor, tive sérios receios de haver commettido uma leviandade.

Porque, cumpre declarar, eu não tenho o habito de me articular directamente com as massas populares, e sempre que me vejo alvo de attenções geraes, apodera-se de mim um tal constrangimento e uma tal anciedade, que chego a ficar doente.

Entretanto, V. S. teve a prudencia de occultar o meu nome e o de outras pessoas que citei, e isso já é para mim não pequena animaçãõ.

Nem sei qual seria a minha conducta, se V. S. não tomasse tão delicada resoluçãõ. E, já que as coisas seguiram esse caminho, estou disposto a não retroceder, e declarar p'ra frente tudo que me constar a respeito do assumpto.

Como lhe disse na minha primeira

correspondencia, apenas o que me ficou da investigação da hospedaria foi um cartão de visita onde se lia o nome de *Castro Matta*.

Pois bem, Sr. redactor, armado d'esse documento, saí a tomar informações no quartirão inteiro e vim a saber por um homem do ganho que este proprio levára para a ponte das barcas Ferry um bahu de folha com as iniciaes J. A. C. M.

Peço-lhe informações sobre o dono ou dona d'essa bagagem, e elle me respondeu que a pessoa que lh'a entregára era um homem alto, magro, de cabellos pretos e barba á ingleza, vestido com certa elegancia, de polainas e chapéu alto, mas que não podia affiançar se elle era ou não o verdadeiro dono da bagagem ou simplesmente um encarregado d'ella, visto que o sujeito, a cada passo que dava, dizia com um gesto de impaciencia:— « Que massada! Que massada! »

E o carregador declarou mais que, indo a tomar uma caixa de chapéu de senhora que o sujeito tinha sobre a mala, elle a defendeu com certo interesse e disse que não se encomodasse com a caixa, que elle mesmo a levaria e que, ao mette-la debaixo do braço, acrescentára:

— Não l d'esta não me separo por coisa alguma!

— E elle não te disse como se chamava? perguntei ao homem do ganho.

— Saiba vocemecê que não senhor; mas quando cheguei á estação, encontrei-o de braço com uma senhora, que lhe dava o tratamento de « seu Joãozinho. »

Estas duas palavras fizeram-me pulsar o coração com maior força.

— E essa senhora, que estava com elle? interroguei de novo—essa senhora que especie de gente mostrava ser? Qual era o seu typo? Era baixa, gorda, ou magra e alta?

— Nem muito baixa, nem muito gorda, assim pelo feitio d'aquella madama que alli vem.

E o ganhador apontou com o seu velho chapéu de lebre para uma franceza que se encaminhava para o nosso lado e que era justamente da estatura de minha mulher.

E era morena? perguntei em crescente sobresalto.

— Nem por isso; mas era... era moreninha e com umas faces rosadas que faziam gosto. Lembra-me ainda que, n'uma occasião em que o sujeito lhe disse alguma coisa ao ouvido, ella soltou uma risada muito gostosa e eu vi então uns dentes mais alvos que esse peito de sua camisa.

Corri instinctivamente o: olhos pela minha camisa e lembrei-me da branca seductora dos dentes de minha mulher.

— E como estava vestida? inqueritei de novo.

— Homem! Disso não me lembro!...

— Diabo! praguejei.

— Ah! agora me recordo! Estava toda de preto e tinha um chapéu de palla escura que lhe escondia os olhos.

Os olhos? E de que cor eram elles?

— Não lhe posso dizer, patrão, porque o chapéu não deixava...

— E' a mesma, não tem que ver! pensei, lembrando-me de um chapéu de dous mezes antes eu havia comprado para minha mulher na *Notre Dame*.

E, mettendo uma nota de dez tostões na mão do homem, acrescentei:

— Ora diga-me cá! não reparou se a sujeita tinha algum sestro?

— Sestro?

— Sim! Pergunto se ella não tinha o costume de fazer alguma coisa particular com as feições ou com alguma parte do corpo.

— Parte do corpo?

— Quer dizer, se ella não tinha algum cacuete.

— Que diabo vem a ser isso?

— Máu! Agora é você que me interroga! Pergunto-lhe, homem de Deus, se a sujeita não piscava com os olhos, não mexia com a bocca ou não sacudia os hombros.

— Mexia, patrão, sacudia e piscava.

— Tudo a um tempo?!

— A um tempo, como?

— Bem, já vejo que não arranjamos mais nada. Adeus, obrigado.

— Ah! É verdade, disse o homem, voltando a ter commigo, ella, patrão, todas as vezes que fallava, lambia os cantos da bocca...

— Lambia os cantos da bocca?! Ah!

Já não podia haver duvida! Era ella! Era minha mulher! Era Margarida.

Quando voltei a mim da ultima revelação do carregador, este já não estava em minha presença, ao passo que a franceza, que lhe servira de comparação para me dar idéa do tamanho da sujeita, permanecia ao meu lado e observava-me de um modo estranho.

Eu, porém, não me sentia disposto a prestar-lhe attenção e corri a tomar o bonel das barcas Ferry.

Eram cinco e meia; ainda tinha tempo talvez de encontral-os nas ruas de *Nittheroy*. Entrei na estação como um louco, procurando descobrir em todas as pessoas, em todas as coisas um indício que me pudesse elucidar n'aquella conjuntura.

Nada! nada!

Fui para bordo, assentei-me ao canto de um banco no tombadilho, e confesso que nunca achei que as barcas Ferry caminhavam tão devagar. Sentia impetos de atirar-me ao mar; uma vontade dolorosa de ehorar estrangulava-me a garganta. Não podia estar quieto, ergui-me, dei algumas voltas pelo tombadilho e afinal desci.

Imagine, Sr. redactor, qual não foi a minha surpresa quando na primeira phisionomia que meus olhos descobriram, reconheci a mesma franceza que servira de comparação ao homem do ganho.

— Será talvez uma coincidencia... pensei, e resolvi não mais cuidar d'isso.

Mas a franceza se havia levantado e, vindo ter commigo, disse em meia lingua:

— Se quiser saber o que foi feito d'elles, acompanhe-me, quando chegarmos.

Quiz pedir mais algumas explicações, mas a franceza, como se a coisa não fosse com ella, alastou-se e retomou na barca o lugar que havia abandonado e a leitura de um livro que tinha interrompido.

a. Sou de V. S.
-5 Attº erº e venº.
3
...

ELEIÇÕES

PROVINCIA DO RIO (9º districto)

Até hontem o resultado final d'esta eleição era o seguinte:

Segundo o *Jornal do Commercio*:

Resultado conhecido, faltando Palmeiras, que não altera:

Dr. França Carvalho (eleito)..... 507
Conselheiro Pereira da Silva..... 484
e l em separado.

Segundo a *Gazeta de Noticias*:

França Carvalho..... 515
Pereira da Silva..... 499

Segundo o *Paiz*:

« Está eleito deputado pelo 9º districto da provincia do Rio de Janeiro o Sr. dr. Carlos Antonio da França Carvalho. » tendo o Sr. Pereira da Silva 499 votos e o Sr. França Carvalho 515, isto e:—resultado identico ao publicado pela *Gazeta*.

Mas a *Folha Nova* e o *Brazil* deram como definitivo o seguinte resultado:

« Pereira da Silva (C.)..... 520
França Carvalho (L.)..... 499
faltando unicamente Palmeiras, que não altera. »

Nesta divergencia de opiniões entre o *Jornal*, a *Gazeta* e o *Paiz*, que dão como vencedor o Sr. França Carvalho; e a *Folha Nova* e o *Brazil* que dão a victoria ao Sr. Pereira da Silva, pedimos licença para dizer que temos fundados motivos para acreditar que é este ultimo resultado o verdadeiro.

A differença provem da eleição de Guapymirim, cujo resultado não é o publicado pelo *Jornal*, *Gazeta* e *Paiz*, mas sim, o que foi dado pelo *Brazil*, isto e:—F. Carvalho 27. P. da Silva 19.

O resultado da eleição de Guapymirim dá ganho de causa ao Sr. Pereira da Silva com uma maioria de 12 ou 13 votos.

Em todo o caso, esta eleição tambem será contestada, segundo protestos já apresentados, e é provavel que ambos os candidatos... recebam diploma; o que não seria para admirar.

S. PAULO (5º e 9º districtos)

A *Gazeta de Noticias* publicou hontem o seguinte resultado:

5º districto

Abellardo de Brito..... 219
Duarte de Azevedo..... 206

9º districto

Delfino Cintra..... 725
Moura..... 410

E o *Jornal* o seguinte telegramma:

S. Paulo, 8 de janeiro.

« Na cidade de Botucatu, pertencente ao 5º districto eleitoral, onde hoje se effectuou o segundo escrutinio, sendo candidatos o conselheiro Duarte de Azevedo e Dr. Abellardo de Brito, effectuouse regularmente o processo eleitoral dentro da igreja, sem que conste haver sido alterado por qualquer perturbação.

« A' meia legua da cidade, porém, um grupo de cerca de 50 individuos impedio eleitores de entrarem na mesma cidade e fez uma morte, dous ferimentos graves e dous leves.

« O delegado de policia de Botucatu (militar) fez corpos de delicto e abriu inquerito.

« Deve partir hoje d'aqui para Botucatu o chefe de policia com força de linha. »

Bonito! Muito bonito!

THEATROS

A tout seigneur tout honneur.

Principiaremos por dizer que o nosso grande actor Guilherme de Aguiar, talvez a mais completa organização artistica do nosso theatro, fez beneficio antehontem, dando o *Boccacio* em segunda representação, nesta época, como dizem os empresarios que remontam peças. Lá cantou com toda a distincção e letras grandes a Sra. Rose Merys, e lá nos appareceram aquelles soberbos typos da famosa opereta, representados por Vasques, Mattos, Arêas e Guilherme, que são gostosas gargalhadas têm feito dar o nosso publico.

O beneficiado, como era de rigorosa justiça, foi muito victoriado pelos espectadores que tanto o estimam e admiram.

No mais—pobriissima a semana, de acontecimentos theatraes.

O Torres, forçado pela chegada do Braga Junior, deixou o Lucinda e lá se foi com armas e bagagens e galin Ferreira e tudo para a Phenix, que e agora o refugio de todas as companhias obrigadas a deixar a rua do Espirito Santo, que devia presentemente cha-

mar-se a rua do Theatro, mudando-se o nome da actual para rua dos Guarda Vestidos, pois é o que mais se vê por lá.

O Recreio continua com as *Tres mulheres para um marido*, enquanto prepara *O pae de Marcial*, peça em 4 actos de A. Delpit, auctor do afamado *Filho de Coralia*.

Se Delpit se lembrasse de dar a este *filho* aquelle *pae*, estavam os galans que fazem o Daniel livres de gramarem tantos e tão penosos insultos no terceiro acto, e salvava-se a moralidade publica. Para isso bastava que, quando Daniel perqunta a Coralia:

— Mas... quem é meu pae?

... ella lhe respondesse:

— Ora essa! Na opinião do teu avô Delpit—é o pae de Marcial.

Isto é uma idéa; talvez não me acreditem, mas é. Agora se o illustre escriptor francez quizer adoptal-a... posso assegurar-lhe que o nosso conservatorio hade ficar satisfeito.

A companhia lyrica do Polytheama deu-nos o *Ermani*, em beneficio do barytono Russo.

Foi muito applaudida a estimada opera de Verdi.

Deve estrear hoje no *Recreio* a actriza Julia dos Santos, um bello talento, que uns tantos especuladores de *mambembes* da roça procuram estragar. Para que se não diga que exaggeramos leia-se o programma do espectáculo de hoje, em que a interessante menina é annunciada como um phenomeno teratologico, um pinto de seis pernas ou um rato de duas cabeças. E é a pobre creança que desempenha todo o longo programma do espectáculo!

Está concluida a revista do anno passado, feita por Arthur Azevedo e Moreira Sampaio. O seu titulo definitivo é — *Cocota*. Deve represental-a a companhia do Braga Junior, proximamente, no theatro Lucinda.

Falleceu em dias do mez passado o Dias Guimarães, um velho auctor dramatico portuguez, que de ha muito arastava uma vida desgraçadissima, por causa de graves enfermidades e extrema pennria.

Dias Guimarães era auctor de um dos dramas e de uma das scenas dramaticas mais conhecidas do nosso publico: *O Poder do Ouro* e a *Cerração no Mar*.

Como obra de arte, *O Poder do Ouro* não offerece grande resistencia á critica; mas se a considerarmos como peça do genero portuguez que predominava no tempo em que elle foi escripto, e que consistia em collocar invariavelmente um cynico de barba á ingleza, um centro grave, um jocosos, um galan terno, uma ingenna e uma matrona em conflicto de sentimentos e de acção, sobre a scena, podemos dizer que o *Poder do ouro* foi o melhor specimen que appareceu do genero, a peça mais completa e mais bem feita da antiga comedia-drama portugueza.

Seja-nos licito, pois, recordar hoje o nome do velho escriptor morto, com saudade e pezar.

No nosso numero passado promettemos dar hoje um trecho da tragedia de Echegaray, em ensaios no *Recreio*—*No Seio da Morte*. Não nos é possivel cumprir a promessa... por falta de espaço. Como promettemos sob essa condicção, fica para o n. 3.

CORREIO

Sr. L. FREITAS.—Não publicamos os seus versos. Tenha paciencia. São tão tristes e tão incorrectos que tivemos pena dos coitadinhos.

Sr. MANOEL IGNACIO.—O seu pedido não pôde ter logar por falta de tempo. Agradecemos sua lembrança. Seja nosso amigo como demonstrou.

Sr. F. LOPES.—Se a nossa folha fosse maior publicaríamos seu recitativo.

Honra lhe seja feita:— não tem um verso errado!

Sr. JOÃO AMADO DA SILVA.—Sómente os assignantes d' *A Semana* têm o direito de consultal-a. Assigne-a, portanto, e receberá resposta da sua consulta.

DECLARAÇÕES

A SEMANA

O escriptorio d' *A SEMANA* está aberto todos os dias— das 8 horas da manhã ás 8 da noite.

Declaramos para os fins convenientes que são nossos empregados os seguintes senhores:

— Valentim da Costa, principal agente e reporter.

— Oscar da Silva e Oscar de Castro, cobradores.

— Antonio Luiz do Conto, agente e cobrador em Nichtheroy.

— Diogo Francisco Moreira, agente.

ANNUNCIOS

A SEMANA

Acceita annuncios nas seguintes condicções:

Nas ultimas paginas, na secção propria, a 2\$ cada um dos quadrinhos. Intercalados no texto, entre os artigos de redacção, 500 réis a linha. Em logar especial, de inevitavel leitura, 1\$ a linha.

Manchas do rosto, pannos, espinhas, etc., etc., desapparecem em pouco tempo com o leite virginal, unico deposito rua dos Ourives n. 163, 2\$000.

COLLEGIO PUJOL

NA

ESTAÇÃO DOS MENDES

(E. F. PEDRO II)

A 3 horas da Corte

CURSO COMPLETO DE PREPARATORIOS

16 ANOS DE EXISTENCIA

EXTERNATO JOÃO DE DEUS

60 RUA SETE DE SETEMBRO 60

Curso geral de instrucção primaria e secundaria, das 9 horas da manhã ás 4 da tarde.

HORARIO

Instrucção primaria.....	9— 3
Portuguez.....	12— 1
Francez.....	9—10
Inglez.....	3— 4
Latim.....	9—10
Italiano.....	3— 4
Allemao.....	3— 4
Philosophia.....	11 1/2—12 1/2
Rhetorica.....	11—12
Historia.....	11—12
Geographia.....	10—11
Arithmetica.....	12— 1
Geometria.....	1— 2
Algebra.....	2— 3

TISICA PULMONAR

HERVA HOMERIANA



Remedio poderoso e eficaz para a cura da **tuberculose pulmonar chronica** e de todas as molestias do pulmão e da garganta, licenciado pelo Ministerio dos Negocios do Imperio e approvado por muitos governos e juntas de hygiene da Europa, que fizeram obrigativo o uso da

HERVA HOMERIANA

nos respectivos hospitaes.

É usado tambem nesta corte, nos hospitaes da Sociedade Portuguesa de Beneficencia, da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, de Marinha e Ordem Terceira de S. Francisco de Paula e na Santa Casa da Misericordia da cidade de Rezende.

Unico agente para o Brazil **CARLOS BERTINI**, com deposito geral á rua do Senado ns. 16, 18 e 18 A.

Vende-se tambem nas principaes drogarias e pharmacias da corte e das provincias.

PHARMACIA FARIA

209 RUA DO GENERAL CAMARA 209

PROXIMO AO LARGO DE S. DOMINGOS

Reclames

Publicam-se n'esta folha *reclames* commerciaes sob a fórma de contos, poesias, noticias, etc... Verdadeiras armadilhas, agradaveis e infalliveis, á attenção do leitor. Preços variaveis, conforme a natureza e o tamanho da *reclame* e mediante previo ajuste no escriptorio da folha — Travessa do Ouvidor n. 36, sobrado.

LINGUAS

PORTUGUEZ, FRANCEZ E INGLEZ

PROFESSOR — RODOLPHO PORCIUNGULA

Informações no escriptorio desta folha

DR. SEQUEIRA

ADVOGADO

RUA DO HOSPICIO N. 102

ALBUM DE DANSA

No Imperial Estabelecimento de Planos e Musicas de Buschmann & Guimarães encontram-se as seguintes novidades:

POLKAS — « Dudú » por Quirino R. Vieira.
 » « Teus olhos me matam » » » » »
 » « Radiante » » Francisca Gonzaga.
 » « Si fuera verdad! » » » »

QUADRILHAS — « Harmonias brasileiras » por Quirino R. Vieira.
 » « Arcadia » » Franc.ª Gonzaga.
 » « Stella » » Frederico Mallio.
 VALSAS — « Perola » » Geraldo Ribeiro.
 » « Comme je t'aime! » » Olivier.

52 RUA DOS OURIVES 52

MENEZES VIEIRA

JARDIM DAS CRIANÇAS

26 RUA DOS INVALIDOS 26

TRABALHOS DIDACTICOS

VENDEM-SE NAS PRINCIPAES LIVRARIAS DA CORTE

AU GRAND FIGARO

SALÃO DE BARBEIRO E CABELLEIREIRO

Grande

e variado sortimento de perfumes

VIANNA & COSTA

34 D RUA DOS OURIVES 34 D

CORSARIO

Grande e completo sortimento de camas, berços, colchões, almofadas, lavatorios, cortinados, e cadeiras

UNICA CASA NESTE GENERO

106 Rua da Assembléa 106

TINTURARIA DO PAVÃO

A VAPOR

Soares & Ferreira

Neste bem montado estabelecimento, tinge-se, limpa-se e concerta-se toda e qualquer roupa de homem, bem como tinge-se fazendas de lã, seda, linho, algodão, fitas, chapéus, chales, etc.

TIRA-SE MOFO DAS FAZENDAS — TINGE-SE EM 24 HORAS PARA LUTO

Lava-se, tinge-se e enforma-se chapéus de homem.

Temos machinismos para trabalhar tão perfeitos como as melhores fabricas na Europa. Superiores tintas para escrever.

149 Rua Sete de Setembro 149

ZEFERINO PEREIRA

SAPATEIRO ESPECIAL

213 RUA SETE DE SETEMBRO 213

Fabrica-se todo e qualquer calçado sobre medida, por mais difficil que seja. Para homens, senhoras e crianças.

ESPECIAL EM FANTASIA

RIO DE JANEIRO

Aos Srs. Chefes de Familia

IMMINENTE PERIGO DE VIDA!

Com o unico fim de salvar a nossa responsabilidade, prevenimos a todos os consumidores do nosso kerozene inexplorativo denominado SALVA VIDAS E PROPRIEDADES, privilegiado e premiado com o diploma de honra, pela secção de Salvação Publica na Exposição Scientifica de 1884, a maior cautela e toda a attenção para algumas imitações na cor, cuja fraude e falsificações têm se espalhado, principalmente nos arrabaldes, o que, além da infracção bem definida de nosso privilegio, constitue um grande perigo de vida em todas as casas que, por ignorancia, forem illudidas em sua boa fé, em usarem similhantes mystificações perigosas.

Todas as caixas do nosso kerozene, além da indicação do nosso depósito geral e nossa firma, tem em letras bem visiveis

SALVA VIDA E PROPRIEDADES

As latas, além da nossa marca registrada na Junta Commercial, têm a nossa firma de chancellia.

CORAL & CARDOSO

RIO DE JANEIRO

COLLEGIO CAMARA

INSTRUÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA

Reabertura das aulas a 12 do corrente

91 Rua do General Andrade Neves 91

S. DOMINOS DE NYCTHEROY

A Directora

D. Maria José de Albuquerque Camara.

CHAPELARIA DE LONDRES

CASA DE PRIMEIRA ORDEM

Recebe por todos os paquetes o que ha de novidade em chapéus das principaes fabricas de Paris, Londres e Hamburgo. Offerece grandes vantagens em preços porque recebe todo o seu sortimento directamente

J. C. M. GUIMARÃES JUNIOR

82 Rua Sete de Setembro 82

AO SAPATEIRO IBERICO

EUZEBIO LOURENÇO

153 Rua Sete de Setembro 153

EM FRENTE Á TRAVESSA DE S. FRANCISCO DE PAULA

Calçado sobre medida, para homens, senhoras e crianças. Especialidade em calçados de setim, velludo, etc., etc., saitos á Luiz XV.

Encarrega-se de mandar bordar qualquer calçado a ouro. Aprompta com brevidade calçado para casamentos, bailes, theatros, etc., etc.

ANTIGA CASA CAVALIER

C. S. CAVALIER-DARBILY

Objectos de escriptorio, desenho, pintura, lithographia e typographia

144 RUA SETE DE SETEMBRO 144

JUNTO AOS FUNDOS DO THEATRO GYMNASIO

JAMES E. HEWITT

PROFESSOR DA LINGUÁ INGLEZA

134 RUA DO ROSARIO 134

A SEMANA

Publica-se aos Sabbados

POR TRIMESTRE :

Dentro e fóra da capital:
28000 rs.

DIRECTOR — VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO

NUMERO AVULSO

Do dia 100 rs.; atrazado
200 rs.

Não se restituem originaes, embora não publicados.

SUMMARIO

Historia dos sete dias — Como nos receberam — O *Diário Mercantil* — Pitadas ecclesiasticas. *Satanaz do Silva* — Semprel soneto. *Filinto de Almeida* — Atentado — Bolos, *Chico Ferula* — O bom Deus, *Theodoro de Bourville* — Facto grave — O Luz, *Luco de Mendonça* — Vaso de flôres (poesia). *Alfredo de Souza* — A *Ilustração* — Carnaval da Historia, *Pedro Veron* — Poesia e poetas. As «Opalas»; *Urbano Duarte* — Matos, Malta ou Malta? Novas revellações — As Meridionaes, *Sousa Monteiro* — Theatros — Per agros; *Luiz Delfino* — Tratos á bola; *D. Postel* — Correio — Recebemos — Declarações — Annuncios.

A SEMANA

Rio, 17 de janeiro de 1885.

HISTORIA DOS SETE DIAS

A semana decorrida do dia 10 ao dia 16, se não é das mais interessantes, não é tambem das mais chôchias.

Tanto daria duas paginas como duas columnas.

Isto de chronicas é como a borracha do Pará e o formato da *Folha Nova*: — encurta ou cresce conforme se estica ou se aperta o assumpto. Apertemol-o, porque é pouco o espaço.

Toda a semana foi occupada pelas cinco seguintes questões, de que se alimentaram as folhas: — Casas de jogo; officio do Sr. ministro da justiça louvando os serviços do Sr. Mito de Tattos, digo: Tattos de Mitto; a tragedia do Bom Sucesso; a pendenga comico-scientifica entre o Sr. Dr. Pedro Affonso e os seus collegas da Academia de Medicina sobre o humero do interminavel Castro Malta; e as eleições.

Vamos por partes e... depressa.

I. CASAS DE JOGO. — Graças á iniciativa de um subdelegado zeloso, tem a policia dado nas tocas mysteriosas da jogatina, que, como occultas e monstruosas bocas de esgoto, vão sugando e sumindo as penosas economias de grande parte da nossa população.

A policia bem sabia onde eram esses covis da batóta, essas espeluncas do barato, assim como tambem ninguem ignorava as razões porque sómente agora se lembrou a policia de visital-as. Depois de varejadas e varridas as suppostas casas de *cosmoramas* e *cavallinhos*, mas na realidade perigosos focos de jogo.

depois de photographadas as durissimas caras dos heróes da sóta e da *vermelhinha*, — a realizar-se essa excellente idéa do digno actual chefe de policia — feita essa primeira limpa urgentissima, deve a policia completar a sua obra. Suba um pouco mais n'essas baixeiras e atire-se sem dó nem medo ás outras casas de jogo; áquellas em que se fazem *paradas* de contos de réis e em que altos figurões de *gravata lavada* não se dedignam de puxar a orelha á sóta na doce e moralisadora companhia de *cocottes*, por demais conhecidas. A policia bem nos entende... *A bon entendeur... salut!*

II. ELOGIO AO EX-CHEFE. — Se querem que lhes fallemos com franqueza, devemos dizer-lhes que não achamos motivo para tamanha grita nem tamanho espanto no facto de haver o Exm. *sodré* da Justiça elogiado em officio « os bons serviços » prestados pelo Sr. Tattos de Mitto durante o tempo em que exerceu o cargo de chefe de policia.

E' verdade que o governo imperial declarou que praticava um acto de justiça (*sic.*) *lascando* esse elogio ao Sr. Tattos; não é menos verdade que isso é o requinte do desrespeito á opinião publica, o cumulo do *que bem me importa!*... com a imprensa e com o proprio Imperador, o qual, segundo constou geralmente, *amolou-se* muito com o procedimento do dito Mitto.

Mas se agora se levanta semelhante gritalhada, tamanha *espantarração*, que se dirá, que se fará — quando o Sr. desembargador fôr elevado á dignidade de barão — das Calottes, por exemplo?

O que nos admira a nós, não é o elogio ministerial aos bons serviços *titaneos* do ex-chefe; o que nos admira é a admiração que isso tem causado.

E' porventura este o primeiro facto? Que diabo! já era tempo de estarmos acostumados! O Sr. Belarmino, de peregrina memoria, fez o que fez, e o que todos sabem, no *incidente* Apulcho; e agora, como recompensa, trata-se de aboletal-o na Relação da Côrte; o que, aliás, tem merecido a entusiastica approvação d'O País!

Fechemos, portanto, as nossas bocas espantadas e preparemo-nos philosophicamente para receber a noticia de que o governo imperial, muito grato e commovido pela lembrança dos bons serviços

prestados pelo Sr. Mitto no *incidente* Malta, houve por bem nomeal-o... vice imperador do Brazil.

III. A LEI DE LYNCH. — Durante a nova applicação dessa lei em Bom successo, na provincia de S. Paulo, fuge-nos toda a alegria e os mais tristes e penosos pensamentos nos acommettem.

Desta vez o *lynchado* não foi um escravo, assassino do seu proprietario; foi um homem livre. Como explicar então o horrivel delicto?

Por mais barbaro e revoltante que se considere o crime de José Rodrigues do Nascimento, assassinando Salvador e os seus tres filhos menores, não menos barbaro nem menos revoltante é o crime da multidão, arrancando Nascimento á cadeia e arrastando-o pelas ruas, amarrado a uma corda, até que o desgraçado expirasse esphacelado!

Ai de nós, se a justiça que se baseia na lei é substituida pela justiça das multidões!

IV. — QUESTÃO SOBRE O HUMERO DE MALTA. — Interessantissima.

A commissão da Academia de Medicina expoz na *vitrine* da casa Laemmert alguns humeros serrados e preparados de modo a mostrar no collo cirurgico o canal medullar, cuja existencia o dr. Pedro Affonso negára impavidamente.

Em resposta, o Dr. Pedro Affonso publicou o seguinte:

« Em nome do decoro e da dignidade de nossa classe, e sobretudo das cadeiras que occupamos na Faculdade de Medicina, peço aos collegas que retirem das vidraças da casa Laemmert a exposição que alli fizeram! »

Nunca imaginei que para sustentar um erro como o de terem dito que havia canal medullar no colo do humero, quer anatomico quer cirurgico, os collegas ousassem expor ao publico humerus de que *artificialmente* fizeram *cavar* *aquelle canal até onde lhes pareceu!*

E' o cumulo da má fé e do desprezo para a classe a que pertencemos e para este credulo publico. Cahirá sobre suas consciencias toda a responsabilidade de tão errado passo.

Tomo á minha conta a demonstração deste attentado, se persistirem no proposito desta exposição. »

Esta accusação é gravissima.

E' d'aquellas que, entre gente leiga em medicina, traz muitas vezes como resposta — a bengala.

O illustre genro do Sr. Tattos accusa

os dignos membros da comissão de um acto indigno, indecoroso, infame!

Além de ignorantísimos em materia que devem conhecer perfeitamente, acobardados de embusteiros e falsificadores. Ataca-os na sua dignidade de profissionais e na sua honra de cavalheiros, no seu caracter de homens!

Mas os accusados não perderam a calma e a prudencia indispensaveis em tão grave emergencia; e, em vez de responderem a bengaladas, como era para temer, responderam pelo *Jornal* nos seguintes termos, precisos, alevantados e dignos:

« Graças a Deus, nenhum de nós seria capaz de praticar a feia acção, que o Sr. Dr. Pedro Affonso nos attribue; e appellamos do juizo de S. S. para o dos nossos collegas, pedindo-lhes que vão decidir se o canal medullar dos humeros, que se acham expostos na casa Laemert, está fraudulentamente cavado por nós.

Em nome do decoro da nossa classe, em nome do sentimento da verdade e da honra de todos nós: convidamos o Sr. Dr. Pedro Affonso a expôr publicamente humeros, que tenham sido abertos por S. S. e que sejam diferentes dos que expuzemos!

Eis o meio de tirar a limpo a verdade.

Quanto á retirada, que S. S. exige, dos ossos em exposição, é isso um contra-senso: se o acto que S. S. nos imputa é verdadeiro, convém conservar o corpo do nosso delicto; se a imputação é falsa, importa á nossa de feza que a exposição subsista.

DR. NUNO DE ANDRADE.
DR. JOÃO BAPTISTA DE LACERDA.
DR. JOSÉ PEREIRA GUIMARÃES. »

Hontem declarou o Dr. Pedro Affonso pelo *Jornal* que estava preparando tres humeros, que exporia a seu tempo, para provar irrefutavelmente que não existe canal medullar no collo do humero.

Vamos ver um duello inteiramente novo, desconhecido até hoje: o duello a —osso. Empunhem os membros da comissão os seus, e ponham-se em guarda á espera dos ossos do Dr. Pedro Affonso. Eis aqui uma questão cada vez mais dura de roer. Esperemos pelo duello.

V. AS ELEIÇÕES.— Vão perdendo de interesse. São tão contradictorias as noticias e tão suspeitos e atrapalhados os telegrammas que diariamente nos chegam das provincias, que, afinal, como ninguem sabe ao certo no que ha de acreditar, cansaram-se todos d'essa estranha gymnastica intellectual de adivinhar deputados—como quem adivinha charadas — e passaram a pensar em cousas mais intelligiveis e menos massadoras. Entretanto parece que foram eleitos mais os seguintes Srs.:—cidadão Antunes Maciel, de Pelotas; Prudente de Moraes, republicano, e conselheiros Duarte de Azevedo e Martim Francisco, por S. Paulo; Dr. Leopoldo Cunha, pelo Espirito-Santo; Drs. Itaquí e Diana, pelo Rio-Grande do Sul; Gomes de Castro, pelo Maranhão; Justiniano Chagas, Vaz de Mello, Alvaro Botelho, e Antonio Carlos, por Minas; e talvez outros ainda.

Como, porém, a secção propria para

charadas é a dos *Tratos á bóla*—deixemo-nos de eleições.

Se acrescentarmos ao que ali fica uma furibunda enchente no municipio de Capivary, a qual matou 15 ou 16 pessoas; mais uma victima,— e d'esta vez uma pobre eriança,— dos *assassinos* (vulgarmente: *bonds*); que SS. AA. Imperiaes continuam a viajar pelo Rio Grande do Sul, sem que ninguem tenha dado por isso; que o Sr. Mito de Tattos recebeu ruidosa manifestação de apreço, obrigada a *bonds*, ramos de flores, musica poliecial, cartas de biclas, apupos e limões de cheiro, (de *cheiro* é um modo de dizer); manifestação feita unicamente pelos seus ex-subalternos da policia, se acrescentarmos esses *poses*— teremos concluida a historia dos sete dias.

Pois estão acrescentados; e, portanto: *Ite, missa est.*

COMO NOS RECEBERAM

A *Gazeta de Noticias* occupou-se com A *Semana* no seu noticiario e na *Chronica Semanal*.

Eis a noticia:

A SEMANA

« Com este titulo começou hontem a ser publicada, sob a direcção do nosso collaborador Dr. Valentim Magalhães, uma nova folha hebdomadaria. Melhor do que nós o poderíamos fazer, o seu director explica do seguinte modo os intuitos da nova publicação:

(Segue-se a transcripção de um trecho do nosso programma e dos nomes dos redactores.)

« Quanto á collaboração—será representada pelos nomes mais conhecidos e respeitadas nas letras e nas sciencias. De-elinal-os seria estender inutilmente uma lista enorme, além do inconveniente de impedir a surpresa de encontra-os, assignando os seus interessantes e valiosos trabalhos.

« Com tal programma e dispondo de tão brilhante collaboração, é de suppor que A *Semana* tenha longa e prospera vida.

« E' o que sinceramentelhe desejamos.»

E na *Chronica*:

« Tambem tivemos o apparecimento d'A *Semana*, o elegante indice critico, que vai ser, dos successos litterarios, politicos, sociaes e de outros successos, expostos e commentados pelo nosso collega das *Notas á Margem*, ou em exposição critica por elle homologada... uma revista de novo genero e de feição nova.»

O *Brazil* exprimiu-se a nosso respeito nos seguintes termos:

A SEMANA

« E' o titulo de um novo periodico litterario que acaba de apparecer quasi com o anno, pois o seu primeiro numero foi hontem distribuido.

Collaborada por uma pleiade de moços intelligentes e cheios de aspirações, e que formam um dos grupos mais distinctos da nova geração de poetas e prosadores, este novo semanario está destinado a preencher uma lacuna que existia em nossa imprensa hebdomadaria, de amena leitura e agradável passatempo.

O primeiro numero vem bastante variado e os seus principaes artigos são

escriptos por pennas que, embora não assignem os nomes, denunciam-se como pertencentes ao numero dos mais festejados. A impressão é bem cuidada; pena e que o papel não corresponda a essa nitidez.

Agradecendo á illustrada redacção a graciosa offerta, favemos votos para que a *Semana* tenha longa e brilhante carreira. »

O *Pai*:

« Distribuiu-se hontem o primeiro numero da *Semana*, periodico que tem por director o illustrado collega da *Gazeta de Noticias*, o Sr. Valentim Magalhães, e que, como o seu titulo indica, é hebdomadario.

Propõe-se o novo orgão do jornalismo fluminense a fazer a historia completa e fiel da semana, dando a *nota do dia*, e tendo para isso secções que se refiram ao movimento litterario, scientifico, artistico, politico, etc.

Para satisfazer tão auspicioso programma apresenta-nos o estimado jornalista que dirige a nova folha, escriptores que garantem a sua fiel e magistral execução. Com redactores como os Srs. Arthur Azevedo, Aluizio Azevedo, Urbano Duarte, Pedro Americo, Alberto de Oliveira, Alfredo de Souza, Filinto de Almeida e Luiz Murat, não pôde a *Semana* deixar de conquistar o melhor acolhimento do publico, que já aprecia e conhece o merito litterario e artistico dos seus redactores. »

O *Apostolo*:

« A *Semana*.—Sahiu, como estava annunciado, este periodico, hontem, primeiro sabbado d'este anno, e do qual recebemos o primeiro numero

E' bem escripto e está sob a direcção do Dr. Valentim Magalhães, pelo que só se lhe pôde augurar prospera carreira e a mais franca acceitação do publico.

E' um jornal que por seu formato e plano, sob o qual é editado, formará no fim de algum tempo um interessante livro.

Agradecemos a visita. »

O *Diario Portuguez*:

A SEMANA

« Appareceu hontem o primeiro numero da *Semana*, hebdomadario de que é director o sr. dr. Valentim Magalhães, o popularissimo author das *Notas á margem*, da *Gazeta de Noticias*.

.....
.....
Como se vê, o plano do novo orgam é vasto e seria de difficil execução se os empresarios do symphatico periodico não contassem no corpo da redacção talentos de primeira agua; mas quando se tem o concurso de escriptores do pulso de Alberto de Oliveira, Alfredo de Souza, Aluizio Azevedo, Filinto de Almeida, Urbano Duarte e Valentim Magalhães, está seguro o triumpho em todas as pugnas onde se fizerem valer o talento e a erudicção.

Desejamos ao collega muitos annos de vida e que o publico lhe dispense o acolhimento a que tem direito.

Permutaremos. »

No proximo numero daremos conta da recepção que nos fizeram outros collegas da côrte e de S. Paulo, que foram para conosco igualmente amaveis.

Acha-se enfermo ha algum tempo o Sr. Arthur Barreiros, illustre moço, que tanto se tem feito admirar por seus escriptos de raro valor litterario, e estimar por suas qualidades de amigo e de cavalheiro. Desejamos-lhe de coração prompto e completo restabelecimento.

O «DIARIO MERCANTIL»

O nosso excellente collega de S. Paulo — *Diario Mercantil*, habilissimamente dirigido por Gaspar da Silva, tem publicado ultimamente, em magnifica reproducção lythographica, alguns preciosos autographos de homens illustres da Europa. Já deu á estampa uma carta de Girardin, talvez a derradeira por elle escripta, pois que o foi no proprio dia da morte, e outras de Meyerbeer e Sainte-Beuve.

Cada autographo é acompanhado de uma noticia critico-biographica escripta especialmente para esse fim por estimados escriptores brazileiros e portuguezes. No seu numero de 1.º do corrente publicou o *Diario Mercantil* uma bella carta de George Sand, dirigida, ao que parece, a Emilio de Girardin.

Sabemos que o *Diario* publicará proximamente autographos de Theoph. Gauthier e François Coppée, que serão acompanhados por artigos escriptos sobre aquelle, por Valentim Magalhães, sobre este pelo conhecido poeta Raymundo Corrêa.

Estes autographos pertencem á bella collecção da eminente atriz Lucinda Furtado Coelho e foram-lhe dados pelo grande escriptor francez Catulle Mendès.

Parabens ao *Diario Mercantil*.

PITADAS ECCLESIASTICAS

Ao « APOSTOLO »

Commentario anachronico:

« Não façás a outrem o que não querias que te fizessem. » Ora, se d'aquelles pobres diabos que morreram afogados no diluvio universal, algum adivinhasse que Deus viria á terra, em fórma de Christo, prégár aquella maxima, com quanta justiça lhe perguntaria:

— Então, Pae do Céu, quereria vossemecê que lhe fizessem uma d'estas ?

Um projecto de reforma no symbolismo catholico:

O Sr. S. José, tronco biblico dos maridos condescendentes, devia, ao menos, propor, em côrte celeste, que se aconselhasse o papa a resolver, da primeira vez que houvesse de fallar *ex-cathedra* que a figura do Espirito Santo passasse a ser, — em vez de uma pomba, — um cuco.

Nasce de cima a corrupção dos... mortaes.

O visconde de S. C., contemplando uma imagem do apostolo S. João:

— Rapagão! .. Como eu te compreendi bem, meu Divino Mestre!

Entre officiaes do mesmo officio:

PADRE:

Crê de Maria Santissima
Na virgindade, — é preceito.

FABRICANTE DE VINHO VIRGEM:

Crê vossa reverendissima
Na do meu vinho, — e está feito!

N'um exame de doutrina christã:

EXAMINADOR. — A humildade foi sempre uma das virtudes catholicas. Veja o menino o caso do propheta Ezequiel, a quem Deus mandava que comesse o seu pão com o esterco que sae do homem. A quem lhe mandasse o mesmo o que diria o menino?

EXAMINANDO. — Eu diria que... quem manda, também herda.

A uma *horizontal* em confissão exhortava o padre a que seguisse o exemplo de Maria, a Magdalena, hoje santa, porque amou a Jesus Christo.

ELLA. — Ah, Sr. vigario! eu também se apanhasse um fidalgo d'aquelles — para despedida... e com o rendimento que tem hoje!

SATANAZ DA SILVA.

SEMPRE!

Nas tristes horas d'este apartamento
Toda a razão de mim também se aparta,
Tanto monta que partas ou que eu parta:
E' sempre igual o duro soffrimento!

Esquecer-me de ti jamais intento;
Pois se de gosos temos a alma farta,
Mais gosos carecemos, que reparta
Com a nossa alma o nosso pensamento.

Triste e cruel destino, que nos chega
Um para o outro quando nos separa!
E como é para nós Fortuna cega!

Lucto, e vencer não penso nem consigo:
Fujo á tua presença que me é cara,
E quanto mais te fujo, mais té sigo!

25 de Dezembro de 1884.

FILINTO D'ALMEIDA.

Visitámos ha dias o laboratorio pharmaceutico do Sr. Eugenio Marques de Hollanda.

Bellissima a exposição dos já conhecidos e utilissimos preparados feitos pelo mesmo senhor.

Folgamos immensamente em ver no nosso paiz um estabelecimento digno de figurar ao lado dos melhoes que, n'este genero, se encontram na Europa.

D'aqui lhe diremos que desejamos immenso que sempre morra de *mentira*, e que nós vivamos de *verdade* para ter a alegria de no fim d'este anno e de outros visital-o e ao seu laboratorio.

ATTENTADO

O Sr. Gaspar da Silva, conhecido redactor do *Diario Mercantil*, de S. Paulo, foi, na manhã do dia 8 do corrente, victima de um gravissimo attentado, a que, segundo parece, deu causa um artigo ineditorial publicado nas columnas d'aquella folha.

O aggressor, o dr. Pedro Tavares Junior, considerando-se offendido em sua dignidade pela referida publicação, cuja auctoridade imputava áquelle distincto redactor do *Diario*, resolveu-se a ir á sua casa procural-o, a fim de lhe pedir uma explicação, que lhe foi terminantemente recusada, assumindo o nosso collega toda a responsabilidade da referida publicação.

A' vista d'isso, o dr. Pedro Tavares achou conveniente empregar como ultimo recurso um argumento irrefutavel, e lançou mão de um punhal que tivera a previdencia de levar em uma algibeira do paletot.

Houve lucta e queda — cabendo ao aggressor a posição mais vantajosa. Atacado de improviso, e com dois ferimentos no braço esquerdo, ainda assim pôde o Sr. Gaspar da Silva defender-se, arrumando no seu adversario dois valentes sóccos, que o puzeram quasi immediatamente fóra de combate.

O facto foi momentos depois levado ao conhecimento da auctoridade policial, que procedeu a inquerito, tomando as de mais providencias necessarias. O aggressor conseguiu escapar-se e hoje passeia incolume pelas principaes ruas da cidade, graças á interferencia benevola do aggreddido, que se oppôz á sua prisão.

Vae ser entretanto submettido a julgamento, achando-se os autos do processo, instaurado contra elle pela justiça, em poder do Sr. Dr. promotor publico. E' de esperar que o criminoso receba a punição de que é merecedor.

Terminaremos esta ligeira noticia fazendo notar o inqualificavel procedimento dos jornaes da capital, que se limitaram a dar aos seus leitores conhecimento da aggressão, em poucas linhas de prosa mascavada, excepto a *Provincia de S. Paulo*, que houve por bem fazer commentarios á espantosa occurrencia, manifestando-se, porém, a favor de Tavares, que ha tempos pertencera á sua redacção.

Espirito de classe é coisa que, na sua maioria, os jornalistas de S. Paulo desconhecem absolutamente.

Felicitemos a Gaspar da Silva, contentes de o sabermos escapo e illeso á furia do attentado, no qual se houve da maneira mais correcta e digna de um homem brioso.

BOLOS

Venha a mão, senhora *Folha Nova*. Vossa mercê está ensandecendo com a idade? Pois entre os seus innumerados guarda-livros não haverá um capaz de dizer quatro palavras com limpeza?

A sua litteratura commercial, o seu noticiario mercantil vae de mal a peor. A noticia que deu da «Semana» é coisa que se fizesse? Que diabo terá dentro da cachola o desgraçadinho que a escreveu?

Pederneira, chumbo, areia ou cascas de laranja?

Ter-lhe-hia subido o feno á cabeça?

E a sua noticia da ovação ao Sr. Tito de Mattos, em prosa *rimada*, no dia 15!

« Admiradores do dito, inspectores com apito, algum menino bonito, e outros que d'arma tem grito, tudo estava á coca no largo da Carioca, para não haver troca nos carros de ovação ao illustre patrão. »

E mais:

« As bicas da Carioca, em vez d'agua era oca, e no tanque uma phoca! Até parece moça! »

Ainda mais:

« Cheirou para ver o cheiro... era tinta de Monteiro! »

Como asneira, parece-nos monumental!

Nem dignidade jornalística, nem criterio, nem arte, nem grammatica! Um cumulo!

Aquelle sujeito que cheirou para ver, devia olhar para cheirar, apalpar para ouvir, escutar para apalpar e gostar para ver, ouvir, cheirar e apalpar.

O que se vê é que vossa mercê tem os sentidos todos trocados e embaralhados. Naturalmente quando alguém perguntar, por exemplo, a um dos seus carneiros :

—Gostas de relva, borrego? Elle responderá :

—Cheiro, sim, senhor.

*
* *

E o outro trecho : « As bicas da Carioca, em vez d'agua, era oca e no tanque uma phoca! »?

Que diabo de lingua é esta, menina? E' lingua bunda? Filia-se a algum dialecto africano?

Se o é, dizemos-lhe aqui á puridade, emi congo:

— Maximba!

Decididamente, a menina precisa entrar outra vez para a escola, se é que já por lá andou.

Um bocadinho de grammatica, não se abusando, uma vez por outra, não faz mal a ninguém.

Tambem, a vossa mercê só o que lhe falta é seriedade, dignidade, bom senso, intelligencia e grammatica.

O mais, tem tudo... e com fartura; vê-se que é filha do *Diario Popular*. De sandices então, é uma abundancia só comparavel á dos guarda-livros que lhe engraxam a prosa e os versos!

Até outra vez.

O *Escaravelho*, dos Apedidos, velha criança que se fez insecto para que lhe não quebrassem os dentes quando morria, disse no domingo que *A Semana* era leitura para homens.

Sim, senhores! O velho urso, em questões de critica litteraria está ao lado do Serafim Alves — que nos annuncios da sua livraria do Povo chama leitura para homens aos livros de Zola, Goncourt, Daudet, Maupassant, Eça e Teixeira de Queiroz, Lourenço Pinto e outros escriptores modernos.

A critica da rua do Ouvidor pede auxilio á da rua de S. José; o que desejamos é que esta lhe não responda fazendo o mesmo que faz ao cebo.

Agora, se o *Escaravelho* ainda fosse homem, sempre lhe perguntariamos se em vez da *Semana* seria capaz de ler a sua esposa ou a sua filha as correspondencias de Berlim e os annuncios da Garrafa Grande, do *Jornal do Commercio*.

Responda a isto com o ferrão na consciencia e não trate de averiguar se somos menos decente que o *Jornal*.

No mais desejo-lhe toda a rua de S. José, antiga do Parto, com critica, livreiros, cebo e tudo.

CHICO FÉRULA.

O BOM DEUS

Sob o immenso pórtico cujas pedras são feitas de luz extasiada, candente de amor, e da qual se o minimo átomo se desprendesse offuscaria o rebanho doudo dos Sôes, o bom Deus, em vestiduras de imperador, vê e contempla os Infinitos, sentado sobre o seu throno. Aos seus pés desenrola-se o éther fremente, semeado de pequeninos pontos brilhantes, quasi imperceptiveis, que são os Universos.

Perto d'Elle, estão os Anjos terriveis, que se eternecem porque ouvem chegar aos seus ouvidos—queixas, soluços e estertores.

— « Oh! Senhor, escutai, diz Ananiel. Innumeros mundos, immoveis e frios,

gelam-se, morrem de velhice. Vêde como se inteiriçam os seus cadaveres e pendem desesperadamente as cabelleiras inertes! »

Mas apenas acaba Ananiel de fallar, eis que nascem novos mundos, palpitam, crescem e, como crianças alegres, fogem, vôam arrebatados na ardente musica do Rythimo universal.

— « Meu servo, diz o bom Deus ao anjo, affligias-te por cousas que podem ser reparadas e renovadas pela inexgotavel Vida. Porque? Mas... dizei-me, que grito é este, queixoso e doce, que estou ouvindo como um flêbil murmúrio? »

— « Senhor, diz Zadakiel, tomando a palavra a seu turno, esse grito vem do humilde planeta, para sempre bemdito! —em que foi vertido o divino sangue. E' uma criancinha de Moulius (Allier) que deseja ter um polichinello. »

— « Mas, diz Raziél, vêde. Senhor! Eis que, n'esse mesmo planeta, um feroz conquistador devasta os reinos, destroe as cidades, tinge os rios de rubro sangue. Elle estrangulou montões de homens que deu em pasto ao seu leão, e esmagou as cohortes sob as patas dos seus elephantes. Atraz de si deixa mulheres estripadas, de labios brancos, pyramides de cabeças cortadas, campos em que a herva nunca mais brotará, esqueletos de aldeias calcinadas, e estradas nuas em que nada mais se vê do que cinza negra. »

A estas palavras os Anjos baixam tristemente as cabeças. Como, porém, o pensamento de Deus se commisere da sua tristeza, e como para elles não exista o Tempo, erguendo de novo os olhos, elles vêm—reconstruidos os templos, os jardins reffloridos, os campos cobertos de maduras mèses, e, junto aos rios tranquillos, mãis que amamentam aos seus bellos seios os filhos recém-nascidos, enquanto o sol do meio dia beija as frentes dos segadores.

— « Mensageiro, diz o bom Deus a Raziél, bem vêes que os males e os desastres serão sanados e que nenhuma dôr gritará em vão. Mas parte, vai depressa inspirar bons pensamentos á mãe do innocentinho que chorava ha pouco. Empenho-me muito em que essa criança tenha o seu polichinello. »

THEODORO DE BANVILLE.

FACTO GRAVE

Havendo chegado ao nosso conhecimento que se estava passando um facto de natureza gravissima em uma casa de certa rua de um dos nossos mais frequentados arrabaldes, entrámos immediatamente em indagações. Não nos havia enganado o nosso informante. Tudo era infelizmente verdade! Trata-se de um d'esses casos de inaudita crueldade, de uma d'essas aberrações inoraes, que se não pôdem comprehender e que assombram e alquebram tristemente o espirito quando n'ellas medita.

Temos colhido todas as informações necessarias e registrado nomes de pessoas respeitaveis, que conhecem perfectamente o facto em questão, estando promptas a depor sobre elle, se fôr necessario.

O caso é extremamente serio e demanda promptas e energicas providencias. Vamos pedil-as á policia, a qual, esperamol-o, porá cobro ao revoltante abuso, punindo os seus auctores, como elles merecem.

Para não despertar alarma e não perturbar os meios de acção policial, guardamos por hoje absoluto silencio sobre o caso.

Mas daremos aos nossos leitores circumstanciada e exactissima noticia de tudo o que houver occorrido—em supplementos e boletins que começaremos a publicar logo que fôr opportuno.

No proximo numero publicaremos uma soberba traducção de Catulle Mendes—*A esposa*, por Affonso Celso Junior. De ha muito que este delicado e mavioso poeta havia sido roubado ás musas pela politica. Felizmente não o foi de todo; e que a lyra do cantor das *Telas sonantes* não emmudeceu ainda prova-o essa formosa poesia, que vae enriquecer as paginas d'*A Semana*.

HORAS DO BOM TEMPO

(A VALENTIM MAGALHÃES)

O LUZ

(Continuação)

III

Conhecer o Luz sem o Castilho, não seria conhecê-lo bem; os dous completavam-se. Communistas ambos, eram inseparaveis, e admiravam-se, dignos um do outro. Viviam a porfiar em vagabundagem.

Nas horas vagas da pandega, e que eram raras, em vez de se entregarem por desfastio, como tantos outros; á leitura do *Direito*, os nossos dous amigos mettiam-se em casa a estudar... o noticiario do *Correio Paulistano*; e, como esse tinha sido o seu estudo durante a semana, ao sabbado, á hora da sabbatina na academia, ficavam os dous em casa, sentados á mesa do almoço, muito sériamente a argumentar—sobre o noticiario do *Correio*.

— Diga-me o meu illustrado collega: o que praticou o sr. major Antonio José de Freitas Seabra, no dia 14 do corrente, na cidade de Pirassununga?

— Um barbaro assassinato na pessoa de...

— Está ligeiramente equivocado o meu nobre collega: o que o sr. major Seabra praticou em Pirassununga, a 14 do corrente, foi uma acção d'essas que não se commentam—registram-se, concedendo

liberdade sem onus algum aos seus escravos Fabricio e Anastacio.

— Eu poderia demonstrar ao meu collega que foi precipitado em atalhar-me; eu lá chegaria; poderia demonstrar-lhe que não estamos em desaccordo, pois a acção do sr. major Seabra foi, como ia dizendo, um verdadeiro assassinato... da escravidão. Mas passemos a outro ponto. Queira ter a bondade de dizer-me,— e estou certo de que me satisfará, em sua reconhecida illustração,—a que molestia succumbiu, em Lorena, em dia do mez passado, o subdito italiano Vincenzo Viviani?

— A uma congestão cerebral.

— Desculpe, collega, o senhor está se espichando como uma vacca: aquelle subdito italiano suicidou-se.

— Mas, então, o meu collega teve a pouca vergonha de fazer-me uma pergunta capciosa.

— Estou no meu direito, usando de fórma capciosa; o collega é que não devia ser o asno que foi, para calir em engano tão grosseiro...

E a sabbatina, começada com apuros de cortezia, degenerava, como tantas outras, em grossa descompostura, até que um d'elles, imitando a vozinha suspirada e plangente do padre Andrade, chamava á ordem o sr. estudante.

*

No ultimo anno que teve em S. Paulo o Luz sahia, muitas vezes, para a rua, depois da meia-noite, vestido de mulher, armado de uma palmatoria do seu tamanho e precedido de um negralhão, que levava, acceso, á cabeça, um enorme lampeão de kerozene.

Ao primeiro transeunte retardado que encontrava, embargava-lhe o passo e com intimativa solemne declarava:

— Eu sou a Opinião Publica; ando velando pela moralidade privada e pela paz das familias. Isto não são horas de um cidadão morigerado estar fóra dos lençóes domésticos. Venha a mão!

Se o sujeito procurava evitar a sova, fugindo, era tempo perdido, porque o Luz corria-lhe atraz como um veado; e o filava outra vez. Se se dispunha a resistir, o Luz bradava ao negralhão:

— Scipião Africano! inutilisa-me este typo!

E era preciso ser homem e meio para resistir a um demonio como o Luz e a um Hercules como o seu negro.

Muito cidadão de barbas na cara (e até consta que tambem um lente da Faculdade, encontrado em má companhia) provou d'aquella palmatoria, em S. Paulo, no anno da graça de 1877.

*

De uma vez, na sua ronda de Opinião Publica, o encostado foi um latagão portuguez, carroceiro d'agua.

Depois de viva reluctancia agarrado á força por Scipião Africano, o carroceiro entrou em duas duzias de bolos, uma

por pena da resistencia, pois a conta da tabella era uma duzia só.

O bruto espumava e rugia de raiva:

— Hão de m'a pagar! Hão de m'a pagar!

Depois do vigesimo quarto bolo, que descarregou, contando alto com a sua voz inalteravelmente austera, o Luz, approximando á cara do homem o lampeão, que estivera no chão, a um lado, disparou uma sonora gargalhada:

— Pois eras tu, Manoel Bexiga?!

— Era, sim, meu doutorzinho, e amanhã m'a pagas!

Manoel Bexiga era o aguadeiro da communa.

— Tu, o aguadeiro da communa! o cidadão Bexiga!... Mas tu has de ser sempre o rei dos burros! Como não nos declaraste o teu titulo, pedaço de animal?! Agora, é tarde, estás com todos os teus viute e quatro bolos nas unhas, que nem o furtado, nem o Padre Eterno, os tira. Mas, aguadeiro da communa, offereço-te uma reparação digna de nós ambos: vem ceiar commigo!

Enfiou-lhe o braço, e levou o portuguez, ainda meio enfarruscado, mas já meio risonho tambem, até á sala da frente da *Sereia Paulista*, onde mandou servir uma ceia colossal.

Bebeu-se como se bebia onde o Luz estava; e tanto e tão bem comeu e bebeu o Manoel Bexiga que d'alli sahio captivo do rapaz.

No outro dia, mal acordou, ainda estremunhado, foi á communa.

O Luz, ao despertar, chamado pelo nome, teve deante de si a figura comovida do aguadeiro, que lhe fallou nesta substancia, reduzida a melhor fórma:

— Meu doutor! eu sou um pobre carroceiro que nada mais tem senão a pipa e o burro, que lhe dão de comer e á familia; mas o que tenho é do meu doutor: ali está á porta a minha carroça, ali está o meu burro, ali está o meu barilzito de pôr agua nas casas, ali está o canecão de folha por onde bebo uns tragos, quando a sêde é muita. Tudo isto é nada, mas tudo é seu, e dado de coração. Faça-me a esmola de o aceitar ao seu Manel Bexiga, meu rico doutor!

— Manoel Bexiga, não me faças chorar em jejum! exclamou o Luz, sentando-se na cama, e levando o lençol aos olhos. Dá cá um abraço gallego de minh'alma; e, de todo o teu patrimonio, que me vens trazer com uma generosidade de besta, acceito-te o canecão de folha, e o destino para grandes cousas. Dá cá o canecão, Manel Bexiga!

*

N'essa mesma manhã, e d'ahi por diante, á janella do Luz, pendurado de um barbante, balouçava-se o canecão de folha do aguadeiro, com uma grande parasita dentro.

Explicando a uns collegas aquella cousa, o Luz concluiu, entregando-se a estes excessos de rhetorica:

— Aquillo, pois, que alli vêem, não é, como parece, um caneco vulgar d'aguadeiro: é um vaso digno de veneração.— *vas honorabile*, pois a parasita que dentro d'elle se ostenta é divinamente symbolica:— é a flôr da gratidão... Tambem, ou isto é fallar bonito, ou bote-se já n'uma fogueira a carcassa inutil do Paulo do Valle! (*)

LUCIO DE MENDONÇA.

(Continua)

O nosso collega Aluizio Azevedo tem prompto um novo romance, cujo titulo não nos é permittido revelar, por enquanto. Diremos sómente, e já não é pequena indiscripção, que será publicado no rodapé de um dos nossos mais importantes diarios.

VASO DE FLORES

(Th. GAUTIER)

Certa criança um grão encontra por acaso,
E encantada por ver suas vividas cores,
Toma, para o plantar, de porcellana um vaso
Ornado de dragões e de bizarras flores.

Planta-o e parte. A raiz, como serpes, se alonga,
Sae da terra e se torna em arbusto frondente;
Dia a dia seu pé se estende e se prolonga
Té que o bojo do vaso estala de repente.

Volta a criança; e vê, surpresa, erguido arbusto
Punhaes verdes brandir nos cacos; e raiventa
Quer derrubal-o; o tronco é tenaz, é robusto;
Persiste, e finalmente os dedos ensanguenta.

Assim cresceu o amor que minh'alma celebra;
Sementar, eu julguei, roseas flores singelas;
E' um enorme aloés cuja raiz já quebra
De porcellana o vaso onde lia figuras bellas!

ALFREDO DE SOUZA.

« A Illustração »

Temos sobre a mesa os tres ultimos numeros—14, 15 e 16.— d'esta excellente revista que se publica em Paris, sob a direcção do distincto escriptor portuguez Mariano Pina.

Bellissimos! O que não é de admirar. Cada novo numero da *Illustração* é um triumpho para o sen brilhante director, que tem revelado finissimo gosto artistico e grande tino administrativo.

O n. 14—traz, além de outras, uma bella e fina gravura, reproduzindo o celebre quadro de Bonnat:—Victor Hugo; acompanhada no texto por um magnifico artigo de Theophilo Braga.

No n. 15 torna-se notavel, além de um retrato de Stanley—*Um baptismo*, quadro de Kœmmerer, gravura de Vallette; quadro delicioso, gravura esplendida.

No ultimo numero, especialmente feito para o Natal, distingue-se um bellissimo retrato de François Coppée, o novo *immortal*.

Em todos estes numeros da *Illustração* e em alguns dos anteriores tem sido publicadas varias poesias de apreciados poetas brasileiros, como Luiz Delfino, Alberto de Oliveira, Luiz Murat, Silvestre de Lima, Valentim Magalhães, e do nosso companheiro Filinto de Almeida.

Isso prova o elevado apreço e a viva sympathia que merecem ao distincto director d'*A Illustração* os escriptores da moderna geração litteraria do Brazil.

(*) Professor de rhetorica em S. Paulo, no curso de preparatorios annexo á Faculdade. Muito magro.

O CARNAVAL

DA

HISTORIA

ABELARDO.—Principal autor de um drama-vaudeville intitulado:—*Os jogos do Amor e da Navalha*. Estreou como *premier rôle* e acabou como *inutilidade*. Porque será que a sua historia faz chorar as damas, ao passo que a de todos os seus collegas as faz rir? Abelardo foi o unico homem que realisou na historia este typo inverosimil:—*o eunucho para mulheres*.

ABRAHÃO.—O inventor da fatuidade. Tomou aos 85 annos uma segunda mulher, sob o pretexto de que a primeira era esteril. E alcançou os seus fins. Pudéra!... Se elle conhecia tanta gente!...

ACHILLES.—Achava especial prazer em se emboscar por traz da sua invulnerabilidade para matar os outros. Pelo que tomarei a liberdade de chamal-o:—*um heroe da covardia*.

ADÃO.—O que prova que elle foi na verdade o pae de nós todos é que elle se deixou enganar por sua mulher. Esta, formada de uma das costellas de seu marido, havendo-o levado direitinho para o inferno, conclue-se logicamente que foi a primeira costelleta que poz na grelha o primeiro homem.

ANACREONTE.—O Aristheo das cantharidas.

ANNIBAL.—Tinha tomado o *expresso* para Roma. Mas teve muitos minutos de atraso na estação de Capua e perdeu o trem.

ANTONIO.—Disputou com Octavio a honra de ser o assassino da liberdade romana.

Havendo perdido a partida, fez-se justiça a si proprio:—suicidou-se.

Cleopatra, sua amante, não quiz sobreviver-lhe, sem duvida porque, beirando os quarenta, achava-se já muito velha para enganar outros Antonios.

Morreu, como é sabido, da mordedura de um aspide.

O que prova que, ao envez do que se dá com os lobos, as serpentes fazem-se mal entre si.

ATTILA.—Chamou-se, mas sómente a elle, o *Flagello de Deus*. E' uma injustiça para com os outros conquistadores.

(Continúa).

PEDRO VERON.

O Sr. João Hilario de Menezes Drumond, cuja visita lhe agradecemos, veio mostrar-nos os originaes de uma obra de grande monta, que acaba de concluir, após cinco annos de aturado trabalho:—*Diccionario dos nomes proprios*. Cada nome é acompanhado, embora em resumidos traços, por uma noticia da sua origem e da sua historia. E' um livro tão util como agradável e inteiramente original entre nós. Felicitando o Sr. Drumond pela sua obra, desejamos-lhe... um editor.

POESIA E POETAS

OPALAS

VERSOS DE FONTOURA XAVIER

Chega-nos do Rio-Grande do Sul um volume sob o titulo acima, contendo diversas poesias de Fontoura Xavier, todas já conhecidas do publico, por intermedio da imprensa periodica, em diferentes épocas.

Se tivéssemos de as aquilatar no tempo mesmo em que foram escriptas, outro de certo seria o *criterium* pelo qual veriamos aferir o seu valor esthetico, e a sua factura litteraria. Um juizo critico, por mais severo que seja, hade forçosamente levar em conta o gosto do momento, os caprichos da moda, as multiplas influencias, salutareas ou perniciosas, que determinam e impulsionam as inspirações do poeta, as preferencias do homem de letras, a feição da arte em geral. Todavia, sendo aliás homem do seu tempo, o poeta não deve escrivar-se ás exigencias da moda, muitas vezes absurdas e inconsequentes, ao ponto de desvirtuar a sua verdadeira indole artistica, de falsear a sua *nota* pessoal, sacrificando a espontaneidade dos sentimentos, a originalidade das concepções e a sinceridade das emoções nas aras de um convencionalismo ephemero, posto em voga pelo talento pernicioso e brilhante dos Baudelaire, dos Guerra Junqueiro ou dos Alvares de Azevedo.

A imitação servil e *consciente*, detestavel em todas as especies de litteratura, é sobremodo intoleravel na poesia. E' isso por um motivo especial. O poeta é um artista essencialmente subjectivo, pessoalissimo, inconfundivel; e n'isso consiste o seu principal merito. Não ha dous poetas, dignos d'este nome, que sintam, vejam, pensem e exprimam-se de modo identico, ou mesmo analogo. Estas differenças radicaes; estes mysterios da intelligencia e da sensibilidade, são outros tantos phenomenos psicologicos cujas causas a sciencia é impotente para explicar e dos quaes só se conhecem os efeitos.

A imitação aqui é impossivel — o que não succede no romance, no drama, na prosa em geral, mais objectiva, susceptivel de processos communs, sempre ao alcance do talento e do estudo.

O poeta imitador de modelos, por mais habil que seja, pode ser equiparado ao papel-moeda bem falsificado; apesar da perfeição da mão d'obra, um perito tornaria visivel a differença d'este para o verdadeiro. Applicando o simile, diremos que a cedula falsa é o verso, mechanicamente perfeito, mas que não representa o fundo metallico, o ouro, isto é, a materia prima, o assumpto, a idéa, a concepção original, em summa, a poesia.

E nada mais ridiculo do que externar sentimentos que se não sentem, emoções que se não expirimentam, suspiros que se não exalam, indignações que não são sinceras e arroubos mentirosos ou fingidos.

D'ahi vem o escolho onde naufragam os falsos poetas: — o commum, o vulgar, o banal; e isso apezar dos applausos que elles sabem extorquir ao mau gosto do publico illetrado, dissimulando a pobreza de idéas nas lentejoulas fallazes de um estylo campanudo, pretencioso, intencional, arrebicado, pantafaçado, artificialioso, baldado de sentido.

Ora Fontoura Xavier, apezar do seu estylo alcandorado e do colorido ardente e *gritador* que elle derrama á flux em suas producções, não é poeta banal, não é um imitador commum, não é um verzejador consumado que disfarce a inandade das emoções poeticas n'um turbilhão

de palavras ocas de sentido e disposta na sonoridade do rythmo com o unico intuito de agradar ao ouvido. Ha em seus versos alguma cousa de espontaneo, de pessoal, de exquisito, de communicativo; as vibrações impetuosas e descompasadas do seu estro ardente ainda hoje repercutem no espirito do leitor, mau grado a justa prevençao que todos temos contra a poesia descabellada e satanica que illustrou a ultima phase do Roman-tismo.

Não ha duvida que o poeta é um tanto theatral, que arma ao effeito, que se preoccupa demasiado com a sonoridade do verso, com o peregrinismo da expressão, com a difficuldade da rima, com a singularidade e o imprevisto das imagens. Mas afinal de contas emerge a sua *individualidade* no meio daquella douda symphonia de vocabulos mirabolantes, de hyberboles arrojadas, de estranhas visualidades, naquelle carnaval vertiginoso de cortezãs, de clowns, de padres, de reis, de czares, de deuses, de demonios, de garotos, de esplendores, de podridões, de furores revolucionarios, de rugidos de leão, gritos de condor, silvos de serpente, echos de caverna, guizos de arlequim, brados de victoria e vozes de alem-tumulo; tudo revolteando em dança macabra á musica de um rythmo extranhamente harmonioso e atordoadamente bello. Não convém sugeital-os á prova de uma analyse rigorosa, porque então se podem descobrir algumas impropriedades, incoherencias, obscuridades, e outros defeitos mais ou menos perdoaveis.

E' um poeta *synthetico*, se assim podemos fallar. A sua musa demolidora, implacavel, *vermelha*, demagogica, de uma audacia sem limites, é uma especie de *pot-pourri* radioso de perfumes acres á Baudelaire, realismo á Guerra Junqueiro, arrebatamentos á Hugo, pretensões á Castro Alves, e enigmas á Mathias Carvalho. Mas Fontoura Xavier conseguiu fundir tudo n'uma forma sua, a qual inquestionavelmente apresenta uma certa novidade no meio das elocubrações abstrusas da chamada escola *condoreira*, hoje bem morta e enterrada. As suas estropies porejam fumo, fogo, sangue, hymnos de triumpho e gemidos de agonia, e vibram como picareta abatida pelos braços de operario robusto e convicto.

Mas no meio d'aquella *razzia* formidavel de instituições e de crenças, o poeta sabe ter accents generosos para o amor da patria, da humanidade, dos pequenos, dos humildes e da liberdade; destróe como o pampeiro, mas, como este, transporta germens da idéa nova para o campo de outras idéas.

Os seus versos são correctissimos e a rima sempre boa e rica,

Como certas bebidas que embriagam augmentando a sêde, as poesias de Fontoura Xavier o atordoam e embriagam, mas não satisfazem as aspirações da arte moderna.

Transformou-se o ideal; a poesia harmonisou-se, concretizou-se. Correspon-dendo á evolução que se manifesta em todos os outros arraias litterarios, ella baixou o vôo altaneiro e pizou a terra fecunda da observação e da verdade, da natureza e do homem, da vida real com todo o seu cortejo de miserias e sublimidades. E n'este terreno ella nada perde da sua elevação e da sua nobreza, não rebaixa o intuito altamente civilizador da sua augusta missão, em que pese ao prefacista das *Opalas*, o qual deseja vê-la antes a desferir cantos *abstractos*, n'uma lyra feita de ether e de luz, lá n'umas regiões transcendentamente philosophicas, onde só tem accesso quem galgar a escada de Jacob constituída pelos tantos volumes de Augusto Comte.

URBANO DUARTE.

Mattos, Malta ou Matta?

NOVAS REVELAÇÕES

TERCEIRA CARTA

Mal a barca abicou na ponte da estação de Nietheroy, saltei de um pulo, só cuidando seguir a mysteriosa franceza que me havia promettido informações sobre o casal fugitivo.

Mas, qual não foi a minha decepção, quando, voltendo em torno os olhos avidos, não encontrei a estrella em que baseára as minhas melhores esperanças.

Ella havia desaparecido, como por feitiço, visto que, apezar das pesquisas que empreguei, não lhe descobri sequer o rastro.

— Estaria se divertindo á minha custa? perguntei aos meus botões, que, naturalmente para me serem agradáveis, não quizeram opinar commigo.

— Bem! deliberei:— Não pensemos n'isto!

E fui cuidar de obter novas informações. Dirigi-me logo para o *bouffet* proximo á ponte e perguntei a um criado que servia a um canto da sala um grupo de rapazes, se elle tinha visto saltar um sujeito de suissas, polainas, chapéu branco, de braço dado a uma dama vestida de preto, com um chapéu de palha.

O criado olhou para mim, coçou o queixo e resmungou:

— Homem! Eu lhe digo... Saltar, saltaram, até mais de um par, o negocio porém é que não reparei se algum d'elles era esse de que falla o senhor...

— E uma franceza que chegou justamente nesta barca? perguntei.— Uma franceza de estatura regular, cabellos loiros e vestido de ramagens. Também não saberá dar-me noticias d'ella?...

Mal acabei de proferir estas palavras, um dos rapazes do grupo ergueu-se de improviso e, estacando defronte de mim, e ferrando-me um olhar muito atrevido, interrogou-me:— Que deseja o senhor d'essa franceza?

Confesso que não encontrei logo o que responder a semelhante typo. Elle, porém, accrescentou:

— Vamos! Estou ás suas ordens! Os negocios d'essa senhora tratam-se commigo.

— O senhor é seu marido?

— Não tenho que lhe dar explicações. Sou da franceza o que bem entendo ou quero ser! Apenas não admitto que nenhum sujeito, seja lá quem for, tenha com ella qualquer negocio particular!

— Pois então, dê-lhe lembranças! repliquei eu, voltando-me vivamente e muito disposto a dar ás de villa Diogo.

O typo não me deixou tempo para isso e cortou-me o caminho, indo postar-se á sahida do *bouffet*. Os outros rapazes seus companheiros, que eram em numero de quatro, haviam-se erguido já e estavam incorporados ao meu adversario.

— O senhor não me sahirá das unhas emquanto não explicar o que deseja da mulher que procura!

E, voltando-se para um dos companheiros:— E' uma questão a respeito da Jeannite! Sempre ella! Sempre as mesmas massadas por causa d'aquella siri-gaita!

Os rapazes, que se haviam levantado por ultimo, olharam-me então de alto a baixo e depois puzeram-se todos a observar os pés, e a chuparem os competentes charutos, muito serios e muito tranquilos.

A questão ia estoirar definitivamente por parte do meu provocador, quando este soltou um formidável « Ah! » e então vimos todos assomar á porta do *bouffet* a causadora de todo aquelle alvoroço.

Fez-se um grande silencio, no meio do qual a Jeannite atravessou a sala, foi ao

encontro do meu formidável aggressor e, depois de apontar para mim, lhe disse com a voz firme e resoluta:

— Este senhor não me conhece ainda, encontrei-o na barca e prometti que lhe daria informações a respeito de um casal que fugiu aqui para Nietheroy.

— A parte feminina d'esse casal é minha mulher! disse eu, corando levemente.

— Já sei, respondeu a franceza.

— Seria um casal que saltou na barca das cinco? interrogou o encarregado dos negocios da Jeannite:— Um casal muito unidinho, cujo homem trazia debaixo do braço uma caixa de chapéu de senhora?

— E' esse justamente! exclamei com um vislumbre.

— Cale-se! voltou a franceza em voz baixa ao meu ouvido:— Eu me encarrego de tudo, descanse!

— Pois esse casal, meu caro senhor, continuou o da aggressão— esse casal seguiu para os lados de S. Gonçalo. E' só o que lhe posso dizer a respeito.

— Obrigado! respondi; e fiz menção de sahir.

— Olhe! acrescentou a franceza, não seja precipitado. Tome o bond do *Barreto* e...

Neste ponto ella abaixou a voz disfarçando e concluiu com esta frase — A's oito horas na rua do Imperador, n. ...

— Para que?

— Ah! ei contrará todas as informações.

O sujeito que se dizia encarregado de seus negocios, já então apresentando um ar inteiramente opposto ao que tomára no principio da questão, encaminhou-se humildemente para a recém-chegada e, de chapéu na mão, balbuciou com um sorriso de caixairo:

— Eu não tive a menor intenção de contrariar te, Lelé!

— Cale-se! exclamou ella com desprezo, e em seguida piscou para o meu lado o seu olho esquerdo, e sahio do *bouffet* ainda mais senhora de si do que entrára.

Sahi também, mas, para não deixar alguma sombra de suspeita no espirito dos rapazes, tomei direcção contraria á da franceza e cheguei até a sahir por uma outra porta.

O tal encarregado dos negocios d'ella fallara-me em S. Gonçalo, tinha eu, pois, de metter-me no bond de Sant'Anna.

Quando ia a fazer isso, sou detido por um homem de meia idade, gordo e de oculos, que me disse, fallando-me á orelha:

— Não vá a S. Gonçalo, seria perder o seu tempo; se quizer ouvir um bom conselho, siga os rastros da franceza que veio com o senhor na barca. Só ella, só a Jeannite lhe poderá dirigir os passos com segurança. Em todo o caso se V. S. não quizer dar ouvidos ás minhas palavras, acredite ao menos que não deve tomar o bond de Sant'Anna e sim o do Barreto, porque este o aproximará mais facilmente d'aquelles que procura.

Dizendo isto, o homem recuou dous passos e, escondendo o rosto n'uma capa rio-grandense que trazia, desapareceu nas sombras de uma casa em construcção que nos ficava ao lado.

Fiquei parado no meio da rua, sem saber que partido tomar. Cada informação das que lograra apanhar, longe de me illucidar o espirito, mais tenebroso m'o havia deixado.

Afinal, entre tudo isso, só a franceza fallára claro e decisivamente.

Puchei do relógio, consultei as horas, eram sete.

— Bem! deliberei. A's oito estarei na rua do Imperador n. ...

Segui.

Não gastei muito tempo a chegar ao ponto da entrevista e, a dous passos da casa indicada, o mesmo sujeito gordo de

ha pouco aproximou-se de mim e, levando o indicador aos labios, fez-me signal que o acompanhasse.

Tive vontade de hesitar, mas, chegado como estava áquelle ponto da intriga, deixei-me levar.

D'ahi a poucos instantes era eu introduzido n'uma pequena alcova cor de rosa, illuminada por um unico bico de gaz.

Mal entrei, senti correr um reposteiro que havia por detraz de uma cama e então vi surgir, como n'um sonho, a mysteriosa franceza.

Ella caminhou para mim, sorrindo, e logo que me teve ao alcance de suas mãos, passou-me os braços em volta do pescoço e exclamou entre beijos:

— E's meu!

— Perdão! disse eu— Perdão! Agora, tenha paciencia, mas não me pertenco a mim mesmo, quanto mais a V. Ex. Não tenho um minuto a perder! Preciso encontrar o amante de minha mulher!

— O Castro Matta? perguntou a franceza, sem me largar das unhas.

— Sim! O Castro Matta!

— Descançe! voltou ella.— O amante de tua mulher está seguro e muito bem seguro! Dei já todas as providencias para isso...

— Como assim?

— Lè.

E eu li uma portaria da policia, declarando que o meu homem fôra recolhido ao xadrez na vespera, isto é— no dia 16 do mez de Novembro.

— Que? Pois elle está no xadrez?

— Juro-te que está e, não quero ser quem sou, se d'aqui a tres dias o destructor de tua honra, não estiver recolhido á casa de detenção.

— Em todo o caso, é preciso que eu vá no seu calçado.

— Não! exclamou a mulher:— Não sahirás d'aqui, senão amanhã, depois do meio-dia.

— Ora esta! gaguejei, atirando-me sobre um divan— só me faltava mais isto!

Sou de V. S.

Att. cr. e ven. ...

Realisa-se hoje as 7 1/2 horas da noute no Imperial Theatro D. Pedro II a distribuição dos premios do anno escolar de 1884 aos alumnos e alumnas do *Lyceu de Artes e Officios*. E' orador official da festa, que promete ser brilhante, o Sr. Dr. Ferreira de Araujo, director da *Gazeta de Noticias*. Agradecemos o amavel convite que nos fez a *Sociedade Propagadora das Bellas Artes*. Não faltaremos.

AS « MERIDIONAES »

O nosso companheiro Alberto de Oliveira acaba de receber uma bella prova de apreço ao seu ultimo livro de versos.

O moderno e notavel poeta portuguez Souza Monteiro, autor de dous apreciados livros: — *Sonetos* e *Poemas*, escreveu-lhe uma carta, de Lisboa, agradecendo-lhe a remessa das *Meridionaes* e dando sobre esse livro o seu authorisado juizo.

Publicamos essa carta, que difficilmente conseguimos arrancar á modestia do seu destinatario, porque ella representa o testemunho do apreço de um notavel poeta portuguez por um seu confrade brasileiro, e é uma grata prova da

confraternisação litteraria que se vai estabelecendo entre os escriptores dos dous paizes.

Eis a carta:

« Exm. Sr.

e meu presadissimo Poeta

Li e reli com prazer sempre crescente as suas *Meridionaes*. Bello e bem agou- rado titulo para versos amplos, desabro- chados, neuphars boiando em lago de luz vivissima!

Li-os e reli-os todos. Deram-me goso intenso e duradouro. Sou-lhe duas vezes grato. Grato pelo livro e grato pelo prazer. Só de longe em longe me concede agora desfructal-o o acaso.

Distingue, a par de outros dotes que admiro, ao Poeta das *Meridionaes* o amor sagrado da lingua e da forma. « O respeito da arte, o culto do estylo. — Tem razão Machado de Assis.

Esse respeito, que é dever, o primeiro dever de artista honesto, é tambem como todos os deveres nobrememente cumpridos, prazer e gloria. Difficilmente reconheço n'este ponto culposos requintes. Dissinto do fino critico.

A uma planta não « empee o mimo »: á mais preciosa, á mais pura e vivaz das plantas: a palavra.

Por minha indicação plausivel transereveu um jornal de Lisboa alguns sonetos: a *Janella de Julieta, Voz da noute*. Transcreverá ainda outras *Meridionaes*. E' justo e é bom que os seus versos se divulguem aqui. Não de applaudir-lh'os. Parece ás vezes que outro é maior oceano separa os artistas de Portugal e da grande America portugueza. Ajaque- mol-o da Carta litteraria. Presemo-nos, os que manejamos, aquem ou alem do oceano, o delicioso instrumento da lingua portugueza. Ainda sob este aspecto me foi gratissimo o bello açafate de flores tropicaes com que me distinguiu o seu espirito generoso e cortez.

Envio-lhe tambem com esta carta *Os Sonetos e Os Poemas*. O Poeta das *Meridionaes* não os deseonhece. Disse-o do modo mais lisongeiro ao autor dos volumes remettidos. Ligue á remessa—uma singella saudação—o valor que intender merecer-lhe uma lembrança affectuosa e grata e o penhor de intensa sympathia e apreciação altissima.

A culpa na demora que fez no agrade- cimento e no applauso é só na appare- cia toda minha. Veiu-me tarde ás mãos o seu livro. Depois quiz lel-o todo e de vagar.

Estou desculpado?

Estreito-lhe affectuosamente as mãos.

De V. Ex.

amigo e sincero admirador,

JOSÉ DE SOUZA MONTEIRO

S. d'Estado dos N. Estrangeiros, 1 de Dezembro de 1881. »

No dia 8 do corrente falleceu na ci- dade de Barra Mansa, onde advogava, o Dr. Miguel José Tavares. Este nome não é desconhecido para o povo desta capi- tal.

Ha annos, no cargo de primeiro dele- gado de policia, ergueu o Dr. Miguel Ta- vares grande ruido em torno de seu no- me, com as energicas providencias que empregou para reprimir a prostituição exercida por mulhieres eseravas, por or- dem e proveito de seus senhores.

Foi sempre, quer nesse cargo, quer no de magistrado, quer como deputado pro- vincial, um zeloso e digno cumpridor dos seus deveres. Honra e paz á sua me- moria.

COFRE DAS GRAÇAS

— Que livro é esse?

— E' um livro de philosophia. Queres lel-o?

— Só se tiver estampas. Eu cá só admitto livros de philosophia... com estampas.

×

No *Recreio Dramatico*.

Conversam dous sujeitos, um dos quaes da roça, a respeito dos tres irmãos Dias Braga. Nisto, apparece o que é director da companhia.

— Olha, lá vem um d'elles—o José, o director.

Pouco depois apparece outro irmão Braga, o Juca.

— Lá vem um irmão d'elle, o fiscal do theatro.

— Ah! murmura o provineiano, ob- servando.

Apparece emfim o terceiro irmão—o Domingos.

— Vês aquelle sujeito de chapéu braneo? E' tambem irmão do Dias; é o que faz de *remorso vivo*.

— Que diabo! exclamou o provineiano, estes Dias não se parecem nada! nin- guem dirá que são irmãos!

— Que queres? Os dias succedem-se mas... não se parecem.

×

Conversa um brasileiro com um ita- liano, quando passa uma bonita mulher.

— *Que bella dona!* exclama o ita- liano, entusiasmado.

— Sim, que *bella dona*... para um temelio!— responde o brasileiro.

×

Pae—Voeè é um grande sem vergo- ni! Tá criança e já sustenta uma *co- cote!*

Filho—com dignidade:— Não, senhor. E' ella que me sustenta.

BIBIANO.

THEATROS

Unica novidade da semana: *O pae de Marcial* no Recreio Dramatico.

Ha vinte annos que Thereza sentira pelo seductor duque de llanmont uma paixão tão ardente quanto fugaz.

Pouco escrupuloso, o duque abusou da inexperiencia da rapariga e esta, poucos dias depois da queda, começa a aborrecer furiosamente o seductor e casa-se com Pedro Cambry, homem de immaculada honradez, e dá-lhe mezes depois um filho... do outro: Marcial. O marido, que não conhece o triste incidente da vida de Thereza, pensa que o filho e d'elle e educa-o nos mesmos principios de austera honestidade que professa. Aos vinte annos Marcial apaixona-se por Mlle. Esperança que o adora. Vae casar-se com ella, quando o Sr. Jourdan, pae de Esperança, estando inteiramente arruinado e ameaçado de uma fallencia desastrosa, recebe do duque de llanmont uma proposta de dinheiro que o rehabilitará; mas o duque exige a mão de sua filha, já promettida a Marcial. O velho recusa com indignação, mas a

filha, temendo o infallivel suicidio do pae offerece-se em sacrificio ao duque.

Sabendo d'isto, Thereza expõe ao du- que quanto é indigna a sua acção, e, para assegurar a felicidade do filho, faz-lhe saber que elle é o pae de Marcial; o duque, não acreditando na tardia de- claração de Thereza, não cede. Acaba aqui o 2º acto.

No 3º, Marcial, que não pôde resignar-se com a perda da noiva, procura por toda a parte o seu rival, e encontran- do-o, desafia-o. O duque recusa bater-se e o filho insulta-o. Trata-se o duello. Thereza, considerando este duello um sacrilegio, e não tendo meio algum de evital-o, pede ao marido que intervenha com a sua auctoridade paterna afim de impedil-o. Pedro, porém, sabendo de Marcial que o duque foi esbofeteado, aconsella o filho a bater-se. Então The- reza, desesperada, declara tudo ao ma- rido. Este, vendo calir n'um momento o edificio da sua felicidade, vendo-se de repente sem esposa e sem filho, fica fu- rioso e avança para Thereza quando entra Marcial. Então reprime-se e vae elle mesmo procurar o duque para se bater com elle em vez do filho. O duque, porém, como todos os tyrannos no ul- timo acto, arrepende-se de tudo, desiste do casamento, declara-se unico credor de Jourdan, e não se querendo bater com o honrado Cambry, promete ir alistar-se no exereito carlista, na Hes- panha, e fazer-se matar no primeiro en- contro, pois que, como Bocage, diz lá comsigo:

« Saiba morrer o que viver não soube. »

Mas Marcial, que não pôde compre- hender tanta trapalhada e tantas inter- venções a seu favor, não aceita a solu- ção, e quer que o duque lhe explique tudo.

O duque, moita! Entra a mãe, que não sabendo da resolução do duque vem ainda pedir-lhe que se não bata com o filho.

Surpreza de ambos, mãe e filho, por se encontrarem na casa do duque. Fal- lação em meias palavras, pelas quaes Marcial chega a comprehender a verda- de da sua origem. Resignação geral, fim da peça, paz aos homens.

Tal é o novo drama em 4 actos de A. Delpit, hontem representado pela com- panhia do Recreio Dramatico.

Como se vê do enredo ligeiramente es- boçado, tem a peça grandes elementos de effeito, e conta com tres ou quatro scenas de paixão e violencia, o que lhe dá grande vantagem sobre o seu irmão, o *Filho de Coralina*, que só tem uma.

Os caracteres, porém, são em extremo vulgares, sendo que o duque de Hau- mont é b velho e estafado cynic) que em todas as comedias-dramas portu- guezas compra as *ingenuas* que tem centro nobre arruinado e á beira do abysmo.

Ha um parisiense, João de Born, e um contrabandista, Harispe, mettidos a mar- tello, e um episodio que pretende dar idéa do caracter dos biseainhos (Pois que a acção passa-se na Biscaia), entre um polieial e uma criada, sem a mener importancia, sem a minima intervenção na acção do drama.

A comprehensão repentina que, no 4º acto, tem Marcial da sua origem, é inex- plievavel, dado o seu caracter e a cega fé que elle tem na quasi sublime honra- dez de seus paes.

Falta-nos absolutamente o espaço para nos alargarmos em considerações cri- ticas; o publico que vá ver, e, se a peça lhe agrada, e porque é boa.

Nós nunca nos atreveriamos a dizer que ella é tola.

A traducção, talvez pela pressa com que foi feita, é muito descurada.

O desempenho é satisfactorio e bastante igual, excepção feita do Sr. Lisboa (Marcial) que nunca pôde conseguir affinação com os seus collegas.

A Sra. Helena (Thereza) dá grande vigor e relevo ás suas scenas do 3.º e 4.º actos, comquanto não se sinta muito á vontade no seu papel de mãe, o que não é extraordinario em uma atriz só acostumada a representar filhas.

Maggioli foi um bom duque e Dias Braga um Cambry muito razoavel e bastante correcto.

Os demais artistas, Maia (Born), Castro (Harispe), Livia (Esperança) e Balbina (Maravilhas), concorrerani para a harmonia do conjuncto, representando bem os seus papeis.

*
**

A companhia do Sant'Anna parte no fim de Fevereiro para S. Paulo, onde já abriu uma assignatura de quinze recitas, promettendo doze peças.

Parabens á Ilha dos Amores.

*
**

Emquanto, porém, não vae exhibir-se no velho theatro de S. José da patria dos Andradas, vae-nos dando o *Boccaccio* e o *Barba azul*, e prepara com actividade o antigo *Viveiro de frei Anselmo*, mas d'esta vez sem o Vasques.

E sem o Vasques o *Viveiro* não pôde viver.

*
**

A Appolonia organisou companhia no Lucinda, ou antes—reorganisou a desorganizada pelo Torres, pois que os artistas são quasi todos os mesmos.

Da-nos hoje a—*Sogra... nem pintada*.

*
**

A Fanny (A' pois!) anda tambem com pruridos de arranjar companhia para o Principe, logo que a do Souza Bastos, de triste memoria, dê inteiramente á casca. A interessante *Rosinha do deputado*, tem o que é mais necessario para esse committimento: umas tiras de papel velho e amarrotado com que nós ás vezes compramos cigarros; falta-lhe porém uma peça de effeito seguro, que possa satisfazer o publico e a empreza.

Porque não representa a *Fabia*?

*
**

A *Cocota*, de Arthur Azevedo e Moreira Sampaio, está em ensaios no Sant'Anna; já não vae pela companhia do Braga Junior em vista da demora d'este senhor lá pela Paulicêa, que é agora a Mecca dos peregrinos da Arte.

E por fallar em peregrinos, lembra-se o publico do actor Peregrino, um *pão para toda a obra*, que se fazia sempre applaudir com fervor nos galans dramaticos, nos galans comicos, nos centros dramaticos, nos vegetes, nos tyrannos, nos cynicos, nos creados de comedia e nos incarakteristicos das magicas e operetas?

Pois este excellente actor, que nós vimos representar o André Roswen da *Dalila*, o Luiz XVI da *Maria Antonieta*, o Pedro das *Duas orphãs*, o italiano dos *Provincianos em Paris*, o creado lórpa da *Cada qual no seu lugar*, o Velocipe-de do *Testamento azul*, o D. João III da *Judia*, o Obscurantismo do *Espelho da Verdade* e mais uma infinita quantidade de papeis dos generos mais extravagantemente oppostos, está inteiramente inutilizado para a Arte e para a sociedade,

preso em casa por tenacissima molestia de coração!

Peregrino além de um actor consciencioso e prestantissimo, era um cavalheiro de subida delicadesa de sentimentos; nunca nos theatros se disse mal d'elle, e todos sabem como entre bastidores se falla dos artistas.

Consta-nos que se vae organizar um espectaculo em seu beneficio, e desde já emprasamos o publico para cumprir com o seu dever, accorrendo ao beneficio do infeliz actor.

*
**

A companhia de Julieta dos Santos, por causa das *Notas á margem*, arrepiou carreira.

Não realisou o segundo espectaculo annunciado.

Basta de commentarios.

Damos os parabens á Moralidade publica e ás *Notas*.

*
**

Como haviamos promettido, damos hoje um bello trecho da lenda tragica em 3 actos, de Echegaray, *No seio da Morte*, que está em ensaios no Recreio:

NO SEIO DA MORTE

ACTO II, SCENA II

BEATRIZ, só

Quando se affasta Manfredo, parece-me que respiro, mas se sósinha me quedo tudo o que vejo ou inquirio não sei porque, me dá medo.

Toda a voz é som dolente, todo o ser-monstro irritado; tudo accode á minha mente como visão do passado ou ameaça do presente.

O meu camarim doirado, em que com Dom Jayme via ao crepusculo rosado tombar o astro do dia entre o rubro cortinado;

essa janella ogival em que, auctiosa, eu assomava, ao escutar o signal de que o meu senhor voltava ao seu castello condal;

(Apontando um trophéo)

essa armadura, terror da moirama de Granada, que eu limpei com tanto amor, porque ella vinha manchada com sangue de seu senhor;

mesmo a banda carmezi, que eu com enlevo bordava em tantas noites, aqui, e que, ao partir, lhe cingi, emquanto elle me beijava;

até seu clarim de guerra, que imagino que outra vez

(Ouve-se com effeito um toque de clarim)

resôa perto da serra, annunciando que á sua terra torna o Conde de Argelez;

até o nobre e velho lar, em que elle, ao fogo dilecto, me costumava contar sob o enfumaçado tecto as historias do logar;

coisa nenhuma lhe falha; aguarda tudo o fidalgo, desde a pedra até á malha, até o seu velho galgo e o seu corcel de batalha;

tudo constante lhe ha sido; todos a fe lhe lião guardado; nenhum votou ao olvido seu nobre dono adorado, seu nobre dono querido.

E tudo assim no torreão, desde a muralha á couraça, desde o lebrél ao bridão, é uma eterna ameaça e uma eterna accusação.

Que mais? Té esse tapiz,

(Olhando com terror para o fundo)

o espanto comprehendendo d'esta mulher infeliz, parece que está dizendo: — « aqui está! »

SCENA III

BEATRIZ, e JAYME, seguido de alguns pagens e escudeiros. (Levanta-se o reposteiro e apparece Jayme e os seus).

BEATRIZ

(Retrocédendo ao ver Jayme)

Jayme!

JAYME (Avançando)

Beatriz!

(Beatriz dá um grito e cae por terra desmaiada. Jayme levanta-a e anpara-a nos braços. Os demais aproximam-se).

Não temais. Foi a emoção. Meu irmão que venha cá. Já o calor voltando está e já pulsa o coração.

Beatriz!... Amor!... Como é bella! Só Manfredo e ninguem mais.

(Dirigindo-se ao acompanhamento)

Vós, amigos, me deixais a mim sosinho com ella.

(Detendo-os com o gesto)

Mas preparai o torreão, como vos disse ao entrar, que me segue e vae chegar o monarcha de Aragão.

(O acompanhamento sae pelo fundo)

SCENA IV

JAYME e BEATRIZ (desmaiada)

JAYME

Unico amor d'esta vida, por quem perdi como infame torre por mim defendida, abre os teus olhos e dá-me a boa-vinda, querida!

Arrojei por teu contento, n'aquella maldita hora, honra e existencia ao vento, e quero um olhar agora de amor e agradecimento.

Acabe-se esta agonia. Gelada estás por acaso como uma esculptura fria? e este fogo em que me abraso a um marmore animaria!

(Com anciedade)

Se vives, vive, mulher; se estás morta, então, querida, faze-m'o já comprehender, que tu morta e eu com vida bem vês que não pode ser!

(Beatriz começa a voltar a si)

D'este corpo, ó Alma forte, se já rompeste a clausura diz-m'o, que eu vou com transporte contemplar-te a formosura mesmo no seio da morte!

Tambem se representou hontem, no Principe, *A arte na roça*, opereta em 1 acto, letra do poeta Palhares Ribeiro e musica da conhecida e intelligente compositora D. Francisca Gonzaga.

O talento musical d'esta senhora a sua reconhecida aptidão para o genero ligeiro e gracioso, são garantias de successo para o seu novo trabalho, e os applausos que lhe dispense o publico serão incentivos talvez para o aproveitamento de uma vocação de que ha muito a esperar.

Saudamol-a.

*
**

Vae entrar em ensaios no Recreio uma nova comedia em 1 acto, em verso, original de Figueiredo Coimbra, o joven e talentoso auctor da Carta Anonyma, que tanto agradou ao publico. Intitula-se *As duas Noivas*.

Por estes dias sahirá do prelo o volume de versos do nosso companheiro Alfredo de Souza. Intitula-se: *Auroras*.

PER AGROS

Un rire, un frais tableau, presque un rien.
BRIZEUX.

Vejo-a depois da ultima mudança,
Menos triste, mais sã, e mais bonita;
E mesmo, Excellentissima, permitta
Que o diga: o campo como a fez creança!...

Uma rosa no peito, outra na trança;
No olhar a luz da abobada infinita,
Onde a sereia loura da esperança
Em rêde de ouro se emballando, habita.

E' mais sêcca, tambem não é tamanha
Esta casinha: é longe da montanha:
Ha no jardim um veio transparente...

E enquanto assim fallava, ella sorria:
E ao vê-la rir, ao mesmo tempo cu via
Tremulo o bosque, o céu, a luz, o ambiente!...

LUIZ DELFINO.

TRATOS Á BOLA

Honra ao bello sexo!

Foi a Exma. Sra. D. Amelia Carmen a unica decifradora exacta das charadas e do logogripho do nosso primeiro numero.

Bem queriamos nós offerecer ás senhoras esta secção!... Parece que adivinhavamos.

Tudo n'este mundo é assim mesmo!

Eis as decifrações:—PANTUFO—CAMARATA—TROMBETA—BUSSOLA e CETRINO
Dizer que a decifração da ultima é NARIZ fôra offender os leitores d'esta secção.

A do logogripho é—Logogripho.

Por hoje vão estas:

2—2—O fogo no leilão é tecido.

1—2—Este numero é agradável e desagradável.

1—1—1—Letra, letra, letra; páu do matto.

1—2 Aqui este mez é do jogo.

E' do rio —1—

Do juriconsulto —2—

Não penses que seja um vulto
Mas d'elle vem a luz e não dou mais um pio.

LOGOGRIPHO

(por letras)

De aracapuda e arapabaca 3,6,4,1
Apertando o beijo a besta 2,1,4,6,3
Aracaranga me tem esta 2,1,6
Fazendo perder pataca 6,1,2,3
Cinco é N, é da rainha,
Mas não foi na vida minha.

Premios:

Ao primeiro decifrador exacto:

Um exemplar d'O *Gran Galeoto*, um dito das *Meridiona's* de Alberto de Oliveira e um dito das *Notas à Margem dos Ultimos harpejos*.

Ao segundo decifrador exacto um semestre d'A *Semana*.

D. PASTEL.

N. B. — Tudo quanto diga respeito a esta secção deve ser remetido em carta, dirigida a D. Pastel, redactor da mesma.

CORREIO

SR. LUIZ CARLOS ZAMITH.—A sua carta ao director d'A *Semana* foi recebida com especial agrado. Sentimos que da *Semana* huvesse esperado mais do que o que ella pôde dar. Agradecemos-lhe os seus conselhos sobre a direcção que se lhe deve imprimir e pedimos-lhe, em troca, licença para lhe fazermos uma pergunta:—Porque é que Vmcê. não fundou A *Semana*? Devia dirigil-a esplendidamente!...

SR. R. OCTAVIO.—Seus sonetos não são máus; para quem começa são muito aceitaveis. O diabo é aquelle primeiro verso do segundo quartetto do *Intimo*:

« E a legião dos atrozes soffrimentos. »

E' um pouquinho duro.

E' preciso lêr — *aléjiço* para dar certo. Quasi — aleijão.

Continúe; que *elles* hão de desapparecer.

SR. LUIZ PEPINO.—Ao seu soneto intitulado:—? só podemos responder assim:—! Pede-nos o Sr. Pepino que corriamos o seu soneto — pois não é poeta. Se não é poeta não faça versos. E não *apepine* o proximo.

SR. J. R. DA S. D.—Emquanto o respectivo empregado verifica se temos algum assignante com essas iniciaes, dir-lhe-hemos que só obterão resposta as consultas que forem subscriptas por assignantes da folha. *Sine quâ, non*.

SR. MANOEL IGNACIO.—O Sr. é sectario

daquelle proverbio que diz:—« Quem porfia mata caça. » Faz muito bem.

O seu soneto *Lá em casa* tem todos os versos do ultimo terceto perfeitamente... errados. Não temos tempo para emendal-o, como nos pede. Mas continue a porfiar. Quanto á promessa que nos faz de vir assignar a *Semana*, trazendo comsigo um piquete... de assignantes, obrigadissimos. Quando quizer... Com muito prazer!...

SR. FERREIRA DA COSTA.—Sebastianã.—Attendida a sua reclamação. As notas verdes do Thesouro, de 10\$, serie A. não soffrem desconto até 30 de junho do corrente anno.

Recebemos:

Dos Srs. Faro & Nunes:

— A CASA DE PENSÃO, romance original brasileiro de Aluisio Azevedo, em terceira edição. Traz uma bella capa illustrada com um elegante e fino desenho, devido ao lapis de *Rapp*—pseudonymo do Raul Pompéia, que maneja com equal pericia a penna e o lapis, e gravado por um novo e magnifico processo, aperfeiçoado pelo Sr. Izidoro Pinho e por elle denominado — *cyanotypico*. Traz, além d'isso, cinco magnificas estampas, illustrando o texto, desenhadas por Aurelio de Figueiredo.

Dos mesmos Srs. Faro & Nunes:

— *Illuminuras*, poesias de Achilles Porto Alegre, publicadas na cidade de que tem o poeta o nome; um volume de 140 paginas.

— « Systema de telegraphia e telephonia simultaneas pelos mesmos fios de F. Van Rysselberghe, » noticia por Charles Mourlon—translação do francez. Recommendamos a leitura d'este opusculo aos interessados e especialmente ao Governo, pois que a introdução desse systema em nosso paiz, a exemplo do que se tem feito na Europa, seria de grande e geral vantagem.

Dos Srs. Lombaerts & C.:

— A *Estação*, de 30 de Dezembro do anno findo—Anno XIII, n. 24. Bellos e muitos figurinos, texto excellente, e uma interessante gravura: « A chuva de ouro (o que a *Estação* deseja para os seus assignantes). »

E' tambem o que nós desejamos para os nossos, collega. Mas que estejamos tambem na rua e... sem guarda-chuva.

— Da casa de roupas feitas *Au bon diable*, em S. Paulo, uma interessante *folhinha-carteira* para 1885.

— Da directoria do *Club da Tijuca* um amavel convite para a *partida* que no dia 3 se effectuou nos seus salões.

— Do Dr. Amilcar Americo de Ataliba Fernandes um exemplar da these que sustentou perante a Faculdade de Medicina sobre o seguinte ponto: « Do diagnostico das affecções dos rins »; a qual foi approvada com distincção; o que dispensa qualquer outro elogio.

— A *Vespa*, semanario illustrado, cujo primeiro numero appareceu a 10 do corrente. E' escripto pelo Arthur Azevedo e desenhado pelo Netto, os mesmos que fazem o *Mequetrefe*. Isto quer dizer que, tanto d'este como dos numeros que se lhe seguirem, o texto é espirituoso e leve e os desenhos—leves e espirituosos.

— *As obscuras*, poesias de Felix Antonio de Almeida. Ao redactor da secção — *Poesia e poetas*.

— Relatorio apresentado ao governo imperial pelo Dr. Domingos José Freire, presidente da Junta Central de Hygiene. Neste pouco conhecido documento, que honra o seu illustre auctor, encontram-se valiosos argumentos para com vantagem responder ás censuras e accusações que têm sido feitas á Junta e ao seu presidente.

— O primeiro fasciculo da importante obra de Pereira e Souza— *Classes dos crimes*, reimpressa no Brazil pelo Instituto Bibliographico e Litterario, sob a direcção do Sr. Domingos de Oliveira Menna Barreto. A distribuição em fasciculos é feita bi-semanalmente, ao preço de 500 réis cada fasciculo de 16 paginas.

— *Flores de Baependy*, poesias de José Divino.

— *Traços azues*, versos de Virgílio Varzea.

— *Paginas soltas*, por Nogueira da Gama.

— *O romancista*, jornal exclusivo para publicação de romances. — 4 fasciculos, em que se enceta a publicação d'*O manuscrito materno*, de Perez Escrich, e *Dama das perolas*, por Alexandre Dumas Filho.

Este jornal, no genero do fallecido *Folhetim*, merece o favor publico, o qual certamente não lhe ha de faltar.

— *União medica*, revista mensal, consagrada á defesa dos interesses scientificos, moraes e profissionaes da classe medica. Anno 4^o n. 12. Traz importantes e curiosos trabalhos.

— *Guia popular ou Indicador alphabetico do commercio, industrias e profissões do Rio de Janeiro e Nitheroy*. São seus editores e proprietarios os Srs. E. de Nogueiro & C. Obra utilissima e barata.

DECLARAÇÕES

A SEMANA

O escriptorio d'**A SEMANA** está aberto todos os dias — das 8 horas da manhã ás 8 da noite.

Declaramos para os fins convenientes que são nossos empregados os seguintes senhores:

— Valentim da Costa, principal agente e reporter.

— Oscar da Silva e Oscar de Castro, cobradores.

— Antonio Luiz do Couto, agente e cobrador em Nitheroy.

— Diogo Francisco Moreira, agente.

A'S SENHORAS ECONOMICAS

Sapatos de duraque preto, biqueira de verniz, solla forte, ns. 32, 33, 34 e 35, a 3\$ o par; ditos de pellica, com cliapa, da mesma numeração, a 4\$500; borzequins de chagrin, solla forte, para senhora, 5\$; botiñas de verniz, encouraçadas, para criança, 2\$ o par; assim como temos mais diversos calçados para homens, senhoras, meniús e meninos, que separamos do balanço para torrar por qualquer preço; no grande armazem do Azevedo, na rua dos Andradas n. 23, em frente ao largo do Rosario (antigo da Sé).

Hotel Primeiro de Março

Almoço. 500 rs. | Jantar. . . 500 rs.

Recebe pensionistas e fornece comida para fóra, com asseio e promptidão, por preços razoaveis

Rua Primeiro de Março n. 6, sobrado

ANNUNCIOS

Externato João de Deus
Aulas primarias e secundarias
60 — RUA SETE DE SETEMBRO — 60

A SEMANA

Accepta annuncios nas seguintes condições:

Nas ultimas paginas, na secção propria, a 2\$ cada um dos quadrinhos. Intercalados no texto, entre os artigos de redacção, 500 réis a linha. Em logar especial, de inevitavel leitura, 1\$ a linha.

Collegio N. S. da Candelaria
13 — LARGO DE CATUMBY — 13

Reclames

Publicam-se n'esta folha *reclames* commerciaes sob a fórma de contos, poesias, noticias, etc... Verdadeiras armadilhas, agradaveis e infalliveis, á attenção do leitor. Preços variaveis, conforme a natureza e o tamanho da *reclame* e mediante previo ajuste no escriptorio da folha — Travessa do Ouvidor n. 36, sobrado.

COLLEGIO PUJOL

CURSO COMPLETO DE PREPARATORIOS
ESTAÇÃO DOS MENDES
(E. F. Pedro II)

Acceptam-se neste escriptorio assignaturas para os seguintes livros, que proximamente virão a lume:

SONETOS E POEMAS

um volume de 200 paginas, por Alberto de Oliveira;

SONETOS DE TODA A COR

um volume de cerca de 200 paginas, por Henrique de Magalhães, com uma introdução do grande poeta brasileiro LUIZ DELFINO; e

AQUARELLAS

versos de Filinto de Almeida.

O preço de assignatura para qualquer d'esses livros é de

2\$000

LINGUAS

PORTUGUEZ, FRANCÊZ E INGLEZ
Professor—RODOLPHO PORCIUNCUA
Informações n'este escriptorio.

AO BALISA

F. A. FREIRE DE ANDRADE
Telephone 855

TISICA PULMONAR

HERVA HOMERIANA



Remedio poderoso e eficaz para a cura da **tuberculose pulmonar chronica** e de todas as molestias do pulmão e da garganta, licenciado pelo Ministerio dos Negocios do Imperio e approvedo por muitos governos e juntas de hygiene da Europa, que fizeram obrigativo o uso da

HERVA HOMERIANA

nos respectivos hospitaes.

E' usado tambem nesta corte, nos hospitaes da Sociedade Portuguesa de Beneficencia, da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, de Marinha e Ordem Terceira de S. Francisco de Paula e na Santa Casa da Misericordia da cidade de Rezende.

Unico agente para o Brazil **CARLOS BERTINI**, com deposito geral á rua do Senado ns. 16, 18 e 18 A.

Vende-se tambem nas principaes drogarias e pharmacias da corte e das provincias.

EXTERNATO HEWITT

INSTRUCÇÃO SECUNDARIA E COMMERCIAL
134 — RUA DO ROSARIO — 134
Rio de Janeiro

CHARUTARIA MODESTA

M. C. SERGIO BITTENCOURT

Completo sortimento de charutos nacionaes e estrangeiros, cigarros de todas as qualidades, diversos artigos para fumantes e tudo concernente a este ramo de negocio.

131 RUA DO OUVIDOR 131
CAFÉ DO BRASIL

LIMÕES DE BORRACHA

JÁ PROMPTOS

com tres cores, é só encher, vende-se a 4\$000 a grossa (12 duzias)

10 RUA DA IMPERATRIZ 10
Bazar Santa Rita

AO SAPATEIRO IBERICO**EUZEBIO LOURENÇO**

153 Rua Sete de Setembro 153

EM FRENTE À TRAVESSA DE S. FRANCISCO DE PAULA
Calçado sobre medida, para homens, senhoras e crianças.
Especialidade em calçados de setim, velludo, etc., etc., saltos á
Luiz XV.

Encarrega-se de mandar bordar qualquer calçado a ouro.
Aprompta com brevidade calçado para casamentos, balles,
theatros, etc., etc.

TINTURARIA DO PAVÃO

A VAPOR

Soares & Ferreira

Neste bem montado estabelecimento, tingem-se, limpa-se o con-
certa-se toda e qualquer roupa de homem, bem como tingem-se
fazendas de lã, seda, linho, algodão, fitas, chapéus, chales, etc.

TIRA-SE MOFO DAS FAZENDAS — TINGE-SE EM 24 HORAS PARA LUTO

Lava-se, tingem-se e enforma-se chapéus de homem.

Temos maclinismos para trabalhar tão perfeitos como as me-
lhores fabricas na Europa. Superiores tintas para escrever.

149 Rua Sete de Setembro 149

COLLEGIO TODOS OS SANTOS**FUNDADO EM 1876****6 RUA DAS DORES 6**

ESTAÇÃO DE TODOS OS SANTOS

Funciona a aula diurna das 9 horas da manhã ás 2 da tarde, e a nocturna, **gratuita**, para adultos, das 5 horas da tarde
ás 7 ½ da noite.

CONFETARIA LEALDADE

REFINAÇÃO DE ASSUCAR

ARMAZEM DE MANTIMENTOS**TORQUATO RODRIGUES DE MACEDO**

Apromptam-se encomendas com rapidez. Bandejas de doces, Pães de Lot, Fiambres, etc., etc.

Neste estabelecimento encontra-se sempre :

Vinhos finos e communs, Licores, Cognac, Genebra e todas as qualidades de bebidas alcoolicas, assucars,
chá, café, manteiga, biscoitos finos e communs, e muitos outros generos que diariamente
se gastam em casas de familia.

Tudo de superior qualidade e por preços da cidade

6 Rua da Floresta 6**LARGO DE CATUMBY****RIO DE JANEIRO****HOSPEDARIA FIEL**

RIA DA ALFANDEGA N. 236 E TRAVESSA DE S. DOMINGOS N. 2

Os proprietarios deste vasto estabelecimento têm a honra de
apresentar á concurrencia publica, bonitos quartos mobiliados,
espaçosos e muito arejados, offerecendo toda a garantia de se-
gurança, aonde os Srs. viajantes podem pernoitar livres de risco.
Todos os compartimentos com linda vista tanto para a travessa
como para a rua da Alfandega. Este grande estabelecimento tem
duas entradas, sendo a mais reservada pelo lado da TRAVESSA N. 2

A casa está aberta toda a noite. Preços modicos.—Lima & Xavier.

CHAPELARIA DE LONDRES

CASA DE PRIMEIRA ORDEM

Recebe por todos os paquetes o que ha de novidade emchapéus
das principaes fabricas de Paris, Londres e Hamburgo.
Offerece grandes vantagens em preços porque recebe todo o
seu sortimento directamente

J. C. M. GUIMARÃES JUNIOR**82 Rua Sete de Setembro 82**

106 Rua da Assembléa 106

CORSARIO

106 Rua da Assembléa 106

Camas de ferro para solteiro, com colchão, 78; ditas para casadinho, com colchão, 138 e 148; ditas com grades e colchão,
para criança, 88; berços com colchão, 68500; colchões de 6 palmos, para casados, 58; ditos de 5 palmos, 48500; de 4 palmos,
38500; de 3 1/2, 38; de 3 palmos, 28500; de 2 1/2, 28 e 18800; almofadas de crina, muito frescas, 18500; ditas de paina, de 500 rs.
para cima; lençoes de cretonne, superior, 18400; colchas, 18400; lavatorios completos, 58. Para casadinhos de fresco, camas de
vinhatico, a Ristori, 428; ditas francezas, para os mesmos, 258 e 278; um bom colchão de crina e capa de linho superior, para as
mesmas, 168 e 208; 4 almofadas de crina e paina de seda de Campos, para os mesmos, 88; marquezas de vinhatico, para solteiro,
208; camas de ferro, 3 ou 3 1/2 de largura, 48500; ditas de lona, 48; cadeiras, 28500; mesas para o quarto e para o dominó, 58
e 68; cortinados de filó de seda, para creança, 88; ditos para solteiros, 158; ditos para casados, de filó inglez, 258 e 308; paina de
seda de Campos, kilo, 38500; dita moreninha, mas fresquinha, 18500 e 18; crina aberta para as rabadinhas das senhoras, kilo, 18, etc.

A SEMANA

Publica-se aos Sabbados

POR TRIMESTRE :

NUMERO AVULSO

Dentro e fóra da capital:
28000 rs.

DIRECTOR — VALENTIM MAGALHÃES
REDAÇÃO E GERENCIA — TRAVESSA DO OUIDOR, 36, SOBRADO

Do dia 100 rs.; atrazado
200 rs.

Não se restituem originaes, embora não publicados.

SUMMARIO

Historia dos sete dias—Como nos recebêram—
Questão Malta—Noticias—Theatros—Poesia e
poetas, *Luiz Murat*—Phrenas e creanças, so-
neto, *H. de Magalhães*—Manuel de Mello, *G. Bel-
legarde*—O suicidio em moita, *José do Egypto*—
Carnaval da Historia, *Pedro Veron*—O amor,
poesia, *L.*—A prostituição no Rio de Janeiro,
Dr. H. de Sá—Recebemos—Bolos, *Chico Ferula*
A esposa, poesia, *A. Celso Junior*—Factos di-
versos—Cofre das graças, *Bibiano*—Correio—
Tratos á bola, *D. Pastel*—Declarações—An-
nuncios.

A SEMANA

Rio, 24 de janeiro de 1885.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Semana magra, magrissima.

Alguns suicidios, alguns eleitos de
pessoas importantes, uma tentativa de
envenenamento, mais alguns deputados
cleitos e...

O melhor é ir por partes:

16 — Um moço, contando apenas 19
annos, empregado em uma pharmacia,
põe termo aos seus dias, com dois tiros
de revólver. Era mais natural que se
suicidasse com qualquer droga toxica,
visto que era empregado em uma botica.
Se fosse armeiro suicidar-se-lia com...
arsenico.

Chamava-se Augusto Francisco dos
Santos. Ignoram-se as causas.

— Dizem os jornaes que foram eleitos
deputados: pelo 7.º districto de Minas —
o Dr. Antonio Carlos, e pelo 6.º districto
da mesma provincia: Dr. Mares Guia;
ambos liberaes.

17 — Sabe-se por telegramma que
falleceu em Pariz o illustre escriptor
Edmundo About, que por tão largos
annos e tão brillantemente honrou as le-
tras francezas—cultivando com igual ta-
lento, a chronica, o artigo de polémica,
o romance, o conto etc. Nascera em
Dieuze, na Lorena, a 14 de fevereiro
de 1828.

— Falleceu o brigadeiro Luiz Gui-
lherme Woolf.

— Commenta-se na imprensa e dis-
cute-se vivamente nos circulos politicos
o procedimento do Sr. conselheiro Lopes
Netto, nosso ministro plenipotenciario
no Chile e presidente dos tribunaes ar-
bitraes. Accusam-n'o acremente os jor-

naes de animadversão e parcialidade
contra o Chile, e tambem no parlamento
chileno foram erguidos vivos protestos
contra a maneira por que o Sr. Lopes
Netto tem tratado o exercito chileno.
Grave questão, mal conhecida ainda.
E' bom, antes de precipitado juizo,
ouvir a defesa do accusado.

18.—Soube-se aqui por telegramma
que foi eleito deputado á assembléa pro-
vincial de S. Pedro do Sul—o illustre
moço Dr. Assis Brazil, a figura mais
notavel do partido republicano d'aquella
provincia; a Assis Brazil, ao vigoroso e
inspirado poeta, ao illustrado auctor da
Historia da *Republica Rio Grandense* e
da *Republica Federal*—cordeaes para-
bens pelo seu bello triumpho.

19.—Outro suicidio ainda—o do antigo
funcionario aposentado da Casa da
Moeda, Francisco Guilherme Rufino de
Souza Lobato.

Tambem a revólver. Tinha sessenta e
tantos annos.

Foi, ao que parece, o desespero que
lhe causavam antigos padecimentos que
o levou ao suicidio.

— Um individuo,—que a policia já sabe
muito bem quem é—mandou á casa de
Mme. Creten uma cestinha com fructas:
—figos e mangas, para ser entregue a
uma rapariga, costureira na mesma
casa.

Achando-se ella ausente na occasião,
uma sua companheira, Babina Rosa,
recebeu as fructas e tentada pela belleza
de um figo—comeu-o.

Pouco depois estrebuchava em con-
vulsões. Reconheceu-se que as fructas
estavam envenenadas com strychnina.

A rapariga, medicada a tempo, está
fóra de perigo.

Imagem se a destinataria das fructas
as distribuisse pelas suas companheiras
de trabalho!

O perverso autor deste crime deve a
estas horas estar catrafilado, pois que o
dr. Cyro de Azevedo tem desenvolvido
extrema e perspicaz actividade em des-
cobri-lo. Vimos o retrato d'esse malva-
do e custa-nos confessal-o! achamol-o
um bonito rapaz. E' bem certo que se vêm
caras e não se vêm corações!

—Dá-se por eleito o dr. Vaz de Mello,
candidato pelo 8.º districto de Minas. E'
mais um para a lista do conselheiro

Dantas. E o caso é que ella se vac en-
chendo!

Mais um abraço, Excellentissimo!

20.—Fallece de uma antiga affecção
cardiaca o distincto actor brasileiro Pe-
regrino Lemos de Menezes.

Tinha talento e caracter a valer, como
é raro encontrar nos nossos paleos.

—O *Paiz* descobre novo caso Malta,
mas d'esta vez no sexo fragil: Malta do
saías. A vontade é boa, mas duvidamos
muito que essa Malta faça carreira.
Tambem que diabo!—nem todos os dias
são dias santos!

21.—Falleceu o commendador Fran-
cisco da Silva Ferreira, estimado com-
merciantes desta praça. Era juiz de paz
de Santa Rita, cavalleiro da ordem da
Roza e commendador da Conceição de
Villa Viçosa.

22.—Quidam vem de proposito aos
baixos do *Jornal do Commercio* para
espantar as duas Americas com a de-
claração de que o actor Maia não soube
ter, no *Pae de Marcial*, «a ligeireza que
caracterisa aquelle volátil que se cha-
ma: um pariziense.» Mas obstina-se
em não declarar para tranquillidade da
rua do Espirito-santo, que se o actor
Maia não representou bem o volátil foi
por absoluta falta de pennas. O Maia
tem de menos o que o Quidam tem de
mais.

Agora o que seria muito interessante
era que o actor Maia se implumasse
tanto que, em vez de nos apresentar um
pariziense, se desse ao excesso de nos
apresentar—dois!

—Continúa no *Jornal* o prelio in-
gente travado entre a commissão da
Faculdade de Medicina e o genro do ex-
cheife de policia Tito da Malta. Duello
a osso! Justa sinistra, combate sepul-
chral! onde tibias cruzadas com humerus,
calotes de encontro a frontaes e a pa-
rietaes, estalam no ar, enchendo a terra
do som cavo, secco e pavoroso do bater
de ossos! Dança macabra de esquirolos
e fragmentos de carnes, pelles e carti-
lagens, exposição publica de despojos
humanos entre quinquilharias e *bibe-
lots*!

E tudo isto por causa de uma triste
defesa de familia, mal e ineptamente
feita por um medico distincto, que não
trepidou em arriscar a sua boa repu-

tação, n'uma causa tão precaria e tão antipathica.

Dão as folhas noticia de que o benemerito Sr. Antonio P. S. Povoá. libertou, *sem onus* os seus dois escravos. Isaias e Thomazia, ambos de 83 annos de idade. OITENTA E TRES.

Que generosidade! que coração!
E eis a semana.

COMO NOS RECEBERAM

O *Diario Mercantil*, de S. Paulo, recebeu-nos por esta fórma:

A SEMANA

« Temos sobre a mesa o primeiro numero da *Semana*, hebdomadario que no dia 3 do corrente começou a apparecer na corte.

E' uma publicação de character especial duplo: dispondo de tempo para organizar-se, póde apresentar sobre todos os assumptos artigos bem pensados, amadurecidos pela reflexão: dando boletins dos acontecimentos mais importantes — desempenha as funcções praticas das folhas diarias. Dous melhoramentos inicia ella, dous melhoramentos de alcance, desconhecidos até hoje entre nós: retribue o trabalho dos escriptores, e assim anima-os a tentar estudos serios para escrever bons artigos; dá a seus assignantes consultas gratuitas sobre qualquer controversia de direito, de medicina, de commercio e de litteratura.

Com taes bases, não póde deixar a empreza de prosperar, e tudo isto é nada em comparação do prestigio que rodeia a pleyade brilhante de litteratos que a escuda:

Alberto de Oliveira, Alfredo de Souza, Aluizio e Arthur Azevedo, Filinto de Almeida, Luiz Murat, Pedro Americo, Urbano Duarte e Valentim Magalhães, são com effeito nomes sympathicos de moços de grande talento que impõe respeito e forçam a admiração.

Bemvinda a *Semana* ao *tramway* da publicidade.

Questão Malta

Para tratar d'essa importante questão que ultimamente parecia adormecida, foi designado pelo Exm. chefe de Policia o 2.º delegado dr. Cyro de Azevedo. S. S. começou a estudar a respectiva papellada e sabemos que vae refazer tudo. O dr. Cyro deu de si copia excellente no cargo de promotor publico do Rio Bonito, por occasião do assassinato dos escravos, como bem o demonstra a denuncia ante-hontem publicada pelo nosso illustre collega — *O Paiz*. — Por isso e por conhecermos a intelligencia e integridade do joven delegado, confiamos que l.a de fazer inteira luz nesse tenebroso embroglio.

THEATROS

A empreza Musella, do Polytheama, deu-nos a *Norma* de Bellini, na quinta-feira e promete-nos para a proxima semana a tragedia Lyrica em 4 actos, de Petrella, *Yone*.

* *

No Lucinda, a empreza da Apollonia,

promette-nos para terça-feira a *Casta Suzanna*, bonita comedia em 3 actos, de E. Granget e Victor Bernard.

Esta comedia é do genero de Labiche e deve agradar ao nosso publico.

Em seguida dar-nos-há — *O Ponto de Mira*, comedia que vae ser chrismada, mas cujo novo titulo não podemos revelar por emquanto aos nossos leitores; e *A condessa de Freirial*, drama em 5 actos, de Rangel de Lima.

Em seguida teremos por esta bem organizada companhia *O escravo da culpa*, drama hespanhol em 3 actos, de Cavestany.

* *

O Recreio remontou o *Gran-Galeoto*, fazendo o Sr. Lisboa o papel de Ernesto e o Sr. Castro o de Pepito.

Remonta o *Castello do Diabo* e prepara *As meninas Godin*, bella comedia em 3 actos, de Maurice Ordoneau, traducção do Sr. José do Patrocínio.

A tragedia em verso, de Echegaray, *No seio da morte*, só irá depois do carnava.

Illeje representa-se o *Gran-Galeoto*.

* *

O Sant'Anna, emquanto não acaba de ensaiar a *Cocota*, revista do anno passado, vae-nos dando o *Bocaccio*, cuja centesima representação testejou na quinta-feira com os classicos escudos, folhagens e bandeirolas.

* *

A *côrte na roça*, opereta de Palhares Ribeiro e musica da Exma. Sra. Francisca Gonzaga, desagradou litteralmente no Principe Imperial, por via do horroroso desempenho que lhe deu o não menos horroroso pessoal da companhia.

Todavia, a musica, cheia de mimo, graça e character nacional, agradou muitissimo, conquistando a talentosa auctora justissimos applausos e animador estimulo para proseguir na carreira encetada.

O que lhe podemos desejar com sinceridade é melhores librettos e melhores interpretes.

* *

A' obsequiosidade do seu auctor, o joven Figueiredo Coimbra, devemos agradecer o bonito trecho da comedia *As duas noivas*, que hoje publicamos.

* *

Lembraremos hoje aos nossos leitores as palavras que no passado numero d'*A Semana* lhes dissemos com relação ao malogrado actor Peregrino.

Era, infelzmente, verdade o que afirmámos; o estado do excellente artista era tão grave que elle falleceu no dia 20, ás 8 1/2 da noite.

Vem a proposito narrar aqui uma bôa acção, embora não chegasse a ser realisada.

Impulsionada pelo seu bello coração de mulher e de artista e movida pelas nossas palavras do numero passado, uma das nossas mais distinctas actrizes, um dos melhores e mais amplos talentos do theatro nacional, e que ao mesmo tempo é empresaria de uma companhia dramatica, havia resolvido separar em todas as noites de espectáculo da sua empresa, uma pequena quantia, que todas as segundas-feiras, augmentada quando houvesse augmento de receita, seria entregue pelo redactor d'esta secção ao desditoso actor enfermo.

Infelzmente Peregrino falleceu tres dias depois d'esta resolução, não chegando, por consequencia, a gosar d'este pequeno mas generoso beneficio, tão lou-

vavel e digno de nota quanto a mão bemfeitora havia imposto como unica condicção que nem Peregrino nem a sua infeliz familia soubesse de onde partia.

Agora que elle desapareceu para sempre, não temos escrúpulos em insinuar, em dar a entender quem era a actriz que desejava socorrer com sua assistencia o collega invalido.

Nós limitamo-nos a estender-lhe affectuosamente a nossa mão e a admirar com o maior respeito a bondade da sua alma.

* *

AS DUAS NOIVAS

COMEDIA EM 1 ACTO, ORIGINAL DE FIGUEIREDO COIMBRA

SCENA VI

Henrique e Flora

HENRIQUE

Chega em boa occasião.
Quiz ha pouco ir procural-a,
Porém fiquei n'esta sala
Para evitar discussão.

FLORA

Quer falar-me?

HENRIQUE

Com effeito.
Vou dar-lhe em poucos momentos
Noticia dos sentimentos
Que me refervem no peito.

FLORA

Sei tudo.

HENRIQUE

Tudo que sabe?

FLORA

Que D. Elvira o aborrece
Porque (*hesitando*) mas não me parece...

HENRIQUE

E porque? vamos, acabe!

FLORA

Porque adora outra pessoa.

HENRIQUE

Essa agora é muito boa!
Hein! que me diz, D. *Aquella*?
A coisa parece incrível...
Muito me conta! Pois ella,
A minha noiva... E' impossivel!

FLORA (*offendida*)

Não crê no que digo então?
Saiba, doutor, que não minto.

HENRIQUE

Ah! não foi minha intenção...
E quem é elle?

FLORA

Jacintho.

HENRIQUE

O seu noivo?

FLORA

Justamente.

HENRIQUE

Esse bruto, esse animal?

FLORA

E' elle mesmo, tal qual!

HENRIQUE

Mas isto é sorprendente!

FLORA

Ella me dá que pensar,
Dando tambem que sentir:

Os dias leva a sonhar
E as noites leva a dormir.
Não sonha amores deitada
Ou mesmo dormindo embora,
E uma noiva apaixonada
Sonha sempre, a toda hora.

HENRIQUE

E elle que faz? também sonha?

FLORA

Inda não deu pelo caso.

HENRIQUE

Declaro em publico e raso:
Isto é uma pouca vergonha!

FLORA

Ninguém me contou; eu vi!
Porém, se quer a certeza
Do facto, esconda-se alli
Debaixo d'aquella mesa.

(Indica a mesa)

HENRIQUE

O meio não é decente...

FLORA

Póde esutar sem receio.

HENRIQUE

Adeus! o fim é innocente
E o fim justifica o meio.
(A Flora) Hade esconder-se commigo.

FLORA

Juntos? não é natural!

HENRIQUE

(Sorrindo) Deseance; não ha perigo.
Respeito sempre a moral.
(A parte) Veremos muito á vontade
Esse quadro interessante.
E havemos de rir bastante
Se a Flora disse a verdade.
(Escondem-se. Elvira apparece á esquerda)

POESIA E POETAS

Acabamos de ler as *Illuminuras*, um volume de versos do Sr. Achilles Porto Alegre.

Não sabemos francamente qual o juizo que devamos emitir sobre o seu trabalho.

Se por um lado falta ao poeta a espontaneidade da concepção e o relevo na maneira de exprimir as multiplas sensações que a sua alma experimenta, por outro lado o seu livro não pode ser confundido com a maioria dos trabalhos d'este genero, que diariamente se publicam n'esta terra de bar-los.

A monomania pelo verso, no Brazil, chegou ao seu auge.

Não ha um só d'estes moços que não se sintam com aptidões muito accentuadas para extravasar no verso, todo o abundante afflux subjectivo que lhe enche a alma.

Sem talento, sem o menor pendor litterario, accumulam paginas e paginas com verdadeiras sensaborias, que ao mesmo tempo que prejudicam a quem as escreve, depreciam o valor e restringem a influencia moral e esthetica do verso.

Como é sabido, nós somos de uma ignorancia profunda. A maioria d'aquelles para quem escrevemos, é absolutamente incapaz de discernir sobre uma obra de qualquer natureza, quer encrere

uma sequencia de observações sociaes, quer deduza um phenomeno moral, de maxima importancia, do conjuncto psychologico de um dado meio.

Poucos reconhecem a superioridade organica da poesia na confecção moral do individuo.

A poesia ha muito tempo que abandonou o seu character metaphysico, para occupar o seu verdadeiro logar no conjuncto systematico dos factores que dirigem e alimentam a natureza psychologica do homem.

Tudo passou por uma grande revolução. Um novo ponto de vista, veio reconstruir as sciencias e as artes e reviver a acção vital do trabalho especulativo, sobre os destinos sociaes.

Conhecido, pois, o papel que a poesia occupa, como estimulo moral na orientação affectiva do homem, cumpre estudar-a hoje em todas as suas manifestações e distender quanto possivel a sua alçada e consolidar as suas bases.

Se e esta a nossa opinião sobre o ramo esthetico, para onde se volta a attenção dos moços brasileiros e se comprehendemos ainda mais, que esse espasmo mental não só redunda em prejuizo para a *poetaria* desenfreada, como tambem para a propria poesia, urge que a critica intervenha, sustando a violencia d'essa estupenda invasão de Hunos pelo solo sagrado da arte de Dante e de Homero.

Assim, sem preambulos e sem rodeios, asseveremos que as *Illuminuras* é um livro medioere e falso.

O Sr. Porto Alegre não deu á publicidade um livro que satisfaça ás exigencias da critica. O seu trabalho está eivado de defeitos.

Entre muitos apontaremos os seguintes:

Pouquissima originalidade: uma floresta de palavras óas, mal empregadas e sem representarem amplamente a idea que incerram; 24 rimas em *ina*, 23 em *osa* e *oso* e 43 em *ado* e *ada* e alguns versos incorrectos, como este:

« A longinqua paragem em zona estranha. »

Este verso está completamente errado.

Porém, um dos maiores defeitos do livro, é a pobreza de rimas, a falta de cuidado na sua escolha.

Com um pouco mais de trabalho, teria o Sr. Porto Alegre publicado um melhor volume de versos.

Porque essa repetição continua das mesmas palavras, para formarem a rima fatiga o ouvido e constitue um grave defeito de fórma.

Todavia, esperamos que o Sr. Porto Alegre, no seu segundo volume, corrija os erros por nós apontados ás pressas, e nos offereça um trabalho mais completo, mais homogeneo e mais nitido.

Ainda que reconheçamos que as *Illuminuras* poucas bellezas continham, em todo caso não podemos deixar de considerar o seu auctor, um moço de talento que muito promette.

Eis a nossa opinião.

LUIZ MURAT.

PHALENAS E CREANÇAS

Em cardume gentil, as creanças rosadas
Vem chitreando e vem correndo, estovadas,
Pelo campo, — onde a noite o sereno goteja, —
E vibram pelo espaço estridulas risadas.

Patinam no riacho, onde o junco vierja,
Das phalenas seguindo a frota, que dondeja,
Pelo ar; agitando as madeixas ondedas;
Loirejantes, que a luz do sol crestante heija.

Um bando fogo e outro avança, um bando roça
Pelo outro bando; e, então, não ha quem dizer possa.
— Da Natureza em meio ás delirosas bodas, —

Quaes sejam as irias borboletas serenas:
Se as creanças, que são doudas como as phalenas!
Se as phalenas, que são como as creanças doudas!

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

Dezembro de 1884.

Publicamos hoje umas ligeiras notas bio-bibliographicas escriptas sobre o saudoso Manuel de Mello por Guilherme Bellegarde. Fazem parte de algumas paginas escriptas por esse illustre homem de letras como introdução manuscrita a um volume de Adolpho Coelho, por S. S. destinado para premio da aula de portuguez do Lyceu de Artes e Officios, sob o titulo:

« Premio Manuel de Mello. »

MANUEL DE MELLO

Manuel de Mello (Manuel da Silva Mello Guimarães) nasceu na cidade de Aveiro, em Portugal, a 7 de Abril de 1834.

Aos onze annos, em 1845, desembarcou no Rio de Janeiro.

Dedicando-se desde logo á carreira commercial, chegou, patrocinado pelo melhor dos Mecenas—o merito real, ao logar, que exemplarmente desempenhou de Secretario do Banco Rural e Hypothecario.

Alquebrado por fatal doença do fígado, partio para a Europa, a instancias de amigos e da directoria do Banco, em 1883.

Expirou em Millão a 4 de Fevereiro de 1884.

* *

Manuel de Mello escreveu e publicou:

As series de artigos que constituem as notaveis *Polemicas Litterarias* á cerca do *Diccionario da lingua portugueza* por Eduardo de Faria; da traducção das *Georgicas* por A. F. de Castilho, e do *Catalogo Suppletario do Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro*: a *Lysia Poetica*, com introdução, notas e apostillas; o estudo *Camões* na edição especial do *Jornal do Commercio* de 10 de Junho de 1880; as *Notas Lexicologicas* na *Revista Brasileira*: o livro, inacabado, *Da Glottica em Portugal*, e o mencionado *Catalogo*; e concorreu para periodicos do Rio de Janeiro com collaboração anonyma.

* *

Referindo-se ao livro *Da Glottica em Portugal* escreveu a *Gazeta de Noticias* (n. 48 de 17 de Fevereiro de 1884) sob a rubrica *Manuel de Mello*:

« A origem d'este livro foi uma critica do Sr. Adolpho Coelho a algumas linhas que Manuel de Mello, activo e patientissimo collaborador do *Diccionario Bibliographico*, como seu irmão Joaquim de Mello, communicára a Innocencio

Francisco da Silva, acerca de uma obra d'aquelle escriptor e que Innocencio incluiu no *Diccionario*.

« Começada a impressão em 1872, foi interrompida em 15 de Junho de 1875 na pagina 312.

« Embora incompleto, é um documento valiosissimo do copioso saber d'esse homem, escripto com elegancia e vernaculidade e cheio de indicações numerosissimas. »

*
**

Do que fica succintamente expellido se depreheende que Manuel de Mello foi auxiliar prestantissimo de estabelecimentos commerciaes e bancarios, mas viveu para as lettras, amando-as, prestando-as, defendendo-as e exaltando-as, com a palavra e com o exemplo, quanto pôde e emquanto pôde.

*
**

Honremos sua memoria.

Manuel de Mello foi homem de bem, austero cumpridor do dever, perfeito cavalheiro e douto escriptor.

D'elle se pôde dizer, como do illustre bibliographo e bibliognosta portuguez Innocencio Francisco da Silva — « Foi um dos ultimos representantes da geração que estudava. »

GUILHERME BELLEGARDE.

O SUICIDIO EM MODA

Houve tempo em que era raro o matar-se um homem a si mesmo. Uma vez nascido, entendia-se com muito senso que se devia ir vivendo até quando fosse Deus servido. Uma ou outra excepção vinha frisar a belleza da regra. Era então um horror, uma grande admiração ingenna. Gravavam-se em tijolos, em papyrus, em taboas enערadas, no marmor da sepultura, o dia, a causa, as circumstancias do extraordinario acontecimento. Tinha-se então muito medo de Zeus, de Jahveh, de Allah, de Ananké e de varias divindades acabadas em « ah » e em « eh. » O pensamento unico de ir habitar o Orco, de passar o Styge, de cahir nas garras do diabo, suspendia o ferro suicida.

Veneravam muito os lividos eremitas, que do pulpito dos rochedos, ondulado as longas barbas amarelladas prégavam o amor á vida, a sujeição céga á vontade do Eterno. E a mão esqueletica surgindo da sombra do burel apontava a abobada azul e mysteriosa. Os povos encliam-se de medo e regressavam ás habitações, trazendo um grande apetite, elles, que haviam levado o desespero n'alma.

Depois foi-se acostumando a humanidade ao aspecto da morte, foi-lhe perdendo o horror. Vieram as guerras civis, entre irmãos, familiarisaram-se com a idéa de que a morte é um grande somno e foram-se deitando a dormir com um ferro enterrado no peito.

A rebellião de Luthero, as gargalhadas de Voitaire, as theorias de Diderot, 89 e 93 acabaram por convencer o homem, de que, além da campa não ha deshonras, nem credores, nem desesperos, nem mulheres ferozes e infieis. E começaram os suicidios.

Ao principio havia certa sobriedade. Para ingerir uma duzia de cabeças de phosphoros, era preciso meia duzia de dissabores fortes. A gente que se enforcava, dava-se á cortezia de deixar um hilliete explicando aos que ficavam, porque commettia aquelle « acto de des-

espero. » Depois esta phrase tornou-se chapa e os suicidas abandonaram-a.

Hoje não é da morte que se tem medo: — é da vida.

E os snieidios, que, ao começo, eram casos raros, tornaram-se factos banaes, eomesinhos incidentes da vida quotidiana.

Ultimamente abundam os suicidios na capital, tomando quasi o character de mal epidemico.

E' suicidio por dá cá aquella palha!

Então que é isso? « Ella » casa-se com o Quincea Rocha?... « Suicidio! »

A « quebra » ali vem? A escripturação está em desordem? « Suicidio! »

O Barroso, alfaiate, quer ser pago? « Suicidio! »

Os mil do Ypiranga não vieram! « Suicidio! »

O tempo está chuvoso e aborrido, não vêm os « pareiros » para a « bisca? » « Suicidio! »

Buckner diz que tudo é materia, não ha alma? « Suicidio! »

Descobriu-se que aquella poesia: — A tarde triste — era plagiada de Casimiro de Abreu? « Suicidio! »

A sociedade está entre Diogenes, o cynico e Chatterton, o « blasé. » Ou um tonél... ou tiro nos miolos.

Parece que o primeiro é mais comodo.

Elles, os suicidas, sempre têm suas razões, mesmo quando não as têm. Contestam: e a familia? e a patria? Ora a patria! A familia, é certo, chora, lamenta-se, desespera, oito, quinze dias, um mez... Depois... vae-se arranjando e suspira pensativa (apenas): « Coitado! »... Além d'isso ahi estão as mulheres na sua fecundidade, que dizem ironicamente ao suicidio: Ah! você leva 500, pois nós faremos nascer mil. Vamos a vêr quem vence...

Eu creio que são as mulheres.

JOSÉ DO EGYPTO.

O CARNAVAL DA HISTORIA

AUGUSTO.—Só deixou de derrubar victimas quando todo o mundo estava no chão. Mas afinal tambem os tigres envelhecem. E deve-se-lhes agradecer o não morderem, quando já não teem mais dentes? Teve a felicidade de ter por contemporaneos alguns homens de genio.

O que fez chamar ao seculo em que viveu: o *seculo de Augusto*. Como se o *abat-jour* fosse a luz!

AGOSTINHO (SANTO).—Charlata celebre, em quem *não poder* passava por *não querer*. A gastrite cononisada sob o nome de sobriedade.

AZAIS.—O inventor do *systema das compensações*. Exemplo:

—Fulano é cego. Que desgraça!

Mas isso o impede de ver Veuillot. Que felicidade!

—Sicrano é surdo. Infeliz!

Mas não pôde ouvir Wagner. Felizardo!

—Os pobres morrem de fome. Mas os ricos morrem de indigestão. Equilibrio.

E' escusado dizer-lhes o que pensam a tal respeito.

BACCHANTES. — Antigamente mostra-

vam-se sob a pelle de um tigre. Hoje cobrem-se com a pelle de um outro animal, inseparavel do deserto.

BALAAM.—Passa por haver sido convertido pela intervenção de uma besta.

Não me admiro d'isso, pois que tenho ouvido muitos burros fallar sobre religião. Mas nenhum me converteu ainda.

BAYARD. Sem medo e sem macula. Já-mais será confundido com o principe Napoleão.

BELLINI. Uma lyra edlia. Fazia musica... musical! O maroto!

BENEDICTINOS. Os unicos monges que não eram malandros. Naturalmente para lembrar que a excepção confirma a regra.

BEOCIA. Diz a geographia que o Parnaso era situado na Beocia. Senhores parnasianos, não fui eu que o disse.

BERANGER. O ultimo poeta que fez voar a canção. Hoje fazem-n'a patinhar.

BIBLIA. Antigo testamento... Novo testamento... Paciencia! A razão redigirá o codicillo.

BICHAT. Um dos reveladores dos segredos do organismo humano. Podemos chamal-o — « um pintor de interiores. »

BONAPARTE (Os) Vide *Invasão*.

BORDEAUX. Illustre cidade que deu seu nome a vinhos famosos. Nunca se viu mãe que reconhecesse tantos filhos alheios!

BOSSUET. O Talma do pulpito.

BREDA. Cidade forte de Hollanda. Ironia dos contrastes: — Déram esse nome á rua de Pariz em que menos se pensa na *resisteneia*!

PEDRO VÉRON.

(Continúa).

O AMOR

(TRADUZIDO DO INGLEZ)

E o que é a amizade? um nome; encanto Que, para adormecer, nos canta ao lado; Sombra que segue a opulencia e a fama E deixa soluçar o desgraçado.

E o amor é um som mais vão ainda; A bella d'hoje em dia o escarnece; Não se encontra na terra, ou vê-se apenas Esse que da ave errante o ninho aquece.

L.

O Club dos Democraticos, benemerita sociedade carnavalesca, offereceu na segunda-feira um deslumbrante baile aos seus socios.

Dizer qual a animação, o ruído, a alégria, o prazer, que se notava e admirava nos salões do club, não é tarefa para quem, como nós, dispõe de tão limitado espaço. Nas festas d'este genero, seintillantes e magnificas, ninguem ri valisa com as sociedades carnavalescas, e, entre estas, sempre a dos Democraticos occupou distincto e saliente logar.

O jornal *Pantasma* é que, lá para que digamos...

Emfim, sempre trazia uma boa pihleria:

«Acha-se atacada do cholera-morbus a sogra do nosso amigo Boccacio Junior. O estado do cholera é grave.»

Agradecidos pelo amavel convite.

PROSTITUIÇÃO NO RIO DE JANEIRO

Au moins, je vais toucher une étrange matière:
Ne vous scandalisez en aucune manière.
Quoi que je puisse dire, il doit m'être permis.
Et c'est pour vous convaincre, ainsi que j'ai promis.

(MOLIÈRE).

Em 1882, tendo deixado os bancos academicos um moço de talento, que é hoje um distincto clinico d'esta capital, lembrou-se elle de fundar a *Gazeta Médica Brasileira*, tendo para auxiliares os abalissados mestres conselheiro Torres Homem e Dr. Domingos Freire.

Na brilhante phalange de colaboradores que o acompanhavam fui convidado a alistar-me, convite infelicissimo, pois que qualquér trabalho que eu apresentasse, ao lado dos que appareciam naquellas columnas, brillaria, pelo estylo e pelo valor scientifico, como uma pedra de carvão das nossas cosinhas ao lado do carbono puro crystallizado.

Sali, entretanto, da minha obscuridade e encetei uma correspondencia sobre um dos flagellos, o mais terrivel talvez, que ainda hoje atormenta a nossa cidade.

Assumpto vastissimo, não pôde ser tratado de uma maneira completa, porque esse jornal desapareceu, em consequencia da notoria indiferença que existe infelizmente na classe a que pertenco.

Venho, portanto, para as columnas d'*A Semana*, jornal que caminha com esperanza de auspiciosissimo futuro, destinado a recrear e ao mesmo tempo a prestar serviços á nossa população.

Venho novamente levantar a questão, que é importante e que está despertando o entusiasmo de uma penna melhor aparada do que a minha, questão que merece a vigilancia d'aquelles que são encarregados de velar pela saúde publica e acalmar os abusos que por ali se commettem a todos as horas do dia e da noite.

Ninguém mais apto para occupar-se d'ella do que o medico, que deve seguir os passos da sociedade do berço ao túmulo, sacrificar-se pela felicidade popular, tendo por norma invariavel uma probidade superior.

O vasto e enorme assumpto de que vou tractar diz respeito á soltura dos costumes que, sendo incompativel com a felicidade do genero humano, está invocando o auxilio do medico, que é tambem um philosopho socialista.

No Rio de Janeiro, no centro da sua população, em lugares por onde passam bonds que conduzem milhares de familias diariamente para os mais pittorescos suburbios, existem umas habitações, cujo aspecto, principalmente á noite, obriga a mulher virtuosa a baixar os olhos.

São publicos e notorios os perigos da terrivel enfermidade que é recebida n'essas habitações, que precisariam da verve mordaz de Juvenal, d'esse satyrico latino, para serem descriptas; enfermidade que ha de trazer a degeneração da especie humana, se não houver zelo e cuidado.

O ardor da nossa mocidade fal-a precipitar-se n'esses antros tenebrosos para entregar-se aos requêbros embriagantes das nossas meretrizes. Este erro voluntario é pago com a saúde, quando não com a existencia.

As affecções syphiliticas já não causam receios á mocidade hodierna; o virus é por ella recebido com a maior indiferença, e, se procura o medico, pede-lhe sempre uma medicação rapida; d'onde se conclue que não ha desejo de restabelecer a saúde, mas sim de achar-

se prompta para novamente saborear o veneno das bacchantes.

A sociedade nascente não aproveita hoje a lição recebida n'essa escola de uma pestilencia inerivel; salte do abyssmo para n'elle precipitar-se de novo. Representa ella o individuo a tentar continuamente contra a sua existencia, sacrificando o *serva te ipsum* nas aras da venenosa prostituição: e isto é grave e muito grave.

Compreende-se que essa indiferença pelo mal, esses continuos excessos, esse abuso acabruha a constituição, arrasta consigo á cachexia syphilitica, desenrolando todo o quadro horroroso esboçado por esse protheu, elemento destruidor das sociedades, chamado *syphilis*.

Abrindo a obra do grande Gibert, veremos o seguinte: « Os principaes vestigios de cachexia venerea são, além dos phenomenos ordinarios e caracteristicos, o emmagrecimento geral, pallidez, manchas escorbúticas nos membros inferiores e uma grande disposição para o edema, a hydrophisia. O moral e o physico são igualmente abatidos; os doentes são melancolicos, choram ao mais leve incidente, quando não cahem n'uma apathia interminavel que muitas vezes chega até ao idiotismo. Se acerescentarmos a estas notas de cachexia os estragos espantosos do virus venereo, o qual tem produzido a deformação do nariz, desfigurando terrivelmente o individuo; a presença de ulceras fetidas na cara e em todas as partes do corpo; conceber-se-ha bem todo o horror que tal quadro deve inspirar »!

Já tive occasião de observar na minha clinica clientes d'essa especie, victimas d'esses antros ignobeis que mereceriam mais cuidado dos encarregados de velar pelo bem da humanidade.

Se todas essas devastações que são conhecidas, não merecem attenção e não inspiram receio, ali fica a auctoridade de Gibert que está pedindo justiça.

Desenvolverei a questão nos subsequentes artigos.

DR. HENRIQUE DE SÁ.

BOLOS

Ah! Senhora *Folha Nova*! D'esta vez vossa mercê não merecia sómente bolos — merecia ir para cima do banco, com o classico barrete de Midas. E se lhe não pômos o barrete é por que sabemos que elle desapareceria entre as suasorellhas descommunaes.

Então, sua lanzuda, achou que havia muitos *ques* no trecho da traducção do *Seio da morte*! Se vossa mercê soubesse alguma coisa da nossa lingua, sempre lhe perguntariamos de que maneira poderia ser traduzido o pensamento do grande poeta hespanhol, quando elle esereve com tantos *qq* como nós.

*

**

Porque não procurou um trecho original de prosa ou de verso para analysar?

Como nada encontrou, agarrou-se miseravelmente a uma traducção, onde o traductor não intervem senão com a sua arte e com o couhecimento das duas linguas.

Todavia, se algum dos seus guarda-livros entendesse de versos, perguntar-lhe-hiamos onde estão os defeitos que l'hos fizeram parecer *tragicos*?

Mas descance, não a collocaremos no embarço de responder.

Termina a sua noticia dizendo ineptamente que o dr. Semana e o seu mo-

leque não tiveram graça. Penseu com isto offender-nos! Não, lanzudinha, não! Não nos offende com isto, porque a comparação com o dr. Semana e seu moleque, de saudosa memoria, nos é extremamente lisongeira. Estes dois personagens que a enegotavel graça da antiga *Semana Illustrada* immortalizou, tinham tauto e tão fino espirito, tanta e tão fina *verve*, que vossa mercê nem com mais quarenta guarda-livros e trinta ajudantes poderá comprehender nem imitar.

A sua vida ingloria, e, por vezes, vergonhosa, — como quando patrocina a causa dos falsificadores e dos envenenadores da saúde publica, — offerece-nos vasto campo a retaliações de toda a especie; mas nós temos generosidade bastante para não nos aproveitarmos da sua desgraça, e não contribuiremos, ao menos por este lado, para augmentar-lhe a sua já tão grande impopularidade.

Podiamos tambem abrir nma secção com o titulo de—*Tolices da Folha Nova*, mas não o fazemos porque, entre outras razões de monta, não dispomos do espaço do *Jornal do Commercio*, onde só caberia nma tal secção.

Dir-lhe-hemos sómente, por hoje, que é erro digno das mais fortes palmatoadas este que lêmos no seu numero de 21, 2ª pagina, 7ª columna:

« Na proxima sexta-feira haverão grandes exercicios com as torpeleiras ns. 1 e 2 e duas lanças de agulha de 4ª classe. »

O grypho é nosso, porque a asneira é sua.

Haverão! haverão!! Virgem da piedade! pinga-lhes uma gotta da tua graça! enquanto todos estes burocratas do jornalismo não infestam inteiramente o paiz!

Sim, minha Virgem Santissima! que eu estou a adivinhar-lhes a intenção perversa de asininar toda esta terra — plantando-lhe os proprios pés!

*

**

O nosso amigo, e excellente amigo, Escaravell.o de Castro Urso, recolheu o ferrão.

Voejou trefego e celete alguns dias por de sobre as nossas geniaes cabeças, mas afinal, espantado por um ligeiro sacudir de lenço, fechoa as azas douradas, calou os zumbidos monotonos — e foi-se!

Boa viagem, velho e excelente amigo! ditoso paé de todos os Quidans e Cheiracheiros do Universo!

Tu foges-nos exactamente no momento em que nós começavamos a amar-te e a venerar-te, e, conquanto nos carregues com uma boa porção de assumpto, nunca te quereremos mal.

Abre pois as tuas azas e voeja, voeja sempre por de sobre a imprensa.

Por o meu muito amor aos favaes, só o que te peço com grande instancia é que não te vás—á fava.

CHICO FERULA.

A ESPOSA

(CATULLE MENDES)

Ahod era pastor.

Um dia de verão

Sua esposa depondo o cantaro, no chão,

A' sombra adormeceu e teve de repente

Um sonho que foi este, assim:

— Primeiramente

Parece-lhe accordar do seu marido á voz

Que dizia: « Mulher, levanta te veloz... »

— Ha um anulo, de Segór vendi aos mercadores

Cem ovelhas das quaes inda são devedores...
Mas a distancia é grande e velho eston. Alguem
Precisa ir a Segór em men logar, mas quem?...
Diligente e fiel e raro um mensageiro:
Vai tu e cobra lá depressa o meu dinheiro. »

Ella não objecto o deserto, o temor,
Os bandidos... « Maudais?... escrava sou, senhor, »
E quando: « E' por allí » elle disse, apontando,
O seu manto de lã tomou e foi audando.

O caminho era atroz, tão aspero de andar
Que poz-lhe em sangue os pés e em lagrimas o olhar.
Andou por todo o dia... A' noite andava ainda,
Sem já ouvir nem vér na immensa estrada infunda,
Quando subito um vulto elastico saltou
Da sombra em cima d'ella: a bocca lhe tapon,
Brutalmente arrancou-lhe o manto, e, satisfeito,
Escapou-se, um punhal cravando-lhe no peito...

Nisto, do sobresalto ás vibrações febris
Accorda...

Estava ao lado o esposo que lhe diz:
« Ha um anno, de Segór vendi aos mercadores
Cem ovelhas das quaes inda são devedores...
Mas a distancia é grande e velho eston. Alguem
Precisa ir a Segór em men logar, mas quem?...
Diligente e fiel é raro um mensageiro:
— Vai tu e cobra lá depressa o meu dinheiro. »

A mulher respondeu: « Ordenais? Prompta estou
A obedecer-vos já, meu senhor. » E chamou
Os filhos. Do maior sobre a cabeça altiva
Poz um instante as mãos. Beijou a fronte esquiva
Do mais moço, que ao vê-la os bracinhos abriu...
No seu manto de lã envolveu-se e partiu.

AFONSO CELSO Junior.

No proximo numero publicaremos um
bellissimo conto de Lucio de Mendonça
com o titulo:—*Mãe cabócla*.

FACTOS DIVERSOS

Partiram hontem para a villa de
Padua, depois de curta demora entre
nós, os Srs. dr. Mello Cunha, advogado
e capitão Joaquim Cesar, collector.

No dia 26 do proximo mez de Fevereiro
deve apparecer na villa de S. Antonio
de Padua um novo periodico bi-semanal
com o pittoresco, embora pouco intel-
ligivel, titulo de—*Itaypava*.

Terá como principal redactor o Sr. Al-
berto Veiga, que tambem será adminis-
trador da empresa. E' o que consta da
circular que nos foi enviada.

COFRE DAS GRAÇAS

Calino, tendo lido a seguinte noticia
em uma folha diaria: « A's 4 1/2 da
tarde de ante-hontem, um carro das
obras publicas foi de encontro a José de
Sá Gambôa, vigia na rua Sete de Se-
tembro, esquina da da Uruguayana, e
inutilisou-lhe a perna de pau. » — ex-
clamou:

— Que homem feliz! Olhem se a perna
não fosse de pau!

×

E' curioso:—quanto mais as mulheres
se decótam, mais calor sentem... os ho-
mens!

×

Não é máu este calembourg:

A table.

— Comment trouvez vous ce fromage?
— Il empoisonne... neanmoins (nez
en moins) il est bon.

×

Observação curiosa:

Percorra-se a longa serie de suicidios

nos noticiarios das folhas, e duvido que
se encontre:

— Um cutileiro que se tenha apunha-
lado;

— Um pharmaceutico que se tenha
envenenado;

— Um carvoeiro que se tenha suici-
dado por asphyxia;

— Um cordoeiro que se tenha enfor-
cado;

— Um armeiro que se tenha suicidado
a tiro.

Qual a razão de um facto tão sin-
gular?

Respondam os philosophos.

BIBIANO.

O Sr. Dr. João Gomes da Rocha e Aze-
vedo Junior, obsequiou-nos com um exem-
plar do seu *Estudo clinico das molestias
parasitarias da pelle, mais frequentes
no Brazil*.

Assumpto vastissimo e sujeito ainda
em muitos pontos a discussões e contro-
versia, não nos permite fazer um juizo
critico cabal no estreito espaço de que
dispomos.

A dissertação de S. S., porém, é digna
de elogio, mormente se attendermos á
circumstancia de que é o iniciador do
estudo da dermatologia brazileira.

Recheiando de valiosas observações
clínicas, procurou o auctor tornar pra-
tico o seu trabalho, occupando-se de um
modo brilhante sobre o tratamento das
afecções parasitarias.

Se existem pontos no seu trabalho,
que ainda não se acham perfeitamente
elucidados, é isso determinado pela indif-
ferença que se nota ainda no estudo
d'essa intrincada questão, que S. S. pro-
cura desenvolver, demonstrando tino,
investigação e proficiencia.

Pela nossa parte enviamos-lhe um voto
de animação e profundo reconhecimento
pela valiosa offerta que nos fez.

TRATOS Á BOLA

D'esta vez estamos como o Sr. Pau-
lino em certa sessão na Camara — ar-
rollados.

Mas não penseis, leitor, que gesticu-
lamos ou vozeamos de ira; não, senhor!
Estamos arrollados e satisfeitos com a
rolha.

Como é bom não se ser politico!
Tinhamos, no nosso numero ultimo,
manifestado certo arrependimento...
que nem desejamos lembrar, e agora
mortuus est pinitus in casca, foi-se o tal
arrependimento! Já não podemos entre-
tecer corôas só ao bello sexo que d'esta
vez nos deixou... a ver navios.

O Sr. Valerins Madilena foi o primeiro
decifrador exacto de nossas charadas e
logogrifho; o segundo foi o Sr. Mattos
P da Silva, que apezar de nos ter man-
dado pelo correio suas decifrações, ainda
(oh milagre de S. Betim!) chegou a
tempo!

Um conselho. Sr. Mattos: Não faça
muito d'essas cousas! E venha o Sr. Ma-
dilena buscar o premio. São estas as
decifrações:

CHAMALOTE — DESGOSTO — ABETE — CA-
MARÇO — FOSFORO.

A do logogrifho é:—ZARINA.

Para hoje temos isto:

Novissimas

1—2—Assignalal-me e serci um bicho.
pois morde e sou da China.

—

1—1—Apanha, cubro e me cobre a
tinta.

—

2—2—Este garoto e este verbo tem um
sabor!...

LOGOGRIPO

Nome de homem 1
Interjeição tambem 2
Não vem do abdomen,
Da garganta vem. 1,2

E' uma ave que canta,
Bom leitor. 3,4

Prende delicada,

Rubra flôr 2,4

E' bicho que espanta,

Bicho máu. 3,2

Caixa hem pesada

Feita de pau:

Prisão sem grade 1,3

Não sou Pariz,

Mas sou cidade

D'este paiz.

PERGUNTA

Qual é o panno mais sentimental que
dá luz?

—

Para terminar; esta charadilha que
foi o cartão de visita que o actor Vas-
ques deixou sobre a nossa mesa de tra-
balho:

1—1—Começa cedo para acabar logo—
Coitado!

—

Ao primeiro decifrador exacto um bel-
lissimo estojo para escripta, ao segundo
uma carteira de lembranças, ao terceiro
um exemplar do *Colombo e Neni*.

D. PASTEL.

—

N. B. — Tudo quanto diga respeito a
esta secção deve ser remettido em
carta, dirigida a D. Pastel, redactor da
mesma.

CORREIO

SR. JULIO VALMOR.—A sua *Canção de
um romantico* e mimosa e tem certa
originalidade.

Publical-a-hemos logo que haja es-
paço; talvez no proximo numero.

SR. L. DE ANDRADE.—A sua carta é
longa e—perdôa-me a franqueza?—Um
pouquinho fastidiosa. Em todo caso,
agradecemos-lhe o interesse que lhe têm
despertado as importantes cartas do
nosso mysterioso correspondente sobre
o caso Malta.

SR. ECHO.—A sua carta-bilhete fôra
offensiva se não fosse inepta. Isso é des-
peito, meu caro Echo. Olhe, para outra
vez, disfarce melhor a letra... dos so-
netos de Octavio.

SR. J. R. NOBREGA LEAL.—Falta-lhe
muito ainda para chegar a escrever ra-
soavelmente. Comtudo, não desanime.
Trabalhe, trabalhe... appareça.

Recebemos:

—A *Vespa*. 2º numero. Muito gra-
ciosa e picante; quer nas caricaturas,
quer no texto. D'este pedimos licença
para transcrever a seguinte pillheria, que
é bem boa:

CA FICA

« Disse a *Gazetada Tarde*, noticiando
o apparecimento da «emana»:

« Um esquecimento involuntario fez
com que, etc. »

Hei de fazer o possivel para não me
esquecer de me lembrar durante toda a
vida deste *esquecimento involuntario*.

—O *Mecenas*, ns. 1 a 5—periodico illustrado e satyrico, que se publica na cidade de Campos. Os desenhos são ainda muito imperfeitos; mas é de esperar que melhiorem brevemente. O texto é variado e gracioso.

Mil prosperidades, colleguinha.

—A *Revista Illustrada* n. 399. Espituaosa como sempre: Traz uma caricatura do Sr. Andrade Figueira que é mesmo um retrato! Só lhe falta fallar, o diacho!

—*Estudo clinico das molestias parasitarias da pelle mais frequentes no Brazil*, pelo dr. Rocha Azevedo Junior.

Damos em outro logar apreciação.

—*Jornal das Senhoras*, editado por D. O. Menna Barreto e redigido por fluminenses que se occultam sob os pseudonymos de Arinda, Annita e Arlinda. Não está mau, mas a revisão é desgraçadissima.

Prosperidades.

DECLARAÇÕES

A SEMANA

O escriptorio d'A SEMANA está aberto todos os dias — das 8 horas da manhã ás 8 da noite.

Declaramos para os fins convenientes que são nossos empregados os seguintes senhores:

— Valentim da Costa, principal agente e reporter.

— Oscar da Silva e Oscar de Castro, cobradores.

— Antonio Luiz do Couto, agente e cobrador em Nietheroy.

— Diogo Francisco Moreira, agente.

ANNUNCIOS

Externato João de Deus

Aulas primarias e secundarias
60 — RUA SETE DE SETEMBRO — 60

A SEMANA

Acceita annuncios nas seguintes condições:

Nas ultimas paginas, na secção propria, a 2ª cada um dos quadrinhos. Intercalados no texto, entre os artigos de redacção, 500 réis a linha. Em logar especial, de inevitavel leitura, 1ª a linha.

ALBERTO VEIGA

E

ERNESTO PINTO COELHO

SOLICITADORES

NA VILLA DE PADUA

Dr. MELLO CUNHA

Advogado

VILLA DE PADUA

Reclames

Publicam-se n'esta folha *reclames* commerciaes sob a fórma de contos, poesias, noticias, etc... Verdadeiras armadilhas, agradaveis e infalliveis, á attenção do leitor. Preços variaveis, conforme a natureza e o tamanho da *reclame* e mediante previo ajuste no escriptorio da folha — Travessa do Ouvidor n. 36, sobrado.

ALFREDO CESAR DA SILVEIRA

RELOJOEIRO

67 RUA DA ASSEMBLÉA 67

TISICA PULMONAR HERVA HOMERIANA



Remedio poderoso e eficaz para a cura da **tuberculose pulmonar chronica** e de todas as molestias do pulmão e da garganta, licenciado pelo Ministerio dos Negocios do Imperio e approvado por muitos governos e juntas de hygiene da Europa, que fizeram obrigativo o uso da

HERVA HOMERIANA

nos respectivos hospitaes.

E' usado tambem nesta corte, nos hospitaes da Sociedade Portugueza de Beneficencia, da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, de Marinha e Ordem Terceira de S. Francisco de Paula e na Santa Casa da Misericordia da cidade de Rezende.

Unico agente para o Brazil **CARLOS BERTINI**, com deposito geral á rua do Senado ns. 16, 18 e 18 A.

Vende-se tambem nas principaes drogarias e pharmacias da corte e das provincias.

COLLEGIO PUJOL

CURSO COMPLETO DE PREPARATORIOS

ESTAÇÃO DOS MENDES

(E. F. Pedro II)

Acceitam-se neste escriptorio assignaturas para os seguintes livros, que proximamente virão a lume:

SONETOS E POEMAS

um volume de 200 paginas, por Alberto de Oliveira;

SONETOS DE TODA A COR

um volume de cerca de 200 paginas, por Henrique de Magalhães, com uma introdução do grande poeta brasileiro Luiz DELFINO. O preço de assignatura para qualquer d'esses livros é de

2\$000

AQUARELLAS

versos de Filinto de Almeida, 3\$000.

Dr. HENRIQUE DE SÁ

ESPECIALIDADES

Syphilis e Molestias das Crianças

Rua Primeiro de Março n. 22, de 1 ás 3; rua da Imperatriz n. 29, das 12 á 1.—Residencia: rua de S. Pedro n. 294.

119

RUA SETE DE SETEMBRO

CASA DO AYRES

Os proprietarios d'este estabelecimento aannunciam os seus freguezes e ao respeitavel publico que mudaram-se da rua do Carmo n. 22, para á rua Sete de Setembro n. 119, aonde esperam merecer a mesma protecção que sempre lhes dispensaram, continuando a vender suas fazendas por preços baratissimos.

Chitas francezas, metro 200 rs.

Oxford encorpado, metro 200 rs.

Saias de chita, uma 1\$500.

Ditas de popeline de seda, uma 3\$000.

Grande quantidade de lã e seda para vestidos, metro 500, 600 e 800 rs.

Brim branco de linho trançado, para calça, metro 1\$500.

Dito de côres, metro 600 rs.

Cassinetas enfeitadas, para roupa de homens e meninos, metro 2\$000.

Merinós pretos superiores, metro 1\$, 1\$500, 2\$ e 2\$400.

Ditos de côres, grande sortimento, metro 1\$300.

Dunassé branco, superior, metro 900 e 1\$000.

Setinetas lisas e lavradas, metro 800 rs.

Setim listrado, alta novidade, metro 1\$800.

Percalines, alta novidade, metro 700 rs.

Percalines e chitas em cretonne, metro 400 e 480 rs.

Lãs e seda, novidade, metro 1\$0 0.

Fustão branco de cordão, metro 700 e 900 rs.

Cretonne francez, para lençoes, metro 800, 1\$, 1\$200 e 1\$450.

Filó muito largo, para cortinados, metro 2\$800.

Crochet para cortinas e cortinados 1\$ e 2\$000.

Velludinho de todas as côres, metro 2\$000.

Peças de musselina branca, a 4\$000.

Nanzouk muito fino, metro 800, 900 e 1\$200.

Morins e algodões

Peças de morim, a 1\$000.

Ditas de cambrinha, a 1\$500.

Morim encorpado de 40 jardas, por 10\$000.

Dito especial para camisas, peças com 30 meços a 4\$500, 5\$, 6\$ e 7\$000.

Dito trançado superior, peça com 20 metros, a 11\$000.

Dito fino especial, peça 8\$000.

Peças de algodão, a 1\$200, 1\$800, 2\$, 2\$400 e 3\$000.

Algodão enfeitado para lençoes, peça 5\$, 7\$, 8\$500 e 9\$500.

Dito trançado para toalhas, metro 1\$.

Atoalhado para mesa, metro 1\$400 e 1\$900.

Dito de linho branco e de côres, metro a 2\$800.

Colchas brancas acolchoadas, a 7\$ e 8\$000.

Ditas brancas e de côres, com franjas, a 3\$, 4\$ e 5\$500.

Guardanapos grandes, duzia 7\$ e 9\$.

Meias para homens, ditas para senhora, ditos para meninas e meninos, grande quantidade.

Lenços de linho de todos os preços.

Camisas de linho para homens, caixa com meia duzia, a 9\$ e 25\$000.

Enxovaes para baptisados, a 9\$, 12\$, 15\$ e 20\$000.

N 119

RUA SETE DE SETEMBRO

ENTRE A RUA DA URUGUAYANA E TRAVESSA DE S. FRANCISCO DE PAULA

Martins Teizelra & C.

ALBUM DE DANSA

No Imperial Estabelecimento de Pianos e Musicas de Buschmann & Guimarães encontram-se as seguintes novidades:

POLKAS — « Dudii » por Quirino R. Vieira.
 » « Teus olhos me matam » » » » »
 » « Radiante » » Francisca Gonzaga.
 » « Si fuera verdad! » » » »

QUADRILHAS — « Harmonias brasileiras » por Quirino R. Vieira.
 » « Areadia » » Franc. Gonzaga.
 » « Stella » » Frederico Malho.
 VALSAS — « Perola » » Geraldo Ribeiro.
 » « Comme je t'aime! » » Olivier.

52 RUA DOS OURIVES 52

CHAPELARIA DE LONDRES

CASA DE PRIMEIRA ORDEM

Recebe por todos os paquetes o que ha de novidade em chapéus das principaes fabricas de Paris, Londres e Hamburgo. Offerce grandes vantagens em preços porque recebe todo o seu sortimento directamente

J. C. M. GUIMARÃES JUNIOR

82 Rua Sete de Setembro 82

EXTERNATO HEWITT

INSTRUÇÃO SECUNDARIA COMMERCIAL

134 RUA DO ROSARIO 134

HOSPEDARIA FIEL

RUA DA ALFANDEGA N. 236 E TRAVESSA DE S. DOMINGOS N. 2

Os proprietarios deste vasto estabelecimento têm a honra de apresentar á concurrencia publica, bonitos quartos mobiliados, espaçosos e muito arejados, offerecendo toda a garantia de segurança, aonde os Srs. viajantes podem pernoitar livres de risco. Todos os compartimentos com linda vista tanto para a travessa como para a rua da Alfandega. Este grande estabelecimento tem duas entradas, sendo a mais reservada pelo lado da TRAVESSA n.2
 A casa está aberta toda a noite. Preços modicos.—Lima & Xavier.

MENEZES VIEIRA

JARDIM DAS CRIANÇAS

26 RUA DOS INVALIDOS 26

TRABALHOS DIDACTICOS

VENDEM-SE NAS PRINCIPAES LIVRARIAS DA CORTE

CASA ESPECIAL

DE

REFRESCOS E BEBIDAS

Bernardino Teixeira Ramos

39 Rua dos Ourives 39

PENDULA MERIDIONAL

Especialidade de brilhantes do Brazil, joias modernas e relógios de todas as qualidades.

CASA DE ERNEST MERLIN

38 PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO 38

MOURA & GOMES

CASA

DE

CARNE SECCA E COMMISSÕES

15 A RUA DO ROSARIO 15 A

FUMOS DESFIADOS

Especial Goyano.. .. 3\$000 kilo
 » Rio Novo. ... 2\$400 »
 » Araxá.. . . . 3\$000 »
 » do Pomba, 1ª 1\$600 »
 » Barbacena, 1ª.. 1\$200 »

20 Rua de Gonçalves Dias 20

GAZETA LITTERARIA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Preço da assignatura para a corte e provincias 4\$000 por anno. Numero avulso 200 reis.

Publica artigos de critica litteraria, romances e contos originaes, ineditos de verdadeira importancia para a historia patria, impressões de viagem, poesias selectas e artigos scientificos e litterarios de interesse real para o paiz.

Recebe annuncios pelos seguintes preços: na 1ª pagina 12\$; pagina inteira 12\$; meia pagina 7\$; quarto de pagina 4\$. Por linha 140 rs. Aviso 200 rs. por linha.

Qualquer reclamação póde ser dirigida aos nossos agentes os Srs. FARO & NUNES, Livraria Contemporanea.

RUA DO OUVIDOR 74, Rio de Janeiro.

SALÃO SALVADOR

Grande salão de barbear e cortar cabellos e completo sortimento de perfumarias.

JOSÉ PINHEIRO

7 RUA DO OUVIDOR 7

COLLEGIO D. CASTORINA

Este collegio para ambos os sexos, está funcionando desde o dia 10 de Janeiro.

5 RUA MARTINS LAGE 5

ENGENHO NOVO

AGENCIA DE ASSIGNATURA

para todos os jornaes Estrangeiros, Redacção e administração dos jornaes A Estação e A Mãe de Familia.

LOMBAERTS & C.^{IA}

7 RUA DOS OURIVES 7

RIODE JANEIRO

A SEMANA

Publica-se aos Sabbados

POR TRIMESTRE :

NUMERO AVULSO

Dentro e fóra da capital:
23000 rs.

DIRECTOR — VALENTIM MAGALHÃES

Do dia 100 rs.; atrasado
200 rs.

REDACÇÃO E GÉRENCIA — TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO

Não se restituem originaes, embora não publicados.

A redacção d'A SEMANA felicita e saúda o eminente cidadão
JOAQUIM NABUCO

SUMMARIO

Historia dos sete dias — Industria Nacional — Mãe cabocla; *Lucio de Mendonça* — Canção de um romantico; *Julio Valmor* — Correio geral — Algumas definições; *Frei Antonio* — Quandoque bonus... — Bolos, *Chico Ferula* — In her boock, soneto; *Luiz Delfino* — Mattos, Malta ou Matta? Novas revelações — Facto grave — Poesia e poetas; *Udo* — Theatros — A resposta do Destino, soneto; *F. de Almeida* — Recebemos — Tratos á bola, *D. Pastel* — Annuncios especiaes — Correio — Annuncios.

A SEMANA

Rio, 31 de janeiro de 1885.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Não ha fome que não traga fartura, graças a Deus.

E' a velha e sempre verdadeira historia do sonho de Pharaó.

Após as sete vacas magras, as sete vacas gordissimas e nédias.

Em seguida aos sete magros e mesquinhos dias que historiámos no sabado passado, os sete rubicundos e obesos dias que vamos historiar.

Mãos á obra, portanto, que temos muito a fazer.

24 — O *Jornal do Commercio* publicou no primeiro logar da sua *Gazetilha* o seguinte:

« Ministerio. — Pedem-nos declaremos que é inteiramente destituida de fundamento a noticia de haver sido manifestado pelo Sr. ministro do imperio ou por qualquer outro membro do gabinete o desejo de retirar-se do ministerio. »

Folgamos de saber que nenhum dos illustres membros do ministerio deseja desabracar-se da pasta. Ainda bem. Se fosse possivel esperar uma resposta do *Jornal* perguntar-lhe-hiamos nui respectosamente: « Qual o sujeito occulto d'aquelle pedem? » Quem foi que lhe pediu fizesse tão importante declaração?

Os filhos da Candinha, naturalmente. Pois não seria mais bonito, mais serio e mais natural que o nosso circumspeto collega dissesse logo, sem mais aquellas: « Pedem-nos os membros do Gabinete, declaremos etc. »

Provavelmente não o fez para não desprestigiar o *Diario Official*, pois que existindo elle não precisam os ministros de andar pedindo declarações aos órgãos simplesmente offici... ósos.

Hade ser isso. Que l'ho agradeça o *Diario*.

— Annunciam as folhas haver sido prezo na vespera um individuo por estar appregando e vendendo um pasquim insultuoso á moral. Só teria a policia visto esse unico vendedor de pasquins? Pois olhe: — ha quem tenha visto e veja por ahi não um mas muitos vendedores de *Carbo...arios*. Fogo nelles, sr. chefe!

— Foi nomeado senador do imperio pela provincia de Sergipe o Sr. barão da Estancia.

— Continua pelos a pedidos do *Jornal* o tremebundo duello a osso entre o Dr. Pedro Affonso e os membros da commissão nomeada pela academia de medicina para desembrulhar o caso Malta. Quanto mais se degladiam os sabios doutores, mais negras se condensam as trevas em que anda embrulhada essa interminavel questão, cada vez menos intelligivel e mais *cacete*.

25 — Chega á capital do imperio o denodado abolicionista Dr. Joaquim Nabuco, de volta da provincia de Pernambuco, em cujo 1º districto eleitoral alcançou brilhantissima victoria. A recepção feita ao illustre compatriota foi de todo ponto digna d'elle. Cerca de quatro mil pessoas foram ao seu desembarque; e ás 10 horas da manhã o imponentissimo prestito, com grande custo organizado, desfilou pela rua Primeiro de Março com musica, estandartes, foguetes e vivas. Ao passar pela rua do Ouvidor, foi o Dr. Nabuco saudado por todas as folhas, das janellas das respectivas redacções. Os Srs. Quintino Bocayuva, José do Patrocinio, Angelo Agostini, Henrique Alves de Carvalho e outros cidadãos conhecidos saudaram entusiasticamente o Dr. Nabuco, que a todos respondeu em magnificos discursos. Em summa: brilhantissima festa popular. Sómente *A Semana* não poude saudar das suas janellas o glorioso do dia porque não mora na rua do Ouvidor. Mas é o mesmo. Não de uma das janellas, como fez *O Paiz*, mas do alto da sua primeira columna, *A Semana* felicita hoje o Dr. Joaquim Nabuco, o illustre cidadão a quem principalmente se deve a victoria do abolicionismo no Brazil.

— O folhetinista domingueiro do *Jornal do Commercio*, o conhecido microcosmographo C. de L. impugna valentemente a pernicioso innovação grammatical que o Dr. Castro Lopes, illustre medico-philologo-economista-latinista-poeta-comediographo-ex-candidato-quiz introduzir na lingua, com o auxilio de outro grammatico importante, o Sr. Rozario.

Dizem esses dous senhores quo a expressão *Mando acordar elles*, longe de ser horroroso e grosseiro solecismo — é expressão correctá e boa, escoreita de qualquer pécha.

C. de L., com aquella fina graça que distingue a sua amestrada penna, propõe e requer, mais por espirito de equidade do que pelo de philologia, que se estenda a toda a classe dos pronomes a innovação pasmosa, ora introduzida pelo Dr. Castro Lopes para os da 3ª pessoa. E, que assim como é licito dizer-se: — *acordar elles*, — se diga igualmente d'hoje em diante: *Elle vio tu; fallar com eu, com tu, com nós; fui visitar-lhe, abraçar-lhe etc.* Nós tambem achamos justo. Afinal de contas isto de fallar a gente como quer a grammatica e não como nos dá na vontade é uma espiga! Abaixo a grammatica! Quem pode *amar ella?* Conclua, pois, o Dr. Lopes a sua obra bemfazeja escrevendo e dando a lume um livro com o titulo: *A grammatica não governa nem dirige a lingua*. Esperamos *elle*.

— Em um quarto de sordida estalagem é encontrado quasi morto de fraqueza, resultante da fome, um tal Santos Pesca, avarento ignobil, que não comia para não gastar dinheiro e poder dal-o a premio.

Levado, quasi morto, para uma casa de saúde, entrou a policia no domicilio de Pesca e dando-lhe caça em todos os cantos e recantos veiu a encontrar uma letra do Banco do Brasil, ao portador, no valor de 14:0249000, alem de 4283000 em papel moeda e moedas em papel; o que foi tudo arrecadado. Nauseabundo Syllock! Harpagon de cortiço! Goriot de estalagem! Este Pesca, afinal, é uma besta. Suicida-se á fome para não gastar dinheiro! Pensaria elle que podia levar-o para o outro mundo? E' o caso de se dizer, invertendo o conhecido proloquio: — « quanto mais burro mais peixe, » — quanto mais *peixe*, mais burro.

Ou mellhor: — « quanto mais *peixe*, mais *Pesca*. »

26 — Continua o suicidio em moda. Mais dois, n'um só dia, um a fogo, outro a agua. O primeiro foi o de Decio da Costa Machado, caixeiro da papellaria de Elezbão & Figueiredo. Era muito moço. Atribue-se esse inesperado tiro de revolver sobre o coração a um funesto amor, não correspondido talvez, talvez mesmo ignorado por aquella que o inspirou. O outro suicidio foi o de Presciliana Rosa da Conceição, moradora no Campo Grande. Deu cabo da vida atirando-se a um poço. Atribue-se esse acto de desespero tambem a uma paixão amorosa. Cego e implacavel Amor!

— Na freguezia do Engenho Novo é preso um desordeiro muito conhecido pela alcunha — *Treme Terra*. Como sabe o leitor, é tambem este o nome por que se dá a conhecer o proprietario da « Li-

varia do Povo.» que semanalmente annuncia «livros baratissimos.»

Naturalmente o honrado e popular livreiro ha de vir qualquer destes dias declarar pela imprensa que tal facto não se deve entender com elle, mas sim com outro de igual nome, e que, para evitar novas confusões, passará a assignar-se, por exemplo :—*Agua treme; ou Abala Terra.*

—A commissão nomeada pelo senador Jaguaribe para estudar os ossos do supposto cadaver de Castro Malta, fez entrega ao mesmo juiz do seu parecer, que é extensissimo. Conclue por declarar que acredita ser esse o cadaver de Castro Malta, autopsiado no dia 23 de Dezembro ultimo. Reconheceu tambem «no humero direito, no terço superior da diaphyse, signaes positivos que indicam ter sido aquelle osso sede de uma fractura antiga.»

Está portanto acabada a questão:—o cadaver é de Castro Malta. Fallou a sciencia. Curvemo-nos ao seu poder infallivel. As pessoas que compõem a commissão estão acima de toda a suspeita. São cidadãos distinctissimos, de illibada reputação, dignos de todo o respeito. Além d'isso, o seu parecer é notabilissimo. Revela extraordinario e meticulosissimo trabalho, grande escrupulo, extrema prudencia, illustração vastissima e grande talento. É um documento que honra os illustres médicos. Aceitemos, pois, o seu lado:

O cadaver autopsiado a 23 de dezembro é o de João Alves de Castro Malta.

Mas a que enfermidade succumbiu elle?

A uma eongestão hepatica?

Não—porque a autopsia veiu provar que foi uma pleurisia dupla suppurada a causa da sua morte.

Mas tambem não podia ter sido esta a verdadeira enfermidade, não só porque ficou liquido que um individuo affectado por ella não pôde nos oito dias anteriores á morte abandonar o leito, como porque a illustre commissão de peritos deixou provado que não havia elementos para tal diagnostico.

Então de que morreu Castro Malta?

Não foi de pancadaria, não foi de eongestão hepatica, não foi de pleuriz duplo suppurado. De que diabo seria?

Ainda mais outra complicação obscurecedora:

O parecer deixou claro como agua do pote que a sepultura foi violada; o que não era, aliás, novidade para ninguem.

Mas foi violada «— para que? Com que fim? Por quem? Quando?» — perguntaremos com a *Gazeta de Noticias*.

O caso cada vez mais se entenebrece e complica. Trévas, trévas, trévas! É de esperar que o inquerito a que está procedendo o Dr. 2º delegado venha emmanranhar e obscurecer muito mais ainda esta obscurissima e atrapalhadissima questão.

Valha-nos Nossa Senhora... das Canceias!

27 — Fallece na casa de saúde de S. Sebastião o desgraçado Santos Pesea.

Tendo verificado a auctoridade, pelo restamento, que elle não deixou herdeiros presentes conhecidos, remetteu os ditos valores ao juiz de ausentes.

Esse miseravel trabalhou como uma besta de carga toda a sua vida, soffreu todas as miserias, morreu á fome para não gastar um ceutil dos seus 15:000\$000; e, afinal, são elles recolhidos pelo juiz dos ausentes; vão engordar o erario publico! Estupida eousa—a avareza!

— A's II horas da manhã, falleceu repentinamente na rua da Quitanda

n. 109 A. de uma eongestão cerebral, o negociante Francisco da Cunha Madeira. Era casado e tinha 47 annos de idade.

28 — A commissão da Aeademia de Medicina, encarregada de estudar o caso Malta e tiral-o limpo publico no *Jornal* um artigo, sob o titulo *Tiro de honra*, em que diz uma porção de eousas que ninguem entende. Que opacidade, meu Deus!

O Sr. Dr. Pedro Affonso deve a estas horas estar-se lavando em agua de rosas.

Esperemos, entretanto, o tal *Tiro de honra*, annunciado pela commissão para depois de publicado o parecer, pois que este já o foi, na sua integra, pel' *O Paiz*.

Devemos esperar, para honra do tiro, que não falhe o *tiro de honra*.

29 — Recebe sea noticia de que na Parahyba obtiveram diploma ambos os candidatos pelo 3º districto. Outro tanto aconteceu no Rio de Janeiro com os candidatos pelo 9º districto — Franca Carvalho e Pereira da Silva—; ambos estão diplomados.

Afinal, não ha duvida, em vez de 125, vamos ter 250 deputados eleitos.

Que pandega!

E que bandalheira!

INDUSTRIA NACIONAL

FABRICA DO RINK

A convite dos Srs. Glette e Max. Nothmann, gerente da grande fabrica de tecidos que funciona na rua do Costa, no local onde existiu o Rink, fomos no dia 26 do corrente assistir á festa industrial e exposição dos productos da mesma fabrica.

Notámos um eseeolhido numero de convidados. Entre estes os Exms. Srs. presidente do conselho, consul da Hollanda, coronel Ayres Aneora, commendador Diego dos Santos, presidente da Associação Industrial do Brazil e outros, que seria longo ennumerar.

A *Gazeta de Noticias*, *Paiz*, *Folha Nova*, *Diario do Brazil* e esta folha compareceram nas pessoas de seus representantes.

Conta a fabrica actualmente, no pavimento superior 48 teares e no terreo 150, proprios para algodão, lã e linho.

Além d'esses, possui outros appparelhos, como sejam: escovas mecanicas, dobradura de carretes, engomadeiras, ealhandra de setinagem, etc., etc.

Estão encarregados do serviço 400 operarios; entre esses um numero, não pequeno, de meninos e mulheres.

O Sr. Glette acompanhou S. Ex. o Sr. presidente do conselho e mais convidados, na visita feita á sua fabrica, orientando a todos sobre tudo que diz respeito a este ramo de industria. A 1 hora começaram a funcionar as machinas, onde eram produzidos diversos tecidos de lã, algodão, etc.

A's 3 horas, pouco mais ou menos, foi servido, em compartimento especial, um variadissimo *lunch*.

Por essa occasião diversos brlndes foram feitos. Destacamos os seguintes:

Do Sr. Glette, expondo as difficuldades que se tem apresentado ao progresso e

desenvolvimento de sua fabrica; lembrando a opposição que lhe é feita pela tarifa aduaneira e pedindo a S. Ex. o Sr. presidente do conselho, toda a protecção possivel.

De S. Ex. o Sr. presidente do conselho, que, respondendo ao do Sr. Glette, prometteu auxilial-o e ao mesmo tempo te-eu-lhe louvores por sua intelligencia e incontestavel actividade.

O do Sr. Palm brindando como cidadão o Sr. conselheiro Dantas.

E o do Sr. Paula Ney, representante do *Diario do Brazil*, em agradecimento ao brinde que fôra levantado á imprensa.

O *Jornal do Commercio* não compareceu.

A's 5 horas e meia terminou a festa com o brinde de honra erguido a S. M. o Imperador por S. Ex. o Sr. presidente do conselho.

Foi uma verdadeira festa de trabalho, de intelligencia e de progresso, que honra sobremaneira os dignos directores d'esta fabrica, que bem merece toda a protecção do governo do nosso paiz.

Que S. Ex. o Sr. conselheiro Dantas realise o que disse no seu brinde é o que francamente desejamos, em bem da fabrica do Rink e da industria nacional.

MÃE CABOCLA

I

Pelos fins do anno de 1863, ao pino de um meio-dia abrazador, ouviam-se pelas ruas quasi desertas da pobre povoação de X., em Minas, uns gritos descompasados. A uma esquina do largo da Matriz o caixeiro da botica chegou á porta, dobrando pausadamente, ás pequenas dobras, com os dedos amestrados no officio, a carapuça de um frasco, em papel de xadrezinho azul ferrete. Duas caras pallidas de lojistas em ehinellos vieram ás portas entrefechadas por causa do calor excessivo. Que alvoroço!

— Que bebado é esse? perguntou de dentro da botica, para o caixeiro, o velho pharmaceutico, entrepinando com o eopo dos dados suspenso, sobre o taboleiro do gamão, a que se batia com o vigario; impacientado, este, pela interrupção, que o vinha apanhar de máu humor, com tres pedras expostas!

— É' uma mulher, que eu não conheço; respondeu, voltando, o rapazinho.

Uma velha, a sinh'Anna dos gatos, assomou, sorrateira, á sua empannada encardida.

E no largo continuavam os clamores incessantes, uivados, a perturbar o silencio dormente do logarejo.

Afinal, mais por amor da partida em tão má hora suspensa, determinou-se o vigario a chegar á porta. Era um velhinho secco e teso, de sobranceiras espetadas, beiços finos e sorvidos, olhos pequeninos e sornas. Vestia uma batina surrada e curta, abaixo da qual appareciam as pernas das calças, de algodão mineiro, ás listras amarellas.

Quando o vigario olhou para o largo, viu, defronte do grande sobrado, todo fechado n'esse instante, do commendador João Caneio, uma estranha figura de cabloca, alta, magra, a estoreer-se como uma jararaca no fogo, desmanchando-se em gestos epilepticos, com o punho secco

estendido para o casarão silencioso, a ulular:

— Justiça do céu! justiça de Deus! este perverso deshonrou minha filha! Justiça de Deus te persiga, cão damnado! Gente pobre nesta terra é cachorro; não acha lei! não acha auctoridade! Mas eu hei de gritar, até Deus me ouvir, que deshonraram minha filha! minha filha que estava pr'a casar! Eu vi! vi, com os meus olhos, a coitadinha sahir ehorando do quarto d'este commendador do inferno, que deshonrou minha filha! Justiça de Deus me valha! justiça do céu!

E repetia a mesma phrase com uma insistencia monomaniaca, e contorsia-se de dôr desesperada, espumava de odio impotente, contando, entre uivos de imprecacões, o escandaloso caso do estupro de sua filha, da sua Joanninha, que estava pr'a casar, que viera ao arraial, chamada pela madrinha, a mulher do commendador, e que este a arrastára á força para o quarto, onde a violentára; enquanto ella, a mãe, enganada, esperava á porta da rua, até que aos lamentos da victima, subiu como doida as escadas e veio receber nos braços a pobresinha já perdida. Então, o commendador a enotára a pontapés e mandára levar a filha para a roça, por um escravo.

—E era seu padrinho d'ella! continuava a cabocla; baptisou a minha Joanninha á vista de Deus, p'ragora atirar com ella no mundo! Este assassino! este diabo do inferno! Deus ha de me vingar, demonio! A justiça do céu ha de me vingar algum dia!...

E aquella dor inculta, aquella paixão bruta e grande trazia-lhe á bocca tremula os êstos do coração revolto. Eram rugidos terriveis, de leão, de mãe!

Então, o vigario, vendo que era como compadre João Cancio, o commendador chefe do partido conservador na freguezia, chamou pelo Anacleto, um mulatão membrudo, que o acompanhava sempre, como guarda-costas, para as suas brejeirices de velho. O Anacleto acudiu da cosinha, onde estava a conversar maroteira com uma creoula da casa, que era, sabidamente, rapariga do vigario—e mais d'elle.

Desde que o vio perto, o padre Luiz, o vigario, intimou-lhe no tom peremptorio de quem manda uma vez só:

—Toque até fóra do arraial aquella bruxa! e se ainda fôr abrindo a bocca pela rua, parta-lhe a cabeça ao meio! Cachorra!

Anacleto bamboleou o corpo vigoroso de cão-de-fila bem tratado, e a passo gingado, arrastando pelas pedras o grosso mangoal de peroba, chegou-se á cabocla e poz-lhe a mão ao hombro:

—Marelie! e não me abra o bico, que lhe racho esse caco velho!

A velha estremeceu toda, encolheu-se como um bicho tímido; a furia, a dor enorme, a vergonha, o desespero de mãe fundiram-se n'um medo vil, que rebentou em choro.

O Anacleto agarrou-a pelo braço magro e a foi puchando, sacudida de soluços, mas já sem palavra que se ouvisse.

II

Dali a dous dias, enterrava-se no cemiterio de X. o cadaver da Joanninha, que appareceu morta em casa, sem se saber como, dizendo uns que fóra a propria mãe que a matára, por causa de ter cedido ao commendador, e murmurando outros que fóra este que mandara acabar com ella, para pôr um termo ao fallatorio de certa gentinha. Isto é mais provavel, porque nunca se soube ao certo, nem tractou de saber.

O que é verdade é que do lado esquerdo do rustico cemiterio levantou-se mais uma cruz de pau, e debaixo della começou a apodrecer o corpo de Joanninha.

III

Era outra vez um fim de anno, no mesmo largo da matriz do arraial mineiro. O sol canicular, que alli dardejia nos intervallos das grandes chuvas, queimava as calçadas da rua.

Passava pouco do meio-dia. A' porta do sobrado do commendador João Cancio reuniam-se grupos consternados, e lá de dentro e de cima ouviam-se gemidos de ehor.

Em frente da matriz, ao pé do cruzeiro, secava ainda ao sol uma pôça de sangue; alli fóra que minutos antes, um rapazinho do logar, o Zé Miguel, um bom aprendiz de selheiro matára o commendador João Cancio com duas facadas no peito.

Zé Miguel teria vinte annos: era orpham, afilhado e protegido do Lima, um cobrador do Rio, que costumava apparecer em X. onde mal o supportavam por que era um desbragado com o vigario e com o commendador, a quem dizia todas as liberdades. Ora o diabo do maluco, do herege do Lima, como diziam d'elle, gostára do Zé Miguel inda menino, por achal-o vivo e malcriado, (que é a fórma apreciavel da independencia dos pequenos), como dizia o Lima, edera a mão ao rapaz, metterá-o na escola e, depois, de aprendiz de selheiro, e ainda uns dous mezes antes tractara um bom casamento para elle, com uma tal Amelia, filha de uns pequenos lavradores de perto do arraial. Mas succedeu que o commendador engraçou tambem com a Amelia, e attrahiu-a ao sobrado, e o fim das contas foi o Zé Miguel metter-lhe no buxo as duas facadas.

Zé Miguel está preso na cadeia do logar, muito maltratado da bordeira que pelas ruas foi apanhando da gente do commendador e do vigario. D'ahi a um mez entrou em julgamento do jury e foi endemnado á pena capital.

IV

No outro dia, grande concurso de povo foi acompanhar ao cemiterio o corpo do commendador João Cancio.

Houve acompanhamento de musica, e junto á cova o vigario, com tremulos dramaticos na voz, celebrou as virtudes d'aquelle seu bem amado parochiano, pae da pobreza... amigo do seu amigo... e a quem X. devia... a fortuna de possuir uma igreja... com duas torres tão... tão...

Como o qualificativo estava rebelde e o sol quente:

—Magnificas, assoprou o sachristão.

—... bem acabadas! concluiu o orador sagrado, achando, emfim.

Quando já vinham sahindo do lugubre recinto, notou um, mais bisbilhoteiro, uma estranha bandeirola vermelha, de um vermelho escuro e manchado, sobre uma cova antiga, do lado esquerdo do cemiterio.

—Que diabo de cousa é aquella?

Foram uns tres ou quatro ver. Era, enrolado a s braços da cruz da sepultura, um lenço embebido em sangue já secco.

Ninguém comprehendeu desde logo; mas, com o contar e recontar, chegou o caso aos ouvidos da sinh'Anna dos gatos, e esta soube explicar que, na vespera, dia em que ella não arredara de ao pé da empannada, pouco depois da desgraça, tinha visto uma cabocla velha,

alta, muito magra, agachar-se no largo, perto da poça do sangue do commendador, e molhar nelle um lenço, o qual depois tornara a metter no seio. Era, provavelmente, o mesmo lenço.

Provavelmente.

Minas, 1885.

LUCIO DE MENDONÇA.

Canção de um romantico

Tem no rosto a belleza peregrina,
— E do seio um perfume se lhe evola.
Como a essencia da urna alabastrina —
Pepa, a hespanhola.

Das faces na brancura assetinada
Abrem as rosas a gentil corolla:
Possue na voz os cantos da alvorada
Pepa, a hespanhola.

E tem as formas da esculptura grega,
E os requebros suaves da *manôla*.
No olhar o brilho que deslumbra e cega,
Pepa, a hespanhola.

Quando eu dormir na eterna noite escura,
Quero embalar-me aos sons de uma viola;
Que cante sobre a minha sepultura
Pepa, a hespanhola...

JULIO VALMOR.

O CORREIO GERAL

O edificio, onde funciona esta importante repartição publica, pôde ser tudo, menos obra de arte accomodada ás exigencias necessarias a tal ramo de serviço publico.

Aquelle caixão postado na rua Direita é uma triste pagina do talento architectonico de quem o fez. Construido em terreno movediço e sem a necessaria fortaleza para, em tão minguada base, sustentar-se, suas paredes racham-se, inclinam-se; as cimalthas desabam; a cumieira, quasi sempre reparada, e sempre pedindo reparos, range; as portadas de pedra retalham-se, e as aguas da chuva, mal encaminhadas, resvalam pelos paredões interiores.

E' bem possivel que um dia, e não longe,—pois o edificio da Praça do Commercio, seu visinho, tem, e muito, cooperado para lhe abreviar a queda—verha por terra aquelle caixão com todas as suas paredes, que parecem feitas de papel e gomma arabica.

Appellamos para o Governo.

Uma vistoria, feita por entendidos, custaria sómente algum dinheiro e não a muitas familias a vida de seus chefes.

Não nos dirigimos ao Sr. Dr. Betim, director d'essa repartição, porque entendemos do nosso dever não perturbar, a quem, como S. S. tanto tem feito a bem do movimento postal do nosso paiz. E' preciso que S. S. descance! Já não é pouco.

ALGUMAS DEFINIÇÕES

Luxu.—A mão do rico.

Mio.—O lenço do pobre.

Janella.—Pretexto para esburacar uma casa nova.

Outra: Estação telegraphica do amor.

Flores.—Alphabeto de nomes dos românticos.

Claque.—Na opinião dos chapéus é um prato; na opinião dos pratos é um chapéu.

Musica.—Barulho sob medida.
Economia.—Meio de enferrujar o suor do rosto.
Decote.—Expediente de que usam as mulheres para provarem que descendem de Eva.
Collar.—Baraço de ouro com que se enforcam as bolsas dos maridos.
Plaquê.—Prova de que—nem tudo o que luz é ouro.
Brilhante.—Estrella falsificada.
Ladrão.—Socio de industria, cuja firma não gyra.
Lingua.—Trapo de carne.
Nariz.—O limpa-trilhos da cara.
Anginhos.—Vomitivo applicado aos dedos.
Coração.—Alienado sentimental.
Razão.—Vigia do coração.
Recitativo.—Cemiterio da poesia.
Lua.—A lamparina dos lyricos.
Apito.—Signal que se dá á policia para ir deitar-se.
Atheismo.—Capa com que cobrimos as nossas crenças religiosas.
Medicina.—Sciencia do assassinato.
Carcere.—Jaula de homens.
Tinteiro.—Abysmo de trevas, de que se tira a luz.
Telhado.—Guarda chuva das casas.
Guarda chuva.—Telhado ambulante, que se abre e fecha á vontade. Outra : Utensilio para evitar o sol.
Guarda sol.—Traste para evitar a chuva.
Pedante.—Princez desmascarado.
Suicida.—Actor que, tendo se perdido em scena, se recolhe aos bastidores antes do signal do contra-regra.
Pégaso.—O unico cavallo que um lord inglez excentrico poderia deshabituarse de comer.
Camélia.—Rosa que se esqueceu do cheiro.
Pançadaria.—Musica de páu.
Costume.—Habito composto de calças, collete e paletot.
Namoro.—Kerosene inexplosivo.
Calembourg.—Sopro equívoco do espirito.
Dentista.—Sujeito que come com os dentes... dos outros.
Sermão.—Narcótico sagrado.
Senado.—Muscu de archeologia.
Camara dos deputados.—Viveiro de papagaios, dos quaes nem todos foram mettidos no póte.
Macaco.—Homem feito ás pressas.
Carmin.—Peje de toilette.
Arsenico.—Droga venenosa, que nem todos os actores sabem tomar.

FREI ANTONIO.

QUANDOQUE BONUS...

O artigo de fundo d'O Paiz, de hontem, começa por esta fórma:

« Parecem estar doudejanter de delirio jubiloso *todos aquelles* (SE ACASO SÃO MAIS DE UM) *que* perseguidos pelo clamor publico, depois de apanhados em flagrante, conseguiram esconder-se na sombra da devesa obscura, por onde se enfiaram tontos e arfando de cansaço, etc... »

Para fallar com franqueza devemos dizer que houve ali um cochillo de primeira qualidade. Pois poderia dar-se jámais o caso de « todos aquelles que perseguidos, etc., conseguiram escon-

der-se, não serem *mais de um*? Cremos que dois, já não dizem *todos*—são forçosamente—mais de um.

Tambem os principes cochilam! Fragilidade do homem!

BOLOS

A bôa justiça começa por casa.

Venha a bolos o sympathico autor da secção *Poesia e Poetas* do nosso n. 4.

Vem a bolos o illustre escriptor por se não haver referido nem ao cidadão Castro Urso, nem ao vate Martins Guimarães, nem ao hardo Nunes Garcia, quando no passado numero d'A *Semana* disse :

« Não ha um só *d'estes moços* que não se sinta com aptidões muito accentuadas para extravasar no verso todo o abundante afflux subjectivo que lhe enche a alma. »

Se o nosso honrado collega se houvesse referido directamente áquelles cidadãos tão insignes quão vates, tão bardos quão immortaes, já a nossa cruel inimiga *A Folha Nova* nada teria de que se rir, pois ficariam glorificados os seus mais assiduos collaboradores pela penna elegante do critico das *Illuminuras*. Mas assim não fez. e a *Folha Nova* ficou com aquella cara de tola que Deus lhe deu, a procurar na escuridão do cerebro quaes os moços a que se referia o critico,

Alli é que foi a scena! Nas trevas daquelle espirito nem um vislumbre clareava um recanto.

Tacteano, trepidante e incerta, bracejava no vacuo inutilmente, e quando já se propunha a abandonar a tarefa ingrata, esbarrou com um vulto formidando, que descobriu depois, pelo aspecto hirsuto, ser o senhor Luiz de Castro.

—Mas este, exclamou, não póde ser *d'estes moços* que se sentem... afflux subjectivo etc. etc...

E como não era o Sr. Castro, a *Folha Nova* levou o dedo indicador estendido ao labio inferior, ergueu os olhos ao ceu e lá se ficou a meditar, a meditar... sobre quaes seriam os moços das aptidões etc. etc.

Anda em maré de felicidade para nos apanhar em erro o periodico dos guarda-livros.

Bem diz o dictado

—« Quanto mais *Folha Nova*—mais peixe. »

*

— Venha tambem a bolos o *seu Leite*—*subdeleguê* que presidiu o spectaculo na noite do beneficio de Mlle. Suzanne.

Não se faça de tolo; estenda a mão e chuche.

Por ser a primeira vez, sómente seis bolinhos.

Porque queria você, *seu Leite*, que na opereta, ou cousa que o valha, *Corte na Roça*, não se tocasse o fadinho?

Você com certeza tinha, n'essa noite, macaquinhos na cabeça! Que immoralidade ha n'um fadinho, *seu Leite*? Que é que você achou na musica, ou nos actores?

Não gosta do requebro?

Tem horror ao sapateado?

Isso não póde ser. Se assim fosse com certeza deveria você ter prohibido o fado, e principalmente o can-can do *Nhô-Quim*... e no emtanto tal prohibição jámais foi feita.

Felizmente, *seu Leite*, o povo que tambem tem sua palmatoria, pediu o fado, bisou-o. e você ficou com uma cara... Santa Maria! eu não queria tel-a!

Agora que estão dados os bolinhos, tome este conselho que é de mestre: A vara da subdelegacia não é de marmello, nem de *camarão*; se fosse, você poderia fazer *pendant* com certo personagem dos nossos tempos coloniaes; mas não sendo, não se metta em funduras; mande á fava as suas exigencias e, em vez de prohibir o fadinho, caia n'elle quando ouvil-o tocar.

E' muito melhor. Palavra!

CHICO FÉRULA.

IN HER BOOK

Ella andou por aqui ; andou. Primeiro, Porque ha traços de suas mãos ; segundo, Porque ninguem como ella tem no mundo Este exquisito, este suave cheiro.

Livro, de beijos meus ten rosto inundo, Porque dormiste sob o travesseiro, Em que ella dorme o seu dormir, ligeiro Como um somno de estrella em cên profundo.

Trouxeste della o olor de uma caçoula, A luz que canta, a mansidão da rola E este estranho mexer de ethereos ninhos ;

Rufos de azas, amóras dos silvedos, Frescuras d'agua, sombras e arvoredos Dando sêca aos rosas pelos caminhos...

LUÍZ DELFINO.

Mattos, Malta ou Matta?

NOVAS REVELAÇÕES

QUARTA CARTA

Sr. redactor.—Recebi a sua estimavel cartinha, na qual declara V. S. os justos motivos pelos quaes não deu publicidade ás ultimas communições que lhe fiz, reservando-as para mais tarde, visto que não seria de bom aviso, expol-as tão precipitadamente.

Verdade é que taes revelações, tanto podiam apparecer agora, como mais tarde, encarando-as pelo lado do interesse que ellas tenham por ventura n'esta questão.

Entretanto vou proseguir, tomando o fio das revelações justamente no ponto em que as deixámos.

Quando sali da casa de Jeannite, isto é: dous dias e meio depois de ter entrado, já o meu homem, segundo o que dissera aquella, devia estar recolhido á casa de detenção.

A franceza deu me uma photographia d'elle, um retrato que o tratante havia tres mezes antes tirado em casa do Emilio Rouede, quando esse pintor de marinhas ainda se dava a trabalhos photographicos.

Esse retrato estava em tudo de accordo com as informações que eu conseguira apanhar a respeito do Castro Matta.

Senhor de mais esse bello auxilio, dirigi-me para a casa de correcção, onde felizmente tenho nada menos do que tres amigos; pedi-lhes noticias do Matta e um d'elles me respondeu que o meu homem havia seguido na vespera para a Santa Casa de Misericordia.

— Para a Santa Casa ? perguntei sorprezo.

— Sim; disse me o amigo. Foi tratar-se de uma congestão hepatica.

— Mas, como assim ? tornei a perguntar. Elle parecia vender saude e, segundo o que acabou de dizer aquelle senhor (aponte para um outro dos amigos), o homem foi preso por ter sido pilhado a fazer desordens na praça da Constituição.

— Esse ponto agora é que eu não lhe posso esclarecer, voltou o meu informante. Apenas lhe digo que o Castro Matta não é lá grande coisa debaixo do ponto de vista da seriedade e da boa conducta.

O meu amigo e informante gostava em extremo de armar a phrase com uma certa pompa de linguagem; sinto até não poder reproduzi-las mais fielmente, porque algumas dellas são bem boas.

Mas não é d'isso que se trata agora, e não podemos perder tempo com semelhante coisa.

— Então o sujeito, o tal Matta, é homem de máos costumes, hein? perguntei ao amigo.

— Chi! fez elle—nem lhe digo nada! Sem ir muito longe, ainda na vespera da desordem que elle fez na praça da Constituição, foi visto a passear em Nictheroy com uma sujeita da vida airada, uma sujeitinha vestida de preto e com um grande chapéu de palha, que lhe escondia quasi todo o rosto.

Imagine, Sr. Redactor, a impressão que estas palavras me causaram, a mim que reconheci naquelle vestido preto e naquelle chapéu de palha a mulher a quem para sempre havia ligado meu nome e meu futuro.

Mal sabia eu quando te comprava na *Noire Dame*, pobre chapéu de palha! que terias occasião de entrar tão directamente nas minhas dores e nos meus sobressaltos de marido atraído!

Desconsolado, afflicto e naturalmente com uma cara d'asno, ia a deixar a Detenção para tomar o caminho da Santa Casa da Misericordia, quando um dos meus tres amigos, chamou-me de parte e disse-me:

— Tu me mereces toda a confiança e vou fallar-te com franqueza. O Malta...

— Malta ou Matta?

— O Malta,—sustentou elle,—o Castro Malta.

— Mas não é o Malta que eu procuro, é o Matta.

— E' tudo uma e a mesma cousa. Digo-te mais: o sujeito não é só Matta e Malta, é tambem Mattos.

— Hein?

— E' c que te digo. O velhaco usa e abusa d'esses tres appellidos, conforme a situação e conforme o plano de suas velhiacadas. E' Malta quando quer comprar a credito qualquer cousa; é Mattos quando se mette em desordens e arruaças e só é Matta nas aventuras amorosas.

— Então é o mesmo, disse eu. — E' justamente por causa de uma questão amorosa que eu ando em busca do trahente.

— Aposto que se trata de Jeannite!

— Da Jeannite? Uma franceza, de cabellos loiros?

— Isso! E' a amante d'elle.

— D'elle quem?

— I-o Matta, Malta ou Mattos.

— Que me dizes, homem?

— Pois não. Olha, vou mostrar-te uma carta que ainda hoje ella me escreveu.

E o meu amigo, tirando do bolso uma folha de papel, marca pequena, leu pouco mais ou menos o seguinte, entre outras cousas, ás quaes não prestei a mesma attenção:

« Aquelle miseravel pagou-me tudo, vinguei-me d'elle; (O miseravel era o Matta) logo que tive as provas da sua traição, procurei o marido da mulher com quem elle me trahia, obriguei-o a vir á minha casa, prendi-o, fingi-me apaixonado por elle e vinguei-me durante sessenta horas.»

Eu soltei um suspiro; — que me estaria ainda reservado?!

O amigo, depois de guardar a carta accrescentou:

— Foi ella, a Jeannite quem arranhou a prisão do maroto...

— Pois a Jeannite tem essa influencia na policia?

— Então não sabes do que ha, homem de Deus?

Eu confessei que não sabia, e o amigo passou então a fazer-me a delicada revelação que na minha ultima carta expuz a V. S. e que V. S. resolveu guardar para mais tarde.

— Mas enfim,—disse eu ao meu obsequioso informante—disseste que ias me fallar com franqueza a respeito do tal Matta e ainda não declaraste o que é feito d'elle.

— O que é feito d'elle? Eis justamente o que te vou dizer em confiança...

E, depois de observar se não nos escutavam:

— O Malta não foi para a Misericordia!

— Não foi? Mas então onde está elle?

— Está aqui, escondido. Temos ordem superior para não consentir que elle se communique com pessoa nenhuma e para declarar que elle foi para a Misericordia. Amanhã has de ver isso justamente nas notas policiaes.

— De sorte que o homem está aqui? perguntei ainda.

— Está, disse o amigo—E estará por muito tempo!

— E a mulher com quem o viram a passear em Nictheroy? Sabes por ventura me dizer que fim levou?

— Tambem cá está e tem de responder a processo por crime de roubo.

— Roubo?! E presa?! Oh!

— Admiras-te de que?!

— Desgraçado! essa mulher é minha...

— Tua, que?

— ... esposa!

— Oh! Desculpa! Eu não sabia...

— E é permitido ir ter com ella?

— Pois não. Acompanha-me.

E dizendo isto, o meu amigo tomou a direcção do lugar onde se achavam os presos. Acompanhei-o.

Ao chegarmos á cellula em que se achava a amante do Malta, senti que o suor me cahia em bagos pela fronte; uma vertigem me escondeu por instantes a luz dos olhos, quiz avançar e as pernas afrouxaram-se-me a tal ponto que o amigo, apanhou-me nos seus braços e exclamou:

— Então, fulano! Que é isso? nada de fraquezas! Sê homem, meu amigo!

Eu concentrei todas as minhas forças e respondi:

— Estou ás tuas ordens! Vamos!

O amigo empurrou a porta e eu soltei um grito de surpresa e de indignação.

Imagine V. S. quem havia eu de encontrar alli, em vez de minha mulher, como esperava? Imagine quem, Sr. redactor:—minha sogra!

Sou de V. S.

Att°. cr°. e ven°°.

...

FACTO GRAVE

Em o nosso 3° numero demos sob toda a reserva, uma noticia com esse titulo. Tratava-se de um facto gravissimo. Nada menos do que uma certa mãe desnaturada, que conservava uma filhinha de 5 a 6 annos enclausurada em um quarto escuro, mal alimentada e maltratada. Pedimos auxilio á policia. Intimados os pais da creança a apresental-a na policia, compareceram, levando em sua companhia uma menina magra, pallida, doentia. Não se verificando porém signaes de sevcias e sendo difficillimo averiguar-se a verdade, porque a unica testemunha de vista, uma preta alugada na casa, fugio della, não se sabendo onde pára actualment, ficou a policia impossibilitada de proseguir.

Em todo caso acreditamos que cessará inteiramente tamanha deshumanidade. O susto porque passou a descaroadã mãe deve-lhe ter tirado a vontade de maltratar a sua pobre filhinha.

Entretanto, nós cá ficamos alerta.

POESIA E POETAS

Versos em abundancia.

A febre de produção poetica é igual a um abcesso. Se vem a furo, o doente publica as suas elocubrações metrificadas para regalo d'esta prosaica humanidade: se o abcesso se resolve, com emplastos de bom senso applicados á nuca do estro em ebullição, o poeta guarda na gaveta as illusões da mocidade e passa á vida pratica com armas e bagagens.

Nada menos de quatro folhetos com versos temos sobre a mesa:—*Versos sem rima*, por João Tertuliano Ferreira Magalhães—*Flores de Baependy*, por José Divino—*Traços azuis*, por Virgilio Varzea e *As Obscuras*, por Felix Antonio de Almeida.

×

Comecemos pelas *Flores de Baependy*. Serve de paronympho ao novel bardo o Dr. Antonio C. C. Viriato Catão, o qual depois de afirmar que o seu affilhado terá no futuro um nome glorioso no Parnazo Nacional, diz que—*o amor materno deu-lhe inspiração feliz!*

Esta é original, não ha duvida. Um poeta-mãe é cousa inda não vista em ambos os hemispherios. Devemos presumir que o illusterrissimo prefacista se refira ao connubio da Musa com o Vate, o qual vate, depois de fecundado, *deu á luz* cousas d'este feitio:

« Descambava o sol sereno, agonizante,
Frouxos raios despedindo tristemente;
E a terra se cobria de negrôr,
Repousando langorosa, docemente.

As quebradas das collinas repetiam
O cadente soluçar d'Ave-Maria;
A natura reclinava mollemente,
Fervorosa, uma oração a Deus erguia.

E a lua soerguia, sobranceira,
O espaço azul cortando, senhoril,
Offuscando com seu brilho deslumbrante
As estrellas que fugiam mil e mil. »

Admiravel descripção do crepusculo, nunca suggerida á imaginação dos mais sublimes cantores dos phenomenos da natureza!

Realmente, um pôr de sol coincidindo com o nascer deslumbrante do plenilunio... e as estrellas fugindo mil e mil, ás horas da Ave-Maria, qual bando de morcegos luminosos voltando ao campario da immensidade—tudo isso é de uma novidade encantadora no genero pouco explorado da poesia astronomica.

Acceite os nossos parabens o poeta Divino (José). Si não fosse o receio de incorrer n'um trocadilho *ad hoc*, que poderia ser levado á conta de troça, exclamaríamos ardorosamente:—Eia! Trabalha, ó Divino (poeta)! A estrada da Gloria tem urzes, mas a meta é luminosa! Eia! sus! Coragem! Um, dois, tres, avançar!

Muitos poetas de pé quebrado têm galgado o cimo do Parnaso, desbravando a unhas e dentes as asperezas da encosta sagrada. Porque motivo, pois, serás repellido, tu, ó Divino, cuja futura imaginação e espontaneidade original já se nos revelam no seguinte

IMPROVISO:

« Donzella, em prova do amor
que entre nós cresce como a flôr,

gentil ornato de um vergel;
por Deus te peço, oh! virgem bella,
que tu me des logo á janella,
de teus cabellos um annel.»

E' pouco, r as é borr.

Si Gonçalves Dias, ao encetar a sua carreira poetica, fizesse um improviso como este, certamente os malevolos susurrariam não ser elle da sua lavra.

De Baependy conheciamos apenas o conde e o fumo.

Agora, com as odoríferas flores do Divino (poeta), Baependy pode orgulhar-se de haver concorrido á civilisação dos povos com o seu contingente de cigarros, fidalgos e cantores.

UDO.

ANNUNCIOS ESPECIAES

Aluga-se um creado mudo, para recados. E' discreto e não namora as creadas dos visinhos.

Para informações no becco dos Afflitos n. 1 Z.

Aluga-se um excellente assumpto para recitativos. Está em muito bom uso. Não se faz questão das rimas. E' primo-irmão do *Noivado do sepulchro* e parece-se muito, embora seja de melhor qualidade, com o *Quero fugir-te, mas não posso, ó virgem!*

Para informar — a *Musa do povo*, no escriptorio do *Jornal do Commercio*.

Aluga-se para suicidios um magnifico revolver de seis tiros. E' de borracha e serve tambem de cigarreira.

Na rua dos Felizes, 80 X.

Aluga-se um nariz de boas dimensões e com grande pratica de cheirar. E' muito proprio para estar á porta de uma loja de rapê, annunciando. Tambem serve para o serviço da Camara Municipal. Se algum fiscal ou tabaquista o pretender, dirija-se ao *Cheira-Cheira*, folhetinista do *Jornal do Commercio*.

Precisa-se de um imbecil para casar com uma joven de 60 annos e 120 contos de dote. E' viuva e ainda tem mãe. Mas é bonita. Não importa que o pretendente seja mais ou menos Abelardo. Quem desejar, deixe carta na redacção da *Gazeta da Noite* com as iniciaes X. P. T. O.

Precisa-se de um pretexto razoavel para um suicidio. O infeliz que fez este annuncio já alugou para isso uma barca Ferry, comprou alguns numeros da *Folha Nova*, tomou uma assignatura dos bonds para *Ouro Mundo* e casou-se ha oito dias com uma menina que tem mãe. Não ha meio portante de escapar á morte. Mas falta-lhe um pretexto decente e razoavel para suicidar-se. Paga-o-ha com generosidade, dando a sogra—de quebra, a quem lh'o fornecer. Cartas n'esta redacção com as iniciaes A. B. C.

Precisa-se de um homem morigerado, de meia idade, solteiro e que não soffra de tenia, para desfazer o fatidico numero treze á mesa de uma familia ho nesta. Alem de um bom ordenado, dá-se-lhe o direito de servir-se de arroz, agua e palitos. Na rua de tal, numero tantos.

THEATROS

A empresa da actriz Apollonia, do theatro Lucinda, deu-nos no dia 27 a *Casta Suzana*, comedia em tres actos de E. Grangé e Bernard, traducção do actor Moniz.

E' o que se chama uma comedia *baixa*:

mas tem graça, boas situações e bons ditos.

Não daremos conta do enredo, porque o publico tem obrigação de ir vê-la, não só para se deliciar com as boas pilherias, como para proteger a empresa, que é de uma actriz brasileira, digna a todos os respeitos da consideração publica. Diremos sómente que o papel de Suzana é desempenhado por Apollonia, que, quanto não esteja bem acomodada na pelle de uma gallinheira, satisfaz perfeitamente as exigencias da platea. O actor Ferreira tem um dos seus meliores papeis, pelo menos um dos mais affeioados á sua aptidão, no estroina Luiz Barrillon, que desempenhou com muita vivacidade, como convinha ao seu typo. Moniz fez um optimo dentista, e conseguiu arranjar uma cara de sujeito que vê as horas no *cuco* da sala. Corrêa deu notavel relevo ao Polycarpo Brochard, successivamente lacaio, copeiro e bombeiro. Ali está como de um máu cantor se pôde extrahir um bom actor. Deixe-se pois de cantigas e continue a dar-nos Polycarpus e Edmundos.

A senhora Balsemão fazia limpamente o seu papel de Eudoxia, mas só o fez na primeira representação, sendo agora substituida pela senhora Fanny. O velho Simões fez um magnifico Chamoiseau, sustentando com muita graça o seu typo de gallinheiro apaixonado.

Os outros artistas secundaram regularmente os principaes, podendo notar-se uma certa affinação que já se notava na *Sogra...nem pintada!*

Caprichoso e esquisitorio como é o nosso publico, não podemos ajuizar da carreira da *Casta Suzana*; todavia, pelos applausos prolongados da primeira noite, cremos que se demorará ainda em scena por muito tempo.

Esta empresa prepara para depois do carnaval uma bella comedia de Sardou e outras de varios auctores.

*

*

O Recreio tem continuado com as *Tres mulheres para um marido*, enquanto não nos dá *As meninas Godin*, comedia em 3 actos, que nos dizem ser lindissima.

*

*

O Sant'Anna tem dado o *Barba azul*, o *Boccacio*, de que celebrou o *centenario*, como elles dizem na geringonça de bastidores, e outras peças já vistas e já vellias.

Felizmente a *Cocota* virá á scena qualquer dia, asacudir-nos d'esta apathia e faz-nos gozar sensações novas.

*

*

A companhia Musella devia dar hontem a primeira da *Yone*, drama lyrico de Petrella, no Polytheama.

*

*

A empresa do Recreio vae representar brevemente uma comedia, em verso em um acto, do nosso companheiro o Sr. Alfredo de Souza, idtitulada *Por causa do Gran Galeoto*.

Esteve primorosa a festa ha dias realisada no *Imperial Lyceu de Artes e Officios*, pela illustre *S. Propagadora das Bellas Artes*, á frente da qual se acha o nobre cavalheiro Sr. Bittencourt da Silva.

A festa consistiu na distribuição dos premios aos alumnos e alumnas do mesmo *Lyceu*, a qual durou até ás 11 horas da noute. Apenas finda, começou o esplendido concerto musical e cantante.

As dansas prolongaram-se até á madrugada.

Esta sociedade tem-se esforçado o

mais possivel para agradar a todos, e tem-n'o conseguido porque não ha ninguem que não reconheça na *S. Propagadora das Bellas Artes*, uma excellente instituição, que grandes e muitos serviços tem prestado á instrucção da infancia pobre.

Entre as pessoas que mais tem auxiliado o Sr. Bittencourt da Silva, para o alevantamento e prosperidade do *Lyceu de Artes e Officios* é indispensavel não esquecer um outro nome respeitado e sympathico: o Sr. Guilherme Bellegarde.

Parabens a todos e especialmente a Bittencourt da Silva.

A RESPOSTA DO DESTINO

(AO DR. GONZAGA FILHO)

Allucinado fujo e doido corro!
Tudo me assusta e tudo me apavora!
Vejo espectros horriveis hora a hora,
E de ninguem posso esperar soccorro!

De nenhum modo penso nem discorro;
A minha face tremula descora;
Transido, a hocca torce-se-me agora;
Ar! mais ar! Luz, mais luz! Eu morro! eu morro!

Ergo-me e tombo! grito e desatino!
Dilacero-me e estorço-me de horror!
Quero agora morrer, quero! Destino!

Mas este respondeu-me: « A's leis do Amor
Faltaste, revoltando-te, mofoino!
Has de viver enquanto exista a Dôr! »

FILINTO D'ALMEIDA.

TRATOS Á BOLA

Sr. *Quidam*, o *escaramaço* (?), pôde vir ou mandar receber o premio que lhe coube. Foi o Sr. o primeiro e unico decifrador exacto.

Em sua carta dá o senhor uma piada na Colmêa de Guarda-Livros desoccupados... queremos dizer *Folha Nova*.

Não seja máu, elles são tão tolinhos e além d'isso, coitados! fogem do *Chiro Férula* como o diabo da cruz e vão bulir com o Murat que é muito capaz de enrolal-os todos nos bigodes. Quando não queira feril-os com a penna.

Não se metta Sr. *Quidam*, o *escaramaço*; limite-se a receber o premio.

São estas as decifrações das charadas: *Rabicho—Papel—Petisquiria*; do logogrifho—*Canta gallo*; da pergunta—*Lanterna* e da charadinha do Vasques—*Cego*.

Para hoje temos... uma novidade *in primo loco*:

TELEGRAPHICAS

D'esta especie de charadas, invenção de um habilidoso bahiano, daremos uma ligeira explicação, por não ser ainda bastante conhecida. Chamam-se telegraphicas pelo seu laconismo. Supponhamos que ao leitor se apresenta a seguinte:

1—1—1 Jácomo de fructa.

Ao primeiro exame reconhece o leitor que o nome a encontrar é de 3 syllabas e que o conceito é «de fructa».

O processo para decifral-a é este: Dividam-se por traços verticaes as syllabas separando-as, assim:

1—1—1 Já,co/ino/ de fructa.

Agora por sob cada uma das syllabas escreva-se outra syllaba de modo que dêem em cada uma das tres casas substitutivos perfeitos. Unindo-se as tres syllabas sotopostas deve encontrar-se um

outro substantivo que designe cousa pertencente a fructa.

Vejamos:

1-1-1- Já | co | mo |
ca | ro | co | de fructa.

Caroço é a decifração.

Sómente se admittem substantivos para a combinação das syllabas para evitar o inconveniente de mais de uma significação.

Aqui têm os amadores do genero uma telegraphica para decifrar:

1-1-1-Farófa lô-se.

Agora estas:

EM QUADRO

Sendo jogo de rapazes
Adverbio pôde dar;
Tambem pôde ser coqueiro
Que vás na musica achar.

ANTIGAS

Signo — 2
Côr — 2
E' bicho indigno
Devorador!

NOVISSIMAS

1-2—Esta interjeição franceza e este amargo, roda em França.

2-1—Esta parte do toldo aperta e agita.

LOGOGRIPIO

(por syllabas)

A's avessas nos povoados
E' bem facil de encontrar,
E ás direitas n'um verbo
Tambem poderás achar—1

Tira de um've metade.
Mas de um've brasileira.
Em ti mesmo has de encontrar-a
Isto sem muita canceira—2

Abrahião chegou a ser,
Mathusalem foi alem,
Se chegarmos a LX
Eu serei e tu tambem—2

Insecto de bella côr,
Mas se vae a tudo attento
Não te assustes, meu leitor,
Vaes achal-a n'um momento.

Ao primeiro decifrador exacto um volume da *Casa de Pensão* romance de Aluizio Azevedo, com estampas, ultima novidade litteraria. Ao segundo uma carteira para notas.

D. PASTEL.

N. B. — Tudo quanto diga respeito a esta secção deve ser remetido em carta dirigida ao supra assignado *D. Pastel*, redactor da mesma.

Por absoluta falta de espaço—o que o leitor pôde avaliar, verificando como sae hoje *A Semana* apertadinha—deixamos de publicar:— « Horas do bom tempo », por Lucio de Mendonça; « Prostituição no Rio de Janeiro », 2º artigo, pelo Dr. H. de Sá; « Recebemos »,—em que se accusa o recebimento de muitas cousas... boas; e outros artigos não menos importantes. Ficam para o n. 6.

Recebemos:

—Um amavel convite do «Club de Botafogo» para a partida concertante e dançante que hoje se effectua nos seus salões.

Obrigadissimos. Lá estaremos.

—Outro gentil convite do «Club do Engenho Velho» para o grande baile á fantasia que vi e realizar a 16 de Fevereiro. Vamos preparando desde agora os olhos para os deslumbramentos, a perna para as valsas, o coração para... ai! ai! e a penna para descrever a festa, que lia de ser com certeza admirav l.

CORREIO

EXMA. SRA. D. EMPADINHA.—A senhora é uma mascarada. *D. Passel* assim que leu a sua carta disse...

... Não se assuste! Não diremos o nome!

Emfim, o mán disfarce nós lhe perdamos, mas as decifrações das charadas erradas isso nunca! nunca! *D. Empadinha*.

SR. A. F. FURTADO DE MENDONÇA FILHO.—Ouro-Fino. Sua consulta será respondida por carta, com a maxima brevidade.

SR. FRANÇOIS SEILL.—Espere resposta pelo proximo numero d'*A Semana*.

ANNUNCIOS

TISICA PULMONAR HERVA HOMERIANA



Remedio poderoso e eficaz para a cura da **tuberculose pulmonar chronica** e de todas as molestias do pulmão e da garganta. licenciado pelo Ministerio dos Negocios do Imperio e approved por muitos governos e juntas de hygiene da Europa, que fizeram obrigativo o uso da

HERVA HOMERIANA

nos respectivos hospitaes.

E' usado tambem nesta corte, nos hospitaes da Sociedade Portugueza de Beneficencia, da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, de Marinha e Ordem Terceira de S. Francisco de Paula e na Santa Casa da Misericordia da cidade de Rezende.

Unico agente para o Brazil **CARLOS BERTINI**, com deposito geral á rua do Senado ns. 16, 18 e 18 A.

Vende-se tambem nas principaes drogarias e pharmacias da corte e das provincias.

119

RUA SETE DE SETEMBRO CASA DO AYRES

Os proprietarios d'este estabelecimento aannunciam os seus freguezes e ao respeitavel publico que mudaram-se da rua do Carmo n. 22, para á rua Sete de Setembro n. 119, aonde esperam merecer a mesma protecção que sempre lhes dispensaram, continuando a vender suas fazendas por preços baratissimos.

Chitas francezas, metro 200 rs.
Oxford encorpado, metro 200 rs.
Saias de chita, uma 1\$500.
Ditas de popeline de seda, uma 3\$000.
Grande quantidade de lã e seda para vestidos, metro 500, 600 e 800 rs.
Brim branco de linho trançado, para calça, metro 1\$500.
Dito de côres, metro 600 rs.
Cassinetas enfeitadas, para roupa de homens e meninos, metro 2\$000.
Merinós pretos superiores, metro 1\$ 1\$500, 2\$ e 2\$400.
Ditos de côres, grande sortimento, metro 1\$800.

Damasse branco, superior, metro 900 e 1\$000.

Setinetas lisas e lavradas, metro 800 rs.
Setim listrado, alta novidade, metro 1\$800.

Percalines, alta novidade, metro 700 rs.
Percalines e chitas em cretonne, metro 400 e 480 rs.

Lãs e seda, novidade, metro 1\$0 0.
Fustão branco de cordão, metro 700 e 900 rs.

Cretonne francez, para lençoes, metro 800, 1\$, 1\$200 e 1\$450.

Filó muito largo, para cortinados, metro 2\$800.

Crochet para cortinas e cortinados 1\$ e 2\$000.

Velludinho de todas as côres, metro 2\$000.

Peças de musselina branca, a 4\$000.
Nanzouk muito fino, metro 800, 900 e 1\$200.

Morins e algodões

Peças de morim, a 1\$000.
Ditas de cambrinha, a 1\$500.

Morim encorpado de 40 jardas, por 10\$000.

Dito especial para camisas, peças com 30 metros a 4\$500, 5\$, 6\$ e 7\$000.

Dito trançado superior, peça com 20 metros, a 11\$000.

Dito fino especial, peça 8\$000.
Peças de algodão, a 1\$200, 1\$800, 2\$, 2\$400 e 3\$000.

Algodão enfeitado para lençoes, peça 5\$, 7\$, 8\$500 e 9\$500.

Dito trançado para toalhas, metro 1\$.

Atoalhado para mesa, metro 1\$400 e 1\$900.

Dito de linho branco e de côres, metro a 2\$800.

Colchas brancas acolelhoadas, a 7\$ e 8\$000.

Ditas; brancas e de côres, com franjas, a 3\$, 4\$ e 5\$500.

Guardanapos grandes, duzia 7\$ e 9\$.

Meias para homens, ditas para senhora, ditos para meninas e meninos, grande quantidade.

Lenços de linho de todos os preços.

Camisas de linho para homens, caixa com meia duzia, a 9\$ e 25\$000.

Enxovaes para baptisados, a 9\$, 12\$, 15\$ e 20 000.

N 119

RUA SETE DE SETEMBRO

ENTRE A RUA DA URUGUAYANA E TRAVESSA DE S. FRANCISCO DE PAULA

Martins Teziera & C.

ALBUM DE DANSA

No Imperial Estabelecimento de Planos e Musicas de Buschmann & Guimarães encontram-se as seguintes novidades:

POLKAS — « Dudú » por Quirino R. Vieira.
 » « Teus olhos me matam » » » » »
 » « Radiante » » Francisca Gonzaga.
 » « Si fuera verdad ! » » » »

QUADRILHAS — « Harmonias brasileiras » por Quirino R. Vieira.
 » « Arcadia » » Franc. Gonzaga.
 » « Stella » » Frederico Mallo.
 VALSAS — « Perola » » Geraldo Ribeiro.
 » « Comme je t'aime ! » » Olivier.

52 RUA DOS OURIVES 52

AU GRAND DINER DE RIO
A LA CHAUMIERE — Rua da Uruguayana n. 61

ENTRE OUVIDOR E ROSARIO

Das 9 da manhã ao meio dia. ALMOÇO: tres pratos escolhidos na lista, arroz, queijo, fructa, meia garrafa de vinho e café ou chá, 1\$. Das 3 horas da tarde ás 8 da noite, JANTAR: sopa, quatro pratos, arroz, doce, queijo, fructa, meia garrafa de vinho, café e cognac, 1\$500. — Soupers à la carte jusqu'à 1 henre de la nuit. — Cozinha Francaza, Italiana e Portugueza. — Ceias pela lista até á 1 hora da noite.

EXTERNATO HEWITT
 INSTRUÇÃO SECUNDARIA COMMERCIAL
134 RUA DO ROSARIO 134

AO SAPATO IBERICO
EUZEBIO LOURENÇO
153 Rua Sete de Setembro 153
 EM FRENTE Á TRAVESSA DE S. FRANCISCO DE PAULA
 Calçado sobre medida, para homens, senhoras e crianças.
 Especialidade em calçados de setim, velludo, etc., etc., saltos á Luiz XV.
 Encarrega-se de mandar bordar qualquer calçado a onro.
 Aprompta com brevidade calçado para casamentos, bailes, theatros, etc., etc.

TINTURARIA DO PAVÃO
 A VAPOR
Soares & Ferreira
 Neste bem montado estabelecimento, tingem-se, limpam-se e concertam-se toda e qualquer roupa de homem, bem como tingem-se fazendas de lã, seda, linho, algodão, fitas, chapéus, chales, etc.
TIRA-SE MOFO DAS FAZENDAS — TINGE-SE EM 24 HORAS PARA LUTO
 Lava-se, tingem-se e enforma-se chapéus de homem.
 Temos machinismos para trabalhar tão perfeitos como as melhores fabricas na Europa. Superiores tintas para escrever.
149 Rua Sete de Setembro 149

CHAPELARIA DE LONDRES
 CASA DE PRIMEIRA ORDEM
 Recebe por todos os paquetes o que ha de novidade em chapéus das principaes fabricas de Paris, Londres e Hamburgo.
 Offerece grandes vantagens em preços porque recebe todo o seu sortimento directamente
J. C. M. GUIMARÃES JUNIOR
82 Rua Sete de Setembro 82

LIMÕES DE BORRACHA
 JÁ PROMPTOS
 com tres côres, é só encher, vende-se a 4\$000 a grossa (12 duzias)
10 RUA DA IMPERATRIZ 10
 Bazar Santa Rita

Hotel Primeiro de Março
 Almoço. 500 rs. | Jantar. 500 rs.
 Recebe pensionistas e fornece comida para fóra, com asseio e promptidão, por preços razoaveis
Rua Primeiro de Março n. 6, sobrado

35\$000!!!
 um sublime terno de finissimo panno SEDAN, sendo croisé, calça e collete, forrado de merinó setim, fita larga e caseado á franceza, obra de verdadeiro luxo!!!
Só na casa do Silva
5 RUA DA URUGUAYANA 5

OFFICINA A VAPOR
 DE
CARPINTEIRO, TORNEIRO E RECORTADOR
89 Rua Sete de Setembro 89

A'S SENHORAS ECONOMICAS
 Sapatos de duraque preto, biqueira de verniz, solla forte, ns. 32, 33, 34 e 35, a 3\$ o par; ditos de pellica, com chapa, da mesma numeração, a 4\$500; horzeguins de chagrín, solla forte, para senhora, 5\$; botinas de verniz, encouraçadas, para criança, 2\$ o par; assim como temos mais diversos calçados para homens, senhoras, meninas e meninos, que separamos do balção para torrar por qualquer preço; no grande armazem do Azevedo, na rua dos Andradas n. 23, em frente ao largo do Rosario antigo da Sé).

GRANDE EMPREZA DE MUDANÇAS PELAS CARROÇAS DE MOLAS
 Alugam-se carroças para transporte de moveis, moveis, mobílias finas, espelhos, marmores, louça e tudo o mais pertencente a uma casa de familia, tanto para a côrte, como para suburbios e Nictheroy, por preços mais baratos do que em outra parte. *Tem carrões especiaes para transporte de pianos.*
JACINTHO GOMES
40 RUA DE LUIZ DE CAMÕES 40
 (ANTIGA DA LAMPADOSA)

12\$000
 cada caixa com meia duzia de superiores ceroulas francezas, de linha alvejado, para homens, é fazenda que em geral custa 20\$000.
39 RUA SETE DE SETEMBRO 39

RHEUMATISMO
 Xarope anti-rheumatico vegetal de A. P. Guimarães, approvado pela Junta de Hygiene. Poderoso medicamento na cura do rheumatismo agudo ou chronico.
 Vende-se na **Rua Primeiro de Março n. 90**, canto da dos Pescadores.

4\$000
 uma duzia de toalhas de felpo, chinezas; não ha muitas, aproveitem porque as pechinchas não duram sempre.
Casa do Silva
5 RUA DA URUGUAYANA 5

A SEMANA

Publica-se aos Sabbados

POR TRIMESTRE :

Dentro e fóra da capital:
28000 rs.

DIRECTOR — VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO

NUMERO AVULSO

Do dia 100 rs.; atrazado
200 rs.

Não se restituem originaes, embora não publicados.

SUMMARIO

Historia dos sete dias — Club dos jornalistas — Vida elegante; *Lorquon* — *Chora!* soneto; F. de Almeida — Revista dos collegas; *Domino prelo* — Campos Salles — « A Vespa » — Soccorros ás victimas do terremoto de Andalusia — Algumas definições; *Frei Antonio* — Theatros — A republica em Portugal; Luiz Murat — Ave Marias, soneto; S. de Souza Junior — Mattos, Malta ou Malta? Novas revelações — Bolos, *Chico Ferula* — Horas do bom tempo; Lucio de Mendonça — A prostituição no Rio de Janeiro; Dr. H. de Sá — Pilada ecclesiastica; *Satanaz da Silva* — Poesia e poetas; *Udo* — Como nos receberam — Critica scientifica — Tratos á bola, *D. Pastel* — Correio — Consultas — Anuncios especiaes — Anuncios.

A SEMANA

Rio, 7 de fevreiro de 1885.

HISTORIA DOS SETE DIAS

A semana pertenceu quasi exclusivamente á zoologia. Foi uma semana de ursos, monos e mastodontes. Um bando nomade de turcos aportou ás plagas do Guanabara com uma cambulhada de ursos e macacos destinados a embasbaçar a ingenuidade indigena com peloticas e habilidades no theatro... da rua.

Mas a alfandega exigiu pagamento de direitos pela bicharia, e os proprietarios não avesavam quantia sufficiente para satisfazer as exigencias aduaneiras. Por isso lá ficaram retidos nos vastos armazens, entre os coelhos com ervilhas e as pescadas salgadas da importação commercial, os ursos e os monos vivos da importação artistica!

Que calamidade para a Arte e que brodio para os *artistas* retidos!

Lá que os turcos trouxessem os ursos, fazenda que não temos por cá, ainda se pode admitir; mas que trouxessem macacos para o paiz em que elles mais abundam, e agora, que certo conselheiro deputado pela Parahyba vae ser provavelmente o presidente da Temporaria, — isso é que não!

Tenha paciencia a Turquia se esta má recepção feita aos seus filhos poder abalar as relações internacionaes; mas o direito é o direito, embora padeça a fraternidade das nações.

O mastodont, o grande hypopotamo da imprensa nacional, o *Jornal do Commercio*, emfim, urrou d'esta vez, espisado pela *Gazeta de Noticias*. Vo-

mitou a bilis de ha muito retida e esbravejou, pungido pelos acicates da boa razão.

E' um bello espectaculo a que a população assiste boquiaberta e que ha de terminar, como todos os outros, pelo silencio repentino e inesperado do Pachiderme.

No dia 31 do passado, mais importante que a eleição do Sr. Montandon pelo 16° districto de Minas; do que a nomeação do conselheiro Leoncio de Carvalho para bibliothecario da Faculdade de Direito de S. Paulo; do que a chegada do Sr. senador João Alfredo, com foguetorio e vivorio conservador, como despique da recepção de Joaquim Nabuco; mais importante do que tudo isso, foi o artigo transcripto da *Provincia do Pará* pelo *Pachiderme do Commercio*, a respeito da queixa que faz o Sr. Julio Cezar Balão de Souza á folha ingleza *Invention and inventors'mart* de que os aereonautas francezes Renard e Krebs plagiaram o aerostato de sua invenção. Esta questão tem muita importancia scientifica, e interessa tambem directamente o nosso publico, que correu com o seu cobre ás subscrições abertas ha trez annos para a construção de um balão de experiencia.

Decidam os sabios da escriptura.

*

1° de fevreiro. Continua a questão grammatical entre os Drs. Castro Lopes e Carlos de Laet. *Accordar elles* é o motte, constatado e defendido pelo primeiro e contestado e repellido pelo segundo. Nós consultámos elles, lemos elles, estudámos elles, e concluimos que estão elles de accordo no fundo, oscillando a divergencia apenas entre a classificação de *barbarismo* e *solecismo*.

Todavia, para que o publico não pense que o illustrado latinista Castro Lopes encampa o erro popular, defendendo-o, aconselhamos que esta questão seja debatida — em latim.

E' o meio mais efficaz de ninguem a entender; e salva-se assim a grammatica e a linguagem, indo repensar o Coruja, expletivo que tem entupido ha trinta annos a infancia brasileira.

— Inaugurou-se a E. F. do Paraná. Custou quarenta contos o serviço de comes e bebes. Quarenta contos!

— Apareceu na bahia uma *tintureiro*, especie terrivel de *tubarão* pedrez, cujo advento ás verdes aguas do Guanabara apenas alegrou o Sr. Souza Carvalho, não sabemos por que razão.

Espanto dos banhistas e desolação para os proprietarios de casas de banhos de mar.

— Dia 3. Começa pelos arrabaldes a explosão dos limões de cheiro. De cheiro é um modo de dizer, um euphemismo temerario e tão inodoro como a agua pura. A municipalidade prohibe, mas a policia permite. Resultado: constipação geral do municipio. Bronchites proximas e tuberculosos futúras. Escala ascendente na estrada da pathologia; gaudio dos medicos e regalo dos boticarios.

Aconselhamos ao povo que se vista — de guardas-chuva.

No carnaval tudo é permitido.

— Mais um suicidio.

Não o commentamos para não fazer *reclame* ao defunto e não animar os candidatos á suicidiatura nacional.

Faz aos mortos. Vivam os vivos!

— Dia 4. Diabo! Mais dous suicidios! Moita. Parabens ás barcas de Nietheroy e ao acido muriatico.

Parece-nos que o melhor é estabelecer-se uma agencia de suicidios para commodidade publica. O estabelecimento deve dispor de pretextos e petrechos.

— E' chamado, pelo tenente Heller, á responsabilidade, o Sr. José do Patrocinio, pela publicação do depoimento de Antonio Pessoa. O Sr. Patrocinio comparece á audiencia e apresenta o *authographo*.

Toda a imprensa se fez representar. Continua o processo.

— A redacção d'O Paiz convoca uma reunião de jornalistas para tratar dos meios de se arranjar algum dinheiro para soccorrer as victimas do terremoto de Andalusia.

Tratamos do assumpto n'outra secção.

— Lembrou-se a fundação de um club dos jornalistas. Damos artigo especial n'outra pagina.

— Dia 5. Noticiam as folhas o assassinato, em Ouro-Preto, do antigo e conhecido dentista d'esta corte Chyton Van Tuyl.

Attribue-se o crime a um engenheiro

que d'aqui o acompanhára, e que depois do delicto se suicidou.

— Jose Francisco do Carmo, official de justiça, tendo, na vespera, de proceder a arrombamento no quarto n. 11 da estalagem n. 215 da rua do Hospício, topou, atraz da porta do mesmo quarto, uma enorme bomba de dynamite. O subdelegado respectivo abriu inquerito.

Temos nihilistas na capital!

Tremam as instituições!

— Os republicanos vão á estação da E. F. de Pedro II esperar o deputado republicano Dr. Campos Salles, ultimamente eleito pelo 7º districto de S. Paulo. Festa e musica. Recepção ruidosa.

— Principiou o atterro do canal do Mangue e terrenos alagadiços adjacentes.

Prolfaças aos povos da cidade nova e pezames á Febre amarella. O microbio vae morrer de inanición, ficando-nos apenas os cultivados pelo Dr. Freire, para amostra e como documento historico.

Nada mais havendo a tratar até hontem encerra-se convenientemente... a secção.

CLUB DOS JORNALISTAS

Eis o artigo do nosso illustrado collega *O País*, a respeito do projecto de fundação de um Club dos Jornalistas:

« Por convite da redacção d'esta folha, ao qual galantemente acquiesceram quasi todos os jornalistas militantes d'esta capital, achando-se presentes representantes de todos os jornaes que aqui são publicados, deliberou-se hontem fundar o *Club dos Jornalistas*.

Segundo o pensamento manifestado na reunião, o fim do *Club* é estabelecer um ponto de aggregação moral para todos aquelles que fazem profissão do jornalismo, afim de estreitar os laços de fraternidade professional e discutir em commum os assumptos que, por sua importancia, interessem collectivamente á nação brasileira.

Deliberon-se igualmente que teriam direito a ser socios do *Club* todos os representantes dos jornaes estrangeiros que se publicam no Imperio e bem assim que seriam convidados a fazer parte do *Club* todos os nossos illustres mestres e antecessores no jornalismo e os companheiros que por causas diversas acham-se hoje afastados do jornalismo activo.

Por commum accordo deliberon-se que seriam considerados presidentes de honra do *Club dos Jornalistas* os nossos illustres mestres Joaquim Francisco Alves Branco Moniz Barretto, José Maria do Amaral, Joaquim Saldanha Marinho e Francisco Octaviano de Almeida Rosa.

A commissão encarregada de formular os estatutos e de expedir opportunamente os convites para a sessão inaugural do *Club* ficou composta dos seguintes Srs.: Dr. Ferreira de Arango, José do Patrocínio, Mannel Carneiro, Dr. Valentim Magalhães e Q. Bocayuva.

A todos os nossos collegas das provincias será expedido convite, para que se dignem adherir á constituição do *Club*.

Seja qual fôr o resultado d'esta tentativa, faz honra aos sentimentos dos nossos collegas e ao seu alevantado espirito a adhesão sincera com que se dignaram acolher a nossa iniciativa e os applausos espontaneos com que saudaram, na reunião de hontem, o pensa-

mento generoso que a todos nos congregou.»

A organização de uma sociedade d'esta ordem, era uma necessidade de ha muito reconhecida e reclamada por todos nós. Todas ou quasi todas as classes têm associações proprias, que poderosa e efficaçamente contribuem para o bem estar geral do ramo de actividade que representam; só os escriptores e os jornalistas não têm conseguido até hoje aggre-miar-se, fundando uma associação, onde, por meio da discussão e da troca de ideas, se possa consolidar definitivamente a importancia da classe, estabelecendo assim a solidariedade e harmonia de proceder que mais do que as outras classes necessitamos, nós, que pretendemos dirigir e encaminhar a opinião publica.

A força moral que ha de resultar da união de tantos elementos dispersos, dará á imprensa nacional uma nova direcção, influindo com mais poder no espirito publico e tornando por isso mesmo a opinião mais desassombada e mais segura.

Consolidar-se-ha a dignidade da imprensa por meio da influencia directa da associação, evitando-se as desgraçadas questões pessoas que por tantas vezes têm rebaixado jornalistas e jornaes e que fazem com que o publico não dê a devida importancia aos juizos da imprensa na maior parte das questões sociais que occorrem quasi diariamente na marelha dos negocios publicos e na direcção geral do Estado.

Venha pois o Club dos Jornalistas realisar a obra da regeneração moral da imprensa brasileira.

A VIDA ELEGANTE

Esta secção que pela primeira vez apparece na *Semana*, não é uma porta que se abre para o mundo inteiro, mas simplesmente um postigo, um modesto postigo d'onde se vê uma pequena parte da nossa sociedade.

Pequena, sim, mas nervosa, artistica e elegante. Ella é para o resto da sociedade fluminense o que é o coração para um organismo humano. Ella é a sede de todos os sentimentos, de todos os impulsos e de todas as leis que governam o resto da população. Ali encontraremos em flor todas as grandes paixões e todos os grandes acontecimentos que de vez em quando agitam o Rio de Janeiro.

O caso é saber descobrir pelo cheiro onde se esconde a flor que ha de produzir talvez uma revolução ou pelo menos um escandalo.

E' uma questão de finura de olphato. Uma palavra solta, escapada dos labios de um senador, um sorriso disfarçado que hispamos no cantinho da bocca de uma senhora, um gesto quasi imperceptivel que relampeou entre dons habitos da rosa, um « Oh! », um « Ah! » um « Pelit », um piscar d'olhos, a mais ligeira contracção de phisionomia, tudo isso, ou qualquer uma d'essas coisas é ás vezes a chave de um grande acontecimento que tem de rebentar d'ahi a dias sobre a opinião publica.

Esta secção é por conseguinte destinada aos espiritos subteis e delicadissimos, com quem pode a gente conversar com muito poucas palavras e a quem se deixa o talento de saber ler por entre as linhas, no logar justamente em que não ha letra escripta.

Não nos leiam os de vista grossa, por que perdem o seu tempo; deixem-nos para os outros, para aquelles que preferem o sorriso á gargalhada, uma chavena de chá a uma feijoadada, uma simples *causerie* com um amigo a um espectáculo do S. Pedro d'Alcantara nos do-

mingos; deixem-nos para aquelles que não conversam em voz alta no bond, ou na rua, commentam a vida allicia, para aquelles que não vestem sobreca-saca preta com calcinha branca de brim de Hamburgo, para aquelles que se vestem no dia da semana como se vestem ao domingo; aquelles emfim que tudo têm e para quem ninguém escreve.

E' para esse grupo esta secção.

A sociedade, ainda como o organismo humano, compõe-se do *systhema nervoso* e do *systhema muscular*.

A este dão tudo os nossos jornaes, gastam-no diariamente com pesados *farrinaccos* e *beeffs* ensanguentados; ao passo que do outro nem se lembram os ingratos! Anda o pobre *systhema nervoso* n'uma debilidade que entristece, nem um bocadinho de phosphoro, nem um bocadinho de cal, para remedio.

E entretanto é preciso não deixal-o morrer de todo e apromptar-lhe de vez em quando um pratinho de mariscos, um banho de mar, porque, afinal que seria de nós todos se não tusse elle?

Para começar a secção fallaremos do *Club de Botafogo*, cuja ultima soiree, de sabhado passado, esteve agradabilissima.

Principiou o concerto por uma bella serenata executada pelo Sr. Santos Couceiro e acompanhado pela Exma. Sra. D. Eliza Menezes.

Seguiu-se a *chanson de Fortunio*, romance, cantado com muito talento e expressão, pela Exma. Sra. D. Corina Coaracy, cujo marido estava presente e brindou a *Semana* com algumas palavras de amabilidade.

Repetimos os nossos agradecimentos.

Os Srs. G. Fratterlei e Klier deram-nos em seguida uma fantazia a rabeca e piano; depois houve um duetino de baixo e soprano, executado pela Exma. Sra. D. Leopoldina Level e o Sr. L. Rossi; depois uma fantazia do *Violoncello* pelo Sr. C. Castello; e logo a Exma. Sra. D. Corina Coaracy fez-se ouvir de novo na encantadora aria *Non ci amavamo tanto*; e fechou o concerto a *Ave-Maria* de Gounod, executada pelas Exmas. Sras. Leopoldina Level, Elvira Menezes, C. Castello e S. Couceiro.

Principiou a parte dansante da *soirée* á uma hora e meia da noite. Dansaram-se tres quadrilhas, quatro polkas, tres valsas, seguindo-se depois o afamado *cotillon*, que é uma das especialidades do club.

Effectivamente os Srs. organizadores da festa capricharam bastante n'essa parte e apresentaram verdadeiras surpresas e graciosissimas marcações.

A direcção do *cotillon* foi confiada aos distinctos cavalheiros Manuel Gomes e Mario Rego Macedo, que se sahiram galhardamente na brincadeira.

De duas senhoras, pelo menos, sei que disseram a *una voce*: « Para um *cotillonzinho* não ha outros! »

Na *toilette* das damas reinava uma certa sobriedade de bom gosto; predominava o azul e *creme*.

Destacavam-se algumas figuras, entre as quaes, para não citar todas, denunciaremos Mlle A. de V., um mimo de quinze annos, notavel pela belleza; vestia azul *brodé* e fitas da mesma cor traçadas á grega; — Mme. O. gorgorão negro, ultima moda, (estyló Falconière) e mais suas encantadoras filhas, que trajavam merinó branco, barrado de veludo negro; Mlle R., toda de azul, sapatinhos á Luiz XIV (32 Perry), perfil adoravel; Mme R. M. C., bello vestido cor de creme, mangas de rendas á Sarah Bernhard; Mme C. e tres de suas lindas filhas, quasi diziamos irmãs, tanto se assemelham e se confundem. Além d'esses astros que citamos, outros se nos mostraram de não inferior brilho e bel-

leza, da qual ainda nos restam na memoria os mais fulgentes reflexos.

A imprensa achava-se representada, além de nós, pela *Gazeta de Noticias* na pessoa do Sr. Arthur Gonçalves; pela *Folha Nova* na do Sr. Cunha Telles e pela *Gazeta da Tarde* na do Sr. Oscar Rosas.

Já se annunciava no horizonte o velho capacete de ouro de que falla o poeta das *Meridionaes*, quando os ultimos carros conduziam pela rua dos Voluntarios da Patria os ultimos convivas da festa.

Muito bem!

LORGNON.

CHORA !

Olla ; escorre-me n'alma esse teu pranto,
Amada minha ! As lagrimas escorre
Pelo meu peito, e ao sangue que me corre
Nas veias, vê se as vaes mesclando entanto.

Por mim, amo-te tanto, tanto, quanto
Amar se pode enquanto se não morre !
Assim, verás, teu pranto me socorre
Quando eu falleço por querer-te tanto.

Corram, pois, tuas lagrimas em fio,
Senhora minha, dona do meu peito,
E cresçam na minha alma como um rio.

Ellas hão de lavar-me de tal jeito
A nova dôr atroz com que porfio,
Que me verás alegre e satisfeito.

Dezembro, 25 de 1884.

FILINTO D'ALMEIDA.

REVISTA DOS COLLEGAS

GAZETA DE NOTICIAS

Discutiu na semana que hoje finda varias questões importantes. Entre outras: a infinita embrulhada Castro Malta, em que, analysando o parecer da commissão de peritos e n'elle, apoiando a sua argumentação, deixa patente que foi a sepultura violada e parece acreditar que houve uma habilitosa troca de calottes, o que, aliás, entre *cadaveres* não é de espantar; discutiu o papel-moeda, provando mais uma vez que o ministerio da fazenda, substituindo umas notas por outras e inutilizando as substituidas, pratica um acto immoral, prega ao povo—o pagador que não buffa!—um verdadeiro e monumental calote. A sua opinião é que o governo pôde, e deve mesmo, retirar da circulação papeis rôtos e notas que tenham a concorrência das falsificadas; mas que tal serviço pôde ser feito e deve ser feito indefinidamente, e nunca com desconto.

A *Gazeta* está com a verdadeira doutrina. Invalidar papeis que hontem debrado seus respectivos valores, é immoralissimo exemplo, que o governo, e sómente elle, offerece ao povo. Por muito menos tem ido gente á cadeia.

No dia 3 publicou umas deliciosas « balas de estalo » de *Lelio*—Cremos que todos já sabem que *Lelio* e o Sr. Machado de Assis...—sobre o aspecto do céu em fevereiro, mas um aspecto especial, unicamente d'elle.

Foi porém a polemica com o *Jornal do Commercio* o verdadeiro successo da *Gazeta* na semana. D'esse enorme e ruidoso escandalo ha de ficar memoria por muitos annos. Originou-se a péga de umas *Notas á margem* em que o nosso director, abundando nos conceitos do *Brazil* a proposito de um projectado convenio de jornalistas, deixou provado em poucas palavras que tal convenio seria irrealisavel

porque o *Jornal* não entraria nunca para elle; e que o *Jornal* o repelliria porque é do *a pedido* que vive, a *mofoira* e a sua força, o *testa de ferro* o seu gladio de campanha; porque sem esses elementos o *Jornal* não poderia entrar em concorrência com os collegas, seria fatalmente vencido. Foi isso no dia 2. No dia seguinte appareceu o *Mastodonte* como jámais o viu ninguem: toni-troante, espumando raivas e desaforos; *escumadissimo*, emfim, com a sapéca.

Mas o interessante é que descarregou toda a furia sobre a redacção da *Gazeta*, tornando-a assim responsavel pelo que escrevera o redactor das *Notas*, ao qual nenhuma vez referiu-se—o maroto!

O que principalmente se deduz e se conclue da violentissima *gazetilha* é que o *Mastodonte* não quer convenio de nenhuma especie. Nada de convenios! O que plenamente confirma os assertos do redactor das *Notas*.

Se a *Gazeta* fosse da egualha de *Mastodonte* faria ouvidos de mercador aos improperios d'este, dizendo unicamente:—Isso não é comnosco: é com o redactor das *Notas*, que é nosso collaborador. E para castigal-o da sova que este involuntariamente lhe arranjára—despedil-o-lia.

Como, porém, a *Gazeta* é vinho de outra pipa, tomou a si as palavras do *Jornal*, confirmou o que disseram as *Notas* e respondeu-lhe em felicissimo artigo, intitulado: «Frei Thomaz no *Jornal do Commercio*.»

Artigo irresponsivel, esmagachante!

A sua phrase final, verdadeiro fecho de ouro que resume tudo quanto a respeito do *Jornal* disse o artigo da *Gazeta* e possam dizer milhares de artigos, foi esta, que registramos *ad memoriam rei*: «O *Jornal* tem provado que tem moralidade para todos os preços». Voltaram as *Notas* á carga, com o sub-titulo *Ao Pachiderme!* Virulento, mas necessario e proveitoso desforço da deslealdade, da grosseria e do insolente desdem com que se portara o brutto!

O *Mastodonte* respondeu no dia seguinte á *Gazeta*, repisando as anteriores tolices e injurias e chamando ao auctor das *Notas*—testa de ferro.—elle, o pae-avô dos *Romões!* Mas a replica da *Gazeta* e a treplica das *Notas* devem tel-o posto em panninhos de agua e sal. Nunca lhes dôam as mãos!

Em toda esta desagradavel questão não ha quem possa tomar sinceramente a defesa do *Mastodonte*.

O seu passado é vergonhoso e se lhe mecherem muito não haverá phenol bastante para desinfecar o ambiente da capital.

No dia 5 *Lulio Senior* propõe para candidato ao lugar vago na vereança, em substituição do cidadão Fagundes de Rezende, que não quiz metter a sua honrada mão de maeaco velho em semelhante combuca:—o cidadão *Escaravelho* da *Psycologia*, homem tão puro e tão santo que «as suas gravatas velhas metidas em vinagre servem para livrar de maleitis.» A *Semana* apoia energicamente essa candidatura justissima.

O PAIZ

Continuou a occupar-se com a questão Malta.

Apezar do vigor de pensamento e do brillantismo de forma d'esses artigos, e incontestavel a posição falsa em que se collocou forçadamente o *Paiz* depois do parecer da commissão de peritos. Havia elle dito que se a commissão encontrasse vestigios da fractura e reconhecesse a identidade do cadaver daria a questão por finda—quanto ao *desapparecimento* de Malta. Ora a commissão verificou a

fractura, reconheceram a identidade do cadaver. E o *Paiz* perdeu o melhor, o unico veio de interesse dos seus artigos sobre a questão. Todavia, vaé fazendo o que pôde.

Os *Topicos do dia*, os indefectiveis *Topicos*, continiam leves e interessantes. Pena é que o *processo* da sua feitura se vá tornando um pouquinho gasto. O espirituoso chronista diario d'*O Paiz* já precisa de renovar a receita do seu pratinho, porque o paladar publico vaé cansando. Mais sal, mais pimenta e temperos novos—e o que lhe desejamos.

No folhetim ao alto, *De Petropolis*, (a virgula impede o calimburgo) de que é auctor França Junior, encontramos o seguinte pedacinho, que nos pareceu de ouro e que tomamos a liberdade de gripiar nos *bons endroits*:

«As cigarras, *essas vadias de bom gosto*, não foram pendurar seus *alaúdes*, como os bardos do Thabor, de que falla o poeta, nos salgueiros que bordam a beira do caminho: mas andam aborrecidas, enfadadas, *de navizes torcidas* e já não querem cantar.»

Destorcei os vossos canóros narizes, ó cigarras de Petropolis!

E retomae os *alaúdes*, *vadias de bom gosto!*

Occupou-se no dia 4 em longo e estuda do edictorial da «industria da criação», applaudindo e animando a idéa da projectada *Fazenda Normal de Criação*; e publica um bellissimo artigo de Pinheiro Chagas sobre o terremoto da Andalusia, o qual provavelmente lembrou ao *Paiz*, a idéa de se fazer neste imperio o que se está fazendo em Portugal: collectar recursos para minorar as horribes consequencias da medonha catastrophe.

No dia 5 pediu o *Paiz* á *Gazeta* e ao *Jornal* que terminassem a controversia em que andam empenhados, porque julga que todos os jornalistas são mais ou menos culpados dos males do jornalismo e afim de que, dando elles com a desistencia mutua, da prosecução na luta uma demonstração de cordura e patriotismo «facilitariam a fundação de um nucleo de resistencia ao mal e de um fóco de animação ao bem.» Nobres e louvaveis desejos, que certamente seriam satisfeitos de prompto se não fosse impossivel sustar de golpe a contenda no periodo agudo em que está e se mesmo a hem de toda imprensa, não fosse util até certo ponto essa *barrela*. É conveniente, é necessario que se diga de uma vez, sem reboço, o que foi e está sendo o *papa Peter* do jornalismo brasileiro, para que o publico reconheça aquelles que realmente o servem e sinceramente o defendem e que se tente este quasi impossivel:—melhorar o *Jornal*, tornando-o um pouco menos—do commercio.

Além de que—diga-se uma vez por todas—com o *Jornal* é impossivel qualquer accordo, e uma utopia a fraternidade.

Mostrou-o elle proprio repellindo o convenio e não dando noticia da organização do Club de jornalistas, em que desde a reunião do dia 4 no escriptorio d'*O Paiz*—se está trabalhando.

É mediocrenemente engraçado o artigo trasladado do russo por H. R. (será o Sr. Henrique Reis o traductor?) sobre o café brasileiro na exposição da Russia.

DIARIO DO BRAZIL

Publicou no dia 4 um artigo curto, mas bem lançado e energico, sobre a questão da imprensa. Apoia a *Gazeta de Noticias* e conclue lançando ao *Pachiderme do Commercio*, o seguinte reptó:

« Deve a imprensa por sua dignidade ser solidária na defesa de tão rudes golpes que lhe desferem um de seus órgãos.

Por nossa parte acudimos a essa solidariedade, e entendemos que é tempo de começarmos a reforma.

Para que tão necessária reforma, pois, se realice, como é necessário á nossa civilização, cumpre que o *Jornal* entre em nova vida e colloque no alto de suas columnas:—Não admittimos *testas de ferro*.

Se o *Jornal* fizer isto prova que deseja moralisar a imprensa; do contrario o *Jornal* apenas mostra que não quer que se *escoem* para os outros órgãos as *torpezas* de suas columnas.

Eis um convite.

Acceital-o-ha o *Jornal*? »

Se de véras o *Diario* espera a resposta a essa pergunta—póde ir contando as areias do mar e as estrelas do céu para se entreter, que tem tempo.

Mas, para livral-o de tamanha massada podemos responder-lhe, em nome do *Jornal*, auctorisados a isso pelos seus precedentes e pelo seu procedimento na questão que ora se agita:—Não, senhor.

E ainda o *Paiz* se emballa na doce illusão de um convenio! Que sonhador!

A estreiteza de espaço não nos consente occupar-nos com os outros collegas.

Mas as principaes questões debatidas no jornalismo da capital foram indicadas aqui.

E—*au revoir*, meus collegas.

DOMINGO PRETO.

O Dr. Campos Salles

Chegou hontem de S. Paulo, como se esperava, esse distincto deputado do partido republicano.

A recepção que lhe fizeram os seus co-religionarios e todos os sympathicos á causa da republica e da abolição—foi imponente, em extremo significativa pelo entusiasmo e pela espontaneidade que a caracterisaram.

Em Campos Salles e nos seus dois companheiros—Prudente de Moraes—por S. Paulo—e Adolpho Botelho—por Minas fundam todos os espiritos adiantados e generosos grandes e fortes esperanças.

A entrada d'essa luminosa trindade no Parlamento—a qual recorda o triplice lemma glorioso da Revolução franceza:—Liberdade, Igualdade, Fraternidade—é um triumpho estrondoso para a causa popular.

Ella representa a entrada victoriosa do principio republicano no seio da Representação nacional.

Honra á provincia que, primeira entre todas, conseguiu enviar ao Parlamento dois deputados—francamente, ostensiva e radicalmente partidarios da Republica: S. Paulo, e á outra sua irmã que tão de perto a acompanhou: Minas-Geraes.

Recbido na estação da E. F. D. Pedro II por uma comissão do partido republicano, composta dos Srs.: conselheiro Saldanha Marinho, Quintino Bocayuva, Silveira Lobo, Magalhães Castro, Pedro Tavares, Pernambuco e Luiz Leitão, e acompanhado por grande concurso de cidadãos, chegou o Dr. Campos Salles ao largo de S. Francisco de Paula, onde o esperava multidão enorme. Organizado o prestito entrou pela rua do Ouvidor a saudar as redacções dos jornaes.

Da redacção da *Gazeta da Tarde* fallaram os Srs. Patrocinio e Magalhães Castro, saudando o Dr. Campos Salles, que agradeceu.

Depois foram comprimentadas as redacções do *Diario do Brazil*, *Revista Illustrada*, *Brazil*, *Folha Nova*, *Gazeta de Noticias* e *Jornal do Commercio*.

Em nome da *Gazeta de Noticias*, respondeu o nosso director Valentim Magalhães.

Da redacção do *Paiz*, oraram os Srs. Dr. Aristides da Silveira Lobo, Quintino Bocayuva e Dr. Campos Salles, sendo todos muito applaudidos.

Em frente do escriptorio do *Diario Portuguez* foram levantados vivas a esse jornal.

Ao approximar se o prestito da redacção do *Jornal do Commercio* retiraram-se das janellas duas ou tres pessoas que lá estavam. Ao frouxo *viva* com que foi honrado aquelle diario não respondeu ninguém da redacção, pois estavam desertas as janellas. As folhas de hoje occupam-se todas com palavras de sympathia da chegada do illustre deputado republicano, á excepção do *Jornal* que, como era de esperar, não a noticia sequer.

A *Semana* comprimenta e felicita o Dr. Campos Salles.

« A VESPA »

Simplemente — optimo o 4º numero d'este novo hebdomadario illustrado. Não é porque n'elle se encontra uma caricatura e uma longa noticia sobre *A Semana*, a qual noticia nos soube que nem gaita! Não é; mas sim porque realmente está muito bom. Pereira Netto está revelando na *Vespa* qualidades de desenhista e caricaturista, até agora não conhecidas: — finura e maciez de traço, graça nas idéas, sombreado sobrio e bem disposto. O retrato do cidadão Fagundes, o Cayapó, é excellente. E' a primeira vez que vemos o retrato do Fagundes — a serio. E devemos confessar que é de matar a gente de riso.

O texto é de Arthur Azevedo. Basta dizer isso, não basta? Traz este numero uma bella poesia de Coppé: *O sapato velho*, tradusida pelo nosso distinctissimo collaborador — Lucio de Mendonça.

Parabens á *Vespa*. Continúe assim que vae bem.

Soccorros ás victimas do terremoto de Andaluzia

No dia 4, por convite da illustrada redacção d'*O Paiz*, reuniram-se em um dos salões d'aquella folha os representantes de quasi todos os jornaes da capital, para o fim altamente humanitario, de promover festejos e espectaculos cujo producto reverta em favor das numerosas victimas do terremoto de Andaluzia.

Foram propostos varios alytires, decidindo-se afinal pela nomeação de uma comissão encarregada de apresentar um programma de accordo com as idéas emittidas na reunião. Essa comissão ficou composta dos Srs. Quintino Bocayuva, Drs. Ferreira de Araujo e Pedrneiras, Angelo Agostini, José do Patrocinio, Manuel Carneiro e Valentim Magalhães.

No dia 5, reunidos estes senhores em uma sala d'*O Paiz*, resolveram apresentar á comissão geral o seguinte

programma, sujeito ainda a modificações:

Organisação de um *bando precatorio*, composto de todos os jornalistas e das associações que se quizerem aggregar, para sahirem na quinta-feira, 12 do corrente, a esmollar pelas ruas da cidade.

Nomear pequenas commissões para pedirem ás sociedades carnavalescas a sua coadjuvação em prol das victimas.

Publicar um numero unico de um jornal illustrado e litterario, com um artigo especial de cada redacção e outros artigos e poesias dos litteratos que quizerem concorrer. Esta parte do programma foi confiada aos Srs. Angelo Agostini, Quintino Bocayuva e Valentim Magalhães.

Aventou-se tambem a idéa de sahirem os jornalistas, fantasiados, em prestito, nos dias do carnaval, esmolando pelas ruas. Isto, porém, depende da approvação da comissão geral.

Tambem se tratou da organisação de um spectaculo para depois do carnaval.

São estas, por emquanto, as informações que podemos offerecer aos nossos leitores.

ALGUMAS DEFINIÇÕES

Phosphoros.—Pequeninos volcões portateis.

Epitaphio.—Rotulo dourado com que se annuncia um genero... podre.

Olhos femininos.—Gavetas de lagrimas e raios.

Fama.—Uma cousa que se procura ganhar para que se possa ir dormir.

Riso.—Arauto do pranto.

Inferno.—O unico logar confortavel no inverno.

Bofetada.—Guardanapo dos biltres.

Ratocira.—Gato que não mia nem come os ratos.

Pimenta.—Tempero de opera-comica.

Leite.—Liquido com que se destempera a agua.

Agua.—Vinho por tingir.

Arsenal.—Dormitorio de armas.

Espada.—Um metro de valentia, que se compra aos alfagemes.

Morcego.—Bicho nocturno que serve de anjo da guarda aos gatunos.

Gatuno.—Gato que fez sociedade com as ratazanas.

Leque.—Uma das azas perdidas por Lucifer ao tombar do Olympo.

Etiqueta.—Meio de evitar indigestões aos nossos hospedes.

Anquinha.—Prateleira em que senão guarda a fecencia.

Boi.—Animal que devia casar-se.

Providencia.—Mulher eclestial de quem só se conhece um dedo.

Rhetorica.—Terreno que sómente da flores.

FREI ANTONIO.

A REPUBLICA EM PORTUGAL

SILVA LISBOA

Os órgãos republicanos de Portugal continuam a protestar energicamente contra o facto iniquo de ter sido preso pelo crime de abuso de liberdade de imprensa o Sr. Silva Lisboa.

Um violento sopro de reacção politica agita o espirito portuguez, até ha bem pouco suffocado pela impossibilidade de se mover nos estreitos limites de um ambiente, que ao mesmo tempo que era

uma garantia para a consolidação moral do governo, ia absorvendo os ultimos resquícios de dignidade, que com grande esforço conservava a consciencia popular.

Essa aspiração republicana encontrando amplo horizonte para se distender, para se ampliar, cresceu, esgalhou-se em todas as direcções, tornou-se a idéa persistente de uma facção politica e fez estremecer como uma lâcha sobre um tronco secular, todas as libras do corpo monarchico, que se dissolvia sob a tranquillidade apparente de suas tradições e do seu antigo poder.

As idéas, largamente comprehendidas, methodicamente discutidas, vinham esclarecer o povo sobre os seus direitos, e substituir o arbitrio real pela lei deduzida scientificamente do conjuncto sociologico, da natureza intima e consciente do homem.

De facto, em Portugal, como em todo o mundo, como em toda a Europa, como em toda a America, o sol da liberdade soffreu o eclipse de muitos seculos, durante o qual a alma humana, tacteou as trevas sem encontrar um raio de luz que pudesse guial-a e oriental-a no profundo cahos, onde se revolviam confusamente as idéas que mais tarde iriam desentranhar, como de um limbo, da massa dos factos accumulados pelo passado, os direitos do homem.

Porém do syncrétismo nebuloso, que a prepotencia monarchica creara para apoiar a sua fraqueza e para inutilisar toda a expansão racional, o sol fulguroso da liberdade ergueu-se, trazendo na irradiação dos seus raios a nova seiva, que vinha fecundar a razão esterilizada e sacudir o homem que estrebuchava entre as visões truculentas de um pesadello de muitos seculos.

A monarchia oscillou. Do alto da sua grandeza, ella sentiu a vertigem de Phaetonte. E cada vez mais o espaço se alargava e cada vez mais ella estremecia sobre a sua propria sombra, sem encontrar um só apoio no vacuo que a circumdava, sem encontrar um sorriso de piedade, ou uma lagrima de dôr, no meio d'aquelle pandemium de gritos e de maldicções, que cahiam sobre a sua cabeça, como um tripudio de morte.

Com effeito. Do alto da historia, do amplo peplus que adornava ainda o ossuario sagrado das tradições imperialistas, jorrava, como de fonte perenne, todo o sangue dos martyres, que cahiram como Haró salpicando de sangue o manto do imperador.

As leis da historia, são inexoraveis como as leis da natureza.

A observação calma e limitada ao relativo, o espirito afastando das suas pesquisas philosophicas o absoluto, creou o methodo, e essa extraordinaria direcção dada á razão moderna, imposta ao estimulo intellectivo, forçou o homem a voltar a sua attenção para as leis historicas, e estas conhecidas, o espirito humano deduziu logo uma nova politica futura, onde era batida em brecha a philosophia *a priori* do despotismo e da escravidão.

Reconhecido o veio genesico de onde emanavam todos os privilegios e todos os absurdos com que se apresentavam as constituições, a consciencia moderna, começou, desde logo, a cercear esses absurdos, a protestar contra esses privilegios e a desdobrar aos olhos das nações toda a serie de crimes da soberania por *graça de Deus*, e a golpear-a com os argumentos os mais irrespondiveis. O arbitrio do soberano achou-se inesperadamente defronte da liberdade do cidadão.

O monarcha, comprehendendo todo o alcance do perigo que o cercava, lançou mão da astucia e do alceve para reconquistar o poder que se lhe escapava das mãos, offerecendo á ingenuidade popular,

garantias incongruentes, liberdades dispartadas, amalgamando a soberania por *graça* com o *suffragio popular*, o *principio electivo* com a *candidatura official*, a *livre concurrencia aos cargos publicos*, com os *empenhos*, a *liberdade de consciencia*, com a *religião do Estado* e finalmente a *livre discussão do pensamento constitucional* com os *Limoeiros*.

Vergonhoso sophisma, que tem tomado a pouco e pouco as proporções de um crime!

Affronta revoltante lançada á ignorancia popular e á sua boa fé, tereis um fim como tudo que é contrario ao desenvolvimento natural dos povos. Mais tarde ha de cahir sobre a cabeça dos descendentes d'esses reis, que são a personificação do egoismo, e a personificação da entrujice na politica, na religião, na sciencia, nas lettras, nas artes, o mesmo golpe que cahiu sobre a cabeça do neto de Luiz XIV.

Foi pelo facto de ter protestado contra os erros, contra a irresponsabilidade do rei, que foi preso e está sendo processado ignominiosamente o intrepido redactor da *Era Nova*, o arrogante democrata para quem as paredes da sua prisão não têm a solidez necessaria para enclausurarem o seu pensamento de modo a impedirem-no de dizer ao povo:

« Persigam-nos pois, prohibam os applausos com que a consciencia publica nos glorifica e nos cura das suas mordeduras de viboras, mas fiquem certos de que, enquanto se não prohibirem a si proprios o serem torpes e indignos, continuarão a mostrar-se tão impotentes para nos amordaçarem como se têm revelado para se corrigirem. » (*)

Ao vigoroso jornalista, cuja energia está acima de qualquer desforço real, envio-lhe, em nome dos verdadeiros republicanos brasileiros, um cumprimento pela maneira porque tem protestado contra o despotismo constitucional do governo do seu paiz.

A *Era Nova* todas as sympathias d'*A Semana*.

Luiz MURAT.

AVE-MARIAS

No campo, á tarde, ouvindo os sons de um sino,
Longo, ao longe, trazidos pelos ventos,
Despertam-se-me aqui, como uns lamentos,
As saudades dos tempos de menino.

Cahem-me n'alma, e conto-as, e imagino
Que esses doze pancadas são accentos
Vivissimos, crueis, dos meus tormentos,
Que resumbram á tarde os sons de um sino.

Olhando para traz vejo a Esperança,
Romeira que parou, que não me alcança
Mais hoje n'este inglorio meu destino;

Penso em morrer... mas que me seja dado
Na hora extrema olhar o meu passado,
No campo, á tarde, ouvindo os sons de um sino...

SOARES DE SOUZA JUNIOR.

Mattos, Malta ou Matta?

NOVAS REVELAÇÕES

QUINTA CARTA

« Sr. redactor.

Antes de mais nada, antes de lhe dar conta dos factos extraordinarios que se vão seguir, seja-me permittido dizer duas palavras a respeito de minha sogra, dessa megera, a quem o acaso, por des-

graça fez mãe da mulher com quem casei.

D. Leonarda dos Prazeres é uma velhusca de quarenta e tantos annos que não parece ter mais de trinta e poucos. Forte, bem conservada e lepida, diz até muita gente que ella mette mais vista do que a filha, com quem aliás se parece muito.

D. Leonarda é viuva e foi casada quatro vezes. (Margarida nasceu do seu primeiro matrimonio). Teve por maridos os seguintes homens: um ferrador, um açougueiro, um jornalista e um pharmaceutico.

Consta que todos elles acabaram meio idiotas, notando-se que dous deram cabo da vida, um suicidando-se a tiro e o outro a veneno.

D. Leonarda herdou do ultimo de seus maridos, o pharmaceutico, uma casinha de porta e janella, cinco apolices da vida publica e a pharmacia. Comeu tudo isso dentro de um anno e passou a viver á minha custa. Eu que não estava disposto a atural-a em casa, arranjei-lhe uma pensão com os parentes ricos do defuncto pharmaceutico e tratei de nunca mais saber noticias d'ella.

Isto foi, haverá coisa de quatro annos, e, depois de todo esse tempo, é que a fui encontrar pela primeira vez allí, na casa de correção e presa como ladra, segundo a informação do meu amigo.

Entrei na cellula e, sem mais commentarios, exigi de minha sogra a explicação de tudo aquillo. Ella fechou os olhos e meneou a cabeça negativamente.

— Não quer falar? perguntei eu.

Ella tornou a dizer que não, com a cabeça.

— E' a sua ultima resposta?

Ella sacudiu a cabeça affirmativamente.

— Mas a senhora não sabe o que me trouxe aqui?

Ella levantou os hombros, com indifferença.

— Não sabe que se trata de sua filha?

Ella repetiu o movimento dos hombros.

— Saberá ao menos dizer-me o que foi feito d'ella?

A velha esticou o beijo inferior com um geito expressivo, que dizia—Não sei.

Cada vez mais furioso, pedi ao amigo que me levasse á presença de Castro Matta.

— Não posso, respondeu elle— Tenho ordem para não o mostrar a ninguém.

Ao sahir da casa de detenção, um dos outros amigos, aquelle justamente que me havia affiançado que o Matta estava recolhido á Misericordia, segredou-me já na rua:

— Vou agora á Misericordia, a serviço; se quizeres vêr o homem, vem commigo.

Aceitei o convite e, imagine-se qual foi a minha nova surpresa, quando, penetrando o meu amigo na enfermaria, tornou ao meu lado e disse-me ao ouvido:

— Já não encontras um homem, encontras um cadaver.

E, avançando alguns passos, foi ter a uma cama, onde se via um grande vulto humano coberto por um lençol velho.

O meu amigo levantou a coberta por uma das pontas e accrescentou:

— Vê!

Eu pulei do bolso a photographia que me dera a Jeannite e confrontei-a com o cadaver.

Não podia haver duvida.

Era o mesmo, sem tirar nem pôr.

E a graça é que a photographia estava perfectamente de accordo com as primeiras informações que no ponto das barcas me dera o carregador. « magro cabelo preto, barba a ingleza, e elegancia e de suppor que uzasse polainas e chapéu alto. »

Detive-me defronte daquelle cadaver, a fazer algumas considerações a respeito d'elle.

(*) Da *Era Nova*.

—Alli estava para sempre inanimado o homem que minha mulher preferio a mim e por quem trocou a sua tranquillidade, o seu futuro e a sua honra! E fossem lá comprehender as mulheres! Porque razão aquelle typo de barbas inglezas, aquelle desordeiro vulgar e de má entranhas sem duvida, havia de merecer mais do que eu?... Porque? Por ser bruto? não! Por ter mais talento? não creio... Elle não seria capaz de escrever estas cartas... Por ser mais honesto? Impossivel! Porque seria então? Ainda se fosse rico, mas qual, segundo informações que me leram mais tarde, só lhe encontraram nas algibeiras dous nikes de tostão, uma caixa de phosphoros, algumas cartas de namoro, algumas contas, um pente e tres cigarros. Porque pois teria minha mulher o preferido a mim?

Ah! Quem poderá explicar esses mysterios e essas aberrações do coração feminino! Quantas vezes essas insensatas não largam de mão o ouro verdadeiro para se lançarem sobre o mais ordinario dos metaes!...

Fazia eu taes considerações, quando o meu bom amigo, tocou-me no hombro.

— Então! disse elle — queres agora ficar ahí, defronte d'esse corpo?

— A que horas é o enterro? perguntei.

— Deve ser d'aquí a uma hora. A's quatro.

— Pois eu espero. Quero acompanhá-lo até ao cemiterio, quero vel-o descer á sepultura, cahir-lhe sobre o peito a terra e a cal, e só depois d'isso respirarei com franqueza.

— Então, adeus, disse-me o amigo — deixo-te, que ainda tenho que fazer.

— Adeus. Obrigado.

O amigo sahio e eu fiquei ao lado do defunto. Estava disposto a não abandonar-o um só instante.

Depois do enterro ou talvez amanhã, resolvi commigo — tratarei de continuar nas minhas pesquisas. Minha sogra não quer fallar, mas eu hei de descobrir onde se esconde a filha!... Em ultimo caso vou ter com a Jeannite e peço-lhe novas informações.

Mas, apezar de ter alli, defronte dos olhos aquelle cadaver, que era a confirmação silenciosa da photographia e das affirmações do sujeito que o vira com minha mulher, as palavras do meu outro amigo não me deixaram a cabeça!

« Está aqui na casa de correcção escondido; temos ordem superior para não consentir que elle se communique com pessoa nenhuma e para declarar que elle foi para a Misericordia. Amanhã has de ver isso mesmo nas notas policiaes... »

E como se poderia explicar o engano tão grosseiro que se achara o meu outro amigo? Como explicar igualmente a prisão de minha sogra? Onde estaria a minha mulher?

Eram essas as interrogações que se erguiam dentro de meu cerebro, quando vi chegar um homem, acompanhado por dous serventes, o qual apontou para o cadaver, e disse:

— Carroça com elle!

— Perdão, intervim eu, chegando-me para o sujeito. Saberá dizer-me, caro senhor, de quem é este cadaver?

— Do Malta.

— Tem certeza que é Malta?

— Malta ou Mattos... respondeu o sujeito. Também não sei com certeza. Se não me engano é Castro. Castro Malta ou Castro Matta. Pelo nome não se perca!

Não se perca! Mal sabia o desgraçado o que havia de succeder; considere commigo e, tornando ao sujeito, perguntei-lhe se não sabia que especie de homem fóra esse Malta ou Mattos.

— Uma especie de vagabundo!

— Mas não tinha profissão?

— Qual. Vivia da jogatina.

— Ora essa! considere eu. O Castro Matta de que me fallaram os vizinhos, quando eu sahi a procurar minha mulher, era encadernador, e constou-me que empregado em uma das melhores livrarias da côrte.

Cada vez mais intrigado, fiz ainda algumas perguntas ao sujeito e, vendo que não obtinha melhores esclarecimentos, despedi-me d'elle e dispuz-me a acompanhar o enterro.

Eram cinco horas da tarde quando sahio o corpo da Santa Casa da Misericordia, dentro de um carro negro, onde se via uma cruz pintada de branco. Tomei um tilbury e acompanhei-o sem dar a entender que o fazia.

A carroça tomou a direcção do cemiterio de S. Francisco Xavier; eu atraz.

La triste, como se acompanhasse o enterro de um parente ou de um amigo; sentia até vontade de chorar, quando o meu tilbury deslizou surdamente pela areia do campo.

E a carrocinha negra, miseravel. lá ia na frente puxada por um burro. De vez em quando, nas curvas do caminho, eu a perdia de vista, mas d'ahi a pouco devisava de novo o chapéu alto do gato pingado e, então, fechava os olhos para o não ver.

Que estranho mal estar se apoderava de mim á proporção que me aproximava do cemiterio! Afigurava-se-me um crime o que eu fazia n'aquelle momento. La perseguindo um cadaver, rondando-o como se receiasse vel-o fugir no meio da viagem.

Puhei do bolso a photographia e quasi me faltou a coragem para encaral-a. O retrato sorria, parecia sorrir de mim. Por instantes, afigurou-se-me que os traços de sua physionomia se accentuaram para sorrir com mais vontade; depois parecia que se fecharam na triste expressão que eu vira na cara do defunto.

Tornei a guardar a photographia, e só então reparei que o tilbury já estava parado a alguns minutos, defronte do portão do cemiterio.

Entreisempre atraz da carroça e fiquei meio contrariado, quando o guarda declarou que já não eram horas de enterrar.

O corpo foi depositado na capella. Era tal a insistencia com que eu o acompanhava que passei por parente do morto. O meu cocheiro chegou mesmo a lançar-me um olhar de consolação.

La a sahir, mas hesitei. Despedi o tilbury e puz-me a passear em volta da capella, onde podia por entre as grades ver o cadaver deitado ao comprido sobre uma meza de pedra.

Não sei porque eu me demorava alli, mas sei que me sentia attrahido mysteriosamente para aquelle corpo.

Não podia lhe tirar a vista de cima. Olhei em torno de mim, estava só, o guarda se havia afastado, quando um grito me escapou dos labios.

Pareceu-me ter visto o cadaver virar a cabeça de um para outro lado.

— Estou sonhando!... disse commigo — mas resolvi observar, ainda que fosse preciso esconder-me no cemiterio.

Pela seguinte carta verá V. S., que não era um sonho.

Sou de V. S.

Att.º. cr.º. e ven.º.

...

BOLOS

Comquanto gostemos de dar a nossa tacadinha de vez em quando, não somos, comtudo, tão apaixonados pelo bilhar que conheçamos todos os estabelecimentos em que elle se joga.

Por isso não conheciamos a casa *Ao tacco*

de ouro, da rua Ouvidor, onde ha poucos dias entrámos pela primeira vez.

Já sabiamos que o dono da casa, o senhor Alberto, era um famoso jogador de bilhar que já tem feito duzentas carambolas de uma só tacada; mas o que não sabiamos era que o Sr. Alberto tivesse um espirito tão finamente critico, tão justamente mordaz. Pois tem, o diabo do homem! tem um espirito tão abundante como o bigode que lhe ensombra os labios. As pessoas que duvidarem da nossa affirmativa não precisam fazer mais do que ir até lá, á rua do Ouvidor n.º 37, e reparar no dístico inscripto na porta do palacio das necessidades da casa. Todos, pelo menos todos os que *liam a Folha Nova*, sabem que ella inventou uma phrase que a immortalizou e que representa, ainda hoje, todo o seu cabedal litterario, toda a pasmosa fecundidade dos espiritos que a têm redigido, unico producto verdadeiramente original do talento dos guarda-livros arregimentados pelo jornalismo do *deve e haver*; a phrase a que nos referimos já o leitor perspicaz atinou qual é: — *E' a tal coisa*. Pois reparem no dístico e vejam que elle não é mais do que a perpetuação d'essa phrase.

Nós declaramos que nunca a vimos tão bem applicada e que nunca soubemos de melhor e mais justa homenagem feita a um jornal. Deve estar orgulhosa a *Folha Nova*.

*

*

Não vá ella pensar agora que narremos este facto por não termos assumpto para atacal-a por outro lado. Não, senhora, ha de levar os bolinhos do estylo.

Para corpo de delicto basta-nos o seu numero de quarta-feira. Lá encontramos na quarta columna, artigo *Sport*, uma « sazonal resolução da directoria... » com um sabor de cinca, que é um regalo!

A noticia de que foi nomeado vice-consul americano no Fayal o Sr. Jacintho Manuel da Silveira.

Outra de que uma tal « Philomena Rangel *poz-se toda na puba* » — nobreza de expressão e elegancia de estylo capaz de fazer corar no tumulo a ossada do Mal das Vinhas.

Outra de que a rua dos Ourives percorreu tocando a banda de musica allemã, — caso verdadeiramente phenomenal, inversão pasmosa dos costumes paeatos da banda allemã, pois que até aqui era ella que percorria a rua dos Ourives!

E outras, e outras, e outras, que seria longo e fastidioso enumerar.

*

*

E esta de querer intrigar-nos com o Lucio de Mendonça?

Olhe que ser intrigante é feio vicio e quasi sempre revella o sentimento muito condemnavel da inveja. Quem intriga é porque se morde com o bem alheio.

Parece-lhe então que Lucio de Mendonça, um escriptor puro, um prosador de raça, litterato até ás unhas, não está bem collocado *dans cette galère*?

Ora, santinha, queria talvez que o homem fosse ser guarda-livros para poder embarcar lá na falúa?

Deixe-se d'isso e tome juizo, se ainda é tempo.

*

*

O nosso presado *Escaravelho* zumbiu no domingo ultimo em redor do bello soneto de Luiz Delfino — *In her book*.

O animalzinho, pouco affeito a poesias, educado unicamente na escola coxa e tropega da *Musa do povo*, pelo methodo de Hudson, sem idéa do que seja imagem, sem noção do que seja sentimento poetico, refugio as delicadezas e as harmonias do poeta da *Solemnia verba* e espantou-se por saber que nas regiões

olympicas da suprema Arte ha « luz que canta; olores de caçoula; rufos de azas e frescuras d'agua ».

Delicioso e ingenuo bichinho! por que intentas atirar sobre o grande poeta as *maçans* que enovellas e de que te alimentas? Fazes um roubo ao teu estomago e nada lucras com a rejeição.

Assombrou-te tambem o facto de haver o poeta visto um *rosto* no livro, e insinuas que é expressão incorrecta. Se tu soubesses ler por cima, eu remettia-te para o Vieira, que diz, tratando do vocabulo « Rosto »: *Rosto do livro*; a primeira pagina do titulo.

No Moraes tambem encontrarias, no mesmo vocabulo:—*Rosto do livro*; a pagina primeira do titulo.

Ainda no Aulette: *Rosto do livro*; a primeira pagina do livro onde está o titulo e o nome do auctor.

Como, porém, tu não podes saber ler, attenta a tua condição de coleóptero, não exijo que recorras aos mestres, nem que vás aprender leitura pelo precitado methodo, porque não desejo que venhas a saber ainda menos do que sabes.

A tua *Musa do povo*, producto genuino, natural e logico do teu sentir poetico, que se desengonçe como *pendant* da tua prosa, na camaradagem da mesma digna secção das descomposturas, dos doestos, dos insultos e das calumnias, como bons visinhos e amigos, fraternizando nas passeiadas matutinas, ao diluculo, pelos vastos e sujos arruamentos da grande cidade typographica e immunda em que viveis.

Em paz e ás moscas.

CHICO FÉRULA.

HORAS DO BOM TEMPO

(A VALENTIM MAGALHÃES)

(Continuação)

O Cabrião do Justino

Outro desmarcado pandego, do meu tempo, foi o Injustino, assim chamado por si proprio, para differenciar o nome do de Justino. E porque? Porque o rapaz era o mais feroz inimigo do cathedratco de direito civil, Justino de Andrade, que o reprovara em mais de um anno; era uma ogerisa sem termos e sem tréguas: tudo quanto era contrariar « o gallego », como lhe chamava, constituia para o estudante dever sagrado.

Começava pelo vestuario: como o dr. Justino veste-se invariavelmente de preto, nunca — mas nunca — viu-se um centimetro de panno preto no corpo do Injustino: nos proprios actos solemnes da academia, em que é de estylo a roupa preta, lá achava uma fazenda escura, mas que não fosse bem da odiosa côr de que se vestia « o gallego ».

No cabelo, na barba, era o mesmo: o professor trazia o cabelo muito liso, empastado na cabeça; o do rapaz andava comprido, á 1830, a esvoaçar pelos hombros; o Justino usava bigodes só; o Injustino deixava toda a barba e raspava os bigodes, o que, com a cabelleira grande, dava-lhe uns ares de matar... de riso.

— Hei de ser, na sciencia como em tudo mais, o antipoda d'aquelle môno.

— Mas, objectaram-lhe, não podes evitar muitos pontos de contacto: andas como elle, comes como elle, em summa: —sois ambos homens.

— Sim! *ad impossibilia nemo tenetur*, como se diz naquella amolação do *Corpus Juris*; mas chego até onde posso. E consigo mais do que pensas: « somos ambos homens », dizes tu; não sei bem até que ponto é isso exacto, até que ponto se poderá commetter o abuso de aceitar « o gallego » como homem. No comer,

já temos uma grande differença (além de que eu me abstenho de milho e capim) — nunca o fazemos ás mesmas horas, e eu bebo mais do que como, ao inverso d'elle. No andar, declaro-te—e ao mundo —que, se ainda não me puz a andar com pés e mãos, porque elle anda só em dois pés, é por ter inteira certeza de o ver, mais cedo ou mais tarde, restituído ao seu andar natural—dos quatro pés.

*

Mas n'um particular desabafava-se consoladoramente a zanga do Injustino com o seu ex-homonymo:—no tocante ás vidraças do lente.

O desgraçado homem, depois de uma constancia heroica e das mais caras, de muitas dezenas de mil réis, desesperou de usar vidraças inteiras em casa, emquanto « aquelle biltre », — como chamava ao rapaz, — andasse em S. Paulo.

Foi, de parte a parte, uma porfia homérica, de que se hão de lembrar, com eterna saudade, os vidraceiros da cidade academica:—o Injustino a quebrar as vidraças e o Justino a mandar concertal-as. Concertadas, duravam apenas o tempo do Injustino as ver; aos primeiros alvares do outro dia, o transeunte matutino veria espatifados, um por um, os bellos vidros da vespera.

Mas horas depois lá estavam novos vidros nos caixilhos.

—Emquanto « aquelle biltre » cá estiver, não ganho para os vidros! exclamava, com um sorriso medonho, o Justino de Andrade.

Ah! foi uma campanha! o professor tentou todos os remedios, todos falharam. Como a casa era d'um assobradado muito alto, mandou pôr ás janellas da parte exterior, umas rotulas que resguardassem os vidros.

Qual resguardarem! o Injustino escangalhava primeiro as rotulas e depois as vidraças. O civilista, furioso, comprehendeu então que apenas fornecera mais obra á sanha destruidora do estudante; e continuou sem novidade a teimosia encarniçada, de um a restaurar as vidraças, do outro a pol-as em cacos.

Mas de uma vez, teve o Justino uma surpresa de alegria indescriptivel; na tarde anterior, mandara, pela quinquagesima vez, renovar o envidraçamento, e durante a noite, contra toda a expectativa, não ouvira aquelle retinido estrepido de vidros quebrados que já lhe ia determinando uma raiva especial com symtomas graves de loucura.

De madrugada, ao enfiar a roupa, cogitava curioso: teria morrido o estudante? estaria, pelo menos, de cama? Não via outra explicação para a integridade daquella face mais fragil do seu lar domestico.

Desgraçado! foi quasi a rir de intimo gosto, entreabrir de manso uma janella, medroso de ainda receber, naquelle mesmo instante, as pedradas do inimigo.

Como era myope e estava sem oculos teve um deslumbramento: pareceu-lhe que os vidros, de encontro á claridade fôsa da manhã, conservavam milagrosamente o estado de perfeição em que os deixara o vidraceiro na vespera.

Mas tão singular parecia-lhe o acontecimento que foi pôr os oculos, e, de vista armada, entrou a examinar vidro por vidro, Ai! foi-se-lhe o « engano d'alma lêdo e cego », em cada vidro, regularmente no meio, havia um pequeno triangulo, cortado a ponta de diamante, por onde penetrava o ar fresco da manhã.

Foi talvez esta ultima circumstancia que impedio que o professor desmaiasse.

Fica para outro dia e capitulo o melhor das relações entre o professor Jus-

tino e o inimigo figadal das suas vidraças—a despedida que este lhe fez, e cuja historia perpetua-se em S. Paulo, de geração em geração academica, e ha de durar emquanto houver memoria de estudante.

(Continúa).

LUCIO DE MENDONÇA.

PROSTITUIÇÃO NO RIO DE JANEIRO

I

Sans elle, ou, sans cette honteuse mais fatale plaie de l'humanité, la pureté des mœurs n'y tarderait pas à disparaitre et l'ordre social à être bouleversé.

(HYPPOLITE MIREUR).

TRAÇOS GERAES

Continuando nas minhas humildes considerações, acho conveniente desde já levantar um solemne protesto contra os que pensam que a prostituição deve ser banida.

Respeitador do talento de Mirabeau, da sua arrebatadora eloquencia, não posso, entretanto, deixar de oppôr-me ás suas idéas sobre a prostituição, idéas que demonstram que a pratica não justificou a sua theoria.

Em uma sessão do senado, em França, a 22 de Junho de 1865, Goulhot de Saint-Germain dirigiu uma petição contra essa chaga da humanidade, dizendo que era um descalabro do paiz e que, como tal, devia ser banida. N'essa occasião, o senador Dupin emittiu o seu parecer, dissertando sobre o excessivo luxo das senhoras da grande sociedade que, copiando as grandes maneiras e o vestuario das mulheres publicas, serviam-lhe muitas vezes de modelo.

Tardieu faz figurar a vaidade como a causa primordial do augmento das metretizes, e, com effeito, as almas fracas, que sentem uma fascinação irresistivel por esse vicio, são por elle precipitadas n'um extremo humilhante. Para ostentar apparatusamente o luxo em que julga occultar a hediondez da sua consciencia, a mulher — a primeira preciosidade social, mas tambem machina gigante de um grande orgulho — entrega-se com a maior facilidade á prostituição!

A sociedade moderna, ou antes, a lei consente-lhe essa degradação e proclama-a como uma necessidade, e para confirmar isso, ahi está o facto de que a mulher, prostituindo-se, abraça uma regalia legislativa de quasi todas as nações.

Banil-a completamente, extingui-la, seria um erro ainda mais grave, pois que, segundo uma voz authorisada, a prostituição, filha do deboche e do vicio, corresponde aos ardores brutaes dos sentidos.

O que seria da moralidade social, se assim acontecesse, mórmente na época actual em que parece nascer de todos os lados o enthusiasmo e o ardor pelas orgias?! O resultado seria o transtorno da ordem e da tranquillidade publicas.

Diz Mireur, para confirmar a minha opinião: « A prostituição existe desde os tempos mais remotos; nasceu com os homens, por assim dizer, pois que a sua origem remonta á origem das sociedades. No Genesis e em outros livros santos, nas mais antigas tradições de Roma e da Grecia, nos escriptos dos poetas e historiadores da antiguidade, achamos vestigios dos seus depregramentos. Através dos seculos da edade media e até os tempos modernos pôde-se mais facilmente ainda seguir passo a passo sua marcha sempre invasora e nunca interrompida.

Ora, estabelecido bem só este facto da existência constante da prostituição em todos os povos e em todos os tempos, não bastaria para demonstrar o quanto esta chaga social se acha inherente á especie humana, por consequencia, o quanto é inevitavel? Ella não poderia desaparecer senão em uma sociedade em que os homens tivessem chegado ao mais alto grão de perfeição moral! »

A meretriz é, pois, uma entidade indispensavel.

Pois bem; ao menos, que ella não seja um fôco venenoso.

Nesta cidade faz-se importação excessiva de mulheres de todas as nacionalidades que, reunidas ás que já existiam, exercendo tal profissão baixa, miseravel e abjecta, não são sujeitas a nenhuma das regras aconselhadas pela hygiene.

Qual é a inspecção sanitaria das meretrizes, adoptada na Europa, que se faz aqui, na capital do Brazil, na primeira cidade da America do Sul?! O serviço de saúde publica, a este respeito, é uma calamidade patente, que está invocando urgente reparação.

As profundas reflexões de Ricord, os conselhos de Robert, os innumerados pareceres de varios authores são aqui desprezados a ponto de haver mulheres, syphiliticas por varias vezes e prostituidas ha muitos annos, ostentando se lúxuosamente, sem o menor conhecimento do speculum.

Causa verdadeira lastima o execrando abuso que lavra por ali e que constitue um crime de lesa-hygiene, contra o qual resolvi elahorar estes artigos.

(Continúa)

DR. HENRIQUE DE SÁ.

PITADA ECCLESIASTICA

Ha de permittir o illustrado Dr. Castro Lopes que hoje lhe entre um pouco pela seára, e pesquize as origens da expressão — *burro como uma pedra*.

Está na Biblia, evangelho de S. Matheus, cap. 16, vers. 18, o famoso versiculo: — *tu es Petrus et super hanc petram edificabo Ecclesiam meam*.

Christo chamou positivamente burro ao velho apóstolo, que de todo não brilhava pela intelligencia, tanto que chuchou de S. Paulo aquelle quinquê celebre.

Dizem que no syriaco, que era do que Jesus-Christo gostava, a mesma palavra — *cephas* — significa *Pedro e pedra*. Isto, posto em vulgar, sem o divino calimburgo, e por mais que espumem os protestantes que entendem a cousa d'outro geito, vem a dizer claramente:

« Tu és um pedaço d'asno, e sobre este pedaço d'asno edificarei a minha igreja. »

Por isso... e d'ahi tambem, as phrases « religiosa besta » « reverendissima asneira », e semelhantes.

SATANAZ DA SILVA.

POESIA E POETAS

O Sr. Virgilio Varzea é poeta moderno, realista, objectivo. Munge altiloqua inspiração nas tétas abundantes da esthetica positiva e vota odio mortal ao decrépito Romantismo.

Vejam com que segurança desdobra elle as pandas azas em busca dos *solidos* ideaes, expungidos das piegnices sentimentaes dos versejadores choramingas:

« O dia vem surgindo, o dia esplendoroso!
A aurora traz-me um beijo enorme, luminoso,
E faz que a flor estenda as petalas azues
Aos vagalhões de ouro d'uma explosão de luz!
O coração palpita e sente um magno effluvio
Que inunda todo peito assim como um diluvio.
A grande mãe de tudo, a vasta natureza
Sente a latejação das formas da belleza.
O colibri dourado a namorar a flor
Murmura-lhe ao ouvido uns canticos d'amor.

O dia é uma alegria heroica, colossal!
D'elle é que emana o bem, da noite emana o mal. »

E depois:

« Fiquei a olhal-o calmo e mudo como a fraga...
E perguntei-lhe o nome: — Eu sou Rodrigues Braga
Aquelle que lntou por dogma novo:
Abrir um horizonte de luz a este povo.
A marcha do Progresso é a senda das auroras! »

Uma critica prevenida ou superficial talvez que julgue isso um *pastiche* de Guerra Junqueiro; mas entre o vate portuguez e o bardo brasileiro vae toda a distancia que ha da Europa a Santa Catharina.

Aquelle hemistichio:

— Eu sou Rodrigues Braga!

possue certo sabor nativo inteiramente estranho ao auctor da *Morte de D. João*. Se é verdade que todo poeta genuino tem na lyra uma nota especial, propria, exquisita, que o caracteriza e distingue dos seus confrades gloriosos, a nota do Sr. Virgilio Varzea parece-nos ser os dous alexandrinios:

« Fiquei a olhal-o calmo e mudo como a fraga...
E perguntei-lhe o nome: — En sou Rodrigues Braga! »

O poeta, como ardente sectario da nova escola, faz um enorme consumo de mansas alegrias, scismas azues, olhares mansos, sons avermelhados, alegrias azues, limpidos ideaes, canções boas, loiras phantasias, loiras explosões, extranhos clarões, illusões avelludadas, brancas harmonias, phantasias loiras, pallido Jesus, *verve* cor de rosa, etc., eec., etc.

Fallaremos depois das *Obscuras* e dos *Versos sem rima*.

UDO.

COMO NOS RECEBERAM

Eis as palavras do *Fluminense*:

« Recebemos os ns. 1, 2 e 3 da *Semana*, periodico importante que se publica na Côte, sob a direcção do Sr. Dr. Valentim Magalhães, um dos nossos mais apreciados escriptores, que é vantajosamente secundado por outros tambem conhecidos, entre os quaes se distingue o Sr. Alfredo de Souza.

« E' a *Semana* muito variada e contem artigos que pôdem agradar a todos os gostos.

A melhor recommendação que ella tem é a pleiade de moços illustrados que formam a sua redacção, á frente da qual se acha o estimado poeta a que acima nos referimos, Dr. Valentim Magalhães.

Saudando a nova revista, fazemos votos para que seja longa a sua vida, pois que publicações da ordem d'esta, honram a capital do Imperio e dão um justo estalão da sua mentalidade.

A *Vespa*, no seu numero 5, recebeu-nos pela seguinte gentilissima fórma:

A SEMANA

« Temos recebido com muita regularidade esta interessante revista, dirigida por Valentim Magalhães, o joven escriptor que tanta reputação tem adqui-

rido com as suas scintillantes *Notas d Margem*.

Não é de hoje que o poeta dos *Cantos e Lutas* e de *Colombo e Nené* tem dado provas de seu talento e o que mais é, do seu amor ao trabalho. Já nos saudosos tempos em que fazia jus, na Paulicéa, ao tradicional canudo que infelizmente é o « *Sezamo, abre-te* » de todas as posições dirigentes da nossa terra, Valentim produzira muito, e creara o periodico illustrado *Bohemio*, e depois a *Comedia*, que tão gratas recordações deixaram. Formado já, e antes de entrar para a *Gazeta de Noticias*, collaborou assiduamente na *Gazetinha*, o jornalette mais espanta-burguez que nunca se vio.

A *Semana* é escripta pela fina flôr da nossa litteratura,

As *Horas do bom tempo*, de Lucio de Mendonça, são adoraveis de estylo e bom humor.

Adivinha-se a penna de Filinto de Almeida na graça e singeleza com que são narrados os factos mais commesinhos. O poeta das *Aguarellas* de vez em quando deixa cahir do seu escriptorio um soneto magistral, como aquelle *Sempre!* — que já temos de cor e salteado.

« No *Mattos, Malta ou Matta?* estão patentes todas as qualidades de estylo e de observação de Aluizio Azevedo. Não nos parece de outra origem o curioso romance da *Semana*.

Luiz Delphino, o Jupiter daquelle Olympo, já duas vezes illuminou as columnas da nova revista. Lá vem dous sonetos que são dous primores.

As musas de Raymundo Corrêa, de Luiz Murat, e de Alfredo Souza tambem se fazem representar gallhardamente.

E que alegria nos deu a *Semana*, publicando a traducção, feita por Affonso Celso Junior, de uma esplendida poesia de Catulle Mendès! Já todos nós julgavamos que o poeta das *Telas sonantes* estivesse completamente sacrificado á politica. Assim não é, felizmente. No intervallo de dous discursos, Affonso Celso Junior terá sempre occasião de escrever trez poesias.

Finalmente, a *Semana*, que, além dos escriptores citados, dispõe de outros, não menos competentes, como sejam Urbano Duarte e Alberto de Oliveira, é um periodico bem feito, desde a *Historia dos sete dias* até os *Tratos á bolla*. E' para desejar que não desapareça como têm desaparecido tantas e tão estimaveis publicações d'esse genero. Mas felizmente, já não estamos no tempo do *Diario da Manteiga*, e podemos sem receio aconselhar a todos quantos este virem a que assignem a *Semana*... depois de assignar a *Vespa*. »

CRITICA SCIENTIFICA

Temos sobre a mesa de trabalho duas magnificas monographias, que nos foram offerecidas pelos seus authores.

Uma d'ellas, a *These* do Sr. Dr. Francisco José da Silva Pessanha, occupa-se com o *Diagnostico e tractamento das pneumonias infecciosas*.

Assumpto novo no Brazil, e ainda muito debatido na Europa, tem dado lugar á formação de trez escolas para discutir-se a sua pathogenia.

Bastaria só este facto para dar valor ao trabalho de S. S., se elle não tivesse sustentado as suas ideias com vigor e robustez. A sua dissertação, sendo satisfactoria, nada deixa a desejar.

Além do merito scientifico, o seu trabalho possui valor litterario, cousa difficil de encontrar nos tempos que correm, em que a amenidade de estylo e a correcção de fórma são de sómenos importancia nos trabalhos scientificos.

A outra monographia, a *These* do Sr. Dr. João Ferreirinha, tracta das *Indicações e contra-indicações da pereirina e seus saes nas manifestações agudas da malária*. É um trabalho puramente nacional, que está elaborado com proficiência.

Os processos de preparação da *pereirina*, que S. S. apresenta, são já sancionados por habéis profissionais e não havemos de ser nós que os critiquemos. Lamentamos, porém, que não se lembrasse de arquivar o mais simples que existe até hoje e que a pratica proclama como o melhor e mais expedito; é o chamado *Processo da pereirina a frio*.

No capitulo dedicado á therapeutica apresentou o autor 50 observações clinicas em que pretende provar a efficacia da *pereirina*.

Nós, que apreciamos muito a dissertação de S. S. e que por ella podemos avaliar o profundo estudo a que se entregou, não podemos, entretanto, deixar de dizer que essa efficacia ainda deve ser posta em duvida, principalmente se attendermos a que, na maior parte das observações, a *pereirina* foi empregada depois do uso do *sulphato de quinina*.

Somos da opinião do Sr. Dr. Pereira Guimarães, que S. S. cita na sua these: « Nas febres, quando revistidas de caracter grave ou nas de fundo pernicioso, não se deve arriscar a vida do doente, e sim empregar o *sulphato de quinina*, cuja energia já é um axioma. »

A *pereirina* deve ser empregada sómente como um succedaneo.

Sentimos não poder, no estreito espaço de que dispomos, fazer uma analyse ainda mais minuciosa do trabalho do Sr. Dr. João Ferreirinha, que demonstra ser um moço de grande applicação, sendo digno de elogio o seu esforço, escrevendo com habilidade sobre uma substancia das extensas e ricas florestas brasileiras.

A nossa Faculdade de Medicina deve honrar-se com taes filhos, e achamos que commetteu dous actos de justiça, approvando com distincção as duas theses.

Agradecemos.

II.

Escrevem-nos de Goyaz, em data de 3 do passado:

« Installou-se aqui no dia 1.º o nosso *Centro* libertador. Grande festa. Foram entregues 120 cartas de liberdade. A' noite o Dr. Francisco de Paula Alvellos, um medico distinctissimo, fez uma bella conferencia sobre a abolição dos escravos. Houve grande concurrencia e muitos applausos. No dia 20 o *Centro* deve realisar a sua segunda sessão e espera poder annunciar a liberdade total, senão do municipio, ao menos da capital.

Leopoldo de Bullhões está eleito em primeiro escrutinio com uma maioria de mais de 800 votos sobre o seu contendor, o candidato conservador Dr. Ramiro de Abreu.

Depois de amanhã deve apparecer o primeiro numero do *Libertador*, órgão do *Centro*.

Quando houver mais novidades, apresentar-me-hei em transmittil-as á *Semana*. »

THEATROS

RECREIO DRAMATICO

Nada de novo appareceu durante toda a semana n'este theatro. A comedia—*As meninas Godin*—está em ensaios.

Brevemente os *habitués* do Recreio terão essa novidade, a qual, segundo nos dizem, é uma verdadeira fabrica de risos.

Que venham as *meninas*. Só assim o

Fiacre 226 e outros dramalhões poderão ficar quietinhos no seu canto.

Fez beneficio n'esse theatro a actriz Maria Luiza—com « o grandioso drama fantastico em 5 actos e 7 quadros dos afamados escriptores Alfonso Arnault e Luiz Judicis » (conforme o annuncio)—*O Castello do Diabo*.

Que a beneficiada tenha sido feliz.

LUCINDA

A *Casta Suzana* foi verdadeiramente caipóra. Apesar de toda a sua castidade cahiu, e cahiu porque o nosso publico assim o quiz. Caprichoso e esquisitorio. nem tudo que reluz no palco é ouro para elle.

Emfim... são cousas!

Devia ter sido representado hontem *Os estranguladores de Paris* (reprise).

SANT'ANNA

Tem entretido os seus numerosos frequentadores e *frequiadoras* com a *Gata Borradeira*, *Principe Topazio*, *Boccacio* e, finalmente, o *Barba Azul*.

A *Cocota*—revista dos acontecimentos de 1884, escripta por Arthur de Azevedo e Moreira Sampaio, o Heller nol-a promette dar breve, muito breve, no dia 19 do corrente.

Anciamos por ella, mesmo porque os acontecimentos de 1884 foram tantos e tão bons, que infallivelmente esta *Cocota* deve ser deliciosa...deliciosissima!

S. LUIZ

No domingo, 1 do corrente, a empreza do actor Magno, levou á scena neste theatro a tragedia—*D. Ignez de Castro*.

Ah! se a deixassem descançar...para sempre, não seria tão bom?

Felizmente depois desta fabrica de lagrimas deram ao publico *A Espadellada*.

Antes isso, Sr. Magno.

POLYTHEAMA FLUMINENSE

A companhia Musella cantou a *Ione*, drama lyric do fallecido compositor, maestro Enrico Petrella.

O numero de espectadores foi regular tão regular que a companhia fez d'esse drama lyric o seu canto de cysne e...desappareceu.

*

**

ACTOR PEREGRINO

No dia 8 do corrente effectuar-se-ia no theatro S. Luiz um espectáculo organiado por amadores, em beneficio da familia do fallecido actor Peregrino.

Subirá á scena a *Cabana do Pai Thomas*

É de esperar que o publico que tantas vezes se deliciou á custa do talento admiravel do actor Peregrino, concorra com sua presença e seu obulo afim de suavisar a sorte de sua familia, reduzida quasi á miseria.

É um acto esse não só de humanidade mas tambem de respeito e consideração á memoria do distinctissimo actor.

A empreza da talentosa actriz Apollonia prepara para o dia 27 um outro beneficio. Este será feito com o concurso de actores de diversos theatros.

O seu programma é por ora desconhecido, mas é de suppor que será brilhantissimo.

Honra á empreza do Lucinda!

*

**

THEODORICO BAPTISTA

Falleceu em Lisboa este velho e distincto actor portuguez.

Quem se incumbirá agora dos papeis que elle outr'ora creou no *Alcaide de Faro*, no *Louco de Evora*, no *Odio de Ruy* e em outras peças, abrilhantadas pelo seu talento?...

Como os grandes homens, Theodorico tinha tambem a sua mania—nunca se retratou!...

Bordallo Pinheiro foi o unico que conseguiu (como ladrão intelligente), roubar-lhe as linhas principaes de sua physionomia e fazer-lhe uma caricatura.

Seguiu de perto o « Pae Roza. » Vão-se os velhos e grandes artistas de Portugal! Felizmente o Taborda ainda não faz biscuitos para a viagem.

Hybernaes é o titulo de um volume de versos que o joven poeta Braulio Cordeiro Junior tem no prelo e que apparecerá brevemente á luz da publicidade.

Foi dado hontem á sepultura no cemiterio de S. Francisco Xavier o cadaver da Exma. Sra. D. Judith Francioni de Paiva, que succumbiu victima d'uma febre typhoyde.

Era dotada de viva intelligencia e de qualidades que a tornavam geralmente estimada.

Tinha apenas vinte annos e deixa na orphandade uma creancinha recém-nascida.

Os nossos sinceros pesames á sua Exma. familia.

TRATOS Á BOLA

Ora graças, *D. Empadinha!*

Foi a senhora a unica que decifrou exactamente as charadas e o logogripho dos *Tratos á bola* ultimos. E olhe que recebemos nada menos de 15 decifrações!

Póde, quando quizer, vir receber o premio que lhe compete.

Agora, diga-nos uma cousa: Por que razão a senhora occulta o seu nome? Não seria melhor tirar essa mascarasinha e assignar-se?

Que os *Tratos á bola* não levam ninguém á Posteridade, sabemos nós; mas, *D. Empadinha*, já e um contentamento a gente metter o dente em cousas difficeis e ter como recompensa, além do premio que é quasi sempre de arregalar os olhos, o nome.—o nome, ouviu?—em lettra redonda. Não acha?

Emfim, comprehendemos perfeitamente estas cousas...

Ah, modestia! modestia!...

Eis as decifrações das charadas: Da telegraphica—*Romance*; da antiga—*Leopardo*; das novissimas—*Fiacre e Abano*; do logogripho—*EscaravELHO*; e da charada em quadro:

Rapa
Apar
Pati
Aria

Para hoje offerecemos tudo isto que aqui vae: Comecemos pelo

FESTIM SELVATICO

Ha pela matta mil murmurios trepidos
De passarinhos vividos, trillantes...
Em nuvem multicolor, insectos lepidos
Vão revoando, revoando, rumorantes.

Pelo irizeiro as hauras passam rapidas,
A' flor, que aromas solta saturantes!
E, no ar, que pet'las vão, lantejoulantes,
Adornar e cobrir as broncas lapidas...

E um pelotão de Faunos maliciosos;
Festões de myrtos passam conduzindo;
Depois, vêm, a um de fundo, rindo, rindo,

Os Egipás em galhofeiro bando;
E, após, Satyros lhanos e ruidosos,
Pampanaes florescentes agitando.

E' charada? perguntará a leitora ou leitor.

Sim, responderemos nós; é uma cha-

rada. Quem quizer decifral-a ha de dizer o nome do auctor do soneto.

E como descobri-o?...

Não se incomodem, eis a explicação: — O nome do auctor do soneto está incluído n'elle proprio; estando as letras dispostas de verso em verso, a começar da primeira — H — de forma a traçarem uma especie de diagonal que atravessa o soneto, do primeiro ao ultimo verso.

E' uma novidade; não acham?

Pois eis uma outra novidade, á qual chamamos — Anagramma geographico:

Encontrar nas seguintes palavras truncadas os nomes de oito terras brasileiras.

Valen-boca, Thabor-frio, Maça-aly, Caria, Resa i quarto, Thebas-carro, Po-das-roy, Nicotino sobrio.

Agora... Outra novidade?

Não! Um

LOGOGRIPO (Por letras)

Peguemos este animal 4,13,3,2,1
Que pelos montes rebôa 12,5,14,3
Utensilio musical 14,6,2,8,12,15
Que se come e é cousa boa 11,3,2,6,12,15
Mais outro bicho cacemos 2,3,12,13
Dos indios na habitação 2,6,14,3
E satisfeitos dancemos 14,3,12,8,7,5,9
N'este bemdilo torrão 1,2,3,12,1,14,15
Vestuario respeitado 14,11,10,6.

Terra de nome damnado.

E, para terminar, quatro

TIBURCIANAS

1—2—E' de Molière, em Portugal este dito:

1—1—D. Luiz é um deus da universidade.

2—1—O—q—é sem compaixão mas illustre.

2—2—O sol, por conseguinte:—o Ferreira Vianna.

N. B.—As Tiburcianas decifram-se do mesmo modo que as Antigas. A unica differença consiste em que a charada fórma phrase completa, embora de sentido absurdo.

PREMIOS

Ao primeiro decifrador exacto um almanach do Figaro para 1885 com illustrações e um exemplar da Vida de seu Juca, parodia a Morte de D. João.

Ao segundo — um trimestre d'A Semana.

E digam-nos agora se não vale a pena darem-se ao trabalho de sujeitar a bó a a tratos nos Tratos á bola. Digam, se são capazes!

E até sabbado.

D. PASTEL.

N. B. — Tudo quanto diga respeito a esta secção deve ser remettido em carta dirigida ao supra assignado D. Pastel, redactor da mesma.

Ao Sr. Carlos Bertini acaba de ser concedida pela Sociedade de Sciencias e Artes dos Italianos de Palermo, a medalha de ouro e o titulo de socio correspondente.

CORREIO

SR. J. OHLAYRAC.—Seus versos... Santa Barbara! Então o desespero, alem de atterrador e duro o senhor o chama de roedor? Que mal lhe causou o desespero, quando o senhor mesmo diz que elle lhe fez erguer a voz altiva ao céu dourado?

Um conselho: faça com o desespero o que se faz com quem morde a Deus—Quebre-lhe os dentes.

E' muito melhor que quebrar versos.

SR. J. Z. FERREIRA DA COSTA.—Lemos sua carta e em seguida o trabalho do seu amigo. Como estrêa gostamos d'esse escripto. Não o publicamos, porque, como póde examinar, as nossas columnas vão recheiadas e... o espaço, o espaço, foi-se!... Desculpe-nos, sim?

SR. CHICO TATÚ.—Barbacena. As suas balas de estalo não são más e têm alguma graça. Mas não pódem ser acceitas pela Semana por tratarem de cousas que absolutamente nada interessam os nossos leitores; pela Gazeta ainda menos, porque esta só publica os artigos dos seus redactores e eollaboradores effectivos. Quanto á correspondencia semanal que deseja enviar-lhe, proponha-lh'a directamente. Mas desde já o prevenimos de que o resultado mais provavel, é uma negativa.

SR. A. F. FURTADO DE MENDONÇA FILHO.—Ouro-Fino. Respondemos por carta, á sua consulta pedagogica no dia 3 do corrente.

SR. FRANÇOIS SEUL.—A sua consulta juridica não devia ser dirigida ao director d'esta folha particularmente, mas sim á sua redacção. A especie é interessante e merece detido estudo. Mas só lhe responderemos se V. S. desmascarar o seu nome para que verifiquemos se é assignante d'A Semana, pois sómente elles têm direito a consult-a.

E cá estamos ás suas ordens.

—Sr. professor JOSE' AURELIO (Ca-leçon Scáhlagam) O seu poemeto O pé-sinho de la Paqueta é um louvar a Deus de gatinhas. Não bem quizeramos achalo genial; empregámos para isso uma grande porção de boa vontade, nossa e de alguns amigos, que se prestaram a nol-a emprestar. Mas não foi possível passar além da primeira estrophe:

« Quando saio de tarde e a fresca aragem
Me dá na roupa
Sou como barquinha á vella
Que vai seguindo viagem
De vento em pópa »
Pois então—boa viagem!

—SR. SERAVAT—O Sr. é um pedaço d'asno.

—SR. DOMICIANO LEITE DE SOUZA PINTO—Vassouras.

A Semana publicará de boa vontade qualquer trabalho em prosa ou verso que lhe seja enviado, desde que revele talento, seja criterioso e feito em regular portuguez. As suas reflexões de uma solteirona estão felizmente nessas condições. Mas occupam seis tiras de papel de trinta e trez linhas.

Alem disso a sua letra rende como o diabo! Tenha paciencia; d'esta vez não é possível. Veja se faz cousa mais curta. *Pauca sed bene paratum.* Gostou d'este latinorio?

SR. R. OCTAVIO—A' sua carta respondemos apresentando-lhe mil e uma desculpas. Não é o Sr. o tal Echo. Acreditamol-o hoje piamente.

Mas olhe que as letras pareciam-se como dois ovos.

Mas o que é de Echo a Echo; o que é de Octavio a Octavio; manda-o a justiça.

SR. ECHO—Echo de relinchos, eis o que é o Sr. «A' fava amigo; á fava e breve!» -dir-lhe-hemos, parodiando o Castilho.

SR. QUIDAM.—O Escara-moço. Mil desculpas por ter havido aquella troca de letras em seu appellido.

Foi um maldicto erro de revisão.

Em todo caso declaramos em tempo aos povos que tem o bom gosto de ler A SEMANA: O decifrador das eharadas do n. 4 foi o Sr. Quidam, o Escara-moço enão Quidam o Escaramoço.

E não se masse, moço.

Recebemos:

— A Revista Illustrada, n. 400 Vem toda festiva e cécia, annunciando e celebrando o seu quarto centenário. Parabens, collega. Outros e muitos lhe desejamos sinceramente.

E que os vejamos nós também. Quanto ás suas caricaturas sobre os homens sem cabeça, temos a dizer-lhe que foi a collega quem deu no vinte em toda esta mattina. E' verdade:—perdemos todos a cabeça. Mas não é menos verdade que alguns além da cabeça com ella perderam também...a vergonha.

— A Vespa, n. 3. Traz na primeira pagina um excellente retrato do grande pintor Bastien Lepage, um dos famosos lançados de Sarah Bernhardt, cujo retrato, feito por Lepage é um dos seus mais bellos e celebres quadros.

Uma das paginas d'este numero da Vespa é dedicada á memoria do actor Peregrino, cujo retrato é bem bom.

— O Romancista, ns. 6 e 7 e 8.

— Da sympathica e festejada maestrina Francisca Gonzaga: Recitativo da opereta A corte na roça e o bellissimo tango: Sacy-Pereré, da mesma opereta.

— Gazeta Universal, ns. 7 e 8 do 2º volume. Sempre interessante.

— União Medica, n. 1, 5º anno.

— Acalentando, polka do Sr. Alexandre de Almeida. Magnifica para dançar-se, mas ainda melhor para acalentar os nossos filhos e as nossas... illusões.

— Novas poesias de Manoel de Almeida Coelho Margarida. 4º volume. Daremos depois, na secção Poesia e poetas.

— O Raio, primeiro numero. No seu artigo de fundo Quem somos e o que somos diz que a sua norma «será sempre a sisudez e a decencia para tudo e para todos.» Deus o queira.

Agradecendo-lhe as cortezias que faz ao nosso director, desejamos-lhe longa e prospera vida.

Revista de Engenharia.—Numero 106.

Traz importantes artigos sobre Navegação Interior, Estradas de Ferro, Electricidade, Obras hydraulicas, etc.

— Le Courier du Bresil, n. 1. Este jornal apparece em substituição do Messenger du Bresil e tem como redactor-chefe o ex-redactor do Messenger.

Foi apenas uma simples mudança no titulo:—em vez de Messenger, Courier. Comprimentamos cordealmente o illustre collega, almejando lhe mil felicidades.

— A Distração, n. 18. Sempre interessante.

Diz que pretende fundar um curso gratuito de xylographia, annexo á empreza. E dá entender que para isso é preciso que os assignantes se multipliquem. Bons desejos.

Que se realizem.

— O prospecto de uma nova publicação em fasciculos sob o titulo de Ubivoussou; (Ein?) Escola Nacional, Lenda Maracáit. (Ui!) Reminiscencia dos tempos colloniaes, de que é autor o Sr. Lopes Neves.

CONSULTAS

Consulta litteraria

A' REDACÇÃO D'A SEMANA

A que nomes reaes correspondem os pseudonymos:

Ignotus, Olim, Etinrelle, Parisis e Jean de Paris, do «Figaro»? Publicola, João Thesourinha e Confucio, da Gazeta de Noticias?

Viscondessa Augusta, da Folha Nova?
e *Quidam do Journal do Commercio?*
L. M.

RESPOSTA :

Ignotus é o barão Jules de Platel ; *Jean de Paris* é um pseudonymo, de que se serve no *Figaro* não um escriptor, mas um grupo de escriptores. D'esse grupo é director Adrien Marx, que tem por principaes auxiliares os Srs. Grison e Rety.

Quanto a *Olim, Etincelle e Parisisesses* não constam nem do « Dicionario de pseudonymos », nem do excellente livro de Mermet « *La publicite en France* », edição de 1880, que foi a que pudemos consultar. Continuaremos, entretanto, á procura d'essas informações para responder no todo á consulta.

Publicola e Confucio são pseudonymos do mesmo escriptor que usa do pseudonymo *Dicio* ; *João Theourinha*, de Henrique Chaves.

Viscondessa Augusta é um mysterio que o redactor da *Folha Nova* não quer desvendar.

E *Quidam* é um filho do Dr. Luiz de Castro, chegado ha alguns mezes de Paris.

A REDACÇÃO.

ANNUNCIOS

Externato João de Deus

Aulas primarias e secundarias

60 — RUA SETE DE SETEMBRO — 60

AU BON MARCHÉ

60 Rua Sete de Setembro 60

Completo sortimento de fazendas de linho, lã, seda, perfumarias, etc. Armazem de fazendas finas, armarinho e modas. Vendas por atacado e a varejo. Recebem directamente artigos e novidades de Pariz. Encarregam-se de qualquer encomenda.

Continho & Silva Caldas

Telephone Urbano n. 414

Collegio N. S. da Candelaria

13 — LARGO DE CATUMBY — 13

CASA DO AYROSA**10**

RUA SETE DE SETEMBRO

FAZENDAS E MODAS**ROUPA FEITA**

E

ARMARINHO

RUA SETE DE SETEMBRO

N. 10**119****RUA SETE DE SETEMBRO
CASA DO AYRES**

Os proprietarios d'este estabelecimento aannunciam os seus freguezes e ao respeitavel publico que mudaram-se da rua do Carmo n. 22, para á rua Sete de Setembro n. 119, aonde esperam merecer a mesma protecção que sempre lhes dispensaram, continuando a vender suas fazendas por preços baratissimos.

Chitas francezas, metro 200 rs.
Oxford encorpado, metro 200 rs.
Saías de chita, uma 1\$500.
Ditas de popeline de seda, uma 3\$000.
Grande quantidade de lã e seda para vestidos, metro 500, 600 e 800 rs.
Brim branco de linho trançado, para calça, metro 1\$500.
Dito de côres, metro 600 rs.
Cassinetas enfeitadas, para roupa de homens e meninos, metro 2\$000.
Merinós pretos superiores, metro 1\$, 1\$500, 2\$ e 2\$400.
Ditos de côres, grande sortimento, metro 1\$800.
Damassê branco, superior, metro 900 e 1\$000.

Setinetas lisas e lavradas, metro 800 rs.
Setim listrado, alta novidade, metro 1\$800.

Percalines, alta novidade, metro 700 rs.
Percalines e chitas em cretonne, metro 400 e 480 rs.

Lãs e seda, novidade, metro 1\$00.
Fustão branco de cordão, metro 700 e 900 rs.

Cretonne francez. para lençoes, metro 800, 1\$, 1\$200 e 1\$450.
Filó muito largo, para cortinados, metro 2\$800.

Crochet para cortinas e cortinados 1\$ e 2\$000.

Velludinho de todas as côres, metro 2\$000.

Peças de musselina branca, a 4\$000.
Nanzouk muito fino, metro 800, 900 e 1\$200.

Morins e algodões

Peças de morim, a 1\$000.
Ditas de cambrainha, a 1\$500.
Morim encorpado de 40 jardas, por 10\$000.

Dito especial para camisas, peças com 30 metros a 4\$500, 5\$, 6\$ e 7\$000.

Dito trançado superior, peça com 20 metros, a 11\$000.

Dito fino especial, peça 8\$000.
Peças de algodão, a 1\$200, 1\$800, 2\$, 2\$400 e 3\$000.

Algodão enfeitado para lençoes, peça 5\$, 7\$, 8\$500 e 9\$500.

Dito trançado para toalhas, metro 1\$.
Atoalhado para mesa, metro 1\$400 e 1\$900.

Dito de linho branco e de côres, metro a 2\$800.

Colechas brancas acolchoadas, a 7\$ e 8\$000.

Ditas brancas e de côres, com franjas, a 3\$, 4\$ e 5\$500.

Guardanapos grandes, duzia 7\$ e 9\$.

Meias para homens, ditas para senhora, ditos para meninas e meninos, grande quantidade.

Lenços de linho de todos os preços.

Camisas de linho para homens, caixa com meia duzia, a 9\$ e 25\$000.

Enxovaes para baptisados, a 9\$, 12\$, 15\$ e 20\$000.

N 119**RUA SETE DE SETEMBRO**

ENTRE A RUA DA URUGUAYANA E TRAVESSA DE S. FRANCISCO DE PAULA

Martins Teixeira & C.**TISICA PULMONAR
HERVA HOMERIANA**

Remedio poderoso e efficaz para a cura da **tuberculose pulmonar chronica** e de todas as molestias do pulmão e da garganta, licenciado pelo Ministerio dos Negocios do Imperio e approvado por muitos governos e juntas de hygiene da Europa, que fizeram obrigativo o uso da

HERVA HOMERIANA

nos respectivos hospitaes.

E' usado tambem nesta corte, nos hospitaes da Sociedade Portugueza de Beneficencia, da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, de Marinha e Ordem Terceira de S. Francisco de Paula e na Santa Casa da Misericordia da cidade de Rezende.

Unico agente para o Brazil **CARLOS BERTINI**, com deposito geral á rua do Senado ns. 16, 18 e 18 A.

Vende-se tambem nas principaes drogarias e pharmacias da corte e das provincias.

MATHEMATICA ELEMENTAR

Ensina-se na rua da Uruguayana, 57, 1º andar.

COLLEGIO PUJOL

CURSO COMPLETO DE PREPARATORIOS

ESTAÇÃO DOS MENDES

(E. F. Pedro II)

LEITE DE MINAS

DA

FAZENDA DA SAUDADE

PROPRIEDADE DE

Cerqueira Lage & C.

Recebido diariamente pelo trem mixto das 5 horas e 40 minutos da tarde

DEPOSITO GERAL

13 Rua de Gonçalves Dias 13

Onde se recebem assignaturas para entrega nos domicilios.

RIO DE JANEIRO

EXTERNATO HEWITT
INSTRUÇÃO SECUNDARIA COMMERCIAL
134 RUA DO ROSARIO 134

PENDULA MERIDIONAL
Especialidade de brilhantes
do Brazil, joias modernas e relógios de todas
as qualidades.
CASA DE ERNEST MERLIN
38 PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO 38

A PAULICÉA
MIUDEZAS, MODAS E PERFUMARIAS
OBJECTOS PARA PRESENTES
Luvras de seda de um botão, pretas e de
côr, a 1\$500.
Luvras de 2, 3, 4 e 6 botões, a 2\$000 o par.
2 LARGO DE S. FRANCISCO 2

AVISO
Especialidade de roupa sob medida para
homens e meninos.
ANTONIO ORTIGÃO & C.
78 Rua dos Ourives 78

OURO
COMPRA-SE OURO, PRATA E BRILHANTES
PAGA-SE BEM
32 RUA DA CARIOCA 32

8\$000
um sobretudo de panno ou casemira escura para meninos
de 8 a 15 annos, só na
RUA DA URUGUAYANA N. 12 E ASSEMBLÉA N. 73
Ao Barateiro sem competidor

DINHEIRO SOB PENHORES
EMPRESTA-SE
EM CASA DE
ILDEFONSO A. S. CAMPELLO
16 Travessa de S. Francisco de Paula 16

BISNAGAS!
Legitimas francezas,
perfumadas, chics, baratas. Grande sortimento no
armarinho de miudezas, a dinheiro á vista.
112 RUA DO ROSARIO 112

A' THESSOURA LUZITANA
ALFAIATARIA
DE
GUILHERME PINTO SAMPAIO
217 Rua de S. Pedro 217

9\$000
uma calça de finissima casemira preta forrada de SETIM, sob
medida, com perfeição sem limites!
Só na Casa do Silva
5 RUA DA URUGUAYANA 5
JUNTO Á CHAPELARIA

A'S SENHORAS ECONOMICAS
Sapatos de duraque preto, biqueira de verniz, solla forte,
ns. 32, 33, 34 e 35, a 3\$ o par; ditos de pellica, com chapa, da
mesma numeração, a 4\$500; borzequins de chagrín, solla forte,
para senhora, 5\$; botinas de verniz, encouraçadas, para crian-
ça, 2\$ o par; assim como temos mais diversos calçados para
homens, senhoras, meninas e meninos, que separamos do ba-
lanço para torrar por qualquer preço; no grande armazem do
Azevedo, na rua dos Andradas n. 23, em frente ao largo do
Rosario (antigo da Sé).

HOSPEDARIA FIEL
RUA DA ALFANDEGA N. 236 E TRAVESSA DE S. DOMINGOS N. 2
Os proprietarios deste vasto estabelecimento têm a honra de
apresentar á concurrencia publica, bonitos quartos mobiliados,
espaçosos e muito arejados, offerecendo toda a garantia de se-
gurança, aonde os Srs. viajantes podem pernoitar livres de risco.
Todos os compartimentos com linda vista tanto para a travessa
como para a rua da Alfandega.
A casa está aberta toda a noite. Preços modicos.—Lima & Xavier.

RETRATOS
EM
PORCELLANA
A 5\$000 A DUZIA
TRABALHO GARANTIDO
93 Rua do Hospicio 93

AU GRAND DINER DE RIO
A LA CHAUMIERE — Rua da Uruguayana n. 61
ENTRE OUVIDOR E ROSARIO
Das 9 da manhã ao meio dia, ALMOÇO: tres pratos escolhidos
na lista, arroz, queijo, fructa, meia garrafa de vinho e café ou
chá, 1\$. Das 3 horas da tarde ás 8 da noite, JANTAR: sopa,
quatro pratos, arroz, doce, queijo, fructa, meia garrafa de
vinho, café e cognac, 1\$500.—Soupers á la carte jusqu'à 1 heure
de la nuit.—Cozinha Franceza, Italiana e Portugueza.—Ceias
pela lista até á 1 hora da noite.

GRANDE EMPREZA DE MUDANÇAS PELAS CARROÇAS DE MOLAS
Alugam-se carroças para transporte de moveis, moveis,
mobílias finas, espelhos, marmores, louça e tudo o mais per-
tencente a uma casa de familia, tanto para a côrte, como para
suburbios e Nietheroy, por preços mais baratos do que em
outra parte. Tem carros espeziaes para transporte de pianos.
JACINTHO GOMES
40 RUA DE LUIZ DE CAMÕES 40
(ANTIGA DA LAMPADOSA)

CASA ESPECIAL
DE
REFRESCOS E BEBIDAS
Bernardino Teixeira Ramos
39 Rua dos Ourives 39

A SEMANA

Publica-se aos Sabbados

POR TRIMESTRE :

Dentro e fóra da capital:
28000 rs.

DIRECTOR — VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — TRAVESSA DO OUVADOR, 36, SOBRADO

NUMERO AVULSO

Do dia 100 rs.; atrazado
200 rs.

Não se restituem originaes, embora não publicados.

SUMARIO

Historia dos sete dias — Politica e politicos; *Polít. P. H.* — Soccorros á Andaluzia — Moralidade da imprensa — A Vila elegante; *Lorgnon* — Bolos; *Ch. Co. Fernu* — Lendo os antigos (soneto); Alberto de Oliveira — Theatros — Sonho de um Lancô; Luiz Murat — Revista dos collegas; *Dominô preto* — O carnaval — Algumas definições; *Frei Antonio* — Tratos á bola, *D. Pastel* — Recebemos — Correio — Noticias esparsas — Anuncios.

A SEMANA

Rio, 14 de fevereiro de 1885.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Não ha nada como a gente ser Cantu uma vez por semana!

E' um regalo!

Então n'uma terra como esta, sem escandalós notaveis—tirante os da politica, — sem acontecimentos, sem commoções, sem revoluções, nem nada—é mesmo uma delicia!

Quando chega o dia de sermos historiadores, mergulhamos a vista na Torre do tombo do *Commercio*, nos archivos paleontologicos da *Gazeta* e do *Paiz* e não ha paleographo que vislumbre restos de escriptura antiga, ou fosseis de mastodontes pristinos. Nada, nada! Vacuo, deserto, calhos!

Todavia, como somos obriga-los a dizer alguma cousa, vamos mostrar como se escreve a historia:

— Dia 6. Polifem as folhas um officio do chefe de policia aos seus delegados, em que se diz que, para satisfazer uma requisição da camara municipal, fica prohibido o jogo do entrudo dentro do municipio e que toda a pessoa que o jogar incorrerá na pena de 4\$ a 12\$ de multa ou de 2 a 8 dias de prisão, determinando ainda que sejam inutilizadas as laranjas de entrudo (vulgo—limões de cheiro) que forem enconradas pelas ruas ou estradas, por fisceas da camara.

Isto é só para inglez ver, porque os inglezes são talvez os unicos que não se divertem com o *divertimento*.

Quanto aos mais, não ha duvida: póle a policia prohibir quanto quizer, como faz to los os annos, que os limões hão de infallivelmente arrebeitar-se no costado do povo, arrojados pelo proprio povo.

E' o povo pelo povo. Excellente formula politica e carnavalesca.

— Falleceu repentinamente o Sr. Marianno Baptista Pereira, official da Secretaria do Imperio. Era fidalgo cavalleiro da casa imperial.

— Publica o *Diario Official* os telegrammas trocados entre a Côrte e Curitiba a proposito da inauguração, no dia 2, da estrada de ferro do Paraná. O presidente d'aquella provincia congratula-se como o diabo, a torto e a direito, com toda a gente, pelo auspicioso acontecimento.

O Sr. Dantas, presidente do conselho, respondendo á congratulação do presidente com sua magestade o imperador, diz que o mesmo senhor Augusto « mostrou pesar de não ter podido estar presente á inauguração por achar-me ausente da côrte. »

Publica-se tambem um telegramma do presidente de Pernambuco, em que este participa ao Sr. Dantas a inauguração da exposição de productos agricolas e industriaes, destinados á Exposição Internacional de Antuerpia e organizada pela Associação Commercial Beneficente.

Novas congratulações, etc

— Dia 7. Começam os bailes carnavalescos nos theatros. Tudo o que ha de mais reles, de mais chinfirim, de mais pulha, parecem sessões da camara municipal. Um horror!

—Dia 8. Chegam os deputados José Marianno, Satyro Dias, Adriano Pimentel e Antonio Pinto. A' excepção do ultimo todos os mais grammaram a manifestação mais *calorosa* de que ha noticia.

Imagine-se um sol de rachar, dez discursos, tambem de rachar, para cada um, e passeio a pé pelas ruas principaes da cidade, entre uma multidão compacta e eomprimida, e far-se-ha uma pequena idéa do perigo que correram... os relogios.

Fino só foi Antonio Pinto: esgueirou-se no caos Pharoux por debaixo das pernas da multidão, enfiou-se pela rua Fresca, becco do Cotovello, ladeira do Castello, morro do dito, ladeira do Seminario, rua da Ajuda. Passeio publico, onde foi comprimentar com o maior entusiasmo e a mais ampla liberdade o menino que « é útil ainda brincando. »

Consta que hebeu pelas duas canecas de folha, que no anno passado assom-

braram o *Pochiderme*, nada menos de dez litros de agua, por haver escapado de outros tantos discursos que lhe tocavam.

Deu-se tambem neste dia a mais original e a mais patusca das manifestações. Foi a dos empregados do commercio ao conselheiro João Alfredo, tendo por orador official o cidadão Paula Ney! A nobre classe caixeiral, não sabendo talvez de que maneira e por quem lhe havia de ser offerecida a cerveja reclamada pelo calor destes tempos, lembrou-se de uma manifestação, e foi feliz; tanto logrou os seus fins como o illustre senador. Houve cerveja como agua e foi uma pandega de deixar memoria. Fines foram os Srs. Andrade Figueira e Ferreira Vianna, que tomaram a deliberação prévia de não estar em casa na occasião da chegada da nobre classe, que tambem a elles queria manifestar toda a sua gratidão e toda a sua sede.

Parece, porém, que houve pressão por parte das auctoridades no sentido de impedir a *ovallata*, porque no dia seguinte appareceu na *Gazeta* um protesto assignado por Paula Ney e tres desconhecidos dos mais illustres e benemeritos do partido conservador da classe caixeiral, que termina com a seguinte tirada positiva e claramente demagogica:

« E' preciso denunciar-se es e facto lamentavel: — não é possivel no Brazil sandar-se, em nome da justiça, da liberdade, do direito e do decoro nacional, um patriota que seja adverso á desgraçada situação que Sua Magestade o Imperador sustenta desde 1878, affrontando os brios de um povo inteiro, que bem póde julgar-se satisfeito de o supportar. »

Apre! que isto é vermelho, phrigio, perfeitamente phrigio! Olhem se a nobre classe se lembra de regeitar ao rosto das instituições as peças de chita e as metralhadoras de vinhos do seu commercio! Adens! monarchia! Adens! conservadorismo pacato e sorna! Adens! partido da ordem!

— Dia 9. Chega o senador Silveira Martins. Manifestação chôcha, fria, sem entusiasmo. Cremos que foi a friesa d'esta que matou as que devim ser feitas depois a varios deputados abolicionistas illustres.

— Fallece na côrte o Dr. Domingos Soares Pinto, cirurgião da armada, ca-

valleiro das ordens de Aviz, Cruzeiro e Christo e condecorado com varias medallas de campanha.

—Dia 10. Toda a imprensa da corte faz estrondosos reclames a uma nova publicação da casa David Corazzi, de Lisboa, de quem é agente aqui o Sr. José de Mello. É justo, e muito justo. A casa Corazzi tem prestado grandes serviços ás letras brazileiras: ainda não publicou nem ao menos uma traducção feita por auctor nacional!

—Publica-se esta noticia aterradora: « ás 5 horas da madrugada, o conductor de uma carroça pertencente a Manoel Ferreira Lima, passando pela praia de Botafogo, encontrou sobre os trilhos dos bonds, quasi em frente á rua Farani, dous cartuchos de dynamite, os quacs foram entregues ao despachante da companhia de Botafogo, que os inutilizou. »

Já no dia 5 foi encontrada atraz de uma porta uma respeitavel bomba da mesma materia. Que será isto? Ha ou não ha nihilistas? Que as instituições se acautellem.

Cuidado com a cadeia velha e com o palacio do conde de Arcos!

Nós, se fossemos governo mandavamos todas estas bombas e mais toda a dynamite que se importasse, ao Sr. Lopes Cardoso para sujeital-as ao processo do seu kerosene.

Depois d'isto só haveria a receiar uma explosão... de calimbargos!

—Dia 11. Primeira sessão preparatoria na Temporaria (vide secção—Politica e politicos.)

—Dia 12. Noticiam as folhas o fallecimento, em Campinas, do illustre republicano e estimado fazendeiro Joaquim de Sampaio Góes, pae do joven 2º promotor publico da côrte o Sr. Dr. Sampaio Ferraz.

—Ficou resolvido que se fará em bronze a fundição da estatua *O Progresso*, do distincto escultor Almeida Reis.

E nada mais por emquanto.

Foi uma semana de manifestações e pouco mais.

Esperemos a riqueza do grande carnaval politico, alegria dos chronistas, vida, doçura, esperança da patria e consumo da rhetorica.

Esperemos.

POLITICA E POLITICOS

CAMARA DOS DEPUTADOS

Teve lugar no dia onze do corrente a primeira sessão preparatoria.

Esperava-se que, além de muitas tolices e de muita balburdia, houvesse tambem—algum sangue. Corriam negros boatos inquietadores.

Dizia-se a cada esquina:—Vae haver o diabo!

Tal foi o terror e tantas as balellas inquietadoras, que um dos espirituosos *ballographos* da *Gazeta*, o *Lelio*, aconsellhou uma formidavel armadura de segurança e defesa a quem fosse á Cadeia Velha.

Desde as nove horas da manhã que as circumvisinhanças da Camara estavam

repletas de cidadãos de todas as cores e feitios, esperando impacientes a occasião de penetrar no sagrado recinto da rethorica parlamentar.

As portas viam-se postados respeitaveis magôtes de praças de linha e não era difficil reconhecer numerosos *scrivatas* enfiando-se pela multidão como piolho por costura.

Além disso, lá estavam tambem os senhores segundo e terceiro delegados de policia—aquele com o seu porte correcto e terso, este com o seu *cavaignac* imperativo e louro,—provando com a sua persença que as cousas não estavam lá para que dissessemos.

Graças ao prestigio do nosso cartão de ingresso, penetrámos pelo recinto na tribuna da imprensa.

Estava tudo cheio e quente como um *café lá coeg*... antes de bebido.

As galerias repletas; as tribunas repletas; as janellas, tanto as que fallam (*) para o lado do mar como as que fallam para os outros lados—repletas. Tudo repleto. Do recinto então não fallemos. Imaginem que o numero costumado e legal dos deputados estava dobrado pelas duplicatas de diplomas, (*diplomas* é um modo de fallar) junt-se a esse veneravel *bandão* de individuos, mais ou menos representantes da nação, os tachygraphos, os redactores dos debates, os extractores de resummos para o *Diario Official*, os amanuenses e os continuos da Camara, e os intrujões de toda a especie, e calcule-se como estava o recinto. Um ovo meus, caros senhores. Um verdadeiro ovo!

Se gorado, ou não,—vel-o-lemos.

Desde muito antes das onze horas que o Sr. conselheiro Henriques se havia refestellado, muito convictamente, na cadeira da presidencia, *par droit de... vieillesse*.

Era o mais velho; disse-o elle tacitamente galgando o poleiro presidencial; no que não foi contrariado nem pelo Sr. Pereira da Silva, nem pelo Sr. Anyzio.

É possivel que qualquer d'estes seja mais velho do que aquelle; porém, como todos tres são *cascudos* e não se tratava de disputar o pomo da belleza (porque então o Sr. Henriques não alcançaria a presidencia; *ça va sans dire*), não houve nem contestações, nem reclamos.

De accordo com a lei da casa, o Sr. presidente convidou a occuparem os logares de secretarios os Srs. Affonso Celso Junior, Sinimbu Filho, Bernardo de Mendonça e Alvaro Botelho—os quatro deputados mais moços.

A cabeça cançada e velha do Sr. Henriques, entre aquellas quatro cabeças trefegas e jovens, lembrava um lampeão de azeite entre bicos de gaz, ou, se lhes parece melhor, um velho gallo entre quatro frangos, encarapitados na mesma vara de um poleiro.

Soando a hora regimental, convidou o Sr. presidente aos Srs. deputados que viessem entregar á mesa os seus diplomas.

A entrega foi feita promiscuamente. Todos aquelles cidadãos precipitaram-se a fazer entrega dos seus *diplomas*.

Tinha graça ver o Sr. Portella ao lado do Sr. Nabuco, o Sr. Henrique de Carvalho ao lado do Sr. Fernandes de Oliveira, o Sr. Passos Miranda ao lado do Sr. Satyro Dias, o Sr. Rodrigues Junior ao lado do Sr. Theodoreto Souto, o Sr. Franca Carvalho ao lado do Sr. Pereira da Silva: emfim os legitimos representantes correndo com os apocryphos a entregar os seus *diplomas*.

Necessariamente, é clarissimo, dos diplomas em duplicata só um podia ser valido; portanto a mesa sómente devia receber dos papeis apresentados aquelles

(*) Tratando-se de janellas da camara dos deputados deve-se dizer que *fallam* e não—que dizem, por que naquella casa nem tudo diz, porem tudo fala, desde os augustos até ás janellas.

les que tivessem as condições exigidas por lei para serem considerados diplomados.

Mas assim não foi; o Sr. presidente *par droit de vieillesse* foi accitando todos os papeis e os senhores secretarios arrolando todos os que tinham apresentado papeis.

Emquanto se realisava azafamadamente essa illegalissima operação—os circumstantes conservavam-se em tranquillidade e para matar o tempo iam examinando e commentando as physionomias dos deputados.

Aqui vão alguns d'esses ditos e commentarios:

— Quem é aquelle magricella pallido, pescoco esguio, collarinhos á Ludgero?

— Homem, parece que é um *crichona* eleito pelo museu do Amazonas, candidato do Barbosa Rodrigues.

— Nada, não senhor;—é um espectro—por Minas.

— E aquelle que lá está na ponta da segunda bancada, ao fundo?

— Oh! pois não conhece? Aquelle sujeito é o que foi porteiro da camara no anno passado.

— Ah! bem me parecia...

N'esso momento dizia o Sr. Zama ao padre João Manoel:

— Ainda eu não era nascido e já você era deputado.

O Sr. Zama gracejava com toda a certeza.

N'isso aproximou-se o Sr. Felicio dos Santos, gordo, anafado, barba toda, mas aparada rente e por igual, oculos, sobrecasaca amarrotada da viagem e desabotoada.

— Alli vem o commendador Felicio dos Santos; observou um gaiato. S. Ex. passou o armazem de molliados ao socio e está á espera de um baronato.

— E aquelle que entrou agora, serpenteando entre as pernas dos collegas?

— Pois não vês logo que é o Barros *Cobra*?

Mas a soffreguidão crescia. Os espectadores ardiam na febre da impaciencia; e tão intensa era a febre, que não se acalmou com a entrada do Sr. conego Siqueira Mendes, do Pará, que, como é sabido, passa por ser um poderoso febrifugo.

O protesto do Sr. Satyro contra o *papel* apresentado pelo seu contendor Passos Miranda rompeu a calmaria.

Começou o sarillio.

Muitos deputados protestavam contra a accitação de todos os papeis—como se fossem diplomas. Mas o Sr. Henriques, recebendo pelos ouvidos, encanada, a sabedoria manhosa do Sr. Andrade Figueira, insistia para que o segundo secretario, Celso Junior, fizesse a chamada dos alistados—e alistados estavam todos—para se proceder á eleição da mesa.

O Sr. Celso Junior protestou, o presidente insistiu. Barulho, confusão, apertes, desaforos, campainhadas!

Um inferno! Uma pandega!

Por fim foi resolvida a questão pelo... relógio. Bateu as tres pancadas regimentaes e suspendeu-se a praça do mercado.

Uff! Era tempo. Se o diabo do relógio se houvesse lembrado de atrazar-se choveria sopapo com certeza!

*
*
*

No dia seguinte, com immensos esforços, conseguiu-se que fosse approvado este requerimento:

« Requeiro que sejam considerados diplomados os que apresentarem diplomas assignados pelo juiz de direito e numero legal de mesarios.—*Moraes de Barros*. »

Tem muita graça, não tem?

Se a lei definiu o que era diploma, se marcou as suas condições caracteristicas, está claro que só podem ser con-

siderados diplomados os que apresentarem diploma. Os papeis que não tiverem os requisitos dos diplomas não podem ser considerados como taes e não devem portanto ser aceitos.

Pois para chegar-se a esse resultado simplissimo—o que foi preciso, meu pai do Céu!?...

Mesmo assim o requerimento não foi approved unanimemente. Houve nove cabeças, as quaes entenderam que deviam ser considerados diplomados os individuos que apresentaram diplomas—sem os requisitos legais do diploma.

Aqui vão os seus nomes:—Cantão, Souza Carvalho, Araujo, Drummond, Alcororado, Bento, Gonçalves Ferreira, Mendonça e Pinho.

Decorre-os a Historia.

O que nos vale é que essa matrona tem boa memoria.

Decidiu-se, em vista disso, que se organisaria a lista dos diplomados com os nomes daquelles seutores que apresentaram diplomas assignados pelo juiz de direito e quatro mesarios, pelo menos.

Irra! Já era tempo!

A's duas horas levantou-se a sessão e... baixou o panno.

*
**

No dia 13 era grande a affluencia de espectadores á Camara, mas o aspecto geral, quer do recinto, quer das tribunas, era tranquillo e não presagiava borrasca.

Aberta a sessão, o 1º secretario procedeu á leitura da lista dos deputados que apresentaram diplomas nas condições legais, e que foram em numero de 105.

Sómente esses ficaram para tomar parte na eleição da mesa.

Antes d'esta, houve um tiroteio de apertes e desaforos, mais ou menos vivos e ferinos, entre os quaes a seguinte phrase do Sr. Amaro Bezerra, a proposito da indecisão e fraqueza do Sr. Henriques nos actos presidenciaes:

— E' o que acontece quando se colloca n'essa cadeira uma muniã, um ente fossil!

Edificante amabilidade!

Passando-se a eleger a mesa, foram recolhidas 105 cédulas para a eleição de presidente, cuja apuração deu o seguinte resultado:

Conselheiro Moreira de Barros 56 votos
Conselheiro Martim Francisco 45 »
e 4 cédulas em branco.

Eleito o conselheiro Moreira de Barros.

S. Ex. trepou sem demora á sua cadeira, e apenas installado começou a ler um discursinho de inauguração, em que promettia ser imparcial, attencioso, severo etc. e tal. S. Ex. lendo o tal discursinho violou o regimento, que expressamente prohibe em um dos seus artigos que o presidente leia qualquer cousa, á excepção de documentos. Entrou, pois, com o pé esquerdo o formidavel Sr. Moreira.

Procedeu-se em seguida á eleição do 1º vice-presidente, cujo resultado foi este:

Lourenço de Albuquerque.... 55 votos
Amaro Bezerra..... 41 »
Pereira da Silva..... 1 »
e 6 cédulas em branco.

Eleito Albuquerque, o terrivel: como o chamou Camões—ou o D. Sebastião, como o chamou o Sr. Lafayette.

O resto da eleição deu o seguinte resultado:

2º Vice-presidente—Antonio Prado, por 53 votos; 3º vice-presidente barão de Gualy, por 50 votos.

Secretarios: 1º Affonso Celso Junior, por 52 votos; 2º Valladares, por 96 votos; 3º Sinimbu Junior, por 48 votos; 4º Costa Rodrigues, por 58 votos. Em seguida, o presidente nomeou a commissão de

cinco membros que tem de designar os *augustos* de eleição incontestada e que ficou composta dos seguintes Srs: Affonso Penna (opposit.), Lourenço de Albuquerque (opposit.), Ferreira de Moura (governista), Andrade Figueira e Rodrigo Silva (conservadores escravo-ratas). Curvemo-nos á eloquencia desses nomes e accendamos uma vela benta a Nossa Senhora dos Afflictos para que não naufrague o ministerio Dantas. Começam mal as cousas para a abolição.

Aguardemos com serenidade e de animo desprevenido a continuação d'esta comedia que promete muitas tragedias.

PETIT-PITT.

Sob o titulo *Moralidade da imprensa* publicamos hoje a primeira das cartas com que tem sido brindado o director d'*A Semana*. Acreditamos que, pela importancia do assumpto e pela maneira por que o trata o nosso amavel missionista, hão de agradar aos nossos leitores.

Soccorros ás victimas do terremoto de Andaluzia

A commissão central da imprensa não tem poupado esforços para que sejam tão boas quanto se deseja as festas em beneficio das victimas da horrivel catastrophe que ha pouco feriu a Hespanha. Na grande reunião de jornalistas e delegados de associações realisada ante-hontem, em uma das salas da redacção d'*O País* resolveu-se o seguinte:

« No domingo, 22 do corrente, sahirá um grande bando precatorio, em que tomarão parte os representantes da imprensa e todos os clubs e associações que prestarem a sua adhesão.

Para que o prestito se revista da pompa e solemnidade indispensaveis á realisacão da idea magnanima que se tem em vista levar a effeito,—haverá uma guarda de honra e uma banda de musica a cavallo, grande numero de bandas de musica: as sociedades levarão seus estandartes, insignias e distinctivos, etc.

A' frente de cada associação, dividindo o prestito, que será organizado por ordem de antiguidade dos gremios, irá um carro conduzindo o respectivo estandarte, acompanhado pelo presidente da associação e por um membro da imprensa.

Além das competentes insignias sociaes, cada um dos encarregados de esmolar levará um distinctivo com as cores preta e branca.

Para os jornalistas será uma fita branca com uma cruz preta; para os demais um laço de fitas pretas e brancas.

O ponto de encontro para organisacão do prestito será no Campo da Acclamação, e a hora—tres da tarde.

Não ha toilette obrigatoria.

Além d'isso, as associações ficam compromettidas a angariar donativos e esmolar em passeios e bailes e por quaesquer meios que lhes pareçam convenientes.

Aventou-se tambem a idéa de uma grande festa popular no Campo da Acclamação, por proposta do digno representante da Sociedade Tenente do Diabo, mas ficou isso para ser resolvido mais tarde.

Ao terminarem os trabalhos, o intelligente representante da Associação dos empregados do Commercio estendeu o seu chapéu a todos os presentes, pedindo a cada um um nickel de tostão para as victimas do terremoto de Andaluzia.

Ao terminar a collecta verificou-se que se havia reproduzido o milagre da mul-

tiplicação... dos nickels. As moedas de tostão haviam-se transformado em notas de 500 e mil reis. E o Sr. thesoureiro contou nada menos de 188800.

Na subscrição dos jornaes sabemos que já estão lançadas as seguintes quantias:—*Paiz*—250\$; *Jornal do Commercio*—250\$; *Gazeta de Noticias*—200\$; *Revista Illustrada*—100\$000.

A Semana concorrerá tambem com a sua modesta offerenda quando lhe chegar a vez.

Daremos pouco talvez; mas cada um dá o que póde.

A população tem acolhido com muita sympathia e boa vontade a idéa dos soccorros aos infelizes filhos da Andaluzia.

MORALIDADE DA IMPRESSA

CARTAS AO DIRECTOR D'A SEMANA

PRIMEIRA CARTA

Meu caro confrade.

Venho felicital-o cordealmente pela brilhante e vigorosa campanha que pela *Gazeta de Noticias* abriu contra o commercio do *a pedido*, contra a ignobil exploracão do anonymo, contra o dominio do *testa de ferro*. E venho tambem pedir-lhe um pouco de attencão ás despretenciosas observações que sem abilição de publicidade, desejo fazer sobre essa momentosa e grave questão.

Fóra o homem de palha!

Abaixo o *testa de ferro*!

Com a sua morte se acabarão os infames mineiros e sapadores da honra alheia, ficarão extintos os rancorosos e insidiosos ataques urdidos pela baixesa e pelas paixões inconfessaveis.

Quem tiver planos a fazer vingar contra qualquer, actos de despotismo, perseguições e desmandos a verberar,—apresente-se de frente, viseira erguida, com um nome e uma personalidade, solidarias no exito da pugna; e o publico, a justiça, a consciencia darão o ultimo veredictum e fulminarão o delinquente onde queira que se acoberte. Magnifico programma! Urge que se execute; e quanto antes, porque enquanto se não executa continuam á porfia as ominosas motinas, os doestos, as verrinas e diatribes anonymas, sob o fementido pretexto de que ha mandões e autoeratas contra os quaes não valem queixumes e gemidos; recrudescer a grita descompassada dos mascarados, allegando que a justiça rende-se e cede ao dinheiro, vociferam e tripudiam os villões e covardes, com a desculpa de que com o emprego do tom moderado e razoavel não se abalam os ouvidos do publico e tudo passa despercebido e desattendido! Offerecem quotidianamente o vergonhoso espectáculo de hastear, como symbolo da civilisacão de um povo, a mentira, o despidor, o perjuri, porque, dizem, ao repto severo e varonil, ao desafio lançado com inteireza e hombridade, ao appello severo para o campo da honra e ajuste decisivo e cruento de toda a contenda responde-se com a gargalha alvar e com a declaracão ainda mais estupeficante:—ser isso contrario á nossa indole e aos nossos costumes!

E já não os ouvimos na sua inaudita desfaçatez—os reprobos!—acusarem os proprios redactores de jornaes de pescadores de aguas turvas, á espera que sinecura, prebenda ou maquia gorda os venha acalmar e abrir-lhes horisontes placidos e... dourados?!

Proh pudor!

Esses detractores e infames nihilistas só enxergam pustulas e gangrena; e não raro um elevado personagem, rodeado de geral estima e aclamado como benemerito não passa, ao que elles di-

zem. de um chefe de oligarchas que se guindou a uma invejada posição pela fraude e pelo crime!

Prescreva-se o anonymo na imprensa, deitem-se por uma vez esses comparas cujo fim é convulsionar os elementos de sociabilidade.

E a V. que tão ardida e intelligentemente se empenhou tambem nessa gloriosa campanha caberá de futuro um honroso lugar entre os triumphadores.

Seu att. obr. e amigo,

C. REGAZZOLI.

A VIDA ELEGANTE

Ah! Definitivamente a cousa mais incompativel que ha com a elegancia é o calor.

Calor quer dizer—suor, chapéu a re, lenço molhado, punhos e collarinhos em papa.

O calor pede a selvageria, pede a bella rede indigena, armada entre duas palmeiras, pede o nú, (perdão, conservatorio: o despido.) pede o banho no rio, pede o assaby do Pará.

O frio sim, o frio é que é por excellencia a temperatura da gente fina. Elle permite os regalos, as bellas capas de arminho, os grossos sobretudos, o gosto de estar dentro de casa, fechado a ler os seus livros, a fazer musica ou a cavaquear com os amigos; sem fallar nas tepidas e confortaveis luvax.

Entretanto, o « Club dos viuvos », apezar da melancolia do seu titulo, realizou um concerto alegre e bem bom e deu em seguida aos seus socios um espectáculo e depois um chá que fazia honra ao Club.

Tudo quente.

Vamos escovar o dominó para o dia 14.

Teremos baile á fantasia no « Congresso Gymnastico Portuguez » e no dia 16 no « Club do Engenho Velho ».

LOGNON

BOLOS

A *Folha Nova* não quiz d'esta vez deitar piada á *Semana*.

Ainda bem. Por mim declaro-lhe que já me ia doendo o braço por tantas palmatoadas.

*
**

Temos aqui um serviço de remoção. Está tudo por cá emporcalhado de *maçans de Escaravelho*.

Este ignobil insecto fetido, deu-nos varias ferradellas na quarta-feira, e atirou-nos uma porção das taes maçans.

Ora nós podiamos muito bem partir-lhe a armação com dois piparotcs; mas não estamos para massadas e preferimos servir-nos do phenol Bobeuf.

Varrido o lixo e desinfectado o ambiente, diremos ao velho urso metamorphoseado em coleoptero, algumas merecidas amabilidades que estão aqui a querer saltar-nos da penna.

*
**

Sabem todos que elle inventou uma *Gazeta da Noite* á qual attribue o que tem a dizer de mais torpe e mais indigno. Pois a tal *Gazeta da Noite*, diz elle, fez o seguinte:

« Encontrou um menino de oito annos chorando que o tinham roubado. Haviam-lhe vendido nove exemplares da *Semana* por 600 rs., e o coitado não

achava quem lhe desse mais de dous vintens por um. « Não pôde ser, choramingava o triste; ha aqui tanta coisa escripta. »

« Está bom, consolou-o a *Gazeta*; toma 600 rs., é o teu capital. Agora vai, vende essas *Semanas* a peso, será o teu lucro. »

Ipsis verbis.

Como, porém, o leitor não entendeu, apesar da sua lucida hermeneutica, a geringonça do bicho, por causa principalmente da maneira singularissima que elle usa de pontuar as orações, eu vou traduzir a mihiordia para vernaculo:

« Encontrou um menino de oito annos, a chorar porque o haviam roubado. Haviam-lhe vendido nove exemplares d'á *Semana* por 600 rs., e o coitado não achava quem lhe desse mais de dous vintens por um. « Não pôde ser, choramingava o triste; ha aqui tanta coisa escripta... »

— « Está bom, consolou-o a *Gazeta*; toma 600 réis é o teu capital. Agora vai; vende essas *Semanas* a peso: será o teu lucro. »

Até aqui a correção; agora o commentario.

*

**

A *Semana* offerece um exemplar do drama *Os amores de Roberto*, muito bem brochado, com arabescos em diagonal na capa cor de rosa, original do Dr. Luiz de Castro, a quem lhe der uma explicação clara e nitida e precisa do sentido d'aquelle embroglio.

Aviso aos leitores da secção *Tratos á Bola*.

Quererá o velho urso dizer que a *Semana* não se vende tanto como o seu *Corsario do Commercio*?

Mas isso toda a gente sabe; ainda ninguem se lembrou de comparar a nossa vendagem com a venda d'elle.

Basta-nos ter sobre o nosso competidor superioridade de sermos una folha litteraria e limpa, para que os nossos proventos sejam inferiores. Tambem o seu filho bem amado, o que mais se parecia com o pae, o *Corsario* emfim, teve occasiões, dizem, de vender mais de vinte mil exemplares.

Do que elle pôde ficar certo, é que não será nunca a *Semana* quem engorde com o seu rebutalho e o seu refugio. Pôde dormir tranquillo o seu somno de Grandet saciado. Nós não lhe prepararemos o fim horrivelmente tragico do Jacques Ferrand.

Ainda se elle tivesse por lá algum soneto bem feito ou algum artigo litterario, talvez que lhe movessemos guerra para os apanhar... mas quanto ao *milho* dos *pedidos*, pôde engasgar-se com elle á vontade e aproveitá-lo depois dos trmites physiologicos—para *maçans*.

CHICO FERULA

LENDO OS ANTIGOS

Vamos rler Theocrito, senhora.
Ou, se lhe apraz, de Teos o citharedo;
Olhe a verdura aqui d'este arvoredro
A' beira d'agua... E o sol que desce agora...

Lecio, o pastor, n'esta collina mora,
Onde as cabras ordenha. Este silvedro
Retem de Umbrano á fruta a voz sonora,
Guarda este arbusto a Tityro o segredo.

Esta agua... Olhe, porém, como é tão pura
Esta agua! o chão de nitidas arcias
Plano, igualado, limpido fulgura.

Ea onda é tão clara que, entreabrindo o louro
Cabello, em grupo as tremulas sereias
Vêm-se lá embaixo n'este fundo de ouro.

ALBERTO D'OLIVEIRA.

THEATROS

S. LUIZ

O espectáculo, organizado por amadores, em beneficio da familia do fallecido actor Peregrino, effectnou-se no dia 8, conforme fora annunciado.

Foi muito limitada a concorrência.

Na porta vendiam-se cadeiras a 1\$000 e menos ainda.

Não admira. O nosso publico não gosta de beneficios.

E' bem possivel que succeda o mesmo com o que está organisando a empresa do Lucinda.

Resta-nos ao menos a consolação de termos por nossa parte cumprido o nosso dever.

*
**

RECREIO DRAMATICO

Entreteve os seus frequentadores com o *Fiacre*, a *Voz do Tumulo*, *A estatua de Carne* e outras velharias, mais ou menos remontadas e rebrunidas.

Nada de novo, portanto. *As meninas Godin*... em ensaios ainda. Naturalmente só apparecerão estas meninas depois do carnaval. Quanto ao *Seio da Morte*, acreditamos que a empresa ensaie-se... para os ensaios.

SANT'ANNA

Continua em ensaios a *Cocota*.

A *Gata Borralleira*, *Boccaccio* e outras peças do mesmo genero, teem reapparecido durante a semana.

No dia 11 realizou-se com a *Princesa dos Cajueiros* o beneficio do actor Philippe.

LUCINDA

Tem deliciado os seus *habitués* com os *Estranguladores de Paris*.

Nada mais houve durante a semana pelos theatros

Calmaria podre!

O *Coruja*, eis o titulo do romance em que o nosso companheiro de redacção Aluizio Azevedo está trabalhando e que será publicado em um dos diarios d'esta capital.

SONHO DE LOUCO

Embriga-me o aroma que destilla
O fresco orvalho de teu collo ardente.
Um fogo intenso inflamma-te a pupilla,
E o teu olhar é como forja ardente:

Queima-me todo; ruge ferozmente.
Tem dentro o inferno e o céu, canta e fuzilla;
E' violento e é brando; e frio e é quente;
Envolve-me a alma e rutilo scintilla.

Por elle snbo ao céu; por elle desço
Como quem desce a um carcere medonho,
Cheio de sombras e de pesadellos.

Allucina-me a febre... Eu elouqueço...
E no delirio ardente do meu sonho
Palpo-te as carnes... beijo-te os cabellos...

LUIZ MURAT.

REVISTA DOS COLLEGAS

O PAIZ

Durante esta semana não cuidou da celeberrima questão Castro Malta.

Seus artigos de fundo foram consagrados a outras questões tambem de interesse geral.

No dia 11 appareceu, occupando duas columnas, uma das bellas *Cartas a Luiza*.

firmada pela distincta escriptora portugueza a Exma. Sra. D. Maria Amalia Vaz de arvalho.

Os *topicos do dia*, como sempre e para não variar, trataram de politica, politica e mais politica. E' um nunca acabar!

Infelizmente, para nós que conhecemos as aptidões de quem os escreve.

FREI THOMAZ

(*Jornal do Commercio*)

Trouxe um extraordinario artigo de comprimento (*), com o titulo—*O anno de 1881*.

Diz que *raros annos de nossa existencia nacional terião offerecido, na esphera politica, act vidade comparavel á do periodo que temos de registrar, etc., etc., etc.* O que e uma verdade.

O Pacliderme de vez em quando descobre a polvora.

O *Quidam* nas *Artes e manhas* tratou do carnaval. E ali deitou *sabedoria*.

Conton-nos a origem do carnaval, disse o que era o carnaval em Roma em 1857, em Veneza, na Inglaterra, na Alemanha, na Russia, no Haiti, na Africa e em Pariz. Só não quiz o *Quidam* dizer-nos como é o carnaval na Madre de Deus do Angú.

Foi pena!

Felizmente d'esta vez nada escreveu sobre theatros.

Felizmente. Ah! dá a sua piadasinha na opereta e termina dizendo:

Srs. *empresarios de dramas*, cautela com a opereta!

E, acabando com o *Cheira-Cheira*, não podemos resistir á tentação de transcrever para aqui a chave de ouro com que elle fechou o seu folhetim. Eil-a:

« *Historia recreativa e instructiva de uma barba de sacerdote*.—Era uma vez um barytono que tinha de fazer o papel de grão-sacerdote de Isis. Sabendo que esta illustre personagem da antiguidade usava de barba comprida, vai elle pedir uma ao seu empresario. Chega o momento de principiar o espectáculo, e nada de barba. O pobre barytono grita, herra, chama o cabelleireiro, e barba nada de apparecer. Enfim, cansado de esperar, elle entra em scena com bigode só. Papagaio come o milho (dez tostões da barba) periquito leva a fama.

E agora viva o carnaval e fôra o empresario!

Entenderam? Não? Pois nem nós tão pouco.

O *Ver, ouvir e contar*, tratou, entre outros assumptos, do julgamento de madame Hugues.

Depois de ter tudo contado não quiz deixar de dizer algumas cousas sobre as pessoas que se achavam na sala do tribunal do Sena. E foi minucioso, tão minucioso neste ponto que para darmos uma idéa de tal minuciosidade, não podemos deixar de transcrever alguns periodos. Eil-os:

« Ao lado da accusada (entre ella e o guarda) mulheres de má vida!

Algumas destas estavam alli desde as 9 horas da manhã, de pé, comprimidas de todos os lados, respirando um ar corrompido, sem comer, sem beber, só para não perderem o lugar.

As 8 horas da noite, uma que conseguira um lugar entre o presidente do jury e o advogado geral, estava litteralmente em *cozpinho*.

E como a natureza é despotica, quando acabou a sessão vio-se pelo assoalho do tribunal que alguns dos circumstantes tinham feito ainda mais do que isso. »

Leram? Isto já e bastante para a gente comprehender o que houve por lá. Não penseu assim o folhetinista, ou o qual, querendo fechar essa parte com

(*) Sim, aquillo não é um artigo de fundo; — é um artigo de comprimento. Pois se é tão comprido!

chave de ouro, foi pedir ao *Voltaire* estas linhas:

« Por toda a parte empurrões, apertos e rixas; trocaram-se alguns cartões de desafio, e, no meio de tudo isto, gestos indecentes e inconveniencias.

« Mulheres que se envolveram n'aquelle turba-multa não perderão o seu tempo, não esquecerão o seu officio... »

Santo Deus! Se isso houvesse apparecido em qualquer jornal, a *Semana*, por exemplo ou a *Gazeta de Noticias*, seria pornographia. Mas nas paginas do castissimo *Frei Thomaz* e bem possivel que seja cousa digna... do *Flos sanctorum*.

Agora, *Frei Thomaz*, você que diz, alto e bom som, que se responsabilisa por tudo quanto appareça em sua parte editorial, toma a responsabilidade d'esta *cousa*?...

Ah! *Frei Thomaz*! *Frei Thomaz*! Quem não te conhecer que te compre! Ila de ir bem servido, não ha duvida.

GAZETA DE NOTICIAS

Tem dado boas *Causas Politicas*. A *Chronica da Semana* trata com verdadeiro talento e chiste do tumor (idéa do elironista) que ha tempos trazia enfermo o impertinente *Frei Thomaz*; da tintureira, de um aviso do ministerio do Imperio ás commissões sanitarias e de outras cousas.

Bem boa chronica.

As *Palas de Estalo* como sempre: — transbordando muito espirito e pilheria. E' pena que o *Lulu Senior* escreva agora tão pouco.

As *Notas á margem*... Não; o leitor que nos perdõe. Outros que cuidem d'esta secção da *Gazeta*; nós estamos impossibilitados de fazel-o.

GAZETA DA TARDE

Tem trazido bons artigos contra a escravidão. A *Semana Politica* sempre energica e scintillante.

BRAZIL

Ha um excellente artigo publicado ha dias, e que com certeza não era de penna da casa, deu começo á questáo hauida entre *Frei Thomaz* e a *Gazeta de Noticias*, cascando n'aquelle a valer. Depois, fugiu á discussáo como um gato á agua fria, e, quando voltou, veio todo ceremonioso e assucarado, a dar conselhos, a pedir paz e cordura; a dizer: Isso é feio, collegas.

Fargame! Ateia o incendio e depois vai buscar as bombas.

O gaiato é que havendo-o chamado a contas o nosso companheiro redactor das *Notas á margem*, elle em *Um pouco de tudo* lançou-lhe umas cusparadas que, felizmente, não chegaram a respingar-lhe as botas.

E' assim mesmo o *Brazil*... tal qual como fazendo deputados.

FOLHA NOVA

Artigos de fundo, mais artigos de fundo, muitos artigos de fundo.

Deseconfiamos que a *Folha* os encomenda ás grosas a algum negociante do genero, em grosso. Quanto ao resto: *Ora se...*

Ué, genús!

E' a tal cousa!

Pr'a tratar de sua saude, *já se vê...* E as outras chapas do costume. Feliz collega!

DOMINGO PRETO.

Está marcada para o dia 19 do corrente uma sessão solemne commemorativa do 2º anniversario do Congresso Litterario Gonçalves Dias.

CARNAVAL

O esplendido, o fulgoroso, o deslumbrante Carnaval do Rio de Janeiro, que levou ao velho mundo pasmado a fama do nosso nome, muito mais longe ainda do que o proprio café; elle, que com os de Veneza e de Roma constituiu durante muitos annos o brillantissimo triumvirato do luxo, da riqueza, da prodigalidade e do espirito; elle, o endemoniado perdulario, que em tres dias atirava tresentas fortunas pelas janellas da paudega á pansa hilaritante do deus Momo; elle, o desregrado, elle, o prodigo, que inventava em uma semana as sommas fabulosas com que levantava—a poder de pratarias, de oiros, de bronzes, de porcellanas, de *biscuits*, de malacachetas, de cachemiras, de pellucias, de arminhos, de setins e de tudo que a fantasia dos artistas e dos inventores mais extravagantes podia descobrir de mais fulgurante e de mais glorioso—os altares á Folia e a Graça; elle, o nosso bom Carnaval, não nos apparecerá este anno nos tres dias consagrados!

Quando muito, apenas lhe poderemos ver uma perna: A Sociedade dos Progressistas da Cidade Nova.

Veneceu o seu velho inimigo estúpido, grosseiro e pulha:—o Entrudol!

O outro tanto gastou, que afinal chegou-lhe a crise da ruina. Não apparece este anno porque—vejam que honestidade!—está tratando de pagar as dividas dos outros annos. *Pas d'argent, pas de promenade!*

E cada qual resignar-se a chuchar as bombardas de cêra e aguar-suja com que a nossa estupefaciente civilisação demonstra de anno para anno a sua carreira pelo becco do Progresso.

Felizmente, para suavisar a tristeza da alegria publica, temos magnificos e sumptuosos bailes á fantasia nos salões não só das sociedades carnavalescas—Fenianos, Tenentes e Democraticos, mas de algumas que o não são, como o Congresso Gymnastico Portuguez, Club do Engenho Velho e outras.

ALGUMAS DEFINIÇÕES

Avarento. Cavalgadura das burras.

Burra. Cavalleira dos avarentos.

Cabeçada. O unico meio que tem os capoeiras de utilizar a cabeça.

Colla. Grude academico.

Vaticano. Panella de ouro em que se fazem papas.

Garunagem. A empreza Gary das algiheiras.

Susto. A pharmacopêa do soluço.

Curo. Vil metal... na mão dos outros.

Cartas de jogar. Correspondencia dos vicios.

Telegrapho. Kágado electrico.

Hestia. Uma chapá religiosa.

Gravata. Trapo decente.

Bigôds. Pretexto para mostrar os aneis.

Rugas. Pegada dos annos.

Livraria. Armazem de escriptores.

Memoria. Gaveta de sapateiro.

Paluo. Alivio do dono da casa.

Hospede. Pessoa muito agradavel... pelas costas.

Palmatoria. Doceira escolar.

Rapé. Combustivel das ventas.

Valsa. Snadouro elegante.

Chuva. Unico ensejo que tem as mulheres para mostrarem as pernas.

Prudencia. Um des pseudonymos da cobardia.

Mundo. Theatrinho de fantoches vivos.

FREI ANTONIO.

O soneto de Alberto de Oliveira que hoje adorna *A Semana* pertence ao novo livro do inspirado e correctissimo poeta: *Sonetos e poemas*. Temos a grata satisfação de annunciar que ainda temos não um mas muitos sonetos ineditos d'essa colleção. Com elles deliciaremos aos poucos os nossos leitores.

TRATOS Á BOLA

Recebemos umas vinte decifrações. A maior parte d'ellas pecca por não serem exactas... nem de longe.

D. Empadinha d'esta vez quasi, quasi que fica com o premio. Se em vez de Parahyba, a senhora (?) tivesse escripto Sorocaba...

O Sr. Caleçon, de Minas, não ganhou o premio por ser preguiçoso. Que lhe custava escrever todos os nomes do anagramma geographico e não aquelles quatro ceteras? Ora o Sr. Caleçon!... Não faça mais d'isso.

O Sr. Chaves Campello escapou tambem de ganhar. Se no *Festim Selvatico*, em vez de Henrique Bezerra, escrevesse Henrique de Magalhães... outro gallo cantaria!

O mesmo aconteceu ao Sr. Valerius Madilena; disse que era Henrique Freire. Com certeza quem gostou immensamente d'essas cousas foi—*Um assignante*.

Decifrou elle, sendo o ultimo que nos enviou decifrações. Sim senhor, pôde mandar buscar o seu premio. Entregal-o-hemos a quem apresentar letra igual á da carta que nos foi dirigida pelo Sr. *Um assignante*.

Ao contrario, não!

Um assignante, para nós que já temos, felizmente, tantos, pôde ser qualquer pessoa.

Nada de duvidas.

Eis as decifrações:

Do soneto: Henrique de Magalhães.
Verifiquemos:

FESTIM SELVATICO

Ha pela matta mil murmurios trepidos
De passarinhos vividos, trilantes...
Em nuvem multicolor, insectos lepidos
Vão revoando, revoando, rumorantes.

Pelo frizeiro as hauras passam rapidas,
A' flor, que aromas solta saturantes.
E, no ar, que pet'las vão, lentejoulantes,
Adornar e cobrir as broncas lapidas...

E um pelotão de Faunos maliciosos;
Festões de Myrtos passam conduzindo;
Depois, vêm, a um de fundo, rindo, rindo.

Os Egiptas em galhofeiro bando;
E, após, Satyros Ibanos e ruidosos,
Pampanaes florescentes agitando.

Do anagramma geographico:—*Saquara, Valencia, Itaborahy, Porto das Caizas, Cabo Frio, Nitherohy, Rio Bonito e Sorocaba*; do logogripho—*Itaquaquecetuba*; e das tiburcianas—*Motejo, Reitor, Lettrado e Astrologo*.

Para hoje temos a seguinte novidade e outras cousas mais:

EMBROGLIOS

Dada uma, ou mais phrases confusas, embaralhadas, com algum nexos grammatical, mas sem pensamento ou sentido philosophico, desembrulhal-as, collocando as palavras em sua ordem natural e reconstruir o primitivo sentido.

Exemplo:

« Ao amar sobre nós mesmos as cousas, como todas, e proximo a Deusa. »

Eis a phrase primitiva:

« Amar a Deus sobre todas as cousas e ao proximo como a nós mesmos. »

Julgando bastante essa explicação, aqui vai um *embroglio*. Desembrulhem-no.

Eu mudo por fronte de granito a minha, na sombra, sobre a do Rocha. E era só infinito!

TELEGRAPHICAS

1-1-1—Pateta é brincadeira.
1-1—Vaga se fecha.
1-1—Bôbo joga-se.

ANAGRAMMA GEOGRAPHICO

Encontrar nas palavras seguintes os nomes de seis provincias brazileiras:

« *Araparonas, Auge, Pery—sineiro Centiro-pajá, Amas d'Ally.* »

ANAGRAMMA POETICO

« Lyra, bandolim, psalterio, cithara, harpa, guzla, stradivario, violino, theorba de luz.

O' Deus, eis mil Musas: Icem... e Nilhil! »

Achar n'essas palavras os nomes de sete poetas brazileiros da actualidade.

E' uma novidade tambem e grande e... boa; parece-nos.

De cousas velhas temos conversado. Não gostamos nada do *pó dos seculos* nem do *pó* (com vistas ao *Jornal*) da *Persia*.

Emquanto o nosso ingenho e arte nos ajudar, haremos de inserir n'esta secção cousas novas, muito novas.

Agora, para fechar, esta charada em soneto:

Se quereis me comer, leitor, dobrai-me;
Começo um instrumento musical,
E instrumento serei, porém tirai-me,
(Mas dobrada outra vez) letra final.—1

Não sou grande, não sou, leitor; mas dai-me
Aos soldados, ao enfermo do hospital
E alegres ficarão; depois tornai-me
Um turco, em cima pondo-me um signal.—2

Posso ser verde, azul, alva, cinzenta;
Dá-me começo o tecelão perito
E acaba-me... outro artista. Ouve-me, attenta:

Em que parte do corpo é que eu habito
Não vos digo, leitor; só se accrescenta
Que traz-me o bailarino... e tenho dito.

Ao primeiro decifrador exacto um premio de arromba, um premio de abalar os povos nas ancias da decifração.

Nem mais, nem menos do que isto:—
Um exemplar dos *Nocturnos*, de Gonçalves Crespo, luxuosamente encadernado.

Um premiosinho caro, mas nós não olhamos a despezas, quando se trata de agradar aos leitores da *Semana*.

Mãos á obra. D. *Amelia Carmen*, D. *Empadinha*, *Um assignante*, *Escaramoço*, *Caleçon*, de Minas (—o preguiçoso!), *Valerius Madilena* e os outros habitués d'esta deliciosa secção! Eia!

D. PASTEL.

N. B. — Tudo quanto diga respeito a esta secção deve ser remettido em carta dirigida ao supra assignado D. *Pastel*, redactor da mesma.

Luiz Murat, o nosso sympathico companheiro de trabalho, tem na pasta um livro de poematos, poesias de largo folio e fórma impecavel. Denominal-o-lha *Avalanches*, até nova resolução. A esse livro pertence *Os cavalleiros mortos*, poesia que foi ha pouco publicada na «Gazeta de Noticias».

Considerações botânico-medicinas sobre a herba dicta homeriana—é o titulo d'uma memoria apresentada á Imperial Academia de Medicina do Rio de Janeiro pelo conselheiro Sr. Joaquim Monteiro Caminhoá e que nos foi amavelmente offerecida.

Não ha quem desconheça competencia e funda illustração no auctor d'este trabalho, sendo o seu nome sempre citado quando se trata do estudo d'essa sublime porção dos tres reinos da natureza—denominada *Botânica*.

Na memoria que S. Ex. apresentou á Imperial Academia de Medicina, porém, ha pontos que sujeitam-se á discussão e soffrem forte controversia e contestação. Não nos referimos por certo á vista de olhos historica, ás synonymias vulgar e scientifica, á descripção phytographica, geographia botanica, aos usos e algumas propriedades da herba homeriana.

Toda essa parte, da maneira porque está elaborada, revella conhecimentos cabaes do illustrado mestre que apresenta, além d'isso, uma abundante bibliographia.

A contestação, a discordancia surge principalmente no capitulo que S. Ex. dedica ao emprego da planta contra a tuberculose.

Nas proprias palavras de S. Ex., no que diz respeito aos escarros de sangue e ás diarrheas, poderiamos basear a nossa argumentação, se a pratica não tivesse já patenteado o que ha de erroneo no uso da herba homeriana contra a tuberculose pulmonar.

Agradecendo o exemplar que nos offeceram, fazemos, entretanto, votos para que a tão apregoada herba dê os resultados que querem os propagandistas, porque isso será um beneficio para a humanidade.

Recebemos:

— Dos Srs. Laemmert & C. um exemplar do *Robinson Crusoe*, traducção do illustre professor Carlos Jansen. A edição é de luxo e traz magnificos chromos. Abre o livro com um prefacio do Dr. Sylvio Romero.

Daremos no proximo numero uma apreciação d'esta obra.

— *O Romancista*, ns. 10, 11 e 12.

Continúa o publicar—*A dama das perolas e o Manuscripto materno*.

— *A Illustração*: revista universal, impressa em Paris. Director Mariano Pina—2º anno, volume II, n. 1.—Traz entre outras magnificas gravuras, os retratos de Bismarek e de Bastien Lepage, o mallogrado pintor. No texto encontram-se, alem de outros escriptos valiosos, uma chronica das letras, escripta por Jayme de Seguiet correcta e graciosamente; um soneto de Luiz Delfino e outro de Silvestre de Lima. Esta revista é tão boa como as melhores que se publicam na Europa e no mundo inteiro. E alem de excellente—baratissima.

— Do Sr. Ernesto Fernandes de Souza, o joven auctor de varias composições musicas applaudidas:—*Setim*, conhecido tango, *Nada d'isso*, *Ahi é que pega o carro* e *Sinhásinha*, polkas, conhecidas, tocadas e dançadas com grande applauso e não menor prazer pelos pianos e dansadores d'esta *pianophylla* cidade. A' falta de um *Pleyel*, o Carlos, o nosso Carlos, assobiou algumas d'essas musicas e, força é confessal-o:—de um modo irreprehensivel.

— *O Gallinheiro Brazileiro* por Lyrio Ferdinando, edição da casa Laemmert. Abaixo do titulo, lê-se: «Livro indispensavel aos amadores e creadores d'estas aves.» Não acreditamos que seja indispensavel, porque até aqui se tem amado e creado gallinhas sem elle.

Mas que é um livro util, interessante e muito curioso, não ha negar. Recomendamo-lo ás *menagères* pichosas, que a comprarem caro gallinhas magras, prefiram crear barato bellas e gordas gallinhas.

— «Lycen de Artes e Officios.» Demonstração de apreço ao eminente cidadão Bethencourt da Silva: primoroso folheto, cuja impressão honra sobremaneira a casa Lombaerts. E' prefaciado por Guilherme Bellegarde com a elegancia de estylo e correccão de lingoagem a que esse illustrado bibliophylo nos tem acostumado. Traz os juizos da imprensa sobre a festa realisada a 16 de Dezembro do anno proximo passado, uma gentil e correcta poesia de Velho da Silva—esse *Velho* moço, e uma graciosa carta de Bethencourt da Silva, o illustre festejado.

— *Devaneios poeticos acerca da escravidão*; por João Sampaio Junior. Um livrinho de 70 e poucas paginas nitidamente impressas. Diremos depois.

CORREIO

SR. ERNESTO LODI.—O seu soneto não é magnifico, mas tambem não é mau. Publical-o-hemos no numero proximo, se houver lugar.

Por tanto... é esperar.

SR. QUINTINO D'ASSUMPCÃO.—A sua Miniatura é muito passavel.

Ah! se o *teuto sergipano* escrevesse umas cousas assim, com certeza não poderia ser author dos *Ultimos Arqueios*.

Por ora não daremos publicidade a esses seus versos. Quando houver espaço, sim senhor.

SR. GIRGENAO RODRIGUES.—O pedido que nos fez em sua carta é inteiramente impossivel. Nem o Arthur Azevedo nem o Moreira Sampaio mudarão o titulo da opereta em ensaios no «Sant'Anna» lá por que o Sr. ficou de relações cortadas com a *D. Cocota*, amiga de sua familia.

Acho melhor o Sr. procurar a dita *Cocota* (se ella é bonita), cahir de joelhos aos seus pés e pedir-lhe entre lagrimas e exclamações que reate as relações outrora tão intimas e puras.

E' muito melhor do que nos caceteiar.

SR. CALEÇON, de Minas.—Não tem de que. Fizemos a nossa obrigação.

SR. F. L. Decididamente o Sr. pôde mudar de officio. Não tem geito nenhum para traductor.

Pois então o Sr. pensa que nós, a bem dos creditos litterarios de nossa folha, seriamos capazes de publicar a seguinte traducção que nos mandou:

« A VAGA, (Longfellow)

Quem és tu, ó vaga turbida,
e onde assim, com tanta pressa,
— como um ladrão — onde vaes?

— Eu sou a vaga da vida
manchada pelos mangaes;
fujo da lucta e discordia
que nos regatos impera
para as larguezas do mar;
da immunda praia do tempo
procuo me libertar. »?

Nunca! nunca seriamos capazes de publicar semelhante cousa! Ouviu?

SR. AGERBON.—Aquelle *Um duetto de amigos* é um boa... peça!

Não se incommode; poderia ser peor se o senhor se tivesse lembrado, quando o escreveu,—da grammatica.

Ah! dá um certo salzinho ao seu trabalho, aquelle esquecimento de uma cousa que diz: *O verbo concorda com o sujeito em numero e pessoa*.

SR. NARCISO.—Ainda não tivemos tempo de ler o conto que nos enviou. Se fôr bom não teremos receio de publical-o.

ANNUNCIOS

Externato João de Deus
Aulas primarias e secundarias
60 — RUA SETE DE SETEMBRO — 60
Collegio N. S. da Candelaria
13 — LARGO DE CATUMBY — 13

37

Rua Sete de Setembro, é quasi defronte da travessa do Onvidor, que estão á venda estas legitimas pechinchas: barbatanas, de 20 rs. para cima; fitas, metro 200, 300 e 400 rs.; tonico oriental, vidro 750 rs.; lindos ramos de flores, rosas, violetas, amores perfeitos, etc., de 600 rs. para cima; côtes de cambraeta de uma só côr, bordados, um com figurino, 12\$500! riquissimas colchas de crochet, desenho lindo, uma, 9\$500, vale 20\$! peça com 10 metros de nanzouk superior, 5\$800; ligas de seda, par 360 rs.; chapéus de legitima palha ingleza enfeitados, para meninas, um, 3\$500 e 5\$500; toucas e sapatinhos para baptisado, escossia branca para forro, peça com 10 metros, 1\$600; lindos panures de renda legitimos, um 2\$500; grande deposito de colletes de senhora, feitos em Pariz, de 5\$ para cima; pastas de xarão simples e marchetadas, proprias para papeis de senhora, uma 1\$, 1\$500 e 2\$: meias de côres rendadas, finissimas, garantidos fio de escossia, para senhora, par 2\$500, valem o dobro! botões de linho, duzia 40 rs.; argollas para chaves, 200 rs.; véos de filó para chapéus, um 300 rs.; luvas de pellica branca, para meninas, par, 800 rs.; dedaes de prata ingleza, um 200 rs.; e tudo muito barato, até ás 7 horas da noite, na casa do Ypiranga, 37 rua Sete de Setembro 37.

LIVROS

Les Merveilles de l'industrie ou description des principales industries modernes, par Louis Figuier, 4 grossos volumes com muitas estampas, 18\$; Paris pittoresque, rédigé par une société d'hommes de lettres, ornado com bellas gravuras, 2 grossos vols. enc. 8\$; Dictionnaire de la langue française par E. Littré, 4 enormes vols. enc. 40\$; Grammaire nationale, par Bescherelle, 1 gr. vol. enc. 4\$; Auguste Comte et la philosophie positive (raro) par E. Littré, 1 grosso vol. enc. 5\$; Astronomie populaire, par François Arago, 4 vol. enc. com estampas, 14\$; Nuevo diccionario francez-español e español-francez, de Salvá e Guim, 1 immenso vol. enc. 10\$; Science du langage, par Max-Muller, 3 vols. enc. 10\$; Etudes politiques de l'histoire romaine par Paul Devaux, 2 grossos vol. enc. 8\$; Dictionnaire universel des sciences, des lettres et des arts, pelo mesmo, 1 grosso vol. enc. 10\$; Histoire d'Angleterre, par Goldsmith, continuée par Comte, notes de Thierry, de Barante, de Norvins e Thiers, 4 grandes vols. enc. com retratos, 10\$; Dictionnaire de synonymes de la langue française, par Lafaye, 2 vols. enc. 9\$; Dictionnaire général anglais-français et français-anglais, par Spiers, 2 volumes enc. 5\$; Dictionnaire français-latin et latin-français, par F. Noël, 2 vols. enc. 5\$; Histoire des Girondins, par Lamartine, 6 vols. enc., 8\$; Œuvres de Malebranche, collectionnee par Jules Simon, 4 vols. enc., 8\$; Encyclopédie des connaissances utiles (por diversos autores), 2 grandes vols. enc. com estampas, 7\$; Œuvres de Donoso-Cortés, Marquis de Valdegamas, précédées d'une introduction par Louis Veillot, 3 grossos vols. enc. 9\$; Œuvres dramatiques de Schiller, traduction de M. de Barante, 3 vols.

enc., 8\$; Œuvres complètes de J. J. Rousseau avec notes historiques, 4 grossos vols. enc. com estampas finas, 20\$; Notre-Dame de Paris, par V. Hugo, 2 grossos vols. enc. com gravuras finas, 5\$; Essais historiques et biographiques, par lord Macaulay, 2 vols. enc., 5\$; Climat et maladies du Bresil, par Sigaud, 1 vol. enc. (raro), 20\$; Turgot, sa vie et sa doctrine, par Mastier, 1 vol. enc., 2\$500; Histoire de Demosthène, par Boulbee, 1 vol. enc., 2\$500; Histoire de Louis XIV, par Michelet, 1 vol. enc., 2\$500; Obras de Gil Vicente, 3 vols. enc. 5\$; Historia da fundação do imperio brasileiro, por Pereira da Silva, 6 vols. enc. 24\$; Obras de Francisco de Moraes, 3 vols. enc., 5\$; Obras de Rolim de Moura, 1 vol. 1\$50; Luziadas de Camões, edição do centenario, 1 vol. enc., 5\$; Genio do Christianismo, de Chatleaubriand, com estampas, 2 vols. enc., 4\$; etc., etc.; á venda na livraria de João Martius Ribeiro.

20 Rua da Uruguayana 20

DEPOSITO E OFFICINA

DE

PIANOS HARMONICOS

URBANO ANTONIO GOMES & COMP.

57 RUA DA QUITANDA 57

PIANOS DE CORDAS FIXAS

GARANTIDOS POR 10 ANNOS

Pianos americanos.
Pianos francezes.
Pianos allemães.
Pianos inglezes.
Pianos de todos os estylos.
Pianos a 100\$000, para estudo.
Pianos a 150\$000.
Pianos a 200\$000.
Pianos a 250\$000.
Pianos a 300\$000.
Pianos a 350\$000.
Pianos a 400\$000, de 2ª mão.
Pianos a 450\$000.
Pianos a 500\$000.
Pianos a 550\$000.
Pianos a 600\$000, novos.
Pianos a 650\$000, idem.
Pianos a 700\$000, idem.
Pianos a 750\$000, idem.
Pianos a 800\$000, idem.
Pianos a 850\$000, idem.
Pianos a 900\$000, idem.
Pianos a 1:000\$000.
Pianos para alugar a 10\$, 12\$, 15\$ e 20\$.
Pianos a 25\$ por mez.
Pianos por preços sem competidor.
Harmonicos a 300\$, amerinos, novos.
Harmonicos a 400\$, ditos idem.
Estantes americanas de nogueira.
Estantes de nickel.
Pianos na Alfandega — 10.

DIARIO MERCANTIL

PROPRIEDADE DE UMA

ASSOCIAÇÃO DE COMMERCIANTES

DE

S. PAULO

Redactores: Gaspar da Silva
e Léo d'Afonseca

O *Diario Mercantil* é actualmente uma das folhas de maior circulação nas provincias de S. Paulo e Minas, offerecendo por isso grande vantagem aos annunciantes.

Correspondentes especiaes em todas as localidades importantes da provincia de S. Paulo, e bem assim no Rio de Janeiro, em Lisboa, Coimbra e Pariz.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á empresa do *Diario Mercantil*, caixa do correio n. 21, S. Paulo.

H. LAEMMERT & COMP.

EDITORES

SAHIO Á LUZ E ACHA-SE Á VENDA A MAGNIFICA OBRA **ROBINSON CRUSOÉ**

Redigida para a mocidade brasileira segundo o plano de F. Hoffmann por CARLOS JANSEN
(Do Collegio D. Pedro II)

Prefaciada com um erudito artigo sobre pedagogia moderna pelo illustrado Sr. Dr. SYLVIO ROMERO.
Edição de luxo, adornada com esplendidos chromos e magnifica capa illustrada.

PREÇO DA OBRA CARTONADA 4\$0000

Sahiu á luz e acha-se á venda essa magnifica obra:

Encadernação em percalina ingleza, em folhas douradas — 5\$0000

Não precisamos encaecer os meritos universalmente reconhecidos da obra do grande Daniel de Foe. O insigne puritano, filho de um povo de navegantes e colonisadores, symbolizou em seu livro o ardor, a energia, a coragem, que deve o homem exercer em luta contra a natureza — O *Robinson* está julgado pela critica universal.

Resta, porem, dizer algumas palavras sobre o plano pedagogico do autor. A educaçao, dizem os humanistas, é uma sciencia, e toda a sciencia é um producto humano, é um resultado evolutivo de nossa intelligencia.

Não ha duvida; educaçao, moral, religião, arte, sciencia, sabe-se bem que são productos da civilisaçao, lentamente elaborados.

Ha, portanto, na educaçao, como em todas as creaçoes que se lhe prendem e assemelham, um elemento autonomo, natural, espontaneo, que não obedece aos caprichos de nossa vontade. A pedagogia deve attender a tudo isto; deve collocar-se no terreno dos factos e da experiencia e concorrer para o desenvolvimento moral do homem.

Foi sob este pensamento que o autor desenvolveu a narraçao d'este tão notavel livro, fazendo sobresahir os talentos naturaes, a energia e coragem do homem no terreno pratico da experiencia.

O *Robinson Crusoe*, redigido para a mocidade brasileira, é um presente magnifico, um mimo que vae encantar, instruindo os nossos filhos, sem lamurias e pieguices nocivas.

66 RUA DO OUVIDOR 66

CASA DO SOARES

DOMINGOS SOARES DE RAYO

Deposito de um variadissimo e lindo sortimento de calçado dos melhores fabricantes francezes, inglezes e nacionaes, para homens, senhoras e crianças, por atacado e a varejo

Encarrega-se de encomendas sob medida e com perfeição

Rua da Uruguayana n. 88
Entre Ouvidor e Largo d. Rosario

AO GRANDE S. MAURICIO

M. A. SALINGRE

31 RUA SETE DE SETEMBRO 31

Neste antigo estabelecimento, o primeiro neste genero, tingem-se e lava-se com perfeição e preços razoaveis toda qualidade de fazenda como seja roupa de homem, vestimentas de senhoras, apromptando-os para o dia aprazado. Encarrega-se de concertar a roupa de homem que lhe for confiada.

UNICOS FORNECEDORES DE TODAS AS MATRIZES DA PROVINCIA
do RIO DE JANEIRO

Grande e variado sortimento de setins, damascos, foulards, nobrezas, velludos, belbutinas, rissos e tapetes; galões, rendas, espeguilhas, gregas douradas e prateadas, de lã, seda e lã e seda; paramentos para igrejas, fazendas para theatros e todos os artigos para armadores, vestimenteiros, sirqueiros, batineiros, estufadores, floristas e bordadores, importados directamente das principaes fabricas de Portugal, França, Allemanha e Inglaterra.—**Leite & Succa.**

EXTERNATO HEWITT

INSTRUÇÃO SECUNDARIA COMMERCIAL

134 RUA DO ROSARIO 134

AU BON MARCHÉ

60 Rua Sete de Setembro 60

Completo sortimento de fazendas de linho, lã, seda, perfumarias, etc. Armazem de fazendas finas, armarinho e modas. Vendas per atacado e a varejo. Recebem directamente artigos e novidades de Pariz. Encarregam-se de qualquer encomenda.

Coutinho & Silva Caldas
Telephone Urbano n. 414

CASA DO AYROSA

10

RUA SETE DE SETEMBRO

FAZENDAS E MODAS

ROUPA FEITA

E

ARMARINHO

RUA SETE DE SETEMBRO

N. 10

AU GRAND DINER DE RIO

A LA CHAUMIERE — Rua da Uruguayana n. 61

ENTRE OUVIDOR E ROSARIO

Das 9 da manhã ao meio dia. ALMOÇO: tres pratos escolhidos na lista, arroz, queijo, fructa, meia garrafa de vinho e café ou chá, 1\$. Das 3 horas da tarde ás 8 da noite. JANTAR: sopa, quatro pratos, arroz, doce, queijo, fructa, meia garrafa de vinho, café e cognac, 1\$500 — Soupers à la carte jusqu'à 1 heure de la nuit. — Cozinha Franceza, Italiana e Portugueza. — Ceias pela lista ate á 1 hora da noite.

HOSPEDARIA FIEL

RUA DA ALFANDEGA N. 236 E TRAVESSA DE S. DOMINGOS N. 2

Os proprietarios deste vasto estabelecimento têm a honra de apresentar á concurrencia publica, bonitos quartos mobiliados, espaçosos e muito arejados, offerecendo toda a garantia de segurança, aonde os Srs. viajantes podem pernoitar livres de risco. Todos os compartimentos com linda vista tanto para a travessa como para a rua da Alfandega.

A casa está aberta toda a noite. Preços modicos.—**Lima & Xavier.**

A SEMANA

Publica-se aos Sabbados

POR TRIMESTRE:

Dentro e fóra da capital:
28000 rs.

DIRECTOR — VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO

NUMERO AVULSO

Do dia 100 rs.; atrasado
200 rs.

Não se restituem originaes, embora não publicados.

SUMMARIO

Arthur Barreiros—Historia dos sete dias—Ainda o « Pacliderme »; *Valentim Magalhães*—Politica e politicos; *Petit-Pitt*—Arthur Barreiros; *Machado de Assis*—O Carnaval—«Andorinha, que emigra», soneto; *L. Delphin*—Soceorros à Andaluzia—Bando precatório—Bolos; *Chico Fêrula*—A vida elegante; *Lorgnon*—Mattos, Malta ou Matta? (Novas revelações)—Tratos á bola, *D. Pastel*—Recebemos—Titania, soneto; *Alberto de Oliveira*—Correio—Consultas—Anuncios.

A SEMANA

Rio, 21 de fevereiro de 1885.

ARTHUR BARREIROS

Falleceu no dia 17 do corrente, ás 6 horas da tarde, victima de uma affecção pulmonar, o nosso illustre confrade e estimado amigo Arthur Barreiros.

Desde muito moço que manifestou decidida vocação pelas letras. Cultivou-as sempre com o carinho, o cuidado e o respeito que caracterizam os verdadeiros temperamentos litterarios.

Collaborou em muitos jornaes diarios e semanacs; entre outros:—*O Bezouro*, do qual foi um dos redactores effectivos, *Csmédia Popular*, *Combate*, *Revista Brasileira*, *Gazetinha*, de que foi fundador com Arthur Azevedo, *Reporter*, *Gazeta da Tarde*, *Penna e Lapis*, de que foi tambem fundador, *Estação*, em que escreveu assiduamente até pouco antes de enfermar, *Galeria Contemporanea*, que foi tambem criação sua, e ultimamente trabalhava na redacção d'*O País*.

Pretendia publicar este anno em volume muitos dos seus artigos criticos e litterarios e já havia preparado a colleção para entrar no prelo.

O livro de Carvalho Junior, intitulado *Parisina*, foi publicado a exforças de Arthur Barreiros, que lhe escreveu uma extensa prefacção, notavel pela elevação critica dos conceitos e pela elegancia e correccção da fórma.

Arthur Barreiros era um talento observador, paciente, estudioso e meditativo.

Amava sinceramente as letras e os seus grandes homens.

Um pronome mal collocado na oração irritava-o a ponto de lhe dar febre e enthusiasmava-se, contentissimo, deante de um trecho de Machado de Assis ou de um soneto de Luiz Delfino.

Era modesto, probo e affectuoso.

Sobre o seu illibado character jámais pairou a sombra de uma suspeita, sequer de uma duvida.

Seu passamento representa uma perda enorme para as nossa pobre litteratura e abre um claro imprehenhivel nas fileiras da moderna geração litteraria, tão

rarcadas já pela partida de Ferreira de Menezes, de Hugo Leal, de Arthur de Oliveira, de Adelino Fontoura e de outros.

Ao seu enterro compareceram varios amigos, entre os quaes—Luiz Delfino, Machado de Assis, Arthur Azevedo e Afonso Celso Junior.

Das redacções fizeram-se representar *O País*, a *Vespa* o *Mequetrefe*, a *Estação* e a *Semana*, pelo seu director.

Não havendo este conseguido chegar a tempo de acompanhar o feretro, apresentou á desolada viuva do illustre escriptor os seus profundos e sinceros pesames por tamanha perda.

Sobre o caixão foi depositada pelo representante da casa Lombaerts, editora da *Estação* uma formosa grinalda.

A redacção d'*A Semana*, compungida e enlutada pelo fallecimento de Arthur Barreiros, apresenta de novo as suas condolencias á sua Exma. familia e á patria.

Os amigos e companheiros do saudoso morto pretendem fazer resar uma missa de septimo dia, na intenção de por esse modo manifestar a sua estima, a sua saudade e o profundo pesar que sentem pelo seu passamento.

Em outro lugar d'esta folha encontrará o leitor algumas linhas de Machado de Assis, o illustre mestre, sobre esse seu e nosso inditoso amigo.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Antes de começarmos esta chronica de-alinhavada, temos que fazer uma declaração.

Alguns espiritos malignos e mal intencionados insinuaram que nas palavras com que na *Historia dos Sete Dias* do nosso numero passado sublinhamos a manifestação feita por empregados do commercio ao Sr. senador João Alfredo, quizeramos lançar o ridiculo sobre o Sr. Paula Ney.

Só quem desconhecer o espirito de isenção, e o timbre de urbanidade que preside á factura desta secção d'*A Semana*, poderá suppor semelhante desrespeito a uma pessoa que presamos e acatamos por motivos muito ponderosos, quaes sejam os da amizade, da confraternidade e da admiração pelo talento.

Que o Sr. Paula Ney se tranquillise, pois, a nosso respeito, porque a nossa intenção não lhe foi, nem lhe poderia ser hostil.

Achámos graça no facto e só levámos a presença do digno jornalista na manifestação á conta de uma rapaziada nada estranhavel no seu character folgasão, singular e original.

Amigos, pois, como sempre.

Em vista da deficiencia do espaço que se nos offerece neste numero, passaremos pelos acontecimentos da semana como gato por brisas:

— Dia 13. O Sr. Cesario Alvim, presidente da provincia do Rio de Janeiro, convoca para o dia 9 de Março a assemblea provincial, por 20 dias, para concluir os seus trabalhos com relação ás vias ferreas e á immigração.

Parabens ao thesouro provincial e aos povos de Niethecoy.

— Chega de Pelotas um telegramma participando a fundação n'aquella cidade de uma Sociedade de Immigração, filial á d'esta córte.

— Dia 14. Passa pelo Rio de Janeiro a celebre Mme. Lynch, antiga companheira de Lopez, o formidavel heroe do Paraguay.

Não se sabe o que ella vae fazer á Europa, mas, pela noticia da *Gazeta*, sabe-se que « é uma mulher alta, gorda, de physionomia intelligente e que ao mesmo tempo denota severidade. »

Já não é pouco. Podia ser haixa, magra, de physionomia estúpida e que denotasse mansuetude. Mas não é. Tranquillisemo-nos.

— E' dada ao archi-poly-commandador Sr. Malvino da Silva Reis a vara de subdelegado da freguezia do Espirito-Santo.

Agora é que a freguezia vae ver o diabo! O energico subdelegado ha de fazer tremer não só o Espirito-Santo, como tambem o Padre e o Filho!

— Morre em Paris o famigerado jornalista radical Jules Vallés, uma das primeiras figuras da imprensa da França. Era actualmente redactor do *Cri du Peuple*, jornal intransigente.

Dia 16—Noticiam as folhas que o Sr. ministro da justica está preparando um novo regulamento para o corpo policial da córte, que vae ser augmentado, visto ir ser extincta a guarda urbana.

Vamos perder o que ainda nos restava de pittoresco na nossa organização policial.

Quem se encarregará agora de eshor-doar a gente e trucidar os Maltas?

E' natural que o povo tenha graves apprehensões a este respeito!

Queridos *urbanos*, adeus!
Que a farda vos seja leve.

Dia 17—Morre, ás 6 horas da tarde, o estimado escriptor Arthur Barreiros, um apurado cultor da fórma e cuidadoso adorador da lingua portugueza, que elle tratava como poucos da actual geração. Damos artigo especial, a respeito d'este tristissimo facto.

— Chega a noticia do fallecimento em Pernambuco do maestro Francisco Libanio Colás.

Não temos elementos para offerecer aos nossos leitores a biographia d'este com-

positor de excepcional talento. Contudo, e visto que as folhas em que veio a noticia do seu fallecimento nada disseram, informaremos o publico de que foi o maestro Colás o auctor da bellissima, original e characterisa musica da comedia *Uma vespera de Reis*, tantas vezes applaudida nos nossos theatros.

Pezames ao seu filho, o actor Colás e á Arte.

— Confirma-se a noticia do assassinato de Gordon Pachá.

— Dia 18. Sabe-se que o Sr. visconde de Itú, para commemorar o anniversario de sua esposa, offereceu á Santa Casa da Misericordia de S. Paulo a quantia de cem contos de reis.

Presente de nababo.

Bem empregado dinheiro.

Comprimntamos com enthusiasmo o illustre philantropo.

— Dia 19. Fallece em S. Paulo o Sr. João Baptista Paes, um dos fundadores e proprietarios da *Gazeta do Povo* d'aquella cidade.

Apresentamos aos nossos collegas as nossas sinceras condolencias por esta sensivel perda.

— Falleceu tambem o Dr. Carlos Eboli, director e proprietario do estabelecimento hydrotherapico de Nova Friburgo.

Foi uma semana de fallecimentos. Ahi lhe fica a necrologia.

AINDA O PACHIDÉRME

AO SR. C. DE L.

Venho cumprir a promessa que fiz nas *Notas á margem* do dia 17:—venho conversar com o collega do *Microcosmo* sobre a parte que me toca do seu fohetim de domingo ultimo.

Principiarei perguntando:

Que veio cá fazer o microcosmographo com o seu arrasoado sibyllino, inçado de púas perfidas de ironias desfarçadas sob doçuras velludas de estylo marôto?

Quem o chamou á brêcha?

Fôra porventura atacada a sua individualidade na polemica entre a *Gazeta* e o *Pachidérme*?

Foi para defender-se, a si proprio que, cntrou na contenda, como os carabineiros de Offenbach:—*trop tard!*

Não.

O Sr. C. de L. não foi chamado á discussão; ninguem arranhou a delicada epiderme da sua susceptibilidade, nem aos seus direitos ou aos seus merecimentos foi desfechada nenhuma setta. O Sr. C. de L. não veio defender-se; veio defender o patrão.

Não direi que fez mal. S. S. lá tem as suas razões, e de bastante peso, ao que parece.

O *Pachidérme*, convencido finalmente de que nem todos os seus *escaravelhos*—psychologistas e não psychologistas—sariam capazes de me fazer mal com o bombardeio feroz das suas mortíferas *maçans*, desenganado da efficacia das descomposturas do sobrado, chamou á fala o morador do *rez de chaussée* e disse-lhe:—Debique-me em regra esse amiguinho.

C. de L., sempre obediente ao patrão, por principio e fim, obedeceu-lhe mais uma vez.

Desceu ao pavimento terreo, de cujas oito janellas semanalmente illumina com as luminarias de seu espirito esta cidade heroica; escolheu no bem provido arsenal das suas pennas a mais aguda e leve, aproximou de si um dos tinteiros, no qual se lia em uma tira de papel colada ao vidro:—«Tinta para debiques», e começou a aviar a encomenda.

Que sahiu obra fina e bem acabada, viram-n'o todos.

Aquillo é que é um debique em regra! Achei-me tão ridiculo, tão pequenino, depois delle; por tal modo envergonhei-me e arrependi-me do que escrevi contra o *Pachidérme*, que cheguei a pensar seriamente em emigrar do patrio sólo.

Demoveu-me desse proposito a consideração de que, sendo universal a fama do *Microcosmo*, em qualquer parte do mundo, por mais remota e selvagem, onde buscasse abrigo á minha *encalistracão*, ahi mesmo iria encontrar os povos agarados ao *Microcosmo* e rindo-se á minha custa. Seria peor a emenda que o soneto.

Visto isso, resolvi ficar.

E, desde que ficava, o melhor era responder, se responder é possivel, a tão monumental debicacão!

Consistiu esta em figurar que eu inhalei o «microbio odiento», um tal *Protococcus Gazetarum*, e que em vista disso fui atacado da epidemia do odio.

Pelo que, diz elle:

«Addicto á theoria parasitaria, dou, portanto, como provada a existencia do microbio odiento, um *Protococcus Gazetarum*, e, para preservar-me do mal, passo a vacinar-me odiando tambem não um regimento, que para tanto não me chegam forças, mas um collega qualquer...

Procuo no colleguismo visinho e, em verdade, não descubro a quem possa ter raiva... Todos excellentes rapazes, amáveis na prosa, adoráveis no verso, e apenas deliciosamente implacáveis para os ausentes... E entretanto eu carecia de um inimigo, de um bom inimigo verdadeiro, ou antes de um alvo para o atrocissimo rancor que já começa a fermentar-me cá por dentro!»

Tem graça ás pilhas, o endiabrado!

Afinal descobriu que odiava... o Montaury, aquelle excellent Montaury da *Gazeta* que tem umas maneiras tão bellas como... as barbas.

E exclama:

«Fiquem-n'o, pois, sabendo as myriades de assignantes da *Gazeta*: tambem eu sou jornalista, tambem eu tenho odios profundos, irreconciliáveis, fatalissimos e de longa data. Ha trinta annos que sem o dizer nem saber detesto o Sr. Montaury, da mesma *Gazeta*... Ainda tenro infante balbuciava no collo da minha ama secca—e já o citado Montaury fazia versos impossiveis, de que infelizmente nunca teve noticia o agredido. Mais tarde, na escola primaria, redigindo o *Fedelho*, jornaleco de vistas largas e programma ultra-communista, estigmatizei asperamente os barbarismos com que Montaury prefaciava a theoria grammatical do *acordar elles*... Nos bonds, ás vezes, quando me vira as costas, estendo sarcasticamente o labio inferior... Trinta annos de lutas e de insultos despercebidos! Vamos agora ver se elle espirra com esta!»

Ahi está uma parodia bem feita de t do quanto escrevi!

O Montaury e que não deve ter ficado muito satisfeito com o papel de *gato morto* que lhe distribuiu no debique o amavel e delicado C. de L. E menos ainda com esta pilheria:

«Montaury é um homem de bem, não direi de espirito, porque na imprensa todos nós o temos... Traja correctamente... *Frequenta as melhores rodas, sem fallar na dos Expostos*... Presenteia as familias distinctas com quem convive—e não conheço publicista mais amavel nem mais *discreto* orador... E contudo eu o odeio!»

Isso de dar o Montaury como frequentador da roda dos Expostos e possivel que tenha infinita graça, mas que não é infinitamente delicado, palavra, que não é.

Emfim... como é do *Microcosmo*, declaremos todos, sem pestanejar:—E' admiravel! E' engraçadissimo! E' o cumulo da gentileza!

Em seguida, sempre nesse estylo de carta de alfinetes, declara uma guerra atrocissima ao estimavel *reporter* da *Gazeta*, terminando por este periodo em que concentrou toda a sua habilidade e todo o seu talento pratico de mofineiro... edictorial.

«Se amanhã elle dêr pela cousa—tanto melhor. Provados estão os meus talentos de publicista e cada vez mais apertados os doces nós que me prendem a este *Jornal!*»

Não, meu caro C. de L., o debique é bom, tem immenso espirito, está feito com extraordinaria finura, mas não me perturba, nem me agasta. Não impedirá que eu diga mais uma vez, *carriément* todo o meu pensamento a respeito do *Pachidérme*.

Risonho ou serio, escute. A' excepção d'elle, C. de L., com quem tenho tido o prazer de conversar algumas vezes, embora ligeiramente, não tenho relações pessoases com nenhum dos redactores do *Pachidérme*.

Nem sei mesmo quaes scjam, pois que a redacção do *Pachidérme* é composta de illustres anonymos.

Os homens alli dentro nullificam-se, os nomes são trocados por numeros, como nos collegios e nas prisões, e todos trabalham no mysterio ena treva, como peças brutas de um machinismo inconsciente, para a prosperidade da *ca'a*.

Alli não medram gloriolas litterarias nem vicejam ambições intellectuaes; e trabalha se com a intelligencia como o lenhador ou o hortellão com o machado e a enchada.

Quem não quizer assim—rua!

Não falta quem queira perder o seu nome, abdicar a sua autonomia, enfiar a blusa do estabelecimento e ganhar o pão quotidiano a puchar por uma penna como esses pobres homens que ganham a vida puchando por pesadissimas carretas.

Alli não se recusam homens de talento, desde que se sujeitem, como os demais—a trabalhar como burros.

Não conheço nenhum redactor do *Pachidérme*, á excepção do Sr. Carlos de Laet que muitas vezes tem assumido a responsabilidade do *Microcosmo*.

Não é, portanto, a um redactor nem aos redactores do *Pachidérme* que odeio e faço guerra; é ao *Pachidérme*, é á esse monstro moderno que traz, como o cavallo de Troia, escondido no bojo um batalhão de homens mascarados, armados com aguçadas pennas, hervadas na peçonha do anonymo.

Os redactores do *Jornal* podem ser excellentes homens, amigos de seus amigos, tementes a Deus e ao diabo e incorruptiveis guardas nacionaes. Não o contesto. Mas não o affirmo, porque os não conheço.

Consequentemente, o simile debicativo imaginado por C. de L. é falso, não se applica ao meu caso.

C. de L. deu agora para odiar o Montaury, da *Gazeta*; eu odeio de ha muito o *Pachidérme*, disposto embora a adorar algum ou mesmo todos os seus redactores, desde que venha a conhecê-los.

Teve graça, portanto, C. de L. mas não foi verdadeiro.

Quaes as razões porque não morro de amores pelo *Mastodonte* (para variar de nome) bem as conhece C. de L. Oh! se as conhece!

Não estivesse elle appenso a uma das patas do monstro e fôra bem possivel que as confessasse e sustentasse com-migo!...

Olhe, para que o *Pachidérme* não me agradasse bastaria o facto de noticiar o fallecimento e a chegada de quanto com-

mendador boçal e riação lorpa vegeta por este mundo, e não noticiar nenhum acontecimento em que tomem parte homens de letras, moços de talento e reputação, adeptos de idéas adiantadas e generosas.

Um exemplinho: — *Pachiderme* deu noticia da morte de Arthur de Oliveira, porque elle, ao tempo do fallecimento, era professor substituto no collegio Pedro II, mas nenhum outro *mevecimento* lhe attribuiu alem d'esse; mas não deu noticia da morte de Hugo Leal e de Adelinio Fontoura, e agora nem uma linha dispensou ao fallecimento de Arthur Barreiros!

Quando elle se occupa com o passamento de algum escriptor e para escarrrar-lhe na cova e insultar-lhe a memoria, como fez ao inditoso e grande Ferreira de Menezes.

Por hoje basta.

Adeus, meu espirituoso e estopante C. de L.

Seja gaiato, seja mesmo máusinho, se lhe apraz, mas não seja inverdadeiro e injusto.

E acredite que está bem longe de odial-o o seu entusiastico admirador debicadissimo

VALENTIM MAGALHÃES.

POLITICA E POLITICOS

CAMARA DOS DEPUTADOS

A terrivel commissão dos 5, nomeada pelo presidente da camara para apresentar a lista dos deputados liquidos, de que se tiram á sorte as tres commissões de 9 membros para verificação de poderes, apresentou no dia 18 o resultado de seu trabalho—reconhecendo liquidos 68 deputados—dos quaes—29 conservadores, 26 liberaes, 11 liberaes dissidentes e 2 republicanos.

Procedeu-se em seguida ao sorteio das commissões de inquerito, que ficaram assim constituidas:

1ª commissão: os Srs. Alvaro Caminha, Jose Mariano, José Pompeu, Joaquim Tavares, Alves de Araujo, Franklin Doria, Joaquim Pedro Soares, Bento Ramos e Mac-Dowell.

2ª commissão: os Srs. Alcoforado Junior, Antonio Carlos, Schutel, Carlos Affonso, Campos Salles, Bezamat, Bulhões Jardim, Alfredo Chaves e visconde de Souza Carvalho.

3ª commissão: os Srs. Manoel Eufrazio, Sinimbu Junior, Segismundo, Ribeiro de Menezes, Prisco Paraizo, Delfino Cintra, Martim Francisco, Anysio e Carlos Peixoto.

A sorte foi favoravel ao governo, como se pôde conhecer da inspecção dessa triplíce lista. Principalmente a primeira commissão, cuja maioria é *projectista*, á excepção de dous ou tres, entre os quaes o phenomenial Jose Pompeu, um dos signatarios do projecto Dantas, e que mais tarde, por causa de uma questuncula provincial, passou para a opposição sem mais aquellas, guerreando o projecto a que havia da lo o prestigio, o assentimento e a protecção do seu nome!

Incrível sujeito!

A primeira commissão tem de examinar as eleições das provincias do—Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paralyba e Pernambuco; a segunda as de—Alagoas, Sergipe, Bahia, Espirito-Santo, Rio de Janeiro e S. Paulo; e a terceira as de—Paraná, Santa Catharina, Rio-Grande do Sul, Matto-Grosso, Goyaz e Minas-Geraes.

As commissões elegeram para seus presidentes os Srs. Alves de Araujo, Carlos Affonso e Martim Francisco, e

desde o dia 19 que estão trabalhando activamente.

As cousas parece melhorarem.

Resmungam-se mesmo certos boatos sobre não sei que transacção importantissima que se está entabulando entre a dissidencia e o governo.

A *Gazeta da Tarde* deitou no dia 19 editoria! encomiastico em honra do Sr. Moreira de Barros, presidente da camara, sob o titulo: *Um cartão de visita*; facto realmente espantoso para quem saiba ou se recorde ainda do que disse de S. Ex. não ha muito tempo o principal redactor d'aquella folha na *Gazeta de Noticias* e na propria *Gazeta da Tarde*.

Combinando-se essa inesperada vira volta de opinião com a partida do Sr. Moreira de Barros para Petropolis e com a sua cordura nos trabalhos da presidencia, chega-se pelo menos á desconfiança de que está para haver *quelque chose* de extraordinario...

Isto não é natural...

E além d'isso, papae Dantas tem olho! Vou parafusar...

PETIT-PITT.

ARTHUR BARREIROS

Meu caro Valentim Magalhães.— Não sei que lhe diga que possa adiantar ao que sabe do nosso Arthur Barreiros. Conheçemo-lo: tanto basta para dizer que o amamos. Era um dos melhores da sua geração intelligente, estudioso, severo consigo, entusiasta das cousas bellas, dourando essas qualidades com um caracter exemplar e raro; e se não deu tudo o que podia dar, foi porque cuidados de outra ordem lhe tomaram o espirito nos ultimos tempos. Creio que, em tendo a vida repousada, augmentaria os fructos do seu talento, tão apropriado aos estudos longos e solitarios e ao trabalho polido e reflectido.

A fortuna, porém, nunca teve grandes olhos benignos para o nosso amigo; e a natureza, que o fez probo, não o fez insensível. D'ali algumas syncopes do animo, e umas intermittencias de misanthopía, a que vieram arrancal-o ultimamente a esposa que tomou e os dous filhinhos que lhe sobrevieram. Essa mesma fortuna parece ter ajustado as cousas de modo que elle, tão austero e recolhido, deixasse a vida em pleno carnaval. Não era preciso tanto para mostrar o contraste e a confusão das cousas humanas.

Não posso lembrar-me d'elle, sem recordar tambem outro Arthur, o Arthur de Oliveira, ambos tão meus amigos. A mesma molestia os levou, aos trinta annos, casados de pouco. A feição do espirito era diferente n'elles, mas uma coisa os aproxima, alem da minha saudade, é que tambem o Arthur de Oliveira não deu tudo o que podia, e podia muito.

Ao escrever-lhe as primeiras linhas desta carta, chovia copiosamente, e o ar estava carregado e sombrio. Agora, porém, uma nesga azul do céu, não sei se duradoura ou não, parece dizer-nos que nada e tá mudado para elle, que é eterno. Um homem de mais ou de menos importa o mesmo que a folha que vamos arrancar á arvore para jubear o chão das nossas festas. Que nos importa a folha?

Esta advertencia, que não chega a abater a moridade, tinge de melancolia os que já não são rapazes. Estes tem atraz de si uma longa fileira de mortos. Cada um dos recentes embra-lhe os outros. Alguns desses mortos encheram a vida com acções ou escriptos, e fizeram ecoar o nome alem dos limites da idade. Arthur Barreiros (e não é dos menores motivos de tristeza) gastou o aço em labutações estranhas ao seu gosto particular entre este e a necessidade não hesitou nunca, e acanhou em parte as faculda-

des por um excessivo sentimento de modestia e desconfiança. A extrema desconfiança não é menos pernicioso, que a extrema presumpção. «As duvidas são traidoras», escreveu Shakspeare; e podese dizer que muita vez o foram com o nosso amigo. O tempo dar-lhe-lia a completa victoria; mas o mesmo tempo o levou, depois de longa e cruel enfermidade. Não levará a nossa saudade nem a estima que lhe devemos.

MACHADO DE ASSIS.

CARNAVAL

O que houve este anno durante os tres dias consagrados ao deus Momo pôde ser tudo, até uma quarta-feira de cinzas, porém carnaval, nunca!

Meia duzia da esbodegados princezes, sem dous dedos de espirito, mas com muitos—de *grammatica*; um punhado de estupidos diabinhos, e outras calamidades taes, como sejam o classico marujo, o bem conhecido typo do Castro-Urso, os silenciosos dominós de cruzado ao metro e os insupportaveis sujeitos vestidos de mulher, em fra-la de camisa; tudo isso ou isso unicamente, foi o *carnaval* de 1885, não contando com o grande logro que lhe pregou o tempo: —ser optimo.

Porque, digamos, aquelles infelizes contavam com a chuva. Elles, coitados! sem uma chuvinha não tinham o doce pretexto de carregar um pouco mais a mão no paraty.

E d'ali aquelle ar melancolico, hisborria, que se lhes notava em os vendo atravessar silenciosa e paulatinamente as ruas e becos d'esta heroica cidade.

Em os observando, em a gente se aproximando d'elles, não tinha vontade de lhes dizer:—«Como passou, seu mascarado?», e sim murmurar, abraçando-os lacrimosamente:—«Consolai-vos, irmãos! nós não somos nada n'este mundo!»

A' vista de semelhante chifrinada, foi com o coração pesado e entristecido que á noite transpuzemos a porta dos clubs *Democraticos*, *Tenentes do Diabo* e outros, onde a sensaboria d'estes tres dias humidos e enlameados pelos limões de (*uá*) cheiro não conseguiu penetrar.

Ah! digamos em nome da verdade, os *Progressistas da Cidade Nova* fizeram brillantemente a sua passeiata. A's dez horas da noite de 17, a contento de uma multidão curiosa e soffrega, surgiu o prestito dos *Progressistas* na rua do Ouvidor.

Seis socios a cavallo e vestidos á ingleza vinham na frente. Em seguida a banda de musica, trazendo as suas figuras caprichosos barretes phrygios; após, o carro triumphal, onde um socio empunhava o estandarte do Club.

Carros descobertos traziam socios e mulheres fantaziadas com algum cuidado e esmero; enfrentava-os uma guarda de honra, montada em guapos cavallos. Um carro de idéas secundava-a. Via-se n'elle um grupo de capoeiras; d'entre cses desapparecia um sujeito para pouco depois apparecer em fórma de esqueleto sem calote—craneana, bem entendido—no pico de uma montanha. Após este carro, muitos senhores trajando becca e arminhos quasi que se *pegavam*, discutindo a celebre questão dos ossos.

Diversos entandartes, pertencentes aos grupos do club, empunhados por socios, iam em carros especiaes. Acompanhava-os um carro com uma allusão ás derradeiras questões eleitoraes e á politica actual; outro carro onde, assentado sobre um coração atravessado por uma setta, estava uma muther segurando um estandarte; depois mais outro carro de idea, on le uns quatro individuos ven-

dedores de vinho apregoavam de dentro de umas pipas a sua fazenda como superior e verdadeira; seguia-o um outro tendo uma allusão o um banquete politico, e finalmente um ultimo carro figurando uma sessão preparatoria onde deputados faziam uma barullhada infernal, discutindo diplomas contestados.

Uma banda de musica em carro especial fechava o prestito.

Brillaram os *Progressistas!* e talvez brillassem mais se houvesse em todos aquelles senhores que figuraram em carros de idea mais entusiasmo e mais espirito. Em todo o caso não lhes pouparam applausos.

Parabens aos *Progressistas!*

Os bailes que os *Tenentes do Diabo* e os *Democraticos* deram em seus salões e os *Fenianos* no Recreio Dramatico foram admiraveis, sumptuosos!

Não sabiamos que mais admirar: se o espirito sempre acceso e travesso, se a variadissima opulencia das fantasias ou se a amabilidade, a gentileza com que trataram os seus convidados.

E foi isso o carnaval.

A opinião geral é que elle morreu.

Veremos isso no anno vindouro

O carnaval de 86, entretanto, por peor que se resolva a ser, nunca será tão pião, tão pulha, tão fufio, tão lorpa, tão *jornal do commercio* como este.

Voltaremos ao assumpto... no anno que vem.

Andorinha, que emigra

(DAS ASPAZIAS)

Para que bosques foges, andorinha?
Por que emigras d'aqui?—Por esses ares,
Vais pôr teus pés gentis n'outros palmares?
Vais ser n'outro paiz tambem rainha?

Da concha branca, ó pérola marinha,
Se entre as vagas azues do mar rolares,
Quem sahe que esplendissimos altares
Terás do ouro e da luz, que lá se apinha?!

Deixas-me a sombra nos meus hyrtos braços;
E no ninho de sandalo, tão quente!...
Repete o aroma o hymno dos teus passos!...

E é isto apenas que minh'alma sente!...
Tu tens o amor dos sóes pelos espaços,
E contas, como os sóes, com Deus sómente.

LUIZ DELFINO.

Socorros á Andaluzia

Do Sr. Horacio Teixeira Antunes recebemos a quantia de 10\$. Está aberta em nosso escriptorio uma subscrição para o humanitario fim de minorar as desgraças ocasionadas em Hespanha pelos terremotos.

BANDO PRECATORIO

Sahe definitivamente amanhã, a esmo-lar pelas ruas em favor das victimas sobreviventes do terremoto de Andaluzia, o grande prestito formado pela commissão geral dos jornalistas da corte e por quasi todas as associações litterarias, beneficentes e recreativas que existem nesta capital, além de delegações de faculdades e collegios, que irão com os seus respectivos estandartes abrilhantar esta soberba e nunca vista festa de caridade.

O prestito será organizado ás 2 horas da tarde no campo da Acclamação, seguindo depois este

ITINERARIO

Ruas da Alfandega, Primeiro de Marco, Ouvidor, largo de S. Francisco de Paula, rua do Theatro, praça da Constituição (lado do theatro S. Pedro de Aleantara e Secretaria do Imperio), Visconde do Rio Branco, Lavradio, Arcos, Maranhuape, largo da Lapa, do Passeio, largo da Mãe do Bispo, Ajuda, S. José, Primeiro de Marco e Hospicio até ao campo da Acclamação.

BOLOS

A *Folha Nova* voltou á carga. Diz que não recebem as quatro paginas centras do n. 6 d'*A Semana*, apesar de as ter reclamado; e que foi pena, porque alguma tollice deviam ellas conter.

Ora graças a Deus, que chegou o dia de acertar e de ter razão! Com effeito, nas quatro paginas alludidas ha nada menos de quatro tollices... da *Folha Nova*. Leia a secção dos *Bolos*, pag. 6, 3.ª columna, 2.º periodo, e verá.

E' uma consolação!

*

**

Dá-se entre nós e a folha dos guardalivros um phenomeno muito vulgar, muito repetido na nossa sociedade, e sobretudo, na nossa imprensa: Nós andamos a gastar uma boa parte do nosso precioso espaço transcrevendo, copiando textualmente, com a mais rigorosa fidelidade, as tollices da *Folha Nova*, e ella a dizer todos os domingos que somos nós quem escreve tollices—sem comtudo apontar ao menos uma!

Pede-nos que lhe mandemos o n. 6 e promette respigar então nas tollices. Pois lá lhe mandamos o n. 6; temos agora o direito de esperar a *respigação*.

Entretanto, sempre lhe diremos que, na acepção em que emprega a phrase, « respigar nas tollices » — é tollice.

O que a senhora devia dizer era: respigar as tollices.

Não lhe levamos nada pela lição.

*

**

Estamos muito desgostosos com o nosso querido *Escaravelho*. Não tem querido *zumbir* a nosso respeito, e isto commove-nos até ás lagrimas.

Venha de lá esse debique, seu velho. Não queira privar-nos da sua prosa semi-classica e desopilante; veja que andamos tristes e enfatiados. Bem vê que só a *Folha Nova*, embora seja um opulento ementario de sandiees, não pôde chegar para nos fazer rir durante uma semana inteira.

Venha de lá isso, pois.

Cuico FÉRULA

A VIDA ELEGANTE

Club do Engenho-Velho

Esplendido!

Temos ainda defronte dos nossos olhos a brilhante cadeia de pares, que, ao tom de uma bella marcha, deslisou pelas salas e corredores do Club, dando começo á festa.

E' uma vertiginosa passagem de estrellas multicores; é um desfilar fantastico de deusas afeitoadas de flôres, de roupas preciosas, luzidas pedrarias, que vão por onde passam levantando o entusiasmo e expirando um ineffavel perfume de riqueza, de elegancia e de mocidade.

Aqui, vê-se um grupo de flôres; é um girasol que leva uma camelia pelo braço; é um lyrio que passa a conversar com uma tulipa; é um malmequer que acon-

panha a rosa; ali, um jardineiro segue de perto a aquella, a magnolia e a flôr de liz; mais adiante passa um mosqueiteiro, lançando olhares terriveis sobre um pierrot japonéz; emquanto um cavalheiro da corte de Luiz XIV olha fascinado para uma formosa salteadora, cuja clavina e cujo punhal são muito menos perigosos do que as armas que ella traz no rosto.

Que olhos, meu Deus!

E em seguida é uma bella *Noite* que surge defronte de nós, toda constellada de estrellas, a fronte guarnecida por um diadema symbolico; mais além um velho apresenta a mão a uma adoravel sybilla e pede-lhe que declare o que lhe está reservado no futuro.

— Oh! responde a bella feiticeira— Não se impressione com o futuro, meu velho amigo, que elle não lhe trará tempestades; agora se eu quizesse fallar do passado... Então sim!

Mais além, vemos um alegre *pierrot*, legitimo, primitivo, que dá á festa uma nota pittoresca com a sua roupa cõr de neve; um clown atravessa a sala em grandes pernaças comicas; um moleiro queixa-se a um andaluz de que seute muito calor; enquanto um Brantôme offerece ponehe a um dominó de pé pequenino.

E todo esse mundo elegantemente fantastico, espirituoso e alegre, dança, conversa, ri, agita-se nas salas, levantando um quente rumor de satisfação, que nos penetra até á alma.

Sómente ás 4 horas da madrugada findaram as dausas, retirando-se todos satisfeitissimos.

Ao *Club do Engenho-Velho* os nossos applausos.

LORGNON.

Mattos, Malta ou Matta?

NOVAS REVELAÇÕES

SENTA CARTA

« Sr. redactor.

Como lhe disse á semana passada, não era um sonho o que eu via na capella do cemiterio de S. Francisco Xavier.

O corpo havia mexido com a cabeça e repetira pouco depois o movimento como quem se debate na agonia de um pesadelo.

Quiz gritar e chamar por alguém, mas não pude, faltou-me a voz, e fiquei chumbado á grade da capella, sem conseguir fazer um movimento.

Entretanto, a noite avultava rapidamente e quasi que se não podia distinguir nada para dentro das grades. A lua que não costuma faltar ás scenas d'esta ordem, já lá estava no ceu n'um transbordamento de luzes prateadas, que melhor faziam destacar as casuarinas e as pedras brancas dos mausoleos.

Um rumor surdo, gemebundo, levantava-se tristemente do chão e de tal forma se casava ás sombras da noite, que parecia sahir de dentro dellas; dir-se-ia que a treva sussurrava derramando-se pelo valle, como uma enorme legião de espectros.

Com o luar não ha claro-escuro; e essa divisão rapida da luz e da treva sempre me produziu no espirito os mais imprevisos e pavorosos effeitos.

Não sei porque, mas eu, que sou um homem de verdadeira coragem, quanto estou ao sol, tremo e fujo de tudo de baixo da mephistophelica influencia da lua.

E, de mais a mais, n'um cemiterio.— Calcule-se.

Aos meus olhos as campas se transformavam todas em grandes fantasmas sahidos das sepulturas; os cyprestes

eram frenéticos gigantes que conspiravam, debruçando-se uns sobre os outros, para se fallarem em segredo, e logo depois se apartarem horrorisados com o que ouviam.

Imagine-se!

Ah! Não sei como ainda me podia ter nas perdas! O suor escorria-me por dentro do collarinho; o sangue espolinhava-se-me no coração, a cabeça andava-me a roda, a arder.

E, coisa exqu岸ita, quanto mais me ardia a cabeça, tanto mais frios sentia eu os pés e as mãos.

Um frio incommodo, que parecia penetrar na carne em forma de agulhas em brazas.

E esse frio foi se estendendo pelas pernas e pelos braços, até se apoderar da minha região intestinal. Então, como se me apertassem o ventre com um cinturão de aço, comecei a sentir collicas e vontade de vomitar; faltava-me o ar nos pulmões e o peito parecia querer abrir-se para fóra em duas folhas, como uma janella.

Entretanto, o corpo de Castro Matta acabava de erguer-se a meio sobre a mesa de marmore e circumvagava em torno de si os olhos espavoridos e cheios de inconsciencia.

Com um supremo esforço fiz um movimento para fugir; elle deu por mim levantou o braço descarnado e começou a chamar-me silenciosamente.

Depois ergueu-se de todo, lançou fóra da meza as pernas e saltou no chão, arastando a mortalla que lhe haviam prendido ao pescoço.

E com o solemne caminhar das figuras fantasticas de Goya, aproximou-se das grades em que eu estava.

O sangue agitou-se dentro de mim com mais força, o cinturão de aço parecia disposto a cortar-me de meio a meio pelo ventre, e os braços e as pernas principiavam-me a tremer convulsivamente.

Mais dous passos e estaria cara a cara com o maldito resuscitado; n'isto, porém, senti baterem-me de leve no hombro: Voltou-me.—defronte de meus olhos estava um vulto de homem.

Era alto, magro, de cabellos pretos e barba á ingleza.

— Eu sou Castro Malta! disse-me elle, batendo no peito com energia.

Mas, nesse instant e porta da capella abriu-se e o outro appareceu terrivelmente embrulhado na sua mortalla.

— Ah! disse o segundo Castro, recuando de braços abertos, e logo em seguida cahiu para traz, sem sentidos.

No entanto, o da mortalla se aproximou de mim e pediu-me que não me assustasse, como o outro, e fizesse o obsequio de dizer si eu era o guarda do cemiterio.

— Não senhor, respondi—sou um simples parente de um morto que se enterrou hoje.

— Ah! exclamou o resuscitado. — E' parente de um collega meu, logo posso contar com o senhor!

E o ladrão dizendo isto nem parecia que tinha morrido na vespera e que por um triz estivera para ser mettido dentro da terra.

— Muito forte deve ser o espirito d'este sujeito, pensei eu, a vel-o sorrir defronte de mim, como si nada lhe houvesse acontecido de extraordinario.

Não me pude conter e perguntei-lhe se havia ficado impressionado com o que lhe succedera.

— Não, disse-me elle muito naturalmente.—E ate estimei a minha supposta morte. De aqui a pouco lhe direi a razão porque. Si o senhor está resolvido a dar-me hospitalidade por esta noite, eu lhe contarei a minha historia e verá o amigo que, nem só não devo estar triste em ter resuscitado, como tambem não deveria ficar si tivesse morrido de veras.

— Bem, respondi.— Leval-o-hei comigo para casa, tenho interesse igualmente em conversar com o senhor.

Interrompemos, porém, a conversa, para cuidar do sujeito que perdera os sentidos. O da mortalla abaixou-se, apalpou-lhe a testa e os pulsos, e exclamou depois:

— Ora esta!

— Que é? interroguei.

— Pois você acredita? Este homem não se lembrou de morrer?...

— Morreu?

— Ora! Creio que até já fede! Este já não gustará mais farinha!

E voltando-se de todo para mim:

— Isto é o que se chama fortuna! A minha sahida do cemiterio, depois de estar inscripto nos livros dos mortos, iria talvez produzir grandes revoluções no outro mundo! Assim deixo alguém no meu lugar!

— Vae deixar esse homem no seu lugar?

— Certamente, e eu seria um asno se não aproveitasse a boa vontade com que o pobre rapaz morreu! Vou trocar o meu lugar com o d'elle. Eu era defunto e tinha uma mortalla; elle um vivo e tinha roupa, relógio e talvez dinheiro. Trocamos. Elle fica sobre a minha mesa de pedra e eu vou para a mesa do restaurant que o esperava. Já vê que não sou tão caipora, principalmente se attendermos para o facto de que o meu protector tem a minha estatura e que o seu ehapéu me serve.

Dizendo isto, o resuscitado collocára na cabeça o chapéu do outro, que apanhára do chão e, agora, de quartolla e amortalhado como estava, tinha alguma coisa de comico e de horrivel.

A graça é que eu, desde que me puz a frontal-los, achava-os igualmente parecidos com a photographia que me dera a Jeannite.

— Bem! tratemos de trocar as fatiotas, acrescentou o resuscitado, despindo o outro.

E, d'ahi a uma hora, o novo Castro Malta, competentemente amortalhado, ficava estendido sobre a mesa da capella; ao passo que o outro sahia do cemiterio pelo meu braço e dizia-me em ar de graça, consultando as algibeiras:

— Relógio, corrente de ouro, cincoenta e tantos mil reis em dinheiro e livre, livre como as azas. Mas de tudo isso o que eu herdei de melhor d'aquelle santo morto, foi este objecto!

E mostrou-me um cartão que tirára da carteira.

— Um cartão de visita?

— Sim. De hoje em diante já não existo para os meus credores e para os meus inimigos. Morri! Este que aqui vae pelo seu braço, chama-se...

E lendo o cartão:

— João Alves Castro Malta.

E acrescentou, fazendo parar um carro que passava:

— Durante a viagem lhe contarei tudo.

Sou de V. S.

Attº crº. e venºº.

...

TRATOS Á BOLA

D'esta vez recebemos seis cartas contendo decifrações.

Antes não as recebessemos! Muito mais prazer teríamos em repetir os *Tratos á bola* do que em receber as taes seis cartas, lè-as uma por uma, e... perder o nosso preciosissimo tempo.

Pódem limpar as mãos á parede, senhores charadistas! Que fiasco! Que papel! Que figura! fizeram os senhores. Santa Barbara!

Nunca pensámos que dessem tão máus tratos aos *Tratos!* Nunca: palavra de honral

Decididamente, se as cousas continuarem assim, em vez de cuidarmos com verdadeiro interesse dos *Tratos*, seremos obrigados a enche-los com *dificuldades* d'esta ordem:

1—1—Metade de rato, metade de gato: come queijo.

Seis cartas... e nenhuma decifração exacta!

Ora isto!...

Emfim... para que os senhores não fiquem zangados com *D. Pastel*, vamos apontar os seus erros como um pedagogo pachorrento.

O Sr. *Mysticus* nos disse que em negocios de charadas e zero. Tem toda a razão: é mesmo um grande zero. Se não sabe decifrar, procure quem lhe ensine, e não nos faça rir á sua custa—mandando decifrações impossiveis e pulhas. O engraçado é que ainda por cima, chama as nossas charadas de *duvas!* Duro é elle!

O Sr. *Caleçon*, de Minas, errou na terceira das telegraphicas, no anagramma geographico e no poetico.

A Sra. *D. Paula A. Magalhães* errou tambem nos mesmos lugares e nada disse sobre o embroglio.

O Sr. *José Manuel da Silva* sómente nos mandou a decifração do anagramma geographico. Se queria abiscoitar o rico premio, decifrasse tudo o que houve nos *Tratos*.

O Sr. *Galdino Banquete* errou na terceira das telegraphicas e no anagramma poetico.

A Sra. *D. Empadinha (?)* errou no anagramma poetico e na charada em soneto. Que vergonha!

Eis aqui, senhores *fascudos*, as decifrações:

Do embroglio:

Eu era mudo e só na rocha de granito.

Por sobre a minha fronte a sombra do infinito...

Das telegraphicas:—*Chalaza, Porta e Loto.*

Do anagramma geographico:—*Amazonas, Paraná, Piauí, Rio de Janeiro, Sergipe e Ceará.*

E aquelles senhores a darem com o Pará. Qual Pará! Que sympathia exquisita, a dos amiguinhos, pelo Pará!

Do anagramma poetico:—*Luiz Delphino, Raymundo Corrêa, Theophilo Dias, Luiz Murat, Alberto de Oliveira, Assis Brazil e Valentin Magalhães.*

Da charada em soneto:—*Bombacha.*

Viram?... Pois agora envergonhem-se!

Para hoje temos, para principiar, a seguinte extraordinaria novidade:

BENEDICTINAS.

Assim denominou o nosso excellent collaborador *Frei Antonio* a uma especie de charadas de sua invenção, as quaes, por sua extrema difficuldade, requerem uma paciencia benedictina.

Vamos explicital-as.

Aqui tem os senhores uma benedictina:

« Decifra: Caça, paty, soldo. »

Ao contrario de todas as outras, o conceito d'estas charadas vem no começo, é sempre a primeira palavra, e deve constar de tantas letras quantas as que tem a palavra da decifração. Assim, no exemplo dado o conceito é *Decifra* e a decifração tem sete letras, tantas quantas o conceito.

Para decifrar intercala-se um monosyllabo no meio de cada uma das palavras dadas, sem cortar syllaba.

Assim, no exemplo intercala-se á palavra *caça* a syllaba *cha*: teremos *ca-chaca*; á palavra *paty* a syllaba *pa*: teremos *pa-paty*; e á ultima palavra, *soldo*, a syllaba *da*: teremos *soldado*.

Unam-se agora as tres syllabas intercaladas encontrar-se-ha: a palavra *charrado*. E está decifrada a que demos para exemplo das *benedictinas*.

Agora apertem-se com esta:

« Ardenlo: *Catão, cito, bata.* »

E' força confessar que é muito bonita esta nova especie.

Agora este

LOGOGRIPO

(Por letras)

E' provincia brasileira—1,2,3,4
Onde se faz oração—2,3,4
De montanha sobranceira—11,12,13
Mais bojudo que um barão—7,8,1,2
Veio este peixe gostoso—7,8,9,12,13
Outra provincia das nossas—1,2,3,4,5,6
Finda o prazer, finda o gozo—9,10,11,12,13
Bicho que salta nas poças—3,4,5
Ave de plumas vistosas—6,3,9,3,2
Onde a gente mata a sede—12,8,10,2
Sobre as aguas marulhoas—12,11,3,10,2
A que um banho a gente pede—12,6,10,8,2
Com esta por sobre os hombros—10,4,7,13
Vou devorá-la com pão—7,13,1,4
E vou caçal-a aos escombros—1,6,10,13
Dos montes d'este barão.

TELEGRAPHICAS (*)

1-1—Polpa de linho.
1-1—Calma é panno.
1-1-1—Patada de navio.

TIBURCIANAS (**)

1-1-2—Da contracção da Polonia e de uma ave resulta um guerreiro.
2-1—Acima, acima, e acima.

ANTIGA

Sou sempre encontrada
Na frente de alguém—1
Servindo de base,—1
De lingua tambem—2

Conceito

Eu fui arrastado
Pelo mundo inteiro,
Levava-me um velho
Feio e forasteiro.

PREMIOS

Ao primeiro decifrador exacto damos o premio já offerecido no n. 7: um exemplar dos *Nocturnos* de Gonçalves Crespo, luxuosamente encadernado. Ao segundo um exemplar do delicioso tango « *A Semana* — 100 reis! » ultima novidade musical.

Srs. claradistas, vejam se fazem com estes *Tratos* o que fizeram com os do n. 7; ha de ser muito bonito!

Os premios são convidativos como dois bellos olhos de morena.

Um pouco de engenho e arte e terão conquistado os olhos... quero dizer: — os premios.

E até sabbado, meus senhores.

D. PASTEL.

Recebemos:

— *Bom dia*; polka para piano pelo professor Henrique Rody Corrêa. Gentil pianista, a quem offerecemos o nosso exemplar para ver que tal era o *Bom dia*, diz-nos que é muito *chic* e que faria dansar o proprio Santo Antonio.

— *Revista Illustrada*; n. 401. Texto e desenhos interessantes, mas tratando de assumptos passados. O lapis do Angelo fez diabruras a proposito das manifestações politicas e do caso Malta.

Achamos graça nas caricaturas, mas pedimos-lhes licença para observar-lhe que este numero da *Revista* é um verdadeiro « pateo dos bichos ». Macacos, gatos, burros, camellos, tintureiras...

(*) Esta especie foi explicada em o nosso n. 5.

(**) Foi explicada esta especie em o nosso n. 6.

Só faltou o *Frei Thomas Pachidrome*. Pareceu-nos pilheria injusta e pouco delicada passar diploma de burros e camellos aos illustres membros da commissão de peritos.

E demais—está tão surrada esta chapa de cabeças asininias l...

— *Mequetrefe*; n. 365. Bem bom. A pagina *Entre dois balcões* tem graça e está bem desenhada. Agradecemos ao espirituoso *textista* as seguintes palavras com que recebeu o nosso 6º numero: « *A Semana* é a revista litteraria que actualmente se lê com mais satisfação. »

— *Vespa*; ns. 5 e 6. Bravos! Andar assim é bom andar. Texto excellente, caricaturas cuidadas e chistosas. Aquella piada com o cupido velho, « que tem pansa e pinta o bigode » é bastante feliz.

— *El echo de Espana*; ns. 1, 2 e 3, órgão dos interesses da colonia hespanhola no Rio de Janeiro.

— *Andréa, a feiticeira*; drama em 1 prologo, 4 actos e 6 quadros, extrahido de uma das obras primas de Emilio Richebourg, por Adrião de Castro.

— *A Republica*, versos por H. Freire Junior.

— *Mariposas*, poesias de Alfredo Rocha, (natural da Bahia). A' secção *Poesia e Poetas*.

— Relatorio e synopse dos trabalhos da camara dos Srs. deputados na secção do anno de 1884, organizados na secretaria da mesma camara.

— *A Distração*; n. 19—Muito distractiva.

— *O Raio*; n. 2.—Começa assim o artigo de fundo:

« A sociedade d'esta capital está debaixo d'aquella impressão, duvida ou pavor que *evadio* a côrte de Balthazar quando appareceram aquellas *fatidigas* palavras: *Mané Thécel*, etc. »

Parece incrível, seu *Mané*!...

— *O Ensaio*, anno I, n. 6. Redactores M. Castagnino, A. Leite e F. Silva. Interessantes artigos; impressão esplendida.

TITANIA

Vamos, minha bella rainha.

SHAKESPEARE.

Titania, ao lado o Rei que aos Elfos manda, assoma Na floresta encantada, á luz da lua. « Abri-vos, Ramos verdes! De flôr de penetrante aroma, Móveis arcaes festões, vendo-a passar, cobri-vos!

Em alas, troncos mil de virilante coma, Onde em fôfo aranhol de abroçados crivos Brilha o orvalho, que a luz das finas pedras toma... Eis Titania! De pé, meus válidos captivos! »

Tal a voz de Oberon vai proclamando, e, em cheio Da trompa, que da cinta elle suspende e embôca, Esfuzia, e desperta o grande bosque, em meio

Da noite. Enquanto a lua enorme espelnde; e a gruta Louge as letras do canto apaixonado avoca, Abre o onvicio de pedra e attentamente escuta.

ALBERTO D'OLIVEIRA.

Foi nomeado em dias deste mez inspector geral da instrucção publica o Dr. Emygdio Victorio da Costa. E' caso para se felicitar sinceramente a instrucção publica e o governo, por haver feito tão acertada nomeação.

CORREIO

SR. CARMO GAMA.—A sua poesia *O porvir* não é boa, nem soffrivel, nem má; é (tenha paciencia)—pessima.

O Senhor, pelos modos, escreve versos ha muito tempo. não é?

E... se não os escrevesses mais não seria tão bom?

Não seria?

SR. BOCAGE FILHO.—Lemos os—*Teus bordados* e como somos inimigos das imitações não publicamos o seu soneto. Mande cousa mais original e menos suja.

SR. GALDINO BANQUETE.—O seu *triolet* é damnado. Coitadinho! tão ruim, tão ruimzinho que faz dó.

Decididamente quem tem *banquete* por appellido não pôde escrever nada que preste.

Mude de rumo e de vida. Mas conserve o appellido que é... succulento.

SR. OSTRALAPIS.—O senhor além de nos atirar umas phrasas em latim, deseja saber de que morreu o Neves...

Pois vai sabel-o, seu *Ostra*:

O Neves morreu d'esta molestia, que é tambem o seu mal—*Camellorite* aguda.

Está satisfeito?

Se não está, pôde ir fazer... palitos, que é muito melhor.

CONSULTAS

A' consulta medica que nos enviou o Sr. Joaquim Marques de Oliveira, deviamos responder por carta, como costumamos; tendo porém S. S. esquecido indicar na sua carta a residencia do consultante e não podendo nós descobri-la, publicamos em seguida a resposta, dada por um dos distinctos facultativos aos quaes está confiada a ardua tarefa de responder ás consultas medicas.

Eis a resposta á

Consulta medica

Consultaram-nos sobre o tratamento que deverá seguir um individuo de 66 annos de idade, e que tem já usado, ha muito, de grande numero de medicamentos, sem obter resultado satisfatorio.

Na descripção que nos enviaram começaram por declarar que a molestia do individuo é uma *cystite*.

Não podemos responder immediatamente á consulta porque achamos de utilidade fazer umas ligeiras perguntas, para que fique bem firmada a questão e por consequencia racionalmente aconselhado o tratamento.

Existirá, com effeito, uma *cystite*? A ser assim, qual será a sua causa? Limitar-se-ha ao collo da bexiga, ou será geral?

Pela narração que temos sobre a mesa de trabalho não nos é possível determinar se realmente se trata de tal affecção; porque, se nos fallam nas perturbações da urina, na dor do hypogastro e em alguns symptomas para explicar a molestia,—e a que os profissionaes chamam *symptomatologia geral*;—faltam-nos, entretanto, outros que são importantissimos.

Não temos elementos para recisar-lhe a causa, pois que só a exploração da *urethra*, da *prostata* e da *bexiga* nos poderiam guiar, assim como nos achamos tambem diante da dificuldade de dar uma verdadeira solução ao terceiro problema, porque nenhum profissionario ignora que as *cystites do collo* têm alguns caracteres especiaes.

A *dôr*, que nos citam, tornar-ha mais intensa no fim da micção? Notar-se-ha nas ultimas gottas da urina a existencia de sangue ou de pus? O doente será atormentado por *tenesmos vesical* ou *rectal* e haverá retenção de urina?

A' primeira vista parecerá a quem

nos consulta que estas interrogações não têm o menor valor, desde que o seu fim principal é saber se haverá ainda na therapeutica mais algum medicamento capaz de trazer a cura do doente, ou melhora-lo, pois que nos faz sciente do grande numero de remedios de que tem feito uso, na convicção de ser uma *cystite*.

Assim, porém, não acontece.

As respostas ás consultas dirigidas á *Semana*, devendo ter o caracter serio e valioso que costuma acompanhá-las, necessitam de bases solidas e verdadeiras para terem uma solução de merito.

Como poderá um clinico fazer a prescripção ao seu doente, sem elementos claros e precisos para o diagnostico da molestia?

Se o espirito do pratico, ainda o mais encanecido na sciencia, oscilla muitas vezes perante a mais simples affecção; se ha d'esses embaraços no reconhecimento de uma lesão qualquer, o que não será para aquellas cuja symptomatologia não é bem esclarecida e nada apresenta para um juizo certo e seguro?

Na clinica põe o medico em contribuição todos os conhecimentos adquiridos pelo estudo das diversas sciencias e tem ainda de attender a um sem numero de circumstancias, para chegar a uma verdadeira apreciação dos symptomas, que na phrase feliz de Galeno, acompanham a molestia *sicut umbra sequitur corpus!*

Suppondo ser uma *cystite* a molestia de que se trata, a medicação deverá preencher diversos fins:

« Fazer desaparecer *calculos, estreitamento da urethra*; o que é uma indicação capital.

« Oppôr-se á parada da urina na bexiga.

« Acalmar a intensidade da inflamação.

« Modificar o estado da mucosa.

« Não fatigar a bexiga.

« Acalmar as dores.

« Prevenir a decomposição da urina na bexiga. »

Como se vê, portanto, a consulta que nos dirigiram é cheia de difficuldades, e acreditamos mesmo que só na presença do doente é que poder-se-ha chegar ao conhecimento da molestia, e então, depois de minucioso exame instituir a medicação que lhe convém.

O nosso amavel consultante não deve ignorar que, se ha consultas facéis, a que se pôde responder promptamente, ha outras que são como esta.

Concluindo, pedimos que, ao nos dirigirem d'estas perguntas, se esforcem por esclarecel-as o mais que puderem.

DR. HENRIQUE DE SÁ.

A' consulta juridica do Sr. José Queiroz de Lima respondemos por carta no dia 19 do corrente, enviando-lhe juntamente a cópia da procuração pedida.

Mais uma vez rogamos a todos os Srs. assignantes que nos honrarem com as suas consultas o obsequio de indicarem precisamente a sua residencia, a data e o nome do consultante.

E' indispensável que as consultas sejam feitas com a maxima claresa e minuciosidade, affim de que possam obter a devida resposta.

ANNUNCIOS

Externato João de Deus

Aulas primarias e secundarias

60 — RUA SETE DE SETEMBRO — 60

TISICA PULMONAR HERVA HOMERIANA



Remedio poderoso e eficaz para a cura da **tuberculose pulmonar chronica** e de todas as molestias do pulmão e da garganta, licenciado pelo Ministerio dos Negocios do Imperio e approvedo por muitos governos e juntas de hygiene da Europa, que fizeram obrigativo o uso da

HERVA HOMERIANA

nos respectivos hospitaes.

E' usado tambem nesta corte, nos hospitaes da Sociedade Portuguesa de Beneficencia, da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, de Marinha e Ordem Terceira de S. Francisco de Paula e na Santa Casa da Misericordia da cidade de Rezende.

Unico agente para o Brazil **CARLOS BERTINI**, com deposito geral á rua do Senado ns. 16, 18 e 18 A.

Vende-se tambem nas principais drogarias e pharmacias da corte e das provincias.

A SEMANA

Accepta annuncios nas seguintes condições:

Nas ultimas paginas, na secção propria, a 25 cada um dos quadrinhos. Intercalados no texto, entre os artigos de redacção, 500 reis a linha. Em logar especial, de inevitavel leitura, 15 a linha.

DIARIO MERCANTIL

PROPRIEDADE DE UMA

ASSOCIAÇÃO DE COMMERCANTES

DE

S. PAULO

Redactores: Gaspar da Silva e Léo d'Afonseca

O **Diario Mercantil** é actualmente uma das folhas de maior circulação nas provincias de S. Paulo e Minas, offerecendo por isso grande vantagem aos annunciantes.

Correspondentes especiais em todas as localidades importantes da provincia de S. Paulo, e bem assim no Ri de Janeiro, em Lisboa, Coimbra e Pariz.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á empresa do **Diario Mercantil**, caixa do correio n. 21. S. Paulo.

119

RUA SETE DE SETEMBRO CASA DO AYRES

Os proprietarios d'este estabelecimento aannunciam os seus freguezes e ao respeitavel publico que mudaram-se da rua do Carmo n. 22, para á rua Sete de Setembro n. 119, aonde esperam merecer a mesma protecção que sempre lhes dispensaram, continuando a vender suas fazendas por preços baratissimos.

Chitas francezas, metro 200 rs.

Oxford encorpado, metro 200 rs.

Saias de chita, uma 18500.

Ditas de popeline de seda, uma 38000.

Grande quantidade de lã e seda para vestidos, metro 500, 600 e 800 rs.

Brim branco de linho trançado, para calça, metro 18500.

Dito de côres, metro 600 rs.

Cassinetas enfiadas, para roupa de homens e meninos, metro 28000.

Merinós pretos superiores, metro 18, 18500, 28 e 28400.

Ditos de côres, grande sortimento, metro 18800.

Damassé branco, superior, metro 900 e 18000.

Setinetas lisas e lavradas, metro 800 rs.

Setim listrado, alta novidade, metro 18800.

Percalines, alta novidade, metro 700 rs.

Percalines e chitas em cretonne, metro 400 e 480 rs.

Lãs e seda, novidade, metro 1800.

Fustão branco de cordao, metro 700 e 900 rs.

Cretonne francez, para lençoes, metro 800, 18, 18200 e 18450.

Filo muito largo, para cortinados, metro 28800.

Crochet para cortinas e cortinados 18 e 28000.

Velludinho de todas as côres, metro 28000.

Peças de musselina branca, a 48000.

Nanzouk muito fino, metro 800, 900 e 18200.

Morim e algodões

Peças de morim, a 18000.

Ditas de cambrinha, a 18500.

Morim encorpado de 40 jardas, por 108000.

Dito especial para camisas, peças com 30 meiros a 48500, 58, 68 e 78000.

Dito trançado superior, peça com 20 metros, a 118000.

Dito fino especial, peça 88000.

Peças de algodão, a 18200, 18800, 28, 28400 e 38000.

Algodão enfiado para lençoes, peça 58, 78, 88500 e 98500.

Dito trançado para toalhas, metro 18.

Atoalhado para mesa, metro 18400 e 18900.

Dito de linho branco e de côres, metro a 28800.

Colchas brancas acolchoadas, a 78 e 88000.

Ditas brancas e de côres, com franjas, a 38, 48 e 58500.

Guardanapos grandes, duzia 78 e 98.

Meias para homens, ditas pana senhora, ditos para meninas e meninos, grande quantidade.

Lençoes de linho de todos os preços.

Camisas de linho para homens, caixa com meia duzia, a 98 e 288000.

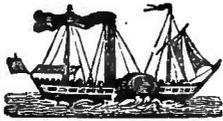
Enxovaes para baptisados, a 98, 128, 158 e 208000.

N 119

RUA SETE DE SETEMBRO

ENTRE A RUA DA CRUGUAYANA E TRAVESSA DE S. FRANCISCO DE PAULA

Martins Teixeira & C.



ARMARINHO YPIRANGA

LEÃO HORACIO & C.

37 Rua Sete de Setembro 37

QUASI EM FRENTE A' RUA NOVA DO OUVIDOR.

Modas e Novidades

Artigos diversos

TUDO A PREÇOS BARATISSIMOS

Remettem encomendas para o interior e vendem em porção e a varejo.

LIVROS NOVOS

Acceptam-se neste escriptorio assignaturas para os seguintes livros, que proximamente virão a lume:

SONETOS E POEMAS

um volume de 200 paginas, por Alberto de Oliveira.

SONETOS DE TODA A COR

um volume de cerca de 200 paginas, por Henrique de Magalhães, com uma introdução do grande poeta brasileiro Luiz DELFINO.

AURORAS

poesias de Alfredo de Souza.

O preço de assignatura para qualquer d'esses livros é de

2\$000

AQUARELLAS

versos de Filinto de Almeida. — 3\$000.

DIARIO MERCANTIL

PROPRIEDADE DE UMA

ASSOCIAÇÃO DE COMMERCIAENTES

DE

S. PAULO

Redactores: Gaspar da Silva e Léo d'Affonseca

O **Diario Mercantil** é actualmente uma das folhas de maior circulação nas provincias de S. Paulo e Minas, offerecendo por isso grande vantagem aos annunciantes.

Correspondentes especiaes em todas as localidades importantes da provincia de S. Paulo, e bem assim no Rio de Janeiro, em Lisboa, Coimbra e Pariz.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á empresa do **Diario Mercantil**, caixa do correio n. 21, S. Paulo.



“A SEMANA” --- 100 RS.

DELICIOSO TANGO

COMPOSTO E OFFERECIDO POR

Ernesto de Souza

conhecido [auctor do tango **Setim**, e de outras applaudidas musicas, á redacção d'**A Semana**.

Vende-se no escriptorio desta folha, a

1\$000

RESTAURANT VOLTAIRE

29 Rua da Uruguayana 29

Almoço \$800

Jantar 1\$000

SERVIÇO ASSEIADO E PROFUSO

Parece incrível que por tão modestos preços se possa comer tão bem! Pois venha verificá-lo, quem duvidar, á

29 RUA DA URUGUAYANA 29

RESTAURANT VOLTAIRE

A Semana

Accepta annuncios nas seguintes condições:

Nas ultimas paginas, na secção propria, a 2\$ cada um dos quadrinhos. Intercalados no texto, entre os artigos de redacção. 500 réis a linha. Em logar especial, de inevitavel leitura, 1\$ a linha.

CASA DO AYROSA

10 RUA SETE DE SETEMBRO 10

Fazendas e modas, roupa feita e armarinho

A SEMANA

Publica-se aos Sabbados

POR TRIMESTRE :

Dentro e fóra da capital:
28000 rs.

DIRECTOR — VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO

NUMERO AVULSO

Do dia 100 rs.; atrazado
200 rs.

Não se restituem originaes, embora não publicados.

SUMMARIO

Historia dos sete dias — Moralidade da Imprensa, *Regazzoli* — A Semana, 400 reis! — *L'Italia* — Bolos, *Chico Ferula* — A Janella e o Sol, soneto, *Alberto de Oliveira* — A convalescente, *D. Pinto* — Magoas, soneto, *Filius d'Almeida* — Iluminauras, *Julia Lopes* — Terremotos — Mattos, Malta ou Matta? (Novas revelações) — Kermesse no Polytheama — Parvaso Alegre, *Filindal* — Theatros — Poesia e poetas, *Udo* — Algumas definições, *Frei Antonio* — Banquete em S. Paulo — *Barbosa Rodrigues* — Catastrophe, *Barão Reclame* — Tratos á bola, *D. Pastel* — Caso espantoso — Recebemos — Correio — Factos diversos — Declarações — Anuncios.

A SEMANA

Rio, 28 de Fevereiro de 1885.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Terremotos em Andaluzia; eis o assumpto que encheu a semana e promete estender-se por todo este mez e boa porção do seguinte.

A execução do programma organizado pela Imprensa para socorrer os milhares de victimas das consequencias da tremenda catastrophe occupou de tal modo a attenção publica, interessou tão vivamente a população, que todos os outros acontecimentos da semana foram regeitados á sombra da obscuridade pela poderosa e vibrante fulguração d'esse grande facto. Nem o rumor levantado pela noticia de accórdão do Egregio Tribunal da Relação (estyllo de appellante... ou de appellado) que não tomou conhecimento da appellação interposta da sentença absolutoria do *Calças Largas* embora com o fundamento d'esse accórdão não houvessem concordado alguns desembargadores; — nem a eleição municipal, de que se esperavam cousas do arco da velha e em que Fagundes foi o terceiro a ser distinguido pela soberania do municipio e foi o primeiro a renunciar com dignidade e heroismo catonico a essa distincção e alta honra, acto que merece as nossas mais arden-tes felicitações em nome do municipio e da nação; — nem o roubo no Consulado portuguez, que tanto deu que fallar e tantos comentarios provocou e está provocando; — nem a alta politicagem da camara baixa, onde se preparam neste momento os legisladores do futuro que têm de defender os subdelegados da Madre de Deos e accusar os juizes de

paz do Angú; — nem a espantosa noticia da descoberta de que existiam mais de trezentos escravos no Ceará, termo dos Milagres, estupefaciente milagre que deixou de cara á banda todos os que no anno passado gastaram o mellhor dos seus pulmões e da sua rhetorica em festejar a libertação completa da terra da luz; — nem a noticia de que na ilha de Fernando de Noronha foram mortos onze mil e sessenta ratos durante o mez de Dezembro, sendo de notar que lá não ha camara municipal, nem alfandega, facto esse, que levou o respectivo governador a pedir ao governo geral que se mude o nome da referida ilha, passando a chamar-se d'ora avante — Ilha dos Ratos, mesmo porque á que tem este nome aqui não cabe o direito de tal distincção — visto possuir uma quantidade d'aquelles roedores verdadeiramente insignificante e vergonhosa para uma ilha dos ratos que se prese, constando mesmo que já tem apparecido por lá varios gatos desamarrados; — nem a nomeação do Sr. ex-major Taunay para membro do Conservatorio de Parana-piacaba, em substituição do Dr. Moreira Sampaio, que se demittio; — nem mesmo a representação feita pelos fazendeiros do municipio de Campos e apresentada á camara dos deputados pelo Sr. subdelegado da freguezia do Espirito-Santo — commendadorissimo Malvino Reis, na qual — representação e não freguezia — os honrados agricultores pedem á camara que decreta e fixe o prazo de sete annos para extincção completa da escravidão no Brazil; o que significa, mais ou menos, que se a camara marcar, em vez dos sete annos pedidos, um prazo de quatro ou cinco, elles, por sua parte, se mostrarão contentes e satisfeitos — magnifico symptoma do progresso que no espirito dos lavradores sensatos e intelligentes vae fazendo a santa causa da abolição; — nenhum d'esses factos foi capaz de distrahir a capital da preocupação bem dita de socorrer a Andaluzia; nenhum d'elles nem todos junctos, podera apagar a impressão profunda e dolorosa que dominava o espirito publico desde a noticia desoladora da immensa desgraça que tem ultimamente assolado a formosa e senhoril Hespanha.

Todos os factos, todos os aconteci-

mentos, os mais inesperados e importantes, os mais graves e ruidosos, receíaram, empallideceram, sumiram-se ante o grande assumpto, o assumpto unico d'estes sete dias.

Ao convite da Imprensa, por iniciativa da cavalheiresca e illustrada redacção d'*O Paiz*, acudiram todas, ou quasi todas, as sociedades da côrte, beneficentes, carnavalescas, litterarias e re-creativas.

E em grandes reuniões dos delegados d'essas associações e dos representantes da imprensa resolveu-se que sahiria a esmolar no dia 22 um grande bando precatorio.

N'esse dia, com effeito, sahiu do parque d'Acclamação a percorrer as principaes ruas da cidade o immenso prestito civico, cuja noticia trazia de ha muitos dias alvoroçada a curiosidade publica.

Jamais presenciára a capital do imperio um espectáculo tão imponente e solemne, e é bem possível que tão cedo não tenha occasião de ver outro igual.

Descreve-o seria furtar todo o espaço d'*A Semana* aos outros assumptos que urgentemente o reclamam.

Além d'isso, elle foi minuciosa e longamente descripto por todos os jornaes diarios e nada teriamos de novo a accrescentar.

Limitamo-nos, por isso, a dizer que essa unanime, expontanea e extraordinaria manifestação de sympathia e de caridade prestada á Hespanha pela capital do Brazil, perdurará longamente na memoria de todos quantos tiveram a fortuna de presenciar-a.

Oxalá que a Hespanha venha a saber por que maneira foi aqui recebida a noticia das suas desgraças e com que entusiasmo e fraternal pesar a Imprensa e o Povo do Rio de Janeiro acudiram a minorar-lhe as consequencias terriveis!

E que o não esqueça tão cedo.

A totalidade das sommas recebidas e recolhidas dos varios gremios e numerosos cavalheiros que esmolaram no bando precatorio foi de 12:460\$710.

E os donativos até hoje entregues ao thesoureiro da commissão central da Imprensa subiram até hontem á quantia de—6:070\$340.

Calcula-se que depois de realizadas todas as festas e empregados todos os meios projectados e em via de execução

para colher esmolas para a Andaluzia, o Brazil conseguirá remetter á infeliz provincia hespaniola quantia superior a talvez trinta contos de reis.

Honra á nossa patria que sabe sentir as desgraças das suas irmans.

MORALIDADE DA IMPRENSA

CARTAS AO DIRECTOR D'A SEMANA

SEGUNDA CARTA

Meu caro confrade.

Sobre o assumpto da minha carta precedente acodem-me algumas reflexões que rogo a V. ler e consideral-as em additamento áquelle meu escripto.

O anonymo é invulneravel; o *testa de ferro* ataca, e, como unico desforço, oppõem-se-lhe meios indirectos de defesa, taes como a reputação de que se gosa, os precedentes, a sympathia, as presumpções favoraveis.

Nos processos criminaes, nas autuações, o anonymo é o recurso supremo para a descoberta e reconhecimento da verdade.

Algumas corporações, a maçonaria, por exemplo, tem por base e motor de seus dictames o anonymo.

O proprio representante da justiça, o que é mais, senão a personificação, a apothese do anonymo?

O papel do anonymo ou accusador é muito mais espinhoso e inglorio que o do accusado; porque este pode assumir o caracter de victima; emquanto que aquelle será alculniado de calumniador e conspurcador da honra alheia, se não provar as imputações levantadas; por isso é licito que o primeiro se subtraia ao labéo que o espera, adquirindo a maxima latitude e independencia, mediante a occultação de sua individualidade. E' innegavel que ha ou devem fixar-se limites ao emprego do anonymo, banindo-se, por exemplo, as questões particulares, de familia, pelo máu effeito e excesso de recriminações a que dariam lugar. E ainda estas soffrem excepções, toda a vez que os actos imputaveis e trazidos a lume possam aproveitar á sociedade.

Muitos d'esses actos escapam á sanção penal, e a revelação ostensiva e feita sob responsabilidade, póde acarretar grave transtorno e sacrificio a quem a faz; o anonymo então caracteriza a figura de Argos com a sua vigilancia de cem olhos.

Se é certo que é permitido fazer tudo o que a lei não prohibe, qualquer cidadão, em conseguindo illudir o seu alcance, imperio ou acção, commetterá os maiores desatinos.

O anonymo então é a ferula que imprime o castigo, o qual de nenhuma outra forma seria applicavel.

Se houvesse homogeneidade nas classes sociaes e existisse o vinculo de estima e amizade que aproxima as pessoas e as põe em contacto, o anonymo perderia a sua força e prestigio; prova-o a vida das sociedades do interior e dos agrupamentos harmonicos bem definidos e bem organisados.

No meio de um ingente amalgama de individuos, na sua maior parte adventicios, de mero apparato e eivados das mais extravagantes paixões e tendencias, que estranho é que campeie o anonymo, tendo por fim vituperar, expor, ridicularisar a este ou áquelle?

A base, o elemento vital, a unica aspiração de uma sociedade, como é constituída a d'esta cidade, é o interesse commercial, e toda a sua actividade e affan é reclamada e absorvida pela enorme vo-

ragem das necessidades diarias, que nada póde estancar.

O anonymo é o impulso insoffreavel que vibra essa mola—o interesse, excessivamente protracta e tensa; e supprmil-o importa o resurgimento de outros recursos, talvez mais deletereos e reprovados.

Os grandes centros de população, como Londres e Paris, não apresentam semelhante phenomeno por diversas razões:

1° Ha mais elevação de sentimentos e de criterio nos individuos;

2° ha unidade, e, por conseguinte, a ordem de esforços acha-se estabelecida e regularizada por uma marcha e desenvolvimento seculares;

3° a esphera em que cada um vegeta é minima em relação á do conjuncto, sobre o qual aquella não exerce influencia apreciavel;

4° o processo de transformação e o gravitar dos seus membros é methodico, previsto, racional e consequente;

5° refulge nas regiões elevadas um caudal de luz, que se manifesta pelos exemplos de moralisação e integridade;

6° não serpeiam entre seus habitantes instinctos de odio, de malquerenças, rivalidade e pirraça, fundadas na diversidade de origem e educação;

7° a religião existe ahí, bem ou mal, implantada nos corações, e comtudo de effeitos beneficos e pacificadores;

8° os grandes poderes tutelares da sociedade, como a justiça, a força publica, imperam desassombrados e scintillam rutilantes na consciencia de todos, como factos providenciaes, sem que nunca a insidia rasteira, a peita, ou considerações de qualquer natureza os deturpem e lhes imponham o jugo avassallador.

Eis uns tantos pontos que podiam servir de marcos miliarios na investigação das causas da existencia do anonymo, e por consequencia do *testa de ferro*, na imprensa do Rio de Janeiro.

Não quer isto dizer que em outras partes os homens não têmham seus defeitos, aleijões e mazellas a corroer-lhes as entranhas e a atribular-lhes a existencia. Talvez até superabundem e excedam aos d'aquí.

Mas é um facto irrecusavel, patente, que quando os postulados acima enunciados se acham todos a um tempo controvertidos e em pleno predomínio negativo, a sociedade onde tal emergencia se verifica, deve não só appellar fatalmente para o anonymo, mas inaugurar um tribunal, a exemplo do dos setembristas, que em pouco tempo deixou uma nação purificada e estreme das maculas e senões que a viciavam.

Valha-me a sua paciencia para attingir este ponto.

C. REGAZOLI.

« A SEMANA » --- 100 Réis !...

Sob este titulo acaba de nos ser gentilmente offerecido e dedicado um delicioso tango pelo applaudido compositor Ernesto de Souza. Não sabemos como agradecer-lhe tão preciosa offerta. Um dos nossos companheiros propoz que agradecessemos—Dançando-a.

Não pegou a idéa por não haver um pianno na redacção. Felizmente... para os visinhos.

Esperamos com fundados motivos que a nova composição do autor do *Setim* estará em breve sobre todas as estantes e a cidade nova em peso dansará com delicia...

« A SEMANA » — 100 Réis !...

Mais uma vez agradecemos ao Sr. Ernesto de Souza a sua gentilissima offerta.

L'ITALIA

Temos recebido regularmente este excellente jornal, escripto em lingua italiana, e de que é redactor o illustre engenheiro e escriptor italiano—Dr. Foglianni.

L'Italia é o successor e continuador d'*O Cosmopolita*, jornal que deixou uma bella memoria na imprensa fluminense pela maneira independente e artistica como era redigido.

O Dr. Foglianni, que já escrevia no *Cosmopolita*, continúa a revellar no *L'Italia* as suas notaveis aptidões de jornalista elegante e distincto, que sabe do seu officio e comprehende a sua missão.

Saudamos a sympathica folha italiana, agradecendo-lhe as delicadas expressões com que nos recebeu e felicitamos os italianos residentes no Brazil por terem um jornal digno da patria heroica de Garibaldi e Cavour.

BOLOS

No meio da semsaboria verdadeiramente desesperante em que se agita a população d'esta cidade dita heroica por antonomasia municipal, ataca a todos os chronistas o tedio de não terem de que fallar.

Felizmente, cá a *Semana* sempre tem para se divertir o excellente pabulo da *Folha Nova*, ás vezes o do amigalhaço *Escaravelho* e agora, por ultimo, o folhetinista C. de L., especie de general Boum sempre á cata do inimigo.

Já estamos tão affeitos a ver a colera olympica d'este intestino do *Pachiderme*, que não nos espantou o soberano desprezo com que elle no seu ultimo *Microcosmo* escreveu d'*A Semana*.

Quer saber o leitor amigo como elle appellidou a nossa folha? — Pois ahí tem: *Revista de Honolulu!* Depois diz que é lida sómente por treze pessoas, revisores inclusive. Mais abaixo declara que não é jornalista quem não pode escrever em *jornal de certa ordem*; e accrescenta: « *A Revista de Honolulu não serve... Ninguém a possui, ninguém a lê, ninguém a conhece. Responder-lhe, é fazer-lhe a esmola de uma celebridade que não merece.* »

*

**

Isto como pedanteria é obra acabada! Pimenta, que apenas escreve folhetins semanaes, mas que de facto é pofessor do collegio D. Pedro II, julga-se já pairando no setimo céu do jornalismo, e investido, coitado! do poder de dar celebridade a quem lhe parece! Quer elle dizer na sua, o enxovado, que não nos responde para não nos celebrar!

Façam-me o favor de admirar, de graça, este Herculano de cutliquê!

Meçam-lhe o orgulho que o desvaira por escrever n'um jornal de *certa ordem!*

Ahi o têm todo inteiro, na pata do *Pachiderme*, aos domingos.

*

**

C. de L. tem razão; afinal de contas, se considerarmos bem os factos, elle tem toda a razão. Nós, os taes da geração nova, que andamos para aquí a redigir *Semanas* e outras folhas de *ordem incerta*, somos umas bestas. Que diabo sabemos nós de sciencia, de poesia, de litteratura?

Quem quizer d'esses manjares finos e aristocraticos que vá lá ao *Cenaculo* estabelecido no ventre do *Mastodonte*, de que C. de L., como ficou dito, é o intestino.

Ahi sim. Alta litteratura e alta sciencia. Lá está C. de L. para empanturrar de archaismo e classicismo os ouvintes; lá está L. de C., o *Escaravelho*, ester-

corando as desovas da prosa de cordovão; lá está o Riancho para apanhar *cavaquinhos* e para as notícias descritivas, impressionistas e symphonicas do Paraná; lá está o primo Augusto com a provisão eterna de calimburgos para a critica municipal; e lá está o incomparavel Octaviano para engraxar o realejo da *Musa do povo* e arranjar sapatos para a progenie desvalida do conselho dos deoses, do synodo augusto do jornalismo marca maior.

Este Maximiano é ainda mais curioso que o outro das inhalações! Colocado, por amor da bilis que segrega e espirra, em um jornal de *certa ordem*, julga-se no pleno direito de espalhar celebridade á direita e á esquerda, quando lhe apronver, ou de a guardar e esconder quando lhe der na cabeça.

Mas esse procedimento sobre ser attentatorio do livre commercio, porque é um monopolio, é ainda capcioso por não ser equitativo.

Se Pimenta me dá licença, eu proponho-lhe uma idéa. Faça uma tabella dos preços da celebridade, depois de a separar por cathegorias, ou qualidades, ou numeros.

Que quando eu quizer, por exemplo, tres kilos da de n. 1, Maximiano me possa dizer promptamente que o preço é meia pataca.

Depois esparralhe-se por as alturas da oitava pagina e verá como chega a freguezia.

*
**

Quanto á insinuação que faz de que a *Semana* é pouco lida, estamos de accordo.

Nenhuma folha de feição litteraria é tão lida como os grandes jornaes de noticias e de annuncios. Isto não suppõe inferioridade; ao contrario. A *Revista Brasileira*, por exemplo, redigida e collaborada pelas suinmidades da litteratura nacional, não se pode sustentar muitos annos por falta de assignantes. Temos outro exemplo: No tempo em que o *Pachiderme* apenas tinha a gazetilha e as *Cartas de um Caipira*, a *Republica* era redigida pelos mestres do jornalismo contemporaneo—Quintino Bocayuva, Saldanha Marinho, Salvador de Mendonça e outros. No emtanto a *Republica* finou-se e o *Pachiderme* ainda hoje aharrota a estupidez indigena com o esparregado dos *a pedidos* e com a assorda domingueira de *C. de L.*

O publico nem sempre prefere o melhor.

A Folha Nova...

Não ha remedio senão applicar-lhe a logica da *Santa Luzia*. E' incorrigivel esta criança! Cada vez mais imbecil. Os infelizes cacographos que lhe amarram as pendurezas do noticiario, cada vez a compromettem mais.

« Respigar nos tolices. » é tolice. Dissemos-lhe isto no numero passado e ella respondeu-nos que prefere ser tola com os mestres a ser sahia... com a *Semana*.

Qual será o mestre a que se socorre a menina para lhe encampar o sollecismo?

Vamos-lhe apresentar tres que lh'o impugnem com a maior clareza:

— Faria, *Novo Dicc.*—*Respigar*, v. a. recolher as espigas que ficaram por segar; (fig.) tirar. colher todo o ganho, o lucro, ate por meios illegaes.

« Não só segavam, mas respigavam no povo o que ficava. » Fêo.

— Moraes, *Dicc.* Dá o mesmo significado. o mesmo exemplo de Fêo. e acrescenta:

« *Respigar* o demonio nas virtudes » privar-nos de todas.

— Aulette, *Dicc. Contemp.*—*Respigar*, v. intr. recolher as espigas, etc., etc. (Fig.) Fazer colheita ou selecção do que ha mais digno de aproveitar-se; Andou respigando nos classicos as expressões mais felizes.

Ainda em Faria.—*Respigador*, homem que respiga as searas ceifadas, etc., etc.

*
**

Agora apresente a menina os mestres com quem prefere errar. Não é bastante affirmar que os mestres commettem sollecismos de tal natureza; é preciso provar-o.

Aguardamos, pois, a prova e pela terceira vez lhe enviamos o nosso n. 6.

*
**

Vamos a outro ponto.

Em uma noticia que sob o titulo *Selvageria* deu no seu numero de 25, e em que narra a fugida de uma preta que era barbaramente castigada pela senhora, diz a *Folha Nova*: « e hontem fugiu de casa completamente nua com o corpo cheio de feridas antigas e recentes, além de outros ferimentos occultos. »

Peço-lhe encarecidamente que me explique como podia haver ferimentos occultos se a rapariga estava completamente nua!

Esta faz-me lembrar um annuncio que o antigo palhaço Augusto, do velho Circo Olympico, costumava ler nos espectaculos:

— « Foi encontrado hontem a boiar na rua Direita o cadaver de um homem branco. Pela falla conheceu-se ser inglez. Estava completamente nu e tinha uma faca no bolço. »

Tambem desta vez não passaremos sem fazer um pedidinho ao illustre *Quidam*, o *Escaravato*, denodado filho do senhor seu pae para gloria da familia e honra da patria.

Diz este interessante menino, no seu ultimo folhetim, que não tem a petulancia de negar que o *Crime do Padre Amaro*, de Eça de Queiroz, esteja *primorosamente* escripto (O grypho é d'elle); que reconhece talento no insigne romancista portuguez, « mas que não de permittir que lhes diga que esse talento, Eça de Queiroz o emprega mal. »

Agora o nosso pedido:

E' preciso que *Quidam* se compadeça d'Eça. Faça-nos, pois, o favor de lhe mandar dizer como é que elle hade empregar bem o talento. *Quidam* tem reformado e emendado e corrigido uma porção de peças francezas; não lhe será difficil agora dirigir-se ao Sr. Eça, dizendo-lhe como deve elle escrever o *Primo Basilio* e como deve tambem refazer mais uma vez o *Crime do padre Amaro*.

Juntará *Quidam* mais uns conselhos de critico reformador, no sentido de dirigir o transviado talento do illustre estylista, tão mal empregado em obras como as citadas. Diga-lhe, por exemplo, se assim o entender, que elle empregue o seu talento... no commercio, demonstrando-lhe as vantagens inherentes a tal emprego, em que Eça pôde abixar os seus cincoenta mil reis por mez, casa e comida.

O que lhe não podemos garantir é que Eça de Queiroz tenia a bondade evangelica de prestar attenção a qualquer *quidam*.

Em todo o caso é bom tentar, e o pedido ahí fica, feito em nome da salvação das letras portuguezas, que são tambem as nossas, embora contra este asserto proteste a prosa de *Quidam*.

CHICO FÉRULA.

A JANELLA E O SOL

« Deixa-me entrar, dizia o Sol. Suspende a cortina, soahre-te. Preciso De estudar essa luz que o sonho accende No seu dormido virginal sorriso.

Dá-me uma fresta só do paraizo Vedado, se o ser n'elle inteiro offende... E eu, como o eunucho, tremulo, indeciso, Ver-lhe-hei o rosto que na Sombra esplende. »

E, fechando-se mais, zelosa e firme, Respondia a janella: « Ah! que estovado! Eu deixar-te passar! eu, nescia, abir-me!

E essa que dorme, Sol, que não diria Ao ver-te o olhar por trás do cortinado, E ao ver-se, a um tempo, desnudada e fria! »

ALBERTO D'OLIVEIRA.

A CONVALESCENTE

POEMETO EM PROSA

Depois de quinze dias de sustos angustiosos e desesperos atrozés, era aquelle o primeiro em que se levantava da cama. Caliu doente logo na primeira noite do casamento, preza d'uma febre nervosa agudissima.

Agora ia melhor; muito fraquinha ainda... O noivo levava-a docemente a passear pelo jardim florido, a respirar a atmosphera pura e fragrantada da manhã. A noiva deixava-se conduzir com delicias, os olhos semi-cerrados, e as faces se lhe tingiam d'uns laivos de sangue: sangue empobrecido e dessorado. Elle parecia distraido; tão serio, tão grave, tão recolhido era o seu ar.

Afinal, sentaram-se em um baneo, debaixo d'uma grande arvore, ouvindo o fresco rumor da agua. Elle continuava, no emtanto, abstracto, perdido ao longe em scismas que se revelavam unicamente por um brilho mais intenso do olhar. Subito, enlaçou-a com força, n'um affago quasi brutal, e, beijando-a soffregamente na face, disse-lhe qualquer cousa ao ouvido.

Ella corou deveras, e levantou para elle os olhos supplices.

Elle sorriu-se, vaidoso um tanto d'aquella timidez d' criança, e deu-lhe outro beijo, d'esta vez na testa: um beijo amavel e eondescendente...

D. PINTO.

MAGUAS

« Triste o que espera, triste o que confia. »

CAMÔES.

Só por não ser conforme a meu cuidado Desfecho contra mim Amor as seltas, Acertando em feridas tão secretas Que elle nem mesmo as vira desvendado.

Pois que me sendo tão desaffeiçoado Em mim não pôde achar feições dilectas, Obras não buscarei eu mais completas Mais que as obras que tenho praticado.

Te redobradas ancias me apoquento, Uso commigo mesmo tyrannias, A engrandecer meu mal mais mal invento!

Os annos passam com o passar dos dias... Morta a esperança, resta ao pensamento Maguas, só maguas e melancolias.

Janeiro 7, 1885.

FILINTO D'ALMEIDA.

ILLUMINURAS

AS LAGRIMAS

Pouco antes de morrer tinha ella na mão a petala concava de uma rosa branca, em que docemente brilhava uma gotta de orvalho.

— Vê, mamã? treme e não cabe!

Que limpidez, que transparencia, olhe, repare como reflecte, assim o azul, e assim o escarlate...

Desde que venha do céu, a mais pequena cousa espelha o infinito!

N'esse momento levantou os olhos e viu nas faces pallidas da mãe, duas gottas de pranto.

Tornou-se pensativa, e com voz tremula:

Não quero essas lagrimas!...

— Mas por que as fitas tanto, meu amor? perguntou-lhe a mãe, sorrindo com esforço, e ella respondeu:

— Porque me vejo n'ellas.

Viriam tambem do céu?

Vinham do coração.

JULIA LOPES.

TERREMOTOS

(AVISO À NATUREZA)

Segundo noticia do *Jornal do Amazonas*, sentiu-se em Manáos, no dia 29 do mez passado, um ligeiro tremor de terra, que felizmente não durou mais de dous a tres segundos; tempo sufficiente, comtudo, para que o tal tremorzinho rachasse as paredes de algumas casas, derrubasse telheiros e arvores e horrorisasse muita gente.

Nós não sabemos nem podemos saber quaes as intenções da Natureza; mas o que lhe aconselhamos como amigos é que se acatelle. Isto aqui não é a Hespanha, onde ella se pôz a tremer inesperadamente como se tivesse entrado demais nas bebidas e lhe chegasse o alcoolismo ao *delirium tremens*; nós aqui estamos prevenidos: a Imprensa ainda conserva os seus distinctivos, e, emquanto a Natureza, como o diabo, esfregar um olho, pômos ahí por essas ruas um prestito de seiscientos metros!

Não se faça de fina; para cá vem de arrinho. Se tem vontade de tremer, que não seja no Brazil; mesmo porque, tremer por tremer, trema na Hespanha que é mais velha.

Por estas e outras é que nos chamam terra de macacos! Como na Europa houve terremotos, já a nossa boa Natureza queria macaqueal-a!

Que ella se lembre do bem que sempre se tem dito d'ella... e que tome juizo.

Não ha nada como ser-se firme nos principios e solido nas convicções.

Por conseguinte. — Convicção e firmeza.

Mattos, Malta ou Matta?

NOVAS REVELAÇÕES

SETIMA CARTA

« Sr. redactor:

Vou tentar reproduzir aqui, com a maior fidelidade que me fôr possível o significativo dialogo que se travou entre mim e o extraordinario resuscitado, depois que deixámos o cemiterio e nos mettemos dentro do carro.

— Em primeiro lugar, disse-me elle, vou contar-lhe com toda a franqueza a minha historia, sem o que não poderia o senhor capacitar-se de que não sou precisamente um doudo: Nasci na eidade de Campinas, e, segundo me consta, meu pae, a quem não tive o gosto de co-

nhecer, era um sujeito honrado e de bons costumes, o que aliás não lhe impediu de succumbir a uma indigestão de lagostas, justamente quando minha mãe estava em vespuras de dar-me ao mundo. A morte de meu pobre pae preeipitou um pouco este vulgarissimo phenomeno physiologico, obrigando minha desgraçada mãe a pagar com a propria existencia o meu direito de fazer parte d'essa cousa que se chama humanidade e a um lugar n'este mesquinho inferno que se chama o mundo. Por conseguinte, apenas com um dia de vida já recebia eu os primeiros couces da fortuna, achando-me completamente desamparado e sem ter ao menos uma teta que me garantisse a subsistencia. Foi então que um pobre cocheiro se compadeceu de mim e carregou-me para casa. O cocheiro era casado e sua mulher entregava-se ao modesto e honrado mister de criar bodes e cabras. Foi uma cabra a unica ama de leite que eu conheci, e tal amor tomei desde então a esse bemfazejo animal, que ainda hoje, quando por acaso o encontro na rua ou em qualquer parte, a vontade que tenho é de ferrar-lhe um abraço.

— Nada mais justo... considere eu.

— Mas, continuou o narrador, a desdita não quiz que o meu protector levasse ao cabo a obra de caridade que me estava reservada e fel-o succumbir, pouco depois da mulher e quando eu ainda não tinha mais do que cinco annos de idade.

Passei então para as mãos de um typo, o melhor dos que tenho conhecido no mundo, e que foi ao mesmo tempo o meu salvador e a minha perdição.

— A sua perdição?

— Sim. Eu me explico: Pedro Melindrosa, o homem que substituiu ao meu lado o cocheiro, era um philosopho, cujas theorias abstractas e metaphysicas entraram muito profundamente pelo vasto terreno da loucura.

Foi justamente por isso que elle me recolheu. Um dia viu-me chorando abraçado á cabra que me amamentára e escondeu-se para me espreitar.

Eu, que me suppunha a sós com a minha doce companheira de infancia, exclamava de veras commovido á orelha do bicho: « Bêbê! bêbê! (era este o tratamento que eu lhe dava) minha querida bêbê, não imaginas quanto te quero bem e quanto gosto mais de ti do que de todo o mundo! »

O philosopho, sahindo do seu escondrijo, veio ter commigo e perguntou-me se era verdade o que ouvira de minha bocca.

Eu, meio perturbado com a presença d'elle, respondi que sim e que não trocaria a minha querida Bêbê por ninguém.

— Quem é seu pae? perguntou-me elle depois.

— Não cheguei a conhecê-lo, respondi.

— E sua mãe?

— Morreu quando me pôz no mundo.

— E com quem você vive agora?

— Com ninguém.

— Você não tem casa?

— Não.

— Onde dorme?

— Quasi sempre no curral do Zé Coxo.

— Onde come?

— Onde encontro o que comer. E quando não encontro peço.

— E quando não lh'o dão?

— Roubo.

— E não se vexa de roubar?

— Não, porque não faço por maldade semelhante cousa, mas sim por não haver outro remedio.

— E porque você não se mata?

— Porque não quero.

— E que espera você da vida?

— Nada, não sei.

— Quer vir commigo, para minha casa?

— Vou, se me deixar levar Bêbê.

— Pois então acompanhe-me com ella. Desde esse dia principiei a ter de novo uma cama, um taller certo á mesa do philosopho e roupa lavada e engommada.

— Você quer ser uma besta ou um homem instruido? perguntou-me o Melindroso, mezes depois de me haver tomado á sua conta.— Mas, desde já o previno de uma cousa, aerescentou elle.

— Eu não admitto meio termo em questões de illustração. Você no caso que não queira ser uma besta, hade ser um sabio. Escolha.

— Quero ser um sabio.

— Mas, veja bem, rapaz. Para ser um sabio é necessario que você tenha talento, paciencia e coragem. Consulte o seu espirito e veja se pôde contar com essas tres qualidades.

— Posso, sim senhor.

— Tu tens talento? Volveu o philosopho, passando a tratar-me por tu, o que nelle significava bom humor.

— Tenho.

— Pois então responde ao que te vou perguntar.

— Prômpto.

— Que farias tú a um cão que te morresse?

— Dava-lhe com uma pedra.

— E a um que telambesse os pés.

— Nada.

— Bem. Vejamos agora se tens coragem.

Da-me um soco.

Eu não esperci segunda ordem e ferrei-lhe um murro na barriga.

— Bom, disse o philosopho—Estou satisfeito c, quanto ás provas de paciencia reservo-as para mais tarde. Amanhã principiarás a estudar commigo. E d'aqui a alguns annos saberás tudo que é dado alcançar o conhecimento humano.

No dia seguinte o meu protector começou a ensinar-me simultaneamente as seguintes materias:

Grammatica portugueza, franceza, latina e grega; arithmetica, geographia phisica e astronomica, musica, desenho e gymnastica.

E' inutil dizer que de tudo isso só me ficara na cabeça uma confusão diabolica, o que aliás não desanimara o meu singularissimo professor, nem o fazia retirar de mim a progressiva confiança que eu lhe inspirava.

E todos os dias apresentava-me um novo livro e dizia-me:

— Lê isto! E' bastante que leias; não procures comprehender, procura decorar. A cabeça é como a terra, não tem necessidade de conhecer a semente que recebe no seio; a natureza se encarregará de cumprir com os seus deveres. A tua intelligencia é a natureza e os livros que te dou são a semente. Decora-os e mais tarde a planta brotará, sem que tú proprio descubras a razão porque.

Eu obedecia. Dos meus seis annos até aos vinte e um, li nada menos do que dez mil volumes de diversos assumptos.

Meu professor nada me ensinava a fundo, nem consentia que eu me inclinasse para nenhuma especialidade.

— Não, dizia-me elle—um verdadeiro sabio não deve ter especialidade. Tu deves saber um pouco de tudo e quasi nada de todas as cousas. E' preciso que entendas tanto de theologia como de botanica, como de architectura, como da arte culinaria, como de economia politica, como de litteratura e do resto. Quero que a tua intelligencia se derrame em torno de ti, pelo universo e não que ella se encannalise pelo tubo de uma especialidade.

Prefiro a extensão á profundeza: prefiro o estudo da humanidade ao estudo do homem; prefiro o estudo do homem ao estudo de um orgão ou de um osso; prefiro o estudo de um osso ao estudo

particular de uma molecula, e prefiro o estudo de uma molecula ao de um atomo ou á especialidade de não estudar cousa nenhuma.

Vês? proseguiu elle—é a isto que nos conduz a especialidade—a zero. A especialidade é o meio de ir apertando as cousas até reduzi-las a nada. Ser especialista e não ser cousa alguma vem a dar na mesma, porque nada adianta conhecer um clo de uma cadeia, quando a gente não conhece a cadeia inteira. Nada adianta conhecer a folha de uma arvore, quando não se conhece a arvore. Depois que saibas tudo syntheticamente, dar-te-hei licença para os teus estudos concretos; antes não, não admitto que te demores defronte de nenhuma sciencia particular.

Este systema educativo do meu singular protector, que nesse tempo eu suppunha um sabio e que depois verifiquei não passar de um louco, esse systema fez com que eu aos vinte e dous annos, quando me achei de novo abandonado no mundo, não encontrasse meios de ganhar a vida.

Entendia de tudo e nada sabia ao certo. Tentei todas as profissões, experimentei-me em todas as carreiras—nada. Sabia medicina e não podia curar; sabia Direito e não podia advogar; engenharia e não era engenheiro; pintura e não era pintor; architectura e não era constructor; emfim entendia de tudo e não era nada.

Então fiz-me bohemio e philosopho; principiei a aceitar a vida como esta se apresentasse, sem me preocupar com o dia seguinte.

Foi nessas condições, accrescentou elle que conheci uma velhusca, viuva de um pharmaceutico chamada Leonarda.

— Aquella que estava presa? perguntei.

— Justamente.

— Minha sogra, disse eu commigo; e dispuz-me a continuar a ouvir o resuscitado, cujas revelações foram-se-me tornando cada vez mais interessantes, como verá V. S. pela outra carta que lhe hei de mandar para a futura *Semana*.

Sou de V. S.

Att°. cr°. e ven°

PARNASO ALEGRE

Bucolica moderna

Que noite feita de opalas!
Que deslumbrante manhan!
Abril esflora bengalas,
Da cornucopia de Pan.

Nenhum momento é tão breve
N'estas primeiras instancias...
Nem posso oscular de leve
Os labios das circumstancias.

A minha Musa que é rica
Como um nababo do sol,
A fortuna multiplica
A' luz do glauco arrebol.

As raparigas aos saltos
Andam com bustos de Flora.
Milheiros de chapéos altos
São cogumellos agora.

Tudo se illumina e doura
Como candieiros de gaz;
Sileno empunha a vassoura
E vai andando p'ra traz.

As dryades namoradas
Por namorados desejos,
Penduram pelas sacadas
Duzias e duzias de beijos.

Venus compra um guarda-chuva
Que lhe assenta menos mal,
E Marte—a triste viuva,
Planta uns lyrios de crystal.

Anda o prazer aos abraços
Com as meninas solteiras,
E voam pelos espaços
Palhetas e cigarreiras.

Anda aqui Anacreonte
A dar conselhos moraes;
Vê-se pingar do horizonte
A luz dos novos ideaes.

O Sol, o grande charuto
Da bocca do firmamento,
Soffre calmo como um bruto
As ligas do juramento.

Andam satyros gaigando
Os montes c'os capros pés,
Pelo ar vão-se espalhando
Chinellos aos dez e dez.

As boccas frescas das rosas
Sorriem mostrando os dentes.
Semelham moças formosas
Muito alvas e transparentes.

Como um sino grande e velho,
Minh'alma, que vive, diz;
E' preciso um Evangelho
Para curar um pleuriz!

Nem se me diga que um vate
Não come presunto quente;
Tanto na incede bate
Vulcano—que faz um pente!

E este caso monstruoso,
Que a todo o Olympo espantou,
Pôz o fremito do goso
Onde o prazer encontrou.

Aos beijos com amethystas
Vê-se a bocca de um tinteiro.
Que santo regalo, artistas!
Ser gordo e ser conselheiro!

Vão aspirando com arte
O mel que os lyrios contém
O Sol—esse Bonaparte,
E a Lua—essa Girardin.

Pelas paredes do Olympo
Sem carrapixos nem nada
Grimpa tal qual como eu grimpo
D. Camelia Rajada.

Orgias rubras de flores
Na tenda de Trimalcião!
Oh! como é grato aos amores,
Ter grilos no coração!

No campo são tudo festas.
Salta e brinca a Natureza!
Virgilio! sae das florestas.
Horacio! vae pôr a meza.

Ganymedes prega petas
A' Hebe, loira e sonora:
São caras as calças pretas,
Mas Crespo é dono da Aurora...

Por isso nem posso ao menos
As circumstancias beijar.
Moças! satyros! Silenos!
Até logo. Eu vou jantar.

FILINDAL.

Kermesse no Polytheama

Abre-se no dia 1° de Março, prolongando-se até ao dia 8 do mesmo mez, a grande *kermesse* organizada pela Associação Beneficente dos Empregados do Commercio em favor do seu fundo social.

Vae ser uma brilhantissima festa, cujo fim humanitario e nobre é por si bastante motivo para tornal-a sympathica e digna da protecção do publico.

A Associação tem recebido innumeradas prendas.

A *Semana* concorre modestamente á *kermesse*, offerecendo-lhe dez exemplares

do novissimo tango do Sr. Ernesto de Souza: *A Semana—100 reis!*

Cada um dá o que póde.

Eis a razão porque não nos envergonhamos da insignificancia da nossa prenda.

THEATROS

Nada de novo por emquanto.

Por mais vontade que tenhamos de entender esta secção, não nol-o permittem as emprezas.

A animação que se esperava para depois do Carnaval—falhou.

Não ha remedio, pois, senão revellar ao publico que o Recreio Dramatico montou a *Crus da morta*, peça velha, vista e revista, mas que ainda dá algum trabalhinho ao bilheteiro do theatro e algum regalo á empreza.

Prepara-se n'este theatro, para breve, *As meninas Godin*, traducção do Sr. Jose do Patrocinio, depois da qual preparar-se-ha a *Denise*, ultima peça de Dumas Filho, que o Sr. Henrique Chaves está acabando de traduzir.

D'esta notavel obra dramatica, disse Sarcey, entre outros elogios, que o terceiro é o melhor acto que Dumas tem escripto para a *Comédie*.

* *

O Lucinda remontou o *Drama no alto mar*, peça muito salgada, com mar alto, navios, explosões, incendios, abordagens, manobras nauticas, assassinatos, sangue, lagrimas, naufragios, o diabo em cinco actos!

O que desejamos á empreza é mar banzeiro e vento de feição.

Brevemente teremos neste theatro o *Palhaço*, drama de emoções, de situações e de cabriolas.

E' o que o publico prefere, e como cada qual come do que gosta...

Tambem se annuncia para depois d'o *Palhaço*—o *terremoto de Andaluza*, peça de actualidade, que tambem deve ter o chamariz das lagrimas.

Que a empreza não venha a ser *victima* d'este terremoto, e que não necessite constituir-se em *bando precatório* para que o publico afluia.

* *

Vae reabrir-se o Polytheama, com uma nova empreza, organizada pela actriz Fanny:

O elenco, é o seguinte:

Fanny, Clementina, Clairville, Manarezzi, Elisa, Lucinda, Henriqueta e Arminda; Machado, Flavio, Primo da Costa, Corrêa, Pereira, Magno, Mario Vicente e Gonçalves.

Entrará tambem para esta empreza o actor Xisto Bahia, que deve chegar brevemente do norte.

O ensaiador é o primoroso Primo da Costa.

A peça de abertura será a magica—*O genio do fogo*.

Desejamos á nova empreza todas as prosperidades e muito publico.

* *

A *Cocota*, revista do anno passado, está em ensaios de apuro no Sant'Anna. Deve subir á scena na proxima terça-feira.

POESIA E POETAS

O Sr. Felix Antonio de Almeida, auctor das *Obscureas*, poderá vir a ser um poeta para o futuro.

Mas se almeja este titulo glorioso, se aspira ver o seu nome figurando na constellação dos Gonçalves Dias e dos Castro Alves, não se deixe embair pelos conselhos e opiniões de pessoas illetradas e baldas de gosto litterario, cujos elo-

gios e animações são mil vezes mais perniciosos e prejudiciaes do que a critica severa e até malevolente d'aquelles que entendem do riscado.

Devemos asseverar-lhe, a bem do seu talento futuro, que os amigos que o induziram á publicação das poesias colligidas sob o titulo de *Obscuras*, ou não o fizeram de boa fé, e n'esse caso o atraioaram, ou sinceramente acharam que a fazenda era boa, e n'esta hypothese comprometteram positivamente a sua competencia no assumpto.

Trabalhe, leia muito, estude os modelos, percorra os dictionarios, compulse manuaes de metrificacão, consulte pessoas capazes de o guiar n'esta difficilissima arte de traduzir idéas e sentimentos por palavras sob medida e pelo rythmo, e depois então lance aos ventos da publicidade os productos das suas elocubracões.

Sim?

O 4.^o volume das poesias de Manoel de Almeida Coelho Margarida vem ainda confirmar a reputacão de que já gosava o rude poeta, homem pauperrimo, quasi analfabeto, humilde jornalista que vive curvado sobre improbo e pesado trabalho, para prover aos meios de subsistencia.

A facilidade no poetar, a fecundidade, a fluencia, a promptidão de espirito, a sinceridade commovida, a ingenuidade alegre ou dolorosa, a falta de artificio rethorico e de sentimentalidades banaes — tudo isso em um poeta sem vislumbre de educaçao litteraria, são cousas realmente para admirar.

Mas quando se souber que o Sr. Margarida, não sabendo escrever pelo nosso systema alphabetic, inventou para seu uso particular um processo hieroglyphico, que só elle pôde decifrar, então a admiraçao roçará pelo pasmo.

Pois é a verdade.

Relevando todos os defeitos que a critica possa descobrir em suas producções, não temos mais do que saudar o intrepido poeta que canta entre as garras da pobreza e que, se não é um genio, parece um heróe.

UDO.

ALGUMAS DEFINIÇÕES

Diabo.—Deus pelo avesso.
Casaca.—Jaqueta com *cavaignac*.
Jaqueta.—Casaca de barba feita.
Piano.—Caixão de musica.
Gelo.—A errata do calor.
Encade nadar.—O alfaiate dos livros.
Alfaiate.—Encadernador de homens.
Quarto de dormir.—O unico tumulo em que se opera a resurreicão da carne.
Syphilis.—Flóra do amor.
Sol.—Um olho á procura de cara.
Barro.—A materia prima da carne.
Tolice.—O espirito dos outros.
Espirito.—As nossas tolices.
Lacraia.—Penca de pernas.
Couce.—O ponta-pé dos burros.
Pontapé.—O couce dos homens.
Diccionario.—Botica da lingua.
Cocix.—O iman do pontapé.
Chinó.—Illusão dos calvos.
Corpo humano.—Envelope da alma, sobrescriptado aos vermes.

FREI ANTONIO.

BANQUETE EM S. PAULO

A casa Guilherme Mac-Hardy & C., de S. Paulo, offereceu aos jornalistas d'aquella cidade um esplendido banquete no *Grande Hotel*, em 14 do corrente.

Um amigo nosso, chegado ha dias, e que assistiu á festa, contou-nos passagens muito engraçadas. Entre outras cousas disse nos elle que havia jornalistas

na mesa que não sabiam comer espargos: trinchavam-n'os e comiam-n'os aos pedacinhos!

Os discursos começaram a explodir logo depois da sopa, etc., etc.

Devia ter sido um spectaculo curiosissimo, e que muito havia de divertir os amaveis amphitriões.

Damos os nossos pesames aos espargos sobreviventes da conhecida loja do Japão, e enviamos as mais profundas expressões do nosso sentimento ao codigo do bom tom paulistano.

Agora aos jornalistas festejados, por via de um dever de colliguisimo, não deixaremos de dar... sinceros parabens.

Barboza Rodrigues

Alguns amigos e admiradores do Dr. João Barbosa Rodrigues, director do museu Botânico do Amazonas, pretendem enviar-lhe brevemente um mimo, em que serão gravadas as datas de sua partida e de sua chegada ás malocas dos *Cri-chanáis*.

São perfeitamente conhecidos do publico os relevantes serviços prestados pelo illustre botânico brasileiro á civilisacão da provincia do Amazonas.

Crêmos que esta homenagem é justa e bem cabida; porquanto até hoje ainda não foi realisada no paiz pacificacão tão breve, economica e que trouxesse resultados tão satisfactorios como a que foi feita pelo Dr. Barbosa Rodrigues.

CATASTROPHE

Hontem, o bem sortido e economico hotel *Voltaire*, que fica á rua da Uruguayana, servio de theatro a uma scena digna de figurar no inferno de Dante.

Seriam duas horas da tarde pouco mais ou menos, quando um homem alto extraordinariamente magro, sem barba e com uma enorme cabelleira hirsuta e terrivel que lhe cahia sobre os olhos, apresentou-se ao dono d'aquelle estabelecimento perguntando por quanto lhe deixavam comer um jantar.

O dono da casa respondeu que o preço dos seus jantares era mil réis, ficando ao freguez o direito de escolher os pratos, e meia garrafa de vinho.

O sujeito de cabelleira fez um gesto affirmativo e assentou-se em uma das mezinhas mais reservadas do restaurant entretendo-se a comer, em quanto esperava pela sopa, um enorme pão, que lhe puzeram ao lado.

Assim que o servente appareceu com a terrina cheia de *consommé* notou com espanto que o terrivel sujeito apanhava da toalha as ultimas migalhas de pão e levava-as á bocca com uma avidéz de lobo faminto.

—Outros pães! exclamou o lobo; e logo que se achou servido, esgotou a terrina e passou a devorar n'um relance o contheudo dos pratos que punham de frente d'elle.

Tinha já devorado oito, quando o servente, a tremer pelas proprias orelhas que se achavam ameaçadas pela fera, perguntou se esta queria mais alguma cousa.

—Uma feijoada de circumstancia; respondeu o monstro, engolindo de um trago uma *omelette* que lhe acabavam de trazer.

Depois da feijoada, exigio, para descansar, uma salada de batatas e um pequeno frango assado.

O dono da casa e os frequentadores do hotel haviam-se já aproximado cheios de espanto de tão extraordinario comedor, quando este, passando a petiscar uns *beeffs* cobertos que o tentaram, declarou com a bocca cheia:

— Ah! Na sobremesa é que eu sou duro! No doce é que me hão de ver!

O dono da casa, ao ouvir isto, desmaiou nos braços do socio, e um grupo enorme se formou em torno do monstro.

Houve apostas.

— Vou como elle não dá conta d'aquella compoteira de maçãs! gritava um.

— Aposto que elle ainda vae ao melão! dizia outro.

— Pago toda a despeza que elle fizer, se fôr capaz ainda de comer uma banana! arriscou um terceiro.

E entre o pasmo geral, o sujeito foi devorando tudo que lhe deram, e depois passou-se para a mesa do centro e devastou-a em silencio, até deixal-a completamente limpa.

Já haviam todos fugido espavoridos e amedrontados, e o dono da casa chamava a policia, quando o conilão deixa escapar um grito de prazer e, trepando-se ás prateleiras, consegue apoderar-se de um busto de *Voltaire* feito de assucar que o dono da casa conservava religiosamente, como um symbolo.

Devorou-o tambem.

Tão feroz devastacão, comtudo, não impediu, que o magnifico restaurant *Voltaire*, sito á rua da Uruguayana, n. 29, continuasse a fornecer como anteriormente excellentes almoços a 800 réis, e a mil réis maravilhosos jantares com sobremesa, vinho, café e... palitos.

Parece incrivel!

BARÃO RECLAME.

TRATOS Á BOLA

D'esta vez ainda não tivemos decifradores exactos para os *Tratos* do numero ultimo. E' uma vergonha. Que havemos de fazer? Damos bollos em todos estes senhores e senhoras que se dizem charadistas?

Não, não nos fica bem, e depois não somos palmatoria do mundo. Cada um como Deus o fez! Não podemos corrigir a natureza.

Repetimos hoje os *tratos* ultimos pela poderosissima razão de se ter dado um deploravel engano—Nada mais nada menos que o seguinte: Na—antiga—incluímos duas charadas e demos como conceito uma quadrinha que era verdadeiramente conceito mas da outra charada que *engulimos*.

Portanto, Srs. charadistas, aproveitem o engano e tratem com bons *tratos* os *tratos* tão maltratados ha duas semanas pelos senhores.

BENEDICTINAS (1)

« Ardendo: *Catão, cito, bata.* »

LOGOGRIPO

(Por letras)

E' provincia brasileira—1,2,3,4
 Onde se faz oracão—2,3,4
 De montanha sobranceira—11,12,13
 Mais bojudo que um barão—7,8,1,2
 Veio este peixe gostoso—7,8,9,12,13
 Outra provincia das nossas—1,2,3,4,5,6
 Finda o prazer, finda o goso—9,10,11,12,13
 Bicho que salta nas poças—3,4,5
 Ave de plumas vistosas—6,3,9,3,2
 Onde a gente mata a sede—12,8,10,2
 Sobre as aguas marulhosas—12,11,3,10,2
 A que um banho a gente pede—12,6,10,8,2
 Com esta por sobre os hombros—10,4,7,13
 Vou devoral-a com pão—7,13,1,4
 E vou caçal-a aos escombros—1,6,10,13
 Dos montes d'este barão.

TELEGRAPHICAS (2)

1—1—Polpa de linho.
 1—1—Calma é panno.
 1—1—1—Patada de navio.

(1) Veja-se a explicacão que demos nos *Tratos* do n. 8.

(2) Esta especie foi explicada em o nosso n. 5.

TIBURCIANAS (3)

1-1-2—Da contracção da Polonia e de uma ave resulta um guerreiro.
2-1-1—Acima, acima, e acima.

ANTIGAS

Sou sempre encontrada
Na frente de alguém—1
Servindo de base,—1
De força também—1

Conceito

Cuidado não caias,
Sentido com o chão;
Se tu trazes saias
Segura-as com a mão.

Tem força, tem vida—1
Tem bom coração—1
Na Biblia me encontras,
Pergunta ao Labão—2

Conceito

Eu fui arrastado
Pelo mundo inteiro,
Levava-me um velho
Feio e forasteiro.

PREMIOS

Ao primeiro decifrador exacto damos o premio já offerecido nos ns. 7 e 8: um exemplar dos *Nocturnos* de Gonçalves Crespo, luxuosamente encadernado. Ao segundo um exemplar do delicioso tango « *A Semana* — 100 reis! » ultima novidade musical.

D. PASTEL.

CASO ESPANTOSO!

O *Jornal do Commercio*, de 24 do corrente, n. 55 do anno 64, na noticia do *Bando precatório*, chama *seus collegas* aos Srs. Octaviano Hudson e Roberto de Mesquita!

Isto da parte do *Jornal* que teve durante vinte e sete annos um redactor incognito, é espantoso!

Registramos o facto, mas não o commentamos.

... Nossos collegas!
Muito bem, muito bem.

Recebemos:

— Para a *Matinée Musicale* em favor da Sociedade Amante da Instrução dous cartões de ingresso.

— Da Sociedade Dramatica União Familiar (da Gavea), um convite para a recita de hoje.

— Da Associação dos Empregados no Commercio do Rio de Janeiro para a *Kermesse* que se effectuará amanhã no Polythcama Fluminense um cartão de ingresso, permanente.

CORREIO

SR. OSCAR ANTERO CEZAR.—Ainda não tivemos tempo de ler o seu conto.

Mas fique descansado: Havemos de lê-lo, e se a impressão que o seu *pallido poeta* nos deixar for boa, não trepidaremos em publical-o. acredite.

SR. CLAUDIO SILVA.—A idéa do seu soneto é muito passavel. Lamentamos que a execução seja pessima.

Não se *arrufe* com esta franqueza. O Sr. promette um poeta regular. Alistamol-o no rol das *esperanças*.

SR. ALEXANDRE DE GAL.—O seu conto não é mau. Decididamente o Sr. tem geito para a cousa.

Póde reunil-o aos que já tem para o seu livro—*Contos Patuscos*, que desejamos ver em breve no ollo da rua.

(3) Foi explicada esta especie em o nosso n. 6.

Quanto á inserção delle na *Semana*, acredite, e impossivel.

Temos uma alluviaõ de cousas litterarias que pedem apparecimento urgente.

Por tanto ..até outra vez, caso nos mande cousa menos comprida.

SR. A. DE S.—Teriamos prazer em servil-o. O diabo é que asua poesia com e titulo—*Epilogo*, tenha paciencia, é bem ruimsinha. Se fosse melhor...

SR. J. Z. FERREIRA DA COSTA.—Não sabemos que fazer com o trabalho do seu amigo. Ila tanta cousa cá por casa... Emfim, para que o Sr. não se enfade conosco, publicaremos este topico, que é talvez a centesima parte do primeiro periodo da sua *Sebastiana*.

« Por mais que reprima os vãos de meu espirito, Exms. Senhores, por mais esforços que faça por conter-me na reclusão anachoreta de uma thebaida que só tem os cilícios e o contemplar as peças da arte que a formou, não ousou, nem que ateime, restringir-me á unica vaga pasmaceira dos lavores da vida material a que estou condemnado, sendo um theatro immenso este mundo..... »

UTILIT!

Agora diga-nos uma cousa, francamente: Não está cansado com a leitura desse pedacinho de periodo?...

Veja se um trabalho assim póde ser publicado, preterindo outros, onde a fórma e a idéa... Não, o melhor e o senhor não procurar vêr cousa nenhuma.

O seu amigo é intelligente e escreve, escreve como uma secretaria em peso. D'aqui a uns tempos, esperamos receber-o triumphalmente nas hospitaleiras columnas da *Semana*.

Pois esperemos.

SR. CHICO MOREIRA (typographo).—Você supplica-nos com tão bom modo que publiquemos *Os teus cabellos* que... que não os publicamos.

FACTOS DIVERSOS

Realizou-se no dia 22 do corrente na Barra do Pirahy uma extraordinaria manifestação ao Dr. Aureliano Garcia, sendo-lhe entregue pelo Sr. Mathias Roxo em nome da população da Barra, um riquissimo relógio e corrente de ouro e um lindo anel de medico, do mesmo metal.

Fallou, eleito pela commissão promotora da festa, o Dr. João Alves Meira.

O serviço da meza foi profuso e delicado, dansando-se até ás quatro horas da madrugada ao som de duas excellentes bandas de musica; a do Rodeio e a de Mendes.

Deu grande realce á festa uma parte concertante em que se distinguiram a Exa. Sra. do collector do Pirahy, Santos Mello e os Srs. Castilho e professor Rapozo.

Os brindes multiplicavam-se; é impossivel dar-se delles conta fiel; entretanto citaremos o do Dr. Meira á familia Garcia, e o do Dr. Garcia ao distincto advogado e prestimoso cidadão Dr. Meira.

Ambos foram acompanhados dos mais ruidosos *hypps* e *hurrahs*.

*
*
*

Recebemos um exemplar de modello photographico do Indicador Barometrico Aneroido Nacional. A utilidade d'este indicador consiste em trazer aos olhos do publico os annuncios das mais importantes casas de negocio; traz os liorarios dos trens e outras informações marca pontualmente as variações atmosphericas graças a um barometro Aneroido e thermometro collocados na face superior do indicador. Emfim, n'este genero é o que tem apparecido de mais adiantado e curioso.

Acha-se exposto o Indicador na casa do Sr. Leon Rodd & Comp.

Recomendamol-o ao publico.

—Um paiz da America em 1884 (Apontamentos de um viajante ignoto.) N. 1. Janeiro a Fevereiro de 1885.

Sociedades, costumes, politica e reformas sociaes. Coimbra, 1885 Diremos depois.

—*Revista de Engenharia*, publicação quinzenal, director—Dr. Jose Americo dos Santos, n. 107, anno VII.

Excellentemente, como sempre.

*
*
*

Realizou-se no dia 19 do corrente ás 7 horas da noite na sala das sessões do «Congresso Litterario Gonçalves Dias,» uma sessão solemne, commemorativa do 2º anniversario da sua fundação.

Depois de aberta a sessão pelo Sr. Americo Guimarães, presidente, foi dada a palavra ao orador official, o nosso director Valentim Magalhães.

Em seguida o Sr. presidente nomeou uma commissão para a entrega do diploma de socias honorarias ás redações presentes.

Estavam representadas a *Folha Nova* e a *Semana* que receberam os referidos diplomas, bem como o Dr. Valentim Magalhães.

No fim da sessão, os socios Farias Mendonça e Valentim da Costa esmolaram pelas pessoas presentes em favor das victimas do terremoto da Andaluzia colhendo a quantia de 43320 que por já não se achar presente nenhum dos membros da commissão da imprensa, foi entregue ao Sr. Ascoli empregado na redacção da *Folha Nova*.

Pela nossa parte agradecemos penhorados o diploma que nos conferio o *Congresso Litterario Gonçalves Dias*, e podemos affirmar, que em nós encontrarão sempre toda a coadjuvação que merecem pelo seu trabalho e boa vontade.

DECLARAÇÕES

A SEMANA

Deixou de ser empregado desta folha o Sr. Valentim da Costa, que era reporter e agente de annuncios.

E' nosso cobrador o Sr. Antonio Ribeiro Neves.

O escriptorio d'A SEMANA está aberto todos os dias—das 8 horas da manhã ás 6 da tarde.

Travessa do Ouvidor 36

ANNUNCIOS

EVANGELINA

POEMA

DE

H. LONGFELOW

TRADUÇÃO DE

AMERICCO LOBO

Vende-se nas livrarias Faro & Nunes, Laemmert e Serafim Alves e no escriptorio desta folha, a

2.000 o exemplar

DR. ARAUJO FILHO

MEDICO PARTEIRO

Residencia, rua do Visconde do Rio Branco n. 36

EXTERNATO HEWITT

INSTRUÇÃO SECUNDARIA COMMERCIAL

134 RUA DO ROSARIO 134**AU BON MARCHÉ**

60 Rua Sete de Setembro 60

Completo sortimento de fazendas de linho, lã, seda, perfumarias, etc. Armazem de fazendas finas, armarinho e modas. Vendas por atacado e a varejo. Recebem directamente artigos e novidades de Pariz. Encarregam-se de qualquer encomenda.

Coutinho & Silva Caldas
Telephone Urbano n. 414

HOSPEDARIA FIEL

RUA DA ALFANDEGA N. 236 E TRAVESSA DE S. DOMINGOS N. 2

Os proprietarios deste vasto estabelecimento têm a honra de apresentar á concurrencia publica, bonitos quartos mobiliados, espaçosos e muito arejados, offerecendo toda a garantia de segurança, aonde os Srs. viajantes podem pernoitar livres de risco. Todos os compartimentos com linda vista tanto para a travessa como para a rua da Alfandega.

A casa está aberta toda a noite. Preços modicos.—**Lima & Xavier.**

AU GRAND DINER DE RIO**A LA CHAUMIÈRE** — Rua da Uruguyana n. 61

ENTRE OUIDOR E ROSARIO

Das 9 da manhã ao meio dia, ALMOÇO: tres pratos escolhidos na lista, arroz, queijo, fructa, meia garrafa de vinho e café ou chá, 18. Das 3 horas da tarde ás 8 da noite, JANTAR: sopa, quatro pratos, arroz, doce, queijo, fructa, meia garrafa de vinho, café e cognac, 18500.—Soupers à la carte jusqu'à 1 heure de la nuit.—Cozinha Franceza, Italiana e Portugueza.—Ceias pela lista até á 1 hora da noite.

LEITE DE MINAS DA FAZENDA DA SAUDADE

PROPRIEDADE DE

Cerqueira Lage & C.

Recebido diariamente pelo trem mixto das 5 horas e 40 minutos da tarde

13 Deposito geral, Rua de Gonçalves Dias 13

Onde se recebem assignaturas para entrega nos domicilios.

RIO DE JANEIRO

CONFETARIA DA CASCATINHA**149 RUA DO OUIDOR 149**

Especialidade em vinhos do Porto, Xerez, Madeira, Bordeaux, Virgem, Cognacs, Vermouths, Licores, Biscoutos e Cervejas dos mais acreditados fabricantes da Europa. Lunch em profusão e grande variedade de doces finos e pastelaria. Deposito do superior LEITE DE MINAS e fructas delicadas da Europa e nacionaes.

Apromptam-se encomendas para festas, baptisados e casamentos

A. A. Lopes da Costa**CASA DO AYROSA****10****RUA SETE DE SETEMBRO****FAZENDAS E MODAS****ROUPA FEITA****ARMARINHO****RUA SETE DE SETEMBRO****N. 10****Companhia de Seguros Contra Incendios****HAMBURGO-MANDEBURGUEZA**GARANTIA **30,000:000\$000**

Faz todas as operações de seguro terrestre, premios razoaveis, em casa dos agentes

G. JOPPERT & COMP.**63 Rua do General Camara 63****EMPORIO PHOTOGRAPHICO**

DE

CARLOS ALBERTO**5\$000 a duzia**

Encarrega-se de fazer qualquer trabalho fóra de casa e re tratos de pessoas fallecidas. Preços razoaveis.

41 Rua Sete de Setembro 41**AO SAPATO IBERICO****EUZEBIO LOURENÇO****153 Rua Sete de Setembro 153**

EM FRENTE Á TRAVESSA DE S. FRANCISCO DE PAULA

Calçado sobre medida, para homens, senhoras e crianças. Especialidade em calçados de setim, velludo, etc., etc., saltos á Luiz XV.

Encarrega-se de mandar bordar qualquer calçado a ouro. Aprompta com brevidade calçado para casamentos, bailes, theatros, etc., etc.

ALBUM DE DANSA

No Imperial Estabelecimento de Planos e Musicas de Buschmann & Guimarães encontram-se as seguintes novidades:

POLKAS — « Dudú » por Quirino R. Vieira.
" « Teus olhos me matam » " " " "
" « Radiante » » Francisca Gonzaga.
" « Si fuera verdad! » " " "

QUADRILHAS — « Harmonias brazileiras » por Quirino R. Vieira.
" « Arcadia » » Franc.* Gonzaga.
" « Stella » » Frederico Mallio.
VALSAS — « Perola » » Geraldo Ribeiro.
" « Comme je t'aime! » » Olivier.

52 RUA DOS OURIVES 52**PENDULA MERIDIONAL**

Especialidade de brilhantes do Brazil, joias modernas e relgios de todas as qualidades.

CASA DE ERNEST MERLIN**38 PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO 38****AGUA DE COLONIA NACIONAL**

Fabricada pela Exma. Sra. D. Maria Lisboa

VENDE-SE NO LARGO DE S. FRANCISCO DE PAULA N. 8

(PORTÃO MIXTO N. 8)

Garrafa de litro 78'00 | Garrafa de litro 68000
" 1/2 48000 | " 1/2 38000

Garante-se a qualidade — L. A. de Mattos & C.

A SEMANA

Publica-se aos Sabbados

POR TRIMESTRE :

Dentro e fóra da capital:
2\$000 rs.

DIRECTOR — VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — TRAVESSA DO OUIDOR, 36, SOBRADO

NUMERO AVULSO

Do dia 100 rs.; atrazado
200 rs.

Não se restituem originaes, embora não publicados.

SUMMARIO

Historia dos sete dias — Um retrato do Guerra Junqueiro — Pitada ecclesiastica; *Satanaz da Silva* — Sombra, soneto; *Alberto de Oliveira* — Prostituição no Rio de Janeiro; *Dr. H. de Sá* — A vida elegante; *Lorgnon* — Canção de viagem, poesia; *Lucio de Mendonça* — Critica scientifica — Bolos; *Chico Ferula* — Marinha, poesia; *João Ribeiro* — Quatro poemas — Horas do bom tempo; *Lucio de Mendonça* — Theatros — Mattos, Malta ou Matta? (Novas revelações) — Poesia e poetas — Tratos à bola; *D. Pastel* — Recebemos — Consultas — Correio — Annuncios.

A SEMANA

Rio, 7 de Março de 1885.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Entre nós é sempre assim.

O nosso povo, que é incontestavelmente bondoso e caritativo, conserva-se e passa indifferente diante das maiores desgraças, dos mais tristes espectaculos, absorvido pelos seus negocios, atordoado, distraído, enovellado no turbilhão de interesses desta vida fluminense, tão agitada e tão melancolica! Mas lá vem um dia em que alguém, geralmente da imprensa, lhe diz que é preciso socorrer os que soffrem, alliviar os effeitos de tal catastrophe; e o concita a concorrer para essa obra de caridade.

O povo, o nosso bom povo, detem-se então um instante; uma parte acompanha o convite ou acode ao pedido que lhe é feito; outra parte, a maior, continúa na vertiginosa carreira em que a arrastam os negocios. O ponto está em principiar. Logo que dois, tres, meia duzia, comecem a fazer isto ou aquillo para tal ou tal fim, duzentos, trescentos, um milhar de outros entram sem demora a imital-os.

E está tomado o impulso; já não ha meio de sustar a marcha do comboio.

Dentro em poucos dias — duas mil, tres mil, vinte mil, cem mil pessoas fazem o mesmo que a primitiva meia duzia.

A vaidade, o capricho, o espirito de imitação, a sensibilidade d'alma, tudo isso opera e coopera para aquelle resultado.

O exemplo mais recente do que affirmamos está no facto dos soccorros à Andaluzia. Ninguém se lembrava dos terremotos. Mas teve *O Paiz* a feliz inspiração de levantar a idea de socorrer as victimas d'elles.

Ao grito «*Soccorramos a Andaluzia!*» — erguido pela imprensa, poucos a principio corresponderam; mas dias após, não havia quem não ardesse de compaixão pelas infelizes victimas sobreviventes á catastrophe; não havia bolsinho que não estremecesse no bemdito desejo de chorar alguns vintens sobre aquellas desgraças. Planeou-se, organisou-se, fez

se o grande bando precatório, que foi uma cousa assombrosa e cujos resultados corresponderam aos esforços empregados.

Pois senhores, no dia seguinte começaram a apparecer bandos precatórios de todos os tamanhos e feitios, em toda a parte, a todas as horas!

Havia bandos precatórios — a dar com um pau.

A febre da imitação invadia epidemicamente todos os corações generosos. E os bandos deixavam de ser — precatórios, para tornar-se realmente — *caceterios*. Sugeitinho havia que tinha o *topete* de se constituir em bando, e, assim pluralizado por um milagre da Caridade, sahia a esmolar para a Hespanha. Era preciso pôr de banda os bandos.

Foi o que fez *O Paiz*, á moda do diabo: — armou-as e desarmou-as.

Teve a franqueza de declarar que bastava de bandos. Fez *O Paiz* muito bem. E acabaram-se os bandos.

Parece que agora vae *pegar* para o mesmo generoso fim a praga das polyanthéas.

Emfim... se puderem produzir alguma cousa em favor dos miseros andaluzes... que venha! Nós estamos resignados.

* * *

Discutio-se um pouco na imprensa, muito menos comtudo do que se devia, o escandaloso privilegio concedido pelo ministro da agricultura a Ferdinand Felizardo para colher durante 15 annos todos os frutos das palmeiras Merityts, existentes nas mattas dos terrenos de volutos, comprehendidos entre as provincias do Amazonas e da Bahia.

A palmeira Merity é uma especie de caixa do Hermann: — dá de tudo. Oleo, botões, cordas, esteiras, carvão... o diabo! A odiosa concessão vae reduzir á miseria milhares de individuos que viviam da pequena industria de explorar aquellas palmeiras e as innumeradas familias que as exploravam para usos domesticos, e que agora vão ser obrigadas a comprar os productos variadissimos das taes palmeiras e sabe Deus por que preço! Este revoltante privilegio merecia mais do que a *bala de estalo* que lhe dedicou a *Gazeta*: merecia uma boa duzia de bollos... nas mãos do ministro que o concedeu.

Agora está consummado o facto.

E este é o *paiz* dos factos consummados. Por conseguinte:

Bôa noite, palmeiras Merity!

* * *

Inaugurou-se no dia 1 do corrente no *Polytheama* a grande *hermesse* promovida para augmentar as beneficencias da «Associação dos Empregados do Commercio» e deve encerrar-se amanha. A concorrência tem sido enorme e os resultados superiores á expectativa.

Parabens á «Associação» que vae estar em condições de multiplicar o nu-

mero das beneficencias e augmentar as que já sustenta.

* * *

O Dr. Costa Ferraz, vereador bem conhecido, protestou para S. Magestade contra o novo monopolio despotico, escandaloso e odiosissimo — da matança de gado, ultimamente ordenado pela *Illustrissima* em favor de um outro Fuão Felizardo.

O Dr. Ferraz, protestando *totis viribus* contra essa nova bandalheira, protesto em que o acompanharam alguns dignos collegas — cumprio o seu dever, mas perdeu o seu tempo.

Post tantos, tantisque la... bores, depois de tantas e tão grandes façanhas, depois do celeberrimo pagamento dos 20 contos e da candidatura de Fagundes, que estaria agora dentro da combuca municipal se não fosse macaco velho, depois de haver chegado a *Illustrissima* ao miserimo extremo de chamar os seus innumeráveis e infelizes credores para uma reunião, afim de se combinar uma concordata, naturalmente com uma infinita moratoria — depois d'isso, já não ha que estranhar nem contra que protestar em cousas da Edilidade.

Até aqui eram os urubús que comiam os cadaveres.

Pois, ao contrario do que se tem visto, a Camara é hoje um velho urubú de mata-douro... monopolizado, coberto de cadaveres.

Mais dia, menos dia — devoram-n'o. Pobres cadaveres!...

* * *

Agora, se lembrarmos o caso da infeliz Catharina Neyer, que ainda se não sabe se era suissa ou hungara; a morte prematura e lamentavel do talentoso e jovem pintor Generoso Frate, victima da febre amarella; e o passamento da baroneza Nogueira da Gama e do barão de Almeida Ramos e do antigo medico da policia Dr. Souza Lemos; a noticia de que Suas Altezas estão em viagem de regresso a esta capital; o aviso do Sr. ministro do imperio dispensando os estudantes acatholicos do estudo de Direito Ecclesiastico; aviso, que, com razão não mereceu ser approvado pelo lapis imperial e fatidico; a representação dos lavradores de S. José do Rio Preto á camara dos deputados, pedindo o praso de 10 annos para extincção do elemento servil, e lembrando medidas compressoras e vexatorias que não podem ser acceitas; se accrescentarmos ainda a *primeira do Palhaço* no theatro Lucinda e a primeira da *Cocota* no theatro Sant'Anna, e se por fim dissermos que a semana foi tão chólha como a proxima *futura* falla do throno, embora menos vasia do que a cabeça de *Quidam*, o *Escara-moço*, — teremos escripto fielmente a historia dos sete dias.

Pois ali está como se escreve a historia.

UM RETRATO

DE
GUERRA JUNQUEIRO

A *Semana* vae ter a honra de brindar o publico em geral e os seus assignantes em particular com o ultimo retrato do celebre auctor da *Morte de D. João*.

Guerra Junqueiro não gosta de se fazer photographar. O unico retrato que d'elle se conhece aqui é o que acompanha a segunda edição d'aquelle poema, publicado em 1876.

E' portanto uma grande, uma extraordinaria novidade — um novo retrato do illustre poeta.

Mas o que vamos publicar no nosso n. 13 não é um retrato commum; tirado na posição e da fórma porque se tiram todos os retratos.

Guerra Junqueiro não se fez photographar como qualquer burguez, nem mesmo como qualquer escriptor, por mais original e mais inimigo da rotina.

Guerra Junqueiro fez-se photographar... com um padre. Sim, meus senhores, com um padre! — o padre mais padre de quantos padres pululam n'aquellas boas terras lusitanas; o exemplar mais completo e perfeito do cura de aldêa.

Como conseguiu o revolucionario rubro, o atheu rebelde, o iconoclasta impavido da *Morte de D. João* e da *Morte de Jehovah*, como conseguiu elle tirar o retrato em companhia de um anafado e chorumento parochu minhoto?

Oh! *c'est toute une histoire!*

Sabel-o-hão em o nosso n. 13.

Será contada por *Julio Verim*, o espi-rituoso e delicado folhetinista, amigo intimo de Junqueiro, a quem este remetteu a photographia que vamos reproduzir.

A' sua extrema amabilidade e á boa estima que nos une, devemos poder ornar e distinguir a nossa folha com a reproducção lythographica d'essa preciosa e engraçadissima photographia.

O trabalho artistico já está confiado a um dos mais conhecidos e distinctos retratistas a *crayon*, — o Sr. Valle, e será acompanhado, como já dissemos, por um artigo escripto por *Julio Verim*.

Como se vê, não perde *A Semana* occasião, em seu interesse e no interesse dos seus leitores, de se tornar — interessante.

Prova-o esta extraordinaria novidade e hão de proval-o ainda outras novidades que estamos preparando.

Saiba o publico corresponder aos nossos esforços.

Chamamos a attenção dos leitores para os TRATOS Á BOLA d'este numero d'*A Semana*.

PITADA ECCLESIASTICA

— Qual é a ave mais conhecida, que mais se ouve á noite e cujo canto monotonu não varia nunca?

E' a coruja.

Não: é a ave-maria.

SATANAZ DA SILVA.

SOMBRA

Mulher, não te conheço!
G. CRESCO

Vens de um sepulchro, as cinzas remechendo,
Os ossos que encontraste á mão reunindo,
Fria, pallidamente fria, e enchendo
De pranto o horror da morte, averno e infundo.

E que sepulchro descoberto e horrendo
E' este?... Olho-o e o conheço, a um tempo ouvindo
Nelle os meus e os teus ais, que em som tremendo
Vão-se, ao modo dos lemures, carpindo.

Vens do passado, Sombra, e uivando choras!
Seguem-te em poz cadaveres medonhos,
Meus dias mortos, lividas auroras...

Mas que me queres tu? Se é fome impura
Que ainda te rôe, sacia-te nos sonhos
Que levaste contigo á sepultura.

ALBERTO D'OLIVEIRA.

PROSTITUIÇÃO NO RIO DE JANEIRO

I

TRAÇOS GERAES

(Continuação)

Não sei e nem é possível comprehender como se deixe tambem sem a menor inspecção sanitaria a casa, a propria residência d'essas infelizes, que nem ao menos merecem as vistas da hygiene publica.

Algumas d'ellas, ou a maior parte, são habitações mephiticas, deletereas e toxicas, sem condições salutaras, humidas e acanhadas como os vicios que afagam, com pouca luz, tendo constantemente em circulação o virus syphilitico. Impregnadas do miasma desde o solo até ao tecto, recebem no seu seio não só os inexperientes, mas muitos outros que ao sahirem d'ali, vão diffundir milhares de vezes o que lá receberam.

E' n'esses antros, é n'essas asquerosas possilgas, permittam-me as denominações, que, segundo me consta, põe-se em leilão todo o genero de obscenidades. Diz-me que a moral alli é um escarneo; e, no emtanto, a sociedade c'ha com indifferença para ellas, frequenta-as mesmo; o homem, o proprio chefe de familia compra ali prazeres, quasi sempre á custa da miseria e da existencia de si e de seus filhos.

Nem se lembram da cachexia venérea! Comprehendo perfeitamente que esta linguagem não agradará a todos, e não sei se a totalidade dos que lêem estes artigos estarão de accordo com o meu sentimento, porém o que é verdade é que não se pôde presenciar estas ignominias sem um brado de indignação, não se pôde, na actualidade, em que tudo falla de progresso, vêr tal cynismo, sem um protesto vehemente e energico.

Em um assumpto como este, delicado e grave, nem todos sabem fallar com a precisa franqueza com receio de offender susceptibilidades, mas essa franqueza torna-se necessaria e urgente, para que se chame sobre a questão a efficacia da lei, que é a primeira responsavel por essas existencias e organizações minadas e pervertidas pela peste syphilitica!...

Se me fosse possível dispôr de maior espaço nas columnas d'este hebdomadario, eu apresentaria já uns poucos de casos da minha clinica para provar as asserções que tenho sustentado.

Cansaria, entretanto, os que me lêem, porque é de conhecimento banal tudo isso, mas tornaria este trabalho pratico e de mais valor.

Os que legislam, porém, têm a precisa illustração e bom senso para, conhecendo estas verdades, procurar suffocar

o vulcão, o qual arrasta na sua lava conjunctamente a vida do homem e a perfectibilidade da raça!

O serviço das mulheres publicas, que não deve ser prohibido pelas razões que já expendi, necessita ser bem policiado, o que não acontece.

Presumo que alguns pessimistas, com seu sorriso sarcastico, tractarão de criticar tudo isto que estou escrevendo, mas não importa. Envolverei a sua opinião com a incuria torpente e o cynismo inexplicavel com que se olha para essa questão e outras que desgraçadamente pesam sobre a capital da minha querida patria.

— Será necessario reformar, antes de tudo, a Junta Central de Hygiene Publica, dando-lhe todo o poder e autonomia? Faça-se, porque, de facto, ella não pôde prestar serviços valiosos da maneira porque se acha organizada. O seu illustradissimo Presidente e meu conceituado mestre, refere no seu relatorio do anno passado:

« Ninguem dirá que o serviço de saude publica entre nós tenda a approximar-se do apogeo da perfeição. A organização d'este serviço, a nossa incompleta legislação sanitaria e fiscalisação e o *modus faciendi* das medidas sanitarias são de tal sorte eivadas de graves defeitos e mergulhadas em tanta desordem que urgente se torna refundir tudo quanto ha feito e substituir por novos codigos e novos regulamentos, o que equivale a uma reforma radical; providencia, aliás, de ha muito reclamada e que de mais a mais se mostra necessaria, se quizermos marchar em paralelo com outros desenvolvimentos do nosso paiz e com o progresso n'este ponto realizado pelos paizes estrangeiros. »

Folgo muito quando cito abalisadas opiniões como esta.

Sou medico e sei que o dogma hyppocratico ergue-se contra todas as aberrações do espirito humano, que gera as trevas do mundo physico e moral!

Como apostolo d'essa religião do sabio de Cós, devo cooperar para que esse estado de horrores seja melhorado, porque assim trarei beneficio para a humanidade, apezar de ter consciencia de que minha voz, ou antes, tudo o que sahe dos bicos da minha penna é pallido e sombrio.

Desde os tempos mais remotos, desde as épocas de mais atrazo que a prostituição tem occupado a attenção dos legisladores e tem sido submettida á jurisdicções especiaes.

Quem não conhece as instituições da Grecia e de Roma, e o famoso regulamento de Carlos VIII?!

Diz Rabutaux na sua obra *De la prostitution en Europe*: « Caligula foi o primeiro em Roma que decretou um imposto ao deboche publico. Alexandre Severo não consentiu que o dinheiro de tal proceencia manchasse o thesouro do Estado. »

Em Athenas, a patria da voluptuosidade, as meretrizes eram entretanto rigorosamente castigadas pela lei que lhes tirava todo o direito de *cidadães*, o que constituia uma especie de morte civil.

Estamos, porém, no seculo XIX, no seculo chamado das luzes e do progresso, e os encarregados de velar pela saude publica nem tomam isso como exemplo, deixando correr tudo como vae.

Não sou de opinião que se use de tanto rigor, que demonstra os poucos conhecimentos d'aquella época, mas que sirva isso para norma de conducta e para que nos envergonhemos de vêr o descabro que, pela comparação, lavra em uma cidade que tem o direito de ser civilisada.

A questão, como se sabe, é quasi toda scientifica, e, apezar de pertencer tambem aos dominios da moralidade, a ge-

ração actual escutará com mais respeito a voz da sciencia do que as leis da moral. Embalada no berço sensualista, parece preferir agora o horror do tumulto á abjuração dos prazeres!

E' isto o que deve combater-se, e na lucta bem merece o medico o primeiro lugar.

Os verdadeiros filhos de Hyppocrates devem ter fé na sua força, para emprender e operar essas revoluções sociaes, d'onde sahe o homem triumphando do vicio e superior a qualquer paixão!

(Continúa)

DR. HENRIQUE DE SÁ.

A VIDA ELEGANTE

A Sociedade Dramatica União Familiar da Gavea realisou no domingo 1 de Março a sua recita mensal, offerecendo ao seu escolhido publico um delicioso espectáculo.

As 8 ½ levantou-se o panno do palco e o espectáculo rompeu com a comedia em um acto—*Duas lições n'uma*—boa e bem desempenhada.

A esta seguiu-se *Os primos*—bem interpretada tambem ;—*O Fusileiro apaixonado*, cantado em francez pelo Sr. A. Braconot, cahio verdadeiramente no gosto do publico.

A. Braconot conta apenas 16 annos e mostra desde já um talento muito aproveitavel para o palco.

Representou-se em seguida—*Furias de Amor* e terminou o espectáculo pela deliciosa comedia de Arthur Azevedo—*Uma vespera de reis*.

Tudo correu perfeitamente bem, notando-se sómente na ultima comedia uma apparição pouco a proposito: foi o Castro.

A es-e que o representou pedimos que o não torne a fazer, porque está fóra da côr local transportar para uma vespera de Reis na Bahia o nosso Urso com a sua bengala e todos os seus bilhetes.

A noite era linda a mais não poder e uma aragem constante refrescava a athmosphera.

No dia 14 haverá um espectáculo em beneficio das victimas de Hespanha.

Agradecemos o convite que nos foi dirigido.

LORGNON

CANÇÃO DE VIAGEM

A manhã já doura os montes;
Chega a hora da partida...
Vou levar a errante vida
Para estranhos horizontes.

Por tua alma de criança,
Como nuvem de tormenta
Passa esta alma turbulenta,
Passa—e não deixa lembrança.

Fica em riso e f'licidade,
Fica em festa e alegria,
E leve eu n'alma erradia
Toda a noite da saudade.

Eu de nada mais preciso,
Que dentro d'alma, escondida,
Levo luz p'ra toda a vida,
Levo a luz do teu sorriso!

Adeus! nos valles sombrios,
Onde soluçam as aguas,
Derramarei minhas maguas,
Chorarei meus desvarios.

Por meus labios entreabertos
Rogar, fugindo, o vento,
E levará meu lamento
Para os barbaros desertos;

E talvez que as feras brutas,
Ouvindo o vento que passa,
Deplorem minha desgraça,
Pelas solitarias grutas.

E tu, risonha criança,
Se souberes da loucura
Que me leva á sepultura,
Talvez rias da lembrança...

Mas en de nada preciso,
Que nest'alma forasteira
Levo luz p'ra vida inteira,
Levo a luz do teu sorriso!

188...

LUCIO DE MENDONÇA.

CRITICA SCIENTIFICA

Quaes os melhoramentos hygienicos que devem ser introduzidos no Rio de Janeiro para tornar esta cidade mais saudavel?

Eis a interrogação que serve de titulo a these monumental, sustentada pelo Sr. Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel perante a Faculdade de Medicina.

Ao recebermos este trabalho, abrimol-o com curiosidade, lêmos com avidéz e cuidado e confessamos que concluimos a leitura com saudade.

Vasto como é, ainda assim o ponto que serviu de assumpto á dissertação não foi tratado com a precisa e rigorosa minuciosidade, demorando-se S. S. em largas considerações sobre a fundação da cidade do Rio de Janeiro. Para compensar, porém, essa lacuna que necessariamente dev.a dar-se, por ser o trabalho elaborado por alumno ainda do 6º anno que, embora distincto e applicado, não tinha á sua disposição elementos auxiliares em grande escala, procurou S. S. examinar *de visu* o que de mais essencial escolheu para discutir.

O auctor tratou de dar um cunho pratico ao que escreveu, deixando de parte tudo o que na sciencia moderna traduz concepções imaginarias mais ou menos perspicazes, e que escurecem cada vez mais o campo das interpretações scientificas, ou dão a estas uma face nova, vasia de fundo, apenas bonita, segundo a intelligencia do investigador. Deixou de parte a escola parasitaria tão entusiasticamente recebida, para guiar-se pelo que a clinica e a observação conscienciosa têm positivamente determinado.

No seu gigantesco trabalho, obra de folego, demonstrou exuberantemente a real salubridade do Rio de Janeiro, perturbada apenas por causas supervenientes. Entre essas causas, por exemplo, falla do *vinho artificial*, como uma das mais poderosas e terrives e que constitue uma questão de actualidade, em que a propria imprensa tem-se empenhado.

Apresenta-nos tambem o autor duas plantas da cidade; uma do anno de 1808 e outra propria, levantada em 1884, segundo os dados mais recentes, e que servem para demonstrar o desenvolvimto e progresso que o Rio de Janeiro tem adquirido.

Como primeiro de todos os melhoramentos a introduzir-se com urgencia S. S. pede a reforma fundamental da Junta de Hygiene que necessita realmente de mais interesse e protecção para que possa velar pela saude publica.

Finalmente o Sr. Dr. Pimentel, no seu trabalho, occupou-se proficientemente do ponto da cadeira de Hygiene, tratando da fundação, progresso e desenvolvimto da cidade do Rio de Janeiro, sua geographia, solo, atmospheria, climatologia comparada, descripção do estado da cidade e alimentação.

Conclue, respondendo, com poucas mas vigorosas palavras, á pergunta que serve de titulo á sua magnifica dissertação.

Damos-lhe um aperto de mão sincero

e ficamos satisfeitos em saber que a Faculdade de Medicina reconheceu o seu esforço, pois, approvou-lhe a these com distincção.

H.

BOLOS

A' pedanteria litteraria de Maximiano Pimenta juntou-se agora a mais estolidia pretensão, a mais triste ignorancia, a mais desastrada inepecia e mesmo a mais audaciosa deshonestidade critica de *Quidam*.

Eu me explico. Para isso, porém, vejamos e transcrevamos as palavras que no ultimo folhetim de *Quidam*, no *Pachiderme do Commercio*, se referem ao *Crime do padre Amaro*, notabilissimo romance de Eça de Queiroz, e uma das mais bellas obras da litteratura contemporanea:

« Mas já que aquelles senhores (os que o atacaram e ás suas parvoçadas criticas) querem por força que eu tivesse fallado da obra de Queiroz, dir-lhes-hei que custa-me a comprehender o qualificativo *notavel* applicado a um romance copiado do livro de Zola: *La faute de l'abbé Morin*. Excuso de acrescentar uma unica palavra mais.

Authopsiemos as phrases e justifiquemos os qualificativos que acima demos a *Quidam*:

— « romance copiado do livro de Zola, etc. :—triste ignorancia; vamos demonstral-a.

— « *La faute de l'abbé Morin* »:—desastrada inepecia; pois que, se *Quidam* fosse um menino esperto, procuraria fingir melhor que tinha lido o livro de Zola e escreveria Muret—que é como Zola escreve o appellido de Sergio—e não Morin—que foi apenas a victima de Mme. Clovis Hugues.

— « Excuso de acrescentar uma unica palavra mais »:—audaciosa deshonestidade critica; pois que, o critico que lança sobre um escriptor respeitad e estimado em dous paizes uma accusação de tal ordem, a accusação mais grave que pôde pesar sobre um homem de letras, e, mais ainda, sobre um homem honrado—porque o plagio é tão vergonhoso para o escriptor como deshonoroso para o homem,—quem lança uma tal accusação, tem o dever de a provar explicitamente, de maneira irrecusavel e incontestavel, com os documentos, confrontando as duas obras, exactamente como com o illustre *Escaravelho* fez ha tempos o actual critico musical do *Pachiderme*.

O critico que atira sobre um escriptor qualquer a pecha de plagiario e não o prova concomitantemente—não passa de um critico deshonesto e de um homem desprezivel e baixo, indigno de que os homens de bem lhe estendam a mão.

Não conhecemos senão de vista o illustre *Escaravelho Junior*; não faremos pois, nenhum juizo ácerca do seu caracter privado, levando á conta de criança e de ignorancia lastimavel as suas palavras a respeito do *Crime do padre Amaro*, que elle não conhece ou não comprehende, assim como não conhece e nunca leu *La faute de l'abbé Morin*, cujo titulo nem sabe escrever. E não nos venha para cá dizer que isto não é verdade, e que houve confusão; o nome de Muret é tantissimas vezes repetido no livro, que não é possivel esquecer-se jamais, principalmente a quem como *Quidam*, viveu em França, e está habituado aos nomes francezes.

Mas para destruir radicalmente a accusação de *Quidam* e fazer calar a garlhada e os chifidos deste pardal de má morte, transcrevemos em seguida a parte do prologo da ultima edição (1880 Chardron, Porto) do *Crime do padre*

Amaro, que se refere á accusação que já ha annos lhe fóra feita e que deu origem aos actuaes destemperos de *l'enfant critique*.

Falla Eça de Queiroz :

«E no Brazil e em Portugal escreveu-se (sem todavia de adduzir nenhuma prova effectiva) que *O Crime do padre Amaro* era uma imitação do romance do Sr. E. Zola—*La faute de l'Abbé Mouret*; ou que este livro do autor do *Assomoir* e d'outros magistraes estudos sociaes suggerira a idea, os personagens, a intenção do *Crime do padre Amaro*!

«Eu tenho algumas razões para crer que isto não é correcto. *O Crime do padre Amaro* foi escripto em 1871, lido a alguns amigos em 1872 e publicado em 1874 (*). O livro do Sr. Zola, *La faute de l'Abbé Mouret* (que é o quinto volume da serie *Rougon Macquart*), foi escripto e publicado em 1875.

«Mas (ainda que isto pareça sobrenatural) eu considero esta razão apenas como subalterna e insufficiente. Eu podia, enfim, ter penetrado no cerebro, no pensamento do Sr. Zola, e ter avistado entre as fórmas ainda indecisas das suas creações futuras, a figura do abbade Mouret, exactamente como o veneravel Anchises no valle dos Elyseos podia ver entre as sombras das raças vindouras fluctuando na nevoa luminosa do Lethes, aquelle que um dia devia ser Marcellus. Taes cousas são possiveis. Nem o homem prudente as deve considerar mais extraordinarias que o carro de fogo que arrebatou Elias aos céos, e outros prodigios provados.

«O que, segundo penso, mostra melhor que a accusação carece de exatidão é a simples comparação dos dous romances. *La faute de l'Abbé Mouret* é, no seu episodio central, o quadro allegorico da iniciação do primeiro homem e da primeira mulher no amor.

O abbade Mouret (Sergio), tendo sido atacado de uma febre cerebral, trazida principalmente pela sua exaltação mystica no culto da Virgem, na solidão de um valle abrasado da Provença (primeira parte do livro), é levado para convalescer ao *Paradou*, antigo parque do seculo XVII a que o abandono refez uma virgindade selvagem, e que é a representação allegorica do Paraiso. Ahi, tendo perdido na febre a consciencia de si mesmo a ponto de se esquecer do seu sacerdocio e da existencia da aldêa, e a consciencia do universo a ponto de ter medo do sol e das arvores do *Paradou* como de monstros estranhos—erra, durante mezes, pelas profundidades do bosque inculto, com Albina que é o genio, a Eva d'esse logar de legenda; Albina e Sergio, semi-nús como no Paraiso, procuram sem cessar, por um instincto que os impelle, uma arvore mysteriosa, da rama da qual cabe a influencia aphrodisiaca da materia procreadora; sob este symbolo da Arvore da Sciencia se possuem, depois de dias angustiosos em que tentam descobrir, na sua innocencia paradisiaca, o meio physico de realisar o amor; depois, n'uma mutua vergonha subita, notando a sua nudez, cobrem se de folhagens; e d'ahi os expulsa, os arranca o padre Archangias, que é a personificação theocratica do antigo Archango. Na ultima parte do livro o abbade Mouret recupera a consciencia de si mesmo, subtrahie-se á influencia dissolvente da adoração da Virgem, obtem por um esforço da oração e um privilegio da graça a extincção da sua virilidade, e torna-se um asceta sem nada d'humano, uma sombra cahida aos pés da cruz; e é sem que lhe mude a cor ao rosto que asperge e responde o esquite de Albina, que se as-

(*) Publicado pela primeira vez na *Revista Occidental*, de Lisboa.

phyxiou no *Paradou* sob um montão de flores de perfumes fortes.»

«Os criticos intelligentes que accusaram *O Crime do Padre Amaro* de ser apenas uma imitação da *Faute de l'Abbé Mouret* não tinham infelizmente lido o romance maravilhoso do Sr. Zola, que foi talvez a origem de toda a sua gloria. A semelhança casual dos dous titulos induziu-os em erro.»

«Com conhecimento dos dous livros, só uma obtusidade cornea ou uma má fé cynica poderia assemelhar esta bella allegoria idyllica, a que está misturado o pathetico drama d'uma alma mystica, ao *Crime do Padre Amaro* que, como podem ver neste novo trabalho, é apenas, no fundo, uma intriga de clérigos e de beatas tramada e murmurada á sombra d'uma velha Sé de provincia portugueza.»

*
**

Agora decida *Quidam* se tem a obtusidade cornea, ou a má fé cynica.

CHICO FERULA

MARINHA

(PARAPHRASE DO HESPANHOL)

Largo se estende o mar. Como uma aza inclinada,
Estranha véla cotta
A liquida planicie azul, tranquillizada.

N'uma ilha deserta, á flor do sorvedouro,
Uma palmeira morta
Enche de matinal orvalho o spatho louro,

Emquanto chora o mar; rasga a amplidão surpresa
O sol—um cravo d'ouro
D'onde pende o painel da alegre natureza.

1885.

João RIBEIRO.

QUATRO POEMAS

Sob este titulo tem no prélo o nosso companheiro Luiz Murat, um volume composto de quatro longas poesias de largo folego e inspiração potente. São ellas:—*Flecha de Meiamün, Sonhando, Cavalleiros mortos e Templo Vasio*.

Este livro, embora de grande valor,—pois que só a *Flecha de Meiamün* seria bastante para fazer a reputação poetica de Luiz Murat—será simplesmente o *avant-coureur* de obra mais importante e de inestimavel valor artistico—as *Avalanches*, soberbo livro que deve apparecer no correr d'este anno.

Annunciando os *Quatro poemas* auguramo-lhe ruidosos e esplendidos triumphos.

HORAS DO BOM TEMPO

(A VALENTIM MAGALHÃES)

V

A despedida de Injustino

Estava o Justino de Andrade, com a sua regularidade chronometrica, no cavaco das duas horas, á porta do Sá Rocha.

Era por fins de Dezembro, o entrar do inverno academico: segundo a nossa rebatida *chapa*, começava a migração das andarinhas—em ferias.

Injustino fizera exame do quinto anno, e, approvado plenamente, recebera na cabeça aquella fórma de capello, com bolas vermelhas, em que os velhos cathedricos têm modellado tanto bacharel.

Approvado plenamente!—isto só é uma historia inteira. A gana dos examina-

dores era disparar no nome d'aquelle vagabundo todas as espheras pretas de que dispunham; mas houve quem não consentisse e batasse o pé, com um empenho de todas as forças pela *plenificação* do rapaz: foi o Furtado. Os outros dous, sabedores das troças que fizera o Injustino áquelle lente, que era tambem delegado de policia da capital, cederam afinal, mas estupefactos. Lavrada e assignada a acta, o Furtado explicou-se: Injustino ameaçara-o de repetir o anno em S. Paulo, se fosse reprovado ou ainda, approvado simplesmente.—E eu preferia, exclamava o lente de Administrativo, com o seu olhar obliquo de velho pandego, preferia que se acabassem os cadetes, ou que se acabasse o mundo, a ter de supportar mais um anno semelhante demonio!

Estava, pois, o Injustino bacharel em sciencia sociaes e juridicas, plenamente approvado; e estava o Justino nas doçuras da bella prosa á porta da loja, quando vio surgir-lhe ao lado, com o chapéu na mão em respeitosa attitude, o terror das suas noites, o Attila das suas vidraças, o proprio Injustino, em carne e osso e sobrecasaca preta.

Nunca o vira tão serio, com tão boa cara de morigerado fillo—familias; mas tambem viu-o de relance e voltou-lhe as costas, com uma dignidade antiga. O Injustino, porém, resurgio-lhe á frente com a mesma curva reverenciosa na espinha:

—Sr. dr. Justino, venho dar-lhe uma satisfação.

Isto com uma voz humilde, de commover uma divindade de marmore.

E o Justino impassivel.

—Sr. doutor! uma satisfação não se recusa, e esta é a ultima vez que me vê: amanhã parto para a minha provincia, e não queria levar este remorso... porque eu me arrependo amargamente das minhas leviandades de rapaz contra uma pessoa tão respeitavel, contra um mestre tão sabio...

O Justino ia-se voltando para elle, insensivelmente.

—... porque a verdade é que, como estudante de Direito, sempre o respeitei muito como um civilista profundo, uma das glorias da Faculdade...

Já o civilista o ouvia frente a frente, e não era de todo máu o olhar com que o espreitava por detraz dos olhos azues.

—Seria para mim uma grande tristeza, contiuvava o estudante, com a voz unctuosa e tremula de uma contricção sincera, deixar em tão esclarecido espirito desfavoraveis recordações de minha pessoa. Venho pedir-lhe perdão de tantas loucuras de rapaz, sr. dr. Justino!

—Bem!... bem!... disse afinal o professor, com a palavra carregada de auctoridade, mas temperada de benevolencia. Este seu proceder o rehabilita. Teve os seus desmandos de rapaz; é muito novo, e isso é apanagio da idade; mas corrige-se, arrepende-se... está bem! Ora deixe-me dizer-lhe: o sr. Injustino estudava pouco, mas revelava talento. Hoje que está formado, applique-se mais ao Direito, e póde vir a ser um advogado capaz. E para o que eu lhe puder prestar, aqui estou.

—Oh! obrigadissimo, sr. doutor! a sua magnaninidade ainda mais me commove, n'esta occasião tão solemne para mim. Attrevo-me, pois, a esperar ainda um favor de sua grande bondade... Queira, sr. doutor, para provar que não guarda resentimento de mim, aceitar este pequeno mimo, que tomo a liberdade de lhe offerecer—para seu uso.

E apresentava um embrulho quadrado, em papel de seda atado com fita.

O dr. Justino escusava-se, acanhado.

—E' uma pequena lembrança, sem valor...

—Já agora me ha de lembrar o seu

nome, sem precisar lembrança: basta a nobreza do seu arrependimento.

— Mas condescenda, sr. doutor, com esta ultima impertinencia. Faça-me o obsequio de aceitar.

E estendia-lhe o objecto, quasi supplicante.

O dr. Justino, com esse gesto de cabeça que quer dizer:—Ora adeus!—aceitou.

Logo, sem mais demora, o Injustino despediu-se d'elle, apanhando-lhe ainda um abraço, e foi para defronte, para uma alfaiataria, onde estava um grupo de estudantes, á espreita. D'entre elles, dissimulando-se como os outros, observou também a loja do Sá Rocha.

O dr. Justino, quando o estudante desapareceu, voltou-se para o Ignacio e pediu-lhe uma tesoura para vêr o que seria a lembrança do rapaz.

— Algum objecto de escriptorio... dizia ao desfazer o embrulho, pesado e com muito enchimento de papel.

— E' o que ha de ser, confirmava o Ignacio.

Mas, despojado dos papeis que o disfarçavam, o objecto appareceu, ficou-lhe nas mãos, em toda a injuriosa nudez!

No mesmo instante, passava pela porta da loja o Injustino e perguntava ao civilista ainda attonito:

— Serve?... se não serve, troca-se por outra!

— Canalha! grandissimo patifel estertorou, engasgado de colera, o dr. Justino.

A lembrança, o mimo, que o rapaz lhe offerecera—para seu uso—era... uma ferradura!

LUCIO DE MENDONÇA.

THEATROS

O PALHAÇO

Afinal, a gente não tem remedio scão admirar este diabo de d'Ennery!

O nosso querido e desditoso Adelino Fontoura teve uma vez a respeito d'elle esta phrase feliz:

— « De todos os escriptores dramaticos da actualidade, d'Ennery é o que mellhor sabe fazer peças más. »

E é. Se elle um dia se resolvesse a fazer a comedia fina ou o alto drama moderno, talvez que nem o proprio Sardou pudesse com elle.

As suas peças têm um pouco da maneira italiana de Giacometti, se não são as d'este que têm a maneira de d'Ennery.

Para arranjar um entrecho, simples no fundo, e complical-o, emaranhal-o, conduzil-o pelos meandros mais mysteriosos da concatenação, entremeiando-o das scenas mais commovedoras, mais imprevisas, e mais dramaticas—para o desenredar n'um desenlace feliz e natural na ultima scena do quinto acto, não ha dramaturgo como o famoso auctor d'As *Duas Orphãs* e d'O *Palhaço*.

Apezar do genero,—que é mau e condemnavel porque sacrifica quasi sempre a verdade ao effeito,—d'Ennery é positivamente um mestre em cousas de theatro.

Os seus personagens não têm as delicadas cinzeladuras, a alta perfeição de contornos, as phrases caracteriscas, finamente espirituosas, os traços vigorosos e exactos, profundamente pessoas e typicos dos do auctor d'Os *Intimos*. Elle não se preocupa com a questão da verdade, nem mesmo com a da verosimilhança, faz os seus heroes viverem uma vida agitada, febril, desigual, contradictoria, mas fal-os viver amplamente, e, sobretudo, agir, pouco se importando que um saltimbancó seja terno e sentimental, que pronuncie phrases de rhetorica pomposa e depois não saiba fallar n'um salão da alta nobreza, mas saiba descompor os fidalgos com palavras correctas e

energicas, em periodos redondos, cheios e retumbantes; elle não se importa com isso, comtanto que o seu personagem possa no momento dado fazer explodir a platéa e fazer chorar as damas nos camarotes. Só procura os effeitos dramaticos, e, diga-se a verdade, ninguém os sabe encontrar como elle. As suas peças também não têm o que vulgarmente se chama *scena capital*; em todos os actos ha scenas veementes, grandes lances, pavorosas luctas de paixões, medonhos embates de sentimentos oppostos, grandes conflictos de caracteres heterogeneos, agindo diversamente e encontrando-se por fim frente a frente em qualquer situação, em qualquer acto.

Tal é, resumidamente, a nosso ver, o auctor d'O *Palhaço* e de cerca de quatrocentas peças mais, muitas feitas de collaboração.

O *Palhaço*, representado quarta-feira no Lucinda, pela companhia da actriz Appollonia, é um dos mais completos dramas de d'Ennery.

E' o conflicto do povo com a nobreza, ou antes o conflicto de uma classe das mais baixas com uma das mais altas da sociedade. Como sempre, visto que o drama é escripto para o povo, é o povo quem triumphava, pelos sentimentos de nobreza, contra a nobreza sem sentimentos.

Não daremos aqui o entrecho da peça, visto que as folhas diarias já hontem nos tiraram esse trabalho.

Diremos duas palavras do desempenho.

O actor Ferreira, um rapaz de incontestavel talento, encarregou-se do difficilissimo papel do protagonista.

Este actor, têm como poucos o defeito de servir para tudo, e é isto que o prejudica. Para que um actor possa subir ás difficeis eminencias do theatro actual, é necessario que se dedique a um só genero, ou, pelo menos, a uma certa ordem homogenea de papeis, que não seja alterada pelo disparate de ir o galan de hontem fazer o vegete ou o centro nobre de hoje, ou o *moralista* de amanhã.

Foi isto que fez com que o infeliz Pe-regrino não fosse um actor de primeira ordem e que está arrastando o actor Ferreira pelo caminho da eterna mediocridade.

No papel de Guilherme (o palhaço), foi pouco desenvolvido e pouco parlapatão no principio do primeiro acto, choroso de mais em algumas scenas dos outros, *cantando* por vezes a declamação, e fraqueando em algumas scenas de arrebatamento e explosão. Estes defeitos, porém, não vão a seguir; apparecem aqui e alli, de vez em quando, por entre scenas bem interpretadas, ditas com vigor e expressão, bem coloridas, e representadas com a verdade que a acção da peça comporta. No disfarce do quarto acto pareceu-nos muito infeliz e pouco senhor da situação, embora tivesse momentos bons nas scenas á parte com Magdalena; o final, porém, foi muito bom e dito com grande energia, assim como o final do terceiro acto. Estará melhor quando no correr das representações estiver mais á vontade e puder, por consequencia, ser mais igual no seu typo.

Apollonia pareceu-nos um tanto frouxa no papel de Magdalena, dando, comtudo, muito realce a algumas scenas, principalmente ás do ultimo acto entre ella, o marido e o avô. As canceiras de empregaria não lhe deixam, por certo, tempo e forças para mais acurados estudos; mas os notaveis recursos do seu talento supprem o que lhe rouba a contingencia da vida e ha sempre nos seus papeis um toque de delicadeza, auxiliado por uma boa gesticulação quasi sempre correcta e precisa.

Galvão... estralejou por esses ares as palavras do tyranno Lavarenes que foi uma calamidade... para o palhaço.

Simões, nobre e correcto no velho fidalgo canalha do segundo imperio, que o Sr. Moniz, traductor, regenerou no final para gaudio dos bons corações e desespero de *Quidam*.

O papel de Clelia não dá margem para brilharem os recursos das suas aptidões tantas vezes provadas, mas a velha e conscienciosa actriz fez tudo o que elle permittia.

Isolina disse com bastante graça o papel de Flora; pena é que esta artista não possa ter mais volubidade no fallar e mais desembaraco no gesto.

Muito interessante a menina Isaura no papel de Henrique.

Corrêa um bom typo de fidalgo parvo da decadencia.

Os demais actores concorreram com uma certa atnação para o exito da peça, que foi muito applaudida e promete uma longa carreira.

O scenario do 3º acto é de muito bom gosto e de um bellissimo effeito, sobre ser pintado com rara correcção e grande felicidade. E' um trabalho que faz honra ao pincel de Frederico de Barros, um rapaz que hade, em futuro proximo, substituir muito rasoavelmente o Rossi.

A traducção é boa e correcta.

Eis, com toda a sinceridade, a impressão que nos causou a primeira recita d'O *Palhaço*.

No Sant'Anna, hontem, a primeira da *Cocota*. Fallaremos no proximo numero

Mattos, Malta ou Matta?

NOVAS REVELAÇÕES

SETIMA CARTA

« Sr. redactor:

Chegado que fui á casa, em companhia do resuscitado, disse a este que entrasse accendi duas velas, offereci-lhe uma cadeira e dispunha-me a ouvir com toda a attenção o fio dessa narrativa, quando elle me observou que estava a cahir de fome e precisava refazer as forças com duas ou tres costeletas antes de principiar de novo o dialogo.

— Isso agora é que é o diabo! disse eu comigo, lembrando-me de que, depois que minha mulher abandonara aquella casa, nunca mais se accendera o fogão.

O resuscitado, como se adivinhasse o meu pensamento, lembrou que fossemos ceiar a um restaurante.

— Não, respondi eu, é melhor ficarmos aqui. Temos de conversar longamente e precisamos para isso de toda a liberdade.

Eu me encarrego de arranjar o que comer, é um instante! Fique o amigo á minha espera; não me demorei muito.

E, antes que elle apresentasse alguma objecção sahi gritando-lhe:

— Até logo.

— Veja se não se demora, hein? Tenho o estomago a gemer.

Sahi de casa, metti-me no carro que haviamos deixado á porta, e fui comprar ao primeiro hotel que encontrei, o necessario para uma ceia.

— Trouxe vinho? perguntou-me o hospede, logo que me viu voltar.

— Trouxe.

— Quantas garrafas?

— Duas.

— E' pouco.

— Pouco?

— De certo. Uma garrafa de vinho não chega para nada!...

— Mas eu trouxe duas...

— Uma não se conta!

— Não comprehendo!

— São theorias do meu educador. E desculpe não entrar por enquanto em

maiores explicações, porque já não me posso ter de fraqueza.

Dizendo isto, o meu singular hospede havia já desembrulhado a cesta dos comestíveis, e tirava de dentro o conteúdo, exclamando a cada peça:

— Bravo! Um frango assado! — Um pedaço de *roast-beeff*, esplendido! — Ostras de forno, magnifico! — Queijo de Minas, soberbo! — Pastéis de camarão, divino! — Uma linguíça, optimo!

— Creio que chega, disse eu.

— Pelo menos remedeia; affiançou o resuscitado, atirando para longe o chapéu e cravando os dentes no frango. O amigo alg m dia já passou meia semana sem comer? perguntou-me elle.

— Não me lembro.

— Pois aqui está quem já atravessou uma semana inteira, sem metter para a boca um grão de arroz. Tenho curtido muito boa fome nesta heroica cidade de S. Sebastião. Aqui onde me vê, conheço todas as delicias da miseria!

— Ninguem o diria, attendendo para esse bom humor de que dispõe o amigo.

— Ah! Mas é que eu encaro o mundo de um ponto de vista muito philosophico. Não me preocupo absolutamente com a vida, nem com a morte. Que m'importa a mim que as cousas corram deste ou d'aquelle modo? Que m'importa que chova ou que faça frio? Acaso desejo conservar a existencia?

— O senhor é um homem singular!...

— Não, sou apenas um indifferente, sou uma sombra! Sei que nada valem, sei que tudo isto que nos cerca desaparecerá dentro de certo tempo, sei que nós todos vivemos para cumprir uma lei indefectivel da natureza, e deixo-me por conseguinte governar como um verdadeiro instrumento. Não tenho vontades, não tenho querer. Aceito a vida, aceito os factos, sejam elles quaes forem, sem lhes perguntar d'onde vieram, que significam ou qual o fim a que se destinam. Que diabo me pôde succeder com este systema? — A morte? — Puff! estou me ninando para ella! — O descredito? Mas que diabo vem a ser isso? Não aspiro posição alguma na sociedade, não pretendo nada de meus semelhantes; vivo, porque assim o determinaram os mysterios da criação; não me mato, porque seria uma massada, e deixo correrem as cousas como ellas bem entendam!

— Mas a sua philosophia não o impedirá de soffrer phisica e moralmente, quando for acommettido por alguma dôr...

— Dôr?

— Então, tambem nega a dôr?

— De certo. Soffrem apenas os que desejam soffrer.

— Ora essa! Então se eu lhe pisar o melhor calo, o senhor não dá por isso?

— Pode ser que sinta a pressão do sen pé sobre o dedo em que se acha o calo, mas juro-lhe que não experimentarei com isso impressão mais agradável ou desagradavel do que se me dessem um beijo.

— Então porque exigiu o senhor que eu fosse buscar isso com que está se regalando? Se a fome não o incommodava, para que satisfazel-a?

— Porque ella assim o quer; isso não é commigo. é com o meu estomago, que funciona por conta propria, sem me consultar absolutamente. Apenas o que eu faço é auxiliar-o, emprestando-lhe outros membros e outros orgãos. Por exemplo:

E tomou um pastel de sobre a mesa:

— O estomago deseja este pastel, para que — não sei, nem quero saber, mas precisa d'elle e reclama-o. Eu, que faço? Agarro no pastel, levo-o á bocca...

E, mastigando:

— Mastigo-o... Engulo-o e agora cada um que se arranje!

— E se o senhor não tivesse o pastel á mão?

— Teria outra coisa.

Se não fosse hoje, amanhã ou depois ou daqui a oito dias. Com a differença, porém, que daqui a oito dias, se não me apparecesse um pastel, ou cousa semelhante, lançar-me-ia ás orelhas do primeiro cidadão que me passasse ao alcance dos dentes.

— Bem; observei, já farto de ouvir as extravagantes theorias do meu resuscitado. Deixemos por ora a sua philosophia e vamos tratar do que nos interessa.

— A mim nada interessa; atalhou elle.

— Perdão, mas não se trata só do senhor.

— Sim, mas eu só trato de mim...

— Pois faça o favor de abrir uma excepção nos seus costumes e responda ás perguntas que lhe vou fazer.

— Ah! Isso não me incommoda e até me diverte. Quer conversar, não é verdade? Pois converse p'r'ahi; gosto muito de fallar, porque fallar é uma coisa excellente, não demanda nenhum esforço, não demanda dinheiro, nem paciencia, nem energia, nem instrucção. A gente abre a bocca e deixa que a palavra saia, assim como agora. Vê?

Eu não faço o menor esforço para dizer tudo isto... Tenho o estomago cheio, a cabeça um pouco atordoada pelo que já falta de vinho nessas garrafas; ninguem conta com a minha vida ou com a minha morte; posso, por conseguinte, levar aqui a fallar deste modo, emquanto houver o que arder nos castiçoes e emquanto o somno não usar dos seus direitos e fazer-me adormecer.

— Bem; — disse eu, — mas o que eu desejo não é ouvir-o fallar e sim ouvir certos esclarecimentos que me são necessarios. Diga-me, por exemplo, como chegou o senhor a travar as suas relações com a viuva do pharmaceutico.

— Pois não! Uma noite, não sei que horas eram nem que dia da semana, achei-me cansado e morto de fome. Tinha caminhado por muitas ruas e não encontrava uma casa aberta. Afinal, dobrando para um largo, vi luz n'uma casinha de duas janellas. Fui até lá, bati. Perguntaram-me o que queria. « Quero fallar ao dono ou dona da casa. » Apareceu uma velhusca. « Quem é? — Sou eu! Faça o favor de abrir! — Que deseja? — Comer! » Iam-me fechar a porta na cara, mas não dei tempo para isso, e penetrei na casa. — « Não se assuste! » disse á velha, que parecia tremer de medo. « Não se assuste, não lhe farei o menor mal. » E, vendo que a mesa estava servida com um resto de ceia, assentei-me e comecei a comer com o mesmo appetite com que devorei o frango de ainda ha pouco. Depois tomei uma garrafa e enxuguei-a. Feito o que, abri uma porta, que dava para uma alcova, e estendi-me sobre uma boa cama que encontrei.

— E a velhusca?

— A velhusca a principio quiz ir chamar a policia, mas, á vista do meu sangue frio e talvez do ar pacifico de minha phisionomia, contentou-se em acompanhar-me os movimentos e afinal até ja me achava graça. Dormi lá essa noite, dormi perfeitamente e, como no dia seguinte, a velhusca me deu almoço, deixei-me ficar até que as pernas me pediram exercicio. Fui então passear, mas logo que me senti cansado, voltei á casa da velhusca, e assim fui fazendo até que ella já não podia estar por muito tempo separada de mim, e já pagava as cousas de que eu ia precisando e já me dava dinheiro, charutos, garrafas de cerveja e balas.

— Depois?

— Depois começou a aconselhar-me que trabalhasse...

— E o senhor?

— Eu, contei-lhe a minha historia, fallei-lhe no Melindroso e disse que não

tinha elementos para ganhar a vida e que estava disposto a ir passando á mercê do acaso, até que um *bond* ou uma febre de mau caracter se lembrasse de levar-me ao cemiterio.

— Mas o facto da sua prisão?

— Ah! Vou contar-lhe tudo pelo miudo:

Sou de V. S.

Att°. cr°. e ven°.r.

...

POESIA E POETAS

Mais um livro de poesias, e de poesias ruins.

Intitula-se — *Mariposas*.

Ora, o que havemos de dizer do Sr. Alfredo Rocha?

Com certeza o que temos dito de outros tantos versejadores que nos batem com insistencia á porta.

A *Semana*, como sabem todos, representa no jornalismo da nossa terra uma especie de força impulsora, para todos aquelles que se dedicam ás letras e que trabalham.

Não nega elogios a quem os merece mas tambem não os concede ao primeiro que surge, trazendo em vez de um livro de poesias, uma enxurrada de versos gobosos e tortos, sem inspiração, sem forma, sem cousa nenhuma que mereça a attenção da critica, o estudo e a analyse intrinseca ou extrinseca da ideia predominante do livro.

Protestamos contra esta invasão barbaresca.

Pouco importa que desagrademos aos poetas; o nosso fim é procurar destruir radicalmente essa tendencia que leva os moços brasileiros a trabalhos improficuos, desviando-os assim das suas verdadeiras aptidões.

Lemos as « *Mariposas* » e com franqueza confessamos que não gostámos e isto por uma razão muito logica: — por que o livro não é bom.

Não é preciso cital-o todo para a confirmacão do que dissemos; basta transcrever alguns versos da poesia intitulada *L...* que começa por um alexandrino e que se perde depois em um labyrintho tal de versos quebrados, que se torna difficil acompanhar o pensamento do poeta, por mais que nos revistamos de coragem e de boa vontade.

Começa o poeta:

« Oh! como doces são as horas que tú, flôr
Me dás grato perfume;
E eu soffrego a sorver com tanta ancia
De ti tenho ciumes »

Só desejavamos saber o que é que o poeta sorve: as horas de prazer ou a flôr?

Creemos antes que é a nossa paciencia.

Mas... continuemos:

« E's tu, linda que me agitas, que me embalas
Em teu seio de amor.
Como o lyrio que no prado emmurhecendo
Morrerei sem ti flôr. »

Mas o poeta esqueceu-se de dizer-nos o que é que acontece ao pobre lyrio que emmurchece no prado.

Finalmente, acaba dizendo que:

« Uma virgem ideal ao menos pede
Ao céu, á terra, ao mar;
Pede seiva de vida e longa vida
Quer viver para amar. »

Pois que Deus lhe conceda a virgem ideal, a seiva e a longa vida.

Olhe, Sr. Alfredo Rocha, juramos-lhe que se possuíssemos tudo isto, tudo isto estaria ás suas ordens, mas com uma condição: — de não fazer mais versos como os das *Mariposas*.

TRATOS Á BOLA

Recebemos d'esta vez quatorze cartilhas entre essas, duas em papel velino e aromatizadas.

Naturalmente vieram de mãos femininas e enfeitantes.

Ai, gentes! Mas vamos adiante.

Os senhores A. M. de Souza, Altense M. P. G., Um caipira, D. Pastellito, Rody e Um apreciador dos Tratos. Julio Tavares, Ceresiades e o amigo do Dr. V. de Mello não deram no vinte e portanto, nenhum delles chucha o premio.

Os Nocturnos de Gonçalves Crespo vão ter a outras mãos; ás do Sr. Soares Lima, o unico que decifrou todos os Tratos e que se nos dirigio em verso e com espirito.

Eis a carta do Sr. Soares :

« O C. de L., o Pimenta espaço
Anda a suar. Pois eu penso
Que o Paranapiacaba
Devia emprestar-lhe um lenço,
Dar-lhe uma cama de lona,
Um bom charuto, um gelado,
Um cego com uma sanfona
P'ra divertir-o. Calado
Com certeza ficaria
Este senhor Napoleão,
Que em vez de espada rombuda
Penna segura com a mão.
Se elle enfadar-se enfeitar-lhe
A cama com um sobreco
E o apeardo «Microcosmo»,
Dar-lhe de palha um chapéo,
Roupa branca e para o peito
Folhuda, formosa dhalia,
E depois uma... sandalia.
Oh! D. Pastel, para mim
O premio—Os nocturnos—Sim?»

Pois não : com todo o prazer. Póde mandar buscal-o. O senhor vale dez mil charadistas, e dos bons.

Agora não descance e não se arrelie se o Pimenta achar muito apimentados os versos.

Tome cuidado, todavia, com o homem. Olhe que elle, alem de Pimenta, é... Maximiano!

Ma-xi-mi-a-nol Ouviu?

As decifrações, portanto, são as seguintes : da benedictina, Pimenta : do logogrifho, Paranapiacaba; das telegraphicas, Lenço, Lona e Calado; das fiburcianas, Napoleão (1) e Sobre-ceu; e das antigas Apear e Sandalia.

Hoje é hoje! como se diz vulgarmente para significar que é chegado o dia das moscas por cordas e dos mosquitos por arames.

A postos, charadistas de ambos os sexos!

Arregalai os olhos e afiai a perspica-cia, caçadores dos Tratos!

Quem decifrar os de hoje, em primeiro logar, abiscoitará, nem mais nem menos do que...

Não. Primeiro as charadas e seu sequito : depois diremos qual é o premio. Guardemos o melhor para o fim.

Conseqüentemente, lá vae obra :

LOGOGRIPO

(Por letras)

Se ten juiz fosse havia de ter isto—5,4,4,3
Para que d'isto apenas me fiasse—5,6,4,2,1,2,6
E quando nisto o somno me embalasse—4,6,2,6
Isto já pelo espaço tinha visto—4,5,6

Pois se passar o rio isto não fosse—5,3,2,6,1,4
Como esta é possível que corresse—5,6,3,2,1
Tanto agrada a nossa alma e é tão doce—2,3,4
Que eu não veria se isto não pudesse—5,6,4.

Mas se isto o forte fortifica e guarda
E serve ainda para abrir-lhe ameias,
Tambem, Pastel! decifração não tarda;
Vaes ter as caixas e gavetas cheias!

(1) D. Pastellito tem razão. Houve um engano nesta charada:—aquella ave devia ser um animal.

BENEDICTINAS (2)

Illumina: Baça, cava, calha.

ANTIGA

Nada mais sou do que um ente—1.
Nada mais sou do que o tempo—1.
Nada, nada, nada sou.

ULTRA-NOVISSIMA

3—Substantivo medicinal; substantivo petreo; substantivo ferreo.

Decifra-se decapitando a palavra, que tem tres syllabas, de uma, até reduzi-la a monosyllabo.

Completa, dá a incognita e é substantivo medicinal; com duas syllabas, e substantivo petreo; com uma, e substantivo ferreo.

Tambem pode ser escripta assim:

1°, 2° e 3°—Substantivo medicinal.
2° e 3°—Substantivo petreo.
3°—Substantivo ferreo.

E para acabar duas

TELEGRAPHICAS (*)

1—1—1—Farofa no matto.
1—1—1—Latada corta.

E é só—por hoje.

Attendendo ás difficuldades dos Tratos e afim de contemplar tambem os decifradores das provincias mais proximas, damos para as decifrações o praso de 15 dias; serão ellas, portanto, publicadas no nosso n. 12.

Agora os

PREMIOS

Ao primeiro decifrador exacto um exemplar do Figaro Illustrado para 1885.

Os senhores sabem o que é isso? Poucos naturalmente; porque a pequena quantidade de exemplares que veio para as livrarias desapareceu d'ellas como por encanto, n'um abrir e fechar d'olhos; e acreditamos que o exemplar que damos por premio é o unico que actualmente existe em disponibilidade.

Pois o Figaro Illustrado para 1885 é uma grande revista de 20 paginas, contendo verdadeiras preciosidades artisticas e litterarias; quatro lindissimos chromos a muitas cores—o que ha de mais fino e de mais bello em chromos; varias peças de musica entre as quaes uma rapsodia hungara de Listz; numerosos desenhos e uma deliciosa pagina de portraits-charge dos mais celebres homens contemporaneos.

Emfim... o Figaro Illustrado é um eserinio nababesco de preciosidades.

Com mil demonios! Vale bem a pena dar tratos á bola um ou dous dias para ganhar um premio d'esta ordem. Principalmente não se encontrando á venda mais exemplares d'elle.

Ao segundo decifrador exacto um exemplar do tango—« A Semana—100 reis » e uma assignatura de um trimestre d'A Semana.

Ao terceiro—um tanguinho só.

Até ao nosso n. 12. portanto.

E sejam felizes!

D. PASTEL.

Recebemos:

Do Sr. José de Mello, representante da casa David Corazzi, de Lisboa, trez bonitas folhinhas chinezas.

—Para a cera do Santissimol cançoneta comica; letra de Arthur Azevedo, musica de D. Francisca de Gonzaga.

Esta cançoneta, foi ultimamente cantada pelo actor Mauro de Bellido no Theatro Principe Imperial, com grandes applausos.

(2) Veja-se a explicação que demos nos Tratos do n. 8.

(*) Vide a explicação no nosso n. 5.

—Do nosso benemerito collaborador Lucio de Mendonça, acabamos de receber uma traducção archi-primorosa!—do bellissimo conto de Alph. Daudet : Os rouxinões no cemiterio. Publical-o-emos no proximo numero.

CONSULTAS

As consultas juridicas dos Srs.—Dr. Antonio Jurumenha (Passos, Minas-Geraes) e Vasco Pereira Machado (Porto Seguro, Bahia), foram respondidas pelo correio no dia 26 do mez passado.

A' do Sr. J. F. de M. (Campos da Gramma) não respondemos por não nos haver parecido seria.

A' primeira consulta juridica do Sr. Julio Cezar Tavares Paes respondemos hontem pelo correio; á segunda responderemos brevemente.

Temos recebido entre outras as seguintes consultas :

—Do Sr. A. Pujol (Mendes), academico.

—Do Sr. Arth. de Andrade (Santos), sobre qual seja a mais moderna e mais completa historia da philosophia.

A todas responderemos com a possivel brevidade, na ordem do seu recebimento.

Devemos fazer scientes os Srs. assignantes de que não têm direito a consultar a redacção sobre questões importantes, que demandam acurado estudo—mais de uma vez por mez.

A Redacção porém não se nega a prestar quaesquer informações que lhe sejam pedidas.

CORREIO

SR. F. X. F. MARQUES; Bahia.—O seu soneto Stella é correcto, harmonioso e fecha bem. Mas tem alguns senões. Por exemplo, referindo-se á estrella, diz o senhor:

« Que achava a cousa mais formosa e bella
« P'ra se habitar... »

Chama-lhe depois—astro insigne. A imagem, alem disso, é um pouco obscura. Se não tivéssemos a certeza de que nos vae mandar cousa muito melhor, publicariamos a Stella, de que, todavia, tomaram muitos poetas ser auctor. E obrigados pelas amabilidades da sua cartinha.

SR. PALESTINO.—O seu soneto Scherazada é interessante e póde-se dizer que bom até ao primeiro terceto, inclusive. Mas o segundo, que, sendo a chave do « pequeno poema » de quatorze versos, devia ser a parte mais trabalhada e melhor, é exactamente onde se encontram mais defeitos. Quer vêr? Pois releia-o, attendendo ás palavras postas em itálico:

« E o sultão macilento e descorado
« E da sultana um pouco enamorado
« Brando lhe cede a vida mais um dia. »

Olhe; endireite isso, substitua, um d'aquelles adjectivos quasi synonymos, extirpe aquella segunda copulativa, enchendo melhor o verso; enfim, refunda o terceto e corrija o resto e mande-nos isso de novo. E não teremos duvida em publicar o seu soneto. Se tambem pudesse dar-lhe um novo titulo, menos cheio de massadas, isso então seria ouro sobre azul! Quanto á sua encomenda, estamos preparando-a. A demora tem sido causada pela difficuldade de encontrar um exemplar dos Cantos e Lutas, que hoje são raros.

SR. J. R. DE IDALEMA.—Recebemos suas charadas. Apparecerão brevemente nos Tratos á Bola.

SR. ALTENSE.—Póde mandar buscar os seus logogrifhos e charadas.

Serão acceitas caso prestem; D. Pastel é tão exquisito!



“A SEMANA” --- 100 RS. DELICIOSO TANGO

COMPOSTO E OFFERECIDO POR

Ernesto de Souza

conhecido auctor do tango **Setim**, e de outras applaudidas musicas, á redacção d'**A Semana**.

Vende-se no escriptorio desta folha, a
1\$000

LIVROS NOVOS

Acceitam-se neste escriptorio assignaturas para os seguintes livros, que proxicamente virão a lume:

SONETOS E POEMAS

um volume de 200 paginas, por Alberto de Oliveira.

SONETOS DE TODA A COR

um volume de cerca de 200 paginas, por Henrique de Magalhães, com uma introdução do grande poeta brasileiro Luiz DELFINO.

AURORAS

poesias de Alfredo de Souza.

O preço de assignatura para qualquer d'esses livros é de

2\$000

AQUARELLAS

versos de Filinto de Almeida. — **3\$000.**

QUATRO POEMAS

POR
LUIZ MURAT

1\$000

EVANGELINA

POEMA

DE

H. LONGFELOW

TRADUÇÃO DE

AMERICO LOBO

Vende-se nas livrarias Faro & Nunes, Laemmert e Serafim Alves e no escriptorio desta folha, a

2\$000 o exemplar

A Semana

Acceita annuncios nas seguintes condições:

Nas ultimas paginas, na secção propria, a 2\$ cada um dos quadrinhos. Intercalados no texto, entre os artigos de redacção, 500 réis a linha. Em logar especial, de inevitavel leitura, 1\$ a linha.

Reclames

Publicam-se n'esta folha *reclames* commerciaes sob a fórma de contos, poesias, noticias, etc... Verdadeiras armadilhas, agradaveis e infalliveis, á attenção do leitor. Preços variaveis, conforme a natureza e o tamanho da *reclame* e mediante previo ajuste no escriptorio da folha — Travessa do Ouvidor n. 36, sobrado.

RHEUMATISMO

Xarope anti-rheumatico vegetal de A. P. Guimarães, approvado pela Junta de Hygiene. Poderoso medicamento na cura do rheumatismo agudo ou chronico.

Vende-se na rua **Rua Primeiro de Março n. 94**, canto da dos Pescadores.

RESTAURANT VOLTAIRE

29 Rua da Uruguayana 29

Almoço \$ 800

Jantar 1\$000

SERVIÇO ASSEIADO E PROFUSO

Parece incrível que por tão modestos preços se possa comer tão bem! Pois venha verificá-lo, quem duvidar, á

29 RUA DA URUGUAYANA 29

RESTAURANT VOLTAIRE

DIARIO MERCANTIL

PROPRIEDADE DE UMA

ASSOCIAÇÃO DE COMMERCIAENTES

DE

S. PAULO

Redactores: Gaspar da Silva e Léo d'Affonseca

O **Diario Mercantil** é actualmente uma das folhas de maior circulação nas provincias de S. Paulo e Minas, offerecendo por isso grande vantagem aos annunciantes.

Correspondentes especiaes em todas as localidades importantes da provincia de S. Paulo, e bem assim no Rio de Janeiro, em Lisboa, Coimbra e Pariz.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á empresa do **Diario Mercantil**, caixa do correio n. 21, S. Paulo.

A SEMANA

Publica-se aos Sabbados

POR TRIMESTRE:

NUMERO AVULSO

Dentro e fóra da capital:
23000 rs.

DIRECTOR — VALENTIM MAGALHÃES

Do dia 100 rs.; atrasado
200 rs.

REDACÇÃO E GERENCIA — TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO

Não se restituem originaes, embora não publicados.

SUMMARIO

Historia dos sete dias — Julio Ribeiro, *Valentim Magalhães* — Iluminuras, *Julia Lopes* — Epilogo das Aspasias, soneto, *Luiz Delfino* — Politica e politicos, *Peit Pitt* — A' uma hora da manhã, *Gaspar da Silva* — Causa ignota, soneto, *Filinto d'Almeida* — Bolos, *Chico Férula* — Traducções litteraes e fóra da letra, *lynobus* — Cochilos, *Dominó preto* — Pazar, soneto, *Alfredo de Souza* — Theatros — Mattos, Malta ou Matta? (Novas revolações) — Tratos á bola, *D. Pastel* — Cartas sertanejas, *Julio Ribeiro* — Escaravolho — Consultas — Recebemos — Correio — Factos diversos — Anuncios.

A SEMANA

Rio, 14 de Março de 1885.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Foi uma semana de aberturas, se nos permittem a expressão.

Queremos dizer que foram sete dias de inaugurações, de estréas, de iniciamentos e de primeiras representações.

Novas peças, novos scenarios, novos actores.

Tudo novidade, á excepção das velharias... envernizadas de novo.

Começaremos pelo principio, por não nos ser possível principiar pelo fim para acabar logo... no principio.

Infelizmente o que mais se deseja é exactamente o que menos se alcança.

Resignemo-nos, e façamos passar a primeira d'este rosario de novidades pelo fio da chronica.

Extinguiu-se a guarda urbana. Está morto o *morcego*, essa ave noctambula, sinistra e pandega, sanguisedenta e covarde....

Basta. Não descomponhamos os defunctos. Fora pouco generoso e nada christão.

E' innegavel que este grande serviço feito á ordem e a moralidade publica é principalmente devido ao Sr. conselheiro Tito de Mattos, o pirronico e assomado ex-chefe de policia, que em seu ultimo relatório deixou claramente provada a urgentissima necessidade de mandar a guarda urbana á Praia Grande ver se estava por lá o Castro Malta, mas com ordem de não voltar sem elle.

Quando outro titulo não tivesse o actual ministro do imperio á benevolencia e á sympathia de Dona Historia, seria sufficiente o de haver acabado com a guarda urbana.

No dia 12 — dia em que o *Diario Official* publicou o novo regulamento para o corpo militar de policia da côrte, — foi substituido o pessoal da extincta guarda urbana pelas praças e officiaes do corpo militar de policia. Os commandantes da guarda urbana e do corpo militar de policia *deitaram* ordens do dia, muito solemnes e todas cheias de *massadas* e *circumstancias*. Aquelle, despedindo-se

dos seus homens, diz que « se desvanece e dá parabens á fortuna por ter commandado um corpo composto de tão dignos cidadãos, cujos serviços á causa publica não poden ser olvidados. » E mais ainda:

« As imputações desfavoraveis que se tem feito a este corpo não conseguem suffocar na consciencia d'este commando uma justa revolta, porque ellas não têm sido justas, porque ellas saltam por cima de tantos actos de dedicação, probidade e heroismo, praticados pelo pessoal d'este corpo, cuja historia subsistirá muda no respectivo archivo, até que o tempo, juiz austero e sempre seguro, confirme a sua condemnação ou proclame a sua absolvição. »

Como *falla* bem o Sr. major Noltenio! Segundo a sua rethorica, aqeccida pela commoção de um mandado de despejo, os urbanos são, quer dizer: eram uns benemeritos, e praticaram innumeros actos inolvidaveis de dedicação, probidade e heroismo e o corpo de urbanos ao ser extinto estava « expurgado de todos os elementos maus. »

E, entretanto, o governo perfidamente, com clamorissima injustiça... *peft!*... atirou a *urbanada* ao olho da rua!

O que vale á verdade é que não é o Sr. major Noltenio quem escreve a historia!

Agora, que os *morcegas* bateram a linda plumagem e que temos gente nova e nova organização para o policiamento d'esta cidade heroica que tomamos a liberdade de chamar *Capoeiropolis*, — se o Sr. major Noltenio nos dá licença... — agora acreditamos que não haverá mais *Maltas* (nem Castros, nem de capoeiras), e que não se dará mais occasião a que um digno delegado policial consigne em relatório a *desidia* e o *relaxamento* e o *descuido* da repartição da policia.

E a proposito: — Ninguem será responsável por esse criminoso relaxamento que deu causa á morte de um homem?

Felix... patria!

Reorganizado, o corpo militar de policia se comporá de 8 companhias, sendo 2 de cavallaria e 6 de infantaria, e comportará a força de 1008 homens e 182 cavallos, assim distribuidos; estado maior e menor, 14 homens e 10 cavallos; 2 companhias de cavallaria, 172 homens e 172 cavallos; 6 companhias de infantaria, 822 homens.

Esse pessoal, com severa disciplina e vigilancia activa e constante, sem o systema da *capa*, que celebrizou a extincta policia marca barbante, será sufficiente para que a *Capoeiropolis* possa merecer o nome de cidade pacifica, ordeira e decente.

O facto de haverem sido transferidos para o corpo policial os commandantes da fallecida guarda urbana, com preterição de muitos officiaes do exercito que andam por ali desaproveitados, em es-

tado de pobreza e de mandrice, não foi acto digno de louvor.

Muito pelo contrario. Mas enfim... o que está feito está feito.

Saiba o corpo militar de policia substituir a contento geral o guarda urbano (o Diabo lhe falle n'alma!) que segundo a letra de uma cançoneta muito conhecida « não era paisano nem militar. »

Amen!

No dia 8 — abertura solemne do Parlamento. Fala do throno chôcha, banal, fraquinha, insignificante como de costume. Reduzimol-a a estylo telegraphico para poupar espaço e... paciencia.

Por esta fórma é que S. M. a devia ter lido. « Augustos representantes nação. Reunião assembléa desperta esperanças objecto sessão. Amada filha presado genro regressam viagem S. Paulo, Paraná, Santa Catharina, Rio Grande Sul.

Estado sanitario, côrte, provincias, bom como o diabo! Febre amarcellanicles! Bexiga — pouca. Cholera longe; bem bom. Sessão extraordinaria aconselhada necessidade resolver projecto julgado util governo extincção gradual escravidão nossa patria conforme desejo todos brasileiros, sacrificio menor possível.

Sabedoria vocês reconhecerá *busilis*. Estou certo vos occupareis tambem propostas fixação forças terra, mar, exame orçamento exercicio 1885 a 86 providenciando economia *andradepintina*, in spire confiança restabelecimento equilibrio entre renda e despeza publica.

Dignissimos nação! Vosso zelo causa publica afiança não poupareis diligencia cumprimento patriótico dever. Aberta sessão extraordinaria. Até logo. »

Eis a falla do throno expremida das inutilidades syntaxicas e orthographicas que a avolumavam.

S. Magestade leu-a como de costume com falso e luneta. Mas parecia surumbatico, apprehensivo, *atucanado*, como dizem os roceiros para significar que um individuo está enfiado. Teve gestos de impaciencia ao accomodar no throno e no coche a cauda e a paparia magestatica.

Ao que parece S. Magestade não vê inteiramente cor de rosa os horisontes da patria.

No dia seguinte, 9, abertura solemne da *Salinha* provincial, depois da respectiva e indispensavel missa do Espirito-Santo.

O Sr. Cezario Alvim, que é o imperador d'aquelle parlamento, abriu-o, sem papos, mas com o seu nariz de tucano, e leu a competente *Fallinha* inaugural.

Os lycurguinhos cahiram já na rethorica nichtheroyense como patinhos na agua. E patinhando continuarão até que o Sr. D. Pedro da Praia Grande haja por bem fechar a *Salinha*. E chova subsidio!

Bem avisado andou o governo agra-
ciando varios artistas nossos, dos que
mais se distinguiram na exposiçào de
bellas artes.

Bem sabemos que com a commenda
ou com o habito da Rosa não se põe a
panella no fogo; mas taes honrarias
dadas por serviços prestados ás artes,
como ás letras, tomam um novo caract-
er de distincção que as não deixa con-
fundir-se com os *crachás* prodigamente
distribuidos aos toucinheiros dinheirosos
e aos boças de influencia. Estes com-
mendadores representam vinho de outra
pipa.

Comprimentamol-os.

No Sant'Anna e no Recreio Dramatico
duas *primeiras*:—a da *Cocota* e a d'As
meninas Godin.

Duas deliciosas *primeiras*.

Para mais informações—á secção *Thea-*
tros.

Foi isso o que houve de mais impor-
tante nos sete dias decorridos e histo-
riados aqui muito pela rama.

Semana de poucas cousas, mas todas
novas, ou fazendo-se de *novas*.

Antes isso.

JULIO RIBEIRO

«O homem que sabe ser-
vir-se da penna, que pôde
publicar o que escreve e que
não diga seus compatriotas
o que entende ser a verdade,
deixa de cumprir um dever,
commette o crime de cov-
ardia, é máo cidadão.»

JULIO RIBEIRO

(*Cartas sertanejas*; II; *Diario Mer-*
cantil, 6 d. Março de 1885.)

E' muito conhecido já, embora não
tanto quanto merece, o nome que encima
este artigo ligeiro, mais de profações do
que de critica.

O seu bello romance historico, eru-
dicto e finalmente litterario—*Padre Bel-*
chior de Pontes, publicado em Campi-
nas ha nove annos, foi um bello *suc-*
cesso. Dessa edição poucos exemplares
hoje se encontram. O proprio author o
confessa no prefacio:—«A imprensa
paulista quasi em peso, folhas da côrte
e de varias provincias, escriptores de
merito reconhecido levantaram *una*
voce a obrinha, exaltaram-na, glorifica-
ram-na.»

Não fosse de politicos e de analpha-
betos este paiz, e da penna que escreveu
Padre Belchior teriam promanado ou-
tros muitos livros igualmente bellos,
senão muito mais valiosos.

A outra obra de Julio Ribeiro, que lhe
fez solida e respeitavel a reputação de
estudioso e reformador, é a sua estima-
dissima *Grammatica*, que em Portugal
como no Brazil, é considerada a mais
scientificamente e racionalmente em face dos actuaes
progressos da glottica e dos estudos
antrophologicos e linguísticos, e talvez
sem pár em ambos os paizes.

Na opinião authorisadissima de Theo-
philo Braga é a melhor grammatica da
lingua portugueza, das publicadas até
hoje.

Como philologo e romancista de pri-
meira plana, era até aqui conhecido e
reputado o valente escriptor «mineiro
por nascimento, paulista por criação.»

Terceira face do seu multiplo talento
acaba de se nos revelar, erguendo logo
ás primeiras fulgurações um côro de
applausos, um marulho de admiração,
eguaes aos que saudaram o romancista
e o philologo.

Refiro-me ás *Cartas sertanejas*, cuja
publicação acaba o illustre escriptor de
encetar no *Diario Mercantil*—esse mag-
nifico jornal que de provinciano não tem
nada e de jornal da corte—quasi tudo.

Para que melhor se ajuize do genero
e do valor desses artigos, publicamos em
outro lugar d'esta folha, o primeiro
delles, que é o programma das *Cartas*
sertanejas.

Era de um homem d'esses que esta-
vamos sentindo falta. De um observa-
dor recto e inabalavel, imparcial e se-
reno, de um critico independente e li-
berissimo, sem gargalheiras partidarias
nem atilhos de pequeninas convenien-
cias; de um corajoso até á insolencia,
de um justo até á crueldade, de um sin-
cero até á grosseria: de um escriptor
que escrevesse «por civismo»—é que de
lia muito necessitavamos.

Eil-o que chega. Bemvido seja!

Em meio ao monotono concerto de
louvaminhas e lóas apologeticas, irri-
tantes á força de serem harmonicas, fal-
sas, hypocritas, interesseiras, de uma
baixesa sordida e de uma banalidade
narcotica—a voz de Julio Ribeiro, clara,
alt'ona, metallica, vibra e estala no ar,
como a lingua de um rêlho; esburaca e
alanha os ventres lusidios e indecentes
dos Interesses e das Conveniencias, obri-
gando-os a esvasiarem-se, com descargas
fétidas, do entulho de covardia e de
manha, de ganancia e de tartufice que
os abarrotava.

Julio Ribeiro não aspira, não ambi-
ciona, não pretende, não pede; não é
candidato a cousa nenhuma.

Qualidade espantosa e rara!

Quer continuar a ser o que tem sido.
Consequentemente escreve «para satis-
fazer a sua propria actividade.» escreve
«por civismo;» pouco se lhe impor-
tando que os seus escriptos agradem ou
não agradem a todos os habitantes do
mundo—á excepção de um unico—que é
elle.

Julio Ribeiro escreve para contentar-se
e satisfazer-se a elle mesmo, e, portanto,
desde que os seus artigos agradam a
Julio Ribeiro—nada mais deseja.

Na segunda *carta* estudou os dois depu-
tados republicanos eleitos por S. Paulo.
—E' uma diatribel é um pasquim
diffamatorio! é uma verrina! berrarão,
assanhadissimas, as hypocrisias e as
conveniencias.

—Não, minhas senhoras; responde-
lhes a Verdade:—E' uma disseção, é
uma autopsia; é um trabalho de ana-
tomia social.

Continúe Julio Ribeiro, deixando ber-
rar quem berra.

O pulso é firme, a vontade inabalavel,
a «a arma terrivel, brutal como o aço,
mas forte como elle:—a sinceridade.»

Ávante, pois!

Permitta, emtanto, o poderoso escriptor
que de longe o interrompa por um in-
stante, para apertar-lhe vigorosamente
e alegremente a mão honrada e athletica,
um collega humillimo e um companheiro
de batalha dos mais fracos, mas não dos
menos resolutos.

E, como em campanha ao partir para
o combate, á frente da barraca, dir-lhe-
hei sacudindo-lhe fraternalmente a mão:
—Bom dia, camarada! Vamos a isso!

VALENTIM MAGALHÃES.

ILLUMINURAS

OS POMBOS

Perto, arrulhava amorosamente um
casal de pombinhos; voavam além, na
altura, as andorinhas.

Vendo-as, dizia um noivo á sua noiva:

—Repara, minha vida, que tanto poder o
do amor! Quem não respeitará este casal

sereno, tão confladamente feliz? Eu por
mim, se fosse caçador, passaria junto
d'elle bem devagarinho, para o não per-
turbar no seu enlevo; e no emtanto, ati-
raria sem pena a qualquer d'aquellas
pobresinhas que lá estão no espaço
crendo-se em liberdade.

—Se eu fosse ave... interrompeu ella.

Mas elle, sem a deixar concluir:

—Qual quizeras ser?

—Amando-te, como te amo? Nenhuma.

—Mas... se me não amasses?

—Impossivel!

—Mas... se eu te não amasse?

Ella então, estendendo o braço para o
céo, respondeu amargamente:

—D'aquellas!

JULIA LOPES.

EPILOGO DAS ASPÁZIAS

Quando tiver o sol da nova ideia
Largamente irrompido do horizonte:
Quando não existir mais nada d'honte,...
Quando o réu de Jesus, que já baqueia,

Rolar de vez na enchente, que se alteia;
Quando o inferno a ninguem mais amedronte,
E Belzebut galhófe com Caronte
Do novo deus, em que o universo creia...

Destas vastas e esplendidas ruinas,
D'onde não surgirão as bestas teras,
Mas hão de rir-se os niuhos e as boninas,

Inda, coroado de verbena e de heras,
Ha de o poeta—em rimas peregrinas
Cantar seu deus:—o Amor, e as primaveras

LUIZ DELFINO.

POLITICA E POLITICOS

O governo, apesar da *especie de der-*
rota (*) que soffreu com a eleição da
mesa, continua sem maior novidade em
sua importante saude.

S. Ex. tem razão em não se dar por
achado com a escaramuça do dia 11.
Falta reconhecer mais de 40 deputados,
dos quaes boa parte ha de ir engrossar
as fileiras governistas—que a fallar a
verdade estão por ora muito necessita-
das de reforço. Aos opposicionistas não
convém um recontro na arena do pro-
jecto; ora ao governo não convém ba-
talha em outro terreno que não esse. A
sessão extraordinaria foi convocada uni-
camente para resolver o gravissimo pro-
blema. Como sujeitar-se o governo a uma
derrota casual, produzida por causas
estranhas ao objecto da sessão, antes de
estarem reconhecidos todos os deputa-
dos, antes de estar a camara constituída
au grand complet?

Depois d'isso muito bem.

Se o conselheiro Dantas tivesse outro
pensamento e outro plano daria prova
de uma fraqueza e de uma inaptidão in-
compatíveis com os seus reconhecidos ti-
tulos de capacidade e perspicacia.

Esperem, portanto, os dissidentes e os
seus humildes caudatarios—os conser-
vadores, pelo momento de se verificar
com quem está o paiz:—se com elles ou se
com o conselheiro Dantas; se com
aquelles que se agarram á celebre phra-
se do Sr. Martinho Campos, como a
preguiça ao toco,—se com os que pensam
que é tempo de termos vergonha. O go-
verno conta por ora com a insignifican-

(*) Expressão do Sr. Junqueira na ses-
são do Senado de 13 do corrente.

te maioria de um ou dous votos; mas é muito de esperar que, além dos 2 republicanos, alguns dos 12 dissidentes se passem para o governo, mediante algum accordo razoavel e digno; e dos quarenta e tantos contestados mais de meia duzia sejam pelo Sr. Dantas e pelo seu projecto.

Os horisontes estão turvos; mas nelles raia uma esperança que bem póde ser a aurora do triumpho.

Esperemos, portanto, a hora do combate.

PETIT-PITT.

À UMA HORA DA MANHÃ

(BAUDELAIRE)

Emfim! Estou só!

Ouve-se de quando em quando o rodar lento de uma carruagem de praça.

Nada mais... Terei, pois, durante algumas horas o almejado silencio e, talvez, o repouso.

Emfim!

Não verei rosto humano até ao amanhecer. Posso soffrer á vontade, sem o menor constrangimento, só commigo e para mim só...

Vou, emfim! refocilar-me n'um banho de trevas!

Antes de tudo — mais uma volta á chave. Parece-me que esta volta augmenta a minha solidão, fortifica as barricadas que me separam actualmente do mundo...

Horriavel vida! Cidade horriavel!

Passo a recapitular os acontecimentos do dia:

— Encontrei muitos litteratos, dos quaes um me perguntou se podia ir á Russia por terra (julga, por certo, que a Russia é uma ilha...); discuti generosamente com o director de uma revista, o qual para cada objecção tem esta resposta: — « Os homens de bem estão aqui » — o que vale dizer que os outros jornaes são redigidos por malandrins; tirei o chapéu a vinte pessoas, das quaes não eonheço quinze; apertei a mão de outras tantas sem haver comprado luvas; fugindo á chuva, entrei na casa de uma dançarina que me pediu que lhe desenhasse um costume de Venus; procurei um empregario, que, depois de ouvir as minhas amabilidades e as minhas pretensões, despediu-me, dizendo: « Dirija-se a Z., o mais bronco, o mais tolo e o mais celebre de todos os meus actores; com elle talvez o meu caro amigo possa fazer alguma cousa; falle-lhe e depois veremos; » gabei-me (porque?) de muitas accções torpes que não commetti e occultei pequenas faltas, que pratiquei com praser, méras fanfarrices, perdcaveis rapaziadas; recusei a um amigo um serviço facil e dei uma carta de recommendação a um velhaco...

Safa! Comprida recapitulação!...

Descontente de tudo e de mim proprio, tento necessidade de um pouco de silencio e da solidão da noite.

Tenho... para remir-me e ensoberbecer-me.

Almas d'aquelles que amei, almas d'aquelles que cautei, dae-me forças, ampara-me, desviae de mim a mentira e os nocivos vapores do mundo!

E vós, senhor meu Deus! concedei-me a graça de produzir alguns versos bons, que ire provem que eu não sou o ultimo dos homens — que não sou inferior áquelles que desprezo!...

GASPAR DA SILVA.

CAUSA IGNOTA

Toda a solercia antiga nos amores,
Que eu tinha, quando os encarava rindo,
Toda a frieza, foi de mim fugindo,
Ao ver os vossos olhos tentadores;

Agora, após os novos dissabores,
Porque me seja infenso um mal infindo,
Ando commigo mesmo desavindo,
São contra mim meus odios e furores!

E de meu mal á causa entretecendo
Vou de canções de amor, em verso ideal,
Sylvas que um dia vos darei morrendo.

E, se me nutro de paixão lethal,
Góso na propria dôr que estou soffrendo,
Porque sois vós a causa do meu mal.

Janerio, 8 de 1885.

FILINTO D'ALMEIDA.

BOLOS

O *Jornal do Commercio* veio, pelo caudo do seu folhetim de quinta-feira, repetir todas as banalidades e todas as tolices que ha cinco ou seis annos uma sucia de ineptos tem atirado sobre a obra maravilhosa de Emilio Zola.

Eu não lhe regeitarei d'aqui o venabulo da minha colera, que a não tenho, nem a lagrima salgada da dôr que me não expunge ao lel-o. Tenho por elle este sentimento tranquillo e doce da compaixão humana pelos que padecem.

Não me tendo Hippocrates ensinado a arte de purificar os corpos das affecções adquiridas ou ingentias; inteiramente baldo de recursos therapeuticos, remeto o desgraçado para o Dr. Moura Brazil, affm de que o illustre facultativo procure curar e cure a espantosa myopia intellectual do ultimo arrebetão do *Pachiderme*.

Se lhe não tapasse a vista a obtusidade cornea de que falla Eça de Queiroz, ainda eu me atreveria a esborcinar-lhe os angulos da prosa sorna e a affrouxar-lhe as estivadas dos periodos, para o enxalmar depois com demonstrações de critica comparativa, que não faço agora por me não cançar e por não tirar ao illustre ophthalmologista a gloria de uma cura difficil.

Que este momento de bonhomia me seja levado em conta pelo peccado capital de lhe ter lido as regras.

D'esta vez elle encontrará o terreno, ordinariamente duro desta secção, surribado em doces frouxeis, onde poderá descancar como n'um collo amado a gentil abobora secca, ornada de pellos negros, que lhe serve para passeiar o chapéu ao longo das ruas pasmadas.

Entre e descance das surriadas da critica incompetente e ignara, triste demonstração da decadencia das letras indigenas e da deploravel orientação jornalística dos negregados zolistas, que andam a mordiscar-lhe os folhetins, os seus queridos folhetins, especie de unhas encravadas ás quintas-feiras na pata formidavel do *Pachiderme*, onde Maximiano Pimenta, com mão prodiga, distribue a celebridade nacional aos domingos e revesa engulhos nauseantes sobre os collegas inermes ou imberbes.

Entre, rebite a perna aperaltada de futuro leão de Paris e venha ver commigo, em boa camaradagem, estes entes animados de sentimentos nobres e elevados, por quem se hade interessar quando tiver lido muito livros de Zola, visto que até agora confessa ter lido poucos.

Antes d'isso, porém, deixe-me advertil-o de que Zola procura retratar a sociedade franceza do periodo nefasto e podre do segundo imperio, onde não houve nenhum Cesar, e onde se houve

algum Napoleão, esse apenas serviu para contrastar a sua baixeza enorme com a enorme grandeza do outro que fundou a curta dymnastia dos Buonapartes. E olhe que mesmo o primeiro e mais o grande Cesar têm muito por onde se lhes pegue se um historiador imparcial lhes quizer pôr em relevo as mazellas de homens — o que não é caso para admirações, visto que o proprio Sol tem manchas e o proprio *Escaravelho* tem maçans.

Mas vamos lá ver estes personagens. Aqui tem o meu oculo d'alcance. Veja-me este Florencio do *Ventre de Paris*. Que lhe parece, hein? Vae-me dizer que um santo. Não é um santo, mas é um homem; caracter são, indole boa, cheio de aspirações de futuro prospero para a sua patria, cabeça genial de sonhador illudido, vendo através da gloria rubra de sangue das revoluções um ideal encantador de liberdade, de igualdade, de fraternidade. Este desgraçado é um aperfeiçoamento de João Valjean: passou por todas as miserias, soffreu todas as injustiças, padeceu a fome, o frio, a sede; foi batido por todos os vendavaes da desgraça, experimentou todas as dores e todos os infurtunios — e não succumbiu! Deu uma vez uma dentada em uma cenoura alheia e teve estremecimentos de horror por isso. Mas não roubou como Valjean a moeda da criança nem os castiões do bispo. Agora repare no meio em que elle vivia, e póde, vá lá! póde mesmo aventurar-se a chamar-lhe santo!

— Olhe, aqui na *Joie de vivre* este adoravel typo de virgem consciante e forte, vencendo immaculada e intemerata todas as sollicitações de Lazaro. E' Paulina! Admire aqui a virtude, a graça, a suprema abnegação e a suprema bondade d'alma! Veja como ella se deixa espoliar pela *pieuvre* de Mme. Chanteau! Veja que excesso de amor o d'ella, que vae buscar para o amado do seu coração uma mulher para esposa, só porque a ausencia d'essa mulher o põe triste! Veja com que extremos, com que requinte de abnegação e de humanidade ella insufla a vida no recém-nascido filho do homem que ella adora com uma mulher que não é ella! Veja como ella resiste á tentação da carne quando Lazaro a persegue de noite, cheia de febre, com o sangue escaldando-lhe as veias, com os olhos inchados de volupia, com os membros semi-mortos de amor! Veja que enorme sentimento do dever a faz resistir, e raspe por um instante a materia cornea da sua obtusidade para me confessar que Paulina é um monstro quasi inacreditavel de virtude!

E tambem pode chamar-lhe santa, que me não opporei a isso.

Poderia ainda mostrar-lhe o medico e o parcho da mesma obra, o « Guele d'Or » e a mãe, do *Assomoir*, o Felippe, da *Nana*; o bispo, da *Conquête de Plasans*; a Denise, do *Bonheur des dames*; os engeitados, da *Fortune des Rougons*, e muitos outros; demonstrar-lhe facilmente que o proprio Coupeau é um bom homem; que o mesmo abbaçe Mouret (que o Sr. chama — Morin), não é mau, e dizer-lhe muitas outras cousas em defeza de Zola. Mas eu considero que o grande escriptor francez não precisa da minha defeza, principalmente contra um pobre critico que se soccorre, para revalidar as suas opiniões, do *Dictionnaire de la Conversation*.

Depois d'este pequeno serviço que lhe prestei, vá-se embora e não me agradeça.

*
**

Ah! meu Santo Christo dos Milagres! muito trabalho nos dão neste mundo as bestas e as crianças!

CHICO FÉRULA

Traduções litteraes e fora da letra

·Mais uma traducção da *Evangelina!* O gracioso poema-romance de Longfellow tem sido vertido em quasi todos os idiomas cultos, sem que, entretanto, seja elle a obra prima do poeta norte-americano, aquelle onde mais caracterizado se mostre seu genio originalissimo. No *Hiawatha*, por exemplo, está mais accentuada a feição do grande cantor das mattas seculares, das tribus e costumes pittorescos dos incolas da floresta americana.

Lenda de amor, espaçada de ternura, a *Evangelina* encanta menos pelas descrições da natureza do que pelo drama intimo que se desenrola no eden da Luiziana. E, todavia, Longfellow foi denominado o poeta da natureza morta.

Varias tentativas tem sido feitas, entre nós, para verter a *Evangelina*: duas foram levadas ao cabo, as outras não passaram de ensaios.

A versão do conselheiro Doria, em versos brancos, já corre mundo; e a do Sr. Americo Lobo, em versos alexandrinos, apparece agora e d'ella é que diremos algumas palavras.

Mais paraphrastica que litteral, a traducção do Sr. Americo Lobo, satisfaz melhor como obra de arte.

A traducção litteral é esforço linguistico, mas não é uma preocupação de artista. Onde isto fica bem demonstrado é na versão *mot-à-mot* da *Eneida* por Odorico Mendes, e na paraphrase que fez o visconde de Castilho dos *Amores* de Ovidio. Nem se diga que era da indole poetica de Odorico o verso duro e arrevezado; quem escreveu o *Hymno à Tarde* sabe manejar o verso cadente, artistico, virgiliano.

Mas a pretensão de seguir o original nos seus pontos e virgulas desnatura a trasladação.

O genio da lingua em que foi escripta uma obra pôde não ser equal, na essencia, ao genio da lingua para que se quer transportal-a.

A traducção do conselheiro Doria é fidelissima, mas ella não dá a impressão esthetica da *Evangelina*. A tarca de enfileirar palavras portuguezas equivalentes ás palavras do original inglez pôde, quando muito, constituir um esforço philologico. A versão paraphrastica do Sr. Americo Lobo faz-nos conhecer melhor Longfellow; não a palavra, mas a phrase, o movimento e colorido da poesia norte-americana, a sua força e caracter; é com isso que elle nos quer familiarisar.

Elle sorprehe a inspiração original, e vence aquella difficuldade que E. Pelletan reputou impossivel, quando dizia:

« Surprendre, dans ce qu'elle a de mysterieux et de profond, l'inspiration même du genie créateur, c'est entreprise singulierement perilleuse, où les plus forts risquent d'échouer, car il semble que de par sa loi essentielle, l'inspiration du genie soit insaisissable. »

Ha, sem duvida, defeitos no trabalho do Sr. Americo Lobo, e o menor d'elles não é seguramente o descuido do metro em que escreveu; mas esses senões são resgatados pela frescura das imagens, propriedade dos termos, e nitidez do desenho.

O verso alexandrino tem seu segredo, e nem todos os versificadores se acham iniciados n'elle. Além d'isso, não nos parece que seja a metrificação mais propria para a singellissima narrativa de Longfellow.

O Dr. Gentil Braga, tão cedo roubado ás letras patrias, em varios fragmentos que publicou de uma versão da *Evangelina*, seguiu o systema de estrophes irregulares com variados metros. Era

de excellente effeito. Foi pena que o traductor da *Eloah*, o poeta da *Clara Terrena* não completasse o seu trabalho.

Seja bem vindo esse do Sr. Americo Lobo, e o illustre traductor receba dos cultores de letras aquelles applausos a que fez jus com o seu formoso livro.

IGNORUS.

COCHILOS

Quandôque bonis dormitat Homerus...

HORACIO.

Inauguramos hoje esta secção sem foguetes, nem banda allemã, nem copo d'agua.

Propriamente não é uma novidade nova em folha, esta que hoje apparece.

A secção *Cochilos* vem substituir a *Revista dos Collegas*, a qual, embora pudesse interessar aos leitores porque era um resumo, um *compte-rendu* do que pensou e fez a imprensa durante a semana, roubava-nos espaço que era um Deus nos acuda; e por isso resolvemos supprimitil-a.

O facto de notar e apontar *A Semana* os cochilos dos outros não significa que tambem *A Semana* nao cochille o seu pouquinho, muito mais do que lhomem, mas muito menos do que a *Folha Nova*, Deus louvado!

O *Pachidérme* tem a *Psychologia* do famigerado *Escaravelho*, a *Gazeta de Noticias* as *Entrelinhas* do ferino *Rialto* e a *Folha Nova* os *Carôços*. Nessas secções apontam-se e debicam-se mutuamente as escorregadellas e as tolices uns dos outros, como um grupo de farruças, mais ou menos rotos, em que uns se riem dos rasgões dos outros.

Faltava quem viesse rir-se de todos elles; quem a todos apontasse os remendos e rasgaduras e os acordasse a cada cochilo mais perigoso.

Cá estamos nós para isso.

O mais natural e mais certo é que sobrevenha um outro que faça o mesmo com *A Semana*; do que aliás não nos queixaremos.

Isto posto, começamos pela *Gazeta de Noticias* a nossa colheita de cochilos.

No seu noticiario de 10 do andante lê-se o seguinte:

« No dia 6 do corrente manifestou-se principio de incendio na torre da *sympathica* igreja de S. Benedicto, em Lorena.

Deu causa a este accidente que poderia ter graves consequencias, o querer-se destruir com fogo um enxame de abelhas *pregado* no lado interno de uma das paredes da torre. »

Ha esperanças de que em breve a igreja de S. Benedicto passe a ser *amavel*, de *sympathica* que é hoje.

Já o poeta disse:—*sympathia* é quasi amor.

E' de crer que a policia lorensense haja descoberto qual a mãe heretica que *pregou* na *sympathica* igreja aquelle enxame de abelhas.

França Junior nos seus ultimos *Echos Fluminenses*, do *Paiz*, disse entre outras as seguintes cousas espantosas:

« Os *bonds*, esses *emporios publicos* de fresco. » (Felizmente não pluralisou o fresco.)

« Para lavar o rosto é preciso que a gente se muna de *coragem*. » (E de uma bacia com agua, não é preciso?)

« Petropolis é uma *creatura* original. »

Crêdo, creatura!

A *Folha Nova*, a impagabilissima *Folha Corrida*,—como lhe chama com

grande malicia o *Savarin*, da *Revista Illustrada*,—continua a cochilar cada vez mais.

Pequeno seria todo o espaço da *Semana* para reproduzir todos os seus formidaveis cochilos. Limitamo-nos por esse motivo a remetter-lhe, com a manifestação attenciosa dos nossos cumprimentos, os seguintes mimosos cochilos encontrados na descripção que fez no dia 9 da sessão imperial de abertura das Camaras:

« Quando o Sr. Dantas sahio houve gritos e palmas que chamaram a uma janella os Srs. Cotegipe e João Alfredo: este oliou e não se riu; aquelle não pôde suster o serio. Talvez reparasse que o Sr. Dantas ia no seu carro com um feixe de rosas-chá na mão. Ou, quem sabe? não quiz mostrar-se menos risinho do que o Sr. Dantas andava lá por dentro. »

D'O *Paiz* de 12:

« Com *identica mise en scène* grandiosa da *Theodora*, o Eden-Theatre de Paris vae levar a *Messalina*. »

Além de não ter senso grammatical, contém essa phrase um bello absurdo:—Como pôde a *mise en scène* da *Messalina* ser *identica* á da *Theodora*? Se assim fôsse, para vêr a *Messalina*, cujo merito consiste na *mise en scène*, não seria preciso ir ao Eden Theatre; bastaria ir vêr a peça de Sardou.

Que idiota... o director do Eden Theatre!

Do folhetim theatral do *Pachidérme do Commercio*, de quinta-feira ultima:

« Não esmagou, não senhor, e a *prova está* que vae responder-lhe um d'elles. »

Bello portuguez... de Benguella.

A *Gazeta da Tarde* cochila tambem. Não fosse ella de papel e tinta como as suas irmãs! Mas ás vezes cochila tanto, tanto, que lembra o Sr. Miranda Rego quando acompanha Sua Magestade, ou a propria Magestade quando assiste ás conferencias da Gloria.

Na *Gazeta* de 12, por exemplo, muito teriamos que respigar; mas apenas lhe apontaremos dous ou tres cochilos. Aqui vae o primeiro:

« Do nosso illustrado Mestre, o distincto republicano Sr. Dr. Pedro Ferreira Vianna recebemos a seguinte carta que vem *condecorar* as nossas columnas. »

Uma carta condecorando columnas—gostei!

Mas na apreciação das *Meninas Godin* é que foi cabecear!

Desconfia-se mesmo que ella foi escripta—a dormir.

Aqui vão uns pequeninos excerptos:

« Pôde-se dizer que nenhum dos actores sahio da *linha regular de conducta*. »

Honrados e bem procedidos actores! Merecem um premio Montyon.

Mais cochilos:

« O Sr. Paiva conservou-se sempre no mesmo diapasão e *contra si não teve motivo de queixa*. » Tambem era o que faltava!

« O Sr. Marques (Prospero Malechard) não sabemos se realmente é fraco como o personagem. Se não é, fez a cousa direito. »

« A Sra. Balbina (viuva Malechard), deu o *maior calor* ao seu papel. Aprezentou-se esplendidamente. »

Mais outro, para acabar:

« As Sras. Helena, Jacintha e Livia (as 3 Godin) *souberam onde tinham o nariz*. Cada qual tratou de *sahir-se* o melhor possivel, principalmente a Sra. Helena. »

Parabens cordealissimos ás Sras. Helena, Jacinthia e Livia por haverem sabido onde tinham o nariz. Não podemos, entretanto, negar que, por mera e natural curiosidade, muito descejariamos vê-las em peça em que não soubessem onde tinham o nariz.

Devêra ser curioso! muito curioso!...

O desafinado *Violino da Folha Nova*, calunhiou hontem o pobre e immortal Camões, attribuindo-lhe o seguinte verso, que tomou para epygraphie das suas rabecadas

« Quando uma novom que os ares escurece ... »

Não calunnie os mortos, *Violino*.

Já não lhe bastam os vivos?

Engula o *quando* e endireite o verso.

E para outra vez não cochile tanto.

DOMINO' PRETO.

PEZAR

Ao meu filhinho

Eu te sonhei assim! Por noites bellas
Enluaradas o tremulas, teu rosto
Sobre nuvens de prata e arminho posto
Muitas vezes eu vi, vendo as estrellas.

Eu te sonhei assim! Vi-te nas telas
De Buonarotti, tendo por encosto
Uma nesga de céu brunião, exposto
A mais singela luz das mais singelas!

Antes toda a existencia atravessasse
A ver-te em sonhos bello e pequenino.
Que hoje beijar assim teus pés e face.

Antes l porque é pezar que não se acalma—
Sentir minh'alma dentro de tu'alma
E não saber, meu filho, o teu destino!...

1885.

ALFREDO DE SOUZA.

THEATROS

SANT'ANNA

A Cocota

A *Revista* do anno passado, escripta por Arthur Azevedo e Moreira Sampaio, parece-nos muito melhor do que *OMandarim* dos mesmos auctores mas não nos parece que chegue a alcançar o mesmo exito, porque para isso faltam-lhe dois elementos poderosos: o escandalo e os typos conhecidos.

Como obra dramatica, como comedia achamos-lhe merito de sobra para composições de tal genero, onde a concatenação e o desenvolvimento natural do enredo não são de grande necessidade. O elemento principal das *revistas*, o seu pittoresco especial e attrahente são as caracterisações. Ora, não sabemos se por exigencias da policia, se por pouca vontade dos artistas, este falha quasi completamente na *Cocota*. Apenas reconhecemos no Sr. Lisboa um bom Castro (*Urso*, infelizmente, e não *Escaravelho*), no Sr. Mattos um gerente da companhia do Gaz e no Sr. Santos Silva um primo de certo jurisconsulto ex-candidato a deputado, que fazia *meetings* em todas as praças da cidade antes da eleição para a actual legislatura.

O Sr. Vasques parece que teve intenção de se fazer *Martinho*, mas por falta de pernas e de pescoço não pôde conseguil-o embora não lhe faltassem orelhas, traço muito caracteristico da phisionomia tanto physica como moral dos palinuros rabelaisianos de Cebollas e outras aphodilaceas adjacentes.

No grupo dos jornalistas, onde tanto se podia fazer, não appareceu um unico typo, fazendo assim os auctores, ou a empresa com que C. de L. cantasse vi-

etoria pela batalha ferida por occasião do *Mandarim*.

Resente-se tambem muito a *Cocota* da falta do caso Malta que foi no anno passado um dos que mais impressionaram a população. Isto, porém, deve ter sido devido á policia ou ao receio que os auctores deveriam ter de perder o seu trabalho caso se tratasse do caso, pois que as autoridades não consentiriam a representação da peça.

Todavia, a revista deve agradar porque tem muito bons ditos, dáos mesmo de fino espirito, sal pouco grosso, embora este não seja o que mais convem ao tempo de peças burlescas. Os acontecimentos são todos tratados pela rama, á superficie; os ridiculos sómente esborcinados, e as personagens reaes que nella figuram allusivamente, são apenas arranhados á flor da epiderme, antes picados por um alfinete do que feridos a chuço e a pampilho.

A encenação é muito boa, sobretudo o final do primeiro acto, o do terceiro e a apothese final.

Parabens aos auctores.

RECREIO DRAMATICO

As meninas Godin

A empresa do Recreio deu-nos quarta feira esta deliciosa comedia em 3 actos, de Mauricio Ordonneau, traducção do Sr. José do Patrocinio.

Esta comedia, pertence, como as *Tres mulheres para um marido*, a um genero novo, que está apparecendo agora no theatro francez, e que se baseia todo em complicações intrincadissimas de enredo, em situações extravagantes, imprevistas e engraçadissimas.

Papá Godin, tendo feito uma viagem á America para desenvolver o seu commercio de rollas de cortiça e solas anti-rheumaticas, apaixonou-se lá por uma americana excentrica, que promete casar-se com elle se elle fór celibatario.

Godin, com medo de perder a fatia, diz-lhe que é effectivamente celibatario e Miss Fanny acompanha-o á França. Mas, indo um dia á casa do seu noivo, encontrou se com a filha mais velha d'este, a poetisa e *caixa* da casa, Mlle. Celeste. Espanto da Miss e desculpa atrapalhada de Godin, que então se declara viuvo e diz que Celeste é filha unica e está para casar por aquelles dias. A americana conforma-se e pouco depois entra a Sra. Malechard que vem pedir a mão de Celeste para seu filho Prospero, secretario do commissariado de policia, e a quem Fanny declara que a donzella pedida e filha unica, o que sobremaneira agrada a Mme. Malechard. Em seguida vão apparecendo os outros dous pretendentes ás outras duas meninas Godin, ficando cada qual persuadido que vae casar com a filha unica do Sr. Godin. E' sobre esta base que está edificada toda a comedia, dando lugar ás situações mais comicas e mais inesperadas, condimentada ainda por diversos episodios de inexcédível graça, como em todo o segundo acto, magnificamente urdido, tendo por episodio central a diligencia policial executada por Mme. Malechard em casa de Miss Faunny, onde consta que se introduzira um gatuno e onde são apanhados pela terrivel Le Cocq, como suspeitos, os dous maridos das meninas Godin.

O successo de desempenho coube incontestavelmente ao Sr. Bernardo Lisboa (Rebiffé), que até agora apenas tinha assignalado a sua presença no theatro pelos desastres mais lastimaveis e mais completos. Folgamos muito em poder dizer hoje a este actor que elle encontrou afinal um papel em que pode agradar completa e francamente aos que mais exigem dos artistas sem educação nem orientação dos nossos pobres

theatros. O typo apresentado pelo Sr. Lisboa é felicissimo. Soube caracterisar-se, soube vestir-se, soube dizer e soube andar e gesticular de accordo com o seu personagem.

Aquella gagueira constante mas sobria, sem a exaggeração em que costumam cahir os actores que imitam gagos, aquelle esforço de puxar a esticção de musculos as vogaes falladas, e de um effeito extremamente comico.

Os nossos applausos, pois, sem restricções ao actor Lisboa.

O Sr. Maia não nos pareceu tão feliz no papel de Godin. Foi o mesmo tio Duborhard das *Tres mulheres*, com uma singular monotonia na expressão, os mesmos gestos e os mesmos geitos.

A Sra. Helena deu-nos uma Celeste muito rasoavel, pouco ingenua mas muito graciosa nos arroubos poeticos e sublinhando muito bem as tolices dos tropes.

A Sra. Balbina resgatou-se de muitos peccados velhos com o vigor que deu á tagarellice de Mme. Malechard.

O Sr. Domingos, comquanto podesse fazer muito mais no typo de Juglar, foi regularmente e mesmo feliz em algumas scenas.

O Sr. Castro não fez nada de novo no seu visconde de Estrapade, mas podese ver, porque tambem não fez nada de máu.

O Sr. Paiva foi um excellentes Serafini, muito natural, e dizendo com muitissima graça o seu pequeno papel, não desmerecendo dos seus antigos creditos de bom artista, embora estivesse muitos annos afastado da arte.

As Sras. Bertha, Livia e Jacinthia, fizeram regularmente os seus papeis, sem novidade mas tambem sem escandalo.

A comedia está bem montada e bem ensaiada. Os scenarios do segundo e terceiro actos são bem pintados e de agradável effeito.

A traducção é em geral muito boa, sendo quasi sempre correcta a linguagem e naturaes as phrases.

Póde-se dizer que as *Meninas Godin* são um successo franco e que hão de ter longa vida na scena da Recreio Dramatico.

*

*

O *Castrato da Policia* deve subir á scena do Lucinda na proxima quinta-feira em beneficio da actriz Apollonia.

*

*

A actriz Manarezzi fez beneficio segunda-feira no Polytheama, com um espectáculo variado, começando pela comedia *As Cerejas*, já conhecida do publico com o titulo *Mosquitos por cordas*, e que d'esta vez foi detestavelmente representada.

Nem o actor Bellido, que entrou e começou bem, no primeiro acto, pôde escapar ao naufragio geral da peça, que, entretanto, tem elementos para agradar muito.

O melhor do espectáculo foi o intermedio de cançonetes, tirante a que foi grunhida por Mlle. Suzanna, que só um enorme desprezo do publico pôde admitir em scena, e que só o maior impudor artistico pôde permittir n'um theatro.

Mattos, Malta ou Matta?

NOVAS REVELAÇÕES

OITAVA CARTA

« Sr. redactor:

O singular homem, que eu tinha de frente dos olhos, narrou-me do seguinte modo o facto da sua prisão em companhia de minha sogra.

« Um anno depois que eu me relacionara com essa velhusca sublime, cuja forma o protector acaso ou Providencia, escolhera para vir ao meu soccorro, achei-me com ella, a Providencia, passeando no pequeno jardim que existe defronte da estação de Pedro II, quando um carregador me perguntou :

— Que faziamos alli.

— « Creio que vou tomar um calix de vermuth, respondi eu. Porque?

— « Nada, resmungou o carregador. E' cá uma coisa!

E afastou-se.

« Poucos minutos depois, saboreava o meu vermuth ao lado da velha providencia, quando um urbano se aproximou de nós e perguntou como eu me chamava.

— « João Alberto Castro Matta, disse eu.

— « E esta senhora? interrogou o urbano.

— « D. Leonarda da Conceição Meloso.

« Pois queiram acompanhar-nos.

— « Para que?

— « Saberá na estação.

— « A velhusca ao receber esta ordem perdeu as sentidas e eu, que não me alterei, puz-me a rir nas barbas do urbano.

— « Voce está se rindo de mim? perguntou-me este.

— « Assim o creio, affirmei, soltando uma gargalhada.

— « O urbano puchou pelo refie e ia dardejando sobre a minha cabeça, quando de um salto lhe tomei a arma das mãos, arrojé-a para longe e investindo de cabeçadas contra o aggressor, fli-o cahir dentro de um tanque do jardim.

« Em seguida, despejei o meu calice de vermuth sobre a testa de D. Leonarda, chamei um carro, metti-me com ella dentro e mandei tocar para casa.

— « Mas o conflicto com o urbano havia attrahido muita gente e em breve era o meu carro escoltado por uma porção de soldados. De sorte que, ao chegarmos, eu e a minha velhusca, á rua da *Misericordia*, um morecego abriu-me violentamente a portinhola da sege e intimou-me a que me rendesse no mesmo instante á prisão.

— « Bem, respondi, irei. Tanto se me dá ser preso, como não ser. Mas, peço-lhes que me deixem ao menos acompanhar primeiro esta senhora a sua casa.

« Nada! Bradou um sujeito, com ares de autoridade, o qual acabava de surgir defronte de mim:—Nada! Sua cumplice irá também. Sigam!

« E, gritando para um praça:— Não os larguem e levem-n'os quanto antes á estação.

« Fomos os dous conduzidos á presença de uma nova autoridade, e, acto continuo, mandaram-nos para a casa de correção, onde nos engaiolaram em celulas separadas.

« Eis ali, como fui preso. Depois sobreveio-me uma especie de desfallecimento nervoso, do qual só tornei a mim, na capella do cemiterio, n'aquella triste situação que já o amigo conhece perfeitamente.»

Sr. redactor, á vista d'esta declaração do resuscitado, conclui que a Jeannite, dando as providencias para que o amante e mais a sua miseravel cumplice fossem apanhados pela policia, tinha motivado esse ridiculo engano.

Calculei que, em vez da filha, tivessem prendido a mãe e, em vez do amante de minha mulher, tivessem prendido o amante de minha sogra.

E assim foi. Notando-se, porém, que a terrivel Jeannite tanta gente poz na pista dos perseguidos e tantas providencias deu para os apanhar, que, na occasião em que um Castro Malta era recolhido á casa de detenção com uma mulher; outro já lá estava com outra.

Os empregados da casa, segundo deduzo do que lhes ouvi no dia do singular enterro, não se achavam muito a par da verdade e, tanto assim, que uns me diziam que o Castro Malta ou Malta havia seguido moribundo para a Santa Casa da Misericordia, e outros affirmavam que o legitimo Castro Malta estava engallado na Detenção.

Perplexo com as novas revelações do resuscitado, deliberei esclarecer por uma vez os acontecimentos e, no dia seguinte á minha conversa com elle, atirei-me de novo para a Casa de Correção.

-- Então? perguntei ao empregado que já me havia fornecido as primeiras informações,—que noticias me dá o senhor do Castro Malta?

— O Castro Malta, respondeu-me o empregado, enterrou-se hoje pela manhã no Cemiterio de S. Francisco Xavier. A prisão d'esse vagabundo, a quem Deus haja, motivou também a injusta prisão de um innocente que, hontem mesmo, mal se verificou o engano, foi posto em liberdade com uma rapariga que o acompanhava; ficando uma velhusca que viera com o que falleceu.

— Bonito! disse eu. Os senhores podem limpar as mãos á parede!

— Porque?

— Porque fizeram asneira! Porque soltaram o legitimo Castro Malta e a legitima cumplice do Castro, e ficaram ahi com uma pobre desmiolada, que nada tem com o negocio!

— Como?! Explique-se!

— Ora! Fizeram-na bonita! A mulher que os senhores soltaram é minha esposa, é a legitima amante do legitimo Castro Malta; a outra, coitada! é minha sogra, uma douda, cujo crime unico foi metter-se com um bohemio que a estas horas deve ainda estar deitado em minha cama, a digerir uma ceia que lhe dei hontem.

— Perdão! volveu o empregado policial—Perdão! O Sr. não póde ter em casa o amante da velhusca que ainda cá está presa, porque esse desgraçado foi d'aqui muito mal para a misericordia, morreu, e enterrou-se hoje pela manhã.

— Engana-se, quem se enterrou foi o verdadeiro Castro Malta, o amante de minha mulher, aquelle que fôra para aqui recolhido com uma rapariga morena, de olhos pretos e cabellos lisos, isto é com minha esposa! Ora essa!

— Pois eu lhe vou mostrar o que prova que o homem da velhusca morreu e está enterrado na sepultura n'.... Ora espere! Posso até lhe dizer o numero da sepultura...

— E' inutil, observei—E' inutil. Sei donde parte o seu engano e receio, tentando exclarecel-o, tornar mais embrulhada toda esta historia.

— Não! Se ha novos enganamentos, convem pol-os a limpo. Falle, falle por quem é, meu amigo.

— Pois então saiba que o sujeito, que foi na qualidade de defunto para o cemiterio de S. Francisco, não era um cadaver.

— Como assim?

— Estava perfeitamente vivo.

— Impossivel! Pois se elle foi enterrado hoje, as nove horas da manhã, e aqui estão os documentos.

— Não foi a elle que enterraram. Foi ao outro.

— Que outro?

— O tal Castro Malta, aquelle que um dia antes fôra solto com a mulher que o acompanhava.

— Mas, como?

— Muito facilmente.

E eu contei ao empregado da Casa de Correção o que assisti no cemiterio.

— Jesus! exclamou elle depois. Que trapalhada, minha Nossa Senhora! Que trapalhada! Como diabo agora poderemos sahir d'esta?...

— E' exacto! confirmei. O negocio está mal parado!

— Quer saber de uma cousa? acrescentou o empregado. Faça-me um obscuro—não toque n'isto á pessoa alguma. Finja que não sabe de nada! Se não se der uma palavra sobre o caso, ninguém descobrirá a verdade e a historia cahirá no esquecimento! Que importa um Castro Malta de menos ou de mais? Se não está enterrado o verdadeiro, foi algum enterrado por elle. Tanto valem seis como meia duzia! Ao passo que, se formos a mexer nessa embrulhada, a cousa pode complicar-se cada vez mais e redundar em prejuizo de todos nós. Promette que não dará uma palavra sobre isso?

— Prometto.

— Bem. Nesse caso vou fallar ao chefe para pôr na rua a velhusca, e fica terminada a questão.

Coitado! Mal sabia elle que então é que ella, a questão, ia deveras principiar!

Minha sogra, logo que se pilhou solta, jurou que havia de vingar-se d'aquella maldita policia, que, sem mais nem menos, lhe arrancára dos braços o homem amado e, segundo ella suppunha, mandaram-n'o para a Misericordia e d'ahi para o cemiterio, — morto.

« — Ah! Isto não ha de ficar assim! bradava D. Leonarda, quando me encontrou por acaso na rua. Isto não ha de ficar assim! Pois então prende-se a gente d'este modo, e d'este modo se dá cabo de um homem! A quem me hei de dirigir sei eu! Tenho alguns conhecidos na imprensa, graças a Deus! E meu compadre Quintino ha de mostrar-lhes de quantos paus se faz uma canoa! Hão de ver o bom e o bonito! Sucia de trapalhões!

E, como verificará V. S. pela seguinte carta, não era de balde que o demonio da velha dizia aquillo.

Sou de V. S.

Att'. cr' e ven'.

...

TRATOS A' BOLA

Os revisores cá de casa entenderam que os *Tratos* são uma cousa de pouco mais ou menos; e talvez por isso, no nosso numero passado comeram uma syllaba da charada—antiga; o que tem trazido em papos de aranha quasi todos os nossos decifradores.

E' um inferno! Ah, revisores! revisores! podesse um só jornal contel-os todos e o redactor fosse eu...

Então vocês pensam que em uma charada, que além de tudo é difficil como o diabo, pode-se marcar uma syllaba de menos ou de mais?

Estão enganados. Vocês como nunca metteram o dente nos *Tratos*, entendem, quem sabe! rir á custa dos nossos charadistas. Se fizeram isto de proposito não repitam, que é uma pilheria de mau gosto; ouviram?

Muito bem.

Assim mesmo houve um Sr. *Figaro*, que além de acertar com todas as decifrações dos *Tratos*, adivinhou,—sim por que isto é adivinhar—, a tal charada, dizendo... o que [nós lhes diremos no sablado proximo.

Ao Sr. *Figaro*, compete o *Figaro Ilustrado*. Quanto ao segundo e terceiro premios serão para quem nos mandar agora novas decifrações exactas.

Eil-a, a maldita charada:

Nada mais sou do que um ente—1

Nada mais sou do que o tempo—2

Nada, nada, nada sou.

Continuam pois á disposição dos Srs. charadistas os mesmos *Tratos* do nosso

n. 10 com a antiga rectificada. Ainda ha dous premios a disputar.
E até sabbado.

D. PASTEL.

P. S.—D. Pastel agradece aos Srs. J. P. de Idalema, D. Confeito, Catharinense e Delius as charadas e outras novidades que lhe remetteram, e desde já lhes garante gratidão eterna... por duas semanas.

D. P.

CARTAS SERTANEJAS

I

« Me, me, adsum qui feci;
in me convertite ferrum. »

VIRGILIUS, *Aeneidos Lib. IX, vers. 426.*

Subordinados á epigraphe — CARTAS SERTANEJAS — enceto hoje uma serie de artigos.

O *Diario Mercantil* que os publica não é solidario commigo nas opiniões a manifestar, nos juizos a emittir.

A responsabilidade legal e moral de tudo que em taes artigos apparecer será toda minha, sómente minha, exclusivamente minha.

Carregado com este onus quero tambem toda a liberdade de movimento: sem ultrapassar as raiz do decente e do honesto, não guardarei conveniencias, não me imporei restricções. Si assim me aprouver, irei até ao paradoxo, chegarei até ao absurdo.

Com a franqueza rude que me caracteriza, hei de dizer sem reboço o que penso das cousas e dos homens. Sei que em muitos particulares vou desagradar a muita gente; sei que se ha de desencadear contra mim muito odio pequenino... Não me importa.

Desde já conto com injurias e calumnias, e tambem desde já as despreso.

Não tenho programma, não tenho asumpto determinado. Tratarei um dia de litteratura, outro de politica, outro de sciencia, outro... daquillo a que me levar o meu estado de espirito.

Não me considero escravisado a cousa alguma: roçar de leve ou exhaurir um assumpto, repisar-me, interromper-me, responder ou não responder a contestações, tudo isso fica ao grado de minha plantasia, de minha alta recreação.

Escrevo para satisfazer a minha propria actividade, e não para agradar ao publico. Se achar quem pense como eu penso, muito bem: terei companheiro. Se não, ficarei só. Não ha nisso mal: de ha muito habituei-me a não contar com os favores da opinião, e a procurar em mim proprio a approvação dos meus actos.

Agora uma declaração preliminar, quicá desnecessaria: não tenho religião e não tenho partido. Sou atheu e sou republicano intransigente.

Capivary, 28 de Fevereiro de 1885.

JULIO RIBEIRO.

ESCARAVELHO

Sob este titulo encontramos na *Gazeta de Piracicaba* de 8 do corrente a seguinte noticia:

« Vae ser julgado brevemente em Mirandella José Joaquim de Souza, coveiro de Val de Gouvinhas, accusado de ter atravessado com um ferro o caixão e o cadaver de José Verdello, de Valbom Pitez, na occasião em que o enterrava.

Os dois tiveram em tempo algumas desavenças, mas ninguem julgava que o coveiro tivesse tão máus figados. Quando elle commetteu o delicto, exclamou cheio de rancor:

— Ah! ladrão! Já que não pude vingar-me de ti enquanto vivo, has de pagar-me depois de morto.

E' conhecido por *Escaravelho*, odiado!

CONSULTAS

Consulta litteraria

Sobre a que nos foi feita por L. M. e a que respondemos em o nosso numero 6. envia-nos alguém (sem A.) os seguintes esclarecimentos, que agradecemos:

« Peço licença á redacção d'A *Semana* para dizer alguma cousa sobre a consulta litteraria. *Étincelle*, *Vicente de Léovie* e *Pascaline* são uma e a mesma pessoa: Madame de Peyranni; *Étincelle* no *Figaro*, *Pascaline* na *Vie parisienne*. *Jean de Paris*, que a redacção d'A *Semana* diz encobrir um grupo, e, segundo uma informação talvez atrazada. Theodore de Grave. Este pseudonymo tem sido adoptado por outros escriptores.

As indicações supra foram colhidas num jornal de Pariz: *L'Illustration*, ns. de 23 de Setembro e de 7 de Outubro de 1882; *Les Pseudonymes du Jour*. Ch. Joliet.—*Paris* é Émile Blavet, secretario geral da Opera e auctor da *Voyage au Caucase*, actualmente em scena no theatro *Renaissance*. »

Recebemos:

— « Eclecticas », poesias de Mariano Augusto. (Recife—1884). Foi com vista ao encarregado da secção *Poesia e poetas*.

— « O elemento escravo e as questões economicas no Brazil », por *Cincinatus*, (Bahia—1885).

— *Revista Illustrada*, n. 401. Engracadas caricaturas sobre questões episcopaes, politicas e policiaes. No texto um gracioso e alfinetado « Pic-nic da imprensa » e uma noticia muito amavel do n. 10 d'A *Semana*. Obrigadissima, collega.

— « Estrada de ferro de Cantagallo e ramal do Rio Bonito », por Manuel Gomes de Oliveira, concessionario comprador da mesma estrada. Consta de um *memorandum* á Assembléa Provincial, protesto, documentos e pareceres de juriconsultos sobre esta grave e importante questão.

— Appellação commercial n. 5090. Appellante o capitão Manuel Braz de Souza Arruda, appellado Alfredo Coelho da Rocha.

— Dois cartões de convite e ingresso para a *Matinée musicale* em favor da Imperial Sociedade Amante da Instrucção. O logar e a hora serão opportunamente annunciados. Agradecemos e prometemos não faltar.

— *União Medica* n. 2 dirigida pelos Drs. Moncorvo e Silva Araujo.

— Do Sr. B. L. Garnier os *Mystérios da Tijuca*, romance já conhecido, e de authoria do nosso companheiro Aluizio Azevedo.

— *A Distracção*; n. 21. Muito leve, muito graciosa e muito interessante.

— *Os Palmares*; romance nacional historico por Jorge Velho. Edictores Laemmert & C. Vamos lê-lo; e depois fallaremos.

Do popular editor Serafim Alves os seguintes livros:

— Pontos de Philophia pelo programma de 1885; por...

— Lições de Geographia pelo programma de 1885. Ambos estes volumes pertencem á collecção *A Escola* e destinam-se aos exames geraes de preparatorios.

— *A Violeta*; n. 1 (segunda época), órgão, dedicado ao bello sexo. Que lhe agrade é o que lhe desejamos.

— *A Illustração*; 2º anno, n. 3. Magnifica. Estão esgotados os adjectivos encomiasticos, Magnifico, esplendido, admiravel, soberbo—tudo isso é pouco para exprimir o que vale e o que é a

revista dirigida por Mariano Pina. Este numero traz entre outras excellentes gravuras a reproducção da deliciosa fantazia de Avril:—*Durante o carnaval*, devida ao buril delicadissimo de Baudouin. No texto, alem de uma chronica de Mariano Pina e de um artigo critico de Jayme de Segnier sobre o poemeto modernissimo de Antonio Feijó—*A janella do Occidente*, encontram dous sonetos de Alberto de Oliveira e de Sylvestre de Lima.

Do collegio Menezes Vieira, em commemoração ao primeiro decennio de sua fundação, realisado no dia 27 de Fevereiro:

— *A Familia*; n. 4, publicado em homenagem ao Dr. Menezes Vieira pelos professores e alumnos do seu collegio. A primeira pagina vem adornada com um fino e bem acabado retrato do illustrado e sympathico educador e nas outras figuram escriptos em prosa e verso de alumnos, professores e amigos, em elogio e homenagem do creador do *Jardim da infancia*. E' uma justa e merecida manifestação de apreço, a que *A Semana* junta de boamente os seus applausos; *O Collegio Menezes Vieira na Exposição Pedagogica do Rio de Janeiro*, por Felix Ferreira. Acompanha este elegante livrinho uma reproducção photographica do aspecto da sala em que estiveram expostos os trabalhos dos alumnos das officinas.

— *O Mequetrefe*; n. 367. Bons desenhos; texto engracado.

— Da pharmacia Granado & C., vinte e cinco calendarios-annuncios, em cartão, para a algebeira.

A kermesse, jornal commemorativo da associação dos empregados do commercio do Rio de Janeiro. E' um soberbo ramalhete de phares—com e sem pensamento devidas ás mais conhecidas e estimadas pennas do jornalismo fluminense.

Este jornal é um bello ornamento da esplendida festa de caridade realisada no Polytheama. Muito bem.

— *A Vespa*, n. 9. Espirituosos desenhos, em que o estimavel artista Pereira Netto se nos vai revellando um *crayonnista* de brilhantissimo futuro. A ultima pagina, apothecose a Lemaître e João Caetano, a proposito do *Palhaço* faz honra ao seu lapis; com especialidade o retrato do immortal artista francez. Parabens ao Netto e á *Vespa*.

CORREIO

— Sr. João Ribeiro. Seus versos são sempre recebidos com especial agrado. *Luz et umbra* apparecerá na primeira oportunidade.

— Sr. Camillo de Assis. O seu soneto *A Sultana*, depois da limadura, que lhe deu, a nosso conselho, volta-nos correcto e gracioso. Será publicado na primeira occasião.

FACTOS DIVERSOS

Chegou do norte e tenciona demorar-se algum tempo no Rio de Janeiro o Sr. Dr. Raymundo Filgueiras, distincto violinista e homem de lettras.

O estimavel pintor Firmino Monteiro, fez mais uma exposição dos seus quadros, na galeria de Wilde. Ha muitos novos, quasi todos de payzagens e em que se revella o augmento das aptidões artisticas do Sr. Monteiro.

O auctor parté brevemente para Pariz, onde deve demorar-se de um a dois annos no aperfeçoamento e nos estudos novos da sua arte.

Felicitamolo.

A galeria De Wilde é á rua Sete de Setembro n. 102.

A Semana

Accepta annuncios nas seguintes condicções:

Nas ultimas paginas, na secção propria. a 2s cada um dos quadrinhos. Intercalados no texto, entre os artigos de redacção, 500 réis a linha. Em logar especial, de inevitavel leitura, 1s a linha.

EVANGELINA

POEMA

DE

H. LONGFELOW

TRADUÇÃO DE

AMERICO LOBO

Vende-se nas livrarias Faro & Nunes, Laemmert e Serafim Alves e no escriptorio desta folha, a

2\$000 o exemplar



“A SEMANA” --- 100 RS. DELICIOSO TANGO

COMPOSTO E OFFERECIDO POR

Ernesto de Souza

conhecido auctor do tango **Setim**, e de outras applaudidas musicas, á redacção d'**A Semana**.

Vende-se no escriptorio desta folha, a

1\$000

LIVROS BARATISSIMOS

65 E 67 RUA DE S. JOSÉ 65 E 67

Trovas modernas

pelo poeta lyrico Mathias de Carvalho, 1 vol. proprio para substituir relógio, 500 rs.; Lyra do Trovador, recente collecção de modinhas, recitativos, lundús, etc., 2 tomos brochados n'um, 500 rs.; Serenatas, comprehendendo modinhas brasileiras e portuguezas, 500 rs.; Sorpresa poetica, novo genero de recitativos, 100 rs.; Judia e Parodia, por Thomaz Ribeiro, 200 rs.; O supplicado, bella collecção de quadrinhas organizada para os amantes das ditas, 500 rs.; Obras completas de Casimiro de Abreu, enriquecidas com treze ineditos, unica edição completa, 1 vol. de 260 pags. 1s; O Sorriso, a maior collecção de modinhas que se tem publicado no idioma vernaculo a qual abrange 3 collossaes vols., dedicada ás senhoras brasileiras, 3s; Horas Vagas, novo genero de modinhas, pelo eminente escriptor Frederico Duque Estrada Meyer, 400 rs.; (não ha mais barato); Os ciumes do bardo, obra escripta para instrucção dos casaes, pelo cego poeta Antonio Feliciano de Castilho, 200 rs.; A liberdade, por Pinheiro Chagas, 200 rs.; As vozes d'África e o Navio negreiro, por Castro Alves, 200 rs.; Camões e o Jáu, por Casimiro de Abreu, 200 rs.; Os escravos e a Cachoeira de Paulo Affonso, por Castro Alves, 1s; A morte de D. João, notavel poema de Guerra Junqueiro, 1s500; A vida de seu Juca, parodia á morte de D. João, pelo escriptor da moda Valentim Magalhães, 1 gr. vol. 1s000.

Muitas poesias importantes tem a mesma livraria, 65 e 67 rua de S. José.

RESTAURANT VOLTAIRE

29 Rua da Uruguayana 29

Almoço \$800

Jantar 1\$000

SERVIÇO ASSEIADO E PROFUSO

Parece incrivel que por tão modestos preços se possa comer tão bem! Pois venha verificá-lo, quem duvidar, á

29 RUA DA URUGUAYANA 29

RESTAURANT VOLTAIRE

LIVROS NOVOS

Acceptam-se neste escriptorio assignaturas para os seguintes livros, que proximamente virão a lume:

SONETOS E POEMAS

um volume de 200 paginas, por Alberto de Oliveira.

SONETOS DE TODA A COR

um volume de cerca de 200 paginas, por Henrique de Magalhães, com uma introducção do grande poeta brasileiro Luiz DELFINO.

AURORAS

poesias de Alfredo de Souza.

O preço de assignatura para qualquer d'esses livros é de

2\$000

AQUARELLAS

versos de Filinto de Almeida. — 3s000.

QUATRO POEMAS

POR

LUIZ MURAT

1\$000

A SEMANA

Publica-se aos Sabbados

POR TRIMESTRE :

Dentro e fóra da capital:
28000 rs.

DIRECTOR — VALENTIM MAGALHÃES

REDAÇÃO E GERENCIA — TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO

NUMERO AVULSO :

100 rs.; numero atrasado
200 rs.

Não se restituem originaes, embora não publicados.

SUMMARIO

Historia dos sete dias—Política e politicos, *Petit Pitt*—Critica scientifica, *H.*—Cauhenho de um moralista em disponibilidade, *Pantagruel*—Raymundo Corrêa—*Chanson*, poesia, *Americo Lobo*—Quadros plasticos—Os sete peccados mortaes, *Th. de Dunville*—*Illuminuras*, *Julia Lopes*—Patriotismo provado—Lodo e estrellas, poesia, *R. Correa*—*Gazeta Litteraria*—Uma anedocta de A. de Oliveira, *Eloy*, o *Heroe*—Recordações, soneto, *H. de Magalhães*—*Mattos*, Malta ou Matta?—Theatros—*Recebemos*—Factos diversos—Cofre das graças, *Bibiano*—Tratos á bola, *D. Pastel*—Correio—Consultas—Annuncios especiaes—Annuncios.

A SEMANA

Com o proximo numero terminaremos o nosso primeiro trimestre. Aos nossos esforços tem, felizmente, correspondido o favor e a benevolencia do publico. Para continuar a merecel-a não nos cuparemos trabalho nem sacrificios. Assim é que daremos em o nosso n. 14, primeiro do 2º trimestre, uma pagina illustrada, reproducção lythographica de um curioso e moderno retrato de Guerra Junqueiro e de um magnifico padre, com quem teve o grande poeta portuguez a estranha fantazia de retratar-se.

Esse trabalho está confiado á reconhecida competência do eximio *crayonista* Valle.

Além d'isso, contratou a empresa com o joven e distincto pintor Firmino Monteiro, que vae trabalhar dois annos em Paris,—a publicação,—como supplemento á *Semana*, e premio aos seus assignantes de escolhidas photogravuras, cujos desenhos serão feitos por elle, reproduzindo alguns dos quadros mais celebres e mais modernos.

Sem o auxilio e a protecção do publico nada poderemos fazer.

Confiemos, entretanto, que não nos faltará com ella, pois saberá reconhecer a somma de talento, de trabalho e de boa vontade, que *A Semana* representa.

A' parte fôfas modestias banaes, podemos dizer que esta folha é unica no seu genero e que nenhuma outra conta ou póde contar actualmente com os elementos de que ella dispõe. E' redigida por alguns jornalistas já conhecidos e estimados do publico, e collaborada pelos nomes mais reputados e mais celebres

das nossas letras. Continue o publico a proteger *A Semana* e ella irá melhorando progressivamente.

Aos Srs. assignantes de seis mezes, que agora entrarem, daremos como premio, uma collecção do 1º trimestre d'*A Semana* ou um exemplar do bello tango de Ernesto de Souza:—*A Semana*—100 réis!

Abrimos tambem uma assignatura especial de Abril a Dezembro, nove mezes, pelo preço de 68, com direito aos seguintes premios:—uma collecção d'*A Semana* e um exemplar do magnifico romance que estamos publicando e brevemente apparecerá em volume:—*Mattos, Malta ou Matta?*

Ficam extinctas as assignaturas de trimestre para fóra da capital.

Os preços para trimestre e semestre continuam a ser de 28 e 48000.

Chamamos a attenção do publico para o annuncio da 8ª pagina, em que se encontram todas as condições e o programma d'*A Semana*, com todos os seus detalhes.

Rogamos aos Srs. assignantes de trimestre o obsequio de renovarem as suas assignaturas; e aos que se acham em atrazo o de satisfazerem seus debitos.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Rio, 21 de Março de 1885.

Petropolis, para receber Suas Altezas Imperiaes, realisou no dia 14 um diminutivo das allegorias de Rubens ás chegadas e ás festas das princezas de França. A cidade imperial desmanchou-se em enthusiasmos, e engrinaldouse de flôres e luzes para manifestar o jubilo de que as suas entranhas se achavam possuidas, pelo facto, de grande alcance social e politico, do regresso dos illustres viajores ao seio do Hotel Bragança.

Elles tinham atravessado os mares e as serras, os rios e os desertos, as florestas e os campos, as charnecas e os despenhadeiros; tinham saltado vallados e transposto precipicios! Como Livingstone, como Stanley, como Capello, como Ivens e como Serpa Pinto, elles estiveram em plena Hotentotia de Santa Catharina e comeram a cevada e os fructos venenosos das stepes do Paraná; viram-se aggreddidos por catilas de

selvagens vorazes commandadas pelos Sheiks de tez cobreada e pelos Regulos de fronte de ebano! Foram assaltados pelos leões da Arabia e pelos tigres mosqueados da Zambezia; picaram-lhes a imperial epiderme os moscardos e os maribondos bravios do Congo. Civilisaram á força de eloquencia e de pancadaria as tribus barbaras da Algeria, e affrontaram os beduinos temerarios do grande deserto! No Atlas as alcateas dos lynces de olho de braza roeram as botas monarchicas e estraçalharam com os dentes anavalhados o guarda chuva constitucional. Fizeram importantes descobertas para o engrandecimento da botanica, da zoologia, da geologia, da geographia e da gastronomia. Demarcaram os limites do Rio Grande do Sul e descobriram as origens da carne secca e das lingoas salgadas. Fizeram a classificação de innumeradas plantas desconhecidas e devoraram, á força, jantares barbarescos de cem talheres e almoços primitivos de cento e cincoenta!

Voltaram á patria combalidos e maccerrimos, com as barbas crescidas como as dos prophetas e os cabellos escorridos á nazarena; era justo, pois, que a patria se engrinaldasse de rosas e de verbenas e se ponteasse de copinhos luminosos para os receber, coroando-lhes as frentes augustas de guirlandas de louro, de carvalho e de buxo.

Honra á cidade de Pedro.

Parabens ao Palatinado.

*
**

O facto que maior clamor provocou esta semana foi o narrado pelo *Diario Mercantil* de S. Paulo e transcripto pela *Gazeta de Noticias*. Um fazendeiro de Belém do Descalvado, açoitou barbaramente alguns colonos italianos e allemães, confirmando assim as supposições que ha na Europa sobre a probabilidade de se prolongar no novo methodo de trabalho rural o desgraçado e deshumano regimen do eito e do tronco, a que os lavradores sujeitavam os escravos.

Felizmente, a Sociedade Central de Immigração tomou a si a tarefa das averiguações e é de esperar... que nada se faça, visto que ainda ha juizes... em Berlim.

*
**

Os capoeiras têm continuado com as costumadas tropelias, e o seu numero tem augmentado consideravelmente depois da extincção da guarda urbana. Tambem, que diabo hão de fazer os urbanos desempregados?

Além d'isso, o policiamento actual da cidade, parece-nos bom, mas é insufficiente.

Ora, crescendo os capoeiras e diminuindo a policia, o resultado é facil de prever: navalhas no horisonte.

No dia 16 houve no Hotel do Globo um grande banquete politico, offerecido pelo partido conservador ao Dr. Silva Tavares, deputado depurado pela commissão de poderes, que se decidiu pelo Sr. Maciel Antunes de Pelotas.

Emfim, o illustre rio-grandense não perdeu tudo. Um bom *rotti* e um bom *filet aux champignons*, acompanhados por algumas garrafas de *Chambertin*, de *Bourgogne* e de *Rheno* se não valem um diploma da temporaria pôdem muito bem consolar a dyspepsia politica do partido da ordem. A retaliação pela gastronomia é uma conquista moderna; a opposição não poderia encontrar mais tremebunda vindicta para a decepção que soffreu, do que a que lhe forneceu o grande Brito—o principe da mesa nacional com *ménu* francez.

A influencia politica da batata frita e a preponderancia social do *poisson au gratin* no destino dos povos, são hoje incontestadas, principalmente como manifestação das minorias contra o elemento deleterio das contestações; a incontestabilidade do *dindon truffé* oppondo-se á contestação do diploma indeferido...

Bem dizia um sapateiro nosso, que era tambem philosopho nas horas vagas,—que isto de politica era uma questão de barriga. Com comes e bebes é que se leva o mundo e se apenam situações.

Outro assumpto com que muito se occupou a curiosidade publica foi o caso da menor fallecida na rua dos Voluntarios da Patria; caso que tem rendido á *Folha Nova* bem boas vendas avulsas.

Os boatos, que não são poucos, contradizem-se de modo notavel, e das irritadas e fortes discussões que a tal respeito se travam nos cafés e nas esquinas das ruas, nenhum elemento de convicção se tem produzido.

O Dr. 3º delegado tem tomado muito a sério a questão e do rigoroso e secreto inquerito, a que está procedendo ainda, é de esperar brote luz intensa e farta sobre esse lamentavel acontecimento.

Antes de conhecido o inquerito fôra imprudencia, e grave, avançar qualquer opinião a respeito.

Aguardemol-o, portanto.

Outro caso de infanticidio; mas este irrefutavel. authenticado confesso;—teve logar na semana. Houve uma mulher tão pouco digna da dolorosa honra de ser mãe que, havendo dado á luz uma criança viavel e perfeita, teve a cobardissima coragem de estrangulal-a; e um homem tão miseravel que se prestou a fazer desaparecer o cadaversinho, lançando-o ao mar. Ella chama-se Alexandrina Julia da Costa Lobão; elle—José Ferreira Pinto.

Dizem que é o pae da criança. E' casado e é compadre da sua amasia e cumplice. Bellos paes!

Na conhecida casa De Wilde tiveram os apreciadores das bellas artes occasião de admirar alguns novos trabalhos de Firmino Monteiro, o esperançosissimo pintor brasileiro, que a estas horas segue no *Congo*, caminho de Paris, onde vae estudar e trabalhar novamente durante dois annos.

Firmino despediu-se dos seus amigos e apreciadores, mostrando-lhes os seus ultimos quadros.

Compõem-se de payzagens, na maior parte, marinhas e alguns esboços a *crayon*. Em todos elles, em uns mais do que em outros, revella-se o progresso

que está fazendo dia a dia o delicado e seguro pincel do nosso talentoso patriótico.

Foi um bello adeus ao Rio, onde esperamos vel-o de regresso, trazendo na bagagem mais meia duzia de *idigaes*.

A morte do Dr. Epaminondas de Mello, deputado eleito por Pernambuco, homem de talento reconhecido, ao qual deve muitos serviços o seu partido, foi a nota funebre da semana.

A vindoura será provavelmente mais rica de acontecimentos, pois vamos ter grandes cousas na camara, e, talvez, mais triste.

Até sabbado.

POLITICA E POLITICOS

Continuam como no quartel general de Abrantes.

O governo, emquanto as commissões verificadoras não reconhecem o resto dos seus amigos, e não contando por emquanto com sufficiente maioria para arrostar as luctas parlamentares, tem obstado a que haja sessão na camara; de forma que os dignissimos augustos têm levado uma vida regalada, *chuchando* os cincoenta mil réis diários do subsidio sem trabalho nem canseira.

Espera-se, entretanto, que termine depois d'amanhã esse *far niente*, doce é verdade, mas muito pouco parlamentar.

Não podendo ou não confiando vencer a perigosa campanha sem o auxilio da dissidencia, entendeu acertadamente o governo que o melhor seria transigir um pouquinho com ella, sem escandalo e com astucia.

E é isso o que elle está fazendo. Deve estar quasi concluido o almejado *pudding do arranjo* Dantas—Moreira, e segunda feira ou terça deve elle ser offerecido sobre o tapete da discussão á gula impaciente do publico e ás linguas afiadas dos senhores deputados.

Consta que alguns ferozes Cooks parlamentares têm-se recusado formalmente a collaborar na confecção desse pudim salvador, sobre o qual repousam as esperanças da patria e dos jornalistas desassumptados.

Entre esses figuram os escravocatas *quand même*.

Souza Carvalho, o retroactivo, Lourenço, o sebastianista, Sinimbu-filho, o tchang-tching, e Valladares o canario myope.

Continuemos, portanto, a esperar que venha finalmente a hora do combate.

Agora está por pouco, e já que temos esperado até aqui...

PETIT-PITT.

CRITICA SCIENTIFICA

De anno a anno enthusiamamos com ver o progresso da nossa mocidade academica e orgulhamo-nos por saber que a velha Europa recebe e lê trabalhos scientificos de merito, elaborados por moços brasileiros, que terminam o seu curso, legando á posteridade valiosas monographias, fructo da sua applicação e estudo.

No fim do anno passado a Faculdade de Medicina enriqueceu-se com algumas theses de subido valor.

Temos tido occasião de receber poucas é certo, mas todas ellas de merecimento.

Ha dias, como noticiámos, foram as dos Srs. Drs. Francisco Pessanha e João Ferreirinha; hontem a do Sr. Dr. An-

tonio Pimentel e hoje chega-nos ás mãos a esplendida dissertação do Sr. Dr. Di-aulas Eugenio de Almeida Leite que, tratando da *Sclerose espinhal posterior*, foi approvado com distincção.

Realmente foi felicissimo na sustentação das suas ideias o Sr. Dr. Di-aulas, que soube, além de amenisar o espirito do leitor com a sua linguagem sã e correctea, discutir com criterio e tino esse problema complexo e delicadissimo.

Desde o historico até ao tratamento do *tabes dorsalis*, denominação que nos parece ser a melhor para a molestia de que se occupa, S. S. envolve-se na elucidação das interessantes questões d'essa parte do vasto dominio do systema nervoso, e basta isso para merecer os nossos applausos.

Com effeito, apesar do grande impulso que na escola da Salpêtrière, Charcot tem sabido dar ao estudo das affecções do eixo cerebro-espinhal, existem ainda muitas trevas e muitos problemas a resolver, começando principalmente pela etiologia do *tabes dorsalis*.

Na parte therapeutica do seu trabalho S. S. dá-nos uma extensa lista dos agentes empregados contra a molestia, discutindo com proficiencia os casos em que devem ser dados de preferencia os *mercuriaes* e *iodicos*, os *revulsivos*, a *strychnina*, o *nitrate de prata*, o *esporão de centeio*, etc., e aquelle em que se deve recommendar a *electro* e a *hydro-therapia*.

E dizemos que o Sr. Dr. Di-aulas discutio este ponto com proficiencia, por que, como diz Dujardin-Beaumetz:

« *Quant à la therapeutique, elle est, il faut le reconnaitre, encore moins avancée; ne pouvant s'appuyer sur des données physiologiques et pathologiques positives, elle erre à l'aventure, n'ayant pour guide que l'empirisme et la tradition.* »

Mais uma vez sentimos que o espaço nos seja pequeno para estas discussões, que um trabalho destes desperta, porque d'ellas só nos pôde vir a illustração de que tanto precisamos.

Agradecemos ao distincto medico a valiosa offerta.

H.

Canhenho de um moralista em disponibilidade

A differença essencial que existe entre o homem e o bruto, é que a este faltam dous predicados que sobejam no primeiro: indole supersticiosa e genio intrigante. Só.

Julgamo-nos sempre capazes de praticar as boas acções dos outros, porém nunca as más.

Não ha nada mais prejudicial á sociedade do que a falsa sciencia, o mau talento. Mil vezes é preferivel o ignorante singelo ao sabichão pretencioso.

Em geral somos responsaveis, immediata ou remotamente, por tudo quanto nos succede de bom ou de mau nas relações sociaes. Expunja-se cada qual do seu amor-proprio e reconhecerá a verdade d'este asserto.

Desconfia dos humildes e dos risonhos. Tartufo e Don Juan têm descendentes em todas as classes e profissões.

Ninguem se deve arrependere de ter

alguma vez sacrificado o proprio interesse em bem da verdade e da justiça. Não ha nada que pague a intima satisfação de uma consciencia recta e altiva.

Hoje não se pergunta a um desconhecido quem é elle, de onde vem, a que familia pertence, quaes as suas idéas ou os seus sentimentos sobre isto ou aquillo; mas tão sómente — quanto ganha?

O valor monetario é a *prima et ultima ratio* d'esta moral de alfaiate.

Moral de alfaiate, dissemos. Entrai na primeira loja de alfaiate que encontrarde e pedi informações sobre algum dos freguezes da casa. O alfaiate irá immediatamente consultar o seu borrador, e depois de verificar a conta corrente do supradito freguez, responder-vos-ha:

— *Deve-me tanto, ha mais de um anno;* o que, em linguagem vulgar, significa — *Não presta, é um canalha;* ou então: — *Deve-me pouco* — isto é: *não é mau sujeito, mas tem alguns defeitos que o tempo pôde corrigir;* ou, por ultimo, — *Tem saldo a favor* — phrase correspondente á seguinte: — *E' uma perola! Um anjo! Uma alma crystallina!*

Tres vezes quatro doze, e seis dezoito, menos cinco treze, mais dez vinte e tres, e quatro vinte e sete, nove fóra nada.

Assim pondera Balzac.

E eu tambem.

PANTAGRUEL.

RAYMUNDO CORRÊA

Está de todo livre de perigo e entrou em convalescença franca da gravissima febre typhoide de que esteve affectado, o nosso estimado collaborador Dr. Raymundo Corrêa, o distinctissimo poeta das *Symphonias*.

O seu estado foi serio e tornou-se tão perigoso que houve momentos em que se perdeu toda a esperanza de salvá-lo. Felizmente venceu a natureza robusta do enfermo, auxiliada pelos recursos medicos, acertadamente empregados.

Muito debilitado, com a vista mal segura, entontecido e um pouco surdo ainda, em consequencia da pavorosa e descomunna porção de quinino assimillada pelo seu organismo para vencer a febre, mas inteiramente salvo, volta o inspirado poeta a occupar-se, pouco a pouco, com os seus interesses, com os seus amigos e com os seus trabalhos litterarios.

Na carta que escreveu ao nosso director, após haver descripto os horribéis padecimentos que lhe impoz a febre, exclama: « Ah! mas como a convalescença tudo sabe compensar! » e continúa dizendo: « Acho-me ainda muito fraco e esgotado, mas espero que em breve estarei completamente bom. Depois de haver melhorado é que soube da morte do nosso bom Arthur Barreiros. Coitado! E eu podia morrer ignorando-o!... »

A respeito dos bellos versos que nos

remetteu e que hoje honram as nossas columnas, diz o poeta: «...Apezar disso escrevi hontem, ainda sob a impressão da molestia as quadrinhas que ahi remetto.

Não me custou fazel-as; fil as quasi de repente; e se forem por ventura, más, acredita que no estado de abatimento physico e moral em que me acho ainda, não deixaria de me ser prejudicial caprichar em versos... »

Felicitemo-o cordealmente e nos congratulamos com as letras patrias pelo seu restabelecimento.

E arguemos aos ceus, em acção de graças—não em *Te-deum laudamos*, mas meia duzia de...sonetos, todos os sonetos das *Symphonias*.

Agradeçam-nos—os céus.

CHANSON

Quand tu dors, un songe d'amour
Perce dans la fleur de ton âme,
Et sur toi rayonne une flamme
Plus belle que l'astre du jour.

Quand tu ris, un souffle divin
Parfume tes lèvres de rose,
Iris, aux purs diamants éclore,
Baise ta joue, voilant ton sein.

Quand tu chantes, l'oiseau plaintif
Meurt pour toi et d'amour soupire,
Ses ailes tombent sur ta lyre,
Baignées des pleures et de sang vif.

Leopoldina.

AMERICO LOBO.

QUADROS PLASTICO

Os Srs. França & Comp. abriram na antiga casa do Congresso Brasileiro, á travessa da Barreira n. 9, uma exposição de figuras de cera.

Parte dos quadros já foram vistos pelo publico, ha annos, no salão da Guarda-Velha.

Parece nos que o mais digno de menção pela naturalidade e pela expressão das physionomias dos seus personagens, é a *Ceia*, de L. da Vinci. Ha, porém, outros quadros dignos de nota, como a execução dos *comuneros* hespanhóes; Garibaldi ferido; Hospital de sangue... Ha outros tambem muito mal feitos, como sejam o de n. 23 que representa o assassinato de D. Manoel Pardo, e o de n. 20, que representa Maria Antonieta ao ser conduzida ao cadafalso. A cabeça da rainha é horrivel.

Nesta exposição predominam os retratos de personagens illustres, principalmente do Perú e do Chile. A cabeça de Castelar deveria ser substituida, porque representa o grande orador muito mais moço do que elle é actualmente.

Se não é uma exposição rica, é, entretanto, digna de ver-se.

OS SETE PECCADOS MORTAES

(Versão de Valentim Magalhães)

I

AVAREZA

Mais bella, muito mais bella do que as deusas e as ideaes creaturas evocadas

pelos genios, a magnifica Estélla Violás apparece a pé no boulevard, trazendo na mão a sua sombrinha escaurlate; e, no mesmo instante, Paris, que parecia sentimental, estúpido e aborrecido, torna-se esplendido!

Como se o sol, rasgando subitamente as pallidas nuvens, houvesse lançado em ondas a sua poeira de ouro, tudo se anima e tudo scintilla ao esplendor desses olhos e desses labios soberbos. As arvores reflorem, as *vitrines* das lojas alegram-se, os homens tomam ares de distincção, e as *toilettes* das damas rebrilham pomposamente, como pinturas desmaiadas sobre cujas telas se houvesse passado uma esponja humida.

As calçadas, as paredes, as carruagens, os transeuntes, os bancos de ferro, os kiosques inundam-se de alegria; os rossins dos flacres disparam, fogosos como os cavallos de Achilles, e casaes de burguezes, que passeiam, sentem o Amor,—de ha muito apagado e morto,—despertar, resuscitar em suas velhas almas.

Estélla percebe e comprehende como a cidade inteira se extasia, feliz, vendê-a passar.

Mas desagrada-lhe precisamente que os homens e as cousas saboreiem semelhantes alegrias gratuitamente, sem abrirem as bolsas; e (como Paganini punha a sua rabeca em surdina, para que a não ouvissem—de graça) deixando de novo a sombra em sua passagem, os corações desolados e a atmosphera tristonha e turva—Estélla desce avaramente o seu véu impiedoso.

II

INVEJA

Sentada ao lado de seu amante, o joven visconde Paulo de Novis, Manoella Manny atravessa, em carro descoberto, a grande rua de Viroflay, E' linda, é bella, é adoravel, vestida de uma *toilette* primaveral, moça, como o sabe ser a mulher para quem a natureza e a arte já não têm segredos, carminada com tão fina habili-dade, que o rubro do seu sangue e o rubro do perfumista mistu am-se em uma só e verdadeira mancha rosada; e tão bem espartilhada que o não parece.

Ella é feliz, sentindo-se adorada pelo mancebo encantador que lhe bebe os olhares; mas neste instante ella avista uma pobre mocinha esfarrapada, desgrenhada, sentada no chão, apanhando cacos na sargeta, e ferozmente beijada do sol.

Mordida no coração, Manoella, vendo as bellas faces d'aquella creança selvagem, comprehende que as faces della, a feliz amante de Paulo, devem parecer o que são realmente: pintadas. No entanto, um novo espectáculo a preoccupa de uma outra fórma. Manda ao cocheiro que pare a caleça o diz a Paulo, com indifferença:

— Espera-me um pouco. Quero dar uma esmola áquella pequena.

E, descendo, vae direito á rapariga,

cuja camisa de grosso algodão trigueiro mostrava um buraco sobre o peito, redondo como um ilhoz.

— Rapariga, diz a formosa dama, quem te fez esse buraco na camisa?

— Este buraco?... responde a moçinha, abaixando o grosseiro tecido até mostrar, todo nú, um pequeno seio doirado e rijo como cobre:—foi isto, minha senhora.

— Ah!... exclama a outra, furiosa, lançando um olhar desconfiado ao seu amante, que, felizmente, nada tinha visto. E, antes de voltar á carruagem, Manoella dá um luiz de ouro á vagabundinha, mas, ao mesmo tempo, com um ódio sinistro, belisca-lhe o braço — a ponto de lhe fazer sangue!

THEODORO DE BANVILLE.

ILLUMINURAS

MUTAÇÕES

Ella brincava com o amor como um gatinho brinca com um novello.

Nas chammasinhas crepitantes de seu espirito faiscava a volubildade risonha e caprichosa.

A inconstancia era a sua intima; murmurava-lhe segredos, dava-lhe pancadinhas nas faces e longos beijos na bocca; tambem ella amava-a como á mais feliz e alegre companheira!

Mas... chegou um dia em que as mãos tremeram-lhe ao armar no ar o laço attrahente e doce.

Apagou-se, cahiu então do seu ameno céu essa brilhante estrella—a illusão; queda que ella viu atravez de grossas lagrimas!

Luzia-lhe na frente o primeiro cabello branco.

JULIA LOPES.

Patriotismo provado

A commissão, composta dos Srs. J. Campos Porto, L. Gonzaga Duque Estrada e O. de Niemeyer, que havia tomado a si o encargo de agenciar donativos afim de offerecer um mimo ao Dr. Barbosa Rodrigues, mimo que fosse uma expressão de reconhecimento patriótico ao illustre botânico brasileiro, que prestou o grande serviço da cathechese dos indios *Crichandás*—acaba de se dissolver, desilludida pelo máu resultado dos seus esforços.

Nas folhas de hoje apparecerá uma carta, que nós não publicamos por falta de espaço, na qual se declaram os motivos da resolução tomada e em que se lamenta a indifferença e o menosprezo da patria para com os seus filhos mais illustres, mais prestantes e que mais a honram pela sua intelligencia e pelo seu trabalho.

LODO E ESTRELLAS

N'este Caspio sem marulhos,
Sem macarões, quieto, quieto,
Em vão brota o lodo infecto
Só venenosos tortulhos;

Em vão sobre elle bafeja
A peste, e, na superficie,
Boia a nata da immundicie
E zumba a mosca—vareja;

No proximo numero publicaremos — a *Gula* e o *Orgulho*.

N. da R.

Ferve o enxame dos immundos
Vibriões, filhos da lama,
— Deliciosissima cama
Dos farroupas nauseabundos —

E despovoa os casebres
Visinhos, lançando aos ventos
Os miasmas pestilentos
Do carbunculo e das febres;

Pelas margens e por cima
Os torpes sapos, coaxando,
Sobre o charco pulam, quando
Acaso alguém se aproxima;

Em vão; que Deus não esquece
As cousas mais vis; portanto,
Sobre esse putrido manto
Batendo, o sol resplandece.

N'elle os olhos azues cravam
As estrellas vacillantes,
Que em aguas taes repugnantes,
Sem repugnancia, se lavam;

E tambem n'elle se banha,
Em horas mortas, a lua,
Como a Willis toda nua
Das legendas da Allemanha.

Nem sempre elle espelha a peste:
Que ás vezes n'elle os fulgores
Dos iris e as setc cores
Se estampam, do arco celeste;

Deus verte a flamma siderea
Na escura e tabida vasa.
E a entrada infecunda abraça
Da podridão deleteria;

Dá-lhe a luz, sem convertel-a
Na luz; pois jámais, de todo,
Deixa o lodo de ser lodo,
E a estrella de ser estrella!

Mas basta a luz n'elle accesa
P'ra que o barro vil reflecta
D'aquella flamma infinita
Toda a infinita grandesa...

RAYMUNDO CORRÊA.

« GAZETA LITTERARIA »

O fasciulo distribuido ha dias comprehende os ns. 22, 23 e 24 e traz a data de 31 de Dezembro, em que completou o seu primeiro anno de existencia. Sustentar uma revista litteraria do genero desta é, entre nós, empreza difficillima e rica... de espinhos. Os directores da *Gazeta Litteraria*, e com especialidade o Sr. Valle Cabral, o erudito bibliophilo, seu fundador, deram provas de rara habilidade e de pertinacia realmente heroica.

O primeiro anno da *Gazeta Litteraria* fórma um volume de 438 paginas, que offerece variada, instructiva e amena leitura. No triplice numero, ora distribuido, encontra-se uma bonita novidade: — a reproducção de dous ligeiros, mas interessantes desenhos do grande pintor Driendl por meio da xylographia.

Um representa a *Doca do Mercado do Rio de Janeiro*, o outro *Uma cabeça de mulher*.

Foi muito feliz o Sr. Villas Bôas no seu trabalho xylographico; mórmente na *Doca*; e bem merece os elogios que lhe dispensou o Dr. Ferreira de Araujo no artigo que acompanha as gravuras.

Foi uma tentativa bem succedida e que seguramente desbrochará, de futuro, em outros e mais bellos trabalhos.

Saudamos cordialmente a *Gazeta Litteraria* pelo seu primeiro anniversario, e desejamos-lhe vida tão longa e tão gloriosa como a da *Revue des deux mondes*.

Quanto ao publico, recommendamos-lhe com vivo interesse a elegante e sympathica revista, em que collabora a fina flor da nossa litteratura.

Uma anedocta de Arthur de Oliveira

O meu saudoso e genial amigo e mestre Arthur de Oliveira, que, eutretanto, não era um *farceur*, nem para lá caminhava, achando-se alta noite em passeio com alguns companheiros de bom humor, encontrou no largo da Lapa um urbano serenamente encostado a um lampeão, fumando mal cheroso *permanente*.

— Está preso! bradou o Arthur, segurando fortemente pelo pulso o passivo agente da força publica.

Os companheiros entreolharam-se, pasmados.

— Moço, siga o seu caminho; disse o urbano n'um tom entre somnolento e ameaçador.

— Está preso! repetio o adoravel fazedor de phrases; e preso o levou, apezar de todos os protestos, pela rua das Mangueiras, pela dos Barbonos, pela da Guarda-Velha, até entregal-o ao official da estação do largo da Carioca.

— Mas que fez este homem? perguntou o official.

— Que fez? E' boa! Deixou-se prender! Acha pouco?

Os companheiros do Arthur agarraram-o e levaram-o d'ali, antes que elle se lembrasse de prender tambem o official e conduzil-o a outra estação.

ELOY, o HEROE.

RECORDAÇÕES

Plenilunio que doiras a serra,
Nuvens,—trapos de nitido véu,—
O' lampyreos!—estrellas da terra,—
O' estrellas!—lampyreos do céu;

Vós trazeis-me lembrança tristonha
De preteritos tempos. Quem dera
Que voltasse essa quadra risonha...
O' fagueira, ó gentil Primavera!

No teu seio eu não tinha terrores;
Via o mundo ridente, em festejos!
O' que beijos, que sonhos, que amores!...

Ai! agora só nutro desejos
De volver-me a csse tempo de flôres,
E de amores, de sonhos, de beijos...

(Sonetos de toda côr.)

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

Mattos, Malta ou Matta?

ROMANCE AO CORRER DA PENNA

CAPITULO X

Antes de dar conta da primeira e memoravel entrevista que a ferrivel D. Leonarda commetteu contra o seu compadre Quintino, peço ao leitor que me acompanhe de novo á minha casa, onde iremos encontrar o nosso extravagante João Alberto, estendido sobre a cama, a fumar voluptuosamente um charuto do que encontrára na algibeira do seu substituto de morte.

— Então? disse-lhe ao entrar no quarto — Como vae isso?

— Magnificamente! respondeu elle. —

Sinto-me melhor do que nunca! Ah! Vejo que não ha para a saude e para o bom humor como algumas horas de morte e um passeio ao cemiterio de S. Francisco!... Gostei tanto da brincadeira que, se fosse homem de recursos, havia de lá ir todas as semanas, dentro de um caixão e puxado pelo burrinho da Misericordia!

— Bem, volvi eu — Mas deixe por enquanto as considerações, e passemos uma revista nas algibeiras d'aquelle fraque, porque desconfio que encontrarei ali alguns esclarecimentos uteis para as minhas pesquisas.

— Então o senhor quer me revistar as algibeiras?

— Perdão! não lhe quero revistar as algibeiras, as suas, mas sim as algibeiras do fraque do homem que eu procurara.

— Que procurara? Explique-se!

— Sim. Aquelle sujeito que ficou no cemiterio é o homem que eu procurara.

— Para que?

— Negocios particulares...

— Não! Desde que eu me apossei do logar, da roupa, da carteira e do nome d'aquelle pobre homem, entendo que sou o seu unico representante sobre a terra e estou disposto a responder por elle. Diga pois o que deseja do meu infeliz cliente. Os seus negocios tratam-se commigo!

— Já lhe disse que são negocios particulares, e só tratáveis com elle proprio. Quero dar uma busca nessas algibeiras, porque é natural que o miseravel trouxesse consigo algum documento dos seus crimes.

— Ah! elle era um criminoso?

— Dos peiores.

— E que lhe queria o senhor?

— Matal-o.

— Sim?

— Com certeza.

— E não poderia o amigo, com um pouco de boa vontade, substituir essa intenção por outra?

— Por outra?

— Sim; visto que agora, neste bom momento de repouso e ventre cheio, não me seria muito agradável cumprir com essa desagradavel formalidade...

— De que formalidade está o senhor ahi a fallar?

— Da formalidade de morrer pelo meu homem. Já não lhe disse que accetei com todos os onus o lugar vago que elle deixou no mundo?

— Vago parece-me você!

— E sou.

— Vago e synico!

— Tambem, mas confesso que neste momento não estou muito disposto a morrer. Ponhamos de parte esta questão por enquanto e mais tarde entraremos em qualquer accordo. Póde todavia ficar tranquillo, que se faz muito empenho em matar o Castro Malta, eu não fugirei ao dever. Descance.

— O senhor é idiota.

— E' exacto talvez, mas veja se póde ir dar um passeio; tenho somno e preciso dormir. Vá!

Dizendo isto o resuscitado bocejava, encolhendo-se na cama e aconchegando-se aos travesseiros.

— Olhe! acrescentou elle, se faz muito gosto em revistar-me as algibeiras, reviste-as durante o meu somno e, se quiser roubar o dinheiro que ahi tenho, peço-lhe o obsequio de não roubar tudo. Deixe-me alguma coisa...

E bocejava de novo.

Eu, para não lhe distrahir o somno, deixei de responder e sahi do quarto.

D'ahi a pouco o bohemio resonava como um porco, e eu tratei de apoderar-me da roupa que elle trouxera do cemiterio.

Principiei a revista pelo fraque, passei depois ao collete e afinal ás calças.

Encontrei o seguinte, cujos objectos

inventariei em uma folha de papel, que hoje se acha em poder do compadre de minha sogra:

1. Uma carteira com tres bolsos, havendo em um d'elles uma conta de charutos da Casa Havaneza; um pedaço de papel sujo e meio roto, no qual se liam os seguintes versos:

« Amei-te um dia, oh que triste sorte!
Amei-te muito, amei-te por demais
Visto que tu, mulher, eras mais forte
Do que... »

O resto não se podia ler.

Havia ainda nesse bolso da carteira um decimo da loteria de S. Paulo; uma receita passada pelo Dr. Silva Araujo, e uma pequena trança de cabellos castanhos amarrados por uma fita azul toda nodoadade de oleo cheiroso.

No outro bolso da carteira encontrei duas notas de vinte mil réis e uma de dez; ao lado das notas um outro decimo da loteria de S. Paulo e uma cantela do Monte do Socorro, que constava de— um broche de ouro em fórma de coração, guarnecido por um chuveiro de diamantes.

Calcule-se o interesse que me produziu essa denunciadora cautela, logo que me saltou á cabeça a idéa de um broche justamente n'aquellas condições, que possuia minha mulher.

Foi já com as mãos tremulas e o coração afflicto que prosegui á busca no terceiro bolso da carteira.

Encontrei uma photographia. E advinha se de quem!

Da Jeannite.

Nas costas do retrato lia-se escripto em bastardinho:

« *A mon petit bien aimé.* »

E grudado ao fundo do bolso estava uma estampilha do correio.

Passando á segunda algibeira do fraque, encontrei um maço de papeis, que tratei logo de inventariar, declarando pelo seguinte modo o que elles continham:

1.º « João Alves.— Se já não precisas da *Nana*, devolve-m'a, que o dono m'a reclamou por duas vezes.— Teu, *Costa Rosas.* »

2.º « O Sr. João Alves Castro Malta deve a Gaspar Leite & C. cinco mil réis, importancia de um jantar.— Recebi, 8 de Novembro de 1883.— *Gaspar Leite & C.* »

3.º « Joãozinho.— Espero-te hoje. Meu marido está de serviço.— Tua, X. »

A letra d'este bilhete não me era conhecida, felizmente.

4.º « Illm. Sr. Castro Malta.— Segunda feira mato um perú e minha fillinha faz annos. Venha jantar connosco. Se quizer pode trazer o Mello.— P. S. Não esqueça o violão.— Seu, *Mendonça de Freitas.* »

5.º « Sr. Castro.— Estou cansado de procurar-o em casa e na rua. O senhor tem caçoado deveras commigo; pensei que tratava com um homem serio e tratei com um velhaco. Se até o dia 31 d'este mez o senhor não pagar o que me deve, entrego a sua conta a um procurador.— *Thomaz Cardoso.* »

6.º « João Alves.— Vê se me apromptas o discurso. O dia do casamento está a bater a porta, e tu bem sabes que eu prometti fazer um improviso.— Teu primo e amigo, *Casusa.* »

O setimo documento era um artigo de fundo cortado da *Gazeta da Tarde.*

8.º Seis cartões iguaes de uma casa de moveis.

9.º Um lapis com bainha de metal.

10.º « *Hir* á rua Primeiro de Março n. 20, procurar no escriptorio dos fundos a ordem do Sr. commendador Manoel da Silva Braga para me ser entregue a chave de sua chacara, em Catumbi. »

11.— « *Amonia*— 30 grammas. H²O— 100 grammas. »

Nessa algibeira havia mais dous cha-

rutos e um quaderninho de mortallas *Abbadie.*

Passando ao bolso de fóra do fraque encontrei um lenço barrado de azul, com um monogramma composto de um R, um S e um B.

Este lenço cheirava á agoa da Colonia misturada com fumo.

Nas algibeiras de traz havia um outro lenço sem marca e enxovallado e uma caixa de phosphoros de páu.

Nas algibeiras do collete encontrei um relógio, cuja corrente pendia a uma das casas dos botões; uma phosphoreira de platina cheia de phosphoros de cera; uma pequena chave de franco e uma outra de gavela; um botãozinho de colarinho, obra de madre-perola; tres nickels de 200 réis e mais dois vintens embrulhados em papel; ainda um decimo da loteria de S. Paulo; um limpador de unhas; um pedaço de papel em que estava escripto « Rua do Conde d'Eu n. 8 » e mais um vidro esfumado de oculos ou lunetas.

Nas calças encontrei quatro mil réis em notas miudas, oito cigarros, um pedaço de vela stearina, um canivete, e atraz, perto do cóz, em uma algibeira disfarçada, havia um revolver de seis tiros, completamente carregado e em descanso.

Já desanimado, ia abandonar a roupa do miseravel amante de minha mulher, quando descobri o bolsinho da luva e, ahi, rebuscando avidamente, encontrei uma carta que me illucidou mais do que todos aquelles documentos e da qual darei parte ao leitor no seguinte capitulo.

A essa carta devo eu o bom resultado das minhas pesquisas. Mas, não precipitemos os acontecimentos.

THEATROS

Foi na quinta-feira, no Lucinda, o beneficio da actriz Apollonia, com o drama em 5 actos e 6 quadros de Leon Gozlan, traducção de Pedro Vidoeira—*O Cadastro da Policia.*

Esta peça, que já foi aqui representada, ha annos, com o titulo *O livro Negro*, é o que se póde chamar uma peça má. Moldes velhos, acção gasta, fundada nos rafados preconceitos de raça, contextura estravagante, situações tibias, actos muito desiguaes e mal feitos. Acrescenta-se uma traducção pessima, incorrectissima, e ter-se-ha uma idéa do drama que a intelligente actriz em má hora escolheu para seu beneficio.

Dar *Cadastro da Policia* logo em seguida ao *Palhaço* parece-nos um erro de officio muito lastimavel.

O desempenho foi tambem outra desgraça—salvou-se unicamente a beneficiada.

Galvão, além de não ter nenhuma das condições exigidas pelo seu papel, representou-o deploravelmente, e, do que disse, o publico não chegou a perceber metade, tal a inflexão e a maneira accidentada de emittir as palavras.

Ferreira, a quem nunca nos cançamos de censurar, porque é um actor de talento, esteve infelicissimo no seu bonito papel de Mauricio. Fez um personagem sombrio e quasi sinistro, levou tudo n'uma declamação cantarolada, de um effeito que hoje ja nem é estimado pelas galerias.

A propria Clelia, uma actriz conscienciosa e proecta, além de se ter caracterizado muito mal, esteve fraquissima no seu papel de velha fidalga.

Só Apollonia ponde conseguir fazer alguma cousa, apesar de muito mal auxiliada por Galvão, Ferreira e Clelia, nas scenas do 3.º e 4.º actos.

Muito bem feito o final do terceiro e a scena capital do ultimo.

Não nos parece que a empresa possa aproveitar alguma cousa dos reclames da casa David Corazzi.

*
**

Foi muito concorrida e brilhante a recita das *Meninas Godin*, dada pela empresa do Recreio em homenagem ao traductor, Sr. José do Patrocínio. O theatro estava enfeitado e illuminado e o traductor foi por varias vezes chamado á scena e applaudido pelo publico.

*
**

(1) O celeberrissimo ininclinpantafaçudo e circumscisflautico parlapatanissimo professorophobo nicromantetico, advinhabundo e viajantastroico Anderson das Apparencias Illudem. deu no Polytheama varias funcções polianthomaneas de prestidigitação e escamoteação dos cobres papalvos, acompanhado pela incomparavel e narigudissima Miss Anderson das adivinhamitricas, tornando-se notavel nas amputações da seriedade especulundrificca e ornapindorilatica.

Com o titulo de *Chronica theatral* deve apparecer depois d'amanhã um novo collega, especialmente dedicado, como o seu titulo indica, á resenha e á critica dos acontecimentos theatraes.

E' seu director o Sr. Luiz Marcello, pseudonymo que mal encobre a sympathica individualidade de um conhecido escriptor.

Esperamos anciosamente a *Chronica theatral*.

Recebemos:

Da gentil directoria do *Club do Engenho Velho* um cartão de convite para o sarau-concerto que se ha de realisar nos seus salões na terça feira, 24 do corrente. *Mille grazie*. Não commetteremos a indelicadeza de faltar.

— *Andaluzia*, numero unico. homenagem á imprensa da Corte e Nictheroy e a todas as sociedades que esmolam em beneficio das victimas dos terremotos na Hespanha. Collaboram no *Andaluzia*, alem do Sr. Carmelo Seoane, varios escriptores desconhecidos; principalmente do sexo fraco.

— *A Illustração*, II anno, n. 4. Admiravel, como sempre. Um excellente artigo do seu director Mariano Pina sobre o *Antonio Maria*, uma bella chronica das letras, firmada por Jayme de Seguiet e primcrosos versos de Alberto de Oliveira. Entre outras bonitas gravuras realça a d'*A cabra cega*, formosissima esculptura de Barzaghi.

— *A Vespa*; n. 10. Muito bom este numero. O artista Pereira Netto continúa a caprichar nos seus trabalhos. A pagina central que se occupa com a *Cocota* e aquella caricatura do «tio Martinho» são provas do muito que tem a arte a esperar do lapis desse jovem caricaturista. Texto—de Arthur Azevedo; e tudo está dito.

Delle trasladamos para as nossas columnas, com a devida venia, uma espiritosa anedocta do saudosissimo Arthur de Oliveira.

— *Revista Maritima Brasileira*; anno 4°. ns. 5 e 6, correspondentes a Novembro e Dezembro do anno proximo findo; publicada sob a direcção dos Srs. Sabino Eloy Pessôa, Alfredo Augusto de Lima Barros e Carlos Vidal de Oliveira Freitas.

Magnifica publicação, que honra sobremaneira os seus directores e a ma-

(1) Para se entender o texto d'esta noticia vejã-se os annuncios do *Magico*.

rinha brasileira. Artigos minuciosos, serios, proficientemente lançados; numerosas estampas technicas, primorosamente gravadas, um copioso noticiario, uma secção mecrologica... Emfim, todos os elementos necessarios a uma revista deste genero. Comprimentamos e felicitamos os illustres collegas.

— *Revista de Engenharia*, anno 7, n. 109. Bem escripta e bem impressa.

— *Correio Fluminense*; n. 1. Publicação quinzenal. Prosperidade e longa vida lhe desejamos.

— *Mariposas*, versos de J. de Moraes Silva, com uma introdução de Alberto de Oliveira. Daremos proximamente demorada apreciação sobre este livro.

— «*Datas e factos relativos á historia politica e financeira do Brazil*», por um brasileiro.— Recife, 1885.

Dos Srs. Faro & Nunes:

— «*A Poesia philosophica; poemas modernos, com um programma sobre a renovação scientifica das litteraturas e um excerpto da poesia nova;*» — por Domingos Tarroso. — Ponte de Lima (Portugal), 1883.

— *Valerie*, polka composta pelo Sr. A. Martins Filho e por elle offerecida a Mlle. Valerie Montreuil.

— *Distracção*; n. 24. Muito interessante.

FACTOS DIVERSOS

Partiu hontem no *Congo* o joven e distincto pintor Firmino Monteiro, com destino a Paris. Vae continuar ali os seus estudos, tão brilhantemente iniciados. Quando voltar, daqui a dois annos, deslumbrar-nos-ha com a exhibição dos seus trabalhos, em que se ha de reconhecer o punho de um verdadeiro mestre. Boa viagem e prospera sorte.

*
**

Tem melhorado dos seus padecimentos o estimavel co-redactor d'*A Folha Nova* Sr. Rodolpho Porciuncula. Prompto e completo restabelecimento lhe desejamos.

COFRE DAS GRAÇAS

— Porque será que os *bonds* cortam tantas pernas?

— E' simples a razão. Como sabes, todos os *bandeiras* são pernetas, é de rigor que tenham perna de páu. Ora, como é mais facil apanhar um mentiroso do que um pernetta, as companhias de *bonds* vão cortando com elles as pernas dos transeuntes, substituem-n'as por pernas de páu e empregam depois os amputados como *bandeiras*. E' um processo logico.

No camarim da distincta actriz Apollonia.

Entra o fiscal do theatro, e ella pergunta-lhe:

— Então que tal hoje a *casa*?

— Muito fraca...

— Sim? Mas não póde ser mais fraca do que a de hontem.

— Mas é que hontem havia mais *pro pensão* para o espectáculo.

Outra tambem authentica:

Em um exame de admissão na Escola Normal:

Examinador.—A que conjugação pertence o verbo cantar?

Examinando.—A' primeira.

Examinador.—Porque?

Examinando.—Porque faz o infinito em *ar*, como *receber*.

BIBIANO.

TRATOS A' BOLA

Não se assustem, carissimos leitores, com relação que ahí vai.

Não é a relação das pessoas que se vaccinaram com a cultura attenuada do microbio da febre amarella; mas simplesmente a dos illustres charadistas que tanto tem honrado esta secção e soffrido as impertinencias de D. Pastel, que, apezar de moço, é rabugento como uma sogra.

E' uma relação immensa, concordamos.

Mas que fazer? Este povo todo remetteu a D. Pastel suas decifrações... por tanto nada mais justo do que publicarlhes os nomes, dando os premios a quem os mereceu.

Aqui vão os seus nomes:

«*Cajú*, Indio Pardalino, Americo, Engolras II, D. Empadinha, D. Tango, Julio C. de Magalhães, Lia Dias, Caleçon (de Minas), Pedro G. dos Santos, Mlle. Omellette, D. Papoula Mandára, Josephina B., M. Ignacio Degagè, Fricinal Vassic, Lyosaio, D. Pastellito, D. Fustreca das Enxundias Picapáo, Leitor Mineiro, Figaro, Anninha, O. de Azevedo, Sangon, Philomeno e D. Confeito.

O primeiro decifrador exacto foi o Sr. *Figaro*, que nos remetteu em verso suas decifrações. Publicamol-as mais adiante. O segundo foi o Sr. O. de Azevedo e em terceiro lugar veio a Exma. Sra. D. Anninha. Podem vir receber os seus premios.

Os Srs. *Julio Cesar de Magalhães*, *Leitor Mineiro*, *Fricinal Vassic* e a Exma. Sra. *D. Josephina* acertaram tambem, mas... vieram tarde. Para outra vez venham mais cedo.

O Sr. *Figaro* disse, ou antes cantou o seguinte:

«*Eu para não ser alarve*
Como já meu avô era,
Hei de transpor o *adarve*
Trissyllabo da *chimera*!

(Digo trissyllabo, pois,
Que duas syllabas marca
Sem saber o nome aos bois,
Sua grammatica parca.

Nem c'uma lanterna, olé!
De achar tres o amigo escapa
Desengula pois o—E—
Mesmo a cargas de *Jalapa*).

As telegraphicas são...
Serão—*caçada* ou *roçado*
A primeira; a outra não
Póde ser senão *machado*.

Eu sou barbeiro á moderna:
Deixei tudo escanhoado!
Creio ter passado a perna
Ao seu *Figaro Illustrado*. »

Passado a perna, não. O illustrado Sr. *Figaro* passou simplesmente a mão no *Figaro Illustrado*; e mais nada, seu felizardo!

Eram, por consequente, estas as decifrações: do logogrifho—*Adarve*; da benedictina—*Lanterna*; da antiga—*Chimera*; da ultra-novissima—*Jalapa*; e das telegraphicas—*Caçada* e *Machado*.

Desempenhados dessa primeira parte da nossa missão, passamos á segunda. Temos para hoje a seguinte *fazenda*:

TELEGRAPHICAS

1-1-1-Mocotó é alimento.
1-1-1-1-Amolador medicinal.

ENYGMATA

MIL quanto vale?

CHARADA VERBAL

Qual o *verbo*, que, junto a um substantivo, próprio de pintura, fórma o sobrenome de um ex-deputado?

Construir pelas seguintes iniciaes uma phrase muito conhecida e frequentemente empregada em tom de lastima:

E. M. E. U. V. D. L.

ANTIGA

Duas na cara,
Uma na cabeça.
No alto do forte
E' logar da peça.

E' só e não é muito.

Ao primeiro decifrador exacto - um almanach do *Figaro* deste anno, com bonitas illustrações, contos, poesias, etc.

Ao segundo - um exemplar do poemeto *Colombo e Nenê*.

Ao terceiro uma collecção d'*A Semana* (primeiro trimestre).

Agora, como um delicado *hors d'œuvre*, offerecemos aos amigos dos *Tratos* a novidade abaixo, cujas decifrações ficam fóra de concurso. Ao heróe que acertar, além das decifrações das difficuldades anteriores, com a das *calimburguescas* brindaremos com o diploma de — *tope-tudo* de primeira classe.

Aqui vão as

CALIMBURGUESCAS

E' tambem esta uma invenção de *Frei Antonio*.

Santo frade, impagavel amigo!

Querem saber o que venha a ser uma *calimburguesca*? Pois então ouçam esta pergunta:

« Que desejam o moribundo e o lavrador? »

A resposta ha de ser feita de modo que, produzindo um calimburgo perfeito, satisfaça inteiramente á pergunta; ha de designar uma cousa que, a um só tempo, seja o que o moribundo e o lavrador desejam.

Eis a d'essa pergunta: « *Ar, ar* » (*avar*). O moribundo quer *ar*; e o lavrador — *avar*.

Comprehenderam?

Ora muito bem.

Agora vejam lá como lião de responder a estas:

« De que se precisa para a saude e para a sella? »

« Quaes os fidalgos pouco exigentes que não mordem? »

CORREIO

Sr. N. M. (S. Paulo). Decididamente o Sr. é um homem muito alegre, mas mesmo muito! Tão alegre que, consultando-nos sobre cousas serias, termina com esta que nos priva de lhe responder devidamente: « Qual o preço da passagem (ida e volta, 1.ª classe), do Rio de Janeiro a Nova Orleans? e quantos dias são precisos para a travessia? »

Ora, carissimo Sr., *A Semana* não é escriptorio de paquetes transatlanticos. Illudio-se completamente. Não sabemos como tambem o Sr. não nos perguntou quem era o pae dos filhos de Zebedeu.

Quanto ás informações do seu *post-scriptum*, agradecemos-lhe cordialmente a boa vontade.

Sr. X. O seu soneto não é indigno de publicação.

Mas os unicos versos realmente bons são estes:

« Vai negra e triste a onda, e canta surdamente:

« Mas lá vem perto a luz... com a fronte afogueada
« Altivo rompe o sol as dobras do Oriente.

Ah! se todo o soneto fosse assim, o senhor teria o gostinho de lel-o em uma das columnas da *Semana*.

Em todo caso agradecemos-lhe a dedicatória feita ao nosso director. Continue entretanto, a distinguir-nos com a sua sympathia e os seus versos. E lembre-se que Roma não se fez n'um dia.

Sr. SAMUEL DIKSON FREIRE. Não senhor, desta vez não apanha o homem na ratoeira.

No *Meio-Dia* nunca appareceu trabalho algum que se parecesse com a *Scena Vulgar* do tal Sr. C. M.

Sosegue por enquanto; mas pode continuar a andar-lhe na pista, porque ha muita gente que se gloria com trabalhos nunca sahidos de suas pennas.

Sr. CALEÇON... A BORDO.—O seu conto, — *Scena vulgar*, já foi publicado na *Gazeta Mineira*, e nunca lemos cousa tão pobre.

Com que então quiz-nos embaçar—o amiguinho? Pois *chuche* agora.

— Aquelle seu (?) Leonel é um personagem que poderia ser verdadeiro, caso o Sr. lhe tivesse tirado o maldicto somno que lhe deu n'aquella noite do baile. Pois um dono de casa póde lá dormir como o Leonel em uma noite d'essas?... Está se vendo logo que o senhor pregou-lhe aquelle profundissimo somno para que o *Cazuzinha* o enramalhasse á vontade.

Tome este conselho:

Não invente personagens nem enredos. Busque sempre os seus homens e factos aqui mesmo, neste terraqueo globo. Ha uma cousa que lhe abre larguissimo espaço; é a observação.

Quanto á fórma, a sua *Scena vulgar* é uma lastima *Dura veritas, sed veritas*. Isto em latim é mais macio.

Sr. LUCAS.—Não aceitamos escriptos mal feitos. Qualquer outro jornal publicará o seu nos *a pedidos*, caso o senhor lhe pague. A *Semana* não tem *a pedidos*; por conseguinte...

Sr. MERICANO.—O Sr. diz no seu soneto (ainda mais outro, ó pai do céu!) que as estrellas, o albor da aurora, a flôr emmurcheando aos *suspiros* da brisa, o gemido das pombas, etc., etc. causam tristeza. Pois a nós o que nos causou tristeza foi o seu soneto. Bem lastimavel esta *victima imbelles* da sua inspiração!

Não pense mais no *suspiro* da brisa; esse infeliz morreu, como o seguro.—de velho.

Deixe-o em paz, por piedade!

Sr. MARIO.—O seu *Prazer e Dor* é uma dôr e um desprazer.

Estude e trabalhe.

Sr. ALEXANDRE, LE GAL.—Se não nos illude a memoria, acreditamos ter lido em uma carta sua, ou de um amigo seu, que o senhor nos daria muito breve um livro de contos. *Razão pela qual* não publicamos o seu — *Episodio Burlesco*: que poderia ser melhor, se o senhor houvesse tido mais um pouquinho de paciencia quando o escreveu.

Somos de parecer que não deve publicar trabalhos que façam parte do seu livro.

Isso pouco lhe daria em gloria.

Um livro é recebido com muito mais estima e attenção porque representa sempre um trabalho intellectual—ou pelo menos typographico de maior folgo do que um simples conto, destacado.

Sr. NOBREGA LEAL.—O seu *Pouff* é fuão e pião, e além d'isso tem uns erros

de grammatica que não lhe perdemos. Olhe estesinho, para amostra:

— « Nenê devia ter posto estas *flôres*, etc., etc.

— Ella riu-se e respondeu:

— Não / do jardim, não! »

Ora, amigo Sr. Nobrega, estude ao menos as regras de concordancia, pelo amor de Deus ou da lingua. Sim?

Sr. MARUJO.—O seu soneto... (Que febre! todo o mundo agora só escreve sonetos! Arrei! Que massada! Já é escandaloso!)

Desculpe-nos este parenthesis. O seu soneto é um pobre diabo. Ah! se nós fossemos a tal Guiomar, que tem, como o senhor diz em mais versos, o céu por docel, o sol por amante, e o mar por poeta, dar-lhe-iamos um cascudo... um cascudo tal, que o senhor nunca mais se metteria a escrever versos!

Sr. JULIO TAVARES.—O seu *Enterro*, — salvo seja! — é funebre.

Seu estro é fraco e indeciso ainda, mas promete.

Que fructifique é o que lhe desejamos.

Sr. JOSÉ MOREIRA FRAGA.—O seu *Her hand* (mais outro soneto! *Uff!*) não é bom. E veja o que é este mundo! O senhor, conforme disse, é feliz, rico e ditoso, porque entre as suas mãos possui a mão de sua amada. Ha muita gente, no entanto, que diz o contrario.

São *coisas*! Este mundo é assim mesmo. Gostamos mais do senhor em prosa do que em verso; o que não quer dizer que o senhor não deva trabalhar em ambos. O trabalho tudo vence. Esperamos ter ainda occasião de hospital-o com todas as honras devidas ao talento, escudado no trabalho.

Sr. JOÃO PEREIRA DE ALMEIDA.—Por um interessante capricho do acaso veiu-nos ás mãos dentro de um numero d'*A Semana* o bilhete que V. escreveu ao « amigo Mendes » com que lhe remetia a nossa folha, dizendo-lhe: « Sou assignante assim: (passe o dedo pelo nariz como quem vae fazer o pelo signal.) Ora, seu Almeida, isso é feio! Um homem d'esses — *nariz de folha, meia-cara, flante!*... Oh!... Venha tomar duas assignaturas de seis mezes: uma para V. outra para o « amigo Mendes ». Isso é que seria bonito e decente.

Sr. ERNESTO LODI.—Correcto e mimoso o seu *Lago*.

Publical-o-hemos no proximo numero.

CONSULTAS

— Sr. A. F. F. DE MENDONÇA FILHO; Ouro-Fino.—Sua consulta é um pouco obscura. Em que condições deseja fundar a bibliotheca? Qual o adiantamento dos alumnos aos quaes a destina? Que character lhe quer dar: litterario? pedagogico? scientifico ou puramente escolar? Sem esses esclarecimentos vêr-nos-hemos embaraçados para responder-lhe convenientemente.

ANNUNCIOS

Dr. Henrique de Sá.—Espec: Syphilis e molestias das crianças. Consultorio:—rua Primeiro de Março, 22; de 1 ás 3 horas da tarde. Residencia:—rua de S. Pedro, 294.

LIVRARIA MODERNA

DE

CUSTODIO GARCIA

2 A RUA DOS OURIVES 2 A

Grande sortimento de livros dos melhores autores nacionaes e estrangeiros, papelaria e todos os artigos para escriptorio e dezerho.

2 A Rua dos Ourives 2 A

A SEMANA

(PUBLICA-SE AOS SABBADOS)

Director — VALENTIM MAGALHÃES

REDACTORES:

**Alfredo de Souza, Aluizio Azevedo, Filinto de Almeida,
Luiz Murat e Urbano Duarte.**

COLLABORADORES:

**Alberto de Oliveira, Araripe Junior, Arthur Azevedo, Gaspar da Silva,
Joaquim Serra, Luiz de Andrade, Julia Lopes, Luiz Delfino, Lucio de Mendonça, Machado de
Assis, Manoel da Rocha, Pedro Americo, Raul Pompeia, Raymundo Corrêa
e outros muitos escriptores distinctos.**

A Semana — que ora entra no segundo trimestre, — não é propriamente uma revista, como as que até hoje tem havido. Publicação hebdomadaria, tem, no emtanto, o caracter de um jornal diário.

O seu fim principal é este: — fazer a historia completa e fiel da semana decorrida, dando a *nota do dia*. Para isso tem secções em que se occupa com tudo quanto tenha sido feito na semana em — sciencias, artes, letras, commercio, industria, costumes, religião, etc., offerecendo aos leitores uma curta noticia, satisfactoria e imparcial, de todos os factos que em todos esses ramos de actividade se tenham realisado nos sete dias decorridos.

No intuito de auxiliar os jovens escriptores de talento, aceitará **A Semana** qualquer trabalho litterario em harmonia com a sua indole e o seu programma, publicando-o, e pagando-o ao seu auctor, de conformidade com a tabella da folha. A primeira das condições para a acceitação d'esses trabalhos é a responsabilidade de seus auctores. Embora sejam publicados com pseudonymo, exige-se que os originaes tragam a assignatura authentica do auctor.

VANTAGENS DOS ASSIGNANTES

Além dos premios respectivos, têm os Srs. assignantes as seguintes vantagens, não proporcionadas ainda por nenhum jornal: — Têm direito á inserção gratuita de qualquer annuncio ou reclamação que não exceda de tres linhas, uma vez por mez.

— Têm igualmente direito a todos os supplementos e boletins que a folha publicar. E ella publicará um supplemento ou boletim, — que será vendido avulso, separadamente, a 40 ou 60 réis, — sempre que houver qualquer facto importante, qualquer acontecimento de interesse publico.

— Além d'isso, — e esta é a principal vantagem, — tem qualquer dos Srs. assignantes o direito de consultar a folha, por carta assignada, uma vez por mez, sobre qualquer questão, duvida ou emergencia juridica, medica, commercial, litteraria ou de qualquer natureza, que se revista de character serio, e cujo objecto fór importante. Obriga-se a redacção a responder-lhes por carta nos casos de urgencia, e pela folha nos outros. Para esse fim tem a folha advogados, medicos, commerciantes, em summa: — pessoas competentes, encarregadas de responder a todas as consultas, assumindo a responsabilidade dos seus conselhos. Outrosim promptifica-se a folha a ministrar aos Srs. assignantes todas as informações de que necessitarem. Este serviço, a que têm direito os Srs. assignantes, é igualmente gratuito. **A Semana** é o primeiro jornal que o apresenta, no Brazil.

N. B. — Todas as consultas devem vir acompanhadas do respectivo sello, ou da sua importancia, para a resposta.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA:

PARA A CAPITAL

TRIMESTRE. .. 2\$000; SEMESTRE. . 4\$000; ANNO. 8\$000.

PARA AS PROVINCIAS

SEMESTRE.. .. 4\$000; ANNO. .. 8\$000.

ASSIGNATURA ESPECIAL

De Abril a Dezembro de 1885. . .. 6\$000

NUMERO AVULSO—100 RÉIS; ATRAZADO—200 RÉIS

ESCRITORIO DA REDACÇÃO E GERENCIA

(ABERTO DAS 8 DA MANHÃ ÀS 6 DA TARDE)

36 TRAVESSA DO OUVIDOR 36

Rio de Janeiro. — Typ. da GAZETA DE NOTICIAS. — 1885.

A SEMANA

Publica-se aos Sabbados

POR TRIMESTRE:

Dentro e fóra da capital:
2\$000 rs.

DIRECTOR — VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — TRAVESSA DO OUIDOR, 36, SOBRADO

NUMERO AVULSO:

100 rs.; numero atrazado
200 rs.

Não se restituem originaes, embora não publicados.

SUMMARIO

A Semana — Historia dos sete dias — Valentim da Costa — A caiega do « engraxate », Valentim Magalhães — A musica do futuro, Iguotus — N'um carro de bois, soneto, Luiz Delfino — Arthur Barreiros, Gaspar da Silva — Moralidade da imprensa, C. Regazoli — Os rouxinões do cemiterio, Alph. Daudet — Novo meio de piratagem litteraria — Os sete peccados mortaes, Th. de Banville — Theatros — A vida elegante, Lorgnon — Recebemos — Tratos á bola, D. Pastel — Correio — Consultas — Annuncios especiaes — Annuncios.

A SEMANA

Com o presente numero terminamos o nosso primeiro trimestre. Aos nossos esforços tem, felizmente, correspondido o favor e a benevolencia do publico. Para continuar a merecel-a não nos pouparemos trabalho nem sacrificios. Assim é que daremos em o nosso n. 14, primeiro do 2º trimestre, uma pagina illustrada, reproducção lythographica de um curioso e moderno retrato de Guerra Junqueiro e de um magnifico padre, com quem teve o grande poeta portuguez a estranha fantazia de retratar-se.

Esse trabalho está confiado á reconhecida competencia do eximio *crayonista* Valle.

Além d'isso, contratou a empreza com o joven e distincto pintor Firmino Monteiro, que vae trabalhar dois annos em Paris, a publicação,—como supplemento á *Semana*, e premio aos seus assignantes —de esollhidas photogravuras, cujos desenhos serão feitos por elle, reproduzindo alguns dos quadros mais celebres e mais modernos.

Sem o auxilio e a protecção do publico nada poderemos fazer.

Conflamos, entretanto, que não nos faltará com ella, pois saberá reconhecer a somma de talento, de trabalho e de boa vontade, que *A Semana* representa.

A' parte fôfas modestias banaes, podemos dizer que esta folha é unica no seu genero e que nenhuma outra conta ou póde contar actualmente com os elementos de que ella dispõe. E' redigida por alguns jornalistas já conhecidos e estimados do publico, e collaborada pelos nomes mais reputados e mais celebres das nossas letras. Continue o publico a

proteger *A Semana* e ella irá melhorando progressivamente.

Aos Srs. assignantes de seis mezes, que agora entrarem, daremos como premio, uma collecção do 1º trimestre d'*A Semana* ou um exemplar do bello tango de Ernesto de Souza:— « *A Semana*—100 réis! »

Abrimos tambem uma assignatura especial, de Abril a Dezembro, nove mezes, pelo preço de 6\$, com direito aos seguintes premios:—uma collecção d'*A Semana* e um exemplar do magnifico romance que estamos publicando e brevemente apparecerá em volume:—*Mattos, Malta ou Matta?*

Ficam extinctas as assignaturas de trimestre para fóra da capital.

Os preços para trimestre e semestre continuam a ser de 2\$ e 4\$000.

Chamamos a attenção do publico para o annuncio da 8ª pagina, em que se encontram todas as condições e o programma d'*A Semana*, com todos os seus detalhes.

Rogamos aos Srs. assignantes de trimestre o obsequio de renovarem as suas assignaturas; e aos que se acham em atrazo o de satisfazerem seus debitos.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Rio, 28 de Março de 1885.

Decididamente estamos roubados!

A noticia dada pela *Gazeta da Tarde* e que era a revellação de um novo caso — *Malta*, cahiu pela base diante da exhumação a que os medicos da policia, a requisição do Sr. 3º delegado Carijó, procederam no dia 24 no cemiterio de S. Francisco Xavier.

Pois foi pena!

Visto que a pobre menina tinha morrido, para nós, chronistas, era muito mais conveniente para os effeitos emmoçionaes da prosa que tivesse havido um crime.

Mas, por mais esforços que façam os collegas diarios, outro *Malta* é que não apanham.

Esta já é a segunda tentativa frustrada.

E isto assim vae mal; se chegarmos á conclusão deploravel de ficarem desaereditadas as exhumações e desmoralizadas as autopsias, então não sei que hade ser de nós!

E este caso, conforme o havia descripto a gazeta vespertina, era de encher o olho!

Puro dramalhão sentimental á Bourgeois. Havia a infeliz orphã, subjugada pela tyrannia fardada de um medico militar que desejava autopsial-a em vida, tal era o odio que lhe votava; vinha em seguida o amor simples e puro de um marinheiro supersticioso, que lhe ministrava tisanas promanadas de feiticarias, talvez com danças macabras de duendes e velhas chifrudas, á meia noite, sob a lua argentea, entre o fragor fluctuoso do grande mar batido nas roelhas e nos abrolhos adjacentes da fortaleza; neste momento um côro de bruxas e de maffarricos entoaria os *couplets* roubados ao *Baile das mummies* do Carlos Ferreira; tinhamos após o acto do hospital, com a scena da loucura, como no final do *Fausto*, em que Margarida pallida e edemaciada sorri com o triste olhar em alvo e pronuncia ao amante remordido pelo arrependimento, os monosyllabos da inconsciencia, entre o delirio da febre escaldante que lhe combure o cerebro enfermo. Havia depois a profanação, um cadaver *travesti*, e o corte dos cabellos, muito rente—para se pensar que a morta donzella era um grumete morto.

Dado o crime até ao segundo acto, o desenvolvimento do drama mostrar-nos-lia a policia em actividade, tendo, por denuncia particular, o fio da meada que ella iria desenrolando, desenrolando até deitar o gatazio ao tyranno, no quinto acto, premiando a virtude e punindo o vicio.

E tudo isto fallou!

Não sabemos se foi um milagre do pavoroso guarda-roupa da Morte, mas o caso é que a victima, se o foi, appareceu vestida com as roupas do seu sexo, á excepção, segundo se disse, das meias, que eram de homem, talvez porque a parca inhumana não teve tempo de lh'as mudar. E o cabelo, o cabelo tambem já tinha crescido, ostentando uma bella cabelladura ondeada e luzente, para a qual não se nos dá de acreditar que houve a intervenção do Baptista do Rocio.

Decididamente estamos roubados!

E não seremos nós quem se deixará jámais emballar por illusões de incidentesinhos fementidos, que no fim de contas nos deixam com agoa na bocca e com o assumpto no outro niundo!

Caso como o do *Malta* não tornaremos nós a abixar...

Viva o *Malta*!

*
**

Parece-nos que teremos de lamentar o desaparecimento da guarda urbana! O actual policiamento da cidade é insufficiente, o que dá em resultado aproveitarem-se os genros da opportunidade para sovar as sogras e os maridos para desencarem o espinhaço das esposas.

como aconteceu na casa n. 10 da ladeira do Barroso.

Dizo *Jornal* que a victima gritou mas a policia não appareceu.

Se fosse no tempo dos chorados *morcegos*, quando a victima gritasse, talvez algum tomasse a resolução de apitar — se não estivesse a dormir na occasião.

Tambem foi dada pelo *Jornal* a seguinte noticia:

« A bordo do paquete inglez *Aconcha-gua*, veiu um caften, L. Schranger que, durante a viagem, causou indignação a todos os passageiros, que muitas vezes quizeram atirar-se contra elle, por ver a insistencia com que tentava seduzir mulheres immigrantes, passageiras de terceira classe, que o repelliam energicamente.

Na Bahia, a policia não consentiu que elle desembarcasse. Veiu com destino a esta capital e com passaporte turco. »

A circumstancia de que as immigrantes o repelliam energicamente vae encher de justo e nobre orgulho a Sociedade Central de Imigração e o bravo major Taunay.

Com certeza constou lá na Turquia que já não havia urbanos no Rio de Janeiro e o patife achou azada a occasião para embarcar.

Eis as deploraveis consequencias de uma policia insufficiente! — como diria o Simão de Nantua.

*
**

O caso da rua dos Voluntarios da Patria tambem nada deu de si, como a exploração da *Folha Nova* nos fez esperar. Felizmente appareceram dous bons e energeticos artigos de Angelo Agostini, em que se passava uma boa ensaboadella na colmeia dos guarda-livros.

E' util que no meio d'estas especulações mais ou menos torpes da imprensa sem escrúpulos, surja de quando em quando uma voz vibrante e respeitada que proteste.

A imprensa que se esquece de que a norma de bem viver é a pura e simples Justiça, deve ser banida pelo unico meio de que dispõe o publico para isso — o desprezo.

E' bem sabido que nada ha que possa resistir á impopularidade.

Parabens ao illustre collega da *Pevista Illustrada* pela sua digna attitudo na questão da rua dos Voluntarios da Patria.

Houve tambem a historia do colar da rainha... perdão, do colar de Mlle. Richard, uma rica joia do valor de sete contos de fadas, que lhe fôra roubada ha annos e que ella agora julgou descobrir na *vitrine* de um joalheiro importante.

Mas esta historia parece ter morrido diante das declarações do fabricante que disse ter feito uns poucos iguaes na mesma occasião.

Houve um commendador que ficou *roxo* de colera, ao saber da suspeição que pesava sobre a gargantilha com que elle presenteara uma bella filha do Gran-Turco n'um concerto em que ella fizera ouvir os rouxinões e os canarios da sua garganta privilegiada.

Não ha duvida; andamos em maré de infelicidade: Todos os crimes ficam em meio!

*
**

E é com pejo e lastima que o declaramos: — o proprio caso Malta, que foi o melhor de todos... para o *Pais*, terminou desastradamente, segundo noticia do *Jornal* de hontem. O Sr. promotor publico não achou materia para pronuncia, por falta de provas e indícios, mandando que se archivasse os autos.

E as declarações de Ariosto Pessoa?
E as declarações do guarda urbano no cemiterio?

E a atrapalhação do pessoal da casa de detenção, com o serviço inarca barbante dos papellinhos?

Não haverá em nada disso provas ou indícios para pronuncia?

Estas perguntas não são faceis de responder; todavia, com um pouco de boa vontade e sem os embaraços do empenho; com um pouco de escrupulo pela santa justiça, e sem os obices das conveniencias, talvez se pudesse pronunciar alguma cousa.

Mas qual! Desde que a Justiça vestio as calças largas do interesse, quebrou a espada symbolica e apertou a venda, não ha meio de se lhe afferir a balança, que não pode ser regulada pelo systema metrico da rectidão, dando-se unicamente bem com as antigas libras da benevolencia e do padrinho.

Estamos roubados! Estamos roubados!

*
**

Quanto á politica, embora essa ingrata e magra seára pertença principalmente ao nosso collega *Petit-Pitt*, sempre diremos que pouco houve na semana, e esse pouco de má qualidade.

A Camara, aconselhada pelo Todo Poderoso n. 2, que se chama *Pachidérme do Commercio*, poz um dia em pratica a indecente *tramoia* de reunir-se em sessão, unicamente para reconhêcer deputados; mas ao que parece não lhe agradou a nova *tramoia*, pois que voltou á primeira: — *gazeta* absoluta, completa *cabula*, como diz o *Paiz*.

Emquanto não termina a calmaria podre da Cadeia Velha, vae a gente se entretendo com a verbiagem tabaquenta do Senado.

Provocados pelo Sr. conselheiro Afonso Celso a se pronunciarem sobre a questão do elemento servil, oráram os illustres arcebispos do partido da ordem — barão de Mamoré, Correia, Paulino de Souza e João Alfredo.

O que SS. Exs. disseram não nos surpreendeu a nós, que conhecemos perfeitamente, por dentro e por fóra, a politica dos conservadores quanto a esse tenebroso *busilis* da actualidade.

O que elles disseram, bem expremido e simplificado reduz-se a isto: — « Nós queremos a *emancipação* mas de fórma que os proprietarios de escravos ainda ganhem com ella; as finanças engordem, a patria não dê por isso e se toque o hymno. Todavia, se nós formos chamados ao Poder, diremos, então, mais claramente o que pensamos e queremos. »
Maganões!...

VALENTIM DA COSTA

Falleceu, no dia 22 do corrente, o nosso antigo companheiro de trabalho José Valentim da Costa Magalhães, cunhado e primo do director d'esta folha.

Era uma criança de dezeseite annos, mas que já revellava um bello talento, de que nos ficaram algumas provas em diversas poesias, já bastante ricas de sentimento e expressão e que deixam claramente ver o que para um futuro proximo produziria o seu joven auctor.

Sendo dotado de uma extraordinaria e rara actividade, não se limitou a escrever poesias — deixou-nos tambem outros trabalhos, uns começados, outros concluidos, entre comedias em prosa e verso, contos, romances e narrativas.

e o facto do desaparecimento de uma criança não fosse por si só immensamente lastimavel, bastariam os dotes de espirito, de precoce desenvolvimento, e de grande intelligencia que distinguiram este infeliz rapaz, para que a sua morte fosse para nós motivo do mais profundo sentimento.

Collheu-o a terrivel rasoira da febre

amarella, atirando para o sombrio espanto incomprehensivel do tumulto um montão de sonhos, de aspirações e de esperanças.

No proximo numero publicaremos alguns versos de Valentim da Costa.

Damos sinceramente os nossos pezames ao nosso director e á sua Exma. familia.

A CABEÇA DO « ENGRAIXATE »

(A ALFREDO PUJOL)

I

— Oh! Oh! Acreditei que houvesse morrido ou... casado; exclamei ha dias, encontrando o meu amigo Duarte, (chamemos-lhe Duarte) á porta do hotel *Novo Mundo*, na attitudo pensativa e suspeita de quem pensa no... almoço.

— Por ora, ainda não. Mas, se queres que te fale com franqueza, dir-te-hei que penso ha uma semana em casar com moça rica. Porque é preciso que saibas: — entre morrer pobre e casar rico — prefiro a segunda hypothese. Acreditas?

— Acredito. Pois se tu és tão exquisito, tão differente dos mais!...

— E' que eu saio ao tio, como costuma dizer o Filinto...

— Mas por onde andaste, em que paiz estiveste?...

— Olha: pergunta-me tambem, como o Thomaz Ribeiro á *Judia*, « onde deixei o meu querido pae »...

— Nunca estás serio. Pareces-me deputado, que só fala...

— ... e Moçambique.

— Desgraçado! Já vejo, pelo calimburgo, que voltas da Cafraria... e por isso... E fiz um gesto de fuga.

— Não fujas. E' que ainda não almocei.

— Ah! comprehendo. Muitos calimburgos devia ter perpretado o Ugolino! Pois vamos almoçar.

— Obrigado. Eu tambem sou muito exquisito: — só almoço uma vez ao dia. Mas acompanho-te. Conversaremos.

Subimos. No vasto salão luxuoso do *Novo Mundo* havia uma penumbra discreta e silenciosa, estendida no recinto pelos reposteiros somnolentos e pelas empanadas calidas, afflindo ás brisas da rua.

Boiava no ambiente uma nuvem de perfumes quentes e misturados, em que ora predominava um cheiro macio de rosas frescas, ora um aroma ardente de acepipes á *la sauce picquante*.

E áquella doce meia luz alvejavam as toalhas das mezinhas, artisticamente dispostas em dous renques ao longo das paredes, — em que luziam as finas pinturas pantagruelicas, — scintillavam os cristaes facetados dos copos e das garrafas, e os metaes espelhentos das baixellas tremeluziam, golpeando o ar de lampejos.

Passava do meio dia. Por isso poucos eram os que almoçavam ainda.

Aqui, um reputado capitalista, refestellado na cadeira, com o immenso guardanapo pendente da gola por sobre o papo, olhos humidos e risonhos — olhos

de gastronomo em exercicio — estendidos e fltos sobre o fundo da sala. em que se via o dono do hotel, o conhecido Diogo, pacificamente sentado ao seu pequeno balcão lustroso, lendo a *Gazeta* e fiscalizando o serviço.

Ali, um popular corretor da praça, irreprezivelmente vestido e comendo com a elegancia e a correção de um *gentleman*, o guardanapo a meio peito, o garfo na dextra, seguro pelo cabo em tres dedos, apanhando com delicadeza a comida em pequenas porções que elle ageitava com o pedaço de pão na mão esquerda; no ilhóz da lapella uma *hypolitte jamin* deliciosa, de uma frescura, mimo e colorido inimitaveis pelo pincel.

Mais adiante, dois individuos em *vis à ris*, á mesma mesa: — um deputado muito conhecido e um não menos conhecido engenheiro, empregario de ferro-vias. Este, ao contrario do companheiro, falava mais do que comia; e por varias vezes acudiu-lhe o *garçon*, julgando-se chamado pelas pancadas sónicas que elle dava com o garfo na beira do prato, excitado pelo calor da conversa.

O deputado comia, comia...

De quando em quando — um sorriso, engordurado no *ragout*, um meneio afirmativo de cabeça, um monosyllabo profundo, gorgolejado em *bordeaux*.

De uma vez em que o *garçon* acudiu, illudido pelos repiques da face do engenheiro, o deputado voltou para elle o rosto e pediu:

— Mais outra meia garrafa do mesmo e mais gelo.

E accrescentou para o engenheiro, dando á *physionomie* uma forte expressão approbatoria e um garfada no arroz de pato:

— Apoiado.

Em um angulo do salão, deante da mesa em que almoçara, e que um criado desservia, resonava um sujeito gordo, cara escanhoada inteiramente, e que — não só por ella como pela *volta* enxovalhada que apparecia de sob a gola da sobreca-saca, — se conhecia ser padre. Pendia-lhe do beijo, e nelle tremia nos estos da respiração, uma ponta de cigarro apagado e zumbiam gulosamente as moscas em torno do calice, meio bebido, de *chartreuse*.

Sentámo-nos em uma das mesinhas mais illuminadas.

O Duarte percorreu a lista do almoço com o olhar torturado em duvidas, um olhar de philosopho ao esbarrar com a proposição de um problema terrivel e multiforme...

O *garçon*, habituado a essas lutas silenciosas, acercon-se ligeiro e sollicito, trazendo em socorro das incertezas estomacaeas do meu amigo a sua grande catalogia culinaria:

— Espetadas á bahiana, *cervelle sautée*, fricandó de vitella, *du poisson frit*, *roast beef* ao espinafre, *croquettes* ao pirão de batatas, *ragout de mouton à la sauce normande*, *omelette aux fines herbs*, *du veau à la...*

— Basta, principe Cook! exclamou o Duarte, atordoado com tão sabia e tão longa nomenclatura. Eu não escolho. Rendo-me á discrição. Entrego-te o meu estomago, e com elle a minha consciencia, que é tudo quanto elle contem agora. Envenena-me á franceza, mas depressa.

O *garçon* inclinou-se com um sorriso de leitão assado e retirou-se presto.

Mas a meio caminho retrocedeu:

— Esqueceu-me a salada. Qual prefere: — talos de alface, agrião, batatas, mexilhões, chicória, arenques, ou cabeça de vitella, á italiana?

O Duarte, que sorria a principio, tornou-se repentinamente sisudo, apprehensivo... Por fim, como o rapaz esperasse, semi-curvo, com o panno ao hombro, respondeu-lhe bruscamente:

— Qualquer; menos a tal cabeça á italiana.

E, calando-se, mettu a frente entre os punhos, e assim quedou-se por instantes...

— Que diabo tens tu?... perguntei-lhe, intrigado com o incidente.

— E' que esse maldicto creado trouxe-me de repente uma lembrança terrivel, que eu julgava adormecida já...

— Sim? Temos então aventura. Olha, bem sabes que sou um poço, não de sabedoria, mas de segredos. Portanto...

— Não é segredo. Vou contar-te o que é. Esse creado falou-me em « cabeça de vitella á italiana ». Ora, ha muitos dias que não me sahe da cabeça... uma cabeça italiana.

— Não comprehendendo.

— Nem é facil. Ora imagina que encontrei hontem a cabeça do meu « engraxate ».

— Ainda menos comprehendendo. Queres talvez dizer, — auctorizado por aquella figura de rethorica, a metonymia, que permite se tome a parte pelo todo, — que encontraste o teu « engraxate ».

— Nada; o que eu encontrei não foi o Paschoalle, foi unicamente a cabeça do Paschoalle; e é isso o que me horrorisa ainda.

Olhei para elle com uns olhos em que lhe não era difficil lèr este pensamento:

« Se me dissesses isto depois do almoço, vá; mas antes!... »

Elle leu-o sem duvida, porque me disse:

— Não são effeitos do Bordeaux, que ainda não bebi. O caso é extraordinario e daria ao Hoffmann, ao Poë, ao Baudelaire ou ao Machado de Assis um bello conto negro, um poema de arrepiar a calva do Padre Eterno ou uma bola de bilhar...

Nisso chegou o *garçon* com o primeiro prato, aromoso e fumante.

O Duarte cortou uma fatia de pão, prendeu o guardanapo ao collarinho e tomando o talher:

— Pois bem; disse-me. Vou contar-te como foi que encontrei, ha tres dias, a cabeça do meu « engraxate. »

(Continúa)

VALENTIM MAGALHÃES.

A MUSICA DO FUTURO

Sem duvida que merece sinceros louvores o Club Beethoven pelos esforços inauditos que emprega affim de aclimar entre nós a musica classica. E' preciso educar o gosto, e semelhante trabalho demanda muita perseverança, por parte dos educadores. Já o club tem feito muito conseguindo que sejam sinceramente admiradas pelos profanos as immorredouras produções de Beethoven, Haydn, Mendelssohn e outros. Querem enveredar por caminho diverso, agora que a iniciação vai em meio, não é seguramente de bom pensar.

O Club Beethoven, se pretende fazer de Wagner seu propheta predilecto, terá de duplicar os esforços como philarmónica de propaganda. Não é uma e a mesma cousa a musica do passado e a musica do futuro. Dirão que as composições de Beethoven serão eternas, e por conseguinte, tão do porvir como as do autor do *Lohengrin*. Será assim mas a posteridade já começou para a velha pleiade dos maestros allemães, enquanto que ainda ha infieis que não fazem a romaria de Beyreuth, essa Meca dos novos crentes.

Falta-nos competencia para offerecer objecções, que em cousa alguma abalam a glorificação de Wagner; respeitamol-o em nossa obscuridade; mas ao Club Beethoven podemos assignalar um facto: o pouco exito obtido pelo *Siegfried Idyls*, allás apregoado com tantas fanfarras e esperado com tamanha anciedade.

Admittindo mesmo que ainda seja falta de gosto e comprehensão essa pretendida desillusão do auditorio, ao qual para completo conhecimento de uma obra daquella força scientifica, são necessarias muitas audições; ninguem deixará, todavia, de convir, que não foi aquella a impressão produzida sobre os mais refractarios ao classismo pelos primeiros compassos do concerto em *mi* menor de Mendelssohn, ou da bellissima aria do seu oratorio *Paulus*.

Nem com o auxilio do libreto, programma arrazoado, ou como melhor nome tenha, vocabulario muzical, aquelle roteiro distribuido ás pessoas presentes, ninguem ficou conhecendo e avaliando melhor os *sabios* effeitos do *Siegfried* visto como nem é bom fallar da impressão deleitavel que a musica sempre gera.

Cada arte tem o seu limite; a pintura não canta, a musica não pôde ser a palavra falada. Querer que tudo esteja dito, e de um modo perfeito, por meio de certas phrases musicas; que a idéa de Deus ou a descripção de paisagens; que o imponderavel e o tangivel sejam reconhecidos por formulas convencionaes de orchestração, é supprimir absolutamente o poema nas operas. O libreto ficará sendo uma especie de andaime que serviu para levantar o edificio e que se retirou depois de concluida a obra. Pódem solfejar a partitura, que a impressão ha de ser a mesma.

De facto: levando ás naturaes conclusões essa theoria dos que dão á musica de Wagner uma precisão geometrica em tão alto gráu que ella *fala* melhor do que a palavra, teremos de chegar a este extremo: Ou a musica traduz idéas, ou não as traduz; se o faz, para que juxtapôr textos á partitura? porque explicar o que está comprehendido?

Entretanto o proprio Wagner foi quem disse: « A minha musica só tende a dar maior expressão e força á declamação da poesia. » Foi elle, portanto, quem subordinou a partitura ao libreto.

Seus adeptos, porem, chegaram a dispensar este, assegurando que tudo está na musica, tão claro como em elucidario escripto.

O Club Beethoven deve reflectir no

problematico successo da segunda parte do seu ultimo concerto, e fazer timbre de dar-nos mais composições do passado que do futuro.

Essas ficarão para depois.

Henri Heine conta que alguém, perguntando a Ferdinand Hiller sua opinião sobre as operas de Meyerbeer, obtivera esta simples resposta:

— Ah! não falemos de politica!

E Meyerbeer não é seguramente Riccardo Wagner, que nos offerece a philosophia de Kant como harmonias angelicas.

IGNOTUS.

NUM CARRO DE BOIS

—STALAGMITES—

Cum Sol Oceano subest.

HORAT.

Desde a infancia, immortaes, vós sonhadores sois!...
O' poetas, só vós ouvis a symphonia,
Que espalhavam na estrada, ao declinar do dia,
Um velho, um carro tosco, e dous morósos bois!...

Que vêu d'ópalo e d'oiro em pó fino os cobria!...
Como, a se entrecorçar, inclinavam-se os dois!...
Pelas cercas á flôr a luzinda sorria:
Dulcias de aroma á luz cantava a flor depois!...

Quando, a aguilhada ao hombro, o carreiro indolente
Deixava-me ir na caixa, agarrado aos fueiros,
De lá eu via o sol descer pisando, ao poente,

Espadaos collossaes de deoses prisioneiros;
Emquanto ouvia já passar furtivamente
As Dryades no valle, os Sylphos nos outeiros!...

LUIZ DELFINO.

ARTHUR BARREIROS

Conheci-o e, desde a noite em que lhe fui apresentado por Fontoura Xavier, dei-me com elle intimamente.

Não direi que fosse um rapaz insinuante, d'estes com quem se sympathisa á primeira vista.

De manciaras polidas, porém pouco expansivo, era necessario conversar com elle longamente para, aquilatando-lhe a delicadeza de sentimentos, a independencia de character e a robustez do talento, tel-o na devida conta e dedicar-lhe a estima e o respeito que merecia.

A minha apresentação a Arthur Barreiros foi uma simples formalidade: já nos conheciamos.

Fontoura Xavier fallára-me muito d'elle, aqui, em S. Paulo, e depois, quando foi para a Côte, fallou de mim ao Barreiros, que era seu companheiro de quarto.

Quando, uma vez, appareci no Rio, o poeta das *Opalas*, que me distinguia sempre com a sua amisade, tratou de relacionar-me com a *Bohemia*.

E apresentou-me ao Arthur Azevedo, ao Alberto de Oliveira, ao Arthur de Oliveira, ao Thomaz Alves, ao Lopes Trovão, ao Lopes Cardoso, ao Patrocínio, ao Barreiros, a todos aquelles adoráveis rapazes, que, n'esse tempo, constituíam a *Bohemia litteraria*, cujas sessões se celebravam, as mais das vezes, no Café do Cruzeiro, á rua do Ouvidor.

Foi n'esse Café, comprido e estreito como um corredor de convento, que eu pela primeira vez apertei a mão do obscuro, mas distinctissimo escriptor, que o Brazil perdeu, ha dias.

Trocadas as palavras do estylo, Fontoura deixou-nos; e o Barreiros e eu entramos a conversar...

Barreiros era um conhecedor profundo d'esta pobre lingua portugueza, que tão

deturpada e estropeada anda, e tinha pela correcção e elegancia da fórma um verdadeiro culto. O solecismo, para elle, era um peccado mortal.

Escriptor, por mais talento e mais illustração que possuísse, não tinha valor para Arthur Barreiros, se commettesse erros grammaticaes. Era inexoravel nesse ponto.

— « Eu adoro este Ferreira de Menezes: uma grande alma, um bellissimo talento—disse-me elle um dia—e é por isso que não lhe leio os folhetins. E' tão incorrecto que eu, se os lêsse, talvez o ficasse odiando. Um homem que escreveu:—ainda *faz-se* versos! »

Barreiros sabia que eu viera de Portugal, havia dois ou tres annos, e por isso, depois de me perguntar pelo Affonso Celso Junior, pelo Theophilo Dias e por todos os rapazes de S. Paulo, que constituíam n'esse tempo o grupo litterario da Academia—grupo relativamente numeroso e notabilissimo, de que faziam parte, alem dos nomeados,—Assis Brazil, Raymundo Corrêa, Valentim Magalhães, Augusto de Lima e outros—começou a fazer-me perguntas sobre escriptores portuguezes:

— De que vive o Guerra Junqueiro? E' rico? E o Ramalho? E o Eça? E o Latino é muito considerado? Em Portugal já se pôde viver das letras, não pôde? Ha editores e ha quem leia? Aqui, o amigo sabe, é uma desgraça... O Machado de Assis, o nosso primeiro litterato, recebe uma insignificancia ali do Garnier e ainda dá graças a Deus porque existe o Garnier! Lá, creio que não é assim... Se até o Theophilo Braga encontrou editores para obras que raras leem! E' verdade: E o Theophilo? Conhece-o? Que homem trabalhador! Que talento!

Fui respondendo a todas estas perguntas, dizendo o que sabia e confirmando as suas considerações, sempre sensatas, até que Barreiros, puxando o relógio, exclamou:

— Que diabo! Perdi o bond!

— Mora muito longe?—perguntei.

— Bastante. Adiante dos Arcos...

— Pois vamos a pé, conversando; eu tenho muito prazer em acompanhá-lo.

Fomos.

Reitou-se logo o fio da conversa e durante o caminho, Barreiros inquirio sobre quanto escriptor, mais ou menos conhecido, ha em Portugal, patenteando leitura de quasi todos e fazendo conscienciosamente o elogio dos principaes.

Merciavam-lhe especial acatamento os bons prosadores, aquelles que, sem sacrificarem a indole da lingua portugueza e sem cahirem na affectação do purismo, escrevem n'uma linguagem ao mesmo tempo sã, moderna e donairosa.

A Latino Coelho fez Barreiros os maiores gabos, ao passo que notou defeitos em Ramalho Ortigão, de quem aliás era admirador.

— Aqui é uma lastima; disse-me elle. Temos muitos talentos, mas esses rapazes ou não têm ou têm algum livro francez e por isso escrevem horrorosamente. Tirem-se uns tres ou quatro:—o Arthur Azevedo, o Theophilo e mais um ou dous, o resto só de nome conhece o Garrett, o Herculano, o Castilho, o Rebello da Silva, o Camillo, aquella sua gente... Dos velhos, dos classicos, estou em dizer que só o Machado de Assis... Ninguem absolutamente procura estudar a lingua. Os nossos oradores parlamentares são incorrectissimos, dizem as maiores barbaridades, e os jornaes—oh! andam inçados de erros grosseiros, de vicios abjectos! Não se faz caso da grammatica... Tambem eu vingo-me; abro um livro, vejo na dedicatória: á meu pae, á fulano,—e fecho-o immediatamente. Póde conter preciosidades:—não o leio.

A' porta de casa parámos.

— Eis a minha mansarda. Não o convidado a subir, porque o nosso quarto não offerece a menor commodidade; acha-se completamente desprovido de mobilia; uma cadeira, que se desconjunta mais facilmente que um palhaço, uma mesa e dois catres vis...

— Oh! por isso não; atalhei. Subamos. Eu estive em Coimbra e já li Murger...

— Então... não repare.

Confesso que, apezar da prevenção de Arthur Barreiros e apezar dos meus profundos conhecimentos da vida da Bohemia, senti uma impressão ingrata ao entrar no quarto do mallogrado escriptor.

Eu esperava um quarto de estudantes em completa desordem: jornaes, livros, e pontas de cigarros por toda parte, garrafas ensebadas servindo de castiças, camas em desalinho, mas, francamente aquillo era... um antro!

O Barreiros, que riscara um phosphoro á porta, dirigio-se á meza para accender a vela, que não existia; pelo que exclamou contrariado:

— Não ha remedio! Entra a *reserva* em serviço...

Só d'ahi a momentos comprehendí o sentido dessas palavras.

A *reserva* era uma fila de côtos, collocados em um friso da parede amarelenta, e destinados a servir quando não houvesse velas nem dinheiro para as comprar.

N'essas noites o Barreiros não podia ler deitado, porque de repente ficava ás escuras. Tinha de ler á mesa, prestando toda a attenção ao côto, para substituí-lo antes de extinguir-se. O côto era espetado n'um palito e este fincado na mesa.

Nunca vira tal, nem por sombras me occorrera semelhança *recurso*!

Adiante, pelas preciosas cartas de Arthur Barreiros, cartas que guardo religiosamente e que constituirão o merito d'este escripto, ver-se-ha quanto uma vida tão difficil e penosa attribulava aquelle pobre rapaz, operoso, cheio de talento, dotado de um character adamantino, de um coração archangelico, e completamente baldo de meios em uma cidade como o Rio de Janeiro, onde qualquer onagro faz fortuna!

Demorei-me no *antro* quasi até ao amanhecer, e sahi tão affeioado ao Barreiros quanto contristado pela situação desanimadora em que elle se achava.

Arthur Barreiros não era bohemio por indole ou por gosto; era bohemio á força.

GASPAR DA SILVA.

(Continúa).

MORALIDADE DA IMPRENSA

CARTAS AO DIRECTOR D'A SEMANA

III

Meu caro confrade.

Ha certos principios que, quando expostos com phrase vigorosa, de envolta com expressões felizes e imagens animadas, exercem poderoso ascendente no nosso espirito, attrahindo-o irresistivelmente.

Responsabilisar-se cada um pelo que escreve, assumir a auctoridade legal de qualquer ataque pela imprensa, banir o *systema* oprobrioso de destillar em publico baba peçonhenta e lethal que converte o augusto invento de Guttenberg em fôgo immundo de torpezas eis na verdade o bastante para seduzir e fascinar uma alma bem formada.

Sem duvida; nada tenho a replicar contra essa doutrina; é muito bonita, correcta, digna de applauso, mesmo sublime.

Sómente, farei observar que desde muito se pratica na sociedade um regimen bem diverso com respeito á troca ou reciprocidade de actos resultantes do consorcio de individuos.

A caridade evangelica que manda voltar a outra face, quando se recebe uma bofetada, é hoje evidentemente impraticavel e relegada ao pó dos alfarrabios. O que se vê imperando é o proverbio: dente por dente... e se bem examinarmos a evolução e o estabelecimento dessa pratica, reconheceremos que ella é uma das variadas manifestações da luta pela vida.

Sim; não se appellido esta asserção de paradoxal, capciosa ou casuistica: o anonymo representa um desforço, uma reacção. Esse desforço não é compativel com a perpetração de um crime, com transgressão de uma lei salutar e necessaria.

Assim como em defesa da vida propria é permitido matar; e, quando mesmo o não fosse, não se deixaria de o fazer; tambem, na falta de outro meio adequado e proficuo, arvorar-se-ha o anonymo em norma reguladora no seio da sociedade toda a vez que esse facto ardente e luminoso chamado justiça fique eclipsado pela interposição de conveniencias espurias e condemnadas; sempre que entre o offendido e o offensor mediar a enorme distancia que vae do abatimento á tyrannia, da miseria e desamparo á opulencia insultante e escarnejadora; quando, enfim, não reste outro desaggravo, lenitivo ou reparação, senão soltar essa voz estridente e ensurdecadora, que ao menos interrompe o somno ou o tripudiar de quem zomba cynicamente da sociedade e de suas convenções.

Os que invocam a necessidade de manter-se o respeito mutuo, o decoro social, o prestigio e magestade da imprensa e se comprazem em classificar meticulosamente os motivos que autorizam o desabafo, definindo não menos magistralmente o modo e os canaes por que se o ha de realisar, são, no meu entender, excelsos e ingenuos sonhadores de uma perfectibilidade inatingivel; fourieristas que cogitam arregimentar a sociedade e genero humano em phalansterios; utopistas, apóstolos do porvir, peregrinos da idea regeneradora; mas que, digamol-o a *mezza-voce*, lembramos o prologo d'aquelle pregador, que não cessava de repetir:—Fazei o que eu vos digo e não o que eu faço!

A grita dos anti-pamphletarios e o seu argumento capital é que o anonymo occulta-se para ferir a salvo, esgueirando-se na sombra, vibrando golpes traiçoeiros e fugindo em seguida, propinando o veneno e circulando no meio de nós com semblante hypocrita e sereno; o anonymo, enfim, é na sua opinião, qual tredo sicario, artiloso, sitibundo e intangivel e cujos intentos só podem ser reprovados, pois evita a luz e repelle, denega as proprias allirmações.

Creio que não dissimulei nem attenuaci as accusações que sóem fazer a bem da extirpação do anonymo ou melhor do *testa de ferro* da imprensa local.

Não deixei,—facilmente se reconhecerá,—nenhuma tangente por onde elle se escape, e dou ainda por provado que o que elle avança seja manifestamente falso, calumnioso e merecedor de condemnação.

Mesmo nestes termos, espero conquistar em prol da minha opinião a de V. S., de quem, subscrevendo-me por hoje com o maximo respeito e acatamento, me declaro

Att.º Obr.º e Cr.º

C. REGAZOLI.

OS ROUXINOS DO CEMITERIO

(TRADIÇÃO DE LUCIO DE MENDONÇA)

O cemiterio de Montparnasse.— Amanhece.— Os mortos repousam.— Os rouxinos do cemiterio cantam baixinho.— Um rouxinol da matta responde-lhes da copa de uma arvore da rua.

SCENA PRIMEIRA

O ROUXINOL DA MATTÁ

Rouxinos, irmãos, porque diabo cantam vocês assim ali nesse vasto jardim triste?

OS ROUXINOS

Rouxinol, irmão, este vasto jardim triste é o jardim dos mortos.

O ROUXINOL

Rouxinos, irmãos, donde tiram vocês uns cantos tão suaves e tão desconso-lados? São passaros como eu, e nossas vozes não são eguaes;—o meu timbre é mais claro e brilhante. Ouçam lá este trinado. O de vocês, em compensação, possui o que quer que seja mysterioso e velado, que perturba e encanta. Que especie de rouxinos são vocês, ó irmãos, e porque trazem lueto na garganta?

OS ROUXINOS

Rouxinol da matta, basta de gorgeios e graeejos; cantamos como nos apraz, e lhe pedimos que vá levar além a sua alegria e claro timbre; está a fazer muito rumor.

O ROUXINOL

Têm doentes em casa?

OS ROUXINOS

Doentes, não; mas pessoas que dormem.

O ROUXINOL

Nesse caso, retiro-me; mas prometam-me que não de vir almoçar, um dia destes, ás mattas de Ville-d'Avray; lá me empoleiro.

OS ROUXINOS

Obrigadissimos; nunca pomos o bico para fóra d'aqui.

O ROUXINOL

Como! pois nunca vão correr as mattas? Passam a vida ali nesse vasto recinto, entre arvores luetuosas e com essa natureza melancolica? Deveras que os lastimo!

OS ROUXINOS

Não nos lastime, não, amigo, somos felicissimos. Dotou-nos Deus com voz amorosa e terna, que empregamos em usos piedosos. Somos os Rouxinos do Cemiterio; como taes, temos aqui duas funcções. A primeira é embalar o somno á pobre gente enterrada ali embaixo; temos que lhes cantar meigamente, como a mãe aos filhos que acordam, para que tornem logo a adormecer, e não sofram, pensando naquelles a quem amam; eis porque a nossa voz é tão suave, tão velada e terna.. Psi! alguém suspirou na alameda da esquerda; é a menina do canto que acorda. Vamos, amigos, depressa, um pouco de musica; cantemos-lhe o romance *Flor da morte*, de que ella tanto gosta. (*Cantam*).

Entre brincando e sonhando,
Sob o cypreste e o salgueiro,
Anda, e o vento brigeiro
Vae-lhe os hombros osculando.
Toucam-na duas florinhas
Quaesquer; e de vez em quando
Andam nuas as perninhas.
Traz, de inverno e de verão,
Vestido de chita escura;
Na frente, sobra a costura,
E aperta no coração.
Assim salta, em diabruras,
Como cabia sem prisão,
Na relva das sepulturas.

Ora basta; já tornou a dormir.

O ROUXINOL

Pois saibam que é muito galante isso que fazem!

OS ROUXINOS

Não é só; somos tambem os guardas da casa, os sylphos bemfazejos do logar. Nestes tempos de hoje, nasce-se e morre-se com tanta simplicidade, que a morte vai perdendo de dia para dia a belleza de apparato, mysteriosa e fria, que assoberbava os honiens. Poem-se os cemiterios ás portas da cidade, como casas de campo, com o mesmo aspecto burguez e asseado; o homem cada vez mais se atreve para com as cousas santas, que se lhe torman familiares; a medonha profanação percorre os tumulos com os pés enlaineados e os dedos sujos. Estamos aqui para pôr cobro a tudo isso e expellir os importunos saerilegos que vêm perturbar o somno aos nossos queridos defuntos. Nosso canto é lugubre, nossa voz é triste; assim tornamos a mansão dos cemiterios intoleravel para os que vêm cá passeiar e respirar o ar do campo.

O ROUXINOL

Rouxinos, irmãos, vocês são uns passaros divinos; e eu já lhes estou consagrando muita veneração; puzeram-me desgosto de minha vida bohemica e inutil a todos; estimaria bastante entornar na escarella d'ouro da earidade as perolas de minha garganta, que até hoje desperdicei e semeiei a todos os ventos.

OS ROUXINOS

Pois venha para aqui, rouxinol da matta, venha para aqui; venha subjeitar-se a um noviciado de um dia; habituará a voz a canções tristes, o coração á terna piedade, o olhar á vigilancia. Viverá da nossa vida, e quando tiver observado a efflacia dos nossos esforços entrará, se tiver animo, para a corporação dos rouxinos do cemiterio; e agora attenção! começa o seu noviciado. Eis que se levanta o sol e aquece o vento; é dia.—Surdo estalido ouve-se debaixo das sepulturas; são os mortos que acordam por habito, ao nascer do dia. Cumpre fazel-os dormir de novo; cantemos, irmãos, cantemos. Você, tome sentido, amigo, nada de trillo brilhante nem trinados; seja a sua garganta de mel e velludo.

(Con'vnia)

OS SETE PECCADOS MORTAES

(Versão de Valentim Magalhães)

III

GULA

Para desempenhar o seu sacerdocio, Brumaque não quiz criados em volta de si. Rodeado de commodos *étages*, sobre os quaes se vêem, cuidadosamente arrumados, os crystaes e as baixellas, ninguem o virá perturbar no exercicio das suas delicadas funcções.

Preferiu mesmo que a refeição fosse inteiramente fria, afim de que nenhum intervallo o prejudicasse nos seus prazeres. Para principiar, verteu em dois côpos o Loka e o Scicilia branco, e commodamente sentado em frente á immensa mesa,—na qual, destacando sobre a alvura de neve da toalha,—a truta, a carpa do Loirc, *cuite au bleu*, o pastelão de figados de pato do grande Tivollier, a terrina de codrizes, e salada de tube-

ras, os carangueijos cosidos á lorenense, as uvas pretas, os pecegos de polpas veludósas, os doces *d'epines-vinettes*, delectam-lhe os olhos ávidos,—elle se prepara para o combate, quando sente affagar-lhe as narinas um perfume culinario, entrando pelas fendas da porta, suave, delicioso, irresistivel, que lhe põe agua na boca.

Brumaque levanta-se, atravessa o corredor, e, sempre na pista do appetitoso cheiro, vai ter á cosinha. O' felicidade! Sophia, a cosinheira, está ausente, sahiu por instantes. Com a mão febril, descobre o *dilettante* a caçarola, d'onde se escapam os tentadores perfumes, e então, oh! deuses immortaes!—elle vê, elle contempla o petisco! E' um d'esses pratos que o artista executa unieamente para si proprio, jámais para o seu amo! um *ragout* de carneiro; mas um *ragout* ideal, fulvo, dourado, embebido em um molho curto, de uma côr callida e transparente, em companhia de umas batatas que mais parecem topázios vivos.

Tremendo como um larapio,—nem é elle outra cousa!—Brumaque leva o *ragout* para a mesa, depois prova-o, come-o, saboreia-o, devora-o, e de tal modo que o prato fica limpo, lambido, lavado—melhor do que por um cão. Mas ai! sobrevem a terrivel Sophia e, furiosa, ficando os punhos nos quadris:

—Então,—regouga,—o senhor flou-me o guisado!... hein?!...

—Sim;—murmura o amo, pallido, tentando sorrir—mas tu comerás o meu.

—Esta agora veiu a tempo! diz severamente a criada cozinheira;—e, apontando as petisqueiras do amo com desdem,—era só o que me faltava:—comer essas porcarias!

IV

ORGULHO

Aquella terrivel, aquella indomavel Marietta, que a tudo se recusa e não quer nem rei nem senhor, que se vos escapa entre os dedos como uma enguia, e que por qualquer cousa arranca e brande a faca... o Sr. Adolpho prometteu aos seus collegas—os Srs. Alexandre e Eugenio que havia de lh'a mostrar—submissa, domesticada, molle como uma luva.

Effectivamente, aquelles artistas acham-se reunidos em casa do seu decano, e fumam, bebendo agur dente. Ordinariamente correcto, vestindo como um gentleman, usando os mais irreprehensíveis chapéus inglezes, o Sr. Adolpho retomou para esta solemnidade o *costume* pittoresco e o *bonnet* mysthico, como um dignitario que, para uma occasião solemn, veste o uniforme official. Com a mão elle indica que é chegado o momento, e tirando do bolso um assobio de prata—chama por Marietta.

A rapariga apparece immediatamente—humilde, olhos baixos, na attitudo de um ente prompto a obedecer.

—Beija o teu senhori!—diz o Sr. Adolpho.

Ircontinenti Marietta ajoelha-se, e beija humildemente a mão do feiticeiro, que se diverte, agarrando-lhe os dentes e sacudindo-os, como se faz a um cão familiar.

—E agora, diz elle, deita-te alli!

E Marietta dócilmente vai se deitar sobre um pequeno tapete, atirado atraz de um bahu, em um canto do quarto, e lá se conserva immovel, retendo a respiração.

—Caramba! exclama o Sr. Alexandre, pallido de admiração. Não és nada péco.

—Sim; diz o Sr. Adolpho, tranquillo, com a imperiosa consciencia do seu genio,—sei fazer com que me amem!

THEODORO DE BANVILLE.

NOVO MEIO DE PIRATAGEM LITTERARIA

Andam agora distribuindo ahi pelas casas uns fasciculos, fructo nauseabundo da mais torpe especulação litteraria.

Referimo-nos a uma tal empresa *Horas recreativas*, indecencia sahida do ganancioso bestunto de uns taes Carlos Costa & C.

Até aqui, a vergonhosa piratagem litteraria de nosso paiz limitava-se a prear as obras estrangeiras. Essa bella industria, autorisada por lei e protegida singularmente pelo Sr. D. Pedro II, contentava-se com representar ou reproduzir, traduzir ou parodiar, toda e qualquer produção europeia digna de ser explorada.

Era feio, mas emfim isso havia já entrado em nossos costumes.

O primeiro dono de jornal, por mais honrado, ou o primeiro empresario de theatro por menos velhaco, lançava os ganhanhos ao trabalho alheio e começava a sugal-o, sem que ninguem se lembrasse de dizer que semelhante escamoteação equivale a empalmar o relógio áquelles que de boa fé trazem o casaco aberto.

Tão commodo systema entrára nos nossos uzos, porque Sua Magestade o Imperador entendeu, e talvez entenda ainda, que o Brazil não deve ter com a Europa um contracto litterario, e porque suppõe, com a burguezia de seu paiz, que as produções desse genero não constituem propriedade e que nem ha por aqui cabedal de letras.

Convicções!

Convicções, que o sabio monarena bebeu sem duvida nas theorias do seu particular e fallecido amigo Alexandre Herculano, e das quaes não se desgarram nem a empenhos do conselheiro Octaviano, nem a esforços do laborioso escriptor Sylvio Dinarte, nem ás supplicas do laureado traductor de *Jocelyn*, nem ás considerações do espirituoso auctor dos *Topicos*.

E' talvez mania, é talvez uma aberração do augusto entendimento de Sua Magestade; mas emfim é um facto, e contra os factos de tal procedencia não ha luctar, nem discutir,

O Sr. D. Pedro ou as leis do seu paiz entendem que o Brazil deve se apoderar da obra alheia... Que lhe havemos de fazer? Cada um trate de roubar o mais que puder!

Pouco importa que com isso se retraiam os escriptores nacionaes; pouco importa que se corrompa o gosto do publico, já tão viciado pelos detestaveis romances de Montepin e pelos dramas de Bourgeois!

El Rei assim o quer e o publico habituou-se ao veneno que as folhas e os theatros lhes fornecem diariamente.

Mas o peor é que agora nos surge um novo processo de piratagem litteraria; já não se trata simplesmente de roubar a obra:—querem tambem roubar o nome dos autores.

A tal empresa dos Srs. *Carlos Costa & Comp.* apresenta-se publicando uma porcaria, sem estylo, sem espirito e sem pés nem cabeça, servindo-se aliás do glorioso nome de G. Sand.

O desprezivel especulador quer fazer acreditar que a porcaria publicada por elle é produção da celebre escriptora George Sand. E, não contente com esse delicto já bastante grave, ainda lança mão, descaradamente, de um titulo que lhe não pertence, um titulo annunciado pelo theatro Lucinda—*O Cadastro da Policia*, arranjando para esse fim um miseravel arremedo, tão tolo e tão torpe como a especulação que o inspirou.

A caminhar-mos deste modo, onde iremos parar? Se de hoje em diante até o proprio nome dos autores estrangeiros não encontrar em nosso governo alguma lei que o defenda, que diabo de papel faremos nós aos olhos da gente honesta?

S. Magestade que pense um pouco seriamente sobre o caso, e veja se consegue desistir das suas theorias herculanicas; a não ser que S. Magestade esteja disposto a encontrar seu respeitavel nome encimando algum trabalho de por-nographia.

THEATROS

O Recreio Dramatico annuncia para brevemente a *primeira* do ultimo drama de Dumas filho *Denise*, traducção de H. Chaves. Quando aquelle theatro annuncia para brevemente qualquer peça deve a gente preparar-se logo para vel-a... seis mezes depois. Brevidade de kágado.

Agora uma ligeira observação: Por que diabo não traduzio tambem o distincto traductor o titulo da peça? Dissemos logo *Dyonisia*.

Seria mais natural, e os que não sabem francez saberiam todos do que se trata. Só se foi porque Dyonisia parece nome de sogra.

O Lucinda promette para muito breve tambem—*Os filhos do capitão Grant*, drama de Julio Verne e D'Ennery.

A VIDA ELEGANTE

O ultimo sarau-concerto realisado pelo excellent Club do Engenho Velho esteve na altura dos credits conquistados por essa sociedade.

Foi muito concorrido e muito animado, e, como sempre, presidido pelo bom gosto e pela extrema cortezia que distinguem a sua cavalheiresca directoria.

Coubé ao Sr. Augusto Weguelin organizar o concerto, do qual se desempenhou admiravelmente.

Fizeram-se ouvir varios distinctos amadores e mais o festejado violinista Cernicchiaro, seguindo-se depois um baile que se prolongou até ao romper do dia, com animação e alegria ininterrompidas.

Inda uma vez felicitamos o Club do Engenho Velho.

LORGNON.

Recebemos:

—*Sertanejas*: volume de versos por Gabriel Pereira. Curitiba, 1884. Velhinho e máu. Pois se ainda traz parodias á Judia—o fufiol

— Duas boas theses; uma do Sr. Dr. Luiz Gonzaga de Amarante Cruz, que se occupa do *Carcinoma*, na dissertação, e das *Quinas chimico-pharmacologicamente consideradas, operação cesariana e ictericia*, nas Proposições; e outra do Sr. Dr. Antonio Augusto Ferreira da Silva, que dissertou sobre a *Syphilis congenita: influencia relativa dos progenitores na sua produção*, e occupou-se, de proposições sobre o *ether sulphurico, polypos naso-pharyngianos e operações que elles reclamam, e chyluria*.

Conhecemos de há muito, os dous moços, como applicados e distinctos, e por certo não iriamos agora avaliar a sua illustração pelos trabalhos que defenderam perante a faculdade de medicina do Rio de Janeiro.

Agradecemos.

2 cartões de convite da Academia Imperial das Bellas Artes para a distribuição dos premios aos artistas e alumnos que se distinguiram na Exposição do anno passado e no anno escolar; solemnidade que terá logar hoje, no Conservatorio de Musica, ás 11 horas da manhã.

— *Queridinha*, quadrilha por João R. F. Maia.

— *A Terra da Redempção*, commemoração do primeiro anniversario da Libertação do Ceará; anno III, n. 5. Neste numero collaboram muitos escriptores distinctos e de merito reconhecido, cuja ennumeración seria demasiado longa.

TRATOS A' BOLA

D. Pastel recebeu nada menos de 39 cartas contendo decifrações referentes aos seus *Tratos* ultimos.

Dessas apenas nove são dignas de nota. Vieram assignadas pelos seguintes charadistas: *José da Costa e Silva, Carez, Uma leitora d'A Semana* (residente na Rozeta—Barra Mansa), *Fricinal Vassic, Philomeno, Josephina B., Germano Calado, Moacyr e Indio Pardalino*.

O primeiro premio pertence ao Sr. José da Costa e Silva. Os segundo e terceiro premios pertencem... a *D. Pastel* (até segunda ordem) pois não appareceram candidatos verdadeiramente habilitados a possuil-os.

Portanto, *seu* Silva, póde, sem mais *aquella*, vir receber o almanack do *Figaro*. O senhor é um heróe. *D. Pastel* pede licença para cumprimental-o... cordalmente.

As Sras. *Josephina B., Uma leitora d'A Semana*, e os Srs. *Carez e Indio Pardalino* acceitem—com verdadeiro jubilo, se fôr possível,—o diploma de *tope-tudos*, que bem mereceram decifrando as calimburguescas.

Aqui vão todas as decifrações:

Das telegraphicas — *Mocotó e Belladonna*; do enigma—*1049*; da verbal—*Porticella*; das iniciaes — *Este mundo é um vale de lagrimas*; da antiga — *Barbavan* e das calimburguescas — *Arção (ar-são) e Condescendentes (condes-sem-dentes*.

Para hoje temos o seguinte:

TELEGRAPHICAS

1—1—Pego no paletot.
1—1—Lona vòa.

ANTIGAS

Isto é cousa de animaes—2
Passa n'um panno qualquer—3
Cousa á tóa, bem á tóa.
Quer de homem, quer de mulher.

Uma, é templo;
Duas, é sonda;
Com L e dous X
Em letra redonda.

LOGOGRIPO

(*Por syllabas*)

Todos temos, 3, 4
Vasilha, 2, 1
Não ha, 1, 4
Dá bons fructos, 3, 5
Apparecimento.

NOVISSIMAS

3—2—Esta nympha e este parente, é da igreja.
1—1—No aipim esta comida é forte.

AUGMENTATIVA

(*Por syllabas*)

Com esta letra—, veste-se a—, e brilha muito a—.

Para acabar, uma novidade; não de todo nova, é certo, mas que tambem não é das mais velhas.

Trata-se das

ANTE-POSTAS

Chrismamos com esse nome as charadas que o seu autor, o padre José Thomaz Fernandes (de Castello-de-Vide), offereceu ao *Almanach de Lembranças de Rodrigues Cordeiro*, sob o nome de *Castello-Vidense*.

Como não são bastante conhecidas, reproduzimos aqui, antes de apresentar alguma d'essa especie, a explicação que se encontra n'aquelle almanach.

E' a seguinte:

« Consistem estas charadas d'uma simples phrase, composta de tantas palavras quantas são as syllabas da palavra que se quer decifrar, e mais uma, que poderemos chamar conceito, porque é auxiliadora da decifração. A cada uma d'essas palavras juntando e antecedendo (isto é: ante-pondo) uma syllaba, deve obter-se um substantivo. A reunião das syllabas que se juntarau dá a chave da charada.

Exemplo:

Daria este caro berço.

Juntando-se á primeira palavra—*pa*—teremos o substantivo *padaria*; á 2ª—*tri*—teremos o substantivo—*Trieste*; e á 3ª—*a*—teremos *acáro*, substantivo.

As tres syllabas que se juntaram dão a palavra *Patria*.—berço de nós todos. E' chave da charada. »

Agora temos a honra de offerecer aos Srs. *habitués* dos *Tratos á bola* a seguinte ante-posta:

Teta rifa, masco o burro.

PREMIOS

Ao primeiro decifrador exacto um exemplar da *Evangelina*, poema de Longfellow, traduzido por Americo Lobo. Ao segundo um exemplar do poemeto—*Colombo e Nenê*.

D. PASTEL.

CONSULTAS

Sr. M. R. (Pilar das Alagôas).—Observamos-lhe, como já temos feito a varios consultantes que, para que possam ser respondidas, devem todas as consultas vir assignadas, de fórma a podermos verificar se as pessoas que pedem informações ou conselhos á *Semana* são as-

signantes d'ella. Entretanto, respondemos-lhe afirmativamente: o tal escriptor estapafurdio, de estylo inqualificavel, frequentador acerrimo dos *apellidos* da *Gazeta* e um *astronomomaniaco*, uma curiosa variante do sempre lembrado *Mal das Vinhas*.

Sr. JULIO TAVARES.—Sua consulta foi respondida no dia 16 do corrente.

Sr. ARTHUR DE ANDRADE (Santos).—Respondemos á sua consulta bibliographica, pelo correio, a 17 do corrente.

Sr. LUDGERO DE SOUZA VIANNA.—Não nos foi possível comprehender o fim da sua consulta. Está um pouco obscura. Explique-a melhor e responder-lhe-hemos como pudermos.

CORREIO

Sr. JULIUS STEEN.—Agradecemos-lhe a lembrança. E' muito possível que nos aproveitemos d'ella.

Sr. DIMOR (Serraria)—Não, senhor.

Sr. NICOLAU CARDOSO.—Venha assignar *A Semana* e depois lhe responderemos á consulta.

Sr. BELMIRO DA SILVA FIGUEIRÓ.—Tenha paciencia, mas não póde ser.

Sr. MARIO.—Agradecemos-lhe a amabilidade com que attendeu aos nossos conselhos. Continue a trabalhar e não desespere. Quem porfia... publica versos.

ANNUNCIOS ESPECIAES

Aluga-se um *improviso* de primeira qualidade, para recepções de politicos no caes Pharoux. Este excelente *improviso* está feito de maneira tão artistica que pode servir para saudar politicos de todos os credos:—conservador, liberal ou republicano. Basta uma simples mudança de palavras para accommodal-o ás crenças partidarias do *chegado*. Tem trinta e duas chapas, e as vacillações de gaguejamento proprias de um *improviso* improvisado. Para tratar — na redacção do *Brazil*.

N. B.—Póde ser alugado mensalmente ou por vez, conforme o trato.

Aluga-se ou vende-se um dilemma novo em folha. Tem as pontas bem afiadas. Muito proprio para polemicas philosophicas. Pode tambem servir de espeto para assados. Trata-se no *Centro Positivista*.

Aluga-se uma casa de paletot, forrada de novo, para um botão solteiro e de bons costumes. Se poder ser de rosa, melhor. Na alfaiataria *Estrella do Brazil*.

Precisa-se de um pouco de syntaxe de concordancia e de regencia na *Folha Nova*.

Principalmente da de regencia. Paga-se bem. E expõe-se o genero na vidraça, para chamar freguezia.

Precisa-se de umas costas condescendentes para experimentar bengalas, na fabrica das ditas, em Petropolis. Paga-se bem.

ANNUNCIOS

O **advogado** Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

ERNESTO PINTO COELHO

SOLICITADOR

VILLA DE PADUA

A SEMANA

(PUBLICA-SE AOS SABBADOS)

Director — VALENTIM MAGALHÃES

REDACTORES:

**Alfredo de Souza, Aluizio Azevedo, Filinto de Almeida,
Luiz Murat e Urbano Duarte.**

COLLABORADORES:

**Alberto de Oliveira, Araripe Junior, Arthur Azevedo, Gaspar da Silva,
Joaquim Serra, Luiz de Andrade, Julia Lopes, Luiz Delfino, Lucio de Mendonça, Machado de
Assis, Manoel da Rocha, Pedro Americo, Raul Pompeia, Raymundo Corrêa
e outros muitos escriptores distinctos.**

A Semana — que ora entra no segundo trimestre, — não é propriamente uma revista, como as que até hoje tem havido. Publicação hebdomadaria, tem, no entanto, o caracter de um jornal diario.

O seu fim principal é este: — fazer a historia completa e fiel da semana decorrida, dando a *nota do dia*. Para isso tem secções em que se occupa com tudo quanto tenha sido feito na semana em — sciencias, artes, letras, commercio, industria, costumes, religião, etc., offerecendo aos leitores uma curta noticia, satisfactoria e imparcial, de todos os factos que em todos esses ramos de actividade se tenham realisado nos sete dias decorridos.

No intuito de auxiliar os jovens escriptores de talento, aceitará **A Semana** qualquer trabalho litterario em harmonia com a sua indole e o seu programma, publicando-o, e pagando-o ao seu auctor, de conformidade com a tabella da folha. A primeira das condições para a acceptação d'esses trabalhos é a responsabilidade de seus auctores. Embora sejam publicados com pseudonymo, exige-se que os originaes tragam a assignatura authentica do auctor.

VANTAGENS DOS ASSIGNANTES

Além dos premios respectivos, têm os Srs. assignantes as seguintes vantagens, não proporcionadas ainda por nenhum jornal: — Têm direito á inserção gratuita de qualquer annuncio ou reclamação que não exceda de tres linhas, uma vez por mez.

— Têm igualmente direito a todos os supplementos e boletins que a folha publicar. E ella publicará um supplemento ou boletim, — que será vendido avulso, separadamente, a 40 ou 60 réis, — sempre que houver qualquer facto importante, qualquer acontecimento de interesse publico.

— Além d'isso, — e esta é a principal vantagem, — tem qualquer dos Srs. assignantes o direito de consultar a folha, por carta assignada, uma vez por mez, sobre qualquer questão, duvida ou emergencia juridica, medica, commercial, litteraria ou de qualquer natureza, que se revista de character serio, e cujo objecto fôr importante. Obriga-se a redacção a responder-lhes por carta nos casos de urgencia, e pela folha nos outros. Para esse fim tem a folha advogados, medicos, commerciantes, em summa: — pessoas competentes, encarregadas de responder a todas as consultas, assumindo a responsabilidade dos seus conselhos. Outrosim promptifica-se a folha a ministrar aos Srs. assignantes todas as informações de que necessitarem. Este serviço, a que têm direito os Srs. assignantes, é igualmente gratuito. **A Semana** é o primeiro jornal que o apresenta, no Brazil.

N. B. — Todas as consultas devem vir acompanhadas do respectivo sello, ou da sua importancia, para a resposta.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA:

PARA A CAPITAL

TRIMESTRE. .. 2\$000; SEMESTRE... . 4\$000; ANNO. . . 8\$000.

PARA AS PROVINCIAS

SEMESTRE. 4\$000; ANNO. 8\$000.

ASSIGNATURA ESPECIAL

De Abril a Dezembro de 1885. 6\$000

NUMERO AVULSO—100 RÉIS; ATRAZADO—200 RÉIS

ESCRITORIO DA REDACÇÃO E GERENCIA.

(ABERTO DAS 8 DA MANHÃ ÀS 6 DA TARDE)

36 TRAVESSA DO OUVIDOR 36

Rio de Janeiro. — Typ. da GAZETA DE NOTICIAS. — 1885.

A SEMANA

Publica-se aos Sabbados

POR TRIMESTRE:

Dentro e fóra da capital:
28000 rs.

DIRECTOR — VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO

NUMERO AVULSO:

100 rs.; numero atrasado
200 rs.

Não se restituem originaes, embora não publicados.



SUMMARIO

Expediente — Historia dos sete dias — Um retrato de Guerra Junqueiro; *Julio Verim* — O que é a terra?...; *Guerra Junqueiro* — Primeira lagrima, soneto; *Valentim da Costa* — Os rouxinões; *Alph. Daudet* — Crêdo da Republica Franceza — O lago, soneto; *Ernesto Lodi* — Mattos, Malta ou Matta? Theatros — Poesia e Poetas; *Ambrozio Severo* — Tratos á bola; *D. Pastel* — Recebemos — Corvelo — Anuncios.

EXPEDIENTE

Rogamos aos Srs. assignantes de trimestre o obsequio de renovarem as suas assignaturas; e aos que se acham em atrazo o de satisfazerem seus debitos.

Os Srs. assignantes do 1º trimestre, cuja assignatura terminou com o numero passado, e a quem remettemos este, se o não devolverem á redacção, serão considerados assignantes do 2º trimestre.

A SEMANA

HISTORIA DOS SETE DIAS

Rio, de 4 de Abril de 1885.

A semana decorrida pertenceu quasi exclusivamente á religião e ao crime.

Os psalmos, os sermões, as antiphonas, a visitação das igrejas, a celebração do longo e tragico martyrologio da paixão, todas as ceremonias augustas da dulcissima religião do crucificado, foram precedidas de um negro cortejo de assassinos hediondos, de infortunios e de desgraças.

Que os infelizes a quem a justiça humana castiga com a punição das leis, possam ter sentido na frente o raio da graça divina, nos dois dias de paz universal que passaram.

*
**

Felizmente, no sabbado de alleluia «traz a manhã serena claridade» e cede o lucto ás galas. Ao reclinar dos foguetes e ao alegre bimbalar dos sinos, estoura a pansa secular do condemnado eterno, e arrebenta a bomba symbolica do odio popular.

Ressurreitio!

*
**

O espantoso assassinato de Victorino de Menezes, em Campinas, perpetrado por José Pinto de Almeida Junior, encheu de consternação esta boa cidade, e foi o assumpto capital da semana.

O assassino era religioso e tinha a mania do luxo, segundó nos informam. Diz o *Correio de Campinas*, excellente jornal que se publica naquella cidade, que Pinto, no anno passado, cantara no côro da Matriz nova pela semana santa e costumava conversar longamente com o Dr. Aguiar sobre assumptos religiosos, sobre a realidade do inferno, e outras cousas d'esta especie.

Foi de certo a mania do luxo que o levou a praticar o crime, pois que o movel está evidenciado que foi o roubo.

Mas quem muito quer tudo perde. Elle, que aspirava talvez aos movéis de

vieux chène ou de erable, aos gobelinos e aos coxins orientaes; aos vinhos velhos e raros e aos grandes jantares de *menu* opulento,—vae ter um cubiculo de masmorra, sem calor e sem luz, e vae comer o feijão negro e dissaboroso dos condemnados.

Cuidado com o luxo, que é ainda um dos maiores inimigos da pobreza!

*
**

Por telegramma do Ceará, soube-se do fallecimento do bravo general Antonio Tiburcio Ferreira de Souza.

Era um militar de extraordinario denodo, e um homem de superior intelligencia.

Tambem falleceu no dia 27 do passado o conselheiro José Caetano de Andrade Pinto, que acompanhára, na ultima viagem ao Sul, SS. AA. Imperiaes e que havia regressado em estado grave.

Finou-se tambem na semana passada a Exma. Sra. D. Florinda de Oliveira Varejão, esposa do Dr. Achilles Varejão, antigo redactor do *Jornal do Commercio*. Era uma senhora illustrada como poucas da nossa sociedade, e é muito para sentir a sua morte.

Falleceu tambem em Petropolis, no dia 30 do passado, a Exma. Sra. D. Carlota Torres de Oliveira, virtuosa esposa do Sr. commendador Luiz Plinio de Oliveira.

*
**

A chronica, d'esta vez, não é mais do que uma necrologia.

Triste, triste, a semana!

UM RETRATO

DE

GUERRA JUNQUEIRO

O auctor da *Morte de D. João* é um inspirado e um revolucionario.

A sua lyra geie com todos os doces accordes do sentimento, e echôa com esses gritos sediciosos do mundo moderno. Vae, sem esforço, de Bernardin de Saint Pierre a Luthero.

Canta o amor, a saudade, a belleza com as notas mais lyricas do coração humano.

Em seguida, porém, avança para Deus e para os thronos, tendo nos labios as imprecações de seis mil annos de injustiças. É um lyrico e um reformador.

Se Victor Hugo tem um discipulo, com certeza, é elle.

Se a geração nova produzio um grande poeta, um cerebro genial, um espirito cujo vôo não conhece limites, um cantor verdadeiramente dominante, que allia á vastidão dos quadros, o encanto divino da fórma, que se arroja em concepções dantescas e que as cinzela com inexcédível belleza, certamente, esse poeta, esse sonhador, esse moço é—Guerra Junqueiro.

É preciso conhecê-lo, para ter por elle a admiração, simplesmente justa, mas profunda e exactica, de que dão prova, todos os que delle se teem aproximado; pois que, ainda que os seus livros deem já a mais alta idéa do seu talento, é tal a indifferença que tem pela opinião dos contemporaneos, que não se apressa em publicar os poemas e as poesias destacadas, que, um dia, hão de assombrar os vindouros.

Ao proprio auctor d'estas linhas, elle repetio, diversas vezes, que, exceptuando a opinião de uma duzia de homens, lhe era totalmente indifferente o que pudessem pensar dos seus trabalhos—os outros.

E, entretanto, essa organização sumamente poetica e espiritualizada, tem a febre da gloria, a insaciabilidade da perfeição, o tragico temor de não poder ultimar as suas creações. Para elle só ha uma cousa verdadeiramente seria na vida: os poemas em que medita.

Os seus amigos mais intimos podem relatar as suas infidelidades, pois que, quando o julgavam attento a uma narração, elle architectava algumas quadras, que recitava logo, ignorando, absolutamente, o que lhe tinham estado a contar com immenso interesse.

Uma tal preocupação mostra não só como a sua idéa o isola do mundo mas tambem a fé que tem nas suas proprias forças.

Vimol-o, muitas, vezes entre poetas de merito, inconscientemente submissos e admirativos, emquanto que elle revelava uma altivez e uma imponencia que fazia lembrar a de um leão em meio dos seus indisputados dominios.

Formado em direito e seguindo para a sua provincia, escrevia:

— Calumniam-me, atrozmente. Todos me chamam doutor!

Nomeado para um alto emprego, e partindo para uma cidade distante, escrevia tambem:

— Passo uma vida muito estúpida! De manhã desfructo a natureza, e, de tarde, o boticario...»

Impossivel absolutamente, de estar cinco minutos com elle, sem rir, do modo mais expansivo, de qualquer incidente que a sua verve transformava, promptamente, em caricatura.

Os seus ditos, sempre inesperados.

Queixava-se-lhe uma vez um jornalista ministerial de que todos os dias escrevia o diabo contra a opposição e que apenas tinha o ordenado de cem mil réis mensaes.

— Que barbaridade! exclamava Junqueiro, n'uma indignação explosiva— Você faz isso e só lhe pagam uma tal miseria? Pois você merecia, pelo menos, duzentos mil réis e muita pancada.

Outra vez, fazendo a barba, o official começou a queixar-se amargamente do patrão.

E Junqueiro a concordar e a enfurecer-se mais do que o infeliz.

Acabada, porém, a operação e livre do algóz, empunhou a bengala e, avançando para elle:

— E' muito bem feito! Eu, no caso de seu patrão, punha-o na rua, porque cada barba que você perpetra é um crime! Olhe em que estado me poz! Não volto aqui! De-se por muito feliz de o não metter na cadeia.

E sahiu triumphal.

Outra vez, em um jantar, um socio da Academia Real das Sciencias dizia, com certa pretensão, e todo enfatuado:

— Acabo de estar entre os quarenta elephants meus collegas...

— A comparação não me parece feliz; atalhou Junqueiro; porque o elephant passa por ser um animal intelligente...

O seu odio ás commendas era feroz.

N'um baile, uma vez, postou-se diante de um conselheiro em cujo peito resplandecia uma venera de diamantes, e, puchando o lenço, começou a limpar com força o peito da sua casaca. Justamente no lugar em que o outro tinha a condecoração.

O conselheiro talvez não entendesse, mas foi o meio que elle achou melhor para chamar de escarro aquella fulguração de vil preço.

Olhando certo dia para uma casa, feita aos bocados, para dentro e para fóra, ao gosto dos inquilinos, disse:

— Faz-me lembrar um queijo de hospedaria!

Lendo o decreto em que um príncipe, irmão do Rei, era promovido a general de divisão, e aonde havia esta phrase:— *desejando dar uma prova de affecto fraternal*, exclamou:

— Como é um direito de qualquer homem dar prova d'estes affectos, vou nomear meu irmão... general de brigada!

Outra vez, a um escriptor que dava uma obra banal, como destinada a causar grande impressão no ultimo quartel deste seculo, propoz a seguinte errata:

— No ultimo quartel desta cidade!

De passagem em uma aldeia, foi ouvir o sermão do missionario. O prégador tratava da influencia nociva dos romances, e rematava a sua objurgatoria pela seguinte apostrophe:

— Emfim, meus irmãos, para dizer-vos tudo, ficae sabendo que os romances além de immoraes — contêm erros de grammatica!

Junqueiro acrescentava que o povo, ouvindo esta ultima affirmativa, desatára a chorar, a bater nos peitos e a arrancar os cabellos com desespero!

Tratando da influencia dos banhos nos costumes, exclamou:

— O banho é mais moralizador do que o Christianismo!

Mas... não terminaríamos, se fossemos a bosquejar, ainda que ligeiramente, a originalidade, o espirito e a forte impregnação poetica do auctor da *Tragedia infantil*.

Não teríamos feito, tão cedo, o seu retrato, e, o que nós queremos, hoje, não é traçar a feição litteraria do poeta, mas, apenas, relatar um caso de espirito, ao qual, não poucas pessoas devem já algumas boas gargalhadas.

Vamos ao caso.

Um dos ultimos vapores da Europa trouxe-nos uma especie de officio, bastante amarrotado, de accordo com as tradições dos correios luso-brazileiros.

Abrimol-o, sem grande curiosidade. Continha um cartão-album, em formato grande, e, neste, havia a photographia de duas pessoas.

Não sei se os leitores conhecem o horror que a muitos artistas e homens de letras inspira este simples e obrigatorio facto de tirar a sua photographia. E' uma cousa de tal sorte banal e commum — tirar o retrato, tão geralmente seguida pela burguezia, que muitas pessoas, a quem a banalidade irrita, se escusam formalmente a isso.

Creio que Junqueiro sempre esteve entre os que assim pensam, porque nunca vi uma photographia sua. Acontece, porém, que quando um homem se celebra um pouco, não são, apenas, os amigos os que desejam possuir-lhe o retrato: ha tambem os photographos, que instam, desesperadamente. Cada recusa suscita novas e mais desesperadas instancias, e a crise vae-se agravando, até se tornar um verdadeiro inferno.

Reconhecendo, pois, no cartão-album a espirituosa e incisiva phisionomia do autor da *Morte de D. João*, vi, ao mesmo tempo, que o seu retrato nada tinha de commum.

Sobre o papel albuminado havia duas figuras. A principal, a maior, era de um vigario da roça, alto, corpulento, espadado, de chapéu desabado, farta batina, rijos sapatos e enorme varapáu. O rosto quadrado, saudavel e recheado, deixa-nos advinhar uma serie de verdadeiras hecatombes do lombo de porco, amplamente regadas, como nos sacrificios pagãos, com o succo puro e crystalino das uvas creadas ao sol meridional. Dos pes á cabeça, esse cura de aldeia não é apenas um hercules: é um cylindro! Sobre o negro da batina o cabelo, branco e simples, dá-lhe o ar episcopal. Conscio do vigor dos seus musculos, que, talvez, já na mocidade, tives-

sem varrido feiras, a pau, ostenta uma attitude imponente e o amplo cacete que segura com força, talvez tenha sido um auxiliar valioso dos dogmas, ao longo dos campos e das povoações ruraes, ameaçando fazer côro commum com a excommunhão e com os exorcismos aos maçons... se fosse preciso.

Além das proporções phisicas que esboçamos, devemos accrescentar as moraes. O cura que está ao lado de Guerra Junqueiro, e, segundo nos informam, um miguelista façanhudo, um ultramontano dos quatro costados!...

Sorpreendido em sua boa fé, pelo auctor da *Morte de D. João*, que elle não conhecia pessoalmente, mas que devia odiar pelos seus arreganhos contra os ceus e a côrte divina, deixou-se seduzir pelo canto da sereia e foi catheclisado como qualquer indigena, até ao ponto de pactuar com a civiliação e com as artes do diabo,—indo tirar o retrato.

E ao lado de quem? Do homem mais odiado pelos padres!

Vê-se que o valente cura tomou a coisa bem ao serio, pois que se estivesse em frente dos altares, não se mostraria nem mais solemne nem mais convicto, do que no cartão-album em que se exhibe.

Ao seu lado esquerdo está Junqueiro, de chapéu baixo e roupa de viagem; a bengala na mão direita, o charuto entre os dedos. O chapéu, ligeiramente inclinado, assombra-lhe um pouco o rosto, mas os seus olhos brilham com uma alegria mephistophelica, o labio sorri com uma expressão irresistivel e victoriosa.

Elle e o cura formam o mais singular contraste, que se pôde imaginar: Um é herculeo e rotundo, o outro baixo e magro; um tem nas faces a ingenuidade de 40 annos de missas e de lombo de porco; o outro, todos os desesperos do artista. Mas, naquelle momento em que a photographia os colheu, os dous companheiros estão satisfeitos e triumphaes.

Eu faço idea do desapontamento do bom vigario quando, um dia, vier a saber quem é o seu companheiro, e faço ao mesmo tempo votos por que o meu amigo tenha posto entre a sua pessoa e a do padre minhoto a respeitavel distancia de algumas boas leguas portuguezas; porque, de outro modo, a posteridade só poderia guardar os ossos do poeta—em um feixe! Desejo ardentemente, que entre as franzinhas costas do meu amigo e o inquebrantavel varapáu do abbade, haja, no rigor da phrase, — um abysmo!

De outro modo era uma vez um poeta e lá se nos ia a *Morte de Jehovah*!

Imagino a furia do bom cura, quando souber da mystificação de que foi victima, e quem é o seu companheiro!

Receio que Junqueiro tenha de expatriar-se, convicto de que, ante a bengala do seu companheiro, só o Atlantico lhe pôde servir de efficaz intermediario!

E é muita abnegação, que, para fugir á trivialidade, elle tenha arriscado, tão temerariamente, as suas costellas.

—Que fuja! E' o conselho que lhe dou. E como Camões, poderá gabar-se de ter salvo os seus poemas de um verdadeiro naufragio.

Ah! se o cura o apanha!

Sae-lhe caro o retrato!

JULIO VERIM

O QUE É A TERRA ?

Guerra Junqueiro, o inimitavel poeta auctor da *Morte de D. João*, cujo retrato hoje illustra a primeira pagina desta folha, escreveu para a *Fraternidade*, numero unico publicado em Vian-

na do Castello, em favor das victimas dos terremotos da Andaluzia, o seguinte artigo:

« Eu creio que a terra é um grande monstro redondo, um monstro vivo, que tem alma, que sente e que pensa, que ri e que chora, que trabalha e que dorme.

No seu vasto e profundo torax de pedra existe de certo, ainda por auscultar, um enormissimo coração, latejando e resfolgando como uma forja fabulosa de cyclopes, onde o sangue negro, o sangue venoso deve engolpar-se, tonitroando em catadupas de Niagara, para sahir, rejá-venescido e resplandecente, em milhares de Amazonas tormentosos, que o espallham em ondas de vida creadora por todos os labirintos do seu organismo descommunal.

As plantas e as arvores, que cobrem uma grande parte do globo, são apenas, em relação a elle, uma insignificante erupção herpetica—de caracter benigno.

O Himalaia é uma borbulha; O Vesuvio é um antraz.

E o homem? Ah, o homem, esse rei da criação não é mais que um animalculo invisivel, qualquer cousa parecida a um mosquito dividido por cem, poisado sobre um Leviathan multiplicado por mil.

Ora é claro que n'um monstro, cujo corpo tem cem mil leguas quadradas de superficie, o menor estremecimento, o menor fremito representa para nós um cataclismo pavoroso. Todas as assombrosas Babeis que a humanidade, ha milhões de annos, tem levantado triumphantemente para o azul, desde Thebas, Roma, Ninive e Babilonia até Londres, Pariz e New-York — toda essa obra extraordinaria de centenas de seculos, poderia a terra desmoronar-a n'um minuto, de uma maneira bem simples, com um ataque de nervos.

E quem sabe se o globo, em vez de morrer,—como vaticina a sciencia,—de amollecimento de cerebro, não morrerá pelo contrario, na força da vida e da saude, de uma apoplexia fulminante—o terremoto universal?

Emfim—deante das fatalidades horrosas e irremediaveis da natureza, eu sinto-me feliz por fazer parte do miseravel formigueiro humano, n'uma época de solidariedade cosmopolita, em que um rugido de dôr ou um estampido de catastrophe se repercutem dentro de duas horas pela superficie do mundo inteiro, fazendo palpar generosamente e unanimemente todos os corações,—como os grandes sinos de bronze de todas as torres de uma cidade immensa, dobrando a rebate, n'um côro titanico, perante um incendio colossal!

GUERRA JUNQUEIRO.

PRIMEIRA LAGRIMA

Eu disse que te amava, e conseguiste
Matar o meu amor cynicamente!
E viste-me chorar; então, sómente,
Olhaste com desdem, passaste... e riste.

Outro te amou, mais outro... e não sentiste
A sombra de um affecto; simplesmente,
Ao desfolhar-se uma illusão tremente,
Olhaste com desdem, passaste... e riste.

Veio do tempo a fria mão de gelo,
Pôz um fio de neve em teu cabello;
E quando, finalmente, o encontraste,

Olhaste em volta — o espaço era vazio;
Palpastes o peito — achastes o peito frio...
Eras bem só, mulher! Então — choraste!

1884

VALENTIM DA COSTA.

OS ROUXINÓES DO CEMITERIO

(TRADUÇÃO DE LUCIO DE MENDONÇA)

SCENA SEGUNDA

E' dia alto; o sol doura as sepulturas.—Os rouxinóis estão empolacrados nos cyrestes.—Entram uns meninos

OS MENINOS

Boa idéa! boa idéa! Este Miquellino tem sempre boas idéas. Que lugar encantador para a gente divertir-se á hora da aula! Sombra, relva, flores e nada de professor. Que felicidade! Vamos brincar á vontade e á farta.

Para o diabo tinteiros e pastas! façamos chapéus armados com os cadernos, e bonecas com as grammaticas! Em que havemos de brincar? Jogamos a barra ou o pião?

OS ROUXINÓES COMEÇAM A CANTAR COM VOZ TRISTE

Meninos, não gritem tanto;
Respeitem o somno santo
Da sepultura...
Tamanho jardim tão perto,
Alegre, ruidoso, aberto,
E este aqui tão deserto.
De sombra escural

OS MENINOS

Mas o certo é que não se tem vontade de brincar. Ha ahi em cima um bando de passaros com um canto tão exquisito! Não se comprehende o que estão dizendo; mas, ainda assim, sente-se um arrepio nas costas.— Ora vamos, joga-se a barra ou o pião?

OS ROUXINÓES *continuam*

Meninos, não gritem tanto;
Respeitem o somno santo
Da sepultura.

OS MENINOS

Digam-me, meus amigos, não é melhor irmos brincar para outra parte? no Luxemburgo, por exemplo, é mais alegre do que aqui. Ora favas! afinal em que se brinca? Barra ou pião?

OS ROUXINÓES *redobram*

Meninos, não corram tanto,
E' aqui o jardim santo
Dos enterrados.
E n'essa relva hemdicta
Durante a noite se agita
Essa multidão que habita
Ahi aos lados.

OS MENINOS

Vamo-nos! vamo-nos embora! Farnos-hia mal andarmos a correr por aqui; os cemiterios são logares de se chorar, não de rir. E estas arvores escuras, estas casinhas de vidraças pintadas, estes rouxinóis com os seus cantos, tudo isto é tão triste. Vamo-nos embora! (*Sahem*).

O ROUXINOL

Rouxinóis, irmãos, é uma cousa maravilhosa; eston encantado com a facilidade com que nossas vozes operaram... Mas que velha é aquella, enrugada e esqualida, que vem para o nosso lado, com uma taramela debaixo do braço? Já vi algures aquella cara.

A VENDEDORA

Que é feito dos meus fedelhos? Agora mesmo vi entrar aqui uma duzia d'elles, e cantavam... Onde diabo se terão metido? Sem duvida encafuaram-se em algum canto. Vou gritar um pouco; a fome porá os lobos para fóra do matto. (*Gritando*.) Balas, freguezes! balas!

O ROUXINOL, *indignado*

Ah! velha feiticeira irreverente! Um pregão d'estes no cemiterio! Não tens vergonha?

OS ROUXINÓES

Não se exalte, Rouxinol da matta; deixe-nos pôr termo a semelhante profanação; os nossos cantos só hão de bastar. (*Cantam*.)

Um homem preto ia na frente,
Um homem branco vinha após,
Um levava o caixão do infante,
O outro rezava em triste voz.
O caixão era de setim.
A reza era dita em latim.

A VENDEDORA

Balas, freguezes! balas!

OS ROUXINÓES

Atraz dos dous homens seguia
A mãe; era uma coitadinha,
Que, sob as flôres que trazia,
Chorava as lagrymas que tinha.
Soluçava sob a mantilha:
« O' minha filha! ó minha filha! »

A VENDEDORA

Calem-se, maldictos passaros! não se pôde ouvir nada. Que passarinhos do inferno! cantam de um modo que põe a gente exquisita. Lembrei-me logo da minha pobre Eugenia, que enterraram o anno passado; tornei a vêr o caixão, os carregadores, as meninas da congregação vestidas de branco, a cova aberta, e o padre e o sacristão... eston ainda com o coração ralado e os olhos humidos. Saíamos d'aqui; estes rouxinóis fazem-me muito mal.

OS ROUXINÓES

Está vendo, foi-se embora: os nossos cantos despertaram-lhe a fibra da recordação; vê quanto podem! Mas calemo-nos; ahi vem um grupo turbulento de burguezes a passeio, gritando e gesticulando, sem respeito á santidade do logar. Preparemo-nos para expellir toda esta sucia.

O BURGUEZ, *lendo um epitaphio*

« Luiz Carlos Borrhomeu Anselmo Piquedoux, chamado o pai dos operarios, adjunto ao 4º quartelão; fallecido em Paris, em junho de 1839, com a idade de... »—Bonita sepultura, sim senhor! bem bonita! tem estylo, muito estylo! Palavra, que é magistral.

A BURGUEZA

Anastacio, que querem dizer aquellas letras grandes que vêm depois de « fallecido com a idade de »? E' um x, um l e um v.

O BURGUEZ

Aquillo, minha querida, são algarismos romanos. Significa... ora espera... hum! hum! cem, duzentos... é, é isso: fallecido com a idade de duzentos e cinco annos.

A BURGUEZA

Duzentos e cinco annos, Piquedoux! Mas vocês eram da mesma idade.

O BURGUEZ

Valha-nos Deus! os algarismos alli estão; pôde ser entretanto que os valores numericos não tivessem na antiguidade...

OS ROUXINÓES

Vamos, amigos, façamos calar estes paspalhões que vêm pavonear-se com bellas roupas ao cemiterio, como ao Pré-Catelan ou aos Prés-Saint-Gervais. (*Cantam*.)

Eis sob a relva os mortos repousando,
Na terra humida e fria sepultados;
São passarinhos que os estão guardando.
Sem vestes e sem vasos consagrados.

A BURGUEZA

Então! não andas d'ahi, Anastacio? Que fazes, pregado de estaca, de bocca aberta? Que tens tu, tão pallido?

O BURGUEZ

Estou pensando nos mortos, senhora.

A BURGUEZA

Em que havias logo de pensar!

OS ROUXINÓES, *continuando*:

Mas ás vezes, no vasto cemiterio,
Sem perturbar a funebre mudez,
Abre-se a campa, e dous defuntos, tres,
Partem, folgando, em tectrico mysterio.

A BURGUEZA, *com voz perturbada*

Anastacio, vamo-nos d'aqui. Não sei porque, sinto-me encommoçada; eston sentindo o peso do almoço no estomago. Estou com medo! com muito medo! Vamos! (*Sahem*.)

OS ROUXINÓES

Tres!... Trabalho não nos falta hoje.

O ROUXINOL

Olá! lá estou avistando, atraz de um salgueiro, um lindo par de amantes, meus conhecidos; muita vez os encontrei nos bosques de Ville-d'Avray. Coitadinhos! succeder-lhes-hia alguma desgraça, que vêm ao cemiterio! Vejamos, approxi memo-nos um pouco.

OS AMANTES

Adoravel passeio! e que suaves emoções nos proporciona! E' grato no amor fazer ás vezes resoar a corda triste, e não é máu levar a peregrinar, de vez em quando, a bella paixão pelos caminhos melancholicos.

O ROUXINOL

Ah! malvadeses! vieram por um requinte de amor.

OS AMANTES, *parando diante de um tumulto*

Olha que bonitas flôres; se colhessemos algumas?... Bellas rosas! Ninguem nos vê.

O ROUXINOL

Oh! realmente! é muito mal feito roubar aos pobres mortos!

OS ROUXINÓES

Cala-te, tagarella, e deixa-os comnosco. (*Cantam*.)

A's vezes, no leito escuro,
Onde o foram estender,
Branca a face e o corpo duro,
Pôde o morto estremecer.

Ai! com dôres indiziveis,
Sente, no negro caixão,
Como sombras invisiveis
A arrancar-lhe o coração.

Destas dôres horrorosas
E's, transeunte, o causador;
Quem aos mortos furta as rosas,
Arranca mais que uma flôr.

OS AMANTES

Practicámos uma acção má, furtando estas flôres... Parece que têm gottas de sangue nas hastes... Tristes mortos! é tão bom para elles, terem estas flôres, que respiram recordações!... Vamo-nos depressa, que bem poderiam vingar-se. (*Sahem*.)

OS ROUXINÓES

Estás vendo que não precisamos grande esforço para chamar a gente á razão.

O ROUXINOL

Estou maravillhado. (*Rumor de rozes*)

e canções ao longe). Ah! Deus do céu! que é aquillo?... Que medonhos individuos são aquellos, de mantos pretos e curtos, de botas enlameadas?... Contra quem são taes gritos e algazarra? Ora bem! lá se acomodam agora na relva; creio até que vão almoçar alli. Almoçar n'um cemiterio! com effeito! é revoltante!

OS COVEIROS

Antes de começar-se o trabalho, não lia como um bom gole; o litro é o nervo do trabalho; para escoltar o vinho verde, não ha como um bom pedaço de queijo, umas cebolas e pão. (*Comem e conversam*).

O ROUXINOL

Que profanação!... Então, vocês não farão cessar semelhante escandalo?

OS ROUXINOES

Ai! nossas vozes nada conseguiriam agora; os ouvidos immundos d'estes rusticos são insensíveis como os corações d'elles: nem tentemos commovel-os. Rouxinol da matta, foje como nós, affasta os pés e collie a aza.

OS COVEIROS

Ai! que me cahe o que quer que seja no copo... Bom! agora é no queijo. Endiabrádos passaros! Parece que se divertem com isto. Vamos para adeante. (*Affustam-se; recomeça a mesma estrategia dos rouxinoes*). Decididamente, para trincar á vontade, não ha como uma boa mesa de carvalho e um canto de taverna bem escuro. Vamos acabar a refeição ao botequim, camaradas. (*Sahem*).

O ROUXINOL, *enthusiasmado*:

Rouxinoes do cemiterio, vocês são umas aves adoraveis; peço para fazer parte da corporação.

OS ROUXINOES

Seja como queres, amigo; estás vendo qual a nossa vida, toda de dedicação e vigilancia; uma vez que não te assusta, vem ser dos nossos, irmão, vem ser dos nossos!

O ROUXINOL, *preludiando*:

Juncto aos filhos a mãe vella sentada, Não sente somno quando os vê dormir; Mas se lhes vê a palpebra adorada Estremecer de leve e se entreabrir, Canta em voz baixa, baixa, que mal ousa Pelos tenros ouvidos perpassar. Vamos nós, para os mortos embalar. Cantar-lhes, meus amigos, qualquer cousa.

O CÔRO, *respondendo*:

Vamos nós, para os mortos embalar. Cantar-lhes, meus amigos, qualquer cousa.

ALPH. DAUDET.

O LAGO

Sobre elle a luz do luar opalescente
Tranquillamente á noite se derrama,
O céu reflecte e a reclinada rama
Do arvoredado da margem florescente.

A' hora, em que o sol surge, envolto em lhamas
De ouro e prata, afogueando todo o Oriente,
Aos luminosos beijos levemente
Move a azulada e setinosa escama.

Rápidas aves passam, nas serenas
Aguas molhando as azas. Nem um vago
Tufão o agita: dorme, arfando apenas

Da brisa fresca ao matinal adlago.
— Assim pudesses tu, que me envenenas,
Amor fatal, dormir como esse lago!

ERNESTO LODI.

Mattos, Malta ou Matta?

ROMANCE AO CORRER DA PENNA

CAPITULO X

Eis a carta:

« João Alves.—Acabo de obter as informações que te prometti no momento em que te recolheram á casa de correcção, em companhia da tal Margarida. Essa mulher fatal, por quem te apaixonaste e que ainda te dará muitas occasiões de desgosto.

« Logo que foste seguro pela policia, corri á casa da Jeannite e vim a saber que não era esta a promotora da tua prisão, como suppunhas, mas sim o Dr. Campello da Fonseca, auctoridade que conheces muito melhor do que eu.

« Esse procedimento do Dr. Campello é sem duvida consequencia do ciúme. O homem está cada vez mais apaixonado pela Jeannite e, quando descobriu as tuas relações com ella, não trepidou, para se vingar, de prevalecer-se da sua posição de auctoridade policial.

« E' triste, mas é assim.

« Por outro lado, a Jeannite, que estava a ferro e fogo contigo por causa da Margarida, tratou de atihar as coleras do Campello e, com tanto affinco trabalhou, que foste afinal dar com os ossos na casa de correcção.

« Em todo caso não desanimei e, auxiliado pelo nosso amigo commum, o Tobias, que bem sabes é empregado na policia, espero provar que o Castro Malta, de que se trata, não és tu, e sim um vagabundo que mora ultimamente com a mãe de Margarida.

« Este plano não tem nada de mau, porque, graças ás circumstancias auspiciosas que o cercam, elle promette um resultado magnifico.

« O vagabundo chama-se João A. Castro Matta, nome que se confunde com o teu e a mulher que vive em companhia d'elle tem o mesmo nome da filha e dizem que se parece com ella.

« Ora, n'estas condições, é muito facil obrigar os teus perseguidores a um formidavel engano; tanto mais se attendermos a que a Jeannite e o Campello, aproveitando a tua prisão, acham-se refugiados em Paquetá. Elle para escapar das vistas da sociedade e principalmente das vistas da propria familia: ella para se esquecer de ti, que afinal és o unico homem verdadeiramente amado por semelhante demonio.

« Demonio, sim, que outro nome não merece aquella mulher; demonio, porque a maldita jura e affiança que te ha de fazer todo o mal possivel. Demonio, porque a sua colera e o seu despeito não se sciam com o simples facto da tua prisão e querem a tua morte.

« Tu, porém, não has de morrer enquanto eu existir no mundo. Sou teu amigo, prometto defender-te e será mais facil reduzir-me a postas do que levarem a effeito os seus diabolicos projectos.

« Logo que te soltem, o que espero succederá amanhã ou depois, corre á rua da Misericordia n. 333, sobe ao segundo andar dessa casa, bate tres vezes na porta que has de encontrar no tope da escada e, quando te apparecer um sujeito calvo, de barbas loiras, dize-lhe apenas: « *Ué, n. cati.* » Esse sujeito te responderá: « *Io be at the threshold of the door.* » E levar-te-á immediatamente a um quarto, onde poderás esconder a tua amante e onde encontrarás tudo de que precisares durante um mez, sem sahir de casa.

« Se não nos virmos antes de te encerrares alli e, se por ventura der-te na veneta sahir á rua, não tenhas o menor escrúpulo em confiar Margarida ao sujeito das barbas loiras, e, quando voltares

á casa, repete a phrase que te ensinei para a primeira vez. »

Aqui terminava a carta, isto é: até aqui chegava o que della se podia ler, porque o resto tinha sido intencionalmente oblitterado com qualquer substancia corrosiva.

Quando terminei a leitura, volvi os olhos para o quarto: João Alberto continuava a dormir a somno solto. Consultei o relógio, eram quatro horas da tarde, guardei no bolso alguns dos objectos encontrados nas algibeiras do Malta, outros escondi nas gavetas da minha secretaria, puz o chapéu na cabeça e sahi, deixando a porta cuidadosamente fechada por fóra.

Na rua principiei a notar que me doía o estomago; era falta de alimentação; desde a vespera que eu nada havia comido.

Entrei n'um restaurante, pedi um jantar e deliberei methodizar os meus raciocinios, enquanto m'o servissem.

Achava-me ainda entre a sopa e o segundo prato, quando ouvi por detraz de mim a voz de minha sogra, que conversava com alguém.

Ella não dera commigo e, graças a um aparador que havia entre as nossas mezas, podia eu escutar-a á vontade, sem ser descoberto.

— Pois é como lhe digo; rosnava minha sogra—Pois é como lhe digo. Meu compadre Quintino affiançou-me que isto não ficará no pé em que se acha! Elle já anda tratando da questão e, ou eu muito me engano ou a cousa dará panno para mangas! Pois cnde já se vio se meliante embrulhada? Agora, só o que eu desejo é ver minha filha para lhe perguntar o que foi feito do homem com quem ella fugio do lorpa do marido, porque segundo me consta, esse homem tambem desapareceu, assim sem mais nem menos!

Tambem desapareceu?

— Pois não! Desappareceu no mesmo dia em que foi solto.

— E ninguem dá noticias delle?

— Ninguem. Uns entendem que elle fugio, outros que foi assassinado por meu genro; eu, porém, não aceito nenhuma dessas explicações; a primeira porque João Alves não fugiria sem me participar; e a segunda porque conheço o genio do marido de minha filha e sei que elle é incapaz de matar quem quer que seja.

— A senhora se dava com elle?

— Com quem? com o João Alves?

— Sim.

— Dava-me. Conheço-o da casa da Jeannite, de quem fui engommadeira durante dois annos.

— Essa Jeannite não é aquella do Dr. Campello?

— E'.

— E que foi feito della?

— Sei cá! Dizem que está ainda mettida com o homem em Paquetá.

Nisto o dialogo foi interrompido por um terceiro personagem, e minha sogra passou a boquejar sobre novos assumptos. Eu, que já tinha completado o jantar, sali do hotel e tratei de seguir a indicação da carta.

Tomei para a rua da Misericordia e, durante toda a viagem ia repetindo mentalmente a phrase symbolica: « *Ué, Ué, catu!* »

Quanto mais me aproximava do mysterioso ponto indicado pelo singular protector de Castro Malta, mais acelerado me batia o coração.

— Que me esperaria ainda? Que terribes surpresas me aguardariam naquella casa, a cuja porta tinha eu de bater tres pancadas, como se batesse á porta de um templo maconico?

Fiz-me forte e resolvi submeter-me ao que desse e viesse.

Afinal cheguei ao ponto.

Era um sobrado alto, já velho, de dous andares.

Atravessei a porta da rua, subi o primeiro lance de escadas, olhando para todos os lados. Não encontrei signal de vida; aquillo parecia uma casa habitada por espectros; um silencio de igreja deserta enchia os corredores; meus passos echoavam alli, como se eu caminhasse dentro de uma catacumba e á proporção que me adiantava e subia, niais e mais avultavam as sombras e o silencio.

Era quasi noite quando cheguei finalmente á porta indicada pelo mysterioso confidente de Malta.

Bati a primeira e a segunda vez; á terceira abriu-se a porta e vi defronte de mim um homem enorme, todo calvo e de longas barbas ruiuas.

— E' agora! pensei n'um arrepio.

E levei instinctivamente a mão ao peito.

(Continúa).

No proximo numero brindaremos os nossos leitores com uma soberba poesia de Lucio de Mendonça, o illustre moço a quem tantas e tão bellas paginas deve *A Semana*; poesia por elle dedicada ao nosso grande poeta Luiz Delfino. Intitula-se—*A Tapéira*.

THEATROS

Nada de novo tem havido pelos nossos palcos. *As Meninas Godin* continuam a deliciar os frequentadores do Recreio. Foram um verdadeiro successo estas *meninas*. O Sr. José do Patrocínio a estas horas deve estar satisfeito em ter traduzido uma boa comedia que tanto tem feito rir o publico.

Brevemente apparecerá a *Dyonisia*, queremos dizer—*Denise*. Desculpe, seu Dias.

Brevemente? Muito breve?... Mas... quando, Sr. Braga?

*
**

O Lucinda arranhou-se com *O Palhaço*, *Um drama no alto mar* e, em beneficio da gentil actriz Adelaide Pereira, a applaudida comedia em 3 actos *Sogra... nem pintada!*

Deve subir hoje á scena n'este theatro o drama de grande espectáculo *Os filhos do capitão Grant*, obra de J. Verne e D'Ennery.

*
**

No Pedro II teve lugar no dia 27, com a opereta *A Gata Borracheira*, pela companhia do Sant'Anna, o espectáculo, organizado pelos Clubs Carnavalescos, Tenentes do Diabo e Democraticos, em beneficio das victimas sobreviventes aos terremotos da Andaluzia. Foi recitada por essa occasião pela distincta actriz Herminia uma poesia de Valentim Magalhães, sob o titulo *Pela Andaluzia*.

*
**

O Sant'Anna tem entretido os seus *habitués* com a *Cocota* e ha de entretellos com ella por muito tempo.

E mais não houve por causa da calmaria religiosa e somnolenta da Semana Santa.

POESIA E POETAS

Mathias Carvalho acaba de publicar mais um livro de versos, intitulado: *Trovos Modernas*.

Como todos sabem, Mathias Carvalho é, antes de tudo, um republicano violento, revolucionario, intransigente.

A poesia, para elle, deve ser, como qualquer manifestação da intelligencia, um meio de transmissão do germen republicano, da nova força que, destruindo as velhas theorias metaphysicas dos governos monarchicos, consolide as aspirações democraticas e estabeleça a ordem nas diversas esferas da politica contemporanea.

Quasi todos os seus trabalhos poeticos representam um libello contra tudo que emerge do poder pessoal das monarchias, e contra tudo que de alguma forma prejudica a expansão gradual do elemento popular.

Eis ahi uma preocupação do poeta.

Se, por um lado, applaudimos o civismo do auctor das *Trovos Modernas*, por outro lado, não podemos deixar de censural-o encarando-o sob o ponto de vista geral da poesia moderna.

D'esta preocupação de espirito, como causa, decorre naturalmente como effeito, uma certa falta de vigor na confecção do verso e uma estreiteza de horizontes no espaço onde se agita a imaginação do poeta.

Para a poesia não ha assumptos determinados.

Ella deve cantar tudo, desde o facto mais simples nascido de uma rapida inspecção ocular, até o facto mais complexo de politica ou moral.

Por que razão limital-a a velharias de apostrophes plethoricas sem nenhuma consequencia moral ou social?

Não ha trabalho nenhum que tenha determinado um movimento ou uma reacção pela violencia, unicamente.

Ser violento, não é ser logico: Gritar, não é discutir. Toda a poesia demagogica, quer brasileira, quer portugueza, nada tem feito de positivo nos governos constitucionaes que dirigem os destinos dos dous povos irmãos.

Portugal continua a ser uma propriedade do Sr. D. Luiz, como o Brazil do Sr. D. Pedro II.

Em poesia, querem-se idéas, como em toda outra manifestação do espirito.

E é preciso hoje, que a arte desenvolveu os moldes da poesia, que ella seja tão profunda pela idéa, quanto grandiosa e opulenta pela forma.

A idéa, é preciso que se note, não está em decantar-se os defeitos d'este ou d'aquelle governo, como parece entender erradamente o Sr. Teixeira Bastos, que applaude tudo quanto se diz contra os monarchas, mesmo em versos maos, mas sim em reproduzir um phenomeno da natureza reavivando-o, corrigindo-o, recompondo-o segundo o grau de impressionabilidade que é propria ao artista, pelo meio, pelas idéas, pelos sentimentos e pela educação, que o eleva ou que o reduz a uma vulgaridade banal.

Queremos o verso politico, social, violento, remontado e energico, mas como o sabe fazer o auctor da *Solemnia Verba*.

Ali, sim, ha idéa, ha vigor, ha subjectivismo. Cada versotem a dureza de um musculo retezado, e vae direito ao alvo que o seu auctor tinha em mira.

Cada um daquelles inimitaveis versos exprime todas as modalidades do temperamento.

Ao mesmo tempo que tem um brado de admiração para tudo quanto é grande e uma apostrophe violenta para tudo quanto é indigno e torpe, tem tambem jorros de sangue que espadanam, imprecaciones que resoam como um grito de guerra.

O livro de Mathias Carvalho não preenche as duas condições por nós apresentadas.

Ha defeitos de arte que não podemos deixar de censurar em um poeta, como o auctor das *Trovos Modernas*, já conhecido nas letras patrias.

Ha mesmo estrophes, cujo sentido não podemos explicar.

Senão, vejamos:

« E o que se vê? que desgraça
No thesouro da nação!
Somos uma pobre raça
Com o pé no coração. »

E' difficil isto e por uma simples experiencia ve-se a impossibilidade da raça fazer o que diz o poeta.

Nós, por mais esforços que façamos, seremos incapazes de conseguir collocar o nosso pé no nosso proprio coração.

Damos um doce ao poeta se o conseguimos.

Alem de outras estrophes sem vida, sem explosões de coleras, sem uma idea que nos faça voltar á leitura, encontramos algumas, como esta, onde ha um grande defeito de forma; quatro agudos seguidos, produzindo um som desagradavel que incommoda o ouvido e fatiga o espirito:

« Um tal Silverio dos Reis
Foi quem os denunciou,
E a tyrannia lhe fez
Graça que ainda não findou. »

E' preciso que o poeta não commetta mais em poesia erros como este.

Em todo caso, applaudimos o denodado poeta republicano pela intenção do seu ultimo livrinho.

AMBROZIO SEVÉRO.

TRATOS Á BOLA

Honraram-nos d'esta vez com suas decifrações os seguintes charadistas: *Anastacio Cheira-Cheira*, D. Paula de Magalhães, Carez, Franklin dos Santos, Grupo do Tic-Tac, José da Costa e Silva, João Francisco R. da Silva, Josephina B., Dr. Vareta, Carlos Alberto Coelho, Ovidio Chartes, Cardoso Almeida, Um tratista, Yodor, Uma leitora d'A Semana, Um guarda-livros muito occupado, Frincinal Vassico, Lobo Junior (S. Paulo), D. Anninha, G. P. M., X. Y. Z., Indio Pardalino, Astolpho Calino, Villas Boas Cortes e Francisco de Paula Rangel.

D'estes apenas conseguiram metter o dente nos tratos ultimos os Srs. Anastacio Cheira-Cheira, D. Paula de Magalhães, Carez, Franklin dos Santos, Grupo do Tic-Tac, Frincinal Vassico, Lobo Junior, Astolpho Calino, Villas Boas Cortes e Francisco de Paula Rangel.

O primeiro premio, que é um exemplar da *Evangelina*, compete ao Sr. Anastacio Cheira-Cheira (Olhe o *Quidam*, seu *Cheira-Cheira!*...). O segundo—o poemeto *Colombo e Nenê*—pertence á Sra. D. Paula de Magalhães. Os outros que se consolem; mesmo porque mal de muitos...

Para outra vez não se flem do Correo, mandem pelo... telephone as suas cartas. E' muito melhor!

Eis as decifrações:

Das telegraphicas—*Gola e Ave*; das antigas—*Patacoada e Setenta*; do logogripho—*Natividade*; das novissimas—*Eucharistia e Pimpão*; da augmentativa—*Opala* e da ante-posta—*Patada*.

Para hoje temos o seguinte:

CALIMBURGUESCA (*)

Qual o tanto ecclesiastico mais singelo?

PROVERBIAL

D. M. E. L. T. T. U. P.

Dizer por estas inicias qual o proverbio que ellas representam.

(*) Vide explicação no n. 12

ANTIGA

Duas na cabeça.
Duas pelo chão;
Ahi finou-se a vida
De mais de um ladrão.

ENIGMA

O valor de cousa vil
Não precisa adivinhar
Que não chega a meio cento
Não se pôde duvidar.

TELEGRAPHICAS

1-1-1—Camaelo é animal.
1-1-1—Mafoma e muita gente.

EM QUADRO

Em todo animal existo
O' que verbo tão gostoso!
De moça é bem boa. ai. Christo!
E' um verbo religioso.

PREMIOS

Ao primeiro decifrador um bello romance do grande pintor Pedro Americo—*O Holocausto*; e ao segundo um exemplar do tango—*A Semana 100 réis*.
E até sabbado, carissimos charadistas.

D. PASTEL

P. S. Ao segundo decifrador das charadas do n. 12, o Sr. Lobo Junior (S. Paulo) já remettemos o premio a que fez.
jus.—D. P.

Reccebemos:

Do Sr. C. Garcia um folheto contendo *O Melro e A Fome no Ceará*. Dous poemetos de Guerra Junqueiro, já muito conhecidos.

— *Revista de Engenharia*, n. 110; publicação quinzenal.

— *Discurso* de um parahybano ácerca da prisão dos bispos de Olinda e Pará.

— *Gazeta Musical*, n. 11. Muito bem impressa. A capa é cuidadosamente feita.

Traz, além de bellas musicas, um excellent retrato da notavel cantora Paulina Lucca.

Recommendamol-a ao publico.

— *Mequetrese*, n. 370. Como sempre, interessante.

— *Vespa*, n. 12. Boas caricaturas, boa prosa e bons versos.

— *Revista Illustrada*, n. 405. Texto engraçado, magnificas caricaturas e além de tudo muito espirito.

CORREIO

SR. A. M. FONTES JUNIOR.—A sua poesia intitulada—*A Escravidão*— não é boa; tem uns versos de pé quebrado e outros senões. Em todo caso não desanime. O senhor conforme nos disse, e se vê dos seus versos, é um *neophyto da litteratura*, um verdadeiro *neophyto*;

por tanto, leia a arte poetica de Castilho e... appareça.

SR. ADOLPHO POSSOLO.—Teriamos muito prazer em baptisal-o, já que o senhor nos disse que precisa de nome. Mas, tenha paciencia, não se apanham moscas nem baptismos com vinagre...O seu *Casamento* não vale uma pitada de Meuron.

E' impossivel !...

Não se *azangue* comnosco. Sim? E caso queira se *azangar* damos-lhe já este conselho: Estude...estude...

EXMA. SRA. D. ALBERTINA SÁ.—V. Exa. tem talento poetico, mas faltalhe forma: e na poesia o lavor artistico é quasi tudo. Foi essa a impressão que nos deu o seu soneto.

Não se entristeça por ter 15 annos e ser filha unica de casal pouco abastado.

Ter 15 annos é tão bom! e dura tão pouco! *Quand javais mes quinze ans...* Conhece esta canção?...

Por absoluta falta de espaço não damos hoje a conclusão do conto—*A cabeça do engraxate* por V. Magalhães, o « Canhenho de um moralista em disponibilidade » e outros artigos já promptos que foram retirados á ultima hora.

ANNUNCIOS

GAZETA MUSICAL

Revista quinzenal de theatros, musicas e bellas-artes. Retratos das maiores notabilidades artisticas, biographias, artigos de critica, correspondencias de Paris, Londres, Berlim, Vienna, Milão, Leipzig, Hamburgo, Madrid e Rio de Janeiro, poesias, romances e sempre

24 PAGINAS DE MUSICA

4, 5, 6 e 7 peças de autores celebres, allemães, francezes e italianos

EDIÇÃO ESPECIAL PARA O BRAZIL
N 1

Publicado em 15 de Agosto de 1884

Assignatura mensal ou dous numeros..... 28 francos
Com exclusão do porte de Correio para as provincias.
Acha-se completo o primeiro trimestre, comprehendendo 6 numeros encadernados em um só volume, ornando um mag-nifico album, proprio para presente.

Preço 6\$000

REPRESENTANTES NESTE IMPERIO

H. LAEMMERT & C.

66 RUA DO OUVIDOR 66

LIVRARIA UNIVERSAL

HOSPEDARIA FIEL

RUA DA ALFANDEGA N. 236 E TRAVESSA DE S. DOMINGOS N. 2

Os proprietarios deste vasto estabelecimento têm a honra de apresentar á concurrencia publica, bonitos quartos mobiliados, espaçosos e muito arejados, offerecendo toda a garantia de segurança, aonde os Srs. viajantes podem pernoitar livres de risco. Todos os compartimentos com linda vista tanto para a travessa como para a rua da Alfandega.

A casa está aberta toda a noite. Preços modicos.—Lima & Xavier.

BAZAR DA BARATEZA

Esta casa continúa a vender artigos de armarinho pelos preços mais razoaveis que é possivel

16—Rua 7 de Setembro—16



HOTEL NOVO MUNDO

Serviço profuso e variadissimo

Vinhos de todas as marcas, de qualidade garantida
Encarrega-se de grandes jantares e banquetes

Serviço completo

PREÇOS MODICOS

13 Rua Primeiro de Março 13

PROPRIETARIO

JOÃO DIOGO SOARES DE BRITO

A BRASILEIRA

Este estabelecimento, de novo aberto, acaba de completar o seu grande sortimento de fazendas, modas e armarinho, abrindo os seus preços baratissimos. O socio Ozorio, antigo empregado desta praça, ultimamente do PARC ROYAL, pede aos seus amigos e freguezes o obsequio de visitarem esta casa, onde encontrarão além do systema sincero de negociar, grande variedade de artigos a preços modicos.

Venham vêr!...

EX-CASA DO MOURA

24 Travessa de S. Francisco de Paula 24

Elias & Ozorio

A SEMANA

CORTE:

Trimestre..... 28000
Semestre..... 48000
Anno..... 88000

Publica-se aos Sabbados

PROVINCIAS:

Semestre..... 48000
Anno..... 88000

DIRECTOR — VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO

Numero avulso 100 rs.

Não se restituem originaes, embora não publicados.

Numero atrazado 200 rs.

SUMMARIO

Expediente — Historia dos sete dias — Questão litteraria — A cabeça do « engraxate; » (conclusão) *Valentino Magalhães* — A vida, soneto; *Fernando Caldeira* — Bólos; *Chico Ferrula* — Um falso *Ignolus* — Pedro Americo — Arthur Barreiros (continuação); *Gaspar da Silva* — Politica moderna; *Luiz Murat* — Poesia e Poetas; *D. Ruy* — A tapera, poesia; *Lucio de Mendonça* — Credo da Republica Franceza — *Illuminuras*; *Julia Lopes* — Theatros — Tratos á bola; *D. Pastel* — Recebemos — Correio — Anuncios.

EXPEDIENTE

Rogamos aos Srs. assignantes de trimestre o obsequio de renovarem as suas assignaturas; e aos que se acham em atrazo o de satisfazerem seus debitos.

Os Srs. assignantes do 1° trimestre, cuja assignatura terminou com o n. 13, e a quem remettemos este, se o não devolverem á redacção, serão considerados assignantes do 2° trimestre.

Tambem recebemos assignaturas de Abril a Dezembro, ao preço de 68000, com direito á colleção desde o n. 1, e a um exemplar do romance **MATTOS, MALTA OU MATTA.**

HISTORIA DOS SETE DIAS

Rio, 11 de Abril de 1885.

Deu-se no ultimo sabbado a morte do visconde de Souza Carvalho, proprietario e redactor politico do *Diario do Brazil*.

Não cabe nas tres columnas d'esta secção, o elogio historico d'este notavel vulto politico, que acaba de cair em meio da refrega, não ferido pelas armas dos adversarios, mas tombando ao peso das proprias, e succumbindo n'um derradeiro e heroico esforço de lucta, quando apparelhava a armadura para continuar o combate, combate inglorio e sem treguas, travado n'um plano inclinado cujo logar inferior elle occupava, quasi só, aparando os golpes formidaveis e ao mesmo tempo sustentando nos hombros athleticos o peso dos inimigos.

A imprensa toda já se pronunciou, unanime sobre o julgamento do seu merito, embora adversa ás idéas susten-

tadas em vida pela poderosa individualidade do morto.

O mais brillante de todos os artigos — o d'O Paiz. — foi tambem o mais inoportuno. Se é ou não é contestavel a opinião emittida *post mortem* pelo Sr. Quintino Bocayuva, não nos cabe julgalo aqui; todavia, embora nos pareça que elle quasi sempre foi justo, não relaxaremos o direito de dizer que foi máu o momento escolhido.

Sem duvida teve defeitos o polemista e o politico, como teria falta o homem privado; isto, porém, não nos parece assumpto proprio de necrologia, senão de estudo biographico.

Nós desprezaremos pois, toda a animadversão que nos inspiravam as idéas do finado, que julgamos atrezadas e falsas, para só manifestarmos o nosso pezar pelo desaparecimento de um luctador imperterrito, de uma intelligencia potente, de um espirito illustrado, que era incontestavelmente uma individualidade original e exquisita no meio das vulgaridades mesquinhas e charras da nossa imprensa politica.

*
**

O Dr. Julio Ottoni, 1° promotor publico da Corte, acaba de exigir que o redactor e os reporters da *Folha Nova* deponham em juizo o que sahem do caso da menor Emilia, visto que em 14 numeros trataram, em artigos sob o titulo — *Desastre ou crime*, do facto da rua dos Voluntarios da Patria.

Como principio geral, chamar jornalistas a depor, seria odioso, tolleria a liberdade de imprensa e obrigar-a-hia a não publicar noticias de muitos attentados ou crimes, noticias que muitas vezes auxiliam a propria justiça ou chamam a sua attenção para muitos delictos que sem ellas ficariam ignorados; mas o caso da *Folha Nova* é especial, pois que ella fez accusações e publicou depoimentos falsos, forçando assim o procedimento do promotor.

Oxalá que a verdade se faça e que a lição aproveite aos culpados de levianidade ou de pouco decente exploração da emmoção publica.

*
**

Foi nomeado amanuense da secretaria da agricultura o Sr. Raymundo Teixeira Mendes, o bem conhecido Mahomet do positivismo brasileiro, de que é Allah o Sr. Miguel Lemos, que, dias antes, havia sido nomeado para um logar da bibliotheca nacional. Ora ali está no que deu toda essa farfalla scientifica do *Centro Positivista*: — no *amanuensismo* das secretarias.

Fóra curioso fazer o historico d'esse engraçado gremio de fanaticos de Augusto Comte; mas não temos tempo para isso. E mesmo, a falar com franqueza: — não vale a pena. Basta lembrar que a principio o Sr. Lemos sómente

queria viver do subsidio dos feis e não consentia que nenhum dos membros da egrejinha da travessa do Ouvidor — nossa visinha, portanto, — tratasse de ganhar honradamente a sua vida em algum emprego *heterodoxo*. D'ahi uma vadiagem e consequentemente uma pobreza de trezentos mil franciscanos! Assim foi que não poudo o Dr. Teixeira de Souza fazer o seu concurso a uma cadeira na escola de medicina, vendo-se forçado pelo papa-Lemos a desistir d'elle. Foi esse facto que deu começo á *degringolade* positivista. O Dr. Teixeira foi vencido, mas não convencido. Tanto, que appellou da decisão do papa brasileiro para o Sr. Pedro Laffitte, chefe do positivismo universal.

Laffitte desapprovou o acto de Lemos. Lemos, melindrado nas suas susceptibilidades de infallivel, abespinnou-se com o quináu e vingou-se arrasando Laffitte com tremenda descompostura em que o menos quelhe chamava era insufficiente. Este disparate insurreccional e peccaminoso do papinha contra o Papão desgostou os feis, a ponto de plantar no seio da egrejinha as perigosas revoltas do schisma. A desunião traz a fraqueza. Dentro em pouco via-se o Papinha sem as papinhas do subsidio; e cada qual foi tratando de arranjar a sua vida como poudo, sem mais *aquellas*. Hoje é o que se está vendo: — o Sr. Lemos deixou o officio de alfaiate platonico em que se delectava e emmagrecia scientificamente e foi tratando de arranjar na meza do orçamento um talherzinho rasoavel.

A' vista do exemplo do seu chefe, o Sr. Teixeira Mendes abandonou por seu turno o torno e requereu tambem um talher para si.

Eil-os amanuenses; dentro em pouco não restará mais ninguem para acender na egrejinha abandonada a vela benta da orthodoxia miguelemista, como diz o Urbano Duarte.

Pobre egreja! pobres feis!
Felizes amanuenses!

QUESTÃO LITTERARIA

Qual o maior poeta do Brazil?

Propomos hoje esta interessantissima questão aos nossos leitores. O nosso desejo é despertar a attenção publica e especialmente a dos competentes, em favor do estudo dos nossos poetas e, por uma sorte de suffragio nacional, apontar o mais illustre d'elles, aureolando o seu nome com o titulo de primeiro poeta brasileiro. Esta questão não foi ainda agitada, e do seu estudo largo proveito póde advir á litteratura patria. Chamamos para ella a attenção de todos os dignos representantes das nossas letras, e em geral a de todos quantos se interessam por ellas.

Não dirigimos convite especial para

este debate a ninguém, para evitar ferir susceptibilidades com o possível esquecimento de alguns nomes, e a provável omissão de muitos. A questão é geral.

Para mais generalisá-la, emtanto, rogamos a todos os nossos collegas da imprensa o obsequio de dar noticia d'esta questão litteraria, por nós proposta, transcrevendo as condições em que o fazemos e por que deve ser respondida.

São as seguintes:

Entram no concurso d'esta questão todos os poetas brasileiros, mortos e vivos, antigos e modernos. A nossa pergunta—*Qual o maior poeta do Brasil?*—resume a seguinte:—Qual de todos os poetas brasileiros o mais inspirado, mais fecundo e mais original?

Em todo poeta verdadeiramente grande concorrem estas qualidades:—inspiração potente e complexa, facilidade copiosa em traduzir em verso numeroso e fluente todas as suas impressões, e originalidade, imprevisão, um quê de novidade, na idéa ou na fórma, em todas as produções, e que representa o cunho particular da poderosa personalidade do poeta. Sem isso não ha grandes poetas. Aquelle que, dos nossos, fôr considerado o primeiro, deve reunir esses predicados em grau mais alto do que outro qualquer.

Nenhum nome indicamos, não fazemos nenhuma referencia.

Estude cada qual a questão e responda como houver entendido.

As respostas podem ser simples, apontando apenas o nome do poeta eleito pelo respondente; ou fundamentadas, expondo as razões em que se houver baseado a resposta.

umas e outras serão methodicamente registradas e numeradas nesta redacção, que, das ultimas publicará as que lhe parecerem dignas de publicidade. Em todos os subsequentes numeros d'*A Semana* serão publicados, progressivamente, os nomes que das respostas recebidas formos apurando. Para a terminação do pleito marcamos o prazo de tres mezes. O resultado final deve ser publicado em o nosso numero 28, a 11 de julho, dia em que se completam exactamente tres mezes da data de hoje.

E no numero 29, daremos um retrato caprichosamente feito, do poeta que houver triumphado neste glorioso certamen.

Todas as respostas a esta questão devem ser unicamente remetidas ao director d'*A Semana*, com a indicação na sobrecapa: *Questão litteraria*.

Outrosim rogamos aos Srs. respondentes não usarem de pseudonymos; sem que estes sejam, entretanto, recusados.

A CABEÇA DO « ENGRAIXATE » (*)

II

E eis aqui o que o Duarte me contou:

— Eu sou, como bem sabes, começou elle, um homem methodico, methodisado, methodisante... O methodo em carne e osso Posso exprimir em uma só phrase o meu systhema de vida completo, moral social, intellectual e particular :

« Trago tudo arrumadinho. »

Olha, a minha convicção é que a consciencia é um armario. Deves saber que é infinita a capacidade dos armarios. Na consciencia, portanto, cabe tudo desde que se saiba arrumar nella as cousas.

Questão de methodo.

(*) Continuado do n. 13.

A gaveta de sapateiro representa a anarchia do seculo. Eu detesto as gavetas de sapateiro.

O cerebro humano nada mais é do que uma caserna-arsenal. E' mister que as idéas estejam continuamente armadas em guerra, aparelhadas e agudas, léstas e attentas ao primeiro signal.

Dado este, quer se trate de uma excursão hygienica ou de um exercicio disciplinar, quer de um combate em regra, é mister que os soldados saiam sem demora de suas cellulas, abandonando as circumvoluções respectivas e marchem contra o inimigo, se inimigo houver.

Pensamento capenga não fórma.

Arrumemos os nossos trastes na sala, os nossos papeis na gaveta e, na cabeça, as nossas idéas, proprias ou alheias; é indifferente. E' o que eu faço ha muitos annos e com immenso proveito. Deves ter comprehendido de todo este introito que eu fazia engraxear-me as botas todos os dias á mesma hora o mesmissimo « engraxate. »

Quando, por acaso,—mas isso acontecia raramente—eu, á hora do costume, não encontrava em frente á respectiva e immunda caixa, o meu homem, mas um substituto, porque elle houvesse ido á fava, quer dizer ao almoço, ou por outro motivo, eu esperava-o pacientemente alguns minutos, se não tinha pressa; no caso contrario, ia me embora, com as botas por lustrar. Menos brilho nas botas, é certo; mas em compensação mais vintens na algibeira.

Ainda hei de escrever um tratado sobre a influencia sociologica e a importancia moral da graxa de lustre nas sociedades modernas. Demonstrarei que á proporção que se lustram as botas deslustram-se as caras; que a vergonha, que é o verniz destas, tem diminuido á medida que augmenta o verniz, que é a vergonha daquellas; e, finalmente, que os homens brilham pelos pés, não pelos feitos. Poderia demonstrar-te agora mesmo rapidamente, que o homem, á medida que vai descalçando o sapato da religião, que ha tantos seculos o incomoda, tem adquirido a religião dos sapatos.

Mas estou conhecendo na expressão da tua cara que não é philosophar o que desejas, mas, unicamente, saber como diabo foi que encontrei um dia a cabeça do meu engraxate separada do seu honrado proprietario.

Abandono, portanto, o assumpto do meu tratado e passo a tratar exclusivamente do meu assumpto.

Havia dois... não! mais de dois... havia tres annos que o Paschoalle era meu freguez. Entre as minhas botinas e as suas escovas havia-se estabelecido um pacto mysterioso e estreito, mais intimo e mais solemne do que aquelle que se diz haver sido feito entre o Sr. conselheiro Dantas e a Corôa na questão do elemento cervil.

O Paschoalle não era um homem ex-

cepcional, talvez; mas era notavel na sua arte.

Dá-se com os engraxates o inverso do que se dá com os dias: « succedem-se mas parecem-se. »

O Paschoalle era sórdido, mas sympathico; immundo, mas estimavel. E' um erro acreditar-se que sob uma camisa suja não possa palpitar um coração limpo. Reconheci-o estudando aquelle homem.

E observando-o pacientemente, com olho de artista, como aquelle pintor do *Filho de Coralía*, cheguei a descobrir que aquelle homem era tambem um escravo do methodo, como eu. Mais um motivo para estimá-lo.

Paschoalle esquecia-se regularmente, todos os dias, do almoço, e sempre que era possivel resistir ás impertinencias do estomago, não se lembrava de jantar. Em tres annos vi-o comer duas vezes: da primeira uma banana, da segunda uma codea de pão. Em compensação,—bem dita lei das compensações!—comia as unhas e fumava.

Alimentava-se com isso e com a febre da ambição.

Era livido e hirsuto. Uma cabeça excellente para modelo de pintor; daria, á vontade do artista, mas igualmente bem,—uma cabeça de salteador ou de asceta.

Para que desse aquella seria sufficiente asperizar-lhe um pouco a expressão dos olhos, accentuando nelles o fulgor da cobiça na sombra da traição; para o asceta não fôra preciso mais do que esparramar-lhe pelas feições, endurecidas no trabalho e na miseria, as tintas macias da sapiencia profunda e da bondade mystica.

Com a pallidez e as grenhas parecia talhado para bandido calabrez; mas depois de barbeado e tosado em regra, desenfulehada a cara e vestida uma sotaina decente, teria sido um respeitavel padre aquelle pobre diabo.

Mas não passava de engraxador de botas—o misero!

O que é certo, entretanto, é que era perito no manejo das suas armas.

Ajoelhado nas pedras da rua e dobrado o torso sobre a caixa, todo entregue aos pés do freguez, suas mãos moviam as escovas com tal jeito e presteza, que dentro em cinco minutos as botas do homem estavam espelhentas e luzidias como o carro de Phebo.

Por isso é que eu o procurava sempre e por isso foi que senti grandemente sua ausencia.

Um dia não o vi no seu posto, nem caixa. Perguntei por elle a um visinho collega; respondeu-me qualquer cousa numa algaravia rouquenha e cantada, de que não pesquei patavina.

Mandei-o para o inferno e fiquei com as botas por engraxar.

No dia seguinte ainda nada do Paschoalle. Não tive animo, comtudo, de entregar as minhas botas a outras mãos.

— Esperemos; dizia-lhes eu. E ellas

de feito esperavam, empallidecendo, alquebrando-se pouco a pouco.

Por fim como não reaparecesse o meu homem,—nada conseguira saber do destino que o levára,—e as minhas botas fossem ficando positivamente indecorosas, resolvi entregal-as a qualquer engraxate. Desde que me faltava o Paschoalle, era-me indiferente escolher este ou aquelle. Passaram-se dias; esqueci-me, um pouco a principio e depois inteiramente, do emerito lustrador.

Um bello dia, a convite de um amigo e a conselhos da curiosidade, que é extraordinaria em mim, fui á escola de medicina. A impressão que me causou o amphitheatro anatomico é inenarravel.

Tive nauseas, deante do miserabundo estado d'aquelles corpos, que foram humanos e que agora, inertes e desmembrados, desentranhavam-se complacientemente, com hediondo impudor, sob o escarpello frio dos estudantes; e espantei-me da completa indiferença distrahida com que estes, de camisa arregangada e cigarro ao canto da bocca, iam cortando, furando e retalhando aquillo.

Pareciam honrados alfaiates tallhando em flexivel fazenda, com pericia e calma, um par de calças ou um fraque.

Junto a uma das mesas de marmore, em que jazia inteirido o cadaver de um velho, convenientemente injectado para a lição do dia, conversavam um professor e um collega.

Emquanto aquelle começava a preparar a *peça*, tranquillamente, manejando a tesoura e a lanceta, o outro occupava-se distralidamente, como se estivesse a brincar com os berloques da sua cadeia, a puchar, fio por fio, os cabellos brancos do defuncto, obrigando-lhe a cabeça a agitar-se, produzindo um sinistro gesticular affirmativo, que me gelava de horror.

Voltei o rosto; mas no memo instante soltei um grito de espanto.

Era monstruoso o que eu acabava de ver! Foi tal o choque produzido em mim por aquelle subito espectaculo, que me cahiu das mãos o chapéu.

O que eu vi foi isto:—Em cima de uma outra mesa de marmore, ensanguentada, immunda, que parecia haver servido para uma disseccção recente, estava collocada, firme sobre o corte horisontal do pescoço... a cabeça do meu « engraxate!... »

Sim, era a cabeça do desgraçado Paschoalle! Mais livida, mais magra e mais hirsuta do que nunca, tinha nos beiços roxos e duros um tragico sorriso de ironia pungente: os olhos enormemente abertos,—naturalmente porque algum estudante, por gaiatada, lhe havia cortado as palpebras mortas. — fixos, vidraccos, perseguidores...

E ao contemplar aquella cabeça conhecida, pallido, mudo e tremulo de doloroso espanto, pareceu-me que ella movia os olhos, fitando-me, e me estava

dizendo, com a sua boca ignobil, como outr'ora, no largo de S. Francisco de Paula, batendo com as escovas sobre o tempo da caiva:

— *Bon giorno, frequis. Engraxate, engraxate...*

E o Duarte, calando-se, fechou os olhos, como para não ver o quadro que acabava de descrever, e de um jacto bebeu o borgonha que lhe restava no copo, com um gesto rapido, nervoso, como se tentasse afogar em vinho aquella maldicta recordação.

Abril, 1885.

VALENTIM MAGALHÃES.

A VIDA

Abri meus olhos ao raiar da aurora
E parti; veio o sol, e então seguiu-a,
A sombra, que eu julgava gniadora:
A minha propria sombra fugidia.

E foi subindo o sol; ao meio dia,
Esconden-se-me aos pés a sombra; agora,
Se volto o olhar onde passei outr'ora,
Vejo a seguir-me, a sombra, que eu seguia.

A gente é o sol de um dia; sóbe, avança,
Passa o zenith e vai na immensidade
Apagar-se no mar onde se lança.

E a vida é a propria sombra; meia idade,
Somos nós que a seguimos e é—« esperança »,
Depois segue-nos ella e é—« saudade ».

FERNANDO CALDEIRA.

BOLOS

Se fossemos d'esta gente que se deita sobre os louros alcançados nas luctas, estaviamos a estas horas na paz resplandecente da gloria, dormiutes, calmos, tranquilllos, aspirando o cheiro quente do ultimo cartucho estoirado.

Podiamos exclamar o—*Veni, vidz. vince*—de Cesar, pois que aos bafordos que rejeitamos aos adversarios, não contestaram elles de modo nenhum, dando-nos consequentemente a certeza de que os deixáramos atterrados.

Não vimos barulhar farfalharías nem fanfarronar lóas e cantos de victorias faceis, pois que a mesnada com que arremettemos, intanguida e apavorada, recolheu as armas, cerrou as escarcellas —e foi-se!

Bem sabemos,—pelo conhecimento que temos dos collegas de imprensa—que se algum lhes perguntar porque razão se deixaram reduzir ao silencio, elles responderão que não foi por fraqueza nem por temor, mas pelo desprezo que lhes merecemos por estarmos acantoados em uma folha pequena, sem importancia social apparente. Ah! nós bem sabemos que é o desprezo a palavra de que se soccorrem os covardes e os medrosos, quando não podem entestar eom os adversarios. Não cabe aqui o fragil recurso, que nestas columnas sempre foi directo do ataque, e se os golpes foram por vezes agudos, tambem sempre o gladio foi brandido com lealdade e gentileza.

E' que os argumentos adduzidos quer no ataque, quer na defeza, tinham invariavelmente a força inquebrantavel da logica e da razão, da verdade e da justiça.

Mas, acocorem-se embora nas covoadas desdenhosas do silencio; emparedem-se no cubélo de columnas acastelladas, onde Romão José de Lima dirige os batalhões mascarados e proteje com

a sua propria nullidade os castellões irresponsaveis; escondam-se e calem-se sob a apparencia de tranquillidade despresadora, nós lá iremos desentoval-os e assedial-os, flanquendo-os com o nosso pampilho enrijado pela razão, e ferindo-os com o riso heroico de que tanto se temem os arlequins que envergam a casaca da circumspecção pesada e sorna por se não poderem apparelliar com arma de igual jaz.

Bem que lhes conhecemos nós os arremedilhos jogados ás escancaras na intimidade, e disfarçados em actos de melodrama quando se faz necessario vir a publico.

*
*
*

Tivemos primeiramente uma folha diaria que nos recebeu pela rectaguarda, como os garranos elucros ao sentirem no flanco a palmada carinhosa do criador. Este abandonou por instantes o retraco que esmoia e nitrio, affiante de sandiees e parvoçadas, contra quem lhe aconselhava um pouco de syntaxe para a modulação correcta dos nitridos, e tentava accomodal-o na baía do senso commum.

Veio depois o velho e abjecto escaravELHO dos apedidos, que se entoca em buraco escuso do *Pachiderme*, atirar-nos as maçans resultantes da ingestão e deglutição do bixo e que elle pacientemente embola e come.

Appareceu em seguida o bravo e aguerrido escudeiro de D. Quixote, armado com a cotta e o elmo do amo, com ares de fnura e longes de ironia satanica arremettendo de phrase em riste contra *A Semana*, trazendo para a justa o pretexto de que a inimiga tinha treze leitores e servindo-se do mesmo pretexto para abalar, quando sentio quebrar-se-lhe a ponta da arma de encontro ao pavez bem temperado que lh'a aparava, e vio que das feridas abertas lhe jorrava o sangue negro da maledicencia, da deslealdade e da velhiacaria.

Coube-nos tambem a vez do ataque. Bertholdinho fizera-se folhetinista theatral, e a sua ingenuidade e simplicza, tomára visos de insolencia e de impudencia quando a fatalidade da ignorancia lhe fizera escrever nas cacographias semanaes o titulo de duas bellas obras litterarias. Então não podémnos conter-nos e fizemos-lhe a barrella ao pello, demonstrando-lhe de modo cabal e definitivo que elle não sabia o que dizia, e entalando-o entre os bicos de um dilemma compromettedor mas justo.

E' esta, em traços rapidos, a historia d'esta secção, que se poderia com verdade jaetanciar de haver reduzido ao silencio trez contedores tagarellas e um imbecil; mas que o não faz porque sente não poder terminar ainda a missão que se impoz e na qual proseguirá com o mesmo desassombro e galhardia.

CHICO FÉRULA.

UM FALSO «IGNOTUS»

Devemos, como os nossos mais importantes collegas, declarar que não ha nada de commum entre o individuo que sob o pseudonymo *Ignotus*, está publicando umas biographias parlamentares, e o illustre escriptor a quem se deve o festejado livro *Sessenta annos de jornalismo* e que honra as columnas desta folha com a sua preciosa collaboração, sob o mesmo pseudonymo de *Ignotus*.

Ha longo tempo que elle illustra esse pseudonymo, firmando com elle trabalhos de critica, litteraria ou politica, de alta valia.

E', portanto, merecedor de uma vigorosa *ensinadella* o individuo que furto aquelle conhecidissimo pró-nome, para

com elle assignar os seus trabalhos. Se houvesse aqui leis repressivas destes abusos e garantidoras da propriedade litteraria, seria elle responsabilisado pelo seu acto pouco digno. Um pseudonymo, quando usado exclusiva e longamente por um escriptor, de fórma a tornar-se tão conhecido que represente a propria individualidade litteraria desse escriptor, torna-se propriedade delle. E como tal deve ser respeitado.

E' este o caso.

Além d'isso, o uso que faz o auctor dos *Sessenta annos de jornalismo* do pseudonymo *Ignotus* não tem por fim occultar o seu verdadeiro nome, disfarçar a sua responsabilidade e escapar-lhe. E' apenas uma questão de mal entendida modestia; mais nada.

E exactamente o facto de saber-se geralmente o nome real do proprietario do pseudonymo é que faz censuravel e torna prejudicial o uso d'elle por segundo ou mais escriptores.

Ignotus, o distincto collaborador da *Semana*,—é Joaquim Serra; todos o sabem.

Quem é, entretanto, *Ignotus* o auctor da *Galeria Parlamentar*?

Fôra conveniente sabel-o.

E' possivel que não tenha havido má fé n'esse abuso, que profligamos, mas deve cessar, porque traz confusões, nas quaes o nosso illustre collega só tem a perder.

PEDRO AMERICO

Acaba este notavel pintor—que é uma das maiores glorias da nossa patria desagradecida—de requerer e alcançar seis mezes de licença, sem vencimentos, do seu logar de lente de Esthetica e Archeologia na Academia das Bellas Artes e deve partir para a Europa muito brevemente.

A causa da sua proxima ausencia, que será infelizmente longa, é simplesmente esta:—não encontrar no seu paiz condições de vida sufficientes, que lhe proporcionem existencia condigna á sua posição e que lhe bastem para manter-se e á sua familia com a relativa abastança e o necessario conforto. Trabalhador denodado e indefesso, havendo trazido da Europa numerosos e bellissimos quadros, não conseguiu, entretanto, vender até hoje nenhum (*nenhum!*), nem mesmo á propria academia de que é um dos mais bellos ornamentos.

O distinctissimo artista, além de passar melhor de saúde na Europa, encontra lá o acolhimento e a importancia que lhe faltaram na sua patria, e além d'isso manutenção mais abundante e mais segura.

Eis as razões porque vac partir.

Do seu paiz leva apenas, além da magua intima de *não poder* viver n'elle, desejando-o ardentemente,—a grande dignitaria da Rosa.

Foi justa essa recompensa.

Mas o governo, antes de nomeal-o commendador da Rosa, devia ter-lhe comprado algumas telas, para habilitar o agraciado a poder pagar o enorme imposto da sua commenda e a adquirir a respectiva venera.

Não é de penduricalhos que vivem os artistas; convença-se disto o nosso governo, que de artes entende tanto como um boi de architectura.

A partida de Pedro Americo para o Estrangeiro, nestas condições, é uma vergonha immensa para a sua e nossa patria, vergonha que ella não percebe nem sente; honra lhe seja feita!

Vá o illustre pintor; e, chegado á Europa, naturalise-se cidadão de qualquer paiz.

Antes cochinchinez ou australiano do que brasileiro.

O Brazil é um paiz de botucudos de cartola e de bacalhoeiros em tamancos.

Possa o grande mestre da pintura moderna não envolver no esquecimento d'elles os nomes dos seus poucos mas sinceros admiradores.

Ignoramos ainda o dia da sua partida, mas aqui lhe deixamos já o nosso adeus sentidissimo com a demonstração dos mais elevados sentimentos de estima e de admiração.

ARTHUR BARREIROS (*)

(Continuação)

D'essa memoravel noite em diante ficamos intimos e raro era o dia em que não nos encontravamos.

O ponto era o café do Cruzeiro ou a porta do Deroche. Ahi passavamos horas esquecidas, em amena palestra, quando não iamos até uma livraria, onde Barreiros folheava todos os livros expostos em uma mesa, ao centro da loja.

Se por acaso se lhe deparava um livro de Alphonse Karr, embora o tivesse lido e relido, Barreiros tirava-o, sentava-se e lia de novo, com um prazer intenso, as paginas de que conservava mais viva lembrança.

Tinha uma adoração immensa, uma verdadeira idolatria pelo auctor das *Guêpes*.

Estavamos uma vez n'essa livraria; o Fontoura, passando, viu-nos, entrou, e convidou-me para ir jantiar com elles.

— Onde? perguntei, aterrado; no outro?

— Come-se admiravelmente! Não imaginas... A mesa é príncipesca, respondeu-me o Fontoura, fazendo umas visagens satanicas. Temos sempre bella caça... Aposto que ainda não comeste jacú, o faisão do Brazil? Pois vaes comer! Anda, vamos.

O Barreiros sorria enquanto o Fontoura procurava convencer-me de que os agnardava um banquete.

Fui. Em companhia de taes rapazes, a refeição mais modesta seria effectivamente um festim.

Serviram-nos em primeiro logar uma canja de pouco appetitos apparencia.

— Canja de jacú, disse-me o Fontoura. Esplendida! Come e verás.

A canja ainda eu consegui ingerir mas o jacú... foi-me impossivel metter-lhe o dente.

Vendo o esforço que eu fazia, o Barreiros ria e o Fontoura observava-me:

— E' um pouco duro, mas é muito gostoso. Isto deve comer-se *faisandé*, mas o nosso cosinheiro é uma besta, prepara os jacús no mesmo dia em que chegam...

A canja seguiu-se... jacú assado.

Não sei se elles comeram; eu é que só á sobrezeza consegui comer mais alguma coisa.

Não me arrependi, porém, de ter accedido ao convite do Fontoura. Passei uma hora deliciosa, a despeito da impenetrabilidade do jacú.

Depois do jantar, sahimos e o Barreiros veio-me dizendo pelas escadas:

— Isto que você viu hoje é o que nos dão todos os dias. Não sei onde esta gente descobre tanto gallo velho!

Em uma das cartas de Barreiros que adiante publico, ha uma engraçada exclamação allusiva ao episodio do jacú.

Não podia prolongar-se esta vida que Barreiros levava. Cumpria-lhe tomar uma resolução... heroica: arrepiar a carreira.

E foi o que elle fez.

Um dia encontrei-o, sobraçando um livro.

— Que livro é esse?

(*) Continuação do n. 13.

— Adivinhe, se é capaz.

— Algum classico?

— Qual classico! Um compendio de escripturação mercantil... Vou ser guarda-livros.

— Serio?

— Irrevogavelmente.

D'ahi a pouco tempo, o primoroso escriptor brasileiro Arthur Barreiros era admittido n'uma casa commercial como ajudante do escriptorio.

Não conheci Arthur Barreiros na profissão a que o forçaram as necessidades mais crueis; estou bem certo, porém, de que só um motivo grave e irremovivel o levaria a faltar ao escriptorio e de que no desempenho das suas funções punha todo o escripto de sua consciencia recta.

Poucos dias depois da sua honrada e firmissima resolução, voltei para a provincia, deixando-o a estudar aferradamente os processos da escripturação mercantil.

Era com um pesar immenso que eu via aquelle esplendido talento applicar-se a semelhantes estudos, mas nunca tentei demovel-o do seu proposito, porque quaesquer argumentos que eu empregasse fallar-me-hiam infallivelmente.

Barreiros seria utilissimo a qualquer jornal, mas se eu lhe dissesse:—Procure um lugar na imprensa, elle responder-me-hia, com um sorriso amargo a resumbrar desanimo:—Ah, meu caro tu não sabes o que é o jornalismo fluminense!... E contar-me-hia uma série de casos, que me dariam a conhecer o machinismo dos *grandes órgãos*, se eu não o conhecesse já...

Ferreira de Menezes soffreu profundos desgostos na imprensa, resolvendo, por fim, quando já poucos mezes lhe restavam de vida, montar jornal proprio para escrever livremente, sem as péas dos interesses e das conveniencias.

Arthur de Oliveira, um genio, desequilibrado é certo, mas um verdadeiro genio, não encontrou quem procurasse *explorá-lo*, confiando-lhe uma secção obrigatoria, um folhetim em dias determinados; não houve nunca quem se lembrasse de tornar productivo um dos talentos mais extraordinarios que o Brazil tem possuido!

Ouviam-n'o, boquiabertos, quando elle soltava aquellas catadupas de eloquencia e de erudicção, e, mal elle voltava as costas, exclamavam com fingido pesar:

— E' pena que este rapaz seja um doido!

Sublime doido!

Arthur Azevedo daria um chronista de primeira ordem: possui para isso todos os requisitos. Pois ha quem pague a uns sujeitos para deslombarem semanalmente miseros leitores ou propinaculhos irresistiveis narcoticos e ninguem se lembra de convidar Arthur Azevedo a fazer chronicas e folhetins ou mesmo a crear uma secção diaria, que elle sustentaria brilhantemente, fallando-nos hoje de letras, amanhã de artes, contando-nos depois uma anecdota ou episodio interessante, entrando mesmo, de vez em quando, pela politica, que offerece larga margem a um escriptor humoristico!...

Arthur Azevedo, que, como todos sabem, escreve com uma facilidade immensa e tem uma *verve* inextinguivel, nunca appareceu nos *grandes órgãos*: não passa de collaborador de folhas caricatas e de periodicos litterarios... que não podem pagar.

E', no Rio, a sorte da maioria dos bons talentos. Os felizes são... os outros.

Tudo, pois, seria baldado para dissuadir Arthur Barreiros: guarda-livros, não soffreria privações; escriptor, ver-se-hia na *dura* necessidade de deglutir o jacú, o formidando jacú, como elle diz

no seguinte trecho de uma das suas preciosas cartas:

« Eu nasci para esta coisa de ter mulher, um filho ou filha, casa, almoço e jantar a hora certa. Acabou-se o formidando *jacu* e decifrei o terrível enigma: saber em que cama hei de dormir. »

(Continúa)

GASPAR DA SILVA.

POLITICA MODERNA

RESPOSTA AOS CRITICOS DAS CARTAS SERTANEJAS

I

Com a publicação de umas cartas no *Diário Mercantil*, folha dirigida pelo meu illustre amigo Gaspar da Silva, o Sr. Julio Ribeiro, attrahio sobre si os odios e antipathias do incoherente partido republicano de S. Paulo.

Inhabeis, longe de comprehendere qual a tendencia do espirito scientifico moderno, as leis que presidem o conjunto organico das sociedades, os republicanos paulistas, acularam contra o notavel philologo os seus despeitos e as suas coleras.

Este facto não me admira.

Aqui mesmo, entre homens de lettras e homens de inquestionavel merito intellectual, muitas vezes ouvi criticas a respeito das opiniões apresentadas pelo Sr. Julio Ribeiro, que só serviram para proporcionar-me occasião de inferir do gráo de capacidade scientifica de cada um dos impugnadores destas mesmas idéas, cuja circulação augmenta de dia em dia consolidando as crenças e invadindo os arsenaes metaphysicos para d'ali arrancar os instrumentos uteis, abandonando aquelles que nenhum auxilio nos tem prestado no estabelecimento das leis que agem sobre o homem e o universo.

Inteiraente de accordo com o illustre philologo brasileiro, entendi do meu dever apresentar publicamente os motivos que me impuzeram uma adhesão franca, ainda mesmo sabendo que o espirito critico e philosophico que preside a elaboração das opiniões entre nós, seja inteiramente infenso á essas theorias e isto pela razão de que ellas são muito pouco conhecidas em geral.

Dadas portanto estas explicações necessarias, entro sem mais precambulos na materia.

A politica é uma sciencia especialisada da sociologia, procura as modificações na menor resistencia dos movimentos sociaes pela coordenação dos factores estaticos, ou de conservação, com os dynamicos ou de progresso, segundo a oportunidade ou relação, com as tendencias indicadas pela opinião publica.

E' a capacidade desta difficil ponderação que distingue o tino politico.

Isto se encontra no volume de sociologia do Sr. Theophilo Braga, que poucos leram.

O estudo da sociologia, sciencia abstracta, que se fracciona em diversas sciencias particulares, como o direito, a economia politica, a theoria mental ou psychologia, a logica, a moral e a esthetica, é de uma grande difficuldade.

A previsão é tudo em sociologia, e prever é achar no meio da indisciplina e incoherencia das opiniões e das pessoas, um fundo geral de verdade que seja o ponto de partida para o desenvolvimento gradual das sociedades.

Isto só se consegue por meio do methodo e só elle nos pôde fornecer vastos elementos para a constituição definitiva da politica.

O methodo, em sociologia, consiste em abranger a maior somma de phenomenos sociaes.

Para o estudo d'esta sciencia são indispensaveis todos os processos methodologicos das sciencias fundamentaes, que variam segundo a sua applicação.

Para uma clara comprehensão d'este estudo, procedamos por partes.

A mathematica, que estuda a existencia mais simples, como sejam, os phenomenos de numero, de extensão e de movimento, occupa o primeiro gráo da serie encyclopedica das sciencias abstractas.

A mathematica, pois, não depende de modo algum de nenhuma investigação abstracta por mais simples e generica que ella seja. Aborda, como diz o Dr. Robinet, directamente o dominio real.

O estudo das leis do numero, da extensão e do movimento, arithmetica, geometria e mecanica, e o ponto de partida para mais vastas investigações e constitue o fundo organico da systematisação positiva, que abrange todas as relações reaes, tanto subjectivas como objectivas.

Tudo que excede a esta triplice apreciação logica, deixa de pertencer ao dominio scientifico para perder-se em inúteis generalisações, onde não pôde chegar a observação, onde o raciocinio se desorienta, creando dogmas aprioristicos, repudiando os factos para construir hypothesees mais ou menos engenhosas, mas sem nenhum valor positivo.

O processo proprio ás mathematicas é a deducção.

A observação, do mesmo modo que a indução, representam um papel secundario no estudo fundamental das leis que presidem os phenomenos de numero, de extensão e de movimento.

A lei d'esta classificação é, segundo Augusto Comte, objectiva. Estudando os phenomenos, ora, decrescendo em uma vasta generalidade, ora, ascendendo em uma lenta complexidade, localisa a mathematica, como a sciencia a mais simples, no termo fundamental da serie.

E ao mesmo tempo que ella fixa o dominio mathematico, fórma uma coordenação interior, segundo o estudo do calculo e da mecanica, que é o ponto de separação do dominio mathematico do dominio propriamente physico.

A sciencia que segue immediatamente a mathematica é a astronomia que nos dá a theoria do duplo movimento da Terra e da gravitação planetaria.

Mais simples do que todas as outras sciencias que constituem a hierarchia, a astronomia é em todo caso uma sciencia menos geral que a mathematica e por isso mesmo mais dependente.

Ella é, como diz Comte, a applicação mathematica ao estudo dos astros, em cujo campo só pôdem entrar as apreciações que decorrem directamente do numero, da extensão e do movimento.

« Entretanto, no ponto de vista logico, além de que ella aborda mais directamente o estudo da ordem material, a astronomia dá mais desenvolvimento e importancia á meditação inductiva (inducção) que era apenas sensível na mathematica, onde a deducção é quasi exclusivamente empregada. » (Robinet).

Da astronomia passamos ao dominio da physica.

Esta sciencia prende-se áquella pelo estudo do peso ou gravitação terrestre, que não é, em ultima analyse, senão uma resultante da gravitação planetaria. Como se vê, procedendo-se sempre o estudo das sciencias, segundo a complexidade crescente dos acontecimentos proprios e inherentes a cada ramo especial da sciencia geral, chega-se ao resultado de que o dominio da physica sendo muito mais restricto que o da astronomia e o da mathematica, é por esta mesma razão mais complexo e menos independente.

Em vez de tomar a gravitação na sua feição mais simples, ella procura conhecer os efeitos do peso no nosso pla-

neta, e investiga as leis do calor, da electricidade, da luz, do magnetismo, etc., etc.

A indução que na astronomia trepida ainda nas suas primeiras tentativas de elevação, em physica toma proporções consideraveis, desenvolve-se e recebe uma plena confirmação.

Ella crea, por meio dos instrumentos deductivos, um novo processo, um novo auxilio para investigações de outra ordem e que deram á sciencia dominio mais vasto.

Se, pelo estudo da astronomia e da physica, ou melhor, pela variedade das transmissões dos movimentos conhecidos a unidade das forcas, em chimica descobre-se a unidade dos equivalentes pela variedade das allinidades. A mesma cousa dá-se em biologia e sociologia: em uma, pela sua vastissima complexidade morphologica, o espirito attinge sorpresos a unidade protoplasmica; na outra, atravez do conjuncto das aptidões ao diferenciadas, das multiplas forcas collectivas em acção, das correntes de idéas e sentimentos descontraídos, que circulam continuamente de povo a povo, de nação a nação, a nova theoria scientifica deduziu claramente d'esta descoor-denação de factos o principio de unidade em todas as manifestações da actividade social, entreendo a solidariedade humana, pela convergencia dos estorcos collectivos e o accordo futuro entre as noções subjectivas e objectivas.

Mas continemos, sem divagações.

Diz o Dr. Robinet: « A chimica, e verdade, não aecrescenta ao apparelho logico senão um processo muito secundario, a nomenclatura; porém a sua importancia scientifica é muito consideravel, pois que ella permite conceber a economia fundamental da natureza constatando entre todos os seres reaes, vivos ou inertes, organicos ou inorganicos, a identidade final de composição material. »

Não se discute aqui a questão da unidade da materia, mas sim, que todos os compostos organicos são reductiveis aos mais simples corpos disseminados nos compostos inorganicos, como: o phosphoro, o hydrogeneo, o oxygenio, o carbono, o bromo, o chloro, o enxofre, o iodo, etc.

E' expontanea a maneira porque a chimica se apresenta na hierarchia.

Ella é um simples complemento da physica, á qual se liga pelos phenomenos electros-chimicos e como ella investiga e estuda os phenomenos propriamente organicos, prende-se á biologia, que por sua vez não é outra cousa senão um prolongamento da chimica (chimica biologica).

A chimica é, como se comprehende facilmente, muito mais limitada, muito menos geral que a physica, isto é, o gráo de generalidade de uma é inferior ao da outra.

Se as propriedades physicas se apresentam ou se manifestam em todas as substancias, as propriedades chimicas, pelo contrario, exercem-se de uma maneira muito menos geral, e em cada corpo as suas manifestações são limitadas.

Finalmente, os phenomenos physicos apparecem sem a cooperação de nenhum effeito chimico, ao passo que nem um só effeito chimico tem logar sem a co-existencia de certos phenomenos physicos.

Ora, pelo que acabamos de ver, é facil de se concluir da intima conexão que ha entre a chimica e a physica; e como esta ultima sciencia está irrevogavelmente subordinada a todos os outros phenomenos, quer de natureza astronomica, quer de natureza mathematica, porque, segundo vimos, a physica prende-se á astronomia pela gravitação terrestre, que não é senão em uma especialisação da gravitação planetaria, e a

astronomia á mathematica pela meca-
nica, é claro que a chimica está indire-
tamente subordinada aos phenomenos
de gravitação, de numero de extensão e
de movimento, como aos phenomenos
de luz, de calor, de electricidade.

(Continúa)

LUIZ MURAT

ILLUMINURAS

SENSITIVA

Sonhou que n'um vaso de fina porce-
lana côr de perola, erguido entre duas
conchas delicadas, nascêra uma flôr, a
que ninguem sabia dar o nome; flôr que,
se tinha umas petalas brilhantes como o
fogo, tinha outras da baça tristeza do
marfim, ardente e suave, flôr da India e
da Europa, de sob a serra e da beira
mar.

Nenhum botanico lhe distinguira a
especie antes d'elle chegar.

Logo que a viu, disse: chama-se Amor,
e o vaso em que vive, se o conheço! é
o coração de Alice!

Riram-se. Uma mulher bonita que alli
estava, quiz cortar a haste, mas as con-
chas fecharam-se e a flôr retrahiu-se,
sendo certo, porém, que lá ficou.

— E' assim, é; disse elle ao accordar;
se eu consentisse em que alguém tocasse
no amor que ella me tem, a pobresinha
choraria, mas havia de esconder de mim
seu coração.

JULIA LOPES.

Crédo da Republica Franceza

« Creio no povo, soberano todo pode-
roso, creador das bellezas da arte e da
industria;

E na Republica, sua unica filha, que
foi concebida por graça do Suffragio
Universal.

Nasceu da Liberdade, sempre virgem,
algumas vezes violada.

Soffreu sob todos os reis.

Foi crucificada por Bonaparte.

Morreu em uma convulsão.

Foi sepultada na lama.

Baixou a Cayenna, a Lambessa; foi
aos pontões e ás prisões.

Resuscitou vinte annos depois.

Subiu á Cadeira da Presidencia.

Está á direita de Thiers, seu filho
todo poderoso;

D'onde descerá para julgar os ruraes
e os clericas, e os Judas Iscariote.

Creio na União Republicana, na Com-
munião dos povos, na Fraternidade uni-
versal, na Abolição de todos os abusos,
na resurreição da Justiça, na vida
eterna da Liberdade.

Amen. »

Partiu hontem para a Bahia, com des-
tino a Pariz, onde se vae demorar tres
annos—o talentoso e joven pintor Lopes
Rodrigues. Na capital do mundo artis-
tico e litterario vae esse esperançoso ar-
tista aperfeiçoar os seus notaveis dotes
e completar a sua educação no estudo
dos grandes mestres.

Desejamos-lhe boa viagem e todas as
felicidades que merece.

A. TAPÉRA

(AO GRANDE POETA LUIZ DELFINO)

Les temps sont accomplis: les choses se sont tues,
LECOMTE DE LISLE.

A meio valle escuro, á beira do caminho,
Está silenciosa a velha casa em ruina...
Deshabitado lar, abandonado ninho,
O horror da solidão phantastica a domina.

O horror da solidão, porque? tambem na matta,
Na virgem, secular, inhospita floresta.
Ha uma calma grande, em que a alma se dilata;
E, ao invéz do terror, que portentosa festa!

Mais funda é a solidão na agreste cumiada
Onde não pisou nunca o bipede tyranno;
Mas lá quanta alegria aberta e illuminada!
— O cunho do terror vem do vestigio humano.

Vê-se um velho postigo escancarado ao poente...
O tóso parapetto apodreceu... e vê-se
Que alli chorou, talvez, de saudades do ausente
Uma noiva fiel, que de esperar morresse...

A bella porta, franca outr'ora, está fechada...
E' ninho de reptis a trepadeira amiga,
Que convidava a entrar na placida morada,
Que já ninguem procura e a ninguem mais abriga!

Pobre, inutil ruina! Olhemos de mais perto,
Pelo tecto, que abriu dos temporaes o açoite...
Brotam hervas do solo esquecido e deserto...
E era este o coração da casa, ao lar, á noite!

Aqui se reunia, em pacifico bando,
A familia, a sonhar os dias do futuro,
Emquanto, fóra, o vento andava praguejando
E a noite ia seguindo o seu caminho escuro.

Alli, para o nascente, havia um aposento
Pequeno e recatado... ai! alli, porventura,
Morava a sinhá-moça, o riso, o encantamento
Da rustica vivenda, a doce creatura!

No vão d'essa janella aberta para a estrada,
Quanta scena de affecto ainda se imagina!...
Um cavalleiro ao longe a sumir-se, e, inclinada
A' janella, a chorosa e pallida menina...

Descónjunctado, já cahindo-lhe os pedaços,
Vê-se um velho oratorio... e, coberto de poeira,
Um Christo mutilado abre os divinos braços...
Quanta fe o beijou na angustia derradeira!

Cá fóra, indifferente, ingratamente alheio,
Passa o vento da matta, o alado vagabundo.
Sem um beijo, sequer, ao esqueleto feio
Da ruina sem dono, esquecida no mundo!

Sómente á noite agora, ao ter da lua triste
A compassiva luz phantastica e serena.
Reanima-se a tapéra e resuscita e existe
De um sombrio existir que mette medo e pena.

*

Existe uma alma assim... Outr'ora foi ruidosa,
Clara, feliz, brilhante á luz da primavera...
Agora é nua e só, — sombra silenciosa,
Phantasma do que foi... a lugu're tapéra!

Minas, 6 de Março de 1885.

LUCIO DE MENDONÇA.

POESIA E POETAS

AMOR DE ARTISTA, é o titulo de um
poemeto em 90 paginas, cuja leitura
acabamos de fazer. Operou-o um traba-
lhador honesto e incansavel, intelligente
e modesto. Esta ultima qualificação com-
prova-a o pseudonymo com que elle tem
firmado não só a este, mas a outros tra-
balhos, se bem que de menos tomo e
valor; as restantes passam por incon-
testadas a quem de perto conhece Al-
fredo Ancora, e de alguma sorte pôdem
ser observadas aqui, no presente vo-
lume.

Não é este um livro em que se desen-
volve e discute uma nova theoria litte-
raria, amartellada de philosophia e aberta
em ondas retumbantes de adjectivos e

de muita farfalha. Tão pouco bota-se
elle aos grandes assumptos gravitados
das idéas do seculo, dos alaridos da Li-
berdade e do Direito, eíngidos da far-
rusca lendaria, por serem mais tremen-
dos, assim em sua missão, como dentro
do verso.

Não, seu fito não é o das aguias e
condores audiculas, inuteis hoje á força
do muito sol a que os atiravam continua-
mente os poetas.

Como as estrophes lyricas do Sir Ha-
sirim, do « Intermezzo » e do apaixonado
amante de Branca de Castella, é o amor
o seu alvo: falla e canta de amor, como
a ave da *Menina e Moça*, que se cahiu
morta sobre a agua, no bello dizer de
Bernardim Ribeiro.

Não ha aqui lugar para detido estudo

d'este poema; encolhemo-nos em o nosso desejo de citar os passos que mais nos agradaram, e os que cuidamos somenos. Diremos, emtanto, do cuidado e labor da forma do poeta do *Amor de artista*. No tocante a essa parte desde já lhe assignalamos o nosso parabem e louvor.

E' geralmente bem escandido o seu verso; o poeta sabe quasi sempre animal-o d'essa scintilha, que, por não dizermos que é a do marmore polido,—o que pareceria paradoxal,—fique que é a da belleza extrema e estreme de qualquer macula.

A metrificadores, porém, como Alfredo Ancora, julgamos se não deve encobrir um ou outro descuido que se nota da leitura de sua obra. Elle nos desculpará no apontarmos os que temos por mais graves, e na medida de seu modo de ver e julgar de si mesmo, assim verá que é sua ou nossa a razão.

A' pagina 7 :

«Do Amphytrião da festa a um signal»

E' um verso máo, frouxo e tropego.

A' pagina 10, este de confragosa pronuncia :

«Que de tudo nos dar capaz tu 's.»

A' mesma pagina 10 :

«A sociedade, emtanto, ha um momento.»

E' frouxo, e igualmente este á pagina 39 :

«Por saber que te e isso agradável.»

A' pagina 36 :

«Alguem murmura...sei-o !»

Parece um «calemburgo.»

A' pagina 50 :

«Por isso foi assentar-se

A' sós naquelle lugar,

E á reflexão entregar-se,

P'ra o seu gelo dominar.»

Não nos festejamos bem o ouvido estas rimas a um tempo em *ar-se* e em *or*. Deve evital-as sempre o artista escrupuloso.

Paramos aqui. Os outros descuidos, que os ha, são de menos vulto e passam despercebidos.

D. RUY

Sob o titulo *Politica moderna*, enceta hoje o nosso collega Luiz Murat uma serie de artigos em resposta aos criticos das ruidosas *Cartas sertanejas*. Depois de provar que pela filiação scientifica, estabelecida por Augusto Comte na sua classificação das sciencias, até hoje inequalada, é a politica uma das sciencias mais remontadas e complexas e o mais importante departamento da sociologia, demonstrará o nosso collega que tinha razão Julio Ribeiro exigindo dos nossos politicos, como de todos aliás deve ser exigido, o conhecimento do logar que occupa a grande sciencia na cadeia logica e ininterrompida dos conhecimentos humanos, e dos principios fundamentaes de cada uma das sciencias de que ella depende na successão racional em que se encadeiam todas, completando-se, em progressão ascendente.

E, concomitantemente, deixará provada a absoluta falta de preparação scientifica dos nossos homens de Estado e quanto são empiricas e falsas as bases da sua politica.

Chamamos a attenção dos leitores para estes importantes artigos.

THEATROS

OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT

Jules Verne e D'Ennery, um no romance, outro no drama, são dois imaginosos e dous enredadores. Imagine-se agora estes dois sujeitos colligados—o segundo tirando uma peça dramatica de um livro do primeiro, e poder-se-ha

calcular o que é—*Os Filhos do Capitão Grant*, drama representado no dia 4 pela companhia da actriz Apollonia, no theatro Lucinda.

Esta peça, porém, quasi não tem enredo. Ha uma traição feita pela tripulação do *Britaria* ao seu capitão Harry Grant, de que resulta ser este com um filho e um tripolante bebedo abandonado na illha Balke, lá para as alturas do polo sul. D'ahi por diante o interesse da peça consiste nas viagens de lord Glenarvam e outras pessoas, entre as quaes o sabio francez Paganel e os dois outros filhos de Grant; viagens que tem por fim a descoberta do logar onde está o capitão abandonado.

D'aqui uma serie de quadros interessantes, avultando um da cordilheira dos Andes, onde ha um terremoto que subverte rapidamente os viajantes, sendo por essa occasião arrebatado por uma aguia monstruosa Roberto, o filho mais novo do capitão Grant. Quando se vê a ave possante com o menino nas garras, voando a grande altura, apparece no alto da montanha um indio patagão que desfecha um tiro na aguia, salvando assim a criança.

O quadro final, que representa o inverno na illha Balke, onde o gelo forma montanhas, subindo e descendo em stalagmites e stalactites, e onde a neve cae constantemente, é tambem de um bello effeito.

Toda a peça é atravessada por episodios comicos, ás vezes um pouco carregados de mais, mas sempre curiosos e hilariantes.

Parece-nos que o successo do desempenho coube d'esta vez ao actor Corrêa, que interpretou com muita felicidade o typo esquipatico do sabio Paganel, tão distraído quanto myope.

Simões teve muito boas scenas na parte do capitão Grant, que elle representou com muito sentimento e naturalidade.

Galvão tambem deu um optimo typo no papel de Burke, caracterisando-se muito bem no ultimo acto e fazendo satisfactoriamente a transição de character, junto do corpo inerte de James Grant. O que mais e sempre prejudica este artista é a sua detestavel maneira de emittir as palavras, tornando-se muitas vezes incomprehensivel o que elle diz e irritando o espectador, mordido pela curiosidade da peça.

Moniz teve pouco que fazer no papel de lord Glenarvam, e a sua voz, que se presta muito aos papeis comicos, torna-se ingrata nos serios; todavia não ha nada a dizer-se-lhe quanto ao desempenho.

Apollonia, que só tem trabalho serio no ultimo acto, sustentou muito bem o papel de James, chegando a ser notaveis algumas scenas, que impressionaram vivamente a plateia, fazendo rebentar as lagrimas de muito marmanjo de bigodes. O actor Braga não comprometteu o papel de Bob, vestindo-se de mulher com muita felicidade e aproveitando regularmente algumas situações.

Estreou nesta peça a Sra. Annita, encarregando-se do papel de Roberto, em que revelou bastante habilidade para a scena, vencendo as *naturaes emoções de uma estrêa*.

Ferreira, Eugenia, Adelaide Pereira e Mello, auxiliaram quanto puderam os seus collegas.

E' de esperar que *Os Filhos do Capitão Grant* occupem longo tempo a scena do Lucinda, dando boas recitas á empreza, que as merece pelos seus esforços em bem servir o gosto do publico.

No Sant'Anna a *Cocota*, de A. Azevedo e M. Sampaio, continúa a attrahir grande concorrência. No dia 7 foi a recita dos auctores, com uma casa esplendida.

A *Denise*, de Dumas Filho, que devia subir hontem á scena do Recreio Dramatico, foi transferida para a proxima semana. Já o esperavamos.

E nada mais por enquanto.

TRATOS Á BOLA

D'esta vez recebemos 15 cartas contendo decifrações relativas aos *tratos* ultimos. São apenas dignas de nota as que vieram firmadas pelos seguintes charadistas : — D. Lucia Castagnino, D. Joséphina B., J. da C. e S., Fricinal Vassico, Grupo do Tic Tur e D. Silveira.

O primeiro premio pertence a D. Lucia Castagnino e o segundo a D. Silveira. Triumphou o bello sexo, como sempre. Não façam portanto, ceremonias as gentis vencedoras; podem mandar buscar os seus premios e aceitem, por ser a primeira vez que nos honram com a sua visita e tão brilhantemente, os comprimentos de D. Pistel.

Eis as decifrações : da calimburesca — *Canto chão* ; da proverbial—*De medico e louco todos tem um pouco*; da antiga—*Calvario* ; do enigma 11; das telegraphicas—*Macaco* e *Magote* e da em quadro :

Rabo
Amar
Baba
Orar

O Sr. Fricinal Vassico (o homem do cartão cortado) e outros erraram nas telegraphicas. Não se amofinem por isso. Não temos culpa de que as malditas telegraphicas se prestem a duas decifrações. Em todo caso recebiam, já que não é possivel o premio, um terno beijo, que lhes envia nas conhecidas azas da briza este seu humilde creado.

Para hoje temos os seguintes *tratos* :

LOGOGRIFHO

Este *escritor* hodierno—6, 2, 5, 4
Em tudo mette o nariz ;
Nenhuma verdade diz—1, 5, 4, 2, 3
Como *critico* moderno.

Querem conceito ? Não posso !
Mais do que isto accrescentar :
— E' bom p'ra o meu paladar ;
— Será, tambem, para o vosso ?

ENYMA

	U		
	I		
	R	L	
	I	2	
	G	S	E
	I	I	2
A	N	V	F
3	1	1	1
	D		
	I		

Formar com as letras que estão n'estes quadrinhos, empregadas tantas vezes quantas os algarismos designam, o nome de um distincto litterato brasileiro.

TELEGRAPHICA

1—1—1—Amola por um oculo.

ANTIGA

Duas no vestido,
Uma no navio,
Outra no deserto.
E se diz de um rio.

1—2—2—Tem sangue, tem fogo, tem agua e tem ar.

EM QUADRO

Sou da planta, e vivo bem ;
Sou, por Deus ! do coração ;
Sou zombaria tambem
E verbo hei de ser, pois não !

PREMIOS

Ao primeiro decifrador um exemplar do « Cesar que mata e Pedro que mente », de Victor Hugo, edição esplendida. Ao segundo—um tango d'A *Semana*.

D. Pastel agradece aos Srs. M. R. Rosado, N. V., Julio Cesar de Magalhães, Frei Antonio, Philomeno, Alvaro d'Oliveira, A. M. e D. Confeito as charadas e outras cousas difficeis que lhe remetteram para os *tratos*.
Mille grazie e continuem.

Recebemos :

— « Noções elementares de Geographia do Brazil » pelo Dr. Joaquim José de Carvalho Filho, para uso dos alumnos do collegio Amorim Carvalho. Editor Serafim Alves.

— *Revista Illustrada*, n. 406. Muito bom.

— « Noites de insomnia, » poesias de Antonio Joaquim Vianna, estudante de medicina, natural de Sergipe.

CORREIO

SR. CLAUDIO SILVA.—Já alistamos o senhor no rol das *esperanças*. Que mais quer ?

O seu *Jesuita* ainda não está de todo bom. Enquanto não nos mandar *Jesuitas* bons, sem maleitas nem muletas, não terá o gostinho de ver o seu nome figurando em nossas columnas.

SR. MARIO.—O seu soneto não é mau. Mas não lhe perdoamos este verso :
Surgia do marmor bella e graciosa
Mande-nos cousa melhor. O Sr. tem dedo... e inspiração.

EXMA. SRA. D. MARIA DIAS (S. Paulo). A poesia de V. Ex.... como nos custa dizer-lh'o... a poesia de V. Ex.... é... Nada, o melhor é publicar as duas primeiras quadras dos seus *Desejos*.
Aqui vão ellas :

DEZEJOS

Eu quero ver o mundo cahir exausto, inerte,
No duro madrigar da insana natureza !...
Eu quero ver a morte erguer a mão potente
E atirar a humanidade á dura correnteza !

Eu quero ver a terra baquear em convulsões
Por entre o ribombar de um forte furacão...
Desejo ouvir os gritos, os fortes e vis lamentos
Daquelles, que, famintos, não tem sequer um pão!..

Que desejos tão exquisitos, minha senhora !

Abrenuntio!...

SR. CROMANCIO DE BRITO BASTOS.—A sua poesia—*A Descritiva*—não é publi-

cavel. Perdoe-nos esta franqueza. A *Semana* será sempre um baluarte contra o qual serão impotentes os criticos invejosos que queiram *autopsiar* os seus versos, como o senhor nos disse em sua carta; é verdade, mas sómente quando os seus trabalhos poeticos forem verdadeiramente bons. Ao contrario, *A Semana*, apesar de moça, será como o macaco velho, não metterá a mão na combuca. Portanto, mande-nos cousa boa. Ouvia ?

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Portuguez, Francez e Inglez
—Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

Dr. Henrique de Sá.—Espec.: Syphilis e molestias das crianças. Consultorio:— rua Primeiro de Março, 22; de 1 ás 3 horas da tarde. Residencia:— rua de S. Pedro, 294.

ERNESTO PINTO COELHO
SOLICITADOR
VILLA DE PADUA

GAZETA MUSICAL

Revista quinzenal de theatros, musicas e bellas-artes. Retratos das maiores notabilidades artisticas, biographias, artigos de critica, correspondencias de Paris, Londres, Berlim, Vienna, Milão, Leipzig, Hamburgo, Madrid e Rio de Janeiro, poesias, romances e sempre

24 PAGINAS DE MUSICA

4, 5, 6 e 7 peças de autores celebres, allemães, francezes e italianos

EDIÇÃO ESPECIAL PARA O BRAZIL
N 1

Publicado em 15 de Agosto de 1884

Assignatura mensal ou dous numeros..... 2\$ francos
Com exclusão do porte de Correio para as provincias.
Acha-se completo o primeiro trimestre, comprehendendo 6 numeros encadernados em um só volume, ornando um magnifico album, proprio para presente.

Preço 6\$000

REPRESENTANTES NESTE IMPERIO

H. LAEMMERT & C.

66 RUA DO OUVIDOR 66
LIVRARIA UNIVERSAL

EVANGELINA

POEMA

DE

H. LONGFELOW

TRADUÇÃO DE

AMERICO LOBO

Vende-se nas livrarias Faro & Nunes, Laemmert e Serafim Alves e no escriptorio desta folha, a

2\$000 o exemplar



HOTEL NOVO MUNDO

Serviço profuso e variadissimo
Vinhos de todas as marcas, de qualidade garantida
Encarrega-se de grandes jantares e banquetes

Serviço completo

PREÇOS MODICOS

13 Rua Primeiro de Março 13

PROPRIETARIO

JOÃO DIOGO SOARES DE BRITO

HOSPEDARIA FIEL

RUA DA ALFANDEGA N. 236 E TRAVESSA DE S. DOMINGOS N. 2

Os proprietarios deste vasto estabelecimento têm a honra de apresentar á concurrencia publica, bonitos quartos mobiliados, espaçosos e muito arejados, offerecendo toda a garantia de segurança, aonde os Srs. viajantes podem pernoitar livres de risco. Todos os compartimentos com linda vista tanto para a travessa como para a rua da Alfandega.

A casa está aberta toda a noite. Preços modicos.—Lima & Xavier.

BAZAR DA BARATEZA

Esta casa continúa a vender artigos de armarinho pelos preços mais razoaveis que é possivel

16—Rua 7 de Setembro—16

A SEMANA

CORTE:

Trimestre..... 28000
Semestre..... 48000
Anno..... 88000

Publica-se aos Sabbados

PROVINCIAS:

Semestre..... 48000
Anno..... 88000

DIRECTOR — VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO

Numero avulso 100 rs.

Não se restituem originaes, embora não publicados.

Numero atrazado 200 rs.

SUMMARIO

Expediente — Historia dos sete dias — De Portugal — Crime espantoso—Lux et umbra, soneto; João Ribeiro — Gazetilha litteraria — Politica e politicos; Ambrosio Severo—Bólos; Chico Férula— Questão litteraria—Arthur Barreiros; Gaspar da Silva — A Luiz Delfino, soneto; Raymundo Correa — Politica moderna; Luiz Murat — Diario Mercantil—Mattos, Malta ou Matta? romance—Theatros—Tratos á bola; D. Pastel—Recebemos — Consultas—Correio—Anuncios.

EXPEDIENTE

Rogamos aos Srs. assignantes de trimestre o obsequio de renovarem as suas assignaturas; e aos que se acham em atrazo o de satisfazerem seus debitos.

Os Srs. assignantes do 1.º trimestre, cuja assignatura terminou com o n. 13, e que não devolveram os ns. 14 e 15, que lhes enviámos, estão considerados assignantes do segundo trimestre corrente, conforme declarámos naquelles numeros.

Tambem recebemos assignaturas de Abril a Dezembro, ao preço de 68000, com direito á collecção desde o n. 1, e a um exemplar do romance MATTOS, MALTA OU MATTA.

A SEMANA

HISTORIA DOS SETE DIAS

Rio, 18 de Abril de 1885.

Sete dias gordos, interessantes, cheios, capazes de produzir indigestões de assumpto em chroniqueiros lamellicos.

E que variedade de acontecimentos! Tristes, alegres, vergonhosos, sympathicos, horriveis....Acontecimentos para todos os paladares, desde os que apenas se regalam com as finas comensinas savarinescas do noticiario elegante até aos que se delicias com o mal cheiroso peixe frito das mofinas, no *frège* dos *a pedidos*.

De tudo e para todos—foi a devisa da semana finda. Como ha muitos factos a historiar, voltaremos hoje ao methodo chronologico.

E' menos *chic*, mas muito mais comodo, claro e expedito.

SABBADO 11.—A publicação dos depoimentos feitos na policia pelo director e reporters da *Folha Nova* veio demonstrar o que ha de irregular e sobretudo de in-próffeuo nesse abuso de chamar jornalistas a juizo, para depor sobre factos de que tenham tratado nas suas folhas. O interrogatorio desses senhores nada accrescentou ao sabido, pois que, como aqui dissemos no numero passado, e foi largamente expellido pelo nosso director nas *Notas á margem*, jornalistas que se presem nao devem accrescentar uma sópalavra ao que houverem dito nos seus artigos. Elles *depoem* diariamente perante *juizo publico* sobre todos os factos occurrentes, e, não sendo subalternos ou dependentes das auctoridades policiaes, nada têm que lhes dizer sobre assumptos de interesse publico, já tratados na imprensa. Veio a proposito desta questão a ultima chronica parisiense de Mariano Pina para a *Gazeta de Noticias* sobre o *segredo professional*. Em caso quasi identico foram intimados os redactores de algumas folhas de Paris para depôr, mas recusaram-se *peremptoria*mente a fornecer qualquer informação a respeito; o que lhes valeu a cada um uma multa de cem francos, que foi geral e energicamente reprovada pela imprensa.

« O jornalista no seu jornal escreve o que a sua consciencia lhe indica; diz Mariano Pina. Do que elle viu e do que elle observou, conta o que mais póde interessar o seu publico, mas sempre na sua qualidade de informador, e nunca por um espirito de denuncia. Nas questões melindrosas lá está elle para responder pessoalmente, seja em que campo fór, pelas affirmações expostas. Mas para ir fazer a denuncia de detalhe a um tribunal, quando faltam testemunhas — para isso lá está a policia, que tem um logar marcado em todos os *meetings*, como tem um camarote em todos os theatros. »

Foi uma feliz coincidência esta dos dous casos — em Paris e no Rio. Que a lição aproveite e que não pegue a moda. — Em uma casa da rua dos Ourives encontrou-se, numa excavação grande quantidade de ossos, que pareciam humanos. Os *reporters* afitaram as orelhas e arregalaram os olhos, esperando grandes cousas d'aquelles ossos. Mas afinal não deram nada.

Reconheceu-se pertencerem todos a quadrupedes e gallinaceos, á excepção de um eraneo e de um humerus. Que pena! Lá se foi mais um drama... em expectativa.

DOMINGO, 12.—O Dr. João Saldanha da Gama, digno director da Bibliotheca Nacional participa á imprensa haver creado, annexo á bibliotheca—um musen de Historia do Brazil; cousa em que ha muito cogitava.

Deu logar á criação d'esse melhoramento, na verdade excellente e necessario, o haver reeebido o Dr. Saldanha da

Gama, offerecidas pela familia do saudoso patriota Evaristo Ferreira da Veiga, a mesa e o tinteiro com que elle escreveu de 1827 até 1835 a sua celebre *Aurora Fluminense*.

—Realisa-se em Petropolis, no palacio de Crystal, a 5.ª exposição horticola, zoologica e manufactureira. Ao que parece a tal exposição não foi lá *essas cousas*. Pelo menos a relação dos objectos e animaes expostos não *faz fi*, como se diz em gyria commercial.

Para mais informações remettemos o leitor aos *Bolos*, uma das nossas mais engraçadas secções. (Muito póde a modestia !)

SEGUNDA-FEIRA, 13. Grande numero de alumnos da Escola de Medicina, ao entrar em execução o novo e maisnado regulamento, que tanta opposição tem levantado, fez uma tremenda assuada, manifestando ao seu director pelo eloquente e vigoroso recurso do assovio, o desagrado que lhes havia causado o tal regulamento. Sentimos sinceramente que a estudiosa e digna rapaziada da Escola de Medicina, todos moços de boa educação e de reconhecida cordura, se tenha visto forçada ao emprego daquelle meio violeuto. Lastimamol-o, reconhecendo, sem comtudo approval-o, que do procedimento dos estudantes de medicina é principalmente responsavel o governo, que a nada quiz attender, approvando totalmente o regulamento — avantesma.

Fazemos votos para que se não repita a *saboiada* do dia 13.

Do grande acontecimento do dia — a sessão da camara dos deputados — nos occupamos especialmente na secção *Politica e Politicos*.

TERÇA-FEIRA, 14. Foi occupado pelas discussões desencontradas, e mais ou menos apaixonadas, dos acontecimentos parlamentares e pelo sentimento geral produzido pela enfermidade do Sr. presidente do conselho, hoje felizmente restabelecido. Tambem se occupou a attenção publica com o erime do Juiz de Fóra.

Veio este crime fazer *pendant* com o de Campinas, com o qual tem muitos pontos de coincidência: — ser um assassinio para roubar, ter sido escondido o cadaver, haver pairado sobre elle por muito tempo profundo mysterio, figurarem n'elle testemunhas importantes do sexo feminino, e, por ultimo, ter o assassinado de Juiz de Fóra um dos appellidos do assassino de Campinas: — Pinto.

O que se não explica nem se póde explicar de modo honroso para as auctoridades de Juiz de Fóra e que tã barbaro erime se tenha conservado no olvido e os seus actores na impunidade pelo espaço de cinco annos; sendo, entretanto, geralmente conhecido o crime e indigitados os criminosos. Outra cousa difficil de explicar-se: — haver o juiz de direito d'aquella comarca concedido *habeas-corpus* aos indiciados, pesando sobre elles

tão graves e numerosas presumpções de crime.

Que delcixo enorme e que triste fraqueza!

— Parte do nosso porto o vapor *Orion*, levando para a Russia, via Falmouth, um carregamento de 14.537 saccas de café.

E' o primeiro vapor que leva directamente café para a Russia. Boa viagem!

QUARTA-FEIRA. 15.—Acerca do abafado e curioso roubo do consulado portuguez dá o *Jornal do Commercio* a seguinte noticia:

« Sabemos que continúa na policia, debaixo de grande sigillo, o inquerito sobre o roubo ultimamente praticado no consulado portuguez. Fomos tambem informados que ha dias chegou a esta capital um funcionario portuguez que veio tratar d'esta questão. »

Quando se fará a luz sobre ella? Olhem que já não é fóra de tempo!

QUINTA-FEIRA. 16.—A Sra. Melanie Richard desiste do inquerito policial por ella requerido sobre o famosa colar de brilhantes. Afinal, tambem este escandalosinho não produziu o que d'elle se esperava. Muita parra e pouca uva. Ficamos todos ver navios e a Sra. Melanie a ver o colar... por um oculo. Que logro.

— Na madrugada d'este dia é encontrado morto, com o craneo esmigalhado, o Sr. Julio Candido da Silva, na rua da Candelaria n. 38. E' mais um crime horroroso, que nada fica devendo em hediondez aos de Campinas e Juiz de Fora. A reconhecida mania da imitação, que caracteriza o nosso povo, revela-se até no crime. E' sabido que entre nós um suicidio ou um assassinato nunca vem só. O crime da rua da Candelaria é uma imitação exacta do de Campinas, embora pouco habilmente executada. O assassino ou assassinos não são menos criminosos nem menos barbaros do que o do infeliz Victorino de Menezes; mas são innegavelmente muito menos astutos e intelligentes.

Hediondo plagiato! Horroroso espirito de imitação!

Occupamo-nos em artigo especial com este assumpto, que tanto traz emocionada e nervosa a nossa pacata e operosa população.

Não dirá por certo agora a curiosidade publica que não tem com que se occupar.

Um outro bello acontecimento, mas felizmente de genero muito mais agradável, foi a primeira representação da *Dionysia*, ultima peça de Dumas Filho.

Um primor!

Vide secção—*Theatros*.

E acabou-se a historia.... dos sete dias.

DE PORTUGAL

acabamos de receber algumas novidades litterarias, realmente preeiosas, não só pelos nomes de seus auctores, como por serem inteiramente desconhecidas aqui, sendo *A Semana* o primeiro jornal que tem a honra de publical-as, por haver sido elle o unico distinguido para esse fim.

Devemol-as á extrema amabilidade do Sr. Monteiro Ramalho, um dos mais jovens e distinctos litteratos portuguezes, já favoravelmente conhecido entre nós pelos seus trabalhos publicados na *Gazeta de Noticias*, de que é correspondente em Lisboa.

Temos em nosso poder e publicamos nos proximos numeros um excerpto do ultimo livro de Camillo Castello Branco —*Maria da Fonte*, ainda no prelo; um trecho do *Anti-Christo*, o famoso poema de Gomes Leal, em que ha tantos annos trabalha e cujo primeiro volume vae finalmente apparecer; algumas poesias do volume de *Tersos*, de Coelho de Carvalho, um joven e esperançoso poeta; e, finalmente, uma elegante pagina de prosa de Monteiro Ramalho, de inestimavel valor, são inteiramente inéditos e *A Semana*, publicando-os, brinda os seus leitores com verdadeiras joias litterarias.

No n. 17 publicaremos o excerpto da *Maria da Fonte*, no n. 18 o trecho do *Anti-Christo* e a nota de viagem de Monteiro Ramalho. E os outros trabalhos—posteriormente, conforme nos consentir o limitado espaço da folha.

Como se vê, *A Semana* torna-se de dia para dia mais digna, pelos seus esforços, da protecção e sympathia publicas que felizmente não lhe tem faltado.

CRIME ESPANTOSO

A população d'esta capital acaba de ter sciencia de um crime, digno de figurar, como os de Campinas e Juiz de Fora, nas *Causas Celebres*, de Fouquier. Sentimos profundissimo pesar, sempre que, na nossa qualidade de jornalistas, temos de relatar e commentar factos de tal natureza. Parece incrível que semelhante scena tenha como heroe um homem! Não queremos saber se este desgraçado é um enfermo ou uma fera; o que nos pune seriamente é que taes scenas se realizem entre nós.

Eis o facto: Naoute de 16 do corrente os rondantes da rua da Candelaria detiveram a corrida de um individuo que sahira do predio sito á mesma rua, sob n. 38. O individuo declarára que os procurava afim de lhes dizer que encontrára o seu companheiro de casa—morto. Este individuo declarou chamar-se Alberico Delasear de Souza Leite, e guiando os rondantes ao compartimento onde permanecia Julio Candido da Silva—o assassinado, perturbou-se visivelmente, a ponto de o chefe da patrulha, Nonato de Alvarenga, entrar, sózinho, alumiado por uma vela que lhe trouxeram. Ah, Alvarenga viu a cama que estava em frente á porta, toda revolvida, e tendo as cobertas completamente manchadas de sangue; um travesseiro que estava sobre esta apresentava-se, como as paredes e o mais, tambem ensanguentado; e umas calças de casimira e brim branco que pendiam de um eabide, achavam-se igualmente respingadas de sangue.

Alvarenga encontrou um homem de bruços, junto á janella sobre uma imensa poça de sangue semi-coalhado.

Desde a cama até á janella via-se um fio de sangue. Foram encontrados sobre a dita cama um martello, tendo fios de cabellos presos ao sangue, e um livro com as folhas ensanguentadas.

Sangue por toda a parte, denunciando ter havido alli uma luta horrivel.

Este compartimento parecia ter servido de palco a um medonho crime.

No chão fóra encontrado um braço de prensa, de ferro, muito pesado, do comprimento de 55 centímetros.

O cadaver vestia calça de casimira escura, collete do mesmo panno e de xa-

dre, ceroula de linho, camisa de morim e meias de algodão.

Tinha um pé calçado e outro descalço. Alberico foi detido por Alvarenga até que chegasse a auctoridade, afim de tomar conhecimento do occorrido.

Compareceu ás 3 horas da manhã, pouco mais ou menos, o Dr. Carijó, 3º delegado de policia. Pela manhã o Dr. Thomaz Coelho, que fez o exame medico-legal, ordenou que se removesse o cadaver para o Neeroterio.

Alberico, interrogado ante-hontem, difficilmente explicou os factos, comprmettendo-se em muitos pontos.

A inquirição feita a Alberico Delasear de Souza Leite foi em segredo de justiça. Nada poderemos dizer por ora.

1ª testemunha. — Domingos Cataldo, calabrez, de 18 annos, solteiro, engraxate e vendedor de jornaes; sendo inquirido disse que Alberico deira-lhe, como pagamento por lhe haver engraxado as botinas, uma calça, uma camisa e um chapéu velhos, acerca de um mez, e declarou nada saber relativamente á morte de Julio.

Antonio José Pereira, de 22 annos, portuguez, solteiro, carregador de caixas de comida, morador á rua da Alfandega n. 21, disse o seguinte:

Ha cerca de cinco mezes que conduzia comida para a casa de Julio Candido da Silva, pensionista mensal do hotel Cantão; que no dia 15 do corrente, das 3 1/2 para as 4 da tarde, levou, como de costume, o jantar e o collocou sobre uma mesa dentro do escriptorio; que não viu o assassinado, mas sim Alberico, não se recordando, porém, como elle se achava vestido.

Disse mais que sahindo, voltára pouco depois a buscar a louça, e, não a encontrando, batera tres vezes na porta do escriptorio, e como não obtivesse resposta, retirou-se; que só a chamado do delegado verificára estar a louça no eorredor, quando de ordinario ficava na sala; que sempre que voltava a buscar a louça encontrava a porta aberta.

Julio Candido da Silva era um rapaz muito valente e destemido; muito claro e corado, tinha o cabello louro escuro e um pequeno bigode ruivo, e não preto, como disseram as folhas de hontem.

Pessôas da familia de Alberico, mandaram dizer-lhe qua lhe offereciam advogado e lhe dispensariam toda a protecção se elle declarasse categoricamente tudo o que sabia; e no caso contrario não se importariam com elle.

Alberico respondeu simplesmente a quem lhe communicou isto:

— Pois não se importem. Eu já disse o que sabia.

O Dr. José Alves Pereira de Carvalho offereceu-se gratuitamente para advogado de Alberico.

LUX ET UMBRA

Sahiste e para sempre! e vi na escada Mollemente rolar os ondulosos Folhos do teu vestido róseo e a cada Ondear, senti uns fremitos nervosos.

Poderia correr todo este mundo, Ir-te buscar insano e desvairado, Porque bebe-me o sangue esse profundo Amor tão grande quanto desgraçado.

Poderia seguir-te na carreira E cahir como a sombra tenebrosa, Que se debruça aos pés d'umapalmeira,

Até que o sol acima e o dia em meio, A sombra pouco a pouco sequiosa Viesse confundir-se no teu seio.

João RIBETRO.

GAZETILHA LITTERARIA

Galpi, o modesto e distincto auctor das *Narrativas brasileiras* tem no prelo um romance original, de costumes brasileiros, sob o titulo «O Flor.»

A bella aceitação que mereceu do publico aquelle primeiro livro de *Galpi* faz augurar ao seu novo trabalho um completo successo. Aguardamos ansiosamente «O Flor.»

Acha-se quasi prompta a nova obra do Dr. Mello Moraes Filho, em 2 volumes: *Parnazo brasileiro*, desde 1527 até aos nossos dias. E' edictora a casa Garnier.

Edictada por essa mesma casa, vai ser publicada uma nova obra de Valentim Magalhães: «Vinte contos». Não de reis, está sabido. Infelizmente!

Será posto á venda na proxima semana o livro de versos de Alfredo de Souza, «Auroras».

Dentro de 10 a 12 dias virão a lume os «Quatro poemas» de Luiz Murat.

Americo Lobo, o distincto traductor da «Evangelina», o immortal poema de Longfellow, traducção que tão lisongeiro acolhimento tem tido, está traduzindo o «Iliawatha», poema do mesmo auctor.

POLITICA E POLITICOS

Esta semana foi fecunda, como quasi todas, em disparates e contradicções parlamentares.

O Sr. Moreira de Barros, inchado de aplesia escravagista, apresentou uma moção de desconfiança á politica do governo com a qual pretendeu desviar a discussão do projecto e derrubar o ministerio.

Conservadores e dissidentes colligaram-se para esse fim *patriotico*.

A principio queriam a discussão do projecto pela razão de que, não havendo numero legal de deputados, a derrota ministerial seria certa.

O gabinete protestou contra este attentado á dignidade do paiz, negou-se a submeter-se a uma tal incoherencia politica e por fim a oligarchia negreira lançou mão de uma nova tactica.

Estabeleceu que não haveria mais sessão enquanto não se reconhecessem os deputados ainda não reconhecidos.

Emfim, tudo têm feito os conservadores e liberaes dissidentes para derrubar um gabinete, unico a que francamente adherio a opinião nacional.

O Sr. Diogo de Vasconcellos chegou até a ter o descoco de lançar ás faces da opinião publica esta phrase, que por si só dá o valor moral das suas opiniões, e que ficará como um documento do antipatriotismo e da needade de S. Ex.

Foi esta a sua phrase a proposito da supposta derrota do ministerio de 5 de Junho.

— Póde morrer com gloria, comtanto que morra.

E provavelmente S. Ex. pavonear-se-ha por muitos dias com esse jacto retrorico, de requintada perversidade e de parvoeira não menos requintada.

Pavoneie-se com esse detrito que lhe ha de servir de muito para o futuro, quando os seus netos souberem que uma tão tropejada phrase foi lançada levemente contra o primeiro gabinete que trouxe uma idea ao seio do parlamento e teve a coragem precisa para franquear ao movimento espontaneo que avultou, cresceu e generalisou-se na opinião publica, ampla zona para se desenvolver livremente, para se consolidar, para se radicar.

Mais um facto politico de grande importancia:

O Sr. José Pompeu é aquelle mesmo senhor que, assignando o projecto de 15 de Julho, votou mais tarde contra a sua propria opinião.—como signatario do projecto,—a favor da moção Penido.

Este facto por si só basta para avaliarmos do civismo, da moralidade e da coherencia politica do Sr. José Pompeu.

Todos os jornaes estigmatizaram violentamente esta machorraie de S. Ex.; a opinião publica chamou-o de contradictorio, de cluifrim, de zoina; a sua impopularidade andou a zorros e apupada ás esquinas pela garullhada da garotagem e dos casquilhos. Emfim, disseram o diabo de S. Ex!

Entretanto, nós não o estigmatizamos, nem o chamamos de contradictorio.

Contradizer-se já é alguma coisa; já é um esforço mental; dous pensamentos que se comparam, uma contracção do espirito, uma comprehensão boa ou má, mas uma comprehensão; um indicio de intelligencia, etc., etc.

Mas o Sr. Pompeu não está n'este caso, o Sr. Pompeu é simplesmente—o Sr. Pompeu.

E acabou-se.

Quem se contradiz. — pensa; quem pensa — reage.

A intelligencia é uma acção e uma reacção continuas.

O Sr. Pompeu reagir? boas!

O Sr. Pompeu estagna-se; e nunca fez outra coisa senão estagnar-se.

Portanto, nós não o profigamos; nós o lamentamos.

Nunca os seus erros poderão causar um desforço da opinião publica, mas sim a compaixão d'esta mesma opinião, e mais nada.

Só o que lastimamos e que sejam como elle quasi todos os defensores dos direitos d'este povo, a maioria do parlamento brasileiro.

Vergonhosa politica! desgraçado paiz!

Mas a opposição não conseguiu os seus fins.

O requerimento de encerramento da discussão da moção-Moreirinha, apresentado pelo Sr. Felício dos Santos, sujeito á votação—obteve 50 votos a favor e 50 votos contra. Caliu, portanto. Desilludida, mais uma vez, a opposição resolveu mudar de tactica, e por meio do Sr. Andrade Figueira fez saber que só concorreria d'ora avante para os trabalhos parlamentares depois de reconhecidos todos os deputados. Falta reconhecer um sexto d'elles (sem calimburgo!), e, portanto, só depois d'isso se tratará de discutir o projecto.

Mais uma treguasinha, a qual é bastante necessaria para que o Sr. presidente do conselho se restabeleça completamente do grave incommodo de saúde que o acommetteu no proprio dia 13, pouco depois da votação.

Não ha remedio, portanto e por enquanto, senão aguardar os acontecimentos, guardando a pena.

AMBROSIO SEVERO.

BOLOS

Isto da gente publicar jornal uma vez por semana, é o diabo! As vezes, na se-

gunda-feira apparece um assumpto de *primo cartelo*, assumpto que dá para meia duzia de bolos bem puxados, d'aquelles de pé atraz: cala-se o *boleiro* muito caladinho para ver se ninguem acha o achado ate sexta-feira, e quando chega á quinta vê-o todo aproveitadinho por um collega diario, e não ha senão recolher-se um homem ao seio amigo da resignação, cluuchar no dedo, e procurar outra *mão* para as palmatoadas que nos propozemos a applicar todos os sabbados nas instituições ou nas pessoas.

Pois foi o que me aconteceu ainda esta semana com relação ás noticias da exposição de horticultura, realisada em Petropolis, noticias que o patife de Lulu Senior explorou nas *balas de estalo* de quinta-feira, engulindo os coelhos e os retratos a oleo, os pombos, a *viveca* e as gallinhas que ponde apanhar—deixando-me unicamente os tristes queijos do Sr. Blisson, a *Madona Della Sedia* e a goiabada.

Realmente parece incrível que os *habitues* de Petropolis, pessoas que se dão ares de illustradas, organisem uma exposição de horticultura e n'ella exponham quadros, queijos, aves e quadrupedes.

Ao menos, nós propomos que se lhe mude o titulo: deve passar a chamar-se: *Exposição de horticultura e artes co-relativas*.

Sim, porque as culturas dos coelhos, das gallinhas, dos queijos e dos quadros a oleo, não podem deixar de ser artes co-relativas.

Salvo se Petropolis já conseguiu descobrir a raiz do queijo, e se alcançou colher gallinhas—plantando ovos. O que ha de ser difficil de explicar é a plantação dos retratos e dos coelhos.

Pegarão elles de gallo ou de estaca? Plantam-se com a raiz, ou obtêm-se pela semente? Serão enxertados ou haverá qualquer processo... Ah! já sabemos! Como os coelhos fazem buracos na terra e é sob o solo que procream, apparecendo os láparos á superficie apoz o nascimento, Petropolis concluiu que elles são producto agricola.

Hade ser isso.

Mas os quadros a oleo?

Naturalmente a commissão considera-os tambem productos agricolas porque elles são geralmente pintados sobre tela de linho... e o linho é uma planta.

As tintas é que são quasi todas mine-raes; mas o oleo, que entra na sua composição é ainda vegetal, é o oleo de linhaça.

D'alí o considerar-se quadros a oleo — objectos de horticultura.

Este processo de classificação faz-nos lembrar aquelle sujeito a quem chamaram rato e que fez as seguintes considerações:

— Fulano chamou-me rato; ora rato come queijo, queijo é feito de leite, leite sae da vacca, vacca é filha de touro:—logo elle chamou-me touro!

Com respeito á goiabada não se poderá occultar a intervenção do Sr. Malvino. Não podendo expôr cravos, rosas, violetas ou malvas, S. S. conseguiu que na exposição figurasse a sua querida goiabada, embora não fosse de Campos. Se examinarmos bem este producto, veremos que elle pode dar logar a trez elasticidades:—producto industrial, porque é fabricado; seguindo-se o processo petropolitano, é producto agricola, porque é feito de goiaba e goiaba é o fructo da goiabeira, e goiabeira é planta; tambem pode ser producto politico, sob o ponto de vista obstruccionista adoptado pela camara actual.

Deve, porém, ser pela segunda classificação que ella figura na exposição de Petropolis.

Mas... como tudo é para bom fim...

Nos seus *Echos Fluminenses*, escriptos n' *O Paiz*, o Sr. Dr. França Junior falla de Petropolis no genero masculino. Isto têm-me feito especia! Poucos conhecem Petropolis tão bem como França Junir. Nós quasi não conhecemos a formosa cidade da villegiatura official, capitalista e diplomatica; não entraremos, portanto, n'uma discussão acerca da masculinidade de Petropolis. Declaramos, todavia, que nada lhe conhecemos capaz de evidenciar a sua varonilidade. Ainda se se tratasse do Pará...

Assim, muito lhe agradeceriamos se o chronista petropolitano nos explicasse a razão porque escreveu n' *O Paiz* do dia 13:

— «Estará, porém, Petropolis disposto a descansar?»

— Mais alguns dias e Petropolis ficará reduzido ao seu pessoal de inverno.

Já que não nos é possível obter explicações sobre a embrulhada da exposição horticultura, esperemos obtel-as do chronista local.

CHICO FERULA.

QUESTÃO LITTERARIA

Qual o maior poeta do Brazil? (1)

Por ora apenas recebemos sete respostas.

A absoluta falta de espaço inibe-nos de inserir algumas das respostas fundamentadas; por isso hoje sómente publicamos os nomes dos *volantes* e dos *votados*, pela ordem numerica em que temos registrado as respostas á medida que nos são dirigidas.

« O maior poeta brasileiro é — LUÍZ DELFINO—Arthur Mendes. Côte.

« PEDRO LUÍZ—Daniel de Faro (Barra Mansa.)

« CONÇALVES DIAS — Joaquim Lacerda (Corte.)

« CASTRO ALVES — C. Albuquerque. (Corte.)

« CASTRO ALVES—Carlos Ferreira (Campinas.)

« DOMINGOS GONÇALVES DE MAGALHÃES — José Antonio Maigni (Bananal S. Paulo.)

« THOMAZ ANTONIO GONZAGA—Candido Neiva (Côte.)

C. Alves.....	2
Pedro Luiz.....	1
Magalhães.....	1
Gonzaga.....	1
G. Dias.....	1
L. Delfino.....	1

ARTHUR BARREIROS (*)

(Conclusão)

A carta a que pertencem os periodos transcriptos foi a primeira que me dirigiu depois da minha saída do Rio.

Comunica-me que está empregado e tão satisfeito com o emprego que já não julga irrealisavel o seu sonho dourado — casar.

E diz-me em seguida:

« Não quebrei, como lhe parece a você, a minha rombuda penna; pelo

(1) Vide n. 15 d' *A Semana*.

(*) Vide ns. 13 e 15.

menos ainda rabisco... com a penna dos outros. Na *Estação*, ha sempre alguma cousa de meu: contos, novellas, entre as quaes uma bem longa, *Belleza invisivel*; bibliographias, noticias theatraes e traducções, muitas traducções.

« E' ocioso dizer que nunca assigno os meus artigos porque é uma gloriola bem pequena a que se adquire com esses pequenos artigos de jornaes. Desde que eu não posso escrever um livro excellente para que lei de estar a chamar a attenção do publico sobre este pobre rabiscador?»

« Escrevo, um pouco por gosto e tendencia e outro pouco porque me pagam, (agora pagam-me!) mas nem quero que se saiba que eu ainda não perdi a *mania*. »

Não se póde ser modesto neste paiz. A modestia sepulta o homem na obscuridade. Raros conheciam Arthur Barreiros porque elle raro firmava os seus escriptos.

Permitta-se esta franqueza a um escrevinhador estrangeiro, que tem feito algo pelas letras brasileiras e desvanece-se com a amizade de grande numero de escriptores nacionaes: — sem um pouco de charlatanismo não se faz nada aqui. Na litteratura, — ainda mais, talvez, que na politica, — a inoestia e prejudicialissima.

Ha muita gente que julga do merito litterario de um individuo pela frequencia com que se lhe depara o nome d'esse individuo e pelo ruido que o mesmo faz.

Em outra carta Arthur Barreiros annunciava-me, jubiloso, o seu proximo casamento e referia-me:

« O Dr. Baptista Caetano, um sabio em linguas indigenas e homem muito respeitado pela sua erudição, publicou ha poucos dias um folheto, contrariando as idéas que emitti sobre lingua portugueza n'um artigo da *Revista Brasileira*. Sou muito bem tratado pelo Dr. B. C. e estou a escrever-lhe uma resposta, em carta, insistindo na validade das minhas idéas. Se te apparecer por ahi o sobre-dito folheto, estuda-o com cuidado. Hei de mandar-te uma prova do meu artigo para o *Correio Uberabense*, que sempre recebo e leo com gosto.

« Do mesmo Baptista Caetano ha um bom artigo na *Revista Brasileira* de 15 de Fevereiro, apontando erros de grammatica n'um escripto do Balzac de São Miguel de Seide. Porque não o transcreves? Vale a pena. »

Nas cartas mais intimas, n'aquella mesmo em que me agradece as felicitações que lhe dirigi pelo seu casamento, que effectou poucos mezes depois de se ter empregado como ajudante de guardalivros, Barreiros falla de litteratura, extensamente, com amor.

N'essa carta, após amaveis palavras de agradecimento e uma original referencia á sua esposa, — a quem chama: o 159.885 do Ypiranga do casamento, — escreve:

« Leio o seguinte na *Bibliographia portugueza e estrangeira*, no ultimo artigo de Camillo contra Alexandre da Conceição:

« Ha dous annos, quando o *Cancioneiro Alegre* abriu as représas da chacota cis e trans-atlantica, observei que do Brazil me enviavam chalaças muito finas, ao passo que os remoques nacionaes eram achamboados, d'uma insulsez parrana, que só podia ser excedida pelas actuaes argucias salóbras do Sr. Conceição. Confrontando a superioridade facta dos brasileiros e a desgraçosa boçalidade mazorra dos meus patricios, lembrem-me uns versos do padre Francisco Manoel do Nascimento:

O que Jove gaiteiro outorga ao Mono Trombudo, o nega ao Burro.

« Parece que o brasileiro está na plena effervescencia da sua animalidade jovial; tem sangue juvenil, não attingiu ainda aquelle gráu culminante de perfeição psychologica de onde principia o retrocesso

« E'aquillo de Blount: *Tudo pende ao suicidio, impellido não só pela Natureza que o conduz á sua perfeição, mas também pela arte e educação que aperfeição a Natureza.*

« O excesso de espirito entesta com as aridas charnecas da philosophia assoldadora; e quando o portuguez em decadencia cachetica, pensa que a sua *encephalopatia* (palavra de Augusto Langel, *PROBLÈMES*) cresce e se desenvolve n'uma exhuberancia de tortulhos em pantano, torna-se um microcephalo em comparação das chalaças reinadias dos espiritos intertropicaes.

« Portanto, nós, os Insitanos, quanto a ditos salgados e pulhas salientes, somos os anthropoides dos brasileiros.

Transcreve isto no *Correio* como um gracioso mimo de Balzac a 500 réis fortes.»

Na mesma carta Barreiros noticia-me o apparecimento do primoroso episodio *Tu só, tu, puro amor...* do operoso e correctissimo escriptor Machado de Assis, que é hoje, diz elle, o primeiro e o mais bem conceituado dos nossos autores, e conta-me que o mesmo edictor, o Sr. H. Lombaerts, que mereceu com a publicação de uma imitação do *Paris-Murcia* no *centenario de Camões*, o titulo de *Alphonse Lemerre brasileiro*, tem no prelo uma obra, que virá a ser uma preciosidade typographica: *Narrativas militares*, do major Taunay.

Vae demasiado longo este escripto; urge dar-lhe remate. Deixo por isto de reproduzir interessante trechos de outras cartas, os quaes tornariam bem patentes a rectidão dos juizos de Barreiros, as suas raras qualidades de homem e de escriptor.

Era um talento de primeira agua e um caracter de finissima tempera.

A tísica pulmonar, essa terrivel enfermidade que tem arrebatado ao Brazil tantas intelligencias promettedoras, prostrou-o exanime, aos 17 de Fevereiro do corrente anno. Não ehegou a completar 30 annos.

Pobre amigo!

Fizera o sacrificio de torcer a sua vocação para furtar-se ás duras incertezas da bohemia; casara-se com a mulher a quem amava; dous filhos, que eram o seu enlevo, suavizavam-lhe a existencia, tornando-lhe o lar um paraizo; e quando tudo lhe sorria, quando o futuro se lhe mostrava desannuviado, quando já tinha conseguido conciliar o prosaismo do seu emprego com a sua vocação litteraria, quando podia dedicar-se á obra de folego que elle desde muito pensava em escrever, veio a morte feril-o, inutilizando e destruindo tudo, tudo...

Mas é preciso tornar penduravel a memoria de Arthur Barreiros. Ha escriptos seus, esparços por jornaes e revistas, que darão para um precioso volume.

Aquelle dos seus amigos que se entregar ao trabalho de os colligir e publicar não prestará simplesmente um serviço ás letras brasileiras e uma homenagem merecissima ao mallogrado escriptor: pagará uma divida sagrada.

Arthur Barreiros, luctando com immensas difficuldades, colligiu, corrigiu, prefaciou e deu á estampa os trabalhos litterarios de Carvalho Junior.

Faça-se-lhe o que elle fez a esse poeta salvo as correcções, que não carecem de ser corrigidos os trabalhos de tão amestrada e elegante penna.

GASPAR DA SILVA

A Luiz Delfino (*)

Abandonas ás vezes a alta crista
Do pujante Hymalala, onde te entonas;
O estrondar do Niagara, e as verdes zonas,
Que, de tão verdes, fazem mal á vista;

Os amplos céos e os largos amazonas
Selvas rasgando, em triumphal conquistas;
E, por Anacreonte, E'schylo—artista—
Do ar baixando, em quepairas, abandonas...

E em vez dos grandes rios, buscas, poeta,
O arroio, em cujas placidas e amenas
Balsas soluça, á noite, o rouxinol;

Cujas margens Setembro, em flor, marchéta;
E em cujas agnas molha o cysne as pennas.
E as corças vêm beber, ao pôr do sol...

RAYMUNDO CORREA

POLITICA MODERNA

RESPOSTA AOS CRITICOS DAS CARTAS SERTANEJAS

II

Augusto Comte caracterizou admiravelmente a marcha evolutiva do espirito humano, systematisando os diversos grãos de desenvolvimento das noções intellectuaes. Systematisada a Biologia, começou-se a sentir a influencia da philosophia sobre o conjuncto organico das sciencias.

A tendencia do espirito humano foi sempre aclarar um facto que subordinasse todos os phenomenos de qualquer ordem.

Das primeiras lições de Comte resultou uma revolução geral, mesmo nas sciencias medicas.

Sob o dominio theologico e metaphisico as molestias ou eram uma resultante da intervenção directa da divindade, ou eram determinadas pela acção de faculdades particulares, verdadeiras ficções monstruosas do espirito, incapaz de perceber a ordem no meio d'aquelle cahos de noções perturbadoras e de idéas confusas.

Por isso todo o acto de nutrição era explicado como uma consequencia da sensibilidade organica, como pretendia Bichat.

O campo da phenomenalidade em geral, ou agia em virtude de um *nisus formativus*, como imaginou Blumenbach ou então pela intervenção de uma entidade qualquer como uma *alma universal*, um *principio vital* etc. etc.

Finalmente, recorreu-se á forças; mas não se avançou mais, por ter-se tomado esta expressão aos physicos por que se não lhe conservou o sentido hypothetico que estes lhe dão e transformou-se estas forças em seres reaes. (Blainville, *Cours de physiologie*, citado por Theophilo Braga)

Blainville, partindo d'esta poderosa orientação, devida ás primeiras lições de Comte,—diz o illustre philosopho portuguez,—sentio a necessidade de formar uma physiologia positiva, e partio do methodo, como a primeira tentativa de uma constituição racional das sciencias biologicas.

A biologia accentua-se, portanto; manifesta um novo character, positiva-se.

Ora, depois desta vasta revolução iniciada por Thalés e Pithagoras, que fundam a mathematica abstracta, que é o orgão fundamental do regimen verdadeiramente scientifico, mais tarde coordenada por Aristoteles, como diz Robi-

(*) Este bello soneto, primoroso na forma e delicado na idea, como tudo quanto sae da penna do poeta das «Symphonias», transcreevemo-lo do numero 44 d'«A Vespa», com a devida venia, como uma homenagem ao grande poeta que lhe deu assumpto e como uma prova do muito apreço em que temos «A Vespa».

net, e «entrevista por Descartes sob o seu aspecto systematico quando elle assignalou como devendo chegar a reformação completa do entendimento humano depois da substituição da sciencia á theologia, e á metaphisica, » a philosophia moderna cria uma nova força, um mais alto desenvolvimento com o esforço de Condorcet tentando a reconstrucção da sociedade, com Bichat, Gall e Cabanis, que lançam uma nova theoria sobre o homem, e finalmente com Augusto Comte, que completa esta extraordinaria revolução scientifica, fundando a sociologia, o mais alto ponto desta monumental synthese, destinada a derruir os falsos dogmas religiosos e politicos e a dominar sobre as demonstrações acumuladas e, segundo um criterio positivo, toda a theoria do universo, da sociedade e do homem.

Descobrimo o elo doutrinario ou dogmatico que une as sciencias, subordinando umas ás outras, reconhecendo que existiam processos methodologicos peculiares a cada uma d'ellas, distinguindo o que era reductivel do que era irreductivel, assignalando quaes os problemas que deveriam ter uma solução e quaes os que escapavam á acção reconstructora e mental do homem, Augusto Comte funda a sua classificação scientifica, que tem resistido a todos os esforços da philosophia ingleza para desmontal-a, apontando-a como arbitraria e superficial, que é dogmatica pela generalidade decrescente e complexidade crescente dos phenomenos naturaes constatados pelas sciencias, e que é historica porque nos apresenta em plena luz a humanidade desdoblrandose através dos tempos por um impulso proprio, por uma reacção continua e enérgica, explorando gradualmente,—como diz Theophilo Braga,—cada ordem dephenomenos desde as theorias theo-cosmogonicas sideraes até ás formulas aphoristicas da moral social.

Se é verdade tudo isto, se é verdade que a classificação scientifica dos phenomenos naturaes deixou de ser uma preocupação pueril, como se nota na classificação de Bacon e Ampère, se é verdade que o campo geral das especulações theologicas e metaphisicas foi eliminado gradualmente pela coordenação e fixação dos processos que trouxeram a demonstração como um resultado logico da observação e da experimentação; se é ainda verdade que cada sciencia, pela perfeita determinação do seu objecto, não só se tornou mais clara e mais explicita, como tambem mais lucida a comprehensão da sua harmonia, da sua dependencia e da sua correlação com as outras sciencias; não é menos verdade tambem que todo o systema de educação intellectual deve ser organizado de accordo com esta systematisação philosophica e que os estudos abstractos devem ser a base dos estudos concretos, sem o que nenhum phenomeno de ordem politica poderá ser comprehendido ou resolvido.

Porém examinemos a posição que occupa a biologia como uma das bases abstractas para o estudo de qualquer ordem de phenomenos politicos.

Comte faz considerações magistraes sobre esta ordem de estudos, na sua *Philosophia Positiva*; mas como são poucos os que se dão ao trabalho de estudar estas cousas, muito menos no original, eu lhes aconselho que, ao menos, leiam a condensação feita por Miss Martineau ou por Teixeira Bastos.

Todos aquelles que têm tentado uma classificação scientifica depois de Augusto Comte, admitem tres ordens de phenomenos:—cosmologicos, biologicos e sociologicos, os segundos como o mediario indispensavel entre a cosmologia e a sociologia (ordem humana).

Spencer, consegue apparentar, munido de um formidavel conhecimento sobre todos os ramos scientificos, uma divergencia, que de facto não existe.

Assim, como Augusto Comte emprega as palavras *abstracta* e *geral* como synonymas, elle procura explicar qual a verdadeira significação d'estes dous termos, estabelecendo differenciações que só servem para difficultar mais a marcha do pensamento através da sua complexissima classificação.

Quer a palavra *abstracta se applique a um facto destacado da somma das circumstancias de um phenomeno particular, quer a palavra geral se applique a um facto que resume e represente muitos factos geraes*, quer haja uma synonymia entre estes dous termos, esta, como outras objecções do illustre philosopho inglez, em nada destroe o valor da classificação de Comte—primeiro porque esta divergencia é filha do pouco conhecimento que Spencer tem dos trabalhos do fundador do positivismo, e em segundo logar porque nada ha peor, como muito bem observou o Dr. Luiz Barreto, do que o cinme dos sabios.

Emfim, quer Spencer, quer Stuart Mill, quer o naturalista Huxley, que tão violentamente atacou as bases da nova synthese philosophica, estão de accordo que a intelligencia moderna deve abraçar todos os ramos da sciencia geral.

Como, por exemplo, se hade resolver um problema de sociologia, os efeitos que um phenomeno social pôde determinar, sem se conhecer as causas remotas que o originaram, sem se ter em mente todas as formas que pôde tomar um movimento social, dadas certas circumstancias n'um determinado meio, sem que o espirito esteja apto para remontar de causa em causa até um facto mais geral de biologia ou de cosmologia?

Quantos politicos no Brazil seriam capazes de explicar a razão porque as dynastias estão condemnadas biologicamente?

Muitissimo poucos n'este paiz sabem que phenomenos, que são por sua vez consequencias biologicas, actuam como grandes causas efficientes nos movimentos de transformação social.

Quantos factos não se originaram da interferencia da servidão na organização da idade média, fazendo com que fossem reconhecidos e respeitadas os seus direitos?

Este facto foi expontaneo, como observa Theophilo Braga—e seguiu-se-lhe «uma decadencia tambem expontanea das familias senhoriaes, que se extinguiram sem successão.»

Ora, em virtude d'esta decadencia expontanea, as familias nobres da idade média decresceram consideravelmente no seculo XVI e os reis começaram então o trabalho da reconstrucção da nobreza, mas que em virtude da sua natureza não podia firmar-se, nem consolidar-se. As familias dynasticas, ainda que poderosas, por causa das prerogativas de que se cercaram para garantirem o poder e manutirem os seus direitos, em todo caso começaram a decahir, e o seculo XVI nos offerece o tristissimo espectáculo de monarchas que se entregavam a todas as sortes de loucuras, como Carlos V, Henrique VIII, Philippe II, D. Sebastião, Alexandre VI e Leão X, etc., etc., (1) «allucinados sem intuito, sonhando *monarchias universaes* e provocando as maiores catastrophes.»

A decadencia do regimen monarchico continúa ainda no seculo XIII, com as imbecilidades e torpezas de Luiz XV e D. João V.

(1) Estas idéas estão mais largamente desenvolvidas na obra de sociologia do Sr. Theophilo Braga.

E estas famílias degeneradas não só pela hereditariedade, como também por lhes faltar um meio conveniente que as reanimasse e as reerguesse do seu abatimento physico e moral, « caíram em uma tacita imbecilidade, como se vê pelo regimem das recentes guerras, quando as sociedades modernas entraram por evolução propria no regimem da paz.

As dynastias estão condemnadas biologicamente; e o proletariado tem de assistir a esta nova eliminação espontanea. (2) que facilita a reorganização social sobre bases menos empiricas, se é que a elevação da consciencia publica não fizer essa eliminação mais cedo.»

Portanto, eis ali um facto de natureza sociologica, mas cujas raizes se encontram n'um facto de natureza biologica.

Mas prosigamos, segundo o methodo que tracei á marcha do meu pensamento, para que a discussão seja clara e não se perca em inuteis generalidades philosophicas.

Porque razão a chimica occupa um lugar mais elevado na encyclopedia dos conhecimentos humanos?

A razão é clara.

Todo o acto vital consiste n'uma serie de composições e de decomposições. Se assim é, todo o acto vital será um acto chimico.

A vida não é outra cousa mais do que o equilibrio entre estes dous movimentos.

Além d'isto, a chimica offerece á biologia processos que concorrem para desenvolvê-la.—como a nomenclatura.

« Esta relação com a sciencia chimica subordina a biologia, de um modo necessario, ainda que indirecto á physica, base preliminar da chimica racional. Mas ha uma ligação mais directa. Relativamente á doutrina, nenhum phenomeno physiologico pôde ser bem analysado sem a applicação exacta das leis proprias de um ou de mais ramos da physica; esta applicação é indispensavel não só para se apreciar a constituição do meio que influe no organismo, mas ainda porque o proprio organismo não deixa de estar sujeito ás leis do peso, do calor, da electricidade, etc. A physica é o ponto de partida das theorias physiologicas da visão, da audição, da phonação, do calor animal, etc. Sob o ponto de vista do methodo, esta sciencia está apta a fornecer á biologia os modelos mais perfectos da observação e da experimentação. » (3).

(2) Como aconteceu com as famílias nobres da idade media.

(3) Philosophia positiva condensada por Teixeira Bastos.

(Continúa)

LUIZ MURAT

« DIARIO MERCANTIL »

Completo no dia 15 do corrente o seu primeiro anno de existencia este excellento jornal que se publica em S. Paulo.

Com tão pouco tempo de vida, tem, no emtanto, o *Diario Mercantil* consolidado o seu futuro na sympathia e no apreço publico, não só de S. Paulo como d'esta côrte, onde é lido com satisfação. Independente, bem informado, alegre, variadissimo, inspirado nas idéas modernas e nos mais generosos e sãos principios sociaes e politicos, apaixonado pelas artes e pelas letras, tem esse novo orgão da imprensa paulista sabido illustrar e honrar a instituição poderosa que representa, e que é a principal força do seculo.

O jornalismo brasileiro pode rever-se lisongado e contente no importante periodico paulistano.

A Gaspar da Silva e Léo d'Affonseca, seus redactores—sinceros emoras, cordeas felicitações.

Mattos, Malta ou Matta?

ROMANCE AO CORRER DA PENNA

XII

— *Uè, uè, catu!* gritei ao homem das barbas loiras.

Elle grogolejou immediatamente alguma coisa, que tanto podia ser a frase ingleza apontada pela carta do Malta, como podia ser um simples espirro.

Em seguida virou-me as costas e poz-se a andar para o interior da casa.

Acompanhei-o.

Acompanhei-o, não sem o meu bocado de sobre salto, porque a cara do tal sujeito não era das que mais inspiram confiança.

Antes pelo contrario, na impassibilidade córnea do seu rosto havia alguma cousa de funambulesco e uma expressão dura de velha ironia cosida em genebra e calda de tabaco.

— Quem diabo seria aquelle homem? ia eu a pensar.—Quem diabo seria aquelle silencioso monstro de seis pes de altura, que me surgia defronte dos olhos, como se eu estivesse n'um sonho?...

E as mais estranhas considerações principiaram a dansar em volta de meu cerebro.

Afigurava-se-me que o sujeito era nada menos do que um gato, encantado, vivendo dos ratos que apanhasse naquelles quartos desertos, e, á noite, miando a sua tristeza pelos telhados da vizinhança.

Sim, que elle tinha olhos de gato. Bem o notei ao fital-os.

Olhos verdes, redondos, com a pupilla muito sensivel e transformavel á mais subtil alteração da luz.

A proporção que eu o contemplava pelas costas, mais me ia penetrando de tão extravagante convicção. Afinal já não era um gato o que eu supunha ver, mais sim um tigre, um verdadeiro tigre disfarçado em homem.

Tanto assim que, na occasião em que elle se voltou para me dizer: « E' aqui » recuei dous passos e estive a perder os sentidos.

Então o monstro poz-se a rir.

— Pois elle ri? interroguei, mais pasmado do que se o visse trepar de gatinhas pela parede—Elle ri? o monstro!...

Este, como se advinhasse o meu espanto, adiantou-se para mim e ferrou-me os seus dous olhos de onça.

— Ah! gemi, sentindo faltarem-me as pernas—Estou aqui, estou nas garras do bicho!

Mas o meu estado de anciedade durou apenas alguns segundos, porque o sujeito, estendendo uma das mãos, segredou-me lamoriosamente:

— Deixe ver uns nikeis!

— Pois não! respondi, correndo os dedos ao bolso.—Dou-lhe até coisa melhor. Mas, antes disso, preciso que o senhor me forneça algumas explicações.

— Explicações de que?

— Em primeiro logar, diga-me: Onde estou eu?

— Aqui.

— Isso já sei, mas pergunto que casa é esta.

— E' uma hospedaria.

— Hein?

— Hospedaria, sim senhor.

— E sem hospedes?

— Os hospedes dormem fóra.

— E passam o dia aqui?

— Também não senhor.

— Ah! Compreendo... Vem só para comer... E' casa de pasto.

— Não! não ha comida.

— Peior!

— Pois o senhor não comprehende?...

— Não; e peço-lhe que me dê a explicação.

O typo olhou duas ou tres vezes em torno de si e, chegando a bocca ao meu ouvido, soprou a seguinte frase:

— Isto é uma casa de jogo...

— Ah! Já devia ter adivinhado... E como se chama esta espelunca?...

— Hospedaria do gato.

— Do gato, hein? Bem me advinhava o coração... E a que horas principia a jogatina?

— A' meia noite em ponto.

— E todos os jogadores dizem ao entrar a mesma frase que eu disse?

— Alguns; outros miam apenas. São os freguezes antigos.

— Bom! respondi eu, entregando-lhe uma nota de dois mil réis.—Ali tem pelo que já fallou, e ganhará ontro tanto se me der as informações de que ainda preciso.

— Vamos lá, mas espero que o Sr. não nos comprometta. Bem sabe que estas casas...

— Descance, as informações de que preciso só aproveitam a mim proprio; trata-se de interesses particulares.

— Então, estou ás suas ordens.

— Porque razão me levou o senhor para aquella porta?

— Porque alli é a entrada para as salas de jogo.

— E onde está uma mulher que ha dias foi confiada á sua guarda?

— Qual dellas?

— Pois que! o senhor tem muitas aqui?

— Tenho dez.

— Dez mulheres! virgem santissima!

— E o senhor não poderá fallar a nenhuma dellas sem dar primeiro o signal competente....

— O signal?

— Sim, nós aqui chamamos signal ás palavras convencionadas entre duas ou mais pessoas para se encontrarem cá dentro em lugar seguro.

— Mas se eu lhe dissesse como é pouco mais ou menos a que eu procuro, o senhor não poderia?...

— Impossivel! Nem mesmo se eu quizesse... não as conheço... Ellas chegam em geral cobertas com um grande véu, e ás vezes trazem mascara...

— E nunca dão o nome?

— Nunca.

— E os homens que os acampanham?

— Esses, esses têm todos uma alcunha, que só pode ser comprehendida por mim, ou por meu patrão ou por algum velho frequentador da casa.

— Diga algumas dessas alcunhas.

— Para que? Isso não lhe serviria de nada. Imagine os nomes mais vulgares e os titulos mais communs, junte-os e terá uma lista completa dos cinco mil homens que frequentam esta casa.

— Cinco mil?

— Quando menos.

— E todos elles apparecem juntos?

— Não. São ate bem poucos os freguezes de toda a noite. Muitos apresentam-se uma vez por semana; outros, duas; outros, tres; outros vem por fructa. Ás vezes a casa se enche; outras não. Depende muito do dia.

— E quaes são os dias em que ha mais gente?

— Nas vesperras de festa principalmente. E, quando não ha festa, nos sabados e domingos.

— Paga-se entrada?

— Não, paga-se apenas o barato.

N'isto, fomos interrompidos por uma campainha electrica.

— E' uma das taes sujeitas que me está

chamando... explicou o homem.—Com sua licença...

— Vá, mas volte.

— De certo. Válaho já.

— Muito bem!... disse eu comigo, assim que me vi sózinho.—Aqui está, onde veio parar minha mulher, se não mente aquella maldita carta.

Instintivamente levei a mão ao bolso e saquei a denunciadora folha de papel que me conduzira até alli.

A tal frase mysteriosa, de que me fallára o typo de barbas loiras, devia estar na parte da carta corroida pelo acido.

— E não poder eu advinhar o que está escripto debaixo desta mancha amarella!... pensei.—Daria uma perna ao diabo para poder saber o que aqui está!...

Cheguei-me mais para junto de uma janella que havia a quatro passos e, levando o papel á altura dos olhos, soltei um grito de prazer.

E' que, pondo-se a carta contra a luz, podia-se distinguir o que estava escripto debaixo da mancha do acido.

Foi com grande difficuldade que li o seguinte no meio de outras coisas:

« Quando o homem das barbas loiras te perguntar a quem desejas fallar, responde-lhe unicamente... »

N'esta occasião, porém, o maldito cara de gato, bateu-me uma palmada nas costas, e eu, com o susto que tive, deixei cair a carta pela janella.

— Maldição! exclamei.

E, debruçando-me sobre o peitoril, olhei para baixo.

A janella dava para um eortigo e a preciosa carta cahira dentro de uma tina cheia d'agua.

(Continúa).

FACTOS DIVERSOS

Estiveram ha dias entre nós os Srs. Dr. Carlos Antonio Halfeld, deputado provincial e Tenente-coronel Wenceslau Fernandes de Carvalho, capitalista, residentes em Capivary. Agradecemos a visita com que nos honraram.

THEATROS

Recreio Dramatico

DIONYSIA

Subiu ante-hontem, finalmente, á scena do Recreio Dramatico a *Dionysia*, peça em 4 actos, ultima de Dumas Filho, traduzida pelo Sr. Henrique Chaves.

Dizer o que é a *Dionysia* não é muito difficil, comquanto não seja tambem muito facil.

O conde André de Bardannes fôra ha annos amante da Sra. De Thauzette, mãe do seu condiscipulo de collegio—Fernando de Thauzette.

Dionysia Brissot fôra criada e educada junto com Fernando, e, como era natural, amou-o.

D'esse ainor resultou uma falta e d'essa falta um filho, que morreu pouco tempo depois, sem que o pae, por meio do casamento promettido a Dionysia lhe quizesse dar o seu nome. Com esta infamia morre o amor de Dionysia, e nasce o justo odio pelo seu seductor, odio que ella não deixa nunca transparecer, continuando a tratar Fernando por tu, com uma indifferença apparente. Da falta da filha não teve conhecimento o pae, que continúa sempre a julgal-a pura.

Como os Brissot fossem pobrissimos, a Sra. De Thauzette consegue collocal-os em casa do conde André: os paes como administradores da casa e bens, e a filha como companheira de Martha, irman do conde, menina que acaba de sair de um convento para entrar no mundo.

E' este o momento da peça.

O conde apaixonava-se por Dionysia.

A Sra. De Thauzette vem pedir-lhe a mão de Martha para seu filho Fernando, e como elle é recusada sob o pretexto de que Fernando é pouco eserupuloso em pontos de honra e sua mãe ainda o é menos, a Sra. De Thauzette, para justificar a alliança, declara que o bom nome da familia Bardannes tambem está comprometido, visto que toda a gente diz que o conde é amante de Dionysia e que não é o primeiro. Começa o conde a suspeitar de Dionysia e chega a obter, quando lhe propõe casamento, a propria confissão da queda, confissão que Dionysia lhe faz—mais para lhe salvar a irman da posse de um máu homem, do que para justificar a sua recusa ao desejo do conde.

O pae de Dionysia, que ouvira a confissão da filha, expulsa-a da casa, e ao encontrar-se com Fernando quasi que o mata, esganando-o; suspende-se, porém, e concede-lhe, sob pena de morte, uma hora para elle resolver-se a casar com Dionysia. Esta, apesar de odial-o, como vê que é a unica solução possivel, aceita o casamento.

Martha, porém, na sua perspicaz ingenuidade de donzella, descobre outra solução. Como em tão pouco tempo viu tantas maldades no mundo, sendo ella mesma tão má, resolve voltar para o convento se Dionysia a acompanhar.

No momento em que Dionysia vai partir, tendo já o perdão e o consentimento paternos, o conde André de Bardannes, convencido pelas razões e pelos argumentos do seu amigo Thouvenin, não consente na partida e offerece de novo a sua mão a Dionysia, que d'esta vez aceita, fleando todos muito contentes e muito satisfeitos da sua vida d'elles.

*

**

Eis o que enche os quatro actos delictuosos da comedia de Dumas, que os annuncios da empreza se obstinam em chamar drama.

O auctor sahiu, n'esta comedia, um tanto fóra dos seus habitos.

Dionysia não é uma these social, como se tem dito e escripto—talvez pelo unico motivo de ser de Dumas Filho.

A ser these social, a *Dionysia* seria esta: *Póde um homem honesto e honrado casar com uma mulher deshonrada, estando ainda vivo o seductor d'essa mulher.*

A affirmativa, n'um sentido geral e absoluto, não se deprehe de da peça.

Toda these, para ser sustentavel, precisa ser revestida de um caracter de generalidade, que abranja a maioria dos casos, despresando sómente as excepções.

E' assim *O filho natural*, do mesmo auctor; não é assim a *Dionysia*. Aquelle é um caso geral e frequente; esta é um caso excepcional, particular, determinado pela situação complicada, extraordinaria, imprevisita e rara dos personagens.

Tanto assim é, que o *clou* da comedia, a razão principal da resolução do conde, o argumento diante do qual elle fica interdito, embaraçado, e a que não póde responder é o seguinte:

Quando Thouvenin, para justificar Fernando de ter empenhado a sua palavra em como não fôra amante de Dionysia, pergunta ao conde:—« E se Fernando lhe perguntasse se o senhor tinha sido amante de sua mãe?... »

Não é pois uma these geral. Como these particular, dada a situação anormal e estranha do conde, a conclusão é logica e admiravelmente sustentada.

*

**

Como peça theatral, sendo uma das mais benefeitas do grande mestre, não é, todavia, isempta de defeitos. O primeiro e o maior e passarem-se todos os

quatro actos em um só dia, entre o almoço e o jantar em muito poucas horas, quando ha resoluções tomadas que são de tal gravidade e demandam tal ponderação—que nenhuma pessoa, por mais forte que fosse o seu espirito e por mais prompto que tivesse o raciocinio e mais seguro o criterio, não tomaria senão após alguns mezes de reflexão. Toda uma accão complicada e extravagante, dando lugar a uma grande quantidade de scenas violentas e passada nessas poucas horas em uma unica sala contigua a uma estufa, ou coisa que o valha.

O typo de Thouvenin, sobre ser o eterno *moralista*, o indefectivel e indispensavel Olivier de Jalin, especie de delegado extraordinario do auctor junto dos seus personagens, o typo de Thouvenin é falsissimo.

Como poderia um homem que ainda ha pouco deixou de ser simples operario, revelar tão profundo conhecimento dos homens e das cousas, do coração e da sociedade, para vir pregar moral social, ser uma especie de philosopho litterario com finissima cultura de espirito, rara penetração e agudeza, criterio educado nos compendios subtilissimos do raciocinio particular e exquisito de Dumas Filho, influindo e determinando accões gravissimas n'um homem illustrado, n'um antigo *viveur* da alta sociedade parisiense?

Impossivel; inverosimil; falso. Martha é outro typo falso. Será uma boa menina; nunca uma menina educada n'um convento.

Os outros personagens são um tanto mais razoaveis, incluindo mesmo o patife de Fernando, cujas vacillações de character, por vezes contraditorio, não são demonstradas logicamente na peça.

Deixamos de eitar as bellezas extraordinarias da comedia, para não occuparmos todas as oito paginas d'*A Semana*.

Tal é, segundo nossa sincera opinião, a nova comedia de Dumas Filho.

*

**

O desempenho foi regular. O successo coube de direito ao actor Maggioli.—Erissot, que chegou a ser notavel no terceiro acto, quando intenta esganar Fernando. Conduzio muito bem, com muita igualdade, correcção e sentimento o seu bello typo de antigo militar, honrado e energico.

A Sr. Helena Cavalier fez satisfactoriamente a parte de protagonista, dizendo muito bem, declamando com muito fogo e muita expressão a scena capital do terceiro acto e representando com muita verdade e commoção a sua quasi muda situação do quarto acto.

A Sra. Leolinda fez com bastante graça algumas scenas da Sra. de Thauzette e disse com malicia muitas das suas bellas phrases.

Estava bem caracterizada e bem vestida,—á parte o chapéu de amazona do 1º acto, que, por tão baixo, deixa de ser um chapéu de homem, o que prejudica aquelle bom dito: « cstes chapéus de homem só ficam bem ás mulheres ».

O Sr. Dias Braga fez rasoavelmente o seu conde André de Bardannes, embora nos parecesse um pouco arrastado e vacilante.

O Sr. Maia não pode nem podia fazer o papel de Thouvenin:—nem todos servem para tudo, mesmo quando ha muito talento e muita vontade.

Experimente-se o Antonio Pedro no André Roswen, e fuja-se do resultado.

A Sra. Livia—regular no papel de Martha.

Mãos a Sra. Balbina e o Sr. Rangel nos papeis dos esposos Pontferrand. Ambos mal caracterizados.

Pessima a Sra. Elisa no papel de Sra. Brissot. Aquella mulher nunca poderia

ser esposa d'aquelle homem, nem mãe d'aquelle rapariga.

Esquecia-nos fallar do Sr. Lisboa: — Continua a ser magnifico no papel de juiz su... ubstituto... d'As meninas Godin.

A traducção é em geral boa, sendo por vezes brilhante.

Comtudo, tambem lá de vez em quando...

TRATOS A' BOLA

Recebemos ainla id esta vez muitas cartas, contendo decifrações referentes aos *tratos* do n. 15. Não accusamos aqui os nomes de seus signatarios, aliás charadistas de *prima qualità* e alguns já-topetudos (1), por falta de espaço.

Não pensem, pelo amor de Deus ou do Diabo, que esta falta de espaço é uma desculpa como outra qualquer. Não, senhores! Ella é tão verdadeira como a dissidencia liberal que não quer o que sabe ou como o Sr. Zé Pompeu que não sabe o que quer. Por isso desculpem-nos.

Foi o Sr. *Carez* o primeiro decifrador exacto das *difficuldades* que *D. Pastel* deu nos seus *tratos* ultimos. Portanto Sr. *Cezar*... perdão!... Sr. *Carez*, venha buscar o seu premio que é hem bom e de metter inveja a muita gente, que julgou vir a possuil-o e que ficou no *ora se...* como diz a *Folha Nova*.

O segundo premio pertence à Sra. *D. Josephina B.*, que pôde fazer o mesmo—mandar buscá-lo.

Eis as decifrações: do logogripho—*Pastel*; do enigma—*Fagundes Varella*; telegraphica—*Marmota*; das antigas—*Caudaloso* e *Respiradouro*; da em quadro:

RAMO
AMOR
MOFA
ORAR

Para hoje temos as seguintes—*tratices*:

MONOSYLLABICA

Esta especie de charada foi-nos offere-

(1) Diploma conferido por *D. Pastel* aos charadistas que metteram o dente nas calimburgescas do n. 12.

cida por *D. Confeito*, a quem ainda uma vez agradecemos a brillante offerta e a collaboração efficaz, que tem dispensado aos *tratos*.

Decifram-se procurando um monosyllabo que, collocado no principio, no meio ou no fim do nome proposto, dê um outro nome referente ao conceito que adiante se acha. Com os monosyllabos formam-se outro nome que é a verdadeira decifração da charada.

Aqui vae uma monosyllabica:

Desdem — notim
Lo — rio
Medo — systema
Regio — machina
Maca — arte
Puro — aperto

Das aves.

PERGUNTA

Qual o monstro mythologico que invertido é um parente que temos?

ANTE-POSTAS

4—Talo do gallo rio mata.
2—Vide a ave.

EM QUADRO

Todo elle é claro e formoso
E guarda tudo que votes,
Pretas o fazem gostoso
E canta nos *Huguenottes*.

NOVISSIMAS

2—3— Esta letra com este deus na biologia, estuda-se.

1—2—A's avessas no serviço, sou feita a faca e vivo nos Cathecismos.

2—2—Assignala esta parte do corpo, que com esta fructa é passaro.

TELEGRAPHICAS

1—1—Nariz de pau.
1—1—Cara é terra.

PREMIOS

Ao primeiro decifrador exacto um decimo de loteria da côrte. Ao segundo um tango—*A Semana*, 100 réis.
E até sabbado.

D. PASTEL

Á ULTIMA HORA

CRIME ESPANTOSO

Alberico, o indiciado, confessou hoje ao Dr. Carijó, ter sido quem matou Julio Silva.

Recebemos:

— « A Sra. X. P. T. O. » comedia em um acto por Carlos Augusto.

— « Os noivos, » comedia de costumes em um acto, por M. Jorge Domingues da Silva. Na primeira pagina encontra-se esta dedicatória: « A meus paes etc., e á meus irmãos. » O joven comediographo, ao que se vê, está ainda muito *crú* em grammatica elemental. Mas revela intelligencia, que será naturalmente aproveitada.

CORREIO

SR. A. GATAZATA.—As suas quadri-nhas—*Soffro só!* são uma amostra com toda a certeza muito pallida do talento poetico que Nosso Senhor lhe deu.

Tome este conselho:—Quando escrever versos guarde os seus lamentos e os seus suspiros comsigo mesmo. Não diga a ninguem o que nos disse:

Mas eu n'este mundo,
Meu Deus, soffro só!
Lamento e suspiro,
Ninguem não tem dó!

De certo: ninguem *não tem* dó, ninguem!

Os nossos *proximos* são uns *marvados*.

O nosso amigo soffre só; pois soffra só, mas não faça soffrer os outros com os seus versos.

ANNUNCIOS

Dr. Henrique de Sá.—Espec.: Syphilis e molestias das crianças. Consultorio:—rua Primeiro de Março, 22; de 1 ás 3 horas da tarde. Residencia:—rua de S. Pedro, 294.

GAZETA MUSICAL

Revista quinzenal de theatros, musicas e bellas-arts. Retratos das maiores notabilidades artisticas, biographias, artigos de critica, correspondencias de Paris, Londres, Berlin, Vienna, Milão, Leipzig, Hamburgo, Madrid e Rio de Janeiro, poesias, romances e sempre

24 PAGINAS DE MUSICA

4, 5, 6 e 7 peças de autores celebres, allemães, francezes e italianos

EDIÇÃO ESPECIAL PARA O BRAZIL N. 1

Publicado em 15 de Agosto de 1884

Assignatura mensal ou dous numeros..... 28 fracos
Com exclusão do porte de Correio para as provincias.
Acha-se completo o primeiro trimestre, comprehendendo 6 numeros encadernados em um só volume, ornando um magnifico album, proprio para presente.

Preço 6\$000

REPRESENTANTES NESTE IMPERIO

H. LAEMMERT & C.

66 RUA DO OUVIDOR 66

LIVRARIA UNIVERSAL



HOTEL NOVO MUNDO

Serviço profuso e variadissimo

Vinhos de todas as marcas, de qualidade garantida

Encarrega-se de grandes jantares e banquetes

Serviço completo

PREÇOS MODICOS

13 Rua Primeiro de Março 13

PROPRIETARIO

JOÃO DIOGO SOARES DE BRITO

A SEMANA

CORTE:

Trimestre..... 28000
Semestre..... 48000
Anno..... 88000

Publica-se aos Sabbados

PROVINCIAS:

Semestre..... 18000
Anno..... 38000

DIRECTOR — VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO

Numero avulso 100 rs.

Não se restituem originaes, embora não publicados.

Numero atrasado 200 rs.

SUMMARIO

Expediente — Historia dos sete dias — Maria da Fonte, excerpto; Camillo Castello Branco — Politica e politicos; Luiz Murat — Ventura, soneto; Alfredo de Souza — Gazetilha litteraria — Galeria jornalística; Zeca — Cancioneiro dos ciganos — De Portugal — Bólos; Chico Férula — Questão litteraria — A proposito de Guerra Junqueiro & Comp. — Poesia e poetas; D. Ruy — Responso da «Folia Sóva»; Alfinete — Theatros — Matos, Malta ou Matta? romance — Tratos á bola; D. Paster — Recebemo: — Factos diversos — Consultas — Correio — Anuncios.

EXPEDIENTE

Rogamos aos Srs. assignantes de trimestre o obsequio de renovarem as suas assignaturas; e aos que se acham em atrazo o de satisfazerem seus debitos.

Os Srs. assignantes do 1º trimestre, cuja assignatura terminou com o n. 13, e que não devolveram os ns. 14 e 15, que lhes enviamos, estão considerados assignantes do segundo trimestre corrente, conforme declarámos naquelles numeros.

Tambem recebemos assignaturas de Abril a Dezembro, ao preço de 68000, com direito á colleção desde o n. 1, e a um exemplar do romance MATOS, MALTA OU MATTA.

O Sr. Diogo Francisco Moreira Filho, tem nesta redacção uma carta urgentissima. Queira vir recebê-la.

A SEMANA

HISTORIA DOS SETE DIAS

Rio, 25 de Abril de 1885.

Semana chôcha e sem historia. Ape-nas pequenos disturbios nas ruas sus-peitas, prisões nos bairros affastados, furto de um ou outro queijo despreve-nido, bolacha aqui, tabefe acolá, e pouco mais...

Sómente o grande e tristissimo acon-tecimento da semana passada se prolongou por esta e promete ainda chegar á que vem — o crime da rua da Candela-ria. Como se sabe, Alberico confessou o

crime no sabbado passado, e os depoi-mentos das testemunhas, descobertas pelo Sr. commendador Rosario, cada vez o compromettem mais.

— No dia 18 falleceu em Macahé o Dr. Ignacio Francisco Silveira da Motta, Barão de Villa Franca.

— Os factos demonstram que a oppo-sição da camara dos deputados vale menos do que uma nevralgia. Effectiva-mente a nevralgia que accommetteu o Sr. Dantas tem-n'o incommodado muito mais do que a dissidencia liberal. A dis-sidencia não passa de um forunculo, fa-cil de resolver por meio da lanceta de uma dissolução, ao passo que a nevralgia é uma molestia renitente e tenaz, diffi-cilima de debellar, enfadonha e dolorosa.

Tem rasão o Sr. Dantas. Depois do brilhante papel que tem feito no desen-volvimento da sua politica de sinceri-dade, teriamos que rir se elle fizesse caso do ridiculo conselho dos dez, com-mandados pelo *petit Boun* de Taubaté, e onde ha membros como o infeliz José Pompen, um triste idiota que não sabe o que faz nem o que diz, um pobre diabo que macularia qualquer facção politica, se as facções politicas da actual oppo-sição fossem capazes de ter a pudica vir-tude da vergonha: onde ha enxovedos como Valladares, um russo de triste fi-gura, a quem os collegas appellidaram *Canario do reino*, com grave offensa para os canarios que não podem pro-testar. Pardal, pardal e que elle é; ouçam-lhe os chilidos na camara, e mu-dem-lhe o appellido.

— Teve uma boa idéa o *Jornal do Commercio*. Dizemos isto em primeiro lugar porque o *Jornal* não costuma dar-se ao trabalho de ter idéas, e quando as tem são ruins. Mas desta vez, pôde lavrar um tento—a idéa que teve e boa.

Referimo-nos á policia nocturna par-ticular, paga por conta dos moradores de cada quarteirão, como ha em Lisboa. O *Jornal* diz que em um officio dirigido aos subscriptores da freguezia da Mag-dalena, naquella cidade, pelo encarrega-do do serviço dos policiaes nocturnos, se menciona o facto de não ter havido naquella localidade, durante os ultimos annos, um só roubo. « Com effeito é tal a segurança que existe naquella cidade que as lojas não põem taipaes de noite, e valores consideraveis ficam apenas de-fendidos por uma simples vidraça! »

— No dia 21 festejou-se no theatro S. Luiz o 93 anniversario da ignominiosa morte de Tiradentes. Festa de caracter civico, resumindo em phrasés eloquentes a aspiração republicana dos seus pro-motores, ella foi o que é sempre: — uma reunião pacata e ordeira, que não faz tremer as instituições, nem agitar os es-piritos. Todavia, o esforço de propaganda feito pelas associações republicanas é assás louvavel.

O theatro estava litteralmente cheio e os oradores que tomaram a palavra agra-

daram muito ao audictorio, sendo por vezes interrompidos por estrepitosos ap-plausos.

— « O *Jornal do Commercio* de 21 deu a seguinte noticia:

« **AGRESSÃO.** — Um cigano, de nome Joaquim de Aragão, ex-official de justiça, aggreidio hontem, á uma hora da tarde, no saguão do predio da rua da Consti-tuição, onde funcionam diversos juizos, o sollicitador João Francisco Peixoto, inutilizando-lhe o paletot e dando-lhe uma dentada na mão esquerda.

O aggreuido prendeu-o em flagrante á ordem do juizo da 1ª vara civil.

Já é talvez tempo de tomar providen-cias ácerca de um grupo de ciganos, que passam o dia no dito saguão, incommo-dando as pessoas que vão tratar dos seus negocios. »

Tem rasão o circumspecto (*Is-caravelho* á parte) e grave collega.

E' urgente pôr cobro a esse escanda-los e indecente espectáculo.

Quem costuma frequentar aquelle edi-ficio pôde julgar da justiça d'esta recla-mação.

E' uma chusma de individuos immun-dos, de physionomias tábidas, vulturinas, narizes em gancho, olhos sanguinolentos, esbugalhados, barba falha e sordida: — roupas esverdeadas, a que o uso ra-fou a côr preta, calças de xadrez, car-tolas pelladas, sebaceas, amarratadas, sapatos liantes, acambaiados, bengalas tortuosas, e, para completar o individuo, uns papeis sujos, em rôlo, sob o braço.

São esses homens os gatos pingados da justiça, os antipathicos e temidos urubús do embargo e da penhora. Actualmente, grande parte do serviço forense já não é confiado a esses su-jeitos; por isso, applicam-se a outras industrias, mais ou menos nocturnas, e que passam o dia no ex-theatro das suas glorias em completa vadiagem, lançando o anzol da sua cobiça incontentavel a todas as pessoas que alli vão, e mettendo os seus narizes afflantes em todos os ne-gocios, á pesca de escandalos e gor-getas.

O cigano Aragão, mordendo o sollici-tador João Peixoto, definiu-se perfeita-mente e a toda a sua classe.

Providencias, portanto, para essa gente. E' dizer-se que as canções e quadrinhas populares dos ciganos são bellissimas, inimitaveis!... Cousa exquisita...

« MARIA DA FONTE »

Publicamos em seguida, como havia-mos promettido no passado numero, um excerpto, inteiramente inedito, — da *Maria da Fonte*, ultima obra do grande Camillo Castello Branco, a qual ainda não sahiu do prelo.

E' uma pagina d'essa prosa magnifica, de um sabor originalissimo, que só se

encontra nos livros do velho mestre, que assombra com a fecundidade e a fulguração do seu talento, aos 50 annos de idade, a moderna geração dos homens de letras de Portugal e Brazil.

Parece-nos que não poderíamos oferecer aos nossos leitores mais delicado e valioso brinde.

(EXCERPTO)

« Entra agora no theatro da guerra o general Canêta. Os fastos d'este Canêta prendem synchronicamente com a chronologia das minhas finanças de ha 39 annos. Não só a saudade d'essas finanças, que tambem a philosophia da historia obrigan a minha penna a mover-se vagarosamente com uma poetica volupia, na factura d'esta meia duzia de paginas em que, n'um ou n'outro periodo, apparece o meu antigo coração em vitrine de museu como uma peça de anatomia mumificada.

Os jornaes de 46 discordam quanto ao nome d'este general. O *Periodico dos Pobres*, uma vez, chama-lhe *Antonio Joaquim de Souza*, outra vez, *João Canêta*, e até chega a confundil-o com o *João Corneta* a quem já dediquei n'este livro uma nota assás tocante. Uma embrulhada cahotica que ficará impene-travel aos especialistas historicos d'esta qualidade de generaes, se eu não desin-vencilhar semelhante meada. O verdadeiro nome do *Canêta* era José Maria de Souza.

Este homem fôra um negociante falido, de Braga. Prestára serviços na revolução popular fornecendo viveres e salitre ás massas por conta dos setembristas. Depois, quando o ministerio cabralista baqueou, fornecia aos miguelistas por conta dos patuleas enganados, e espalhava proclamaçoens incendiarias contra os liberaes. E, como era um pouco idiota, deixou-se prender pela auctoridade de Braga que o fez encarcerar na Relação do Porto em 24 de Setembro de 46.

Quando alli entrei preso em 11 de Outubro, foi o Canêta o primeiro homem que no salão dos quartos de malta me fez os seus cumprimentos. Eu tinha sido preso a requerimento da minha familia, quando ia para Coimbra continuar, no *Pateo*, as minhas exploraçoens scientificas, bebendo nos mananciaes latino e rhetorico do padre Cardoso e do padre Simoens,—Deus lhes falle n'alma em latim ciceroniano. Os meus inimigos em letras, dois annos depois, farejavam delictos execrands na causa mysteriosa d'aquella prisão de sete dias. E eu que, amordaçado pelo pudor, não podia esclarecer a opinião publica do botequim *Guichard* e da *Aguia* e das *Hortas*, mandei pedir á pessoa, que requerera a minha captura, houvesse por bem explical-a. Pôde ser que o divulgar-se agora, na velhice extrema, este lance de nma juventude já esquecida, venha a ser estorvo á inauguração da minha estatua, uma cousa que eu havia de ter por força, sobre um pedestal de adjectivos plangentes com altos relêvos de adverbios, nos oito dias immediatos ao do meu trespassse. Lamento muito e por antecipação esse dissabor que me hade consternar na minha individualidade cosmica de cernêlha de boi, de cauda de comêta ou de couve lombarda; mas já agora não posso esquivar-me a ser um pouco Santo Agostinho.

O bemfeitor que me tinha feito prender respondeu assim nos jornaes de 1849, á minha sollicitação:

« Sr. redactor.

« Insto pelo favor de transcrever no seu jornal as seguintes linhas:

« Quem fez prender na Relação d'essa cidade Camillo Castello Branco, fui eu que sou seu tio. A causa porque eu o

prendi não é essa que os seus detractores lhe fulminam. É um *rapto*, não é um *roubo*. Para obstar a uma ligação que o faria desgraçado busquei um pretexto; se é d'elle que se aproveitam os seus inimigos, declaro que é falso, e authoriso meu sobrinho a tirar a desforra legal de qualquer ultrage que se lhe faça com allusão á sua captura.

Villa Real, 27 de Fevereiro de 1849.

João Pinto da Cunha. (1) »

Este bom homem, para me salvar de um enlace indiscreto, ordenava ao seu agente no Porto que me fizesse prender como *raptor* de uma mulher sem pai nem mãe e de maior idade, que me acompanhava espontaneamente para Coimbra; e, a não ser este delicto efficaz para a prisão «requerida por meu tio» como se eu fosse o *raptado*, então authorisava o agente a queixar-se de que eu o esbulhara de ricos valores em joias e baixella, 20:000 cruzados, calculava-se no botequim do *Guichard*.

Para que os genealogistas porvindouros da minha linhagem se não vejam embaraçados com esta vergonhea de *Pintos e Cunchas* na minha arvore, devo esclarecer que este homem não me era nada—era marido de uma tia minha. Provavelmente, se eu teimasse em matricular-me honradamente com a *raptada*, seria pronunciado como ladrão de joias e baixella, 30:000 cruzados—computava o botequim da *Aguia*.

Honrado e querido tio da minha alma! Uma semana depois que sahi do carcere era apertado nos braços carinhosos do meu salvador que pagou generosamente o aluguer do macho que me conduzio sem dificuldade, porque eu ia tão leve que não levava um pataco—nem a joia d'um pataco, senhores, e logo saberão porque.

Que saudades me fazem estas alegres e esplendidas miserias dos meus vinte annos! Vejam que nem tenho pejo de contar as miserias nem as saudades, hoje que algumas centenas de contos levantam entre mim e esse passado pelintra uma alta muralha de ouro de lei! N'aquelle tempo, os rapazes tinham desvarios tragicos até ao ridiculo, e entravam muito cedo e depressa, na previsão dos escolhos infamados em que haviam de ir a pique, sempre imperterritos e armados como Xerxes do tagante para azor-ragar as ondas aparcelladas... Mas que saudades eu tenho d'aquellas joias e baixella—50:000 cruzados, para cima que não para baixo, conjecturava o botequim das *Hortas*. *

Canêta era um sujeito esgaldado, de meia idade, com suissas de *maitre d'hotel*, semblante espasmodico, d'uma immobilidade ceramica, ares doentios e um sorriso abstracto de idiota feliz. Trajava sobre-casaca preta clerical até aos tornozellos, e um chapêu alto de seda, e por baixo um lenço escarlata de Alcobaca apertado na cabeça com as duas pontas sobre a nuca, em riste, tezas como orelhas fitas n'uma desconfiança de onagro. Jogava o monte e a esquineta n'um quarto dos politicos, presos nos dias seguintes á prisão do duque da Terceira. Era bom ponto e tinha muita sorte. As dez moedas que eu levava para Coimbra ganhou-m'as elle. Era visitado no salão por um setembrista importante. Alguns presos cabralistas por causa d'essa visita desconfiaram que elle fosse espião e acautellavam-se. O Barbosa, das Ayras, um maneta valente da Villa da Feira, chegou a ameaçal-o.

O Canêta, quando não jogava, tinha desmaios de tristeza e chorava copiosamente por se ver entre ferros e com uma catarral de mãos symptomas. A

(1) *Nacional* de 10 de Março, »

cadeia enfraquecêra-lhe o caracter e abastardara-lhe as convicçoens. Se a venda da consciencia lhe abrisse os ferrolhos do carcere, elle não duvidaria vender essa chimera incommoda quando é preciso nutril-a na cadeia.

Os setembristas sabiam que elle tinha intimidade com o padre Casimiro, rebelde ás ordens da junta. Emprehende ram subornal-o a entregar o padre, a troco da liberdade e algum dinheiro. Esta negociação estava pendente quando eu sahi da relação, e fechou-se alguns dias depois, sendo elle posto em liberdade. Tão reprehensivel veniaga não o impedio de praticar commigo, quando sahi, um acto bizarro. Sabia Canêta que eu, na vespera, tinha perdido os ultimos cruzados novos nas dobradas contra as singellas. Ganhara-os elle. Offereceu-me dez pintos emprestados que eu aceitei e recolhi ao coração, ou, sem methaphora á algibeira cheia de cotão e lagrimas de reconhecimento. Depois, em 1851, fui a Braga e pedi a D. João de Azevedo que me levasse a casa do Canêta. Encontrei-o com o mesmo casaco e o mesmo Alcobaca por debaixo do chapeo alto. Estava muito magro, queixando-se do intestinal, e que morria breve. Dei-lhe a sua moeda que elle julgava perdida, porque nem se quer se lembava do meu nome para me fazer citar.

Elle ahi vai agora no infeliz exercicio da sua perfida missão; e eu confirmarei as suspeitas do Sr. padre Casimiro, depois desvanecidas, por um sentimento sublime de caridade com a miseria de um seu correligionario, ou provavelmente para ensaboar essa nodoa do seupartido.

Quando o padre se preparava para dar um assalto a Barroso e fazer presa em um conto de reis e mais trinta moedas com mais alguns miudos e grande quantidade de pão embargado para os cabraes, appareceu em Vieira José Maria de Souza, o Canêta, muito alegre e com muito dinheiro. Deu grande ceia aos officiaes, pagou as dividas nas tavernas e distribuiu um pinto por cada praça. Não approvou a surtida a Barroso, allegando abundancia de dinheiro, e arbitrou, como *agente d'el-rei* e commandante das forças, que sahisses a dar novamente os «vivas» a D. Miguel em Guimaraens. O padre cedeu-lhe o bastão de general, porque o seu maior empenho era vencer-se a causa. Perto de Guimaraens, o general Canêta a beberouas massas em aguardente, afim de escorraçar da cidade a tropa que lá estivesse Ora a tropa que lá estava eram 800 praças de infantaria, cavallaria e lanceiros. Veio este aviso de dentro, e padre Casimiro, pouco disciplinado, fugio com a sua gente; e se não transpõe a serra do Carvalho, de noite, era agarrado pela tropa que já se movia em Guimaraens. Aqui, fahou o plano do traidor. Ao outro dia,—nova cillada—foram de subito atacados pelos sirzinos: estiveram perdidos. Canêta quiz que almoçassem as forças a pequena distancia do inimigo. A resistencia do padre e a velocidade da fuga salvou-o. Seguiram-se outras embuscadas. Padre Casimiro dá miuda noticia e conclue que eram mais que *sufficientes para o reputar traidor que queria a todo custo dar cabo de mim*. Porém, não desconfiava porque o *homem não tinha cara de traidor*; mas á cautella, abandonou-o com o seu batalhão; e o general Canêta, ao ver-se sem gente, e perdida a esperança de dar boa conta de si á junta, *cahio d'umas escadas abaixo com um desmaio e ficou sempre muito mal*, diz o Sr. padre Casimiro. Esta syncope e queda pelas escadas revellam talvez o bom fundo do homem, uma dilacerante colica de consciencia. Cahio simplesmente pelas escadas, por que a victima da sua perfidia não chegára a ser immolada; mas, se o padre

calhisse atravessado em alguma das armadilhas, Can'ta enforcava-se tão certo como Judas se enforcou. O certo é que o malogrado traidor nunca mais teve saúde, e morreu pobrememente, seis annos depois, em 1853.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

Pedimos a attenção dos leitores para o artigo *Politica e politicos* do nosso estimado collega Luiz Murat, por nos parecer que elle soube ferir a magna questão social da actualidade, com extraordinaria precisão synthetica e grande alcance critico.

Escusado é explicar que sendo Luiz Murat, redactor d'esta folha, o artigo, embora assignado por elle, representa as idéas d'A *Semana*.

POLITICA E POLITICOS

A camara nada fez ainda relativamente á questão do elemento servil.

Dissidentes e conservadores colligam-se de modo a impedirem a discussão do projecto—Dantas.

A curiosidade publica augmenta de dia em dia e toda a imprensa estygmatiza com mais ou menos violencia a attitudde assumida por uma facção politica que tem procurado torcer a marcha natural dos factos sociaes, antepondo ao interesse colectivo o interesse individual.

Ah! esses politicos não comprehendem a gravidade da situação que estão preparando.

Elles não comprehendem as consequências que podem advir d'este estado de cousas; não comprehendem que a reacção é sempre igual á acção, que toda reforma requer um leito desaccidentado para desenvolver-se, integrar-se, adaptar-se, generalisar-se.

Como obstar á realisação de uma reforma que emerge naturalmente de um conjunto de leis organicas que tem por si uma ampla solidariedade historica, um estimulo que em toda parte age e reage de um modo definitivo e geral?

Como protrahir o advento effectivo de uma idéa que constitue por assim dizer o proprio organismo da nação?

A oligarchia negreira quer sem duvida mudar o rumo dado ao movimento politico pelo coherente impulso do gabinete de 6 de Junho.

Coagir uma idéa a permanecer n'um espaço limitado demais, para que ella possa alargar-se em todas as direcções, coordenando todos os seus movimentos segundo uma energia uniforme e continua de todas as suas partes, é substituir o facto positivo em politica por uma concepção falsa das cousas; é plantar a anarchia.

O Sr. conselheiro Dantas prefere morrer gloriosamente a concorrer para o desmembramento do seu paiz.

Todo o povo brasileiro está prompto a exclamar com Desmoulins: *Il ne peut plus m'arriver qu'un malheur, c'est celui de voir ma patrie continuer esclave.*

Assim como em medicina o medico póde caracterisar a molestia segundo o cortejo pathognomonicos dos symptomas que apresenta o doente, assim também quem não poderá em politica (a não serem os Srs. Andrade Figueira e Paulino) caracterisar a enfermidade d'este povo e deduzir logicamente não só a marcha da molestia, mas ainda todos os seus effectos? Só pategos da laia dos dissidentes e dos conservadores poderão pensar que os negocios publicos entre nós correm ás mil maravilhas.

A opposição não acceta o debate do projecto; só faz numero para tratar de eleições.

O Sr. Dr. A. Caminha, abolicionista, eleito pelos abolicionistas do Ceará, nega o seu voto ao Sr. Dr. Joaquim Nabuco.

Adherindo varias vezes á opinião do illustre abolicionista pernambucano, agora recusa-lhe o seu voto, talvez por imposição dos seus chefes, dando a entender assim que a camara reconhecerá deputado o Sr. Dr. Portella em vez do Sr. Dr. Nabuco.

O Sr. senador Silveira Martins depois de apoiar o gabinete, investe contra elle, tropejando a sua rethorica bombastica e atordoante e ferindo a dignidade collectiva da imprensa, porque esta ainda não desceu a discutir os seus erros politicos, e a falta de criterio peculiares a todo homem, como S. Ex.: muito fequendo em *bombas*, nas muito esteril em idéas.

Muito superficial, muito superficial o Sr. senador Silveira Martins.

O acto praticado por S. Ex. só prova quanto é pouco criterioso o velho senador pelo Rio Grande do Sul.

Pouco orientado em questões politicas, como em questões sociaes, vendo sómente o que vê a maioria dos nossos estadistas, isto é: o resultado proximo dos phenomenos, destituído de tino para concretar o abstracto e apanhar a força potencial de onde dimanam os factos que preoccupam todos os espiritos intelligentes no momento actual, S. Ex. desconhecendo ainda que vivemos em uma época toda scientifica e toda logica, pensa que nos ha-de confundir e convencencer com as suas anomalias e com a sua verbiagem quasi a roçar pela loucura.

Não será a sua rethorica que nos ha-de fulminar, a nós, a imprensa.—o factor dynamic, que, interpretando os factos que vagamente fluctuam na consciencia publica, damos-lhe uma certa homogeneidade, uma certa força, um certo caracter positivo, reavivando-os á luz dos novos principios, coordenando-os para transformal-os n'um estimulo poderoso, consciente e solidario, affirm de que elles possam aclar uma perfeita adaptação nas fluctuações transitorias do caracter e da mentalidade popular.

Nunca movimento nenhum (de qualquer natureza que elle seja) dependeu da acção exclusiva de uma individualidade.

São explicitas estas palavras do Sr. Lafitte:

« Grande homem é aquelle que resolve um problema importante proposto pela serie dos antecedentes historicos.

A este respeito nota um escriptor illustre «que os problemas mais importantes são effectivamente as transições de uma para outra época que os antecedentes sociaes impoem, e que a incerteza do futuro demora, prolongando o mau estar do presente.

A questão do elemento servil, desde que seja resolvida, rasgará horisontes mais amplos ao desenvolvimento economico e social do paiz. Entraremos n'uma outra época, n'um periodo de prosperidade, de livre concurrencia, de solidariedade.

Portanto, são grandes e devem por isso merecer adhesão da opinião publica, todos aquelles que souberam impôr ao arbitrio irresponsavel do chefe temporal o regimen das idéas, em vez do prestigio das ficções.

A imprensa eabe o primeiro logar na solução do magno problema da libertação dos escravos, porque ella soube comprehendder a tendencia do espirito publico, e uniformisando-a, dar-lhe um caracter effectivo.

E assim como conta Segur (*Memoires*) —o qual na época da revolução franceza estava em S. Petersburgo, — que francezes, russos, inglezes, dinamarquezes, allemaes, holandezes, todos, nas ruas, felicitavam-se, abraçavam-se, pelo facto da tomada da Bastilha, *comme si on les eût delivres d'une chaîne trop lourde*

qui pesait sur eux, da mesma maneira todo o mundo civilisado exprimirá o seu entusiasmo e o seu regosijo, quando souber da queda desta outra Bastilha,—a Escravidão; como se elle se libertasse do ultimo elo ignominioso que prende a humanidade presente á humanidade passada.

LUIZ MURAT

VENTURA

Feliz de quem sorrindo e amando gosa
Blandicias, beijos da mulher amada
E ouve-lhe a terua voz edulcora la
Cheia de affagos, tremula, saudosa!

O amor quer outro amor; é como a rosa
Que mais linda se torua e perfumada
Se o fresco orvalho argenteo da alvorada
Afresca-lhe a corolla setinosa.

Quer sentir, quer ouvir, puro, a seu lado
Um outro coração bater contente,
O coração que bate apaixonado.

Almas que se amam vivem docemente,
Sim, pois quem ama deve ser amado,
Já que um amor quer outro amor sómente!

ALFREDO DE SOUZA.

GAZETILHA LITTERARIA

Camillo Castello Branco, o mais illustre vulto da litteratura portugueza contemporanea, está preparando as seguintes obras:

Palmira Cotta, romance a seguir ao estudo historico *Maria da Fonte: Pendor de Mãe, O Dr. de Galdes e Os Palacios Vermelhos*, romances.

Os Brocas, romance tão annunciado já, e anciosamente esperado, só apparecerá mais tarde.

*

*

Em Outubro deste anno, o mais tardar, será posto á venda pelo conhecido editor Costa Santos, do Porto, um livro de Monteiro Ramalho:—*Historias da Montanha*.

*

*

Os admiraveis artigos publicados pelo Sr. Ramalho Ortigão na *Gazeta de Noticias*, sob o titulo:—*A Hollanda*—devem apparecer este anno em volume, aqui em edicção commum da *Gazeta*, e em Lisboa—edicção de luxo.

*

*

Aelia-se publicado o primeiro fasciculo das *Obras classicas do padre Antonio Vieira*, edicção da *Empreza Litteraria Fluminense*.

*

*

Está sendo impresso nas officinas do *Diario de Santos* um livro de versos do distincto academico de S. Paulo Vicente de Carvalho. Intitula-se *Ardentias*.

*

*

Luiz Delfino, o nosso grande poeta, acaba de escrever uma poesia admiravel, 46 sextilhas sobre o grande assumpto da epocha—a escravidão. *A Semana* espera poder publical-a em um dos seus proximos numeros.

*

*

Foi hontem posto á venda na livraria editora do Sr. Garnier o *Parnaso brasileiro* — (seculo XVI—XIX, 1556—1880) pelo Dr. Mello Moraes Filho. Esta obra está seguramente destinada a produzir grande ruido no nosso pequenino mundo litterario; isto quer dizer que o ruido será grande em relação ao mundo em que se produz. Unicamente.

Galeria jornalística

CHRISPINIANO

(da Folha Nova).

Sexo masculino.
Isto é—neutro.
Come.
Bebe.
Anda.
Guarda-livros.
Isto é—jornalista.
E' a tal cousa.....
Vejam só....
Não é tolo.
Nem intelligente.
Nem mediocre.
Nem malvado.
Nem bomzinho.
Nem espirituoso.
Nem lorpa.
Nem nada.
Gajo de força !
Ai! mana!

ZECA

CANCIONEIRO DOS CIGANOS

O Dr. Mello Moraes Filho acaba de publicar, com o titulo *Cancioneiro dos ciganos* uma preciosa collecção de quadrinhas populares desta raça nomade.

Este livro representa um grande esforço e um enorme trabalho. Quem conhece o character desconfiado dos ciganos, a pouca confiança que elles têm em quem não é da sua raça, e a maneira mysteriosa e tenaz como elles occultam a sua vida e o seu lar, poderá calcular a somma de finura, de perspicacia e de tenacidade que teve que vencer o Dr. Mello Moraes (para penetrar naquelles sombrios antros da cidade nova, ganhá-lhes a confiança, obrigar-os a recitar os versos e a contar as lendas, as pragas, os exconjurios e as ceremonias.

E' um bom e real serviço prestado á litteratura nacional e uma valiosa contribuição para o estudo d'aquella raça, cuja historia e cujos costumes são tão pouco conhecidos.

Transcreveremos algumas d'essas trovas tão cheias de poesia, tão repassadas de tristeza, de uma feição tão poeticamente lugubre, e ao mesmo tempo tão sentenciosas, tão philosophicas da negra philosophia fatalista e melancolica do desespero de uma raça batida por todos os vendavaes da desgraça, e que não encontra nas suas tradições nem no seu animo força para reagir, alma para lutar, vontade para engrandecer-se.

São, pois, do *Cancioneiro dos ciganos* as bellissimas quadrinhas que o leitor encontra hoje espalhadas pelas columnas d'*A Semana*.

DE PORTUGAL

recebemos os seguintes livros:

— « A Família, » trabalho de sociologia, por Teixeira Bastos; remetido pelo auctor.

— « Contos populares do Brazil, » por Sylvio Romero, com uma introdução de Theophilo Braga; enviado pelo editor, Carrilho Videira.

— « Revista dos estudos livres, » remessa do mesmo editor.

— « A Jurity, » scenas do Rio de Janeiro — romance original, por Alfredo Campos; remessa do editor Eduardo da Costa Santos.

Agradecendo aos amáveis offerentes a distincção da offerta, que tanto nos

honra, promettemos occupar-nos devidamente de todas estas obras á proporção que o limitado espaço de que podemos dispôr nos facultar o cumprimento d'este grato dever.

Pr'a não completar-se o goso,
Fôra melhor não gosar;
Que o prazer dado ás parcelas
Não se pôde apreciar.

BOLOS

No seu n. 15, de 11 do corrente, propoz a *Semana* a seguinte questão litteraria: decidir-se, por meio de um suffragio livre, qual é o maior poeta do Brazil. E promettia dar no fim de trez mezes o retrato do mais votado.

Pois, senhores, tanto bastou para que o *Diario Portuguez* propuzesse, dias depois, questão semelhante aos seus leitores; promettendo tambem, desde que tivesse um certo numero de votos, dar o retrato dos mais votados, visto que lá são dois os poetas a suffragar.

Que nós façamos d'essas macaqueações, nós que somos *di cá*, como diz o Camillo, ainda se comprehende; mas que as faça o *Diario Portuguez*, que é *d'lá*, é que não podemos entender.

Se esta cousa de ideas de expelientes de ruido, fosse propriedade de alguém, nós estaríamos aqui apitando como se fossemos ex-urbanos; mas as leis são em muitos casos como o conselheiro Saraiva—não cogitam; portanto, não temos remedio senão deixarmos-nos estar expostos á ex poliação de collegas pouco escrupulosos e menos delicados.

Todavia, se se nos permite uma expansão, sempre diremos á gente limpa e honesta do *Diario Portuguez* que bem sabemos porque foi feita a nefanda traição. O respeito que nos devemos a nós mesmos e o que tambem devemos aos poucos cavalheiros nossos amigos da folha luzitana, impede-nos de escrever n'estas columnas honradas o nome do sevandija que, abusando da boa fé dos que por não o conhecer o toleram, inspira e promove sempre que lhe é possível estas ligeiras e insignificantes desavenças entre collegas.

Objectar-se-nos-ha que a idéa da nossa questão litteraria não é original nem é nova. De accordo. Sabemos que ella partiu ainda ha pouco de um jornal inglez, e que no anno passado foi idéa semelhante apresentada por nm jornal de Coimbra.

Podemos, porém, contestar, observando, que nenhum d'esses jornaes teve o desprazer e o nojo de ver na mesma terra e ao mesmo tempo outro collega aproveitar-se traçoeiramente da sua proposta para estabelecer outra no mesmo sentido, com ligeiras variantes, como no caso presente fez com *A Semana* o *Diario Portuguez*.

Nós não damos o cavaco, como se costuma dizer; mas achamos (dioso que uma folha que, para o fim alludido, tem sobre nós a vantagem de ser diaria, queira servir-se dos nossos esforços macaqueando-nos servilmente. O facto repugna-nos, mas não nos revolta; mesmo porque o lado sympathico da questão é incontestavelmente o nosso, desde que fômos os primeiros a fazer a proposta.

Fazemos estas observações ligeiras, com o fim de prevenir a boa e decente rapaziada do *Diario Portuguez* de que tem na sua companhia alguém que lhe suggere máos pensamentos ou que pratica actos que nenhum homem honesto pôde auctorisar com sciencia e consciencia.

Que diabo! Sr. Pinheiro, Sr. Pestana, ainda ha *colas* para os cães.

E' preciso que o actual *Diario Portuguez* não seja o que têm sido no Rio de Janeiro todos os jornaes da sua nacionalidade—ursa sucia de sucios.

Agora algumas reflexões christãs á critica theatral da nossa bemaventurada imprensa, critica que o incomparavel e immensuravel *Quidam* genuinamente representa.

A's monstruosidades que disse da *Dionysia*, juntou a imprensa fluminense as mais bizarras e estranhas apreciações do desempenho dado á deliciosa comedia pela companhia do Recreio Dramatico. Não as respigaremos todas; limitar-nos-hemos a notar o que se escreveu acerca do actor Maggioli, a quem, incontestavelmente, e sem offensa ou menospreso pelos outros artistas, cabe o *successo* do desempenho da *Dionysia*:

— O *Jornal do Commercio* nem se dignou escrever o nome do estimavel e distincto actor, na sua gazetilha de sabbado.

A *Gazeta de Noticias*, comquanto lhe faça elogios, cita o seu nome em quinto lugar.

— O *Paiz* cita o actor Maggioli em terceiro lugar e diz que a peça teve brilhante desempenho.

— A *Gazeta da Tarde*, corôa esta obra de justiça e de equidade critica, dando o nome de Maggioli em ultimo lugar, depois de citar todos os outros, e ainda assim com as seguintes textuaes palavras:—O proprio Sr. MAGGIOLI, na scena em que sabe do crime de sua filha arrancou lagrimas e recebeu palmas.

O proprio Sr. Maggioli, tratando de um artista de merecimento e um dos primeiros da companhia, se não revelasse animadversão ou curteza de vista —teria graça.

Ora aqui tem a America pasmada como se faz critica theatral no seu mais bello e mais deslumbrante pedaço de terra. E se lhe dissermos que ainda a critica do Bertoldinho Quidam não appareceu, pois que elle na quinta-feira fez *gazeta* no *journal*, que a America se revista de coragem para resistir aos embates da imbecilidade de letra fôrma!

CHICO FÉRULA.

Nasci livre, mas escravo
De teus favores me fiz;
D'um senhor tão generoso
Ser escravo é ser feliz.

QUESTÃO LITTERARIA (*)

Qual o maior poeta do Brazil? (1)

Sobem ao numero de 35 as respostas, até hoje recebidas por nós.

Continuamos a publical-as:

« GONÇALVES DIAS — Menezes (Barra-Mansa).

« ALVARES DE AZEVEDO — Amilcar Ferreira Soares (Côrte).

« CASTRO ALVES — W. Montmorency (Campinas).

« G. DIAS — R. Lahmeyer (Côrte).

« FAGUNDES VARELLA — Heitor Murat (Côrte).

« LUIZ DELFINO — Souza Leite (Côrte).

« CASTRO ALVES — Urbano Montenegro (Côrte).

« L. GUIMARÃES JUNIOR — Cintra Junior (Côrte).

« G. DIAS — Carlos Guimarães (Côrte).

Vide ns. 15 e 16 d'*A Semana*.

- « G. DIAS—Americo Guimarães (Côrte).
 « G. DIAS—C. Lins da Rocha (Côrte).
 « G. DIAS—Oscar Verney (Côrte).
 « L. GUIMARÃES JUNIOR—Manoel Francisco Corrêa (Côrte).
 « G. DIAS—Braulio Junior (Côrte).
 « G. DIAS—Octavio Mendes (Campinas).
 « C. ALVES—A. Teixeira (S. Paulo).
 « G. DIAS—Polybio Garcia (Côrte).
 « C. ALVES—Eng. Wonsuit (Côrte).
 « G. DIAS—Carlos da Costa Soares (Côrte).
 « G. DIAS—Carlos Cordeiro (Côrte).
 « C. ALVES—José de S. Pinho (Côrte).
 « L. DELFINO—João Fernandes (Côrte).
 « G. DIAS—Honorio Pinto (Côrte).
 « C. ALVES—Aug. Gonçalves (Côrte).
 « G. DIAS—Dr. Lycurgo (S. Paulo).
 « ALVARES DE AZEVEDO—Benjamin F. Silveira da Motta (S. Paulo).
 « C. ALVES—Mario Alves de Moraes (Santos).
 « C. ALVES—Arthur de Andrade (Santos).

RESULTADO:

G. Dias.....	14
C. Alves.....	10
L. Delfino.....	3
L. Guimarães Junior...	2
Alvares de Azevedo....	2
F. Varella.....	1
Gonzaga.....	1
Domingos de Magalhães	1
Pedro Luiz.....	1

Não contamos nem publicamos os votos assignados por pseudonymos ou simples iniciaes, ou vierem redigidos sem seriedade. Destes poucos temos recebido, mas muito daquelles.

Eis a razão porque não consideramos os votos de *E de A, Uma paulista, J. S.* (de S. Paulo) e outros.

Publicamos em seguida alguns votos fundamentados :

« Tenho lido varias vezes assombrosas producções de Luiz Delfino, o poeta que ao meu ver, assoma á frente da grande phalange de vates brasileiros finados e por finarem-se.

A Solemnia Verba, A Italia, A Filha de Africa, Tantalos, Fornarina e mais alguns verdadeiros poemas de grande folego e ricos de inspiração, seriam sufficientes para dar prova exuberantes do grande merito de Luiz Delfino.

E' justo que pensemos todos como eu, attendendo não só á fecundidade, á originalidade e á inspiração do poeta, como ao progresso da poesia que no Brazil tende a ser notado com a appareção de homens como esse, que não de vir successivamente. Oxalá que assim seja e que todos saibam comprehendel-os e admiral-os.

Não deixaremos de render o devido culto aos grandes poetas do passado como Gonçalves Dias, Castro Alves, Alvares de Azevedo, Cazimiro de Abreu, Laurindo Rebello, Fagundes Varella e outros, elevando Luiz Delfino acima delles; porque aquelles, se nos deram boas obras que ainda lemos e que sempre havemos de ler, dispensando-lhes o seu justo valor litterario, foi n'uma época em que á poesia eram dispenados os primeiros carinhos no berço que lhe dou a nossa patria.

A poesia vai ascendendo agora no Brazil a escada da existencia, e quem a conduz n'essa sublime ascensão ?

Luiz Delfino.

E' elle, portanto, declaro-o á illustrada redacção d'*A Semana*, que tem o meu voto para occupar o principal logar entre os poetas brasileiros. Arthur Mendes.»

QUAL O MAIOR POETA DO BRAZIL ?

Esta interessante questão, pela fórma porque a propoz a illustrada redacção d'*A Semana*, não dá logar a muitas divagações:—apontar um nome é julgal-o com todos esses predicados que formam um grande poeta. Comtudo, para justificar a minha opinião, direi que os encontro em profusão no arrojado poeta dos—*Voluntarios da Morte*, esse rugido de leão, como lhe chamou um dos maiores poetas portuguezes, o visconde de Castillio.

Aquelles primorosos versos da *Terribilis Dea*, que são os mais conhecidos de Pedro Luiz, bastariam para fazer a reputação de um grande poeta.

Juntemos agora a esses dous cantos leoninos—*Nunes Machado, Pedro Ivo, Covarde!, Tiradentes, Graziella, O lago, Lagrimas do passado, O leque, O relógio*, e outras bellas poesias ineditas, e poderemos com justiça reclamar para o auctor d'esse volume o primeiro logar entre os poetas brasileiros.

Barra Mansa, 15 de Abril de 1885.—*Daniel de Faro.* »

« Illm. Sr. Director da *Semana*. O maior poeta brasileiro foi, e será por muitos annos o sempre lembrado Castro Alves, o melhor discipulo de Victor Hugo que temos tido. A sua musa reúne todos os predicados dos grandes poetas:—audacia de imaginação, immenso sentimento, idéas, grandiosas intenções em prol da Humanidade, muita elegancia artistica, perfeita harmonia, decidido amor á gloria.

Como poeta foi um perfeito reformador, e fundou uma escola.

E' o que pensa o—De V. S. Att' ad' e am. obr.—*Carlos Ferreira*.—Campinas, 14 de Abril de 1885. »

« Illm. Sr. Redactor.—Respondendo á pergunta que formulou em a « questão litteraria » dir-lhe-hei:—Alvares de Azevedo.

Não sou muito cõnhecedor, por falta de tempo e estudo, para de prompto afirmar esta minha resposta.

Ella é o resultado da comparação que estabeleci entre varias apreciações e juizes criticos que têm sido feitos sobre varios auctores.

Para mim este nome—Alvares de Azevedo—designa o de um genio!!

Ninguém, e em tão pouco tempo, fez mais do que elle.—Sou de V. S. Att' ven'.—*Amilcar Ferreira Soares.* »

Quem quizer crear amores,
 Pr'a ninguém desconflar.
 Quando olhar não deve rir.
 Quando rir não deve olhar.

A proposito de Guerra Junqueiro & Comp.

Sob este titulo escreveu-nos um anonymo o seguinte, cuja veracidade não garantimos, mas que publicamos por ser curioso :

« Em 187...estava eu almoçando no hotel Francfort, no Porto quando entrou na sala Monsenhor Pinto de Campos, em companhia de um homem de physionomia adoentada. Tomaram assento em frente de mim, e como nos reconhecemos eu e o monsenhor, que conhecera no Rio, entramos em conversação.

Que vinha de Jerusalem; que visitara os lugares sanctos; que etc. etc. Que para cumulo de felicidade tinha visitado o sanctuario do Bom Jesus de Braga, donde chegara naquella manhã, e que allí celebrara a missa, tendo por acolyto o seu amigo—aponta do o companheiro

que lhe estava á direita—o seu amigo o Sr. Camillo Castello Branco...

Ao ouvir isto, fixei a vista neste, que eu não conhecia, esperando ver nos seus labios perpassar algum sorriso, mas elle continuou impassivel a mastigar a sua costelleta vagarosamente, como quem está com fastio.

Levantei-me, e quando cheguei ao meu aposento, apertei as ilhargas com ambas as mãos e dei-me desopprimir-se com gargalhadas o peito ollegante. Depois, pondo os olhos no tecto, exclamei: « O Pai do ceu! Uma missa resada por monsenhor Pinto de Campos, tendo por acolyto Camillo Castello Branco!... »

Seriam elles capazes de, a sós, olhar um para outro sem rir? Quem o sabe?

Que o facto e real assevero-lhe e pode mandar perguntar ao Camillo.

E eis ahí um bello thema para um quadro que faça *pendant* com o do Junqueiro. »

Ha quem seja ré de morte
 Sem consciencia de o ser;
 Digam, se podem, teus olhos,
 Se não nos fazem morrer.

POESIA E POETAS

Trouxeram-nos certo pezar as poesias que, sob o titulo de *Eclecticas*, enviou-nos do Recife o Sr. Mariano Augusto. Não que o poeta vibrasse o sacro instrumento das Musas em lagrimejados raptos de um sentimentalismo doloroso e tristissimo. Não, e fóra talvez melhor. Desacostumamo-nos, a pouco e pouco, e por tal maneira das voluntarias torrentes de echoro, que dimanavam das cinzas do Parnaso nacional, que já hoje seria sofredamente lido, por original e exquisito, o que se lembrasse de abeberar as suas estrophes nos *prantos d'alma*, embora o verso se desmanchasse diluido n'aquelle caldo intimo de soffrimentos.

Têm razão certos iconoclastas da Poesia moderna.

O Sr. Mariano Augusto não vae, porém, com os novos reaccionarios... Canta ainda pela clangorosa trombeta com que, de certos annos a esta parte, puzeram-se alguns poetas a soprar aos ouvidos do Seculo os seus nomes queridos de Sciencia, Liberdade, Razão, Justiça, etc., com um estardalhaço, que daria vontade, se fosse possivel, de a gente se transplantar d'aqui a um outro seculo, passado ou futuro, menos barulhento e agitado.

Mas em que nos deram pezar as *Eclecticas*?

N'isto exactamente. No compasso com que o poeta acompanha o estrepitoso dos que invejam e imitam a Guerra Junqueiro, emulando-o elle proprio em mais de uma passagem da *Morte de D. João*; por sua fraldosa adjectivação, emphatica ás vezes e sempre monotona pela pausa quasi invariavel que traz ao verso; por sua pouca segurança de estylo devida á impressões de leitura, de que difficilmente se conseguirá libertar.

Cresee a nossa magna com o vermos que ha no Sr. Mariano Augusto um verdadeiro temperamento litterario, mas assim, desorientado, perdido n'essa corrente que a muitos leva, apartados de si mesmos, á subordinação, á servilidade a outrem que os impressiona, e cujo sentir vão copiar, bem raros ainda com a felicidade de emprestar-lhe uma fórma que o disfarce devidamente.

Não é lisonja, para de algum modo adoçar ao que muito de justiça cremos ter affirmado,—a phrase que puzemos acima, dizendo que ha no auctor das *Eclecticas* uma verdadeira complexão de escriptor. Verdadeira mas transviada. Sente-se em seu livro a verdade das

nossas palavras: corta-o, por vezes, certo sopro de inspiração, acanhada, embora, da oppressão exterior que a domina; instantes ha em que o sentimento parece fallar a linguagem propria; então transluz no verso um quê, revellando alguma cousa que ainda se não havia notado; mas é um accidente,—desappareceu ao virar a pagina. Esse quê, é o proprio poeta, é a sua alma enredada em versos que ella não fez, que a embaraçam, que a opprimem, e acabarão de mata-la, como um vestido que não foi feito para enrajala, e que a suffoca por demais apertado.

Liberte-a o escriptor, se a tanto chega o seu esforço, e será mais do que Hercules: terá espedaçado a trama da tunica que o inutilisa e devora.

D. Ruy.

Responso da « Folha Sóva »

I

Que patusca, a *Folha Sóva!*
E' a tal cousa... Já se vê!
Ai, minha! o que ella desova!
Que patusca, a *Folha Sóva!*
Ora se... se cava a cova,
Que a sóva a cova lhe dê...
Que patusca, a *Folha Sóva!*
E' a tal cousa... Já se vê!

II

Em portuguez berry berra,
Bale o carneiro em francez;
Contra as cousas d'esta terra
Em portuguez berry berra.
Mas o que sae nos atterra:
Nem francez nem portuguez!
Em portuguez berry berra,
Bale o carneiro em francez.

III

Pederneiras na cabeça
Tem o doutor, pederneiras!
Ou tem cousa que pareça
Pederneiras na cabeça.
Não ha mal que lhe aconteça,
Que está forrado de asneiras.
Pederneiras na cabeça
Tem o doutor, pederneiras!

ALFINETE.

THEATROS

LUCINDA

Deu-se quarta-feira n'este theatro a primeira representação da *Helena*, comedia em 5 actos, de Pinheiro Chagas.

A comedia é já conhecida antiga do nosso publico, o que nos dispensa agradavelmente de fazermos apreciação do seu merito como obra litteraria e como obra dramatica.

Todos sabem que *Helena* é uma comedia toda puxada á sustancia dos moldes francezes, e que tem sobretudo o defeito de oscillar entre *Magdalena* e *A Morgadinha de Val-Nôr*, do mesmo ministro da marinha do actual ministerio portuguez. Rhetorica, rhetorica e rhetorica, como todas as peças de Pinheiro Chagas.

Tudo muito falso, mas muito bonito, muito polido, muito brilhante, como as joias allemans.

A peça foi em beneficio do consciencioso e estimado actor Muniz, director da companhia da Sra. Apollonia

O desempenho... Muniz deu uma boa feição comica ao papel de barão e Apollonia, adoentada e rouca, não poude tirar todo o partido do seu bello papel, que entretanto, se vê que é dos que ella pôde fazer mellhor.

Nada diremos do Sr. Ferreira, que appareceu com suissas posticas e convenção... Oh! muita convenção principal-

mente. Tambem um papel todo romantico, todo declamatorio, todo phrazes—só assim.

A empresa inaugura hoje os seus trabalhos no Principe Imperial, com *Os Filhos do Capitão Grant*, dando em seguida o grande drama *As Noites da India*, que ha annos foi representado com grande successo no theatro S. Pedro.

A companhia do Recreio Dramatico continúa com a esplendida *Dionysia*, e já marcou para o dia 20 do mez proximo a primeira do sumptuoso drama tragico em 3 actos em verso, de Echegaray—*No seio da morte*.

A traducção é dos mesmos traductores do *Gran Galeoto*: Valentim Magalhães e Filinto d'Almeida. A primeira d'esta peça é em beneficio do actor Dias Braga.

Deve chegar amanhã a companhia Furtado Coelho, que dará uma pequena serie de espectaculos no Lucinda.

Estréa com a *Dionysia*.

Inauguram-se brevemente, no Polytheama, os trabalhos da empresa da actriz Fanny, com a apparatusa magica em 16 quadros, do actor Primo da Costa—*O Genio do Fogo*. Já publicámos o elenco da companhia, que foi agora accrescentado com a Sra. Luiza Leonardo, conhecida pianista, que resolveu fazer-se actriz.

O Sant'Anna ensaia *A Ave do Paraiso*, e vai dando a *Cocota* de vez em quando e o *Casamento Singular* de quando em vez.

Annuncia-se a proxima chegada de uma companhia portugueza de opera comica, organisaada em Portugal pela Sra. Irene Manzoni. Estão expostas na casa Castellões, photographias de varios artistas.

Diz-se tambem que Silva Pereira trará brevemente ao Rio de Janeiro a excellente companhia dramatica do theatro D. Maria, de Lisboa. Ha n'essa companhia artistas de grande merecimento, como os irmãos Rosa, Antonio Pedro, Virginia e outros. Dizem-nos que Brazão e Rosa Damasceno não vêm; não acreditamos.

Deve estréar no theatro S. Pedro de Alcantara, agora todo secio, com pinturas, esculpturas e decorações novas.

Tambem se diz que chegarão duas companhias italianas, uma de opera lyrica e outra dramatica.

Vamos, pois, ter um um grande movimento theatral.
Bem bom!

Mattos, Malta ou Matta?

ROMANCE AO CORRER DA PENNA

XIII

Como principiava a fechar-se a noite, não perdi tempo, disse ao *cara de gato* que me esperasse um instante e lancei-me de carreira para o andar de baixo.

Entrava-se no grande cortiço por um largo portão quadrado, em cuja parte superior havia uma lanterna ennegrecida de fumo e coberta de pó.

A' direita e a esquerda um correr de casinhas conduziam a um coradouro, cheio de gamellas e giraos de madeira, sobre os quaes viam-se algumas peças de roupa, estendidas ou enrodilhadas.

Uma mulher de enormes ancas, a saia apanhada nos rins, a cabeça em um lenço de alcobaça, os pés á vontade em um grande par de tamancos, os braços arremangados até as axilas, retirava de uma corda, suspensa em toda a extensão da estalagem, a roupa que levára a secar durante o dia.

A' proporção que ella ia recolhendo a roupa, lançava-a n'um vasto cesto de vime, que tinha ao seu lado.

— O' bôa mulherzinha, disse-lhe eu,—vocêmece da-me licença que eu tire alli d'aquella tina um papel que me cahiu lá de cima?

— Pois não, senhor meu genro! respondeu ella, voltando-se para mim.

— Minha sogra!...

— Em carne e osso!

— A senhora n'um cortiço?..

— E' verdade! E que ha n'isso de extraordinario? Antes lavar que pedir!

— Sim, mas podia lavar na sua propria casa, como fazia d'antes, e não vir metter-se aqui, n'uma estalagem, n'um logar onde se reune o que ha de peor no Rio de Janeiro.

— Ora! deixe-se de basofias! Faltou-me agoa em casa e não convinha perder a freguezia. Assim, disse eu comigo: Pago um cruzado por dia á Marquinhos Pépé e lavo na estalagem della a minha roupa.

— E desde quando está lavando aqui?

— Ha poucos dias; desde que fallei pela primeira vez ao compadre Quintino. Mas, você não disse que vinha buscar um papel que lhe cahio das mãos? E' bom ir buscal-o antes que elle se extravie.

— Tem razão, disse eu, indo buscar a carta.

E, ao voltar para junto de minha sogra, perguntei-lhe:

— Sabe o que me trouxe a esta casa?

— Diga.

— Vim a procura de minha mulher.

De minha filha?

— E' verdade.

— E encontrou-a?

— Ainda não sei, es'a carta é que vai decidir.

— Pois não volte lá, que perde o seu tempo.

— Como? Explique-se.

— Já lhe disse o que tinha a dizer. Não vá, que perde o seu tempo. Se quizer encontrar Margarida, espere um pouco por mim. Deixe-me recolher esta roupa e podemos ir juntos.

— Ao logar onde ella está?

— Sim senhor. Eu me comprometto a restituil-a. E, olhe, o que lhe affianço é que ella vai para as suas mãos tão pura ou mais do que quando fugio de casa.

— Calculo!

— Calculo, não, coitadinha! Que ella não commetteu a menor falta; apenas foi victima de uma trapalhada, da qual o senhor é o unico culpado.

— Hom'essa agora é melhor! Pois ainda em cima sou eu que levo a culpa?

— Com certeza, mas deixe-me acabar com isto, que já lhe dou trela.

D'ahi a meia hora sahia eu da estalagem com minha sogra, que acabava de se preparar para isso.

Ella chamou um carregador de sua confiança, ordenou-lhe que levasse o cesto de roupa para o Campo de Sant'Anna, e, atirando um chale sobre os hombros, segredou-me ao ouvido:

— Antes de tudo, vamos procurar meu compadre.

— Onde o vamos procurar?

— Na rua do Ouvidor.

Na redacção do *Paiz*?

Ai, ai!

A idéa de entrar na redacção do *Paiz* ao lado de minha sogra pareceu-me a mais ridicula do mundo, mas não havia que hesitar: a mulher promettera restituir-me a filha e isto era todo o meu empenho.

Ao chegarmos ao escriptorio da folha, ia perguntar a um moço loiro que estava ao balcão, se era possível fallar ao Sr. Quintino, quando minha sogra me puxou pelo braço e exclamou:

— Não esteja a perder tempo! Quando se quer fallar com alguém vai-se logo subindo!

E, antes que eu a detivesse, já o demónio da velha galgava as escadas e, com um desembaraço dos diabos, levantava pouco depois o reposteiro da sala privada da redacção, gritando para dentro:

— O compadre dá licença?

— Entre, respondeu o redactor em chefe da folha.

Ella não esperou segunda ordem e ganhou a sala, exclamando para mim, que ia atrás:

— Entre você também, meu genro!

A estas palavras o redactor espichou levemente a cabeça e mediu-me com o seu olhar penetrante e desconfiado.

— Que deseja a senhora? perguntou elle.

— Venho para saber que ha de povo sobre o homem.

— Se a senhora tivesse lido o *Paiz*, saberia que se vai proceder amanhã á exhumação do cadaver no cemiterio de S. Francisco Xavier.

— De que cadaver, perguntei empallidecendo.

— Do supposto Castro Malta.

— Pois e tempo perdido, disse eu, por que elle lá não está!

— Disso já sei eu! acrescentou o Sr. Quintino, mas quero levar a questão avante.

— O Castro Malta está em minha casa. Posso apresental-o, quando V. S. quiser.

— O senhor está louco?

— Digo a verdade. Se V. S. quizer a prova, eu o trarei amanhã aqui.

— Não. Quero que traga hoje mesmo respondeu o redactor, correndo a sua mão pallida por um peza-papeis que estava sobre a meza e representava uma luva amarrotada.

— Mas hoje mesmo não é possível, retroqui—Daqui tenho de ir com minha sogra a...

— Não! atalhou esta—Não! Se você diz que o Castro está em sua casa, vamos lá em primeiro lugar. Quero vel-o!

— Mas, esse Castro, perguntou o Sr. Quintino a D. Leonarda, esse Castro não é o mesmo que a senhora me affiançou haver morrido na Casa de Misericórdia?

— E' ou pelo menos deve ser.

— Mas então como está vivo?

— Ora essa! porque não morreu!

Tive impetos de confessar ao redactor tudo que sabia a respeito do facto do cemiterio; mas por esse tempo a questão Castro Malta havia já tomado taes proporções entre o publico que eu, receioso de futuros incommodos, resolvi não dar uma palavra, arrependido até de haver feito a declaração que me escapára dos labios.

— Bem! disse o Sr. Quintino, amanhã. Espero-os aqui ás 11 horas do dia. Não faltem.

— E se o homem não quizer acompanhar-me? perguntei.

— Nesse caso irei eu ao encontro d'elle. Olhe! é até melhor que eu vá justamente. Deixe-me o numero de sua casa e espere amanhã por mim ás novs horas.

— Da manhã?

— Sim, senhor.

Fizemos as nossas despedidas ao Sr. Quintino e, já na rua do Ouvidor, quiz convencer a minha sogra de que devia-

mo s'ir primeiro ao encontro de Margarida, mas a velha não cedeu e puxou-me para os lados de minha casa.

— Em que diabo de trapalhada me metti!... pensava eu pelo caminho— Afinal a questão cahiu já no dominio publico; de dia para dia ella toma um character mais serio, e não quero pensar em quaes serão para mim as consequencias de tudo isto!... Ah! Margarida, Margarida, mal sabes tu o martyrio que me tens feito passar!...

Só ás nove da noite chegamos á casa. Minha sogra arfava de impaciencia ao meu lado, enquanto eu abria a porta.

— Quem é? perguntou uma voz de dentro.

— Ai! o meu rico homem! exclamou a velha, levando aos olhos uma das pontas do chale.

E, apesar da escuridão, enfiou de carreira pelo corredor.

(Continúa)

TRATOS Á BOLA

Os distinctos charadistas os Sr. J. da C. e S., Siger, Uma leitora d'*A Semana* Philomeno, Manoel Pedro Guimarães, Josephina B., Almondega, Honorio Esteves do Sacramento, e Coral não fizeram jus aos premios offerecidos ao primeiro e segundo decifradores dos *Tratos* ultimos.

Foi a Exma. Sra. D. Carlinda Nunes a primeira decifradora e o Sr. Sans-Souci o segundo. Mandem pois buscar os seus premios.

Eis as dicifrações: da monosyllabica—*Ornithologia*, da pergunta—*Argos*, das ante-postas—*Espingarda e Peru*; da em quadro:

Luar
Urna
Angü
Raul

Das novissimas—*Geologia*, (1) *Resposta e Cará-Cará*, e das telegraphicas—*Taco e Paiz*.

Para hoje damos as seguintes *tratices*:

DECAPITADA
(Por letras)

Jesus! são duas—E' o que fazem suas—meu caro senhor—por isso, despejhe em cima agua—O trunfo é—tem a forma de um—

TELEGRAPHICA

1-1-1—Tridente é tolo.
1-1-1—Dido é quadrupede.

AUGMENTATIVA

Esta nota—e este dinheiro—toca-se—

ANTIGA

Sou parte essencial de qualquer flor—1
Sou parte essencial de qualquer flor—2
Sou parte essencial de qualquer flor.

TIBURCIANAS

1-2—Na mathematica, no Christo e no pomar.
1-1-1—Com mais um *a* come-se e bebe-se na mão do pintor.

VERBAL

Qual o verbo que unido a um adverbio forma um substantivo que contém toda casta de bichos?

PREMIOS

Ao primeiro decifrador exacto um decimo da loteria de 400 contos e ao segundo um almanack do *Correio da Europa*—para 1885.

D. PASTEL

(1) Houve um pequeno engano n'esta charada, o qual, felizmente, não servio de tropeço a quem como D. Carlinda e Sans-Souci chegam a *adivinhar!*

Publicaremos no proximo numero um excellente artigo critico do nosso distincto collaborador Araripe Junior sobre *GERMINAL*, o assombroso romance de Zola.

Por nos haver chegado muito tarde não podemos dar hoje as *Ephemerides brasileiras semanais*, que pretendiamos inaugurar neste numero. Sentimolo, porque entre ellas figurava o 21 de Abril, data sobre que o redactor d'esta nova secção se havia demorado em considerações.

Recebemos:

— *Bibliotheca domestica*, anno I, n. 1. Edictor—Ernesto de Nogueiroi. Enceta a sua carreira com a publicação do romance de Julio Verne *A Estrella do Sul*. Diz o edictor no seu pequeno cavaco preliminar: « Sendo esta publicação filha de um esforço pessoal, de muita luta e sacrificios de seu edictor, que deseja tornar-a uma pequena instituição, procuraremos manter firme o nosso programina para que possamos ter vida longa e tornarmos dignos da confiança dos nossos assignantes, affm de para o futuro, apresentar trabalhos de outro genero. » Desejamos-lhe realizem-se tão louvaveis desejos, estranhando, comtudo, a lembrança de querer tornar a sua bibliotheca—uma pequena instituição. Naturalmente para incluil-a nas muitas que felizmente nos regem.

— « O Martyr do Calvario, » breves considerações sobre a Vida, Paixão e Morte de Jesus Christo; por Antonio José Fonseca Moreira.

— « A herança de um monsenhor, » romanceto, sem nome de auctor; impresso em S. Paulo.

— « Uma lagrima, » nocturno, por Gregorio de Rezende, offerecido ao Sr. alferes Gaudencio Cezar de Mello.

— « A Illustração » 2º anno, n. 6. Traz bellissimas gravuras; sobresahindo as que representam a *Parca e o amor* (esculptura de G. Doré) e o *Martyrio de Jesus de Nazareth* (quadro de Morat) que são... magnificas! Além d'isto fornece ao leitor um escolhido e variado texto.

Recommendamol-a ainda uma vez ao publico.

FACTOS DIVERSOS

Matrimoniaram-se hontem na igreja matriz de Nossa Senhora da Gloria a Exma. Sra. D. Maria Emerita Bocayuva, digna filha do Sr. Quintino Bocayuva; e o Sr. Dr. Godofredo Cunha, herdeiro do nome glorioso de Felix Xavier da Cunha.

Foram padrinhos: por parte da noiva o Sr. deputado geral Dr. Alfredo Camillo Valdetaro e sua Exma. senhora, e por parte do noivo, o Sr. conselheiro, senador Gaspar Silveira Martins.

Parabens aos noivos e ao nosso illustre collega d'*O Paiz*.

Parte hoje para Santo Antonio de Padua o Sr. capitão Joaquim Luiz Cezar de Oliveira Junior, collector de rendas geraes e provinciaes d'aquelle municipio.

O Club Emancipador Visconde de Cavrellas realisou uma sessão solemne no dia 19 do corrente.

Foram entregues por essa occasião quatro cartas de liberdade que importaram em 1:850\$000.

O Sr. Carrazedo, presidente do Club, convidou o distincto abolicionista capitão

Senna para occupar a presidencia; o que foi accedido pelo mesmo senhor.

No acto da entrega das cartas a cada liberto o Sr. capitão Senna dirigia-lhe umas palavras de amigo e conselheiro.

Fizeram-se representar: a Caixa Libertadora José do Patrocinio, Confederação Abolicionista, Club Abolicionista Preparatorio, Centro Abolicionista João Clapp, *Gazeta da Turde*, a Escola Militar, esta folha e varias commissões.

A' porta do Club duas gentilissimas senhoras esmolaram em nome dos escravos. Lenderam as sacolas 448440.

Durante a festa a Sociedade Musical Prazer da Gloria tocou diferentes trechos de musica. Foi-lhe offerecida pela directoria do Club uma bella corôa.

Agradecendo a amabilidade do convite que nos remetteram, enviamos á directoria do Club Visconde de Caravellas nossas felicitações.

CORREIO

SR. F. PEREIRA.—A amostra da sua traducção do conto de E. Zola: *Comment on meurt* não é má. Mas não nos convém publicar-o.

SR. C. FRANKLIN.—O soneto que nos mandou, é ruim como cobra. meu amigo.

Muito desafinado o *seu piano*. Ah, o senhor pensa que a poesia é *piano* que preto toca? l...

CONSULTAS

Já enviámos resposta pelo correio ás dos seguintes senhores:

— Pedro da Cunha Lopes (S. Geraldo);

— Joaquim Alves de Moraes e Mello, e José Queiroz de Lima (Côrte);

— José Celestino de Aguiar (S. Joaquim);

— João Bastos Pinto Salgado (Porto Seguro).

Quanto á consulta do Sr. M. R., aqui inserimos a respectiva resposta:

Ao Sr. M. R.

1.ª

A fórmula do Xarope d'Easton acha-se desenvolvida á pag. 201 do *Formulario da Santa Casa de Misericordia da Côrte*.

2.ª

Fórmula do *Elixir de Mac-Mune*:

Opio molle..... 10 oitavas

Agua potavel..... 12 onças

Alcool de 40° (medido)..... 4 onças

D sfaça o opio n'agua e deixe em maceração por 48 horas, agitando de vez em quando.

Filtre então e lave o residuo sobre o filtro com agua até obter exactamente 12 onças de liquido filtrado. Junte então o alcool á solução filtrada e guarde.

N. B.—Não se acha em formulario algum. E', pois, uma formula particular.

Rio, 15—1—1885.

DR. HENRIQUE DE SÁ.

ANNUNCIOS

Dr. Henrique de Sá.—Espec.: Syphilis e molestias das crianças. Consultorio:—rua Primeiro de Março, 22; de 1 ás 3 horas da tarde. Residencia:—rua de S. Pedro, 294.

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Portuguez, Francez e Inglez—Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

ERNESTO PINTO COELHO

SOLICITADOR

VILLA DE PADUA

ALFREDO CESAR DA SILVEIRA

RELOJOEIRO

67 Rua da Assembléa 67

Calçado Inglez de Bostock—Crashley & C., rua do Ouvidor n. 67.



HOTEL NOVO MUNDO

Serviço profuso e variadissimo

Vinhos de todas as marcas, de qualidade garantida

Encarrega-se de grandes jantares e banquetes

Serviço completo

PREÇOS MODICOS

13 Rua Primeiro de Março 13

PROPRIETARIO

JOÃO DIOGO SOARES DE BRITO

EVANGELINA

POEMA

DE

H. LONGFELLOW

TRADUCÇÃO DE

AMERICO LOBO

Vende-se nas livrarias Faro & Nunes, Laemmert e Serafim Alves e no escriptorio desta folha, a

2\$000 o exemplar

GAZETA MUSICAL

Revista quinzenal de theatros, musicas e bellas-artistas. Retratos das maiores notabilidades artisticas, biographias, artigos de critica, correspondencias de Paris, Londres, Berlim, Vienna, Milão, Leipzig, Hamburgo, Madrid e Rio de Janeiro, poesias, romances e sempre

24 PAGINAS DE MUSICA

4, 5, 6 e 7 peças de autores celebres, allemães, francezes e italianos

EDIÇÃO ESPECIAL PARA O BRAZIL

Nº 1

Publicado em 15 de Agosto de 1884

Assignatura mensal ou dons numeros..... 2\$ fracos
Com exclusão do porte de Correio para as provincias.
Acha-se completo o primeiro trimestre, comprehendendo 6 numeros encadernados em um só volume, ornando um magifico album, proprio para presente.

Preço 6\$000

REPRESENTANTES NESTE IMPERIO

H. LAEMMERT & C.

66 RUA DO OUVIDOR 66

LIVRARIA UNIVERSAL

HOSPEDARIA FIEL

RUA DA ALFANDEGA N. 236 E TRAVESSA DE S. DOMINGOS N. 2

Os proprietarios deste vasto estabelecimento têm a honra de apresentar á concurrença publica, bonitos quartos mobiliados, espaçosos e muito arejados, offerecendo toda a garantia de segurança, aonde os Srs. viajantes podem pernoitar livres de risco. Todos os compartimentos com linda vista tanto para a travessa como para a rua da Alfandega.

A casa está aberta toda a noite. Preços modicos.—Lima & Xavier.

RESTAURANT VOLTAIRE

29 RUA DA URUGUAYANA 29

Almoço. \$800 | Jantar. 1\$000

Serviço associado e profuso

Parece incrível que por tão modestos preços se possa comer tão bem! Pois venha verificá-lo, quem duvidar, á

29 RUA DA URUGUAYANA 29

A SEMANA

CORTE:

Trimestre..... 28000
Semestre..... 48000
Anno..... 88000

Publica-se aos Sabbados

DIRECTOR — VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO

PROVINCIAS:

Semestre..... 48000
Anno..... 88000

Numero avulso 100 rs.

Não se restituem originaes, embora não publicados.

Numero atrasado 200 rs.

SUMMARIO

Expediente — Historia dos sete dias — Politica e politicos; — *Ambrosio Severo* — Thomaz Driendi — Questão litteraria — Maria da Fonte — Manto real, soueto; *Alberto de Oliveira* — *Germinai*; *Araripe Junior* — A «Gazeta da Tarde» — Bótos; *Filinto de Almeida* — O Anti-Christo; *Gomes Leal* — Cofre das graças; *Bibiano* — Cauhenho de um moralista; *Pantagruel* — Os sete peccados mortaes; *Th. de Banville* — A vida elegante; *Lorquon* — Theatros — Mattos, Malta ou Matta? romance — Tratos á boia; *D. Pastel* — Recobemos — Factos diversos — Correo — Aununcios.

EXPEDIENTE

Rogamos aos Srs. assignantes de trimestre o obsequio de renovarem as suas assignaturas; e aos que se acham em atraso o de satisfazerem seus debitos.

Os Srs. assignantes do 1.º trimestre, cuja assignatura terminou com o n. 13, e que não devolveram os ns. 14 e 15, que lhes enviámos, estão considerados assignantes do segundo trimestre corrente, conforme declaramos naquelles numeros.

Tambem recebemos assignaturas de Abril a Dezembro, ao preço de 68000, com direito á colleção desde o n. 1, e a um exemplar do romance **MATTOS, MALTA OU MATTA.**

A SEMANA

HISTORIA DOS SETE DIAS

Rio, 2 de Maio de 1885.

Acabamos de sahir do oceano revolto e encapellado de *Jornaes, Gazetas e Paizes*, em que nos aventurámos impavidamente, á pesca dos acontecimentos da semana, trazendo unicamente na rede—a corôa de visconde offerecida ao Sr. Dito da Gavea pelos officiaes da guarnição da corte, as condecorações dadas aos membros da commissão de estudos do Madeira e Mamoré e a associação protectora dos animaes.

Além desses *robalos*, só conseguimos pescar algumas *sardinhas*:—disturbios na camara, assuadas na rua, e outras *occurencias diversas*.

Semana chlochissima como um discurso do Sr. Mac-Dowel e esteril como a actual sessão extraordinaria do Parlamento.

*
**

A manifestação ao Sr. visconde da Gavea foi estrondosa, brilliantissima, ao que nos consta.

O prestito compunha-se de dois carros, no primeiro dos quaes iam a corôa de ouro e o album com as assignaturas dos offertantes, acompanhados por trez militares illustres e de oito bonds com musica, foguetes, discursos e manifestantes.

Chegados á casa de S. Ex. já se sabe o que aconteceu: « Neste momento solemne, nós faltaríamos etc. e tal... O Sr. visconde agradeceu commovido...

Tocou-se o hymno... Depois cópo d'agua... não:—chavena de chá... Em seguida um animado baile que se prolongou até horas adiantadas da noite... e etc. e tal... »

Comprimntamos o bravo visconde pela brilhante manifestação de que foi alvo, sentindo não termos tido a fortuna de contemplar-o com a sua corôa de ouro á cabeça, sobraçando o album e cingindo a sua gloriosa e virginal espada, a sua espada invicta e terrível. Sentimo-lo profundamente. Em todo caso, é mais uma vez—parabens, Sr. visconde, parabens.

*
**

Quanto ás condecorações á commissão —Pinkas, pouco diremos, porque a injustiça feita pelo governo aos membros da primeira commissão, dirigida pelo distincto engenheiro Morsing, já foi exuberantemente discutida e posta em relevo pelos collegas diários.

Para estes—nada; para aquelles—tudo. Sempre assim foi a justiça do cofre das graças.

Consolem-se e satisfaçam-se os membros da commissão Morsing,—que tanto trabalhou e tanto soffreu, preparando o terreno em que devia a sua feliz successora colher commendas e habitos da Rosa,—com a sympathia e o apreço da imprensa e do publico.

Que melhores condecorações do que essas?

Brilham menos talvez do que as outras, mas são mais duradouras e mais honrosas.

*
**

O Sr. conselheiro Correia teve a feliz e peregrina idéa de fundar uma associação protectora dos animaes, a primeira desse genero que se funda no Brazil.

Dando os nossos parabens ao inextinguível e indefesso Sr. Conselheiro Requecimento pela sua generosa idéa, perguntamos-lhe respeitadamente se entre os protegidos da associação pretende S. Ex. incluir os escravos maiores de 60 annos, essas velhas bestas de carga, ás quaes S. Ex. tem negado a unica felicidade a que esses desgraçados podem aspirar:—morrer tranquillamente, desalgemados

do captiveiro, na doce e pacificadora recompensa da liberdade.

Vamos, Sr. senador, proteja tambem esses animaes...

Valerão elles menos do que os cães vadios e as bestas de carroça?

POLITICA E POLITICOS

Os factos são sempre os mesmos. Os Srs. deputados continuam a não querer discutir o projecto que deu origem á dissolução da passada legislatura e a consulta ás urnas eleitoraes.

No dia 29 foi vergonhoso o que se passou na camara.

Aberta a sessão, o Sr. secretario deu conta do decreto de prorogação da sessão extraordinaria até o dia 19 de Maio.

Este facto impressionou vivamente os dissidentes e os conservadores porque transparece n'elle a attitudo favoravel da Corôa ao ministerio 6 de Junho.

Por occasião de votar-se o parecer sobre a eleição do 2.º districto do Rio Grande do Norte, dous membros da commissão de poderes votaram contra o que haviam approved na commissão, e que estava incluido nos seus pareceres.

A assembléa n'esse momento tornou-se excessivamente tumultuosa, houve gritos, ameaças, insultos: dous deputados esmurraram-se; um inferno, uma vergonha!

Ante-hontem dous deputados foram apupados á sahida da camara:—os Srs. Moreira de Barros e Antonio de Siqueira.

Para nós, como para a maior parte talvez, deve este facto merecer uma grave censura, pois é um desrespeito á dignidade dos Srs. deputados.

Mas, perguntamos: o que será mais vergonhoso, a attitudo d'esse grupo em frente do Sr. Moreira de Barros ou a d'este senhor em frente da opinião publica?

Porventura a opposição não tem creado para o seu nome a maxima desconsideração e o maximo desprestigio?

Qual é a confiança, o respeito e a estima que cada um dos membros da opposição pôde impôr á consciencia collectiva da nação?

SS. EE. tudo perderam. SS. EE. tudo têm feito para suffocar a idéa que constitue a unica preocupação do paiz.

E quem nos dirá que esses motins que começaram no seio da representação nacional, que repercutem com uma certa insistencia cá fóra, não se generalisarão a ponto de transformar inteiramente a physionomia geral dos acontecimentos politicos?

Não approvamos a arruaça; explicamol-a, apontando-lhe as causas efficientes. Estes factos são vergonhosos e tristes, mas são consequencias logicas de outros não menos tristes nem menos vergonhosos.

Seria prudente que os senhores da opposição se dessem ao trabalho de observar melhor a situação que elles proprios estão preparando com uma coragem, só explicavel pela ignorancia e pela imbecillidade e consultassem as leis historicas que presidiram ás catastrophes europeas e americanas e se dessem ainda ao trabalho de as adaptar ao nosso meio, isto é, ao conjunto exterior dos factos, tendo em vista o caracter geral das idéas que augmentam de proporções ao mesmo tempo que a opposição procura limitarlhes a acção e reduzi-las á insignificantisima cathegoria de um phenomeno sem importancia.

Acautelai-vos, acautelai-vos EExms.
AMBROZIO SEVERO

Publicamos hoje um excerpto do grande poema *O Anti-Christo*, do popular e vigoroso poeta portuguez Gomes Leal. D'esta obra inedita não era conhecido ainda nenhum trecho, e a fortuna de brindar os nossos leitores com o que hoje enriquece as nossas paginas de mol-a ao nosso distincto collaborador de Lisboa, Monteiro Ramalho, de que publicaremos no proximo numero uma curta, mas scintillante pagina.

THOMAZ DRIENDL

Quem viu a *Scena da Baviéra*, um quadro delicioso, que dá ao espectador a impressão de uma tcla de grande mestre, consagrada pela serena justiça do tempo.—quem viu os estudos de cabeça, expostos no Lyceu de Artes e Officios, quem viu o retrato do Dr. Ferreira Vianna, ha mezes exhibido no bello salão do Sr. De Wilde,—um benemerito advogado da Arte n'estas inhospitas plagas mercantis do Rio de Janeiro:—quem tiver visto esses quadros e souber que se acha actualmente exposto no mesmo logar uma nova obra de Driendl, segundo *retrato* do Dr. Ferreira Vianna, executado por encomenda da irmandade da Candelaria, exclamará immediatamente com a convicção prévia—se nos permittem a expressão—da confiança absoluta que geralmente se dedica aos grandes talentos:—E' uma tcla de mestre!

E correrá pressuroso ao *atelier* De Wilde.

E' na verdade uma obra de mestre.

A perspectiva, o panejamento, o colorido, a expressão physionomica da figura, tudo está lançado sobre a tcla com a mesma segurança de pincel.

Alli, tanto se admiram os accessorios, como a concepção geral do quadro; não ha em todo elle uma pollegada inutil, e os fundos, a despeito do grande cuidado com que estão tratados, não sacrificam de fórma alguma o retrato.

Afastando-se da rotina seguida pelos pintores d'este genero, Driendl não recebeu completar a sua obra pelo modo que lhe pareceu melhor e mais original. Ao contrario do que succede com os retratistas, que só miram o interesse, elle, em vez de dar á sua figura um mesquinho fundo de panno verde ou encarnado, fal-a sobresahir em pleno ar, cercada de corredores que se vão perder a muitos metros de distancia.

E tudo isso é pintado com muita sin-geleza, com muito pouca tinta e com muito estylo; tudo isso é feito com tal expontaneidade que parece, não uma obra de encomenda, mas uma impressão natural do artista.

O De Wilde tinha razão quando dizia:— « Homem! Vocês ainda não conhecem o Driendl! Esperem! Esperem! »

QUESTÃO LITTERARIA (*)

Qual o maior poeta do Brazil?

Temos recebido até esta data 113 respostas.

Votaram em Gonçalves Dias, os senhores:

Da Côte—Manoel Varella Sobrinho, Antonio Emilio Pinto Garcia, Sebastião Dias, Firmino J. Doria Filho, Alfredo Pinto Garcia, Manoel José Pereira Guimarães, Thomaz de Aquino, Americo Cordeiro, Arthur J. Pinto de Athayde, Lysippo Garcia, José Ferreira de Carvalho, Eduardo Augusto Jansen, João Lopes de Araujo, Thomaz José da Rocha, Joaquim Ozorio Duque Estrada, João Braulio Muniz Cordeiro, Amalio José da Costa, Jayme Cordeiro, Luiz Bento Ferreira, Cantidio Vargas Santos Coutinho, C. da Fonseca, Leoncio Fernando de Almeida, Alfredo Peres, Fernando P. de Moraes, Vicente de Castro, A. Dias Costa, José Ribeiro, Carlos Cardoso Fernando de Sá, Boaventura Soares, Peregrino Martins, José Vrginio Pereira da Motta, Lucidio Velho de Castro, Antonio Brandão, Francisco Ribeiro dos Santos, Assis Menezes, Estansláu Caldas Coelho da Rocha, D. Elizia do Valle, Ernesto da Silva Araujo, Manoel da Cunha e João Cancio.

EM CASTRO ALVES

Da Côte:—José Rossi, V. Caldas Filho, A. de Carvalho, Pedro H. da Silva, Justino Alves Ferreira, Fidelis de Lemos, Arthur Costa e Francisco Silva.

De S. Paulo:—Joaquim Pacheco de Mendonça Junior.

De Nictheroy:—J. R. Pinto Filho.

De Santos:—Spiza Martins.

Do Rio Clarq:—Antonio F. Netto, Pinto Saldanha.

De Cataguazes:—Francisco da Costa Sobrinho.

De Santa Izabel:—Alexandre Veiga.

EM LUIZ DELFINO

Da Côte:—Ricardo Azamor, Julio Cezar Pedreira e Mattos, Arthur Duarte, Gustavo Duarte, Cincinato Guterres, Horacio Guterres e Luiz de Freitas.

De S. Paulo:—Pedro Dias Soares, Francisco Brant.

De Pirassununga:—J. R. da Motta Junior.

De Nictheroy:—Saturnino José de Azeredo e Felipe Alves de Azeredo.

EM LUIZ GUIMARÃES JUNIOR

Da Côte:—Fernando Henriques.

De S. Paulo:—Leocadia de Magalhães e Silva.

EM CASIMIRO DE ABREU

De S. Paulo:—Julio Mauricio da Silva, João C. Ferreira e José Parada.

EM LAURINDO REBELLO

Da Côte:—Braulio Cordeiro.

EM ALBERTO DE OLIVEIRA

De Nictheroy:—Paulino Hermogeneo da Silva.

EM BAZILIO DA GAMA

De S. Paulo:—Galdino de Almeida.

EM GONÇALVES CRESPO

De Santos:—José Ferreira de Araujo Netto.

EM FAGUNDES VARELLA

Da Côte:—Ernestina Alexandrina Santos e Heitor Murat.

EM GONZAGA

Da Côte:—Candido Neiva.

(*) Vide ns. 15 16 e 17 d'A Semana.

EM ODORICO MENDES

Da Côte:—Aristides T. Jansen M. Lima.

RESULTADO:

Gonçalves Dias.....	55
Castro Alves.....	25
Luiz Delfino.....	15
Luiz Guimarães Junior...	4
Casimiro de Abreu.....	3
Alvares de Azevedo.....	2
Fagundes Varella.....	2
Gonzaga.....	1
Domingos de Magalhães...	1
Pedro Luiz.....	1
Bazilio da Gama.....	1
Alberto de Oliveira.....	1
Odorico Mendes.....	1
Laurindo Rebello.....	1
Gonçalves Crespo.....	1

Quando durmo te retrato;
Quando acordo, inda te vejo;
Mas quando fallo contigo
Só me responde o desejo.

« MARIA DA FONTE »

Acabamos de receber de Portugal um exemplar d'esta ultima obra de Camillo Castello Branco, que por elle nos foi offerecido.

E' um volume de 425 paginas, esplendidamente impresso na Typographia Occidental, do Porto, edição de Eduardo da Costa Santos, da mesma cidade. Na capa, sobre o titulo, enquadrado em elegante ornamentação, destaca-se a assinatura, em fac-simile, de Camillo Castello Branco.

Do valor d'esta obra demos uma pequena amostra, em o nosso numero pasado, publicando um excerpto.

Agora—que a temos sobre a mesa, vamos—devoral-a!...

E depois viremos dizer em algumas poucas linhas as impressões que nos deixar este novo livro do assonbroso escriptor portuguez.

MANTO REAL

Da flava Ceres falta-te ao cabelo,

A cor que ao seu dourava e aos trigos doura;

Tens negra a trança, e deverei dizel-o?

Fica-te assim melhor, não sendo loura.

Crespa, enredada em serpes tentadoras

Cheiro-a, aspiro-a, febril, e ardondo em zelo;

E ella em meus labios, qual se a Noite fôra,

Da Volupia infernal me imprime o sello.

Tóco-a, aperto-a, desato-a, fio a fio,

Estendo-a nos meus hombros, vello ondeante,

Tomo-lhe as pontas, e o teu rosto espio...

E entre os claros da trama escura e bella

Creio, vendo-te a luz do olhar radiante,

Ver a restea de fogo de uma estrella.

ALBERTO D'OLIVEIRA.

GERMINAL

A leitura do *Germinál* trouxe-me á lembrança o *Inferno* do Dante. Zola talvez pretendesse fazer uma parodia burgueza áquelle grande pesadelo pessimista do genio da media idade. As mesmas linhas geraes, *mutatis mutandis*, o mesmo intuito.

Estevão Lantier, perdido em Montsou, durante uma noite caliginosa, encontra Maheu que o introduz na mina de carvão do Voreux. Como o Dante, guiado por Virgilio, desce ás bolgias inferiores, e o horror da treva se manifesta a seus olhos em toda a sua hediondez. As mes-

mas preocupações sobre o problema da vida, os mesmos combates sanguinolentos, as mesmas respostas torturantes. Sonhos medonhos e o supplicio de uma classe! *Lasciate ogni speranza, voi chi entrate!* Ali a fatalidade das penas religiosas, implacáveis. Aqui a fatalidade do meio social, que confina o operario em um circulo estreito e o condemna a todas as desgraças, consequências da miseria, da ignorancia, da immoralidade da privação *ad semper* dos meios de *parvenir*.

Lantier percorre as negras galerias com o pavor na frente, representado por esse velho sexagenario Bonnemort, que o trabalho de galé industrial consumira, — o negro, medonho, detestavel Bonnemort, cuja alma carcomida se expectorava no escarro denegrado do carvão.

Todo o tufão do mal invisível sopra através de seu peito offegante; o seu espirito satura-se de treva; e, quando esse misero rapaz emerge do poço e desobstrue-se da obsessão, é para cair na prostração dos que sentem o coração improprio para a vida.

Lantier senta-se do lado de fóra, em Requilart, e observa o fervillar da immundicie operaria, essa immundicie que entra e sae da goela immensa do Voreux.

O espectáculo d'esses desgraçados rapazes, que, apenas libertos do trabalho, levam as raparigas aos trambulhões, aos beijos e aos abraços para o matto, de onde levanta-se um « cheiro acre de mulher e hervas machucadas, » lança-o n'uma angustia sem nome; sua tristeza augmenta, sem que elle saiba porque, e a alma perde-se na sondagem impossivel do abysmo humano.

Zola, porem, bem o sabe. Esse infeliz moço está condemnado por uma lesão aucestral—o alcoolismo, com tendencia para o assassinio, a uma vida atroz. A pressão do meio objecto em que elle vai entrar, põe-lhe nos nervos desde logo, a antecipação das lutas inevitaveis consigo mesmo e com os outros. Aquella miseria! aquella provisoria felicidade animal o enche de revoltas, só ao pensar que todas essas meninas « exaustas pelo trabalho e pelo soffrimento, vivem todo o dia a atulhar a barriga de futuros miseraveis. »

O tempo, contudo, se encarrega de assimilar-o a essa furna de miserias. Lantier herdou com a vesania o talento, a imaginação e a eloquencia. Habitando-se ao trabalho barbaro da mina, por fim elle consubstancia-se com o sentimento que a povoa.

Um dia a idéa da *Internacional* invade o *Voreux* e vaé perturbar o cerebro do operario de emvolta com as visões, os delirios que o *grison* provoca. Lantier que, embriagado pela idéa nova, tem buscado illustração, Lantier exalta-se, e quando menos pensa, sente vibrar em si as fibras do tribuno e do chefe de bando.

A *grève* gradualmente tende a crescer e cresce, e engurgita-se nas entranhas negras do *Voreux*: até que um dia, fustigada pelo prazer da burguezia, que em cima se repasta nos accepipes refinados, estorce-se, rebenta, e rompe, alastrando a valle como uma serpente de mil cabeças, assanhada, faminta, cheia de um virus empestado.

O tribuno victorioso já sonha com o Capitolio, tendo supplantado todas as ambições pequenas, que retolhavam a propria *grève*. Elle, porém, não é mais do que um vesânico. Embalado a consciencia e a educação o impellem para um movimento serio e humanamente respeitoso. O vicio organico apresenta-se truculento. A *grève* reage sobre elle e o peso da responsabilidade o entonteece.

Chega o periodo do furor; trava-se a lucta no fundo da animalidade humana. Tudo reperente em Lantier como no

espelho de um vivo microscopio. Solta-se, por fim, esse monstro que tem tantas vezes reaparecido; como grandes cometas, na historia, a bruta fera arroja-se sobre os obstaculos para dilacerar dilacerando.

A catastrophe está prevista. O *Voreux* é destruido; o capital do burguez por momentos abalado, mas o operario cego, e rendido, e ainda uma vez reconduzido á escravidão. A machina desmantelada, concerta-se; e o rebanho humano, humilde e impotente, volta, como os seus companheiros eternos—o boi e o jumento,—a metter-se nos varaes da carroça do serviço.

A obra é grandiosa, repleta de coisas soberanamente terríveis.

Não é mesmo possivel ler o *Germinal* sem muitas vezes arquejar, impressionado por paginas verdadeiramente dantescas.

Pondo, porém, de parte o impressionismo do livro, e discutindo em vista de intuito scientifico e moral, resta saber se esse livro é util ou é pernicioso.

Resta saber se o operario,—o homem do povo,—para quem elle foi principalmente escripto encontra ali um proficuo ensinamento ou uma aggravação ás suas penas.

Quer-me parecer que n'essa leitura tudo tende a perder-se; porque—ou elle convence-se ao fechar-o, de que sobre si existe uma crosta impenetravel, impossivel de romper, e n'este caso desespera, definha, mergulhado na profunda tristeza da miseria,—o que é uma força que se perde; ou cria coragens novas para a revolta, arrega-se contra as classes que formam a camada superior do solo social, e, n'essa lucta insensata, morre ainda, destruindo, subvertendo o que o tempo tanto custou a acumular. Qualquer uma d'essas hypotheses é suggestão natural do *Germinal*, e consigna, n'estes tempos, em que a sciencia procura tudo conciliar e só cogita nos meios mais efficazes, pelo menos para moderar os conflictos incessantes, um verdadeiro desvio de orientação.

A obra de Zola, dia a dia, vaé se accentuando pelo lado socialista.

Mas é preciso que todos se convençam de que o socialismo é um brado, um aviso, se quizerem, das agonias que laboram nas entranhas das nações envelhecidas e sem valvulas de segurança, das sociedades que, como a grande União Americana, não tem na descentralisação o remedio sedativo para essas convulsões animaes.

O socialismo é uma sublevação da natureza bruta, não é um facto de razão, um acto de selecção consciente no corpo complexo de que fazemos parte.

Zola, portanto, corporisando esse hausto doentio, que pede apenas derivativos pelo modo systematico porque o fez, não procede como um artista, que ama a terra de onde extrae os marmores para sua obra esculptural.

Sei perfeitamente que afinal de contas os seus livros são o que são, porque não podem ser outra cousa. Questão de temperamento. Em todo caso, porém, deve haver um paradeiro contra a maldade organica, inconsciente.

O romancista, o moralista moderno, que aspira verdadeiramente a este nome, o physiologista-psychologo não póde impune despresar os processos profilaticos. Se o romance quer hoje um logar entre os meios arregimentados para a educação dos povos, se a educação moderna pretende collocar-se ao par das sciencias mais importantes, nada mais rasoavel do que exigir d'elle que, antes de tudo, seja hygienico. Não se grita a todo instante que a

hygiene é a base de todo esse edificio intellectual, esthetico, moral, que se chama—o homem? Não consagraram Spencer e Bain capitulos especiais a esse monumental assumpto?

Pois sejamos coherentes, e classifiquemos á parte, com rotulo especial, os productos sporadicos da imaginação humana, que estão fóra do quadro dos alimentos necessarios ao espirito.

O medico prudente, quando reconhece que ao estado do doente é prejudicial uma certa ordem de idéas, a contempção de certos aspectos naturaes ou sociaes, estabelece-lhe um cordão sanitario, e presereve-lhe um meio mais ou menos artificial, que possa associar-lhe idéas restauradoras, e equilibrar-lhe as forças.

Sei que me hão de lembrar Rabellais, Juvenal e o proprio Shakespeare. Mas, para rebater a objecção, basta recordar que as incongruencias d'esses auctores geniaes não constituem regra, nem formam a medula de suas obras, aonde antes de tudo encontra-se a natureza no seu *mais complexo e prismatico* desenvolvimento.—harmonica, grandiosa, nutriente em todos os seus contrastes. Um exemplo d'isto é o « Ricardo III » de Shakespeare, aonde Gloucester, discipulo de Machiavel, para subir ao throno e manter a sua politica nefanda commette as maiores atrocidades, revelando um dos caracteres mais negros e tredos que se conhece em litteratura. E o poeta para descrevel-o com verdade reúne as cores mais cruas do seu magico pincel. Não obstante, a tragedia não se tinge d'esse pessimismo que envolve todos os livros de Zola. A razão é simples: Shakespeare descrevia o mal sem consubstanciar-se com elle, e sabia libertar-se dos seus personagens—isto é, tratava-os objectivamente, não os ennegrecia com as tintas do seu temperamento exclusivo. Shakespeare era um *miriad-miudad*.

O mesmo se encontra no *Hamlet* e no rei *Lear*, que são a propria melancolia posta em scena.

T. A. ARARIPE, junior.

Até nas flôres se encontra
A differença na sorte!
Um as enfeitam a vida,
Outras enfeitam a morte!

BOLOS

Ha quatro mezes que eu d'esta columna modesta aponto á nação pasmada aquelles que merecem bolos, e por este serviço importante ainda me não foi dado contemplar na botocira do meu fraque de bohemio nem ao menos o habitó da Rosa!

Poderia exclamar a parlapatice classica de Scipião: *Ingrata patria non possidebis...* etc.

Porém, como não vi pela vez primeira a luz do dia em Minas Geraes, nem me resta o recurso do latim para estes momentos de desespero.

Mas o que me afflige ainda mais do que a ingratitude do paiz, é a tergiversação dos accusados quando chamados a bolos.

Sei de ha muito que n'este infortunado officio de escriptor nada ha mais inglorio do que a censura, assim como nada mais desagradavel aos outros do que a verdade. Se eu amanhã escrever que o Dr. Mello Moraes errou incluindo no seu *Parnaso Brasileiro* poetas que são por emquanto principiantes, que não têm um nome firmado nas lettras nem uma obra publicada, e excluiu outros que têm nome e obras—o Sr. Mello Moraes ha de acoirar-se de injusto e talvez leve a sua complacencia até ao extremo

de ficar meu inimigo. Se eu disser que o Sr. José Fernandes de Castro, por alcunha—Urso, é um pouco menos formoso do que o Antinus do Capitólio e um pouco menos bello do que o Ganymedes da fabula—o Sr. Castro responde-me seguramente—que Quasimodo screi eu!

Vem tudo isto a proposito da maneira por que respondeu o *Diario Portuguez* á accusação que lhe fiz d'este mesmo logar no passado numero d'*A Semana*.

Em defeza da sua má acção o collega não encontrou mais que as razões por mim previstas e de ante-mão combatidas.

Diz o *Diario* :

«A contestação do collega de que os referidos jornaes não tiveram imitadores, que «traioeiramente» se aproveitavam da idea, não procede no caso presente.»

Mas, collega da minha alma! é exactamente a contestação que procede no caso presente.

Desde que o jornal inglez e o de Coimbra feeharam o seu suffragio nós não os podemos prejudicar, como os não prejudicariamos se elles ainda o não houvessem feehado, por isso mesmo que um é de Inglaterra e outro de Portugal.

Mas o collega, que é nosso conterraneo e contemporaneo, abrindo tres ou quatro dias depois questão identica á proposta por nós, foi, tenha paciencia! foi pelo menos, desleal.

E por eu conhecer dois redactores e proprietarios do *Diario Portuguez*, os meus amigos J. Felipe Pestana e Gonçalves Pinheiro, em quem sempre respeitei dois caracteres distinctissimos, foi que attribui a terceiro a origem do mau acto do collega.

Se filiei mal esse acto, tanto peor para os outros.

Reitro a accusação feita no nosso numero passado, em todos os seus termos, e se aqui não escrevo o nome do individuo a que alludi é porque esse nome não é nesta redacção julgado digno de ser impresso.

Se, porém, os collegas insistirem na interrogação, eu poderei, particularmente, aqui no escriptorio, mostrar-lhes o que se obstinam em não querer ver.

E para que se não possa suspeitar que nos faltam sentimentos de lealdade e cavalheirismo, como diz o collega, e emquanto a redacção d'*A Semana* seja inteiramente solidaria em todos os seus actos,—eu despreso por hoje o pseudonymo que desde o começo d'esta folha adoptei nesta secção, e assigno-me em publico e raso

FILINTO DE ALMEIDA

Este mundo é um theatro,
E nós os representantes,
Mas só os felizes pôdem
Fazer os papeis brilhantes.

Á «GAZETA DA TARDE»

A *Gazeta da Tarde*, no dia 28 de Abril, a proposito da questão: qual o primeiro poeta brasileiro, dirigiu palavras acres ao nosso collega Valentim Magalhães, deixando transparecer a opinião de que o auctor da *Solemnia Verba* e da *Fornarina* não preenche as condições exigidas para occupar o primeiro logar na poesia contemporanea do nosso paiz.

Estou de accordo com o distincto escriptor que se occulta sob o pseudonymo *Tuc* em um ponto e é este: uma opinião qualquer deve ser acompanhada de razões que levem a convicção ao espirito de todos; isto é, deve ser discutida, amplamente diseutada.

Se o nosso collega Valentim Magalhães não reforçou a sua opinião de argumentos, foi simplesmente porque ninguém protestou contra o que elle disse

nos primeiros artigos sobre o grande mestre.

Porém, como agora a occasião é oportuna para discutirem-se os poetas brasileiros, eu que estou firmemente convencido de que o Dr. Luiz Delfino é o nosso primeiro poeta, desejaria ter occasião de apresentar as considerações que me parecem indispensaveis para uma tal affirmação.

Portanto, convido o illustre escriptor da *Gazeta da Tarde*, por quem tenho a maxima consideração, para uma polêmica, cujo resultado será para todos altamente significativo. Se for vencido, será grande o meu prazer, porque nada peor do que ter-se uma opinião erronea sobre qualquer cousa; se vencedor, o publico fleará sabendo que os admiradores do Dr. Luiz Delfino, quando o proclamaram o primeiro poeta brasileiro, foram levados exclusivamente por motivos justos e sobretudo logicos.

Se o distincto escriptor, a quem me dirijo, dignar-se corresponder ao meu pedido, que é o mais sincero e que é uma prova da alta estima em que o tenho, peço-lhe mais uma cousa e é: que discutamos ás claras; sem pseudonymos.

Aguardo, portanto, a resposta do meu illustre antagonista.

LUIZ MURAT

Só na morte encontra a vida
Quem na vida a morte tem;
Por isso eu desejo a morte
Por querer viver tambem.

COFRE DAS GRAÇAS

— Ando com vontade de entrar para o *Club Beethoven*.

— Gostas então muito de musica classica.

— De musica? Qual! Entro por causa dos bailes.

— Estás enganado. O *Beethoven* não dá bailes:—dá somno.

Em um restaurant, estão sentados á mesma mesa um hespanhol e um inglez, que se não conhecem.

Emquanto o hespanhol espera pelo jantar, vae fincando azeitonas com o garfo.

Uma d'ellas porém saltou para junto do inglez, que a empurrou para o lado do hespanhol. Este ataeou-a de novo com o garfo e a azeitona saltou de novo para o prato do inglez.

O inglez, de sobri'olho carregado, empurrou novamente a azeitona. Terceira investida do hespanhol, terceiro salto da azeitona. Mas desta vez o inglez perdeu a paciencia: fincou a azeitona com o garfo bruscamente, trineou-a e cuspiu-a em pedaços, fulminando o hespanhol com um olhar terrivel.

Mas o hespanhol, sem se pertubar, exclamou:

— Por força que agora o senhor havia de espetal-a:—se ella já estava cançada!

Do noticiario de uma folha diaria desta corte:

«Vitalino Rosa de Almeida foi preso ante-hontem, por ser encontrado em completa nudez, tomando banho na praça Vinte e Oito de Setembro.»

Constou que o Sr. Conselheiro, Director da Escola de Medicina, em meio ao discurso com que abriu as aulas, reprehendendo os estudantes por causa das manifestações que elles lhe tem ultimamente feito, exclamou:

— Tenho até recebido cartas anonyms! Mas fiquem sabendo os senhores que eu já preveni o meu creado que não recebesse mais as cartas anonyms, que me forem remetidas!

BIBIANO.

Canhenho de um moralista em disponibilidade

Nos maiores soffrimentos moraes, nas mais atrozes dores da vida, quem sempre geme é o nosso amor proprio offendido.

Só existe um sentimento que escapa a esta regra:— o amor de mãe.

Um litterato nosso immortalisou-se es crevendo algures a atroz banalidade de que—o Brazil é fertil em genios. Eu comprometto-me a provar que o Brazil inda é mais fertil em mediocridades pretenciosas e imbecis de todas as capacidades. E' só pedir por bocca.

Criterio seguro e justeza de vistas, para julgar homens e factos, coadjuvam mais o nosso bem estar e prosperidade do que muito talento e muita illustração.

O insensato é um paria da sociedade, muito embora possua qualidades brillantes.

Ha pessoas tão irremediavelmente rotineiras, tão preguiçosas, tão afferradas aos seus habitos que, reconhecendo aliás os beneficios que lhes pôdem provir de um commettimento ou de um trabalho qualquer, fóra dos affazeres costumeiros, ainda assim preferem não incommodar-se.

Rarissimas são as pessoas que sabem elogiar e censurar com justiça e moderação.

Quasi todos deixam transparecer nas palavras de encomio ou de deprecciação que dirigem a alguem a sua parcialidade, estreiteza de vistas, paixões e interesses.

Os homens tem um tal apego aos seus interesses e aos seus sentimentos, quer bons quer máus, por tal fórmula n'elles se consubstanciam, que muitas vezes presumem de boa fé ser inspirados pelo direito e pela justiça na sustentação da injustiça e da falsidade.

O illustre Larocheoucauld attribue ao amor-proprio todos os conflictos e misérias da vida social; mas não quiz dizer que tambem a elle se devem grandes cousas e grandes homens; que sem elle os homens seriam talvez melhores, mas o mundo não passaria de um curral de ovelhas innocentes e mal tosqueadas.

Quando o amor-proprio se chama: orgulho, vaidade, pretensão estulta, basofia, insolencia—dever ser energicamente verberado; mas quando é synonymo de altivez, dignidade, consciencia do proprio valor, inteireza de earacter e elevação de espirito, o moralista deve reconhecer a sua legitimidade e saudal-o como sentimento profundamente humano, inalienavel, eterno.

O peor é que os orgulhosos e os pedantes que lerem isto, hão de incluir-se logo na segunda cathogoria.

Quem diz mal dos outros habitualmente, sem fundamentar a sua má opinião, é infallivelmente despeitado, invejoso e ignorante.

Politica é a arte de servir aos amigos para ser ministro e de ser ministro para servir aos amigos.

Tres vezes quinze e dois dezeseite e um dezoito, noves fóra nada.

Assim pondera Herbert Spencer. (First principles, VI, 91.)

PANTAGRUEL.

O ANTI-CHRISTO

(EXCERPTO)

A SCIENCIA

As abominações!
D'ellas escutarás as cousas innarraveis!

O ANTI-CHRISTO

Oli, por emquanto, não!

A SCIENCIA

Vê pois estes notaveis
monstruosos heroes do Estupro e da Maldade.

O ANTI-CHRISTO

D'elles conheço alguns.

A SCIENCIA

São os heroes do Incesto:
Cyniras, Loth, Amom, mais Alexandre Sexto.
— Aquelle é Caracalla, o que estuprou a Mãe...

O ANTI-CHRISTO

Hei-de os interrogar até sondal-os bem.
Mas por emquanto é cedo.

A SCIENCIA

Então contempla attento
estes doutos da Lei, chefes do Pensamento,
dos quaes até aos ceus voo a egregia fama.
São Moysés. Mahomet, mais Zoroastro e Brama;
os quaes têm por si só feito mais cemiterios
do que todos os reis e coveiros de imperios
que inda chumbam o mundo ao Erro e ao Preconceito.
Attenta como vão, as mãos em cruz no peito,
tendo lançado o mundo á treva e á assolação.
Attenta n'elles bem!

O ANTI-CHRISTO

Mas Budha, a tradição
fez d'elle um deus maior que todo o Ceu e o Inferno.

A SCIENCIA *com desdem:*

Como Christo, Manú, ou como o Padre Eterno.

N'isto, um homem extraordinariamente magro e calvo, que é

O PROPHETA JEREMIAS (*arrancando as barbas*)—*batendo com um seixo nos peitos:*

Ai de ti, Israel! Ai de vós, Galliléa,
collinas de Ephraim, caminhos da Judéa,
onde o gado pastava á solta nas campinas!
O que é de ti, Sião, tão branca entre as collinas,
tão triste em teu deserto e êrma dos teus pastores?
Ai de ti, Jerichó, ó terra das mil flores,
Siloé, tão gentil pomar de romanzeiras!...
Que é de ti, Zabulon, com tuas mil palmeiras,
Carmello relusente em pampanos e vinhas,
Cidade de David, inveja das rainhas,
coberta do aloés, vinhedos, e ribeiros
que luziam ao sol por entre os castanheiros,
as figueiras da Syria e os verdes therebinthos?
Que é de ti, Issachar, plantada de jacinthos,
ó val de Josaphat, tumba dos patriarchas,
tão triste ao pôr do sol?!—Jordão, as tuas barcas
já não se ouvem remar cheias de pescadores!
Askalon. Askalon, terra de lavradores,
já não rasga o teu solo o ferro da charrúa!...

Mas, acotovellando Jeremias, um homem cheio de barbas, e palavras terriveis, que é

O PROPHETA ISAIAS (*completamente nú*):

Judá! servil Judá! descalça, em pranto, e nua,
assim como eu préguei tres annos na Judéa,
tu uivarás tambem, a face amarga cheia
de lagrimas fataes — escrava dos Assyrios!
Vós, filhas de Sião, brancos e altivos lyrios,
vestidas de vaidade e sedas fabulosas,
de brincos, e d'anneis, pomadas deleitosas,
joias de prata e ouro, unguentos e brocados,
tereis vossos gentis cabellos perfumados
rapados á navalha:— e em vez de riso—pranto,
em vez de enfeite—sarna, em vez de orgia—espanto,
em vez de aromas—peste, e trevas em vez d'alva,
em vez de cinto—corda e em vez de tranças—calva!...

O DIABO

Extranho original! Gosto d'este vidente,
vestido como Adão d'um trajo negligente,
tão fiel ao seu deus, que, exposto á chuva e á brisa,
para salvar seu povo esqueceu a camisa!...

JONAS (*erguendo um braço nú e cabelludo*):—*n'um gesto de anathema:*

Ninive, vais cahir. orgulho dos imperios!...
Sobre ti vão crescer ervas dos cemiterios.
a ortiga, o tojo, o matto, e os cardos retorcidos!...
Em tres dias Jehovah rasgará teus vestidos.
queimará tuas naus, esquadras, estandartes!
O Senhor vai varrer, do Ceu as quatro partes,
os fundamentos vis em que o teu throno assenta,
como o cotão do cardo ao vento da tormenta!

O DIABO (*sacudido de riso*):

Quem dirá que voz tal, de eloquencia cheia,
aprendeu o sermão dentro d'uma baleia!

O PROPHETA EZEQUIEL. *comendo uma farinha que amassou com a bosta dos bois: com as barbas immundas, possuido d'um espirito:*

Sião, Jerusalem. filha dos Kananeus!
Hethea era tua mãe, teu pae dos Amorrheus,
e eis que Jehovah me diz:—Quebra a sua baliza,
ergue o teu braço nú contra ella e prophetisa.
Por isso eu te protesto, ó filha de Kanaan!
que assim como o Senhor me manda na sertã
que eu fabrique o meu pão amassado no estercor,
com a bosta dos bois: assim terás um cerco
como não viram nunca os reis mais os caudilhos,
em que a fome fará que as mães comam seus filhos;
c descalça, a ulular, cheia de cinza e sacco,
qual tragico rebanho aguilhoado e fraco.
tu irás amassar — nos estrangeiros rios —
com estercor dos bois teu pão entre os gentios!

O DIABO (*tapando o nariz e cuspendo*):

Que indigno porcalhão! Acho muito cruento
obedecer, meu caro, ao teu deus tão nojento!
Inda bem que receita infame e tão mesquinha
não vem inda em nenhum manual de cozinha!

Porém, com voz trovejante,

O PROPHETA OZEAS (*offerece aos que passam sua mulher, que c uma rameira da Syria, toda nua, só com a cabeça tapada, —debaixo d'uma lanterna*):

Povo! esta que aqui vês era uma vil rameira
que eu tomei por consorte e minha companheira,
que tres filhos me deu o que eu depois de novo
arremecei ao enxurro e ao ludibrio do povo:
Pois bem! como a mulher que vês aqui na rua,
com seu rosto velado e a carne toda nua,
branca, tremula, exposta ao pé do viandante,
assim Jerusalem! tu serás semelhante
à meretriz que vês:—e á sombra das palmeiras
traficarás teu corpo aos reis, como as rameiras,
e como ella exporás, debaixo das lanternas
teu seio ao publicano e ao cobre das casernas!

O DIABO

Eis aqui um Varão do Velho Testamento
que faz render a esposa e não é ciumento!

O IMPERADOR HELIOGABALO (*coberto de pedrarias, n'um carro d'ouro, puxado por seis cavallos brancos*):—*com uma voz de castrado:*

Sacrificae ao sol o deus bello da Assyria,
a que eu templos ergui, da Scythia ate á Illyria,
dos desertos da Lybia ás neves silenciosas!
Sacrificae ao deus das Canções e das Rosas,
Pae das Formas, do Ser, das Raças, mais do Amor!
Rei da Côr e do Som! Grande fecundador!

JOSUÉ (*brandindo uma espada*):

Abaixo os mil Baais das religiões malditas:
Moloch Belzebuth, deuses dos Moabitas!...
—Adorae Jehovah, senhor das mil cohortes!

THOR (*gritando*):

Só Odin é que é deus, deus de Heroes e dos Fortes!

ZOROASTRO

Sacrificae ao fogo! Andai na estrada recta!...

MAHOMET

Somente Allah é grande e eu só o seu Propheta!...

O PHILOSOPHO LAO-TOEU

Toda a Sciencia é vã—Tudo Orgulho profundo!
A ignorancia é só o maior bem do mundo.

GOMES LEAL

OS SETE PECCADOS MORTAES

(VERSÃO DE VALENTIM MAGALHÃES)

V

LUXURIA

A' cata de emoções extraordinárias, o velho libertino Picharles passeia em torno do Monte de Socorro, na rua *des Blancs-Manteaux*, sabendo perfeitamente que estranhas presas costumam encontrar-se alli.

Elle é terrível de ver-se, com o seu *costume* de perfeito *dandy*, porque os vícios hyperphísicos contorcera-lhe a bocca em um *victus* livido; a sua face é de uma côr desconhecida, á qual a perúca recusa associar-se; e não se lhe vê na cara o mínimo signal de barba, nem de pestanas, nem de sobrancelhas.

Uma mulher bella, moça, elegante, sae do Monte do Socorro—pallida, vacillante, a physionomia horrivelmente convulsa. Traz nas mãos um embrulho feito às pressas, mal arranjado em um jornal, que pelas pregas e saliencias, denuncia claramente as joias que encerra. Para não reconstruir esse drama é preciso não haver, ao menos, lido Balzac!

E' evidente que esta mulher mal casada tem um amante e que o seu amante é um jogador, porque só o jogo faz taes estragos, não só sobre os seus fléis como sobre todos que lhe dizem respeito.

O amante perdeu; é preciso que elle pague, ou senão que morra; a mulher desolada procura dinheiro; vai á casa de Gobseck e á casa de Gigonnet, sem que consiga enterneçel-os; o Monte de Socorro tambem se recusa a emprestar a somma necessaria, e não podendo salvar o homem que ella adora, a desgraçada amante sómente encontra uma solução:—morrer com elle. Caminha oucamente como ao peso de uma desgraça enorme....

Mas no momento em que vae subir ao *fiacre* que a trouxe, o libertino aproxima-se da portinhola ainda aberta e, encarando a mulher fixamente, face a face, com os seus pallidos olhos mysteriosos:

— Eu—lhe diz elle, com uma voz rouquenha—*eu posso vos dar o dinheiro!*

VI

IRA

Depois de haver batido a sua pobre sobrinha Brigida, como quem amassa barro, e depois de havel-a mordido, arranhado, pisado a cara a sócos e arrancado punhados de cabelo, a boa Sra. Lalouette deitou por terra a pobre criança magra e emaciada, e agora patinha-lhe sobre o corpo, sem comtudo arrancar-lhe um gemido ou uma queixa. Por fim, detem-se a carrasca, não saciada, mas um pouco fatigada, e a criança levanta-se com uma incrível expressão de resolução e de força.

— Com que então não queres? diz a velha. Um homem idoso, respeitavel, que nos daria uma mobilia de acajú, um relógio e tudo o mais! Exterminas-te, gastas as tuas noutes e eu tenho, quando

muito, o meu miseravel tabaco e o meu pobre café com leite. Que queres tu, então?

— Eu quero — diz Brigida — trabalhar e conservar-me honesta.

— Honesta! Honesta! — urra a velha, ébria de raiva. Decididamente ando caipóra:—só tenho um trunfo e este mesmo sae-me ás avessas! Vejamos: Queres ou não queres?

— Nunca!

— Ah! nunca! — vocifera a Sra. Lalouette, tornando-se carmezim.

E, agarrando um pote desguelado, brande-o, fal-o em pedaços sobre as costas magras da victimasinha, cuspin-do-lhe esta injuria:

— Safada!

VII

PREGUIÇA

Luiz Felter está recostado sobre um divan de seda cinzenta, bordada de flores claras.

Sobre este mesmo divan, não longe d'elle, está estendida a sua bella amante, Lydia, vestida apenas de um transparente penteador de gaze e com os cabellos soltos.

Pertinho, sobre uma mesa de nacar, coberta de um macio tapete de côres desmaiadas, o poeta vê, reunidos, o livro de Leconte de Lisle, que elle prefere entre todos, e um completo serviço de fumante e rosas cortadas, e bebidas geladas preparadas em copos, com seus tubos de palha.

Para gosar a voluptuosidade que preferir, basta-lhe estender a mão; mas elle não estende a mão. Prefere embalar se nas harmonias de um verso de Baudelaire, que lhe está cantando na cabeça, e que elle vae repetir mentalmente, no mesmo instante. Mas, reflectindo, acha melhor não se lembrar do bello verso e não faser nada, absolutamente nada!...

THEODORO DE BANVILLE.

O sol, que pr'a todos nasce,
Só para mim se escurece;
Chego a ser tão desgraçado
Que até o sol me aborrece.

A VIDA ELEGANTE

Quando uma pessoa volta do *Engenho Velho*, club e não bairro, não sabe o que dizer da amabilidade d'aquella gente tão distincta, tão cavalheiresca e tão cheia de amabilidades, que não poupa esforço algum para organizar umas festas que de *chics* não têm o que se lhes diga.

Assim, sabbado passado. Concerto magnífico, em que Raff. Ascher. Doppler, Mariani, Arditti, Saint-Saens, Haydn, Seulli, Ricci e Gottschalk tiveram interpretes excellentes nas Exmas. Sras. Alexandrina Silva, Maria da Gloria Faria e Alzira Peixoto, e nos Srs. Alfredo Bevilacqua, Fötterli. Gravenstein Saint-Martin, Motta Mello e Cernicchiaro, o correcto Cernicchiaro para quem não ha segredos de execução, e que tão bem como as dos outros tocou duas admiraveis composições suas.

Depois do concerto, dansas. E o baile foi até pela manhã cedo, animado, febril, em quadrilhas e em doudejantes walsas e polkas.

Assim Deus dê muitos annos ao excellent club, e á *Semana* tambem, não por egoismo nosso, mas para termos o prazer de continuar a frequental-o emquanto vida e saude andarem de braço dado cá por casa.

LORGNON.

THEATROS

Na quinta-feira estréou no Lucinda a companhia Furtado Coelho. Em lugar da *Dionysia*, que estava annunciada, escolheu a empreza *O Demi Monde* para apresentar-se ao publico.

A casa estava repleta e a peça agradou, como sempre. Tambem, com dois artistas como Lucinda e Furtado quem não gostará de ouvir conversar mil vezes Olivier de Jalin e a baroneza d'Ange?

Em seguida ao *Demi Monde* esta companhia dar-nos-ha *Por causa de uma carta*, deliciosa comedia de Sardou; *Os Filhos de Adão*, de Euzebio Blasco, o auctor do *Lenço Branco*, e *A mantilha de renda*, bellissima comedia em verso, de Fernando Caldeira.

A estação da companhia vae ser curta mas boa.

No Recreio Dramatico continuam os ensaios da grande lenda tragica de Eche-garay—*No seio da morte*. Esta peça foi pelo Imperador offercida ao actor Dias Braga que a escolheu para seu beneficio. A primeira representação deve ser no dia 20 do corrente.

Por emquanto a empreza vae-nos dando a *Dionysia* e algumas das peças do seu repertorio que mais tem agradado.

Prepara tambem *A Filha do Guedes*, comedia imitada do francez pelo Dr. Augusto de Castro, que terá musica composta pela Sra. D. Francisca Gonzaga.

No Principe a empreza Apollonia continúa com *Os Filhos do Capitão Grant*, emquanto não prepara *As Noites da India*.

No Sant'Anna nada de novo. Esperemos a *Ave do Paraíso*.

Mattos, Malta ou Matta?

ROMANCE AO CORRER DA PENNA

XIV

Tive de assistir a uma scena de ternura: D. Leonarda, mal avistou meu hospede, abrio em tres pulos uma carreira que foi acabar nos braços d'elle.

Apertou-o, beijou-lhe os labios, chorou-lhe sobre o peito a sua velha e chronica saudade.

Castro Malta deixava-se amimar, sem uma palavra de opposição ou de ternura.

— Tu me amas? perguntou-lhe ella com a voz sumida e estrangulada de commoção.—Tu me amas, Castro?

— Pois não! respondia elle, já impaciente.

E, voltando-se para mim, emquanto a velha o estreitava nos braços:

— Eis a vida, meu amigo! Eis a vida! Pense e reflecta sobre este caso e diga-me depois a razão, porque sou tão extremecido por esta mulher.

— Castro! reprehendeu a velha, abai-xando os olhos, muito seria.

— Mas si é assim...ia continuar o ressuscitado, quando eu, vendo que a scena ameaçava prolongar-se por muito tempo, resolvi cortal-a, dizendo ao amoroso casal que estava defronte dos meus olhos:

— Bem, jovens pombos apaixonados, agora que já se abraçaram à vontade, agora que, segundo julgo já não ha restos de scudade viva dentro de nenhum de vocês dous, vamos tratar do que a todos nos interessa.

— A mim nada interessa mais do que isto! afirmou minha sogra.

— E a mim nada interessa absolutamente! acrescentou o Castro, deixando se calhar em uma cadeira—Dou-lhes a minha palavra de honra em como estou cahindo de fome. Juro que um pedaço de carne assada não me faria agora mal de especie alguma, mas...

— Mas... ajudei eu, verdadeiramente enrigado.

— Mas o que, Sr. Castro?

— Mas... E' verdade! Mas o que?... Para lhes fallar com franqueza, já não me lembro do que dizia...

— Lembro-me eu, observei, reunindo na memoria os fragmentos esparsos da conversa. Lembro-me eu... O senhor dizia que...

— Nada! Não! atalhou Castro.—Não me lembre nada! Deixemo-nos d'isso! Para que diabo havemos de lembrar-mo-nos de coisas que não nos interessam, isto é, que não interessam ao senhor, porque a mim nada, absolutamente nada, me interessa!...

— Isso já o senhor repetiu mais de vinte vezes!

O maluco ia dar-me replica, mas teve de sustel-a com a chegada de alguém, que acabava de entrar.

Todos nós tres voltamo-nos para o novo personagem.

Era o Sr. Quintino, compadre de minha sogra.

— Ah! E' o senhor, compadrinho? gritou esta.—Que boa surpresa!

— E' verdade, respondeu o redactor d'O Paiz, dirigindo-se mais ao gesto de curiosidade que eu fazia do que mesmo ás palavras de D. Leonarda.—E' verdade! Sou eu, que, descobrindo o grande equivoço em que navegamos os senhores todos, apressei-me a vir desvendal-o!

— Como?! pinçou a velha.—Como, seu compadre?

— Quer dizer, continuou o famoso jornalista.—Quer dizer que a senhora e este senhor seu genro, se me não enganano, têm sido victimas de uma enorme trapalhada.

— Não comprehendol affiancei.

— Nem eu! reforçou a velha.

— Explicar-me-hei! tornou o Sr. Quintino.—Explicar-me-hei!

— Pois então veja se anda com isso! disse D. Leonarda, dominada por grande afflicção.—Veja se anda com isso, porque dou-lhe a minha palavra de honra que já estou farta de toda esta porcaria de Castros Mattas e Malts. e já não me sinto disposta a aturar mais semelhante mexericada! Arrel Arrel! Que até fede! Até fede esta questão!

— Bom! bom! cortou o jornalista.—Não vale a pena arrelhar-se por tão pouco, minha senhora. A minha visita a esta casa não teve por fim dar incommodos, mas pura e simplesmente esclarecer o engano que havia.

— Pois esclareça por uma vez! bradou a velha.

— O Castro Malta de que falla a senhora, explicou Quintino—assim como o Castro de que falla o senhor seu genro, nada têm de commum com o Castro Malta de que falla o jornal de que sou redactor em chefe!

— Como assim?

— Quer dizer que nenhum desses dous Castros é o meu, nenhum desses é aquelle que o Paiz procurou descobrir! Pelos documentos, que me acaba de fornecer a Santa casa de misericordia e pelos dados obtidos pelo senhor promottor publico, sabe-se que o Castro Malta, recrutado, o Castro Malta recolhido ao hospital, o Castro Malta fallecido, enterra-

do e não encontrado no cemiterio, nada tem de commum com as pessoas de que me fallaram vocemecês!

— Ora essa! resmungou minha sogra.—Ora essa! Mas em todo caso, não tenho outro remedio senão acreditar nas suas palavras, porque o Castro de que me falla o Sr. Quintino é um Castro morto, ao passo que o Castro, de que eu fallava, o meu rico Malta, está mais vivo do que um azougue!

— Bem! retorqui.—Mas tudo isso não me esclarece no ponto em que eu deseje ser esclarecido! Para mim, tanto se me dá que o Castro Malta fosse assassinado na policia, como se morresse tranquillamente sobre a sua cama, ao lado de sua mulher e de seus filhos; o que me interessa, o que me preoccupa, é descobrir quem é e onde para o Castro Malta que seduzio minha mulher.

— Por esse respondo eu! atalhou a velha.

— Então responda! disse, avançando sobre elia.

— Eil-o! exclamou a velha apontando para o meu hospede que dormia já a somno solto estirado na cadeira.

— Este?! perguntei pasmo—não! E' impossivel! Não creio.

— Pois então, ouça e verá!

(Continúa)

TRATOS A' BOLA

Enviaram-nos d'esta vez cartas, contendo decifrações, referentes aos *tratos* ultimos, os seguintes charadistas:

Heleno, Jacy, Manoel Pereira Guimarães, Josephina B., Francisco de Paula Ramos, Fricinal Vassico, Fagundes, Julio Cesar de Magalhães, Honorio Esteves do Sacramento e A. A. Cardoso de Almeida.

O primeiro premio que era um decimo da loteria de 400 contos, sob n. 89,173 pertence ao Sr. Heleno e o segundo ao Sr. Jacy. Venham pois buscar os seus premios.

Eis as decifrações:

Da decapitada—*Cobras*; das telegraphicas—*Pateta e Vaca*; da augmentativa—*Dobrado*; da antiga—*Petalo*; das tiburecianas—*Pitanga e Brocha* e da verbal—*Sertão*.

Para hoje temos as seguintes *tratices*:

NOVISSIMAS

3-1—Na peleja este estrangeiro é valente.

1-2—Na Jurujuba, na cara e no campo. (O. D. C. ao Sr. Alvaro Coral por *D. Pastel*.)

ULTRA-NOVISSIMA (1)

1-2-3-4—Substantivo militar.

2-3-4—Substantivo optico.

3-4—Substantivo de pau.

4—Contração.

ANTIGA

3—Não sendo boa no começo nem no fim, é feita para bom fim.

MONOSYLLABICA (2)

Var — Verbo

Pente — Bicho

Ano — Instrumento

Bo — Legume

Na mythologia.

TELEGRAPHICAS

1-1-1—Bogari é planta.

1-1-1—Salada é medida.

EM QUADRO

Do throno eu sou...

Cor mais querida;

No muro estou...

Bôa bebida!...

(1) Vide n. 10 d'A *Semana*.

(2) Vide o n. 16 d'A *Semana*.

PREMIOS

Ao primeiro decifrador exacto um exemplar do esplendido romance do Dr. Pedro Americo—*Holocausto*; ao segundo um almanack do *Correio da Europa* para 1885.

Antes de collocarmos o ponto final nestes *tratos* digamos aos nossos amigos que *D. Pastel* foi victima esta vez de um couce que lhe arremetteu uma calvaladura que accede ao appellido de *Alvaro Coral*.

E' ben provavel que este quadrupede estivesse esfaimado e furioso porque algum parente lhe houvesse comido a ração. Mas que diabo! *D. Pastel* não e da sua egualha, não tem cousa alguma de sua casta! Como explicar semelhante attentado? Como vingança, offerecemos-lhe acima uma charada.

Decifre-a.

Estes irracionaes... Estes irracionaes...

D. PASTEL.

Recebemos:

— «Um homem gasto»—episodio da historia social do XIX seculo—estudo naturalista por L. L. Editores Matheus, Costa & C. Vamos lel-o e daremos juizo.

— «*Revista Illustrada*.» Bôas caricaturas, bom texto e muito espirito.

— «*Vespa*.» Texto bem escripto e variado; quanto aos desenhos, o Netto que accete os nossos emoras.

De dia a dia enche o papo... de glorias.

Muito bem, muito bem.

— «*Mequetrefe*.» Como sempre interessante.

— «O Pavilhão Negro na America», energico e patriotico pamphleto em prol da causa abolicionista, pelo Dr. Jeronymo Penido, redactor principal do *Despertador*.

— «O espirito da familia na escola»—estudos syntheticos e praticos— de Carlos Frederico Marques Perdigão. E' uma obra importante (já publicada na *Gazeta de Noticias*, em artigos) e de que nos occuparemos proximamente com a attenção que merece.

— «Parnazo brasileiro»—seculo XVI—XIX—1556—1880—pelo Dr. Mello Moraes filho; dous volumes. Editor, B. L. Garnier.

Occupar nos-hemos com este livro proximamente. E cremos que ha n'elle muito panno para... mang s.

FACTOS DIVERSOS

Chegou a esta cidade no dia 30 do mez passado, vindo do Rio Grande do Sul o poeta Fontoura Xavier, o distincto cantor das *Opalas*.

CORREIO

SR. MARIO.—O seu soneto—*A causa do meu mal* é... tambem do nosso. Veja se nos manda versos sem...lagrimas. Constipam menos.

SR. DIONYSIO B. TANCREDO.—O seu *Petit-tableau* será publicado brevemente, seu felizardo!

SR. ANTONIO M. FONTES JUNIOR.—O assumpto do seu soneto (Mais soneto!) sempre soneto! *Esquecimento feliz* é velho como o Padre Eterno. Queira nos mandar cousa nova e bem feita e nunca mais escreva versos assim: «E o soneto? ah! sim! Oh! eil-o já feito!»

SR. ADILON NAVARRO (Musambinho.—Minas). Da leitura que fizemos da sua poesia *O amor* notámos que o senhor

não tem amor nenhum á poesia. Leia estes versos e veja se não temos razão em não publical-a :

„ Depois, com timidez se vai descendo
O pé resvala... E' um abysmo! Debalde a mão
Segura as margens por onde se vai rolando na voragem
E' delicioso o amor, puro, mortal. Não crêas nunca
E' como um menino que de vagar entra n'um rio
Attrahido pela propria imagem que nelle se reflete:

Banha-se e afoga-se. „

Uff! Um salva-vidas!

SR. AMILCAR XARPOZ.—O seu conto não é mau. O que é verdadeiramente pulha e impossível é a *D. Armida* mostrar ao esposo entre lagrimas e soluços, *dos seus sedosos cabellos o primeiro fio de neve, que vinha annunciar-lhe o frio inverno da vida.*

Não ha mulher nenhuma que faça isto, e no emtanto ha muitas que ao depara-

rem com um fio de cabelo branco—arrancam-o.

SR. J. NETTO.—O seu soneto—*Minha infancia* é soffrivel. Teremos immenso prazer em publicar seus versos quando forem de todo bons. Continue, pois.

Quanto ao seu pedido de assignatura, temos a dizer-lhe que foi recebido com especial agrado.

SR. AYMAR.—O seu soneto. (Ainda mais soneto! *Sursum corda!*) *Na dança*, não póde ser publicado. O senhor é principiante, vê-se dos seus versos. Por tanto estude e...appareça.

ANNUNCIOS

ALFREDO CESAR DA SILVEIRA
RELOJOEIRO
67 Rua da Assembléa 67

Dr. Henrique de Sá.—Espec.: Syphilis e molestias das crianças. Consultorio:—rua Primeiro de Março, 22; de 1 ás 3 horas da tarde. Residencia:—rua de S. Pedro, 294.

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Portuguez, Francez e Inglez
—Professor Rodolpho Porciuncula. Redados nesta folha.

ERNESTO PINTO COELHO
SOLICITADOR
VILLA DE PADUA

Calçado Inglez de Bostock—Crashley & C., rua do Ouvidor n. 67.

GAZETA MUSICAL

Revista quinzenal de theatros, musicas e bellas-artes. Retratos das maiores notabilidades artisticas, biographias, artigos de critica, correspondencias de Paris, Londres, Berlim, Vienna, Milão, Leipzig, Hamburgo, Madrid e Rio de Janeiro, poesias, romances e sempre

24 PAGINAS DE MUSICA

4, 5, 6 e 7 peças de autores celebres, allemães, francezes e italianos

EDIÇÃO ESPECIAL PARA O BRAZIL N 1

Publicado em 15 de Agosto de 1884

Assignatura mensal ou dous numeros..... 2\$ fracos
Com exclusão do porte de Correio para as provincias.
Acha-se completo o primeiro trimestre, comprehendendo 6 numeros encadernados em um só volume, ornando um mag-nifico album, proprio para presente.

Preço 6\$000

REPRESENTANTES NESTE IMPERIO

H. LAEMMERT & C.

66 RUA DO OUVIDOR 66
LIVRARIA UNIVERSAL

EVANGELINA

POEMA

DE

H. LONGFELOW

TRADUÇÃO DE

AMERICO LOBO

Vende-se nas livrarias Faro & Nunes, Laemmert e Serafim Alves e no escriptorio desta folha, a

2\$000 o exemplar

A Semana

Acceita annuncios nas seguintes condicções:

Nas ultimas paginas, na secção propria, a 2\$ cada um dos quadrinhos. Intercalados no texto, entre os artigos de redacção, 500 reis a linha. Em logar especial, de inevitavel leitura, 1\$ a linha.



HOTEL NOVO MUNDO

Serviço profuso e variadissimo

Vinhos de todas as marcas, de qualidade garantida
Encarrega-se de grandes jantares e banquetes

Serviço completo

PREÇOS MODICOS

13 Rua Primeiro de Março 13

PROPRIETARIO

JOÃO DIOGO SOARES DE BRITO

HOSPEDARIA FIEL

RUA DA ALFANDEGA N. 236 E TRAVESSA DE S. DOMINGOS N. 2

Os proprietarios deste vasto estabelecimento têm a honra de apresentar á concurrencia publica, bonitos quartos mobiliados, espaçosos e muito arejados, offerecendo toda a garantia de segurança, aonde os Srs. viajantes podem pernoitar livres de risco. Todos os compartimentos com linda vista tanto para a travessa como para a rua da Alfandega.

A casa está aberta toda a noite. Preços modicos.—Lima & Xavier.

RESTAURANT VOLTAIRE

29 RUA DA URUGUAYANA 29

Almoço. \$800 | Jantar.. 1\$000

Serviço associado e profuso

Parece incrivel que por tão modestos preços se possa comer tão bem! Pois venha verifical-o, quem duvidar, á

29 RUA DA URUGUAYANA 29

JAMES E. HEWITT

PROFESSOR DA LINGUA INGLEZA

134 RUA DO ROSARIO 134

A SEMANA

CORTE:

Trimestre..... 28000
Semestre..... 48000
Anno 88000

Publica-se aos Sabbados

DIRECTOR — VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — TRAVESSA DO OUIDOR, 36, SOBRADO

PROVINCIAS:

Semestre..... 48000
Anno 88000

Numero avulso 100 rs.

Não se restituem originaes, embora não publicados.

Numero atrasado 200 rs.

SUMMARIO

Ao Sr. Conselheiro Dantas — Historia dos sete dias — Politica e politicos; *Ambrozio Severo* — Projecto Saraiva — Verdades politicas; *Luiz Murat* — Questão litteraria — Um homem gasto, por *L. L.* — O Dr. Luiz Delfino e a poesia nacional; *Luiz Murat* — Os sapatinhos azues, conto infantil; *Julia Lopes* — Cofre das graças; *Bibiano* — Ernesto Renan e Michelet; *Th. de Banville* — A' tardinha; *Monteiro Ramalho* — Gazetilha litteraria — A vida elegante; *Lorynon* — Theatros — Mattos, Malta ou Matta? romance — Tratos á bola; *D. Pastel* — Recebemos — Correio — Anuncios.

A SEMANA

Ao Sr. conselheiro Dantas

A redacção d'A *Semana* saúda o ministerio 6 de Junho na pes-soa do eminente estadista brasileiro o Exm. Sr. conselheiro Manoel Pinto de Souza Dantas, pela sua fulgorosissima queda.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Rio, 9 de Maio de 1885.

Ninguém imagina as delicias que nos proporciona sempre o trabalho de escrever a *historia dos sete dias*.

Principalmente quando os sete dias não têm historia e dos insignificantes factos occorridos temos ainda de excluir os de character politico, que são remetidos para a secção especial do nosso *Ambrozio Severo*, onde elle assombra os leitores com a facundia do seu dizer e a rectidão dos seus juizos.

Esta semana, porém, é excepcional. A politica invadio-a e assoberbou-a, entrou-lhe triumphante pela segunda-feira, vagou por Petropolis, desceu, discutio na terça, fez ministerio na quarta, tornou a discutir na quinta e publicou projecto na sexta-feira.

Hoje, sabbado, é dia feriado para o parlamento, mas os echos da politica effervescente repercutem ainda pelas montanhas da discussão popular.

Fallemos, pois, um pouco de politica... ou de politicos.

O velho e pittoresco conselheiro José Bento, quando ministro, nas dificuldades da sua pasta appellava sempre para a Divina Providencia. Este facto calou no animo descrente e sceptico do imperador, de tal maneira, que hoje, quando S. Magestade tem qualquer aperto politico, quando lhe dóe o calo constitucional, ou quando se lhe revolta o ventre parlamentar, S. Magestade appella para a Providencia que julga compativel com o seu espirito de philosopho e com as suas creanças de pensador.

Esta providencia tomou na terra a fórma de um homem alto, de amplo torax, olhos garços, barba á particular, sobrecasaca preta e chapéo do Chili, que dá para os profanos pelo nome de conselheiro Saraiva, ministro omnipotente, omnisciente e absoluto; infallivel como o Papa; perfeito como Deus-padre; grande como Alah; justo como Christo e honrado como Catão! Prodigio despenhado da via-lactea sobre a Bahia; intemerato, impoluto, immaculado, — contrastando fortissimamente com a recua de bandidos, de impuros, de deshonestos e de incapazes que têm sido ministros no segundo reinado!

E com o Imperador todo o paiz se admira de que o Sr. Saraiva seja um homem honrado!

Pobre cidadão honesto! não seremos nós que te invejaremos a admiração publica pelo cumprimento do mais comensinho dever civil.

Não! quando nós não conseguirmos pelo nosso trabalho, pelo merito do nosso espirito e da nossa intelligencia, pelo valor das nossas obras, e pela imposição dos nossos esforços em prol do bem publico — ser admirados e louvados, rejeitaremos dignamente a admiração exclusiva pela nossa honradez, pois que aeeital-a é declarar tacitamente e implicitamente que todos os outros cidadãos a quem estendemos a nossa não lealmente são deshonestos e são deshonorados!

Não! amigo Publico, não queremos a tua admiração por tal preço. E' muito mesquinha e futil a gloria do Sr. Saraiva.

Em todo caso, como todo o paiz admira o Sr. Saraiva como homem honrado, e o julga uma rara excepção neste sentido, mas como ha muitissima gente que não conhece, que nunca vio o illustre presidente do conselho e que deseja conhecê-lo e vel-o, nós lembramos a seguinte idéa — se effectivamente o Sr. Saraiva está disposto a fazer algum sacrificio em favor da abolição dos escravos:

Aluga-se uma loja na rua do Ouvidor, forra-se de panno vermelho, muito bem forradinha, colloca-se uma cadeira ao fundo e o Sr. Saraiva presta-se a estar sentado nessa cadeira duas ou tres horas por dia, em exposição, — a tostão por cabeça.

E quem não tiver cabeça não paga nada.

A affluencia de curiosos será enorme e o resultado das entradas reverterá para o fundo de emancipação.

Como toda a gente deseja vêr neste paiz um homem honrado, dentro de seis mezes o fundo de emancipação dará para libertar todos os captivos e ainda subejará para charutos.

E' uma idéa. Seja ou não seja aproveitada — ali fica.

No sabbado andou a roda da grande loteria da provincia. Sahiu a *grande*, 400 contos, ao n. 140713 e a *immediata*, 150 contos, ao n. 88198. A provincia teve com esta loteria um prejuizo de cerca de trezentos contos.

Bem feito! Nós tambem perdemos o rico dinheirinho que fundimos em decimos.

Bem feito.

— O Sr. C. Alvim, presidente da provincia do Rio, auctorisa por portaria a directoria das obras publicas a contractar o abastecimento de agua potavel á cidade de Nitheroy; sendo o capital garantido de 5.000.000\$ para 8.000.000 litros de agua que será tomada nas cachoeiras altas do rio Macacú.

Se o nosso governo tambem arranjasse um meio de nos dar agua sufficiente...

E' tão pouca a que existe nos depositos que já não ha pressão que a faça subir aos primeiros andares. Não havendo agua tornam-se inuteis todos os trabalhos de hygiene a que se tem dado a benemerita juncta actual.

Com a agua pela hora da morte — não ha banhos, e sem banhos começará feroz e incoercivel a invasão dos microbios, e lá vamos nós encher tambem as columnas do obituario.

Cruzes!

— Foi assignado o contracto entre a Directoria da E. F. Pedro II e os Srs. Morris Kohn e Evaristo Juliano de Sá, para o estabelecimento de carros-botequins, denominados — Fornecedor ambulante — nos trens d'aquella estrada.

Nos mesmos carros serão tambem vendidos jornaes, livros e cigarros.

Bem hom. Acabam-se as pressas nas estações, onde muitas vezes a gente, com a atrapalhação, entorna o café na camisa, escalda-se, paga-o e não o toma.

— Telegramas do Paraná dizem que o chefe de policia Leão Velloso Filho descobriu uma quadrilha de ladrões, cujo chefe, nas horas vagas, dáva-se ao trabalho honrado de fabricar notas falsas.

Sempre era muito tolo, o tal individuo. Ganharia muito mais se as fabricasse verdadeiras.

— Já foi tambem assignado o contracto para a limpeza da Lagoa de Rodrigo de Freitas.

— A respeito dos ultimos acontecimentos occorridos no consulado geral de Portugal, n'esta côrte, diz uma folha portugueza que o governo d'aquelle paiz ia enviar um funcionario para examinar a escripturação, não só do consulado do Rio de Janeiro, como de todos os consulados portuguezes no Brazil. Accrescenta a mesma folha que esse funcionario é o Sr. Eça de Queiroz.

DIA 4. A *Gazeta* publica um excellente artigo sobre a *divisão da propriedade rural* em pequenos lotes, que o Banco Predial resolveu fazer para vender a pequenos proprietarios.

Os seguintes topicos, que transcrevemos dão idea do importante assumpto:

« O Banco Predial, dividindo as suas fazendas em lotes, construindo rudimentos de aldeias em pontos centraes dos ditos terrenos, e vendendo a prazo uma casa e um lote rural a quem se apresentar para o comprar, sem differença de nacionalidade, faz não só optima transacção mercantil, como presta relevante serviço a um proletariado avido de propriedade, quer elle tenha nascido aquem ou alem das nossas fronteiras politicas.

« Applicando exactamente á pequena propriedade rustica o processo que usa para com a propriedade urbana, salvo as modificações exigidas pelas circumstancias, os seus terrenos terão compradores e a receita não será pequena com este novo processo em relação ao trabalho agricola. »

— A convite da confederação abolicionista ha no largo da Lapa um meeting a que assistem cerca de trez mil pessoas. Fallaram os Srs. João Clapp e Dr. José Mariano, que convidou o povo a fazer uma grande manifestação ao gabinete 6 de Junho. Usaram ainda da palavra outros cavalheiros.

Dia 5. Noticiam as folhas o roubo de uma creança, que dias depois appareceu. A policia procede a averiguações para descobrir a criminosa, que se sabe ser uma parda.

Dia 6. Vem á imprensa o Sr. Amarillo de Vasconcellos queixar-se do Sr. Carneiro da Rocha, ex-ministro da agricultura, por o ter aquelle ministro demittido com a clausula—a bem do serviço publico. Faz no seu artigo insinuações que deveria explicar amplamente, assim como o Sr. ex-ministro deveria explicar o seu acto, que pôde de alguma fórma desacreditar um funcionario superior e considerado.

Dia 7. Reaviva-se a defuncta—questão Malta—com a pronuncia do Sr. José Calmon contra o Sr. Felix da Costa.

Veremos em que fica o processo e se effectivamente ainda ha juizes.... em Berlim.

— Casou-se na matriz da Gloria o Sr. commendador Luiz de Faro Oliveira com a Exma. Sra. D. Eliza Paranhos.

Foi celebrante monsenhor Honorato, servindo de testemunhas, por parte da noiva a Exma. Sra. D. Anna Paranhos e o Sr. Manoel de Miranda Castro, e por parte do noivo os Srs. commendadores Luiz Augusto da Silva Canedo e José João Martins de Pinho.

O Sr. Faro é o conhecido livreiro-editor, socio da firma Faro & Nunes.

Dezemos-lhe todas as venturas de que é digno, e que as suas edicções continuem a ser nitidas e bellas como até agora.

Nada mais havendo a tratar, encerra-se a secção.

Até sabbado.

POLITICA E POLITICOS

Já não existe o ministerio 6 de Junho. Cahio circundado das aclamações de um povo inteiro, que lhe tinha confiado a realisação da sua mais elevada aspiração—a reforma do elemento servil.

Determinou a queda do gabinete uma moção de desconfiança apresentada pelo Sr. A. de Siqueira á camara.

S. Ex. formulou a sua moção em virtude da manifestação de desgosto de que foi victima.

No dia 4, depois de se encetarem os trabalhos da temporaria, o Sr. A. de Siqueira pediu a palavra para communicar á camara que tinha sido desacatado pelo povo.

S. Ex. ainda que dissesse que nenhum

apreço dava á arruaça, em todo caso só se pôde explicar a sua passagem para a dissidencia pelas vaias com que o povo o recebeu á sahida do recinto da camara.

Já vêem todos que as vaias têm alguma significação e que pesam não só na balança das opiniões politicas do Sr. A. de Siqueira, como até na dos bibianos dynasticos.

A moção, formulada nos seguintes termos: « A camara dos deputados, convicta de que o ministerio não pôde garantir á ordem e a tranquillidade publica indispensaveis para a solução da questão do elemento servil, nega-lhe o seu apoio e passa á ordem do dia », foi approvada por 52 votos contra 50.

Pelo pensamento que envolve a moção é facil de deduzir a sua causa original. O apuro irritou o deputado pernambucano, este pretextando que a ordem publica estava alterada e vendo nas vaias de que foi alvo um motim ou uma sedicção com caracter de generalidade (Como são curtas as vistas de S. Ex.!) formulou a sua moção, cujo resultado foi a derrota do ministerio, cobardemente atacado pelos dissidentes colligados com os conservadores.

O illustre ex-presidente do conselho immediatamente foi depor nas mãos de S. Magestade a demissão do gabinete.

E este rei, que parecia querer coadjuvar a idea que o ministerio tão nobremente encarnou na sua bandeira, acceitou a demissão e chamou para organizar novo gabinete o Sr. Saraiva.

O ministerio ficou assim constituido: Presidente do conselho e ministro da fazenda—o conselheiro José Antonio Saraiva.

Ministro do Imperio—conselheiro Meira e Vasconcellos.

Ministro da justiça—conselheiro Afonso Penna.

Ministro da agricultura—conselheiro Ferreira de Moura.

Ministro dos negocios estrangeiros—visconde de Paranaguá.

Ministro da marinha—senador Luiz Felipe.

Ministro da guerra—deputado Eleuterio Camargo.

Segundo nos consta o ministerio só se apresentará ao parlamento na segunda-feira.

*

No dia 6 houve uma reunião dos conservadores no Hotel do Globo afim de resolverem qual a attitude d'esse partido perante o novo gabinete.

Ficou resolvido, depois de uma larga discussão, que a sua attitude seria uma attitude moderadora e pacifica.

Esperamos ansiosamente as idéas do novo ministerio, certos de que o Sr. Saraiva, que já deve estar ao facto da opinião popular sobre a questão servil, não virá prejudicar ou protrahir os interesses geraes de uma nação, formulando um programma que em vez de pacificar a exaltação do publico, augmente-a ainda mais, a ponto d'elle impôr pela violencia a obra de reorganisação tão energicamente iniciada pelo emerito estadista que acaba de deixar o governo.

AMBROZIO SEVERO.

PROJECTO SARAIVA

Diz o *Journal do Commercio* de hon-tem:

ESTADO SERVID.—Sabemos que se acha em estudo no ministerio um projecto de reforma do estado servil, contendo as seguintes idéas capitaes:

I—Nova matricula dos escravos, na qual não serão inscriptos os maiores de

60 annos. A inscripção será feita á vista das relações que serviram de base á matricula actual ou á vista de certidões da mesma matricula, sendo considerados libertos os escravos não matriculados dentro do prazo que fór fixado. Pela inscripção de cada escravo pagará o senhor o emolumento de 1\$000.

II—O valor do escravo será declarado pelo senhor dentro de limites fixados segundo cathogorias de idades, a saber:

Menores de 20 annos....	1:000\$000
» 30 annos... ..	800\$000
» 40 annos....	600\$000
» 50 annos....	400\$000
» 60 annos....	200\$000

O valor dos individuos do sexo feminino será reduzido de 25 %.

Os escravos menores de 65 annos serão obrigados á prestação de serviços por tres annos, os qua's terminarão naquella idade, seja qual fór o prazo decorrido.

A remissão destes serviços não poderá exceder de metade do valor arbitrado para os escravos da classe de 50 a 60 annos.

Todos os libertos maiores de 60 annos continuarão em companhia de seus senhores, que serão obrigados a alimental-os, vestil-os e tratal-os nas suas molestias, usufruindo seus serviços, quando os juizes de orphãos não julgarem capazes os mesmos libertos de ganhar por si mesmos a vida.

III—Os escravos inscriptos na matricula serão libertados pelo fundo de emancipação ou pelos peculios. Do valor primitivo com que houver sido matriculado o escravo serão deduzidos 6 %, annualmente contando-se, porém, para a redução qualquer prazo decorrido. As libertações por peculio serão concedidas á vista das certidões do valor do escravo e da certidão do deposito d'esse valor nas estações fiscaes que forem designados pelo governo.

Não haverá indemnisação nas alforrias dos escravos que, por motivo de molestia, forem julgados invalidos e incapazes de qualquer serviço.

IV—O fundo de emancipação será constituido: I com as taxas e rendas estabelecidas na legislação vigente; II com a taxa 5 % addiconaes a todos os impostos geraes, exceptuados os de exportação; III com a emissão annual, e ao par, até 6.000:000\$, de titulos de divida do Estado a juros de 5 %. Estes titulos sómente começarão a ser amortizados depois da total extincção da escravatura.

Os juros d'estes titulos serão satisfeitos com o producto do sobredito imposto adicional, emquanto o poder legislativo não decretar fundos para o pagamento dos mesmos titulos. A taxa adicional continuará a ser arrecadada até á completa extincção da divida representada por taes titulos.

V—O fundo de emancipação será dividido em tres partes. A primeira parte continuará a ser applicada na fórma do regulamento n. 5135 de 13 de novembro de 1872. A segunda parte, que será formada pelo producto da taxa adicional, será applicada á emancipação, preferindo-se os mais velhos; e entre estes os de menor valor, bem como ao pagamento dos juros dos titulos de que acima se trata. A terceira parte será applicada de preferencia aos escravos empregados na lavoura cujos senhores se resolverem a substituir o trabalho escravo pelo trabalho livre, mediante as seguintes condições:

— Libertação de todos os escravos existentes no estabelecimento com obri-gação de não admittir outros;

Indemnisação pelo Estado de metade do valor dos escravos libertados, em titulos de 5 %, preferidos os senho-

res que exigirem menor indemnização e alforriarem maior numero de escravos;

— O usufruto dos serviços dos libertos por tempo de 5 annos;

— Estes serviços serão remunerados com alimentação, vestuário, tratamento nas enfermidades e uma gratificação pecuniaria por dia, que será fixada em regulamentos.

VI—A distribuição do fundo de emancipação continuará a ser feita como actualmente, sendo distribuídos os títulos de 5 % aos diversos municípios segundo a população escrava de cada um.

VII—O domicilio do escravo é intransferível para provincia diversa d'aquella onde se achar matriculado. A mudança equivale a aquisição de liberdade, salvo nos casos de mudança do domicilio do senhor ou de evasão do escravo.

O escravo evadido não poderá ser alforriado, enquanto ausente, por nenhum dos títulos a que se refere este projecto.

Incorrerão na multa de 500\$ a 1:000\$ os que seduzirem ou acoutarem escravos alheios, cabendo aos chefes de policia impôr a multa com recurso voluntario para os presidentes de provincia. A imposição d'esta multa não excluirá a acção criminal nem a civil para a satisfação do danno causado.

VIII—E' domicilio obrigado por tempo de 5 annos, o do liberto, no municipio onde fór alforriado. Varias providencias tendem a assegurar o trabalho dos libertos, devendo o governo para este effeito fundar colonias agricolas, para onde serão remetidos os libertos sem occupação.

IX—Os escravos de estabelecimentos agricolas sómente podem ser dados em penhor com a clausula *consueti*, sob pena de aquisição de liberdade.

X—E' nulla a clausula *a retro* nas vendas de escravos ou qualquer estipulação que embarace ou prejudique a liberdade.

XI—São validas as alforrias concedidas ainda que o seu valor não caiba na terça das heranças, sejam ou não necessarios os herdeiros.

— Devemos informar os nossos leitores de que não se trata senão de projecto que, apenas em estudo, póde ainda receber modificações mais ou menos profundas, como sempre ocorre na organização de projectos definitivos. Releva tambem acrescentar que, segundo ouvimos, o ministerio se acha inclinado a não collocar no terreno da confiança politica nenhuma das idéas que acima vão exaradas ou que afinal triumpharem no conselho ministerial, considerando a projectada reforma na cathogoria das questões que, conforme a tecnologia do parlamento inglez, se chamam abertas.

Verdades Politicas (*)

Disse o velho exilado de Jersey:

« A patria tem isto de pungente — sair d'ella é triste, regressar a ella é algumas vezes mais triste.

» Que proscripto romano não prefereria morrer como Brutus, a ver a invasão d'Attila?

» Que proscripto francez não prefereria o exilio eterno á escavação da França pela Prussia e a extorsão de Metz e de Strasburgo? »

Dolorosissimas palavras, que têm o cunho formidavel de uma terrivel dor! Ellas por si só representam tudo quanto ha de grande e tudo quanto ha de pungente.

(*) Este artigo foi escripto antes da queda do ministerio—Dantas.

Grande, porque é a revolta do patriota que assiste a extorsão do Direito, da Justica e da Liberdade; pungente, porque na hecatombe geral em que a patria succumbe, no meio dos acontecimentos que se succedem vertiginosamente, não encontra uma esperança com que possa lançar a patria estas palavras legendarias: *Surge et ambula*.

Porem mais triste ainda é sentir-se exilado em sua propria patria, e ver as vagas formas de um ideal apparecer e desaparecer, resurgir e extinguir-se logo depois, sem que essas formas confusas, sem que esses movimentos irregulares fixem-se de tal modo na nossa consciencia, a ponto de transformar-se, de simples sonho que é, n'uma encantadora realidade.

Mais triste é assistir de perto o mas-sacro de Thessalonica e o infame consorcio da corrupção e do instinto sanguinario. Mais triste é ver a patria gemendo nas suas dores, soluçando nas suas lagrimas; a conspiração execravel da intolerancia e a conjuração dos podres; o latrocínio e a violencia constituindo-se Direito, a logica do interesse, em face á logica dos acontecimentos, a moral conspurcada pelo interesse, a sciencia pela ignorancia, a civilização pela barbaria.

Antes morrer como Brutus a assistir a decomposição dos caracteres e das intelligencias, a violação da liberdade humana, a indignidade dos homens politicos, as torpezas de uma oligarchia sem tradições, de uma nobreza sem hereditariedade.

Quantos brazileiros poderão exclamar ao morrer:

« Graces au ciel mes mains ne sont point criminelles. »

A consciencia dos olygarchas tem isto de terrivel. Ella representa o coito hybrid de Vanozza e de Alexandre VI. Uma nuvem sanguinolenta occulta-nos esta união.

O remorso que os persegue é o mesmo laço que os prende, que os enlaça na mesma delicia e na mesma tortura.

N'esta união, ha alguma cousa de brutal e de sinistro, e a ejaculação do monstruoso.

Quando estes homens violam uma lei qualquer e que elles são levados irresistivelmente a essa violação.

A culpa não é delles, é de quem lhes inoculou no sangue a fatalidade de duas tendencias, ambas igualmente poderosas: o vinculo que os subordina aos antecedentes hereditarios e que os leva a uma imitação e o esforço de adaptar á corrente tradicional a serie de circumstancias exteriores que obedecem a uma lei invariavel, logica.

Feril-os hoje é ferir uma serie de antecedentes historicos, é supprimir a solidariedade entre o avô e o neto, entre o pai e o filho; é crear uma solução de continuidade na psychologia social.

Esta opposição, é logica. Todo o equilibrio nas manifestações do caracter e da intelligencia é impossivel; o facto prende-se ao facto, o individuo ao individuo, os seculos aos seculos, as gerações ás gerações.

A França de Voltaire tem um ponto de semelhança com a Roma de Borgia: a herança; uma differença: a educação.

Se Bruxellas é uma filha de Roma, como diz Hugo, e se este contacto provém das influencias transmittidas pela educação clerical, o Brazil emerge naturalmente do Syllabus, tem as origens do seu caracter no ensino pernicioso do dogma, na diffusão dos preceitos de uma religião, que a marcha crescente dos acontecimentos historicos tem demonstrado ser incompativel com todo progresso, um obstaculo perenne a todo esforço civilizador.

Ao mesmo tempo que facilita a ex-

pansão gradual dos germens assimilados no facto biologico da hereditariedade, perturba as noções adquiridas na confusão subjectiva das ideas, fortalecidas pelo ensino, paralyzando a intelligencia, atrophiando o caracter, supprimindo o homem.

Raros são aquelles que conseguem fugir a esta lei inevitavel.

Só uma educação sã póde formar homens sãos.

Se Duruy demonstra que até as prisões decrescem na proporção do augmento de escolas, ainda mesmo que este ensino se resinta de todos os vícios e de todos os delictos, é claro que uma direcção imposta ao espirito por uma vasta e amplissima disciplina mental, virá transformar completamente a face do mundo.

Só esta segunda gestação, que poderei chamar psychologica, modificará os germens adquiridos pelo individuo, na primeira evolução do organismo.

Se os nossos politicos não fossem uma consequencia de todos estes estímulos hereditarios, agindo em direcção contraria á corrente geral dos factos, que se succedem com uma regularidade assustadora no seio da nossa sociedade, sem duvida não caminhariam tão accebidamente para um tão tremendo deslize politico.

Se elles pudessem consultar a opinião publica e arrancar do mais intimo da sua consciencia a idéa que lá brilha e que constitue o pensamento unico da Patria, ha muito que se teria realizado o facto que ameaça invadir a alçada dos poderes competentes e impôr-se por si mesmo.

Os conservadores e dissidentes querem ligar os destinos da patria, como fizeram ao negro, ás correntes de um captiveiro revoltante e ignominioso.

Os abolicionistas podem fugir das Thermopylas como o Lacedemonio, certos porem de que se justificarão em Platéa.

E acharem os esclavagistas que é muito exigirmos a abolição da escravidão!

Ah! se elles soubessem quanto queremos e quanto havemos de conquistar ou por meios pacificos ou por meio da revolta!...

A escalada da Bastilha é difficil, mas não é impossivel: devem saber d'isto os senhores da opposição.

A camara eleita expressamente para discutir o projecto do ministerio, cala-se diante d'elle e o espirito publico espera ansiosamente uma resposta qualquer do parlamento, que venha ou tranquillisar os animos superexcitados ou augmentar as vagas revóltas na vasa popular.

No primeiro caso temos o triumpho pela paz, no segundo pela guerra.

Será glorioso podermos levantar, como Atriades, sanguinolento e moribundo, o trophéo escripto com o seu proprio sangue:—Sparta venceu.

Toda a grandeza humana resume-se n'isto:—saber morrer pela Patria: *Dulce et decorum est pro patria mori*.

LUIZ MURAT

QUESTÃO LITTERARIA (*)

Qual o maior poeta do Brazil?

Durante esta semana recebemos 46 respostas.

Votaram em Gonçalves Dias os seguintes senhores:

Da côrte: — Conselheiro Alencar Arape, Dr. Moncorvo de Figueiredo, Jacinto Maximino Alves, Francisco Pereira, Elvira de Souza e Silva, Lima Junior, Manoel Joaquim Mendes, Carolino Pinto Mendes, S. Brito, Arthur da

(*) Vide ns. 15, 16, 17 e 18 d' *A Semana*

S. Mello, Leopoldo de Carvalho, A. Souza Nunes, Julio de Oliveira, José Antonio Xerez Lopes.

De Santos:—Julio Mendes de Almeida Junior.

EM CASTRO ALVES

Da côrte.—Pantaleão de Souza Melado, Christiano Rodrigues, Serapião Zoroastro da Silva, Affonso Celso de S. Travassos, Miguel de Oliveira, João Alberto, Carlos Hervey, Leonidas de Sá, Antonio Fontes Junior, Henrique José do Rosario, Gustavo Alberto Borges, Manuel Ignacio da Silva Teixeira.

De S. José de Além Parahyba:—D. P. F. Narciso.

De Campinas:—A. Pereira de Queiroz. Campanha.—Maximiano José de Brito Lambert.

EM LUIZ DELFINO

Da côrte:—Manoel Emilio Pinto Braga, João de Gouvêa Lima, Antonio Lutterback, Sebastião Lutterback, Antonio Joaquim dos Santos e Joaquim Pinto Cotty.

EM CASIMIRO DE ABREU

Da côrte:—Augusto Camara.

EM FAGUNDES VARELLA

Da Campanha:—Julio Bueno.

EM ALVARES DE AZEVEDO

De Barbacena:—F. Mendes Pimentel.

EM DOMINGOS DE MAGALHÃES

Da côrte:—Dias da Silva Junior.

EM JOSÉ BONIFACIO

De Magé:—Thomaz de Siqueira Junior.

EM BERNARDO GUIMARÃES

Da Campanha:—José Mendes e Lourenço Fonseca.

EM FREI SANTA RITA DURÃO

Da côrte:—Basilio Clack Van Herd.

EM GONÇALVES CRESPO

Da côrte:—Alfredo A. da Cunha Barbosa e José G. Martins.

De Musambinho (Minas):—Americo Braziliense da Matta Moura.

RESULTADO:

Gonçalves Dias.....	70
Castro Alves.....	40
Luiz Delfino.....	21
Luiz Guimarães Junior...	4
Casimiro de Abreu.....	4
Gonçalves Crespo.....	4
Alvares de Azevedo.....	3
Fagundes Varella.....	3
Domingos de Magalhães...	2
Bernardo Guimarães.....	2
Gonzaga.....	1
Pedro Luiz.....	1
Bazilio da Gama.....	1
Alberto de Oliveira.....	1
Odorico Mendes.....	1
Laurindo Rebello.....	1
José Bonifacio.....	1
Santa Rita Durão.....	1

Publicaremos brevemente as considerações que vieram acompanhando as respostas de diversas pessoas; d'entre estas estão as do Exm. Sr. conselheiro Alencar Araripe, Dr. Moncorvo de Figueiredo e Dias da Silva Junior.

Um homem gasto

POR L. L.

Seja quem fôr o auctor d'este romance, L. L. perdeu os seus esforços por demasia de intuitos.

Em poucas palavras resume-se o assumpto d'este livro.

Trata-se de um brasileiro, de rica estirpe, educado em collegios, viciado pelo systema ainda usado—de tarimbas, desencaminhado pelos professores, anesthesiado pela lascivia;—que vai gosar o seu dinheiro na Europa, onde encontra

todas os requintes do prazer, em companhia do celebre Bobinaud;—que no fim de algum tempo cansa, e da luxuria passa ás extravagancias intellectuaes, d'estas ao scepticismo dos nevroticos, e do ultimo ao ideal desconjuntado dos reformadores maniacos;—que por ultimo volta ao Brazil com a avidez do repouso e lança-se ao casamento como á jangada salvadora. *N'este momento* solenne, porém, falta-lhe o essencial para as funcções matrimoniaes; por infelicidade, elle, já velho no corpo, e ainda mais na alma, tem desposado uma rapariga bella, moça a cheia de haustos febris. A consequencia é logica. O heróe da historia desespera, procura reagentes, reergue-se, torna a endoidecer e acaba resolvendo a crise com um tiro na cabeça.

O Sr. L. L. chama a isto um *episodio da historia social do seculo XIX.*

Realmente pelas grandes linhas expostas nenhum assumpto poderia encher mais vigorosamente as paginas de um livro.

Sentimos, porém, dizer que a leitura do romance não adianta uma impressão sequer, além da que o leitor já recebeu percorrendo o resumo que fizemos. O livro consta de 215 paginas de amplificações a um texto muito conhecido.

Para que, entretanto, essa grandiosa these realisasse o intuito louvabilissimo do auctor, teria sido preciso que elle a encarnasse em novas formas, e agrupasse detalhes ainda pouco explorados. Ainda mais; era necessario que vibrasse no estylo uma tecla, que não existe no seu instrumento, e suas idéas fossem além do que pensaram Locke, Condillac, David Hume e o barão de Holbein, auctores que, segundo parece, são, no seu conceito, a ultima expressão da audacia philosophica.

Se não fosse assim, é bem possivel que o Sr. L. L. attribuisse o desastre do seu heróe a causas mais complexas, e não essencialmente ao vicio da educação collegial...

Porque não ao dinheiro? ao clima? á influencia hereditaria? etc., etc....

No mais—de accordo!

O Dr. Luiz Delfino e a poesia nacional

Apparecendo um artigo na *Gazeta da Tarde*, onde deixava transparecer a opinião de que o Dr. Luiz Delfino não estava nas condições de preencher as qualidades de primeiro poeta do Brazil e como eu não queria que dissessem que a *Semana* proclama poetas e os repudia sem critério e sem motivos logicos e positivos, entendi que seria de conveniencia para nós os apologistas do poeta da *Solennia Verba* e para os seus antagonistas, perguntar á *Gazeta da Tarde* porque não será o nosso primeiro poeta o illustre mestre, cujo nome encima estas linhas.

O autor do artigo inserto n'aquella folha portou-se cavalheirescamente.

Assumi a responsabilidade do que escreveu e gentilmente aceitou o repto proposto por um dos redactores d'esta folha.

Esse redactor fui eu, e antes de entrar em assumpto, cumpre-me agradecer as lisongueiras phrases com que veio ao meu encontro o Sr. Julio de Lemos.

O meu antagonista ha de permittir-me que eu generalise a minha resposta a todos quantos se oppõe á minha opinião sobre a questão litteraria aventada pela *Semana*.

Portanto, respondendo ao Sr. Julio de Lemos eu terei respondido a todos aquelles cujas opiniões n'este momento synthetisa o meu adversario.

No seu primeiro artigo o Sr. Julio de

Lemos dá a entender que, para elle, o grande poeta era aquelle que encarnando em si todos os movimentos politicos ou sociaes, philosophicos, moraes ou religiosos, dava-lhes a expressão do seu tempo, e objectivava-os em uma larga synthese, como Homero o movimento militar de Troya, como Dante a unidade catholica, como Goete o protestantismo, como Victor Hugo a revolução moderna que irrompeu no phenomeno social de 1789 e que repercutiu em todos os povos, constituindo o elemento essencial de todas as reformas politicas, religiosas economicas, artisticas, etc., etc.

De accordo. Esta verdade é o corollario de uma verdade ainda mais clara, mais profunda—a renovação philosophica.

Esta renovação philosophica promou do estabelecimento das relações civis, do contacto moral dos povos, da aproximação da observação e da experiencia no estudo das leis historicas, substituindo, o erro da auctoridade indiscutivel, e firmando cada vez mais o systema dos factos.

Se os homens se recolhiam aos conventos para meditar sobre as falsas regras que deveriam fixar o desenvolvimento dos povos, organizar a sua marcha, systematisar o progresso, sem filia-lo a serie de antecedentes que actuam continuamente no esforço colectivo para a liberdade, os litteratos, isolavam-se nos seus gabinetes, nas suas academias, longe das relações com a sociedade, sem saberem quaes as aspirações do seu tempo, qual o elo dogmatico que subordina as manifestações populares ao caracter, aos sentimentos, ás idéas, ao raciocinio de outras épochas mais afastadas, sem se importarem com a natureza das paixões dos individuos, com o conflicto dos interesses que surgiam a cada passo; com a moralidade de cada um, com o procedimento de todos.

A tradição desaparecia. Os factos mais insignificantes não chegavam a impor-se ás fluctuações das litteraturas, ao escriptor que se recolhia em si mesmo produzindo tudo segundo as suas paixões, sendo portanto as suas obras não a consequencia do caracter social do seu tempo, não a expressão viva, animada, colorida, exacta das emoções collectivas, que resultavam naturalmente de uma reacção continua do fundo tradicional dos povos.

Os meus illustres antagonistas permittir-me-ão que espraie as minhas vistas por esta serie de factos, que darão a discussão um caracter mais serio e que mostrarão ao publico que os admiradores do Dr. Luiz Delfino, sabem fundamentar as suas opiniões. E' assim que se discute,

Portanto, continuarei.

E' em virtude das razões que acabei de apresentar que um illustre escriptor sustenta que as litteraturas da Europa foram no seculo XVII o mesmo que a philosophia fôra nos claustros medievaes e continuou a ser nas escholas dos jesuitas. E assim continua o alludido escriptor: «Nas especulações mentaes a Dialectica equivale ao culteranismo das formas litterarias; ambas estas degenerações resultam do desconhecimento da relação vital da actividade do individuo com o meio social.»

Para que a memoria de um homem avulte na gratidão dos povos, imponha-se ás idéas modificadas de uma epocha relativamente muito mais desenvolvida do que aquella em que elle viveu, é preciso que tenha intervindo de tal modo na expansão e aglomeração dos factos sociaes do seu tempo, afim de facilitar esta expansão e coordenando esta aglomeração torne-se a sua obra um meio seguro dos vindouros apreciarem o caracter geral da epocha em

questão, as causas que determinaram o phenomeno e finalmente os meios de que elle se socorreu para reprimir os excessos da acção collectiva e facultar o desenvolvimento das idéas que nasciam espontaneamente do attricto dos sentimentos em circulação.

Porém como se deve comprehender esta intervenção?

Pela sua subordinação ás idéas do conjuncto, verificando e tornando effectivas as questões que tem necessidade de uma prompta realisação.

Como conhecer-se a necessidade d'esta adaptação, da idéa ao facto, como discernir o valor intrinseco de umas, a sua oportunidade, d'aquellas que apenas são uma consequencia das outras, do seu desenvolvimento, e cujo meio social ainda não offerece garantias para que ellas fructifiquem e produzam todos os seus effectos?

Pelo contacto com o povo, pela aproximação do individuo e da sociedade, cuja idéa a philosophia exprime n'esta palavra: *relativismo*.

Sem isto não ha politica, como não ha direito, como não ha ueligião, como não ha esthetica.

Esthetica, religião moral, direito, politica, etc., resumem-se n'esta palavra: *relativismo*.

Eis tudo,

Sem esta intervenção, tendo em vista a subordinação ao meio, ao conjuncto de aspirações, de interesses, de direitos, comuns a todos os povos não ha escriptor, como não ha politicos que se imponham a admiração de ninguem.

Sem isto só ha um recurso: é appellar para a ficção.

O regimen exclusivo da politica subjectiva, como das litteraturas, dão em resultado as anomalias mais absurdas, os absurdos mais anomalos.

O subjectivismo em religião, produziu o Papa, nas dynastias de direito divino, produziu Alexandre, que por meio de fleções genealogicas, fez-se filho de Jupiter, producto de um adulterio divino; na nobreza, a casa de Lusignan e Napoleão, conta um escriptor, dizia ao seu ministro da marinha Decrès:

« Vim muito tarde; se eu, hoje, me declarasse por filho do Padre Eterno e annunciasses que lhe ia render graças como tal, não haveria peixeira que me não apupasse na minha passagem. Os povos têm hoje os olhos bastante abertos, e portanto nada me resta a fazer de grande. »

Eis ali os graves inconvenientes do subjectivismo como instrumento na apreciação dos factos politicos, religiosos ou litterarios.

Em artigos subsequentes continuarei a estudar a questão que nos occupa, esforçando-me para deixar bem patente que o *Dr. Luiz Delfino é o nosso primeiro poeta*.

LUIZ MURAT.

Duas correntes pesadas
Eu arrasto sem poder:
E' uma a do meu capricho,
A outra do meu dever.

OS SAPATINHOS AZUES

(CONTO INFANTIL)

Foi um dia uma menina que se chamava Luiza. Era bonitinha mas muito pobre. Toda a gente da vizinhança gostava d'ella; e que mesmo não podia haver creança mais meiga nem mais submissa.

A' tarde era certo vel-a sentadinha á porta a brincar descalça, a coitadinha, com o seu vestidinho de chita escura,

escorrido e remendado, os cabellos loiros em desalinho cahidos sobre os hombros, os grandes olhos pretos e innocentes fitos nos trapinhos com que fazia roupa para a sua boneca, uma bruxa de panno com cabelleira de lã e olhos de retroz.

Tinha um aspecto triste a bóa Luizinha; não parecia uma creança, tanto juizo era o seu!

Pois bem. Um dia veio uma cousa má turvar a paz d'aquella bóa alminha.

Imaginae o que... a inveja!

Luizinha viu nos mimosos pés da mimosa filhinha de uma burguezia rica, uns sapatinhos azues.

Aquelles sapatinhos pisaram-lhe a alma, a sua bóa alma que não devèra ter cahido nunca... Foi pena; mas a perfeição não é da terra e afinal Luizinha tinha nascido n'este mundo.

A' noute adormecida, e sonhava que via uma grande escada de crystal cheia de luz, de trepadeiras em flôr despenhadas do corremão como uma cascata exhaladora de perfumes fortes onde esvoaçavam doidas borboletas. Olhando attonita para essa escada luminosa ella divisava lá em cima no primeiro degráu uns pes pequeninos calçados de setim azul. Eram elles, eram os pés da menina rica... bem os conhecia!

De degráu em degráu, certificava-se que era mesmo a sua invejada que descia.

Agora via-lhe já as meias de seda com labores em aberto, depois a orla do vestido bordado, depois a larga faixa franjada, depois os braços roliços com covinhas nos cotovelos e pulseiras d'ouro, depois o collo redondo, branco como o leite, em que brilhava a cruzinha de pedras, depois o rosto alegre, corado como uma maçã madura, e os cabellos escuros presos no alto com um lacinho de fitas... então sentia-a passar, roçar-lhe mesmo pelo vestido enxovalhado, e tentava apalpar-lhe o fato com as mãosinhas enagrecidas, mas a radiante visão desaparecia e Luizinha desejava subir a escada porque lá via em cima um lindo par de sapatinhos azues; porém ao aproximar-se as flôres emmurcheciam, o crystal dos degráus estalava e todas as luzes se apagavam.

Pobre Luizinha!

Uma manhã acordou ella toda chorosa. A mãe inquietou-se e indagou logo a causa das lagrimas.

A pequenita fez sem medo a sua confissão; e a bóa mulher entristeceu-se.

O que, meu amor! dizia ella, pois tu tens inveja! um peccado tão feio, tão negro! não, meu beminho, não! Vem d'ahi, quero levar-te á igreja para mostrar-te que tambem estão descalços os anjos do Senhor!

E foram.

O dia estava claro, de uma transparencia crystalina, limpida.

Entraram no templo. A mãe mostrou á filha as telas dos altares; descalços estavam os anjos, descalço estava Jesus.

Foi bóa a resolução; porque ao sahir levava Luizinha a convieção de que não devia ter inveja da mimosa menina dos sapatinhos azues.

JULIA LOPES.

Campinas, 19 de Abril de 1885.

Á TARDINHA

(NOTA DE VIAGEM)

Encarreiando vagarosamente pela melhor rua da Régua, enfei o braço no de Silva Porto, e perguntei-lhe, com uma basofia de montanhez satisfeito, que tal achava o meu paiz. O brilhante e sincero paysagista, impressionado, declarou-m'o singular, d'uma inesperada originalidade brutal e alpina; mas de tão aspero e dominador aspecto, que nem o

pincel avassallador o póde expugnar. E este artista robusto e ouzado mostrou-se desgostoso, arreliado pela barbara soberbia dos montes, avaros e inhospitos até ao ponto de lhe não proporeionarem sequer um quadrinho agradável.— E' o que eu lhes não percôo tambem.

Entretanto, como simples recordação, Silva Porto quiz sempre apontar uns ligeiros *croquis*; e á tarde, quando a hora calma e doce do erepuseulo começava, elle esfregou á pressa e certamente na sua pasta, a manilha exotica de umas velhas cascas sobrepostas, pittorescas na sua pobresa sarapintada, visinhas do Douro sereno, curvo e azul entre areas; emquanto que, ao longe, n'um fundo apagado, se erguiam pesadamente uns montes d'onduloso espinhaço, erriçado de rocha agreste. Depois voltando-se, apanhou em flagrante o enorme perfil d'um outro monte vestido de vinhas, obscuro contra a luz ruborizada do poente, que tenuemente coava ainda por altas frinhas uns vaporosos véus cor de rosa, poeirentos.

Estavamos no caminho da fonte; boas raparigas iam passando, canécos e cantaros á cabeça, com uma algazarra de palavriados e risos: um rôto bando de garotos vigiava o desenho, brineando e fazendo-nos rir francamente com as suas brejeiras informações sobre a virtude nem sempre immaeulada das moças.

Mas, lentamente, a noite veio pousando sobre a natureza a sua immensa sandalia ou chanca tenebrosa. Cortando o saboroso silencio, ouviu-se em breve o concerto estival da grillaria cantando; as montanhas, em redor, confundiam-se n'uma negrura; e nas aguas quietas do rio, d'uma surpreendente transparencia, o céu reflectido espalhava nitidamente uma profusão eneantadora de puros diamantes, semeados na divina gaze da via lactea. Que infinita doçura meridional, então, sob o mysterio vago da treva!

MONTEIRO RAMALHO

Se queres saber se eu choro,
Me empresta a tua mortalha,
Com ella enxuga o meu pranto
E o nosso filho agazalha.

COPRE DAS GRAÇAS

Em uma factura impressa de uma *Padaria Moderna*, encontrámos a seguinte preciosidade, que hoje offeremos aos leitores d'esta secção—á falta de pão do espirito

« Os proprietarios deste estabelecimento com assidoa e longa pratica deste ramo de negocio, resolverão não aceitar fornecimento algum que não sejam as Exmas. familias, fazendo uma escolha em farinhas e pessoal com abelitações no fabrica deste genero de primeira necessidade como seja o pão com todo asseio e perfeição. »

GAZETILHA LITTERARIA

O distincto poeta Dr. Rozendo Moniz, tem prompto a entrar no prelo um novo volume de versos a que deu por titulo—*Miragens*.

Tres grandes novidades litterarias, e todas tres referentes ao grande poeta Luiz Delfino.

Estão no prelo e devem apparecer brevemente tres livros delle:

— *A arena* (ou outro titulo) poesia de largo folego, 50 estrophes hugoanas, de que já temos noticia, sobre o magno problema actual — a *esclavidão*. Será editada pela *Semana* e impressa nas suas officinas.

— *A Filha de Africa*, poesia publicada ha alguns annos, anterior ás poesias abolicionistas de Castro Alves, e, infelizmente, muito pouco conhecida. Editor Serafim Jose Alves.

— Finalmente—um volume, cujo titulo ainda não está resolvido, contendo a *Solemnia Verba*, *Fornarina* e um outro poemeto; sendo estes ultimos inteiramente ineditos.

E' caso para se darem entusiasticos parabens á poesia nacional e ás letras brazileiras.

O Dr. Moniz de Souza, advogado em S. Paulo, vai publicar um estudo de direito criminal sob o titulo—*Historia de um ladrão*.

Está no prelo um livro de poesias do joven poeta Arthur Duarte intitula-se *Bohemias*. A edição é da casa Leuzinger.

Nem mesmo sei o que sou
 e ela dôr que sinto agora,
 Bem pareço a sombra escura
 D'um ser que viveu outr'ora.

ERNESTO RENAN

(VERSÃO DE ALFREDO DE SOUZA)

Uma cabeça jovissima, sabia, modesta, indagadora, poderosa, toda espiritual, porém, é necessario que se diga—escarlate. A bocca interroga e persuade, a vista quer penetrar na luz e nas trevas, os cabellos são lisos para não incommodal-o nem estorval-o neste perpetuo trabalho. Mas o autor da *Vida de Jesus* mergulhou-se nas flammias do pensamento e ficou completamente illuminado. O caloroso e poetico apostolo da Incredulidade é vermelho como Falstaff; o que prova ainda que os extremos se tocam! O vinho do ideal cardealizou o nariz de Ernesto Renan, como o vinho da Hespanha o de Bardolphe.

Oh, natureza, como tu és ironica!

MICHELET

Este é um homem e uma consciencia. Que vida, que animação, que flamma neste rosto magro, enrugado, queimado como o de um missionario e de um apostolo, sob uma floresta de compridos cabellos brancos tão veneraveis como tranquilllos! Sua bocca sem labios falla, commina, sorri, acaricia, adora, discute e persuade; seus olhos vêem, pesquisam, interrogam, adivinham, seguem os astros, trespasam os véos, rasgam os horisontes, desafiam a noite e o passado, e, quando são arrebatados pelo extase, acabam por contemplar as cousas que não vivem ainda. Para esta face expressiva, e de barba voltairiana, onde vem o fogo que por todos os lados abraça e esclarece ás vezes! Do espirito; não duvideis. E se por um momento o sonhador desaparece, é que elle escuta os suspiros das plantas e a conversação das aves. Tem-se dito delle: E' um louco!—Um louco, verdadeiramente, como Albert Durer e como Dante,—um visionario!

THEODORE DE BANVILLE

A VIDA ELEGANTE

O club de Botafogo realisou na noite de sabbado passado um esplendido sa-rau-concerto.

O programma da parte concertante, organizado pelo seu director, o maestro A. Arnaud, foi de uma execução por parte das Exma. amadoras, e amadores digna de todos os applausos.

Destacaram-se o romance *memoire d'amour* cantado com verdadeiro sentimento e expressão pela Exma. Sra. D.

Affonsina Lima e o duo concertante do *Fausto*, para rabeça e piano, tocado pelo intelligente meuino Armando Dias e pelo Sr. A. Armando.

Terminada esta parte principiaram as danças que tiveram fim pela madrugada.

O serviço foi variado e profuso.

Agradecendo á directoria do club a amabilidade doseu convite, enviamos-lhe d'estas columnas nossos sinceros agradecimentos.

Domingo fomos assistir á distribuição dos premios que o club de S. Christovão fez aos heroes das grandes batalhas que se travaram nos dias 28, 29, 30 de Abril e 1 e 2 de Maio corrente, intituladas—torneio de bilhar.

Sem offender susceptibilidades, pedimos licença para declarar o nome desses *Ozorios*.

Eil-os—1ª turma, constando de 8 *valientes*, ganhou o primeiro premio o Sr. João Teixeira de Carvalho e o segundo o Sr. João Roxo. 2ª turma, 8 *valientes* também; coube o primeiro premio ao Sr. Henrique Moreira e o segundo ao Sr. Francisco de Paula Santos Gouyêa. 3ª turma, ainda 8 *valientes*; recebeu o primeiro premio o Sr. Custodio de Albuquerque e o segundo o Sr. Adriano Cursino de A. Sampaio. 4ª turma, 8 *valientes* também; coube o primeiro premio ao Sr. Francisco de Assis Carvalho e o segundo ao Sr. A. Barbosa. Ultima turma ainda com 8 *valientes*: fez jus ao primeiro premio o Sr. Manoel Moreira dos Santos e ao segundo o Sr. Ernesto Gonçalves.

Durante a entrega d'estes premios, feita pela directoria do club, uma banda de musica tocava trechos de escolhidas peças; sendo cada vencedor saudado com uma ruidosa salva de palmas partida dos circumstantes e socios presentes no acto da recepção dos seus mimos.

Terminada esta solemnidade teve lugar um pequeno concerto, onde figuraram a Exma. Sra. D. Nizia Teixeira, que cantou com muita expressão a cançoneta *La Pazza di S. Eleno* acompanhando-a ao piano o Sr. professor Frederico Mallio; o menino Alberto Motta e o professor Mallio que executaram ao piano um trecho do *Ruy-Blas*; o Sr. Anibal do Amaral que nos deliciou com a sua flauta; o professor Mallio que tocou ao piano uma lindissima composição de sua lavra, intitulada—*Capricho fantastico* e finalmente os meninos Alberto Motta e Henrique Gusmão que executaram ao piano uma polka caracteristica.

Findo este concerto a orchestra deu signal para a primeira quadrilha e... precipitaram-se walsas, polkas etc., até ás 2 horas da noute.

A' directoria do club, que foi tão prodiga de amabilidades e distincções para conosco como para com os demais convidados ahí presentes, agradecemos cordialmente a delicadeza do convite com que nos distinguuiu.

LOGNON.

De tanta terra enfeitada,
 A terra que menos brilha,
 E' a porção que hoje cobre
 Os restos de minha filha!

THEATROS

A empresa Apollonia, que trabalha agora no Principe Imperial deu-nos terça-feira a primeira das *Noites da India*, peça do genero d'Ennery, já conhecida do nosso publico, que a viu representada ha annos no theatro S. Pedro, pela companhia do Guilherme da Silveira, e que então fez um grande successo.

N'aquelle tempo os principaes papeis eram feitos por Guillierme de Aguiar, dito da Silveira, Martinho, Fraga, Pereira, Marquelou, Apollonia e Adelaide Pereira.

Agora aquelles papeis são feitos, na mesma ordem, por Moniz, Ferreira, Corrêa, Galvão, Porto, Apollonia, Jacintha e Adelaide Pereira. Entra também o actor Simões, cujo papel (Wilson) não nos recordamos por quem foi feito no S. Pedro.

A peça é muito curiosa e de grande effeito dramatico.

A lista que demos dos artistas que a desempenharam não tem a intenção de estabelecer um confronto: é antes uma grata recordação de bons artistas, dos quaes dois já estão mortos, um retirado da scena e dois que ainda trabalham agora.

O desempenho agradou em geral, áparte o Sr. Galvão, que esteve de uma grande infelicidade ao despedir-se da familia no 2º acto.

Está bem montada, com bons scenarios e bons vestuarios.

Faz bem a companhia do Principe em montar peças de grande espectáculo, visto que o publico as prefere. Que o publico também pelo seu lado concorra a animar os bons esforços da empresa em bem servir-o.

*

**

A companhia Furtado Coelho ainda não nos deu nenhuma peça nova.

Tem por emquanto representado apenas tres peças já nossas conhecidas:—*Demi-Monde*, *Divorciemo-nos* e *Mestre de Forjas*.

A concorrência aos espectaculos do Lucinda tem sido enorme.

Parabens ao Celestino.

*

**

O Recreio prepara com afan *No Seio da Morte*, a grande lenda tragica, em verso, de Echegaray, e *A Filha do Guedes*, do Sr. Augusto de Castro. *No Seio da Morte* subirá á scena no dia 20 do corrente em beneficio do actor Dias Braga.

Mattos, Malta ou Matta?

ROMANCE AO CORRER DA PENNA

XV

A velha endireitou os oculos, fungou tres vezes, repuxou as saias nos rins e disse.— apontando para o resussitado:

— Eis o auctor da questão!

— Este? bradei, espantado.— E' impossivel!

— Vai ver, replicou a velha—vai ver!

— Não creio, repliquei. E' impossivel, repito!

— Impossivel o que? perguntou-me o accusado.

— Impossivel que seja o senhor o auctor da grande intriga que se tem feito a respeito de Castro Malta, de mim e de todas as pessoas que se interessam n'esta questão.

— Que questão? perguntou-me o Gastro.

— Ora! que diabo de questão pode ser? A questão Castro Malta.

— Castro Malta?

— Pois o senhor não conhece a questão de que lhe fallo?

— Eu não conheço senão o que me ensinou o Precioso, o meu mestre.

— Visto isso, acrescentei, o senhor não está a par da grande questão que nos trouxe aqui!

— Ju ro-lhe que não.

— Não sabe do que se trata?

— Não!

— Nunca escreveu cartas a minha mulher ?

— Nem a sua, nem a mulher alguma !

— Então, exclamei, voltando-me para D. Leonarda, então como affiançou a senhora que este homem era o autor de toda aquella trapalhada ?

— Por uma razão muito simples, por que tenho as provas de que elle e o unico autor da historia.

— Apresente-as.

— Não é preciso, atalhou Quintino, eu explico tudo.

— Este senhor, acrescentou, voltando-se para mim. Este senhor não é mais que um simples romancista.

— Como ? disse eu.

— Sim, não é mais do que um simples romancista. A sua intenção delle era somente fazer um romance, um romance para a *Semana* e, na falta de melhor assumpto agarrou o meu !

— O seu ?

— Sim, o meu, a minha questão, o meu Castro Malta.

— Como é lá isso ? perguntei.

— Pois não, respondeu-me Quintino— Pois não ! O Sr. entendeu fazer um romance de uma questão seria, que levantei pelo *Paiz* e começou a escrever cartas disparatadas e tolas para a *Semana*.

— Eu ? interroguei.

— Sim, sim, o senhor ! bradou o chefe da redacção d'*O Paiz* agarrando-me pelo braço— O senhor ! que, sem o menor escrúpulo quiz fazer de um assumpto sério um pretexto para novellas de máu gosto !

— Repare que me offende !

— Qual offende, nem meio offende ! O senhor já ouviu muito peor do *Jornal do Commercio* e nem por isso deu o cavaco.

— Sim, mas isso é outro caso ! O *Jornal* não é responsavel por cousa alguma. Elle não sabe o que faz, coitado !

— Em todo caso, voltando a questão, posso afirmar que o senhor não passa de um especulador que se apoderou de uma questão que lhe não pertence. O senhor nunca foi casado ; nunca teve o emprego publico de que fallou na sua carta ; nunca teve relações com a tal Jeannite de que por varias vezes tratou, e muito menos teve relações com empregados da Santa Casa de Misericordia.

— O senhor está me offendendo !

— Ora qual, meu amigo, um romancista nunca se póde dar por offendido com estas coisas ; um romancista é um grande mentiroso, que vive a empulhar o publico com as suas patranhas. Hoje affirma que o diabo é côr do céu e amanhã jura que Deus é côr de fogo !

— Eu nunca fiz em minha vida affirmações dessa ordem !

— Se não fez dessa ordem fez peiores. Leia as suas proprias obras, estude-as com attenção ; verá que não é mentira o que digo.

E o Sr. Quintino, voltando-se para minha sogra, acrescentou:

— Creia, minha senhora que fallo verdade. Este homem que está ao seu lado é um intrigante, é um enredador, é finalmente um romancista !

— Eu ? !

— Sim ! sim, o senhor, e escusa negar. Perguntem a *Folha Nova*, perguntem o *Gazeta de Noticias*, perguntem a *Gazetinha*, a *Gazeta da Tarde*, perguntem ao proprio *Jornal do Commercio*, e todos esses órgãos affirmarão o que avancet.

— Estou desmoralizado ! exclamei, procurando uma sahida.

Mas, á porta de entrada se haviam reunido varios reporters e homens de letras que me tolheram a passagem.

Todos riam, e eu sentia já o suor correr-me pela frente e entranhar-se pelos mysterios do eollarinho.

Afinal, vendo que assomavam á porta

o Valentim, o Filinto de Almeida, o Alfredo de Souza, o Luiz Murat, o Urbano Duarte, o Arthur Azevedo, o Alberto de Oliveira, o Raymundo Correia, o Demeval da Fonseca e muitos outros rapazes conhecidos, não tive remedio senão confessar tudo e abaixar a cabeça, resignado ao que desse e viesse.

— Então ! voltei para mim o Sr. Quintino, creio, que defronte desta gente não terá o senhor a mesma petulancia de querer fazer acreditar que escreveu de boa fé taes cartas para a *Semana*. Vamos, explique-se, senhor romancista !

— Bem ! respondi, fazendo-me pallido e puxando para traz os meus cabellos— Bem ! vou fallar com franqueza. Ouçam-me com toda a attenção:

O auditorio armou um grande ar de concentração ; cada uma das pessoas presentes coucheou a mão na orelha e inclinou-se para o meu lado.

Senti-me intimidado. Bati na texta, revirei os olhos e disse.

— Meus senhores, querem encontrar a explicação de toda essa historia ? Querem ? Pois leiam um romance que vai apparecer no rodape do *Paiz*.

— E como se ha de chamar esse romance ? perguntou-me o Sr. Quintino. Ora faça-se de novas ! respondi eu— O senhor bem sabe qual é o titulo do romance que vou publicar no seu jornal.

E, dizendo isto, dei por acabado este livro, que, não é um romance, nem um tratado scientifico, nem um cathecismo nem um panfleto politico, nem um dictionario, nem tão pouco um livro de memorias ; mas simplesmente—um premio para os assignantes da *Semana*.

FIM

TRATOS Á BOLA

D'esta vez recebemos 14 cartas contendo decifrações referentes aos *tratos* ultimos, as quaes eram assignadas pelos seguintes senhores:

Pepino Felix, Fricinal Vassico, A. V. C., Honorio Esteves do Sacramento, Ruy Pimenta, Josephina B., Candido Neiva, J. da C. e S., Carez, Heleno, Philomeno, Samuel Truão, Francisco de Paula Rangel e Belmiro da Silva Figueiro.

Coube o primeiro premio ao Sr. Samuel Truão e o segundo ao Sr. Ruy Pimenta. Mandem buscar os seus premios. — Nada de ceremonias !

Eis as decifrações :

Das novissimas—*Espadachim e Jumento*; da ultra-novissima—*Barretina*; da antiga—*Maxima*; da monosillabica—*Proserpina*; das telegraphicas—*Catota e Covado* e da em quadro :

FALA
ANIL
LIMO
ALOA'

Para hoje temos as seguintes *tratices*:

LOGOGRIPO

(Por letras)

E' mineral—13, 1, 12, 13.
E' vegetal—12, 13, 5, 9.
E' animal—2, 9, 1, 13.
E' musical—12, 4.
E' numeral—8, 1, 3, 8, 13.
E' vegetal—8, 1, 6, 12, 9.
E' animal—13, 10, 11, 12, 9.
E' musical—6, 13.
E' numeral—6, 13, 1, 10.
E' vegetal—8, 9, 3, 3, 9.
E' animal—12, 9, 11, 13.
E' musical—10, 1.
E' numeral—10, 4, 11, 7.
E' animal—2, 9, 3, 10, 13.
E' numeral—13, 1, 11, 13.
E' animal—8, 9, 3, 9, 12, 13.
E' numeral—10, 7, 1, 10.
E' animal—8, 9, 10, 11, 13, 12.
E' numeral—11, 12, 7, 5.

E' animal—8, 13, 11, 1, 9.

E' numeral—6, 4, 5.

E' animal—1, 2, 9, 3.

E' numeral—11, 12, 9, 12, 12, 9.

E' animal—8, 1, 2, 9, 12, 12, 9.

E' numeral—13, 3, 5, 7.

E' animal—9, 12, 9, 12, 9.

E' numeral—13, 1, 11, 7, 3, 11, 9.

E' animal—13, 12, 9, 3, 2, 1, 3, 11, 9, 3, 2, 13.

E' numeral—11, 12, 4, 5, 7.

E' animal—9, 3, 11, 9.

Uma mulher muito bonita.

MUSICAL

Dó, ré, mi, fá, sól, lá, si—1

Si, lá, sól, fá, mi, re, dó—1

— Dó, re, mi, fá, sól, lá, si

Si, lá, sól, fá, mi, ré, dó.

TIBURCIANAS

1—2—A bordo e bom quando é bom, é bom quando é fiel.

2—2—Come-se a fructa no navio.

TELEGRAPHICAS

1—1—1—Tramoia no parlamento.

1—1—1—1—Politica e protecção.

1—1—1—Martello?! E' briga.

ENIGMA

Se mil e um ajuntares
Outros mil põe adiante,
Se mais nada acrescentares
Terás cousa mui galante.

PREMIOS

Ao primeiro decifrador exacto um volume dos *Nocturnos* de Gonçalves Crespo, edição de luxo. Ao segundo um exemplar da *Evangelina*, de Longfellow traducção de Americo Lobo.

Agradecemos ao Sr. X., *Mauico Quinquim*, *Jose Pereira Pegas* e *Marilia de Dirceu* as *difficultades* que remetteram a

D. PASTEL.

Recebemos :

Quadros de hontem e de hoje. — Sob este titulo o Sr. Luiz de Andrade, que não é um desconhecido para o nosso publico, que o estima como escriptor de talento, reuniu em um volume de 306 paginas, editado pela casa Faro & Nunes, alguns folhetins e controversias devidos á sua penna, e apparecidos com verdadeiro exito, em varis jornaes.

Brevemente daremos nossa opinião ; por ora limitamo-nos a agradecer o exemplar que nos remetteu.

A *Vespa*, n. 17 — Está magnifica. A ultima pagina intitulada—*O cambio* é verdadeiramente optima, e as demais, como sempre — transbordam espirito. Quanto ao texto, muito bom.

Parabens ao Netto e ao Arthur Azevedo.

Revista Illustrada, n. 403. — O que havemos de dizer da *Revista* se não ha mais adjectivos possiveis para atiral-os ao Angelo e... ao Julio Verim ? Emfim, vai um já muito gasto — esplendida !...

Mequetrefe, n. 303, muito bom, traz, como sempre, na primeira pagina, o retrato de um commend... perdo ! do visconde de Nacar. As outras paginas são bem desenhadas e espirituosas.

Extrahimos do seu texto a seguinte

Quadrinha

Oh ! Quidam, diz-me aqui,
Porque indiscreto não sou:
O que pediste á Fanny ?
O que a Fanny te negou ?

CORREIO

SR. CARLOS SAMPAIO. — A sua poesia—*Sonho infantil*—é... Não, não diremos o que ella é. Se quer aprender a fazer versos compre uma artinha poetica e... estude.

SR. FRANÇOIS SEUL. — O seu *Esboço Unitario* ainda não pode ser lido por nós. Se for bom não teremos escrúpulo em publical-o.

SR. MANOEL OLIVEIRA. O seu soneto (ainda soneto...) que se intitula *Sonho* é, desculpe-nos a franqueza, muito pulha e... um asylo de versos quebrados. Faça cousa melhor e...

SR. OSCAR VERNEY (Serafim Duarte). — O seu nome não foi publicado no numero 18 d'A *Semana*, exactamente pela razão de já o haver sido no n. 17. Em cada numero da folha publicam-se sómente os nomes recebidos durante a semana e o total do numero de votos apurados. Agora uma observação: Não sabíamos que *Oscar Verney* era um pseudonymo; do contrario não teríamos contado o seu voto, pois resolvemos não aceitar pseudonymos n'este certamen.

ANNUNCIOS

Portuguez, Francez e Inglez
—Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

O BISBILHOTEIRO FAMILIAR

OU

O GAIATO DE SALÃO

Apparecerá brevemente.

DECLARAÇÃO

De hoje em diante, em vez de José Roberto Mendes, assignar-me-hei José Mendes. Abril 28 de 1885.

COMPENDIO DE MUSICA

traduzido e compilado por Julio Bueno. Vende-se na Campanha, em casa do traductor, a 2\$500 o exemplar.

Dr. Henrique de Sá.—Espec. Syphilis e molestias das crianças. Consultorio:— rua Primeiro de Março, 22; de 1 ás 3 horas da tarde. Residencia:— rua de S. Pedro, 294.

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

ERNESTO PINTO COELHO

SOLICITADOR

VILLA DE PADUA

DR. ARAUJO FILHO

MEDICO PARTEIRO

Residencia, rua do Visconde do Rio Branco n. 36

GAZETA MUSICAL

Revista quinzenal de theatros, musicas e bellas-artistas. Retratos das maiores notabilidades artisticas, biographias, artigos de critica, correspondencias de Paris, Londres, Berlin, Vienna, Milão, Leipzig, Hamburgo, Madrid e Rio de Janeiro, poesias, romances e sempre

24 PAGINAS DE MUSICA

4, 5, 6 e 7 peças de autores celebres, allemães, francezes e italianos

EDIÇÃO ESPECIAL PARA O BRAZIL

N 1

Publicado em 15 de Agosto de 1884

Assignatura mensal ou dous numeros..... 2\$ fracos
Com exclusão do porte de Correio para as provincias.

Acha-se completo o primeiro trimestre, comprehendendo 6 numeros encadernados em um só volume, ornando um magnifico album, proprio para presente.

Preço 6\$000

REPRESENTANTES NESTE IMPERIO

H. LAEMMERT & C.

66 RUA DO OUVIDOR 66

LIVRARIA UNIVERSAL



HOTEL NOVO MUNDO

Serviço profuso e variadissimo

Bons vinhos garantidos, salão reservado para banquetes, os quaes serão servidos conforme o preço que se ajustar

13 Rua Primeiro de Março 13

PROPRIETARIO

JOÃO DIOGO SOARES DE BRITO

EVANGELINA

POEMA

DE

H. LONGFELOW

TRADUÇÃO DE

AMERICO LOBO

Vende-se nas livrarias Faro & Nunes, Laemmert e Serafim Alves e no escriptorio desta folha, a

2\$000 o exemplar

JAMES E. HEWITT

PROFESSOR DA LINGUA INGLEZA

134 RUA DO ROSARIO 134

HOSPEDARIA FIEL

RUA DA ALFANDEGA N. 236 E TRAVESSA DE S. DOMINGOS N. 2

Os proprietarios deste vasto estabelecimento têm a honra de apresentar á concurrencia publica, bonitos quartos mobiliados, espaçosos e muito arejados, offerecendo toda a garantia de segurança, aonde os Srs. viajantes podem pernoitar livres de risco. Todos os compartimentos com linda vista tanto para a travessa como para a rua da Alfandega.

A casa está aberta toda a noite. Preços modicos.—Lima & Xavier.

RESTAURANT VOLTAIRE

29 RUA DA URUGUAYANA 29

Almoço. \$800 | Jantar.. 1\$000

Serviço asselado e profuso

Parece incrível que por tão modestos preços se possa comer tão bem! Pois venha verificá-lo. quem duvidar, á

29 RUA DA URUGUYANA 29

CINCO DE MAIO

Ode heroica de Alexandre Manzoni, e tres versões em portuguez

Sendo uma de S. M. o Imperador

Prefaciadas e annotadas por M. O. Edição esmerada em papel chamóis. A' venda nas livrarias dos Srs. Moreira, Maximino & C., rua da Quitanda 111; Faro & Nunes, Ouvidor 74; B. L. Garnier, Ouvidor 71; Custodio Garcia, Ourives 2 A; e J. G. Azevedo, Uruguayana 33. Preço 1\$000.

A SEMANA

CORTE

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

PROVINCIAS

Trimestre..... 28000
Semestre..... 48000
Anno..... 88000

Director — VALENTIM MAGALHÃES

Semestre..... 18000
Anno..... 88000

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

SUMMARY

«A Semana»—Historia dos sete dias—Politica e Politicos, *L. Murat*—Galeria Journalistica, *Zeca*—O Dr. Luiz Delfino e a poesia nacional, *L. Murat*—Germinal, *Araripe Junior*—Libido, soneto; *L. Delfino*—Confissão, poesia; *L. Murat*—Questão litteraria—Instrução publica, *O. de Niemeyer*—Luiz Barbosa, *L. de Mendonça*—Theatros—Ruy Vaz, *Alaizio Azevedo*—Factos diversos—Club dos Democraticos—Tratos á bóla, *D. Pastel*—Recebemos—Corr. io—Anuncios.

A SEMANA

Rio, 16 de Maio de 1885.

O presente numero d'«A Semana» já foi impresso na officina typographica que acabamos de estabelecer.

Iniciando este para nós importante melhoramento e noticiando-o aos nossos leitores, só temos em vista dar-lhes uma prova dos meios de vida com que conta esta empreza, offerecendo-lhes mais uma garantia de estabilidade e de duração.

Cremos não ter desaproveitado o favor publico que «A Semana» tem encontrado, e esperamos continuar a merecel-o, pois que para isso empregamos todos os nossos esforços e toda a nossa boa vontade.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Se a semana passada foi chata e chôcha, esta que hoje terminou foi chaticissima e chochissima.

Nós compromettemo-nos a fazer a historia dos sete dias, mas não nos compromettemos a dar historia aos sete dias quando elles a não tenham. Ora é isto que as mais das vezes acontece nesta cidade pacata até á immobildade e serena até ao mutismo. O collega Ambrozio continúa a subtrahir-nos a chronica politica para a sua aliás brilhante secção e nós ficamos a ver navios nestas praias de limpidas areias.

Poderíamos escrever do céu claro e transparente, do profundo azul lavado com que principiou a semana, e que depois se enfarruscou bruscamente; da chuva que tem cahido nestes ultimos dias; da vinda já tão retardada da estação fresca e das notaveis mudanças por que está passando o nosso tão caluminado clima—mas como sabemos que o leitor fluminense pouco se importa com esses factos; não ha senão pôr-lhe para ahí meia duzia de acontecimentos já noticiados pelas folhas diarias, que nós costumamos de recapitular e commentar com aquella graça e atticismo com que

os bons fados nos brindaram ao nascer e que tão bem temos posto ao serviço da população heroica da capital e arrabaldes adjacentes.

Se Ambrosio não estivesse particularmente incumbido da parte politica d'«A Semana», nós tínhamos, por exemplo, uma boa pilheria para o acto vergonhoso praticado pelo representante Sinimbu Junior, na sessão de quarta-feira da Camara dos deputados.

Tratando do *sim* e do *não* em que vacillou o triste animo do deputadinho pelas Alagoás, nós lhe aconselhamos a adopção da fórmula que o Sr. Lafayette exturquo de Molière para base do seu programma ministerial. É commodo, é galante e é litterario. Quando Sinimbusinho tiver de votar, em vez de dizer—*sim*, ou de dizer—*não*... diga logo sem vacilações:—Póde ser que *sim*, póde ser que *não*.

E por este simples processo de emissão de voto, salva o illustre Junior a sua palavra de honra, tão tristemente compromettida na referida sessão. Porque, afinal, Srs. representantes da nação... VV.EEx. podem mostrar com franqueza todas as anfractuosidades do caracter, todo o crivo da consciencia, toda a ilha de Sapucaia da dignidade; podem mostrar, mas não convém que o digam. A palavra é o diabo. Quando o tachygrapho lhe segura a cauda fala correr pelas ruas da capital, pelas estradas da provincia, e pelos mares e longes terras do estrangeiro.

As acções apaga-as e leva-as o tempo muitas vezes; mas as palavras impriem-se e podem mais tarde vir a envergonhar os nossos filhos e os nossos netos, quando não tenham promanado directamente da pureza dos sentimentos, da lealdade e do patriotismo. Ora, se são graves todas as palavras com que asseguramos as nossas idéas, ha uma muito mais grave do que todas, porque com ella asseguramos os nossos sentimentos:—é a palavra de honra. Ou a honra é o sentimento respeitavel e sagrado que nos dá direito a um lugar distincto em qualquer sociedade; o mais forte laço de todas as relações sociaes; a base unica do commercio da civilisação; a propriedade que devemos antepor a todas as outras e defender até ao desespero e á morte,—ou é apenas um lenço com que cobrimos o rosto sujo ao assaltar-nos os mosquitos importunos da Justiça publica.

E' pois preciso muito cuidado no emprego da *palavra de honra*.

Ahí vão agora alguns factos que nos pareceram mais capazes de occupar esta secção importante d'«A Semana».

Dia 10.—Seguiu para a Europa em viagem de instrução a corveta *Nicheroi*. Não partio no dia 9, por ter adoecido o medico de bordo, Dr. Euclides Rocha, que foi substituido pelo Dr. Fernandes de Souza.

—Noticiam as folhas mais um desas-

tre causado por bond. Um pobre homem foi atropellado por um d'esses *assassinos*, ficando contundido no braço esquerdo. Quando se resolverá o Governo a exigir das companhias a adopção de algum apparelho preventivo?

—Chega no *Séuqal* um dos muitos principes Fredericos Carlos da Alemanha e o seu secretario.

S. A. viaja em caracter particular, e, com o fim de estudar immigração e colonisação, parte brevemente para as provincias do Sul, onde vai visitar as diversas colonias alli existentes.

Mar banzeiro e galernos ventos o levem.

Dia 11.—«Temos uma carta da estação de Macacos, em que se nos diz que em Sant'Anna, duas senhoras amarraram de pés e mãos uma moçulha e cortaram-lhe os cabellos e o corpo com uma faca. O crime foi o movel d'esta barbaridade.

Tal é uma noticia da *Gazeta* deste dia.

Vejam que *Othelas*!

—A convite da Confederação Abolicionista, honve no largo da Lapa uma enorme reunião popular.

Fallaram os Srs. José do Patrocinio e João Clapp, pedindo ao povo que dêsse ao conselheiro Dantas uma grande manifestação de reconhecimento pela attitude dignissima que o illustre chefe do Gabinete 6 de junho assumio perante a nação, com respeito ao problema da abolição dos captivos.

—A Santa Casa da Misericordia abriu um consultorio gratuito especial para molestias de pelle e syphiliticas. Foi confiado ao distincto lente da respectiva clinica da facultade e medico effectivo do mesmo hospital, o Dr. Pizarro Gabizo. O consultorio funciona todos os dias, das 9 ás 10 horas da manha.

Vae ser um nunca acabar.

O ultimo acto da comedia do amor vai ter por contra-regra o Dr. Gabizo e por protogonistas o iodureto e o hydroargirium!

E' o caso de se exclamar com o poeta classico da bregeirice:

«Já temos consultorio. A elle! a elle! Que as horas do prazer voam ligeiras!»

Dia 13.—Publicam-se os seguintes telegrammas de Pernambuco:

Recife, 12 de Maio.—«O povo acha-se revoltado. Manifestações e pedradas contra o *Tempo*.»

«A policia acalma o povo. Diversos grupos pelas ruas. O reconhecimento do Dr. Portella causou pessima impressão. As officinas do *Tempo* foram assaltadas. Reina agitação geral. O commercio acha-se fechado. Nabuco é victoriado pelas ruas. Estão os animos exaltados.»

—Realiza-se a grande manifestação popular ao conselheiro Dantas. Cerca de quatro mil pessoas dirigiram-se á casa do illustre senador e saudaram-no entusiasticamente.

—A *Gazeta* noticia o fallecimento do estimado medico Dr. Alfredo Ramos, membro da commissão vaccinico-sanitaria da Gloria.

Dia 14.—Partio para Friburgo o benemerito conselheiro Dantas, á procura de restabelecimento para a sua saude profundamente prejudicada pelas lutas e pelos trabalhos do ministerio 6 de junho.

—Aparece mais um exemplar da raça dos *Pilotinhos*, que foi a uma agencia da rua do Ouvidor receber um bilhete de loteria falso.

Dia 15.—A Confederação Abolicionista de S. Paulo dirigio ao Sr. conselheiro Saraiva o seguinte telegramma:

«Lamentamos que, assumindo o poder, V. Ex. não tenha sabido comprehender as aspirações do paiz, collocando de novo a questão servil no terreno grave do qual o conselheiro Dantas soube afastar-se.»

Que o unico homem honrado d'este paiz, o Sr. Saraiva, se alimpe a esse guardanapo.

E com elle nós terminamos esta triste historia da semana.

POLITICA E POLITICOS

Se o povo brasileiro tivesse sempre em memoria as celebres palavras que se leem no testamento do ministro de Luiz XIII—o Justo, que ordenou a decapitação de Mont-morency e que tingio a sua coroa no sangue do virtuoso de Thou, que o rei deve evitar os serviços dos homens de bem e as de Sallustio, que os reis não podem passar sem os rebeldes e que pelo contrario devem ter medo e desconfiar da probidade, ha muito que elle teria mandado passear o Sr. D. Pedro II, se lhe não fizesse cousa peor.

A situação que atravessamos é das mais graves.

As contradicções politicas, os erros parlamentares, a indifferença da coroa, precisam de um correctivo.

Os abolicionistas são batidos pela deslealdade dos seus adversarios; o ministerio Dantas que se tinha imposto á meditação do rei e á confiança publico, é lançado por terra por uma moção de desconfiança indigna de ser tomada a sério no recinto de uma camara honesta.

O Sr. Saraiva, cujo caracter não podemos em duvida, mas cuja intelligencia não vai além do pequeno circulo da politica de confraria que as monarchias cream para a sua garantia e estabilidade, apresenta um programma que não traduz as aspirações populares e que está aquem do trabalho elaborado silenciosamente pelos mystagogos da independencia nacional.

O Sr. Saraiva é uma contradicção no governo: não é uma continuação do ministerio 6 de Junho.

Os conservadores, o medico Anicetus d'esse novo esgoto de corrupção e de immundicie e os dissidentes, a Locusta vendida ao gabinete presidido pelo Sr. Saraiva, acolhe-o risonhamente e concede-lhe o seu apoio.

O Sr. Andrade Figueira, commissariado pelo seu partido, disse ao gabinete que acabava de se apresentar á camara, que os conservadores estavam ao seu lado. Seguiu-se o Sr. Lourenço de Albuquerque, que em nome da dissidencia, fez as zumbaias proprias de quem está contente com a attitude politica apresentada pelo ministerio.

O Sr. Prudente de Moraes—republicano—invektivou justamente ambos os partidos litigantes, apreciando a physiognomia das duas facções que têm servido de instrumento para que o Sr. D. Pedro II complete a sua obra de demolição nacional.

Fallon com a independencia dos nobres, com o prestigio das suas idéas— as idéas republicanas, que não germinam nos pantanos de Sejanus, nem determinam os des estres do amphitheatro de Fidenias.

O Sr. Afonso Celso disse que era abolicionista.

O Sr. Saraiva explica-se novamente. Não faz questão do seu projecto e conta com os conservadores e republicanos para levar a effeito a reforma do elemento escravo.

No dia 12 o Sr. Padua Fleury apresentou o projecto acerca da questão servil, que não é máo mas que offerece margem a innumerables emendas.

Esse projecto foi assignado pelos Srs. Fleury, Ulysses Vianna, Augusto Fleury, Ildefonso de Araujo e Zama.

Depois da camara entrar na ordem do dia foi reconhecido deputado pelo 2º districto da Corte o Sr. Fernandes de Oliveira.

Foram também reconhecidos deputados os Srs. Vaz de Mello, por Minas e Demetrio Bezerra, pelo 4º districto do Pará.

Depois a camara approvou nominalmente, por 51 votos contra 48, a eleição da freguezia de S. José e reconheceu deputado o Sr. Portella.

Era de esperar isto da camara dos Srs. deputados.

O Sr. Nabuco era um elemento extranho ao espirito harmonioso que vai dirigir os trabalhos patrioticos da illustre temporaria.

A consciencia parlamantar apoiada de vicios e de interesses, funambulesca, irritante, encommoda, sem prestigio, sem valor, sem moralidade, sem talento, sem cousa nenhuma que se possa impor ao paiz, derrota o illustre pernambucano no 3º escrutinio da camara, elle que era legitimamente o representante do 1º districto da sua provincia.

No dia 13 houve uma completa desordem na camara. O conflicto foi occasionado pelo facto do Sr. deputado Sinimbu Junior ter votado *sim* quanto a eleição do 1º districto do Pará, peitando depois a palavra para explicar que se tinha equivocado e que elle quizera dizer *não* quando disse *sim*.

Pobre Sr. Sinimbu Junior, que nem sabe quanto valem a honra e as convicções.

S. Ex. estava coagido pelos Srs. José Pompeo e Lourenço de Albuquerque. Era preciso pois contradizer—era preciso dar a sua palavra de honra, ainda que a infamasse e perdesse a sua dignidade de homem e de parlamentar.

Os negreiros podem dormir satisfeitos á sombra da sua victoria: *hominem bonis publicis mastum*.

Tu lo corre no sabor dos monarchistas e do seu rei. Felizes, bem felizes que são—porque encontram diante de si, não uma fortaleza feita de opiniões, um povo que se sente bastante forte para impor a sua vontade á vontade daquelles que o tem ludibriado, mas sim um povo fraco, coarado, indifferente, egoista, um povo que desmente as suas tradições, um povo que não sabe ler, um povo que não é povo.

Podem dormir tranquilos.

LUIS MURAT.

GALERIA JORNALISTICA

II

DERMEVAL DA FONSECA

Calumnio-o quem disser que elle é enormemente alto e extraordinariamente gordo. Não, senhor, lá estas proporções athleticas não possui. E em compensação é bem proporcionado,

symetrico, airoso e elegante como um i de lunetas e chapéu de pelo.

—Que sugeito complicado este Dermeval!—murmura o Capistrano de Abreu, apertando os olhos e abaixando a cabeça.

De facto, é difficil pillar o traço caracteristico da sua individualidade, a feição dominante do seu talento, o centro de gravidade da sua indole. Elle é tudo quanto quer ser. Medico, cirurgião, folhetimista, chronisemanista, noticiariista, polemista, pianista, critico dramático, critico musical, calemburguista, omnibista, diziaselontista, tudo. Dispõe de todos os estylos da culinaria jornalística—cozido, ensopado, frito, de escabeche, à Peixoto, à bahiana, com alicaparras, *au gratin*, com azeite de dendê, com pimenta malagueta, com o que pedirem. Se me disserem que o Dermeval collaborou na *Leuda dos Seculos* de V. Hugo, e que também collaborou nos *Ultimos Harpejos*, eu não recusarei acreditar em ambas as cousas.

De intelligencia prompta e lucida, dispondo de extraordinaria vivacidade de espirito, conhecedor proecto dos homens que o rodeiam, sceptico, amavel, extremamente sympathico, *bidclant la besogne au jour le jour*, sem outra orientação ou ideal que não o senso pratico da vida e os proveitos reaes do seu trabalho, o Dermeval passou uma existencia accidentada, cheia de rudes provocações e lutas desesperadas com a sorte adversa, até que logrou vencerla e collocar-se na situação invejavel que hoje tem, conquistada palmo a palmo pelos seus esforços e actividade.

Como medico, dizem ser bastante habil e muito feliz nas curas.

Contam que estando certo dia a rabiscar o *Omnibus* da *Gazeta de Noticias*, apparecera um doente a consultal-o. O Dermeval, sem largar a penna, apalpa-o, ausulta-o, toma-lhe o pulso, arregaçalhe os olhos, tudo isso em dois segundos; depois vai à meza, lavra a receita, e entrega-lha, ao mesmo tempo que remettia os originaes para a typographia por intermedio de um servente—tudo ás pressas, segundo o seu costume. Dahi a pouco o paginador devolve a *receita*, por não saber em que secção publical-a, e o doente voltava trazendo na mão o *Omnibus* que nenhum boticario soubera aviar!

Diz-se que o Dermeval chega para tudo. Uma vez estava com elle no camarote do theatro lyrico. Cantava-se opera nova. Dermeval era todo ouvidos e desempenhava conscienciosamente a sua missão de critico musical. Quanto ia começar o trecho mais afamado da opera, põe-se a choramingar um filhinho seu. No mesmo instante batem á porta do camarote. Era um empregado da *Gazeta*, esbofado e pondo a alma pela bocca, que vinha dar-lhe uma noticia importantissima da ultima hora. A folha estava prompta, tornava-se preciso religil-a immediatamente. O Dermeval, sem hesitar, tira do bolso lapis e papel, escreve sobre a perna direita com a mão direita, acalanta a criança na perna esquerda com a mão esquerda, e não perde uma nota do trecho musical que se estava cantando! No dia seguinte a sua noticia lyrica era tão detalhada e judiciosa como outra qualquer.

Não mais, bom pai de familia, morigerado, sobrio, methodico, circumspecto, pouco affecto ao bello sexo...

ZECA.

O Dr. Luiz Delfino e a poesia nacional

No meu primeiro artigo apresentei algumas considerações que me pareciam necessárias para esclarecer o terreno da discussão, sendo que ellas emanavam de um pensamento do meu antagonista e que eu julgo ter explicado e reforçado com argumentos.

Ainda que eu não possa demorar-me na apreciação de cada facto que surge no estudo do conjunto, procurarei syntheticamente dizer o que penso relativamente a esta complexa manifestação da psychologia humana — a poesia.

Se houvesse tempo eu daria uma direcção ainda mais elevada á discussão que creio ser de magna importancia.

Porém, em todo caso, irei estudando o que me parecer mais urgente, reservando para outra occasião o desenvolvimento das idéas expendidas nesta discussão.

Engenio Veron, no seu livro *L'Esthétique*, diz: « É difficil imaginar uma poesia que possua um encanto mais humano, mais sincero que a de Alfredo de Musset. Por este lado parece que ella excede a toda a comparação. Porém, quando se approxima de Victor Hugo, sente-se logo que lhe falta alguma coisa, que é precisamente a elevação do espirito.

« A poesia de Victor Hugo adquire, só pela grandeza do pensamento, uma superioridade inmensa. Musset deve agradecer mais áquelles que procuram sobretudo na poesia este delicto que os dilettantes consideram voluntariamente como o fim supremo de todas as artes; não se pôde ler Victor Hugo sem que á admiración pela obra se ajunte a alegria íntima e profunda de achar no poeta um pensador preso a todos os problemas que interessam a humanidade. As idéas, em somma, têm a sua poesia como os sentimentos, não ha razão para que a arte esqueça esta fonte de emoção. »

Esta observação do illustre critico francez satisfaz inteiramente.

É preciso comprehendê-la.

Todos os poetas que têm querido transformar o caracter e a natureza da poesia, têm depreciado o seu valor, tornando-a fraca, sem animação, sem emoções fortes, sem vida, sem movimento.

É intoleravel a poesia dos poetas scientificos.

Introduzir a sciencia na poesia, é o mesmo que introduzir a poesia na sciencia. A introdução de um elemento d'aquella ordem na factura do verso, a experiencia tem demonstrado ser improfeua e de uma insipidez a rogar pelo comico.

A poesia deverá ser o resultado de alguma coisa, como o jogo das faculdades especiaes do artista, que augmenta na proporção do sentimento que elle transmite á obra, e da maior generalidade que elle attinje pelo aperfeiçoamento d'estas mesmas faculdades.

A especialisação d'estas faculdades é por sua vez uma consequencia ainda. Todo o aperfeiçoamento suppõe uma co-relação.

Este mutuo auxilio prestado pelas faculdades agentes, elevando-se, dá á obra de arte um valor indiscutivel.

Portanto, é logico que a accumulacão de idéas collidas pela experiencia do seculo, isto é, as leis descobertas, o que quer dizer ainda, o universo comprehendido, impõe-nos uma conducta superior e independente, que vem reflectir-se, por uma reacção espontanea no mundo moral.

Uma lei physica descoberta corresponde a uma mutação de estados de consciencia, a uma direcção do espirito toda diversa.

Se assim é, o movimento scientifico do

seculo XIX accentuará a poesia, modificando-a.

Porém é preciso que se comprehenda que a poesia necessita sobretudo de liberdade. O poeta hade cantar sempre o que for digno de ser cantado.

O poeta moderno, que conhece todas as transformações porque tem passado o espirito religioso, que o apudia desde o seu inicio, como facto social; que reconhece o accordo que elle fixou entre a vida domestica e a vida publica, distendendo a concepção da nacionalidade e produzindo a creença na unificação das idéas; que fez de cada homem uma fonte de emoções, de enthusiasmo, de actividade, de abnegação; que o erguen assim á altura da humanidade, porque não poderá cantar e exprimir em seus versos tu lo quanto sentiram e pensaram as civilizações extintas, tu lo quanto sentio o assyrio, tu lo quanto pensou o israelita?

Que mais bello do que se reproduzir hoje, com o nosso modo de ver e de cantar, os bellos trechos daquella poesia que envolve os mysterios das lendas arabes, d'aquella poesia alegre, vivificante do iramitauo, irmão dos Aryas da India e dos Aryas que povoaram a Europa, e que se conhecem hoje pelo nome de Indo-germanos ou Indo-europeus? Aquelle povo não tem pontifices, não tem templos.

Organison-se segundo os preceitos da equaldade; tem a dignidade do homem livre, mas não tem o orgulho dos povos decadentes. O pai de familia — eis a autoridade suprema. — A sua religião é a mais bella de todas, fundase neste bello pensamento de Zoroastro: « Quem confia boas sementes á terra é maior que aquelle que faz dez mil sacrificios. »

O passado é a maior fonte de inspiração, porque é o repositório de todas as nossas alegrias e de todas as nossas sanidades.

E o que eleva a poesia, o que a engrandece, o que a torna verdadeiramente digna d'esse nome, é este sentimento inexprimivel, esta emoção sentida, que se traduz por uma reminiscencia vaga, nebulosa, de uma serie de quadros que o poeta não viu, mas que sente que alguém viu por elle. É a grande corrente das emoções transmittindo-se, é a herança dos que morreram, as idéas e as paixões de outras epochas, reflectindo-se sobre o caracter de cada um, e suborlinando-o ao influxo subjectivo do passado.

Sim, o desenvolvimento scientifico modificará a poesia, porque lhe proporcionará mais vastos horizontes, porque não restringe a sua esphera de acção, porque não põe péas aos seus movimentos.

O que torou grande a poesia das raças antigas foi a faculdade de invenção. Da mythologia nasceu a arte de poetar de todos os povos da antiguidade.

Foi um esforço, foi ainda mais, foi uma necessidade.

Os homens queriam explicar todos os phenomenos.

A mythologia foi um accordo entre a natureza humana e a sua fé religiosa. Explicou tudo pela ficção; inventou. Eis a sua grandeza.

A primeira concepção humana deveria ter uma origem anthropomorphica.

N'esta faculdade de invenção, de onde resultou a actividade psychica dos antigos, é que está a sua superioridade.

Perdemos esta faculdade, diz Veron, d'ahi a nossa inferioridade poetica.

Comparando a poesia antiga com a poesia moderna elle assignala como principal differença a natureza do espirito de uma em opposição directa ao espirito de outra. Provém de uma ignorancia psychologica, como elle diz.

Os primeiros homens viam por toda parte imagens em vez de idéas, e nada possuíam que não fosse tirado da realidade visivel. Obedeciam a esta lei. D'ahi a sua inferioridade intellectual.

Para resumir: a poesia tinha a sua força nas impressões procuradas pelo homem no mundo exterior. Era profundamente ficticia, falsa, mas estava em perfeita harmonia com o grão de conhecimentos d'aquelles povos.

Na poesia tentavam a explicação dos phenomenos que necessitavam ser explicados.

Reduzido tudo a manifestações de uma causa divina, de que o universo era uma consequencia, resultou d'ahi uma poesia fluctuante, confusa, objectiva. Suas emoções, suas idéas, suas obras, enfim todas as modalidades do talento e do caracter traziam o encho d'essas ficções que elles creavam diante da natureza variavel dos phenomenos que atrahiam a sua attenção e que os levavam a imaginar para cada effeito uma causa e a por em acção as bellas energias da sua imaginação graciosa e rica.

No proximo numero, apreciando a natureza da imaginação moderna, eu encetarei o estudo do poeta que me trouxe a campo e que deve ser dissentido não de uma maneira aggressiva, injusta e descortez, como pretende o *Diario Liberal*, mas segundo o modo de proceder da critica moderna — seriamente, scientificamente.

Luiz MURAT.

GERMINAL

II

— Em que consiste o desvio de que accusa o autor do *Germinal*?

Esta pergunta que me fazem os amigos, obriga-me a responder-lhes, insistindo mais profundamente sobre a these já por mim reproduzida algures contra o chefe do realismo.

O desvio consiste em um pessimismo, que forma toda a mehlula de seus livros. Este é talvez inconsciente. A perversidade está simplesmente em elle procurar a todo traíse exercê-la, como arma de combate, pestiferando toda uma atmosphera intellectual; e por infelicidade la exerce com o mais perfeito conhecimento de causa, com um superior talento de politico. Basta ler os seus livros intitulosados: *Mes haines*, *Une campagne*, *Les documents litteraires*, e comparal-os com os seus romances para reconhecer-se que existem dois Zolas muito distinctos. Um fundamental, filho de Taine, fortalecido pelos processos do mestre; outro revolucionario, polemista, constituído chefe de bando, procurando atacar os inimigos pessoais, nutrido odios implacaveis, illudindo os discipulos aqui, fazendo concessões aèola ás suas exigencias partidarias, mas em ultima analyse, conseguindo manter o mando em todo o seu vigor; o Zola enfim, que pouco caso faz do que diz, pela transitoriedade d'esses mesmas blasphemias *sanguineas*.

Não é d'este que me occupo; sim do primeiro que é o Zola que me interessa — o da *Faute de Cabé-Mouret*, de algumas scenas da *Carce* e da ultima parte do *Germinal*.

Sabem todos o que existe de suggestivo no methodo de Taine. Abusando-se um pouco do vocabulario poler-s-shia até affirmar que este critico não passa de um romancista psychologo *manqué*. A sua theoria do caracter predominantemente junta a uma analyse patientemente systematica, é o melhor methodo que conheço para obtê-se as situações e os elementos necessarios a um romance realista. Quem quizer aprendê-lo é só folhear as Notas sobre a *Lu-*

glattera, e prestar attenção ao modo cuidadoso porque esse escriptor vai agrupando demoradamente, primeiro todo o material indispensavel a construcção de um scenario; depois os costumes, depois os circulos, as tintas da vida exterior e as da interior, as instituições e prejuizos, e finalmente os personagens. Ora, Emilio Zola, na primeira parte de sua vida litteraria, não teve outra lição se não esta; e até o seu estylo resente-se de uma profunda semelhança com o do mestre, o que não é senão uma consequencia do seu processo causativo, minucioso. Como, porém, não ha lição que consiga *in totum* suffocar os impulsos naturaes com o autor do *Assomoir*, deu-se o seguinte: Esse sentimento do grande e do forte, ou melhor o espirito de systema que constitue o traço característico de Taine não tardou em desalojar-se do cerebro do imitador para ser substituido pela preocupação do doentio e do assombroso. Zola, na essencia era uma alma tallhada do mesmo barro de que a natureza tirára o poeta dos *Chatiments*. Educado, porém, em um meio todo saturado de positivismo experiencias physiologicas completamente afogado em sciencia, hispotisado pelos resultados extraordinarios do experimentalismo, em vez de como V. Hugo, entrar pela metaphisica da alma, e construir capitulos deservendo uma tempestade no cranio de João Valjean e viagens nos refolhos da consciencia de Giliath, o solidario luctador do Oceano, embarafustou-se pela metaphisica do temperamento e começou a edificar os leitores com as scenas e estudos que conhecemos. E' fatal, portanto, que o chefe da escola experimental no romance, siga o seu caminho, e satisfaca todos os caprichos de sua natureza *homi*.

O que, entretanto, não resta duvida, é que elle bem podia modificar esse *hantement*, baseando equilibrar-se em um mundo de idéas mais logico do que aquelle em que vive victorioso, como a aguija que galgou o ultimo pinaculo e sustem a espada vingadora do extermínio. Esse equilibrio poderia resultar-lhe da accepção da doutrina psychologica, unica que convém ao romancista sem part pris.

ARARIBE JUNIOR.

(Continúa.)

FACTOS DIVERSOS

Chegou de Pariz no dia 13 o esperancoso pintor nacional Belmiro de Almeida Junior, antigo desenhador d'*O Bino*culo de saudosa memoria.

Comprimetamos o distincto moço e esperamos que a viagem que vem de fazer muito haja contribuido para o desenvolvimento das suas boas qualidades artisticas.

Acha-se na corte o distincto jornalista Navarro de Andrade, redactor da *Provincia de S. Paulo*.

S. S. parte amanha.

Comprimetamol-o cordialmente.

FALLECIMENTO

Falleceu no dia 7 do corrente, victima de uma lesão cardiaca, a Exma. Sra.

D. Julia Regina Lutterbach.

Ao Sr. Dr. José Lutterbach, irmão da fallecida, e a seu pai o Sr. Antonio Lutterbach, fazendeiro em Cantagallo, damos os nossos sinceros pezames.

LIBIDO

(ASPAZIAS)

Vai em chinellas cor de rosa — o ninho,
Em que os pés nús se alternam subtilmente —
Golphar agua do bronze reluzente
Ao marmore ella ouve, de caminho.

Leva prudente a ponta do dedinho
A ver se a agua está fria, ou boa e quente:
E um milagre de Phydias, de repente,
Surge das dobras de um lençol de linho.

A agua recúa, cheia de respeito,
E volta doce, tremula, affanosa,
Como quem faz mais brando o brando leito.

Chorando e rindo a um tempo de amorosa,
Beija-lhe as mãos, os pés, o labio, o peito...
E uma nymphá outra nymphá enleia e gosa...

LUIZ DELFINO.

CONFISSÃO

A ARTHUR AZEVEDO

Que doloroso amor me punge e dilacera!
Amor, já não, paixão, mas destas que não matam.
Olho e tudo está negro, o sol que doira a esphera
Azul, o mar que ruga, os sonhos que arrebatam

A alma ao céu e o céu todo aos seus olhos, á sua
Voz, ao seu beijo, ao seu cabelo, ao seu aroma.
Que frescura em seu labio onde o beijo fluctua,
Onde um sorriso casto e immaculado assoma.

Deixá-me em paz viver, deixa-me em paz commigo.
Eu não posso ser teu, tu não podes ser minha.
Este horror que me cerca, o caminho que eu sigo,
As crencas que eu perdi, as illusões que eu tiuha,

Ah! tudo, tudo, tudo, eu vi morrer n'uma hora!
Assisti á hecatombe horrenda dos meus sonhos;
A's trevas eu desci, subi até á aurora;
Tua sombra seguiu-me; os antros mais medonhos,

O silencio que vem depois dos grandes crimes,
A lagrima, o remorso, a consciencia, o medo,
Atravessei. E tu, que eu tanto adoro, opprimes
Com o teu suave olhar meu sonho e o meu segredo.

Sonho eterno e segredo ainda mais eterno!
Homens ha que somente as lagrimas conhecem,
Que o sol nunca lhes deu calor p'ra o seu inverno,
Que não sabem sequer porque tanto padecem!

Eu não posso ser teu, tu não podes ser minha!
Este verso contem toda a nossa existencia.
O incendio que lavrava, a magoa que eu retinha,
Cada vez mais augmenta e cresce em tua ausencia.

Nunca mais me verás, nunca mais! meu ouvido
Segue-te o passo e o meu olhar soluça... grita...
Atraz de cada riso occulta-se um gemido,
Que exhala eternamente esta dor infinita.

E hei-de morrer assim, e hei-de morrer dizendo:
« Não te amo », áquella santa, áquella voz querida?!
Hei de esquecer-me d'ella até mesmo morrendo?!
Pois eu hei-de levar para a morte esta vida?!

Pois querem que eu depois de morto sinta tudo,
Tudo quanto eu gemi e soluçei?! Maldictos!
Diante d'ella eu serei eternamente mudo,
Nunca lhe hei de magoar o ouvido com meus gritos.

Com a dor que ella causou, ella — o meu bem na terra,
Ella — o meu bem no céu, o ninho perfumado
Onde eu quiz occultar a luz que est' alma encerra,
Onde eu quiz descansar, eu o viajor cansado.

Mas hei-de amal-a sempre, hei-de amal-a, hei-de vel-a,
Ora, em meus sonhos, ora, em cada verso meu:
E se eu vir que é pequeno o céu para contela,
Darei ao céu mais céu.

LUIZ MURAT.

Rio, 4 de Maio de 85.

RUY VAZ

Com este titulo encetamos hoje a publicação de um novo romance do nosso companheiro de relação—Aluizio Azevedo.

O nome que firma essa obra dispensa tudo que poderíamos dizer a respeito do seu valor litterario; por conseguinte limitamo-nos a declarar que a nova producção do romancista brasileiro é destinada mais a recrear o espirito dos nossos leitores do que a defender e sustentar qualquer theso social.

Entretanto, ella é talhada pelo padrão do romance moderno, si bem que nunca desramba para as mal entendidas agruras do falso realismo.

Dizemos do falso, porque o verdadeiro é sempre bom, digno, elevado e consolador.

Pertence ao numero destes o *Ruy Vaz*. E' um livro são, lançado com muito primor de fôrma e escripto para todos os paladares.

Todos podem ler sem receio de corar ou de empallescer; são paginas espontaneas, rescentes de mocidade e de bom gosto.

Se nessa leitura encontrar todavia o leitor alguma carapuça que lhe sirva, não nos leve isso a mal, porque essa não foi a intenção do autor, nem a nossa.

Esperamos, porém, que o leitor não terá occasião de gostar commoço a sua generosidade, *Ruy Vaz* tem dentro de si muitas carapuças, é verdade, mas nenhuma d'ellas ha de acertar a cabeças tão perfectas e tão bem conformadas, como devem ser as cabeças dos assignantes d' *A Semana*.

Dito isto—aficm-se os paladares e—*Ruy á rua!*

QUESTÃO LITTERARIA (1)

QUAL O MAIOR POETA DO BRAZIL?

Durante esta semana recebemos 65 respostas.

Votaram em Gonçalves Dias os seguintes senhores:

Da corte:—Barão de Toffé, Antonio Igmeio de Moura, Lopes Neves, Evaristo Alves da Silva Ribeiro e A. Fontes Junior.

De Capivary:—Dr. Carlos Antonio Halfeld e Antonio Augusto Alves de Mello;

De Pernambuco:—Cesarino Ribeiro, Alencastro de Araujo e Xavier da Silveira Junior.

EM CASTRO ALVES

Da Corte:—A. Cesar Franco;

Das Dôres do Pirahy:—Bento Candido Coelho e José Vieira de Oliveira;

De Therezopolis:—José Bandeira Vianna.

Da Cachocira (Bahia):—Carvalho Ramos.

EM LUIZ DELFINO

Da Corte:—J. Oliveira, Luiz A. A. de Carvalho Junior e Alfredo dos Santos;

De Santos:—Heitor Peixoto Alves.

EM CASIMIRO DE ABREU

Da Corte:—João Machederme, Simplicio Marianno da Silva, Ferdinando Ammés de Roy, João Antonio de Mi-

randa Reis, Fernando José do Amaral Gurjão, Manoel Pereira do Nascimento Silva, José de Lima e Silva, Manoel Pimenta, Carlos Antonio da Fonseca Lessa, Henrique Alves Pereira, João Rodrigues Abreu Filho, Christino Augusto Rodrigues da Camara Junior, Luiz José Alves Lima Junior, Simplicio Manoelito da Silva, Manoel Pereira de Simas Portuguez, Simplicio José Amarante, João José Justino Junior, Antonio Jorge Gurgel de Lima, Manoel Silveira, Francisco Charles des Champignon, Manoel José Silveira Justo, Mme. Marguerite e Dr. João José Villaca de Azevedo.

EM FAGUNDES VARELLA

De Capivary:—Manoel Ferreira Lima Junior.

Da Sacra Familia do Tinguá:—José Eulalio de Andrade.

EM DOMINGOS MAGALHÃES

Da corte:—José Soares da Rocha e Pedro Lebrum de Alencastro.

EM MELLO MORAES FILHO

Da corte:—J. de A. Lima, Julio Braga, Izael da Silveira e Dr. Coriolano d'Utra Silva.

EM JOSÉ BONIFACIO

De Recife (Pernambuco):—Antonio Porto Filho.

EM THEOPHILO DIAS

Da Parahyba do Sul:—Joaquim Pereira de Lima, Alexandre M. Azevedo, Conrado Jacarandá, Julio I. Dias da Rocha, Alberto d'Eca, Manoel Cardoso de Mello, Verissimo Pacheco, Victor Gallo, Raymundo Soares, Domingos da Costa Pinto, Rodrigo de Albergaria, Alexandre Ratisbona, Honorio Corrêa de Moura e Dr. Henripue José de Mattos.

EM PORTO ALEGRE

Da corte:—Alfredo de Paiva.

EM DAMASCENO VIEIRA

Da corte:—Heitor Telles.

RESULTADO

Gonçalves Dias	80
Castro Alves	45
Casimiro de Abreu	27
Luiz Delfino	25
Theophilo Dias	14
Fagundes Varella	5
Luiz Guimarães Junior	4
Gonçalves Crespo	4
Domingos Magalhães	4
Mello Moraes Filho	4
Alvares de Azevedo	3
José Bonifacio	2
Bernardo Guimarães	2
Gonzaga	1
Pedro Luiz	1
Bazilio da Gama	1
Alberto de Oliveira	1
Odonio Mendes	1
Laurindo Rebello	1
Santa Rita Durão	1
Porto Alegre	1
Damasceno Vieira	1

Conforme tínhamos promettido, em nosso numero ultimo, publicamos em seguida as considerações feitas pelos Exms. Srs. conselheiro Alencar Araripe, Dr. Moncorvo de Figueiredo e Dias da Silva Junior.

(*) Vide ns. 15, 16, 17, 18 e 19 d' *A Semana*.

INSTRUÇÃO PUBLICA

Meu caro Dr. Valentim Magalhães.—Venho pedir-te um lugarzinho nas columnas de tua conceituada folha para dar á publicidade esta noticia que ali vai.

Julgo que me prestarás esse grande favor, pois que a noticia sem que seja de interesse politico, é de interesse publico; trata de um importante estabelecimento de educação de meninas que deve ser recommendado aos chefes de familia.

Sou, como sempre, teu fiel amigo e admirador.—*O. de Niemeyer.*

Ha mais de 12 annos que existe á rta de Santo Amaro um importante estabelecimento de educação para meninas o—Collegio N. S. do Carmo—e que se recommenda pela sua direcção, a todos os chefes de familia.

Está á testa d'esse estabelecimento a Exma. Sra. D. Carolina Moreira, cujo espirito instruido é geralmente conhecido. A Exma. Sra. começou a sua gloriosa vida de educadora em companhia de uma irmã que annos depois morreu, deixando as mais duradouras recordações entre discipulas e collegas, e hoje é auxiliada por duas irmãs menores.

Digna filha de um homem trabalhador e consciencioso, que tendo desastrosamente fallido, entregou a chave do cofre aos credores para salvar a sua honra que muito presava, embora fosse lutar com sacrificios e privações, a Exma. Sra. D. Carolina Moreira continuou, sem desanimo, a dirigir a casa do educação por ella fundada e para a qual destinava todos os seus desvelos e cuidados.

E', actualmente, o collegio N. S. do Carmo um dos primeiros estabelecimentos de educação feminina, que possuímos em nosso paiz.

Dirigido com uma habilidade rara, preenche todas as lacunas da educação da mulher, proporcionando em um diminuto curso o conhecimento de tres linguas, geographia e historia, arithmetica e algebra, desenho, pintura e musica.

Ha bem pouco tempo um amigo meu proporcionou-me occasião de ver os trabalhos das alumnas da aula de pintura que é intelligentemente dirigida pela conhecida professora Sra. D. Francisca Thompson de Oliveira Basto, digna esposa do honrado cidadão Sr. Francisco Rodrigues A. de Oliveira Basto.

Tive a satisfação de encontrar um adiantamento pouco vulgar em collegio, e sobretudo, ver que a distincta professora poz em pratica um methodo muito aproveitavel. Entre os trabalhos que vi, notavam-se: uma cópia de *Chilton*, de Jacottet, em papel pelé, um grupo de fructos, papel pelé e um ramilhete a *gouache*, pela Exma. Sra. D. Georgeta Moreira; *Vue Prise a Larat, Mayenne*, de Jacottet, cópia a *crayon* e aguada, papel pelé, e um grupo de fructos pela Exma. Sra. D. Paulina Gomes; *Chateau des 1 fils Aymond, Gironde*, de Jacottet, bellissima e poetica cópia a *crayon* e aguada, papel pelé, e outra bonita cópia de *Un sourire maritime*, pela Exma. Sra. D. Virginia Cardoso; grupo do fructos, aquarella sobre papel branco, pela Exma. Sra. D. Virginia Moreira e outros trabalhos neste mesmo genero, pelas Exmas. Sras. D. Maria Alzira Guimarães e Raphaela Guerra.

Esses mimosos trabalhos, cuidadosamente feitos, onde se adivinha a delicada mão da mulher e o sentimento artistico que começa a resplandecer

naquellas innocentes almas, ainda cheias de creança e castidade, fizeram um bem inexplicavel.

Da aula de trabalhos de agulha foram-me mostrados magnificos e ricos bordados, *crochets* de gosto e grande numero de ornamentações de lã, que considera como uma pequena industria da qual as classes pobres podem lançar mão.

O. DE NIEMEYER.

Maió, 12, 1885.

—(—)

O illustrado e distincto medico Dr. Silva Araujo recommençou hontem na Polytechnica Geral o seu curso de molestias de pelle e syphilis.

Foi a primeira conferencia deste anno, e como nas do anno passado o illustre professor manteve-se na altura do seu assumpto, e viu a vasta sala repleta de ouvintes attentos.

THEATROS

Houve nesta semana uma estréa: a da companhia portugueza de opereta, dirigida pela Sra. Irène Manzoni.

Nada podemos dizer da companhia, pois que não nos foi possível encontrar na vespera quem nos vendesse uma cadeira e a emprezaria não teve para com-nos a delicadeza que usou para com outras folhas: — não nos mandou um bilhete de entrada.

O que ali fica não significa uma queixa, porque *A Semana* não está, felizmente, no caso de sollicitar obsequios de empresa alguma.

Não somos dos que entendem que um jornal não deve fallar de um espectáculo para o qual não foi convidado, pois que isso parece-nos indicar que as noticias são para servir as empresas e não o publico; o jornal que bem quiz servir os seus leitores hade informá-los de tudo que se passa, sem olhar a paixões nem a despeitos pessoas, visto que os leitores nada têm com o facto de ter sido ou não convidado o jornal que assigna para esta ou aquella festa.

Fazemos estas rapidas observações com o fim unico de nos desculparmos com os nossos leitores de não darmos apreciação da nova empresa da Phenix Dramatica, que na quarta-feira representou *A Filha da Senhora Angot*.

No Lucinda houve *réprise* da *Dama das Camelias*. Como esta é uma das peças mais antigas e mais conhecidas do repertorio moderno, julgamo-nos bem dispensados de massar os leitores com uma estirada de critica.

O desempenho foi muito regular. Creemos não fazer uma injustiça a distinctissima actriz Lucinda, dizendo que o papel de Margarida Gauthier é dos mais refractorios a sua indole artistica. Margarida é um typo absolutamente romantico, profundamente sentimental, e a notavel actriz ageita-se mais com a linha ironica, desdenhosa e mordaz da princeza de Falcomière e da baroneza d'Ange ou com a nota accentuadamente comica e bregeira da Sra. Des Prunelles. Não admira que nos vastos recursos de seu talento lhe falte a tristeza lacrimosa e a abnegação taciturna e apaixonada de Margarida.

Todavia, apesar da desigualdade do seu desempenho, ou por isso mesmo, ella faz admiravelmente algumas scenas da peça.

O Sr. Furtado desempenha com inteira correção o pequeno mas importante papel do velho Duval.

O Sr. Eugenio, com um pouco mais de calor e de vehemencia estaria perfeitamente na pelle de Armando.

Os outros artistas não têm neste dra-

ma papeis apreciaveis, mas concorreram para que a peça se mantivesse no gráo de apuro a que nos tem acostumado o bom gosto do Sr. Furtado Coelho.

Na proxima terça-feira, 19, faz beneficio neste theatro o estimavel e sympathico actor Baptista Machado, com a primeira *d'A sociedade onde a gente se aborrece*, a deliciosa comedia de Pailleron. Nesta peça tem o beneficiado um dos seus melhores papeis.

As qualidades pessoas que distinguem o sympathico actor e auctor, levarão por certo ao theatro, na noite da sua festa, ainda maior numero de admiradores do que os do seu merito artistico, que são muitos.

..

E' effectivamente no dia 20 que no Recreio Dramatico faz beneficio o distincto actor Dias Braga, com a primeira da bellissima lenda tragica, em verso, de Echeegaray, — *No seio da morte*, traduzida pelos nossos collegas Valentin Magalhães e Filinto de Almeida.

Esta peça, cujo original foi offercido ao beneficiado por S. M. o Imperador, é uma das mais bellas do vasto theatro do grande poeta hespanhol, um dos maiores escriptores dramaticos da actualidade.

A distribuição é a seguinte:

D. Jayme, conde de Argelez—Dias Braga; Beatriz, condessa—D. Helena; Manfredo, bastardo de Argelez—Lisboa; Joanna—D. Leolinda; Roger, escudeiro—Castro; Berenguel, alcaide—Maia; D. Pedro III de Aragão—Maggioli; Cabrera, soldado—Domingos; Zurita, idem—Rangel; Um pagem—Bragança.

A acção passa-se em 1285.

O primeiro acto em um castello dos Pirineos e os segundo e terceiro no castello de Argelez.

No Príncipe tem agradado muito o grande drama—*Noites da India*. A empresa prepara com afan uma nova peça de grande espectáculo, do genero do *Guarany*. E' *O Rei dos Selvagens*.

No Polytheama tambem deve estréar brevemente a companhia da actriz Fanny, com a magica—*O Genio do Fogo*, original do actor Primo da Costa.

RUY VAZ

Scenas da Bohemia Fluminense

por

Aluizio Azevedo

I

— Ora até que afinal chegámos! O vapor acaba de levantar ferro!

— Mas só amanhã pela manhã desembarcaremos...

— Como assim?

— Não se pôde desembarcar depois das seis horas da tarde.

— Temos então de passar ainda esta noite a bordo?

— Com certeza.

— Diabo!

— E' ter paciencia.

— E eu que estou morrendo por conhecer a Corte.

— Agora pouco falta. Uma noite passa tão depressa!

— Nem sempre.

Este ligeiro dialogo fazia-se entre dous rapazes que vinham do Norte, a

bordo de um dos paquetes da «Companhia brasileira de navegação a vapor.»

Pareciam estudantes. Um teria vinte annos; era magrinho, de olhos pequenos e fundos, tez amarella, cabellos pobres e pernas muito compridas; o outro indicava ter quinze, quando muito, era reforçado, curto, cheio de vida, gesticulador e loquaz como um cearense.

Aquelle trajava de preto, com a cabeça engolida por um infornec boné de seda; os pés á frouxa n'umas chinellas de trança; o pescoço escondido nos mysterios de um triste *cache-nez* de lã roxa. Ao passo que o outro vestia casemira clara, paletó aberto, camisa de chita listrada, mostrando francamente o intersticio das clavioulas.

Neste, ao contrario d'aquelle, tudo eram symptomas de força e saude. O bom humor, que nada mais é do que esses dois elementos em ebulição, trahia-se-lhe de vez em quando por fortes gargalhadas, que lhe escapavam da boéca que nem o vapor pela valvula.

E a sua gravata azul, de pontas soltas, e o seu chapéu de palha, enterrado um pouco para a esquerda, e o seu cachimbo á um canto dos labios, e as suas botinas de bezerro com um dedo de sola; tudo isso como que servia de complemento áquelles gestos desembaracados, áquelles olhos irrequietos e aquella fogaça loquacidade, a que tudo cedia, logo que ella se desencadasse.

Chamava-se Ruy e vinha de sua provincia, fugindo ao pai, Manoel Vaz, um portuguez antigo e rispido, que á força de murros e ameaças queria-lhe abrir no coração o gosto pela vida commercial.

Além da tremenda decepção paterna, deixava atraz de si a colera de uma madrasta, que o acaso lhe dera desde o berço, mas que nunca o amara.

Manoel Vaz tinha quarenta annos de negocio. Percorrera toda a escala da vida commercial; principiára como caixeiro de venda e chegára a commedador.

Por varias vezes fallira; por varias vezes levantára a cabeça. Fora estabelecido com armazem de secco e molhados; fora negociante em grosso; tivera loja de modas, tivera loja de feragens e, afinal, vivia agora de pequenas especulações que, dizia elle, davam-lhe apenas para o pão de cada dia.

O filho nunca lhe merecera grandes preocupações.

Creseu quasi ao Deus dará, entre a má vontade da madrasta e a rispidez do pai.

Este só lhe apparecia á noite, quando voltava do trabalho e, mal o vio capaz de algum serviço, pol-o ao balcão.

Ruy aprendeu a ler e a escrever, teve rudimentos de francez e arithmetica; feitos, porém, os doze annos, nunca mais frequentou aulas.

— Para que mais? dizia o pai—A mim nunca me ensinaram tanta coisa e nem por isso dos mais asnos! Si o rapaz tem vontade de saber muito, que aprenda depois, a sua custa. Ninguém lh'o poderá impedir. O que mais tarde elle não conseguirá é habituar-se ao trabalho, si en desde já não o encarrear pelo bom caminho!

Ruy obedecen, sem a mais ligeira sombra de protesto, mas pouco depois, quando o seu espirito começou a desenvolver-se com a leitura dos livros que lhe cahiam nas unhas, uma revolta secreta se foi erguendo dentro d'elle.

Um dia fallou ao pai com franqueza e pediu-lhe que o mandasse a estudar em S. Paulo ou Pernambuco.

— Pergunta-me primeiro si tenho recursos para isso! respondeu o velho, com máo humor.

E, como o filho fizesse um ar de surpresa, poz-se a fallar no muito mal em que iam os seus negocios ultimamente; das novas difficuldades que lhe surgiam de instante a instante, e até no receio de que lhe não viesse a faltar para a velhice um canto onde cahisse morto.

— Pois eu para o commercio não sirvo! replicou o rapaz.

— Procura então outro meio de vida! E's perfeito, tens saúde, sabes ler e escrever, atira-te! não serás eu quem t'o prive!

— Mas em que me hei de empregar?

— Não sei! Procura!—Olha! quando eu vim da terra ainda não contava a tua idade, não tinha ninguém por mim, e contudo cheguei a jogar com um capital superior a tresentos contos, e ainda cá estou para o que der e vier!

E não se lembrava, o Sr. Manoel Vaz de que elle, quando veio da terra, era um pobre aldeãozinho, innocente e nullo, quasi irracional, e que seguia para os Brazils como um boi que caminha para a piza; enquanto que o filho, pro facto mestico de duas raças contrarias, creado na americana fartura de sua patria, convivendo desle muito e lo com espiritos mais ou menos revoltosos pela oppressão portugueza, não podia deixar de volver os olhos para horizontes mais largos, mais elevados e mais ao sabor de seu temperamento brasileiro, romantico e apaixonado.

De sorte que, chegado o momento em que o commença a quiz ter mão sobre o filho, este lhe fugiu por entre os dedos e pinchou para a Corte.

E, agora, depois de uma longa viagem, sem dinheiro, sem protecção, sem contar com nenhum amparo nos seus quinze annos, Ruy Vaz, do tombafilho do vapor, contemplava essa grande cidade, a cujo seio ia lançar-se com todo o atrevimento das primeiras illusões.

O Rio de Janeiro apparecia-lhe ao longe, ameaçador e silencioso, cercado de montanhas e mergulhado nas sombrias ondas da noite.

Distinctamente so se podia ver a illuminação das ruas.

Era uma constellação de pequeninos fogos enfileirados, que a capricho serpenteavam, já torcendo para a direita, já subindo pelos morros, ou resvallando até ao fundo tenebrosos dos valles.

Qual seria o destino que alli o esperava? que tal seria aquella gente com quem tinha elle de viver? Que especies de desgraças ou de fortunas lhe estariam reservadas naquella enorme cidade desconhecida?

(Continúa.)

CLUB DOS DEMOCRATICOS

Esta sociedade deu no sabba do passado um baile nos seus salões, para o qual sentimos verdadeiramente faltarem-nos as expressões e escarcearem os adjectivos.

Se dissermos que foi uma festa deslumbrante, maravilhosa, ferica, nunca vista, incorreremos directamente na banalidade das chapas; se dissermos que elle esteve acima de todos os encontros e que as damas era só como *parastes*, os leitores pótem pensar que estão lendo a *Cousa Nova*, calamidade de que o bom Deus nos defenda. E' realmente uma alrapalhação.

Se a gente se lembrar do bufete, então é que nunca mais acaba a noticia. Imagine-se uma meza de todo o comprimento do vasto salão, separada por um original tabique em forma de barracas de banhos, tola cheia de porcelanas e christaes, com toda uma primavera de flores em magnificas jarras, sortida com todas as ignarias inventadas pelo cos-

nheiro olympico de Jupiter, com o phalerio, a ambrosia e o mel do Hymeto, tulo servido pelo proprio Ganymedes e pela propria Hebe que se des-avergonhou de proposito para vir *escancianar* os amavios nas tancas da Bohemia que os convivas lhe estendiam avidos mais de a ver do que de lhe beber os liquidos.

Assim, bella rapaziada! A commissão organisadora da festa estava de uma amabilidade que chegava a doer!

UM HOMEM GASTO

Sob este titulo appareceu no *Jornal* de 13 um artigo contestando a critica de um romance de L. L., que no passado numero d'1 *Semana* publicamos.

Já temos em nosso poder a competente resposta, que hoje não publicamos por absoluta falta de espaço.

TRATOS Á BOLA

Recebemos d'esta vez 18 cartas contendo as decifrações aos *tratos* ultimos.

D'estas são dignas de nota as que vieram firmadas pelos seguintes senhores:

Ruy Pimenta, Manoel Pedro Guimarães, Josephino B., Francisco de Paula Raugel, A. J. da F. e S., Pery-assú, Palmyra Borba e Samuel Traião.

Os *Nocturnos*, que éra o primeiro premio pertencem ao Sr. Ruy Pimenta e a *Erangelina*, segundo premio, á Sra. D. Palmyra Borba.

Mandem buscar os seus premios. Eis as decifrações: do logogripho—*Iquez de Castro*; da muzical—*Solfa*; das tiburecianas—*Retrato e Papafigo*; das telegraphicas—*Votação, Patronato e Galana* e do inguina—*Mimo*.

Para hoje temos os seguintes *tratos*:

ANTIGA

Nas duas primeiras juntas
Eu já vi terceira entrar
Porem todas reunidas
Po lem terceira matar

TELEGRAPHICAS

1—1—1—Botão e poixe.
1—1—1—Sapat e dinheiro.

VERBAE

Qual o verbo que, nullo e um substantivo que indica saude pro luz um substantivo que indica aversão?

DECAPITADAS I.

(Per syllabas.)

Jesus!—Que grande—! pois se te festei com a.—Que nota é esta—?

Não faz tonta—é melhor que vá vender—mas não aqui—

PREMIOS

Ao primeiro decifrador exacto um exemplar dos *Sonetos e Rimas* de Luiz Guimarães Junior e ao segundo uma colleção do 1º trimestre d'1 *Semana*.

E até sabba do queridos charadistas.

D. PASTEL.

1 Começa-se a decapitar do fim.

RECEBEMOS

— «Bellas-Artes; estudos e apreciações» de Felix Ferreira; um bello volume de 310 paginas, impresso nas officinas de Pedro Jardim e Gaspar, e editado pelo Sr. Balomero Carqueija Fuentes. A capa é a tornada por uma linha gravura de Leopold Heik.

Occupar-nos-hemos deste livro em artigo special.

Do Sr. José de Mello, representante no Brazil da importante casa editora David Corazzi, de Lisboa:

—«A Estrella do Sul» ultimo romance do fecundo popular Julio Verne. A impressão é magnifica e magnificas as numerosas gravuras que adornam o volume.

—«O Calastro da policia», grande romance traduzido do hespanhol, acompanhado de bellos chromos.

Estas obras, como quantas edita a casa David Corazzi, são publicadas a preços modicos, e bem merecem a enorme acceptação que têm tido.

—«Lyrios e goivos», versos de Cypriano de Miranda. Batnrite. O autor, que conta apenas 19 annos de idade, conclue assim o seu prefacio: «... se não agradarem os meus pobres versos, por falta de fragancias rhetoricas, ou por que o nome do autor nada significa, é sempre certo que tive o prazer de os ter composto. E' essa a ver-la e o mais agradável, o mais dura louro, talvez o unico prazer que passa sentir um verdadeiro artista.

—«Relatorio da Sociedade Portugueza de Beneficencia, em S. Paulo», apresentado pelo seu president Abilio Soares.

—«Quinto relatorio para ser apresentado á assembléa geral dos accionistas da companhia E. de F. do Oeste de Minas, pela Directoria da mesma.»

—«Ns. 7, 8 e 9, anno IV da excellente Revista Maritima Brasileira.

—«Revista Illustrada»; n. 108, (anno X.) Muito chistosa nos desenhos e no texto, e, como sempre, muito amavel para commos; amabilidade que de coracão agradecemos.

—«A *Vespa*, n. 16. O Netto continua a progredir, o que muito nos contenta. No texto que está como de costume—*rarisant*, encontram-se algumas linhas a respeito da nossa critica theatral, sobre a *Denise*, as quaes muito nos lizongeiaram.

Pelinos venia para transcrever as palavras finaes.

«Como se vé, o escriptor dessas linhas tem observação e talento. Devia ser convidado para substituir o menino que se assigna *Quidam*, descriptoriosamente investido pelo *Jornal do Commercio* das altas funcções de critico dramatico. Eu o recomendo ao gran le orgão. Chama-se Filinto de Almeida.»

O nosso collega confundido pelo elogio, enborsado pela modestia de estylo, agradece com uma profunda enrvatura tanta benevolencia e tão finas amabilidades...

—*Tiradentes*, commemoracão annual anno VI. Collaboram nesta publicacão patriótica os nomes mais conhecidos e mais respeita los entre os nossos escriptores republicanos.

A *Illustração*, n. 7, anno II. Traz na primeira pagina um bello retrato de Emilio Zola.

O texto é como sempre, magnifico! A *Vespa*, n. 18. A pagina intitulada *Perdida Esperanca...* é bem desenhada.

Quanto ao texto... muito bom.

Mequetrefe, n. 374. Não traz na primeira pagina o retrato de um commenda lor on de um visconde, traz simplesmente duas figuras que representam os dons partidos monarchicos consultando os horizontes politicos. As outras paginas são boas.

O texto, como sempre, bem feito.

O *Jockey*, N. 1. O nosso collega diz que tem hevi lo uma grande falta na arena jornalística que e, segundo um topico do artigo que enche a sua primeira columna: «a de uma folha que tenha por fim esclarecer o publico, quanto á qualidade dos animaes e dos seus feitos, de forma que, quando queira arriscar o seu dinheiro em apostas, o que por certo não aconsellamos, esteja em pé de igualdade com aquelles que, por circunstancias especiaes, conhecem as probabilidades que tem cada animal de ganhar, e por isso apostam com vantagem, aproveitando-se da ignorancia do publico em geral.»

Por isso recommendam-lo ao publico.

E vida longa, collega!

Do Sr. João Duarte Filho dons livros de suas poesias. O primeiro intitula-se *Sciintillações* e o segundo *Peregrinos*. Vamos lê-los.

Do Sr. Luiz Olympio Telles de Menezes um exemplar do seu livro *Manual de Steuographia Brasileira*.

Do Sr. A. H. de Souza Bandeira, um volume de sua obra—*Estudo de Direito Administrativo*.

Ciúca de Maio, ode heroica de Alexandre Manzoni e trez versões em portuguez, sendo uma de S. M. o Imperador.

O livro está muito bem impresso, o que não admira, pois saiu das officinas de Moreira Maximino & C.

CORREIO

Sr. OSCAR VERNEY—Ficamos scientes do que nos disse em sua carta.

Sr. AMILCAR XARPO—A' vista da leitura que fizemos da carta que acompanha o seu *conto a lapis* na parte em que o Sr. se defende da *injustiça* que fizemos com a *D. Almida*, temos a dizer-lhe que a nossa opinião fica de pé e a sua... assentada, carissimo Xarpot.

Quanto ao seu *conto a lapis* damos-lhe uma boa noticia bre...ve...men...te tel-o-ha n'á *Semana*.

Sr. R. AZAMOR—O seu soneto...Não, não fallemos n'isso...

Sr. L. A.—A sua poesia entre os VI e os X que tem por assumpto *as scenas de um quarteirão de uma rua no Cattete*, não é má, palavra de honra!

E com isto está satisfeito o seu desejo, que era ter *duas palavrinhas apenas* sobre o seu trabalho.

Sr. IR—O seu mote *Que olhar!* dedicado a Alberto d'Oliveira é...Não; para que envergonhal-o!

Faça consa melhor e...appareça.

Sr. HYPOLITO DA SILVA—Aceite os nossos parabens, mesmo porque nós recebemos tanta cousa ruim, que quando alguem nos manda um trabalho como o que o Sr. nos mandou ficamos...admirados.

O seu soneto *No Guanabara* é verdadeiramente bom e publical-o-hemos brevemente.

Sr. OSORIO BRAGA—O seu soneto *A Almida*—é bom...mas faça cousa melhor e mande.

Sr. GAYA.—O seu soneto (sempre o soneto; que mania!) intitulado *A ILLUSÃO* é publicavel. Brevemente ha de lê-lo em uma d'estas columnas.

Sr. A. CACHAPEZ (Goyaz).—As suas quadras—*Drama de Amor*, são verdadeiramente de principiante. Corrigil-as não nos é possível; falta-nos o tempo, o preciosissimo tempo, e além disto a vida é tão curta...

ANNUNCIOS

Portuguez, francez e Inglez
—Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

Dr. Henrique de Sá—Espec. Syphilis e molestias das crianças. Consultorio:—rua Primeiro de Março, 22, de 1 ás 3 horas da tarde. Residencia:—rua de S. Pedro, 294.

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

DR. ARAUJO FILHO

MEDICO PARTEIRO

Residencia

Rua do Visconde do Rio Branco n. 36.

À AURORA DO RIO

ALFAIATARIA DE FREIRE & COELHO

131 Rua do Hospicio 131

ERNESTO PINTO COELHO

SOLICITADOR

VILLA DE PADUA

GAZETA MUSICAL

Revista quinzenal de theatros, musicas e bellas-arts. Retratos das maiores notabilidades artisticas, biographias, artigos de critica, correspondencias de Paris, Londres, Berlin, Vienna, Milão, Leipzig, Hamburgo, Madrid e Rio de Janeiro, poesias, romances e sempre

24 PAGINAS DE MUSICA

4, 5, 6 e 7 peças de autores celebres, allemães, francezes e italianos

EDICÇÃO ESPECIAL PARA O BRAZIL

N. 1

Publicado em 15 de Agosto de 1884

Assignatura mensal em dous numeros. 2\$ fracos
Com exclusão do porte de Correio para as provincias.

Acha-se completo o primeiro trimestre, comprehendendo 6 numeros encadernados em um só volume, ornando um magifico album, proprio para presente

PREÇO 6\$000

REPRESENTANTES NESTE IMPERIO

H. LAEMMERT & C.

66 RUA DO OUVIDOR 66

LIVRARIA UNIVERSAL

EVANGELINA

POEMA DE

H LONGFELOW

TRADUCCÃO DE

AMERICÓ LOBO

Vende-se nas livrarias Faro & Neves, Laemmert e Serafim José Alves e no escriptorio desta folha a

2\$000 o exemplar

JAMES E. HEWITT

PROFESSOR DA LINGUA INGLEZA

134 RUA DO ROSARIO 134



HOTEL NOVO MUNDO

SERVIÇO PROFUSO E VARIADISSIMO

Bons vinhos garantidos, salão reservado para banquetes, os quaes serão servidos conforme o preço que se ajustar.

13 RUA PRIMEIRO DE MARÇO 13

PROPRIETARIO

JOÃO DIOGO SOARES DE BRITO

HOSPEDARIA FIEL

Rua da Alfandega n. 236 e Travessa de S. Domingos n. 2

Os proprietarios deste vasto estabelecimento têm a honra de apresentar a concurrencia publica bonitos quartos mobiliados, espaçosos e muito arejados, offerecendo toda a garantia de segurança, aonde os Srs. viajantes podem pernoitar livres de risco. Todos os compartimentos com linda vista tanto para a travessa como para a rua da Alfandega.

A casa está aberta toda a noite. Preços modicos. LIMA & XAVIER

RESTAURANT VOLTAIRE

29 RUA DA URUGUAYANA 29

Almoço..... \$800 | Jantar..... 1\$000

SERVIÇO ASSEIADO E PROFUSO

Parece incrível que por tão modestos preços se possa comer tão bem! Pois venha verifical-o, quem duvidar á

29 RUA DA URUGUAYANA 29

A SEMANA

COTE

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

PROVINCIAS

Trimestre..... 2\$000
Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

Director—VALENTIM MAGALHÃES

Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDO E, 36, SOBRADO

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATFAZADO 200 RS.

SUMARIO

Victor Hugo—Historia dos sete dias; Valentim Magalhães—Crime do Rio Bonito—Luiz Barbosa da Silva; Lucio de Mendonça—Um homem gasto; Norico—Politica e poéticos; Ambrosio Severo—A Illustração—Bellas Artes; A. F.—Ray Vaz, romance; A. Azeredo—Theatros—Questão litteraria—Criminal; Araripe Junior—Recebemos—Correio—Victor Hugo—Annuncios.

A SEMANA

Rio, 23 de Maio de 1885.

VICTOR HUGO

Acaba de fallecer o primeiro poeta da Franca, isto é: o primeiro poeta do mundo; porque a Franca da Encyclopedie, a Franca de Victor Hugo é a patria da Civilização, o nucleo de todas as aspirações, de todas as lutas, de todos os seculos.

O mundo inteiro sentio hoje um estremeamento novo.

A dor que se costuma sentir pela perda de uma pessoa intima, tomou um caracter estranho—generalizou-se.

O universo onvio assombrado a quebra do maior genio da poesia contemporanea.

Os proprios homens de espirito como que se habituaram a velo como materialmente immortal.

A immortalidade subjectiva nelle confundia-se com a temporariedade da existencia objectiva.

E' tão grande a sua gloria, a sua sombra envolve de tal modo o seculo XIX que julgam que ella não é a projecção das suas idéas, da acção directa que ellas exerceram na esphera politica e litteraria do seu tempo, mas sim o desdobramento colossal da sua estrutura material.

A grandeza humana é isto:—é Victor Hugo.

Para se ser verdadeiramente grande é preciso ser assim.

Todos os poetas que se recolham á sombra desse magestoso carvalho, como elle chama Zola, ainda repetem os cantos que ali ouviram psalmodiar os passares mysteriosos, que cantavam ora a monotouia do céu do Oriente, com os seus denses e as suas legendas sombrias,

ora o espirito violento que irrompeo do phenomeno politico do seculo XVIII.

Acaba de morrer o primeiro homem da Franca, acaba de transpor o mysterio impenetravel da morte aquelle que vio desfilar ha pouco tempo deante do seu palacio da avenida Eyl ou Pariz inteiro, isto é: o mundo.

A Franca vai conceder-lhe o premio de tantas lutas, de tantos sacrificios.

Chegou o momento da Franca dar-lhe o tumulo, que era só o que elle pedia, o que consubstanciava todas as suas aspirações

«Pour prix de mon exil, tu m'accorderas, Franca,

Un tombeau.»

Porém a patria de Voltaire, a patria de Danton, a patria em cujo céu fecundo surgiu a aurora da redempção do espirito moderno, e que se apoiou á ficção de uma vontade celeste, despotica, o facto natural e logico da evolução e do progresso, é pequena para cont-lo. Aquelle corpo precisa de um tumulo maior, aquelle espirito de uma esphera psychologica mais ampla.

O seu corpo vai ter um tumulo maior que a Franca: o mundo,— e a sua memoria viverá sempre no espirito dos povos que se acostumaram a velo como a encarnação luminosa dos extraordinarios acontecimentos que estão intimamente ligados ao esforço collectivo de todas as nacionalidades modernas.

Para dar a mais imperfeita idéa do que foi Victor Hugo e do que ha de ser na Historia da Humanitaria, um artigo é pouco e não ha espaço nem tempo para escrever um livro. Limitamo-nos por isso a enviar os nossos pezaes á Franca, e á civilização.

A redacção d'A Semana, apenas teve noticia do fallecimento do grande poeta, envolveo em crêpe a sacada do edificio em que está installada e fez serrar as suas portas. Resolveu em seguida como outras tantas demonstrações de pesar, tomar luto por oito dias e convidar a acompanhá-la nesse acto todos os homens de letras residentes na capital do imperio; de licar o seu numero proximo ao grande homem do seculo, com a collaboração dos nossos mais distinctos escriptores, e promover por

meio de uma reunião de todos os jornalistas da cote — a realisação de uma grande sessão litteraria em homenagem a Victor Hugo, reunião que terá lugar hoje, ao meio dia, na sala desta redacção.

Por esta forma acredita A Semana interpetrar de maneira condigna, os sentimentos da patria brasileira para com a memoria do illustre morto.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Ha cinco dias que o mundo inteiro tem os olhos voltados para a capital da Franca n'uma dolorosa ansiedade, n'uma afflictiva expectação.

Ha cinco dias que na capital do Brazil, como em todas as cidades servidas pelo telegrapho, um unico acontecimento tem occupado as attentões, sómente um assumpto tem levado para as conversações dos particulares como para as chronicas dos jornaes.

Esse acontecimento extraordinario, esse triste assumpto — é a enfermidade de Victor Hugo.

Na terça-feira, 19 do corrente, foi a população desta cidade surprehendida com a bitura na Gazeta de Noticias, do seguinte desagradabilissimo telegramma:

«Pariz, 18 de maio.

Acha-se gravemente doente Victor Hugo.

O seu estado inspira serios cuidados. A noticia da doença do grande poeta causou profunda sensação em Pariz.»

E desle esse instante a capital do imperio só teve um pensamento:— Victor Hugo está gravemente enfermo; uma só preocupação:— Como terá passado Victor Hugo?

Quem pergunta, no entanto, pela saúde do grande homem que vai dar o seu nome ao seculo? Quem estremece pela sua vida? Quem ergue a Deus o pensamento implorando a salvação do grande poeta? Quem? Os seus filhos e os seus amigos.

Esse homem, ora prostrado sobre o leito do soffrimento e talvez da morte, em Paris—longe, tão longe!— esse homem é o pai de nos todos que nomejamos este poderoso instrumento de vida e morte, o qual, mais forte que o proprio dinheiro faz a paz e a guerra:— a penura.

Todos nós que, estudando o passado, encaminhamos o presente, a preparar o futuro; todos nós que batalhamos a grande batalha eterna da vida intellectual, enclendo o seculo com o ruido formidavel dos prélos, das conferencias, das discussões, dos theatros, dos meetings, das rebeliões; todos nós — os lavradores do pensamento,— que arrotemos com a penna o campo infinito das idéas, ora sorrindo nas esperanças de

colheita opima, ora vergando ao desanimo, ante a fraqueza da intelligencia ou ante força de resistencia dos erros e dos preconceitos, herveas laminihos e contaminosos que empestam o seculo, empecen lo a lavragem bendita da Verdade, ora venci los, ora vence tores; mas sempre labntan lo, regan lo sempre com o suor do rosto e o sangue do coração a sementeira de luz, nos sulcos rasga los nas carneças aridas e duras da ignorancia e da estupidez a força de immenso trabalho e á custa da propria vida; to los nos que,—pouco ou muito, muitissimo ou quasi nada—concorremos para a construcção do templo cyclopicó do Amor Universal em que hão de ser a lora los o Trabalho e a Paz sobre o altar da Verdade, to los nos somos filhos desse octogenario sublime, lesse velho gigante moribundo, forte como Gilliat, illuminado como Euforas, implacavel como Gwinplaine e puro como o bispo Bemvindo; todos nos somos filhos desse genio colossal que se pode ser compara lo, quan lo é preciso retrata lo, aos proprios heroes dos seus livros, ás suas proprias creações!

Para os povos de to lo o mundo, o velho cuja vida corre perigo enorme neste momento, que talvez neste momento já não perlanga ao numero dos vivos, esse divino velho foi sempre um amigo, o melhor, o mais leal, o mais heroico, o mais fiel dos amigos.

O tu, quem quer que sejas que estás leu lo estás luh is—o teu maior amigo vai partir... Vacs perder o teu maior amigo!

Mas tanto os solha los da Luz, como os povos lo mundo bem sitem e reconhecem que é um pai e um amigo que está gravissimamente enfermo, soh o cutello impie loso da morte.

E é por isso que a enfermidade de Victor Hugo foi o maior acontecimento e o assumpto principal destes cinco dias ultimos em to las as cidades, villas e logarejos on lo tenha chegado a lamentavel noticia.

Consequentemente, *A Semana* só pode escrever a historia dos sete dias ultimos pela seguinte maneira:

Segunda-feira, 18.—Victor Hugo adoecce gravemente;

Tercera-feira, 19.

« Continua a ser gravissimo o estado de Victor Hugo.

« O grande poeta conserva toda a lucidez lo seu espirito, e diz que chegou o seu ultimo momento. »

Quarta-feira, 20.—« Victor Hugo continua muito mal.

A molestia causa-lhe crises frequentes e é extremo o seu estado de fraqueza.

Os mellicos assistentes poucas esperanças tem de o salvar e o dño já como quasi desenganado.

A molestia do eminente homem de letras despertou em todo o mundo grande interesse.

Numerosissimas são as cartas e telegrammas que affluem á sua morada, e muitas pessoas têm ido á casa de Victor Hugo deixar o seu cartão de visitas. »

Quinta-feira, 21.—« E' desesperado o estado de Victor Hugo. Não ha esperanças de que se salve. »

Deus salve Victor Hugo!

VALENTIM MAGALHÃES.

Post scriptum.

Sexta-feira, 22.—« Falleceu Victor Hugo, á 1 hora da tarde. »

E falleceu sem ter assistido á commoção lo primeiro centenario da revolução franceza, sem ter visto completar-se a edição nacional de todas as suas obras—essa edição colossal que vac ser o maior successo da exposição uni-

versal de Paris, em 1889 e que seria o complemento da obra titanica do grande genio, o—monumento grandiosissimo da sua immortalidade—em villa!

Elle tinha razão quan lo dizia, conscio do seu valor, que a sua morte deixaria um grande vazio no seculo.

Sim; hoje que Victor Hugo transpoz o limiar do eterno mysterio da morte, que nem o seu proprio genio pode decifrar, pode-se dizer que o seculo está fin lo.

Victor Hugo nasceu com o seculo XIX; o seculo XIX morreu com Victor Hugo.

V. M.

CRIME DO RIO BONITO

VINTE E DOIS RÉUS

Realisa-se no dia 25 do corrente na villa do Rio Bonito o julgamento dos autores do arrombamento da cadeia e do barbaro assassinato dos escravos presos como implicados na morte do fazendeiro José Martins da Fonseca Portella.

São em numero de 22 os réus d'esses gravissimos delictos. D'elles a maior parte é formada de fazendeiros, mais ou menos abastados, chefes de familias respeitaveis e cidadãos morigerados e laboriosos. No primeiro numero desta folha promettemos contar toda a historia d'este crime hediondo; não o fizemos ainda, nem o faremos, por emquanto, por não desejarmos de nenhum modo perturbar a acção da justiça. Limitamo-nos a dizer que muitos,—a maior parte—d'esses homens, que vão sentar-se no banco dos réus, foram arrastados ao crime por *circunstancias extraordinarias*, algumas com força de justificativas legaes.

O crime de muitos d'elles consistiu unicamente em *haverem acompanhado os cabeças* da sanguinolenta expedição, obedecendo a uma serie de imposições de ordem moral, que hão de naturalmente vir a publico; e nenhuma participação tiveram na execução dos crimes por que vão responder ao jury.

O certo é que o verdadeiro ou verdadeiros responsaveis d'essas atrocissimas scenas, nada soffreram, nada soffrem e nada hão de soffrer.

Vão ser punidos os *instrumentos*, mas a mão que os dirigio e manejou, essa, continuará a estender-se á sociedade e a ser por ella acolhida sem a minima noção de culpa ou pena.

E' velhissima esta historia, e, portanto, nada tem que possa causar espanto ou estranheza.

Calcula-se que entre réus, juizes, advogados e testemunhas cento e tantas pessoas figurarão neste importantissimo processo.

Sabemos que os réus serão acompanhados e defendidos pelos seguintes advogados: Drs. Geminiano Brazil, Bento de Almeida Pereira, Bernardo de Vasconcellos, Rodrigues Coelho e Valentim Magalhães.

O constituinte d'este ultimo é um moço lavrador de 30 annos de idade,

muito estimado no municipio, e que apenas por um triste capricho do acaso se achou envolvido nesse drama negro e sangrento; pertence ao numero d'aquelles infelizes a que acima especialmente nos referimos.

De tudo quanto se passar no jury do dia 25 e seguintes informaremos em supplemento os nossos leitores.

Luiz Barbosa da Silva

Se os fluminenses são, como eu piamente creio, uma sociedade intelligente e culta, deve ainda ali haver viva memoria d'este homem de grande merecimento. Advogado e jornalista, redactor da *Actualidade*, folha liberal das mais brilhantes que tem tido o nosso jornalismo, e, depois da *Republica*, da grande, da que foi, mais tarde, apedrejada pela policia do Sr. Duarte de Azevedo, Luiz Barbosa, cujo nome faz parte das tradições sagradas do partido republicano do Brazil, era, na vida privada, um original.

Sob este aspecto, modestamente anedoctico, é que a *Semana* o recorda hoje.

Cousa singular! este pensador que pode offerecer-se como exemplo de inquebrantavel coherencia, de perfeita harmonia sythematica de idéas, era, em outras relações, um caracter muito contradictorio.

Em materia de forma litteraria, por exemplo, era interessante observalo. Luiz Barbosa nunca foi escriptor correcto: basta dizer que nutria a convicção de que o se portuguez, signal de voz passiva do verbo a que se juncta (*se o junta*, era elle capaz de dizer), é exacto correspondente do pronome pessoal infinitivo francez *on*: d'ahi, aquella horripilante syntaxe do *se o*, tao commum no nosso parlamento e, ai de nos! até na nossa imprensa,—*uão se os pôde ver, se se a considera*,—e analogos horrores!

Pois este mesmo escriptor tinha immensa sensibilidade artistica em questoes de forma, e, nesse ponto, verla-deiras idiosyncrasias litterarias, semelhantes ás de Ramalho Ortigão na sua theoria das affinições les mysteriosas de certos nomes com certas idéas, como *Ermelinda* com cheiro de fructa (talvez pela semelhança com marmelo) e *Estevam* com aparas de madeira preta. Para Luiz Barbosa o emprégo, a leitura, o simples aspecto, de certos termos repugnava-lhe mais do que a propria cousa expressa: tinha náuseas ao ouvir ou ao lér a realmente chulissima palavra *chulé*. A forma *acabar de*,—*acababa de publicar-se*,—*acabamos de lér*,—causava-lhe calafrios.

Outra contradicção do seu caracter era em materia de dinheiro. Era, conhecivelmente, gastador; mas tinha ás vezes accessos de economia que chegavam a ser comicos em um mãos-largas como aquelle.

Lembra-me que, uma vez, mandou chamar um dentista, para umas obturações a ouro. O dentista costumava cobrar 10\$000 por obturação, mas de uma cavi tale so; se o dente era curia lo em direcções diversas, contava outras tantas obturações. O dente que Luiz Barbosa lhe appresentou era d'esta ultima especie ruinosa,—era cariado em tres pontos. O cirurgião declarou-lho.

— Quanto me custará então o seu trabalho? perguntou, muito sério.

— Trinta mil réis.

— Trinta mil réis! Olhe, senhor! não tenho na bocca nem um dente que valha isso! por esse preço, se quer,

venho-lhos todos! Arranque, á escola!

Outra particularidade, ainda notável em homem tão facilmente corajoso: tinha um me-lo fabuloso, mex primível—de cães hydrophobos.

Dizia, ao ver passar alguém de sapatos, na estacão calmosa:

— Estes illuminados são uns heroes! Vej um este homem, com sapatos, por estas ruas cheias de cães illuminados!

E usava botas Méhès, de canoas altas, por dentro das calças, até quasi aos joelhos.

Era finamente educado; mas levava ás relações de individuo a individuo o seu claro espirito de rectidão. Dous bellos exemplos d'isto:

Um dia, entra-lhe na sala de redacção da *Republica* e aproxima-se da sua mesa um cidadão francez, de tres distinctos, e pergunta-lhe, em francez, se é o Sr. Dr. Luiz Barbosa. Barbosa responde-lhe com uma ceremoniosa inclinação de cabeça, e, ainda com o gesto, convidando-o a sentar-se n'uma cadeira proxima. Sentado, entra o homem em longa fallaa, ainda em francez, expondo o fim da sua visita. Quando acabou, Barbosa, muito grave, sacudindo a cabeça:

— Não comprehendo o francez.

Torna o homem na mesma lingua, e declara que sabe que o Sr. doutor falla perfeitamente o francez, que estive já em Pariz...

— Sim, estive em Pariz, meu caro senhor, e fui á redacção de jornaes, mas la falli, como Deus foi servido, o francez que pude arranjar. Aqui agora, numa redacção de jornal braziteiro, não estou muito resolvido ao mesmo incommodo: queira o senhor, por sua vez, fallar o portuguez que souber.

— Só quando o outro, com sobeismos e barbarismos e asneiras de todos os tamanhos, resolve-se a estropiar o idioma de Camões, resolveu-se Barbosa a comprehender-lhe e a attender-lhe com toda a cortezia.

De outra vez, foi n'um bond, com um perdivilho da corte.

Entrou o rapazola, em caminho, e com tal desaso que pisou um pé a Luiz Barbosa, a cujo lado veio sentar-se, olhando ainda para elle com uma cara muito enfezada, como se lhe exprobasse o aborrecimento do tropéico.

— Meu senhor, observou-lhe Barbosa, perfeitamente calmo, é costume, quando se causa involuntariamente a alguém o incommodo que o senhor me deu, pedir desculpa.

— Ora! não reparei no seu pé, tornou-lhe o janota com mau modo.

Barbosa callou-se, mas uão o perdeu mais de vista—para o caso do outro ter de sair em caminho; uão sahiu, foi com elle até á estacção do largo de S. Francisco. Allí, mal parou o bond, levantou-se Barbosa rapidamente e entrou a passar, uma, duas, tres vezes, por cima dos pés do pelintra estatelado. E posso garantir-lhes que naquelle momento não lhe tremia um musculo no seu bello rosto pallido.

Mais um traço, para acabar.

A um antigo alabardeiro do paço, depois demagogo guedelhudo e protegido seu, revertido agora definitivamente ao regimen da albarda e do cabelleto rente, dizia Luiz Barbosa:

— So lhe conheço uma qualidade boa: ser honesto em materia de dinheiro; mas isto é apenas uma qualidade negativa—é não ser larapio.

Aquello não se enganava com o Sansão da Liga Operaria e da revolução das enouras, a quem uma Dália perdida, o *Jornal do Commercio*, apurou a melena, mas respeitou os pedaos.

LEUCO DE MENDONÇA

Maio de 1885.

UM HOMEM GASTO

Pelo *Jornal de B* sahiu um tal *Estudioso*, agredimento o autor destas linhas em termos pouco decentes e com machaçoções improprias de um escriptor de fina tempera. Pelo despeito que reguma do artigo vê-se que *Estudioso* e L. L. são uma e a mesma pessoa.

Estudioso enama-nos de *critico novico*. Advinhaon... seguramente tem *Estudioso* razão para fazer assim por achar-se no caso d'aquelles cuja callote craneana consolidou-se; portanto é impenetravel aos progressos, e se nao mentem as lições dos proussionaes que estudaram o caso Castro Maita, é um homem acabado. Dada a sua *sensibilidade litteraria* e tudo quanto na de vulgar no seu livro de 210 paginas.

Temos pena de L. L. e por isso vamos limitar nossa resposta a proposições muito concisas.

É evidente que L. L. enfureceu-se por que se lhe negou a qualidade de *naturalista*. Isto não é crime. Dizer a verdade nunca constituiu offensa. Como, porém, procuramos tiral-o d'essa illusão, que se abrigou sob a bronzea abobala de sua callote craneana, talvez porque introduziu em seu livro algumas parases acrevilas, algumas allasões pornographicas, eito-o a lançar fogo e a provar que ninguém tinha attingido ainda tao supremo grão de força *naturalistica*.

Se L. L. não tivesse vindo com desaforo nos limitariamos a definir mais claramente a idea. A sua impertinencia, pois, nos obriga a dizer tudo, e a esculpecer o publico sobre o verdadeiro merecimento da obra.

L. L. quer metter-se em lenha? Pois tome lenha.

O *Um homem gasto* é um romance incolor e chato, tanto na forma como nas ideas. Não ha assumpto, que mais possa encher as paginas de um livro do que o que foi escolhido por L. L.; nao ha que duvidar. Não pense elle, porém, que isto seja para ensoberbece-lo, primeiro porque não soube pensar-o, segundo porque não soube exprimir-o, condições sem as quaes não ha obra e d'arte possivel.

Simplicidade de acção, reclama L. L.!

Mas saiba S. S. que ha simplicidade e ha simplicidade. Não existe acção por mais simples que pareça que, analysada por quem sabe usar da analyse, não se reduza a uma enorme complexidade de causas, de que ella é a resultante. Foi justamente por não possuir a faculdade de analysta, que L. L. não soube pensar o seu assumpto, o qual é, sob esse ponto de vista, complexissimo. É o desenvolvimento d'essa faculdade que constitue o traço caracteristico dos romancistas naturalistas. Nao eram *incidentes descommunaes, situações melodramaticas*, á Ponson du Terrail, o que o *Novico* exigia do estudo de L. L.; era a accumulacção de observações suggestivas, a massa de factos artisticamente coordenados, para produzir no espirito do leitor a illusão do desenvolvimento logico de uma alma, de um defeito, de um vicio, de uma serie social, etc. Veja L. L. os processos empregados pelos mestres para chegar ás suas *proprias ideas*, e se convencerá de que temos caradas de razão.

Quanto á expressão o que diremos? Uma consequencia fatal d'aquella qua-

lidade. Já Horacio, na sua arte poetica diz: *que so pòde bem descrever quem bem observa*. Aristoteles tambem affirmava na sua *Esthetica* que difficilissimo é fallar-se com propriedade em cousas communs. O caso precisamente do *Homem Gasto*.

L. L. não tem noção do que seja *expressão*, nem muito menos distingue a expressao chamada classica da romantica, a romantica da naturalista, etc. Um portuguez mais claro não sabe o que quer, nem como pensa, nem como se ha de expressar, principalmente tratando de um assumpto tao grande e ao mesmo tempo tao corraquer, como é o do seu romance, um assumpto que aliás é a obsessão de todos os romancistas da escola a que elle tem a pretensão de pertencer, desde Balzac até Zola.

Em summa L. L. fez o que muitos artistas de theatro costumam fazer quando não comprehendem o actor que interpretam. L. L. disse o seu papel, e disse mal, em phrase colorotica e escrofulosa. No mais, cingimo-nos, por ora, a remettel-o para um livro que anda hoje por todas as mãos — a *Esthetica* de Veron, cap. V e VI; ou, se quiser estudar os segrelos da composicção mais conscienciosamente, a Faine, *Idéal dans l'art*, I, 64, Ren lelet, *l'art d'écrire*, livro II, Ordinaire, *Rhetorique nouvelle*, introduccção; isto para não recomenhar-lhe obras mais pesadas, de mais difficil digestão.

No ultimo autor pelo menos encontrará a razão porque muitas vezes um homem do povo, ignorante, referindo um acontecimento commum, que o impressionou, consegue ser mais eloquente e expressivo do que o litterato sem talent que se metteu a descrevel-o *secundum artem*.

O Novico

(Continúa)

POLITICA E POLITICOS

Até o momento em que escrevo são dois factos importantes deram-se no nosso mundo politico: a desistencia da candidatura do Sr. Dr. Ernario pelo 5º districto de Pernambuco em favor do Dr. Joaquim Nabuco e a fallaa de Sua Magestade.

Parabens ao paiz por esta desistencia.

Era necessaria a presença do illustre pernambucano na camara temporaria.

Tudo quanto tem feito os conservadores e liberaes para obstar a entrada do Dr. Nabuco no parlamento, provem do receio de que elle possa destruir os planos e confundir as aspirações que alimentam o espirito e presidem ao actos da maioria.

Fraca pelo talento, desprestigiada na opinião publica, destituida de criterio e de senso, a camara teme que os seus projectos sejam frustrados e para isso lança mão de todos os meios inconvenientes e capciosos para levar por diante os seus criminosos planos.

Veremos o que ella tenciona fazer ainda com o novo diploma do Dr. Joaquim Nabuco.

O paiz que se prepare para assistir a mais este insulto e a mais esta indignidade.

Felizmente este povo já se habituou ao insulto.

O seu caracter amolda-se a tudo.

S. M. deve estar contente com a sua obra e tranquillisar-se.

Conseguiu corromper o fundo de consciencia que parecia alimentar o seu espirito.

Admiravel poder dos monarchas!

A fallaa com que o imperador encerrou a sessão extraordinaria, sobre ser frivola, é criminosa.

O que me causa verdadeiramente pasmo é o sangue frio com que Sua Magestade insulta o paiz que governa.

Pois Sua Magestade tem a coragem de dizer que as nossas « condições sanitarias permanecem satisfactorias, tendo-se apenas a lamentar algumas casas fiteas de febre amarella, occorridos na corte e recentemente na Bahia? que a questão do elemento servil exige uma solução que tranquilise a nossa lavoura? » que « sua muito amada filha a Princesa Imperial e seu muito amado genro o Sr. Conde d'Eu, regressaram com felicidade da viagem que fizeram a algumas provincia do sul », etc.?

Pois então serão proprias de um homem illustrado (como dizem ser o Imperador) estas trivialidades, esta falta de sinceridade, este indifferentismo para tu lo quanto interessa a nossa vila e a nossa propriedade?!

Até quando Sua Magestade querera repetir-nos estas chapas e abusar assim da lamentavel situação em que nos collocou?!

Ah! Sua Magestade tem sabido reinar, porque tem sabido dissimular.

O seu reinado é uma dissimulação continua, uma serie de monstruosidades.

Antigamente em Franca por qualquer cousa gritava-se: — Viva o rei!

Quando Turanne, crivado de feridas, recolhi-lo á sua tenda de guerra, estava prestes a expirar, victima da sua bravura e do seu patriotismo, bra gritavam: — Viva o rei! em vez de saudarem a Turanne e aos soldados francezes.

Entretanto, o rei madornava mollemente « sob os pavilhões da voluptuosidade », indifferente a tudo, aos factos importantes que se davam a cem leguas de Paris.

A mesma cousa deve fazer o povo brasileiro.

Enquanto um pequeno numero brada contra as iniquidades do segundo reinado, enquanto as idéas novas crescem, desenvolvem-se, accentuam-se no espirito d'este pequeno numero e o impellem á lucta, o povo brasileiro deve gritar como o povo francez no seculo XVI: — Viva o Rei!

AMBROSIO SEVERO.

" A ILLUSTRACÃO "

Acabamos de receber deste magnifico periodico illustrado, de que é director Mariano Pina, e que se publica em Paris, uma d'essas provas de consideração e de sympathia, tão honrosas e tão delicadas, que tolhem a quem as recebe a propria manifestação do agradecimento.

De facto, não sabe *A Semana* como manifestar á *Illustração* o quanto a honrou, o quanto a honrou, o quanto a desvaneceu a pagina do seu n. 8, em que se encontra esplendidamente reduzida pelo processo photo-typico a primeira pagina do nosso n. 4, tendo ao centro habilmente desenhado á penna pelo distincto pintor portuguez Ramalho, um retrato do director d'*A Semana*.

Só lhe diremos que essa bella pagina da *Illustração* aloreza em um quadro o nosso escriptorio lembrando-nos a todo instante a grande divida de que é nosso credor esse magnifico periodico illustrado, e estimulando-nos ao trabalho e

á lucta, com o incentivo dos seus benevolos applausos.

Ao nosso illustre collega director da *Illustração* agradecemos ainda uma vez mais a sua amabilissima distincção e pedimos venia para honrar as nossas columnas com a transcripção das palavras excessivamente lisongeiras que sobre a nossa folha e seu director escreveu, acompanhando o desenho que nos de licou.

São estas:

« A SEMANA »

O jornal de que hoje damos uma redacção, acompanhada de um retrato á penna do seu director desenhado por Monteiro Ramalho, appareceu ha pouco tempo no Rio de Janeiro, e representa as aspirações d'um grupo de moços escriptores que provam largamente naquella folha que não é pequena nem doente a vida litteraria na capital do Imperio.

Como todos os semanarios deste genero, *A Semana* é uma agradável exposição de prosa e verso, destacando-se principalmente a parte critica onde são tratados com brio, e com audacia mesmo, todos os acontecimentos mais importantes que as folhas diarias relataram nos sete dias decorridos. *A Semana* tem encontrado publico, e publico sympathico, e parece-nos que um bello futuro a espera se consegue transformar-se lentamente n'uma revista de caracter definido, que seja a expressão do espirito brasileiro moderno, que seja a expressão da vida litteraria e da vida universitaria do paiz, como outras revistas do mesmo genero que se publicam em Franca, em Inglaterra e na Belgica.

Para isso não falta talento aos seus collaboradores onde ha nomes que já tem passado com successo pelas paginas da *Illustração*, especialmente nomes de poetas; nem talento nem coragem ao seu director Valentim Magalhães, um poeta estimado e que ha dous annos se tem revelado na *Gazeta de Noticias* um jornalista de grandes recursos, escrevendo todos os dias um artigo sob o titulo geral de *Notas á margem*. Este esforço de produzir diariamente uma dezena de folhas de papel causou admiração entre a imprensa fluminense onde o artigo pittoresco, isto é a *chronica*, é pouco cultivado. E o moço jornalista conquistou rapidamente um lugar brilhante, pelas suas qualidades de estylo e facilidade de producção. Não diremos que os seus artigos reunidos produzam uma collecção tão agradável como a de *Parisis* no *Figaro*. O assumpto ás vezes era escasso, o artigo tinha de se fazer, e o artigo em certos dias mostrava apenas o desejo de fazer a cousa para descargo de consciencia, — não o trabalho paciente de quem se preoccupa todas as manhãs de trabalhar bem duas horas, sem pensar no jornal. Mas á parte certas irregularidades que nós apontamos de caso pensado, para provar ao publico que lemos com interesse os escriptos de Valentim Magalhães, a maioria dos seus artigos é excellentes e forma uma invejavel bagagem. Pena é que a sua existencia seja tão ephemera; que depois de lido se atire com o jornal para o canto; e que muitos daquelles artigos transformados em paginas de livro não possam ir adornar as estantes do seu paiz, onde, como em Portugal, os volumes são cada vez mais raros, não porque o publico não leia, mais porque os verdadeiros escriptores não se sentam todos os dias á sua banca de trabalho como deviam — pensando mais em se sentar ás bancas das secretarias de estado. Emfim, o escriptor antes de ser escriptor quer ser

um burocrata, e é por isso que devemos applaudir com tanto mais enthusiasmo todos aquelles que confiam cegamente no que vale e no que pôde produzir uma penna, intelligentemente dirigida.

BELLAS ARTES

ESTUDOS E APRECIACÕES

por Felix Ferreira

Começando esta rapida noticia acerca desse trabalho, applaudimos a intenção principal do seu auctor no tangente á necessidade de se tornarem conhecidos entre nós os poucos artistas que illustram a arte brasileira. Sob esse aspecto a tentativa do Sr. Felix Ferreira é digna dos louvores da imprensa e da geral animação.

O trabalho divide-se em diversos capitulos, assaz longos e facilmente delineados, principalmente o primeiro, em que o auctor traça um rapido esboço das origens e do desenvolvimento das bellas artes até os nossos dias.

Não é sempre fiel á historia; á parte porém os erros em que revela a sua não proficiencia na materia, como por exemplo as inexactidões desculpaveis em um amator que nunca contemplou os verdadeiros scenarios da arte, e contenta-se de usar da linguagem de escriptores estrangeiros cuja fidelidade é muitas vezes contestavel, á parte esses senões inevitaveis em critico brasileiro que não sahio do seu paiz, o precitado amator da historia da arte dá boa idéa dos seus talentos e da sua aptidão.

E' por esse lado que o seu opusculo merecerá ser conservado nas mãos d'aquelles que o receberam em mimo.

Sahindo porém dessas apreciações geraes ou puramente theoreticas, onde não pôde imperar a paixão, nem perturbarem o espirito considerações estranhas ao deleite do escriptor em narrar e expor, caher o Sr. F. Ferreira em menos desculpaveis enganos, e offende a verdade desconhecendo as principaes condições do bom critico, isto é, a imparcialidade e a sobranceira intellectual.

Os artificios com que tenta nivellear reputações estabelecidas sobre uma longa serie de factos incontestaveis e de alta significação com outras menos explicaveis e merecedoras do publico acatamento, os esforços com que procura co-honestar essa deslealdade de escriptor em detrimento da verdade, e digamol-o, da sua propria reputação de moço illustrado, são tão palpaveis, que não poderão escapar a quem folhear o livro.

Mais do que os gallicismos, ausonismos, barbarismos, neologismos, de que usa constantemente, constituem esses defeitos a parte negativa do folheto, a parte intencionalmente má, que engloba o verdadeiro e o falso de modo a dar a ambos o mesmo aspecto, estabelecendo como facto aquillo que é diametralmente contrario á realidade.

Não desceremos aos nomes proprios como já o fez com rara delicadeza o Sr. Carlos de Lact, para mostrar a injustiça do Sr. Felix Ferreira, tratando do Dr. Pedro Americo; e nem o poderiamos fazer no curto espaço que nos é franqueado para esta ligeira noticia; mas não podemos deixar de dizer que, muito mais do que a arte está na infancia a critica brasileira; por consequencia não pôde ainda esta guiar o artista; maxime se este, como o Dr. Pedro Americo, tem, n'uma multidão de periodicos, folhetos e grossos volumes escriptos na velha Europa, em linguagem e expressões que encheriam de orgulho ainda o homem o mais modesto, a prova irrefragavel do alto apreço com que alli, no berço e perpetuo theatro da arte, sempre foram tidos os seus trabalhos.

Concluindo, necessitaremos somente que a justiça e a imparcialidade são a principal garantia de vida de toda a expressão de juízo; e que o escriptor que pretender deixar protestos contra ou a favor dos seus contemporaneos, dispense das paixões que tendem a destruir-lhe o criterio e tirar o valor das proposições que emite.

A. F.

RUY-VAZ

Scenas da Bohemia Fluminense

POR

Aluizio Azeredo

I

(Continuação)

— Com a breca! exclamou elle, voltando-se para o outro rapaz, e appettando tragicamente para a cidade que lhe apparecia ao longe, como uma grande massa negra, crivada de pequeninas luzes vermelhas, — Ou eu levo o diabo por uma vez ou hei de encontrar alli um furo por onde passe esta cabeça!

— Quaes são os teus projectos no Rio de Janeiro?

— Sei cá! Trabalhar, estudar, fazer-me homem, ganhar a vida.

— E ainda não tens alguma carreira de olho?

— Muitas.

— Isso é não.

— Será, mas é assim.

— E qual d'ellas teucionas abraçar de preferencia?

— Ainda não sei — talvez a pintura, a caricatura, talvez a litteratura, talvez o theatro, talvez o jornalismo, talvez tudo isso a um tempo.

— Já vejo que tens muita confiança em ti...

— Plena!

— E supões que qualquer uma d'essas coisas a que chamaste carreiras se alcance com tanta facilidade?

— Ora! Tudo se alcança, quando ha força de vontade e bom estomago!

— Sim, mas o estomago quanto mais forte, menos resiste á fome; e a vontade, quanto mais ardente, mais depressa se extingue!

— Theorias!

— Dentro de muito pouco tempo, reconhecerás a justeza do que agora te digo.

— O que ninguem diria é que essas palavras sahem da bocca de Etophilo!

— Não é o poeta que falla neste momento, é o homem pratico.

— Ah! Pois tu tambem és homem pratico? E não me dizias nada, hypocrita!

— Que seria de mim se não fosse o meu bom senso? Estaria a ostas horas enterrado no sertão da provincia, em vez de estar no terceiro anno de Direito.

— Sim, mas não foi com o teu bom senso que escreveste aquellas esplendidas poesias, poesias que determinaram o teu futuro e a boa protecção de varios conselheiros de Estado.

— Isso é exacto. Si não fossem as minhas poesias, não teria estudado; mas tambem, si não fosse o meu bom senso, não me teria eu sabido aproveitar da impressão que ellas causaram sobre os meus actuaes protectores.

— E o caso é que tens o presente garantido pelos teus altos admiradores, e o futuro pelo inextimavel pergaminho em que S. Paulo tenciona embrulhar-te d'aqui a dous annos.

— Se eu não morrer antes disso...

— Se morreres, tanto melhor para ti, e tanto peor para aquelles que contam com a tua gratidão e o teu eterno reconhecimento. Olha que logro, heim?

— Quem me dera a tua saude!

— E a mim quem dera o teu estro. Havia de fazer versos até arranjar tambem meia duzia de conselheiros que me puzessem ao abrigo das primeiras necessidades—casa, comida, roupa lavada e engomada e dinheiro para o bond.

— Teus versos são quasi quasi tão bons como os meus. Assim eu d'esses um pouco mais da forma.

— Ora, deixa-te d'isso!

— Imaginação não te falta!

— Bem sei, e é justamente com o auxilio d'ella que eu consigo transformar o sujo lençol das minhas necessidades em esplendido manto de seda azul, constellado de estrelinhas de ouro.

— E's um doudo.

— Pode ser, mas dou-te a minha palavra de honra em como não ha no mundo homem mais feliz do que eu! Qual foi nesta viagem o passageiro mais alegre, mais paudego e que mais se divertio?

— Ah! Não ha duvida que foste tu; só as tuas interminaveis caricaturas bastaram para trazer isto em constante hilaridade.

— E forcoceram-me dinheiro para gastar nos portos..

— Como assim?

— Pois não. Vendi todos aquelles desenhos.

— Vendeste-os?

— A dez tostões cada um.

— Oh!

— Que queres. Eu estava sem vintem.

— E agora?

— Agora restam-me seis mil réis.

— E é com esse dinheiro que vais saltar na Corte?

— Esse dinheiro, uma duzia de camisas, meia duzia de coronhas, tres gravatas, lenços, meias, dous fates, dous chapéus, muita esperanza, uma bengala e este cachimbo.

— E onde vais morar?

— Não sei. Onde puder. O Rio de Janeiro é tão grande! Ha de ser impossivel que entre aquella porção de casas não haja um quarto para mim!

— Criança! não conheces o Rio de Janeiro!

— Mas me conheço a mim, ora essa!

— Eu, se não fosse para S. Paulo, convidava-te a morar em minha companhia.

— Ah! Não te assustes! Deixa estar que eu hei de me arranjar.

— Trazes cartas de recommendação?

— Nenhuma.

— Então, antes de seguir amanhã para S. Paulo, hei de apresentar-te a alguns amigos.

— Aceito.

— E posso fazer ainda uma coisa. Dou-te vinte mil réis.

— Queres dizer que m'os emprestas...

— Ou isso. Vem a dar na mesma.

II

No dia seguinte, ás seis horas da manhã, saltavam os dous rapazes no cães Faroux.

Etophilo, que já conhecia a Corte, affectava por ella grande indifferença; enquanto que Ruy parecia muito empenhado em tudo que se apresentava defronte dos seus olhos.

E as exclamações de enthusiasmo sahiam-lhe da bocca, quasi sem intervallão.

E preciso não ter nascido e crescido no Rio de Janeiro para se poder julgar da impressão que esta bella cidade produzia no espirito do rapaz.

Os fluminenses, habituados desde o berço com as naturaes magnificencias de sua patria, já se não commovem defronte dos esplendores que ella grupa em torno de quem a habita.

Mas o provinciano, que vem cansado da aspera monotonia do norte; o provinciaño, que até ali só vio em redor de seus passos longas planicies de areia ou porentos mattagões bravios; esse,

coitado, ao penetrar n'este immenso edeu, embalsamado e tépido, sente acordar dentro de si, uma por uma, todas as fibras que elle trazia intactas no fundo de sua alma contemplativa e romantica.

— Por Satanaz! exclamou o bohemio. Isto é muito mais bello do que eu imaginava!

— Sim, respondeu Etophilo, mas não fiques ali no cães, de pernas abertas e mãos nas cadeiras, que precisamos dar destino a tua mala!

— Manda-a para onde mandares a tua.

— Mas, filho, tu bem sabes que eu vou hospedar-me em casa do Dr. Mendes.

— E' verdade! Não me lembrava.

— O melhor é deposital-a em qualquer parte, até que tu has para onde a mandares definitivamente.

— Mas onde?

— Ora! No primeiro armazem de cargas. Eu me encarrego disso.

— E gritando para um homem de ganho.

— Olá! Essa mala para a rua da Carioca, no ponto das cargas.

— So esta?

— Só. E por quanto faz o carreto? perguntou o outro rapaz.

— O patrão veja o que quer dar.

— Tome lá duzentos réis.

— E' pouco.

— Pois tome quatrocentos, e mus-quesse!

— De cinco tostões.

— Vá lá. Aqui os tem. Siga.

Por esse tempo, já Etophilo acabava tambem de desembarcar-se da sua bagagem, e os dous, caminhando ao lado um do outro, atravessaram o largo do Paço.

(Continúa.)

THEATROS

Esta semana houve, felizmente, duas primeiras representações. *Ox filhos de Adão*, segun la-feira, no Lucia; e *A Ave do Paraíso*, terça-feira, no Sant'Anna.

Ox filhos de Adão é uma comedia ligeira, em tres actos, do notavel poeta hespanhol Euzebio Blasco, já conhecido do nosso publico por duas magnificas peças cada qual no seu genero: *O Leuco branco* e *O joven Telemaco*.

Esta nova comedia é admiravel de simplicidade e de graça. O assumpto corre naturalmente diante do espectador, sem o minimo esforço, subindo de interesse de scena para scena; as situações, muito comicas e naturaes, são tratadas com maestria, conhecendo-se sempre o pulso adestrado no difficil jogo das scenas theatraes. *Ficelles*, apparecem lá de vez em quando, mas disfarçadas com muita arte; e este recurso dramatico é muito desculpavel, mesmo porque não conhecemos comedia alguma que não se tenha servido d'elle, nem mesmo as dos mais afamados mestres, inclusive a justamente celebre de Pail-leron *Le monde où l'on s'ennuye*.

O desempenho correu regularmente se desculpamos ao Sr. Arthur Bellido as hesitações que teve em varias scenas, porque o papel que lhe coube é um pouco mais difficil do que aquelles a que está acostumado o novel actor, e porque todo o seu trabalho tem de correr a par do do Sr. Baptista Machado, artista já feito e affeito a vencer difficuldades de papeis comicos.

O Sr. Ferreira teve um papel insignificante, que representou satisfactoriamente.

As Sras. Adelina e Sara, representaram com bastante graça e naturalidade, sendo muito felizes em algumas scenas.

A comedia foi ensaiada com grandes captichos de marcação, especialidade em que Furtado Coelho é entre nos mestre inegualavel.

Terça-feira realizou-se o beneficio do sympathico actor Baptist Maclado com a *sociedade onde a gente se aborrece*.

A casa estava cheia de admiradores do distincto artista, que foi muito victoriado e recebeu varios presentes de valor, entre os quaes um magnifico relógio e corrente de ouro com uma medalha cravejada de brilhantes, offerta da empreza e de alguns amigos.

Lá lhe deixamos tambem o nosso bilhete de emprimentos á falta das joias orientaes que desejamos offerrecer-lhe.

A AVE DO PARAIZO

Sabido á scena do theatro Sant'Anna na noite de 19 do corrente esta opereta (?) le Lecocq, libretto dos famosos Chivot e Duru.

Pelo acolhimento que lhe fez o publico e pelas impressões que nos deixou não cremos que se demore por muito tempo nos cartazes daquelle estimado theatro, de todos os da corteo que mais conta com o favor e a sympathia do publico.

O acolhimento foi frio e as impressões pouco agradaveis.

Para esse resultado concorreram varias causas, antes devidas á propria peça do que ao desempenho que lhe deu a companhia do Sant'Anna.

Na *Ave do Paraizo*, librettistas e compositor, não tiveram a fortuna alcançada em tantas outras peças, em tola parte applaudidas.

O libretto é pouco interessante, pouco divertilo e muito arrastado, me liçero, em summa. Faltam-lhe situações francamente comicas, imprevistas e delicadas; as personagens não se distinguem n'um certo originallidade ou pelo chiste dos typos, nem pelo espirito dos diálogos.

So se exceptua Bricoli—o conde corralo—que fez la mão da filha o que do seu voto fez o Sr. Simimbu Junior: ora a concede, ora a recusa:—*sim, não; não, sim.*

A musica nem parece de Lecocq, o famoso autor da *Fille de Madame Angot*, de *Giroflé-Girofla*, d'*O Dia e a Noite* e de tantas outras operetas de musica facil, saltitante—deliciosa.

Na *Ave do Paraizo* deitou sabença musical, mettu-se em funduras de opera comica e naufragou n'um mar de sem-saboria e trivialidade. Não quer isto, comtudo, dizer que não haja nesta peça alguns trechos realmente bons.

Citemos, no primeiro acto, a aria da *Rosinha*—o *oiseau bleu*—, as coplas da gargalhada no 2º acto, que foram cantadas por Guilherme de Aguiar (*Bricoli*), de um modo inimitavel, com muito gosto, muito chiste, e inteira correção; o final d'esse mesmo acto:—*Avançar! Avançar!* o ductto de Beppo e Rosinha e o coro dos *condottieri* no terceiro acto, que fez verdadeiro successo.

E além desses ainda ha outros numeros de musica, que produzem bom effeito.

Quanto ao desempenho, demos o logar de honra ao insigne Guilherme de Aguiar, um artista de primeira ordem, sempre consciencioso e sempre feliz; que *erê* quantos papeis desempenha e que, infelizmente, ainda não recebeu do publico e da imprensa a justiça a que tem direito.

Depois—Rose Meryss, que se apresentou vestida com extremado gosto e muito luxo.

Pollero, Delmary e Delsol cantaram bem, apesar das grandes difficuldades que tiveram a vencer; Mattos, Arcas e os demais artistas concorreram para que a peça houvesse tido uma interpretação muito aceitavel.

Os coros pouco numerosos e vestidos com algum descuido, portaram-se ga-

lhadamente. A orchestra, salvo um ou outro *eschilo* esteve digna de encomios.

Ora ahí está o que nos pareceu o *Oiseau bleu*, nesta ligeira noticia, rabisca-la a *vol d'oiseau*.

Não foi um *fiasco*;—menos ainda um *successo*.

Conclusão:—Vá o Sr. Heller tratando activamente da peça, que deva substituir a *Ave do Paraizo*.

Deve subir hoje á scena do Recreio a *Filha do Guees*, comedia-vauville em 3 actos, imitada da peça franceza *Les Bousigneul* «por um dos melhoes escriptores brazileiros», diz o annuncio. A musica e da intelligente compositora nacional D. Francisca Gonzaga.

A companhia Fanny deve dar na proxima semana a primeira da magica *O Genio do Fogo*.

A companhia Manzoni continúa com a *Filha da Sra. Angot*.

Deve chegar ate ao fim d'este mez a grande companhia franceza de opera comica e buifa, empreza Sebastiany.

Por ordem de S. M. o Imperador foi transferida do dia 20 para o principio do mez proximo a primeira do *No Séo da Morte*, que é em beneficio do actor Dias Braga, director da companhia do Recreio.

QUESTÃO LITTERARIA

QUAL O MAIOR POETA DO BRAZIL?

Por absoluta falta de espaço não publicamos hoje a continuação da votação insirindo apenas algumas cartas que já deviam ter sido no numero passado:

« Ilm. Sr. Dr. Valentim Magalhães.

Recebi a carta de V. S., a que acompanhou o n. 15 d'*A Semana*, no qual se propoe a questão—Qual é o maior poeta do Brazil?

Não desejo, que me considere incivil, deixando de responder; por isso o faço, diz ndo apenas, que não conheço nenhum dos nossos poetas, que se destaca sensivelmente dentre os demais pelo conjuncto dos trez predicados—de mais inspirado, mais fecundo, e mais original—a que cumpre atender na resposta, conforme o explica o artigo da *A Semana*, que apresenta á preselta a questão; todavia forçado a emittir opinião, declaro-me por Gonçalves Dias.

Sou com estima

De V. S.

P. collega venerador

T. de Alencar Araripe

Rio, 5 de Maio de 1885.

« Em resposta á honrosa carta que se dignou V. Ex. de dirigir-me, questionando-me sobre a minha humille opinião ácerca do melhor poeta brazileiro, tomo a liberdade de pon ler a V. Ex. que por demais embaraçado me vejo para acudir ao honroso appello a mim feito, entre varios motivos, pelo de não ser um litterato e menos habilitado a promulgar juizo seguro sobre assumpto d'esta ordem. Meio cultor de sciencia, sem grandes sobras de tempo para a litteratura, que aliás muito aprecio, so poderia ser averbado de incompetente para juiz d'esse certamen.

« Demais, me parece sobremodo difficil a solução de tal questão lançada em absoluto, porquanto é possivel encontrarem-se nas diferentes formas da poesia, taes como a lyrica, epica, satyrica, etc., um nome que se possa reputar o primeiro em uma d'ellas e muitas vezes o ultimo nas demais.

« Eu que pretenha suppor Laurindo Rabello o nosso primeiro repentista, não me julgarei autorisalo a equiparal-o aos mediocres poetas lyricos brazileiros.

« Entre estes, peço permissão para confessar que sempre julguei-me mais suavemente impressionado pelo nosso poeta Gonçalves Dias.

« V. Ex., entretanto, não me considere no numero dos que podem concorrer com peso de opinião para a solução do seu interessante problema.

« Honrado com a sua benevola consulta e lettra, julguei-me obrigado a corresponder a essa prova de consideração que venho agradecer.

« Subscrevo-me, pois, com a maior consideração, de V. Ex. muito attencioso venerador e criado obrigado—*Moncorvo.* »

Do Sr. Dias da Silva Junior recebemos as seguintes linhas:

Muito penhoralo fico a V. Ex. pela honraria que me dispensou, e se em assumptos litterarios o meu voto pole ter valia, aqui o dou com a isenção e franqueza, que me são costumeiras.

Por quiesquer das faces porque se estule, aprecie ou admire Domingos José Gonçalves de Magalhães, mais tarde Visconde de Aragnaya, não se pode com justiça negar-lhe o primeiro logar entre os poetas brazileiros.

Para assegurar-lhe essa posição entre os nossos poetas basta-lhe-hia os *Suspirios Poeticos*, se com outras joias do seu riquissimo escriptorio não nos houvesse mimosado, acrescentando ter sido o creador da escola romantica no Brazil.

Eis externado o meu voto e lamentarei se for de encontro ás convicções de V. Ex., pois n'este como em todos os assumptos da minha vida, suborlino-me ao sentencioso dizer de Alexandre Herculano:—Isto penso, isto digo, isto sinto, isto vai no papel, que le outro mo lo não sei fallar nem escrever.

De V. Ex. patricio e admirador.—*Dias da Silva Junior.*

GERMINAL

II

(Conclusão)

Na impossibilidade de resumir aqui as idéas emitidas sobre esse momentoso assumpto, por Spencer, Bain, C. Bernard, Virchow, St. Mill, Lewes e outros, seja-me licito transcrever as palavras de Sciliani nos seus *Prolegomenos á Psychogenia Moderna*, commentando o aphorismo que mais circula hoje no mundo scientifico, de « que o facto psychico e o facto physiologico são irreductiveis aos olhos da sciencia », ou em termos mais positivos—que o homem é impotente para explicar como o movimento se transforma em movimento, como as leis objectivas se convertem em subjectivas,

« No numero incommensuravel de idéas novas e originaes do nosso seculo, diz aquelle autor italiano, existe uma de que pouco caso se tem feito, mas que se deve assignalar como a grande descoberta, a descoberta por excellencia do espirito philosophico moderno: é, para me servir da feliz expressão que St. Mill empregou contra o espirito systematico de Augusto Comte, a de deixar abertas certas questoes: expediente a admiravelmente adopta-lo, não a fazer sciencia e ainda menos methaphisica, mas a avançar com solas de cuumbo no caminho das pesquisas scientificas, um caminho modesto, sensato e seguro.»

E' sabido que para os espiritos preguiçosos não pole haver maior tortura do que esse estado de tensão continua. A critica é a unica condição do seculo,

e, em materia psychologica, não ha progresso possível sem o duplo estudo da alma pelos processos da analyse e synthese, tanto objectiva como subjectiva. Foi esse o methodo que aoptou o grande Spencer no seu tratado de psychologia e Pathé toda a energia das suas proposições.

Emilio Zola querendo entretanto dar-se uma educação philosophica, com suas tenencias revolucionarias, e a sua natureza profundamente idealista, repellido das ensanchas que poderia dar á sua imaginação, pelo receio de passar por um atraziado metaphysico, atirou-se ao extremo opposto. Declarou-se pela psychologia, e procurou extremar no romance e leu um modo dogmatico, as experiencias de Chau le Bernart. D'esse passo erra lo resultaram ao escriptor duas consequencias lamentaveis, por um enornemente logicas, consequencias da alogia) le um methodo contrario a uma fulgurante intelle litteraria:— a primeira foi o pessimismo, e a segunda a lacuna que muitos já têm notado nos seus personagens, a falta de psyché. E' preciso explicar o facto. Os personagens de Zola não denunciam nos seus actos, nos sentimentos, a existencia dos grandes centros, onde se elabora os phenomenos da responsabilidade, da esthesia, da energia, etc., etc. Os seus Coupeau, Engenio Rougon, Lantier, etc., não passam le puro mecanismo la animalidade. D'essa circumstancia não podia pois deixar de nascer um certo vazio na sua obra; outro resultado não podia vir d'esse methodo improprio e antilitterario.

Creio na clinica psycho-litteraria como na veritade, e aceito como facto veritico lo que idéas systematicas lançadas no espirito de individues lota los de certo temperamento produzem os mesmos resultados que o alcool e outras substancias toma las em doses toxicas.

Não ha quem ignore a vida le Elgar Poë, os phenomenos que o alcoolismo produzio n'essa privilegiada organisação, desagregando os centros de actividade, fizen lo-o, durante a terrivel nevrose, perder a noção la realidade, substituiu lo-a pelo assombroso—extrordinario de um modo tão logico como é logica a propria loucura, que não é outra cousa mais do que a perla da seriação conjuncta. Pois bem, Zola marchou para um estado egual, mas determina lo por causa scientifica.

Soccorrendo-me de um dividio que o seu amigo o russo Tonquenet fez da sociedade em trez camadas, comprehendendo la primeira os selectos, a segunda os melhos, e a terceira os monstros, posso dizer que a sua incipiente nevrose litteraria o collocou em um daltonismo tal que não o deixa ver senão os monstros, direi melhor, as monstruosidades physiologicas.

Quando assisti aqui á representação da *Theresa Raquin*, pela Pezzana, houvo, na admiravel execução lo papel da Sra. Raquin por aquella actriz, um traço, que profundamente impressionou-me: foi o olhar da velha paralytica, que acompanha os assassinos do filho, durante os ultimos actos da peça. Esse olhar é uma cousa terrivel, indifinível, porque não é o olhar humano: é uma vibração sem nome na physiologia, que so se encontra nos epilepticos, nos convulsiona los pela nevrose, na morte dos centros directores, na inconsciencia, na anarctia da materia organica. Pois bem, esse olhar sem nome, ou a sensação que elle causa, é a nota predilecta do mestre, e percorre toda a sua obra com uma alma insensata, como a alma do pavor;—a marselheza da nevrose que avança proclamando a aniquilação da consciencia, o na la do esforço, do *nisus* moral educativo.

Emquanto a grandes theses criminaes, Zola, segun lo as naturaes consequencias do methodo que o avassalla, chega aos piores resultados.

Eu, pelo menos, creio que existem quatro typos distinctos de organisações humanas.

a) O homem impenetravel ao crime, isto é, o dotado de tal estrutura e concomitantes habitos mentaes, que a simples intelligencia mal constitue uma perturbação;

b) o indifferente por vicio de educação ou por uma falsa associação de idéas;

c) o doente;

d) o monstro, ou o caso teratologico.

Maudsley no *Crime e a Loucura e Pathologia mental* e parece-me que Lombroso no *Como delinquente*, por ventura exagerando as causas complexas que produzem a penultima classe, dão-lhe o maximo de importancia. Ha mesmo uma escola muito seguida, mas ta abem com lema la por boas anteridade les, escola que teve em Brouvais um dos seus mais valentes cooperadores, a qual attribue o crime unicamente á enfermidade, e trata de substituir o hospicio á tão debatida penitenciaria, tornando portanto inutil a *ameaca* penal, que quanto a mim é hoje o unico meio de educação collectiva possível, para a classe mais extensa, que incontestavelmente é a segunda.

O autor do *Assomoir* fatalmente considera o mundo um agregado le inlividuos mais ou menos aliena los. Quando a sua obra esten ler-se um pouco mais, teremos uma gralção consequentemente pavorosa. Eil-a. Nos seus livros já appareceu o homem vesnico, por força da vesnia de familia; a familia vesnica, por força da vesnia do grupo napoleonico. Agora falta-lhe mostrar esse grupo vesnico, por força da vesnia do povo que o formou, o francez; esse povo vesnico por força selectiva da raça latina, d'essa raça que como se sabe pro luziu os Neros e os Calligulas, os Borgias, o Papa lo e a Inquisição; finalmente teremos a raça latina vesnica por força do vinho que o pai Noé bebeu quando desalçou-se da arca bibeica.

E ainda por cumulo de consequencia diga-se com Schopenhauer e Hartmann, com to los os pessimistas de to los os tempos, de to los os paizes:

— A vida não vale a pena viver-a;

— Ao suicidio em massa!

— Ou então como o nihilista Souvarine o interessante heroe do *Germinal*:

— Ce sont des betises, messieurs.

E façamos ruir a machina social e moral, tão trabalhosamente arranjada pela natureza sob a nossa collaboração, com o mesmo desembaraço com que aquelle desalmado fez inundar e perderem-se as galerias do Voreux.

ARARIPE JUNIOR.

GAZETILHA LITTERARIA

O illustre poeta Theophilo Dias promette publicar brevemente um poema intitulado *Comedia dos deuses*.

O joven poeta Wenceslão de Queiroz, academico de S. Paulo, vae publicar um volume de poesias intitulado—*Accordes*.

Vicente de Carvalho, o autor das *Ardentias*, promette para brevemente um novo livro de versos:—*Manhans de Abril*.

Sob o titulo geral de *Collaboração* abrimos hoje uma secção destinada á publicação de trabalhos das pessoas, que, não pertencendo ao quadro dos nossos collabora lores effectivos, nol-os enviam e offeragam.

E' escusa lo dizer que so figurando nella as composições que a relação desta folha julgar dignas da publicidade, não se responsabilisando de nenhum modo pela sua origem.

CANÇÕES SEM METRO

RUGIDOS DO MAR

— Words, words, words...

Realmente, como são vãos e nullas as palavras!

Homem, universo, vida, natureza... Qual o significado d'esta technologia obscura?

A sabedoria dos seculos accumulou vocabulos e vocabulos definindo o mundo por um systema pretencioso de sons. Sob a combinação chromatica das syllabas, como no envolvero impenetravel das suas apparencias, o mundo vive e persiste, inlemllo sempre, abstru lo e mysterioso.

A investigação dos vocabulos, arrogante e impotente, rui lo e revoltada, levanta-se, offega, arrojase e retrahese—coleras londejames lo mar, assariado contra o promontorio. O mysterio, acoutado nas trevas, vai zombando do embate.

Vocifera e brama o Oceano. O seu destino é esse, o destino da rocha é resistir. Tanto vale, em summa, a energia do granito, como a impotencia do mar.

Rugem as ondas e tombam... porque não vencem?

E a peira... porque triumpho?..

Vãos e nullas são as palavras, Hamleto; mas a obscuridade que as degrada é essa mesma sombra invulneravel e tremen la, alma negra do universo, tormento perpetuo do teu crebro.

Recife, Abril 1887.

RARE POMPEIA.

RECEBEMOS

—*Cathecismo republicano*—por Alberto Salles. Diremos d'esta obra proxima mente.

—*Valentin Magalhães*—estudo, por Sylvio Romero—Edito r S. Paulo Alves.

—*O Sr. Christim e as taes!!!*—palestra comica por Alfredo Calainho.

—Revista mensal da secção da Sociedade de Geographia de Lisboa, no Brazil. Director Eduardo A. de Brito e Cunha. Corresponde le este numero aos mezes de janeiro e fevereiro d'este anno.

—*Ardentias*, versos, por Vicente de Carvalho; Santos. Oppurtunamente escrevemos d'este bom livro.

As *Mictas*, poesias do Sr. Felix Antonio de Almeida. Brevemente daremos nossa opinião.

O *Brazil em Buenos Ayres*, conferencia effectuada, em 30 de Abril de 1882 no palacio da exposição continental de Buenos Ayres, pelo Sr. Dr. José Pereira Rego Filho.

VICTOR HUGO

A Relação d'*A Semana* fez um convite aos seus collegas da Corte, para uma rennião, hoje, ao meio-dia, no seu escriptorio, para se resolver sobre o melhor meio de levar a effecto uma grande manifestação de pezar pela pas-

samento de Victor Hugo, manifestação que seja digna do grande genio que o mundo inteiro chora neste momento; mas sen lo possível, pela pressa com que foram escriptos os convites, ter esquecido algum jornal, convida de novo a todos os seus collegas da Imprensa para a referida reunião e desde já lhes agradece a acquiescencia ao seu pedido.

COLLABORAÇÃO

MORTA

A. E. M.

Ella era bella—se a estatua
Entre as sombras da capella
Dormida sobre um sepulchro,
Immovel, pôde ser bella.

Era piebosa—se basta
A phrase que não consola;
Se o ouro dado por fausto
Pode acaso ser esmola.

Pensava—se o vão ruído
Na debil voz do lamento,
Como a fonte que soluga,
Pode ser um pensamento.

Orava—se acaso os olhos,
Em que o fulgor transparece,
Volvendo-se aos céos e á terra
Assim traduzem a prece.

Ella sorria—se acaso
A flor, que não desbrochasse,
Podera entrar abri-se aos beijos
Do vento, que a abandonasse.

Chorara—se por ventura,
As mãos sobre o coração,
Não sentisse o orvalho frio
Gottejando sobre o chão.

Ella amara—se do orgulho
Sua alma não fosse presa,
Como a lampada de um tumulto
Inutil porém accesa.

Infeliz! fugiu da terra
Sem um só dia viver!
Cahiu-lhe das mãos o livro,
Onde nunca soube lêr!

M. F. LIMA JUNIOR.

Havendo a morte de Victor Hugo ocasionado um acrescimo de materia com que não contavamos, vimos-nos forçados a guardar para o numero seguinte alguns artigos já promptos; entre os quaes:—*O Dr. Luiz Delfino e a Poesia Nacional; Questão Litteraria, Canções sem metro*, de Raul Pompeia; *Galeria jornalística, O Dr. Ferreira de Araujo; Poetas brasileiros, Valentin Magalhães*, por Teixeira Bastos. Desta involuntaria falta pedimos desculpa ao publico e aos nossos distinctos collaboradores.

CORREIO

Sr. M. O.—Não tem razão a sua queixa. A secção *Recebemos* é destinada unicamente ao registro gradnal das publicações que nos são enviadas; por isso não devia o Sr. M. O. estranhar que *A Semana* se houvesse avaliado o *Cinco de Maio* pelo aspecto typographico. O espaço da *Semana* é pequeno e muitos os trabalhos a apreciar. Eis a razão da demora na publicação da critica sobre o *Cinco de Maio*. Um pouquinho de paciencia. A *Semana* não se dispensa nunca de dar juizo sobre qualquer publicação de algum merecimento. Vamos lêr o que nos indicou em sua segunda carta.

ANNUNCIOS

ERNESTO PINTO COELHO
SOLICITADOR
VILLA DE PADUA

DR. ARAUJO FILHO
MEDICO PARTEIRO
Residencia
Rua do Visconde do Rio Branco n. 36.

GAZETA MUSICAL

Revista quinzenal de theatros, musicas e bellas-artes. Retratos das maiores notabilidades artisticas, biographias, artigos de critica, correspondencias de Paris, Londres, Berlim, Vienna, Milão, Leipzig, Hamburgo, Madrid e Rio de Janeiro, poesias, romances e sempre

24 PAGINAS DE MUSICA

4, 5, 6 e 7 peças de autores celebres, allemães, francezes e italianos

EDICÇÃO ESPECIAL PARA O BRAZIL

N. 1

Publicado em 15 de Agosto de 1881

Assignatura mensal ou dons numeros. . . . 25 francos
Com exclusão do porte de Correio para as provincias.
Acha-se completo o primeiro trimestre, comprehendendo 6 numeros encadernados em um só volume, ornado um magnifico album, proprio para presente

PREÇO 6\$000

REPRESENTANTES NESTE IMPERIO

H. LAEMMERT & C.

66 RUA DO OUVIDOR 66

LIVRARIA UNIVERSAL

EVANGELINA

POEMA DE

H. LONGFELLOW

TRADUÇÃO DE
AMERICO LOBO

Vende-se nas livrarias Faro & Naves, Laemmert & Serafim José Alves e no escriptorio desta folha a

2\$000 o exemplar

JAMES E. HEWITT

PROFESSOR DA LINGUA INGLEZA

134 RUA DO ROSARIO 134



HOTEL NOVO MUNDO

SERVIÇO PROFUSO E VARIADISSIMO

Bons vinhos garantidos, salão reservado para banquetes, os quaes serão servidos conforme o preço que se ajustar.

13 RUA PRIMEIRO DE MARÇO 13

PROPRIETARIO

JOÃO DIOGO SOARES DE BRITO

HOSPEDARIA FIEL

Rua da Alfandega n. 236 e Travessa de S. Domingos n. 2

Os proprietarios deste vasto estabelecimento têm a honra de apresentar á concurrenencia publica bonitos quartos mobiliados, espaçosos e muito arejados, offerecendo toda a garantia de segurança, aonde os Srs. viajantes podem pernoitar livres de risco. Todos os compartimentos com linda vista tanto para a travessa como para a rua da Alfandega.

A casa está aberta toda a noite. Preços modicos. LIMA & XAVIER

RESTAURANT VOLTAIRE

29 RUA DA URUGUAYANA 29

Almoco..... \$800 | Jantar..... 1\$000

SERVIÇO ASSEIADO E PROFUSO

Parece incrível que por tão modestos preços se possa comer tão bem! Pois venha verificá-lo, quem duvidar á

29 RUA DA URUGUAYANA 29

A SEMANA

CORTE

Trimestre..... 2\$000
Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Director—VALENTIM MAGALHÃES

PROVINCIAS

Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

A VICTOR HUGO

HOMENAGEM D'A SEMANA

SUMMARIO

A Victor Hugo, homenagem d'A Semana. —Carta do Dr. Luiz Delfino—Victor Hugo, Luiz Murat; Filinto d'Almeida; Arthur Azevedo; Dr. Magalhães Castro; Alberto d'Oliveira; Alfredo de Souza; Th. Banville — Novo Sol, Valentim Magalhães; 22 de Maio, Aluizio Azevedo; Os seus netos, A. Mendes — Política e Politicos, Ambrosio Severo—O crime do Rio Bonito—O Dr. Luiz Delfino e a poesia nacional, L. Murat— Questão litteraria—Um homem gasto, Novigo—Theatros—A Semana—Colre das graças—Collaboração: Victor Hugo, por A. Conrado, J. M. Pimentel e O. de Niemeyer; Petit Tableau, D. B. Tancredo.—Recebemos—Correio.

A SEMANA

Rio, 30 de Maio de 1885.

Meu caro amigo Valentim Magalhães: Rio, 24 de Maio de 1885.

E' cousa banal dizer-lhe o vacuo que senti em torno de mim ao saber que o maior poeta de todos os tempos acabava de pôr o pé no ultimo degráu, que transmonta do limitado ao infinito, e que os ultimos accordes d'aquella lyra eterna perderam-se no deslumbramento das visões dantescas, e nas visões mais assombrosas, do mais vidente e mais luminoso de todos os prophetas, que foi elle mesmo—Victor Hugo.

Elle desenhou-se desde muito moço no Gigante de suas balladas:

« A peine adolescent... »

Ma tête ainsi qu'un mont arrêtaït les nuages:
Et souvent, dans les cieux epiant leurs passages,

J'ai pris des aigles dans me mains.»

Quando envelheceu ainda o gigante perto do tumulo era mais forte que tudo que o rodeava:

« Il est faible; il est vieux—Sa fin est si prochaine,
Qu'à peine il peut encor deraciner un chêne,

Pour soutenir ses pas tremblants.»

Elle viveu assim: elle acabou assim. Não teve uma queda, não teve uma derrota, não teve a ilha d'Elba, nem a ilha de Santa Helena, que são dous desastres: teve a ilha de Jersey, e a ilha de Guernesey, que são duas apotheoses. Este homem occupa quasi todo o século XIX a historia de França.

Na politica, na litteratura, na philosophia deslocou tudo, innovou tudo, encheu tudo, porque elle era a expressão mais vasta e mais concreta da humanidade aspirando á Justiça, procurando a verdade, encarnando a miseria dos seculos, para arrancar d'ella, como de uma noute massiça, o sol da redempção do mundo.—Foi menos Deus que o Christo, e mais homem que elle.

Caminhou como um somnambulo, á beira de todos os abysmos, para sondal-os; e como uma aguia, devassou todas as imminencias, para dominal-as.

O que elle podia colher de grande, de bom, de verdadeiro dava-o a criança, á mulher, a tudo que era fraco e enfermo, porque elle queria tudo forte, são e alegre.

Foi a sua eterna preocupação...

Aquelle monstro de *Nossa Senhora de Paris*, *A Prostituida*, *O Bobo*, *O Ladrão*, *O Saltimbanco*, inspiraram-lhe as mais grandiosas paginas que se tem escripto desde Homero, Sophocles, Pericles e Eschylo até Shakespeare.

Ai! aquelle bobo, que pensa ter n'um sacco o rei de França, e tem sua propria filha, morta, mutilada, a quem elle mesmo fere, e amaldiçoa, tem gritos desesperados e lamentaveis, que nunca foram ouvidos eguaes ou mais terriveis em palco algum em que se tenha exposto o coração humano a sangrar e a gemer.

A sua doutrina humana é por vezes superior á doutrina celeste de Jesus.

—Eu teria perdoado a Judas, se fosse o Christo, exclamou elle uma vez n'um soberbo verso, que não tenho de cór.

Outra, erguendo-se mais uma vez, depois de um milhão de vezes, contra a pena de morte, termina a obra de bronze com este capitel de ouro puro e massiço:

« Peuple, le philosophe est le témoin sévère.

Si Jesus s'envolait féroce du Calvaire,
Et venait à son tour crucifier Satan,
Je dirais à Jésus: Tu n'est pas Dieu—
Va-t'en.»

Hugo, grande e mysterioso como Dante, terrivel e vingador como elle, tem a simplicidade e a grandeza de Homero, a graça de Virgilio, a eloquencia e a innovação de Sophocles, a grandeza de Eschylo, a força e a amplitude de Shakespeare, e enfim é da raça dos Prometheus.

Em França antes d'elle, só Pierre Corneille em algumas tragedias, sobretudo a do *Cid*, se avantajava ao auctor do *Hernani*, e depois d'elle, e em vida d'elle só o auctor do *Leão Amoroso*, consegue

crear alguma cousa de grande. Como os dous mestres, faltando ao ultimo o lyrisimo, e aquelle verso metallico, sonoro, enorme, cujo segredo nem a Francisco Coppée legou o mestre inextinguível.

Mas no que este homem assombroso (parece-me, nunca terá rival, é sobretudo nos seus titanicos poemas em prosa —*Nossa Senhora de Paris*, *Os Miseraveis*, *O Homem que ri*, *Os trabalhadores do mar*.

Na tragedia pôde dizer-se: o *Cid* de Corneille, *O Prometheu* de Eschylo, *O Oedipo*, de Sophocles, a *Medea* de Euripides, todas de Shakespeare, muitas de Calderon, alguma de Goethe.

No verso o proprio Francisco Coppée, na *Guerre des Forgerons*, mostra-nos a probabilidade de poder em algum tempo apparecer um rival ao grande mestre.

Não assim na prosa, e sobretudo na prosa d'aquelles grandes poemas.

Aquillo escrevesse uma vez.

Cervantes, Rabelais, não se continuam.

Aquillo fica como marcos do poder do espirito humano no meio do oceano dos tempos.

Mas no que é preciso convir, é em que um homem, que pôde ser e é Theocrito, Juvenal, Bion, Horacio, Virgilio, Homero, Milton, Demosthenes e Cicero, que escreve as *Canções das ruas* e as *Legendas dos Seculos*, as *Punições*, *Châtiments*, e a *Historia de um crime*, *As Orientales*, e a *Arte de ser avô*, as *Contemplações* e os *Quatro ventos do espirito*, que enfrenta com todas as alturas do espirito humano, e bate e burila as paginas de bronze d'aquelles eternos poemas, é no conjunto de sua obra maior que todos: pôde ser acclamado o primeiro de todos os tempos.

Raphael d'Urbino seria sempre um grande pintor: a Fornarina pelo amor levantou-o, e foi-o sobreexceder-se. Parece-me que a humanidade deve muito ao crime de Luiz Bonaparte. O odio de Victor-Maria-Hugo contra o attentado d'este Napoleão, que pôde ser expresso d'esta outra maneira: o seu immenso amor á justiça, lançando-o ás ilhas inglezas, deu ao mundo, aos seculos, um exemplo do que pôde o caracter, do que consegue a convicção, do que pôde a intelligencia arma-la da justiça. Fazia bonitas canções, lindas e admiraveis cantigas para a guitarra hespanhola: mas que manjava o latego de Juvenal, o raio de Persio; era um segredo, que só o tempo desvendou. Este livro das *Punições*, eu o devia ao meu grande amor da justiça e da verdade. ás minhas grandes coleras contra todo o attentado que lhes fosse feito, diz elle em outro

livro igualmente grande.—Escrevendo historia tomou as proporções de Tacito.

E de lá do exilio sahiram depois todas essas creações colossaes que conhecemos, emquanto elle podia dizer de si o que já dissera um gigante, tallado pelo seu proprio molde, em 1825, aos soldados do Imperador-Bandido:

«...Ma valeur souveraine
Rit des soldats de fer, dont vos camps
sont peuplés.»

Quando nos contamos os grandes homens que n'este seculo tem enchido a generosa terra de França, quando medindo-os, ahamol-os titânicos, olympicos; perguntamos a nós mesmos espantados, de que tamanho é pois este, para encher com suas proporções todo o seculo, e deixar na penumbra todos aquelles de raça previligada e não inferior?

Eu me tenho interrogado a mim mesmo! E lenho em seguida algumas paginas de todos os maiores auctores de França, e depois passando a lér alguma de V. Hugo, sentia uma grandeza, uma elevação, um brilho, um amor da verdade, um sentimento tão bom e tão puro por esta raça infeliz, que é a humanidade, feita de cada homem, que segundo o nosso poeta é uma lagrima do olho mysterioso de Deus:

«Rogarde sans courroux le rire furieux,
Le rire, que rien ne desarme,
Dieu, vie, abime, espoir! grand œil mysterieux,
D'où tombe l'homme, cette larme!»

que só por esta comparação immediata, podemos julgar em que consiste a differença, e porque triumpho o poeta.

E a observação do Zola, que eu fiz muitas vezes tambem, que todos que se interessam por estas sublimes cousas terão feito inconscientemente:

Em toda a parte, de sua obra immensa, desde 1852, nos ouvimos sahir esta grande voz:

«En face du soleil saeré, qui nous eclaire,
J'apporte ma vieille âme, et ma vieille
colère!»

E porque me interessa esta velha alma e esta velha colera? Porque sabemos que esta velha alma é um juiz, e que esta velha colera é um julgamento: e que ambos, alma e colera, combatem por nossos destinos, por isso que combatem pela justiça. A liberdade é apenas um acto de justiça.

Qualquer, em todos os seculos porvir, poderá dizer deste homem:—Amo-o pelo interesse que elle tomou por mim.—Tal foi o interesse que tomou por todos.

Quiz no dia da morte do grande poeta escrever algumas estrophes, que reproduzissem a dor que me pungia n'aquelle instante. Escrevi qualquer cousa. Lançei ao vento em multiplos fragmentos as estrophes, que não valiam a lagrima que me empanara n'aquelle momento os olhos.

Meu amigo, eu queria dizer-lhe sómente que o acompanhino e aos nossos jovens amigos, e a todos os amigos de nosso poeta morto, pois era elle o poeta da humanidade, na demonstração da dor pelo traspasse d'aquelle, que, na phrase de um dos maiores poetas brazileiros, galgando a eterna morte assentou-se na eterna vida.

LUIZ DELFINO.

VICTOR HUGO

Victor Hugo morreu.
Eis o facto que tem preocupado ultimamente o mundo.

Preso á todas idéas luminosas, elle soube elevar a Humanidade, perulstrar todas as anfractuosidades do espirito

humano e dar ás suas obras um sopro de inspiração que as tornaram inextinguíveis, brilhantes, extraordinarias.

Em todas as luctas, quer politicas, quer litterarias, aquelle inimitavel espirito teve sempre a victoria.

Só uma cousa faltava-lhe para tornar-se maior—a morte. Morreu por isso.

Rejuvenescendo todos os dias, todos os dias enchia o mundo com as irradiações do seu genio.

A sua colera e a sua vingança eram como a dos deuses de Homero—sempre divinas.

Que Jupiter o poderia egualar quando de Guernesey elle reanimava a França abatida e derrubava com o seu verso fulminante e candente o traidor que cahio em Sedan?

Quando elle veio dizer aos francezes que elle tinha tudo premeditado, não tendo outros clarões senão os da sua cratera, que o temporal não deve rugir senão para embalar;

Puis que j'ose affirmer je ne sais quelles
regles,
D'apaisement des vents, que connais-
sent les aigles,
Mais que jamais Neron ni Sejan n'a
comprit.

Quando elle veio dizer por meio de sua musa resplendente, altiva, victoriosa, reperiendo, como um echo todos os soluços, todos os gemidos, todas as contorsões, todas as lagrimas, todas as misérias da Humanidade, que os homens são irmãos, que elles têm o mesmo fim, apezar das ondas contrarias; que tudo na terra, no cœo, lá em cima, como aqui em baixo, as tempestades, os eloque furiosos, os combates, têm harmonias nas suas profundezas; que o exilio roubou o pai a creança, que era necessario que o estado prosperasse, que era necessario civilisar o rio como o diligente ou então que o deixassem voltar para o seu negro Guernesey, Victor Hugo tornou-se o assombro da posteridade, e quando ao povo francez faltava esse extranho poder para afrontar os perigos, supera-los, erguer-se, precipitar-se vertiginosamente pelos estadios do progresso e da civilização, retemperou-se n'aquelle exemplo e um sorriso do velho pairava sobre o espirito da França como uma aguia intemperata, que lhe vinha trazer a esperança, o conforto, a energia—a victoria.

Elle era o direito reivindicado, a liberdade readquirida, o assonno mais extraordinario do vigor e da força, uma dilatação do espirito latino, a garantia da ordem, a colera sagrada, mais bella do que a colera do Sinai, mais formidavel e mais pura do que a colera de todos os deuses que povoavam a phantasia mytica da Escandinavia e do Oriente.

Victor Hugo era excessivamente grande.

Quem o lê, sem preocupações, sem os preconceitos de escola, sem a parvoíce das regras fixas, sem as infantilidades de methodos para a esthetica, que supõe a maior liberdade—a maior amplidão para desdobrar-se, para subir, para fixar-se, acha tão culminante, as suas obras são tão extraordinarias, que nos causam a sensação da possibilidade de uma queda, o arrepio nervoso da vertigem do alto.

Tudo elle sondou, desde os choques violentos, a sensação produzida pelo embate das facultades collectivas em acção, até o veio mais mysterioso e mais intimo da natureza humana.

Todo o universo com as suas sinuosidades, os seus portos negros, os seus enigmas, as suas revoluções, os seus

estremecimentos, as suas luctas subterranas; o oceano dos seculos com os seus fluxos e refluxos; a planta, como um ovulo recebendo a fecundação da luz e do orvalho; a noite, o que ha de mais horrendo, produzindo por uma reacção espontanea a aurora—o que ha de mais bello; Babylonia com as suas festas; Roma com os seus exercitos; Grecia eternizando-se ou no Prometheo de Eschylo ou no Laocoonte de Lysippo, ou na Illiada de Homero; a voz de Deus a dizer a Raphael: «Prende Azazel, carrega-o de cadêas e precipita-o no fundo das trêvas, nos abysmos do deserto de Dudail, depois cobre-o bem de montões de pedra, afim de que elle nunca mais veja a luz; o evangelho de Lucas; Satan cahindo do cœo como um raio; os maulsoléos de Keops; o amenti—o paiz do profundo somno e das trêvas, como diz Ta-Inhotep de Memphis; o animal e a planta immortalizando-se pela chimica sagrada; o Hamman de Carthago, o Adon de Bybols, o Zegreus da Phrygia, o Moloch dos Ammonitas, o Taau funebre; Aschera ou a esposa apaixonada, Salaambo ou a afficta, todos estes mysterios, todos estes ritos que a imaginação do homem primitivo architectou, para transmitir ao homem moderno o ambiente das suas idéas religiosas, estheticas, politicas, tudo isto passou como um turbilhão de sombras, luminosas umas, poentas outras, através dos sonhos que este gigante que acaba de receber a sua ultima glorificação—a morte, durante um seculo esteve a sonhar.

O Seculo XIX nada tem a desejar ao Seculo de Homero, ao Seculo de Dante, ao Seculo de Virgilio, ao Seculo de Camões.—Brilhante pelas suas descobertas, pela solução dos problemas os mais complicados de politica, de sociologia, de moral; pela substituição da ficção pelo facto, do despotismo pela liberdade, da força pelo Direito, do privilegio pela equaldade, de Deus pelo homem, o Seculo XIX é mais brilhante ainda porque é o Seculo de Hugo, isto é, é o Seculo da Poesia.

Morrer não é desaparecer; é assentar-se. Todo aquelle que tem contribuido para o desenvolvimento do espirito de seu tempo, isto é, que tem actualo, ou melhor, que tem sido uma funcção, não morre. Viverá na razão directa do esforço vital que transmittiu ás suas obras, quer scientificas, quer litterarias, quer artisticas.

E' n'isto que está a eternidade do espirito; a reacção posthuma do individuo, insculpida n'um livro, n'um quadro, no marmore ou no bronze é o que o eternisa, é o que o prolonga através dos seculos, das gerações e das idades.

Nós somos contemporaneos de Homero, de Zoroastro, de S. Paulo, de Plauto, de Molière, de Shakespeare.

Nos vivemos nas suas obras; herdamos as suas idéas, a sua sensibilidade, as suas opiniões, o seu caracter e nos aperfeçoamos no seu exemplo. A immortalidade é isto.

E quem conseguiu mais do que Victor Hugo encher um seculo de glorias, de abnegação e de idéas?

Assim como elle vai conceder á natureza physica, atomo por atomo, os despojos sagrados do seu corpo, nós recolheremos esta grande herança, acto por acto, idéa por idéa, de modo que nada se perca, de modo que tudo quanto elle pensou, tudo quanto elle sentiu nos pertença, para que a possamos transmittir intacta ás gerações futuras.

LUIZ MURAT.

VICTOR HUGO

Tombou no coração da Europa o gigante do pensamento moderno!

Mas a sua sombra, projectando-se através dos mares que nos separam da sua patria, obscurece o nosso espirito, apaga a nossa intelligencia, aniquilla a nossa vontade. Diante do grande morto toda a palhava humana empallidece e não ha phrases, por mais radiantes e mais coloridas, que possam formar-lhe a apothese que a sua grandeza reclama.

Nem a elegia sentida da alma attribuída, nem a nenia chorosa do coração ferido podem ser recitadas à beira d'este tumulo, onde repousa todo o espirito de um seculo, todas as aspirações de uma época, todas as idéas de um largo periodo historico.

Que poderemos fazer, nós, pequenos discipulos do grande Mestre, na hora triste do seu desaparecimento?

Seguir os exemplos da sua gloriosa vi la immaculada.

Continuar a aprender na eterna lição das suas obras immortaes.

No amor que teve ás creanças ensinou-nos elle a amar a fraqueza; na protecção que dispensou aos opprimidos e aos delinquentes, no grito de suprema p.e lade que teve para a peccadora, ensinou-nos elle a respeitar a desgraça e a perdoar o delicto; no odio que teve aos tyranos e aos despotas, ensinou-nos elle a amar a Liberdade; no culto que teve pela rectidão e na inquebrantabilidade do seu caracter, ensinou-nos elle a ser honestos e honrados; no seu entusiasmo pela Justiça, ensinou-nos elle a ser justos.

Pelas palavras e pelo exemplo, elle foi, de todos os grandes homens d'este seculo, o que mais contribuiu para a formação da nossa alma e do nosso caracter.

Parto do nosso espirito, elle alimentou com a p.e smosa pujança do seu talento trez gerações de poetas e é e será a nia por muito tempo a grande fonte do onde humana toda a larga poesia da actualidade.

As suas assombrosas creações humanas, des le Ham de Islandia—o homunculo, até Gwynpleine—o monstro, são os eternos modelos do espirito creador d'este seculo.

Propheta, elle predisse o fim do miseravel de Sedan: Napoleão-pequeno está na historia, é verdade, mas da banda de fora, pregado na porta.

No seu passamento, já o disse n'outro lugar, ha uma cousa lastimavel: elle não deixa um successor. Mas se não podemos librar-nos nas altissimas regiões que elle alcançou, porque a Natureza não deu a outrem a formavel envergura de suas azas, dirijamos o nosso voo para o ponto do espaço onde elle pairava, e que ao menos se veja o esforço da nossa direcção.

Imitemos o Mestre, imitemos o Mestre.

FILINTO D'ALMEIDA.

Victor Hugo foi adorado por uma geração de genios, que principiou por Chateaubriand e acabou por Zola. Muitos que se prostravam diante d'aquella realza, estão hoje esculpidos em bronze e marmore. E é o Sr. Diogo, deputado por Minas, quem nos vem dizer mal de um poeta que tem uma *claque* de estatuas!

ARTHUR AZEVEDO

A VICTOR HUGO

Mestre:

Encheste o mundo moral de tanta luz, tantas e tantas vezes te revelaste sublime, que o feticchismo dos posterios em que por certo se converterá a admiração de teus coevos so te poderá recusar o culto de um Deus porque do humano tiveste as duas grandes fraquezas de nascer e morrer!...

Côrte, 25 de Maio de 1885.

DR. MAGALHÃES CASTRO.

VICTOR HUGO

Morreu? Mentira! O sol não morre quando desce, Depois do azul immenso a curva descrever Ao tumulo do poente. Hugo desaparece, Pra amanhã, como o sol, mais claro apparecer!

ALFREDO DE SOUZA

VICTOR HUGO

(VERSÃO DE ALFREDO DE SOUZA)

Quando eu contemplo os dois bustos feitos por David os quaes foram appellidados—um Hugo-Dante e o outro Hugo-Virgilio, um muito joven, grave e doce, representando o amante apaixonado da natureza, — o outro, melancolico, altivo, banhado por uma longuissima cabelleira e coroado pelo epico laurel dos victoriosos; e, quando percorren lo a minha memoria, procuro comparal-o a estes bustos, o Hugo actual, não mais palli lo nem de carnes um pouco molles, porem firme, arrogante, queimado e ennegrecido pelo vento dos mares, com o olhar em fogo, nariz mais aquilino, cabellos livremente soltos, orelha delicada, barba branca e bem accentuada pelo bigode e pela mosca, comprida, enlata e muito negra, como o bigode, não me posso abster de achar o Hugo de hoje mais bello, e *mais verdadeiro* que o de 1835, assim como prefiro ao poeta das *Folhas de Outomno* e da *Legenda dos Seculos*. A sua propria fronte, menos excessiva que outrora, molleou-se de novo e com mais energia. Nos tempos de seus triumphos romanticos, Hugo era um Deus: hoje é simplesmente um homem.

TH. DE BANVILLE

NOVO SOL

« Oh!... que é isto? que sol, fantástico, assombroso, é este que ora irrompe, apagando os clarões Dos astros immortaes no espaço luminoso, Estrellas pelo céu gollando, em turbilhões? »

Pergunta Anaciel. E as azas distendendo, Morgullia no fulgor do esplendido arrebol... E, em silencio, ascendendo ao ether, ascendendo... Vae a Deus perguntar: Donde veio este sol? »

« Escuta! diz-lhe Deus—em Pariz, neste instante, Acaba de quebrar da vida ferreo jugo Um genio. Eil-o que sobe, entre Virgilio e Dante. E' elle o novo sol! — chama-se Victor Hugo! »

Maio — 1885.

VALENTIM MAGALHÃES

VICTOR HUGO

Escrever de Hugo neste momento, não é para mim... E quem o fará inteiramente desprendido d'essa dor, que é de todos, a maior que tenho experimentado com o passamento de um homem, quem quer que elle fosse em toda a existencia?...

Oxalá seja eterna a imperecedoura esta magua de abatido por elle, para celebrar a morte de Hugo, jámais eu consiga pulsar o sacro instrumento com que vivo e canto, cuja gloria vale menos por certo que o sagrado sabor de algumas dores, que acabrunham, mas como que dilatam e ennobreceem mais espirito e coração!

ALBERTO DE OLIVEIRA.

22 DE MAIO

Nesse dia, engastado para sempre na historia, do seculo XIX em diante, a melhor porção da humanidade: aquella que sabe ler, disse, ou pelo menos sentio, esta formavel phrase — MORREU VICTOR HUGO!

O mundo acabava de ver despenhar-se na immortalidade a sentinella do seculo;—acabava de ver cair por terra esse espectro negro de cabellos brancos; esse vulto tão grande, que medeava desde Chateaubriand até Francis Coppée, essa estranha esca luminosa por onde atravessou uma geração inteira de francezes.

O seculo acabava de perder o seu irmão gemeo, o seu companheiro de glorias, e cobrio-se de luto para o fim da viagem.

Bem tristes serão estes seus ultimos quinze annos desamparados: — Victor Hugo é morto!

ALCIZIO AZEVEDO

A MEMORIA DE VICTOR HUGO

OS SEUS NETOS

As doces creancinhas
Que amavam tanto Hugo,
Soluçam, coitalinhas,
Por seu querido avo.

E diz Joanna: « Agora,
Que tudo se acabou,
Meu riso foi-se embora,
O pranto m'o inundou. »

E Jorge tristemente:
« Meu ser se transformou:
Eu era sorridente
E agora triste sou. »

E as doces criancinhas
Que amavam tanto Hugo,
Soluçam, coitalinhas,
Por seu querido avo.

ARTHUR MENDES.

POLITICA E POLITICOS

A imbecilidade humana chegou até o Sr. Diogo de Vasconcellos, e parou.

Este troglodita do parlamento brasileiro tem a coragem dos ineptos e o valor dos brutos.

Parodiando o poeta allemão, posso dizer:

Leva na pata a força de um exercito.

Quem escreve estas linhas tem por S. Ex. o maior desprezo e liga tanta importancia aos seus palavroes e ás suas aldravices, como ás de qualquer arruaeiro.

Um homem como o Sr. Diogo de Vasconcellos não devia pertencer a uma corporação como a Camara dos Srs. deputados.

S. Exa. é ignorante como poucos, incapaz de escrever ou dizer duas phrazes sem quatro erros.

Na sessão do dia 27 pediu a palavra para fazer sentir á Camara que tinha necessidade de discutir a mensagem que ella vai enviar ao parlamento francez.

Começou dizendo que receiava pela relação da sobredita mensagem, porque o Brazil já tem grande fama na Europa de passar por um paiz atrasado e mesmo original.

O Sr. Zambeiro deu o seguinte áparte: « Como não ha de ser assim diante de certos factos? »

Todos comprehendem o pensamento que contém este áparte. Mas seria melhor que S. Ex. tivesse posto os pontos nos ii e dissesse ao Sr. Diogo de Vasconcellos:

« Como não ha de ser assim se elle produz idiotas como V. Ex.?

Sim, era mais correto e claro.

Diante de um facto d'esta ordem não se sabe bem o que se ha de dizer.

Injuriar o deputado que protestou contra a resolução da camara de enviar uma mensagem ao parlamento francez pela morte do maior genio do seculo, não: se o protesto já contém a sua propria injuria, se o protesto já é por si um documento do quanto vale o cerebro que o produziu? Injuriar a injuria! castigar com duas pennadas um infeliz que soffre o maior de todos os castigos—como o de ser imbecil; a maior de todas as penas como a de ser punido por si mesmo?!

Pois haverá castigo maior do que o de um homem que se levanta em pleno parlamento, isto é, no ponto mais elevado onde paira o espirito de um povo para reprovar a attitude assumida por esse mesmo parlamento diante do fallecimento de um homem, em roda do qual todas as nações civilizadas se debriçaram para prestar-lhe a ultima homenagem?

O que se ha de dizer a este deputado? Que elle é um truaõ, que elle é um sorna, que elle é um pulha? Mas se o paiz inteiro leu o seu discurso, se é isto o que está na consciencia de todos?

A Camara respondeu ao Sr. Diogo de Vasconcellos como devia—com a hilaridade.

Se S. Ex. me merecesse alguma consideração, eu lhe diria mais alguma cousa sobre o seu discurso.

Mas como S. Ex. não passa, para mim, de um pobre diabo, limito-me a bradar-lhe:

« Ao campo! ao campo! »

AMEROSIO SEVERO.

CRIME DO RIO BONITO

VINTE E DOIS RÉUS

No dia 25 do corrente, dia designado para o julgamento dos vinte e dois accusados, a autoria do arrombamento da cadeia e da morte dos escravos do fallecido fazendeiro José Martins da Fonseca Portella, abriu-se na villa do Rio Bonito a sessão do jury com 38 jurados; mas o Juiz de Direito, Dr. Pires Lima adiou os trabalhos para o dia seguinte, afim de estudar o processo.

No dia immediato, 26, começaram effectivamente os trabalhos.

A villa, de ordinario apathica, pouco movimentada, apresentava um aspecto extraordinario. Dous guardas, a cavallo, percorriam as poucas ruas; em frente á casa da Camara postura-se de promptidão um troço de praças do corpo policial de Niteroy. As entradas da casa da Camara eram guardadas por praças de bayoneta ao hombro.

A pacifica povoação achava-se por assim dizer em—pé de guerra.

Parece que graves apprehensões, grandes suspeitas de possiveis desordens occasionaram esta militarisação improvisada. Nada, entretanto, a justificava. E' verdade que era avultado o numero de réus, mas estes, em quasi sua totalidade, haviam-se entregado espontaneamente á prisão para serem julgados. Além disso, o espirito de ordem dos povos do Rio Bonito e municipios limitrophes é geralmente conhecido. Emfim, antes prevenir que remediar. Proceederam bem as autoridades tomando todas as precauções.

Fora talvez melhor não se ter feito tanto estrepito militar, tamanho apparato bellico...

O que é certo é que aquellas sessenta e tantas praças armadas até aos dentes, sob as ordens de um anspeçada, de um alferes e de um capitão, davam á pequena e pacifica villa um pittoresco aspecto de acampamento.

Muitas pessoas estavam alli desde a vespera, naturalmente attrahidas pela importancia do processo que estava para ser julgado; no qual se achavam envolvidos cidadãos geralmente conhecidos e que por sua posição e relações pessoas despertavam extremamente a curiosidade publica. A todo o instante chegavam novos cavalleiros e a agitação crecia sem a minima alteração da ordem, nem a mais ligeira demonstração de hostilidade.

Às 10 horas da manhã, sorteado o jury de sentença, começaram os trabalhos.

Causou grande sensação a entrada dos vinte e dous réus na sala, trazidos da cadeia. Apresentaram-se na maior parte abatidos, pallidos, de feições tristonhas e adontados.

Ao meio-dia começou o interrogatorio dos mesmos.

Todos, de modo uniforme, negaram haverem tomado parte no assalto á cadeia, negando mesmo que houvessem vindo á villa na noite de 19 para 20 de Dezembro do anno passado, em que tiveram logar aquelles horribes factos.

Alguns dos réus com essa negativa absoluta destruíram as primeiras declarações feitas no inquerito e na formação da culpa, nas quaes haviam confessado terem vindo á villa na referida noite.

Os interrogatorios prolongaram-se até ás 5 horas da manhã do dia seguinte, 27. A essa hora começou a leitura do processo e ás 10 horas da manhã teve a palavra o digno promotor publico Dr. João Meirelles, rompendo os debates.

Sustentando o seu libello accusatorio, pediu a condemnación dos réus nas penas dos artigos do codigo criminal ns. 127, (arrombamento de cadeia eom o fim de maltratar presos) maximo da pena 5 annos de prisão; 192 (morte, com a circumstancia aggravante de ajuste prévio), maximo: pena de morte; e 205 (ferimentos graves) maximo: oito annos de prisão.

S. S. fallou por espaço de mais de duas horas e com grande brilhantismo.

Sem recorrer ás velhas chapas judiarias, futeis e crueis, de que se soccorrem muitos promotores para aleançarem a condemnación de réus importantes, S. S. manteve a accusação em um elevado grão de solemnidade e pujança.

Sustentando a theoria de Hauss e interpretando eom o seu auxilio a doutrina da co-auctoría assentada no art. 4º do nosso codigo criminal, equiparou a criminalidade de todos os réus, pedindo para todos elles as mesmas penas.

Depois de ouvidas algumas testemunhas de pouca importancia foi dada a palavra á defeza, representada pelos

seguintes advogados:—Rodrigues Coelho, Drs. Bernardo de Vasconcellos, Bento de Almeida Pereira, Geminiano Brazil e Valentim Magalhães.

Desde as 5 horas da madrugada, tempo em que acabou o interrogatorio dos réus, deixou a sessão de ser presidida pelo illustrado Juiz de Direito Dr. Raymundo Bráulio Pires Lima, cuja saude, já precaria, muito se havia resentido da fadiga; S. E. mandou chamar o digno juiz municipal Dr. Carvalho de Mendonça, passando-lhe a presidencia e a direcção dos trabalhos.

Ocupou primeiramente a tribuna de defeza o advogado Rodrigues Coelho, cidadão de ineontestavel talento, advogado habillissimo, que, mais de uma vez, tem occupado com brilhantismo uma cadeira na assembléa provincial. Tem uma bella presença tribuneira, voz sonora e sympathica, gesto sóbrio e expressivo.

Provou eom grande eloquencia o absurdo de se pedir a accumulção das penas dos artigos 127 e 205 á pena de morte, no art. 192 do codigo, contra a expressa prohibição do art. 61 do mesmo codigo.

A esse advogado seguiram-se os demais, na ordem preindicada. Às 7 1/2 horas da noite, a requerimento do Dr. Valentim Magalhães, o juiz suspendeu novamente a sessão, por espaço de 2 horas e meia, afim de tomarem os juizes de faeto algum alimento.

Continuando os trabalhos, subio á tribuna aquelle advogado, a quem inebumbio a missão de defender o co-réo Manoel do Couto Pereira.

Começou reprovando eom indignação o horrenlo crime praticado na noite de 19 para 20 de Dezembro do anno passado, crime que qualifieou de monstruoso.

Mas, demonstrou em seguida que o processo instaurado para punil-o era tão monstruoso como o proprio crime—pois, deixando impunes, fora da acção da Justiça os principaes autores d'elle envolveu na sua réde vingadora mais de um innocente; e estava inçado de tantas irregularidades, de tantas causas de nullidade; a sua prva era tão incompleta, tão defeituosa, tão falha, que condemnar por ella, indistinctamente, os accusados, seria verdadeira iniquidade. Por fim declarou que a defeza de seu constituinte havia sido feita pelo proprio promotor publico, que declarou haver Manoel do Couto ficado fora da cadeia, sendo-lhe materialmente impossivel maltratar os presos naquella posição, fora da cadeia.

Replicou em seguida a promotoria eom grande brio, demorando-se em largo estudo sobre a doutrina da co-auctoría e sustentando o libello eom grande vigor.

Respondeu-lhe, replicando pela defeza, o Dr. Geminiano Brazil, que adduzio contra a opinião da promotoria valiosos argumentos, que sustentou profieientemente.

Em seguida, o Dr. juiz de direito interino encerrou os debates; continuando em seguida a escrever os quesitos.

Às 4 horas da madrugada do dia 28 recolheram-se os jurados á sala secreta para responderem ás 22 series de quesitos, de 56 cada serie, ou ao todo 1232 quesitos que lhes foram propostos pelo presidente do tribunal.

Pouco antes de se retirarem os jurados á sala secreta, um d'elles deu logar a um episodio lamentavel.

Tal era o estado de fadiga que acabru-nhava esse cidadão, como todos os seus companheiros de conselho, que o infeliz teve uma allucinação. Pallido, escaveirado, pento, erguen-se da sua cadeira

cia a sahir para a rua, em palmilhas de meias, pois não pudera mais supportar as bottinas, quando o juiz de direito, surprehendido, o chamou, perguntando-lhe para onde ia. Elle balbuciou algumas phrases desconexas e continuou a caminhar. Sendo emfim retido por um official de justiça, dizendo-lhe o juiz que elle não podia sahir por ser jurado, exclamou, com ar idiotado:

— Eu? jurado!... Seu doutor enganou-se:— não sou jurado!

Sómente à meia hora da noite do dia seguinte, 29, isto é vinte e uma horas depois de se haverem recolhido à sala secreta, d'ella sahiram trazendo as respostas aos quesitos.

A ansiedade era immensa, apenas comparavel á fadiga que a todos alquebrava e foi em meio do mais profundo silencio que o presidente do conselho de jurados leu a sentença:— todos os 22 réos haviam sido unanimente absolvidos de todos os crimes porque respouleram.

Em meio á leitura da sentença, um dos jurados, que como todos os presentes ouvia de pé, cahiu subitamente sobre a cadeira, com um longo gemido, manifestando-se em estado de semi-delirio.

Chamados dois medicos para examinal-o reconheceram estes que o jurado apresentava symptomas característicos de completo esgotamento nervoso, produzido por extraordinario cansaço. Foi recolhido do novo á sala secreta, onde foi medicado. Este triste incidente demorou a conclusão do processo.

O juiz de Direito appellou da sentença absolutoria de 17 réus; appellando a promotoria quanto a todos elles.

Finalmente ás quatro horas da madrugada, foram os vinte e dois réus restituídos á liberdade.

É indescritivel o espectáculo da sahida d'esses homens para a rua, onde os esperavam parentes e amigos, anciosos, loucos de prazer!

O jury, um dos mais importantes de que temos noticia do Brazil, durou 66 horas, pois começando ás 10 horas da manhã do dia 26, só terminou ás 4 da madrugada de 29, havendo-se interrompido duas vezes por dia, para que os jurados tomassem algum alimento, sendo os intervallos de duas horas a duas horas e meia.

Eis, rapidamente feito, o *compte-rendu* d'esse julgamento importantissimo.

Durante todo elle a ordem publica não foi alterada, conservando-se a população, embora vivamente curiosa e interessada na causa, perfeitamente ordeira.

O Dr. Luiz Delfino e a poesia nacional

Antes de começar, agradecendo as palavras lisonjeiras a mim dirigidas pela amabilidade do meu adversario, acho conveniente esclarecer uma cousa.

É exacto ter eu accedido e desenvolvido e explicado até, uma das proposições do meu antagonista, sobre qual seria o *criterium* para se medir a grandeza de um poeta ou de um homem illustre qualquer.

Do entrelaçamento das considerações deduzidas de um principio que tem tomado pela homogeneidade de vistas com que hoje os processos de critica levant o espirito humano a tudo descobrir e explicar, ás proporções de um axioma, o Sr. Julio de Lemos, esqueceu-se que essas considerações vinham esclarecer o campo da discussão, onde nos empenhámos e fortalecer, de ambos os lados, pela ampla direcção do espirito, as partes fracas da questão.

Essas considerações, repito, serviram

para desbravar o terreno e servem de premissas ás conclusões ás quaes eu pretendo chegar.

Não conheço poeta nenhum no mundo que tenha comprehendido claramente a sua arte.

Todos peccam pela falta de criterio, isto é, pelo ponto de vista em que se collocam.

Ou a poesia é reduzida a uma simples questão de forma, de som, propria apenas para agradar ao ouvido, não satisfazendo ás exigencias do sentimento, ou, ainda que elevada ás vezes, torna-se de um prosaismo que chega a ser banal.

Outras vezes dão-lhe um caracter scientifico, confundem-na, reduzem-na a um simples instrumento de trabalho, ou melhor, de discussão, que nada exprime, que não deleita e que finalmente fatiga o espirito e o corrompe.

Trez poetas podem symbolisar o que acabo de expender: Lecomte de Lisle, François Coppée e Sully Prudhomme.

Um, peca pela frieza dos seus versos, pelo indifferentismo das imagens, indifference que provém, talvez, do assumpto quasi sempre, procurado pela phantasia marmorea do poeta.

D'este contacto exclusivo da alma ardente do poeta moderno com as civilizações proto-historicas—resulta a subordinação das faculdades especiaes que concorrem para a formação da obra de arte, ás impressões d'aquellas épocas em que o pensamento e o sentimento estheticos apenas desabrochavam.

Lecomte, filiado ás tradições d'aquellas raças, cujo espirito ainda alimenta a lucta em que se empenham os povos modernos, admirador do passado, cheio de extasis, mas sem a observação poderosa que é o que eleva o pensamento contemporaneo, reproduz tudo quanto a historia lhe apresenta de extraordinario, sem transplantar para o assumpto as energias poderosas, a sublimidade que podia realçar e consolidar a sua obra se n'ella viesse as emoções que caracterizam o seu seculo, as sociedades actuaes.

François Coppée, tão preconizado por Emilio Zola, em quem acha um combatente victorioso da doutrina da impassibilidade, d'essa doutrina sem vida, sem altruismo, sem calor, sem personalidade até, que possui *trabalhos de uma simplicidade adoravel*, acho ás vezes que elle chega a ser prosaico, de um prosaismo tão simples que se torna insipido, como observa Brunetiere.

O proprio Zola acha-o sem energia, sem virilidade: *Ce qui lui manque, c'est la force.*

Falta-lhe portanto, a primeira condição para escrever o poema de que falla Zola, que deve conter toda a vida moderna.

Coppée poderá offerecer-nos bellissimos trabalhos, poesias cheias da expressão ingenua e sincera dos sentimentos que constituem a nossa vida intima, subjectiva; poderá transfundir na sua poesia as ternuras amorosas do seu coração, as suas lastimas, a melodia do seu grito apaixonado e terno, todo o eserinio da sua phantasia virgem, plangente, casta e amena. Porém nunca será o poeta da humanidade.

Diante de um facto complexo de sociologia, diante de um choque em que elementos contrarios se unem modificando a marcha natural das idéas, a sua maza se calará.

Não tem força nem energia bastante para encerrar dentro da sua alma, os sentimentos revoltos do povo, o fluxo e o refluxo das aspirações fluctuando em busca de um ponto de apoio, as idéas que irrompem do circulo estreito de uma organização social ou religiosa limitadissima e insufficiente para conter as expressões latentes de um movi-

mento que se alarga em todas as direcções, e que encontrando um obstaculo ou é reprimido por elle ou suppera-o, determinando assim a morte, ou vida, a decadencia ou civilização.

Coppée, não conseguirá nunca escrever esse poema.

O poeta da humanidade ainda não nasceu, nem nascerá tão cedo.

As nossas condições intellectuaes, os nossos meios de acção, o estado fluctuante das idéas, a falta de solididade da nossa epocha, o predominio exclusivo do homem, as decadencias monarchicas, os interesses em conflicto, a sciencia dos povos irrompeno ainda dos nimbos de uma religião viciada e egoista e de uma politica pessoal, injusta, estúpida, desmoralisadora, indicam claramente que é cedo ainda para o advento da grande poesia que ha de resumir em uma larga synthese a actividade moral, social, politica e esthetica de todos os cyclos historicos da humanidade.

Sully-Prudhomme é um poeta fraco. Os seus propios versos o indicam. A poesia não é aquillo, é cousa inteiramente diversa.

N'elle ha somente preocupação, e isto basta para excluir a poesia de qualquer de seus trabalhos.

O poeta não se preocupa—expõe naturalmente o que viu, o que sentiu; transmite-nos a sua emoção.

A sua grandeza está nesta facultade de communicabilidade.

Neste facto ha como que a transfusão da organização psychologica do poeta com todo o seu cortejo de emoções, com todo o seu talento, com toda a sua impressionabilidade artistica em nosso organismo, no espirito d'aquelles que o leem, que o ouvem.

Estabelece-se uma solidariedade intima, imperceptivel entre nós e o poeta, os seus sentimentos juxtapoem-se aos nossos, a alma inteira do poeta escóa-se pela nossa serenamente; vemol-a, sentimos-a, ouvimos-a, subimos por todas as anfractuosidades do seu pensamento, chegamos ao pinaculo da sua allucinação.

As suas imagens, as suas idéas, as suas sensações, affluem ao nosso cerebro; suffocam-nos.

Sem que o poeta consiga operar essa transformação, sem que elle consiga penetrar em todas as sinuosidades das nossas emoções, da nossa vontade, do nosso eu, elle não póle ser considerado como verdadeiramente grande.

Sully Prudhomme não o consegue. A sua obra, ainda que muito laboriosa, é obscura, é palavrosa, é falsa, á força de querer ser logica; é fatigante por ter seus o de mais.

A sua obra é inferior á de Lecomte de Lisle, á de Coppée.

É o Dr. Luiz Delfino poderá ser considerado um poeta e um poeta de grandes proporções?

Sim.

Só não responderão pela affirmativa aquelles que não conhecem as suas principaes poesias, ou então os destituídos de senso, os pedantes, os invejosos, como o autor dos *Cantos do fim das Costas*; perdão, *do fim do seculo*.

A obra do Dr. Luiz Delfino dá-lhe o primeiro logar na poesia nacional.

A *Solemnia verba*, é o primeiro trabalho em verso que se tem escripto no Brazil.

Se somos obrigados a reconhecer-lhe defeitos artisticos, propios da rapidez com que foi executada, ou melhor, proprio de um poeta d'aquella estatura, somos arrastados a todo o momento por uma grande admiração pelo poeta, porque os qualros mais bellos passam pelos nossos olhos com a rapidez phantastica de um sonho, que se sabe bem

que é um sonho, mas que se gosta de sonhar.

Rara é a estrophe que não encerre mais de uma belleza.

Um sopro de inspiração percorre as primeiras estrophes da poesia, vibrando todos os seus nervos, encolhendo e rete-sando todos os seus musculos, repercutindo profundamente em todos os seus ambitos, como os Prodomos de um grande acontecimento, como a primeira rajada que annuncia um temporal prestes a desabar.

O espirito espera alguma cousa de extraordinario, mas não sabe bem o que é. E a proporção que augmenta a inspiração do poeta, cresce, avulta a nossa admiração por elle.

No outro artigo apreciarei esse trabalho do grande poeta.

LUIZ MURAT.

QUESTÃO LITTERARIA

QUAL O MAIOR POETA DO BRAZIL?

Temos continuado a receber numerosas respostas. Mas temos empregado o mais escripturioso, cuida lo em não dar publicidade ás que nos parecem apocryphas.

Infelizmente, por desculpavel descuido foram contados no nosso ultimo numero alguns votos, assignados por nomes exquisitorios e suspeitos de falsidade.

E procedemos com esse escripturulo porque desejamos que esta especie de escrutinio se realisasse mo lo mais serio e menos falsea lo que for possivel. Eis a razão porque não tem sido muito avultada a somma de votos publicos.

Nome que nos pareça apocrypho, voto que tenha longes de *troça*—serão implacavelmente s'ericada los.

Por essa razão acabamos de desprezar 22 votos que de uma assentada recebemos para Castro Alves.

Todos esses votos foram-nos enviados em envelopes eguaes, subscriptados com a mesma letra; escriptos em quartos de papel almeço do mesmo tamanho e todos com estas palavras:

« Ilm. Sr. redactor da *Semana* :

« Considero o finto Castro Alves o maior poeta brasileiro » escriptos tambem com letra igual á dos sobrescriptos; e vêm assignados por nomes inteiramente desconhecidos e muito suspeitos, taes como — Francisco da Costa e Silva, José Rodrigues, Manoel Antonio e outros que taes.

Nada! Isto cheira-nos a *cabula* e a *tramota*.

Fóra com ellas!

Todavia, se os auctores desses votos vierem justificar-se ao nosso escriptorio a b'nttil-os-hemos no certamen.

Explicado isto, continuamos na apuração.

Recebemos durante a semana passada e esta que hoje termina 44 respostas.

Votaram:

Em Gonçalves Dias:

Da Corte — Elisa Saturnina do Amaral, Albertina Lisboa, Frederico Candido de Oliveira, Rodolpho Maciel.

De Minas — Sizenando José de Paula Teixeira, Pedro Getulio Monteiro de Mendonça, Joaquim Getulio Monteiro de Mendonça, João Getulio da Silva Chaves, M. P. Farias de Mendonça.

De Capivary (provincia do Rio) — Dr. Liborio José Seabra.

De Pelotas (Rio Grande do Sul) — Leopoldo Frederico do Rego, H. de Barros Figueiredo Junior.

De Santos — Heitor Peixoto.

De S. Paulo (capital) — Gaspar da Silva e Wenceslau de Queiroz.

EM CASTRO ALVES

Da corte.—Eduardo Nervey da Silva, João Lustosa de Sousa, Alfredo Mariaou de Oliveira, Dr. Aquino Fouseca.

De Santos.—João Antonio da Cunha Junior.

De Muzambinho (Minas).—Julio Tavares.

EM LUIZ DELFINO

Da corte.—Silva Nunes, Francisco Moura, Ferreira da Costa, João da Motta de Azevedo Corrêa, Luiz Antonio Alves de Carvalho Junior.

De S. Gonçalo.—Porfirio S. Pacheco. De Nietheroy.—Alfredo de Macedo Domingues.

De Santos (S. Paulo).—A. Ferreira Carneiro.

Do Recife (Pernambuco). — Alfredo Alves Sampaio.

EM ALVARES DE AZEVEDO

De Ouro Preto (Minas).—Francisco de Paula Lins.

De Pelotas.—F. de Paula Pires.

EM FAGUNDES VARELLA

De Araraquara (S. Paulo).—Rogerio Ferraz.

De Sacra Familia do Tinguá (provincia do Rio).—José Eulalio de Andrade.

EM CASIMIRO DE ABREU

Da corte.—Sandim Junior, Alfredo E. Pereira, Antonio de Souza Costa, Arthur Rocha.

EM EMILIO ZALUAR

Da corte.—Manoel de Sá Pereira.

EM PORTO ALEGRE

Da corte. — Graciano Gomes Sodré, Bartholomeu Portella, Octavio Tavares Jardim, Manoel Affonso P. Ramos.

RESULTADO

Gonçalves Dias.	95
Castro Alves	51
Luiz Delfino.	34
Casimiro de Abreu.	31
Theophilo Dias.	14
Fagundes Varella	7
Alvares de Azevedo	5
Porto Alegre	5
Luiz Guimarães Junior.	4
Gonçalves Crespo	4
Domingos Magalhães	4
Mello Moraes Filho	4
José Bonifacio.	2
Bernardo Guimarães	2
Gonzaga	1
Pedro Luiz.	1
Bazilio da Gama	1
Alberto de Oliveira	1
Olorico Mendes.	1
Laurindo Rebello.	1
Santa Rita Durão	1
Damaseno Vieira	1
Emilio Zaluar.	1

« Ilm. Sr. Dr. Valentim Magalhães:

A pessoa incumbida de distribuir pelos nossos homens de letras a amavel carta-circular da redacção da *Semana* sobre a interessante questão: Qual o maior poeta do Brazil?—não se teria enganado no endereço da que me veio parar ás mãos?

No caso contrario, se não bastasse a voz da consciencia para convencer-me da minha absoluta incompetencia em assumpto tão melindroso, eu poderia ainda socorrer-me á criteriosa sentença—poetas, só por poetas podem ser julgados—para decentemente esquivar-me á responsabilidade tremenda de emitir opinião em materia a que sou completamente alheio; entretanto o dever de cortezia me força corresponder a tanta amabilidade com uma resposta qual-quer.

Eis a ahí porque me aventuro, mas sob uma condição: Não exija V. que fundamente o meu voto; deixe que falle apenas o coração: e dir-lhe-hei, que no meu entender, nem a incorrecção de linguagem ás vezes sensível, nem a trivialidade de algumas produções, podem ensombrar a brilhante reputação de primeiro poeta brasileiro, que entre os profanos como eu, soube firmar Gonçalves Dias com os seus cantos americanos.

De V.

Côrte, 6 de Maio.
1885.

Admirador e servo—B. de Teffé.»

PRIMUS INTER PARES

Entre os poetas que, verdadeiras gemas preciosas, opulentam o escriptorio da litteratura Brasileira, destaca-se o vulto gigante de Luiz Delfino, sobrepujando-os com o seu esplendor, á semelhança de um astro de primeira grandeza brilhando no azul do firmamento. Negar esta evidencia, é querer desconhecer a supremacia da MONTANHA DE LUZ entre os seus congeneres—os diamantes.

20 de Maio de 1885.—Luiz A. A. de Gama Velho Junior.»

UM HOMEM GASTO

(Conclusão)

Outro ponto.

Insultou-se L. L. porque o *Noviço* arguiu-o de tacanho em conhecimentos philosophicos. Nada mais razoavel do que essa acensação. L. L., collocando o seu heróe em Paris, e fazendo correr a accção na actualidade, tinha obrigação rigorosa de cereal-o das influencias intellectuaes da epoca. Ora é sabido que na atmosphera intellectual d'aquelle grande centro, de 30 annos a esta parte, predominam as idéas positivas, variando do Lamarckismo e Darwinismo, para o Comitismo, do Comitismo para o Litreísmo, Latitismo, Spencerismo, monismo e todas as nuancas mais ou menos Kantistas, que oferece o ponto de vista scientifico moderno; nunca, porém, o sensualismo de Locke, Condillac e outros philosophos, que apenas entram como elementos tradicionaes na contextura dos systemas vigentes.

Tendo tomado as citações dos sensualistas alludidos como um symptoma do estado mental do romancista, L. L. aborreceu-se, e veiu com a correctada de que o *Noviço* o que queria era obrigal-o a pedantear com a lista de todas as philosophias desde a seita Djaina da Tsharwaka. (Porque não alludio a uma philosophia mais antiga ainda — a pitheicoide, dos macacos que precederam o homem na evolução natural?) Não: o que o *Noviço* quiz foi insinuar que, se L. L. tem illustração e já percorreu todas as provincias do saber humano, não entendeu, não aprendeu, não assimilou nada.

Repete sem sentir, discute sem estar penetrado das idéas que sustenta, facto muito depenlente de uma cousa que os psychologos chamam facultade de generalisação, e os physiologistas cerebração inconsciente.

Vamos agora ao ultimo ponto.

Censurámos L. L. por haver attribuido o desastre de Alberto ao unico factor da educação collegial. L. L. defende-se dizendo — que não é exacta essa asseveração e que a influencia collegial era o ultimo termo de uma serie de causas, e que quanto á influencia da hereditariedade na la tinha que vér com ella, porque fizera nascer o seu heróe physica e intellectualmente perfeito.

Não ha maior ignorancia em psychologia do que esta, nem maior contradicção.

De sorte que o internato consolidou o caracter de Alberto, e d'ahi em diante tornou-o tão impenetravel a todas as outras influencias, que elle apezar de ter frequentado a sociedade fluminense, de haver adoptado uma profissão, de ter estado em Pariz, viajado, etc., por nada d'isto se deixou influenciar.

De sorte que ainda esse factor absoluto constituiu-se tão intolerante, que um homem, nascido physica e intellectualmente perfeito, não teve outro geito se não immobilisar-se e transformar-se no fakir dos novos tempos.

L. L. não sabe em que se metteu. L. L. é tão inexperiente que ignora que um organismo naquellas condições é um centro de resistencia, contra o qual não ha victoria possível, se não em casos imprevisos, fora da ordem commum.

Admittir o contrario é tornar impossível a selecção moral.

Um homem perfeito physica e intellectualmente é um forte; e um forte vence, não é vencido; resiste á corrupção, não cede a ella tão facilmente.

Se, pois, Alberto cedeu pela forma porque o romancista expõe, é que elle não passava de um ente fraco, se não vesânico, com predisposições para a crapula, e todos os vicios que o levaram ao suicidio.

Agora uma palavra em despedida, e uma declaração util.

Começou L. L. o seu artigo notando no critico erros de grammatica e não sabemos que mais, julgando offendel-o com isto.

Pois bem; perdeu o seu latim.

O *Noviço* tem profunha *insouciance* em materias d'esta ordem. Nunca se preocupou com pureza de linguagem, e deixa esse cuidado aos especialistas, que estudam esses elementos com o fim de enriquecer a anthropologia, cousa aliás muito séria, ou aos tolos que não têm outro objecto com que encher a cabeça.

No mais, faz até garbo em escrever mal o portuguez, esforçando-se apenas por ser claro e expressivo, mesmo por que entenle que a lingua que fallamos precisa ser bastante corrompida para chegar ao seu aperfeiçoamento.

Além d'isto acredita que certas preocupações muito prejudicam a expressão.

Lessing, no seu *Laoconte*, livro tão importante que Goethe leu duas vezes em 24 horas, e que L. L. deverá lêr 50 vezes, observa que toda a expressão de força que se nota no Hercules Farnese, estava subordinada á desproporção das coixas da estatua, que tinham sido reguladas por uma medida inferior á que devia ser guardada.

Finalizando aqui, o *Noviço* pede aos leitores desculpa por não haver descartado todo o arsenal da critica para tratar de um assumpto de tal ordem.

Seria ridículo agarrar o Pão d'Assucar para esmagar uma mosca, ou para demonstrar que L. L. nunca foi naturalista.

O Noviço

THEATROS

« A FILHA DO GUEDES »

Com esta peça levada á scena do Recreio Dramatico, na noite de 23 do espirante so foi feliz a distincta compositora D. Francisca Gonzaga, que para ella escreveu alguns bonitos numeros de musica. Todos os mais — o autor, « um dos mais conhecidos e festejados

autores dramaticos», os actores que a representaram e o empresario que a montou—fizeram *fiasco*. A peça é simplesmente—uma peça.

Não conhecemos a comedia franceza *Les Bons Ignorant*, da qual foi arrancada a *forceps* a *Filha do Guedes*, mas acreditamos que seja uma comedia interessante e espiritosa. Melhor houvera sido que o arranjador brasileiro se contentasse com traduzil-a litteralmente, do que estragar o que ella tem de bom, misturando— em má hora, com os adubos especiaes de casa. O resultado d'este processo foi um angú indigesto, enfartado, uma feijoadá engordurada, cheia de pimentas ar-lentes e limões azedos...

São tantos os defeitos que levariamos o resto do anno a enumerar-os...

O comparecimento d'aquella *cocotte* despejala a uma festa de familia em Pindamonhangaba, em companhia de um pavoroso *bilontra*, tão *bilontra* que a *cêde* ao seu amigo Arsenio, o noivo, da melhor vontade, no proprio dia do casamento; o facto de se desmanchar este unicamente por causa da simulada opposição da mulher de Guedes, de quem este havia dezoito annos vivia separado, por causa de um soco, como se tal opposição podesse ter algum valor; a partida subita de toda Pindamonhangaba para a corte, afim da descobrir a mulher de Guedes; a ida do barão-delegado por eausa da tal *cocotte* de quem aliás não faz nenhum caso, sacrificando, para conquistal-a, as suas proprias barbas auctoritarias e russas; o mascaramento de toda aquella tropa que cahio na corte em pleno carnaval; a bebedeira helionda de Arsenio, que se desembriagou como por milagre para o fim especial de se arrepender de haver abandonado a noiva; o reconhecimento do barão-delegado pelo tenente-coronel Guedes, apesar de estar aquelle de barba rapada; eis algumas das muitissimas inverosimilhanças d'A *Filha do Guedes*.

É além disso—é de uma frescura!... Tem cada patifaria de fazer corar um policial...alorruccido!

Quanto ao desempenho, seria crueldade exigir outro melhor do que o que lhe dêram os artistas do *Recreio*—é impossível representar aquillo decentemente.

Digamos, to havia, por amor da justiça que elles fizeram o que puderam.

Se a peça naufragou não foi por culpa d'elles. Os pobres artistas não têm o dom de fazer milagres!

A musica mal toca e mal cantada, agradou muito porque é realmente bonita.

O côro de abertura, o tango *Menina faceira*, a aria *Grata esperanza*, a valsa do terceiro acto são trechos alegres, faceis, originaes.

Principalmente o tango *Menina faceira*, que foi bisado e muito applaudido, é caracteristicamente brasileiro e está destinado á popularidade.

Da *degringolade* theatral da noite de 23 so conseguiu salvar-se a musica.

Damos por isso os parabens á auctora.

Requiescat in pace a *Filha do Guedes*.

A SEMANA

O *Diario Mercantil*, de S. Paulo recebeu o nosso n.20, com as seguintes amabilissimas palavras, que agradecemos cordialmente:

« A SEMANA »

Este notavel e elegante periodico vae cortando um mar de flores... de ouro.

O presente numero já foi impresso em typographia propria, não desmerecendo em nada, quanto á nitidez de impressão dos outros numeros.

Era de esperar que o favor publico babejasse esta folha, porque, a fallarmos com franqueza, ella nos tem dado uma boa porção de ascriptos litterarios que satisfazem plenamente os paladares mais exigentes em arte, tomando-se esta palavra na sua mais genuina expressão.

A frente da *Semana* está Valentim Magalhães, o indefeso batalhador das letras, que, sem contestação, é a mais solida garantia para a sua prosperidade.

Ao seu lado, figura tambem um fulgurante cortejo de nomes laureados na poesia, no romance e na critica, etc.

Em o numero 20, que tomou sobre a mesa, ha artigos de subido valor litterario como o *Dr. Luiz Delfino e a poesia nacional*, de Luiz Murat, *Germinal*, de Araripe Junior; *Ruy Vaz*, de Aluizio Azevelo, etc.

No certamen proposto pela *Semana* o vencedor ate agora é Gonçalves Dias. »

COFRE DAS GRACAS

— Então partes hoje?
— Parto hoje, sim.
— Porque não alias a viagem?
— Não posso; o cavallo está á minha espera.
— Ora! Então o cavallo não pôde ir á pé?...

Authentica:

Na villa de C... Procede-se a um exame cadaverico. O subdelegado, que presidia ao acto, com s'elicitude, para os auxiliares do exame:

— Botem agua da barraca, botem agua da barraca... p'ra evitar os miasmas...

COLLABORAÇÃO

VICTOR HUGO

*Je te salue au s'uil severe du tombeau,
Vo chercher le vrai, toi qui sus trouver le beau*
VICTOR HUGO.

No dia 22 do corrente, por meio do fio telegraphico, Pariz disse ao mundo estas tristes e aterradoras palavras:— Acaba de fallecer Victor Hugo.

E o mundo inteiro estremeceu com o baque d'esse astro que desobava e commoveu-se e verteu lagrimas por esse vazio que se fazia na terra.

Era morto o grande Poeta do seculo. Apagara-se o Sol que illuminara toda a civilisação, ausentara-se da Terra o Deus que tanta cousa creara, que tanta cousa fizera viver.

E foi grande a dor e foi geral.

Quando o sublime philosopho de Nazareth expirou na cruz, so teve para chorar-o os seus discipulos e so muito depois foi que o seu nome encheu os seculos.

Victor Hugo — morrendo, teve para chorar-o a Humanidade.

Era porque um—o Christo—era uma só religião, e Hugo era to lous as religiões, encerrava em si todas as paixões, todos os sentimentos e todas as aspirações. Elle era o Zeus tempestuoso, o Deus de cem braços, Phitá, Hina, Gangá e Vishnú e Jehovah.

Todo o mundo o conhecia, porque elle era um Deus Universal.

Ah! como todos nos choramos o Pai do nosso espirito.

Com que assombro o vimos subir, abrir as azas e as espalmar no mais concavo do céu da poesia lyrica e ahi dar as mais complicadas curvas e pairar no azul, sereno e bello como um passaro-rei, e repousar nas mais altas cordilheiras e depois descer á Terra e sacu-

dindo as pennas colmal-a de versos de ouro e tintos nas Auroras.

Como fo. grande a sua madrugada da o seu dia e o seu crepusculo!

A creança rachitica e enfezada, que nascera em Besançon, quando o seculo tinha dous annos, devia ser na sua adolescencia um egual de Lamartine, na sua virilidade o rival de Eschylo e de Pindaro, e na sua velhice o irmão e o companheiro de Homero.

O seu passado foi todo de luctas e de victorias, de acerbos dissabores e de grandes compensações.

Na politica, como nas letras, elle viu-se negado, apupado, exilado e tudo soffreu sem vergar, como um espirito superior que era. Elle bem sabia que a França tinha por fim de reconhecer o poder de seu genio e que Pariz inteiro para render-lhe homenagem e veneração desfilaria no futuro, em romaria sob as janellas de sua casa.

Foi Hugo o chefe d'essa brilhante revolução litteraria, d'essa época de effervescencia de espiritos e de fervilhar de idéas, que fez lembrar a Renascença e que se chamou Romantismo.

O seu grito foi o celebre prefacio do *Cromwell* e na bandeira que elle hasteára aos quatro ventos, lia-se em letras rutilantes a legendaria divisa:—*A arte pela arte.*

Ouvindo os protestos do classismo e as vozerias dos mediocres, Hugo sorria-se como um Omnipotente e atirava-lhes o seu desprezo e com elle mais um drama, e offuscava-os com as scintillações de mais um poema. E os sons da trompa de *Hernani* e os delirios amorosos de *Marion Delorme* fazia-os pasmarem de espanto e de admiração.

Como muito bem diz—Théodore de Banville, um outro magico do verso, cada poema de Victor Hugo que surgia era como se em uma *soirée* de bons burguezes occupados em jogar o loto e comendo castanhas e bebendo cidra se visse de repente entrar um leão.

Havia na organização de Victor Hugo todo o temperamento de um hespanhol, mas de um hespanhol em cujas veias corresse o nobre e cavalheiresco sangue sarraceno. Restaurando as gothicas cathedraes e os castellos medievos e fazendo pulsar a natureza e desencadeando as paixões e os sentimentos, deunos obras moldadas em bronze, e que hão de existir tanto quanto o mundo.

Ah! quantas vezes não nos fez elle sonhar e remontar ao paiz do Ideal: esbracedada e aquecida pelo Bello, ao lermos as *Balladas* e as *Orientaes* passar mil deslumbramentos, abrir-se mundos novos.

Sentiamo-nos ora em Andaluzia, ora em pleno Oriente, e com elle percorriamos Alhambras arrendadas como pombas, tecidas nas mais leves e delicadas filigranas, palacios da mais complicada architectura e broslados de ouro e prata e de attrahentes baixo-relevos e de labyrinthicos arabescos. E pisavamos os pateos de marmore que se rasgavam largos e arcejados, e onde nas piscinas a agua cahia em pó, em jactos, em toalhas n'um murmuro brando e doce.

O alôes, o cedro, as rosas, a myrrha e o cardamomo perfumavam e refrescavam a pureza do ambiente.

— E nós, o estrangeiro, o viajante offuscado e commovido, sustinhamos a respiração com medo de perturbar os sonhos da apaixonada e pensativa princeza, da sultana de pupillas negras e de ouro, que se debruçava na architrava e ogival janella julgando ouvir na areia das alame-las o abafado passo do corcel que conduz o seu gentil senhor e amado cavalleiro.

Quem mais hade cantar o Amor puro e celeste como em D. Sancho e Doña

Rosa, desvairado e louco como em Ruy Blas?

Quem mais ha de cantar os heróes?

Com suas mãos potentes Hugo soube arrancar do passado e resuscitar, dando-lhes mais bellezas, as velhas Formas e os Rhythmos de Ronsard e as balladas de Villon. E o verso que é aguia, e é leão, e é rouxinol, que voa, que rug e canta esorri e tem lagrimas, sahia-lhe da penna ou evolava-se-lhe dos labios harmonioso e vibrante como o crystal. E a estrophe alava-se, carrilhonando a Rima.

Gerard de Nerval, essa alma melancholica e triste, Gauthier, o divino cizelador de joias litterarias, o poeta impecavel, o musico da palavra, e Banville, um grego do tempo de Praxitelles e Saint-Victor, esse colorista da prosa, o Ticiano do periodo; — durante toda a sua vida só tiveram um idolo e esse idolo foi o grande Mestre.

Agora que as pennas todas se cruzem em funeral e que todos murmuremos baixo estes hugoanos versos no momento da despedida:

Monte, esprit!... Grandis, plane, ouvre tes ailes, va!...

Maio de 1885.

ALBERTO CONRADO

Je veille et nuit et jour mon front réce enflammé.

VICTOR HUGO.

Já glorificado em vida ascensiona-se Hugo do orbe terrestre entre hosanas que a humanidade prosternada eleva cndeosando o seu nome.

O seu desapparecimento d'entre os vivos faz sangrar o coração dos que vivem, mas essa dor suprema eclipsa-se ante a sublimidade da estrophe que era seu lemma:

« Patria, Amór e Caridade! »

Em seu sonho constante o homem-deos igualou todo o genero humano tirando com ferreo pulso d'infinas classes os seus heróes!

Theorista da perfectibilidade, o seu coração foi o throno em que assentou Bonjean e Messalina: creador do bello horrivel consorcio sob purissimo amor *Déa* e *Gwiupleine* e eterniza em paginas de bronze *Quasimodo!*

Identificando-se com Christo burilla o seu *venite* na esplendorosa epopéa—*L'art d'être grand-pere!*

Exilando-se, deixa após si clarões de luz, que pairando no céu da patria vivificam a alma popular insuffandolhe a heroicidade precisa para instituir o governo do povo pelo povo.

De longe, noite e dia, seu coração se biparte entre o amor dos seus e o da patria; entretanto a humanidade pasma fitando Jersey, sabe que ali reside o cerebro potente do qual lhe advirá a sonhada soberania! Sabe que ali reside o homem creador que ajudou a demolir a França monarchica para reconstruila poderosa e democratica.

Mães, crianças, patria, este é o homem impio na phrase do Sr. Diogo de Vasconcellos, deputado brasileiro!

Infeliz Brazil! que seria de ti sem a pleiade nobilissimos que vivem e te estremecem?!

Victor Hugo não morreu. Vive!
Salve, França!

JOSÉ MARIA PIMENTEL

VICTOR HUGO

Acaba de desapparecer Victor Hugo, o mais eminente vulto da França.

Poeta, romancista e homem politico, Victor Hugo realisa n'este seculo de actividade intellectual o ideal do homem publico.

Que fará sem elle a França?

O. DE NIEMEYER.

PETIT-TABLEAU

(A V. MAGALHÃES)

A vivenda é pequena. Suas janellinhas brancas ornadas de cortinas azues, abrem-se de par em par para os campos verdejantes, onde, ao longe, aqui e alli pastam carneirinhos.

Aquelles arvoredos de um verde escuro, sombreavam o jardim, onde bandos de passarinhos fugindo aos raios do sol, saltitavam cantando.

Aquelle luar esplendido, passando, melancolico, pelas cortinas cahidas, ia colorir com sua cor de prata, o tapete macio do quarto.

O reposteiro da alcova agita-se, uma mãosinha branca levanta-o e pouco depois uma mulher com os cabellos cahidos por sobre o roupão de cambraia, chega á janella.

Fitando o céu scintillante de estrelas faz ouvir uma canção de amor que vai perder-se na extensão dos campos.

Um moço que mansamente se occultára no cortinado, apparece então e passando-lhe o braço pela cintura fina beija-lhe docemente a fronte...

A lua caminhava; aquelle raio curioso que ia expirar no tapete desapparecera, e elles dous n'aquella janellinha com trepadeiras em flor, conversavam ainda fitando os campos illuminados pelo luar:

DIONYSIO B. TANCREDO

Março—85.

RECEBEMOS

Themas e Variações (Bahia).—Um volume de poesias do Sr. F. Xavier F. Marques. Traz um prologo firmado pelo Dr. Valentim Magalhães.

Vamos lê-o.

Arminhos de Garcia Redondo. E' uma colleção de ligeiros contos. Brevemente daremos nossa opinião.

Do conhecido editor David Corazzi um volume pertencente á *Bibliotheca do Povo*, sob o titulo *Armara*, e outro ás *Biographias de homens celebres* intitulado *Alexandre*.

Um convite para o sarau-concerto que o Club do Engenho Velho realisa hoje. Lá estaremos sem falta.

Revista Maritima, n. 10, anno 4º.

CORREIO

Sr. João Ribeiro.—A sua poesia *No Capitolio*, tem bonitas idéas e seria mesmo muito boa se fosse toda em verso. Mas o Sr., que faz correctamente o hendecassyllabo, erra deploravelmente o alexandrino. Exemplo:

Dobrar-se sobre si o grave espirito humano. Do tamanho d'um seculo estendia a mansa.

Se a quizer corrigir... sabe que publicamos com muito gosto os seus trabalhos.

Sr. Antonio Roza da Costa.—O seu soneto *Barbaridade* é mesmo uma barbaridade... Pois o Sr. não tem pena da gente?

Se tem, mande-nos versos correctos... pelo amor de Deus!

Typ. d'A Semana, T. do Ouvidor, 36.

A SEMANA

COSTE

Trimestre..... 28000
Semestre..... 48000
Anno..... 88000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Director—VALENTIM MAGALHÃES

PROVINCIAS

Semestre..... 18000
Anno..... 38000

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO CUIDADOR, 36, SOBRADO

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicadas

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

SUMMARIO

EXPEDIENTE—O incidente Morel; *Filinto de Almeida*—O conego Belmonte—Politica e politicos; *Ambrozio Severo*—Um homem gasto; *Norico*—Luiz Dellino; *Valentim Magalhães*—Questão litteraria—*Auroras*—«Diario de Noticias»—«Valentim Magalhães, estudo por Sylvio Romero»—Theatros—Ruy-Vaz, romance; *Aluizio Azevedo*—Victor Hugo, soneto; *Rauquel de S. Paio*—Tratos á bola; *D. Pastel*—Recebemos—Anuncios.

EXPEDIENTE

Ao Sr. Antonio Luiz do Couto agente d' *A Semana* em Niecheroy, roga-se o obsequio de vir a este escriptorio, para liquidação dos seus negocios com esta folha.

A SEMANA

Rio de Janeiro, 6 de Junho de 1887.

O Incidente Morel

Como redactor d' *A Semana*, cabe-me o dever de fazer algumas considerações ao incidente provocado pelo Sr. Charles Morel, redactor da *Revue Commerciale, Financière et Maritime*, que teve como resultado a retirada de Valentim Magalhães, director d'esta folha, da redacção da *Gazeta de Noticias*. Estas considerações explicam concomitantemente a attitudo d' *A Semana* em toda a questão.

O Sr. Morel, tendo *passado* á *Semana* a unica perna que infelizmente possui, pretendia incumbir-se do trabalho que esta folha primeiro tomara a si: grande manifestação de pesar pela morte de Victor Hugo.

Allegados como de bom aviso por S. S. os seus titulos de unico jornalista francez n'este paiz, *A Semana*, pela voz do seu director, cedeu-lhe os direitos de iniciativa e recolheu-se cavalheirescamente ao silencio. O retrahimento por parte d'esta folha prova cabalmente que ella não pretendia á somira do glorioso nome do Mestre atrahir sobre si a attenção publica ou fazer da homenagem que se ia prestar um elemento de *réclame*, como alguns malignos por ali aventuraram. Na sua qualidade de jornal litterario que dispõe da adhesão e da sympathia de quasi toda a mocidade que na capital do Imperio trata letras, corria-lhe imprescindivel e inalienavel o dever de honrar a memoria do grande genio da litteratura do seculo, e a convocação de uma assembléa de jornalistas não significava mais do que o simples cumprimento d'esse dever.

Desle, porém, que outro jornalista, e

francez, apparecia como um elemento perturbador e divisorio dos factores da grande manifestação projectada, *A Semana* entendeu com muito boa razão e segurança de juizo que qualquer manifestação que depois d'isto se fizesse não attingiria a solemnidade e a grandeza dignas do nome de Victor Hugo—e retirou-se satisfeito de saber que fora o primeiro jornal que lembrára a homenagem, embora ficasse a outro a prejudicada gloria de executala.

Não se enganava *A Semana*; o Sr. Morel conseguio reunir grande numero de pessoas, mas a reunião foi desordenada e tumultuosa, conforme declarou o illustrado Sr. Dr. Aquino Fonseca, em carta dirigida á redacção d' *O Paiz* e publicada no dia 1.

A noticia que *O Paiz* deu d'essa reunião provocou ao Sr. Morel uma carta descozta e atrevida, á qual Quintino Bocayuva respondeu com um brilhante assomo de dignidade e de brio, na la estranháveis em quem tem sabido manter no jornalismo brazileiro o logar de honra pela seriedade, pela honrabilidade e pela rectidão; nessa resposta, porém, accusava-se a imprensa de *despreocupação e lenidade* e dizia-se-lhe peremptoriamente que ella não tinha patriotismo e nem ao menos sabia ter a *solidariedade da honra*.

Estas accusações, que repetidissimos actos da nossa imprensa justificam, chocou especialmente a *Gazeta de Noticias* que no dia seguinte tambem encontrou accusações para *O Paiz*.

Até aqui a primeira Phase da questão. Accusação d' *O Paiz*; retaliação da *Gazeta*.

A segunda Phase começou com o artigo de Quintino Bocayuva em resposta á *Gazeta*, artigo em que se atacava francamente o assumpto e em que se reprochava á *Gazeta* a má acção de ter abandonado o seu collaborador Valentim Magalhães, o qual, como director d' *A Semana*, convocára primeiramente a reunião de jornalistas, e onde se acrescentava que *O Paiz* não comparecera á reunião Morel, por não querer encampar o facto de se mandar ou deixar atirar ás *artigas* o Sr. Dr. Valentim Magalhães pela mão do Sr. Morel.

E' necessario e urgente notar-se antes de tudo que a dignidade pessoal de Valentim Magalhães em nada fora offendida nesta discussão.

No mo do porque o artigo d' *O Paiz* encaráva então o incidente e na conjunctura em que collocára a *Gazeta*, corria a esta o dever imprescindivel de defender-se da accusação no que ella se referia ao abandono do redactor d' *A Semana*, sem o que haveria pelo menos desattenção para com elle e confirmação da proposição d' *O Paiz*, o que obrigaria Valentim Magalhães a retirar-se da redacção da *Gazeta*. O Publico ja então commentava vivamente estas occuren-

cias, de maneira pouco favoravel para Valentim Magalhães.

O lamentavel facto que cobrio de luto e dor a respeitavel familia do redactor chefe d' *O Paiz*, fez com que a *Gazeta* retirasse o artigo em que pretendia defender o seu collaborador. Não apparecendo, pois, no dia seguinte o esperado artigo, e não se lhe tendo dado a menor explicação ou aviso, Valentim Magalhães, como sempre tem feito em todos os actos da sua vida, cumprio o seu dever—despedio-se do logar que occupava na *Gazeta de Noticias*.

Exposta assim a questão, com a mais rigorosa verdade e fidelidade, facil é ao publico decidir quem tem razão em tudo isto.

O que a redacção da *Gazeta* nunca poderá explicar cabal e airoosamente é o facto de haver comparecido, na pessoa do seu redactor principal, á reunião convocada pelo Sr. Morel—um estranho não tendo anteriormente comparecido á convocação por Valentim Magalhães—um compatriota e da casa.

E' inutil qualquer commentario n'outro sentido.

FILINTO D' ALMEIDA

O honra sobre quea se apoia um povo inteiro, precisa de se apoiar sobre uma mulher.

VICTOR HUGO

O CONEGO BELMONTI

Falleceu, na madrugada do dia 30 de Maio proximo passado, o conego Agostino Ferreira da Cruz Belmonte, antigo e proecto educador da mocidade e director do acreditado collegio S. Francisco de Paula. Foi pregador de fama; aos seus sermões de quaresma a multidão acudia pressurosa, se lenta da sua palavray inspirada, como a uma fonte abundante de agua limpida e pura.

Do muito que lhe deve a instrucção publica do paiz podem dar honroso testemunho muitos homens illustres que foram discipulos do «padre-mestre Belmonte» e que hoje occupam brilhantes posições nas letras, na politica, na magistratura, na sciencia e no magisterio. Era uma consciencia recta e um coração bondosissimo—esse venerando sacerdote, por cuja perla hoje vestem luto, com os seus innumeros amigos e discipulos, a Igreja e a Instrucção.

A Semana associa-se com sincero dó ao geral sentimento por esta morte, verdadeiramente lamentavel.

Ontem, sétimo dia do seu passamento foram rezadas numerosas missas com enorme concurrencia de discipulos, ex-discipulos e amigos do fallecido. O sentimento era geral.

No proximo numero d'esta folha encontrarão os leitores um ligeiro artigo de Valentim Magalhães sobre o conego Belmonte—de saudosa e veneranda memoria.

Foram sepultados no dia 3 do corrente, no cemiterio de S. João Baptista, os restos mortaes da Exma. Sra. D. Luiza Amelia de Almeida Costa Bocayuva, esposa do nosso illustre collega Quintino Bocayuva, redactor principal do *Paiz*. No seu enterro fez-se representar toda a imprensa da corte e compareceram numerosissimos amigos, collegas e admiradores do illustre jornalista.

Nessa communhão espontanea e sincera da dor immensa que lhe golpeou o coração de esposo e pae, deve elle ter encontrado o unico possível consolo para tão rude e doloroso transe.

Ao nosso estimado mestre e à sua Exma. familia apresenta a relação d'*A Semana* os seus sinceros pezames.

FERREIRA DE MENEZES

Completam-se hoje quatro annos que falleceu Ferreira de Menezes, o grande e terrível inimigo da escravidão, o sempre lembrado fanfator da *Gazeta da Tarde*, o delicado e terno folhetinista, o originalissimo prosa-lyricista, o companheiro fiel e o amigo fiel. Precioso talento; preciosissimo coração!

A Semana rende à sua memoria honrada a homenagem do respeito e da saudade.

POLITICA E POLITICOS

Na sessão do dia 1º o Sr. Bezerra de Menezes obteve a palavra para pedir informações ao governo sobre a prisão do commendador Carlos de Lacerda, deixan-lo transparecer o receio de que esta prisão fosse uma consequencia da reacção do governo contra a propaganda abolicionista.

Seguiu-se-lhe o Sr. José Mariano, que protestou energicamente contra este facto, defendendo os abolicionistas e demonstrando claramente que a violencia estava do lado d'aquelles que se oppunham à emancipação do elemento servil, e não dos que pregavam a egualdade humana, o direito commun de todos serem livres.

O orador apresentou algumas photographias de escravos seviciados, ligados ao tronco e submettidos a todas as torturas pela crueldade dos senhores sem coração, sem consciencia para verem que no escravo ha um homem, no homem o direito, no direito a liberdade, na liberdade a condição fundamental do progresso.

As palavras do Sr. José Mariano, cheias de convicção e de verdade, foram respondidas pela imbecilidade negra com a galhofa, com a pilheria e a risada bofes dos ineptos e dos criminosos cynicos.

O conluio negro mandou que S. Ex. expuzesse aquelle quadro em uma das vitrines da rua do Ouvidor.

Eles é que deveriam ser expostos para que o povo os conhecesse de perto e os garotos se deliciassem.

Ignobil situação! vergonhosa attitude popular, que ainda não soube impor a estes trocistas, a estes delinquentes o castigo que para elles reclamam os ho-

mens de bem, que, com difficuldade, quando se esphacelam os caracteres e se decompõe a consciencia nacional, conseguiram salvar a sua honra e a sua dignidade civicas.

No dia 20 o Sr. Andrade Figueira pediu a palavra para dizer á camara que a sua opinião é que a escravidão extinguir-se-ha com a *liberalidade brasileira*.

O Sr. Andrade Figueira não reflectio no que disse.

A liberalidade implica uma serie de estados intellectuaes, uma serie de circumstancias moraes a que estamos muito longe de chegar, nos que ainda não possuímos o conhecimento dos nossos direitos e dos nossos deveres.

Se tomássemos a sério o que disse S. Ex., quando chegávamos ao advento da emancipação do escravo?

S. Ex., permitta-nos a franqueza, disse um disparate.

Se S. Ex. um dia se houvesse dado ao trabalho de compulsar bons auctores, nos lhe indicaríamos a inxequibilidade de se realizar semelhante aspiração por um meio tão lento quanto absurdo.

Existe uma sciencia, Sr. Andrade Figueira, que protesta contra esse meio de reforma, tomando em consideração as nossas condições mesologicas, a capacidade mental do nosso povo.

Se estivessemos em condições de resolver um problema de tamanha importancia, se a nossa educação estivesse á altura de ferir a questão exponetaneamente pelo seu lado humanitario, se podessemos comprehender o conjunto das circumstancias que impossibilitam o desenvolvimento geral das nossas idéas, antes de abolir a escravidão, impediríamos a entrada de um homem como S. Ex. no parlamento.

Quando o povo supporta, é que ainda não sabe resolver.

Desse que elle adquira, por uma assimilação lenta, porém segura, o conhecimento das cousas e dos homens, tudo elle consegue, todas as reformas são realizadas.

A emancipação do elemento servil, se as causas que têm determinado uma tão perigosa situação continuarem a produzir os mesmos offeitos, não será realisa-la como S. Ex. espera.

Não. Do mesmo modo que uma gotta n'uma columna d'agua pôde produzir um trasvasamento por uma deslocação molecular do corpo; tambem este conjunto de causas, em virtude de um elemento insignificante introduzido na orbita onde as idéas e os sentimentos cruzam-se, entrechocam-se, eliminam-se, irrompem de chofre, recurvam-se, engrossam, pôde determinar uma erupção, que na ordem social se chama reacção.

Digam o que disserem, a questão do elemento servil está presa a outras que de dia em dia actuam energicamente para precipitar-nos em uma situação peor, cujo meio unico para superarmol-a será uma violencia correspondente ao esforço produzido para depirmir-nos.

Francoamente, lancemos a phrase sem receios, como quem está certo de que ella resume um axioma mathematico: —a unica salvação possível d'este povo está em coarctar as prerogativas monarchicas, em attenuar a acção oppressiva da vontade do alto, em substituir o falso dogma do privilegio e da desigualdade civil pela egualdade dos homens, pela reivindicacão dos direitos usurpados, pelo imperio das idéas, pelo criterio da justiça e da liberdade.

O meio é este: — violentar a monarchia para salvar o povo. Para vencermos precisamos de audacia, mais audacia, sempre audacia; como exclamava Danton. Sem isto nada conseguiremos.

Não nos illudamos; cumpre-nos dizer ao povo a verdade:—não ha meio termo—ou elle ou Sua Magestade.

Repellir é um direito.

Em uma situação como esta todo esforço é uma garantia.

Se este estado de cousas continuar só haverá um alvitre: é a palavra de Montant na Convenção franceza.

Sejamos francos, sejamos energicos, sejamos brutos mesmo, quan lo tivermos de dizer a verdade.

E' preciso que o povo saiba de tudo, é preciso que elle aprenda a resolver as questoes por suas proprias mãos.

So a imprensa pôde equilibrar o desespero popular com a insidiososa e intolerante attitude do poder. Ella foi e será sempre o contrapeso entre o despotismo em acção e a liberdade em perigo.

E' necessario, pois, que ella cumpra o seu dever, e que tenha sempre em memoria a maxima de Machiavel: que nos casos de consciencia politica, o maior bem apaga o menor mal. Ou então, para sermos mais claros, façamos nossa a maxima dos reis:—que mais vale o sacrificar-se muitos innocentes do que perder-se um so culpado.

AMBROZIO SEVERO

A natureza tem o macaco, e a igreja — o diabo. Viva o macaco! E' mais alegre!

VICTOR HUGO

« UM HOMEM GASTO »

Urubú infeliz, não ha pão que o agualhe.

L. L. suppunha, por ser *dinheiroso* e ter recursos para fazer do proprio punho *reclames* nas columnas do *Jornal do Commercio*, que não lhe cahiria o anno bissexto em cima.

Os paulistas não gostaram da droga. Os periodicos da terra dos Andradas tambem repelliram a pilheira litteraria.

E ahí vem o *litterato gasto*, como novo D. Quixote, brandindo a lança contra céus, mares e terra, desafiando a todos, chamando o mundo inteiro á discussão.

No meio de tudo isto não sabemos o que mais admirar: se a impavidez do romancista sem talento, se a disposição em que se acha o rico-homem-lyricista, de fazer passar toda a sua fortuna para a caixa do *Jornal*.

Verdade é que no seu primeiro artigo L. L. mostrou-s muito escandalizado, porque pretendemos considerar a riqueza (o luxo deveríamos ter dito) um elemento de dissolução; o que nos valeu logo uma reprimenda energica, acompanhada da seguinte reflexão— que a sociedade dos ricos existentes no Rio de Janeiro, é uma sociedade muito severa, rigorosa e incapaz a todo ponto de concorrer para a corrupção dos mancebos inexperientes.

Não afirmamos o contrario; mas desde que lêmos essa phrase deveríamos ter ficado certos de que L. L. não passava de um pacatissimo cultor das letras de cambio, e portanto um homem de sangue frio, perfeitamente preparado para transformar-se em legião.

Na semana passada era *Bodmer, D. Fuas, Nos quoque e Roupinho*, quem se esgrimia ao vento; hoje é o tremendasso *Estudioso* (L. L.) que de novo surge, mais correcto e animado.

Cinco pseudonymos distinctos e um só romancista verdadeiramente tolo e desenxabido.

Deixemos L. L., entretanto, com a sua erudicção de *galhofa oitocentista*, atollado até aos olhos no *espólio dos Camellos losquiados*, das *Bestas esfoladas*, dos *Burros*

de outras quejandas produções próprias do tempo, e cujo espirito elle mesmo não conhece, nem poderá nunca conhecer, graças à nunca assás lembrada consolidação da sua callote craneana. Entremos em materia, e vejamos se nos cinco itens de sua *contrariedade* desculpem os leitores a locução juridica, publica-la nos jornaes de 3 e 4 do corrente, ha um so que possa destruir o que articulamos em nosso libello.

Não ha. Em primeiro lugar, L. L. poz de parte as accusações essenciaes para responder a cousas secundarias. Não seja isto, porém, motivo de desagrado.

Ao primeiro item, que se refere á questão de ser ou não ser L. L. romancista moderno, naturalista, veio L. L. com esta nova coarctada: — que o seu naturalismo não é o de Zola, como o *Novicio* desejaria que fosse, ou determinista «com todo o seu cortejo de influencias *caceteadoras* etc.», mas sim o de Balzac, Goncourt, Daudet o Dickens.

Conta-lo de L. L. Pobre L. L. Leu e não entendeu. Quem lhe disse que *Novicio* é zolista e accetta no romance o methollo experimental de Claude Bernar?

Pois se não sabe, fique sabendo. O que *Novicio* quer que appareça n'essa qualia le de productos d'arte é unicamente a observação, mas a observação com espirito philosophico; nunca a dissertação, nem o delirio sem razão de ser. O romancista no seculo XIX não pode ser simplesmente um poeta; se pretender vingar, ha de forçosamente apparellar-se com todos os instrumentos de seu tempo, ou ha de ser genio; o que vem a dar idênticos resultados. Se não satisfizer essa exigencia, não passará de um alinhador de phrases, que, na la teudo enchergado, na la tem também que dizer, cingindo-se, por tanto, logo que toma a penna para escrever, a accumular logares communs.

Segundo pensa *Novicio*, o unico methollo de observação seguro, julicioso, é o *binario*. Deixamos a palavra sem explicação, de proposito, para dar a L. L. o que resmoer. O methollo binario tem a immensa vantagem de evitar os excessos de escola; é o que mais convem aos espiritos calmos e reflectidos.

Já vê L. L. que ainda uma vez errou a pontaria; o que não levamos a mal.

O que, porém, não toleraremos é que L. L. se julgue original, se bem que patreillo com Balzac, Goncourt, Daudet e Dickens.

Que orgulho! o que *parvoçada!*

Olhem os leitores se temos ou não razão em tanger esse touro bravo para a gangorra.

Calla um d'aquelles autores que elle citou representa um temperamento diverso, e de in lole differente. São artistas de raça, que, cedendo a influencias oppostas, têm e tiveram processos dissemelhantes, notas ou télas particulares.

Comparar Daudet, o avelludado, o expansivo Daudet, ao melancolico e profundamente humoristico Dickens, importa o mesmo que chamar de arroz doce ao Pão de Assucar.

Não obstante, L. L. reunio-os em rosario, e, pendurando-os ao pescoço, julgou tudo ter feito.

No proximo artigo diremos com quem o poeta gasto se parece.

Novicio

Não ha religião que não blaspheme um pouco.

VICTOR HUGO

LUIZ DELFINO

AO «DIARIO LIBERAL»

Depois da criticasinha do *Coropido*, a que já respondi, alirou-se o Taine do *Diario Liberal* á *Solemnia Verba* com o mesmo ardor de destruição e o mesmo alfinete escarrafunchante.

Disse della mais do que — cobras e largatos; disse — serpentes e croco lillos!

Começou por chamalla, não *Solemnia* mas *Inania Verba*.

E depois de se declarar convencido «da absoluta falta de sinceridade com que exalto a *Solemnia Verba*», desfecha com a sua espingardinha terrivel este tremendo tiro... de polvora secca:

«Em todo o trabalho artistico, ha uma concepção fundamental a que todas as partes, todos os detalhes, se subordinam, para tornal-a saliente; para este effeito devem concorrer todos os esforços do artista. A *Solemnia Verba* falta essa concepção fundamental, falta esse ponto de convergencia, para on le deviam tender os raios da imaginação do poeta. Inutilmente se procura esse ponto. Vemos essa imaginação doudelar sem rumo, apenas subjugada á necessidade momentanea e trivial da rima, que, bem ou mal vencida em uma estancia, se renova na seguinte, e o guia como um cão que dirige um cego; sem que este saiba para on le vai. Producto do acaso, que lhe deu a primeira rima, a *Solemnia Verba* accusa em todas as estancias os vicios da origem: a desorlem, a confusão, o disparate e o absurdo.»

A *Solemnia Verba* não falta concepção fundamental. Ella é, ao contrario, grandiosa e vasta. Escripto por occasião de subir D. Alfonso XII ao throno da Hespanha, é este verda leiro poema um grande grito de dô e de indignação ante o aviltamento moral e politico da bella Hespanha do Cid e de Pelayo; lamenta e profliga em sonoros versos vingadores o abastardamento do character hespanhol, o seu servilismo monarchico, a sua cegueira religiosa, a sua cobardia e a sua inacção sob o dominio dos oppressores; fustiga, amalioa a perla do sentimento da Liberdade, e procura reanimar nesses corações, gelados pelo despotismo e pela ambição, o pouco sangue honrado e generoso que nelles ainda reste. Eil-a, esboçada em duas palavras, a idéa fundamental desse poema. Não me alongo sobre este ponto, aliás importantissimo, porque o meu amigo Luiz Murat no proximo artigo da serie que tem publicado nesta folha, sobre o Dr. Luiz Delfino, occupar-se-ha com o estudo da *Solemnia Verba* e demonstrará brilhantemente que esse trabalho, quer como concepção, quer como execução, honraria a litteratura hespanhola, se

Havendo deixado de escrever na *Gazeta de Noticias* as *Notas á margem*, será desta folha que responderei ao *Diario Liberal*, de S. Paulo sobre a critica que emprehendeu dos trabalhos de Luiz Delfino.

V. M.

lhe pertencesse, e é de quantos poemas se tem publicado no Brazil o de maior alcance social e politico, o de concepção mais alta, mais generosa, em uma palavra: — mais *humana*.

Para provar que a *Solemnia Verba* é um producto de acaso, mixtiforio poetico, sem pés nem cabeça, desfia o formilando critico um longo rosario de repuros e censuras. Vou acompanhá-lo nesse inglorio e penoso trabalho; mas, desta vez, não confio unicamente ás proprias forças, mas fortemente secundado pelo auxilio de illustre escriptor, que obsequiosamente me enviou a maior parte das notas com que vou responder ás criticas do *Diario Liberal*. Darei primeiramente a censura e logo abaixo a resposta. Começemos:

a Recolta a entranha, gottejando sangue, Polluti a carne, rota e palpiti mte.,
Olaos sem lume, o corpo inerte e exangue,
Lacera tu, qual tronco de gigante,
Que o raio lasca e que do vent a sanha
D'alto a baixo derroca la montanha...
Nas vascas da agonia a Hespanha esteva!

Embal le a liberdade austera e honesta
Masculata forte novo arbor he lava...
Quer, ergue-la... bratará-a-lhe: não presta.

Mas... vem um rei; abate-a; e (consa estranha)

Bastou: stá viva: resurgiu a Hespanha!

Eis as duas primeiras estancias com que rompe a *Solemnia Verba*. Luiz Delfino começa por personificar a Hespanha; mas é infeliz na pers uificação, porque a compara a uma pessoa *embriagada*, ou *palecchada* — le um accesso de eolia: tanto importa as expressões — *recolta a entranha*. O poeta quer ser sublime, e apenas consegue ser ridiculo, equiparando as consequências de uma revolução aos effeitos de um revulsivo. A imagem é deprimida, e produz uma sensação de repugnancia, sensação racionalmente diversa da que o autor nos versos pretende evi-lentemente despertar no espirito do leitor.

Alem d'isto, aproxima los uns los outros os versos e os epithetos, de que usa Luiz Delfino, encerram sentidos contradictorios, symptoma grave que indica — ou que o escriptor el spoe de uma imaginação illogica e desregulada, ou que não conhece o valor a significação dos vocabulos que emprega. Se no primeiro verso a Hespanha *gotteja sangue*, como é possível que esteja *exangue*, no terceiro? Se não tem sangue, porque o *gotteja*? Se o *gotteja*, porque não o tem? Se a carne *palpiti* no segundo verso, porque está o corpo *inerte* no terceiro? Manifestamente, Luiz Delfino, vassallo esta estancia, como sempre lhe succede, não levava em vista um pensamento elevado, mas cedia á necessidade da rima, ao gosto das palavras sonoras e retumbantes, a que pela maior parte das vezes sacrificava até o senso commum.»

A palavra *entranhas* não importa uma idéa *baixa*, como diz o critico. Garrett disse no *Frei Luiz*: «Filha de nânhas *entranhas*.»

Rebello da Silva escreveu:

«...que rasga as *entranhas* de quem o ouve.»

Castilho fez estes versos, bons, principalmente, para provar o desacerto do reparo:

«Parto vivo e só, como quem sente
As entranhas arrancadas...»

Quanto a *gottejar sangue* um corpo *crange*, engana-se o crítico suppondo haver n'isso asneira.

Crangue não quer dizer somente «que não tem mais sangue» — como quer o crítico: também significa *esvaziado em sangue*. Não ha nada egualmente de admirar em que palpite a carne de um corpo inerte. Isto tem sido dito mais de uma duzia de vezes—pelo menos—a respeito de corpos trucidados em guerra ou no cadafalso. A carne pôde palpar sem fazer com que se mexa o corpo.

Ainda mais:—de um cadaver movimentado pelo galvanismo se pôde sem erro dizer que é *inerte*; pois que inerte, ainda na lição de Caldas Aulete, é adjectivo que qualifica—o que não tem movimento ou actividade *propria*.

Continúa o crítico:

«Passemos á terceira estancia:
«Ella! Vêde-a! é ella! *Embraca* o manto,
«*que pela espalda cae-lhe* longamente;
«No olhar—prazer, enleio, orgulho, espanto;

«*A régia corôa lhe illumina a frente*;
«E por meio do poço, que *é-lhe* espolio,
«Rasga a estrada de Apio ao Capitolio.

Embracar significa—pôr no braço; assim é que se diz—*embracar* o escudo. Um manto, quando muito, *sobra-se*; mas Luiz Delfino, forçado pelo numero das sylladas, escreve que a Hespanha *embraca* o manto. Isto no primeiro verso da estancia. No segundo, o manto que ha pouco estava no braço, passa, quando menos se espera, a cair longamente pela espalda. Este rasgo de imaginação vertiginosa é um dos traços salientes da physionomia litteraria de Luiz Delfino.

«*A régia corôa lhe illumina a frente* é um verso aleijado.

«O manto cae pela espalda, mas as pontas são *embracadas*, para não rojavem por terra.» E' a descripção que faz Wolf em um dos *Salões* do *Figaro*, tratando do panejamento de algumas estatuas gregas.

«*A régia corôa lhe illumina a frente*» não é um verso aleijado porque o crítico deve lê-lo pronunciando *crôa*, da mesma fórma por que deve ler este verso de Theophilo Dias:

«Da poeira com as nuvens confundido»
por esta fórma:

«Da poeira *co'as* nuvens confundido»
e pela mesma fórma todos os mais em que claramente se reconheça que tem lugar a ellisão ou suppressão, que o poeta não fez, deixando esse trabalho ao leitor.

O crítico, caçador infatigavel e apaixonadissimo de amphybologias, encontrou uma nos seguintes versos:

«Para saudar o imperio, *que surgia*,
«*De entre as brumas de asperrima tormenta*,
«Que inda montes e valles envolvia,
«*A primavera festival rebenta*,
«Espedacando o manto das neblinas
«Ergue a fronte enrolada de boninas.»

dizendo que, ao lê-las, não se sabe se é o imperio que surge *d'entre as brumas* da

Cantos Tropicaes; A Partida, pag. 28.

asperrima tormenta, ou se é a primavera que *rebenta d'entre as mesmas brumas*, para saudar o imperio.»

Esta amphybologia é da força das outras anteriormente *caçadas* pelo crítico; só existe na sua *cachola*. O homem de Deus, pois você não vê que o antecedente d'aquelle primeiro pronome relativo (*que*) é o imperio, e que, portanto, o que surgia das brumas era forçosamente o imperio e não a primavera? Como pôde então haver a tal amphybologia, senhor crítico?

Em relação a este verso:

«*Chiou no campo o hymno da charrua*»

diz o terrivel e mysterioso La Harpe do *Diario Liberal*:

«*Hymno que chia*, não conhecemos outro que não seja o d'esta estancia.»

No seu *Hymno ao trabalho*, Castilho celebra o rumor da serra, do martello e do malho. Ora, a charrua, andando, chia, e esse ruido é também uma estrophe do hymno do trabalho. Sempre critica—de frango!

Depois, arrepella-se de horror vendo que Luiz Delfino compara os canhões a «*longos reptis de bronze ajoelhados*»

Entretanto, não ha comparação mais apropriada do que essa dos canhões com *reptis* de bronze. *Colubrina* era na artilharia antiga a denominação de uma certa especie de peça; e *colubrina* significa em nossa lingua — semelhante ou pertencente á cobra (*couleuvre*). Quanto ao arripio de horror que lhe produzio ver os *reptis ajoelhados*, lembramos-lhe «o mar de bruços» de Castro Alves e a «alma ajoelhada», de Hugo.

Demais, se o crítico houvesse visto uma cobra com parte do corpo estendida no chão e a outra parte, a da cabeça, levantada, em linha quasi perpendicular áquella, teria comprehendido a imagem do reptil *ajoelhado*, porque a cobra em tal posição parece realmente estar—*de joelhos*.

«*Ria-se austeramente* a Calatrava.»

Rir austeramente é uma novidade. O sorrir pôde ser austero. O riso, pelo lado physiologico, decompõe os musculos da face, e tira-lhe a austeridade; psychologicamente, originando-se de uma provocação comica, não pode ser austero.»

Respondemos-lhe:—O riso pôde ser austero e até dolorido. Garret disse:

«...riso, que, melhor que o pranto,
«Exprimiria a dor.»

Depois, acha o crítico que o *pó dos pés* («*Beijando o pó dos pés aos seus senhores*») é, além de immundo, cacophonico. Immundo porque? Tão immundo é o *pó dos pés* (em vez de *pó dos sapatos* ou das bôtas) como o *pó das praças*,

«*Gonfaloneira das raças*,
«*Sonhei-a no pó das praças.*»

disse Fontoura Xavier; ou qualquer outro pó. Quanto ao cacophonon, é elle

dos inevitaveis, como o «*alma minha*» de Camões, o «*acerca della*», frequentemente empregado pelo Sr. Ramalho Ortigão e outros como: a honra da nação, alegria do lar (*adular*), etc...

Mais adiante, é este verso que põe em furor o crítico:

«*Núa, rôta, descalça e em desalinho*»
Diz elle:

«N'esse verso, vê-se a Hespanha descalça, pela primeira vez no poema; vemol-a, também *núa*, e ao mesmo tempo, inexplicavelmente, rôta, em desalinho. *Núa* quer dizer somente—sem roupas; em desalinho, quer dizer—com os vestidos mal arraujados.»

Engana-se, flôr. *Núa* não quer dizer somente—sem roupas, mas também—descoberta. No verso arguido o que se diz é que ella estava *núa*, justamente porque estava em desalinho. Uma cousa não exclue a outra.

«Descabellada em *lubrica loucura*,
«O que buscavas tu na liberdade?»

Se o adjectivo *lubrica* é destinado a comparar a Hespanha a uma rameira despejada, a imagem é indigna da nobreza da emoção, que o artista quer despertar; se o termo é empregado no sentido proprio, a alliança com o substantivo—*loucura* é incomprehensivel.»

Novo engano, meu frango.

Lubrico também significa *escorregadio*. *Loucura lubrica* é a de quem não se sustenta e cambalcia.

«Um povo *repassado da ferrugem*
«Das cadêas, etc.»

A *ferrugem* não repassa, não satura o ferro; come-lhe a superficie.
A imagem é, portanto, viciosa.»

Mas, senhor crítico, o poeta não disse que as cadêas estavam repassadas de ferrugem, mas sim que o povo estava repassado da ferrugem das cadêas. Pois não entende mais o que lê?

Além de que, *repassar* também significa—*embeber*; *embebedo* de ferrugem não significa *saturado*.

«Ergue o lençol dos *annos seculares*»

Annos seculares é uma expressão surpreendente, que autorisa-nos a esperar que o assombroso vate venha ainda a escrever—*seculos annuaes*, com ruído aplauso dos seus admiradores.»

Dizemos-lhe, em resposta, que *secular* também significa—o que tem durado um seculo ou seculos. *Annos seculares* é uma expressão tão bella como as *semanas de annos* de que falla a Biblia.

Agora vejo que vai longa esta refutação. Por isso faço hoje ponto n'esto ponto.

VALENTIM MAGALHÃES

O mais triste opprimido é o oppressor.

VICTOR HUGO

QUESTÃO LITTERARIA

QUAL O MAIOR POETA DO BRAZIL?

Recebemos e temos apurado até esta data 299 respostas.

Votaram durante a semana que hoje finda:

EM GONÇALVES DIAS

Da Corte—Rangel de S. Paio, Gregorio de Almeida, M. P. Farias de Mendonça, José Nunes Ribeiro Berford, B. Magno de Carvalho e Alfredo Pujol.

De S. Paulo—Gaspar da Silva (capital) Heitor Peixoto (Santos).

Do Ceará—(Baturité) Cypriano de Miranda.

Da Bahia—(Cachoeira) Antonio Lopes de Carvalho Sobrinho.

De Montevidéu—Cassio A. Farinha redactor do jornal brasileiro «A Patria.»

EM LUIZ DELFINO

Da Corte—Alberto Barros Franco, José Dias, Alberto de Armada, J. F. Santos Rodrigues;

De Minas—(Pouso Alegre) Antonio Francisco da Costa, (Passos) Antonio Celestino;

Da Provincia do Rio de Janeiro (Saquarema) Antonio Henrique de Magalhães,

Do Rio Grande do Sul (S. Jeronymo, A. Daisson.

EM CASIMIRO DE ABREU

Da Corte—J. C. Vieira de Souza, Antonio de Souza Costa, Sandim Junior, Alfredo E. Pereira e Arthur Rocha.

EM CASTRO ALVES

De S. Paulo—(Santos) Manoel Soares Pinto Junior.

Da Bahia—(Cachoeira) José Lopes de Carvalho. (*)

EM BERNARDO GUIMARÃES

De Minas—(Ouro Preto) Afonso da Costa Guimarães.

EM ALVARES DE AZEVEDO

De S. Paulo (Capital) Elias Penha.

Deixámos de apurar 50 votos que foram dados a Theophilo Dias em uma carta escripta da Parahyba do Sul, por nos parecerem apocryphos quasi todos os nomes dos votantes, vindo todos em uma só carta, escriptos com a mesma letra.

No nosso passado numero houve um grave erro de revisão que nos apressamos em rectificar. Em vez do nome de Luiz A. A. de Carvalho Junior, foi publicado o de Luiz A. A. da Gama Velho Junior, assignando um voto ao Dr. Luiz Delfino.

RESULTADO

Gonçalves Dias	106
Castro Alves	53
Luiz Delfino	42
Casimiro de Abreu	36
Theophilo Dias	14
Fagundes Varella	7
Alvares de Azevedo	6
Porto Alegre	5
Luiz Guimarães Junior	4
Gonçalves Crespo	4
Domingos Magalhães	4
Mello Moraes Filho	4
Bernardo Guimarães	3
José Bonifacio	2
Gonzaga	1
Pedro Luiz	1
Bazilio da Gama	1
Alberto de Oliveira	1

(*) Foi dado este voto pelo *Guarany* de 19 de Maio, em artigo firmado pelo Sr. Carvalho.

Odorico Mendes	1
Laurindo Rebello	1
Santa Rita Durão	1
Damasceno Vieira	1
Emilio Zaluar	1

Publicamos em seguida a carta em que o Sr. Rangel de S. Paio expoz o seu voto.

Sómente a grande consideração que tributo a V. obriga-me a tomar parte na questão litteraria, por V. proposta sobre o maior poeta do Brazil.

E' que eu me conhecendo demasiadamente incompetente para entrar na alta magistratura que deve compor o tribunal de quem V. aguarda o julgamento—abstive-me.

Hoje, todavia, não posso deixar de emittir meu juizo; fazendo-o, porém, receioso e sómente porque não desejo que se me julgue pouco delicado, não attendendo ao honroso convite que V. se dignou de mandar-me.

Reconhecendo e apreciando sobremaneira muitos poetas nacionaes, até já tendo tido occasião de manifestar-me sobre alguns de manifestar-me sobre alguns em mais de um escripto publicado aqui e algures—parece-me que, que sem offensa a quem quer que seja, e continuando a admirar todos os bellos talentos que possuímos em nossa litteratura, menos mesquinha do que muitos querem fazer crer, posso responder ao quesito proposto por V. d'esta sorte:

Para mim, e isto digo a V. muito á puridade, o poeta que reúne mais do que qualquer outro os attributos que V. indica para classificação é:

—O imprevisto cantor das *poesias americanas*, que encheu de assombro a Portugal, personificado em sua mais elevada individualidade litteraria;

—O numeroso e fluente poeta dos *Tymbiras*.

—O originalissimo trovador das *Ser-tilhas de Frei Antão*.

—O lyrico nostalgico e inspirado da *Cancão do exilio*, do *Sei amar*, do *Ainda uma vez adeus*, e tantas, tantas e tantas outras preciosidades;

—O grandiloquo hymnographo á *Idéia de Deus*, á *Tempestade*, ao *Mar*, á *Noite*...

—Em uma palavra—Antonio Gonçalves Dias.

Eis a opinião de quem é

De V. admirador e amigo obrigatissimo—*J. Z. Rangel de S. Paio*.

26 de Maio.

« AURORAS »

Já está á venda e foi distribuido pela imprensa este livro de versos do nosso collega Alfredo de Souza. A recepção que lhe tem sido feita é das mais lisongeiras. Entre outras a apreciação do *Diario Mercantil* de S. Paulo, faz ás *Auroras* um acolhimento honroso. Transcreva-a-hemos no proximo numero, com a devida venia.

DIARIO DE NOTICIAS

Com este titulo deve apparecer amanhã nesta cidade o primeiro numero de um novo diario.

Não terá caracter politico, mas essencialmente noticioso, talvez mesmo—discreto. A imitação do *Le matin*, de Paris, offerecerá nas suas columnas logar para discussões das tres parcialidades politicas dominantes: conservadora, liberal e republicana. A parte litteraria ficará a cargo do nosso estimado collaborador Arthur Azevedo. A firma com que vai figurar na praça o novo collega é de Carneiro, Sem e C.

Aquella Semana é o popular e estimavel reporter Ernesto Seabra, um rapaz intelligente, laborioso e honesto. Ao *Diario de Noticias* vida de flores e longa!

Ignorar é odiar; ignorar é destruir.

VICTOR HUGO

VALENTIM MAGALHÃES

ESTUDO

POR
SILVIO ROMERO

Acerea d'este livro, escreveu o *Diario Mercantil* de S. Paulo:

« Recebemos, por intermedio dos Srs. Teixeira & Irmão, este folheto do Sr. Dr. Sylvio Romero.

O critico sergipano crê ingenuamente ter elaborado um estudo sobre a personalidade litteraria do poeta dos *Cantos e Lutas* e não fez mais do que destrinçar, n'uma ensossa e achavascala linguagem, umas tantas chulices litterarias, que, á força de serem falhas de senso critico, deram-lhe uma formidanda derrota na celebre questão dos *Ultimos Harpejos*, em que Valentim Magalhães pulverizou, de uma vez para sempre, o infeliz autor dos *Cantos do Fim do Seculo*, e quejandas versalhadas reinadias.

N'este seu estudo, o Sr. Sylvio rasteja, achata-se, morde-se na impotencia de defrontar com o seu antagonista.

Para contradictar tu lo o que o critico brasileiro esvurmou contra Valentim Magalhães, temos este trecho com que o illustre escriptor portuguez, Sr. Teixeira Bastos, cuja competencia é indiscutivel, abriu a sua critica sobre o masculino poeta dos *Cantos e Lutas*, *Colombo e Nêê*, etc.

Eilo:

« Entre os modernos escriptores brazileiros, um dos que gosam de melhor reputação—e reputação justamente alcançada—é Valentim Magalhães, o seu sato critico das *Notas á margem*, na *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro.

Prosador elegante, é ao mesmo tempo poeta, figurando na primeira fila dos laureados.»

Já vêem, portanto, os leitores do estudo do bardo sergipano que a critica d'esse senhor é apaixonada, tacanha, baixa, e, ás vezes, chega a ser imbecil.

Em conclusão:

O Sr. Sylvio Romero, n'este folheto, dá, em questões de esthetica, tantas encaçadas que o proprio Martins Guimarães coraria, se o lesse.

Agradecemos o exemplar que nos proporcionou algumas *barrigadas de riso*, como diria o padre Casimiro o enviámos cordeaes parabens... a Valentim Magalhães.

THEATROS

Na segunda-feira houve no theatro Lucinda o que se pôde chamar um espectáculo *chic*, exceptuando, está visto, a comedia final. Representou-se *A Gravata branca*, comedia em 1 acto, em verso, traducção de Pinheiro Chagas e *A Mantilha de renda*, comedia em dois actos, tambem em verso, original de Fernando Caldeira, o mimoso poeta das *Mocidades*.

A Gravata branca é uma comedia ligeira e graciosa, sem episodios e sem acção, apenas sustentada pelo dialogo interessante e vivo e pela correcção dos versos.

A Mantilha de renda é tambem muito graciosa, mas infelizmente tem acção; e dizemos infelizmente porque o auctor gastou os seus bellos versos em um

entrecho absurdo e insustentavel. A acção é inverosimil e monstruosa, o que para os pichosos e niquentos constitue grave defeito, porem que para nos não tem importancia n'uma comedia sem pretensões a modello, e principalmente se essa comedia é em verso. Neste caso o que queremos é que os versos sejam correctos e facéis, em boa linguagem correnteia mas elegante, com bellas imagens e bom subor elevado e poetico. Ora de tudo isto tem a lartar a *Mantilha de Renda*. Deixemos pois a abstrusidade da acção, e deliciao-nos com aquella melodia constante do dialogo.

O desempenho das duas comelias foi muito satisfactorio, sobresahindo na primeira a gracil ingenuidade da Sra. Sára, que é quasi uma menina, e na segunda o Sr. Baptista Macha lo, embora por vezes carregasse um pouco o seu typo. A Sra. Lucinda fez com a costumada perfeição o seu pequeno papel de Helena, sen lo bem secundada pela Sra. Sára. Na lta a dizer do Sr. Furtado no papel le Raphael quanto á correção do desempenho; o seu phisico, porém, é que já não se compalece com papeis de rapaz, principalmente do genero do de Raphael. Então sen lo a Sra. Sára a sua Eliina, lembra-nos logo a Lamastor e Tethys e parece que a vamos ouvir respoñder á declaração de amor de Raphael o que a nymphia respoñdeu a Doris na estancia 5.ª do canto 5.º dos *Luziadas*.

Muito bem a Sra. Margarita Lopes na velha governanta, aparte os defeitos de pronuncia, que por vezes dão cabo dos versos.

Oxalá que as duas bouitas comelias encontrem do publico o acolhimento que merecem.

Deve subir hoje á scena do Pedro II, pela companhia da actriz Apollonia o grande Drama em 5 actos e 7 quadros, com musica do maestro Marenco— *O rei dos selvagens*.

Segunda ou terça-feira, se o permittir S. M. o Imperador, deve realisar-se no Recreio o beneficio do distincto actor Dias Braga, com a primeira da grande e sumptuosa lenda tragica, em verso, de Echegaray— *No seio da morte*.

A empresa annuncia tambem para breve *Os dois sargentos*, conhecido drama de repertorio de Rossi.

A empresa Manzoni tambem annuncia para estes dias a opera *Princesa das Canarias*.

A empresa do Sant'Anna dá terça-feira no Pedro II a primeira da *reprise* do *Guarany*, fazendo o Sr. Galvão o seu antigo papel de Pery.

Não imprimamos o ferro em brasa sobre nenhuma fealdade.

A justiça mui justa é da Vingança irman.

Aborrece-me o nada dos gigantes. Deslumbra-me a grandesa dos pequenos.

victor HUGO

RUY-VAZ

Scenas da Bohemia Fluminense

POR

Aluizio Azevedo

II

(Continuação)

Quando iam a entrar na rua do Ouvidor, Etophilo soltou uma exclamação de prazer.

— Olha o Lauro! gritou elle, correndo sobre um rapaz loiro, que se voltou logo e disse, por sua vez:

— Oh! Por aqui, tu! Onde te metteste?

— Na provincia, filho. Cheguei hoje. Acabo de desembarcar com este amigo, que te apresenta — Ruy Vaz!

Ruy fez um movimento com a cabeça, e estendeu a mão ao narigudo.

— É a primeira vez que vem ao Rio? perguntou-lhe este.

E, depois da resposta de Ruy:

— Que tal?

— Acho mais bonito por fora do que por dentro.

— Vem estudar?

— Talvez.

— Que carreira?

— Ainda não sei.

— Então, vamos tomar café. Não os convילו para almoçar, porque o dinheiro não dá para isso.

— Eu tenho... acrescentou Etophilo. Vamos.

D'ahi a pouco, os tres em volta de uma mesa de restaurante, tomavam, não café, mas sim cocktails de Xerez.

— Este amigo, disse Etophilo a Lauro, precisa ser apresentado aos rapazes de talento. Entrego-t'o desde já, e não me encarrego eu proprio d'isso, porque não tenho tempo nem occasião para isso. Vou almoçar com o Dr. Mendes, passo lá o dia, passo a noite e parto amanhã mesmo, de manhã.

— Ah! Tu segues amanhã para S. Paulo?

— Impreterivelmente.

— Dá lembranças ao Costa, ao Alberto e ao Trindade. Olha, quando estiveres com o Rapozo, dize-lhe que não recebi os versos que elle me pediu para vêr se podiam ser publicados no *Serafim*.

E, voltando-se para o Vaz:

— O senhor tambem faz versos, naturalmente...

— Verso, prosa, faço tudo!

— Tambem pinta; sabes? acrescentou Etophilo, querendo já se por em retirada.

— Ah! tambem?... disse Lauro— que genero de pintura?

— Entendo um pouco de todos os generos.

— Porque então não se mette na Academia de Bellas Artes?

— Não sei. Talvez me metta, conforme! A minha intenção é explorar a caricatura.

— Ah! Tambem faz caricaturas?...

— Creio que é a minha especialidade.

— Já desenhou algum jornal?

— Nenhum.

N'este ponto da conversa, um novo rapaz veio engrossar o grupo. Era o Barradas.

Moço de desesete annos, magrinho, alto, bem vestido, cabello bem penteado e luvas.

Ruy foi-lhe apresentado, não já como um simples bohemio, mas na qualidade de artista.

— É o nosso Gavarni! affirmou Lauro, para ser amavel.

Com a chegada do Barradas, a conversa tornou-se mais quente. Discutiram-se simultaneamente os artigos do dia, os theatros, a politica e os escandalos da vespera.

— O que eu não posso supportar.— dizia o Barradas com a sua voz fraca e muito descansa la, — é a impureza de linguagem com que todos esses jornalistas escrevem. É uma vergonha! Os gallicismos encontram-se a tres por dois, as incorrecções de forma são tantas que chegam a fazer dor de cabeça! Nem grammatica têm, os barbros! Eu, se fosse autoridade, não consentiria a ninguém ser jornalista, sem saber lér escrever correctamente a lingua em que fosse escripta a folha. Cá por mim, já se sabe, para passar bem o dia, preciso não lér os jornaes diários; se correr os olhos por qualquer um d'elles, é aquella certeza: enchaqueca para o resto da semana!

Etophilo, que parecia apressado, ergueu-se, pagou o gasto da mesa, deu os promettidos vinte mil réis ao seu companheiro de viagem, e, depois de recomendar-o ainda uma vez aos outros, sahio muito apressado.

— Pois, meus amigos, — proseguiu Ruy, já perfeitamente familiarisado com os dois rapazes — eu ainda não conheço nada d'isto, e confesso que estou impaciente por atirar-me de cabeça nesse mundo! A corte! Ainda me parece um sonho!

— Você vai ter uma terrivel desillusão! observou Lauro, franzindo septicamente o labio superior. — Isto aqui é uma grande alelêia!

— Mas em todo caso é a corte, é o grande centro do espirito brasileiro! Tu lo o que aqui se faz escorre naturalmente para as provincias; ao passo que d'estas na lta poderá chegar até aqui. Não acham?

— Você vem então com o firme proposito de apparecer, hein? perguntou Barradas a Ruy.

— Pu lera! Pelo menos hei de fazer o possivel para isso!

Foi tal a convicção que o provinciano poz n'essas palavras, que o Barradas começou a rir.

— Ri? Porque?

— Acho graça!

— Graça? Pois hei de lhe mostrar o faço ou não faço carreira!

— Pode ser, mas com que?

— Com aquillo que me parecer melhor.

— Convicções!...

O narigudo lembrou que em vez de estarem ali a dizer asneiras, melhor seria que se cuidasse de almoçar.

Ruy applaudiu a idéa e pediu licença para fazer parte da troca.

Veio porém a questão de dinheiro. Barradas declarou que tinha cinco mil réis, mas que precisava ficar com mil e quinhentos para comprar uma calçadeira.

— Isso é luxo—observou Lauro com uma careta.—Para que diabo queres tu uma calçadeira?

— A minha quebrou-se e eu não posso dispensar outra.

O Lauro ia provar com o auxilio de Spencer o inconveniente do uso da cal-

cadeira, quando Ruy deu a entender que tinha dinheiro para pagar o proprio almoço.

— Então está tudo arranjado! concluiu Lauro. Você paga o seu e o Barradas paga o meu.

— E onde vamos almoçar? perguntou o provinciano?

— Aqui mesmo. Lá nos fundos. Entremos.

Só ás tres horas da tarde conseguiram despregar-se da mesa, depois de um almoço de vinte mil réis, para os quaes entrara Ruy com quinze, e depois de uma discussão tão forte a respeito de litteratura, que o dono da casa por varias vezes os chamou á ordem.

Foi Lauro o que ficou mais esquentado; ao sahir, embirrou logo com um sujeito que tomava café na sala da frente e deu-lhe uma palmatua na careca.

Barra las pelio de sculpa ao offendido, assegurando que o seu companheiro soffria da cabeça, e, como o sujeito não se contentasse com isso e dêsse replica atravessada, os trez bohemios enterraram-lhe o chapéo até abaixo das orelhas e sahiram, sempre muito enpenhados, em nma forte discussão litteraria.

— Quer você ir lá para casa hoje? perguntou Lauro, passando o braço nos hombros de Ruy. Não digo que terá uma noite deliciosa; mas emfim sempre ha de dormir.

O provinciano accitou de coração aberto o offercimento, e ficou combinado que iriam todos essa noite a um beneficio no S. Pedro de Alcantara, visto que o Barradas tinha cinco cadeiras que o beneficiado lhe dera para passar.

— Qual é o espectáculo?

— Não sei. Um dramalhão qualquer.

— Mas, antes do teu beneficio, que diabo havemos de fazer? perguntou Lauro.

— Faremos algumas carambolas no «Dezoito bilhares».

— Protesto! disse Ruy—não sei jogar bilhar.

— Pois então iremos tomar um cafee de vermouthe em casa do Bloco.

— Está dito! applaudio Barradas, e acrescentou ao ouvido de Ruy:

— Vaes conhecer um typo esplendido, singularissimo! Para ficares sabendo quem elle é, basta dizer-te que o Bloco se tem um meo para chamar os seus innumerados creados.

— Qual é?

— Toca um foguete de cada vez que precisa de um delles.

— Deve ser divertido! considerou Ruy.—E não toca outros instrumentos?

— De sopro, não; mas é perito no piano.

— Estão, a caminho! exclamou Ruy.

Continúa.

Em um asno é sempre possível um tigre.

VICTOR HUGO

Choremos sobre o rei:—o grande desherdado!

VICTOR HUGO

VICTOR HUGO

Dizem que morreu... Morre somente o que vive atufado no egoismo, e o que jamais sentio brilhar na mente Uma restea da luz do idealismo.

Mas quem dentro da patria e no ostracismo, Pela patria lutou valentemente, E sem obliterar o patriotismo, Amou a humanidade heroeicamente;

Quem combateu constante a tyrannia, O privilegio, o crime, a infamia, a usura, A guerra, o embuste, o roubo e a simonia;

Quem para a infancia foi doce ternura, E do bem, e do amor fez a esthesia... Quem foi Hugo, não morre, oh! não, perdura!

HANDEL DE S. PAIO

TRATOS Á BOLA

Recebemos desta vez 10 cartas com decifrações relativas aos *Tratos* do n. 20. Apenas declinaremos o nome dos felizardos que fizeram jus ao premio.

Os *Sonetos e Rimas* de Luiz Guimarães Junior, que eram o primeiro premio, pertencem ao Sr. Benevente Seabra, e a collecção do 1º trimestre d'A *Semana* (segundo premio) ao Sr. Anibal da Cunha Junior.

Venham pois buscar estas preciosidades...

Eis as decifrações: da antiga—*Mateado*; das telegraphicas—*Boga e Patoco*; da verbal—*Aversão* e das decapitadas—*Facada e Cabala*.

Para hoje damos as seguintes *tratices*.

TELEGRAPHICAS

1-1-1—Batata refresca.
1-1-1—Perola é arma.

VERBAES

Qual o verbo que com uma nota produz uma molestia passageira?

Qual o verbo que junto a um substantivo que se encontra no mar forma um substantivo que se encontra no nosso corpo?

ANTIGA

De certo, não se sustenta—1
Esta letra do alfabeto;—1
Nem tão pouco este pronome.—1
Que é bicho feroz, inquieto.

LOGOGRIFFO

(Por syllabas)

Dá muita claridade—1
De sua magestade—2, 3
E' na moita
Que se acolta.—1
Do estomigo é parte.—1, 2
E' bicho feio.—1, 3
Dobra le com arte
Certo menceio;—1
Dobra le tambem,
Numero é—3
Eillo: na mesa o tem.
Logogriphista com fé,
E... é trabalhar
Que o logogripho
Has de matar.

PREMIOS

Ao primeiro decifrador exacto um volume, niti laminete impresso, das *Auroras* de Alfredo de Souza; ao segundo um exemplar do tango d'A *Semana* 100 rs

D. PASTEL.

RECEBEMOS

—*Buennias*—versos de Arthur Duarte. Mais de espaço faremos d'elles.

—Numero 103 da *Bibliotheca do Por das Escolas*; trata de *Cosias portuguezas*, conferencia realisado em Lisboa por José Julio Rodrigues. Editor: David Corazzi.

—*O cadastro da policia*, romance de Roca y Roca; editado em fasciculos, acompanhados de linlos chromos, por David Corazzi.

Com os que acabamos de receber, veio uma bella capa lytographica a varias cores.

—*O anonymo na imprensa*; acompanhado de uma breve apreciação acerca do character do estrangeiro no Brazil, por C. Regazzi. Os tres primeiros capitulos deste interessante opusculo foram publicados primitivamente nesta folha. Delle nos occuparemos em breve.

—*Revista Illustrada*; n. 111. Magnificas pillerias—nos desenhos e no texto.

—Um cartão de convite para a *2ª matinee* musical que a 28 do corrente realisará o *Club Beethoven* nos salões do Novo Cassino Fluminense. Deve ser uma bella festa artistica; não faltaremos.

—Um amavel convite do Sr. Antonio Patreiras para irmos examinar alguns dos seus trabalhos de pintura, em exposição no salão De Wilde. Obrigados. Lá iremos e com muito prazer.

—Um bilhete de cadeira para a *matinee* litteraria, concertante-dramatica, que se realisará amanhã no Theatre Santa Thereza, de Nictheroy, em homenagem ao poeta Fagundes Varella. E' orador official o Dr. Afonso Celso Junior.

—*Almanak administrativo, mercantil, industrial e agricola da provincia do Espirito Santo, para o anno de 1885*, por Godofredo da Silveira.

—*Bibliotheca Domestica*, anno 1º, n. 8. Pranteia na primeira pagina o passamento de Victor Hugo.

—Discurso de um parahybano acerca da prisão dos bispos de Olinda e Pará, por ...
 —O Philatelista n. 8.
 —União Médica, anno V, fascículo n. 6.
 —Revista Marítima Brasileira, anno VI, n. 10.
 —Revista de Engenharia, anno 7º, n. 111.
 —Da Antipyrina, ou Dimethyloxyquinina—Um nomezinho complicado!—e de suas applicações, particularmente na tuberculose pulmonar: pelo Dr. Vieira de Mello.
 —O Panorama Contemporaneo, 1º anno, n. 2; publicação quinzenal; director Triunfante Coelho; Coimbra.
 Trata este numero da Estação da Pampilhosa, acompanhando o texto uma excellente estampa phototypica.
 —A Offerenda de Ouro, publicação da New York Life Insurance Co. E' um interessante repertoriozinho illustrado, de artes e litteratura.
 —De la esqueluche et de son traitement par la resorine; par le docteur Moncorvo.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã às 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Portuguez, francez e Inglez
 —Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

Dr. Henrique de Sa — Espec.: Syphilis e molestias das crianças. Consultorio:—rua Primeiro de Março, 22; de 1 às 3 horas da tarde. Residencia:—rua de S. Pedro, 294.

ERNESTO PINTO COELHO

SOLICITADOR

VILLA DE PADUA

DR. ARAUJO FILHO

MEDICO PARTEIRO

Residencia

Rua do Visconde do Rio Branco n. 36.

TYPOGRAPHIA

A Typographia d'A Semana, ultimamente montada, dispõe de uma boa escolha de typo inteiramente novo, aceita quaisquer encomendas de obras, poesias, tornaes, annuncios, etc., etc.

Preços baratissimos.

Trata-se no escriptorio da empresa.

36 TRAVESSA DO OUVIDOR 36

ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

LAEMMERT & C.

LIVRARIA UNIVERSAL

66 Rua do Ouvidor 66

Acabam de chegar e acham-se á venda em nossa casa as seguintes obras importantes de Luciano Biart

Viagens Involuntarias e Extraordinarias

AOS NOVOS E VELHOS CONTINENTES

- I. O Engenheiro Pinson. 1 vol. de 230 paginas com muitas gravuras, 3\$000.
- II. O Segredo de José. 1 vol. de 230 paginas com muitas gravuras, 3\$000.
- III. Na fronteira Indiana, 1 vol. de 260 paginas, com muitas gravuras, 3\$000.

Do mesmo auctor, no prelo:
 Lucia Avilal.

Os romances de Luciano Biart, digno emulo de Julio Verne, têm tido uma acceitação universal, e em pouco tempo esgotaram-se varias edições, tanto na lingua original como em varias traducções. Vertidos para a lingua portugueza pelo habil escriptor Alvaro de Castro, recommendam-se estes livros não só pelo engenho inventivo, como pelas ligões proveitosas que encerram. Numerosas gravuras ornam estes volumes, cuja leitura é inutil recommendar, pois o publico sabe quão proveitosas e interessantes ligões se colhem dos livros de Verne a quem Luciano Biart conseguiu igualar.

EVANGELINA

POEMA DE

H. LONGFELLOW

TRADUCCÃO DE

AMERICÓ LOBO

Vende-se nas livrarias Euro & Xanes, Laemmert e Serafim José Alves e no escriptorio desta folha a

28000 o exemplar

JAMES E. HEWITT

PROFESSOR DA LINGUA INGLEZA

134 RUA DO ROSARIO 134



HOTEL NOVO MUNDO

SERVICÓ PROFUSO E VARIADISSIMO

Bons vinhos garantidos, salão reservado para banquetes, as quaes serão servidos conforme o preço que se ajustar.

13 RUA PRIMEIRO DE MARÇO 13

PROPRIETARIO

JOÃO DIOGO SOARES DE BRITO

HOSPEDARIA FIEL

Rua da Alfandega n. 236 e Travessa de S. Domingos n. 2

Os proprietarios deste vasto estabelecimento têm a honra de apresentar á concurrencia publica bonitos quartos mobiliados, espaçosos e muito arejados, offerecendo toda a garantia de segurança, aonde os Srs. viajantes podem pernoitar livres de risco. Todos os compartimentos com linda vista tanto para a travessa como para a rua da Alfandega.

A casa está aberta toda a noite. Preços modicos. LIMA & XAVIER

RESTAURANT VOLTAIRE

29 RUA DA URUGUAYANA 29

Almoço..... 800 | Jantar..... 1800
 SERVICÓ ASSEIADO E PROFUSO

Parece incrível que por tão modestos preços se possa comer tão bem! Pois venha verificá-lo, quem duvidar á

29 RUA DA URUGUAYANA 29

A SEMANA

CORTE

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

PROVINCIAS

Trimestre..... 2\$000
Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

Director—VALENTIM MAGALHÃES

Semestre..... 1\$000
Anno..... 8\$000

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO

NTMILHO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes. embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

SUMMARIO

EXPEDIENTE—Historia dos sete dias; José do Egypto—Gabaria jornalística (Ferreira de Araujo); Zéca—O mofineiro Laet—«O que eu não vejo», soneto; F. de Almeida—O padre-mestre Belmonte; Valentim Magalhães—Bolos; Chico Ferula—O Dr. L. Delfino e a poesia nacional; I. Murat—Coelho de Carvalho—«Anúncios»—«Valentim Magalhães»—Theatros—«Ardentias»; F. de Almeida—Ruy-Vaz, romance; Aluizio Azevedo—Canção do outomno, versos; Coelho de Carvalho—Bellas Artes—Gazetilha litteraria—Factos diversos—Consultas—Tratos à bola—Recebemos—Annuncios.

EXPEDIENTE

Terminando no fim d'este mez o prazo das assignaturas do 2º trimestre e do 1º semestre d' A SEMANA, rogamos desde já aos Srs. assignantes o obsequio de mandarem reformar as suas assignaturas, e aos que se acharem em atrazo o favor de mandarem saldar os seus debitos.

A SEMANA

Rio de Janeiro, 13 de Junho de 1885.

HISTORIA DOS SETE DIAS

* Calmaria pôtre. O Caspiosinho da nossa imprensa, depois da mais espumante que perigosa borrasca em que bramio e sollevantou-se na semana atrazada, serenou-se de todo, cahindo pesadamente em uma absoluta bonança de fadiga, bonança apenas interrompida por insignificantes indiscrições de reporters, pelo quasi-imperceptivel estalar de uma bala... de estalo, pelo discreto dos *Topicos do dia* ou pela voz troyante de algum raro artigo de fundo.

Escaravelho, o ignobil bichinho alapardado no trazeiro do *Pachiderme*, por mais bolas que enrôle e atire a direito e a torto, já não consegue levantar a espinharada do escandalo, nem mais encher de indignação o collo ás vagas do jornalismo.

Ora, quando a imprensa dorme é porque não ha mouros na costa, nem novidades na terra.

Percorramos, todavia, o canhenho semanal e recapitularemos *à la minute*,—com a rapidez com que o Roude improvisa marinhas e o Laet mofinas—os principais acontecimentos dos sete dias de

corridos entre o n. 23 e o n. 24 deste excellento periodico chamado *A Semana* (Travessa do Ouvidor, 36—Semestre 1\$. com direito á colleção completa).

Satisfeito por esta fórma o sacratissimo dever da *reclame*... da nossa casa, mãos á obra:

SABBADO, 6.—Adoecem repentinamente duas respeitaveis cidadãos portuguezes, ambos viscondes, estimados ambos: —os Srs. Viscondes de S. Thago de Riba d'Ul e de Wildiek; aquelle gravemente, de uma congestão cerebral; este de uma indisposição, felizmente sem gravidade. Completo e prompto restabelecimento lhes desejamos *ex corde*.

DOMINGO, 7.—Ruy Barbosa (não lhe damos *conselho*, porque, como bem disse Joaquim Nabuco, este titulo já não distingue ninguém, e menos a este homem que aos outros Ruy Barbosa, na *matinée* abolicionista realisada pela *Confederação* no Polytheama, em homenagem ao gabinete 6 de junho, pelo seu primeiro anniversario, pronuncia um discurso notabilissimo, que será publicado em folheto e lido por certo com avidez.

— Aparece o 1º numero do *Diario de Noticias*, filho posthumo (deixem passar a expressão!) do *Brazil* e da *Folha Nova*. E' recebido com agrado, que, por ser geral não deixa de ser muito *especial*, embora tambem com certa desconfiança. E' que todos conhecem o celebre proverbio latino: *Talis pater qualis filius...* e o portuguez: *De máu tronco, máu galho*. Esperamos que saberá o *Diario* desmentir os proverbios que lhe agourentam o porvir; e aconselhamos-lhe mais uma vez que em nada se pareça com sens paes, para que, como elles, não fique tambem no *Já será!*

E, a proposito, lembramos-lhe que já deixou escapulir um *Consa!* e um *Ora se...*

Não desenterte o *Diario* a gyrta fatidica e chula da fallecida—*mamá...* Cuidado!

SEGUNDA-FEIRA, 8.—E' eleito deputado geral pelo 5º districto de Pernambuco o chefe do abolicionismo brasileiro, Dr. Joaquim Nabuco, o qual, graças á patriótica desistencia dos candidatos Drs. Ernirio Coitinho e Melio Cavalcanti, acaba de responder, de maneira brillantissima ao terceiro esrutinioda Camara, que lhe rasgou o seu legitimo diploma de representante do 1º districto de Pernambuco. De todas as partes chovem telegrammas, cartas, mensagens congratulatorias e felicitações.

TERÇA-FEIRA, 9.—0.

QUARTA-FEIRA, 10.—Idem.

QUINTA-FEIRA, 11.—20º anniversario do primeiro feito naval da America do Sul—o gloriosissimo combate de Riachuelo. Para commemorar-o, houve brillante festa a bordo do couraçado *Riachuelo* e, reunidos sob a presidencia do

Sr. almirante Barão da Passagem, os poucos officiaes da nossa armada que tomaram parte no glorioso combate, fundaram uma associação beneficente para commemorar aquelle facto inolvidavel, estabelecendo pensões para viúvas pobres de officiaes, a começar pela destinada á viúva do Dr. Soares Pinto, que por occasião d'esse combate, era cirurgião a bordo da canhoneira *Araguary*.

— *A Semana* publica o seu primeiro supplemento, especialmente destinado a tratar da lamentavel loucura de um estimavel moço, pertencente a uma distincta familia d'esta Corte; loucura causada pelo *fanatismo positivista* que consorcio estupendo de palavras! Obra do Centro cá da Travessa. Para mais lato conhecimento do triste caso ver o nosso supplemento.

SEXTA-FEIRA, 12.—Joaquim Nabuco, satisfazendo sollicitações de amigos e correligionarios, parte para Pernambuco, a receber o seu diploma de representante do 5º districto d'aquella provincia. Acompanha-o, representando a *Gazeta de Noticias*, o distincto escriptor Sr. Luiz de Andrade.

Consta-nos que se prepara ruidosa e festiva recepção ao denodado abolicionista, cuja divisa bem pôde ser considerada a mesma da illustre tragica franceza:—*Quand même!*

— Fallece o Sr. Visconde de Riba d'Ul, ás 11 horas da manha. Contava 18 annos de idade. Era director do Banco Rural e Hypothecario.

E aqui faço ponto, porque estou sentindo vivissimo desejo de ir á Camara ver a cara com que está o Sr. Andrade Figueira. E, para aproveitar a caminhada, contemplarei tambem o nariz do Sr. Portella, o bigodinho do Sinibússinho, e as orelhas dos Srs. Mac-Dowel, Zé Pompeu e Diogo de Vaz-Com-Sella.

Que nariz e que bigode! Mas, principalmente, que orelhas, oh Baridan, que orelhas!

O que lhes vale é que Victor Hugo, prevendo-as, compadecido d'ellas, concedeu que ellas, por fim, tivessem razão, na sombra:

« *Les oreilles de Vane auront raison dans l'ombre.* »

Rejubilem o Zé, mais o Dowel e mais o Vaz-Com-Sella.

Felizados! sempre conseguiram uma citaçãosinha de Victor Hugo!...

JOSÉ DO EGYPTO.

L'ame, pag. 159.

Nas salas ha quatro especies de individuos: os namorados, os ambiciosos, os observadores e os imbecis.

Os mais felizes são os imbecis.

H. FAINE.

GALERIA JORNALISTICA

III

FERREIRA DE ARAUJO

Se este homem não é o que se chama um feliz, então desconheço que sorte de ingredientes devem compor a felicidade.

Co-proprietario e redactor-chefe da folha de maior circulação do Brazil, moço, dotado de bom senso pratico e de indole moderada, bemquisto, cortejado, adulado, talentoso, isento da tarantula de ambições politicas, abundante em nickels, amante das bellas cousas e das cousas boas — o Dr. Ferreira de Araujo parece navegar serenamente sobre o mar tempestuoso da vida, derivando sorrateiramente por entre os arrecifes e bordejando a cata de ventos propicios, tendo por bussola o seu commum e por leme o bom humor.

Digo parece, porquanto a ventura n'este peçao de mundo velho que habitamos é qual delicada sensitiva, que murcila ao mais leve contacto de corpo estranho!

Quem sabelá se o homem não tem no dedo minimo de um pé algum callo irreductivel e intransigente, o qual sempre venha turbar a doce beatitude de su'alma?

Machado de Assis mostrou algures que muita vez a felicidade está em um par de botas.

Pode-se tambem provar que ontras vezes a desgraça provém de um bom callo.

Quem sabelá se em seu abdomen e partes circumjacentes não existe algum excesso de banhas, esta cousa atroz, medonha, horrorosa, chamada tecido adiposo, — monstro gorduroso que anniquilla as illusoes, compromette a plastica, materialisa o amor, embota a imaginação, gera o tedio, amorteece os nervos, produz o egoismo, transforma D. Quixote em Sancho Pança e faz suppor que o homem descende, não do macaco, mas do porco?

Todos concordam em achal-o lhano, affavel, benevolente e despresumido. Demasiadamente, talvez. Aquella inalteravel egualdade de humor e de amenidade no trato para com todos que se lhe approximam, sejam amigos ou estranhos, bons ou máus, intelligentes ou nescios, deixa transparecer sob a sua apparente bonhomia certa doze de indifferença diluida em doce pessimismo e amavel misanthropia.

A serenidade é predicado valioso para o jornalista; mas não assim a complacencia e longanimidade systematicas, que acabam por amollecera a energia, destruir a resolução e a franqueza.

Dulciter in modo, fortiter in re.

Como escriptor, Ferreira de Araujo notabilisou-se com as suas *Cousas Politicas e Balas de estalo*, conquistando reputação solida e brilhante. Estylo bon enfant, sobrio de imagens e limitado no vocabulario, mas agradavel, bem equilibrado e sobretudo afinado pelo diapazão dos leitores. Deita artigo de fundo com a familiaridade do burguez de paletot branco e chinellas de tapete, a discretar depois do jantar. Tem golpe de vista prompto e criterio seguro para apreciar homens e factos da politica militante. Raras vezes remonta-se a considerações transcendentaes, e a sua prosa não deixa de rogar de vez em quando pela banalidade... Mas como évital-a n'a tal litteratura politica, esta cousa chata e chilra á força de ser cultivada por toda casta de plumitivos? N'este genero, se genero existe, é impossivel mostrar originalidade. O artigo politico é a «mãe Joana» da litteratura.

Prefiro-o nas *balas de estalo*. Ahi vê-se a sua nota pessoal, que é o chiste e o bom humor. Engenhoso em desco-

brir o lado comico dos assumptos do dia, põe-nos em relevo usando de um processo muito simples, e por isso mesmo muito difficil: applica com muito a proposito e graça certos ditos e facecias vulgarissimas, d'estas que ouvimos a todos os instantes da bocca do Zé-povinho.

O effeito é seguro, e as suas *balas* tornaram-se em pelourinho de um ridiculo macio e deshechado, mas nem por isso menos temivel.

Quem ha no Rio de Janeiro que ao vêr passar o illustre Sr. commendador Malvino Reis, não murmure entre dentes:

— « *Aquelle commendado Malvino é um marvado! Elle finge se bom home, mas é por cárculo!* »

Je pouvais encore écrire certaines petites choses sur Mr. Araujo, mais je n'ai pas d'espace plus. Dizent qu'il est un bon patron et qu'il goûte de soupe macaroni. Il est passionné pour Paris et son esprit est parisien de la jaune d'œuf. Aussi il a une eau-de-vie spéciale pour ce qu'on appelle en jargon brésilien — grandes poissons de jupe. Ses haines principales sont pour Mr. Hudson, appelé la Muse du Povo, pour la *Feuille Neuve* de Mr. Emmanuel Mouton, a laquelle il dirige tous les jours des grâces pesées et des colibets qui font arracher cuir et cheveux. On dit qu'il touche bien piano, mais quand on lui prie ça il reste damné.

En somme, tirant tout ce qui ne prête pas, il est beaucoup bon.

ZECA

O moineiro Lact

Completando a rectificação que demos, sob este titulo, em nosso supplemento de quinta-feira, faz o Sr. Dr. Rozendo Moniz a seguinte declaração no *Paiz* e no *Jornal do Commercio*:

« A REDACÇÃO DA SEMANA

E' a pura verdade o rectificado n'esso periodico litterario, em supplemento de hoje e sob o titulo *Declarações*.

Cumpro um dever de reconhecimento e lealdade, respondendo aos cavalheiros que appellam para o meu testemunho.

Rio, 11 de Junho de 1885.

ROZENDO MONIZ. »

Agradecemos ao nosso illustrado confrade a presteza e a cortezia com que confirmou o que em defeza de nosso cavalheirismo allegámos.

O que eu não vejo

Por o todo tambem se toma a parte.
CAMÕES

Por os pequenos fios de cabelo
Que me enviaste, minha doce amada,
Eu reconstruo a imagem desejada
D'esse teu corpo deslumbrante e bello:

Por elles vejo a cabelleira ondeada,
De cor mais negra que o meu proprio zelo;
E o venusino rosto estou a velo:
Céo com dois sóes de luz esbrascada:

Vejo-te o collo, que espantou de alvura
A neve e as brancas rasantos do Japão.
Vejo-te o seio e vejo-te a cintura;

Poema em cinco versos — a tua mão
Vejo; vejo-te o corpo em toda altura...
Só te não posso ver o coração:

Margô, 5 de 85.

FILINTO D' ALMEIDA

O PADRE-MESTRE BELMONTE

(RECORDAÇÕES DA INFANCIA)

Fui tambem seu dicipulo e seu amigo
A sua morte veio despertar no meu coração um bando de saudades e recordações da infancia, que alli dormiam tranquillias o fundo somno do esquecimento.

E ellas, como passarinhos aninhados que um raio desperta e assusta, ergueram o voo, agitadas, tremulas, batendo as azas pelos céus nevoentos do Passado.

E á ephemera luz d'essa momentanea resurreição revejo a minha infancia inteira... já tão afastada, tão longe! não pelo distanciar dos annos, agruras e desillusões d'esta vida de grande, pela qual a gente suspira tanto quando é criança.

— Quem me dera ser grande... Ah! se eu fosse grande! exclamamos então, esticando-nos sobre as pontas dos pés, amaldiçoando com um gesto raivoso aquella vida horrivel, insupportavel de criança.

Annos mais tarde, quantas e quão profundas saudades d'essa deliciosa quadra... *insupportavel!*

Por um momento vejo-me a ella transportado, e então, apparece-me, dominando entre as demais figuras que influiram sobre os primeiros tempos da minha vida, a figura sympathica e respeitavel do padre-mestre Belmonte, e a doce luz melancolica da saudade, como um luar suavissimo, illumina-a toda...

Eil-o que se adeanta pela aula, por entre as filas paralelas dos bancos, com o seu passo pausado, fazendo ringir as grossas botas reluzentes nas taboas brunidas do soalho. Os rapazes, que este ruido familiar avisava de longe, mergulhavam apressuradamente os olhos nos livros abertos, simulando uma applicação ao estudo realmente... feroz.

E o padre-mestre, — abotoado na sna ampla sobre-casaca, com a sua bella cabeça vigorosa, engastada no collarinho alto e claro, os cabellos longos, levemente ondeados de fios de prata, cahindo-lhe sobre os hombros, os olhos grandes e bondosos, luzindo atravez dos olhos de ouro, as mãos atraz das costas, — passava, fiscalizando o estudo dos seus alumnos, affagando com a larga mão aberta as cabeças dos pequenitos, sacudindo com um um ligeiro piparote as orelhas de um preguiçoso, attendendo sollicitamente ao pedido de explicação de um menino e dando-lh'a com a sua voz sonora e authoritative, apanhando um descui lado em flagrante delicto de boneco de papel ou de romance aberto, mal escondido sob um compendio...

Quando se approximava do meu banco, apenas me distinguia entre os outros pequenos, vinha dizendo a meia voz, com um sorriso paternal:

— *Valentinus, valentini...* e, batendo-me com a palma da mão sobre a cabeça:

— ... *valentini!* ...

Um dia, na aula de latim, deu-me dois bolos...

Não sei que contrariedade lhe havia agastado o espirito; o certo é que entrou para a aula com uma das mãos passada atraz das costas, o sobrolho carregado, a cabeça mais enterrada sobre o peito do que de costume...

Signaes evidentes de que trazia consigo um vivo desejo de dar bolos e... a palmatoria.

Entrou, sentou-se, gritou:
— Cheguem-se cá, fiquem em volta da mesa.

Nós obedecemos, a tremer.

— Vá; comece Você.

O primeiro da roda começou, mas com tal caiporismo que disparou logo uma syllabada hedionda.

— O quê, seu valio, o quê!? bradou o padre-mestre, enrubecendo. Adeante! Você!

O outro alumno emendou a asneira com outra um pouco maior.

— Adeante!

O terceiro—moita!

— Adeante!

O quarto—nova tolice.

Por fim chegou a minha vez; fallei por ultimo e tão bem como os outros, verdade seja.

— *Bène, bène!*... bradou o padre-mestre; e, como por encanto, a palmatoria « sobre nossas cabeças apparece. »

E dentro de dois minutos a milagrosa *Santa Luzia* havia—nos estalado nas mãos dois beijos para cada um—beijos um pouco mais vivos do que fora para desejar.

Como se realisou aquella distribuição fantastica de beijos... de pau, não o posso explicar. A verdade é que eu, quando ainda julgava ter acertado na leitura da amaldiçoada palavra, já tinha *chuchado* a minha dose.

Posso agora, todavia, confessar e confesso-o muito á puridade—que me pareceu que o lucifero instrumento, quando desceu ás palmas das minhas mãos vinha com as forças um tanto quebradas, como se o punho que a manejava houvesse cansado.

E nesse instante pareceu-me tambem que não era a passageira cólera correctiva o que brilhava nos grandes olhos humidos do padre-mestre...

Outra vez,—mas d'esta escapei eu,—fôra apprehendida uma formidável quantidade de papezinhos com quadras escriptas, a proposito das ferias que vinham proximas e sobre os directores e professores do collegio; d'aquelle collegio S. Francisco de Paula, o do Largo do Rocio.

O poeta a quem principalmente se devia aquella obra satânica de versos maus era—eu.

As quadrinhas eram em geral innocentes; apenas umas beliscadellas rimadas no padre Christo—um diabo de padre Christo, alto, magro, perfido, que era socio do padre-mestre na propriedade e direcção do collegio,—um desculpavel desaffogo da Musa, que se vingava do Christo que a torturava com palmatoadas e piparotes—desfechando-lhe á coroa percucientes rimas aceradas, nem sempre louvaveis como obra de arte.

Descoberto o mortifero fornecimento das quadrinhas, não faltou delator que me apontasse á crueldade das penas collegiaes.

Uma das quadrinhas capturadas dizia que o tal Christo era o diabo; outra rimava Belmonte com ponte, se bem me lembro.

O reverendo Christo quiz logo encher-me as mãos de palmatoadas; mas o padre mestre oppoz-se formalmente, convictamente. « Que eu não era capaz d'aquella patifaria. » E não apanhei.

O conego Belmonte foi-me sempre conselheiro excellente, preceptor escrupuloso e severo, mais do que mestre, quasi pae.

Faz-me bem, hoje, em meio da tempestuada existencia que levo, evocar sob o luar da saudade, a sua veneranda figura, bondosa e calma, anstéra e amiga.

Consola-me e retempêra-me o animo ferido e fatigado essa visão tão cara ao meu coração. Ella é para mim como o symbolo de toda a minha infancia.

Eis porque venero e abenço a memoria do conego Belmonte, o « padre-mestre ».

Junho—1885.

VALENIM MAGALHÃES

BOLOS

Está tudo morto!

Esta secção, que tem andado ha cinco semanas embetsegada no silencio, apparece hoje de novo na praça do commercio das letras para salabordiar um pouco com os amaveis (sempre amaveis!) leitores, acerca de cousas infelizmente tristes.

Se não fosse o medo de confundir o luto com a troça, esta columna estaria agora tarjada de negro, tendo no alto as trez lagrimas symbolicas da dor typographada.

Está tudo morto!

Morreu a *Folha Nova*!... morreu o *Brazil*!... morreu o *Quidam*!...

Tres personagens distintos e uma só tolice verdadeira. Não é que nós queiramos tripudiar barbaramente sobre o sepulchro mal-cerrado da *Talcousimanaorasejasebécocomparaste*, não é; porque o Mestre disse:

« O n'insultez jamais une femme qui tombe, e parece que o disse de proposito para que a gente o pudesse repetir aos manes—ou ás manas—da *Folha Nova*; não é tambem porque não lamentemos a desgraça que atufou o *Brazil* na sembla eterna do Nada, e que atirou de caugalias a alma ingenua e encantadoramente tola do assis *Quidam*; não é por nada d'isso que deitattari unos luto. Se tarjássemos de preto esta columna, seria pela morte da nossa Alegria, a nossa boa Alegria—que se foi com elles para todo o sempre!

Agora so nos resta o pungir da tristeza perenne, e o arranhar da perpetua melancholia (leia-se *melancolia*, para maior dor.)

Em vez de alma encontramos agora um salario no interior, e o gosto amargo de infelizes, de que falla o poeta, cá amla a ror-nos o peito.

Tudo no mundo fenecer, dizia um philosopho. E é verdade! Tudo no mundo fenecer! Até os tolos!

Ah! pae tyranno! progenitor—Galvão! que nos privas cobardemente, aproveitando-te do teu ascendente sobre o infeliz e intrepido mancebo, d'aquellas artes e d'aquellas manhas que so elle em toda a redondeza sabia guizar, com aquella adoravel e candida parvoíce que Deos lhe deu e tu lhe ensinaste!

Mas fica certo, crocodillo, que a rudeza do golpe não conseguiu abater-nos o animo. *Quidam* é insubstituivel assim como a *Folha Nova*, mas a raça dos enxovados e dos cacographos ainda não se extinguiu. Estamos em plena snecursalla Parvonia, e, se nos morreu a Alegria, conservamos sempre vivida a Esperança.

E agora, que tambem temos janellas para a rua do Ouvidor, é só chegar-mos a uma d'ellas e gritar:

— Tolice para um!

CHICO FÉRULA.

Dize-me o que comes; dir-te-hei quem és.

BRILLAT-SAVARIN.

O Dr. Luiz Delino e a poesia nacional

Vide os ns. 14, 20 e 22 da *Semana*.

Valentim Magalhães no ultimo numero d'a *Semana*, refutou brilhantemente o critico de curtas vistas do *Diario Liberal*—mostrando que nem mesmo no terreno escolhido por S.S. para melhor exercer a gymnastica da pequena critica, conseguiria derrubar o poeta que mais tarde a sua patria halle fazer justiça.

Não ficou de pé nem uma só das objecções do *Diario*. Tudo desmoronou-se e sem grande esforço do adversario.

Porém, antes de entrar na discussão da *Solemnia Verba* é preciso que eu diga, de passagem, qual deverá ser a attitude da critica em frente de uma obra de arte qualquer.

Sem querer prolongar o meu raciocinio, tomando por ponto de partida a philosophia moderna para d'ahi deduzir o papel da critica contemporanea, eu me limito a fazer uma transcripção de uma obra que me parece ser conhecida por todos quantos se dedicam ás letras n'este paiz.

Essa obra é de Emilio Zola; creio que os criticos conhecem-na.

Está tão vulgarisada que acredito não citar nenhuma novidade.

Diz este escriptor nos *Documents litteraires*, no capitulo:—*La Critique Contemporaine*:

« O papel da critica, em uma litteratura tem, portanto, uma importancia capital. »

« Certamente, eu não creio em sua influencia mais ou menos directa sobre o nivel litterario. »

« Nós não estamos mais no tempo em que a critica lembrava aos escriptores os generos e as regras e distribuía bolos como um professor de allean. »

« Ella não se dá mais a missão pedagogica de corrigir, de assignalar faltas como se faz as alumnos, de emporellhar as obras primas com annotações de grammatico e de rhetorico. A critica, alargou-se, tornou-se um estudo anatomico dos escriptores e das suas obras. Ella toma um homem, ella toma um livro, dissecar-os, esforça-se por mostrar como este homem produziu este livro, contenta-se de explicar e lavrar um processo verbal. »

« O temperamento do auctor é esqua trilhado, as circumstancias e os meios em que elle trabalhou são estabelecidos, a obra apparece como um producto inevitavel, bom ou máo, de que se trata unicamente de demonstrar a razão de ser. »

« Toda a operacão critica limita-se assim a constatar um facto, desde a causa que o produziu até ás consequencias que produzirá. »

« Sem duvida, um equal trabalho contém nma lieção e vendo-se em um espelho tão fiel, um escriptor pode reflectir, conhecer suas fraquezas e procurar occultal-as o mais possivel. Sómente a lieção vem do alto, sahe da propria verdade do retrato e não é mais o ensinamento, grave de um professor. »

A critica é philosophica, é scientifica, é logica.

Se esta, em vez de apanhar o escriptor, estudal-o, penetrar em todas os ambitos da sua organisação, tomar o seu pensamento—dissecal-o, o seu temperamento, trazel-o á luz—corrigil-o das suas faltas, salientando as suas qualidades, emparedar-se nos antigos processos da critica empyrica e pantomineira, é que ella não comprehende o seu papel, não está á altura do criterio scientifico d'este seculo.

Não transcrevo o primeiro periodo d'este estudo por não me parecer necessario.

Todas as sinuosidades do pensamento humano devem estar hoje varridas das antigas preocupações, das sedicões e empoeiradas banalidades, com que a velha critica dos tempos metaphysicos saturava as obras primas que appareciam para solidificar a orientação artistica do seu tempo e desconjunctar osapparelhos convencionaes e facticios dos rhetoricos e dos grammaticos.

Feito isto, entro em assumpto. Começarei discutindo se na *Solemnia Verba* existe ou não concepção.

Para isto basta o seu proprio assumpto.

A concepção é, sem duvida alguma, o elemento fundamental, o germen de toda a obra de arte.

Podia, se quizesse, alongar a discussão sobre este ponto, isto é, demonstrar que muita gente erra na apreciação que faz sobre esse poder especialissimo da intelligencia humana.

Demonstralo-ei se atanto for obrigado mas neste momento limitar-me-ei apenas a constatar factos sem aprofundarme na analyse dos elementos que constituem a concepção artistica ou scientifica de qualquer trabalho.

A *Solemnia Verba* é precisamente uma resultante do talento do seu auctor applicado a um facto de alta importancia, facto que por si só daria ao Dr. Luiz Delfino uma das suas mais bellas produções poeticas, porque é a representação de dois factores directos, de duas correntes que se desenvolvem em sentido contrario, uma retrogradando para o passado, outra avançando para o futuro:—o povo e o rei.

Uma representando o desequilibrio na ordem social, restringindo a orbita da actividade humana, para garantir-se, para fixar-se; illudindo, usurpando, cercando o direito, decapitando a liberdade; a outra, escavando todas as origens do progresso, protestando, reagindo contra a invasão da força na esphera do direito, proclamando a virtude, nivelando os homens, contribuindo para o alevantamento do espirito politico das nacionalidades modernas, ambas distinctas, convenientemente distanciadas, porque são inconciliaveis, algumas vezes impellidas pela multiplicação de effeitos que causas aparentemente desconhecidas produzem silenciosamente nos seus laboratorios inacessiveis, quasi sempre, a inspecção intellectual do homem, chocam-se, emaranham-se, tendo como consequencia ou a procrastinação das liberdades publicas, o direito submettido pela força, o privilegio pela egualdade, a ficção pelo facto, a voz popular unguida de sacrificios, de abnegação e de luctas, pela força empyrica da politica tradicional dos chefes; ou então desaparecem a violencia e a injustiça para serem substituidas pela justiça e pela egualdade; a autoridade ligada á marcha evolutiva das idéas, desde os primeiros rudimentos das civilisações historicas, é substituida de prompto, como diz um notavel escriptor, pela simples comprehensão do fim social, e as tradições egoistas das familias dynasticas, pelas tradições do trabalho, pela communhão geral das idéas, pela veneração dos grandes homens, pela expansão do individuo no amor da patria e da humanidade.

Uma, produz para garantir-se, para evitar o conflicto permanente, a lei draconiana de Bismarck; a outra proclama a inviolabilidade dos principios da Declaração dos direitos; a fraternidade, a santa egualdade, a dorura das maximas republicanas, o *res sacra miser*, como as chamava Camillo Desmoulins.

Eis ali está a fonte do onde se originou a bella concepção de Luiz Delfino,

consubstanciada em oitenta sextilhas, que valem um poema.

Sim. O paiz que não tem ainda a energia dos grandes principios para revoltar-se contra o covarde que o trahio, que lhe roubou a liberdade, bem merece o estyga que o poeta brasileiro ligou ao pavilhão glorioso da sua historia militar.

Patria de Riego e Castellar, suspensa
Tens em tua frente o estyga profundo
De tua feia ingratição immensa...
Com dó, misera Hespanha, olha-te o mundo,
E n'esse teu fatal ultimo arquejo,
Eu, estrangeiro, olho-te com pejo.

Porque os criticos não entram no estudo do temperamento, da natureza psychologica do poeta, das causas que determinaram esse trabalho de largo folego? Porque não o discutem segundo um outro ponto de vista? Porque não traçam a marcha que tem seguido a poesia moderna, para d'ahi verificarem se a *Solemnia Verba* está ou não fora dos moldes que o desenvolvimento do espirito prescreveu tanto ás artes como ás sciencias?

Porque exhumar a velha critica de professor de aldeia, como lhe chama Zola, para condemnar ou absolver uma obra qualquer?

Não é assim que se fala ao publico; não é assim que se discute.

A missão da critica é mais elevada, é mais complexa, é mais definida.

Pensarão acaso os adversarios do Dr. Luiz Delfino, que nós nada tínhamos com o movimento politico da Hespanha, quando subio ao throno Affonso XII?

Como? A historia pertence a nós todos. O nosso fim é nos esforcarmos para tornar a humanidade feliz, e só a historia pode fornecer-nos elementos para chegarmos a este resultado.

Ao poeta moderno compete fornecer á excitabilidade do homem estímulos tão poderosos que se tornem uma realidade as vagas formas do ideal que fluctua em seu pensamento.

Que coração não se sentiria verdadeiramente revoltado se lesse em inspiradas estrophes o supplicio medonho de Philippe e de Gauthier de Launoi, saerificados pela sanguinosa sanha dos tres herdeiros de Philippe o Bello, tyranno e moedeiro falso?

Quem ao chegar ao fim de cada estrophe não repetiria o estribilho patriotico dos jovens spartanos: *Eu não serei mais escravo?*

Cada estrophe da *Solemnia Verba* como que repercute o brado de milhares de apostrophes, o rugido de um milhão de almas que se ouvem ainda gemer na Historia como o rebato que annuncia o epilogo d'esse drama que começou com o primeiro rei e que só acabará com o ultimo.

A *Solemnia Verba* não é senão o brado de indignação de um homem de genio contra o procedimento de um povo sem dignidade.

A idéa generosa que predominou no espirito de Luiz Delfino quando escreveu a *Solemnia Verba*, foi aquella mesma que predominou no de Hugo quando lançou ao mundo estes dous grandes versos, que por si só resumem toda uma patria, todo um cyclo de injustiças e de violencias:

Et que, lorsqu'on aura mis le tyran à bas,
Et là loi sur le thrône, il sera temps de rire.

E não tem concepção a *Solemnia Verba*?

E acham pouco um homem sentir por todo um povo, um coração chorar por tantos corações, uma bocca lançar aos quatro ventos a apostrophe que espumava em tantas bocças e que nenhuma tinhatido ainda valor de arremessar

como um grito de revolta contra o cobarde que extorquia o direito de uma nação, e o mais sagrado, como o de ser livre!

No meu proximo artigo terminarei as considerações sobre o Dr. Luiz Delfino, esforcando-me por synthetisar todos os argumentos que me pareçam imprescindiveis para chegar á demonstração definitiva da these que me propuz discutir.

LUIZ MURAT.

Coelho de Carvalho

Os delicados versos que, com o titulo de *Canção do outomno*, publicamos hoje, assignados por Coelho de Carvalho—devemol-os á bondade do distincto escriptor portuguez Monteiro Ramalho, que nol'os enviou de Lisboa, e fazem parte do volume de *Versos*, prestes a sahir á luz naquella cidade. Coelho de Carvalho foi contemporaneo de Crespo, Junqueiro e Eça de Queiroz na Universidade de Coimbra. Depois de haver desempenhado varios cargos officiaes, é hoje consul de Portugal em Schanghai.

E' um poeta de futuro.

D'elle temos ainda outras poesias ineditas, que publicaremos depois.

«AURORAS»

«Temos entre mãos o mimoso volume de versos do Sr. Alfredo de Souza, que, não ha muito tempo, mimoseára os leitores d'esta folha com um punhado de miniaturas delicadas, embebidas de uma cõr suave, que na presente collecção resaltam á nossa vista, com o titulo de *Paysagens*.

Manuseámos rapidamente as *Auroras*, e vimos de prompto que o Sr. Alfredo de Souza é um operoso cultivador da forma, um joalheiro *exquis* de pequenos *bijoux*, um feliz caçador de boas rimas, um parnasiano, emfim.

Para um verdadeiro poeta requisitamos tres elementos essenciaes—boa forma, inspiração e originalidade.

O Sr. Alfredo de Souza, com este seu livro de estreia, promette, inegavelmente, vir a ser um dos mais dignos representantes do moderno Parnaso brasileiro; mas com isso não queremos dizer que o poeta das *Auroras* possua esses tres elementos acima apontados.

Boa forma o nosso poeta a possui; escasseiam-lhe, porém, ás vezes, inspiração e originalidade, tomadas estas palavras na sua mais rigorosa expressão.

Como livro de estreia, as *Auroras* promettem dias esplendidos.

As *Ondas*, *Venturas*, *Paysagens*, *Do alto*, podem ser julgadas as melhores poesias do livro, não obstante esta ultima manquejar com este verso:

É como um cingulo argenteo que rutila..

De resto, Alfredo de Souza é, sem contestação, um dos bons poetas da modernissima geração litteraria do Brazil.

Agradeemos, penhorados, a offerta do elegante volume. »

Povo, ama o teu rei; burro, adora o teu chicote!

V. Hugo.

Valentim Magalhães

Lê-se no *Diário Mercantil*, de 7 do corrente:

« Como os leitores já sabem, Valentim Magalhães, o vigoroso e scintillante escriptor das *Notas á margem*, desligou-se da *Gazeta de Notícias*. A propósito d'este facto, escreve um chronista illuminense:

« Nenhum escriptor d'este paiz tem vida mais pura e mais limpa ou caracter mais inteiriço e digno. A sua retirada da *Gazeta* foi ainda um acto de delicada susceptibilidade, muito para louvar neste tempo de transacções e de conveniências, embora em boa moral não passe do mais comedido e mais restricto dever de todo o homem que se prese e tenha a guardar um nome aureolado pela estima e pela admiração publica.

Perdeu a *Gazeta* e ganhou a *Semana*, a que agora se vai dedicar inteiramente a grande actividade de Valentim Magalhães. »

THEATROS

«O REI DOS SELVAGENS»

Creemos que este drama foi extrahido do conhecidissimo romance de Fenimore Cooper—*O Derradeiro Mohicano*.

Afirmaram-nos, no entanto, haver elle sido arranjado pelo habil actor Moniz de um romance de Montépin, sem, contudo, me dizerem o titulo d'elle. É possível que o drama fosse, de facto, extrahido de um romance de Montépin e o romance de Montépin do romance de Cooper.

Fosse emfim como fosse, o certo é que se arranjou um drama *topetudo*, legitimo descendente da velha raça dos dramas «spanta-burguez». *O rei dos selvagens* é um fricandô dramático, habilmente preparado pela culinaria theatral do Moniz com europeus, indios furios, goatças, pagés, idolos, selvagens papagentes, um terror dos bosques, (no romance do Cooper este sujeito tem o nome de *Olho de falcão*) marinheiros, bailarinas, jararacas, colonos e mil outros ingredientes; tudo isso muito bem mexidinho, temperado com as lagrimas de Cecy e de seu avô, com o amor selvatico de *Aguia Vermelha* e o puro amor e as façanhas heroicas de *Terror dos bosques*, com o ciúme de *Estrella d'Alva*, as idiotices musicaes e dansantes de Procopio e as sabenças comicas do desfructavel Dr. Gibson; umas cinco duzias de machados e outras tantas flechas, 500 grammas de polvora, meia duzia de balas, um pouco de dynamite, fogo e agua á vontade, deu o resultado que se viu:—um drama de sensações, de muitas e variadissimas sensações: novas e velhas, agradaveis e desagradaveis, violentas e doces; um drama de não deixar tempo ao espectador para aborrecer-se, destrahindo-lhe os olhos com bailados, assaltos, corridas e mil diversos movimentos, deleitando e entre-tendo-lhes os ouvidos com gritos, tiros e tiradas melodramaticas, musicas selvagens e cultas, estampidos, soluços e risadas...

Tudo isso, arranjado com extrema habilidade, devia produzir bom effeito. E melhores não podiam ser as impressões que deixou nos espectadores na noute da primeira representação, no theatro D. Pedro II.

Quanto ao desempenho, devemos notar desde já que nenhum dos artistas conseguiu distinguir-se em grande relevo, nenhum se notabilizou; em compensação—e é esta uma excellente e difficil consa no theatro—o *ensemble* era muito bom, todos os papéis estavam

afinados uns pelos outros e não houve falsetes no desempenho.

Notaremos apenas que a Sra. Jacinthia foi animada de menos e a Sra. Leopoldina animada de mais.

Que esta passe para aquella o que lhe falta em vivacidade, e ainda terá vivacidade para dar, vender, e... botar fóra. Outro que tal foi o Sr. Correia. Sãfa! que exaggero! Um pouco de naturalidade nunca fez mal a um artista; ouviu, Sr. Correia? Também não gostámos da caracterisação do Sr. Simões, que *Eloy, o heróe* chamou, com verdade e graça—«Rio Branco em calças pardas».

Mas esses ligeiros senões em nada alteram a impressão geral—que foi boa.

Scenarios novos e realmente bonitos; vestnarios decentes, encenação eni-dada.

O ultimo quadro, o das cachoeiras, produz completa illusão; a agua é perfeitamente simulada.

Acreditamos que a Appolonia tem agora *Rei* para muito tempo, com aclamação e contentamento dos povos. É—pelo menos—o que lhe deseja a *Semana*.

Por estar ha mais de quinze dias enferma a actriz Helena Cavalier, não foi ainda marcado o dia para a *primeira* da lenda tragica de Echegaray—*No seio da morte*. Logo que se restabeleça a distincta actriz subirá essa notavel peça á scena do Recreio Dramatico.

Segunda-feira deve subir á scena do Lucinda a excellente comedia em 3 actos, de Sardou—*Por causa de uma carta (Pattes de mouche)*.

Vae em beneficio de Furtado Coelho, o distinctissimo director da companhia. O papel de Prospero é desempenhado pelo beneficiado e o de Suzana pela gentilissima Sra. D. Lucinda Furtado Coelho.

Deu-se ante-hontem na Phenix a primeira da *Princesa das Canarias*, pela companhia Manzoni.

Deve dar-se hoje no Recreio a primeira d'*Os dois Sargentos*, conhecida o apreciada peça do repertorio do Rossi e do Brazão.

No S. Luiz a empresa Apollonia continua a preparar o *centenario* do seu *Rei dos Selvagens*.

Está em ensaios neste theatro *O Abysmo*, celebre drama de C. Dickens, traduzido pelos Srs. Arthur e Aluizio Azevelo.

No Sant'Anna continúa o successo da Estudiantina Figaro.

A *Semana* tem a honra e toma a liberdade de offerecer ao Sr. Miguel Lemos, presidente do Centro Positivista, o seguinte precioso pensamento:

«Uma religião sem sobrenatural faz-me pensar em um annuncio que li ha annos n'um jornal:—*Vinho sem ura.* »

ED. E J. DE GONCOURT.

POESIA E POETAS

ARDENTIAS

POR

VICENTE DE CARVALHO

Santos é uma cidade preta. De ruas tortuosas e estreitas, de casas velhas, com um aspecto genuinamente colonial, insalubre, pestilenta, com um eterno cheiro de maresia desprendido da salsgem que lhe atira o oceano, da vasa das marés e dos detritos que a incuria municipal não faz remover—so se comprehende que tal cidade produzi-se um poeta como o Sr. Vicente de Carvalho, todo perfumado e gentil, por ter Setubal—outra cidade feia—produzido o grande Manuel Maria, o incomparavel bardo sadino, príncipe dos poetas do seu tempo e o maior genio da poesia portugueza depois do pasmoso epico dos *Lusiadas*.

Ardentias é o titulo do bonito livro que nos enviou o Sr. Vicente de Carvalho, mancebo que cursa a faculdade de direito de S. Paulo e que nunca sabio da sua provincia, não tendo, portanto, as boas e fecundas suggestões do *meio*, porque a actual litteratura academica da Paulicéa, é de uma pobreza lastimavel e os poucos vates que por lá arriscam sonetos, andam ainda assim desgregados pelas zizancias da rivalidade, justificando o proverbio que diz: *casa onde não ha pão...*

Mas o livro do joven poeta santista é mais do que uma ridetissima promessa. Ha nelle poesias de verdadeiro merito, bem inspiradas e bem desenvolvidas; a forma é por vezes inteiramente correcta, e se não ha novidade no seu livro, tambem não ha banalidade, o que já é conseguir muito aos vinte annos.

Do fulgor d'estas ardentias mana em ondas subteis um suave perfume de alma criança, embora o poeta queira impingir-nos de quando em quando uns desesperos e um scepticismo que não sente, porque lá surge a espaços, radiosa e toucada de flores rubras, a «sereia loira da esperanza» propria da juvenlidade que nunca descre... senão em verso, e antes caminha desassombrada e corre e salta em pós das meninas esquivas que se co-honestam com o nome candido de Musas, parando agora para apanhar a rosa que cahe do toucado elegante de uma, agora para aspirar o aroma divino e capitoso de um fio de cabelo de outra, agora para ajoelhar-se aos pés de terceira mais compassiva, que voltou com um sorriso angelico a formosa cabeça para ouvir-lhe os carnes.

Totavia, apesar das repetidas bellezas do livro, entendemos que a um poeta que tão auspiciosamente estréa, melhor é apontar os defeitos, e mais aproveita o rigor delicado que o louvor incondicional. Por isso diremos que n'este livro das *Ardentias*, como em quasi todos da mocidade actual, se nota uma indesculpavel pobreza de lingua, quando não condemnavel descuido de construcção, máo gosto e impropriedade no dizer.

Os novos poetas jogam e tratam com limitadissimo numero de palavras e não se lhes nota nenhum arrojo n'este sentido.

Com bem menos razão dizia no seu tempo o grande e facundo Francisco Manoel:

«Nós prezamos tam pouco a nossa lingua, que tam somente as outras aprendemos, Em desar da nativa.» (1)

(1) *Da arte poetica*, Epistola.

É na mesma conceituosa obra dizia, com a sua auctoridade de mestre, que as palavras vis se deve dar valia, ennobrecendo-as com o logar onde se poem.

Mas os rapazes furtam-se á leitura dos classicos com medo de infiltrações rancidas e não ha demovel-os do pavor. D'ahi a pobresa de linguagem, que empallidece e descora tudo, quando elles querem pintar

Quanta apparencia ostenta este uni-
verso,
E o que a nossa alma no seu peito en-
cerra. (1)

Outro defeito do poeta consiste nas rimas simplesmente assoantes que elle intercalla nas consoantes. Ex.: pagina 15—*voz e depois*; 16—*rosa e cousa*; 66—*broto e outro*; 69—*Italia e espalha*; 78—*entrebrio e razio*; 96—*floresta e restea*.

Ha tambem alguns versos que lembram outros de outros poetas, impressões muito natural e desculpavel, mas urgente de evitar. Ex.:

«Teem a tristeza enorme das ruinas.»
«As desfolhadas petalas dispersas.»
«Então, para o passado os olhos alongando.»

Ha estrophes com as rimas sobre a mesma vogal, o que produz desagradavel impressão em ouvidos affeitos aos caprichos parnasianos da poesia moderna. Ex. pag. 68:

«Borbulhava-lhe aos pés a murmura
cascata,
E, mirando-se nella, escutava-a callada
A flor, como a longinqua e tremula
tonda,
Como os plangentes sons de branda se-
renata.»

Pag. 81:

«Mas se em teus olhos virginaes *mergulha*
Minh'alma, encontra n'elles uma *pura*,
Uma doce, uma vivida *fagulha*
—Relampago cortando a noite *escura*.»

Penalisa a preocupação de *neve e gelo* que transparece no livro do moço poeta e é de bom conselho evitar friuras em pleno fogo da mocidade.

Um grave erro de meteorologia: pag. 37: «*da chuva o mar se forma*.»

O poeta compadecendo-se com a verdade deve inverter os dizeres.

Para compensar, porém, estes defeitos, ha nas *Ardentias* bellas composições, como a *Folha solta*, *Adormecida*, *Ballada*, que termina com esta bellissima quadra.

E eu—extatico e tristonho—
Embebo o olhar no teu rastro...
O' tu que vens como um astro!
O' tu que vae como um sonho!

Na poesia *Segredo*, ha tambem outra estrophe digna de menção:

Debalde tentas esconder, ó louca,
O amor; debalde tentas escondel-o!
Ri-se o gelo entre as rosas de tua bocca,
Mas ardem teus olhares entre o gelo.

Agora o que não podemos deixar de reproduzir inteiro é o rico soneto *Madrugada pagan*, talvez a mais bella composição do livro. Com elle terminaremos este artigo, offerecendo no fim da desmaiada prosa uma estrella aos nossos leitores. O poeta das *Ardentias* é um bravo talento e estamos certos que não o molestarão estas ligeiras observações criticas, que fazemos com maxima sinceridade e por muito nos merecer

(1) *Obra cit.*

quem tão brilhantemente começa, o que exprime o desejo de ver o Sr. V. de Carvalho correcto igualmente que inspirado.

Ahi vae a

MADRUGADA PAGAN

A loura deusa das manhans radiosas,
Que inflora o campo e sonorisa os
ninhos,
Surge, espalhando á beira dos caminhos
Giestas em flor e petalas de rosas.

Abre Amalthéa as tétas; o thesouro
N'ellas occulto, solta-se, desfiado
Em frouxas messes estrellando o pra-
do...

—E' como um astro cada espiga d'ouro.

Ergue-se em meio do murthal virente
A voz de Pan, que se escoar parece
Em catadupa tremula e sonora:

E, como ouvindo a musica dolente,
Venus empallidece, empallidece...
E desmaia entre as purpuras da aurora!

FILINTO D'ALMEIDA.

RUY-VAZ

Scenas da Bohemia Fluminense

POR

Aluizio Azevedo

III

(Continuação)

Bloco morava em Catumby, Ruy, Lauro e Barradas tomaram o bonde e dispuzeram-se a fazer a viagem. Barradas tirou logo da algibeira um pequeno volume de Andre de Rezende e poz-se a ler silenciosamente a um canto do banco; enquanto os dous outros conversavam sobre Theophilo Gautier.

Ao chegarem á casa de Bloco, veio um criado ao portão dizer-lhes que o amo estava na rua.

— E agora? perguntou Ruy.

— Agora é entrarmos e esperar por elle.

Barradas marcou a pagina em que lia, guardou o volume no bolso e disse ao criado que abrisse a sala, trouxesse vermouth, siphon e copos.

— Que especie de vida tem este typo? interrogou a provinciano a contemplar o estranho aposento em que penetrava.

— Que especie de vida!—vida boa! explicou o Lauro, despindo o palitô e descalçando as botas. E' um rapaz rico, bastante rico e amador de bellas artes. Esses quadros que ali vês pelas paredes têm cada um a sua historia: olha! Aquelle pertenceu a Napoleão III e Bloco comprou-o quando esteve em Paris; attribuem-no a Lucas Jordano; aquelle outro é uma pochada de Jerome, ainda no tempo em que este pagava os almoços com as pochadas que fazia; aquelle alli é uma cópia immediata da cabeça do Marte de Velasquez; comprou-a no museu do Prado em Madrid; este outro é uma kermesse de David Tenier, escola flamenga, foi adquirido em Rotterdam, e agora faz *pendant* com aquelle outro quadrinho, onde vês uma mulher nua, de cabellos dourados, o qual, a julgar pelo seu colorido quente e pela largueza do desenho deve ser de Rubens ou de algum dos seus bons discipulos. Olha! aqui tens uma marinha de Bonington, que é uma verdadeira raridade, e está assignada.

— Aquillo alli o que é? perguntou Ruy, apontando para um retrato a crayon.

— Ah! Isso é a cópia de duas cousas: —de um negociante de seccos e molhados e ao mesmo tempo do genio alegre de Off.

— Como assim?

— O negociante encommendára o retrato ao Augusto Off, este, que estava apertado por dinheiro, metteu mãos á obra e só a deixou ás cinco da tarde quando a vio terminada; então largou o lapis e foi jantar. Enquanto jantava, um seu filhinho de cinco annos, depois de contemplar por longo tempo a obra do pai, entendeu que ella não estava perfeita, tomando de uma penna molhada em tinta violeta, desenhou sobre o collete do negociante aquella caprichosa corrente de relógio que alli vês!

— Calculo de que maneira não ficaria o retratista!

— Enganas-te, o Off achou graça e accrescentou á assignatura do retrato o nome do filho. E' inutil dizer que o burguez dos seccos e molhados não acceteu a obra, e Bloco, sabendo do facto essa mesma noite, offerceu por ella o duplo do valor ajustado, exigindo apenas que o Off dividisse com o pequeno o dinheiro que recebia. Depois disso ficaram muito amigos e o grande retratista offerceu a Bloco aquelle estudo de cabeça que alli vês por cima da estante.

— E isto aqui o que vem a ser? indagou Ruy observando um pequeno quadrinho que se escondia no canto de uma grande moldura doirada?

— Isso é uma lata de sardinha, respondeu o outro. Um dia o Rouede, a volta de uma das suas excursões artisticas, impressionou-se por um effeito de rochas que o surprehenheu já em caminho de casa e, como não tinha mais tella, pintou a sua impressão no fundo da lata de sardinhas que elle acabava de comer em companhia de dous amigos—eu e o Bloco.

Em seguida Lauro passou a explicar a procedencia dos outros objectos que enfeitavam caprichosamente as quatro paredes da sala:

— Aqui tens um punhal que atravessa dous patações sem se alterar, é de Ferrara e foi fabricado na idade media.

Emquanto Ruy examinava o punhal, o outro rapaz desprendia da parede uma espada e, vergando-a a ponto de unir as extremidades della, exclamou:

— Eis aqui uma legitima *hoja* de Toledo! «*del tiempo del Emperador Carlos primero de España y quinto de alemana*» como diz Bloco, quando quer deitar erudição!

E, seguindo a sua revista, Lauro foi declarando o nome das outras armas que os dous encontraram na sala:

— Eis a celebre cimitarra turca! eis a lança cosaca! eis o yatagang arabe! eis o alfange mouro! Eis aqui o afamado *casse-tête* bohemio! eis a famosa *navaja catalana*! e eis alli, para fechar a colleção das armas brancas, uma espada com que Frascuelo matou um touro de Veragua!

Ruy notou que o dono da casa não tivesse alli, ao menos, uma arma indigena.

— Estão todas lá dentro, respondeu Lauro.— Bloco reservou-as para a sala de jantar. Vae lá e verás o que ha de melhor em flechas, maças, arcs, *murucús*, *esgaravatanas*, machados de pedra e tudo que se pode desejar nesse genero!

Nisto, porém, foram interrompidos pelo dono da casa que acabava de entrar, carregado de embrulhos.

— Apresento-te... ia dizer Lauro, indicando Ruy.

— Logo mais, logo mais... respondeu Bloco, enfiando pelo interior da casa— Agora estou preocupado; não acceto apresentações.

E ouviu-se pouco depois estalar um foguete.

— Está chamando o criado... explicou Laurio a Ruy.

— Então elle ataca foguetes dentro de casa? perguntou este.

— Não, ataca-os da janella e, quando não pode ter a janella aberta, substitue o foguete por um buscapezinho de sua invenção, que elle mesmo fabrica nas horas vagas. Se fores ao seu gabinete de trabalho has de encontrar alguns sobre a mesa.

Barradas, que até ali estivera a ler muito entretido na bibliotheca, appareceu perguntando se o criado não trouxera o vermuth.

— Está ali, disse Laurio, mostrando uma pequena mesa de charão com embutidos de madre-perola.

Os trez rapazes assentaram-se em volta da garrafa e começaram a beber; mas, no fim de meia hora de conversa, Ruy declarou que estava com somno e estendeu-se sobre um dos quatro divans que havia na sala; os outros bohemios não tardaram a imital-o, e d'ahi a pouco dormiam todos trez profundamente.

(Continúa.)

CANÇÃO DO OUTOMNO

E' outomno. Tristemente
A morte diz-nos segredos:
E o sol para os arvoredos
Sorri-se como um doente.

Ha um vago tom de sôl-posto
Na pallida côr celeste.
Choram um grande desgosto
As rajadas do nordeste ...

Frio thuribulo suspenso,
Declina o sol para o occaso,
E as nuvens... nuvens d'incenso,
Que se evolvam d'esse vaso.

Pelas ruas da cidade
Desfilam enterros lentos;
E a alma tem desalentos
D'uma infinita saudade.

Folhas secas, amarellas,
Formam nas praças esteiras:
Vão-se as tísicas donzellas
Com as aves, companheiras...

As virgens, côr das opalas,
Cruzadas as mãos nos peitos,
São levadas para as vallas
Nos seus esquifes estreitos.

Vão dormindo, vão sonhando
Com bailes, noivos e festas...
E o vento vai desfolhando
As arvores das florestas.

Os troncos, nus, esquelecticos.
Que a brisa da tarde agita,
Torcem-se como epilepticos
Em commoção infinita.

Sacode o vento as vidraças,
Bate a chuva nas calçadas;
Ha soluços de desgraças
N'algumas aguas-furtadas.

Renasce a essencia perdida
Das brancas virgens formosas,
Na circulação da vida
Em nuvens, perfume e rosas.

Que n'este frio abandono,
N'este seu loso mysterio,
A natureza no outomno
E' um berço n'um cemiterio...

E, enquanto o coveiro encerra
As mortas dentro das covas,
O lavrador lança à terra
Nas sementes vidas novas.

E o sol para os arvorelos
Sorri-se como um doente;
A morte diz-nos segredos,
Pelo outomno, tristemente.

COELHO DE CARVALHO.

BELLAS ARTES

O Sr. Antonio Parreiras expoz na excellentegaleria De Wilde, à rua Sete de Setembro, dez bonitos quadros de payzagem, todos feitos *d'après nature* e que são uma bella prova do seu talento para a soberba arte a que se dedicou.

O Sr. Parreiras é discipulo aproveitado e distincto do illustre payzagista Grimm, e os seus trabalhos revellam immediatamente a *maneira* fresca e vibrante do mestre.

São bastante detalhados os seus trechos de payzagem, os assumptos escolhidos com gosto, e nota-se uma certa minucia de detalhes, sem contudo parecer a vegetação cortada a canivete, como se observa em varios pintores detalhistas. Se não tem a liberdade, — muitas vezes desordenada até ao exagero, — dos ultra-naturalistas, possui, entretanto, uma certa segurança de pincel e criteriosa largueza de execução.

A agua é o que mais cuidado lhe merece e o artista consegue uma transparencia rara e verdadeira.

Os trabalhos que nos pareceram melhores são os intitulados—*Foz de Ica-rahya e Prémamar*.

Damos sinceramente os parabens a Grimm pelo o distincto discipulo que tem e que tanto o honra.

GAZETILHA LITTERARIA

Uma bella noticia:

Deve apparecer proximoamente o primeiro fasciculo da «Divina Comedia», do Dante, traducção de Xavier Pinheiro. Esta traducção, de que já se occupou detidamente na *Gazeta de Noticias* o nosso director, é toda em tercetos rimados, acompanhada de abundantes e eruditissimas notas. Esperamos ansiosamente o apparecimento d'esta grande obra.

Recebemos assignaturas para ella.

FACTOS DIVERSOS

No dia 2 do corrente, o nosso presado e brilhante collaborador Raul Pompeia fez exame vago de direito commercial, na Faculdade do Recife, e foi approvado *com distincção*.

Parabens.

O Dr. Moreira Sampaio, o conhecido comediographo, acaba de passar pelo infortunio indizível de perder um dos seus interessantes fillinhos, victima da implacavel febre amarella. A pobre criança, que era dotada de viva intelligencia conservou-a em estado de lucidez até ao seu derradeiro instante de vida. Aos paes inconsolaveis as nossas sinceras condolencias.

Consultas

A's que nos têm sido dirigidas pelos nossos assignantes temos respondido pelo correio, com a possivel presteza, de accôrdo com o compromisso tomado em nosso programma.

A algumas temos deixado sem resposta por serem extravagantes, sem um fim util nem apparente seriedade.

Aos nossos assignantes que necessitarem de consultar-nos ou de nos pedir informações, rogamos novamente hajam de fazel-o em termos claros e precisos, pois sempre estaremos promptos a responder-lhas, na medida das nossas forças e habilitações.

Aquelles dos nossos assignantes que nos hajam consultado e não tenham recebido resposta às suas consultas pedimos o favor de nos escrever, reclamando, pois que este nosso correio é realmente das Arabias, e não estamos dispostos a pagar as favas... que elle comen.

TRATOS Á BOLA

Não tendo havido decifraadores exactos para os *tratos á bola* do numero ultimo, D. Pastel resolveu esperar ainda por estes dias os *valientes* que queiram os premios.

RECEBEMOS

— «ORTHOGRAPHIA, estudo *raciocinado segundo os principios modernos da sciencia*», por José Ventura Boscoli. Daremos juízo a respeito, no proximo numero:

— «MENINA FACEIRA...», tango, da «Filha do Guedes», por Francisca Gonzaga. So conhecemos um adjectivo capaz de qualificar-o; é este:—delicioso! Acreditamos que dentro em pouco será popularissimo. Merece-o.

ANTIPIRYNA—DIMETHILOXYQUINIZINA), do Dr. Vieira de Mello. No proximo numero daremos uma noticia especial d'esta complicação pharmacologica, que, entretanto, é um estudo muito honroso para o seu illustre auctor.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã às 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Portuguez, francez e Inglez
—Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

Dr. Henrique de Sá — Espec.: Syphilis e molestias das crianças. Consultorio:—rua Primeiro de Março, 22; de 1 ás 3 horas da tarde. Residencia:—rua de S. Pedro, 294.

PHARMACIA AMERICANA
DE
VICENTE S. DE VASCONCELLOS
PATROCINIO DE MURIAHÉ
(MINAS)

A SEMANA 100 RS.

TANGO DELICIOSO
COMPOSTO E OFFERECIDO
POR

ERNESTO DE SOUZA

conhecido auctor do tango *Setim*, e de outras applaudidas musicas, á redacção d'A Semana.

Vende-se no escriptorio d'esta folha a

1\$000

ALFREDO PUJOL

Lecciona Portuguez, Francez e Inglez
RECADOS A'
Rua dos Ourives n. 129 C, pharmacia
CORTE

ERNESTO PINTO COELHO

SOLICITADOR
VILLA DE PADUA

TYPOGRAPHIA

A typographia d'A Semana, ultimamente montada, dispendo de uma boa escotha de typo inteiramente novo, accita quaesquer encomendas de obras, poesias, jornaes, annuncios, etc., etc.

Preços baratissimos.

Trata-se no escriptorio da empresa.

36 TRAVESSA DO OUVIDOR 36

ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

LAEMMERT & C.

LIVRARIA UNIVERSAL

66 Rua do Ouvidor 66

Acabam de chegar e acham-se á venda em nossa casa as seguintes obras importantes de Luciano Biart:

Viagens Involuntarias e Extraordinarias

AOS NOVOS E VELHOS CONTINENTES

- I. O Engenheiro Pinson. 1 vol. de 230 paginas com muitas gravuras, 38000.
- II. O Segredo de José. 1 vol. de 230 paginas com muitas gravuras, 38000.
- III. Na fronteira Indiana, 1 vol. de 260 paginas, com muitas gravuras, 38000.

Do mesmo auctor, no prelo:
Lucia Avilal.

Os romances de Luciano Biart, digno emulo de Julio Verne, têm tido uma aceitação universal, e em pouco tempo esgotaram-se varias edições, tanto na lingua original como em varias traducções. Vertidos para a lingua portugueza pelo habil escriptor Alvaro de Castro, recommendam-se estes livros não só pelo engenho inventivo, como pelas lições proveitosas que encerram. Numerosas gravuras ornam estes volumes, cuja leitura é inutil recommendar, pois o publico sabe quaõ proveitosas e interessantes lições se colhem dos livros de Verne a quem Luciano Biart conseguiu igualar.

EVANGELINA

POEMA DE
H. LONGFELLOW

TRADUCÇÃO DE
AMERICO LOBO

Vende-se nas livrarias Faro & Nunes, Laemmert e Serafim José Alves e no escriptorio desta folha a

28000 o exemplar

JAMES E. HEWITT

PROFESSOR DA LINGUA INGLEZA

134 RUA DO ROSARIO 134



HOTEL NOVO MUNDO

SERVIÇO PROFUSO E VARIADISSIMO

Bons vinhos garantidos, salão reservado para banquetes, os quaes serão servidos conforme o preço que se ajustar.

13 RUA PRIMEIRO DE MARÇO 13

PROPRIETARIO

JOÃO DIOGO SOARES DE BRITO

HOSPEDARIA FIEL

Rua da Alfandega n. 236 e Travessa de S. Domingos n. 2

Os proprietarios deste vasto estabelecimento têm a honra de apresentar á concurrencia publica bonitos quartos mobiliados, espaçosos e muito arejados, offerecendo toda a garantia de segurança, aonde os Srs. viajantes podem pernoitar livres de risco. Todos os compartimentos com linda vista tanto para a travessa como para a rua da Alfandega.

A casa está aberta toda a noite. Preços modicos. LIMA & XAVIER

RESTAURANT VOLTAIRE

29 RUA DA URUGUAYANA 29

Almoço..... 800 | Jantar..... 1800
SERVIÇO ASSEIADO E PROFUSO

Parcece incrível que por tão modestos preços se possa comer tão bem! Pois venha verificá-lo, quem duvidar á
29 RUA DA URUGUAYANA 29

A SEMANA

CORTE

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

PROVINCIAS

Trimestre..... 2\$000
Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

Director—VALENTIM MAGALHÃES

Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO

SUPPLEMENTO 10 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

SUPPLEMENTO ATRAZADO 100 RS.

SUMMARIO

«A Semana» — Uma victima do Centro Positivista; *Valentim Magalhães* — Joaquim Nabuco — Ruy Barbosa; *Luiz Murat* — «Diario de Noticias» — Victor Hugo; *Dr. A. da Veiga* — Fagundes Varela — Factos diversos — Declarações — Annuncios.

A SEMANA

Rio de Janeiro, 11 de Junho de 1885.

Conforme promettemos no programma d'esta folha, publicado em seu primeiro numero, damos hoje um supplemento aos nossos leitores.

Não convido augmentar o formato d'A Semana antes de terminado o seu primeiro anno, por quererem quasi todos os assignantes encadernal-a em volume, e havendo quasi sempre grande accumulo de materia, resolvemos lançar mão d'este recurso dos supplementos sempre que algum assumpto de interesse geral ou de importancia litteraria reclamar antecipação á publicação ordinaria d'A Semana.

O que hoje nos determinou a publicar este supplemento foi principalmente uma lamentavel occurrencia originada pela fatal orthodoxia positivista, o culto ridiculo e monstruoso do *comtismo* da travessa do Ouvidor, que transformou um grupo de moços distinctos e illustrados n'uma synagoga de vesanicos; occurrencia que encheu de consternação e de dor uma familia respeitabilissima.

Para o artigo intitulado—*Uma victima do Centro Positivista*, chamamos, pois, a attenção dos nossos leitores.

A REDACÇÃO

UMA VICTIMA DO CENTRO POSITIVISTA

Os resultados funestos da orthodoxia positivista vão, infelizmente, apparecendo. A Egrejainha do Sr. Miguel Lemos começa a produzir—doudos.

Está completa a sua obra.

Felicitemos—primeiramente—a Egreja Positivista e depois—a Patria. E agora vamos ao facto:

Um moço, pertencente a uma distincta familia desta Corte e cunhado de um dos nossos companheiros de trabalho, apresenta, desle alguns dias, inilludiveis symptomas de alienação mental. Esse moço, que é empregado publico, filiara-se haalgum tempo ao Centro Positivista. A religião da Humanidade, com todas as bujigangas e eitiços espirituaes que se manipulam aqui, na synagoga da travessa do Ouvidor n. 7. por tal maneira impressionou o pobre espirito daquelle moço que elle não lia, não cogitava, não fazia cousa nenhuma que não se relacionasse com as doutrinas orthodoxas de Comte e que por elle não houvesse sido prescripta.

Emfim—fanatisou-se.

As consequencias physiologicas d'esse regimen religioso não tardaram a manifestar-se.

O distincto moço—distincto pelas suas qualidades pessoases e bondade de coração—entrou a emagrecer, a melancolizar-se, a tornar-se pallido, a enfraquecer sensivelmente.

Alimentava-se apenas e raramente com ovos e leite, havendo abolido inteiramente a carne; dormia pouco, gastando as noutes a ler Comte e mais Comte... pouco conversava, a não ser e com o Sr. Lemos ou com o Sr. Teixeira Mendes, que frequentemente o visitavam e ouviam—de confissão.

Apaixonou-se platonicamente por uma donzella, com quem resolveu contrahir *casamento espiritual*, como o de Comte com Chothilde Devaux, e á qual deu o doce nome de «Margarida Buonarotti».

Imaginou escrever o «Poema da Humanidade», de que ella seria a personagem culminante.

Emfim, a tal ponto levou as suas idealisões de «amor espiritual», por tal forma refinou o seu fervor religioso, que, um dia, com immenso e doloroso espanto da familia, que o ama extremamente, manifestou-se doudo. Loucura extravagante! Encheu-se de colera contra o Sr. Lemos, o ex-papa, por haver S. S.—«partido para o Chile»—abandonando-o e ao Centro Positivista; descompoz, por isso, o Sr. Lemos e, concomitantemente, o Sr. Mendes. Ha-

vendo estes ido visital-o maltratou-os de palavras, dizendo ao Sr. Lemos que elle não era o verdadeiro, o authentico Miguel Lemos, pois este «havia partido para o Chile». Teve depois um grande accesso de ternura e cahio aos beijos e aos abraços no Sr. Teixeira Mendes. Um dia d'estes, á tarde, conseguindo illudir a vigilancia da familia, fugio pela rua, em ceroulas, gritando; sendo emfim, detido na rua dos Ourives por ordem de seu pai, que lhe corria no encalço.

Em summa:—o infeliz moço está doudo!

O responsavel d'esta lamentabilissima occurrencia é o Sr. Miguel Lemos, o ex-papa da Religião da Humanidade e director do Positivismo no Brazil.

Essa triste religião só tem produzido—entre nós, pelo menos—idiotas e mandros, com excepções rarissimas. Esterilizadora de todas as forças da intelligencia, absorve lora de toda a actividade intellectual e moral, desorganizadora terrivel de toda a ordem social, moral, politica e religiosa da actualidade, a orthodoxia positivista é um elemento deleterio e revolucionario, tão temivel e perigoso como o espiritismo, o catholicismo, o materialismo, ou qualquer outra doutrina fundamentalmente reformadora, quando levada ao excesso, ao apuro do exclusivismo absoluto, até revistir-se do caracter de fanatismo.

E' necessario, é indispensavel e urgente combatel-a com vehemencia, sem tregoa, sem descanso, sem piedade. Se não atalharmos em tempo a sua marcha devastalora, dentro em breve os seus resultados funestos serão eguaes aos do espiritismo e do catholicismo jesuitico.

Até aqui tem sido o Ridiculo a arma empregada—e felizmente com grande vantagem—contra essa horda sinistra de santarrões reformadores de S. Paulos caricatos: é preciso agora que a essa arma se juntem outras, egualmente poderosas para evitar a contaminação da insania positivista. E' um dever de humanidade fazer guerra a estes padres da Santa Humanidade.

Ao contrario, a esse primeiro doudo virão juntar-se mais outros, muitos outros...

As familias que se acantellem contra a invasão d'esses novos Rodins— sem batina, mas tão perigosos como os outros.

Enlouquecer pelo Christo, ou pelo Comte; fanatismo pela fé catholica ou pela fé scientifica—é tudo enlouquecer, é tudo fanatismo.

Defendamos a sociedade dessa lepra de insanía que a ameaça.

Precisamos de homens sãos, de trabalhadores honestos e denodados.

De *padres*—estamos fartos.

Desmanchemos esse ninho agourento e mysterioso em que se formam doudos e madraços em nomo da Sciencia e da Humanidade.

Quanto ao infeliz moço, primeira victima desse fanatismo de nova especie— embora grave o seu estado, ha esperanças de salvá-lo. Para isso será preciso limpar-lhe inteiramente o cerebro de tudo quanto ali existe de positivismo, de Miguel Lemos, de Teixeira Mendes, de casamento espirital, de culto, de Humanidade, de Grande Ser, de Planeta e mais quinquilharias *scientificas*.

Pobre moço!

Maldito Positivismo!

VALENTIM MAGALHÃES

Joaquim Nabuco

A Redacção d'*A Semana* junta as suas felicitações ás que de toda parte recebe o illustre chefe abolicionista pelo bello triumpho que acaba de alcançar, sendo eleito deputado á Assembléa Geral por uma maioria de 116 votos, no 5º districto de Pernambuco. Credores da gratidão patria, os Srs. Drs. Ermirio Coitinho e Joaquim Francisco de Mello Cavalcanti, que resignaram as suas candidaturas em favor de Joaquim Nabuco, participam igualmente das felicitações e regosijo pela eleição d'este.

Honra a Pernambuco!

Honra aos illustres resignatarios!

Parabens a Joaquim Nabuco e ao abolicionismo. Pozames ao Sr. Andrade Figueira.

Ruy Barbosa

CONFERENCIA ABOLICIONISTA

Effectuou-se no domingo a conferencia do illustrado Sr. conselheiro Ruy Barbosa.

Diante de um auditorio numerosissimo, S. Ex. discutio a situação actual do paiz, amplamente, estygmatisando o gabinete presidido pelo Sr. Saraiva e pondo em relevo as contradicções e as incongruencias do projecto apresentado pelo mesmo gabinete.

A tribuna popular deveria ser occupada sempre por homens como S. Ex., que consorcia a uma intelligencia poderosa o conhecimento geral das sciencias que constituem a base da politica moderna, esclarecendo o publico sobre todos os problemas que, directa ou indi-

rectamente, influem para obstar o alargamento da corrente evolutiva do character e da intelligencia do nosso povo.

Ha muito tempo que me habituei a ver no Sr. conselheiro Ruy Barbosa uma excepção no meio da ignorancia campanuda que constitue o elemento fundamental da politica brasileira.

E' uma politica sem objectivo, fluctuante, calcada em moldes theologicos, apta para conciliar o dogma monarchico com a pusilanimidade de um povo para o qual são inteiramente desconhecidas as leis que dirigem as vagas continuas dos sentimentos e das idéas, represadas pela estrutura de uma constituição politica, que tem procrastinado o advento democratico e lançado um elemento perturbador na corrente geral das opiniões populares.

Sim, no meio d'esta politica imperiaalista, contra a qual protestam a philosophia e as sciencias, destinada em todas as nacionalidades, não a construir, porém a destruir, não a ampliar a esphera da acção collectiva, porém a reprimir, não a extrahir a lei da propria estrutura do character dos povos, porém segundo os privilegios e de conformidade com o gosto e os habitos monarchicos, S. Ex. o Sr. conselheiro Ruy Barbosa constituiu sempre para mim uma excepção e me habituei a velo como a primeira potencia intellectual da politica brasileira.

Fui ouvil-o porque levava a certeza de que o seu discurso dar-me-ia uma sensação nova, como nunca senti ouvindo nenhum orador brasileiro; fui ouvil-o, porque eu via no illustre moço uma organização temperada nos grandes moldes da Philosophia do seculo; porque eu sabia que um largo sopro de erudicção havia de atravessar pela primeira vez a tribuna popular, tantas vezes vivamente illuminada por brilhantes talentos, porém sem a orientação e a fidelidade de vistas que só pôde possuir aquelle que tem o segredo da sciencia dos povos.

S. Ex. não pertence mais ao parlamento brasileiro!

Grande honra para S. Ex.!

Só uma couza talvez o levasse ao desejo de penetrar no recinto beatifico daquella singular corporação. Seria a necessidade de uma escuridão bem profunda para que melhor fulgurasse o seu talento e a sua palavra.

Triste condição da estrella que para reflectir mais vivamente os seus raios tem necessidade da noite!

E é esta a unica razão para que S. Ex. lastime não ter podido penetrar n'aquelle recinto.

As organizações intellectuaes são como as physicas: nem todo o ambiente lhes serve. Onde respira o Sr. Andrade Figueira, que é um mollusco politico, não pôde respirar um homem como Ruy Barbosa, preparado para as grandes lutas e para as grandes victorias,

segundo o ponto de vista pelo qual a sciencia estuda o homem e a sociedade.

Para cada organismo—uma orbita correspondente.

Para a palavra de S. Ex. energica e rutilante, só uma Camara de Deputados como a da França.

Fluente, poderoso na maneira porque expõe as idéas, logico quando discute, violento quando ataca, fecundo nas imagens, todas ellas contendo uma idéa e indo ferir directamente o seu objecto, ora repercutindo como um echo as opiniões que fervem na consciencia de todos, ora, por uma serie de raciocinios, claramente expostos, que põem em relevo as elevadas qualidades do seu talento e a firmeza das suas convicções, o Sr. conselheiro Ruy Barbosa apodera-se do auditorio, enlaça-o, penetra no intimo de sua natureza, vibra-o, anima-o, enthusiasma-o, elucida-o, transubstanciando os espiritos, e pon-lo-se em contacto directo com as aspirações e os interesses proprios do momento historico que elle descreve e discute.

S. Ex. orou durante hora e meia e eu daria tudo para ouvil-o outro tanto.

A *Gazeta da Tarde* promette-nos a publicação do seu discurso na integra.

Que os politicos o leiam e aprendam; que o povo reflecta, e da sua leitura deduza a situação economica e social do paiz para que muito breve consiga impôr-se ao ministerio e á corôa.

LUIZ MURAT.

«Diario de Noticias»

Appareceu no domingo passado o primeiro numero d'este jornal, que veio substituir a *Folha Nova* e o *Brazil*, dous diarios que deixaram do si uma tristissima memoria.

Aproveitados os elementos bons que ainda restavam aos dous finados, puderam os proprietarios do actual *Diario de Noticias*, os Srs. Carneiro, Senna & C., organizar um jornal inteiramente neutro em politica, com uma feição quasi exclusivamente noticiosa, e que julgamos destinado a ter muita importancia na nossa imprensa, porque a sua redacção parece animada de boa vontade e bons desejos de bem servir o publico.

Quanto a nós, recebendo com grande sympathia o novo collega, o que mais ardentemente lhe desejamos é que não se pareça com os dous que vem substituir, nem no character, nem nas idéas, nem na duração.

VICTOR HUGO

O homem é um factor da humanidade. Eis o seu papel, eis ahi o seu fim. O fim da humanidade—eis o mysterioso e grandioso problema.

Factores de differente importancia, molas de differentes prestimos no dynamismo da sociedade, nós todos, humildes ou fastosos, obscuros ou prestigiosos, puras machinas ou puros pen-

samentos, de um ou outro modo contribuímos com os nossos actos para a vida da Humanidade.

A uns cabe o trabalho mecânico sobre o solo, ou nas profundezas da terra, como silenciosas madrepóras; a outros, o pensamento que indaga e que orienta, a noção que instrue, a lei que governa.

De tempos em tempos surgem espiritos superiores, a que as circunstancias dão elementos de inteiro successo, e que, como luminosos meteoros, deslumbram a humanidade com o clarão de seu genio, e que a impulsionam com a impetuosidade do seu esforço. São os eleitos da Providencia.

Elles têm por fim apontar aos outros homens um grão de progresso, incutir-lhes no espirito uma doutrina mais adiantada, instruí-los em mais uma verdade util.—E com a palavra articulada ou escripta mudam moralmente a face do mundo.—São os apóstolos do progresso, os pharões da intellectualidade.

Nenhum mortal fez nos espiritos a revolução que Christo operou. Mais que do peccado elle redimio a humanidade da barbaria. Ao som da voz do meigo Nazareno ruem por terra as rudes architecturas do paganismo, e um outro sopro de bondade e de amor insuffle os corações.

Ao divino prégador, o manso cordeiro da religião, succede depois de seculos o prégador humano. Sua arma já não é a docura, mas a revolta. Sua voz já não é o brande sopro carinhoso, mas o verbo tonante que inflamma.

De estatura olympica, não é de humildade a sua linguagem. Elle falla altivo, com calor, com fogo, como se a sua palavra fosse a espada flamejante do anjo vingador.

Mesmo quando se dirige aos fracos, aos opprimidos, aos miseraveis, atraves do carinho e da misericordia de sua phrase, sente-se o rugido leonino.

E eis ali: Christo foi o cordeiro da humanidade, Victor Hugo o seu leão.—Christo prégou a paz, a tolerancia, a caridade, e, sublime! o perdão. Candido, puro, flor do sentimento, combate com a sua fraqueza a oppressão, a colera, e prega o amor aos fracos, aos opprimidos, aos miseraveis.—Victor Hugo prega tambem a paz, a tolerancia, a caridade, e tambem o perdão. Como um reflexo do Christo, elle prega todas as suas doutrinas, mas, mais humano, não tem o typo angelico do Christo, mas o viril do revolucionario, e do Christo reproduz, como emblematicamente, o azorrague vingador.

Hugo, factor de rara importancia na humanidade, marca uma era na sua vida. Sua palavra tumida, moldada na phrase ou no verso tem o quèr que seja de scentelha electrica. Ella tem o caracteristico de sua época em que suprema fulge a electricidade; rapida percorre o mundo até os seus mais afastados recantos, e agita os espiritos, commove os corações, faz estremecer os homens com um fremto singular, como se os impressionasse um agente mago, e os impulsiona á piedade ou á revolução, á ternura ou ao entusiasmo, ao carinho ou á affronta.

Feliz quem assim teve do destino importante papel!

Houve em seu seculo um homem sómente que tanto ruido fizesse—Napoleão; mas, um fez a humanidade adiantar-se na força e no saber, o outro melhorou-a no caracter e no dever.

Apostolo civil, elle defende com rugidos de indignação, com brados de revolta, com frenetico ardor, e sempre grandiloquo, os direitos do cidadão. Apostolo da caridade, elle chama irresistivel os olhos lacrimosos dos fortes para os fracos, e em um seculo em que a vida pratica tanto absorve, a seu in-

fluxo a caridade é exaltada e os corações que se endureciam com a rijeza do metal, se sensibilizam como sonoros crystaes, para gemer com os que soffrem para repercutirem as dores dos desgraçados, e para unirem-se em um amplexo fraterno impellidos a amar.

Goethe—Jupiter, dizem os allemães; Hugo—Jupiter, diriam melhor os francezes. E' mais de Hugo a idéa-raio, o verbo-trovão. Em éras remotas telohiam feito, certamente um semi-Deus.

Rei sem throno, teve corte brilhante e espontanea como ninguem; idolo de um povo, teve altares na admiração de todos os povos.

Amanhã a Humanidade consagra-lha um dos seus benefeitores. Em todo o caso, para a posteridade, uma idéa grandiosa, o bem social mais precioso, elle representará — a Liberdade.

DR. AGAPITO DA VEIGA

FAGUNDES VARELLA

Realizou-se domingo passado no theatro Santa Thereza, em Nietheroy, a *matinée*, organisa-la pelo Club Dramatico Kean e Congresso Litterario Guarany.

O producto d'esta festa é destinado á creação de um pequeno monumento, no cemiterio de Maruhy, á memoria do poeta cujo nome encina esta noticia.

O Exm. Sr. Dr. Affonso Celso Junior foi o orador official. Na occasião em que S. Ex. subio á tribuna uma ruidosa salva de palmas partio do auditorio.

S. Ex. principiou congratulando-se com o povo fluminense por aquella festa; em seguida fez um rapido estudo biographico do poeta, analysou com summa habilidade as suas obras e terminou prestando em eloquente e inspiradissimas phrases uma immensa homenagem á Arte e á Poesia.

O discurso de S. Ex. além de ter esta grande vantagem—ser breve sem deficiencia—soube, como peça notavel que é, arrebatat por diversas vezes o auditorio.

O programma era variadissimo e foi bem executado. O Sr. Nazareno Lima tocou em seu saxophone uma bellissima aria; o Sr. Machado Junior cantou com expressão um trecho da *Força do Destino*; o Sr. Paulo Carneiro executou em seu violoncello uma deliciosa phantasia; o distincto actor Mattos e a intelligente actriz Isolina Monclar brilharam como sempre na conhecida comedia *Ditosa Fado*; a talentosa menina Emilia Pestana representou bem a scena comica *A Doutora*; os Srs. Paulo Carneiro, Althenisa, Rozado e Maneja tocaram um quarteto para instrumentos de corda—*Gavota*; a distincta actriz Manzoni cantou a *Stella Confidente*; a distincta actriz cantora Mme. Oudin cantou admiravelmente um trecho da *Filha do Regimento* e o Sr. Paulo Carneiro executou uma variação, que muito agradeu, em seu saxophone.

As 3 horas e meia da tarde terminou a *matinée*.

A concorrência foi muito diminuta; cousa que não honra sobre maneira o povo de Nietheroy, que pôde ser generoso, como deu provas ultimamente com os festejos para as victimas sobreviventes do terremoto da Andaluzia.

Não lhe perdoaremos esta falta de gratidão, que outra cousa não pôde ser, á memoria de quem, como Fagundes Varella, durante sua existencia nada lhe pediu e que entretanto prodigamente lhe dá o que tinha de mais precioso em seu escriptorio de poeta: a sua inspiração que atravessa, como um sopro, larga e fogosamente as estrophes do *Evangelho das Selvas*, a sua alma que chora ainda hoje no *Cantico*

do *Calvario*, o seu talento que flameja em todas os seus versos e o seu coração de patriota, que pulsa dentro de todas as suas obras!

Sabemos perfeitamente que ha uma grande indiferença geral por tudo que cheira a litteratura nacional em nosso paiz, mas é tempo de acabar com ella.

Por isso, saudando aqui, com verdadeiro jubilo, o Club Dramatico Kean e o Congresso Litterario Guarany, pelo bello exemplo que deram, organisando esta *matinée*, lhes diremos como amigos:—Lancem um bloco de marmore por sobre os sete palmos de terra que a Camara Municipal de Nietheroy sabiamente deu aos restos mortaes do poeta e façam brulhar sobre elle o nome de—Luiz Nicoláu Fagundes Varella.

De mais nada elle precisa. Tranquilise-se o illustrado povo da Praia Grande e ilhas adjacentes.

FACTOS DIVERSOS

Parto hoje para o Rio Grande do Sul o distincto cavalheiro Belmiro Salgado, que vaé áquella provincia iniciar os trabalhos de construção das obras e Estrada de Ferro do Arroio dos Ratos. Prosperos ventos, na travessia, e lá, na boa terra dos «guascas largados»—bello churrasco, chimarrão em abundancia e negocios da China—eis quanto lhe desejamos. E olhe que não lhe desejamos pouco!

Effectnou-se no sabbado, o casamento do nosso distincto collega Henrique de Barcellos, director do *Correio de Campinas*, com a Exma. Sra. D. Adelaide de Toledo.

Apresentamos aos noivos nossas cordaes felicitações.

DECLARAÇÕES

O mofineiro Laet

RECTIFICAÇÃO NECESSARIA

A redacção d'*A Semana* tem necessidade de explicar, rectificando-o, um facto de que o Sr. Laet se occupou, no domingo ultimo, no seu *Microcosmo*, com a sua reconhecida habilidade de mofineiro provector.

Diz S. S., na sua algaravia gaiata de Pasquino remunerado, que no dia 5 do corrente, tendo vindo ao nosso escriptorio «um distincto philosopho e estimavel homem de letras» comprimentar o director d'esta folha «pela sua melhor nota—aquella em que, depois de ter posto á margem todo o mundo, acabou pondo-se tambem a si com a mais notoria hombridade», suscitou-se uma questão entre elle e «um dos circumstantes», a proposito de «qual o maior poeta do planeta» e após, «rumor indiscriptivel, gemidos e ranger de dentes, foi visto no nosso escriptorio «um homem, extremamente parecido com o Sr. Dr. Rozenlo, debatendo-se, contido, em frente de outro que tambem varios amigos seguravam.»

E o mofineiro accresenta:

«Ao cabo de alguns minutos d'essa terrivel e improficua luta, conseguiram as potencias mediadoras evitar toda a possibilidade de conflicto... O philoso-

pho desceu á rua e os poetas tranca-
rauí-se em casa, assás descontentes uns
e outros, segundo parece, um porque não
lograra amassar os visitados, e estes
porque de padiola desejavam ver sair o vi-
sitante.»

Escusado é commentar esta patifaria,
pouco estranhavel partindo do escri-
ptor do *Microcosmo*.

Limitamo-nos apenas a declarar o se-
guinte: É certo haver tido logar em
nosso escriptorio uma ligeira questão
de palavras entre o Dr. Rozendo Moniz
(um dos nossos amigos; mas essa
questão não teve, felizmente, maiores
consequencias. O director e redactores
d'esta folha, que se achavam presentes,
evitaram todos os esforços para evi-
tar, como evitaram de facto, algum in-
cidente lamentavel, e acreditam haver
procedido para com o Sr. Dr. Rozendo
com o maximo cavalheirismo, demon-
strando-lhe o quanto os penalisara aquella
lastimavel occurencia e impe-

dindo por todos os meios que d'ella
pudessem provir quaesquer consequen-
cias desagradaveis ao Sr. Dr. Rozendo
Moniz.

Para S. S. mesmo appellamos, em de-
fesa da arguição parvamente maldosa
do mofineiro do *Microcosmo*, que não
trepidou em nos attribuir o negregado
e hediondo desejo de ver sair da nossa
casa o Sr. Dr. Rozendo Moniz—em pa-
diola.

Eis tudo quanto tínhamos a declarar.
Quanto ao Sr. Laet, *A Semana* sente-se
completamente vingada, satisfeita e
desaggravada dos seus bôtes ophidicos,
mandando-o... ao *Microcosmo*.

A REDACÇÃO.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Maga-
lhães, é encontrado todos os dias, das
10 horas da manhã ás 4 da tarde, no
seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

TYPOGRAPHIA

A typographia d'«A Semana», ultimamente
montada, dispoñdo de uma boa escolha de
typo inteiramente novo, accita quaesquer
encomendas de obras, poesias, jornaes,
annuncios, etc., etc.

Preços baratissimos.

Trata-se no escriptorio da empresa.

36 TRAVESSA DO OUVIDOR 36

ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

LAEMMERT & C.

LIVRARIA UNIVERSAL

66 Rua do Ouvidor 66

Acabam de chegar e acham-se á venda em
nossa casa as seguintes obras importantes
de Luciano Biart:

Viagens Involuntarias e Extraordinarias

AOS NOVOS E VELHOS CONTINENTES

I. O Engenheiro Pinson. 1 vol. de 230 paginas com muitas
gravuras, 38000.

II. O Segredo de José. 1 vol. de 230 paginas com muitas
gravuras, 38000.

III. Na fronteira Indiana, 1 vol. de 260 paginas, com mui-
tas gravuras, 38000.

Do mesmo auctor, no prelo:

Lucia Avilal.

Os romances de Luciano Biart, digno emulo de Julio
Verne, têm tido uma acceitação universal, e em pouco tempo
esgotaram-se varias edições, tanto na lingua original como
em varias traducções. Vertidos para a lingua portugueza pelo
habil escriptor Alvaro de Castro, recommendam-se estes livros
não só pelo eugenho inventivo, como pelas lições proveitosas
que encerram. Numerosas gravuras ornam estes volumes,
cuja leitura é inutil recommendar, pois o publico sabe quão
proveitosas e interessantes lições se colhem dos livros de Verne
a quem Luciano Biart conseguiu igualar.

EVANGELINA

POEMA DE
H LONGFELLOW

TRADUÇÃO DE
AMERICO LOBO

Vende-se nas livrarias Faro & Naves, Laemmert e Serafim José
Alves e no escriptorio desta folha a

28000 o exemplar

JAMES E. HEWITT

PROFESSOR DA LINGUA INGLEZA

134 RUA DO ROSARIO 134



HOTEL NOVO MUNDO

SERVIÇO PROFUSO E VARIADISSIMO

Bons vinhos garantidos, salão reservado para banquetes, os
quaes serão servidos conforme o preço que se ajustar.

13 RUA PRIMEIRO DE MARÇO] 13

PROPRIETARIO

JOÃO DIAGO SOARES DE BRITO

HOSPEDARIA FIEL

Rua da Alfandega n. 236 e Travessa de S. Domingos n. 2

Os proprietarios deste vasto estabelecimento têm a honra de
apresentar á concurrencia publica bonitos quartos mobili-
dos, espaçosos e muito arejados, offerecendo toda a garantia
de segurança, aonde os Srs. viajantes podem pernoitar livres
de risco. Todos os compartimentos com linda vista tanto para
a travessa como para a rua da Alfandega.

A casa está aberta toda a noite. Preços modicos. LIMA & XAVIER

RESTAURANT VOLTAIRE

29 RUA DA URUGUAYANA 29

Almoço..... \$800 | Jantar..... 18000

SERVIÇO ASSEIADO E PROFUSO

Parece incrível que por tão modestos preços se possa comer-
tão bem! Pois venha verificá-lo, quem duvidar á

29 RUA DA URUGUAYANA 29

A SEMANA

CORTE

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

PROVINCIAS

Trimestre..... 28000
Semestre..... 48000
Anno..... 88000

Director—VALENTIM MAGALHÃES

Semestre 49000
Anno 88000

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

SUMMARIO

EXPEDIENTE— Historia dos sete dias; *José do Egypto*— Lingua vernacula; V. M.—(gazetilha litteraria— Victor Hugo; J. Reinach—Idyllio no bosque, poesia; Luiz Delfino— Illuminura; Julia Lopes— « Um homem gasto »; Novico—Gaspar da Silva— « A Illustração »— Imprecação, soneto, H. de Magalhães— Guerra Junqueiro & C.— Com o Correio Geral— O Dr. Luiz Delfino e a poesia nacional; Luiz Murat— Julio Ribeiro— Questão Litteraria— Theatros— Poetas brasileiros; Teixeira Bastos— Uma violencia do Sr. Nicoud— Hugoanas e Hugonianas; L. de Mendonça— Tratos á bola; D. Pastel— Correio— Factos diversos — Consultas.

EXPEDIENTE

Terminando no fim deste mez o prazo das assignaturas do 2º trimestre e do 1º semestre d'A SEMANA, rogamos desde já aos Srs. assignantes o obsequio de mandarem reformar as suas assignaturas, e aos que se acharem em atraso o favor de mandarem saldar os seus debitos.

A SEMANA

Rio de Janeiro, 20 de Junho de 1885.

HISTORIA DOS SETE DIAS

A semana, cuja historia, por fás ou por nefas, temos hoje de escrever, foi das mais chochas e das menos productivas que temos tido a honra de conhecer.

Nenhum grande escandalo, desses que fazem as delicias dos *reporters*, agitou a população— nenhuma festa, nenhum acontecimento, alegre ou triste, mas importante, rico de assumpto, teve lugar nos sete magros dias da *Semana* de hoje. A vida fluminense discorreu pacata e honestamente, sem estoiros de escandalos, nem « enxurrada de calamidades », como diz o Camillo.

Eis em quatro palavras o pouco que a Divina Providencia houve por bem conceder ás pennas sequiosas dos chronicistas desta cidade tão heroica quanto chilra.

Havendo chegado, no dia 13, de Campos, o Sr. Commendador Carlos de Lacerda, acompanhado pelo seu advogado Dr. Sizenando Nabuco, e sob a guarda de um

distincto official, apresentou-se no dia 16 perante o Tribunal da Relação para justificar a ordem de *habeas-corporis* que em seu favor haviam requerido varios amigos seus, desta Corte, afim de evitar a prisão que, por furto de escravos, havia sido ordenada contra elle.

O resultado foi o que se esperava: o Venerando Tribunal concedeu a ordem de *habeas-corporis* impetrada, com o voto dos Srs.: Olegario, José Noberto, Araripe, Carneiro de Campos, Leal, Trigo de Loureiro e Tito de Mattos; votando contra os Srs.: Mariani, Barros Pimentel, Paiva Teixeira, Gouveia, Norberto e Bandeira Duarte, tendo se retirado antes da votação o desembargador Sertorio.

O discurso pronunciado pelo illustrado patrono do impetrante deixou exuberantemente provado o que havia de violento e de injuridico no processo que os *tranquillisadores da lavoura* campista instauraram contra o denodado e sympathico abolicionista. Depois da magistral e notabilissima conferencia de Ruy Barbosa, ultimamente realisada no theatro Polytheama, não ha mais quem se possa illudir sobre as intenções dos *tranquillisadores* da lavoura; e os crimes de furto e acoutamento de escravos são novas e terriveis armas de que, — á sombra protectora daproverbial honestidade do Sr. Presidente do Conselho, — vão lançando mão decidida e ousada os escravagistas e negrophyllos. Ainda hontem publicou *O Paiz* a seguinte noticia:

« Foi absolvido pelo jury da cidade de S. Paulo o cidadão J. Villa-Maria, processado por furto de escravos.

Sua defeza foi sustentada pelo illustrado Sr. Dr. J. J. Vieira de Carvalho, abalisado lente da Faculdade de Direito.

Como se vê, tambem por S. Paulo se cuida em «tranquillisar a lavoura.»

Felizmente a tranquillidade Augusta da justiça não se deixa perturbar pela acção dos *tranquillisadores*!

Honra lhe seja!

Na quarta-feira, 17, começou o grande leilão dos trastes, livros e todos os bens moveis do Sr. Senador Diogo Velho. S. Ex. retira-se para a Europa. Por quanto tempo?

E' o que se não pôde saber ao certo. Como senador, não pode S. Ex. estar ausente do imperio sem licença do Senado, e, mesmo com licença deste, não pôde ausentar-se por mais de um anno.

Entretanto, S. Ex., mettendo sob o martello do leiloeiro todos os seus haveres, desde a sua bella cama conjugal até á derradeira caçarola de sua cosinha, mostrou não alimentar nenhum desejo de voltar— pelo menos tão cedo— a este bello torrão americano, do qual S. Ex. é vitalicio representante— por um voto.

De facto, que idéa se pôde fazer de um senador que mette em leilão tudo quanto possui: todos os seus trastes, inclusive o seu thalamo conjugal; todos os seus livros, inclusive alguns exemplares de obras rarissimas, datados de mais de trez seculos, — verdadeiras preciosidades bibliographicas, — e os relatorios e annaes parlamentares, que S. Ex. recebeu do Estado, gratuitamente, na qualidade de senador; o seu pequeno mas escolhido museu de sciencias naturaes, todos os seus quadros, entre os quaes dois ou trez de grande valor artistico; todos os objectos, enfim, do seu uso como *homem*, como politico, como advogado, como artista, como litterato, como sabio?

Que idéa se poderá fazer, senão que elle vá abandonar o seu paiz, de uma vez, indo fixar-se para sempre no Estrangeiro?

Alem disso, o seu bonito palacete vá ser tambem vendido ou arrendado a largo prazo. Tudo indica que S. Ex., como o Sr. Pereira de Moraes, « vá e não volta mais ».

Consta, murmura-se que S. Ex. embora vá residir na Europa, virá todos os annos a esta sua patria agradecida fazer a sua *estação senatorial*. E' possivel, mas não é decente. O senador é obrigado pela Constituição a residir no Imperio, e não unicamente em tempo de camaras abertas. Como fará o Sr. senador Diogo Velho, em caso de sessão extraordinaria? Virá pelo telegrapho? Enfim, o tempo explicará as intenções de S. Ex.

Boa viagem; é o que por emquanto lhe desejamos.

A chegada de Joaquim Nabuco ao Recife, no dia 18, foi recebida por festas entusiasticas, manifestações de apreço estrondosas e geraes.

O que dirá o Sr. Andrade Figueira, o *apostolo* do Esclavagismo?

Foi ha dias recolhido á casa de saude do Dr. Eiras o infeliz moço que, como narrámos em nosso supplemento do dia 11 do corrente, perdéra o uso da razão, victima das doutrinas professadas na *capellinha* do Sr. Lemos, o papinha positivista. E, a proposito, lembramos que o facto não foi sequer contestado pelos *frades* de Comte. Este silencio eloquente.

Soubemos com espanto e magua que não é esse o primeiro caso.

Sobem ao numero le cinco as pessoas que tem ido áquelle estabelecimento curar-se de « loucura positivista ».

Bonito! Muito bonito!

O elegante chronicista da *Gazeta de Noticias*, tratando desse caso tristissimo — como fizeram outros collegas da imprensa da Corte e das provincias — perguntou.

— Não se poderá desmanchar aquella egrejinha?

Sim, ha de ser possível desmanchal-a; mas para isso e preciso que todos nós, os homens de imprensa, a ataquemos com as nossas pennas, a golpes vigorosos e repetidos.

E' uma obra mais que patriótica:—humanitaria.

Desmanchemos aquelle ninho de maucos!

JOSÉ DO EGYPTO.

LINGUA VERNACULA

O trabalho do Sr. José Ventura Boscoli sobre *Orthographia*, cuja leitura fizemos com prazer, embora sem maior estudo, não pôde ser considerado completo, não satisfaz inteiramente. E em ser por demais laconico está, ao que nos parece, o seu defeito maior, talvez unico. Se o Sr. Boscoli não nos deu quanto queria e podia no assumpto, devemos attribuir esse facto lamentavel ás insuperaveis difficuldades que se contrapõem entre nós a toda empreza litteraria ou scientifica. Aqui, n'este estranho paiz, o escriptor, longe de poder ganhar a vida pelo escrever, precisa de ser abastado, ter cabedades *sonantes*—para escrever. As letras não são uma profissão, um meio de vida no Brazil; são méro passatempo, maneira de gastar dinheiro com gaudío proprio e proveito de poucos, mas com desdem de muitos e indifferença de todos.

Ora o Sr. Boscoli é pobre.

Não fosse elle professor!

« Era meu intento escrever uma *grammatica elementar* para uso de meus alumnos; a falta de meios pecuniarios d'elle me divertio, limitando-me somente á orthographia, etc.» Confissão triste, que devéra envergonhar o paiz, se o paiz fosse susceptivel de sentir vergonha em cousas de intelligencia, não positivamente mercantis.

E' pois a falta de meios que se deve attribuir o não completo desenvolvimento d'este trabalho.

Reconhece-se que o Sr. Boscoli entende do riscado, e em questões de grammatica—falla de cadeira; para empregarmos duas expressivas locuções vulgares. Estudou, leu, meditou, e melhor: digerio, aproveitou e agora traz idéas proprias, elucidação e melhoraamentos á materia em questão. Adopta e prefere acertadamente a *orthographia mixta* ou *usual*, que elle diz, sem erro, ser a unica *racional*.

Deste estudo a parte que mais deficiente nos pareceu foi a *Pontuação*. Embora opine o auctor com boas razões que a pontuação deva capitular-se na syntaxe e não na orthographia, desde que tratou della, occupando-se desta não devia limitar-se a dar apenas as principaes regras.

Agora um ligeiro reparo e terminaremos esta pequena noticia. Tratando do emprego da letra maiuscula, escreve o Sr. Boscoli: « Hodiernamente os poetas empregam letra maiuscula no principio do verso, quando o antecedente termina por ponto, dois pontos, ponto de interrogação ou admiração. »

E' certo; mas o uso commum é empregarem os poetas letra maiuscula no começo de todos os versos, terminem os antecedentes em virgula ou ponto, e mesmo quando nenhuma pontuação tenham.

Esta é que é a grande excepção feita á regra geral do emprego das maiusculas; pois que o emprego destas, depois do ponto ou dois pontos, de admiração ou interrogação—no verso—é o mesmo caso da prosa; é a regra geral.

Terminando, recommendamos o livrinho do Sr. Boscoli aos professores da lingua e á consulta dos estudiosos.

V. M.

GAZETILHA LITTERARIA

LIVROS FRANCEZES

Dos novos livros publicados em Paris são mais notaveis, e por isso os recommendamos ao publico, os seguintes:

HISTORIA E BIOGRAPHIA STEENACKERS E LE GOFF.—*Histoire du gouvernement de la defense nationale en province*. 3º vol. (Charpentier, edit.)

BONAL.—*Chute de la Republique de Venise*. (Firmin Didot, edit.)

DE CROZALS.—Historia da civilização. (Delagrave, edit.) Obra de vulgarização, em que se encontra a exposição logica e raciocinada das causas e resultados do progresso do pensamento humano. Este volume é consagrado aos tempos prehistoricos, ao Oriente, á Grecia, a Roma e ás origens da idade média, até Carlos Magno; o volume seguinte estender-se-ha até fim do seculo XVIII.

LA FERRIÈRE.—*Les trois amoureuses*. (Francisca de Rohan, Izabel Limeuil e Margarida de Valois.)—Calman Levy, edit.

MANESSE.—*Les Paysans et les seigneurs avant 1789*. (Jouvet, edit.)

MIRON DE L'ESPENAY.—*François Min*. (Plon, edit.)

DEPREZ.—*Les grandes souveraines*. (Debora, Penthesilæa, Semiramis, rainha de Sabá, Cleopatra, Zenobia, Branca de Castella, Izabel a Catholica, Elisabeth d'Inglaterra, Maria Thereza e Catharina II.) Furne, edit.

BLAZE DE BURY.—*Alexandre Dumas*. Magnifico estudo anecdotico, biographico e critico do escriptor e da sua obra. (Calman Levy, edit.)

GABRIEL HANOTAUX.—*Henri Martin*. Biographia completa do grande historiador. O auctor viveu na sua intimidade durante 15 annos e amava-o como a um pae. (Leopold Cerf, edit.)

OUROUSSOV (principe).—*Recueil des traités de paix*. Quadro completo e chronologico das negociações internacionaes que, desde 1648 concorreram a formar a moderna Europa. Muito util aos moços que se destinam á diplomacia.

ROMANCES

Naturalistas :

G. DE PEYREBRUNE.—*Mademoiselle de Tremor*. (Charpentier, edit.)

HENRI GREVILLE.—*Le mors aux dents*. Interessantissimo estudo da vida facil. (Plon, edit.)

F. VILLARS.—*Roland d'Escours*. (Plon, edit.)

PAUL SAUNIÈRE.—*Maigrichonne*; typo admiravel de gratidão e devotamento. (Marpon, edit.)

GUY DE MAUPASSANT.—*Bel-Ami*. Espirituoso e curiosissimo estudo do *monsieur qui arrive par les femmes*. « E' uma obra muito forte, muito poderosa, mas tambem de uma verdade cruel e ligeiramente repulsiva » escreve a seu respeito o reputado critico Maxime Gaucher.

No genero dramatico :

NOEL BLACHE.—*Cezarin Audoly*. (Plon, edit.)

A. ROCOFFORT.—*Chateau de Trébor*. (Plon, edit.)

HECTOR MALOT.—*Sang Bleu*.

No genero phantasia :

GYP.—*Sans voiles*.—(Calman Levy, edit.)

A. EHRARD.—*Contes panachés*. Levy, edit.

J. MOYNET.—*Entre garçons*. (Levy, edit.)

A. LAFRIQUE.—*Entre onze heures et minuit*. (Nilsson.)

QUATRELLES.—*Mon petit dernier*. (Hetzl, edit.)

OBRAS DIVERSAS

HERVÉ.—*La crise en Irlande*; o estudo mais judicioso e completo das dissensões interiores que agitam o Reino Unido. (Hachette, edit.)

YVET GUYOT.—*Lettres*. Tratam estas magnificas cartas da politica colonial da França. (Reinwald, edit.)

EDGARD QUINET.—*Lettres d'éveil*. 2º vol. Contém a correspondencia de Quinet com Michelet, Chauffour, Laurent, Pichard, d'Hassonville, Luiz Ulbach, etc. (Calman Levy, edit.)

APPARECERÃO BREVEMENTE

COMTE D'HASSONVILLE.—*Ma jeunesse*; souvenirs de 1814 a 1850. (Calman Levy.)

PAUL VASILI.—*La société de Londres*. (Plon, edit.)

MME. COIGNET.—*François I, (Portraits et récits du XVI siecle)*. (Plon, edit.)

ANDRIEUX.—*Souvenirs d'un préfet de police*. Obra de escandalo, que produziu grande sensação em Paris. (Rouff, edit.)

PAUL EUDEL.—*Collections et collectionneurs*

PAUL LHEUREUX.—*La toquée*

GRAMMONT ET GINISTY.—*L'idée fixe*

EDOUARD ROD.—*La course à la mort*

E' editor d'estes trez ultimos romances o livreiro Frinzine.

CH. LACHAUD.—*Plaidoyers*. (Charpentier, edit.)

ED. E JULES DE GONCOURT.—*Sophie Arnould*. (Charpentier, edit.)

LIVROS BRAZILEIROS

Entrou para o prélo um novo livro do illustre philologo e escriptor Julio Ribeiro—*Cartas Sertanejas*. Estas cartas, em que são estudadas com grande elevação de vistas e raro vigor de estylo algumas importantes questões sociaes e politicas, foram primitivamente publicadas no *Diario Mercantil*, de S. Paulo, com grande successo.

Deve apparecer proximoamente, editada pelo Sr. Serafim Alves, a antiga e bella poesia de Luiz Delfino—*A Filha d'Africa*, precedida de um prefacio de Valentim Magalhães.

Deve vir brevemente á Côte o illustre poeta Theophilo Dias, para fazer uma leitura do seu poema inédito—*Comedia dos deuses*. Consta-nos que é uma obra notavel.

VICTOR HUGO

O artigo escripto na *Revue litteraire et politique* (n. 21—23 de Maio) por Joseph Reinach acerca do grande poeta, cuja morte impressionou o mundo inteiro, é um dos mais bellos e verdadeiros que temos lido sobre Victor Hugo.

Joseph Reinach estuda, em vigorosa synthese, a influencia politica exercida sobre os seus compatriotas e contemporaneos pelo impecavel republicano que escreveu *Napoleon, le petit, L'année terrible, Les chatiments e L'histoire d'un crime*.

Na impossibilidade, que lamentamos, de transcrever todo esse bello trabalho, damos em seguida a ultima parte d'elle, na certeza de que, tanto pela justeza e brilhantismo das observações como pela novidade do ponto de vista de que foi estudado o Homem—Sol, ha de agradar e interessar muito aos nossos leitores:

« Victor Hugo deve muito á Republica: a Republica não deve menos a Victor Hugo.

Não me refiro unicamente á honra de haver contado entre os seus adeptos, perante os partidos, perante o mundo e a Historia um tão maravilhoso espirito. Ha mais, muito mais do que

isso; e a nossa gratidão não poderá proclamar-o bastantes vezes, nem bastante alto. Lá, ao longe, na sua ilhota batida das ondas, durante 18 annos—os 18 annos do nosso baixo imperio—, pelo seu exemplo, pelos seus versos vingadores e pela sua prosa de justiça implacavel, pelo *Chatiments* e pelo *Napoleon, le petit*, quantos servidores não conseguiu conservar á Republica e que sem elle seriam abocanados pela corrupção imperial?!

Quantos jovens e heroicos soldados não deu á Republica Victor Hugo; os quaes, sem elle, não teriam reconhecido um crime no golpe de 2 de Dezembro e ignorariam a verdade?!...

De um lado—a emboscada triumphante, a mentira victoriosa, o direito calcado aos pés, envilecida a justiça, a força grosseira e brutal reinando soberanamente; do outro lado—Victor Hugo em Guernesey:—o equilibrio moral não foi perturbado!

Aquella chainma sobre um rochedo, aquelle pharol na tempestade: nada mais era preciso para assegurar que não seria eterna a negra noute da oppressão. O Cezarzinho roubou á França, venceu a Russia, tomou por alliada a Inglaterra, diminuiu a Austria, libertou a Italia, deslumbrou a Europa:—porque não acompanhá-lo? Porque? Porque do lado do Oceano ouviu-se uma voz!

Ah! esse voluminho impresso em *papier chandelé* introduzido subrepticamente, lido ás escondidas, atraz das portas fechadas a sete chaves, ou no fundo dos bosques, quem poderá contar os jovens espiritos que elle salvou, quantos illuminou, esclareceu, e trouxe conquistados á causa da Liberdade, para sempre, até á morte?.

Cada verso do *Chatiments* angariou um soldado para a Republica; cada pagina de *Napoleon, le petit*, levantou um inimigo contra o imperio, um campeão da justiça.

Fazer semelhante serviço á consciencia humana:—que gloria haverá superior a essa? E ainda ha quem falle da *arte pela arte*, quem ainda repita que a politica roubou Victor Hugo á Poesia!

A monarchia Victor Hugo deu somente—obras primas.

A Republica deu exercitos de homens, legioes de cidadãos.

JOSEPH REINACH.

IDYLLIO NO BOSQUE

AO GRANDE POETA E INSIGNE PROSADOR
LUCIO DE MENDONÇA

Et corde et genibus tremit.
HORAT.—

Chamo-te:—foges?—Olha,.. estou brincando.
Cabe uma folha: corres mais, e gritas!...
Com que gesto apontaste-me, chorando,
Os olhos das estrellas infinitas!...

O céu azul tem sempre estrellas, nota...—
Esta sombra? é de um tronco... (escuta) um tronco...
—Não anda um tigre alli, n'aquella gróta :
O ronco? é d'agua, que alli corre... o ronco!..

Tremem-te a alma, e o coração e os joelhos,
Se a flor treme,.. (não é a primavera?—
Se um lagarto fugiu d'uns ramos velhos,...
—E' o lagarto alguma estranha fera?—

Ou sou o vento, ao qual a flor se dobra?
Foges do galho, que rangeu ás brizas?
Ou crês que mordo, e sou alguma cobra,
Por que me arrasto pelo chão, que pisas?...

Olha: eu não sou nenhum leão, que mata;
Se o fóra, a clina d'ouro estenderia
Sob os teus pés... Não deixes vir o dia:—
Já mette a aurora tanta luz na matta:

Ha no bosque um milhão de mariposas:
Corres? Seguem-te em bando, pressurosas:
São como as almas das pequenas consas,
Filhas da sombra e do rumor das rósas.

Culpas-me tu, se o envame, em torvelinho,
Te cega, e pões o lindo pé em falso?
Pára: verás: nivelo-te o caminho:
De beijos logo toda a estrada calço.

Páras? Cançaste?—Era já tempo: escuta:
Deita-te aqui... (Vê se te acaba o medo...)
Junto da gruta, á sombra do arvoredor...
E, se houver muito sol; então... na gruta...

LUIZ DELFINO

Iluminura

UMA RUINA

Vi, quando era ainda pequena, n'uma hedionda caveira, entre as pedregosas paredes de uma velha gruta, um ninho de passarinho.

Fez-me impressão aquillo.

Hoje veio-me á memoria esse encontro, ao saber que o amor foi aninhar-se sem medo no teu gasto e arruinado coração.

JULIA LOPES.

Campinas, Junho de 1885.

«UM HOMEM GASTO» (*)

Com quem se ha de parecer o auctor de *Um homem gasto*, desde que os mestres do naturalismo lhe recusam peremptoriamente a paternidade?

Pater, diz o aforismo juridico, *est quem iusto nuptie demonstrant*. Ora, na impossibilidade de verificar a filiação litteraria do livro, por não conhecermos a vida de quem o gerou, nem a sociedade em que este viveu, as companhias viciadas que teve, as molestias feias que soffreu, os habitos maos que adquirio, não ha remedio senão procurar na bagaceira que temos diante dos olhos os vestigios do temperamento paterno.

Imaginem os leitores que L. L. pouco estudou, pouco aprofundou, que é dotado de alguma *verve*, mas de uma demasiada presumpção.

Supponham ainda que esse moço levou toda sua vida escolar a ler romances de Ponson du Terrail; e que um dia lembrando-se de transportar para a tela aquillo que julgava enriquecer-lhe a imaginação, deteve-se diante de uma questão de forma.

Obrigavam-o a fazer a si mesmo esta pergunta:

—Qual a escola de romancistas a que me agarrarei?

A' de Ponson du Terrail e Xavier de Montepin? Não; estes estão mui desacreditados.

A' de Walter Scott, Chateaubriand, Lamartine? Não, tambem; porque os criticos andam a dizer que o romance historico e o sentimental não têm mais razão de ser—genero *pastiche*, genero piégas.

Pois n'este caso vamos ao que estiver mais na moda. E eil-o a procurar com todo o afan o genero do dia.

E' sabido que isto de modas é uma cousa muito caprichosa e relativa. Em uma cidade como o Rio de Janeiro

* Não sahio no numero passado, por falta de espaço.

póde-se dizer que em materia de idéas ha tantas modas quantas casas de familias. Mineiros, paraenses, rio-grandenses, goyanos, cearenses, bahianos—tolos fazem seu tabaco á parte. A rua do Ouvidor apenas serve para confundil-os de momento, lançando-lhes aos hombros uma capa como a do Santissimo Sacramento, que nem indica que a pessoa é da irmandade, nem que tem religião.

O nosso romancista, pois, escutando os dictames da moda, ou antes, do circulo em que vivia, começou a ler com todo o furor as obras de Octave Feuillet, Cherbonliez, Arsène Houssaye e outros que têm como principal regente de orchestra o director da *Revista dos Dois Mundos*.

Para elle, portanto, aquillo converteu-se,—como ainda a muita gente acoutece,—na ultima expressão do realismo.

Ha maior audacia do que defender uma these em romance?

Desle então principiou o candidato a ruminar o seu assumpto.

N'este interim a imprensa começou a fazer grande ruido em torno de novos livros, erguendo a uma altura enorme os nomes de certos auctores a que se concordou em dar o titulo de naturalistas.

O livro, porém, do nosso homem já infelimente estava prompto. Como conciliá-lo com a nervosa textura e a acritude dos romances, que o publico passava a ler com tanta anciedade?

Ocorreu-lhe uma idéa feliz. Apimentou algumas phrases, juntou algumas palavras licenciosas, e substituiu a capa em que se lia:—ALBERTO, romance, por esta outra:—UM HOMEM GASTO, pagina da historia social do seculo XIX, estudo naturatista.

Eis em poucos termos o que fez L. L. para parecer-se com Goncourt, Balzac, Flaubert e Daudet.

Diluiu um atomo de Arsène Houssaye em agua choca e deu-nos o seu estylo.

Distribuiu por quatro pessoas, que se figura escreverem cartas, uma historia chocha, e ahí têm o entreccho desenvolvido da obra.

Agora acrescente-se que estas quatro pessoas, sendo duas senhoras, um medico e um suicida, escrevem todas no mesmo estylo, apesar das differencas capitais que as distinguem, e ter-se-ha o segredo da grande arte de que dispõe esse dentista.

Isto para não fallar nem na impropriedade da linguagem, nem nas indiscrições de uma noiva que faz tolas dissertações sobre o amor, confundendo com uma amiga, nem na incongruencia da carta final, em que se acha, por assim dizer, concentrado todo o romance, carta escripta por Alberto pouco antes de suicidar-se, na qual se descreve, se analisa (?) toda a serie de influencias que levou o desgraçado a tal acto de desespero.

—Ao 2º item nada temos que dizer, porque L. L. cifrou-se n'este em reproduzir as accusações de *Noviço*, e a mettel-o em troça.

Nada allegou em seu favor.

No 3º, referente á accusação que lhe fizemos de haver cercado o seu heroe de um meio philosophico diferente d'aquelle que realmente existe em Paris, indicando com isto supina ignorancia, L. L. ainda foge á questão para melhor e mais hvremente parvoicar.

Entre as novas philosophias excéntricas e não excéntricas, ahí citadas, o poeta *gasto* esqueceu-se do *energumetismo* e do *beatismo*. Será bom juntal-as ao seu rosario.

Passemos, pois, ao 4º item.

Diz L. L. que o que pretendeu foi «patenteiar á evidencia os funestos resultados da acção constante de um meio social dissolvente e da má orientação das idéas philosophicas no individuo submettido ás influencias d'esses meios».

E acrescenta que, tendo feito nascer perfeito o seu heroe, colloca-o desamparado n'um collegio aonde elle se perverte; fal-o passar depois pelo meio de uma mocidade corrupta no Rio de Janeiro e depois atufar-se no vicio em Paris, aonde os seus males se culminam. Por um milagre este homem depois de gasto rehabilita-se moralmente, volta ao Brazil, casa-se, mas o exhaustão physiologico chama-o a novo precipicio e lança-o na loucura, no suicidio.

Damos de barato que tudo isto seja muito logico e segundo o que ensina e preceitua a sciencia.

«Tal é a acção do romance, exclama triumphante o impagavel L. L., una, varia, simples e logica... «vasada nos moldes dos processos modernos.»

Que pigarro nos provoca esta ultima bafurada!

Vejamos, porém, como elle se derramou n'esses moldes a que allude.

Em primeiro logar a maior parte do livro é occupada por cartas da noiva de Alberto a uma sua amiga, descrevendo as crises de impotencia, a que succumbe o marido, as quaes ella não pôde comprehender, muito menos interpretar. Portanto, essa parte do livro enche-se de considerações sem importancia, sem eloquencia, sem valor algum de observação.

Segue-se a carta de Alberto. L' nesta peça que se acha condensada toda a acção do romance.

Aqui cunpre-nos perguntar se um suicida, louco, inconsciente, obedecendo unicamente aos impulsos da *neurose* é competente, tem a calma precisa para observar-se edescrever com acerto todos os accidentes de sua vida; se um homem d'estes pode concatenar toda uma serie de circumstancias, influencias mesologicas e physiologicas explicativas de de um desastre qualquer.

Pois o romancista emerito não trepidou em collocar toda a parte analytica de seu livro no bico da penna de um louco. Por ahi avalie-se o seu criterio.

Mas concedamos que essa sua impropriedade da forma epistolar seja coisa secundaria; e accitemos como possivel essa analyse relativa a antecedentes e consequentes, na bocca ou na penna de um louco suicida. Por que modo realisou L. L. o seu plano? de que maneira desenvolveu a sua these?

Já o dissemos uma vez e o repetimos: —Amplificando os enunciados que ficam acima julgados.

Alberto diz na carta que esteve aqui, andou por ali, soffreu acolá estas ou aquellas influencias e n'isto cifra-se tudo. Mas isto nada adianta; é apenas o indice de um livro por escrever.

Aondea demonstração? Aonde a pintura do caracter em via de formação?

Era acaso com vãs declamações que Balzac, Daudet, Dickens, os mestres de L. L., levantavam na tela de seus grandiosos romances o vulto dos seus personagens, e descreviam o trama da horripavel batalha da vida?

Por ventura David Copperfield, Nicoláo Nickleby, Numa Roumestan, Eugenia Grandet, Goriot, e outros personagens que vivem em nosso espirito, foram ahi gravados a pinceladas de borrador de taboletas?

Noviço

Todo inconveniente tem as suas vantagens.

V. Hugo.

Gaspar da Silva

Está nesta côrte, desde domingo, o nosso illustrado collega Gaspar da Silva, redactor do *Diario Mercantil*, excellente jornal que se publica em S. Paulo. E' á clara intelligencia e rara actividade de Gaspar da Silva que a cidade de S. Paulo deve um dos melhores jornaes que tem tido e que é um dos mais bem feitos do imperio.

O distincto jornalista conseguiu conciliar alitteratura com o commercio—e o *Diario Mercantil* é uma folha assignada e lida por quasi todos os negociantes da gloriosa provincia dos Andradas.

Comprimntamos cordialmente o nosso illustre collega.

A ILLUSTRACÃO

Está publicado o n. 10 da *Illustração*. Este numero, impresso a côres, trata especialmente do *Salon* de Paris e reproduz 16 quadros dos mais notaveis da exposiçáo d'este anno. Além d'essas bellissimas gravuras, dá ainda 16 retratos dos pintores mais afamados da França, e Mariano Pina faz a traço largo um excellente bosquejo historico da instituição do *Salon*, desde o seu começo, 1648, até hoje. Na ultima pagina traz a *Mazurka* op. 30, n. 1 de Chopin.

E' um numero bellissimo, que mais confirma a reputação de primeiro jornal do genero, de ha muito adquirida pela *Illustração*.

IMPRECAÇÃO

O' Natureza, cura a dôr que opprime
Meu peito agora. O' aves, consolai-me
Com o madrigal, co'a pastoril sublimé;
Epithalamios e églogas cantai-me.

Correi, nimbus e schirrus; inundai-me
De luz, ó Sol! O' céu azul, sorri-me!...
Flores: geranio, rosa, nardo, ouvi-me:
— De aromatico effluvio embebedai-me!

Mas... se nada conforta-me, ó colossos,
Montanhas, fcras, pachidermes broncos,
Areaes ardentes, aquilões, destroços

De mundos, trevas, temporal desfeito,
Pedrciras, mancenilhas, mares, troncos,
Rugi, tombae, rolae sobre o meu peito!

HENRIQUE DE MAGALHÃES

Guerra Junqueiro & C.

Lê-se no n. 157 d'*O Tirocinio*, folha que se publica em Barcellos, Portugal.

«A *Semana*.—E' este o titulo de uma bella revista litteraria, que se publica na capital do imperio brasileiro.

Temos á vista os ns. 14 a 16 d'*A Semana*. O primeiro d'estes numeros vem abrihantado com o retrato do inspirado poeta, o Sr. Guerra Junqueiro, conjuntamente com o do Sr. Antonio Soares de Macedo, reitor da freguezia de Areias de Villar.

O primeiro, é o autor da *Morte de D. João*; o seguudo é um jesuita acerrimo.

Entre as crencas d'estes dous personagens, unidos por uma bella gravura, copia fiel d'uma photographia de Sebastião Neves, meceia um enorme abysmo!

E' com immenso prazer que accusamos a recepção d'*A Semana*, fazendo votos pela sua prosperidade, e para que longa lhe corra a existencia.

E' feito o corteção do ventre da serpente.

V. Hugo.

Com o Correio Geral

Pedimos a S. Ex. o Sr. Dr. Luiz Betim, dignissimo director dos Correios, que dê suas ordens afim de serem as malas de *Patrocínio de Muriahé*, remettidas pela Estrada de Ferro Leopoldina, Ramal Alto de Muriahé até á Estação do Patrocínio.

Fazemos este pedido a S. Ex., de accordo com uma reclamação que recebemos, na qual diz o reclamante haver conveniencia publica, por assim tornar-se diaria a recepção d'estas malas em Patrocínio de Muriahé.

O Dr. Luiz Delfino e a poesia nacional

(Vide os ns. 19, 20, 22 e 24 d'*A Semana*) (*)

O Dr. Luiz Delfino prendeu á *Solemnia Verba* toda a sua possante personalidade, dando-lhe um caracter inteiramente moderno, expandindo a sua imaginação por horizontes escampados e lançando á alma do povo espanhol a idéa encandecente, larga e grandiosa, que encerra o ideal da politica do Seculo.

Assim, é que elle exclama:

Não temais, reis do mundo, o gladio d'ella.
Não é a liberdade algoz tremendo;
Como o sol passa em horas de procella,
Aface d'ouro em nuvens escondendo,
Mas sempre rei e rei da immensidade...
Assim é elle, o sol da liberdade...

Depois o pensamento do poeta plana mais alto, attinge a uma synthese mais luminosa e chega a este resultado:

Vejo-te, Hespanha, soberana e bella,
Ao banquete da paz chamando os povos,
Firmando emfim galhardamente nella
A conquista dos teus direitos novos...
Viva a paz que engrandece e que consola...
E' a paz a Republica hespanhola.

Não se pôde negar que o poeta accentuou energicamente nesta *sextilha* a idéa fundamental que preside á elaboração politica do Occidente.

A Hespanha está destinada a representar um grande papel na historia da humanidade. Ha uma coincidência entre os factores mesologico, historico e ethnologico da peninsula hispanica.

O facto mesologico é importantissimo pela acção que exerce no espirito e nas instituições de um povo.

Pela mesologia da peninsula hispanica um escriptor explica a sua tendencia separatista, explicando ao mesmo tempo o centralismo da unificação monarchica, que tem atrophiado esse poderoso collaborador da Civilização occidental. Acompanhando a marcha evolutiva da historia e a acção mesologica, o illustre socialista destaca em plena luz a organização do unitarismo monarchico, desde Fernaud e Isabel até ás prtencões ibericas recentes, bragantinas ou affonsinas.

D'ahi a atrophia completa deste povo activo, desperdiçado em hostilidades mutuas, trazendo como resultado a morte das liberdades populares e um desvio das forças que collaboram para o prestigio ulterior dos Estados Occidentaes.

Parece que pelo cerebro do poeta brasileiro passaram as palavras de Charrière, quando assignala a attitude da Hespanha para com a realcaza: «Ora, apesar do seu respeito aparente e cerimonioso pela realcaza, esta instituição tem sido sempre estranha e antipathica á Hespanha, a qual não é senão uma aggregação de pequenos povos e reinos, com accentuado espirito municipal, a quem repugna toda a centralisação. Apenas sahio das luctas intestinas, eis que vai cair como provincia na vasta monarchia de Carlos V. Se Felipe II lhe dá sob o mesmo prin-

cipio a sua nacionalidade, é para melhor mostrar o inconveniente d'esta forma para ella.

Creator de uma capital que não existia antes d'elle, e que Philippe II escolheu arbitrariamente para installar o seu systema, o effeito foi o de produzir logo para estas individualidades do solo da Hespanha o marasmo e a decadencia chronica, que trouxeram a paralyxia total d'esta potencia pela dos seus membros mais vigorosos.

« Seja qual for o principio geralmente accete pela nação hespanhola, é preciso que tenha o mesmo sentido para ella, e que, conservando uma ligação útil e necessaria dos diferentes estados da Península, o laço seja de tal forma flexivel, que deixe a estes Estados a sua personalidade e accção, permittindo-lhes obedecer á natureza que, em lugar de os chamar para o interior, os attraí para fora, que tornou esteril e inhabitavel o centro para desenvolver todas as suas magnificencias. no littoral, como para convocar a Hespanha a uma existencia maritima e commercial que está no seu destino.»

Em toda a *Solemnia Verba* atravessa a idéa da unidade politica da península hispanica. O poeta revolta-se contra o facto de submeter-se a Hespanha de novo á politica catholico-monarchica, que atrophiou a autonomia nacional enjaulando-a entre estes dous absolutismos:—o rei e a igreja.

Reconhecendo, todavia, os resultados da corrente civilisadora que rompeu o elo da solidariedade que unificava o sacerdocio com o Imperio e que explosia no espirito reformador dos Paizes Baixos, ablaqueando a constituição peninsular, concebida por Carlos V e Philippe II, diz o poeta:

«Vanos dar este escandalo ao passado:
Levantar a mulher, dar luz á infancia,
Mais do que o sceptro, ennobrecer o arado,
Lançar á noite immensa da ignorancia
A affronta das auroras ás mãos cheias;
Fazer ao facto o insulto das idéas.»

Por esta estrophe, como por muitas outras, reconhece-se que Luiz Delfino vé na Hespanha uma das forças auxiliadoras da profunda revolução que se opera no espirito das nacionalidades do Occidente.

Elle, com a sua visão de propheta, repercute até aos penetraes da Hespanha, como uma voz longinqua, porém consoladora e activa, tudo quanto o espirito humano tem soñado de mais grandioso:—a paz universal.

E elle a define assim:

«E o que é a paz? Sabei, ó hespanhões:
E' o vosso safario ao lar fruido,
O campo roteado, o filho instruido...
São estes os pacíficos heróes,
Que hão de reuhir batalhas á miseria,
E a luz plantar nos corucheus da Iberia.»

Eis ahí a idéa democratica transubstanciando-se no cerebro do homem, consolidando-se por uma expansão natural na consciencia dos povos, calcando-se em moldes scientificos e emancipando-se pela decadencia da unidade catholica e pela installação pacifica da industria e cooperacão reciproca de todas as nacionalidades.

« Viva a paz que engrandece e que consola,
E' a paz a republica hespanhola. »

Sim. A republica é a affirmacão dos nossos direitos, a denegacão de estabelecermos um governo definitivo, por que os governos definitivos são por si só uma restricção á liberdade, um obstaculo a qualquer desenvolvimento.

A republica não é o ideal, mas sim uma approximação d'esse ideal,—declive suave por onde tem descido vertiginosamente o assombroso espirito d'este seculo!

A republica é o progresso; o progresso é a evoluçãõ; a evoluçãõ é a vida, é o movimento; como diz Naquet.

Instituída a Republica, esta consolidada a liberdade, está estatuido o progresso, realiado o grande advento da occidentalidade, de onde decorre a felicidade do genero humano.

A paz será uma resultante da reacção scientifica do occidente, da modificabilidade do espirito essencialmente abstracto d'aquelle centro, pelo equilibrio e pela conciliação com o espirito concreto.

São as novas leis intellectuaes descobertas por A Comte, que nos levam á affirmacão d'esta politica systematica e solidaria.

A *Solemnia Verba* é consequencia de um espirito pensando e agindo de conformidade com as idéas e os sentimentos do seu tempo.

E' o producto de uma civilisação.

Luiz Delfino ergueo-se á altura da evoluçãõ litteraria do seculo, e de lá atirou á estagnacão da politica de Affonso XII o brado mais sincero e mais ardente do seu temperamento latino.

Erz o que um grande poeta podia fazer.

Os criticqueiros que grunhem em derredor d'elle, não são capazes de discutir as idéas que eu tenho invocado para dar aos meus artigos um caracter mais serio e menos banal.

Seja quem for o critico do *Diario Liberal*, (mesmo porque já lhe conheço a altura pelo que tem escripto) não tem a erudicção sufficiente para abater um poeta da estatura de Luiz Delfino.

A sua critica tem os pés no solo; não sobe.

Critique, mas de outro modo;—demonstre, se for capaz, que qualquer poeta,—por exemplo: o Sr. Gonçaves Dias ou seu sobrinho—são superiores ao auctor da *Solemnia Verba*.

Submetta esta poesia a um estudo; analyse-a, decomponha-a, reconstrua-a depois, compare-a com os melhores obras tomadas do poeta em quem encontrar superiores qualidades artisticas; estude a vida de um e de outro, o seu meio e deduzo o seu temperamento; procure verificar quaes foram os elementos amassados por ambos, para a formacão das suas obras; tome o seu pensamento em bloco, tome as suas idéas, compare-as; estude o momento social de um e de outro; veja quaes são as opiniões d'esta e d'aquella epocha; verifique as condições mesologicas que os cercam; as influencias que soffrem; as crencas que os exaltam; faça tudo isto, faça mais, ainda que as minhas opiniões estejam em antagonismo com as do critico, serei o primeiro a reuider homenagem ao seu talento e ás suas qualidades de observador.

Mas discutindo assim, assanhadico, colerico, embocado na rhetorica e na grammatica, a vér cacophatons e pleonasmos, versos quebrados e mancos por toda a parte, sem reparar nas bellezas que lhe passam pelos olhos estatelados no espasmo da idéa fixa, não conseguirá convencer ninguem, e a sua propria critica se transformará n'uma declaracão verbal de incompetencia e ignorancia do homem de letras que tão mal comprehende o papel ao qual ella se destina.

Algumas palavras ainda antes de terminar.

Por dois motivos não desenvolvi mais o estudo sobre o poeta da *Solemnia Verba*:

Em primeiro logar porque o jornal que deu publicidade a estes e anteriores artigos não comporta um estudo mais profundo sobre um assumpto de tal ordem, pelo seu caracter semanal: em segundo logar porque o meu illustre

antagonista, ha muito que me deixou so na arena.

Longe de mim a idéa de que fosse o receio de uma derrota, antes, talvez, a generosidade peculiar aos que conhecem demasiadamente a tempera das suas armas.

LUIZ MURAT.

JULIO RIBEIRO

Chegou quinta-feira de S. Paulo o illustre escriptor Julio Ribeiro, o reputado auctor da melhor grammatica da lingua portugueza, na opinião authorizada e insuspeita de Theophilo Braga.

Julio Ribeiro vem tratar da publicacão, em livro, das suas excellentes *Cartas Sertanejas*, publicadas ha pouco no *Diario Mercantil*, de S. Paulo, e que suscitaram enorme ruido na imprensa local.

A importante obra de Raul de Navey—*Viagens de Camões*, que o Sr. Ribeiro traduzio para aquelle mesmo jornal, vai ser impressa em Lisboa pelo editor Carrilho Videira. E tambem se está imprimindo em Portugal a segunda edicção refundida e emendada da sua celebre *Grammatica Portugueza*.

Comprimntamos o illustre escriptor.

QUESTÃO LITTERARIA

QUAL O MAIOR POETA DO BRAZIL?

Sobem ao numero de 343 os votos recebidos até esta data.

O prazo d'esta eleição litteraria terminará no dia 19 de Julho; devendo ser o resultado final publicado no nosso n. 25, a 11 do dito mez.

Apressem-se, pois, em nos mandar o seu voto os senhores que ainda desejem fazel-o.

Durante a esta ultima quinzena votaram

EM GONÇALVES DIAS

Da Corte:—Manuel Delmiro dos Santos, José de Souza e Oliveira e Ceciliano Berlente Gomes.

De Cantagallo (provincia do Rio:—Carlos Teixeira de Carvalho, Dr. Affonso Henriques, A. Brazilio, Eduardo Durão, Modesto A. P. de Mello, Joaquim P. Vasconcellos Gonzaga, Antonio de Souza Coelho, Antonio Vieira Torres, J. de A. Brito, Candido Zeferino Vieira, José Alves Cordeiro, Octaviano Ferreira de Moura, Henrique G. F. Halfeld, Philippe Russell Moss, João Sapucahy de Souza e Silva, Antonio Paulino Nery de Sá, José de Souza Gomes e Francisco André Ludolf.

Da Bahia (Cachoeira):—Veridiano de Amazoné; (Maracás) Lindolpho Rocha.

De Santos (S. Paulo):—Gastão Bousquet.

EM CASTRO ALVES

Do Rio Grande (provincia do Rio Grande do Sul):—D. Revocata H. de Mello.

Da Corte:—Belfort José de Carvalho, Manuel Almeida Cruz, Luiz de Souza Araujo Jucós e Antonio Vieira de Siqueira Torres e José Orestes da Motta.

Da Bahia (Cachoeira):—Cincinato R. Pereira Franco, Zulmira Amalia, Valença; Adalberto Guimarães.

EM FAGUNDES VARELLA

Do Patrocínio de Muriahé (Minas:—Vicente Saturnino de Vasconcellos.

;) Não responderei ao meu antagonista sem que elle demonstre primeiramente a inconsistencia das idéas que eu tenho emittido n'este e em outros artigos sobre o Dr. Luiz Delfino.

EM ALVARES DE AZEVEDO

Da Bahia (capital):—João Augusto de Lemos, (Cachoeira); José Joaquim Villas-Boas, advogado, redactor do *Americano*.

EM BERNARDO GUIMARÃES

De Belem do Descalvado (S. Paulo):—Josino de Quadros B. e Sá e Gaudencio F. de Quadros.

EM LUIZ DELFINO

Da Corte:—M. F. Teixeira, A. M. Baptista e A. Salgado Guerra Junior. De Santa Maria Magdalena (provincia do Rio):—Mariano Alves Corrêa de Oliveira.

EM L. GUIMARÃES JUNIOR

Do Rio Grande (S. Pedro do Sul):—Julietta de Mello Monteiro.

EM CASIMIRO DE ABREU

De S. José das Taboas (provincia do Rio):—José Francisco Gaspar.

EM SANTA RITA DURÃO

Da Corte:—João José de Oliveira.

EM ANTONIO JOSÉ DA COSTA E SILVA

De S. Paulo (capital):—Geraldino Fernandes de Almeida.

EM EMILIO ZALUAR

Da Corte:—Manuel Theodoro da Fonseca.

EM PORTO ALEGRE

De Petropolis (provincia do Rio):—Alfredo de Paiva.

Não registramos a resposta da Exma. Sra. D. Narcisa Amalia, a distincta poetisa das *Nebulosas*, porque, embora propendesse para Luiz Delfino, não lhe deu em definitiva o seu voto; nem o do Sr. Joaquim Fortunato Meirelles, Cahiau, (Minas), porque S. S. dividiu o seu voto, elegendo Varella d'entre os poetas mortos e Luiz Guimarães Junior d'entre os vivos.

O Sr. Alfredo de Paiva deu o seu voto a Manuel de Araújo Porto-Alegre (Barão de Santo Angelo) em um folheto de dez paginas, escripto e offerecido ao director d'*A Semana*, com o titulo: «QUESTÃO LITTERARIA» e o sub-titulo: «Qual o maior poeta do Brazil?»

Neste numero transcrevemos parte d'esta interessante dissertação, que tanto honra *A Semana* pela gentileza da sua dedicatória e pela consideração e sympathia de que nella nos dá provas o seu illustrado auctor.

RESULTADO

Gonçalves Dias	130
Castro Alves	61
Luiz Delfino	46
Casimiro de Abreu	37
Theophilo Dias	14
Fagundes Varella	8
Alvares de Azevedo	8
Porto Alegre	6
Luiz Guimarães Junior	5
Bernardo Guimarães	5
Gonçalves Crespo	4
Domingos Magalhães	4
Mello Moraes Filho	4
José Bonifacio	2
Emilio Zaluar	2
Santa Rita Durão	2
Gonzaga	1
Pedro Luiz	1
Bazilio da Gama	1
Alberto de Oliveira	1
Odorico Mendes	1
Laurindo Rebello	1
Damasceno Vieira	1
Antonio José	1

« Ilm. Sr. Dr. Valentim Magalhães. Permitta V. S. que a mais obscura entre todas as mulheres, que neste torção cultivam as letras, ose dar tambem a sua opinião sobre qual o primeiro poeta brasileiro.

Admiradora sincera das esplendidas poesias de V. S., curvando-me submissa ante talentos como o de Castro Alves, Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo, Varella, Casimiro de Abreu, José Bonifacio, A. Celso, Raymundo Corrêa, Carlos Ferreira, Luiz Delfino, Lobo da Costa, Luiz Murat, Damasceno Vieira, Mathias de Carvalho, Luiz Nobrega, Alberto de Oliveira, Theophilo Dias e tantos outros astros fulgentes que enriqueceram e enriquecem com suas sublimes inspirações as letras patrias, não posso, no entanto, deixar de dar o meu desauthorizado voto ao poeta dos *Sonetos e Rimas*, ao author do maviosissimo *Poema da Morta*, a Luiz Guimarães Junior, cuja lyra suave parece comprehender divinamente todos os segredos do coração da mulher.

Julietta de Mello Monteiro.

Rio Grande—85 »

« Ilm. Sr. director d'*A Semana*.—Para a humilde auctora d'estas linhas, o inspirado cantor das *Espumas Fluctuantes*, Castro Alves, o poeta de imaginação sempre fecunda, sempre arrebatadora e original, tem jus ao logar de honra entre os poetas da passada e mesmo da moderna geração, onde as letras patrias contam, como no festajado auctor dos *Cantos e Luctas*, brilhantes constellações. Rio-Grande, 1885.—Revocata H. de Mello.

THEATROS

POR CAUSA DE UMA CARTA

A companhia do theatro Lucinda deu-nos na segunda-feira a *première* d'esta bella comedia de Sardou.

Foi em beneficio de Furtado Coelho, o excellent artista, que tão intelligentemente dirige a companhia.

Furtado é talvez o actor que mais tem feito no Brazil pela sua arte, é um dos mais queridos do publico, e ha muitissima gente que não frequenta outro theatro que não aquelle em que o distinctissimo artista trabalhar. Entretanto, o theatro não estava inteiramente cheio na noite da sua festa artistica.

A comedia escolhida não é senão uma galante e espirituosissima fantasia, escripta por Sardou ha mais de vinte annos com o titulo *Les Pattes de Mouche*.

De um entrecho banalissimo, quasi grosseiro, com *ficelles* de dramalhão soube o grande escriptor, o inimitavel *faiseur*, extrahir trez actos cheios da *verve* mais graciosa e mais espontanea, com as situações mais imprevisas e mais originaes, com um extraordinario movimento, prendendo tenazmente o espectador e sacudindo-o por vezes com os ditos de fino espirito e com as phrases conceituosas e galantes que so elle sabe construir.

Não se discute alli nenhuma these, nem se procura resolver nenhum problema social: tiram-se episodios originaes e extravagantes de um episodio banal e futil. É um *tour de force* admiravel. So o talento e a grande habilidade de Sardou poderiam andar durante trez actos a roda de um simples bilhete de amor, esquecido trez annos no interior de um *biscuit* de Sevres, como quem, fazendo uma viagem á volta do mundo... n'um *mappa*, soubesse contar episodios e costumes dos paizes remotos percorridos.

Furtado Coelho representou o seu papel de Mauricio com a costumada correccão e elegancia.

Lucinda fez admiravelmente Suzana, accentuando de uma maneira finissima toda a vivacidade e todas as *nuances* da sua personagem; é esta uma das mais notaveis creações da grande actriz, e vai de certo para a gloriosa coroa onde estão inscriptos os nomes da princeza de Falcoière, da boronza d'Ange e de Cypriana des Prunelles.

As Srs. Adelina e Sara, fizeram rasoavelmente os papeis de Clarisse e Martha.

Quanto aos demais artistas que entraram na peça, apesar de toda a imprensa os ter elogiado, obedecemos á nossa consciencia dizendo que os achamos simplesmente—detestaveis. Não nos lembramos mesmo de ter visto na companhia Furtado Coelho um *ensemble* tão desharmonico, tão desafinado, tão *pessimo*—como a proposito de um poeta disse ha pouco tempo um collega nosso.

No sabbado passado a companhia do Recreio deu-nos *Os Dois Sargentos*, drama em 3 actos, já conhecido do nosso publico, que o vio representado pelo Rossi e pelo Brasão.

O papel de Guilherme, feito por aquelles dois notaveis artistas, foi agora desempenhado pelo Sr. Dias Braga, que lhe deu todo o vigor de que dispõe e que representou com muita vehemencia as grandes scenas do segundo acto.

Lisboa foi muito rasoavel no papel de Roberto e Maggioli fez com muita naturalidade e graça o de cabo Valentim.

Maia foi bastante grave e correcto no papel do general, e Castro fez com demasiada abundancia e vivacidade de gestos o de Gustavo.

Leolinda tambem foi feliz em algumas scenas do seu curto papel.

Balbina, por mais que se esforce e que trabalhe, é que nunca poderá dar uma *ingenua* que se possa ver.

Dos demais artistas, todos com pequenos papeis, nada ha que dizer.

A peça pareceu agradar bastante e o publico sahio satisfeito.

É no dia 2 do mez que vem o beneficio de Lucinda Furtado Coelho com a primeira do *Casamento de Figaro*, celebre peça de Beaumarchais, traduzida pelo nosso estimado collega Arthur Azevedo.

O papel que vae ser desempenhado por Lucinda, foi representado em França por Maria Antonietta, mas não foi *creado* pela infeliz rainha, como disse ha dias *Eloy o heróe*, no «De Palanque» do *Diario de Noticias*. Ao contrario. A peça de Beaumarchais, atacando abertamente a nobreza e o clero, escandalisou Luiz XVI, que jurou não a deixar representar, e o auctor pela sua parte jurou que ella «chavia de ser representada ainda que fosse em *Notre Dame*».

Effectivamente *O casamento de Figaro* foi representado em theatro publico com grande successo, sendo Beaumarchais preso no dia da sexagessima-quarta representação. So alguns annos depois foi representada no palacio de *Trianon*, desempenhando Maria Antonietta o papel principal.

Em seguida teremos no Lucinda *reprise* d'*Os dominós cor de rosa*, em que entrará o actor Martins, que vae fazer o D. Bazilio do *Figaro*.

Depois dos *Dominós* a companhia dará *A criada grave* e o *Truc de Arthur*; encerrará os seus trabalhos.

Dissolvida a companhia Furtado Coelho, ficará no theatro o actor Montedonio, que está organisando companhia para representar o seu repertorio, composto de peças desconhecidas do nosso publico.

POETAS BRAZILEIROS

Valentim Magalhães

Entre os modernos escriptores brasileiros, um dos que gozam de melhor reputação—e reputação justamente alcançada—é Valentim Magalhães, o sensato crítico das *Notas á margem*, na *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro. Professor elegante é ao mesmo tempo poeta, figurando na primeira fila dos laureados. Ora é simplesmente na sua qualidade de poeta que pretendemos occupar-nos d'elle no presente esboço crítico. Os documentos que nos servem de base são os *Cantos e Lutas*, volume de versos editado em 1879, e o poemeto *Colombo e Nêu*, dado á luz no anno immediato. A dedicatória do primeiro *Á Republica* indica-nos desde o começo que não é o auctor um dos sectarios da arte considerada em si mesma ou antes como o culto da forma, da sonoridade estrophica. E, no entanto, ao percorrerem-se as folhas dos *Cantos e Lutas* descobre-se em geral uma correção parnasiana,—para nos servir-mos da designação já quasi sacramental,—e até mesmo aqui e além um ou outro particularismo de escola, denunciando a influencia, quer directa, quer mediata dos mestres francezes.

Que Valentim Magalhães pertence á grande corrente, que deriva de Victor Hugo,ninguém o pôde contestar, mas a ella pertencem egualmente todos os poetas contemporaneos, seja qual for o caminho especial que para si tomaram.

Catulle Mendès disse: «No seculo dezenove, toda a poesia franceza verdadeiramente digna d'este nome, deriva de Victor Hugo.» É evidente que esta phrase lida assim isolada encerra uma enorme injustiça para com Lamartine e Musset, mas a idéa do autor é verdadeira. Musset e Lamartine, duas glorias da poesia franceza no seculo actual, não procedem, de certo, de Victor Hugo, seria mesmo anachronico o suppol-o, mas todos os poetas posteriores da França têm essa derivação, e nós, estendendo ainda o pensamento de Catulle Mendès, a todos os povos neo-latinos, podemos afotamente afirmar: toda a poesia moderna, verdadeiramente digna d'este nome, deriva de Victor Hugo. Estudo interessante a fazer seria de facto a geneologia da poesia contemporanea no descobrimento das relações dos principaes representantes da poesia em cada paiz com essa serie de livros publicados successivamente e que tem por titulos: *Les Orientales*, *Les Voir intérieures*, *Les Rayons et les Ombres*, *Les Châtiments*, *Les Contemplations*, *La Légende des Siecles*, *Les Chansons des rues et de bois*, *L'Année terrible*, *L'Art d'être Grand Père*, etc. Não bastam estes titulos para nos despertarem na memoria as feições caracteristicas de cada um dos ramos da poesia franceza nos ultimos cincoenta annos desde Theophile Gautier, desde Theodore de Banville e Leconte de Lisle até François Coppée, Sully Prudhome e ainda Richepin e Rollinat? Cremos que sim. E em Portugal? E no Brazil?

A influencia de Victor Hugo não pôde ser contestada, e essa influencia acompanhada sempre quando não é predominante, quando não se torna exclusiva, a exercida pelos poetas chamados parnasianos.

Em Valentim Magalhães parece-nos a influencia do mestre vencer a dos discipulos. E a este facto attribuímos a sua preoccupação de subordinar a arte a um ponto de vista determinado—a idéa politica. Devemos confessar que, assim como não applaudimos a arte pela arte, tambem não podemos aceitar como principio a subordinação da arte á idéa politica. Esta é demasiadamente

secundaria e transitoria e portanto impropria para animar de uma maneira duradoura qualquer obra de arte. O espirito vivificante das bellas artes, como das sciencias, quer consideradas em geral, quer cada uma em particular, tem de ser sempre, como o foi em todas as épocas historicas, a idéa philosophica—religiosa, methaphysica ou positiva—ou melhor ainda, o pensamento social e humano. Se os modernos poetas, como Valentim Magalhães, que possuem em tão elevado gráo a aptidão para a factura do verso harmonioso, meditassem profundamente sobre as condições que deram a immortalidade a tantas obras primas, tanto na antiguidade, como na idade media e na renascença, cremos que não seria muito difficil tanger a verdadeira nota poetica da época contemporanea, época que tão adversa parece ás musas e que tão desdenhosa se mostra para com os que ainda não abandonaram de todo a lyra pela prosa ligeira do jornalismo absorvente e esterilizador.

Se passarmos a examinar de mais perto as poesias de Valentim Magalhães, descobriremos n'ellas tres direcções de espirito ou talvez mais propriamente, tres influencias de diferente natureza:— a satyrica, democraticamente demolidora, de que são exemplos bem caracteristicos as poesias *Carta ao Exm. barão de...* e *Velha historia*; a parnasiana a que pertencem os *Poemas da roca* e o poemeto *Colombo e Nêu*, nas quaes facilmente se encontra o exagero de colorido e a audacia de imagens, que será para muitos uma belleza, mas que nos julgamos um defeito de escola, equivalente ao que no seculo XVII recebeu o nome de gongorismo; e enfim a influencia doutrinar, ora politica, ora social, que se sente por exemplo no *Prenuncio de aurora* e em *Os dous edificios*, talvez a mais bella poesia do auctor. Vêde como ha n'estas estrophes a idéa social que as faz palpitar de inspiração e vida:

Na escola bate o sol alegre, esplendoroso.

Saem de lá de dentro as vozes infantis
Como de um ninho quente um canto
perfumoso.

Estão presos ainda os passaros gentis!
E' quasi meio dia. Um velho criminoso,
Da cadeia, encostado, espreita nos
gradis.

Tem a cabeça branca, as faces encovadas

E uns olhos de chacal. Encara de tra-
vez,

E ri-se de vagar com funebres risadas.
Entregava-se em moço ao jogo e á em-
briaguez.

Uma noute matou um homem ás facadas.

Depois foi atirado á noute das galés.
Encostada a cabeça aos ferros da ja-
nella

Quêda-se a meditar. Com triste lenti-
dão

Passeia de espingarda ao hombro a
sentinella.

São um sino na escola e logo a multidão
Das creanças sorrindo, alegre, taga-
rella,

Sae á rua, a gritar, pulando, em con-
fusão.

Immovel na janella o velho conde-
mnado

Os meninos contempla, alegres a cor-
rer...

E com um tom de voz, profundo, amar-
gurado,

Murmura surdamente: «Eu nunca
soube lêr!»

Dissemos que será esta talvez a poesia mais bella de Valentim Magalhães, e confirmamolo; porém não é de certo a mais perfeita sob o ponto de vista da execução; o illustre poeta brasileiro podia e devia tel-a submettido a mais severa lapidação, tirando-lhe as pequeninas asperezas que porventura a desfeiam e evitando por exemplo a repetição do adjectivo *alegre*, que por trez vezes se acha nos tercetos transcriptos. São minucias quasi insignificantes para quem esta absorvido por uma idéa, bem o sabemos, mas quando a factura do verso attingiu a perfeição, a que a elevaram os parnasianos, convem que ao brilho do pensamento se una intimamente a belleza immaculada da forma, para que a poesia se torne uma obra prima. So pela solidá alliança da forma com o pensamento se poderá realizar o bello na arte. Valentim Magalhães, como em geral todos os poetas brasileiros, precisa não esquecer esta verdade. Se erram aquelles que sacrificam ou desprezam a idéa para se cuidarem da forma, na realidade tambem não estão no campo da arte os que procedem do modo inverso, descurando da forma por amor exclusivo da idéa. Os exaggeros são perniciosos.

Os *Cantos e Lutas*, revelando em Valentim Magalhães um poeta de talento, contrahiram para com o publico um compromisso que por ora não foi satisfeito, mas que, segundo esperamos, sel-o-ha em breve. Esse compromisso é a publicação de uma nova colleção de poesias, onde Valentim Magalhães accentua de uma maneira definitiva o seu ponto de vista artistico dando uma orientação segura e traçando o verdadeiro caminho ás modernas gerações litterarias do Brazil. O distincto escriptor brasileiro possui todos os elementos indispensaveis para a realização d'essa obra, como são a aptidão desenvolvida para a boa harmonia do verso e da estrophe, o bom senso critico para a escolha dos assumptos e a convicção de que a arte precisa, para a vivificar, de um pensamento ou de uma idéa que hoje não pode ser outro senão o amor da humanidade.

Lisboa, Abril de 1885.

TEIXEIRA BASTOS.

Uma violencia do Sr. Henri Nicoud

O Sr. Henri Nicoud, o amavel e sympathico presidente d'aquella gentil republicasinha das letras, que existe ali, á rua dos Ourives n. 27, com o titulo *Au Petit Journal*, acaba de confundir a *Semana* com uma d'essas finezas irretribuiveis, com uma d'essas provas de distincção mais raras e por isso mesmo mais preciosas: fineza e distincção que mascaram uma grande... violencia!

E' o caso que o Sr. Nicoud, em troca da nossa modesta folha, effereceu-nos a colleção completa, d'este anno, da excellent revista franceza intitulada *Revue Politique et Litteraire (Revue bleue)* a qual, como a *Semana* aqui, apparece em Paris todos os sabbados. Eis ahi uma honrosa permuta! mas um verdadeiro attentado com pés de lan!

Expliquemo-nos. Depois d'este, facto, respondam-nos: qualquer elogio que possamos fazer áquella excellent casa, áquella mundosinho perfumoso e alegre, não será logo levado á conta de mero agradecimento, e até—ha tanta malicia por este mundo!—não poderá ser considerado—pura *réclame*? Sim, com certeza.

E aqui têm os senhores *A Semana* impossibilitada de dizer que a casa *Au Petit Journal* é uma agencia de publica-

ções francezas *comme il faut*; que, mediante mesquinha commissão, encarregasse de mandar vir qualquer jornal francez com rapidez e pontualidade—inverosímeis! Tudo porque o Sr. Nicoud teve a infeliz idéa de nos offerecer a *Revue bleue*!

E assim se compra o silencio de uma folha independente! E assim se atabafa a voz da justiça!

«Hugoanas» e «Hugonianas»

«Meu caro director d'A Semana.—Leio na *Folha Nova*, de 27 de Maio, que «com uma introdução do poeta...» (*) deve apparecer brevemente uma edição de luxo das *Hugonianas*, poesias de Victor Hugo, traduzidas por poetas brasileiros.»

Ora, a idéa de tal edição é minha, com prioridade de alguns annos. Dei d'isso communicação á *Gazeta de Noticias*, em 1877 ou 1878, e aquella folha noticiou que eu ia publicar, com o titulo de *Hugoanas*, uma collecção de poesias de Victor Hugo traduzidas por poetas brasileiros, á semelhança do que, annos antes, se fizera com poesias de Lamartine.

Além da differença na formação do adjectivo para o titulo, só ha outra na edição agora noticiada: a introdução do poeta... Eu tencionava pedir introdução para o livro a Machado de Assis, ou a Octaviano, ou a Araripe Junior, ou ao proprio Macedo Soares, que já a escrevera para as *Lamartineanas*, ou a qualquer outro critico brasileiro; mas não estava ainda bem resolvido que este fosse o Sr. ...

Para a publicação das *Hugoanas*, eu não procurara ainda editor, aguardando oportunidade. Eis que a morte do poeta affigura-se boa occasião a não sei que editor, que não se julga muito embaraçado por escrupulos de probidade, ao menos litteraria, e apropria-se de uma idéa de terceiro, como tal noticiada alguns annos antes.

Bom proveito lhe faça; que eu, além d'esta reclamação, e ainda que ella não produza effeito, não tenciono defender de outro modo a minha idéa. Para consolo sempre tenho aqui o doce Virgílio, tão amado n'estas terras de Minas:

Sic vos non vobis, etc.

S. Gonçalo do Sapucahy, 1º de Junho de 1885.

Collega e amigo.

LUCIO DE MENDONÇA.

(1) Não se escreve aqui o nome do poeta, porque esta folha fez protesto de nunca macular-se com elle.—N. DA R.

TRATOS Á BOLA

Foi o Sr. Ruy Lemos o unico decifrador exacto das *tratices* do n. 23.

Queira vir buscar o seu premio; o senhor é um heróe, um verdadeiro heróe! Conferimos-lhe desde já o diploma de *topetudo* e orgulhe-se com esta prova de distincção. Orgulhe-se porque ha muita gente que desejava possuil-a.

Eis as decifrações: das telegraphicas—*Garapa e Tacape*; das verbaes—*Tersol e Verilha*; da antiga—*Caeteté* e do logogripho—*Gastronomo*.

Para hoje damos as seguintes difficuldades:

LOGOGRIPHO

(Por letras)

Toleirão!—3, 12, 10, 8, 10, 12.
a mulher—6, 12, 11, 10, 1, 12.
ensina.—6, 4, 9, 10, 5, 8.

A deusa—10, 4, 10, 1, 2, 9.
É de pedra—3, 8, 7, 1, 12.
Velhaco!—10, 5, 12, 10, 12, 7, 4.
Na mythologia.

ANTIGA

Sou signal de grande festa—2
É de insecto eu sou industria—2
Debalde gigante forte
Por mim quiz ser adorado,
Desprezei-o e por vingança
Esmagou meu bem amado.

1—3—Fui ponto de mathematica.

1—1—3—Sacro edificio da musica, na musica, na musica.

ANTE-POSTA

D'ante mão ralho madeira.

E, para acabar, a seguinte bella novidade:

LOGOGRIPHOS NORMANDOS

Supponhamos que se nos apresenta o seguinte:

«No mar; na musica; um nome de mulher; uma refeição; um peccado mortal; um adjectivo.—Conceito:—Poeta antigo.»

A decifração é—Homero.

Chega-se a este resultado pela seguinte fórma:

«No mar.....Ilhas.....H
Na musica.....Tom.....O
Nome de mulher...Ema.....M
Uma refeição.....Cea.....E
Peccado mortal....Ira.....R
Um adjectivo.....Bom.....O

Isto é: procura-se a palavra correspondente a cada uma das decifrações; toma-se a letra central de cada uma d'essas palavras. Depois reúnem-se. Se a palavra d'ahi resultante combinar com o conceito estará decifrado o logogripho.

Isto posto offerecemos á perspicacia dos leitores o seguinte:

«Vestindo os homens...

«No céo...

«Na egreja...

«Na ave...

«Nome de mulher...

«Da abelha...

«Fructa...

«Proloquio...

«Pedra de alfaiate e de escola.

«Leva agua.

«Não é mão.

CONCEITO

Nome (composto de dois) de um poeta brasileiro. »

PREMIOS

Para o primeiro decifrador temos uma esplendida surpresa, que foi offerecida a D. Pastel, para ser entregue ao barra que matar os *tratos* de hoje.

Ao segundo um exemplar das *Auro-ras*, poesias de Alfredo de Souza.

D. PASTEL.

CORREIO

SR. UM SEU CRIADO — Obrigadissimos pelo seu favor.

SR. FRANCISCO LINS — O seu soneto «Liberdade» não é bom; o que não nos priva de dizer que o senhor com algum estudo nos pode mandar cousa publicavel.

SR. LINDOLPHO ROCHA — Os versos de sua poesia «O Despertar» são correctos e feitos com certo capricho. Ah, se o assumpto destes versos fosse menos gasto, teriamos immenso prazer em publical-os.

SR. ARSENIO CLAUDIO — A sua poesia «Ruínas», não é má; mas—desculpe-nos esta franqueza—é muito «piégas». Veja se nos remette cousa menos lamurienta.

SR. JOÃO ARANHAS (S. Carlos do Pinhal) — O seu «Bosquejo» apparecerá na «Collaboração» assim que houver espaço.

SR. DIONYSIO TANCREDO — O seu conto «Ella e Eu» será tambem publicado. E' esperar.

SR. C. S. NESTOR — Obrigados pela sua lembrança.

SR. MARIO — Sim, senhor, tem feito progressos. Continue a trabalhar que muito breve chegará a esta cousa tão desejada pelo senhor, ao que parece:—ver um escripto seu figurando em nosso jornal. Não ha de tardar.

SR. FERDINANDO — O seu soneto «Arrufos» tem muito espirito... mas só pode ser lido entre rapazes por causa de... não, fiquemos aqui.

SR. B. J. BORGES — A poesia que o senhor nos remetteu, em homenagem á memoria de Victor Hugo, é um pouco fraca. Sabemos que cada um dá o que pôde, mas, acreditando, que da publicação dos seus versos pouco lustre pôde advir ao seu nome, resolvemos não publical-os.

SR. ROBERTO VILLERON — A sua poesia «Folhas de uma carteira» e o seu soneto «No Banho» são soffríveis. Vão para a sala de espera.

SR. MODESTO PAIVA — O seu soneto «Morrera e Pallida» não é máo, mas fica prejudicado por causa do primeiro verso que é quasi aquelle celebre e debicado verso do «D. Jayme»:

«Eu nunca vi Lisboa e tenho pena.»

FACTOS DIVERSOS

Sabbado 13 do corrente, ás 8 horas da noite, em uma das salas do Imperial Lyceu de Artes e Officios, o calligrapho João Valentim de Figueiró Filho reuniu sete de seus discipulos e fundou uma Escola Artistica, cuja denominação é de — Escola Raphaelina Brasileira. Sua abertura terá lugar a de 16 Outubro do corrente anno.

Os trabalhos serão apresentados em exposição publica nos dias 22 de Abril de cada anno, em commemoração á descoberta do Brazil.

O Sr. Aprigio Cezarino com enorme trabalho tem conseguido organizar uma bella collecção de jornaes, de que pretende faser uma exposição.

O Sr. Cezarino já tem feito acquisição de cerca de 1,500 specimens, abrangendo as 5 partes do mundo.

Esses jornaes são escriptos em portuguez, francez, hespanhol, italiano, hebraico, grego moderno, sueco, noruego, dinamarquez, holandez, inglez, flamengo, russo, finlandez e em dialecto genevez.

Partio ha dias para a Bahia, onde vae continuar os seus estudos na Faculdade de Medicina, o Sr. Heitor Murat, irmão do nosso collega Luiz Murat. Desejamos-lhe todas as felicidades.

Chegou ha dias da Europa o nosso compatriota Sr. A. Rodrigues Silva, sobrinho do fallecido senador Firmino Rodrigues Silva. O nosso jovem patriocio cursou vantajosamente as aulas de musica do conservatorio de Napoles, sob a direcção do celebre professor Lauro Rossi e traz bons attestados do seu aproveitamento.

CONSULTAS

— Sr. Candido José de Araujo—(Curral d'El-Rey—Minas): As cartas registradas, quando o remettente tem certeza que não chegaram ás mãos do seu destinatario, podem ser reclamadas em qualquer tempo. Caso contemham valor, e este não seja declarado, ficam,—de conformidade com o artigo 31 do regulamento do Correio, de 12 de Abril de 1865,—sujeitas á multa de 20% sobre a importancia e mais a 2% como se fossem registradas com valor.

Quanto á verificação que nos pede da letra de sua consulta com a da carta que esta redacção recebeu, acompanhando a importancia de sua assignatura, temos a dizer-lhe que ha alguma semelhança entre as letras e muita entre as assignaturas.

A SEMANA

CORTE

Trimestre..... 2\$000
Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Director—VALENTIM MAGALHÃES

PROVINCIAS

Semestre 1\$000
Anno 8\$000

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

SUMMARIO

EXPEDIENTE.—Aos Srs. assignantes.—Historia dos sete dias; José do Egypto.—Uma victima do Centro Positivista; Valentim Magalhães.—O Mysanthropo, soneto: R. Corrêa.—Bólos; Chico Féruia.—Gazetilha litteraria.—Julio Ribeiro.—Victor Hugo e a Academia.—Noites eternas; V. Magalhães.—Club Beethoven.—Joaquim de Araujo.—Partida.—As trez boas fadas; Catulle Mendès.—«Et nunc et semper», soneto; Joaquim de Araujo.—Theatros.—Questão litteraria; Alfredo de Paiva.—Vida elegante; Lorgnon.—V. Hugo.—Tratos á bola; D. Pastel.—Factos diversos.—Recebemos.—Declaração.—Annuncios.

EXPEDIENTE

Terminando com o presente numero o prazo das assignaturas do 2º trimestre e do 1º semestre d'A SEMANA, rogamos desde já aos Srs. assignantes o obsequio de mandarem reformar as suas assignaturas, e aos que se acharem em atrazo o favor de mandarem saldar os seus debitos.

A's pessoas que quizerem assignar esta folha por um anno daremos de premio um exemplar do bello romance «Mattos, Malta ou Matta», que se acha no preço; ás que a quizerem assignar por seis mezes daremos o tango «A Semana 100 rs.»

Os Srs. assignantes que desejarem a collecção dos seis mezes já publicados, pagarão mais 3\$000. Para quem não fôr assignante a collecção custará 4\$000.

Aos Srs. assignantes

Com o presente numero enviamos a cada um dos nossos assignantes um prospecto d'A Semana com todas as explicações condições de assignatura, relação dos premios que offerecemos, vantagens que têm os assignantes etc.

Ora acontece que esse prospecto tem no verso uma LISTA DE ASSIGNATURAS. Se alguns dos nossos amaveis assignantes quizerem propôr aos seus amigos, ou mesmo ao seu amigo, que seja assignante d'A Semana, nós lhes protestamos a nossa gratidão eterna por seis mezes se o assignante novo fôr de um semestre, e por doze mezes se fôr de um anno.

Note-se que A Semana é, modestia á parte, o mais interessante e o mais espirituoso jornal de todo o Imperio, e que o preço da assignatura é tão diminuto que chega a commover a gente.

Os Srs. assignantes que receberem o referido prospecto, desde que hajam inscripto os nomes dos seus amigos, terão a bondade de reenvial-o a esta redacção, pelo que lhes ficará immensamente grata

A EMPREZA.

A SEMANA

Rio de Janeiro, 27 de Junho de 1885.

HISTORIA DOS SETE DIAS

A semana pertenceo quasi exclusivamente a S. João e ao Sr. Barão de Paranapiacaba, a Lafontaine e á Pyrotéchnia, ás fabulas e aos busca-pés.

No largo da Mãe do Bispo e no campo de S. Christovão, em Botafogo e no Sacco do Alferes—bichas e busca-pés; no *Jornal do Commercio* e no *Paiz*, na *Gazeta de Noticias* e na *Gazeta da Tarde*—fabulas e mais fabulas, traduzidas pelo applaudido interprete de Lamartine e Lafontaine.

Tanto umas, como outras—estrondosas, brilhantes e... numerosas, mesmo muito numerosas.

A revolta dos magarefes no Matadouro, por causa da mudança do administrador do dito, não teve, felizmente, consequencias tão graves que affectassem o estomago d'esta cidade, tão heroica quanto carnívora.

Quando terão fim estas barulhadas, escaudalos e grêres no Matadouro?

Alguns vereadores querem agora passar para o presidente da Edilidade o direito de resolver com auctoridade propria sobre toda questão attinente ao Matadouro.

Não será esta emenda peor que aquelle soneto?

Emfim, senhores edis, levem a honra da cidade, a honra e a paz, levem-nas, mas deixem-lhe—o bife!

Que, como um Francisco I sem almoço, possa ella exclamar: «Tudo está perdido, fóra o bife!»

O Dr. Cyro de Azevedo, o infatigavel e perspicaz 2º delegado de policia, descobrio a grossa maroteira de uma loteria falsificada, uma loteria madrilena arranjadinha aqui na Corte, como o vinho do Porto feito na rua do Areal, ou como as botinas Melliês da rua do Carmo.

Ora, senhores, já não nos bastavam as loterias legitimas!...

Ainda se haviam de juntar a essas innumeradas ladrocinhas legaes as—illegaes, ás verdadeiras—as falsas!

Que calamidade, pae do Céu!

Ah! Sr. Cyro da nossa alma, livre-nos de mais essa patifaria.

Bastam-nos as genuinas!

Na *Gazeta de Noticias* de hontem lê-se o seguinte:

« Diz-se que brevemente Sua Magestade o Imperador vai solicitar licença do parlamento, para uma viagem á Europa.

Será certo? »

Este boato é tão velho, tão sovado, tão chapa, que a gente, afinal, já não lhe dá nenhuma importancia.

Raro é o anno em que se não diga que Sua Magestade vae á Europa.

Tem acontecido mais de uma vez que o boato nasce lá fóra, em Paris, em Londres, ou em Buenos-Ayres; e lá se avoluma e cresce e propaga-se e vem cá nos surprehender como inteira novidade, como cousa de que não se tinha a minima noticia.

Mais de uma vez têm os jornaes europeus marcado a epocha em que deveria lá chegar o nosso Monarcha e se lhe tem preparado recepção condigna, sem

que na terra, que tem a honra e a ventura indivisíveis de ser por Elle governada, se viesse a saber de semelhantes viagens.

Emquanto a imprensa estrangeira O faz em caminho, preza do enjôo, entregue aos caprichos do salso argento,— que não aprendeu ainda a tratar com mais respeito e menos sacudidellas os vapores que levam dentro testas coroadas—Sua Magestade dorme bemaventuradamente no Instituto Historico, protegendo as letras patrias, ou nas conferencias da Gloria, protegendo a Eloquencia nacional, ou no theatro Santa Anna, protegendo o theatro brasileiro.

A gente não sabe nunca quando é que Sua Magestade está para partir. O melhor, portanto, é só acreditar que Elle vae partir para a Europa, depois que Elle já houver chegado lá.

E' o mais prudente; não acham?

A attenção publica continuou e continuará a ser vivamente occupada pelas noticias dos funeraes de V. Hugo, apothese admiravel, maravilhosa antecipaçào do pronunciamento da Historia na Posteridade.

No proximo numero daremos a traducção de um bello artigo a esse respeito publicado em uma das mais notaveis revistas francezas.

Por hoje, para fechar com chave de ouro esta engraçadissima chronica fluminense, um delicioso *impromptu* do Homem-Sol:

UM IMPROVISO DE VICTOR HUGO

Escrevera Victor Hugo no album de Mlle. Alice Ozy, actriz de grande belleza, os seguintes versos:

«Platon disait, à l'heure où l'horizon pâlit :
«Jupiter, montre-moi Venus sortant de l'onde!»
Moi, je dis, animé d'une ardeur plus profonde :
«Madame, montrez-moi Venus entrant au lit.»

Mostrando-se Mlle. Alice offerdida pela audacia do poeta, este, tomando a penna, escreveu em seguida:

«Un rêveur, quelque fois, blesse ce qu'il admire.
Les meilleurs sentiments souvent sont méconnus.
Mais je n'ai jusqu'ici jamais entendu dire
Que le vœu de Platon avait fâché Venus.»

UMA VICTIMA

DO

CENTRO POSITIVISTA

Ao artigo com este titulo publicado no supplemento d'esta folha, distribuido no dia 11 do corrente, em que relatamos o tristissimo caso de haver um distincto moço perdido o uso da razão, victima da orthodoxia de Comte, professada na capellinha miguelista da Travessa do Ouvidor n. 7, a esse artigo respondeu o Centro Positivista publicando, impressa em avulso, uma carta escripta a 27 de S. Paulo de 97 pelo Sr. Miguel Lemos ao Sr. Dr. Eiras, em cuja casa de saúde se acha em tratamento o

infeliz moço. Não pretendemos responder longamente e em detalhe a todas as falsidades e grosseiras insolencias contidas na carta do Sr. Miguel Lemos. Contentamo-nos com declarar que estamos auctorizados pelo respeitavel pae da inditosa victima do fanatismo comtista a confirmar plenamente todos os pontos da narração feita por nós e, consequentemente, a negar tudo quanto em defesa do Centro allegou o seu Pio Nonosinho.

Respeitando a dor immensa, e a indissolvel tristeza que esse facto veio lancar no coração dos paes e de toda a familia da victima do Sr. Lemos, e a repugnancia que lhes causa a revelação do seu nome, a exposição da sua magua em publico, calamus esse nome.

Mas se o Sr. Lemos tiver a petulante audacia de sustentar, ainda depois d'isto, que não foi o Positivismo a causa d'essa loucura, então já não seremos nós, mas o respeitavel pae da sua victima que lhe virá dizer qual foi a causa da insanía de seu pobre filho.

Antes de haver entrado para o *zungú* positivista, nenhum indicio de enfermidade mental, nem mesmo qualquer ligeira propensão, apresentava esse moço. Era serio, criterioso, alegre, pacato, extremamente affeioado aos seus. Depois que foi apanhado na rede do proselytismo comtista, depois de envolvido e abafado nas suas pesadas malhas *scientificas*, foi que começou a mostrar-se preocupado, melancolico, irritadigo, misanthropo; a tratar a todos com desconfiança e inexplicavel reserva, a usar de estranhas phrases, de *chapas* do Centro: o «amor da Humanidade», o «Grande Ser», o «consorcio espirital», e outras que taes. Essas manifestações inquietadoras foram dia a dia accentuando-se, crescendo, a proporção que se amudavam as suas visitas à *capellinha* e estreitavam as suas relações com o bispo e os *padrécós*.

Apenas sahia de casa para ir ao Centro e o tempo que passava em casa passava-o fechado no seu quarto, lendo Comte, Comte e mais Comte.

E' certo que elle posteriormente mostrou desejos de desposar uma moça; mas o que o Sr. Lemos não disse é que essa moça era tambem *positivista*, intimamente ligada a uma familia de futuros sacerdotes comtistas; que a sua victima apaixonou-se (à moda positivista, já se vê) por aquella moça, porque ella já estava educada nos principios de Comte e portanto mais do que nenhuma outra lhe parecia destinada para sua «eterna companheira.»

Vimos um exemplar dos *Cantos*, de Gonçalves Dias, em rica edição, offercido por elle áquella cuja mão almejava, com uma dedicatória em que se liam estas palavras: «A' minha eterna companheira»; seguidas de alguns versos de Dante.

Essa *paixão* não foi causa, foi symptoma da loucura. O mal que a esse inditoso rapaz causou o Sr. Miguel Lemos reconhece-se na profunda repugnancia que elle manifesta pelo seu ex-director e na acrimonia e exaltamento com que a elle se refere; circumstancias que se não dão quando conversa com ou sobre o Sr. Teixeira Mendes. Por este manifesta, como sempre manifestou, viva sympathia e deferencia. Em seus desarrazoados monologos elogia-o e chama-o de «victima do Miguel Lemos.»

E' melhor que este senhor não insista na defesa.

Bem está vendo que sabemos toda a verdade e estamos dispostos a nada occultar.

Não terminaremos sem dar a devida resposta ao desaforado *Post scriptum* do Sr. Lemos.

E' este:

«P. S.— Sendo talvez util esclarecer a boa fé do publico sobre este doloroso incidente, resolvi fazer imprimir e distribuir esta carta, em avulso, forma habitual das nossas publicações, visto não nos ser licito, pelos preceitos da nossa doutrina, recorrer à *industria jornalística*. Esta singela exposição bastará para os homens serios e bem intencionados. Dos outros não curamos, sinão para lamentar sinceramente os excessos a que costumam entregar-se, *arrastados pelo odio ou pela triste necessidade de explorarem escandalos, reaes ou imaginados, para viver, ou por uma e outra causa.*»

As insolencias, que *graphamos*, será breve a nossa resposta.

Responderemos apenas que, felizmente, até esta data nem o director nem os relectores d'*A Semana* ainda viveram nem vivem á custa do trabalho dos outros, recebendo *subsídio* por serviços *espirituaes*, nem andam a explorar a boa fé e a ignorancia dos seus concidadãos em proveito da panella do jantar e da sagrada madraçaria, em que, graças aos Céos, não viveram e esperam não viver nunca.

Industria jornalística! regougou desdenhosamente o Papinha, cuspindo-nos o convicio.

Antes essa, Reverendissimo, antes essa do que a «industria da orthodoxia positivista», porque ao menos aquella não se exerce de papo para o ar, á custa da ignorancia e da fraqueza do proximo.

Aquella faz homens.

Esta faz doudos e madraços.

Aquella tem feito estadistas, ministros de Estado, homens uteis e illustrados; e esta só tem produzido—ou doudos como o pobre moço de que tratamos, e os outros que como elle já travaram conhecimento com o Dr. Eiras; ou *subsidiados* como o Reverendissimo conego Miguel Lemos, que, perdida a congrua dos papalvos, atirou-se peccaminosa e soffregamente ao secretariado da Bibliotheca Nacional.

Voltaremos ao assumpto, se fór preciso.

Concluindo, damos a grata noticia de que o inditoso moço tem nestes ultimos dias apresentado algumas melhoras e ha fundadas esperanças de salvação.

Ainda bem.

VALENTIM MAGALHÃES.

O Misanthropo

«Je veux que l'on soit homme, et qu'en toute rencontre
Le fond de notre cœur dans nos discours se montre;
Que ci soit lui que parle, et que nos sentiments
Ne se masquent jamais...»
MOLIÈRE, (Le Misanthrope, act, 1^o, scen. 1.^a)

A' bocca ás vezes o louvor escapa
E o pranto aos olhos; mas louvor e pranto
Mentem: tapa o louvor a inveja, emquanto
O pranto a vésiga hypocrisia tapa;

Do louvor, com que espanto, sob a capa
Vejo tanta dobrez, ludibrio tanto!
E o pranto em olhos, vejo com que espanto,
Que, satanicos, riem-se á socapa!

Porque, desde que esse odio atroz me veio,
Só trahições vejo em cada olhar venusto?
Perfídias só em cada humano seio?

Acaso, as almas poderei, sem custo,
Ver, perspicuo e melhor, só quando odeio?
E é preciso odeiar para ser justo?!

RAYMUNDO CORRÊA.

BOLOS

O mofoeiro Laet... perdão! — o folhetimheiro Laet tomou a *Semana* á sua conta. Uma cousa nos desvaneece e nos commove até ás lagrimas: E' que Laet já dá mais um pouco de importancia á *Semana*, já lhe escreve o titulo com todas as letras, no italico do estylo.

Para elle a *Semana* já não é a *Gazeta de Honolulu*, como elle dizia com aquella chalaça que alegra de uma só vez o becco dos Afflictos por inteiro.

Não o podemos, portanto, chamar mofoeiro, sem manifestar uma ingratiidão das mais negras, sentimento a que a nossa entranha é absolutamente infensa.

Todavia, nós não podemos deixar de dirigir a Maximiano algumas palavras de censura por nos haver o malvato escorrido por sobre as fronte immortaes o veneno dos seus dizeres classicos.

Pimenta é bilioso. Pimenta, tambem como o Camillo, tem a tenia. Quando a bicha lhe rabeia lá por dentro, o infeliz não tem remedio senão estillar a peçonha para alliviar-se. Então enfurece-se e começa de esperneiar pelas patas do pachidérme, espantando as gentes, assombrando os mundos, apavorando os deuses com a sua colera olympica, espullhando o quarto peccado mortal por esses côus!

Então a gente cuida que chove chumbo derretido e esquirolas de ferro candente. Mas não é nada. Elle é quem soffre a paraphrosia do proprio veneno. A bilis que espirra o Encelado de cavaignac dilue-se no espaço como as lagrimas dos foguetes de S. João, e nem é preciso abrir o guarda-chuva. Tempestade de theatro, feita n'uma velha tampa de bahú de folha, pau com roda e fogo de resina em pó. O espectador vé, ouve... e ri-se.

A pernicie não passa dos bastidores.

Pimenta não é capaz de dizer um dos seus desaforos sem circumloquio; é o periphraza do doesto e do convicio: inventa scenas, crea personagens, e incumbe-os de lançar as contumelias aos seus desaffectedos. E' este o processo original o systematico de Maximiano Pimenta.

Tratando de um supposto commendador Rodrigues—uma invenção espi-rituosa de Paula Ney,—o venerando anciao Laet fez no seu ultimo microcosmo o seguinte circumloquio:—*Não ha muito tempo que na «Folha Nova» impugnou a gratuita asserção de um historiador litterario que dava como proprietario da «Semana» o mesmo illustrado poeta que n'essa folha é proclamado como o primeiro.*

Até aqui a insinuação é apenas sarcastica.

Mas Pimenta é manhoso e sabe fazer as cousas com geito. Nada de se comprometter. E' o grande mestre da patifaria irresponsavel. Era capaz de inventar o *testa de ferro* se já não existisse o Romão José de Lima.

O pensamento esboçado nas linhas transcriptas, é desenvolvido e completado pouco abaixo:—«Nestas condições, hoje, que tão decadente se acha o jornalismo nacional, só conheço o estabelecimento aqui da esquerda. O commendador não olha para sacrificios, comtanto que o acclamem, pelo menos, o primeiro prosador deste hemispherio.»

A insinuação aqui é directa. Este periodo ligado ao outro dá uma infamia que pode ser traduzida nesta phrase simples:—«O Dr. Luiz Delfino paga á *Semana* para que esta o acclame primeiro poeta nacional.»

Aquillo, porém, deixa de ser uma injuria para ser uma retaliação: Tem

dito que Pimenta recebe ordenado do *Jornal* para insultar quem passa, e Pimenta retalia dizendo que nós recebemos paga para acclamar Luiz Delfino.

Mas existe esta differença fundamental:—O *Pachidérme* paga a Laet, e Laet quasi mais nada faz do que insultar conhecidos, desconhecidos, amigos e até collegas seus do professorado; ao passo que Luiz Delfino ainda não gastou com a *Semana* nem talvez mesmo o tostão do numero avulso. Luiz Delfino nem ao menos é assignante d'A *Semana*, o que, entretanto, nos não consentiriamos, visto que o grande poeta é nosso collaborador e já por vezes tem aspergido estas columnas com o intenso perfume oriental e exquisito dos seus versos. A *Semana* fundou-se por meio de accões que foram distribuidas por amigos dos fundadores, alguns dos quaes ficaram com trez e quatro — e Luiz Delfino nem sequer tem uma, pois que se lhe não pedio tal obsequio. Mesmo, porém, que se lho pedisse, isso não poderia obrigar-nos a dizer o que, em consciencia, não pensassemos do seu merito ou das suas qualidades; nem, por outro lado, poderia fazer-nos ter escrúpulos quando quizessemos sustentar que elle era um genio, se por ventura tal o julgassemos.

Não ha favores, nem obsequios, nem protecção, que possam obstar a que digamos, quando for necessario, a inteira verdade em prol ou contra quem quer que seja, mormente em questões de litteratura e de arte.

Esta força e esta franqueza, tiramol-as da propria qualidade que Pimenta parece desleñar, quando, com pillas de graça, nos appellida—*mancebos*. Tiramol-as da nossa mocidade, venerando anciao! da nossa mocidade!

E agora, vetusto Pimenta, visto que já vão tão longe as suas verduras, desdobre para ahí o seu alcobaca, abra a boceta do *amostrinha* e tome... tome, que quando se fizer preciso nos lhe daremos para o seu tabaco.

Até á vista.

CHICO FÉRULA.

GAZETILHA LITTERARIA

Livros Francezes

São tantos os que nestes ultimos dias irradiaram de Paris para todos as livrarias do mundo, envolvidos na faixa do *Vient de paraître!* que dar de todos elles noticia, por mais laconica, seria occupar todo o espaço d'A *Semana*.

Tomei por isso a resolução sensata e prudente de resenhar apenas os mais importantes; o que não será pequeno trabalho.

Recommendam-se especialmente entre os innumerados livros francezes, recentemente publicados, os seguintes:

HISTORIA E BIOGRAPHIA

ERNEST LAVISSE.—*Etudes sur l'histoire de Prusse* (Hachette) Estudos magistraes. O capitulo consagrado á historia da Universidade de Berlim é notavel.

COMTE DE BARRAL.—*Etude sur l'histoire diplomatique de l'Europe*. 1º volume da 2ª parte. 1648—1783. (Plon)

GENERAL AMBERT.—*Recits militaires*. Obra patriotica, mas nem sempre imparcial nas apreciações politicas.

GEORGES LECOQ.—*Un manifeste de Gracchus Babeuf*.—Curioso documento inedito; precedido de uma interessante noticia de Gracchus por Lecocq. Obra dedicada aos amadores de curiosidades historicas.

FUSTEL DE COULANGES.—*Recherches sur quelques problèmes d'histoire*. Preambulo a um grande estudo do feudalismo. (Hachette).

CH. DE MONY.—*Discours sur l'Histoire de France*. (Hachette).

AUGUSTIN CHALLAMEL.—*Souvenirs d'un hugoldtre*. Estudo da geração litteraria de 1830. Jules Levy.

MME. COIGNET.—*François I.* (Plon).

A. HOUSSAYL.—*Mes confessions*. Souvenirs d'un demi-siècle—2 vols. Dentu.

GABRIEL SÉAILLES.—*Alfred Dehodencq*. (Paul Ollendorff)

ALFRED ASSELINE.—*Victor Hugo Intime*. (Marpon & Flammarion)

LUCIEN PÉREY E GASTON MAUGRAS.—*La vie intime de Voltaire aux Délices et à Ferney*. Calmann Levy. Documentos novos e ineditos, entre os quaes, 54 cartas de Voltaire. Obra de tal valor que se espera será coroada pela Academia Franceza.

LITTERATURA, PEDAGOGIA

DELTOUR.—*Histoire de la litterature grecque* (Delagrane).

EMILE FAGUET.—*Mme. de Maintenon institutrice* (Oudin et Lecène).

LOUIS ULBACH.—*Misères et grandeurs litteraires*. Livro interessantissimo (Calmann Levy).

MERLET.—*Les grands classiques grecs*. (Hachette).

GASTON PARIS.—*Litterature française du moyen âge*. (Hachette).

CH. L'ONGME.—*Code manuel de l'enseignement* (Oudin et Lecène).

GÉOGRAPHIA, VIAGENS

J. GIRARD.—*Les rivages de la France* (Delagrane).

ORSOLLE ET BOUVALLOT.—*Le Caucase et la Perse—Du Kohistan à la Caspienne*.

BARON DE MAUDAT—GRANCEY.—*Visite à l'Oncle Sam* (Plon).

J. LECLERCQ.—*Voyage au Mexique—De New York à Vera Cruz par terre*. (Plon).

DENIS DE RIVOYRE.—*Aux pays du Soudan*.

ROMANCE

Muitos, muitissimos; mas muito poucos de elevado valor litterario. Distinguem-se comt

MARC MONNIER.—*Après le divorce*. (Calmann Levy).

A. CHABOT.—*Mariette Thibau*. (C. Levy)

ROGER BALLU.—*Une vie d'artiste* (Basset).

EDOUARD DELPIT.—*Les souffrances d'une mère*. (C. Levy).

MME. CARRETTE.—*L'outrage* (Dentu).

JULES MARY.—*La Bien-Aimée* (Dentu)

LOUIS DE SANDOK.—*La vocation de Valentin*. (C. Levy).

JULES DE MARHOLD.—*Casse—Noisette*—Contos fantasticos.

ANDRÉ LE BRETON.—*Le crime des autres*—Livro implacavel, grosseiro, violento. (P. Ollendorff).

JULES CASE.—*Une bourgeoisie*.—Livro de observação severa e inflexivel, mas delicada e verdadeira. (V. Havard).

ANDRÉ MONEGY.—*Fiamma*. (Ollendorff).

FRANÇOIS VILARS.—*Roland d'Escours* Obra interessante e moral, de estylo delicado. (E. Plon, Nourrit & C.)

POESIA

Trez estréas por semana—pelo menos; na maioria pouco auspiciosas. Recommendam-se especialmente:

ALBERT SAINT PAUL.—*Les encensoirs*. Este poeta é discipulo de Coppée.

M. DE LA ROCHE—AYMON.—*Elegies de Properce*. traducção em verso. Preciosa joia litteraria e typographica. Pertence á encantadora *Petite collection antique*.

DIREITO

ACCOLLAS.—*Les successions*. (Delagrane)

PUBLICAÇÕES ANUNCIADAS

O editor Hennuyer vaco começar a publicação de uma «Bibliotheca ethnologica», cuja direcção está confiada aos Srs. Quatrefores e Humy.

O primeiro volume terá por título: *Les Astèques: histoire, mœurs, coutumes* e por auctor LUCIEN BIART.

Les propos de table de V. Hugo; RICHARD LESCLIDE (que foi durante 15 annos amigo, hospede e secretario do Mestre.)

CONTES ET NOUVELLES—auctor: GUY DE MAUPASSANT.—(Charpentier).

Les mémoires d'un commis-voyageur, romance por BEUGNY d'HAGERUE. (Pon-Nourrit.)

Dictionnaire general des pêches, por HENRI DE LA BLANCHÈRE. Nova edição, em 50 fasciculos; (Delagrane.)

Do edictor Jules Lévy mais dois romances: *L'attentat Sloughine*, por HUGUES LE ROUX e *La chemise*, por MME. AMELIE VILLETARD. Este ultimo deve ser fresco. Tratando de *la chemise* receia-se que a auctora fique... sem ella! O edictor Charpentier promette para muito breve, como já noticiámos no nosso numero passado—*Sophie Arnould*, romance pelos irmãos GONCOURT. Este estudo não é mais do que o primitivo, com o mesmo titulo, mas notavelmente desenvolvido, e tanto que se tornou uma obra inteiramente nova.

Le Père Goriot, no prelo, será o terceiro volume da «Collection des chefs d'œuvre du roman contemporain, do edictor Quatin. Os dois primeiros volumes são: *Monsieur de Camors* e *Madame Bovary*.

Livros Brasileiros

Deve apparecer nos primeiros dias de Julho o volume das *Cartas sertanejas*, de Julio Ribeiro. Será precedido pelas considerações que a seu proposito fizeram Valentim Magalhães, n'esta folha, e Henrique de Barcellos no *Correio de Campinas*.

Julio Ribeiro

Podemos annunciar a collaboração effectiva d'este notavel critico e polemista, hoje muito conhecido pelas suas vibrantes e ruidosas *Cartas sertanejas*; para não falarmos em sua celebre grammatica, que lhe deu fóros de abalissado philologo. Julio Ribeiro prometteu enviar semanalmente á *Semana* algumas tiras de papel cobertas pela sua letra nervosa de anatomista social e litterario.

Acreditamos que esta noticia agradará sobremodo aos nossos leitores.

Victor Hugo e a Academia

Victor Hugo, desde 1841, data de sua entrada para a Academia Franceza, viu morrer oitenta e sete immortaes:

Em primeiro logar os trinta e nove academicos de 1811, que eram: de Pastoret, Mignet, Brifant, Scribe, Molé, de Bonald, Guizot, Baour-Lorman, Casimir Delavigne, Guiraud, de Barante, de Pongerville, Lacuée de Cessac, Ph. de Segur, Thiers, Charles Nodier, de Féletz, de Salvandy, P. A. Lebrun, de Lacroix, Soumet, Campenon, Flourens, Mgr. Frayssinous, Chateaubriand, Lamartine, Alexandre Duval, Fourier, Tissot, Villemain, Jay, Etienne, Dupaty, Roger, Droz, de Jouy, Viennet, Dupin, Royer-Collard.

E depois d'estes: de Saint-Aulaire, Duque de Broglie, Ancelot, Ponsard, Autran, Sainte-Beuve, Janin, Ampère, Prevost Paradol, Gratry, Saint-René Taillandier, Vatout, Berryer, Jules Favre, Alfred Musset, Alfred de Vigny, Montalembert, de Rémusat, Merimée, de Tocqueville, Lacordaire, Biot, de Loménie, de Carné Vitet, Saint Marc Girardin, Claude Bernard, Duque Pas-

quier, Ballanche, de Saint-Priest, Cousin, Mgr. Dupanloup, de Sacy, Patin, Empis, Duvergier de Hauranne, Dufaure, Littré, de Champagny, de La-prade, Auguste Barbier, Charles Blanc, Jules Sandeau, Mignet, J. B. Dumas, Henri Martin, Conde d'Haussonville e Edmond About.

Viu entrar para a Academia: Duque de Noailles, Nisard, Legouvé, de Falloux, Augier, Duque de Broglie, Feuillet, Camille Doucet, Cuvillier-Fleury, Emile Ollivier, Xavier Marmier, Duque de Aumale, Camille Rousset, Barão de Viel-Castel, Mezières, Alexandre Dumas, Caro, John Lemoine, Jules Simon, Boissier, Sardou, Renan, Taine, Duque d'Audiffret, Labiche, Maxime du Camp, Rousse, Sully Prudhomme, Pasteur, Cherbuliez, Mgr. Perraud, Pailleton, de Mazade, Coppée, de Lesseps, Victor Duruy, Bertrand e Ludovic Hallévy.

Cento e vinte academicos tiveram a honra de occupar uma cadeira da Academia no tempo de Victor Hugo.

Noites eternas

Como, porque, quando começou o uso de festejar Santo Antonio, S. João, S. Pedro e Sant'Anna—com fogo?

Curioso estudo, interessante investigação a fazer.

O que é certo é que essas noites são das mais bellas e das mais saudosas do anno.

Quanto feitiço e encanto, que suave e callido perfume, que doce melancolia nas ricas e pittorescas tradições d'estas noites!

Que poesia! que deliciosa e inimitavel poesia n'essas noites maravilhosas, em que fala o Destino solemnemente, mysteriosamente, nos mil e um engenhados meios de consultal-o:—nas cartas, na agua das fontes e dos lagos, nas folhagens de certas arvores, nas pétalas de certas flores; no cucuritar dos gallos, no pipiar dos passarinhos, na clara encantada dos ovos abertos e expostos ao sereno!

Quantos poemas, quantos, n'essas horas fugazes e enfeitadas, deliciosas e terríveis!... Quantas saudades e quantas recordações immortaes! Consulta o teu coração, leitor, quem quer que sejas; consulta-o, pergunta-lhe: « Lembras-te...? » E no fundo da tua alma, subitamente illuminada pelo vivo luar da memoria, uma resurreição se fará. A immensa roda impiedosa e insustavel do Tempo desandarà para traz, para traz! —até que de novo te traga a noite, *aquella* noite de Santo Antonio ou de S. João, de tal anno, aquella noite que nunca, nunca mais se apagará do teu espirito, como estrella que empallidece mas não morre,—uma estrella de amor! ou que nunca, nunca mais se descravará do teu coração, como um punhal assassino—o punhal de um desengano ou de um remorso! que excrucia e envenena a ferida; a qual, no entanto, o ama, e vive da morte que lhe elle dá.

Prodigio! Milagre!... Vés novamente o logar e as personagens, as minimas particularidades, os mais insignificantes detalhes d'aquelle episodio da tua existencia—: a fogueira flammejante, estralando alegremente, espirrando faúlhas pelo ar frigid, misturando ás brumas hybernaes a sua fumarada revolta, chammallotada de flammias, picada de brazas; e as crianças e as moças assando as batatas, as cannas, os carás, em gritos de susto, confundidos em risadas frescas, sonoras na limpidez do luar e no frio da noite, como um choque de taças de crystal, humidas de vinho dourado!

E os jogos, as adivinhações, os brincos, innocentes nem sempre, mas sempre deliciosos! E entre o livro das sortes e os

gorros igneos das pistolas, ao som do piano ou ao chorar da viola, surgirá, luminosa e risonha, a imagem bem dita *d'aquella* que amaste, d'aquella que te amou e que é hoje a tua companheira adorada, a tua querida mulher, a mãe dos teus filhinhos!—santa creatura, boa como um anjo, bella como toda mulher amada!

Então, se a tens a teu lado, dir-lhe-has n'um beijo o que nem eu, nem tu mesmo poderias dizer! Se a perdeste—será uma lagrima, d'essas que levam consigo os corações, será uma lagrima que contará, silenciosamente, o que foi aquella noite eterna!

Verás tambem, novamente, ao clarão da lua e dos fogos, a cabeça respeitavel e querida de teu pae, olhando-te com os seus grandes olhos, que a recordação torna maiores e mais brilhantes; ou a cabeça branca e sagrada de tua mãe, sorrindo-te, a ti e aos teus irmãos e ao céu e á natureza e a Deus, na amargurada delicia, no santo orgulho da sua maternidade!

E aquella beijo ardente, demorado, enlouquecedor, sorvido ás furtadellas, atraz do tufo perfumoso de uma roseira, em meio a uma corrida, no episodio de um jogo?! E aquella abraço maldicto que *ella* deu—bem o viste!—no *outro*, no jogo de prendas, porque disse que o *aborrecia* e que te amava?! Ah! antes houvesse amado o *outro*, porque te houvesse abraçado a ti!...

Ah! tudo, tudo d'essa noite te volta aos olhos e aos labios, do fundo do teu coração,—que recuperou de toda a memoria, por milagre do santo festejado—tudo te volta aos labios e aos olhos em uma onda de beijos e risos ou em uma onda de lagrimas!...

Os que já tiveram a sua noite de Santo Antonio ou de S. João—e quem a não teve?—reviveram-na agora; os que agora a têm, revivel-a-hão amanhã, depois, um, dois, vinte annos mais tarde...

Oh! a saudade! A saudade é a vida eterna!

Infeliz aquella a quem o céu d'essas noites,—mais estrellado de *machinas* do que de estrellas,—não lembra nada!

Pobre coração—o que á pergunta d'estas festas populares, tão formosas e tão puras!—á pergunta que fazem os balões subindo vacillantes, de varias cores, os foguetes chorando pedrarias de fogo nas nuvens, as cartas da China espoçando em rufos de tambores, os rugidores rojões e as fogueiras enormes, lambendo longe, com a ponta das compridas linguas de fogo, as frondes dos arvoredos discretos, rechinando e crepitando alegremente—: a essa pergunta: « Lembras-te?... » sómente possa responder, sem um sobresalto de prazer, ou sem um confrangimento de dor:— « Não me lembro!... »

Desgraçado—o homem a quem a alegria dos outros não faz rir, nem chorar!

25 de Junho de 1885.

VALENTIM MAGALHÃES.

Club Beethoven

Se as leitoras fluminenses cuidam que o Club Beethoven é avaro sómente das suas musicas, dos seus jornaes, revistas, e palestras, ainda não conhecem até onde pôde ir a perversidade e o egoismo do homem. Não, minhas senhoras: ha mais thesouros n'aquella caverna. Escondem-se alli outras joias, que bem podiam fulgir na vossa frente, se a lei inflexivel, *dura lex*, não atasse as mãos aos directores.

Parte d'essas joias tirou-as antehontem do cofre de sandalo em que as guarda o nosso eminente orador Dr

Ferreira Vianna. Era dia de conferencia, a segunda das que elle se propoz fazer sobre esthetica. Casa escolhida e attenta; algumas cabeças politicas, outras litterarias, todas de bom gosto, e deante d'ellas o orador tantas vezes ouvido e acclamado.

Versou a conferencia sobre a acção do bello na alma do homem, e difficuldade de uma boa definição da scusção esthetica; thema vasto e profundo, que nas mãos de um homem como o Dr. Ferreira Vianna devia dar o que deu, e que o auditorio encantado recolheu de seus labios. Pontos houve em que não foi possível conter os applausos.

Não falta nada ao orador para impressionar:—domina o assumpto, e dispõe da palavra. O que esta palavra é não será preciso dizel-o ao leitor fluminense, que já a ouviu no parlamento, na escola, no cominício popular, e até na tribuna religiosa, onde tem a unção evangelica, assim como tem a invectiva na tribuna politica.

A conferencia durou cerca de uma hora, e terminou com uma roda de palmas. Consta-nos que a terceira será quinta-feira proxima.

Joaquim de Araujo

Este nome não pôde ser estranho aos nossos leitores. É o de um poeta portuguez, moço e distincto; é o do auctor da *Lira Intima*—uma auspiciosissima estreia.

Conhecido entre nós, gósa em sua patria de uma bella aurea, gallardamente conquistada.

Joaquim de Araujo acaba de confundir e encantar *A Semana*, enviando-lhe, dirigidos ao seu director, além de uma carta extremamente amavel e de um exemplar da *Lira Intima*, quatro formosos sonetos inéditos. Carta, livro e sonetos são gentilissimas finessas; que *A Semana* agradece com honra e desvanecimento.

Eis um topico da carta:

« Tenho lido com o maior prazer os numeros da *Semana* que V. redige com finissimo bom gosto de verdadeiro artista do nosso tempo, e desde muito que tencionava escrever-lhe, a felicital-o e a saudar essa forte e valente legião de escriptores, exuberantemente cheios de sol e de mocidade, que com V. desfaldam a bandeira do Talento e da Arte.»

Transcrevêmos esse trecho, encantadoramente lisongeiro, não por mero desvanecimento, mas para ainda uma vez registrar a maneira porque tem sido *A Semana* recebida em Portugal pelos legitimos representantes da sua aristocracia litteraria. Todas essas palavras de louvor e todas essas provas de apreço são incitamentos poderosos á luta e á victoria. Folgamos tambem e muito em que por meio da nossa modesta folha se estreitem as relações litterarias entre os dois povos irmãos, tornando mais conhecidos em Portugal os escriptores brasileiros, e vice-versa.

Agradecendo a Joaquim de Araujo as suas distinctas finessas, promettemos occupar-nos proximo do seu livro, em ligeira apreciação critica.

Publicamos hoje o soneto *Et nunc et semper*, que serve de epilogo ao poema inédito—*Camões*. É todo em sonetos esse poema, que está no prelo. Será precedido de uma cartaprolago por Eça de Queiroz, amigo do poeta.

Na arte ha apenas uma tinta indelel. É aquella com que o Dr. Fausto assignou o contracto com o diabo:—sangue.

GUERRA JUNQUEIRO.

Partida

Regressam amanha para S. Paulo os Srs. Gaspar da Silva e Julio Ribeiro, redactor e collaborador do *Diario Mercantil*. Durante a sua curta demora nesta cidade puderam verificar o quanto são aqui considerados os seus nomes e estimadas as suas pessoas. Desejamos-lhes excellente viagem.

AS TREZ BOAS FADAS

(VERSÃO DE RODOLPHO PORCIUNGULA)

Havia n'aquelle tempo trez fadas chamadas Abondia, Myrtilia e Caricinia, que eram meliores que todas aquellas que pudessem ter existido. Não conheciam prazer maior que o de proteger os desgraçados, e n'isso empregavam ellas todo o seu poder. Nada as decidia a assistir aos bailes dados por suas companheiras na floresta de Broceliandia em noites de luar, nem tão pouco aos festins em que sylphos servem de escudeiros e vertem gottas de orvalho em calices de lyrios,—o que no dizer de Thomaz, o trovista, é a cousa mais agradável do mundo—se não tivessem já n'esse dia dissipado muitas angustias humanas; e de tal modo as ouviam que de muito longe eram por ellas escutados os soluços dos corações e o rorejar das lagrimas. Abondia, que de preferencia visitava os arredores das grandes cidades, apparecia repentinamente nas pobres mansardas, e para isso quebrava, umas vezes, um vidro que era logo substituido por um diamante, sem que houvesse necessidade de vidraceiro; outras vezes, disfarçava-se em tenuissima fumaça de lar quasi apagado e, presa de compaixão por aquelles que tiritavam, morrendo de fome e faltos de trabalho, ella com um simples sorriso transformava esses frios e miseraveis albergues em sumptuosos palacios, cheios de bellos moveis, de guarda-comidas repletos e de cofres onde abundavam moedas de ouro.

Myrtilia, não menos caridosa, procurava sobretudo os camponezes pobres que nas suas choças se lamentam porque a neve queimou a promettedora flor das searas, e que, entre o armario sem pão e a arca sem roupas, intimamente se perguntam se não seria melhor deixar os filhos nos bosques, não tendo com que os vestir nem que lhes dar a comer. Facilmente então ella os animava, quer offerecendo-lhes efficazes talismans, quer aconselhando-os a fazer promessas que nunca deixavam de ser cumpridas; e aquelles mesmos que trez minutos antes não tinham com que dar de csmola a um pintasilgo que lhes batesse á vidraça, viam-se repentinamente transformados em ricos burguezes, tendo casas bem sortidas de tudo, ou em poderosos monarchas com palacios de porphyrio e pedrarias. A Caricinia pertenciam os pezares dos amantes, porque isso a commovia mais que todas as amarguras. Tornava fieis as namoradeiras e os inconstantes, fazia compassivos os corações dos paes avarentos, que se oppõem á felicidade dos filhos; e quando sabia que algum velho mendigo das estradas se tinha enamorado da filha de um rei, ella o metamorphoseava em um principe bello como o dia, para que elle pudesse desposar a sua bem amada. E se continuassem as cousas sempre assim deixaria de haver miserias e amarguras graças ás trez boas fadas. Mas isso não seria muito do agrado de certo cruel feiticeiro, que era dotado dos mais perversos sentimentos para com homeus e mulheres. Só a lembrança de que se deixaria de

soffrer e de chorar sobre a terra lhe causava tormentos insupportaveis.

E não podendo saber qual das trez boas fadas mais detestava, tinha por ellas o maior odio. Resolveu por isso um dia impelir que ellas fossem a felicidade dos desgraçados; cousa que era para elle facilissima em vista dos grandes poderes de que dispunha.

Fel-as comparecer á sua presença e, depois de encr espalho o sobrolho, disse-lhes que durante muitos séculos ficariam privadas dos seus fericos dons; accrescentando que se d'elle dependia o transformal-as em reptis repugnantes ou em objectos, como pedras, troncos ou regatos; mas que, compassivamente, se se dignava de transmutal-as n'aquillo em que mais lhes agradasse cumprir a inexorável pena.

Ninguém poderá calcular o prazer que sentiram as tres fadasinhas; não porque perdessem glorias e privilegios, ou porque muito lhes custasse a renunciar aos bailes da floresta de Broceliandia e aos festins dos palacios subterraneos illuminados por sóes; o que muito e muito as penalisava era que não mais poderiam vir em socorro dos desgraçados.

« Pois que! pensava Abondia, homens e mulheres morrerão de frio e de fome pelas mansardas sem que eu mais os possa consolar?! » E Myrtilia dizia consigo: « Que virá a ser dos camponezes que junto do lar apagado choram porque a neve lhes crestou os ramos dos pomares em flor? Quantas creanças ficarão abandonadas pelos matos, não vendo outra luz que a dos olhos dos lobos que as espiam ou a lanterna acceza ao longe pela mulher do lobishomem? » E Caricinia, soluçando, meditava: « Como os amantes vão soffrer! E ain la hoje mesmo soube que um pobre cantor das ruas, sem eira nem beira, morre de paixão pela princeza de Trebisonda.

Infeliz d'elle porque, coitado, sem mim não poderá desposal-a!

E todas as trez boas fadas se affigiram por muito tempo; soffriam, soffriam todas as dores que de ellas não poderiam fazer alegrias e com ellas derramavam todas as lagrimas que já não enxugariam.

Sinceramente, porém, no meio do seu desespero ainda lhes restava uma pequenina consolção. Era-lhes permittido escolher a apparencia das cousas sob a forma das quaes vivessem junto dos homons e, graças á feliz escolha que fizessem, talvez pu lessem exercer ainda a sua benefica influencia.

Embora reduzidas á impotencia das cousas mortaes ou perciveis, não seriam completamente iuteis aos desgraçados.

Puzeram-se então a pensar no que seria melhor escolher para não deixarem de ser boas.

Abondia, lembrando-se dos seus pobres, desejou ser uma pessoa muito rica, muito rica, que sem conto pudesse fazer esmolal; mas pensando nos lares apagados e nos frios catres, não lhe desagradaria ser chamma ou bom leite onde descansam os miseros trabalhadores. Myrtilia queria ser rainha para fazer cortezãos agaloados de todos os camponezes esfarrapados, ou então ser o raio que desviasse as nuvens malevolas, ou a boa lenheira que guiasse os pequeninos perdidos á morada paterna. Quanto a Caricinia, na intenção que tinha de ser boa aos corações, consentiria de bom grado em ser transmutada em esposa boa, fiel e sincera, teudo por cuidado unico a felicidade do esposo, ou então em noiva timida e apaixonada.

Vinham-lhes, porém, outras idéas e hesitavam, comparando as vantagens

de outras metamorphoses, quando lhes disse o Feiticeiro:

— Então, já resolveram? Ha muito que pensam e eu não tenho tempo a perder. Que desejam ser? Andem, digam depressa.

Fez-se grande silencio; afinal disse Abondia:

— Pois seja eu o vinho que se bebe nas tabernas dos arredores das cidades, porque melhor que o pão da esmola e o calor dos lares e o repouso dos leitões, a embriaguez consola os corpos cansados e os tristes corações.

— E seja eu, disse Myrtilia, as cordas do violino d'um velho menestrel! Por que muito mais que os trajes agaloados em substituição dos andrajos, que a fuga das nuvens ameaçadoras, e que a volta á casa das creanças perdidas, a canção que faz dançar, é boa aos miseráveis.

— E eu, disse Caricinia, quero ser a bohemia das encruzilhadas, que offerece aos viandantes o seu riso e os seus beijos. Porque é no amor livre, louco, de acaso, sem decepções nem saudades, que o homem esquece o tédio e o desespero da vida.

Desde esse tempo Abondia ri nos copos cheios, á mesa das tavernas; Myrtilia faz dançar nas bodas campesinas, debaixo das grandes arvores da praça, ou nos terreiros das estalagens. E são felizes, as boas fadas decalhadas, pela alegria que dão, mas invejam a sorte de Caricinia, pois sabem que só ella faz a melhor das caridades.

CATULLE MENDES.

(*Les contes du rouet.*)

Et nunca et semper...

(EPILOGO DO POEMETO INEDITO—CAMÕES)

E as Idades passaram triumphantes...

No descanso do tumulo, os heróes
Dormem na paz herculea dos gigantes
Allumiados ao fulgor dos sóes!

Cantae-lhe os hymnos que fariam d'antes
Ir á victoria homérica; depois
Achareis que esses tragicos athlantes
Já nem ouvem sequer os rouxinóes!

Mas vel-os-heis surgir altivamente,
Nas mãos o gladio impavido, luzente,
Ao soar entre os povos e as nações,

No ambiente dos tempos, firme, erecta,
A palavra de luz d'esse propheta,
O verbo gigantesco de Camões!

1885.

JOAQUIM DE ARAUJO.

THEATROS

Subio finalmente na terça-feira á scena do Polytheama a grande magica de ha muito annunciada para estreia da companhia Fanny. Chama-se *O genio do fogo* e é original do actor Primo da Costa, habil ensaiador e director de scena da companhia.

Esta magica tem, como todas as outras, o seu rei, o seu principe, o seu escudeiro, a sua princeza, as suas fadas e o diabo; mas a diabo aqui não é o conhecido e já desacreditado satan de bigode torcido e pera aberta, com cabelleira vermelha e cilios arrepiados. Não é diabo, é genio máu; tão máu quanto preto e tão preto quanto pôde ser o po de sapatos. Ha, entretanto, algumas novidades, como diversos aerostatos, uma grande bicharia e varias descidas e ascensões de muito effeito.

A encenação é que é de veras deslumbrante e magnifica! Nunca em theatro algum nacional vimos tamanho luxo, nem tão bellos effeitos scenicos.

Grande esplendor de luzes e de fogos de bengala. Os scenarios são riquissimos e revellam em seu auctor, Gaetano Carancini, um artista de grande merito.

O quadro do fundo do mar, o que se lhe succede e representa um grande lago em que se reflectem as arvores da margem, o da serra do segundo acto que dá passagem para a habitação do genio das tormentas, o do *monstro das fauces de fogo* e ainda outros de menor importancia, são obras de mestre em cousas de scenographia e fariam a reputação de um artista qualquer.

Os adereços e, os vestuarios riquissimos e brilhantes.

A despeza da montagem do *Genio do Fogo* deve ter sido extraordinaria.

A peça tem algumas situações boas e engraçadas, e, de quando em quando, até tem espirito.

O desempenho das magicas cabe sempre mais ao machinista do que aos actores.

Pois pôde-se dar parabens a um e aos outros.

Machado fez rir muito com o seu escudeiro, Monclar fez bem o seu principe, Flavio arranjou menos mal o seu rei Agorda 32 e Clelia, Clementina e a emprezaria Fanny—pequeno elogio se lhes pôde fazer se se disser que fizeram bem os seus papeis, porque não é em papeis de magica que se vae julgar um artista.

Estreou nesta peça a disincta pianista Luiza Leonardo, que se lembrou de se fazer actriz, apezar da boa reputação de que gosava como pianista. Teve pequenos papeis episodicos que desempenhou regularmente, parecendo ter jeito para a scena.

A musica da peça, que tem trechos muito bonitos e de uma certa originalidade, é do Sr. Dr. Cardozo de Menezes.

Parabens pois á graciosa emprezaria e ao Primo da Costa.

E', a pedido de S. M. o Imperador, na proxima sexta-feira, 3 de Julho, o beneficio de Lucinda Furtado Coelho, com a *première* do *Casamento de Figaro*, a celebre peça de Beaumarchais, traduzida por Arthur Azevedo.

A distribuição é a seguinte:

Figaro, Sr. Baptista Machado; Conde d'Almaviva, Sr. Furtado Coelho; D. Gusmão, Sr. Martins; D. Bartholo, Sr. Heitor; D. Basilio, Sr. Peixoto; Antonio (jardineiro), Sr. Teixeira; Geronio (creado), Sr. Louro; o escrivão, Sr. Estevão; Pedrito, Sr. Portilho; Suzana, Sra. Lucinda F. Coelho; Condessa de Almaviva, Sra. Luiza Lopes; Marcellina, Sra. Margarida; Cherubim, Sra. Sara; Panchita, Sra. Branca.

Camnonezes, camponozas, fidalgos e gente do povo, etc. etc.

Epocha Luiz XVI—Hespanha.

F. ANDÔ

O distinctissimo actor Flavio Andô, primeiro galan da companhia dramatica italiana, que actualmente trabalha no theatro S. Pedro de Alcantara, e de que é emprezario o Sr. C. Ciacchi, fez-nos uma visita no dia 24 e entregou ao director d'esta folha uma carta que de Montevidéo lhe trouxera.

Não podemos ainda ir apreciar o distincto artista, de quem se nos falla com os maiores elogios.

Agradecemos ao Sr. Andô a delicadeza que usou para conosco e desejamos-lhe que inspire ao publico a mesma sympathia que nos inspirou a nós. Esperamos poder proxicamente occupar-nos do seu trabalho com a attenção que merece.

QUESTÃO LITTERARIA

Aos Srs. que ainda não enviaram o seu voto e desejem fazel-o, avisa novamente a Redacção que o prazo para recebimento dos votos terminará no dia 10 de Julho proximo.

Por falta de espaço não continuamos hoje a publicação dos votos apurados.

Transcrevemos em seguida o trecho do opusculo do Sr. Alfredo de Paiva, em que manifesta o seu parecer acerca d'esta questão:

« Estamos no seculo XVIII.

Distinguem-se na poesia lyrica: Thomaz Antonio Gonzaga, Claudio Manuel da Costa, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, Silva Alvarenga e Souza Caldas.

Na poesia epica destacam-se os nomes de Basilio da Gama, que escreveu o *Uruguay*; e Santa Rita Durão, que compoz o *Caramurú*, poema epico do descobrimento do Brazil.

Nenhum d'estes poemas, porém, tem merito verdadeiramente real.

O *Caramurú* baseia-se em uma d'estas lendas, que sempre precedem á formação das nações.

O visconde de Almeida Garrett escreveu sobre esse poema com imparcialidade.

Notou affectação no estylo; e achou como de facto, que o assumpto não era verdadeiramente heroico.

Frei F. de S. Carlos architectou o seu poema religioso *Assumpção*, a respeito do qual escreveu o conego Dr. Fernandes Pinheiro:

« Não pertence este poema á categoria dos historicos, nem dos romanescos; ningnem, porém, lhe contestará os predicados de legendario e mystico.

Gizado pelo modelo da *Messida* e do *Paraizo Perdido*, seguiu muito de perto as pegadas de Sannazaro no seu (hoje tão justamente esquecido) poema appellidado—*De Partu Virginis* e, sobre teta destituida de interesse dramatico, conseguiu bordar painel de lindas e variegadas cores, realçadas por finissimos toques.»

Comtudo, ninguem fará a injustiça de qualificar a qualquer d'estes espiritos—de grandes poetas.

No principio d'este seculo encontramos:

Mello Franco que escreveu o—*Reino da Estupidez*.

O conego Januario da Cunha Barbosa, que escreveu a bellissima poesia *Nitheroy*, que foi apreciada por Santiago Nunes Ribeiro, nos seguintes termos:—Na primorosa e brilhante metamorphose de *Nitheroy*, a fabula é fundada sobre as bellas ficções da Grecia; mas a novidade da scena escripta pelo Sr. conego Januario, a grandiosa idéa de dar ao colossal mancebo megatherios e mamouths por animaes domesticos, a agglomeração de combros e penhascos que elle sotopõe uns aos outros; a serra dos Orgãos, escada immensa que lhe deve servir para assaltar os céos, tem um não sei que de americano, que mais facil é sentir do que explicar.

O padre Silverio Villela Barbosa, depois marquez de Paranaguá; Luiz P. de Oliveira Pinto da França e J. G. F. dos Santos Reis distinguiram-se como poetas.

José da Natividade Saldanha, José Bonifacio de Andrada e Silva, Domingos Borges de Barros, depois Visconde da Pedra Branca, Manoel Alves Branco, depois Visconde de Caravellas.

O visconde da Pedra Branca, tinha queda para o erotismo. Imitou ao emiliente Bocage—o grande repentista.

Além d'estes, tivemos Laurindo Rabello, Junqueira Freire, Aureliano Lessa, Macedo Junior e outros.
Luiz Guimarães Junior scintilla ainda com brilho admiravel.

Passo agora a tratar de dois poetas que, propositalmente, reservei para servirem de cupola ao meu modesto trabalho.

Estes dois poetas são: Domingos José Gonçalves de Magalhães e Manuel de Araujo Porto-Alegre.

Magalhães, depois Visconde de Araguaya, illustre diplomata brasileiro, infelizmente já fallecido, não é um poeta popular, e, no entretanto, é um dos maiores poetas do Brazil.

Quando publicou o seu *Ensaio sobre a historia litteraria do Brazil*, o Sr. Francisco de Salles Torres-Homem escreveu o seguinte:

« Esta producção de um novo genero, é destinada a abrir uma era á poesia brasileira.

Permitta Deos que ella não fique solitaria no meio da nossa litteratura como uma sumptuosa palmeira no meio do deserto. Apesar de tudo, cremos que o tempo futuro não conseguirá riscar da memoria dos admiradores das musas o nome do auctor dos *Suspiros Poeticos*.»

Quem deixará de dar um lugar de honra a Magalhães, lendo a colossal ode—*Napoleão em Waterloo*?

Como são bellos o seu *Christianismo* (Na cathedral de Milão), *Deos e o homem*, *Ruinas de Roma*!

O auctor da *Alma e o cerebro*, dos *Opusculos historicos e litterarios*, da *Confederação dos Tamoyos*, eclipsou-se nos negros horizontes do tumulo, deixando um nome radiante nas letras e na poesia do Brazil, nome que só pôde ser comparado ao de Manuel de Araujo Porto-Alegre, que, na minha opinião, tem os melhores e os principaes requisitos para a conquista da corôa de maior poeta do Brazil.

Apesar dos defeitos que encontrei na questão, nos termos em que ella foi proposta, é minha convicção ser Manuel de Araujo Porto-Alegre, Barão de Santo Angelo, quem mais alto levou a nossa poesia.

O cantor das *Brasilianas* tem, mais que nenhum outro, direito a occupar o primeiro lugar na galeria de todos os poetas brasileiros, vivos e fallecidos.

Só o *Colombo*, epopea grandiosa, em quarenta cantos e um prologo, alcança, reclama para o seu auctor esse titulo glorioso.»

As *Brasilianas* são uma peça brilhante de poesia descriptiva.

O *Corcovado*, um hymno primoroso, como tudo que sahiu d'aquelle cerebro cheio de luz e de grandezas.

Porto-Alegre era tambem pintor!...

A sua imaginação ora entretinha-se com as musas, ora com os embevecimentos produzidos pelos magicos attractivos deixados por Miguel Angelo, o poeta da pintura, assim como elle foi o pintor da poesia.

O Barão de Santo Angelo, escrevendo o *Colombo*, architectou na litteratura poetica do Brazil um soberbo monumento, digno de admiração!...

A VIDA ELEGANTE

O *Club de Botafogo* realisou na noite de 20 do corrente a sua partida mensal.

Por muitas modificações e melhoramentos passou este Club, achando-se actualmente em condições magnificas. Os seus salões espaçosos e alegres estavam prodigamente illuminados e ornamentados com muito gosto.

O maestro A. Arnaud incumbio-se

da organização da parte concertante, que esteve esplendida.

Terminado o concerto, começaram as dansas, que correram animadisimas até á madrugada.

O serviço foi escolhido e o buffet... tentador!

O programma fez honra ao maestro que o organisou.

Acceite a nova Directoria do « Club de Botafogo » os nossos cumprimentos pela esplendorosa festa que proporcionou a todos os socios e convidados.

Duas importantes sociedades de dansa, ás quaes estão ligadas as mais distinctas e ricas familias dos arrabaldes, realizam hoje as suas partilhas concertantes e dansantes. São o *Club do Engenho Velho* e o *Club de S. Christovão*. Dizer o que costumam ser as festas mensaes d'aquelle club é quasi ocioso, pois os leitores mais de uma vez tem encontrado nestas columnas esfuizadas de adjectivos encomiasticos, gyrandolas de pontos de exclamação, quando aqui nos referimos a essa excellente agremiação recreativa. Portanto, preparem-se os Srs. socios e convidados para mais uma noite feérica, deliciosa!

O *Club de S. Christovão*, conta pouco mais de um anno de existencia; mas se continuar, como se espera, a progredir e a florescer como vae, dentro em pouco se terá collocado a par com as mais importantes e bellas associações congêneras.

A noite de hoje no elegante e vasto salão do *Club de S. Christovão* deixará por certo duradouras e agradabilissimas recordações.

Terá lugar amanhã, á 1 hora da tarde, a segunda *matinée* musical do magnifico *Club Beethoven*. Contam-se maravilhas do programma. Tudo faz esperar uma festa como as que costuma realizar esse club de homens distinctos e de bom gosto, que fazem da musica mais do que uma paixão: — um culto!

Por Beethoven! que divina *matinée* vamos ter!

LORGNON.

VICTOR HUGO

O Sr. Jules Martin, proprietario de um importante estabelecimento lithographico de S. Paulo, enviou-nos um numero do excellente jornal que em homenagem ao grande genio foi publicado n'aquelle cidade.

Consta de boas traducções de trechos de Victor Hugo, e ao centro tem um bello retrato lithographado do poeta. Agradecemos o exemplar que nos coube.

TRATOS Á BOLA

Enviaram-nos decifrações relativas as *tratices* ultimas os seguintes charadistas: J. da C. e S. Gualberto Numa, Lyosaico de Charival, Lina Oliveira, Paula Magalhães, Oidivo, Heleno, Uma leitora d'A Semana, Palmyra Borba, L. B. Nogueira, Elpidio de Castro, Francisco de Paula Rangel, Almeida, O transmontano e Assu & Tisna.

Pertence a tão cubiçada surpresa ao Sr. Oidivo e as Auroras a D. Palmyra Borba.

O Sr. Oidivo disse: «Hypermnestra» sendo examinada Pela formosa Deusa «Galatêa», Coube-lhe o ponto (em algebra) «exponente» E sahe-lhe em musica a «semicolcheia». Sob um frondoso tronco de «peroba», Junto cantava um poeta (e que ladino!) A ensinar a Deusa n'um soneto.... Sabem quem era o poeta? «Luiz Delfino»!

Portanto venha o Sr. Oidivo, o poeta e a Sra. Palmyra Borba receber os seus premios.

Eis as decifrações: do logogripho—*Hypermnestra*, das antigas—*Galatêa*, *Exponente* e *Semicolcheia*; da anteposta—*Peroba*, e do logogripho normando—*Luiz Delfino*.

Para hoje temos os seguintes *tratos*:

ANTIGAS

1—2—A primeira do Globo é Mytho.
1—1—Na musica é cego o irmão da Esperança.

LOGOGRIPHO

Sou homem com a ultima do alphabeto—3, 4, 5.

E faço isto—2, 3, 4, 5.
Com chapéo ando saltando—4, 5.
E sou muito preciso—3, 4.
Esta mulher chama-se—1, 2, 4, 5.
Tem veneno.

ENYMA ALPHABETICO (1)

		O		
		1		
	C	P	A	
	1	1	5	
T	N	G	I	H
1	2	1	1	1

LOGOGRIPHO NORMANDO (2)

« Rio—longo no curso, curto no nome.

« Um animal.
« Som de quêda.
« Do sol...
« Amargo horrivel.
« Nas algibeiras.
« No mar.
Conceito:—Ilha brasileira formosa e famosa. »

ANTEPOSTA

3—Roto, lá gostas? tempêra.
2—Vide a ave.

CALIMBURGESCA (3)

Que se deve por no ar para formar um mysterio?

PREMIOS

Ao primeiro decifrador uma surpresa boa como o Diabo. Ao segundo... uma outra surpresa.
E até sabbado.

D. PASTEL.

FACTOS DIVERSOS

A directoria do *Club Athletico Fluminense* convidou, na quarta-feira ultima, a imprensa da corte para visitar o edificio d'este club, que brevemente será inaugurado.

Como nos falta espaço para detalhadamente descrevermos todos os pavimentos que percorremos, limitamos-nos a dizer que o *Club Athletico Fluminense* é o unico edificio no nosso paiz que, proporcionando-se a toda a sorte de divertimentos, como sejam corridas, jogos olympicos, patinação, gymnastica, bilhares, etc., está construido com muito gosto e com todas as commodidades precisas para estes generos de diversões que tantos adeptos tem nestes ultimos tempos conquistado entre nós.

Depois de feita a nossa visita, o Sr. Pereira Bessa, digno e amabilissimo presidente do club, levou-nos a uma sala especial, onde nos foi servido um excellente lunch.

Trocaram-se diversos brindes, entre os quaes o do Sr. Bessa á imprensa; do Sr. Dr. Pederneiras, a quem foi confiada a presidencia da mesa, agradecendo o brinde levantado á imprensa, e termi-

(1) Vide explicação no n. 15.
(2) Vide explicação no n. 25.
(3) Vide explicação no n. 12.

nando com uma saudação ao club e ás senhoras presentes. Orou tambem um dos Srs. membros do conselho fiscal.

A musica allemã tocou durante a festa.

Fizeram-se representar os seguintes jornaes: *Jornal do Commercio*, *Gazeta de Noticias*, *Diario de Noticias*, *Diario Portuguez*, *Apostolo*, *L'Italia* e esta folha.

Por nossa parte saudamos o *Club Athletico Fluminense* e desejamos-lhe todas as prosperidades de que é digno.

Deve apparecer a 5 de julho o primeiro numero de um periodico semanal intitulado: *L'écho du Brésil*.

No dia 1º de Julho apparecerá o primeiro numero de um jornal hebdomadario francez, com o titulo *La France*, dedicado a advogar os interesses da colonia franceza e a tornar conhecido o nosso paiz em França. Será seu redactor chefe o Sr. P. Labarrière, conhecido advogado francez, que ha cinco annos reside no Brazil. Publicará vertido para francez o romance de Aluizio Azevedo:—«O Mulato.»

Falleceu no dia 22 do corrente a Exma. esposa do Sr. conselheiro Saraiva, presidente do Conselho.

Juntamos as nossas condolencias ás que tem recebido o illustre estadista que, no fastigio do poder, acaba de passar pelo horrivel golpe da perda de sua querida consorte, a conselheira fiel, criterioa e amantissima, que por tantos annos o amparou e fortaleceu com os dotes privilegiados do seu coração e do seu espirito.

DECLARAÇÃO

Havendo dito o nosso illustre collega Arthur Azevedo no *Diario de Noticias*, de 26 do corrente, que *A Semana*, em um artigo de Lucio de Mendonça, substituirá pelas classicas trez estrellinhas o nome de um individuo que por ahi anda, o que é verdade, julgamos dever declarar que não fizemos tal substituição sem consultar o auctor do artigo, que nos authorisou a fazel-a, comose vé da carta seguinte, dirigida ao director d'esta folha:

« Pôdes supprimir o tal nome na

minha declaração, pondo-lhe no logar uns pontinhos e, em nota da redacção, a explicação da cousa.

« Para isso não carecias do ser especialmente authorisado; mas sempre agradeço o escrupulo de cortezia.

Teu collega e amigo

LUCIO DE MENDONÇA. »

S. Gonçalo, 16 de Junho, 1883.

RECEBEMOS

— Do Sr. Henri Nicoud (proprietario da casa «Au Petit Journal»:

— «La Mode Illustrée, n. 23, publicada em Paris a 7 de Junho; «Salon de la Mode, n. 23, de 6 de Junho e «La Revue Politique e Littéraire ns. 22 e 23, publicados em Paris a 30 de Maio e a 6 de Junho. É admiravel a presteza com que o Sr. Nicoud realisa este serviço. Quanto ao valor d'estas publicações, cremo-nos dispensados de accrescentar uma palavra aos titulos d'ellas, pois n'elles estão os seus «titulos» ao favor publico.

— «O cadastro da Policia» — editor David Corazzi; novas folhas do vol. III.

— Do Sr. Damasceno Vieira, o seu ultimo livro de versos—«A Musa Moderna.»



HOTEL NOVO MUNDO

SERVIÇO PROFUSO E VARIADISSIMO

Bons vinhos garantidos, salão reservado para banquetes, os quaes serão servidos conforme o preço que se ajustar.

13 RUA PRIMEIRO DE MARÇO 13

PROPRIETARIO

JOÃO DIOGO SOARES DE BRITO

AU PETIT JOURNAL

ASSIGNATURA PARA TODOS OS JORNAES

Especialidade em artigos proprios para presentes

COMPLETO E VARIADO SORTIMENTO DE BRINQUEDOS DE PARIZ

HENRY NICOUD & C.

Unicos correspondentes e depositarios nesta Côte da verdadeira "LA SAISON" de Pariz

Recebem com a maxima presteza todos os jornaes parisienses e os distribuem pelos seus assignantes, apenas os recebem.

A casa AU PETIT JOURNAL é inimitavel neste serviço.

27 Rua dos Ourives 27

RIO DE JANEIRO

LAEMMERT & C.

LIVRARIA UNIVERSAL

66 Rua do Ouvidor 66

ACabam de chegar e acham-se á venda em nossa casa as seguintes obras importantes de Luciano Biart:

Viagens Involuntarias e Extraordinarias

AOS NOVOS E VELHOS CONTINENTES

I. O Engenheiro Pinson. 1 vol. de 230 paginas com muitas gravuras, 38000.

II. O Segredo de José. 1 vol. de 230 paginas com muitas gravuras, 38000.

III. Na fronteira Indiana, 1 vol. de 260 paginas, com muitas gravuras, 38000.

Do mesmo auctor, no prelo:

Lucia Avilal.

Os romances de Luciano Biart, digno emulo de Julio Verne, têm tido uma aceitação universal, e em pouco tempo esgotaram-se varias edições, tanto na lingua original como em varias traduções. Vertidos para a lingua portugueza pelo habil escriptor Alvaro de Castro, recommendam-se estes livros não só pelo engenho inventivo, como pelas lições proveitosas que encerram. Numerosas gravuras ornarn estes volumes, cuja leitura é inutil recommendar, pois o publico sabe quão proveitosas e interessantes lições se colhem dos livros de Verne a quem Luciano Biart conseguiu igualar.

HOSPEDARIA FIEL

Rua da Alfandega n. 236 e Travessa de S. Domingos n. 2

Os proprietarios deste vasto estabelecimento têm a honra de apresentar á concurrencia publica bonitos quartos mobiliados, espaçosos e muito arejados, offerecendo toda a garantia de segurança, aonde os Srs. viajantes podem pernoitar livres de risco. Todos os compartimentos com linda vista tanto para a travessa como para a rua da Alfandega.

A casa está aberta toda a noite. Preços modicos. LIMA & XAVIER

JAMES E. HEWITT

PROFESSOR DA LINGUA INGLEZA

134 RUA DO ROSARIO 134

A SEMANA

CORTE

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

PROVINCIAS

Trimestre..... 2\$000
Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

Proprietario e Director — VALENTIM MAGALHÃES

Semestre 4\$000

Anno 8\$000

GERENTE

SECRETARIO DA REDACÇÃO

F. D ALMEIDA

ARTHUR MENDES

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

SUMMARIO

EXPEDIENTE:—Historia dos sete dias; *Valentim Magalhães*.—O anonymo na imprensa; *Urbano Duarte*.—Politica e politicos; *Ambrosio Severo*.—Galathea, soneto; *Alberto de Oliveira*.—Quatro poemas. — Theatros. — As aves do templo, poesia; *Henrique de Magalhães*. — Factos e noticias. — Vida elegante; *Lorgnon*.—Conto infantil; *Julia Lopes*. — Questão litteraria. — Recebemos. — No Guanabára, soneto; *H. da Silva*. — Correio.

EXPEDIENTE

Havendo terminando com o numero 26 o prazo das assignaturas do 2º trimestre e do 1º semestre d'A SEMANA, rogamos aos Srs. assignantes o obsequio de mandarem reformar as suas assignaturas, e aos que se acharem em atraso o favor de mandarem saldar os seus debitos.

A's pessoas que quizerem assignar esta folha por um anno daremos de premio um exemplar do bello romance «Mattos, Malta ou Matta», que se acha no prelo: ás que a quizerem assignar por seis mezes daremos o tango «A Semana 100 rs.»

Os Srs. assignantes que desejarem a collecção dos seis mezes ja publicados, pagarão mais 3\$000. Para quem não fór assignante a collecção custará 4\$000.

Partio no 1º do corrente a percorrer as principaes localidades da provincia do Rio de Janeiro o nosso companheiro de trabalho Leonel Guerra, agente e cobrador desta folha. A todas as pessoas que com ella têm relações rogamos o obsequio de recebem-o benevolmente, podendo com toda a segurança entender-se com elle acerca de qualquer negocio relativo á Semana.

Pelas amabilidades e favores com que certamente vae ser acolhido e tratado o nosso representante desde já nos confessamos summamente agradecidos.

A SEMANA

Rio de Janeiro, 4 de Julho de 1885.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Ha pintores de quadros e pintores de quadrinhos—de grandes toiles e de tableautins.

Ora imagine o leitor que entra no atelier de um pintor de quadrinhos:—que variada e pittoresca impressão! Aqui, ali, lá em cima, cá em baixo, de um lado e do outro, por toda parte pequenos pedaços de tela cobertos de vivas pinturas, frescas, lusentes, multicores...

Os olhos deleitam-se no espectáculo, e, casual de gemeas borboletas, adejam de quadrinho em quadrinho, trefegos e contentes. Este é um canto de pay-sagem: virida, lentejoulada de sol, cortada pela fresca serpente de um regato alvejante; aquelle—uma loira cabeça de virgem, olhos de saphyra e labios de rosa; um outro—um cacho d'uvas negras, lusidias como contos de onyx, escorregando de uma cestinha sobre uma toalha branca; aquelle, acolá—um par de pombos de neve beijocando-se faceiramente num beiral de telha. Emfim: muitos, muitos; e todos diversos, varios no assumpto, varios no colorido e no tamanho.

Você ficou encantado, leitor. Mas no dia seguinte na sua memoria nada restará daquella kaleidoscópica visão mais do que uma vaga impressão confusa de muitas cores baralhadas, como a de uma vidraça de capella gothica. Teteias artisticas: nada mais.

Imagine agora que entra no atelier de um pintor de grandes quadros:—Os olhos não encontram onde borboleteiem e são fortemente atrahidos para uma grande tela pousada em cavallette enorme; os outros quadros pequenos, se os ha, não apparecem, não se impõem á vista, que toda se concentra no outro, no grande. E você ficará deante delle dez minutos, vinte, uma hora, e sahirá do atelier menos deleitado, com uma só impressão. Mas no dia seguinte, e ainda outros dias depois, essa impressão estará desenhada nitidamente no seu espirito, na simplicidade da sua grandeza.

Pois bem. Para mim, pobre chronista, ao visitar as semanas decorridas, para historiar-lhas, umas são ateliers de pintores de grandes quadros; outras ateliers de pintores de tableautins; em umas encontro poucos acontecimentos, mas grandes, ou apenas um, mas enorme; em outras vejo muitos, muitissimos factos, mas pequeninos, embora mais ou menos interessantes.

Ora, a semana que acabo de visitar a seu serviço, leitor amavel, é um atelier de tableautins: quadrinhos, quadrinhos e mais quadrinhos...

Paciencia! E, pois, á falta de uma batalha de Avahy, vou ter a honra de enfileirar aos seus olhos muitos *fachinettis*.

I.—CHEGADA DE JOAQUIM NABUCO.—No dia 28 do mez passado, á frente da Confederação Abolicionista e atraz de uma impavida charanga—que o foram receber a bordo do *Néva*—, entra o illustre abolicionista por esta heroica cidade de S. Sebastião e da febre amarella. (Não falemos nos bonds: *Salut, mes-sieurs les assassins!*)

Traz a tiracollo—por metaphora,—o seu diploma de representante do 5º districto de Pernambuco, nas mãos o chapéo e um grande bouquet e nos labios um grato sorriso. Flores naturaes e de rhetorica; foguetes do estylo—nos ares, e de estylo—nos discursos; vivas á imprensa, morras ao Esclavagismo e etc. e tal. Muito bem; bravo!

II.—O GUARDA NOCTURNO.—Fez-se publico no dia 29 o regulamento sob o qual vae funcionar esta policia de brincadeira, quer dizer: esta policia policiada. Um quadrinho de genero:—Um homem de blusa, cinturão com terçado pendente, e no terçado um papel em que se lê: «E' prohibido utilizar-me», bonet, apito ao pescoço, em cada braço uma placa de metal amarello com um numero, na cinta muitos molhos de chaves, na mão esquerda uma lanterna furta-fogo, na dextra um rolo de papel, atraz da orelha direita uma penna, atraz da esquerda—uma pulga.

Da bocca desta figura saem, escriptas na tela, estas palavras: «Para que sirvo eu?» e da de um policia—não nocturno—que se vé ao fundo, estas outras: «Pra brigar comigo»:

N. B.—Para melhor comprehensão deste quadrinho consultar o regulamento.

III.—O CORCOVADO.—Deslumbrante paysagem, panorama assombroso. O trem victorioso, deitando os bofes pela bocca fora, chega ao apice, á giba do monstro. Estoiram vivas e garrafas de Champagne. Urrah!... Mas os convidados soltam de repente um grito, não de alegria, mas de pavor:—alguem, uma mulher em vestes brancas, adejantes, abraçada a uma lyra de ouro, atira-se,—como Sapho, a grega, do alto do Leucade—da ponta da bossa daquelle Quasimodo de pedra aos abysmos sem fundo.

Era a Poesia do Corcovado! No apito do trem de ferro soára para ella a hora da morte.

Coitada! Que dirá o Dr. França Junior?

IV.—INFANCIA DESAMPARADA.—Um quadro triste, pintado por mão de

mestre em uma pagina d'O Paiz. Não tem assignatura, mas pelo estylo reconhece-se facilmente o auctor. Crianças, exportadas em lótes pela policia, para as fazendas depauperadas pela Lei de 28 de Setembro, vão com os ingenuos apanhar café e... pancada. Este quadro é especialmente offerecido á admiração do Estrangeiro; é excellente como pintura de costumes... nacionaes. Propomos que seja substituido por um outro, com o titulo: *Infancia amparada*, em que se vejam muitas creanças limpas e bem nutridas, lendo e trabalhando em uma vasta escola-officina, donde saiam risos e cantos e em que não entrem... amanuenses. Não haverá ministro da Justiça que pinte este quadro?

V. — BIBLIOTHECA NACIONAL — ILLUMINADA Á LUZ ELECTRICA. — Vejam que fantasia: illuminar a cêia das traças e o somno dos empregados com lampadas de Swan! Paiz de analphabetos com bibliothecas allumiadas por luz electrica! Parece uma caricatura de Angelo Agostini. Olhem, senhores da Governança: um só volume do methodo João de Deus, bem espalhado por cem cabeças infantis, têm maior força illuminativa do que vinte lampadas Swan. Pois não é, Hudson?

VI. — CORREIO FLUMINENSE, quadrinho exposto no dia 2 do corrente pelo seu auctor, o conhecido pintor de *conservas* politicas — Dr. José Avelino.

Tem um defeito este quadrinho: é muito *vermelho*. Mas como o seu auctor entende que é exactamente isto a sua melhor qualidade — seja muito bem vindo. E que se *conserva* por cá muito tempo... comnosco.

VII. — FRANCISCO MONIZ BARRETO. — Este magnifico retrato do grande repentista bahiano, pintado por Victor Meirelles, foi exposto no dia 2 de Julho, — dia glorioso, que tantos bonitos improvisos forneceu á musa alegre, mas tambem patriótica de Moniz Barreto, — por seu filho, o conhecido auctor dos *Vóos Icarios*, a cujo pedido foi feito.

Felicitemos Victor Meirelles por este seu trabalho, que é realmente bom. Tudo neste retrato revela mão de mestre; mas, sobretudo, a carnação encanta pela verdade e delicadeza com que foi tocada.

VIII. — JEANNE GRANIER. — Esta adoravel cabeça pariziense, a *Madame Diable* do *Renaissance* foi descoberta na noite de 1 do corrente, em um camarote do «Sant'Anna», por Eloy, o heroe. Diz este que quem quizer saber o que trouxe a esta terra de *zês pompeus* a famosa estrella pariziense deve — *chercher l'homme. Blagueur!*

IX. — ... Não; basta. Amigo leitor, boa noite. — Está fechado o *atelier* da semana.

Se apenas *tableautins* lhe pude mostrar, a culpa não foi minha: foi dos pintores.

Para a que vem — é encommendar Miguéis Angelos.

E olhe que isso não custa: — é só chegar ali á Academia de Bellas-Artes e pedir por bocca!

VALENTIM MAGALHÃES.

O anonymo na imprensa

Se é certo o proloquio de que pelo dedo se faz conhecido o gigante, apresentamos ao leitor o Sr. C. Regazoli, auctor do folheto sob o titulo — *O Anonymo na imprensa* — como tendo as proporções de um notavel pamphletista. Poucos, bem poucos arrazoados se podem ler cujo contexto projecte tanta luz sobre uma controversia conduzida á baila da opinião. Seria arriscado asseverar que todos os seus raciocinios e illações sejam peremptorios e exaustivos no litigio vertente, ou immunes de quaesquer objecções, algumas das quaes elle proprio suggere e discute com as cartas na mão e em jogo franco; mas não resta duvida que aprofundou o assumpto e o expoz com maxima sobranceira, penetrando em todos os meandros e detalhes da complicada questão do anonymato na imprensa, e traçando com rara segurança de mão o diagnostico exacto d'esta molestia que affecta o nosso organismo social.

O Sr. Regazoli sustenta a necessidade imprescindivel do anonymo e do *testa de ferro* na imprensa periodica do nosso paiz, como sendo, no estado cahotico dos elementos que constituem a sociedade brasileira, a unica valvula de expansão segura para as victimas da oppressão e da injustiça.

Estaia a sua these em argumentos vigorosos e chega á conclusão de que «o testa de ferro é um mal, porém um mal que pode concorrer para extirpar outros maiores».

A primeira vista parece esta theoria paradoxal e de consequencias perniciosas, mas, reflectindo melhor, vê-se que as deducções do autor são bem fundamentadas e derijam logicamente das premissas estabelecidas.

Mas estas premissas serão inatacaveis e verdadeiras? Achar-se-ha deveras a sociedade brasileira mergulhada naquella crise de gestação tumultuaria que o auctor tão impiedosamente verbera? Ennumerando as razões pelas quaes não existe o anonymo nos grandes centros populosos como Londres e Pariz, accusa, por processo negativo, a nossa sociedade de gravissimos vicios de organização, aleijões e mazellas tantas e tão numerosas que só poderíamos dar um simile imaginando um pelle-vermelha ebrio e chafurdado na crapula das orgias imperiaes da decadencia romana.

O Sr. Regazoli, ostentando tal rigor e severidade, denuncia puritanismo excessivo, em cujo avesso transluz um pessimismo que raia pelo máu humor. Não diremos que em alguns pontos seja a sua critica destituida de boas razões; mas em outros transparece claramente a falta de judiciosa serenidade com que lavra as suas sentenças condemnatorias. Assim é, por exemplo, no que diz respeito aos estrangeiros aqui domiciliados. Censura-nos de *bairristas*, *chauvinistas*, malevolentes, intolerantes em relação áquelles.

Primeiramente, mesmo que isso acontecesse, nada mais significaria do que a exaggeração de um sentimento naturalissimo de nacionalidade, corollario e prolação generalizada de outro sentimento profundamente humano — a autonomia individual, o nobre orgulho de não admittir que um estranho venha dar ordens em nossa casa.

Accresce ainda para corroborar-o a instinctiva desconfiança que nos inspira o individuo que abandonou os patrios lares afim de tentar fortuna alures. Sabemos perfeitamente que tal facto, em grande numero de casos, nada tem de desairoso, porquanto póde frequentemente occorrer um conjuncto de circumstancias que leve a plagas

estranhas o homem mais honesto e meritorio. Mas então faz-se preciso que elle apresente as suas credenciaes; que por seus talentos e serviços varra a testada da imputação de aventureiro; que obedeça ás leis do paiz; que se identifique com os seus costumes; que se amolde á indole de seus habitantes e se interesse realmente pela prosperidade da nova patria.

Satisfeitas estas condições, o estrangeiro será bem visto e bemquisto, aqui como em toda parte.

Na controversia actual o proprio auctor da censura offerece-nos uma contradicta quando diz á pag. 10 — «A base, o elemento vital, a unica aspiração de uma sociedade, como é constituida a d'esta cidade, é o interesse commercial, e toda a sua actividade e afan é reclamada e absorvida pela enorme voragem das necessidades diarias.»

Constata depois que o campo commercial está inteiramente franqueado á actividade e exploração dos estrangeiros.

Sendo assim, que mais ambicionam elles? Se o commercio é tudo, se o rei *Mil Réis* paira soberano e omnipotente na cupola social, que mais aspiram alem da sua conquista?

Honras? Glorias? Poder?

Ora dá-se...

Deixem ao menos estas ninharias para nós outros, os nacionaes, os *pungas* que vivemos das migalhas do commercio estrangeiro, absorvente e todo poderoso, enorme polvo cujos tentaculos sugam a nossa lavoura e aniquilam a nossa industria, sob os funestos auspicios da livre permuta e do dinheiro-papel.

Além d'isso, quaes as honrarias e glorias que não possam obter os homens opulentos? Não vemos ahi tantos negociantes estrangeiros galardoados com titulos honorificos, gozando de todas as regalias da celebridade e da benevolencia?

Não ha duvida que por ora, sem a lei da grande naturalisação, as ameias do Poder conservam-se, não inacessiveis, porém dificeis á ambição dos estrangeiros.

Mas para que desejarão elles ingerir-se directamente na politica local?

O Sr. Regazoli, observador penetrante como é, não deve desconhecer a influencia surda e indirecta, mas poderosa e efficacissima, que o alto commercio e o mundo financeiro exercem na governação do Estado, na administração, no funcionalismo, na magistratura, em todas as ramificações dos negocios publicos. Afirmar que no Brazil quem menos governa é o governo, não constitue proposição tão paradoxal como á primeira vista parecerá; apresenta seus laivos de verdade, porque, como reza o annexim, *quem joga por fóra joga seguro*.

Concordamos em geral com a admisação do anonymo na imprensa periodica, na falta do duello e pela insufficiencia dos tribunaes. Dentro da orbita da legalidade e fora da acção policial commettem-se impunemente muitas tropelias e iniquidades, não previstas pelo código, mas condemnadas pelo Direito e pela Moral. Os transgressores são frequentemente homens de *pezo*, e os lezados quasi sempre entidades subalternas, mais ou menos dependentes d'aquelles. Em tal emergencia, a *mo-fina* torna-se o unico e o ultimo recurso do offendido, porque os meios legais de queixa são absolutamente iluzorios e só dão em resultado augmento de afflictão para o afflicto, vindicta e represalia do regulo melindrado em sua basofia e arrogancia.

Muito bem.

Todavia está-nos a sussurrar no raciocínio uma objecção que não parece de todo contemptível.

Como sabe o distincto pamphletista, os homens têm uma tendencia enorme para o abuzo, aqui, ali, sempre, em todas as cousas d'este mundo, e tambem nas do outro, que os padões inventaram so para d'elle abuzarem. As melhores instituições, as religiões mais puras, os governos mais paternaes, as philosophias mais verdadeiras, no fim de certo tempo fazeam o fim que têm em vista, desvirtuam os seus bons intuitos, desprestigiavam-se e transformam-se insensivelmente em foco de males.

Se isso acontece com instituições benéficas, que não succederá dando direito de cidade á *moína* e coonestando o *testa de ferro*?

O odio é paixão que não reflecte.

Quem odeia, odeia porque odeia.

Para cevar este máu sentimento todas as armas são boas. D'ahi a calunnia infamante e miseravel. Allegar-se ha que o homem de bem se acha a salvo dos seus botes e nem sequer um pingo de lama lhe chega á ponta das botinas.

Mas dez, vinte, cincoenta mil pessoas leram a ignominiá, e commentaram-na, e decoraram-na...

URBANO DUARTE.

Politica e politicos

O governo precisa de acautelar-se.

De todos os lados do Imperio rompem movimentos sediciosos, que significam alguma cousa.

Estas oscillações que se fazem sentir por toda a parte demonstram claramente que nada ha de fixo entre nós.

A nossa organização politica e financeira se nos afigura um velho edificio prestes a desabar.

E' preciso que o amparem de prompto.

O facto que acaba de dar-se em Mar de Hespanha é dos mais perigosos.

Os proprios esclavagistas devem revoltar-se contra os promotores de um drama tão barbaro quanto grave em suas consequencias.

Em todos os paizes, quando se procura por em execução uma idéa da qual parece depender o progresso nacional e quando esta idéa encontra obstaculos no seu desenvolvimento e na sua consolidação em lei, surgem inopinadamente phenomenos que uma serie de circumstancias inesperadas põe em jogo, transformando completamente a marcha dos acontecimentos.

Uma época como a nossa é sempre uma época de fluctuação.

Os que julgam que os seus interesses perigam, desde que se dá uma forma concreta ao pensamento de reforma, começam desde logo a perder a confiança em tudo e em todos, e exagerando naturalmente os factos, pela impossibilidade de alcançar o ponto culminante do problema, lançam mão dos seus proprios recursos para estabelecerem um centro de apoio de modo a resistirem vantajosamente aos excessos e aos abusos dos espiritos que se agrupam em torno da reforma em questão.

D'ahi duas forças em antagonismo, d'ahi uma serie de monstruosidades legitimadas, segundo o ponto de vista em que cada uma d'ellas se colloca. Aos goveenos compete esclarecer os lados obscuros do problema, guial-o, consultar as necessidades da época, e realisal-o de modo que a nova lei seja, não o producto de elementos inconcilia-

veis, mas sim a expressão da verdade, isto é: uma lei em que se encontre a collaboração unanime da sociedade.

Mas entre nos não se tem dado isto. O governo nada tem feito que possa tranquillisar os espiritos e corrigir os desvios que resultam do exaggero dos sentimentos em circulação.

O facto do Mar de Hespanha é condemnavel?

Necessariamente.

Se estes factos se repetirem com insistencia, é facil de se prever os acontecimentos que mais tarde hão de dar-se.

Todos estes actos barbaros que temos presenciado e que de dia em dia se tornam mais sanguinarios, transformando a nossa sociedade em um circo de canibae, dentro em pouco provocarão uma reacção tão energica quanto o impulso que a determinou.

Desde esse momento serão baldadas todas as medidas de segurança, imaginadas pelo governo para garantir a ordem e acalmar os animos exaltados.

As leis naturaes entregues a si proprias, pondo em movimento todas as paixões da sociedade em repouso, envolverão nos seus funestos effeitos o paiz inteiro, e a reforma será feita pela força, pela violencia, pela revolta e pelo sangue.

Vencerá o mais forte. E no fim d'este tragico espectáculo, como antigamente acontecia em Roma, bater-se-ão palmas aos combatentes triumphantes e acclamar-se ha Vitellio ou Vespasiano, segundo a victoria pender para um ou para outro lado.

Emfim, os factos ahi estão, e repetem-se com insistencia.

E' muito cedo para que o governo tenha uma reacção.

Tem a coragem dos que se acham cercados de todas as immuniades; porém é bom não facilitar.

E em casos taes, seria prudente que o governo, vendo o paiz collocado entre estes dous recifes — o Esclavagismo e o Abolicionismo — um com todos os perigos da immobibilidade e da inacção; o outro com o exaggero proprio de quem procura romper e escalar obstaculos apparentemente insuperaveis, preferisse approximal-o do rochedo da exaggeração e não do banco de areia do esclavagismo. Aquelle sempre tem a vantagem de ser mais solido e offerecer mais segurança.

AMBROSIO SEVERO.

Galathea

Foi, rompendo o myrtal de verde manto,
(Morria a tarde, além, tonitruosa,
Boreas soprava) que [esta voz maviosa
Ferio-lhe o ouvido, em prolongado encanto.

Dizia a voz: «O' deusa, ó cubiçosa
Alva espada do marmore mais santo,
Nãoseresminha!...» Era mais doce o canto...
Quando de prompto a Nympha, de amorosa,

Surge. E com os labios grossos applicados
A' frauta, um monstro vé, cantando. Espreita...
Foge... E a fugir com os passos apressados:

— « Ah! que tão doce musica que escuto
Não coubesse a uma bocca mais bem feita
Que a bocca de um gigante horrêdo e bruto.»

ALBERTO DE OLIVEIRA

Quatro poemas

Está publicado este annunciado livro do nosso collega Luiz Murat. Conta 80 paginas, nitidamente impressas. As peças de que se compõe são: *Cavalleiros*

mortos (A Gaspar da Silva, *Templo vasto*) (A Henrique de Sá, *Sonhando*) (A Alfredo de Souza) e *Flexa de Moimamun* (Ao grande poeta Luiz Delfino. O livro é offerecido a Valentim Magalhães com esta dedicatória:

E' bom fitar-se a aurora e é bom fitar-se o céu;
Ver atravez da noite os soes tranquillamente
Reluzirem. Achar n'este sombrio véo
De nuvens, que a minh'alma envolve eternamente,

Um sonho que me dê idéa do Futuro,
Que dos pulsos me arranque estas duras al-
gemas.
E é por isso que agora, escalando este muro
De tréva, eu te offereço estes «Quatro Poemas.»

Acreditamos que esta obra será acolhida como o exige o seu alto merecimento. O facto de ser Luiz Murat nosso companheiro de trabalho nos torna suspeitos para aprecial-a.

Não quer isto, comtudo, significar que as columnas d'A *Semana* estejam lechadas a artigos criticos sobre os *Quatro poemas*. Ao contrario: publical-os-emos com todo o prezer.

THEATROS

COMPANHIA DRAMATICA ITALIANA—ROSSI
DUSE-CHECCHI

Esta excellente companhia, de que não pudemos falar em nosso numero passado, representou até hontem *Fedora*, *Dionysia*, *Divorciamo-nos!* e *O Mestre de Forjas*.

A anciedade com que era esperado o apparecimento no palco de Duse-Checchi, de Flavio Ando e de Rossi não foi illudida. A grande reputação artistica que os precedia, e especialmente á Sra. Duse-Checchi, não era immerecida nem exaggerada.

Na verdade raras vezes tem tido o nosso publico, que não é dos mais faceis de contentar, a fortuna de assistir á representação de peças famosas—que elle já tinha visto representadas por outros artistas de nome,—interpretadas por uma primeira dama do valor de Duse-Checchi—a encantadora; por um *jeune-premier* como Ando, e por um *centro* como Rossi, para não nos referirmos aos demais artistas, que muito concorrem para o exito do *ensemble*: entre os quaes fora injusticia esquecer o Sr. Checchi e a Sra. Aleotti.

Entretanto, não tem sido feliz a em-
preza Ciacchi, pois a concurrencia aos espectaculos do theatro S. Pedro de Alcantara não tem correspondido ao merecimento dos artistas que nelle trabalham actualment.

Qual a razão d'essa fricza?

O não entender o nosso publico o italiano; opinou um dos nossos diarios.

Não nos parece procedente a razão, pois que da nossa população a parte que entende o italiano sufficientemente para comprehender uma peça representada uessa lingua, seria bastante para fornecer concurrencia regular aos espectaculos da companhia Rossi-Checchi. Além d'isso outras companhias dramaticas italianas têm aqui trabalhado com exito de bilheteria muito superior ao d'esta. E' possivel, comtudo, que, despertada violentamente a curiosidade publica pelo successo de algum dos dramas a seguir, engrosse a corrente de espectadores ao S. Pedro.

E' o que desejamos.

As peças representadas até hontem eram já conhecidas do nosso publico,

que já as tinha visto interpretadas por artistas de merecimento. A grande novidade estava, portanto, unicamente nos novos interpretes; e o prurido inevitável do confronto mais tornava appetecidas essas peças.

Diremos em ligeiras linhas o que pensamos acerca da maneira porque foram desempenhados os seus primeiros papéis.

FÉDORA E DIONYSIA

Quem havia visto a grande Sarah fazer a princeza Fédora Romazoff dizia, ao ver este papel desempenhado por Lucinda Furtado Coelho, que esta eminente actriz não lhe dava a interpretação exacta e conveniente.

Fédora é uma mulher de sangue russo e além do russo—azul; é uma princeza do paiz dos czares e dos cossacos, do *knout* e dos *ukazes* implidosos:—num temperamento de aço um espirito vigoroso, energico, tenaz e pertinaz, irrequieto, altivo, dominador, voluntarioso e vingativo.

Em uma tal mulher a dor da perda do noivo deveria ceder em pouco ao desejo de lhe vingar a morte; odiar, matar o assassino seria para ella a melhor maneira de amar e chorar o assassinado.

Só se comprehende inteiramente este estranho typo de mulher, creado por Sardou, vendo-o interpretado por Duse-Cecchi. E' aquella a princeza Fédora. Que extraordinaria expressão a d'aquelles grandes olhos intelligentes, ora accessos no fogo da vingança, ora irrequietos e inquisitivos, na perscrutação dos mais intimos pensamentos de Loris Ipanoff; depois, quebrantados, humedecidos na commoção d'aquelle imprevisito e fatal amor, e por fim dilatados, desvarados ao rebentar a tremenda catastrophe que ella mesma preparara, e na agonia da morte pelo veneno!...

O que principalmente nos assombrou foi a gesticulação novissima, extraordinaria, de Duse-Cecchi.

Mais do que com a voz, dizia admiravelmente com o gesto todos os encontrados e tempestuosos sentimentos d'aquella princeza adoravel, embora terrivel. Essa maneira de conduzir o papel causou estranheza ao publico e, sendo aquella a primeira vez que via a grande actriz, attribuiu a defeitos, a imperfeições de sua organização artistica o que, ao contrario, era manifestação do seu poder immenso, o que era resultado de profundo estudo, effeito da interpretação que dera á personagem.

A *Denise* veio mostrar o erro em que com o publico incorreram alguns criticos, pois ahí verificaram que a Duse-Cecchi—*Denise* nada tinha do que parecera estranho na Duse Cecchi—*Fédora*. Foi admiravel no terceiro acto d'esta peça e tão grande nesse como o foi Flavio Andô no seguinte.

Não sabemos como exprimir as impressões que nos deixou este artista. E para evitar uma longa tirada, que afinal talvez nada conseguisse, limitamo-nos a dizer que foi sempre admiravel e assombroso por vezes no seu difficil papel.

A distincção da figura, á serenidade da sua physionomia symphatica allia a correcção impecavel com que se veste, a elegancia extrema do porte, do gesto, do andar.

Um homem varonilmente bello, que sabe fazer valer os seus ricos dotes naturais.

Sóbrio, equilibrado sempre na exacta comprehensão do typo que representava, inteiramente possuido d'elle, desempenhou-o de modo inexcedivel. A narração do assassinio de Wladimiro, no terceiro acto, e a leitura da carta, no seguinte, foram assombrosos de ver-

dade, de novidade, de força e de grandeza.

Nem Salvini, nem Rossi poderiam fazel-o melhor.

Em resumo: o successo na *Fédora* foi de Andô, embora Duse-Cecchi se houvesse mostrado uma grande actriz, organização artistica de excepcional valor. Em compensação, o successo da *Denise* foi de Duse-Cecchi, embora Andô se houvesse portado perfeitamente no papel de De Bardannes. Duse-Cecchi, Andô, Rossi e a Sra. Aleotti satisfizeram completamente.

Encantou a harmonia do conjunto na repensentação desta bella peça de Dumas. Quem odeia e se vinga e morre (*Fédora*) e se arrepende, e ama e se sacrifica (*Dionysia*) como o fez Duse-Cecchi é uma verdadeira summidade artistica. Ainda não vimos Sarah Bernhardt, mas não trepidamos em escrever a par com esse glorioso nome francez o glorioso nome italiano de Duse-Cecchi.

..

DIVORCIEMO-NOS!

No *Divorciamo-nos!* Duse-Cecchi revelou ainda com grande nitidez uma outra face do seu talento. Depois de Lucinda Furtado Coelho não julgavamos poder ver por nenhuma outra actriz a inconsequente, frivola e galante Cypriana des Prunelles.

Pois vimos Duse, e vimol-a com assombro! Não nos referimos ao 3º acto, onde discordamos um pouco da interpretação dada pela Sra. Duse, mas diremos com franqueza que nunca nos pareceu tão natural e tão logica a transição de Cypriana.

Pela maneira por que a Sra. Duse observa Adhemar e Henrique, na scena em que o marido accede ao divorcio, vê-se claramente que aquella estouvada conieça a comprehender que o primo não passa de um pulha, ao pé do qual avulta a natural distincção do marido, e sente-se que no fim da scena ella tem ainda mais vontade de exclamar o—«Estou roubada!», do que no 1º acto.

Ha pequenas mirucias deliciosas, que revelam uma grande observação e um admiravel estudo da interessante personagem. E é por uma serie intelligentemente comprehendida de ligeiros detalhes; de insignificantes gestos de rapidos olhares, que chega a ser perfeitamente accetivel, natural e verosimil toda a acção de Cypriana na sua situação extravagante e excepcional.

Nunca a supplica foi feita com mais graça e ternura, com mais sentimento e expressão, com mais irresistivel encanto do que na occasião d'aquelle—«*Pranza con me!*», quando Cypriana, pendurada do pescoço do marido, lhe pede que fique, mas pede-o com o maior transporte de ternura que se pôde imaginar, com uma voz em que ha toda a meiguice de um amor que renasce, que volta com impeto, trazendo o convencimento da culpa e que faz entrever desde logo o «*De joelhos!*» do terceiro acto.

Emfim, no *Divorçons!* como na *Denise*, uma grande artista — a Sra. Duse-Cecchi.

O Sr. Andô foi tambem um magnifico Des Prunelles, dizendo e representando com grande correcção, e chegando mesmo a ser notavel em algumas scenas, como na leitura da ultima carta de Adhemar, no 2º acto.

Fraco o Sr. Masi no papel de Adhemar; fraco e mal vestido; insupportavel aquella sobrecasaca preta do 1º acto.

O Sr. Cecchi fez com muita distincção Clavignac, que temos visto por ahí es-
tragado por diversos actores.

Os demais artistas não têm no *Divorçons!* papéis dignos de nota.

O MESTRE DE FORJAS

O desempenho, dado pela companhia Rossi—Duse—Cecchi a esta excellente peça de Ohnet foi, salvo algumas excepções, muito bom; poremos todavia de parte os *senões* e só nos occuparemos dos artistas cujo trabalho mais nos impressionou.

Frio, muito frio correu o primeiro acto, e no publico extraordinario, que pela primeira vez alli se reunia, notava-se como uma decepção quando desceu o panno.

No vozear dos corredores ouvia-se de um ou outro lado palavras que, realmente, nada tinham de lisongeiro para os artistas; todas estas *más impressões* desapareceram felizmente ante o magistral desempenho dado por Andô e Duse aos papéis de Derblay e Clara; em todo o correr do 2º acto o publico, que se mostrara durante todo o primeiro quasi que indifferente, sentiu-se deveras dominado, fascinado, e frequentemente, nos grandes lances dramaticos, eram estes artistas interrompidos por applausos freneticos e expontaneos.

D'alli por diante a indifferença se converteu no maior e mais sincero entusiasmo, não desmentido durante toda a noite.

Innegavelmente foi a Andô e Duse a quem perteceram as glorias do desempenho.

A Sra. Aleotti no papel de Athénaïs e a Sra. Zangheri no de Suzana portaram-se de modo muito louvavel. Quer-nos parecer que o Sr. Rossi deu ao papel de Moulinet uma interpretação algum tanto differente da que a que elle exige, muito embora tivesse merecido applausos.

Os outros artistas houveram-se de modo incensuravel.

Deve ser segunda-feira o beneficio da actriz Jesuina Montani, viuva do estimado actor Peregrino.

E' de esperar da generosidade e do reconhecimento do nosso publico que nessa noite se encha o Recreio Dramatico, tanto mais que se representa—*O Gran Galeoto*, peça que ha muito não tem subido á scena.

Será tambem no Recreio Dramatico, lá para os meados do mez corrente, a recita da inspirada compositora Francisca Gonzaga.

Representar-se-á a sua opereta—*A Filha do Guedes*, cuja musica tanto agradeu; e a Sra. Rose Meryss cantará pela primeira vez a *Bandoleira*, letra do nosso collega Alfredo de Souza e musica da beneficiada.

Pela primeira vez a Sra. Gonzaga tocará piano em publico.

Deve ser uma festa esplendida. Os bilhetes estão já á venda no Castellões e no theatro.

BENEFICIO DA ACTRIZ LUCINDA.—O CASAMENTO DE FIGARO

Foi hontem a festa artistica de Lucinda Furtado Coelho.

Como todos os verdadeiros artistas, a gentil baroneza d'Ange é caprichosa. Desta vez, como naturalmente de muitas outras, o seu capricho foi de bellos e fecundos resultados, porque é a esse capricho, revellador de toda a delicadeza da alma feminina tocada pelo sopro da arte, que nós e o publico devemos a ventura de termos visto a celebre comedia em 5 actos, de Beaumarchais—*O Casamento de Figaro*. Foi esta a primeira vez que Beaumarchais foi representado na lingua de Vieira, fortuna que trevemos de agradecer á talentosa interprete da Suzana.

Dizer o que é esta peça não nolo permite o espaço de que á ultima hora podemos dispor. Basta, porém, dizer-se que ella é pelos mais illustres historiadores considerada como um dos factores mais poderosos da grande revolução franceza; basta dizer-se que ella completou o seu centenario no anno passado e que na epocha em que foi escripta deu em theatro publico sessenta e quatro representações, apezar da tenaz opposição do Rei Luiz XVI, sendo preso o auctor na ultima noite, e dando-se poucos annos depois a circumstancia interessante de ser representada no proprio palacio de *Trianon*, fazendo a propria rainha Maria Antonietta o papel de dama principal e o principe Carlos o de Figaro; basta dizer-se que é um dos primores classicos que o theatro da *Comedie de Paris* representa todos os annos; e basta, finalmente, dizer-se que Pailleron, um dos mestres do actual theatro francez, membro da Academia dos 40 immortaes, copiou servilmente do 5º acto do *Casamento de Figaro*, o seu ultimo acto da *Sociedade onde a gente se aborrece*, sendo para notar que o acto de Beaumarchais é ainda muito mais perfeito como obra de arte, apezar de ter mais um seculo de idade.

O protagonista, Figaro, é o typo lendario, que representa o espirito de uma epocha historica, a luta da razão com o preconceito, a primeira rebeldia do povo contra a nobreza e o clero; porque Figaro é Beaumarchais e Beaumarchais era o povo, era o relojoeiro plebeu que ia a Pariz mostrar um novo mecanismo de relógio de sua invenção, e que foi subindo por si até chegar a ter influencia nas duas ultimas cortes dos Capetos; era o homem que primeiro devia synthetisar em uma palavra toda a formula democratica que rege as sociedades actuaes e que a revolução franceza consagrou e instituiu a poder de sangue, palavra que foi para os mesquinhos e para os opprimidos o advento da força e da liberdade: « *Eu sou cidadão, e não cortesão, nem abbade, nem fidalgo, nem banqueiro, nem valido, nem cousa nenhuma do que se chama poder. Sou cidadão* », dizia o continuador da obra demolidora de Voltaire.

Como peça theatral o *Casamento de Figaro* é ainda uma obra notabilissima, escripta com extraordinaria vivacidade, azougada e subtil, cheia de situações admiravelmente preparadas, e que só não são inteiramente novas por terem sido aproveitadas e imitadas por muitos escriptores de comedia. O primeiro acto revella immediatamente a arte do auctor, na interessante scena do escondrijo duplo de Cherubim e Almaviva, de que decorre toda a intriga da peça. O segundo tem toda a subtilidade e galanteria da alta comedia moderna, como a sabem fazer Augier e Sardou. O terceiro, o do tribunal, comquanto mais carregado por via do ridiculo que devia ferir a justiça da epocha, é ainda magnifico, e ha n'elle um dos mais bellos dialogos que se tem escripto para a scena, um verdadeiro duello á palavra, onde poderosamente se accentua o caracter do famoso barbeiro de Sevilha e onde resalta com toda a franqueza o predomínio da intelligencia sobre o espirito obcecado dos senhores feudaes. É uma luta admiravel de astucia contra astucia, travada a phrases de grande conceito e fino espirito, onde se resume toda a philosophia democratica que devia pouco depois irromper do seio das massas para derrocar por uma vez a sociedade apodrecida, orgulhosa e futil do seculo XVIII.

O quarto acto, ainda que tambem interessante, não é mais do que um preparo para o quinto, que é magistral, cheio de situações engraçadas e originaes, vivissimo, feito com grande arte e com grande talento.

É, pois, inteiramente justa a celebridade do *Casamento de Figaro*.

O desempenho foi satisfactorio. O papel de Suzana foi desempenhado por Lucinda com extrema graça e vivacidade, o seu caracter foi perfeitamente comprehendido e interpretado com grande relevo. Passa a ser dos melhores papeis da notavel actriz, destacando-se da affinidade e parentesco que existe nos seus typos da comedia moderna.

Um bello trabalho.

Furtado Coelho accentuou bem o typo de Conde de Almaviva, embora lhe faltasse um pouco mais de galanteria, que nos parece deveria ter o fidalgo impetuoso e libertino de Beaumarchais.

Baptista Machado foi um Figaro muito aceitavel, não nos parecendo, contudo, completamente verdadeira a interpretação que deu ao mordomo astucioso e intelligente do Conde de Almaviva.

Martins esteve impagavel no estúpido juiz D. Gusmão, imitando com muita graça e naturalidade a gagueira da Justiça publica.

Heitor fez tambem com muita graça o papel de D. Bartholo e o Sr. Peixoto, um principiante que tem habilidade, não conseguiu vencer as difficuldades do desfaçado D. Bazilio, embora não se possa exigir mais da sua pouca experiencia.

Sara esteve adoravel e graciosissima no interessante papel de Cherubim, e cantou com muito sentimento e expressão o romance do 2º acto. Bonita voz.

Luiza Lopes fez com a precisa distincção a Condessa de Almaviva, e Margarida Lopes conseguiu fazer bem o papel de Marcellina, que é o mais, senão o unico defeituoso da peça.

Branca (Panchita) e os demais artistas contribuíram para o regular desempenho da famosa comedia.

Os vestuarios, novos e ricos, feitos sob todo o rigor da epocha, são de grande effeito. Os scenarios novos, do 1º e 5º acto, são muito bem pintados, principalmente o ultimo.

A beneficiada foi muito applaudida e festejada, como é de justiça, e o publico mostrou-lhe mais uma vez o alto conceito em que tem o seu merito.

As aves do Templo

Victor Hugo era um templo,
Servindo ao mundo de exemplo.

Era um templo com branca torre erguida,
Que se perdia no esplendor dos astros.
Quando o Poeta cantava em plena vida,
Era um templo com branca torre erguida,
De louro e myrtho e de bera entretecida...
Suspenseo em pedestal de oiro e alabastros,
Era um templo com branca torre erguida
Que se perdia no esplendor dos astros.

A Luz, o Ethereo Espirito existia
N'elle— como no antigo Tabernaculo.
No emtanto, o monumento— onde explosia
A Luz, e o Ethereo Espirito existia,—
De um rouxinol e de uma cotovia
Era a guarida, e,— fulgido espectáculo!—
A Luz, o Ethereo Espirito existia
N'elle, como no antigo Tabernaculo

Tudo juntou a Destruição potente:
A becatombe, a procella, o furacão;
De raios avalanche comburente...
Tudo juntou a Destruição potente
P'ra abalar o Colosso consistente!
Para alcançar-lhe o cimo na amplidão,
Tudo juntou a Destruição potente:
A hecatombe, a procella, o furacão !...

E o sagrado edificio estremecendo,
Estremecendo desde o cume ás bases,
As architraves solidas rangendo,
Do Azul rasgando as alvejantes gazes:
Soltou pelo ar estrepito trenendo,
Como o que estruge em barathros vorazes!
E descambou,— como se mil montanhas
Fossem rolar da terra nas entranhas !...

E ao tombar, as particulas radiosas
Espalhou pelos pólos e bemispherios,
Deixando em treva o Mundo, e as fulgurosas
Luzes enviando aos páramos sidereos...
E, agora, sem abrigo, as melindrosas
Aves,— mais tristes que as dos ceniterios,—
Nas ramas de um cypreste ambas pousadas,
Soltam pelo ar estas canções maguadas :

A COTOVIA

Foi abaixo o templo rico
Que me abrigou das procellas,
P'ra o qual eu trazia ao bico
Festões, grinaldas, capellas...

E esse abrigo, que me dava
A protecção e a alegria,
Se elle era em festa—eu cantava,
Se elle era em lucto—eu carpia!

Como as mais aves exues,
Não buscava a verde alfonbra;
D'elle á sombra— eu via a luz,—
Hoje, na luz,— vejo a sombra...

O ROUXINOL

Sobre seus hombros de pedra
Soltava ao ar meu gorgeio...
Hoje, em meu seio não medra
Mais o grato devaneio

Que importa que a Aurora venha
Raiando; que o sol irrompa,
Que flores o prado tenha,
Que, ao som da sonora trompa

Da Alvorada, o Mundo acorde,
Se já não tenho guarida ? !...
A Dôr meu seio remorde,
E' como a Morte esta vida !

Olho e vejo:—é tudo agreste,
—Negro o céu, a estrada escura...—
Fico aqui. N'este cypreste
Terei ninbo e sepultura !

A COTOVIA

Os meus tristonhos canticos
Jamais hão de soar
Sob a alvejante abobada
Do meu grandioso lar !

O ROUXINOL

Ampara-me, protege-me,
Levanta-te ! Não vês
Como me banho em lagrimas ?
Abriga-me outra vez...

Assim as aves mimosas,
Sem mais abrigo, perdidas,
Entre queixas lamentosas.
Espalbam no ar as vozes doloridas.

Jorge e Joanna, eis como elles se chamam
O rouxinol e a terna cotovia;
Que as mais sentidas lagrimas derramam,
Por se haver atufado eternamente
O luminoso sol, que os aquecia,
Nas irradiantes purpuras do Poente!
Do adoravel Hugo
Os netos adoraveis,—triste sorte!—
Devem verter o pranto noite e dia,
A deplorar a morte
De quem tanto os amou :
Do Avô, que exemplarmente possuia
A « arte de ser avô. »

HENRIQUE DE MAGALHÃES

10 de Junho de 1885.

FACTOS E NOTICIAS

Festa escolar

Realizou-se no dia 29 do mez passado uma bella festa no excellente collegio D. Castorina, no Engenho Novo. Tratava-se de fazer a entrega solemne do retrato do Dr. Pedro Fiel de Bittencourt, digno esposo da directora, o qual lhe foi offerecido pelas alumnas do collegio e por varios amigos. A's 8 horas da noite era agradabilissimo o aspecto do estabelecimento.

A entrada, desde o portão, achava-se adornada de festões e illuminada « a giorno »; as crianças em grande numero, pulando e correndo, enchiam o ar de gritos alegres e de fogos proprios do dia, em honra de S. Pedro e em homenagem ao Dr. Pedro... Fiel A chegada do Dr. Pedro... Americo—autor do retrato—com sua Exma. familia, foi recebida com uma grande ovação infantil. A criança cercou o grande pintor, dando-lhe vivas entusiasticos. Pouco depois realizou-se a entrega do retrato, orando varios alumnos, recitando uma genntil menina uma poesia aequada ao acto e agradecendo o Dr. Fiel em commovidas palavras aquella grata manifestação.

Começou em seguida o baile. A' meia noite foi servida uma lauta ceia. Entre os brindes erguidos citaremos o do Dr. Emygdio Victorio, inspector geral da Instrucção Publica, ao Dr. Pedro Fiel; o do Dr. Valentim Magalhães á Exma. Sra. daquelle distincto cavalheiro, o do Sr. Lima, digno director do « Collegio Universitario Fluminense » ás tres gentis e intelligentes filhas do mesmo senhor, as quaes foram chamadas por um dos circunstantes—as tres Graças da Educação; o do Sr. Eduardo Salomonde ao jornalismo fluminense, representado nas pessoas de Valentim Magalhães e Alfredo de Souza, o deste nosso collega ao « Diario Portuguez » na pessoa do Sr. Eduardo Salomonde, e finalmente o do Dr. Pedro Fiel a todos os seus convidados, agradecendo-lhes o comparecimento áquella festa, que esteve realmente esplendida.

As dansas prolongaram-se até ás 4 horas da manhã—animadissimas.

Foi uma bella festa, que ficará gravada na historia brilhante—embora curta, do collegio D. Castorina—um dos melhores que conhecemos para a educação de meninas.

Em virtude de um accordo entre os Srs. L. X. vier de Richard e Georges Lardy, o jornal francez que, sob o titulo « Echo du Brezil, devia apparecer no dia 5 do corrente como noticiámos, será publicado com o titulo « Le Sud American ».

O programma será o mesmo.

Appareceu no dia 30 o 1.º n. do « Diario Fluminense », órgão dos interesses conservadores, do qual é redactor principal o Dr. José Avelino.

Mais outra folha annunciada para muito breve: a « Gazeta da Manhan »; redactor principal Joaquim Nabuco, e proprietario Dr. André Rebouças.

Falleceu no dia 10 do corrente o Sr. Antonio Maria Navarro de Andrade, antigo e estimado corrector desta praça. A morte foi produzida subitamente por uma enbolia cardiaca.

Era condecorado com o habito da Rosa e contava 59 annos de idade. Deixou viuva e fillos.

Este fallecimento causou dolorosa impressão na cidade, especialmente na Praça do Commercio, onde o finado servia ha mais de 20 annos.

A VIDA ELEGANTE

Foi concorridissima a 2ª *matinée* musical do Club Beethoven, realisada no dia 28 do passado, no salão do Novo Cassino Fluminense.

Grande numero de senhoras em elegantes e ricas *toilettes*; os mais distinctos e illustres representantes das Letras, das Artes e do Capital, deram-se *rendez-vous* naquella dia, naquella logar.

Pouco depois da chegada de SS. MM. e Alteza Imperiaes, começou o concerto, que abriu com uma bonita aria de Sal-vayre para orchestra de instrumentos de corda.

O programma era longo e, em que pesc aos seus distinctos organizadores, não totalmente escolhido com gosto. As peças, embora de grande valor musical, eram quasi todas de estylo pesado e enfarante. Cremos que mesino em musica classica se encontram trechos mais amenos, mais agradaveis.

A impressão geral que deixou essa *matinée* não foi das melhores. Os numerosos ouvintes retiraram-se com uma impressão de fadiga, aggravada pelo fiasco da corneta no septuor de Saint Saens; aliás famoso. Alguns trechos, no emtanto, agradaram; taes—o *Pizzicato*, de Morley, a *Berceuse*, do Falhauber, e a aria de Bach sobre a 4ª corda.

Fôra injustiça, não render a Roberto Benjamim, Arthur Napoleão, Bevilacqua e Queiroz, a homenagem da nossa admiração pela maneira brilhantissima por que se desempenharam das difficeis peças que lhes coube executar.

Esteve esplendido o sarão-concerto que o Club de S. Christovão realisou na noite de 27 do mez passado.

Depois do concerto, que foi escolhido e bem executado, seguiram-se as dansas que se prolongaram até á madrugada.

Chá e buffet, como sempre, profusos e á vontade de todos os paladares.

Não nos é possivel descrever a bellissima noite que ali todos passámos. Se quizessemos falar do bello sexo teriamos que lançar mão de uns adjectivos chapudos e gastos, o que não nos convém. Se quizessemos tratar das amabilidades com que a directoria nos cercou, teriamos... perdão! a directoria do Club de S. Christovão não precisa de adjectivos; ella merece-nos felicitações francas e leaes, como leal e franca foi a recepção que nos fez. Aceite, pois, a directoria do Club de S. Christovão nossos cumprimentos pela agradabilissima noite que proporcionou a todos os seus socios e convidados.

A convite do Club do Engenho Velho fomos assistir á sua festa mensal, realisada a 27 do mez findo.

Para as leitoras que não pôderam gentilmente pisar os salões d'este Club nem illumina-los com os seus sorrisos, para estas, que ficaram em casa, presas por alguma indisposição ou por outro facto serio, escrevemos nós esta pequena noticia; áquellas que lá estiveram figurando com suas riquissimas *toilettes*, distribuindo tentadora e prodigamente os seus olhares luminosissimos, deixando voar dos seus labios pequenos e rosados a abelha buliçosa de uma phrase de espirito, passando a pontinha de seus dedos, apertados pela pellica de *Jouvin*, no hombro de um cavalheiro distincto e amavel que teve a fortuna de ouvi-la cantar uma *romanza* com arte e expressão, e que finalmente tivera a felicidade de encontral-a sem par para uma valsa arrebatadora; áquellas en-viamos os nossos cumprimentos pelo

brilho, graça e alegria que deram áquella festa.

Não ficou áquem das outras esta partida. O concerto foi muito bem organiado e executado irreprehensivelmente.

Distinguiram-se nelle a gentilissima Mlle. Wright, que cantou adoravelmente e o nosso joven maestro Carlos de Mesquita, cuja marcha foi muito applaudida.

Depois do concerto precipitaram-se as quadrilhas, polkas e walsas que correram animadissimas até muito tarde.

O serviço foi muito bom e fartamente distribuido.

Desejamos ao Club do Engenho Velho todas as prosperidades de que é merecedor. Aceite a sua directoria as nossas felicitações.

Os morangos

CONTO INFANTIL

Maria era uma brutinha, filha de um jardineiro; teria os seus 8 annos e passava o dia a ouvir reprehensões, porque o pae não lhe consentia tocar nos canteiros, vedando-lhe as plantas todas; e ella, como creança, coitadita, sentia tentações gulosas ao ver os pecegueiros vergados ao peso da fructa, já amarella, carnuda, appetitosa... ao ver os cachos de uvas, negras, vidradas, pendentes d'entre a folhagem de um verde claro e macio da pequena parreira, e os grupos doirados das ameixas, e as maçãs vermelhas e lustrosas... e tinha de olhar de longe para tudo aquillo que lhe fazia crescer agua na bocca, porque o pomar não era grande, e o *patrão*, conforme affiançava o jardineiro, contava até... as amoras!

Assim ia vivendo Maria, resignando-se a comer unicamente a fructa abandonada por incapaz de apparecer na mesa do dono, ou por ter dado abrigo a algum bixinho importuno, ou por ter cahido no chão batida pelo vento ou pela chuva durante a noute, o que fazia com que Maria não temesse e até desejasse as tempestades.

Mas houve um tempo de prolongada calma. As noites eram tepidas, claras; nem a mais leve aragem agitava a ramaria espessa; os dias quentes, sazonahes de quanta fructa houvesse; as manhas esplendidas...

Ai! foi numa manhã que a pobre Maria se ia perdendo, levada pelo peccado da gula!...

Andava ella pelo pomar vendo o pae colher morangos a mandado do *patrão*, que alli estava em pé, como um policia, o maldicto do homem! Ella tinha-lhe medo, mas medo de a fazer tremer; por isso quando elle lhe disse:—Anda, pequena, ajuda teu pae—ella curvou-se immediatamente e com as suas mãosinhas trigueiras ia afastando a folhagem orvalhada e fresca para colher os morangos vermelhos como os seus labios, humidados como os seus olhos. D'esta vez, pensava ella comsigo, eu como um morango, novo, bem madurinho e gostoso... e dava estalinhos com a lingua e lambia os beijos.

Cuidava ella que o *patrão* recompensaria o seu trabalho. Pois sim! olha quem! Elle sentára-se perto, mandára vir um prato e entretinha-se em armar em pyramide os morangos que tanto ella como o pae colhiam. Pouco a pouco foi perdendo a esperanza; tacteava a folhagem e ao pousar os deditos numa das fructinhas cubicadas, engolia em secco e piscava os olhos. Quando vio que de todo era loucura esperar da caridade d'esse senhor tão mesquinho, passou como gato por brazas as mãos por um morango maduro, cobrio-o mais

com as folhas para que não fosse visto e levantando-se poz-se a pensar de que modo poderia, durante o dia, vir buscal-o.

O patrão armára a pyramide, mas de repente disse ao jardineiro:—Homem, veja lá se me arranja mais um para arrematar isto aqui em cima. O jardineiro esquadrinhou, mas qual! d'aquelle lado já não havia nada. Passou para o da filha. Maria estremeceu. D'ahi a pouco o velho levantava-se triumphante—tinha apanhado o ultimo morango, e que bello que este era! Maria vio-o passar para as mãos do patrão, pensando consigo:

—Que desaforo! rouba-me a minha fructa!

Momentos depois estava sosinha n'aquelle logar.

O amo mandára o prato para dentro e sahira para a rua; o pae fóra regar umas roseiras do lado opposto áquelle.

Maria caminhou: subio audaz os dois degrãos do terraço, sombreado por um toldo riscado, e penetrou numa bella sala de jantar cheia de *étagères* com porcelanas finas e umas estatuas alegres de terra cota; mas o que lhe importavam a ella as estatuas coroadas e risonhas, e as begonias dos grandes vasos com figuras em relevo e as porcelanas finas? Ella entrára atraz dos morangos, que ali estavam sobre a mesa, ao alcance da mão... que lhe sorriam e que a tentavam! Maria olhou á roda: a casa estava silenciosa... estendeu o braço com precaução e delicadamente poz a mão sobre o prato; tirou o seu morango, comeu o todo de uma vez... que delicia! de novo estendeu a mão, mas, sentindo um leve rumor, retirou-a com precipitação; os morangos então desabaram, espalharam-se pela mesa e pelo chão, como um collar de coraes a que uma creauça caprichosa tivesse arrebitado o fio.

Maria, tremula, olhou para traz e vio a filha mais velha do amo, Lucia, menina franzina, delicada como um botão de roza, pallida como um raio da lua.

A infeliz Maria via-se perdida, sentia-se córada de vergonha. Lucia ia a falar, quando entrou sua mãe, uma senhora severa, com um lindo roupão de cauda todo enfeitado de rendas...

—Que é isso?! inquirio ella, franzindo as sobrancelhas, e fixando Maria; quem ousou tocar nos meus morangos? tu?!

—Fui eu, minha mãe; respondeu a vizinha doce de Lucia; perdóe-me, sim? e fazendo uma momiche graciosa, deu-lhe dois beijos nas mãos.

—Perdóe-te; mas olha que o que tu fizeste não é bonito...

Por muito tempo Lucia repartio com Maria o seu quinhão de fructas; mas agora, que ella já não tem pomar, nem jardim, pois que seu pae fallio e tudo entregou aos credores, é Maria quem lhe leva na estação das fructas, —hoje, que o velho jardineiro é possuidor de uma pequena propriedade,— lindas pyramides de morangos, vermelhos como os seus labios, doces... como os seus amores!

JULIA LOPES.

Campinas, 2 de Junho de 1885.

QUESTÃO LITTERARIA

QUAL O MAIOR POETA DO BRAZIL?

Os votos recebidos até esta data sobem ao numero de 382.

Termina em 10 do corrente mez o prazo marcado para esta eleição. O resultado final será publicado no nosso numero proximo.

Durante estes sete dias votáram os seguintes Srs.:

EM GONÇALVES DIAS

Da Côte:—Pedro Paulino da Silva.
De Minas:—Francisco Paula Brazileiro

De Maracás (Bahia):—João Bastos.

EM CASTRO ALVES

Da Côte:—Aquino Fonseca, José Francisco de Oliveira, Alvaro Cezar Brito, Alfredo da Silva Fortuna, Alzira Chénaut, Gabriel A. do Patrocínio, Torquato Ribeiro Guimarães e Manuel Ribeiro Guimarães.

De Nictheroy:—Arthur de Almeida e Pedro Affonso Junior.

De Campinas:—J. Augusto Ferreira.

Da Bahia:—Fabio d'Ultra Silva, Manoel José Alves de Salles, Luiz Vieira de Siqueira Torres, Antonio Durval de Souza Brito, Urbano Lopes Pontes e João Lopes Pontes Junior.

EM LUIZ DELFINO

Da Côte:—Alberto de Figueiredo Pimentel, Joaquim Pereira Duarte e Cypriano Gomes.

De Ouro Preto:—Francisco Lins.

EM ALVARES DE AZEVEDO

De Pelotas:—Bernardo Taveira Junior.

Do Ceará:—J. Carneiro da Costa.

EM DOMINGOS DE MAGALHÃES

De Goyaz:—Floriano Florambel.

EM CASIMIRO DE ABREU

Da Côte:—João Moreira Alves de Lima, Manoel Rolemberg de Almeida, Antonio Pinto de Magalhães, Antonio Ernesto Vianna, Christino Alves de Oliveira Dantas, Juvencio Muniz da Fonseca Lessa, Mario Menezes Doria Junior, Antonio Bezerra da Motta Silveira e Manuel Theodoro da Silva.

RESULTADO

Gonçalves Dias.	133
Castro Alves	78
Luiz Delfino. . .	50
Casimiro de Abreu.	46
Theophilo Dias. . .	14
Alvares de Azevedo	10
Fagundes Varella	8
Porto Alegre	6
Luiz Guimarães Junior.	5
Bernardo Guimarães	5
Domingos Magalhães	5
Gonçalves Crespo .	4
Mello Moraes Filho	4
José Bonifacio.	2
Emilio Zaluar. . .	2
Santa Rita Durão	2
Gonzaga . .	1
Pedro Luiz. . . .	1
Bazilio da Gama . .	1
Alberto de Oliveira	1
Odorico Mendes.	1
Laurindo Rebello.	1
Damasceno Vieira	1
Antonio José.	1

RECEBEMOS

— « Traços biographicos de Victor Hugo » traducção livre de Bráulio Cordeiro Junior.

— « O Cadastro da Policia », novas folhas, com um lindo chromo.

— « O Palinuro », edição especial em homenagem a V. Hugo.

— « A Divina Comedia », de Dante Alighieri, Traducção de J. P. Xavier Pinheiro. Primeiro e segundo fasciculos, nitidamente impressos.

— « Cartas e bilhetes postaes a Julio Ribeiro; por Deuocrito e Diderot » S. Paulo. typog. da « Provincia ».

— « Compendio de Musica; traduzido e compilado por Julio Bueno. »—Porto.

— « Boletim do Circulo Catholico do Rio de Janeiro », publicação mensal; redactor chefe —Dr. Antonio Manuel dos Reis.

— « Inspirações, collecção de poesias de Caetano Salazar Sanches. » S. Luiz (Maranhão) 1884.

— « Ondas tardias, dedicado aos meus amigos », por E. R. Silva. D'esta obra, realmente incomparavel, fallaremos proxima-mente.

— « O Bisbilhoteiro Familiar ou o gaiat » de salão », repertorio de mil e uma perguntas e respostas analogas, sophismáticas, enyg náticas, satyricas, instructivas, recreativas, apimentadas e jocosas para passatempo das noites de Santo Antonio, S. João, S. Pedro » Sant'Anna e de quaesquer reuniões familiares por A. X. de Assis, com o juizo critico de um habil escriptor. »

— « A Estação »; n. 11 do anno XIV; editores Lonbaerts & C. Além de rízcos, figurinos etc. e do supplemento litterario do costume, traz este numero um supplemento especial, em homenagem a Victor Hugo, em que figuram duas bonitas gravuras—um retrato e uma apothose do poeta e numerosos versos extrahidos de suas obras e escolhidos expressamente para as leitoras da « Estação ».

LA FRANCE

Temos sobre a mesa o 1º numero deste jornal hebdomadario, de que é redactor-gerente o Sr. P. Labarriere. Seu programma é, como annunciámos, propagar em França o conhecimento dos immensos recursos do Brazil e combater no Brazil pelos interesses francezes. Enceta a publicação em francez do *Mulato*, romance do nosso collega Aluizio Azevedo.

Prosperidades.

No Guanabara

A VALENTIM MAGALHÃES

Que panorama alegre, deslumbrante, desenrola-se além!... Feliz quem gosa de uma vida tranquilla e descuidosa entre esta natureza exuberante!

Lar, amigos, familia, esposa amante, os idolos de uma alma carinhosa, tudo vejo sorrir na esplendorosa luz que te doira, ó quadro verdejante!

Pouco a pouco divisa-se a cidade, e enquanto o coração troca a saudade pelos hymnos festivos da esperança, O sol desenha a curva do occidente, e o paquete nas aguas, lentamente, singra de manso e para o porto avança!

HYPOLITO DA SILVA.

CORREIO

SR. MARIO—O seu soneto « Noite americana » tem os seguintes defeitos: As rimas entre os quartetos não são feitas com arte. Assim é que o Sr. conserva as rimas em «ores» entre os 1º, 4º, 5º e 6º versos e no primeiro quarteto versos 2º e 3º—em «ente» e no segundo, versos 2º e 3º—em «ente». Além disso o senhor fechou o soneto com este verso... quebrado:

« Se destaca dos céos num fragmento. »

Corrija-lhe estes senões e publico-o-emos.

SR. JOSE RODRIGUES DIAS—A poesia que o Sr. remetteu-nos feita por um amigo seu, não é má, revela muito talento poetico da parte de seu auctor. Quauto a publicar-a na «Semana» não nos é possivel. Carece que o seu amigo concerte alguns versos que estão, como se diz, quebrados... Entre outros apontaremos estes:

« Um bando d'aguas brancas, traço lumino-^{so.} »

« Pelas horas de scisma, dum poeta um astro! »
A luz que vem do Bello—divinal clarão. »

O joven poeta, que nos apresenta, possui uma bonita intelligencia e vocação poetica, repetimo-l-o; mas, por enquanto, é indispensavel que estude, e muito. São imperdoaveis os erros de metrificacão. E demais é tão facil evital-os!...

SR. PAULO DE MAGALHÃES—As suas quadrinhas « Horas Intimas » vão para a « sala de espera ».

SR. BRÁULIO JUNIOR—O seu soneto « Lutas », carissimo Sr. Brálio, é assim, assim... Não gostamos muito desta idéa:

« E a dor cruenta a lacerar em corte »

O peito meu, como um cruel tyranno, »

Ha de confessar que « a dor cruenta a dilacerar em corte » não é muito aceitavel, embora a rima em «orte» exigisse do Sr. semelhante cousa.

SR. MODESTO DE PAIVA—(S. João d'El-Rey) O seu soneto « Em extase » vae fazer companhia na « sala de espera » ás quadrinhas do Sr. Paulo de Magalhães.

A SEMANA

(PUBLICA-SE AOS SABBADOS)

Director - VALENTIM MAGALHÃES

REDACTORES:

Alfredo de Souza, Aluizio Azevedo, Filinto de Almeida, Luiz Murat e Urbano Duarte.

COLLABORADORES:

Alberto de Oliveira, Araripe Junior, Arthur Azevedo, Gaspar da Silva, Joaquim Serra, Luiz de Andrade, Julia Lopes, Luiz Delfino, Lucio de Mendonça, Machado de Assis, Manoel da Rocha, Pedro Americo, Raul Pompeia, Raymundo Corrêa e outros muitos escriptores distinctos.

A Semana—que ora entra no segundo semestre,—não é propriamente uma revista, como as que até hoje tem havido. Publicação hebdomadaria, tem, no entanto, o caracter de um jornal diario.

O seu fim principal é este:—fazer a historia completa e fiel da semana decorrida, dando a *nota do dia*. Para isso tem secções em que se occupa de tudo quanto tenha sido feito na semana em—sciencias, artes, letras, commercio, industria, costumes, religião, etc., offerecendo aos leitores uma curta noticia, satisfactoria e imparcial, de todos os factos que em todos esses ramos de actividade se tenham realizado nos sete dias decorridos.

No intuito de auxiliar os jovens escriptores de talento, acceitará **A Semana** qualquer trabalho litterario em harmonia com a sua indole e o seu programma, publicando-o, e pagando-o ao seu auctor, de conformidade com a tabella da folha **A primeira** das condições para a acceitação d'esses trabalhos é a responsabilidade de seus auctores. Embora sejam publicados com pseudonymo, exige-se que os originaes tragam a assignatura authentica do auctor.

PREMIOS:

Aos Srs. assignantes de anno daremos de premio um exemplar do bello romance *Mattos, Malta ou Matta* e aos de semestre um exemplar do tango **A Semana**— 100 rs.

VANTAGENS DOS ASSIGNANTES

Além dos premios respectivos, têm os Srs. assignantes as seguintes vantagens, não proporcionadas ainda por nenhum jornal:—Têm direito á inserção gratuita de qualquer annuncio ou reclamação que não exceda de trez linhas, uma vez por mez.

— Têm igualmente direito a todos os supplementos e boletins que a folha publicar. E ella publicará um supplemento ou boletim,—que será vendido avulso, separadamente, a 40 ou 60 réis,—sempre que houver qualquer facto importante, qualquer acontecimento de interesse publico.

— Além d'isso,—e esta é a principal vantagem,—tem qualquer dos Srs. assignantes o direito de consultar a folha, por carta assignada, uma vez por mez, sobre qualquer questão, duvida ou emergencia juridica, medica, commercial, litteraria ou de qualquer natureza, que se revista de character serio, e cujo objecto for importante. Obriga-se a redacção a responder-lhes por carta nos casos de urgencia, e pela folha nos outros. Para esse fim tem a folha advogados, medicos, commerciantes, em summa:—pessoas competentes, encarregadas de responder a todas as consultas, assumindo a responsabilidade dos seus conselhos. Outrosim promptifica-se a folha a ministrar aos Srs. assignantes todas as informações de que necessitarem. Este serviço, a que têm direito os Srs. assignantes, é igualmente gratuito. **A Semana** é o primeiro jornal que o apresenta no Brazil.

N. B.—Todas as consultas devem vir acompanhadas do respectivo sello, ou da sua importancia, para a resposta.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA:

Para a Capital

TRIMESTRE	2\$000;	SEMESTRE	4\$000;	ANNO	8\$000.
-----------	---------	----------	---------	------	---------

Para as Provincias

SEMESTRE	4\$000;	ANNO	8\$000.
----------	---------	------	---------

NUMERO AVULSO --- 100 RÉIS ; ATRAZADO --- 200 RÉIS

TYPOGRAPHIA E ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO E GERENCIA :

(ABERTO DAS 8 HORAS DA MANHÃ ÁS 6 DA TARDE)

36 TRAVESSA DO OUVIDOR 36

ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR.—

A SEMANA

CORTE

Trimestre..... 28000
Semestre..... 48000
Anno..... 88000

PROVINCIAS

Semestre..... 48000
Anno..... 88000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATREAZADO 200 RS.

SUMMARIO

EXPEDIENTE:—Historia dos sete dias; *Marcos Valente*.—Politica e politicos; *Petit-Pitt*.—Funeraes de Victor Hugo; *Emile Courtois*.—Algumas definições; *Dr. Gregorio*.—O Brazil e os brasileiros.—Gazetilha litteraria.—A caveira, poesia; *Alfredo de Souza*.—Cofre das graças; *Bibiano*.—Bellas-Artes; *Alfredo Palheta*.—Soneto a premio.—Questão litteraria.—A coherencia do Zama; *Piff*.—Livros alegres; *Alfinete*.—Theatros.—Mr. Patterson; *L. G. Duque Estrada*.—Ora, um cocheiro!...; *Peff*.—Questão interessante.—Alvares de Azevedo; *B. Taveira Junior*.—Assenção; *A. Mendes*.—Tratos á bola; *D. Pastel*.—Recebemos. — Anuncios.

EXPEDIENTE

Havendo terminado com o numero 26 o prazo das assignaturas do 2º trimestre e do 1º semestre d'A SEMANA, rogamos aos Srs. assignantes o obsequio de mandar reformar as suas assignaturas, o aos que so acham em atrazo o favor de mandar saldar os seus debitos.

A's pessoas que quizerem assignar esta folha por um anno daremos de premio um exemplar de uma bella obra, que se acha no prelo; as que a quizerem assignar por seis mezes daremos o tango «A Semana—100 rs.»

Os Srs. assignantes que desejarem a colleção dos seis mezes já publicados pagarão mais 38000. (38500, se for encadernada) Para quem não fôr assignante a colleção custará 18000, encadernada.

Partio no dia 1º do corrente a percorrer as principaes localidades da provincia Rio de Janeiro o nosso companheiro de trabalho Leonel Guerra, agente e cobrador desta folha. A todas as pessoas que com ella têm relações rogamos o obsequio de recebê-lo benevolamente, podendo com toda a segurança entender-se com elle ácerca de qualquer negocio relativo á Semana.

Pelas amabilidades e favores com que certamente vae ser acolhido e tratado o nosso representante desde já nos confessamos summamente gratos.

A SEMANA

Rio de Janeiro, 11 de Julho de 1885.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Além de pequenas occorrencias e factos minimos, de que, como o pretor, não cura o chronista; não ser o grosso escandalo Betzold—Bustamante, a discussão do art. 1º do projecto Saraiva, as aguas sujas da Camara e os acontecimentos theatraes, —em cuja onda sonora e brilhante alteia-se, dominador, o busto de Duse-Chechi —outros factos de nota não occorram durante a semana.

Ora, dos ultimos trata esta folha em secção especial (Theatros); para as cousas politicas tambem reservou logar á parte, confiando-as ás pennas inimitaveis de dois estadistas, illustremente desconhecidos, mas nem por isso menos conhecidamente illustres: *Ambrosio Severo* e *Petit-Pitt*...

Resta ao chronista, portanto, um só assumpto de valia:—o grosso escandalo Betzold—Bustamante.

Pois falemos d'elle.

No *Jornal* de quinta-feira, 2 do corrente, lèmos todos com doloroso pasmo a transcripção de uma sentença do tribunal do commercio do Sena, (Paris) relativa á reclamação feita pelo Dr. Carlos Bustamante a um Sr. Betzold, no valor de um milhão de francos (300 contos!) para o pagamento de *personagens influentes* da sociedade brasileira!

O effeito de tal noticia foi como o de uma bomba Orsini. Esse facto vinha confirmar de modo excessivamente eloquente o poder immenso da advocacia administrativa neste pobre Brazil, que para desmoralisar-se já não precisava disso; honra lhe seja!

A existencia de tal clausula no contracto Bustamante—Betzold representa uma accusação tremenda á honra dos nossos homens politicos, mas especialmente á dos nossos governos. Como era natural, esse facto ecôou prolongada e escandalosamente na imprensa, no Parlamento e no publico.

No Senado o indefectivel Sr. Correia verberou indignadamente o facto, no que foi secundado com valentia pelo Sr. Paranaguá, ministro dos Estrangeiros; na Camara, o Sr. Gomes de Castro fez outrotanto, censurando, contudo, por illegal, o procedimento do Sr. ministro da Agricultura, que fechou a sua secretaria ao Dr. Bustamante, vedando-lhe qualquer negocio nella.

Tambem nós não podemos approvar o procedimento do nobre ministro:—alem de illegal, foi precipitado, apaixonado, mas — sobretudo — inefficaz, inutil.

Que aleanta ao caso semelhante especie de excommunhão?

O Sr. ministro da Agricultura não tem poder para cassar os direitos civis e politicos de ninguem; não pô le, portanto, impelir que o Dr. Bustamante contracte; e agora, não conseguirá desfazer o que está feito. S. Ex. deveria esperar que o accusado se defendesse, que lhe chegassem informações e documentos fide dignos — para então resolver.

Em ninguem mais do que em nós poderá ter causado tristeza e indignação esse facto; mas não achamos justo que se faça do Dr. Bustamante — que nunca vimos, nem conhecemos — o bode expiatorio de um mal terrivel, que elle não inventou; de um delicto que não é d'elle, mas da politicagem podre em que vivemos, da epocha vergonhosissima que atravessamos.

O *excommungado* negou em artigo publicado no *Jornal* de 9 do corrente que houvesse pedido qualquer quantia para pagamento de *influencias*, pois que *nada lhes deu*.

A vista disso, o mais prudente seria esperar com calma que se esclarecesse este embrulhado e vergonhoso negocio, e só depois de feita a luz sobre elle condemnar o culpado ou culpados.

Está na honra do governo chamar aos tribunaes o Dr. Bustamante, para que elle, sob pena de ser condemnado como calumniador, declare *quaes as influencias que comprou, quando, e por quanto*.

A affronta é feita ao Brazil. A interdicção da secretaria da Agricultura ao accusado não lava o Brazil da affronta, porque essa pena não prova que o Dr. Bustamante houvesse mentido.

E é isso o que resta provar.

MARCOS VALENTE.

POLITICA E POLITICOS

A entrada de Joaquim Nabuco na Camara, no dia 3 do corrente, quebrou a calma podre que por lá reinava.

O convencido e energico discurso com que o valente abolitionista, naquelle mesmo dia, atacou o gabinete Saraiva e o seu triste projecto, produziu sobre a Camara o effeito de uma violenta descarga hydraulica. Os dignissimos Augustos, adormentados pelas capitosas delicias da paz negociada entre amarellos e rubros pelo illustre chefe conservador dos liberaes, foram subitamente arrancados á somneca legislativa pela voz imperiosa e ousada de Nabuco, que vinha, emfim, dizer ao seu partido e ao presidente do Conselho a meia duzia de verdades, clandestinamente açaimadas pela vergonhosa concordata com os conservadores. E Nabuco não teve papas na lingua. Disse ao Sr. Conselheiro o que é realmente o seu projecto e que

papel S. Ex. está obrigando a fazer com elle o seu partido:—o de coeiro dos escravos de 60 annos.

Um dos pontos mais tempestuosos desse discurso patriótico foi aquelle em que S. Ex. atacou o projecto Saraiva porque elle conservava a escravidão com todos os seus horrores: as mulheres acoutadas, os filhos conservados como escravos até 21 annos, que é justamente a idade em que se formam os caracteres, etc., recebeu do Sr. Felício dos Santos, o republicano-catholico-positivista, este aparte formidável:

— Isto é sentimentalismo...

O brioso tribuno perdeu a calma deante deste aparte, profundamente perdido, e retrucou ao polyfronte apartista:—se eu, por tratar de cousas tão serias sou *sentimental*, tenho o direito de chamar-o de *cynico*!

Imagina-se facilmente o arruado, a gritalhada que este merecido troco levantou. Não o approvamos como elemento offensivo, mas applaudimol-o como recurso para impedir que se repita essa ineptia malevola de chamar desdenhosamente — *sentimentalismo*! o que ha de mais santo e de mais benéfico no coração do homem:—o sentimento da dignidade humana.

A esse notavel discurso respondeu no primeiro dia de sessão... quem?... o Zama; o Zama, que foi um dos signatarios do projecto Dantas e um dos seus mais ferventes defensores; o Zama que durante o gabinete 6 de Junho foi um abolicionista de quatro costulos. Pois senhores, foi esse mesmo Zama que replicou ao digno deputado pelo 5º districto de Pernambuco, em nome do governo. Foi uma resposta infeliz; palavra!

Se o leitor porventura acredita que falamos apaixonadamente, acoimando-nos de *nabucophylo*, queira ouvir e responder a isto:—Como deve ser qualificada a consciencia de um deputado, que se confessa *abolicionista radical*, que declara que a propriedade escrava assenta no roubo e no crime, que o Genesis—vejam: até o Genesis!—condemna a escravidão; e que, logo após, —sem pestanejos, sem engulhos, sem o mais ligeiro *caroco* na sua logica,—defende, apoia, sustenta, endeosa o projecto-Saraiva—que tarifa a escravidão, que exige indemnisação em dinheiro e em serviços de todos os escravos, que restabelece o *capitão do matto*, comminando terríveis penas aos *acoutadores*, e que obriga o liberto, —o proprio liberto!— a ficar escravizado ao solo do domicilio do seu ex-senhor, durante cinco annos?!

Sim; como deve ser qualificada a consciencia desse deputado? Que cotação pode merecer o voto desse legislador? Que respeito deve esperar de seus concidadãos esse abolicionista-escravocrata, esse *Quero, não quero*, esse *Não-Sim*, esse Sinimbu Junior da abolição?

Mas o inqualificavel procedimento de Zama deve ter, por força, uma explicação.

Tem-na, de facto; e é esta: o Sr. Zama antes de ser patriota, antes de ser homem, animal raciocinante, antes de ser coerente e logico, antes de ter convicções, antes de aspirar a qualquer ideal, —é *politico*, é liberal, (*liberal*, meu pobre Laboulaye!) tem amor á sua cadeirinha na Cadeia Velha, aspira ao subsidio e a uma pasta. Mas—e aqui é que são ellas! —mas o projecto Saraiva é um projecto conservador, vasado nos moldes do mais puro conservatorismo (*sic*); foi concebido por obra e graça do Espirito Santo do Macuco e ha de vencer com a protecção do Todo Poderoso Andrade Figueira; papai Saraiva é

conservador—nem elle mesmo o nega, nem o ignora ninguem.

Então—onde está a coherencia politica de Zama? Porque apoia elle—com sacrificio das suas convicções (?) abolicionistas—um projecto anti-abolicionista, se este é conservador e se a cabeça do ministerio, que Zama defende não é liberal de miolo, mas apenas de nome?

Porque? Porque Zama, como a maioria dos seus co-religionarios, sabe perfeitamente que se derrubarem Saraiva, Saraiva chamará os seus amigos e o baralho passará para as mãos de pai Paulino... Por isso, Zama e mais os outros *liberaes*, que não querem ir tão cedo *às ostras*, preferem ir vivendo sem honra e sem gloria, mas com proveito, sob a a misericordia da bandeira vermelha dos adversarios, conservando a sua, a celebre bandeira da «Reforma ou Revolução!» enroladinha e quieta—a sahir do poder com ella desfraçada, ovante, levando intactas e puras as suas convicções, e os intimos desejos dos seus corações de patriotas.

Parodiando Francisco I, depois da derrota de Pavia, os zamas, apos a negociata Saraiva, exclamam:

— Tudo está perdido; menos o subsidio!

E por isso—apoiam Saraiva; porque Saraiva, além de ser o subsidio, é a representação palpavel da possibilidade de uma pasta—no futuro.

Grandes politicos!
Grandiosa politica!

PETIT-PITT.

A folha branca de um album, as mais das vezes, é maculada pelo epitaphio do Espirito.

EÇA DE QUEIROZ.

FUNERAES DE VICTOR HUGO

(EXCERPTO)

Em todos os artigos escriptos sobre os funeraes de V. Hugo houve unanimidade em elogiar a ordem que não foi perturbada e o pesar que sentiram pela ausencia no cortejo do presidente da republica, porque a todos seria agradável poder saudal-o—ou sob o Arco do Triunpho ou nos degraus do *Pantheon*, perto do catafalco do amigo que tivera a intenção de nomeal-o seu primeiro testamenteiro. A unica censura seria que foi feita aos funeraes no seu conjuncto, foi a de falta de recolhimento e a de falta de emoção. Disseram e repetiram que mais pareciam elles uma festa do que um enterro e lamentaram o não poderem ter visto mais tristeza nas physionomias.

« Ah! o enterro de Thiers! » diziam uns. « Lembra-se do de Gambetta? » respondiam outros. E a geração que nos precedeu, fazendo appello ás suas recordações, contava-nos a tristissima cerimonia havida quando voltaram as cinzas de Napoleão I.

E sinceramente esqueciam o quanto eram diferentes as circumstancias que precederam a morte e os funeraes d'estes grandes homens.

Todavia não podia haver lagrimas. De muito já se estava preparado para esta morte que, depois de tão longa e tão penosa agonia, era para o poeta e para seus mais ferventes admiradores quasi que uma felicidade.

Pois não nos deixava elle, para consolo da partida, obras-primas como jámais genio algum produziu e ainda algumas bellas paginas que nos lega como herança?

Porque nos affligiriamos então?

Havia muitos annos que nenhuma das grandes glorias litterarias fallecia em Pariz. Michelet morrêra em Cannes,

Georges Sand em Nohant, Alexandre Dumas nos arredores de Dieppe.

Um feliz concurso de circumstancias, que nunca se deram antes, contribuia a fazer desta manifestação em honra de um poeta, uma harmonia completa. É possível que, desde Augusto, não se tenha visto funeraes mais grandiosos. O *Pantheon*, com todas as suas commoventes legendas do velho Paris, inscriptas nos seus muros, abria as portas ao auctor de *Notre-Dame*!

Pois a ultima nuvem de melancolia não seria dissipada sob a influencia desse céu puro e limpido, que completava a illusão? Imaginava-se que todos estavam ali reunidos para assistir, em Roma ou em Athenas, a uma das mais magnificentes festas do paganismo. Mas essas emoções interiores, esses gosos artisticos poder-se-ia pedir que fossem sentidos por essa multidão de pobre gente que se agrupava pelos telhados e pelas chaminés, que se equilibrava sobre os ramos dos platanos das avenidas ou dos *boulevards*, ou que se apinhava sobre escadas mal seguras?

Digamol-o sinceramente: quantos haveria que apenas de neme conheciam o poeta e para os quaes os *Chants du crépuscule* e a *Legende des Siècles*, e o proprio *Hernani* e *Ruy-Blas* não passavam de letra morta?

Um tal enthusiasmo platónico é muito para admirar. Era preciso que a corda lyrica fosse bem vibratil para affrontar tantos perigos e supportar tantas fadigas.

Embora alguns incidentes da cerimonia parecessem burlescos e pouco solemnes a uns, de forma alguma nos offenderam elles.

Não viram todos esses barris levados até ás entradas das ruas por onde devia passar o cortejo e que se erguiam á altura necessaria para delles se poder avistar o prestito? esses coretes improvisados com quatro taboas e com risco de colchão e para os quaes se subia por escadas de mão? essas tribunas arranjadas sobre o toldo dos carros de mudanças e todas essas taboas de engommar que se introduziam pelos ultimos degraus das escadas e onde dois espectadores, fazendo contra-pezo, podiam occupar um logar em cada extremidade?

Então porque fazer reparo em todos esses infelizes que, não possuindo uma moeda de vinte ou quarenta soldos para obterem um bom logar e que depois de terem feito prodigios de engenho foram descansar e desalterar-se na taverna proxima? Não creio que fossem vistos mais ebrios nesse dia do que em outro qualquer; até houve menos gritos do que em outras ceremonias do mesmo genero. A propria *Marseillaise*, ao passar do toni maior ao menor, desfilava resoando menos bellicosamente!

EMILE COURTOIS.

Algumas definições

Palmeira—Na opinião das vassouras é uma arvore; na opinião das arvores é uma vassoura.

Demonio—a nossa mulher.

Anjo—A mulner dos outros.

Nubilidade—A maioridade do amor.

Calvice—A coroa do trabalho; ou a coroação do deboche.

Palidez—O rubor do crime.

Preguiça—A filha da Riqueza e a mãe da Pobreza.

Berço—Um ninho de beijos, um espelho de sorrisos.

Confissão—A barrêla dos peccados.

Continencia—O suicido do desejo.

Definição: *Omnis definitio periculosa.*

DR. GREGORIO.

O BRAZIL E OS BRAZILEIROS

No proximo numero começaremos a publicar uma serie de cartas, escriptas sob aquelle titulo, «por um chinez no Brazil a um brasileiro na China.» São interessantissimas.

Nellas é estudado o nosso paiz por quasi todas as suas faces, ás vezes com algum rigor, mas quasi sempre com inteira desprevenção e muito espirito.

Acreditamos que as cartas de Ylang-Lang serão lidas com interesse.

A coragem é muitas vezes o effeito do medo.

CORNEILLE.

GAZETILHA LITTERARIA

Livros francezes

Eis os mais notaveis, dos innumerados ultimamente publicados em Pariz, segundo os jornaes dessa procedencia, recebidos pelo *Niger*, a 9 do corrente:

HISTORIA

M. A. REYNAERT — *L'histoire de la discipline parlementaire*. Resume as regras e os usos das assembleas constitucionaes dos diversos paizes da Europa e dos Estados-Unidos. (Pelone-Lauriel).

BOULAY DE LA MEURTNE — *L'expédition d'Égypte*. Estuda o papel que nesse acontecimento tiveram Napoleão e o Directorio (Hachette).

GASTON GARRISON — *Le suicide*. Estuda o suicidio no seu desenvolvimento historico atravez dos seculos, do ponto de vista das legislações dos paizes civilizados. Obra importante e curiosa, feita com o auxilio das sciencias philosophicas, economicas e sociaes. (A. Rousseau).

ÉDOUARD MOUTET — *Histoire litteraire des Vaudois du Piémont*. (Fischbacher).

II. DE LYBEL — (Traduzido do allemão por Mlle. Marie Dosquet) — *Histoire de l'Europe pendant la Revolution Française*. Tomo 4º (Félice Alcan).

VIAGENS

CAPITAINE PIETRI — *Les français au Niger*; 1855-1883. (Hachette).

DE FONVIELLE — *Les affamés du pôle Nord*. Trata das commoventes e interessantes peripécias da expedição polar do major Greely, e das torturas hediondas soffridas pela tripolação do *Protea*. Um dos livros mais emocionantes deste genero. Hachette.

VICTOR TISSU — *La Chine*. (Jouvet).

PAULO JOANNE, o editor dos conhecidos *Guides-Journae*, acaba de publicar novos volumes, pertencentes á collecção *Itinéraire général de la France*, e na serie dos *Guides-diamant*, uma nova edição do guia de Pariz e da Anstria-Hungria, Tyrol e Baviera Meridional. (Hachette)

ROMANOS

MARC SONAL — *Sauvage!* (J. Levy).

GASTON D'HAILLY — *Monsieur Gendre*.

II. RABUSSON — *Le roman d'un fatuïste*; e muitos outros; mas não encontramos noticia de nenhum verdadeiramente notavel.

DIVERSOS

A. VESSIOT — *De l'éducation à l'école*. Uma obra de merito, que recommendamos a quantos se entreguem a estudos pedagogicos. (A. Ract & C.)

ANDRÉ THEURIET — *Bastien Lepage*. Uma obra sincera e commovente, em que o distincto romancista estuda o grande pintor, de quem foi amigo. (G. Charpentier).

MME. RATAZZI — *L'aventurière des colonies*; drama escripto ha 17 annos e só agora publicado. Segundo um artigo de Maxime Gaucher na *Revue politique*

et litteraire, é uma grande estopada, sem merecimento artistico. Ha na peça um negreiro que apparece a todo instante, como um *diable de boîte*, sem que se saiba donde, nem como, nem porque; os dois principaes personagens, que no começo do drama são verdadeiros monstros, acabam, com a peça — uns anjos!

Em summa: — um *fiasco* o tal drama da princeza *Bas-Bleu*.

CARLE DE PERRIERES. — *Paris qui joue et Paris qui triche*. Um curioso e divertido estudo do mundo dos jogadores. (C. Levy).

PUBLICAÇÕES ANUNCIADAS

Dentre os muitos romances prometidos destacaremos: *Le Druide* por Gip; *Livadia* por J. Bret; *Dernières œuvres* e *Souvenirs d'enfance*, de Tourguênief, precedidos de um estudo sobre o auctor por Vogué; uma nova edição de *Français de la cadence* e de *La Grande Bohème*, de Rochefort.

O livreiro Plon promette *Une promenade dans le Sahara*, por Ch. Legarde; *Barbou* começa *chez* Marpon et Flammarion a publicação de uma *Vie de V. Hugo*, com muitas gravuras.

Os editores artisticos Baschet et Goupil preparam um estudo sobre *Alphonse de Neuville et son œuvre*, J. Richard, em que se encontrarão, reproduzidos pela photogravura e pela phototypia, muitas das obras do celebre artista.

A livraria Picard está terminando o 2º volume das *Antiquités grecques*, de Schœnman, traduzidos por Oalusk.

A CAVEIRA

(A HENRIQUE DE MAGALHÃES)

Vi-a risonha, secca e abandonada,
Ao pé de alegre e verde trepadeira,
Fôra, talvez, de uma creança amada
Esta pobre caveira!

Quando da carne, em mysterioso enlace,
Cobria os ossos seus o roseo véo,
Beijos de mãe pousaram-lhe na face
Como estrelas no céu!

No emtanto,—morta,—a rir-se em plena vida
Entregne á chuva, ao sol ardente e nêano,
Eil-a, sem cruzatê! Eil-a esquecida...
Triste despojo humano!

Mas tudo é grande. A: Natureza, o Acaso,
Não se esquece jámais de cousa alguma;
Fez d'ella um toco e pequenino vaso:
Deu-lhe uma flôr que é branca como a espuma!

1885.

ALFREDO DE SOUZA.

COFRE DAS GRAÇAS

ELLA—Andas a dizer a todo o mundo, infame!
que eu te fiz um favor e que és o meu derrizo?

ELLE — Porém, Madame,
Eu não me gabo disso!

PEFF.

Falava-se de um cidadão um tanto escuro, a quem uma *mofna* irritára muito.

— Oh! o homem ficou branco de cólera!

— Qual! elle não havia de ficar assim tão fôra de si...

Um caixeiro do hotel «Novo Mundo», conversando com o poeta M., reconhecidamente forte em *calembours*, admirava-se do *sans façon* com que um freguez lhe comera um jantar sem pagar a respectiva conta.

— Que quer você? — respondeu-lhe o poeta: *Lu fain justifie les moyens*.

BIBIANO.

BELLAS ARTES

LANGEROCK. — (*Paysagista francez, recém-chegado ao Rio de Janeiro; fez exposição a 22 de Junho, em uma das salas da Academia de Bellas-Artes.*)

Seis encantadores quadros, tocados com muita segurança, executados com rara habilidade de perspectivas—*Jogo de bolos*; e *Uma pescaria no reinado de Luiz XV*; *Payzagem de França* e quatro estudos da natureza do Brazil.

Langeroock é dotado de grande talento artistico. As figurinhas que pintou nos dois primeiros quadros são de uma admiravel delicadeza de toques; animadas, vivas, cheias de graça, ellas dão idéa perfeita daquella existencia elegante e preguiçosa da aristocracia franceza. A *paysagem de França* — o maior dos quadros expostos — é incontestavelmente boa e recommendavel. É um logar vasto e frio, ao cahir da noite; em cima: o grande céu melancolico; nuvens dispersas passam no horisonte; em baixo: na confusão das sombras largas, na duvidade de contornos provocada pela escassa luz que se espalha, pequenas montanhas de cabeços arredondados, tristes arvores esguias, esgalhadas, quasi nêas, e a vegetação rachitica do solo, que vem do fundo, acompanhando as sinuosidades do terreno, margêa, á direita do observador, o escuro lavadouro em que uma mulher esfrega as ultimas peças de roupa.

Nos estudos da natureza brasileira o artista mostra que tem empregado muito trabalho para encontrar a cor local da *paysagem*.

A *paysagem do Brazil* é um escolho para os creditos dos pintores... Eu direi ao artista:—Cuidado, cuida-lo com este maldicto verde que tantas rugas e coleras tem provocado.

De resto, Langeroock veio ao Rio de Janeiro, dizem, para estudar a nossa natureza; e se é verdade isto, podemos esperar por outra exposição.

AURELIO DE FIGUEIREDO. — (*1º de Junho. — Seis pequenos quadros, expostos na Casa De Wilde.*)

Um grande talento em continua actividade é o deste excellente Aurelio. Não descança, nem se queixa. Depois de *Francesca de Rimini* e de *Cecy no banho*, tem feito mais de trinta quadros, e, dia a dia, vae nos convencendo; que de é um dos mais delicados *estylistas* da pintura, no Brazil.

Temos, dos seis quadros expostos, trez fantasias, um de genero e dois estudos de *payzagem*.

Sinceramente, os dois estudos de *payzagem* são bons, de uma grande frescura de impressão, e de uma grande impressão de colorido. Pintados por uma maneira larga, convicta, firme, elles nos apresentam dois aspectos de natureza viçosa, illuminada por uma vasta e alegre luz. Não ha manchas nos primeiros planos, nem minuciosidades de miniaturista;—são feitos methodicamente, á golpes seguros e caprichosos.

E com a mesma facilidade elle pinta um quadro de genero ou um quadro historico. As trez fantasias,—o mesmo modelo, sempre loiro e de vestido cor de rosa,—são delicados ornamentos de *boudoir*, caprichosamente pintados, com uma delicadeza, uma elegancia, uma distincção originaes de desenho. Como é chic aquella graciosa loira que tem um chale chinez enroldado ao corpo, o braço descancado sobre o regaço, o livro esquecido, o olhar lúminoso e apaixonado, vadiando pelo espaço! Como é *pschutt* aquella outra loira,

apertadinha no seu vestido de seda cor de rosa, attenta á leitura! Quanta macieza no seu pequenino rosto! Quanta verdade na sua attitude!

► Aurelio tem paixão pela cor e pelo estylo.

Em suas *fantasias* encontram-se sempre panaceamentos e estofos, luxo e riqueza.

Elle possui o esquisito e poderoso sentimento da cor, como os orientalistas.

O quadro de genero que expoz—*Jogo de cartas*—é fraco. Em um gabinete duas senhoras loiras, sempre as loiras! jogam cartas, talvez a *bisca*, em torno de uma mesa redonda. O quadro é frio, monotono, desinteressante.

George Grimm, ha pouco tempo, teve a fraqueza de expor, entre numerosos trabalhos, uma horrivel *Itha... dos Amores*, e agora Aurelio de Figueiredo, ao lado de tão bons quadros, nos apresenta este maldicto—*Jogo de cartas*.

Mas, como é uma *bisca*...

ALFREDO PALHETA.

No seculo actual tudo se faz—juntado.

ALFR. DE VIGNY.

SONETO A PREMIO

A *Semana*, desejando alimentar e desenvolver o pouco notavel movimento do nosso pequeno mundo litterario, abre nesta data um torneio poetico, offerecendo aos numerosos habitantes do nosso Parauzo um assumpto—o mais gracioso e mais bello que se poderia imaginar!—para ser cantado em soneto.

O assumpto é este:—Victor Hugo.

Esgotado o prazo—que abaixo vae declarado—para o recebimento dos sonetos, serão estes submettidos á apreciação de um jury, formado por trez poetas de incontestado valor, cujos nomes serão opportunamente conhecidos. Esse jury decidirá dentre todos os sonetos concurrentes quaes os que devam occupar os logares da triplice classificação de merecimento que fica estabelecida. Somente esses trez sonetos vencedores serão publicados.

Como premios, A *Semana* offerece aos seus auctores:—ao primeiro uma das obras de Victor Hugo, ricamente encadernada; ao segundo outra obra do grande Mestre, edição menos luxuosa; e ao terceiro um exemplar do n. 11 do anno da *Illustração*, o qual é interiramente consagrado a V. Hugo, com soberbas gravuras, entre as quaes um bello retrato do poeta.

O prazo para recebimento dos sonetos correrá de hoje até ao dia 11 de Agosto; e em o numero d'1 *Semana* do dia 15 será publicado o resultado do julgamento e com elle os trez sonetos vencedores.

Ao torneio, poetas!

QUESTÃO LITTERARIA

QUAL O MAIOR POETA DO BRAZIL?

Termina com este numero o prazo marcado para esta eleição.

Os votos recebidos sobem ao numero de 458.

Durante esta semana votaram:

EM GONÇALVES DIAS

Da Corte:—Arthur Azevedo, Aluisio Azevedo, Urbano Duarte, Luiz Emygdio de Souza, Manoel Antonio Francisco, Pedro Jose da Silva, Angelo L. J. Vianna, Raphael Vianna, Manoel Gonçalves de Paiva, Franco de Al-

meida Costa, Dionysio de Carvalho, Alfredo Tavares e Candido F. Maranhense.

EM CASTRO ALVES

Da Corte:—J. E. Moreira Alves, Guilhermino F. de Meleiros Filho, Alfredo Americo de Souza Rangel, Dario Cordeiro, Christiano Faria, Antonio Raphael de Araujo Lima, Arthur H. Dutra, Genesio Abreu de Lima, Henrique de Souza, Manoel Bezerra de Carvalho, Armando Dornellas, Arthur de Ayellar, Fernando Alves da Silva, Joaquim Antonio Alves de Brito, João de Souza, A. Gonçalves e V. Dias de Castro.

De Santa Maria Magdalena:—Candido Marianno de Oliveira.

Do Triumpho:—J. Paulino de Souza Lemos.

De Cantagalho:—Alfredo Barbosa de Toledo.

Da Conceição da Estrada Nova:—João Ribeiro de Oliveira.

Do Pará:—Leonilia Braga e Francisco Alves Soares.

De Santos:—Leal Ferreira, Brazijina Barbosa, Carolina Leal Ferreira, Dr. Silverio Fontes, Dr. Arterio, Manoel Augusto Alfaya, R. Soter de Araujo.

EM LUIZ DELFINO

Da Corte:—Valentim Magalhães, Luiz Murat, Alfredo de Souza, Alberto de Oliveira, José Pinto Neves, Ernesto de Souza, Angelo Baptista, Alvaro de Castro, F. Veiga, Antonio de Andrade, Filinto da Silva e Oscar Rosas.

De Pirassununga:—Jeronymo José de Almeida, Hedeonso Corrêa de Camargo Motta, Venancio de Castro, Pedro Pacheco da Cruz, Joaquim Muciel de Barros.

De S. Gonçalo de Sapucahy:—A. Werneck.

De Niteroy:—Luiz Marianno de Oliveira, Carlos Augusto de Oliveira, Marianna Amelia de Oliveira, Alzira de Oliveira e Bernardina Marianna de Oliveira.

EM PORTO-ALEGRE

Da Corte:—José C. S. Ferrreira e F. de Oliveira e Silva.

EM FAGUNDES VARELLA

Do Pará:—Joaquim Fernandes e Antonio Olavo Rodrigues da Silva.

Da Corte:—Alfredo Vieira.

EM JUNQUEIRA FREIRE

Do Pará:—Marietta Costa.

EM LUIZ GUIMARÃES JUNIOR

Da Corte:—Rivadana Corrêa.

EM MACHADO D'ASSIS

Do Recife:—Alcibíades Furtado.

EM ALBERTO DE OLIVEIRA

Da Corte:—Souza Laurindo.

RESULTADO

Gonçalves Dias	116
Castro Alves	108
Luiz Delfino	74
Casimiro de Abreu	46
Theophilo Dias	14
Fagundes Varella	11
Alvares de Azevedo	10
Porto Alegre	8
Luiz Guimarães Junior	8
Bernardo Guimarães	6
Domingos Magalhães	5
Gonçalves Crespo	5
Mello Moraes Filho	4
José Bonifacio	4
Emilio Zaluar	2
Santa Rita Durão	2
Alberto de Oliveira	2
Gonzaga	2
Pedro Luiz	1
Bazilio da Gama	1
Otorico Mendes	1

Laurindo Rebello	1
Damasceno Vieira	1
Antonio José	1
Junqueira Freire	1
Machado d'Assis	1

Está, pois, encerrado o pleito.

Venceu o nome de GONÇALVES DIAS por 146 votos, com a maioria de 38 votos sobre o seu immediato em votação—Castro Alves.

A *Semana*, que foi juiz sereno e imparcial em todo o escrutinio, cumprirá a promessa que fez, ao abril-o:—o mais breve que for possivel dará á estampa em sua primeira pagina o retrato do insigne poeta maranhense, acompanhado de um excellent artigo critico-biographico.

Sobre esta questão remetteu-nos de Pelotas o Sr. Bernardo Taveira Junior um extenso e bem pensado estudo, em que, depois de apreciar em synthese os 15 seguintes poetas:—Durão, Basilio da Gama, Gregorio de Mattos, Gonzaga, Magalhães, Porto Alegre, Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo, Junqueira Freire, Bernardo Guimarães, Casimiro de Abreu, Varella, Tobias Barreto, Castro Alves, e Luiz Delfino,—declara que julga Alvares de Azevedo, o maior dos nossos poetas. Na impossibilidade de dar publicação a esse trabalho em sua integra, fazemolo á parte referente a Alvares de Azevedo, na qual o Sr. Taveira fundamenta o seu voto. Vac publicada em outro logar, sob o titulo—*Alvares de Azevedo*.

A COHERENCIA DO

►ama o projecto Dantas, açodado,
►poio, regougando: Ave, Libertas!
►mas vem Saraiva, e Zama, enthusiasmo,
►poia todas as «questoes abertas»! . . .

PIFF.

LIVROS ALEGRES

« A FORÇA DO DESTINO, romance por Nuno Locio (alguns traços de Olympia. Offerecido ao meu amigo (lá delle) Alfredo Raposo. »

Divertido livrinho. Recomendamol-o aos tristes, aos que soffrem de spleen—esta dyspepsia do espirito, ou de dyspepsia—este spleen do estomago. Confiamos ao proprio Nuno Locio a tarefa de criticar o romance de Locio (Nuno); o que conseguiremos transcrevendo delle alguns pedacinhos, deliciosamente caracteristicos.

Do prologo:

« Olympia.

Em volta da memoria desta mulher, hoje morta, ainda pairam as queixas sentidas de seus amantes. Longas saudades delles pairam que a quem perturbar apodreça e inerte hoje, como fora hontem a bachante cheia de lascivia a chamar com os olhos pelas praças publicas os garotos do aino e os lacaios da moderna sensibilidade. »

« Foi bella, como dizem seus amantes, até atravessar a barca do Charonte da eternidade acompanhada pelos restos bellos de seu corpo de 20 annos, ao que elles com os olhos desmedidamente abertos só contemplaram nelle a rija incarnação que ia ser de pasto novo aos vermes da terra, já exalando de si a pobresinha mãos gazes componentes de sua peregrina natureza humana. . . »

Do romance:

« Formoso typo, filho da escola de Goethe (mas que hoje foi atirada á rua pelos impulsos succulentos de Zola. »

« Em todo o caso o leitor hade me

acompanhar até o cemitério do Cajú.»
Abrenuntio!

Pr'a longe o agouro!

« Quando o ocio é grande a mulher é assumpto para assumpto. »

« Em um dos elegantes theatrinhos Café-Concertos fui á representação de um bello drama — *A Estatua de Carne*; nesse tempo o Cassino gozava das sympathias gozava, e não era extranho, independente da concorrência de espectadores, apreciar a graça das luxuosas estrellas então em voga. »

Em que café-concerto do Rio de Janeiro teria o auctor assistido á *Estatua de Carne*?

Outra originalidade deste romance: não tem capitulos; corre todo de um jacto, apenas cortado, para o fim, por este dizer mysterioso: *Quem era a Onça*. Recommendamos aos amadores do realismo á *outrance* as paginas 25 e 26. Devo á leitura deste livrinho agradabilissimos momentos; por isso recommendo-a.

— « O Bisbilhoteiro Familiar ou o gaiato de salão, repertorio de mil e uma perguntas e respostas analogicas, sophisticadas, enigmaticas, satiricas, instructivas, recreativas, apimentadas e jocosas para passatempo das noites de Santo Antonio, S. João, S. Pedro e Sant'Anna e de quaesquer reuniões familiares por A. X. de Assis, com o juizo critico de um habil escriptor. »

O Sr. Assis é o conhecido auctor da *Mala de lembranças* e das *Carapuças*, livrinhos deliciosos, que fazem rir as pedras.

Na especie de prologo intitula-la—*Muita attenção*—, encontra-se entre outras esta quadrinha:

« O seu autor tem lembranças,
Que já encheu uma Mala; (1)
A qual teve o bel-prazer
De em breve tempo esgotal-a. »

Aquelle (1) leva o leitor á seguinte nota, no fim da pagina: « Ainda se acham alguns exemplares á venda. »

É boa, não é?!

Agora, algumas perguntinhas, para amostra do *Bisbilhoteiro*:

« Qual é o comer que vae para o logar do mesmo nome? »

« Resposta: Tripas, que petisqueira! »
« Costou, ein? amiguinho leitor? Pois quem gosta come mais. »

« Qual é o jornal critico, scientifico e litterario, que se compõe de sete dias? »

« Resposta: *A Semana*; assignem que é boa! »

Desta agora gostamos nós.

Obrigado, seu Assis, obrigado!

Mais outra:

« Qual a cidade da Europa que anda esta mulher? »

« Resposta: Anda-Luzia, Hespanha. »
Esta nem ao diabo lembrava!

E então esta outra!:

« Qual é o animal que se apanha com cuspo? »

« Resposta: Pulga, principalmente as mulheres. »

Schoking!

Agora uma pergunta historica:

« Qual a guerra do Brazil que foi feita com trapos? »

« Resposta: A guerra dos *Farrapos*, Rio Grande. »

E, para terminar, uma philosophica, spenceriana:

« O que é que os moços estão a principiar e os velhos a terminar? »

« Resposta:—A vida, a maior parte dos moços morrem cedo. » Puro Sylvio Roméro!

Ah! leitor, o *Bisbilhoteiro* é um thezouro preciosississimo; uma fabrica de gargalhadas...

E, demais, barato como o mel coado, a

dez réis. Compre o *Bisbilhoteiro* e diganos depois se o enganámos.

« ONDAS TARDIAS, por E. R. Silva, dedicado aos meus amigos. (lá delle, Outro livrinho impagavel, inestimavel, unico, sublime! Versos melhores do que estes já temos visto; peiores tambem; mas tão bons, palavra! — nunca vimos!»

Abre com esta quadrinha em francez (é bom avisar que é francez), naturalmente tambem da lavra do auctor:

« Je ne suis pas poète
Mais j'aime en verité
Vertus, fleurs, fêtes,
Patrie et Liberté. »

Rompem assim as *Ondas tardias*:

« São ondas tardias, tardias aquellas
Qu'a praia areenta vem lenta beijar,
Ao sopro da brisa trasendo parcelas,
Meus versos amigos—amor e meu lar. »

E depois:

« Meus cantos singellos assim são parcelas
Occultos gemidos magoados de dores,
São labios feridos de meigas donzellas
Sangrando s'espinham—ao beijar as flores. »

Todas as poesias deste pequeno volume são preciosas; difficilmente resistimos ao prurido de transcrevel-os todos. Mas onde o Sr. Silva é inimitavel é nas miniaturas, em ligeiros versinhos. Um exemplo:

« Aprender, ler, estudar, saber,
Não é admiração alguma,
Alma intelligente a tua
Sem cultivar, tudo entender. »

Outro:

« Os bimanos sinceros
Simpathicos, luzidos,
Dotados de alma,
Trabalhos, prestigios
Virtude e palma
Dos bons pensamantos
De brilhos, bondades
Que ufana amisade
Sent odio e vaidade,
Eu tenho saudades!... »

Terminaremos esta rapida noticia dando na integra o grandioso soneto philosophico, intitulado *Morrer*, espantosa paraphrase do celebre monologo de Hamleto: *Dovmir, sonhar...*

Eil-o:

« A MORTE

A morte somno profundo,
Vaga quebrada a plaga
Agua sumida apaga
As tristas maguas no mundo!

Nascer, sonhar, gozar, viver,
Anjos, virgens, briza, jardins,
Amor, lyrios, rozas, jasmims,
Quanto porvir finda no morrer!

Morrem miseros lavradores,
Morrem os povos lá da serra!
Morrem amigos, morrem amores,

Morrem arvores, morrem flores,
Os pobros loucos trovadores,
Tudo morre sobre a terra!.....

Por estas poucas amostras pôdo-se facilmente calcular o valor deste pequeno mas delicioso livrinho, que só podemos comparar ao das *Curiosidades* do Sr. Lucio Ramalho.

Por hoje basta. Tambem as bellezas cansam, tambem o sublime aborrece. Descansemos...

ALFINEIE

A primeira metade da vida passa-se a desejar a segunda; a segunda a chorar a primeira.

ALPH. KARR.

THEATROS

COMPANHIA DRAMATICA ITALIANA

As noites de representação no Imperial Theatro S. Pedro de Alcantara contam-se por triumphos. Cada peça representada pela companhia Rossi-Duse-Checchi é uma festa artistica, uma nova gloria para os artistas, um novo deslumbramento para o publico. Infelizmente, este, não obstante os unanimes elogios da imprensa, tem sido escasso e não tem recompensado o valor e os esforços da excellente companhia que nos honra actualmente com a sua visita. Em nosso numero passado procurámos descobrir a causa deste afastamento do publico, sem que o conseguissemos. Não serve de justificação o representarem esses magnificos artistas em italiano, pois que aos espectaculos de outras companhias, representando nessa mesma lingua, tem concorrido o publico; dissemos. E accrescentaremos hoje esta outra razão, aventada por um abalizado critico:—para entender Duse, Ando, Rossi, Aleotti, Masi e Checchi não é preciso saber o italiano, tão natural e tão perfeito é o seu trabalho. Emfim: sua alma, sua palma. O publico não vae ver Duse-Checchi, Ando e os seus dignos companheiros: peor para o publico!

Appreciaremos rapidamente as peças representadas durante a semana por esta notavel companhia.

ODETTE

Esta peça, que até a noite de 4 do corrente era inteiramente desconhecida do nosso publico, é uma das mais bem feitas e das mais famosas do grande Sardou; mas não das mais valiosas e solidas como *Idéa*, como obra litteraria.

Em *Odette* Sardou afastou-se de si proprio, para se approximar de Dumas filho:—lançou these, philosophou, discutio, argumentou; e, como ás vezes acontece aquelle seu glorioso emulo, não concluiu nada.

Um nobre fidalgo honrado e digno é enganado por sua mulher; agarra o homem que o deshonra na occasião em que elle vae penetrar nos aposentos da conlessa; desafia-o; expulsa de casa a adúltera, depois de haver feito retirar para a casa de uma irman a filhinha do casal. A conlessa descarrilha de vez e, como as notas de banco e por causa dellas—passa de mão em mão, descendo sempre. O conde é ferido gravemente no duello, mas salva-se. Divorcia-se. A filha cresce, faz-se moça, encontra noivo a quem ama e por quem é amada; mas o casamento é impossivel porque a respeitavel mãe do noivo se oppõe ao consorcio, escrupulisando em que seu filho despose uma menina, cuja mãe é uma *coquette*. O nome do conde, nome que a mulher arrasta na lama é um impedilho ao casamento. Como removel-o, se a lei não obriga a adúltera, divorciada, a abandonar o nome do marido, que não soube honrar? Eis a these. Odette recusa abandonar o nome da condessa de Clermont-Latour; a mãe do noivo da innocente menina oppõe-se ao casamento emquanto durar aquella recusa... Uma collisão de mil diabos! collisão que Sardou resolve, fazendo a condessa suicidar-se, depois de uma longa entrevista desta com a filha, que ignorava tudo, acreditando, como lhe dizia o pae, que sua mãe pereaera affogada, deixando-a com trez annos de idade.

Eis o esqueleto da peça. É *ficellosa*, inverosimil, convencional como quasi todas as peças de Sardou; porém mais do que muitas dellas. Forma admiravel, fundo... falso.

O desempenho foi soberbo, superior a

todo elogio. Encanta-lora a harmonia afina lissima do conjunto.

Poucas vezes temos assistido a representações tão eguaes, tão completas.

Duse-Chechchi concluzio-se como era de esperar. A grande scena com a filha foi assombrosa; como foi feita disseram-no os delirantes applausos que nella recebeu a grande artista, melhor do que poderíamos dizer, Rossi fez muito bem a parte do conde, aparte o geito academico, emphatico e antigo que lhe imprimio, e a cabeça com que se apresentou:—uma cabeça realmente infeliz.

Ando,—a quem pertencia o papel de conde, mas que o passou a Rossi, pelo fallecimento de Diotti, a quem cabia o d'elle, Rossi,—foi adoravel de correccão e naturalidade. Masi disse todo o seu difficil papel com graça extrema e admiravel dicção; as Sras. Aleotti e Zangheri—perfeitamente,

Emfim:—não houve nenhum artista de quem não tenhamos de dizer bem.

Terminando, um pedido ao Cavalheiro Chiacchi:—Faça representar mais outra vez a *Odette*. Tão boas cousas não se dão sómente uma vez.

FERNANDA

Esta peça de Sardou, muito conhecida do nosso publico, foi um dos maiores successos da companhia italiana.

Duse-Chechchi foi extraordinaria no papel de Clotilde. E' um dos seus mais notaveis trabalhos, e veio poderosamente confirmar o seu credito de grande artista dramatica, que, especialmente na *Denise*, já revelara. E' admiravel a maneira porque o temperamento artistico da Sra. Duse se adapta aos papeis mais antagonicos. Quem vio Fedora, Dionysia, Cypriana, e vê agora Clotilde, não pode deixar de considerar a Sra. Duse uma actriz de enorme merecimento, a actriz mais completa que tem vindo ao Brazil; actriz que não tem papeis nem tem genero, e que tão admiravelmente desenha as linhas severas do grande drama como as subtilezas e o gracioso contorno da alta comedia.

Clotilde é no seu todo um trabalho estupendo, que nos dispensa de citar scenas ou situações.

Ando accentuou ainda na *Fernanda* as suas grandes qualidades de artista, justificando mais uma vez a reputação que adquiriu entre nós porque o seu nome não nos veio precedido das costumadas *réclames*.

Masi, que á ultima hora tomou o papel de Pomeroi, sahio-se galhardamente; e todos os outros artistas revelaram nesta peça o cuidado mais esculpulo na afinação e na harmonia geral do conjunto.

Assistir á representação de peças magistraes, como as de Dumas e Sardou, por artistas como os desta companhia, é um dos mais deliciosos prazeres que possa desejar um homem de gosto e de espirito educado.

Ao que parece, no emtanto, a julgar pelas vasantes do «S. Pedro», não abunda entre nós essa rara especie de homens.

Pois é pena... para o Ciacchi!

Effectuou-se no theatro S. Pedro de Alcantara no dia 5 d'este mez o beneficio da *Estudiantina Figaro*.

O programma foi escolhidissimo e divinamente executado. A walsa *Não me esqueças* e a marcha *Tannhauser* receberam muitos applausos.

A pedido do publico que atafalhava as *torrinhas*, a *Estudiantina* tocou a co-nhecidissima polka *Bon nocte*.

Muitos bouquets foram lançados ao palco; além d'isso, a *Estudiantina* recebeu uma rica coroa de louros com espigões de oiro.

O nosso *big-life* lá esteve presente e com elle a Família Imperial.

Parabens á *Estudiantina* pela sua bellissima festa de despedida.

E volte breve, sim?

«NO SEIO DA MORTE»

E' definitivamente no dia 14, terça-feira, no Recreio Dramatico, a *première* desta sumptuosa peça em verso, de Echegaray, traducção de Valentim Magalhães e Filinto d'Almeida.

Vae em beneficio do actor Dias Braga.

As mulheres vêm com os hombros, com o rosto, com os cabellos; emfim, com tudo.

BALZAC.

MR. PATTERSON

O verão declinava.

Theresopolis, tristonha como uma aldeia abandonada, ia, pouco e pouco, despovoando-se.

Ainda nos ipés via-se uma ou outra flor amarella. As manhãs eram frias e ennevoadas. A' noite, na sala do *Hotel*, os raros hospedes que por ali restavam, faziam um pouco de palestra, tocavam ao piano duas ou tres *romanzas* francezas, e, ás dez, numa invariabilidade doentia, todos se recolhiam aos quartos.

Ficaram no *Hotel*—a familia Camara Leite, o velho conselheiro Leite, a sua Exma. esposa, e uma menina de 20 annos, morena, alta, grandes olhos negros, e cabellos cor de ébano; Mr. Patterson, o grande, o esplendido *Lord Patterson*, como o chamavam, e eu.

Eramos, ao todo cinco pessoas, cada qual mais enfastiada e prompta a fazer as malas.

Mr. Patterson passara a estação calmosa, agulhado por uma terrivel excentricidade, a solemne antipathia que lhe provocava a melancolia de Miss Judith Leite, a morena. E, nervoso, desesperado, sacudindo a cabeça, num gesto de colera, exclamava, ao ver Miss Judith, isolada a um canto da sala, recostada á cadeira, a cabeça adormecida, os olhos immoveis:—*Oh! Schocking!*

E retirava-se para o interior do hotel, a gritar: *Servant? I wish beer!*

Patterson,—alto, magro, com um bello pur de suissas finas e louras, bigode e queixo cuidadosamente rapados,—tinha na sua gravidade, na sua posição, nos seus gestos, uma imponente superioridade de educação. Era moço, trinta e tantos annos; sympathico e fidalgo, a não ser quando Miss Judith seismava.

Nunca pudemos surprehender em Mr. Patterson um collarinho sem lustro, uma gravata mal collocada, um pouco de poeira nas unhas. Direito e correcto, affavel e bom, sorria a todos, mostrando-se sempre companheiro dedicado e *touriste* de supremo gosto.

Uma mania, pequena, perdoada por aquelles que entendiam a lingua de Shakspeare, accentuava a sua excentricidade: Gustavo de recitar, ao piano, trechos do *Manfredo*, de Lord Byron.

Era esplendido nessas occasiões. Em pé, no meio da sala, o olhar azul cheio de enthusiasmo britannico, os cabellos louros, anelados no alto da testa, elle começava, com um gesto vigoroso:

*Glorious orb! the idol
Of early nature and the vigorous race...*

Ao terminar, batiamos palmas, gri-

tavamos: Bravo bravo, muito bem! e *Lord Patterson* assentava-se orgulhoso, exaltando o genio poetico do auctor de *D. Juan*.

Miss Judith Leite era quem o acompanhava ao piano. E, enquanto o admirador de Byron dizia os versos, o seu doce olhar negro descancava, como uma caricia, sobre a figura d'elle.

Em um dos nossos passeios pela longa estrada que atravessa Theresopolis, Miss Judith teve o caprichoso desejo de fazer um ramillete de flores agrestes. *Lord Patterson* ajudou-a a colher as flores. Era elle quem se embrenhava pelo matto para apanhar os ramos das lianas; quem se abaixava á margem da estrada para arrancar os botões das trapoeirabas.

Estavamos em uma tarde de Dezembro. O sol, perdido por traz dos montes, deixava o céu empallidecido e vasto. Apenas, ao longe, havia uma cor avermelhada, triste como as derradeiras gotas do sangue de um morto. No matto—profundo socégo. O ar estava sereno.

A voz maviosa de um sabiá suspirava por entre a folhagem verde-escuro.

Miss Judith sorria á bondade de Patterson, e, quando este lhe trouxe a ultima flor, estendeu-lhe a mãosinha macia e disse:—*thank-you!*

O inglez agradeceu, e, num movimento que julgou despercebido, levou aos labios a mão que apertára a da moça. Veio para o meu lado e travou-me do braço, dizendo baixo, confidencialmente:

—Vio? Ella está mudando. Já sorrio!

E, mais baixo ainda, com os labios chegados ao pavilhão da minha orelha:

—E' linda! Que soberbos dentes!... E' linda!

No dia seguinte, depois do almoço, Patterson veio fumar ao meu lado, na varanda.

—Uff! exclamou elle. Estava illudido, meu presado amigo, estava inconscientemente illudido.

Miss Judith continúa a ser melancolica. E' pena. Se fosse alegre seria adoravel!

Não pude calar a desconfiança, confirmada na vespera pelo beijo que o inglez dera na sua propria mão, sobre o seu amor pela moça; e nessa franqueza, nessa irreverente intimidade que caracteriza o brasileiro, falei:

—Desconfio muito, meu amigo, que Miss Judith esteja dominando o seu coração.

Elle empallideceu, mas com a voz lenta, as palavras precisas, respondeu-me:

—Não nego. Gosto e gosto muito de Miss. Judith. Acho-a bonita. Seria capaz de amar essa creatura, se, nesse instante, tivesse prova authentica de que a sua tristeza é passageira, e o resto de um sonho que se esvae.

—E assim deve crer, Mr.

—Obrigado. Mil vezes obrigado. Reconheço na sua confirmação a bondade e a delicadesa, que o distinguem.

Inclinei-me; Patterson fez um gesto attencioso com a cabeça e continuou:

—Tudo me leva a crer que esta creatura é uma doente grave, ou tem gravado em seu fragil coração o stigma de um desgosto profundo, que jámais se extinguirá. Odeio as doentes e abomino os desgostos inolvidaveis.

Nesse momento Miss Judith cortou a conversa do inglez, passando por nossa frente. Ia de chapéo de palha e luvas de fio da Escossia. Vestia uma fazenda branca, muito enfeitada de rendas, e um grande laço de quatro pontas, de fita cor de rosa, calia da cinta sobre a

frente do vestido. Estava encantadora. Depois de alguns passos voltou-se para o logar em que estávamos.

— Não nos acompanham? É uma excursão pequenina que vamos fazer ao rio. Lord Patterson não pôde ficar.

Levântamo-nos. O olhar de Miss Judith fixava-se, tenazmente, no olhar do inglez. Fomos à *excursão*, apesar do sol. Em meio do caninho, no movimento que a moça fez para retirar do bolso o lenço, cahio-lhe um pequeno papel. Ninguém o percebera. Apanhei-o; ia entregal-o à Miss, mas uma incivil curiosidade reteve-me o dever. Era uma carta dirigida a uma prima. Corri os olhos sobre ella, sem attenler ás primeiras linhas. De repente, pasmei.

— Judith Camara Leite, a morena e encantadora pensativa, que passava o verão em Theresopolis, escrevia á sua prima estas phrases: «Sabes? Aconteceu na minha vida uma excentricidade. Estou apaixonada por um inglez — Mr. William Patterson, que está com-nosco no Hotel. É exquisito isto, minha prima. Adoro esse inglez; e dia a dia mais entresteco por ver que nunca poderei ser sua esposa!»

Guardei cautelosamente a carta. No Hotel, chamei Patterson e disse-lhe: — Vou lhe confessar um crime. É horrível, mas conto com o seu segredo.

Patterson abriu os olhos, admirativamente, e murmurou:

— O meu segredo?... E porquê?

— Digo-lhe, continuei. Pratiquei um crime de lesa-civilidade, e este crime vem trazer ao seu coração um mundo de esperanças. Aqui está; leia isto. É uma carta que Miss Judith deixou cair, no passeio d'esta manhã, e a qual foi por mim infamemente subtrahida.

O inglez, ao ler a carta, lançou-se nos meus braços, cobrindo-me as faces de beijos. Mas, retomando a sua gravidade, murmurou lentamente:

— Será verdade que essa tristeza?..

Estávamos, por esse tempo, cinco pessoas no Hotel. Iamos abandonar Theresopolis. Patterson arrumava as malas e a familia Camara Leite falava em voltar á Corte.

Em uma manhã, na vespera da minha partida, o inglez entrou pelo meu quarto, com um modo brusco, que destoava da sua habitual delicadeza.

— Tudo feito — exclamava elle, radiante — tudo feito! Vou pedil-a em casamento. Ah! meu amigo, esta manhã eu a vi rir admiravelmente. Oh! não imagina, é um encanto! E sabe o que ella fez de mais extraordinario, de mais sublime! Adivinhe. Vamos, adivinhe. Imagine o que poderá uma Miss fazer de mais engraçado e extravagante.

— Apontou-lhe um revolver.

— Engana-se. Fez melhor. Vamos, force a sua imaginação. Diga, diga francamente o que pensa.

— Não sei, não posso adivinhar. O que foi?

— Ah!... *very phantastic!*... *very phantastic!* — exclamava elle, alegre, doudo, a bater com as mãos sobre os meus hombros.

— Mas... afinal, o que foi?

— Rasgou uma pagina do *Manfredo* para fazer papelotes!

— Admiravel! disse eu.

L. GONZAGA DUQUE ESTRADA.

Lê-se este annuncio numa folha ingleza:

« Uma moça irlandeza
Quer seu filhinho desmammar e quer
Outra criança ter. »

ORA, UM COCHEIRO!...

Uma joven duqueza, que, orgulhosa, fazia alarde de nobreza, pillhada um dia foi nos braços de um cocheiro.

O duque, seu marido, irado censurou-lhe a perflida conducta, e adultera chamou-a!

A duqueza, porém, sem dar-lhe muito ouvido, com gesto sobreaneiro, lhe responde: — « É' lioa!

Tu te zangas? Estás doido por certo! Escuta! abaixa um pouco a voz...

Bem sabes que... (e fez-lhe um momo) feiteceiro! Pr'a gente como nós nunca é gente um cocheiro!

PEF

No fundo do inglez está sempre o banqueiro; no amago do caracter italiano está o musico ou o bandido; o francez mais circumspecto tem dentro de si um Gavroche incubado; n'um allemão qualquer descobre-se sempre parte da materia prima de que se compoem a philosophia chronica e a bebedeira metaphysica... ou vice-versa; abram um paulista e hão de verificar que a essencia de sua indole é mais ou menos a do antigo bandeirante, aventureiro e animoso; no bahiano mais sizuelo e grave lobrigar-se hão de vez em quando certos gestos begeiros e phrases suspeitas que fazem lembrar o capadocio chorando ao violão, junto ao *cangote* da mulatinha de caroço no pescoço. O maranhense genuino é por força um grammatico, todo scio de ff e rr, bem como o filho de Minas Geraes mais illustre e mais civilizado comporta infallivelmente nos recessos da sua individualidade um pouquinho da alma do tropeiro de Sorocaba, *comedô* de feijão preto com *tócinho*.

O portuguez tem alguma cousa de vendeiro na massa do sangue, como o polaco de gatuno, o húngaro de *caften*, o russo de cossaco, o peruano de padre, o rio-grandense de gaúcho, o gallego de potro chucro, e o hespanhol de estudante de Salamanca, mais ou menos *oorero* e sufficientemente mentiroso.

URBANO DUARTE.

QUESTÃO INTERESSANTE

A Redacção d' *A Semana* propõe aos seus amáveis leitores a seguinte dupla questão, que lhe parece curiosa, e cuja solução é de incontestavel importancia:

« Tem o marido o direito de abrir as cartas dirigidas á mulher?

Tem a mulher o direito de abrir as cartas dirigidas ao marido? »

É' inutil explicar que o verbo *abrir* significa, nos casos propostos, não sómente o acto da abertura das cartas, como tambem, e principalmente, o da leitura do seu conteúdo.

Publicaremos as respostas sensatas e serias, — mas, sobretudo, curtas, — que nos forem remettidas.

ALVARES DE AZEVEDO

Esta prodigiosa individualidade, que desapareceu d'entre os vivos antes de completar a sua 21ª primavera, é para mim um poeta excepcional.

Poeta as de veras, era um espirito avido de novos horizontes, ardente de inspiração, fecundo em produções como ainda jamais o foi aqui algum poeta

em tão curta idade; lia soffrego as principaes litteraturas da Europa e, estudand-as, extrahia d'ellas as mais preciosas gemmas poeticas. Ainda até quando imitava sabia imprimir em suas adaptações o bem accentuado cunho de sua individualidade artistica.

Se tão cedo não se atufasse nas trevas do tumulo, ousou affirmar que occuparia nos estadios da litteratura brasileira o logar que Victor Hugo occupa na litteratura franceza. Criança como ainda era, elle, nos trez volumes em que se lhe inventariaram as suas produções, attesta já uma somma de conhecimentos de que talvez se não possa ufanar muito poeta maduro e pretencioso da actualidade.

Alvares de Azevedo fez escola; mas, por infelicidade, os discipulos d'essa criança-águia não eram da força do mestre; o resultado foi uma imitação servil e falsa, um poeta sem inspiração e, por consequencia, sem individualidade alguma nem litteraria nem artistica.

O que é certo é que não está nas forças de chatas mediocridades o imitar os grandes poetas.

Assim, atravez de todas as phases da escola romantica entre nos, Alvares de Azevedo, máu grado todos os seus descuidos, defeitos e incorrecções, é, segundo o meu juizo, pela somma de predicaes com que o dotára a Natureza, o mais *inspirado*, o mais *fecundo* e o mais *original* dos poetas brasileiros.

Alvares de Azevedo, vivo, seria na actualidade uma d'essas glorias de que muito se orgulhára qualquer das cultas litteraturas do mundo. Possuia em elevado grão o dom de descortinar sempre em suas obras largos horizontes.

Não ignoro que Alvares de Azevedo impregnou-se por vezes de excessivo sentimentalismo, e que as suas descricções e incertezas exorbitavam do natural, mormente em um poeta cuja existencia, segundo creio, nao fora espelhada por esses infortunios que podem levar um moço a maldizer das cousas do mundo.

Não ignoro tão pouco que elle conversou muito com Byron, Musset e outros do mesmo sentir. Mas do poeta electrizado pelos delirios da romantica, já debilitada, quando introduzida no Brazil, que mais sazonados fructos esperar-se, se não os de uma arvore não indigena do paiz, mas de uma arvore transplantada já em sua decadencia?

Além d'isso, Alvares de Azevedo teve a deslita de viver em um meio litterario pauperrimo; e, ainda assim, o seu poeta soube despertar grande entusiasmo na mocidade e inspiral-a á producção de obras do algum merecimento.

Exigir d'elles principios novos e a tal decantada originalidade, quando a nossa litteratura febricitava em ebriedade romantica, fora exigir quasi o impossivel.

Cumpre-me advertir que aprecio Alvares de Azevedo no romantismo que lhe foi contemporaneo, e não nessa outra phase em que a mania era imitar desastradamente a Victor Hugo — o mais prodigioso romantico do seculo!

Se pelos escriptos e inspiração d'elles é possivel aferir-se a mais ou menos bem fadada organização de uma individualidade para a poesia, não será difficil sustentar que ainda até hoje não coube a nenhum poeta do Brazil, como ao meu preferido poeta, uma organização mais poderosa para a poesia.

O seu espirito que, por indole, se retemperava progressivamente a cada nova intuição, era infatigavel e heroico na conquista dos primores da idéa, apto não só para acompanhar as eve-

luções do pensamento, como também para amplial-as e enriquecel-as.
Eis o que penso e em que me fundo para proclamar a Alvares de Azevedo — o primeiro poeta brasileiro.

BERNARDO TAVEIRA JUNIOR.

Pelotas, 20 de Maio de 1885.

ASCENÇÃO

A ALFREDO DE SOUZA

Águias, ao vasto espaço, em pleno sol ardente,
Ascendendo, ascendendo, as azas estendidas,
Douradas, reluzindo esplendorosamente,
Encolhidos os pés, as cabeças erguidas;

Não sei para onde vão, em bando reunidas.
— E não as vejo mais, a ver o céo somente;
Somente o espaço a ver e, de negro vestidas,
As montanhas ao longe, inesperadamente!

Em que canto do azul se occultariam ellas?
Bellezas que eu amei, angelicas donzellas,
Que então brilharam muito e muito se elevaram,

Que tanto contemplei outr'ora, fulgurando,
Seguindo sempre após seu luminoso bando,
Como as águias não sei que destino levaram.

ARTHUR MENDES.

TRATOS Á BOLA

As surpresas que como premios haviamos promettido aos *barras* que mettessem o dente nas *tratices*, do nosso numero 26, pertencem: a primeira ao Sr. *Ruy Barbo*, a segunda a *D. Chiquita*.

Eis as decifrações:

Das antigas—*Apollo e Somno*; do logogrifho—*Cobra*; do enigma alphabetico—*Itapanhoacanga*; do logripho normando—*Paquetá*; das antepostas—*Cebolla e Perú* e da calimburguesca—*Arcano*.

Para hoje damos os seguintes *tratos*: Em primeiro logar esta novidade:

PROVERBIOS-ENYGMAS

E' este o nome de um novo meio de passar o tempo, dando *tratos á bola*. Devemol-o também ao inextogavel talento inventivo de Frei Antonio, nosso prestantissimo collaborador.

Expliquemol-o, exemplificando.

Aqui vac um proverbio enygra:

(2) (1-2) (2)

« Distante—deste sentido—affastado

(3)

—desta viscera. Olvido. »

Os algarismos sobrepostos ás palavras indicam o numero de syllabas das palavras a adivinhar; e a ultima é o conceito. A decifração é sempre um proverbio conhecido.

Eis a do exemplo, sobrepondo ás palavras dadas as da decifração.

Longe da vista longe
Distante—deste sentido—affastado—
do coração
desta viscera.

« Longe da vista, longe do coração. »
Nada mais simples nem mais interessante.

Proval-o—ão os senhores adivinhadores decifrando os dois seguintes, que são facillimos:

I

(3) (2)
Quadrupede—que não se aquieta—
(1) (2)
deseja—este metal. Comichões.

II

(2) (2) (2) (2)
Abastança—alegria—pobresa—senso.
Parvoice.

ANTIGA

Na matta sou do verde vegetal,
Sou daquillo que abriga o pensamento—2
Quando impellida sou pelo bocal
Do musico instrumento—1

O pensamento abrigo,
O' bom leitor amigo,
E muita vez abrigo mesmo o mal.

NOVISSIMA

1—1—2—Está na mentira, na ratoeira
e na bocca, este martyr.

2—1—Não bota esta parte do corpo
no sapateiro.

DECAPITADA

Não sente? Está batendo—

E de que santo é?—

O bicho está comendo—

E' muito má, olé!—

Com que, você já está—

Do corpo, um «m» ao pé—

A letra qual será?

CALIMBURGUESCAS

Qual o canto ecclesiastico mais singello?

O que é que mais confunde o mentiroso e o roceiro?

PREMIOS

Ao primeiro decifrador um exemplar dos *Quatro Poemas*, de Luiz Murat; ao segundo uma sorpresa deliciosa.

E... a *revederce*, carissimos decifradores.

D. PASTEL.

RECEBEMOS

— Do Sr. Henri Nicoud («Au Petit Journal»): «Revue Politique e Litteraire» n. 24, publicada em Paris a 13 do mez passado; «Le Salon de la mode», n. 25 (20 de Junho); «La mode illustrée», n. 25 (21 de Junho); interessantes como sempre, e, como sempre, distribuidos aqui com a maxima presteza.

— Da directoria do Club Athletico, Fluminense um cartáo de convite para a sua grande festa inaugural, que se realizará, com a assistencia de SS. MM. e AA. Imperiaes, amanhã, ao meio-dia. Lá estaremos.

— Da directoria do Club Emancipador Visconde de Caravellas,—um cartáo de convite para o beneficio que hoje terá logar, graciosamente offerecido pelo corpo scenico da Sociedade União Dramatica Familiar da Gavea.

— «Revista de Engenharia», anno VII; n. 116.

— «Jornal das Crianças», anno II, n. 1. Interessantes desenhos coloridos e boas gravuras. Preenche gentilmente os fins a que se destina.

— Do Sr. E. Carlos Pereira «Um brado de alarma; O unico advogado dos peccadores», dois pqueños volumes, impressos em S. Paulo.

— «A Força do Destino», romance por Nuno Locio.

— Do edictor Ernesto de Nogueirol, os fasciculos n. 11 e 12 da «Bibliotheca Domestica.»

— «Revista da Escola de Marinha», n. 12.

— Do Sr. José de Mello: «Diogo Watt» e o fasciculo n. 20 do «Cadastro da Policia».

— «Revista de Guimarães» vol. II, publicação da Sociedade Martins Sarmiento.

— Trez vidros de «Tónico de rosas com glicerina», composição higienica para a cabeça, preparada na Imperial pharmacia de Pedro Julio Alvares Jardim, e á venda em todas as pharmacias. Tem agradável perfume e parece preencher os fins a que é destinado.

— «Dracema», valsa por D. Francisca do Parobó Chamin.

— «Dados estatísticos do estado sanitario e serviços concernentes á salubridade publica do Rio de Janeiro», por Favilla Nunes. Trabalho utilissimo.

— Do Sr. Dr. Campos Salles,—um folheto contendo o discurso que S. Ex. pronunciou na sessão de 11 de Junho de 1885, na Assembléa Geral.

— O primeiro numero do hebdomadario «Le Sud Americain».

Este novo collega apparece como orgão dos interesses francezes na America do Sul. E' seu redactor em chefe o Sr. L. Xavier

de Ricard e administrador gerente o Sr. A. Georges Lardy.

Saudando o apparecimento do «Le Sud Americain», desejamos-lhe mil prosperidades.

— «União Medica», fasciculo 7. Trata dos interesses scientificos, moraes e profissionaes da classe medica.

— «Guia» para a analyse chimica qualificativa dos corpos organicos pelo Dr. G. Stadel, vertida para o portuguez pelo Sr. Roberto Lutz.

— «Cadastro da Policia», fasciculo n. 21.

— «O homem de quatrocentos annos», Fasciculo n. 1.

— «Revista Maritima Brasileira», n. 11.

— «O Mequetrefe» n. 379, com bons desenhos e um texto variadissimo.

— «Revista Illustrada» n. 43. Boas caricaturas. A pagina intitulada «croquis theatraes» representa a distincta actriz Duse-Checchi e o não menos distincto actor André thuriburados pela imprensa e applaudidos pelo publico.

Egualmente boas as paginas dedicadas ao Sr. Saraiva, o ministro—fazendeiro.

Quanto ao texto:— como sempre, variado.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Portuguez, francez e Inglez.—Professor Rodolpho Porciuncula. Redações nesta folha.

Dr. Henrique de Sa — Espec. Syphilis e molestias das crianças. Consultorio:—rua Primeiro de Março, 22; de 1 ás 3 horas da tarde. Residencia:—rua de S. Pedro, 294.

A SEMANA 100 RS.!

TANGO DELICIOSO

COMPOSTO E OFFERECIDO

POR

ERNESTO DE SOUZA

conhecido auctor do tango *Setim*, e de outras applaudidas musicas, á redacção d'A Semana.

Vende-se no escriptorio d'esta folha a

1 \$000

COLLEGIONEVES

Instrucção Primaria e Secundaria

Estabelecido em vasto predio, com grande chacara, offerece as melhores condições higienicas.

Recebe internos, externos e meio pensionistas.

Leccionam habeis e zelosos professores.

DIRECTOR

Dr. Amaro Ferreira das Neves Armoud

EXTERNATO HEWITT

INSTRUCCÃO SECUNDARIA

E

COMMERCIAL

134 Rua do Rosario 134

VENDEM-SE

collecções d'A Semana (primeiro semestre), encadernadas, nas livrarias Faro & Nunes, Laemmert, Serafim Alves e no escriptorio da

A SEMANA

A SEMANA

CORTE

Trimestre..... 2\$000
Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

PROVINCIAS

Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

A' GRANDE ACTRIZ

ELEONORA DUSE-CHECCHI HOMENAGEM D'A SEMANA

SUMMARIO

Homenagem a Duse-Checchi; *A Semana*, *Lucinda Simões*, *Furtado Coelho*, *Vasques*, *Eug. de Magalhães*, *M. de A.*, *Pereira da Silva*, *Fogliani*, *E. Rouède*, *Arthur Azevedo*, *Labarriere*, *Aluisio Azevedo*, *Urbano D'arte*, *Alfredo de Souza*, *Luiz Murat*, *Arthur Mendes*, *R. Porciuncula*, *F. de Almeida* e *V. Magalhães*. — Cartas de Dumas filho a Duse-Checchi. — 14 do Julho. — A vida elegante; *Lorgnon*. — Theatros. — Questão interessante. — Galeria jornalística; *Zéca*. — Não temas! poesia; *L. Murat*. — Quadros de hontem e de hoje; *A. Sevéro*. — Poesia e poetas; *V. Magalhães*. — Carnavaal da Historia; *P. Véron*. — Cofre das graças; *Bibiano*. — O relógio da vida; *Lauro*. — Factos e noticias. — Tratos á bola; *D. Pastel*. — Correio. — Recebemos. — Expediente. — Annuncios.

A SEMANA

RIO, 17 DE JULHO DE 1885.

Aos que têm visto a brilhantissima serie de trabalhos de Eleonora Duse-Cecchi, não parecerá extraordinario que *A Semana* adiante a sua publicação com o fim unico de ser distribuida na noite da festa da grande actriz, pois que o presente numero lhe é dedicado, como uma singela homenagem da Redacção.

Os que ainda não tiveram a fortuna de vér os admiraveis trabalhos de Duse-Checchi não estranharão tambem esta manifestação por parte do unico jornal litterario da Corte, visto que toda a imprensa tem acclamado e victoriado ruidosamente a eminente actriz.

Reunindo o grupo de distinctos escriptores e artistas, que hoje fulgura nas columnas da nossa folha, tivemos por fim ampliar a homenagem que prestamos e realisar o que apenas com os proprios recursos nos não fóra possivel.

Houtrar o merito e o talento é sem duvida um dever para quem se de-

dica ás manifestações da actividade intellectual, e os artistas e homens de letras que honram hoje a nossa folha cumpriram gostosamente esse dever—fazendo o elogio da grande actriz italiana.

Agradecemos-lhes a gentileza com que corresponderam ao nosso pedido; e aos pés da genial interprete do moderno theatro italiano e francez depomos esta modesta homenagem da nossa profunda admiração.

Se a Italia teve a Ristori—a Musa animada da tragedia classica—tem hoje em Eleonora Duse-Checchi a mais assombrosa personificação do drama contemporaneo.

Affigura-se-me vér a Ristori, ao descer o ultimo degráu do throno, que abdicou, entregar a Duse-Checchi o sceptro com que esta sobe ao logar supremo da moderna scena italiana.

LUCINDA SIMÕES FURTADO COELHO.
Rio, 17—7—88.

Se Victorien Sardou, visse Duse-Checchi na «Clotilde» da *Fernanda*, sentir-se-ia absorto e ficaria até em duvida se o drama, que elle fóra buscar a um conto de Diderot, era simplesmente uma obra de arte, ou apenas a paraphrase de um transe pungente da vida real!

L. C. FURTADO COELHO.
Rio, 17—7—85.

Eleonora Duse-Checchi

Se eu fosse *espiritista* tinha forçosamente de acreditar que o espirito protector d'esse grande prodigio não passa de um refinado gaúno.

Eu me explico:

Deus fez o mundo em seis dias e des cançou no septimo. (Não estou muito certo; porém deve ser isso mesmo.)

Provavelmente, como todos os seus companheiros mestres de obras, foi nesse dia que o *Eterno Operario* arranjou o seu biscate.

Obra fina, para seu uso particular, a que acertadamente chamou—*Scentelha sagrada!*

E' por isso que ás vezes apparecem na terra creaturas que assombram o mundo com o esplendor de seu genio: Trazem carta de recommendação.

Duse-Checchi está neste caso; creio porém que o seu espirito protector apanhou um dia aberta a porta da eterna officina e, como lá por cima não ha policia nem *Leites Borges*, palmou grande porção da scentelha e veio respeitoso deposital-a aos pés da sua protegida!

Só assim se pôde explicar o enorme talento de DUSE-CHECCHI.

F. C. VASQUES.

DUSE-CHECCHI

Tenho visto todas as peças em que a grande actriz tem representado, e confesso que o meu entusiasmo, sempre crescente, chegou até ao delirio quando a vi representar o papel de Clotilde, na *Fernanda*, de Sardou.

E' estupendo! Deante d'aquillo fica-se pasmo!

A prodigiosa intuição da grande actriz dá-lhe um cunho especial.

E' singular, é unica.

Encontram-se quasi sempre, mesmo entre os artistas mais notaveis, certos pontos de contacto. Em Duse-Checchi nada se vé, nada se encontra de todas as actrizes notaveis que a tem precedido nos nossos theatros.

Dizem por ahi que ella escolhera Sarah Bernhardt para seu modelo. E'

nunca tive a satisfação de ver Sarah Bernhardt, mas sendo mesmo verdade o que dizem, ainda assim eu inclino-me antes a crer que a grande actriz italiana não imita a gloriosa actriz franceza: A natureza fel-as irmãs.

Eu curvo-me reverente perante o seu maravilhoso talento.

O actor EUOENIO DE MAGALMÃES.

Rio de Janeiro, 15 de Julho de 1885.

A Italia é a Danride antiga. Podemos pedir-lhe e exaurir-lhe os talentos, um por um; ella os inventará novos, ao lado de Salvini, Rossi; depois de Ristori, Duse-Checchi: feições diversas, arte unica.

M. DE A.

DUSE-CHECCHI,

... nessuno ha scorto al suo esordire in lei la scintilla dell'arte, pochi l'hàn scoperta quando cominciava a manifestarsi.

E eis'ahi porque eu' mais admiro a extraordinaria artista,—*rara avis*, para quem não tem o templo da arte ornamento escuso ou relevo ignoto.

Se estudou um dia, o que recolheu do estudo me parece natural; se representa o natural, todos os seus movimentos me parecem estudados.

Mas natureza e estudo, verosimilhança e verdade, é tudo exclusivo da grande artista; differe de tudo o que tenho visto, mas reconheço, sem ter antes conhecido, reconheço porque o espirito, o meu animo, o organismo, a minha sensibilidade acceta, recolhe, sente, gosa, ou soffre tudo o que experimenta a artista; e a impressão prolonga-se ainda depois de fechada a scena.

E' uma assimilação que não comprehendendo, mas que me abala e constrange. D'ahi a humilhação; sinto-me pequeno deante daquella grandeza!

LUIZ JOSÉ PEREIRA DA SILVA.

Eleonora Duse-Checchi

Dimmi, Donna, perché
Se dentro gli occhi tuoi lo sguardo affiso,
Un senso arcano penetrarmi l'alma
Sento? e il dolore o il riso
Tu mi metti nel cor, tempesta o calma?
Dimmi, Donna, perché
Questo potere sovrumano, ond'io
Penetrato mi sento?
Esoffro se Tu soffri, e l'odio ed amo
A tuo talento?
Questa é scintilla che Ti vien da Dio
E Divina Ti rende;
E degli affetti nell'orribil guerra,
Di che l'anima hai piena
Quando Sovraus domini la scena,
Scorda la terra
Chi Ti vede e t'intende.

FOGLIANI

De vel-a o goso e o goso de adoral-a
Nunca me o céo magnanimo recuse!
Que olhar! que gesto! que mulher! que falla!
Dumas fez a « Denise » e Deus a Duse.

ARTHUR AZEVEDO.

DICTIONNAIRE ARTISTIQUE

« Duse-Checchi. »

Peu de corps.

Beaucoup d'âme.

Immense génie.

N. B. — La personification de l'art dramatique au XIX^{me} siècle.

E. ROUËDE.

Que serait-ce que l'Art, sans ses interprètes, sinon une pure abstraction?

Pourrait-on se faire une idée della sculpture sans les chefs d'œuvre de Phidias, de Michel Ange, de Carpeaux; de la peinture sans les toiles de Raphaël, du Titien, de Gérôme; de l'art dramatique, sans avoir entendu Rachel, Ristori, Sarah Bernhardt et Duse-Checchi.

P. LABARRIÈRE.

A arte no theatro é a concentração de todas as manifestações do espirito humano.

Para ser um bom actor ou uma boa actriz é necessario ter dentro de si a alma de um estatuário, o genio de um pintor, a fantasia de um poeta, o heroismo de um Christo, a perseverança de um santo, os sonhos de um musico, a ternura de uma mulher e os odios de um demonio. Eis o artista do palco. Saudando Duse-Checchi saúdo a melhor cousa que pertence ao mundo—a Arte!

ALUIZIO AZEVEDO.

Vi o Ernesto Rossi no *Hamlet*, admirei Salvini na *Morte Civil*, Ristori na *Maria Antonietta*, Tessero em *Divorçons*, Antonio Pedro no *Paralytico*, Lucinda no *Demi-Monde*, Emilia Adelaide na *Dama das Camélias*.

Não digo que a Duse-Checchi valha mais do que alguns destes eminentes artistas, porque isso seria exalçar-a demasiado por sacrificio á moda ou ao engouement do momento.

Mas o certo é que ella, em *Fernanda*, leva-os a todos de vencida; consegue dar á personagem de Clotilde, confeccionada habilmente por Sardou nos moldes estreitos e almiscarados do *boudoir* parisiense, proporções eschylianas, onde perpassa ululante e tetrico o sopra da tragedia antiga.

A serpente flammivoma do ciume enrosca-se dentro do seio da amante despresada, e cada uma das suas temerarias contorções é reproduzida no semblante da Duse-Checchi como num espelho concavo, concentrador de luz e calor.

Ha scenas, no final do 3^o acto, em que nos pareceu ouvir um echo longiquo e surdo do côro das *Eumenides*, as furas vingadoras do theatro grego, despertadas do seu somno, vinte vezes secular, para virem em bando sinistro pouzar no coração de Clotilde—Duse-Checchi...

Sublime, medonho, terrível!

URBANO DUARTE.

A DUSE CHECCHI

Esta mulher magra, moça, alta, coroa-la por uns cabellos negros como o crepe, de rosto pallido e melancolico, mas illuminado e aquecido pelo sol de uns olhos grandes e travessos, não é simplesmente uma artista, uma interprete feliz de personagens de alta comedia ou de dramas; é um genio—crêa e impõe-se como um astro!

ALFREDO DE SOUZA.

Ouvindo-a, fico como que encerrado
Dentro de um negro carcere de assombros;
Fico ao seu gesto de rainha atado
E sinto o peso d'esse olhar nos hombros,

Como se carregasse a tempestade.
E' que ella traz no gesto o raio e a chamma,
E' que eu a julgo uma outra divindade,
Que o olhar assombra e o coração inflamma.

LUIZ MURAT.

Oh! Deus, devias, ao vel-a
E ao ver o talento seu,
Para saudar essa estrella,
Mandar estrellas do céu!

ARTHUR MENDES.

Tudo quanto se possa dizer sobre o merito artistico de Duse-Checchi ficará muito a quem da verdade.

O publico fluminense que se presa de ser entendido em materia de arte que a veja porque nunca, nunca tornará a pizar os nossos palcos artista de tal merecimento a não ser que ella aqui nos volte.

R. PORCIUNCULA.

ELEONORA DUSE CHECCHI

Extraordinaria organização artistica Com tão pouca idade nunca appareceu no Brazil uma actriz de tão alto merecimento. Assombra o saber-se que aquella estupenda *Clotilde* tem sómente vinte e cinco annos e ha apenas dois ou trez que desempenha papeis d'esse genero!

E é preciso considerar-se que a actriz ainda não irradia todos os esplendores do seu raro talento, porque os seus grandes dotes artisticos não estão completamente desenvolvidos pelo profundo conhecimento da arte.

Com mais alguns annos de scena, attingindo todos esses dotes o completo desenvolvimento—a Duse assombrará todas as platéas do mundo e fará esquecer todas as grandes artistas do passado.

Sobre quantas temos visto Duse tem a vantagem de não ter escola nenhuma; de se não subordinar a preceitos e a regras estabelecidas, de repellir a tyrannia das convenções, quasi sempre absurdas, que delimitam n'um estreito circulo muitas das qualidades individuais do artista, não lhe permittindo a espontaneidade e a originalidade, que constituem o maior valor de todas as manifestações da arte—

E' uma actriz revolucionaria, é uma artista rebelde; os que se submettem

podem chegar a ser grande, mas nunca serão—extraordinarios.

Na arte dramatica, mais ainda do que nas outras, é vulgar a imitação. Um actor lembra quasi sempre um outro actor. E' do que se não pôde accusar a Duse Checchi.

Extraordinaria actriz!

FILINTO D'ALMEIDA.

Prodigioso poder o do talento dos grandes artistas!

Multiplica, transforma, anihila a propria individualidade para corporisar as creações dos grandes auctores dramaticos.

Não é um temperamento especial, determinado; é um temperamento multiplo, amorpho, adaptavel ao temperamento do personagem que lho couber representar.

Não é uma alma: delicada ou grosseira, meiga ou violenta, melancolica ou alegre, profunda ou futil... E' a alma das creaturas do drama; será hoje sublime com a mesma verdade e a mesma facilidade com que hontem foi tenebrosa e com quo amanhã será soffredora e casta.

Sangue, nervos, musculos, corebro e coração não lhes pertencem, mas aos typos dramaticos a que houverem de imprimir a vida scenica.

Duse-Checchi, por exemplo.

Quem é ella?

E' a princeza Romanzoff:—mulher nervosa e irritavel, de paixões extremadas, sublime no amor como terrivel na vingança.

E' Dyonisia—mulher honesta e infeliz, quo resgata á custa de resignação, de trabalho e de modestia uma culpa que não foi sua.

E' Cypriana, do *Divorçons* — menina e moça, leviana mas pura, fantasiosa e amavel.

E' a Clotilde da *Fernanda*—coração que ama e odeia com a impetuosidade e a pertinaciado desespero surdo, produzido pela vida e pela morte de uma grande paixão, immaculada e unica.

E' tambem a estupenda *mulher de Claudio* — um monstro, que de mulher apenas possui o dom de se fazer amar, *quand même*.

E' a fidalguinha orgulhosa e altiva do *Romance de um rapaz pobre*.

E', enfim, a desgraçada e adoravel Margarida Gautier, — a personificação do amor, com todas as suas delicias e todas as suas angustias.

Será amanhã qualquer outra mulher nascida do cerebro de Dumas, de Sardou, de Echegaray ou de Giacommetti.

Prodigiosa força a do genio!

Milagroso poder o que lhe dá—a Arte!

Que será Duse-Checchi quando aquella força rounir este poder em toda a sua amplissima esphera de acção?

E' difficil, é quasi impossivel imaginal-o!

E' a Sarah Bernhardt italiana, hoje, Quem se lhe poderá comparar, amanhã?

VALENTIM MAGALHÃES.

CARTAS

DE DUMAS FILHO A' DUSE-CHECCHI

Arthur Azevedo, o *heróe* do *Diario de Noticias*, publicou nesta folha duas cartas escriptas pelo eminente auctor da *Denise* á genial interprete desta sua ultima criação.

Damos a palavra ao nosso collega:

« Em 1882, quando a Sra. Duse-Checchi representou no teatro Vallo, de Roma, a *Princesa de Bagdad* e a *Mulher de Claudio*, a joven e notabilissima actriz recebeu de Alexandre Dumas a seguinte carta, cujo original tenho defronte de mim:

« Mademoiselle. — Je viens de recevoir à la campagne, où je suis encore, la dépêche de Mr. Rossi et la vôtre. Je suis on ne peut plus heureux du succès que vous m'annoncez. Seulement, celui des deux qui doit être reconnaissant à l'autre, c'est moi et non pas vous. C'est vous qui avez eu le courage d'affronter le public dans deux pièces auxquelles il s'était montré jusqu'alors hostile et c'est vous qui les lui avez fait comprendre.

« Mademoiselle Croizette avait fini par triompher à Paris de la résistance du public parisien, dans le rôle de Lionnette, mais mademoiselle Desclée, malgré son immense talent, n'avait pu imposer celui de Césarine.

« Je ne crois même pas que cette pièce puisse jamais être reprise chez nous, puisque vous n'êtes pas française.

« Je le regrette beaucoup, mais ne le dites pas; cela me brouillerait avec les actrices de mon pays et avec le public du vôtre.

« Si jamais vous venez à Paris, j'espère que vous voudrez bien me le faire savoir, pour que je puisse vous porter moi-même l'expression d'une reconnaissance que je ne puis encore vous témoigner que de loin.

A. DUMAS. »

Tendo a grande actriz communicado ao celebre dramaturgo a impressão que lhe causára a leitura da *Denise*, Alexandre Dumas escreveu-lhe ainda, em 9 de Dezembro ultimo, as seguintes linhas, e não creio que honra maior lhe pudesse fazer:

« Madame. — Je suis on ne peut plus heureux de l'impression que vous a causée *Denise*.

« Je ne puis vous dire qu'une chose: c'est que j'ai pensé à vous tout le temps que j'ai écrit cette pièce. Quand je l'ai racontée à T*** (1), il m'a dit, et j'en étais déjà convaincu, que personne ne comprendrait et ne jouerait mieux que vous cette pièce.

« Je vous serre bien affectueusement la main.

A. DUMAS. »

Ambas essas cartas, que são hoje publicadas pela primeira vez, me foram a custo confiadas por sua graciosa destinatária, cuja modestia difficilmente venci. »

(1) O nosso collega não conseguiu decifrar este nome na carta do grande dramaturgo.

N. DA R.

14 DE JULHO

No dia 14 de Julho de 1789 a França deu um grande exemplo á Europa e ao mundo.

Revigorada pelas idéas contidas na Encyclopedia, exhausta pela pesada carga de muitos seculos de luctas e de vexames, ella conseguiu romper os obstaculos que se interpunham á sua passagem e revolver inteiramente o sub-solo politico da monarchia de Luiz XIV e Luiz XV, cujas consequencias cahiram todas sobre a cabeça de Luiz XVI numa explosão de odios, que se prolongaram como uma corrente ancestral até aos revolucionarios de 89.

Emquanto os reis modernavam tranquillamente na sua omnipotencia, offuscados pelos brilhos da sua alta linhagem, enquanto pompeava a nobreza e os cortezãos encontravam á sombra das prerogativas monarchicas alguma cousa que os tornava dignos do rei e alheios á lenta fermentação das coleras, que se operava occultamente no coração daquella pobreza, sem direitos e sem prerogativas, ali, nesse entre-solho onde não descia o raio de uma esperanza, e que era feito de sombras e de miserias, estava se preparando a nebulosa de onde sahio mais tarde o sol da civilização moderna.

Não discutiremos as causas, nem as consequencias d'este assombroso facto. A *Semana* apenas quer se consorciar á homenagem que os povos civilizados acabam de prestar á França, o paiz das tradições democraticas, a gloriosa França dos *sans culottes* e dos *cordeliers*.

A França fez a civilização, deu um aspecto diverso ao seculo XIX e plantou sobre as ruinas das monarchias divinas—o primeiro gemulo de onde deveria brotar, estender-se, subir para o céo, encher toda a planura deshabitada do coração humano, feito para amar, grandioso bastante para conter dentro de si tudo quanto havia de bom no passado, tudo quanto havia sentido a humanidade, agrilhoada por todas as dores, chumbada á agonia de uma condemnação secular, pela hereditariadade de uma funcção que não se casa com o modo de pensar do seculo, nem se concilia com a actividade do nosso espirito, que descende em linha recta dos coripheos daquella enormissimo acontecimento politico.

A *Semana* saúda o 14 de Julho.

Realisou-se com toda a pompa terça-feira, no Polytheama, a festa do anniversario da tomada da Bastilha.

Grande numero de pessoas distinctas occupavam camorotes, que se archavam primorosamente ornados, nos quaes se viam escudos com os nomes gloriosos de grandes homens da França.

Após a brilhante abertura do *Domino noir*, de Auber, pela orchestra, levantou-se o panno, fazendo apparecer o busto allegorico da Republica. Por essa occasião a musica do arsenal de guerra acompanhava diversos socios

da Choral Franceza que entoavam com brio *Le chant du depart*.

Em seguida o capitão Voyer executou ao piano com acompanhamento de orchestra um estudo em *Lá menor*.

Marietta Balby, uma interessante menina, desempenhou com muita graça uma scena comica.

Mlle. Rose Meryss, com a expressão que lhe é peculiar, cantou *Si vous n'avez rien a me dire*, musica de Mme. la Baronne W. Rothechill, letra de Victor Hugo.

Seguiu-se a segunda parte do concerto e fizoram-se justamente applaudir o capitão Voyer, Mme. Douglas, o violinista Cernicchiario, Mlle. Delsol e Mlle. Rose Meryss.

Esteve esplendida a *tombola* para crianças e magnifico o baile, que se seguiram ao excellente concerto, cujo programma não publicamos por nos faltar espaço.

Concorreu bastante para o brilhantismo desta festa o Collegio Internacional, do Sr. Gambaro, cujos alumnos percorreram varias ruas da cidade em *marche aux flambeaux* até á porta do theatro, onde muito se distinguiram. Uma bella festa.

Em consequencia da anticipação que hoje fizemos da publicação da nossa folha e do acumulo de materia extraordinaria, deixamos de publicar as secções *Historia dos sete dias*, *Politica e politicos* e *Bellas Artes*, e além d'esses os seguintes artigos—*Alfarrabios*, por *Ignótus*, *O leito*, conto de Guy de Maupassant, a primeira das «cartas de um chinês no Brazil a um brasileiro na China».

Pedimos desculpa aos nossos assignantes d'esta grande escunoteação imposta pelas circumstancias, prometendo para o proximo numero o que neste não foi possível inserir.

A VIDA ELEGANTE

Brilhantissimo o concerto, a que assistimos, realizado sexta-feira, 10 do actual, nos salões do Club Beethoven.

Confessamos que nos satisfez completamente todo o programma; sobretudo porém, a magnifica *tarantella* de Schubert, cuja execução o excellente violinista Sr. Otto Beck conseguiu que fosse acompanhada dos mais justos applausos.

De todos os concertos organizados pelo Club Beethoven, foi este incontestavelmente um dos melhores.

Muito bem.

LORNON.

THEATROS

COMPANHIA DRAMATICA ITALIANA ROSSI-DUSE-CHECCHI

Vae felizmente agora em caminho de rosas esta excellente companhia, que tem proporcionado ao nosso publico noites verdadeiramente deliciosas, como talvez jamais lhe tenham sido offerecidas por nenhuma outra.

A unanimidade com que a imprensa tem coberto de elogios e applausos Duse-Checchi, Andó, Rossi e os demais artistas—, esse *unisono* de palmas em todos os jornaes—tem conseguido despertar vivamente a curiosidade publica e as ultimas receitas do Ciacchi tem sido muito razoaveis.

Ainda bem que a capital do imperio vae comprehendendo que seria um crime de lesa-arte não correr ao theatro S. Pe-

dro todas as noites em que nelle trabalhe a companhia dramatica italiana, e não applaudir, a romper as luvras, estas trez notabilidades:—Duse-Checchi, Flavio Andó, Cesar Rossi.

Foram quatro as novas peças representadas durante a semana:—*A mulher de Claudio*, antigo drama de Dumas filho, *Luiz XI*, a celebre tragedia de De-Lavigne, *Romance de um rapaz pobre*, velharia dramatica do femiui Feuillet e a *Dama das Camélias*, a obra-prima de Dumas filho.

Passamos a apreciar succintamente, a largas pennadas, o trabalho da companhia nestas peças, á excepção da ultima, que somente depois de impressa esta folha subirá á scena.

«A MULHER DE CLAUDIO»

Embora publicada ha mais de dez annos, pois Dumas a escreveu pouco depois de terminada a guerra franco-prussiana, somente na noite de 11 do corrente ponde o nosso publico travar conhecimento com esta peça.

Acreditamos, porém, que elle não deseja estreital-as. *A Mulher de Claudio* desagrudou sobranamente tanto aos espectadores como á imprensa.

E merccc,—palavra!—a antipathia, o geral desagrado.

E' grosseira, é absurda, é violenta, é tola—como idéa, como obra litteraria.

Mais pamphleto do que peça theatral—e pamphleto que não prova cousa nenhuma.

Mais do que pamphleto ainda, é uma allegor a, uma dissertação symbolica: Claudio é a França, Cezarina (a mulher de Claudio) é a Prostituição, Cantagnac é o Estrangeiro, que conspira contra a França para roubar-lhe as glorias e os proveitos das suas grandes invenções.

Uma peça em taes condições não é para ser representada, mas para ser lida. A'quelles personagens, filhos de um mundo fantastico, não ha artistas que lhes possam dar existencia real; aquellas ficções symbolicas não ha talento dramatico que possa transformalas em creaturas humanas, transfundindo-lhes sangue nas veias, fazendo-lhes palpar um coração naquelles peitos ócos, em que resoam as bombas rethoricas da verrina patriótica.

Por isso é que Duse, Rossi e Andó não conseguiram nesse drama triumpho igual aos que nos anteriores alcançaram. Elles, como homens que são, não podem o impossivel e impossivel seria humanisar aquellas figuras... de rethorica.

Isso porém não impedio que elles mais uma vez patenteassem deslumbrentemente a força enorme dos seus privilegiados talentos.

Duse-Checchi fez *Cezarina* de modo a não causar aos espectadores asco e repugnancia d'aquelle monstro, em cujo coração nenhum amor—nem de esposa, nem de mãe—conseguiu nascer e medrar. E dizendo isto teriamos dito tudo.

Houve momentos, como no monólogo do 2º acto e na scena de seducção de Antonino, em que o trabalho da grande actriz attingio a culminancia da arte.

Rossi fez admiravelmente a parte de Cantagnac, com toda a finura, destacatez e perversidade que demandava o papel.

A maneira porque perguntou a Cezarina: «Quanto quer por me vender o segredo de seu marido?» só pode ser comparada ao modo com que a Sra. Duse-Checchi pronunciou aquelle: «*Lo sal!*», em resposta á ameaça de contar a Claudio o vergonhoso segredo da sua indigna mulher.

Ao Sr. Rossi nos só lhe pediríamos, como reparo a um justo senão, que se

caracterisasse mais cuidadosamente; as suas cabelleiras são sempre tão mal postas!...

Andó apresentou um Claudio muito accetavel, apesar dos pezares que lhe poz o auctor. Não concordamos com a censura que fez a *Gazeta de Noticias á feição tragica* que elle deu ao papel. Andó fez um Claudio sombrio, taciturno, mas natural e correcto.

Ruim peça; desempenho mil vezes superior á peça.

LUIZ XI

A companhia dramatica italiana representou no domingo ultimo esta famosa peça de Delavigne.

O papel de Luiz XI é um dos mais trabalhosos do antigo repertorio dramatico.

Coxo, torto, contrahido, tremulo—é, physicamente, um monstro; covarde, fanatico, traíçoero, assassino, fraticida—é ainda um monstro moral. Junta-se a todas estas qualidades de character o tenebroso peso do remorso e um enorme terror religioso, e poder-se-á calcular a difficuldade que a interpretação e a execução de um tal papel offerece a um artista.

Sabendo que Ernesto Rossi havia entre nós representado esse terrivel papel, maior era ainda a responsabilidade que o Sr. Cesar Rossi tomava a si desempenhando-o.

Pois podemos dar sinceros applausos ao Sr. C. Rossi.

Sahio-se galhardamente, e fez um trabalho notabilissimo. Esse trabalho é mais que sufficiente para dar ao Sr. Rossi foros de artista de primeira ordem, e revelou que seu alto merito não fora ainda reconhecido pela nossa platéa, porque os demais papeis que o Sr. Rossi desempenhara anteriormente não lhe offereciam ensejo para a manifestação das suas grandes qualidades e do seu largo conhecimento da arte.

O Sr. Rossi é um actor de escola, e é por isso que fica um tanto deslocado na companhia Ciacchi, onde todos os outros artistas pendem mais para a moderna arte franceza, mais revolucionaria e mais livre, menos adstricta ás convenções theatraes e ás determinações rigorosas da arte medida e pausada.

E' um artista que precisa ser apreciado e julgado á parte, e a peça que para esse effeito mais se prestava era effectivamente a tragedia de Delavigne. Fez bem o Sr. Rossi em representar o difficilimo papel do rei francez: ficou assim restabelecida a sua reputação e reconhecido o seu grande merito.

Quem no Luiz XI parece um outro actor é o Sr. Andó: gesto largo, paço cadenciado e medido, declamação ampla e vibrante, ademane guerreiro e solemne—pura escola tragica italiana e trabalho perfeito.

O Sr. Checchi é que está inteiramente deslocado no papel de Vicente de Paulo, e não devemos levar-lhe em conta as imperfeições e os desvios que todos notaram.

A peça não tem mais nenhum papel de importancia, mas pode-se dizer que o conjuncto foi, como sempre, bom e harmonico.

ROMANCE DE UM MOÇO POBRE

Velhissimo conhecido das platéas fluminenses, foi este drama, entretanto, uma novidade para a do theatro S. Pedro na noite de 13 do corrente, pela maneira porque foi representado.

Duse-Checchi tinha no papel de Margarida occasião de mostrar mais uma face nova do seu multi-forme talento. E aproveitou-a brilhantemente.

Esse papel não dá ensejo para que uma actriz como esta possa revellar todos os seus recursos, pois entra na peça como a *sombra* precisa para realçar o claro do papel de Maximo Odier, o protagonista. Verdadeiramente, Margarida só tem na peça uma scena—a das ruínas. E nesta, Duse-Checchi conseguiu fazer-se applaudir freneticamente, em trez consecutivas chamadas á scena. Teve gestos, inflexões, olhares, sorrisos, grandes nadas artisticos, deliciosos de graça e naturalidade.

Andô desempenhou-se do seu papel como sempre:—perfeitamente.

Devemos, contudo, dizer que esta peça não mereceu á companhia o mesmo cuidado, o mesmo estudo que ella tem dispensado ás outras. Assim é que Andô, contra as indicações da peça, não se apresenta vestido sempre de preto, modestamente, mas com *toilettes* de uma elegancia e custo superiores ás condições do triste e pobre Odier; na scena das ruínas era natural que levasse botas, pois fora a cavallo: no acto seguinte não appareceu como quem vinha de uma tremenda queda a um terrivel abysmo.

Tambem a Sra. Checchi, apresentando-se nas ruínas, de roupão cinzento claro, destruiu a lenda da «dama negra» de que com tanto medo falou o pastor, que deitou a correr desde que a viu, á luz da lua, no derrocado castello.

Ligeiros senões, é verdade; mas estranháveis em artistas d'esta ordem, que com tanto escrupulo estudam os seus papeis.

Rossi deu-nos um Laroque magnifico, o melhor de quantos temos visto.

A sua excellente caracterisação foi bellamente secundada pela voz e pelo gesto, de modo a completar esse, a um tempo lamentavel e repugnante, typo do velho Laroque.

Os demais artistas portaram-se muito bem nos seus papeis, como aliás é seu costume.

NO SEIO DA MORTE

Foi na terça-feira, no Recreio, a muito esperada e desejada primeira representação d'esta famosa tragedia em verso, de Echegaray, que S. M. o Imperador offerecera ao actor Dias Braga e com que este distincto artista fez beneficio.

O desempenho, tirante algumas falhas e descuidos proprios de uma primeira recita, foi bastante rasoavel.

Comprehender-se-á que nos não fica bem falar d'elle, visto que dois dos redactores d'esta folha são os traductores da peça e que qualquer elogio pôde parecer *reclame*, como qualquer censura pôde parecer má vontade.

Os mesmos argumentos subsistem para o julgamento da traducção. Não nos furtaremos, todavia, a transcrever para *A Semana* um elogio que lhe fez o *Jornal do Commercio*, orgam assás competente, autorizado e conspicuo para a boa critica litteraria imparcial e despreoccupada. Transcrevemos esse rapido juizo do grande jornal com tanto mais prazer quanto podemos informar os nossos leitores de que foram os Srs. Alfredo Riancho Camaratte e Carlos Maximiano Pimenta de Laet os cavalheiros que na primeira representação do *Seio da Morte* occuparam o camarote do *Jornal do Commercio*:

«A traducção foi feita pelos Srs. Valentim Magalhães e Filinto de Almeida. Dos versos de Echegaray pouco ha actualmente que dizer. A reputação do poeta hespanhol é já conhecida em todo o mundo. Da traducção diremos apenas haver sido feita com fortuna varia. Em uns versos manteve-se a elevação e belleza do original; em

outros, porém, sahio a traducção contrafeita e por vezes mesmo em lingua-gem por demais rasteira. Se bem que do verso hespanhol se possam conservar, sem maior alteração, estrophes inteiras, a tarefa de traduzir Echegaray não é cousa facil. Os traductores alguma cousa fizeram; mas o que lhes ficou por fazer avulta em maior quantidade.»

Agora, se alguém exigisse do critico a prova de que conhece o original, talvez elle ficasse bem atrapalhado. Não seremos nós quem lhe vá pedir essa prova.

Mas é consolador saber-se que umas tristissimas e deploraveis correspondencias do Paraná podem indirectamente influir na critica litteraria d'este nosso Brazil.

Está salvo o theatro nacional!

THEATRO LUCINDA

Annunciam-se os ultimos espectaculos da companhia Furtado Coelho para amanhã e depois d'amanhã.

O publico escolhido e distincto, que tanto aprecia e estima os artistas Furtado Coelho, não deixará por certo de se ir despedir d'elles, manifestando-lhes com muitas e muitas palmas a sua gratidão pelas bellas noites artisticas que lhe proporcionaram e as saudades que lhe vão deixar, com a sua partida.

Lucinda, a gentilissima *baronne d'Ange* guardará por certo em seu coração a viva lembrança das muitas sympathias e da grande admiração que lhe tributamos todos. E Furtado Coelho terá saudades d'este seu velho e dedicado amigo—o povo fluminense.

Ao Lucinda!

Certa viuva moça, luzidia, que ainda tinha da belleza o viço, vio-se em estado interessante, um dia, —máu grado seu e sem contar com isso.

Examina-a o doutor, e ella ao sensato, ao bojudo doutor, velho e bemquisto, diz, a corar, justificando o facto: «Doutor, nem sei donde é que me vem isto!»

RALPHO.

QUESTÃO INTERESSANTE

«Tem o marido o direito de abrir as cartas dirigidas á mulher?»

Tem a mulher o direito de abrir as cartas dirigidas ao marido?»

Das muitas respostas que temos recebido sobre esta questão, proposta em nosso n. 28, publicamos hoje as seguintes:

«Na minha opinião, nem o marido, nem a mulher devem abrir as cartas um do outro: o primeiro porque pôde descobrir quão é enganado e a segunda quando pôde enganar. Seu criado e obrigado,—*Gato Escaldado.*»

13-7-85.

1.º O marido não deve abrir as cartas da mulher; porque, ou elle tem confiança nella e a abertura das cartas revela uma simples curiosidade, que ao homem é sempre injustificavel; ou elle não tem confiança, e então a abertura das cartas importa a indagação de uma infamia por outra infamia, o que é sempre condemnavel.

2.º A mulher não deve abrir as cartas do marido pelo simples facto de que elle não abre as della.

Tal é a opinião do—*Jury Republicano.*»

«A illustrada redacção d'*A Semana* pôde para ser respondida a seguinte questão—Tem os conjugues o direito de abrir as cartas um do outro?»

E' esta uma questão melindrosissima e são frequentes nas repartições postaes as reclamações d'esta natureza, mormente por parte dos maridos; sendo certo que a simples declaração da existencia de uma carta para a esposa é já de sobra, muitas vezes, para funestas consequencias na harmonia conjugal.

E' possivel que sob o ponto de vista moral em absoluto a resposta á questão deva ser affirmativa.

Sob o ponto de vista, porém, propriamente pratico para a sociedade actual parece-me que não.

E assim é que neste sentido resolve a questão a lei que dirige os correios da União Postal Universal. As cartas das Postas Restantes só podem ser entregues aos proprios destinatarios, exigindo-se d'esses prova de identidade, quando não forem conhecidos. Nem o marido nem a esposa tem direito de receber as cartas um do outro.

Tenho lido alguma cousa do muito que se tem escripto sobre assumpto de correio, o qual, seja dito de passagem, não se limita, como se é geralmente, ao material trabalho de recebimento e entrega de cartas.

No cap. VIII.—*Du Droit des Maris, Peres, Tuteurs, sur les lettres adressées à leurs Femmes, Enfants ou Pupilles, etc.* do livro de Rodolpho Rousseau.—*Traité Théorique et Pratique de la correspondance par lettres, missives, et telegrammes* escripto em 1876, encontrará a illustrada redacção d'*A Semana* soluções esclarecidas, firmadas em leis e opiniões juridicas não só sobre a questão proposta, como sobre outras analogas, de equal transcendencia, as quaes, apezar do que ha legislado, complicam-se algumas vezes por tal forma que collocam em serios embarços, os correios, que, como o nosso, não têm o indispensavel empregado jurisconsulto que as estude e resolva.»

Em 15 de Julho 1885.

Em passeio conduz a ver as feras elle, ao Jardim das Plantas, a familia: —sogra, mulher e filha.

Deante da ferrea jaula das panthéras, que arreganham, pulando, os alvos dentes, detem-se D. Barbara, asombrada. Murmura o genro, ao vel-a assim pasmada:

«Como adora os parentes!»

PIFF.

GALERIA JORNALISTICA

IV

MUDSON DO POVO

Elle foi o Terror da monarchia!

A herculea clava que alluir tentava

O solio imperial!

Tigre, leão, jaguar — elle rugia

Em derredor do Throno... (Apos, fizeram-n'o

Redactor do «Jornal».)

Elle arrojava versos incendiarios

A' Dynastia! El-Rei era lacaio,

O Paço era bordel!

D. Pedro — algoz! a grey brazileia — victima;

Hoje faz gazetilhas descriptivas

Do Palacio Isabel.

«Sic mutantur tempora» que a «Musa Do Povo», a heroica, a musa intemerata, Que chamava á vingança
A brava gente brasileira —agora
E' a musa dos «buffets» da Serenissima
Herdeira de Bragança.

Essa cabeça desgrenhada, onde
Fôra tecer seu ninho a Liberdade
Qual no rochedo alpino
A aguia soberba; essa cabeça hoje
Já não reclama a guilhotina, apenas
Requer um pente fino.

Porquanto o que ella tem na emaranhada
Melena hirsuta, e do miolo incluso
Nos intimos refólhos,
Não são idéias, não, mas—dil-o a chronica—
Aqui, são gazetilhas laudatorias,
Emquanto ali—pi...

ZÉCA.

O amor de uma mulher é mais terri-
vel do que o odio de um homem.

SOCRATES.

NÃO TEMAS

(A ARTHUR MENDES)

Tremes! De que tens medo? Empallideces!...
Queres chorar, medrosa? Ha muita luz
No céu ainda. Vamos! Enlouqueces
Com certeza. Não vês que não reluz

Nem uma só estrella na azulada
Esphera; que ainda a luz brinca nos ramos;
Que a grotta ainda está illuminada,
E a fonte p'ra onde vamos?...

Anda, inclina um bocado essa cabeça
Loura; mais, ainda mais, assim; que o sol
A beije, que este espaço resplandeça
Aos clarões d'este limpido arrebol.

Como são bellos estes teus cabellos,
Mysteriosos sonhos occultando!
E estes labios, tão rubros e tão bellos,
Meus beijos provocando!

Vamos! Não tenhas medo! Um coração
Não teme nunca um coração que o ama;
Qu'importa que nos cerque a solidão,
Que nos devore o seio a mesma chamma?!

Se tens certeza que é o amor que brilha
Nos meus olhos sem medo, sem assombros,
Volta essa fronte receiosa, filha,
E poisa-a nos meus hombros.

Não tenhas medo que eu te faça mal.
Pois eu fazer-te mal! Era preciso
Que eu fosse outro e outra fosses! Que este val
E este céu e esta nuvem, que o teu riso,
Como a manhã em purpuras incende, —
Não reflectisse o teu formoso rosto!
Vê como em nuvens d'ouro o sol resplende!.,
Olha, formosa, aposto

Que este ligeiro bando de andorinhas,
Que vem de leve o azul manchando agora,
Cuida que é solo d'ouro onde caminhas,
E que tu és a aurora,

E que eu a noite. E a noite possuir-te!
Ora a noite a guiar no céu a estrella!...
Que engano, flôr, que engano, confundir-te
Com a aurora, quando a aurora é menos bella!
Mas perdôa; olha, ás vezes, quando eu vejo
No azul a madrugada apparecendo,
E a fonte e o rio e a flôr pedir-lhe um beijo,
Cuido que é um riso teu que vem nascendo.

Até mesmo eu me engano. Ao contemplar
As brumas do crepusculo indeciso
Chego — loucura! — o céu a comparar
A' tua bocca, e a aurora ao teu sorriso!...

LUIZ MURAT.

(Das Avalanches.)

QUADROS DE HONTEM E DE HOJE

Acabamos de ler este interessante
volume de boa prosa e escripto por
um espirito, no qual se sente palpitar
uma nova idéa, uma nova corrente de
emoções.

Sem querermos fazer a critica do vo-
lume dado á publicidade pelo Sr. Luiz
de Andrade, todavia não podemos deixar
de destacar um dos quadros que foi
talvez o que maior impressão nos dei-
xou da leitura: intitula-se—*Um dia,
para os mortos.*

O autor faz umas rapidas conside-
rações a respeito da morte e entende
que o homem não se satisfaz com os
addiamentos que a Philosophia Posi-
tiva deu a estas questões transcen-
dentaes.

Está provado que o espirito humano
nunca chegará á solução d'este grande
problema, que escapa a toda e qual
quer observação e em cujos dedalos
emaranhou-se a Philosophia que se
estende desde Protágoras e Aristó-
teles, até Bacon, Newton e Kant.

A Philosophia Positiva comprehen-
dendo a impossibilidade de chegar-se a
um tal resultado, eliminou, como uma
necessidade para a elevação do espirito
humano, esta tendencia de se querer
tudo resolver por meio de creações
ficticias. resultado da imaginação dos
philosophos.

Orientando a Philosophia e circun-
screvendo-a ao relativo, deu ás scien-
cias um novo impulso e desdobrou aos
olhos da humanidade um novo campo
para as suas observações. Isto é admi-
rável, mas não basta ao sentimento
religioso. A religião concreta não sa-
tisfaz á curiosidade do homem.

O sentimento religioso que a prin-
cipio representa a causa universal
sob a forma de agentes imperfeita-
mente conhecidos, depois sob a forma
de agentes menos conhecidos, chega
finalmente a concepção de uma causa
inteiramente incognoscivel. Porém
nunca desanimou, pelo contrario, abor-
da sempre o problema com maior ancie-
dade e com um novo fervor. D'ahi é
facil de se prever que elle não deixará
de fornecer uma explicação ao desco-
nhecido.

O ser finito, pois, que a Philosophia
Positiva propõe aos seus discipulos não
satisfará de modo algum á natureza
affectiva do homem, da mesma maneira
que qualquer theoria que reduza o
problema ás proporções de uma con-
cepção finita ou cognoscivel.

Ainda que se tenha verificado que
muitas das idéas religiosas apresen-
tadas pela Philosophia Positiva tenham
se realisado depois da morte do seu
fundador, como os centenários, que não
são mais do que um culto aos grandes
homens, em todo o caso o estudo histo-
rico do sentimento religioso, desde as
mais remotas civilisações, até nos, traz-
nos a convicção de que ha uma força
no homem que o impelle sempre para
a explicação deste eterno problema.—

O livro do Sr. Luiz de Andrade não
é um livro de Philosophia, porisso
deixaremos de parte estas considera-
ções e comprimentamol-o pelo excel-
lente trabalho que nos enviou, onde
trata de diferentes assumptos com
fino espirito e delicada observação.

AMBROZIO SEVÉRO.

Eu hei de um dia ser bispo, olé!
Porém prefiro ser antes me-
tropolitano;
que, além de ajudas, de emolumentos,
tem quatro contos e novecentos
mil réis por anno.

PÉFF.

POESIA E POETAS

«A Musa Moderna»

VERSOS POR DAMASCENO VIEIRA

Entre os moços rio-grandenses que
tratam letras é o auctor deste livro um
dos que mais têm trabalhado e mais se
têm distinguido.

Do seu ultimo livro—*Esboços littera-
rios* occupou-se com louvor a imprensa
do Rio Grande do Sul e desta Corte.

Não se trata, por consequinte, de um
estréante, mas de um nome já conhe-
cido.

Podemos pois dizer francamente o
que pensamos acerca da sua *Musa Mo-
derna*.

Como bem disse o critico que no ex-
tincto *Globo* fez a apreciação dos *Eu-
saios*, «o Sr. Damasceno pertence ao
grupo que fórma transicção entre os
poetas e os pensadores, e que apresenta
elementos philosophicos e lyricos.

Em geral essas composições poeticas
são mais meditadas do que inspiradas;
e, quando não se elevam de tom, deca-
hem em um prosaismo frio. O escolho
de semelhantes composições é a vulga-
ridade.»

Nem sempre o poeta soube evital-o.
A impressão geral que o seu livro nos
deixou foi a do cansaço e de vaga tris-
teza.

Falta inspiração a esta *Musa*, ou ella
propositamente a affoga na onda fria
e por vezes amargado raciocinio. In-
clinamo-nos mais a esta segunda hypo-
these. O Sr. Damasceno faz versos a
sangue frio, abolio a commoção; na sua
lyra não ha cordas para a dor nem para
amor que não seja o da Humanidade.
«A dor que porventura sinto occultar-
se-á tão intima, que a multidão que
passa não a percebe», diz o poeta no
«estudo critico» com que abre o seu
livro, estudo que reputamos a melhor
parte delle.

Todo o seu pensamento acha-se ex-
presso na mesma pagina, quando diz:
«Para dar a medida exacta do seu tempo
—preoccupação de todo artista supe-
rior—cumpre ao poeta identificar-se
com as aspirações do seculo nas suas
idéas philosophicas, nos seus gigantes-
cos impulsos de progresso, na sua ve-
hemente paixão pela liberdade. Não de-
verá apartar-se da convivencia social
para constituir-se, como outr'ora, mero
paysagista, exclusivamente entregue a
desenhar de um modo platónico o nas-
cer e o pôr do sol, o aspecto juvenil das
arvores, gorgeadas de passaros no estio
e a desolação tetra da natureza em
dias de inverno.»

E mais adiante: «A musa, apesar da
delicadeza de sua compleição, é uma
batalhadora: combate a guerra como
anti-social; combate o ultramontanis-
mo como anti-religioso; combate a mo-
narchia como anti-democratica; com-
bate a escravidão como anti-humanita-
ria; combate o milagre como anti-ra-
cional. A sua missão não é somente
bella; é tambem *util*. Encanta e ins-
true.»

O Sr. Damasceno previo com fina
perspicacia as objecções que a esses
assertos se podiam fazer, e prevenio-se
contra ellas, dizendo: «O realismo que
seguimos não faz uso de constantes hy-
perboles nem impõe-se á admiração dos
ingenuos por meio de estylo transcen-
dental, mais proprió de compendio de
philosophia do que de um livro de in-
dole poetica: antipathisamos com tudo
quanto se oppõe á facil comprehensão
do bello artistico» e mais: «A poesia é
uma musica especial; convém ser sem-
pre harmoniosa, de maneira que agrade
simultaneamente ao ouvido e ao enten-
dimento»; ainda mais;

« Não transformamos a nossa banca de trabalho em mesa anatomica. »

Estas idéas entrecrocavam-se; o Sr. Damasceno se ainda não está na verdade, já está no caminho que a ella conduz. Filiado á escola, de que são representantes em Portugal Theophilo Braga, Teixeira Bastos e aqui o Sr. Izidoro Martins Junior, o Sr. Damasceno só admittit como digno de inspirar poetas o «sentimento científico» como chama o segundo dos escriptores citados ás suggestões poeticas derivadas da comprehensão emocional—se assim nos podemos exprimir—das grandes verdades.

Um exemplo:—A flôr, que para toda a gente é bella, simplesmente porque é bella, e, como tal, deve inspirar poetas, para esses senhores é bella porque é um producto da Natureza, a «grande mãe», porque, como qualquer outra cousa, está sujeita ás «eternas leis», etc...

Semelhante escola—que, felizmente não tem conseguido muitos proselytos—é uma errada comprehensão da Esthetica e uma lamentavel adulteração da poesia, da boa, da eterna, da universal poesia, da poesia poetica.

A melhor prova disso está nos fructos que tem produzido a tal poesia científica:—livros excellentes... contra insomnias.

Basta dizer que ella suffoca a inspiração, mata o sentimento, reduz o coração a musculo racionante,—o coração racionando!—repreza e estanca a espontaneidade, impõe o assumpto, implanta o *parti-pris*.

Emquanto o Sr. Damasceno não se convencer destas verdades, não conseguirá fazer um volume de poesias; fará quando muito prosa rimada, estragando a um tempo as suas rimas e a sua prosa.

Olhe, quer saber? Do seu livro o que mais nos agradou foram exactamente as composições que o Sr. Damasceno com certeza reputa de sommo valor, mais futeis; foram por exemplo *A lição, O doutor, jogo de xadrez*...

E agradaram-nos porque nellas o encontramos mais livre da corrente científica, em que pensada e friamente se inspira a sua *Musa*. Gostámos tambem dos *Combates*, onde se encontram em verso fluente e gracioso alguns pensamentos felizes. Este, por exemplo:

« O papa, que tudo ordena,
Fez a igreja tão pequena
Que Deus não cabe no altar. »

Esta oitava epygrammatica:

« Um certo bispo illustrado,
De crenças firmes e puras,
Sendo um dia interrogado
Sobre as Santas Escripturas,
Já tendo estudado o thema,
Resolveu bem o problema,
E, na questão intrincada,
Disse a quem falar-lhe veio:
« Eu na Biblia sempre creio
« Porque não lhe entendo nada. »

Concluindo, diremos que ha no Sr. Damasceno Vieira um poeta; poeta que, se elle quizesse, appareceria um dia, radiante de inspiração, pujante de força.

Queira-o elle!

Olhe, lembre-se sempre destas suas proprias palavras:

« A existencia do homem sempre foi cheia das mais variadas alternativas; é o bem e o mal, a virtude e o vicio, a esperança e o desespero em continuo antagonismo; a vida humana semelha, como diz Byron, a oscillação constante de uma pendula entre um sorriso e

uma lagrima » e que verdadeiro poeta é aquelle que, como Hugo, canta a lagrima e o sorriso.

Admittimos a poesia científica com a condição de ser tambem—poetica.

Realise o Sr. Damasceno este grande ideal e applaudiremos a sua «poesia científica».

Vamos, um pouco mais de esforço, mais um passo no bom caminho e teremos o prazer de comprimentar um novo e distincto poeta; chamar-se-ha Damasceno Vieira. Esse poeta escreverá uma outra *Musa moderna*, que não se ha de parecer muito com esta, cuja delicada offerta agradecemos penhorado.

VALENTIM MAGALHÃES.

O amor vive de inanição e morre de alimento.

A. DE MUSSET.

CARNAVAL DA HISTORIA

BROUSSAIS.—Inventor de um systema pelo qual estava sempre disposto a derramar o sangue... dos outros.

BRUXELLAS.—Chamam-lhe ironicamente um pequeno Paris.

Para a perfeita comprehensão da liberdade seria bom que Paris fosse uma grande Bruxellas.

BYRON.—E' pena que de poesia tão bella fosse estragado por um mysanthropismo systematico! O nectar não deveria azedar.

CAINA.—Se tivesse operado n'um campo de batalha teria sido condecorado.

CALAS.—E ainda ha partidarios da pena de mortel..

CALDERON.—O poeta Gigonha. Deixou muitos filhos para que a posteridade os adoptasse; mas isso não dá aos eunuchos direito de zombar da sua fecundidade.

CALIGULA.—Phenomenal ave de rapina. O abutre—perú.

CALLOT.—O Juvenal da arte.

Dezenhava com ferro em brasa.

CALVINO.—Os fanatismos succedem-se e não se parecem.

CALYPSO.—*Cocote*—mythologica que, para conservar os amantes, lembrou-se de ir morar n'uma ilha. Hoje as suas eguaes para obterem os mesmos resultados, substituem geralmente a agua pelo *Champagne*.

PIERRE VERON.

Desde o dia em que uma mulher nos pertence, deixamos nós de pertencer-lhe.

MONTAIGNE.

COFRE DAS GRAÇAS

DISCUSSÃO GRAMMATICAL

O assumpto era questão de portuguez. Um professor, do seu saber inchado, explicava, com grave sudez, em tom de quem não quer ser contestado:

— « Braço » é um substantivo appellidado Communi; é masculino: então, já vês, E' precedido do artigo O, em vez Do artigo A. (Isto é caso demonstrado)

Para exemplo se deve, dizer: «Dar O braço a alguem». Responde o ouvinte:—«Quanto a mim, faço adistincção seguinte:

Se «alguem» é, por acaso, uma mulher Moça é formosa, em vez de dar—o braço, Prefiro, meu amigo, dar—a . . . braço »—

VON-TSI.

Sahia do hotel «Frères Provençaux» um deputado muito conhecido pelos seus discursos e pelo seu appetite, no momento em que entrava um bohemio, de braço dado a uma austriaca.

— Então, você vae á Austria? perguntou-lhe o deputado com malicia.

— E' verdade. E V. Ex. vem do Perú?

— Que andas fazendo?

— Horas para o jantar.

— E depois?

— Não sei; mas provavelmente continuarei a fazer horas para a ceia.

A perversidade presuppõe uma supina ignorancia ou uma impotencia enorme; quando ella se encontra em um cerebro, que se esclareceu ao contacto da sciencia e dos homens, entra no numero das vesanias.

L. DELFINO.

O RELOGIO DA VIDA

(ROMANCE REALISTA E CURTO)

O sino é o relógio da vida.
Assignala todas as grandes horas:

I

Ten...ten...ten...
Lá vae para a igreja o baptisado...
Eil-o de volta.

O pequerrucho chama-se Manoel. Em nome do Padre...etc.

II

Ten...ten...ten...
O Manoel é hoje o Manduca.
Lá segue, contrariado, de livro ao so-vaco, para a escola.

E' a hora da classe.

III

Ten...ten...ten...
E' a Academia que chama ás aulas.
O Manduca é calouro... Chamam-no doutor...

IV

Ten...ten...ten...
O Sr. Dr. Manoel de tal vae se unir pelos laços do matrimonio, etc. A igreja repica...

V

Ten...ten...ten...
Acaba de fallecer o Sr. Dr. Manoel de tal. E' uma perda sensivel, etc.

VI

Ten...ten...ten...
Suffraga-se a sua alma.
Requiescat, etc...

LAURO.

FACTOS E NOTICIAS

Hontem, completando o Dr. Sizenando Nabuco 43 annos de idade, houve em sua residencia uma agradável reunião de amigos, que começou pela audição de dois actos do *Comte de Camors*, drama escripto em francez sobre o conhecido romance do mesmo titulo, pelo Dr. Sizenando, e terminou por uma ceia delicada, *tout à fait exquisite*.

Estiveram presentes os Srs. José do Patrocínio, Urbano Duarte, Aluizio Azevedo, Emilio Rouède, Dr. Labarrière, Luiz Murat, Filinto de Almeida e Valentim Magalhães.

Parabens ao amavel e estimado amphitrião.

Segundo telegramma recebido pela *Gazeta de Noticias*, falleceu em Paris o Dr. Ferreira de Abreu, barão de Terezopolis, illustre medico brasileiro, muito conhecido e estimado em sua patria, de que ha annos se achava ausente.

* * *

Pela collectoria de Santo Antonio do Padua foram libertos pela ultima quota do fundo de emancipação, de 8.750\$ 18 escravizados, cujas cartas lhes foram entregues no dia 23 do passado. Se todos os collectores applicassem as suas respectivas quotas como faz o digno collector de Padua, o fundo de emancipação seria uma realidade, e corresponderia aos intuitos com que foi creado.

TRATOS À BOLA

O Sr. J. da C. e S. foi o primeiro decifrador das *tratices* ultimas e o Sr. Pepe o segundo.

Como se prestasse a duas decifrações o primeiro proverbio—enigma, D. Pastel deliberou aceitar ambas.

Por isso foi considerado como segundo decifrador o Sr. Pepe...

Que felizardo!...

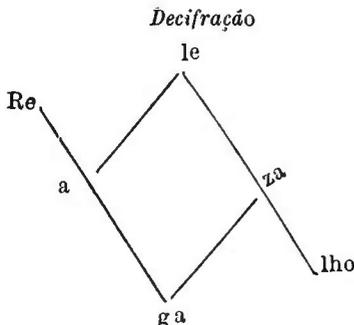
Eis as decifrações: Dos proverbios-*enygmas*—*Macaco que se coça quer chumbo* ou *Cavallo bravo quer ferro*; da antiga *Cachola*; das novissimas—*Tiradentes* e *Tirapé*; da decapitada—*Coração*, e das calimburguescas—*Cantochão* e *Veracidade*.

Para hoje damos os seguintes *tratos*:

CHARADAS EM ZIG-ZAG

Para decifrar as charadas d'esta especie, começa-se procurando a palavra central, que é de 2 syllabas;—conhecida esta, são sabidas 2 syllabas das palavras de quatro syllabas, correspondentes ao primeiro e terceiro versos: assim, a primeira da palavra central é tambem segunda da primeira de 4 syllabas e primeira da segunda. E' indifferente que as duas syllabas soltas da primeira e terceira palavras formem ou não sentido. Para maior clareza damos a seguinte charada com a sua decifração:

« Eu sou o alvo da arma socialista, 4
E, se no ar suspendo tantas vidas, 2
Tambem conforto ao que dos lares dis-
ta, 4 »



Temos pois—*aza*—que é a palavra central, e a significação do segundo verso, e—*realiza*—e—*agazalho*—em zig-zag, que são a significação do 1º e 3º versos.

Esta especie de charadas é invenção do Sr. Joaquim de Castro Fonseca.

Agora preparem-se os Srs. decifradores, afim de ver se mettem o dente nesta:

Eu sou filha da Italia e mais não digo, 4
Ai! como é doce o suco desta planta, 4
Isto é uma enorme asneira, meu amigo! 2.

ANTIGA

Eu não venho, leitor, te amolar;
Perturbar teu repouso não venho.
Tenho só 7 letras, não mais;
Que pensaes? 7 letras 7 só tenho.

A um certo adverbio se me vejo unida,
Me torno bebida de grato sabor—1
Se com uma só letra no fim tu me adornas
Em pedra me tornas, bondoso leitor—2

CONCEITO

Não pertengo á flor suave,
Não sou d'ave, sou de gente;
Não me chamem lobishomem,
Nome d'homem sou sómente.

PROVERBIOS-ENYGMAS (1)

(2) (1-2) (1) (2)
Cupido—a Cupido—não—deve; saldo.
(1) (1) (1)
Sujeito que — possui— pena — de com-
(2) (12) (3)
mida—não amamenta—quadrupede.—
Avareza.

CALIMBURGUESCAS

Quantos meninos capa o chapéo do soldado?
Qual a nota mais breve e de mais bella fórma?

INVERTIDAS

2—E' bicho que invertido cobre.
2—Esta armadura invertida é páu.

PREMIOS

Ao primeiro decifrador exacto um exemplar da *Illustração* n. 12 (2º anno), inteiramente dedicado aos funeraes de Victor Hugo. Ao segundo um exemplar dos *Quatro poemas*, de Luiz Murat.

(1) Vid. n. 28.

D. PASTEL.

CORREIO

SR. MARIO — Recebemos o seu soneto «Noite Americana». Publical-o-emos brevemente.

SR. JOSE PEDRO FUNST—Se a sua poesia «No dia de finados» fosse menos extensa teria sido publicada; em todo caso não nos furtamos ao desejo de inserir aqui mesmo estes versos:

«Quantas vezes, de um rico mausoléu
Surge immundo reptil,
Ao passo que da tumba de um escravo
Rebentam flores mil!

Assim, pois, da pobreza que padece
Não vos rieis jamais!
Quer rico ou sabio, ignorante ou pobre
Somos todos iguaes!»

SR. SOUZA LAURINDO—O seu sonetinho «Homenagem» não é máu; está bem metrificado. O que não nos agrada muito é a repetição das rimas em «ado» e «ando» nos tercetos.

SR. J. M.—O seu soneto «A Tunica de Nessus» seria bom se não fosse, coitado! victima de uns versos verdadeiramente coxos, por exemplo:

«Vendo-me assim talvez que hajas crido, »
«Pelo ar que ostento sobranceiro.»

Não será possivel ao Sr. expurgal-o destes «males»?...

SR. ANTONIO MARTINS DE ARAUJO—A sua poesia «Victor Hugo»... é muito longa; se fosse menor e menos má não seria melhor? Publical-a-íamos.

RECEBEMOS

Do Sr. Manoel Ricardo de Souza Dias um folheto contendo o discurso que o mesmo senhor recitou como representante da Faculdade de Medicina na sessão solemne do Congresso Academico, em homenagem a Victor Hugo.

— O 2º fasciculo d'«O Homem de quatrocentos annos»,

— «Cadastro da Policia», fasciculo n. 22.
— Bibliotheca do Povo.—«Portugal pre-historico».

— Bibliotheca Domestica, fasciculo n. 12.

— «La France».—Numero especial consagrado ao 14 de Julho.

Traz artigos firmados pelos mais distinctos escriptores brasileiros.

— «Le Sud-Américain».—Numero especial dedicado tambem ao 14 de Julho.

— «A Estação».—N. 13, anno XIV. Jornal de modas parizienzes, dedicada as senhoras brasileiras.

EXPEDIENTE

havendo terminado com o numero 26 o prazo das assignaturas do 2º trimestre e do 1º semestre d'A SEMANA, rogamos aos Srs. assignantes o obsequio de mandar reformar as suas assignaturas, e aos que se acham em atrazo o favor de mandar saldar os seus debitos.

A's pessoas que quizerem assignar esta folha por um anno daremos de premio um exemplar de uma bella obra, que se acha no prélo; ás que a quizerem assignar por seis mezes daremos o tango «A Semana—100 rs.»

Os Srs. assignantes que desejarem a collecção dos seis mezes já publicados pagarão mais 3\$000. (3\$500. se fôr encadernada) Para quem não fôr assignante a collecção custará 4\$000, encadernada.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Portuguez, francez e Inglez — Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

Dr. Henrique de Sá — Espec. Syphilis e molestias das crianças. Consultorio:—rua Primeiro de Março, 22: de 1 ás 3 horas da tarde. Residencia:—rua de S. Pedro, 294.

A SEMANA 100 RS.!

TANGO DELICIOSO

COMPOSTO E OFFERECIDO

POR

ERNESTO DE SOUZA

conhecido auctor do tango *Setim*, e de outras applaudidas musicas, á redacção d'A Semana.

Vende-se no escriptorio d'esta folha a

1 \$000

EXTERNATO HEWITT

INSTRUCCÃO SECUNDARIA

E

COMMERCIAL

134 Rua do Rosario 134

VENDEM-SE

collecções d'A Semana (primeiro semestre), encadernadas, nas livrarias Faro & Nunes, Laemmert, Serafim Alves e no escriptorio da

A SEMANA

A SEMANA

CORTE

Trimestre..... 2\$000
Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

PROVINCIAS

Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

SUMMARIO

EXPEDIENTE. — Historia dos sete dias; José do Egypto. — Politica e politicos; Petit-Pitt. — O Brazil e os brasileiros; Ylang-Ylang. — «Sub parva lucerna», soneto; L. Delfino. — Gazetilha litteraria. — Ao Correio Geral. — Alfarrabios; Ignótus. — Beijos sem perigo; Peff. — A Duse-Checchi; F. d'Almeida. — Theatros. — Cofre das graças; Bibiano. — O Sr. Visconde de Corrêa Botelho; Marcos Valente. — Questão interessante. — Bellas-Artes; A. Palheta. — Trilogia da vida; S. de Souza Junior. — Factos e noticias. — Recebemos. — Correio. — Tratos á bola; D. Pastel. — Anuncios.

EXPEDIENTE

Havendo terminado com o numero 26 o prazo das assignaturas do 2º trimestre e do 1º semestre d'A SEMANA, rogamos aos Srs. assignantes o obsequio de mandar reformar as suas assignaturas, e aos que se acham em atraso o favor de mandar saldar os seus debitos.

A's pessoas que quizerem assignar esta folha por um anno daremos de premio um exemplar de uma bella obra, que se acha no preço: ás que a quizerem assignar por seis mezes daremos o tango «A Semana—100 rs.»

Os Srs. assignantes que desejarem a collecção dos seis mezes já publicados pagarão mais 3\$000. (3\$500. se fôr encadernada) Para quem não fôr assignante a collecção custará 4\$000, encadernada.

A SEMANA

Rio de Janeiro, 25 de Julho de 1885.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Pertenceu a semana quasi exclusivamente ao sport e á opera lyrica, a cavallos e cantores.

Decididamente são estas as duas maiores paixões do publico fluminense.

Ora, na semana transacta houve a grande corrida do Jockey-Club, a corrida do grand prix. (Não sei porque, mas estas banalidades em francez têm uma graça!...) e a estrêa da companhia lyrica de mestre Ferrari.

Até quinta-feira, dia em que ella es-

trôou, a população fluminense vibrou, fremio, febricitou nas sensações que lhe deixaram as corridas de domingo.

Nos bondes, nas cazas de familia e de commercio, nos botequins, em toda parte discentiam-se, mais ou menos calorosamente, a victoria de Damiatta, e a derrota de Taillefer. Os que perderam com este e com os outros apostrophavam... não as patas indignas do pobre Taillefer e dos seus infelizes collegas, mas a honestidade dos jockeys, a imparcialidade dos juizes e o proprio Deus que os não protegeu. Modos, mais ou menos decentes, de chorar o bello dinheiro perdido.

E quanto não andou ali, a rôdo, a galope, a vôo de... cavallo, quanto!

Que jogatina desenfreada!

Tratando-se de cavallos, creio que desenfreada é o termo.

E dizem que não ha dinheiro, que o cambio está detestavel, que o gyro dos capitães na praça é diminutissimo, que muitas casas commerciaes, importantes e fortes na apparencia, estão proximas do ponto e da quebra; emfim, um horror financeiro!

Entretanto, quem quizer ver dinheiro em abundancia, dinheiro aos pontapés, ou antes: aos sopapos, vá ás corridas, ás casas do barato, ás batotas mysteriosas e ao theatro Pedro II em noites de Lyrico. Neste ultimo sorvedouro não verá o dinheiro na sua forma privativa, característica, em notas do Banco do Brazil ou do Thesouro; mas vel-o-á, em quantidade assombrosa, nas seguintes especies: — sedas de Lyão, velludos de Utrecht, rendas de Malines, de Chantilly e de Inglaterra, luvas de 12 e de 24 ou mais botões, joias do Farani e do Luiz de Rezende, chapéus da Notre Dame, leques, fitas, flores... em summa: todas essas custosissimas toilettes com o seu complemento de diamantes e ouros e pedrarias e frandulagens, que custam os olhos das caras aos maridos e aos paes.

Mas principalmente o verá representado no preço, fabulosamente arruinante, dos camarotes (700\$ e 600\$—12 recitas!) e das cadeiras (140\$000!)

Não, meus caros senhores, não é dinheiro que vos falta, é juizo. Se elle, o dinheiro, anda escasso nas transacções da Bolsa, se não comparece nos dias em que devia, aos pagamentos determinados, occasionando protestos de credores e de letras (que são um pouco peiores) se falha aos senhores, aos fornecedores de toda a especie de generos, se muitas vezes não apparece para a compra do pão vosso, de cada dia, é porque corre todo para o jogo, em suas mil variedades: — voltarete, corridas, lausquenete, loterias, roleta e outras e outras... porque é preciso tel-o, invental-o, fazel-o, a todo custo, para ter camarote no Lyrico, e quanto mais caro, menos dispensavel. Lyrico, quand même! E' moda, é chic: — é tão necessario, tão...

mais necessario do que o pão para a bocca!

Quantas fomes, quantas lagrimas, quantos desesperos, quantas idas ao prégo, quantos furtos, quantos suicidios não custará cada dô do peito do Tamagno, cada volata da garganta rouxiuolina da Borghi?

Curiosa estatistica a fazer-se.

Seja porém como for, o que é certo é que—arrebentado ou por arrebentar—esta imperial cidade está—se regalandando!

Pois, regala-te, imperial cidade, regala-te.

E se amanhã encontrares a guela da miseria ou a bocca de uma pistola... aguenta-te, minha velha:—o que é por gosto regala a vida.

Muito interessante, muito curiosa, muito engraçada a historia do roubo no consulado portuguez.

Desappareceu d'elle dinheiro, uma grossa quantia, sem vestigios de arroubamento.

Quem foi? quem não foi? Pega, cerca, mexe, remexe... Vem de Portugal um especialista examinar a escripturação do consulado; morre o especialista. A policia abre inquerito e pesquisas; um inquerito umas e pesquisas, serias apertadas e mysteriosas—sobretudo mysteriosas, como todos os diabos. Não havia meio de se descobrir nada do que passára e passava lá por dentro.

Silencio sepulchral!

Afinal, depois de 5 mezes de pesquisas e de inquerito, apresentou o Dr. 1º delegado, encarregado d'essa deligencia, o seu relatório, que é longo e bem redigido, mas que nenhum raio de luz veio trazer ao obscurissimo caso. E tanto, que o Dr. 2º promotor publico requereu descessem novamente os autos para que a auctoridade policial recommencesse as suas deligencias, pois que o resultado das primeiras foi simplesmente—zero.

Mais cinco mezes de investigações: depois dos quaes apparecerá novo relatório—tão minucioso como o primeiro, mas, em compensação, muito mais obscuro.

A honra dos empregados do Consulado Portuguez—no entanto—continúa sob o peso de uma terrivel suspeita, que este silencio feroz, e inexplicavel de modo honroso, agrava singularmente.

Fale o Sr. barão de Wildick em defeza da honra da importante repartição de que é chefe, já que a Policia não pôde ou não quer abrir o seu discreto biquinho a respeito.

Calado tambem não pôde ficar o escandalo do Sr. Callado, nosso ministro em Roma.

No dia 19 rebentou aqui esta terrivel

noticia, transcripta do *Diario* das ditas de Lisboa pela nossa *Gazeta* das sobreditas:

ESCANDALO DIPLOMATICO

Lê-se no *Diario de Noticias* de Lisboa: « Diz um despacho telegraphico de Roma para o *Imparcial*, de Madrid, que o Sr. Callado, ministro do Brazil, naquella capital, foi sorprendido a fazer trapaças no jogo. A direcção do club, depois de muitas vacillações e apezar da gravidade do acto, resolveu expulsar o ministro. O escandalo foi logo sabido de toda a Roma. A corte, em vista d'isso, resolveu tambem excluir o Sr. Callado do banquete diplomatico celebrado em honra dos representantes estrangeiros na conferencia internacional sanitaria. O governo do Brazil teve logo conhecimento do facto, e exonerou o ministro, ficando o secretario da legação encarregado dos negocios. »

A muitos, tão grave é o facto, pareceu falsa semelhante noticia.

Infelizmente não o é. Lemol-a circumstanciadamente no *Secolo*, de Milão e no *Il messaggero*, de Roma. De resto, ella foi dada e commentada por quasi toda a imprensa italiana e franceza.

Eis, segundo a narração daquelles jornaes, como se passou o tristissimo facto:

E' o caso que na sala de jogo do *Circolo della Caccia*, havia de ha muito serias suspeitas de que um dos mais notaveis e assíduos frequentadores da casa fazia trapaça ao jogo, tal era a sua felicidade.

O suspeitado ganhava sempre, sempre, como se possuísse o privilegio de uma fortuna constante, estranha, inexplicavel; no seu jogo havia qualquer cousa de maravilhoso, como se elle tivesse o dom de adivinhar as cartas que estavam nas mãos dos parceiros.

Aos demais frequentadores da casa repugnava acreditar que um homem tão altamente collocado descesse tão baixo.

O director do *Circolo*, conde Antonelli, e mais alguns companheiros resolveram observar detidamente a felicidade do ministro brasileiro, e chegaram a verificar com toda a certeza que havia trapaça no seu jogo.

Averiguado o facto, reunio-se o conselho de disciplina do circulo, e, sentados os seus membros á volta da mesa, esperaram calmos e impassiveis o ministro brasileiro. Quando este appareceu, o conde Antonelli ergueu-se e disse-lhe pausadamente:

— Nesta casa, no meio de gentis-homens, escondia-se um tratante; temos as provas de que este tratante sois vós. Sem palavras e sem escandalos inuteis, damos-vos 48 horas para vos retirardes de Roma.

O accusado fez-se de mil côres, balbuciou algumas palavras, e todo tremulo, mas com a maior solicitude, effiçou pela porta.

Quarenta e oito horas depois o Sr. Callado sahia de Roma e por esta simples razão não ponde assistir ao jantar diplomatico no Quirinal, em honra dos membros da Conferencia Sanitaria, para o qual havia sido convidado.

O governo, a um deputado que lhe pediu informações sobre esse vergonhoso facto, perguntando-lhe qual a razão de haver sido o Sr. Callado transferido da legação da Italia para a de S. Petersburgo, respondeu que ainda não tinha noticia nenhuma de character official.

Em todo caso, é exquisito que o governo, ao saber desse medonho escandalo, em que naufraga com a honra do Sr. Callado a do paiz que elle repre-

senta, em vez de chamal-o aqui, a contas, ou de demittil-o (o que seria mais natural e mais decente) — o transferisse para a legação de S. Petersburgo; é realmente exquisito.

E agora, se o governo russo se recusar a receber o Sr. Callado, que lhe vae de Roma, infamado, coberto de vergonha? que fará o nosso governo? Roerá silencioso mais essa affronta?

Damos os parabens á patria por mais este acontecimento, que a cobre de... gloria.

Toque-se o hymno!

José DO EGYPTO.

A felicidade existe num lugar aonde ninguem foi; alguns ha, no emtanto, que julgam ter de lá voltado.

A. HOUSSAYE.

POLITICA E POLITICOS

seu projecto—o calmante milagroso, grande panacéa—é uma traidora hatoeira, armada ao preto descuidoso, perturbando-lhe os ferros, e a lavoura inquietada, com amor, tranquillisando. Visado foi por mão conservadora, vos cascudos apoio mendigando.

Já não nos resta duvida nenhuma: o projecto Saraiva ha de vencer, as discussões galgando, de uma a uma; ue o Paulino—Figueira assim o quer. ma victoria tal não honra: infama, nda que o heróe virtudes mil resuma; as, emfim, que fazer? Chorar na cama...

Não te falta coragem, nem tam pouco eloquencia, Joaquim, que te põe rouco radando contra a escravagista grey; ma e outra; porém, já são baldadas om certeza, pois são favas contadas: o projecto—Saraiva ha de ser lei.

e todos os politicos do mundo ssim como este fossem da Pojuca, reunido ao seu saber vasto e profundo sua honestidade, que embatuca, infelizes politicos! Coitados!... vejam:—Da Honestidade esta perúca calva ineptia occulta aos...enganados.

PETIT PITT.

O BRAZIL E OS BRAZILEIROS

CARTAS DE UM CHINEZ NO BRAZIL A UM BRAZILEIRO NA CHINA

I

« Meu caro Luiz.—Finalmente! exclamarás, com alegria, ao receberes esta, ahi, na minha materna Pekin, infinitas leguas longe de mim e do teu Brazil. Sim, finalmente, desimpegno a minha palavra. Escrevo-te, principio a escrever-te ácerca do teu paiz e dos teus patricios, que não conheces.

Que estranha cousa, ein?... ser um chinez quem haja de te apresentar a tua terra e os teus conterraneos!

Se não fosse a certeza que tenho da amisade com que me distingues e da confiança que depositas na minha exactidão de observador e na minha imparcialidade e isenção de critico e juiz, dou-te a minha palavra que nenhuma te diria sobre o Brazil e os brasileiros.

Bem sabes que não é a censuravel comichão de criticar, de exhibir-me censor e mestre que me traz a te escrever as cartas que hoje enceto.

Bem sabes que obedeço aos teus instantes e frequentes pedidos.

Aqui tenho, por acaso, uma d'essas cartas; arregaço-lhe com a ponta da penna uma das dobras e leio estas palavras:«...e somente você, meu Ylang-Lang, poderia fazel-o. Faze-o, pois; conta-me, pinta-me, escreve-me, dá-me a minha patria e os meus patricios; mas olha:—quero-os taes como elles e ella são realmente, em toda a flagrante exactidão da verdade.»

Já agora, desdubro a pagina e continuo a ler:

« Quando deixei o Brazil não tinha ainda dois annos e hoje tenho vinte e oito. Meu pae, em consecuencia de haver vivido quasi toda a vida no Estrangeiro, um pouco em cada paiz,—mas em qualquer d'elles sempre mais do que no seu, que é tambem o meu... (Curioso effeito da carreira diplomatica: despaiza, desnacionalisa o individuo, á força de fazel-o representar o seu nos paizes estrangeiros!)—meu pae é um pouco francez, um pouco hespanhol, um pouco inglez, um pouco italiano, um pouco mongol, um quasi nada russo, muito portuguez, mas pouquissimo... brasileiro! Minha mãe, como sabes, é suissa do Brazil,—onde esteve trez vezes, mas de todas mui pouco tempo,—apenas guarda trez recordações:—Petropolis, com os seus deliciosos queijos e a sua manteiga fresca, que tanto lhe lembravam a manteiga e os queijos da sua querida terra; a bahia do Rio de Janeiro, com o seu panorama bellissimo e a magestosa entrada da barra e o celebre Pão de Assucar, espectáculo sublime, a que frequentemente se refere, exclamando, com os olhos humidos e as mãos postas: *Charmant! Merveilleux! Très beau, très beau!*, finalmente, Mme. Durrocher, a classica, a eterna parteira, por quem tive a honra de ser recebido ao entrar no mundo e competentemente esfregado, lavado e vestido para este baile de doidos que se chama—a vida.

Tambem ella, a minha boa e velha *maman*, não me pôde dar informações sobre o Brazil, como eu as desejo:— completas, verdadeiras, imparciaes.

Recorro a ti, meu bom Ylang-Lang,—a ti, a quem devo não odiar a China, ou antes: a quem deve a China o não odial-a eu,—a ti, que és um sublime espirito e um coração fiel.

Conheces o meu paiz melhor do que eu conheço o teu.

Resides n'elle ha dez annos.

Sim, ha dez annos que nos separámos em Paris:—eu, tendo terminado os meus estudos e alcançado o meu baccalaureato, para acompanhar meu pae á China e ajudal-o no consulado; tu,—bacharel como eu, porém mais feliz do que eu—para ir vér mundo, para viajar, para conhecer a America, a grande, a formosa America, donde se espera o sol da Liberdade e da Redempção d'este velho mundo caduco e decrepito, apodrecido pela syphilis e pela politica... internacionaes.

Só tu podes fazer-me conhecer a minha patria e amal-a e desejal-a e servil-a...

Não me recuses, meu amigo, este grande favor, que é quasi uma esmola... Mas desde já te previno:—quero a verdade, somente a verdade. Nada me digas, se tens de enganar-me...»

Perdôa-me se te fiz lér grande trecho da tua propria carta. Em parte o fiz para provar com teus proprios documentos que não faço a critica da tua patria e dos teus patricios por petulancia de estrangeiro ingrato, mas para servir-te, como sincero e reconhecido amigo, que de ti me prêzo de ser; parte porque me deixei arrastar pelo encanto da tua prosa epistolar.

Trepidei a principio em satisfazer-te a vontade.

Duas razões aconselhavam-me a abstenção de semelhante empreza:— não

conhecer sufficientemente o Brazil para julgar-o sem receio de injustiça ou erro; e temer que a minha apreciação, por severa em demasia ou por pouco lisongeira—embora simplesmente justa—pudesse em teu espirito antipathia e desprezo contra o teu berço natal.

Mas, afinal, resolvi-me a contentar-te o desejo.

Vou dizer-te o que penso do Brazil e dos brazileiros, o que elles são aos meus olhos.

Já não temo que depois de me haveres lido, tenhas antipathia e desprezo pelo Brazil; serão outros os teus sentimentos para com elle; serão estes:—admiração e dó. Se a compaixão e o assombro pela tua patria te levarão a amal-a ou se a aborrecel-a, não o sei eu. Isso será contigo; e não me importa.

Sabes perfeitamente que sou chinês apenas porque nasci na China e adoro o arroz, e que o meu espirito, cultivado, educado na Europa, só tem de asiático um defeito:—a indolencia; mas que delle possui, em compensação, as qualidades melhores:—a pertinacia, a curiosidade, a ductilidade e a finura.

Conheces as minhas opiniões sobre os chinezes e sobre a China; e, portanto, fico tranquillo quanto ao modo porque me has de julgar na critica do teu paiz e dos teus patricios. Se por ventura estas cartas fossem publicadas—do que me livre o grande Buddha!—diriam muitos que o escuro que possa haver no meu quadro foi devido à repugnancia, à opposição que tem encontrado no Brazil a introdução dos koulis.

Tolice! Pois se eu mesmo sou contra ella—eu, filho do Celeste Imperio! Mas estas despretenciosas missivas não hão de ver a luz da imprensa, e tu, meu Luiz, não me farás tão inepta censura. Tranquilliso-me, pois. Tranquilliso-me e termino, por hoje.

Amanhan escreverei a segunda carta, em que, propriamente, encetarei o meu estudo sobre o Brazil.

E' provavel que recebas de uma só vez quatro ou cinco cartas; prefiro este meio porque elle me deixa descansar, meditando e escrevendo com calma, e não te fatigarás.

Não tratarei do Brazil physico. Fora impossivel dar-te das assombrosas bellezas naturaes do teu paiz uma idéa mais nitida e mais expressiva do que a que podes ter pelos innumerados livros, mappas, estampas e quadros sobre a natureza brazileira que ahí tens, em grande parte remettidos por mim.

Na proxima carta estudarei o Brazil moral, os habitos e costumes dos brazileiros, a sua indole, as suas qualidades boas e más, e procurarei dar-te os principaes traços característicos deste povo.

Nas seguintes apreciarei o Brazil—politico, o Brazil scientifico e industrial, o Brazil litterario e artistico etc... Não tenho, a falar a verdade, um plano previamente delineado, methodicamente disposto.

Isto ha de ir ao correr da penna, ao sabor da corrente das minhas impressões e lembranças. Desculparás de certo o desalinho do estylo e as falhas da exposição pela verdade dos factos e justiça da observação.

E, isto posto, aqui me tens, dobrado pela cinta, com a cabeça curva, fazendo gyrar sobre ella os punhos fechados, dando-te o chin—chin.

Que Tong-Tché, o filho do Céu, te conceda arroz facil e saboroso, que te não caia sobre a cabeça a porta de Tchimen e que te não esqueças do teu antigo camarada do collegio S. Luiz.

Diz-te adeus, até à proxima carta o todo teu

YLANG-LANG.

SUB PARVA LUCERNA

Pauperis somni aula.

Sobre a commoda antiga o oratorio domina:

Ergue-se um Christo velho e mán, á cruz pregado

Áo centro: a um lado um santo: a Virgem de outro

lado...

Anda lá fóra—ao luar—um passaro, que trina,

Parca atampada doura o nicho.—l'ma franzina

Creatura formosa e alegre, destrançado

O comprido cabello ao collo, inda se inclina,

E embala o berço a um louro anginho entreacordado.

E' moça;—e isto alvorça em festa o pobre asylo.

Um athleta, ao rir bom do seu olhar tranquillo,

Dorme, assim como o mar roncando num escolho.

E esse impalpavel corvo—a escuridão—crocita,

Sob as azas mettendo a alcova, em quanto o fita

A tenue luz pregada á sombra, como um olho.

LUIZ DELFINO

GAZETILHA LITTERARIA

LIVROS FRANCEZES

Eis resumidamente o movimento bibliographico francez, segundo os jornaes ultimamente recebidos:

HISTORIA

BAUDRILLART.—*Populations agricoles de la France.*—A primeira parte, unica publicada, d'esta importante obra trata da Normandia e da Bretanha. (Hachette.)

ALBERT SOREL.—*L'Europe et la Revolution Française.*—Esta obra, de notavel valor, divide-se em trez partes:—*Mœurs politiques et traditions en 1789; Chute de la royauté 1789—1792 e La Convention (1792 1795).*—Somente a primeira parte está publicada. (Plon. Nourrit.)

ANATOLE LEROY-BEAULIEU.—*Les catholiques liberaux, l'Eglise et le libéralisme de 1830 à nos jours.* (Plon. Nourrit.)

DE FALLOUX.—*Études et souvenirs; notices biographiques, discursos academicos de 1842 a 1884.* (Perrin.)

PAUL ALBERT.—*La litterature française au XIX siècle.* Tomo II. (Hachette & C.)

ROMANCES

ARMAND OCAMPO.—*L'éternelle antithèse.*

ALBERT CIM.—*Les prouesses d'une fille.*

EMILE GOUDRAU.—*La vache enragée.*

MARIO STUARD.—*Le roi des juifs.*

PHILIPPE TONELLI.—*Les amours corses.*

MARC CHAMPROIX.—*Louloute.*

GEORGE BOUTELLEAU.—*La Demoiselle.*

GUSTAVE VINOT.—*La marquise du Rozel.*

ALFRED COURMES.—*Jours d'amour.*

PAUL ALEXIS.—*Le besoin d'aimer.*

Estes trez ultimos romances, filiados á escola naturalista, apresentam leitura agradável e nada, mesmo nada, severa.

DIVERSOS

MARCELLIN PELLET.—*Livre du soldat français, manual de educação patriótica.* (A. Quantin.)

MARQUIS DE CHERVILLE.—*La vie à la campagne; 3º volume; trata das flores, dos fructos e dos legumes.* Os dois primeiros tratam dos animaes e do jardim.

PUBLICAÇÕES ANUNCIADAS

Entre muitos romances esperam-se os seguintes:—*Cora Jackson*, por Léo Montancey e Paul Marrot; *Les fantômes*, por Ch. Flor O'Squarr; *Histoire des bords de la Garonne*, Jules Mazera; *Sapajou, histoire d'un abonné de l'Opera*, por Paul Dhormoys; *Monsieur le Prefet*, por Georges Maurens; *La princesse rouge*, por Emile Blavet; *La terre du feu*, ultima obra do capitão Mayne-Reid, adaptada por A. Laurie, e outros e mais outros.

Les souvenirs de Saint-Cyr, por A. Teller, *Mélanges*, de Jules Quicherat, tomo II; o tomo V de *L'histoire de l'Allemagne*, por J. Zeller.

AO CORREIO

(SUPPLICA)

E' directamente ao Exm. Sr. Dr. Bertim Paes Leme, director do Correio Geral, que onsa *A Semana* erguer as suas queixas, esperando que S. Ex. as terá na devida conta.

E' o caso que fazendo-se toda a expedição postal da nossa folha para os assignantes da Corte, no sabbado, somente no domingo e na segunda-feira é que elles a recebem. Em geral as folhas são mandadas ao Correio antes das trez horas da tarde; podendo, portanto, apanhar a distribuição dessa hora; mas nem sequer a das cinco horas apanham, quanto mais aquella!

Esta irregularidade, só explicavel pela *preguicite* chronica dos carteiros ou por desleixo da Repartição, traz-nos grandes prejuizos, dando á *Semana* a triste fama do periquito daquelle proloquio popular, em que o papagaio come o milho.

Porque não ha de *A Semana* ser entregue aqui, nos sabbados, se ella vae tão a tempo para a caixa? Creia S. Ex., se nos conseguirmos este milagre, os nossos assignantes cobril-o-ão de benções, e nós... de flores.

Conselho de um jornalista a um em-
prezario:

Represente peças em verso, visto que é preciso, porém o menos possivel:—
podia se chegar a saber.

ALFARRABIOS

UM POEMA ESQUECIDO

Quem hoje fala de Alvaro Teixeira de Macedo? Quem conhece o poema intitulado *A Festa do Baldo*?

Provavelmente algum bibliophilo, mas muito poucos dos modernos cultores da poesia.

Entretanto quando, em 1850, F. A. Varnhagen publicava o seu *Florilegio*, elle dizia, referindo-se ao poeta fluminense:

«A obra de Macedo ganhará de dia a dia maior fama e popularidade; e d'aqui a menos de um seculo figurará na nossa litteratura mais do que hoje.»

Ruim propheta foi o autor da *Historia Geral*; depois do seu vaticinio passou quasi meio seculo, e, com clamorosa injustiça, o nome de Macedo e mais a *Festa do Baldo* são menos citados do que ha 35 annos!

Porque? Acaso somos tão ricos de poetas satyricos, algum houve entre nós que escrevesse um poema-comico capaz de emparelhar com o *Hyssope*?

Existem hoje boas edições das obras de Gonzaga, de Claudio Manoel, de Alvarenga Peixoto, de Gregorio de Mattos, Caldas e de outros, ninguem entretanto lembrou-se ainda de reimprimir o poema de Alvaro de Macedo, obra rarissima com cuja vulgarisação muito ganhámos.

Não é um trabalho perfeito, ha na *Festa do Baldo* paginas de mediocre valor, mas em muitas outras o autor resgata todos os defeitos, e impõe-se a uma justa admiração.

Se no lavor artistico ha senões muito graves, se o verso ás vezes resvala pelo prosaismo, é inegavel a veia comica de Macedo, a sua fidelidade descriptiva, finura de observação, e cor americana muito pronunciada.

O enredo do poema é nullo: uma historia de politica da roça, cheia de burlescas peripecias e terminando por lauto banquete, interrompido a meio, por causa de novas intrigas de outra politica triumphante no arraial.

Isso, porém, dá pretextos à pintura de uns typos nossos, *d'après nature*, e quadros de costumes e do interior de uma familia roqueira.

Transcreveremos alguns trechos do poema; de preferencia aquelles que se referem ao festim, que dá o titulo à obra.

Depois de descrever a casa convertida num bosquete com os arcos de murta e ramos cheirosos de araquá do matto, a mesa do banquete é assim pintada:

« Sobre as mesas, desta arte guarnecidas,
Trascalando os efluvios de Pomona,
Escravos apurados assentaram
Grande copia de pratos fumegando,
Com viandas e molhos de appetite.
Appareceram quartos de vitella,
Alvo lombo do cerdo e gorda vacca,
Varias aves e caça peregrina
Cujos sabor lhe vem da vida alpestre;
Pescado, camarões do manso rio
Em foiras feigideiras borbulhando;
Empadas de palmito, grandes tortas,
Arroz de forno com jardim de salsa;
E, pra timbre final do rico apresto,
Avultava o melhor dos grandes pratos:
Leitão de espeto, gloria dos banquetes! »

Ninguém dirá que a pintura não tem cor local, e que é possível confundir, por exemplo, semelhante descripção com a das gulodices em casa do Deão de Elvas, ou com algum outro trecho de Tolentino, essencialmente portuguez de Portugal.

Um pequeno quadro, em outro genero, mostrará ainda melhor a habilitade de Alvaro de Macedo, neste assumpto:

« Depois de curta pausa, tinem pratos,
Refinem garfos, facas e colheres,
Susurro de festim alto começa;
Olhos scintillam, mãos soccorrem boccas...
Mestre Berto comia e não fallava,
E Baldo, sempre alerta em seus deveres,
Attendia ao serviço das senhoras,
Affavel presidindo ao seu convívio.
Dona Clara, vestida em ricas sedas,
Sem bom gosto mostrava nos cabellos,
Enorme, coruscante e alto pente,
De artistico lavor tuita cravado
Pelas tranças luzentes de azeviche.
Conta-se que era tal o seu tamanho
Que o vigario, por vezes, qual Damocles,
Temendo que calisse, deu suspiros...
Era, porém, o andaimo bem seguro.

Por estes ligeiros fragmentos vê-se que *A Festa de Baldo*, além de ser obra unica no seu genero, entre nos recommenda-se pelo brazilerismo da inspiração, e por muitas outras qualidades de primor.

Alvaro Teixeira de Macedo morreu moço, com 42 annos de idade e longe de sua patria.

Falleceu em Bruxellas onde representava o Brazil como diplomata.

Delle diz Warnhagen, « que era um moço de saber, conhecendo a fundo a lingua e a litteratura ingleza. »

Esperanço que ainda algum distincto commentador das letras patrias, tão perseverante e illuminado como o illustre Sr. Valle Cabral restitua à publicidade o pouco conhecido poema de que fizemos tão ligeira menção e remataremos esta noticia fazendo nossa a opinião do visconde de Porto Seguro quando assevera, que o nosso primeiro poema heroe-comico é *A Festa do Baldo*.

Ignotus.

Tudo bem pesado, prefiro a tyrannia à licença; a primeira, ao menos, faz-nos aborrecer o esclavagismo, enquanto que a segunda faz-nos odiar a liberdade.

UM ESTADISTA.

BEIJOS SEM PERIGO

Por Deus! Deixe-me em paz! Tire os seus braços.

(dizia uma Naná do meu pescoço!
Você me enforca! Eu desde já declaro
que estou farta, de mais, dos seus abraços,
e dos seus beijos, moço!

(Este moço era um velho libertino,
que tinha uns collossaes oculos de aro
d'ouro, no *béc* postos a cavallo.
Uzava calças com bocas de sino;
Era um typo e chamava-se Gonçalo)

—« Não queres que te eu beije, ser divino?
Mas nos beijos que eu dou não ha peccado... »
Disse o galan, risivelmente austero.
Mas a moça lhe diz, cheia de enfado:
« Pois é por isso mesmo que eu não quero!... »

PEFF.

A conversação é a arte de falar sem
discorrer e de ouvir sem interromper.

UM HOMEM DO MUNDO.

A DUSE-CHECCHI

(POESIA RECITADA POR VALENTIM MAGALHAES NA NOITE DE 17 AO ENTREGAR-LHE O NUMERO ESPECIAL D'A SEMANA.)

« Senhora,
Permitti que aos vossos pés levemos,
Nesta noite de gloria e de vivos fulgores,
Já que as joias do Oriente ofertar nao podemos,
Um punhado de flores.

Nesta parte feliz do continente novo,
Onde o sol mais escalda e colore a payzagem,
Nao é raro sentir estremecer o povo
A'uma ardente homenagem.

A Ristori, o Salvini, o que ha de mais severo
Na grande Arte onde agora o vosso genio avança,
A Paladini, o Rossi, a Pezzana, a Tessero,
Gemma—a grande criança;

Todos que o ninho da Arte—a Italia, solta, e errantes
Aves de plumas de ouro e luz, que o immenso oceano
Cortam, têm visto aqui os seus deslumbrantes
Do applauso americano.

E' hoje o vosso dia, e consenti, senhora,
Que, no meio da gloria e dos vivos fulgores,
A SEMANA engraldea a vossa fronte, e agora
Cubra o solo de flores. »

FILINTO D'ALMEIDA.

THEATROS

COMPANHIA DRAMATICA ITALIANA ROSSI-DUSE-CHECCHI

A Dama das Camélias

Chegamos tarde para contar o que foi a festa da grande actriz italiana na noite de 17 do corrente, no «S. Pedro de Alcantara», com *A Dama das Camélias*.

Além disso, ella é indescrível, inenarravel!

Diremos unicamente que nunca supuzemos o publico do Rio de Janeiro, este publico geralmente tão reservado, tão frio e tão caprichoso, capaz de tão entusiastica e tão extraordinaria ovação. O theatro estava repleto, sem um logar vazio. Pois bem, todos os espectadores, todos, na platéa, nas varandas, nos camarotes, nas *torrinhas*, ergueram-se para saudar a gloriosa actriz, todos batiam as palmas, delirantemente!

Innumeraveis foram os *bouquets* lançados ao palco e offerecidos à Duse, alguns de elevado preço. As redacções do *Jornal do Commercio*, *d'O Paiz*, da *Gazeta* e do *Diario de Noticias*, offereceram-lhe ramilhetes, um loque de penna e uma estrella de flores artificiaes.

A *Semana* fez imprimir em séda creme um exemplar do seu n. 29, dedicado à grande actriz, e offereceu-lhe, encardernado em uma pasta de pellucia *bleu-foncé*, em cujo angulo inferior direito, havia uma placa de prata, em forma de leque aberto, sobre a qual fez gravar estas palavras: « *A E. Duse-Checchi—A Semana—17—7—85.* » Dentro dos bolsos da pasta iam os autographos de todos os escriptos publicados em o nosso n. 29 sobre a heroína da noite.

O nosso director fez-lhe entrega deste modesto mimo, do camarote do Conservatorio Dramatico, lendo os versos *d'envoi* escriptos sobre um cartão, que acompanhava o brinde, pelo nosso collega Filinto de Almeida. Esses versos vão publicados em outro logar desta folha.

Agradecendo, a gloriosa actriz estreitou a mão do nosso director e por tal forma se commoveu e sensibilisou pela estrondosissima ovação que n'esse momento recebia, que as lagrimas lhe saltaram dos olhos, abundantes, irreprimiveis.

Era tão viva a emoção que ella experimentava que se recebeu lhe sobreviesse algum repentino incommodo de saúde. Felizmente nenhuma nuvem de tristeza veio macular o radiosissimo céu daquella festa.

Arthur Azevedo recitou a seguinte graciosa estrophe, que improvisara em um dos intervallos, no camarim do Andó:

« Descamba aquelle astro esplendido,
Ristori, o assombro, o portento,
E surges no firmamento,
Formosa estrella de amor!
Enthusiasmada, frenetica,
Agita-se a alma do povo...
Em seu nome, ao astro novo
Venho trazer esta flor. »

De acto em acto, a surpresa, o pasmo, o assombro, o maravilhamento em que o trabalho de Duse-Checchi ia lançando o auditorio, eruptavam, em turbilhões de palmas, de flores, de gritos... de chapéus!

Para o fim, já ninguém se entendia, nem mais sabia do que estava fazendo. Um delirio! O Vasques, o Arcas, a Rose Méryss, a Luzinda, o Furtado Coelho e muitos outros artistas victoriavam doadamente a sua illustre collega.

O Vasques saltou para o palco, ajoelhou-se-lhe aos pés e beijou-lhe as mãos; como já havia feito a Ristori. Sommas, cremos que subiram a mais de trinta as chamadas à scena.

Indescrível, inenarravel; repetimol-o. Quem não foi ao S. Pedro na noite de 17 torça as orelhas de arrependido, porque não é tão cedo que pilhará festa igual—salva a da despedida da mesma Duse-Cecchi.

Não analysaremos tam pouco o trabalho artistico com que interpretou o estafado papel de Margarida Gautier.

Fora-nos preciso muito espaço e o de que dispomos é pequeno. Resumiremos quauto d'elle pudermos dizer neste adjectivo unico, mas sufficiente:—maravilhoso!

Que Margarida! meus senhores, que Margarida!

Foi tão extraordinario, tão bello, tão perfeito esse trabalho, que mais de um critico, não podendo admittil-o como resultado de estudo em uma actriz tão joven ainda, lançaram-no á conta da natureza excepcional, da prodigiosa intuição artistica de Duse.

Realmente, é assombroso o talento da Sra. Checchi; nunca se vio organização artistica tão completa, tão opulenta, tão ductil; e ninguém pode prever

o que ha de vir a ser, d'aqui a mais alguns annos, quando o seu talento immenso houver amadurecido no estudo.

Uma das provas de que é mais por intuição do que por estudo que ella consegue tantas maravilhas artisticas, está em que na *Dama das Camélias*, por exemplo, esqueceu-se inteiramente de que Margarida succumbe á tísica pulmonar e só a vimos tossir uma vez, no primeiro acto.

Por isso, com alguns annos mais de acurado estudo, repetimol-o, ninguem poderá prever o que será, o que fará Duse-Checchi.

E' bem provavel que se possa então dizer della, com inteira justiça, o que d'ella mesma escreveu Emilio Rouède nesta folha, em um rapto de enthusiasmo:

« A personificação da arte dramatica no seculo XIX. »

Não terminaremos sem algumas palavras sobre Ando. Deu-nos um Armando Duval, perfeitamente digno daquelle Margarida; como bem disse um dos nossos collegas diários. Esteve magnifico, sublime, inexcédível!

Todo o papel foi admiravelmente feito; mas especialmente a scena da carta no terceiro acto e as duas grandes scenas do quarto: — o dialogo com a ex-amante e a scena que chamaremos da *restituição* foram admiravelmente, primorosamente representadas. Bravos, Andó, bravos! Que Margarida! que Armando!...

As suas notaveis qualidades de grande actriz, reúne a Sra. Duse as de uma gentilissima senhora. Se fóra preciso provar-o, aqui teriamos uma prova nos amáveis e delicados cartões de visita que nos enviou, em agradecimento á *Semana* e, em especial, a cada um dos collaboradores da homenagem modestissima (do nosso n. 23). Em cada cartão-sinho uma phrase, uma palavra do seu punho.

Os destinatarios guardarão ciosos e satisfeitos esses preciosos documentos da gentileza e do reconhecimento da Sra. Duse, os quaes serão para elles — verdadeiras joias de inestimavel valor.

FROU-FROU

E' deliciosa esta comedia de Meilhac e Halevy. Sem grandes complicações de enredo, que são o maior defeito das de Sardou, não precisa dos detestaveis recursos das *ficelles*, e os seus cinco actos deslisam naturalmente, sem constrangimento e sem scenas forçadas. Os dois primeiros actos são francamente de comedia e servem para a demonstração do character da protagonista; no terceiro começa o drama, que se desenvolve como um resultado fatal d'aquelle character e d'aquelle temperamento a um tempo leviano e arrebatado, inconsequente e caprichoso.

O trabalho da Sra. Duse-Checchi é simplesmente admiravel! A maneira por que a personagem é conduzida através das paixões que a agitam a graça e a despreocupação de Frou-Frou nos primeiros actos; o amor, o orgulho, a humilhação, o desvairamento e a morte, dos ultimos — tudo foi magistralmente desempenhado pela grande artista.

Saber morrer como Duse; tão simplesmente e tão naturalmente, sem se servir dos efeitos theatraes, deixando apenas extinguir-se a vida, deitada n'uma cama ou sentada n'uma cadeira, sem contorsões e sem quedas, empallidecendo gradualmente, perdendo os movimentos pouco a pouco, amortecendo o olhar, deixando pender a cabeça pela cessação da acção dos musculos — e causar tão profundo abalo á platêa, communicando-lhe uma tal in-

tensidade de dor, attingindo um tão elevado grão de verdade, demonstrando como o naturalismo da arte moderna pôde sem custo e sem violencia substituir o velho *lance theatral*, a antiga convenção inverosimil; — é o que não foi dado até agora a nenhuma outra artista, das de mais merecimento e maior intelligencia que temos visto.

O desempenho de *Frou-Frou* subio ao mesmo elevado plano dos de Clotilde e Margariia Gautier.

Um artista a quem ainda se não fez inteira justiça, apesar de ter sido muito elogiado e louvado, é o Sr. Andó. O desempenho de Armando Duval e agora o de Sartory na *Frou-Frou*, dão-lhe francamente foros de grande artista. Andó é um actor excepcional. Não falando de Rossi e de Salvini, cujos grandes papeis se prestam muito mais aos efeitos e dão ao artista muito mais campo para mostrarem as suas aptidões, não conhecemos actor que tenha subido tão alto como Andó! E' o primeiro galan dramatico que a nossa platêa tem admirado.

O papel de Sartory foi feito assombrosamente. Sentimos que o espaço d'*A Semana* não possa comportar um estudo deplorado como merecia o enorme trabalho do grande artista. Não era bastante uma pagina para descrever por meio da palavra pallida toda a verdade e toda naturalidade d'aquelle excepcional soffrimento do marido abandonado pela mulher que adora. Ainda não tinhamos visto no theatro scenas como as que fez Andó no quarto acto de *Frou-Frou* é muito difficil acreditarmos que as tornaremos a ver por outro actor.

A Sra. Zangheri e o Sr. Masi secundaram optimamente os seus dois grandes collegas e isto importa um elogio de primeira ordem.

Parece-nos justo que o Sr. Giacchi nos dê mais algumas vezes esta esplendida comedia, sem duvida uma das melhores do rico repertorio da companhia.

Hoje repete-se, a pedido geral, a *Dama das Camélias*. Quem não foi á primeira representação lá irá hoje com certeza. Mas, como quem assistio á primeira não querera deixar de assistir á segunda, o theatro vae ser pequeno e muitos ficarão logrados.

Terça-feira — *première* de *Theodora*, o grande e apparatuso drama de Sardou, com todos os *ff e rr* da *mise en scène* pariziense.

Quinta-feira, 30, beneficio do distinctissimo artista Flavio Andó, o mais notavel galan dramatico que tem vindo ao Brazil.

O *Ma-tre de forjes* foi a peça escolhida; e a nosso ver mal escolhida, não porque Andó não desempenhe perfeitamente o papel de Philippe Derblay, mas porque um artista da sua ordem deveria representar no dia da sua festa uma peça nova; ou então, porque não seria *Frou-Frou* a escolhida. *Frou-Frou*, em que Andó é extraordinario, inegalavel?

Acreditamos que o publico fluminense lhe provará na noite de sua festa que reconhece o seu merecimento artistico.

NO SEIO DA MORTE

Continúa a agradar extraordinariamente esta formosa lenda tragica de Echegaray, excellentemente montada e desempenhada no Recreio Dramatico. Cada vez que se representa rende uma encheute ao Dias Braga.

Infelizmente uma enfermidade de olhos de que tem ultimamente soffrido

a actriz Leolinda, tem interrompido a brilhante carreira d'esta peça.

Repete-se amanhã pela sexta vez.

A proposito: — o Pimenta, do *Microcosmo*, no de domingo ultimo, metteu o sabio dente da sua critica na traducção d'esta peça, accusando os seus auctores de varios horribéis peccados; entre os quaes: haverem traduzido a palavra hespanhola *panteon* por *pantheon*, terem perpetrado este hediondo cacophaton: *má raça*, haverem empregado por vezes phrases nimiamente grosseiras e prosaicas, como *Um máu raio te parta*, etc.

Respondem os traductores:

I. « *Panteon* (Dicc. Hesp. Franc. de Josep da Fonseca) *Pantheon*. »

Pantheon. — (Dicc. Franc. Port. de Constancio. — *Pantheon*.)

Pantheon. — (Dicc. portuguez de Caldas Aulete.) Local ou edificio em que se depositam os restos mortaes dos homens illustres, etc.

E agora, Pimentinha, ainda sustentas que não deviamos ter traduzido *Panteon* por *Pantheon*?

Preferira talvez, que a traduzissemos por *cemiterio*...

II. — *Má raça* é expressão tão cacophonica como seria *raça má* (*camá*) ou *ruim raça* (*ruimrá*) ou *raça vil* (*çavil*) ou *vil raça* (*vilrá*) ou qualquer outra por que a substituissem os traductores. Com semelhante *escrupulismo* de lingoagem seria impossivel escrever. Melindroso Pimenta!

III. — Echegaray escreveu: « *Má raio que te parta*. »

A traducção unica d'este verso é esta: « *Que um máu raio te parta!* »

Que culpa têm os traductores daquillo que o traduzido escreveu? O seu dever era transplantar para o vernaculo o mais fielmente possivel, o que elle disse no hespanhol.

Foi o que fizeram. Naturalmente por que não previam a critica do Pimentinha; pois que se a previssem, par desarmal-a, teriam traduzido o mala creado verso hespanhol d'esta maneira:

« *Que um serafim te oscule* » ou
« *Que te perfume um cravo* » ou ainda:
« *Mande-te o céu cocadas!* »

Basta. Não val a pena gastar papel e tinta com tão réles defuncto:
« *A fava, amigo, á fava e breve.* »

E se encontrar por lá o *Quidam*, dê-lhe lembranças.

O SALVINI... DOS BICHOS

Têm agradado enormemente os bichos do Salvini. Todas as noites enche-se o « *Principe Imperial* » de crianças, barbadas e imberbes; e os macacos, os cães, os *poneys* e os cabritos do grande *Champion Manipulator* (que bicho é este?) são freneticamente applaudidos. Realmente nunca se viu quadrupedes tão... bipedes; o contrario é que se tem visto de sobra. Homens e mulheres, a pretexto de levarem os filhos a ver os bichos lá vão todas as noites regular-se com as habilidades d'elles. Quem não tem criança em casa pede uma emprestada ao visinho e *zás*: *champion me fécit!*

Prodigioso Salvini! A apostar em como seria capaz de domesticar o proprio — homem!...

A Sra. Fanny desligou-se da companhia do Polytheama, que continúa a representar *Ogenio do fogo*.

Recebemos os cartões de visita das Sras. Adda Adini e Erminia Borghi Mamò, gentileza que agradecemos, peñhorados.

O que não recebemos, porem, foi car-

ção de assistência ás representações do Pedro II.

O Sr. Ferrari fez-se de esquecido. Ora, uma folha *semanal*...

Que lhe preste a avareza.

Quanto a nós, não poderemos informar os nossos leitores do que se passar naquella theatro porque *A Semana* não está ainda em condições de tomar uma assignatura para o Lyrico.

E como não está disposta a levar a sua typographia ao *prégo*...

A companhia do «Sant'Anna» dá os seus ultimos espectaculos, de malas promptas. Partirá para S. Paulo no fim d'este mez.

O celeberrimo capitão Voyer foi na Paulicéa ainda menos feliz do que aqui. Não conseguiu realizar o seu anunciado concerto, á falta de ouvintes.

Pois se um chronista da corte para o *Diario Mercantil* havia prevenido em tempo a incauta S. Paulo dos triumphos obtidos aqui pelo capitão!... Poderá!...

«O' n'insultez jamais un *celèbre* qui-tombe!»

A distincta e conhecida compositora D. Francisca Gonzaga veio pessoalmente dizer-nos que no dia 29 do corrente terá logar no theatro Recreio Dramatico o seu beneficio.

Subirá á scena a *Filha do Guedes* e diversos actores e actrizes, em homenagem á applaudida compositora, irão abrihantar a sua festa.

O publico, que se tem deliciado com a *Attrahente*, a *Sultana* e outras composições de Francisca Gonzaga, não deixará de ir ao Recreio nessa noite.

E' o que francamente desejamos e a beneficiada tambem.

Uma bella mulher não engana o seu marido, senão... não o enganando.

SAINT-ALPHONSE,

O COFRE DAS GRAÇAS

O Ney conversava com um amigo áccra de uma empreza jornalística em que dezejava entrar.

— Estás servido, mas é preciso esperar uma vaga; dizia-lhe o amigo.

— Protesto! exclamou o Ney, indignado:—Eu não sou *tintureira*, que espera vaga para entrar!

A proposito da nomeação do auctor do *Regio Saltimbanco* para o consulado de Baltimore, dizia um dia d'estes *Eloy*, o *heróe*:

— Agora, quando a gente quizer mais poesia republicana é so escrever, pedindo-a, para o *consolado* de Baltimore.

BIBIANO

O SR. VISCONDE DE CORREIA BOTELHO

A principio, quando li a noticia de que o grande Camillo se havia deixado *viscondisar*, não acreditei.

Isso é *blague*—pensei. Visconde—elle, o Camillo Castello Branco, o implacavel mofador da fidalguia portugueza, feita do pé p'ra mão, elle, que na *Corja* e no *Vinho do Porto* e em outros muitos livros anteriores trouxe os viscondes de canto chorado—visconde, elle?!... Não creio: não é possível.

Pois, senhores, era a pura verdade.

O Camillo está visconde.

Mas visconde de que?

De Castello Branco?

Do Vinho do Porto, da Corja? ou do Euzebio Macario?

Nada, nada. Visconde de Correia Botelho. Tal qual um bacalhoeiro.

Correia Botelho é nome que pertence a uma importante familia, de que elle descende—por bastardia, consta. Pois foi justamente esse nome que o grande romancista elegeu para pendurar á corôa visconlal. Bonito!

E' verdade que o Castilho foi visconde! mas—de *Castilho*; e tambem o Garret, mas egualmente visconde do seu proprio nome.

O Ricardo Guimarães é Visconde de Benalcanfor, mas o Ricardo como escriptor não vale sequer uma perna do Camillo. O Papança é tambem visconde: visconde de Monsaraz; mas que diabo havia de fazer um poeta mais rico de vil metal do que de inspiração e que não havia podido fazer-se deputado, *para apparecer*, e que se chama *Papança*, senão virar visconde de Monsaraz? Ao menos este nome não lembra—*Mamata*.

Outros escriptores—mas que, todos de pé, não ultrapassam os joelhos do Camillo—são viscondes, mas desde o principio, ha muito tempo, e nada perderam com o viscondado.

Em Portugal e por Portugal só não é visconde quem não quer.

Para que diabo poderia precisar de semelhante berloque de fidalguia falsa quem é conhecido em dois paizes por este singelo nome, glorioso e temido—Camillo?

Pois precisava de ser Visconde de Correia Botelho quem já teve bexigas, é feio, é velho e tem a tenia?

Ah! se é para fazer collecção de calamidades...

Sr. Visconde de Correia Botelho, transmitta os meus pezames ao Camillo

MARCOS VALENTE.

QUESTÃO INTERESSANTE

«Tem o marido o direito de abrir as cartas dirigidas á mulher?»

«Tem a mulher o direito de abrir as cartas do marido?»

Entre outras recebemos as seguintes respostas:

«Um marido não deve ter segredos para com sua mulher, assim como esta para com aquelle.

Por esta razão, digo que tanto direito tem o marido de abrir as cartas dirigidas á mulher, como esta as dirigidas áquelle.

Côrte, 16 de Julho de 1885.

MANOEL F. CORREIA.

«Digo que, mesmo que fosse estebelecido como preceito nem um nem outro abrir as cartas, devem ambos ter o livre arbitrio de as abrir, quando assim o entenderem; porque na vida conjugal não deve haver mysterios nem segredos; o contrario daria occasião a suspeitas, que são sempre filhas da má fé, e onde tudo é mutuo tambem o deve ser a franqueza.

Ora se...

Seu Cro. e feliz
VIUVO.»

BELLAS ARTES

CASTAGNETTO.—Eis um verdadeiro artista, um pintor modesto e convicto, exquisito e laborioso.

Ha na sua maneira de traçar a *nota* crescente de uma grande individualidade. essa particularidade que caracteriza os talentos, que os impõe á nossa admiração, que os arranca da obscuridade—As *trez marinhas*, ultimamente expostas na casa *VIETAS*, vêm confir-

mar, mais uma vez, os creditos de que o artista gosa. Uma d'ellas, a menor, é um pequeno trabalho, vigorosamente feito, e no qual está accentuado o temperamento independente do artista. O assumpto foi tomado ao cahir da tarde. O sol desaparece, lentamente, do céu; nuvens escuras, formadas em massas largas e caprichosas vagueiam pelo ar; o horizonte tingem-se de uma cor alaranjada, intensa, viva; ao longe montes azulados, perdidos no silencio do espaço, como muralhas enormes de uma cidadella invencivel. No mar, ao quente reflexo dos ultimos raios do sol, de velas abertas ao sopro das vi-rações da tarde, correm saluas bojadas.

Esse pequeno trabalho, de uma franqueza immensamente sympathica, acorda em o nosso coração o sentimento poetico da existencia dos marinheiros, d'esses miseros tripolantes de pequenos navios, que uma rajada tempestuosa pôde fragmentar como se fossem paredes carcomidas, arruinadas, de velha casa em abandono. Castagnetto possui uma recommendavel qualidade, como artista: sente o assumpto, é pessoal na pintura.

Se Castagnetto fosse á Europa estudar a sua especialidade, nós lhe recomendaríamos o nome de Vernier, um dos melhores pintores de marinhas, nos tempos actuaes. Com elle teria muito que aproveitar. e, talvez, viesse a produzir obra que valesse tanto quanto vale o *Grande mar de Outubro em Cornwall*.

OSCAR PEREIRA DA SILVA.—E' ainda alumno da Academia das Bellas Artes, porém vale muito mais do que alguns artistas que por ahi andam bafsofiando conhecimentos estheticos e enfatuados de glorias arranjadas pela bondade de amigos fanaticos.

Sabemos que o *Retrato de Beethoven* não é uma composição de mestre; tem graves defeitos, demonstra, ainda, timidez, falta de convicção na maneira de pintar; em compensação, é um trabalho que revela talento e talento não vulgar.

Não podemos fazer a critica d'esta obra.

Pereira da Silva começa agora a dar os primeiros passos no vastissimo templo da arte; é bisonho adepto d'essa sublime religião do bello professada por Pedro Americo, Aurelio de Figueiredo, Decio, Belmiro e Victor Meirelles. Aos que começam com talento e vontade não se deve descoroçar.

Continue o joven artista a trabalhar resolutamente, a pintar, guiado por sua inspiração, por seu sentimento artistico, que terá a recompensa d'esses esforços, a paga d'esse talento aproveitado.

Por enquanto damos-lhe—parabens; que são sinceros e verdadeiros. Não vêm acompanhados qualificativos pomposos, *florituras* coloridas, nem arabescos d'ouro fino, porque mais tarde veremos falar com franqueza, com justiça, e não lançar em seu espirito ainda inexperiente esse enorme, pesado e máo sentimento, que desperta o elogio prematuro. Nós não fazemos de um simples e intelligente principiante um poderoso semi-deus como já aconteceu com um pobre moço que teve a fraqueza de fazer versos e que em um dia, sem que soubesse como, viu-se grimpado ás nuvens, mercê de azas icarias, emprestadas por um conhecido escriptor publico do nosso paiz.

Assim pois, dizemos-lhe: a sua obra, para um principiante, é muito boa, é um esplendida prova de talento que vae evoluindo, e por esse motivo merece as nossas palmas. Mas continue a estudar, a estudar muito, para não

desmentir a esperança que esta obra lançou em nosso espirito, e para vencer a grande distancia que lhe falta para ser um verdadeiro artista.

PEDRO PINTO PERES. (*Dois retratos expostos na Glace Elegante*). Bons, positivamente bons estes dois trabalhos.

Falamos sob o ponto de vista de obra d'arte, porque, isto de retratos—dizia M. de Seignur—é preciso arte e natureza, copia e original para julgar-o.

VICTOR MEIRELLES.—Retrato do *repentista bahiano* Muniz Barreto—(*Galeria Moncada*). No desenho, no colorido Victor Meirelles é o que se pôde chamar, com justiça, um *mestre*. Este retrato deixa logo á primeira vista, ver o traço firme de pinccis manejados por mão que sabe guiar. Magistral!

... **MUNIZ.**—(*Retratos a crayon, Galeria Moncada*) Podem não ser pessimos, porém bons... Guizot escreveu, a respeito de um *Salon*: *A Thèbes, une loi condamnait a une amende tout artiste (*) qui avait fait un mauvais portrait. Que de gens seraient intéressés á s'opposer au retour de cette loi rigoureuse!*

ALFREDO PALHETA.

(*) Mudamos a palavra *peintre* para esta.

TRILOGIA DA VIDA

*Qual murmura cascata que espumante
De rocha em rocha salta espadanando,
E trepida a correr vai-se alargando
Mais e mais na planície verdejante,*

*Levando em suas aguas triumphante
Tudo o que encontra, tudo; —assim é quando
Rebenta em nós o amor, ao meigo e brando
Rir de uns olhos em célico semblante,*

*Ama! que a natureza assim ordena
Ao cedro altivo, á tímida açucena,
A tudo o que na vida vivo fór;*

*E' lei; se lei não fóra, a Providencia
Não compensára as dôres da existencia,
Que para taes tormentos fez-se o amor.*

*Soffre! tambem é lei. Nasce a criança
E o seu grito primeiro a dôr exprime;
Entra assim pela vida e não descansa*

*Essa eterna dôr que o fere, opprime,
Com rijo golpear d'aguda lança
Que a pouco e pouco os annos seus derime,*

*De lagrimas, cadeia a tantos seres,
Que a mãe ao filho prende e o filho á terra,
Cumpre a sua missão, o amor enterra,
A gloria, a aspiração; não tem lazeres;*

*Na gehenna do martyrio os seus deveres
São escriptos com sangue, e nesta guerra
Da vida agoniada ella desterra
Em pranto amargo ephemeros prazeres.*

*Amaste? e amaste muito? foi destino.
Soffreste atraz angustias d'esta vida?
A magua lancinante e dolorida
No peito o travo poz-te viperino?*

*Jámais um goso veio pequenino,
Que logo n'alma tua evaporida
Não tombasse uma lagrima sentida,
Pranto de muita dôr? pois é destino!*

*Só vive em santa paz o que não vive,
Quem já transpôs o rapido declive
Onde dorme quem nunca mais é visto,*

*Vás um tumulto? escreve sobre a lousa:
— Um Martyr da Existencia aqui repousa;
Amou, soffreu, morreu... a vida é isto,*

SOARES DE SOUZA JUNIOR.

FACTOS E NOTICIAS

A Confederação Abolicionista realizou, domingo passado, no Poytheama uma excellente *matinée* rethorico-dramatica-musical, que esteve concorridissima, rendendo a salva da porta quantia superior a um conto; o que, sendo 1\$000 o preço da entrada, significa que mais de mil pessoas lá estiveram. A *great attraction* era o discurso do Conselheiro Ruy Barbosa. Infelizmente uma laryngite, verdadeira desmancha-prazeres—fez com que o illustre orador não pudesse comparecer, proporcionalmente ao auditorio, em vez delle o Dr. José Agostinho dos Reis.

Ao improvisado discurso deste orador seguiu-se a excellente parte artistica da festa, cujas honras couberam á Estudiantina hespanhola.

Triplíce anniversario se commemorou com aquella festa: —o da libertação do Amazonas, o do projecto Dantas (15 de Julho) e o da fundação da *Gazeta da Tarde*. (6º anno).

Aos heroes desses dia felicitações d'A *Semana*; tarde embora, mas sinceras.

O *Programma-Avisador*, jornal que se publica diaria e gratuitamente, o que já é uma vantagem, augmentou o seu formato, o que é outra vantagem.

Alguns momentos mais de boa e util distracção durante os intervallos dos espectaculos terão os leitores do *Programma-Avisador*.

Parabens, pois.

Deve realizar-se em Magé, no dia 23 de Agosto, com grande pompa, uma festa em honra ao Senhor Jesus do Bomfim.

Para isso está em grandes preparativos aquella cidade e nomeou-se uma comissão encarregada dos festejos, em que figuram o Sr. João Luiz de Paula Azevedo e outros distinctos cidadãos.

Garantem que será uma festa digna de todos os elogios.

A convite do Sr. Angelo Fiorita, consignatario dos vapores da sociedade italiana de R. Piagio & F. fomos no domingo ultimo visitar o paquete *Regina Margherita*.

Não vimos ainda paquete algum em melhores condições do que este. Em todo o seu interior nota-se um gosto extraordinario, havendo por isso verdadeira satisfação em percorrer-se as luxuosas e confortaveis accommodações d'esse vapor.

Durante seguramente duas horas nos demorámos a visital-o e confessamos que nas mais pequeninas cousas vimos o quanto é caprichoso o multo digno commandante do *Regina Margherita*, Sr. Francesco Merlani.

Que excellente camara tivemos occasião de admirar, onde, como nas outras, o forro é todo de finissimo erable incrustado de madeira escura.

Os camarotes de 1ª classe são todos bem preparados, vastos, ventilados e claros e os do 2ª, que pouca differença fazem talvez dos de 1ª de outros vapores, nada deixarão a desejar a quem tiver a fortuna de occupal-os.

Ha muitas outras agradaveis commodidades ainda e entre ellas um magnifico salão para barbear e cortar a gabella.

Todo o vapor é illuminado a luz electrica e os compartimentos, na sua totalidade, contêm campainhas electricas e agoa encanada.

Visitaram o *Regina Margherita* muitas familias distinctas, representantes da imprensa, a quem o Sr. Fiorita offereceu

um esplendido lunch ás 2 horas da tarde, em que muitos brindes se trocaram.

O *Regina Ragherita*, que partio ás 11 horas da noite de 19 do corrente, devo estar bem longe a esta hora, attendendo á velocidade com que fez a viagem de Genova a esta corte, pois apenas gastou 15 1/2 dias.

Um excellente navio o *Regina Margherita*.

Parabens á sociedade R. Piagio & F.

Acha-se sériamente enfermo ha alguns dias o Sr. Fontoura Xavier, o conhecido auctor do *Régio Saltimbanco* e das *Opalas* e novo consul brasileiro em Baltimore.

Falleceram:

Em Portugal: — José Domingues da Costa, negociante abastado d'esta praça; em Minas-Geraes: — o Dr. José Rufino Soares de Almeida e o barão de Cabo Verde, maior de 80 annos; em Campos, o Dr. Euzebio de Queiroz Mattoso Ribeiro, filho do saudoso senador Euzebio; em Vassouras, José Maria Velho de Avelar, 5º annista da nossa escola de Medicina; a bordo do paquete *Advance*, em viagem para Pernambuco, o Dr. Henrique do Rego Barros, sub-director das rendas publicas do The souro; em Angra dos Reis, o lavrador Antonio J. da Silva Vargas; nesta Corte, Francisco Xavier Martins, chefe de secção da Camara Municipal, irmão do barão de S. Felix; o 2º tenente honorario da armada, Luiz José de Campos, maior de 90 annos; no Amazonas, Gustavo Antonio de S. Lisboa, professor do nosso Lyceu de Artes e Officios.

Partio hoje para S. Paulo, onde se demorará alguns dias, o nosso companheiro de redacção, Luiz Murat.

Boa viagem e breve regresso.

Ao Club Beethoven agradecemos os deliciosos momentos que nos proporcionou o seu excellente concerto de quinta-feira.

Eximio pianista o Sr. Alphonse Thibaud, cuja estrêa nesta Corte realisonou-se nesse dia.

Ouvimol-o com satisfação e felicitamos o Club Beethoven pela boa aquisição que fez.

Todas as demais pessoas que, além do Sr. Thibaud, tomaram parte no referido concerto, houveram-se brilhantemente.

Foi um concerto realmente bom.

O Sr. Dr. Ferricaria Vianna realisa hoje, no Club Beethoven, a sua septima conferencia sobre *Esthetica*.

O Dr. K. von den Steinen, o celebre explorador, do Xingú passará brevemente por nosso paiz em uma nova viagem que vae emprehender á roda do mundo.

Chegou ha dias de S. Paulo a Exm. Sra. D. Maria Eufrosina da Cruz Almada, distincta pianista, que já tem publicado varias composições applaudidas.

Realisa-se hoje mais um dos magnificos saráus-concertos do Club do Engenho Velho.

O Dr. 3º delegado acaba de descobrir as joias do infeliz Julio Candido da Silva, que tinham desaparecido. Alberico, o assassino, havia-as entregado a um amigo, que as vendeu. Hon-

tem foram ambos interrogados na 3ª delegacia. Parece que agora se conseguirá provar que foi o roubo o movel d'aquelle crime.

Uma nova arbitrariedade policial, tão bella como as outras, a que já estamos infelizmente acostumados.

Hontem de madrugada, na occasião em que se dirigiam para a estação da estrada de ferro D. Pedro II, os Srs. Dr. Carlos Comenale, padre Bartolomeu Comenale e Henrico Borgoncino, cidadãos italianos, residentes em Juiz de Fora, Santa Cruz do Rio Pardo e Barra do Pirahy, foram detidos por trez policiaes secretos e conduzidos á policia, onde tiveram a de esperar pelo Dr. 3º delegado.

Chegado este, reclamando os detentos contra aquelle acto, que lhes parecia proveniente de um equívoco, souberam que desde a vespera eram espiados, e que não foram levados á policia por equívoco.

Em seguida, foram minuciosamente revistados e egualmente esquadrinhadas as suas bagagens.

Finda essa inexplicavel busca, tiveram os detentos licença para seguirem o seu destino. Mas, perguntando elles qual o motivo d'aquella violencia, que os fez perder a sua viagem, causando-lhes transtorno e prejuizos, não obtiveram como resposta senão o silencio da auctoridade. Esta não pode revelar a causa occulta daquella detenção e daquella busca vexatorias e prejudiciaes. De forma que a policia levanta sobre trez homens laboriosos e reputados honestos uma suspeita gravissima e nega-lhes qualquer explicação!

Estaremos nós em S. Petersburgo? Será a nossa policia despotica, involavel, sagrada e omnipotente?

Menos arbitrio senhores, menos arbitrio...

RECEBEMOS

— O *Seculo XX*.—N. 1. Orgão scientifico e litterario. Desejamos ao novo collega vida rica e prolongada.

— *Cadastro da Policia*, fasciculo n. 23.

— *Cartas ao Imperador*. Editorias da «Provincia do Espirito Santo».

— O *Caucioneiro Musical*, fasciculos 16 e 17. Do jovem e talentoso pianista Henrique Rody Corrêa um exemplar da sua polka—*Travessa*, *Revista Illustrada* n. 414. Bons desenhos. Na pagina—*Croquis theatraes* deu-nos o Angelo umas bellas caricaturas de Lucinda e Furdado Coelho. Quanto ao texto, como sempre, bem felto.

— Dos Srs. Virgilio Varzea e Cruz e Souza um livrinho intitulado — *Tropos e phantasias*, impresso em Santa Catharina.

— Do illustrado Sr. Dr. Ladislau Netto, dois folhetos. Um contendo a conferencia feita pelo mesmo Dr. no Museu Nacional, em presença de Ss. MM. Imperiaes. Esta conferencia versou sobre archeologia brazileira.

Outro—uma carta dirigida ao sabio francez Ernesto Renan, a proposito da inscripção pheniciana apocrypha submettida em 1872 ao Instituto Historico do Brazil; n'este folheto encontram-se o fac-simile da inscripção e a versão em hebraico do mesmo Sr. Dr. Ladislau Netto.

— Do Club de Engenharia, um folheto contendo apontamentos sobre o cadastro e imposto territorial do Brazil.

— O *Terremoto*, scena dramatica original de S. Junior.

CORREIO

Sr. Roberto Villeron. — Os seus tercetos, dedicados a Gaspar da Silva, ficam na sala de espera.

Sr. Carlos Severo. — Pela sua poesia não podemos avallar os sonetos que o Sr. promette mandar-nos, sobre Victor Hugo. Mandamos os seus sonetos, embora para isso (lá vai verso seu.)

«Seja preciso rasgar d'um Impeto o céu!»

Sr. Ven-Tsi. — O seu soneto *Scepticismo* não

é bom e para mal de seus peccados começa com este verso, que pôde ser muito bom na China, Sr. Von-Tsi:

«Sonhos que tanto amei! Idéaes de ventura»

Sr. Alcantara. — A sua quadrinha não é má. Ahí vai ella:

«O Barão de Paraná
Piacaba acaba ou não
Com as fabulas de La
Fontaine? Que Amolação!»

TRATOS Á BOLA

O Sr. J. da C. e S., Ruy Barbo, Ambrosina e Lima Penha quasi que decifram os *tratos*. Não havendo pois decifrações exactas, continuam as mesmas *tratices* ultimas e os mesmos premios á vontade dos *barras*.

Agucem a ponta da perspicacia meus amiguinhos!

D. PASTEL.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Dr. Henrique de Sá — Espec., Syphilis e molestias das crianças. Consultorio:—rua Primeiro de Março, 22, de 1 ás 3 horas da tarde. Residencia:—rua de S. Pedro, 294.

OBRAS

à venda no escriptorio desta folha:

DE VALENTIM MAGALHÃES

QUADROS E CONTOS

por 2\$000.

COLOMBO E NENÉ

poemeto, 1\$000.

DO MESMO E FILINTO D'ALMEIDA:

O GRAN GALEOTO

traducção do drama de Echegaray, 1\$000.

DE ALFREDO DE SOUZA

AURORAS

versos, 2\$000.

DE L. MURAT:

QUATRO POEMAS

versos, 1\$000.

DE AMERICO LOBO:

EVANGELINA

traducção do poema de Longfellow, 1\$000.

A SEMANA 100 RS.!

TANGO DELICIOSO

COMPOSTO E OFFERECIDO

POR

ERNESTO DE SOUZA

conhecido auctor do tango *Setim*, e de outras applaudidas musicas, á redacção d'A Semana.

Vende-se no escriptorio d'esta folha a

1\$000

EXTERNATO HEWITT

INSTRUÇÃO SECUNDARIA

E

COMMERCIAL

134 Rua do Rosario 134

TYPOGRAPHIA

A typographia d'A SEMANA, ultimamente montada, dispõe de uma boa escolha de typo inteiramente novo, aceita quaesquer encomendas de obras, poesias, jornaes, annuncios, etc. etc.

PREÇOS BARATISSIMOS

TRATA-SE NO ESCRIPTORIO DA EMPREZA

36 Travessa do Ouvidor 36

Esquina da rua do Ouvidor

A DIVINA COMEDIA
DE
DANTI ALEGGHIERI

TRADUÇÃO DE
JOSÉ PEDRO XAVIER PINHEIRO

O traductor fez a versão em tercetos, rimados sempre, como os do auctor, e annotou cada canto com eruditissimas notas explicativas. Precede a traducção um profundo estudo critico em que o traductor analysa longa e detidamente Dante e o seu poema.

Já sahiram á luz o 1º e 2º fasciculos nitidamente impressos na casa Leuzinger, de 16 paginas, com capa. O preço é de 300 rs. por cada fasciculo.

Assigna-se nas seguintes casas:
Livrarias GARNIER, LAEMMERT, FARO & NUNES e Redacção d'A SEMANA, Travessa do Ouvidor, 36; e na AGENCIA GERAL

6 RUA DO CARMO 6

VENDEM-SE

collecções d'A Semana (primeiro semestre), encadernadas, nas livrarias Faro & Nunes, Laemmert, Serafim Alves e no escriptorio da

A SEMANA

AU PETIT JOURNAL
ASSIGNATURA PARA TODOS OS JORNALS
Especialidade em artigos proprios para presentes
COMPLETO E VARIADO SORTIMENTO DE BRINQUEDOS DE PARIZ

HENRY NICOU & C.

Unicos correspondentes e depositarios nesta Côte da verdadeira "LA SAISON" de Paris

Recebem com a maxima presteza todos os jornaes parisienses e os distribuem pelos seus assignantes, apenas os recebem.

A casa AU PETIT JOURNAL é inimitavel neste serviço.

27 Rua dos Ourives 27

RIO DE JANEIRO

A SEMANA

CORTE

Trimestre..... 2\$000
Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

PROVINCIAS

Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

SUMMARIO

Expediente.....	
Historia dos sete dias.....	JOSÉ DO EGYPTO.
O Brazil e os brasileiros..	
Um aerostato dirigivel....	
Politica e politicos.....	TOB.
Bisavó, soneto.....	J. DE ARAUJO.
Bolos.....	CHICO FÉRULA
O nosso primeiro semes- tre.....	
Cofre das graças.....	BIBIANO.
Questão interessante.....	
A vida elegante.....	LORGNON.
Theatros.....	
A Juse-Checchi.....	L. MURAT.
Georges Ohnet.....	J. LEMAITRE.
Soneto a premio.....	
Gazetilha Litteraria.....	
Factos e noticias.....	
Collaboração; O Rio, so- neto.....	MARIO.
Consultas.....	
Receitas culinarias.....	CABRION.
Recebemos.....	
Correio.....	
Vantagens aos assignan- tes « d'A Semana ».....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

Havendo terminado com o numero 26 o prazo das assignaturas do 2º trimestre e do 1º semestre d'A SEMANA, rogamos aos Srs. assignantes o obsequio de mandar reformar as suas assignaturas, e aos que se acham em atraso o favor de mandar saldar os seus debitos.

A's pessoas que quizerem assignar esta folha por um anno daremos de premio um exemplar de uma bella obra, que se acha no prélo: ás que a quizerem assignar por seis mezes daremos o tango «A Semana—100 rs.»

Os Srs. assignantes que desejarem a collecção dos seis mezes já publicados pagarão mais 3\$000. (3\$500, se fôr encadernada) Para quem não fôr assignante a collecção custará 4\$000, encadernada.

A SEMANA

Rio de Janeiro, 1 de Agosto de 1885.

HISTORIA DOS SETE DIAS

A semana pertenceu a varios acontecimentos, mas, principalmente, continuou a pertencer ao Ferrari.

Que não desmaie de puro desvanecimento o famoso maestro honorario. Não o lisongemos; não o damos como proprietario quasi exclusivo das nossas bellas semanas — para lhe sermos agradaveis; não é por seu respeito que o fazemos, mas em respeito á historia... dos sete dias.

Nestes tempos de estação lyrica o Rio de Janeiro é o Lyrico. Ora o Lyrico é o Ferrari; logo — *il maestro Ferrari* pôde dizer, parodiando Luiz XIV. *Le Rio c'est moi.*

Elle, novo Cezar, — menos bellicoso, — mas em compensação, muito mais narigudo — veio um dia a esta bella cidade — a mais bella da America na nossa insuspeita opinião — vio-nos, e conquistou-nos.

Somos d'elle: pertencemos-lhe, ao menos, durante dois ou trez mezes, todos os annos em que Sua Lyricidade se digna de tomar conta de nós.

A Agencia Havas parece ter ligado um dos fios da sua rede universal a um dos fios da rede nervosa do cerebro d'esse Cesar das Semifusas, de maneira a poder transmittir-nos promptissimamente os minimos movimentos das suas faculdades pensantes e volitivas. Por essa forma sabemos sempre com a maxima presteza o que Sua Lyricidade pensa e quer a nosso respeito.

E nós cá estamos a tremer, a chorar, a rir, a esperar... conforme Sua Lyricidade pensa na *Aida* ou na volta (U!), conforme resolve ou não resolve vir deliciar-nos, enriquecendo-se.

Poderoso monarcha, accetae por meu intermedio a profundissima salamé da capital do imperio, que continúa a vos pedir a honra de a considerardes agora e sempre a vossa favorita e, além d'ista, — o *Trovador*, a *Traviata*, o *Lohengrin* (principalmente — o *Lohengrin*!) e mais... uma alta nos preços!

Vejam agora como é ingrata esta imperial cidade: — só para o Sr. Ferrari tem dinheiro e memoria. E a prova temol-a no Sr. Julio Cezar, o nosso patricio inventor do aerostato dirigivel. Da primeira vez que elle aqui esteve — que barulho, que entusiasmo, que febre de protecção! Agora, que elle nos volta com o seu balão construido, cuidadosamente encaixotado, dizendo-nos: «Cá estou de volta. Trago o *bicho*; faltame porém aquillo com que, além de compral-os, se levantam balões; ne-

cessito de mais algum diuheiro para realizar a minha experiencia. Estou prompto para a cartada final: — ou eu mandarei o meu balão para onde quizer ou vocês me mandarão a mim, com elle, para onde lhes approuver; agora, ninguem se mexe, ninguem se entusiasma, ninguem o protege...

«Silencio sepulchral mudez profunda e calma!
«Encerram-se tremendo as petalas... das bolsas.»

Vamos, cariocas, um bom movimento: Auxiliemos o Sr. Julio Cezar a dar a ultima de mão ao seu invento. Na França e nos Estados-Unidos, e em todo o mundo dentro em pouco, polulamos *inventores* do balão... do nosso patricio.

A França abiscoitou-nos a descoberta do balão não indirigivel, acautelemo-nos para que não nos abiscoite egualmente a do balão dirigivel.

Não atiremos o Sr. Julio Cezar pelos ares antes de elle ter feito isso mesmo ao seu aerostato.

O Sr. desembargador Seraphim Muniz Barreto, na qualidade de juiz suppleto do 6º districto criminal, julgou improcedente a denuncia que fôr dada pela promotoria publica contra os Drs. Felix José da Costa e Souza e Beruardino Ferreira da Silva, ex-delegados de policia, e Dr. Pedro Autran da Matta e Albuquerque, medico da mesma repartição, na questão Castro Malta. Isto lemos todos na imprensa diaria, ha dias, e lemol-o sem surpresa nem pasmo, com a proverbial indifferença magnifica com que se consummam aqui os factos, grandes e pequenos.

Está pois definitivamente, para todo o sempre, acabada a tempestuosa questão Malta que por tanto tempo estrugio e reboou sobre esta imperial cidade, rolando com temeroso fracasso os seus trovões de escandalo, com estallidos sinistros de *humerus* e *calottes* e copiosas chuvas... de tinta preta.

Está acabada, acabadissima a celeberrima questão.

Que se liquidou? que se concluiu? que se ganhou com ella?

Nada, rien, niente, nihil!
E como essa são todas as cousas nesta abençoada terrinha!

Liquidou-se que está liquidada a questão: concluiu-se que nada se concluiu; ganhou-se... Ah! quanto a isto, só quem ganhou com o Castro Malta foi o paiz, com calimburgo.

¶ Coincidio...—Que occulto dedo caprichoso combinará na sombra as coincidencias?—Coincidio a morte da questão Malta com a do desembargador Bellarmino, o chefe de policia que se celebrou nesse outro vergonhoso *incidente* —Apulcho de Castro.

Magistrado integerrimo, cidadão probo e geralmente estimado, chefe de familia exemplar, vio-se repentinamente cahido no apreço publico, coberto de graves accusações, e de chufas e de desprezo, envolvido na trama sanguinolenta de um crime barbaro, aviltante aos nossos brios de gente civilisada. Foi fraco, é certo, esse homem; como podem ser forte, sem o apoio das autoridades superiores, á testa de uma repartição desmoralisada, e sem authoromia nem respeitabilidade, á frente de uma guarda policial pusillanime e impopular?

Não reavivemos essas tristes recordações mal apagadas.

Basta que digamos em frente deste feretro que o magistrado que ali repousa, cadaver, não sahio da vida maculado de sangue ou de lama...

Ah! se elle houvesse podido dizer tudo!...

Foi uma bella festa a que a Camara Municipal realisou no dia 29 do mez findo, dia do anniversario natalicio de S. A. Imperial, a Princeza.

(E a proposito: não é que o Paiz teve a indelicadeza de declarar quantos annos completou nesse dia a augusta herdeira do throno! Que indiscrição!

Nunca se revela a idade de uma senhora, senhores.

Porque ha de S. Alteza ser exceptuada dessa regra geral de cortezia?

O Livro de Ouro, fundado pelo presidente da extincta Camara e continuado por esta, libertou 54 escravizados.

Das 54 libertações concedidas, 53 foram a mulheres e 2 a homens; 32 libertados têm de 15 a 30 annos, 9 de 40 a 51, 7 de 41 a 50, 5 de 51 a 60 e 1 de 67.

Nada mais commovente do que ver aquellas desgraçadas, na maior parte mães, receberem ajoelhadas a sua carta de forraria, como lhes chamam esses infelizes em sua espezta ignorancia.

Não se teriam commoído tambem S. M. o Imperador, e sua augusta filha?

Enquanto isto se dava na Camara Municipal, na dos Deputados seguia o monstruoso projecto « tranquillamente agricola » do Sr. Saraiva a sua vergonhosa marcha triumphal!

Um dos factos mais tristes da semana foi a morte de uma pobre senhora que ia todas as noites acompanhar sua filha á Escola Normal e que na de 29, ao descer as escadas, perdeu o pé e, rolando alguns degraus, fracturou um braço e os ossos do nariz, succumbindo dentro em pouco á commoção cerebral da queda.

Pobre senhora!...

Naturalmente não teria tão desasturado fim se aquellas escadas tivessem um corrimão; mas não o têm, apesar de serem da Escola Polytechnica, o ninho dos senhores engenheiros.

Casa de ferroiro...

JOSÉ DO EGYPTO.

O BRAZIL E OS BRAZILEIROS

(Vide n. 30 d'A Semana)

Não publicamos hoje a segunda carta de Ylang-Lang porque somente á ultima hora conseguimos obtel-a. E' o caso que o illustre escriptor chinez, havendo confiado particularmente a alguém o maço de cópias das cartas que sobre aquelle vastissimo assumpto tem escri-

pto ao seu amigo Luiz de ..., brasileiro, residente em Pekin, não esperava que ellas fossem publicadas. Ora, havendo nós conseguido d'esse *alguem* a primeira carta, publicámo-la no nosso numero passado.

Imagine-se a surpresa de Ylang-Lang ao encontrar a nas columnas d'A Semana!

Zangou-se e quiz reaver as cartas, para impedir que continuassem a publical-as. Felizmente conseguimos demovel-o d'esse para nós terrível proposito; mas não o conseguimos a tempo de poder inseril-a neste numero.

Lel-a-ão no seguinte: E' interessantissima.

UM AEROSTATO DIRIGIVEL

Em o n. 106 de *Les Annales*, de 5 de Julho de 1855, encontramos o seguinte, com o titulo acima:

« O novo balão de guerra de que nos foi enviado um *croquis* pelo Sr. Carlton S. Moore, de Philadelphia, e de que é inventor o general Russel Thayer, que, diz-nos o *American Register*, recebera do ministerio da guerra as instrucções necessarias para emprender a construcção de um gigantesco aerostato que será, pelo que affirmam, a mais terrível machina de destruição inventada pela sciencia moderna.

O custo será de cerca de 50.000 francos; terá mais de 20 metros de comprimento, e o seu diametro deve ser de 18^m,50. Terá a velocidade media de 48 kilometros por hora. Consistirá a força motriz em ar comprimido accumulado pela machina e descarregando pela parte posterior. A forma é, como se vê, quasi que identica á do primeiro balão dirigivel, construido pelos capitães Renard e Krebs, nas officinas de Chalais.

E' de calcular que damnos poderá causar um semelhante engenho, se for decididamente *possível governal-á á vontade* (1) e de maneira a poder deixar cair toneladas de dynamite sobre fortificações ou sobre navios.»

Expomos hoje na vidraça dos Srs. Faro & Nunes a gravura d'esse balão.

POLITICA E POLITICOS

Eu acceito a theoria do fatalismo em quasi todas as cousas desta vida; mas acceito-a principalmente em politica. E quando me perguntam porque é o Sr. Lafayette senador e porque é o Sr. Ratisbona deputado, eu explico o facto pelo acaso, o grande factor que produz as cousas inexplicaveis.

E é por isso que eu não estranho que o Sr. Zama tenha feito a proeminente figura que está fazendo, e que ha de continuar a fazer enquanto o Rio das Eguas continuar a sel-o.

S. Ex. apoiou com todas as suas forças o ministerio Martinho Campos; apoiou, ainda com igual força, o ministerio Dantas; e apoia com força igual o ministerio Saraiva. O Sr. Zama tem, pois, para mim a grande honestidade da coherencia: — apoia sempre.

(1) O italico é nosso, para frisar que não é ainda cousa resolvida a dirigibilidade do balão—Russel Thayer.

N. da R.

Na segunda-feira o Sr. Zama, o abolicionista Sr. Zama, requereu o encerramento da discussão do art. 3º do projecto Saraiva, arrollando uma porção de oradores. Mas o que querem? o abolicionismo do Sr. Zama vae ao ponto de não admittir discussão sobre questões de elemento servil, tão vencedora é a idéa, com tanta força rolou a pedra da montanha.

Só uma consideração ha a fazer: esse art. 3º, que foi votado, é exactamente o que tarifa a tanto por cabeça o escravo. Tomado isoladamente, parece que esse artigo tem tanto de abolicionista como o *Diario do Brazil*; mas o illustre deputado, o referido Sr. Zama, naturalmente entende que esse artigo é ultra-abolicionista porque faz parte do systema geral *tranquillo-abolicionistissimo* do ultra-liberal projecto.

O Sr. Zama tem declarado *urbi et Rio* das Eguas que é abolicionista radical; mas—e quanto é bom este *mas* para estas cousas! — mas tem obrigação de acceitar o que lhe dão. E o nobre deputado afirma que Gambetta já era assim, antes de morrer.

Eu estou pelo que diz o nobre deputado, que por signal me deu as trez tiras que pretendia escrever sobre politica da semana para a *Semana*. Eu estou pelo que diz S. Ex.

Mas permitta-me uma só reflexão.

Quem pensa assim, numa questão d'estas, não é liberal, é conservador.

O papel de residencia á corrente das forças da opinião não compete áquelle, senão a este. *Essere ou non essere*, ou em bom portuguez: ou bem que a gente é o que diz ser, ou bem que não se é nada neste mundo.

Tob.

BISAVO'

Essa doce velhinha, a quem a Morte Deixou piedosa na sua paz sagrada, Fel-a o capricho original da sorte Mãe trez vezes,—amiga idolatrada.

Que longa vida e que ditoso norte! Estrellas sempre na florida estrada! Nenhuma nuvem que a ventura corte... Certo a protege uma invisivel fala!

Como rosa do monte, que as abelhas Cercam zumbindo nuni murmuro ardente, As criancitas frescas e vermelhas

Beijam á bisavó a mão tremente, E, ella, cheia de rugas e de engéllhas Chora e sorri deliciosamente...

1885.—Porto.

JOAQUIM DE ARAUJO.

BOLOS

Mestre Pimenta voltou... ao prato Porque, assim como assim, a pimenta é necessaria á vida. Convencemo-nos d'esta verdade quando ella nos começou de faltar, e quando, não apparecendo no cozido patriarchal do domingo, se transferio capciosamente para o assado burguez da segunda-feira.

Agora, força é confessal-o, quando passamos uma semana sem Pimenta no nosso prato, vem-nos uma melancholia de todos os diabos, e nos é preciso ter animo de heroes antigos para resistirmos ao suicidio. Acepise brasileiro sem pimenta cousa é que se não tolera sem lagrimas, e por isso quando nos ella falta na marmitta semanal, vae aqui pela travessa um pranto de commover as pedras e o proprio piano do botiquim da esquina.

Felizmente, mestre Maximiano dá-nos a mendo um pouco do seu appellido, e, embora n'ol-o sirva grosseiramente na terrina enxovalhada do *grande orgam*, tal o nosso amor ás ardencias, que lá mesino corremos precipites a colhel-o, para confeioarmos depois as ignarias com quo nos regalamos.

Que os malevolos não entrevejam remoque nas palavras que dirigimos ao conspicuo e perspicuo folhetinographo microcosmographico, desejo é ardente que no imo peito alimentamos.

Porque, ainal, nos estamos eheios de gratidão por o que Pimenta nos tem dito e nos ha feito.

Se elle já levou a sua complacencia e longanimidade ao ponto de nos não chamar *Gazeta de Honolú* ou *Periodico da Ilha das Cobras*! Se elle, sendo mestre-escola da roça, como diz, leva a generosidade da sua alma ao ponto de nos dar lições de portuguez.... de graça!

Que outro sentimento se nos poderia esperar no peito que não o da funda gratidão?

Se nós lhe não sacrificamos, como fez Alcino a Sylvio na ecloga de Quita,

« cinco eabras,
e, manchadas de branco, trez novilhas»,

é porque esses animalejos andam hoje em dia pela hora da morte, e, a respeito de finanças, elle bem sabe que isto aqui não é o *Jornal do Commercio*...

Mas vamos ao que nos estimulou a falar, como dizia o chorado collega Mal das Vinhas. São quatro palavras só.

Inflammou-se Pimenta com a jura *Mão raio te parta*, proferida por D. Jayme na tragedia *No Seio da Morte*, de Echegaray, traduzida por dois redactores d'esta folha. Dissemos-lhe que a expressão foi litteralmente traduzida do hespanhol e elle nos replicou « que pelo facto de se acharem no hespanhol aquellas palavras, não se segue que na versão portugueza devesse ser empregada *verbum ad verbum* a locução correspondente. » Que por ser jura de pessoas grosseiras desceu a expressão a tão baixo nivel, que d'estóia da linguagom emphatica da peça e provoea o riso dos espectadores.

A isso responde-se com isto:

O mestre-escola não soube o que disse e deu uma lição falsa; o professor não entende de traducções, nem de theatros.

Os mestres, os verdadeiros mestres, os que julgam sem prevenções e sem paixões pessoases, são concordes em que o merito principal de uma traducção consiste na fidelidade, e na felicidade que tenha o traductor de encontrar na sua lingua a expressão que mais exactamente corresponda á expressão da lingua que traduz. Inhere-se d'este preceito que quanto mais *verbum ad verbum* possa ser feita uma traducção,—melhor será.

Isto quando não resulte adulteração do pensamento do auctor.

Ahi é que pega o earro; dirá Pimenta. Mas nos lhe pedimos com empenho que nos esclareça sobre qual seria o pensamento de Echegaray, pondo na bocca de um conde hespanhol da idade media, num momento de extreme furor e falando a um almogavar, a jura—*malo raio que te parta!*

Não quereria o grande auctor uzar mesmo da expressão rasteira e baixa, como ella tambem o é em hespanhol, visto que o seu personagem estava enfurecido e dirigia-se a um soldado grosseiro e rude, que elle julgava traidor? Pois não reparou o amigalhaço Pimenta que na peça, apezar da linguagom emphatica, se encontram repe-

tidamente expressões grosseiras? Não ouviu falar em « couros » e em « costado » e em « gargantas de perro » etc.?

Pimenta não reflectio que o conde, além de fidalgo, é tambem soldado e está em guerra?

Não; elle não cogitou nem no momento em que D. Jayme profere a jura, nem contra quem a profere, nem no motivo porque a profere.

Ora ahi está como Pimenta não entende de traducções.

Agora vamos procurar provar-lhe que tambem não entende de theatros.

Diz o critico que a phrase, por grosseira, destoa eomeicamente da linguagom da peça e provoca o riso do espectador...

Não lhe diremos que um auctor não tem culpa da inopia do publico. Mas vamos citar-lhe dois factos que bem provam que muitas vezes o publico se ri de expressões serias, seriamente ditas pelos actores.

No *Gran Galeoto*, sempre que Dias Braga (D. Julião) dizia, exactamente como devia dizer, com toda a seriedade, estes dois versos:

« Pois fazemos pela vida,
que farão por nossa morte »
o publico soltava invariavelmente uma gargalhada.

Em cerca de cincuenta representações do *Gran Galeoto*, nunca ninguem ponde perceber por que se ria o publico. Achava graça e acabou-se.

A *Arlesienne*, deliciosa peça de Daudet, eahio em Pariz porque o publico se ria estrondosamente quando um personagem dizia, em tom serio, que ouvira o canto *des ortolans* (verlelhões).

Provavelmente o publico de Pariz não comprehendia esta monstruosidade: o canto de uma ave que elle comia.

E se por isto a peça eahio, com grande pasmo do auctor e dos artistas, que não puderam comprehender a gargalhada dos espectadores.

Ahi está porque Pimenta não entende de theatros.

Passando á critica feita no *Microcosmo* ao soneto *Sub para lucerna* de Luiz Delfino, demonstra-se a má fé de Pimenta (sem ealimburgo) com a simples exposição de um ponto:

« Parca alampada doura o nicho.—Uma franzina
« Cretura formosa e alegre, destrançado
« O comprido cabello ao collo, inda se inclina
« embala o berço a um louro anjinho entrea-
cordado. »

« A cretura franzina e alegre, emquanto a lampada doura o nicho, destrança o cabello ao collo, não se sabe de quem: mas, não obstante serem de ordinario precisas duas mãos para desfazer um toucado, a franzina aeha meio de inclinar-se ainda, e de embalar, naturalmente com os pés, o berço em que está o anjinho louro entrea-cordado. »

O infeliz não sabe ler.

Não admira: é mestre-escola.

Se elle soubesse ler, veria que o poeta não diz que a cretura franzina estava destrançando o cabello, mas apenas que já o tinha *destrançado* ao collo no momento de embalar o berço do louro anjinho entrea-cordado.

Leia-se o quarteto:

— Uma franzina
Cretura formosa e alegre, DESTRANÇADO
O comprido cabello ao collo, inda se inclina,
E embala o berço a um louro anjinho entrea-
cordado ».

Quando Pimenta souber ler ha de vir dar as mãos á palmatoria e confessar que confundio deploravelmente o participio passado com o participio presente de um verbo activo.

E é isto a critica, men presado e folhetinifero amigo Pimenta!

CHICO FÉRULA.

Acha-se no prelo, d'onde sahira por todo este mez, o livro **VINTE CONTOS**, de Valentim Magalhães que será distribuido aos Srs. assignantes de anno como premio, em substituição do romance **MATTOS, MALTA OU MATTA?** que haviamos promettido.

O nosso primeiro semestre

As colleções encadernadas do primeiro semestre d'*A Semana* foram recebidas pelos collegas a quem as enviámos, como pequena prova da nossa estima, com as mais significativas palavras de apreço e de animação. Ellas nos darão novo alento a proseguir na carreira que abrimos e que, com tantos sacrificios, mas tambem com tantas e tão risonhas esperanças, vamos continuando.

Ainda bem que a indiferença habitual do publico não se poderia justificar, se para nós existisse, com a indiferença dos nossos collegas. To la a imprensa, da capital e das provincias, nos tem coberto de applausos e louvores. Exceptue-se o rancoroso e roneiro *Pachidorme*, que nos distingue singularmente com o seu silencio hostil de velho bruto invejoso e vingativo. Honra que, aliás, lhe agradecemos immenso.

Concedam-nos os nossos amaveis collegas licença para registrarmos nestas columnas as palavras com que nos distinguiram. E aceitem a homenagem da nossa admiração e do nosso reconhecimento.

Na sua interessantissima secção *De Palanque*, escripta pelo engraçado e sensato Eloy — o heróe, disse o *Diario de Noticias*:

« Lembra-me como se fosse hontem. Era o dia 1º de Outubro do anno pressado.

Eu estava num botequim da rua do Ouvidor, e defronte de mim, um sujeito gordo, rosado e aparentemente sadio, saboreava uma ehicara de café, resfolegando nos intervallos dos goles.

Um sucio, que au lava a distribuir gratuitamente o primeiro numero do *Paiz*, entrou no botequim, entregou-me uma folha, e dispunha-se a fazer o mesmo ao meu visinho, quando este levantou o braço e espalmou a mão,—gesto que significava muito claramente: Não se approxime!

— Aqui tem, murmurou desconcertado o distribuidor... é um jornal novo... o *Paiz*...

— Dispensou; respondeu seccamente o outro.
 — E' de graça...
 — Dispensou; repetiu elle, erguendo a voz, e já num tom de escamado.
 E como eu naturalmente sorrisse, julgou talvez que o fizesse em signal de approvação, porque me disse:
 — Não me faltava mais nada senão ler jornaes!
 O distribuidor já ia longe.

Esse individuo é a imagem perfeita do publico: um por todos.
 Não ha, realmente, paiz civilisado em que menos se leia do que o nosso.
 No Brazil dá-se este facto extraordinario: escreve-se mais do que se lê.

Estas considerações fil-as eu hontem ao folhear um volume, que me foi entregue, contendo os vinte e seis primeiros numeros da *Semana*, o elegante periodico litterario, tão bem dirigido por Valentim Magalhães.

Vinte e seis numeros! Vinte e seis batalhas contra o *Dispensou!* do homem do botequim! vinte e seis duellos de morte entre uma folha de papel e a indifferença do publico!

Vinte e seis numeros!
 Que de esforços representa essa vida de seis mezes! que de labutações inglorias e de amargas decepções! Quanta illusão perdida nesses dois trimestres de litteratura! quanto desengano! quanto!

Mas a *Semana* lá vai indo, que para alguma cousa ha de servir a força de vontade de trez ou quatro rapazes vigorosos e bem intencionados.

Elle abrirá uma picada na matta virgem do bom gosto publico, porque tem bons musculos, e adoptou por divisa o *quand même* dos resolutos.

Debalde os seus inimigos tentarão embargar-lhe a passagem. *Gusman ne connaît pas d'obstacles.*

Hoje um concurso de poesia, amanhã uma discussão litteraria, depois isto... e depois aquillo... e o publico se habituara a lêr a *Semana*, e a *Semana* terá prestado um serviço, só comparavel ao d'esses heroicos missionarios que se embrenham nos sertões para catechisar os aborigenes.

Continúe a *Semana* a andar pelo mesmo caminho que já percorreu vinte e seis vezes, e brevemente todos—a começar pelos seus proprios desaffectedos—lhe dirão:

— Não dispensou!

O Paiz:

« Completando o primeiro semestre de publicação da *Semana*, a illustre redacção d'esse excellente hebdomadario mandou colleccional-o em elegantes volumes, que distribuiu pelos seus collegas da imprensa.

Acceitamos o que nos foi offerecido com tanto maior prazer quanto sabemos apreciar o valioso escriptorio litterario que formam aquellas paginas.

O director da *Semana*, o laureado escriptor Valentim Magalhães, praticou um feito considerado impossivel, o de firmar a existencia, no jornalismo brazileiro, de uma revista litteraria, ainda que se explique o exito da sua publicação pela excellencia dos artigos e o merecimento progressivo de cada um dos seus numeros.

Nem por isso, porém, o triumpho obtido pelo nosso estimavel collega é menos digno das felicitações que sinceramente lhe dirigimos.»

A *Gazeta de Noticias*, depois de accusar gentilmente o recebimento do nosso n. 30, escreveu:

« Com este numero recebemos tambem uma collecção do seu primeiro semestre, muito bem encadernada. Isto prova que a *Semana* caminha com segurança, pois que já conseguiu passar o cabo das Tormentas, que para as folhas litterarias é sempre o primeiro semestre. »

Parabens e agradecimentos.

COFRE DAS GRAÇAS

Em uma aula de portuguez.
 Professor:— Menino Alberto, o que é adjectivo biforme?

Menino Alberto:—E' aquelle que varia conforme o genero do substantivo.

Professor:— Um exemplo.

Menino Alberto:— Clemente.

Professor:— Como assim? Explique-me lá isso.

Menino Alberto:— Sim, senhor: Clemente para o masculino e para o feminino—Clementina.

Fala-se mal do bello sexo.

A Sra. X exclama:

— Os homens têm certa razão em dizer mal das mulheres. Eu, por exemplo, só conheço duas mulheres perfectas...

— Qual é a outra?—perguntou-lhe alguém, interrompendo-a.

Um dito malicioso, mas engraçado, de Aurelien Scholl:

Falava-se de um escriptor sombrio, à Edgar Poe, e pouco asseiado.

— Tem o espirito negro; disse alguém.

— E o peor é que o seu espirito se estende até ás unhas; acudio o celebre chronista.

Do ultimo numero do nosso visinho e collega *L'Italia*.

« Un avvocato, giornalista e cavaliere d'una corona *dispotica*, si presenta alla Duse e dice: «Son quattro anni, signora, che studio la lingua italiana, per avere il piacere di apprezzarvi ed applaudirvi. »

« Come poss'io credere—risponde la Duse-Checchi—se quattro anni or sono il mio nome non era quasi conosciuto in Italia? »

Tableau!

E' boa, é. Mas quem seria o heroe d'esse fiasco?... Ah! se o nosso collega e visinho quizesse, ao menos uma vez, ser indiscreto...

BIBIANO.

QUESTÃO INTERESSANTE

« Tem o marido o direito de abrir as cartas da mulher? »

« Tem a mulher o direito de abrir as cartas do marido? »

Recebemos, entre outras, as seguintes respostas:

« A mulher não tem o direito de abrir as cartas dirigidas ao marido; ellas podem conter segredos de terceiro, completamente alheios à vida domestica e intima do casal; assumptos que, *bona fide* confiados, ao marido não lhe facultam o direito de os communicar à sua mulher.

O marido, ao contrario, tem pleno direito de abrir as cartas de sua mulher, porque a mulher, que não é cabeça de

casal, não tem negocios nem segredos alheios que possam ser extranhos ao conhecimento do marido.

Esta differença de direitos não é supremacia do sexo; é simplesmente a natural consequencia do prodominio da vida individual, publica e particular do homem, tão outra da recatada, modesta e subline existencia da mulher—« esposa e mãe ».

E' o que penso, salvo melhor juizo. »

BETTENCOURT DA SILVA.

« Vimos, Sr. Redactor, emittir tambem a nossa spinião sobre a questão supra, opinião que parecerá a alguns extremamente offensiva ao apregoado direito de egualdade conjugal; mas que a nosso ver é summamente accetavel.

Ell-a, pois, sem mais preambulos:

Quanto ao primeiro quesito: Sim; porque sendo o marido o mentor, o guia, o conselheiro emfim de sua cara metade deve ter conhecimento pleno das amizades que ella cultiva, o que não lhe fora talvez facil se elle não lhe interceptasse a correspondencia, para que esta esta seja dirigida á sua feição, o que só pôde redundar em beneficio dos conjuges.

Demais, Sr. Redactor, a mulher é um ente *fragil*, é como os menores, os es-cravizados, os interdictos, precisa de um... curador que lhe officie nos... nos autos, digo na correspondencia.

Quanto ao segundo quesito: não; porque a mulher deve estar na ignorancia de muita cousa que o esposo pratica (nada de malicia, Sr. Redactor), em bem da propria felicidade conjugal, de muitos factos de que elle é sabedor, em virtude da sua profissão, das condições especialissimas que elle occupa na sociedade, e todos nos sabemos o que é segredo em bocca de mulher.

De V S.

Attento, Respeitador e Criado

LUIZ PEREIRA DA COSTA.»

« Debaixo do ponto de vista geral em que foi exposta a questão, é bastante difficil chegar-se a um resultado incontraverso sobre se a mulher tem o direito de abrir as cartas do marido, e vice-versa. E' uma questão complexa.

Perante a civilidade é um crime de *lesa delicadeza*, principalmente quando os conjuges têm educação esmerada e um certo gráo de susceptibilidade, que acompanha aquelles que têm sentimentos elevados. Perante os costumes... nós não temos costumes definidos nesta questão. Perante a moral—não estro-piemos a moral—parece que a resposta deve ser negativa. Entretanto, entendo que em auzencia prolongada do marido a mulher poderá abrir as cartas d'elle, pois que em alguns casos poderá ser isso de grande proveito para ambos. Todavia, parece que, sendo o marido o unico encarregado dos negocios do casal e o responsavel por tudo quanto lhe aconteça, negar-lhe o direito de abrir as cartas da mulher seria uma injustiça.

Não entendo que o seja, 1º, porque a mulher não deve tomar parte em negocios que só devem ser da competencia do marido; 2º, porque quando ella fosse leviana e assim ameaçasse o lar domestico uma catastrophe, o facto de o marido abrir-lhe as cartas nada evitaria, porquanto o defeito estaria na mulher e não no meio de que ella usasse. Em rigor, nem um nem outro tem o direito de abrir cartas que não lhes pertençam.

Minas, Julho de 1885.

B. »

« Sim, necessariamente em ambos os casos, desde que ha a perfeita harmonia, que se suppõe, entre os dois.

ASSU-MERIM ».

« Sim, sem duvida, a qualquer dos dois assiste esse direito. Porém nenhum d'elles o deve fazer, porque, desde esse momento, se patenteia a desconfiança, e a curiosidade absurda de quem abrir as cartas.

Rio, 23—7—85.

F. FERRÃO. »

A VIDA ELEGANTE

Os salões ornados caprichosamente, luzes e flores por toda parte, um verdadeiro paraíso, emfim, o Club do Engenho Velho na noite de sabbado passado, em que realiso a sua partida do mez de Julho.

Gentis senhoras, — *demoiselles e dames* — de sorrisos encantadores, passeavam dando o braço aos respectivos cavalheiros, uns felizardos que sentiam junto, bem junto de si, os fremitos de unhas vozes doces e puras, além do mais.

Um murmuro incessante partia d'aquelle formoso grupo de claras e morenas, onde se via ora uma aurora nuns cabellos louros, ora uma noite nuns cabellos negros, d'aquellas semi-deusas que eram o principal encanto e a causa da festa.

E até aos primeiros raios do sol, até á radiosa apparição da madrugada, após uma noite esplendida de luar, folgou-se, dansou-se no Club do Engenho Velho.

E o concerto?... ainda não falámos no concerto. Que diremos d'elle? Que esteve acima de todos os elogios.

Diversos amadores distinctissimos se fizeram ouvir e os applausos que lhes couberam foram de toda a justiça.

Nossos parabens ao Sr. Wignelin, muito digno director de harmonia do Club.

LORONON

THEATROS

FLAVIO ANDÓ

Fez beneficio no dia 30 este grande artista da companhia italiana.

Foi a *Fedora* a peça escolhida, bem mal escolhida, valha a Verdade. Um artista como Andó não devia fazer beneficio senão com una *première*.

O admiravel interprete de Armando Duval, Sartory, Claudio, André de Bardannes, Felipe Derblay, Maximo Odier, Des Prunelles, Andréa, Duque de Nemours e Loris Ipanoff, tem no seu glorioso repertorio a peça com que devia fazer a sua festa: E' o *Kean*.

E' verdade que nós já não precisamos vel-o no *Kean* para julgarmos do seu extraordinario merito. Para collocarmos Andó no primeiro plano, bastavamos ter visto aquelle estupendo Armando Duval da *Dama das Camélias* e aquelle correctissimo duque de Nemours, do *Luiz XI*: dois papeis inteiramente oppostos e no confronto dos quaes se pode apreciar todo o cuidado e todo o talento que o grande artista emprega no estudo dos seus papeis.

Na *Dama das Camélias*, peça moderna, de Dumas Filho, elle é o actor moderno, independente, affastado de todas as velhas convenções theatraes, fazendo e dizendo tudo com extrema naturali-

dade, mostrando um trabalho inteiramente seu, com uma larga accentuação de individualidade, sem se parecer com nenhum dos innumerados Armandos que temos visto; no *Luiz XI*, tragedia classica, de Delavigne, fazendo o papel de um guerreiro do seculo XV, Andó parece outro artista: é o actor academico, declamatorio e emphatico, de gesto largo e medido e passo cadenciado.

Andó é, finalmente, um artista excepcional, e o publico, que lhe tem feito justiça, applaudindo-o estrondosamente em todas as peças, faltou naquella noite ao seu dever não enchendo litteralmente a vasta sala do S. Pedro; isto, porém, deve-se antes levar á conta do drama escolhido, que o publico escolhido já conhece muito bem. Todavia o theatro estava quasi cheio e o publico que lá estava applaudio com o maior escolhido entusiasmo o bello trabalho de Loris Ipanoff.

Andó recebeu os seguintes presentes, entre outros muitos:

Do Sr. Emmanuel Cresta duas bellas moedas de ouro, italianas, de mais de um seculo; do Sr. Dr. Ferreira de Araujo, um alfinete de brilhantes para gravata; do Sr. Celestino da Silva, um par de botões de ouro e pedras para punhos; d'esta redacção um volume de *L'Art de la mise en scene*, de Bec de Tauquières, de outros admiradores, muitissimos ramilhetes de bello effeito, etc., etc.

FRANCISCA GONZAGA

No dia 29 do mez findo, no Recreio Dramatico effectuou-se a recita esta intelligente compositora, como auctora da *Filha do Guedes*, comedia detestavel, sahida do laboratorio mysterioso do *Jornal do Commercio*, e para a qual a Sra. Gonzaga escreveu uma musica deliciosa.

Tendo já desmontada a *Filha do Caipira*, que foi um fiasco litterario, a empresa vendeu á auctora da musica uma recita da comedia *Trez mulheres para um marido*. A Sra. Rose Meryss, cantou algumas cançonetes, entre as quaes — *Si fuera verdad...* letra de um poeta muito conhecido e musica da Sra. Gonzaga.

A auctora tocou em publico pela primeira vez, uum velho piano, a sua valsa *Iara*.

Foi muito applaudida, e recebeu dos seus muitos admiradores varios mimos de valor, muitos ramilhetes e uma bonita corôa.

Partio para S. Paulo a companhia do Sant'Anna.

Deve estreiar hoje no theatro S. José, com a *Mascotte*.

D'esta companhia tiveram a gentileza de se virem despedir de nos a Sra. Rose Meryss e o Sr. Mattos.

Agradecemos-lhes a fineza e comprimentamol-os cordealmente,

A macacada do Sr. Salvini continúa a agradar extraordinariamente.

Será na proxima semana, no Recreio Dramatico, a recita dos traductores da lenda tragica — *No seio da morte*.

Hoje representa-se no S. Pedro a *Fernanda*.

A primeira da *Theodora* foi transferida para terça-feira.

A' EMINENTE ACTR'Z

Sra. Eleonora Duse-Checchi

Quinze dias levei me preparando Para ouvi-la. Envolvi-me na armadura Dos que vão os perigos arrostando E andam de aventura em aventura.

Tremia ante o fulgor d'aquelles olhos! Quando ella veio esplendida rompendo Como uma Deusa nuvens d'ouro e escholhos Aos seus pés triumphantes abatendo,

Uma nuvem de fogo me envolveu. Eu tremia de assombro e de pavor, E não sabia se era o inferno ou o ceo Que se mostrava ao velho gladiador!

Olympica na tripode esplendente, Como a Pytho de Delfos deslumbrante, Coberta com a pelle da serpente De escamas d'ouro, bella e rutilante.

Como no azul um astro se afogando, Ou a noite nos ares conduzindo Eternamente os soes que vão brilhando E na lucida poeira confundindo

A natureza inteira, o coração, A alma, o sangue, o calor, a vida emfim Senti que me fugia. A sensação Do vacuo illuminado deu-se em mim.

Nada eu sentia, nada eu comprehendia Que não fosse ella ou d'ella não viesse. Chorava ás vezes, outras vezes ria, Eu tinha medo que aos seus pés morresse.

Eu tinha medo! Eu o retiaro forte Que tantas vezes tem cruzado a arena, Que tantas vezes tem fitado a morte, Estremecer ao vel-a entrar em scena!

No seu olhar a raiva arde e fuzila, Parece nuvem vomitando raios! Não é pupila, não, essa pupila Que ruge e tem soluços e desmaios,

Relampagos que a cortam de repente E enroscam-se velozes como estranhas Serpes, n'aquelle mundo ferozmente Illuminado, como nas montanhas,

A' noite, raios rutilos resvalam Vertiginosos, desencadeados, Que o rijo flanco do granito abalam, Como por um demónio arremessados,

Para arrancar do solo aspero e duro Esse monstro de pedra erecto aos ventos! A's vezes vejo nelle um ceo escuro, Um silencio cortado de lamentos.

N'outras a gargalhada salta e brilha, Como a fagulha que cahio de um astro. E dentro d'elle escuta-se a matilha Dos desejos febris ladrando ao rastro

De um goso doce, brando e voluptuoso, Que ás vezes foge p'ra voltar de novo. E ao seu gesto de rainha victorioso Ambos se dobram: — o monarcha e o povo!

E é por isso, rainha, que eu vos trago Versos e a vossa potestade acclamo. A's vezes são taubem como um affago Estas rimas que aos vossos pés derramo.

O braço que manéja a espada e a lança Póde taubem o verso manéjar, E prender uma flor á vossa trança, E prender uma estrella ao vosso olhar...

LUIZ MURAT.

Rio, Julho de 1885.

GEORGES OHNET

Que sóva, meus senhores, que tremenda, que formidavel sóva deu o illustre critico Jules Lemaitre no famoso auctor do *Maitre de Forges*!

Sóva... critica, sóva litteraria; entenda-se. Veio na *Revue Bleue* de 27 do mez passado.

Se fosse mais espaçosa a *Semana*, dal-o-íamos na integra, esse energico e irrespondivel artigo; na impossibilidade de fazel-o e não podendo resistir ao honesto desejo de mostrar aos leitores o conceito em que é tido na grande critica pariziense esse Dumas de ultima

hora e de ultima especie, vamos transladar para aqui alguns trechos d'esse notavel estudo, e o resumo de outros. Eis algumas notas da *ouverture*:

« Eu costume entreter os leitores da *Revista* com assumptos litterarios:— que me desculpem se lhes falo hoje dos romances do Sr. G. Ohnet.

Darei nisso prazer a tanta gente e alliviarei tantos bons espiritos, dizendo alto o que elles pensam! E de mais, se estes romances estão fóra da litteratura, não estarão, talvez, fóra da historia litteraria. E se não é pelo seu proprio merecimento que se impõem à attenção publica, elles a tem, comtudo, solicitada vivamente pela sua espantosa felicidade, que é de duas especies.

Em poucos annos o *Maitre de Forges* alcançou 250 edições; *Serge Panine*, romance coroado pela Academia Franceza, teve 150; *La Comtesse Sarah* outras tantas; *Lise Fleuron* 100; e *La Grande Marinière* já attingio a 80! E' este, como se costuma dizer, o maior «sucesso de livraria» d'este seculo. Se o Sr. G. Ohnet não se considera o primeiro escriptor do nosso tempo, é sem duvida por excessiva modestia.

Por outro lado, os romances do Sr. Ohnet têm encontrado nos homens de letras, tanto nos que descendem da tradição classica como nos outros, a mais completa indifferença, ou antes:— o desdém menos dissimulado.

Não digo que não haja por vezes um pouco de affectação nesse desdém, que todos aquelles que desprezam *La Grande Marinière*, tenham esse direito; mas sim— que entre os artistas dignos d'este nome não ha nenhum que faça caso do Sr. Ohnet. Nem achareis tampouco um critico sério que tenha sequer citado o seu nome, a menos que a isso não tenha sido obrigado pelas exigencias de uma resenha bibliographica. Este universal silencio dos letrados em torno das *Batailles de la vie* é tão digno de nota como o favor de que gozam essas rapsodias no grosso publico. »

« Mas o triumpho do Sr. Ohnet se explica inteiramente pelo genero especial que elle cultivava. Sua obra adapta-se maravilhosamente aos gostos, à educação, ao espirito do seu publico. Nada existe nelle que ultrapasse os seus leitores, que os choque ou que lhes escape à comprehensão. Os seus romances têm a medida exacta do senso litterario dos seus leitores; o Sr. Ohnet serve-lhes o seu proprio ideal d'elles.

A taça banal que elle lhes offerece, podem bebel-a, esgotal-a completamente. O Sr. Ohnet foi creado «por um decreto nominativo», diria Renan, para os illetrados que aspiram à litteratura. Se o Sr. Ohnet não é um grande escriptor, nem mesmo um bom escriptor, nem sequer um escriptor passavel, é com certeza—um homem habil. O sonho rococó que floresce em um canto secreto dos cerebros burguezes, (é ocioso dizer que me refiro aqui, não a uma classe social, mas a uma classe de espiritos), ninguém jámais o traduzio com a segurança ou proficiencia maior, nem com audacia mais tranquilla do que o Sr. Ohnet. »

Depois, Jules Lemaitre passa a estudar os assumptos, os personagens e a execução dos romances do celebre auctor do *Maitre de Forges*.

Quanto aos assumptos, diz o eminente critico:

« Seu genio particular manifesta-se sobretudo na escolha dos assumptos. Elles rolaram por toda parte e quanto

mais sovados melhor para o fim que o romancista se propoz.

O effeito d'estas historias é infallivel: tendo agradado ha tanto tempo, agradarão mais uma vez; ao passo que com assumptos novos o resultado é muito duvidoso. »

Quanto aos seus personagens:

« Suas figuras são de pura convenção e da mais cançala e, por vezes, da mais odiosa. »

« Não tem nenhum imprevisto, são construidas pelas mesmas fórmulas de sempre. São Grandets esfalfados, Nucingen diluidos, Poiriers de pacotilha. Se nos apresenta um notario, elle será ce-remonioso ou pilherico; se um chicani-sta—terá o olhar falso e os labios finos; se um taberneiro—terá um grande ventre e uma cara apoplectica; se um velho coronel—será um urso, um javali com um coração de ouro.

Todos os seus heroes são nossos conhecidos velhos, vemol-os vir sem estranheza, temos o prazer de enconral-os mais uma vez, nunca somos surpre-hendidos nem incommodados pelo mi-nimo troço de observação pessoal. »

Quanto á execução:

« O Sr. Ohnet applica conscienciosa-mente, corajosamente todas as regras da velha rhetorica do romance. »

« Como isso escreve-se aos quinze annos, em *segunda*, quando se é um alumno «forte», sem comtudo ser muito intel-ligente, e ganha-se o premio de nar-ração franceza. »

Sentimos não poder reproduzir as magnificas e terriveis considerações com que o illustre critico analysa o estylo e a execução de Ohnet.

Resignamo-nos a offerecer ao leitor mais alguns trechos, ultimos:

« As poucas qualidades dos seus romances, sendo puramente *scenicas*, sentem-se menos na leitura do que no palco, passal-os a dramas. »

« Encontram-se nelles, em compensação, a *elegancia* das chromolytographias, a *nobreza* dos assumptos de relógio, os *effeitos* das pernas dos reles actores ambulantes, o *optimismo* dos imbecis, o *sentimentalismo* das *romanças*, a *distincção* como a concebem as filhas das porteiras, a *alta vida* como a sonha Emma Bovary, o bello estylo como o comprehende o Sr. Homais. »

E' um Feuillet sem graça nem delicadeza, um Cherbuliez sem espirito nem philosophia, um Theuriet sem poesia nem franqueza:—a triplice essencia da banalidade. »

« Mas estes romances vieram na hora propria e correspondem a uma necessidade. Os romancistas que são artistas preocupam-se cada vez menos com os gostos da multidão ou mesmo affectam desprezal-os; a litteratura nova tende a tornar-se um mysterioso divertimento de mandarins; dir-se-ia que ella se applica a espantar as boas almas com as suas audacias ou a desconcertal-as com as suas subtilidades. Ora, ha uma classe de leitores que não têm lazeres nem meios, talvez, de penetrar nesses arcanos, que antes de tudo quer *historias* como os fieis do *Petit Journal*, mas que, todavia, as deseja mais bem arranjadas e exigem que ellas lhe dêem esta impressão: « Que aquillo é litteratura. » O Sr. Ohnet está na primeira fila dos que possuem este artigo; elle é incomparavel no seu genero; sabe o que agrada ao cliente e serve-l'ho, garantido. Tudo isso não é certamente para ser feito por qualquer; mas que fique bem claro que é effectivamente de

mercadorias que se trata aqui, de alguma cousa como os «chronzes de commercio» e não de obras de arte. »

« Nada de enganar. Eu apenas quiz evitar uma confusão possivel. »

SONETO A PREMIO

A *Semana*, desejando alimentar e desenvolver o pouco notavel movimento do nosso pequeno mundo litterario, abrio no seu n. 25 um torneio poetico, offerecendo aos numerosos habitantes do nosso Parnazo um assumpto—o mais grandioso e mais bello que se pudera imaginar!—para ser cantado em soneto:—Victor Hugo!

Esgotado o prazo para o recebimento dos sonetos, serão estes submettidos à apreciação de um jury, formado por trez poetas de incontestado valor, cujos nomes serão opportunamente conhecidos. Esse jury decidirá d'entre todos os sonetos concurrentes quaes os que devam occupar os logares da triplice classificação de merecimento que fica estabelecida. Sómente esses trez sonetos vencedores serão publicados.

Como premios, *A Semana* offerece aos seus auctores:—ao primeiro uma das obras de Victor Hugo, ricamente encadernada; ao segundo outra obra do grande Mestre, edição menos luxuosa; e ao terceiro um exemplar do n. 11 (2º anno) da *Illustração*, o qual é inteiramente consagrado a V. Hugo, com soberbas gravuras, entre as quaes um bello retrato do poeta.

O prazo que foi marcado e devia terminar a 11 de agosto corrente, prolongamol-o por mais um mez, até 11 de setembro, para dar tempo sufficiente a que cheguem os sonetos que de varias provincias nos foram promettidos e para attender aos pedidos de alguns poetas da corte, que desejam concorrer.

Até esta data recebemos sonetos dos seguintes senhores:

João Sampaio Junior, Edgardo Xavier de Magalhães, Francisco Pereira, Luiz de Fora, J. F. K., Henrique de Magalhães, V. G., Candido F. de Mendonça Junior e Salles Barbosa.

Lamentamos que alguns distinctos poetas tenham adoptado pseudonymos. Não ha razão para isso.

Neste prélio aos vencidos não haverá vergonha; além d'isso são trez os logares a disputar.

Emfim... cá estamos ás ordens e á espera.

GAZETILHA LITTERARIA

Livros rancezes

Damos em resumo o movimento bibliographico havido em França segundo o que dizem os ultimos jornaes d'ali recebidos:

HISTORIA E BIBLIOGRAPHIA

E. E. J. DE GONCOURT.—*Sophie Armetid*. Nova edição redigida segundo cartas e memorias ineditas da celebre actriz (Charpentier).

ALBERT DURUY.—*Hoch et Marceau*. Livro destinado á bibliotheca das escolas. (Hachette).

G. BENGESCO.—*Bibliographie des Oeuvres de Voltaire*. Divide-se em trez partes este notavel estudo sobre as obras do grande escriptor. A primeira comprehende: o theatro, a poesia, as grandes obras historicas, o Dictionario Philosophico, as questões sobre a Encyclopedie, e os romances; a segunda: as miscellanias e as obras edictadas ou annotadas por Voltaire; e a terceira consta

da correspondencia, obras completas e escolhidas, extractos, obras attribuidas a Voltaire ou impressas sob o seu nome. As duas primeiras partes já estão publicadas e a ultima está em vias de impressão.

LITTERATURA]

EMILE MONTEGUT.— *Etudes sur les écrivains modernes de l'Angleterre*. Occupa-se quasi que exclusivamente com o merito litterario de duas distinctas escriptoras insulares—George Eliot e Charlotte Brontë (Hachette)

ROMANCES

HENRI RABUSSON.— *Roman d'un fataliste* (Calmann Lévy).

TONY FERDÉ.— *Ilia Starkoff*. Analyse do caracter de uma mulher de tempera antiga. (Perrin).

ED. CADOL.— *Hortense Maillot*. (Calmann Lévy).

BEUGNY D'HAGERUE.— *Memoires d'un commis voyageur*. (Plon).

LOUIS LERICHE.— *Souvenirs d'un vieux libraire*. (Dentu).

SOSTÈNE CAMBRY.— *Mal du Pays*. (Plon)

PHILIPPE TONELLI.— *Amours corses*. (Calmann Lévy)

COMTESSE CHABRILLAN.— *Drame sur le Tage*. (Calmann Lévy).

ALFRED JULIA.— *Mataléo*. (Dentu).

LAFORET.— *La femme du comique*.

JULES CLARETIE.— *Jean Moruas*. (Dentu).

DIVERSOS

F. DE JUPILLES.— *Jacques Bonhomme chez John Bull*. Resposta aos numerosos pamphletos recentemente publicados em Londres contra a França (Calmann Lévy).

Publicações Anunciadas

ROMANCES

GORDON DE GENOUILLIAC.— *Au pays des neiges*. (Frinzine).

RICHARD O'MONROY.— *A' grande guide* (Calmann Lévy)

C. DE SAINT-CROIX.— *La mauvaise aventure*. (Giraud).

PAUL MARGUERITTE.— *Tous quatre* (Giraud).

J. MONTI.— *Madame Maturhin*. (Serra).

O editor Vieweg prepara diversas publicações; entre ellas citaremos—*La syntaxe latine d'après les meilleurs grammairiens* por M. Antoine, professor na Faculdade de letras de Tolosa; *Les vers français anciens et modernes* por A. Taubler, traduzido do allemão por Sudre e Brevil e prefaciada por Gaston Paris e os *Contes populaires lorrains* por M. Cosquin.

A livreria Plon reúne á sua collecção de viagens *Un printemps au Pacifique* (Les îles Hawaii) por M. Marcel Monnier.

PRADIER—FODERÉ.— *Traité de droit international publique européen et américain*. Tomo 2º (Pedone Lauriel).

J. E. DE GONCOURT.— O 2º volume dos estudos sobre as actrices no seculo XVIII—*Mme. Saint Hubert* (Bibliotheca Charpentier) *Dr. Beranger Féraud—Cortes de Senegambie*— Tomo IX da collecção de contos e canções populares (Leroux).

M. G. MONOD.— *Etudes critiques sur les sources de l'Histoire mérovingienne*. (Vieweg).

Livros portuguezes

A importante casa editora David Corazzi, de Lisboa, encetou a publicação da *Historia de Gil Braz de Santilhana*, romance immortal de Lesage, vertido a vernaculo por Julio Cezar Machado, o finissimo escriptor, a maior gloria do folhetim portuguez. Com um prospecto fez distribuir duas capas, impressas a cores, e o prologo do auctor.

A edição é primorosissima; «monumental» diz o prospecto, talvez sem exaggeração.

Terá 30 esplendidas oleographias e perto de 400 gravuras intercaladas no texto.

Auctor famoso, obra celebre, traductor eximio, edição luxuosa, principessa; quer dizer—successo estrondoso, para o edictor e verdadeira joia offerecida aos que amam as bellas obras bellamente impressas.

Livros brasileiros

Avena e cythara; versos, de João Ribeiro.

A *Divina Comedia* traducção em tercetos rimados, por José Pedro Xavier Pinheiro.

D'esta grande obra, que muito honrará as letras patrias depois de inteiramente publicada, já vieram á luz 5 fasciculos; nitidamente impressos.

Matmaes; poesias de Alberto J. de P. e Silva. Uma auspiciosissima estréa. (Alfredo Menezes).

O *Margal*, traducção do ultimo romance de Jorge Ohnet, por Visconti Conracy. (Garnier).

FACTOS E NOTICIAS

O HOMEM-LOCOMOTIVA

Não é um conto o que vamos escrever sob este titulo. É apenas uma noticia de *sensação* que deve agradar ao publico fluminense, que ultimamente se tem abarrotado com celeberrimas e novidades boas e más, exportadas pelo velho mundo, desde o celebre capitão Voyer até á bicharia do Salvini.

O *homem-locomotiva* é um homem de carne e osso, tal qual como nos, filho de Adão e Eva, sympathico e insinuante. Nasceu em Forli (Romania), conta 36 annos de idade e chama-se Achilles Bargossi.

É um andarilho que, não tendo encontrado rival na raça humana, a que elle tem a honra de pertencer, embora o procure ha 10 annos, quer ver se o encontra na cavallar. Corre como... como que? como quem fuge dos versos do Sr. Romero ou das arias do tenor Felipe. Em Roma apostou que andaria 24 horas a par de um cavallo. Ganhou a aposta, tendo o cavallo no fim de 23 horas cahido esalfado.

Ha mezes venceu em 5 dias 600 kilometros—vindo de Montpellier a Bordéas; e ultimamente veio de Lyon a Paris, gastando apenas 48 horas.

Este locomotiva chegou da Europa no dia 29 do mez findo. E chegou furiosissimo com a Natureza por não ter ligado a America áquella parte do globo. O Sr. Bargossi, com toda a certeza, queria almoçar no antigo continente, e depois do almoço acceuder um *havana* e fazer o seu chylo—vindo a pé a esta cidade de S. Sebastião, onde naturalmente procuraria um hotel que lhe d'esse um bife com batatas.

Toda a razão têm as folhas parizienses *Figaro*, *Soolcil* e *Patrie* em appellidalo—*homem-locomotiva*.

Prepare-se pois o nosso publico para admirar o Sr. Bargossi e com elle a sua esposa Josephine Bargossi que é tambem uma andarilha respeitavel.

Consta-nos que estreará no *Derby Club*.

Eis um homem de quem se póde dizer:—tem a força de 40 cavallos, pelo menos!

O Dr. Antonio Augusto Ferreira da Silva foi nomeado medico adjuncto da ordem de S. Francisco de Paula.

Deve chegar brevemente a esta corte Rodolpho Bernardelli, o joven, e já insigne esculptor brasileiro, auctor da *Faccira*.

Falleceram:—Nesta corte o desembargador Beltrmino P. da Gama e Mello; D. Maria Henriqueta Castrioto, de uma queda fatal que deu ao descer as escadas da Escola Normal; em Goyaz—o Sr. João Caetano da Silveira Pinto, official da secretaria do governo; em Porto Alegre—o Dr. João Ignacio Teixeira, juiz de direito da comarca de Santa Maria da Bocca do Monte; em Petropolis—o negociante José Gaspar da Cunha Freitas, um dos moradores mais antigos daquella cidade; na provincia das Alagoas—o capitão Pedro Theotônio da Cunha Lima; em Pernambuco—o major Vicente Elias Cavalcante de Albuquerque, D. Joaquina Emilia de Oliveira e Silva, D. Anna de Albuquerque Annes Jacome Pires; na Bahia—D. Clementina Antunes de Castro Menezes e o tenente-coronel José Tiburcio Pereira e Mello.

O Sr. Cantanheda de Moraes, um habil pharmaceutico, escreveu e publicará brevemente um compendio elementar de physica e meteorologia.

Convidados pela directoria do Derby Club, fomos na quinta-feira, á 1 hora da tarde, visitar o prado mandado construir por ella entre as estações de S. Christovão e S. Francisco Xavier, na estrada de ferro D. Pedro II.

Começando pela raia, cujo projecto foi traçado pelo Sr. Dr. Paulo de Frontin; encarregando-se dos trabalhos os Srs. Dr. Del Castillo e Berson, notamos em tudo um bom gosto extraordinario.

As archibancadas medem, cada uma, 50 metros de comprimento; entre ellas acha-se erguido o pavilhão para a Familia Imperial, contando 9 metros de comprimento e 11 de largura.

O terreno em que foi levantado o Derby-Club é extensissimo e está num local o melhor possivel. O trem especial que conduziu os convidados da estação central até lá, apenas gastou seis minutos de viagem; e os passageiros ao chegarem, têm logo diante de si a porta principal do Club, havendo uma outra porta junto á linha de bonds da Companhia Villa Izabel.

Muitas pessoas foram visitar o Derby Club e ao regressarem á cidade a directoria lhes offereceu na sua secretaria um delicado *lunch* em que muitos brindes se fizeram.

Agradecemos o convite que nos mandaram.

COLLABORAÇÃO

O RIO

Tranquillo o vi um dia, adormecido,
Tão docemente o curso seu seguindo
Que se diria um lago vasto, infindo,
De ligeiras gaiotas perseguido.

Depois o vi revolto, enfurecido,
Turvo, feroz, as vagas insurgindo,
Como um leão sahuado que, rugindo,
Sacode a juba e o dorso enraivecido.

Assim minh'alma, ás vezes socegada,
Dorme de sonhos bellos povoada,
Sem a sombra sequer de um so pezar.

Mas vem um dia um negro pensamento:
Turba-lhe a calma, inflige-lhe um tormento,
E gemedora vejo-a se agitar.

MARIO

CONSULTAS

A todas as que nos tem sido feitas temos respondido pelo Correio com a possível brevidade.

Mais uma vez rogamos aos nossos assignantes que nos consultarem o favor de nos remetterem o respectivo sello para a resposta; aos que o não fizerem responderemos sem franquear as cartas, o que lhes trará dobrada despeza, pois terão de pagar sello duplo.

Para evitar esse inconveniente fazemos novamente esta declaração.

Outrosim, recommendamos a maxima clareza nas consultas.

RECEITAS CULINARIAS

Abrimos hoje esta secção, especialmente destinada ás donas de casa e aos devotos de Brillat Savarin.

Todos os pratos doces ou guloseimas aconselhados aqui serão inteiramente ineditos, absolutamente novos, devidos todos á sabedoria culinaria do nosso novo e util collaborador *Cabrion*, um demonio que de tudo entende, que é jornalista, pintor, prestimano, photographo e... cozinheiro. E que cozinheiro, minhas senhoras, que cozinheiro! Vê-lo-ão quando tiverem posto em pratica as suas receitas. Aqui vai a primeira:

FILET A « SEMANA »

Lardêa-se de toucinho um pedaço de bom filet, faz-se-o permanecer durante 3 horas num molho de vinagre, louro, cebola, alho, sal, pimenta do Reino, salsa e cravo; trez horas antes de jantar ponha-se o filet numa panella com uma colher de manteiga, das de sopa uma cebola cortada em quatro, seis cenouras, um punhado de salsa, um dente de alho; deixe-se no fogo 10 minutos, tendo o cuidado de fechar perfeitamente a panella; em seguida deite-se-lhe copo e meio de caldo de coído e outro copo e meio de vinho Madeira ou Porto, e deixe-se ferver tudo isto uma hora; todos os adubos são triturados em um pilão; fêlre-se de pois o molho numa panella de ralo, atravez dos adubos já triturados e depois de ser o filet regado por este molho leva-se novamente ao fogo onde se deixará por mais uma hora.

E depois, é comer... e chorar por mais.

CABRION,

RECEBEMOS

— Da Sra. Francisca Gonzaga: « Se o forrêta stá de veneta... », polka da comedia *A filha do Guedes*; *Viver é folgar*, valsa final do 2º acto da mesma comedia.

— Da Bibliotheca Domestica a 13º fasciculo d'A *Estrella do Sul*.

— Dos Srs. Henrique Nicoud & C. os ns. 27 e 28 do 10º anno do *Salon de la Mode*, e *La Mode Illustrée*, publicados em Pariz a 4 e 5 de Julho do corrente anno e os fasciculos 26 e 27 do 5º anno da *Revue Politique et Littéraire*.

— A *Estação*, n. 14, anno XIV. Jornal de modas parisienses, dedicado ás senhoras brasileiras. Como sempre—magnifico.

— A *Scentilha*, ns. 1 e 2. Apareceu em Lisboa em 1 de Junho do corrente anno. Desejamos ao novo collega de além-mar vida rica e prolongada. Permutaremos,

— *Victor Hugo*—Discurso pronunciado na sessão solcmne do Congresso Academico pelo bacharel em letras João da Costa Lima Drumond.

— Do Sr. Coelho de Carvalho, consul de Portugal em Shanghai, um folheto intitulado *De la caracteristique des actes de commerce*.

— *Jornal das Crianças*, n. 2. Bom texto, bons desenhos e muito espirito... infantil.

— *O Mequetrefe*, n. 381, bem desenhado. D'esta vez mimoseou os seus assignantes e leitores com um bellissimo retrato de Duse-Checchi. Parabens ao Netto e ao Corrêa.

— *Corimbo*, ns. 1 e 2, revista mensal, que se publica no Rio Grande. E' sua proprietaria e redactora a distincta poetisa Revocata de Mello. Continue a visitar-nos; a collega é sempre recebida com especial agrado.

— Estatutos do *Club Dramatico Litterario Recreativo*. Este club foi installado em 4 de Maio de 1884, na freguezia de Nossa Senhora da Natividade do Carangola.

— Do Sr. Alberto e Silva um volume de suas poesias, intitulado *Matinaes*. Mais tarde, na secção competente encontrará o joven poeta o nosso juizo sobre os seus versos.

— Do illustrado Sr. Dr. Vieira de Mello o fasciculo n. 1 d'A *febre amarella perante os factos*.

— *Revista Maritima*, fasciculo n. 12, anno IV.

— *A Democracia*—(prospecto-lista) Aparecerá este hebdoinadario no dia 11 do mez proximo.

— Do Sr. Heitor Peixoto um folheto intitulado *O crime de Campinas*,

— *O homem de 400 annos*, fasciculo 3º

— Do Sr. José de Mello, representante da casa David Corazzi:

Historia de Gil Braz de Santilhana, por Lesage, traducção de Julio Cezar Machado, 1º fasciculo, com uma esplendida oleographia e gravuras. (Vide *Gazetilha Litteraria*.)

CORREIO

Sr. Roberto Villeron—Tomamos em consideração o seu pedido.

Sr. Araujo Costa—A sua poesia não será publicada.

Sr. Salles Barbosa, (Bahia)—A sua *Alcova* fica na sala de espera. E' esperar, Sr. Salles.

Sr. Franco de Almeida—Dos seus trez sonetinhos o que mais nos agradou foi aquelle que tem uns tercetos assim:

Aos beijos do sustão velho,
Vi mais de um labio vermelho
Como de um ebrío o nariz.

Por Zeus, pelas coisas santas,
As flores rubras são tantas...
O sol é muito feliz!

Sr. José Dias—O seu soneto é um pouquinho piégas. Aparecerá na *Collaboração*. Por enquanto, já deve saber, fica na sala de espera.

Vantagens dos assignantes d'A SEMANA

Além dos premios respectivos, têm os Srs. assignantes as seguintes vantagens, não proporcionadas ainda por nenhum jornal:—Têm direito á inserção gratuita de qualquer annuncio ou reclamação que não exceda de trez linhas, uma vez por mez.

— Têm igualmente direito a todos os supplementos e boletins que a folha publica. E ella publicará um supplemento ou boletim,—que será vendido avulso, separadamente, a 40 ou 60 réis,—sempre que houver qualquer facto importante, qualquer acontecimento de interesse publico.

— Além d'isso,—e esta é a principal vantagem,—tem qualquer dos Srs. assignantes o direito de consultar a folha, por carta assignada, uma vez por mez, sobre qualquer questão, duvida ou emergencia juridica, medica, commercial, litteraria ou de qualquer natureza, que se revista de character serio, e cujo objecto for importante. Obriga-se a redacção a responder-lhes por carta nos casos de urgencia, e pela folha nos outros. Para esse fim tem esta advogados, medicos, commerciantes, em summa:—pessoas competentes, encarregadas de responder a todas as consultas, assumindo a responsabilidade dos seus conselhos. Outrosim, promptifica-se a folha a ministrar aos Srs. assi-

gnantes todas as informações de que necessitarem. Este serviço, a que têm direito os Srs. assignantes, é igualmente gratuito. *A Semana* é o primeiro jornal que o apresenta no Brazil.

N. B.—Todas as consultas devem vir acompanhadas do respectivo sello, ou da sua importancia, para a resposta.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Dr. Henrique de Sá — Espec. Syphilis e molestias das crianças. Consultorio:—rua Primeiro de Março, 22. de 1 ás 3 horas da tarde. Residencia:—rua de S. Pedro, 294.

DR. F. PESSANHA
CLINICA MEDICA
CHAMADOS A QUALQUER HORA
Consultorio e residencia
28 Qua da Alfandega 28
RECADOS—QUITANDA, 86

EXTERNATO HEWITT
INSTRUÇÃO SECUNDARIA
E
COMMERCIAL
134 Rua do Rosario 134

A SEMANA 100 RS.!
TANGO DELICIOSO
COMPOSTO E OFFERECIDO
POR
ERNESTO DE SOUZA
conhecido auctor do tango *Setim*, e de outras applaudidas musicas, á redacção d'A *Semana*.
Vende-se no escriptorio d'esta folha a
1\$000

OBRAS
á venda no escriptorio desta
folha:
DE VALENTIM MAGALHÃES
QUADROS E CONTOS
por 2\$000.
COLOMBO E NENÊ
poemeto, 1\$000.
DO MESMO E FILINTO D'ALMEIDA:

O GRAN GALEOTO
traducção do drama de Echegaray, 1\$000.
DE ALFREDO DE SOUZA

AURORAS
versos, 2\$000.
DE L. MURAT:
QUATRO POEMAS
versos, 1\$000.

DE AMERICO LOBO:
EVANGELINA
traducção do poema de Longfellow,
1\$000.

A SEMANA

CORTE

Trimestre..... 2\$000
Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

PROVINCIAS

Semestre..... 1\$000
Anno..... 8\$000

Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

SUMMARIO

Historia dos sete dias.....	JOSÉ DO EGYPTO.
Politica e politicos.....	TOB.
Olhar de minha mãe.....	S. SOUZA JUNIOR
O Brazil e os brazileiros	YLANG-LANG
Comedia dos deuses.....	TH. DIAS.
Equivocou-se.....	PIFF-PEFF.
Vindicta (3 sonetos em 1)	H. DE MAGALHÃES.
O leite.....	G. DE MAUPASSANT.
Cofre das graças.....	BIBIANO.
Paginas esquecidas, <i>4 tra-</i>	
<i>vez dos Seculos.</i>	A. DE LIMA.
Soneto a premio.....	
Theatros.....	
A vida elegante.....	LONGNON.
Bellas Artes.....	A. PALHETA.
Poesia e poetas.....	A. SÉVIERO.
Factos e noticias.....	
Collaboração; <i>A Sultana,</i>	
<i>soneto</i>	C. DE ASSIS.
Tratos á bola.....	D. PASTEL.
Receitas culinarias.....	CABRION.
Recebemos.....	
Correio.....	
Annuncios.....	

A SEMANA

Rio, 8 de Agosto de 1885

HISTORIA DOS SETE DIAS

Quem quer que sejas, leitor, és feliz. Não protestes... E' inutil; não me desconvencerás de que és feliz.

Não me repliques que não tens dinheiro nem saúde, mas tens sogra. Que importa?

— Não és chronista da semana, não tens obrigação de entregar na sexta-feira pela manhã ao implacavel mestre José—a *historia dos sete dias*:—és feliz.

Qual! Tu não imaginas, leitor, que supplicio! Naturalmente seria este o que o *carnefice* da *Theodora* inventaria para arrancar a Marcello o segredo fatal, se a imperatriz, a *Divinidd*, não lhe atrapalhasse o capitulo.

Calculem que bello effeito theatral! Indiquemos a scena:

JUSTINIANO

Algoz, inventa alguma nova tortura, bastante horrivel para fazelo soffrer sobrehumanamente, e prolongada até que elle vomite o segredo infame.

MARCELLO

Céus! Estou convidado!

THEODORA (a Marcello)

Desgraçado! Estás ahí estás pondo tudo em pratos limpos.
(O algoz medita, com o furabolo encostado á frente).

JUSTINIANO (ao algoz)

Então, esse supplicio que saia!

ALGOZ

Prompto, patrão: achei!(aos seus ajudantes:) Tragam-me penna, papel e tinta e os ultimos jornaes, principalmente o — *do Commercio*.

MARCELLO (tremendo como varas verdes.

Será, porventura? ...

ALGOZ (apontando Marcello)

Escreverá a *Historia dos sete dias*!

JUSTINIANO

Bravos! bravos, rapaz!

THEODORA

Andréa está perdido! Essa infeliz vai dizer tudo!

MARCELLO

Pielade! Matem-me de qualquer modo:—a fogo lento, rodado, expremido, torcido, picado, cozido, frito, esfolado... Tudo! tudo—menos—a chronica da semana.

Olhem! escreverei *musas do Povo*, escreverei a *psychologia da imprensa*, o *Diario do Brazil*, as *balas de estalo do João Velhinho*, o artigo de funilo do *Apostolo*, as *defunctas Artes e manhas*, menos... menos a chronica!

JUSTINIANO.

E' bene! Escreverás... a chronica!

Marcello desmaia dez vezes num minuto; Theodora treme, Justiniano sorri cruelmente, os espectadores choram, o carrasco põe deante do condemnado uma resma de papel em branco, um barril de tinta, uma penna de ganso e os jornaes da semana...

O vos omnes, qui transit per viam, não podeis comprehender tolo o horror d'esse quadro funebre. E' para vós, Pimenta, Fonseca, Joaquim Maria, companheiros de supplicio, somente para vós o sentir-lhe a hediondez.

Não exagéro, leitor; acredite que não exagéro. A cousa é assim mesmo — tétrica e feia como tive o desprazer de pintal-a.

A um homem que disponha do «necessario para escrever», inclusive alguma intelligencia, não será por certo difficil fazer a chronica da semana, historiar os factos e os acontecimentos dos sete dias decorridos, desde que hajam acontecimentos e factos historievéis. E é isso exactamente o que aqui não ha; mas tambem—só isso.

Bem sei que em sete dias nasce muita gente (os bichos não se contam) baptisase, casa-se, morre muita gente; furtam-se muitos queijos ás vendas e muitos beijos ás moças; pregam-se muitos calos e muitos carapetões; dão-se facaldas e pontapés; fazem-se asneiras e favores... bem o sei.

Mas, Deus meu, toda essa frandulagem, alegre ou triste, feia ou bonita, impura ou casta, não é dos dominios da chronica, mas do noticiario miúdo, das occurrencias diversas, da *gazetilha*.

E tiran-lo-o, que nos fica?
Ai de mim! ai de vós, historia-lorez
semanaes!

Pensam talvez que isso foi um meio esperto de escrever a historia—não a escrevenlo?. Se pensam, offenlem-me e desolam-me destemperadamente.

Palavra de honra que é aquillo a verdade—minha como a cabeça do deputado Fernandes Malherbe Rosas, eria como o crã D. Pedro de Aragão, que tão bem se dá *No seio da morte*, e pura como o Conservatorio Dramatico.

Olhem, von lhes mostrar que o é. Aqui tenho a tira de papel em que apontei as cousas chronificaveis da semana, que pude pescar no *mare magnum* ensosso e revoltado da jornalada fluminense. Vou mostral-a, no sen flangrante desalinho de realidade:

« Vais na Camara — Callado em viagem — Conferencia Ruy Barbosa no Polytheama — Derby Club, Bargossi — Festejos do 7 de Setembro pela Illustrissima — Tentativa de suicidio da florista —... »

E mais... nada.

— Das vaias parlamentares nada diremos por dois ponderosos motivos: — para não entrar pela seira de *Tób*, o uosso collega a quem eabe a calamitosa missão de chronificar a politica dos sete dias, e para poupar á angustia Camara a gyrandola de adjectivos energeticos e dolorosos que teriamos de applicar-lhe ás abas da casaca, na impossibilidade de lhe assentarmos na dignissima nua um caustico piedoso e descommunal.

Limitamo-nos a registrar, como qualificação unica applicavel a esses actos vergonhosos dos nossos caros representantes, a phrase indignada do illustre moço Affonso Celso Junior, um deputado que honra o seu paiz: — *Desfaçatez inqualificavel, cynismo revoltante*.

Estas palavras são duras; mas para essas cousas é que se fizeram taes palavras.

— Do Sr. Callado não falaremos. O que d'elle tinhamos a dizer — dissemo-lo já. S. Ex. vem *justificar-se*. O governo ha de naturalmente, depois de ouvir o em confissão, absolvel-o plenamente dos seus peccados, e S. Ex. partirá para a Russia, lava-lo de culpa e pena, caudido como as candidas pombas, a representar o Brazil na corte de S. Petersburgo. Ah! se eu fosse a corte de S. Petersburgo!... O que vale ao ministerio, ao Sr. Callado e ao Brazil é que eu não sou a corte de S. Petersburgo.

— Da conferencia do Sr. conselheiro Ruy Barbosa diremos apenas que vimos um tachygraphio stereotypando-a, o que significa que dentro em pouco

poderão todos ler essa admirável peça oratoria, de uma eloquencia arrebatadora e de um sarcasmo implacavel, mortifero.

— Sobre o que foi a inauguração do Derby Club, e sobre o casal Bargossi — um par de locomotivas humanas — já o publico está sufficientemente informado e d'elle nos occupamos em outro logar d'esta folha.

— Restam-nos os futuros festejos do 7 de Setembro e a tentativa de suicidio da florista de Mme. Rosenwald.

Deixemos este caso. Lamentamol-o, mas absteemo-nos de commentar a por deficiencia de dados. A menina diz que tentou suicidar-se [por não poder mais supportar o mau tratamento de sua patria; esta, que a pequena tinha derriço com um visinho, a deshoras, da janella, e por isso a reprehendeu um tanto *riamente*. A verdade deve estar entre os dois extremos, como sempre.

Junte-se um pouco do que ambas dizem e estará explicado o triste acontecimento. Felizmente não passou do escandalo, do susto e de algumas contusões.

— A Illustrissima vae fazer jús ás eternas luminarias d'esta heroica cidade reerguendo do « profundo abatimento em que jazia » o entusiasmo publico pela patria independencia.

Em boa hora lhe veio tão boa idéa. O programma das festas, já publicado, é realmente de arromba, de se lhe tirar o chapéu com todo o respeito.

Iluminações, coretos, musicas, parque de artilheria, foguetorio, espectaculos gratuitos, regatas, cartas de liberdade, marcha *aux flambeaux* — o diabo a trinta e dois!

Sim, senhora Illustrissima — muito bem; muito bem.

Ora até que entim a nossa Edilidade vae-se fazendo digna, além da nossa « gratidão eterna », das nossas cordeas sympathias.

Estiquemos a nossa fibra patriotica, escovemos o nosso entusiasmo empoeirado, encommendemos commoção e *vivas* — para as grandes festas que se aproximam.

E a policia que se previna para acalmar o superabundante entusiasmo dos capoeiras pelo grito do Ypiranga.

Viva o dia 7 de Setembro, sim; mas, morrer por morrer, morra a nossa Independencia, que é mais velha.

JOSÉ DO EGYPTO.

A propria exaggeração desarma o es pantô.

L. DELFINO.

POLITICA E POLITICOS

Os que frequentam as tribunas e galerias da sala onde a camara dos deputados trata dos negocios publicos, a tantos mil réis por dia, sabem que ali é uso, quando um angusto quer rectificar a sua opinião, bradar

— Apello para o nobre deputado, que sabe destes factos.

E o nobre deputado, appellado nominalmente, respon le cheio de convicção e perdigotos:

— Apoiado. E' a pura verdade.

Nunea, porém, ninguem chegou á affinação do Sr. Fleury; que agora preside interinamente os trabalhos da camara, desle que o Sr. Franktin Doria poz-se ao fresco da cadeira de que se podia dizer, se não fosse tão chapa, que tem a espada de Damocles suspensa sobre o espaldar de espinhos, para quem não sabe cumprir com o seu dever.

O caso foi este:

O Sr. ZAMA (ora se não havia de ser o Sr. Zama!) requereu o encerramento do art. 5º do projecto que vae felicitar o paiz, tranquillizando a lavoura.

O Sr. PRESIDENTE.—Os senhores que approvam em 2ª discussão o art. 5º que diz — Ficam revogadas as disposições em contrario, queiram levantar-se.

Levanta-se a hoste pradista, que está sustentando o gabinete na rabadilha do grupo Zé.

O Sr. PRESIDENTE.—Foi approvedo. Os Srs. que entendem que o projecto deve passar á terceira discussão...

O Sr. CANDIDO DE OLIVEIRA.—Peço a palavra.

O Sr. PRESIDENTE.—Tem a palavra.

O Sr. deputado que pediu a palavra exigio que fossem discutidos os substitutivos, que o Sr. presidente queria atirar ao limbo. Nesta discussão de ordem tomaram parte Joaquim Nabuco, Alfonso Celso e José Marianno, prolligando o procedimento da mesa, e o Sr. Zama (ora se não havia de ser o Sr. Zama!) defendendo-o.

Terminado o incidente, o Sr. presidente declarou... dou uma, dou cem, dou mil aos leitores para advinharem: declarou que o projecto já havia passado á terceira discussão, quando a camara e os circumstantes bem viram que nem S. Ex. chegou a coneluir a consulta, quanto mais a votação!

Levantou-se, como era justo, grande celeuma. E advinhem como o Sr. Fleury sahio-se do embrulho? Dou agora cincoenta mil ao leitor para ver se acerta: o Sr. Fleury consultou a Camara se não era exacto que o projecto já havia passado á terceira discussão!

Consultar a Camara sobre um facto esta so lembraria ao conego Fclippe, ao diabo e ao Sr. Fleury.

Desde que S. Ex. está nessas disposições e tem por si a maioria hybrida que apoia o governo, faça um favorsinho a este seu amigo.

Depois de amanhã consulte S. Ex.:

—Os senhores, que entendem que é magnitico o nosso estado financeiro queiram levantar-se...

A maioria levanta-se e o cambio sobe que é um regalo.

Tob.

As palavras de amor são sempre as mesmas; porem tomam o sabor dos labios que as proferem.

GUY DE MAUPASSANT

OLHAR DE MINHA MÃE

Aquelle olhar que sinto em mim fixado, Inquieto, indagador, tem tal ternura, Que mais o vejo e mais se me afigura Ver dentro escripto nelle o meu passado.

Nasceu quando eu nasci; foi a meu lado, N'aquelle suavissima doçura, Como estrella a guiar-me em noite escura, E sempre o meu abrigo, eu—seu enidado

Olhar de minha mãe, tão casto e santo, Se me foges ás vezes é que o pranto, Quando soffro, occultar-me tu desejas...

Então sorris chorando... Uma tormenta A' luz do sol... Olhar que me sustenta, Olhar de minha mãe, bemdito sejas!

SOARES DE SOUZA JUNIOR.

O atheismo é o horisonte das más consciencias.

ARSÈNE HOUSSAYE.

O BRAZIL E OS BRAZILEIROS

CARTAS DE UM CHINEZ NO BRAZIL. A UM BRAZILEIRO NA CHINA

II

« Meu caro Luiz.

Quando ha dez annos desembarquei no caes Pharoux, em companhia de Teliu-Lin, — o meu velho e experimentado amigo, que a cachaca brasileira devia matar — ao contemplar com olhos deslumbrados a capital do unico imperio americano, senti a estranha e quasi inexplicavel impressão de haver chegado a uma grande cidade chinesa: Hong-Kong, por exemplo.

Como o d'esta, o panorama da cidade do Rio é a um tempo encantador e impo-nente, desenrolando pela lombada de uma montanha a sua enorme casaria, até vir mergulhal-a nas aguas.

As numerosas torres das egrejas substituiam os *chalets* e os *pagódes*, e a celagem prismatica do firmamento americano dava á cidade o pittoresco que lhe faltava e sobra em Hong-Kong pela variedade e vivacidade das cores e pelo bizarro das formas architectonicas. Mais tarde verifiquei ser mais profunda e estreita a semelhança entre as duas grandes cidades.

Vaes vel-a: Ambas — Rio de Janeiro e Hong-Kong, — são bonitas e sujas; o pittoresco do panorama e a riqueza das construeções contrastam lamentavelmente com a irregularidade e desasseio das ruas, mal calçadas, estreitas, mais ou menos sujas, com a multidão de homens de cor, negros e amarellos, mal trajados, morrinhetos, uns trabalhando no carregamento de mercadorias, outros passeando ou conversando indolentemente, de cooras ou deitados; todos fumando.

Eis aqui outro grande ponto de semelhança entre a cidade chinesa e a brasileira: — o fumo. O fumo faz nesta o que naquella faz o opio; como este, li, e aquelle usado aqui geralmente, com insignificante numero de excepções, e sob as mesmas formas: — em rolos ou eachimbos que se accendem e aspiram, ou mascado, como o *betel* pelos indianos, ou em pó, sorvido pelas ventas. O brasileiro apenas não usa do fumo em pilulas, com faz o chinês ao opio.

O commercio do Rio de Janeiro pertence quasi todo aos estrangeiros, tal como o de Hong-Kong; nesta são os inglezes os seus monopolisadores, naquella os portuguezes. Os nacionaes — por sua indolencia propria, devida ao clima e aos cruzamentos de raças e pela pouca energia moral e fraqueza de vontade do seu caracter — deixam-se vencer pela actividade febril mas methodisada e pela pertinacia d'animo dos portuguezes e pelas outras qualidades dominativas dos francezes e dos inglezes; de forma que se vêm obrigados a supportar e a reconhecer a supremacia mercantil dos seus hospedes.

Não te parecem interessantes estes pontos de semelhança entre as duas grandes cidades, tão diversas, aliás, a mil outros respeitos?

Accresce que ao desembarcar, ao dar os primeiros passos na primeira cidade da America do Sul — como aqui se diz — surpreendeu-me de modo singular a multidão de homens de cor: — negros, amarellos, pardos ou *mulatos*, como aqui lhes chamam, de cem variedades de *tom*, — que eu via formigando pela praça, agitando-se pelas ruas.

Isso deu-me a impressão de um porto asiatico, especialmente Hong-Kong. Depois fui vendo muitos *brancos*, mas quasi todos de cor morena e cabellos negros, se não são estrangeiros os louros, são filhos de estrangeiros.

Os teus patricios, meu caro, parecem-se quasi todos contigo; para descrever-te os bastar-me-á descrever-te a ti proprio.

Faze o favor de ir ao espelho e de examinar com alguma attenção o teu physico. Pouco recommendavel, ein? É verdade que sempre o é mais do que o meu, mas não é de mim que se trata.

Pois na sua grande maioria são os teus patricios como tu: magros, pallidos, compleição delicada e flébil, nervosos, impressionaveis.

Não são esses, contudo, os que menos trabalham e menos vivem. A anemia, como sabes, disfarça-se ás vezes em gordura; é talvez por isso que ha aqui muitos obesos que não poderiam resistir a um piparote dos meus nervos e dedos osqueléticos. É escusado dizer-te que ha muitos brasileiros, mesmo no Rio de Janeiro, robustos e corados, temperamentos á prova de... medico, que muito honram a terra de que são productos.

Vé tu quanto é poderosa a força centralisadora da capital do imperio, que a mim proprio ia-me absorvendo, afastando-me do vasto assumpto de que, para te ser agradavel, tenho de tratar, bem ou mal; obrigando-me, sem que eu sentisse, a falar-te d'ella, o capital quando o que eu desejo é primeira e principalmente traçar-te a physionomia moral do teu paiz, mostrar-te a grandes pennadas o que é o teu, o nosso Brazil.

Tu conheces a musica do Wagner? Has de conhecê-la, ao menos de nome, o que será caso para felicitar-te cordalmente.

Sabes que a musica do grande mestre allemão é geralmente chamada— a musica do futuro. Uma pilheria franceza mais profunda do que o pensa quem a inventou; se é que já não foi purgal-a no outro mundo.

Pois bem, o Brazil parece-me uma opera do Wagner.

É, physica e moralmente falando, um paiz accidentado, complicado, violento, fervido, estronhoso, abstruzo, assombroso, grande, adoravel, insupportavel e incomprehehivel. Um paiz—do futuro, em summa.

Já sei que não entendeste.

Pois isso mesmo é o que eu queria. O que justamente desejava era dar-te a idéa que eu formo do teu paiz; ora essa idéa é a mesma que formo da musica do grande patriarcha de Beirnth.

Mais obscuramente, talvez: eu não entendo este paiz. Acho-o a um tempo mesquinho e grandioso, sublime e insignificante, extraordinario e banal.

Sinto-o «tallado para as grandezas, pr'a crescer, crear, subir» tendo «nos musculos a seiva do porvir» como do Novo Mundo exclamou um poeta patricio teu:—Castro Alves.

Mas se considero as suas condições ethnographicas, reconheço que o organismo juvenil d'este enorme paiz é trabalhado poderosamente por terriveis elementos morbidos, fuestos, entre os quaes avulta e domina a Escravidão, numero hediondo, voracissimo, que nasceu com elle, por assim dizer, e que o tem reluzido em poucos annos ao estado misérrimo de um d'esses velhos paizes orientaes que desapareceram da face do mundo, apodrecidos, devorados pela syphilis secular de todos os vicios, deixando na Historia como signal do logar em que se afundaram— uma poça immensa de sanie mephtica.

O regimen da escravidão minou e rontaminou todos os ramos sanguineos d'este gigantesco organismo, afrouxou-lhe todos os musculos, careou-lhe toda a ossatura pachidermica, infeccionou-lhe todas as cartilagens, hyponthizou-

lhe inteiramente os nervos; e de tal sorte que fez d'este paiz novissimo, virgem, assombroso, em pleno vicio primaveral— um velho prematuro, decrepito, idiotado, meio podre.

Addiciona á Escravidão — o sedentarismo, o apego ferrenho ás tradições, o terror fanatico por todas as ousadias progressistas, o respeito supersticioso aos factos consummados, qualidades nocivas que os brasileiros herdaram de seus paes — os portuguezes; — a inclemencia d'este clima torrido que faz do trabalho uma tortura, da actividade um sacrificio; a ignorancia profunda, o cego analfabetismo do povo, disseminado por longinques e selvaticas provincias; a influéncia pernicioso do governo imperialista — esta inveterada e chronica autocracia disfarçada, este despotismo fanhoso e mellifno, de sapatos de duraque e cartola democratica... e terás as principais causas do *atrazo progressivo* d'este paiz, digno de melhor sorte, e comprehenderás a minha atrapalhada synthese de ha pouco.

Hoje não irei mais longe.

Na proxima carta dar-te-ei passageira idéa dos estragos e dos males que a Escravidão, em concurso com aquelles outros elementos perniciosos, tem causado ao teu pobre paiz.

Adeus; vou-me ao meu arroz — seu mais pausinhos nem ceremonias.

É's servido?

YLANG-LANG. »

A Redacção d'esta folha declara que não é nem pode ser solidaria com todas as idéas expendidas nestas cartas, as quaes, todavia, não alterará de uma virgula sequer, deixando ao criterio dos leitores julgar-as livremente, como em sua consciencia entenderem.

N. DA R.

COMEDIA DOS DEUSES

Do illustre poeta Theophilo Dias recebeu o director d'esta folha a seguinte carta:

« Eston passando a limpo a *Comedia dos Deuses*. Não é um trabalho original. É um poema extrahido do *thasvero* de Quinet, — tenue e crystallina gotta colhida num intermino oceano de poesia. A differença é que o grande oceano é em prosa sublimemente poetica, e a leve gotta apparecerá crystallizada e facetada em versos rimados.

« A primeira parte do *thasvero* do Quinet prende-se ao todo da obra por um fio tão imperceptivel que se pode quebrar sem prejudicar a acção geral. É em si mesma uma acção completa; é a acção do divino no tempo e no espaço, desde a ereação até o nascimento do Christo.

« A unidade entre os cantos é tão estreita, os vinculos de dependencia tão apertados que a leitura de um trecho avulso desmerece extraordinariamente. Não quero dizer que perde absolutamente o valor. Mas no seu logar, que differença!

« Não obstante estas apprehensões, accessiveis e familiares ao teu espirito de artista, mandar-te-hei, ainda que exclusivamente constrangido pela tua exigente amisade, um fragmento para a *Semana*.

Do teu etc.

THEOPHILO DIAS. »

O LEITO

(VERSÃO DE VALENTIM MAGALHÃES)

Em uma das tardes torridas do ultimo estio o grande *Hotel des Ventes* parecia adormecido, e os *commissaires-priseurs* adjudicavam os objectos com

uma voz monotona e quebrada. No primeiro andar, em uma sala do fundo, jazia a um canto num lote de antigas sedas de egreja. Eram soleiras, capas d'asperges e graciosas casúlas, em que grinaldas bordadas enroscavam-se em torno de letras symbolicas sobre um fundo de seda amarelhada, que de branca se tornara cor de creme pela acção de tempo.

Alguns revendedores esperavam, homens de barbas repugnantes, e uma mulher ventruda, uma dessas denominadas « *marchandes à la toilette* », conselheiras e protectoras de amores prohibidos, que tanto traficam com a carne humana, nova ou velha, como com os pannos e fatos, velhos ou novos.

Eis, no emtanto, que se põe á venda uma pequenina casula Luiz XV, linda como um vestido do marquezia, perfeitamente conservada, com uma procição de junquilha em volta da cruz, de longos iris azues subindo aos pés do sagrado emblema, e, nos cantos, coroas de rosas. Comprei-a; e ao receber-a percebi que della se exhalava um vago aroma, como penetrada ainda de um resto de incenso, ou antes: — como ainda habitada por essas subteis e doces emanções do Passado, que parecem lembranças de perfumes, a alma das essencias evaporadas.

Em casa, destinei-a para cobertura de uma cadeirinha da mesma epocha encantadora; mas, meneando-a, para tomar as medidas, senti sob os dedos um contacto aspero de papeis. Descozendo a dobra, algumas cartas cahiram de dentro da casula aos meus pés. Estavam amarellecidas, e a tinta esmaçada tinha a cor da ferrugem. Sobre uma das faces da folha, dobrada á moda antiga, havia estas palavras, escriptas por mão delicada:

« Ao Sr. Abbade d'Argencé. » As trez primeiras marcavam *rende-vous*, simplesmente. Eis a quarta:

« Meu amigo, estou doente, muito doente e não posso abandonar o leito. A chuva está rufando nas minhas vidracas, e eu fico mollemente, callidamente pensativa, no calor das roupas. Tenho nas mãos um livro, um livro que eu amo, que me parece feito com um pouco de minha propria pessoa. Devo dizer-lhe qual seja? Não: o Sr. ralharia commigo. Depois que leio um pouco, fico a scismar, a scismar; e vou-lhe dizer em que.

« Puzeram-me atraz das costas travesseiras em que me recosto para conservar-me sentada, e escrevo-lhe sobre a mimosa escrevaninha que me deu de presente. Estando ha trez dias no meu leito, é no meu leito que penso, e mesmo dormindo penso nelle.

« O leito, meu amigo, é toda a nossa vida. Nelle se nasce, nelle se ama, nelle se morre.

« Se eu tivesse a penna do Sr. de Crebillon eu escreveria a historia de um leito. Quantas aventuras commoventes, terriveis, graciosas, enternecedoras! Quantos ensinamentos e quantas moralidades não se aproveitariam della, para todo o mundo?

« Conhece o meu leito, meu amigo; mas não imagina que de cousas ha trez dias descubro nelle, e como o amo, cada vez mais! Parece-me habitado, visitado, direi melhor, por uma porção de pessoas, de cuja existencia nem suspeitava, e que, no emtanto, deixaram alguma coisa dellas nesta cama.

« Como pode haver quem compre leitos novos, leitos sem memorias? O meu, o nosso, tão velho, tão usado, tão espaçoso, deve ter conhecido muitas existencias, do nascimento á morte. Pense nisso, meu amigo; pense em tudo isso e ha de encontrar vidas in-

teiras entre estas quatro columnas, sob este estofado estendido sobre as nossas cabeças e que tantas cousas deve saber: (que não tem elle visto nos trez seculos que ali tem estado?)

« Olhe, aqui está estendida uma moça. De tempos em tempos solta um suspiro, depois um gemido; cercam-na seus velhos paes; e eis que sac della um entesinho crispa lo, enrugado, miando como um gato. E' um homem que começa. Ella, a joven mãe, sente-se dolorosamente feliz; soffoca a alegria ao ouvir aquelle vagido, o primeiro, estende os braços, falta-lhe o ar, e em volta choram com delicias; porque este pedacinho de creatura viva, separado della, é a familia continuada, a prolongação do sangue, do coração e da alma dos velhos que o contemplam, tremulos.

« Agora, são dois amantes que pela primeira vez se encontram, carne com carne, neste tabernaculo da vida.

« Tremem, transportados de alegria; sentem-se junto um do outro, deliciosamente; e, pouco a pouco, as suas boccas se approximam. Confunde-os este beijo divino, este beijo que é a porta do céu terrestre, este beijo que canta as delicias humanas, que as promette todas, que as annuncia e que as precede.

Que haverá de mais suave, de mais perfeito no mundo do que esses abraços fazendo um só de dois entes, e dando a cada um no mesmo instante o mesmo pensamento, o mesmo desejo e a mesma doida alegria, que desce nelles como um fogo devorador, mas celesste?

« Pense agora na morte, meu amigo, em todos os que exhalaram para Deus o seu derradeiro suspiro neste leito. Sim, porque elle é tambem o tumulo das esperanças mortas, a porta que fecha o mundo, pouco depois de haver sido a porta que o abre. Quantos gritos, quantas angustias, quantas dores, quantos desesperos melancolicos, quantos gemidos de agonia, quantos braços estendidos ao Passado, quantas invocações ás felicidades extinctas para sempre, quantas convulsões, quantos estertores, quantos esgares, quantas boccas contorcidas, quantos olhos virados — não tem visto e não tem ouvido este leito, — don'te lhe escrevo, — durante os trezentos annos em que tem prestado abrigo aos homens?!

« O leito, creia, é o symbolo da vida; convenci-me disso ha trez dias. Fora da cama não ha nada realmente bom.

« Não é o sonho um dos nossos melhores momentos?

« Mas é tambem no leito que se soffre! Elle é o refugio dos doentes, um logar doloroso para os corpos esgotados de forças.

« O leito é o homem. Jesus, Nosso Senhor, para provar que na La tinha de humano, parece não haver tido nunca necessidade de um leito. Nasceu na palha e morreu na cruz, deixando ás creaturas como nos a molle cama do repouso.

« Quantas cousas mais não me vieram ao pensamento?! Mas não tenho tempo de contar-lhas; e, quando tivesse, lembrar-me-iam todas? Além de que estou tão cansada que vou fazer retirar os travesseiros, estender-me a fio comrido e dormir um pouco.

« Venha ver-me amanhã, ás trez horas; talvez eu já esteja melhor e possa provar-lho.

« Adeus, meu amigo; aqui tem as minhas mãos: beijê-as; e aqui estão tambem os meus labios... »

GEY DE MAUPASSANT.

VINDICTA

(TREZ SONETOS EM UM)

Ai! não te a loro, não!
Meu peito não te quer,
Findou-se o teu condão.
O' pallida mulher,

Só sabes apreciar
O ricaoço senil
Tu não sabes amar,
Só sabes o que é vil!

Domina-te a vaidade;
E's fátua, muito fátua,
Ouve-me esta verdade:

O povo inda te incensa:
Mas eu desprezo a estatua!
Lanço-te ao rosto a offensa,

não penses que te preso;
ô desbotada flôr...
Se é grande o teu desprezo,
foi grande o meu amor!

o potentado Cresco,
p'ra ti só tem valor,
anjo à materia preso—
Tu já não tens pador!...

amas a pompa estulta...
és hoje uma impudica,
o mundo não te insulta,

é porque tu tens ouro!
O' prostituta rica,
arrojo-te ao desdouro!

HENRIQUE DE MAGALHÃES

Estes dois sonetos, distinctos e completos, formam um terceiro, em alexandrinos, lendo-se como se fossem um só.

N. da R.

Equivocou-se

Nise era uma *cocotte* conhecida
por quasi meio mundo;
rapariga feliz de larga vida.
Luxuosa e que sabia a fundo
todas as vis dissoluções da moda;
que, bohemia bella,
ostentava nas praças, francamente,
com presumpção, seus vicios elegantes.

Um dia, numa roda,
um dandy disse que ella,
a Nise, a moça livre, so de amantes
tinha uns nove ou uns dez seguramente.

Porém uma senhora
prudente e seria, que na roda estava,
o dandy interrompeu: «E' o que faltava,
Dez amantes apenas!» e em voz alta
assim continuou: «Eu quero agora
de amantes ter o mais que à Nise falta!»

PERF

COPRE DAS GRAÇAS

— Conheces o Tamagno?
— Conheço — de ouvido.

De um jornalista *encoberto*, de quem
se fala bastante, mas de quem se não
cita nenhum artigo passavel, dizia um
dia destes, *Eloy o heróe*:

— E' um jornalista — à milaneza.

— Não imaginas como é estúpida
aquella minha prima; dizia o A. ao L.
na rua do Ouvidor, ao passar uma
moça, que elle complimentou familiar-
mente.

— Pais é pena: — é bem bonita!

— Uma estupidéz córnea, meu caro;
insistio o A.

— Eis aqui um ponto de semelhança
entre tie e Balzac: — Tambem tens a
tua *Cousine Bette*.

Um surdo, que passava no momento
— desmaiou.

Na rua de S. Bento existia; em S.
Paulo, uma loja de amolador com esta
inscripção na parede:

« Ao médico das *thesouras e navalhas*. »
Eis ali um doutor em amolação!

BIBIANO

PAGINAS ESQUECIDAS

Sob este titulo abrimos hoje esta
secção, unicamente destinada ás perolas
litterarias que o po do esquecimento
cobrio nas sombras do passado, mais
ou menos remoto.

Quantas formosas paginas da nossa
e da litteratura portugueza não estão
hoje esquecidas? Relembra-las é o nosso
desejo e fim. Neste logar, sempre que
for possível, encontrarão os leitores
uma dessas paginas, em prosa ou em
verso.

Ao lado das preciosas joias litterarias
do momento actual, quer *A Semana* col-
locar as velhas joias deslembradas, cujo
brilho o po do tempo não conseguiu
marear.

Ao lado de bellas paginas ineditas,
desconhecidas — as bellas paginas, ou-
trora famosas, mais não relidas.

E' um logar para resurreições — este.
Releiam-se e revivam as — *paginas*
esquecidas!

Para principiar, offerecemos-lhes uma
belíssima poesia de Augusto de Lima, o
inspirado poeta mineiro, que tão admi-
ravelmente começou a sua carreira
poetica, hoje interrompida pelos arduos
trabalhos da sua profissão de magis-
trado.

Atravez dos seculos vio a luz em
S. Paulo, em o n. 10 d' *O Bohemio* (8 de
Outubro de 1881) hebdomadario illus-
trado, de que foi director o d'esta folha.

ATRAVEZ DOS SECULOS

*O globo estava escuro, o firmamento — baço;
Arrebatado na aza invisivel dos ventos,
Eu ouvia gemer no indefinido espaço
As velhas gerações e os seculos poentos.*

*Filhos de antigos sóes, filhos dos novos dias,
Monstros, idolos, reis, virgens de rostos pulchros,
Corpos vazios d'alma, almas — de amor vazias,
Erguiam-se a meus pés, do fundo dos sepulchros.*

*Como ondas que as marés não arrojando ás plagas,
Num denso remoinho electrico de gritos,
Eu ria o turbilhão dessas humanas vagas
A ferver no cairal dos tempos infinitos.*

A guerra fratricida, a tyrannia, o roubo,
A prostituição, as tramas hediondas,
Mecanina—a devassa, Heliogabalo—o tobo,
Todos ei, a rolar, arrastados nas ondas...

E o vento cada vez tornava-se mais forte,
E o ruído crescia, e a tréva era mais densa...
Nisto, ouvi rebentar dos ragalhões da Morte
Um grido, que ecôou pela abobada immensa...

E subito acalmou-se a agitação das massas,
O vento me depoz, Um estellino albor
Vinha lavando o céu das lugubres fumaças;
Era a constellação das lagrimas do Amor.

AUGUSTO DE LIMA

As mulheres romanescas amam os
homens prosaicos. A natureza não quer
perder os seus direitos.

A. HOUSSAYE.

SONETO A PREMIO

Vide ns. 28 e 31 d'A Semana.

Temos quinze concurrentes.

Durante esta semana recebemos mais
os sonetos dos seguintes Srs.: Ovidio
Mello, D. Maria Zalina Rolim, F. Alipio,
Bernardo de Oliveira, M. Pinto
Neves, M. Galvão Sobrinho.

A Normandia é a terra da maçã.
A maçã é o fructo de Eva. E' por isso
que a mulher é sempre um pouco nor-
manda em amor.

A. HOUSSAYE.

THEATROS

THEODORA

Muita gente foi lograda com a repre-
sentação da celebre *Theodora*, de Sar-
dou, trazida até nos pelo Sr. Chiacchi.

O publico correu ao theatro S. Pedro
contando ver maravilhas, e voltou
convencido de que nem tudo o que luz
é ouro.

Theodora, que não é uma tragedia,
que não é uma comedia, que não é um
drama, participa de tudo isso e parece
até entrar um pouco pelo dominio da
opera lyrica e, o que mais, da opera
comica.

E' uma especie de zarzuela sem mu-
sica, um dramalhão com pretensões a
peça historica; uma tragedia em lin-
guagem de comedia, uma comedia sem
espírito e cheia de *ficelles*, com um rei
de magia e mais outras calamidades,
como sejam envenenamentos, estran-
gulamentos, punhaladas e o resto.

Theodora é commum de todos os ge-
neros theatraes; não tem character, não
tem litteratura, não ensina, não cor-
rompe, não enthusiasma; mas diverte.

Diverte, porque foi arranjada, não
com arte nem sciencia, mas com geito.
O publico não chora com os persona-
gens da peça, não os toma a serio; mas
acompanha-lhes os passos com um certo
interesse e um risinho á superficie dos
labios.

Em Pariz ella servio para se ver até
que ponto vae hoje a moderna arte de
encenação e até que ponto chegou o
barulhento prestigio de Sarah Ber-
nhardt.

Entretanto, o dialogo do ultimo qua-
dro, que é o menos carregado e o mais
verdadeiro de todos elles, respira um

certo perfum de poesia, e não deixa de
ter o seu *que* de humano, quando a ce-
lebre meretriz imperial, depois de ou-
vir uma terrivel descompostura do
amante, observa-lhe que elle ainda a
ama, porque ao contrario não a insulta-
ria tanto.

E' de bom effeito aquella paixão sen-
sual, irresistivel, que atrai uma impe-
ratrix substituta aos pés de um moço
valente e revolucionario, e que lhe ar-
rança de dentro da carne estas pa-
lavras:

— Mas porque ha de ser que, apesar
de tão brutalmente offendida, eu não
posso me tirar de junto d'elle? Anda!
Insulta mais! Descompõe ainda!

Quanto á interpretação que deu á
Theodora a companhia Chiacchi, se não
foi brilhante como a que teve na *Porte*
S. Martin, foi ao menos mais propria
e mais conscienciosa.

Duse-Checchi, a quem falta figura
para fazer a mulher de Justiniano, apre-
senta-se rigorosamente trajada á bysan-
tina, e não cedeu, como Sarah Ber-
nhardt á phantasia de trazer um ves-
tido elegante, com seis metros de cauda.

E afinal Sarah teve razão; porque,
mettida naquella especie de casula,
faria o effeito de uma sandwich.

Theodora é um papel difficil, não
pelo que exige de esforço artistico, mas
pela difficuldade de representar fiel-
mente o typo de uma mulher cele-
brada mais em honra da sua historica
formosura, do que por outra qualquer
qualidade.

A actriz que o fizer deve lembrar ao
publico a correção da esculptura an-
tiga; deve ser bella, forte e violenta
nos sobresaltos do seu amor. Duse-
Checchi não conseguiu isso, porque
isso não se consegue com o talento.

Nos a preferimos em qualquer outra
peça do seu repertorio, o que egual-
mente succede a respeito de Andô, que,
embora correcto e consciencioso como
sempre, não conseguiu dar-nos um An-
dréa completo, de Masi e de todos os
outros artistas da companhia, excep-
ção feita da que se encarregou da
feiteira Tanyres, em cujo papel, sen-
tió-se mais á vontade do que os seus
collegas nos que lhes couberam.

Quanto á *mise-en-scène* — nem opu-
lenta, nem pobre: aceitavel. Os vesti-
dos de *Theodora* e Justiniano são ricos.

A companhia representa hoje, em
ultima recita de assignatura, o *Divor-
ciemo-nos!* — peça em que Duse e Andô
agradaram muitissimo.

E *Frou-Frou*, quando a repetirão?

O estimado actor Simões organ'ou
uma companhia dramatica de que fa-
zem parte Apollonia, Moniz, Ferreira,
Adelaide Pereira e quasi todos os ar-
tistas da extincta empresa Apollonia.

Estréa hoje no Sant' Anna com *O Pa-
llaco*, um drama conhecido e que agra-
dou muito.

A nova companhia vae fazer breve-
mente uma excursão pelas provincias.

Que seja tão feliz quanto merece — é
o que lhe deixamos.

A companhia do Recreio Dramatico
que interrompeu as representações da
lenda de Echegaray — *No seio da morte*,
vae continuá-las na proxima semana,
sendo a primeira representação da *re-
prise* a recita dos traductores. O dia não
está ainda mareado.

O mais frequentemente não é o espi-
rito, é a animalidade que nos salva em
nossas paixões.

A. HOUSSAYE.

A VIDA ELEGANTE

Mais um concerto brilhante realizou
na quinta-feira o Club Beethoven.

O programma, como sempre, foi bem
escolhido e nelle se fizeram ouvir, muito
applaudidos por um selecto au-lietorio
os Srs. Otto Beck, F. Bernardelli, F.
do Nascimento e outros distinctos con-
certistas, cuja proficiencia é bem co-
nhecida dos frequentadores do Beetho-
ven.

Popper, Schumann, Ponchielli, Ernst,
Spohr, Boito, Oschakowsky, Jadas-
solni, Beethoven e Nascimento são
nomes que ainda a esta hora devem ser
recordados agradavelmente por todos
aquelles que tiveram a felicidade de
passar alguns momentos deliciosos, ou-
vindo as suas peças executadas com
toda a mestria.

Papillons, de Popper, para violoncello,
foi bisada e ao Sr. F. do Nascimento
couberam muitos, muitos applausos;
mas tambem o Sr. Nascimento abri-
lhantou tanto aquella excellente festa
que não podiam fazer outro cousa se-
não applaudil-o calorosamente.

Que continue o Club Beethoven a or-
ganisar magnificos concertos como o
de quinta-feira é o que sinceramente
desejamos. E é de esperar, porque nisto
é muito caprichosa a sua digna dire-
ctoria.

LORNON.

Uma carta de mulher, por mais amo-
rosa que seja, é sempre uma lettra á
vista, que é preciso pagar, qualquer
que seja a moda.

A. HOUSSAYE.

BELLAS ARTES

Ha mezes que fomos surpreendidos
pela tristissima noticia da morte de Ge-
neroso Frate, artista de muito talento,
apenas no alvorecer da existencia, e que
ainda não contava um anno de domi-
cilio em nosso paiz.

Abandonando o mundo, quando a
madrugada de sua vida começava a tin-
gir-se de alegres cores, não teve tempo
de popularisar o seu nome que, ao certo
teria encontrado sympathias por entre
corações sensiveis e intelligencias cul-
tas. Modesto e alegre, alegre por ex-
cellencia, deixando ver, na physiono-
mia, os seus mais puros traços, como
se dentro d'alma tivesse, constante-
mente, a cantar um bando de canarios
Generoso passou por nós quasi des-
conhecido.

Poucas vezes expoz, e mesmo, dizia
elle a todos que não ambicionava a
gloria. Trabalhava por satisfação pro-
pria, contentava-se com pouco dinheiro,
queria ser alegre, queria ser bom, sem-
pre encontrava em cada pessoa que lhe
estendesse a mão um camarada sincero,
sem desconfiança e sem odios.

E realisava esse desejo, que, para
mim, é a mais forte, a mais exhuber-
rante prova de bondade e de cons-
ciencia que se poderá apresentar.

Agora, que d'elle resta apenas lem-
brauca na memoria dos poucos que o
conheciam; agora, que a terra haurio
de todo a materia decomposta d'aquelle
laborioso cerebro, fecundando com ella
as raizes dos cyprestes e os troncos das
roseiras, vae o seu nome ser pronun-
ciado com estima por todos que hajam
visto os seus trabalhos expostos na
casa De Wilde.

Pela iniciativa do Exm. Sr. Consul
da Italia e do paysagista Facchinetti,

foram reunidos todos os bosquejos, desenhos e esboços que Generoso deixara no atelier, para, por meio de uma venda, reunir quantia que possa mitigar as necessidades da pobre e velha mãe do artista.

Generoso possuía um estylo largo, amplo, expresso com immensa habilitade de traço, quasi sempre seguro e delicado. Por alguns desenhos expostos, poder-se-á julgar bem dos seus conhecimentos e determinar a sua maneira. Não era um artista grave, compenetrando-se de assumptos cuja execução exigisse methodo e grande somma de saber; tinha a leveza, o contorno rapido e elegante dos decoradores, e o toque simples e forte dos impressionistas.

Esta facilidade de fazer rapido deixa adynhar a lucta que o artista havia de travar para executar *sujeitos* em grande estylo, quadros de grande escola, e por isso, se bem que não lhe faltasse sentimento artistico, escolhia sempre assumptos que podessem equilibrar-se com a sua força e estivessem de accordo com a sua maneira e o seu temperamento. Na *palheta-suja*, retrato da Exma. esposa de um dos nossos intelligentes artistas, no retrato esboçado de Nicoláu Fracchinetti, no *Somno da infancia*, nas porcellanas desenhadas a fumo, nos pequenos bosquejos a lapis e nas *esquissas*, sempre encontra-se o mesmo genero decorativo, a mesma maneira despretenciosa e facil, elegante e ligeira. Entre os trabalhos expostos ha um retrato de senhora, retrato grave, em que faltam aquellas ondas caprichosas de gaze, aquelles tons brilhantes de sedas claras, aquelles toques factos, copiados em modelos cheios de moidade e de graça.

Este retrato destoa completamente do resto de suas obras.

E' bem desenhado e é bem pintado, porém ha o quer que seja que o faz frio, que o deixa parecer incompleto, sem verdade, sem vida, como se o artista o tivesse copiado de cartão photographico para satisfazer, simplesmente, a uma encomenda.

A mim, não me custa crer que uma vez afastado de *sujeitos* que possam facilitar a phantasia, o artista muito tinha a perder. E esta asserção é comprovada por esse unico trabalho, tão isolado de todos os outros, tão triste no agrupamento d'aquellas obras em que se está vendo uma personalidade, a authentica expressão de um temperamento alegre, bulicoso.

Quando um artista se habitua a tomar assumptos relacionados uns com os outros, quero dizer, eguaes na maneira de fazer, custa a apresentar obra que satisfaça, em genero diverso.

Ainda no *Salon* d'este anno isto ficou provado com os dois quadros de Clairin — *Après la victoire* — e — *Les maures en Espagne*, que, na opinião da critica parisiense, são duas obras executadas com muito talento, mas que longe estão de recordar o delicado Clairin de trez annos passados, o sympathico auctor de *Frou-frou*.

Entquanto ás obras de Generoso, essas obras apenas esboçadas que vão ser postas à venda, digo convicto — são boas, são muito boas.

ALFREDO PALHETA.

O que vulgarmente se chama uma menina *bem educada* é uma rapariga muito mal educada, uma mulher inutil.

PROUDHON.

POESIA E POETAS

Com o titulo — *Bohemias* publicou o Sr. Arthur Duarte um volume de poesias que, resentindo-se ainda dos defeitos proprios de quem estreia, todavia, é uma prova de que o seu auctor tem talento e que para o futuro poderá offercer-nos outros trabalhos de merito mais elevado.

Quem começa como o poeta das *Bohemias*, contrahe desde logo uma obrigação para com aquelles que applaudiram e apreciaram os seus versos.

Esta obrigação é a de apresentar mais tarde trabalhos onde a impressionabilidade do homem esteja a par das qualidades intrinsecas do artista; onde se reconheça que o poeta se desenvolveu e que os seus dotes poeticos se accentuaram.

E' preciso evoluir, dar aos seus trabalhos um cunho mais original; estudar, observar, impressionar-se para modificar o ambiente das suas idéas; saber sentir e saber externar e descrever o que sente e o que pensa.

Acreditamos que é esta a aspiração de todos aquelles que estreiam.

A vida do poeta é mais complexa, é mais intensa do que a de qualquer outro homem. A poesia suppõe relações mais directas com os phenomenos naturaes que cercam o individuo, com a marcha crescente das idéas, com a trajectoria traçada ao pensamento pela nova concepção das cousas.

Vacillando ainda, impulsionado antes por uma simples intuição da arte poetica do que pelo conhecimento do que seja realmente a poesia, o joven poeta das *Bohemias*, deixa ás vezes transparecer nos seus versos uma impressionabilidade, uma doçura de temperamento que se expande pela primeira vez, que se extasia deante da natureza, mas que não a comprehende bem, que não possui ainda a força necessaria nas suas azas para equilibrar-se, para subir até onde possa attingir a sua phantasia de poeta.

Acreditamos, contudo, que o Sr. Arthur Duarte procura alcançar o logar que lhe está reservado como cultor das letras.

Porém isto só conseguirá estudando e estudando muito.

E' preciso oppor um obstaculo à corrente que costuma envolver e arrastar em suas aguas os moços de talento em nosso paiz.

Muito creança ainda para resistir às tendencias da sua natureza irrequieta e versatil, o poeta das *Bohemias* deixa-se levar pela espiral de fumo de seus sonhos de moço, cuidando mais do agradável do que do util.

De duas uma: ou o poeta alimenta a sua intelligencia, amplia-a, robustece-a, ou então abandone de uma vez para sempre a poesia. Deve comprehender que de hora em deante todos os livros que publicar devem ser muito superiores ao livro com que prendeu o seu nome à litteratura patria. A ter de parar nas *Bohemias* é preferivel não escrever mais versos. Se falamos com esta franqueza é porque ha neste volume de versos alguma cousa que nos dá a convicção de que o seu auctor é poeta e de boa tempera.

AMBROSIO SEVERO.

Em Inglaterra um cão da camara dos Lords preferiria cortar seu rabo a ser visto conversando com um cão da plebe, fosse elle tão honesto como Catão ou solido no trabalho como uma machina.

EÇA DE QUEIROZ.

FACTOS E NOTICIAS

SPORT

Estreou magnificamente o *Derby Club* no domingo passado. A concorrência foi extraordinaria; o que não admirou a ninguém, tratando-se de uma inauguração e sendo dos melhores, dos mais famosos cavallos os que deviam correr. As obras não estavam concluidas; mas agradaram geralmente pela solidéz, elegancia e largueza com que estão sendo construidas.

Foram animadissimas as corridas; foi pena que o ultimo pareo se realizasse depois do anoitecer, o que foi de grande inconveniencia. Bargossi, o celebre andarilho e sua mulher *andaram e correram* denodadamente, a valer.

Correr 2000 metros em 11 minutos não é brincadeira.

Boa festa; parabens.

Amanhã — corridas no Jockey Club, Tentador programma! Se ousassemos palpitar...

Ousemos... ousar. Palpitemos.

No primeiro pareo uma *poule* na *Regalia*; mas, por causa das duvidas; vá, meia *poule* na *Africa*; no segundo pareo — tudo em *Phrynéa*.

No terceiro — muito em *Sybilla*, mas seguiremo-nos também no *Druid*; não é impossivel que seja este o vencedor; no quarto — tudo em *Lucifer*; no quinto — deve ser esta a ordem dos cavallos ao chegarem: *Sylvia II*, *Boreas* e *Talisman*; no sexto — muito em *Damieta* e no septimo — tudo, tudo em *Atalanta*!

E enganar-nos-emos?

Em todo caso são estas as nossas palpitações.

Sabemos que o nosso distincto patriota Carlos de Mesquita acaba de ser contemplado com duas menções honrosas nas classes de orgão e fuga do Conservatorio de Paris.

Ao esperançoso musico os nossos sinceros parabens.

O PROGRAMMA AVISADOR, ao qual desejamos uma vida sempre brilhante, como teve até agora, — completou no dia 5 um anno de existencia e nos mimoseou com uma elegante caixinha de sabonozas amenloas.

Enviamos d'aqui as nossas sinceras felicitações ao collega e... *mille grazie, mille grazie*.

BALÃO JULIO CEZAR

O *Diccionario Universal Portuguez* dedicou algumas paginas a este nosso distincto compatriota, na parte referente aos balões. A pagina 611 traz elle uma bellissima noticia sobre a descoberta da direcção dos balões, e trata de uma maneira altamente louvavel do systema — Julio Cezar.

Os nossos leitores devem saber que o nosso compatriota foi victima da esperteza dos Srs. Ch. Renard e A. Krebs, capitães francezes, que se aproveitaram da sua idéa, e querem roubar-nos e ao seu auctor a gloria d'esta grande descoberta.

A este respeito diz o *Diccionario Universal*: «O que é lamentavel é que não tenham feito ao engenhoso inventor a devida justiça, conservando-lhe perante o mundo scientifico a gloria indiscutivel da idéa por elles aproveitada.»

Esta esperteza exigia um protesto energico e prompto. Julio Cezar fello e publicou-o em Pariz. O *Diccionario Universal* transcreve-o na sua integra.

Em nome de todos os brasileiros agradeçamos ao illustre Sr. Fernandes Costa, director d'esta importantissima encyclopedia, as paginas dedicadas ao nosso distincto compatriota.

Falleceram :

- em Portugal, o commendador Luiz Antonio da Costa Braga, antigo negociante desta praça e ultimamente director do Banco Commercial de Braga; era pae do conhecido empresario Braga Junior;
- em Sergipe, D. Rosa Candida Dias Sobral;
- no Pará, o major Esculapio J. do O. d'Almeida;
- na provincia do Espirito-Santo, o fazendeiro Cantidiano Vieira Coitinho,
- em Lorena, o Sr. conselheiro José Bento da Cunha Figueiredo Junior; filho do senador José Bento e director geral da secretaria da justiça;
- no Rio Grande do Sul, em Livramento, D. Anna Marins; e no Rio-Grande, o coronel Antonio Bonone Martins Vianna, na idade de 72 annos;
- em S. José de Além Parahyba, João E. Teixeira Coelho;
- na freguezia de Irajá Albino Jacomo da Silva;
- em S. João da Barra o partidor e distribuidor do foro Joaquim Vieira da Silva;
- em S. Paulo o negociante Frederico Bayerlein.

Foram agraciados com os seguintes graus das ordens:

Da Rosa: dignitario, conselheiro João Vicente Torres Homem, em attenção aos relevantes serviços prestados ás letras e ao ensino na faculdade de Medicina do Rio de Janeiro;

Commendador, Dr. José Pereira Guimarães, em attenção a serviços identicos;

Official, Dr. Antonio Alfredo da Gama e Mello, pelos relevantes serviços prestados ao Estado e á instrucção publica.

De Christo: Commendador, padre Felippe Benicio da Fonseca Galvão, por eguaes serviços.

Eis uns commendadores que honram as commendas e umas commendas que, apesar do descrédito merecido em que esse genero de graças tem cahido, honram os seus respectivos commendados. Parabens aos agraciados mas especialmente ao governo, que, d'esta vez, fez uma cousa boa, fazendo alguns commendadores; o que nem todos os dias lhe acontece. Dizemos-lhe, pois, como Figaro a D. Bazilio: — Lavre lá um tento, senhor governo!

Tomará estado na proxima semana o joven critico de arte Luiz Gonzaga Duque Estrada, nosso sympathico collaborador.

Partirão a 20 d'este mez para a Europa os notaveis artistas Furtado Coelho e sua Exma. senhora.

Vão a Lisboa e Paris e d'ali á Italia, onde pretendem demorar-se trez mezes. Consta que em Maio de 1886 estarão de novo nesta Corte para emprenderem uma excursão artistica pelo norte do Imperio, contratados pelos empresarios Celestino e Braga Junior.

No dia 2 do corrente completou a *Gazeta de Noticias* o seu decimo anno de existencia. Quando não fosse ella

credora da nossa sympathia e do nosso respeito pelos seus altos merecimentos, bastaria o facto de contar o director d'*A Semana* tantos e tão dedicados amigos na redacção d'aquella folha para que esta a felicitasse cordealmente, como cordealmente a felicitava.

Em beneficio da Exma. viuva do Dr. Joaquim Manuel de Macedo, o nosso illustre e saudoso romancista fallecido em estado de pobreza, vai proximoamente realizar-se um espectáculo no Recreio Dramatico. Acreditamos que não será preciso fazer *réclame*, nem pedir protecção para este espectáculo. Dizemol-o em honra dos sentimentos do nosso publico.

Um homem de trinta annos seduz uma menina de quinze—é a menina que fica deshourada! E' isso a Opinião Publica.

STENDHAL.

COLLABORAÇÃO

A SULTANA

A languida sultana, mollemente
Emvolta em lençoes leves, alvejantes,
Conta ao sultão uns contos deslumbrantes
Das terras encantadas do Oriente.

Fala das grandes casas construidas
De um excellente marmore alvadio;
Das filhas de Bassora, languécidas
Aos beijos de um rei morbido, sombrio;

Dos brocados finissimos, franjados
De alvinitente prata e perfumados
De um exquisito aroma embriagante...

E o sultão, pelas frestas da dourada
Janella, espreita a linda madrugada
Que desponta no lucido levante.

Fevereiro de 1885.

CAMILLO DE ASSIS.

Um velho estava ao meu lado no *Café Riche*. O creado, depois de lhe ter descripto todos os pratos, perguntou-lhe o que é que desejava.

— O que eu desejo... o que eu desejo é... ter um desejo!

Era a velhice—esse velho.

ED. A. JULES DE GONCOURT.

TRATOS Á BOLA

Estão sendo, ó carissimos leitores, estes *Tratos* por vos mui maltratados! Que mal vos fez o *D. Pastel*? Que horrores

Pode inspirar-vos elle—que cuidados não tem tido por vos, decifradores? *D. Empadinha, Caleçon, Valerius, Borba, Carez* oh! não sejais tão máus. Vinde á nos! São os *tratos* uns mysterios,

e não é *D. Pastel* um dois de páus. São mysterios, porém, isto é verdade, tendes nelles mettido os vossos dentes e levado p'ra casa com vontade os ricos premios, os gentis presentes. Sempre e sempre no *Diario de Noticias*

os vossos caros nomes deparamos, e por lá não vos dão estas *caricias*: os bellos premios que vos offertimos.

Aos *tratos* pois, carissimos leitores, que *D. Pastel* por vos morre de amores!

D'esta vez abiscoita e com razão, um exemplar da bella *Illustração* um *Seu Fuão*.

Quanto aos *Quatros Poemas* (Attenção!) pertencem, ai meu Deus, que fetizão! a *Pastelão*.

Mandem buscal-os, que os receberão.

P'ra hoje as *tratices*
Ai não são tolices!
São estas, senhores,
Decifradores:
(E' trabalhar,
Parafusar,
E tratos dar
P'ra decifrar.
Para ganhar
Premios, e até
Pasteis, olé!)

PROVERBIO ENYGMATA (1)

1 1 2
Aquelle que— verbo— fuso—
2 2
assassina— panno. *Cabeçudo*.
1—2
Cá dentro— de— Pêga l
1—1—2 1—2
—cala-se— embaraco. *Cautêla!*

Antiga

Será uma côr, se assim quizer,
Mas voará
Se uma só letra lhe pospuzer;
Decifre lá.

Novissimas

2—2— Na empala ou nas praças é mendigo este passarinho.
3—2— Na ferida tem elade este jornalista immudo.

TELEGRAPHICAS

1—1—Chapa é animal,
1—1—Broca é animal.

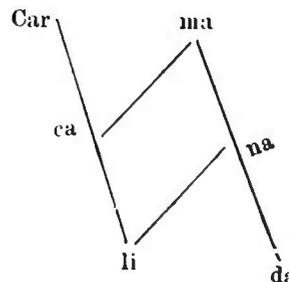
INVERTIDAS

2—Este vento canta
2—Este homem é panno fino.

CALIMBURGUESCA:

Sabeis o que eu asso para comer— numa casa?

Eis as decifrações dos *Tratos* do n. 29: Do zig-zag:



da antiga *Felippe*: dos proverbios- enygnas—*Amor com amor se paga e Quem tem dô de angü não cria cachorro*; das calimburguescas—*Capacete e Laconico* e das invertidas—*Paca (capa) e coia (taco)*

(1) Vide o n. 28.

PREMIOS

Eis os premios, charadeiros : Vinde leves e lampeiros ! Ganha quem primeiro chegar ! pois que o premio lhe compete, e lhe será logo entregue, esta obra : « *L'œuvre complète, de Victor Hugo* ». O *Correio da Europa*, um lindo almanak, (que só não tem de Bismark o retrato, porque é feio), este é o premio do segundo que levantar o cartel. É altivo, á face do mundo, assigno-me

D. PASTEL.

Nossa alma, como vós, ventos, turba sonora, Tem seu Norte, seu Sul, seu Poente, sua Aurora

V. HUGO.

RECEITAS CULINARIAS

Sôpa magra de macarrão á "Theodora"

Escolham-se peixes de diversas especies, não esquecendo nem enguias, nem mariscos, cerca de um kilo por conviva, cortem-se e ponham-se numa panella, com um copo grande de agua por cada kilo de peixe, uma cebola cortada meúdo e quatro cabeças de cravos da India, um punhado de salsa, pimenta, sal, louro, açafraão, um pedacinho de casca de laranja amarga e algum azeite (Plagnol); faça-se ferver tudo até que o caldo se torne gelatinoso.

Passe-se depois este caldo a través de uma panella-peneira e ajunte-se o macarrão, que já deve estar meio cozido, leve-se ao fogo de novo, retirando-se logo que o macarrão esteja completamente cozido.

O peixe ter-se-á desfeito e formará o caldo. Toda a difficuldade d'este prato consiste na escolha de bom peixe (que deve ser muito variado) e na quantidade de macarrão a deitar no caldo para que a sôpa não fique muito grossa. Recommenla-se esta sôpa para os dias em que se queira apresentar duas, ou então para os dias de jejum.

Experimentem, aconselha-vos o CABRION.

RECEBEMOS

- Do Sr. José de Mello.
- O fasciculo n. 24 do *Cadastro da Policia e um outro da Bibliotheca do Povo*, intitulado *Dirreito Internacional Maritimo*.
- Ns. 1 e 2 da *Revista mensal*, orgão do Club Litterario José Bonifacio.
- *União Medica*— fasciculo n. 8, anno V.
- *Revista Illustrada* n. 415. Soberba! Parabens ao denodado lapis abolicionista do Angelo.
- *O Grito do Povo*, n. 1.— Felicidade.
- Do Sr. Raymundo Perdigoão de Oliveira uma circular.
- *A Vespa*, n. 26.— Depois que o Netto abandonou-a é a primeira vez que nos visita com arte e espirito. A primeira pagina... Perdão. A pagina central traz um bello retrato de Duse-Checchi, devido ao lapis de Belmiro de Almeida e na ultima uma pilheria que é nossa, illustrada por *Alfinete*, que não é outro senão o proprio Belmiro. Ah !, se a *Vespa* consegue seduzil-o ! O texto é bom.

CORREIO

Ao Sr. que nos consultou sobre qual a expressão correcta das duas seguintes : « Não se admittem intruzos » e « Não se admittit—intruzos » temos a honra de responder que *A Semana* somente responde ás consultas que lhe são feitas por assignantes. Não podemos baratear um privilegio que exclusivamente lhes pertence.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Dr. Henrique de Sá — Espec. Syphilis e molestias das crianças. Consultorio :—rua Primeiro de Março, 22 de 1 ás 3 horas da tarde. Residencia:—rua de S. Pedro, 294.

DR. F. PESSANHA
CLINICA MEDICA
CHAMADOS A QUALQUER HORA
Consultorio e residencia
28 Qua da Alfandega 28
RECADOS—QUITANDA, 86

EXTERNATO HEWITT
INSTRUCCÃO SECUNDARIA
E
COMMERCIAL
134 Rua do Rosario 134

A SEMANA 100 RS.!
TANGO DELICIOSO
COMPOSTO E OFFERECIDO

ERNESTO DE SOUZA
conhecido auctor do tango *Setim*, e de outras applaudidas musicas, á redacção d'*A Semana*.

Vende-se no escriptorio d'esta folha a
1\$000

OBRAS
á venda no escriptorio desta folha:
DE VALENTIM MAGALHÃES
QUADROS E CONTOS
por 2\$000.

COLOMBO E NENÊ
poemeto, 1\$000.
DO MESMO E FILINTO D'ALMEIDA:
O GRAN GALEOTO
traducção do drama de Echegaray, 1\$000.
DE ALFREDO DE SOUZA

AURORAS
versos, 2\$000.

DE L. MURAT:
QUATRO POEMAS
versos, 1\$000.

DE AMERICO LOBO :
EVANGELINA
traducção do poema de Longfellow,
1\$000.

TYPOGRAPHIA

A typographia d'*A SEMANA*, ultimamente montada, dispondo de uma boa escolha de type inteiramente novo, aceita quaesquer encomendas de obras, poesias, jornaes, annuncios, etc. etc.

PREÇOS BARATISSIMOS

TRATA-SE NO ESCRIPTORIO DA EMPREZA

36 Travessa do Ouvidor 36

Esquina da rua do Ouvidor

A DIVINA COMEDIA
DE
DANTI ALEGHIERI

TRADUÇÃO DE
JOSÉ PEDRO XAVIER PINHEIRO

O traductor fez a versão em tercetos, rimados sempre, como os do auctor, e annotou cada canto com eruditissimas notas explicativas. Precede a traducção um profundo estudo critico em que o traductor analysa longa e detidamente Dante e o seu poema.

Já sahiram á luz o 1.º e 2.º fasciculos nitidamente impressos na casa Leuzinger, de 16 paginas, com capa. O preço é de 800 rs. por cada fasciculo.

Assigna-se nas seguintes casas:
Livrarias GARNIER, LAEMMERT, FARO & NUNES e Redacção d'*A SEMANA*, Travessa do Ouvidor, 36; e na AGENCIA GERAL

6 RUA DO CARMO 6

VENDEM-SE

collecções d'*A Semana* (primeiro ses-mestre), encadernadas, nas livrarias Faro & Nunes, Laemmert, Serafim Alves e no escriptorio da

A SEMANA

AU PETIT JOURNAL

ASSIGNATURA PARA TODOS OS JOENAES

Especialidade em artigos proprios para presentes

COMPLETO E VARIADO SORTIMENTO DE BRINQUEDOS DE PARIZ

HENRY NICOU & C.

Unicos correspondentes e depositarios nesta Côte da verdadeira

"LA SAISON" de Paris

Recebem com a maxima presteza todos os jornaes parisienses e os distribuem pelos seus assignantes, apenas os recebem.

A casa AU PETIT JOURNAL é inimitavel neste serviço.

27 Rua dos Ourives 27

MIO DE JENEIRO

A SEMANA

CORTE

Trimestre..... 2\$000
Semestre 4\$000
Anno..... 8\$000

PROVINCIAS

Semestre 4\$000
Anno..... 8\$000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

SUMMARIO

Historia dos sete dias.....	FILINDAL.
O roubo no Consulado	
Portuguez.....	
Politica e politicos.....	TOB.
Hérança.....	PIFF-PEFF.
Cartas de Lisboa.....	E. MONTEIRO.
A Esmola.....	JULIA LOOES.
Paginas esquecidas -- O	
Ermitão da Gloria.....	JOSÉ DE ALENCAR.
Paraizo vedado, soneto...	A. DE OLIVEIRA.
Theatros.....	
A vida elegante.....	LORGNON.
Collaboração; A....., soneto	R. DE MELLO.
Factos e noticias.....	
Tratos á bola.....	D. PASTEL.
Receitas culinarias.....	CABRION.
Recebemos.....	
Correio.....	
Annuncios.....	

A SEMANA

Rio, 15 de Agosto de 1885

Encetamos hoje a publicação das «Cartas de Lisboa», expressamente escriptas para esta folha pelo Sr. Emygdio Monteiro, nosso correspondente naquella cidade.

Tratam de critica artistica e litteraria. O Sr. Emygdio Monteiro—que se por emquanto não é um nome feito, tem muito talento e largo futuro—estuda nesta primeira carta, que, por demasiado longa, não publicamos hoje integralmente—o interessante pequeno museu de pintura existente em Lisboa no café *Leão de Ouro*

O estylo sóbrio, firme e pittoresco, a observação criteriosa e a proficiencia critica do joven escriptor captar-lhe-ão sem duvida por parte dos leitores d'A *Semana* a sympathia e o appeço a que elle tem direito. Raro é o numero em que *A Semana* não apresente ao publico uma novidade, uma surpresa. Hoje as *Cartas de Lisboa*, no proximo sabbado...

Chiton! Não estraguemos a surpresa.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Apparelhado com o «necessario para escrever», como se diz nas rubricas das comedias, sento-me á mesa do labor honesto, tomo da penna e principio:

Era no outomno...

Ora ali está como um homem se espeta! Ouvi hontem um bardo sentimental recitar ao piano o *Era no outomno* e ficou-me aquillo encravado na memoria, de tal jeito que não pude evitar que me pingasse agora da penna aquelle meio verso.

Comecemos, pois, a sério, a resenha dos espantosos acontecimentos d'estes sete dias.

Não revellaremos ao leitor desprevidado que esta semana começou na segunda-feira, isso não; não queremos armar ao desmaio publico, e por mais que o queiramos occultar, o Pimenta do *Microcosmo* assusta-nos: Quando o domingueiro piperaceo toma da pipia e silva, ninguém se entende aqui pela esquina, e o collega Zé do Egypto fica tão atrapalhado que põe a bengala na cabeça e sae com o chapéu debaixo do braço.

Para evitar tantos desgostos e tamanhos é que eu passo, definitivamente a occupar com uma seriedade de tabellião morto a minha alta posição de Cantu... semanal.

Desça Clio do alto Helicon,
Ou do Parnaso ou do Pindo,
E o gesto severo e lindo,
Ao qual não ha quem resista,
Mostre ao novo historiographo!
Compaixão para um artista,
Bellá Clio, ó minha mana,
Que tem de ser da semana
Historiador e chronista.

Desce o teu olhar fulgente,
Musa, ás notas que eu amanho:
Temos aqui — o Tamagno,
Filho d'Euterpe excellente,
O roubo no consulado,
A abertura da *salinha*,
A chegada do Callado,
E da tal costureirinha
O duro envenenador
Que afinal foi condemnado...
Um horror!

Isto é que se pôde chamar desgraça! Invoco a severa Clio, e sae-me a doida e arrebicada Polymnia, obrigando-me a um derrame de versos capazes de inutilisar para os bons e sisudos leitores d'A *Semana* a «Historia dos sete dias».

Bem. Diremos que se effectuaram no sabbado passado as exequias do famoso general Grant, um dos mais illustres guerreiros d'este seculo, emulo de Napoleão — o grande patriota exaltado, principal operario da união dos estados americanos, presidente honrado e administrador excepcional da grande republica, exemplo para cidadãos e para militares, intrepido vencedor de Vicksburgo, grande homem, grande homem!

Uma das calamidades da semana foi a abertura da *salinha*, a bem conhecida camareta de Nicheroy, onde os periquitos provinciaes vão moer no realejo da rietorica mascavada o interesse publico e o bom senso. Feliz praia! grande praia que tu és, ó Praia Grande!
Aceita a barretada da patria reconhecida.

O roubo, furto, estellionato ou que melhor nome tenha, do consulado por-

tuguez, é o principal assumpto da semana e por isso tratamolo em artigo especial, onde o leitor pôde ver o que é boa prosa e são criterio.

Fizeram tambem muito barulho os artigos da *Pall Mall Gazette*, traduzidos pela *Gazeta de Noticias*. A moralidade, a seriedade e a circumspecção inglezas, sofreram um formidavel golpe com a revellação dos espantosos crimes de Londres. Grande Inglaterra! famosa e pura Albion! Como tu estás podre, e como sob as duplas solas das tuas botas fidalgas se arrasta e cresce o asqueroso verme da extrema prostituição!

Não nos podemos rir, entretanto. Poucos sabem o que ha de ignominia e de infamia por essas ruas escusas d'esta grande aldeia fluminense.

Um dia tambem se lhe hade fazer a historia, tambem ha de apparecer quem mergulhe na pavorosa sentina, e então... quem sabe quantas victimas terão sido sacrificadas á brutalidade do minotau-ro lascivo!

Está ameaçado de «pedra em cima» o falado incidente—Callado.

Para honra do paiz assim deve ser. Se olharmos, porém, para a delicata posição do nosso ex-ministro, vemos que o seu silencio é uma tacita confirmação do grave delicto que lhe impuntaram. E' o caso em que o calado não é o melhor, e, portanto, o Sr. Callado precisa justificar-se deante da opinião, a menos que não se julgue culpado, o que nos repugna acreditar.

Cleopatra, a radiante imperatriz do Egypto, quando o amor do seu Antonico expirara na ponta da espada do guerreiro, encomendou a um camponez amigo um aspide para suicidar-se. O camponez amigo escondeu o mortifero reptil em uma cesta de figos e entregou-o á consternada amante do romano, que estava encerrada no templo.

Sabendo d'isto o romantico José Balthazar Teixeira, e tendo uma amante perfida, quiz parodiar a pagina da historia do Oriente, e entre figos tambem, derramou certa quantidade de strychnina, e, por intermedio de Balbina Rosa, remetteu tudo numa cesta á sua Cleopatra, que nos tempos modernos dá pelo nome de Florinda Lopes — nome que está a pedir uma ecloga.— O envenenamento manifestou-se logo e o Borgia foi preso. Florinda foi salva por um medico e Balthazar foi na quarta-feira condemnado a galés perpetuas. O juiz, porém, appellou, e visto que a victima não succumbio será talvez muito dura a pena de galés perpetuas.

Emfim, isso é lá com a Justiça.

Ella que se arranje, que eu vou fazer o mesmo que a estas horas terá feito o leitor:—vou dormir.

Até sabbado.

FILINDAL.

O ROUBO NO CONSULADO PORTUGUEZ

Em No dia 12 do corrente foi apresentada ao Sr. desembargador Calmon, juiz de direito do 7º districto criminal, pelo Sr. Dr. Sampaio Ferraz, 2º promotor publico, denuncia contra o consul geral de Portugal Visconde de Wildick, e o thesoureiro da repartição do consulado, Sr. Francisco Brandão de Castro, pelo crime do art. 269 combinado com o art. 270 do codigo criminal. (roubo).

Esta noticia espalhou a surpresa e o espanto por toda a cidade. Ha trez dias é este o grande acontecimento.

Desencontradas e numerosissimas são as opiniões; nas ruas como na imprensa discute-se de varios modos o procedimento do 2º promotor publico.

Vamos expender em rapidas e succintas palavras o nosso parecer a respeito.

A promotoria publica, havendo recebido os autos do inquerito policial em que se provou que, *simulado ou real*, houve um roubo no Consulado; sendo o roubo um crime publico; não estando os consules fóra da acção da justiça brasileira em crimes inafiançaveis ou policiaes e particulares com prisão em flagrante, tinha por dever dar denuncia contra os indiciados auctores d'esse crime. A denuncia não tem outra força nem outra consequencia legal além de provocar a formação da culpa; concluido o summario, ao Juiz de Direito competente caberá pronunciar ou não os individuos indiciados.

Consequentemente, não exorbitou a promotoria apresentando a denuncia; nem exorbitará a auctoridade competente aceitando-a.

Provemol-o. Foi o proprio Consul que *requisitou* a intervenção policial para descobrir o auctor ou auctores de um roubo que se effectou no edificio do Consulado Portuguez. Portanto, para o Sr. Consul, bem como para o ministro portuguez que até hoje tem se conservado mudo e queto, não havia duvida quanto á existencia do roubo. A policia, mettida no negocio, á requisição dos proprios interessados não podia recuar; foi ávante, fez tudo quanto devia abrindo inquerito e mandando proceder a todos os exames precisos; depois, como é dos tramites legaes, fez o seu relatorio e com elle subiram os autos á promotoria; esta, encontrando um roubo *simulado ou real*— deu denuncia contra aquelles sobre os quaes recaiam os indicios de culpabilidade.

O juiz, desde que a denuncia não tenha nenhum dos vicios que a tornam inaceitavel, pôde recebê-la para dar lugar á formação da culpa.

Ahi, então, no juizo preparatorio, se reconhecerá se o que houve foi de facto um roubo. Desde que se prove que o *arrombamento* e mais violencias apparentes foram simuladas e que a propria abertura dos cofres pela maneira natural (com as respectivas chaves) não foi elemento indispensavel para a subtracção das quantias; isto é: que esta foi antiga, anterior áquelle facto e d'elle independente; embora se verifique o desfalque, o subtrahimento das quantias, então, sim, não poderá ter lugar a pronuncia dos indiciados e á justiça do paiz faltará competencia para proceder contra o Consul e o seu thesoureiro pelo desvio dos dinheiros pertencentes ao Consulado.

Será, entretanto, *roubo* essa subtracção de dinheiros dos cofres, sem violencia, por meio das chaves proprias, pelos seus depositarios legaes?

Eis e ponto grave da questão. Será prevaricação ou estellionato; *roubo*, não. Em taes casos, se se tratasse de re-

partição do Estado seria competentissima a justiça do paiz para proceder.

Mas trata-se de uma repartição estrangeira; o governo portuguez é que tem o Consul de prestar contas do destino e gerencia dos dinheiros do Consulado.

Isto posto, aguardemos os acontecimentos.

As aves nocturnas odeiam o sol; os clericos insultaram Victor Hugo. E' bom que assumam no futuro a responsabilidade da sua inepcia.

G. RIVET.

POLITICA E POLITICOS

A esta hora exulta o Sr. conselheiro Saraiva, exulta o Sr. Zama e exulta a maioria que apoiou e talvez continue a apoiar o Cincinnatus da Bahia.

O projecto sobre o elemento servil foi aprovado em sua totalidade, com as emendas da commissão.

Quanto ás emendas dos outros deputados, daquelles a quem o Sr. Saraiva nunca deu resposta, quanto a essas foram todas rejeitadas. O projecto era o *noli me tangere* e ninguem bulio nelle.

Salvou-se do naufragio geral uma emenda do Sr. José Marianno. Esta foi votada por todos os liberaes, todos os conservadores, e só votaram contra—o Sr. ministro da guerra, acompanhado da deputação rio-grandense, os Srs. ministros da agricultura e justiça, e o Sr. Felicio dos Santos:

« Nenhuma provincia, nem mesmo as que gozarem de tarifa especial, ficará isenta do pagamento do imposto adicional.—José Marianno.»

Como se sabe, esse imposto adicional é lançado sobre todos os impostos, excepto os de exportação.

Mas como o Rio Grande tem tarifa especial, esta *especialidade* isentava-o do pagamento d'esses 5 % additionaes, e emquanto a gente trabalhasse por aqui como um mouro para pagar o negrinho dos outros, o Rio Grande havia de ficar regalado com a isenção, operando a sua libertação com o prazo médio de 6 annos.

O Ceará, o Amazonas e o Rio Grande, é certo que libertaram-se á sua custa, sem imposto adicional cobrado ao imperio. Mas é preciso que todos concorram para solver do melhor modo esta questão. Não são as provincias escravizadas as unicas que perdem com o systema acanhado do trabalho, com todos os vicios da instituição; é todo o imperio, cuja integridade é um organismo em que tem acção reflexa os phenomenos morbidos de qualquer membro.

Com a libertação do Ceará não melhorou o cambio; com a do Amazonas não se levantou o credito publico; com a do Rio Grande não melhorarão as finanças do imperio. Não é por isso menos meritorio e menos brilhante o acto da emancipação das tres provincias, porque ellas já fizeram alguma cousa que diminuiu o trabalho da emancipação geral.

Mas este facto não deve constituir um privilegio para essas provincias. E' um desastre o imposto; se, porém, a sapiecia legislativa consignal-o não deve ser senão com o caracter geral que têm todas as resoluções da assembléa nacional.

Eu acredito bem que o senado não consentirá nessa aggravação. A receita ordinaria do imperio decresceu neste exercicio em 17.000.000\$000, e so para equilibrar-a com a despeza serão necessarios talvez 8 % de imposto. Compreende-se o horror que será a decretação de mais 13 % de impostos, num systema tributario tão defeitoso como o nosso, e no estado actual da massa contribuinte, que não é nada lisongeiro.

O projecto foi para o senado; a esperanza d'este paiz tão novo fica voltada para a experiencia dos velhos.

T. B.

Tudo no mundo é duplo—mesmo a virtude. (*)

BALZAC.

(*) Até a cerveja.

N. DO PAGINADOR.

HERANÇA

Certo bobo *cocu*, que boubas tinha foi um dia a um doutor consultar, a saber d'onde lhe vinha tanto mal, tanto horror.

O medico, gamenho, examina-o, depois pergunta-lhe:—Você tem filhos?—Tenho — Quantos tem?—Tenho dois.

— Tem dois? Pois olhe bem: elles serão herdeiros e sem cura das mazellas que tem.

Não! diz o lorpa: isso não pôde ser! Pelo menos, doutor, é o que assegura sempre minha mulher!

PIFF-PEFF.

CARTAS DE LISBOA

Lisboa, 22 de Julho de 1885.

Convidado a dar conta aos leitores da *Semana* dos acontecimentos mais interessantes da vida litteraria e artistica de Portugal, julgo de meu dever iniciar as minhas cartas com a apreciação de um facto, que é certamente no escasso movimento artistico portuguez não só o mais notavel dos ultimos mezes, mas, pela sua significação como symptoma e pelas suas consequencias, é dos mais importantes no periodo decorrido desde a exposição de arte ornamental até hoje.

Refiro-me á abertura recente do café *Leão de Ouro*, que pela ornamentação das suas paredes, se pôde tambem chamar o museu do *Grupo do Leão*.

Sabem já que o *Grupo do Leão* tem este nome de ser formado de artistas que se reuniam habitualmente no Café Leão, assim como os litteratos preferem o Martinho, os officiaes preferem o Suizo, os aspirantes a Brasserie, etc.

Ora, o antigo Café Leão acabou por desavença entre os seus dous proprietarios, fundando em seguida cada um d'elles um novo café. Os artistas preferiram aquelle onde ficou o Manoel, o seu creado predilecto; e quando a casa estava em arranjos propuzeram ao dono ornarem-lhe a sala com pinturas sob a condição de terem uma mesa reservada. E assim foi que o *Grupo do Leão* abriu em Lisboa um museu de pintura portugueza contem poranea.

Porque até agora, se um estrangeiro quizesse saber como se pinta actualmente em Portugal, ver-se-ia embaraçado, visto que o Museu Nacional não

tem um só quadro da geração actual e a galeria do Sr. Visconde de Daupias, notavel em toda a Europa e, não falando nas de Suas Magestades, a mais conhecida em Portugal, está no mesmo caso.

Vê-se, pois, que pelas suas consequências o museu do *Grupo do Leão* é um serviço importantissimo feito por aquelles artistas ao seu paiz e, pela qualidade de exposição permanente, de uma influencia tanto ou mais benefica do que as suas exposições annuaes.

Como symptoma a abertura d'este museu original não é menos importante.

Com effeito, se por um lado vemos que nas regiões officiaes reina o mais profundo desprezo pelos interesses da arte, dando a medida exacta do que valem essas regiões, por outro lado vemos um poderoso movimento artistico devido á iniciativa particular ir despertando a apathia do publico pelas cousas d'arte, concorrendo portanto effizantemente para e apuro do gosto, base essencial para o progresso da industria, e fonte pura dos prazeres superiores do espirito.

So por um lado vemos que o governo não só despreza occasiões de adquirir obras d'arte que em qualquer outro paiz da Europa lhe custariam mais do dobros, como ainda ha pouca a venda de quadros preciosos no leilão Bernardes (entre outros um Murillo e um Giorgione) vendidos para a Hespanha e a venda da magnifica colleção dos livros d'arte e gravuras no leilão Cifra (1), se vemos que o governo não só não compra, mas deixa vender o que tem, como ainda recentemente fez á preciosa obra de talha que guarnecia a sala dos reis no convento dos Jeronymos; se vemos que o governo, depois de pedir a opinião dos architectos da academia de bellas-artes sobre as obras da Casa Pia, não só não fez caso d'essa opinião, mas entregou a direcção d'aquellas obras a um engenheiro, dando a entender que manda talvez construir estradas aos architectos; se vemos que o mesmo governo nomeia director do conservatorio um sujeito que não sabe uma nota de musica; se vemos que a academia de bellas-artes continúa a dormir o somno dos pacatos, não tendo sequer uma sessão annual, não dando nenhuns signaes da sua existencia, a não ser o diploma de socio que um dos seus membros, lapidador de copos, tem á vista na sua loja; por outro lado vemos um grupo de artistas mostrando ter a legitima comprehensão dos destinos da arte, que não é de modo nenhum exclusiva de certas raças e de certas cousas, mas sim universal e para todos, manifestando-se em todos os productos da mão do homem, tanto n'um arco triumphal, como n'uma fonte, tanto n'um palacio como n'um kiosque, no sceptro de um imperador como na tijella do proletario, no tecto de uma igreja, como nas paredes d'um café.

Porque a universalidade da arte, esse facto incontestavel, evidente para quem analyse despreocupado a sua historia desde as primeiras esculpturas do homem preistorico até hoje; esse facto que tanto tem custado a estabelecer contra a doutrina nefasta do bello ideal defendida pelas academias e pelos criticos officiaes, tanto mais perigosos que alguns, como Charles Blanc, têm a eloquencia do estylo que convence quasi tanto como a verdade pura e simples; esse facto que resalta com a maxima clareza do estudo de todas as grandes

(1) Para este leilão mandou o governo dar a ridicularia de 1 conto e tanto. Pois, gastou-se pouco mais de metade!!!

épocas artisticas, desde a arte egypcia, até á arte japoneza e ao romantismo em França; esse facto entre nós é ain la uma blasphemia.

Nas regiões officiaes, para o governo e para o parlamento, para a imprensa e portanto para a opinião, a arte não passa de uma bonita prenda, em que se comprehendem as payzagens de cortiça, os papagaios bordados a contos, as flores de cera, as imitações á pena de notas de banco, etc., etc.; é uma planta de estufa, que a uma pessoa rica não fica mal cultivar, é uma exquisite, é emfim um luxo pouco dispendioso, que por ora ainda não está em moda, e portanto, perfeitamente dispensavel.

Assim se explica entre nós a indifferença do governo, dos senhores pares e deputados, da imprensa e do publico, por todas as formas da arte que não seja a musica, pela qual, ou seja simplesmente por moda ou ainda por outra razão, tanto o publico como os governos tiveram sempre uma predilecção muito accentuada.

E' contra essa indifferença que este benemerito grupo de rapazes protesta ha alguns annos com toda a sua força e por todos os meios, sendo de todas a ornamentação do *Leão d'Ouro* certamente o mais fecundo e effizaz.

E agora que assentei bem a importancia do facto, vamos examinar o museu. Minhas senhoras e meus senhores, queiram VV. EE. Xs. acompanhar-me.

Atravessemos o Rocio, bella praça, no centro da cidade baixa, de grande movimento, notavel pelo seu ladrilho e pelo monumento a D. Pedro IV, vulgo o *castical*, e limitada de um lado pela fachada nobre do theatro de D. Maria. Agora voltamos á esquerda para o largo de Camões (que não é o grande, mas o Camões do Kocio), largo que tem de um lado os dois celebres cafés — o Martinho e o Suisso —, d'outro o theatro de D. Maria; em frente d'este fica o meu cabelleiro... mas não nos demoremos. Tomemos ainda á esquerda para a rua do Principe e depois do primeiro café á direita, o successor do antigo *Leão*, o que deu o nome ao grupo, temos o *Leão d'Ouro*.

Nas meias portas doidas vemos já a marca da casa, um leão de pé, arrogante e façanhudo. Entremos.

Nas paredes lateraes vemos primeiro dois grandes quadros fazendo *pendant*, de 2 metros de alto por quasi 4 de largo, que muita gente para a vér mesmo da rua. Seguem-se-lhes mais trez de cada lado, da mesma altura e de 1 metro e 30 de largura, á excepção dos dois ultimos.

Ha ainda um *panneau* fazendo angulo como o quadro grande da esquerda e um pequeno quadro fazendo sobrepota. Lá ao fundo, em cima do balcão o *Leão d'Ouro*, arreganhado e de catadura imponente segura um escudete em que se vê o monogramma do proprietario. Finalmente, no reposteiro que guarnece a porta que dá para a sala dos bilhares, ha ainda outro leão, bordado pela Sra. D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro, irmã e discipula de Columbano, artista de grande talento, que tem a sua reputação feita em quadros de flores e inaugurou entre nós a pintura em louça, em summa, discipula digna do mestre. Esta senhora faz hoje parte do *Grupo do Leão*, assim como Raphael Bordallo e os Srs. Souza Pinto, Villaca e Moreira Rato, que ha pouco tempo se lhe juntaram. Compõe-se, pois, o grupo actualmente do Sr. Alberto de Oliveira, presidente honorario e 15 artistas, dos quaes quatro estudam em Paris.

Mas vamos aos quadros.

E para podermos fallar já de todos os artistas principiemos pela esquerda, onde se ostenta uma grande tela do Sr. Columbano Bordallo Pinheiro, representando os membros do grupo reunidos em volta de uma mesa, bebendo e fumando, no convívio alegre de todos os dias.

No alto, principiando da esquerda, Christino olha para nós com o seu olhar socegado e insinuante, cor pallida, bucosinho de adolescente, ar modesto, e o seu sorriso discreto, como o vemos sempre quando nos fala da ultima opera que ouviu em S. Carlos, ou cantando em surdina os trechos mais caracteristicos com uma fidelidade e expressão de verdadeiro virtuose, ou quando nos conta as impressões do ultimo livro que leu porque, — *rara avis* — Christino é um artista que lê...

Mais em baixo, Pinto, grave e somnolento, assiste, indifferente, ao que se passa diante de si. Um pouco para a direita Malkoa, magnifico typo *Mosquetaire*, barba petulante, cabelo curto corrido para a testa, ri com o expansivo riso de meridional, encostado á meza, cigarro na mão e o braço direito indolentemente cahido na perna. Do outro lado Vaz, serio e quasi semsaborão, contra o costume, pensa talvez n'alguma contrariedade amorosa que soffren, contra o costume, e a despeito do seu magnifico bigode preto e dos seus olhos conquistadores.

Immediatamente destaca a estatura elevada de Alberto de Oliveira, que, não sendo artista, representa por assim dizer a alma do grupo, sempre ao corrente de todo o movimento artistico actual, passando o seu tempo por *ateliers* e livrarias, sempre gravido de projectos, doutrinando sempre que se offerece ensejo, enfim o principal organisador e o mais valente esteio do grupo, e ainda etc., etc., etc. Character aberto, maneiras correctas, barba d'um loiro fulvo e grande cabelleira preta, afastada ao meio lá está elle mostrando a Silva Porto uma *illustração* qualquer que agora mesmo trouxe do Pereira ou do Ferin. Silva Porto, com o seu ar modesto mais ainda do que habitualmente, parece acabrunhado, talvez pela intenção evidente do artista em fazer d'elle o Christo d'aquelles discipulos, intenção que resalta claramente da disposição das figuras e era mais evidente ainda na composição primitiva do quadro. Não se supponha que elle esteja acabrunhado com a idéa de algum judas... E' que quem diz Christo diz mestre e a sua modestia não lhe permite assumir uma tal responsabilidade, comquanto effectivamente e incontestavelmente o renascimento da pintura portugueza seja devido principalmente ás magnificas obras por elle expostas entre nós, desde que terminou o curso de pensionario no estrangeiro e foi nomeado professor da Academia de Lisboa.

Ao lado d'elle, Antonio Ramalho, que foi já seu discipulo na escola de bellas artes e que estuda actualmente em Paris sob o patrocínio do Sr. Conde da Praia e de Monforte, faz pensar vagamente nos quadros risonhos de Ostade ou Teniers. Baixo e gorducho, faces rubicundas e olhos piscos, sorriso rabelaisiano, de cigarro na mão, com uma larga gravata a *la diable*, e com o ar reinado de quem acabou de contar uma anecdota *grivoise*, qualquer d'iri que está ali um discipulo de Pantagrue, um amigo da *bonne chière*... sob todas as formas, e ninguém se lembrará que seja aquelle o artista de talento, o vigoroso payzagista das *Olavas* e das *Lavadeiras*, verdadeiro temperamento de meridional, de um lyrismo rubenesco.

vendo especialmente o lado grande e robusto da natureza.

Mais á direita vem o Manuel, o criado favorito do grupo, trazendo n'uma bandeja talvez uma *omelette* de camarão, (uma especialidade da casa), que com a ajuda de um collares de primeira ordem vai de certo alliviar paixões a Vaz pensativo e sorumbático. Magnifico typo de campino,—menos o sol, é claro,—com as faces coradas e umas bellas suissas pretas, o Manoel tem um logar importante na historia do grupo.

Amigo dos artistas, interessando-se por tudo o que lhes diz respeito, guardando-lhes os jornaes em que se fala d'elles, alimentando-lhes a inspiração, o Manoel tem direito á estima do grupo e o Sr. Columbano praticou um acto de justiça incorporando-o no seu quadro em companhia dos artistas seus amigos.

Segue-se Gyrão. Encostado á mesa com o rosto apoiado no braço direito, e descansando o esquerdo na bengala que a mão abarca com os dedos em roca, d'uma maneira muito peculiar, Gyrão encara-nos com o seu ar grave e quasi bonacheirão, admiravelmente apanhado em flagrante.

Atraz d'elle Raphael Bordallo, com um largo chapéu de feltro, de monoculo armado, olha para nos com o seu sorriso zombeteiro e satisfeito, de que não gostam nada os tolos e os intrujões indigenas, e bem conhecido em toda a christandade... portugueza.

Na extremidade da mesa Vieira, de chapéu ás tres pancadas, levanta um copo de cerveja e ri voltando-se para nos em ar de reinação já um pouco *entrado*, dando a nota mais picaresca do quadro e fazendo um digno *pendant* ao Pinto quasi funebre da outra extremidade da meza.

Em cima, finalmente, alem de Martins e um creado, dos quaes so se vêem as cabeças saindo da fumarada, e pouco se perdia se não se lhes visse nada, temos o autor do quadro, que de chapéu na cabeça e parecendo que se vai embora, se volta com um sorriso inigmático, e que lhe não é natural.

Eis o quadro. Digamos agora algumas palavras sobre o seu mercimeuto.

EMYDIO MONTEIRO.

(Continúa)

A ESMOLA

CONTO INFANTIL

O Carlinhos ia todo tãful, naquella domingo, á missa. A sua cabecinha loira, encaracolada, redonda como a de um pagem de opera, mal coberta por um gorro de velludo azul escuro, movia-se garbosamente de um lado para o outro. Levava as mãos nos bolsos, o riso nos labios, a alegria no olhar.

O frio começava. Havia pouca gente na rua, apezar de ser dia sanctificado. Carlinhos entristecia-se com isso, queria que muita gente lhe notasse a *toilette*, desejava ardentemente que lhe chamassem lindo; era vaidoso, o pequeno, e, coitadinho, tinha só 6 annos.

— Tia Laura; dizia elle a uma senhora que o acompanhava, em vez de irmos á missa, vamos fazer visitas para eu mostrar o meu vestido novo.

— Irems depois, filho; descansa.

Na igreja havia poucas devotas. As beatas tinham preferido a missa das 8, e a essa, das 10, não tinham contorrido, como de costume, as senhoras do *high-life*, que a essa hora dormiam, descansando de um baile da vespera. Isto de terras pequenas, é assim.

Os passos da tia e do sobrinho resovam por toda a igreja, quasi vasia; aqui e ali uma *barata* toda curvada; contricta, entregava-se no seu incognito aos extasis religiosos... observando o que se passava em redor. A capella estava sombria. Um ar gelido, de infundir tristezas, descia do alto tecto amarellecido, e punha tremuras angustiosas no coração de Carlinhos. Ouvio impaciente a missa toda, e deu um grande suspiro de alivio quando um geral borbórinho lhe annunciou o fim do sacrificio. A tia ergueu-se, deu-lhe a mão, e sahiram.

Fora, jorrava o sol a grande vida do calor e da luz. As arvores, de um verde brilhante, luziam como esmeraldas; o povo começava a mover-se na rua. Numa esquina tocavam duas creanças pobres, um pequeno e uma menina, ambas descalças, pernas nuas, arroxeadas pelo frio, cobertas com uns farrapos quasi inúteis.

A menina abria muito a bocca cantando uns versos, enquanto a mão lhe tremia com o arco da rabeca; o menino pendia a cabeça triste para a harpa, onde modulava uns desafinados e incompreendidos queixumes.

Carlinhos foi attrahido até ao grupo e parou. Abria os olhos, muito curioso, para esse quadro tão commum. Aquellas creaturinhas que que ali estavam a tremer, semi-nuas, tentando divertir o publico para que o publico lhes atirasse uma moeda de cobre, numa compaixão, mixta de escarneo; aquellas creaturinhas... eram pouco mais velhas do que elle!

Perto, junto aos humbracs vermelhos de uma casa de barbeiro, conversavam rindo alguns rapazes, vendo os esforços da rabequista ao cantar um *lá*, que desgraçadamente tinha de repetir muitas vezes na canção.

— Olha como lhe incham as veias do pescoco; dizia um.

— Ha quantos dias não comerá aquella pequena, para chegar a este estado?... accrescentava um outro.

— Pancada, levam todos os dias; concluia um terceiro; são meus visinhos...

— Terão paes?

— Qual! morreram ambos de febre amarella no Rio; um napolitano, então, que lá estava, *condoeu-se* dos desamparados patricios e trouxe-os para a provincia.

Agora fal-os ganhar a vida d'este modo; á noite, quando se recolhem, se não levam cousa que luza... ai d'elles! Ao principio choravam em altos berros, mas hoje parece-me que já estão affeitos á pancada, e nem piam...

— Ora, que malandrice! exclamava, bufando de indignação um recém-chegado, apontando com a bengalhinha fina para o grupo das infelizes creanças.

A menina com os seus olhos uegros fitos no ceu azul, as mãos pallidas, magras, movendo-se nervosamente no instrumento, as perninhas finas a baterem-se com o frio, inspirou a Carlinhos sentimentos bem diversos dos que tinham os elegantes da terra, que commentavam ali a sorte dos *artistas* da rua.

Artistas da rua! E' zombeteiramente que falamos d'elles quasi sempre, no emtanto, como aprenderiam a tirar uns sons, embora ingratos, das harpas e dos violinos, se lhes não chorasse na alma um ideal que é ao mesmo tempo palma de triumpho e coroa de espiuhos?

Os olhos do harpista encontraram-se com os de Carlinhos e demoraram-se fitos...

Vibraram o ultimo acórdic.

A menina parecia desfallecer; movia os labios roçados, estendendo a mão—

sinha, hirta na supplica de uma esmola...

Que ligação mysteriosa e doce têm entre si as creanças!... E' que as almas dos anjos, ainda orvalhadas do ceu, reflectem-se mutuamente.

Carlinhos, d'entre todos os circumstantes, foi o unico que verdadeiramente comprehendeu a grande magua d'aquelles desditosos, e, voltando-se para a tia que conversava banalmente com uma senhora na esquina, disse com os olhos rasos d'agua e com a voz commovida:

— Tia Laura, já não quero mostrar o meu vestido novo. Vamos para casa; quero levar estes meninos commigo...

— Para que, filhinho?! perguntou a attonita senhora.

— Para dar-lhes de comer e de vestir; elles têm fome e frio, minha tia!

A tia annuo ao pedido, e Carlinhos ouvio, como desejára, dizerem d'elle:— Como é lindo!

Os pequenos artistas foram convidados por Carlinhos a irem todos os dias almoçar e jantar á sua casa... Deu-lhes umas roupinhas agazalhadoras, e uns beijos fraternaes.

A' noite, antes de adormecer, perguntou-lhe a tia:

— Então, quem elogiou hoje o teu vestido novo?

— Ninguem...

— Não te chamaram lindo nenhuma vez?...

— Chamaram.

— Quando?

— Quando eu trouxe commigo os pobresinhos.

— Vés, filho? é que a verdadeira belleza é a do coração. Não te assoberbes pelo teu luxo, que isso é miseria. Faz todo o bem que poderes aos que sofrem; a esmola, dada como tu deste, entre beijos, é mais que linda meu amor, é santa...

Ao som d'estas palavras adormeceu Carlinhos, com a paz da sua alma, branca e pura, estampada no seu rostinho calmo...

JULIA LOPES.

Campinas, Julho de 1885.

PAGINAS ESQUECIDAS

Sendo hoje o dia da legendaria festa da Gloria julgámos que seria interessante publicar neste logar, destinado aos « esquecimentos litterarios » algumas paginas do livro de Alencar « O crmitão da Gloria » em que o nosso grande romancista narra a lenda que deu origem á fundação da igreja no outeiro da Gloria e á famosa festa que ainda hoje se celebra, embora menos pomposamente. Se não estão esquecidas estas bellas paginas, são—pelo menos—pouco lembradas. Relê-as é agradável e util.

XVII

O ERMITÃO

Dias depois do funesto acontecimento, a escuna *Maria da Gloria* estava fundeada no seio que forma a praia junto ás abas do morro do Cattete.

Era o mesmo logar onde vinte annos antes se fazia a festa do baptismo, no dia em que se dera o caso estranho do desaparecimento da imagem da Senhora da Gloria, padroeira da escuna. Na praia estava um ermitão vestido

de esclavina, seguindo com o olhar o batol que largára do navio e singrava para terra.

Abicando a praia saltou d'elle Antonio Caminha, e foi direito ao ermitão a quem entregou a imagem de Nossa Senhora da Gloria.

Recebeu-a o ermitão de joelhos e erguendo-se disse para o mancebo:

— Ide com Deus, Antonio Caminha e perdoai-me todo o mal que vos fiz. A escuna e quanto foi meu vos pertence: sede feliz.

— E vós, Sr. Ayres de Lucena?

— Esse acabou; o que védes não é mais que um ermitão, e não carece de nome, pois nada mais quer e nem espera dos homens.

Abraçou Ayres ao mancebo, e affastou-se galgando a ingreme encosta do outeiro, com a imagem de Nossa Senhora da Gloria cingida ao seio.

Na tarde d'aquelle dia a escuna desfraldou as velas e deixou o porto do Rio de Janeiro onde nunca mais se ouviu falar d'ella; sendo crença geral que andava outra vez encantada pelo mar oceano, com seu capitão Ayres de Lucena e toda a maruja.

Poucos annos depois dos successos que ahi ficam relatados, começou a correr pela cidade nova de um ermitão que apparecera no outeiro do Cattete, e fazia ali vida de solitario, habitando uma gruta no meio das brenhas, e fuggindo por todos os modos á communicação com o mundo.

Contava-se que alta noite, rompia do seio da inatta um murmurio soturno, como o do vento nos palmares; mas que applicando-se bem o ouvido se conhecia ser o canto do terço ou da laldainha. Esse facto, referiam-no sobretudo os pescadores, que ao sahirem ao mar, tinham muitas vezes, quando a brisa estava serena e de feição, ouvido aquella reza mysteriosa.

Um dia, dois moços caçadores galgando a ingreme encosta do outeiro, a custo chegaram ao cimo, onde descobriram a gruta, que servia de refugio ao ermitão. Este desapparecera mal os presentio: todavia poderam elles notar-lhe a nobre figura e aspecto veneravel.

Trajava uma esclavina de burel pardo que lhe deixava ver os braços e arrelhos. A longa barba grisalha lhe descia até o peito, misturada aos cabellos cahidos sobre as espaduas e como ella hirtos, assanhados e cheios de maravalhas.

No momento em que o surpreenderam os dois caçadores, estava o ermitão de joelhos, deante de um nicho que elle proprio cavára na rocha viva, e no qual via-se a imagem de Nossa Senhora da Gloria, allumiada por uma candeia de barro vermelho, grosseiramente fabricada.

Na gruta havia apenas uma bilha do mesmo barro, e uma panella na qual extrahia o ermitão o azeite da mamona, que macerava entre dois seixos. A cama era o chão duro, e servia-lhe de travesseiro um toro de páu.

Estes contos, feitos pelos dois moços caçadores excitaram ao ultimo ponto a curiosidade de toda a gente de S. Sebastião e desde o dia seguinte muitos se botaram para o outeiro movidos pelo desejo de verificarem por si mesmo, com os proprios olhos, a verdade do que se dizia.

Frustrou-se-lhes, porém, o intento. Não lhes foi possivel atinar com o caminho da gruta; e o que mais admirava, até os dois caçadores que o tinham achado na vespera, estavam de todo o ponto desnortheados.

Ao cabo de grande porfia, descobriram que havia o caminho desapparecido pelo desmoronamento de uma grande rocha, a qual formava uma como

ponte suspensa sobre o despenhadeiro da ingreme escarpa.

Acreditou o povo que só Nossa Senhora da Gloria podia ter operado aquelle milagre, pois não havia homem capaz de tamanho esforço, no pequeno espaço de horas que decorrerá depois da primeira entrada dos caçadores.

Na opinião dos mestres beatos e Virgem Santissima queria significar por aquelle modo sua vontade de ser adorada em segredo e longe das vistas pelo ermitão; o que era, acrestavam, um signal de graça mui particular, que só obtinham raros e afortunados devotos.

Desde então ninguem mais se animou a subir ao pincaro do outeiro, onde estava o nicho de Nossa Senhora da Gloria; porém vinham muitos feis até o logar onde se fendera a rocha, para verem os signaes vivos do milagre.

Foi por esse tempo tambem que o povo começou a designar o outeiro do Cattete, pela invocação de Nossa Senhora da Gloria; d'onde veio o nome que tem hoje esse bairro da cidade.

EPILOGO

Antonio Caminha acceitou o legado de Ayres de Lucena.

Vestio a esclavina do finado ermitão, e tomou conta da gruta onde aquelle vivera tantos annos.

Viera aquelle sitio como em santa romaria para obter perdão do agravo que fizera á imagem de Nossa Senhora da Gloria, e chegára justamente quando expirava o ermitão que a servia.

Resolveu, pois, consagrar o resto de sua vida a expiar nessa devoção a sua culpa; e todos os annos, no dia da Assumpção, levantava uma capella volante, onde celebrava-se a gloria da Virgem Purissima.

Toda a gente de S. Sebastião e muita de fora ia em romagem ao outeiro levar as suas promessas e esmolos, com as quaes pode Antonio de Caminha construir em 1671 uma toska ermidã de taipa, no mesmo sitio onde está a igreja.

Com o andar dos tempos arruinou-se a ermidã, sobretudo depois que, entrado pelos annos, rendeu a alma ao Creador o ermitão que a tinha edificado.

Antonio Caminha finou-se em cheiro de santidade; e foi a seu rogo sepultado junto do primeiro ermitão do outeiro, cujo segredo morreu com elle.

Mais tarde, já no seculo passado, quando a grande matta do Cattete foi roteada e o povoado estendeu-se pelas apraziveis encostas, houve ali uma chacara, cujo terreno abrangia o outeiro e suas cercanias.

Tendo-se formado uma irmandade para a veneração de Nossa Senhora da Gloria, que tantos milagres fazia, os donos da chacara do Cattete cederam o outeiro para a edificação de uma igreja decente e seu patrimonio.

Foi então que se tratou de construir o templo que actualmente existe, ao qual se deu começo em 1714.

JOSÉ DE ALENCAR.

(O ermitão da Gloria)

Quasi todas as disputas humanas provem de que existem sabios e ignorantes mas que dos factos e das idéas somente vem uma face; e de que cada qual pretende ser a unica verdadeira e boa a face por elle vista.

BALZAC.

PARAISO VEDADO

Guarda-lhe a porta á camara esquisita
Um anjo. E se ella dorme, esse anjo espreita
Em roda, e ao punho o alfange de ouro es-
treita,
E se ella treme, o alfange de ouro agita.

Não ha transpor essa mansão bendita!
Pés profanos lá dentro quem suspeita?
Vêla a guarda, de pé; na mão direita
Arde o ferro luzente que exercita.

Em paz! desejo meu que ardente estúas!
De seus limpídos pés o arminho brando
Nem te é dado roçar com as azas tuas!

Ollha-a apenas da porta. . e a sombra escassa
D'essa arma inveja, fulgurante, quando
Mobil projecta-a, e ella em seu rosto passa.

ALBERTO DE OLIVEIRA.

THEATROS

S. PEDRO DE ALCANTARA

Em beneficio do joven e habil artista Masi, da Companhia Dramatica Italiana, representaram-se ante-hontem no theatro S. Pedro de Alcantara as comedias *Les demoiselles de la fourchette*, um acto engraçadissimo de Labiche, *L'etourdi*, de Bayard, trez actos hilariantes e *Une visite de nocces*, a celebre comedieta de Dumas Filho. Diremos d'esta somente, pois que das outras dizendo-se que fazem rir a escangalhar, como não têm outro fim tem-se dito tudo.

Este delicioso actosinho de Dumas é a nosso juizo superior a algumas, das muitas philosophicas e pretenciosas do grande mestre do theatro moderno. E' observado, é sentido, é espirituoso, é humano, profundamente humano. Aquelle rapaz que repelle a antiga amante desde que sabe que ella se conservou fiel e que as aventuras que d'ella lhe diziam são falsas e que a viver conjugalmente prefere viver com sua mulher, porque «para mulher honesta basta-lhe a sua», é verdadeiro como a propria verdade. E aquelle discurso philosophico de De Bonal ao *bébé*?... Moliéresco! Oh como são pequeninas as theses socialistas, os problemas moraes, as demonstrações logicas, deante d'este actosinho, tão simples, tão pequeno, tão despretençioso e tão bello, tão verdadeiro, tão profundo!

Duse-Cecchi e Andò fizeram á merveille os seus importantes papeis. Andò disse toda a sua parte com uma naturalidade, uma segurança e uma *verve* inexcitaveis, admiraveis!

Que grande artista este Flavio Andò! Duse-Cecchi, meu Deus, que mais dizer d'ella?

Original, inimitavel, unica no papel de baroneza de Morans como em todos os papeis de que se encarrega. Masi, que havia estudado a sua parte em dois dias apenas, não a comprometteu; ao contrario.

O theatro—quasi vasio. Uma injustiça do publico para com o Sr. Masi, que lhe devia merecer mais um pouco.

SANT'ANNA

Estreiou no sabbado passado, no Sant'Anna, como noticiámos, a nova empreza dramatica do actor Simões, com o drama de D'Ennery *O palhaço*. O desempenho foi muito satisfactorio.

Appolonia, Simões e Ferreira foram muito applaudidos. Hontem representou *Os filhos do Capitão Grant*, um drama de situações commoventes, imprevistas,

embasbacantes, e que sempre agrada. Pois foi isso mesmo o que lhe aconteceu hontem:—agradou.

Mil prosperidades á companhia dramatica do velho, bemquisto e provector actor Simões.

POLYTHEAMA

Foi na memoravel noite de quarta-feira a estreia da grande companhia equestre dos Irmãos Carlo!

O Polytheama estava litteralmente cheio, e em todos os rostos se lia o contentamento de pessoas que iam tornar a ver os artistas, seus antigos conhecidos, á custa dos quaes o publico fluminense tanto se tem divertido.

Lá appareceu o famoso, o incomparavel, o xtraordinario, o incrível Frank Brown—um artista de grande merito, de grande força e de grandes saltos, um clown que arrebeta a gente de riso, o maior e mais famoso inimigo dos botões de calças, que tem apparecido n'este hemisferio. E trouxe novos cães, o diabo do homem; e que cães! Aquillo fazem cousas de deixar boqueabertos para toda a vida dez chantres de capella, dos que sabem ler e escrever! Pois o palhaço, um demonio de um caõsito preto, cabelludo como o Sr. Hudson (salvo scja!) no tempo das republicas, que faz peloticas e habilidades que até parece nma pessoa. O diabo do *Flock* tem mais graça do que trez pimentas microcosmographicas.

Temos tambem o Frederico Carlo e Mlle. Amelia, com os seus cavallos e eguas amestrados, em liberdade; temos os meninos Harry e Hattie Carlo, artistas equestres e dançadores; temos o casal Casali, o Clown Ozon, o menino Ventura, o Pereira, Mlle. Boreli e outros.

Dos artistas novos o mais notavel, por emquanto, é o Sr. Mori, que executou com muitissima limpeza e rara correcção, novissimos trabalhos na dupla barra fixa, revelando-se artista consummado, de grande merito.

A maior novidade, porém, é o *Jornal do Commercio*... perdão!—é o elephante Bosco. Que bicho, sauto Deus!

A entrada do enorme pachiderme não primou pela delicadeza, valha a verdade; e o que elle fez no circo, á vista de todos, nao revela uma gentileza lá para que digamos. Só se elle nos quiz mostrar o que a um bicho da sua casta jámais viramos fazer. Será bom que para outra vez seja mais comedido nas suas expansões physiologicas, ou que de vespera se precavenha com alguns perfumes para offerecer ao publico.

Depois de aliviado, executou varias sortes, com uma limpeza relativa, entre as quaes o publico appreciou uma parodia do homem dos sete instrumentos, tudo por musica escripta, cousa que nem o *Escaravelho* era capaz de aprender em dez annos com muito pãu e muito ensino.

E assim terminou a grande funcção de estréa da companhia Carlo, que nos promette uma temporada alegre e boa como todos os demonios.

O Dr. Candido Barata Ribeiro, auctor do drama *Segredo do lar*, ha annos representado por Furtado Coelho, leu em dias da semana passada a alguns amigos, em intimidade familiar, o seu novo drama—*As mulheres que morrem*; titulo este que vae ser substituido por outro mais adaptavel ao assumpto dramatisado. A peça agradou sobremaneira ao auditorio, e tanto, que o Dr. Barata, accedendo ao pedido dos seus amigos, prometter fazer proxicamente segun-

da leitura, á qual serão convidados os nossos mais notaveis jornalistas e homens de letras. Por essa occasião, que ansiosamente esperamos, daremos o nosso juizo sobre o novo trabalho do illustre medico, a quem muito deveria o theatro, se *theatro* houvesse entre nós.

Em homenagem á memoria de João Caetano, realisar-se-á proxicamente no theatro Sant'Anna um solemne festival.

Os nossos collegas da *Revista Theatral* são os iniciadores e organisadores d'esta festa que promette ser brilhante, a julgar pelo programma que receberemos.

Serão distribuidos gratuitamente durante o festival, além do retrato de João Caetano, os de Duse-Checchi, Vasques, Peregrino, Lucinda, Guilherme de Aguiar e outros.

O producto d'este festival é destinado ao monumento do immortal actor brasileiro.

Cumprimentamos os nossos collegas pela bellissima idéa que tiveram e desejamos que o publico a complete com uma enchente no Sant'Anna.

O empresario Ciacchi escreveu para S. Paulo propondo a ida da companhia dramatica Italiana a essa cidade se lhe for garantida uma assignatura de 16 contos para 8 recitas.

Nem um momento duvidamos que esta proposta seja recebida com entusiasmo pela briosa e adcantada provincia, que tanto se tem distinguido pelo seu apurado gosto artistico. Se, todavia, S. Paulo recusar, peor para S. Paulo; pois perderá a occasião unica de apreciar esta companhia extraordinaria e, principalmente, de admirar a assombrosa rival de Sarah Bernhardt.

Os empresarios Luiz Braga Junior e Celestino da Silva, associados para a excursão do casal Furtado Coelho ás provincias do Norte, onde Lucinda nunca foi e onde Furtado foi nos primeiros tempos da sua vida artistica, aquelles dois empresarios, dizemos, pensam em trazer a Corte e S. Paulo na mesma epocha, alguns dos melhores artistas da companhia do theatro de D. Maria II—o melhor theatro da nossa lingua, incontestavelmente. Seria difficil, senão impossivel, trazer a companhia toda, mas virá Brazão e é bem possivel que venha Virginia, a primeira actriz dramatica portugueza.

Brazão dar-nos-a o *Othello*, que elle já representou e o *Hamlet*, que foi ultimamente estudar.

A VIDA ELEGANTE

Depois de um torneio de bilhar,—em que sobresahiram e foram justamente contemplados com magníficos premios os Srs. Moreir (Santos, Calazans Ramos, Alberto Heckser, João Roxo, Furtado de Mendonça, Honorio Lobo, Custodio de Albuquerque e outros,—realisou-se domingo no Club de S. Christovão um deslumbrante sárau que teve por causa principal a distribuição dos premios aquelles vencedores do torneio.

O Sr. Dr. João Lara, na falta do presidente do Club, pronnciou, substituindo-o como vice-presidente, algumas palavras lisongeiras aos bilharistas, os quaes foram chamados um a um a

receberem as offertas que lhes cabiam.

Começaram as dansas, com grande animação, pouco depois das dez horas da noite, e prolongaram-se até á uma hora, não continuando por indisposição dos homens da musica, que de instrumentos ás costas levantaram-se inesperadamente, promptos para se pôrem ao fresco.

O Sr. commendador Ignacio Marques de Gouvêa, muito digno presidente do Club, apresentou-se nos salões á meia noite, sendo por essa occasião circundado por um grupo elegante de senhoras, que o saudaram entusiasticamente.

O Club de S. Christovão nos deu como costuma uma esplendida festa e a sua directoria não poupou esforços para fazer com que os seus convidados se retirassem verdadeiramente saudosos e penhorados.

LORGNON

Ha ataques que engrandecem quem os recebe.

GUSTAVE RIVET.

COLLABORAÇÃO

A'.....

Destumbram-me esses olhares,
Em que tu'alma scintilla,
Como na face dos mares
Do sol a imagem tranquilla.

(VICENTE DE CARVALHO).

E' grande, immenso qual o véu sidéreo
O poder que te occulta para mim,
E no emtanto atravez d'esse mysterio
Conheço teu olhar, longo, sem fim!

Conheço teu olhar que inconsciente
Fez morrer a ventura qu'eu frui,
Sei que é bello luzeiro permanente
Nas romagens da minha phantasia.

Sempre a roubar-me a paz, o pensamento
Dá-me a tortura do martyrio lento,
Faz-me lutar sem luz na iadecisão:

Mas quando irrompe em meus som-
brios dias
Lança um clarão de santas alegrias,
Innunda de fulgor meu coração!

REVOCATA H. DE MELLO.

Rio Grande — 1885.

FACTOS E NOTICIAS

SPORT

Estiveram animadissimas as corridas de domingo no Club Athletic Fluminense.

A digna e amavel directoria d'essa magnifica associação recreativa deve sentir-se orgulhosa pelos bons auspícios que a circumdam e deve contar que d'aqui a muito pouco tempo não existirá talvez nesta Corte sociedade alguma nesse sentido comparavel ao Club Athletic.

A's onze horas da manhã, mais ou menos, tiveram começo as corridas perante uma multidão enorme de espectadores, que enchiam não só as vastas

archibancadas, onde se viam muitas senhoras, como também o espaço comprehendido em derredor da raia.

Foram vencedores e obtiveram excellentes premios os Srs. Henrique Vabo, H. Teixeira, Arthur Soeiro, Alberto do Couto, Ponte Junior, Alberto Taylor e Raul de Lima.

Como estava determinado, apresentaram-se em publico Mme. Bargossi e seu esposo e fizeram verdadeiras maravilhas. A primeira, que se havia comprometido a percorrer 3.000 metros em 17 minutos, percorreu-os em 13, com uma differença, portanto, de 4 minutos a menos.

De um porte elegante e excessivamente desembaraçada, correu, deixando todos cheios de admiração e sendo sempre recebida com entusiasticos applausos na sua passagem.

O Bargossi, finalmente, pôde-se dizer que foi o heroe da festa. A insignificancia de 19.800 metros percorreu elle em uma hora e poucos minutos com toda a calma, atirando de quando em quando uns assobios ao ar, correndo de costas, saltando, dansando e dirigindo-se aos espectadores sempre com um sorriso nos labios.

Ao vel-o terminar a corrida dir-se-ia que tinha acabado de uma pequena volta pelo jardim do Club, tal era o estado de socego em que se achava o seu privilegiado organismo.

O Sr. Januario de Oliveira, que competio com o Bargossi, fez o que poude e na nossa opinião fez muito, porque percorreu 9,700 metros, deixando que o admiravel andarilho se adeantasse apenas numa volta. Quem não fez, entretanto, figura invejavel, foi o Sr. Viriato de Freitas, um homem já de idade, que teve a infeliz lembrança de metter-se a competir com o Bargossi.

Deve estar bastante arrependido da sua deliberação o Sr. Viriato de Freitas.

O Sr. Freitas, depois de percorrer uma pequena distancia, deixou-se cahir de encontro a uma grade medonhamente pallido. Vimol-o deveras incommodado. Mas também quem o mandou metter-se com o Bargossi? O Bargossi não é de brincadeiras.

O Sr. Viriato de Freitas com os annos que conta não procedeu bem em dar que fazer ás suas pernas que devem com certeza precisar de descanso.

Em conclusão temos a dizer que a festa do Club Athletico esteve esplendida.

Parabens á sua directoria, composta de alguns delicados rapazes, a quem nos confessamos sinceramente gratos pela extrema cortezia com que nos trataram.

Partio para o Rio Grande do Sul Fontoura Xavier, o distincto poeta que em boa hora o Sr. conselheiro Martim Francisco se lembrou de celebrar, introduzindo alguns dos seus bellos versos nos Annaes Parlamentares.

Está na capital o nosso estimado e gentilissimo collega do *Diario Mercantil*, Gaspar da Silva.

Mudou-se de Capivary para Santos, onde vai abrir um collegio, o nosso illustre collaborador Julio Ribeiro.

BARGOSSI

Amanhã faz o seu beneficio no Prado Guarany, graciosamente cedido pelo seu proprietario, o casal Bargossi.

Vai ser uma corrida de novo genero, em que, além dos beneficiados, correrão os nossos principaes amadores d'este utilissimo genero de divertimentos; tomará também parte o corredor genuino de Almeida, que com os seus companheiros gentilmente accedeu ao pedido que lhes dirigio o *homem-locomotiva*.

O publico que já vio os afamados andarilhos, não deixará de assistir a esta corrida, que deve ser esplendida. Resta que as pessoas que ainda os não viram não deixem escapar esta excellente occasião.

O estadio de Bargossi entre nós é um grande incentivo e um poderoso estimulo para o desenvolvimento das corridas de homens, tão necessarias neste paiz de sedentarios, onde o bond tem afrouxado os nossos estimaveis aparelhos locomotores, vulgarmente conhecidos pelo nome de pernas; o dever do publico é animar o casal Bargossi para que elle se demore algum tempo no Brazil e estes nossos rapazes aprendam a andar e a correr, como se faz em toda a parte.

Parabens aos Bargossi.

Recebem-se hoje em casamento o nosso estimado e distincto collaborador Luiz Gonzaga Duque-Estrada e D. Julia Guimarães Torres na igreja de Nossa Senhora da Gloria. Serão padrinhos: da noiva o Sr. Joaquim de Souza Fernandes e D. Maria Torres Rocha; do noivo o Sr. Antonio Xavier da Rocha. No dia 20 seguirão os noivos para a cidade de Cabo Frio, onde se demorarão algum tempo.

Desejamos-lhe uma eterna lua de mel.

TRATOS Á BOLA

Tratistas:

Faltaria (lá vai a *chapa*, não ha remedio), ao mais sagrado de todos os deveres se n'este momento solemne deixasse de agradecer a todos vós, a bondade com que vos dignastes de receber os *tratos* ultimos. Ufano-me com esta recepção. Lamento não dispôr nesta occasião de todas as estrellas, de tudo isso que fulge no eterno azul, até mesmo, da viactea, para jogar-o aos vossos pés, illusterradissimos tratistas! Em todo o caso ficai scientes que a minha gratidão (como diz o collega *Chico Fêrula*) será eterna... por duas semanas.

Cumprido este dever, escrevo aqui os nomes dos illustres tratistas da semana finda, e não me cançarei de gritar para o futuro, como um *garçon* amabilissimo: Olha um Pantheon para treze!...

Eil-os: *Pery-assú, Tamandú, Valerius Madilina, Pépe, Josephina B., Frisinal Vassico, Joãozinho, Marco Aurelio, Theodora, Ruy Barbo, Sempre-Viva, Lisboa Junior, Pimenta e Jovial Tristonho.*

O primeiro decifrador foi o Sr. *Valerius Madilina* e o segundo o Sr. *Jovial Tristonho*. Mandem buscar os seus premios. Cã estão ás ordens dos carissimos amigos.

Eis as decifrações: dos proverbios-*enygmas: Quem porfia mata caça e Em casa de ladrão não se falla em corda, da antiga — Pardal; das novissimas Massarico e Escaravelho, das telegraphicas — Gato e Cabra, das invertidas — Norte (tenor) e Egas (gaze) e da calemburguesca — Assoalho.*

Para hoje temos as seguintes *tratices* que não são para dar muitos *tratos* á bola:

ANTIGA

Hontem, no largo da Lapa
Um pobresinho *ella* vio;
Rasgou metade da capa
Para cobril-o do frio... 1

Mas você, inda por cima,
Com ar zombeteiro fica?!
Ah! lembre-se que *ella*, prima
Não é totalmente rica... 1

Quando você vé na rua
Uma pessoa co'os pés
Descalços, e pobre e nua,
Faz acaso o que *ella* fez?... 1

Mas se não faz, prima, faça;
Ande, imite os actos seus;
Tem quem afoga a desgraça
Em si um pouco de Deus... 1

EM QUADRO

Leitoras. dae-m'a que me falta a veia;
Tendes no olhar, que leva-me de rastros;
Cresce e afflue ao sabor da lua cheia;
No astro Saturno em vossos dedos, astros!

INVERTIDAS

2—Este a-verbio é uma deuzza.
2—Este verbo não é vulgar.

CALIMBURGUESCA

Qual a nota que suja e se enrola?

ENYGMATA ALPHABETICO

	B			
	1			
	O	C	N	
	4	1	2	
A	S	D	R	U
1	1	1	1	1

Formar com estas letras, empregadas tantas vezes quantas os algarismos designam, o nome de um rei antiquissimo

PREMIOS

Ao primeiro decifrador exacto uma colleção encadernada d'*A Semana*; ao segundo um almanak do *Correio da Europa*, illustrado, para este anno:

E — *au plaisir.*

D. PASTEL.

RECEITAS CULINARIAS

SOBREMESA

SALADA DE FRUCTAS Á ROUÈDE

Ponha-se num prato de sobremeza uma rodella de abacachi, em cima d'esta verta-se o contendo de um ou dois maracujás, algumas uvas-passas de Coryntho ou de Malaga, das melhores, e um figo bem maduro cortado em quatro, collocado em cima de algumas talhadas de laranja; polvilhe-se depois o todo de assucar e cubra-se com gelo ralado. Sirva-se um d'estes pratos a cada um dos convidados, e em seguida tome-se para rebater, um copo de vinho de Ruster. Melhor é experimental-o que julgal-o.

CABRION

RECEBEMOS

— O *Mequetrefe*, n. 388. Bem desenhado. Na ultima pagina traz um bom retrato do distincto actor italiano Flavio Andó.

Texto como sempre muito bem feito.

— Da Empresa Litteraria Fluminense o 1º fasciculo d'Os Miseraveis de Victor Hugo; edição nitida e bara.

— Um prospecto-lista da *Revista dos Novos* que apparecerá em S. Paulo, a 20 do corrente mez.

— *Le Brésil à l'exposition d'Anvers* numero specimen, redactor principal E. Delau.

— *Correio da Europa* (Lisboa.) Traz a data de 22 de Julho.

— *Cadastro da Policia*, fasciculo n. 25.

— *Estudo sobre o ensino primario* no reino da Grã Bretanha e Irlanda pelo Dr. Cezar Augusto Vianna de Lima addido á legação do Brazil em Londres.

— *O Abolicionista*; galope para piano, composição da distincta pianista D. Maria C. da Cruz Almada.

— Do Sr. Henri Nicoud:

O n. 29 dos periodicos *Le salon de la mode e La mode illustrée*, publicadas em Pariz a 18 e 19 do mez passado; e os dois ultimos numeros da *Revue politique et litteraire*. Excellentes.

— O n. 13 (2º anno) da *Illustração*, publicação portugueza em Pariz, sob a direcção de Mariano Pina. Recommenda-se-nos este numero especialmente pelo magnifico retrato do Dr. Luiz Couty, acompanhado de um longo artigo biographico por Escragolle Taunay, e pela soberba pagina « O grand prix de Paris ».

— *Distração*. — N. 45; semanario humoristico e satyrico. Muito humoristico e muito satyrico, como sempre.

— Do Sr. Vasconcellos um bellissimo retrato de D. Pedro V.

CORREIO

Sr. F. E. GRIS — A sua poesia *No Inverno* é tão boa, tão gostosa, tão desopilante, que não publicá-la seria um peccado. E peccado que o proprio bispo cá da travessa, o da synagoga, o Miguel, o Miguel não perdoaria.

NO INVERNO

Apoz um tufão medonho
Que bramiu durante a noite
Disponhou o dia risonho...

Do meu quintal, um ninho
Desmantellado jasia no cbão,
Um terno e triste passarinho
Chorando o trabalho d'então,
Trinava trepado num galho,
Secco de larangeira, chorou
Dos filhinhos o agazalho
Que o tufão arrebatou...

O Sr. é com certeza discipulo do teuto sergipano, do Sylvio Romero. Está se vendo. Sr. *Gastão Plinio*. A sua *Madrugada no Campo* dedicada a Luiz Murat seria boa se lhe tirasse alguns leves defeitos que a prejudicam.

Sr. MODESTO DE PAIVA (S. João d'El-Rey) — A sua *Vacillação* sahirá na collaboração. E' esperar, Sr. Modesto.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Dr. Henrique de Sa — Espec. Syphilis e molestias das crianças. Con. sultorio: — rua Primeiro de Março, 22- de 1 ás 3 horas da tarde. Residencia: — rua de S. Pedro, 294.

Portuguez, franceze e Inglez — Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

TYPOGRAPHIA

A typographia d'A SEMANA, ultimamente montada, dispondo de uma boa escolha de tipo inteiramente novo, aceita quaesquer encomendas de obras, poesias, jornaes, annuncios, etc. etc.

PREÇOS BARATISSIMOS

TRATA-SE NO ESCRIPTORIO DA EMPREZA

36 Travessa do Ouvidor 36

Esquina da rua do Ouvidor

A DIVINA COMEDIA

DANTE ALIGHIERI

DE JOSÉ PEDRO XAVIER PINHEIRO

TRADUÇÃO DE

O traductor fez a versão em tercetos, rimados sempre, como os do auctor, e annotou cada verso com eruditissimas notas explicativas. Precede a tradução um profundo estudo critico em que o traductor analysa longa e detidamente Dante e o seu poema.

Já sahiram á luz o 7º fasciculos nitidamente impressos na casa Leuzinger, de 16 paginas, com capa. O preço é de 300 rs. cada fasciculo.

Assigna-se nas seguintes casas:

Livrarias GARNIER, LAEMMERT, FARO & NUNES e Redacção d'A SEMANA, travessa do Ouvidor, 36; e na

AGENCIA GERAL

6 RUA DO CARMO 6

VENDEM-SE

collecções d'A *Semana* (primeiro ses mestre), encadernadas, nas livrarias Faro & Nunes, Laemmert, Serafim Alves e no escriptorio d'A SEMANA por 4\$ e 5\$000

AU PETIT JOURNAL

ASSIGNATURA PARA TODOS OS JORNAES

Especialidade em artigos proprios para presentes

COMPLETO E VARIADO SORTIMENTO DE BRINQUEDOS DE PARIZ

HENRY NICOU & C.

Unicos correspondentes e depositarios nesta Corte da verdadeira

"LA SAISON" de Pariz

Recebem com a maxima presteza todos os jornaes parisienses e os distribuem pelos seus assignantes, apenas os recebem.

A casa AU PETIT JOURNAL é inimitavel neste serviço.

27 Rua dos Ourives 27

RIO DE JANEIRO

DR. F. PESSANHA
CLINICA MEDICA
CHAMADOS A QUALQUER HORA
Consultorio e residencia
28 Qua da Alfandega 28
RECADOS—QUITANDA, 86

EXTERNATO HEWITT
INSTRUCÇÃO SECUNDARIA
E
COMMERCIAL
134 Rua do Rosario 134

A SEMANA 100 RS.!
TANGO DELICIOSO
COMPOSTO E OFFERECIDO

POR

ERNESTO DE SOUZA
conhecido auctor do tango *Setim*, e de outras applaudidas musicas, á redacção d'A *Semana*.

Vende-se no escriptorio d'esta folha a

1 \$000

OBRAS

à venda no escriptorio desta folha:

DE VALENTIM MAGALHÃES

QUADROS E CONTOS
por 2\$000.

COLOMBO E NENÉ

poemeto, 1\$000.

DO MESMO E FILINTO D'ALMEIDA:

O GRAN GALEOTO

traducção do drama de Echegaray, 1\$000

DE ALFREDO DE SOUZA

AURORAS

versos, 2\$000.

DE L. MURAT:

QUATRO POEMAS

versos, 1\$000.

DE AMERICO LOBO:

EVANGELINA

traducção do poema de Longfellow, 1\$000.

COLLEGIO NEVES

Instrucção. Primaria e Secundaria

Estabelecido em vasto predio, com grande chacara, offerece as melhores condições hygienicas.

Recebe internos. externo, e meio pensionistas.

Leccionam habeis e zelosos professores.

DIRECTOR

Dr. Amaro Ferreira das Neves Armond

DR. ARAUJO FILHO

MEDICO PARTEIRO

RÉSIDENCIA

Rua do Visconde do Rio Branco n. 36.

ROUPA

Recebem-se roupas para lavar e engomar, garante-se o trabalho.

RUA DO RIACHUELO 36 A

A SEMANA

CORTE

Trimestre..... 2\$000
Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

PROVINCIAS

Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

SUMMARIO

Expediente.....	JOSÉ DO EGYPTO
Historia dos sete dias.....	
Politica e politicos.....	L. MURAT.
Cartas de Lisboa.....	E. MONTEIRO.
Os nossos livros.....	ARARIPE JUNIOR
Soneto a premio.....	
« A arena! ».....	L. DELFINO.
Gazetilha Litteraria.....	
Cofre das graças.....	BIBIANO.
Um soneto de Richepin.....	
Questão interessante.....	
Bellas Artes.....	A. PALHETA.
Poesia e poetas.....	L. MURAT.
Theatros.....	
Factos e noticias.....	
Tratos á bola.....	D. PASTEL.
Receitas culinarias.....	CABRION.
Recebemos.....	
Correio.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

Ao Sr. Antonio Luiz do Couto, ex-agente d'A Semana em Nictheroy, rogase o obsequio de vir a este escriptorio, para prestar contas da cobrança de assignaturas d'esta folha naquella cidade.

A SEMANA

Rio, 22 de Agosto de 1885

HISTORIA DOS SETE DIAS

Lêmos e relêmos, virámos e revirámos, mechemos e remechemos todos os jornaes da semana, á caça de acontecimentos historiaveis; varejámos o sotão da memoria a ver se lá encontraríamos qualquer cousa que houvesse escapado aos reporters; mas tanto n'esta como naquelles só encontramos — politica.

As proezas gambias dos Bargossi, que a estas horas estão em S. Paulo, mostrando á terra dos Andradas para o que servem as pernas; a festa da Gloria, que foi este anno de um brilhantismo excepcional, com todos os attractivos que ha dez annos faziam d'essa festa a mais ruidosa e popular da Côte; o roubo no Consulado Portuguez, que durante 48 horas assumio as proporções de um escandalo X. P. T. O., a controversia hyppica sobre a procedencia da *Icaria*, interessante animal que o Sr. Lemgruber afirma ser nossa patricia — salvo seja! — contra o parecer de outros respeitaveis *sportmen* e á qual todos perguntam como na chistosa parodia da *Judia*, de Thomaz Ribeiro:

« Onde nasceste, em que paiz brincaste,
« Onde deixaste teu querido pae?
« No Porto, em Braga, em Macacú, na China?
« Pobre menina, que tormento, ai, ai! »;

as explicações do maestro Ferrari em dô de peito sobre a fuga do *carissimo* Tamagno e a sua substituição pelo

Marconi, que, se como tenor não é tamanho, substitue-o sem escandalo, embora com difficuldade; emfim, todos os factos da semana mingoaram, summiram-se deante da Crise e queda do ministerio Saraiva e da subsequente ascensão dos *casquados* ao poder.

De fórma que, por mais que o ministro e secretario de Estado dos negocios da *Historia dos sete dias* queira respirar a inviolabilidade das attribuições dos seus collegas encarregados da pasta *Politica e politicos*, não pode deixar de invadir-lhe a seára.

A ascensão do partido conservador ao Poder não despertou, lá para que digamos, um enthusiasmo extraordinario.

Aquillo eram favas contadas.

Ha muito tempo que os liberaes se conservavam no poder por obra e graça de Alguem, que é o Espirito Santo d'estas brazileas plagas.

Hão de estar lembrados os leitores que por occasião da crise a que o Sr. Lafayette deveu a inspirada fortuna de ser presidente do conselho, o sapientissimo Alguem chegou a dizer aos chefes liberaes: — Então, senhores! dê-me um homem; o paiz não pode ficar sem governo! Sua Magestade vingava-se e vingou-se da accusação de conservatorismo que lhe faziam os homens da «Reforma ou Revolução», fazendo com que o partido cahisse do poder — por falta de homens, que elle se *dissolvesse* por si mesmo.

Ora a podridão que devastava e roia irremediavelmente esse partido inglorio e funesto, verdadeiro Zé Caipora governamental, agravava-se visivelmente, dia a dia, manifestando-se nos tremendos abcessos que a Historia registrará sob os nomes de Sinimbu, Martinho Campos, Lafayette, Paranguá e Saraiva. O paiz via o proximo fim lamentavel d'esse partido que, como Saturno e as gatas, devora os proprios filhos. E esperava-o, compungido e amedrontado. O partido conservador, convencido d'isso tambem, e a exemplo de Sua Magestade, fez ao governo a guerra do silencio, a campanha do abandono, conservando-se pacatamente á espera da morte *natural* do seu adversario para saltar á boléa da caranguejola do Estado.

Esse dia chegou: foi o 19 de Agosto de 1885.

Em meio do apodrecedouro liberal um homem surgiu, cirurgião humanitario e energico, que procurou á força de dedicacão e de insano labor salvar aquelle moribundo.

Injectou-lhe nas veias um principio, o mais bello principio do seu conspurcado e roto programma e receitou para salvacão do enfermo e da patria — o projecto 15 de Julho. Em vão!

A syphilis terciaria da politiquice aldeã tinha invadido as cellulas cerebraes do doente. O infeliz não podendo comprehender a efficacia do medica-

mento receitado nem a sabedoria e a dedicacão do seu medico recusou-se ao tratamento; rejeitou o medicamento e o medico.

O Sr. conselheiro Dantas retirou-se então, dignamente, sendo acompanhado até á porta de sahida dos conselhos da Coroa pelos applausos da imprensa e pelas benções de uma raça.

Sahio de S. Christovão e entrou logo directamente na Historia, aureolado e tranquillo.

A saturnal parlamentar continuou; para terminar vergonhosamente pela subida do Sr. Barão de Cotegipe e com elle o partido conservador.

Quantas reputações não devorou a situação liberal!

Quantos homens inutilizados por ella! Voltará algum dia ainda ao poder o partido que tem a honra de contar entre seus soldados A. de Siqueira, Zama, Zé Pompeu, Sinimbusinho, Rodrigues Junior, Felicio e outros que taes? Não o crêmos.

Formar-se-á naturalmente um partido novo em que poderão alistar-se alguns ou muitos liberaes, mas o partido que com este nome *degringolou* do poder a 19 do corrente — esse não voltará mais a cavalgar a burrinha do governo.

Nestas condições não póde o paiz deixar de receber a volta dos conservadores ao poder com sympathia, e de fundar nesta nova phase politica todas as suas esperanças.

Choremos a morte dos liberaes com lagrimas... de foguetes.

JOSÉ DO EGYPTO.

POLITICA E POLITICOS

Depois de haver appellado para os chefes mais proeminentes do partido liberal, o imperador chamou o Sr. Cotegipe para organizar o ministerio.

S. Ex. accitou o encargo.

Os liberaes depois de oito annos de governo cairam sem haver assignalado a sua passagem pelo poder com uma só reforma que se impuzesse á memoria do paiz.

Durante oito annos o espirito publico olhava espantado para aquelles loucos com receio de que elles se tornassem furiosos.

Este lapso de tempo, que é uma vergonha para a bandeira do partido liberal já tantas vezes enxovalhada pela ineptia, quando não pela insensatez dos que se arremigram á sua sombra, cahio rota sem achar um só homem que a pudesse suster e hastear de novo como uma reliquia sagrada, como um thesouro tradicional por cuja honra era preciso velar.

Partido sem tradicções, emblema de renegados que não souberam manter illeza a honra dos seus antecessores,

deixou o poder para nunca mais re-havê-lo.

Parece incrível que durante tanto tempo, esse partido só encontrasse em seu seio um unico homem que tivesse a dupla coragem de ter idéas e de expô-las francamente, e de sustentar um programma politico.

Porém, como todos os partidos monarchicos, inapto para comprehender qual o escopo que haviam gravado no lábaro que embalava os seus velhos soldados como uma phalange de gigantes, os liberaes de hoje que já haviam tantas vezes conspurcado a memoria dos liberaes de outros tempos, prestaram um apoio sincero aos seus adversarios para derrubarem o unico estadista a quem não faltou coragem e valor para agitar uma idéa que vinha ullulando das camadas mais profundas que formam por assim dizer a base definitiva da constituição politica e social do paiz.

A queda do ministerio presidido pelo Sr. conselheiro Dantas, implicou a queda do partido,

Quando elle cahiu arrastou consigo os seus correligionarios politicos que não quizeram vér n'elle o unico homem capaz de levantar a memoria extincta dos liberaes da Constituinte e salvando a situação, salvar o paiz.

Por qualquer lado que se discuta a queda do partido liberal e a consequente ascensão dos conservadores ao poder, tem essa queda como causa efficiente, a questão do elemento servil, preocupação unica dos governos e a maior aspiração nacional.

Se é isto verdade, se a causa é esta, não é difficil prever-se qual será o fecho d'esse drama politico, onde se encontram um defronte do outro, o governo que não quer a reforma e o povo que a exige.

Tambem não é difficil constatar dos dois factores, ambos virtuaes nos seus elementos intrinsecos, qual será o que possui as qualidades necessarias para impor a sua vontade ao outro.

O governo imperial ha de submeter-se, o governo imperial temporariamente hade consorciar-se numa fusão hybrida com a subita transfiguração e multiplicidade crescente dos germens democraticos, que jazem no fundo moral de cada povo e fazer a reforma, se não quizer ser victima da sua temeridade e da obstinação em não querer resolver um problema de onde decorre a felicidade commum do paiz.

E' por isso, e mais, em consideração aos factos que se agglomeram em torno d'esta questão que de dia em dia reveste um caracter mais serio e mais complicado, que nós acreditamos que os conservadores, longe de serem um obstaculo á realisação da reforma, serão uma garantia para que ella se faça naturalmente, sem perdas, nem violencias da parte d'estes dois elementos: o constitucional e democratico.

Além d'isso, estas palavras do Sr. presidente do conselho: o partido conservador *póde, quer e deve* fazer a abolição nos autorisam a dar ás nossas considerações um cunho de verdade que não acreditamos poderem ser desmentidas mais tarde, salvo uma contradicção do governo.

O amor de si mesmo, dizia J. J. Rousseau, é o unico movel que faz agir os homens. Quando um povo vé n'uma idéa, a sua propria natureza desdobrando-se e objectivando-se, por mais serios que sejam os obstaculos que se interponham á sua realisação e inesperados e adversos os acontecimentos, a idéa desenvolve-se, enraiza-se, fixa-se na consciencia de todos de maneira a constituir uma harmonia de pensamento e de acção e a tornar-se lei no momento preciso.

Assim acontece com a abolição do elemento servil.

O povo conseguiu fazer d'esta idéa o objecto permanente das suas esperanças, o movel que o impelle para a conquista definitiva das suas liberdades.

Por consequencia é logico e é prudente que os conservadores depois do deploravel governo liberal, tornem uma realidade as palavras com que um dos seus chefes mais proeminentes o mesmo que é hoje presidente do conselho, inaugurou a nova phase politica: *O partido conservador, póde, deve e quer fazer a abolição.*

LUIZ MURAT.

CARTAS DE LISBOA

Como todas as obras do Sr. Columbano, tem esta a qualidade, entre nós de primeira ordem, de despertar mais do que as de qualquer dos seus collegas a attenção e a discussão do publico. Os quadros d'este artista têm effectivamente o quer que seja de singular, de não visto, de pessoal, que mesmo os que não gostam e os que chegam a dizer que aquillo não é arte, todos lhe reconhecem talento.

— Talento tem elle, dizem; isso é inegavel. Assim elle quizesse...

Ha realmente neste quadro do Sr. Columbano qualidades de um grande talento de artista, sobretudo qualidades de factura e ha principalmente uma individualidade pujante e indiscutivel.

Ninguém,—é minha convicção—por mais ignorante no assumpto, examinou ainda aquella grande tela, que não se sentisse possuido de mais ou menos admiração pelo autor. Nenhum dos que até hoje negaram as suas qualidades de artista, deixou de modificar consideravelmente a sua opinião perante essa obra estranha, que faz lembrar as grandes composições cívicas da escola hollandeza, de todas as antigas e modernas, aquella com que o Sr. Columbano tem mais pontos de contacto, comquanto seja ao mesmo tempo artista inteiramente da sua época.

O publico portuguez, habituado aos retratos de familia directamente oriundos da photographia colorida, em que as figuras têm um ar de automatatos, em que os tons brilham como n'as pinturas de taboleta, o publico sente-se impressionado com espanto diante d'aquellas figuras, agglomeradas para ali ao acaso, fazendo manchas salientes no fundo claro da tela, e que de tal modo têm vida e realidade, que nem lhe parecem pintura; e, convencido de que em verdade a pintura deve sempre ser pintura, sente no entanto que—lá que aquillo é bem feito, isso é que não tem questão—; e de vez em quando passam-lhe na mente umas desconfianças de que aquillo que lhe ensinaram a considerar pintura, não passe de uma borrocheira...

E' realmente notavel este quadro do Sr. Columbano. Apesar dos seus defeitos, defeitos consideraveis como veremos, se pensarmos que elle representa nada menos de 14 pessoas de tamanho natural, e que foi feito em 18 dias, que alguns retratos, e dos meliores, tiveram uma só sessão de algumas horas, se virmos que entre esses retratos ha alguns de mestre, parece-me que ninguem me contestará que esse quadro é o mais importante na pintura portugueza desde Sequeira até hoje.

E' em todo o caso uma obra de primeira ordem e que marcará de futuro um termo na historia da arte portugueza.

Como factura tem este quadro pedaços de primeira ordem. As cabeças de

Christino, Malhoa e Gyrão e especialmente a primeira, são tocadas com uma frescura superior a tudo o que o artista tem apresentado até hoje. Como retratos, Gyrão e Vieira são extraordinarios. São magnificos Malhoa, Vaz, Rafael, Alberto de Oliveira e o Manoel.

Os restantes, dos quaes dois pintados por photographia, são menos felizes. Nas roupas e accessorios ha ainda algumas consas bem indicadas, mas é evidente que o artista deu aos rostos toda a attenção e o pouco tempo de que dispunha, como era de justiça.

Mas de ter pedaços de primeira ordem segue-se que seja um quadro de primeira ordem? Não se segue. Porque na execução dum quadro não é sufficiente pintar bem cada uma das suas partes isoladamente, é preciso, é absolutamente necessario que essas partes conservem entre si as relações reaes de grandezza, de cor e de luz, por outra, é necessario que se observe a perspectiva linear e a perspectiva aerea. É por que o Sr. Columbano continua a não reconhecer a necessidade d'essas pequenas cousas que se estudam nas escolas, que o seu quadro não é um quadro, ou, se quizerem, é um máu quadro.

Das trez figuras do primeiro plano, as que estão do lado de cá da mesa, Gyrão tem o tamanho natural, Malhoa e Vieira são maiores; e são tambem maiores que o natural Christino e Manoel. Silva Porto é mais pequeno.

Ha figuras no segundo plano muito mais acabadas que as do primeiro, especialmente o Manoel, o qual tambem não tem os pés no chão. Gyrão, que tinha sido pintado apoiado ao lado transversal da mesa, que o artista depois continuou (para que?) até ao fim da tella, não se comprehende que tenha a mesa por detraz, a não ser que naquella sitio ella seja cavada sufficientemente em volta do corpo. Finalmente a composição não tem harmonia, como succedia no projecto primitivo que o artista abandonou não sei porque.

As figuras estão para ali a troche-moche e vé-se que foram pintadas cada uma isoladamente sem que nenhuma faça suppôr a existencia da sua vizinha.

Não ha ar no fundo, parecendo que algumas figuras estão agarradas á tela.

Emfim o artista mostra-nos as qualidades que já lhe conheciamos e os defeitos tambem. Se aquellas progridem, estes não diminuem. Parece que, querendo afastar-se o mais possivel da rotina, de fazer como os outros,—e não tenho senão que louval-o por isso porque querer fazer como os outros é abstrahir de ser artista—, leva o principio ás ultimas consequencias, desprezando as regras essenciaes da arte, com que muitos se contentam á falta de talento. Infelizmente isso não póde ser.

Não ha arte sem regras. E agora me parece ter adivinhado a significação do sorriso enigmatico que elle se deu no seu retrato. Depois de pintar o seu quadro, pensando na unidade da composição, na perspectiva e noutras cousas mais, o artista respondeu com os seus botões: sim, tudo isso é bom para os asnos: *moi, je m'en fiche...*

Pois é pena; realmente é pena.

Em frente do quadro do Sr. Columbano ha uma tela do mesmo tamanho pintado pelo Sr. Malhoa. Representa uma vista do Alfeite ao raiar da manhã. A linha do horisonte divide o quadro ao meio. Em baixo o brejo quasi num só plano, onde o esqueleto d'uma barcaça serve de pouso á passadeira que começa a bater as azas aos primeiros alvoses da luz. Em cima o céu avermelhado, reflectindo uns tons roseos pela agua, o que dá ao quadro uma tonalidade fresca, matinal. Em

razão da pequena successão de planos e da simplicidade das suas linhas e ainda das suas dimensões, o quadro é pouco decorativo, parece grande de mais.

O artista esqueceu-se, assim como quasi todos os seus companheiros, das condições especiaes em que devia ser visto o seu quadro, e pintou como se se tratasse d'uma tela de cavalete. Dahi vem que, comquanto o quadro tenha qualidades, o Sr. Malhoa podia fazer melhor e tem feito.

Segue-se um pequeno quadro, do mesmo artista, ao alto, occupando uma pequena face da parede que faz angulo com a outra. Umas olaias em flor, um bando de andorinhas e a torre esguia duma igreja preenchem este quadro, que é um simples pretexto para a parede não ficar nua.

Segue-se uma payzagem do Sr. Silva Porto. Representa um sitio agreste dos arredores de Lisboa. Um vale circundando um pequeno monte que se eleva á esquerda no primeiro plano e em que algumas velhas e enormes oliveiras elevam a sua forte corpulencia. Ao meio do quadro e no segundo plano uma faia enorme sóbe, esguia, alva, delicada. Fecham o fundo algumas faias mais pequenas e outras arvores no cimo d'um outeiro que vindo da direita se esconde atraz do outro, em curva. Duas cabras encarapitadas no monte da esquerda pastam por sobre um riacho que corre invisivel no fundo do vale coberto d'uma bella vegetação verde.

E' verdadeiramente rustico. Sente-se que é pintado por um artista que comprehende e ama a natureza. E' decorativo, é magnifico, é magistral.

Em frente uma payzagem do Sr. Christino. Composição agradável e muito decorativa. Um ribeiro, atravessado por uma ponte, parallela ao quadro. Da margem direita sobem grandes choupos recortando a athmosphera; na esquerda e no primeiro plano umas lavadeiras na sua lide. Ao fundo massa de arvoredo e umas montanhas azuladas. Parece scenographico tanto no sentimento decorativo como na factura um tanto molle que é pouco de admirar num artista que é principalmente gravador e só pinta as raras vezes que as suas occupaões lhe deixam algumas horas livres.

Segue-se um quadro de Gyrão, representando uma scena em que entram todos os seus animacs predilectos. Num canto de capoeira, alguns coelhos entrem-se com folhas de couve e outras hortaliças. E em cima de uma paliçada que fecha o angulo das paredes e coberta de hervagens está uma galinha acorçada e junto um bello gallo em pé, numa attitude de valente, de pimpão, que me fez lembrar trez interpretações d'esse bello animal, da minha especial sympathia, por trez artistas celebres; e são o gallo fanfarão de Rubens (Le coq et la perle), o gallaró quichotesco de Daubigny (L'aurora), e emfim o gallo heroico, ia a dizer epico, de Jacquemart (1º vol. da société des aquafortistes). O gallo do Sr. Gyrão é simplesmente um pimpão como todos os gallos, mas admiravelmente desenhado e bem pintado. E' este o melhor quadro que conheço do auctor. E' um quadro excellente, e que lhe deixaria nome, ainda que não fizesse mais.

Em frente d'aquelle, temos uma marinha do Sr. Vaz, representando uma

vista do Tejo á tardinha. Na agua serena e pardacenta faz mancha um grupo de dois grandes barcos com as velas brandas e um bote preso a um d'elles. Mais em baixo uma linha de casaria com perfil pouco accidentado separa a agua do céu. D'uma tonalidade pallida, de ponte, e d'uma grande sobriedade de linhas, o quadro do Sr. Vaz, além de ser muito decorativo, é uma composição muito agradável, dando uma impressão justa de serenidade e descanço perfeitamente em harmonia com o assumpto.

Do outro lado segue-se um pequeno quadro do Sr. Columbano, collocado por cima da porta para os bilhares. Representa o retrato do dono da casa, com um fundo de casaria á maneira dos mestres da Renascença, e tendo no canto superior da direita em forma de brazão a marca da casa — o Leão de Ouro.

Segue-se um quadro estreito e ao alto do Sr. Vieira. Representa um vaso de flores em cima d'uma mesa, tendo para fundo um reposteiro de seda amarella.

Nunca este artista fez melhor. Tanto as flores como a seda são admiraveis. E eu julgo este, depois do quadro do Sr. Silva Porto, o mais perfeito d'esta exposição.

Em frente temos finalmente um quadro originalissimo do Sr. Rafael Bordallo Pinheiro. Original até no feitio, pois por causa dum bico de gaz o quadro é na parte inferior cortado em semicirculo reintrante.

Começamos pelo grupo e por elle acabamos. Se o Sr. Columbano o tratou meio a serio, Raphael Bordallo, como era de esperar tratou-o francamente a rir. Se não, vejamos:

Por detraz e por cima do leão, que, sentado pachorrontamente, encostado á mesa, pernas traçadas, empunhando o cachimbo numa mão e na outra um copo de cerveja, dorme — com os olhos abertos —, desenhou o artista numa graciosa composição á Grandville as figuras que lhe povoam os sonhos ou o — sonho do leão.

O Manoel e o patrão seguram uma planta phantastica, de cujas flores emergem o rotundo Ramalho e o Vieira reinado. Por cima d'aquelles, Rafael corre á desfilada montado no seu gato predilecto empunhando o lapis *terribil*.

Columbano, verdadeiro retrato, o melhor que conheço d'elle, empunha a sua enorme palheta a cavallo num pincel. Alberto de Oliveira, com a grande cabelleira ao vento corre a apresentar um catalogo ao leão. Por cima Silva Porto, numa *charge* esplendida, monta uma vacca, com as maneiras correctas do Sr. Visconde de S. Januario. Malhoa corre á desfilada com um tronco de arvore ás costas. Vaz cavalga um barco voltado. No meio d'este charivari Christino safase com o seu chapéu de chuva aberto, contra o que der e vier.

Finalmente, Gyrão monta um gallo phantastico, precedido de uma enfiada de patos, dos quaes o primeiro é o Sr. Pinto todo empertigado, e seguido de uma fila de coelhos levando cada um seu pincel ás costas. Como vêm, a composição é em tudo digna do talento do auctor. Mas o mais curioso é que tudo isto é pintado em tela, mas fingido ser feito em azulejos; e com tal perfeição que muita gente para acreditar vai certificar-se com a mão.

Chegámos ao fim e não sem tempo, não é verdade?

Só me resta esperar que os leitores me chamem antes massador a mim que ao assumpto, que eu por mim prometto emendar-me... para a outra vez.

EMYGDIO MONTEIRO.

Talento e caracter são duas qualidades que raramente se encontram reunidas no mesmo homem.

TH. BRAGA.

OS NOSSOS LIVROS

« TROPOS E PHANTASIAS »

E' o titulo de um pequeno livro escripto com estylo em Santa Catharina por dois moços que nunca de lá sahiram, Virgilio Varzea e Cruz e Souza.

Nesse facto está o seu maior elogio. Em verdade, publicar um trabalho litterario em uma terra, onde a imprensa mal serve para o escoamento do expediente das repartições publicas e da intriga, já significa alguma coisa, muito mais ainda, se esse trabalho tem colorido e recommenda-se por uma fórma até certo ponto nova, cuidadosamente rebuscada.

Os Srs. Varzea e Cruz e Souza deram pois, uma prova de vitalidade não succumbindo á acção de um meio tão ingrato como é aquelle dentro do qual acham-se mergulhados; mostram talento pondo-se, atravez de tantas difficuldades physicas e moraes, em contacto ou em relações de sympathia com os espiritos que dominam o nosso seculo litterario.

Os *Tropos e phantasias* quando outra qualidade não tivessem seriam objecto de curiosidade pela audacia que revelam. Seus autores, filiando-se á escola naturalista, atiram-se ás formas litterarias cultivadas por E. Zola e Eça de Queiroz com um enthusiasmo phrenetico so comparavel á anciedade e aos delumbramentos de *pioneur* que pela primeira vez penetra em uma jazida aurifera.

D'ahi uma consequencia. O estylo ressentese das irregularidades e incongruencias que se encontram na primeira phase de todo o desenvolvimento organico. Atrophias e hypertrophias, que só virão a desaparecer com a integração final.

Completamente despreocupados das radicaes do pensamento os Srs. Varzea e Cruz e Souza fazem com a phrase, com o periodo o mesmo que os miniaturistas com os seus artefactos. Pouco se importam que a lamina da espada brilhe ou corte com tanto que os copos offereçam aos olhos de quem a empunha uma obra de buril cheia de magicos rendilhados.

As paginas, os pequenos contos do lio vrinho que tenho em cima da pasta nã-passam portanto de fragmentos de talentos, que ainda não tiveram tempo de compor-se. A palavra, o periodo está completo, perfeitamente afinado pelo diapasão da escola; mas sente-se que no meio de todo aquelle jogo de expressões, de imagens, de idéas esfusiadas falta alguma coisa essencial.

Essa coisa é o complemento da vida na phrase; — é a certeza ou o isochronismo da funcção resultante do perfeito accordo entre o pensamento e a palavra, de modo que esta não seja mais intensa do que aquelle, e vice-versa.

O tempo se encarregará de corrigir esse defeito. Quando amadurecido o espirito dos autores pelo exercicio e pela observação dos factos exteriores, não lhes custará substituir a emphase pela expressão exacta e profunda.

Ha uma verdadeira e real classificação para o estylo d'esses moços:—um ensaio de coloridos, de tintas acres, em uma palheta empunhada por mão nervosa.

Percebe-se da primeira vista que os dois pintores ainda não dispõem do segredo da união dos grupos ou partes diversas que compõem a payzagem.

ARARIPE JUNIOR.

O poeta é pastor, juiz, propheta, apostolo.

V. Hugo.

SONETO A PREMIO

(Vide ns. 28 e 31 d'A Semana)

Temos recebido até esta data 31 sonetos.

A 11 de Setembro proximo encerrar-se-á este concurso. Na *Semana* do dia 5 serão publicados os nomes dos trez escriptores que devem julgar-o, conferindo os premios aos tres sonetistas vencedores.

Esse julgamento será feito pela fórma seguinte: Todos os sonetos serão copiados pelo secretario d'esta redacção e, sem as assignaturas dos auctores, mas apenas numerados, serão remetidos ao primeiro dos julgadores; este, classificará pelos seus respectivos numeros os sonetos que devem receber os tres premios designados. A Redacção guardará essa classificação do primeiro julgador e remetterá os sonetos ao segundo e por fim ao terceiro. D'esta fórma não poderão elles saber quaes os auctores dos sonetos que têm de julgar.

Recebemos durante a semana os sonetos dos seguintes Srs.:

José Celestino de Aguiar, Julio d'Alva, Pulvis, Gastão Plinio, A. de Farias, Luiz Murat, Carlos Ferreira, Soares de Souza Junior, Nemo, Alberto Silva, Alfredo de Souza, Arthur Mendes, Alberto de Oliveira, Candido José de Araujo, Cincinato Guterres e Ernesto Jobial.

Para que a mãe tenha fé é mister que o filho tenha pão.

V. Hugo.

A' ARENA!

(EXCERPTO)

Ha sobre nós um braço omnipotente,
Que ninguem vê, que todo o mundo sente,
Que tem a força indomita e fatal;
Que leva os mundos sideracs, que leva
As nações pela historia em luz ou treva,
Que ás vezes mostra um dedo colossal...

Deus, Justiça, Razão, ignota força,
O sol treme sob elle, como a corça
Ante o jaguar; os mundos, como pó,
Voão pelo segredo dos espaços,
E o argueiro e o céu, entrecruzando os laços,
Ata num grande, luminoso nó.

Ninguem foge a essa lei: chegada a hora,
Nasce no sangue, e em lagrimas a aurora;
Abre o tumulto d'oiro ao sol, e o sol
Desce tremendo a fulva escadaria,
Que é de escorralhos ultimos do dia,
E de purpuras novas de arrebol.

Bateu a hora.—A' ponta d'esse dedo
A estrella treme d'essa idéa: cedo
Vai alagar de luz o espaço, vai
Encher os valles, empapar o sólo,
Derreter os grilhões de cada collo,
Dar á familia sem familia um pai.

Não vos lanceis no meio do caminho...
A terra vai-se abrir; o torvelinho
Vai passar; ruge, enraiva-se o tufão:
Sacode a chamma, como a crina a féra,
E escancarando a boca da cratera,
Abre um olho de cyclope o vulcão...

LUIZ DELFINO

Estas sextilhas pertencem a um poemeto inedito so re a Abolição, que ha muito nos foi prometido pelo seu illustre auctor; mas do qual apenas estas e poucas outras estrophes conseguimos obter.

N. da R.

GAZETILHA LITTERARIA

Segundo os ultimos jornaes francezes, damos aqui em resumo o movimento de livraria havido ultimamente em França.

BIBLIOGRAPHIA E HISTORIA

CH. D'HERICAULT.—*Les noces d'un Jacobin*. E' este o titulo de um jornal inedito trazido á luz da publicidade, e apresentado como trabalho de um tal Nicolas Ceyrat, mais conhecido pelo pseudonymo de Alcibiades e que foi secretario da seccão Mucio Scevola, em Saint Sulpice. O editor (Perrin) não garante a authenticidade dos documentos colleccionados.

MME. C. COIGNET.—*François I, portraits et recits du XVI siècle*. (Plon, Nourrit & C.)

GASTON GARRISSON.—*Le suicide dans l'antiquité et dans les temps modernes*. (Arthur Rousseau.)

DIREITO

FELIX LAGNIER.—*Plaidoyers de Ch. Lachaud*.—Modelo de eloquencia judiciaria. (Charpentier.)

BELLAS-ARTES

MAZE LENCIER.—*Le livre des collectionneurs*.—Livro de grande utilidade aos amadores de objectos de arte da antiguidade, hoje tão em moda. (Loones.)

GERSPACH.—*Verrerie*.—Profundo estudo sobre a origem d'esta arte desde a mais remota antiguidade até aos nossos dias. (Quantin.)

VIAGENS

HUGUES KRAFFT.—*Souvenirs de notre voyage autour du monde*.

CLAUDE VIGNON.—*Vingt jours en Espagne*.—Este curto espaço de tempo foi o bastante para que o auctor adquirisse conhecimento sufficientes para a factura de um bom livro sobre os costumes do centro da Hespanha. (Monnier.)

DIVERSOS

PRINCEPE LUBOMIRSKI.—*Une nouvelle religion*.—Revista da historia do christianismo. O auctor assignala-o como o unico perigo na época actual e aconselha a reforma da religião, dando-lhe por base uma nova crença que melhor se adapte ás exigencias sociaes e politicas dos tempos modernos.

EMILE FAGUET.—*Les grands écrivains du XVII siècle*.—Collecção de estudos dedicados á mocidade das escolas. (Lecène et Oudin.)

LUDOVIC DES VAUZELLES.—*Contes de la Villa-Coral*. (Librairie des bibliophiles.)

ROMANCES

GALLA SALLE.—*L'héritage de Jacques Farruel*. (Hachette & C.)

EDOUARD SILVIN.—*Madame-Mère*.—Melodrama sob a forma de roman-

ce, em que se apontam os perigos a que está exposta uma enteada quando sujeita aos caprichos da madrastra. (Marpon et Flammarion.)

H. LAFONTAINE.—*Les bons camarades*.

POESIA

JEAN LAW.—*Fides*; resposta ás *Blasphèmes* de Jean Richepin. (E. Dentu.)

GERMAIN LACOUR.—*Avec des rimes*. (Librairie des bibliophiles.)

J. BERNARD DE MONTMELIAN.—*Le Poème de Job*. Traducção em verso. (Alph. Lemerre.)

JEAN LAHOR.—*Le cantique des cantiques*. Traducção em verso. (Alph. Lemerre.)

JEAN AICARD.—*Dieu dans l'homme*. CHARLES FUSTER.—*Âme pensive*.

PUBLICAÇÕES ANNUNCIADAS

GOURDON DE GENOUILLHAC.—*Au Pays des neiges*. (Frinzine.)

ANGE BENIGNE.—*Dans le train*. (Olcendorff.)

MELANDRY.—*Boutique à 13*. (Dentu.)

A. MATHEY.—*Passé d'une femme*. (Dentu.)

CLÉMENT FAVIÈRES.—*Yocnel*. (Plon-Nourrit.)

BARON DE WOCHMONT.—*Nelly Mac-Edwards*. (Plon-Nourrit.)

EMILE BEAUSSIRE.—*Principes de morale*. (F. Alcau.)

BARON DE MONTAGNAC.—*Lettres d'un soldat*. Ainda em preparação. (Plon-Nourrit.)

E. ROBC.—*Étude sur les origines de la propriété en Algérie*. (Challamel.)

G. BARDET e L. MACQUERIE.—*Guide des stations balnéaires 2 volumes. Villes d'eaux de France, Villes d'eaux de l'étranger*. (Dentu.)

OBRAS EM PORTUGUEZ

Hugonianas; collecção de poesias traduzidas de Victor Hugo. Edictor—O Thesouro Nacional.

Os Miseraveis, romance de V. Hugo; edição em fasciculos pela Empreza Litteraria Fluminense.

Estudos de litteratura contemporanea; por Sylvio Romero; um vol. de 300 pags. (Edit. Laemmert & C.)

COFRE DAS GRAÇAS

Um dos vendedores da *Revista Theatral* apregoava a folha, accrescentando em altos gritos:

— Traz o retrato do setimo quadro da *Theódora!*

Na aula de portuguez:

Mestre.—Menino Carlos, dê-me um exemplo de um substantivo derivado de graça.

Menino Carlos.—Não tem graça nenhuma.

X. moteja Y.

Z. auxilia-o e diz a Y. que elle é um tolo e um asno.

— Senhores, responde Y., eu nem sou asno nem tolo: *estou entre os dois*.

Fallava-se de um escriptor celebre pelo seu espirito:

— Não, elle não tem espirito: tem graça; diz um.

A discussão anima-se.

— Mas, afinal, acode outro, qual a differença entre *espirito e graça?*

— A mesma que ha entre *perfume e odor*.

BIBIANO

UM SONETO DE RICHEPIN

Em um dos primeiros numeros d'A *Illustração*, — o magnifico periodico artistico e litterario de que é director em Pariz Mariano Pina — publicou Jayme de Seguiet, o esplendido chronista, um artigo critico sobre as *Blasphemias*, de Richepin e nelle a traducção de um dos sonetos d'esse extraordinario livro: *Analyse*. Ha dias recebemos de Lucio de Mendonça, o nosso illustre e infatigavel collaborador, uma traducção d'esse mesino soneto.

Será curioso confrontar com o original as duas traducções.

A de Lucio de Mendonça pareceu-nos mais fiel, reproduzindo rigorosamente, verso a verso, o pensamento do poeta; a de Seguiet mais brilhante na forma e tendo um termino mais feliz.

Offerecemos hoje á apreciação do leitor tanto uma como outra. Pelo exame confrontativo com o original firmará o leitor a sua preferencia entre as duas *analyses*.

ANALYSE

O larmes, où s'en vont se noyer nos rancœurs,
Comme un ciel orangeux, grondant, couleur de suie,
Chargé de foudre, et qui soudain se fond en pluie;
O larmes, ô la plus suave des liqueurs,

Quand un amant vous boit sous ses baisers vainqueurs
Ainsi que le soleil après l'averse enfuie
Boit l'arc en ciel dans les nuages qu'il essuie;
O larmes, diamants qui tombent de nos cœurs

Comme l'eau du matin tombe des fleurs brisées;
Vauquelin et Fourcroy vous ont analysées,
O larmes, et dans leurs creusets, sur leurs réchauds,

Ils ont trouvé ceci, tel que je vais l'écrire:
Eau, sel, soude, mucus et phosphate de chaux.

O larmes, diamants du cœur! Laissez-moi rire!

J. RICHEPIN.

ANALYSE

O' lagrimas, em que se vão nossos rancores,
Qual procelloso céu, cor de sebo, troante,
Electrico, e que evaa-se em chuva num instante;
O' lagrimas, ô mais suave dos licores,

Quando vos bebe o amante a beijos vencedores,
Qual bebe o sol, passado o chuveiro, anhelante,
Pelas nuvens que enxuga, o arco-iris brilhante;
O' lagrimas, que assim cahis de nossas dôres

Como o orvalho da flor cahe do quebrado calice;
Vauquelin e Fourcroy fizeram-vos a analyse,
O' lagrimas, e os dois, no chrysol, afinal,

Encontraram, por juncto, o que aqui vae escripto:
Agua, sal, soda, mucos e phosphato de cal.
O' lagrimas, ideal roscio d'alma!... Bonito!

LUCIO DE MENDONÇA.

ANALYSE

O' prantos, em que vão diluir-se os rancores
Assim como se funde e se derrete em chuva
Um céu negro e fatal como um crepe de viuva!
O' prantos, ô mais suave e doce dos licores,

Quando um beijo vos sorre em labios seductores,
Como o sol quando põe a tempestade em fuga,
Do prisma haure o esplendor nas nuvens que elle en-
xuga!

Prantos, astros de luz, que tombaes sobre as dores,

Como o relento cae sobre as corollas mortas!
Vauquelin e Fourcroy acharam nas retortas
Toda a composição do vosso fluido ideal.

Aqui está o que os dois vieram a descobrir:
Agua, sal, soda, mucos e phosphato de cal.
Prantos, perolas d'alma, ora deixem-me rir!

JAYME DE SEGUIET.

QUESTÃO INTERESSANTE

Tem o marido o direito de abrir as cartas da mulher?

Respondo distinguindo:

1.º Ou a mulher é ingenua,
2.º Ou é maliciosa.

No 1.º caso — deve abrir.

Como seu protector natural, deve tirar-lhe do caminho os ardis dos mãos. Alma pura, innocente, confiante, é facil prestar ouvidos ás seducções. Se o marido não vier em seu auxilio, terá razão de queixar-se?

No 2.º caso — deve abrir.

Tirem do ladrão as occasiões, que os furtos acabam-se, por que a occasião é que faz o ladrão.

Tem a mulher o direito de abrir as cartas do marido?

Não.

O homem quasi nunca, ou nunca presta — no sentido de fidelidade conjugal, está bem entendido.

Isto já é mal antiquissimo, rebelde a todos os remedios.

Tenha o sexo feminino santa paciencia, mas... quem nasce torto, torto morre.

E para que irão as mulheres procurar afflicções, motivos de desgosto e desganhos?

Olhem: lendo as cartas dos maridos 90 % lhes acontecerá isto.

E o que os olhos não vêm o coração não sente.

Fechem os olhos, minhas senhoras.

Falo com experiencia propria. Fui casado duas vezes, com mulheres de caracter differente.

Minha primeira mulher era uma pomba sem fel.

A segunda era fel com pomba.

Sempre lhes abri as cartas e tive occasião de verificar a exactidão de minha theoria.

Minha segunda mulher tinha o mau habito de ler-me as cartas: vivia ralhada de desgostos — coitada!

A primeira sempre me teve no mais alto conceito... porque não quiz já-mais saber da minha correspondencia epistolar.

Um viuvo de 62 annos.

3 Agosto de 1885.

« A nós parecee-nos que sim, ambos têm egual direito. Mas não o devem fazer.

Os conjuges devem manter plena confiança; deixando de haver essa reciprocidade, está em duvida o lar. »

Redacção do *Correio de Santos*. (N. 36, de 12 de Agosto).

BELLAS ARTES

Pedro Peres expoz, na semana, passada seis pequenos quadros, na *Glacé Elegante*.

Gosto d'esses pequenos estudos, feitos com exactidão, largos, despreocupados e pessoaes.

Digo pessoaes, porque Peres, em toda a sua pessoa, com seus defeitos e boas qualidades, com o seu *arsinho* ironico, a ponta queimada do cigarro entre os labios, apparece alli, n'aquelles estudos.

Entre os seis quadros, ha um esplendido perú que nos faz lembrar o *Vieux Coq* de Bracquemond, aquelle *vieux Don Juan* ao qual falla o poeta:

Toi même tu seras

La pierre du festin fait a tes funérailles;

Et les courives, l'as

De livrer a ta chair de trop rudes batailles,

Se reposeront des dents et des bras.

Racontant á l'envi, tes amours, tes combats,

O perú, de Pedro Peres, não está como o *vieux coq*, pensativo, scismando nos amores passados, com o olhar nostalgico e a attitudde cançada e farta; é ainda vigoroso e petulante; arrasta atrevidamente as azas que, asperas, riscam o chão como um desafio irrecusavel aos altivos rivaes. É uma valente ave, cuja cabeça tem uma bella crista encarnada, e cuja *pose* parece ameaçar de novas conquistas amorosas, ás timidas peruasinhas.

Que d'elle se livrem as incautas!

Creio que Pedro Peres não teve o intuito de fazel-o expressivo como Bracquemond fez o « velho gallo ». A obra do artista francez é a consequencia de uma poderosa intuição philosophica, producto de estudos sérios; no seu perfeito valor é uma obra, uma composição, emquanto o quadro de Peres é uma impressão.

Não pretendo estabelecer paralelo entre os dois trabalhos, porque isto seria absurdo; mas, vendo este pequeno quadro tão verdadeiro, tão exacto, tão caracteristicamente pintado, não me posso esquecer d'aquella esplendida obra de Bracquemond, que apenas conheço por uma gravura, e pela qual tenho a mais forte e a mais justa sympathia:

Os trabalhos expostos por Pedro Peres são de difficil execução poe serem estudos feitos ao ar livre, mas o artista venceu todos os obstaculos com rarissima habilidade. A *abolreira*, a *arapuca*, *conversa á janella*, e o *interior de uma ferraria* merecem particular attenção por parte dos entendedores de bellas artes.

Ha senões, eu sei, e os *analyses*, mas como os quadros, na sua primeira im-

pressão são bons, estes senões podem ser collocados á margem. Não tenho a pretensão de basofiar conhecimentos estheticos em tão ligeira noticia, o espaço é pequeno e o tempo não é longo.

Na *Casa de Wilde* fez-se uma exposição dos trabalhos do finado Gustavo James.

A maior parte dos trabalhos expostos são marinhas, genero a que elle se dedicou, por longos annos.

Eu ainda não pude comprehender a harmonia de tintas uzadas por Gustavo James. O artista pintava o céu esbranquiçado ou roseo, e uzava do verde-mar para as aguas, o que provoca superioridade de tons nestas e infer oridade n'aquelle; quando James devia saber que o tom das aguas corresponde ao tom do céu ou ao tom dos objectos que as cercam, desde que sejam collocados em linha elevada.

Dos seus trabalhos expostos os melhores são os mais antigos, como a *jangada* e o *navio encalhado*.

Vê-se, claramente, que não faltava a James imaginação creadora. Aquelles dois quadros em que um naufrago é acompanhado por um cão fiel, são bastantes para provarem a sua imaginação mas, nem sei porque, esta qualidade foi pouco desenvolvida no artista, e elle mal soube aproveitá-la.

Um dos seus ultimos quadros— *vista da cidade do Rio de Janeiro, ao crepusculo*—faz-me lembrar um narrativa de Gigoux, sobre os *Artistas do meu tempo*.

Delaberge encontrou-se um dia com o auctor da *Morte de Leonardo de Vinci*, e mostrou-lhe um pequeno quadro no qual havia empregado muitos mezes de trabalho.

Era uma gingeira com todas as suas folhas e os seus galhos. Podia-se, com paciencia, contar essas folhas e esses galhos.

« Je lui fis observer— diz Gigoux— enriant qu'on pourrait peut-être élarguer des branches du cerisier pendant l'hiver, ce qui serait gênant pour continuer l'étude.

— J'ai prévu la chose, me repondit-il, et j'ai acheté le cerisier.

— Bien! répliquai-je; mais, si on allait battre quelques baraques contre ces murs!»

— Oh! j'ai également acheté les murs!» fit-il d'un air grave.

« Alors je l'examinai attentivement sous le coup de la plus pénible impression. Hélas! il avait les yeux égarés; la tête n'y était plus! Pauvre ami!»

Pobre artista! poderei dizer de Gustavo James. Elle, como Delaberge, morreu sem o uzo da razão, morreu num hospicio de alienados.

Em um estabelecimento de leques, á rua do Ouvidor, expoz o Sr. Facchinetti um panorama de Paquetá, pintado a *gouachi* sobre setim branco.

E' um trabalho consciencioso, feito, delicadamente, por uma adextrada mão de mestre.

Magistral!

ALFREDO PALHETA.

POESIA E POETAS

O Sr. Alberto Silva é um poeta que acaba de estreiar brilhantemente. No seu livro intitulado *Matinaes*, a par de defeitos graves, gravissimos mesmo, encontram-se bellezas, verdadeiros raptos de imaginação, que lhe garantem mais tarde, um logar proeminente entre os poetas de raça do Brazil.

Desejaria fazer um estudo consciencioso sobre o seu livro, porém esta limi-

tada secção da *Semana*, só me permite que, de passagem, assignale as impressões mais profundas que me deixou essa leitura.

O defeito mais grave que encontrei nas *Matinaes* é certamente o abuso que o poeta faz da palavra. Este abuso, pode-se dizer sem receio, tem-se generalizado pela maioria dos que começam a versejar.

E a julgar-se por outros poetas, é facil de se concluir que o Sr. Alberto Silva dentro em pouco abandonará essa preocupação da terminologia rebuscada que torna o verso monotono, frio, sem espontaneidade, sem vida, sem sentimento.

Submettendo-o a uma simples questão de som, o verso retumba como um tambor, canta, porém brutalmente dentro das suas dez ou doze syllabas, sem exprimir nada do que sente o poeta, sem encerrar uma idea, sem vibrar uma emoção, sem estabelecer uma relação agradável entre o que recebe e o que transmite a sensação.

O poeta não tem o direito de nos impingir o que elle não sente e não pensa realmente. Quando elle se preocupa com o termo, quando elle em vez de nos transmitir a sua idéa ou a sua impressão tal qual irrompeu das nuvens de uma recordação saudosa, de uma phase de sua vida, ou dos ninbos de uma aspiração que desperta reanimando a fibra mais intima do seu coração, a nota mais secreta da sua alma, elle ha de nos dar essa emoção, ha de nos dar essa idéa tal como ella é verdadeiramente, e não desfigurada por uma roupagem que lhe não assenta, como fazem as mulheres que se pintam, na persuasão de que esses preparados chimicos as tornam mais bellas e mais seductoras aos nossos olhos.

Conheci uma senhora, joven ainda, que se pintava da maneira mais escandalosa, a ponto de me causar uma certa repugnancia quando eu a via desfigurada pelo carmin, pelo pó de arroz e por não sei que mais.

Uma vez não me pude conter e notei-lhe o inconveniente d'aquelles enfeites que a tornavam aos meus olhos mais feia, e que, se fosse eu aquelle por quem ella escrupulisava no apuro das tintas para se oustrar ma s encantadora, que lhe affirmava serem preferiveis cores naturaes, macias e frescas que lhe ensombravam o rosto, do que todas essas postizas com que as mulheres se adornam tornando-as velhas em pouco tempo, resecendo-lhes a pelle e alquebrando-lhes o rosto.

Não posso afirmar se seria eu realmente quem a obrigava ao uso d'aquellas tintas e d'aquelles pós, o que é factó é que d'ali por diante nunca mais a vi senão com as cores naturaes que o sol lhe emprestara ás faces e aos olhos. E como ella ficou mais bonita!

Assim é a poesia; deve ser natural, espontanea, sem periphraes. A alma do poeta deve agitar-se ampla e livremente no verso, que não é senão um desdobraimento exterior de um certo e determinado estado psychico. Desde que elle rebusque a palavra e restrinja a sua actividade ao termo, a sua emoção não poderá dilatar-se nem adquirir esse vigor, essa elasticidade que subjuga o leitor e cõa-se pelos reconditos mais intimos da nossa natureza affectiva. O poeta que escolhe o termo, o poeta de dicionario, não consegue agradar, não consegue impôr-se a ninguem.

Ha de ser forçosamente frio, não concorrerá com o seu contingente para acalmar uma dor, para despertar uma esperança ou enxugar uma lagrima.

Lé-se-o e conserva-se sempre o mesmo indifferentismo ante aquella magnificencia de sons que nos dá a sensação de

um barulho confuso de instrumentos de sopro focados sem alma, sem expressão, sem gosto.

E tanto é verdade o que avanço que nas *Matinaes* encontram-se peças de subido valor, onde não ha o maldito termo a enfiar e a destruir o effeito que a poesia nos causaria se fosse natural, intima, sentida.

Lamento sinceramente não poder transcrever um d'esses trabalhos e confrontal-o com outros, para deixar bem claro quanto é menos agradável ouvir-se uma peça em verso onde só se encontra uma forma erradamente comprehendida, do que em outra onde se reconheça que o poeta sentio realmente o que escreveu, em que se reconhece que houve um impulso intrinseco que o obrigou a concretar num soneto ou numa poesia, um vago sonho que despontava no intimo da sua alma ou um desejo incoercivel que subitamente transfigurava a perspectiva calma do seu horizonte.

Comprimentando o Sr. Alberto Silva por tão auspiciosa estreia, aguardamos o seu segundo volume de versos, que com certeza, virá expurgado d'esse defeito, para nós aliás gravissimos, e que concorreu para diminuir consideravelmente o merito das *Matinaes*.

LUIZ MURAT

THEATROS

Nestas ultimas noites o numero de espectadores no Polytheama tem sido inferior ao que vimos affluir a esse theatro quando começou a exhibir-se o Bosco, o formidavel pachiderme.

Entretanto a companhia dos irmãos Carlo varia o mais que pôde os seus programmas, e nos apresenta artistas de verdadeiro merito.

Tomy e Runhe Taro, dois japonezes valentes, fazem verdadeiras maravilhas.

Muitas vezes ao vel-os nos seus difficeis trabalhos de deslocação, nos parece assistir aos diversos movimentos de dois corpos de borracha.

Frank Brwon, o clonw inglez, cuja *verve* inexgotavel já é bem conhecida do nosso publico, provoca todas as noites grande hilaridade na platea com as suas engraçadas pantomimas.

Só o que não nos parece admissivel naquelle theatro, a par de trabalhos que se podem chamar assombrosos, são certos actos equestres, que de modo nenhum devem agradar, pois que são notaveis apenas pela sua antiguidade.

Os saltos a cavallo, hoje em dia, já estão sendo explorados até pelos quadrupedes do Salvini. Não seria máu, portanto, que a companhia dos irmãos Carlo, possuidora como é de tão bons artistas, prescindisse d'esses trabalhos, já muito vistos.

Desde que os irmãos Carlo nos apresentem, amiudadas vezes, trabalhos novos, como fizeram da vez passada, em que os seus espectaculos foram bem concorridos, é de esperar que a sua companhia prosiga em mar de rosas.

Demais, os irmãos Carlo possuem o Bosco, o seu dedicado pachiderme, o seu querido *Jornal do Commercio* e por isso é natural que tenham muitas venturas.

Desejamos-lh'as sinceramente,

COMPANHIA DRAMATICA ITALIANA

Na terça-feira, 18, representou esta companhia, a comedia em 4 actos de Giovanni Giordano: *Severidade e Fraqueza*, para reapresentação do commendador Cezar Rossi, que seria enfermidade havia por mais de um mez

afastado do palco do S. Pedro de Alcantara.

A casa, contração que se esperava, estava quasi vazia.

Esse facto, em que não deve Rossi enxergar menospreço do publico, explica-se por estas duas razões: ser a peça uma simples comedia, sem fama, não sendo de auctor celebre entre nós; e não entrar na representação a Sra. Duse, que se tornou soberana absoluta da nossa platça.

A comedia é dos antigos moldes e podia terminar logo no primeiro acto, desde que foram exhibidos os typos opostos dos dois paes representando um a demasiada *severidade*, o outro a *fraqueza* demasiada.

Rossi conduziu e sustentou este ultimo com toda a habilidade e todo o *savoir faire* que lhe tem dado a sua longa pratica.

Foi muito applaudido e obsequiado. Na terça-feira proxima, 25, fará o proecto artista o seu beneficio, e, o nosso publico lhe mostrará então o muito apreço em que o tem.

A peça escolhida é a magnifica comedia de Goldoni — *Um curioso accidente*, em que Rossi desempenha importante papel. O resto do programma não é ainda conhecido.

Na quinta-feira — segunda representação de *Frou-Frou*, a deliciosa comedia-drama de Méilhac e Halevy.

Casa quasi cheia. Applausos estrepitosos, freneticos a Duse e Andó. Realmente a interpretação dada por estes dois artistas excepcionaes aos seus difficillimos papeis é... como diremos?... perfeita. Perfeita, sim... mas *perfeita* não dá ainda uma idéa d'esse notabilissimo trabalho. Vá, no entanto esse adjectivo á falta de melhor.

A visita de Sartory (Andó) a *Frou-Frou* (Duse) no 4º acto e a morte d'esta, no quinto, as duas scenas capitães da peça, foram feitas de modo assombroso de sentimento e de verdade.

Frou-Frou é de si mesma uma peça de raro valor, excepcionalmente bella.

Como obra litteraria e como estudo psychologico, vale mais a nosso ver do que a *Fedora*, de Sardou, e a *Denise*, de Dumas. Mas *Frou-Frou*, representada como o tem sido pela Companhia Rossi — Duse-Checchi, com aquelle admiravel conjuncto, é uma delicia, um presente divino. Infelizmente os annuncios da empreza deram essa segunda representação de *Frou-Frou* como sendo a ultima. Que pena!

Hoje — *Maitre de Forjes*. E' aproveitar. A companhia deve partir para S. Paulo a 2 ou 3 do mez proximo.

SANT'ANNA

A empreza Simões continúa a fazer representar n'este theatro o repertorio da extincta companhia de que era emprezaria a Sra. Apollonia. A *Os Filhos do Capitão Grant* que tem agradado como na primitiva, seguir-se-ha o conhecido drama *Noites da India*. Logo que tenha inteiramente prompto o seu repertorio, a companhia partirá em excursão pelas provincias do sul.

A companhia d'este theatro, a *troupe heleriana*, tem agradado em S. Paulo, mas não tem alcançado successos extraordinarios, d'esses de pasmar.

Não são facéis de satisfazer os paulistas. Mas Guilherme de Aguiar — o nosso grande Guilherme —, Vasques e Rosc Meryss têm tido as honras que lhes são devidas. *A tout seigneur...*

A bicharia do Salvini está fazendo furor na Praia Grande. Aquella é que é terra para a arte dramatica!

No Recreio apertaram-se os ensaios do *Conde de Monte Christo*, um drama *comme il faut...* para quem gosta de dramas-sarrabulhos. Ha de fazer carreira.

Na proxima semana deve ter lugar no Recreio Dramatico a recita dos traductores do — *No Seio da Morte*, Valentim Magalhães e Filinto d'Almeida.

Nesse espectáculo tomarão parte os grandes artistas da companhia italiana — Duse-Checchi e Flavio Andó.

FACTOS E NOTICIAS

Falleceu nesta côrte a 118 do corrente D. Justina Maria do Espirito Santo, mãe do Sr. José do Patrocínio, proprietario e director da *Gazeta da Tarte*. Nossos pezames ao collega.

Falleceram: Nesta corte, e na idade de 21 annos, a Exma. Sra. D. Alice Gomes de Oliveira, filha do Sr. commendador Manoel Gomes de Oliveira; o coronel do 7º batalhão de infantaria Antonio Pedro da Silva, que fez saliente figura na companhia do Paraguay; o monsenhor Bernardo Lira da Silva; o 1º escripturario da repartição geral dos telegraphos Americo Martins Peres.

Em Rezende, o engenheiro Loopoldo Dufour.

No Pará, o maestro Henrique Eulalio Gurjão; o empregado do correio Manoel Pereira Mendes; D. Virginia de Paula Aguiar; D. Maria da Purificação Paes de Andrade e o empregado publico José Alves de Menezes.

No Ceará, o capitão Innocencio Francisco Braga; D. Maria Luiza Monteiro e o major Joaquim da Frota de Vasconcellos.

Na Bahia, Aurelio José de Miranda e o capitão Jeronymo da Rocha Passos.

NOVO MINISTERIO

Havendo o Sr. conselheiro Saraiva resolvido, depois da conferencia ministerial realisada a 14 do corrente, pedir a demissão collectiva do ministerio, apresentou S. Ex. no dia 16 esse pedido a S. M. o Imperador. Sua Magestade desejou ouvir os presidentes da Camara e do Senado. Ouvidos estes, mandou Sua Magestade chamar o Sr. conselheiro Paranaguá. Não aceitando este a incumbencia de organizar novo ministerio e declinando a de apontar substituto, mandou Sua Magestade, no dia 19, chamar o Sr. barão de Cotegipe e encarregou-o de organizar ministerio.

S. Ex. aceitou o encargo e a 20 apresentou ao Imperador a seguinte organização ministerial:

Presidente do conselho e ministro dos negocios estrangeiros, senador barão de Cotegipe.

Ministro do imperio, senador barão de Mamoré.

Ministro da justiça, senador Joaquim Delfino Ribeiro da Luz.

Ministro da fazenda, deputado Francisco Belisario Soares de Souza.

Ministro da marinha, deputado Alfredo Rodrigues Fernandes Chaves.

Ministro da guerra, senador João José de Oliveira Junqueira.

Ministro da agricultura, commercio e obras publicas, deputado Antonio da Silva Prado.

O ministerio apresentar-se-á hoje a S. M. o Imperador, e na segunda-feira ás camaras

Contáram-nos que ao carro do Sr. ministro da marinha, ao passar pela rua Sete de Setembro—ou outra—partio-se-lhe uma das rodas e virou, despejando o ministro, ainda fresquinho, como pão sabido ha pouco do forno.

Cuidado, Exm., cuidado! Isto de cair logo no começo, mal a gente subio, não é das melhores cousas.

Os capoeira-festejaram a seu modo o acesso dos canservadores ao poder.

Desembestaram por essas ruas e por esses largos que foi um Deus louvado.

Emquanto uns atiravam foguetes e outros distribuiam, — mentalmente, é claro — o pão de Loth do orçamento pelos seus compadres e amigos, os *Nagôas* e *Guayamús* expandiam o contentamento que lhes pinoteava na alma, rachando-se mutuamente as cabeças e furando as pansas adventicias e circumjacentes.

Assim foi que na noite de ante-hontem esses *manifestantes* da peor especie percorreram varios districts, pintando o diabo... com sangue. Na rua dos Andradas foi envolvido no sarilho um menino, caixeiro, e ferido com profunda navalhada na verilha esquerda; ferimento de que veio a morrer instantes depois.

O *Jornal do Commercio* disse, na gazetilha referente ao facto que alguns d'esses heroes da navalha «gosam de protecção....»

E não mentio o *Jornal*. Visto isso, *recommencez, messieurs les assassins*, como dizia o Alfonse Karr....

TRATOS Á BOLA

Recebemos 12 cartas com decifrações referentes aos *tratos* ultimos. Vieram firmadas pelos seguintes tratistas: *Cajú*, *Valerius Madilena*, *Mysticus*, *Josephina B.*, *Fricinal*, *Vassico*, *Jozáinho*, *Oridivo*, *Antonico*, *Martinho d'Ara*, *Anastacio Cheira-Cheira*, *Nemo* e *Pépe*.

D'estes acertaram: *Cajú*, *Valerius Madilena*, *Antonico*, *Martinho d'Ara* e *Pépe*.

Ab scoitou o primeiro premio o Sr. *Cajú* e o segundo o Sr. *Valerius Madilena*.

O Sr. *Martinho d'Ara* mandou-nos as decifrações em um soneto, mas um pouco tarde. Por isso, como não podemos dar-lhe algum dos premios, publicamos-lhe o soneto.

Aqui vai elle:

« Encontrei-a n'um templo da cidade,
A orar, a orar, com célica expressão
Talvez pelo finado, que em verdade
O anel de esposo, lhe adornava a mão.

Seu nome? adivinhei-o — *Caridade* —,
Ao dar a um pobre com que ter um pão;
Tinha um *iman* no olhar — a felicidade —,
Que a pratica nos dá de nobre acção.

Ah! se eu fóra rapaz guapo, chibante,
E forte, qual *Nabucodonosor*,
Ella seria a minha doce amante...

Preso ao *sipó*, qual parasita em flôr,
Com ella pelo mundo iria avante
Beber o fluxo da *maré* de amor. »

Muito bem. Eis pois as decifrações da antiga—*Caridade*, da em quadro—

Rima
Iman
Mare
Anel

das invertidas — talvez (*Vestal*) raro da calimburguesca *sipó* e do enigma (*Orar*), alphabetico *Nabucodonosor*.

Para hoje temos as seguintes tratices:

TELEGRAPHICAS

3—Patota prega-se.
3—Remador é homem.

EM QUADRO

Cuida lo! olha este buraco.
Que és da flôr original.
Na urna valho um pataco.
Somos feitos de metal!

CALIMBURGUESA

Qual a nota pestilenta que ataca os
bronchios?

NOVISSIMAS

1—2—Não sou numero porque me
falta uma letra, mas sou metal que
guarda metaes.

1—1—1—1—No tribunal o fim do doce
com esta letra e mais esta está na torre.

QUEBRA-CABEÇAS

Malta, Souza, Peres, Cardim, Ignacio,
Alonso, Alvares e Nabuco.

Colloquem-se estes nomes em colum-
na, de modo que, com as iniciaes se
obtenha o nome de uma cidade brazi-
leira.

PREMIOS

São de arregalar o olho:
Ao primeiro decifrador exacto um
exemplar dos *Quadros e contos*, de Va-
lentin Magalhães: ao segundo um
romance de Balzac.

Ein? Ora digam se não é generoso
D. PASTEL.

RECEITAS CULINARIAS

OMELETTE

(A ARTHUR DE MENDONÇA)

Do restante de aves e caça do jantar
da vespera, separe-se dos ossos a carne
aproveitavel; corte-se esta bem miudo
e tambem um pouco de figado de porco,
previamente cosido, e addicione-se-lhe
salsa, cebola e cerefolio.

Faça-se frigar em manteiga rim de car-
neiro ou de vitella cortado em pedaci-
nhos, junte-se-lhe uma boa porção de
vinho Madeira, algumas gottas de vina-
gre, um pouco de caldo (ou agua quente
em falta de caldo), cheiro, louro, sal,
pimenta e uma cabeça de cravo, deixe-se
fervir durante meia hora e engrosse-se
com um pouco de farinha, anterior-
mente desfeita em agua para evitar o
encarocamento.

Na occasião opportuna batam-se bem
alguns ovos, nunca mais de doze, e dei-
te-se-os em uma frigideira sobre a man-
teiga bem quente e em quantidade bas-
tante para que não os deixe queimar;
quando a omelette apresentar bastante
consistencia na parte inferior, despeje-
se-lhe tudo junto, a carne, o figado e o
rim, e dobrando-a rapidamente faça-se
servir a omelette em quanto quente.

Por cima beba-se um calix de bom
vinho de Alicante secco (Hespanha) ou
de Clos-Vougeot (Bourgogne) e depois é
chorar por mais.

RECEBEMOS

— Dos Srs. Henri Nicoud & C.:— *La Saison*
n. 15 (1º de Agosto), *La Mode Illustrée*, ns. 30 e
31 (de 26 de Julho e 2 de Agosto), *Le salon de
la mode*, ns. 30 e 31 (das mesmas datas) *La Re-
vue Politique et Littéraire*, n. 4 (Tomo 36.) E' real-
mente util e agradável assignar essas re-
vistas por intermedio da casa *Au Petit Journal*;
serviço regularissimo, quasi electrico!

— *O homem perante a historia natural*. Diser-
tação lida na inauguração das conferencias
populares no collegio Sete de Setembro, Ma-
ceió, pelo Dr. João Francisco Dias Cabral.

— *O homem de quatrocentos annos*, fasciculo 4º
— *A Estação*, N. 15, anno XIV. Jornal de
modas parisienses dedicado ás senhoras bra-
zileiras,

— *Elle e Ella*, novella por Domingues da
Silva; pertence á Bibliotheca Romantica.

— *O Cadastro da Policia*, fasciculo n. 26..

— *Relatorio do Lyceo de Artes e Officios*
apresentado á Sociedade Propagadora das
Bellas Artes pela Directoria de 1884.

— *Jornal das Crianças*, n. 3. Muito engraçado
e infantil. Continue colleguinha a visitar-nos
porque é recebido com especial agrado.

— *Requerimento* que a congregação dos len-
tes da facultade de direito do S. Paulo faz ao
poder legislativo contra o regimen que foi
dado á facultade de direito.

— *Estatutos da Sociedade Beneficente e Ins-
tructiva Eduardo de Lemos*.

— *A Democracia*, n. 1 (S. Paulo) publicação
semanal.

Propõe-se a defender a causa do abolicio-
nismo e da democracia. Traz este numero o
retrato do illustre senador José Bonifacio. A
secção abolicionista está confiada ao Dr.
Fernandode Albuquerque.

Desejamos ao novo collega mil prosperi-
dades.

— *O Pharol*, n. 1. Desejamos ao novo col-
lega vida rica e prolongada.

— *Le Brésil*, n. 1. Traz bellissimos artigos fir-
mados por Santa Anna Nery, Ribeiro Silva e
outros.

— Do Sr. Dr. Moncorvo um folheto sobre o
emprego do chlorhydrato de cocaina, no
tratamento da coqueluche.

— *A Vespa*, n. 27 — Muito bem desenhada.
Poderá! se *Alfnete* é o sen lapis. Quanto á pi-
lheria com a pilheria que é de *Ralpho* pedimos
á colleguinha que nos diga qual o jornal do
interior d'onde a extrahimos e antes d'isso fi-
que sabendo que está em maré de... caipo-
rismo. Pihámol-a e logo na primeira pagina
que se orna com uma illustração que tem por
idea uma idea nossa, bem nossa. Vide a *His-
toria dos sete dias*, n. 19 onde se lê entre outros
este topico: «Aluga-se uma loja na rua do Ou-
vidor, forra-se de panno vermelho, inuito
bem forradinha, collocase uma cadeira ao
fundo e o Sr. Saraiva presta-se a estar sen-
tado nessa cadeira duas ou tres horas por
dia, em exposição,— a tostão por cabeça.»

Ah, colleguinha!... E agora? E' consolar-se
com o seu texto que é bem escripto.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Maga-
lhães, é encontrado todos os dias, das
10 horas da manhã ás 4 da tarde, no
seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Dr. Henrique de Sá — Espec.
Syphilis e molestias das crianças. Con-
sultorio:—rua Primeiro de Março, 22-
de 1 ás 3 horas da tarde. Residencia:—
rua de S. Pedro, 294.

Portuguez, francez e Inglez
—Professor Rodolpho Porciuncula. Re-
cados nesta folha.

ROUPA

Recebem-se roupas para lavar e engo-
mar, garante-se o trabalho.

RUA DO RIACHUELO 43 A

DR. F. PESSANHA
CLINICA MEDICA

CHAMADOS A QUALQUER HORA

Consultorio e residencia

28 Qua da Alfandega 28

RECADOS—QUITANDA, 86

EXTERNATO HEWITT
INSTRUÇÃO SECUNDARIA

E
COMMERCIAL

134 Rua do Rosario 134

DR. ARAUJO FILHO
MEDICO PARTEIRO

RÉSIDENCIA

Rua do Visconde do Rio Branco n. 36.

OBRAS

à venda no escriptorio desta
folha:

DE VALENTIM MAGALHÃES

QUADROS E CONTOS

por 2\$000.

COLOMBO E NENÊ

poemeto, 1\$000.

DO MESMO E FILINTO D'ALMEIDA:

O GRAN GALEOTO

traducção do drama de Echegaray, 1\$000.

DE ALFREDO DE SOUZA

AURORAS

versos, 2\$000.

DE L. MURAT:

QUATRO POEMAS

versos, 1\$500.

DE AMERICO LOBO:

EVANGELINA

traducção do poema de Longfellow,
1\$000.

TYPOGRAPHIA

A typographia d'A SEMANA,
ultimamente montada, dis-
pondo de uma boa escolha
de typo inteiramente novo,
aceita quaesquer encom-
endas de obras, poesias,
jornaes, annuncios, etc. etc.

PREÇOS BARATISSIMOS

TRATA-SE NO ESCRIPTORIO DA EMPREZA

36 Travessa do Ouvidor 36

Esquina da rua do Ouvidor

AU PETIT JOURNAL
ASSIGNATURA PARA TODOS OS JORNAES
Especialidade em artigos proprios para presentes
COMPLETO E VARIADO SORTIMENTO DE BRINQUEDOS DE PARIZ
HENRY NICOU & C.
Unicos correspondentes e depositarios nesta Corte da verdadeira
"LA SAISON" de Paris
Recebem com a maxima presteza todos os jornaes parisi-
enses e os distribuem pelos seus assignantes, apenas os
recebem.
A casa AU PETIT JOURNAL é inimitavel neste serviço.
27 Rua dos Ourives 27
RIO DE JANEIRO

A SEMANA

CORTE

Trimestre..... 2\$000
Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

PROVINCIAS

Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

SUMMARIO

Expediente.....	
Historia dos sete dias.....	FILINDAL.
Monumento a V. Hugo.....	A REDACÇÃO.
Politica e politicos.....	PETIT-PITT.
Soneto a premio.....	
Aqui, ali, acolá.....	ALFINETE.
Gazetilha Litteraria.....	
A vida elegante.....	LORGNON.
Dadiva.....	V. MAGALHÃES.
Os dois Leitões.....	U. D.
Conselho a jornalistas.....	F. SARCEY.
Mors Sancta.....	J. SARAIVA.
Cofre das graças.....	BIBIANO.
Voltaire e Huber.....	
Bellas Artes.....	A. PALHETA.
Theatros.....	
Phalena.....	A. MENDES.
Factos e noticias.....	
Tratos á bola.....	D. PASTEL.
Recebemos.....	
Correio.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

Aos Srs assignantes do primeiro semestre (vencido a 30 de junho) que ainda não nos enviaram a importancia d'essa assignatura, avisamos que em 1º de setembro suspenderemos a remessa da folha, se até lá não tiverem satisfeito o seu debito.

A SEMANA

Rio, 29 de Agosto de 1885

A nossa folha vae-se tornando pequena ante a abundancia de *originaes* que dos seus collaboradores, brasileiros e portuguezes, diariamente lhe são remetidos.

E' por isso que, a contragosto do seu director, vê-se *A Semana* forçada a demorar a publicação de não poucos artigos e composições de varios generos.

Assim é que ainda neste numero não nos foi possível inserir a terceira das «Cartas de um chinez no Brazil a um brasileiro na China», que tanto agradaram.

Temos, além d'ellas, na caixa dos «Originaes» dois soberbos contos de Galpi —o applaudido e modesto auctor das «Narrativas brasileiras»; *Em wagon*, magnifica nota de viagem de Monteiro Ramalho; estudos criticos de Teixeira Bastos sobre poetas brasileiros; e versos inéditos de Joaquim de Araujo, Antonio Nobre, Coelho de Carvalho (poetas portuguezes) e de Luiz Del-

fino, Luiz Murat, Henrique de Magalhães, Filinto de Almeida, Alberto de Oliveira, Alfredo de Souza, e de outros distinctos collaboradores.

O bello soneto que hoje publicamos sob o titulo — *Mors Sancta*, assigna-o João Saraiva, um jovem poeta portuguez que vae brevemente estrear com as *Serenatas*. Pela pequena amostra que hoje damos podemos augurar-lhe esplendido successo.

Temos tambem o prazer de annunciar que no proximo numero, ou no seguinte, publicaremos uma polka original da distincta pianista D. Maria Eufrosina da Cruz Almada, e em um dos numeros de setembro daremos o promettido retrato de Gonçalves Dias pelo processo photo-zincographico, recentemente descoberto nesta côrte, e que por nós foi contractado com os seus inventores.

Graças a esse processo esperamos poder adornar frequentemente as paginas d'*A Semana* com retratos e caricaturas, quer originaes, quer copiadas. Isto prova mais uma vez que se não descuida esta folha um só instante de melhor servir os seus assignantes, melhorando continuamente.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Emfim, não ha remedio senão escrever a historia da semana. Consultemos, tudo para bom fim, a montanha dos jornaes diarios. Estes sete dias são os sete peccados mortaes, a que nós temos de enfiar uma bombacha, calçar uns burzeguins, pôr um morrião e atar uma espada, para transformal-os nos sete infantes de Lara e fazel-os correr mundo, expondo as louçanias dos seus atavios e mostrando o denodo dos seus animos fortes nos prelios da semsaboria fluminense.

E tudo isto aqui na esquina, na sexta-feira, pela manhã, quando o estomago tem aspirações, e vê, num horizonte longinquo, entre nuvens roridas, desenhada vagamente a imagem querida e appetecida do bife redemptor... sob uma chuva de *petit-pois*!

Interroguemos, soffregos de velhas novidades, o Sr. infante D. Domingo, que no batalhão de Agosto dá pelo n. 23.

Este infante D. Domingo é o mais desageitado dos sete irmãos e sempre se mostrou avesso á elegancia, desde que se meteu em fatiota nova e se tornou protector da nobre classe caixeiral. Usa cravo ao peito, passeia a horas certas, traz sempre guarda-chuva, embria-

ga-se de quando em quando, faz um barulho medonho nos theatros, é inimigo rancoroso do Sr. conde Artoff e de todo o corpo diplomatico, dá o cavaco pelas *matinées*, odeia os bailes, ama os passeios ao campo, gosta das reuniões em familia, paga os seus rões ás lavadeiras e anda sempre na pandega. Incorrigivel, incoercivel, e, no emtanto, o mais alegre da casa de D. Semana, a bem anada filha de D. Mez e netta de D. Anno — o descendente da antiquissima familia dos D. Seculos, fundadores da casa e oriundos do velho deus Tempo, cuja origem se perde na immensa treva da mythologia helenica.

Interrogado, D. Domingo responde-me contando a historia tragi-comica (E' o seu genero) do italiano Francisco Giuseppe Amoretti di Clementi que no palacio do mano Sabbado deu um escandalo enorme, tentando contra a vida de Maria Luiza de Jacob, joven de 18 annos, a quem entretanto queria ajudar a viver.

Repellido pela dona dos seus suspiros, Clementi disparou-lhe um tiro de revolver, sem contar com o terrivel Leite Borges, um subdelegado benemérito e levado da bréca, que lhe deitou os gatazios e lavrou o auto de prisão. Diz-nos tambem D. Domingo que Amoretti é *casten*, que o que queria era obter dinheiro de Luiza; mas que vai ser deportado para a ilha das Cobras, onde comerá o pão negro de Sparta — se o padeiro fiar.

Este infante disse-me tambem que tem continuado na imprensa a discussão entre o proprietario da egua *Icaria* e outros socios do Jockey Club; mas que já o aborrece semelhante questão, que ameaça transformar o Rio de Janeiro em Rio das Eguas, o que seria um alegrão para o Zama.

Nada mais nos contando D. Domingo, passamos a interrogar D. Segunda-feira e os demais membros da familia de D. Semana.

Eis o que nos respondem:

— Que foram noneados: Para presidente da provincia do Rio o Sr. conselheiro Antonio da Costa Pinto Silva; para 1º vice-presidente da Bahia o Dr. Aurelio Ferreira Espinheira; que chegaram da Europa os Srs. Visconde de Carapebús, o joven pintor Decio Villares e o Dr. Silvino de Almeida; que o Sr. Barão de Mamoré, ministro do Imperio, em vista do desenvolvimento e gravidade do cholera na Europa, expedio aviso á Camara Municipal recommendando a mais rigorosa observancia das posturas que se referem á hygiene publica e particular.

Publicou-se o seguinte telegramma do Dr. Ennes de Souza, que se acha em Ilhéos, Bahia:

« Em viagem de estudos á Cachoeira, em companhia de lavradores e negociantes, fomos agredidos com tiros de garrucha e espingarda aos gritos de — vivam os conservadores. Um tal João

Amorim, que capitaneava os capangas, é o principal responsável. Peça providências.»

Tranquilise-se o Dr. Eanes, porque os conservadores não estarão muito tempo no poder: Numa reunião de *espiritistas* da capital de S. Paulo, invocou o padre Teixeira, declarou pelo *medio* que a situação conservadora cahira a 13 de Maio de 1889.

Consolemo-nos, consolemo-nos!

— Victima de uma apoplexia fulminante, falleceu em sua residencia, em S. Domingos de Nitheroy, o Sr. Conselheiro Manoel José de Freitas Travassos, ministro do Supremo Tribunal de Justiça e veador de S. M. a Imperatriz.

— Foi no dia 26 publicada a seguinte noticia:

«A emigração, chinesa repellida pelos Estados-Unidos, está procurando entrar no Mexico, pelo porto de Mazatlan.

A imprensa e a opinião publica levantam-se com a maior energia, pedindo em altos brados as medidas adoptadas nos Estados-Unidos.»

Que o Sr. Sinimbu e os outros defensores da immigração chinesa, leiam com attenção essa noticia e mandem vir os *coolies*, com perdão do nosso collaborador Ylang-Ilang.

— Ainda no dia 26— na sessão do Instituto Polytechnico, apresentou a secção de Machinas um parecer assignado pelos Srs. Schreiner, Calheiros da Graça e Paulo de Frontin, reconhecendo que o balão diversas vezes experimentado com pleno exito, em Pariz, o anno passado, pelos capitães Renard e Kieles é, como o affirma o Sr. Julio Cesar, no officio e protesto que dirigiu ao instituto, manifesta copia do balão brasileiro, já tambem imitado com successo na Alemanha, onde os Srs. Wolff e Wells ha pouco experimentaram um balão de forma identica a do inventor brasileiro.

A secção se congratula nesse parecer com o instituto, por ver assim praticamente verificadas as suas affirmações sobre esse invento hoje adoptado na Europa.

Parabens ao Sr. Julio Cesar.

No mesmo dia, ás 11 horas, tomou posse do cargo de chefe de policia d'esta Corte o Sr. desembargador João Coelho Bastos.

Este Sr. foi um juiz tão severo quanto alentado e alto—um proceros!

S. Ex. substituiu o Dr. José Antonio Gomes, que foi um chefe de policia exemplar e energico.

— No dia 27 deixaram os cargos de 1º e 2º delegados os Drs. Brazil Silvano e Cyro de Azevedo, que prestaram relevantes serviços áquella importante repartição. Ficou apenas o Dr. Carijo, 3º delegado, a pedido do actual chefe, e enquanto não é nomeado o substituto.

—A Camara Municipal, tendo recebido diversas propostas para a execução de um quadro commemorativo da primeira libertação municipal, aceitou a do Sr. Pedro José Pinto Peres.

Para terminar, D. Sexta-feira, contou-nos a seguinte curiosidade:

«O *Figaro*, de Pariz, copiou a seguinte inscripção d'uma placa de pedra collocada na igreja de Oberemmel (districto de Trèves.)

«Quando S. Marcos nos trouxer a Paschoa, quando S. Antonio nos cantar a gloria do Pentecostes, quando S. João se apresentar na festa do Corpo de Deus, o mundo só ouvirá gritos de dor.»

«Ora em 1886, a Paschoa cahe em dia de S. Marcos, 25 de Abril. O Pentecostes cahe em dia de Santo Antonio de

Padua, 13 de Junho, e o Corpo de Deus no dia de S. João, 24 de Junho.»

Para que esta triste prophécia se realice, basta que o clero francez pague a alguns gritadores de convicções religiosas para irem gritar por esse mundo. Não será barato, mas pode-se garantir o resultado.

Ora eis ali o que me relataram os sete infantes de Lara, que para mim continuarão a ser os sete peccados mortaes e que para a formosa leitora talvez sejam as sete dores de Maria Santissima cheia de graça.

E adeusinho.

FILINDAL.

A Inglaterra é uma pocilga de devassidão. A França é um salão de libertinagem. *Pocilga, salão*, a differença está aqui.

EÇA DE QUEIROZ.

MONUMENTO A V. HUGO

A *Semana* resolveu concorrer tambem, na medida de suas forças, para o monumento que se projecta erguer em Pariz á memoria eterna do grande poeta universal.

Para esse fim dirigio-se a Redacção a todos os collaboradores da folha.

Temos recebido até ao presente as seguintes quantias:

Dr. Luiz Delfino.	10\$000
Lucio de Mendonça.	5\$000
Raymundo Corrêa	5\$000
D. Julia Lopes.	5\$000
Gaspar da Silva.	5\$000
Dr. Pedro Amerio.	5\$000
Filinto d'Almeida.	5\$000
Alfredo de Souza.	5\$000
Valentim Magalhães.	5\$000

Rogamos aos nossos collaboradores que ainda não nos remetteram a sua quota e desejarem fazel-o, o obsequio de nol-a remetterem o mais breve possivel, pois temos pressa de fazer chegar á commissão central parisiense a pequena contribuição d'*A Semana*, antes que se tenha encerrado a subscripção com que o mundo inteiro vae prestar á memoria do seu poeta uma pequena homenagem da sua immensa admiração e profundo reconhecimento.

Aos distinctos escriptores a cuja collaboração tanto deve *A Semana*, agradecemos a gentileza e a solicitude com que se dignaram de acolher o nosso pedido.

POLITICA E POLITICOS

Sobre os acontecimentos politicos da semana mais do que um artigo ou mesmo mais do que vinte artigos podiam-se escrever.

Mas o paginador acaba de impor-me o maximum de quatro tiras de papel. Meu Deus! Historiar tantas e tão graves e tão complicadas cousas em quatro tiras de papel! *est-ce possible?*...

Como as lamentações só podem servir para roubar-me o pouco espaço de que disponho, abandono-as e entro em materia. Synthetisemos; synthetisemos:

No dia 24, como estava annunciado, apresentou-se o ministerio ás Camaras.

No Senado receberam-no com quatro pedras na mão os Srs. Silveira Martins e Affonso Celso. Especialmente o primeiro desfechou contra os ministros e contra a Coroa uma fuzilaria diabolica.

Um discurso notabilissimo, que deu e ainda está dando que falar e que escrever.

O *clou* d'essa violenta oração opposicionista foi esta idéa: «Do que primeiro que tudo precisamos mudar e de imperador».

Dos ministros o mais atacado por S. Ex. foi o Sr. Belisario, ministro da Fazenda.

O Sr. Affonso Celso provou ao Sr. presidente do conselho, Barão de Cotegipe, com trechos de seus proprios discursos que a sua ascensão ao poder foi violenta, anormal.

Emfim, o ministerio passou no Senado um mau quarto de hora.

Na Camara ninguem se podia metter; não havia logar para uma cabeça de alfinete, como se costuma dizer. Uma concorrência extraordinaria, muitissimo superior á lotação da casa. O recinto foi invadido; com difficuldade moviam-se os *tachygraphos*; muitas das cadeiras foram occupadas por humildes filhos do Sr. José Poyo. Era de ver a *pose* pavonesca com que elles se impertigavam na sua posição de *deputados* por algumas horas.

A impaciencia era enorme. Emfim, quasi as duas horas da tarde, fez sua entrada o ministerio. O Sr. de Cotegipe tem uma serena e distincta figura de diplomata. Os Srs. Prado e Alfredo Chaves são dois bellos cortes de ministros, alentados, altos, mas principalmente muito barbados.

A figura mais fraca, mas não a menos sympathica é a do Sr. Junqueira, que, ao que parece, não gosa infelizmente saude perfeita.

Se o Sr. Belisario fosse um pouquinho menos baixo mais se elevaria na pasta da Fazenda.

A sessão foi inferior ao que se esperava.

O Sr. de Cotegipe tratou a Camara com a disfarçada insolencia e o picante sarcasmo de um triumphador diplomatico.

Os apartes irritaram-no.

S. Ex. teve um dito de espirito, dizendo aos apartistas:

— VV. EEx. estão perdendo o tempo que têm para me atacar.

O discurso do Sr. Maciel, que falou em nome dos liberaes unidos, foi mais academico do que outra cousa. Foi muito infeliz referindo-se ás *reformas liberaes*. Ministerio, opposição e galerias desataram a rir. O Sr. Nabuco falou com a costumada eloquencia.

O programma do Sr. de Cotegipe foi curto; apenas isto:— economias, verdade nos orçamentos, desenvolvimento da immigração no espirito da lei de 1850 e... mais não disse.

Quanto á questão servil, reserva-se o ministerio para expender o que pensa a respeito quando voltar o projecto 12 de Maio á Camara. Por enquanto... nem pio.

O Sr. Maciel apresentou uma moção de desconfiança, assignada por 55 deputados liberaes; moção que so poud ser votada na sessão do dia 26. Foi approvada por 63 votos contra 19.

Este facto obrigou o Sr. de Cotegipe a ir pedir o decreto de dissolução a S. M. o Imperador. Sua Magestade fez convocar o Conselho de Estado pleno; o qual, reunindo-se ante-hontem, optou pela dissolução.

Em seguida contereenciou o ministerio com S. M. o Imperador, que, conformando-se com o parecer do Conselho de Estado, concedeu a dissolução.

Hontem não houve sessão.

Haverá hoje, sabbado?

Quem o sabe? Os liberaes a esta hora já devem ter resolvido se concedem ou não concedem as leis de meios ao governo.

Até hontem acreditava-se que não.

Mas... *souvent député varie...*

PETIT-PITT.

SONETO A PREMIO

(Vide ns. 28, 31 e seguintes d'A semana)

Sobem ao numero de 35 os sonetos que temos recebido ate esta data.

Durante a semana vieram-nos ás mãos os dos Srs. D. Augusto Balthazar da Silveira, Francisco de Serpa, Antonio Coelho, Jorge Sentarini e Vicente Minello. Sob estes tres ultimos pseudonymos occultam-se os nomes de poetas conhecidos.

O prazo de recebimento encerrar-se-á no dia 11 de Setembro proximo.

O sublime e o delicado são como as montanhas muito altas e os grãos de areia muito pequenos, que a multidão não pôde apreciar á vista desarmada.

GUSTAVO DROZ.

AQUI. AHI. ACOLÁ...

Segundo uma recente estatística da prefeitura do Sena ha em Paris—63 egrejas, 10 templos protestantes, 3 synagogas, 7 presbyterios ou casas parochiaes, 3 consistorios e 10 dependencias de edificios religiosos. Calcula-se em cento e vinte milhões de francos o valor total d'esses templos, não comprehendendo o valor artistico d'esses monumentos nem o valor dos thesouros e obras de arte que encerram.

Quanto ao numero, não é muito. O Rio de Janeiro, relativamente se não tem mais... não tem menos.

Ahi está um trabalho para um curioso em disponibilidade: contar as egrejas da Corte.

Victor Hugo era dos taes (por signal que são muitos esses taes) que têm ogreza supersticiosa ao numero 13; para o que tinha certas razões.

Esse infeliz numero tem sido tambem fatal á familia de Orleans. No dia 13 de Julho ultimo celebrou ella o anniversario da morte do duque d'Orleans na estrada de Neuilly. O poste da estrada junto do qual cahiu o principe tem o n.º—13.

Foi num dia 13 que atiraram sobre o duque d'Aumale. Foi num dia 13 que foi ferido o duque de Berry. Foi num dia 13 que morreu o principe de Condé. Fernando d'Orleans morreu num dia 13 e nesse mesmo dia o duque de Bordeaux quebrou uma perna.

Cautela, senhor conde d'Eu, cautela com o numero 13. Não se esqueça V. A. do que tem acontecido aos seus desditosos e illustres parentes.

Victor Hugo devant l'opinion é o titulo de um livro recentemente publicado em Paris, contendo o que de mais importante se escreveu e se disse sobre a doença, a morte e os funeraes do Mestre, inclusive as cartas dirigidas á familia, etc... Um curioso volume, que para o futuro terá o grande merecimento de uma collecção de documentos authenticos.

Não temos de nos occupar com o assumpto do livro, nem de analysar nenhuma das peças que o compoem. Além do desejo de indicá-lo aos homens de letras e a quantos Victor Hugo interesse, apenas queremos fazer uns leves reparos que nos despertou a sua leitura.

Notámos entre as innumeraveis cartas dirigidas á familia do Mestre e entre os muitissimos artigos escriptos a seu respeito a ausencia de não poucos escriptores francezes illustres, dos quaes alguns haviam sido amigos particularres do Poeta.

Entre esses citaremos Sardou, Coppée, Danalet, Dumas Filho, Goncourt, Catulle Mendès, Leon Cladel, Alberto Wolf, Arsène Housaye, Alph. Karr e outros. Sabemos que quasi todos compareceram aos funeraes; mas é estranhavel que não houvessem manifestado os seus sentimentos por escripto, publico ou particular. Tratando-se de nomes celebres não acreditamos que houvessem os seus artigos ou cartas esquecido aos organizadores deste volume.

Outro reparo interessante:

Entre os jornaes de que nelle se encontram transcripções não ha nenhum brasileiro!

Toda a imprensa da Europa—inclusive Portugal, e—parte da americana está representada neste livro—menos a do Brazil.

E' como se elle não existisse no mappa das nações!

Ah! decididamente somos muito conhecidos no estrangeiro!

Curiosa, muito curiosa a maneira porque os francezes tratam os nomes portuguezes! Não ha meio, nem sequer esperança, de que elles escrevam algum correctamente, com as precisas letras.

Inflingem-lhes horribes torturas, trucidam-os, estropiam-os barbaramente! A cousa é tal que chega a ser engraçada!

Maisuma prova d'isto temol-a na maneira porque foram copiados varios nomes portuguezes neste livro.

Aos que o não têm offercemol-os, como curiosidade.

Vão em grypho os nomes torturados. A pagina 49, assignaturas de jornalistas e jornaes portuguezes na carta de pezames a Auguste Vacquerie:

« Ramalho Ortigao, Latino Coelho, Joao de Deus, Gomez Leal, Enrique Lopez de Meudoza, David Carazzi, Julio Cezar, Machado Eca Leal, Jayma Batha, Rein Consighieri, Pedrozo, Alfonso Vargas, Gomez da Silva, Rafael Bordallo, Pinhoiro, Monteiro, Ramalho, « Correo da Nouta Redaccods » (21), Carlos Ocho, d'Avila, Jose Newton, Jose Elias, Garcia Pors, « Journal das Creancas », Cyprian Jardin, Eduino Coelho, Gaetano Alberto, Pedro Videira, Joao Costa.

Pag. 50, de uma outra carta, escripta a Vacquerie por Carrilho Videira: « Teixeira Bratos, Charles von Hereritz. »

Pags. 232 e 233: « El Jornal do Comercio, El Correo, Correo da Manha (Correo da manha?), Correo du Manha (Correo da Manhã, leem os francezes) e etc... »

Divertido; não acham?

ALFINETE

GAZETILHA LITTERARIA

Livros novos

HISTORIA E BIOGRAPHIA

Thiers, Guizot e Remusat—Jules Simon; *Edmond About* (Nouvelles et souvenirs)—E. F.; *Commerce de la France* (1ª parte)—Pigeonneau; *Defense de Chateaubain*; G. Isambert; *Propos de table de V. Hugo*; R. Lesclide—*Paris pendant la Revolution*—Adolphe Schimdt (traducção de Paul Viollet).

ETHNOGRAPHIA.—VIAGENS

Les Aztèques—L. Biart; *La France Transatlantique*—Sylva Clapin.

ROMANCE

Jean Mornas—J. Claretie; *La femme du comique*—P. Lafarét; *La robe aux fies*—Th. de Grave; *L'attentat Stomphine*

—Ingues le Roux; *Mes pensées*—J. Roux, prologo de P. Marieton.

DIVERSOS

Le Petrole—F. Hue; *Les Francais de la decadence*—H. Rochefort; *Narcisse Nicaise*—A. Dubarry; *Au Cercle*—La Brière; *Principes de la morale*—Baus-sire.

O Club Litterario Gonçalves Dias resolveu levar a effeito uma grande exposição litteraria brasileira de obras, impressas e manuscritas, quadros, jornaes, etc... Sua Magestade o Imperador prometteu proteger esta exposição, consentindo mesmo que se annunciasse que a exposição se realisará sob os seus altos auspicios.

O nosso collaborador Aluizio Azevedo está refundindo radicalmente o seu notavel romance—*O Mulato*, para ser publico primeiro em folhetins e depois em livro, pelo *Diario Mercantil*, o excellente jornal de S. Paulo.

O Mulato d'esta edição será uma obra quasi inteiramente nova.

Em princip os de setembro apparecerá «O Flor», romance de costumes brasileiros, por Galpi.

A VIDA ELEGANTE

Está sabido que, quem quizer ouvir boa musica, deve frequentar o Club Beethoven.

Que excellente, que esplendido, que magnifico concerto, o realiado ali na noite de terça-feira!

Devem estar saudosos aquelles que, como nos, tiveram a ventura de passar nessa noite algumas horas no Club Beethoven.

Imagine o leitor que tomaram parte no concerto os Srs. F. do Nascimento, Otto Beck, Alphonse Thibaud e outros distinctos cavalheiros, cujas aptidões musicas já são bastante conhecidas.

Fez-se ouvir o Sr. Nascimento no seu delicioso violoncello, na peça de sua composição intitulada *Echos de la suède*.

Prolongados applausos recebeu o inspirado musico após a brilhante execução que deu a essa importante obra musical e os espectadores, desejosos de ouvi-lo, fizeram-no tocar tres vezes, dispensando-lhe sempre merecidas palmas.

O Sr. Otto Beck não foi menos feliz na *Tarantella*, de Wieniansky e na *Mitolia*, de Rubinstein.

Incontestavelmente o Sr. Otto Beck é um dos melhores violinistas que temos visto; e, nesta opinião sabemos que somos acompanhados por todos os frequentadores do Club.

Falemos agora do Sr. Thibaut.

Este pianista brevemente deve realisar alguns concertos nesta corte e então o nosso publico terá occasião de ver como se toca admiravelmente, attendendo a todas as exigencias da arte, a julgar pelo que vimos e ouvimos no Club Beethoven.

A Chopin e a Arthur Napoleão, dau o eximio pianista uma interpretação digna d'esses dois compositores.

O Sr. J. Cerrone, comquanto não tenha uma voz excellente, cantou bem duas arias para baixo e se o applaudiram lhe fizeram devida justiça.

Ouvimos uma peça de Beethoven para violino, viola, trompa, clarineta, fagote, violoncello e contra baixo, que foi executada com toda a precisão pelos Srs. Otto Beck, L. Gravenstein, P. Pezzoni, D. Taffarelli, I. Brignani, J. Cerrone e I. Goltarelli.

Em conclusão, temos a dizer que o concerto a que assistimos na terça-feira foi digno de todos os adjectivos encomiasticos de que dispõe o dictionario.

Realisar-se-á brevemente nos salões do Cassino Fluminense o quarto grande concerto symphonico. Preparem-nos para assistir a uma festa musical *comme il faut*.

Nos salões do «Club do Engenho Velho» realizar-se-á hoje o terceiro sarão concerto anniversario desta excellente sociedade.

Lá iremos comprimentar a digna e gentilissima directoria e passar algumas horas feéricas.

No proximo sabbado conversaremos sobre esta festa, que, com certeza, será mais concorrida e mais faustosa do que as anteriores.

LORGNON.

Por todo o mez de Setembro sera publicado o livro de Valentim Magalhães, intitulado «Vinte Contos», de que é editora «A Semana» que o distribuirá como premio aos Srs, assignantes de anno.

DADIVA

I

Festivo dia! Em toda parte vejo:
No céu, na terra, mostras de alegria.
Ao sol mais cedo — louro e fulgurante —
— Como labios, de amor abrindo a um beijo —
Descerra-se e biparte-se a alvadia
E tremula cortina do Levante.
Festivo dia!

II

Aves e estrellas, pedrarias, flores,
Nuvens... emfim: todas as cousas bellas,
Tudo o que ha de sublime — a Natureza
Hoje atavia e esmalta de primores,
Maravilhas creando, a offerecel-as
A ti, ó flor, que vences em pureza
Aves e estrellas!

III

Cantam as aves mais canóros cantos,
Mais alegres, mais doces, mais suaves...
Brilham os astros com fulgor mais vivo:
Nunca tão bellos como agora e tantos...
Flores e follas, roseiras e agaves
Pulsam, e, como em bello dia estivo,
Cantam as aves!

IV

«—E' uma illusão! é uma illusão amada!
Que te embriaga e cega o coração!»
Dizeis-me vós, estranhos ás caricias
E encantos d'esta data abençoada.
Falsas, por certo, para vós serão;
Mas deixae-me embalar nestas delicias:
«E' uma illusão!...»

V

Oh! não! Não mintó; é tudo verdadeiro,
Tudo real o que vos digo e pinto:
A Natureza adorna-se hoje em festa
E ha festas doidas pelo mundo inteiro.
A alegria das cousas vejo e sinto
A festejar esta mulher modesta...
(Oh! não, não mintó!)

VI

Todo o Universo hoje a festeja e aclama,
E eu, a seus pés, celebro-a em rude verso;
Eu, que sou seu senhor e seu escravo.
— Quem é, no emtanto? — E' uma mulher que
me ana,
E que eu adoro. Ao seu poder converso,
Converto ao seu poder — alegre e bravo —
Todo o Universo.

VII

E' uma rainha. No seu reino ignóto
E' soberana esta mulher, que é minha.
Nelle residem paz, amor, ventura...
Tudo rége, inviolavel, o seu voto
Nessa mansão de amor, dos céus visinha.
Esta bondosa e meiga creatura
E' uma rainha.

VIII

A' sua voz dulcissima, tão clara
E tão pura que lembra os rouxinões
Cantando em desafio á beira d'agua,
Tudo se alegra, se etherisa e aclara,
Como a um sol de continuos arreboés.
Volta, rindo, o prazer e foge a magua
A' sua voz.

IX

Quando me fita, nos seus olhos pretos,
Que têm a negra luz da marçassita,
Leio todo o poema delicioso
Do amor — que o mundo alaga de sonetos. —
Ha nos seus olhos, que a paixão agita,
A bondade, o pudor, a crença e o goso,
Quando me fita.

X

Rindo e cantando, eu hoje, alegremente,
— Emquanto olhos e mãos não vou beijando —
Venho depor-lhe aos pés, em ancia louca,
O meu amor e humillimo presente:
— Rendido ao seu olhar humido e brando —
Estes versos, que vão beijar-lhe a bocca,
Rindo e cantando.

VALENTIM MAGALHÃES.

Agosto — 22 — 1885.

OS DOIS LEITÕES

Um chama-se Joaquim Maria da Silva Leitão. O outro foi baptisado pelo nome de Antonio Euzebio de Castro Belmonte. Não têm parentesco algum, nunca se viram; o primeiro é filho do Piauhy, o segundo nasceu no Rio de Janeiro.

Entretanto as sortes de ambos acham-se intimamente ligadas por uma serie de circumstancias curiosas e originaes.

O Joaquim Maria da Silva Leitão, homem abastado, sadio, operoso, esposo de linda mulher e pae de filhinhos rosados, synpathico, bemquisto, amavel, é hoje um pobre infeliz, sem ter aliás perdido nenhum d'aquelles predicados e sem haver absolutamente contribuido para a sua desventura.

O' felicidade humana, como és melindrosa e ephemera!!!
(Peço ao leitor que deixe passar sem protesto esta chapa de cabellos brancos; se aqui a não encaixasse adoeceria.)

A causa do martyrio do nosso Leitão é o tambem nosso Castro Belmonte, individuo que elle nunca vira, com o qual jamais eutretivera relações ou negocios de especie alguma.

Leitão sofre neste valle de lagrimas somente porque Belmonte existe... Se Belmonte não existisse, Leitão seria o mais feliz dos mortaes. Porém Belmonte é gente, e Leitão passa uma vida de cachorro sem dono.

A dez passos de distancia não se pôde distinguir o Leitão do Belmonte. Semelhança espantosa, inverosimil, de que se pôde dar idéa a identidade de certos gemeos! Ambos pequeninos, rochunchudos, soccados, lustrosos, redondos; olhos de bezerro desmamado, narizito de bebé, andar de gallinha da Cochinchina, pernas de pintalegrete em namorico de esquina, voz, modo de sorrir, gestos, tudo, tudo, tudo!

Mas isto tão somente no physico, nas exterioridades.

No que diz respeito ao moral, Leitão é a completa antithese de Belmonte.

A caprichosa natureza parece que se quiz divertir, encerrando almas tão differentes dentro de envolveros tão parecidos.

Leitão dedica á honestidade e ao decoro social um culto extremo. Estremece, enrubece, vibra de indignação e de vergonha, somente ao cogitar na possibilidade de passar pela cabeça de algum scelerado o longinquo vestigio da mais insignificante suspeita sobre o seu character e sobre a sua lealdade.

Pae de familia exemplarissimo, com-

mercante de immaculada probidade, homem de habitos sãos e methodicos, elle representa o typo completo da boa burguesia, no sentido moderno d'este vocabulo.

Belmonte tambem representa um typo completo, e tambem no sentido modernissimo do vocabulo: é a flor dos *biloutras*, termo pittoresco de geringonça popular, applicado aos estroinas de vida equívoca e procedimento idem.

Ha muito tempo que se lhe desvaneceu da retentiva a lista dos seus credores, de sorte que já não sabe a quem deve nem a quem não deve.

As vezes, encontrando-se com algum conhecido com quem nunca teve negocios de dinheiro, vae-lhe dizendo, depois dos cumprimentos de estylo:

— Ainda não lhe posso pagar aquelles cobres. Mas espero brevemente estar em circumstancias de...

— Que cobres? Não me debes nada.

— Ah!... Ora! Não sei onde tenho esta cabeça!

Belmonte, filho prodigo, máu pae, pessimo marido, acabou de esbanjar o resto da fortuna nos hotéis, em corridas de cavallos, nos prostibulos, em tudo que constitue o *sport* da bohemia galante. Além disso — é escandaloso e borracho.

O martyrio do nosso Leitão começou em um espectáculo no theatre Sant'Anna. Tinham ido apreciar a *D. Juanita* elle, a senhora e dois filhos.

Já a orchestra atacára a *ouverture* da opereta, quando penetra na sala uma *horisontal* espaventosa e dirige-se para a sua cadeira, ao longo da fila onde se aboletára o Leitão com a sua gente.

Ao passar pela frente do homem, a franceza fita-o, desabotóu um d'esses pequeninos sorrisos, que são a flor da libertinagem em labios de mulher, faz um imperceptivel gesto de requintado canalhismo, gesto que trescala a essencia concentrada da mais perfeita devassidão, bate com o leque em seu rosto e diz-lhe a meia voz blandiciosa:

— *Mon petit cochon!!!*

Por mais colorido que fosse o meu estylo, não poderia pintar a surpresa, a indignação e a colera do burguez. Soergueu-se na cadeira e murmurou em voz constricta e entrecortada:

— Madama... je... moi... vous... non... parceque... vous êtes *engagée*...

D. Leitão, ciumenta como todas as esposas, sentiu pela primeira vez a vibora dos zelos alçar o collo em seu coração; o rubor, o pejo, coloriu-lhe as faces para immediatamente depois dar logar á lividez raivosa da mulher que recebe á queima roupa uma affronta ao seu amor proprio.

Fulminou-o com um olhar gravido de borrascas, teve impetos de o capitular de infame traidor da fé conjugal, mas deteve-se receiando o escandalo. Limitou-se apenas a applicar-lhe por detraz, na nadega esquerda, um beliscão...

Mas que beliscão! Um d'esses beliscões torcidos e retorcidos, de arrancar couro e cabello ao paciente, e magoar as unhas de quem os subministra.

Leitão cerrou os dentes, fechou os olhos, roncou de dor... O seu primeiro movimento foi o da repuzalia; armou os dedos e endireitou-os para as partes analogas de D. Leitão; porém estas se achavam defendidas pelas anquinhas, baluarte inexpugnavel, de encontro ao qual em vão trabalhavam os dedos do marido. (Eis aqui descoberta a tão discutida utilidade do *puff!*)

Os espectadores circumvisinhos, que sussurravam maliciosamente desde o caso da franceza, não puderam resistir ao comico da situação e manifestaram

o seu gaudío em mal disfarçada hilari-
dade.

Por sobre a cabeça do Sr. Leitão ade-
java o monstro do Ridículo, com sua
cara de sagui, orelhas de burro, azas
de urubú, pernas de saracura e corpo
de escaravelho.

A situação era intolerável.

De diversos camarotes mulheres de
má vida assestavam os binóculos para
o grupo, sorriam-se de modo eloquente
e gesticulavam dando a entender que
no incidente havia pessoa conhecida.

— Vamo-nos embora; disse resoluta-
mente o burguez—e sahio acompanhado
por mulher e filhos.

Ao atravessar o saguão lateral, um
individuo pergunta ao outro:

— Que sujeita é aquella que vae com
o Antonico Belmonte?

— Não sei. É a primeira vez que a
vejo.

— Ah! Sim! Ouvi dizer que elle tinha
ultimamente seduzido a mulher de um
mestre d'obras da cidade nova...

— Talvez que seja esta mesma. Pelo que
vejo, seduzio toda a familia; aquelles
dois pequenos!...

No corredor, no jardim do theatro, no
saguão da entrada, na rua do Espirito
Santo e nas portas da *Maison Moderne*, o
pobre do Leitão encontrou diversos ty-
pos que o comprimentavam, assim:

— Como vaes, Antonico?

— Adeus, Belmonte!

— Boa noite, Sr. Antonico Belmonte.

Era um sabbado. O Sr. Leitão cami-
nhava a trote curto pela rua de S. Pedro
acima, em direcção á estação central da
estrada de ferro; cada vez apressava
mais o passo com receio de perder o trem;
ia a uma pequena viagem de negocio
ao interior, urgentissima, inadiável.

Ao transpôr a rua do Regente foi visto
pelo taverneiro da esquina. Este dá um
grito de alegria, salta soffregamente por
sobre o balcão e corre no seu encalço;
chegando perto do transeunte, bate-lhe
no hombro com desplante e familiarida-
dade repassados de ironia insolente, e
diz:

— *Old, como bai bossa incellencia, Sr.
doutori Bulmonti? Hai perto de dois annos
que nan tenho o gosto de o béri...*

O outro impertigou-se com toda a
solemnidade e retorquiu em tom de amuo:
— O Sr. está enganado. Chamo-me
Joaquim Maria da Silva Leitão, um seu
criado.

O vendilhão fitou-o, com sorriso, es-
carninho e murmurou:

— *Quém?*

— Joaquim Maria da Silva Leitão! re-
petio o interrogado já colerico, impa-
ciente e accelerando a marcha.

Mas o importuno ilhéu poz-se-lhe na
frente e embargou-lhe o passo:

— *Nam é com essas! Conheço-te as ma-
nhas! Faz dois annos que o precurso sem o
encontrari. Mas puraim hoje nan o largo
sem que me pague o que debe.*

— Deixe-me, que perco o trem!!

— *Nam sinhori...*

— Ora mais esta! Já se vio! Lar-
gue-me com seiscentos milhões de dia-
bos!... Não lhe devo nada, não sei
quem é, nunca o vi mais gordo!!!

O toucinheiro, machacaz espadaúdo e
brutal, não se intimidou com os berros
do Sr. Leitão, e atezando-lhe o biceps
com seus pulsos herculeos, exclamou:

— *Eu sei que bocé é de força, mas nunca
tibe medo de p'lintras! Paga a conta ou
bai tudo raso!*

Leitão procurou desvencilhar-se do
seu perseguidor, mas como este o reti-
nha violentamente, arrumou-lhe o
guarda-chuva nos braços.

O outro reagio sacudindo-o como se
fosse um caniço e vociferando:

— *Caluteiro! Vandido! Vilontra!*

E atracaram-se de unhas e dentes.

Resultado final: Leitão apanhou
bordoeira velha, perdeu o trem, rasgou
a roupa, e foi conduzido á estação, ao
lado do bodegueiro, no meio de uma
chusma de garotos que commentavam
alegremente o escandalo, salpicando-o
de expressões da gyria capoeiral.

— Apanhou como boi ladrão, dizia
um vendedor de balas.

— Este Antonico Bilontra parece
armazem de pancada. *Sitruudia* foi-se
metter com o Jojoca da Praia Grande,
mas quando o Jojoca cresceu p'ra elle,
o *cabra azulou bonito!*

E o mais neste theor.

O pobre homem passou quatro horas
na estação policial, e certamente lá
teria dormido se um amigo, que ca-
sualmente passára, o não reconhecesse.

O sargento da guarda jurava ser o
proprio Antonico Belmonte, e o Leitão
labutou num trabalho insano para
provar a identidade de pessoa.

Passo por alto a cabeçada e a rasteira
que certo dia o Sr. Leitão recebeu de
um *nagóá*, achando-se casualmente en-
volvido por uma malta de capoeiras,
quando tranquillamente se dirigia ao
seu domicilio.

A aggressão era destinada, como logo
se adivinha, ao seu Sozias, o qual go-
sava da reputação de ser um dos che-
fes honorarios do partido *guayamun*.

Leitão teve apenas uma costella es-
tragada.

Mas estas paginas não comportariam
uma decima parte das mystificações
e qui-pro-quos que tem amofinado o
nosso circumspecto heroe, em razão da
sua extraordinaria semelhança com o
outro sujeito.

Bastara, para conclusão, mencionar
o que lhe succedeu no ultimo saráu do
commendador Raposo.

Leitão estava no jardim, ledó, satis-
feito, haurindo o ar da noite embalsa-
nado pelo perfume das rosas e viole-
tas, enquanto lá no salão os convivas
redemoinhavam doidamente ao rythmo
electrisante de uma walsa de O'Gungl.

A falta de sentimento poetico, Leitão
absorvia-se numa doce philosophia:
pensava na vida, nas cousas, nos ho-
mens, na religião, na politica, no casa-
mento, na riqueza, na alta do cambio,
no circo de cavallinhos, no amigo Bar-
radas, no preço do bacalháu, na febre
amarella, na sorte de quinhentos con-
tos, nas gracinhas do niho, na perna
de D. Leitão, em tudo simultaneamente,
dando em resultado um devaneio extra-
vagante.

Subito ouve junto de si o roçagar da
seda de um vestido de mulher.

Sorpreso, perfila-se afim de guardar
decente compostura.

Mal tinha terminado este movimento,
sente bafejar-lhe o rosto um halito ar-
dente e delicioso.

Mão pequenina e assetinada poussa
nervosamente em seu cabelo; Leitão es-
tremece em indisivel calefrio com a sen-
sação de uns labios divinos que lhe
depoem na fronte um beijo de fogo,
murmurando em voz tremula de pai-
xão:

— Meu marido foi jogar. Podemos
dançar á vontade.

Não sei o que se seguiu.

Consta-me apenas que, á uma hora
da madrugada, o marido da bella des-

conhecida, coronel reformado dos anti-
gos fuzileiros, arrastára o pobre Leitão
a um canto isolado da casa e lhe dissera
com acento terrivel de resolução e de
colera:

— Dou-lhe oito dias para se mudar
do Rio de Janeiro. Se no fim d'este prazo
não o tiver feito, pôde considerar-se um
homem morto! D'esta vez errou o valo,
miseravel bandido!

U. D.

CONSELHO A JORNALISTAS

Ha vinte e sete annos, quando entrei
para o jornalismo, deu-me um antigo
homem da imprensa o seguinte conse-
lho, que tinha para elle o valor de um
axioma: — Não deixe nunca de fazer o
seu artigo.

Só deve haver uma razão no mundo
que o impeça de dar o artigo no dia
fixado — ter morrido. E essa mesmo!...
acrescentava elle, meneando a cabeça.

— Mas — dizia-lhe eu — se eu estiver
doente, ou, mais simplesmente: se eu
não estiver disposto, de maré, parece-
me que, a bem da minha reputação,
será preferivel não dar o artigo a dar
um artigo ruim.

— Engana-se; respondia-me. Em pri-
meiro logar, fique sabendo que não de-
vemos nunca deixar crer ao publico
que elle possa passar sem o artigo que
costumamos dar-lhe. O publico é como
você, como eu, como todo o mundo —
pois que todo o mundo é elle — o pu-
blico é um animal que tem habitos (*bête
d'habitude*).

Desde que elle se habituou a en-
contrar em certo dia, regularmente
em baixo de uma certa parte do jor-
nal tal nome de escriptor, elle des-
gosta-se á primeira vez que esse nome
lhe falta, mas da segunda vez elle
começa a perceber que o tal escriptor
já não é tão indispensavel á sua felici-
dade; da terceira ausencia elle toma
o seu partido, e se o escriptor procura
retomar a penua, faz-lhe o effeito de
um intruso.

Além d'isso, acrescentava elle, csteja
certo que por mais execravel que seja
e seu folhetim ou artigo, sempre ha de
haver entre os seus leitores algum que
o julgue a melhor cousa que você tenha
escripto em toda a sua vida; essa opi-
nião, se lh'a contrariarem, agarrar-se-
lhe-á ao bestunto para todo o sempre.
Será um fanatico que você terá arran-
jado para o resto da sua vida.

Elle lerá os outros artigos com satis-
fação crescente; e repetirá, de tempos
em tempos, aos in differentes que lhe
falarem de você: — Ah! se tivessem
lido o seu folhetim do dia tantos!...
E os outros, que não leram o tal folhe-
tim, que — felizmente — não poderão
le-lo mais, acabarão repetindo como
elle e sobre a sua palavra.

— Que folhetim! Era uma obra
prima!

E eis ahi — concluia o meu homem
— como se fazem as reputações neste
mundo. Ellas augmentam com as obras
más como com as boas; para formal-as
tanto concorrem os imbecis como os
homens de espirito.

E' assim que os velhos advogados,
quando pleiteiam uma causa espinhosa,
empregam, de mistura, sem olhar muito
para isso, tanto os bons argumentos
como os ruins; os bons conquistam os
dois ou trez juizes de bom senso e de
juizo recto; os ruins determinam os
outros. Todos — uns e outros — cum-
prem a sua missão.

Ha muita verdade nesta tirada meio
paradoxal.

Muito me tem aproveitado esse con-

selho. Em mais de um quarto de seculo que tenho escripto em tantas folhas e revistas diversas, não me aconteceu ainda nenhuma vez deixar de entregar os meus *originaes* no dia e á hora convenionada. Mesmo no tempo em que a cataracta me cobria os olhos, privando-me da ventura de ver, eu não deixei de dar as minhas tantas tiras: não podendo escrever, dictava o artigo. Eu me havia promettido não faltar: — não faltava.

FRANCISQUE SARCEY.

(Extr. das *Notas da semana* da excellente revista parisiense *Les Annales politiques et litteraires*, de 2 de Agosto de 1885).

MORS SANCTA

Na humilde cella, onde em perfume casto
O luar esbate merencorio e braulo,
Vae-lhe fugir o espirito, beijando
A negra cruz do seu rosario gasto...

Como num sonho tumular, nefasto,
Corvos que passam pela noite, em bando,
Trazem-lhe a morte livida, cortando
O fundo azul silencioso e vasto...

Em prata liquida o luar escorre
Pelo fio das tremulas espadas,
Que esgrime, ao vento, o canavial do rio...

E quando o brilho das estrellas morre,
O monge cerra as palpebras molhadas,
Levando aos labios o rosario frio...

Porto, 1885.

João SARAIVA.

(Das *Serenatas*.)

COFRE DAS GRAÇAS

A senhora M. está em conferencia com
a sua modista. Entra a creada:
— Minha ama, está ali o doutor.
A Sra. M., contrariada:
— O doutor? Mas eu não posso re-
cebel-o... Ah! dize-lhe que estou doente.

Dialogo authenticico:
Ella: —... Pois bem, convenho que
tenho alguns defeitos.
Elle: — (Com convicção) — Tem, sim.
Ella: — (Com grande surpresa) — Quaes?

Reflexão de um alfaiate no theatro
D. Pedro II:
— Muito ordinaria esta estação ly-
rica: não encontro um freguez lá de
casa.

Num exame de medicina:
Eraminador — Defina-me a — *agua*.
Estudante — A *agua* é um liquido que
serve para banhos. (Depois de uma
pausa). Ha tambem quem a beba.

BIBIANO.

CARNAVAL DA HISTORIA

CAMBROÑNE. — General conhecido por
uma exclamação que lhe deu a gloria.
CAMOES. — O terra-nova da poesia.
Tendo salvo os seus versos nadando, foi
aportar á Immortalidade.

CAMPECHE. — A mais productiva das
vinhas.
CAPET (*Hugues*). — Se houvesse morri lo
sem filhos!...

CAPITOLIO. — O *vis-à-vis* da Rocha Tar-
peia na contradança da popularidade.

CAPREA. — Localidade onde a devas-
sidão de Tiberio estabeleceu o seu
guarda-comida.

CARAHYBAS. — Populações que, em-

bora não civilisadas, tambem comiam
seus semelhantes.

CARDEAS. — Porque será que á sua
reunião chamam *collegio*, quando elles
se congregam em nome da ignorancia?

CARMELITAS. — Frades negociantes,
que fizeram altar de um balcão de
zinco.

No logar em que o Evangelho diz
— *Espirito Santo*, entenderam provavel-
mente — *espirito de vinho*.

CASANOVA. — Fanfarrão do vicio, a
quem se devem memorias licenciosas,
que causam desejos aos dezoito annos,
desprezo aos trinta e saudades aos
setenta.

CASSANDRA. — Predizia o futuro certo.
D'ahi não a acreditarem. Por isso o
commercio das nossas cartomantes
nada pôde temer da incredulidade.

CATHARINA DA RUSSIA. — Exterminava
os inimigos nos campos de Marte e os
amigos nos de Venus.

Na qualidade de *homem-mulher*, jul-
gava ter o direito de possuir dupla
ração de vicios.

Carão (*O antigo*). — Demonstrou com
o *Delenda Carthago* que a monomania
pode attingar ao sublime.

Carão (*D'Utica*). — Um dos raros ho-
mens que, na historia, tenham deixado
de reconhecer o direito do mais forte.

Morreu d'isso.
CAVAIGNAC (General). — Illustrou-se
mais pelo modo porque desceu do que
pelo modo por que subiu.

Fez parte do numero dos varridos
pelo golpe do Estado; mas nesse dia o
lixo estava do lado do cabo da vas-
soura.

PIERRE VÉRON.

(*Continúa*).

BELLAS ARTES

N. *Facchinetti*. — (*Leque de setim branco
pintado a gouachi. Exposição na casa Gon-
salves & C.*). — Um ponto da ilha de Pa-
quetá, limitado no horizonte pela ma-
gestosa serra dos Orgãos. Em cima um
céu extenso, brilhante de luz; em baixo
— delicadezas de um pincel minucioso
e de um talento robustecido na obser-
vação e no estudo. Nada mais.

E quanta grandeza neste panorama!
e por que impressões agradaveis o ar-
tista faz caminhar o nosso olhar!

Ao longe, na silenciosa linha do ho-
rizonte, as caprichosas agulhas, os agu-
dos dentes da Serra dos Orgãos, banha-
dos pela grande luz do sol que descamba,
derramando no espaço a vermelhidão
de seus raios como um gladiador que,
ferido, se vae arrastando, deixando na
arena o sangue quente de suas chagas.

Depois, as tranquillias aguas da bahia,
e a um lado, no plano esquerdo, uma
nesga de terra fertil, as paredes bran-
cas de uma casa, arvoredos ramalhudos
e corpos escuros de pedras. De outro
lado, á direita, em um outro pedaço de
terra, coqueiros que se alteiam, uns
esguios e direitos; outros curvos e hu-
mildes; folhagem crespa de arvores,
franjas e flores de plantas grimpautes.
No primeiro plano, por entre pedras,
pitangueiras, pequeninas e cheias,
folhas delgadas de fétos e ramagens de
lianas bravas.

Sente-se caminhar, levemente, nesse
panorama, a nossa vista. Vainos de
ponto a ponto, de passo a passo, obser-
vando os logares porque passamos, sen-
tindo o ar do logar em que nos achamos.
O nosso espirito se extasia deante
d'essas bellezas, o nosso olhar se dilata
em frente d'esses esplendores, e, dentro
em nos, sentimos as boas impressões da
luz, da cor, do aroma, da vida. Ha no
espaço uma grande musica de descanço,
uma musica sonora e dulcissima que
ninguem sabe de onde parte, mas que

todos escutam e sentem. E esta melodia,
suave, longa, flexivel, delgada, subli-
me, vai suspirando na vastidão do céu,
na tranquillidade das aguas, no remanso
das florestas. A proporção que passam
as suas notas, desfolham-se as rosas,
emmurchecem as margaridas, dormi-
tam os cravos e morrem as sempro-
vivas.

Este pequeno pedaço de setim, que ali
eu vi exposto, vale com certeza uma
tôla bem acabada. Não é pretencioso
nem é descurado. É uma miniatura
cuidada, apaixonadamente feita, como
devem ser todas as miniaturas. O pincel
correu por ali vagaroso sempre, porém
sempre firme e delicado. A imaginação
do artista encheu-se d'essa symphonia
estupenda de cores que só podem ser
comprehendidas pelos talentos supe-
riores, e que encontram echo nas gran-
des almas dos artistas — abrigo das
mausas aves do ideal.

Tudo lá está cuidado — a sombra das
pedras sobre a transparencia das aguas,
o contorno das copas das arvores, o
desenho do terreno, o desenho dos ar-
bustos, os tons, as *nuances*, o volume
dos corpos. Não é possível nada mais
minucioso nem mais perfeito. A delica-
deza de Messionier e o grande toque de
Rosenthal, não produziriam cousa tão
satisfactoria em tão pouco espaço.

Mas é preciso que se comprehenda
bem o trabalho de Facchinetti, que se
o veja desprevenido de interesse por
escolas, que se saiba differenciar os ge-
neros na pintura, para não se exigir,
ali, os atrevimentos de pincel em uma
grande tela, os arrojos dos impressio-
nistas.

Elle baixa ás minuciosidades. Quiz ser
exacto e ser agradável. Fazer peque-
nino, porém fazer fiel; mostrar interesse
pela arte e ser artista.

E conseguiu o seu desejo.

LANGEROCK — (*Retratos de Suas Altezas
os principes. Glace Elegante*). Aquelles
admiraveis fundos, pintados com tanta
independencia e elegancia, pediam mel-
hor logar.

Que uma nullidade se dedique a co-
brir photographias — admittimos; mas
que um artista como o Sr. Langerock,
abandone a sua reputação para enver-
nisar estampas, é cousa que não se pode
comprender.

Em todo caso — o mundo dá tantas
voltas...

ROCHA FRAGOSO (*Retratos a oleo. Glace
Elegante*). Recommendo ao Sr. Fragoso
que abandone os pinceis e descanse um
pouco dos seus affazeres... A persis-
tencia em um trabalho para o qual não
temos geito é sempre fatal.

ARTHUR FERREIRA — (*Retrato de mon-
senhor ... Casa Mourada*). Com certeza
o Sr. Arthur Ferreira abandonou muito
antes do que devia a Academia de Bel-
las-Artes.

Faria muito bem se voltasse á aula
de desenho.

ALFREDO PALHETA.

THEATROS

No Sant'Anna teve logar segunda-
feira o festival organizado pela *Revista
Theatral* para commemorar o passa-
mento do genial actor brasileiro João
Caetano dos Santos.

Alguns dos nossos mais conhecidos
artistas, Duse-Cecchi, Flavio Ando e
Rossi, da companhia italiana, tomaram
parte nessa festa que, para falarmos
com franqueza, não pudemos apreciar
devidamente, porque nos mandaram

uma cadeira da letra K e havia muito sussurro na platéa.

Principalmente a comedia de Alexandre Dumas — *Une visite de nocce*, nos passou quasi que despercebida, tal era a distancia que nos separava do palco e a falta de silencio que havia ao representar-se a primorosa comedia, em cujo desempenho, são inexcusáveis Duse, Ando e Rossi.

Quanto ás decorações do theatro, achámo-las bem preparadas e o quadro allegorico final não foi de máo effeito.

Houve grande concorrência.

E' isto sómente o que temos a dizer e podíamos, no entanto, ser mais extensos: como ficámos, porém, mal collocados...

Muito gentis os organizadores da festa!...

Foi na quinta-feira o beneficio do notavel actor Cesare Rossi, director da companhia italiana, com a segunda representação da *Odette*, de Sardou.

Da peça e do desempenho já nós falámos.

Resta-nos dizer que o beneficiado foi muito applaudido, que recebeu varios presentes e que o theatro estava cheio, com uma sociedade escolhida e brilhante.

Parabens ao provector artista.

Jaques Perrin, o administrador da Comedia Franceza é provavel que a estas horas haja fallecido.

Ao passo que se aggravava o seu mal, augmentavam as intrigas e manejos para a substituição do pobre enfermo no seu honroso e rendoso logar de director da Comedia. Nesses manejos e intrigas, como em tudo, muito tem influido a politica e será ella naturalmente que decidirá. Os dois candidatos mais garantidos eram Jules Claretie e Henri Fouquier, aquelle sustentado por Brisson e Freycinet; este pelos amigos do Sr. Ferry.

Mas era considerada certa a nomeação de Claretie, o fecundissimo, o inextinguível escriptor.

Na Comedia Franceza deve ter entrado em ensaios a nova peça de Richpin *Monsieur Scapin*, destinada a um grande successo.

Será representada logo depois do drama de Deslandes *Antoinette Rigaud*.

Chamillac, o novissimo drama de Feuillet, deverá subir á scena em Janeiro do anno vindouro.

Coquelin, graças ao pedido de Claretie, o apontado successor de Perrin na administração da Comedia Franceza, adiou a sua projectada excursão pela America; é mesmo provavel que desista de fazel-a.

A nova peça em verso de Coppée — *Les Jacobites* — será representada em Setembro proximo.

O seu primitivo nome era — *Les derniers Stuarts*.

No Hippodromo de Pariz tem tido brilhante carreira a pantomima comica *Au Congo*, cuja encenação é magnifica.

Não me falem da Multidão.

E' um excellente boi para puxar um carro, mas incapaz de o conduzir. Este boi não tem a consciencia da sua estupidez, e é este o seu poder. Quando está puxando com mais força, sob o peso da canga, é exactamente quando imagina triumphar com mais brilho.

GUSTAVO DROZ.

PHALENA

(A SOARES DE SOUZA JUNIOR)

Linda phalena azul na immensidade ascende,
As vezes lentamente e apressurada ás vezes;
Nenhum olhar a ve, nenhum olhar a prende
Talvez; e o mundo, a vida e os rigidos re-
vezes,

No entanto, esqueço ao vela ante esse im-
menso espaço...

E vale mais flitar o insecto em tal subida,

Do sol do meio dia ao tepido mormaço.

Do que lembrar o mundo, os reveses e a
vida

ARTHUR MENDES.

FACTOS E NOTICIAS

Veio ante-hontem ao nosso escriptorio o Sr. Dr. Cyro de Azevedo communicar-nos que se havia demittido do logar, que tão dignamente occupava, de 2º delegado de policia.

Durante o espaço de tempo que o Dr. Cyro desempenhou esse espinhoso cargo, tivemos occasião de notar que a policia muito lucrou com relevantes serviços que por elle lhe foram prestados.

A policia teve uma grande perda.

Nos é que lucrámos, porque o Dr. Cyro de Azevedo vai dora em diante, pois que dispõe de tempo, occupar de vez em quando as columnas d'*A Semana* com a sua collaboração.

Enviamos os vossos pezaumes á po-felicia. E a policia que nos felicite.

No proximo dia 1 de Setembro a casa do nosso prezado collaborador Dr. Henrique de Sa vai se adornar e illuminar alegremente em dupla festa. Nesse dia festejarão o Dr. Sa e sua Exma. esposa o anniversario do seu filhinho mais velho e o baptizado do mais novo. Felicitemos-os cordalmente.

Ante-hontem assumio o exercicio do cargo de chefe de policia da Corte o Sr. Desembargador João Coelho Bastos, despedindo-se nessa occasião de todos os empregados o ex-chefe Desembargador José Antonio Gomes, que foi por elles e pelo seu digno successor acompanhado até ao carro. O Sr. Desembargador Gomes foi um chefe de policia como poucos: rigoroso sem injustiça nem grosseirias, bondoso e affavel sem fraqueza nem parcialidade, assiduo e laborioso. Não são demais os elogios que lhe tem feito a imprensa. Fora injustiça não juntar nelles ao nome de S. Ex. os dos Drs. Brazil Silvano e Cyro de Azevedo, que deixam nome honrosissimo nos annaes das delegacias da Corte. Ambos merecem louvores pelo muito que fizeram em prol da ordem e da moralidade da capital; mas especialmente o Dr. Cyro se tornou notavel pela feroz e infatigavel perseguição que se envolveu contra as casas de tavolagem e outras patifarias congeneres.

Ficou no exercicio das trez delegacias o digno 3º delegado Dr. Moura Carijo até que sejam nomeados os novos delegados. Fala-se que serão nomeados os Drs. Ferreira Viauna Filho e Silva Nunes Filho. Nada sabemos quanto ao terceiro.

QUE CHÁ PRETO

O Sr. Manoel Garcia, proprietario da Ioja do Japão, um importante estabelecimento de chá, cera, sementes e plantas, na cidade de S. Paulo, obsequiou-nos com duas latinhas de excellente chá

preto da afamada *Companhia Colonial* de Pariz. Dar idéa do delicatissimo sabor e finissimo aroma d'este chá, cousa é superior á intelligencia do homem, pois que a palavra humana empallidece diante da excellencia do producto!

Assim, diremos com o bardo epico: Melhor é exprimental-o que julgal-o, Mas julgue-o quem não pode exprimental-o.

Congratulamo-nos com a Paulicéa por ter um negociante que tanto se importa com a felicidade do seu povo, e agradecemos ao Sr. Garcia o delicado presente

Realison-se na sexta-feira, 21 do corrente o enterramento do infeliz moço, Moreira Pinto, assassinado brutalmente, conforme noticiámos, por uma malta de capoeiras na rua dos Andradas.

O infeliz era enteado do Sr. Pedro Thomaz Correia, digno contador interino do correio geral. Aceite S. S. e sua Exma. familia os nossos sentimentos de pesar.

SPORT

Mais uma corrida e com pareos bem disputados realisou no domingo ultimo o importantissimo Club Athletico Fluminense.

Umás *elegantes* de Botafogo que vieram com este vosso criado no mesmo bond, temiam que a concorrência fosse deminuta.

Ora! — dizia uma d'ellas confirmando o que as outras tinham dito, — com certeza não de estar muito frias. Ha tanto divertimento hoje! Além d'isso corridas no *Jockey-Club*... E, voltan-to-se para um velho de olhos de ouro que vinha a seu lado lendo attentiosamente a chronica da *Gazeta*, — papai andaria melhor se nos levasse para o *Jockey-Club*, muito melhor!

Estas *elegantes* foram ainda, por felicidade d'este vosso criado, pois eram bonitas e tinham uns olhos!... minhas companheiras no bond do *Club Athletico*.

Ao transpormos a entrada do *Club* a admiração foi geral. E' que a concorrência era muito grande.

As archibancadas estavam repletas do que ha de mais fino e gentil em nossa sociedade. Exhibiam-se alli vistosas e ricas *toilettes* dignas de serem aqui lembradas, mas como nos falta espaço, apenas damos parabens ás tentadoras moreninhas que se apresentaram trajando vestidos simples mas de muito bom gosto e chapéus á pastora. Destacamos de entre estas a que trazia um chapéu de linho. Como estava original! Ah! excellentissimas, se as vossas colleguinhas se apresentassem assim nestas reuniões e não com *toilettes* cheias de enfeites e *pesadonas*, embora destumbrantes, não seria melhor e mais *chic*?

Em baixo, margeando o gradil da raia de corridas, viam-se sorridentes mancebos vestidos á inglaterra e abrigados á sombra dos seus guardas-sol. E' que o rei-astro entendeu n'aquelle dia applicar á terra, não um canstico de brazas, como disse um poeta de além-mar, mas um sinapismo.

A' hora marcada, principiaram as corridas.

Os premios eram na maior parte escolhidissimas joias. Que tentação! Ah! se eu fosse o Bargossi!...

Houve muita ordem no movimento de *poule* e as corridas terminaram ás 6 horas da tarde.

Este club de dia a dia mais consolida os seus cre litos de boa sociedade, e é hoje um dos melhores centros de diversão que temos. Aceite a sua directoria as nossas felicitações.

LUVARIA PARISIENSE

Os Srs. Martins Torres & C., proprietarios da importante fabrica de luvas da rua da Uruguayana n. 66, enviaram-nos dois bellos cartoes-annuncios do seu estabelecimento e mostraram-nos diversas amostras de bella pellica.

A *Luvania Parisiense*, além de ter um lindissimo sortimento de luvas de pellica, *peau de Sued*, de camurça, de fantasia e de seda, executa qualquer encomenda em 2 horas, o que é de grande vantagem para um aperto... de luvas.

TRATOS Á BOLA

Atiraram-se aos *tratos* ultimos os Srs. *Melodias, Joãozinho, Pépe, Martinho d'Ara, Nemo, Fricinal Vassico, Cajú, Josephina B, D. Mãe Benta, Avelis e Valerius Madilena.*

Acertaram os Srs. *Melodias, Joãozinho, e D. Mãe Benta.*

O Sr. *Martinho d'Ara* mandou-nos as decifrações em um soneto que não publicamos porque não acertou com uma das telegraphicas. O Sr. *Pépe* pede que lhe expliquemos como se decifram as telegraphicas. É procurar o n. 5 d'A *Semana*: nelle encontrará a explicação.

Abiscoitou; o primeiro premio o Sr. *Melodias* e o segundo o Sr. *Joãozinho.*

Eis as decifrações: Das telegraphicas — *Calote e Mario*, da em quadro—

Cova
Odor
Voto
Aros

da calimbarguesca — *Miasma*; das novissimas — *Thesouro e Relogio* e da quebra — *cabeças — Campinas.*

Para hoje temos os seguintes *tratos*:
NOVISSIMAS

1—1— Anda a roda este deus patusco.
1—3— Esta proposição é vesicatorio no discurso.

TELEGRAPHICAS

3— Amóra é um oculo.
3— Capota é da parede.

CALIMBURGUESCAS

Qual o homem que se respira nos palacios?

PROVERBIO-ENYGMA

Na ausencia de luz—de—duro—deixa
(1—2) 2
com vida— reptil. Fanfarronaça.

QUEBRA-CABEÇAS

Augusta, Ursula, Silvana, Raposo, Guimar, Ernestina, Martins, Irene e Arabella.
Formar com as iniciaes d'estes nomes, postos em columna, o nome de uma cidade portugueza.

ENYGMA ALPHABETICO

	S	M			
	1	1			
A	B	O	E		
3	1	3	1		
L	T	N	C	R	I
4	1	1	3	1	1

Formar com estas letras, empregadas tantas vezes quantas os algarismos designam, o nome de um distincto escriptar portuguez.

PREMIOS

Ao primeiro decifrador as *Fanfarras* de Theophilo Dias; e ao segundo um exemplar do *Holocausto.*

E até sabbado, carissimos *tratistas.*

D, PASTEL.

RECEBEMOS

Revista de Guimarães — (Portugal) Vol. 11 Tem a data de 3 de Julho de 1885. Esta revista é publicada pela Sociedade *Martins Sarmiento*, promotora da instrucção popular no conselho de Guimarães.

— *Poesias* de Antonio H. de Casaes (Bahia). Mais tarde daremos nossa opinião na secção competente.

— *Teimosa* — Polka para piano composta por Alfredo José dos Santos.

— *Cartas a Sua Magestade o Imperador* por *Um desconhecido*. Vamos lê-las.

— Um convite especial para as corridas que o *Derby Club* realisa amanhã.

— Um cartão do *Lyceo Litterario Portuguez* para assistirmos á sua sessão solemne.

— *Metralhas*, versos abolicionistas por Costa Filho (Recife)

Vamos ler e depois conversaremos.

— *A Estação* — Anno XIV n. 16. Jornal de modas. Traz bellissimos figurinos. No texto encontramos um primoroso soneto de *Leconte de L'Isle*, traduzido a primor pelo nosso illustre collaborador *Raymond* do *Correia.*

CORREIO

Sr. *Pedro Ferreira de Oliveira*. — As suas quadrinhas *Eu amo* estão pedindo publicidade, e como não temos espaço, publicamos só estas duas que são deliciosas:

Amo da noite as estrellas
Scismando nos meus amores;
As flores da mocidade
E os meus sorrisos em flores!

Amo o terno passarinho,
Como signal de pureza!...
Amo a prece a oração,
Que envio ao Deus de grandeza.

Sr. *Afonso Guimarães*. — O seu soneto *cedo fica* na sala de espera.

Sr. *C. F. de M. Filho* (S. Paulo) Attendida — a sua reclamação.

Logo que haja espaço daremos á luz os seus *dois astros*. Dar *astros á luz!* — veja o Sr. ao que nos obrigou com o seu soneto!

Sr. *D. M. Zelina Rolim*. — Brevemente sairão na *Collaboração* as suas quadrinhas.

Sr. *João Aranha*. — O seu soneto *Noite de Inverno* apparecerá brevemente na *collaboração.*

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Dr. Henrique de Sá — Espec. Syphilis e molestias das crianças. Con. sultorio: — rua Primeiro de Março, 22. de 1 ás 3 horas da tarde. Residencia: — rua de S. Pedro, 294.

Portuguez, franceze e Inglez — Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

DR. F. PESSANHA
CLINICA MEDICA

CHAMADOS A QUALQUER HORA

Consultorio e residencia

28 Qua da Alfandega 28

RECADOS—QUITANDA, 86

EXTERNATO HEWITT
INSTRUCÇÃO SECUNDARIA

COMMERCIAL

134 Rua do Rosario 134

DR. ARAUJO FILHO
MEDICO PARTEIRO

RÉSIDRNCIA

Rua do Visconde do Rio Branco n. 30.

OBRAS

à venda no escriptorio desta
folha:

DE VALENTIM MAGALHÃES

QUADROS E CONTOS

por 2\$000.

COLOMBO E NENÉ

poemeto, 1\$000.

DO MESMO E FILINTO D'ALMEIDA:

O GRAN GALEOTO

traducção do drama de Echegaray, 1\$000.

DE ALFREDO DE SOUZA

AUROSAS

versos, 2\$000.

DE L. MURAT:

QUATRO POEMAS

versos, 1\$500.

DE AMERICO LOBO:

EVANGELINA

traducção do poema de Longfellow,
1\$000.

TYPOGRAPHIA

A *typographia* d'A SEMANA, ultimamente montada, dispondo de uma boa escolha de *typo* inteiramente novo, aceita quaesquer encomendas de obras, poesias, jornaes, annuncios, etc. etc.

PREÇOS BARATISSIMOS

TRATA-SE NO ESCRITORIO DA EMPREZA

36 Travessa do Ouvidor 36

Esquina da rua do Ouvidor

AU PETIT JOURNAL
ASSIGNATURA PARA TODOS OS JORNAES
Especialidade em artigos proprios para presentes
COMPLETO E VARIADO SORTIMENTO DE BRINQUEDOS DE PARIZ
HENRY NICOU & C.
Unicos correspondentes e depositarios nesta Corte da verdadeira
"LA SAISON" de Paris
Recobem com a maxima presteza todos os jornaes parisienses e os distribuem pelos seus assignantes, apenas os recebem.
A casa AU PETIT JOURNAL é inimitavel neste serviço.
27 Rua dos Ourives 27
RIO DE JANEIRO

A SEMANA

CORTE

Trimestre..... 2\$000
Semestre 4\$000
Anno 8\$000

PROVINCIAS

Semestre 4\$000
Anno 8\$000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

SUMMARIO

Expediente.....	
Gonçalves Dias.....	A REDACÇÃO.
Historia dos sete dias.....	FILINDAL.
O Brazil e os brasileiros (3ª carta).....	YLANG-LANG.
Politica e politicos.....	PETIT-PITT.
Monumento a V. Hugo....	
Gibuk.....	GALPI.
Santa Cecilia, soneto.....	A. NOBRE.
Cofre das graças.....	BIBIANO.
Gazetilha Litteraria.....	
Solus! — poesia.....	L. MURAT.
Theatros.....	
A vida elegante.....	LOGNON.
Soneto a premio.....	
Factos e noticias.....	
V. Hugo.....	
Collaboração.....	
Tratos á bola.....	D. PASTEL.
Recebemos.....	
Correio.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

Tendo liquidado todas as suas contas com esta folha, deixou de ser nosso cobrador em Nictheroy, o Sr. Antonio Luiz do Couto.

A SEMANA

Rio, 5 de Setembro de 1885

GONÇALVES DIAS

Temos o prazer de annunciar que publicaremos no proximo numero um magnifico retrato de Gonçalves Dias, o poeta vencedor na especie de eleição proposta pela *Semana* para o logar de primeiro poeta brasileiro.

O retrato é feito á penna por Belmiro de Almeida, o nosso talentoso patricio, ha pouco chegado de Paris, onde foi aperfeiçoar-se, e honra sobremodo o seu talento artistico, patenteando o progresso que tem feito. Sendo extrema a semelhança com a photographia por que foi executado, é correcto o desenho e o traço extremamente fino, embora largo e firme. Um trabalho delicadissimo, em summa.

O director d'esta folha, agradece cordalmente ao joven e distincto artista a offerta que gentilmente lhe fez d'esse precioso desenho.

Acompanhará o retrato um artigo biographico do poeta. E' auctor d'esse bello artigo Theophilo Dias, o illustre cantor da *Lyra dos Verdes Annos*, dos *Cantos Tropicães* e das *Fanfarras*, sobrinho do immortal cantor dos *Tymbrás*.

Alliando o nome do nosso illustre e joven collega a esta homenagem ao grande lyrico brasileiro, quer significar-lhe *A Semana* o alto conceito litterario em que o tem, considerando-o um digno herdeiro de tão glorioso nome.

Será por essa fórmula que nos desempenharemos do oneroso compromisso que tomámos para com os nossos assignantes, a cujo benevolente favor procuramos corresponder melhorando continuamente a nossa folha.

A Semana tem o costume, não sabemos se bom ou máu, de fazer brilhantes promessas; mas, em compensação, tem a rara qualidade de cumprilas.

A REDACÇÃO.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Esta semana começou e findou preparando-se com toda a quantidade de verde e amarello de que ainda é susceptivel o espirito nacional, para celebrar o fausto dia em que o povo, despedaçando os grilhões que a metropole atára aos pulsos do bugre symbolico, sacudio o muito conhecido jugo tyrannico, e pela voz do soberano Augusto... quer dizer — Pedro — proclamou nos campos do Ypiranga a liberdade da patria, gritando: Independencia ou morte!

O cenaculo immortal e municipal dos 21 eleitos do povo, inflammou-se este anno em santo patriotismo, e vae desentranhar-se em musica, foguetorio, barraquinhas, kermesses, passeiatas civicas *aux flambeaux* e repenicados de repica-ponto nos concertos e bailes que hão de alegrar o proprio S. Sebastião nas alturas... do campo de Sant'Anna.

A Semana não pôde deixar de associar-se ao movimento patriotico de 7 de Setembro, e entende que a melhor manifestação que pôde dar do seu interesse pela causa publica é approvar tudo o que tem feito e vae ainda fazer a Camara Municipal, menos as barraquinhas do campo da Acclamação.

As barraquinhas, mascaradas com o titulo de — *feira franca* — não são mais do que um grave perigo para a população, e uma illegalidade porque vão ser verdadeiras casas de jogo provisórias, onde a roleta attrahe os papalvos e os vadios e onde as musicatas saturadas de jubilo chamarão a conclave os capoeiras, os madraços e os gatunos.

Creemos estar na alçada das auctoridades policiaes a repressão d'este abuso municipal. Façam-se as barracas, haja musica, vendam-se bonecos commemorativos do facto politico que se celebra; mas não se consinta o jogo. l

Rolota no campo de Sant'Anna ou na rua do Senhor dos Passos — tudo é roleta.

O Sr. Zama, que é entendido na materia, é quem devia na Camara dos Deputados pedir as necessarias providencias: mostraria assim ser grato ao digno subdelegado Leite Borges.

Fôra do circulo patriotico e politico não dá a semana materia para chronica; todavia, como somos obrigados a fazel-a, procuraremos o meio mais facil e mais expedito de satisfazer o compromisso:

Diremos, pois, que no domingo houve um começo de incendio no theatro Polytheama, do qual resultaram algumas contusões e umas divisas de 2º sargento graduado ao cabo Thomaz Alves, do corpo de bombeiros, que estava de serviço no theatro e que dirigio o esguicho salvador.

Aquillo foram restos do *Genio do fogo* que ha pouco tempo se representou ali.

..

Uma cousa muito interessante devia tambem ter sido a visita que o imperador fez ao quartel dos bombeiros, na segunda-feira. S. M. mandou dar signal de incendio e chamar o pessoal de todas as estações á central. Foi tudo obra de 16 minutos, segundo dizem as folhas.

Se fosse nos bons tempos da *creoula* e do pittoresco e inolvidavel tenente-coronel Carvalho, o famoso circumscriptor, haveria quem dissesse que S. M. receia a visita de alguns petroleiros á quinta de S. Christovão.

Fique tranquillo o imperador. Os republicanos de demagogia explosiva, os *sucios* são muito accommodaticios: basta lançar-lhes alguns vintens — que poderiam ser dados aos mendigos, dar-lhes credito na typographia nacional para a impressão das sandices e eil-os a balouçar o thuribulo da bajulação, atirando ao vento com as magras idéas a garrafa de petroleo e os phosphoros.

..

Desde segunda-feira que está aberta uma *kermesse* no theatro Recreio, com barracas e espectáculo. Esta *kermesse* é em beneficio do Club Thalia, do asylo da infancia desvalida da Candelaria e da libertação do municipio neutro.

Que seja em beneficio da infancia e da libertação, comprehende-se; mas que o seja tambem do Club Thalia, é que parece incrível. Que diabo! uma sociedade dramatica implorar a generosidade publica, é uma vergonha para a memoria de João Caetano. Quando o actor Galvão voltar de S. Paulo o Club Thalia vae ver o bom e o bonito. Mas a arte dramatica ficará vingada.

..

Têm continuado as correrias de capoeiras.

Agora é que vamos ver a energia das novas auctoridades policiaes. Se o Sr.

Dr. Coelho Bastos conseguisse dar cabo da maldita raça, era caso para se cognominá-lo — o pae da Corte.

Pouco mais houve na semana digno de nota.

Lembraremos que o juiz de direito do 8º districto criminal pronunciou Alberico Delascar de Souza Leite como incurso no art. 271 do código penal (matar para roubar).

Faltaramos também a um dos mais sagrados deveres se não dissessemos que foram nomeados 1º e 2º delegados de policia os Drs. Jose da Silva Mattos e Augusto Hygino da Cunha Souto Maior.

Um acto digno de louvor foi o que praticou o Sr. Barão de Cotegipe, como provedor da Santa Casa da Misericórdia, mandando encerrar os restos mortaes de D. Anna Nery em jazigo perpetuo, onde se gravará uma inscripção á benemerita e caridosa senhora, que tão relevantes serviços prestou na desgraçada campanha do Paraguay.

Terminaremos esta historia com duas noticias tristes:

Falleceu no dia 3 o brigadeiro José Maria de Alencastro, um distincto e valente servidor da patria.

No mesmo dia falleceu também o antigo redactor do Almanach Laemmert José Antonio dos Santos Cardoso, que era actualmente director da typographia *Perseverança*.

Eis o que houve n'esta semana triste, segundo as parcas notas de

FILINDAL.

Nos jantares d'homens ha sempre uma tendencia para falar á sobrezeza na immortalidade da alma.

ED. ET JULES DE GONCOURT.

O BRAZIL E OS BRAZILEIROS

CARTAS DE UM CHINEZ NO BRAZIL A UM BRAZILEIRO NA CHINA (*)

III

A ESCRAVIDÃO

« Meu caro Luiz.

Prometti-te na minha ultima carta que nesta te daria passageira idéa dos estragos e dos males que a Escravidão tem causado a este bello paiz.

Venho desempenhar-me da promessa. Não cabe nestas curtas missivas despretenciosas o estudo historico da introdução d'essa verdadeira calamidade no Brazil e do hediondo trafico. As consequencias funestas d'esses factos é o que principalmente desejo apontar-te, embora de corrida.

As primeiras ondas de povoadores enviadas para o Brazil pela metropole portugueza foram, como sabes, compostas dos peiores elementos. Degredados, criminosos fugidos á justiça, aventureiros e especuladores. A remotissima e opulenta colonia, de cuja importancia a propria metropole não tinha inteiro conhecimento, attrahia, como era natural, unicamente os que em Portugal nada tinham que ganhar e nada tinham que perder. O governo lusitano, deseioso de se aproveitar do seu mundo novo, promettia maravilhosas riquezas, fazia cubiosas promessas aos que fossem povoal-o. Tão precarias eram, no emtanto, as condições de permanencia na colonia e tão

difficeis os primeiros tempos da colonisação que varios governadores de capitánias morreram na miseria extrema, sem um lençol para mortalha.

So muito lentamente foi a colonia desenvolvendo-se. Durante meio seculo ficou a colonisação do Brazil entregue ao acaso.

A integração da sua vida propria foi difficillima e realisada por elementos de uma heterogeneidade espantosa. Além dos portuguezes — e já disse quaes os que a principio vieram — encontravam-se aqui representantes de varias outras nacionalidades, principalmente hollandezes, francezes e hespanhoes, todos na luta desesperada de conquistar o novo El-Dorado e de explorar-o o melhor possível e no mais breve tempo. Começaram as catecheses.

Os primeiros jesuitas foram trazidos ao Brazil por Thomé de Souza, o primeiro governador geral, que com os primeiros jesuitas, em numero de 6, trouxe nada menos de 400 degredados, para fundar a capital da colonia — S. Salvador.

Reinava o beato e pastrana D. João III e foi elle quem mandou o padre Manoel da Nobrega e seus companheiros a christianisar o gentio brazílico. Nobrega, como depois Anchieta e poucos outros, muito trabalharam pelo Brazil e a elles este muito deve do que é hoje.

Desde então, bandos de jesuitas, e mais tarde, depois da expulsão d'estes, os capuchinhos, embrenharam-se pelas florestas a civilisar o gentio. D'ahi a immiscuição d'este novo elemento — « o caboclo » na vida colonial brazileira.

Dentro em pouco os indigenas pertencentes ás tribus menos ferozes — pois algumas houve cuja domesticação foi impossivel — foram reduzidos ao serviço dos exploradores da conquista.

Foi essa a primeira face da escravidão no Brazil: — a escravisação dos indios. São concordes os historiadores em affirmar que os jesuitas se oppunham á perseguição e captivoiro dos indios e que por vezes travaram luta renhida contra os portuguezes, anciosos de conseguir captivos.

As innumeras leis portuguezas a respeito dos indigenas do Brazil tendiam todas a estabelecer o principio da sua liberdade e unicamente admittiam o captivoiro dos indios no caso « de serem tomados em justa guerra, feita por ordem de el-rei. » Sómente a energia do marquez de Pombal conseguiu reifrear a famigerada cobiça dos portuguezes, que, a fogo e ferro, buscaram captivar os indios, quer nomades, quer catechizados. Foi também Pombal quem extinguiu com a lei de 6 de Junho de 1775 a escravidão dos indios na colonia, restituindo-lhes a todos sem excepção a sua liberdade extorquida.

Já por esse tempo havia escravos negros no Brazil.

Quando começaram a ser importados? Gabriel Soares no seu tratado descriptivo do Brazil diz que em 1550 D. João III mandou escravos de Guiné para o Brazil; mas é possível e talvez provavel que antes d'esse tempo já tivessem vindo alguns.

Não posso portanto dizer-te ao certo a época em que foram introduzidos nestas terras da America os primeiros africanos escravizados. Mas dir-te-ei mais que já em 1630 o seu numero era tal que nas florestas intituladas *Palmares*, por serem de palmeiras na maior parte, haviam-se refugiado cerca de 30 mil negros fugidos, e lá viviam em aldeias a que chamavam *mocambos*, constituindo uma especie de republica, cuja destruição deu muito trabalho aos portuguezes, que naquelle tempo lutavam desesperadamente contra o invasor

dominio hollandez. Esse algarismo, dado por Southey, é contestado pelo seu illustrado commentador, Dr. Fernandes Pinheiro, que acreditava não se elevar o numero dos *quilombólas* (negros fugidos) a mais de quinze mil.

O que ha de verificado é que foi no seculo XVII que começou o trafico, que augmentou no seculo XVIII com o descobrimento das minas.

Quaes os causadores ou as causas do trafico? E' outra pergunta de difficil resposta. Mas posso dizer-te, em resumo, que foram quatro as principaes causas do trafico: — Primeira — o espirito de imitar a America hespanhola, onde, graças ao bispo Las Casas, havia muitos negros escravos; segunda — o fabrico do assucar; terceira — o desenvolvimento de exploração das minas; quarta — a lavoura do café, cada vez mais progressiva. A influencia dos jesuitas foi indirecta. Elles consentiram no trafico para proteger os indios, que a principio foram exportados como escravos para Portugal e para as Antilhas.

Ponho de lado a investigação d'essas questões, aliás interessantes, que pouco importam ao fim que alvejo e que é, como te disse, apresentar-te a rapidos e largos traços um quadro dos males produzidos pela escravidão ao Brazil.

Para conseguil-o deixarei o Brazil colonial e o Brazil do primeiro imperio. Será no Brazil actual, no Brazil autonomico e livre, no Brazil do Sr. D. Pedro II que desenvolverei o meu estudo, tanto quanto me permitirem as condições em que te escrevo.

Effectivamente, sendo o Brazil actual o resultado logico e natural dos seus antecedentes historicos, e tendo sido a escravidão a mais poderosa determinante da sua evolução sociologica, determinante que ainda perdura, continuando a influxional-a, pelo estudo do Brazil de hoje poderemos chegar ao perfeito conhecimento da influencia perniciososa que sobre este paiz tem a escravidão produzido.

Esse methodo poderia falhar se pudesse restar duvidas ou ainda travar-se controversias sobre a natureza e os efeitos d'aquelle agente poderosissimo na vida dos povos.

A Historia tem-nos provado a toda a evidencia que a escravidão tem sido sempre um elemento perturbador, retardativo e dissolvente, e por tal forma extensivo e forte, que para ser extirpado fazem-se sempre indispensaveis os meios violentos e o impulso decisivo de profunda e incoercivel reacção.

Tal é a lição historica. Além d'isso, não acredito que nenhum espirito estudioso sinceramente possa negar que o temeroso estado geral de anarchia, em que se estorce e luta este bello paiz, seja principalmente devido á Escravidão. E' claro que não tem sido ella o unico elemento maléfico, mas é exactamente por ter encontrado meio propicio ao seu desenvolvimento que este foi tão rapido e de tão terribes consequencias.

Como o rio maldito de que nos fala um poeta teu patricio, de grande talento, o auctor das *Meridionaes*, como um rio maldito a Escravidão encontrou no Brazil do seculo XVII leito proprio para correr livremente, em toda a força e expansão das suas ondas vagarosas e veneficas.

Paiz em formação, agitado na desordem natural dos elementos em luta, em que tudo era movel, incerto, fluctuante, amorpho, o Brazil sentio *necessidade* do escravo, trouxe-o ao seu seio como um elemento de prosperidade mais rapido, mais facil e mais prompto, sem deter-se um só instante a considerar na sua moralidade e nos males que d'elle promanariam de futuro.

(*) Vide *Semana* ns. 30 e 32.

A escravidão não seria implantada no Brazil, ou em breve tempo teria sido repellido e extinta, se o Brazil do seculo XVII não fosse o que era: um paiz *escravo*; escravo dos seus descobridores, ou antes: dos seus conquistadores, escravo da ignorancia e dos vicios dos seus exploradores, escravo do atrazo proprio e da cobiça alheia.

Vaes vér, meu caro Luiz, em que estado poz aquelle mal damnado a tua formosa e grandissima patria.

Prepara-te para cousas tristes e repugnantes, mas verdadeiras; por nossa desgraça rigorosamente verdadeiras.

Não será, porém, nesta carta. Fica para a seguinte.

Adeus. Deseja-te um mandarinato o teu velho amigo

YLANG-LANG.

POLITICA E POLITICOS

Todo o interesse politico da semana concentrou-se no Senado.

O Sr. presidente do Conselho, chamado nominal e energicamente a definir-se sobre a questão do elemento servil pelo benemerito conselheiro Dantas, teve o prazer de annunciar ao Senado e ao paiz que o governo, que neste momento felizmente nos rege, aceita, tal e qual, o projecto de 12 de Maio, o famigerado projecto—Saraiva. Fiquem sabendo todos:—o que o Sr. de Cotegipe queria, devia e podia, o que elle pode, deve e quer é — o projecto Saraiva.

O Senado recebeu ordem de approval sem nenhuma alteração, sem discussão, e o mais depressa possivel.

Uma especie de estrangulamento mysterioso em masmorra mediéval.

Visto que a Camara teve o desaforo de negar a sua confiança politica ao gabinete Cotegipe, o gabinete Cotegipe vingou-se impedindo que o projecto volte á Camara. Do Senado sahirá promptinho, intacto, a felicitar os povos com os seus 5% de novos impostos, e seus artigos contra *acoutadores* de escravos e a sua nova escravidão:— a «escravidão do sólo» e as suas muitas outras bellezas. Mui-tissimo bem.

O Sr. Antonio Prado explicou, « com muita habilidade » na opinião do Paiz, a sua declaração, antes de ser ministro, de que como governo não aceitaria o projecto Saraiva e agora a sua accitação plenaria. Foi um bello *tour de force*.

A coherencia politica do nobre ministro ficou provada a toda a evidencia.

Muito bem, Sr. de Cotegipe.

Muito bem, Sr. Prado.

Muito bem, senhores conservadores.

Muito bem, Sr. Paiz.

Eu vos admiro e comprimento.

PETIT-PITT

MONUMENTO A V. HUGO

(Vide *Semana* II. 35)

Recebemos mais as seguintes quantias:

Luiz de Andrade.....	5\$000
Soares de Souza Junior.....	5\$000
Quantia já publicada.....	50\$000
	60\$000

Rogamos aos nossos collaboradores, que ainda não nos remetteram a sua quota e desejarem fazel o, o obsequio de nol-a enviarem o mais breve possivel, pois temos pressa de fazer chegar á commissão central parisiense a pequena

contribuição d'A *Semana*, antes que se tenha encerrado a subscrição com que o mundo inteiro vae prestar á memoria do seu poeta uma pequena homenagem da sua immensa admiração e profundo reconhecimento.

Aos distinctos escriptores, a cuja collaboração tanto deve A *Semana*, agradecemos a gentileza e a solicitude com que se dignaram de acolher o nosso pedido.

GIBUK

I

Dias da juventude, bandos de avesinhas de pennas multicores e gorgeios de amores innocentes! Revoae, revoae em torno do meu cerebro, escaldado pelo sol do outono da vida. E' tão sombrio o presente! é tão escuro o porvir!

O passado! ah! lembremol-o.

Imaginação e memoria, abri as vossas azas! Oh! que regiões encantadoras avistamos!

Pousae:

Recomecemos agora a jornada, que sein vós tantas vezes fiz sosinho.

Galguemos aquella serra, que separa a Ingahyba da Jacuacanga.

Caminhemos... caminhemos ainda... ainda mais.

Já vae longo o percurso. Descansemos por minutos á fresca sombra d'esta matta virgem.

O esforço da ascensão neste mez calmoso de Janeiro faz o sangue ferver nas veias, porejar o suor, agitarem-se os pulmões, bater celere o coração, offegar o peito. A fadiga invade os membros todos. O manometro da machina da vida marca a mais alta pressão!

Paremos.

Como ruje a garganta! parece a cratera do volcão—peito—prestes a irromper; a vista escandecida repousa na penumbra da floresta, os ouvidos zumbem ensurdecidos e ouvem-se os latejos das temporas, que soam ás vezes como bater de pendula, regular e monotono; outras—pancadas dolorosas de malho sobre o encephalo!

Repousemos.

Ah!... A calma vae invadindo o corpo, que já sente a frescura da sombra e o avelludado da relva; as palpebras entre-abertas deixam ver na meia claridade da selva os troncos das arvores, como se fossem gigantes immoveis em muda contemplação! gratos sons ferem o ouvido, que se prende ao encanto de harmonia divina, modulada em brandito, que se altea ou se abemola até perder-se na mais fugitiva surdina—é a lymphá, que sonora deslisa por entre os seixos da grota.

Desalteremo-nos.

A folha do caethé é taça de esmeralda e a agua nella parece liquido diamante. As seccuras todas do peito sorvem em longo hausto o liquido puro e crystallino, que de joelhos o sequioso viajante aparou de uma pequenina cascata, occulta por larga folha de taioba.

A agua corre em borbotões pela garganta, como chumbo candente, causando desprazer e dôr; parece penetrar nos bronchios e semelha rapida ebullição que asphixia com seus vapores, dominando os canaes respiratorios.

Detenhamo-nos.

Agora sim... bebamos placidamente este sangue da terra, carregado aqui em sua origem das emanções ainda puras da matta virgem; em breve se immiscuirá ao de outras veias, que se dirigem ao figado doentio d'esta terra—as vargens da Ingahyba—para formarem a sua grande—veia Porta—o rio d'aquelle nome, por onde penetrarão no mar—o coração do globo.

A selva é densa. A foice do homem apenas abriu a larga picada por onde avança o campinheiro.

A terra está humida e escorregalia; o sol não penetra aavez das copas das arvores, que na luta pela luz e pelo calor, que lhes são elementos para existir, ficam as raizes na terra, para bem firmarem-se, e alteam-se erectas, aprumam-se e atiram os braços para o espaço, como mergulhadores do infinito. E' a grande luta... a luta pela existencia... mas sem gritos, sem lamentos, sem improprios, sem injurias, sem as calunnias dos homens!

O batalhador—a que o Jequitibá orgulhoso ou a Garapa astuta, com suas curvas, espiraes, galhos perdidos venceu e dominou a fronte,—mirra-se no silencio da sua magoa, amarella a folhagem, desprende as radiculas, deixa cahir a casca, armadura de combate e, exposta ao assalto de vis e pequeninos inimigos, é pasto do gusano e de todas as larvas immundas! Ai dos vencidos! Só tem elle um grito de dor e desespero, e é, quando mortalmente ferido, cahe aos pés do vencedor e vae transformar-se em humus para alimentar-lhe a secular existencia.

A brisa por vezes brinca com as folhas seccas do chão, percorre a floresta e forma um côro de estranhas vozes, que parece órgão misterioso de templo gigante, consagrado ao Deus Ignotus.

A picada desce e galga montes, transpõe grotas, é-lhe ponte o tronco robusto do ipé, que o caçador derribou. A matta em uma ou em outra vertente é tão clara e limpa, que só rasteiras gramineas ou folhas seccas acamadas tapetam-na; vé-se ao longe esgravatar o chão o pardo urú e distingue-se a rajada poupa da anhiambú arisca; em outros pontos está suja e tapada de taquáras, cresciunas, taquarussús, sipós, que se entrelaçam, restringindo a vista e empecendo o caminhar.

Prosigamos. Sem detença, que esta serra parece ser a escada das nuvens! Depressa, dobremos-lhe a garganta. Sinto um mal estar que me inquieta a alma; parece que a vida aqui é impossivel.

A floresta perdeu toda a animação: silencio tumular domina-a agora; é tão cerrado o matto que parece visinha a noite.

A's margens do caminho entrançam-se plantas de folhas asperas, cortantes algumas, cobertas outras, como os troncos, de espinhos rijos; só se distingue a abobada baixa, acapada da vereda. E' o deserto em plena mudez acabrunhadora! Deveria ser horrivel supplicio prender aqui uma existencia! Terminaria ella na vesania ou se aniquilaria no tedio! Peior que o nauta isolado na solidão do mar oceano, o homem sente-se orphão da Humanidade; assaltam-no todos os receios, imagina catastrophes e percebe-se fraco, impotente, nullo, para lutar com o silencio, com a agrura, com a escuridão, que o rodeia como crepe mortuario.

A esperanza, o desejo da vida, da luz, do sol instigam o animo. « Caminha!—brada-lhe intima voz, caminha ainda; mais rapido; ergue a frente; encara sem sobresaltos a morte; não és homem? de que te serve a coragem? Avante.»

Oh! Mal contém o viajante o seu assombro. Como que por encanto, tudo... tudo por que elle anciava ali está: o sol, a luz—a vida.

Arranca do intimo do peito um brado de alegria, uma exclamação de prazer.

Quem houve que no meio do sertão abriu uma vasta clareira e plantou os esteios de uma casa?! Habitam-na, que de sobre a cumieira em volutas ergue-se fumaça: a porta ostenta-se o vulto de robusto caçador.

— Oh! viva, senhor, que fortuna! exclama o que surge da matta, pare-

cendo-lhe um velho amigo o desconhecido sertanejo.

— Deus o guie; é a singela resposta. O recém-vindo avança, cheio de confiança, levando nos lábios o sorriso da satisfação, e estende a mão que o sertanejo aperta franca e amigavelmente.

Vêm-se pela primeira vez e já são de facto amigos! Não ha estranhar. A solidão, o perigo e a dor formam entre os que delles participam o facil commercio de leal amizade.

II

Por entre dois elevados picos da serrania o sol, caminhando para o Occaso, illuminava, como se fora larga faixa de ouro, parte da montanha a cuja sopé erguia-se a cabana do solitario morador do sertão.

A luz do sol poente reflectia no cano polido da arma que o caçador empunhava e que a cada movimento parecia despejar um relampago. A camisa e a calça de algodão eram de deslumbrante alvura e o rosto moreno de mestiço, bronzeado pelo sol de quarenta janeiros, batido então pela luz, tinha reflexos metallicos. A immobilidade do semblante era igual á dos olhos, amortecidos por profunda melancolia.

Assim o vio—estranho personagem— quem annos antes partilhára da caça moqueada, que lhe fora francamente offerecida em generosa hospitalidade, cordeal e folgazã!

Tão profunda era a scisma em que estava mergulhado o seu espirito, que só a poucos passos de distancia percebeu quem d'elle se approximava.

Volveu o olhar com lentidão e com brando gesto correspondeu á saudação que lhe fora dirigida.

Por toda a parte a solidão! Profundo silencio dominava a natureza, que se quedava na nudez do dia expirante; o sol pouco a pouco retirava-se da terra e apenas tingia algumas nuvens, que encontravam-se no horizonte, como purpuras cortinas do leito em que se pousava o sumptuoso rei da luz e dos espaços. Só as estrellas velavam no céu enquanto elle dormia o seu somno—a noite.

Amortecida candeia illumina a casa e a um canto sobre grosseira mesa debruçam-se o hospede e o hospedado.

— Gibuk! onde está ella?
— Lá, responde apontando na direcção do postigo, no seio da nossa mãe, aleitando o filho.
— O filho?!
— Sim... o filho.
— Mas...

A cabeça do sertanejo cahio de encontro á mesa produzindo o som de forte pancada. Ergueu-a lentamente, indifferente a qualquer dor. Encarando a estrella que brilhava por cima das arvores falou a meia voz, como quem monologa.

« O amor é a scentelha, que fórma o incendio, em que nos abramos — a vida.

« São-lhe grandes labaredas—o amor de amante, o amor de pae e o amor de filho.

« Ella nascera para amar! não lhe bastava a ternura filial.

« Arranquei-a—flor mimosa—dos jardins da beira-mar, onde vegetam os homens, e vim plantar-a neste deserto, onde vivem as arvores.

« Recebia do ipê a flor mimosa, dava-lhe a sapucaia o fructo saboroso, brincava nos braços do arariba e repousava, depois de haver folgado o dia todo com as plantinhas e as flores, que a alegravam, a enterneciam ou a irritavam, no entroncamento dos galhos do cedro, que a beijava com a macia folhagem e roçava-lhe os bicos dos

peitos duros com a rija casca. E...então ella adormecia embalada nos sonhos de amor.

« Ahi está elle, o amante, morto.
« Parece ás vezes viver... parece chorar... outras, dir-se-ia que se enfolha e se ergueu, como um phantasma, que quebrasse a lousa do sepulchro para procurar a amada, que ficou-lhe no mundo.

« Guarda a sepultura d'ella como cão fiel que guarda a cova do seu dono.

« Que noite horrivel aquella!
« O sol retirára-se com a cor escura da colera. As nuvens amedrontadas corriam atropelladamente, chocando-se delirantes em completa desordem... Sumiram-se ao apparecimento do nordeste...

« Veio a noite... e com ella accumulados bulções.
« Collocam-se em posição de exercitos que vão ferir a batalha.

« O ar, como o halito corrupto da terra, agitou-a com as azas do vendaval. Um relampago fuzilou no espaço — era o signal — e as trompas dos trovões rouquejaram seguidamente, acompanhando os raios em todas as direcções!

« O sangue dos vencidos cahia sobre a terra e formava torrentes!...

« As arvores chocavam-se, luctavam, dobravam-se, reerguiam-se, rangiam, estalavam os troncos, tonibavam!...

« E os coriscos atiravam as mechas do incendio, que alastrava, formando espiraes de chammas, que equilibravam-se até galgar a copa dos madeiros, e, como serpentes de fogo, mordiam-nos, envolvendo-os nas roscas vermelhas, sibilando as linguas agudas, e estalando as igneas escamas!

« Por sua vez gemeu o Cedro... gemido que Gibuk ouviu, — gemido que ella comprehendeu...

« Sahio affrontando a colera do vento, o furor do incendio, a inclemencia da chuva, a furia do raio, o estalar das arvores e o rugido da borrasca!

« A luz dos relampagos prateava-lhe o corpo moreno e ella avancava saltando com a agilidade da lontra.

« Ai! misera! O cedro, o seu amigo, o seu amante dava o derradeiro arranco; erguera-se depois de ter curvado a fronde esbelta. Estava só! Em torno tudo era destroço, aniquilamento!

« O amor possui todas as coragens! E o coração d'ella soffria todas as torturas, que podem puugir um peito amante!

— Não, não succumbirás, bramou; aqui estou eu, que te venho proteger.

« Cinge com os braços o tronco, esmaga os seios contra elle e encara, fincadas as plantas no solo, o vacillante cocar do já exhaustuo guerreiro.

« Tudo conspirava contra aquelle amor selvagem!

« Um raio parte do céu e rasgando os ares fende o corpo do Cedro. E juntos... elle e ella... amante e amado, cahiram n'um mesmo baque, estreitamente unidos!

« Morreu, feliz, a morte de amor.
« Da cova, onde a enterrei, nasceu o pequenino Cedro — é o filho... que ella mesmo da sepultura aleita. »

E a cabeça do sertanejo cahio de novo sobre a mesa com violenta pancada; cerrou os olhos e a bocca emmudeceu.

GALPI

SANTA CECILIA

SOBRE UM QUADRO DE DELAROCHE

Num rio virginal de aguas puras e mansas,
Pequenino baixel, a santa vae boiando...
Dilue-se, pouco a pouco, o ouro das suas tranças
E vae suavemente as aguas aloirando.

Circunda-a um resplendor luzente de esperanças,
Unge-lhe a face um luar sereno, unctoso e brando,
E, com a graça etherea e meiga das crianças,
Santa Cecilia vae boiando, vae boiando...

Os cravos e os jasmims abrem á luz da lua,
E ao verem-na passar, phantastica barquinha,
Murmuram entre si:—«E' um marmor que fluctua!»

Ella entra no oceano... E escuta-se, ao luar,
A Mãe do pescador, rezando a ladainha,
Pelos que andam, Senhor! sobre as a guas do mar.

ANTONIO NOBRE.

1885—Leça da Palmeira.

(Dos Alicerces).

COFRE DAS GRAÇAS

Aphorismo: O homem de espirito pôde dizer asneiras: é o seu direito; mas o imbecil deve dizel-as: é o seu dever.

Pensamento de não sei quem:
« E' impossivel saber onde vae uma mulher, quando sahe sosinha; escreveu um entendido na materia. Em compensação é facillimo saber aonde é que ella não vae.

E' muito simples: — uma mulher que sae sosinha pôde ir a toda parte, menos áquella aonde ella disse que havia de ir.»

No tribunal:
O presidente: — Então V. teve a coragem de chamar burro á testemunha, deante do tribunal?

O réu: — Mas, meu presidente, elle é meu primo.

Um inglez que subio este anno ao apice da pyramide de Cheops, encontrou ali o seguinte soneto dentro de uma lata de mortadellas viaia e que vae naturalmente fazer a volta do mundo — o soneto e não a lata:

A S. SEBRÃO

Tu, que és um egyptologo de arromba,
E que sabes os nomes aos bois Apis;
E que com penna de escrever ou lapis
Lanças na imprensa bomba sobre bomba,

Hoje ao pedido meu não faças tromba,
Nem a dizer o que eu te peço escapes,
Nem um susto, Salustiano, rapes:
Nos bolsos teus a minha mão não tomba.

O que eu quero de ti, que és erudito,
Artesiano poço de sciencia,
E que tantos cadernos tens escripto,

O que eu quero de ti já fleia dito:
E' que me digas qual a procedencia
Das taes cebolas celebres do Egypto.

OLIVIER PAIN.

Um jornal da Australia annuncia nos seguintes termos a proxima publicação em folhetins de um romance traduzido do hespanhol:

« Sobre dez mil leitores d'este fatal romance, contam-se quatrocentos e vinte dois casos de loucura; novecentos e setenta e sete casos de monomania, oitocentos e noventa e quatro suicidios e mil tresentos e quinze desapparecimentos. Advertindo por esta forma os nossos assignantes cremos haver cumprido o nosso dever. »

Ein? Voila une reclame... épatant!
Caramba!

BIBIANO*

GAZETILHA LITTERARIA

Livros francezes

Foram recentemente publicados :
PHILOSOPHIA E HISTORIA

Victor Cousin—Paul Janet. Obra importante, em que o grande philosopho francez e as suas obras são estudadas com imparcialidade e lucidez.
André Jackson—Albert Gigot; Carnot—Picaud; *La reunion de Toul à la France*—marquez de Pimodan.

GEOGRAPHIA

Le monde chinois—Philippe Daryl; é o 4º volume da serie de estudos da vida politica e social dos paizes estrangeiros, publicada por Daryl sob o titulo geral: *La vie partout*. Os primeiros já publicados são: *Vie publique en Angleterre*, *En Yacht e Signe Meltröë* (a vida em Berlim).

DIVERSOS

La sagesse parisienne—H. Fouquier; *Le besoin d'aimer* (romance)—P. Alexis; *Le traité pratique du budget departemental*—Philippini.

A proposito de um artigo publicado por *Parisis* no *Figaro*, sobre *L'œuvre*, o romance em que trabalha actualmente o assombroso romancista do *Germinal*, escreveu Emilio Zola áquelle chronista a seguinte carta :

« Medan, 22—julho—1885.
Obrigado; mil vezes obrigado, meu caro confrade, pelas boas cousas que V. disse de *L'œuvre*, antes mesmo de haver sido escripto este livro. Mas V. aterrorisa-me: dar-se-á caso que realmente os amigos de Goncourt,—que são, segundo creio, também os meus,—esperem meu livro com tamanha anciedade ?

Em todo caso faz bem Goncourt em ficar tranquillo. *L'œuvre* não será nada do que se tem anunciado.

Não se trata nesse livro por nenhum modo de uma serie de quadros sobre o mundo dos pintores, d'uma collecção de *aguas-fortes* e de *aquarellas*; mas simplesmente de um estudo de psychologia muito minucioso e de profunda paixão.

Obrigado ainda e acredite-me vosso etc.,

EMILE ZOLA.»

Esta carta varreu de um golpe o amontoado de noticias prematuramente espalhadas sobre a natureza e os intuitos do romance de Zola, *ainda não escripto*. Ora queira Deus que, apesar, d'isso, não recommencem as imaginações dos *reporters* litterarios de Paris a fazer das suas !

SOLUS !...

A ALBERTO DE OLIVEIRA

Vem pelos ares negros reboando
E as nuvens tetras, grossas impelindo
O temporal os raios carregando
No bojo, onde os trovões estão rugindo.

Ora ferindo o céu, ora escalando
As nuvens, ora os broncos tóros ruindo,
Elle, com o monte e o mar em terra dando,
Rios, serras e abysmos confundindo,

Parece um Deus que os mundos traz á guerra!
Vamos, depressa, temporal, a Terra
Torce, esmaga, e os pedaços lança aos ares.

A tua clava enorinissima, iracundo
Gigante, descarrega sobre o mundo,
Devasta o céu, revolve inteiro os mares !...

Que eu só fique de pé sobre as ruinas
Dos templos, das cidades submergidas,
Que urre o vento na grimpada das colinas
Por vagalhões de cinza e pó varridas.

Que as montanhas, as varzeas e as campinas
Pelos vagos do Oceano revolvidas;
Que as feras fulvas errigando as crinas,
Pela noite fugindo espavoridas,

Encham o céu de lugubre clamor...
Que a Terra em longo e rábido estertor
Desappareça n'este cahos profundo !...

Que a noite venha as solidões cobrir,
E que eu somente, eu só, possa assistir
A' agonia dos deuses e do mundo !...

Os planetas cruzando o espaço allucinados,
Sem bussula, sem sol, sem Deus e sem roteiro,
A percorrer o vacuo e desequilibrados,
Mal podendo romper o espesso nevoeiro

De sangue que os envolve, irão arrebatados
Encher do céu deserto o horrifero nateiro,
— Escorralho de sóes e trevas misturados,
— Da hecatombe final o estertor derradeiro!

Que esta abobada negra ao infinito chumbada
Role de espaço a espaço os mundos condu-
zindo,
Pelos ventos varrida, em sombras sepultada!

Que a chuva a inunde e d'ella os deuses se
evadindo,
Levados na corrente eterna da enxurrada,
Dos sec'los aos meus pés estorçam-se bra-
mindo !...

Massiças noites, céos tempestuosos se fendam
E rujam dentro d'elle á noite ereos dragões !
Flammejantes corceis de asas negras es-
tendam
Seus tragicos perfis nas ermas solidões.

E as caudas igneas o ar e a abobada incen-
dando,
Assombrosos, crueis centauros, arrastando
Atravez d'este cahos maldicto um côro hor-
rendo
De almas que vão ao céu rugindo e blas-
phemando,

Derroquem de alto a baixo esta prisão fatal,
Este eterno degredo, este circulo infernal !...
Ah ! a quem o creou tão negro, eu não per-
dou !

Dá-nos em vez do sol a noite, e a alma op-
prime !...
Seja quem fór o auctor deste execrando crime
Satan, ou mesmo Deus, oh ! eu te amaldiçouo !

LUIZ MURAT.

THEATROS

UM TIGRE E DOIS LEÕES

Sureesh Beswash é um homem robusto, de estatura regular, oriundo da India, segundo elle diz e parece, desembaraçado e sympathico. Não tem a força muscular de um Sansão; mas, quanto a coragem, talvez que nada ficasse a dever áquelle homem que abalou um templo e matou cem mil philisteus com uma queixada de burro.

E' certo que o valente domador de feras, actualmente o principal atractivo do Polytheama Fluminense, encara a morte nos olhos e sobretudo nos dentes dos seus *bichinhos* com a mesma indifferença com que eu vejo o urso branco do *Jornal do Commercio*.

Um tigre, dois leões e um homem, mettidos na mesma jaula é para por em movimento o systema nervoso do cidadão mais calmo d'este mundo.

Que medo, meu Deus, que medo causam aquelles dois terriveis leões e aquelle não menos terrivel tigre ! E no emtanto o destemido Sureesh Beswash lida com elles como com uns gatinhos domesticos !

Em conclusão, continúa o Polytheama a apresentar as formosissimas feras, que são muito de ver-se, e de quando em quando faz exhibir-se o *Pachiderme*.. isto é — o *Jornal do Commercio*, quero dizer... o *Bosco*.

COMPANHIA DRAMATICA ITALIANA

Representou ante-hontem esta excellente companhia a comedia em 5 actos *Rabagas*, de Sardou, inteiramente desconhecida para a nossa platéa.

Falta-nos espaço para analysar, como desejamos, esta producção do celebre dramaturgo, sobre a qual tão ruidosas polemicas travaram-se na imprensa parisiense.

Tem esta peça todos os defeitos e algumas das qualidades das peças de Sardou. E' uma bella *charge* como a *Familia Americana* e o *Divorcio-nos!* uma caricatura, um tanto carregada, do jornalista politico, opposicionista systematico, *enragé*, perseguidor de todos os governos... que lhe não dão bola e da imprensa representada por esses Giradins safardanas. Para sentir-se á vontade e evitar o perigo das adaptações dos typos da comedia a typos conhecidos na sociedade franceza, collocou Sardou a accção de *Rabagas* no principado de Monaco, um paizito semi-phantastico, como o reino de Yvetot e o paiz de *Cocagne*, muito commodo para servir de theatro ás scenas reaes, bem conhecidas, que fora perigoso collocar no seu verdadeiro theatro. Sardou conseguiu fazer sem intriga dramatica cinco actos vivos, scintillantes de *vérvé*, formidaveis de ironia e ricos de *carapuças*. E' o seu costume.

Mas também se distingue *Rabagas* por não poucas *scelles* estafadas, entre as quaes salienta-se uma insupportavel e incompreheensivel carta, a carta fatal, obrigatoria de todas as peças de Sardou.

Aquella entrada do official Carlos no quarto da princeza é de um máu gosto lamentavel; as relações do principe com a tal viuva americana também não primam pela delicadeza nem pela moralidade. Mas que diabo ! no principado de Monaco...

A representação correu muito bem. Rossi deu-nos um completo, um magnifico *Rabagas*; e se nem sempre foi igual na interpretação que deu ao papel, fez algumas scenas admiravelmente, com toda a *vérvé* e naturalidade. Andó foi um bom principe de Monaco; e se o não foi melhor a culpa não foi de Andó, foi do principe, que é um tanto exquisto.

Checchi fez um Vuillard impagavel. Deu-nos um soberbo typo de jornalista aventureiro, sinistro por principio e porcalhão por habito; sempre de chapéu enterrado na cabeça e com as mãos quasi sempre enterradas nos bolsos... proprios, o que é de admirar. Um dos melhores papeis do Sr. Checchi. A Sra. Aleotti foi muito bem no seu interessante papel de Mistress Eva, papel de não pequena responsabilidade. Masi, Columbari, Zoli e os demais artistas concorreram para o soberbo *ensemble* da representação. O theatro esteve quasi vasio:—não entrava no espectáculo a Sra. Duse Checchi...

Faz beneficio hoje no Sant'Anna o estimado e provector actor Simões com a *Familia Americana*, a conhecida e applaudida comedia de Sardou.

Desejamos-lhe uma casa a botar fóra, pois bem o merece o excellent actor Simões.

A recita dos traductores da lenda tragica em 3 actos de D. José Echagarray: *No seio da Morte*, os nossos collegas Valentim Magalhães e Filinto d'Almeida, terá logar na quinta-feira 10 do corrente, no theatro Recreio Dramatico.

A VIDA ELEGANTE

Depois de uma noite passada ao lado de um bando de graciosas senhoras, sorridentes e prazeteiras, interessantes e formosas, o que se poderá sentir, caríssimo leitor?

Depois que as vimos bem junto de nós, rescendendo ao perfume da violeta, da malva, do jasmim, fazendo-nos ouvir o timbre doce das suas vozes, diga, leitor, o que poderá passar-se em nossas almas?

Ha uma recordação saudosissima de tudo o que presenciámos, de tudo o que sentimos.

Desde sabbado que não nos sae da imaginação a magnifica soirée que na noite d'esse dia realisou o Club do Engenho Velho.

Ainda não nos foi possível esquecer o esplendor e os attractivos d'essa festa, em que bastante esmerou-se a directoria d'aquella importante sociedade.

Um concerto excellente precedeu as dansas que estiveram muito animadas e prolongaram-se até essa hora em que o céu desperta rubro como um inglez, cheio da luz do sol, alegre e esplendoroso.

Duraram as dansas até o momento de despontarem na curva do horisonte os primeiros raios da alvorada.

Mas, iamos nós contando, um concerto excellente precedeu as dansas.

Do que elle foi basta dizer que se fizeram ouvir F. do Nascimento, V. Cernichiaro, A. Bevilacqua, Bernardelli, Gravestein e Cerrone, e as Exmas. Sras. D. Presciliana de Souza, D. Alzira Peixoto, D. Helena Baptista Franco e D. Francisca Mello Mattos.

A Exma. Sra. D. Presciliana de Souza, possuidora de uma boa voz de soprano, cantou perfeitamente, recebendo muitos applausos, na valsa *L'Estasi*, de Arditi.

A *Faça do Destino*, de Verdi, foi bem cantada.

F. do Nascimento executou ao violoncello a sua composição, que já tivemos occasião de ouvir no Club Beethoven, intitulada *Echos de la Suède*.

E todos, amadores e artistas, foram muito e justamente applaudidos por todos os que tiveram a felicidade de ouvi-los.

A digna e amavel directoria do Club do Engenho Velho, que nos tratou muito attentiosamente, durante o deslumbrante sarau, nos confessamos sinceramente agradecidos, felicitando-a sinceramente. E que breve nos possamos deliciar de novo.

O Club Beethoven realisou na terça feira, nos salões do Cassino Fluminense, com toda a pompa, o seu quarto grande concerto symphonico.

Como era de esperar, foi uma festa na altura do bom gosto de que é dotada a directoria do Club Beethoven para estas cousas.

O Sr. Tamburlini, o distincto cantor que faz actualmente as delicias dos frequentadores do theatro D. Pedro II e a Sra. Stahl, a não menos distincta cantora, cuja voz é um dos principaes atractivos d'este theatro, tomaram parte no grande concerto, cantando aquella uma-aria da *Gioconda* e esta a cavatina dos *Huguenotes*, além de outras duas peças de musica ligeira.

Além d'estes dois distinctissimos artistas, ouvimos num concerto de Gade o Sr. Otto Beck, o eximio violinista a quem a *Semana* já tem tido muitas vezes occasião de elogiar.

Arthur Napoleão executou, com aquella pericia que todos lhe conhecemos, o *Concerto em sol menor* de Mendelssohn,

A nossa mais distincta sociedade correu pressurosa na noite de terça-feira aos salões do Cassino Fluminense que estavam repletos e ainda a estas horas deve sentir saudosas recordações d'essa festa excepcional em que a musica produziu as mais suaves delicias que é possível sentir-se.

A noite de 1 do corrente foi de alegrias e flores para o nosso estimado collaborador Dr. Henrique de Sá. Os seus salões adornáram-se em festa para receber os amigos da casa, que vinham felicitá-lo e á sua Exma. senhora, pelo anniversario de um seu filhinho e pelo baptisado de outro. Festa verdadeiramente dupla e que não poderá ser esquecida pelos que a ella assistiram.

O Dr. Henrique de Sá arranjára, com o bom gosto que o caracteriza, um pequeno concerto, que esteve realmente bom e onde figuraram distinctissimas senhoras.

Como se tratava de uma partida familiar, e fóra recommendada nos convites simplicidade nas *toilettes*, não commetteremos nenhuma indiscripção a esse respeito, apezar do desejo que temos de commetter muitas, pois muitas eram as *toilettes* de apurado gosto que lá tivemos occasião de admirar.

A meia noite principiaram as dansas que só tiveram fim ás 5 horas da madrugada com um animado e brilhantissimo *cotillon*.

LORGNON.

SONETO A PREMIO

(Vide semana n. 28 e seguintes)

Temos 39 concorrentes.

Recebemos mais os sonetos dos Srs. Quidam, Modesto de Paiva, Bernardo Taveira Junior e Amazonas.

O prazo do recebimento encerrar-se-á sexta-feira 11 do corrente. Em nosso numero do dia 12 daremos, com os nomes dos ultimos concorrentes ao certamen, os dos distinctos escriptores que têm de julgar-o.

FACTOS E NOTICIAS

Os Srs. Guimarães & Guimarães nos obsequiaram com alguns delicados machinhos de cigarros que, por considerá-los deliciosos, já reduzimos a simples fumaça.

Oxalá que os bons fumantes acertem com a casa onde se preparam os «Cigarros da Phrynéa», — é este o titulo da fabrica —, porque hão de ver o que é fumar com verdadeiro prazer.

Nossos agradecimentos aos Srs. Guimarães & Guimarães, pelos seus bons cigarros.

AO CORREIO

Queixam-se alguns de nossos assignantes da estação da Serraria que é raro receberem cartas volumosas expedidas da Corte. Recebem os jornaes regularmente, recebem as cartas simples: mas as que tem maior volume do que o commum para o porte de 100 rs., são provavelmente perdidas nos trens, por irem as malas abertas.

Com um simples cadeado poderá o Exm. Sr. director geral dos correios contribuir para a felicidade dos povos da Serraria,

Acham-se na Corte ha alguns dias, vindos da provincia do Espirito Santo, onde residem, o Dr. Joaquim Pinto Pacca, sua Exma. irmã e seu filho Alberto. O Dr. Pacca foi fundador e director das mais importantes colonias estabelecidas naquella provincia, que muito lhe deve do seu adeantamento e prosperidade,

A *Semana* cumprimenta cordalmente essa distincta familia, á qual dedica sympathia e gratidão, pois que aos seus generosos esforços deve boa parte da acceitação que tem tido naquella provincia.

Com a assistencia de Suas Magestades e Altezas Imperiaes, teve logar domingo no Lyceu Litterario Portuguez uma magnifica festa para commemorar o anniversario d'este importante estabelecimento de educação, verdadeiro protector do povo.

Sua Ex. o Sr. Barão de Mamoré, ministro do Imperio, a convite do Sr. commendador José João Martins de Pinho, presidente do Lyceu, presidiu a sessão e convidou os Srs. ministros de Portugal, Chile e Uruguay, senador Corrêa e conde de S. Salvador de Mattosinhos, a correr a cortina que occultava o retrato de Victor Hugo, que foi ali inaugurado por essa occasião, conservando-se de pé todas as pessoas presentes, inclusive as imperiaes, em signal de profundo respeito pelo immortal poeta.

Concedida a palavra ao Sr. commendador Luiz de Faro, secretario da directoria, falou este brilhantemente sobre esta justa homenagem, fazendo o historico do Lyceu e dos serviços que tem prestado á instrucção.

Foram depois distribuidos por S. M. Imperador os premios aos diversos alumnos que mais sobresahiram durante o anno e entregues pelo mesmo a respeitaveis senhoras da nossa mais alta sociedade diplomas de benemerencia.

Na segunda parte da sessão houve um pequeno concerto em que tomaram parte os Srs. F. do Nascimento e White. Falaram representantes de diversas associações, entre os quaes achavam-se os do Lyceu de Artes e Officios e do Retiro Litterario Portuguez, e o Sr. Hudson, por parto de toda a imprensa, que tambem se fez representar.

Foi uma bella festa. Parabens ao Lyceu.

Installou-se em S. Carlos do Pinal no dia 30 do mez de Agosto o «Circulo Litterario Valentim Magalhães.» Oram na solemnidade, além do outros socios, os Srs. Florenco Duarte, orador official, e João Aranha.

Ha algumas semanas que fixou sua residencia e escriptorio de advocacia na cidade de Valença o nosso presadissimo collaborador Dr. Lucio de Mendonça, dantes domiciliado em S. Gonçalo do Sapucahy.

PRESIDENTES DAS PROVINCIAS

Foram nomeados:

O Senador João Alfredo Corrêa de Oliveira para o cargo de presidente da provincia de S. Paulo.

O Conselheiro Theodoro Machado para o de presidente da Bahia.

O Conselheiro Tristão de Alencar Araripe para o de presidente da do Pará.

O Desembargador Antonio Joaquim Rodrigues para o de presidente da do Espirito-Santo.

O bacharel Alfredo de Escragnolle

Taunay para o de presidente da do Paraná.

O bacharel João Lourenço Paes de Souza e José Caetano Corrêa para os de 1º e 2º vice-presidentes do Pará.

O Desembargador Antonio de Souza Mendes, para o de 1º vice-presidente do Ceará.

O Coronel Manoel Ribeiro Coutinho Marcondes e o Dr. Joaquim Antonio de Oliveira Seabra, para os de 1º e 2º vice-presidentes do Espirito-Santo, sendo transferido para o 6º lugar da lista o 2º Dr. Epaminondas de Souza Gouvêa.

O Barão de Parnahyba e o bacharel Elias Antonio Pacheco Chaves, para os de 1º e 2º vice-presidentes de S. Paulo.

O bacharel Joaquim de Almeida Faria Sobrinho e o bacharel Cesario José Chavantes, para os de 1º e 2º vice-presidentes do Paraná.

O Visconde da Graça, o Dr. Miguel Rodrigues Barcellos e o Barão de Itaqui para os de 1º, 2º e 3º vice-presidentes do Rio Grande do Sul.

O Dr. Antonio Teixeira de Souza Magalhães e o Barão de Santa Helena, para os de 1º e 2º vice-presidentes de Minas Geraes, sendo transferido para o 3º lugar da lista o 1º Desembargador José Antonio Alves do Brito.

O bacharel José Joaquim Ramos Ferreira e Antonio Augusto Ramiro de Carvalho, para os de 1º e 2º vice-presidentes de Matto Grosso.

Voltou ante-hontem para S. Paulo o nosso estimado collega do *Diario Mercantil*, Gaspar da Silva.

SPORT

No domingo ultimo realisou o *Derby Club* a sua segunda corrida. Figuraram nos pareos magníficos animaes. Entre estes *Atalanta, Eucharis, Phrynéa, Regalia, Taillefer* e *Aspasia*.

A concorrência foi verdadeiramente optima. Os trens e os bouds transportaram pouco mais ou menos tres mil passageiros.

A tribuna imperial estava vasia. Apenas fora visto cá em baixo, passando pausadamente, enfiado em uma correctissima sobrecauca prota, um loiro principe de faces risonhas e rubicundas, o mais velho, o que tem o geito do avô.

Ao meio dia principiaram as corridas. *Atalanta*, o *ai Jesus* dos frequentadores da *poule*, d'esta vez fez uma fiasqueira digna... de não ser registrada, porque dizem d'essa corrida umas *certas cousas*. Ah! mysteriosissimos *jockeys*, vocês são de todos os diabos; quando *querem* fazem como o *Lourenço*, dão pernas aos animaes, mas quando *pensam* ao contrario, adeus minhas encomendas! vae-se tudo quanto *Martha* fiou; e o tolo do zé povinho é quem paga o pato para meia duzia de felizardos.

Quem não toma juizo é o tal *Principe Alberto*. Ainda d'esta vez empacou á sahida. Que diabo de principe!

No ultimo pareo houve uma sahida falsa. *Aspasia* perdeu, e o povo que nella jogou, agglomerado junto da casa da *poule*, pediu a annullação da corrida; no que não foi satisfeito.

A's 6 horas da tarde terminaram as corridas, que estiveram brilhantes, apesar das nuvens que lhes toldaram por vezes o brilho.

VICTOR HUGO

A *Semana* recebeu de Pariz um grande cartão, largamente tarjado de negro, com estas palavras impressas:

LA FAMILLE DE VICTOR HUGO.

Esta demonstração de grandios e simplicidade do agradecimento da familia do grande morto pela homenagem que, com todo o mundo, lhe prestou *A Semana*, penhora-nos vivamente. Guardamos esse precioso cartão em um dos angulos do quadro em que se vê o retrato do immortal cantor de todas as grandezas e protector de todos os miseraveis, e com elle figura na sala da redacção d'esta folha.

COLLABORAÇÃO

DECEPÇÃO

Um velho, apaixonado por Mathilde, fitando-a ternamente lhe dizia:

« Nada existe que eu tanto ambicione, « como a vossa adoravel companhia.

« Quando tive a fortuna de encontrar-vos, « risquei do coração outros amores, « e tratei de estudar o melhor meio « de cercar-vos de mimos e favores.

« Por beijar-vos a fronte encantadora « cederá o meu logar no paraizo... »
—Por bem pouco vendeis o que não tendes, « mas não devo causar-vos prejuizo. »

« Cruel! assim trataes a quem vos ama? « a quem por vós daria a propria vida? »
—Desculpae-me o gracejo impertinente; « de magoar-vos estou arrependida. »

« Não quero compaixão! Amor sincero « me deveis, porque é santo o meu intento... »
—Detende-vos, senhor! A vossa neto « fui hontem prometida em casamento. »

SANTOS BEMVINDO.

Lisboa, Janeiro de 1885.

YOYO

Não chores, irmã querida,
Acalma os soluços teus:
Os anjos não são da terra
Só vivem junto de Deus.

Era lindo o teu anjinho
Como as estrellas sem véu,
Mas um dia abriu as azas
Vóou... vóou para o céu...

Não mais velarás em torno
Do seu bercinho adorado;
Não mais seu meigo sorriso
Verás brilhar a teu lado.

Não mais seu candido rosto
Verás risonho e contente;
Não mais, no teu embebido,
Seu doce olhar innocente...

Não chores, irmã querida!
Era do céu... no céu s'tá.
Se lá não tem os teus braços,
Carinhos de Deus terá.

Quando para o céu elevas
O triste e saudoso olhar,
Pelo espaço procurando
O seu sorriso a brilhar;

Quando em lagrimas tu pensas
Ver além, no azul infundo,
Entre o brilho das estrellas,
O seu rostinho tão lindo;

Elle pede a Deus, consolo
Para a mãe amargurada,
Que o coração tem partido
E a alma dilacerada.

Não chores, irmã querida,
Acalma os soluços teus:
Os anjos não são da terra
Só vivem junto de Deus!

M. ZALINA ROLIM.

TRATOS Á BOLA

Ai, meu Deus! a minha lyra...
Que lyra! a lyra que tenho!
Felizmente não delira,
Ai, meu Deus! a minha lyra...
Por tel-a um *teuto* suspira,
Baldado de arte e de engenho.
Ai, meu Deus! a minha lyra...
Que lyra! a lyra que tenho!

O' meus queridos *tratistas*,
Eu nasci p'ra vos querer!
Vinde a mim... que *charadistas*!
O' meus queridos *tratistas*!
Minha *Musa*, não resistas
Aos tratos seus, que és mulher!
O' meus queridos *tratistas*
Eu nasci p'ra vos querer!

Cajú, Pépe, I. Portuguez,
D. Ruy, Joãozinho e Cayenna,
Não me apanham d'esta vez!
Cajú, Pépe, I, Portuguez...
As *tratices* tem seus *quês*
Descobril-os vale a pena,
Cajú, Pépe, I, Portuguez,
D. Ruy, Joãozinho e Cayenna...

Vinde, *D. Chico*, ligeiro,
Que sois o maior dos *barras*.
Buscar o premio primeiro,
Vinde *D. Chico*, ligeiro!
Que bom premio, seu *trateiro*
Vinde buscar as *Fanfarras*,
Vinde *D. Chico*, ligeiro,
Que sois o maior dos *barras*!

Sinhózinho dos Croquetes
Como dá voltas o mundo!
Eu mandei soltar foguetes,
Sinhózinho dos Croquetes!
Comei pimentas, *Laets*,
Que é d'elle o premio segundo...
Sinhózinho dos Croquetes
Como dá voltas o mundo!

DECIFRAÇÕES

Das novissimas: *Momo e Periodo*; das telegraphicas: *Marmota e Sapata*; da calimburguesca: *Archeiro*; do proverbio enyigma: *Sombra de páu não mata cobra*; da quebra-cabeças: *Guimarães*, e do enyigma alphabetico: *Camillo Castello Branco*.

E' trabalhar, *tratistas*!
São estas as *tratices*.
Vós todos sois artistas,
E' trabalhar, *tratistas*!
Vão longe as vossas vistas...
Aqui não ha tolices.
E' trabalhar *tratistas*!
São estas as *tratices*:

QUEBRA-CABEÇAS

Marapicú, Saquarema, Odíellas, Carangola, Rio Novo, Aracaty, Igoá, Itabira.
Formar com as iniciaes d'estes nomes, o primeiro nome de um poeta brasileiro já morto.

AUGMENTATIVA

(por letras)

Esta letra — está retirada — onde é a residencia — esta terra —

INVERTIDA

2— Não é redonda mas invertida põe-se ao fogo.

BENEDICTINA (1)

Oh! que terrazinha!... A' cama ide; caes Agã é sina e chita.

NOVISSIMA

1—2— Este homem enfurece em me-teoro aqueo.

EM QUADRO

Sou do tronco ou de negocio,
Na botica encontras tu,
E na espingarda, capadocio,
Me conhecem no Pégú.

PREMIOS

D'esta vez, meus senhores
Finos decifradores,
E vós senhoras, flores
D'esta linda secção,
Os premios reservados
Hão de ser conquistados,
Não pelos apressados,
Pelos primeiros, não!

Mas sim (são dois) os premios,
Dois segredinhos gemeos,
De embasbacar os gremios
(Oh! rima, tu és cruel!)
Os premios serão dados
Aos dois mais engraçados,
De graça mais dotados,
E disse.

D. PASTEL.

(1) Vide a explicação no n. 8 d'A Semana.

RECEBEMOS

— *Historia de Gil Braz de Santilhana*; fasciculos ns. 2 e 3, com dois bellos chromos.

— Do Sr. Henri Nicoud: — *La Revue Politique et Littéraire* n. 5, de 8 de Agosto; *La Mode Illustrée* e *Le Salon de la Mode*, n. 32, de 9 de Agosto.

— *Ave Poeta!* — poemeto á memoria de Victor Hugo por Bernardo Taveira Junior. Nossa opinião daremos mais tarde.

— *Le Brésil* n. 2 — A primeira pagina traz uma gravura intitulada *Secção do Brazil* na Exposição Universal d'Anvers em 1885, e nas outras bellos artigos.

— *Relatorio* apresentado ao Sr. conselheiro João Ferreira de Moura, ex-ministro da Agricultura, pelo Dr. Julio Pinkas, chefe da commissão de estudos da estrada de ferro do Madeira a Mamoré.

A Vespia, n. 28 — Magnifica! Magnifica! Parabens ao Belmiro.

— Do *Congresso Gymnastico Portuguez* um convite especial para as festas do seu grande bazar.

— *Relatorio das commissões do Jury* da primeira exposição provincial, organisa da pela Associação Commercial e Agricola de S. Paulo.

— *Divina Comedia* — Fasciculo n. 8.

— *Noemia* — Polka de Miguel A. de Vasconcellos, oferecida pelo gerente da casa — Ao *Chapéu Imperial* ás Exmas. familias.

— *O Mequetrefe* n. 383. Vem desenhado com muito espirito. Traz na 8ª pagina um bom retrato da Sra. Adda Adini, retrato que tem no texto um elogio correspondente, feito pelo E. C. que d'esta vez fica sem o anel de brilhante, a caminharem as cousas por este feito. Felizardo!

Na setima pagina traz dois sonetos — *Invenjas* — de F. d'Almeida, que já foram publicados ha seis annos, e que, valha a verdade, são bem ruinsinhos.

Tambem, ha seis annos...

— *O Mequetrefe* n. 384 — Magnifico!...

— *O Pharol* n. 2 — Delicioso... A poesia *O pince-nez* por Oscar de Castro é esplendida... Olhem só esta quadrinha:

Sinhásinha oh! que lindeza
E tens um todo degagé,
No andar és toda firme
Quando botas o pince-nez.

Muito bem, seu Carlos!...

— Do *Circulo Catholico do Rio de Janeiro* um prospecto do certamen artistico litterario, proposto pelo mesmo Circulo.

— *A Vespia* n. 29 — Bons desenhos. E' digna de louvor a pagina do centro. Quanto ao texto bem escripto.

— *L'Etoile du Sud* n. 1 — Ex-revista commercial, financeira e maritima do Imperio do Brazil. Folha diaria por um vintem.

— *Os Miseraveis* de Victor Hugo. Fasciculo n. 3.

CORREIO

Sr. S. O. — Embora de pouquissima importancia, não podemos responder á sua consulta por esta poderosa razão: — Sômente respondemos ás consultas e aos pedidos de informações dos nossos assignantes. E' um direito d'elles, que não podemos baratear. E' o Sr. assignante? Se é, diga-nos o seu nome e terá resposta á sua consulta; se não é, assigne *A Semana* e sem demora lhe responderemos. Entendeu?

Sr. *Armanciano* — O seu soneto *A' Duse-Chechi* fica na sala de espera.

Sr. *Lycurgo* (Nichteroy) — Gostámos da sua *Epygrammatica*. E' possivel que venha a ser publicada.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Dr. Henrique de Sá — Espec. Syphilis e molestias das crianças. Con. sultorio: — rua Primeiro de Março, 22 de 1 ás 3 horas da tarde. Residencia: — rua de S. Pedro, 294.

THEATRO RECREIO DRAMATICO

DIRECÇÃO DO ACTOR DIAS BRAGA

Quinta-feira 10 de Setembro

RECITA DOS TRADUCTORES

da lenda tragica, em 3 actos, do celebre dramaturgo hespanhol D. José Echegaray:

NO SEIO DA MORTE

Os bilhetes á venda no escriptorio d'A Semana e na bilheteria do theatro.

Collegio Universitario Fluminense

NO FIM DA RUA DO BARÃO DE ITAPAGIPE
(Antiga da Bella Vista)

No alto do Engenho Velho, logar onde nunca houve epidemia de especie alguma, funciona em edificio e com dependencias expressamente construidas para o fim a que se destina.

Deixa a visita dos interessados, tanto nacionaes como estrangeiros, da corte ou do interior.

Remettem-se prospectos pelo correio a quem os solicitar á directoria.

QUEM QUER RIR-SE?

COMPREM O

BISBILHOTEIRO FAMILIAR

Do

A. XAVIER DE ASSIS

A' venda em todas as livrarias a 1\$000

RELOJOARIA

DE

ALFREDO CEZAR DA SILVEIRA

Casa acreditada para concertos de relogios

67 RUA DA ASSEMBLEA 67

DR. ARAUJO FILHO
MEDICO PARTEIRO

RÉSIDRNCIA

Rua do Visconde do Rio Branco n. 36.

OBRAS

á venda no escriptorio desta folha:

DE VALENTIM MAGALHÃES

QUADROS E CONTOS

por 2\$000.

COLOMBO E NENÉ

poemeto, 1\$000.

DO MESMO E FILINTO D'ALMEIDA:

O GRAN GALEOTO

traducção do drama de Echegaray, 1\$000.

DE ALFREDO DE SOUZA

AURORAS

versos, 2\$000.

DE L. MURAT:

QUATRO POEMAS

versos, 1\$500.

DE AMERICO LOBO:

EVANGELINA

traducção do poema de Longfellow, 1\$000.

TYPOGRAPHIA

A typographia d'A SEMANA, ultimamente montada, dispondo de uma boa escolha de typo inteiramente novo, aceita quaesquer encomendas de obras, poesias, jornaes, annuncios, etc. etc'

PREÇOS BARATISSIMOS

TRATA-SE NO ESCRIPTORIO DA EMPREZA

36 Travessa do Ouvidor 36

Esquina da rua do Ouvidor

AU PETIT JOURNAL
 ASSIGNATURA PARA TODOS OS JORNAES
 Especialidade em artigos proprios para presentes
 COMPLETO E VARIADO SORTIMENTO DE BRINQUEDOS DE PARIZ
HENRY NICLOUD & C.
 Unicos correspondentes e depositarios nesta Côte da verdadeira
 "LA SAISON" de Paris
 Recebem com a maxima presteza todos os jornaes parisienses e os distribuem pelos seus assignantes, apenas os recebem.
 A casa AU PETIT JOURNAL é inimitavel neste serviço.
27 Rua dos Ourives 27
 RIO DE JANEIRO

A SEMANA

CORTE

Trimestre..... 2\$000
Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

PROVINCIAS

Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

SUMMARIO

«A Semana».....	
Historia dos sete dias.....	FILINDAL.
Poules.....	CATÃO.
Roubo escandaloso.....	A REDACÇÃO.
Bolos.....	C. FERULA.
Soneto a premio.....	
Rabagas.....	C. DE AZEVEDO.
A' entrada do inverno, soneto.....	A. DE OLIVEIRA.
Aqui, ali, acolá.....	ALFINETE.
Sport.....	CANTER.
Parnazo alegre.....	F. DE MAGALHÃES.
Gazetilha Litteraria.....	
Em wagon.....	M. RAMALHO.
Meditando, poesia.....	A. DE SOUZA.
Theatros.....	
Cofre das graças.....	BIBIANO.
Illuminuras — A deus!.....	J. LOPES.
Tratos á bola.....	D. PASTEL.
Factos e noticias.....	
Recebemos.....	
Correio.....	
Annuncios.....	

A SEMANA

Rio, 12 de Setembro de 1885

Não nos foi possível dar neste numero á estampa o retrato de Gonçalves Dias, como havíamos prometido. O tempo chuvoso e nublado que reinou até ante-hontem fez com que o trabalho ficasse concluído demasiado tarde para ser impresso neste numero.

Fica, portanto, para o numero 38.

Da nossa gentilissima collaboradora D. Julia Lopes, de quem hoje damos uma linda *illuminura*, publicaremos no proximo numero um conto delicioso — *Ainda bem!*

E' uma das paginas mais delicadas e mais felizes da joven, mas distinctissima escriptora brasileira.

O grande-accumulo de originaes obrigou-nos a deixar para o proximo numero a publicação da 4ª «Carta de um chinês no Brazil a um brasileiro na China», as quaes tanto têm agradado.

Inauguramos hoje a nossa secção de *Sport*, confiada a *Canter*, um *sportman* de conta, peso e medida, que conhece jockeys, cavallos e corridas como poucos dos nossos *turistas*. Fica assim preenchida um das mais sensiveis lacunas de *A Semana*, cuja divisa é esta:

« DE TUDO, PARA TODOS. »

HISTORIA DOS SETE DIAS

A historia d'estes ultimos sete dias poderia resumir-se na historia do dia 7 de Setembro, cujos festejos se prolongaram até o dia 10, com grande gaudio dos capoeiras e desespero da policia.

Da arrebentação do patriotismo teve a camara municipal a intuição de escolher um galho fecundo, que fará perdurar na memoria do povo e nas paginas da historia a celebração da festa nacional. Foi a alforria dos 160 escravos. Isso, sim. Por tal caminho e com alguns frascos de *La Ferrière* poderá facilmente o Sr. Visconde de Santa Cruz prolongar os seus cincoenta annos até ao seculo XX.

Quanto ao mais, obriga a verdade a dizer que a scenographia dos coretos e das fortalezas de papelão e sarrafos fazia, como sempre, um pessimo effeito, pela razão obvia de que a scenographia foi inventada para os bastidores e que fora dos traineis e solta do urdimento fica assim como uma princeza numa barraca de feira. Foi talvez por esse motivo que a vereança não conseguiu insuflar no animo publico a ictericia do patriotismo: a multidão não encheu nunca as ruas illuminadas, e nós fizemos esforços inauditos para não poder passar pela rua do Ouvidor, como acontece nos dias de carnaval — mas pudemos, e muito á vontade.

O que desejamos é que a camara municipal continue na sua obra meritoria da libertação do municipio neutro. Ao menos terá feito alguma cousa digna de applausos mais calorosos do que os que tem merecido pelas scenas de pancadaria e de olympica descompostura com que por tantas vezes tem deliziado as galerias dos feis municipales.

Acredite a camara que lhe faremos sempre justiça, censurando ou louvando os seus actos, embora, como d'esta vez, ella mostre a pouca delicadeza e a rudimentar educação dos seus directores, não nos remetendo convite para as suas festas, tendo-o remetido a todas as outras folhas.

Não, ó camara! nós não passaremos a esponja do nosso despeito, embebida no sangue da indignação, nos cabellos do teu Visconde: além de tudo, temos receio de transformar o Rio de Janeiro em Rio-Preto.

Em o numero passado de *A Semana*, nesta mesma secção, escrevemos:

«As barraquinhas, mascaradas com o titulo de — *feira franca* — não são mais do que um grave perigo para a população, e uma illegalidade, porque vão ser verdadeiras casas de jogo provisórias, onde a roleta attrahe os papalvos e os vadios e onde as musicatas saturadas de jubilo chamarão a conclave os capoeiras, os madraços e os gatunos.»

Os factos vieram comprovar as nossas previsões.

Têm sido presos ali innumerous capoeiras, tem havido sempre desordens. Isso, porém, nada é em comparação com o que, por si só, fez na noite de segunda-feira o cabo de esquadra do 1º regimento de cavallaria ligeira, Julio Pedro Borges. Relatar ineudamente as tristes occurencias d'essa noite é repetir o que todos já sabem. Não o faremos, pois. Mas um soldado que mata dois camaradas, e ceva ainda o resto do seu furor em um cavallo, não é possível que seja apenas indisciplinado; foi sem duvida um accesso de loucura que determinou aquella terrivel scena de sangue.

E' um caso pathologico, cujos prodromos já dias antes se haviam manifestado, segundo disseram alguns jornaes.

São severas as leis militares e é grande o crime; mas a nós cabe-nos implorar a piedade para o infeliz, se effectivamente se tratar de um caso de loucura.

Outro facto que tambem agitou a população foi o medonho incendio do edificio do Monte-Pio Geral dos Servidores do Estado, no sabbado ultimo. Segundo dizem por ahi as más linguas o incendio não foi casual. O *Jornal do Commercio* chega mesmo a determinar os pontos onde foi lançado o fogo.

Emfim, como a escripturação que ponde ser examinada não accusou nenhum desfalque, cabe á policia descobrir o criminoso e a intenção do crime.

Occorreram mais alguns factos, mas nenhum é digno dos nossos espirituosos commentarios. E' preciso que não desgracemos a nossa graça.

Até sabbado.

FILINDAL.

POULES

Com a epigraphe supra, deitou o *Jornal do Commercio* estirado e ingenuo artigo na gazetilha de 9 do corrente.

O grande realejo da moral abstracta ahi moeu diversos numeros das melhores declamações. Em vez de rematar com a polka *qu'è d'el-las chaves*, fez por ultimo ranger a tranca das seguintes e expressivas palavras: «Sabemos que nem todo o mal ficaria assim remediado. Não é possível prohibir as apostas entre particulares.»

Ora, se sabemos e se não é possível... o grande orgão que nos perdõe, a nós,

desgraçados peccadores, exclamarmos um seculento — ora bolas!

O artigo em questão é um verdadeiro presente de gregos ao *Jockey-Club*, ao *Derby-Club*, ao *Prado Villa Isabel* e a todos os que existem e se estão multiplicando pelo imperio, em beneficio do apuramento da raça cavallar, assumpto que em todos os paizes adelantados sempre encontrou agasalho por parte da imprensa e dos governos.

Para falar verdade, pareceu-nos que o *Jornal do Commercio* ouviu cantar o gallo, sem saber onde, e por isso enfia na cabeça das sociedades de corridas uma carapuça, que de modo nenhum pode enfeitá-las.

Examinado o problema pelo lado theorico, é tudo muito bonito; pelo lado humano e practico, a casa da poule nos clubs destinados ao aperfeiçoamento da raça cavallar, presta importantes serviços. Apontaremos só os principaes e innegaveis:

1º *Se é impossivel prohibir as apostas entre particulares*, a casa da poule, chamando-as a si e tendo uma direcção, julgadora dos diversos pareos, previne muitos conflictos, muitas más intelligencias, garante muito melhor a indispensavel ordem em um divertimento popularissimo e ao qual affluem pessoas innumeradas e de todas as classes.

2º Tirando 10% da quantia arrecadada, os clubs reforçam suas caixas, *exclusivamente para ficarem habilitados a dar cada vez premios meliores, e assim conseguirem seu desinteressado desideratum*. Ninguem pense que são os socios os que vão entre si repartir taes proventos.

Sobre estas duas serias bases assenta a chamada casa da poule, e sem os rendimentos d'ella torna-se practicamente impossivel a prosperidade dos nossos clubs de corridas, *que não dispõem de auxilios—nem do governo geral, nem do municipal*.

A prova eloquente temos nos hypodromos campineiro e paulistano, que se acham em decadente estado, simplesmente porque os lucros unicos da concorrência publica, das inscripções e das mensalidades, não chegam para fazer face ás grandes despezas de taes divertimentos.

Não fossem os tres clubs do Rio de Janeiro, e os creadores nacionaes teriam de parar, para não perderem tudo dos muitos sacrificios que realisaram e que só agora começam de dar alguma compensação.

O *Jornal do Commercio* não reflectio bem; se o houvesse feito, veria logo quaes os cavalheiros que são socios e directores de taes clubs e, cavando no assumpto, comprehenderia que elles não podem unir-se para, sob o pretexto de corridas, defender e proteger um descarnado jogo.

Por outras palavras: o *Jornal do Commercio* quiz dar um conselho, mas dirigiu desastradamente as rodas da

carruagem, fazendo-as entrar pelas sarjetas e respingando lama á direita e á esquerda.

Fazendo-o parar, damos a seguinte explicação aos clubs de corridas do Rio de Janeiro: o *Jornal do Commercio* aconselha aos ditos clubs e a todos os proprietarios a maior lisura nos pareos, a melhor fiscalisação, as mais justas deicções.

De nossa parte, saudando o *Jockey-Club*, o *Derby-Club* e o *Prado Villa Isabel*, accrescentamos um entusiastico—*apoiado!*—e ao popularissimo divertimento bradaremos um caloroso *avant!*

CATÃO.

ROUBO ESCANDALOSO

No genero dedicatoria, como no genero offercimento, nós temos visto de tudo. Mas o que nunca nos passou pela cabeça foi que houvesse coragem para se pegar de um trabalho de um escriptor qualquer, por-lhe por baixo outro nome e no cabeçalho, entre parentheis, dedical-o ao proprio e legitimo auctor.

Pois foi o que fez a *Vespa* com o nosso collega de redacção Filinto d'Almeida. Isto é, a cousa appareceu na *Vespa*, mas não acreditamos que da parte da redacção d'esse interessante jornal houvesse a intenção imbecil de fazer uma pilheria de tão máu gosto. Tambem não podemos acreditar que fosse o legal proprietario do nome que firma o trabalho roubado quem se desse á maluquice de commetter uma patifaria de tal ordem.

O caso deu-se com o soneto—*Estrella funesta*, escripto pelo nosso collega á cerca de quatro annos e publicado então na *Gazetinha*, de ridente e saudosa memoria.

Ha um anno esse mesmo soneto foi publicado no *Diario Mercantil* de S. Paulo, e mereceu um artigo especial da redacção d'aquella excellente folha; paremos que ha alguns mezes tambem foi reproduzido pelo *Diario Portuguez*, e, finalmente, vem impresso no *Almanach de Lembranças* de Lisboa, para 1886. De todas estas vezes o soneto em questão appareceu assignado com o nome do seu auctor.

Pois no ultimo numero da *Vespa* vem publicado esse soneto, com o titulo—*Funesta...*, com a dedicatoria:—*Ao meu amigo F. de Almeida*, e assignado—S. Sebrão.

Ora, S. Sebrão nós apenas conhecemos o afamado egyptologo que, de quando em quando, se arreja das pyramides do Egipto sobre as columnas do *Diario de Noticias*, carregado de esphynges, trechos de templos, pedaços de tumulos, narizes de mumias, deusas Isis, bois Apis e unhas de Pharaós.

Este é o nosso conhecido Salustiano, estimavel, inoffensivo e pacato, comquanto egyptologo.

Não é, pois, d'este Sebrão que se trata, do idoneo, do authentico, do legitimo, do Salustiano. E' de outro; é de um Sebrão gatuno, e gatuno porco, de um Sebrão falso, de um S. de scenographia, pascacio e canalha, sem dignidade e sem graça, gebo e pulha.

O nosso collega não deu ao facto nem ao menos a importancia de um protesto escripto, visto que a sua auctoridade não pôde de nenhuma maneira ser contestada. Mas nós entendemos que é melhor desmascarar o patife, e,

portanto, reproduzimos agora o soneto, firmado com o nome do seu verdadeiro auctor:

« ESTRELLA FUNESTA

Onde podeste achar tanta belleza?
D'onde tão deslumbrante formosura?
Tu mergulhas nas trevas da loucura
Os homens de mais solida rudeza!

Não sei que funda e lubrica doçura
Ha nos teus olhos, magica princeza,
Que parece que toda a natureza
Treme, se a fitas, cheia de ternura;

No teu collo marmoreo, alabastrino,
Tens um calor fatal, que os sonhos cresta
E que um desejo atéa libertino.

Virgem! aguarda a sorte mais funesta:
Tu és, por um capricho do destino,
Bella de mais para mulher honesta!

FILINTO D'ALMEIDA.

A REDACÇÃO.

BOLOS

Ha muito que o nosso amigalhacissimo Pimenta, o microcosmographico folhetinographo do *Pachiderme*, não nos dava um ar da sua graça, d'aquella graça perluxa que atirou Francisco Manoel—o dos tarecos tafues—para os intermundios da posteridade, onde os anjos papudos e chorumentos balouçam eternamente o thurybulo das consagrações garantidas e incontestes.

Faltava-nos aquella prosa um tanto rancida e um tanto vernacula, que semanalmente nos vem lembrar as chronicas do Garcia de Rezende, de saudosa memoria, e era como se nos faltasse o bife que a Providencia provida distribue quotidianamente aos que trabalham.

Aquelle *cavaignac* que todos os domingos nos vemos fluctuar, como um espanador glorioso, no mento do *Pachiderme*, é para nos, pobres mancebos imberbes, uma consolação e um estimulo. Que isto não pareça um paradoxo bicorneo! Uma consolação—porque nos vem arrancar á melancolia em que nos embebemos, foragidos das banalidades semanaes que nos perseguem por toda parte como um bando de mosquitos zumbidores; e um estimulo—porque é ali que nos vamos abeberar de coragem para as luctas da imprensa, e porque o conselho do illustre plumitivo ancião, todo barrado de experiencia, de sciencia e de sabedorencia, cousa é que nos penetra por tal modo—que nos dá bronchites de entusiasmo, expectorado depois por nós, em opiniões de conta, pezo e medida, como as do jornal cujo chronista é.

Após esta tão simplice quão sincera manifestação do nosso profundo respeito e insondavel admiração para o sabio *cavaignac* do *microcosmo*, licito nos será, por certo, discordar de algumas proposições que o nosso sagrado mestre de quando em quando aventa e inventa.

Em verdade vos digo, ó leitor pio e bondoso, que nos é sacrificio desmeurado o tocar na sancta reliquia litteraria e critica por o nosso purissimo Pimenta confeçoada e servida, dominicalmente, aos fieis merceeiros que assignam o *Pachiderme*.

Mas se vemos a serpe da injustiça erguer o negregado collo e amparar-se na jararaca da mentira e na gibóia da falsidade, então a peccaminosa ira,—por

que não confessal-o?—nos invade o peito e lá vae tudo com seiscentos milhões de diabos por ahí abaixo! Então, não ha mais reliquia, nem consagração, nem sagração, nem *cavaignac*, nem nada!

E' desmascarado o veudilhão do templo, o charlatão azorragado, o farçante punido, o pantoumeiro esbordado.

Puxamos antes de tempo o cordel prezo ás roupas talares do vellio sabio, e mostramos o impudico Mephistophiles, de saramatulos esborcinados e de bombaclas rotas, como um triste mafarrico de feira pobre, destinado a intimidar as erianças e a fazer rir o rapazio alegre e lorpa das aldeias.

D'esta vez move-nos a penna a sancta indignação dos mystificados.

O farricoco da irmandade mercantil do gran le orgão disse no domingo ultimo, referindo-se a um livro de traducções de Victor Hugo:

« Uma cousa notei; e é que n'este volume não se acham versos do Sr. Luiz Delphino, (sic) que é o primeiro poeta vivo do Brazil, pela eleição da *Semana* (146 votos). »

Ora sendo publico, e estando impresso que o vencedor da eleição da *Semana* foi Gonçalves Dias, que teve os 146 votos, tendo Luiz Delphino apenas 74, (*) é claro que temos o direito de dizer que Pimenta mentio com quantos dentes não tem na bocca — que são todos.

Agora diga-nos o já referido leitor bondoso e pio o que se deve julgar da honestidade litteraria de um tal energumeno e que valor podem ter as affirmativas promanadas de uma tal canalhice!

Espèce de crachoir d'hôpital!

Curco FÉRULA.

(*) Vide *Semana* n. 28.

SONETO A PREMIO

(Vide *Semana*, ns. 28, 31 e seguintes)

Encerrou-se hontem este certamen. Foram 45 os concorrentes.

Nesta semana recebemos mais os seguintes ultimos sonetos dos Srs.: Xavier Marques, Ascanio Magno; V.P. Godfrey, Seny, Ernêsto Guimarães, Cypriano de Miranda e Uldarico Lago.

O soneto do Sr. Joaquim Rosa foi recusado por já haver apparecido impresso no *Mecenas*, de Campos.

Foram convidados para julgar do merecimento dos concorrentes, pela fórma que anteriormente expuzemos, a Exma Srª D. Adelina Amelia Lopes Vieira (auctora das *Margaritas*) e os Srs. Machado de Assis (auctor das *Crysalidas*, *Phalenas* e *Americanas*) e Lucio de Mendonça (auctor das *Nevoas Matutinas* e *Alvoradas*).

Todos os sonetos, copiados sem assignatura, pelo secretario d'esta Redacção, vão ser remettidos aos mencionados julgadores — a começar pela Exma Srª D. Adelina Lopes Vieira.

A Redacção combinará, afinal, os *verdictums* dos juizes, e com o resultado publicará os tres sonetos vencedores.

RABAGAS

A inconsistencia dos nossos politicos, a facilidade em desterrar crencas anteriormente alardeadas, tem trazido ao espirito do povo a indiferença, o scepticismo e a ironia demolidora.

Em vez da politica talhada em moldes scientificos, obediente ás leis da estatica e dynamica social, tendo por fundamento a experimentação criteriosa, o estudo das condições do meio e do tempo, o povo assiste aos triumphos do interesse egoistico; a conveniencia accidental marcando linha de procedimento, contrario aos largos interesses da patria.

Educado no espectáculo da farça mal provida de lentejoulas, o nosso publico irreverente e sceptico, teve na comedia de Sardou motivo para expansões de alegria forra.

Aquelle sarcasmo candente, aquelles conceitos inoclasticos, aquella corporificação da maleabilidade partidaria, do appetite, da infamia especulando com idéas santas, foi causa do regosijo para o theatro inteiro.

A comedia, nem só parecia no seu entreccho politico um pedaço da nossa vida commum atirada á ribalta, mas na sua parte censurante correspondia a uma necessidade do povo espectador.

Aquillo estava tanto em as nossas molas sociaes, que das cadeiras, aqui e ali saltavam commentarios expontaneos, applicações maliciosas.

E quando o demagogo pusillanime, ageitava-se ás seducções da favorita, procurando o recurso de vender mais caro a consciencia e o passado; quando elle se amolentava em sonhos triumphaes, imaginando beirar o El-Dorado orçamentario, a massa dos espectadores repinicava applausos convencidos.

A astucia ao serviço da infamia, o hymno triumphal do successo abafando a marcha funebre da deshonra, tudo isso parecia tão commum, que provocava a expansão hilariante, o applauso franco.

Contristava aquelle jubilo, pois não era o povo tirando vingança com a vergasta do sarcasmo; esse ficava lá fóra na sua maior parte, ou palmeava das torrinhas a phrase arrebutada e os modos sacudidos do proprietario da *Carmagnole* deante o principe.

Era o publico mais lido, haurindo goso naquella ruina de um espirito n'aquelle enterro de uma consciencia.

Era a glorificação do encanto do poder a festa de Jupiter dadivoso. Quasi que se estava em Monaco!

E a nossa historia politica é uma catacumba extensa, em cujas cryptas se lê, a todo instante:—Rabagas, Rabagas...

CYRO DE AZEVEDO.

À ENTRADA DO INVERNO

Pois venha o inverno desflorindo a entrada
D'estes campos, e a neve aos serros monte.
Já me não dóe que em breve abandonada
Seja a collina proxima defronte.

Erme-se o valle, esfolhe-se a ramada,
Em nimbos se alce a nevoa no horisonte.
E d'entre a opaca cerração reponte
Tibia, pallida, a luz da madrugada.

Chegaste, és minha, abraço-te... Lá fóra
Que importa o inverno? esqueço-o e vou cau-
tando,
Que a primavera nos teus olhos mora;

E ver-te é vél-a que me vem trazida
Por dois sóes, das mãos leves derramando
A cornucopia de Achelous florida.

ALBERTO DE OLIVEIRA

AQUI, ALI, ACOLÁ.

No espolio do derradeiro descendente de Gœthe, recentemente fallecido, foram encontrados muitos papeis do poeta. D'esses manuscriptos os mais interessantes são: 1º O *Jornal* de Gœthe, de 1776 a 1782 e de 1796 a 1832. Muito succinto a principio, torna-se depois o *Jornal* muito minucioso; 2º o esboço do 1º acto de um *Fausto* destinado á scena; 3º um numero consideravel de manuscriptos das poesias de Gœthe; 4º Cartas á sua mulher.

Vão muito adiantados os trabalhos do monumento que vae ser erigido a Gambetta na praça Carroussel, em Paris. O pedestal está prompto; e a 15 d'este mez deve ser o monumento entregue aos artistas encarregados de decoral-o.

As noticias, que têm dado os ultimos jornaes francezes, sobre a molestia de Perrin, o director da *Comedie Française*, são as melhores possivel: « Ha oito dias, diz o ultimo numero de *Les annales*, o Sr. Perrin tem-se occupado com os negocios do theatro, trabalhando e informando-se de tudo que se tem passado durante a sua ausencia. Deixou Paris e acha-se actualmente residindo na propriedade que possui em Marly onde convalescerá da grave molestia de que foi atacado.

A familia e os amigos acham-se animados e tranquilos pelo estado do illustre enfermo; a um d'estes ultimos disse, ha dias, « que não lhe desagradaria, ao terminar a sua licença, pôr-se de novo á frente da direcção da *Comedie Française*; quando não fosse por outro motivo pelo de frustrar os esforços dos numerosos competidores que se apresentaram durante a sua ausencia e que queriam succeder-lhe no elevado cargo» entre os quaes figurava J. Claretie.

Lembraremos o que a este respeito escrevemos em um dos nossos ultimos numeros.

Poucas palavras têm dado logar a tantas definições como o amor. Uma das mais originæes e sem contradicção é a seguinte, encontrada em um album: «O amor! Palavrões antes, palavrinhas durante e palavradas depois.» E. PAILLERON.

Principiou a publicar-se nos Estados-Unidos um periodico, intitulado *The pocket handkerchief*, impresso, como diz o titulo, num lenço de alginbeira.

No primeiro numero os edictores avisam o publico de que, depois de lido, o jornal pode ser lavado com sabão, pois a tinta é especial, e servir para o uso ordinario a que essa peça de roupa está destinada.

Eu tenho um amigo que está definhando a olhos vistos, roido intimamente por um mal ignoto. A' força de instancias e tagatés, pude descobrir qual fosse esse mal.

O meu amigo está sendo victima d'esta idiosyncrasica doença: — não poder comprehender como o auctor dos *Topicos do dia* todos os dias de *Topicos*, e sempre, sempre sobre politica.

—Mas então este homem não adocece, não tem indigestões, nem callos, não se constipa, não se aborrece, não tem, como os de maior talento, um ataque-sinho de obtusidade, de vez em quando?... exclama o pobre homem; e accrescenta, soturnamente, com csgares de maluquice:

—Todos os dias! todos os dias!...

E' caso para se pedir ao *intarisable* e illustre escriptor que *dé ponto um dia* nos *Topicos*.

Olhe que se trata da salvação de um homem!

ALFINETE.

SPORT

Icaria, Nana, Pery, Electrica, Phrynéa, Sibylla e Mandarim foram os vencedores das corridas do ultimo domingo, dadas pelo *Jockey-Club*.

A victoria de *Phrynéa* contra *Damietta* (em 2,500 metros) não era esperada; nem mesmo pelos que repararam na differença de 9 kilos a favor d'aquella. Resultou da desigualdade do preparo. *Phrynéa* estava forte e aligeirada; ao passo que *Damietta* mostrou não haver sido sufficientemente estendida.

Sibylla, a vencedora do grande premio *Cruzeiro do Sul* (2,000 metros; 5,000\$) e montada pelo habil Lourenço Alcoba, foi recebida debaixo de palmas e obri-gou seu proprietario, o estimado negociante Sr. José Julio Pereira da Silva, a mandar estourar o champagne! Só não o bebeu a desequilibrar-se, quem não quiz. *Dinorah* alcançou, com geral surpresa, o 3.º lugar. *Druid* fez má figura, porque *Best* o correu com muita impericia. Se *Diva* chegou em 3.º lugar, deve agradecer-o á mestria de *Hinds*.
Viva o *Jockey-Club*!

As corridas do dia 8 no *Prado Villa Isabel*, estiveram animadas, apezar do tempo nublado e por vezes chovisco.

Venceram, sem contestação, os seguintes animaes — *Eucharis, Druid, Sylvia II, Speciosa, Saltarelle e Aymoré*, sendo dois pareos (*Garibaldi e Pleiades, Regalia e Bayocco*) justamente annullados pela directoria.

Dinorah deveria ganhar em 1,450 metros: mas o *Firmino*, correndo-a de

alcançe, deu que pensar a muita gente, que só repetia: «Isto com farofa é bom.»

O pareo em que *Aymoré* batou *Saltarelle, Africa e Alteza* foi reuhidissimo e o vencedor muito merecidamente applaudido. Assim, sim; mesmo os que perderam, abraçaram os dignos amadores Snrs. Monra e Lisboa.

E a *Sylvia II*?!... só de galopão... no freio... para os moer... e sem farofa!

Entre os bons attractivos do divertimento resaltou a estréa da *Speciosa*, muito soffrivel parelheira, a julgar-se pela facilidade com que em 95 segundos percorreu 1,450 metros.

Esplendido o programma das corridas de amanhã no *Derby-Club*. Só sentimos que nelle não figurem os favoritos animaes do Exmº Barão da Vista Alegre.

Deve ser um divertimento que faça cessar o que a antiga musa canta!

Vejam com attenção a nossa ultima pagina, combinem, consultem, levem em conta... e tal e cousas...

Ao *Derby-Club*!

CANTER.

PARNAZO ALEGRE

AO MEU AMIGO HENRIQUE

No dia em que festejou o anniversario de um dos seus dois filhos e o baptisado do'outro.

Um faz annos e o outro se baptisa! Amigo Henrique, isto é que eu chamo andar. Se outro tiveras,—a seguir tal guiza—
— Fôra capaz até de se casar!

Cuidado, pois; porque, se continias Pela carreira prospera em que vas, Dir-te-ão, apontando-te nas ruas:
—Que bom povoador para Goyaz!

E ouvirás ainda outros estribilhos, Dos que o povo costuma de dizer. O Camões já dizia: «Isto de filhos, E' melhor merecel-os... sem os ter.»

Mas, afinal, deixemos os conselhos, Poisque p'ra dispensal-os siso tens. Que sempre um filho tenhas nos joelhos, Eu te desejo e dou-te os parabens.

Mas para isso bastam dois; repito. Esse furor applaca, meu rapaz: Não sendo original, não é bonito Cousas fazer que toda a gente faz.

Que isto, porém, não modifique o plano De vida que traçaste ao teu porvir. Gritemos, pois, neste anno e para o anno:
«Vivam os dois e os outros... que hão de vir!»

FILINTO DE MAGALHÃES.

GAZETILHA LITTERARIA

Livros francezes

Segundo os ultimos jornaes damos em resumo as mais recentes publicações, e n'esta quinzena foram ellas bem pouco importantes.

PHILOSOPHIA E HISTORIA

OGEREAU.—*Essai sur le système philosophique des stoiciens.*

J. BARNI.—*Morale et démocratie.* Compilação das ligões que pelo auctor foram professadas em Genova.

BARAO DE MONTAGNAC.—*Letras d'un soldat.* Reunidas pelos esforços de um sobrinho do auctor que assim presta uma brilhante homenagem ao vulto do guerreiro francez.

GERVAIS.—*L'amiral Courbet.* Biographia «à vol d'oiseau», feita por um antigo official que em tempos servira sob as ordens do valente almirante.

LEON LAROCHE.—*Haiti, une page d'histoire.* Serie de considerações politicas apresentadas pelo auctor, proscripto pelo presidente Salomão.

VIAGENS

CH. LAGARDE.—*Promenade dans le Sahara.* Obra posthuma, publicada por Joliet. E' de grande interesse este livro, devido ao seu auctor ter sido um dos mais antigos officiaes na Africa, muito embora tenha algumas paginas que recordam os livros de Eugène Fromentin, escriptos sobre esse assumpto.

F. HUE.—*Nos petites Colonies.*

A. COLQUHOM.—*La Chine meridionale.* BRAU DE SAINT-POL LIAS.—*De France à Sumatra.*

CHARLES SIMON.—*L'Afghanistan.*

LITTERATURA

ERNEST DUPUY.—*Grands maîtres de la littérature russe.* Reunião em volume d'uma serie de estudos relativos aos tres prosadores do seculo XIX: Gogol, Tourguéneff e Tolstoi.

LEON TOLSTOI.—*Anna Karénine.*

OUIDA.—*Wanda.* Estes dois ultimos livros que acabam de ser traduzidos, têm gosado de muitas sympathias por parte do publico francez.

LEGISLAÇÃO

AMBROISE RENDU.—*Code electoral.* LOUIS BOUQUET.—*Travail des enfants et des filles mineures dans l'industrie.*

DIVERSOS

La vérité dans l'art musical. O auctor que, prudentemente, guarda o anonymo, quer com este livro fazer o leitor participar do seu enthusiasmo pela musica.

O terceiro volume de *Les œuvres complètes de Gustave Flaubert*, comprehendendo a primeira parte da *Education sentimentale*.

JACQUES LA RONCE.—*Les Tubeuf.* Cuidadoso e bem observado estudo dos costumes de provincia.

PAUL D'HORMOYS.—*Sapajou.*

ANDRE' ALEXANDRE.—*Le sonneur de binou.* Delicioso livro de versos escriptos sob a impressão das lendas da velha Armorica.

ALEXANDRE HURE'.—*Resurrection e La Punaise.* — Cordas differentes vibram nestes dois livros; no primeiro todo o sentimento do bello e do grande o fez produzir as suas bellas estrophes; quanto ao segundo... eis num so verso o que elle diz do que lhe servio de assumpto ao seu livro — *Charme notre sommeil et notre solitude!*

AMELIE DEWAILLY.—*Nas enfants.*

GYP.—*Le druid.*

Rareiam actualmente os livros notaveis, repousam os edictores e os auctores revigoram as forças aspirando os ares dos campos ou das praias; no entanto acham-se já em via de publicação os seguintes livros:

MAC-CARTHY.—*L'histoire contemporaine de l'Angleterre de 1837 à 1880.*—Tradução de Leopoldo Goirand.

PRINCE HOHENLOHE.—*Ingelfingen. Lettres sur l'infanterie e Lettres sur l'artillerie.* Versão de Ernest Jøglé.

MAURICE BLOCK.—*Annuaire de l'Economie politique et de la statistique.*

HUBERT-VALLEROUX.—*Corporations d'arts et métiers dans le passé et les syndicats professionnels dans le présent.*

MATHIAS DUVAL.—*Darwinisme.*

CAMILLE GIBRAC.—*Lorraine.*

GYP.—*Elles et lui.*

GABRIEL CHARMES.—*La politique extérieure et coloniale.*

L'armée et la démocratie.—Anonymo.

MAX O'RELL.—*Chers voisins.*

Está publicado o será por estes dias posto á venda o romance de *Galpi*—«O Flor», de que demos noticia. São tão raros os acontecimentos litterarios d'este valor que quando occorre algum devemos recebê-lo e festejá-lo com todas as honras e muitos pontos de exclamação.

Occupar-nos-emos proximoamente d'O Flor com a attenção e o cuidado que nos merece um livro do distincto escriptor que escreveu as *Narrativas brasileiras* e que temos a honra de contar entre os nossos collaboradores.

No proximo numero daremos um capitulo d'este livro, uma das suas paginas mais pittorescas e mais interessantes.

Distribuiu-se no dia 7 de Setembro uma brochura (30 pags.) do Dr. Pires de Almeida, intitulado: «D. Pedro I, fundador do Imperio do Brazil; elogio historico.»

EM WAGON

I

Avisinham-se os montes de Amarante, de onduloso espinhaço erigido de rocha agreste, recortando sobre o vivo azul inclemencias altivas de dentes de serra, aprumados e colossaes. Tudo começa a ter um brusco e impressionavel caracter; o granito, em soberbas massas arrejentas, refastela-se por todos os lados; o pinheiral estende á vontade as suas selvas taciturnas e frementes; o sobreiro cortigado e torto surge entre os penedos, serenamente sentados pelas encostas empinadas; a oliveira arredonda a espaços a sua copa acobreada, tendo ao vento estrelecimentos baços de zinco; e o castanheiro victorioso mostra bem que a terra o ania com uma grande predileção nutriente e generosa. Entramos em Traz-os-Montes.

O silvo da locomotiva ruidosa destoa insolentemente por aqui, assobio de garoto ferindo a mudez titanica da montanha; e quando echoa pelas alturas é tremulo e apagado, afflicto e como que rasgado pela colera d'ella. Ao mesmo tempo, a vaga plangencia tintinnabulante dos roucos chocalhos d'uns machos de almocreve, que espertamente trotam por uma vereda areenta, anoscada como um arranhão na codea vermelhenta d'um monte, agrada e fica bem no meio d'esta serenidade impassivel da natureza grande, e tão amiga de se enlutar fartamente nas cores verdenegras, que apesar do fulvo abrasamento do sol que lhe bate, communicam-nos indefinivelmente uma sensação melancolica.

II

O resfolegante comboio corre agora velozmente, travesso e hilariante, descrevendo uma curva immensa par ir de um pulo audaz galgar o sorumbatico Tamega. Em breve a ferraria estremece, range e retine, a locomotiva esgueira-se rapidamente, como num susto arquejante, ao longo da bella ponte; e lá no fundo, o rio manso e turvo deriva sem canceira, empogado, aguas sinistras, que mais em baixo se quebram espumosamente em pequenos açudes bravejantes, irisados da luz ridente. As margens são altas e d'um aspero apumo, dobrando-se num longo e sinuoso cacanameto, que explica a ferocidade pittoresca do rio; proximo da agua, encastellam-se bordaduras rispadas de fragas e miudos calhaus. Mas, de cada lado, a vegetação é luxuriosa e compacta, desdobra-se magnificamente em lubricidades opulentas e feras, e por toda a parte assenta a sua intensa massa verde reluzindo ao sol. Tambem é para vor o luminoso desaforo que por aqui faz, libertinamente, o astro rubro e temeroso dos sabios, — que só em momentos de bom humor dos seus telescopios lhe concedem algum abraço platónico da boa Venus, — e a festa faiscante com que elle persegue a larga cabelleira fresca e ciciante da arvore, afagando-a voluptuosamente, penetrando-a e aproveitando um descuido para como um fauno se lhe euroscar ao caule recatado!

E esta mesma flamma, que vibra rutilações no esplendoroso mundo vegetal, folgando de braço dado com o vento silvestre, bafeja ardentemente a planta humana, mordendo-a com jubilosa raiva, e creando as rudes mulheres morenas e o transmontano trigueiro, d'altos hombros e olhos vivos.

III

Uma extraordinaria garganta abre-se quasi de repente, deante da *fantasia* mecanica do comboio alegre. Eis o sombrio valle do Douro, abertura estreita, angulosa e abrupta, que desesperadamente se vac contorcendo entre os montes successivos, encadeados e sobranceiros, e que ás vezes parece fendel-os gigantescamente, dando uma passagem incommoda ao iracundo rio. O pobre comboio já abrauda a sua furia arrogante; os penhascos grosseiros e hirtos esperam-no friamento á beira do caminho, como negros espectros vingadores; os recostos por onde se aventura, cautelosamente, obrigam-no a dobrar-se em continuas curvas rapidas e traiçoeriras; enquanto que o Douro, em baixo, promette-lhe risonhamente um delicioso banho, se por acaso d'elle escorregar ou tropeçar na via perigosa. E o colosso corredor, que so venceu esta natureza bravia sob a condição escrava de por ella ser domado eternamente, encolhe-se e toma na sua marcha infinitas precauções medrosas, arrastando-se humildemente, numa submissão manhosa e insinuante.

Nas espessas vegetações das eucostas, domina a retincta verdura luctuosa das mattas e dos sobreiraes, em cujas folhagens crespas ha raras manchas prateadas; os milharaes, ainda verdes ou já esbranquiçados, sobem confusamente nas escadarias regulares dos socalcos; a distancias, desce tortuosamente a ravina pedregosa e secca d'um correjo; e as poucas casas que se penduram nos declives selvagens, são pequenas, tristes e desmanteladas, de granito rudemente posto e encimado de telha negra. Mas, pelo alto, alongam-se sempre victoriosamente os dorsos crispados das serranias, continuando-se e rugando-se

numa ondulação imponcente, pardos ao perto e azulados depois, na diffusão tremula do ar incendiado.

IV

Esmagado no seu leito de penhascaria revolta, o rio vae, neste dia de triumphante sol, todo ataviado de ternas cores, movendo-se por entre as fragas cyclopicas num socégo brando, a que o reduz gulosamente o estio, chupando-o e cavando-o. As suas aguas têm um tom verdeengo e amavel, suave, transparente, veneziano, fazendo serenamente um contraste singular com os duros fragoedos que as bordam e apertam, levantados em amontoamentos formidaveis, cuja terrivel negrura se torna asperamente pardacenta e polida sob a luz esfusante; — e quando esta gloriosa doida exulta, inquieta e cantante, sobre curtas nesgas d'areaes douRADOS, onde o rio docemente engasta a sua esmeralda fluida, comprehende-se eucantadamente que poetas latinos emergissem d'estas aguas um fantástico ouro sonoro.

As fragas que nunca abandonam o torturado Douro em zigue-zague, parecem, ellas proprias, uma monstruosa torrente petrificada. Mas o rio feroz e rancoroso, que só durante o inverno as pode galgar e invadir em furias ruidosas e escumantes assaltos, tambem agora protesta raivosamente, apesar de magro e subjugado, agitando-se por vezes em temiveis cachoeiras, que rugem e refervem desenrolando ao sol pittorescos aspectos de prata ebullindo, convulsionada. E é o pobre barco rabello, primitivo e original, que para não ficar uum instante despedaçado, tem de atravessar a galope e dextramente toda essa assanhada azafama tumultuosa.

V

Vão ficando para traz os cabeços escavados, e o verde-negro arvoredado, e as fragas violentas. Sempre chupado, o rio corre já mais livremente por entre areaes esfarrapados e scintillantes, e o valle, mais aberto, ostenta-se ricamente revestido d'uma densa verdura risonha e avelludada. E' agora o paiz viuhateiro, e vê-se de cada lado uma fleira accidentada de collinas massiças e pansudas, como que armando gigantescos thronos á vinha que se alastra vistosamente, subindo pelas encostas arredondadas nos degraus baixos e monotonamente regulares dos socalcos de pedra miuda, cujas feias linhas por toda a parte cortam a verdura, desgostando a vista repousada no vicejante triumpho do panpano.

E sobre a margem apparecem retalhos de paysagem d'uma frescura deliciosa. São pomares e espessas confusões idyllicas d'arvores amigas da agua, onde o rouxinol usa cantar pelas noites crystalinas de luar; os choupos, como elegantes arautos, erguem-se por cima das ramarias amantemente enlaçadas; e, perto, o rio estremece num susurro, passando mansamente.

Entretanto não tarda a alargar-se em extenso valle, por onde a verdura das cepr's canta ainda um crescendo sonoro; e ao fundo, para onde o comboio avança com furia, avista-se num lento declive a casaria branquejante d'uma villa, que alvamente realça no panorama encantador, — e, de relance, lembra a exotica mancha de qualquer soalhada povoação sahariana, *croquis* de Fromentin.

E a locomotiva pára, fumegante, zoando em surdo ruído semelhante a uma musica longinqua de guisos.

MONTEIRO RAMALHO.

Lisboa 1885

MEDITANDO

E' noite. Aqui, perante os livros que eu releio.
Penso em ti, penso em mim, penso nesta criança
Que dormita a sonhar, que do teu ventre veio,
E que é tua e que é minha, e que é nossa esperança!

Penso em tudo isso, e vejo, ó lugubre certeza!
Que, mais tarde ou mais cedo, havemos de encontrar
A morte, essa mulher, que é a propria Natureza,
Que o que hontem nos deu vem amanhã tomar.

Quem primeiro cahirá? Tu, que és boa e querida?
Tu, que és o meu consolo, o meu amor, meu beijo?
Tu, que me dás a luz que me illumina a vida,
Que dos teus olhos vem, onde os meus olhos vejo?

Quem primeiro cahirá? Este—que é nosso filho,
Que te faz rir, se ri, e chorar, quando chora?
Este—que não pisou d'este mundo no trilho?
Este—que ainda não sabe a cór que veste a aurora?

Este—que é puro e bom e precisa de um collo
Que o saiba acalantar e de um labio risonho
Que com seu beijo o aqueça e lhe espalhe o consolo
Por sobre o seu viver, que não é vida: é sonho?

Quem primeiro cahirá? Eu, talvez! Pouco importa!
Feliz de quem for pae e deixar ao morrer
Seu filho entregue ás mãos de quem lhe abriu a porta
Do mundo, ingrato embora! Eu cahirei. Viver

E' antes de apagar-se a vista, socegado,
Ver-se a esposa a chorar com a magua que a consome,
Tendo aos seus braços preso o filho admirado,
Que só sabe chorar quando tem somno ou fome!

Quando se morre assim é que a vida começa.
Uns pensam que a existencia é isto que nós temos.
Loucos que são! A vida é esse amor, é essa
Lembrança, que ficou num coração que vemos
Hoje bater por nós! A vida é, se anoitece,
Ter-se alguém, que buscou do seu quarto o socego,
De mãos postas resando uma prece... uma prece,
Filha d'aquelle affeeto immaculado e cego
Que espalhou sobre o pó do tortuoso caminho,
Em que pisamos, um dia, as pet'las até
Das flores mais gentis, que poz um passarinho
A cantar, a cantar sobre os ramos, ao pé
De um veio d'agua azul, e nos fez, de repente,
Achar o anil do céu consolador, sentir
Triste a lucta da Intriga e da Inveja inclemente.
Ter forças para o Bem e chorar... e sorrir...

ALFREDO DE SOUZA

Setembro de 1885

THEATROS

Soares de Souza Junior, um dos nossos collaboradores, enviou-nos uma comedia em um acto, em verso, intitulada *Noite por encomenda*. Lemol-a numa d'estas ultimas noites e asseguramos que passámos alguns momentos divertidos.

A comedia de Soares de Souza Junior, além de ser bastante interessante, é feita em versos fluentes e faceis. E' de garantir-se o seu successo no caso de ser levada á scena em algum dos nossos theatros.

E' isso o que esperamos e desejamos: que Soares de Souza Junior proporcione algumas noites de boa distracção á platéa fluminense.

Está a despedir-se a magnifica companhia dramatica italiana que em boa hora nos trouxe o synpathico cava-lheiro Ciacchi.

Hontem representou a famosa comedia de Dumas Filho—*Demi-Monde*. Era enorme a curiosidade de ver Duse-Checchi e Ando nos papeis de baronoza d'Ange e de Olivier de Jalin porque... Ora adeus! digamos tudo: porque Lucinda e Furtado Coelho foram considerados—inimitaveis—nesses papeis.

Infelzimento, não podemos hoje occupar-nos com essa representação, que foi um verdadeiro fiasco artistico. A recita foi offerecida por Duse e Rossi ao seu empresario Cesare Ciacchi, que bem mereceu essa prova de estima e consideração.

Os tres ultimos espectaculos terão lugar hoje, segunda-feira 14, e terça-feira, 15 do corrente, «com as tres peças que maior successo têm alcançado nesta Corte», diz o annuncio; o que nos leva a crer que será *Dama das Camélias*, *Fernanda* e *Odette*.

E' aproveitar, meus senhores; é aproveitar porque tão cedo não teremos outra companhia dramatica italiana Rossi-Duso-Checchi.

A recita dos nossos collegas V. Malhões e F. d'Almeida, traductores da lenda tragica de Echegaray—*No seio da morte*, ficou transferida para quarta-feira, 16 do corrente, no Recreio Dramatico.

Partiram no dia 6 do corrente no *Sénégal*, com destino a Bordeaux, os artistas Lucinda Furtado Coelho e seu esposo. Vão passar dois mezes em Paris e alguns na Italia, cujas principaes cidades pretendem visitar. Em maio do anno vindouro estarão aqui, de regresso.

COFRE DAS GRAÇAS

O L..., esse conhecido amigo da piheria e do espirito, de qualquer natureza, andava uma d'estas noites com um pobre velho capenga pelo braço e a todos que encontrava o apresentava por esta fórma:

— Tenho a honra de lhe apresentar o Instituto Historico.

Calimburgo, expressamente feito e offerecido ao K. D. T. S. T. Vão, do *Diario de Noticias*:

Um individuo apaixonou-se por uma dama de tez escura, demasiadamente escura. E uma vez, louco de amor, disse-lhe:

— Minha vida e meus suspiros por ti são!

Estas creanças!

Bêbé—, um rapazito bem malcreado, entre parenthesis—vae chorando fazer queixa da ania á sua mãe:

— Mamãe, Julia me bateu!

— Devias ter-lhe batido tambem.

— Mas eu já lhe tinha batido antes!.. exclama a creança, soluçando.

BIBIANO.

ILLUMINURAS

ADEUS!

Encontraram-se no humbral e pararam a olharem-se. A que sahia trazia a loira trança enleada com a symbolica flór da laranjeira, e vaporosa tunica e pés descalços, pequeninos, roseos... a que entrava vinha orvalhada de lagrimas, arrastava um longo manto pesado como a tristeza e alvo como o arminho,

— Porque entras? perguntou a primeira.

Porque partes, respondeu-lhe a outra. E cruzaram-se. A Esperança levantou lo o voo, partio e a Saudade com os olhos rasos d'agua poz-se a acenar-lhe para que voltasse, mas a radiante fugitiva desapareceu entre nuvens. Então a outra, a triste, foi-se embrenhando a pouco e pouco para o fundo d'essa misteriosa morada, o coração...

JULIA LOPES.

TRATOS Á BOLA

Recebemos d'osta vez 15 cartas contendo decifrações. D'estas apenas são dignas de nota as que vieram firmadas pelas Sras. *Josephina B*, *Mãe Benta*, e pelos Srs. *Fricinal Vassico*, *D. Ruy* e *Lima Senior*.

Acertaram as Sras. *Josephina B* e *Mãe Benta*. Não abiscoitam, porém, os premios porque não nos remetteram suas decifrações com graça. *D. Josephina B*, encaixou as decifrações em duas quadrinhas que poderiam ser deliciosas se a carissima tratista tivesse mais um pouquinho de paciencia e graça quando as escreveu.

Eis as decifrações: da quebra-cabeças—*Casimiro*, da augmentativa—*Lara*, da invertida—*Chata*, da benedictina—*Pindamonhangaba*, da novissima—*Saraiva* e da em quadro—

R A M O
A N I L
M I R A
O L A S

Para hoje damos as seguintes tra-tices:

INVERTIDAS

- 2—Esta pedra embrulha.
2—Doce é quadrupede.

ANTEPOSTA

- 3—Mar co' risco, rimas.

TELEGRAPHICAS

- 3—Siróco canta-se.
3—Sacola na cabeça.

QUEBRA-CABEÇAS

Silvestre, *Sabino*, *Malta*, *Ambrosio*, *Americo*, *Narciso*, *Antão*, *Onofre*.

Collocar estes nomes em columna, de medo que com as suas iniciaes se forme o nome de uma provincia brasileira.

EM QUADRO

De barro e de cal vés logo;
Ao men fogo não resistas.
Sou dama estando no jogo...
'Stamos no templo, tratistas!

PREMIOS

Temos em nosso poder dois deliciosos premios, os mesmos dos *tratos* ultimos. E' justo portanto que os nossos amiguinhos agucem a *veia* e nos mandem as decifrações com graça e espirito.

D. PASTEL

FACTOS E NOTICIAS

Está na Côte ha alguns dias o Dr. Americo de Campos, redactor do *Diario Popular*, de S. Paulo. E' um jornalista mais famoso pela sua manta do que pelos seus artigos.

Distingue-se, além d'isso, por faltar, usualmente, a todas as comessinhas leis da delicadeza para com os collegas.

Grosseria, *caraignac* e manta; eis o homem.

Do nosso companheiro de trabalho, Sr. Leonel Guerra, actualmente em Campos, recebemos a seguinte noticia:

« O Club Tenentes de Plutão realisou hontem, 7, uma esplendida festa, em homenagem ao glorioso anniversario da Independencia e do Imperio, com um sumptuoso baile.

« A' uma hora da noite, foi executado pela banda musical *Lyra Conspiradora* o Hymno da Independencia, cantando os solos a Exma. Sra. D. Emilia da Conceição Motta, e o coro, diversas socias e socios do Club.

Depois dos vivas do estylo, dados pelo presidente, discursou o Sr. Cecilio Lavra, orador do Club, seguindo-se-lhe na tribuna os socios Srs. João Corrêa, que recitou uma poesia e Mesquita, que tambem recitou uma espirituosa poesia, em nome do *Grupo dos Criticos*.

Havia nos salões perto de 100 se-nho ras; dansaram cerca de 80 pares.

Uma festa *comme il faut* e que muito honrou os seus iniciadores. »

RECEBEMOS

— *Christovão Colombo*, fasciculo pertencente á *Biographia de Homens Cebres*.

— *A Artinha Musical*, pela professora Amelia Anais da Silva Costa.

— *Zootehnia*, fasciculo da *Bibliotheca do Povo*.

— *O Cadastro da Policia*, fasciculos 27 e 28.

— *Estudos Praticos* sobre a industria do gaz; pelo Sr. Francisco P. Carvalho.

— *Disciola*, drama em 3 actos, escripto pelo Sr. Alfredo Pinto. Vamos lê-lo.

— *A Distracção*, n. 48. Como sempre muito espirituosa. D'esta vez trouxe uma capa de annuncios e charadas.

Do Sr. Henri Nicoud (*Au Petit Journal*):

— *La Saison*, n. 16 (16 de Agosto) *Le Salon de la mode* e *La Mode Illustrée*, n. 33 (15 de Agosto); *La Revue Politique et litteraire*, n. 6, 2º semestre, 15 de Agosto.

— *Café da Imprensa*, polka para piano, composta e offerecida por Belisario de Andrade ao Sr. Luiz de Andrade Monteiro, proprietario do dicto Café.

CORREIO

Sr. Pedro F. de O.—Seus versos não valem o tostão que nos fez pagar pela sua carta, não franqueada.

Deve-nos seis vintens; a sa er:—cinco do sello e um do tempo que nos fez perder a ahrir e ler a sua carta, pois o senhor bem sahe que o tempo é dinheiro. Ande, pague-nos os nossos 120 rs., seu Pedro.

Sr. P. A. Junior (S. Paulo).—A *Semana* agradece-lhe a dedicatória que fez do seu conto-sinho ao director d'esta folha; mas não pode publicá-lo. E' demasiado triste e os nossos leitores querem cousas alegres.

O final da sua *Fatal Leitura* é funebre! Re-leia-o e dar-nos-á razão. Olhe, releia-o aqui mesmo:

« Dias depois as substancias organicas e inorganicas, que formavam o corpo de LILI, decompunha-n-se e a alma... oh não fallemos d'alma hoje... que a materia é divinizada!

Go away! By God! »

Não acha que temos razão?

O senhor é moço e provavelmente não é infeliz. Abandone, portanto, lamurias cata-cumhaes, que lhe assentam mal em tão verdes annos.

Sr. G. Duarte (Maceió).—A sua poesia *Verso e Reverso* é realmente inspirada, mas tem não poucos defeitos de execução e de fórma, propriamente dita. Além de que é um tanto obscuro o pensamento. Tem expressões improprias, incorrectas; por exemplo: « a calma pura e fria », « a ruga vil, signal de amargos traços », « medimo-nos sem dó », etc.

Creemos que com algum trabalho mais conseguirá tornar publicavel na *Semana* a sua composição. Agradecemos-lhe a dedicatória.

Sr. François Seul.—« Os seus novissimos pensamentos » não são máus; ao contrario. Mas peccam ás vezes por não serem *novissimos* e outras vezes por não serem... pensamentos. Ha alguns mesmo que podem ser arguidos de ambos esses defeitos.

Este, por exemplo:
« As sociedades secretas são canhões mais destruidores que os de aço refinado. Porque é-lhes polvora o dinheiro, bala os destemidos, alvo a inercia dos indifferentes, victoria a ambição e gloria o dominio. »

Esta observação, comtudo, não significa que deva V. S. deixar de pensar novamente. Applaudimos e estimamos os pensadores. Continúe, portanto, a pensar.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Dr. Henrique de Sa — Espec. Syphilis e molestias das crianças. Con. sultorio:—rua Primeiro de Março, 22 de 1 ás 3 horas da tarde. Residencia:—rua de S. Pedro, 294.

CHAPÉOS PARA SENHORAS
48 RUA DOS OURIVES 48
Em frente á casa de pianos de Isidoro Bevilaqua.

RELOJOARIA
DE
ALFREDO CEZAR DA SILVEIRA
Casa acreditada para concertos de relogios

67 RUA DA ASSEMBLEA 67
QUEM QUER RIR-SE?
COMPREM O
BISBILHOTEIRO FAMILIAR

DO
A. XAVIER DE ASSIS
A' venda em todas as livrarias a 1\$000

TYPOGRAPHIA
A typographia d'A SEMANA, ultimamente montada, dispondo de uma boa escolha de typo inteiramente novo, aceita quaesquer encomendas de obras, poesias, jornaes, annuncios, etc. etc.

PREÇOS BARATISSIMOS
TRATA-SE NO ESCRITORIO DA EMPREZA
36 Travessa do Ouvidor 36
Esquina da rua do Ouvidor

DR. ARAUJO FILHO
MEDICO PARTEIRO
RESIDENCIA
Rua do Visconde do Rio Branco n. 36.

DERBY-CLUB

PROGRAMMA DA CORRIDA DE 13 DE SETEMBRO DE 1886

ÀS II 1/2 HORAS EM PONTO

Primeiro pareo—E. F. D. PEDRO II—1.450 metros—Handicap—Animaes de qualquer paiz, de menos de meio sangue—Premios: 300\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo—Entrada 30\$000

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Conde.	Castanho	8 annos	Paraná	53 kilos	Roxo e lyrio	Augusto M. Braga.
2	Bella Yayá . . .	Zaino . . .	4 »	Idem.	58 »	Rosa e ouro.	R. M.
3	Eucharis	Tordilho . .	5 »	Idem.	63 »	Encarnado e branco.	Oliveira Junior & Lopes
4	Chrichaná	Chita . . .	7 »	Idem.	50 »	Encarnado	José da Rocha Franco.
5	Carola	Castanho . .	6 »	Minas Geraes	51 »	Azul e encarnado.	Coudelaria Mineira.

Segundo pareo—COSMOS—1.609 metros—Inteiros e eguas de qualquer paiz—Premios: 800\$ ao primeiro e 200\$ ao segundo—Entrada 80\$

1	Sylvia II	Alazão . . .	4 annos	S. Paulo . . .	52 kilos	Azul, branco e encarnado. .	Coudelaria Cruzeiro.
2	Naná	Zaino . . .	4 »	Inglaterra . .	56 »	Setim, br.º e manchas viol.	M. U. Lemgruber.
3	Electrica	Alazão . . .	5 »	S. Paulo . . .	54 »	Setim br.º e manchas pretas	M. U. Lemgruber.
4	Garibaldi	Idem. . . .	6 »	Rio da Prata.	58 »	Branco e encarnado	Oliveira Junior & Lopes
5	Speciosa	Idem. . . .	3 »	Inglaterra . .	53 »	Branco e estrellas azues . .	Coudelaria Amizade.

Terceiro pareo—PROGRESSO—1.750 metros—Inteiros e eguas do paiz, até meio sangue—Premios: 600\$ ao primeiro e 150\$ ao segundo—Entrada 60\$

1	Guanaco	Alazão tostado.	9 annos	Paraná	54 kilos	Encarnado	Coudel. Rio-Grandense
2	Douro	Alazão . . .	6 »	Rio de Janeiro	54 »	Verde e ouro	Veiga Cunha.
3	Baiocco	Castanho . .	4 »	S. Paulo . . .	52 »	Branco e encarnado	Oliveira Junior & Lopes
4	Regalia	Vermelho . .	5 »	Idem.	54 »	Encarnado e ouro	J. B.

Quarto pareo—EXCELSIOR—1.450 metros—Potros e potrancas nacionaes até 3 annos—Premios 800\$ ao primeiro e 200\$ ao segundo—Entrada 80\$

1	Canconeta	Zaino	3 annos	S. Paulo . . .	49 kilos	Azul e ouro	Coudelaria Alliança.
2	Sybilla	Idem. . . .	3 »	Idem.	51 »	Azul, branco e encarnado.	Coudelaria do Cruzeiro.
3	Carmen.	Alazão . . .	3 »	Idem.	51 »	Branco e estrellas azues. . .	Coudelaria Amizade.

Quinto pareo—GRANDE DERBY-CLUB—3.200 metros—Inteiros e eguas nacionaes—Premios: 4:000\$ ao primeiro, 1:200\$ ao segundo, 600\$ ao terceiro; o quarto livra a entrada—Entr. 400\$

1	Pery	Castanho	6 annos	S. Paulo . . .	52 kilos	Setim br.º e manchas pretas	M. U. Lemgruber.
2	Macareu	Alazão tostado.	4 »	Idem	50 »	Azul e encarnado	Freitas Guimarães.
3	Boreas	Castanho . .	4 »	Idem	50 »	Azul e ouro.	Coudelaria Alliança.
4	Talisman	Alazão . . .	6 »	Idem	52 »	Azul, branco e encarnado . .	Coudelaria Cruzeiro.
5	Tabajara	Idem. . . .	5 »	Idem	52 »	Setim br.º e manchas violetas	M. U. Lemgruber.

Sexto pareo—LEMGRUBER—1.000 metros—Animaes estrangeiros ate 3 annos—Premios: 500\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo—Entrada 50\$

1	Grandiole	Castanho . .	2 annos	França	46 kilos	Azul e ouro.	Coudelaria Alliança.
2	Saphira	Zaino . . .	3 »	Idem	52 »	Azul, branco e encarnado . .	» do Cruzeiro
3	Dionede	Zaino . . .	2 »	Idem	47 »	Branco e encarnado.	Oliveira Junior & Lopes
4	Speciosv	Alazão . . .	3 »	Inglaterra . .	50 »	Branco e estrellas azues . .	Coudelaria Amizade.

Setimo pareo—RIO DE JANEIRO—2.400 metros—Inteiros e eguas de qualquer paiz—Premios 1:500\$ ao primeiro, 400\$ ao segundo; o terceiro livra a entrada—Entrada 150\$

1	Damietta	Castanho . .	4 annos	Inglaterra . .	47 kilos	Setim br. e manchas pretas.	M. U. Lemgruber.
2	Comtesse d'Olonne	Alazão . . .	4 »	França	49 »	Azul e ouro.	Coudelaria Alliança.
3	Bolivar	Zaino . . .	6 »	França	52 »	Azul e boné amarello	Idem.

Oitavo pareo—SEIS DE MARÇO—Handicap—1.200 metros—Animaes do paiz, até meio sangue—Premios: 400\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo—Entrada 40\$

1	Marengo	Vermelho . .	5 annos	S. Paulo . . .	58 kilos	Encarnado	Coudel. Rio-Grandense
2	Orione	Alazão . . .	4 »	Rio da Prata.	48 »	Azul e encarnado	Freitas Guimarães.
3	Aymoré	Castanho . .	6 »	S. Paulo . . .	68 »	Azul e ouro.	Coudelaria Alliança.
4	Regalia	Vermelho . .	5 »	Idem.	73 »	Encarnado e ouro	J. B.
5	Botardo	Alazão . . .	4 »	Idem.	52 »	Branco e estrellas azues . .	Coudelaria Amizade.
6	Americana	Tordilho . .	3 »	Rio de Janeiro	52 »	Preto, branco e facha branca	P. Beirão.

OBSERVAÇÕES

Roga-se aos Srs. proprietarios de anima es in scriptos no primeiro pareo o obsequio de os apresentarem no ensilhamento as 11 horas da manhã em ponto.
Chama-se a attenção do publico para os pareos 1º e 8º (Handicap), onde a força dos animaes é igualada pelo peso.

A. CESAR LOPES, 2º secretario.

A SEMANA

CORTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.



ANTONIO GONÇALVES DIAS

DESENHO DE BELMIRO DE ALMEIDA

SUMMARIO

Expediente.....	
«A Semana».....	
Antonio Gonçalves Dias..	T. DIAS.
Politica e politicos.....	PETIT PIT
Bolos.....	J. SINCRO.
Adeus á Duse-Chechi	
poesia.....	V. MAGALHÃES
Fischio, fischio.....	C. DE AZEVEDO.
A Vellice do Padre Eter-	
no.— Nota.....	G. JUNQUEIRO.
Idem— O Melro.....	»
Ainda bem.....	J. LOPES.
Poules.....	CATÃO.
Ilha phantastica (poesia).	F. D'ALMEIDA.
Paginas esquecidas: G.	
Dias.....	L. DE MENDONÇA.
Theatros.....	
Factos e noticias.....	
Recebemos.....	
Correio.....	

EXPEDIENTE

Em razão das despezas extraordinarias que fizemos com este numero, elevamos o preço da venda avulsa a 200 réis.

A SEMANA

Rio, 19 de Setembro de 1885

Damos hoje, como prometteramos, o retrato de Gonçalves Dias.

O bello desenho de Belmiro de Almeida não pôde ser apreciado em todos os seus detalhes e delicadezas porque, sendo o processo de gravura porque foi reproduzido, inteiramente novo entre nós, é este trabalho um simples ensaio, uma tentativa, para cujas naturaes imperfeições pedimos desculpa aos nossos assignantes.

Faltando-nos a primeira pagina, occupada pelo retrato de Gonçalves Dias, e tendo sido esta semana extremamente chôcha e calma, supprimimos por hoje a *Historia dos sete dias*.

Que os leitores nos agradeçam e consultem a secção *Factos e Noticias*.

Daremos no proximo numero a segunda das *Cartas de Lisboa* do distincto escriptor portuguez Emygdio Monteiro, nosso correspondente litterario e artistico naquella cidade.

Dando uma poesia inédita de João de Deus, dá-nos a gratissima nôva de que o illustre e benemerito poeta das *Flores do Campo* lhe prometterá escrever uma poesia, expresamente para ser publicada na *Semana*. Esperamol-a anciosamente, agradecendo desde já a immerecida honra.

ANTONIO GONÇALVES DIAS

Nasceu na provincia do Maranhão, municipio de Caxias, no sitio da Boa-Vista, terras da fazenda Jatobá, no dia 10 de Agosto de 1823. Foram seus progenitores: o negociante portuguez João Manoel Gonçalves Dias e a mestiça Vicencia Mendes Pereira. Antonio Gonçalves Dias foi filho bastardo de João Manoel Gonçalves Dias, que depois matrimoniou-se com Adelaide Ramos de Almeida, que foi para com o poeta

mais mãe do que madrastra; pois, não tendo filhos que quizessem seguir a carreira das letras, e conhecendo a tendencia do seu enteado, despendeu com este toda a solicitude, auxiliando-o tanto quanto podia, como se se tratasse de seu filho mais querido.

Em 1837 partio Gonçalves Dias de S. Luiz do Maranhão para Coimbra, de onde, tendo fallecido seu pae, regressou em 1838; mas, graças aos bons sentimentos e generosidade de sua madrastra, voltava de novo a Portugal, nesse mesino anno, para continuar os seus estudos, que elevou até ao bacharelado de sciencias juridicas, impedindo-o de completar o curso um grave negocio de familia, cujo desempenho o impossibilitou de ver satisfeitas as aspirações que nutria.

Voltou, com esse modesto gráu, para sua cidade natal, onde exerceu a profissão de advogado, durante alguns mezes do anno de 1845.

Em 1846 procurou a Côte, onde deu á publicidade os *Primeiros Cantos*, que, a principio recebidos com frieza, — pois o proprio *Jornal do Commercio*, já então arvorado em oraculo do jornalismo, apenas eonsagrou-lhe duas linhas, — foram lentamente conquistando e consolidando a reputação de primeiro lyrico brasileiro, de que Gonçalves Dias devia gozar depois sem disputa, graças á critica de Alexandre Herculano, que, ante a propria patria do poeta, o saudava genio, espedaçando assim as muralhas do silencio, que a inveja e a ignorancia levantam em torno do nome e das obras dos que trabalham com talento. A critica de Herculano veio surprehender os brasileiros que não sabiam que tinham um poeta de tão alevantada estatura.

Em 1852 casou-se com a Exma. Sra. D. Olympia da Costa, filha do conselheiro Claudio da Costa, de quem o afastaram, nos ultimos dias de sua vida, desgostos intimos, provocados e alimentados por infames amigos, por quem se deixava dominar completamente, a ponto de enfraquecerem-lhe a razão, e o arrastarem a excessos mortaes, que lhe desenvolveram os padecimentos pulmonares, de que viria a fallecer, se, no dia 3 de Setembro de 1864, não tivesse sido victima de um naufragio nas costas do Maranhão.

Teve o poeta a felicidade, a poucas dada, de ouvir em vida o juizo que d'elle faria a posteridade, pois, um anno antes de desaparecer de entre os vivos, se espalhava o falso boato de sua morte, que foi geralmente lamentada como uma desgraça immensa. Infelizmente, como viamos, não sobreviveu muito tempo ao máu agouro.

Escreveu os *Primeiros, Segundos, Novos e Ultimos Cantos*, quatro Cantos dos *Tymbyras*, os dramas *Leonor de Mendonça, Boabdil, Beatriz Cena, Patkoll*; os romances *Memorias de Agapito Goiaba*, de que vêm nas suas obras posthumas soberbos capitulos, que fazem sentir ter o poeta, por escrupulos inexplicaveis, lançado ao fogo o restante da obra; varias memorias sobre historia patria, e o notavel estudo—apresentado ao Instituto Historico, sobre o Brazil e a Oceania.

Sobre o merito de Gonçalves Dias o juizo publico, universal, está formado no antigo e no novo mundo.

As suas poesias têm sido vertidas para o allemão, para o inglez, para o francez. Nacionaes e estrangeiros, os criticos têm sido unanimes em admirar-o.

Os seus comprovincianos, aos quaes tanto honrara com o talento e com o exemplo, levantaram-lhe uma estatua, que, valendo como expressão momentanea de entusiasmo, é, todavia, de esperar que dure menos que suas obras,

esse pedestal indestructivel, que o poeta preparou na passagem pela vida, para sobre elle erguer a sua memoria, como um incitamento ás gerações vindouras.

Gonçalves Dias é o melhor mestre dos que seguem a carreira litteraria.

Tem um estylo sobrio, preciso; é um colorista priinoroso. Os seus versos primam pela inspiração e pelo fino gosto, que revelam. Não ha em lingua portugueza paginas tão ricas de boa linguagem, como as dos *Cantos*, e principalmente dos *Tymbyras*, obra, á qual o futuro fará mais justiça do que a actualidade, quando ficar reconhecido que o cantor de Itajubá é tão grande como o de Fingal.

Tal foi Gonçalves Dias; taes serão julgadas as obras d'esse grande poeta, cujo genio as gerações futuras considerarão como o ponto culminante, o mais elevado, o melhor definido, do espirito romantico na litteratura brasileira.

T. DIAS.

POLITICA E POLITICOS

A semana, quer no Senado, quer na Camara, foi de summa importancia.

No Senado foram approvados os cinco artigos do projecto-Saraiva, sendo regeitadas as emendas, com curta discussão em que tomaram parte os Srs. José Bonifácio, que pronunciou um discurso monumental, Affonso Celso, Souza Dantas, e outros notaveis opposicionistas, e por parte do governo, respondendo a todos, o Sr. ministro da Agricultura.

E' sabido quo o governo quer se ver livre d'aquelle trambolho o mais depressa possivel para ir tratar da eleição, e por isso o faz passar tal como está, mas que demorará a expedição do regulamento até que, abertas as Camaras, para o anno, possa fazer no projecto os côrtes, emendas e retôques que entender necessarios.

O melhor seria fazer obra nova, porque aquella, remendada, peor será.

A ser isso verdade, como parece, não deixa o plano do governo de ser sensato e de certas vantagens.

Fôra preferivel, no emtanto, que o Sr. de Cotegipe o expuzesse lealmente, desvendando com toda a franqueza o seu pensamento.

Na Camara, depois do projecto federalista, do Sr. Nabuco — assumpto de que se occupa hoje o nosso collaborador, Cyro de Azevedo, em artigo intitulado: *Fischio, fischio...*—deu-se a approvação em 3ª discussão da prerogativa do orçamento, concedendo ao governo todos os meios de vida que elle pediu—e mais alguns.

Esta é de gloriosa memoria! A Camara negou confiança ao governo—o que, sendo medida superflua, ociosa, só podia significar que a Camara, cuja maioria é de liberaes, não concederia o orçamento—e depois, *sans peur e...* com *réproche*, approva, concede todas as authorisações pedidas e outras que de coração lhe offerece, espontaneamente. A apostar em que se o governo fosse liberal, a Camara, (isto é: os liberaes em maioria) não o trataria assim tão a vela de libra.

Aquelle grupo *Zé!* aquelle grupo *Zé!* Graças a elle é que continuam estas vergonheiras liberaes. Que homens aquelles, Virgem Sanctissima, que homens! Que papel desgraçado vão esses sujeitos representar na historia politica d'estes tempos! Afinal, quando chegar a hora do *balanço geral* verificar-se-á que os liberaes, afóra poucas

e honrosas excepções, foram todos uns acabados e tristes—*zês pompeus*.

O acontecimento politico culminante foi a approvação pela Camara da seguinte importantissima emenda ao Orçamento:

Ao art. 1.º accrescente-se:

Fica revogado o § 1.º do art. 2.º da lei n. 3230, de 1884. (Auctorisação ao governo para entregar a S. Alteza o Duque de Saxe o dote de 1.200:000\$ garantido á finada princeza D. Leopoldina, pelo contracto do casamento).

Ficam supprinidas, no ministerio do imperio, as rubricas seguintes:

7.—Dotação ao Sr. duque de Saxe	75:000\$000
10.—Alimentos ao principe D. José.	6:000\$000
11.—Alimentos ao principe D. Luiz	6:000\$000
12.—Mestres da familia imperial . . .	3:200\$000

S. R.—16 de Setembro de 1885.—*Prudente de Moraes*.—*Campos Salles*.—*Alvaro Botelho*.—*Itaqui*.—*Augusto Fleury*.—*José Marianno*.—*Valdetaro*.—*Joaquim Tavares*.—*Vianna Vaz*.—*Joviniano Romero*.—*Affonso Celso Junior*.—*Bezerra de Menezes*.

E que tal, ein?...

Por esta não esperavam os senhores...

Nem elles.

E' uma economiasinha de 90:200\$000 annuaes.

Quem diria que este piparote formidavel, ha tantos annos e com tantos pontos de exclamação, reclamado e pedido pelos republicanos, havia de ser desfechado pela Camara, no dominio conservador, de accordo com os conservadores e com o voto de alguns d'elles!

Entre esses figurou o Sr. Andrade Figueira. Sim, meus senhores o *casudissimo* Sr. An-dra-de F'i-guei-ra!—com todos os f e r r.

Este facto tem um enorme alcance politico, é um documento precioso para o estudo dos tempos que correm e do futuro da monarchia no Brazil.

A Arca Santa da *mamata* imperial foi tocada, violada, invadida; e os céus não se partiram d'alto a baixo, nem de de enfiado o sol escureceu.

E' tal o nosso pasmo que, sem querer, fizemos verso!

E a profanação foi approvada e levada a effeito placidamente, sem assombro, nem desmaios, nem ribombos de colera ou espirros de susto!

Que dirá o Imperador?

PETIT-PITT.

BOLOS

O *Bosco do Commercio* deu uma noticia vergonhosamente pifia da noite de despedida da companhia Rossi—Duse-Checchi. Já estainos acostumados, e por isso não as estranhamos, ás noticias réles do *Bosco*.

Mas esta tornou-se notavel entre as mais notaveis.

Tratando do drama, diz *Bosco do Commercio*: «Seria inutil discutir a producção de Augier, apontar-lhe os defeitos ou as bellezas: levada uma unica vez á scena aceite-mol-a pura e simplesmente.»

Que asneira é esta de aceitar puramente e simplesmente um drama?

Verdade é que o *Bosco* é por tal forma habilidoso que seria capaz de aceitar um drama *impuramente e compostamente*.

Mas o melhor da noticia archi-pifia não foi isso. Foi isto: o *Bosco* não piou

a respeito da grande e ruidosissima manifestação de apreço feita pelo publico á Duse-Checchi, e noticiada hontem por todos os jornaes.

Eis tudo o que se dignou de nos dizer:

«A representação de ante-hontem correu animada, não faltando palmas. No fim do ultimo acto, o publico chamou á scena o Sr. Ciacchi e applaudi-o, agradecendo-lhe assim o ter-nos trazido companhia tão homogenea.»

Nem sequer se dignou de dizer que Duse-Checchi *tambem* foi chamada á scena! Rancoroso e estúpido Pachyderme!

Qual seria o motivo de tão exquisito silencio?

Leia-se primeiramente o topico respectivo a esse ponto da noticia dada pelo *Paiz* e ohegar-se-á á causa d'esse estranho facto.

Diz o *Paiz*:

«Depois de repetidas chamadas em todos os intervallos e no fim do drama, —em scena Duse, Rossi, Andó, Masi e o digno empregario, Sr. Ciacchi—ergueu-se de uma frisa, á direita da sala, uma gentil menina, e recitou uma valente poesia, saudação brilhante, ao mesmo tempo que saudoso adeus a Eleonora Duse-Checchi.

E' indescritivel o enthusiasmo, que se apoderou do publico ao terminar a gentil creança a sua despedida.

Os versos, da facil musa de Valentim Magalhães, eram bellissimos, e a talentosa creança havia recitado com sentimento e enthusiasmo, clara dicção e voz forte, predicados raros em tão verdes annos.

Os camarotes, a platéa e os artistas applaudiram freneticamente; e depois, apparecendo no palco, a intrepida creança foi abraçada e beijada por Duse, e de novo saudada pelo publico.

E' filha do Sr. Dr. Barata Ribeiro a feiticeira menina, cujo nome retrata a alma: chama-se Candida.»

Que contraste entre o silencio absoluto do *Bosco* e o enthusiasmo d'O *Paiz*!

Como a poesia, recitada pela talentosa menina, era producção de Valentim Magalhães, o *Bosco*, em furibundo accesso de concentrada e inoffensiva colera, entendeu não dizer palavra sobre as manifestações que teve a genial artista; nem —ao menos!— que ella foi *tambem* chamada á scena. Invejoso bruto! Nem a Duse, nem Valentim Magalhães, nem ninguem tem culpa da imprestabilidade absoluta do ex-*Quidam*, o filhinho amado do *Escaravelho*.

Se a pobre creança não dá para nada, nem mesmo para *manhas*, não é isso motivo para encobrir a verdade, com prejuizo, embora pequeno, do nome glorioso de Duse-Checchi.

Quanto ao director d'esta folha, elle está... fumando para as pirraças como para todo mal que lhe deseje e prepare o *Bosco do Commercio*.

Nem todas as quatro patas do monstro, juntas, poderão mais esmagar, fazer desaparecer o nome que hoje tem no *paiz* o ex-escriptor das *Notas á margem*.

Perdõe-se-nos este rasgo de immodestia; mas era preciso dizer estas verdades na tromba do animalão.

E com esta remettemol-o... aos *Amores de Roberto*, que, como hydragogo, devem alivial-o das bilis que lhe exasperam e atormentam a iuglória ve-lhice.

JOÃO SINCÉRO.

(no impedimento de C. Ferula.)

ADEUS A DUSE-CHECCHI

Poesia recitada pela menina Candida Barata Ribeiro na noite de 16 de Setembro, no theatro S. Pedro de Alcantara.

I

D'este pequeno céu, sagrado ao Drama,
—Em que, por um momento, a viva chamma
Do genio fulgurou,—
Vae nesta noite desferir a estrella
Mais scintillante, mais gentil, mais bella,
Que sobre nós brilhou.

Vão invadil-o as trévas, de repente;
E o Silencio virá soturnamente,
Frio e triste, reinar
Sobre o throno, da deusa abandonado,
Como de um rei o espectro amargurado
Num sólio tumular.

E com o silencio aqui vereis vagando,
Aos seus passos as sombras acordando,
Sem gemidos de dor,
Uma outra sombra, lenta e compungida:
A Saudade!—da Magoa irmã querida,
Doce filha do Amor!

II

Quando alguem, descoherito e respeitoso,
Entrar neste theatro silencioso,
Perturbando-lhe a paz,
Ha de a sombra e o silencio ver em tudo:
Vazia a sala, o palco em trevas, mudo,
A ribalta sem gaz.

Nessa visita lugubre, no emtanto,
Ha de segui-o, sohrçando o manto,
Uma triste mulher,
Que ha de falar-lhe d'Elia, em voz magoada,
De uma tristeza immensa repassada,
Qual de uma ave o gemer...

E a Saudade—prodigio!—ha de ao proscenio
Trazer de novo Duse-Checchi—o genio
Que hoje nos vae fugir;
E da Saudade á voz mysteriosa
A immensa estrella, tremula, radiosa,
Ha de aqui resurgir!

Fernanda, alma terrivel de vingança,
Frou-Frou, a ingenua e misera criança,
Cezarina, a sensual,
Odette, a esposa infel, mãe soffredora,
Que se lava da culpa aviltadora
Num martyrio infernal!

E *Margarida*, a hella flor impura,
Que no vicio fanou-se e á desventura,
Sorrindo, succumbio;
Que resgatou no amor a vida toda,
E que, por fim, no amor—phalena douda!—
A vida consumio!

Todas as creações extraordinarias,
Imprevistas, sublimes, tumultuarias:
Phantasticas visões,
Todas, á voz da pallida Saudade,
Resurgirão, em toda a magestade,
Entre vivos clarões!

III

Sómente assim—quem sahe?—poderemos
Rever a estrella, que esta noite vemos
Pela ultima vez!
Adeus! Adeus! Esplendida rainha!
Para o theatro a noite se avizinha
De penosa viuvez!

Adeus, dehil mulher, mulher sublime,
Que subjugas a Dor, o Espanto, o Crime,
Ó desespero atroz!
Domadora genial, que os sentimentos
Governas, como a leões sanguinolentos,
Com a tua doce voz.

Adeus, ó Duse-Checchi, flor divina,
Soberana da Arte, peregrina
Estrella d'estes céus...
Numa chuva irradiante de fulgores
Vão nossas almas—palpitantes flores—
Beijar-te os pés. Adeus!

14—Setembro—1885.

VALENTIM MAGALHÃES.

FISCHIO, FISCHIO...

A camara recebeu com friesa o projecto de federação das provincias.

A idéa seductora de aviventar este enorme paiz com a partilha de independencia regional, em contraposição ao systema absorvente que o trouxe ao derradeiro grau de ancuria economica, não conseguiu impressionar os espiritos augustos.

O principio republicano da autonomia das provincias, estribado na gloriosa tradição historica dos democratas de 31, foi usurpado pela agremiação partidaria que se rotulava de liberal, e convertido nos tempos de desgraça em dourada promessa á confiança popular.

Redivivo hoje, advogado pela formosa e honesta palavra do Sr. Joaquim Nabuco, offerecido por um punhado de convencidos, o grande principio,—um tanto apertado nos molles de uma reforma monarchica,—passou pela camara sem turbar-lhe a característica indifferença.

Esse descuido pelos interesses de ordem superior, essa ignorancia das necessidades da patria, acimando o arrojo scientifico, a iniciativa reformadora, de sonho poetico, devaneio azul de espirito enamorado por grandezas, foi mais um documento para a historia de nossa decadencia.

Pouco antes do projecto, a camara despindo o fraque, solta a gravata, alçado o punho da camisa ao cotovello, regalou-se em brigasinhas, em rivalidades pessoaes.

Era animada a scena, mas desesperador o espectáculo; e, se a geração que governa, não pode offerecer á juventude, outro e melhor ensino de patriotismo e possança intellectual, passe os emblemas do sacerdocio, antes que a ira popular force-a á penitencia.

O interesse de assegurar o presente estado de cousas, tão de feição para essa politica de cabotagem; o susto que aos espiritos anarchisados pelas theorias metaphysico-theologicas, traz a idéa de reforma; o immobilismo, estimado pelos que ignoram os principios da politica experimental; pelos que não enxergam a profunda evolução do mundo moderno, esse remonte grandioso nas crenças, nos costumes, na sciencia, e nas instituições taes foram as efficientes d'esse torpor do parlamento ao alvorecer de um projecto masculino.

Nem o sonho da quasi criação de mundos:—circumscripções territoriaes autonomicas, fugindo ao servilismo governamental que entorpece a corrente progressiva e deprime os caracteres, nem a eloquencia classica do grande abolicionista, puderam prender a sympathia da camara....

Falstaff acarinhava o ventre, sonhava dansas e adufes, prazer seguro, vida descuidosa...

E ria-se Falstaff...

CYRO DE AZEVEDO

Setembro de 85.

« A VELHICE DO PADRE ETERNO »

Eil-o finalmente publicado este livro, ha tanto tempo annunciado, tão annunciado que, como não se resolvesse a vir a lume, entrará a parecer fabuloso. Eil-o aqui. Tem 214 paginas em grosso papel, format: grande. São seus editores

os livreiros Teixeira & Irmão, de S. Paulo, os quaes, até ao fazerd'esta, ainda não tinham mandado a *Velhice* cá para a Corte, sem que saibamos porque. A procura tem sido enorme em todas as livrarias e grande a decepção dos que querem a *Velhice* e não a encontram. Felizmente, o director d'esta folha recebeu um exemplar que lhe foi remetido pelo auctor, com uma dedicatória do seu punho.

Daremos no proximo numero um artigo critico de Valentim Magalhães sobre a *Velhice do Padre Eterno*.

Por hoje diremos somente que é este um livro extraordinario, exquisito, escandaloso, assombroso, bellissimo, —unico! Ha de ser com certeza excomungado, o que não será mau, mas por isso mesmo exgotar-se-á dentro em pouco a edição, o que será optimo.

Para que se comprehendam os seus intuitos e o logar que occupa na obra de Guerra Junqueiro, transcrevemos em seguida a *Nota* com que o fecha o auctor; e para que se avalie o seu merecimento, — um trecho d'*O melro*. E' o trecho final, que não está no folheto ha annos publicado; portanto, inteiramente indicto.

E' sublime.

Primeiramente, a

NOTA

« Em seguida á *Morte de D. João* comecei a escrever um novo poema — *A morte do Padre Eterno* (*A morte de Jehovah* era o titulo primitivo) cujo plano completo, até aos minimos detalhes, estava de ha muito elaborado no meu espirito.

Mas em torno d'essa idea principal germinou um grande numero de idéas accessorias, d'onde nasceu um livro novo, *A Velhice do Padre Eterno*, colleção de 50 poesias, que são 50 balas que partindo de diversos pontos, vão todas bater no mesmo alvo. Em 1879 estava adeantada *A Morte do Padre Eterno* e quasi concluida a *Velhice*.

Uma enfermidade de quatro annos successivos interrompeu a obra.

Volvendo a saude, voltou o trabalho. O trabalho nasce espontaneamente da alegria, como um fructo nasce espontaneamente d'uma flor.

Publico hoje o 1º volume da *Velhice do Padre Eterno*. O 2º, já na imprensa, sahirá á luz com brevidade. No 1º volume predomina a satyra, no 2º a epopeia. Os dois completam-se. A critica, so reunidos, os poderá julgar inteiramente.

Creio, se a saude me não faltar, que a *Morte do Padre Eterno* dentro de um anno estará impressa. E depois de morto D. João e morto Jehovah, resta-me resuscitar Jesus e desagrilhoar Prometheu.

Esse ultimo poema, o *Prometheu Libertado* será o fecho da trilogia, o complemento da minha obra.

Terei os annos de vida necessarios para escrever esse livro? Não sei; no entanto, rogo a Deus do fundo da minha alma que me deixe terminar com um hymno de esperanza e de harmonia, uma batalha de coleras e de sarcasmos. O plano está concebido ha muito. A idéa é simples, e creio que bella. A primeira parte é a epopeia do Trabalho, a glorificação de Prometheu pela humanidade e pela natureza.

Na segunda parte Jesus Christo, levantando-se do seu tumulo, vem ful-

minar o abutre e desacorrentar Prometheu. O heroe é libertado pelo santo. A crença e a sciencia, a razão e a fé, depois de um combate de milhares de seculos, reúnem-se finalmente numa paz luminosa, numa communhão indestructivel.

A liberdade de Prometheu significa o desapparecimento de todas as tyrannias, e a resurreição de todos os dogmas. Um é a justiça humana, e o outro a aspiração immortal para uma justiça absoluta. O Caucaso e o Golgotha ficam sendo para a humanidade os dois grandes altares da religião eterna do Futuro.

Julho — 1885.

GUERRA JUNQUEIRO.

O MELRO

Segundo o seu costume habitual,
Logo de madrugada
O padre-cura foi para o quintal,
Levando a biblia e sobraçando a enxada.
Antes de dizer missa,
O velho abbade inevitavelmente
Tratava da hortaliça
E resava a Deus Padrc Omnipotente
Varios trechos latinos,
Salvando desta forma juntamente
As ervilhas, as almas e os pepinos.

E já de longe ia bradando :

«—Olé!

Dormiram bem?... Estimo...
Eu lhes darei o mimo,
Canalha vil, grandissima ralé!
Então vocês, seus almas do diabo,
Julgavam que isto que era so dar cabo
Da horta e do pomar,
E bico alegre e estomago contente,
E o camello do cura que se aguenta,
Que engrolle o seu latim e vá bugiar!...
Grandes larapios!... Era o que faltava!
Vocês írem ao milho,
E a mim mandar-me á fava!
Pois muito bem, agora que vos pilho
Eu vos ensinarei, meus safardanas!
Vocês são mariolões, são ratazanas,
Têm bico, é certo, mas não têm tonsura...
E nas manhas um melro nunca chega
A's manhas naturaes d'um padre-cura.
O melhor vinho que encontrar na adega
E' para hoje, olé!... Que bambochata!
Que petisqueira! Melros com chouriço!...
E então a Fortunata
Que tem um dedo e um geito para isso!...
Heide de comer-vos todos, um a um,
Lambendo os beiços, com tal gana emfim,
Que comendo-vos todos, mesmo assim
Eu fico ainda quasi que em jejum!
E depois de vos ter dentro da pança,
Depois de vos jantar,
Vocês verão como o velhote dança,
Como elle é melro e sabe assobiar!...»

Mas nisto o padre-cura titubiante
Quasi desfallecendo,
Attonito de horror, parou deante
D'este drama estupendo:
O melro, ao ver aproximar o abbade,
Despertou da atonia,
Lançando-se furioso contra a grade
Do carcere. Torcia,
Para os partir os ferros da prisão,
Crispando as unhas convulsivamente
Com a furia d'um leão.
Batalha inutil, desespero ardente!
Quebrou as garras, depennou as azas,
E hallucinado, exangue
Os olhos como brazas,
Heroe febril, a gotejar em sangue,
Partiu num voo arrebatado e louco,
Trazendo dentro em pouco
Preso no bico um ramo de veneno.
E bello e grande e tragico e sereno
Disse:

«Meus filhos, a existencia é boa
Só quando é livre. A liberdade é a lei.
Prende-se a aza, mas a alma voa...
O' filhos, voemos pelo azul!...Comei!—»

E mais sublime do que Christo, quando
Morreu na cruz, maior do que Catão,
Matou os quatro filhos, trespassando
Quatro vezes o proprio coração!
Soltou, fitando o abbade, uma pungente
Gargalhada de lagrimas, de dôr,
E partiu pelo espaço heroicamente,
Indo calir, já morto, de repente
Num carcavão com silveiras em flôr.

E o velho abbade, livido d'espanto,
Exclamou afinal:
«Tudo que existe é immaculado e é santo
Ha em toda a miseria o mesmo pranto,
E em todo o coração ha um grito igual.
Deus semeou d'almas o universo todo.
Tudo o que vive, ri e canta e chora...
Tudo foi feito com o mesmo lodo,
Purificado com a mesma aurora.
O' misterio sagrado da existencia,
Só hoje te adivinho,
Ao vér que a alma tem a mesma essencia
Pela dor, pelo amor, pela innocencia,
Quer guarde um berço, quer proteja
um ninho!
Só hoje sei que em toda a creatura,
Desde a mais bella até á mais impura,
Ou numa pomba ou numa fera brava,
Deus habita, Deus sonha, Deus mur-
mura!...»

«Ah, Deus é bem maior do que eu julgava!...»

E quedou silencioso. O velho mundo,
Das suas crengas antigas, num momento
Viu-o zunir exaustão, moribundo
Nos abysmos sem fundo
Do tenebroso mar do Pensamento.
E chorou e chorou... A Igreja, a Crenga,
Rude montanha pavorosa, escura,
Que enchia o globo com a sombra im-
mensa

Dos seus setenta seculos d'altura;
O Himalaia de dogmas triumphantes,
Mais eternos que o bronze e que o granito,
Onde aos prophetas Deus falava dantes
Entre raios e nuvens trovejantes
Lá dos confins siderios do infinito;
Esse colosso enorme, em dois instantes
Viu-o tremer, fender-se e desabar
Numa ruina espantosa,
Só de tocar-lhe a aza vaporosa
D'uma avezinha tremula, a expirar!...

E, arreMESSANDO a biblia, o velho abbade
Murmurou:

«Ha mais fé e ha mais verdade,
Ha mais Deus com certeza
Nos cardos seccos d'um rochedo nú
Que nessa biblia antiga... O' Natureza,
A unica biblia verdadeira és tu!...»

GUERRA JUNQUEIRO.

AINDA BEM

Naquelle dia o João enterrava com
mais vigor a enxada; brilhavam-lhe
nos olhos umas scintillas luminosas,
como as phosphorescencias do mar.
Lia-se-lhe nos movimentos, rapidos e ir-
regulares, uma alegria estranha e inter-
mittente; os pés enterravam-se-lhe
pesadamente no barro solto, e elle tinha
nos labios grossos um sorriso de bon-
dade ingenua, quasi infantil.

Da sua figura athletica, batida de
chapa pela luz forte de uma manhã de
verão, como que se irradiava a ven-
tura. Pensamentos alegres illumina-
vam-lhe o rosto.

Os companheiros, um pouco afastados,
não o ouviam falar nem cantarolar tão
pouco. E' que o bom do rapaz nadava
em largo oceano de conversações men-
taes.

O seu trabalho era materialissimo;
logo, podia livremente pensar em cou-
sas bem diversas das que fazia... e
pensava:

... que iria nesse dia, ás Ave-Marias
quando deixasse o trabalho, direito á
mãe; contar-lhe-ia que gostava da Ma-
riquinhas e desejava casar com ella. Af-
nalde contas, era muito justo que pen-
sasse nisso, a mãe mesmo devia dar-lhe
rasão. Que diabo! um homem, por mais
bruto que seja, necessita do carinho de
alguem que zele com interesse pela sua
saude e tranquillidade. Não estava
resolvido a envelhecer sósinho; e, ima-
ginando todas futuras alegrias, pun-
ha-se a rir baixinho, apertando com
força o cabo da enxada que elevava
bem alto no ar para fincar no chão.

Depois da ceia procuraria então o
Manoel, o seu melhor, o seu unico
amigo; encarregal-o-ia do pedido, e
nelle, desabafando o coração, deposi-
taria toda a sua esperanza.

Tinha razão para isso; o Manoel
fôra sempre para elle um pae, respeita-
va-o como tal e talvez por isso nunca
lhe falara em seus amores. Estimava-
o lealmente; conhecia-se inferior e
não se revoltava; ao contrario, a supe-
rioridade do amigo como que lhe in-
punha o affecto. O Manoel era influente,
persuasivo; o pae da Mariquinhas não
lhe diria com certeza um não, e ima-
ginando ganha a victoria, o bom do
João estremecia de contentamento á
idéa de que no dia seguinte, aquellas
mesmas horas, elle seria noivo, noivo
da sua querida Mariquinhas! Deus do
céu, que bom!

Alongando a vista pela pradaria fóra,
dizia elle consigo:—Agora, que já tenho
aquellas terrinhas lá em baixo e que
já ganho mais, hei de continuar a viver
a mesma vida de cão sem dono? Ora!
era o que faltava! E zás! uma grande
enxadada na terra, que se esboroava á
pancada abrindo-se em sulcos fundos.
Assim passou a manhã.

E' meio dia; e elle continha na lida
do pensamento e do braço.

Saem da terra quente umas emana-
ções mornas. As folhas amolecidas,
pendem para o chão. Ouve-se forte o
zum-zum das abelhas ávidas que se
dão ao luxo de beber na taça d'ouro das
acacias o seu querido nectar.

O solo ardente parece levantar-se a
pouco e pouco, como se fosse d'aço e
o céu de iman, tal é a absorpção solar.
Nem um canto se escuta.

A natureza dorme o seu pesado
somno, coberto pelo manto de ar aba-
fado. A beira das estradas vermelhas
e sinuosas pendem para os formigueiros
reflectos os galhos resequidos dos ar-
bustos velhos, e ao longe, nos extensos
pastos, os animaes exaustos, dormem
estendidos...

Todos sentem desfallecer as forças,
latejar as fontes, enfraquecer os bra-
ços; só o João imprime á enxada movi-
mentos fortes, rasgando a terra em
largas covas; só elle continúa alegre-
mente na ardua faina, porque só a elle
sorri perto um dia cheio de cariciosas
compensações...

Chegou enfim a tarde, a suspirada
tarde! Uma aragem suave fazia on-
dular as ramarias finas das espongei-
ras bravas e as palmas delicadas dos
rendilhados fétos; uma ou outra rve
cortava em vôo bonançoso, o azul pal-
lido, esmorecido do céu sem nuvens.

João deu as boas-tardes aos compa-
nheiros, e desceu só! Caminhou com
passo resolutivo e firme; o coração sal-
tava-lhe no peito, sentia necessidade
de dizer muita cousa, muita! A mãe

que tivesse paciencia, havia de escu-
tal-o aquella noite.

Mal chegou, a velha, sentada a re-
mendar uns panos, apontou-lhe a ceia.

— Não tenho vontade de comer; res-
pondeu.

— Fazes mal; replicou a mãe. Sabes
quem sahio agora d'aqui?

— Não.

— O Manoel.

— Ah! e eu que preciso tanto estar
com elle!...

— Elle tambem tem que te dizer... Vae
casar.

— Casar! que coincidencia! e, a um
olhar espantado da mãe, com quem?

— Com a Mariquinhas, a filha do An-
selmo.

João deu um salto, os olhos parece-
cia quererem saltar-lhe; um tremor forte
sacudia-o, imprimindo um aspecto feroz
ao seu rosto, havia pouco bonançoso,
alegre.

— Que é isto meu filho?!...

— Uma desgraça, mãe; disse elle, des-
cerrando os dentes; e, afastando de si a
espavorida velhinha, lançou mão da
enxada, e sahio.

Principiavam a luzir as primeiras
estrellas. João caminhou febrilmente
para o recanto da estrada onde todas as
noites esperava o Manoel, o seu bom, o
seu melhor amigo. Tinha este fito: ma-
tal-o.

Queria vel-o cahido aos seus pés para
dizer-lhe:—Morres porque roubaste a
minha felicidade, porque me trahiste;
morres porque me estorvas e porque
te odeio!

Ha mysterios insondaveis no coração
do homem, luctas que ensurdecem a
consciencia e que arrastam aos mais
fundos abysmos aquelle que não tiver
coragem para o sacrificio. João sentia
pesar sobre elle toda a brutalidade do
seu amargo destino, fervia-lhe o san-
gue na cabeça e jurava vingança a dor
que o suffocava tanto. Esperou, como
um tigre esfaimado espera a ambicio-
nada presa, mas o Manoel tardava...
Sentou-se então á beira do caminho e
poz-se a olhar para o horizonte que se
ensombrava a mais e mais.

Exactamente nesse sitio é que se cos-
tumavam a encontrar os dois amigos
e a trocar abraços fraternaes. Era a
junção das estradas, e fora ali que um
dia o Manoel salvára João de uma em-
boscada, e fora ali que o Manoel dera
ao João tão excellentes conselhos, e fora
ali que elles tantas vezes se apertaram
lealmente as mãos! João queria re-
flectir, mas tumultuavam-lhe no espi-
rito pensamentos doidos que lhe secca-
vam as lagrimas, mordendo-lhe o co-
ração.

Era já tarde quando um vulto se
destacou da curva do caminho. Vinha
só. João de um salto collocou-se no
meio da estrada; rangiam-lhe os dentes
e corriam-lhe pela testa bagas de um
suor gelido. Estavam afinal frente a
frente os dois homens! O luar bateu-
lhes no rosto, conheceram-se.

Contemplaram-se um instante em
silencio, Manoel sorprezo, João como
que sentindo desmoronar-se-lhe no
peito o coração... Mais um segundo e
de repente, sacudido por um movimento
rapido, atirou aos pés a enxada.
O amigo abria-lhe os braços e elle lan-
çou-se nelles, apertando-o cerradamente
de encontro ao coração.

No outro dia subia o João para o
trabalho, com os olhos vermelhos e
inchados, as faces pallidas, o corpo
abatido; mas a sua pesada enxada, a sua
vigorosa companheira, casta e boa,
essa... ia pura de toda macula.

Ainda bem.

Rio de Janeiro, Setembro. 1885.

JULIA LOPES

POULES

A introdução das *poules* no Rio de Janeiro foi lembrança da benemerita sociedade *Jockey-Club*, que aproveitou — o facto de serem inevitáveis as apostas entre particulares — para ao menos convidal-as a deixarem de si algum vestígio luminoso e em benefício do melhoramento da raça cavallar em nosso paiz.

Clamem muito embora os mais severos abstractistas, não poderão negar os dois seguintes e importantísimos resultados, sendo o segundo d'elles legitima consequencia do primeiro:

Em 17 annos de bons serviços prestados pelo *Jockey-Club*, por simples iniciativa particular, avultada somma foi distribuida em premios, animadores da industria de criação de animaes de sangue.

Essa rendosa e utilissima industria hoje existe e com força se desenvolve em varias provincias, representando bem soffivel e crescente riqueza.

Os multiplos e interessantes negocios da pasta da agricultura acham-se, por felicidade nossa, entregues a um espirito superior e esclarecido, o Exm. conselheiro Dr. Antonio Prado, que perfeitamente conhece a realidade do que acabamos de asseverar.

Não ha, pois, mais desprezível intriga do que essa que pretende nivelar as corridas hippicas e de alta montaria com a deploravel e automatica jogatina dos cavallinhos de chumbo das baracas do Campo, escandalosa tolerancia de que nunca se poderá defender a nossa Ilma. Camara Municipal.

Poupar-nos-emos o vexame de tão impossivel paralelo, e, arredando-o de nosso caminho, apenas observaremos — que ha profunda differença entre as corridas, organisadas pelo *Jockey-Club*, *Derby-Club* e *Prado Villa-Isabel* e os divertimentos, aliás proveitosos, das regatas e das corridas a pé.

Que nestes ultimos fossem prohibidas as *poules*, contentando-se as respectivas sociedades com os rendimentos das contribuições mensaes e da concurrencia, estariamos de perfeito accordo com o governo, com a policia e com o *Jornal do Commercio*. Na verdade, quem rema ou quem corre a pé, fal-o por hygienico exercicio muscular, e, quando em publico, para exhibir uma prenda bem semelhante a saber pintar, dansar, atirar, tocar um instrumento musical, etc. Se, pois, os gremios alludidos tambem admittiram as *poules*, devemos somente accusar os que tendo olhos, força e discernimento, não quizeram nem ver, nem prohibir, nem discriminar.

Querem pôr um fim ás *poules* do *Jockey-Club*, *Derby-Club* e *Prado Villa-Isabel*? E' muito e muito simples. Resolva primeiramente o governo onerar o paiz com uma subvenção annual pelo menos de 100.000\$ para cada uma dessas utilissimas sociedades. Mas, fazendo-o, não se esqueça de que não poderá prohibir as apostas entre particulares, e talvez então se convença do quanto é preferivel deixar que ellas continuem de produzir os fructos preciosos que todos reconhecem.

Não ha meio de suffocar o gosto do povo, nem de arrancar-lhe um de seus divertimentos mais predilectos. O carnaval passa todos os annos e consome dinheiro a rodo, sacrificios, saude, desafia conflicts, produz uma verdadeira perturbação na vida das grandes cidades. Que deixa elle apoz si? Nada, absolutamente nada! Se as *poules* podem ter seu lado perigoso, a innegavel verdade é que somente ellas teem contribuido para o progresso dos clubs de corridas e para o florescimento da mi-

portante industria de criação de animaes de sangue.

O que é da maior conveniencia é a união, o perfeito accordo entre o *Jockey-Club*, o *Derby-Club* e o *Prado Villa Isabel*, para que as commissões julgadoras dos pareos e fiscalisadoras da casa das *poules*, procedam com a maior imparcialidade. Não nos cançaremos, outrossim, de repetir nosso amistoso appello a todos os dignos proprietarios, recomendando-lhes que fujam de todo e qualquer conchavo, pois que isso, em muito os prejudicando, acabará por desacreditar um divertimento acceito e applaudido em todos os paizes adcançados.

CATÁO.

ILHA PHANTASTICA

A' EXMA. SRA. D. JULIA LOPES
(No seu livro de Contos)

I

Ao ler-te e ouvir-te, sabes no que eu penso?
Penso no mundo ideal da phantasia,
Esse paiz estranho, ignoto e immenso,
Inundado na luz de eterno dia.

No largo oceano intermino dos sonhos
Vou amarando o meu baixel mesquinho,
Soberbo e ovante como um deus marinho
Por quem é doce o mar e os céos risonhos.

Nereidas e tritões de buzios torsos
Tiram meu barco, alegremente rindo,
Disfarçando com musica os esforços,
De extravagantes sons o ar ferindo.

E navegando mais, e navegando
Entro de maravilha em maravilha,
Até que ás plagas chego de uma ilha
Onde ouço muitos passaros cantando.

Do luso bardo a *Ilha dos Amores*
Só da que eu vejo te dará ideia,
Se eu disser que na d'elle ha menos flores,
E que é tanto maior quanto mais feia.

II

A minha é um jardinsinho fluctuante,
Onde a Flora mais próvida e mais rica
Milhões de flores planta e multiplica,
Num delirio de febre fecundante.

O solo é de oiro virgem surribado,
E todo em raras plantas arrebenta:
Sente-se o esforço vivo e desesprado
De uma vegetação doida e violenta.

As nunca vistas flores e formosas
Que ha nesta ilha, são de tal belleza,
Que espanto dando á propria Natureza,
Tornam mesquinhas as mais bellas rosas!

O que não se imagina ou se presume
E' o visivel e doce thymiamia,
O tactil e suavissimo perfume
Que todo o espaço, em ondas, embalsama.

Frigga, a deosa do Norte, — cujo encanto
No choro está, — melhor que a Venus grega,
E' quem fecunda o solo e as plantas rega
Com as lagrimas d'oiro do seu pranto.

E' uma estancia de amor, no mar perdida,
Que á mente escapa e que não cabe em verso;
Beijo da Natureza embevecida
Na suprema harmonia do Universo!

III

Não ha ali noite. Fulge como estrella
Cada uma flor. E ali tu és a Fada,
Por um poder divino transformada
Em colibri com voz de philomela.

Nes pequeninas pennas multicores,
Que o o arco-iris todo em si retratam,
Pareces ter as petalas das flores
Que dos ramos em cachos se desatam.

Corôa-te a cabeça rutilante
De estrellas uma vivida grinalda,
Onde as côres refulgem da esmeralda,
Do rubi, da saphira e do diamante.

Uma população de aves canôras,
Que óra em remigios volta, ou paira e ascende
Entôa a symphonia das auroras,
E ao teu poder, ó Fada! os preitos rende!

E tu, pequena, debil e graciosa,
Inveja das rainhas, dominando,
Regendo vaes o sonoro bando
Que fórma a orchestra alada e sonora.

Vives na gloria extrema, entre os fulgores
Da apotheose viva! Eterna boda!
Nupcias de sons, de aromas e de côres!
Epithalamio que enche a terra toda!

IV

Este paiz de luz e de poesia,
Eu vejo-o sempre que os teus Contos leio.
Nasce no doido azul de um devaneio,
Vive no sonho audaz da Phantasia!

Setembro, 14, de 1885.

FILINTO D'ALMEIDA.

PAGINAS ESQUECIDAS

Lopes de Mendonça, o critico eximio e prosador distinctissimo, tão cedo roubado ás letras portuguezas foi um dos primeiros a render homenagem em Portugal ao talento poetico de Gonçalves Dias. Julgámos curioso fazer ler hoje, nesta secção, essa pagina do magnifico livro «Litteratura Contemporanea», publicado em 1855, hoje quasi inteiramente, senão inteiramente esquecido.

Os conceitos expendidos ha trinta annos pelo grande escriptor portuguez sobre o grande poeta brasileiro têm sido plenamente confirmados pela critica litteraria de ambos os paizes.

A. GONÇALVES DIAS

Os *Primeiros Cantos* do Sr. Antonio Gonçalves Dias revelaram ao Brazil e a Portugal um talento poetico superior. A penna do Sr. Alexandre Herculano consagrou num artigo esta brilhante apparição e solemne baptismo do illustre historiador, salvou-o, pelo menos, do prurido de mesquinhas invejas, com que a mediocridade pretende abafar sempre as explosões intellectuaes que a deslumbram.

Via-se desde logo que estavamos na America e no Brazil. Era mais ruidoso o trinar dos passaros, mais magestosa a densidade vegetal das florestas, mais soberba a corrente dos rios, mais embriagante o perfume das flores, mais vivas as côres com que o crepusculo se despede da terra, em caprichosas e phantasticas combinações.

Eram harmonias cantadas na mesma lingua que nós fallamos, mas inspiradas e absorvidas n'outro theatro. A cobra enroscava-se nos troncos das arvores, a onça e o tigre uivam, perturbando o silencio do sertão: o caféseiro derrama os seus aromas na tépida atmosphera, que os raios do sol illuminam; o annanaz e a mangueira convidam os labios soffregos para apagarem a séde nos seus humidos e succulentos fructos.

É o Novo-Mundo, em que a natureza é mais rica e luxuriante: em que a vista se alarga por extensas regiões, não devassadas pela actividade do homem: terra bella, indolente e morbida, como a creoula, na hora da sesta, quando o repouso da calma lhe adormece os sentidos fatigados: medonha, terrível, quando o furacão sibila, açoiando as grimpas das arvores, quando o trovão ribomba, e o vento fustiga as nuvens, que parecem fugir espavoridas diante do seu omnipotente sópro. Terra, em que dir-se-á que a vida se multiplica como por encanto, mas onde os castos beijos da Celuta não podem dissipar a melancholia dos Renés, devorados pelas agonias do ideal, saudosos e ao mesmo tempo cansados dos delirantes prazeres, em que despenderam as forças da sua alma!

Embora a natureza se revolva, como uma voluptuosa odalisca, entre os tapetes de uma verdura sempre viçosa, semeando o ar de harmonias e a terra de aromas, a sina do poeta é exclamar com amargura:

Amor! amor! que és tu? Se acaso existes,
Se és mais que a sombra vã, se és mais que
um nome,
Se és mais que phantasia, ou mais que um
sonho,
Dá-me sequer uma hora de ventura,
Uma hora, genio de Deus, se podes tanto.

Celeste emanção, gratos affluvios
Das roseiras do céu: bater macio
Das azas auri-brancas de algum anjo
Que roça em noute amiga a nossa esphera.
Scentelha e luz do sol que nunca morre;
És tudo, e mais do qu'isto: és luz e vida,
Peregrinas essencias trescalando!...
Perfume e vdo de anjo mal sentido,
Tambem passas veloz,—breve te apagas,
Como d'uma ave a sombra fugitiva,
Desgarrada voando á flôr de um lago!

Quem não sentirá em todos os cantos do Sr. Antonio Gonçalves Dias que é um poeta, mas um poeta brasileiro, que respira ansioso no ambiente voluptuoso e apaixonado, que as flores perfumam, que o sol deslumbra, que as brisas meigamente acalentam, na sua emanção suave e bonançosa.

A mulher, para que o seu coração aspira, é a mulher que se extasia como elle nas perspectivas da sua amada patria. No *Sempre Ella*, transporta-nos em vagos cantos aos climas que o seduzem e o enfeitam.

Nada o mudo Alcyon por sobre os mares
É proximo a seu fim desata o canto;
A rosa do Soarão lá se despenha
Nas aguas do Jordão; e como a rosa,
Como o cysne do mar entre perfumes,
Aos sons d'uma harpa interna ella morria!

Como o pastor que avista a linda rosa
Nas aguas da corrente, e como o nauta
Que vê, que escuta o cysne ir-se embalado
Sobre as aguas do mar, cantando a morte;
Eu tambem a segui—a rosa, o cysne,
Que lá se foi sumir por clima estranho.

E depois que meus olhos a perderam,
Como se perde a estrella em céus infundos,
Errei por sobre as ondas do oceano,
Sentel-me á sombra de florestas virgens,
Procurando apagar a imagem d'ella,
Que tão inteira me ficára n'alma!

Embalde aos céus erguendo os olhos turvos,
Meu astro procurei entre os mais astros
Q'outr'ora amiga sina me fadára!
Com brilho embaciando a luz incerta,
Nos ares se perdeu antes do occaso,
Deixando-me sem norte em mar de angustias.

Por um raro acaso, eu fui testemunha do alvorecer da sua vocação litteraria. Estudante de direito em Coimbra, sobrepunando talvez em vigor e frescura poetica aos seus collegas, a sua timidez impediu-o por muito tempo de se manifestar, senão em conversações intimas, nas reuniões familiares dos seus amigos. Quando *Os Primeiros Cantos*, que elle graciosamente me enviou, deram esplendor ao seu nome, já eu me maravilhava de que aquella voz, tão eloquente nos primeiros annos, se conservasse muda no seio da sua terra, —da sua terra, cujas saudades o punham, embora embalado pelas auras bonançosas do Mondego, e ouvindo fallar a mesma lingua que elle aprendera no berço natal.

Os Segundos Cantos e *Os Ultimos Cantos* foram progressivamente elevando a sua reputação, e não é de certo temerario affirmar que é elle hoje o primeiro poeta do Brazil, e um dos mais notaveis talentos da geração, que se dedica ás letras, em ambos os paizes.

Em raros poetas temos visto mais pronunciado e distincto o sentimento da natureza, da natureza indigena, americana. Só um poeta, e um poeta nascido e educado nas scenas dos tropicos, pôde descrever assim o luar, que brilha tão vivo ao sul do equador, e namorar as estrellas, que mais vastas e luzentes se accendem no manto azulado do firmamento. Na sua poesia—A tempestade—por exemplo, está em rapidos traços esboçada a perspectiva da tormenta, que se esconde nos confins do horisonte, que rebenta furiosa e rapida, para dentro numa hora desaparecer de todo, e deixar o céu limpido e sereno. É a tempestade do Brazil, da America, que se não assemelha ás tempestades da Europa, que maravilha o estrangeiro, agitando em accesso terrível e momentaneo de colera a face quasi sempre meiga d'essas regiões deliciosas.

De côr azul brilhante o espaço immenso
Cobre-se inteiro; o sol vivo luzindo
Do bosque a verde coma esmalta e doira,
E na corrente dardejando a prumo,
Scintilla e fulge em laminas doiradas.
Tudo é luz, tudo vida, e tudo côres!
Nos céus um ponto só negreja escuro!

Éis que das partes, onde o sol se esconde
Brilha um clarão fugaz pallido e breve;
Outro vem após elle, inda outro, muitos;
Succedem-se frequentes,—mais frequentes,
Assumem côr mais viva,—inda mais viva,
E em breve espaço conquistando os ares,
Os horisontes co'o fulgir roxeiam.

De quando em quando o vento na floresta
Silva, ruge e morre;—e ao vento ao longe
Rouqueja e brama, e cava-se empolado,
E aos pincaros da rocha ennegrecida
De iroso e mal soffrido a espuma arroja:
Raivoso turbilhão comsigo arrasta
O argueiro, a folha, em vortice espantoso;
No valle arranca a flôr, sacode os troncos,
Na serra abala a rocha, e move as pedras,
No mar os vagalhões incita e cruza.

Emfim descendo, a chuva copiosa
Nuvens, bulções desfaz: os rios crescem,
De perolas a relva se matisa,
O céu de puro azul todo se arreia,
Sorri-se a natureza, e o sol rutila!

O Imperador do Brazil, monarcha tão notavel pela sua moderação e siseudez politica, como pela sua intelligencia, instrucção, e amor ás lettras, em breve distinguio o joven poeta, e conceituou-o merecidamente como uma das illustrações do seu imperio. Nomeado officio de secretaria, veio nos fins do anno passado á Europa, n'uma missão litteraria, e hoje está em Paris, d'onde deve partir a visitar os estabelecimentos litterarios da Allemanha e da Prussia.

Muitos dos seus antigos condiscipulos e contemporaneos de Coimbra, e os admiradores de sua reputação, tiveram occasião de tratar o Sr. Antonio Gonçalves Dias, durante o pouco tempo que se demorou em Lisboa. Apesar de Byron haver affirmado algures que ninguem é heroe diante do seu criado, a verdade é que o poeta é um homem do mundo, accessivel a todas as idéas generosas, a todos os sentimentos honestos, modesto e reflectido, que sabe conversar com a musa, na sua hora e ensejo proprio, sem affectar estar continuamente viajando nas regiões da pura idealidade. Rara qualidade é esta, no seculo em que os maiores talentos usam tantas vezes de um charlatanismo calculado, apresentando-se como creaturas quasi sobrenaturaes, e incommodando a imaginação para fazerem effeito. Certo é que as superioridades intellectuaes se expiam por assim dizer com o ridiculo, quando não é com a desventura.

LOPES DE MENDONÇA.

THEATROS

A MENINA DO AR

Tem os cabellos louros esta menina e é de uma belleza extraordinaria, excepcional. Deve ter doze annos de idade, no maximo.

Fomos vel-a numa d'estas ultimas noites no Polytheama Fluminense, nos seus assombrosos trabalhos aereos.

Quem vio a pequenina Alcide, que aqui esteve ha alguns annos trabalhando nesse mesmo theatro, quem vio essa meiga creança que apenas deixou o berço atirou-se a essa vida infornada de artista, certamente que não deve deixar de recordal-a ante a sua interessante rival.

E' adoravel esta menina quando, de cabellos soltos, com um delicado sorriso nos labios, exhibe-se no seu trapezio em miniatura nos mais difficeis trabalhos que temos visto em gymnastica.

Faltam-lhe as azas para ser um anjo perfeito, mas ainda outra cousa não pode lembrar a creaturazinha que por meio de algumas cordas anda pela immensidade tranquillamente, como se estivesse brincando, ora deixando-se cahir de pontas de pés sobre o trapezio, ora segurando-se apenas pelos calcanhares.

Quem quizer ter plena certeza do que vimos de dizer, quem quizer certificar-se bem d'estas verdades, vá ao Polytheama e de uma cajadada matará uma porção de coelhos: admirará a *Menina do ar*, verá o Frank tocar o *Araúna* na sua cafeteira musical, applaudirá a elasticidade do Lamont, apreciará os magnificos cavallos que possuem a companhia dos irmãos Carlo e tigres e leões... leões a dar com um páu!

Foi na quarta feira a despedida da companhia dramatica italiana Rossi-Duse-Checchi, que o incomparavel e

electrico empresario Cesare Ciacchi nos trouxe este anno.

O vasto theatro S. Pedro de Alcantara estava litteralmente cheio por um publico que não foi ali, como tantas vezes, attrahido pelo nome da peça, quasi desconhecida entre nós, mas expressamente para admirar pela ultima vez o excellente trabalho d'aquelle bravo nucleo de artistas que tantas noites nos deliciou.

Duse-Checchi, a extraordinaria e fulgurante estrella da companhia, teve uma segunda ovação, que se não foi tão ruidosa e entusiastica como a da noite do seu beneficio, foi porque a todos já pungia a saudade da partida proxima.

Andó, Rossi, Mazzi, Aleotti e os demais artistas foram todos chamados á scena e victoriados por todo o publico.

O empresario Ciacchi tambem foi chamado e applaudido.

De uma frisa da direita a interessante e intelligente menina Candida Barata, filha do Dr. Barata Ribeiro, recitou com muito brio uma poesia do nosso collega Valentim Magalhães—*Adeus á Duse-Checchi*, que fez um estrondoso successo, sendo a gentil recitadora freneticamente applaudida. Publicamos hoje essa poesia.

A peça representada foi *Les lionnes pauvres* de Emilio Augier, bello drama em 5 actos, escripto ha vinte e tantos annos, mas que está ainda tão novo e fresco como se fóra de hontem. E' uma peça um tanto á maneira de Dumas Filho, de um assumpto immensamente dramatico, cheia de finas observações, tendo tambem o seu Olivier com uma phrase de espirito ou um conceito galante e original para cada facto, um bom dito para todas as situações.

Duse, por doente, não poude dar ao seu papel todo o brilho e toda a pujança do seu talento; mas viam-se, apesar d'aquella voz velada, todos os cambiantes do sentimento que a fraqueza da actriz não podia fazer expludir.

Rossi, se o considerarmos, como devemos, au actor vinte annos atrazado dos seus companheiros, fez notavelmente o seu papel.

Andó, em relação ao seu extraordinario merito, quasi nada tem que fazer nesta peça, todavia o que fez, fel-o com a costumada correcção e superioridade.

Mazzi foi um Tederico rasoavel, sublinhando bem maliciosamente algumas phrazes e dizendo sempre com muitissima graça e distincção.

Muito beza a Senhora Aleotti no papel de Serafina.

Os demais artistas não têm papeis aesta peça, o que é pena, porque o publico perdeu a occasião de se despedir tambem da Sra. Zangheri, uma *ingenua* de muito talento que fez superiormente varios papeis, sempre com applausos do publico.

Emfim. ante-hontem lá partio no paquete *Elbe*, a melhor companhia dramatica que nos tem visitado — e que será para nós um mal, porque difficilmente nos rehabituaemos ás nossas pobres companhias dramaticas.

Lá se foi a Duse, aquella adoravel Duse, que nos encantava e deliciava com as phantasticas fulgurações do seu enorme talento; e o Andó, o actor mais completo que temos visto, rara personificação da arte moderna, elegante e correcto, sabendo dizer e sentir admiravelmente, interpretando com a mesma fidelidade artistica Armando Duval e o duque de Nemourds.

Mar banzeiro os conduza até Buenos Ayres, e que nós tenhamos a ventura de os tornar a ver em breve.

E o Ciacchi, o levipe de e telegraphico

empresario Ciacchi — receba os nossos sinceros applausos e traga-nos sempre sompanhias do alto valor artistico da que *se ha andato via*.

FACTOS E NOTICIAS

Contrahiu matrimonio em Santa Maria da Bocca do Monte o distincto poeta Assis Brazil com a Exm^a Sra D. Cecilia de Castilhos, irmã do Dr. Julio de Castilhos, director da *Federacão*.

Aos noivos enviamos d'aqui as nossas sinceras felicitações e desejamos-lhes mil venturas.

SPORT

Realisam-se amanha, ás 11 e meia horas, as corridas do *Derby-Club* transferidas de domingo passado por causa da chuva.

O programma é o mesmo que todas as folhas, inclusive a *mossa*, publicaram na semana transacta.

Permitta o tempo e serão magnificas as corridas do *Derby Club*, amanha.

Se houver bom tempo será amanha tambem a regata transferida do ultimo domingo.

Foi nomeado director do *Diario Official* o Dr. Pedro de Barros Cavalcante de Albuquerque.

Reuniu-se no domingo o ultimo, a sociedade Protectora dos animaes. Foram distribuidos os estatutos impressos e approvados depois de algumas observações.

Foi eleita por aclamação a directoria, que ficou composta de:

Presidente, senador A. Marcellino Nunes Gonçalves,; 1^o vice presidente, Dr. Venancio José de Oliveira Lisboa; 2^o dito, João Carlos de Souza Ferreira; 3^o dito, Dr. José Ferreira de Araujo; 1^o secretario, coronel José Brazilino da Silva; 2^o dito, chefe de divisão Ignacio J. da Fonseca; thesoureiro, commendador João Alves Affonso.

Foi eleito tambem um conselho de 12 pessoas, entre as quaes varias senhores da melhor sociedade, e uma commissão-fiscal composta dos Srs. Dr. Henrique Samico, Dr. Luiz A. de Azevedo Macedo e José Maria Alves da Silva.

Nas duas emancipações promovidas pela Illma. camara municipal da corte ficaram livres 213 escravizados, sendo 173 mulheres e 40 homens. Despendeu-se na 1^a 14:400\$ e na 2^a 38:550\$000.

O Sr. Descambargador Calmon não accitou a denuncia dada pelo 2^o promotor publico contra os Srs. Visconde de Wildick e Francisco Brandão de Castro, sobre o roubo do consulado portuguez.

20 DE SETEMBRO

Recebemos da *Confederazione Italiana di Rio de Janeiro* um convite para a festa que se tem de realizar amanha, commemorativa da entrada das tropas italianas em Roma e da queda do Poder Temporal do papa.

O Club republicano rio-grandense celebrará depois d'amahan com uma sessão solemne e a distribuição de um jornal especialmente dedicado á glorificação do dia 20 de Setembro de 1835 — o 50^o anniversario da proclamação da republica rio-grandense.

A sessão se realizará no theatro Lucinda, ás 11 horas da manhan.

Dando esta noticia e lembrando essa gloriosa pagina da historia da heroica provincia e o nome immortal de Bento Gonçalves, saudamos os nossos patricios, filhos do Rio Grande do Sul.

CONSERVAS

Do Sr. Dr. Joaquim Pinto Pacca recebemos algumas latas de conservas alimenticias da sua fabrica de Benevente, na provincia do Espirito Santo. Continham amostras dos seguintes preparados: — tainhas, lombo de porco assado, doce de cidra e de banana da terra.

Um jantarinho completo.

Mandámos vir uma *meia* de *Chateau-Lapipa*, um pão e um palito e jantámos regaladamente com a succulenta dádiva do Sr. Dr. Pacca. A tainha estava soberba: — fresca e appetitosa como se fosse preparada no *Novo Mundo* ou no *Globo*, naquelle mesmo dia. Pareceu-nos apenas que tinha muita pimenta. Embora declare o fabricante no envolucro das latas: « Com todos os temperos da cosinha brasileira » e seja d'elles o principal — a pimenta, achamos que fóra preferivel diminuir a dose piperácea porque muitos não gostam de pimenta e outros não podem com ella. Passámos ao lombo de porco assado.

Ah, meus senhores, que porco! e que lombo! Delicioso!

Da sobremeza, embora a cidra nos parecesse de um sabor ideal, foram as bananas em calda que nos deliciáram. Era natural... não acham? Depois d'aquillo — o chylo.

Nós, como folha que se préza e que sabe que tem talento a dar com um páu — nós somos dyspeptica. E por isso dissemos, de nós comnosco, dando á peria para auxiliar a digestão: « Se com taes conservas conservar-se o estomago em estado rasoavel, diremos que ellas foram fabricadas no *Empyreo*, não em Benevente ». Pois o estomago conservou-se inalteravelmente bem. Assim, cumprindo a promessa feita, temos o gosto de declarar que as conservas de Benevente foram preparadas no céu por Brillat Savarin, que Deus haja muito tempo sem nós.

RECEBEMOS

— *O Cherubim*, n. 1, periodico semanal, dedicado ao bello sexo.

— Que o proteja o bello sexo, collega, e que tenha longa vida é o que desejamos.

— *A Divina Comedia* de Dante Alighieri, fasciculo n. 9, traducção de José Pedro Xavier Pinheiro.

— *Estadistas e Parlamentares* por Timon, um exemplar da terceira serie, em que se occupa o auctor com o conselheiro Franklin Doria.

— *A Distracção*, n. 49.

— *O Cadastro da Policia*, fasciculo n. 29.

— *Processo da Monarchia Brasileira* por Afrisio Fialho. Pamphleto notavel. 10 mil exemplares; edição gratuita.

— *Historia de Gil Braz de Santilhana*, fasciculo n. 4.

CORREIO

— Sr. João Silva Loureiro — O seu soneto *Vigilias* tem alguns defeitos, mas em todo o caso o amigo tem vocação. Continue.

— Sr. *(Arte)* — O Sr. não sabe que todos os jornaes diarios tem uma secção com o titulo — *Publicações a pedido*? E' onde póde appa-recer a sua producção.

— Sr. M. Pinto Neves — Brevemente ha-de ler a sua poesia *Olvido* na *Collaboração*.

A SEMANA

CORTE

Trimestre..... 2\$000
Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

PROVINCIAS
Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

SUMMARIO

Expediente.....	FILINDAL.
Historia dos sete dias.....	
José Maria do Amaral.....	YLANG-LANG.
O Brazil e os brasileiros....	A. PALIETA.
Bellas Artes.....	ORYC.
Politica e politicos.....	JOÃO DE DEUS.
Proverbio de Salomão.....	CHICO FÉRULA.
Bolos.....	F. D'ALMEIDA.
Madrigaes.....	E. MONTEIRO.
Cartas de Lisboa.....	D. A. VIEIRA.
A Borboleta (poesia).....	CATÃO.
Sport.....	DR. SAHEN.
Crítica Scientifica.....	CYRO DE AZEVEDO
Deus & Filho.....	
Theatros.....	D. PASTEL.
Factos e noticias.....	CARRION.
Tratos á bola.....	
Receitas culinarias.....	
Recebemos.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

Para boa ordem nas relações do publico e dos nossos assignantes com A SEMANA, declaramos que todas as communicações litterarias, bem como as consultas, devem ser dirigidas — ao director; as que forem concernentes a administração — ao gerente, e quaesquer pedidos de informações ou de pequenos serviços á Redacção, bem como cartas de convite, cartões de ingresso, etc., — ao secretario da redacção.

A SEMANA

Rio de Janeiro, 26 de Setembro de 1885.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Não se pôde ter espirito e graça neste paiz!

Por não termos feito no nosso numero passado a *historia dos sete dias* merecemos uma censura do magnífico *Diario Mercantil* de S. Paulo.

Mas, que quer o estimado collega? Quando a semana não tem acontecimentos chronicaveis é um pezadello escrever-lhe a historia e uma massada para o leitor o lel-a.

Não é que nós queiramos privar o paiz dos nossos dizeres alegres e das fulgurações do nosso espirito ridente, não é; é para evitar suicidos e somnolencias.

Esta semana, sim, merece uma biographia demorada; mas não se assuste o leitor pio, que não passaremos da 7ª tira

Occupou principalmente a attenção publica o facto acontecido ao cruzador *Almirante Barroso*.

Este bello vaso de guerra, construido nos estaleiros do nosso arsenal, foi fazer

uma pequena evolução para experiencia de marcha; mas os officiaes da nossa marinha, moços aliás bem preparados e geralmente intelligentes, conhecendo muito bem os mares indicos e europeus, desconhecem quasi inteiramente a nossa bahia, e por isso, quando menos se esperava, o navio encalhou num arrecife perto da ilha do Governador. E agora o verás! Toca a deitar lastro ao mar e alliviar o navio; cincoenta rebocadores a puxar as espias, uma multidão da praia a assoprar para o mar — e a uada o bruto se movia. Espera-se o favor da maré compadecida, roga-se ao todo poderoso (n. 1) e por fim a maré resolve-se a auxiliar o ingenho humano e o navio consegue afinal boiar — é safado!

E tudo isto porque? Porque o governo não quiz dar ouvidos a um conselho que ha muito tempo lhe demos de graça:

Melhor do que nos arsenaes, constroem navios o conhecido e afamado aderecista Domingos da Costa de sucia com os scenographos Frederico de Barros e Huascar de Vergara. E que navios! Todos de proelão superior, fino e leve, com uma alta linha de fluctuação, muito bem pintados, com marinhagem tambem de papelão, com barbas postigas, maquinismo muito bonito de folha de Flandres e velas de algodãozinho.

Quando acontecesse encalhar um navio d'estes, não era preciso mais do que um canivete para o safar.

Mas o governo obstina-se em não attender aos conselhos da experiencia e do patriotismo; aguenta-se agora com as despezas do sinistro.

Quem te avisa teu amigo é.

Adopte o governo o nosso systema e mande-nos a commenda da rosa.

E' quanto nos basta.

Realisou-se tambem nesta semana a contradança da sahida dos velhos e da entrada dos novos subdelegados de policia. Lá foi tambem para o ostracismo o emerito Sr. Leite Borges — o Jupiter das casas de jogo, auctoridade terrivel, terror dos povos do sacramento, Attila dos capoeiras incoerciveis, cyclone de fitão!

O Sr. Leite Borges, que afinal de contas é estrangeiro, para que diabo havia de acompanhar o pardido liberal? Faça-se conservador — e volte.

Mais duas victimas de manifestações, nesta semana!

O furor manifesticida havia-se applacado ha algum tempo. Volta agora de novo. Cuidado!

A hydra adormecida começa a despertar e a erguer o collo.

Uma das victimas foi o Sr. Ex-major Escagnolle Taunay, actual presidente do Paraná, e o instrumento de supplicio foi um album; um album terrivel! tendo na capa um escudo com morrião,

que parecia rir escarninho para a victima imbelle, com esgares crus de metal.

Para abater a ira do monstro, o *felicitado* offereceu-lhe um *lunch* e preparou-lhe habilmente uma indigestão. Foi o unico meio de escapar á morte.

O que não comprehendemos foi a presença do nosso Urbano Duarte no local do crime.

O Urbano! um rapaz pacato, coração de ouro, alma candida, bondade garantida e provada, genio calmo, indole de arminho, mettido em manifestações!

Valha-nos santo Shakespeare:

« Horror, horror, horror! »

A outra victima, o Sr. Antonio Gonçalves Pereira da Silva, foi ainda mais infeliz: offereceram-lhe, além do album, um retrato a oleo! Para cumulo de desventura o retrato foi conduzido por senhoras e, que pavor estranho me accomette! uma d'essas senhoras cravou no peito inerte no Sr. Pereira da Silva um discurso acerado e agudo como um estylete.

Os nossos pezares ás familias dos manifestados.

E tenham esperança. O dia da justiça hade raiar afinal!

Deu-se nesta semana o tristissimo acontecimento da morte do venerando e illustre jornalista e poeta José Maria do Amaral. Não é assumpto para estas columnas alegres; em artigo especial damos aos nossos leitores a nossa impressão do doloroso successo.

Não cabem prantos onde mora o riso.

FILINDAL.

JOSE MARIA DO AMARAL

Falleceu no dia 23, á noite, no palacete da Soledade em Nictheroy o venerando septuagenario que representava a mais pura e respeitavel personificação do Talento, da Honra e da Bondade.

Ao seu enterro não pode comparecer esta folha, porque, por nossa infelicidade, quando tivemos conhecimento da fatal noticia era demasiado tarde para cumprir aquelle dever.

Na carta que tivemos a honra de dirigir ao Sr. Conselheiro Angelo do Amaral, irmão do illustre finado, enviando á desolada familia as condolencias da redacção d'esta folha, pedimos-lhe o relevar-lhe a involuntaria falta

O que foi José Maria do Amaral não pôde ser dito em poucas linhas, tracadadas sob a impressão dolorosa d'esta grande desgraça.

Nunca nos foi dada a ventura e a honra de, como muitos dos nossos mais illustres jornalistas e litteratos — beijar-lhe a mão immaculada, que tão

facil e bellamente tanguia a lyra entuarrada e melancolica da Saudade e do Amor, como lançava, em raptos geniaes o artigo de combate e o artigo doutrinario, uma pagina sobre politica como um capitulo de philosophia.

Apezar da sua avancada idade e da neve dos seus bellos cabellos a nazarena, José Maria do Amaral era um espirito absolutamente moderno, profundamente erudito, senhor de toda a evolução scientifica da actualidade, adoptando as theorias philosophicas de Augusto Comte, que elle estudava e commentava ainda nos ultimos mezes da sua longa existencia.

Jornalista de extraordinario vigor, de um criterio perfeitamente seguro e lucido, e dispoendo de uma linguagem patricia, de um estylo activo, acerado, vibrante e terso, elle era um combatente temivel nas lutas da imprensa, onde entrava triumphalmente, como um velho guerreiro medieval nas justas de que sabia invariavelmente vencedor e enramado de louros. O seu vasto saber, servia-lhe a um tempo de pavez e de lança, e nunca arriscava uma theoria ou um paradoxo de que o seu espirito fortissimo não tivesse a demonstração scientifica mais clara e mais explicita.

O presente e o futuro da patria via-o elle tranquillamente, da montanha da sua solidão, como um patriarcha e um propheta, e apontava com a sua mão experiente e consciante, a rota a seguir, o caminho seguro a percorrer. Se a patria lhe não accitou ainda o conselho do espirito consulto, é porque a patria tem apenas olhos para a corrupção e para o aviitamento, e não vê nunca a pureza immaculada, como não ouve a voz do dever e da honra, senão quando as conflagrações sociaes a despertam pela violencia e pelo sangue.

Poeta, ensombra-o a melancolia dos seus desgostos domesticos, templo onde ninguem tem o direito de entrar, e os sons da sua lyra, ungidos da profunda amargura da sua alma, alavam-se mais para o sol das novas inspirações, e pediam a sciencia em luz, o que a alma do cantor infortunado lhes não podia dar em caricias.

Nos, mocos ainda inexperientes nas dolorosas luctas da vida, muito temos que aprender como o exemplo de intemerata honradez, de singular soberbia e altivez de caracter, de tenaz applicação ao estudo que nos lega o venerando e glorioso ancião que acaba de tombar na noite eterna e ignota do Nada.

Possa a sua alma bondadosa e pura, como um phanal radiante, guiar os passos trumulos e incertos d'esta geração que trabalha pelos mesmos idcaes do illustre morto.

Dizem-nos que entre as suas obras poeticas figura um grande poema, escripto durante a sua estada no Paraguay e uma colleção de mais de dois mil sonetos.

A' sua illustre familia, damos aqui os protestos do nosso mais profundo sentimento pela perda do grande Mestre.

O BRAZIL E OS BRAZILEIROS

CARTAS DE UM CHINEZ NO BRAZIL A UM BRAZILEIRO NA CHINA (*)

IV

A ESCRAVIDÃO

Meu caro Luiz.

Já tens uma idéa do que era o Brazil do seculo XVII.

Imagina agora que no seio revoltado d'essa sociedade incipiente, formada dos mais heterogeneos elementos, constan-

temente agitada nas luctas da conquista e da invasão, imagina que nesse enorme fervidoiro de cubicas, de invejas, de traições, de coleras, de vicios torpes e de sentimentos deshonorosos, foram despejados pelos navios do trafico centenas, depois milhares de africanos rudos, selvagens, boçaes, de uma boçalidade fe roz.

Imagina a influencia d'esse novo elemento naquella sociedade em formação, tumultuada por interesses oppostos, extremamente diversos; imagina-o estendendo-se, insinuando-se, radicando-se nos costumes, invadindo as relações sociaes como as relações domesticas, deturpando as noções moraes, falseando e extinguindo, por fim, os sentimentos de humanidade e de justiça para com os individuos considerados *cousas* pela maldade humana legificada; imagina-o, e terá idéa resumidissima dos males que a escravidão nos fez.

A sua acção pode ser estudada de triplice ponto de vista:— na economia do paiz, na educação domestica e nas relações sociaes.

Para avaliar os resultados da acção do elemento-escravo na economia do paiz é bastante dirigir um olhar para o seu actual estado financeiro.

Que vemos?

Uma tremenda crise economica, que nos vae approximando rapidamente,— sem que a nossa natural incuria nol-o faça perceber— d'este escolho de precipitosa ruina:— a bancarota.

A lavoura decadente, endividada, desacreditada, crivada de hypothecas e de penhoras, sem braços no presente porque os braços escravos não valem hoje cousa nenhuma, e sem a esperanza de os haver amanha, porque a immigração não afflue, antes affasta-se, espantada pelos tres espectros da febre amarella, da convivencia com o negro captivo e da inépcia dos governos.

Eis, em dois traços, a situação do lavourador brasileiro: do passado—dividas; no presente—o escravo—um cancro, que elle sabe que é mortal, mas que não quer arrancar, porque d'elle tem vivido;—o futuro—um grande zero de treva sobre um fundo rubro de sangue.

O escravo deprecia-se, dia a dia perde de valor á medida que ganha a idéa abolicionista em popularidade. A propaganda quotidianamente arranca um negro ao fazendeiro. Este, assustado, guarda os restantes a sete chaves, grita que o roubam e pede garantias ao governo. Mas que faz o governo? Ou não faz cousa nenhuma, deixando a solução da medonha crise á sabedoria... do tempo,—e tal fez o governo dos Srs. Sinimbú, Martinho Campos, Lafayette e Paranaguá,—ou formúla e faz lei um projecto-monstro, que ha de, a executar-se, ultimar a ruina da lavoura, e com ella a da honra do paiz. Houve um ministro que se exceptuou da vergonhosa norma geral de inépcia e despatriotismo dos governos seus antecessores:—foi o benemerito Sr. conselheiro Manoel Pinto de Souza Dantas; aquelle senador bahiano—lembras-te?—celebre pelo cuidado que se lhe attribuia de bem collocar os filhos e os afilhados, e pela facilidade com que abraçava o proximo.

Pois esse estadista, dantes celebre por abraçar homens, celebrisou-se para a Historia por haver abraçado uma idéa. Elle formulou um projecto prudente, moderado, cujo principal fundamento era a libertação immediata dos escravos sexagenarios. O senador Dantas revelou a lucidez da sua experimentada intelligencia e o seu immenso tino politico no facto de haver trazido para o seio do governo e do parlamento,

—tirando-a da agitação das ruas— a idéa abolicionista.

De prompto a propaganda, que marchava desatinada e cega, acalmou-se e parou em sympathica expectativa.

Esse feito do senador Dantas representa um acto de respeitosa obediencia á opinião publica e o sabio e patriotico reconhecimento da justiça dos seus reclamos.

Esse incalculavel serviço, prestado por este homem de raro valor politico e moral como intellectual, deu-lhe, com o respeito e a estima de todo o paiz, um logar entre os homens «sobre quem poder não tem a morte.»

Mas o senador Dantas cahio, antes de levar a cabo a sna grande idéa; cahio ferido pelos seus proprios correligionarios, os *liberaes*, que, não podendo na cegueira da sua ambição desmedida comprehender o serviço que aquelle homem fazia ao partido d'elles, votado a morte ingloria e ridicula, combateram-no com estúpida ferocidade até derrubal-o. Mas o senador Dantas teve uma quêda de sol; cahio magestosamente, banhado em luz, espalhando a tristeza, a sombra e a saudade; cahio envolvido em mortalha de purpura e ouro, acompanhado pelos hymnos dos escravos—essas negras aves da desgraça, aprisionadas pela ganancia dos homens em uma jaula eterna, que os proprios abutres não conhecem!

Devo dizer-te desde já—para prevenir-te o espanto, explicando-lhe a causa—que a perrice inverosimil, o empacamento cego dos governos em não auxiliar a evolução da idéa abolicionista, a teimosia, quasi irracional, em conservar este funesto *statu quo* tem uma explicação facil, naturalissima. E' esta:— Os estadistas Sinimbú, Martinho Campos e Saraiva—os mais ferrenhos sustentadores do escravo—são... *fazendeiros*! Possuidores de grande quantidade de *gado humano*, heroes ou imbecis seriam elles se trabalhassem pelos interesses da patria contra os seus proprios interesses. Sustentados pelo eito, sustentam o eito: é logico. Por isso é que tem sido o eito o legislador da reforma servil; para usar da bella e verdadeira expressão do conselheiro Ruy Barbosa, esse extraordinario orador, um dos talentos que mais honram a tua patria.

José Bonifacio, esse illuminado, mixto de anjo exterminador e de apostolo bemdito, apontou a causa do estacionarismo em que se tem conservado o governo contra a onda crescente da opinião e condemnou as futuras tentativas que partirem de estadistas senhores de escravos, dizendo: «A emancipação dos captivos não pode sahir da cerebração de um fazendeiro.»

Para acabar com esta parte do leve estudo com que te vou entreteendo, dir-te-ei que emquanto se não reformar a «reforma eleitoral», alargando o senso, que é restrictissimo, admitindo ás urnas a maioria dos cidadãos, não se conseguirá nada do Parlamento relativamente á questão do elemento servil. O eleitorado é formado de fazendeiros, de fazendeiros e de dependentes de fazendeiros compõe-se o Parlamento—como conseguir d'elle uma boa reforma, vasada em largos moldes humanitarios?

Seja admittida a maioria do paiz a eleger os seus representantes, e a lei que esses deputados votarem não será mais uma lei de *capitão do matto*.

Ainda muito me falta estudar no assumpto de que, como a passada, se occupa esta carta, e como não quero massar-te não a prolongarei por mais tempo.

(*) Vide *Semana* ns. 30, 32 e 36.

Mostrar-te-ei na seguinte missiva os resultados da influencia do escravo na familia e na sociedade brazileiras, e concluiréi historiando, embora ás pressas, a propaganda abolicionista e os seus mais notaveis propugnadores.

Dê-te Bhuda arroz brando e abundante e muita amizade ao teu

YLANG-LANG.

BELLAS ARTES

Ao club Beethoven.

a Good morning! senhores

Até á data de hoje, este humilde rabiscador de papel, cuja reputação é acreditada pelos povos d'aqui e d'alem mar, formava no seu bestunto juizo muito elevado relativamente aos conhecimentos estheticos dos illustres membros de tão conspicua e afaniada sociedade; mas, perdoem-me a franqueza, d'ora avante sou obrigado a julgar os *illustres membros*, tão adeantados em bellas artes como estão os indigenas da Praia Formosa e ilhas adjacentes.

As annunciadas conferencias estheticas do Sr. Dr. Antonio Ferrreira Vianna, a reputação artistica do Sr. Kinsman Benjamin, e os nomes de outros muitos membros do citado club, que figuram nas lettras, no commercio e na *haute gomme* fluminenses, levaram-me a crer piamente nesse erro, ou, para melhor dizer, nessa illusão. Infelizmente, veio hora triste e veio momento doloroso roubar-me essa enganadora idéa!

O caso deu-se, ha dias, na *Casa Moncada*, ao ser ali exposto um Beethoven cópiado de Junter, por Mr. Petit. Na moldura d'esta tæla ha um cartaz que previne o illustrado publico da propriedade do monumento... bysantino. Réza o aviso: — *Offerecido ao Club Beethoven por alguns socios*. E o illustrado publico, já prevenido por uma pomposa noticia do *Paiz*, em que se diz ser composição de mestre Petit a cópia do infeliz Junter, olha extasiado para a soberba tæla, do mesmo modo que os nossos archeologos olharam para a incrição do rochedo da Gavoia.

Venho pois, humilde e reverente, pedir aos senhores socios os nomes d'aquelles que se lembraram de adquirir este terceiro Beethoven, que d'esta vez apparece capenga e duro como uma pedra de cantaria.

Quero enviar á posteridade esses benemeritos protectores da arte.

Terminado esta, tenho o prazer e a honra de me subscrever, vosso ex-admirador

Good night!»

A. Palheta.

Falemos agora de alguns quadros que foram expostos durante a semana.

Na *Glacé Elegante* — Paysagem da Provincia do Rio de Janeiro, por A. Parreiras. Ao fundo, um pedaço de serra azul; nimbus que descem até ás agulhas da serra, e uma nesga de mar. Depois areia, vegetação fraca, um mangue em que uma figurinha pateta pesca... talvez carangueijos. E' um quadrosinho que revela habilidade e intelligencia do artista, mas, e isto é para falar com franqueza, o colorido é pallido e monotono, como em todos os seus estudos; em alguns dos quaes chega a ser convencional.

Não se aborreça o joven artista com a minha impertinencia — desejo aconselhar-lhe mais energia nos toques de luz e menos amarello claro na vegetação; e depois, é preciso mais um pouco de contraste de cores e relevo de corpos, tal qual se observa na natureza.

— Da Exm^a Sr^a C. F. F. (amadora)

uma phantasia de vermelhão da China, azul colbat e ultramar, amarello claro e verde inglez.

Tempestade de cores e a arte escandalizada! Um horror!...

Na *Casa Moncada* — Dois estudos de fructos do paiz, por Estevão Silva, um artista tão modesto quanto laborioso e intelligente. Os quadros são bons, bem desenhados e coloridos *d'après nature*.

Na *Casa Vicitas* — Uma paysagem, copiada da praia de Santa Luzia, por Castagnetto. Céu extenso e azul; horizonte levemente vaporoso, e dorso de montanhas azuladas. No primeiro plano um barranco de bello effeito e a parte superior de uma egreja. O barranco está pintado com largueza, e á esquerda, ha uma rustica escada de pedras, que faria inveja ao Grimm. O aspecto geral da pequena tæla é de uma tonalidade encantadora, de uma harmonia deliciosa.

Magnífico trabalho!

Na mesma casa o Sr. Dr. França Junior expoz um pequeno estudo de paysagem. No centro do quadro ha um velho casarão; a um lado, no fuudo do segundo plano da esquerda, um pedaço de pedreira. Do primeiro plano até o casarão cresce o capim viçoso que forma largo tapete verde, cuja cor contrasta com a da casa velha. Copas de arvores apparecem por aqui e ali, dispersas, envernizadas pela serena claridade da manhã de Agosto; no horizonte passam nuvens douradas, esparsas, transparentes.

Não se ignora, julgo eu, que o Sr. França Junior é um amador que vale por muitos artistas. De dia a dia os seus progressos são reaes, e n'este ultimo estudo encontra-se o toque facil, o colorido feliz de uma adestrada mão.

Se elle tem geito para tudo! Toca piano, canta, faz versos, faz folhetins, escreve comedias, fala cinco linguas, é magistrado e pinta... quadros a oleo, já se vê.

ALFREDO PALHETA.

POLITICA E POLITICOS

A camara já não da motivo á critica. Primeira victima da derrubada, pregaram-lhe a nota de — Sepulte-se.

Ao movimento do tempo do Sr. Dantas, conseguindo prender a attenção publica, dando a ver um arremêdo de existencia parlamentar, succedeu-a vida passiva, anonyma, da temporada Saraiva, e teve por final a intimativa do triumphador.

O interesse norteou para o senado, e d'ali nos vem os acontecimentos.

O facto culminante dos ultimos oito dias, originou-se de um desatio ironico: —

Assistindo á marcha triumphal do projecto servil, vendo o debate mingoar por falta de adversarios, o senador José Bonifacio, juntando ironica emenda ao artigo do projecto, levou o senado a sancionar a opinião dos que dão pleno vigor á lei de 31.

Nesse cartel do preclaro senador, houve de par com o sarcasmo, atilado recurso de forçar o inimigo á contradicção.

Regeitar a emenda, foi condemnar o projecto, consideral-o em antagonismo com a lei, e só conceder-lhe viagem franca dando-lhe carta de côrso.

O valente parlamentar tem sido accusado de ideologo, *seveia* rhetorica, esforçado luctador perdido nos magicos jardins do palacio de Armida.

E no entanto, quando neste paiz se

agita a questão mais séria e nobre, o problema que interessa aos nossos brios, ao nosso futuro e presente, é elle quem colloca o debate em melhor ponto de estima philosophica, quem se revela mais sabio, mais practico, mais amigo do paiz.

Elle, o primeiro dos seus poucos pares, renova a peripécia homérica da peleja sangrenta em roda do corpo de Patroelo.

E' o escravo o disputado;

E a discussão opulentamente mantida por José Bonifacio, Ottoni, Affonso Celso e outros, hade figurar na historia, em prova de que o interesse da humanidade, a causa do direito, teve amparo.

Além do discurso do senador Affonso Celso, modelo de logica, brava refutação ao projecto quando taxa imposto inconstitucional, sem passaporte na lei orçamentaria, nenhum facto saliente merece commentarios, e o annotador tem apenas deante si, os lamentos blasphemos dos demittidos, e o concerto glorificante dos recém-nomeados.

De uma parte, contorsões e lagrimas, ais desembestados, increpções, soluços; de outra parte, cambiantes de victoria, dulcissimo sorrir dos bem-amados, ironias triumphaes, regabofe de alegria.

Já é tão visto o espectáculo, tão eguaes são as scenas, havendo apenas troca de mascaras,—que o publico nem mais lhes presta interesse.

A repetição, o habito, tiram a esse tão falado bota a baixo, a physionomia tragica dos primeiros tempos. Já não ha trevos onde os proscriptos rangem dentes, a cousa tornou-se chata, commum.

E così va il mondo...

ORV.

PROVERBIO DE SALOMÃO

*Fallax gratia, et rana est pulchri
mulier timens Dominum ipsa laudabitur.*

LIB. PROV. XXXI, 30

A graça illude,
A formosura passa:
Busca a virtude,
E não belleza ou graça.

Lisboa, 18 de Abril de 1885.

JOÃO DE DEUS.

BOLOS

Mais vale tarde do que nunca.

A ingratição é um sentimento preto, feito de treva e cebo.

Dar o melhor da nossa alma, desentranhar-se a gente em affectos, desmanchar-se em caricias, proteger, amparar, aconselhar, dar cigarros, offerrecer phosphoros, pagar o café, dizer que horas são, elogiar, apresentar aos amigos dizendo:—o distincto jornalista F., talento de eleição e alma grande— e receber em paga de tudo isto o vituperio e a affronta, é realmente caso para desesperar santos e causar faniquitos ás onze mil virgens.

Vem tudo isto a proposito do procedimento que a nossa visinha *Italia* teve para conosco, no seu numero de 12 do actual.

Se alguém ha neste paiz que nos deva obrigações, favores e requintes de gentileza, é sem duvida alguma o redactor principal da *Italia*.

Já não falamos do sub-redactor, a quem uma vez salvámos a vida, quando

elle, desesperado pela desillusão de um sonho da mocidade, se queria precipitar do alto do elevador de Paula Mattos. Tomando momentaneamente a forma do conhecido e conceituado dedo da Providencia, amparamos o mancebo imberbe e a força de salutareos conselhos e um nickel, conseguimos convencel-o de que era muito mais prudente pagar a passagem e descer no carro da companhia.

Respondamos por partes:

Para isso, porém, convém transcrever um trecho do catapultuoso artigo da *Italia*:

«Essi parlano quasi l'italiano, e lo devono a noi; fumarono sigari di cui ignoravano persino l'esistenza, e li devono a noi. Hanno assaporato vini italiani, salami italiani, e tutto per noi.»

Vinho italiano! salame italiano!

Mas já não ha raios no ceu nem compendios de geographia nos livreiros!

O vinho de que uma vez nos offereceram meio calice (calice dos de cognac) era vinho de Málaga. Ora, dizer que este vinho é italiano, é caso para fazer corar um collegial de 3ª classe.

Os charutos que nos deram para amostra, em numero de um, não os fumámos, felizmente. Demol-o ao nosso criado que consumio um caixão de foforos para accendel-o e ficou doente oito dias por o haver fumado até ao meio.

Quanto ao salame, comprámo-lo por cinco mil réis (nota nova) e devemos dizer-lhes que não era lá essas coisas...

Diz tambem que nos falamos quasi o italiano.

Não discutiremos aquelle capcioso adverbio de aproximação. Diremos apenas que muito lucrariam os redactores do alias excellente jornal italiano se falassem o idioma de Camões como nos falamos o de Dante.

Se é certo que tropeçamos de vez em quando num sollecismo, mais certo é que os nossos visinhos não são capazes de pronunciar correctamente as palavras em *ão*: redacção, collaboração, exposição, etc.

Aparados todos os seus golpes traicoeiros, sentimos não ser possível restituir-lhes o vinho bebido, mas devolvemos-lhe o salame: podem guardal-o onde lhes parecer.

E cá estamos ás ordens.

Cinco FÉRULA.

MADRIGAES

A abobada celeste vejo escura!
Quando a fito nem uma estrella vejo,
E eu por fio e pelejo
Para as ver na vastissima planura;
No entanto o meu desejo
Morre por essa eterna immensidade,
Buscando a luz em meio á escuridade.

Só diviso a penumbra
Das estrellas mais nitidas e bellas.

Tanto a luz dos teus olhos me deslumbra
Que eu nem vejo as estrellas!

II

Embocco a avena agreste de Virgilio.
Vão-se os módulos sons azul em fora,
E em direcção da Aurora
Bate as doiradas plumas um Idyllo.

O' milagre da frauta mantuana!
Tomam a forma humana
A' musica divina as bellas flores,
E o vergel fica nú...

Cravo os olhos naquelles esplendores:
Não são flores—es tu!

III

Eu quizera ser Pan para ser tudo!
Tomára á abelha a forma caprichosa,
E mudara-te em rosa
D'esse teu corpo o candido velludo.

Depois, brilhante e mudo,
Voltejanlo em bucolico folgado,
Bejara-te em segredo,
Tão delicadamente, que outras flores,
Tendo p'ra nós os calices attentos,
Não me vissem os brandos movimentos
Das azas multicores.

Então, minh'alma em beijos te daria,
Minha aurora de amor! Sol do meu dia!

Setembro 15, de 1885

FILINTO D'ALMEIDA.

CARTAS DE LISBOA

Uma gravura publicada num dos ultimos numeros do *Occidente* dá-me ensejo para falar hoje aos leitores da *Semana* de um artista de grande merecimento, comquanto seja pouco conhecido do publico.

A gravura de que falo representa o projecto de um tumulo para os restos de Camões, e é trabalho do sr. Alberto Nunes, professor da escola de bellas artes de Lisboa.

Apezar de alguns dos seus trabalhos terem sido publicados pela gravura, e de ser o auctor de uma das estatuas que adornam o monumento da independencia, na avenida da Liberdade, o sr. Alberto Nunes é quasi desconhecido mesmo do publico letrado, e o seu talento é somente apreciado por um pequeno grupo de artistas e amigos que lidam com elle mais intimamente.

Artista de coração, franco e sincero nas suas opiniões, comprehendese perfeitamente que elle viva num quasi isolamento, a sós com os seus projectos e com meia dúzia de amigos, e mais temido que procurado pelos seus collegas, nos quaes, como é natural numa terra pequena e sem tradições artisticas, os talentos não abundam. Artista convicto, pondo os interesses da arte primeiro que os interesses pessoaes, consolando-se e fortalecendo-se com a idéa de que o verdadeiro talento é sempre reconhecido e galardoado, ainda que ás vezes tarde, o sr. Alberto Nunes é incapaz de procurar a recompensa devida aos seus esforços por meios menos dignos da dignidade da arte, não procura impor-se por meio de reclames mais ou menos indirectos ou estapafurdios, hoje empregados por tantos artistas, mesmo de talento.

Lá vae trabalhando sempre, fazendo projectos sobre projectos, que egualmente vae arrumando pelos cantos do atelier, uns atraz dos outros. Excessivamente modesto, de maneiras simples, ninguem dirá ouvindo-lhe o falar despretençioso e *bon enfant*, ou vendo-o passar com o seu grande sobretudo preto, ar grave de velho prior, e um pouco curvado, ninguem dirá que de baixo d'aquelle estofo vae o artista de talento que fez a *Poesia lyrica*, o projecto de frontão para o asylo do Rato, e o *Genio da Independencia*, tres obras das quaes bastava uma só para fazer uma reputação de escultor.

A sua ultima obra, o projecto de que falei, lembrou-se elle de a fazer um dia que foi aos Jeronymos e vio lá os ossos que, pelo tri-centenario de Camões, para ali foram transportados, ainda no mesmo caixote de madeira e no mesmo sitio em que então ficaram, n'uma capella lateral da igreja, comquanto no programma d'aquella grande festa nacional se declarasse, como um dos prin-

cipaes artigos, o dar sepultura condigna aos ossos de Camões.

Para diminuir difficuldades da parte dos poderes publicos, lembrou-se o artista de aproveitar para lugar do tumulo um dos arcos que ha naquella capella, onde já estão outros tumulos, porque d'esse modo vé-se só uma face do monumento, e nossa conformidade fez o seu projecto, que agora foi dado á estampa pelo *Occidente*, acompanhado-o um artigo do meu amigo Monteiro Ramalho.

Do projecto direi que de todas as obras do seu auctor e esta a que eu julgo a primeira.

O tumulo é em estylo Renascença e compõe-se de um pedestal rectangular, em que assenta a urna que deve conter os restos de Camões. Na urna está sentada a figura do *Genio*, representado por um adolescente, nú e de azas abertas, em attitude pensativa, tendo nas mãos os attributos do homem de letras — penna e papel. A' sua esquerda, a figura da *Posteridade*, representada por uma creança empunhando uma trombeta voltada para o chão, adeanta-se para coroar o *Genio*, cumprindo a missão de que a incumbio a humanidade de pagar as dividas de gratidão aos seus filhos dilectos.

O monumento é simples, mas d'uma grande elegancia e harmonia de linhas. As figuras são correctamente desenhadas e o conjunto muito harmonioso. Mas, em minha opinião, bastava a figura do *Genio* para que um paiz medianamente educado não deixasse perder uma occasião como esta de possuir uma obra d'arte de que se poderia orgulhar, encarregando immediatamente o auctor de pôr o seu projecto em execução. A estatua do *Genio*, pela belleza serena das linhas e pela impressão admiravelmente achada da *pose*, é uma das melhores inspirações do artista, e deve ser, convertida em monumento, uma obra digna do talento do seu auctor e inteiramente á altura da missão a que é destinada.

Resta agora ver se o governo é d'essa opinião, e se o projecto segue o caminho de outros que estão arrumados no atelier do artista. O Sr. Monteiro Ramalho lembra a idéa de uma subscrição publica para que contribuam todas as pessoas que tomaram parte no cortejo civico do tricentenario, ou que o presenciaram. A mim parece-me vergonhoso o dizer-se algum dia que o governo portuguez não tem dinheiro para pagar um monumento modesto para guardar as cinzas de Camões.

Mas é certo que é mais vergonhoso ainda que nem o governo portuguez nem os portuguezes paguem esse monumento, poucos annos depois das festas de 1880.

E' curioso lembrar que um governo que diz não ter dinheiro para obras d'arte e dá todos os annos premios de contos de réis aos cavallos que mais correm, mandou ha pouco comprar 500 exemplares da obra do Sr. Francisco Gomes d'Amorim—*Garret; memorias biographicas*—... para as bibliothecas populares. Não é máu um presente de 2:500\$000, hão de concordar. Ahi está o que nunca apanharam nem A. Herculano, nem o proprio Garrett, nem os Srs. Theophilo Braga, Camillo Castello Branco, Oliveira Martins, Joaquim de Vasconcellos, Adolpho Coelho, nem o proprio João de Deus, que fez a *Cartilha Maternal*.

A proposito de João de Deus, uma observação e uma noticia.

Sabem que o Sr. D. Antonio da Costa—além de ser um escriptor muito estimado e de os seus livros se venderem pelo

dobro do preço, pouco tempo depois do seu apparecimento,—é um dos que mais têm trabalhado pelos progressos da instrução nacional.

Ainda ha pouco sahio a 2ª edição da sua obra publicada o anno passado: *Auroras da instrução pela iniciativa particular*. Pois nesse livro não ha um capitulo para João de Deus! O auctor da *Cartilha maternal*, essa obra extraordinaria, a mais revolucionaria talvez que se escreveu neste seculo, não tem ali o seu nome senão incidentalmente, ao lado de qualquer Simões Raposo!!

Agora a noticia.

Tive ha pouco nas mãos as provas de uma nova edição dos versos do auctor das *Flores do campo*, que está correndo na imprensa nacional. Esta edição é offerecida ás senhoras de Abrantes, e deve conter todas as suas poesias, exceptuadas as satyricas.

Envio-lhes uma das menos conhecidas, e que só appareceu numa publicação pouco lida.

Para breve lhes prometto uma inteiramente inedicta, expressamente feita para a *Semana*.

A academia de bellas-artistas de Lisboa adquirio ha pouco para o Museu Nacional, por 20 libras, um magnifico desenho por Joaquim Carneiro da Silva, artista pouco falado, mas que neste desenho revela bastante merecimento. O desenho representa as festas do casamento de D. Maria I, e é especialmente curioso pelos costumes.

Joaquim Carneiro da Silva é o artista que gravou a conhecida estampa representando o monumento de D. José por Machado de Castro.

E' pena que a academia pratique acção desta ordem... tão poucas vezes. Mas quem não tem dinheiro... não paga nada.

Está finalmente á venda a *Velhice do Padre Eterno*. E' indescritivel a anciedade que havia em ver a obra, desde que principiou a correr que estava por dias o seu apparecimento. Apesar de estarmos em maré de assumptos interessantes, pode affirmar-se que a obra de Guerra Junqueiro é o assumpto principal. D'onde se vé que as batalhas da intelligencia são muito mais importantes do que as batalhas campaes, e que o auctor da *Velhice do Padre Eterno* nos preoccupa muito mais do que o Sr. de Bismarck.

Na proxima carta lhes falarei de outros livros que se esperam ou appareceram ha pouco. Vamos por agora ler o nosso grande Guerra Junqueiro.

Lisboa, 27 de Setembro de 1885.

EMYGDIO MONTEIRO.

A BORBOLETA

(LUIZ RATISBONNE)

— Oh! que gentil borboleta!

Azul, escarlata e rosa!

Diz o pequeno Arthur. Se ella ficasse quieta!

Hei de apanhal-a!

Logo, em luta furiosa,
Sem respirar, correndo atraz da flor alada,
Consegue aprisional-a. Ia gritar: Victoria!

Quando vio que matara a linda malfadada.

Então, da luta ingloria,

Cansado, eil-o a chorar.

Até que o seu papá o pôde consolar.

Chamava-se Ventura
A iriada borboleta.
Correm-lhe após: inquieta,
Voa da terra ao ceu,
Brilhante, aerea, pura...
Alcançam-na:—Morreu!...

(Comedia Infantil)

ADELINA A. LOPES VIEIRA.

SPORT

As corridas do ultimo domingo, dadas pelo *Derby-Club*, estiveram na altura d'essa muito distincta sociedade.

Os dois pareos *handicap* (o 1º e o 8º) não devem occupar nossa attenção e o mesmo diremos do 3º, em que *Reyalia* venceu, batendo-se contra dois *bacarmartes*.

O 2º pareo já precisa de analyse. *Sylvia II* em 167 segundos e no freio, foi a primeira a acabar os 1600 metros. *Speciosa* não quiz aborrecel-a e *Garibaldi* tambem nisso concordou. Fizeram beni; perderiam provavelmente e mesmo que se esticassem.

Carmen revelou-se no 4º pareo (1450 metros) muito bom animal. *Sibylla*, embora d'esta vez vencedora, deve ter ficado com a pulga na orelha. Não fosse a pericia do Lourenço Alcoba e haveria um desapontamento geral.

Speciosa em 65 segundos (1000 metros) venceu com dificuldade *Saphira*. *Gaudriole* soube aproveitar a lucta e chegar embolado em 3º lugar.

Foi bem disputada a corrida entre *Comtesse d'Olonne* e *Damietta*, vencendo a primeira os 2400 metros em 162 segundos, tempo magnifico e que dá a ambas diploma de animaes superiores. O Rocha (jockey da *Comtesse*) montou-a sem clicote.

A grande attracção do dia, os 3200 metros e 4:000\$ ao vencedor, pertenceu a *Boreas*, montado pelo Rocha, que habilmente o conduziu, fazendo-o dar o tempo esplendido de 225 segundos. *Talisman* fez muito boa carreira, chegou em segundo lugar e talvez pudesse ganhar se não fosse tão forçado a tomar o meio da raia. *Macaréu* deixou todos brigarem e aproveitou as forças para alcançar o 3º lugar. *Pery* correu na frente, á toda, mais de 2500 metros e matou-se; o velho Luf não teve a necessaria força para regral-o. *Tabajara*, montado por Manoelzinho, desempenhou bem sua missão de proteger *Pery*.

O programma para as corridas de amanhã no *Jockey-Club* é dos melhores, encerrando pareos muito duvidosos.

O tiro de quasi todos, sendo de 1600 metros, nos deverá mostrar entre todos os animaes inscriptos o que dispõe de maior velocidade.

Desejamos uma enchente real.

CANTER.

CRITICA SCIENTIFICA

Recebemos dos Srs. Lombaerts & C., o fasciculo 1º do trabalho do Sr. Dr. Vieira de Mello: *A febre amarella perante os factos*.

O nome laureado do seu auctor, o titulo do folheto e o interesse que pela sua leitura nos pedem os conceituados editores, obrigaram-nos a estudar com muita attenção o trabalho, do que resultou o desejo de fazermos uma pequena critica, com a devida venia do Sr. Dr. Vieira de Mello.

Quem, como S. S., sempre dedicado ao estudo da sciencia medica, em que se tem revelado proficiente e habil, dá á publicidade um trabalho cheio de idéas novas e susceptíveis de serem batidas, não deve extranhar a contestação que aos milhares talvez iam desenrolar-se no campo da imprensa.

Seremos nós os unicos a contrariar o Sr. Dr. Vieira de Mello? Não acreditamos, porque S. S. tenta fazer uma revolução nas idéas scientificas, que reinam ha muito sobre a febre amarella, sendo até cruel e mão para os seus collegas, que têm se esforçado e trabalhado para fazer desaparecer da nossa querida cidade esse flagello que tanto a compromette.

Ao contrario de S. S., reconhecemos dedicacão e estudo na classe medica, que nos tem demonstrado exuberantemente o interesse pela investigação da causa d'essa entidade morbida, que, para infelicidade nossa, conseguiu acclimatar-se aqui.

Se nada se tem podido obter, não é culpa d'esses verdadeiros amigos da humanidade, mas sim da descrença, do desanimo, da incredulidade e da opposição *systhematica* que a inveja e o egoismo muitas vezes fazem surgir.

No seu trabalho sobre a *febre amarella perante os factos* o illustrado Sr. Dr. Vieira de Mello é exagerado nas idéas e, querendo fazer prevalecer as suas doutrinas, crimina o procedimento dos seus collegas, e dirige-lhes pesadas expressões.

Para que ás suas idéas, porém, se firmassem com toda a convicção no espirito de quem o lê, seria preciso que o trabalho elaborado por S. S. fosse a expressão da verdade e inatacavel por qualquer dos lados.

Para que S. S. pudesse ser tão cruel para a classe medica, seria necessario que as doutrinas que expende fosse a ultima palavra da sciencia.

Mas assim não acontece.

No presente fasciculo, em que ha apenas o 1º capitulo (*febre amarella ou impaludismo?*) as idéas accumulam-se de um modo erroneo, como vamos tractar de demonstrar.

DR. SAHEN.

“DEUS & FILHO”

Trouxe-os á terra brasileira o previdente intuito de prepararem seguro abrigo, para quando os varresse o temporal crescente da civilisação européa.

Trouxe-os o ideal de erguerem nestas terras novas grandes feitorias bentas, para compensarem a crise que os asserberba no velho mundo.

A sancta empresa,—denunciada com a firma que tonei para epigraphe, pelo coruscante verso de Guerra Junqueiro,—mandou emissarios a esta porção do mundo que se lhe afigurava um mundo inteiro, para firmar a suzerania combalida.

Esplendida conquista:—immensa a terra, escassa a população, e boa, e crente.

Olympico favorio levou-os ao outro lado da bahia: deu-lhes o povo bençãos, casa e vidualhas. E numa expansão de amor e de confiança, entregou-lhes os filhos, as pobres creancinhas, para naquelles cerebros, cheios de alvorradas, cavarem negruras de creença malsinada. Assim entraram os Salesianos.

E' realmente estranhavel a indifferença com que foram recebidos.

Nem um grito dos que se presumem vedetas da liberdade!

Dir-se-ia que do seio d'esta terra, soberba de vida physica, escapa-se fluido entorpecedor. Que d'essas matas sombrias, das flores das campinas, d'essa natureza opulenta, luxuriosa, sahem emanacões torpes, sollicitações impudicas, a entibiarem a vontade, embriagando o pensamento, chamando o corpo ao goso. Que o excesso de vigor physico, de seiva poderosa da natureza, age hostilmente contra o homem e torna-o amollentado, levando a benevolencia ao crime, a indifferença á ruina do seu pudor e dos seus foros.

Quando a sciencia considera o padre o peor dos mestres, quando o interesse das gerações futuras leva os povos independentes a expulsarem o educador ecclesiastico; quando o estado de hesi-

tação em que ainda se vê o mundo ho-
dierno,—essa difficuldade em ganhar in-
teiro, arregimentado, a larga estrada
do progresso positivo, seguro, humano,
vem do seu passado theologico, vem
do seu quasi-presente metaphysico;—os
salesianos encontram largo asylo em
terras brasileiras!

Possuidor de escravos, e unico a en-
vilecer-se com tão ruim fortuna, o
paiz entrega-se aos padres: marcantes
de um governo vindouro.

Ha logica nessa degenerescencia.

Quando a provincia do Rio de Janeiro
vé de perto a ruina, quando a sua di-
vida amontoadá nem ao menos consente
amortisação seguida, quando emmagre-
cem os mananciaes de renda, surge
na assembléa provincial o projecto de
subvencionar annualmente o collegio
dos Salesianos!

A noticia d'esse gravame aos cofres
provinciaes não acordou opposições.

«Deus & Filho» registra mais um
lucro.

Tartufo,—manso no gesto, educadas
as palpebras para occultarem impru-
dencias do olhar, a bocca sorridente,
unctuosa a palavra,—ainda uma vez
triumpha!

CYRO DE AZEVEDO.

THEATROS

Borghi-Mamo, Sthal, Addini, Tama-
gno, Marconi, Duse-Checchi, Andó,
Rossi, e outros e outros artistas que
tanto applaudimos, não são hoje mais
do que saudosas recordações. Partiram
todos!

Depois de uma quadra de opulencia
—franciscana pobreza.

O velho e estimavel Simões partio
tambem com a sua companhia, que é
bem supportavel.

O Heller ainda peregrina por S.
Paulo.

O Recreio Dramatico, atravancado
por massantes *kermesses*, não trabalha.

Apenas o Circo com os seus conhe-
cidos trabalhos—antes o fossem um
pouco menos!—apenas o Circo offerece
algumas horas de diversão aos que não
gostão de passar as noites na botica,
politicando com os compadres e visi-
nhos ou jogando a bisca em familia.

Não ha outro remedio senão ir ao
Polytheama.

Valha-nos Frank-Brown!

Montedonio e Martins estão organi-
sando companhias:—aquella uma de
dramas e peças topetudas; este uma
de comédias e peças nacionaes.

Para aquella foi contractada a dis-
tincta e estudiosa actriz Helena Ca-
valier, que se desligou da empresa do
Recreio; o que ha de atrapalhar bas-
tante o *Recreio*, *ca va sans dire*.

Serão felizes Montedonio e Martins?

Se o não forem não será porque o
não desejemos sinceramente.

Arthur Azevedo e Moreira Sampaio já
começaram a tratar da revista do anno
de 1885.

O Heller e o Braga Junior dispu-
tam-na para as suas respectivas com-
panhias.

A recita, ao quo parece—encantada,
dos traductores da lenda tragica de
Echegaray—*No seio da morte*, terá logar
com esta peça no dia 7 ou 8 de Outubro
proximo.

Os ditos traductores de Echegaray
vão começar a verter em vernaculo a

a ultima peça d'aquelle auctor:— o
drama em 3 actos, em verso, *Vida alegre
e morte triste*, que fez em Madrid colos-
sal successo, superior ainda ao do *Gran
Galeoto*.

O doutor Luiz de Castro, redactor
chefe do *Jornal do Commercio*, acaða de
escrever a letra para uma cançoneta
comica que será proxivamente cantada
em um dos nossos theatros por estimado
actor de comedia.

Intitula-se *Escaravelho* a cançoneta e
tem entre outras estas interessantes
quadrinhas:

« Minha questão é sómente de di-
nheiro
Pois que com o dinheiro tudo se faz
neste mundo;
Respeito quem for commendador e con-
selheiro
Mas contra os pobretões sou sempre
iracundo.

Chamam-me—doudo
Chamam-me velho;
Engana-se o mundo todo
Eu sou o *Escaravelho* »

O Sr. Dr. Luiz de Castro é, como se
sabe, o auctor da applaudidissima peça
Os amores de Roberto, de que, como tam-
bem é sabido, extrahio Sardou a sua
famosa *Theodora*.

Por isso e por serem lindissimos os
versos da cançoneta, como se pode
avaliar pela amostra que demos acima,
não julgamos exorbitante o preço de
duas patacas, pelo qual foram elles
vendidos pelo illustre poeta e come-
diographo ao referido actor.

Estamos anciosos porouvir o *Escaravelho*,
augurando-lhe nunca visto suc-
cesso.

PEDRO THALMA.

FACTOS E NOTICIAS

« O DOMINGO »

Começou a publicar-se em S. João
d'El-Rei, na provincia de Minas, um
periodico com o titulo *O Domingo*.

São seus redactores os Srs. Jorge Ro-
drigues e José Braga, dois moços de
talento, já experimentados nas luctas do
jornalismo.

O novo jornal mineiro adoptou um
programma exclusivamente litterario,
e promete aos seus leitores: littera-
tura amena, critica litteraria, theses
scientificas ou sociologicas, questões
que se possam discutir em face da Lei
e da Verdade, noticia do que apparecer
de novo e de bom no mundo das letras;
poesias, anedotas, charadas, etc., etc.

E' um jornal que tomou por modelo
A Semana, conforme o seu artigo inicial
declara nas seguintes linhas:

« Quando appareceu na córte *A Se-
mana* e desenvolveu o seu brilhante
programma, nasceu-nos um desejo ar-
dente, que aos poucos foi-se tornando
vontade inquebrantavel, de fundar na
provincia um periodico que seguisse
aquella mesma orientação.

Num meio tão diverso e baldos dos
recursos mais imprescindiveis para em-
presa de tal especie, ser-nos-ia impos-
sivel offerecer as vantagens de que
hoje dispõe a folha de VALENTIM MA-
GALHÃES. Fizemos, todavia, tudo o que
podiamos fazer para que o nosso em-
prehendimento se iniciasse com o mais
que pudessemos conseguir aqui.»

Este facto desvanecese-nos profunda-
mente, e não temos senão que felicitar-
nos por havermos inspirado uma tão
bella idéa, que, realisada agora, muitos
e fecundos resultados promete.

O Domingo, tanto quanto se pôde ver
do seu primeiro numero, é um jornal
bem feito e bem escripto, interessante
e variado.

Enviando ao collega. ao qual já nos
ligam estes laços da egualdade de in-
tuídos e de fins, os nossos sinceros cum-
primentos, desejamos-lhe vida prou-
gada e feliz.

20 DE SETEMBRO

Chega-nos de S. Paulo o n. 16 de
Il Garibaldi, de que é proprietario e re-
dactor o Sr. F. Turchi.

Este numero é dedicado ao 20 de Se-
tembre de 1870, data em que Garibaldi,
entrando em Roma com suas tropas,
derrubou heroicamente com sua pode-
rosissima espada o poder temporal do
Papa, e a Liberdade, alteando-se por
sobre a patria das Artes, illuminou não
só a velha capital do mundo mas todo o
mundo.

A primeira pagina d'este jornal traz
um bellissimo retrato de Garibaldi.
Nas outras paginas ha artigos firmados
por distinctos escriptores, italianos e
brazileiros.

A *Confederazione Italiana di Rio de
Janeiro*, realizou sabbado passado no
theatro de S. Pedro de Acantara uma
bella festa, commemorativa da entrada
das tropas italianas em Roma e da
queda do Poder Temporal do papa.

Depois de falar o presidente da *Confe-
derazione* sobre a data gloriosa para a
patria de Garibaldi, esse guerreiro
ousado que assombrou o mundo, toma-
ram a palavra diversos cidadãos illus-
tres e teve logar um magnifico con-
certo, apos o qual dançou-se até adian-
tada hora da noite.

Foi uma festa digna de elogios.

No theatro Lucinda, teve lugar no
sabbado a sessão solemne em com-
memoração do 50º anniversario da revo-
lução rio-grandense.

Aos distinctos moços que fazem parte
do Club Republicano rio-grandense de-
ve-se a realização de uma festa que
muito agradou e em que bastante so-
bresahiram todos aquelles que nella
tomaram parte.

Entre as pessoas que pronunciaram
discursos achavam-se o nosso collega
José do Patrocinio e o deputado repu-
blicano Campos Salles.

O digno presidente do Club fez num
bello discurso a historia da revolu-
ção, seguindo-se-lhe o orador nomeado,
que pronunciou uma brilhante allocu-
ção.

Muitas distinctas senhoras occupa-
ram camarotes, bem como diversos
membros do partido republicano d'esta
capital e representantes do mesmo no
parlamento.

Depois de muito esperadas e dese-
jadas, realizaram-se, finalmente, no
domingo as regatas na esplendida bahia
de Botafogo, perante uma concurrencia
numerosissima, que occupava quasi
todo o extenso caes que vae desde o
final da rua do Senador Vergueiro até
o Hospicio de Pedro II.

O Club de Regatas Guanabarenses,
como costuma, deu-nos umas regatas
excellentes, cujo programma e resultado
não damos por nos faltar espaço.

A' noite, no salão do Club, estando
presentes muitas distinctas senhoras e
muitos distinctos cavalheiros, impro-
visou-se uma *soirée*, dançando-se ani-
madamente até adiantada hora da noite.

Dois violeiros paulistas, tangeram
nos seus saudosos instrumentos varias
peças de musica admiravelmente exe-
cutadas.

Parabens ao Club de Regatas.

Recebemos um convite da Sociedade Portuguesa de Beneficencia para assistirmos á solemnidade que ali deve realizar-se domingo, ás 10 horas da manhã, commemorativa da inauguração do hospital, com missa solemne e inauguração das estatuas do infante D. Henrique e Pedro Alvares Cabral. Agradecemos.

TRATOS Á BOLA

Apenas cinco *tratistas* nos mandaram d'esta vez cartas contendo decifrações. São estes os seus nomes: *Martinho d'Aras, Joãozinho, Fricinal Vassico, Syaloio e Josephina B.*

O Sr. *Martinho d'Aras* teve espirito, teve mesmo muito espirito, porém não lhe damos o premio porque não acertou.

O seu soneto está bom e interessante, mas a idéa de nos fazer pagar 200 rs. pela sua carta sem sello, é que não é boa nem interessante, carissimo Sr. *Martinho*.

Tem direito ao premio o Sr. *Syaloio*, que, apesar de não ter muita graça nos seus versos, teve a ventura de saber dar *tratos á bola*.

Póde vir buscal-o quando quizer e veja como é bom!

Um exemplar do *Holocausto*, magnifico romance do Dr. Pedro Americo.

O Sr. *Joãozinho* nos mandou umas cousas feitas á lapis, que não nos foi possível entender.

Aquilo que o amigo *tratista* pintou será um banco de carpinteiro?

Fricinal Vassico e *Josephina B.* d'esta vez estiveram infelizes; mas não desanimem em todo o caso.

Eis as decifrações: das invertidas—*Lapa* e *Bola*, da ante-posta—*Poema*, das telegraphicas—*Ballada* e *Pomada*, da quebra-cabeças—*Amazonas* e da em quadro:

CASA
AMOR
SOTA
ARAS

Agora, *tratistas*, preparem-se para as de hoje. Eil-as:

ANTE-POSTA

4— Peão, pagai-o, acho tal luz.

INVERTIDA

2— O infinito d'este verbo invertido é difficil de encontrar.

NOVISSIMAS

2—1 No matto, no matto e no jogo.

1—2— Não fica no entrudo com esse barrigudo.

ANTIGA

Tu muito claro e rapido

No leito me verás—2

Porém sou na grammatica

Preposição, não mais—1

Tanta demora mata-me!

Apressas isto ou não?—1

Que eu sou rapaz da padenga,

Perfeito maganão!—1

Si áquella má juntares

Terrinha sou de truz;—1

Pois sou cidadão esplendida

Da bella Santa Cruz.

QUEBRA CABEÇAS

Iynez, Urias, Ursino, Aprigio, Narico, Alonso, Tancredo, Tiburcio, Guadencio, Raymundo, Gonçalo, Ataulpho.

Colocar estes nomes em columna, de modo que, com as suas iniciaes se forme o nome de uma terra brasileira.

Desistindo da victoria por espirito daremos como premio ao primeiro decifrador um exemplar dos *Quadros e Contos* de Valentim Magalhães e ao segundo um exemplar das *Fanfarras* de Theophililo Dias.

D. PASTEL.

RECEITAS CULINARIAS

CROQUETTES DE COUVE-FLOR

Faça-se ferver uma couve flor até que fique bem cozida, mas inteira, corte-se depois em pedaços do tamanho de uma noz, deite-se num prato, untando-os de manteiga e levem-se ao forno até que fiquem loiros.

Pouco antes de serem servidos, devem os pedaços ser lançados em um prato que contenha a massa, e, retirando-se estes com uma colher, façam-se frigar em banha bem fresca e logo que estejam dourados tirem-se do fogo e polvilhem-se ligeiramente de sal.

Massa para os croquettes:

Deite-se em agua fria uma quantidade sufficiente de farinha, adicionem-se-lhe duas gemmas de ovos e bata-se tudo bem batido; num outro prato bata-se as claras e ajunte-se a massa, que deve ser espessa, onde se devem lançar os croquettes.

CABRION.

RECEBEMOS

— *O Orgulho*, versos do Sr. J. M. Cardoso de Oliveira, publicados no Recife. Aguarda-os a secção competente.

— *O Mequetrefe* n. 385. D'esta vez o collega sahuiu-se. Estampou logo na primeira pagina o Sr. Cotegeipe, fugindo do projecto Saraiva na figura de um homem trucidado. Apresenta-nos varios typos salientes que percorreram as ruas nas festas do dia 7. O texto, como sempre, ma

— *A Vespa* n. 30. A colleguinha não ficou aquem do *Mequetrefe*. Sahuiu-se tambem. Tem aquelle espirito que lhe é peculiar e muito principalmente na pagina em que nos dá a estatua do patriarcha da Independencia, passando por uma limpeza de esponja e navalha. Quanto ao texto, so temos a dizer que nada deixa a desejar.

— *La mod'illustrée* e *Le Salon de la mode*, n. 35^e journal de modas da casa dos Srs. Henri Nicoud & C.

— *Folha do Commercio*, anno I, n. 1. Desajamos ao novo collega uma existencia venturosa e prolongada.

— *Revista Illustrada* n. 117. Bom texto e magnificos desenhos. Magnificos desenhos sim, porque o Angelo é sabido que para estas cousas tem um geitinho especial.

— *O Casamento mizto* do Dr. F. P. de Lacerda Werneck—Recife.

E' importantissima a questão de que se occupa este livro e d'ella trataremos.

— *União Medica*—Revista mensal dos Drs. Moncorvo, Silva Araujo e Vieira de Mello; fasciculo 9.

— *Apontamentos sobre abastecimento d'agua e desapropriações*, pelo Dr. Americo dos Santos.

— *A Illustração*, 2^o anno, n. 16. Traz, como sempre, gravuras escolhidas, primorosas, e texto excellente.

Recommendamos especialmente um admiravel artigo de Eça de Queiroz sobre Victor Hugo.

— *Jornal das Crianças* n. 4. Interessante comó sempre.

— *Revista de Engenharia* n. 121.

— *Tratado Elementar de Philosophia* por Paulo Janet. D'esta importante obra nos occuparemos breve.

De Paris:

— *Le Revolté* ns. 7 e 10.

— *La question sociale*, revista das idéas socialistas e do movimento revolucionario dos dois mundos; 7^o numero. Figuram neste numero, alem de outros intransigentes, L. Blanqui, Elisée Reclus e Luisa Michel com uns versos mediocres. E' *La Question sociale*, no genero, uma excellente publicação.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Dr. Henrique de Sá — Espec. Syphilis e molestias das crianças. Con. sultorio:—rua Primeiro de Março, 22 e rua da Imperatriz 29 (Largo do Deposito).

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Portuguez, francez e Inglez — Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

CASA DO SOL

(ANTIGA DA RUA DO ROSARIO)

A 36\$, 40\$ e 50\$, cada uma capa de seda ricamente enfeitada—ditas de grenadine com vidrilho a 7\$—Saias bordadas a 2\$500, 3\$ e 4\$—Meias para meninos a 3\$, 3\$500 a 5\$, duzia.—Botões de velludo de cores 600, duzia—Barbatanas superiores a 600, duzia—Grande sortimento de rendas—Nanzuk superior a 600, 800 e 1\$, metro.—Recherche branco de lindos bordados a 800.—Cretonne francez para lençoes a 700, 800, 900, 1\$ e 1\$200.—Chitas trançadas para

colchas a 500, 700 a 1\$200.—Zephir estampado a 140.—Velludo grenat de cordão a 3\$.—Punhos de linho para senhora, a 2\$400, duzia.—Camisas bordadas para senhora 2\$3000 e 3\$3000.—Meias francezas superiores a 10\$ e 12\$.—Ceroulas de linho para homem a 36\$ e 40\$.—Camisas de puro linho superior a 45\$, 50\$, 55\$ e 60\$.—Collarinhos de linho fino a 6\$500 a 12\$.—Ceroulas de cretonne trançado a 1\$8000.—Chales-mantas de casemira

para meninos a 8\$.—Merinó preto cachemire superior a 1\$400, 1\$600, 1\$800, 2\$ e 3\$.—Cassa de lã preta a 600 e 700.—Brim hamburguez superior com 30 metros para fronhas e toalhas a 19\$, 24\$ e 27\$.—Fitas de velludo preto a 400, 500, 600 a 800, peça.—Brim de linho francez para lençoes com 9 e 10 palmos a 2\$800 e 3\$200 e um completo sortimento de fazendas que só se vendem muito barato e encarrega-se de remetter a seu destino.

97 RUA DA QUITANDA 97
ENTRE AS RUAS DO HOSPICIO E ALFANDEGA

JOCKEY-CLUB

PROGRAMMA DA CORRIDA DE 27 DE SETEMBRO DE 1885

NO PRADO FLUMINENSE

ÀS 11 1/2 HORAS EM PONTO

Primeiro pareo—MAJOR SUCKOW—1,609 metros—Inteiros e eguas do paiz, de meio sangue, que não tenham ganho—Premios: 400\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo—Inscrição 20\$000

Nº.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORFS DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Boiardo	Alazão.	4 annos	S. Paulo	51 kilos	Branco e estrellas azues	M. P.
2	Alteza	Libuno	5 »	Idem.	52 »	Branco e encarnado.	Oliveira Junior & Lopes
3	Marengo	Vermelho.	5 »	Idem.	54 »	Vermelho	Coudel. Rio-Grandense.
4	Italia.	Idem.	3 »	Idem	46 »	Verde e amarello	Souza Liberal

Segundo pareo—FERREIRA LAGE—1,609 metros—Inteiros e eguas nacionaes de meio sangue—Premios: 500\$ ao primeiro e 150\$ ao segundo—Inscrição 25\$

1	Regalia.	Vermelho.	5 annos	S. Paulo . . .	54 kilos	Encarnado e ouro	J. B.
2	Americana.	Tordilho . . .	3 »	Rio de Janeiro	48 »	Branco e preto .	A. Beirão.
3	Guanaco	Alazão tostado.	9 »	Paraná	54 »	Vermelho . . .	Coudel. Rio-Grandense.
4	Douro . .	Alazão.	6 »	Rio de Janeiro	53 »	Verde e ouro . . .	J. L. da Costa.
5	Sartarelle	Preto	5 »	Paraná	60 »	Encarnado e preto	J. W.

Terceiro pareo—INTERNACIONAL—1,609 metros—Animaes de todos os paizes—Premios 1:000\$ ao primeiro e 200\$ ao segundo—Inscrição 100\$ para estrangeiros e 50\$ para nacionaes,

1	Speciosa .	Alazão.	3 annos	Inglaterra .	51 kilos	Branco e estrellas azues.	E. M.
2	Françoise	Idem.	3 »	França	51 »	Branco e encarnado	Oliveira Junior & Lopes.

Quarto pareo—SUPPLEMENTAR—1,000 metros—Animaes até 3 annos—Premios: 500\$ ao primeiro e 150\$ ao segundo—Inscrição 50\$000

1	Gazida . .	Alazão.	2 annos	França . . .	47 kilos	Verde, amarello e faxa.	Souza Liberal.
2	La Ferthé	Alazão.	2 »	Franci . . .	47 »	Verde e amarello. . .	Coudel. Independencia.
3	Fanfaron	Alazão.	3 »	França	53 »	Branco e encarnado. . .	Oliveira Junior & Lopes
4	Speciosa.	Alazão . .	3 »	Inglaterra .	52 »	Branco e estrellas azues. .	E. M.
5	Gaudriole .	Castanho .	2 »	França	47 »	Azul e ouro. . . .	Coudelaria Aliança.

Quarto pareo—GUANABARA—1,609 metros—Inteiros e eguas nacionaes de qualquer idade e sangue—Premios: 800\$ ao primeiro e 200\$ ao segundo—inscrição 40\$

1	Pery . . .	Castanho esc.	6 annos	S. Paulo . . .	54 kilos	Violeta e branco	M. U. Lemgruber.
2	Tabajara .	Alazão . .	5 »	Idem. . . .	58 »	Preto e branco	M. U. Lemgruber.
3	Sans-Souci.	Castanho .	5 »	Minas Geraes	54 »	Branco e estrellas azues .	E. M.
4	Talisman.	Alazão . .	6 »	S. Paulo	60 »	Azul, branco e encarnado	Coudelaria Cruzeiro.
5	Sylvia II.	Idem. . . .	4 »	Idem	55 »	Azul, branco, enc. e facha.	Idem.
6	Macareu .	Alazão tostado.	4 »	Idem	51 »	Ouro e facha	Freitas Guimarães.

Quinto pareo—YPIRANGA—1,609 metros—Inteiros e eguas nacionaes de 3 annos, não podendo ser inscriptos os que se inscreverem no pareo GUANABARA—Premios: 800\$ ao primeiro e 200\$ ao segundo—Inscrição 40\$,

1	Mandarim .	Rosilho . .	3 annos	S. Paulo. . . .	50 kilos	Grenat e ouro.	M. da Cunha Lima.
2	Aurelia	Alazão . .	3 »	Rio de Janeiro	46 »	Branco e estrellas azues .	Antonio Eug. de Oliveira
3	Sybilla . .	Zaino . . .	3 »	S. Paulo . . .	48 »	Azul, branco e encarnado. .	Coudelaria Cruzeiro.
4	Eolo . . .	Idem. . . .	3 »	Idem.	48 »	Azul, branco enc. e facha.	Idem.
5	Catana . .	Douradilho.	3 »	Idem.	46 »	Preto e encarnado	J. W.
6	Dora . . .	Alazão . .	3 »	Idem.	48 »	Ouro e facha	Freitas Guimarães.

Sexto pareo—JOCKEY-CLUB—2,000 metros—Animaes de qualquer paiz—Premios: 1:200\$ ao primeiro, e 250\$ ao segundo—Inscrição 120\$ para estrangeiros e 60\$ para nacionaes.

1	Damietta .	Castanho .	4 annos	Inglaterra .	59 kilos	Branco e preto	M. U. Lemgruber.
2	Nand. . . .	Zaino . . .	4 »	Idem	56 »	Violeta e branco	M. U. Lemgruber.
3	Curubaidá.	Idem. . . .	5 »	Idem	57 »	Preto e encarnado	Sociedade Animação.

Setimo pareo—CONSOLAÇÃO—Handicap—1,609 metros—Animaes de todos os paizes e idades—Premios: 500\$ ao primeiro e 150\$ ao segundo—Inscrição 25\$000,

1	Regalia	Vermelho .	5 annos	S. Paulo	62 kilos	Encarnado e ouro	J. B.
2	Electrica .	Alazão . .	5 »	Idem	56 »	Preto e branco	M. U. Lemgruber.
3	Fanfaron	Idem . . .	3 »	França	60 »	Branco e encarnado. . . .	Oliveira Junior & Lopes.
4	Aranha	Idem. . . .	4 »	S. Paulo . . .	51 »	Vermelho	Coudelaria Campineira.
5	Principe Alberto.	Zaino . . .	7 »	Paraná	56 »	Azul e branco.	J. L. da Costa.
6	Douro . . .	Alazão . .	6 »	Rio de Janeiro	58 »	Verde e ouro.	Idem.
7	La-Linda .	Castanho .	5 »	Rio da Prata.	56 »	Preto e encarnado	J. W.
8	Saphira . .	Zaino . . .	3 »	França	60 »	Azul, branco e encarnado. .	Coudelaria Cruzeiro.
9	Africa . . .	Preto . . .	7 »	Paraná	58 »	Encarnado, preto e ouro	J. C.
10	Flora . . .	Castanho .	5 »	Rio da Prata.	56 »	Azul e encarnado	Machado.
11	Neva	Castanho .	2 »	França	48 »	Verde e amarello.	Coudelaria Independen.
12	The witch	Alazão . .	3 »	Inglaterra .	62 »	Enc., preto, ouro e facha.	J. P.

Roga-se aos Srs. proprietarios de apresentarem os seus animaes no ensilhamento ás 11 horas da manhã.

Rio de Janeiro, 21 de Setembro de 1885.

O 2º Secretario, HENRIQUE GERMACK POSSOLLO.

A SEMANA

CORTE

Trimestre..... 28000
Semestre..... 48000
Anno..... 88000

PROVINCIAS

Semestre..... 48000
Anno..... 88000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

SUMMARIO

Historia dos sete dias.....	FILINDAL & C.
Fallecimentos.....	
O Dr. A. H. Leal.....	IGNOTUS
Politica e politicos.....	ORYC.
Poules.....	CATÃO.
Tres sonetos.....	J. M. DO AMARAL.
A palavra e o garfo.....	C. DE AZEVEDO.
Monumento a V. Hugo.....	
Os funeraes de Achilles soneto.....	L. DELFINO.
cofre das graças.....	BIBIANO.
Supplica, poesia.....	F. D'ALMEIDA.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Os ingratos, poesia.....	A. L. VIEIRA.
Theatros.....	P. THALMA.
A vida elegante.....	LORGNON.
Ruinias, soneto.....	J. DE ARUJO.
Factos e noticias.....	
Tratos á bola.....	D. PASTEL.
Receitas culinarias.....	CARRION.
Correio.....	
Recebemos.....	
Anuncios.....	

A SEMANA

Rio de Janeiro, 3 de Outubro de 1885.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Esta semana pertenceu quasi exclusivamente á parca inhumana, a velha ceifeira equalitaria, que decepa irmanamente as vidas dos Wenceslaus Polycarpus e dos grandes homens.

Semana de luto e lagrimas para a patria e para a litteratura, pouco lhe poderemos encontrar que sirva para a alegria despreocupada da chronica; todavia, tentemos, o riso amarello dos melancolicos, já que as impressões dolorosas não nos permitem a gargalhada purpurea dos alegres.

Ainda assim o melhor será não rir nem chorar, substituindo esses dois extremos da expansão humana pelo commentario ligeiro e simples dos acontecimentos.

Temos em primeiro logar o relatorio com que o Sr. 1º delegado de policia, Dr. Silva Mattos, encerrou o inquerito que abriu sobre o incendio do Montepio.

D'esse relatorio conclue-se que o incendio foi proposital, e que o incendiario foi o capitão Henrique Wanderley Muller de Campos, sendo o moel do crime a necessidade de apagar vestigios de outro crime. E' a eterna historia da successão fatal dos delictos.

Entretanto, e apesar de lamentar-mos o infeliz, temos que lhe admirar a originalidade: Foi a primeira vez que soubemos que se pôde apagar alguma cousa com fogo.

Levantou-se de novo a singular questão das pretensões da França á terra do

Amapá, no Amazonas. Desde 1675 que está decidida a questão em favor do Brazil; mas se a França tem sede e quer um copo d'agua do Amazonas, é pouco generoso negar-se-lhe essa obra de misericordia.

E depois, esta questão da terra do Amapá, é uma questão inteiramente sentimental e affectiva; o que se não sabe, entre o Brazil e a França, é qual dos dois paizes mais ama a pá... de terra.

(O leitor tem dez minutos para desmaiar).

Houve nesta semana mais um crime.. perdão, mais uma manifestação de apreço: foi victima o estimado e distincto Sr. engenheiro Dr. Aarão Reis. Os auctores do attentado foram os empregados do telegrapho da estrada de ferro D. Pedro II.

Para tranquillidade dos amigos de S. Ex. sempre diremos que lhe não foi offerecido o classico retrato a oleo; o que lhe offereceram foi um riquissimo anel com uma saphira e cravejado de brillantes. Um dos manifestantes desfechou um discurso sobre o Sr. Dr. Aarão, e este Sr., com verdadeiro dendo, respondeu-lhe immediatamente com outro.

Ninguem ficou ferido.
Parabens.

Tomando por pretexto o contracto celebrado pela camara municipal com o Sr. Morris Kohn, o imperador, pelo ministerio do Imperio passou um tremendo sabão na nossa pittoresca edilidade.

Entre outras amabilidades, disse S. M. que a camara não tinha competencia para conceder privilegios, e que não convem que ella celebre contractos cujo praso exceda o tempo da duração do seu mandato.

Que dirão a isto os valentes edis, representantes directos do povo, investidos dos sagrados direitos da mais democratica das instituições civis?
Apanhar calado...

Por termos escripto essa palavra, lembramo-nos do famoso incidente Calado, que foi resolvido na quinta-feira pelo conselho d'Estado pleno. O representante do Brazil já deve ter sido demetido.

Está salva a dignidade do paiz.

Está na berlinda o Sr. Julio Cezar com o seu balão.

Uma commissão, tendo á frente o Sr. conde d'Eu, formou-se afim de angariar os 15:000\$ de que necessita o arrojado parãense para realizar a experiencia definitiva do seu aerostato.

A proposito de um lisonjeiro artigo a esse respeito escripto pela *Gazeta de Noticias* accendeu-se uma discussão

sobre se o balão Renard e Krebs foi ou não foi *collado* (quer dizer: plagiado em gyria de estudante) do balão *Victoria*, de invenção do nosso patricio. A *Gazeta* e com ella muita gente boa, inclusive a commissão do Club Polytechnico nomeada para dar parecer, entende que — sim; outros, porém, e entre elles o Dr. Carlos Sampaio, o sympathico e joven professor da Escola Polytechnica, concedem apenas que tivessem havido *colla* da forma, pois sustentam que, tendo o balão Renard e Krebs um motor electrico, não pôde ser considerado identico ao do Sr. Julio Cezar.

Questão complicada, em que não nós mettemos... cá por couzas...

Desejamos, sem demora, ao Sr. Julio Cesar os tres 15 contos de que precisa para que desencante e o mundo cante -- *Victoria* e, já que estamos com a mão na massa, felicitamos o audacioso inventor pelos bonitos versos que publicou na *Gazeta* sob o titulo *Sete de Setembro*.

Com que então, também poeta, ein?

E' verdade que de um homem que anda com a cabeça pelos ares não era de esperar outra cousa.

O Sr. barão de Mamoré está-nos sahindo um ministro do imperio *de verdade*, ás direitas, não de papel como quasi todos, mas de carne, papel e osso, como poucos. Tomoa á sua conta a Illustrissima Camara e, graças á sua energia, esta omnipotente senhora *vae ver boia*, sem allusão ao incidente do *Almirante Barroso*.

Além d'isso, tem S. Ex. dispensado todos os funcionarios supranumerarios, para cujos vencimentos não ha verba orçamentaria. «Respeito absoluto ao Orçamento» — é a divisa e o motto administrativo de S. Ex.

Embora desagradavel aos que d'elle soffrem as consequencias, não pôde esse procedimento do Sr. ministro deixar de ser louvado.

E' duro tirar a fatiasinha do proximo, mas se para tal fatia não existe verba consignada no «caderno das compras» do Orçamento, que ha de fazer o dispenheiro senão *cortar* a fatia? Cortar aqui não é synonymo de comer. Antes pelo contrario. Infelizmente para quem a tinha no prato.

FILINDAL & C.

FALLECIMENTOS

Demos em nosso numero passado a tristissima noticia do fallecimento do nosso grande compatriota José Maria do Amaral e temos hoje de noticiar o passamento de outros brasileiros notaveis pelos seus talentos e pelas suas qualidades.

Durante a semana registrou a imprensa o fallecimento dos Srs. Dr. Au-

tonio Henriques Leal, conselheiro Liberato Barroso, Manoel Hilario Pires Ferrão e Dr. Henrique Schutel.

O Dr. Leal occupava o lugar de reitor do Internato D. Pedro II. Acerca das suas qualidades pessoais e dos seus merecimentos litterarios, que foram grandes, damos hoje um artigo especial, devido á estimada penna do nosso illustre collaborador Joaquim Serra, com-provinciano e amigo do inditoso e dedicado companheiro de Gonçalves Dias.

O conselheiro Liberato Barroso era um homem respeitavel pelas suas raras qualidades, quer como homem publico quer como particular; foi deputado em duas legislaturas e escolhido senador, cargo que não occupou por haver o senado annullado a sua eleição. Administrou, ha tres annos, a provincia de Pernambuco, onde fez brilhante figura.

O Dr. Schutel exerceu por muito tempo a clinica em Santa Catharina, de onde ha poucos annos veio para esta Corte, continuando a exercer a sua profissão.

Foi durante muitos annos consul da Suissa no Desterro, e fez grandes esforços pelo desenvolvimento da colonisação suissa.

A's respeitaveis familias dos finados apresentamos as nossas sinceras condolencias.

DR. A. HENRIQUES LEAL

O Dr. Antonio Henriques Leal tinha duas grandes phisionomias litterarias. Era um escriptor classico nos livros que deu á estampa e um jornalista ameno e com todas as *modernices* nas folhas que redigio.

Quem lêsse uma pagina das *Locubrações*, ou do *Pantheon* difficilmente acreditaria que fora escripta pela mesma penna que escrevera alguns dos muitos artigos da *Imprensa* ou do *Progresso*.

Na imprensa periodica o polemista cheio de audacias de estylo e verdadeiro homem do seu tempo; no livro o discipulo dos Barros e Lucena, sempre preocupado com a vernaculidade e o bom cunho da phrase.

O Dr. Leal tinha estudos solidos, e, alem de medico abalizado, era um litterato de primeira ordem.

Pertenceu áquella pleiade de illustres maranhenses, que fulgiram nas letras desle Odorico Mendes até Gentil Braga. Amigo muito particular de Gonçalves Dias, tudo fez, depois da morte do cantor dos *Tymbiras* para engrandecer a memoria do poeta. Escreveu-lhe a biographia mais completa que possuímos, publicou muitas das suas poesias ineditas, e promoveu a erecção do monumento commemorativo do illustre escriptor.

Como critico, peccava o Dr. Henriques Leal pela nimia benevolencia; via de preferencia o lado bom das cousas, e calava as más impressões que por ventura sentisse. Por isso lêsse talvez no *Pantheon Maranhense* muita pagina determinada por simples complascencia.

Talavia n'essa obra notabilissima ha estudos criticos de inquestionavel valor.

A biographia de João Lisboa é um trabalho de largo e bem desenvolvido plano. Como essa, a de Odorico, a de Sotero, a de Trajano Galvão e de outros.

Seus estudos historicos, revelados não somente nas *Locubrações* como no estudo sobre os jesuitas, mostraram

desde logo que nelle tinhamos um grande continuador do *Timon Maranhense*.

Os periodicos que redigio, no Maranhão, e que sobretudo se distinguiram nas lutas em opposição a governos violentos, são tidos pelas primeiras folhas do seu tempo na provincia onde o jornalismo sempre se distinguio pelo primor e elegancia litteraria.

Doente, outro homem inteiramente, vimol-o aqui dirigindo o Internato D. Pedro II como seu reitor, arredado da sua inesa de trabalho e apenas dedicado ao labor de superintender ao serviço d'aquelle estabelecimento escolar.

Exacto cumpridor de seus deveres, nesse ultimo cargo que exerceu, foi um serventuario respeitado e respeitavel.

Como folha litteraria e consagrada ás lides da intelligencia, não pôde *A Semana* deixar de commemorar em suas columnas o passamento d'aquelle que muito se distinguio nas pugnas artisticas, litterarias e scientificas. N'ellas foi sempre o Dr. A. Henriques Leal um valente batalhador.

IGNORUS.

POLITICA E POLITICOS

Correm duas sessões sobre o maior acontecimento politico da semana: — a sancção da lei servil.

Opinam estes que, em respeito á reforma Paranhos, deu-se á recém-nascida data anterior, no intuito de não mesclar o dia glorioso, com o do advento de um projecto sem condições de viabilidade, e aceite para servir de base á causa de maior proveito.

Ao ver de outros porém, o acto official do baptismo vem com a data de 28.

Esta confusão chronologica ha de levar embaraços a futuros escholiastas, quando tiverem de joejar a lei que expremio, no seu tempo, a satisfação á uma urgencia social; quando quizerem malsinar áquella que resumia um atraso politico, indo do interesse de poucos contra a segurança e liberdade de muitos.

E' fertil em amarguras este tempo que atravessamos, e se não houvesse o dever de lutar, melhor seria crystallizar o espirito fazendo uso do methodo de congelação temporaria, aconselhado pelo medico sueco.

ORVC.

P. S. Não ha mais duvidas. A lei (?) Saraiva traz com o numero 3270 a data de 23 DE SETEMBRO DE 1885.

Proh pudor!

Mas engana-se o Imperador se acredita que esta vinte e oito de pechisbêque pode confundir-se com o puro sol glorioso da lei de 28 DE SETEMBRO de 1871.

Quanta cegueira!

ORVC.

POULES

Modificam-se os boatos. Já não se diz que o governo vae acabar com as *poules* do *Jockey-Club*, *Derby-Club* e *Prado Villa Isabel*, que prestam relevantes serviços á industria de apuramento da raça cavallar; pelo contrario muitos asseveram que a prohibição planejada vae justa e beneficentemente exceptuar aquellas tres utilissimas sociedades.

Nem era de esperar outro procedimento dos intelligentes Srs. ministros da Justiça, da Fazenda e da Agricultura. Segundo, porém, nos consta, as *poules* talvez desçam ao valor de 58000, e em vez de 10 % tenham os incencionados clubs de tirar apenas 5 % de sobre a somma arrecadada.

Estudemos estas duas questões.

Não ha a menor vantagem em pasarem as *poules* para o valor de 58000. Todas as sociedades de corridas começaram pondo em pratica tal medida, sem nisso haverem verificado a menor utilidade. De feito, não sendo possível marcar ao comprador um algarismo dado, é clarissimo que tal expediente apenas difficulta a contagem de um maior numero de *poules*, a venda, a conferencia e até o pagamento.

Nem se diga que nem todos possuem 108000 para comprar uma *poule*. Estas questões estudam-se nos logares proprios e não na abstracta meditação do gabinete, e a pratica de todos os dias está mostrando que o comprador que só quer empatar 18000 associa-se a outro ou a outros e fica dispondo da decima parte de *poule* no cavallo de sua preferencia.

Quanto a exigirem que as alludidas sociedades tirem 5 e não 10 %, com isso apenas lucrará o apostador e por modo nenhum o progresso de uma industria importante e difficil.

Não vale o mesmo uma sociedade ganhar 5 ou ganhar 10.000\$ em uma corrida. Quanto melhor o lucro maiores poderão ser os premios futuros e só elles convidarão os criadores nacionaes a importar superiores cavallos, desenvolvendo assim uma criação cada vez mais esmerada.

A porcentagem de 10 %, até hoje admittida, é muito razoavel, e com ella se tem perfeita conformação do publico que ama o divertimento de corridas; desejando vê-lo subir de importancia.

Achamo-nos felizmente em condições de poder argumentar com factos significativos, pois toda esta cidade testemunhou a enorme concurrencia que foi assistir ao grande premio *Jockey-Club*, á inauguração do *Derby-Club*, ao premio de 4.000\$ dado recentemente por este e disputado por cinco productos que mostram o quanto tem prosperado no paiz a industria de criação de animaes de sangue.

Se fosse a simples avidez de jogar a força que determinasse a concurrencia; deveria esta ser sempre notavel, o que apenas se effectua quando os premios são grandes e superiores os animaes inscriptos.

E agora perguntamos: como poderá qualquer sociedade de corridas distribuir bons premios, se for obrigada a tirar apenas 5 % e sem que o governo resolva subvencional-a?

Interrogações como esta deixam bem em evidencia que o melhor é o governo confiar na iniciativa particular, na esclarecida boa vontade das dignas directorias do *Jockey-Club*, do *Derby-Club* e do *Prado Villa Isabel*. Basta-lhe reparar nos nomes estimadissimos dos Drs. Guadie-Ley, Frontin e Affonso Celso Junior, presidentes d'esses tres clubs, que, a despeito de toda a grita dos declamadores, tem feito muito em beneficio do aperfeiçoamento da raça cavallar no Brazil.

CATÃO.

Saber como as cousas deveriam ser — é de um homem de bom senso; como ellas são — é de um homem experimentado; como se deviam mudar para melhor — é de um homem de genio.

DIDEROT.

TRES SONETOS

A' extrema e gentiliza do Sr. Dr. João Carneiro do Amaral, devemos os tres bellissimos sonetos, originaes e ineditos, do seu illustre e desditoso irmão José Maria do Amaral, ha poucos dias fallecido.

Estes tres sonetos, com as outras poesias que posthumamente têm sido publicadas em varios jornaes, dão sufficiente idéa do grande poeta, como tal tão pouco conlecido, que o Brazil acaba de perder.

São tres perolas de subido valor que hoje offerecemos aos nossos leitores. Que elles as agradeçam connosco ao illustre irmão do grande morto.

Da vida os dias meus estão contados;
Triste o sol da existencia desfallece;
Doura-se ainda a tarde, que anoitece,
Da manhã com reflexos desmaiados.

Sonhei mil sonhos, todos vi frustrados;
A realidade agora me apparece,
E' a velhez, que em dores me entristece;
Não mais me resta de mil bens sonhados.

Flór sem fructo, murchou-se-me a existencia;
Foi meu passado vão como o presente.
Quasi de mim duvida a consciencia!

D'este vazio se consola a mente;
Tive no mundo sempre esta tendencia:
« A minha terra amei e a minha gente. »

Vae-se o anno e a vida me decresee.
Quanta esperanza nelle vae perdida!
O anno surge, ai, não me cresce a vida,
Mas a esperanza ainda refloresce.

Do desengano a mente convalesce,
Das illusoes que teve já duvida,
E, de novos enganões seduzida,
Outra vez de esperanças se entumesce.

Vou de anno em anno, nesta alternativa,
Perdendo em vida o que grangeio em sonhos,
Visões creando, de que a mente viva.

Nestes delirios d'alma, ora risonhos,
Ora em tristeza muda e pensativa,
Chego da morte aos tremedões tristonhos.

MANHÃ EM PETROPOLIS

Que dourada manhã! que luz mimosa
Envernisa das mattas a verdura!
Que aura cheirosa e cheia de brandura!
Será, quem sabe, o respirar da roza?

Doura-se em luz a serra magestosa,
Das flores leva a Deus a essencia pura.
Dos passaros na voz, com que doçura,
Canta a floresta antiphona maviosa!

D'alma em ternura a ti sobem louvores,
Bemdicto creador da natureza!
Quem vê, sem adorar, tantos primores?

Que humano rosto em si tem tal belleza?
De qual belleza nascem inais amores?
E quaes amores tem tanta grandeza?

J. M. DO AMARAL

A PALAVRA E O GARFO

Abeiravam-se da mesa os convidados.
Traziam a compostura de meia gala,
essa gravidade assumida ao envergar a casaca, ao ageitar deante do espelho a gravata de setim.

Reuniam-se pela ultima vez naquella sala de hotel os commemoradores da Lei Rio-Branco.

Curioso phenomeno de automatismo:
— Todos os annos os mesmos convidados; a mesma denonstraçãõ de formulario; o mesmo sentimento para com a lei sempre boa; o mesmo descaso para com a idéa que vinha triumphante, perdendo maior amplitude, mais e mais liberdade.

Sentaram-se e comeram.

Era aquelle o derradeiro festim. A nova lei de conservação do escravo, arriuinara, no pensar das convivas, os meritos da reforma de 71. Devotos do novo orago, elles afinavam o psalteiro para a a nenia, preparando *canticos* triumphaes em honra à lei recém-nata.

A obra de Rio Branco, sophismada pelo interesse, vencida por uma lei em antagonismo com as necessidades da patria, — e só existindo por força da indifferença lesmatica de um povo mal orientado, — perdia a legitimidade para taes levitas.

Foi animado o banquete; e, ao fim, quando as ultimas libações agouravam o termo da cerimonia, ouviram-se os desmanchados tons de uma rabeça italiana, soando o lascivo — *Arauna*.

Elles iam partir, e a rua mandava-lhes o hymno da despedida.

A' mesma hora em que descansava o garfo commemorativo, erguia-se à luz das gambiarras a tribuna da liberdade.

A eloquencia abolicionista não era o magro ribeiro atravessado por Dante, a pé enxuto, quando entrou no castello das sete muralhas. Era a opulenta caudal em espadanas irosas contra o immobilismo criminoso de uma lei aviltante.

Esplendido contraste o d'essas commemorações do mesmo facto: De um lado Pantagruel e a mesa farta, o repousado conviva, o cheiro de iguarias. Do outro a radiosa palavra de espiritos emancipados, consubstanciando uma aspiração nacional; a alma da patria asylada à tribuna modesta de uns revolucionarios heroicos. O espirito do tempo, servindo à memoria de um grande homem, não se entregando a extasis budhicos, mas revelando-se de-sejoso de melioria.

Era mais santa a festa à luz das gambiarras. E se a doce fabula de uma existencia além da cova pudesse subsistir, a prova scientifica da decomposição clinica, mais consolador seria ao estadista festejado o culto da palavra abolicionista que a cerimonia do festim.

Emquanto os do jantar symbolico divertiam-se: na tribuna dos revoltados castigava-se a lei que viera burlar a reforma do estadista morto. A corajosa palavra de poucos reaccionarios accentuava o protesto contra o projecto servil, memorava os feitos de Rio Branco e, cotejando o passado e o presente, apontava as vilesas de hoje em opposição aos beneficios de hontem.

A tribuna continuava, cheia de vida e animo; cantando o péan da liberdade, significando a barricada, a lucta, o sacrificio.

E assim, na mesma cidade realisaram-se duas festas inimigas em honra do mesmo heroe.

Naquella sala de hotel, comia-se; naquella palco illuminado, às vistas do povo, luctava-se.

Aqui — o triumpho do estomago, à luz do gaz fazeando nos copos, ao estourar dos risos de alegria farta. Pouco distante, — a peleja da idéa, o pensamento armado em guerra, o culto da consciencia.

— A palavra e o garfo.

CYRO DE AZEVEDO.

MONUMENTO A V HUGO

Recebemos, além das publicadas, a seguinte quantia do nosso collaborador Raul Pompeia. 5\$000
Com essa sobe a quantia total, até hoje recebida, a 65\$000
Rogamos aos nossos collaboradores,

que ainda não nos remetteram a sua quota e desejarem fazel-o, o obsequio de nol-a enviarem o mais breve possivel, pois temos pressa de fazer chegar à commissão central parisiense a pequena contribuição d' *A Semana*, antes que se tenha encerrado a subscripção com que o mundo inteiro vae prestar á memoria do seu poeta uma pequena homenagem da sua immensa admiração e profundo reconhecimento.

Para evitar mais delongas, marcamos um prazo de 15 dias para o recebimento das quantias que alguns dos nossos collaboradores ainda desejem remetter-nos.

OS FUNERAES DE ACHILLES

PAGAN.

*O sagrado exercito dos bellicosos Acheus
emerrou seus restos num immenso e magnifico
tumulo, sobre um promontorio, da margem
do Hellesponto, de modo que fosse
visto de longe, do meio do mar, pelos ho-
mens que vivem hoje e pelos que forem
nascendo depois.*

(*Odysséa*; *Homero*.)

Foi numa urna d'ouro, cinzelada
Pelo buril divino de Vuleano,
Que a mãe de Achilles veio do Oceano
Guardar a cinza heroica e immaculada

Do filho de Peleu: — a desgraçada
Vio misturar-se o lugubre alarido
Dos Immortaes á lagrima chorada
No illustre pó do semideus vencido.

Jaz no Hellesponto. — Ainda ouve-se a grita
Das deusas; chora-o o joven Baccho; afflicta
Por elle, ind'hoje, as queixas vans desata

Thetis, — prínceza, que dragões atrêa
A' concha eburnea do seu plaustro, — aquella
Que o mar esmaga aos seus dois pés de prata.

LUÍZ DELFINO

COFRE DAS GRAÇAS

Ante-hontem, no escriptorio d' *A Semana*.

— Que diabo: está chovendo. Não haverá por aqui um guarda-chuva de mais? pergunta D. Pastel.

Ao que responde Filindal:

— Ha um de menos. Serve-lhe?

— Então o Alfredo ainda mora na mesma casa?

— Ainda. Uma peste de casa! Humida, tão humida que está fazendo nascer barba na cara do Alfredo.

O nosso amigo G. vio-se um d'estes dias em terrivel situação. Ora imaginem que vinha elle pela rua do Riachuelo, a pé, por economia, quer dizer: porque não tinha sequer um nickel. Eis que ao passar-lhe um bonde pela frente nelle descobre duas mulheres que lhe acenam, chamando-o.

Reconhece-as: são sua tia e sua prima, a sua adorada Cecilia. Faz parar o carro, sobe, comprimenta-as.

— Sabes, diz-lhe a tia a meia voz, chamei-te para que pagasses as nossas passagens: esqueci o meu *porte-monnaie* sobre um dunkerque.

O conductor aproxima-se...

O nosso amigo empallidece, súa frio e, por fim, balbucia:

— Ah! sim... pois não... mas é que... Coitado!

BIBIANO.

SUPPLICA

Hoc erat in votis.

HOR.

Quando entrei, tu sabiste.
Imagina o tormento
Dos esforços que eu fiz nesse momento
Por parecer alegre estando triste!

Longe estiveste, é certo;
Mas quando vaes p'ra longe eu, na anciedade

De te ver, solto as azas á Saudade,
E a cem leguas de ti, de ti estou perto.
E se não fosse assim,

Se esta saudade não te aproximasse,
Quem ha que a dura vida supportasse?
Quem me valera a mim?

Eu sem ti nada vejo nem diviso,
Sem ti é tudo escuro,
Sem ti muda-se em lagrimas o riso,
Doce e radiosa luz do meu futuro!

E eu nem ao menos sei se tu me queres,
Não sei mesmo se o meu amor te offende..
Mas quem é que comprehende
Os anjos e as mulheres?

O meu amor é grande
Mas é humilde, não exige:—pede.
Tudo fará que determine ou mande
A tua voz. Pois fala-lhe; concede!

O misero te implora—
E vê tu a que alturas se abalança!—
E'le te implora um so olhar de esp'rança,
D'esses que valem a mais bella aurora.

Cruel, a natureza!
Faz-nos amar, ás vezes, quem não pôde
Amar-nos, quem su'alma já tem presa;
E a noss'alma saccode

Nas iras loucas de um ciuime infando
Que a san justiça da Rasão condemna.
Se o coração é doído! O miserando
Commette o crime e não lhe importa a pena.

Desconhece a Rasão;
Na lucta das paixões, o sentimento
Domina tudo e absorve o pensamento...
Mas é o melhor dos réus—o coração!

Um dia solta um grito
Supplicante; quer que esse olhar formoso
Lhe fale. E' crime? Não! Mais criminoso
Será quem faz da supplica um delicto.

Pois ahí tens a teus pés
Meu supplicante coração, senhora:
Manda-o erguer-se, ou manda-o ir-se
embora...

Mas responde! responde, por quem és!
Se lhe deres um— Não! — vel-o-ás tristonho

Chorar talvez seu mal eternamente,
Vivendo d'este passageiro sonho,
De todo o bem descrente,
Descendo os sete circulos do inferno
E para eterna dor tornado eterno!

Mas se disseres—Sim!—dillo em segredo,
Volvendo um terno olhar de sympathy,
Com cuidado e baixinho: Eu tenho medo
Que o suffoque a alegria!

Tenho medo que a tua voz tão pura,
A syllaba cantando enorme e grata,
O mate pelo excesso de ventura;
Porque o excesso de vida também mata!

Mas não fales: basta um olhar, ó santa!
O olhar parece mudo,
Mas fala, ri, gorgeia, chora e canta...
O olhar exprime tudo!

Ahi tens, pois, a teus pés
Meu coração entregue sem defesa;
E, muito embora a eterna dor lhe dê,
E' melhor do que a duvida a certeza:
Responde, por quem és!

Setembro 23, de 1885.

FILINTO D'ALMEIDA.

OS INGRATOS

(LUIZ RATISBONNE)

— Mamam, Elizabeth Edgard, as aves são cruéis!
Todos os dias eu lhes dou, sem me esquecer,
Migalhinhas de pão.

Ellas, muito depressa, acabam de comer,
E eil-as a voar, por campos e vergéis:
Vê tu que ingratição!

Assim as andorinhas

Louquinhas!

Que, no estio, se aninham no telhado,
Se chega o frio, fogem sem cuidado
Nem pena dos que ficam.

— Tens razão:

Mas são aves, bem sabes: tem perdão.

Ha'nesta vida ingratos

A quem damos amparo, amor, conselho e nome,
Que vêm ao nosso lar, comer em nossos pratos,

E fogem sem saudade, assim que não têm fome;

Esses, sim, são os máus; e não as andorinhas.
Ingrato é o homem só. Enluta as nossas casas
Sem que tenha, comtudo, a desculpa das azas.

(Comedia Infantil)

ADELINA A. LOPES VIEIRA.

SPORT

No ultimo domingo o *Jockey-Club* deu mais uma importante corrida, sendo todos os pareos perfeitamente disputados. Foi muito justa a resolução de reconhecer como valida a inesperada e muito bem ganha victoria de *Fanfarron*.

Já vêem que começamos pelo fim e dando um apertado abraço no sympathico proprietario de *Fanfarron* o Sr. Oliveira Junior.

Foi pena que no 2º pareo *Americana* não corresse, pois, veloz como é, poderia em 1609 metros fazer boa figura ao lado de *Regalia*, que foi a vencedora.

Speciosa brincou com *Françoise*, apesar de que a ultima promette alguma coisa para o futuro.

Na corrida de 1000 metros firmou *Speciosa* a sua superioridade sobre *Gaurivole* e todos viram que o velho *Luf* ainda tem folego para um tiro pequeno.

Sylvia II, em 108 segundos e esbarrada, venceu *Macarcu* e *Tabajaru*, unicos competidores. O estimado Sr. José Julio pode gabar-se de possuir o primeiro producto nacional em velocidade e aproveitamos a occasião para aconselhar

lhe que poupe um pouco mais a *Sybilla*, que parece começar a sentir o excesso de trabalho.

Na verdade, apesar de *Sybilla* ter ganho em 113 segundos, não chegou (em 1609 metros) com a mesma torça com que correu os 2000 no premio *Cruzeiro do Sul*.

O tempo em que *Damielta* ganhou foi 140 e não 135 segundos, como por ahí asseveram. Reflectam que ella vinha muito presa e que a propria *Naná* poderia ainda fazer melhor carreira..

Quem já vio *Naná* fazer 2000 metros em 137 segundos? Se ninguem vio, está claro que *Damielta* não deu senão a prova que marcamos. Não admira que *Curubaiá* chegasse em ultimo lugar, por estar gorda, pouco preparada e fora do seu tiro, que é superior a 3000 metros.

Nem era possivel que Lourenço Alcoba fizesse milagres.

Damielta foi montada por Alfredo Toom, que sempre que correl-a, deve procurar firmar seus creditos de bom *Jockey*. O Sr. Lengruber possui em *Damielta* um dos melhoes animaes que temos visto na raia do Prado Fluminense.

Devem amanha effectuar-se corridas não só no *Derby-Club* como no *Prado Villa-Isabel* e com toda a verdade confessamos que não sabemos qual dos dois programmas preferir. São ambas importantissimas, sendo para lamentar que as duas distinctas sociedades não pudessem ter chegado a accordo, transcribindo uma d'ellas o divertimento.

L. M. BASTOS.

THEATROS

Visto não haver de que falar cá por casa, vamos ali á França ver o que ha de novo.

Pouca cousa, mesmo muito pouca. Os jornaes queixam-se da inércia dos auctores dramaticos,

Na Comedia Franceza terá logar neste mez a reprise de *Don Juan d'Auriche*, de Delavigne, cuja *mise-enscene* é cuidadosamente dirigida pelo Sr. Perrin, que entrou em franca convalescência.

Depois das estréas de Marais, Laugier e Albert Lambert, com peças ainda não escolhidas, serão representadas:

— *Antoine Rigaud*, de Deslandes; *L'Hertiere*, de Morand; *Socrate*, de Banville; *Un parisien*, de Gondinet; *La ieillesse de Scapin*, de Richepin; *Chamillac*, de Feuillet e, finalmente, o *Hamleto* de Paul Meurice. E' provavel que ainda na « casa de Molière » se represente neste inverno uma nova peça de Pailleron que elle deve ler brevemente, mas a que ainda não deu titulo definitivo.

Apreciando a notavel escassez do movimento theatral actual em França, diz um excellent critico litterario e artistico, Adolpho Brisson:

« E' evidente que diminúe a soiva productiva dos nossos auctores. A' parte o genero facil da operetta em que as obras nascem e morrem com excessiva rapidez, todos os outros generos, os que exigem algum talento, extinguem-se aos poucos.

A alta comedia só tem um representante notavel: Augier, mas este emmudeceu; o drama historico e o melodrama não podem mais contar nem com D'Ennery nem com Maquet; o vaudeville tinha um deus—Labiche, mas este deus está plantando couves; a comedia de costumes apenas conta quatro auctores:—Dumas filho—mas as novas obras de Dumas filho começam a ter, como elle—mais de 60 annos: Sardou, ainda alerta, mas já menos verde que a sua casaca de academico; Pailleron, que tambem se immobilisa sob a cupula immorttal e fica grudado á sua joven gloria; e enfim Becque, sempre exilado pelos directores. Não citamos Feuillet, que se extingue, Meilhac e Halévy, cuja associação está dissolvida e Gondinet, que já não brilha.

Nestas condicoes onde ir pescar obras novas? d'onde desencovar novos auctores? Os directores estão-se vendo em apuros, exploram o horizonte com o olhar inquieto. Mas nada descobrem nelle. Quando muito algumas cabeças desenham-se, ao longe, timidamente: é Fabricio Carró, é Abrahão Dreyfus, que apparecem no longinquo espaço como indecisas esperanças.»

Será no dia 8 d'este mez a recita dos traductores da lenda tragica de Echeagaray *No seio da morte*, os nossos collegas Valentim Magalhães e Filinto d'Almeida.

Representar-se-á tambem a comedia em um acto *Amostra de sogra*, original dos mesmos.

CINCO LEÕES E UM CÃO

O leitor, se não é medroso, vá ao Politheama numa noite qualquer em que o valente domador Herr Nordsieck apresente os seus cinco leões nubianos, acompanhado pelo seu intrepido e bem ensinado cão.

Estes cinco leões, (leões é um modo de falar, porque vimos um leão o quatro leões), são realmente muito mais lindos do que aquelles dois que, em companhia de um infeliz tigre que já não é d'este mundo, apresentavam-se ha pouco tempo, domados por um indiano. Além d'isto, estes estão muito bem preparados para deixar qualquer pessoa aborta, a perguntar de si para si:— Como diabo se consegue aquillo?

Imagine o leitor que unia leoa com os dentes descarrega uma pistola, que as cinco formidáveis feras submetem-se ás ordens do seu domador, como se todas ellas tivessem o instinto do cão que as acompanha nos seus diferentes trabalhos.

Cheios de pasmo ainda, só com a lembrança da ultima noite em que estivemos no Politheama, enviamos d'aqui um bravo ao Herr Nordsieck, o assombroso domador allemão.

No theatro Lucinda realiza-se hoje um variado espectáculo em benefício do actor Lucio.

Dezemos-lho uma casa magnifica.

A VIDA ELEGANTE

CLUB DE S. CHRISTOVÃO

Começamos falando do bello sexo, porque é sempre elle o que faz realçarem estas magnificas festas, onde a gente vai deliciar-se e dar que fazer ás pernas.

Pois, leitor, o bello sexo que, na noite de sabbado passado, affluio aos vastos e bellos, salões do Club de S. Christovão, estava radiante, e ainda a esta hora sentimos uma viva recordação de tudo o que vimos e admiramos.

Quantas bellezas excepcionaes! Que formosissimos semblantes aqui, ali e acolá, a nos offuscar o olhar, confuso ante tanta magestade!

E que ventura a nossa ao podermos apertar uma delicada mãozinha cor de rosa, ao conseguirmos cingir uma elegante cintura, voando numa languorosa valsa de Strauss!

Oh que saudades! Que saudades agora, depois que tudo isso passou! Ah, decididamente — agora reparamos — ficamos apaixonado por todas as bellas que lá encontrámos!

Para o Club de S. Christovão só temos elogios, tratando da sua ultima festa: não queremos, porém, espalhar por aqui abaixo uma porção de adjectivos encomiasticos, porque tememos muito aquillo que se chama *chapa*.

O concerto, effectuado antes das danças, constou de varias peças de Henri Ravina, Rovinazzi, Walter, Leonard, Papini e outros; e nelle tomaram parte Pereira da Costa, um dos nossos mais apreciados violinistas, e os Srs. Frederico Mallio, Ernesto Naza reth, Santos Couceiro, Pedro Cunha, Paulo Carneiro, Alfredo Pereira, Francisco Althemira, Leandro Filgueirus e Guilherme de Oliveira.

Agradecemos á digna directoria do Club de S. Christovão a amabilidade e a muita attenção que dispensou durante a festa ao representante d'esto folha, o nosso collega Arthur Mendes, e desejamos-lhe... que a outra não se faça esperar muito.

CLUB BEETHOVEN

Houve sexta-feira no Club Beethoven o septuagesimo sexto concerto d'esta sociedade que annuadas vezes nos proporciona noites de verdadeiro contentamento.

Quem for ao Beethoven, pode ter a certeza de que vai ouvir boa musica e dos melhores auctores, como sejam: Hayder, Ambroise Thomaz, Giraud, Halevy e Winding, aos quaes, neste ultimo concerto, deram satisfactoria interpretação os distinctos cavalheiros que ali quasi sempre se fazem ouvir e que se chamam Roberto Benjamim, Otto Beck, Bernardelli, Gravenstin, Martini, Cerrone, L. Rossi e Eichbaun.

Foram muitos os applausos d'esta vez, como das outras, dispensados aos apreciados artistas, cujos nomes acabamos de citar.

CLUB DO ENGENHO VELHO

Após um concerto, em nada inferior aos que já nos tem dado o Club do Engenho Velho, concerto esse em que tomaram parte, tocando e cantando admiravelmente, as Exmas. Sras. D. Violante Quintal, D. Augusta Joppert de Faria, D. Prescilliana Castro e D. Serafina Freitas e os Srs. Porto Junior, Armand de Gouvêa e o Dr. Costa Lima, dançou-se com grande alegria no Club do Engenho Velho na noite de sabbado, em que essa distincta sociedade realiso a sua partida do mez proximo findo.

Como de costume, houve moças em abundancia e todas ellas sorridentes e formosas, trajando elegantes *toilets* de seda, de gorgorão e de outras finissimas fazendas, enchiam aquelles salões onde appetecia permanecer eternamente. Uma soberba festa!

A directoria do Club agradeçemos o convite que nos mandou.

RUINAS

Ao longo das arcadas silenciosas
De um antigo mosteiro solitario,
Vacila ao vento um grande lampadario,
Ouvindo o choro virginal das rosas.

Uma a uma, evolaram-se as esposas
Do sereno cordeiro do Calvario:
Santas monjas de preces lagrimosas
E de pallido rosto funerario.

Essas virgens de olhar immaculado,
Que immolaram a candida alegria
Nos altares do mystico noivado,

Foram partindo,—legião sombria—,
E, immovel, hirtto, o Christo abandona lo,
Do claustro ao fim da gélida arcaria,

Tem, como outr'ora, extatico a seu lado
O vulto soluçante de Maria!

1885—Porto

JOAQUIM DE ARAUJO.

FACTOS E NOTICIAS

Partio no dia 30 do passado, a bordo do *Espirito Santo*, com destino á capital de Pernambuco, o nosso collega de redacção e querido companheiro, Luiz Murat, que vai terminar na academia do Recife o seu curso de sciencias juridicas e sociaes.

Vamos por isso ficar temporariamente privados da sua valiosissima cooperação, sob tantas formas, a qual, tem concorrido para tornar estimavel e interessante a nossa folha.

Dentro de alguns mezes voltará o valente espirito da auctor dos *Quatro poemas* a illuminar estas columnas.

Esta certeza é o unico lenitivo ás saudades que nos deixa.

Boa viagem, felicidades e breve regresso.

« O DOMINGO »

Temos sobre a mesa o segundo numero d'este periodico, que se publica em S. João d'El-rei.

Como collega mais velho, e quasi *paes*, lemolo com affectuosa attenção e com sympathico interesse vamos dizer o que nos pareceu o seu segundo numero.

Jorge Rodrigues e José Braga encham-no todo, tratando de varios assumptos.

D'aquelle, destaca-se um energico artigo sobre 28 de Setembro e um outro, intitulado *Imitação*, demasiado severo e exagerado nos conceitos. Não são assim tão *imitadores*, como lhe pareceu, os nossos litteratos.

Como quer o collega que nós, povo sem litteratura definida, sem educação, sem vida litteraria nem artistica, inventemos novos generos? Temos fatalmente de soffrer a influencia da litteratura franceza e tambem um pouco da portugueza, fiel satellite d'aquelle.

Os nossos bons—olhe que dizemos *bons*—litteratos, poetas ou prosadores, tem physionomia propria: não imitam. Não, não é, como diz o Sr. Rodrigues, « a falta de originalidade, de merecimento proprio a causa da decrepitude precoce que parece ameaçar a nossa litteratura »; mas o estado geral de ignorancia, a falta de gosto e educação por e para as artes e letras.

Bom—o artigo do Sr. J. Braga sobre Rio Branco e Saraiva:

« O primeiro protege o escravo desle o berço, o segundo persegue-o até o tumulto.

« Um protege a infancia, o outro persegue-o a velhice » E' isso mesmo.

O Sr. Jorge Rodrigues, depois das ahruribulações fanaticas do *Diario de Noticias*, não tem mais o direito de fazer versos frouxos e chochos como este com que abriu o seu, aliás bonito, soneto *Plenodominio*:

« Todo o espaço que minh'alma abria »

Muito curiosa a carta do Dr. Washington Badaro, (bello nome!) em resposta ao convite para collaborar n' *O Domingo*. Um pedacinho precioso:

« Por esta razão, *jubilo-me* por saber que o programma d' *O Domingo* afastou-se da generalidade da imprensa brazileira para *cahir* em uma *singularidade coonestante*—a de collocar-se no caminho da verdadeira *representação do espirito popular*, cultivando-o, conduzindo-o, *injectando-lhe* rectidão e energia, mediante *irrigações* de justiça e bom senso. »

Estou, portanto, com o meu collega, aos serviços d' *O Domingo* e procuraremos — nos ambos— não deixar morrer a boa vontade, que nos *infiltra* a tendencia promissora do novo jornal mineiro. »

Injecções de rectidão e energia, infiltrações de tendencias, irrigações de justiça e bom senso... Caspitê! seu Badaro! So lhe faltou falar em—semicupios de caracter.

Lili é um soneto engraçado e correcto. Veja *O Domingo* nesta demorada noticia uma prova do quanto nos interessa e nos é sympathico.

« O PAIZ »

Completo ante-hontem o seu primeiro anno de existencia esta importante folha diaria.

A *Semana*, que d'ella tem recebido immensas amabilidades, felicita-a e deseja-lhe novos triumphos e constantes felicidades.

Seguiu ha dias para S. Paulo a Exma. Sra. D. Maria Eufrosina da Cruz Almada, distincta compositora, de quem brevemente dará a *Semana*, um trabalho musical que muito deve agradar.

Chegou ha dias de Pernambuco com sua senhora e deve partir hoje para a cidade de Leopoldina o Dr. Francisco Peixoto de Lacerda Werneck.

MISSA

Na quarta-feira, resou-se na igreja da Lapa do Desterro uma missa por alma do illustre finado José Maria do Amaral.

Apezar de ter sido muito concorrido este acto de religião, derradeira homenagem prestada a um escriptor e poeta eminente, notámos a falta de homens de letras.

Da imprensa estavam: os Srs. Luiz de Castro e Vieira Souto, do *Jornal do Commercio*; Quintino Bocayuva, do *Paiz* e Filinto d'Almeida, d'esta folha.

No domingo transacto, no grande salão de honra do externato do collegio Pedro II, na presença de Ss. MM. e AA. Imperiaes, teve logar a distribuição das medalhas e diplomas concedidos aos expositores premiados na exposição continental de Buenos Ayres.

A pedido do Sr. Dias da Silva Junior, presidente da Associação Industrial, presidio a sessão o Sr. conselheiro Ribeiro da Luz, que proferiu algumas palavras a proposito da reunião. Em seguida o Sr. Henrique Lombaerts leu a relação dos premiados, chamando-os a receber os premios.

Representou a republica nossa visinha o Sr. D. Felix Frias, por se achar ausente o ministro residente.

Durante a sessão, que foi encerrada ás 3 horas da tarde, tocou a banda do 2º regimento de artilharia.

Ainda não ha muito tempo que o Club Emancipador Visconde de Caravellas, realizando uma sessão solemne, distribuiu algumas cartas de liberdade a diversos escravizados.

Pois no dia 28 do passado realizou o Club Emancipador Visconde de Caravellas outra sessão solemne e distribuiu mais algumas cartas de liberdade.

Falaram brilhantemente o Sr. Dr. Serzedello Corrêa, orador official, e os Srs. Saturnino Cardoso e Ismael Soares; sendo encerrada a sessão com a leitura de uma poesia do Dr. G. Autran á memoria do Visconde do Rio Branco.

Uma bonita festa.

BENEFICENCIA PORTUGUEZA

No ultimo domingo houve na benemerita Sociedade Portugueza de Beneficencia a grande festa do anniversario da sua installação.

Resou-se na elegante capella de S. João de Deus, situada na frente do edificio antigo do hospital, uma missa solemne e cantada, officiaudo Monsenhor Honorato. Em seguida, o notavel orador sagrado Monsenhor João Raymundo da Silva Brito fez uma brilhante apologia do orago da Sociedade.

Depois da solemnidade religiosa, foram inauguradas duas bellas estatuas de marmore—do Infante D. Henrique e de Pedr' Alvares Cabral e varios retratos a oleo de diversos socios benfeitores d'aquella utilissima associação.

A enorme multidão que enchia todo o vastissimo edificio foi servido um lauto *lunch*, onde foram levantados muitos brindes.

Tudo o que ha de mais elevado na colonia portugueza estava representado naquella imponente festa. Havia tambem um grande concurso de senhoras e representantes da toda a imprensa da capital.

Damos sinceros parabens á distincta directoria da Sociedade Portugueza de Beneficencia e congratulamo-nos com a prospera e poderosa colonia por ter aqui uma associação que, pelos seus fins e pela sua real importancia, é digna de representar o brio do velho e altivo Portugal.

TRATOS Á BOLA

D'esta vez enviaram-me cartas com decifrações relativas aos *tratos* ultimos os seguintes tratistas: *Syaloio, Martinho d'Ara, Gaudencio de Lemos, Josephina B, J. Arouca, Gustavo de Mattos e Avecé.*

Abiscoitou o primeiro premio o Snr. *Avecé* e o segundo o Snr. *Lulu.*

Os premios estão á disposição dos illustres tratistas.

Eis as decifrações: da ante-posta—*Lamparina*, da invertida—*Orar*; das novissimas *Varapáú* e *Ventrudo*, da antiga—*Rio de Janeiro* e da quebra-cabeças—*Guaratinguetá.*

Para hoje temos as seguintes *tratices*:

PERGUNTA

Qual a mulher que pelo avesso é azul?

ANTIGA

3—E' egual no começo e no fim, mas tem o pé no meio esta fructa.

MUSICAL

Si, la, sol, fa—1

Mi, re, do, si—1

E' producto o que está ahí
De muita fadiga, olá!

LOGOGRIPO

Flór—6, 5, 3, 2.

Do Céu—2, 3, 4, 6, 5.

Animal—1, 2, 3, 4, 5, 6.

Tinta—5, 1, 2.

Planta—1, 2, 8, 9.

Vasilha—4, 7, 8, 9.

Animal—2, 3, 8, 5.

Adjectivo—1, 2, 3, 4, 5.
Mulher.

ENIGMA

Que numero vi na cabeça!...

PREMIOS

Temos duas magnificas sorpresas; uma para o primeiro decifrador e outra para o segundo. Quem pretendel as renetta com urgencia suas decifrações a

D. PASTEL.

RECEITAS CULINARIAS

CABRIONINA

Ninguem ignora que o café, actuando sobre o systema nervoso, produz uma agradável excitação; é tambem certo e universalmente conhecido que o bom vinho de Champagne faz sentir áquelles que o bebem certos transportes de alegria juvenil que lhe são inteiramente especiaes. E' fora de duvida, pois, que a absorção d'uma mistura contendo estes dois principios deve conduzir inevitavelmente as pessoas que d'isso fizerem uso a um inaudito bem estar.

Julgo tor resolvido este problema na "Cabronina" e aqui d'elle dou a receita aos leitores d'a *Semana.*

Ponde num recipiente 250 grammas de café moído, pouco torrado, alcool de vinho de 22 grãos 750 grammas, a casca de uma laranja fina e deixe-se macerar durante dois dias.

Faça-se derreter ao fogo e retire-se após ligeira fervura: Assucar de Pernambuco 2,500 grammas, agua do chuva 1000 grammas, deixe-se esfriar e addicione-se-lhe vinho de champagne 1000 grammas. Misture-se bem e deite-se-lhe em seguida infusão de café, agite-se e filtre-se por uma flanela nova.

NOTA.—Pode augmentar-se ou diminuir-se a porção de alcool, conforme se desejar o licor mais ou menos forte.

Empregue-se alcool de vinho e não o que commumente se vende sob o nome de espirito de vinho que é alcool metylico.

CABRION.

CORREIO

— Sr. *Teixeira Filho.*—O seu conto não é má. Deixamol-o, por ora, na sala de espera.

— Sr. *Martinho d'Ara.*—A sua poesia *Vozes do Eito* tambem não é má. Não a publicamos por ser um pouco longa. O director desta folha agradece-lhe a dedicatória.

— Sr. *A. M.*—Os seus versos são soffríveis. E' esta a *concisão mgis espartana* que lhe podemos dar.

RECEBEMOS

— *Revista Mensal* do Club Litterario José Bonifacio, (Alagoas); n. 3.

— Do Sr. José de Mello os fasciculos n. 30 e 31 do *Cadastro da Policia.*

— *A Distração* ns. 50 a 52.

— Do professor publico Estevão dos Santos Fasciote um livrinho intitulado *Lições do Systema Metrico Decimal* e uma *Taboada Intuitiva.*

— *Revue Politique et Littéraire*, ns. 9 e 10, de 29 de Agosto e 5 de Setembro.

— *La Mode Illustrée* n. 36 e *Salon de Mode* n. 36, de 5 e 6 de Setembro, jornaes de modas da casa dos conhecidos Srs. Henri Nicoud & C.

— Do Sr. A. L. um lundú intitulado *Dizem*, para ser cantado com a musica da polka *Velludo.*

— *O Mequetrefe* n. 380. Traz bons desenhos e um texto, como sempre, muito bem feito.

— Do Sr. José de Mello o fasciculo n. 1 da *Africa Occidental*, que é um album photographico e descriptivo organizado pelo Sr. J. A. da Cunha Moraes. Traz este fasciculo duas bellissimas photo-litographias. E' uma publicação muito importante, que especialmente recomendamos.

— *Forasteiras*, poesias de João de Brito. Brevemente daremos a nossa opinião. Este volume é impresso na *Imprensa Economica*, Bahia.

— *A Estação* n. 16, anno XIV. Jornal de Modas. Traz bellissimos figurinos e a continuação da *Casa Velha* de Machado de Assis.

— *Guide Universel de L'Emigrant*, Section Bresilienne. *Exposition Universelle d'Anvers; Le tour de l'exposition* e um numero de *L'Independence Belge*, dedicado á exposição d'Anvers.

— Do Sr. A. Pinto de Abreu um volumezinho contendo uma historia comica-humoristica intitulada *O cabellino da Venta!*... Não é má, tem uns versosinhos quebrados e alguma graça.

ANNUNCIOS

A SEMANA

E' nosso agente em Ouro Preto, Minas, o tenente-coronel Fabricio Andrade, com quem podem entender-se as pessoas que se dignarem de assignaar a nossa folha.

RUA DIREITA N. 5

OURO PRETO

AGENCIA DE JORNAES E CARIMBOS, TYPOS ETC.

PRADO VILLA-ISABEL

PROGRAMMA DA 12.^a CORRIDA, QUE DEVERA' REALISAR-SE DOMINGO, 4 DE OUTUBRO DE 1885

Primeiro pareo—CRIADORES (handicap)—Distancia 1.609 metros—Animas de menos de meio sangue—Premios: 300\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo—Entrada 15\$000

N. ^o	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	<i>Fils du Diable</i>	Tordilho.....	5 annos	Rio da Prata.	54 kilos	Grenat e ouro.....	Coudelaria União.
2	<i>Sirodio</i>	Castanho	5 »	Rio G. do Sul	52 »	Ouro e encarnado.....	Coud. Major Suckow.
3	<i>Sultão</i>	Libuno.....	3 »	Minas Geraes	52 »	Grenat e azul.....	J. F. Vaz.
4	<i>Tchang Tching Bung</i> ..	Alazão.....	5 »	Rio G. do Sul	50 »	Encarnado.....	J. S.
5	<i>Eucharis</i>	Tordilho.....	5 »	Paraná.....	68 »	Branco e encarnado.....	O. Junior & Lopes.
6	<i>Quem Diria</i>	Russo pedrez	5 »	S. Paulo.....	50 »	Azul e amarello.....	Carlos Brito.
7	<i>Bella Yayú</i>	Zaino.....	4 »	Paraná.....	62 »	Ouro e rosa.....	R. M.
8	<i>Savana</i>	Castanho	4 »	Rio G. do Sul	51 »	Verde e branco.....	C.
9	<i>Arenas</i>	Douradilho ..	5 »	Rio da Prata.	50 »	Branco e encarnado.....	J. P.
10	<i>Corisco</i>	Zaino.....	5 »	Paraná.....	50 »	Encarnado e branco.....	Lira Filho & Brito.
11	<i>Conde</i>	Castanho.....	8 »	Paraná.....	56 »	Roxo e lyrio.....	A. M. Braga.

Segundo pareo—ANIMAÇÃO (handicap)—1.300 metros—Animas nacionaes até meio sangue—Premios: 500\$ ao primeiro e 150\$ ao segundo—Entrada 25\$000

1	<i>Sartarelle</i>	Preto.....	5 annos	Paraná.....	65 kilos	Preto e encarnado.....	J. W.
2	<i>Boyardo</i>	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	55 »	Branco e estrellas azues...	M. P.
3	<i>Bitter</i>	Preto.....	4 »	S. Paulo.....	55 »	Azul e estrellas cor de ouro	E. M.
4	<i>Eolo</i>	Zaino.....	3 »	S. Paulo.....	50 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
5	<i>Aranha</i>	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	50 »	Vermelho e preto.....	Coud. Campineira.
6	<i>Italia</i>	Vermelho.....	3 »	S. Paulo.....	48 »	Azul e amarello.....	Souza Liberal.
7	<i>Pretoria</i>	Libuno.....	5 »	S. Paulo.....	57 »	Cinzento.....	A. C.
8	<i>Regalia</i>	Vermelho.....	5 »	S. Paulo.....	70 »	J. B.

Terceiro pareo—ENSAIO—1.450 metros—Inteiros e eguas nacionaes de 3 annos—Premios: 300\$ ao primeiro e 250\$ ao segundo—Entrada 10\$000

1	<i>Druid</i>	Tordilho.....	3 annos	R. de Janeiro.	50 kilos	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense
2	<i>Vampa</i>	Zaino.....	3 »	Rio Grande..	46 »	Grenat e azul.....	Coudelaria Paraizo
3	<i>Aurelia</i>	Alazão.....	3 »	R. de Janeiro.	44 »	Azul e estrellas cor de ouro.	E. M.
4	<i>Sybilla</i>	Zaino.....	3 »	S. Paulo.....	52 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
5	<i>Graciosa</i>	Tordilho.....	3 »	S. Paulo.....	44 »	Vermelho e preto.....	Coud. Campineira.

Quarto pareo—OMNIBUS—Distancia 1.800 metros—Inteiros e eguas de qualquer patz—Premios: 1:200\$ ao primeiro e 300\$ ao segundo—Entrada 60\$000.

1	<i>Talisman</i>	Alazão.....	6 annos	S. Paulo.....	56 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro
2	<i>Fanfaron</i>	Alazão.....	3 »	França.....	54 »	Branco e encarnado.....	O. Junior & Lopes
3	<i>Garibaldi</i>	Alazão.....	6 »	Rio da Prata.	58 »	Idem idem.....	Idem idem
4	<i>Curubaid</i>	Zaino.....	5 »	Inglaterra...	60 »	Preto e encarnado.....	D. F. P.

Quinto pareo—PROGREDIOR—Distancia 1.609 metros—Animas nacionaes até meio sangue—Premios 600\$ ao primeiro e 200\$ ao segundo—Entrada 30\$000.

1	<i>Sartarelle</i>	Preto.....	5 annos	Paraná.....	56 kilos	Preto e encarnado.....	J. W.
2	<i>Marengo</i>	Vermelho.....	5 »	S. Paulo.....	54 »	Vermelho e preto.....	Coud. Rio-Grandense
3	<i>Pretoria</i>	Libuno.....	5 »	S. Paulo.....	53 »	Cinzento.....	A. C.
4	<i>Bayoco</i>	Castanho.....	4 »	S. Paulo.....	51 »	Branco e encarnado.....	O. Junior & Lopes

Sexto pareo—METROPOLITANO—Distancia 1.609 metros—Inteiros e eguas nacionaes até puro sangue—Premios: 1:000\$ ao primeiro e 300\$ ao segundo—Entrada 50\$000.

1	<i>Silvia II</i>	Alazão.....	4 annos	S. Paulo.....	51 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro
2	<i>Talisman</i>	Alazão.....	6 »	S. Paulo.....	55 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro

Setimo pareo—INTERNACIONAL—Distancia 1.450 metros—Inteiros e eguas estrangeiras de puro sangue até 3 annos—Premios: 800\$ ao primeiro e 250\$ ao segundo—Entrada 40\$000.

1	<i>Gazida</i>	Alazão.....	2 annos	França.....	50 kilos	Azul e amarello.....	Souza Liberal
2	<i>Saphira</i>	Zaino.....	3 »	França.....	51 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro
3	<i>Françoise</i>	Alazão.....	3 »	França.....	51 »	Branco e encarnado.....	O. Junior & Lopes
4	<i>Aspasia</i>	Castanho	3 »	Inglaterra...	51 »	Ouro e branco.....	Coudel. Fluminense

Oitavo pareo—CONSOLAÇÃO—Distancia 1.000 metros—Inteiros e eguas até puro sangue, que ainda não tenham ganho—Premios: 600\$ ao primeiro e 200\$ ao segundo—Entrada 30\$000.

1	<i>La Linda</i>	Castanho	5 annos	Rio da Prata.	58 kilos	Preto e encarnado.....	J. W.
2	<i>Flora</i>	Castanho	5 »	Rio da Prata.	58 »	Encarnado e azul.....	J. Machado
3	<i>Sornette</i>	Zaino.....	5 »	França.....	52 »	Grenat e azul.....	Coudelaria Paraizo
4	<i>The Witch</i>	Alazão.....	3 »	Inglaterra...	52 »	Encarnado, preto e facha..	R. C.
5	<i>Sphinge</i>	Alazão.....	5 »	S. Paulo.....	54 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro
6	<i>Fanfaron</i>	Alazão.....	3 »	França.....	54 »	Branco e encarnado.....	O. Junior & Lopes
7	<i>Diomede</i>	Zaino.....	2 »	França.....	51 »	Idem idem.....	Idem idem
8	<i>Neva</i>	Castanho	2 »	França.....	51 »	Verde e amarello.....	Coud. Independencia

OBSERVAÇÕES.—Rega se aos Srs. proprietarios o obsequio de terem os animas inscriptos no 1.^o pareo ás 11 horas precisas, no ensilhamento.—R. de CARVALHO, 2.^o secretario.

DERBY-CLUB

PROGRAMMA DA QUARTA CORRIDA A REALIZAR-SE EM 4 DE OUTUBRO DE 1885

ÀS II 1/2 HORAS EM PONTO

Primeiro pareo—SEIS DE MARÇO—1,200 metros—Animaes de qualquer paiz até meio sangue
—Premios: 400\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Aida III.....	Zaino	4 annos	Rio da Prata.	58 kilos	Azul e encarnado .	P. S.
2	Garibaldi	Alazão .	6 »	Idem .	61 »	Branco e encarnado .	Oliveira Junior & Lopes
3	Aymoré.	Castanho .	6 »	S. Paulo	60 »	Azul e ouro .	Coudelaria Alliança.
4	Bohemia.....	Castanho	4 »	Idem.	53 »	Encarnado e branco.	Coudelaria Phebo.
5	Americana.	Tordilho	3 »	Rio de Janeiro	50 »	Preto e branco .	P. Beirão.

Segundo pareo—COSMOS—1,609 metros—Animaes de qualquer paiz—Premios: 1:000\$ ao primeiro e 250\$ ao segundo

1	The Witch	Alazão .	3 annos	Inglaterra	53 kilos	Encarnado, preto e faixa .	R. C.
2	Aspasia.....	Castanho	3 »	Idem .	53 »	Ouro e branco.....	Coudelaria Fluminense.
3	Naná.	Zaino	4 »	Idem .	56 »	Setim br. e manchas pretas	M. U. Lemgruber.
4	Comtesse d'Olonne	Alazão.	4 »	França . . .	56 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
5	Speciosa	Idem.!	3 »	Inglaterra .	53 »	Azul estrellas cor de ouro..	E. M.
6	Electrica.....	Idem.	5 »	S. Paulo	54 »	Setim br. e manchas viol...	M. U. Lemgruber.

Terceiro pareo—EXCELCIOR—1,450 metros—Animaes do paiz até 3 annos—Premios: 800\$ ao primeiro e 200\$ ao segundo

1	Dora . .	Alazão .	3 annos	S. Paulo	49 kilos	Ouro e faixa .	Freitas Guimarães.
2	Mandarim .	Rosilho .	3 »	Idem.	49 »	Granada e ouro .	Cunha Lima
3	Druid	Tordilho	3 »	Rio de Janeiro	49 »	Ouro e branco . .	Coudelaria Fluminense.
4	Cançoneta	Zaino	3 »	S. Paulo	47 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
5	Aurora.....	Alazão tostado.	3 »	Idem.	47 »	Vermelho	Coudelaria Campineira
6	Carmen	Alazão.	3 »	Idem	49 »	Azul e estrellas cor de ouro	E. M.
7	Americana.....	Tordilho	3 »	Rio de Janeiro	47 »	Preto e branco	P. Beirão.

Quarto pareo—DERBY-CLUB—2,400 metros—Animaes do paiz até puro sangue—Premios: 1:200\$ ao primeiro e 300\$ ao segundo

1	Pery .	Castanho	6 annos	S. Paulo.....	52 kilos	Setim br. e manchas pretas	M. U. Lemgruber.
2	Boreas .	Idem .	4 »	S. Paulo.....	52 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
3	Tabajara .	Alazão.	5 »	S. Paulo.....	52 »	Setim br. e manchas viol....	M. U. Lemgruber.

Quinto pareo—PROGRESSO—1,750 metros—Animaes do paiz até meio sangue—Premios: 600\$ ao primeiro e 150\$ ao segundo

1	Regalia.	Vermelho.	5 annos	S. Paulo . . .	56 kilos	Encarnado e ouro .	J. B.
2	Douro	Alazão.	6 »	Rio de Janeiro	54 »	Verde e ouro .	J. L. da Costa.
3	Principe Alberto.	Zaino	7 »	Paraná . . .	54 »	Azul e branco.....	Idem.
4	Sartarelle	Preto	5 »	Idem .	54 »	Preto e encarnado	J. W.
5	Guanaco	Alazão tostado.	9 »	Idem .	54 »	Vermelho .	Coudel. Rio-Grandense.

Sexto pareo—RIO DE JANEIRO—3,000 metros—Animaes de qualquer paiz até puro sangue—Premios: 1:500\$ ao primeiro e 400\$ ao segundo

1	Tailleffer.....	Zaino.....	4 annos	França.....	50 kilos	Enc., mangas azul claro....	Coudelaria Americana.
2	Comtesse d'Olonne	Alazão.....	4 »	Idem.....	47 »	Azul e ouro.....	» . Alliança.
3	Damietta.....	Castanho.....	4 »	Inglaterra...	47 »	Setim br. e manchas pretas.	M. U. Lemgruber.
4	Naná.....	Zaino.....	4 »	Idem.....	47 »	Setim br. e manchas viol...	M. U. Lemgruber.

Setimo pareo—LEMGRUBER—1,000 metros—Animaes estrangeiros até 3 annos—Premios: 500\$ ao primeiro e 120\$ ao segundo

1	The Witch.....	Alazão.....	3 annos	Inglaterra...	51 kilos	Encarnado, preto e ouro...	R. C.
2	La Ferthé.....	Alazão.....	2 »	França.....	47 »	Verde e amarello	Coude. Independencia.
3	Gandriole.....	Castanho.....	2 »	França.....	47 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
4	Speciosa.....	Alazão.....	3 »	Inglaterra...	53 »	Azul e estrellas cor de ouro.	E. M.

Oitavo pareo—E. F. D. PEDRO II—1,000 metros—Animaes de qualquer paiz, de menos de meio sangue, que ainda não tenham ganho—Premios: 300\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo

1	Fils du Diable...	Tordilho.....	5 annos	Rio da Prata.	61 kilos	Granada e ouro.....	Coudelaria União.
2	Orione.....	Alazão.....	5 »	Idem.....	61 »	Azul e encarnado e faixa...	Alfredo da Silva.
3	Verbena.....	Castanho.....	3 »	Rio de Janeiro	50 »	Ouro e faixa.....	Freitas Guimarães.
4	Zaire.....	Gateado.....	4 »	Paraná.....	54 »	Azul e encarnado.....	P. S.
5	Arenas.....	Douradilho . . .	5 »	Rio da Prata.	61 »	Branco e encarnado.....	J. P.
6	Sultão.....	Libuno.....	3 »	Minas Geraes	51 »	Encarnado e azul.....	J. F. Vaz.
7	Buchina.....	Castanho.....	3 »	S. Paulo.....	50 »	Verde e branco.....	Coudelaria Campineira.
8	Savana.....	Idem.....	4 »	Rio G. do Sul.	53 »	Azul e ouro.....	C.
9	Barbara.....	Rosilho.....	3 »	Idem.....	53 »	Verde e ouro.....	Manoel Ribeiro.
10	Lincoln.....	Castanho.....	2 »	Idem.....	47 »	Roxo e lyrio.....	Manoel Boaventura.
11	Conde.....	Idem.....	8 »	Paraná.....	56 »	Vermelho.....	Augusto M. Braga.
12	Crichaná.....	Chita.....	7 »	Idem.....	56 »	Azul e encarnado.....	José da Rocha Franco.
13	Cárola.....	Castanho.....	6 »	Minas Geraes	55 »		Coudelaria Mineira.

NOTA.—Pede-se aos Srs. proprietarios de animaes inscriptos no primeiro pareo o obsequio de os apresentarem no encilhamento as 11 horas da manhã,

A. CESAR LOPES, 2.º secretario.

A SEMANA

CORTE

Trimestre..... 2\$000
Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

PROVINCIAS

Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

SUMMARIO

Expediente.....	
Historia dos sete dias.....	FILINDAL.
Aqui, ali, acolá.....	ALFINETE.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Paginas esquecidas; can- tiga.....	C. BRANCO.
O sineiro.....	JULIA LOPES.
Critica scientifica.....	DR. SAHEN.
Madrigaes.....	F. D'ALMEIDA.
« O Flor, » excerpto.....	GALPI.
A obra de V. Hugo.....	M. V.
« Me, me, adsum ».....	J. SOULARY.
Theatros.....	P. THALMA.
Voltaire e Huber.....	
« Mater infelix ».....	A. MENDES.
Gazetilha litteraria.....	
A vida elegante.....	LORGNON.
Vingança.....	A. L. VIEIRA.
Politica e politicos.....	ORYC.
Conselhos Salutares.....	DR. SAHEN.
Factos e noticias.....	
Tratos á bola.....	D. PASTEL.
Recebemos.....	
Correio.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

Os senhores que viérem ao nosso escriptorio e tomarem uma assignatura d'A *Semana* por todo o proximo anno de 1886 terão direito a um dos seguintes premios, á sua escolha:

VINTE CONTOS, por VALENTIM MAGALHÃES.—Este livro, que se está imprimindo nas officinas d'A *Semana*, foi expressamente feito para ser distribuido como premio aos assignantes d'esta folha. Conterá mais de duzentas paginas em superior papel, com uma capa de fantasia.

NÃO SERÁ POSTO Á VENDA.

Assim, os que tomarem uma assignatura d'A *Semana* por um anno, e somente esses, terão direito a um exemplar d'essa obra que, a ser vendida não seria por menos de 3\$000, o volume.

AURORAS, versos, por Alfredo de Souza; encadernação de luxo.

A CAVEIRA DA MARTYR, celebre romance de Camillo Castello Branco, em 3 volumes.

MARGARITAS, poesias da distincta poetisa D. Adelina Amelia Lopes Vieira; um bello volume.

Aos senhores assignantes de seis mezes daremos como premios UMA HABANERA, inédita, especial e expressamente composta para esse fim; QUATRO POEMAS, por Luiz Murat, ou um exemplar das AURORAS, brochado.

N. B.—Os senhores que assignáram A *Semana* por um anno, a terminar em dezembro de 1885 receberão, segundo promettéramos, um exemplar dos VINTE CONTOS.

São agentes d'esta folha os Illms Srs.:
Em S. Paulo—Dolivaes Nunes.
Em Ouro Preto—Fabricio Ignacio de Andrade.
Em Campos—Antonio Ferreira Martins Filho.
Na Parahyba do Sul—Verissimo Pacheco.

A SEMANA

HISTORIA DOS SETE DIAS

Rio de Janeiro, 10 de Outubro de 1885.

Os leitores desculpem, mas d'esta vez vão ter uma *historia*... da carochinha.

O meu detestavel collega José do Egypto, havia-se encarregado da estopada d'esta semana; mas, á ultima hora, não sei se a digna esposa de algum condescendente Putíphar lhe deitou as unhas ao casaco, que o meu caro José do Egypto deixou-me hontem diante do paginador com uma cara de pedaço d'asno— muito parecida com a d'elle, salvo seja.

Agora, que remedio? E' pôr para ali dez tiras de almaço cheias d'aquelle fino espirito e subtil graça que faz a maior consolação do *Diario Mercantil* de S. Paulo, uma vez por semana.

Quando a gente não prepara o seu animo com antecedencia de alguns dias para relatar os incriveis acontecimentos historiaveis, quando se a gente reserva para sexta feira— só a leitura do *Jornal do Commercio* que é necessario fazer-se para avivar a memoria, embota por tal maneira o espirito que é impossivel ter-se aquella pilheria ligeira e facil que deve distinguir um chronista.

Começaremos hoje por dar ao paciente leitor uma noticia alegre: Fecharam-se as barraquinhas do Campo d'Acclamação. Estas barraquinhas constituíram, a meu ver, o maior escandalo d'este anno. E o *Pachiderme* que tanto se incommoda com as *poules* das corridas, não soube amparar a população esbulhada por aquella immoralidade.

De uma immoralidade para outra a transição não é difficil. Saíamos, pois, das barraquinhas do Campo e entremos nas da praça do mercado.

Esta cidade está ficando um grande abarracamento de patifarias e de futilidades.

As barraquinhas do mercado tiveram mais repercussão nas beldroegas e nos maxixes do que no animo publico. Os pequenos lavradores, recusando-se a favorecer o monopolio escandaloso, fizeram *grève* e deixaram os cosinheiros sem nabijas e sem couves.

Os concessionarios da pepineira, por sua vez, indignaram-se contra os pepinos rebellados, e não querem abaixar os alugueis dos locaes.

D'ahi um permanente conflicto de interesses feridos, do qual sae sempre *murcha* e triste a *couve* lombarda e retorcido em maguas o aipim.

Os pequenos lavradores, ou antes chacareiros dos arredores, em vista da defeza expontanea que lhes fez a imprensa, resolveram vingar-se nobremente e andaram ante-hontem pelas redacções dos jornaes agradecendo a animação dispensada, fazendo discursos, e dando vivas á imprensa que proteje em boa justiça o fraco contra o forte.

A *Semana* tambem foi contemplada pela gratidão da hortaliça nacional, e eu mesmo, que estou agora entregando a questão á posteridade, respondi ao discurso sentido das verduras com o mais amavel sorriso de agradecimento que na quinta-feira esflorou labios humanos.

Continue a resistencia pacifica á prepotencia da empresa afagada pelo favor de uma camara municipal sem escrupulos, e o povo, quando lhe fizer muita falta a hortaliça, que mande os srs. vereadores... plantar aboboras.

O *Pachiderme do Commercio*, o paladino da santa cruzada da moralidade contra o jogo, o Frederico Barbaroxa das *poules*, aos 63 annos de idade, quando a hirsuta cabeça se lhe encanecceu no contacto das podridões e das miserias humanas, quando a peçonha ingenita e adquirida nas transacções

da pouca vergonha lhe espirra pelo cano dos *a pedidos* nas dejectões de Escaravelho—ancião que remorde as deradeiras pustulas com os olhos em alvo para as doces lembranças do seu passado—o repugnante *Bosco* da imprensa fluminense, deu-nos no ultimo domingo uma prova da sinceridade dos seus conselhos:—atirou-se ao jogo. Lá está, na 7ª columna da 2ª pagina o bello taboleiro do xadrez, com um rico problema para resolver.

E' bonito, mas para fazer augmentar a tiragem parece-me impropicio e vem tarde.

Agora, quando ha já um rôr d'annos que a *Gazeta* supprimio as charadas e os problemas de calculo é que o *Bosco* vem com problemas de xadrez?

Olhe, explore a caricatura que se não ha de dar mal. Modelos em casa não lhe faltam, graças a Deos! E' só copiar os redactores... *textualmente*.

Uma noticia que ha dias me encheu de assombro e espanto foi a da descoberta de uma porção de brilhantes, feita por um guarda da nossa alfandega.

Que! exclamei eu para a condessa... quero dizer para os meus botões; pois um guarda nacional, mesmo sendo empregado aduaneiro, teve bestunto e perspicacia para descobrir um escriptorio num tacho de bota?!

Desgraçada illusão! a descoberta foi guiada por uma denuncia toda explicadinha e minuciosa.

Assim até eu era capaz de descobrir outra vez a China.

Mas o meu leitor hade confessar que esta de esconder brilhantes num tacho de bota só podia lembrar ao diabo ou a um judeu.

E' verdade que, aqui ha uns doze ou treze annos, houve um gatuno que escondeu cinco relogios num logar muito mais escurado.

E escondeu-os tão bem escondidos que só appareceram quando procurados por uma fortissima dose de oleo de ricino.

Pae Paulino tem olho! foi phrase inventada para caracterisar larapios de semelhante esperteza.

Ora porque não se lembraria o contrabandista de metter as botas em alguém durante a viagem? Era uma offensa que eu receberia de bom grado: ia depois laval-as ali a casa do Luiz de Rezende ou do Farani.

Se fosse commigo não me apanhavam os tacões com tanta facilidade, e eu havia de pleitear a minha causa. Como as sementes em geral não pagam direitos, eu declarava que trazia os brilhantes para semear.

E queria ver quem m'os apprehendia.

Reavivou-se na imprensa a discussão sobre os balões de Julio Cesar e Renard-Krebs.

O illustre professional Dr. Carlos Sampaio tem defendido os inventores francezes da accusação de plagiarios feita pelo Sr. Julio Cesar, e tem por outro lado atacado o systema do inventor nacional.

A nós, com relação ao paiz e ao lado util da invenção, parece-nos secundaria a questão do plagiato ou da imitação. Fundamentalmente os systemas são diferentes, por isso que um dispensa propulsor e outro não o dispensa.

E' possivel que o Sr. Julio Cesar seja um utopista e que o seu invento pareça absurdo aos olhos da sciencia. Pouco importa isso. Como a sciencia moderna, com o seu espirito eminentemente generalizador e pratico, se serve da experiencia como base para todas ou quasi todas as suas deducções, entendemos que se deve fazer a experiencia do balão Julio Cesar, mesmo com enorme sacrificio e ainda com 99 % de probabilidades de mau exito.

E' de tão grande importancia o problema, que se devem empregar todos os esforços e todas as tentativas para o resolver.

Isto é franqueza.

No Sr. Julio Cesar eu abomino o homem, por causa de um pavoroso e horripilante *cavaignac* que elle traz pendurado do queixo, e que me parece ainda mais detestavel do que o espanador capilar do amigalhaço Pimenta do *Microcosmo*.

Tenho feito esforços inauditos e indscriptiveis para habituar-me a estas parodias que o máu gosto faz ás barbas naturaes dos bodes, mas não me é possivel. Para mim, ter-se bigode e péra é uma má qualidade, e tenho recommendado sempre aos meus amigos que não me apresentem a gente que use semelhante barba.

Pois eu, que por este lado não posso ver o Sr. Julio Cesar, por outro lado admiro-o, respeito-o e louvo-o: E' um dos homens mais teimosos, mais persistentes, mais pertinazes que eu tenho conhecido. Com um tal poder de vontade, e fazendo convergir todos os seus ingentes esforços para um só ponto, é impossivel que não consiga alguma cousa.

Vamos, srs. patriotas! um bom movimento. Auxiliemos o homem, que elle, grato aos favores que receber dos seus patricios, ceifará, de uma vez para sempre o horrivel, o medonho, o monstruoso, o inconcebivel *cavaignac*!

FILINDAL.

Eva ouviu ao demonio; Maria ao anjo; assim como pelos ouvidos da primeira mulher entrou no mundo o veneno e a morte, assim pelos ouvidos da segunda veio ao mesmo mundo o remedio e a vida.

PADRE ANTONIO VIEIRA (*Sermões*)

AQUI, ALI E A COLÁ

O illustre Renan passa actualmente uma vida de solidão e de estudo em Perros Guirec, perto de Launion e de Tréguier, sua cidade natal, morando em uma deliciosa casa de campo que elle arrendou por sete annos. Acorda ordinariamente com o sol e conserva-se no seu gabinete de trabalho até ao meio dia. Acabado o almoço recolhe-se no gabinete, d'onde sae ás seis horas, terminando o dia por um passeio á beira-mar. A' noite longa palestra com sua filha e seu genro, que não têm a réplica difficil.

Que sahirá d'esse recolhimento do illustre Renan? Seu secretario confiou muito em segredo a alguém que o obrigara a falar que Renan está preparando um livro com as impressões da sua velhice.

As memorias de Renan—que successo litterario!

Lê-se em um dos ultimos numeros do *Gil Blas*:

« Notre collaborateur Fernand Xau a perdu mardi soir, de onze heures à minuit et demie, dans le trajet de la rue de Laval à *Gil Blas* et à la rue de la Victoire, en passant par le boulevard des Italiens, une somme de trois cents francs en billets de banque. Prière de la rapporter contre récompense au bureau de *Gil Blas*, »

A' vista d'isto uma de duas: ou o *Gil Blas* faz *blague* com o nome de um dos seus mais estimados colaboradores, ou em França ainda se amarram cães com linguças.

Armand Silvestre, um dos mais pornographicos colaboradores do *Gil Blas*, começa um artigo, intitulado *Variaciones castas* (castas!...) por estas palavras:

« Não é sem um legitimo e patriótico orgulho que vejo multiplicarem-se sobre os cartazes de divertimentos publicos as coroações de *rosières* (*), embora não seja absolutamente logico animar a virtude obstinada das raparigas em um paiz que grita:—Ao despovoamento! Em todo caso é honroso pensar-se que os nossos ricos e viciosos burguezes podem encontrar no seu paiz donzellas a deshonnar, sem que tenham de recorrer ás creanças de dez annos.»

Ahi está uma confissão muito lisonjeira para a moralidade franceza, e que, se *John Tenorio Bull* lê o *Gil Blas*, deve ter enchido de contentamento,—e queça de indignação!—a *John Tenorio Bull*.

Cã e lá...

ALFINETE.

SPORT

Houve domingo passado corridas no *Derby-Club* e no *Prado Villa-Isabel*. Felizmente o tempo esteve sombrio e pouco se fatigou o cavallo de nosso *tilbury* que teve de andar de um para outro *hyppodromo*.

Paremos no *Derby-Club*. Eis o resultados dos pareos:

Em 1200 metros teve *Garibaldi* de esticar-se, porque *Aymoré* queria pregar-lhe uma lição de velocidade. Em todo o caso aquelle velho corredor venceu e não se deixou bigodear.

Contesse d'Olonne chegou atraz de *Nand* e de *Speciosa* que fez os 1609 metros em 107 segundos, montada por *Luf pae*. Para falar verdade não sabemos como isso foi: é bem certo o rifão—ninguém se fie em patas de cavallo. Nem mesmo de eguas, accrescentaremos nós.

(* Donzellas que em certas povoações francezas são premiadas pela sua virtude. N. da R.

Druid, sahindo atrazado, venceu com facilidade os 150 metros. Os 10,000\$000 que custou *Carmen* estão custando a dar dividendo.

Foi pena que *Pery* e *Tabajara* se retirassem deixando sosinho *Boreas* que levantou a metade do premio. Queriamos ver em 2400 metros a magnifica lucta quo deveria travar-se principalmente entre *Pery* e *Boreas*.

Regalia ainda d'esta vez debicou os competidores.

Damieta correu com facilidade em 204 segundos os 3000 metros do programma e mostrou a sua superioridade sobre *Comtesse d'Olonne*. *Tallifer* retirou-se do pareo e *Naná* deu como pôde o seu recado.

Montou *Damieta* o habil jockey Alfredo Toon, que dizem estar regenerado.

Não ha duvida de que em 1000 metros *Gaudriole* não pôde bater licitamente *Spectosa*. Esta ultima venceu o 7º pareo com facilidade e parecendo dizer áquella boa egua o conhecido—cresça e appa recu.

No ultimo pareo não sei o que *Carola* conversou com o *Conde*; tudo o que vi foi este na frente.

Estamos no *Prado Villa-Isabel* e admirados de *Conde* ganhar o 1º pareo, apesar de *Eucharis* ter carregado 68 kilos. Como emfim são pungas, a *Bella-Yaya* que os ature e o *Arthur* que os entenda.

Boyardo por um triz bateu *Sartarelle*. No 3º pareo só correram *Aurelia*, *Graciosa* e *Sybilla*, ganhando esta ultima no gallopão.

Garibaldi, seguido de *Fanfarron* venceu *Talisman* e até *Curubaiú* que ficou parada. O *Firmino*, que montava o *Fanfarron*, nunca escreveu tanto em sua vida. Apesar do protesto do Sr. José Julio, a Directoria reuniu-se e julgou valida a corrida.

Bayoco, devido á boa sahida, bateu *Sartarelle*. Mas foi só por cabeça e talvez tão cedo não lhe aconteça o mesmo no tiro de 1609 metros.

Sylvia II e *Talisman* não tiveram competidores. Fizeram em gallopão o necessario para que seu proprietario levantasse o premio de 1.000\$.

Saphira, seguida de *Françoise*, foi a vencedora do 7º pareo. *Aspasia* foi sacrificada por Best. Antes o honrado Sr. Barão da Vista-Alegre a tivesse mandado correr por Hinds.

No ultimo pareo. *Sphinge* se não desgarrasse não daria a victoria a *Fanfarron*. *Sornette* fez boa figura e qualquer dia chega na frente com geral espanto.

No dia 18 do corrente dará o *Prado Villa-Isabel* mais uma corrida e é de esperar que d'esta vez faça melhores vantagens, visto que nesse dia nenhuma outra sociedade obrigará a concorrência publica a dividir-se.

Para 25 tambem do corrente a *great-attraction*, do *Derby-Club* é o pareo *Rio de Janeiro* com um premio de 5:000\$ ao vencedor, 1:200\$ ao segundo e o 3º livrando a entrada.

Note bem: esses premios não são dados nem pela Municipalidade, nem pelo governo geral; sahem direitinho dos cofres do *Derby-Club*.

E digam que não é uma benemerita sociedade!

Realisam-se amanhã corridas na esplendida raia do *Jockey-Club*.

Chamamos para nossa ultima pagina a atenção dos amadores.

Para acabar. Duas noticias importantes: o *Prado Guarany* vai dar uma

corrida em beneficio dos escravizados e no dia 1º de Novembro dever-se-á realisar a inauguração do *Hippodromo-Guanabara*, muito distincta sociedade que conta em sua directoria cavalheiros da mais geral estima.

L. M. BASTOS.

O poder em nosso paiz representa a inercia em relação aos interesses geraes, filha da extrema actividade no cuidado dos interesses pessoases e partidarios.

FERREIRA DE ARAUJO.

PAGINAS ESQUECIDAS

CANTIGA

Senhora, partem tão tristes
Meus olhos por vós, meu bem,
Que nunca tão tristes vistes
Outros nenhuns por ninguém.

Tão tristes, tão saúdosos,
Tão doentes da partida,
Tão causados, tão chorosos...
Da morte mais desejosos
Cem mil vezes que da vida!

Partem tão tristes os tristes,
Tão longe de esperar bem,
Que nunca tão tristes vistes
Outros nenhuns por ninguém.

J. CASTELLO-BRANCO.

(Do *Cancioneiro de Rezende*.)

O SINEIRO

Repicava alegremente o sino, com um som límpido, vibrante, como se em vez de bronze fosse de crystal. As vibrações echoavam nitidas pelo espaço azul semeado aqui e além de pequeninos flocos de nuvensinhas brancas.

Voavam da torre da igreja, espavoridas, as andorinhas mansas.

Era dia santo. Cruzavam-se na rua os vendedores apregoando as fructas e as hortaliças ainda orvalhadas do relento da noite.

Mas a pouco e pouco foram diminuindo os alegres rumores da manhã.

O sol recrudescera de calor, os transeuntes escassearam, o sino, o alegre sino emmudeceu, e as andorinhas voltaram para o cimo da torre n'um silencio ameno, no conchego doce e brando das almas satisfeitas.

O sino emmudeceu! mas lá no alto, sentado preguiçosamente no parapeito da torre, o sineiro faz ainda um cigarro entre os dedos callosos, para descer depois.

O sol ia aquecendo, é certo, mas ali havia viração e sombra. Via-se a pequena cidade com as suas ruas cortadas em xadrez, os seus quintaes, immundos uns, ajardinados outros, as suas casas devassadas até ao interior, as officinas rumorejantes e alegres, os seus albergues gloriosos,—os hospitaes e as escolas—e esse antro de vergonha e miséria—a prisão.

Naquelle grande livro aberto não sabia ler o sineiro, dormia-lhe, ás escuras o espirito, não tinha temperamento afinado para apreciar aquillo; olhava para a payzagem, não para admirar-a, mas porque emfim era natural que olhasse para alguma coisa.

Em qual d'aquellas ruas, em qual d'aquellas casas teria nascido elle, o engeitado?

Seria além, num daquelles casebres arruinados, denunciadores de uma miséria enorme, ou num d'esses predios

com cortinas pezadas, jardineiras floridas, terraços de mosaico?

Pensando nisso o sineiro indifferente abria a bocca e espreguiçava-se á vontade.

De repente sentio bulha de carros; curvou-se e vio entrar na igreja um casamento,—a noiva alva, loira, e timida parecia uma nuvem, e outro fosse o sineiro que procuraria ver se a torre mudara de posição.

—E' bonita, resmungou elle, e quem sabe? talvez seja minha irmã.

Os noivos sahiram e ainda o sineiro la ficou em cima gosando o frescor e estendendo machinalmente a vista pelo horizonte.

La descer quando lhe gritaram de baixo que tocasse a finados: entrava o esquife de uma senhora idosa; o sineiro obedecia.

Os sons do sino pesaram lugubres no espaço, tristes como os ais de quem soffre muito! muito! e a cada badalada pensava comsigo o sineiro:

—Quem sabe? talvez seja minha mãe!

Por fim tudo recahio no silencio.

O sineiro accendeu um phosphoro, resguardando-o com a mão, poz lume ao cigarro, vestiu o casaco de diagonal havana, enrolou mais no pescoço o lenço de lá cinzenta, tossio estrondosamente e prompto, desceu rapido a escada, batendo com os grossos sapatos acalcanhados nos degráus estreitos.

Quando chegou a baixo, a igreja estava vazia.

O sachristão raspava com a unha rente do pollegar a cêra pingada na sua roupa preta, murmurando coisas que não eram com certeza orações.

—Olá, pequeno, bradou-lhe o sineiro, o senhor vigario já foi?

—Já, sim, respondeu com mau modo o sachrista.

—Bem. E voltando costas o sineiro sahio

Morava perto, numa caza humida, baixa, escura, deitando sobre uma area infecta.

Esperava-o um companheiro antigo; sentaram-se a conversar perto da meza de pinho coberta de nodos escuras, mal equilibrada num caixote velho. Accommodou-se um d'elles num moxo, outro numa cadeira desconjuntada.

Pela porta aberta entrava obliquamente uma columna de sol polvilhando de oiro o espaço illuminado.

No meio de uns trapos amontoados a um canto revolviam-se um cão malhado tentando apanhar moscas com os dentes, e mais adiante um gato magro dava pinotes, esforçando-se para apanhar a ponta de um *cache-nez* que estava pendurado aos pés da cama.

O sineiro e o amigo bebiam um vinho negro, espesso, pesado, insalubre e contavam, rindo, historias, até que adormeceram sobre a meza.

Que importa? Só ás Ave-Marias elle teria de subir á torre para tanger o sino nessas badaladas que derramam uma melancolia vaga, doce, cheia de unção religiosa nas almas que as escutam, que fazem o aldeão honesto e crente tirar respeitoso o chapeo, as mães offerecerem aos filhos o collo agasalhador e terno.

Então como que se aniquilla a natureza, é a hora da paz, do socego, da mansidão das cousas e dos seres.

Por isso essas badaladas não nos parecem dadas por mão humana, nem produzidas pelo contacto do metal.

São como que uns suspiros do declinar do dia...

JULIA LOPES.

Um rosto formoso é o mais interessante espectáculo do universo.

PLATÃO.

CRITICA SCIENTIFICA

(Continuada do n. 39)

Permitta-nos o illustrado Sr. Dr. Vieira de Mello que comecemos por dar-lhe os parabens em consequencia de não haver jámais perdido em sua clinica um so doente de febre.

De facto, em uma cidade como a do Rio de Janeiro, em que o medico tem necessidade de armar-se de sulfato de quinino para fazer fogo a qualquer molestia, com o receio da intercorrência palustre que, como muito bem diz S.S., e o mais terrivel inimigo que possui esta população; em uma cidade como esta, o clinico de muitos annos, que não tem o desgosto de contar um caso fatal de febre, deve orgulhar-se e ter a generosidade de propalar os meios que emprega para resultado tão lisongeiro.

S. S. por certo está convencido de que os seus collegas não poderão acreditar que é apenas com o sulfato de quinino que tem conseguido esse triumpho; pois que nos, que não *pregamos a subversão*, que não *incutimos no espirito da população a erronea ideia de que o sulfato de quinino estraga o estomago, o fígado, intestinos, coração e...* mais que sei! temos visto empregal-o em alta escala inutilmente, e em condicoes de absorpção por parte do doente, com indicação clara, manifesta e racional do seu emprego.

O que dirá o Sr. Dr. Vieira de Mello se assistir ao procedimento de um dos seus collegas, chamado com urgencia para ver um doente affectado de qualquer forma de febre perniciosas, prescrevendo elle tambem com urgencia altas doses de sulfato de quinino pela via rectal, pela via gastrica e em injeções hypodermicas, segundo as indicações de momento?

Se, firmalo bem o diagnostico, esse collega conhecer que se trata de um d'esses casos em que nem tempo ha de desembaracar o tubo gastro-intestinal por meio de um vomitivo ou de um purgativo, afim de que o medicamento possa ser facilmente absorvido e usar de qualquer d'aquelles meios ou de todos tres immediatamente, S. S. reprovará o procedimento d'esse collega?!

Contam-se ás dezenas d'esses casos no exercicio da clinica d'esta cidade, casos que fazem o medico passar pelo desgosto de perder o seu doente, ás vezes enquanto receita, outras vezes antes de usar da primeira dose do medicamento, e outras—mesmo depois da absorpção do sulfato de quinino!

A intoxicação palustre é ás vezes tal que não ha sulfato de quinino capaz de domial-a!

Habilissimos clinicos do Rio de Janeiro poderão attestar esta verdade, porque têm já experimentado esses dis-sabores citados.

E'por essa razão que não podemos crer que o Sr. Dr. Vieira de Mello deva o seu triumpho a escudar-se unicamente nesse precioso especifico e d'esse modo avançar contra o impaludismo, attacando-o e debellando-o.

Sentimos não ter espaço que nos permita continuar hoje mesmo a acompanhar o Sr. Dr. Vieira de Mello no seu trabalho; mas reservamo-nos para sabbado.

DR. SAHEN.

« A chimera é uma rosa e a existencia uma haste:

« Rosa cheia d'aroma e haste cheia d'espiúhos! »

GUERRA JUNQUEIRO.

MADRIGAES

IV

Já dos passados tempos esquecido,
Eu não amava.
Coração engelhado e resequido,
Eu vivia do tempo já vivido
Que todo o meu presente acabrunhava.

Mas vi-te... E agora,
S'tou assim como um cego, velho artista,
Que de repente recobrasse a vista
E, antes de ver mais nada, visse a aurora.

Luz tão intensa
Não me deslumbra so: até me assusta!
Minh'alma, outrora intrepida e robusta,
Tenho-a suspensa,
Imbelle, fraca, treimula, covarde.

Todo o céu arde
Nas esplendidas chammas do levante!
Magoa-me este immenso resplendor,
Mas trocára por annos este instante!

Como é gostoso e pungitivo o amor!

V

Pela manhan, bem cedo,
Abro a minha janella à luz do dia,
Ao delicioso aroma do arvoredo.
E' tu-lo luz, perfumes, harmonia!

Fugio a tréva escura,
Descobrio-se a payzagem,
Tudo rescende a matinal frescura.
Sobre a verde folhagem
Desfez-se a Noite em lagrymas de orvalho.

Aves soltam canções de galho em galho;
E' tudo puro, sonoro e brando,
Como os olhos e a voz da minha amada.

O meu canario, as pennas arrufando,
Entoa a cavatina da alvorada.
Rasga a Aurora as cortinas do levante
E toda em luz inunda nesse instante
A natureza calma.

Sob a minha janella, então, senhora,
Passas ligeira, e deixas na minh'alma
Mais luz ainda do que a luz da Aurora!

Setembro, 19—1885.

FILINTO D'ALMEIDA.

«O FLOR»

A' imitação do que costumam fazer os jornaes francezes, publicamos em seguida boa parte de um dos mais interessantes capitulos d'*O Flor*, recentissimo romance de costumes brazileiros, por *Galpi*. Por esta amostra se poderá julgar do valor do livro, certamente destinado a um successo brilhante, se é que entre nos ha successos litterarios, e mormente — brilhantes.

No proximo numero daremos um artigo critico do nosso collaborador Araripe Junior sobre *O Flor*.

XV

« A casa enchia-se de mulheres e homens de todas as idades.

A alegria reinava em todos os peitos; rumor confuso de vozes dissonantes, risadas ruidosas, gritos de satisfação e prazer eram cantos desharmonicos, que a louca humanidade entoava ao som do monocordio das praias e dos rochedos do mar, tangido pelos ventos, que passavam gemendo e pelas ondas, que batiam-no em pausado rythmo de queixas dolentes!

Os candieiros de folhas de Flandres, pendurados ás paredes, as candeias de cobre, suspensas de seus mancebos e as velas espetadas em gargallos de garrafas allumiavam com luz baixa e morna a casa, enchendo-a de escura fumaça.

O papagaio, preso pela corrente de latão em torno de *Cabiúna* fincado no portal, soltava gritos agudos procurando imitar os foliões.

Annunciado o *Chiba*, formaram-se as filas de dansarinos.

Ninguém faltára ao pagode!
O *Joaquim Toco*, ao lado da *Maria das Dores*, meneava garboso o seu tronco de anão; o *Flor*, amollecido por extrema ternura, conversava com a *Conceição*, ou lançava olhares furibundos sobre o *Maneco*, que, *ponteando* a viola, gritava alegre e todo se requiebrava ao compasso da musica.

A *Mandioca* com as filhas, ainda mais *mandiocas* do que ella, falava, agitava-se, deixando brilhar em seus olhos a luz de uma odienta inveja e até sinistra, ao ver a roda, que todos faziam ás filhas do *Carapão*. A *Sinh'Anna*, sentada a um canto, contemplava em observadora attitude o futuro genro e o *Maneco*, que, passeando por entre as filas dos dansantes, *soltava o ponto*, começado por um prolongado ai! e bem suspirado:

« Quo mulatinha bonita!
Tão bonita, faceirinha!

Ai!

Tem a cara de sanctinha
Coração de trahidor.
Adeos, meu cravo da India.
Adeos, meu botão de flor!»

« Se eu pudesse (mas não posso)
Fazer o dia *malhol*

Ai!

Dava um laço na fita verde,
Outro no raio do sol.
Adeos, meu cravo da India.
Adeos, meu botão de flor.»

Os dansarinos agitam á direita e á esquerda os corpos, acompanhado-lhes com os pés o movimento, como floresta, tangida por aura branda e uniforme, curva e ergue em gracioso meneio a copa das suas arvores.

As violas, sob as unhas aduncas dos que, *em ponteado*, ferem-lhes as cordas, cautam endeixas melancolicas, emquanto outras, *em rasgado*, parecem em desespero gemer chorosas.

Repetido o estribilho do ultimo verso, os adufes agitam-se no ar, batidos pelos punhos dos tocadores, que rufam-nos, em seguida, correndo o pollegar sobre o couro encerado e circulando-lhes os aros de madeira.

As filas dos dansantes caminham formando roda geral; fronteam-se os pares, sapateando os homens, emquanto as mulheres nos voluptuosos requiebrões das feiras excitam-nos aos prazeres da dansa.

Gritos e exclamações interrompem, como a voz da araponga os rumores do sertão, o barulho ruidoso do *Cahib*.

— « Ahi! »
— « Quebra! »
— « Machuca! »
— « Pisa este coração, que é todo teu! »

— « Ai Jesus, eu morro. »

— « Não posso mais: Você me mata. »
Esta rapariga excitada em todos o entusiasmo: é o *Pião-Sereno*. Não anda, desliza; imprime ao corpo tão suave movimento, que é antes sylphide do que mulher. Os braços nús são ás vezes azas, que recurvam-se em sereno adejo; outras, inertes, pendem ao longo do delgado corpinho como que aniquilados de morte. Os olhos mostram agora inexprimivel doçura; pouco a pouco se

revolvem, afundam-se nas palpebras, e d'elles so se vê o branco, que de todo as corneas se sumiram.

E' a encantadora imagem da volupia, que ali se agita, *sereva* como do infante o pião, que *dorme*, depois de feito o seu gyro de translação.

Aquella é artista de genero diverso. Não tem as suavidades da primeira. Nos biuscos movimentos das fleiras *rasgadas*, em que recurva o corpo a tocar no chão com os dedos, estalando ao mesmo tempo a castanhola, que gyra em veloz rodopio, ora *saracoteia*, ora corre louca de prazer; bamboleia um instante o corpo, como presa de ebriedade, e por fim roquebra-o em ancias de amor, com gestos de bacchante: é a *Treme-Terra*.

Sempre que ellas dansam causam delirio.

Os apologistas acompanham-n'as com gestos bizarros e com extravagantes esgares, debaixo de uma tempestade de prolongados applausos.

A febre da dansa já havia attingido ao seu mais alto gráo de intensidade. O entusiasmo, o fervor, o delirio, a loucura do prazer avassalaram todos os peitos e todas as cabeças.

Os sons das violas rompem de longe em longe o rufo dos pandeiros e o estrondo do *sapateado*, como perdidos e lamentosos pios de aves marinhas no meio do rumor da tempestade.

A dansa já perdeu de todo a cadencia; os homens parecem antes demonios e o *Chiba* uma folia infernal!

Ao desafio de *Dores* sahe o *Toco*, arroubado de amoroso entusiasmo.

O *Maneco*, que lhe está ao lado, passa-lhe por sobre a cabeça a perna com gesto do desprezo; e toma-lhe a dianteira, atirando um beijo na ponta dos dedos á bella dansarina.

Oh! affronta! Quem poderia supportar a presença da mulher amada!? Menos o *Toco*, que, por ser pequeno, tinha, na expressiva phrase popular, o *coração perto da bocca*.

A repulsa foi immediata. Um salto, um empurrão, uma *rasteira*, foi obra de um momento; e por terra, no meio da grita de todos, cahiu o *Maneco*, não sem haver descarregado sobre a cabeça do *Toco* a viola, que voára em pedaços, ficando d'ella apenas na mão do violeiro o braço, todo enfeitado de fitas!

Aluta está travada: formam-se os partidos e todos tomam parte na briga.

As mulheres correm em desordem, gritando espavoridas, chocam-se, empurram-se, enovelam-se e pedem socorro; gritam pelos paes, pelos maridos, pelos irmãos e pelos filhos! A confusão é completa.

As candeias, candieiros e velas apagam-se quasi de subito e mergulham os lutadores e os que tentam fugir em profunda escuridão.

A casa do *Zeferino* transforma-se inopinadamente em horrivel pandemio!

O tumulto é medonho: nenhuma voz se distingue; as juras, os improperios, os mais affrontosos epithetos confundem-se em horroroso alarido com as lamentações e gritos de terror!

GALPI.

A OBRA DE VICTOR HUGO

Segundo os dados offerecidos pelo recente livro *L'œuvre complète de Victor Hugo*, edição dedicada por Hetzel e Quantin á construcção do projectado monumento, compõe-se a Obra do grande Mestre de 47 obras; a saber: 19 de poesia; 11 dramas; 9 romances e 8 de varios generos (philosophia, historia, *Actos e palavras*, etc.)

Eis a ordem chronologica em que foram publicadas:

1822 — *Odes et Ballades*; 1823 — *Han-*

d'Islande; 1826 — *Bug-Jargal*; 1827 — *Cromwell*; 1828 — *Odes et Ballades*; 1829 — *Le dernier jour d'un condamné* e *Les Orientales*; 1830 — *Hernani*; 1831 — *Notre Dame de Paris*, *Marion Delorme* e *Les feuilles d'automne*; 1832 — *Le roi s'amuse*; 1833 — *Marie Tudor* e *Lucrece Borgia*; 1834 — *Claude Gueux* e *Litterature et Philosophie mêlées*; 1835 — *Angelo, tyran de Padoue* e *Les chants du crepuscule*; 1836 — *La Esmeralda*; 1837 — *Les voix intérieures*; 1838 — *Ruy Blas*; 1840 — *Les rayons et les ombres*; 1842 — *Le Rhin*; 1843 — *Les Burgraves*.

Aqui houve um longo intervallo de 9 annos, em que V. Hugo, — o inexgotavel e variadissimo escriptor, que todos os annos publicava uma obra, quando não duas ou trez — não deu á luz nenhum livro.

Eram os primeiros annos do exilio; o gigante, entristecido e meditabundo, reconcentrou-se no estudo e na scisma, a preparar as estupendas obras primas com que devia assombrar o mundo.

Esse longo silencio foi interrompido pelo *Napoleon le Petit*, bomba terrivel de sarcasmo e vingança, que, lançada da ilha de Guernesey pela mão do gigante, veio rebentar no seio do imperio, cobrindo o imperador de desprezo e de ridiculo, de maldicções e de gargalhadas.

Reatemos, pois, a serie:

1852 — *Napoleon le Petit*; 1853 — *Les Chatiments*; 1856 — *Les Contemplations*; 1859 — *La Légende des siècles*; 1862 — *Les Misérables*; 1864 — *W. Shakespeare*; 1865 — *Les chansons des rues et des bois*; 1866 — *Les travailleurs de la mer*; 1869 — *L'homme qui rit*; 1872 — *Quatre vingt treize* e *L'année terrible*; 1873 — *La légende des siècles* (2ª serie); 1877 — *Histoire d'un crime*; 1878 — *Le Pape*; 1879 — *La Pitié suprême*; 1880 — *Religions et Religion* e *L'âne*; 1881 — *Les quatre vents de l'esprit*; 1882 — *Torquemada*; 1883 — *La légende des siècles* (Ultima serie).

E aqui terminou a gloriosissima enfiada de sóes, que de anno em anno se accendiam no vasto firmamento da litteratura franceza, illuminando o mundo inteiro! Terminou e não terminou. Assim dizemos porque o grande Mestre deixou no seu riquissimo escriptorio muitas obras, inteiramente inéditas; as quaes serão publicadas gradativamente, uma por anno.

Os manuscritos deixados pelo Mestre constituem a materia de dez volumes. A sua publicação foi confiada por V. Hugo no seu testamento litterario a Auguste Vacquerie, Paul Meurice e Ernest Lefèvre, os trez amigos mais antigos do poeta.

Trez dos volumes estão completamente concluidos e promptos para apparecer: os outros sete compõem-se de manuscritos desordenados, dispersos por diversas gavetas e por diferentes moveis.

Muitas das notas tomadas nelles referem-se á época do exilio do poeta.

Nem uma só palavra do texto escripto por Victor Hugo será alterada. O trabalho dos trez executores, escolhidos pelo illustre finado, limitar-se-á a notas explicativas e a curtos prefacios.

M. V.

A boa rima deve ser como a mulher adorada, cujo rosto, como necessario e unico, parece não poder ser — sem uma odiosa profanação — substituido por outro.

THEOD. DE BANVILLE.

ME, ME, ADSUM...

(VERSÃO DE LUCIO DE MENDONÇA)

Eil-os perante o magistrado,
Que lhes diz: « Casados estaes
« Em nome da Lei; quanto ao mais
« Lá vos fica ao vosso cuidado. »

Diz depois no templo sagrado
O padre: « Abençoados sejaes
« Em nome da Fé; ora entraes
« No grande mysterio ignorado. »

Mas eis que no limiar divino
Surge um formoso deus menino
E assim ao par exclama: « Eu sei,

« Loucos, que não contaes commigo!
« Pois sou o Amor, e vos desligo:
« Eu não conheço Fé, nem Lei. »

JOSEPHIN SOULARY

THEATROS

O movimento theatral vae renascer. Chegou de S. Paulo a companhia do Sant'Anna e chegaram da Europa Souza Bastos e a actriz Pepa.

O sympathico actor Montedonio continúa na faina de organizar uma boa companhia e o Martins já tem peça em ensaios adiantados.

O *Conde de Monte Christo* deve subir na proxima semana á scena do Recreio.

O Dias Braga está montando com grande capricho a celebre peça de *Dumas Pae*.

Inaugurou-se no sabbado passado o *Congresso Dramatico João Caetano*.

Alguns moços reuniram-se e deliberaram fundar esta sociedade, cuja carreira deve ser brilhante, a julgar pelos esforços d'estes rapazes.

Para começar, effereceram aos seus socios e convidar-lhes uma beila festa, em que foi cantado em scena aberta o hymno da sociedade, composto habilmente pelo Sr. Julio Faria. Além d'isto, conseguiram organizar um magnifico concerto em que se fizeram ouvir e foram applaudidas as Exmas. Sras. D. Josephina Almeida, D. Amelia de Almeida e D. Isabel Cruz; alguns socios, d'entre os quaes muito sobresahiu o Sr. C. Neiva, desempenharam satisfatoriamente uma comédia intitulada *A Republica dos Caloteiros*; o Sr. Dias da Silva representou uma scena comica da sua lavra, intitulada *E' Droga*.

Houve depois uma animada *soirée* e dançou-se com grande alegria até de madrugada.

PEDRO THALMA.

VOLTAIRE E HUBER

Durante o ultimo mez muito se falou e escreveu em Paris sobre o immortal auctor da *Merope*.

A inauguração da sua estatua em bronze, cuja execução fôra pelo governo da republica confiada ao talento de Carel — deu logar a uma verdadeira inundação de pequenos bustos em gesso, em terra cota, de retratos de todos os systemas, pelos *boulevards*, ruas, praças e vitrines; que por todos os preços eram offereci dos aos transeuntes, pelos negociantes da grande cidade.

Não será fora de proposito a anecdota seguinte occorrida entre Voltaire e o pintor Huber.

Devido a um titulo official procedente de Catharina da Russia tornara-se este pintor uma especie de despota.

O proprio poeta, devido á grande dedicação e respeito que lhe votava o pintor, sugitava-se-lhe ás repetidas impertinencias.

Tanto assim que apesar do recolhimento em que vivia na sua aprazível morada de Fernay, afastado, e não recebendo visitas de quem quer que fosse, todavia não poude elle deixar, embora contrariado, de fazer excepção a Huber.

Este bem percebia o máo humor e o que havia de asperza na hospitalidade que lhe dava o poeta; mas não se deu, por achado.

Presenteou por varias vezes a grande imperatriz com caricaturas do poeta, de todos os feitios immagiveis.

E o *desditoso* auctor *bon gré mal gré* via-se obrigado a supportar este intruso que o retratava quando comia, quando dormia, quando acordava, quando trabalhava, ora de touca, ora de barrete, ás vezes de cabelleira, outras de calva á mostra; emfim, acostumar-se por tal fórma a traçar o perfil do *miserio* Voltaire, que no proprio pedaço de queijo que dava ao seu gato predilecto, fazendo-o morder pelo bichano—apresentava o perfil do philosopho.

Elle que não supportava o minimo incommodo, vio-se obrigado a tolerar esta especie de idolatria por parte do pintor para quem a unica preocupação era esboçar o perfil do poeta em todas as occasiões e o maior numero de vezes, não attendendo, nem percebendo o quanto poderia haver de ridiculo para o velho philosopho o ver-se muitas vezes retratado nas occasiões menos proprias para isso, como, por exemplo, ao levantar da cama. Este *croquis*, hoje celebre, intitulado *Le lever de Voltaire*, representando-o de barrete de dormir, pernas nuas, enfiando uma dellas nas calças, firmando-se na outra, fez grande escandalo e magoou Voltaire que se queixou da pilheria do «seu amigo Huber» a Catharina da Russia, em uma carta, na qual lhe dizia que o desenhista o pintou com as pernas, o pescoço e mesmo um pouco da physionomia da garça real da rainha, a qual, garça, chamava-se *Flamant*.

MATER INFELIX

Oh não embales, mãe, o berço d'esse infante
Que procura dormir! Ali no seu semblante,
Aonde viste ha pouco uma aurora nascendo,
Anda uma noite, mãe: Teu filho está morrendo.

Morrer quando a manhã da vida fulgurante
Vem surgindo; cahir, sumir-se no levante
O astro, pelo espaço infinito descendo...
Quanto martyrio, ó mãe! Oh quanto estás
soffrendo!

Agora não vés mais sorrir essa creança:
Não embales a morte, ó pura semelhança
Da mãe do Nazareno, o martyre Jesus!

Lança do teu olhar a sacrosanta luz
A'quelle que morreu, ao niveo corpo frio,
Que para a cova encher deixa um berço vazio.

ARTHUR MENDES.

Setembro de 1885.

GAZETILHA LITTERARIA

Livros francezes GEOGRAPHIA

DE LA MONNERAYE—*Geographie ancienne et historique de la Péninsule armoricaine.*

BELLAS ARTES

FRANÇOIS BOURNAND—*Histoire des beaux-arts et des arts industriels.*

LITTERATURA

HECTOR DE FRANCE—*Amour au pays bleu.*

GEORGES DURUY—*Le garde du corps.*

ERNEST D'HERVILLY—*Les Parisiens bizarres.*

MAURICE MAGNIER—*Epousée e Danseuse*; illustrações de Guillaumot.

PUBLICAÇÕES ANNUNCIADAS

GEOFFROY—*Recueil des instructions diplomatiques*, 2º volume.

DE GUILHERMY—*Papiers d'un émigré.*

DELACHENAL—*Histoire de l'ordre des avocats.*

DR. BÉRENGER-FÉRAUD—*Traditions et reminiscences populaires de la Provence.*

ALFRED CHUQUET—*Première invasion prussienne en 1792.*

PETIT DE JULLEVILLE—*Comédie au moyen âge.*

ARTHUR LOISEAU—*Histoire de la langue et de la littérature portugaise.*

Expedition de Stanley au Congo (tradução).

Obras em portuguez

Acaba de chegar de Lisboa a HOLLANDA, o bello, e extraordinario estudo de Ramalho Ortigão, que fora anteriormente publicado, em artigos, nas columnas da *Gazeta de Noticias*. É um bello e grande volume, in 4º, de 360 paginas, nitidamente impresso em superior papel. São seus edictores Magalhães & Moniz, do Porto.

É uma obra notabilissima, de raro valor scientifico e litterario.

A VIDA ELEGANTE

Botafogo é o bairro da aristocracia e portanto, já se sabe, o bairro da fina sociedade, d'essa sociedade que uza botas de Melliés e veste-se no rigor da moda.

Fui no sabbado á noite a um esplendido baile que realizou o Club de Botafogo e está visto que extasiei-me diante do que ha de mais bello nesse sexo privilegiado, cujos dotes physicos nos encantam e nos assombram.

Dancei e assisti a um concerto para cujos executantes só tenho elogios. Veja o leitor os seus nomes e ha de convenir-se de que tenho razão. Foram elles as gentilissimas Sras. D. Antonina de Carvalho, D. Emilia Canijaro, D. Izabel de Almeida, D. Eudoxia Dias, D. Maria de O. Coelho, D. Marietta Pederneiras, D. Elvira Menezes, D. Alfonsina de Carvalho e os Srs. Armand, Missik, Alvaro Ramos, Armando Dias, A. Agostini e P. Toyillo.

A' digna e amavel directoria do Club de Botafogo agradece o convite que enviou á Redacção d'*A Semana* o

LOGNON.

VINGANÇA

(LUIZ RATISBONNE)

Ignez corria atraz da irman, levando a mão
Cheia de pedras.—Má! Espera; vaes pagar
O teres me batido, eu vou...

Eis vê chegar
a maman, que lhe diz:—Calmemo-nos, então!
—Paula bateu-me; assim, preciso defender-me.
—Abre essa mão primeiro e atira as pedras fóra.
Ignez obedeceu.

— Bem, minha filha, agora,
repara, ao apanhar as pedras, arrancaste,
sem suspeitar sequer, uma violeta inerte,
que, cega pela raiva, inconsciente esmagaste;

vê como a doce flor castiga a tua offensa:
p'ra vingar-se de tí a mão te perfumou.
Ignez, sentindo então uma vergonha immensa,

Curvou a cabecinha e tremula corou.
—Fillinha; disse a mãe com magica doçura,
deves vingar-te, sim, como a violeta o fez.

E a perfumada mão, tão pequenina e pura,
á irmansinha estendeu a arrependida Ignez.

(Da Comédia Infantil).

ADELINA A. LOPES VIEIRA.

POLITICA E POLITICOS (*)

Para fugir á escusa de assumpto magro, teve o annotador de respigar no parlamento-mirim, com séde na outra margem da bahia.

A natureza da secção nem consente encarnas de analyse estreme de afinidades politicas, e assim escapa um bellissimo motivo para florituras:—O privilegio doado pela municipalidade, em desfavor dos commerciantes de verduras.

Ao pean do talentoso Dr. Werneck, fronteando com os partidos constituidos para contar-lhes os vicios, e sacrificar nos altares da republica por sentir enjoo das facções monarchicas, pois o seu espirito, novo, bem orientado, avido de progressó, só havia encontrado naquellas brigadas o desanimo, a falta de ideaes, a lentejoula do patriotismo como floreira tribunicio, respondeu o Dr. Porciuncula.

Vexillarios de uma idéa tida em conta de prematura pelos que se derreiam em rotina abafadiça, assumiram posição tão saliente quão espinhosa.

Tém agora os recém-vindos, bem á mão, motivo para revolta:—a projectada annuidade aos Salesianos.

É santa a propoganda, e só a valentia do apostolo democratico pôde arruinar a obra da esperteresa... de vestes talaes.

Aos salesianos. E se apparecerem ex-comunhões, acceito a partilha.

ORYC.

(*) O artigo d'esta secção publicado em o numero passado, pertence ao escriptor que usa o pseudonymo de Oryc, até a primeira assignatura, sahindo o P. S. da redacção assignado por engano.

CONSELHOS SALUTARES

Começamos hoje uma nova secção com o titulo *Conselhos Salutares*, a cargo do nosso collaborador Dr. *Sahen*, que dará conselhos hygienicos e receitas medicas.

Algumas das receitas que a *Semana* offerecer aos seus leitores, não serão originaes, mas fica por ellas responsavel esse nosso collaborador, um distincto e illustrado facultativo, do qual muito devem esperar todos aquelles que têm a nossa folha.

É esta inais uma novidade, além das muitas que a *Semana* tem apresentado,

e das que para o futuro pretende apresentar.

REMEDIO CONTRA A ENXAQUECA

Um amigo nosso, que soffria de dores de cabeça ha longos annos, sem poder encontrar um medicamento que, ao menos, o aliviasse d'esse incommodo desesperador, tem tirado magnifico resultado com a seguinte fórmula:

Agua distillada de funcho 30 grammas
 Agua de louro-cereja... 5 decigram.
 Tintura de camomilla... 5 "
 Tintura de nox-vomica... 2 gottas

Para tomar de uma vez, ao começar a dór.

Experimentem e sentirão.

DR. SAHEN.

FACTOS E NOTICIAS

O Lyceu de S. Christovão é um collegio estabelecido neste bairro ha 7 annos, dirigido pelo Sr. Manoel de Souza Dias, que, coadjuvado por sua Exma. esposa, uma virtuosa e intelligente senhora, e seus filhos, proporciona a todos os alumnos a mais esmerada educação e faz d'elles uns perfeitos cavalheiros, como são alguns rapazes nossos conhecidos que de lá sahiram.

O Sr. Dias, que ha muito tempo protege os filhos de grande numero de familias pobres que existem em S. Christovão, instruindo-os gratuitamente, acaba de ter uma idéa, que, com certeza, deve ver realisada pelas muitas vantagens que offerece.

Propõe-se este distincto professor a, pela modica prestação mensal de 6\$000 por cada menino ou menina, ensinar no seu collegio todas as materias.

Nós só temos que felicitar o Sr. Manoel de Souza Dias pela sua feliz idéa e a todos aquelles que têm filhos para educar aconselhamos que não deixem de aproveitá-la porque com certeza não se hão de arrepender.

UM LIVRO NOVO

Gaspar da Silva, o nosso estimavel collega do *Diario Mercantil* de S. Paulo, leve dar brevemente á publicidade um livro que tem por titulo *A pasta de um jornalista*. De conformidade com este titulo constará o livro das muitas e magnificas produções do apreciado escriptor; será prefaciado pelo conhecido philologo Julio Ribeiro e trará uma carta de Mendes Leal e outra de Anthero do Quental, dirigidas ao auctor d'essa importante obra, cujo successo deve ser enorme.

Esperamos com anciedade *A pasta de um jornalista*.

Parabens a Gaspar da Silva.

O Exm. Sr. Barão de Macahubas, realizardá amanha, á 1 1/2 hora da tarde no Museu Escolar, uma conferencia sobre o novo aparelho de sua invenção denominado *Aparelho escolar multiplo*.

Contrahiram matrimonio nesta Corte e devem seguir por estes dias para Ouro Preto o Sr. Dr. Franklin W. da Silva e Almeida, secretario da provincia de Minas, e a Exma. Sra. D. Adelina da Silva e Almeida.

O distincto deputado provincial Guilherme Briggs Filho apresentou á as-

sembléa, na quinta-feira 9 do corrente, na discussão do orçamento municipal, a seguinte proposta:

« Fica a camara municipal de Nictheroy autorizada a levantar no cemiterio de Maruhy, em cumprimento do art. 31 do regulamento do cemiterio do seu municipio, jazigos perpetuos para conservação dos restos mortaes de Carlos Ribeyrolles e Fagundes Varella, aos quaes se referem as leis provinciales ns. 1.310 de 29 de Dezembro de 1865 e 2.459 de 22 de Setembro de 1880, podendo despende da verba—cemiterios—até a quantia de 1:000\$ para cada um d'esses jazigos.

« Sala das sessões, 8 de Outubro de 1885—G. Briggs. »

Desejamos que seja approved esse projecto, felicitando pela sua apresentação o digno representante do 4º districto da provincia do Rio de Janeiro.

Ribeyrolles, quando outros grandes titulos não tivesse á estima dos brasileiros, devia-nos merecer todo o respeito a sua memoria, pois foi amigo intimo de Victor Hugo. Varella é um dos nossos mais distinctos poetas. Ambos merecem as homenagens funebres cujo projecto o Sr. Briggs apresentou.

FALLECIMETOS

Falleceu hontem, ás 11 horas da manhã a Exma. Sra. D. Maria Candida Alves Montenegro, esposa do conhecido typographo Sr. Florentino Montenegro, proprietario da typographia Montenegro, onde é impressa a nossa folha.

Ao desolado viuvo enviamos sinceras condolencias.

Falleceu em S. Gabriel a Exma. Sra. D. Joaquina Theodora Brazil, extremosa mãe do distincto poeta Assis Brazil, a quem enviamos os nossos sinceros pezames.

TRATOS Á BOLA

A Sra. Josephina B., e os Srs. Boccacio, Aveçê, e D. Confeito não acertaram com os tratos ultimos. Fez juz ao primeiro premio o Sr. Tico-Tico e ao segundo a Sra. D. Margarida.

D. Pastel agradece a D. Confeito as *tratices* que lhe offereceu.

São as seguintes as decifrações dos tratos do n. 40: Da pergunta *Lina (anil)*, da antiga — *Bapeba*, da musical—*Soldo*, do logogripho — *Castorina* e do enyigma — *Sexto (Cesto)*.

Para hoje temos as seguintes difficuldades:

ENYGMAS

— A A A A A A A A A A—3

— K O

ANTIGA

1—1—2— Na musica é musical esta mulher biblica que tem pae, mãe e filhos.

PERGUNTA

Qual o verbo que junto a um determinativo forma um substantivo que se vê em todas as casas?

AUGMENTATIVA

Nas calças—é sobrenome do navio.

ANTEPOSTA

4— La passo, ca masco, e allumio.

BENEDICTINA (1)

E' do corpo—Perna, até cano e cara.

PREMIOS

Ao primeiro decifrador um exemplar das *Fanfarras* de Theophilo Dias, e ao segundo os *Quatro Poemas* de Luiz Murat.

E até sabbado.

D. Pastel.

(1) Vide n. 8 d'A Semana.

RECEBEMOS

— O *Constituente* n. 1, Anno I—Orgão da democracia e das emprezas industriaes de utilidade geral, de propriedade do Dr. Anfriso Fialho e dirigido pelo mesmo. Desejamos ao collega venturosa e prolongada existencia.

— *Revista dos Novos* n. 2—Sob a direcção do Sr. José Feliciano e tendo como colaboradores varios litteratos distinctos, é este periodico publicado mensalmente em S. Paulo. Do formato d'A Semana e tendo as mesmas disposições da nossa folha, a *Revista dos Novos* promete ter uma vida duradoura e feliz. Desejamos-lh'a.

— *L'Etoile du Sud*. Temos recebido diariamente esta folha que, de harmonia com o seu titulo, scintilla... a vinte réis. E' uma *etoile* que não arruina ninguém: cousa rara.

— *A Estação*. Jornal de Modas, n. 18, anno 16 dedicado ás senhoras. Traz, como sempre bellissimos figurinos.

— Do Sr. José de Mello: fasciculo 6 da *Historia de Gil Braz de Santilhana*,—fasciculo 32 do *Cadastro da Policia*; *Bibliotheca do Povo*; *Manual do Ferrador*; *Restauração de Quadros e Gravuras*; *Metallurgia*. Obras estas que mais uma vez recommendamos ao publico.

— Dos Srs. Henri Nicoud & C. (Au Petit Journal) *La mode illustrée e Le salon de la mode*, n. 33, de 19 e 20 de Setembro, e *La Revue Politique et Litteraire*, n. 12, da mesma data. Verificámos que entre a publicação dessas folhas e a sua entrada nesta redacção mediaram apenas 18 dias. Não se pôde exigir mais presteza neste serviço.

— *A Hollanda*, de Ramalho Ortigão. Editores—Magalhães & Moniz, do Porto. Agradecemos ao illustre escriptor o exemplar com que nos honrou e, principalmente, a benevola dedicatória com que distinguio a redacção d'A Semana.

CORREIO

— Sr. F. Brito.—Pagámos ao correio 100 rs. pela sua carta, de conformidade com o pedido que estampou a tinta violeta nas costas do envelope, allegando ser pobre.

Ora Sr. Brito, quem é pobre não tem vícios, e fazer versos é um vicio e vicio dos peiores. Portanto, quando quizer continuar... pague o sello.

— Sr. Pedro Affonso Junior.—A sua poesia intitulado *Minha mãe* encerra uma idéa que não é má, porém os versos não estão bem feitos e isto nos impossibilita de lhe dar publicidade n'A Semana. Procure V. S. metrificá-os, que não se ha de arrepender.

Sr. Domingos Coelho Linhares.—O seu soneto *O namorado do B.* não é má... Falta-nos espaço para publicá-lo; isso é que é má para o senhor, com toda a certeza.

— Sr. Armando de Andrade.—Lemos a sua poesia *Paulicéa*. O Sr. é verdadeiramente poeta. Cultive a sua *veia* e... appareça. Se quizer ler a *Arte Poetica* de Castilho, é favor que fará a si e á patria.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Dr. Henrique de Sá, especialista de syphilis e molestias das crianças.—Rua Primeiro de Março, 22 (consultas do meio-dia ás 2 horas)—Residencia: Rua de S. Clemente, 165 A.

JOCKEY-CLUB

CORRIDAS NO PRADO FLUMINENSE

DOMINGO, 11 DE OUTUBRO DE 1885

ÀS 11 1/2 HORAS EM PONTO

Primeiro pareo—MAJOR SKOW—1,609 metros—Inteiros e eguas do paiz, de meio sangue, que não tenham ganho—Premios: 400\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo—Inscrição 20\$000

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Italia	Vermelho....	3 annos	S. Paulo.....	46 kilos	Azul e amarelo.....	Souza Liberal.
2	Nicoasi.....	Castanho....	3 »	Paraná.....	48 »	Violeta.....	P. & Nunes.
3	Aurelia.....	Alazão.....	3 »	Rio de Janeiro	46 »	Azul e estrellas cõr de ouro.	A. E. de Oliveira.
4	Alteza.....	Libuno.....	5 »	S. Paulo.....	52 »	Branco e encarnado.....	O. Junior & Lopes
5	Marengo.....	Vermelho....	5 »	S. Paulo.....	51 »	Vermelho e preto.....	Coud. Rio-Grandense
6	Aranha.....	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	49 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga
7	Araby	Alazão.....	3 »	Rio de Janeiro	48 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
8	Vampa.....	Zaino.....	3 »	R. G. do Sul..	48 »	Grenat e estrellas azues..	Coudelaria Paraiso
9	Brazil.....	Castanho....	5 »	Rio de Janeiro	51 »	Encarnado e preto.....	J. W.

Segundo pareo—FERREIRA LAGE—1,609 metros—Inteiros e eguas nacionaes, de meio sangue—Premios: 500\$ ao primeiro e 150\$ ao segundo—Inscrição 25\$000

1	Bayoco	Castanho....	4 annos	S. Paulo.....	53 kilos	Branco e encarnado.....	O. Junior & Lopes
2	Guanaco.....	Alazão.....	9 »	Paraná.....	51 »	Vermelho.....	Coud. Rio Grandense
3	Americana.....	Tordilho....	3 »	Rio de Janeiro	48 »	Preto e branco.....	P. Beirão
4	Sartarelle.....	Preto.....	5 »	Paraná.....	60 »	Preto e encarnado.....	J. W.
5	Regalia.....	Vermelho....	5 »	S. Paulo.....	56 »	Encarnado e ouro.....	J. B.

Terceiro pareo—INTERNACIONAL—1,609 metros—Animaes de todos os paizes—Premios: 800\$ ao primeiro e 200\$ ao segundo—Inscrição: 80\$ para estrangeiros e 40\$ para nacionaes

1	Speciosa.....	Alazão.....	3 annos	Inglaterra....	53 »	Branco e estrellas azues...	E. M.
2	Garibaldi.....	Alazão.....	6 »	Rio da Prata..	57 »	Branco e encarnado.....	O. Junior & Lopes
3	Creusa.....	Alazão.....	3 »	Inglaterra....	51 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.

Quarto pareo—GUANABARA—1,609 metros—Inteiros e eguas nacionaes de qualquer idade e sangue—Premios 800\$ ao primeiro e 200 ao segundo—Entrada 40\$000

1	Boreas.....	Castanho....	4 annos	S. Paulo.....	51 kilos	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança
---	-------------	--------------	---------	---------------	----------	------------------	---------------------

Quarto pareo supplementar—1,000 metros—Animaes de qualquer paiz até 3 annos—Premios: 500\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo—Inscrição 25\$000

1	Sornette.....	Zaino.....	3 annos	França.....	52 kilos	Grenat e estrellas azues....	Coudelaria Paraiso
2	Aspasia.....	Castanho....	3 »	Inglaterra....	52 »	Ouro e branco.....	Coudel. Fluminense
3	Diomedes.....	Zaino.....	2 »	França.....	48 »	Branco e encarnado.....	O. Junior & Lopes
4	Françoise.....	Alazão.....	3 »	França.....	52 »	Branco, encarnado e faxes..	O. Junior & Lopes
5	Gandriole.....	Castanho....	2 »	França.....	47 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança

Quinto pareo—YPIRANGA—1,609 metros—Inteiros e eguas nacionaes de 3 annos—Premios: 600\$ ao primeiro e 200\$ ao segundo—Inscrição 30\$000

1	Druid	Tordilho....	3 annos	R. de Janeiro	50 kilos	Ouro e branco.....	Coudel. Fluminense
2	Dora	Alazão.....	3 »	S. Paulo.....	48 »	Ouro e faxes.....	Freitas Guimarães

Sexto pareo—JOCKEY-CLUB—2,000 metros—Animaes de qualquer paiz—Premios: 1:000\$ ao primeiro e 250\$ ao segundo—Inscrição 100\$ para estrangeiros e 50\$ para nacionaes

1	Curubaid	Zaino.....	5 annos	Inglaterra....	57 kilos	Preto e encarnado.....	D. F. P.
2	Damietta.....	Castanho....	4 »	Inglaterra....	61 »	Branco e manchas pretas..	M. U. Lemgruber
3	Nandá.....	Zaino.....	4 »	Inglaterra....	56 »	Branco e manchas violetas.	M. U. Lemgruber

Setimo pareo—CONSOLAÇÃO—Handicap—1,609 metros—Animaes de todos os paizes e idades—Premios: 500\$ ao primeiro e 150\$ ao segundo—Inscrição 25\$000

1	Bitter.....	Preto.....	4 annos	S. Paulo.....	51 kilos	Azul e estrellas cõr de ouro	E. M.
2	Tabajara.....	Alazão.....	5 »	S. Paulo.....	58 »	Branco e manchas pretas..	M. U. Lemgruber
3	Electrica.....	Alazão.....	5 »	S. Paulo.....	56 »	Branco e manchas violetas.	M. U. Lemgruber
4	Fanfarron.....	Alazão.....	3 »	França.....	62 »	Branco e encarnado.....	O. Junior & Lopes
5	Regalia.....	Vermelho....	5 »	S. Paulo.....	62 »	Encarnado e ouro.....	J. B.
6	Aspasia.....	Castanho....	3 »	Inglaterra....	60 »	Ouro e branco.....	Coudel. Fluminense
7	Creusa.....	Alazão.....	3 »	Inglaterra....	58 »	Ouro, branco e faxes.....	Coudel. Fluminense

Os Srs. proprietarios deverão apresentar seus animaes no ensilhamento ás 11 horas da manhã. Os jockeys que não comparecerem em tempo ao toque de sineta serão multados na fórmula do código de corridas.
Rio de Janeiro, 5 de Outubro de 1885.

O 2º secretario, HENRIQUE GERMACK POSSOLLO.

A SEMANA

CORTE

Trimestre..... 2\$000
Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

PROVINCIAS

Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

SUMMARIO

Expediente.....	FILINDAI & C.
Historia dos sete dias.....	V. MAGALHÃES.
Um casamento feliz.....	LORGNON.
A vida elegante.....	L. M. BASTOS.
Sport.....	F. D'ALMEIDA.
Silencioso, soneto.....	D. M. E. C. ALMADA
José do Egypto, polka.....	M. V.
Instrucção publica.....	P. THALMA.
Theatros.....	Dr. SAHEN.
Conselhos salutaes.....	
Factos e noticias.....	
Recebemos.....	
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

Para boa ordem nas relações do publico e dos nossos assignantes com *A Semana*, declaramos que todas as communicacões litterarias, bem como as consultas, devem ser dirigidas—ao director; as que forem concernentes á administração — ao gerente; e quaesquer pedidos de informacões ou de pequenos serviços a Redacção, bem como cartas de convite, cartões de ingresso, etc.—ao secretario da redacção.

Os senhores que vierem ao nosso escriptorio e tomarem uma assignatura d'*A Semana* por todo o proximo anno de 1886 terão direito a um dos seguintes premios, á sua escolha:

VINTE CONTOS, por VALENTIM MAGALHÃES.—Este livro, que se está imprimindo nas officinas d'*A Semana*, foi expressamente feito para ser distribuido como premio aos assignantes d'esta folha. Conterá mais de duzentas paginas em superior papel, com uma capa de fantasia.

NÃO SERÁ POSTO Á VENDA.

Assim, os que tomarem uma assignatura d'*A Semana* por um anno, e somente esses, terão direito a um exemplar d'essa obra, que, a ser vendida não o seria por menos de 3\$000, o volume.

AURORAS, versos, por Alfredo de Souza; encadernação de luxo.

A CAVEIRA DA MARTYR, celebre romance de Camillo Castello Branco, em 3 volumes.

MARGARITAS, poesias da distincta poetisa D. Adelia Amelia Lopes Vieira; um bello volume.

Aos senhores assignantes de seis mezes daremos como premio UMA MUSICA, inedita, especial e expressamente

composta para esse fim; QUATRO POEMAS, por Luiz Murat, ou um exemplar das AURORAS, brochado.

N. B.— Os senhores que assignaram *A Semana* por um anno, a terminar em Dezembro de 1885 receberão, segundo promettéramos, um exemplar dos VINTE CONTOS.

São agentes d'esta folha os Illms. Srs.:
Em S. Paulo—Dolivaes Nunes.
Em Ouro Preto—Fabricio Ignacio de Andrade.

Em Campos—Antonio Ferreira Martins Filho e Raúl de Bellido.
Na Parahyba do Sul—Verissimo Pacheco.

O Sr. Leonel Guerra é a unica pessoa por nós encarregada de agenciar assignaturas nas provincias—

Tem todos os poderes para representar esta folha.

A SEMANA

Rio, 17 de Outubro de 1885.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Hoje, que nós nos sentimos verdadeiramente inspirados, e que a semana teve assumpto para dez *historias*, é que o paginador nos vem dizer que não ha espaço, porque duas paginas de boa musica a mais, implicam duas paginas de fina litteratura—a menos.

Emfim, resumiremos tanto quanto seja possivel o assumpto e cortaremos as azas á inspiração. *Multa paucis*.

A ordem chronologica dá o primeiro logar da chronica ás barraquinhas do Mercado, e a ordem escandalogica ao enormissimo escandalo do matadouro: duas patifarias distinctas e uma so immoralidade verdadeira — a camara municipal.

Na questão das barraquinhas foi dado o golpe de misericórdia pelo Sr. ministro do Imperio, que deu ordem á camara para designar um local onde os pequenos lavradores possam vender os seus generos.

Reina por enquanto a paz na Varsovia da praça do Mercado e já não ha combates entre a loira cenoura e o verde repolho.

Não podemos deixar de dar aqui sinceros parabens ao cosido nacional e á sôpa Juliaana.

O partido conservador, que tem até hoje sabido escolher regularmente os seus auxiliares, praticou um grave erro: arranhou um tigre de *caraignac* e fez d'el e chefe de policia da Corte.

O Sr. Dr. Coelho Bastos tem sabido captar com rara habilidade as antipathias de quasi toda a imprensa, e com muita razão. Para satisfazer o espirito do seu partido e o dos fazendeiros negrophobos do interior, S. Ex. fez-se capitão de matto. Quanto preto pôde descobrir por ali sem dono, vae-o remettendo logo para as fazendas reclamantes, como se fosse essa a unica missão que a policia tem que cumprir. Tem sido um horror o embarque das pobres victimas na estação da estrada de ferro. Esse embarque foi ultimamente transferido para a estação de S. Diogo por causa da gritaria dos escravos presos.

Não, Sr. Dr. Coelho Bastos, ferocidade e pera não levam ninguém á gloria nem ao amor dos povos.

Cordura, justiça e bigode, mesmo num coelho, são a attributos muito apreciaveis, que encantam o coração e a vista. S. Exa. precisa de um figalo novo e de um barbeiro velho.

Decididamente estes homems de *caraignac*, de desgosto em desgosto, ainda nos hão de levar á campa fria.

Mas tome cuidado S. Exa., as quedas começam por ligeiras opposições. *Cave ne cadas!*

E a historia dos dez inlios *coroados* que foram de Matto Grosso exportados para a Corte?

Isso foi um regalo! Como elles são coroados S. M. o Imperador dignou-se conversar com elles, e deitou-lhes Guarany. Mas, ou a qualidade do guarany de S. M. não é perfeitamente *primeira boa*, ou os indios não conhecem a lingua do Pery de Alencar. O caso é que não se entenderam entre si os onze coroados. Consta-nos até que os dez de Mato Grosso não trataram o Imperador com aquella fina delicadeza que fazia o encanto do *hotel Rambouillet* e que é a gloria do salão de Julieta Lambert; houve um malevolto que chegou a afirmar-nos que o mais velho da tribu levou a inconveniencia ao ponto de... não... calemo-nos, para honra da companhia *City Improvements!*

S. M., como sempre, retirou-se da conferencia satisfeitissimo — com o seu perfumista.

Vantagens da *toilette* dos filhos das selvas. Aprenda a civilisação e não torne S. M., a arriscar a sua imperial pituitaria á selvatica liberdade dos aborigenes.

Em o nosso n. 33 escrevemos na *Historia dos sete dias*:

« Cleopatra, a radiante imperatriz do Egypto, quando o amor do seu Antonico expirara na ponta da espada do

guerreiro, encomendou a um camponez amigo um aspide para suicidar-se. O camponez amigo escondeu o mortifero reptil em uma cesta de figos e entregou-o á consternada amante do romano, que estava encerrada no templo.

«Sabendo d'isto a romantico José Balthazar Teixeira, e tendo uma amante perfida, quiz parodiar a pagina da historia do Oriente, e, entre figos tambem, derramou certa quantidade de strychnina, e, por intermedio de Balbina Rosa, remetteu tudo numa cesta á sua Cleopatra, que nos tempos modernos dá pelo nome de Florinda Lopes—nome que está a pedir uma ecloga. O envenenamento manifestou-se logo e o Borgia foi preso. Florinda foi salva por um medico e Balthazar foi na quarta-feira condemnado a galés perpetuas. O juiz, porém, apellou, e visto que a victima não succumbio será talvez muita dura a pena pe galés perpetuas.»

Houve um engano: foi Balbina que comeu parte de um figo. Florinda não chegou a provar da fructa.

Fizemos essa transcrição para não repetirmos a triste historia. Defendido ante-hontem brilhantemente pelos Drs. Sizenando Nabuco e Jansen Junior, Balthazar foi absolvido.

Como não morreu ninguem, a bella Balbina faça de conta que teve uma indigestão e Balthazar que tome juizo. Lembre-se que o dedo da justiça pôde escrever no seu muro o que o da Providencia escreveu no muro do seu chará chaldaico.

Os projectados açudes de Quixadá transformaram-se em pantanos para a commissão capitaneada pelo engenheiro Jules Revy. Aquillo, segundo affirma o Sr. Aarão Reis no seu relatorio, foi um regabofe! Em seis mezes a commissão, largamente estipendiada, não teve tempo nem para começar os seus trabalhos. Todavia, merece alguma desculpa: esteve tão occupada em receber o *milho* do thesouro...

Quem lhe chegou duas columnas de descompostura foi a *Gazeta*. Bem feito!

A gente não anda aqui a suar e a aturar os cacetes para os Srs. engenheiros irem ali para o Ceará passar vida folgada e milagrosa, comprar mobilias, espelhos, lavatorios, relógios de parede aos pares, e outros instrumentos que a decencia manda calar; recostando-se nas redes, de papo pr'o ar, digerindo a pitaça do erario publico, emquanto os pobres cearenses esperam reservatorios para os calamitosos tempos da secca.

Parabens ao Dr. Aarão Reis pelo seu relatorio e prolfas ao thesouro por sustentar a *pieuvre* só seis mezes.

Aquillo se estivesse ali um anno obri-gava o paiz á bancarota.

Ora o Sr. Revy!...

Começámos pela Camara e pela Camara vamos acabar, pois que a ella pertenceu a semana, como dissemos no começo, quer chronologica quer escandalogicamente.

Mas este escandalo—o escandalo do Matadouro, não é ahi d'esses que bradam á freguezia, ou ao municipio: é dos que bradam aos Céus. Nem todos os bois, vacas, carneiros, porcos e mais *comestiveis* abatidos sob o regimen da preferencia, (*abatidos* é um modo elegante e piedoso de não dizer—mortos e esquartejados) nem todos esses pobres defuntos a mugir, a urrar, a balir, a berrar e a grunhir a um tempo, num prodigioso concertante lafontaineano, bradariam tão alto como está bradando este escandalo e bradará ainda durante vinte e quatro... horas.

Palavra d'honra que o inexgotavel veio da nossa pilheria, celebre nos dois hemispherios, trepida, escasseia e quasi estanca deante da gravidade medonha d'este escandalo-boi.

A honra de cinco vereadores está nelle compromettidissima. Em outra qualquer paiz esses cidadãos, realmente lamentaveis, estariam d'ora avante inutilizados para todo o sempre no conceito do governo como na opinião publica.

Quasi todos os jornaes de hontem publicaram o relatorio do inquerito a que sobre os negocios do Matadouro havia procedido o Dr. Souto Mayor, 2º delegado de policia, por ordem do Chefe de policia, que a havia recebido do activo, zeloso e probo Sr. ministro do imperio.

Nesse relatorio se lê que se cobravam dos marchantes e açougueiros *impostos* não authorisados por lei nem por deliberação da Escandalosissima. (ex-Ilma.)

D'isso desconfiavam os que não tinham certeza, e olhem que estes não eram muitos.

Ouçamos o Dr. 2º delegado: «Depondo varios commissarios de gado, marchantes e açougueiros, resultou a prova de que:

1º As quantias illegalmente cobradas são distribuidas entre os vereadores Drs. Silva Pinto, Henrique de Carvalho, Chavantes e José Meirelles.

2º Que a distribuição era feita pela seguinte forma:

Ao Dr. Silva Pinto 1\$ por cabeça de rez abatida na preferencia.

Ao Dr. Henrique de Carvalho setecentos mil réis semanalmente.

Ao Dr. Chavantes quinhentos mil réis semanalmente.

Ao Sr. José Meirelles quinhentos mil réis semanalmente.

As quantias distribuidas são cobradas dos contribuintes por diversos modos. A uns são ellas levadas á casa; outro mandava fuão Arena recebê-las em S. Diogo, e outros recebiam, já por intermedio de Miguel Barroso, já directamente dos que tinham a preferencia.»

!!!!!!
Que negocio da China!

Um dos taes desgraçados pagantes, um fuão Pacheco declarou um dia—que já estava cansado, de dar dinheiro ao Dr. Henrique de Carvalho.

Eu imagino o estado em que voltava á noite para sua casa o pobre Pacheco. Moido, coitado!

Dizia-lhe a mulher:

—Trabalhaste muito hoje, Pacheco; não foi?

—Muito, filhinha. Nem tu imaginas! Estou com este meu braço direito que não vale nada.

—Pobresinho! E' um trabalho brutal este de lidar com bois! Agarraste algum á unha?

—Qual! Cansa peor. Levei a dar dinheiro ao Zeca desde manhã até agora. Uma canceira!

Pobre Pacheco! pobres pachecos! O Sr. barão de Mamoré não trepidará certamente em levar ao fim a obra de moralisação que tão a tempo e em tão boa hora encetou.

Emquanto não vem o final d'esta trisstissima trapalhada, consignemos a substituição da estafada phrase «negocio da China» por esta, muito mais expressiva:—«negocio de Matadouro.»

O Silva Pereira, se cá estivesse, não diria mais:—Isto é bom como gallinha; mas sim:

—Isto é bom como boi!

Os senhores vereadores comeram a bella carne do Matadouro; vão agora roer-lhe os ossos.

Paciencia, Illustrissimos: é a lei geral.

Afinal, que diabo! não deviam esperar que pudessem passar toda a eternidade ganhando trezentas e mais pelegas de mil réis por dia, como o Dr. Silva, ou setecentos mil bois por semana como o Dr. Alves.

Não ha bem que sempre dure...
Ai! ai!

FILINDAL & C.

UM CASAMENTO FELIZ

(A D. M. C. M.)

«Meu pae.

E' hoje o quinto anniversario do meu casamento.

Prometti-te, no dia inolvidavel e benedicto em que desposi a minha Julia, que em todos os anniversarios d'elle eu te escreveria uma carta em que devéra dizer-te, com a lealdade e a confiança a que tem direito um pae como tu és, o que eu sentisse e pensasse ácerca de minha mulher e da influencia do casamento na minha vida.

Tenho cumprido religiosamente a promessa.

No dia do primeiro anniversario do meu casamento escrevi-te uma infinita carta gorgeada, limpida, risouha como uma alvorada sertaneja.

Essa carta de amor, que devia ter produzido na fria serenidade dos teus cincoenta annos a deliciosa e pungente impressão de um refflor extemporaneo de brótos primaveraes na desolada nudez silenciosa do inverno, essa carta concluia pelas seguintes palavras, a que eu poderia limitar a de hoje: «Abençoa-me, abraça-me e regosija-te: teu filho é o mais feliz dos homens porque desposou a mais amavel, a mais pura e a mais bondosa de todas as mulheres.»

Nas subsequentes cartas annuaes foram repetidas essas mesmas palavras, sem alteração de uma virgula. Hoje, repetindo-as mais uma vez, venho cumprir a promessa que te fiz. Sinto sómente que não me haja permittido o acaso ou a providencia das cousas dizer-te aquillo mesmo sem papel, nem tinta, nem palavras; mas com a simples eloquencia inimitavel da realidade:—tendo-te hoje na nossa casa, á mesa alegre e parca do nosso jantar; com a luz carinhosa, tépida e consolante dos olhos pretos da minha Julia; com a castidade da sua frente, que, por um milagre de pureza! se conservou virginal como quando eu a amava, em silencio, na anciedade deliciosamente cruel de lhe depor o meu beijo nupcial; com a doce harmonia insinuativa e balsamica da sua voz, que é uma intermina canção de amor e de ventura; com tudo, enfim, que me cerca e d'ella provem, pois que tudonesta casa é sua creatura, é obra d'esta mulher genial pela bondade, porque a bondade é o genio do coração...

Com tudo isso, mas principalmente com o teu netinho, com o meu adorado *Bêbê*.

Esta creança é a prova mais irrefragavel da minha felicidade. Não é sómente porque é linda como um anjo que o affirmo. Tem-se visto enlacs desgraçados produzir fructos de peregrina formosura; muitas vezes os filhos do crime e da desventura são os mais bellos. Mas *Bêbê* não é sómente formoso: é intelligente, meigo, docil, amavel, piedoso e alegre. Acreditas que, a não ser a felicidade absoluta do amor, possa alguma força da natureza crear uma tal perfeição?

Foi da intima união de dois corpos e de duas almas nas supremas delicias do amor,—mas do amor divinamente humano, com todos os gosos profundos e olympicos da carne e todos os gosos

sublimes e purísimos do espirito; foi desse connubio que nasceu *Bébé*.

A completa felicidade do amor carnal gerou este corposinho rosado, tenro e perfumoso, que lembra o de Jupiter infante, quando, na ilha de Créta, o amamentava Amalthéa no som dos cymbalos e tambores dos corybantés. A completa felicidade do amor espirital produziu a intelligencia robusta e perspicua, a doçura, a bondade e a affectuosidade da alma d'este anjo. Sómente o consorcio rarissimo d'essas duas raras venturas poderia dar ao mundo esta encantadora flor humana, de que ha de desabrochar, convenientemente cultivada pela educação, um bello homem genial e heroico, sonhador e bravo,—um homem, emfim, em toda a extensão da palavra.

Não podes estranhar, meu pae, este entusiasmo sentimental e artistico pela minha propria obra, tu, que amas o teu neto muito mais do que a mim — e eu bem sei quanto me amas!

Abençoada seja aquella que encontrei um dia no meu caminho, aquella que devia divinizar pelo amor a humanidade do meu ser, e que devia acender no ceu hybernal da tua velhice o sol da minha felicidade...

Nesse ponto da carta foi Mario interrompido por um duplo beijo sobre a face — eram as boccas de Julia e de *Bébé* que o beijavam. O rostinho fresco e rissonho da creança estava unido ao rosto, irradiante de bondade e amor, de sua mãe.

E ambos sorriam-lhe ternamente... Mario unio a cabeça ás d'aquelles entes adorados, e ouviu-se então no claro aposento, forrado de livros e quadros, uma ineffavel musica de beijos.

Por cima da secretária estava, em busto, o retrato do pae de Mario; parecia abençoal-os com o seu bondoso olhar melancolico.

Os esposos ergueram para elle a um tempo os olhos humidos de felicidade e os conserváram fixos por alguns instantes sobre aquella ephygie venerada.

Depois, Julia, vendo a carta, aberta e por acabar, sobre a pasta do marido, leu-a, curvada sobre o hombro d'este, enquanto o pequenito o beijava repetidas vezes, afagando-lhe a barba com as mãosinhas papudas.

Quando Julia acabou a leitura, duas grandes lagrimas rolaram lentamente pelas suas faces, e foram embeber-se na curva do sorriso extatico e radioso dos seus labios entreabertos.

Marido e mulher olharam-se mudamente, alguns instantes; de repente, como impulsionados por um mesmo pensamento, ergueram *Bébé* nos braços á altura do quadro com o mesmo movimento de victoriosa ovação com que um soldado ergue o estandarte ante a estatua de um general; e assim o conservaram alçado por alguns segundos, no ar, em frente ao quadro.

Dir-se-ia que lhe levantavam um brinde de honra com aquelle singular trophéu glorioso!

Bébé bateu as palmas deante do retrato; depois beijou-o com um longo beijo gorgoeado, e, sorrindo-se para aquella bondosa physionomia impassivel, perguntou-lhe com a sua voz dulcissima:

— Quer outro beijo, *vovó*?

Rio, 9 de Outubro de 1885.

VALENTIM MAGALHÃES.

A VIDA ELEGANTE

O *Diario de Noticias* de ante-hontem deu a seguinte:

« Realizou-se ante-hontem em casa do nosso collega Dr. Valentim Magalhães um brilhante sarau artistico-litterario. O programma, elegantemente impresso, era muito variado e foi executado com geraes applausos. Incontestavelmente as honras da noite couberam ás Exmas. Sras. D. Adelina Vieira, que recitou admiravelmente *O tear da rainha* e parte da *Indiana*, de Thomaz Ribeiro; á sua gentil irmã D. Julia Lopes, que leu um delicioso conto, expressamente escripto para ser lido naquella occasião; e a D. Maria Paca, que cantou e tocou com muita expressão e firmeza. A reunião tinha caracter familiar, o que muito concorreu para tornal-a mais agradável.

Eu poderia acrescentar a isso alguma cousa porque tambem assisti a essa *soirée* familiar; mas, por ordem superior, sou obrigado a calar-me.

Ergo:—nem pio!

LORGNON.

SPORT

Com uma esplendida corrida, realizada no ultimo domingo, o *Jockey Club* fechou o seu programma do corrente anno, sendo, porém, provavel que ainda se resolva a dar algumas corridas extraordinarias.

Eis o resultado dos diversos pareos:

Os 1609 metros do 1º pareo foram ganhos por *Marengo* em 115 segundos. Correram diversos animaes, que brigaram uns com os outros, tornando assim ainda mais facil a victoria d'aquelle, que foi habilmente dirigido de alcance pelo Rocha.

Bayoco fez uma bonita corrida em 110 segundos, mostrando ser bom cavallo no tiro de 1609 metros. Dizem que *Regalia* os percorre em 108 segundos; ella estava muito bem montada por Hindes; mas o que todos viram foi que ainda assim *Sartarelle* vendeu quasi que o dobro das *poules*. Digam o que disserem, o *Bayoco* deu uma boa lição e ganhou muito licitamente.

No 3º pareo ouviu-se um certo zumbido de que *Garibaldi* ia ganhar, asseverando muitos que em 1609 metros póde elle fazer figura ao lado de *Speciosa*. A *Creuza*, que vinha corrida de alcance, fez na recta tão valente entrada, que *Speciosa* deixou de conversar com *Garibaldi* e teve de suar 108 segundos para ser a vencedora. *Creuza* nos pareceu superior a *Speciosa* e se fosse mais apertada desde a sahida deveria sair victoriosa.

No pareo suplementar, *Aspasia* em 1000 metros deu a velocidade de 64 segundos, no freio. Isto estando manca; imaginem quando estiver boa.

A *Dora* ainda d'esta vez não quiz *dourar* o *Druid*, que venceu em 110 segundos os 1609 metros do programma.

Naná em 2000 metros e 139 segundos venceu facilmente *Curubaiú*. Não se fiem nesta, que é bem capaz de pregar um desapontamento na proxima corrida de 3200 metros e para a qual o *Derby-Club* reserva um premio de 5:000\$000.

O ultimo pareo foi (como era de prever) ganho por *Creuza*, montada por Hindes, sendo 108 segundos o tempo dos 1609 metros. Só nos admiramos de que nesse pareo *Regalia* tivesse mais admiradores do que *Fanfaron*.

Chamamos para a ultima pagina a attenção do publico, pois o programma da corrida de amanhã no *Prado Villa-Isabel* é na verdade excellente. Visto os

pareos serem muito duvidosos, temos vontade de ver se as nossas previsões se realizam. São estas:

No 1º pareo a lucta será entre *Savana*, *Sirodio* e *Carola*, não nos admirando que ganhe outro qualquer.

No 2º pareo nos inclinamos para *Nicoafi*, apesar de que *Eolo* é irmão de *Regalia*, e quando menos esperarem pode dar o tiro.

No 3º pareo apontamos *Guanaco* ou *Sartarelle*.

No 4º pareo *Creuza*; se *Speciosa* batel-a, ha de ser por muito pouco.

No 5º pareo *Françoise* deve ganhar.

No 3º pareo *Saphira*, por dever estar *Creuza* bastante cansada, depois da corrida de 1800 metros.

E no ultimo (que é apenas de 1300 metros) confiamos muito na velocidade de *Aymoré*.

LUIZ M. BASTOS.

SILENCIOSO

Magoas de amor, senhora, eu não te digo, Pois que nem alegrias te dissera. Amor deve ser mudo. Ai: quem me dera Conseguir mudo o que a falar consigo!

Nas breves horas em que estou contigo, Falo, e é minha alma que a resposta espera. Mas nunca me respondes á chimera Muda, que de ti nasce e anda commigo...

E só me vem lenir este tormento As palavras de amor occulto e santo Que me parece ler-te em pensamento.

Se em mim pensas ou não, não sei; no entanto, Se desgraçado sou—ventura invento, E vivo d'este mentiroso encanto.

Outubro—14—85.

FILINTO D'ALMEIDA.

Cumprimos hoje a promessa que havíamos feito, publicando uma polka original, authographica, que sob o titulo *José do Egypto*, nos foi gentilmente offerrecida por sua auctora, D. Maria Almada; *tocante* finesa que muito lhe agradecemos.

O trabalho, das officinas do Sr. Paulo Robin, é feito pelo processo phototypico e reproduz exactamente o original da auctora.

No proximo numero encontrarão os nossos leitores uma BELLA E GRANDE SURPREZA!

Por falta de espaço deixaram de ser publicados neste numero os seguintes trabalhos:—*Num serão de marinheiros*, conto de D. Julia Lopes; *Contraste*, poesia de D. Adelina Vieira; *Os nossos livros*, uma apreciação de Marcos Valente sobre os romances de *Délia*; *Beppa*, um bello conto de Cyro de Azevedo; *Critica scientifica*; *O crime*, dois sonetos de Henrique de Magalhães; *Tratos á bola*; *Jesus e a Adultera*, critica do admiravel grupo em marmore de Bernardelli e outros artigos, que temos a immodestia de julgar interessantes.

A polka roubou-uos hoje muito espaço, o que, considerando o prazer que ella vae dar ás nossas gentis leitoras, não podemos lamentar.

Serão publicados no proximo numero.

JOSÉ DO EGYPTO

Polka para piano, offerecida á redacção d'A SEMANA por D Maria E. da Cruz Almada

The image displays a handwritten musical score for a piano polka titled "José do Egypto". The score is arranged in four systems, each consisting of two staves (treble and bass clef). The key signature is one flat (B-flat), and the time signature is 2/4. The piece begins with an "Introdução" (Introduction) section, followed by the main "Polka" section. The notation includes various musical symbols such as notes, rests, and dynamic markings. Pedal markings are indicated by "Ped" and "* Ped" throughout the score. A "Ritmo" (Ritmo) marking is present above several measures. The score concludes with a "Fim" (End) marking. The handwriting is clear and legible, typical of early 20th-century musical manuscripts.

Pillo

Péd. * *Péd.* * *Péd.* * *Péd.* *

Pillo

Péd. * *Péd.* * *Péd.* * *Péd.* * *Péd.* *

Péd. * *Péd.* * *Péd.* * *Péd.* * *Péd.* * *D.b.* *

Alcira Enxovada da Cruz Almada

INSTRUÇÃO PUBLICA

«APARELHO ESCOLAR MULTIPLO»

O illustre pedagogo Sr. Barão de Macahúbas realizou no domingo passado em uma das salas do Museu Escolar a sua annunciada conferencia expositiva do *Apparelho Escolar Multiplo*, de sua invenção, manejado pelos proprios discipulos. Era enorme a concurrencia notando-se a presença de muitos senadores, ex-deputados, do Exm. Sr. ministro da marinha, muitos professores e professoras, jornalistas etc.

Chegando S. M. o Imperador muito depois da hora annunciada, communicou ao Sr. Barão de Macahúbas que só podia conceder-lhe uma hora para a sua conferencia.

Apertado pela estreiteza do tempo, circumstancia inesperada, não poudo S. Ex. fazer a exposição completa do apparelho, o que prometteu realizar em subsequentes sessões.

Começou dizendo que por occasião da exposição pedagogica, havida nesta Corte em 1883, fizera uma conferencia que corre impressa, sobre o seu apparelho, fazendo então o historico das cogitações, factos e experiencias, que o levaram ao descobrimento da parte principal do mesmo, que constitue propriamente o seu invento, e ás modificações e adaptação de algumas já empregadas em outros paizes, compondo assim, em precioso conjuncto, um apparelho escolar que basta por si só a uma escola do 1º gráo, dispensando nos primeiros tempos do ensino o uso de quaesquer utensilios, taes como livros, papel, pennas, tinta etc.

Então demonstrou a efficacia do apparelho no ensino do calculo, praticando elle proprio deante do publico variados operações sobre inteiros e fracções, o qual segundo a pedagogia moderna, deve ser o fundamento do ensino da infancia, de par com o da geometria, mesmo antes da leitura e da escripta—isto é: o ensino scientifico antes do litterario.

O apparelho escolar multiplo, disse S. E. com o accentto expressivo da convicção, está destinado a concorrer poderosamente para a diffusão da instrução primaria, conseguindo por si só o que não tem conseguido todas as leis de obrigatoriedade de ensino, com suas absurdas e vãs comminações; resolvendo até hoje o não resolvido problema das escolas ambulantes, cuja solução tem preocupado tanto, e preocupa ainda os amigos da instrução popular; visto que o mesmo apparelho, só elle, constitue uma escola elementar facilmente portatil.

Com elle pode o mestre abrir escolas temporarias de 15 a 30 dias nos pequenos grupos de habitantes do interior, e até em cada familia, onde haja creanças para ensinar a ler, escrever e contar.

«E' tal a minha confiança; accrescentou o Barão de Macahúbas, na efficacia do meu apparelho, por mim diuturnamente experimentado no ensino das creanças, (e vós ides ver já se é ou não fundada esta confiança) que eu teria já com elle sahido por todas as provincias do Imperio, e até pelos paizes estrangeiros a evangelisar o novo e feliz ensino, se outros deveres m'o não houvessem impedido; mas asseguro-vos que hei de fazel-o ainda, e talvez em breve.

«E nutro a crença de que com elle honrarei por toda parte o nome brasileiro.»

Passou depois á demonstração pratica do que affirmava.

Os resultados foram excellentes, mas a parte que do apparelho mais agradou foi a do alphabeto. Compõe-se este de pequenos cartões em cada um dos quaes

está impressa uma letra e que o mestre muda e varia á vontade, fazendo os alumnos dizer o som real de cada letra. A proporção que S. Ex. mostrava as letras, as creanças, a uma voz, diziam o respectivo valor phonetico.

A estreiteza do tempo não nos permite alongarmo-nos, como fora nosso desejo no estudo do apparelho. Reservamo-nos para a occasião em que S. Ex. realizar novas demonstrações.

Ao terminar a de domingo, a excellente bania de musica do collegio Abilio tocou varias peças de musica perfeitamente e todos os alumnos entoaram um bonito coro.

M. V.

THEATROS

Fala-se ha muito em levantar um theatro nacional e já por varias vezes se tem tentado habituar a platêa fluminense ás peças do nosso pequeno numero de dramaturgos e comediographos, entre os quaes figura o respeitavel nome do finado Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

O actor Martins, que já se aventurou a por em pratica essa idéa, acaba de organizar uma companhia destinada a representar principalmente peças nacionaes.

Oxalá que os seus esforços encontrem d'esta vez maré de rosas, porque precisamos bem deixar de applaudir unicamente os D'Ennery, Bourgeois e outros auctores a que já nos habituámos de longa data.

A julgar pela peça escolhida para a estrêa da companhia a que acabámos de nos referir, peça do citado Dr. Macedo, que tem por titulo *Luxo e Vaidade*, e que já é bem conhecida do nosso publico, pode-se dizer que o actor Martins deve esperar ser bem succedido.

Foi na quinta-feira a estrêa da companhia, no theatro Lucinda, e, apezar do tempo estar bastante chuvoso, o theatro achava-se quasi cheio.

O *Luxo e Vaidade* é um drama em cinco actos bem preparados. O enredo agrada e desde o primeiro acto prende facilmente a attenção do espectador. O fundo é moral. O auctor tratou de por em evidencia o quanto é facil chegar-se á ruina por meio da ostentação e fel-o de um modo perfeito, com muita felicidade, aparte a feição romantica, hoje anachronica, da peça e alguns defeitos de execução.

O desempenho dado á peça pelos artistas da companhia Martins, dos quaes alguns são nossos conhecidos, foi bom e houve muitos applausos e chamadas á scena.

Martins, Jesuina Montani, Fanny, Adelaide Amaral, Primo da Costa, Monclar, Alfredo e os demais houveram-se satisfactoriamente.

Felicitemos o actor Martins e fazemos votos para que dia a dia vá colhendo louros e lours.

Ninguem mais do que nós deseja ver de pé o falado theatro nacional.

Devem fazer beneficio no theatro Recreio Dramatico nos dias 9 e 12 do corrente as actrizes Luiza Leonardo e Helena Cavallier.

Deve estrear hoje na Phenix Dramatica a companhia do distincto actor Montedonio. O elenco compõe-se dos seguintes artistas: Ismenia dos Santos, Julia de Lima, A. de Bellido, Adelina Bellido, Montedonio, Eugenio de Magalhães, Gama, Bellido, Sepulveda, Pestana, Teixeira, Peixoto e Portilho.

A peça de estrêa é o bello drama *Os fidalgos da casa mourisca*. Felicidades. E até sabbado proximo.

Reapparece hoje no Principe Imperial a actriz Pepa que fez parte da companhia Souza Bastos.

Sobe hoje á scena no Recreio Dramatico o drama *Pedro do Conselheiro Mendes Leal Junior*.

A companhia do Sant'Anna representa hoje no S. Pedro de Alcantara o *Guarany*.

A companhia do Heller estreou na semana passada com a *Mascotte*. A concurrencia foi enorme e o Vasques, como sempre, esteve adoravel.

Visitou-nos um dia d'estes a distincta e intelligente actriz Rosa Meryss, que em S. Paulo tornou-se poetisa e deu-nos uns bons versos em francez no *Diario Mercantil*.

P. THALMA.

CONSELHOS SALUTARES

OUTRA POÇÃO CONTRA A ENXAQUECA

Aos que não tirarem resultado com o remedio aconselhado no numero anterior, offerecemos a seguinte poção:

Quinino.....	1 gramma
Alcool de 80°.....	8 grammas
Alcoolato de canella	5 grammas
Xarope de baunilha	25 grammas

Para tomar 1 colher de chá ao comer a dor.

DR. SAHEN.

FACTOS E NOTICIAS

Está gravemente enfermo em Porto Alegre o distincto poeta Fontoura Xavier.

Desejamos-lhe cordealmente prompitas melhoras e completo restabelecimento.

Fixou sua residencia nesta cidade o Sr. Antonio Henrique de Magalhães, irmão do director d'esta folha.

A *Semana*, de que era, desde a sua fundação, prestante colladorador, conta-o agora no numero dos seus redactores effectivos.

Recebêmos de Pariz o primeiro numero da *CHRONICA FRANCO BRAZILEIRA*, orgão quinzenal dos interesses brasileiros em França.

E' seu redactor chefe o nosso sandoso collega Dr. Lopes Trovão. A convite do gerente da *Chronica*, F. Castelli, será seu representante e correspondente nesta capital o director d'A *Semana*.

O nome do seu redactor-chefe dispensa qualquer reclame.

Vide o annuncio na respectiva secção.

Casaram-se em Cabo Frio no dia 25 de Agosto o Sr. Dr. João Lindemberg e D. Emma Arens. Mil felicidades.

Tomou o gráo de bacharel em sciencias juridicas e sociaes no Recife, o nosso estimado collaborador Raul Pompea, que é esperado depois d'amanhan nesta corte.

Felicitemol-o.

CLUB ATHLETICO FLUMINENSE

Estiveram esplendidas as corridas que esta importante associação realizou domingo ultimo; dizemol-o em bem da verdade, embora se houvesse a directoria esquecido de nós.

Os pareos foram perfeitamente disputados, recebendo os vencedores premios escolhidissimos e de muito valor.

Houve duas *poules* de arregalar os olhos: uma de 100\$000 e outra de 940\$! Ah! se palpitássemos! Infelizmente não somos frequentadores da casa da *poule* e nada sabemos a respeito de corredores.

A concurrencia foi muito boa.

Nas archibancadas achava-se o que temos de mais fino e luxuoso em nossa sociedade.

D'esta vez mais uma diversão deu-nos o Athletico; intitula-se *Tiro ao alvo*. Um delicioso inferno! Quem não for bom *tireur* não tome da carabina, porque fica preso á mira da delicada arma e não terá o gostinho de metter uma bala no ponto negro do alvo. Em todo caso tentem porque é um bom divertimento, e o acaso é o protector de nós todos.

Não podemos deixar de dar louvores ao Club Athletico pela bellissima aquisição que fez do Sr. Luiz Carlos de Moura.

O Moura, como o chamam, é dos demonios; tem muita habilidade, é muito intelligente e geralmente estimado. Se duvidam, vão veal-o e verão se em cada corrida o Moura não lhes dará uma surpresa. Sim, porque quando não haja mais surpresas possiveis, elle as inventará! E isto emquanto traga a fumaça de um *barbacena*. Disse-ram-nos que o Club fel-o seu gerente. Muito bem. Contem com mais este esteio e deixem correr o marfim.

O nosso collaborador Soares de Souza Junior, um distincto poeta que vae em progresso notavel, está escrevendo um poema que se intitula — *A raça humana*.

O assumpto é difficil e grandioso, mas devemos confiar no talento do poeta.

RECEBEMOS

— *Tabellas Orçamentarias da Fazenda Provincial do Rio de Janeiro*. Este trabalho, organizado pelo Sr. L. da Rocha Barros, membro da Assembléa Legislativa, denota acurada paciencia do seu auctor. É um livro de elevada importancia e de muita utilidade.

— *A Zuguí*, Anno 1. n. 1. Periodico litterario, redigido pelo Sr. Carlos Parada.

— *Guia Pratico do Compositor Typographo*, de F. Lefevre, traducção do Sr. J. G. de Oliveira e Silva. É, na nossa opinião, uma obra de subido valor, indispensavel á classe dos typographos.

— *Gil Braz de Santilhana*, fasciculo n. 7.

— *These* do Bacharel José de Souza Gayoso, apresentada no Imperial Collegio D. Pedro II, ao lugar de substituto de mathematicas.

— *A Estrella*. Numero unico, publicado em Portugal, (de onde o recebemos directamente), por occasião da festa de caridade e bazar, organizado sob a protecção de D. Maria Pia. Na primeira pagina traz um excellente retrato d'esta benemerita senhora e contem varios trabalhos litterarios de conhecidos escriptores portuguezes.

— *A Situação Abolicionista*. Conferencia realisada em 2 de Agosto no Theatro Polytheama pelo notavel orador abolicionista Ruy Barbosa.

— *Revista Mensal do Club Litterario José Bonifacio*.

— *O Corymbo* ns. 3 e 4. Revista publicada em Pelotas, sob a redacção da poetisa D. Revocata de Mello.

— *A Distracção* n. 53.

— *O Mequetrefe* n. 387. Como de costume, vem interessante e bem escripto: Magni-

ficos desenhos e bom texto; bons artigos e bons versos de Raymundo Corrêa e Luiz Murat.

— *Compendio de Theologia* pelo Rev. Amos Binney, versão portugueza por C. G. S. S.

— *Revista Academica* n. 1, publicação mensal, 16 pags. S. Paulo; director Oscar de Macedo Soares; redactores: Marcondes do Amaral, F. Duarte, B. Bragança, Paulino de Souza Junior, F. Guião, Juvenal Malheiros, Pedro Mibielli e Bacharel Drummond. Traz muitos artigos interessantes, sobre Direito na maior parte. Achámos falta de um sumario, cousa indispensavel em publicações d'esta natureza.

— *O clarim da victoria*, polka para piano, composta e offerida aos Srs. Silva Macieira & C. por Cesarrio Villela.

— *Noventa e tres*, orgão do gremio litterario Victor Hugo, installado no collegio Pujol, em Mendes, n. 3. Attesta de modo brilhante a importancia d'aquelle estabelecimento.

— *La Mode Illustrée e Le salon de la Mode*, n. 39, de 26 e 27 de Setembro, distribuidos pela acreditada casa *Au Petit Journal* com a pontualidade que a caracteriza.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Dr. Henrique de Sa, especialista de syphilis e molestias das crianças.—Rua Primeiro de Março, 22 (consultas do meio-dia ás 2 horas)—Residencia: Rua de S. Clemente, 165 A.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Portuguez, francez e Inglez—Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

DR. ARAUJO FILHO
MEDICO PARTEIRO

RÉSIDENCIA

Rua do Visconde do Rio Branco n. 36.

Collegio Universitario Fluminense

NO FIM DA RUA DO BARÃO DE ITAPAGIPE
(Antiga da Bella Vista)

No alto do Engenho Velho, lugar onde nunca houve epidemia de especie alguma, funciona em edificio e com dependencias expressamente construidas para o fim a que se destina.

Deseja a visita dos interessados, tanto nacionaes como estrangeiros, da corte ou do interior.

Remettem-se prospectos pelo correio a quem os solicitar á directoria.

CHRONICA FRANCO-BRAZILEIRA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
EM PARIZ

REDACTOR EM-CHEFE: Lopes Trovão.
ADMINISTRADOR: F. Castelli.

ASSIGNATURAS PARA O BRAZIL

Um anno. 10\$000
Seis mezes 6\$000

Tomam-se assignaturas e annuncios no escriptorio d'A SEMANA.

DR. GONZAGA FILHO
MEDICO E OPERADOR

Consultas da 1 ás 3

Rua Visconde de Inhaúma, 61

COLLEGIO NEVES
Instrução Primaria e Secundaria

Estabelecido em vasto predio, com grande chacara, offerece as melhores condições hygienicas.

Recibe alumnos externos, e meio pensionistas.

Leccionam habéis e zelosos professores.

Rua Barão de S. Felix n. 98

DR. F PESSANHA
CLINICA MEDICA

CHAMADOS A QUALQUER HORA

Consultorio e residencia

28 Qua da Alfandega 28

RECADOS—QUITANDA. 86

TYPOGRAPHIA

A typographia d'A SEMANA, ultimamente montada, dispondo de uma boa escolha de typo inteiramente novo, aceita quaesquer encomendas de obras, poesias, jornaes, annuncios, etc. etc.

PREÇOS BARATISSIMOS

TRATA-SE NO ESCRIPTORIO DA EMPREZA

36 Travessa do Ouvidor 36

Esquina da rua do Ouvidor

QUEM QUER RIR-SE?

COMPREM O

BISBILHOTEIRO FAMILIAR

DO

A. XAVIER DE ASSIS

A' venda em todas as livrarias a 1\$000

VADEMECUM

DE

Todas as classes da sociedade

LIVRO

INDISPENSÁVEL AOS HABITANTES

DAS

CIDADES DE

Campos, S. João da Barra, S. Fidelis

E

MACAHÊ

PARA O ANNO DE 1886

Editores:

SILVA, CARNEIRO & C.

LOJA BOA-ESPERANÇA

60, 62, 64 E 69 RUA DO CONCELHO 60, 62, 64 E 69

CAMPOS

PRADO VILLA-ISABEL

PROGRAMMA DA 2.^A CORRIDA EXTRAORDINARIA

QUE DEVERA' REALIZAR-SE

DOMINGO, 18 DE OUTUBRO DE 1885

Primeiro pareo—CRIADORES—Distancia 1.300 metros—Animaes de menos de meio sangue que ainda não tenham ganho—Premios : 200\$ ao primeiro e 60\$ ao segundo—Entrada 10\$000

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Arenas.....	Douradilho...	5 annos	Rio da Prata	58 kilos	Branco e encarnado.....	J. P.
2	Buchinha	Castanho.....	3 »	S. Paulo.....	46 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga
3	Bisonte	Zaino	5 »	Rio da Prata	58 «	Verde e amarello.....	Coudelaria Campista
4	Carola.....	Castanho.....	6 »	Minas Geraes	52 »	Azul e encarnado	P. & Nunes
5	Verbena.....	Castanho.....	3 »	R. de Janeiro.	46 «	Azul e encarnado	J.J.de F.Guimarães
6	Africana.....	Pampa.....	4 »	R. de Janeiro.	52 »	Verde e ouro.....	Pinto da Fonseca
7	Corisco.....	Castanho.....	5 »	Paraná.....	54 »	Encarnado e branco.....	Lira Filho & Brito
8	Savana	Castanho.....	4 »	Rio Grande.....	49 »	Verde e branco.....	D.
9	Tchang-Tching-Bung..	Alazão.....	5 »	Rio Grande..	54 »	Ouro e mangas encarnadas.	X. O.
10	Sirodio	Castanho.....	5 »	Rio Grande..	54 »	Encarnado.....	Coudel. M. Suckow
11	Quem Diria	Ruço.....	5 »	S. Paulo.....	54 »	Azul e amarello.....	Carlos Brito.
12	Zaire.....	Baio.....	4 »	Paraná.....	51 »	P. S.

Segundo pareo—ENSAIO—Distancia 1.450 metros—Animaes nacionaes de meio sangue. 3 annos, que ainda não tenham ganho—Premios: 400\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo—Entrada 20\$000

1	Mandarim.....	Rosilho.....	3 annos	S. Paulo.....	48 kilos	Grenat e estrellas azues...	Cunha Lima
2	Americana.....	Ruço	3 »	R. de Janeiro.	46 »	Preto e branco.....	P. Beirão
3	Aurora.....	Alazão	3 »	S. Paulo.....	46 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga
4	Nicoafy.....	Castanho.....	3 »	Paraná.....	48 »	Azul e encarnado.....	P. & Nunes
5	Eolo.....	Zaino	3 »	S. Paulo.....	48 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro
6	Italia.....	Vermelho	3 »	S. Paulo.....	46 »	Azul e amarello.....	Souza Liberal
7	Araby	Alazão	3 »	R. de Janeiro.	48 »	Ouro e encarnado.....	D. A.

Terceiro pareo—ANIMAÇÃO (handicap)—1.800 metros—Animaes nacionaes de meio sangue—Premios : 500\$ ao primeiro e 200\$ ao segundo—Entrada 25\$

1	Bitter.....	Preto	4 annos	S. Paulo.....	54 kilos	Azul e estrellas cõr de ouro	E. M.
2	Guanaco.....	Alazão	9 »	Paraná.....	59 »	Vermelho.....	Coud. Rio Grandense
3	Boyardo.....	Alazão	4 »	S. Paulo.....	52 »	Branco e estrellas azues...	M. P.
4	Sartarelle.....	Preto	5 »	Paraná.....	66 »	Encarnado e preto.....	J. W.
5	Principe Alberto.....	Zaino	7 »	Paraná.....	54 »	Azul e branco.....	José Guimarães
6	Douro	Alazão.....	6 »	Rio de Janeiro	59 »	Verde e ouro.....	José Lopes da Costa
7	Alteza	Libuno.....	5 »	S. Paulo.....	52 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes

Quarto pareo—OMNIBUS—1.450 metros—Animaes até puro sangue—Premios: 800\$ ao primeiro e 250\$ ao segundo—Entrada 40\$

1	Speciosa	Alazão.....	3 annos	Inglaterra ...	52 kilos	Azul e estrellas cõr de ouro	E. M.
2	Jaguary.....	Castanho.....	4 »	S. Paulo.....	54 »	Encarnado e preto.....	J. C.
3	Silvia II.....	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	49 »	Azul branco e encarnado...	Coud. Cruzeiro
4	Fanfarron.....	Alazão.....	3 »	França.....	54 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes
5	Garibaldi.....	Alazão.....	6 »	Rio da Prata.	60 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes
6	Creusa.....	Alazão.....	3 »	Inglaterra ...	52 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense

Quinto pareo—CONSOLAÇÃO—1.000 metros—Animaes até puro sangue, que ainda não tenham ganho—Premios : 400\$ ao primeiro e 150\$ ao segundo—Entrada 20\$

1	Africa.....	Preto.....	7 annos	Paraná.....	54 kilos	Encarnado e preto.....	J. C.
2	Flora.....	Castanho.....	5 »	Rio da Prata.	60 »	Azul e encarnado.....	Machado
3	Française.....	Alazão	3 »	França.....	54 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes
4	Diomedes.....	Zaino	2 »	Idem.....	51 »	Idem	Idem.

Sexto pareo—INTERNACIONAL—Distancia 1.150 metros—Animaes estrangeiros de puro sangue, até 3 annos—Premios: 600\$ ao primeiro 200\$ ao segundo—Entrada 30\$000

1	Saphira.....	Zaino.....	3 annos	França.....	51 kilos	Azul, branco e encarnado...	Coudelaria Cruzeiro
2	Creusa.....	Alazão.....	3 »	Inglaterra...	49 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense
3	Fanfarron.....	Alazão.....	3 »	França.....	51 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes

Setimo pareo—PROGREDIOR—Distancia 1.300 metros—Animaes nacionaes até meio sangue—Premios : 400\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo—Entrada 20\$000

1	Marengo.....	Vermelho.....	5 annos	S. Paulo.....	54 kilos	Vermelho.....	Coud. Rio-Grandense
2	Aymoré.....	Castanho	6 »	S. Paulo.....	54 »	Azul e ouro.....	Coud. Alliança
3	Saltarelle.....	Preto.....	5 »	Paraná.....	56 »	Encarnado e preto.....	J. W.
4	Douro	Alazão	6 »	Rio de Janeiro	54 »	Verde e ouro.....	J. L. da Costa
5	Bayoco.....	Castanho.....	4 »	S. Paulo.....	51 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes

OBSERVAÇÕES—Roga-se aos Srs. proprietarios dos animaes inscriptos no primeiro pareo o obsequio de os terem á 11 horas precisas no ensilhamento.

B. DE CARVALHO, 2.º secretario.

A SEMANA

CORTE
 Trimestre..... 2\$000
 Semestre..... 4\$000
 Anno..... 8\$000

PROVINCIAS
 Semestre..... 4\$000
 Anno..... 8\$000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

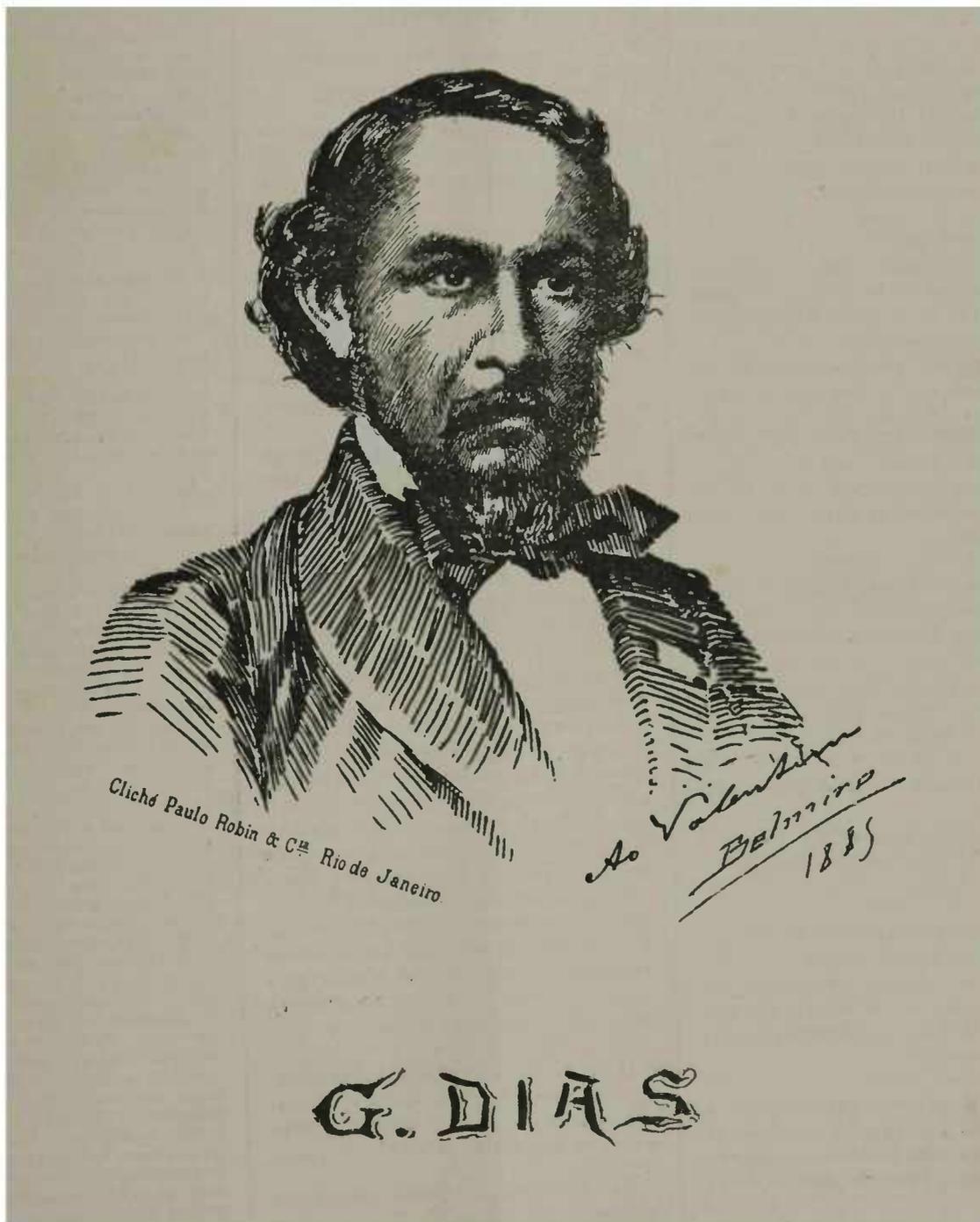
Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.



SUMMARIO

Expediente.....	« A SEMANA ».
A nossa primeira pagina.....	FILINDAL.
Historia dos sete dias.....	ORYC.
Politica e politicos.....	H. DE MAGALHÃES
O crime, dois sonetos.....	JULIA LOPES.
Não serão de marinheiros.....	M. VALENTE.
Os nossos livros.....	ADELINA VIEIRA.
Contraste, poesia.....	C. DE AZEVEDO.
Beppa.....	L. M. BASTOS.
Sport.....	LORGNON.
A vida elegante.....	FR. ANTONIO.
Tratos á bola.....	P. THALMA.
Theatros.....	
Factos e noticias.....	
Recemos.....	
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

Para boa ordem nas relações do publico e dos nossos assignantes com *A Semana*, declaramos que todas as communicacões litterarias, bem como as consultas, devem ser dirigidas—ao director; as que forem concernentes á administração — ao gerente; e quaesquer pedidos de informacões ou de pequenos serviços a Redacção, bem como cartas de convite, cartões de ingresso, etc.—ao secretario da redacção.

Os senhores que vierem ao nosso escriptorio e tomarem uma assignatura d'*A Semana* por todo o proximo anno de 1886 terão direito a um dos seguintes premios, á sua escolha:

VINTE CONTOS, por VALENTIM MAGALHÃES.—Este livro, que se está imprimindo nas officinas d'*A Semana*, foi expressamente feito para ser distribuido como premio aos assignantes d'esta folha. Conterá mais de duzentas paginas em superior papel, com uma capa de fantasia.

NÃO SERÁ POSTO Á VENDA.

Assin, os que tomarem uma assignatura d'*A Semana* por um anno, e somente esses, terão direito a um exemplar d'essa obra, que, a ser vendida não o seria por menos de 3\$000, o volume.

AURORAS, versos, por Alfredo de Souza; encadernação de luxo.

A CAVEIRA DA MARTYR, celebre romance de Camillo Castello Branco, em 3 volumes.

MARGARITAS, poesias da distincta poetisa D. Adelina Amelia Lopes Vieira; um bello volume.

Aos senhores assignantes de seis mezes daremos como premio UMA MUSICA, inedita, especial e expressamente composta para esse fim; QUATRO POEMAS, por Luiz Murat, ou um exemplar das AURORAS, brochado.

N. B.— Os senhores que assignaram *A Semana* por um anno, a terminar em Dezembro de 1885 receberão, segundo promettéramos, um exemplar dos VINTE CONTOS.

São agentes d'esta folha os Illms. Srs.:
Em S. Paulo—Dolivaes Nunes.
Em Ouro Preto—Fabricio Ignacio de Andrade.

Em Campos—Antonio Ferreira Martins Filho e Raúl de Bellido.

Na Parahyba do Sul—Verissimo Pacheco.

O Sr. Leonel Guerra é a unica pessoa por nós encarregada de agenciar assignaturas nas provincias—

Tem todos os poderes para representar esta folha.

Mandamos imprimir em magnifico papel alguns exemplares do retrato de Gonçalves Dias que hoje damos na primeira pagina. Estão a venda em nosso escriptorio e em algumas das mais importantes livrarias.

A SEMANA

Rio, 24 de Outubro de 1885.

A NOSSA PRIMEIRA PAGINA

Nó noosso numero passado escrevemos: «No proximo numero encontrarão os nossos leitores uma BELLA E GRANDE SORPREZA!»

Como é noosso costume, cumprimos a promessa. A surpresa annunciada damola em a nossa primeira pagina:— um novo retrato de Gonçalves Dias; mas d'esta vez um retrato ás devéras, um bello trabalho artistico.

Quando publicámos, no n. 38, o promettido retrato do grande poeta dissemos com toda a franqueza:

«O bello desenho de Belmiro de Almeida não pôde ser apreciado em todos os seus detalhes e delicadezas porque, sendo o processo de gravura por que foi reproduzido inteiramente novo entre nós, é este trabalho um simples ensaio, uma tentativa, para cujas naturaes imperfeições pedimos desculpa aos nossos assignantes.»

O retrato, como previamos e declaramos, não agradou.

Tinhamos a consciencia da inandade dos nossos primeiros esforços, e, zelosos do nosso bom nome, e gratos á estima publica, de que temos vivido e esperamos viver longamente, resolvemos offerecer aos nossos assignantes um novo retrato de Gonçalves Dias.

Para esse fim procurámos o acreditado estabelecimento dos Srs. Paulo Robin & C.—que até então ignoravamos trabalhasse pelo processo phototypico—e encarregámo-lo de fazer a gravura do mesmo admiravel desenho de Belmiro de Almeida.

O resultado não podia ser melhor. Acreditamos que d'esta vez nem os nossos assignantes nem o nosso distincto collaborador artistico terão de que se queixar.

Que reconheçam aquelles neste facto o desejo que temos de lhes agradar sempre e que não nos poupamos a sacrificios sempre que tenhamos de nos desempenhar de um compromisso para com elles contrahido.

A SEMANA.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Semana de chuva e sol; humida e quente. Bategas de agua inundando as ruas, ou chuva miudinha, impertinente, cirandada, inphiltrandando-se nos casacos, humectando a epiderme e preparando as bronchites do futuro. De repente, sol escaldante, de acender charutos, comburindo tudo!

Um horror!

E no meio de tudo isto o governo impassivel, confeccionando prologos de eleições, sem se importar nem com o suor do povo, nem com as catharraes burocraticas. Tudo está morto e esphacelado! As instituções ruem, abaladas pelo sopro ardente das revoltas... do estomago. Já não ha rogos nem preces que movam ou commovam a Providencia.

E o governo—calado!

Que é isto?

E' que quando o governo intervem nas determinacões da Natureza, a cousa torna-se ainda peor. Provam-no os projectados açudes do Quixadá. A torrente d'agua que os devia encher transformou-se em torrente de ouro para o felizão empreiteiro da obra. Agora pôde no Ceará haver secca á vontade! S. M. Jules Revy—Rei dos Canos—está saciado: dissedntou-se abundantemente na larga talha do thezouro.

Que a *Gazeta de Noticias* lhe seja leve.

Os dias succedem-se mas não se parecem. Os escandalos, ao contrario, succedem-se e parecem-se.

A nomeação, para lente da importante cadeira de clinica obstetrica e gynecologica da faculdade de medicina da Bahia, do Dr. Climerio Cardoso de Oliveira, com preterição do Dr. Rodrigues Lima—é uma vergonha que deve passar da ephemera historia dos sete dias para a eterna historia dos escandalos e patifarias do segundo reinado.

Abolio-se com um traço de penna o principio liberal dos concursos; a encyria, vencendo a aptidão e o merito, galga as posições officiaes amparada por outra ineptia—a do governo.

De maneira que para a caleira de partos é nomeado um medico que provou ser muito menos parteiro do que o seu competidor. As mulatinhas da Bahia que agradeçam ao governo esta nomeação.

Quanto ás manifestações dos estudantes, temol-as por inteiramente improficuas. O governo quando decide, decide e acabou-se.

Ainda ha principes da velha raça cavalheiresca e generosa da idade media!

Esta semana deu-se um facto que nos fez brotar um enorme defluxo de entusiasmo pelo Sr. Conde d'Eu. Nós não tinhamos por o illustre vencedor de Perrrybebuy uma admiracão muito grande, isso não tinhamos; o principe tem para nós uma qualidade detestavel, que o irmana a qualquer remendão de esquina ou a qualquer chefe de policia da corte: S. A. usa *cavaignac*! Esta circumstancia, que tanto tem contribuido, embora de modo tácito, para o desprestigio da monarchia nacional, punha o valente D. Gastão ao obrigo da nossa feroz sympathia. Nós não adiamos os principes: odiamos as *péras*. Se a desconceituada hydra da reacção, em vez de atacar as iustituções, atacasse os *cavaignacs*, nós seriamos da hydra. A hydra que se resolve, e ha de ver.

Mas nos estamos entusiasmados com S. A. pelo seguinte facto: Na sexta-feira passada, uma praça do piquete imperial, ao transpor o portão do arsenal de marinha, foi arrojada ao chão, ficando muito maltratada.

O *Jornal* acrescenta que S. A. o Sr. Conde d'En, logo que viu o desastre, dirigio-se ao soldado, interessando-se pelo seu estado!

Magnanimo principe!

Viram, Srs. republicanos?

S. A., vendo o desastre, dirigio-se para o soldado! Admirem os povos. O soldado cae, torce um pé, grita, amparam-no. O principe, se fosse outro, podia ficar muito caladinho, sem se importar. Mas o Sr. Conde, não; vê o desastre e amal-o... quer dizer—ver o desastre e dirigir-se para o soldado foi toda obra de um momento.

Mas S. A. não se dirigio apenas. S. A. fez mais, fez muito mais! Depois de se dirigir ao soldado... Faltam-nos até palavras para narrar-o!... depois de se dirigir, S. A.—Oh! cous!—S. A. interessou-se! Interessou-se? Interessou-se pelo seu estado.

Querem saber agora qual era o estado da praça? (Não esperem aqui um calimburgo)—era solteiro. S. A., sabendo d'isso, logo depois de se ter dirigido,—interessou-se. Mas também aquelle era um estado interessante.

De principes assim é que a Europa precisava para a questão do Oriente e para debellar as pretensões da Russia na Asia. S. A. chegava lá, e o seu primeiro movimento era dirigir-se; depois, já se sabe: S. A. interessava-se, e estava tudo prompto: nem questão do Oriente, nem Russia, nem nada! Paz geral e interesse particular.

Hosana, principe! Salve!

(Os leitores, se não estiverem muito occupados, podem tanger o hymno).

Rodolpho Bernardelli, o glorioso pensionista da academia de Bellas-Artes, ha pouco chegado da Italia, foi no meado professor de estatuaria da mesma academia e agraciado com o officiato da Rosa.

Talvez o governo nesta nomeação não procedesse justo, mas é força confessar que procedeu bem. Mesmo porque não sabemos quem teria coragem de se apresentar num concurso ao lado do talentoso artista.

Foros de artista e largos deram-lh'os já os seus bellos trabalhos originaes em gesso—Santo Estevam, S. Sebastião e a *Faceira*,—a deliciosa *Faceira*, toda resumbrante de garridice e de graça,—e com estes originaes a excellente copia em marmore da *Venus Callipygia*; agora, com a exposição dos seus dois novos trabalhos, obteve Bernardelli a consagração do seu nome.

Não cabe nesta chronica nem mesmo a noticia impressiva e ligeira dos ultimos trabalhos de Bernardelli. Em artigo especial, de Aluizio Azevedo, *A Semana* cumprirá o dever de apreciar os notaveis trabalhos do joven escultor. Seja-nos permittido, porém, dizer a Bernardelli que nunca vimos obra que tanto nos impressionasse como o seu grupo do *Christo e a adultera*. Bellissimo trabalho. O pannejamento é de uma verdade prodigiosa; a tunica inconsutil do Christo, abundantissima de proporções, calhe com toda a molleza do panno na maior e mais flagrante verdade das dobras e das rugas, deenhada de tiras lisas umas, e crespas outras como uma polpa de fructo pennugento, com uma superficie escabiosa. De igual perfeição e identico acabamento é a colcha que envolve a meio a mulher; sente-se um tecido mais fino e mais leve, mais flebil e mais frouxo, habilmente repuxado no dorso da estatua pela posição dobrada do esplendido tronco.

O rosto da mulher é de uma verdade de expressão admiravel e felicissima. Todo o tumultuar dos sentimentos encontrados que deveria produzir a si-

tução—o pudor, o medo da turba, a consciencia da culpa, a confiança na protecção do Christo, tudo se vê claramente impresso nas contracções rapidas d'aquelle rosto, nos vincos fundos da testa, na hallucinação do olhar.

A cabeça do Christo, de uma energia que abala pelos fundamentos a velha convenção dos Christos delambidos e marfinizados, tem também muita verdade e muita expressão.

A linha geral é severa e imperativa; a attitude nobre e serena. Aquelle homem, que assim estacava diante da multidão furiosa, so com semelhante gesto a poderia conter. A acção precede a palavra; os labios, levemente arregaçados, falam. *Qui est sine peccato...*

O que a academia possa ter gasto com as pensões do seu extraordinario alumno, retribue-lh'o elle quadruplicado, talvez, em bellas obras d'arte.

Parabens á arte nacional.

Bravo, Bernardelli!

FILINDAL.

POLITICA E POLITICOS

Está em vespervas de morte o poder municipal.

Os desmandos e a ineptia de muitos dos seus figurantes levam o governo a intervenções contra direito, á ingerencia offensiva dos foros da Camara.

O inquerito policial, iniciado para desvendar criminosos vulgares, encontra em posição de reus os eleitos do povo. Levianamente trazido a publico, sem que a prova se fizesse inilludivel, esmagadora contra os indigitados auctores do criminoso imposto lesivo a invernistas e creadores, estonteou a opinião publica, precipitou o governo em acto de rigor, levando-o a castigar antes da apuração do delicto.

O annotador considera mesquinhos os castigos taxados em lei, caso se verifique o delicto dos vereadores; e, a confiança de que eram depositarios, o alto dever de guardarem impolluta a honra da corporação, tudo agrava a culpa, arredando a complacencias.

Mas, de par com o escrupulo necessario em assumpto de igual monta, é preciso evitar que á sombra de arranco primitivo, rasguem-se alforrias populares.

Dê-se castigo aos delinquentes; guarde-se culto, porem, ás liberdades constituidas.

O nosso povo resente-se de anomalias psychicas dignas de exame. Assim é que, em conjuncturas taes, cura menos do fundamento da interferencia governativa do que da reprimenda immediata.

Indolente e sceptico, estima os actos dos governos que lhe economisam esforço de pensar e agir, esquecendo nesse abandono a ruina de seus direitos, a crescente absorpção do estado sobre o individuo.

Descobre por tal modo profunda debilidade no seu character, e, apanhado em epoca de constituição e desenvolvimento por uma politica artilosa, insinuando descaros de arbitrio, sopitando pelo desdem, pela guerra das resistencias passivas, a energia popular, mostra-se desidiioso e fraco.

Atravessamos um tempo em que a franqueza, sendo uma definição atrevida, vale um protesto contra o entorpecimento geral. E o annotador leva o ardimento a produzir censuras, pois que todos os dias renascem as scenas de escandalo e impudor, de parceria com os actos discriçionarios do governo.

E' completa a fallencia moral, e faz-se preciso muito zelo e muito brio, para salvar a alma da patria, nessa liquida-

ção cujos factores ascenderam do impudor individual ao delicto das corporações.

Pesadissima tarefa nos lega a geração que governa!...

ORVC.

O CRIME

I

A VISÃO DA FLORESTA

Emboscado, o cruel, da matta em negra alfombra,

A' victima indefesa atirou-se, sedento!

Varou-lhe o peito á faca, e, a tactear na sombra,

Pol-a em cova que abrio no terreno areiento,

E partio. Mas depois, uma vez, que, soturno,

Caminhava o algoz em pleno meio dia,

— Imagem de Caim, Moroch taciturno,—

Encontrou na floresta uma arvore sombria!

Notou que em vez de fronde, humana cabelleira

A arvore cobria, a distillar sanguieira,

E que, por fructos, tinha a pender-lhe das galhas

Muitos olhos,—eguaes aos do homem trucidado

Ali, por elle,—s, então, fugio horrorizado,

Ouvindo atraz de si um rasgar de mortallas!...

II

OBSEDAÇÃO

E d'ahi por deante, o algoz achou-se preso

Nos tentaculos cruéis de um remorso feroz!

E nunca mais sorrio... Era-lhe até defeso

Olhos de alguém fitar, ouvir humana voz.

As janellas da choça um longo olhar aceso

Lançavam-lhe: a tremor elle as tapou, e após

Respirou! mas na sombra inda sentia o peso

Enorme da consciencia,—a justiceira atroz!

Odiava a lua e o sol de pupillas radiantes!

Possesso de terror, perfarou iracundo

Os olhos á mulher e aos filhos, o sicario!...

Em tudo descobria olhares condemnantes!

E enlouqueceu, por fim, ao meditar que o mundo

Tinha a conformação—de um olho extraordinario!'

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

NUM SERÃO DE MARINHEIROS

O vapor singrava as tranquillias aguas do mar, balançando-se monotono. Ouvia-se a helice numa cadencia rythmica.

Era noite; uma noite quente, serena, bella. No fundo escuro do ceu brillavam as estrellas por entre castellos de nuvens prateadas. A lua, ora velada ora descoberta, inundava de luz o tombadilho. A' roda do paquete a agua revolta formava como que um ninho de espuma, alva e phosphorecente.

O vapor levantára ferro nesse mesmo dia. A' proa, os marinheiros narravam aventuras dos seus dias de folguedo em terra. Unicamente um d'elles tinha lá a familia; por isso ao chegar chorára de alegria, ao ver de longe as sombras curvas das montanhas, e acenára feliz ao divisar nitidamente a cidade onde nascera, onde deixára um passado na casa em que brincára em pequenito, nas ruas que mais frequentára, na escola, e no tumulto da mãe; mas onde o aguardava também o porvir no sorriso adorado de um filhinho e no amor saudavel da esposa. Esse, com os olhos rasos de pranto e os labios cheios de riso, descrevia a sua chegada ao lar.

Logo que sentira terra firme embaixo dos pés, correra para casa, entrára com o coração treunulo e a respiração cortada.

Do corredor vira a salinha; bem em frente, pela janella aberta, num relance conhecera as roupinhas do filho penduradas nos galhos seccos de uma larangeira. A mulher estava ali, bem perto, contra a claridade, curvada sobre a taboa de engommar, com as tranças soltas e as mangas arregaçadas. Mal lhe distinguira o perfil incorrecto no fundo luminoso do quadro; e a voz do marinheiro grossa e forte tinha umas modulações doces e maviosas ao dizer que aos pés da mulher, numa esteira, o seu pequenito tentava levantar-se agarrando-se ás saias da mãe, até que a esposa, descansando o ferro, voltára-se de frente, curvara-se e tomara nos braços o menino soffregio. Foi então, ao erguer-se, que os seus olhos se encontraram; elle, de commovido, nem falara nem se movera tampouco!

Abraçaram-se, transportados de alegria, e a creança, então, assustada, desatara a chorar.

Contava uma outra historia um outro marinheiro. Este, tivera as alegrias da taverna, ouvira tocar violão como nunca, e como nunca bebera tão bom vinho!

Davam todos o seu contingente para o serão, contando scenas de terra, alegres e aventurosas.

Cansaram-se porfim.

Tomou então a palavra um velho lobo do mar.

Espalhados aqui e acolá, os marinheiros dormiam; estendidos uns, que haviam perdido em terra a noite antecedente; e fumavam em seus cachimbos outros. Os grumetes, sentados, segurando os joelhos com as mãos entrançadas, ouviam interessados as historias do velho, que, sobre um rolo de cordas, com o barrete deitado para traz, narrava episodios da sua vida passada.

«Tive o primeiro desgosto, principiou elle, aos doze annos.

Era grumete num navio de vela, o *Veloz*.

Puzeram-me para ali sem recommendações; por isso tambem tinha o tratamento de cão sem dono. Como, louvado seja Deus, fui sempre muito estúpido, não me revoltei nem procurei livrar-me do captiveiro.

O capitão era mau homem, severo, rispido ás direitas. Os marujos batiam-me e empurravam para mim todo o serviço. Eu resignava-me a tudo; tinha um genio desgraçado!

Revoltas de dignidade? eram cousas que abafava como verdadeiros crimes!

Um dia, porém, chegou-se para mim um marinheiro novo, deu-me do seu fumo, tratou-me como igual...

Adorei-o!

Tornámo-nos inseparáveis.

Assim viviamos, alegres e felizes, quando uma noite, julgando-me adormecido, levantou-se pé ante pé...

Vi-o afastar-se... esperei por elle muito tempo... voltou afinal com as mesmas precauções.

Brilhavam-lhe de um modo estranho os olhos... Poz-se um momento á escuta, olhou á roda, curvou-se, abriu a sua caixa de pinho e depositou nella muitas moedas de ouro!...

Attonito, eu não tinha animo para falar; mas comprehendendo qualquer cousa terrivel, escondi o rosto abafando os soluços. Chorei e chorei muito!

Levantei-me no outro dia pallido, com os olhos injectados e a cabeça aturdida.

Não podia olhar de frente para o meu amigo, que era no entanto a unica pessoa caridosa para mim.

Ainda cedo o capitão, desesperado, notou que o haviam roubado.

Chamou tola a gente, interrogou a tolos; quando chegou a vez do meu

companheiro eu tremia, arquejava de medo, sustinha-me a custo em pé...

Elle não, completamente calmo, respondeu affirmando a sua innocencia.

Notaram a minha perturbação, fizeram-me perguntas sobre perguntas; tentei justificar-me, mas... ora adeus! ninguém me acreditou.

O capitão, enraivecido, mandou ao proprio criminoso que trouxesse a minha roupa—eu tinha apenas uma trouxinha!—e elle obedeceu! Vi-o voltar firme e resolutivo, pol-a aos pés do capitão e abril-a.

Os marinheiros em volta olhavam silenciosos. A manhã estava sombria, as aguas verdes, um vento gélido, forte, enfunava as velas, fazendo ranger as enxarcias e abalar os mastros.

O capitão ordenou a revista, olhando-me com desprezo.

Mais uma vez obedeceu o *meu unico amigo!* Procurou um momento, e de repente, revolvendo mais a roupa, tirou de dentro um punhado de libras.

O miseravel, temendo ser descoberto, puzera-as ali, e eu, desgraçado! cahi estendido, ouvindo a marinhagem vociferar contra mim!

Estive á morte muitos dias; ainda bem, doente fui expulso no primeiro porto. Felizmente encontrei ali um protector: no medico do hospital.

Vivi dois annos em terra, depois... não sei que attracção tinha para mim, o mar... voltei. Não me arrependo.

O velho parou e limpou os olhos na manga.

Um dos grumetes perguntou então: E o maldito, o traidor, o ladrão, que fim levou?

—Não sei.

—Oh! pois não quiz vingar-se, Anselmo?

—Como me havia de eu viugar? matando-o? Mas não te lembras, desgraçado, que foi elle o primeiro homem que me estendeu a mão?

Os grumetes calaram-se. O velho, silencioso, deixou cahir a cabeça sobre o peito e mergulhou-se em tristes recordações.

Singrando as tranquillas aguas do mar, o vapor continuava no mesmo balanço monótono. Ouvia-se unicamente o som da helice numa cadencia rythmica.

JULIA LOPES

OS NOSSOS LIVROS

ROMANCES de *Délia*. *Uma victima*, *Duas irmans*, *Magdalena*, 1 vol, 370 pags. 1884.

Antes tarde do que nunca; não acham?

Ha muito tempo, confessamolo com as faces ruborisadas, ha muito tempo que tínhamos sobre a meza este elegante volume, que nos fora tão gentilmente offerecido pela sua auctora.

Lémolo e promettemos aos nossos botões: Amanhan diremos d'elle alguma cousa.

Amanhan... amanha... e até hoje nem uma linha!

Se a talentosa escriptora não fosse, como nos afirmam, essencialmente bondosa, com certeza nos quereria mal por essa apparente desidia, por essa proteção que chega a parecer—pouco caso.

Antes, porém, que tal desdita nos fira, aqui estamos pedindo-lhe humildes perdões.

Que *Délia* repare nesse plural: perdões. E' que de facto não é um somente; —para o crime de só hoje, tão tarde, falarmos do seu livro; mas um segundo perdão lhe imploramos: —para o resumo e para a superficialidade d'esta apreciação.

Afim de não demoral-a por mais tempo,

pois demor adissima estava, não a aprofundámos nem a alargámos como pedia a importancia da obra.

Valha-nos ante a benevolencia da distincta prosadora o—*Antes tarde do que nunca!*

São tão raras entre nós as mulheres que, dedicando-se ás letras, concorrem a abastecer com os fructos do seu talento o nosso minguaudo commercio litterario que, quando alguma apparece devemos recebê-la com todas as honrarias e distincções.

Caso inda mais raro é dedicar-se alguma d'essas raras mulheres de letras —á prosa.

Poetisas, temos tido varias; e o nome que, primeiro occorre é o de Narcisca Amalia. Prosadoras—pouquissimas.

Ultimamente um nome de mulher tem apparecido em algumas folhas, e especialmente n' *A Semana*, subscrevendo contos primorosos no pensamento e na forma. E' a Exma. Sra. D. Julia Lopes, digna irmã da illustre poetisa D. Adalina Vieira, a laureada auctora das *Margaritas*.

De escriptora que, tão joven ainda, consegue fazer tão bella e tão boa prosa, temos o direito de esperar futuramente alguns livros de summo valor, d'esses que só as Becker Stowe, as Sand e as Daudet pôdem dar a lume.

Pelo mesmo tempo, ou talvez antes, fazia-se notar, aqui na Corte, assignando na *Gazeta da Tarde* alguns centos ligeiros e, posteriormente, tres ou quatro romancetes, este bonito e singelo nome:—*Délia*. Um pseudonymo; era claro.

Soubese, porém, mais tarde, que era realmente o de uma escriptora.

Não satisfeita com os successos de jornal, demasiado ephemeros, aspirou *Délia* aos de livraria, e reunio em volume tres dos seus pequenos romances: *Uma victima*, *Duas irmans*, *Magdalena*.

Não podendo estudal-os destacadamente, em analyse detalhada, diremos a impressão geral que nos produsiram.

Essa impressão foi—que ha em *Délia* o estoffo de um grande romancista e que poucos terão tido tão brilhantes estréas. Sem preconceitos escolares, nem fins preconcebidos, sem biocos de falsa moral nem desgarres de *realismo* espalhafatoso, sabe *Délia* tecer com habilidade a urdidura dos seus romances e dar-lhe o preciso desenvolvimento, com singeleza na expressão, verosimilhança nos episodios, sentimento e colorido no estylo.

Grandes qualidades essas, que, continuandoella a trabalhar, farão de *Délia* uma romancista *hors ligne*.

Para sermos inteiramente justos, devemos dizer que não são os seus romances isentos de alguns senões, perdoaveis é certo, mas que prejudicam as suas innegaveis bellezas.

Um d'elles é o abuso que faz a romancista dos adverbios terminados em *mente*. Paginas ha em que se encontram seis e mais; por exemplo a pagina 7. em que ha sete adverbios em *mente*, um d'elles duas vezes empregado.

Uma ou outra inverosimilhança poderiamos tambem apontar, como a scena que abre o romance *Duas irmans*: aquelle pae é um monstro que somente como excepção rarissima poderá aceitar-se.

Se esses leves defeitos lhe apontamos é unicamente para provar á distincta escriptora que lémos com a devida attenção o seu livro.

Urge terminar. E terminamos felicitando cordealmente a auctora de *Magdalena*, e pedindo-lhe em nome do romance nacional que continue a trabalhar com esperanças e sem esmorecimentos.

MARCOS VALENTE.

CONTRASTE

Foi horrivel, phantastico o meu sonho !

Vl um monstro satanico, medonho,
olhos em labaredas coruscantes,
negro, escainoso o corpo, arrepiada
a juba, enorme a bocca escancarada !

Chegou, e logo as arvores gigantes,
em fremitos de horror,
curvaram-se; nas copas do arvoredo
gemia o vento em convulsões de medo.

Ku fóra visitar o meu dilecto
cantinho da floresta, embevecida
num doce bem estar, sereno, quieto;
lembrando horas de amor,
ali ficára com: que esquecida.

Despertei do lethargo; o monstro informe
olhava-me feroz;
apossou-se de mim um susto enorme,
não podia gritar nem dar um passo,
perdi acção e voz.

Escondida por traz do tronco amigo
de um olmeiro que amei, pedi-lhe abrigo...

Tantas vezes, exausta de canção,
pensara na celeste suavidade
de adormecer ali, na eternidade ! !

O ingrato olmeiro rio do meu tormento,
afastou a folhagem protectora,
e nem sequer ouviu o meu lamento;
com força sacudia a coma altiva,
dizendo á fera: Vem;
entrego-t'a sem pena. E eu, captiva,
presa ao solo, pensei :

« O Deus clemente !
que me quer este monstro repellente,
o que llz eu, meu Deus ? » Então, de um ninho
uma voz doce, a voz de um passarinho
balbuciu: — « Tambem,
como tu, soffrerei, sendo innocente,
a morte ou a prisão;
has de morrer sem culpa, é lei da vida
não esperes perdão. »

Morrer !

Então o monstro que consome
as puras existencias indefezas
chama-se... O rouxinol disse baixinho.

com medo que o ouvisse do caminho,
a *rola afficta*, a doce esmorecida,
cantora de amarguras e tristezas:
— E' Calumnia o seu nome.

Dei um grito de horror, e, palpitante,
acordei; era dia.

Ouviam-se repiques de alegria.
Tudo era riso em volta; á cabeceira
um livro aberto: *O Abade Constantino*;
o meo canario, em gorgear divino,
convidava ao prazer; numa cadeira,
em frente ao toucador, tinba ficado
um ramo de violetas, perfumado,
que me adornara o seio; o sol, radiante,
atravessava o quarto, triumphante,
para me vir doirar o cortinado.
E Dinorah, gatinha alva de neve,
electrica, febril, graciosa, leve,
prender tentava a sombra da folhagem
da amendoeira, que uma branda aragem
movia no tapete.

Aquillo tudo
apagou a impressão do pesadelo;
ergui-me a meio sobre o cotovello
e murmurei a rir:
— Venha apoz o sepulchro escuro e mudo
o berço a trasbordar de luz e amores.
Apoz a noite negra e seus horrores,
o rutilo porvir !

ADELINA A. LOPES VIEIRA.

BEPPA

Chamala á policia, Beppa ouviu o
amante accusal-a de o perseguir com
instancias de amor, de procural-o em
toda parte, pondo embaraços ao seu
projectado consorcio, expondo-o ao ri-
diculo de um affecto exigente e ruído.

— Nunca fui seu amante unico, dizia,
estimei-a, fui muitas vezes á sua casa,
mas estou aborrecido, e além d'isso vou
casar-me...

Beppa era uma bonita rapariga,
muito branca, esbelta, de gestos prom-
ptos, o olhar luzente, tepido; com uma
bella cabeça á antiga, pequena, sobre
um pescoço elegante, sombreada a nuca
pela dourala pennugem da cabelleira
curta e encrespada, de um louro fulvo.

Apresentou-se sem mostrar medo e
falou de pé, muito direita, deixanlo
escapar um como que fluido sympa-
thico dos grandes olhos pardos, dos
labios carnudos, do collo redondo, ar-
fando precipite sob o *waterproof* es-
curo, de grandes botões lustrosos, ves-
tido ás pressas para obedecer á inti-
mação.

Numa linguagem viva, imaginosa,
vibrante, acompanhada d'esse ar so-
lemne, naturalmente tragico dos ita-
lianos, revelou um apego animal, um
amor cheio de meiguice, dando a im-
pressão de um esfrolar de azas, de um
leve roçar de ramaria tenra, e ao mesmo
tempo afogueado, louco. A expressão
de amor trespordante, lançada em um
italiano puro, tinha sonoridades exque-
sitas; sahia relonla e macia, mas ar-
dente, imperiosa quasi.

— Tudo o que elle diz é verdade, se-
nhor, falou á auctoridade, mas eu não
posso viver sem este homem. Olhe, já
tive idéa de o matar, cheguei a comprar
um revolver, mas recuei ao pensar que
o via morto. E acredite, cheguei a vel-o
assim, em sonhos, estendido no chão,
frio, tendo bem sobre o peito um furo
de bala. Acordava então, sobresaltada,
e notava o traveseiro molhado, os olhos
humidos, uma fadiga esquesita como
se eu tivesse chora lo muito.

— Mas tu recebias visitas, não era eu
o unico, falou-lhe o moço.

— Sim, para não te importunar com
pelidos de dinheiro, pois o que tão
gentilmente me offerecias, não bastava.
Eu tinha pejo em alugar-me, tinha
receio que me despresasses, mas consi-
derava essa vergonha um sacrificio.
Cheguei a supplicar ao dono do Hotel,
que já me tratava com desconfiança,
para não te falar na minha conta em
atraso, fazen-lo-me servir com o mesmo
ar de interesse com que tratava as ou-
tras. Eu só pedia o indispensavel e tinha
muitas attentões para com os creados,
nunca tinha pressa, pois notava em
todos elles má vontade.

As observações e conselhos da aucto-
ridade, respondeu que não havia de
persegui-lo mais; que, ou prendiam-n'a
desde logo, ou matava-se. E voltando-se
para o amante:

— Has de lembrar um dia que a
Beppa matou-se por tua causa. Pela
primeira vez sou chamada á policia,
e para ouvir que me aborreces! Pois
bem, quer queiras, quer não, has de
pensar em mim.

E estendia os braços com certa rijesa
colerica, mas em tocando os hombros
do moço, afrouxavam os musculos e as
mãos enludadas roçavam pela gola do
fraque, escorregando mollemente, a
medo.

Parecia calma, mas os lampejos subi-
taneos do olhar, o fremito dos labios, o
movimento nervoso do pé, as pancadas
curtas e repetidas com a mão nas costas
da cadeira, tudo mostrava excitação
mal contida. O seu falar corredio, ex-
pressivo, indicava uma rapariga intel-

ligente, de um temperamento nervoso,
cállido, de uma sensibilidade sujeita a
espasmos; natureza impressionavel, al-
tiva e voluntariosa, seante ao amor,
qual um vaso de finissimo crystal soa
longamente ao mais ligeiro toque.

Sempre apaixonada, fazia recrimi-
nações medrosas, pronunciava com
delicia o nome do queixoso, pedindo
perdão por querer-lhe tanto, dizendo
não poder supportar a idéa de vel-o
com outra mulher.

— Tel-o outra mulher, isso nunca.

E voltando-se para a auctoridade,
que estranhava tanto amor por um
homem que a despresava:

— Mas, eu não creio nesse despreso,
e tudo isso, essa friesa mesmo, me excita.
Que quer ? !

Houvera por parte d'elle promessa de
ligação duradoura e Beppa acreditara
nesse paraíso desenhado entre beijos,
do rebentar expontaneo e inconsciente
das promessas. Em horas de isolamento,
eixára a phantasia correr ás soltas, na
briciedade de um desejo que a levantava
da mesquinha existencia, de um sonho
que a tornava melhor fazendo-a uma
senhora.

— Mas ouve, Beppa, eu não te quero
mais; olha, agora, e puxando o relógio,
á uma da tarde, em presença da policia,
declaro que estou farto de ti.

Das janellas do primeiro andar so-
prava um vento fresco, leve; do ceu
puro, de um azul macio, do ar que se
respirava, como que vinham canticos
de amor. O sol enclia as ruas, abrindo
chispas nos trilhos, palhetando de ouro
as venezianas descidas, espelhan lo as
folhas esguias das palmeiras, mettidas
em tinhas verdes, á porta de um café
fronteiro, onde á roda das mezas, riam
com barulho, freguezes de barba esca-
nhçada e camisa tinta de anil.

— Pois bem, disse ella, tomando-lhe
a mão com respeito, como quem segura
um objecto quebradigo e caro, não te
importunarei mais... Mato-me.

E falava com singelesa, tal qual
sentia, sem gritos.

— E' pena, tenho vinte e quatro
annos !...

Já não se mostrava agitada; tinha as
palpebras muito abertas, o olhar pa-
rado, levado ao longe pelo pensamento
os olhos humidos parecendo lavados de
fresco.

Como que esquecida, sem reparar
naquelles homens que a cercavam,
guardava entre as suas a mão do
amante...

E, respondendo a pensamento intimo,
repetia :

— Mato-me...

CYRO DE AZEVEDO.

SPORT

As corridas do ultimo domingo no
Prado Villa-Isabel desafiarão grande
concurrência por causa do excellente
programmã, e tiveram o seguinte re-
sultado:

No 1º pareo (300 metros) deixando
de correr *Carola* e *Savana* que não quize-
ram matar-se, conseguiu *Sirodio* vencer
com toda a facilidade, o que nos satisfez
por ser o palpito que apresentámos.

Contra a expectativa geral ganhou
Mandarim os 1450 metros do 2º pareo:
ou melhor... quem venceu foi o velho
Luf. Não admira que nos tivessemos
enganado. E depois... tantas sahidas
falsas...

No 3º pareo todos viram que *Salta-
relle* perdeu por cabeça, e que *Boyardo*
ganhou por não haver lutado. Isto em
1800 metros é de uma vantagem im-
mensa.

Que lhes disiamos, amáveis leitores, relativamente ao 4º pareo? Lembram-se de que lhes apontámos *Creusa* como corrida certa? O grande caso é que ella sahio victoriosa em 120 segundos, montada por Best, que d'esta vez mostrou-se bom jockey. O Exm. Barão da Vista Alegre possui em *Creusa* um dos nossos mais valentes animaes de corrida e a prova está na facilidade com que no 6º pareo (1450 metros) tornou ella a ganhar de *Saphira* em 93 segundos. Vê-se por ali que *Creusa* não só tem grande fundo como velocidade.

A victoria de *Diomède* nos 1000 metros foi exclusivamente devida ao modo irregular pelo qual *Africa* guerreou *Françoise*, que deveria ganhar. Os juizes de raia d'esta vez, aborrecidos com o intenso calor, não se lembraram de attender convenientemente...

No 7º pareo (1300 metros) bem disse-mos nos que confiavamos na velocidade de *Bayocco*. Apesar da sahida favoravel a *Aymoré*, foi aquelle o vencedor.

Difficilmente o publico ha de ter este anno um programma tão esplendido como o de amanhã no *Derby-Club*, que fará inauguração de todas as importantes obras de seu hippodromo.

Recomendamos aos amadores a nossa ultima pagina e passamos a emittir a nossa opinião.

No 1º pareo deve ganhar *Druid*.

No 2º pareo, não se admirem, temos muita confiança em *Boreas*.

Regalia deve com facilidade ganhar os 1750 metros e os 1450 seguintes temos temos fé que sejam de *Druid*.

No 5º pareo ainda confiavamos em *Boreas*, apesar de que *Masqué* é cavallo de fundo.

Chegamos ao 6º pareo, e o achamos muito duvidoso, entre *Damietta*, *Atalanta*, *Comtesse* e *Taillefer*. Siga cada um seu palpito.

No 7º pareo nos inclinamos para *Gaudriole*. A raia do *Derby* é favoravel a esta e tem sido fatal a *Aspazia*.

No 8º pareo apenas apresentamos os animaes que podem ganhar. São elles *Savana*, *Sirodio*, *Carola* e *Conde*. Escolham á vontade.

L. M. BASTOS.

A VIDA ELEGANTE

Para *A Semana* a semana passada passou sem *soirées*, é por isso, quem sabe? ó formosa leitora, este vosso humilde creado não teve a immensa ventura de contemplar-vos entre uma boa polka e uma vaporosa walsa.

Mas, ainda assim,—com perdão de V. Exa, minha senhora—não tenho de que queixar-me, porque fui ao Club Beethoven.

Lembro-me bem que ás sete horas, mais ou menos, da noite de sexta-feira, estava eu sentado, pensando não sei em que, quando o meu amigo *Filindal* arregalando muito os olhos, gritou-me de repente ali da sua grande meza cahotica, cheia de papeis, livros, jornaes, canetas, tinteiros, pennas e o diabo:

—Olá, amigo, e então o Club Beethoven?

Nem sequer um monossylabo proferi. Incontinenti atirei-me pelas escadas abaixo, subi a rua do Ouvidor, metti-me num bond e dei commigo nos magnificos salões do Club Beethoven, onde uma escollida sociedade onvia nada mais, nada menos do que as melhores peças dos mais notaveis compositores, executadas por distinctissimos violinistas e pianistas, que tolos nos co-

nhecemos; d'entre os quaes, para a leitora desespere-se por não ter podido ir ao Club Beethoven,—mesmo porque lá não é permittida a entrada ao bello-sexo,—é bastante citar Arthur Napoleão e Otto Beck.

Depois de tudo isto a leitora dirá com os seus botões:

—Que felizardo!

LORGNON.

TRATOS Á BOLA

Eu, que hoje embocar venho a *trattistica* tuba
Em vez do *Pastel*, ó leitoras peregrinas
leitores, não foi de Itaquecetuba
E nem ta'n pouco foi das clárneças de Minas

Que eu vim; mas de um logar mais feio, mais
longinquo,

Mais pavoroso e mais tristonho,—ermo dos
ermos!

Eu que, pela oração, já me acho mais pro-
pinquo

Do céo do que da terra inçada de estafermos,

Deixei a solidão do meu tétrico berço,

Para vos vir encher de *trattices* a bola:

Tratos feitos com má prosa e prosaieo verso,
Porém que hão de fazer arder muita cachola.

D'este jornal, um dia, ao ler uns certos nu-
meros,

Achei tanta charada insulsa e deshumana,

Que um fremito senti correr-me desde o hu-
merus

A' clavicula, do tibia á calote craneana.

E, em seguida, ageitando sobre o craneo

O capuz e calcando as alpercatas,

Surgi do meu escuro subterraneo

E caminhei p'ra aqui, qual negro espectro,

P'ra mandar o *Pastel* plantar batatas

E pôr de lado o plectro.

E aqui venho desvendar-vos

Arcanos *logogríphicos*,

Jorros de enygmas, Atlanticos

De charalazas exquisitas,

Que hão de causar dôr de cabeça aos parvos

E vos hão de alegrar, moças bonitas.

Sabeis quem sou e onde habito?

Eu, que esconjuro o diabo,

Não sou Ash'vero o precito,

Nem sou aquelle occulto e grande cabo.

Eu vim das ruínas de escuro claustro

Que em Macacú causava horrores aos *panca-*
das;

Não vim de bonde, nem vim de plaustro,
Mas, sim, a pé, calcando a lama das estradas.

Co' o cabelo solto

Aos tufões, revoltó,

Tendo o corpo envolto

No burel,

Cheio de *trattices*,

De *logogríphicos*,

Mas; sen as tolices

Do *Pastel*.

Já fóra da tóca,

Sem tir-te nem guar-te,

O' gente carioca,

Leitores de toda a parte,

Rugados velhuscos

E filhos da aurora,

Rapazes patuscos,

Vae off'recer-vos agora,

Grandes difficuldades

De sabio lindu

O ultimo dos frades

De Macacú.

Começarei por uma charada

ANTIGA

Tratista, repara,
Que é cousa bem pouca:
São duas da cara,
Só uma de Eutherpe,
E as tres são da bocca:
Quer seja de serpe,
Quer seja dos galgos,
Quer seja das lontras,
De sucios, fidalgos,
De sogra ou madrastra,
Farroupas, bilontras
E bestas e... basta.

Agora uma novidade:

ANGULO E X

« O' que opulencia de via!

Que voz tão desengraçada!

Que concerto! que harmonia!»

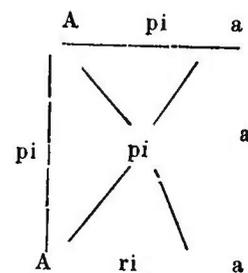
No « Almanach de Lembranças » de Rodrigues Cordeiro encontramos a explicação d'esta especie de charadas.

E' a seguinte:

« Só adivinhará bem a pessoa que conseguir que se leia a primeira palavra adivinhada nos dois lados de um angulo, nas quatro pontas de um X, e no ponto em que as duas aspazas se tocam, não destruindo, antes auxiliando as palavras dos outros dois ternos esta disposição.

Será *Apia*, na charada supra, a grande estrada dos romanos, a opulenta via? Será *pipia* á voz desengraçada? Será a coisa harmoniosa a *aria*? Será: se collocada a palavra *Apia*, como já dissemos; collocando por baixo, cortando o eixo do X, a palavra *pipia*, e numa terceira linha *aria*, fizerem com que a primeira palavra—*Apia* se leia nos dois lados de um angulo, no centro e nas quatro pontas de um X.

D'este modo:



O inventor d'estas charadas é o Sr. Joaquim Antonio Gomes da Silva Junior.

Agora, que já se acha explicado o modo porque ellas se decifram, damos uma, abaixo, afim de ver se os senhores amadores dos *Tratos* conseguem metter-lhe o dente.

Ahi vae:

Quando isto anda por dentro dos esophagos, 1ª, 2ª, 3ª,

Muito encommodo causa, alva menina—
1ª, 2ª, 3ª.

Que és dos jardins e não dos anthropophagos.—1ª, 2ª, 3ª

Em seguida, mais estas outras especies, com que os amáveis *trattistas* já se acham de certo bastante relacionados:

NOVISSIMAS

I

1—1—1—E' sobre-nome no charco, porém na mesa é molestia.

II

1—2—Este adverbio é homem? Não, é quadrupede.

DECAPITADA

(Por syllabas)

Ai não são feias estas pinturas,
E eu não creio que melhores hajam (*)
Estrangeiras estas creaturas,
De longe vem:—ha muito viajam.—
Que isto é pedra duvidar não posso,—
E isto uma letra; ereia-me, moço—

N. B. Começa-se a decapitar do fim.

AUGMENTATIVA

(Por syllabas)

Esta nota—em banda—dança-se.—
N. B. Augmenta-se a partir do fim.

INVERTIDAS

I

2—Direita é bieho engraçado,
Inversa é do magistrado.

II

2—Direita no buraco,
Inversa na balança;
Mata-me o bicho,
Leitor, avança.

TELEGRAPHICAS

I

1—Gil é nome.

II

2—Bola na cabeça.

Dados os *Tratos*, ó bons *traístas*,
Tratem de ouvir-me, que eu 'stou tratando
De dar *tratos à bola*—preparando

Premios de dar na vista.

E' a mais agradável das surpresas:
E' de encher d'agua a boea do Demónio,
E de causar fanticos ás princezas!...
Herança foi do santo Frei Symphronio;
Decifradores, aguçae as presas!
Creado vosso humilde

FREI ANTÓNIO.

THEATROS

EMPRESA MONTEDONIO

Realisou-se no sabbado, 17 do corrente, como estava annunciado, a inauguração dos trabalhos d'esta nova companhia no theatro *Phenix Dramatica*, com a primeira representação do drama em 6 actos *Os Fidalgos da Casa Mourisca*, extractado por Carlos Borges do admiravel e celebre romance do mesmo titulo, do mallogrado Gomes Coelho (*Julio Diniz*.)

A *Semana*, não podendo infelizmente dispor de espaço sufficiente para uma apreciação demorada e conscienciosa d'essa representação, vem unieamente juntar os seus vivos e estrépitosos applausos aos muitos que por toda a imprensa foram dispensados á nova companhia organizada e dirigida pelo Montedonio, e especialmente a este sympathico e propecto artista, que no diffieil papel de Thomé da Póvoa conquistou incontestavelmente o direito de ser considerado—um grande actor. Perdoo-se-nos esta antecipação encomiastica. Fizemol-as por que bem a me-

(*) O' rima, a quanto obrigas!

recia o Montedonio, pois que a elle, sobre todos, cabem as felicitações pela noite de sabbado; não só pelo desempenho que deu ao seu papel, como porque veio offerecer-nos nesta quadra ingrata de esterilidade theatral os trabalhos de uma companhia muito regular, composta de artistas na mórparte propectos e festejados, e mais porque conseguiu que a sua companhia representasse aquolle bello drama com uma comprehensão e um euidado artisticos realmente notaveis.

Ha muito não viamos—e depois da partida da companhia Duse-Checchi não o esperavamos ver tão cedo—uma representação dramatica tão egual, tão harmonica, tão caprichada.

Tres papeis tiveram um desempenho magistral:—os de D. Luiz (Gama), Thomé da Póvoa (Montedonio) e Frei Januario (Pestana); os restantes papeis de importancia, Mauricio, Baroneza, Anna do Vêdor, Bertha e Jorge tiveram desempenho muito aceitavel, geralmente bom—por parte de Sepulveda, D. Julia de Lima, Adelina Montedonio, A. de Bellido e Arthur Bellido. Senões, houve os sem duvida, mas o desempenho mereceu tantos louvores que não vale a pena falar nas falhas que se lhe notaram.

Via-se que Montedonio tinha sido ineansavel nos ensaios e que nada havia escapado á sua direcção artistica.

O gosto e o eapricho com que preparara a representação da excellente peça em tudo se reconheciam: na interpretação dos papeis, no vestuario e na caracterisação dos personagens e na *mise en scene*. Todos estavam trajados com rigor local, o que combinava agradavelmente com o apropriado da mobilia e mais accessorios.

Tudo isto posto ao *serviço* de um drama encantador pela naturalidade das scenas e dos dialogos, admiravel como pintura de costumes e agradabilissimo pela suavidade dos sentimentos e pela intensidade das paixões que nelle se debatem, devia forçosamente produzir a impressão que effectivamente produziu:—contentamento completo e geral.

Folgamos com o exito alcançado em sua estrêa pela companhia Montedonio, e sinceramente lhe desejamos aquillo que pelos seus esforços merece:—vida longa, gloriosa e, sobretudo—lucrativa.

O diabo é estar trabalhando na *Phenix*, um theatrinho tão fora de mão... E', todavia, possível que o merecimento excepcional da companhia, (o qual augmentará com o reforço de Eugenio de Magalhães e Ismenia) consiga vencer no publico a ogerisa pela *Phenix*.

Amen!

P THALMA.

P. S. Montedonio, conveuido pelas continuas vasantes de que é impossivel levar publico á *Phenix*, suspendeu as representações nesse theatro e mudou-se para o *Principe Imperial* com *Fidalgos* e bagagens. O publico corresponderá ao trabalho e aos merecimentos da companhia.

FACTOS E NOTICIAS

Faz hoje annos a Exma. Sra. D. Orminda Rocha Victorio da Costa, esposa do Dr. Emygdio Victorio da Costa.

A' gentilissima e respeitavel senhora os nossos cumprimentos.

QUE LUVAS!

Os Srs. Martins Torres & C. proprietarios da importante fabrica de luvas

da rua da Uruguayana n. 66—são de uma danabilidade, como diremos?... inactivavel!

Ora imaginem que, havendo—não sabemos como—descoberto as letras dos nossos admiraveis collegas *José do Egypto* e *Filindal*, presentearam-os com dois pares de luvas *peau de Suède*, mais do que outros commoventes.

Eahi tem a *Luvaria Parisiense* com os agradecimentos do *José do Egypto* e do *Filindal*,—que já não querem mais trabalhar para não tirar as luvas—uma *reclame*... de graça. E bonito é que a *reclame* vae bem á *Luvaria Parisiense* como... uma luva!

Do Sr. Augusto Gomes Ferreira recebemos um convite para assistir amanha, ao meio dia, á abertura inaugural das casas do primeiro quarteirão da rua do Cardoso Junior, nas *Laranjeiras*. Agradecemos e não faltaremos.

Dos Srs. Pio Carozzi e Leo F. Spandonari recebemos uma circular annunciando o apparecimento de um novo jornal *Corriere d'Italia*, para o dia 1.º de Novembro proximo. Durante esse mez e o seguinte será o *Corriere* publicado duas vezes por semana, passando a ser quotidiano em 1886. Seja bem vindo.

Acha-se entre nós o Sr. capitão Cezar Junior, collecter em Santo Antonio de Palua. A *Semana* comprimenta o distincto cavalheiro, de quem tantas amabilidades tem recebido.

RECEBEMOS

—O *Instituto Abilio*, methodo, collegios e compendios, por Felix Ferreira. 200 paginas. Obra importante, de que nos havemos de occupar.

—*Revista da Secção da Sociedade de Geographia de Lisboa, no Brazil*, director Dr. Antonio Zeffirino Caudido. 2ª serie. N. 1.

—O *Mequetrefe*, n. 338. Interessantissimo nos desenhos como no texto.

—*União Médica*, anno V, fasciculo n. 10. Muito importante.

—*Gil Braz de Santilhana*, editor David Corazzil; fasciculo n. 8, com um formoso elromo.

—*Revista da Escola de Marinha*, n. 14. Anno V.

—*Asylo de ensino profissional da Sociedade Portuguesa de Beneficencia*, primeira exposição em 27 de Setembro de 1885, organizada pelo Sr. Commendador Luiz de Faro.

—*Tribuna Academica*, n. 1, S. Paulo; directores Paula Novaes e F. de Campos Junior. São seus redactores dez distinctos academicos.

—*Revista de Engenharia*, ns. 122 e 123; excelente e aereaditada publicação, que é ocioso recommendar aos senhores engenheiros.

—*Revista Illustrada*, n. 410. Na forma do louvavel costume:—boa pilheria, critica acerada e justa, desenhos magnificos.

—*Cadastro da Policia*, fasciculo n. 34.

—*Contribution à l'étude clinique des applications therapeutiques de l'antipyrine* pelo Dr. Clemente Ferreira. Ao nosso collega Dr. Saben para dar parecer.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Dr. Henrique de Sá, especialista de syphilis e molestias das erianças.—Rua Primeiro de Março, 22 (consultas do meio-dia ás 2 horas)—Residencia: Rua de S. Clemente, 165 A.

DERBY-CLUB

PROGRAMMA DA QUINTA CORRIDA, A REALIZAR-SE NO
DOMINGO, 25 DE OUTUBRO DE 1885

A'S 11 1/2 HORAS EM PONTO

GRANDE PREMIO RIO DE JANEIRO, 5:000\$000

Primeiro pareo—SEIS DE MARÇO—1,200 metros—Animaes do paiz, até meio sangue—Premios: 400\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo

N.º	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	<i>Bitter</i>	Zaino.....	4 annos	S. Paulo.....	54 kilos	Azul e estrellas còr de ouro	E. M.
2	<i>Boyardo</i>	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	56 »	Branco e estrellas azues...	M. P.
3	<i>Americana</i>	Tordilho.....	3 »	R. de Janeiro.	50 »	Preto e branco.....	P. Beirão.
4	<i>Salina</i>	Alazão.....	5 »	R. de Janeiro.	55 »	Ouro.....	Coudelaria Nacional.
5	<i>Pretoria</i>	Libuno.....	5 »	S. Paulo.....	55 »	Cinzeno.....	A. C.
6	<i>Druid</i>	Tordilho.....	3 »	R. de Janeiro.	51 »	Encarnado e ouro.....	Coud. Confiança
7	<i>Aymoré</i>	Castanho.....	6 »	S. Paulo.....	60 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
8	<i>Príncipe Alberto</i>	Zaino.....	7 »	Paraná.....	56 »	Branco e azul.....	J. Guimarães.
9	<i>Aranha</i>	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	53 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.

Segundo pareo—COSMOS—1,609 metros—Animaes de qualquer paiz—Premios: 1:000\$ ao primeiro e 250\$ ao segundo

1	<i>Fanfarron</i>	Alazão.....	3 annos	França.....	53 kilos	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
2	<i>Naná</i>	Zaino.....	4 »	Inglaterra...	54 »	Setim branco e manc. pretas	M. U. Lemgruber.
3	<i>Phrinéa</i>	Castanho.....	3 »	Idem.....	51 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
4	<i>Boreas</i>	Castanho.....	4 »	S. Paulo.....	52 »	Azul e Ouro.....	Coudelaria Alliança.

Terceiro pareo—PROGRESSO—1,750 metros—Animaes do paiz até meio sangue—Premios: 600\$ ao primeiro e 150\$ ao segundo

1	<i>Bayoco</i>	Castanho.....	4 annos	S. Paulo.....	52 kilos	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
2	<i>Regalia</i>	Vermelho.....	5 »	Idem.....	58 »	Encarnado e ouro.....	Coud. Confiança.
3	<i>Douro</i>	Alazão.....	6 »	R. de Janeiro.	54 »	Verde e ouro.....	L. da Costa.
4	<i>Guanaco</i>	Alazão tost...	9 »	Paraná.....	54 »	Vermelho.....	Coud. R. Grandense.
5	<i>Sartarelle</i>	Preto.....	5 »	Idem.....	54 »	Encarnado e preto.....	J. W.

Quarto pareo—EXCELSIOR—1,450 metros—Animaes do paiz até 3 annos—Premios: 600\$ ao primeiro e 150\$ ao segundo

1	<i>Aurelia</i>	Alazão.....	3 annos	R. de Janeiro.	47 kilos	Azul e estrellas còr de ouro	E. M.
2	<i>Druid</i>	Tordilho.....	3 »	Idem.....	51 »	Encarnado e ouro.....	Coud. Confiança.
3	<i>Mandarin</i>	Rozilho.....	3 »	S. Paulo.....	49 »	Azul e estrellas encarnadas	Cunha Lima.
4	<i>Dora</i>	Alazão.....	3 »	Idem.....	49 »	Ouro e faxa.....	Freitas Guimarães.

Quinto pareo—DERBY-CLUB—2,000 metros—Animaes do paiz até puro sangue—Premios: 1,200\$ ao primeiro e 250\$ ao segundo

1	<i>Sans-Souci</i>	Castanho.....	5 annos	Minas Geraes	56 kilos	Azul e estrellas còr de ouro	E. M.
2	<i>Douro</i>	Alazão.....	6 »	R. de Janeiro.	54 »	Verde e ouro.....	L. da Costa.
3	<i>Electrica</i>	Idem.....	5 »	S. Paulo.....	54 »	Setim branco e manc. pretas	M. U. Lemgruber.
4	<i>Jaguary</i>	Castanho.....	5 »	Idem.....	56 »	Encarnado e preto.....	J. C.
5	<i>Boreas</i>	Idem.....	4 »	Idem.....	54 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança
6	<i>Regalia</i>	Vermelho.....	5 »	Idem.....	52 »	Encarnado e ouro.....	Coud. Confiança.
7	<i>Coralia</i>	Castanho.....	4 »	Idem.....	50 »	Vermelho.....	D. P.
8	<i>Masqué</i>	Alazão.....	4 »	Idem.....	54 »	Branco e rosa.....	Coud. S. Raphael.

Sexto pareo—GRANDE PREMIO RIO DE JANEIRO—3,200 metros—Animaes de qualquer paiz—Premios: 5:000\$ ao primeiro e 1,200\$ ao segundo

1	<i>Speciosa</i>	Alazão.....	3 annos	Inglaterra...	49 kilos	Azul e estrellas còr de ouro	E. M.
2	<i>Americana</i>	Tordilho.....	3 »	R. de Janeiro.	44 »	Preto e branco.....	P. Beirão.
3	<i>Damietta</i>	Castanho.....	4 »	Inglaterra...	52 »	Setim branco e manc. pretas	M. U. Lemgruber.
4	<i>Comtesse d'Olonne</i>	Alazão.....	4 »	França.....	52 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
5	<i>Atalanta</i>	Castanho.....	6 »	Inglaterra...	54 »	Ouro branco e faxa.....	Coud. Fluminense.
6	<i>Taillefer</i>	Zaino.....	4 »	França.....	55 »	Encarn. e manga azul claro	Coud. Americana.
7	<i>Curubaia</i>	Zaino.....	5 »	Inglaterra...	54 »	Preto e encarnado.....	D. F. P.
8	<i>Creusa</i>	Alazão.....	3 »	Inglaterra...	49 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.

Setimo pareo—LEMGRUBER—1,000 metros—Animaes estrangeiros até 3 annos—Premios: 500\$ ao primeiro e 120\$ ao segundo

1	<i>Françoise</i>	Alazão.....	3 annos	França.....	51 kilos	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
2	<i>Gaudriole</i>	Castanho.....	2 »	França.....	47 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
5	<i>Sornette</i>	Zaino.....	3 »	França.....	51 »	Azul e estrellas encarnadas	Coudelaria Paraizo.
4	<i>Aspasia</i>	Castanho.....	3 »	Inglaterra...	51 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.

Oitavo pareo—E. D. D. PEDRO II—Handicap—1,450 metros—Animaes de menos de meio sangue—Premios: 300\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo

1	<i>Bella Yayú</i>	Zaino.....	4 annos	Paraná.....	57 kilos	Azul e rosa.....	Coud. Amadores.
2	<i>Crichaná</i>	Chita.....	6 »	Paraná.....	49 »	Vermelho.....	J. da Rocha Franco.
3	<i>Sabina</i>	Alazão.....	5 »	R. de Janeiro.	50 »	Ouro.....	Coud. Nacional.
4	<i>Derby</i>	Alazão.....	7 »	Paraná.....	48 »	Ouro e bonet azul.....	Coud. Nacional.
5	<i>Eucharis</i>	Tordilho.....	5 »	Paraná.....	61 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
6	<i>Carola</i>	Castanho.....	6 »	Minas Geraes	52 »	Azul e encarnado.....	P. & Nunes.
7	<i>Arenas</i>	Douradilho..	5 »	Rio da Prata	48 »	Branco e grenat.....	J. P.
8	<i>Conde</i>	Castanho.....	8 »	Paraná.....	53 »	Vermelho e faxa preta....	Carlos Coutinho.
9	<i>Fils du Diable</i>	Tordilho.....	5 »	Rio da Prata	50 »	Encarnado e ouro.....	Coudelaria União.
10	<i>Sirodio</i>	Castanho.....	5 »	R. G. do Sul..	50 »	Ouro e encarnado.....	Coud. Major Sukow.
11	<i>Zaire</i>	Gateado.....	4 »	Paraná.....	49 »	Azul e rosa.....	P. S.
12	<i>Savana</i>	Castanho.....	4 »	R. G. do Sul..	52 »	Verde e branco.....	D.

NOTA --Pede-se aos Srs. proprietarios de animaes inscriptos no primeiro pareo o obsequio de os apresentarem no prado ás 11 horas da manhã, em ponto.—A. CESAR LOPES 2º secretario.

A SEMANA

CORTE

Trimestre..... 2\$000
Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

PROVINCIAS

Semestre..... 4\$000

Anno..... 8\$000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA -- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

SUMMARIO

Expediente.....	
Historia dos sete dias.....	FILINDAL & C.
Bernardo Guimarães.....	
Hippodromo.....	GONZAGA FILHO.
Inéditos.....	
Sonetos a premio.....	
Aqui, ali, acolá.....	ALFINETE.
Até quando, poesia.....	T. RIBEIRO.
Aluisio Azevedo.....	A. R.
Cofre das graças.....	BIBIANO.
A boa doença.....	C. MENDES.
Bellas Artes.....	A. AZEVEDO.
Sacrificio, poesia.....	F. D'ALMEIDA.
Crítica scientifica.....	DR. SAHÉN.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Theatros.....	P. THALMA.
Conselhos salutaes.....	DR. SAHÉN.
Tratos á bola.....	FR. ANTONIO.
Factos e noticias.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

Para boa ordem nas relações do publico e dos nossos assignantes com *A Semana*, declaramos que todas as communicacões litterarias, bem como as consultas, devem ser dirigidas—ao director; as que forem concernentes á administração — ao gerente; o quaesquer pedidos de informacões ou de pequenos serviços a Redacção, bem como cartas de convite, cartões de ingresso, etc.—ao secretario da redacção.

Os senhores que vierem ao nosso escriptorio e tomarem uma assignatura d'*A Semana* por todo o proximo anno de 1886 terão direito a um dos seguintes premios, á sua escolha:

VINTE CONTOS, por VALENTIM MAGALHÃES.—Este livro, que se está imprimindo nas officinas d'*A Semana*, foi expressamente feito para ser distribuido como premio aos assignantes d'esta folha. Conterá mais de duzentas paginas em superior papel, com uma capa de fantasia.

NÃO SERÁ POSTO Á VENDA.

Assim, os que tomarem uma assignatura d'*A Semana* por um anno, e somente esses, terão direito a um exemplar d'essa obra, que, a ser vendida não o seria por menos de 3\$000, o volume.

AURORAS, versos, por Alfredo de Souza; encadernação de luxo.

A CAVEIRA DA MARTYR, celebre romance de Camillo Castello Branco, em 3 volumes.

MARGARITAS, poesias da distincta poetisa D. Adelina Amelia Lopes Vieira; um bello volume.

Aos senhores assignantes de seis mezes daremos como premio UMA MUSICA, inedita, especial e expressamente composta para esse fim; QUATRO POEMAS, por Luiz Murat, ou um exemplar das AURORAS, brochado.

N. B.— Os senhores que assignáram *A Semana* por um anno, a terminar em Dezembro de 1885 receberão, segundo promettéramos, um exemplar dos VINTE CONTOS.

São agentes d'osta folha os Illms. Srs.:
Em S. Paulo—Dolivaes Nunes.
Em Ouro Preto—Fabricio Ignacio de Andrade.

Em Campos—Antonio Ferreira Martins Filho e Raúl de Bellido.

Na Parahyba do Sul—Verissimo Pacheco.

O Sr. Leonel Guerra é a unica pessoa por nós encarregada de agenciar assignaturas nas provincias.

Tem todos os poderes para representar esta folha.

Mandámos imprimir em magnifico papel alguns exemplares do retrato de Gonçalves Dias que hoje damos na primeira pagina. Estão á venda em nosso escriptorio e em algumas das mais importantes livrarias.

A SEMANA

Rio, 31 de Outubro de 1885.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Não será hoje rica a historia por que os sete dias foram pobres de asumpto e chochos de interesse.

Circunstancia que nos consterna profundamente porque nos priva de deliciar os nossos vinte tres mil novecentos e noventa e nove leitores com as galanices e louçanias do nosso inexgotavel espirito, a que de ha muito os habituamos.

Hoje, como sempre que tal aconteça, attribua-se a semsaboria provavel d'estas linhas á indigencia e insulsez da semana, a qual, sendo magra, não soube cumprir o seu dever de semana que se respeite.

O principal facto da semana, facto lamentavel, que derramou a consternação por toda a cidade e por toda parte onde d'elle chegou noticia, foi o desastre

de que foi victima S. M. a Imperatriz. A veneranda senhora, no dia 26, ao passar da sala do Museo Mineralogico para a do refeitório, no palacio da Boa Vista, tropeçou em uma pasta ou em um livro (variavam neste ponto as versões) e, cahindo, demparada, fracturou o braco esquerdo no collo cirurigo humerus.

Soccorrida immediatamente por seu augusto esposo e tratada pelo dr. Saboia, auxiliado pelos drs. Souza Fontes e Motta Maia—todos medicos do Paço—que applicaram á fractura um apparelho amidonado de Richard, tem Sua Magestade meliorado continuamente e o seu estado não inspira receio. Este triste acontecimento veio offerecer occasião para que a sympathica soberana verificasse mais uma vez o quanto é querida e respeitada por todos os brasileiros e por quantos a conhecem pessoalmente ou pela fama das suas virtudes.

Mais que a coroa monarchica fulgura sobre as alvas cans da consorte de D. Pedro II o duplo diadema de rainha dos afflictos e de mãe dos desgraçados.

Como não ha de ser amada, se é pela Caridade e pelo Amor que ella reina no coração do povo?!

Dentro em poucos dias, esperamol-o, teremos todos o prazer de vel-a inteiramente restabelecida.

No sabbado passado deu-se um lamentavel desastre, com que, no entanto, —estranhavel anomalia!— muito rejubilou a marinha nacional.

Foi este o desastre: Cahio ao mar... a canhoneira *Marajó*.

Assistiram a essa gloriosa «occurrencia diversa» S. M. o Imperador, ministro da marinha e outros collegas, almirantes, chefes de divisão o as bem conhecidas « muitas pessoas gradas.»

A canhoneira *Marajó*,—cuja primeira cavilha havia sido batida por S. M. (muito bate S. M.!) a 3 de Março de 1883 —cahio ao mar com toda a elegancia e iuaudita coragem. Apenas duas vezes pegou na carreira, mas tomando brio, deslisou, por fim, e lá se foi mar dentro. Cahido n'agua, poz-se logo a nadar, singrando airósamente—o bello peixe da nossa marinha de guerra.

Está aparelhada com dois canhões Armstrong, dois ditos de tiro rapido do systema Nordenfeld e duas metralhadoras do mesmo systema.

Nem tanto fóra preciso para tornala respeitavel.

Trembla el inimigo!

«VINHO VENENOSO.—A junta central de hygiene publica, tendo mandado analysar o vinho de marca G. G. vindo pelo paquete francez *Orénoque*, reconheceu que elle contém enorme proporção de acido salycilico, sendo por isso nocivo á saude publica; pelo que, mereceu

a reprovação unanime dos membros da mesma junta, reunidos hontem em sessão.»

Esta noticia, dada pelo *Bosco* da nossa imprensa, fez-nos tremer mais, muito mais do que poderá tremer «o inimigo» em frente da *Marajó*.

Terá sido retirado já da circulação o vinho de marca G. G. «que contem enorme porção de ácido salycilico?»

Eis a duvida: eis o que nos faz tremer. Ah, meu santo Noé e mais *gansistas* do Paraíso! que porção d'essa triaga assassina não teremos nós ingerido, na doce illusão, que a junta de hygiene deixa durar muito, de beber vinho... *virgem?*

Ai de nós! Valha-nos, Sr. ministro do Imperio.

Cartas e noticias chegadas da cidade de Theophilo Ottoni, em Minas, dizem que os indios bravios da tribu dos Puchichás, assaltaram a fazenda do Sr. capitão Leonardo Esteves Ottoni. Houve grande lucta, na qual ficaram mortos 38 indios. Duas filhas do capitão Leonardo fugiram para os matos, onde se perderam, só apparecendo no dia seguinte, doentes e com os pés feridos.

E' desesperada a situação dos habitantes de Theophilo Ottoni: Não ha uma força de tropa que possa garantir-lhes a propriedade e as vidas contra os assaltos dos selvagens.

Quem quizer ter manifestação, retrato a oleo, feito pelo Petit, ramilhetes, albus e outros presentes — entre para a policia.

Não ha inspector de quarteirão que não receba pelo menos um peru cada mez, e não ha subdelegado que não seja mimoseado com a sua caricatura a oleo pelos seus *alguns amigos e admiradores*.

Até aqui, porém, eram os moradores dos bairros jurisdicionados que offereciam essas galantes bisalharías ás suas queridas autoridades. Agora a cousa alastrou-se e já são as corporações e sociedades recreativas que *manifestam* o seu regosijo, rejubilando-se e congratulando-se com os illustres subdelegados de policia.

Talvez que a nação não queira acreditar-nos: a ingratitude é o apanagio do beneficio, como diria o Simão de Nantua. Mas a verdade, a curiosa verdade é esta.

Consta dos jornaes. No dia 25 achava-se em sua residencia, de chinellos e tomando café, o Sr. Dr. Silva Mattos, 1.º delegado de policia, quando, abruptamente, ouviu sons estranhos de pifaros e fagotes cadenciando sapateados celeses no corredor de sua casa. O illustre delegado do Sr. Dr. Coelho Bastos, descom levipede, e não foi sem espanto que no patamar da escada deparou o *Novo Club Therpsycore* e a afamada *S. P. M. Prazer da Gloria*, que iam de sucia comprimental-o.

O Dr. Silva Mattos, com aquella galanteria que o caracteriza, receberam a *Therpsycore* com um lindo passo de walsa, a que ella, incorporada, respondeu com uma bella *gavota* especialmente dedicada a S. S.

Não sabendo tocar nenhum instrumento, o Dr. Silva Mattos recebeu a *S. P. M.* assobiando a preceito o *Araúna*. A *S. P. M.*, entusiasmada e delirante, tangeu com desespero uma marcha de repicaponto e pediu doces.

O Sr. 1.º delegado, abundante e generoso, offereceu-lhe o Sr. Chico Castellos — ás fatias. A *Therpsycore* servio S. S. um rico armazem de molhados, que ella, polkanlo com primor, ingerio agradecida.

[[O prazer da gloria de ser delegado não attinge no animo forte do Dr. Mattos ao prazer de receber em sua casa a *Prazer da Gloria* e o *Novo Therpsycore*, que é muito melhor do que o *Therpsycore* velho, que já nem serve para as quadrilhas faceis.

Depois d'esta scena commovente, enxutas as lagrimas santas do entusiasmo e do jubilo catteteano, tanto *Therpsycore* como *S. P. M.* desgalgaram a escada e lá foram gloria acima — tangendo.

A *S. P. M.*, como delicada lembrança, depositou no policial regaço do Dr. um ramilhete de cravos cheirosos como um milhão de diabos.

O Dr. Silva Mattos adoeceu gravemente; mas consta que já está livre de perigo.

Desejamos-lhe prompto restabelecimento.

FILINDAL & C.

BERNARDO GUIMARÃES

A *Gazeta de Noticias* do dia 26 publicou uma commovedora carta de D. The-reza Maria Gomes Guimarães, viuva do fallecido romancista e poeta mineiro Bernardo Guimarães.

Nessa carta pede a consternada senhora a protecção dos admiradores e dos comprovincianos do seu marido para os seus sete filhos, que com a orphandade herdaram apenas a pobreza.

A *Semana* abre com 10\$000 uma subscrição em favor da desventurada familia do notavel poeta, e convida os seus leitores a imital-a.

HIPPODROMO

Poucas vezes tenho visto, em nossos jornaes, a palavra *hippodromo* composta com acerto. Geralmente encontro-a com um errado y.

Quer *hippodrómion*, quer *hippódromos*, quer *hippodrómos* se escrevem em grego com *iota* e espirito forte; nunca vi taes palavras com *upsilon*. Significam as duas primeiras — *logar em que correm cavallos*, e a ultima — *pessoa que corre a cavallo*.

E', pois, clarissimo que o *iota* grego tem, em portuguez, forçosamente de ser substituido pelo *i* e o espirito forte pelo *h*, devendo-se graphar — *hippodromo*.

Accresce que a propria palavra grega é uma aglutinação de *hippos*, cavallo, e *drómos*, corrida, escrevendo-se o primeiro elemento (*hippos*) sempre com *iota*.

On le foram buscar a errada graphia *hippodromo*? De quem a culpa? Dos escriptores, dos compositores ou dos revisores?

Aproveito a occasião para aconsellar á nascente sociedade *Hippodromo Guanabara*, que não contribua em tambem estragar a orthographia da dicta palavra e que se convença de que, em seus annuncios, papeis, bilhetes, etc, deve escrever *hippodromo* com *i*, sempre com *i*; de modo nenhum com *y*, que é erro e com a aggravante de nem poder sobre a questão haver duas opiniões.

Si a duvida pôde levantar-se, deve exclusivamente versar sobre a pronuncia, nunca sobre a graphia. Na verdade, o Dictionario de Caldas Aulete manda dizer *hippódromo*, isto é: quer que a palavra seja esdruxula. Respei-

tando muito o insigne lexicographo, não vacillo em delle me apartar, aconselhando a pronuncia breve: — *hippodrómo*.

Bastam-me as quatro indiscutíveis o seguintes razões:

1.ª Si em grego ha *hippódromos*, tambem em grego ha *hippodrómion*, significando o mesmo ambos os substantivos e sendo preferivel que a palavra portugueza *hippodromo* venha da, neutra *hippodrómion*, onde o accentto fere a syllaba *dro*.

2.ª Admittindo a hypothese da palavra portugueza *hippodromo* derivar-se exclusivamente da grega *hippódromos*, ainda assim não ha razão para conser-var-se esdruxula. São numerosos os exemplos de palavras esdruxulas em grego e breves no portuguez. Citarei — dilemma, gigantes, etc,

3.ª Em portuguez a palavra *hippodromo* só é empregada para significar o logar em que se effectuam corridas e nunca pessoa que corre. Só em grego houve necessidade de uma accentuação differente entre *hippódromos* e *hippodrómos*, por traduzir cada um destes vocabulos idéa diversa.

4.ª A phonação *hippódromo*, em portuguez, é durissima; ao passo que *hippodrómo* é sem duvida muito mais euphonica.

Eis porque digo, direi e aconselharei que digam *hippodrómo*, fazendo a voz descançar na syllaba *dro*, e para isso derivando de preferencia da palavra neutra grega *hippodrómion*, embora devamos respeitar os que pronunciarem *hippódromo*.

Só não tem a menor razão quem escrever a palavra com *y*. A unica orthographia é — *hippodromo*, com *i*, sempre com *i*.

GONZAGA FILHO.

INEDITOS

A nossa gentilissima collaboradora D. Adelina Amelia Lopes Vieira, aucto-rizou-nos a copiar do seu precioso album algumas poesias que lhe têm dedicado poetas nacionaes e portuguezes, alguns de subida reputação e nome celebre.

São poesias inteiramente ineditas, que nunca agradeceremos sufficientemente.

Começamos transcrevendo duas outras de Thomaz Ribeiro, o grande auctor do *D. Jayme* e da *Delfina do mal*, o poeta de todas as santas harmonias do sentimento, o refinado mestre da forma na poesia portugueza, o riquissimo bardo das ultimas canções do Oriente, por cuja lyra, unvida nas agoas do rio sagrado, passa resoante de melodias o sopro da inspiração meridional.

SONETOS A PREMIO

Está finalmente julgado o concurso que, sob o titulo supra, abrimos em o nosso numero 23.

Os illustres poetas escolhidos pela redacção d'esta folha para julgar quaes os tres sonetos que devessem receber os premios promettidos,—a Exma. Sra. D. Adelina Amelia Lopes Vieira, e os Srs. Machado de Assis e Lucio de Mendonça—já nos remetteram os seus pareceres electivos, fundamentados.

Tendo sido necessario nomear um quarto juiz para resolver entre dois sonetos cuja classificacão não ficára determinada nos pareceres dos tres primeiros julgadores, escolheu a Redacção o seu illustre collaborador, Dr. Affonso Celso Junior; o qual, havendo-se dignado de acceitar a escolha, resolveu a duvida, completando a classificacão dos sonetos victoriosos.

Com elles e com as cartas dos julgadores publicaremos declarações d'estes, attestando que não sabiam nem podiam saber quaes fossem os auctores dos 45 sonetos sujeitos ao seu exame.

Faltando-nos espaço neste numero para essa publicacão, transferimol-a para o de sabbado proximo.

AQUI, ALI, ACOLA

O conhecido espiritaista de Taubaté, Dr. Ramos Nogueira tratando em um dos numeros do *Paiz* (21 de Outubro) «das occurrencias spiritas em Taubaté,» e referindo-se ao amigalhaço C. de L., microcosmographico *rodapédrete* do *Pachidérme*, escreveu a seguinte nota: «Já sei que o *Semana* (sic) do *Jornal do Commercio* amanhã dirá que os *Pontífices* do Espiritismo estão em luta etc...» — Alto lá!—bradamos nós ao Sr. Nogueira. Diga lá ao seu feroz inimigalhaço, o microcosmographico etc do *Jornal* etc o que lhe parecer; diga-lh'as todas e mais algumas; nada temos com isso. Uma cousa porém lhe pedimos: não chame *Semana* áquelle formidoloso e *cavenhacido* mofinographo hebdomadario. *Ne confundetur!* A *Semana* não pôde consentir que sirva o seu nome para designar por antonomasia o c. (de L.) do *Pachidérme*.

Sim, a *Semana* é um nome asseado e não se presta a cobrir o *crachoir* do *Bosco do Commercio*. Assim o tenha entendido o Sr. Dr. Ramos Nogueira e faça executar.

O *Paiz* inserio, um d'estes dias, na sua nova secção *Servico domestico*, destinada «a aliviar, gratuitamente, as classes desprotegidas da fortuna e a facilitar o desenvolvimento do trabalho livre na esphera dos empregos domesticos», o seguinte anuncio:

«Quem precisar de um homem para escripturario, dando fiança de sua conducta, (quem?) dirija-se á r. 7 de Setembro 30 A.»

Pôde o serviço de escripturario ser considerado—domestico?

E' verdade que ninguem escreve na rua: todos os escripturarios escrevem dentro de casa.

Se foi por essa razão que o *Paiz* equiparou aos cosinheiros os escripturarios—já aqui não está quem falou.

Mas o que será mais difficil de explicar é o seguinte anuncio da mesma secção:

«Aluga-se uma senhora para dama de companhia ou analogo; carta neste escriptorio com as iniciaes S. M.»

Que a annunciante senhora se annunciase para *dama de companhia*—na-la mais natural nem mais intelligivel. Mas que se annuncie para *analogo*—palavra d'honra que não entendemos e que nos apatetisa e confunde! Tem-se visto senhoras servirem para varios misteres, uns mais uteis e outros mais agradaveis, mas que tambem possam ellas

servir para—*analogos*—é novidade que maravilha!

Provavelmente houve ali comidella de um substitivo, occulto companheiro d'aquelle adjectivo. A cousa naturalmente era esta:—*servico analogo*. Mas qual é o serviço analogo ao de *dama de companhia*? qual é?

Houmy soit qui mal y pense.

Conhecemos varios nomes de homens exquisitos, (os nomes, não os homens.) Por exemplo:—O Doce Nome da Virgem Maria, Silencio, Carne Viva, Camello, Burdumballo, Cobra, Subtil. Mil outros podiamos citar. Mas não conheciamos ainda este nome, pluralmente singular:—Gentil Homem da Imperial Camara Jeronymo Martins de Almeida. Pois encontrámol-o na seguinte noticia do *Jornal*:

«LYCEO DE ARTES E OFFICIOS — O Sr. commenador Jorge Naylor mandou entregar ao director d'este Lyceo uma medalha de ouro, premio Gentil Homem da Imperial Camara Jeronimo Martins de Almeida, para o alumno mais distincto da aula de calligraphia».

Estou aqui, estou me assignando: Distincto Cavalheiro Da Travessa do Ouvilor Numero Trinta E Seis Alfinete Bicudo Maximo Das Picadellas Sorriso. Caspitê: que lindo nome!

ALFINETE.

ATÉ QUANDO?

«Mulher! visão! sonho divino e limpido!»

Vae! parte! sei que essas lagrimas hade seccal-as em breve
a briza que doida e leve
te anda a sorrir e a beijar.
Eu por essas agoas tumidas
fico estendendo os meus olhos...
Que Deus affaste os escolhos
e os temporaes d'esse mar!

E se outro affecto e outras lagrimas
podérem deixar que em breve
briza do mar fresca e leve
torne o teu rosto a beijar...
Bem sabes que ás vagas tumidas
ficam dizendo os meus olhos:
—«Que Deus affaste os escolhos,
e os temporaes d'este mar!»

Lisboa, 18 de Novembro de 1878.

THOMAZ RIBEIRO.

(Do album de D. Adclina Vieira)

ALUIZIO AZEVEDO

NOVAS OBRAS

Agora que terminou a publicacão d'*O coruja*, no roda-pé d'*O Paiz*, e enquanto não nos é dado ler attentamente essa importante obra em volume, julgamos interessante informar os nossos leitores dos novos trabalhos com que actualmente se occupa o nosso infatigavel collega.

A obra que preoccupa agora o espirito do nosso romancista, e que será talvez o seu trabalho de maior folego, tem por titulo «Brasileiros antigos e modernos» e consta de cinco livros, do tamanho, cada um da *Casa de Pensão*; a saber:

- 1º O Cortico.
- 2º A familia brasileira.
- 3º O felizardo.
- 4º A loreira.
- 5º A bola preta.

Esta obra, unida por uma teia geral que a atravessa desde o primeiro até ao ultimo livro, representará todavia cinco romances, perfeitamente completos, cada um dos quaes poderá ser lido em separado.

A accão principia no tempo da Independencia e acabará, segundo espera o auctor, pelos meados do anno que vem, ou talvez do immediato, isto é: começa em 1820 e acaba em 1887.

Aluizio conta que estes dois annos ainda não vividos lhe fornecerão uma scena politica de que elle precisa para fecho do seu trabalho.

Tenciona pintar cinco epocas distinctas, durante as quaes o Brazil se vae transformando até chegar—ou a um completo desmoronamento politico e social, ou a uma completa regeneração de costumes, imposta pela revolução.

O primeiro romance, *O Cortico*, faz-nos ver um colono analfabeto, que de Portugal vem com a mulher trabalhar no Brazil, trazendo consigo uma filhinha de dois annos.

Esta creança vem a ser a *menina do cortico*, um dos typos mais accentuados da obra, o qual será ligado immediatamente a um typo novo, o typo do *vendeiro*, amancebado com a *preta*.

O colono deixa a mulher por uma mulatinha, e d'este novo enlace surgem o *Felizardo* e a *Loreira*; participa d'este grupo o typo do *capadocio*, o pae avô do *capoeira*, que mais tarde é chefe de malta e força activa nas eleições.

Ligado a este chefe de malta está um typo que contrasta com elle: é o antigo conselheiro de estado, politico formado durante a menoridade de Sr. D. Pedro II e graduado em posição pelos seus serviços á causa da revolução mineira.

Do conselheiro nasce a familia brasileira, composta de quatro figuras, a saber:

O chefe, conselheiro, de cinquenta e tantos annos, conservador e lyrico; a esposa d'este, senhora de quarenta, muito apaixonada pela *Historia dos Girondinos* de Lamartine, sonhando reformas e lamentando não ser homem para desenvolver o que ella julga possuir de ambição politica no seu espirito; a filha, moça de vinte annos, pratica e interessira, vendo sempre as coisas pelo prisma das commodidades e das conveniencias sociaes; o filho, rapaz de dezeseis annos, presumido philosopho, e muito convencido de que está senhor de toda a sciencia de Augusto Comte.

E' sobre esta familia que têm de agir o *Felizardo* e a *Loreira*; é nesta familia que a *loreira* vae buscar o amante, o philosopho de dezeseis annos, a quem não valerá toda a theoria scientifica de Comte e Spencer, e que dará um dos bilontras da *Bóla preta*; emquanto que o *Felizardo*, conseguindo casar-se com a filha do conselheiro e conseguindo, uma vez rico, fazer carreira politica, vae influenciar nos destinos do Brazil e comprometter a posição do monarcha como se verá no ultimo livro.

As intenções litterarias do nosso incansavel romancista, concebendo obra de tamanho folego, é legar á geração que nos succede uma copia fiel dos factos politicos e sociaes, representados nos personagens que terão fatalmente de desaparecer com o reinado do Sr. D. Pedro II. Elle quer reunir em uma só obra todos os typos brasileiros, bons e máus, do seu tempo e compendiar em forma de romance todos os factos de nossa vida publica, que jamais serão] apresentados pela historia.

N'esta grande obra em projecto esperamos que Aluizio Azevedo conseguirá juntar o espirito de observação o de estudo analytico que elle fez tão profundamente no *Mulato* e na *Casa de Pensão*: o estylo que desenvolveu no *Coruja*, o calor das *Memorias de um Condemnado* (*) o bom humor do *Mysterio da Tijuca* a poesia da *Lagrima de Mulher*, a independencia e a coragem de *Philonena Borges* e o patriotismo de suas chronicas politicas no *Pensador*.
Amen!—digamos todos os que prezamos a litteratura brasileira.

A. R.

COFRE DAS GRAÇAS

Gomes e Telles, dois ingenuos burguezes, embasbacam deante das tēlas e dos marmores de um museu. Eis chegam em frente de uma copia da *Phryné*, de Praxiteles.

Telles—Bonita mulher! Mas está tão á fresca! Porque será que está tão despidida?

Gomes:—Porque é de *praxe*, Telles.

Num baile. Um convidado passeia em um dos corredores, fumando, muito amolado, enquanto se dança animadamente nos salões.

No mesmo corredor passeia outro sujeito, velhusco, que tambem não tem cara de divertido.

O convidado:—Que aborrecimento! não acha?

O velhusco.—Acho.

O convidado.—Nunca vi uma *soirée* tão *cacete*, tão sensaborona.

O velhusco.—Nem eu.

O convidado.—Nada; eu vou-me embora: não posso mais. Não quer vir tambem?

O velhusco.—Ah, não posso: sou o dono da casa.

Entra uma rapariga em uma loja de louças e pede ao caixeiro:

—Um vaso.

—De flores?

—Não, senhor: *ao contrario*.

Um magnetizador é levado ao jury por certa ladroeira.

Terminado o interrogatorio, exclama com arrogancia.

—Se eu quizesse, adormeceria agora todo o tribunal.

—O jury, gravemente:—Sente-se; isso compete ao seu advogado.

Numa aula de philosophia discute-se, em sabbatina, o livre arbitrio.

O arguente.—Vou provar-lhe que nem sempre o homem pode obrar livremente. Por exemplo: Vae um individuo por uma estrada; é assaltado por varios ladrões, que lhe pedem—a bolsa ou a vida. Esse individuo, em tal situação, pode obrar livremente?

O defendente.—Póde, sim: —de medo.

BIBIANO.

A BOA NOENÇA

(VERSÃO DE R. PORCIUNCUA)

Então aquillo é que era o casamento? Depois de alguns mezes de ternura,—o abandono, a solidão.

Sósinha ao canto do fogão, no inverno, sosinha, no verão, á janella, a condessa

Este romance apparecerá proxima-mente em volume.

Amedina, esperava agora, em lagrimas, o ingrato que voltava tão tarde, quando voltava!

Os prazeres de outr'ora; o club, os *boudoirs* de *cocottes*, o prendiam de novo e não o soltavam mais.

Cruel? não: esquecido.

E como ella não era d'aquellas que aprendem nas passageiras alegrias do mundo a não sentirem mais saudades dos encantos da intimidade perdida, ella soffreu tanto e por tanto tempo que ficou doente, tão doente que a esta pergunta: «E' grave, doutor?» o medico respondeu: «Tão grave que virá a morrer d'isso».

Então, bruscamente, o conde tornou-se outro. Reacendeu-se-lhe ardentemente o amor extinto. Ponto nos *boudoirs*, ponto no Club.

Sempre em casa, sempre junto d'ella em genuflexões supplices de perdão, e com lagrimas medrosas de se mostrarem. Aconselharam viagens pelos paizes de azul e de sol. Fel-a viajar. Tiveram em Napoles, á beira do mar azul e dourado, a casinha bonita e tranquilla, cercada de flores e de aves.

Oh! Como ella era agora feliz! Como as melancolias do mal, sempre crescentes, desappareciam pelo amor reconquistado! Comtante que seu marido estivesse ali, sempre, que lhe importava o mais?

Abençoava o soffrimento que lhe dava tantas alegrias. «Amas-me? tudo está bem.»

Lembrava-se ás vezes, raramente, como de um pesadelo esquecido, das suas tristezas de outr'ora, de quando estava boa.

Elle, entretanto, tinha medonhas inquietações. Para prolongar esta vida, que era mais preciosa que a sua, o que não tentaria elle?

Lembrava-se de outras viagens, chamava para a sua cabeceira os mais illustres medicos. Enfim, um dia, teve elle uma grande alegria.

—Amedina, disse-lhe, estás salva!—

—Eu?...disse ella, empallidecendo.

—Salva! Na semana que vem teremos a visita d'um medico de Londres, proclamado por todos, e que cura em pouco tempo a molestia de que actualmente estás soffrendo, meu anjo!»

Ella não lhe deu resposta. Mas durante uma semana esteve triste, muito triste. E não lhe voltou o pallido sorriso de moribunda feliz, senão no fim da semana, quando teve plena certeza de que o medico de Londres—a quem ella escrevera em segredo—não viria cural-a da sua deliciosa agonia.

CATULLE MENDES.

BELLAS ARTES

O GRUPO DE BERNADELLI

Quem ha tres annos penetrasse, no atelier de Rodolpho Bernadelli em Roma, encontraria um homenzinho magro, nervoso e de barba mephistophe-

lica, defronte de um grande bloco de marmore que o ameaçava com a sua nudez estúpida.

E' que o marmore estava contrariado: fóra carregado para ali á força, quasi arrastado.

Bernadelli, logo que o pihou em casa, lechou-se com elle, desembaraçou-o das cordas e disse-lhe, empunhando um martello:

—E' agora! Defende-te!

O marmore, resignado e altivo, não se alterou.

—Ou tu me esmagas com o teu peso, gigante disforme, sahido das entranhas de Carrara, ou eu, armado de escopro, hei de transformar-te em um pensamento meu!

O marmore não respondeu ainda, e o artista acrescentou:

—Hei de metter-te sangue nessas veias de pedra; hei de dar-te uma alma, silencioso bruto!

E o marmore sempre mudo.

—Pensarás que me intimidas com esse ar de monstro petrificado? Esperarás por ventura que o vendaval de minha inspiração me depedaje o cerebro de encontro á rigeza sucular de teus flancos? Enganas-te! Has de ser o que eu quizer! Hei de obrigar-te a ter a doçura das carnes, a leveza dos panos, a transparencia do cabello; hei de fazer surgir de ti um homon e uma mulher, e o homon terá a sublime grandeza de Deus, e a mulher valerá a mais formosa das divindades pagans! Em ti se verá a dominadora energia de Christo, ao lado da feminal ternura de uma peccadora foragida e amaldiçoada pelo povo! Tu has de ser a indignação, e tu has de ser o terror o a lagrima. Hei de fazer com que a Humanidade se prostre de frente de ti, submissa e respeitosa.

O marmore respondeu então, desleñosamente:

—Ora que grande coisa! Para que me adorem basta reduziem-me á imagem de qualquer santo!

—Não! replicou o artista, não serão só os crentes que hão de descobrir-se defronte de ti; para esses representarás uma figura sagrada: mas para os outros serás ainda mais respeitavel, porque serás uma obra d'arte, serás um primor de estatuaria!

—Sim, mas contra o atrevimento do teu genio hei de oppor a dureza do meu corpo!

—Não tenho medo, hei de vencelo com energia! Tu és rijo, mas eu sou forte!

—Pois, logo que me reduces á forma humana, eu me tornarei mais fragil do que o vidro!

—E eu nesse caso substituirei a minha força por uma delicadeza sem limites!

—Pois então, quando a tua obra estiver quasi prompta, encontrarás as minhas veias ferruginosas, uma das quaes é quanto basta para inutilisal-a!

Esta ultima ameaça por tal modo exasperou o artista, que este, recuando dois passos, exclamou:

—Pois veremos quem vence!

E, de martello em punho, arremetteu contra o marmore, que, estremecendo todo, soltou um gemido sonoro e prolongado.

Estava travada a luta.

Como viram todos, as prophcias de Bernadelli realizaram-se perfeitamente no bello grupo que a Academia de Bellas Artes acaba de expor.

Imprensa e publico proclamaram a favor da obra, e o enthusiasmo formou-se espontaneamente em torno della.

Triumpho incalculavel, se attendermos a que o autor, liel á grande revolução naturalista do seu tempo, não

cedeu uma pologada das suas convicções de artista moderno, sem aliás prejudicar o bello e o grandioso da concepção.

O seu Christo é simples, imponente e verdadeiro; a figura da mulher adúltera é profundamente expressiva, delicada e palpitante. E ambas são correctas, ambas são humanas, ambas se completam maravilhosamente.

As linhas geraes do grupo combinam-se e encontram-se com tal arte, que ninguém o poderá observar sem commoção.

Entre as particularidades mais bellas da obra, destacam-se duas: A expressão de humildade que o artista conseguiu dar nas costas e no pescoço da figura da mulher e uma grande ruga que se observa na parte de traz da túnica do Christo,

Muitas pessoas, depois de se extasiarem defronte do grupo, têm dito:

— Este rapaz agora podia morrer, que seu nome já não desappareceria mais!

Nós, ao contrario, entendemos que elle agora, depois de ter provado que sabe fazer trabalhos daquella ordem, é que precisa viver e viver muito.

Artistas de certa esphera não trabalham por amor do proprio nome, mas exclusivamente por amor da sua arte.

Deus que o proteja sempre contra a febre amarella e contra o desamor de Sua Magestade Imperial.

ALUIZIO AZEVEDO.

SACRIFICIO

Como o sol com os ardores
Fecunda a terra que arrebeta em flores
E de perfumes todo o espaço inunda,
Tambem com seus fulgores
O amor o nosso coração fecunda.

Tanto que a alma trespasse
Logo em cheirosos philtros a entumece,
Como essencia que em nuvens se inphiltra-se,
E logo o seu effeito transparece
No rir dos olhos, no rubor da face.

Bemdicta, Julieta,
Bemdicta sejas tu! que esta secreta
Dôr que eu tinha trocaste-me em ventura!
Doirando ao teu poeta
Com o sol do teu amor a vida escura!

Que sempre te proteja
A sorte que os teus dias engalana,
E a alegre vida mais alegre seja...
Ah! foge á fria intelligencia humana
Todo o bem que a minh'alma te deseja!

Seja-nos igualmente
P'ra mim o mal, p'ra ti o bem somente...
Que eu tudo soffra e que tu goses tudo!
Só alegre e contente
Sejas tu—sendo embora eu triste e mudo!

O' meiga creatura!
O' creatura angelica e mimosa!
O' pomba casta, ó philomela pura!
Seja a tua existencia venturosa,
Mesmo á custa da minha desventura!

Outubro, 3 de 85.

FILINTO D'ALMEIDA

CRITICA SCIENTIFICA

(Continuada do n. 11)

Acreditamos e, estamos mesmo convictos de que o Sr. Dr. Vieira de Mello é muito exagerado, e, querendo impor as suas ideias, tenta fazer os seus collegas responsaveis pelos factos que nasceram espontaneamente no seio do povo, devidos sem duvida á ignorancia e á ousadia de todo o mundo querer ser medico.

A theoria apresentada por S. S. de que vivemos num circulo duplamente vicioso pela forma e pela essencia, representado por: *tudo quanto não é tuberculose é febre amarella, e tudo quanto não é febre amarella é tuberculose*, é uma theoria falsa, erronea e, permitta-me o termo, absurda.

Se com ella quer o distincto e habil profissional fazer acreditar que a classe medica propala a insalubridade do Rio de Janeiro, S. S. vae caminho errado, porque, como diz a leitura attenciosa do seu trabalho, consegue-se perfeitamente descobrir que a divulgação de taes ideias é feita pelo Sr. Dr. Vieira de Mello.

Vejam os seguinte periodo, escripto por S. S.:

«Pela sua natural disposição topographica e, mais que isso, pela natureza do sub-solo que possui—verdadeiros pantanos sepultados pela arte que, construindo sobre o lixo utilizado no aterramento da cidade, tanto mais nocivo se torna quanto mais o peso de suas construcções avulta—por esses motivos, o Rio de Janeiro se acha nas mais avantajadas condições de desenvolvimento e cultivo desse terrivel ser que se alevanta de suas tumbas para nos baixar á sepultura.

Bacillus malarie ou que outro melhor nome lhe queiram dar—esta não é a questão—essa entidade morbigena, tão traçoira quão invisivel, é o mais temivel inimigo que possui a população do Rio de Janeiro.

Revestindo-se de roupagens as mais diversas, emboscando-se por toda a parte, e de toda a parte surgindo, quaes de Pompeu as legiões, protheiformemente manifestando-se, ninguém lhe escapa ao traçoira golpe. E, consoante a insidiosidade que lhe é inherente, procura suas victimas de preferencia entre os fracos ou enfraquecidos, não poupando, sem embargo, aos fortes ou robustecidos, aos quaes de continuo acompanha, aguardando o primeiro periodo de baqueamento physico para contra elles investir.»

Ahi fica estampado esse trecho, e pôde-se por elle avaliar, além do mais, a grande contradicção do illustrado clinico, contradicção que se nota em diversos periodos do seu trabalho.

Posto esse exordio, e não discutindo a asserção de ser a tuberculose pulmonar apenas syphilis assestada nos pulmões, o que é susceptivel perfeitamente de solemne protesto, e tractariamos de demonstrar o erro se fosse esse o ponto capital da questão, passemos ao que está urgentemente invocando a nossa attenção e o escarpello da nossa critica.

Entremos no ponto principal do assumpto, naquella que determinou a severidade do illustre clinico para com os seus collegas que podem demonstrar que S. S. é quem prega subversão.

Entremos no seguinte periodo do seu trabalho e comecemos por ahi a nossa discussão:

«Exerço a clinica no Rio de Janeiro,—escreve o Sr. Dr. Vieira de Mello—e largamente faço clinica pyretologica. Tenho visto febricitantes de nacionalidades as mais varias, como des mais varios pontos desta cidade; acclimados, como recémvindos. E devêras surpre-

hende-me não haver jámais tido occasião de encontrar-me em face de um verdadeiro caso de febre amarella.

De verdadeiro, repito, porquanto encontro-me frequentemente com os que como tal por ahi figuram, mas que eu capitulo simplesmente de modalidades do impaludismo agudo.

E, uma de duas: ou é verdadeira a proposição que acabo de avançar—do que estou enraigadamente convencido, ou a supposta febre amarella cede ao mesmo tratamento que a febre palustre—o que tambem é uma verdade.»

Até hoje, o estudo d'essa entidade morbida, d'esse flagello que nos foi importado, a observação attenta e calma dos factos tem-nos feito confundil-o somente com a febre biliosa dos paizes quentes, pelos pontos de contacto que apresentam, pelo motivo de se poderem as duas molestias desenvolver sob a influencia de clima e de condições meteorologicas identicas. Está, porém, cabalmente demonstrado que, apesar dos pontos de contacto, as duas affecções são muito differentes, já em natureza e etiologia, já nos symptomas, marcha, lesões pathologicas e até no tratamento.

Confundir, porém, a febre amarella com o impaludismo agudo, mostra justamente o desejo que tem o distincto clinico de escrever um trabalho em que tenta depreciar a reputação dos seus collegas.

S. S. deveria saber que a febre amarella, nem mesmo na primeira phase da sua evolução se poderá confundir com um accesso palustre franco, porque tem como elementos diversos o facies do individuo atacado, a intensidade da rachialgia lombar e da dôr epigastrica, a secura da pelle ou então a diaphoresis abundante que, como muito bem diz Dutroulan, longe de ser critica, contribue para augmentar os soffrimentos do doente sem em nada diminuir a temperatura.

Num caso de febre amarella typo. o Sr. Dr. Vieira de Mello não encontra tambem a tumefacção do baço.

Transposto o seu primeiro periodo, os symptomas que elle manifesta ao clinico, e que constituem a sua base, impõem o diagnostico e não deixa sequer a menor duvida no espirito.

E' facto que, chamado para ver um doente em taes condições, o medico pode achar-se perante um d'esses casos mixtos em que, conjunctamente com os phenomenos do typho icterode observe-se a intercurrença palustre, mas ainda assim é claro que o clinico tem que observar uma verdadeira complicação e não uma forma especial da febre amarella, quer uma das molestias preceda evolução da outra, quer as duas se apresentem junctas.

Se ainda isto não basta para demonstrar a crueldade do abalitado clinico, a quem nos temos dirigido, iremos buscar argumentação na natureza do principio gerador da entidade morbida que nos occupa.

S. S. sabe que, apesar de escapar ainda aos nossos sentidos a genese das molestias miasmaticas e que, baldos de outros meios de investigar a sua existencia, temos o direito e o recurso da discussão pelas manifestações que observámos, não podemos deixar de repellir a ideia de que o veneno da febre amarella seja de natureza palustre.

Admittindo a classificação de Jaccoud sobre as diversas modalidades clinicas do elemento palustre, sem complicação alguma, somos obrigados a convir em que a febre amarella, pela sua symptomatologia, não se pode confundir com qualquer dos grupos em que o eminente professor o dividio.

E' incontestavel a autonomia dos dous elementos geradores, demonstrada já por esse facto, já pelas condições de suas respectivas geneses. E' assim que uma, endemica no solo americano, aterroriza pela predisposição a diffundir-se nos climas callidos, enquanto que a outra, universal, toma as proporções de uma verdadeira pandemia.

Ainda mais. Uma, muito infectuosa, morre aonde se criou, isto é, extingue-se no organismo que affectou; a outra, infecto-contagiosa, vai além do organismo affectado, em que se regenera, reproduzindo a affecção de que procede.

Finalmente, se formos comparal-as nos dominios da anatomia pathologica e da therapeutica, encontraremos tambem contraste e a desigualdade real e evidente.

Acreditamos estar argumentando de um modo leal e delicado, provando eloquentemente ao Sr. Dr. Vieira de Mello que seguiu um caminho muito errado.

Para terminar esta parte, vou consignar aqui o que diz um habilitissimo medico, que teve um curso academico feito sempre com distincção e louvores muito merecidos:

Diz elle:

« Aquelles que querem ver na febre amarella o grão mais elevado da intoxicacão malarica, esquecem que aquella molestia tem suas formas benignas, que em nada se assemelham ás manifestações do impaludismo, e vice-versa. Se, pois, as condições de acclimação, a contagiosidade, a immuniidade por um ataque anterior, a expressão symptomatica, as determinações pathologicas, enfim a resistencia ao sulfato de quinina, não bastam para aniquilar as pallidas analogias que por ventura existam entre as duas entidades tão extremadas, pode-se nesse presupposto chegar ás mesmas consequências que Lemaire, quando propoz considerar o typho e o cholera, a peste, a dysentheria, a febre amarella, a po-dridão do hospital, etc, como simples variantes de uma febre commum.»

DR. SAHEN

SPORT

Devido ao dia ter estado chuvoso no domingo passado, foram transferidas para amanhã as corridas do *Derby-Club*. Fazemos votos para que o tempo não ponha obstaculos á realisacão do programma, que incontestavelmente é um dos mais importantes que se nos tem apresentado.

Chamamos a attenção dos amadores para a nossa ultima pagina e passamos ainda com mais convicção a manter os nossos palpites:

No 1º pareo deve ganhar *Druid*.

No 2º pareo, não se admirem, temos muita confiança em *Boreas*.

Regalia deve com facilidade ganhar os 1700 metros; e os 1500 seguintes temos fé que sejam de *Druid*.

No 5º pareo ainda confiamos em *Boreas*, apesar de que *Masqué* é cavallo de fundo.

Chegamos ao ao 6º pareo, e o achamos muito duvidoso, entre *Damietta*, *Atalanta* *Comtesse* e *Taillefer*. Siga cada um seu palpite.

No 7º pareo nos inclinamos para *Gaudriole*. A raia do *Derby* é favoravel a esta e tem sido fatal a *Aspazia*.

No 8º pareo apenas apresentamos os animass que podem ganhar. São elles *Savana*, *Sirodio*, *Carola* e *Comde*. Escolham á vontade.

L. M. BASTOS.

THEATROS

Os leões e os cachorros do Frank, as duas Geraldinas e os dois herões dos trapeseos volantes, rivaes de Victor e Niblo, continuam a ser os melhores attractivos do Polytheama Fluminense; e, assim como não ha sabbado sem sol e sem *Semana*, domingo sem missa e sem conferencia na Gloria, segunda sem preguiça, etc., etc., não ha noite sem espectáculo naquelle theatro.

Infelizmente, vamos ter a despedida do *Bosco*, esse bom animal, cujas habilidades eram tão admiradas.

Mas, coitado do *Bosco*! elle tambem precisa descansar...

O Dias Braga descobriu no drama *O Conde de Monte Christo* o thesouro que esse assombroso heroe do grande Dumas descobriu na ilha do seu titulo.

Enchentes completas — todas as noites. Um successo enorme. Como este só o *Recreio* teve o *Gran Galeoto*.

Do valor litterario e dramatico da peça dispensamo-nos de tratar. Para que, se ella está dando enormes receitas ao *Recreio*? Não é isto bastante?

Quanto ao desempenho, foi o que costuma dar aquella companhia ás peças que representa: satisfatorio.

Ao Dias Braga, a Helena Cavalier e ao Maggioli cabem os louros do desempenho. Maia é sempre o mesmo. Não ha meio de se modificar.

Parabens ao *Recreio* e ao Dias Braga.

Pois que estamos com a mão no *Recreio* lembramos que fará beneficio no dia 12 de Novembro nesse theatro a sua primeira dama, a graciosa e distincta actriz Helena Cavalier. Será representado em *premiere*, o drama de Dennery e Charles Edmond, *O domador*. Desejamos-lhe um successo estrondoso. de féras.

Em seguida ao *Domador de Féras*, será representada no *Recreio* a engraçadissima comedia em 3 actos, de H. Raymond e J. de Gastyne — *Les petites voisines*, traducção dos Srs. Figueiredo Coimbra e A. Coutinho.

A comedia subirá á scena pela primeira vez em beneficio do actor Maia.

O Montedonio é que não tem sido feliz. Apesar do magnifico desempenho que elle e a sua companhia dão aos *Fidalgos da Casa Mourisca*, o publico não tem concorrido ao *Principe Imperial*. Anda distraído pelo Polytheama e atraído pelo *Conde de Monte Christo*. E' de crer, no entanto, que elle afinal reconheça o mal que tem feito em não visitar o *Principe*, e que emende a mão.

Nesse theatro estão em ensaios de apuro o bello drama *Scenas da guerra da Italia* e a engraçada comedia *Estação Calmosa*.

Está em ensaios no Lucinda (companhia do actor Martins) uma comedia brasileira. Intitula-se *Lição para maridos*. Querem saber agora quaes os seus auctores? Pois ahi tem:

Aluisio Azevedo e Emilio Rouède.

— O Rouède? O pintor?

— Sim; o pintor, o musico, o photographo, o prestimano, o cozinheiro (oh! diabo, sem quereremos iamos dizendo que o Rouède é o *Cabrion*, das nossas receitas culinarias...) o Rouède — encyclopédico.

Dizem-nos que tem espirito e pilheria ás pastas, aos jorros, ás mancheias a *Lição para maridos*. Que venha! E iremos com todo o prazer á *Lição*.

Os nossos collegas Valentim Magalhães e Filinto de Almeida estão escrevendo uma *Revista* do anno corrente, destinada á companhia do Theatro Sant'Anna. Deve subir á scena em Janeiro de 1886.

P. THALMA.

CONSELHOS SALUTARES

UM NOVO REMEDIO CONTRA O CROUP

Tendo o *Jornal do Commercio* dado, ha poucos dias, uma receita para o *croup*, lembrámo-nos de uma, já experimentada por nós, com magnifico resultado.

O remedio vem da Allemanha e é dos mais simples.

E' o oleo da terebenthina rectificado.

Uma colher de chá, de manhã e á noite, ás crianças; e uma colher de sópa aos adultos.

O oleo pôde ser administrado com leite morno ás crianças, ou tomar-se um pouco de leite depois do medicamento.

Meia hora depois de administrado o oleo, começa a formar-se uma mancha vermelha escura no bordo da exsudação diphterica, que se propaga por toda a falsa membrana.

Em um caso que tivemos, a molestia desappareceu no fim de 2 dias, sem deixar vestigios.

DR. SAHEN.

TRATOS Á BOLA

Uff! que já é demais!... Trinta cartas de decifradores! O bonito, porém, é que só 6 pessoas decifraram. Valentões! Em compensação terão os seus nomes em letra redonda, enquanto que os outros ficarão — para seu castigo — mergulhados no mais completo ostracismo. Então que é que elles pensavam? que era só mandar cartas de legua e meia com decifrações erroneas e empolgar as apetitosas surpresas? Pois não foste!

Desconsolados ficarão elles quando souberem quaes são as bellas cousitas que estão abarrotando de delicias os tratistas victoriosos. Deverei dizer? Emfim... la vae:

Ao 1º uma caixa especulundrica de charutos hamburguezes da gemma!

Ao 2º um mirabolante e estonteador exemplar da *Velhice do Padre Eterno*!

Pois então qual é o seu geito? Pensam que Frei Antonio é por ahi qualquer réles masca-missas? Estão enganados!

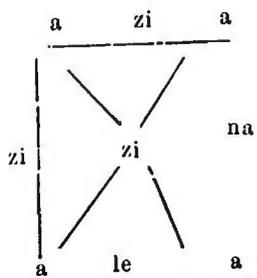
Ahi vão agora os nomes dos que cantaram victoria:

Manoel das Malgas, *Principe Heliotropo*, *Dr. Paes Quim*, *Barão do Pedregulho*, *Juca Viriato* e *D. Affonsina de Souza*.

Coube o primeiro premio a *D. Affonsina*, que não sei como se arranjará com os charutos; (ella que me desculpe o ter-lhe feito colher, ainda que involuntariamente, esta nova especie de pomo vedado) e coube a *Velhice* ao ditoso mancebo o Sr. *Juca Viriato* que deitou decifração rimada, a qual não publicamos por falta de espaço.

As decifrações, pondo de parte a lin-

guagem das Musas, são as seguintes: da antiga — *Bocado*; do angulo e X:



das novissimas: *Sarapão, Camello*; da decapitada: *Arabescos*; da augmentativa: *Bailado*; das invertidas: *gato-toga, rata-tara*; das telegraphicis: *Vaz e Capuz*.

Agora, attenção que lá vae obra:

LOGOGRIPIO

(Por letras)

- Canta-a, canta-a num tom vario—10, 8, 9, 5.
- Synonimo de cacete.—6, 7, 8, 7.
- Madeira servida á mesa.—1, 2, 3, 9, 6, 7.
- Pau gostoso que se come.—1, 2, 3, 4, 9, 6, 7.
- Tenho alguma coisa presa.—10, 8, 7.
- De bocca que não tem fome,
- Saio, dando um grito forte!—6, 9, 8, 7
- Isto dira quem levar me:—10, 9
- Já não respira! Que sorte...—4, 7, 8, 6, 5.
- Vá o menino carregar-me.—5, 4, 2.
- Ruge, estrepita, ribomba!—4, 5, 8.
- Com mais um—e—ruge, berra!—3, 7, 5.
- Que é d'elle? Não está na terra;
- Queres vel-o! a terra arromba—4, 2, 3, 6, 5.

CONCEITO

Vivo a castigar quem erra,
Estalo como uma bomba!

VERBAES

I

Qual o *Verbo* que, junto a um rio da Europa, forma um substantivo que é arma offensiva?

II

Qual o *Verbo* que, unido a um substantivo fatal—que toda gente acredita ter,—forma um nome de mulher?

ULTRA-NOVISSIMAS (*)

I

- 1.^a—2.^a—3.^a— Substantivo humano.
- 2.^a—3.^a— Substantivo quadrado.
- 3.^a— Substantivo musical.

NOVISSIMA

1—2. Não sou pequeno e não vejo este bicho.

PROVERBIAL

A.	B.	C.	D.	F.	M.	N.	O.	R.	U.	Z.
2	1	1	2	1	3	1	6	3	3	1

Formar com estas letras repetidas tantas vezes quantos os algrismos designam um proverbio muito conhecido.

EM TERCIA

Pode até ser do inferno,
Mas esta do campo é,
E est'outra do pombo terno.

D. CONFEITO.

PREMIOS

Como da vez passada, reservo para os 2 primeiros felizes decifradores dos *Tratos* presentes uma nova surpresa em nada inferior á outra. Bemaventurados os que esquentarem a cachola decifrando os *tratos*, porque elles serão conculados com magnificas dadivas. Amen.

FREI ANTONIO.

(*) Vide a explicação no n. 10.

FACTOS E NOTICIAS

Partiram hontem para S. Antonio de Padua, onde residem, os Srs. capitão Joaquim Cezar, collector, e Dr. Pedro Cunha, advogado.

Parte amanha para Minas Geraes o nosso querido e illustre collaborador Dr. Affonso Celso Junior, que vae percorrer o 20º districto d'aquella provincia, que tão brilhantemente tem representado no Parlamento. S. Exa. vae a chamado dos seus eleitores, para os quaes não tem sido positivamente de rosas o dominio conservador.

Desejamos-lhe, nesta penosissima excursão excellentes viagens, muita saúde e que tantos e tão custosos sacrificios fructifiquem, de futuro, á medida dos seus desejos.

Falleceu ha dias na capital de S. Paulo, o cidadão francez Albert Thiébaud.

Era um temperamento litterario, que as necessidades da vida não deixaram desenvolver e produzir quanto havia d'elle a esperar.

Tinha espirito, e, quer em prosa quer em verso, escrevia com sentimento, correção e elegancia. Não devem estar esquecidos os bellos versos que escreveu sobre a morte de Gambetta e a proposito dos terremotos na Andalusia.

Foi uma sensivel perda para a população franceza que habita S. Paulo.

O Sr. Augusto Gomes Ferreira, em terrenos de sua propriedade, á rua Cardoso Junior, no bellissimo bairro das Laranjeiras, mandou construir diversas casas pequenas, a cujo conjuncto deu o iitulo de *Villa Blandina*. As casas devem subir ao numero de trinta, mas por emquanto estão concluidas apenas quatorze. A construcção é simples e leve, mas muito elegante e com todas as condições de hygiene: altas, arejadas, com banheiro, agua abundante, tanque e pequeno quintal.

E' um bom melhoramento para aquelle bairro.

Comprimntamos o Sr. Gomes Ferreira e agradecemos o convite que nos fez para assistirmos á inauguração da *Villa Blandina*.

No domingo passado subio á tribuna das conferencias da Gloria o Dr. Luiz Henrique Pereira de Campos, que tratou « de indicar varias reformas no tocante a exames de preparatorios e no ensino no imperial collegio D. Pedro II. » Discordamos do seu modo de encarar algumas questões; como, por exemplo, quando disse que pelo facto de serem remunerados os examinadores, da sua imparcialidade se suspeita. Em primeiro lugar, ainda não ouvimos accusações tão baixas contra examinadores; e, quando assim fosse, o facto de examinar gratuitamente, em vez de impedir que os examinadores aceitassem suborno, esse facto mais o tornaria possivel.

Mas, á partejesses poucos pontos de divergencia, muito nos agradaram as considerações do illustrado conferente, que expendeu proficuos conceitos em lingoagem correcta e brilhante. S.S., que tão interessado se mostra pelas cousas da Instrucção, deve continuar a servir a essa grande causa com as luzes do seu talento e do seu estudo.

Com a denominação de « Club Conego Belmonte » fundou-se no collegio de S. Francisco de Paula um club litterario, cuja directoria ficou assim com-

posta: presidente, Vaz de Mello Filho; secretarios, José Severiano Soares e Joaquim Ferreira de Souza; thesoureiro, Bastos Junior, e procurador Alfredo Paiva.

Falleceram durante a semana, nesta cidade:—a esposa do Sr. conselheiro Ignacio L. Galvão, filha do venerando Dr. Muniz Barreto; o Sr. Guilherme Gabriel de Lacerda Albuquerque, ha muitos annos empregado na repartição das obras do ministerio da fazenda; e a Sra. Viscondessa de Souto, viuva do conhecido banqueiro Visconde de Souto.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Dr. Henrique de Sá, especialista de syphilis e molestias das crianças.—Rua Primeiro de Março, 22 (consultas do meio-dia ás 2 horas)—Residencia: Rua de S. Clemente, 165 A.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Portuguez, francez e Inglez —Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

DR. GONZAGA FILHO

CONSULTORIO E RESIDENCIA

Rua Visconde de Inhaúma, 61

CONSULTAS DE 12 AS 3 DA TARDE

Especialidades:

Febres em geral, molestias pulmonares e de coração.

JUVENATO OURO-FINENSE

INSTRUCÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA

NA

Provincia de Minas

A CINCOENTA E QUATRO KILOMETROS DA PENHA DE MOGY-MIRIM, DE S. PAULO

Ensino pratico das linguas, intuitivo das sciencias.

Preparo das faculdades pelas (LIÇÕES DE COUSAS).

Anno lectivo de 10 mezes.

A matricula em qualquer epoca; só é pagavel o tempo da frequencia de cada alumno.

O 2º anno lectivo começa a 3 de Novembro proximo.

Ouro-Fino, Minas, 19 de Outubro de 1885.

O DIRECTOR.—Antonio Francisco Furtado de Mendonça Filho.

PHARMACIA AMERICANA

Laboratorio Chimmico e Pharmaceutico

DE

Vicente Severino de Vasconcellos

Patrocinio de Muriané

MINAS

DERBY-CLUB

PROGRAMMA DA QUINTA CORRIDA, A REALIZAR-SE NO
DOMINGO, 1 DE NOVEMBRO DE 1885

A'S 11 1/2 HORAS EM PONTO

GRANDE PREMIO RIO DE JANEIRO, 5:000/000

Primeiro pareo—SEIS DE MARÇ—1,200 metros—Animaes do paiz, até meio sangue—Premios :
400\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Bitter.....	Zaino.....	4 annos	S. Paulo.....	54 kilos	Azul e estrellas còr de ouro	E. M.
2	Boyardo.....	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	56 »	Branco e estrellas azues...	M. P.
3	Americana.....	Tordilho.....	3 »	R. de Janeiro.	50 »	Preto e branco.....	P. Beirão.
4	Salina.....	Alazão.....	5 »	R. de Janeiro.	55 »	Ouro.....	Coudelaria Nacional.
5	Pretoria.....	Libuno.....	5 »	S. Paulo.....	55 »	Cinzento.....	A. C.
6	Druid.....	Tordilho.....	3 »	R. de Janeiro.	51 »	Encarnado e ouro.....	Coud. Confiança
7	Aymoré.....	Castanho.....	6 »	S. Paulo.....	60 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
8	Principa Alberto.....	Zaino.....	7 »	Paraná.....	56 »	Branco e azul.....	J. Guimarães.
9	Aranha.....	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	53 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.

Segundo pareo—COSMOS—1,609 metros—Animaes de qualquer paiz—Premios : 1:000\$ ao pri-
meiro e 250\$ ao segundo

1	Fanfarron.....	Alazão.....	3 annos	França.....	53 kilos	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
2	Nand.....	Zaino.....	4 »	Inglaterra...	54 »	Setim branco e manc. pretas	M. U. Lemgruber.
3	Phrinéa.....	Castanho.....	3 »	Idem.....	51 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
4	Boreas.....	Castanho.....	4 »	S. Paulo.....	52 »	Azul e Ouro.....	Coudelaria Alliança.

Terceiro pareo—PROGRESSO—1,750 metros—Animaes do paiz até meio sangue—Premios : 600\$
ao primeiro e 150\$ ao segundo

1	Bayoco.....	Castanho.....	4 annos	S. Paulo.....	52 kilos	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
2	Regalia.....	Vermelho.....	5 »	Idem.....	58 »	Encarnado e ouro.....	Coud. Confiança.
3	Douro.....	Alazão.....	6 »	R. de Janeiro.	54 »	Verde e ouro.....	L. da Costa.
4	Guanaco.....	Alazão tost.....	9 »	Paraná.....	54 »	Vermelho.....	Coud. R. Grandense.
5	Sartarelle.....	Preto.....	5 »	Idem.....	54 »	Encarnado e preto.....	J. W.

Quarto pareo—EXCELSIOR—1,450 metros—Animaes do paiz até 3 annos—Premios : 600\$ ao
primeiro e 150\$ ao segundo

1	Aurelia.....	Alazão.....	3 annos	R. de Janeiro.	47 kilos	Azul e estrellas còr de ouro	E. M.
2	Druid.....	Tordilho.....	3 »	Idem.....	51 »	Encarnado e ouro.....	Coud. Confiança.
3	Mandarim.....	Rozilho.....	3 »	S. Paulo.....	49 »	Azul e estrellas encarnadas	Cunha Lima.
4	Dora.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	49 »	Ouro e faxes.....	Freitas Guimarães.

Quinto pareo—DERBY-CLUB—2,000 metros—Animaes do paiz até puro sangue—Premios: 1,200
ao primeiro e 250\$ ao segundo

1	Sans-Souci.....	Castanho.....	5 annos	Minas Geraes	56 kilos	Azul e estrellas còr de ouro	E. M.
2	Douro.....	Alazão.....	6 »	R. de Janeiro.	54 »	Verde e ouro.....	L. da Costa.
3	Electrica.....	Idem.....	5 »	S. Paulo.....	54 »	Setim branco e manc. pretas	M. U. Lemgruber.
4	Jaguary.....	Castanho.....	5 »	Idem.....	56 »	Encarnado e preto.....	J. C.
5	Boreas.....	Idem.....	4 »	Idem.....	54 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança
6	Regalia.....	Vermelho.....	5 »	Idem.....	52 »	Encarnado e ouro.....	Coud. Confiança.
7	Coralia.....	Castanho.....	4 »	Idem.....	50 »	Vermelho.....	D. P.
8	Masqué.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	51 »	Branco e rosa.....	Coud. S. Raphael.

Sexto pareo—GRANDE PREMIO RIO DE JANEIRO—3,200 metros—Animaes de qualquer paiz—
Premios : 5:000\$ ao primeiro e 1,200\$ ao segundo

1	Speciosa.....	Alazão.....	3 annos	Inglaterra.....	49 kilos	Azul e estrellas còr de ouro	E. M.
2	Americana.....	Tordilho.....	3 »	R. de Janeiro.	44 »	Preto e branco.....	P. Beirão.
3	Damietta.....	Castanho.....	4 »	Inglaterra...	52 »	Setim branco e manc. pretas	M. U. Lemgruber.
4	Comtesse d'Olonne...	Alazão.....	4 »	França.....	52 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
5	Aialanta.....	Castanho.....	6 »	Inglaterra...	54 »	Ouro branco e faxes.....	Coud. Fluminense.
6	Taillefer.....	Zaino.....	4 »	França.....	55 »	Encarn. e manga azul claro	Coud. Americana.
7	Curubaiá.....	Zaino.....	5 »	Inglaterra...	54 »	Preto e encarnado.....	D. F. P.
8	Creusa.....	Alazão.....	3 »	Inglaterra...	49 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.

Setimo pareo—LEMGRUBER—1,000 metros—Animaes estrangeiros até 3 annos—Premios : 500\$
ao primeiro e 120\$ ao segundo

1	Françoise.....	Alazão.....	3 annos	França.....	51 kilos	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
2	Gaudriole.....	Castanho.....	2 »	França.....	47 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
5	Sornette.....	Zaino.....	3 »	França.....	51 »	Azul e estrellas encarnadas	Coudelaria Paraizo.
4	Aspasia.....	Castanho.....	3 »	Inglaterra...	51 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.

Oitavo pareo—E. D. D. PEDRO II—Handicap—1,450 metros—Animaes de menos de meio sangue
—Premios : 300\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo

1	Bella Yayá.....	Zaino.....	4 annos	Paraná.....	57 kilos	Azul e rosa.....	Coud. Amadores.
2	Crichaná.....	Chita.....	6 »	Paraná.....	49 »	Vermelho.....	J. da Rocha Franco.
8	Salina.....	Alazão.....	5 »	R. de Janeiro.	50 »	Ouro.....	Coud. Nacional.
4	Derby.....	Alazão.....	7 »	Paraná.....	48 »	Ouro e bonet azul.....	Coud. Nacional.
5	Eucharis.....	Tordilho.....	5 »	Paraná.....	61 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
6	Carola.....	Castanho.....	6 »	Minas Geraes	52 »	Azul e encarnado.....	P. & Nunes.
7	Arenas.....	Douradillo.....	5 »	Rio da Prata	48 »	Branco e grenat.....	J. P.
8	Conde.....	Castanho.....	8 »	Paraná.....	53 »	Vermelho e faxes pretas.....	Carlos Coutinho.
9	Fils du Diable.....	Tordilho.....	5 »	Rio da Prata	50 »	Encarnado e ouro.....	Coudelaria União.
10	Sirodio.....	Castanho.....	5 »	R. G. do Sul..	50 »	Ouro e encarnado.....	Coud. Major Sukow.
11	Zaire.....	Gateado.....	4 »	Paraná.....	49 »	Azul e rosa.....	P. S.
12	Savana.....	Castanho.....	4 »	R. G. do Sul..	52 »	Verde e branco.....	D.

NOTA.—Pede-se aos Srs. proprietarios de animaes inscriptos no primeiro pareo o obsequio de os apresentarem no Prado ás 11 horas
da manha, em ponto.—A. CESAR LOPES 2º secretario.

A SEMANA

CORTE

Trimestre..... 24000
Semestre..... 48000
Anno..... 88000

PROVINCIAS

Semestre..... 48000
Anno..... 88000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA -- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

SUMMARIO

Expediente.....	
Rodolpho Bernardelli....	« A SEMANA ».
Historia dos sete dias.....	FILINDAL.
Seis vocabulos.....	GONZAGA FILHO.
A estatua de carne.....	H. DE MAGALHÃES
Correio litterario.....	L. DE MENDONÇA.
Sport.....	L. M. BASTOS.
No collegio.....	V. MAGALHÃES.
Sonetos a premio.....	ORAC.
Politica e politicos.....	BIBIANO.
Cofre das graças.....	FR. ANTONIO.
Tratos á bola.....	P. THALMA.
Theatros.....	
Factos e noticias.....	A. DE CASTRO.
Collaboração, <i>Semper</i>	
Recebemos.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

Para boa ordem nas relações do publico e dos nossos assignantes com *A Semana*, declaramos que todas as communicações litterarias, bem como as consultas, devem ser dirigidas—ao director; as que forem concernentes á administração — ao gerente; o quaesquer pedidos de informações ou de pequenos serviços a Redacção, bem como cartas de convite, cartões de ingresso, etc.—ao secretario da redacção.

Os senhores que vierem ao nosso escriptorio e tomarem uma assignatura d'*A Semana* por todo o proximo anno de 1886 terão direito a um dos seguintes premios, á sua escolha:

VINTE CONTOS, por VALENTIM MAGALHÃES.—Este livro, que se está imprimindo nas officinas d'*A Semana*, foi expressamente feito para ser distribuido como premio aos assignantes d'esta folha. Conterá mais de duzentas paginas em superior papel, com uma capa de fantasia.

NÃO SERÁ POSTO Á VENDA.

Assim, os que tomarem uma assignatura d'*A Semana* por um anno, e somente esses, terão direito a um exemplar d'essa obra, que, a ser vendida não o seria por menos de 38000, o volume.

AURORAS, versos, por Alfredo de Souza; encadernação de luxo.

A CAVEIRA DA MARTYR, celebre romance de Canillo Castello Branco, em 3 volumes.

MARGARITAS, poesias da distincta poetisa D. Adelina Amelia Lopes Vieira; um bello volume.

Aos senhores assignantes de seis mezes daremos como premio UMA MU-

SICA, inedita, especial e expressamente composta para esse fim; QUATRO POEMAS, por Luiz Murat, ou um exemplar das AURORAS, brochado.

N. B.— Os senhores que assignáram *A Semana* por um anno, a terminar em Dezembro de 1885 receberão, segundo promettóramos, um exemplar dos VINTE CONTOS.

São agentes d'esta folha os Illus. Srs.: Em S. Paulo—Dolivaes Nunes.

Em Ouro Preto—Fabricio Ignacio de Andrade.

Em Campos—Antonio Ferreira Martins Filho e Raúl de Bellido.

Em Valença—Gomes Cardim.

Na Paralyba do Sul—Verissimo Pacheco.

O Sr. Leonel Guerra é a unica pessoa por nós encarregada de agenciar assignaturas nas provincias.

Tem todos os poderes para representar esta folha.

A SEMANA

Rio, 7 de Novembro de 1885.

R. BERNARDELLI

O nosso original e brilhante collaborador artistico Belmiro de Almeida já nos fez entrega do retrato, á penna, de Rodolpho Bernardelli, com que *A Semana* resolveu brindar os seus assignantes.

Diremos do excepcional valor d'este novo trabalho de Belmiro de Almeida quando o dermos á estampa, o que será talvez no proximo numero.

A SEMANA

HISTORIA DOS SETE DIAS

Os sete dias da nossa semana não se contam pela forma ordinaria—de domingo a sabbado: contam-se de sexta a sexta-feira, pois que no sabbado pela manhã, nial a aurora, com os celebrados dedos cor de rosa, rasga o horizonte etc., etc., já a *historia dos sete dias* deve estar sob os formosos olhos das leitoras. (Os olhos das leitoras, mesmo das veigas, mandam a decencia e a praxe que sejam sempre formosos), deliciando-as com as irradiações do nosso espirito scintillante e fugaz.

Dado este cavaquito preambular, em respeito aos usos, entremos francamente em materia, com desassombro e coragem, como se fomos os doze de Inglaterra com o gran Magriço e tulo.

Começou, pois, a nossa semana por um tufão que assustou algumas meninas da cidade nova e derrubou algumas taboletas da velha.

Este diabo d'este tufão, de quem nós esperavamos, pelo menos, algum desastre de vulto, sem perda de vidas, já se sabe, sahiu-nos um tufão de terceira ordem, desageitado e fraco. Aquillo não foi mais do que algum Favonio mal recebido pela fagueira Brisa a quem arrastava a aza, que deitou desespero por esses ares, enquanto Boreas, do alto, se escangalhava de riso com a caterva dos euros.

O cruzador *Almirante Barroso*, no sabbado pela manhã foi continuar para o oceano as experiencias que da outra vez o fizeram encalhar tão a proposito das necessidades da chronica.

Dizem as noticias dos jornaes que d'esta vez o benemerito cruzador não encalhou nem nada.

Não sabemos para que diabo possam servir então os cruzadores: quando nem para encalhar elles servem...

Estamos roubados!

E o tal Sr. João Ignacio Teixeira da Motta, que em Maio do anno passado recebeu de José Leite Teixeira Carvalho 400\$ pela liberdade de uma sua escrava e calou-se muito caladinho com escrava, dinheiro e tudo, sem dar satisfações a ninguem?!

Que bello character o d'este Motta para a colleção do Samuel Smiles.

O Dr. Carijo, ao conhecimento de quem foi levado o monstruoso factio, deve empregar todo o rigor da sua loira péra contra este sujeito digno de uma autopsia psicologica de Zola.

Já que fallamos em Zola, já que o nome mais glorioso do romance contemporaneo nos cahio do bico da penna, sempre queremos dizer áquelles dos nossos numerosos admiradores que não leram o *Jornal* de sabbado, que o grande organ reclamou nesse dia providencias da policia contra uma malta de vendedores de jornaes que todas as manhaes occupa a rua do Ouvidor na esquina da de Gonçalves Dias. Diz o *Jornal* que os moradores se queixam de um *coro infernal* ou talvez *Wagneriano* cantado pelos taes vendedores, mas, continua—« O que mais os mortifica, é que, nos intervallos da cantoria, os nossos vendedores exgotão o vocabulario brejeiro como se fossem todos entusiastas e sctarios da escola de Zola.»

Vejam que idéa faz este feliz pachiderme da obra maravilhosa de Emilio Zola.

Este diabo do que precisa é de uma cabeça nova.

Mais um desfalque nos cofres de uma repartição publica. O thezoureiro interino do correio geral, Salvador Joaquim Pires, que todos affirmam ter sido sempre um moço de caracter immaculado, que muitas vezes deu sobejas provas de honradez—desappareceu. A parte sentimental d'esta desgraça não nos compete a nos apprecial-a. O crime foi praticado e o criminoso evadio-se.

Dizem-nos que o pac do evadido é riquissimo e que estimava muito o filho. Não se comprehende que um homem rico deixe arrastar um filho pela ultima deshonra, tanto mais que com esse filho fica egualmente enlameado o nome da propria familia.

Uma commissão de empregados do correio e do thesouro está procedendo a rigoroso exame na escripturação. Consta que o desfalque encontrado já passa de 60:000\$.

Mais uma tremenda desgraça encheu de consternação uma respeitavel familia d'esta corte e levou o desespero e o panico a um bairro pacifico qual o da rua do Costa pelas immedições da de S. Joaquim.

Foi o caso que os mestres, officiaes e empregados da fabrica de tecidos do Rink, tendo-se adrede mancomunado, teutaram no dia 1 contra a vida do gerente da referida fabrica, o Sr. Frederico Glette, offerecendo-lhe, no meio de uma manifestação ruidosa—um retrato a oleo.

Varias pessoas que accudiram ao logar do delicto conseguiram salvar o Sr. Glette, emquanto a sua familia, sollicita, amarrava o monstro a oleo numa parede da sala de visitas.

Não sabemos quando a policia poderá ter attribuições sufficientes para obstar a estes attentados, que põem diariamente em risco a vida ou, pelo menos, a tranquillidade dos cidadãos pacificos, que têm a desventura de ser subdelegados ou directores de fabricas.

Quando a gente pensa que vac ter uma velhice tranquilla, porque a auzenza de escandalos e de casos extraordinarios como que adormec o espirito publico, e nos livra, portanto, de preocupações e cuidados, é que desaba por sobre o verdissimo alpendre da nossa esperança um facto d'escacha pecegheiro:

O caso narrado pelo *Correio de Campinas*, (a quem, de passagem, agradecemos as amabilidades com que nos tem honrado) o caso de bigamia denunciado pelo padre Senna Freitas ás autoridades de Poços de Caldas, é um d'esses casos que obrigam um chronista delicado aos mais exquisitos tregeitos antes que saiba por onde lhes ha de pegar sem offender escrupulos proprios e alheios.

Um individuo casou com uma individuo; ao fim de dezoito mezes de experiencias reconhecem que a individuo era muito mais individuo do que elle. Por via de que processo engenhoso chegou elle a descobrir semelhante cousa apenas dezoito mezes depois das nupcias, que a noticia não explica. A alavanca de Archimedes foi uma util descoberta, que abriu á sciencia horizontes novos e rasgados. A descoberta que fez este marido, como a da alavanca, pôde tambem trazer muita luz ao seculo.

O que, porém, é preciso fazer quanto antes, é obrigar o homem a revellar o

processo; a dizer se para conseguir tal fim elle se servio d'este ou d'aquello meio. Porque a questão dos meios, no caso vertente principalmente no caso vertente) é muito importante.

Um homem não pode apresentar simplesmente o resultado bruto d'esta ou d'aquella experiencia; precisa explicar que meio foi que seguiu para chegar a tal fim; e isto agravado pela circumstancia de ter durado a experiencia dezoito mezes, circumstancia prejudicada por esta outra: serem dezoito mezes duas vezes nove, o que na vida de um casal regular significa, em condições normaes, provavel ou quasi certo accrescimo no reenciamiento geral do Imperio, e consequente modificação na estatistica.

Uma mulher que leva o seu atrevimento até o ponto de ser mais homem que o marido, deve ser muito dura de roer, convimos; mas uma vez que esse marido a roeu, durante anno e meio, o seu dever é aguentar-a todo o resto da vida e não ir procurar a cunhada para se divertir.

Tanto mais que, ao que se pôde suppor, a cunhada preferida não tinha nada mais do que a outra. Antes pelo contrario.

Nada; não. O *Correio de Campinas* precisa explicar-se claramente sobre este facto. Nós queremos saber que demonio é que tinha a primeira esposa para ser menos mulher que a segunda, e mais homem que o proprio marido.

A sciencia reclama esclarecimentos e o jornalismo é soffrego.

Precisamos entrar no amago da questão.

FILINDAL.

SEIS VOCABULOS

Encontramos, nos dictionarios portuguezes, seis vocabulos, sobre os quaes emittirei minha opinião, afim de que alguns sejam desprezados e outros preferidos pelos que se esmeram em bem fallar e escrever.

São os seguintes:—*potro*, *potra*, *potranca*, *potranco*, *poldro*, *poldra*. Examinemol-os:

A significação classica de *potro* é—*eculeo, cavallete de atormentar, poste de supplicio*. Sei que tambem é empregado na significação de—*cavallo novo até a idade de quatro annos*. Insisto, porém, em sublinhar, que os grandes mestres da lingua multiplicam, em suas obras, exemplos daquella primeira significação—«*Soffra no potro asperrima tortura*», etc., etc.

A palavra *potra* é, não só rasteira, como desusada; significa—*hernia intestinal* e com similhante significação deve ser de todo esquecida. A technica scientifica perfectamente a dispensa e os que a empregam, como substantivo feminino de *potro*, significando *egua nova*, são verdadeiros pobres de espirito e de vocabulario.

A palavra *potranca* tenho ouvido e lido muitas vezes, como feminino de *potro*, isto é, significando *egua nova*. Não é, porém, portugueza, nem necessaria. É genuinamente hespanhola. «*POTRANCA: s. f. la yegua que no pasa de tres años.*»

Na pagina 1383 do dictionario de Caldas Aulete leio: «*POTRANCO: s. m. (Brazil) a cria da egua quando tem de um a tres annos*»

Si ha no Brazil quem empregue *potranco*, é com certeza qualquer exquisitão muito ignorante, e não são estes que formam a verdadeira lingua de qualquer paiz.

Poldro é um substantivo masculino, portuguez de primeira agua, significando:—*cavallo novo até a idade de quatro annos*. Só é empregado nessa acceção, e quem ouve a euphonica palavra, logo se lembra desse mesmo significado.

Poldra, que tambem significa—*vara nova, rebento do pé da arvore*, é substantivo feminino, com o qual designa-se—*a egua nova até a idade de quatro annos*.

Accrescentarei que ha, em portuguez, os adjectivos—*poldro*, *poldra*, significando—*novo, boçal, sem ensino*.

Os que leram com attenção o que acima escrevi e tiverem boa orientação litteraria, devem conmigo concordar e seguir meu exemplo.

Para mim as palavras—*potranca*, *potranco* e *potra* devem desapparecer da lingua e ser condemnadas nos dictionarios. *Potranca*, por ser hespanhola e desnecessaria; *potranco* por ser uma invenção de muito mau gosto e egualmente desnecessaria; *potra*, por ser desusada, estúpida e anti-scientifica.

Restam-nos as palavras—*poldro*, *poldra*, e *potro*. Eu só emprego *potro* na acceção classica, isto é, *cavallete de atormentar, poste de supplicio*; *poldro*, substantivo masculino, significando—*cavallo novo até a idade de quatro annos*; *poldra*, substantivo feminino, significando—*egua nova até a idade de quatro annos*; finalmente os adjectivos *poldro*, *poldra*, significando—*novo, boçal, sem ensino*.

Nos seguintes periodos apresento diversos exemplos, com variantes applicações:

— Este homem por haver vendido uma *poldra* foi preso a um *potro*, surrado como si fosse um *poldro* e as autoridades tão *poldras* se mostraram, que riram do facto e nem pareciam indignadas.

— Não ha *potro* que faça um *poldro* adquirir a mansidão de uma ovelha; nem *poldra* que não goste de saltar livremente; *poldros* são os que investirem contra a ordem natural.

GONZAGA FILHO.

A ESTATUA DE CARNE

E' bella, sim; formosa: emmudecida, encanta!
E' alguém que busca ouvia, a suppor que enlouquece
De amor,—esp'rança vã!—com sua voz se espanta!
Sua falta a paixão mais fervida arrefece.

Oscul-a é beijar a ephygie de uma santa,
A lapa de um sepulchro onde o morto apodrece...
E, emtanto, se um pintor visse belleza tanta,
Monumental primor ao mundo talvez dêsse.

Nem um fremito abala esse prodigio mudo,
Não palpita meu peito ante as bellezas fatuas!
E' bella? sei que é bella e muito; mas... que importa?!

Tem sangue? tem calor? ... Não tem; falta-lhe tudo!
Só Phydias,—da esculptura o rei, que amava estas,—

Poderia adorar a formosura morta!

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

CORREIO LITTERARIO

«O FLOR», COSTUMES BRAZILEIROS, POR GALPI: RIO DE JANEIRO, 1883; 1 VOL. EM 272 PAGINAS.

Graças á fortuna que é com um livro brasileiro que abre a modesta resenha bibliographica hoje instituida na *Semana*, sem prevenções de especie alguma, nem pessoas, nem d'eschola, sem prevenções nem compromissos, e, por maxima felicidade, sem preambulo.

O Flor é um singelo episodio da vida fluminense, no littoral banhado pela bahia de Santa Cruz, nos primeiros annos que se seguiram á Independencia.

O protagonista, Florindo, que por graciosa abreviatura toma o nome que serve de titulo ao romance, é um homem do povo, pequeno lavrador de profissão e, por devoção, pescador, furiel da guarda nacional, maniaço da *militança*, amigo da gente do Cabuçú e apaixonado de ambas as filhas do Carapá.

Estas, a Maria das Dores e a Maria da Conceição, são duas raparigas de truz, por quem an lam accesos os namorados do logar, o Flor, o Maneco da Figueira e o Tóco.

Entre as fazendas do Goiabal e do Cabuçú, propriedades do coronel e do capitão-mór, os principaes da terra, desenvolve-se o idyllio roceiro dos amores do Flor, que primeiro a-lejam sem escolha entre as filhas do Carapán e da Sinh'Anna até que, por mediação da casamenteira Nhãnhã, se fixam finalmente no noivado com a Conceição.

A amorosa trama é entretrecida de episodios da vida da roça, que constituem o melhor do livro—a pictoresca pescaria da Paciencia, o café em casa do Flor, o jantar e o passeio da tarde no Cabuçú, onde ha a bonita lenda do coração aberto na pedra, e, por fim, o *chiba* do Zeferino.

Durante a *função* em casa d'este, o Maneco da Figueira, que é um desalmado diabo e se ajustára com outro da mesma laia, leva a effeito o rapto da Dores e a transporta para a ilha do Jorge-Grego.

Lá os vão encontrar, como salvadores um tanto espectaculosos, o Flor e o Toco: o primeiro vára o Maneco com uma estocada, no exactissimo momento em que este « atirava o salto do tigre » para a Dores; o segundo despacha-lhe, com um tirazão, o medonho socio, o Peito-Roxo.

Com este simples assumpto consegue *Galpi* entreter a attenção do leitor durante duzentos e setenta paginas, a despeito de todas as fraquezas da sua fórma litteraria, da cançada vulgaridade dos conceitos, do máu gosto de alguns incidentes, como a descripção da mesa-de-jantar do Cabuçú, e de todos os rasgos moraes e religiosos com que lardêa a narração.

No capitulo do máu gosto, não pôde passar sem nota o abuso da letra grypha, que o auctor emprega não só para as alcunhas e brazileirismos, mas tambem para todo nome proprio: assim, rara, contada é a pagina que a não tenha e com profusão. Defeito secundario, sem duvida, mas desagradavel em obra d'arte e em livro de tão primorosa execução typographica.

Mas lê-se o romance com agrado e ás vezes com enlevo: tem movimento, tem

naturalidade, tem vida: tem, principalmente, deliciosa cor local.

Galpi, de quem pela primeira vez leio e que não sei quem seja, tem o dever de continuar a escrever livros de costumes brazileiros. Para quem sabe observar como elle, a mina é opulenta: dá, com fartura, para a gloria de muitos nomes litterarios.

Valença, 2 de Novembro de 1885.

LUCIO DE MENDONÇA.

SPORT

As corridas do ultimo domingo, realisadas no hippodromo do *Derby-Club*, foram esplendidas e muito applaudidas pela grande massa de povo e de socios que as presenciou.

Começaremos pelo 6º pareo, grande premio Rio de Janeiro; 3200 metros, 5:000\$ ao primeiro, 1:200\$ ao segundo e o terceiro livrando a entrada; no qual pareo *Taillefer* em 221 segundos chegou em primeiro logar, *Coutesse d'Olonne* em segundo e *Damietta* em terceiro.

Como isto foi ainda não está sufficientemente explicado; em todo caso é fora de duvida que *Damietta* corre perfeitamente em 215 segundos, não havendo quem ignore suas superiores qualidades, assim de velocidade como de fundo.

Logo na sahida nos admirámos de *Taillefer* dobrar a primeira curva com bastante luz e parecendo que *Damietta* havia disarrado. Continuando a corrida, nada vimos que demonstrasse a, aliás reconhecida, pericia de Alfredo Toon, e *Damietta* foi por este dirigida de modo tão atrapalhado que nem sabemos como alcançou o terceiro logar.

Não insistiremos nesse pareo e apenas registraremos, com bastante dor, a lamentavel queda do velho jockey Luff, que pouco tempo sobreviveu, tendo seu fallecimento sinceramente consternado a todos os amadores das corridas a cavallo.

Bitter, em 83 segundos, ganhou o 1º pareo, de 1200 metros, e foi muito bem montado por Jorge Luff.

Avictoria de *Phrygia* (1000 metros em 108 segundos), foi facil e apenas pôz em relevo a superioridade de *Boreas*, que venceu a *Nana* e alcançou o 2º logar.

Causou surpresa que *Regalia* tivesse perdido os 1750 metros do 3º pareo, que foi ganho por *Bayocco* em 123 segundos.

Dora, apesar de mal montada, venceu os 1450 metros do 4º pareo e no 5º coube a victoria a *Boreas*, que percorreu os 2000 metros em 138 segundos.

A sahida do 7º pareo não foi das melhores. Felizmente *Aspazia* teve sobra para em 64 segundos fazer 1000 metros.

O ultimo pareo realisou-se sendo já bastante escuro, mas ainda assim e apesar dos 61 kilos, *Eucharis* enxergou perfeitamente o vencedor.

Durante todo o divertimento reinou a melhor harmonia e tendo-se effectuado a definitiva inauguração do *Derby* com todas as suas decorações e seus dois pavilhões lateraes. O tempo esteve amenissimo; se fez sol, soprou sempre uma agra level viração.

Deve amanha realizar sua corrida de inauguração a sociedade *Hippodromo Guanabara*.

É de esperar que seja grande a concurrencia e fazemos votos pela prosperidade de mais essa distincta sociedade de corridas.

Apertamos a mão da digna directoria do *Derby-Club* pela iniciativa que tomou de subscrever 1:000\$ em favor da desventurada familia do velho Luff, fazendo ao mesmo tempo um appello a todos os corações generosos e a todas as outras sociedades congeneres.

Luff era bem merecedor de tão philantropico acto, pois sua honradez como jockey era reconhecida e não consta que houvesse vendido corridas, como tantos outros que d'isso são accusados muito frequente e justamente.

Em vez d'isto, o que todos sabemos, é que até a ultima hora conservou-se honesto trabalhador, pagando com a vida a temeridade de executar corridas sobre corridas, a despeito de sua pouca saude e avançada idade.

L. M. BASTOS.

NO COLLEGIO

(TRADUÇÃO DE VALENTIM MAGALHÃES)

Ha meninos, nas escolas,
Sempre banhados em pranto;
Os outros ás cabriolas,
Elles — quietinhos num canto.

As blusas—sempre decentes,
As calças—em bom estado,
Os sapatos—reluctentes;
Um ar sério e delicado.

Os collegas mais edosos
Os chamam, rindo — meunias;
E os perseguem, maliciosos,
Com suas troças ferinas.

Se os seus brinquedos lhes pedem,
Aos seus pedidos instantes:
Bolas, piões, tudo cedem;
Não ha de ser negociantes.

Se o mestre os olha — estremecem;
Temem-lhe a sombra, assustados...
Melhor fóra não nascessem:
A infancia os faz desgraçados.

Ventaleiro inferno — a classe!
E a lição? — duro inimigo!
E se o mestre lhes ralhasse?!
E a vergonha do castigo?!

Quantos martyrios! De dia,
E o sino rouco, medonho!
E á noite a mudez sombria
Do dormitorio tristonho.

Nos lenções bate e esmorece
O baço clarão das lampas;
Todos resonam: parece
O vento a gemer nas campas.

E todos dormem, affeitos
A esse dormir de caserna;
Porém elles, nos seus leitões,
Pensam na casa paterna,

E no domingo, — coitados!
Lembram o tempo saudoso
Em que dormiam, deitados
Em fofa berço amoroso,

Sob os maternos carinhos.
E as mães, que o somno velavam,
Iam tiral-os dos ninhos:
P'ra suas camms os passavam.

Oh, mães, culpadas asentes!
Em um desterro infinito
Lhes pareceis. A estes entes
Falta o vosso olhar benedito.

Ingratos! Elles, chorando,
Pensam em vos! E, de brucos,
O travesseiro abraçando,
Abafam nelle os soluços.

SULLY PRUDHOMME.

SONETOS A PREMIO

Publicamos em seguida, de accordo com o que dissemos no nosso ultimo numero, os sonetos que pelo jury por nós eleito foram julgados merecedores dos tres premios por esta relação offerecidos. Como se verá, foram escolhidos: para o primeiro lugar o soneto de n. 32, assignado M. V., cujo auctor ignoramos quem seja, e que occupava na collecção o 32º lugar; para o 2º o de Soares de Souza Junior, e que tinha o n. 24; para o 3º o de Alberto de Oliveira, e que tinha o numero 23. Publicamos tambem o soneto de Henrique de Magalhães, porque, embora não houvesse sido escolhido, teve os votos de Lucio de Menlong e Affonso Celso Junior e foi mencionado por D. Adelina Vieira.

Haveremos tambem de publicar, nos seguintes numeros, os sonetos que, não tendo alternado os logares a premio, foram contudo, mencionados com louvor pelos juizes.

Como curiosidade muito de ver-se, como modelo no genero, daremos no proximo numero o soneto n. 16, que foi unanimemente considerado — o peor dos 15 que concorreram.

Para instrucção completa da maneira por que foi julgado o certamen, publicamos, taes como as recebemos, todas as cartas que nos escreveram os illustres juizes.

E, terminando, agradecemos-lhes a gentileza com que aceitaram e desempenharam a incumbencia, nada facil, que *A Semana* lhes confiou.

No nosso proximo numero abriremos um novo concurso litterario, mas d'esta vez para um trabalho em prosa.

Cedemos, agora, o lugar com todo o prazer e com a respeitosa curvatura da nossa admiração aos inspirados poetas encedores:

N. 1

VICTOR HUGO

Vozes do mar, longas e tormentosas,
Das vagas e dos ventos ululantes,
Quero cantar convosco dos gigantes
O gigante maior: — ás sonoras

Cordas da lyra vinde; e vós, aflantes
Brisas, que em beijos desfolhaes as rosas;
D'azas de borboletas amorosas
Leves rumores; vozes suspirantes

Da tarde, vinde! O verso heroico e nobre,
O carne brando, harmonioso e terso
De Hugo quero cantar na lyra pobre.

Vindes em vão: — Da sua Musa um verso,
Um só verso dos seus abafa e cobre
Todas as harmonias do Universo!

M. V.

N. 2

VICTOR HUGO

Traça *Les Chatiments*. No olhar meditando
É grande como o Eterno o genio relampéa;
Na fronte um odio santo o sobreceño arquêa,
Odio que raios faz, — raios que ferem fundo!

Ouve-se lá por dentro o fervilhar profundo
Das estrophes-punhaes... E o mestre as delinea,
E alinha-as uma a uma, obedecendo á idéa
De vingar a justiça, a patria, e Deus, e o mundo!

Mas abre-se uma porta e surgem dois anginhos...
O Mestre os vê e os chama... e esquece entre carinhos
O ardor da punição que o odio lhe inspirou!

São tres creanças, são!... Que risos bons e francos!
Mais que as outras sorri a dos cabellos brancos...
Lê-se naquelle riso a *Arte de ser atô*.

SOARES DE SOUZA JUNIOR

N. 3

SUBINDO A MONTANHA

É um grande monte vi soberbo, em meio
De outros montes. E alguém me disse: «Aquelle
Que lá vês e é mais alto é o sec'lo d'elle,
Que ha de aos mais que [virão ser firme esteio;»

E, olhando-o, o Poeta vi subindo-o, o seio
Aberto, a harpa na mão, como o *kantele*
Do Runoia immortál de voz que excellê
E se desata em matinal gorgeio.

É mal do grande monte o Poeta ás cimas
Chegou, ferio su' harpa, e tu lo em rola
Ficou cheio dos sons d'aquellas rimas...

É o echo perdura, immorredouro, infundo,
Que aquella voz a Natureza toda
Irá de sec'lo em sec'lo repetindo.

ALBERTO DE OLIVEIRA

O SECULO DE VICTOR HUGO

O Vulto colossal que, atravez dos espaços
E do tempo atravez, pelo mundo era visto,
Afastou-se, se quindo as pégadas do Christo,
E d'elle só se escuta, agora, o som dos passos

Perdendo-se do Azul pela abobada... Os braços
O Povo estende, afflicto, ao grande Heroe bemquisto;
E, ao longe, ouço o gemer das cytharas e assisto
Ao Parnaso ruindo em sonoros fracassos!

Não poudo o Heroe transpor o seculo; portanto,
Que este o sepulte — como um sarcophago; e, em volta
Ao Morto, deste Sec'lo o tempo inda restante

Seja como um collar de aljofares de pranto:
Cada dia cahirá — como lagrima solta —
No leito em que estiver repousado o Gigante!

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

« Sr. Redactor.— Procurando corresponder á subida honra que recebi da redacção da *Semana*, li e estudei attentamente os sonetos a premio, para d'elles escolher os tres que julgasso melhores.

E' embarçosa e difficil a honrosissima missão de que me encarregou a illustre redacção, pois que, humilima e obscura, não me cabia, a mim, julgar trabalhos de poetas conhecidos e de ha muito laureados. Obedeco pois com timidez, pedindo indulto para a minha quem sabe? desacertada escolha. Eil-a :

Parece-me merecer o primeiro logar o n. 32, por ter perfectas idéa, forma, grammatica, metrificacão, harmonia e, o que não é para desprezar, por fechar com chave de ouro.

O segundo logar cabe ao n. 29, por ter formosissimas a idéa e a forma, ainda que não me satisfazem plenamente o 4º verso :

—Que ha de aos mais que virão ser firme esteio
e o 5.º:

E olhando-o o Poeta vi subindo-o o seio...

Acho tambem menos bom o 12º verso, por ser um pouco forçada a primeira syllaba :

E o echo perdura immorredouro, infindo.

Para o terceiro logar tenho com iguaes merecimentos os ns. 6, 10, 30, 35, 36 e 42.

Qual escolher? Vejamos: O n. 6 tem bollas a idéa e a forma, mas não me agradam o 8º e 10º versos :

—Ao Parnaso ruindo em sonóros fracassos
e—Que este o sepulte—como um sarcophago
e em volta...

Este ultimo é bastante duro.

O n. 10, além de ter rimas agudas nos quartetos, tem frouxo o segundo hemistichio do verso 10º :

—Aguarda os immortaes no *Alcaçar* da Gloria.

Poderia o poeta ter dito «no Pantheon da Gloria» e melhoraria o verso.

O n. 30 tem unicamente contra si o chamar o auctor a Victor Hugo o maior dos doudos; ainda assim, attendendo aos *menores* apontados, é glorioso o ser doudo. E' bonito e bem acabado o soneto.

O 35, tem boas, idéa e fórma; seria apenas para desejar mais força no ultimo verso; por exemplo, em vez de :

—Era a vida fraca para sustel-a

podia o poeta ter dito :

—Era a terra fraca para sustel-a—
depois, esta imagem foi empregada, entre outros, por Soares de Passos e Thomaz Ribeiro.

Do 36, formoso soneto, só quereria tirar o adjectivo —ternissimo que o enfraquece.

O n. 42, não tem talvez tanta novidade como outros, mas em compensação, não tem defeito algum. Se eu o pudesse ter feito, mudaria sómente o 11º verso, e diria :

—Voou qual flecha, que as alturas corta.

Como é difficil a escolha!

Vamos... é preciso tomar uma resolução. Pois bem, consinta, que eu não separe os ns. 30 e 42 e os classifique juntos em 3º logar.

A tarefa espinhosa do desempate, deixo-a aos distinctissimos juizes, os Srs.

Machado de Assis e Lucio de Mendonça, que, muitissimo mais competentes do que eu, saberão fazer inteira justiça.

De V. S. muito agradecida admiradora.—*Adelina Amelia Lopes Vieira.*»

P. S. Visto o pedido da redacção, decidi-me pelo 42, mesmo por não lhe pertencer o verso que desejaria ter mudado.
Corte, 21 de Setembro de 1885.

Illm. Sr. Redactor.—Agradecendo a graciosissima carta que me dirigiu, apresso-me a responder declarando que recebi os 45 sonetos a premio numerados e sem assignatura, e que d'elles escolhi os de ns. 32, 29 e 42 para os 1º, 2º e 3º logares, pelos motivos que lhe expliquei em carta, ao reenviar-lh'os, ignorando *absolutamente*, quaes os seus auctores.

Da sua admiradora agradecidissima.
—*Adelina Amelia Lopes Vieira.*

Rio 28 de Outubro de 1885.

Illm. amigo e collega Sr. Dr. Valentim Magalhães.—Recebi de V. a incumbencia de fazer parte de uma commissão que tem de escolher tres sonetos entre os quarenta e cinco recolhidos pela *Semana*, por occasião da morte de V. Hugo.

Devolvendo os sonetos que acompanharam a carta de V. declaro-lhe que, a meu ver, podem ser escolhidos para os premios annunciados os de ns. 32, 24 e 29. Ha ainda dois ou tres, que poderiam occupar o terceiro logar; mas, conquanto alguns defectos de forma sejam communs ao outro, pareceu-me que neste avultavam menos, e d'ahi a escolha. Analogos senões se podem notar nos de ns. 32 e 24, e principalmente neste, mas ha nelles uma idéa poetica, exposta com clareza e fidelidade.

Não é preciso advertir que a escolha é relativa, nem lembrar ainda, (o que fica dito), que os sonetos apontados não tem aquelle emulo de perfeição que ha direito de exigir de um poema tão curto.

Disponha de quem é

Collega, admirador e amigo obrigado.—*Machado de Assis.*

« A Illustrada redacção d' *A Semana*.—Classifico em 1º logar o soneto n. 24; em 2º, o n. 32; e em 3º, o n. 6.

Dou a primazia ao n. 21 pela belleza da concepção geral, e, principalmente, pela encantadora graça dos tercetos, dos quaes o ultimo é devêras primoroso.

Reconheço, entretanto, que o n. 32, posto que menos original na idéa, que, aliás, é bella, tem execução mais egual, mais harmoniosa.

Para o 3º logar, hesitei algum tempo entre o soneto preferido e o n. 4; decidi-me pelo primeiro, seduzido pela imagem com que termina.

Na leitura geral, discriminei, para mais detido exame e confronto, além dos quatro sonetos indicados, que desde logo preferi, ainda os ns. 20, 29, 42 e 2. Qualquer d'estes ultimos quatro tem bellezas, mas tambem fraquezas e máculas.

Formei ainda uma classe dos absolutamente ruins com os ns. 16, 19, 26, 41 e 41.

Eis o meu voto sincero e meditado. Não sei até que ponto estará de accordo

com os dos illustres arbitros a que essa redacção deu-me a inumeravel honra de associar-me.

Valença, 24 de Outubro de 1885.

Lucio de Mendonça.

Valentim. Valença, 28 de Outubro de 1885.—Respondo á tua carta de ante-hontem, que os sonetos do concurso instituido pela *Semana* me foram enviados em copias por uma mesma letra, numerados e sem qualquer indicação de quem fossem os respectivos auctores; e os pedidos de informação que te dirigi sómente com o meu voto já proferido e irretractavel demonstram assaz que eu apenas podia fazer conjecturas acerca de tal autoría,—conjecturas realmente fiz e fallaram pela maior parte, attribuindo eu a Filinto de Almeida o soneto que preferi e que era de Soares de Souza Junior, e a Raymundo Corrêa (que sei agora que não concorreu) o que classifiquei em 2º logar, e os outros dois juizes em 1º, e que era de M. V.

Eis a inteira verdade sobre o assumpto de tua carta a que respondo.

Teu—*Lucio de Mendonça.*

Meu caro Valentim.—Acabo de passar em revisita os 45 sonetos, que, sob o commando d' *A Semana*, formaram em continencia deante da memoria de Victor Hugo.

E' um luzido batalhão, tão rigorosamente uniformizado, que, de nenhum de seus soldados, se pode suspeitar sequer a procedencia ou filiação. Eis, no meu parecer, os respectivos postos: —Ao de n. 32,—pelo nobre e activo aspecto, pelo ardimento, pelo garbo he, ro.co, pela força, pela agilidade, pela graça,—compete inlubitavelmente o bastão de Marechal. Seguem-se-lhe, como Brigadeiros, os de ns. 24 e 6, o primeiro effectivo, o segundo graduado. Ha —os Majores, Capitães, Tenentes, Alferes, Sargentos e alguns—soldados razos, razissimos:—coxos, zarrhos, sem pensamento nem forma, de uma indisciplina metrica revoltante... Conde de Lippe n'esses, General Valentim:—d'a-lhes baixa, arranca-lhes a farda, applica-lhes as chibatadas do ridiculo,—fuzila-os. Apresentaram-se d'aquella maneira em parada de gala... um horror!

Póde bem ser que provenha simplesmente este juizo da minha incompetencia. Como sabes, nas phalanges do Parnaso jamais passei de uma especie de Tenente-coronel da guarda nacional da roça,—e isso mesmo honorarioe *in illo tempore*. Escolheram-me para arbitro n'este certamen pela mesma razão porque em geral entre nós é nomeado ministro da guerra individuo que, em materia de militança, não sabe distinguir, á primeira vista, um cabo de esquadra d'um cabo submarino ou de um cabo de vassoura. E com esta, *alto!*

Ahi vão os sonetos: *Honbró arma, ordinario marche...*

Accepta as continencias do ex-tenente-coronel... ora essa... do teu amigo

Afonso Celso Junior.

28-10-1885.

P. S. Modifico a minha classificação, collocando em 3º logar o de n. 29, por que sou forçado a isso pelo facto de já haver elle reunido dois votos. Continuo, entretanto, a dar preferencia ao de n. 6.

Afonso Celso Junior.

POLITICA E POLITICOS

Vão mar em fóra os coroados.

Fartos de visitas, magoados por essa curiosidade dos civilizados, a lhes perturbar as saudosas reminiscencias da mattaria densa, farfalliante e amiga, que tão distante era, levam aos seus irmãos noticia fresca e variada de nós outros, selvagens mais alegres e menos despidos.

Nós a admirar a sua impassibilidade, o altivo silencio, a indifferença aristocratica ante a chusma de curiosos, e elles a criticar dos barbaros ociosos e bulhentos que tanto se preocupavam com a nudez dos seus corpos, espiando as suas mulheres, intromettendo-se no seu viver.

Verdade é que nem todos os visitantes vinham sorridentes. Traziam alguns a seriedade pantafaçada, feita de encomenda e tida em conta de artigo de primeira necessidade, traduzindo, no comprimento da sobrecasaca, na largura dos punhos, no esticado dos colarinhos—a circumspecção, o espirito de ordem, a sisedez barata.

Seriedade ao serviço dos que censuram a franquesa de physionomia, a naturalidade do gesto educado, e que se manifesta na palavra medida e quasi sempre incorrecta, embrulhando hypocritamente o pensamento chocho, banal, semelhante ao de todo o mundo; mas que não poupa repinicos de malevolencia, quando, descido o panno das convenções, saltéa alheia reputação e alheios brios.

Foram os selvicolas, ora em viagem, um trambolho para o recém-nato governo, apanhando-o ainda em festas de baptisado, e assim quasi desarreido de tramoiás e escapúlas, mesinha tão de uso constante em todas as emergencias.

Entregues ao ministerio da guerra, este, não lhes achando geito á lingua cascalhada, e não lhes podendo dar abrigo, confiou-os á sciencia philologica do collega da julitica, reclamando hospitalidade para os coroados... sem manto e sem cadeira de leões de ouro. E lá foram os hospedes para o quartel de Policia, nova Ilha das Flores, dos bugres reclamantes.

Foram convocados os mestres em idiomas caboclos, folhearam-se grossos volumes em que se narravam cousas de bugres, e, mau grado o esforço, os selvicolas nem entendiam os sabios, nem se faziam entender.

E zangou-se a sciencia do governo. Ella, tão superior e tão boa, perder tempo em tentamen de favor, e os bugres calados!

Nem manejam lingua tupy os aquartelados,—disseram,—nem merece interprete o arruinado patuá com que transmittem idéas.

E ficaram os coroados, sem o auxilio da sciencia official, na contingencia de guardarem consigo as revellações preciosas trazidas das mattas.

Ao partirem, soube-se que fóra motivo da viagem ás terras de Guanabara, reclamarem contra depredações e correrias dos brancos.

E para isso mandou-os o presidente da provincia, com a esperanza de segura justiça, e ahí vão os miseros desprovidos, sem que lhes attendessem á queixa, e ainda por cima tidos em conta de quasi mudos.

Agradeça o povo a diversão fornecida pelo governo, dando-lhe em espectáculo coroados seminús, já que aos bugres não aproveitou a viagem.

ORYC.

COFRE DAS GRAÇAS

Na noite da primeira representação do *Conde de Monte Christo*, no Recreio Dramatico, ouviu-se o seguinte dialogo entre honrados burguezes:

— Quem é o protagonista da peça?
— E' o Dias Braga; faz o Edmundo Dantes.

— Dantes, não: Dantés.
— Que asneira! Edmundo Dantes, depois Conde de Monte Christo.

Num espectáculo de gala, em S. Paulo, um sujeito recitou de um camarote uma detestavel poesia.

Esse facto lamentavel foi contado no dia seguinte pelo Figueiredo Coimbra deste modo:

— O F. recitou hontem do um camarote de segunda ordem uma poesia de terceira.

Um typo costumava ir todos os dias ao Garnier pedir um livro de Victor Hugo —para ver isto ou aquillo.

Uma noite em que o homem—bengala entrava, perguntou-lhe o caixeiro, victima das quotidianas importunações:

— Então, que quer hoje *ver d'Hugo*?

— Como passou?
— Bem, obrigado.

Que infeliz! Passa bem,—mas obrigado.

BIBIANO.

TRATOS Á BOLA

Circumspectos charadistas,
O' bons *tratistas* da gemma,
Vós, que cançaes vossas vistas
A resolver agora o bom problema,

E logo o logogrypho duro e terso,
Mais a charada
Damnada,

E mais o enyigma perverso
E a telegraphica amada;

Eu, que vos amo e idolatro,
Tanto quanto odeio o arroz,
Que vos dou o diabo a 4,
Tratices a 3 por 2;

Prazeiteiro, não burlesco,
Muito alegre e nada sonso,
Que p'ra o luxo principesco
Olho de esconso,

E que só busco alegrar-vos,
Trazer-vos o riso á face,
E não desejo cantar-vos
O *requiescat in pace*;

Vou vos dar muita fazenda:
Ides ter panno p'ra mangas,
E espero que, nesta senda,
Não sejaes pangas!

Acho muito conveniente, agora, que já fiz os *rapapés* do estylo, interromper o meu assaz inspirado canto, para vos dizer, na mais fufia das prosas, quaes foram os vencedores dos *tratos* ultimos. Recebi 46 cartas: mas, d'essas cartas, só 7 traziam decifrações exactas.

Decifraram aquella moxinifada *enyigma*—*charadistica*, os 7 heroicos batalhadores, que se chamam:

Fricinal Vassico, *Valerius Madilena*, *Ociarella Arievalo*, *D. D. Josephina B.*, *Emerenciana da S.*, *J. C. S.*, *Tabajára*, *Seu Nico*. *Boccacio* não decifrou a proverbial. Coube, porém o 1º premio ao Sr. *Fricinal Vassico* e o 2º a *D. Josephina B.* Podem mandal-os buscar. Querem saber o que lhes está reservado?

E', nada mais, nada menos, que um exemplar das *Auroras*, edição de luxo, para o primeiro e a *Evangelina*, de Longfelow, em portuguez, para o segundo.

Ao benemerito *tratista* Fricinal, de conformidade com o seu pedido, remetto-lhe, além do premio, a minha benção.

Eis as decifrações das *tratices* ultimas:

Do logogrypho: *palmatoria*, das verbaes: 1.ª *terçado*, 2.ª *Porcina*; da ultranovissima: *do-dado-soldado*, da novissima: *morcego*; da proverbial: *duro com duro não faz bom muro*; e finalmente da em terciã,—por se prestar a duas decifrações,—a decifração, segundo uns (e concordando com o auctor) é

Ira
Rex
Aza.

Segundo outros é

Ala
Liz
Aza.

¶E pela razão de ser esta charada biforme, não posso deixar de dar razão... quer a uns, quer a outros dos decifra-dores.

Agora, acho que é tempo de vos enviar um punhado de *enygmatices charadonicas*:

NOVISSIMA

1—2— Com uma do morro precipitata-se, e é menos que o pó do viajante.

ULTRA-NOVISSIMA

1.ª, 2.ª, 3.ª, 4.ª—Substantivo de páu.
2.ª, 3.ª, 4.ª—Substantivo corporal.
3.ª, 4.ª—Substantivo agradável
4.ª—Substantivo nautico.

DECAPITADA

(Por syllabas)

Como é macia—a dama
Tral-a consigo.—
Este senhor se chama,—
E mais não digo.

ANTEPOSTA

5—Bella Cora não vio a cidade.

QUEBRA-CABEÇAS

Ilharo, *Armamar*, *Aljustrel*, *Gouveia*, *Olhão*, *Mangualde*, *Oeiras*, *Horta*, *Reguengos*, *Odemira*, *Tavira*, *Redondo*, *Anadia*, *Lourinhã*.

Formar com as iniciaes desses nomes, collocados em ordem, o nome de um escriptor portuguez.

ANTIGA

A's avessas—voz latina—1
A's direitas—voz latina—2
A's avessas—voz latina—1
A's direitas—voz latina—2.

Devide agora a charada
Pelo meio, exactamente,
Duas partes bem eguaes
Acharás perfeitamente.
Dizer mal é minha sina
Mas não mal-dizer, ouviu?
Que Deus livre do meu mal
Aquelle que não sentio.

LOGOGRYPHO

Esta da mesa é soffrivel,—1, 2, 4.
Bem como este sobre-nome.—3, 6, 7, 8, 9.
D'esta marca é bem bebivel.—2, 9, 8, 7.
Traz o roário na mão,—1, 2, 3, 4, 5, 6.
Mas só demenstra, não come;—6, 7, 8, 9.
Cae d'alguma bocca horrivel,—3, 4, 2, 1.
Mas é da religião.

E prompto: *Ite, missa est.*

Agora, feito o meu trabalhinho, vou cahir numa *beriga* horrorosa, numa pandega de fazer arripiar couro e cabello. Que conceito fazeis de mim? que sou por ahí algum *padreco* bisonho, macerado pelos jejuns?! Já fui assim, valhia a verdade, mas isto quando vivia encerrado no velho mosteiro de Macacú; mas aqui, em plena *Sebastianopolis*! assim fosse eu tolo!...

E' pilhar occasião, e é dizer o que têm dito todos os padres de todos os tempos, quando caem no *sorrobodó*:

« Não sou padre não sou nada, sou um homem como os mais.»

Por isso até sabbado. Para os decifradores d'essas *tratologias*, offerece *A Semana* por intermedio da minha reverenda pessoa uma assignatura de semestre (1886) para o primeiro e uma de trimestre para o segundo.

E agora, trocado o burel pelo frak elegante,

Cuspindo no demonio,
Gratissimo, agradece
Quem vos ama e estremece,
O humilde

FREI ANTONIO.

THEATROS

CENDRILLON

Manda o programma que se veja o —argumento—e, na pagina central traz o entrecho da peça com a divisão dos actos e mais condimentos da pragmatica annunciante.

Em presença do—Principe Arthur, deante das suas meias azues e da pluma volteada do seu gorro donjuanesco, desfilam aristocratas e soberanos, estadistas e generaes.

Repetindo a fabula da—Borrallheira, a pantomima quarta-feira figurada no Polytheama, parece um romance de Ohnetno desfecho victorioso para o plebeu, até então calcado pelo nobre.

Mas o que é adoravel, é ver a meni-nada arrebentando os modos, tregeitando aqui denguices de cortezania, acolá tomando o aprumo scenico de um rei.

Parece que a varinha de condão da fada da pantomima levou-nos a um futuro remoto, a um tempo que ha de vir, e de lá olhando para o mundo de hoje, vemos nas legitimas proporções de mesquinhez a fidalgnia que ainda subsiste, e os reis que ainda governam.

Aquelles cherubins de grandes bigodes e vestes roçagantes, são o instrumento do ridiculo atirado ás instituições moribundas.

O ouro velho dos carros, a fita barata dos cavallos, a belutina a preço modico das roupas, tudo é o ridiculo, e o burguez moderno, em roda, vae estrugindo os ares com palmeiar seguido, e porque tenha motivo o riso, escancára os labios, n'um cascatear de gargalhada sadia e demolidora.

E passam Napoleão, John Bull, o pançudo, Uncle Sam, o espigado, o Czar, Pedro II e D. Luiz I, Victor Emmanuel e Guilherme d'Allemanha, todos meninos, embaraçando-se nas espadas, com bigodes espetados e cabelleira de muita seriedade.

Anginhos loiros, de carnação rosea e perfumada, alguns mal podendo trigar os passos, inda debeis, vinham dois a dois:—elle, o gentil-homem, empavesado, com um desdem pernalto; ella, saculinda a anquinha, requebrando o corpo em mesuras da muita casquilhice.

E ia e vinha em cerimonia larga, a adoravel miniatura ridicula, enquanto a burguezia e o povo, palmeava ao ler

na tela suspensa o nome de um rei, estrugindo os ares com a gargalhada franca; enquanto sorriam as *momentaneas* sentindo que aquelles reis, *ali tão á mão*, não fossem de verdade.

A empreza do actor Martins levou no sabbado e, em má hora, o drama do Sr. Capitão Fernando Pinto de Almeida, intitulado *Os escravocratas ou a lei de 28 de Setembro*. Dizemos em má hora, porque esse trabalho, cujo merito é inconteste e que teve um desempenho bem regular, veio provar, á vista das vazantes que tem havido no Lucinda, que o nosso publico decididamente não quer saber de peças nacionaes, e veio, talvez, *quod Deus avertat!*—, desanimar o Martins, que se tem mostrado tão esperancoso na sua ardua tarefa de levantar o Theatro Nacional. (Nos é que lhe declaramos que será cousa mais facil deitar abaixo o *Pão d'Assucar*.)

Podiamos dizer aqui muita cousa boa, a proposito do—*Os escravocratas ou a lei de 28 de Setembro*, porque o drama realmente merece, mas para que?

Esta nossa gentinha lê, entra-lhe por um ouvido e sae-lhe pelo outro, e pelo facto de tratar-se de uma producção nacional.

Fosse o Sr. capitão Pinto de Almeida o auctor do *Conde de Monte Christo*, que havia de estar o Dias Braga a vér navios, com a platêa ás moscas. Mas felizmente para o Braga o Sr. capitão não é o *pae do Conde*.

O actor Martins que apresente agora *Os venenos que curam*, de Aluizio Azevedo e Rouède e, se a cousa não for para diante, então agarre-se ao *Alferes Busca-pé* e... viva a palhaçada, o' brava gente brasileira.

A revista do anno que, para o theatro Sant'Anna, estão escrevendo os nossos collegas Valentim Magalhães e Filinto de Almeida acha-se bastante adeantada.

Intitula-se *A mulher-homem*, um titulo realmente curioso, d'esses de por a pulga atraz da orelha do publico. Eu de muito boa vontade explicaria o que vem a ser *A mulher-homem*, se os meus collegas não m'o houvessem expressamente prohibido.

O prologo já está em poder do Heller. Os scenarios serão, na maior parte, pintados pelo grande scenographo Carrancini, que pintou os do *Genio do fogo*. A musica... a musica é por ora segredo.

No proximo sabbado espéro que poderei ser mais indiscreto.

Faz beneficio no Recreio, no dia 9, a distincta pianista Luiza Leonardo, que ha pouco tempo se fez tambem actriz. Representa-se a comedia *As meninas Godin* e ha um concerto final, no qual tocará a beneficiada, que é uma notabilissima interprete de Chopin.

P. TNALMA.

FACTOS E NOTICIAS

Lê-se no *Diario Mercantil*, do dia 3 do corrente:

« O *Diario Mercantil*, que, no primeiro mez da sua publicação, pagou ao correio 60\$000, despendeu no mez de Outubro findo 211\$940, além dos portes dos jornaes para a Europa. Isto quer dizer que o *Diario Mercantil*, em anno e meio, quadruplicou a sua tiragem. »

Parabens, muitos parabens ao excelente e amabilissimo collega paulista.

Realizou-se no dia 31, ás 9 horas da manhã, o lançamento da pedra fundamental da nova capella mortuaria, que os benemeritos Srs. Antonio Ferreira da Silva, Antonio Mendes Campos e Commendador M. P. Fernandes Bravo vão, á sua custa, mandar construir no Hospital dos Lazaros.

A capella teve ser de estylo gothico, ter tres janellas de cada lado e uma no fundo, e dividida em duas salas, sendo uma para cadaveres, outra para autopsias.

Houve depois da cerimonia um bom almoço, onde se trocaram muitos brindes.

Parabens ao Hospital dos Lazaros.

O *Programma Avisador* augmentou pela 5ª vez o seu formato, e devendo esperar tranquillamente os parabens que os collegas lhe enviariam, não senhor: tira-se dos seus cui lados e presentea-os, em lembrança da festa que houve lá por casa, com uma caixa de pastilhas que fazem uns ricos refrescos.

Muito bem; cresça muitas vezes. *Grazzie*.

Tomáram o gráu de bachareis em Direito no Recife e chegaram, ha dias, a esta Corte os Srs. Raul Ponipeia e Alberto Torres, dois moços de muito talento, que em S. Paulo fizeram brilhantissima figura. O primeiro dos novos doutores é muito conhecido, mesmo nesta capital, pelos seus escriptos e, em rola mais limitada, pela sua notavel habilidade de caricaturista e burilador de estatuetas graciosas. Alberto Torres é poeta melodioso e pro-sador correntio e ameno.

Do primeiro tem *A Semana* publicado alguns trabalhos; do segundo inserirá brevemente um artigo, que certamente não será o unico. Parabens aos nossos jovens collaboradores.

O illustre educador Barão de Macahúbas realizou domingo passado nova conferencia experimental, demonstrativa das excellencias do seu *Apparelho Escolar Multiplo*. Por falta de espaço deixamos de nos occupar hoje com essa conferencia.

Acha-se na corte o distincto jornalista italiano Fernando Turchi, redactor do excellente jornal *Il Garibaldi*, que se publica em S. Paulo.

Comprimntamos o nosso estimavel collega.

LAMPADAS BELGAS

Os Srs. I. Richsen & C., agentes dos fabricantes Lempereur & Bernard, fizeram no dia 1º, em uma casa da rua de Gonçalves Dias, experiencia de umas lampadas modernas para kerozene, que se destinam a fazer uma revolução no problema da illuminação particular. Cada lampada dá a luz equivalente á de 30 velas e dispense apenas 90 grammas de kerosene.

Obtem-se pois, a preço modico, luz melhor que a do gaz, sem se estar sujeito aos perigos que efferece o kerozene ordinario, por via do feitio dos lampões, onde todas inconveniencias estão previstas e evitadas.

Comprimntamos os Srs. I. Richsen & C.

Depois d'amanhan será sujeito a julgamento o processo em que é réu Alberico Delascar de Souza Leite, o assassino do infeliz Julio Candido da Silva.

Será defendido pelo Dr. Cyro de Azevedo, que certamente produzirá uma defeza brilhantissima.

COMPANHIA BRAZIL INDUSTRIAL

Effectuou-se no dia 3 a inauguração solenne da grande fabrica de tecidos da importante Companhia Brazil Industrial, na fazenda do Ribeirão de Macacos.

Em um trem especial que sahio da Côte ás 10 e 1/2 da manhã foram, além de S. M. o Imperador e de S. S. A. A. Imperiaes, o presidente do conselho, a directoria da fabrica e um numero enorme de convidados.

Foi uma festa magnifica, a todos os respeito.

O espaço de que dispomos não nos permite dizer mais. Ficará para outra vez.

Agradecemos o convite com que para ella fomos honrados.

COLLABORAÇÃO

SEMPER

A FILINTO D'ALMEIDA

Eu tanto hei de soffrer sem me queixar,
Que tu'alma, meu bem, eu mago enleio,
Hade vir esconder-se no meu seio,
Hade abrigar-se á sombra do meu lar.

Desta paixão audaz, podes zombar
E rir do meu affecto! Eu não te odeio!
Pois quanto mais padego, mais aneio,
Ir os teus pés, do pranto meu banhar.

Ao ver-te desdenhosa mais te quero,
Mais doidamente te amo e te venero,
E de rastros o teu amor imploro!

E se julgas loucura o meu tormento,
Arranca-te ao meu triste pensamento:
Pois quanto mais me feres mais te adoro !!!
Côte, Outubro 85.

ADRIÃO DE CASTRO.

RECEBEMOS

— Discursos de Affonso Celso Junior, proferidos durante a sessão legislativa de 1885.

— Le Brésil, n. 9, publicação hebdomadaria que advoga os interesses do Brasil em Antuerpia.

— Relatorio da Associação dos Empregados no Commercio do Rio de Janeiro e os Novos estatutos da mesma associação.

— O n. 7 do Domingo, publicação semanal, que apparece em S. João d'El-Rêi.

— Do Sr. José de Mello, agente os Srs. David Corazzi & C., de Lisboa.—Bernardo de Pailly, n. 15 da Biographia dos homens celebres dos tempos antigos e modernos e os fasciculos ns. 113 e 114 da Bibliotheca do povo e das escolas; o primeiro trata da Architectura, illustrado com 65 estampas; e o segundo trata dos Insectos, contendo 31 estampas que illustram o texto.

— O n. 420 da Revista Illustrada, em que o lapis do Angelo Agostini teve maravilhas de humour na primeira e ultima paginas e correção e inspiração na pagina do centro, em que, apresentando aos seus innumerados assinantes os trabalhos de R. Bernardelli, presentea-os tambem com um magnifico trabalho seu.

— O n. 389 do Mequetrefe, onde, e como sempre o Netto se esmerou nas carapuças que o seu lapis... ridoendo castigat mores...

— O n. 56 da Distracção.

— «Martha ou o Genio do Mal», drama original, em 3 actos, do Sr. Serafim M. dos Santos Lima, que no dizer do frontespicio foi representado em Cantagallo com applausos unanimes. Oh Sr. Serafim M. dos Santos Lima, admiramos-lhe a paciencia com que observou que os applausos foram unanimes!

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Dr. Henrique de Sa, especialista de syphilis e molestias das crianças.—Rua Primeiro de Março, 22 (consultas do meio-dia ás 2 horas) — Residencia: Rua de S. Clemente, 165 A.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Portuguez, francez e Inglez —Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

DR. GONZAGA FILHO

CONSULTORIO E RESIDENCIA

Rua Visconde de Inhaúma, 61

CONSULTAS DE 12 ÁS 3 DA TARDE

Especialidades:

Febres em geral, molestias pulmonares e do coração.

JUVENATO OURO-FINENSE

INSTRUCÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA

NA

Provincia de Minas

A CINCOENTA E QUATRO KILOMETROS DA PENHA DE MOGY-MIRIM, DE S. PAULO

Ensino pratico das linguas, intuitivo das sciencias.

Preparo das faculdades pelas (LIÇÕES DE COUSAS).

Anno lectivo de 10 mezes.

A matricula em qualquer epoca; só é pagavel o tempo da frequencia de cada alumno.

O 2º anno lectivo começa a 3 de Novembro proximo.

Ouro-Fino, Minas, 19 de Outubro de 1885.

O DIRECTOR.—Antonio Francisco Furtado de Mendonça Filho.

RELOJOARIA

DE

ALFREDO CEZAR DA SILVEIRA

Casa acreditada para concertos de relogios

67 RUA DA SASEMBLEA 67

CHRONICA FRANCO-BRAZILEIRA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL EM PARIZ

REDACTOR EM-CHEFE: Lopes Trovão. ADMINISTRADOR: F. Castelli.

ASSIGNATURAS PARA O BRAZIL

Um anno. 10\$000
Seis mezes 6\$000

Tomam-se assignaturas e annuncios no escriptorio d'A SEMANA.

DR. ARAUJO FILHO

MEDICO PARTEIRO

RESIDENCIA

Rua do Visconde do Rio Branco n.36.

Collegio Universitario Fluminense

NO FIM DA RUA DO BARÃO DE ITAPAGUÉ

(Antiga da Bella Vista)

No alto do Engenho Velho, logar onde nunca houve epidemia de especie alguma, funciona em edificio e com dependencias expressamente construidas para o fim a que se destina.

Deseja a visita dos interessados, tãnao nacionaes como estrangeiros, da corte ou do interior.

Reinnettem-se prospectos pelo corrcio a quem os sollicitar á directoria.

A PROVINCIA DO ESPIRITO SANTO

FOLHA DIARIA, CONSAGRADA AOS INTERESSES PROVINCIAES

Redactores:

Moniz Freire e Cleto Nunes

Tiragem 1500 exemplares

Discute os interesses provincoiaes, publica na integra os debates da Assembléa Provincial, dá resumo completo de todo o movimento administrativo do governo da provincia, mantem um serviço telegraphico com a capital do Imperio, e tem correspondentes na Corte, em Pariz, no Recife e em todas as localidades da provincia.

Assigna-se a 12\$000 por anno (sem sello) e 15\$000 com sello.

Por sua elevada circulação, até agora não attingida no Espirito-Santo por outro qualquer jornal, A Provincia recommenda-se á preferencia dos Srs. negociantes, industriaes, etc., para inserção de annuncios, reclames, avisos, etc.

Correspondente em Pariz

PARA ANNUNCIOS E RECLAMES O Sr. Alberto Lorette—Rua de Ste. Anne, 51 bis. No Rio de Janeiro Dr. Deolindo Maciel, rua da Alfandega n. 155 (2º andar) e B. T. Magalhães Bastos, rua do Rosario 125.

ESCRITORIO DA REDACÇÃO:

Rua do Commercio 31 (1º andar)

VICTORIA

COLLEGIO NEVES

Instrucção Primaria e Secundaria

Estabelecido em vasto predio, com grande chacara, offerece as melhores condições hygienicas.

Recebe internos, externo, e meio pensionistas.

Leccionam habeis e zelosos professores.

Rua Barão de S. Felix n. 98

A SEMANA

CORTE

Trimestre..... 2\$000
Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

PROVINCIAS

Semestre 4\$000
Anno 8\$000

Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

SUMMARIO

Expediente.....	
Historia dos sete dias.....	FILINDAL.
Alberico.....	M. V.
Sonetos a premio.....	
Critica scientificca.....	DR. SAHEN.
O natal, poesia.....	ADELYNA VIEIRA.
A Ingratidão.....	JULIA LOPES.
Correio litterario.....	L. DE MENDONÇA.
Tê, até.....	GONZAGA FILHO.
Gazetilha litteraria.....	
Prantos de criança.....	A. PARAIZO.
Enterro.....	CYRO DE AZEVEDO
Sport.....	L. M. BASTOS.
Fiat lux, soneto.....	O. BILAC.
Tratos á bola.....	FR. ANTONIO.
Theatros.....	P. THALMA.
Factos e noticias.....	
Recebemos.....	
Correio.....	
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

Para boa ordem nas relações do publico e dos nossos assignantes com *A Semana*, declaramos que todas as communicacões litterarias, 'bem como as consultas, devem ser dirigidas—ao director; as que forem concernentes á administração — ao gerente; e quaesquer pedidos de informacões ou de pequenos serviços a Redacção, bem como cartas de convite, cartões de ingresso, etc.—ao secretario da redacção.

Os senhores que vierem ao nosso escriptorio e tomarem uma assignatura d'*A Semana* por todo o proximo anno de 1886 terão direito a um dos seguintes premios, á sua escolha:

VINTE CONTOS, por VALENTIM MAGALHÃES.—Este livro, que se está imprimindo nas officinas d'*A Semana*, foi expressamente feito para ser distribuido como premio aos assignantes d'esta folha. Conterá mais de dízentas paginas em superior papel, com uma capa de fantasia.

NÃO SERÁ POSTO Á VENDA.

Assim, os que tomarem uma assignatura d'*A Semana* por um anno, e somente esses, terão direito a um exemplar d'essa obra, que, a ser vendida não o seria por menos de 3\$000, o volume.

AURORAS, versos, por Alfredo de Souza; encadernação de luxo.

A CAVEIRA DA MARTYR, celebre romance de Camillo Castello Branco, em 3 volumes.

MARGARITAS, poesias da distincta poetisa D. Adalina Amelia Lopes Vieira; um bello volume.

Aos senhores assignantes de seis mezes daremos como premio UMA MUSICA, inedita, especial e expressamente composta para esse fim; QUATRO POEMAS, por Luiz Murat, ou um exemplar das AURORAS, brochado.

N. B.— Os senhores que assignaram *A Semana* por um anno, a terminar em Dezembro de 1885 receberão, segundo promettéramos, um exemplar dos VINTE CONTOS.

São agentes d'esta folha os Illms. Srs.:
Em S. Paulo—Dolivaes Nunes.
Em Ouro Preto—Fabricio Ignacio de Andrade.

Em Campos—Antonio Ferreira Martins Filho e Raúl de Bellido.

Em Valença—Gomes Cardim.

Na Paralyba do Sul—Verissimo Pacheco.

Na Estação do Triumpho—Francisco Larangeira.

Em Sant'Anna de Macacú—João Pereira da Silva.

Na Estação do Bom Jardim—Manoel Augusto Fernandes de Almeida.

Idem de Cordeiros—Ayres Farinha.
Em Santa Maria Magdalena—Deocleciano Pacheco de Lima.

Em Macahé—Leopoldino Pessanha.

No Entroncamento—Theotônio Gomes Braga.

Em S. Gonçalo, Campos—Lins de Oliveira Paes Leitão.

Em S. Fidelis—Alberto Veiga.

Em Miracema—Theophilo Othon Tostes.

Em Capivara—Pedro Polycarpo de Almeida.

Em S. José de Além Paralyba—Manoel Jacintho Barbosa.

Em Porto Novo do Cunha—Francisco Garcia da Rosa.

O Sr. Leonel Guerra é a unica pessoa por nós encarregada de agenciar assignaturas nas provincias.

Tem todos os poderes para representar esta folha.

A SEMANA

Rio, 14 de Novembro de 1885.

Daremos no proximo numero, como promettemos, o retrato de R. Bernardelli, desenhado á penna por Belmiro de Almeida.

E' um bello trabalho artistico. Acompanhal-o-emos de uma curta apreciação critica, que se faz necessaria, pois o nosso publico não está acostumado ainda ao processo original, modernissimo, porque trabalha o nosso distincto collaborador, depois dos seus estudos em Pariz.

O nosso distinctissimo collaborador Dr. Lucio de Mendonça, que é hoje, sem duvida, um dos mais correctos e elegantes prosadores da actual geração litteraria, encarregou-se de escrever para *A Semana* a apreciação de alguns dos livros que nos são oferecidos. Já no nosso numero passado, sob o titulo geral de *Correio Litterario*, publicámos um artigo sobre *O Flor*, de Galpi: damos hoje novo artigo, sobre um volume de versos do Sr. E. Galvão.

O elevado criterio litterario de L. de Mendonça e a sua grande isenção e independencia de critica, alliados ao fino espirito e á pureza do seu estylo, devem ser de muito valor para os auctores das obras submettidas ao seu julgamento.

Agora—é escreverem bons livros e mandar-nol-os.

HISTORIA DOS SETE DIAS

O licor que ia compromettendo, ha seculos, a respeitabilidade biblica do pae Noé, derramou-se esta semana pelos calepinos da chronica, com uma abundancia tal, que esteve a ponto de fazer perigar a correcção de linhas em que se equilibra a decencia do jornalismo nas suas relações com a hygiene publica.

Quem não deve estar muito satisfeito com o Sr. ministro do Imperio é o Dr. Domingos Freire, presidente da Junta de Hygiene. Eis o final do officio que em 2 do corrente lhe dirigio aquelle ministro:

«Foi, pois, menos regular o procedimento de V. S. e o da junta de hygiene, por exorbitar de suas attribuições.»

E tudo isto por causa de alguns kilos de pão campeche embarrilado e posto à disposição da dyspepsia publica nos armazens do paiz.

Se nos não vale o Baccho purpurino, enramado de pampanos virentes, de thyrsos em riste, num furor divino, tristes de vós—estomagos doentes!

O Sr. 1.^o promotor publico sempre se resolveu a dar a denuncia contra os vendedores suspensos.

Este Sr. barão de Mamoré, faz cada milagre! Lembra-me o S. Francisco do Pavio, o qual

Foi um santo tão levado,
Que depois de embalsamado
Cortou os calos ao tio,

conforme resam as *Lições de Historia*, adoptadas nas escolas primarias do imperio.

No dia 7, em sessão da camara municipal, o Sr. presidente Dr. Claudio da Silva, declarou que do Sr. Conde de Mesquita recebera um officio reservado, cobrindo um cheque de trinta contos contra o Banco do Brazil, para serem applicados á libertação de escravos no dia 2 de Dezembro. Declarou mais que o Sr. Conde guardava a mais absoluta reserva acerca da procedencia d'este donativo.

A circumstancia do doador escolhido para o seu bello acto o dia 2 de Dezembro, anniversario do Imperador, pôde parecer uma satyra ao monarcha, que, podendo fazer tanto em prol da extincção da escravidão, nada tem feito que se possa notar com applauso.

Em todo caso a acção é bellissima e revela um coração tão generoso quanto modesto.

Abençoados os que repartem os bens da fortuna pelos maiores desgraçados da humanidade. Estes é que são dignos de todas as felicidades e venturas da terra.

Que se estas linhas passarem pela vista do dadiovo desconhecido, elle possa sentir todo o enthusiasmo com que o louvamos e que a palavra ingrata se não presta a reproduzir.

Parece que o roubo da joalheria da rua da Carioca foi praticado por gente da policia secreta. Não é caso para espantar ninguém. O Sr. Dr. Bastos encaxou na secretaria quanto capoeira encontrou por ali desoccupado!

Agora o que nós precisamos é... policia a policia.

Se os illustres Srs. gatunos se quizessem encarregar de moralisar a sua velha inimiga...

Era caso para se lhes offerecer uma penna de ouro e um album.

Appareceram mais duas roubadoras de crianças nesta semana. Chama-se uma Ignez Corrêa e a outra Florinda Rita Maria de Conceição. A policia recolheu-as á casa de detenção, e, segundo affirma o *Jornal*, vae retratal-as.

Sim, senhores. Queremos ver essas bellezas.

Parabens ao photographo.

Quem nesta semana fez um figurão foi a *Gazeta de Noticias*, publicando antes de todos os outros jornaes o regulamento da lei de 28 de Setembro (placa), o resultado, por extenso, da importante sessão do jury que condemnou Alberico, e o projecto de regulamento para o *servico sanitario*, elaborado pelo activo Sr. Barão de Mamoré, ministro do Imperio.

Se a *Gazeta* andar sempre assim, o Elysio é capaz de enlouquecer de jubilo.

E' preciso cuidado.

A arte venatoria... (Como se tem substituido esta sagrada palavra—Arte!) a arte venatoria encontra entre nós amantes fervorosos.

Fundou-se recentemente um Club Cynegetico Internacional, que elegeu a seguinte directoria: presidente honorario, S. A. o principe D. Augusto; presidente effectivo, J. Ketêlé; secretario, Salingre; thesoureiro, Leschaud.

O *Jornal do Commercio* chama a este club «util associação». Pôde ser que o seja. Emfim, S. A. D. Augusto não hade morrer de tedio na escola de Marinha. Precisa de distrações e de commoções fortes.

Mas que honraria: presidente honorario! Tremei, marrecos; tremei tarrecos!

Cuidado com as nossas gallinhas, principe!

FILINDAL.

ALBERICO, O ASSASSINO

DE

JULIO CANDIDO DA SILVA

Teve desfecho ante-hontem, no tribunal do jury, a horrorosa tragedia de que foi theatro esta Corte no dia 16 de Abril do corrente anno. Esse desfecho foi a condemnação de Alberico Delascar de Souza Leite a galês perpetuas.

A sessão foi das mais solennes e das mais importantes que se tem realisado no nosso jury.

Ainda estão na memoria do publico todas as circumstancias horribéis d'aquelle nefando crime.

A indignação por elle despertada somente agora, depois do *verdictum* da justiça popular, se aplaca e transforma em um sentimento inexprimivel, mistura de commiseração e de asco.

Não intentamos dar conta da memoravel sessão.

A *Gazeta de Noticias* fel-o no dia 12 de um modo brilhantissimo e completo, que muito a honra e recommenda.

Apenas diremos que os nobres advogados da justiça publica como do réu estiveram na altura da causa e da expectativa publica. O Dr. Sampaio Ferraz, digno 2.^o promotor publico, sahio-se galhardamente; por todo elogio basta dizer que, apezar da defesa notavel aduzida pelo Dr. Cyro de Azevedo, conseguiu a condemnação do réu.

Os discursos pronunciados pelo illustrado e joven advogado em defesa do seu desgraçado constituinte collocaram S. S. á altura dos advogados nossos que mais se tem distinguido e celebrisado na tribuna judiciaria.

A's 2 horas e 40 minutos da madrugada do dia 13, voltou o conselho da sala secreta trazendo, com a resposta aos quesitos, a condemnação do réu a galês perpetuas, por 10 votos (gráu medio do art. 192.)

O juiz, presidente, o integerrimo Dr. Martins Torres, appellou da sentença na fórma da lei, para o tribunal da Relação, e consta que o Dr. advogado vae protestar por novo julgamento.

Falta-nos espaço para apreciar, como deviamos, tão importante julgamento.

A opinião publica, que se interessou vivamente por esse crime e subseqüente

processo, approvou o *verdictum* do jury e a sociedade, pensando que nunca mais entrará no seu seio aquelle joven monstro, sente-se alliviada e tranquilla, como desopprimida da ameaça de um enorme perigo.

M. V.

SONETOS A PREMIO

Haviamos promettido publicar neste numero o peor dos 45 sonetos que vieram ao concurso; mas, considerando no inutil desprazer que iriamos causar ao auctor d'essa ruim obra poetica, desistimos do proposito.

Em vez do peor dos sonetos, vamos inserir o mais engraçado d'elles. E' com certeza obra de um poeta... risonho. Sim, é impossivel que estas hilariantes quatorze linhas tivessem sido escriptas a sério:

Ora ouçam lá:

Ha oitenta e quatro annos,
Que juntos em estro-labios
Espiritos de grandes sabios
Poetas gregos e romanos

Discussão munidamente,
Quem seria o candidato,
Que cumpriria o mandato
De Homéro sabiamente.

Terminada a discussão,
E corrido o escrutinio,
Procederam apuração.

E assim tirado o sugo
Do sufragio vaticinio
Foi eleito Victor Hugo.

Tem graça, não tem?

Só aquelle *munidamente*, digam, quanto não vale?

Não se desesperance o alegre sonetista, cujo nome devemos calar. Continúe a cultivar o genero, em que é inimitavel, continúe para regalo dos que tiverem a fortuna de lel-o.

Do nosso illustre collaborador Machado de Assis, um dos julgadores dos sonetos a premio, recebemos a seguinte carta, que por ter vindo tarde, somente no presente numero poude ser publicada:

«Corte, 7 de Novembro de 1885.

Meu caro Valentim.

Respondo-lhe affirmando o que era, aliás, desnecessario. Recebi os sonetos do certamen Victor Hugo, apenas com indicação de numero em cada um d'elles, sem a menor noticia dos auctores.

Creia-me, agora e sempre,

Amigo e affectuoso collega e admirador.—Machado de Assis.»

CRITICA SCIENTIFICA

(Continuada do n. 42)

O que principalmente notamos no Sr. Dr. Vieira de Mello é o modo porque ás vezes altera os factos que se dão na clinica dos seus collegas, a quem S. S. tenta constantemente offender, no seu pequeno trabalho.

Diz S. S.:

«Ouço de todos os lados falar-se aqui em febre amarella. Mas quando desço a pedir a descripção de um dos casos apontados como tal, apenas se me descrevem fórmas typicas de inpaludismo agudo.

«Dóres vagas, cephálea, dyspnéa, photophobia, rachialgia, epigastralgia, vomitos, anuria, albuminuria, temperatura de 40°, 41°, 42° e mesmo mais—esse o cortejo do symptomas imputado á febre amarella—oncontro-o de commum em casos que classifico méramente de impaludismo, e que cedem tão sómente ao sulfato de quinina.»

Não nos consta que sejam esses os symptomas, pelos quaes os profissionais do Rio de Janeiro têm chegado ao conhecimento da molestia de que nos occupamos.

O que sabemos é que, debaixo do ponto de vista clinico, qualquer forma ou variedade que se apresenta, o diagnostico é geralmente facil na epocha de epidemia, mas que, em caso esporádicos, podem perfectamente apparecer duvidas.

Sabemos que não tinhamos necessidade de offerecer a quem nos lê certas descripções que deviam ser conhecidas de todo clinico que tem noção clara do seu valor; mas com o Sr. Dr. Vieira de Mello todo cuidado é pouco, porque, como se vé, elle attribue á classe medica factos que não existem.

O que é leal e verdadeiro é que temos conhecimento de que os facultativos da Corte garantem o diagnostico da febre amarella de um modo seguro, quando, na forma commum, observam a ictericia, o vomito negro, (em alguma de suas variedades) as hemorragias, o embaraço de respiração, os caracteres do pulso, a rapidez da ascensão thermica, a brevidade do periodo de estado, a anciedade epigastrica, o sentimento de fraqueza geral, a insomnia, a agitação, a diminuição maior ou menor das urinas, emfim a presença de albumina no seio d'estas.

Nem todos esses symptomas, porém, que constituem o fundo clinico de molestia, apresentam-se simultaneamente á observação.

Poderiamos ir mais longe, mas já temos sufficientemente respondido ao illustre clinico da Corte. O que pudesse nos accrescentar so serviria para mais provar que S. S. só teve em vista tornar o seu nome mais conhecido ainda, o que realmente conseguiu.

Acabamos de receber mais um trabalho seu: *De l'identité de la fièvre jaune et de l'impaludisme aigu*. É uma nota dirigida á Academia das Sciencias de Paris.

Como as ideias que desenvolve são identicas ás do seu fasciculo—*A febre amarella perante os factos*—limitamo-nos a agradecer a offerta.

DR. SAHEN.

O NATAL

A MINHA PRIMINHA ISOLINA CARDOSO

— Quantos dias ainda passaremos,
A' espera do Natal?
Tu dizes sempre: — Poucos, esperemos. —
« 'Stou cansada afinal.»

— Falta apenas um mez, minha Luizinha.
« Custa tanto esperar!
Já sei de cór os versos á Avosinha,
E a festa sem chegar!

Vejo, sonhando, os mimos, as estrellas
Que enfeitarão da arvore sagrada
Os ramos refulgentes, por mil velas
De luz ora vermelha, ora azulada!

Depois... repartirei os meus brinquedos
Pelos primos, amigas, convidadas... »
— São doze ao todo, não,
Entre primas e amigas? Que folguedos!

Que alegrias sem fim! Que creanças!
« Não contaste, mãã, os orphãosinhos
Com quem devido o pão
Da merenda? São tres, pobres anginhos!

E não tem mãe nem pae!
Convidci-os tambem. Tu, que és tão boa,
Dá-lhes uns fatos novos, sim? Perdoa...
Ter-lhes feito a promessa de... »
— Luiza!

É's um anjo do céu, filha adorada,
É's perfume ideal que aromatisa
D esta existencia a fadigosa estrada.
Vae, minha filha, vae!

O repartir o pão com os orphãosinhos
Não basta, meu amor!
Dá-lhes tambem os maternas carinhos
Que é a esmola maior.

Queres?
« Oh minha mãã! vou já buscal-os,
Vou vestil-os de novo, pentcal-os,
E comprar-lhes brinquedos... Que alegria!

— É' santo esse alvorço, mas r' para
Que agora é impossível! É' tão cara
A vida, filha! o pão de cada dia!
Dei para a tua festa tudo; espera!

Que eu possa junctar mais. Ah! se eu pudera!
« Podessim, Mamásinha, desconfio
Que achei um meio. »
— Qual?

« Dou-lhes o teu presente: renuncio
A' festa do Natal. »
— E era o teu bello sonho, Luizinha!
Como bendigo a Deus

Por me ter feito mãã! Ouve, filhinha,
Se não puderes ver o arbusto santo,
Offuscante de luz,
Fita o celeste olhar, limpo de pranto,

No infindo azul dos céus,
E lá verás, olhando-te contente,
O teu doce Jesus,
Como tu pequenino e sorridente.

As estrellas virão, como em cortejo,
Saudar-te, minha flor!
E sentirás, como um suave beijo
De maternal amor

Rogar-te a fronte pura, e a voz plangente
Da mãã dos orphãosinhos, meigamente
Murmurará: — Bem hajas tu, querida,
A um tempo mãã e irmã!

Que maior festa queres, minha vida?
— Os teus beijos, Mamã!

Novembro de 1885.

ADELINA A. LOPES VIEIRA.

A INGRATIDÃO

A MARTIM

Olha, meu queridinho, tiveram a barbaridade de por o teu nome, meu gentil pequeno, nos ursos!

Sei que isso te desgosta; por isso vou contar-te um facto que se deu com um d'esses animaes, facto que faz honra ao teu homonymo.

Elle é feio e bruto como a cousa mais feia e mais bruta que imaginar se possa; mas não faz mal, porque é bom, e bem sabes que a verdadeira belleza não é a da forma—é a dos sentimentos. Não ha nada no mundo que valha a bondade. Vés? Nada! Quando fores homem, tu, que terás um bello caracter,

pois vaes guiado pela bondosa mãã do nosso sancto amigo, quando fores homem, repito, comprehenderás quanta razão tem a tua amiguinha em te dizer isto:

Ser bom é ser feliz!
A's vezes a bondade parece esmagar-nos o coração numa agonia enorme e incomprehensivel; mas, depois, que de consolos! que de suavidade para a nossa consciencia!

Ouve-me agora o conto, em que a bondade não tem recompensa immediata, mas que te não cansará, porque é ainda mais pequeno do que tu.

Entendeu um cigano indolente ganhar a vida á custa dos trabalhos de um pobre urso, grande e immundo.

Arrastava-o nas ruas, fazia-o dansar, mover-se servilmente á sua voz, delectar a turba dos garotos, que se ria muito, mas que acabava quasi sempre por apedrejal-o.

Uma noite, deixou-se o bohemio calhar na estrada. Com a cabeça deitada nos braços entrançados, e a barriga para o ar, a bocca aberta e as pernas estiradas, dormia a somno solto.

O urso contemplava-o silencioso. Na propria sombra destacava-se o seu grande vulto escuro. Elle estava ali como uma sentinella conscienciosa e firme.

Ouvindo o rumor surdo da vegetação, respirando o acre aroma das plantas, sentia saudades infinitas do seu tempo de outrora, e lembrava-se talvez, o bruto, do dia em que esse, que ali dormia a seus pés, o arrancara do seu paiz, rasgando-lhe as carnes nos mais rudes tratos! E continuava a velar o somno do seu algoz, de quem podia livrar-se, readquirindo de um instante para o outro a felicidade perdida... Sim, voltaria ás grotas sombrias, sem penas nem cuidados, dormiria as sestras sob as arvores nodosas, cheias de ninhos e de flores, rolaria pelos gramados das suas bellas planicies, constituiria uma familia sua, zelando ao redor do rochedo os filhos que lá dentro sorvessem sequiosos o leite materno...

Pensava em tudo isso, e quedou-se immovel, absorto, ao pé do dono, que, ao acordar, já ao romper da aurora, bateu-lhe, porque elle, o maldicto! arrebatára a corda que o prendia!

Então, ás dores da pancada, o pobre urso, fixando no bohemio um olhar vazio de expressão, disse comsigo:

O mais ingrato dos animaes é com certeza o homem!

JULIA LOPES.

CORREIO LITTERARIO

« MIRAGENS », POESIAS DE ENÉAS GALVÃO, COM UMA CARTA DE MACHADO DE ASSIS; RIO DE JANEIRO, 1885; 1 VOL- IN 16, de 94 pags.

Aqui está um livrinho de que Machado de Assis, na carta que escreveu para o prefacio, diz que « se pôde lêr com prazer, e fechar com louvor ».

Pôde; o parente, o amigo, o padrinho litterario do estreiante, pôde; não quem está obrigado a dizer a verdade de sua impressão, sem cuidar de saber que nome proprio é o que assigna a obra.

Esta posição imparcial é a nossa, e o nosso juizo,—desautorizado, que é uma lastima, mas sincero, que é um gosto,—é que o Sr. Enéas Galvão publicou um

volume de versos menos que mediocres.

Nem o «aroma primitivo», a «expansão ingenua, quasi infantil», que o gentilissimo apresentador celebra como confião da adolescência litteraria, nem isso nos deparam as *Miragens*, que oscillam entre a vulgaridade e o arrebique, longe igualmente da singeleza e do acabado.

São trinta e nove poesias sem uma imagem nova, nem um pensamento ousado com felicitade, nem sequer, um epitheto vivo, inesperado, que seja um rapido lampejo de originalidade.

Nada! nem versejar morno e sorna de principio a fim.

Com alguma boa vontade toleram-se as peças que têm como títulos—*Em Roma, Porte-montre e As mãos*; mas ainda é preciso ter boa vontade para, na primeira, supportar a indigencia das rimas dos quartetos—*recuára, saudára, arrojára, curvára, desvairada, encarnicada, arrebatada, dominada*; e para, na segunda, perdoar á primeira quadra a excessiva liberdade de parecença com outra de Gonçalves Crespo.

Para exemplo de prosaismo, basta e sobra este final do soneto *Bella e pobre*: «Mashas deser no lar uma excellente esposa.»

E para amostra de trivialidade, mas de «amigo Banana», este trecho da *Carta*:

O teu estylo até
En acho differente;
Pois hoje já não é
Como era antigamente.

Peccados litterarios como estes das *Miragens*, commette-os a gente ali aos contos; raro será o moço e estudante que os não tenha na consciencia; mas, com a breca! pecca-se entre collegas, entre compunheiros de casa, aos ouvidos de algum frequentador paciente; não assim á luz pública e com uma carta de Machado de Assis!

Valença, 9 de Novembro.

LUCIO DE MENDONÇA.

TÉ, ATÉ

As melhores opiniões fazem—*té e até* derivarem-se do *tenus* latino. Tanto basta, para que ambas estas palavras sejam genuinas preposições e so secundariamente adverbios.

As preposições *té e até* designam o fim ou o termo de distancia, de qualidade, de quantidade, etc. Equivalem á preposição—*a* e quasi sempre por esta podem ser substituidas. Exemplos:—do Rio de Janeiro *até* Londres; da terra *até* o mar; das menores *até* as maiores questões etc., isto é, do Rio de Janeiro *a* Londres; da terra *ao* mar; das menores *às* maiores questões.

Caldas Anlete diz que «com substantivos appellativos e proprios, precedidos do artigo definido, usam-se hoje *té e até* quasi sempre com a preposição *a*: *até ao* anno; *até ao* mar.» Moraes observa que «muitos escriptores modernos dizem com *redundancia*: *até ao* ceu; *até ao* ultimo instante.» Não tenho escriptulos em affastar-me de Caldas Anlete e do mesmo modo tenho por condescendente a opinião de Moraes, quando classifica de simples *redundancia* um verda leiro erro.

Os melhores escriptores da lingua portugueza não empregam, depois de *té e até* o tal errado *a*; nenhum d'elles (refiro-me aos mestres) escreveu, por exemplo:—de Lisboa *até ao* Recife; das menores tristezas *até aos* maiores desgostos. Em todos noto o maior cuidado de eliminar aquella intrusa preposição *a*, escrevendo: «desde os mais notaveis até os mais vis» etc.

Té e até so admittem a preposição *a* quando são *adverbios*; mas ainda assim é necessario que algum verbo ou algum a ljectivo a reclame. Exemplo:—a musica deleita até aos brutos, ingrato até ao protector. Em taes casos *té e até* são adverbios; equivalem a:—*ainda, mesmo*. Isto é:—a musica deleita *mesmo* aos brutos; ingrato *mesmo* para o protector.

Quando, porém, *té e até* forem simples preposições, não devemos, depois d'ellas, empregar a preposição *a*, embora sigam-se os artigos *o e a*. Manha a correção que digamos:—da praia até os confins dos mares; da realidade até o ideal; da prosa até o verso; da pintura até a musica; dos boatos até a verdade, etc. Em todos estes exemplos *té e até* seguem-se dos artigos *o e a*; nunca, porém, da preposição *a*, que, quando seja mesmo uma simples redundancia, deve ser evitada pelos que fallam e escrevem com esmero.

GONZAGA FILHO.

PRANTOS DE CRIANÇA

Em arabescos de graciosas linhas,
Cantando umas canções singellas,
Fordan o casto azul as andorinhas...

As rosas virginaes, sorrindo, ao vel-as,
Murmuram entre si as ladainhas
Soletraças no seio das estrellas...

Exhalam-se nus effluvios doces, vagos,
Dos perfumados roseiras em flor,
Que o vento cerca de sublis affagos...

E a minh'alma, nas azas desta dor,
Sombria e triste como os grandes lagos,
Libra-se aos mundos do infinito amor...

E que eu nunca senti o orvalho puro,
Dos carinhos ideaes que todos tem
A amenizar-lhe a noite do futuro

Que não fosse do amor de minha mão...
Meu coração é como um templo escuro,
Deshabitado e frio, sem ninguém...

Por isso ao ver as andorinhas mansas
Voando nuns arrulhos bons, divinos,
Eu fico-me a chorar como as crianças,

Esperando que uns raios crystallinos,
Venham cingir de verdes esperanças,
Os sonhos de minh'alma pequeninos...

E fico-me a chorar como as crianças...

Porto, 85.

ALBERTINA PARAISO.

GAZETILHA LITTERARIA

CONTOS INFANTIS

Sob o titulo geral de *Contos Infantis*, apparecerá brevemente um volume de contos em prosa e em verso, devidos ás distinctissimas escriptoras D. Adelina A. Lopes Vieira e D. Julia Lopes.

Estas duas irmans, a quem a *Semana* deve algumas das suas mais brilhantes paginas, completam-se perfeitamente:

Uma, poetisa imaginosa e correctã, alma de eterna phantasia, alando-se constantemente em sonhos doirados,

cheia de esperanças e de creanças; outra, prosadora conceituosa e original, imaginação potente, observadora admiravel, dispondo do um estylo encantador de simplicidade e de graça, sem a affectação que prejudica em geral as senhoras que escrevem.

Um livrinho promanado da confraternisação d'estes dois bellos talentos, concorrendo cada um com a sua aptidão especial, deve ser uma obra deliciosa, boa para espaiar fastios de adultos, e encantar espiritos de crianças, ás quaes directamente é destinado.

Accresce que á actual instrucção publica falta uma obra d'este genero, o que, sem duvida, fará com que ella seja adoptada para o ensino primario.

Damos hoje aos nossos leitores dois pequenos contos d'esse livro: um de cada auctora, que dão perfeita idéa do genero da obra.

A' amabilidade das nossas duas gentis collaboradoras devemos poder offerecer hoje estes mimos aos nossos leitores.

Venham de lá cses agradecimentos.

O ENTERRO

Vinha de inverno a manhan.

Em frente á casa onde se achava a morta, grupavam-se os convidados, indifferentes á chuva tenue, murrinhenta, que lhes aljofrava as golas dos casacos domingueiros. A' porta da igreja formavam-se os—Irmãos—vestindo as cores de—Nossa Senhora—: ampla capa de merino branco e cabeção azul claro, preso ao pescoço por um cordel azul marinho de borla comprida e farta.

Quando elles desciam, dois a dois, no centro o padre, na frente a cruz de prata, sahia o feretro. Ouviram-se soluços, choro desmauchado da filha da morta; arrimada ao portal, uma preta idosa choramingava, deixando correr as lagrymas.

Enquanto o padre mastigava o mau latim dos mortos, compassando o andar, em meio o prestito, revoava por cima das palmeiras um enxame de andorinhas. Carneiros de pello sujo e raro, pastavam na graminha do largo; um gallo pequeno, vivo, sacudia pedacinhos de lama em redor de uma gallinha branca. De vez em quando, uma das azas abria-se nervosamente, roçando pelo chão e elle começava de andar com uns passos miudos, firmes, partindo cantarejos doces meigamente impetuosos.

Sobre um outeiro levantava-se a egrejinha, branca, sem estylo proprio, podendo servir de templo, podendo fazer de hotel. A' ródá do largo plantado de palmeiras reaes, casas baixas e mesquinhas empurravam-se umas ás outras pelo declive abaixo. Ao começo da rua central que leva ao templo, erguia-se o chafariz:—uma taça de *champaigne* de marmore branco com tenues veios escuros, em cujo centro, das caudas unidas de tres golphiños, saltava o jorro num gorgolão meio dobrado, polvilhando-se ao vento.

Enquanto subia o prestito povoavam-se as janellas; surgiam os da villa numa ancia arrebitada, sahidos de calmaria podre, invidios por aquella novidade que lhes tangia os nervos.—Morresse pouco ali. E expunham-se á chuva, arrostando o frio, os homens em mangas de camisa, as mulheres mal cobertas os seios na dobra apressada do chale.

A' porta de uma escola publica, um pequetrucho em fraldas, contava muito calmo quantos eram os do prestito, in-

sensível ao vento que lhe sungava a roupa, arroxecendo-lhe as perninhas magras.

Em frente ao a igreja, os —Irmãos abriram alas; as chamma das tochas pareciam lagrimas de ouro, suspensas em derredor do esquite.

Era pequeno o templo. No assoalho brunido e desgastado, taboas mal seguras, gemiam sob os passos. Os altares lateraes muito simples, brancos, d'esse branco ralo que deixa ver o escuro da madeira; dentro dos nichos, santos de cabelleira romantica, sérios, vestiam ouro e azul.

No fundo via-se o altar-mór, grande, todo branco e ouro. A escadaria do Throno, desabrigada da cortina vermelha dos dias pobres, estava a nũ, tendo no topo um jarro leitar de porcellana barata. Ao meio do altar, no sopé do Throno, em nicho forrado de papel azul com estrellinhas d'ouro, a Virgem, vestida de branco, o olhar semi-velado num enlanguescimento, fitava um Christo.

Tinha a frente inclinada o Nazareno; descidas as palpebras amendoadas. No corpo emmagrecido saltavam vergões escuros; nas mãos, nos pés e no lado, pingos vermelhos tingiam-lhe as carnes. Lagrimas escorregavam pela face de Jesus; a barba negra e bipartida pontecava-se do sangue corrido da fronte mordida por espinhos.

Junto á porta, quasi em baixo do coro, pousou o esquite. A um signal do padre descobriam-no e appareceu a morta.—Não se lhe via o rosto; cobria-o renlado lenço branco, dobrado ao meio; notavam-se, porém, as tranças do cabelo larto, enroladas pouco acima da nuca, as mãos pequenas, finas, delicadamente nervosas. Era baixa, de pés miúdos, elegantes.

Tinha sido formosa e havia no seu rosto tanto feitiço, e no seu corpo tanto encanto, que dera causa á desgraça, sempre contada na villa quando se falava em bellezas:

Tempos depois de casada, uma noite que o marido tornava inesperadamente de uma viagem, ao voltar a cerca para entrar na porteira, vio sair de casa um embugado, e á esplendida claridade da lua, que prateava os campos, enxergou a mulher, envolta em mal fechade roupão, as tranças desfeitas, trancar do mauzo a portinhla do quintal, Enfebre-cido pelo ciúme, fincou esporas no animal, atirou-o sobre o vulto, e, prostrando-o, precipitou-se de face em punho, embebendo-a muitas vezes no seio do proprio irmão.

Fugio depois, nunca mais apparecendo na villa.

Após as resas da encomendação, o padre avizinhou-se, e, alçando o braço, borrifou a morta com o hyssope, traçando no ar uma cruz larga.

Levaram-na os Irmãos para o cemiterio: Tumulos caídos estendiam se sem plauo; no chão, quasi que em toda parte, sepulturas rasas apertavam-se na pequena area. A um canto, numa caveira de creança enterrava os dentes no barro, mordendo o solo.

De um lado e de outro,acompanhando as grades do muro, roseiras carregadas expunham as flores de um coral brando. Outras, no centro, mais pequenas, rubras, pareciam ter haurido todo o sangue dos enterrados, como se as raizes tivessem ido de cova em cova, sugando, sugando muito. Ao fundo, rosas chá pareciam estrellas de prata não polida, anemicas, guardando a pallidez das virgens mortas.

Tinham aberto a cova sobre uma sepultura; no fundo, sobre uns restos de caixão apodrecido, pousava um esqueleto. Estava inteiro, os pés erectos

segurando as solas das botinas já sem rosto, o craneo sujo e pallido, os dentes alvos, grandes. Estava nũ; molhado, e parecia rir.

— E' o esqueleto do cunhado, cochicharam; vão ficar juntos.

Após um derradeiro resmungar do padre, fechou-se a tampa do esquite e; cintando-o de cordas já puidas, foram-no descendo aos poucos. E elle ia roçando no barro vermelho, dando cabeçadas de bebedo.

Tinham sahido todos; o coveiro suspendia pás de terra, largando-as com abanlono, aborrecido com a chuva; a areia humedecida cahia de uma vez, compacta, num baque cheio, forte.

Na sacristia rompeu a prosa, saltando como agua represada: Falavam uns de festas, fumavam outros perto á janella, e mirando o padre que dobrava as vestias, commentavam a coincidência d'aquella união dos amantes.

— A camara não tem dinheiro, o cemiterio é pequeno.

— Tambem o governo o que faz que não nos ajuda?!

Revoava por cima das palmeiras um bando de andorinhas; ao pé do chafariz um gallo pequeno, sacudindo as penas, soltava um canto alegre e victorioso.

CYRO DE AZEVEDO.

SPORT

A inauguração do *Hippodromo Guanabara*, realisada no ultimo domingo, foi uma verdadeira festa de sensação, desafiando a maior concurrencia e tendo todos os espectadores se retirado contentissimos com a lisura, com que foram disputados todos os pareos e principalmente com o Dr. Paulo Cezar, Comendador Possolo, Conde de Hezberg, e mais membros da digna directoria, que foram incansaveis em obsequiar os numerosos convidados.

So temos louvores para o engenheiro encarregado da direcção das obras. Na verdade a raia é muito boa, as archibancadas elegantes e a casa das apostas perfeitamente arranjada.

Coube a victoria do 1º pareo (850 metros; 63 segundos) a *Soca* seguida de perto por *Tchang-tching-bung*, que foi habilmente montado por Hinds e que talvez tivesse ganho se não fossem as *escriptas* de *Quem-diria*.

Em 72 segundos venceu *Aymoré*, no freio, os 1000 metros do 2º pareo e com igual facilidade *Bitter* em 83 segundos percorreu como vencedor os 1200 do terceiro.

No 4º pareo, sendo 17 os animaes inscriptos, procedeu muito bem a directoria, dividindo-os em duas turmas. Na 1ª sahio vencedora *Carola*, que foi comprada pelo Sr. Eugenio Mariz; e na 2ª *Savana*, graças á seriedade de Hinds.

No pareo *andares* (3200 metros) houve um feiissimo cavallo de nome *Pastor*, antigo carregador de bananas, que fez proezas e d'esta vez carregou perfeitamente a banleira da victoria, apezar de *Boccacio* tel-o intimidado mudando o nome para *Tyranno*, e ainda, apezar do velho *Colibri*, vulgo *Bacalhau* na Corte e *Sudamerikanische* em *Nitheroy*, ter sido o bicharoco de preferencia.

Apenas correrem no 6º pareo (1600 metros) *Phrynia*, *Garibaldi* e *The Witch*, ganhando a primeira em 113 segundos e tendo levado um forte trambolhão o novel jockey da ultima.

No ultimo pareo apenas correram *Garibaldi* e *Jaguary*, vencendo aquelle, e tendo, quasi no vencedor, se arrebetado as cilhas do segundo, o que ia sendo desastroso para Hinds que o montava.

O serviço das barcas foi feito com toda a regularidade e, á vista da satisfação geral, podemos asseverar que o *Hippodromo Guanabara* vai fazer a mais brilhante carreira e collocar-se dentro de pouco tempo ao lado das nossas melhores sociedades congeneres.

Queiram os leitores admirar com attenção a nossa ultima pagina, onde encontrarão o esplendido programma que deve realizar-se amanhã na raia do *Derby-Club*.

Parece incrível que em tão pouco tempo pudesse uma sociedade assumir a importancia do *Derby* e collocar-se ao lado do *præfecto Jockey-Club*. E' um verdadeiro milagre, que attestarã sempre a rara intelligencia, a extraordinaria dedicacão, o finissimo tino do benemerito Sr. Dr. Frontin.

Como nossas previsões raramente tem falhado, vamos ainda d'esta vez dizer com franqueza o que pensamos relativamente aos pareos de amanhã: No 1º *Bitter*, No 2º *Speciosa*, No 3º *Regalia*, No 4º *Dora*, No 5º *Boreas*, No 6º *Damietta*, No 7º *Talisman*, No 8º *Savana*.

L. M. BASTOS.

FIAT LUX!

Como a floresta secular, sombria,
Virgem de passo humano, onde o machado
Nunca entrou, onde ruge e e chõa o brado
Do tigre, e cuja agreste ramaria

Não atravessa nunca a luz do dia,
Assim tambem da luz do amor privado,
Tinhas o coração, ermo e fechado
Numa attitude austeramente fria.

Hoje gorgeia a estridula e sonora
Canção das aves nos suspensos ninhos;
Doura os cimos das arvores a aurora:

Abrem-se flores, alçam-se carinhos,
E o sol do amor, que não entrava outr'ora,
Entra, prateando a areia dos caminhos...

OLAVO BILAC.

TRATOS Á BOLA

Piedosos leitores:

D'esta vez (não sei se feliz ou infelizmente para vos) não sentireis por muito tempo a minha palavra, cheia de unção e de rasgos beatíficos, deliciar-vos os castos ouvidos.

Subo hoje, como costume fazer todos os sabbados, á este fragilimo pulpito empapelado, unicamente e simplesmente para entregar os premios da victoria aos triumphadores e derramar por ahí abaixo, com prodiga mão, mais um punhado de *charadices* que vos aqueça o miolo e vos proporcione o incommensuravel regosijo de abiscoitar mais um premio de fazer lambar os beiços e arquear as sobraucellas.

E, agora, todos vós, ó meus amados devotos, que dobraes os vossos joelhos sobre o lagedo do templo *logogriphonetico*, curvae as vossas cabeças, porque eu, o místico religioso que *azulou* das macacuanas brenhas para vir embasbacar-se ante as bellezas d'esta formosa corte (que é—valha a verdade,—uma verdadeira anthitese da corte celestial) o sacerdote das *enigmatice*, revestido de toda a solemnidade que requer a coisa, olhar ascetico fígado das nevoas fugidias do firmamento, dextra alçada e capuz atirado ao tou-

tigo (bem pouco anafado—graças aos Jejuins) vos vou atirar a miuha...bençãam.
Agora ahí vae desenrolar-se a lista dos felizes devotos que cantaram victoria :

Fricinal Vassico (que de ha muito tem o seu logar marcado no Paraiso, mas que, d'esta feita, não lavrou um tento por ter errado na decifração da 1ª charada—novissima—); *J. C. S.* (que se enganou, porém, na decifração da decapitada (3.ª); *D. Josephina B.* piedosa creatura que, comquanto me enviasse um mimoso *triolet*, não deixou eomtudo de enganar-se na 1.ª; *Pépe* e... e... mais não disse. Oh! vergonha das vergoneiras! Pois realmente (oh! Deus de misericordia, olhae para esse pantano de choradeiras!), pois realmen... (custame a acreditar, Virgem Santissima!) pois mesmo de 23 cartas que me vieram parar ás bentas mãos, so 4 d'estas traziam decifrações accitaveis, tirando ainda d'estas 4—tres, cujos autores não acertaram totalmente?!?

E' duro de roer, mas é a verdade em toda a sua nudez!...

Foi o Sr. *Pépe* quem passou para o papo o primeiro premio deixando, d'esta vez, de caber o 2.º á devotissima Sra. D. *Josephina B.* pelo motivo acima exposto : não ter decifrado todas.

Eis as decifrações :

Da novissima : *Jornada.*

Da ultra-novissima : *Escabello*, — *cabello—bello—ló.*

Da decapitada : *Camursa.*

Da ante-posta : *Barbacena.*

Da quebra-cabeças : *Ramallo Ortigão.*

Da antiga : *Tatibitibi.*

Do logogrypho : *Abbadessa.*

E prompto!

Antes de tratar das *tratices* vou tratar de passar para aqui, com toda a devoção, o *triolet* da Sra. D. *Josephina*. Eil-o :

Meu santo e bom frei Antonio
Me proteja sem cessar.
Busque meu estro inspirar,
Meu santo e bom frei Antonio ;
E me livre do demonio
Quando me queira tentar ;
Meu santo e bom frei Antonio
Me proteja sem cessar !

RESPOSTA :

Ai! como não protegela
Se tanto talento tem?!
Se eu a imagino tão bella,
Ai! como não protegela!...
Serei sua boa estrella
D'este mundo no vae-vem :
Ai! como não protegela,
Se tanto talento tem!?

O Sr. X. *Toso* decifrou os seguintes tratos : — quebra-cabeças, logogrypho e antiga, errou porém, na 1ª e não conseguiu metter os queixaes nas outras, allegando não conhecer o modo porque se decifram certas especies de charadas aqui publicadas e pedindo-me as devidas explicações. E' me impossivel servir-o neste ponto. O mais que posso fazer é apontar-lhe todos os ns. d' *A Semana* que trazem explicações. São elles os seguintes : n. 5 — *Telegraphicas*. — n. 6 — *Tiburcianas*. — n. 7 — *Embroglios*. — n. 8 — *Benedictinas*. — n. 10 — *Ultra-novissimas*. — n. 12 — *Calimburguescas*. — n. 13 — *Ante-postas*. — n. 16 — *Monosyllabicas*.

A *Rabequista Arabe* (que se for tão bella como a de Pedro Americo, adeus, contas do meu rosario, adeus, ó minhas devoções a Santa Genoveva!) enviou-me a seguinte sextilha com a decifração do *quebra-cabeças* :

O cujo que se procura
Faz-se de *rama* com *alho*;
E' nma certa contracção

A que após se junta *ortiga*
Gigante, e depois da liga,
Fica *Ramallo Ortigão*.

Muito bem! E' isso mesmo, minha cara senhora das Arabias!

Agora, *habitués dos tratos*, prestai ouvidos que lá vai obra :

MICROSCOPICAS

—Bô-ca—

5

Optima fructa,
Não sendo pouca.

Eis ahí, meus bons amigos, uma novidade importada por mim de Macacú, e que está ainda saltando de fresea. Decifrem-na.

Aposto que estão a dizer com os seus botões : « Este *fradépio* matuto tem pancada na bola! Pois não quer que decifremos a charada sem explicação?! » Sim senhores, porque mais facil dó que isto nada vejo n'este mundo. Penso até que, se vos dicesse que estas charadas decifram-se ante-pondo, entre-meando e pospondo uma syllaba á palavra superior (bôca) de modo a formar uma segunda palavra que seja substantivo e que tenha relação com o conceito, offenderia a vossa perspicacia de exinios decifreadores. Em todo o easo, não posso deixar de aconselhar-vos que troqueis por syllabas os traços que se encontram juntos á palavra dada, formando assim uma fructa ; deste modo : —Bo-ca—juntandose ao principio—já;—ao meio—ti;—e ao fim da palavra—ba,—fica : jaboticaba, que é optima fructa etc. Agora aguentem-se com esta :

—Ti—da—

5

Por cousa bóa
Que alegre a vida.

ANTIGA

Não é d'este paiz, mas quanto é bello—2
O prazer estampado em seu sem-

blante!—1
Não vês que só mulher tem tal cabelo?!
Ella é mulher... mas que mulher galante!...—2.

CONCEITO

As suas brancas mãos devo-ro á beijos,
Como o mendigo vil, louco de fome,
Fino manejar devora! Ardo em desejos,
De em meu peito gravar seu doce nome.

NOVISSIMA

1—1—1.—Na batalha uma contracção
d'aqui, outra d'acólá, faz uma fructa.

TELEGRAPHIA

4. Telegrapho é pano grosso.

EM QUADRO

Esta mulher tão formosa
Faz isto n'un tom pausado ;
Mas esta dama orgulhosa
Fez sempre parte do arado.

Agora esta charada do Sr. Chrispim :

Se a primeira te faltar
Nada terás que esperar.
Se a segunda queres ver
Nos jardins verás nascer.
Procura o todo com cuidado
Só o acharás no afortunado.

Eugenio Chrispim.

Agora os

PREMIOS

Ao 1º que empunhar o estandarte do triumpho : Sorpresa n. 1. Ao segundo ou segunda : Sorpresa n. 2.

Agora, fico eu a perguntar ao cordão do meu habito : quem virá a ser o dono ou dona d'estas prendas! ? E sabem que mais? *Dominus vobiscum* e... adeusinho, piedosos ouvintes.

Do vosso

FREI ANTONIO.

THEATROS

Não subio hontem á scena do theatro Lucinda, como estava annunciado, a comedia em 4 actos — *Venenos que curam!* — original dos nossos estinados collaboradores Aluizio Azevedo e Emilio Rouêe. Foi transferida essa *primeira* para a semana proxima. A' vista d'isto só em nosso proximo numero poderemos dizer do novo trabalho dramatico nacional que o Martins corajosamente vae levar á scena. Mas desde já podemos afirmar que nelle se encontra, em abundancia uma eousa : —talento.

Vae muito adeantada *A mulher-homem* — revista comica d'este anno que para o theatro Sant'Anna estão eserevendo os nossos collegas Valentim Magalhães e Filinto de Almeida. O scenario do prologo está prompto, e o Carrancini já metteu mãos á pintura das scenas do primeiro acto, que, por signal, já está nas mãos do Heller.

Por ora não podemos adeantar mais nada. Pedi aos auctores uma amostra d' *A mulher-homem*, mas os malvados redoderam-me com ar de mysterio : —Não convem, por emquanto. Talvez que para o outro numero lhe possamos dar uns versos.

Bem vé o leitor : —*Talvez...*
Emfim, é esperar.

Perante numerosa concorrência o Sr. Avila, depois de previamente annunciado, apresentou-se na quarta-feira, no theatro Lucinda, em seus trabalhos de prestidigitación e ventriloquia.

Eu, que não entendo nada d'estas cousas que deram grande notoriedade ao Hermann, não posso, nem devo assumir aqui a posição de critico para manifestar-me pró ou contra o Sr. Avila. Em todo caso, porém, tendo dois olhos que vêm perfectamente e gosto, que não é dos peiores, como outro qualquer, alheio á arte de escamotear, direi que o Sr. Avila agradou-me em tudo, excepção feita da sorte das gaiolas, que foi de um pessimo effeito, não so pela maneira, a dar na vista, porque foram saeadas dos bolços, como pelo volume que estes apresentavam.

Quanto á ventriloquia, so tenho que elogiar o Sr. Avila pela sua admiravel habilidade e felicit-o pelo bom espirito que conseguiu encaixar na cabeça do seu velhusco companheiro.

P. THALMA.

FACTOS E NOTICIAS

Chegou ha dias de Juiz de Fora, onde foi tomar ares, o Sr. Joaquim Lacerda, que, á proporção que recuperava a saude na bella cidade mineira, cooperava para a propaganda d' *A Semana*. Parabens porque voltou fero e rosado; e mihi graças porque se lembrou de nos.

Em um dos avulsos utilísimos fartamente distribuídos pela Sociedade Central de Imigração, vimos que as estatísticas rurais, apuradas em Outubro de 1885, deram o seguinte resultado:

	Total	Litres	Fazendas Hypot.
Provincia do Rio de Janeiro	348	22	336
» de S. Paulo.....	266	15	251
» de Minas Geraes.	150	10	140
Sommas.....	764	47	717

De 764 fazendas que possuem as provincias do Rio de Janeiro, Minas e S. Paulo somente não estão hypothecadas 47 (III)

E' realmente risonho e lisongeiro o estado da nossa lavoura!

Creemos com a benemerita Sociedade Central de Imigração que « não ha salvação possível senão na Imigração e na subdivisão em lotes, — ao alcance dos poucos recursos de nacionaes e de imigrantes — desses latifundios, que fizeram a desgraça de todos, sem produzir bem algum á Patria e á Humanidade.»

ALMANACH GUIMARÃES

Os Srs. A. Guimarães & C., proprietarios da livraria da rua do General Camara n. 22, uma das mais antigas d'esta cidade, enviaram-nos um exemplar do seu bello almanach para 1886.

Para darmos idéa da excellencia d'este livrinho, bastará dizer que elle é organizado por Arthur Azevedo, nome que já hoje dispensa qualquer elogio.

Além dos assumptos de interesse geral, da chronologia, das tabellas do tempo etc., tem este almanach uma formosa parte litteraria, com bellos contos, poesias, anedotas, charadas, pilherias e curiosidades de todo genero.

Parabens aos Srs. Guimarães & C.

Partio em dia da semana passada, com destino ao Pará, o Exm. Sr. Dr. Leitão da Cunha, ex-deputado geral por aquella provincia. Boa viagem.

O Club litterario G. Dias celebrou no dia 3 do corrente, no Externato D. Pedro II, com uma sessão solemne o fallecimento do illustre poeta maranhense. Honra a esses moços que, com rara constancia, trabalham na medida de suas forças para a glorificação do grande poeta e para o lustre da litteratura patria. »

Na igreja da Gloria realizou-se antehontem o consorcio do Sr. Dr. Silva Araujo com a Exma. Sra. D. Julia de Sá, filha do Sr. commendador João Nepomuceno de Sá.

Foram padrinhos: do noivo, o Sr. commendador Justiniano José de Barros; e da noiva, o Sr. Dr. Neves da Rocha e sua Exma. senhora.

Felicitemos cordealmente o illustre clinico, tão illustrado quanto sympathico, e desejamos-lhe todas as felicidades.

AGENCIA MUSICAL

Os Srs. D. Machado & C. abriram á rua do Hospicio n. 103 um estabelecimento de genero novo: uma agencia musical.

Esta agencia encarrega-se de tudo quanto seja relativo á arte musical: arranja orquestras para festas de igreja, concertos, bailes e theatros; dispõe de pianistas habéis para acompanhar em concertos e tocar em saráus; encarrega-se de escolher pianos ou quaesquer outros instrumentos, e de os comprar por conta de terceiros; contracta bandas, afina pianos, compõe e instrumenta peças, cava partes, faz o diabo!

Para garantir o bom desempenho dos seus compromissos, basta saber-se que é socio e director do estabelecimento, o conhecido maestro Miguel Cardoso, uma aptidão reputada, professor habíllimo e compositor de merito.

No programma d'esta casa apenas notámos uma falta: não se encarrega de destruir pianos.

E' pena! Ha um cá por baixo, no Café da Imprensa... que só a machado... & C.

R. BERNARDELLI

Hontem, ás 6 horas da tarde, no hotel Novo Mundo, foi offerecido ao genial auctor do grupo em marmore Christo e a adúltera um jantar pelos seus collegas e amigos Belmiro de Almeida, Cernichiaro, Duarte, Peres, Zeferino da Costa, Medeiros, Decio Villares, e pelo negociante André de Oliveira.

Achavam-se, como convidados, o Dr. Ferreira de Araujo (*Gazeta de Noticias*), Dr. França Junior (*Paiz*), Angelo Agostini (*Revista Illustrada*), Arthur Azevedo (*Diario de Noticias*), Luglio (*Voce del Popolo*) e Valentim Magalhães (*Semana*). Foi um jantar intimo, mas delicioso tanto em relação á cordealidade que entre todos reinou, como ao menu, em cujos elegantes cartões estava desenhada por Belmiro a caricatura do heróe da festa.

A hora adeantada em que escrevemos não nos permite alongar-nos. Fica para o outro numero.

Parabens a Bernardelli e aos seus bons amigos e sinceros admiradores.

RECEBEMOS

— *Zique*, polka para piano pelo Sr. Domingos Luiz Machado. Havemos de dançá-la... quando o café cá debaixo noi-a quizer tocar.

— *Revista Republicana*, n. 3, publicação mensal que apparece em S. Paulo á luz da publicidade.

— O n. 8 d' *O Domingo*, de S. João d'El-Rey.

— *O Piratiny*, 10 numero. Publica-se em Santos. Prosperidades.

— *O Guizo*, Bico-d'obra publicado por muitos e pago por poucos. Periodico do Castello dos Democraticos.

— O n. 39 do *Mequetrefe*. Magnifico como sempre.

— *Le Brésil* de 3 de Outubro, publicação de

que é redactor o Sr. Deleau conhecido jornalista.

— O n. 5 do *Corymbo*, revista mensal dirigida pela Exma. Sra. D. Revocata de Mello.

— *Revista da escola de Marinha*.

— *Revolução Rio-grandense*, discurso proferido pelo Sr. Alvaro Chaves, na sessão magna de 20 de Setembro do Club Republicano Rio Grandense.

— *Inventario* de J. M. Pinto Guerra. Questão de Direito Fiscal.

— Do Sr. Henri Nicoud & C. Os ns. 43 do *Salon de la mode*, e de *La mode illustrée*. Tanto um como outro trazem excellentes figurinos; e o n. 16 da *Revue politique e litteraire*.

— Do Sr. José de Mello *O Cadastro da Policia*.

— O n. 57 da *Distração*.

— Os ns. 8 e 9 d' *O Cherubim* periodico semanal, dedicado ao bello sexo.

— *Momentaneas*, poesias de Nuno Rangel, com apreciações de João de Deus e Joaquim de Araujo. Porto, 1885.

— *Obras completas de L. N. Fagundes Varella*, edição organizada e revista, e precedida de uma noticia biographica por Visconti Coaracy e de um estudo critico pelo Dr. Franklim Tavora; 3 vols. Editor B. L. Garnier.

— *Miragens*, poesias de Enéas Galvão, estudante da Faculdade de Direito de S. Paulo, com uma carta de Machado de Assis.

CORREIO

Sr. E. Bacellar, Bahia.

O « Compendio de Chimica Cirurgica » do Conselheiro Vicente Saboia está á venda na livraria Nicoláu Alves, rua de Gonçalves Dias 48. Preço 20\$000.

Sr. A. M. « Nunca mais!... »

Dois grandes defeitos ha nos seus versos: o serem muito longos e o serem errados e sem senso commum, ex:

« Como um mavioso canto,

« Harmonico celeste e deslumbrante...

Além da concorrência de mm no primeiro verso citado, ha cousas admiraveis; o Sr. A. M. cre que pode haver « tantos deslumbrantes, provavelmente, lá na sua, acha possível dizer-se vistas atroadoras.

Sr. J. A. P. A sua fantasia sempre lhe deu um retrato á penna... Valha-o Deus! Sr. J. A. P.

Sr. A. C. O seu soneto é... é... olhe, desculpe-nos, é muito ruimsinho e bastante erradinho.

Sr. C. S. Avellar Brotero. Os seus versos são de nenhuma originalidade e alguns como este « Sentia que o laço em seu corpo. » nada tem de verso. Trabalhe e muito. Para o futuro...

Sr. J. S. C. Ouro Preto. A' Ella... (a V. M.)

O nosso collega fica-lhe muito obrigado; mas lembra-nos lhe recommendarmos a grammatica portugueza.

Sr. J. Manso. O seu soneto *Ormindá*... valha-nos Deus... o seu soneto, meu caro Sr. é muito frouxinho, muito banalzinho e muito erradinho; desculpe-nos a franqueza e trabalhe; é o nosso conselho.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Dr. Henrique de Sá, especialista de syphilis e molestias das crianças.—Rua Primeiro de Março, 22 (consultas do meio-dia ás 2 horas) — Residencia: Rua de S. Clemente, 165 A.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Portuguez, francez e Inglez —Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

DERBY-CLUB

PROGRAMMA DA SEXTA CORRIDA, A REALIZAR-SE NO

DOMINGO, 15 DE NOVEMBRO DE 1885

A'S 11 1/2 HORAS EM PONTO

Primeiro pareo—SEIS DE MARÇO—1,200 metros—Animaes do paiz. até meio sangue—Premios: 400\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Guanaco.....	Alaz. tostado.	9 annos	Paraná.....	53 kilos	Vermelho.....	Coud. Rio Grandense.
2	Boyardo.....	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	55 »	Branco e estrellas azues...	M. P.
3	Príncipe Alberto.....	Zaino.....	7 »	Paraná.....	55 »	Azul e branco.....	J. Guimarães.
4	Douro.....	Alazão.....	6 »	R. de Janeiro.	53 »	Verde e ouro.....	J. L. da Costa.
5	Africa.....	Preto.....	7 »	Paraná.....	55 »	Encarna lo, branco e ouro..	L. V.
6	Aymoré.....	Castanho....	6 »	S. Paulo.....	69 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança
7	Biller.....	Preto.....	4 »	Idem.....	55 »	Azul e estrellas cõr de ouro	E. M.

Segundo pareo—COSMOS—1,609 metros—Animaes de qualquer paiz—Premios: 1:000\$ ao primeiro e 250\$ ao segundo

1	Phrinéa.....	Castanho....	3 annos	Inglaterra...	51 kilos	Ouro e branco.....	Coul. Fluminense.
2	Naná.....	Zaino.....	4 »	Idem.....	52 »	Setim branco e manc. pretas	M. U. Lemgruber.
3	Speciosa.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	51 »	Azul e estrellas cõr de ouro	E. M.

Terceiro pareo—PROGRESSO—1,750 metros—Animaes do paiz até meio sangue—Premios: 600\$ ao primeiro e 120\$ ao segundo

1	Sartarelle.....	Preto.....	5 annos	Paraná.....	54 kilos	Preto e encarnado.....	J. W.
2	Bayoco.....	Castanho....	4 »	S. Paulo.....	54 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
3	Regalia.....	Vermelho....	5 »	Idem.....	58 »	Encaruado e ouro.....	Coud. Confiança.

Quarto pareo —EXCELSIOR—1,609 metros—Potros e potranças nacionaes até 3 annos—Premios: 1:000\$ ao primeiro e 200\$ ao segundo

1	Dora.....	Alazão.....	3 annos	S. Paulo.....	49 kilos	Ouro e faxa.....	Freitas Guimarães.
2	Druid.....	Tordilho....	3 »	R. de Janeiro.	49 »	Encarnado e ouro.....	Coud. Confiança
3	Nicoafy.....	Zaino.....	3 »	Paraná.....	49 »	Idem, idem.....	M. P.
4	Mandarim.....	Rozilho....	3 »	S. Paulo.....	49 »	Azul e estrellas encarnadas.	Cunha Lima.
5	Sibylla.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	51 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.

Quinto pareo—DERBY-CLUB—1,750 metros—Animaes do paiz até puro sangue—Premios: 1,200\$ ao primeiro e 250\$ ao segundo

1	Jaguary.....	Castanho....	5 annos	S. Paulo.....	54 kilos	Encarnado, branco e ouro..	L. V.
2	Sylvia II.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	50 »	Azul branco encarnado....	Coudelaria Cruzeiro
3	Boreas.....	Castanho....	4 »	Idem.....	52 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança

Sexto pareo—RIO DE JANEIRO—2,400 metros—Animaes de qualquer paiz—Premios: 1:200\$ ao primeiro e 300\$ ao segundo

1	Taillefer.....	Zaino.....	4 annos	França.....	50 »	Enc. e mangas. azul claro.	Coud. Americana.
2	Damiella.....	Castanho....	4 »	Inglaterra ..,	47 »	Setim branco e manc. pretas	M. U. Lemgruber.
3	Comtesse d'Olonne...	Alaz. tostado.	4 »	França.....	51 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.

Setimo pareo—LEMGRUBER—1,200 metros—Animaes de qualquer paiz que ainda não tenham ganha no Derby—Premios: 800\$ ao primeiro e 200\$ ao segundo

1	Creusa.....	Alazão.....	3 annos	Inglaterra...	55 kilos	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
2	Françoise.....	Idem.....	3 »	França.....	55 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
3	Talisman.....	Idem.....	6 »	S. Paulo.....	56 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
4	The Witch.....	Idem.....	3 »	Inglaterra...	55 »	Encarnado, branco e ouro..	R. V.
5	Naná.....	Zaino.....	4 »	Idem.....	51 »	Setim branco e manc. pretas	M. U. Lemgruber.
6	Africa.....	Preto.....	7 »	Paraná.....	55 »	Encarnado, branco e ouro..	L. V.
7	Neva.....	Castanho....	2 »	França.....	52 »	Verde e amarello.....	Coud. Independencia.

Oitavo pareo—E. F. D. PEDRO II—Handicap—1,000 metros—Animaes de qualquer paiz e de menos de meio sangue—Premios: 300\$ ao primeiro e 60\$ ao segundo

1	Serodio.....	Castanho....	5 annos	R. G. do Sul..	55 kilos	Vermelho.....	—
2	Barbara.....	Rosilho....	4 »	Idem.....	52 »	Azul e ouro.....	M. Ribeiro.
3	Eucharis.....	Tordilho....	5 »	Paraná.....	66 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
4	Conde.....	Castanho....	8 »	Idem.....	55 »	Amarello e ouro.....	A. M.
5	Arenas.....	Douradilho..	5 »	Rio da Prata	50 »	Branco e grenat.....	J. P.
6	Savana.....	Castanho....	4 »	R. G. do Sul.	57 »	Branco e verde.....	I. C.
7	Crichaná.....	Chita.....	7 »	Paraná.....	59 »	Vermelho.....	José da Rocha Franco
8	Bisão.....	Zaino.....	5 »	Rio da Prata.	50 »	Verde e amarello.....	Coud. Campestre.
9	Tchang Tching Bung..	Alazão.....	5 »	R. G. do Sul.	51 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
10	Bella Yayá.....	Zaino.....	4 »	Paraná.....	57 »	Rosa e ouro.....	Coud. Amadores.
11	Carola.....	Castanho....	6 »	Minas-Geraes	54 »	Azul e estrellas cõr de ouro	E. M.

NOTA --Pede-se aos Srs. proprietarios de animaes inscriptos no primeiro pareo o obsequio de os apresentarem no prado ás 11 horas da manhan, em ponto.—A. CESAR LOPES 2º secretario.

A SEMANA

CORTE
Trimestre..... 28000
Semestre..... 48000
Anno..... 88000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

PROVINCIAS
Semestre..... 48000
Anno..... 88000

Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red.--A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

SUMMARIO

Expediente.....	
Historia dos sete dias.....	FILINDAL.
Contos a premio.....	
Moniz Barreto.....	
Pudico.....	GONZAGA FILHO.
Ingratidão da terra.....	H. DE MAGALHÃES.
A vida elegante.....	LORGNON.
Gazetilha litteraria.....	
O anjinho, poesia.....	ADELINA VIEIRA.
Sport.....	L. M. BASTOS.
A caridade recompensa- da.....	C. MENDES.
Ao mar, poesia.....	A. PARAIZO.
Theatros.....	P. THALMA.
Tratos á bola.....	FR. ANTONIO.
Collaboração: Intimo.....	R. OCTAVIO.
Factos e noticias.....	
Correio.....	
Recebemos.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

Para boa ordem nas relações do publico e dos nossos assignantes com *A Semana*, declaramos que todas as communicações litterarias, bem como as consultas, devem ser dirigidas—ao director; as que forem concernentes á administração — ao gerente; e quaesquer pedidos de informações ou de pequenos serviços da Redacção, bem como cartas do convite, cartões de ingresso, etc.—ao secretario da redacção.

Os senhores que vierem ao nosso escriptorio e tomarem uma assignatura d'*A Semana* por todo o proximo anno de 1886 terão direito a um dos seguintes premios, á sua escolha:

VINTE CONTOS, por VALENTIM MAGALHÃES.—Este livro, que se está imprimindo nas officinas d'*A Semana*, foi expressamente feito para ser distribuido como premio aos assignantes d'esta folha. Conterá mais de duzentas paginas em superior papel, com uma capa de fantasia.

NÃO SERÁ POSTO Á VENDA.

Assim, os que tomarem uma assignatura d'*A Semana* por um anno, e somente esses, terão direito a um exemplar d'essa obra, que, a ser vendida não o seria por menos de 3\$000, o volume.

AURORAS, versos, por Alfredo de Souza; encadernação de luxo.

A CAVEIRA DA MARTYR, celebre romance de Camillo Castello Branco, em 3 volumes.

MARGARITAS, poesias da distincta poetisa D. Adalina Amelia Lopes Vieira; um bello volume.

Aos senhores assignantes de seis mezes daremos como premio UMA MUSICA, inedita, especial e expressamente composta para esse fim; QUATRO POEMAS, por Luiz Murat, ou um exemplar das AURORAS, brochado.

N. B.— Os senhores que assignáram *A Semana* por um anno, a terminar em Dezembro de 1885, receberão, segundo prometteramos, um exemplar dos VINTE CONTOS.

São agentes d'esta folha os Illms. Srs.:
Em S. Paulo—Dolivaes Nunes.

Em Ouro Preto—Fabricio Ignacio de Andrade.

Em Campos—Antonio Ferreira Martins Filho e Raul de Bellido.

Em Valença—Gomes Cardim.

Na Parahyba do Sul—Verissimo Pacheco.

Na Estação do Triunpho—Francisco Larangeira.

Em Sant'Anna de Macacú—João Pereira da Silva.

Na Estação do Bom Jardim—Manoel Augusto Fernandes de Almeida.

Idem de Cordeiros—Ayres Farinha.

Em Santa Maria Magdalena—Deocleciano Pacheco de Lima.

Em Macahé—Leopoldino Pessanha.

No Entroncamento—Theotônio Gomes Braga.

Em S. Gonçalo, Campos—Lins de Oliveira Paes Leitão.

Em S. Fidelis—Alberto Veiga.

Em Miracema—Theophilo Ottoni Tostes.

Em Capivara—Pedro Polycarpo de Almeida.

Em S. José de Além Parahyba—Manoel Jacintho Barbosa.

Em Porto Novo do Cunha—Francisco Garcia da Rosa.

O Sr. Leonel Guerra é a unica pessoa por nós encarregada de agenciar assignaturas nas provincias—

Tem todos os poderes para representar esta folha.

A SEMANA

Rio, 21 de Novembro de 1885.

Não tendo podido ficar prompto o cliché do retrato de Bernardelli, somente o poderemos dar no proximo numero.

Por falta de espaço não publicamos hoje um artigo do nosso collega Marcos Valente sobre as *Cartas Sertanejas*, de Julio Ribeiro e sobre as *Obras completas de L. N. Fagundes Varella*. Será publicado no proximo numero.

Do Sr. Francisco de Serpa, um dos concorrentes ao nosso extincto concurso de sonetos, recebemos uma carta escripta a proposito do que fez a respeito do mesmo concurso a *Gazeta de Campinas*. É uma carta muito interessante, a que abrimos espaço no proximo numero.

Do Sr. Dr. Americo Lobo, o applaudido interprete de Longfellow, recebemos um soneto feito a V. Hugo. O distincto poeta mineiro, em demasia modesto, esperou que terminasse o concurso por nós estabelecido, não querendo nelle entrar, para então nos fazer presente do seu bello soneto.

Dal-o-emos no proximo numero.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Quando o meu amigo José do Egypto me impingiu *provisoriamente* esta terrivel secção d'*A Semana*, eu aguardei calado a estopada, porque afagava a esperanza de me livrar logo d'ella.

Mas o homem, apenas se apanhou solto, foi-se por ahí fora para nunca mais voltar, e ainda hoje conservo aquella bem conhecida cara de pedaço d'asno, com que a gente fica quando algum espertalhão nos faz levantar de uma cadeira, pretextando um segredo, e refestella-se elle muito commodamente e ainda em cima com um risinho de mófa.

Ora, ao principio, eu percebi que tinha cahido numa ratoeira, e fiquei á espera de uma occasião propicia para miscar-me.

Mas qual! Agora estou convencido de que hei de soffrer esta galá perpetua... por toda a vida.

E' por isso que ultimamente os leitores, sem duvida, tem notado que eu lhes appareço com o ar melancolico de um sujeito que prevê ou espera uma grande desgraça. Ando assim como quem está ameaçado de uma manifestação entusiastica com penna de ouro ou retrato a oleo. A's vezes chego a pensar que no Instituto Historico maquina-se a minha nomeação de membro d'essa sociedade preadamita, e um terror invencivel tange-me os nervos furiosamente. Preciso então ir penitenciar-me com uma conferencia da Gloria e com duas ou tres dozes de *Musa do Povo*. Morpheu, precipite, abre-me os braços, eu alo-me ás regiões ethereas, onde, de sucia com o Dante Alighieri, vou á cata da Beatrice *bianco vestita*.

E é isto a vida: uma ameaça constante! Quem escapa de uma manifestação a oleo, esbarra-se com o Instituto Historico, desanda e dá de cara com um *cavaignac* monstruoso. Um horror!

E quando se tem conseguido um pouco de paz, surge no calendario a sexta-feira e é *Historia dos sete dias* para ali!

Ah! mas eu ensino estes assumptos! Estão muito mal enganados commigo. Vão vér:

O *Jornal* de 16 dá a seguinte contristadora noticia:

«Diversos amigos do Sr. Tancredo Pedro de Azevedo Leal offertaram-lhe hontem uma caneta e penna de ouro em uma caixa de velludo, com esta inscripção: «Como prova de estima e consideração pelos bons serviços que prestou no exercicio do cargo de inspector do 10º quartelão do 2º districto da freguezia do Sacramento».

Assim, seccamente, sem referencia ao copo d'agua, nem nada.

Que havemos nós de dizer a isto? A commoção faz o seu dever: embarganos a voz. Nem ha palavras de consolo para tamanho infortunio. O *Jornal* não diz em que pharmacia o Sr. Leal foi medicado.

Oh! não procuremos indagal-o! A dor humana só encontra lenitivo no silencio.

Mas tambem que imprudencia! Para que diabo o Sr. Leal se arriscou a ser inspector... Onde está o inspector está o perigo.

Uma boa *partida* foi a que fez ao Sr. Dr. Julio Ottoni o Sr. Barão de Mamoré.

O Dr. Ottoni, como 1º promotor publico, recusou tomar a si o processo dos vereadores suspensos por causa dos escandalos do Matadouro. O Sr. Barão de Mamoré, ministro do Imperio, lascou-lhe um officio tremebundo, e o Dr. Ottoni submetteu-se passivamente ao poder, porque se lembrou a tempo da phrase de Silveira Martins; agora, que o promotor rebelado se desrebelára, o Sr. ministro desfecha-lhe a exoneração!

E' vivendo que se aprende a viver. O caracter é como o crystal: não admite soluções de continuidade. Uma vez quebrado, não ha *coagulina* que o concerta. E' possível ligar os fragmentos, mas nos pontos da junção lá fica maculando a transparencia o fio da colla applicada.

Isto na generalidade. O caso do Dr. Ottoni foi mais uma lição para elle do que um exemplo para a Historia.

A companhia dos Irmãos Carlo offerreceu á Camara Municipal um espectáculo, sem onus algum, em beneficio do Livro de Ouro, para a libertação de escravos no dia 2 de Dezembro.

Bravo! Mestre Frederico, venham de lá esses ossos!

O *Jornal* tem discutido com muitissima razão o eterno problema do troco de notas na Caixa de Amortização. Realmente, deve ser uma espiga ter a gente uma nota de duzentos mil reis, por exemplo, (por exemplo, meu pao do Céu!) e não poder pagar com ella uma chicara de café ou uma passagem de bond. Por isso eu, nesta questão de notas, não passo além das de 5\$. Não é por nada; e so pela commodidade... (Pela commodidade, minha Nossa Senhora!)

Influencia da opereta franceza na policia da Corte:

O subdelegado da freguezia de S. José, ante-hontem de madrugada, fez conduzir para a 4ª estação policial mais de 20 pessoas que iam tomar banho ao boqueirão do Passeio Publico. Porque? Porque essas pessoas moram ali por perto e vestem-se em suas casas para o banho. Nada mais.

Chegadas á estação, o Sr. subdelegado disse-lhes algumas tolices em prosa, em vez de as acompanhar com algum trecho de Offembach, e mandou os banhistas em paz.

E ha barbaros de bigode e péra que arrancam os pobres diabos de Madre de Deus do Angú ou da Meia Pataca para virem ser subdelegados na Corte!

Ou quem sabe se será algum parente da *Musa do Povo*? Porque aquillo ha de ser horror que o homem tem ao banho.

Não gosta da agua, o subdelegado de S. José.

Tarrenego, hydrophobo!

FILINDAL.

CONTOS A PREMIO

A' vista dos bons resultados do concurso de poesia que—para tres sonetos—realizámos, resolvemos abrir novo certamen litterario.

Será este para trabalhos em prosa.

No soneto, que é a mais difficil especie poetica, exercitaram-se á porfia os poetas; no conto, que é o mais delicado dos trabalhos em prosa, vão se disputar a primazia—os prosadores.

CONDIÇÕES

Os contos que tenham de ser escriptos para este concurso, devem selo sobre assumptos que se possam explicar ou definir por algum dos pensamentos comprehendidos nos seis prologos ou conceitos seguintes:

Mais vale tarde do que nunca.

Quem não ama, não vive.

O perdão é a mais nobre e a mais completa das vinganças.

Com teu amo não jogue as peras.

D'onde não se espera, d'ahi é que vem...

Casamento e mortalha no céu se talha...

Cada concorrente escolherá para thema do seu conto a idéa que mais lhe agradar d'entre as seis que offercemos.

Os contos devem ser escriptos de inteiro accordo com o temperamento e o gosto litterario dos auctores.

Damos a maxima franqueza e liberdade quanto ao modo de tratar o assumpto. Que escreva cada um como entender e puder os alegres—rindo;

os tristes—with lagrimas; os maliciosos com malicia—mas sem inconveniencia; os pensadores, meditando; enfim, a não serem os largos limites de assumpto e os que para a *quantidade* vamos prescrever, nenhuma outra peia terão os senhores concorrentes. Não é necessario que os contos tragam por titulo algum dos conceitos apresentados; estes apenas servirão para apontar o assumpto pois cada um d'elles pôde inspirar duzias de contos diversos na idéa e na forma.

A unica delimitação rigorosa que impomos é a do *quantum*.

Não deverá cada conto exceder—nem de uma linha—a sete tiras de papel, se este for de 33 linhas ou a 10 tiras se o papel for de 25 linhas.

Como fizemos com os sonetos, são tres os logares que offercemos ao litigio. Os tres contos vencedores serão publicados com todas as honras.

O prazo para recebimento dos contos será de tres mezes; quer dizer:—no dia 14 de Fevereiro encerrar-se-á o concurso, definitivamente, e começará logo em seguida o trabalho do jury, que será opportunamente eleito e annuciado.

PREMIOS

Quanto a isto ainda não temos nada resolvido: Procuramos ainda quaes devam ser os tres objectos a offercer aos contistas que sahirem victoriosos do certamen. Annuncial-os-emos no proximo numero, e, a seu tempo, serão expostos na *vitrine* de uma das casas da rua do Ouvidor.

OBSERVAÇÕES

Toda a correspondencia relativa a este assumpto deverá ser dirigida á redacção d'esta folha, trazendo sobre o envelope esta nota:—*Contos a premio*. Não serão recebidas as cartas que não vierem devidamente selladas.

A' proporção que formos recebendo os contos, daremos noticia do seu recebimento, á excepção unicamente d'aquelles que, por inconveniencia ou destempero de linguagem, (infelizmente nem toda a gente é seria) se tornarem indignos até mesmo de uma simples menção.

Agora, meus caros prosadores, é aparrar as pennas, agucar o entendimento, puxar pela imaginação, e... mãos á obra!

Nós cá estamos para applaudir e premiar.

A REDACÇÃO.

«O grande perigo da nossa epocha é que a politica ameça, de dia em dia, tornar-se uma carreira exclusiva, e que a vida do paiz parece concentrar-se e resumir-se em lutas politicas, que cada vez menos representam idéas geraes e cada vez mais—interesses de grupos.»

Isso diz um chronista parisiense, referindo-se á França. Imaginem se elle tratasse do Brasil!

O primeiro dever de um ministro de Estado é ser muitissimo sagaz e intelligente.

URBANO DUARTE.

MONIZ BARRETO

Falleceu a 15 do corrente o deano dos jornalistas brasileiros.

Ha mezes apenas, teve a imprensa de prantear o passamento de uma das suas mais legitimas e mais brilhantes glorias—José Maria do Amaral. Mal enxuto ainda o pranto derramado por essa dolorosa perda, eae ferido pela morte aquelle que era mais do que o mestre e o pae dos jornalistas da nossa terra, aquelle que era o symbolo do jornalismo brasileiro.

Figura veneranda e venerada, quando elle apparecia em publico, enelausurado perennemente na sua cegueira, que o trazia longe do mundo, separando-o d'elle por um muro de trévas, todos o aeolham com estima e respeito. A imprensa brasileira deve-lhe muito, porque elle foi um dos filhos que mais trabalharam e mais dedicadamente se sacrificaram por ella. Foi fundador, proprietario e director do *Correio Mercantil*, onde consumio muito talento, muita saude e muito dinheiro.

Nasceu o Dr. Joaquim Francisco Alves Branco Moniz Barreto a 27 de Maio de 1800. Falleceu, portanto, com 85 annos.

Pois bem; em tão longa existencia não consta a macla de nenhum acto deshonroso, a sombra de nenhuma acção pouco digna.

Moniz Barreto esposou sempre as causas nobres e generosas. Era um espirito adeantado, lueido e magnanimo.

Ao sou enterramento compareceram muitos dos mais distinctos representantes da politica, das letras, da imprensa e de todos as classes soeias.

A pequena distancia da cova a que desearam os restos do illustre morto, está sepultado seu filho, Benjamin Barreto.

Nossos pezames á Exma. familia do illustre morto, especialmente a seu genro, o Sr. Conselheiro Octaviano Rosa.

PUDICO

Meu presado amigo, o Sr. Filinto de Almeida, pediu-me, que escrevesse minha opinião sobre a prosodia do adjectivo *pudico*, *pudica*.

Concordo com o mesmo distincto poeta: sempre accentuei a syllaba *di*, não só d'esse adjectivo, como tambem a do opposto—*impudico*, *impudica*.

Não discutirei se tal pronuncia é, ou não, euphonica. São para mim egualmente desagradaveis taes palavras, quer as pronuncie d'aquelle modo acertado, quer me resigne a commetter o erro de fazel-as esdruxulas. Evito-as quasi sempre (como evito outras, *remigio* etc.) e dou-me por satisfeito, quando posso substituil-as por *pudente* e *impudente*, sem quebra de propriedade de expressão.

Arredando, porém, a secundaria questão de gosto individual, não vacil-

lo em afirmar, que *pudico* e *impudico* têm o acento na penultima e não na ante-penultima. São palavras breves e não esdruxulas.

Não ha a menor duvida sobre sua procedencia; é bem certo ser esta puramente latina. Ora, em latim, não só os adverbios *pudicè* e *impudicè*, como tambem os adjectivos *pudicus* e *impudicus* teem longa a syllaba *di*. Todos os lexicons o registram concordemente e poetas da superioridade de Ovidio e Horacio firmaram, em seus versos correctissimos, aquella mesma acentuação longa.

Parece-me, pois, que devemos, em portuguez, respeitar a pronuncia latina. Nem me digam, que os hespanhoes fazem esdruxula a palavra em questão. Aqui tenho ante os olhos a pagina 926, tomo II, do grande dicionario de D. Nemesio Cuesta, onde leio claramente « *Púdicu y pudico* » *adj. honesto, casto, ruboroso, vergonzoso* » e o illustre lexicographo não teria escripto aquelle *y pudico* se a pronuncia hespanhola fosse indiscutivelmente esdruxula nessa palavra.

Os italianos, que fallam com melhor sciencia, pronunciam *pudico*, accentuando o *di*. Em francez não ha duvida de que ainda o mesmo *di* (*pudique*) é longo. Como pois, em portuguez, poderá haver duas opiniões, acreseendo que Moraes e Aulete ensinam a verdadeira pronuncia?

Com uma simples mudança de letra (de um *d* por um *n*) existe, em portuguez, o adjectivo *punico*, *punica*, de Carthago, carthaginez. Essa, sim, é palavra esdruxula e tambem em latim é breve a syllaba *ni*, não só do adjectivo *punicè*, como a do adjectivo *punicus*.

GONZAGA FILHO.

INGRATIDÃO NA TERRA

Em cima scintilava o céu, cheio de mundos.
V. MAGALHÃES

*Era bella e inda mais que um céu azul, formosa
Como um sonho de poeta ou um anjo de Murillo;
Seu corpo era alvo como a neve alpina, a rosa
Branca, o marmore ou como uma coucha do Nilo.*

*E, no entretanto, veio uma noite, cobril-o
Com seu manto de treva a Morte pavorosa:
Morreu. Deviam pol-a em tumba primorosa,
Feita de opala e ouro e esmeralda e beryllo.*

*Mas não: foi collocada em funda cova escura!
E quando ella cerrou seus olhos rutilantes,
A Terra não sentio nem sombras de amargura:*

*Continuaram rugindo os mares bramibundos,
Em baixo, o prado abria as urnas aromantes,
Em cima, scintilava o céu cheio de mundos.*

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

A VIDA ELEGANTE

CLUB BEETHOVEN

Simplemente esplendido o concerto que este club offereceu na sexta-feira, 13 do corrente, aos seus socios e convidados.

O Sr. Robert Benjamin, infatigavel director dos concertos, no intuito de proporeionar boa musica a todos os paladares, organisa sempre programmas que satisfazem ainda os mais exigentes.

Tal foi o do dia 13.

A execução foi quasi perfeita, pois que os senhores que fazem parte do *quartetto* têm dado prova cabal do que são capazes quando interpretam as musicas dos grandes mestres. O Sr. J. Valentine

Hall disse bem e com voz forte as duas peças de que se enarregou, notando-se, porém, que no *attacco* das notas agudas havia alguma hesitação, naturalmente por ser estreante, o que uão lhe tira o merecimento.

O Sr. F. do Nascimento... ora, que mais podemos dizer d'este excellente artista, que é sempre bem recebido e applaudido por todos que o ouvem, quando não ha chapas possiveis que não tenham já sido empregadas para louvar o seu talento?

Além das peças do programma, o Sr. Nascimento mimoseou o auditorio, que repetidas vezes o applaudiu freneticamente, com a execução de um fadinho portuguez, a solo, que não só pela maneira porque fazia vibrar as cordas como pela delicadeza com que batia as costas do arco, foi calorosamente applaudido.

Os interpretes da *Serenata*, de Hoffmann, executaram brilhantemente todos os tempos, deixando a desejar apenas no colorido, que era escasso; isto devido, talvez, à falta de mais alguns ensaios.

Teve as horas do *bis* a serenata do Morkouski.

O club possui uma joia de valor—o Sr. Eichbaum, professor consciencioso e correctissimo, que dá sempre grande realce ás peças que acompanha, observando attentamente o solista nas cousas mesmo que pareçam insignificantes:—*un bravo accompagnatore il signor Eichbaum.*

Graças a um cartão que ha alguns dias permanecia sobre a minha mesa, tive ingresso ante-hontem no Imperial Conservatorio de Musica, para assistir a um magnifico concerto,—que foi honrado com a augusta presença de S. M. e A. A. Imperiaes,—do eximio pianista o Sr. Antonio Ragusa.

Poderia dizer muita cousa a proposito da primorosa execução das diferentes peças constantes do programma; mas, como com certeza a amavel leitora é intelligente e adivinhará as minhas intenções, limito-me a dar-lhe os nomes das distinctas pessoas que se fizeram ouvir, as quaes foram a Exma. Sra. E. Cortez e os Srs. Ragusa, Cernicchiaro, J. Cerrone e N. Paganetto.

CLUB DE S. CHRISTOVÃO

A leitora, provavelmente, não assistio ainda a um torneio de bilhar e nem sabe, talvez, o que possa ser um torneio de bilhar. Pois eu lhe conto:

Nada mais, nada menos, do que oito cidadãos, empossados dos respectivos tacos, deante de quatro vastos e envernizados bilhares, em cujos panos verdes relusem eburneas bolas preparam-se para o combate; e, ao badalar de uma campainha vibrada por mão possante, tem logar a sahida simultanea de todos estes batalhadores. São quatro os que veneem; os quaes passam a jogar em dois bilhares apenas; e d'esta lucta, vencedores dois, vão competir, emfim, num so bilhar, sendo o heroé da festa o que der a ultima tacada.

Eis ali o que se fez durante sete noites conseentivas no Club de S. Christovão, conseguindo a palma os seguintes senhores, que foram contemplados com magnificos premios:

J. D. Nogueira, Luiz Indig, A. Baptista, Luiz Guerra, Euzebio Vianna, Angelo Ramos, I. J. Noetti, A. Heekser, João Linham e A. J. H. Barata.

Em signal de louvor a estes destemidos bilharistas, effectuou-se no sabado uma esplendida *soirée* no Club, precedida de um discurso proferido

pelo Sr. Dr. João Lara, vice-presidente, sobre o progresso da sociedade e explicando o motivo do divertimento.

Dancou-se animadamente até adeantada hora da madrugada, e se não fosse o sol, o inesperado sol, talvez que se dançasse um pouco mais ainda.

LORGNON.

GAZETILHA LITTERARIA

Ultimas Publicações Francezas

LIVROS CLASSICOS

F. SALOMON REINACH.—*Manuel de philologie classique.*

CHATELAIN.—*Paleographie des classiques latins.*

EGGER.—*Notions elementaires de grammaire comparée* (7ª edição).

SALOMON REINACH.—*Grammaire de la langue latine.*

L. CLEDAT.—*Grammaire elementaire de la vieille langue française.*

AUBERTIN.—*Histoire de la langue et de la litterature française au moyen âge.*

G. ALLAIS.—*Esquisse d'une methode générale de préparation et d'explication des auteurs français.*

FELIX RAYNAISSON.—*La philosophie en France au XIX siècle.*

ZELLER.—*La philosophie des Grecs.*

F. RABIER.—*Les leçons de philosophie.*

ALFRED FOUILLEE.—*Histoire de la philosophie et Extraits des principaux philosophes.*

DE CROZALS.—*Histoire de la civilisation.*

GASQUETE.—*Précis des Institutions politiques et sociales de l'ancienne France.*

F. CORBEAUX.—*Choix de textes pour servir à l'histoire des Institutions de la France.*

GIRY.—*Recueil de textes pour servir à l'histoire du moyen âge français.*

A. LORGNON.—*Atlas historique de la France.*

HAUSSOULLER.—*Manuel des antiquités grecques.*

BOUCHÉ-LECLERC.—*Manuel des antiquités latines.*

THEREVENIN E HECHAIRE.—*Manuel des Institutions de la France.*

EMILE MONNET.—*Histoire de l'administration provinciale, départementale et communale en France.*

DELAUNAY E ROBIOU.—*Institutions de l'ancienne Rome.*

FRANÇOIS LENORMANT.—*Histoire ancienne des peuples de l'Orient.* (Concluida por ERNESTO Babelon).

DR. DRULLÉ.—*La femme.*

BLENSCHLI.—*Droit public général.*

DR. QUESNOY.—*Algerie.*

LITTERATURA

JACQUINÉ.—*Prédicateurs du XVII^e siècle avant Bossuet.*

UM PROFESSOR DA UNIVERSIDADE.—*Choix de lettres des femmes célèbres.*

RAUL DE MESSET.—*En coïtaria reimpresão.*

CH. JOLIE.—*Curiosité des lettres, des sciences et des arts.*

ROMANCES

ED. CADOL.—*Les parents riches.*

H. LE VILBIEUR.—*Madame D. K. L. Poste Restante.*

UN MAGISTRAT: *Domestiques et Maîtres* (a proposito de alguns crimes recentes).

ALFRED JULIA.—*Metéoro.*

ED. ROD.—*La course à la mort.*

Nunca pude comprehender como é que um marido se atreve a ir a um baile quando não tem filhas para casar.

LOPES DE MENDONÇA.

O ANGINHO

A MEU PRIMINHO MANOEL CARDOSO

Vestiram-na de branco como a neve,
E cobriram-lhe o corpo feiteceiro
De um veu de gaze transparente e leve.

Sobre as rendas do fôfo travesseiro
Espallaram-se os seus cabellos d'ouro!
Parecia dormir, e que, laguetiro.

Um sonho a visitava. Ouvia o côro
Dos anjos seus irmãos no Paraíso,
A chama-la; quem sabe? Que thesouro

De amor prometteria aquelle riso
Que em seus labios licara? Que alvorada
Contemplaria? Alberto, com juizo,

Andava em volta a olhal-a—Estás calada
Há tanto tempo, Lena! Vae-te embora
Para o céu, minha irmã? Estás cansada

De brincar só commigo? E quem agora
Me fará companhia? Se eu pudesse
Ir contigo, irmãinha! — Oh Deus! implora

A pobre mãe, oh Deus! se elle morresse,
O que me restaria neste mundo?
Não o escutes, Senhor! Filho, anoitece,

Vem dormir nos meus braços; tão profundo
É teu amor por mim que me deixavas?
— Oh não, mãã, perdôa; bem do fundo

Do coração te adoro. Tu amavas
Tanto a Lena também, e a morte veio,
Deixando-a fria e pallida; choravas,

Apertando-a com força contra o seio,
E o Pai do Céu não quiz ouvir teu pranto.
Agora, dize, Mãe, quem ha de, em meio

Da noute, ir socegar a Lena, enquanto
Eu te espero a tremer, cheio de medo?
Quem a leva ao poitar, a ouvir o canto

Do triste sabá? quem, logo cedo,
Vae beijal-a? quem ha de, coitadinha,
Ser mãe de minha irmã? Dize em segredo:

O que a espera no Céu? Vae tão sosinha,
E eu tenho tanto dô, tanta saudade!
— Helena, a minha angelica filhinha,

(Forças, meu Deus!) entron na Eternidade,
Levala pelos anjos, que, voando,
Espargiam jasmims; a Caridade

Ia a seu lado, uns cantos entoando
De suavissima e placida harmonia,
E uma estrella sem par ia guiando

O cortejo de um anjo que subia
Entre lumes, cantares e fulgores...
— Mas lá não terá mãe! — Oh! sim, Maria,

A mãe de Deus, dos bons e peccadores,
A que em meio á procella ouve o vagido
Da infancia desvallida e calma as dores.
Lena tem melhor mãe.

— Melhor? Davido.

ADELINA A. LOPES VIEIRA.

Assim como virando-se um maldizente encontra-se sempre um adulator, da mesma forma, dentro do pessimista, que vê em toda parte corrupção, venalidade, baixesa, egoismo, maldade, cynismo, injustica, o psychologista observador descobre estas mesmas qualidades máis, que elle tto violentamente censura no proximo.

URBANO DUARTE.

SPORT

Dia esplendido para corridas foi o do ultimo domingo; parecendo a todo o momento que ia chover, tal não aconteceu e o maguilico programma do *Derby-Club* pôde ser de principio a fim realizado, apezar da raia não estar muito firme, o que contribuiu para tornar mais demorado o tempo de todos os pareos.

Em 85 segundos *Aymoré* venceu os 1200 metros do 1º pareo. Dizia-se que *Guanaco* seria o vencedor e que *Boyardo* estava cahindo de somno; *Africa*, porém, montada por *Hinds*, não quiz saber de tristezas.

Deu muito que fallar o 2º pareo (1609 metros) achando-se nelle inscriptas as egoas *Phrynéa*, *Speciosa* e *Naná*. Era um verdadeiro pareo inglez; egoas todas inglezas e jockeys tambem inglezes, isto é, *Hinds*, *Toon* e *Frederic*. O publico arregalando os olhos foi vendo *Phrynéa* carregar na *poule*, *Speciosa* vender regularmente e sobre tudo espantou-se dos *palpitistas* de *Naná*, que a honraram com 500 e tantas *poules*.

Ao entrarem os animaes para a raia a desconfiança augmentou e logo se vio *Naná* tomar a ponta, *Speciosa* acompanhando-a com todo o respeito e *Phrynéa* ir parando como que á procura das cilhas. E assim continuou a corrida até que *Naná*, em 113 segundos, bem esporeada e melhor chicoteada, alcançou o vencedor.

O publico comprehendu num relance que os tres distinctos e independentes proprietarios não poderiam ter tomado a menor parte em tão vergonhoso *embrulho*, mas manifestando sua reprovação contra os incognitos auctores, pateou a farça e a Directoria procedeu sabiamente *desembrulhando* a marroteira e mandando restituir o dinheiro ao publico.

Correndo pela segunda vez *Phrynéa* e *Speciosa* e tendo-se retirado *Naná*, ganhou *Phrynéa* por cabeça, esporeada e debaixo de couro em 111 segundos e não em 109 como erradamente publicaram. Parece-nos, pois, que *Phrynéa* estava mal preparada.

O honradissimo Sr. Barão da Vista Alegre incommodou-se em extremo com semelhante acontecimento, lastimando que serios motivos de molestia em um hospede de sua casa junto d'elle o retivessem, impedindo-o de comparecer ao divertimento.

Os 1750 metros do 3º pareo foram ganhos por *Bayocco* em 125 segundos, apezar de *Regalia* ter tido a protecção de *Saltarelle* que está ficando um bem soffrivel *bacamarte*.

Sibylla pregou-nos um susto no 4º pareo (1609 metros, 114 segundos), visto que por um triz foi batida por *Dora*. Achamos que esta tem melhorado muito e que não devemos desprezar o rifão... com teu amo não jogues as peras.

Brilhantissimo pareo foi o de *Sylvia II* e *Boreas*, em 1750 metros, tendo este ultimo sahido vencedor como haviamos predicto e tendo todos os entusiastas da *Sylvia* se passado com armas e bagagens para o lado do valente *Boreas*, que incontestavelmente e em qualquer tiro é o primeiro producto nacional. Parabens á Coudelaria Allianza.

Os 2400 metros do 6º pareo foram apenas disputados por *Taillefer* e *Comtesse d'Olonne*, tendo-se retirado *Damietta* e ganhando o primeiro em 166 segundos. *Comtesse* não estava boa, não tinha um jockey habil que a dirigisse e a raia estava má para seus pequenos cascos. Talvez nos enganemos, mas ainda continuamos a pensar que *Taillefer* so muito difficilmente poderá ganhar tão

excellento animal. Até vér não é tarde... e com teu anjo não jogues as peras.

No 7º pareo *Talisman* em 82 segundos venceu os 1300 metros, chegando em 2º lugar *Creusa* que teve má saída... ou que talvez tivesse querido sair atrás. *Crichanó* suspendeu o premio do 8º pareo e ainda estão muitos para saber que plano foi esse em que a *Savana* nem apañhou o 2º lugar.

Em nossa ultima pagina acha-se o importante programma das corridas de amanhã no Prado Villa Izabel e como de costume passamos a emitir nossa opinião. No 1º, *Bitter*. No 2º, *Dora*. No 3º, *Bayocco*. No 4º, *Phrynéa*. No 5º, *Sornette* ou *Neva*. No 6º, *Regalia* (se *Bayocco* correr o 3º pareo). No 7º, *Damielta*. No 8º, *Savana* (continuamos a teimar).

L. M. BASTOS.

A CARIDADE RECOMPENSADA

(VERSÃO DE R. PORCIUNCULA)

A beira da grande estrada de Hespanha,—por onde passavam de braço dado, ao voltarem das corridas, bonitas raparigas e bonitos rapazes,—o triste mendigo—ainda moço, bem embrulhado na sua capa andrajosa,—pedia esmola, dizendo que não comia havia já dois dias; e apesar da forte saúde a sua carne, tão queimada que parecia de ouro, vista pelos rasgões dos farrapos; alvinhava-se que elle não mentia; bastava olhar-se-lhe para o rosto digno de lastima e para as suas faces cavadas pela fome. Entretanto, os que passavam, entretidos com canções e amores, nem mesmo d'elle se apercebiam. Pois que! deixariam morrer de fome o bello mendigo, á beira d'uma estrada tão concorrida?...

Apenas tres raparigas de vinte annos, gorduchas e risonhas, se detiveram um momento, compadecidas.

A primeira deu-lhe um real.

— Obrigado! disse elle.

A segunda deu-lhe uma *pezeta*!

— Deus vos pague! disse elle.

A terceira,—a mais pobre e mais bonita,—não tinha nem *pezetas* nem *reales*: deu-lhe um beijo sobre os labios.

O faminto não proferio uma palavra; mas, chamando um vendedor de flores que passava, comprou com todo o dinheiro esmolado um grande ramo de rosas e offereceu-o á bella rapariga.

CATULLE MENDES.

AO MAR

Na concha colossal das verdes aguas,
Nesse teu seio, ó gigantesco mar!
Deixa que eu dispa o coração das maguas
E vá no fundo o meu amor lançar...

1885 — Porto.

ALBERTINA PARAISO.

Uma mulher, por mais honesta, não deixa de ouvir pelo menos meia declaração durante o baile.

LOPES DE MENDONÇA.

THEATROS

LUCINDA

Representou-se no domingo transacta a annunciada comedia original de Aluizio Azevelo e Emilio Roude— *Venenos que curam*.

São quatro actos agradaveis, cheios de conceitos agudos e phrases espirituosas, tecidos com os poncos fios de um singelo enredo, cuja idéa é innegavelmente original e curiosa.

Um barão, ex-majoor do exercito, casado com uma senhora ainda moça e bonita, sente-se, ao fim de alguns annos de consorcio, perfectamente enfasiado da pacata vida matrimonial, e deita as manguinhas de fora com uma tal Clotilde. A baroneza descobre a marosca, encontrando um retrato e uma carta da tal *momentanea*.

D'ahi lagrimas, tristezas, magoas intimas da pobre senhora, cujo soffrimento é adivinhado por seu filho, o Dr. Carlos, um intelligente e brioso rapaz, que, se usava calças cor de flor de alecrim não era, certamente, por gosto dos auctores da peça.

E' preciso declarar que esse mancebo não era filho, mas enteado do barão.

Pois bem, esse mancebo, indignado pelo procedimento do palraço, jura trazer ao aprisco esse barão tresmalhado. E para começar declara-lhe as suas intenções e esprega-lhe tres ou quatro desaforos nos bigodes.

Depois vae entender-se com a venenosa Clotilde, que, no final das contas, é uma pombinha sem fel, razão naturalmente porque tanto attrahia o barão. Clotilde amava o honrado filho da baroneza; amava o de longe, a medo, em silencio.

Um d'esses amores que...

Adeante. A *momentanea* ouve-o, mas recusa ser sua amante, bem como os soberbos brilhantes com que o seu adorado pretendia enectar as negociações diplomaticas. Ouve-o e promete auxiliá-lo; compromette-se a fazer voltar o barão dentro em pouco aos braços da honesta e lacrimosa esposa. Mas para conseguil-o seria preciso que o Dr. Carlos jurasse obedecer-lhe em tudo quanto ella lhe mandasse fazer, jurando ella tambem que não aconselharia nunca nenhuma cousa menos digna ou menos decorosa. A melhor prova que ella lhe poderia dar do seu amor seria a de salvar a honra e felicidade da mãe d'elle. Innegavelmente essa prova seria muito mais eloquente e decisiva do que a de abrir-lhe, simplesmente, as cortinas do seu bem conhecido leito.

E assim se fez. Clotilde parte com o barão para a Gavea e, durante tres mezes, delicia-o com tantas e tão amelaçadas caricias, rodeia-o de tão constantes e miudinhos cuidados, tantos zelos mostra que, por fim, aborrecido, cheio até aos gorgomillos do macarrão d'aquella felicidade problematica, o pobre barão revolta-se, manda a Clotilde e mais a Gavea e mais a vaquinha e os cabritos — para todos os diabos. E, arrependido, ensinado, enxovalhado, volta, enfim, ao lar abandonado e aos braços da baroneza, que, na sua alegria, longe estava de suspeitar a quem devia a sua felicidade.

Eis o entrecho dos *Venenos que curam*. A idéa é feliz e, sem duvida, original. Essa felicidade, porém, não se estenden igualmente por toda a execução, pois que ha algumas scenas em que soffrem ora a verosimilhança ora o interesse que nos espectadores deveram despertar sempre os personagens.

O melhor acto da peça é o terceiro. Tem movimento imprevisito, graça, vivacidade; e é, além d'isso, bem feito.

Um sério defeito encontramos na peça e o diremos com toda a franqueza: —foi o abuso que os auctores fizeram dos monologos. Heos em todos os actos, e alguns mais longos do que fora benevolmente admissivel.

Quanto ao desempenho: — uma lastima!

Exceptuamos do naufragio apenas a velha Elisa, que fez uma Agrippina de primeira ordem; Flavio, que apresentou um magnifico typo, dizendo bem o seu pequeno papel, e Fanny, que deu desempenho muito aceitavel ao seu.

Jesuína Montani não fez mais porque não lh'o permittia o curto papel de baronesa, que lhe coube.

O actor Martins foi de todos—quem o diria?—o que peor andou nos *Venenos*.

Representou detestavelmente o seu papel, que está inteiramente fora do genero em que costuma trabalhar.

A peça foi recebida com sympathia o agrado; o que nos faz crer que terá vida prolongada e feliz.

Bem o merecem os talentosos auctores, que á *Semana* cordealmente felicitam.

Depois d'amanhan, o Lucinda vae servir de theatro para uma festa verdadeiramente original e attrahente.

Trata-se da recita dos auctores da bella comedia *Venenos que curam*.

Além da representação d'esta peça, que arrancou do publico os mais entusiasticos applausos, Mlle. Rose Meryss cantará pela primeira vez uma cançoneta nova, *Amor de artista*, letra de Aluizio Azevelo, musica de Miguel Cardoso.

E ainda uma interressante novida le será fornecida ao publico: Emilio Roude pintará em scena e em quanto o diabo esfrega um olho, quer dizer em dez minutos, um quadro, um quadro que passará logo á mão do feliz espectador a quem tocar o numero premiado no sorteio do dito quadro.

A festa é por conseguinte artistica, original, e será naturalmente concitadissima.

Nos lá estaremos.

No *Sant'Anna* terá lugar terça-feira a primeira representação da zarzuela em 3 actos, traducção de Eduardo Garrido, musica de Barbier e Gastambide — *Amar sem conhecer*. Dizem-nos d'ella coisas muito agradaveis, e por isso cremos que fará successo.

A companhia dos Irmãos Carlo annuncia a ultima semana dos seus espectaculos. Quem não vio ainda a deslumbrante e espirituosa *Cendrillon*, apresse-se que não tem tempo a perder.

O *Recreio Dramatico* celebrou hontem festivamente o segundo anniversario do estabelecimento da companhia dramatica dirigida por Dias Braga, enfeitando-se e illuminando-se todo garridamente, á moda oriental, e inaugurando um lindo panno de boca, pintado por Colliva. Representou-se, pela 26ª vez, o *Conde-Mascotte de Monte Christo* e a actriz Pepa rantou duas applaudidas cançonetas.

Parabens a Dias Braga e « a toda a companhia, » como se diz nas comedias francezas.

Com pequena concorrência, subio á scena quinta-feira no theatro Lucinda o drama *Os escravocratas, ou a lei de 28 de Setembro*, cujo producto será applicado á impressão da peça.

O drama, com que já a imprensa se tem occupado, apesar de bom e de ter um desenpenho regular, foi mal succedido, alcançando apenas algumas vasantes como a de ante-hontem; o que prova, como já dissémos, que o nosso *Zé-porvino* não quer saber de peças de auctores nacionaes: e, por isso, vacilhes pregando *peças*.

A gentil menina Emilia Pestana, em um dos intervalos da representação, recitou graciosamente uma poesia comica, intitulada *A Peta*, da lavra do mesmo auctor do drama o Sr. Pinto de Almeida.

Uma excellente banda de musica executou em scena aberta um hymno habilmente composto e, para terminarmos, o espectáculo esteve muito bom e quem lá não foi não sabe o que perdeu.

P. THALMA.

O coração nunca offerece senão bagatellas; as dadas sumptuosas são do amor proprio.

JOSÉ MARIA DO AMARAL.

TRATOS Á BOLA

Tenho sobre a mesa a bagatella de 32 cartas; e o interessante, porém, é que nenhuma traz decifração certa.

Custa a crer!

Os mais exactos foram os Srs. *Pépe*, que acertou nas—novissima, telegraphica, e antiga (do Sr. Chrispim) e errou nas—microscopica, em quadro e antiga; *Fricinal Vassico*, que acertou com as—novissima, telegraphica, e a do Sr. Chrispim, e não com as: microscopica, antiga e em quadro; e a amabilissima Sra. D. *Josephina B.*, que matou somente as—novissima e telegraphica.

Agora, que eu ia despejar o pote das charadas, eis que me vem parar ás mãos 2 cartas com decifrações exactas.

Os victoriosos, pois, são os Srs. *Calisto Calado*, e *João das Malgas*. Bravos! Que felizardões!... Pois os tratantes, não é que me filaram mesmo as sorpresas? Pois não e que um, (o 1º) lambueu-se com um lindo frasco de crystal para toucador, e o 2º com um volume do *Guarany* de J. de Alencar?!...

Agora lá vae *tratologia*:

Primeiro, esta novidade fradescaamente macacuana:

BISADAS

3—Tem braços.

—deí—

2—Parte do corpo.

Decifram-se assim: ante-pondo e post-pondo syllabas á palavra *dei*, formando um substantivo que tenha braços. Das syllabas que se accrescenta á palavra *dei*, forma-se novo substantivo que seja parte do corpo.

Eis o que é a coisa: juntando-se-lhe syllabas, *dei* tornar-se-ha *ca-dei-ra*; tirando de cadeira a syllaba central, o que fica? *Cara*, não é isso? eis ahí a charada decifrada.

Agora uma para os amadores:

3—A's vezes seus tiros

—dá—

2—E' quantia; diga lá.

MICROSCOPICA

—Li—da—

5

Insana tenho com o fim
De te apanhar, o querida.

NOVISSIMAS

1—2—1—Este artigo não é esperto, om esta chapeleta é bicho e é fructa.

2—2—Muito dinheiro custa o que tem resistencia e se toca.

DECAPITADA

(Por letras)

Vêde só como é comprida.—

Mas, que animal corredor!—

Vae d'esta terra querida—

Co'estas letras (triste vida!)—

Até o artigo, leitor.—

Agora, do Sr. Chrispim, este

LOGOGRIPO NORMANDO

Out'ora foi martyrisado,

Quando esta apenas tinha,

Por esta mulher era chorado.

Se tal cousa aos ouvidos vinha

De tal furor se apoderava

Quando neste não continha

Aquillo que damnificava.

Conceito

Nome de respeitavel ancião

Por sua posição

PATUSCA

Começa em *sara*

Termina em *cura*.

Saracura alguém lhe chama;

Quem decifrar vá contente

Dormir na cama

Que é logar quente.

PREMIOS

Duas sorpresas para os 2 primeiros decifradores. E até sabbado.

FREI ANTONIO.

Out'ora a vellice era uma dignidade; hoje é uma carga.

CHATEAUBRIAND.

COLLABORAÇÃO

INTIMO

Eu leio no teu riso os pensamentos
Que crusam-se em tua alina zombadora
Ao ver, neste meu rosto, alegre out'ora,
Do amor, que eu tenho, os lyricos acertos.

E a legião dos atrozessoffrimentos,
Mortificante e desconsoladora,
Cresce em minha alma, triste como a aurora
D'esses chuvosos dias nevocentos.

Sei que zombas de mim! quanta esperança,
Esse teu riso barbaço, creança!
Aniquilla, destroe, rompe, esphacella!

E se eu vivo tristonho e acabiado,
E' que este amor o sangue meu regala
E que o meu coração está parado.

Côrte, 1884.

RODRIGO OCTAVIO.

FACTOS E NOTICIAS

CRIANÇA ROUBADA

Clemente Ferrari deu, ha cerca de cinco annos, um filho a uma ama de leite para que ella se encarregasse de o criar. Tempos depois foi reclamar o seu filho, e a ama, sob pretexto de que tinha muito apego á criança, não lh'o quiz entregar. Nova reclamação e nova recusa. Por fim, usando do um subterfugio, Ferrari conseguiu tirar o filho de

casa da ama e levou-o para outra casa. Um dia, indo uscal-o lá, encontron a primeira ama, que foi atraz d'elle pelas ruas chorando e gritando pela criança. Presos todos tres.

Aqui o Sr. Dr. Marques Gouvea, então subdelegado de S. José, inverte a sentença de Salomão e manda entregar o filho á ama. O pobre paé, homem ignorante e boçal, quasi enlouqueceu, e anda até agora, ha uns poucos de annos, aparralhado, a reclamar o seu filho ás authoridades. E nada.

O collega *Sforza*, do *Diario de Noticias*, aventou a questão com aquella prolicencia que o distingue.

*, porém, dever de nós todos reclamar a attenção do Sr. Chefe de Policia para este facto do summa gravidade.

! o que fazemos, esperando que a enargia de S. Ex. se manifeste d'esta vez em bem da justiça.

A Secção da Sociedade de Geographia do Lisboa no Brazil celebrou hontem ás 7 horas da noite no salão do Associação Mantenedora do Museu Escolar Nacional uma grande sessão solemne em homenagem aos seus consocios, os exploradores portuguezes Ca pello e Evans. Estiveram presentes S. M. o Imperador, varios ministros, diplomatas e representantes das letras, da sciencia, do jornalismo etc.

Foi uma bella homenagem.

Partio hontem para S. Paulo, d'onde é filho e onde resido o Sr. Dr. Jesuino Cardoso de Mello, que ha poucos dias recebera no Recife o grau de bacharel em Direito. O Dr. Cardoso de Mello fez na academia de S. Paulo brilhantissima figura. Além de escriptor facil, perfeitamente molerno, é orador imaginoso, abundante, eloquentissimo.

Tambem se formou ultimamente no Recife o moço paulista Alcibiades Furtado, um poeta harmonioso e inspirado de quem daremos proxicamente alguns versos.

CORREIO

— Sr. *Quidam*. Comquanto consideremos a idéa de sua poesia «28 de Setembro» meritoria e digna, não nos é possível, contudo, publicá-la; e isto por dois motivos. *Primo*: sei um pouquinho extensa; *secundo*: não ter sido tratada convenientemente. Fica cousa mais breve e um pouco mais limada, que talvez... seja contemplado.

— Sr. *Afonso Guimarães*. Ah! que bom seria que Sua Mercê compalsasse com mais assiduidade os tratados de metrificaçõf... E' o que lhe falta, meu bom senhor, — o cabal conhecimento da contagoni das syllabas. Estale, que lucrará.

— Sr. A. C. Se não fosse a grande abundancia de originaes que temos para publicar, talvez, quem sabe? pulessemos arranjar um logazinho para a sua *fantasia*; mas infelizmente a lotação está completa e não se encontra, nem mesmo nas *turrinhãs*, o espaço bastante para uma cabeça de *amnets*, que terá para a cabeça genial de um *fantasista*? Mil desculpas, sim?

— Sr. *Anonymo*. Sua poesia começa a ser longa desde o titulo: «O anjo com que soube!» Cai issino *Anonymo*, quer um conselho de amigo? Não sonhe mais com anjos. Pois o Sr. não vê que, hoje, o mais com que os poetas podem sonhar é isto: bites sangrentos e *chops* esumantes? Tenha paciencia, mas não nos é possível publicá a sua poesia.

— Sr. *J. M. Ujuara*. Quer saber qual o motivo que me torça a pôr de lado o seu *Dilema*? E' o mesmo que fiz com que não appareça nas columnas do nosso jornal a poesia do Sr. Afonso Guimarães. Metrifiqué *comme il faut*, ou, traduzindo em bom portuguez: como

Dens quer e o Castilho manda, e terá o gosto de ver os fructos do seu estro abrilhantando a columna da *Collaboração*.

— Sr. J. A. P. (Santos) O Sr., além de máu fantasista, sempre nos sahio um malcreadinho!... « Rogo-lhe — diz o seu cartão postal — demonstrar-me o que ha de mim em meu trabalho «fantasia, retrato á penna:» — estou prompto a discuti-lo. » Sim? Mas não o estamos nos, pois temos mais que fazer. Sabe que não, seu Pacheco? Tire da chuva o cavallinho da sua vaidade.

RECEBEMOS

— Dos Srs. Lombaerts & C. o n. 21 da *Estação*, figurinas, molles para vestidos de senhoras encontram-se ali em abundancia.

— O n. 20 da *Illustração*, de que é redactor chefe o conhecido chronicista da *Gazeta de Notícias* o Sr. Mariano Pina. Um magnifico numero; recomendamos o admiravel artigo de Jayme de Sequeira sobre a *Felicia do Padre Eterno*.

— Do distincto maestro, Sr. Miguel Cardoso, uma *Ave Maria*, musica para piano e canto.

— Do Sr. José de Mello o n. 115 da *Bibliotheca do Povo e das Escolas*.

— O n. 71 da *Mequetrefe*, que traz na primeira pagina um bom retrato do Dr. Carijó.

— A *Revista Illustrada* n. 421. Além das cousas da actualidade que illustram as paginas do centro, traz este numero na sua primeira pagina os retratos de Capella e Ivens desenhados por irmão de mestre. O texto é como sempre, de leitura amena e variada. Agradecemos o que nos diz. Sempre amavel... *Grazie*.

— O *Cherubim* n. 10. Muito galante. Um jornalzinho proprio para meninas e moças... solteiras, porque as casadas têm outros cherubins com que se occupam.

— A *Mudança*, organ dos interesses do partido conservador, que encolou sua publicação na provincia de S. Paulo.

— O n. 2 da *Revista Academica* de S. Paulo.

— *Le Brésil*, n. 12, organ dos interesses brazileiros, em Anvers. Dirige essa publicação o Sr. Del au.

— Os ns. 37, 38 e 39 da *Revista do Retiro Literario Portuguez*.

— O *Domingo*, n. 9. Cada vez se torna mais interessante este excellento hebdomadario, que se publica em S. João d'El-Rei. Desejamos-lhe cordalmente vida gloriosa e multissimos assignantes.

— O *Melro*, n. 1. Prosperidades e grande utilidade.

— A *Distração*, n. 58.

— A *Vanguarda*, publicação diaria que, ha dias, fez a sua entrada no jornalismo fluminense. É catholica, apostolica, romana. Milhões de numerus lhe desejamos.

— *Discurso* proferido pelo deputado abolicionista Frederico Augusto Borges na sessão de 3 de Agosto.

— *Representação* que á Cunara Municipal fez o Sr. Pedro Lambertini.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no escritorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Dr. Henrique de Sá, especialista de syphilis e molestias das crianças. — Rua Primeira de Março, 22 (consultas do meio-dia ás 2 horas) — Residência: Rua de S. Clemente, 165 A.

Dr. Cyro de Azevedo. — Advogado. Das 10 ás 4 horas. — Becco das Cancellas n. 2.

Portuguez, francez e Inglez — Professor Rodolpho Porciuncula. Retardos nesta folha.

A PENNA DE OURO

Papel, livros em branco, typographia, encadernação, pantação, objectos de escritorio e de fantasia.

Francisco Leonardo Gomes

82 RUA DO OUVIDOR 82

AGENCIA D'A SEMANA

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBARO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

Francisco Peixoto de Lacerda Werneck

ADVOGADO

LEOPOLDINA

MINAS

COLLEGIO NEVES

Instrucção Primaria e Secundaria

Estabelecido em vasto predio, com grande chacara, offerece as melhores condições hygienicas.

Recebe internos, externos, e meio pensionistas.

Leccionam habeis o zelosos professores.

Rua Barão de S. Felix n. 98

Collegio Universitario Fluminense

NO FIM DA RUA DO BARAO DE ITAPAGIPE

(Antiga da Bella Vista)

No alto do Engenho Velho, logar onde nunca houve epidemia de especie alguma, funciona em edificio e com dependencias expressamente construidas para o fim a que se destina.

Deseja a visita dos interessados, tanto nacionaes como estrangeiros, da corte ou do interior.

Remettem-se prospectos pelo correio a quem os solicitar á directoria.

RELOJOARIA

DE

ALFREDO CEZAR DA SILVEIRA

Casa acreditada para concertos de relógios

67 RUA DA ASSEMBLEA 67

VADEMECUM

DE

Todas as classes da sociedade

LIVRO

INDISPENSÁVEL AOS HABITANTES

DAS

CIDADES DE

Campos, S. João da Barra, S. Fidelis

E

MACAHÉ

PARA O ANNO DE 1886

Editores

SILVA, CARNEIRO & C.

LOJA BOA-ESPERANÇA

60, 62, 64 E 66 RUA DO CONSELHO 60, 62, 64 E 66

CAMPOS

PHARMACIA AMERICANA

Laboratorio Chimico e Pharmaceutico

DE

Vicente Severino de Vasconcellos

Patrocínio de Muriahe

MINAS

DR. GONZAGA FILHO

CONSULTORIO E RESIDENCIA

Rua Visconde de Inhaúma, 61

CONSULTAS DE 1^h AS 3 DA TARDE

Especialidades:

Febres em geral, molestias pulmonares e do coração.

JUVENATO OURO-FINENSE

INSTRUÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA

NA

Provincia de Minas

A CINCOENTA E QUATRO KILOMETROS DA PENHA DE MOGY-MIRIM, DE S. PAULO

Ensino pratico das linguas, intuitivo das sciencias.

Preparo das faculda les pelas Lições DE COUSAS.

Anno lectivo de 10 mezes.

A matricula em qualquer epoca; só é pagavel o tempo da frequencia de cada alumno.

O 2º anno lectivo começa a 3 de Novembro proximo.

Ouro-Fino, Minas, 19 de Outubro de 1885.

O DIRECTOR. — Antonio Francisco Furtado de Mendonça Filho.

PRADO VILLA-ISABEL

PROGRAMMA DA 3.^a CORRIDA EXTRAORDINARIA

A REALIZAR-SE

DOMINGO, 22 DE NOVEMBRO DE 1885

Primeiro pareo—VILLA-ISABEL—Distancia 1,450 metros—Inteiros e eguas nacionaes até meio sangue—Premios: 400\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo—Entrada 20\$000

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Bitter.....	Preto.....	4 annos	S. Paulo.....	51 kilos	Azul e estrellas còr de ouro	E. M.
2	Mascotte.....	Tordilho.....	4 »	R. de Janeiro.	49 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
3	Bonita.....	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	49 »	Azul, branco e encarnado...	S. P.
4	Boyardo.....	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	51 »	Branco e estrellas azues....	M. P.
5	Douro.....	Alazão.....	6 »	R. de Janeiro.	54 »	Verde e ouro.....	José Lopes da Costa.
6	Cambro.....	Tordilho.....	4 »	S. Paulo.....	51 »	Verde e amarello.....	Coud Independencia..
7	Principe Alberto....	Zaino.....	7 »	Paraná.....	54 »	Azul e branco.....	José Guimarães.

Segundo pareo—ENSAIO—Distancia 1,450 metros—Inteiros e eguas nacionaes de tres annos—Premios 600\$ ao primeiro e 200\$ ao segundo—Entrada 30\$000

1	Mandarin.....	Rosilho.....	3 annos	S. Paulo.....	48 kilos	Azul e estrellas encarnadas	Cunha Lima.
2	Sybilla.....	Zaino.....	3 »	S. Paulo.....	54 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
3	Druid.....	Tordilho.....	3 »	R. de Janeiro.	50 »	Encarnado e ouro.....	Coud. Confiança.
4	Biscaia.....	Alazão.....	3 »	S. Paulo.....	45 »	Freitas Guimarães.
5	Dora.....	Alazão.....	3 »	S. Paulo.....	48 »	Oure e facha.....	Freitas Guimarães.
6	Nicoafy.....	Zaino.....	3 »	Paraná.....	48 »	Encarnado e ouro.....	M. P.

Terceiro pareo—METROPOLITANO—Distancia 1,609 metros—Inteiros e eguas nacionaes—Premios: 800\$ ao primeiro e 200\$ ao segundo—Entrada 40\$000

1	Sans Souci.....	Castanho.....	5 annos	Minas Geraes	54 kilos	Azul e estrellas còr de ouro	E. M.
2	Talisman.....	Alazão.....	6 »	S. Paulo.....	57 »	Azul, branco e encarnado..	Coud. Cruzeiro.
3	Bayoco.....	Castanho.....	4 »	S. Paulo.....	53 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.

Quarto pareo—OMNIBUS—Distancia 1,609 metros—Animaes de todos os paizes—Premios: 1:000\$ ao primeiro e 250\$ ao segundo—Entrada 50\$000

1	Phrinéa.....	Castanho.....	3 annos	Inglaterra....	54 kilos	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
2	Silvia II.....	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	51 »	Azul branco e encarnado...	Coud. Cruzeiro.
3	Curubaia.....	Zaino.....	5 »	Inglaterra....	60 »	Preto e encarnado.....	D. F. P.

Quinto pareo—CONSOLAÇÃO—Distancia 609 metros—Inteiros e eguas até puro sangue, que ainda não tenham ganho—Premios: 400\$ ao primeiro e 150\$ ao segundo—Entrada 20\$000

1	Sornet.....	Zaino.....	3 annos	França.....	55 kilos	Azul e estrellas encarnadas	Coudelaria Paraizo
2	Françoise.....	Alazão.....	3 »	França.....	55 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes
3	Douro.....	Alazão.....	6 »	R. de Janeiro.	55 »	Verde e ouro.....	J. L. da Costa.
4	Flora.....	Castanho.....	5 »	Rio da Prata.	59 »	Verde e amarello.....	M. M.
5	Neva.....	Castanho.....	2 »	França.....	51 »	Verde e amarello.....	Coud. Independencia.

Sexto pareo—PROGREDIOR—Distancia 1609 metros—Inteiros e eguas nacionaes de meio sangue—Premios: 500\$ ao primeiro e 150 ao segundo—Entrada 25\$000

1	Regalia.....	Vermelho....	5 annos	S. Paulo.....	55 kilos	Encarnado e ouro.....	Coud. Confiança.
2	Aureliu.....	Alazão.....	3 »	R. de Janeiro.	46 »	Azul e estrellas còr de ouro	Antonio E. de Oliveira
3	Bayoco.....	Castanho.....	4 »	S. Paulo.....	57 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.

Setimo pareo—JAMES LUFF—Distancia 1000, metros—Animaes de todos os paizes—Premios: 200\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo—Entrada 20\$000

1	Speciosa.....	Alazão.....	3 annos	Inglaterra....	55 kilos	Azul e estrellas còr de ouro	E. M.
2	Saphira.....	Zaino.....	3 »	França.....	55 »	Azul, branco e encarnado..	Coud. Cruzeiro.
3	Aymoré.....	Castanho.....	5 »	S. Paulo.....	53 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
4	Fanfarron.....	Alazão.....	3 »	França.....	56 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
5	Damietta.....	Castanho.....	4 »	Inglaterra....	58 »	Banco e manchas pretas....	M. U. Lengruber.
6	Curubaia.....	Zaino.....	5 »	Inglaterra....	60 »	Preto e encarnado.....	D. F. P.
7	Gazida.....	Alazão.....	2 »	França.....	50 »	Azul e amarello.....	Souza Liberal.

Oitavo pareo—CONCILIAÇÃO—1,300 metros—Animaes de menos de meio sangue—Premios: 200\$ ao primeiro e 60\$ ao segundo—Entrada 10\$000

1	Sultão.....	Libuno.....	3 annos	Minas Geraes	51 kilos	Azul e estrellas encarnadas	J. F. Vaz.
2	Sirodio.....	Castanho.....	5 »	Rio Grande...	56 »	Encarnado e bonet ouro...	J.
3	Tchang-Tching-Bung..	Alazão.....	5 »	Rio Grande...	54 »	Ouro e encarnado.....s.	D. A.
4	Crichand.....	Chita.....	5 »	Paraná.....	54 »	Azul e ouro.....	José R. Franco.
5	Conde.....	Castanho.....	8 »	Paraná.....	56 »	Encarnado.....	A. M.
6	Bella Yayá.....	Zaino.....	4 »	Paraná.....	50 »	Rosa e ouro.....	Coud. Amadores.
7	Eucharis.....	Tordilho.....	5 »	Paraná.....	57 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
8	Fils du Diable.....	Tordilho.....	5 »	Rio da Prata.	60 »	Grenat e ouro.....	Coud. Rio de Janeiro.
9	Savana.....	Castanho.....	4 »	Rio Grande...	49 »	Branco e verde.....	C.
10	Bisão.....	Zaino.....	5 »	Rio da Prata.	60 »	Verde e amarello.....	Coudelaria Campista.
11	Arenas.....	Douradillo..	5 »	Rio da Prata.	60 »	Branco e grenat.....	J. P.
12	Verbena.....	Castanho.....	3 »	R. de Janeiro.	47 »	Azul e encarnado.....	Freitas Guimarães.

OBSERVAÇÕES.—Roga-se aos Srs. proprietarios o obsequio de terem os animaes inscriptos no primeiro pareo ás 11 horas precisas no ensilhamento, principiando as corridas ao meio dia em ponto. A companhia Villa-Isabel terá bonds extraordinarios das 9 1/2 horas em diante com pequenos intervallos.—R. de Carvalho, 2º Secretario.

A SEMANA

CORTE
 Trimestre..... 2\$000
 Semestre 4\$000
 Anno 8\$000

PROVINCIAS
 Semestre 4\$000
 Anno 8\$000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

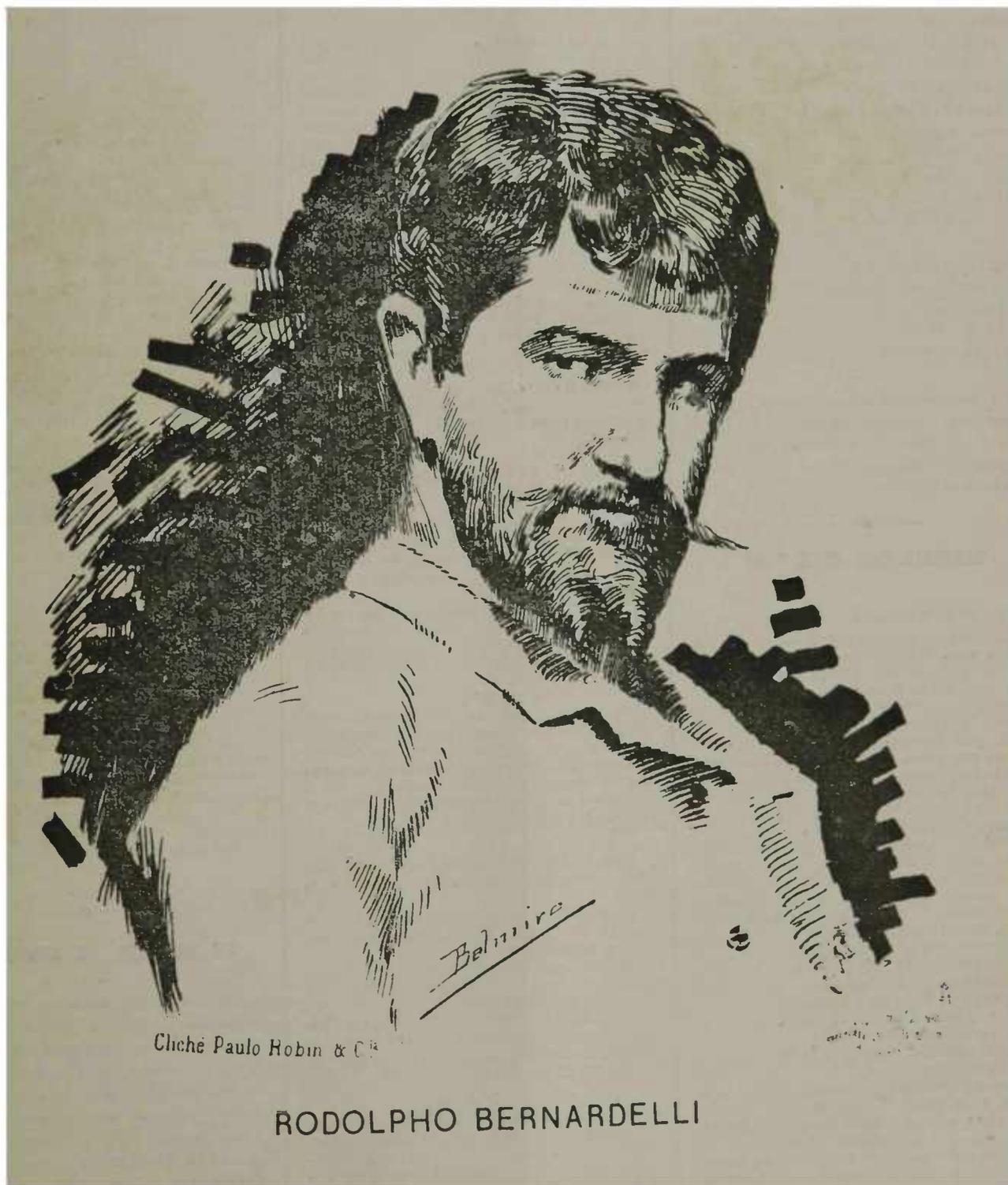
Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.



SUMMARIO

Historia dos sete dias.....	FILINDAL.
Um retrato de Bernardelli	F. A.
Politica e politicos.....	ORVC.
As nossas casas.....	JULIA LOPES.
O conselheiro Canto.....	DR. G. FILHO.
Sonetos a premio.....	F. DE SERPA.
Vida nova, poesia.....	F. D'ALMEIDA.
Na Aguia de Ouro.....	C. C. BRANCO.
Os nossos livros.....	M. VALENTE.
A V. Hugo, soneto.....	A. LOBO.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Theatros.....	P. THALMA.
Factos e noticias.....	
Annuncios.....	

A SEMANA

Rio, 28 de Novembro de 1885.

Daremos no proximo numero um trecho do admiravel poemeto de Luiz Del-fino — *Christo e a Adultera*, a mais recente produção do nosso genial poeta.

A luta prometheana do grande esculptor com o marmore, de que arrancou aquelle prodigio, é descripta nessa pagina com inspiração e versos dignos de V. Hugo. E' um presente regio, este que *A Semana* vae fazer aos seus leitores.

Por nos ter chegado ás mãos dema-siado tarde, somente no sabbado proxi-mo poderemos publicar um artigo de Lucio de Mendonça, intitulado: «O Sr. Enéas das *Miragens*—Convite e resposta.»

Por falta de espaço deixamos de pu-blicar neste numero as secções *Tratos á bola*, *Vida elegante*, *Conselhos saluta-res*, um artigo sobre Aurelio de Figueiredo e outros trabalhos.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Rio, 28 de Novembro de 1885.

Não sei se a *historia* me sahirá triste d'esta vez. Eu confesso que estou ra-diante de alegria, porque na semana que hoje finda tive a maior satisfação e gosei a mais extraordinaria ventura da minha vida. Imagine-se um namorado roido por intensissima paixão, no mo-mento em que a dona do seu peito, abai-xando pudicamente os olhos tentadores, lhe declara corresponder ao seu affecto e lhe alimenta com doces palavras os sonhos e as esperanças do futuro.

Pois foi o que se passou nesta semana, entre mim, pobre mortal abandonado da sorte, e o sempre adorado objecto dos meus amores—o incomparavel e monstruoso José do Egypto! Este chro-nista illustre, que em tantos dias me-moraveis levou a risada homérica ao seio consternado das familias do Sacco, por intermedio d'esta folha,—este diabo adoravel de José do Egypto, prometteu encarregar-se d'ora avante de escrever a *historia dos sete dias*.

Esta inesperada felicidade embebe-dou-me de prazer.

O *sim* que elle respondeu á minha sup-plica, essa palavra magica desprendida dos seus labios cor de rosa, teve sobre mim o poder de obscurecer a luz do sol, e de me entremostrear no proximo hori-sonte da minha vida uma nova estrella guiadora, no centro da qual aquellas tres letras fulguram com a intensidade de tres esplendidos sóes!

Esta é, pois, a ultima *historia* que eu traço nestas columnas, das quaes me-despeço com lagrymas... de contenta-mento.

A noticia que maior ruido fez na se-mana foi a da morte do Rei Affonso XII, de Hespanha.

Esta nova foi espalhada na noite de 25 em numerosos boletins pelo excel-lente *Diario de Noticias*, que a recebeu, por telegramma, do seu correspondente da Europa.

Não é de corações generosos tripudiar sobre uma campã ainda mal cerrada, embora o corpo que ella cobre seja o de um rei, entidade que pertence exclusi-vamente á Historia; mas quando o morto forneceu durante a vida, aos adversarios dos seus principios, armas contra si proprio, deve ser relevada a emmissão do juizo imparcial e recto dos contemporaneos sobre a individualidade que pelo acaso da sorte teve um papel saliente no grande palco da civilisação.

Melhor do que nós poderíamos dizer do rei morto, disse a *Gazeta da Tarde* em um brilhantissimo artigo no dia 26.

Transcrevemos os seguintes tópicos que synthetizam, com relação aos reis como Affonso, o pensamento social mo-derno:

«Promettendo ao seu protector pa-gar-lhe os serviços pessoases pela satisfa-ção da sua voracidade de territorio, Affonso é o responsavel pela pendencia das ilhas Carolinas, que já teria custado á Hespanha mais uma dolorosa humi-lhação, se a dignidade dos povos não fosse correctivo á torpeza dos reis.»

«O que estará por detraz d'este tu-mulo maldito? A raposa do norte escon-deu-se por debaixo do leito prostituido de Isabel II para dar o primeiro bote assassino contra a aguia franceza, amarrada á cauda do vestido de Eugenia.»

«Congratulemo-nos, os amigos da de-mocracia, e façamos votos para que o epitaphio de Affonso XII seja assim escripto:

«Aqui jaz o filho de Isabel II e com elle a monarchia hespanhola.»

De facto um telegramma de Buenos-Ayres, annuncia a proclamação da re-publica na Hespanha.

Oxalá que esse telegramma seja a in-teira expressão da verdade. Poderemos então congratular-nos sinceramente com a patria gloriosa e desgraçada do Cid e de Pelayo.

Os directores da companhia *Inte-gridade* foram obrigados por sentença judicial, a entrar para os cofres d'aquella companhia com a somma de 306 contos de reis.

Honra ao integro juiz que determinou se intêgre a Integridade.

Depois dos grandes escandalos do ma-tadouro estão-se dando as grandes demor-dens.

O subdelegado de Santa Cruz pôz-se a gritar de lá que lhe mandassem soc-corro, porque havia chinfrim.

Solicito, o Sr. Chefe, agitou o seu glo-rioso cavaignac e remetteu-lhe 20 praças com o 1º delegado á frente.

Foi uma victoria estrondosa. Os des-ordeiros debandaram e a força voltou a quartéis cada vez mais aguerrida e forte. Honra ao pavilhão auri-verde.

Eu poderia ainda escrever de uma ma-nifestação terrivel que soffreu o Dr. Monteiro de Azevedo por parte do Hos-pital do Carmo, manifestação cujo re-trato o *Jornal*, na sua noticia de 26, re-cusou declarar que fosse a oleo; poderia tratar do caso da remessa de menores livres para as fazendas do interior, re-

messa que é uma vergonha para os Srs. juizes de orphãos; poderia rir-me com o leitor da figura que os enviados do Brazil fizeram no tribunal arbitral do Chile, caso muito bem commentado em excellentes artigos do *Paiz*; poderia des-crever a magnifica festa que se realizou no dia 23 no Lyceo de Artes e Officios; poderia e deveria tratar d'estes e de outros assumptos, mas tenho pressa de acabar esta ultima chronica e torço que dar ainda dois dedos de prosa á *Gazeta de Noticias*.

Perguntou a *Gazeta* qual a razão do nosso entranhado odio ao *cavaignac* e ás *péras*. E' difficil a resposta. Dir-lhe-emos, todavia, que é uma questão de esthetica—o nosso odio áquelles appendices ca-prinos que o supremo mau gosto pen-dura aos queixos, é ingenuo, mas ro-bustecido pela educação do espirito e pelas suggestões do bello abstracto da arte em geral.

Deus, diz o pentateuco, fez o homem á sua imagem. Ora o apocalypticó Jeho-vah, a respeito de belleza physica já não era lá para que digamos... O homem, porém, achando-se ainda pouco feio e pouco desengraçado, inventou a navalha e começou de arar a herva que a Natu-reza prodiga lhe fez rebentar pelo rosto; e de feitio em feitio chegou á abjecção, á ignominia do bigode e péra!

Este facto, nullo á primeira vista, é de uma grande importancia para as in-ducções da antropologia moderna: elle vem provar com mais um argumento solido a theoria de Darwin; o instincto de imitação levou o homem a parodiar o bóde!

Estas e muitas outras razões é que nos levam a odiar o *cavaignac*. Não temos tempo para uma dissertação, e fallece-mos tambem o espaço.

Além de que o leitor tem mais que fazer e eu tambem.

Não se misque porém a *Gazeta*, de- pois d'esta explicação sem que aperte-mos contra o nosso magro peito o seu farto abdomen num cordealissimo abraço de agradecimento. Cá recebe-mos, os seis espirituosos contos com que se dignou de concorrer ao certamen de prosa por nós instituido. Permittirá, porem, a amabilissima collega que os excluamos do julgamento, pois que para entrar neste é condição indispen-savel a ignorancia absoluta, por parte dos juizes, da procedencia dos trabalhos a julgar.

Isto, contudo, longe está de ser uma razão para que lhe não agradeçamos, mais uma vez,—a generosa e rutilante *reclame* com que nos honrou, domingo passado, a sua bondade.

Não ha, decididamente, como ter amigos.

Até sempre!

FILINDAL.

UM RETRATO DE BERNARDELLI

Damos neste numero um bello re-trato de Rodolpho Bernardelli, dese-nhado á penna pelo nosso collaborador Belmiro de Almeida, um rapaz de muito talento, que, se ainda lhe falta muito para attingir na sua difficil arte a inteira correção dos mestres, revella contudo qualidades excepcionaes, que raramente se encontram nos alumnos da nossa pobre Academia de Bellas-Artes.

A' primeira vista, este novo trabalho

de Belmiro de Almeida pôde parecer incompleto e mesmo mal acabado.

Isto resulta da *maneira de ver*. Em geral o nosso publico não sabe *ver* uma obra de arte, desde que ella não tenha o cunho de vulgaridade, desde que na sua execução o artista se haja rebellado contra os processos consagrados pela rotina e pela deficiencia de espirito creador e innovador que tão notavelmente distingue os nossos artistas. Havendo um pouco de novidade em um quadro, desde que o artista procure ser original, ou procure apenas seguir uma corrente nova de idéas ou de suggestões artisticas, desde que elle possua uma estranha nota individual, quo separe os seus trabalhos do estalão commum a todos os outros emanados dos processos officiaes e academicos, o publico perturba-se, espanta-se, não comprehende, e induz, sem mais demora de exame, que a obra é má.

A nossa critica artistica não tem dirigido para este importante ponto as suas vistas, que, valha a verdade, são bastante curtas; divagando pelas simples apreciações abstractas, elogia a torto e a direito, quando lhe parece, e lá uma vez ou outra deprime tambem obras dignas de animação.

Num paiz cujo ambiente artistico é quasi inteiramente nullo, o povo não tem onde educar o seu gosto, e compraz-se com detestaveis oleographias para a satisfação do seu ideal de pintura. E necessario, pois, que a critica, quando aventar o estudo, embora rápido, de um trabalho d'arte, ensine, ainda que disfarçadamente, a *ver* esse trabalho; procure apanhar as bellezas que devem escapar á incompetencia do espectador vulgar e as faça resaltar com a possível evidencia, tentando convencer o leitor de que são boas e apreciaveis qualidades aquillo que elle julgon! defeitos.

Assim, áquelles dos nossos leitores a quem não pareça bom o retrato que hoje estampamos na nossa primeira pagina, recomendamos-lhes que reparem na maneira pouco vulgar por que está executado esse trabalho; que elles vejam quo ali não ha o contorne feito a linhas puras, cortado abruptamente no fundo. O busto destaca-se poderosamente da sombra, onde se esbatem levemente as suas extremidades; não é um retrato vulgar, com todo o sombreado lambido e arredondado; as meias tintas são apenas indicadas a traços rapidos e o tom branco do busto contrasta com o carregado energico do fundo.

Não sabemos se a phototypia reproduzirá com fidelidade e sem alteração o original. Este, porém, podemos assegurar sem o minimo receio que é um trabalho que faz honra ao auctor, pela novidade da maneira e pela largueza da execução.

Parabens a Belmiro de Almeida.

F. A.

POLITICA E POLITICOS

« Canta, deusa, a colera de Achilles, filho de Pelen, colera fatal, que derramou desgraças sobre os gregos, precipitou no antro plutonico as almas viris de multidão de heróes, e deu seus corpos em pasto aos cães e ás carnicieiras aves. »

(Illiada.—Canto I.)

... Saracoteiem notas offenbachicas, entre-choquem-se espondylos, tilintem campainhas, em *ouverture* á parodia do lance homerico :

As hostes conservadoras d'este Baixo Imperio, bipartem-se, ao dizer de muitos, pois um dos maiores chefes sente a colera agitar-lhe o espirito, pois no cerebro de um pontifice a raiva convulsiona a idéa.

Ao chefe dos guerreiros de longos cabellos, tiraram estremecida amante, e a tão formosa Briseis nem mais amor, nem beijos lhe dará.

Aqui, onde a acção humana despe altanerias tragicas, onde o odio em raiva se transmuda, foi motivo do schisma a demissão de um delegado e sobrinho.

Irreverencia atroz! Ceifar altas papoulas á maneira do Soberbo! Ferir grey de levitas!

E vae pela cidade um ferver de conjecturas, um bulicio, um vozear, qual se se avisinhasse irremediavel desgraça.

Aqui, auguram longos tempos de melhoria, reforma no culto. Sorriem adeante os scepticos, e apontam, a doudejar pelas ruas, um coupé de chefe, vasio e triste, á espera de locatario novo.

Caricaturistas, em maré de boa chalaça, preparam paginas com enquadramento chinez, contendo um mandarim de terceira classe, despedido, levando em pôs si carapinhas de africanos, trunfas de crioulas, esfarrapados meninos de volta das senzalas, navalhas abertas, e recua de corynthianas a preço modico, levadas por um deportado arrastando um decreto *rôto*.

O que provirá d'essa colera citada em boletins, e transmittida pelo telegrapho? Jupiter vae agitar as aguas, arrasar montanhas, e em commoções, em furias, trazer os pendões da *gente ordeira*, ou Minerva virá a tempo, segundo narra Homero, segurar pelos cabellos o encolerizado Achilles?...

Complicação de tal jaez, em vespuras de combate eleitoral, não é pequeno trambolho para um governo nascido de pouco, e sem o tempo completo.

Não deve porém trazer pasmo esse tão falado schisma.

A dissidencia de 71 não desapareceu e ali mostra o seu rancôr. E o governo actual é um ensaio de *modus vivendi* de orthodoxos e schismaticos.

O espirito atrasado, a carencia de ideal politico dos antigos inimigos de Rio Branco, ha de ser alfim substituido pelo grupo dos que pretendem alguma cousa.

O ventre da escrava foi o motivo da separação, e d'esse tempo até hoje nem cessou o rancôr, nem baixou o marulho da inveja e da intriga.

Unidos para o governo, pôde-se dizer que brigam os do mesmo bairro, e assim, talvez Frei Antonio recont e com justesa, a anecdota:—«Paz entre amigos.»

ORYC.

AS NOSSAS CASAS

OS POBRES

Nenhum assumpto pode ser mais proprio para a penna de uma mulher, embora ella seja como o é a minha, rude e inutil, do que este que escolhi hoje— a pobreza.

A nossa organização impressionavel, sentimental, nervosa, faz-nos estremecer de piedade diante d'esse fundo escuro do quadro social, triste oceano de lagrymas onde ha tantos naufragos sem taboa!

Ai, minhas amigas, eu bem sei que muitas de entre vos adivinham muitas vezes até a mais amarga das pobresas, a que dissimula, que esconde uma lagryma num sorriso, um soluço num canto, e a que valem sollicitas afastando ao mesmo tempo toda a lamentação que humilha e que o natural orgulho não comporta!

Essas, hão de sentir um prazer magico, indefinivel, soccorrendo uma classe infeliz, que se occulta aos olhos estranhos, porque sabe que se aprofundaria ainda mais se transparecesse lá fóra.

O contacto dos pobres envergonha os ricos, como se pelas leis christãs não estivessem invertidos os papeis!

Não é meu intento fallar agora de preconceitos sociaes; o meu fito limita-se puramente a apontar nma das missões mais bellas que a mulher exerce— a caridade.

E' rara a senhora que não tem os seus pobres. Este velhinho aleijado, de olhar amortecido e longas barbas brancas, sabe que a uma porta jamais bateu de balde, elle ali vé sempre agradecido a mãosinha mimosa de uma menina que vem sorrindo bondosa lá de dentro, trazer-lhe, cheia de carinho, a esmola, que já nem pede! O perfume suave d'essa alma infantil inunda-o de consolo e elle a bemdiz!...

As mães devem sempre dar a esmola pelas mãos das filhas; fazendo-as comprehender dores alheias, respeitar a velhice, ser afaveis para com os inferiores, formando-lhes assim no coração uma fonte de inesgotavel doçura. Devem ter sempre em mente esta duvida apoquentadora: que lhes reservará o futuro?—e preparal-as para tudo, com o meio mais eficaz para exercitar o coração no bem—que é fazel-o caritativo.

A proposito, lembra-me esta scenia singela que me ficou gravada na memoria:

Um dia, a Sra. L. chamou a sua Julieta e disse:

— Meu amor, está ali um pobresinho; que devemos fazer?

— Dar-lhe uma esmola.

— Mas teu pae levou todas as chaves, e não tenho nada!...

— Procure bem... Ah! já sei! os seus brincos!

— Oh! meu anjo, replicou rindo a Sra. L. mas com que fico eu?

— Commigo, respondeu ingenuamente a pequenita.

— Não ha joia que se te compare, mas não te posso usar nas orelhas, bem vés. Depois, estes brincos foram-me dados por tua avó... Procura mais...

E a pequenita, toda entristecida, respondeu:

— Não sei!...

— Vae então dizer que tenha paciencia...

— Isso não... tenho dô... coitadinho...

Depois, voltando-se a uma idea subita, correu para o interior. Tornou um momento depois, risonha, triumphante, mostrando á mãe uma moêda segura na ponta dos seus dedinhos roseos.

Fui pedil-a ao creado—murmurou ella ao passar rapidamente pela mãe, que a

vio sumir-se como um raio de luz na sombria obscuridade do longo corredor.

Essas scenas vulgares demonstram clara, nitidamente o fluído do coração de quem as executa. Um riso, uma lagryma, um movimento impellido pela acção do momento, diz tudo, principalmente nessa idade em que a alma desabrocha toda orvalhada do ceu, sem affectada meiguice, nem fingida bondade.

A Sra. L. tirára uma brilhante prova da sua Julieta e estava contente.

Podéra não!

Imaginemos agora que uma infeliz viuva, gasta pelos trabalhos, canceiras da vida e fatalidaes de uma sorte má, recebe todas as semanas das nossas economias de meninas solteiras um peculio que, embora mesquinho, a faz, pela boa vontade com que é dado, extremamente agradecida. Essa pobre, é uma velha, uma ruína; tudo nella inspira compaixão e inspira respeito. Acostumamo-nos a vel-a á nossa porta, a darmos-lhe almoço, ou um chale, uma tigella de caldo ou uma saia usala; mesmo cousas que não nos fazem falta absolutamente.

Ella affeição-se á gente, aquillo vai assim a pouco e pouco e, sem se saber como, criamos-lhe amizade tambem.

Passam-se semanas, mezes e annos, e um dia, em que o nosso pensamento estiver todo absorvido n'uma felicidade intensa, quando sentirmos o coração palpitar jubiloso sob a alvura nitente do traje de noivalo, não será então doce ver-se, através do veu que nos cobre sobre a face, o vulto engelhado e tremulo d'essa boa velhinha, a nossa protegida, que nos vem abençoar e dar os parabens antes de nos ajoelhar aos pés do altar?

Ella virá trazer-nos um raminho de flores mal amanhadas, e a boa recordação de quesomos dignas da ventura que possuímos.

E' quanto basta.

E' tão bom concorrer a gente para alliviar um pouco da muita miseria que vai por esse mundo!

No Brazil a pobreza não apresenta, como na Europa, por exemplo, os mesmos quadros lugubres.

Lá, nas grandes capitães, onde ha accumuladas fortunas colossaes e um luxo scintillante e esplenoroso, a miseria é maior.

Tem o seu inverno gelido e a mesquinhez de salario que os acabrunha e mata; aqui, na terra da primavera eterna, so e verdadeiramente digno de lastima o que não tiver um pouco de forcas que o habilitem a lutar pela vida.

Feliz do que pode vencer a incruentapobreza; infeliz do que se deixa abater por ella! Em todo o caso, gloria aos vencedores, e amor aos vencidos.

JULIA LOPES.

O CONSELHEIRO CANTO

O fallecimento do conselheiro Dr. Francisco José do Canto e Mello Castro Mascarenhas causou-me o mais sincero pesar, e creio, que de igual consternação devem ter-se amargurado todos, que com elle privaram.

Fui sempre um dos seus mais convencidos admiradores, e só hoje, que por elle não posso ser infelizmente ouvido, cabe-me o triste ensejo de fundamentar essa mesma admiração.

Falou-ei em poucas palavras:—na

convivencia dos homens, não sei que nenhum se haja imposto a meus olhos, como mais estimavel.

Bem estudado, bem confrontado, bem esmerilhado em todos os seus actos, o conselheiro Canto, hora por hora, mez por mez, anno por anno, em vez de decahir, ascendia no coração e no conceito dos observadores os mais severos.

Ter-lhe-ia sido facilissimo transpor as elevadas posições politicas ou deslumbrar entre os chamados vultos scientificos. Preferiu confraternisar-se, ir apurando progressivamente sua bondade, seu exemplo, sua honra, sua perseverança, seu conselho, seu finissimo bom senso no meio da sociedade, que passa agora a devidamente aquilatar-lhe a verdadeira falta.

Como bibliothecario particular de S. M. o Imperador dispoz dos melhores livros, dos mais importantes jornaes e revistas, e com sua habitual applicação conseguiu accumular profundos conhecimentos, não só da cadeira de physica, que durante trinta annos dignamente regeu na Faculdade de Medicina, como tambem de todos os ramos das sciencias medicas e das lettras em geral.

Era de uma conversação instructiva, leal, agradabilissima; de uma sensibilidade e de uma intelligencia superiores, absorventes, agasalhadoras de tudo que ha de grande, de justo e de bello. Com o mais consciencioso regalo assimillava uma opera, um quadro, uma estatua, um profundo discurso, uma inspirada poesia, as ultimas e fecundas descobertas scientificas.

Acato a honra de ter sido seu discipulo e muito seu amigo; curvo-me, saudosissimo, ante seu tumulo, e dar-me-ei por consolado, se todos se competrarem de que estas linhas, longe de serem favorecidas por individual affecto, sintillam o merecimento photographico da mais escrupulosa justiça.

DR. GONZAGA FILHO.

SONETOS A PREMIO

Meu caro Valentim.—Para as delicias que eu hei de levar d'este planeta quando á dura parca approuver arrebatarme para os outros, contribuo efficacissimamente a *Gazeta de Campinas* de 10 do corrente.

Sabendo nós todos que o poeta Carlos Ferreira é o redactor chefe d'aquelle jornal, comprehenderemos facilmente o enthusiasmo que tem a folha campineira pelas produções do seu vate.

Isso é razoavel e desculpavel.

Mas levar esse enthusiasmo até o ponto de pretender fazer do bardo das «Rosas Loucas» o *primus inter pares* da poesia brasileira, é o que me parece, pelo menos—ridiculo.

Pois foi o que fez a *Gazeta de Campinas* com relação ao torneio de sonetos a Victor Hugo, aberto pela *Semana*, que tu tão criteriosamente diriges.

D. Adelina Vieira, Machado de Assis e Lucio de Mendonça, juizes nomeados

pela *Semana*, dos 45 sonetos que este jornal lhes apresentou, julgaram meliores, e dignos consequentemente dos tres premios promettidos, os dos Srs. M. V., Soares de Souza Junior e Alberto de Oliveira.

Que fez a *Gazeta de Campinas*? Pegou dos tres sonetos premiados, juntou-lhes o de Carlos Ferreira, que tambem concorrera ao torneio, e estampou-os no seu numero de 10, precedidos do seguinte cavaco:

«A *Semana*, jornal litterario que se publica na corte trouxe, em seu numero de ante-hontem, o resultado do torneio intitulado—Sonetos a premio, ha pouco tempo proposto pelo chefe daquelle folha.

«Damos abaixo os tres sonetos que foram escolhidos pelos tres julgadores nomeados pela redacção da *Semana*, e tambem damos o de Carlos Ferreira que foi um dos concorrentes ao torneio.

«Como em questão de poesia os gostos variam muito, é possível que o publico queira por sua vez ser tambem juiz nesta materia.»

O italico das ultimas linhas é meu.

Depois d'esse periodo, pergunto-te, meu caro Valentim, se já viste prova de mais balofo e de mais chato orgulho, na tua vida de jornalista. A fatuidade, no que ella pôde ter de mais estulto, está ali flagrantemente representada. O facto de publicar com os outros tres o soneto proprio, chega a parecer impudencia, se lemos com attenção a bella obra que se pretende, com tamanha audacia, impingir ao publico ingenuo.

Vamos lá transcrever e analysar esta preciosidade, bem digna da maluquice das rosas:

De estranha e intensa luz nuns turbilhões incertos,
Gloriosa a fronte envolta em osculos vehementes,
Hugo surgio além, em convulsões candentes
Nos abysmos do azul a grande luz abertos...
Entrou!... Ao vel-o assim enorme, audaz, cobertos
Os cabellos de soes,—aureolas refulgentes—
O eterno sol abriu as palpebras trementes
E encheu de immenso assombro os sideraes desertos!
«Gloria! Gloria!» exclamou, e em extasis recuando
Foi n'um febril assomo ás pressas despertando
As multidoes sem fim dos orbes do infinito!
Grupam-se em torno ao Deus os mundos e as auroras,
O ceo desfaz-se todo em musicas sonoras,
—«Hosana!» braia o sol, n'um formidavel grito!...»

Temos Hugo nuns turbilhões incertos de luz estranha e intensa, com a fronte gloriosa envolta em osculos vehementes, surgindo além em convulsões candentes, nos abysmos do azul abertos á grande luz.

Deixando passar pela rede do senso commum as convulsões candentes, Hugo surge nos taes turbilhões; mas Hugo, sempre revolucionario, para surgir de uma maneira original e nova, substitue a coroa de louros com que os outros immortaes enramavam as fronte, por uma outra de osculos... vehementes!

Depois de surgir nos abysmos de luz, que fez o grande Mestre?

Entrou!...

No momento de entrar, talvez com o auxilio do machinista do Heller, a coroa de osculos transforma-se em cara-

puça de sóes e cobre-lhe os cabellos; neste ponto o poeta diz que os sóes são —aureolas refulgentes. Ao ver isto tudo, o eterno Sol, o outro, o que nos allumia, abriu as palpebras trementes e encheu de assombro immenso os desertos sideraes; depois, *recuando em extasis*, poz-se a gritar:—« Gloria! Gloria! » e, n'um assomo febril, foi despertando, ás pressas,—porque tinha muito que fazer,—as multidões sem fim dos orbes do infinito.

Depois gruparam-se em torno ao Deus os mundos e as auroras, o céu desfez-se todo em musicas—das sonoras—e o Sol, o tal, já rouco, num formidável grito, *bradou*: Hosana!»

Eis a astronomica trapalhada, que, num prodigio de gymnastica metrica, o bardo conseguiu metter em quatorze alexandrinos.

Nem vislumbre de idéa, nem sombra de criterio poetico, nem pado de senso commum.

Um sol a gritar por ver outros collegas cobrindo cabellos humanos, uma fronte envolta em beijos vehementes, abysmos de luz, convulsões candentes, céu desfeito em musicas, turbilhões incertos—e tolices certas.

Prompto o soneto. Mas os juizes recusam-lhe o primeiro premio? Os juizes que esperem! o bardo appella para o juizo do publico, e agora é que se vae ver quem tem sonetos vazios para vender!

Tu sabes, meu Valentim, que eu nesta questão sou insuspeito. Também concorri com um triste soneto, e não tive a honra de abiscoitar nem ao menos o 3º premio. E nota que, desde que Victor Hugo morreu, eu passei a considerar-me o primeiro poeta do século; isto muito antes do Sr. Carlos Ferreira, porque, quando se recebeu o telegrama que annunciava a catastrophe, eu estava ali na corte e passei pelo escriptorio da *Semana*, no momento em que tu e o Filinto cobrieis as janellas de crepe.

E como isto de ser primeiro poeta é mais uma questão de chronologia do que de critica, o primeiro poeta não pode ser o Sr. Ferreira; o primeiro poeta sou eu, porque assim me considerei muitas horas antes d'elle.

Tive idea de fazer também ao Mestre um soneto do genero rosalouca, mas depois pareceu-me que seria estopada e não o fiz.

Todavia, como já tinha muito material reunido, vou communicar-te a minha idéa:

Tomam-se doze bicos de estrellas (das de 1ª grandeza, se fór possível) e espetam-se em uma laranja selecta; depois tira-se um dos bicos, e pelo furo que elle deixar, despejam-se para dentro da laranja dois litros de luz coada, uma mancheia de cascãs de nozes e um calice de hydromel; feito isto, pega-se da laranja e atira-se com ella as ventãs da urça maior; depois, agarra-se na urça com a laranja e tudo e amarra-se-lhe ao pescoço uma tira azul do céu; cortam-se as duas palpebras do sol e fazem-se com ellas uns oculos para a urça, a qual já deve ter na cabeça um chapéu alto; em seguida prende-se-lhe á cauda o cruzado do sul; trituram-se dez astros e com o luminoso pó resultante polvilha-se-lhe o pello; brande-se depois o arco iris e ferram-se-lhe tres chicotadas no lombo; se ella disparar furiosamente pelo infinito a fóra, ata-se-lhe um rabo de beijos indolentes e é deixal-a ir até os confins do supremo disparate.

Se achares boa a idéa, podes remetel-a ao Carlos Ferreira.

Maxambomba, 18 de Novembro, de 85.

Teu sempre fidus

FRANCISCO DE SERPA.

VIDA NOVA

*Lorsque de mes douleurs tu chassas le nuage,
Je compris qu'à ton sort mon sort devait s'unir.*

V. HUGO

Jouve em meu peito, inda ha bem pouco,
Uma paixão ardente e brava,
D'estas que um homem tornam louco,
D'estas que tornam a alma escrava.

Ella jazia adormecida,
Braza debaixo de um cinzeiro,
Que quando a cinza é revolvida
Nos mostra um rubido luzeiro.

Ardera outr'ora em labaredas,
Tisnãra todos os meus sonhos,
E as minhas illusões mais ledas
Trocara em pelagos medonhos.

Os meus ideaes em cinzas postos
Todos levava a aza do vento;
Ruira ao pezo dos desgostos
Do meu futuro o monumento.

E sempre a braza no meu peito
A arder, a arder constantemente,
E o rosto em lagrymas desfeito
E o coração queimado e doente!

Mas vi-te um dia, e logo o fogo,
A braza ardente que eu trazia
Se me apagou no peito, e logo
Me renasceu toda a alegria!

Logo os meus sonhos me voltaram,
Como erradias andorinhas,
E os meus ideaes a mim tornaram
E as illusões e as crenças miuhas.

Do meu porvir o trilho escuro
Illuminou-se por encanto,
A' luz do teu olhar tão puro,
A' luz do teu olhar tão santo!

Agora a estrada que eu diviso,
De rosas toda alcatifada,
Doira-m'a o sol do teu sorriso
Numa perpetua madrugada.

Tua pureza e angelitude
Purificaram minha vida;
Restituiste-me a saude
Da alma, que eu tinha combalida.

Sim; que a pureza sanctifica:
E' como o sol, que tudo inunda,
Que a lama sécca e purifica
E d'ella faz terra fecunda.

Tudo te devo. O meu tormento,
A braza ardente do meu peito,
Tudo extinguiste num momento:
Por isso eu te amo, — e te respeito.

Novembro, 12 de 85.

FILINTO D'ALMEIDA

« NA AGUIA DE OURO »

EXCERPTO DAS MINHAS « MEMORIAS DE
ALEM DA CAMPA »

Dizem-me que este botequim ancestral e que esta hospedaria—a matriarcha das estalagens portuenses—vão ser derruidos pelo camartello e pela esquadria municipaes. Vamos, pois, cahir ao mesmo tempo no abysmo da historia eu e a hospedaria da *Agua*, que ainda conserva, com o cheiro das suas inaltraveis costelletas seculares, uns aromas primaveris da minha juventude.

Vim aqui hontem hospedar-me, aqui onde já ninguem de boa familia e fino paladar se hospeda. Vim para conversar com os phantasmas dos meus ami-

gos e commensaes de ha trinta annos. Aquartel-me na alcova que eu d'antes preferia. Aqui estão,—o mesmo leito de nogueira, as mesmas tres cadeiras de cerleira com a palhinha renovada, a mesa de páu santo com o panno verde esfarpellado e poído do atrito dos cruzados-novos, nas infandas noites de tavolagem; reconheço a banquinha de cabeceira com as suas luras de insectos, entupidas de verniz recente, e a meia commoda de vinhatico com o seu toucadar de bordel economico, a bamboar enforcado entre dois postes de Flandres pintado.

Alta noite, com a perspicacia praxista de um tabellião de notas, reconheci, de que dou fé, as mesmas pulgas observei com horror que os perseejos usavam ainda a infame gymnastico de se precipitarem sobre mim do lecto onde se tinham refugiado das rickões de terebentina applicadas com pulso gallego ás cavernas do leito.

Debaixo do meu quarto, até ao romper da alva, fizeram-se orgias baratas de cerveja de pipa. Poetas bebedos diziam sonetos elegiacos, e votavam, esmurraçando as bancas, por Victor Hugo contra Zola—um porco, diziam, que enloacava em suas novellas toda a esterqueira dos estabulos de Angias. Um poeta baudelairiano declamava as *Blasphemias* de Richepin gloriosamente como se fossem d'elle, protestando que Lamartine, o piegas, era um jesuita da peor especie, e que Victor Hugo era uma cachexia em alexandrinos. Depois, fecharam-se as portas da *brasserie* estrondosamente, pondo terramotos na velha estalagem; e os poetas no largo da Batallia, muito desequilibrados em curvetas, saudavam com zig-zags e gestos largos a Aurora, vociferando estrophes do *Firmamento* de Soares de Passos e golfos de cerveja azimada.

Eu andava então passeando no meu quarto entre os phantasmas dos meus amigos mortos, e perguntava á Providencia divina porque fizera o persevejo acrobata e o poeta aberberado nos Ideaes da cerveja de pipa.

C. CASTELLO BRANCO.

Este bello trecho inédito da inimitavel prosa de Camillo encontrámo-lo no magnifico *Diario Mercantil*, de S. Paulo, um jornal de provincia, que, em questões de letras e artes, leva as lampas a todos os jornaes da Corte.

Transcrevemol-o, *data venia*.

N. da R.

OS NOSSOS LIVROS

JULIO RIBEIRO — *Cartas sertanejas*. 1 vol. 132 pags. — Edictores Faro & Nunes.

Abre o livro pela transcripção do que a respeito de Julio Ribeiro e de suas *Cartas* escreveram Valentim Magalhães nesta folha e Henrique de Barcellos no *Correio de Campinas*.

Ha muito tempo que não se publicava no Brazil um livro tão independente, tão atrevido e tão caustico—como este.

A hypocrisia, o balfo orgulho, a ignorancia pavonina, a pedanteria respeitada irritaram, indignaram por tal modo o nervoso auctor do *Padre Belchior de Pontes* que elle um dia lançou mão da penna, como de um lâtego, e veio para as columnas do *Diario Mercantil* « dizer sem reboço o que pensava das cousas e dos homens, » assumindo honestamente toda a responsabilidade das suas ousadias, com a sua assignatura e o verso de Virgilio, por epigraphe: *Me, me adsum, qui feci; in me convertite ferrum.*

As *Cartas sertanejas* produziram grande impressão; fizeram escandalo, ergueram de um lado, applausos entusiasticos e imprecacoes raivosas de outro lado.

Esse escriptor impetuoso e excentrico tinha o atrevimento inaudito de se declarar *sans Dieu ni maitre*, a divisa celebre do heroico Blanqui; de se collocar acima dos odios e dos despeitos como das conveniencias e dos interesses que pudesse com a sua penna assanhar e ferir.

Era um desabusado; como se costuma dizer.

Começou o seu trabalho iconclastico e rasourante pela politica paulista, por estudar o que valiam, realmente, no *frigor dos anos*, os deputados republicanos de S. Paulo.

Depois levou a sua penna—picareta ao velho mosteiro da Academia e reduziu a sciencia que lá dentro se lecciona e professa—a cacos.

Em seguida,—ou antes,—escalpellou algumas das individualidades mais celebradas e mimosas da popularidade em S. Paulo, e vimos todos, então, com pasmo e dô, de que materia prima eram formados aquellos idolosinhos:—casquinha doirada e entranhas de palha.

E' facil calcular o rumor de espanto, o côro infernal de insultos e maldicções que foi deixando aos lados e após si—essa obra estranha de illucilação e desmorroneamento.

Applaudimos—no todo—o valeroso e duro trabalho de Julio Ribeiro. São necessarios, de quando em quando, estes destemidos, estes raros heroes do «pão, pão—queijo, queijo,» que o vulgo, embora applaudindo-os, chama—doudos, para varrerem a pennadas os pataratas, os charlatães, os especuladores, todas as figuras e todas as formas do erro, do abuso, do preconceito, do mal.

Applaudimos—no todo—esta obra, dissemo-lo; e completamos o nosso pensamento, acrescentando que em varios pontos nos apartamos inteiramente do modo de pensar e de julgar do illustrado critico e philologo mineiro—paulista— («mineiro—de nascimento, paulista de educação, como diz elle proprio.»)

Um d'esses pontos,—devemo-lo declarar por imprescriptivel dever de gratidão e por justiça—é aquelle em que Julio Ribeiro, por motivos que não vem a pello indagar, trata o Dr. Lucio de Mendonça, de maneira muito inferior ao seu talento, aos seus raros dotes de escriptor e ás suas qualidades pessoases.

Em summa: as *Cartas sertanejas* constituem um livrinho que todos devem ler e guardar.

OBRAS COMPLETAS DE L. N. FAGUNDES VARELLA; 3 VOLS.—EDICTOR B. L. GARNIER.

Diga-se o que se queira ou se possa dizer contra o velho e honrado edictor B. L. Garnier, o que se lhe não poderá negar nunca é que elle, afinal, tem feito muito em prol das nossas letras.

E' verdade que tem ganho muito dinheiro com a publicação de obras nacionaes, e principalmente com as de José de Alencar, sem que os auctores hajam sido sufficientemente aquinhoados nos lucros, mas não é menos verdade que elle tem tido grandes prejuizos com outros numerosos livros, que ainda hoje entulham os depositos da mais importante das nossas livrarias, sepultados no pó e no silencio, apenas perturbado pelo trabalho manducativo das traças.

E' realmente de admirar que nestes tempos de absoluta pasnaceira litte-

raria, em que nada se publica—de litteratura, bem entendido—, em que apenas ha tempo de ler jornaes, se abalance um edictor a publicar uma obra da importancia e do tomo da que acaba de entregar ao publico o Sr. Garnier.

Graças a elle temos nós agora reunidos em 3 volumes, de 300 paginas cada um, elegante e nitidamente impressos, as obras completas d'aquelle grande poeta nosso que se chamou Luiz Nicoláu Fagundes Varella.

Precedem-n'as, abrindo o primeiro volume, um estudo do poeta, feito, ha tempo, na *Revista Brasileira* por Franklin Tavora a proposito do *Diario de Lazaro* (e que, mais tarde, appareceu em frente d'este poemeto, quando publicado em volume) e uma noticia biographica escripta por Visconti Coaracy.

Comprehende o primeiro volume:—*Vozes da America. Pendão Auriverde, Cantos religiosos e Avulsas*; o segundo:—*Cantos e Fantasias, Cantos meridionaes, Cantos do ermo e da cidade*; o terceiro—*Anchieta, ou O Evangelho nas Selvas e Diario de Lazaro*.

Importantissimo é este serviço prestado pelo Sr. Garnier á litteratura brasileira.

Desejamos que o resultado o compense das despezas feitas com a publicação d'esta obra, afin de que continue a publicar as «obras completas» de outros poetas e prosadores nossos que o mereçam. A oportunidade é excelente para tratar do desventurado poeta que escreveu o *Cantico do Calvario*. Não promettemos mas tencionamos fazel-o.

Receba o Sr. Garnier muitos parabens e agradecimentos em nome da poesia e das letras patrias.

MARCOS VALENTE.

A VICTOR HUGO

(A VALENTIM MAGALHÃES)

Quando eras tu no berço, ainda infante, veio embalar-te, do infinito, Deus; já te mostravas o emulo de Dante, na melopéa dos vagidos teus.

Pario a terra em ti mais um gigante da extincta geração dos Prometheus; tinhas no canto as azas de diamante e na alta frente a abobada dos céus.

Tombaste frio sobre o chão do nada despedaçando, assim, a eterna escada que até ás nuvens suspendeu Jacob;

e não deixaste sobre o abysmo um ponto—pharo de luz nas trevas do Hellesponto, que fere os astros e nos banha o pó!

Leopoldina, 13 de Junho de 1885.

AMERICCO LOBO

SPORT

Os leitores d'esta secção, devem estar contentissimos com a *Semana*. Na verdade, se elles seguirem nossos conselhos, devem ter ganho bastante nas corridas realizadas no ultimo domingo no *Prado Villa Isabel*.

Lembrem-se de que no 1º pareo apontámos *Bitter* ou *Boyardo* e ganhou este; errámos no 2º mas acertámos em todos os outros, á excepção de *Damietta* e *Phrynéa* que não correram mas que se tivessem corrido com certeza teriam sido victoriosas.

Basta-nos o prazer de ter marcado *Neva* (28\$600 de poule) *Regalia* (36\$700) e *Savana* (87\$300) para que tenha sido um dia de festa entre os que seguiram nossa opinião,

A victoria de *Boyardo* no 1º pareo (1450 metros) foi alcançada em 98 segundos, chegando em 2º logar *Douro*, que qualquer dia lembra-se de seus bons tempos e chega mesmo na frente.

Nicoafi não tomou parte no 2º pareo, porque foi considerado com mais de tres annos, cabendo a victoria a *Sibylla* que fez os 1450 metros em 96 segundos.

Talisman bateu com facilidade *Bayocco* em 1600 metros, gastando 104 segundos e trazendo muita sobra.

No 4º pareo (1600 metros) *Sylvia II* venceu *Curubaid* em 104 segundos; foi pena que *Phrynéa* se houvesse retirado.

Os 1000 metros do 5º pareo foram ganhos por *Neva* em 67 segundos, e se n'este pareo houve certa algazarra, devemos culpar alguns indiscretos que andaram com *previos cochichos*, asseverando a principio que havia *embrulho* para o proprio *Neva* e depois em favor de *Sornette*. O grande caso é que *Françoise* (que vendeu 715 poules) fez um papel de *Francisca* ou de *Franciscana*, como quizerem.

Os 1600 metros do 6º pareo foram ganhos pela egua *Regalia* em 108 segundos; mas não se fíem porque em 105 segundos correu *Bayocco* o 3º pareo, tendo aliás salido atrazado uns quatro a cinco corpos.

Só temos os maiores louvores para a digna Directoria e os generosos proprietarios que, com as inscripções de seus melhores animaes, tornaram importantissimo o pareo James Luff, no qual (1000 metros) sahi vencedora *Speciosa*, em 66 segundos e montada por Jorge Luff. O povo applaudiu muito este pareo, que deu de resultado á familia do finado e honesto jockey um lucro de 1:700\$ e tantos mil reis.

No 8º pareo (1300 metros) *Savana* alcançou o posto do vencedor em 88 segundos, seguida de perto por *Crichand* que está ficando um excellente punga.

Na ultima pagina figura o magnifico programma que deve ser realizado amanhã na raia do *Derby-Club*.

Ahi vão os nossos palpites:

No 1º pareo *Nicoafi* ou *Bitter*. No 2º pareo *Comtesse d'Olonne*. No 3º *Carmen*. No 4º *Lucifer* ou *Bayocco*; como azar *Boyardo*. No 5º pareo *Boreas*. No 6º *Taillefer*. No 7º *Neva* ou *Françoise*. No 8º *Savana*.

Devem encerrar-se hoje, sabbado, ás 7 horas da noite, na secretaria do Jockey-Club, que cedeu a sala por especial favor, as inscripções para a grande corrida do dia 2 de Dezembro, organizada pelo *Hippodromo Guanabara*.

Chamamos a attenção dos leitores para o annuncio da penultima pagina. Cumprimos a digna directoria pela generosa idéa de ser o 7º pareo em ibeneficio da familia do finado jockey Luff.

E' de esperar que o *Hippodromo Guanabara* tenha uma enchente egual á de sua brilhante inauguração.

L. M. BASTOS.

THEATROS

Aluizio Azevedo e Emilio Rouéde tiveram noite de festa segunda-feira no theatro Lucinda, sendo representada a comedia dos mesmos intitulada—*Venenos que curam*.

O spectaculo esteve bem concorrido e os nossos distinctos collegas receberam muitos applausos.

Mlle. Rose Meryss cantou, com aquella graça que lhe é peculiar, uma linda-cançoneta denominada—*Amor de artista*, letra de Aluizio Azevedo.

Rouéde, no intervallo do terceiro para o quarto acto, pintou rapidamente, isto é, em menos de dez minutos, um bellissimo quadro que, submettido á sorte, foi cahir ás mãos do espectador que possuía o bilhete n. 521. Foi realmente um felizão, pois além de assistir a um bom espectáculo, levou ainda um magnifico quadro decerto cubiçado por muita gente.

Na quarta feira inaugurou os seus trabalhos no Lucinda a excellente companhia Montedonio.

Deu em primeira representação a comedia em 3 actos—*Scenas Burguezas*, do escriptor portuguez Moura Cabral.

E' uma comedia ligeira, de assumpto velho, um tanto carregada, mas com algumas scenas de effeito e com situações engraçadas. E', sobretudo, muito feliz o final do 2º acto.

O actor Montedonio foi irreprehen-sivel no seu papel, e Mesquita, embora muito exagerado, soube fazer rir a platéa no seu extravagante papel de poeta chimfrim e de namorado sem ventura.

Bom typo o da Sra. Felicidade que naquella noite extreitava.

A Sra. Amelia Bellido fez correctamente o papel de Clotilde e a Sra. Julia de Lima não desagradou no de Suzana. Os outros artistas saíram-se rasoavelmente. A peça agradou em geral.

O espectáculo terminou com a comedia em 1 acto *A minha Amalia*, incomparavelmente mais bem feita do que a outra.

Ainda nesta comedia couberam a Montedonio as honras do desempenho. Este excellent artista, que em cada novo papel nos vae surpreendendo continuamente, foi admiravel de naturalidade e de graça.

Foi bem secundado por Bellido, Teixeira, Adelina e Julia de Lima.

SANT'ANNA

Neste theatro subio á scena pela primeira vez, na terça-feira da presente semana, a zarzuela em 3 actos—*Amar sem conhecer*, cuja musica dizem os cartazes ser da lavra de Barbiéri e Gaztambide e cuja traducção do hespanhol é feita por Aristides Abranches.

A peça não tem, por certo, toda a graça, toda a leveza das apimentadas operetas importadas de França para o palco do Sant'Anna; mas o que ninguem contestará é que tem um entredo bem urdido e interessante; não obstante franzir de quando em quando o sobreceño e deitar uns inexplosivos arrebancos de opera, embiocada na couraça da seriedade.

Quanto á musica, comquanto possuía bem pouca ou quasi nenhuma dose de originalidade, é bem agradável ao ouvido e tem mesmo certa belleza em alguns de seus trechos.

E' despretenciosa, facil, bonita mesmo, embora não tenha todos aquelles *tics*, todas aquellas subtilidades e saltitancias das musicas produzidas pelos Audran e pelos Planquette, e que tanto satisfazem os *habitués* do theatro onde imperam pela pilheria o Vasques e o Guilherme de Aguiar.

Quero crer que o leitor nos dará a devida desculpa se lhe não impingirmos o enredo da peça!

Os scenarios são lindos, com especialidade o do 1º acto.

Dizer que os vestuarios dos artistas nesta como nas outras operetas montadas pelo Hellar são magnificos é já uma coisa tão sabida, que repetil-o deve considerar-se como pleonasmo.

Vasques esteve muito a gosto no seu papel; fez rir a bandeiras despregadas.

Foito creou um typo magnifico. Lisboa, Mattos, Mlle Delsol, Mme, Henri, Dolores e Phebo todos sahiram-se perfeitamente.

Polero cantou todos os trechos que lhe couberam, com bastante correccão.

Os demais artistas contribuíram bastante para o bom desempenho da peça, que, quero crer, por muitas noites deliciará a platéa do Sant'Anna; com quanto não pareça estar fadada para viver tanto, quanto viveu Mathusalem, segundo a opinião das escripturas.

Pelo menos, não só alguns artistas em particular como a peça em geral agradaram ao publico, a julgar pelos applausos que por vezes expludiram.

P. THALMA.

FACTOS E NOTICIAS

O illustre pintor Dr. Pedro Americo, ante-hontem, ao encerrar a sua aula, na Academia de Bellas Artes, foi alvo de uma ruidosa manifestação de apreço por parte dos seus alumnos e dos de outras aulas. Pronunciaram-se discursos, recitaram-se poesias; houve flores em profusão. Pedro Americo a todos agradecia commovido e, á sahida, ao som de muitos vivas entusiasticos, abraçou, uma por uma, a todas as pessoas que tomaram parte na manifestação.

As irmãs de caridade Anna Evarista Duarte e Maria de Jesus Tavares, que vieram ultimamente do norte do Imperio para esmolar a favor da manutenção do asylo do Crato, para orphãos, fundado pelo fallecido padre Ibiapina deixaram em nosso escriptorio uma lista para esmólas.

Convidamos a subscreverem-se nella, cada um com o que puder, todas as pessoas que se interessarem pela grande obra de caridade de que são continuadoras as nossas heroicas patricias.

Chegou ha dias do Recife, em cuja academia prestou exame do 4º anno de Direito, sendo plenamente approvado, o nosso estimado collega Luiz Murat.

ANNUNCIOS

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBARO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

DR. GONZAGA FILHO

CONSULTORIO E RESIDENCIA

Rua Visconde de Inhaúma, 61

CONSULTAS DE 12 ÀS 3 DA TARDE

Especialidades:

Febres em geral, molestias pulmonares e do coração.

Collegio Universitario Fluminense

NO FIM DA RUA DO BARÃO DE ITAPAGIPE

(Antiga da Bella Vista)

No alto do Eugenio Velho, lugar onde nunca houve epidomia de especie alguma, funciona em edificio e com dependencias expressamente construidas para o fim a que se destina.

Deseja a visita dos interessados, tanto nacionaes como estrangeiros, da córte ou do interior.

Remettem-se prospectos pelo correio a quem os solicitar á directoria.

HIPPODROMO GUANABARA

PROGRAMMA

DA SEGUNDA CORRIDA A REALIZAR-SE NO DIA 2 DE DEZEMBRO DE 1885

- 1º PAREO—*Nitheroy*—850 metros—Animas de menos de meio sangue—Premios: 300\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo.—Entrada 15\$000.
- 2º PAREO—*Conde de Herzberg*—1.000 metros—Inteiros e eguas nacionaes até 3 annos—Premios: 500\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo.—Entrada 25\$000.
- 3º PAREO—*Progresso*—1.450 metros—Animas do paiz até meio sangue—Premios: 400\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo.—Entrada 20\$000.
- 4º PAREO—*Hippodromo Guanabara*—1.800 metros—Animas de qual quer paiz—Premios: 800\$ ao primeiro e 150\$ ao segundo.—Entrada 40\$000.
- 5º PAREO—*Animação*—1.609 metros—Animas do paiz até puro sangue—Premios: 500\$ ao primeiro e 120\$ ao segundo.—Entrada 25\$000.
- 6º PAREO—*Internacional*—1.450 metros—Animas estrangeiros até 3 annos—Premios: 500\$ ao primeiro e 120\$ ao segundo.—Entrada 25\$000.
- 7º PAREO—*James Luff*—Amadores—1.000 metros—Animas até meio sangue.—Premios: uma joia ao primeiro, outra ao segundo.—Entrada 20\$000. O producto liquido d'este pareo será em beneficio da familia de finado jockey J. Luff.

As inscrições fecham-se ás 7 horas hoje, 28 do corrente, por especial favor na secretaria do Jockey-Club.

O 2º SECRETARIO,

DR. TORQUATO DE GOUVEA,

DERBY-CLUB

PROGRAMMA DA SETIMA CORRIDA, A REALIZAR-SE
DOMINGO, 29 DE NOVEMBRO DE 1885

A'S 11 1/2 HORAS EM PONTO

GRANDE PREMIO PROGRESSO

Primeiro pareo—SEIS DE MARÇO—1,200 metros—Animaes do paiz. até meio sangue—Premios:
400\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo

N.º	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Douro	Alazão.....	6 annos	R. de Janeiro.	56 kilos	Verde e ouro.....	J. L. da Costa.
2	Africa.....	Preto.....	7 »	Paraná.....	55 »	Encarnado, branco e ouro..	L. V.
3	Bitter.....	Idem.....	4 »	S. Paulo.....	56 »	Azul e estrellas cõr de ouro	E. M.
4	Aurelia.....	Alazão.....	3 »	R. de Janeiro.	50 »	Branco e estrellas azues...	Antonio E. de Oliveira
5	Aymoré.....	Castanho....	5 »	S. Paulo.....	62 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
6	Mandarim.....	Rozilho.....	3 »	Idem.....	51 »	Azul e estrellas encarnadas	Cunha Lima.
7	Nicoafy.....	Zaino.....	3 »	Paraná.....	51 »	Encarnado, ouro e faxa.....	M. P.
8	Druid.....	Tordilho....	3 »	R. de Janeiro.	51 »	Encarnado e ouro.....	Coud. Confiança.
9	Alteza.....	Libuno.....	5 »	S. Paulo.....	55 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
10	Mascotte.....	Tordilho....	4 »	R. de Janeiro.	53 »	Ouro e encarnado.....	D. A.

Segundo pareo—COSMOS—1,609 metros—Animaes de qualquer paiz—Premios : 800\$ ao primeiro e 200\$ ao segundo

1	Saphira.....	Zaino.....	3 annos	França.....	47 kilos	Azul, branco e encarnado...	Coud. Cruzeiro.
2	Gaudriole.....	Castanho....	2 »	Idem.....	43 »	Azul, ouro e boné azul....	Coudelaria Alliança.
3	Comtesse d'Olonne...	Alazão.....	4 »	Idem.....	50 »	Azul e ouro.....	Idem idem.
4	Fanfaron.....	Idem.....	3 »	Idem.....	49 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.

Terceiro pareo—EXCELSIOR—1,609 metros—Poldros e poldras nacionaes até 3 annos—Premios: 800\$ ao primeiro e 160\$ ao segundo

1	Sibylla.....	Zaino.....	3 annos	S. Paulo.....	53 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coud. Cruzeiro.
2	Biscaia.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	47 »	Azul e encarnado.....	Freitas Guimarães.
3	Carmen.....	Idem.....	3 »	Idem.....	40 »	Azul e estrellas cõr de ouro	E. M.
4	Dora.....	Idem.....	3 »	Idem.....	49 »	Ouro e faxa.....	Freitas Guimarães.
5	Nicoafy.....	Zaino.....	3 »	Paraná.....	49 »	Encarnado e ouro.....	M. P.

Quarto pareo—GRANDE PROGRESSO—2,400 metros—Animaes do paiz até meio sangue—Premios: 2:000\$ ao primeiro e 400\$ ao segundo

1	Principe Alberto.....	Zaino.....	7 annos	Paraná.....	52 kilos	Branco e azul.....	J. Guimarães.
2	Douro.....	Alazão.....	6 »	R. de Janeiro.	52 »	Verde e ouro.....	J. L. da Costa.
3	Boyardo.....	Idem.....	4 »	S. Paulo.....	50 »	Branco e estrellas azues...	M. P.
4	Regalia.....	Vermelho....	5 »	Idem.....	49 »	Encarnado e ouro.....	Coud. Confiança.
5	Bayoco.....	Castanho....	4 »	Idem.....	50 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
6	Guanaco.....	Alaz. tostado.	9 »	Paraná.....	52 »	Vermelho.....	Coud. Rio Grandense.
7	Lucifer.....	Vermelho....	4 »	S. Paulo.....	50 »	Azul e palha.....	J. P.

Quinto pareo—DERBY-CLUB—1,750 metros—Inteiros e eguas do paiz—Premios: 1,000\$ ao primeiro e 200\$ ao segundo

1	Sylvia II.....	Alazão.....	4 annos	S. Paulo.....	50 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coud. Cruzeiro.
2	Talisman.....	Idem.....	6 »	Idem.....	54 »	Azul, branco, enc. e faxa...	Idem idem.
3	Boreas.....	Castanho....	4 »	Idem.....	54 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
4	Jaguary.....	Idem.....	5 »	Idem.....	54 »	Enc. branco e ouro.....	L. V.

Sexto pareo—RIO DE JANEIRO—2,400 metros—Inteiros e eguas de qualquer paiz—Premios : 1:200\$ ao primeiro e 300\$ ao segundo

1	Nand.....	Zaino.....	4 annos	Inglaterra....	47 kilos	Setim branco e manc. pretas	M. U. Lemgruber.
2	Taillefer.....	Idem.....	4 »	França.....	52 »	Enc. e mangas azul claro....	Coud. Americana.

Setimo pareo—LEMGRUBER—1,000 metros—Poldros e poldras estrangeiros até 3 annos, que não tenham ganho no Derby—Premios: 500\$ ao primeiro e 120\$ ao segundo

1	Gaudriole.....	Castanho....	2 annos	França.....	46 kilos	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
2	Sornette.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	50 »	Azul e estrellas encarnadas	Coudelaria Paraizo.
3	Françoise.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	50 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
4	Neva.....	Castanho....	2 »	Idem.....	47 »	Verde e amarello.....	Coud. Independencia.
5	The Witch.....	Alazão.....	3 »	Inglaterra....	50 »	Branco e encarnado.....	R. V.

Oitavo pareo—E. F. D. PEDRO II—Handicap—1,450 metros—Animaes de qualquer paiz, de menos de meio sangue—Premios: 300\$ ao primeiro e 60\$ ao segundo

1	Verbena.....	Castanho....	3 annos	R. de Janeiro.	49 kilos	Azul e encarnado.....	Freitas Guimarães.
2	Savana.....	Idem.....	4 »	R. G. do Sul..	55 »	Branco e verde.....	C.
3	Crichand.....	Chita.....	6 »	Paraná.....	54 »	Vermelho.....	J. da Rocha Franco.
4	Aymoré.....	Castanho....	5 »	S. Paulo.....	70 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança
5	Arenas.....	Douradillo..	5 »	Rio da Prata.	49 »	Branco e encarnado.....	J. P.
6	Zaire.....	Gateado.....	4 »	Paraná.....	49 »	Rosa e ouro.....	P. S.
7	Bella Yayá.....	Zaino.....	4 »	Idem.....	54 »	Azul e encarnado.....	Coud. Amalores.
8	Sultão.....	Libuno.....	3 »	Minas-Geraes	49 »	Azul e estrellas encarnadas	J. F. Vaz.
9	Conde.....	Castanho....	6 »	Paraná.....	53 »	Encarnado e branco.....	A. M.
10	Serodio.....	Idem.....	5 »	R. G. do Sul..	53 »	Ouro e encarnado.....	J.
11	Bisão.....	Zaino.....	5 »	Rio da Prata.	49 »	Verde e amarello.....	Coud. Campista.
12	Fils du Diable.....	Tordilho....	5 »	Idem.....	51 »	Grenat e ouro.....	Coud. Rio de Janeiro.

NOTA.—Pede-se aos Srs. proprietarios de animaes inscriptos no primeiro pareo o obsequio de os apresentarem no prado ás 10 1/2 horas da manhan, em ponto.—A. CESAR LOPES 2º secretario.

A SEMANA

CORTE
Trimestre..... 28000
Semestre..... 48000
Anno..... 88000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

PROVINCIAS
Semestre..... 48000
Anno..... 88000

Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

BEDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

SUMMARIO

Expediente.....	
Historia dos sete dias.....	J. DO EGYPTO.
As férias.....	V. MAGALHÃES.
«O Christo e a Adultera», poesia.....	L. DELFINO.
Os surdos-mudos.....	M. VALENTE.
Correio litterario.....	L. DE MENDONÇA.
Contos a premio.....	V. R.
Aurelio de Figueiredo.....	R. MONIZ.
Confronto, soneto.....	
«Sonetos e poemas».....	ADELINA VIEIRA.
D. Quixote, poesia.....	
Certame de belleza.....	L. M. BASTOS.
Sport.....	BIBIANO.
Cofre das graças.....	LORGNON.
A vida elegante.....	
Paginas de um livro, poesia.....	A. DE S. PRAY.
Conselhos salutaes.....	DR. SAHÉN.
Theatros.....	P. THALMA.
Factos e noticias.....	
Tratos á bola.....	FR. ANTONIO.
Consultas.....	
Recebemos.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

Aos Srs. assignantes em atrazo que até o fim d'este mez não satisfizerem a importancia de suas assignaturas será irremissivelmente suspensa a remessa da folha.

Os senhores que vierem ao nosso escriptorio e tomarem uma assignatura d'A Semana por todo o proximo anno de 1886 terão direito a um dos seguintes premios, á sua escolha:

VINTE CONTOS, por VALENTIM MAGALHÃES.—Este livro, que se está imprimindo nas officinas d'A Semana, foi expressamente feito para ser distribuido como premio aos assignantes d'esta folha. Conterá mais de duzentas paginas em superior papel, com uma capa de fantasia.

NÃO SERÁ POSTO Á VENDA.

Assim, os que tomarem uma assignatura d'A Semana por um anno, e somente esses, terão direito a um exemplar d'essa obra, que, a ser vendida não o seria por menos de 38000, o volume.

AURORAS, versos, por Alfredo de Souza; encadernação de luxo.

A CAVEIRA DA MARTYR, celebre romance de Camillo Castello Branco, em 3 volumes.

MARGARITAS, poesias da distincta poetisa D. Adelina Amelia Lopes Vieira; um bello volume.

Aos senhores assignantes de seis mezes daremos como premio UMA MUSICA, inedita, especial e expressamente composta para esse fim; QUATRO POEMAS, por Luiz Murat, ou um exemplar das AURORAS, brochado.

N. B.—Os senhores que assignaram A Semana por um anno, a terminar em Dezembro de 1885, receberão, segundo promettéramos, um exemplar dos VINTE CONTOS.

O Sr. Leonel Guerra é a unica pessoa por nós encarregada de agenciar assignaturas nas provincias.

Tem todos os poderes para representar esta folha.

A SEMANA

Rio, 5 de Dezembro de 1885.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Aquelle patife de Filindal tanto andou, virou, mecheu e chorou — que conseguiu obrigar-me a escrever a historia de hoje.

Os leitores não hão de gostar muito da substituição. Já acostumados ás deslumbrantes galas e louçanias do estylo de Filindal; affeitos á intensa e deslumbradora fulguração d'aquelle ridente espirito; habituados aos conceitos galantes e bizarros d'aquella prosa original, conceitos atravessados por uma subtilissima ponta de ironia gauleza, pontuados por bicos lumiuosos de alfinetes satyricos; hão de encontrar na insipidez chata da minha prosa mascavada e deselegante toda a sensaboria ordinaria, toda a folice charra e vulgar de que só eu tenho o fatal segredo.

Por isso, não me derramarei hoje em longo exordio e esparregarei antes a *mixordia dos sete dias* n'uma geringonça rapida, vasia de commentarios e a cem mil leguas da satyra filindaliana.

Ahi vae a historia:

Nesta semana predominou a triste mania dos suicidios, e entre os suicidas figuram, principalmente, escravos, — o que quer dizer que esses desgraçados acham a morte preferivel á escravidão. Repare nisto o Sr. Dr. Coelho Bastos e reflecta neste facto o nosso paternal governo.

A policia encontrou alfin um serviço util: tem dado caça aos importunos vendedores ambulantes de bilhetes de loteria. É um bom serviço que o Sr. Dr.

Bastos presta á população. Com estes sempre maldictos bilheteiros a gente estava arriscada a tirar a sorte grande sem querer, o que era uma massada, além de ser um perigo para quem soffresse do coração.

Os Srs. Luiz Malafaia e A. Pinto Moreira projectam incorporar uma companhia que, sob o titulo de *Evolução Agrícola*, estabeleça uma grossa corrente de emigração para o Brazil.

O projecto assenta sobre solidas bases e devemos esperar bons resultados d'esta nova tentativa.

Quanto mais calor, menos agoa. No verão da Corte só vige o vica com florescencias de repolho albarão a cabelluda *Musa do Povo*.

As fontes estanques e os reservatorios vasio. Calor de acender charutos e sede de desesperar santos, principalmente Santos Rodrigues — o morro, que é sempre o primeiro a gritar por agoa.

O interessante bairro de Villa Isabel é que é mais infeliz ainda do que os outros. Falta-lhe agoa e sobra-lhe febre amarella. Antes fosse o contrario.

O Sr. D. Pedro de Alcantara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Xavier de Paula Leocadio Miguel Gabriel Raphael Gonzaga (Uffff!) fez no dia 2 sessenta annos de idade, exactamente como um grande amigo meu a quem o Garrido fez uns versos:

«Já maduro, já cá dos vetranos,
Sessenta annos contava, sessenta...»
So me cabe curvar a minha fronte deante do solio augusto do venerando soberano — para ver se d'esta vez acontece cahir-me do tecto na botoeira do frack o cubicado habito da rosa.

Que S. M. não se esqueça de se lembrar d'este seu humilde subdito, quem ao menos fez a campanha do Paraguay nem fez nada.

É que viva muito e bons e eu que os conte.

Quem aproveitou bem este feliz *Feliz*, note V. Magestade) anniversario, foi a Camara Municipal, libertando 133 escravizados com o producto do seu benedicto *Livro de Ouro*.

Parabens á Camara Municipal.

Uma noticia alegre para S. M. o Imperador, (d'esta vez apanho o habito; ora se apanho!): Foram no ultimo domingo encerradas as conferencias da Gloria.

Foi o 12º anno d'esta instituição pavorosa, terror das familias do Cattete e valvula de segurança do discursabundo Sr. Correia. Está S. M. livre d'aquellas estopadas domingueiras, que lhe iam dando abo da paciencia.

A ultima conferencia teve o n. 521!

Imagine o leitor: 521! Quantas victimas terão succumbido silenciosamente ao peso d'esta terrivel calamidade! Antes a febre amarella.

O Sr. chefe de policia tem sido um armazem de pancadas... jornalisticas. Toda a imprensa em cima d'elle, a cascar-lhe, a cascar-lhe.. Basta, collegas; isto tambem não vae a matar. O Sr. chefe está bastante doente, o que talvez tenha concorrido para alguns actos mais precipitados.

E' bom esperar antes de desesperar.

O celebre poeta Antonio José Nunes Garcia, famigerado auctor da *Grinalda*, desfechou sobre S. M. (Será possível que S. M. não me remetta a penitencia?) uma temerosa poesia. Sei que S. M. deve ter ficado todo ancho por ser cantado em verso fóra dos *a pedidos* do Pachiderme; mas este Garcia atrapalhou-me cá uns planos que eu tinha... Porque eu tencionava escrever uns versos saudando o Imperador, mas o diabo do Nunes atirou-se primeiro a lume e eu tive que me recolher ao silencio, porque os versos d'elle (parece incrível!) são ainda mais idiotas que os meus!

Que versos, meu Santo Breve da Marca!

O Imperador deve estar radiante! Permitta que eu o facilite outra vez (O' seu typographo, olhe que é—*felicite*; não vá compôr—*facilite*) pelo seu feliz anniversario e pelos versos do Homero brazileo.

Salve Rex! Salve Garcia! (Se S. M. resistir a este latim e não me der o habito, então é que S. M. não tem coração!)

E nada mais se continha no calepino do meu reporter, pelo que, comprimentando com effusão os meus innumerables leitores, assigno-me, cheio de confiança na regia munificencia,

O futuro habitante da Rosa,

JOSE' DO EGYPTO. (*)

(*) — Toda essa moxinifada que ficou por ali acima foi escripta por mim, assim mesmo mal, sem graça (E que trabalho me deu o escrever sem graça!), sem espirito, sem estylo, muito de proposito, — porque o biltre do José do Egypto, que se incumbira de escrever de novo as chronicas flautou-me vilmente e eu tenho de ir aguentando sempre com a massada.

Puz por baixo o nome d'elle para o comprometter com as letras patrias. Custou-me muito a escrever mal, mas consegui-o. Agora peço muito aos leitores: não me vão comprometter.

Silencio.

FILINDAL.

AS FÉRIAS

(A R. PORCUNULA)

Dezembro é, por excellencia, o mez das crianças.

Ellas nelle pensam e por elle suspiram desde que... elle acaba, porque Dezembro é o mez das férias.

As férias! Quantos poemas de alegria e de liberdade, de luz e de flores, de confeitos e travessuras nestas duas palavras!

Para a criança não existe verdadeiramente o mundo senão nos poucos dias deliciosos d'este mez.

Nos outros onze é certo que brilha o sol, mas brilha sobre as pedras da rua que leva ao collegio e sobre as ardias,

sobre a mobilia e sobre os tiuteiros escolares; os passarinhos cantam, mas sobre os ramos poentos e tristonhos das amendoeiras rachiticas do *recreio*; ha céu azul, mas—o céu—ha tambem palmatoria; ha biscoitos de Reims e balas de cereja, mas tambem ha — compendios! Meu Deus, como a existencia da *caféa* prejudica a dos *bilboquets*! E como seriam saborosos os pecegos se se abo-lisse a grammatica!

Mas em Dezembro?! em Dezembro não ha grammatica, nem *caféa*, nem compendios, nem palmatoria! A liberdade no *recreio* é substituida pelo *recreio* em liberdade.

O collegio fecha-se; quer dizer:— abre-se o mundo.

Viva!

Papae recommenda muito cuidado com os livros, mamam não quer que se rasguem ou nodemo as roupas; mas, ora adus!—hoje é o dia das férias, o melhor dia, o unico dia do anno!

Ao ar os livros e as pedras!

Viva!

E a meninada rola na arcia, cambalhota na gramma, marinha pelas arvores, não se dignando de ligar a minima importancia aos ralhos desauthorisados dos bedéis.

Ora, ralmente, queira dizer-me, respeitavel leitor, que auctoridade se deve reconhecer e acatar num bedel no derradeiro dia do anno lectivo?

O que elles deviam fazer—assim fossem prudentes!—inspectores, decuriões e bedéis—era abandonar a praça, evadindo-se discretamente, como as sombras e os negociantes fallidos.

A alegria da infancia é cruel. Fugi, mestres! desaparecei, inspectores! ou sobre as vossas calvas reluzentes e desrespeitadas choverão balazios de papel, e por sobre os vossos rubros narizes indignados sibillarão settas chasqueantes, feitas de *escriptas* velhas, hervadas em tinta preta.

Eil-a emfim a bemdicta hora, tão longa e anciosamente esperada.

A multidão de crianças, rubicundas de alegria e de sol, sa ta ao repique abençoado da sineta, que canta festivamente:—«Meninos! Estaes livres; estacs livres! Voltae para vossas casas! Ide; tendes trinta dias de Paraiso, nos quaes não ouvireis a minha voz monotonica e aborrecida. Adeus! Adeus!» e elles saltam num delirio, correndo aos empurrões, aos gritos, no salão festivamente adornado de correntes de papel de variegadas cores, atapetado de milhares de papellitos cortados, em muitos dos quaes se encontram quadrinhas humoristicas, devidas ao estro de alguns poetas infantis. (Como elles longe, meus primeiros versos!)

Depois, a chegada á casa, atraz o bahu da roupa na cabeça do velho preto Jacintho ou do crioulo Manoel, que vem contando ao *sinhó moço* a ultima batalha mural dos gatos de casa com os do visinho...

E os pequenos devoram a pernadas e saltos o espaço que ainda os separa das casas de seus paes.

Ahi, cada um d'elles é esperado com ancia pela mãe, que arrumou carinhosamente o seu quartinho infantil, e lhe preparou um *opiparo lunch* de pão, queijo e marmellada.

E, da janella, ao velo-o approximar-se ligeiro ella sorri ternamente, pensando na alegria e na surpresa que o rapaz vac ter ao encontrar, entrando no quarto, o supremo ideal dos seus sonhos—um velocipede!—ideal que as boas mães alcançam com as suas penosas economias, moeda a moeda accumuladas.

Ha, todavia, crianças para as quaes o tempo das férias é o mais triste do

anno. São as que passam as férias no collegio; umas porque, sendo de provincias longinquoas, não podem ir ás suas casas; outras porque tem maldrastas, e seus paes, a vel-as maltrata das em casa, preferem tel-as no collegio; outras ainda porque são orphãs de pai e mãe e os seus tutores e protectores não estão para massadas, não os querem em casa, «suando, quebrando tudo, ensinando máus costumes aos filhos d'elles.»

Ah! como é desolidora e longa essa quadra!

O collegio está vasio, quiéto, somnolento, todo cheio da compungente nudez da incercia e do ermo.

Todos partiram. Apenas elles, os pobresinhos, em numero de seis ou oito, apenas elles ficaram na clausura collegial. Nas salas não mais vozeia e nem cicia o enxame dos pequenitos, não retumba a voz aspera e imperativa do mestre; nos corredores vasio apenas, de quando em quando, passa o vulto de um criado ou de um dos proscriptos.

Mesas e bancos estão cobertos de poeira. O sino apenas tange para as refições e uma so pancada.

A' noite o tormento recrudescce.

Nos dormitorios cheios de sombra vem-se as camas despidas, colchões e travesseiros nus e as crianças adormecem com o coração transido de susto e de frio, esmagadas pela angustia negra de uma saudade indefinida.

Para esses desgraçadinhos comecam as férias exactamente quando ellas acabam para todos os mais.

Que contentamento ao verem chegar os collegas, ao ouvirem novamente o rumor dos trabalhos escolares, ao sentirem terminada a solidão do seu exilio!

Então é que para elles comecam as férias.

Pensae nesses vossos camaradas, meninos felizes, que tendes casa e familia e férias deliciosas; apiedae-vos d'elles, ó mães bondosas, e, junclos, procurae minorar as tristezas e os soffrimentos das férias d'esses anjos abandonados.

1—12—85.

VALENTIM MAGALHÃES.

OS SURDOS-MUDOS

No domingo-passado teve lugar a distribuição dos premios e encerramento dos trabalhos no Instituto dos Surdos-Mudos, com a assistencia do Imperador, do Sr. ministro do Imperio e de muitas pessoas gradas.

Das provas apresentadas pelos alumnos as que mais agradaram foram as de linguagem articulada e leitura superlabial, aulas a cargo do illustre educador Dr. Menezes Vieira.

Como lá, aqui o felicitamos pelo seu immenso triumpho e pelo relevantissimo serviço que á causa da Humanidade tem prestado nas pessoas de alguns dos seus mais infelizes membros.

Ha tres annos somente que o Dr. Menezes Vieira trabalha na faina bemdicta de dar aos surdos-mudos ouvido e voz artificiaes, e, no emtanto, os resultados que tem obtido são completos, inteiramente satisfactorios.

Martinho, surdo-mudo submettido á experiencia, ouviu todos as perguntas que lhe fez o seu mestre (lendo-lhas nos labios) e a todas responleu, *falando*.

Resultado proligioso, que a todos enthusiasmo e commoveu, fazendo erguer-se de todos os pontos da sala fervorosos applausos.

Mas o Dr. Menezes Vieira não está contente com os resultados obtidos e quer resignar o lugar de professor de

linguagem escripta, que, ha 14 annos, occupa tão dignamente no Instituto. S. S. tem razão.

Dar-lh'a será forçoso desde que sejam conhecidas as condições em que trabalha nesse estabelecimento.

Como é sabido até ha bem pouco tempo somente a linguagem escripta e a linguagem mimica ou digital eram ensinadas aos surdos-mudos. A linguagem articulada e a leitura superlabial vieram modificar radicalmente a educação dos surdos-mudos.

Estes methodos repellem, inutilizam a linguagem mimica, pela intuitiva razão de que, conseguindo-se fazer ouvir e falar os surdos-mudos, ocioso e imprestavel fica sendo o meio antigamente empregado para estabelecer a communição do pensamento, por meio dos gestos, entre os privados do ouvido e da fala.

Ora no nosso Instituto de educação d'esses infelizes continha a ser empregado esse meio antigo, hoje totalmente prejudicado pelos trabalhos do Dr. Menezes Vieira, e continúa a sel-o em committancia com elles.

Ora isto é inadmissivel.

Ou um ou outro meio; os dois simultaneamente não poderão ser aceitos porque, contrapondo-se, um necessariamente destruirá os efeitos do outro, sem que consiga dar de si todos os beneficios.

Nesta lucta não ha duvida que será o systema professado pelo Dr. Menezes Vieira o vencido, não só por ser o mais difficil como por estar o outro mais antigo, muito mais comprehendido e assimilado. Na impossibilidade de se abolir totalmente a linguagem mimica, deveria ao menos ter o Dr. Menezes Vieira um repetidor, residente no Instituto, que impedisse fossem as lições d'elle destruidas em seus beneficos resultados pela pratica do antigo systema.

Mas nem isso ha. O illustre educador não tem quem o substitua e continue em sua ausencia, e, por isso o seu ensino é e será necessariamente deficiente. Isto desgosta naturalmente o Dr. Menezes Vieira, que vê com pezar não ser possível tornar completa a sua humanitaria missão.

S. M. o Imperador, que appreciou muitissimo as provas apresentadas pelo Dr. M. Vieira, chamou para a apontada deficiência a attenção do Sr. ministro do imperio, e S. Ex. prometteu auxiliar o benemerito professor tanto quanto lhe seja possível, a começar pela nomeação de um repetidor.

Oxalá se realice esta boa promessa e fructifique esta bella esperanza.

E' triste pensar que havendo-se tornado realidade entre nós o ideal da educação dos surdos-mudos, se deixam milhares d'estes infelizes entregues aos horrores da sua dupla desgraça.

Continuar semelhante estado de cousas fora mais do que deleixo — fora crueldade.

MARCOS VALENTE.

CORREIO LITTERARIO

U SR. ENÉAS DAS «MIRAGENS».—CONVITE E RESPOSTA

Recebi, ha pouco, esta carta:

«S. Paulo, 16 de Novembro de 1885.

«Sr. Lucio de Mendonça.

«Acabo de ler a *Semana* de 14 do corrente, em cujo numero vem inserta a critica que as *Miragens* fez Vmçé.

«Confiado nos sentimentos que devem distingui-lo como homem verdadeiro, ao menos, convideo-o a declarar, por

qualquer meio, a seu dispôr, qual a poesia de Gonçalves Crespo que eu imitei, ou tentei, sequer, imitar.

Enéas Galvão.»

Despresando o tom altamente incivil do convite, não me julgo por isso desobrigado de lhe responder.

Eu disse que era preciso ter boa vontade para perdoar a primeira quadra da poesia intitulada *Porte-montre* a excessiva liberdade de pareença com outra de G. Crespo.

A quadra do Sr. Enéas é esta:

Guardo zelosamente essa ideal lembrança,
O *reuerdo* que um dia, á hora da partida,
No longo e triste adeus da nossa despedida,
Fehrli de conmoção, me deu uma criança.

A de Gonçalves Crespo, na poesia *O meu cachimbo*, das *Miniaturas*, é assim:

Lembro-me ainda, qual se fosse agora,
De quando Helena, a tímida criança,
Me deu em dia de annos por lembrança
Esse cachimbo que minh'alma adora.

A similhaça material já não é pouca; mas ha ainda o estylo, a *maneira* de Gonçalves Crespo, que o Sr. Enéas imitou nesses versos.

E para não parecer—aos outros—que interveio na vontade de minha parte para com o auctor das *Miragens*, attribuindo-lhe plagio só por isto, vou agora além do que disse; acrescento que não só nesse ponto, como em alguns outros do seu livrinho, o Sr. Enéas lembrou-se demasiadamente das *Miniaturas*.

O *quarto de Anuita* tem mais de um reflexo do *Camarim*.

Descreve o Sr. Enéas:

Sobre o leito, rendilhada,
Dorme a saia de setim;
Juncto á luva delicada
Vê-se um leque de marfim.

Botinas, rendas, pulseiras,
Velludos, flores e fita
Ornani o leito e as cadeiras.

Gonçalves Crespo descrevera:

Ao pé das longas vestes, descuidadas
Dormem nos arabescos do tapete
Duas leves botinas delicadas.

Sobre a mesa emmurcheca um ramilhete,
E entre um leque e umas luvas perfumadas
Scintilla um caprichoso braccete.

O noivo não se parece só no titulo com A noiva:

E o noivo diz: «Emfim!»
no final do brilhante sonetinho do Crespo. No final do soneto do Sr. Enéas
O noivo analdicôa aquella noite infinda.

No *tango* é escripto por quem se recordava muito de *Uma andaluza*.

Além de o Sr. Enéas encontrar-se ainda com o mesmo poeta na escolha do assumpto das poesias: *As mãos* (Crespo escreveu *Suas mãos*) e *Carta* (elle, *A tua carta*), nota-se nos versos *A amante*, das *Miragens*, mais de uma reminiscencia da *Arrependida*, das *Miniaturas*.

A amante começa:

Alli, na solidão do lugubre aposento.

A *Arrependida*:

Nesse quarto pequeno, humido e estreito.

Aquella, como esta, seduzida por amante ingrato, medita tristemente, lembrando-se do passado:

Pendêra-lhe tristonha a fronte *immaculada*.
Nesse instante, talvez, no tragico momento,
Lembrando o seu amor—a quadra abençoada,

Perpassou-lhe do *amante*, a flor da phantasia,
A fera ingratição.

Isto é do Sr. Enéas, já se vê: o Crespo não chamaria *immaculada* a fronte de uma mulher que teve amante e que tem filha; nem diria que «a fera ingratição do amante» apenas «perpassou-lhe a flor da phantasia.»

Agora a *Arrependida*:

Elle scisma ao luar; todo o passado
Aos seus olhos avulta illuminado
Pelos dubios reflexos da tristeza.

A do Sr. Enéas, «incoosciente», ella, entende-se, «n'um impeto de dor, tremendo de agonia», «levou ao collo nua a lamina sombria de uma arma...» Hesito em acrescentar «varonil» como cá está no folheto, não sabendo a gente se em referencia á arma, de que a separa uma virgula, se á moça, de que outra virgula a separa. Inclino-me a crêr que se refere mesmo á arma, porque, a applicar-se á moça, não poderia concorrer, em boa harmonia, na mesma pessoa e ao mesmo tempo, com o qualificativo «incoosciente». E, nesse caso, vejam que epitheto de bom gosto!

A do Crespo, sem ser assim dramatica, é mais dramatica, decerto, na sua pungente e singela realidade.

Pela rapida approximação que ahi fica, entre as *Miragens* e as *Miniaturas*, vê-se que a analogia é demasiada para poder ser innocente. Ha, sem duvida, muita differença, tambem, confessemo-lo, entre o Sr. Enéas e Gonçalves Crespo,—a começar pela soffrivel distancia que vae de um verdadeiro poeta a um trovador bisonho.

Valença, novembro de 1885.

LUCIO DE MENDONÇA.

O CHRISTO E A ADULTERA

(EXCERPTO)

.....
Emquanto espero, diz, ô glorioso obreiro,
Quando, aos golpes do malho imparido e certo,
Lançando o pó em torno, atroando a offeina
Para arrancar da pedra a figura divina,
Febri!, suarento, curvo o thorax, alheado
Do que vai pela terra e céu, e derorado
D'essa séde immortal de achar da pedra em meio
O bello, o justo, o ideal, arfando de receio,
Aparado, e a um tempo audaz, terrível, mudo,
Quasi perdendo a fé, quasi esperando tudo,
A's mãos ambas cavando o bloco endurecido,
Cheio de rebelhões, ainda não vencido,
Rangendo numa raira etern' e eterna lucta,
Parecendo viver, querer voltar á gruta,
Ao monte, ao leito abrupto, ao seu despenhadeiro,
D'onde o foram buscar e veio prisioneiro,
Estorcendo-se ao ferro em cima desfechado,
Saltando, recuando, avançando num brado
De desespero e dor, sentindo-se ferido,
E hyante desatando agonico gemido,
Arremessar-te á cara, a cuspir-te a ameça
Em caro grito surdo, em pevida fumaça
Do seu halito duro, igneo, pulverulento,
Que te obriga a altear a cabeça um momento,
E procurar de prompto, em pé, sobre o horisonte,
Ar, que te encha os pulmões; luz, que te doire a fronte.
Nao sentias terror, angustia, abalo, medo
De ver surgir de um jacto o deus, que procurara
Teu ferrenho cinzel na entranha do rochedo,
E fulminado ao raio, ao fogo, ao incendio, á lara,
Ao rodimento branco, intenso, inopinado
Do deus, por tuas mãos de subito creado,
Cahir hyrto ao sopé do teu trabalho augusto,
Meio morto de luz, meio morto de susto?.....

LUIZ DELFINO

CONTOS A PREMIO

(Vide n. 47 A Semana)

Para este concurso em prosa, por nós instituído e que deverá encerrar-se no dia 14 de Fevereiro do anno proximo, já recebemos dois contos:

—N. 1—*O perdão*, por G. A. C. (Côrte).
—N. 2. *Emfim!* por X. Y. S. Paulo.)

Este ultimo foi publicado no *Diario Mercantil*. Como é assignado por duas iniciaes mysteriosas não temos duvida em accital-o.

Resolvemos dar como premios aos tres contistas vencedores os seguintes objectos:

—Ao primeiro—uma abotoadura de ouro, completa, para camisa; obra de apurado gosto artistico;

—Ao segundo—um rico tinteiro de crystal, montado em bronze;

—Ao terceiro um exemplar do novo livro de Alberto de Oliveira, *Sonetos e poemas*, luxuosamente encadernado.

Estes premios serão opportunamente expostos.

AURELIO DE FIGUEIREDO

Recebemos do Rio da Prata uma grande quantidade de jornaes contendo inumeros elogios ao nosso distincto compatriota Aurelio de Figueiredo, o qual acaba de ser recebido em Montevideo pelo presidente da Republica, pelo publico e pelas principaes authoridades d'aquella capital com os maiores applausos e as mais inequivocas provas de apreço.

O Presidente, depois de visitar o *atelier* do artista, em caracter privado, mandou cumprimentar officialmente o pintor brasileiro pelo Sr. Eduardo Zorrilla, ministro d'Estado, por occasião da abertura da exposiçào artistica em que Aurelio de Figueiredo exhibio nada menos de 30 ou 40 têlas, entre as quaes muitas de subido merecimento.

No meio da aristocratica reunião, que abrilhantou em companhia do ministro do Brazil a inauguração d'aquella festa toda honrosa para o nome brasileiro no Rio da Prata, pronunciou o Sr. Zorrilla uma bella allocuçào em que fez sobresalhir o merito do auctor da *Francisca do Rimini* e da *Crioula na rede*; augurando um grande futuro ao joven artista, que acabava de prestar um verdadeiro serviço ao seu paiz, exhibindo entre um povo pouco propenso a nos considerar, as mais eloquentes provas de que no Brazil so para o Governo não existe arte nem artistas.

Aurelio de Figueiredo expoz muitas têlas de sua lavra na nossa Academia, e apesar de ter sido distinguido pelo corpo docente e pela imprensa, não conseguiu vender um unico dos seus trabalhos, nem obter uma encomenda sequer. Desacorçoado, e não achando na atmosphera de sua terra elementos para desenvolver e expandir o seu robusto talento, partiu para o Sul em busca de melhor ambiente para o exercicio da arte em que seus contemporaneos, por uma escassa retribuiçào, vão colhendo quotidianamente tamanha messe de espinhos.

Deus o proteja e lhe tire da cabeça as illusões da patria desta patria que ainda não tem um canto para abrigar decentemente os seus artistas, e que os deixa emigrar, como Porto-Alegre, Carlos Gomes, o proprio Aurelio, e tantos outros que se vão preparando para nos deixar; sem se commover, ella, a mãe commum dos brasileiros, e sem procurar refugio no seu seio pela creaçào de um meio em que possam viver progredindo, e illustrando.

Essa emigração de artistas notaveis é um facto que se vae tornando demasiado geral para que o possamos attribuir a uma pretendida falta de patriotismo da parte d'elles; é um phenomeno que deverá um dia impressionar os legisladores, como já nos impressiona, a nós escriptores; fazendo-os deetar leis que, tornando a arte util e honrada, proporcionem aos profissionaes os meios indispensaveis a todo cidadão para não viver desterrado no seio da propria patria, e ver-se obrigado a ir buscar sustento e protecção entre estrangeiros.

V. R.

Em complemento a este artigo, podemos e julgamos dever divulgar que, havendo sido o general Santos, presidente da Republica, apresentado por Aurelio com um pequeno quadro, por occasião da sua visita ao *atelier* do artista, recebeu este dias depois, da parte do general Santos,—que é riquissimo—com uma carta gentilissima, o *pequeno regalo* de um par de botões para punhos—botões de ouro com dois brilhantes enormes, no valor de alguns contos de réis; de *nove contos de réis* calculou uma pessoa de nosso conhecimento, que os viu, e á qual devemos estas informações.

Sem commentarios.

NOTA DA REDACÇÃO.

CONFRONTO

Que semelhança em ti, quando estejo nas graças do teu corpo as formas della!
A mesma voz, o mesmo rir d'aquella boca em que se me nega o Céu n'um beijo.

Se o passo de ambas move o meu desejo, não posso decidir qual é mais bella.
Maravilhas do marmore ou da tela em tudo tão eguaes não ha, não vejo.

N'ella e em ti a attenção que me domina contempla em duplicata a excelsa obra do mesino auctor na plastica divina.

Mas, so te falta o que ella tem de sobra: na palavra, que as mentes illumina, o espirito vivaz que as almas dobra.

ROZENDO MUNIZ

SONETOS E POEMAS

Alberto de Oliveira, o delicioso, o delicado, e imaginoso poeta das *Canções Romanticas* e das *Meridionaes*, acaba de publicar mais um esplendido volume de poesias.

Intitula-se: *Sonetos e Poemas*.

Falta-nos tempo e espaço para fazer neste numero a apreciação do novo livro de Alberto de Oliveira. Fal-a-emos a seu tempo. Por agora diremos que este volume tem muita coisa nova e muita coisa boa.

Ha poesias verdadeiramente notaveis, de grande vigor, de um colorido riquissimo e de uma grande abundancia de linguagem, qualidade que falta em geral aos nossos poetas.

A impressào é notavel, feita com rara elegancia e bom gosto, em optimo papel *chamois*.

É trabalho das grandes officinas de Moreira, Maximino & C.

D. QUIXOTE

A MEU PRIMINHO OCTAVIO

Paulo tinha seis annos incompletos;
Tinha só quatro o louro e gentil Mario.

Foram á bibliotheca, surrateiros,
E ficaram instantes, mudos, quietos,
A espreitar se alguem vinha; então, ligeiros
Como o vento, correram p'ra o armario
Que encerrava os volumes cobichados:
Eram dois grandes livros encarnados
Cheios de formosissimas gravuras,
Mas... pezados, meu Deus!

Os pequenitos
Porflavam cançados, vermelhitos,
Por tirar-os da estante. Que torturas!
'Stavam tão apertados, os maldietos!
Emfim, vencerám, não sem ter luctado...
Paulo entalou um dedo, o irmãosinho,
Ao desprender os livros, coitadinho!
Cambaleou, e foi cahir... sentado.

Não choraram; beijaram-se contentes
E Paulo disse a Mario:— Que belloto!
Vamos ver á vontade o D. Quixote
Sem os ralhos ouvir, impertinentes,
Da Avó que adormeceu. Oh que ventura!
Mario, tu não te mexas, hea attento;
Eu vou mostrar-te estampas bem pintadas
Com uma condiçào: cada figura
Ha de trazer ao nosso pensamento
Uma d'essas partidas engraçadas
Que eu sei fazer. Serve-te assim?—

—'Stá dicto.
Oh que homemzinho magro! Que esquisito!
Quem é?—

— E' D. Quixote.—

— O barrigudo
E' dona Saneha, que a Mamã me disse. —
— Dona Saneha é mulher. Oh! que tolice!
O nome que elle tem, bobo, é Pançudo.

— Que está fazendo o padre na cadeia,
A entregar tanto livro á rapariga?
— São livros maus que vão para a fogueira.
— Quaes são os livros maus?—

— Não sei, mas penso
Que devem ser os que não tem dourados
Nem pinturas; por mais que o Papá diga
Que o livro é sempre bom, não me convenço.
— Ouves? Chamam por ti, fomos pilhados!
— Meu Deus como ha-de ser? Mario, depressa
Vamos arrumar isto; assim.

— Não cessa
De chamar-nos a Avó!
— Prompto.
— Inda faltam

Trez livros,
— Já não cabem.
Que canceira!!

— Têm figuras?
Não têm.
— Capas bonitas?—

— Tambem não têm. —
— Então são máos, e saltam
Pela janella: atira-os á fogueira.

Eram Seneca, Eurico e os Jesuitas.

Escaparam do fogo os condemnados,
Ficando um tanto ou quanto amarrotados.
Salvou-os o Papá, mas, impie toso,
Fechou a bibliotheca, e rigoroso
Condemnou os dous réos, feroz juiz!
A soletrar... os *Contos Infantis!*

Novembro de 85.

ADELINA A. LOPES VIEIRA.

(Dos Contos Infantis.)

CERTAME DE BELLEZA

Recebemos a seguinte cartinha, que publicamos pela sua originalidade:

« Um grupo de rapazes do aprazível bairro de Riachuelo, pretende no proximo mez, attendendo á constellação brilhante de moças que ali, semelhantes a estrellas, despedem a sua luz viva e clara, abrir um certame cujo fim é verificar-se por meio de votos qual a mais bella de todas.

A que attingir a uma votação superior a 200 votos, será a vencedora e como tal receberá um lindissimo premio, debaixo das formalidades necessarias, o qual será nas vespuras da entrega devidamente exposto.

O prazo do escrutinio será de tres mezes, sendo feita a apuração com todo o criterio e devendo os votos trazerem o nome da moça e residencia e bem assim o nome do votante.

Um jury nomeado decidirá a eleição.

O lugar para o endereço será previamente annuciado.

A COMMISSÃO. »

SPORT

Como amigo de todas as sociedades de corridas e de quasi todos os proprietarios de bons cavallos, não podemos deixar de pedir para que se esforcem de modo que os pareos sejam feitos com a maior lisura.

E' tempo de acabarem com esses ajustes escandalosos de fazer ganhar o animal inferior e perder o que melhores provas tem dado. O publico ama o divertimento de corridas, mas não pôde soffrer a sangue frio que o *bigodeiem*, justamente quando elle bem conhece a força do animal que deve vencer.

As corridas realisadas no ultimo domingo na raia do *Derby-Club* poderiam ter sido excellentes, e tornaram-se tumultuosas por se ter convencido o povo de que houve combinações em alguns pareos.

Ganhou o 1º pareo *Aymoré*, seguido de *Nicoafi* (1,200 metros, 80 segundos) e no 2º pareo *Gaudriole* quasi ia batendo em 1,609 metros *Comtesse d'Olonne*, tendo corrido *Saphyra* apenas para liquidar o piloto *Fanfaron*, que na reta tomou de novo o leme e fez a *Comtesse* esticar-se e dar 110 segundos.

No 3º pareo, apesar de toda a guerra que soffreu durante a corrida, *Sybilla* ganhou no freio os 1,609 metros em 112 segundos.

No 4º pareo *Grande progresso*, 2,401 metros, 2:000\$ ao primeiro, *Regalia* apesar de carregada não progrediu, foi para traz e chegou em quarto lugar sahindo vencedor em 168 segundos *Bayoco* montado por Firmino e chegando em 2º lugar *Boyardo*, que está um meio sangue de primeira ordem e começando agora na maré de levantar premios.

No 5º pareo, 1,750 metros, *Talisman*, seguido de *Sylvia II*, quasi distanciou *Boreas* em 123 segundos.

Ficámos com a cara á banda...

Taillefer ganhou o 6º pareo (2,400 metros em 166 segundos), mas *Nana* fez muito boa corrida, seguindo-o sempre de perto.

No 7º pareo *Gaudriole* empatou com *The Witch* e a directoria resolveu de accordo com o codigo de corridas. Havia porém, descontentamentos retrahidos que se aproveitaram d'essa occasião para irromper e por isso não foi possível effectuar-se o 8º pareo.

Seja como for, não acompanhamos de modo nenhum os maldizentes e confiamos em uma directoria que tem á sua frente o benemerito Dr. Frontin.

Assim todos amassem o *Derby-Club*, como seu dignissimo presidente, e não teriamos de presenciar tantos disturbios, voserias e scenas desagradaveis.

Fazemos votos para que o *Derby-Club* entre de novo em seu periodo de glorias.

Fomos no dia 2 de Dezembro assistir ás corridas do *Hippodromo Guanabara*.

Foi pena que se retirassem tantos animaes, ficando dois pareos inutilisados e outros com muito menor importancia.

Ganhou o 1º pareo (850 metros) *Cri-chaná*, seguido de *Conde*, sendo 62 o tempo da corrida.

No 2º pareo o Firmino, que montou o *Vampa*, judiou com os *marreco*s da *Biscaia*. Aquillo não foi *biscaia*... foi o jogo do burro, ficando com as *poules* na mão todos os *minestras*... enquanto *Vampa* em 71 segundos portou-se como um *vampiro*.

No 3º pareo *Nicoafi* levantou a metade do premio.

E agora?... os naufragos da *Biscaia*, em vez de se embarcarem a bordo do *Neva*, atolaram-se no *Fanfaron*. Foram ao fundo, tomando um magnifico banho, visto que *Neva* ganhou os 1,800 metros, segnido de *Gazida*.

Bitter, montado pelo abaixo-assignado, venceu o 5º pareo *Amadores*, cujo producto era para a familia do finado James Luff.

No 6º pareo, que castigo! *Fanfaron* tornou a perder, *Gazida* affrouxou, *La Ferthé*... qual *Firmino*, qual nada! *The Witch* esticou, chegou na frente, sendo o tiro 1,450 metros.

No 7º pareo *Jaguary* levantou a metade do premio.

Reinou a melhor ordem e a directoria foi amabilissima com todos os convidados.

Excellento o programma de amanhã no *Prado Villa-Izabel*. Ahi vão nossos palpites: No 1º pareo *Boyardo*. No 2º *Francoise*. No 3º *Druid*. No 4º *Fanfaron*. No 5º *Bayoco*. No 6º *Saphira*. No 7º *Savaná*.

A 8 do corrente deve inaugurar-se, com um magnifico programma, o *Hippodromo Fluminense*.

Ha de a festa attrahir uma enchente completa e, para que tudo corra na melhor ordem, basta dizermos que o presidente é o estimado Dr. Dornival da Fonseca.

L. M. BASTOS.

COFRE DAS GRAÇAS

Distracção engracada:

A baroneza de X. conversa com o bravo coronel Z., que na ultima campanha havia perdido ambas as pernas, e para se locomover servia-se de mulletas.

O coronel queixa-se de fortissima defluxão, tossindo de minuto a minuto.

— Porque não toma um escalda-pés? E' remedio infallivel: lembra a baroneza com tanta solicitude quanta... distracção.

Um dia d'estes foi publicado na *Gazeta de Noticias* um soneto, cujo ultimo terceto dizia assim:

« E quando tudo vive e tudo sente,
Por que s'esconde ás vezes o luar?
Porque não ha luar constantemente?»

Para responder a esta pergunta do poeta não é preciso consultar o Dr. Castro Lopes, que ainda agora ás voltas com o sol.

Não ha luar constantemente porque só ha luar quando ha luar, e não ha luar constantemente por causa do sol, que se dá ao luxo de brilhar todos os dias, pelo menos, doze horas.

Ora ahi está.

Num exame de portuguez:

— Examinador—Ali que palavra é?

— Examinando.—Um substantivo.

— Examinador. Sim, ali é um substantivo... ou Turquia.

BIBIANO.

A VIDA ELEGANTE

Na noite de 23 do corrente realisou-se uma bella festa no Lyceu de Artes e Officios. Era o dia anniversario do 29º anno da fundação d'este excellento estabelecimento de educação. Seu fundador e director, o benemerito Bettencourt da Silva, deu este anno um novo caracter a essa festiva comemoração e por este facto não temos senão parabens a dar-lhe; deu-lhe uma feição, por assim dizer, familiar, limitando o numero de convites—que foi, não obstante, elevado e prescrevendo a maxima simplicidade ás *toilettes* femininas e aos homens paletot ou sobre-casaca. Começou a festa por ler Bettencourt da Silva uma carta por elle escripta ao Sr. Comendador G. Bellegarde, na qual apresentava o programma do festejo, programma que se reduzia a passar em alegre companhia algumas horas, recitando, tocando e cantando quem quizesse cantar, tocar ou recitar, servindo-se de refrescos e doces feitos em casa.

A festa realisou-se em homenagem a tres homens illustres, aos quaes não deve pouco o Lyceu:—o Dr. J. M. Velho da Silva e os barões de S. Felix e de Paranapiacaba.

Para S. S. Exs. estava preparada uma vistosa mesa de hora em face da tribuna, que era convidativa, tantos e tão bellos adórnos tinha.

Depois do elogio dos três heróes da noite, feito por um convidado, fallou o Dr. Velho da Silva, agradecendo, e tiveram a palavra as outras pessoas inscriptas.

Filinto de Almeida recitou uns versos arcádicos, Arthur Azevedo leu um trecho da bella tragedia que fez da *Escola para maridos*, de Moliere; Valentim Magalhães recitou umas quadrinhas por elle rabiscadas, momentos antes, a lapis; Henrique de Magalhães leu uns versos lyricos; o Dr. Cyro de Azevedo pronunciou algumas palavras congratulatorias.

Deixámos propositalmente para o fim a parte mais bella e mais luminosa da festa:—o poemeto lido pelo Dr. Luiz Delfino e por elle escripto sobre o glorioso marmore de Bernardelli—*O Christo e a adúltera*. Diremos como a *Gazeta de Noticias*:

« O marmore grandioso de R. Bernardelli pedia a consagração do estro potentissimo do nosso grande poeta.

Para tal estatuario tal cantor».

Das innumeraveis bellezas d'este prodigioso trabalho damos uma pequena amostra neste numero.

Não esqueceremos a parte concertante do sarau, que esteve muito boa, merecendo muitos applausos entre as senhoras Mlle. Wright que cantou perfeitamente, e entre os artistas Felix Bernardelli, Gregorio Couto, Arnaud filho, além de outros.

Depois—ceia magnifica e dansas animadissimas até a madrugada.

Parabens aos tres protagonistas da

feita, a Bettencourt da Silva e ao Lyceu.

Esteve concorridissimo o concerto organizado pela *Gazeta Suburbana*, em beneficio do tumulo que se pretende erigir ao finado Sr. Noronha, o inspirado e infeliz maestro portuguez. Todas as peças do programma foram magistralmente executadas.

LORGNON.

PAGINAS DE UM LIVRO

Um poetico luar do mez de Agosto,
E a luz do sol, quando elle vae rolando
Dos coxins de esarilata,
Ao hemispherio opposto,
Da cordilheira o dorso clareando,
Se podessem ter som — e ao da cascata
Que pássa entre seixinhos,
E ao gorgoejo gazil dos passarinhos,
Se misturassem bem — por mais divina
Que essa musica fosse e mais suave,
Inda fóra mais aspera e mais grave
Que teu nome — Wilhelmina!

ANGELO DE S. PRAY.

CONSELHOS SALUTARES

CONTRA A DIABETIS

Desejando ser uteis, além de agrada-veis, offerecemos ás pessoas que soffrem d'esta molestia um medicamento, de uso facil, que pôde ser mesmo preparado em casa. Não é uma novidade, sabemos, mas tambem é verdade que conhecemos individuos da melhor sociedade que, atormentados pela *diabetis* e tendo já usado de varios medicamentos, sem proveito, ainda não experimentaram o que vamos aconselhar. Não sabemos o motivo d'isto, sendo a substancia já conhecida e cuja effeito lisongeiro podemos garantir com observações nossas.

O medicamento é o *entre-casco de cajueiro*, cuja applicação lemos pela primeira vez no *Jornal do Recife*. Vamos transcrever a communicação feita a essa folha pelo Sr. Arthur Pamplona e por ella poder-se-hão guiar os diabeticos.

Eil-a:

«Em 1880 fui accommetido de *diabetis insipida* (fluxo da urina). Durante o espaço de tres mezes lancei mão de todos os meios therapeuticos, que para taes casos são indicados, sem obter resultados satisfactorios.

«Já sem esperanza de me restabelecer, expontaneamente recorri ao *entre-casco de cajueiro* (planta commum no Brazil), que é reputado como adstringente e como tal applicado externamente em lavatorios contra as inchações das pernas.

«Eis a fórmula pela qual me servi d'este medicamento:

«Entre-casco do tronco do cajueiro contuso—30 grammas.

«Agua commum—250 grammas.

«Macere-se por espaço de 24 horas.

Dose—um pequeno calice 3 a 4 vezes por dia. Se no terceiro dia não houver melhoras sensiveis, augmente mais 10 grammas do *entre-casco de cajueiro* para a mesma quantidade de liquido.

«Com esta medicação obtive uma cura radical ao fim de 8 dias.

«Depois d'isso (o anno passado) uma outra pessoa que soffria do mesmo incommodo, foi por mim aconselhada a seguir este tratamento, conseguindo no fim de 10 dias o mesmo effeito.

«NOTA—Convém abster-se de beber, tanto quanto seja possivel, mesmo agua».

Os que ficarem curados com este bom conselho, deverão mandar uma boa prenda ao director da *Semana*.

DR. SAHEN.

THEATROS

Ultimas novidades parizienses:

François Coppée leu aos artistas do *Odéon* uma nova peça: *Les jacobites*, que agradou muito, entrando logo em ensaios.

O maestro Widor escreveu para *Les jacobites* uma grande marcha e tres arias para Mlle. Loiné, a ingenua da peça.

Affonso Daudet fez ao director do *Gymnasio* a leitura da sua comedia *Sapho* por elle extrahida do seu romance, do mesmo titulo, em collaboração com Adolpho Belot. Será representada n'este theatro no correr d'este mez. O drama pouco differe do romance.

Segundo informa a *Republique française* será Damala o interprete do papel de João Gaussin, o protagonista.

A *doutora*, comelia em 3 actos, de P. Ferrier e H. Bocage, representada no *Gymnasio*, é, na opinião do eminente critico theatral Adolpho Brisson—uma extravagante loucura. «Começa em comedia, passa depois a vaudeville e termina em farça vulgar.»

Sardou leu sua nova comedia *Georgette*, em 4 actos, aos artistas do *Vau-deville*, sob o maior segredo, de modo a evitar indiscrições de jornaes.

O successo de leitura foi enorme. Como aconteceu a todas as peças de Sardou, já se começa a duvidar da originalidade de *Georgette*. Cesteiro quo fiz um cesto...

Vão muito adeantadas as duas revistas do anno *O Bilontra* e *A mulher homem* que para as companhias Braga Junior e Heller escreveram as firmas litterarias Arthur Azevedo & Moreira Sampaio e Valentim Magalhães & Filinto d'Almeida.

O Braga Junior, cuja companhia chegará do norte por estes dias, está tratando de montar *O Bilontra* com todos os ff e rr do luxo e do *comme il faut*.

Contractou em Madrid um grupo de bailarinas, mandou pintar varias scenas na Europa, entre as quaes uma deslumbrante apothose de Victor Hugo, encarregou o maestro Gomes Cardim de organizar a musica e compor alguns numeros especiaes... emfim, nada tem pounado para que *O Bilontra* suba á scena de modo admiravel, offuscante e digno dos seus auctores.

Por seu lado, o Heller anda em uma faina prommettedora de grandes cousas. Já metteu em ensaios *A mulher homem*. Grande parte dos scenarios está prompta. Dois d'elles, especialmente, o do primeiro quadro do prólogo e a apothose a Victor Hugo são magnificos, primorosos.

A musica está quasi toda escripta. E' devida á inspiração musical de Mesquita, Cavalier, Francisca Gonzaga, Miguel Carlos e do nosso collega Henrique de Magalhães, que, como simples virtuose, dá-se de vez em quando á phantasia de brincar com Euterpe.

Desde já, indiscretamente, recomendamos os seguintes numeres—côro

de abertura, um certo tango cantado pelo Vasques no primeiro acto, um «côro de tezouras» e um jongo, todo puchado á sustancia no segundo acto.

Emfim, quem viver verá mais uma vez de quanto é capaz o Heller.

A excellente companhia do propecto actor Montedonio, a qual não nos cansaremos de recommendar ao publico, representa hoje pela primeira vez no *Lucinda* o drama de grande espectaculo em 5 actos e 8 quadros, de Aniceto Bourgeois e Ferdinando Duguc, traduzido por Borja Reis. Para que o publico infira do valor da peça, aqui lhe damos, como appetitivo, os titulos dos quadros:

«1º A cidade dos trapeiros; 2º A provocação; 3º O duello á lanterna; 4º A morta viva; 5º O sapateado da tia Moscou; 6º Bamboche dá as cartas; 7º A ratoeira; 8º Abaixo as mascaras.»

Esperamos ver logo o *Lucinda* replecto, sem logar para a cabeça de um alfinete.

FACTOS E NOTICIAS

EXPOSIÇÃO REGIONAL DE CAMPINAS

Fabrica-se actualmente nas officinas de Lidgerwood & C. um relógio de torre para ser illuminado á noite, dando horas e meias horas.

Este trabalho, que figurará na proxima Exposição de Campinas, foi confiado a um habil industrial europeu que desejava occorrer a ella, mas que se via impossibilitado por falta de meios que generosamente foram postos á sua disposição pelos Srs. Lidgerwood & C.

FABRICA DE MOVEIS

Os Srs. Manoel Monteiro Bentim & Irmão estabelecidos com importante fabrica de moveis á rua do Senador Pompéo n. 11, convidaram-nos no dia 24 do passado a assistirmos a uma exposição dos productos do seu estabelecimento.

Os moveis da fabrica dos Srs. Bentim distinguem-se pela elegancia das formas, e pelo bom gosto com que são executados. Eram realmente notaveis, sobre todas: uma mobilia de peroba reversa para dormitorio, outra de jacarandá gravado para sala de visitas, e ainda outra de canella para sala de jantar.

Nessa mesma occasião foram inauguradas a lgumas machinas ultimamente montadas e foi servido um delectado lunch aos numerosos convidados.

Parabens ao Srs. Bentim & Irmão.

A 3 do corrente realisou-se no Asylo de Meninos Desvalidos uma esplendida festa, comparecendo as redacções de todos os nossos jornaes.

Ficou patente o progresso em que se acha aquelle importante e utilissimo estabelecimento, e os convidados applaudiram com entusiasmo os esforços do benemerito director, Dr. Daniel de Almeida.

Os distinctos alumnos Antonio Francisco Braga e João Baptista da Costa receberam duas medalhas de ouro, em cujo reverso lia-se—l'remio *Jornal do Commercio*, offerecido pelo Conde de Villeneuve.

A excellente banda do Asylo fez prodigios e manteve-se na altura de sua fama. Não ha, porém, palavras para a gentileza com que o Dr. Daniel e sua Exma. esposa obsequiaram todos os que tomaram parte no lauto almôço que lhes foi offerecido.

Na la falton, e os brindes unanimes proclamaram a sincera admiração dos convidados por quanto tinham visto e ouvido.

O *Diario Mercantil*, o nosso estimado collega de S. Paulo, brindará amanhã os seus assignantes com a reprodução lithographica de um velho retrato photographico dos tres illustres poetas brasileiros Gonçalves Dias, Gonçalves de Magalhães e Porto-Alegre, que se retrataram em grupo, ha muitos annos, na capital da França. Bellissimo brinde é este; esperamol-o anciosamente.

CHRONICA FRANCO-BRAZILEIRA

Recebemos os ns. 2 e 3 d'esta publicação quinzenal, feita em Paris, sob a direcção do nosso saudoso collega Dr. Lopes Trovão. Tanto um como outro se recommendam por muitos artigos, magistralmente escriptos, sobre interesses brasileiros em Franca e sobre interesses francezes no Brazil. Recommendamos muito a leitura dos artigos de Lopes Trovão intitulados *Pela politica franceza, La politique au Bresil e L'esclavage au Bresil*; nos quaes se patenteiam brilhantemente os raros dotes de jornalista do ex-redactor d'O *Combate*.

E a quadra das festas collegiaes.

Recebemos convite para as seguintes:—Collegio Frœbel, hoje, ás 4 1/3 horas da tarde. O programma desta festa infantil é convidativo.

—Collegio Universitario Fluminense, tambem hoje á tarde. A festa infantil d'este acreditado collegio promete ser magnifica.

—Collegio Menezes Vieira, dia 8 do corrente, ao meio dia. Vale a pena aproveitar este ensejo para visitar o admiravel *Jardim da Infancia*.

CONSULTAS

A'extraordinaria affluencia de trabalho que temos tido ultimamente tem dado a causa a ficar um tanto atrasado este serviço. Mas, o mais breve possivel, serão respondidas as consultas dos Illms. Srs. assignantes:

—Vasco Pereira Machado (Porto Seguro); A. C. Nogueira de Sá (Ouro Fino); J. Bouchardet (S. Fidelis); Gabriel Rebouças Lemos (S. Paulo); J. B. Alves (Turvo); J. P. F. Guimarães (S. Izabel); A. F. P. (Bahia) e J. Borges (Côrte.)

Pedimos muitas desculpas d'esta falta, superior á nossa vontade.

TRATOS Á BOLA

Leitores e leitoras:

Quereis saber quantas cartas recebi d'esta voz? Quarenta!

Oh!... estou radiante de alegria! Obrigado, meu povo!...

Fizeram jús—ao 1º premio o Sr. Nico e ao 2º o Sr. Oidivo, que enclausurou as decifrações de todas as charadas dentro de um soneto, como dentro de uma urna de alabastro, o perfumista enclausura os aromas inebriantes!

(Bonito! hein? Eu ca sou assim!)

Mandaram tambem decifrações, quasi exactas, os benemeritos Srs. J. C. L., o engraçado X. Toso, que, d'esta vez, não quiz bolar as troças, e cujo nome senão tem figurado tem sido, talvez, por esquecimento, do que peço me desculpe; e mais os denodados campeões: Pépe, Gaaajara, Friccinal Vassico, Eugenio P. C., Conradinho e a tão amavel quanto terna D. Josephina B. que esteve apanha não

apanha o premio! D'esta vez não quiz deitar rinha, hein? Ingrata devota! Mesmo assim não deixarei de absolvel-a.

Eis as decifrações:

Da bisada:—Soldado, soldo;

Da microscopica:—Felicidade;

Da 1ª novissima:—Abobora;

Da 2ª » —Cara-dura;

Da decaptada:—Legoa, egoa, Goa, o a, a;

Do logogripho normando:—Saraiva;

Da patusca... Piasoca.

Agora agucem a perspicacia que la vai obra (oh! minha querida Musa, attende-me, inspira-me n'este momento):

MICROSCOPICA

—Gri—to—

5

Muito amiga de Ceres
O terreno é seu fito

LOGOGRYPHOS

I

Que bonito rapazola!—3—4, 1, 2.
Faça-o á minha saúde!—7, 8, 8, 10.
Muitos n'ella rompem sóla—5, 6, 5.
Comem isto... (e rima em ude?) 1, 2, 3, 4.
Bicho de má catadura—4, 5, 6, 7, 4.
E parte da creatura—1, 2, 5, 10.

Leitor se estás doente ella te cura.

II

A nau faz isto—1, 2, 3, 4.

Na musicata—3, 4.

Isto vem sempre

De algum charlata—5, 6, 7, 8.

E se isto pinta—6, 7, 8.

E se isto encanta—5, 6, 9, 10.

E se isto suja—3, 4, 5, 2.

E se isto cobre porém não me espanta—1, 2, 5, 8, 9, 10.

Isto ataranta,
Quando dada rijamente
Na gente

ENYGMATA ALPHABETICO

A	O	L	T	G	S	N	P
1	1	1	1	1	1	1	1

I
J

Que passaro é este?

PREMIOS

Ao 1º decifrador uma galanteria toda mirabolante, ao 2º um mimo capaz de enlouquecer o cerebro mais rijo. Os decifradores passados venham buscar seus premios.

FREI ANTONIO.

RECEBEMOS

— O Domingo n. 19, hebdomadario que se publica em S. João d'El-Rei. De semana para semana (sem ser a de cá de casa) se torna mais interessante a leitura d'este periodico. Parabens aos seus illustrados redactores.

— De S. Paulo *Homenagem do Club Vinte de Setembro a Venancio Ayres*.

— *Distracção* n. 59.

— O que é uma republica? Não se assustem os nossos leitores; não é nenhum cartapacio em 4º, mas sim uma polka. Se o pianero cá de baixo... Nunca! elle era capaz de assassinar a republica do Sr. João J. da Costa Junior.

— Da *Gazeta Suburbana* o *Ultimo pensamento musical* de Sá Noronha. A capa d'este autographo, por que é um autographo, tal qual fora deixado pelo illustre maestro, faz honra á lithographia dos Srs. Robin & C.; e o re-

trato do illustre e desventurado maestro portuguez é digno de todos os encomios, e digno do seu auctor o — Netto.

— *Considerações sobre o emprego da anty-pirina nas febres palustres e nas affecções broncho-pulmonares* pelo Dr. Vieira de Mello. O nosso Dr. Sahen que diga alguma cousa a respeito.

— *União Medica*. Dr. Sahen que a leia... nestas cousas de medicina... o que nos vale é o Dr. Sahen.

— *Acucenas* volume de poesias do Sr. Valerio da Silva. O auctor previne que são os seus primeiros versos — *Prends garde, lecteur ami...*

— De O. de Niemeyer. *Os indios Crichanas*. Diremos depois.

— *As causas da suspensão do Constituinte* por Anfriso Fialho.

— *Relatorio da Sociedade Beneficente Commercial, Artistica e Industrial*.

— *Guia pratico do compositor typographico*. O nosso paginador que o leia... mesiuo porque o saber nunca faz mal...

— *Gil Braz de Santilhana*, fasciculo ns. 12 e 13.

— *L'Avenir du Bresil*, primeiro numero, anno 1º. Folha franceza publicada no Rio. O encarregado da sua redacção é Mr. P. Labbarrière. Muitas venturas e dilatada existenciasinceramente desejamos ao novo collega, que tem no nome do seu redactor chefe a melhor e mais segura garantia de triumpho.

— Dos Srs. Henry Nicoud & C. (sempre rapidos e pontuaes) *Le salon de la mode, e La mode illustrée* n. 45, de 7 e 8 de Novembro; e os ns. 18 e 19 de 3 de Outubro e 7 de Novembro da *Revue politique et litteraire*.

— *A Estação*, de 30 de Novembro; um numero rico de figurinos e moldes, já não falando no supplemento litterario, que traz tambem interessantes gravuras.

ANNUNCIOS

Collegio Universitario Fluminense

NO FIM DA RUA DO BARAO DE ITAPAGIPE

(Antiga da Bella Vista)

No alto do Engenho Velho, logar onde nunca houve epidemia de especie alguma, funciona em edificio e com dependencias expressamente construidas para o fim a quo se destina.

Deseja a visita dos interessados, tanto nacionaes como estrangeiros, da corte ou do interior.

Remettem-se prospectos pelo correio a quem os solicitar á directoria.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRECCAO POR

E. GAMBARO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

DR. GONZAGA FILHO

CONSULTORIO E RESIDENCIA

Rua Visconde de Inhaúma, 61

CONSULTAS DE 12 AS 3 DA TARDE

Especialidades:

Febres em geral, molestias pulmonares e do coração.

PRADO VILLA-ISABEL

PROGRAMMA DA 4.^A CORRIDA EXTRAORDINARIA

A REALIZAR-SE

DOMINGO, 6 DE DEZEMBRO DE 1885

Primeiro pareo—VILLA-ISABEL—Distancia 1,450 metros—Inteiros e eguas nacionaes até meio sangue—Premios 400\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo—Entrada 20\$000

N. ^o	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	<i>Boyardo</i>	Alazão.....	4 annos	S. Paulo.....	53 kilos	Branco e estrellas azues....	E. M.
2	<i>Bitter</i>	Preto.....	4 »	S. Paulo.....	51 »	Azul e estrellas côr de ouro	M. P.
3	<i>Regalia</i>	Vermelho....	5 »	S. Paulo.....	58 »	Encarnado e ouro.....	Coud. Confiança.

Segundo pareo—CONSOLAÇÃO—Distancia 1,000 metros—Inteiros e eguas até puro sangue, que ainda não tenham ganho—Premios: 400\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo—Entrada 20\$000

1	<i>La Linda</i>	Castanho....	5 annos	Rio da Prata.	53 kilos	Preto e encarnado.....	J. W.
2	<i>Sornette</i>	Zaino.....	3 »	França.....	53 »	Azul e estrellas encarnadas.	Coudelaria Paraiso.
3	<i>Françoise</i>	Alazão.....	3 »	França.....	53 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
4	<i>La Ferthé</i>	Alizão.....	2 »	França.....	48 »	Verde e amarello.....	Coud. Independencia.

Terceiro pareo—SEGUNDO ENSAIO—Distancia 1,450 metros—Inteiros e eguas nacionaes de meio sangue, de 3 annos—Premios 600\$ ao primeiro e 150\$ ao segundo—Entrada 30\$000

1	<i>Mandarin</i>	Rosillo.....	3 annos	S. Paulo.....	50 kilos	Azul e estrellas encarnadas	Cunha Lima.
2	<i>Biscaia</i>	Alazão.....	3 »	S. Paulo.....	46 »	Ouro e faxa.....	Freitas Guimarães.
3	<i>Druid</i>	Tordilho....	3 »	R. de Janeiro.	52 »	Encarnado e ouro.....	Coud. Confiança
4	<i>Dinorah</i>	Castanho....	3 »	R. de Janeiro.	46 »	Verde e amarello.....	Coud. Independencia.

Quarto pareo—OMNIBUS—Distancia 1,800 metros—Inteiros e eguas de todos os paizes—Premios: 1:000\$ ao primeiro e 250\$ ao segundo—Entrada 50\$000

1	<i>Talisman</i>	Alazão.....	6 annos	S. Paulo.....	56 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coud. Cruzeiro.
2	<i>Fanfarron</i>	Alazão.....	3 »	França.....	51 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.

Quinto pareo—PROGREDIOR—Distancia 1,609 metros—Inteiros e eguas nacionaes meio sangue—Premios: 500\$ ao primeiro e 150\$ ao segundo—Entrada 25\$000

1	<i>Aurelia</i>	Alazão.....	3 annos	R. de Janeiro.	46 kilos	Azul e estrellas côr de ouro	A. E. de Oliveira.
2	<i>Bayoco</i>	Castanho....	4 »	S. Paulo.....	57 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
3	<i>Regalia</i>	Vermelho....	5 »	S. Paulo.....	57 »	Encarnado e ouro.....	Coudelaria Confiança
4	<i>Druid</i>	Tordilho....	3 »	R. de Janeiro.	43 »	Idem idem.....	Coudelaria Confiança

Sexto pareo—INTERNACIONAL—Distancia 1,000 metros—Inteiros e eguas de todos os paizes—Premios: 400\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo—Entrada 20\$000

1	<i>La Linda</i>	Castanho....	5 annos	Rio da Prata.	56 kilos	Preto e encarnado.....	J. W.
2	<i>Saphira</i>	Zaino.....	3 »	França.....	51 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
3	<i>Neva</i>	Castanho....	2 »	França.....	53 »	Verde e amarello.....	Coud. Independencia.

Setimo pareo—CONCILIAÇÃO (handicap)—1,300 metros—Animaes de menos de meio sangue—Premios: 200\$ ao primeiro e 60\$ ao segundo—Entrada 10\$000

1	<i>Fils du Diable</i>	Tordilho....	5 annos	Rio da Prata.	58 kilos	Grenat e ouro.....	Coud. Rio de Janeiro.
2	<i>Guacho</i>	Chita.....	2 »	Rio Grande...	43 »	Grenat e azul.....	A. M.
3	<i>Sultão</i>	Libuno.....	3 »	Minas Geraes	51 »	Azul e estrellas encarnadas	J. F. Vaz.
4	<i>Savana</i>	Castanho....	4 »	Rio Grande...	60 »	Branco e verde.....	C.
5	<i>Eucharis</i>	Tordilho....	5 »	Paraná.....	65 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
6	<i>Mayatá</i>	Rosillo.....	4 »	Minas Geraes	51 »	Branco e preto.....	H. P.

OBSERVAÇÕES.—Roga-se aos Srs. proprietarios o obsequio de terem os animaes inscriptos no primeiro pareo ás 11 horas precisas no ensilhamento.—Januario de Souza, 2.^o secretario, interino.

A SEMANA

CORTE

Trimestre..... 28000
Semestre 48000
Anno..... 88000

PROVINCIAS

Semestre 48000
Anno..... 88000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 300 RS

SUMMARIO

Expediente.....	
Historia dos sete dias.....	J. DO EGYPTO.
Jozé de Alencar.....	V. MAGALHÃES.
Um suicida de 15 annos.....	L. DE MENDONÇA.
Viver ás claras.....	ALFINETE.
Aqui, ali, acolá.....	DR. SAHÉN.
Um soneto de B. da Gama	C. MENDES.
Critica scientifica.....	
O processo das rosas.....	C. DE AZEVEDO.
Paginas esquecidas, « Ao	H. DE MAGALHÃES.
Mal das Vinhas».....	BIBIANO.
Contos a premio.....	A. MAGNO.
«O enterro».....	L. M. BASTOS.
Syrius, poesia.....	P. THALMA.
Cofre das graças.....	
Anjo, soneto.....	FR. ANTONIO.
Sport.....	
Theatros.....	
Factos e noticias.....	
Tratos á bola.....	
Recebemos.....	
Correio.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

Aos Srs. assignantes em atrazo que até o fim d'este mez não satisfizerem a importancia de suas assignaturas será irremissivelmente suspensa a remessa da folha.

Os senhores que vierem ao nosso escriptorio e tomarem uma assignatura d'A Semana por todo o proximo anno de 1886 terão direito a um dos seguintes premios, á sua escolha:

VINTE CONTOS, por VALENTIM MAGALHÃES.—Este livro, que se está imprimindo nas officinas d'A Semana, foi expressamente feito para ser distribuido como premio aos assignantes d'esta folha. Conterá mais de duzentas paginas em superior papel, com uma capa de fantasia.

NÃO SERÁ POSTO Á VENDA.

Assim, os que tomarem uma assignatura d'A Semana por um anno, e somente esses, terão direito a um exemplar d'essa obra, que, a ser vendida não o seria por menos de 3000, o volume.

AURORAS, versos, por Alfredo de Souza; encadernação de luxo.

A CAVEIRA DA MARTYR, celebre romance de Camillo Castello Branco, em 3 volumes.

MARUARITAS, poesias da distincta poetisa D. Adelina Amelia Lopes Vieira; um bello volume.

Aos senhores assignantes de seis mezes daremos como premio UMA MUSICA, inedita, especial e expressamente composta para esse fim; QUATRO POEMAS, por Luiz Murat, ou um exemplar das AURORAS, brochado.

N. B.— Os senhores que assignaram A Semana por um anno, a terminar em Dezembro de 1885 receberão, segundo promettéramos, um exemplar dos VINTE CONTOS.

O Sr. Leonel Guerra é a unica pessoa por nós encarregada de agenciar assignaturas nas provincias.

Tem todos os poderes para representar esta folha.

A SEMANA

Rio, 12 de Dezembro de 1885.

HISTORIA DOS SETE DIAS

A garotice que me fez no numero passado o meu insupportavel collega Filindal commoveu-me a tal ponto que eu,—que havia emigrado d'este quarteirão d'A Semana com a louvavel e firme resolução de não mais voltar,—eu quebro hoje o protesto feito e venho deliciar os leitores com a minha saudosa e scintillante prosa.

Era tempo. A chilrice deploravel das historias de Filindal ia fazendo naufragar A Semana. De cada numero notava o infatigavel gerente a diminuição de um exemplar na venda avulsa; e do numero passado verificou que se venderam menos duas folhas e meia. Além d'isso, depois que têm tido os sete dias a desgraça de ser historiados por aquelle Thierry de meia tigella, tem augmentado prodigiosamente o numero dos *cavaignacs*; o que demonstra que a prosa d'aquelle diabo além de fazer crescer a teleima no cerebro dos leitores faz-lhes tambem crescer *cavaignacs* nos queixos.

Uma calamidade, quero dizer: duas calamidades!

Attendendo a isso, acudo hoje precipite e suarento a salvar A Semana, libertando-a do seu archi-desenxabido chronista.

Rejubilae, pios leitores. Ides novamente gostar a fina pilheria irresistivel do mais engraçado Wolff d'estas praias guanabarinas de limpidas areias.

Filindal, estremece, ruge, morde-te e, se nos queres ser agradável, a mim e aos trinta mil assignantes d'A Semana,—rebenta p'ra ahi!

Amigo leitor, como o tratou a grrraude loteria da Corte? Mal, ein? Pois console-se commigo e com alguns milhares de pessoas mais. Olhe, conheço uma que comprou nada menos de 18000 de bilhetes e sahiram-lhe todos brancos. Você conhece os meus principios... Sabe com que odio feroz guerreio a loteria; tem lido (não negue!) tem lido os meus indignados artigos contra esse Protheu loterico de mil braços, sustentado pelo governo a bem do Thesouro e por mal da publica moralidade.

Devia portanto ter estranhado que até eu, que tambem eu me houvesse habilitado.

E' mais uma patifaria de Filindal. Este biltre decididamente ha de dar commigo no Cajú ou no Instituto Historico!

Pois foi elle. Passavamos ante-hontem por frente de um kiosque, em cujas vidraças se viam os poucos bilhetes restantes.

— Olha, disse-me elle. Se nós nos habilitasse! (Não é forte em grammatica, coitado!) Cá está um numero de encher o olho.

Eu não quiz. Mas o demonio taes tentações, taes labias empregou que eu lá cahi com os meus dois mil setecentos e cincoenta reis para a motade de um meio. Até agora, que me conste, nenhum de nós é o capitão Santos, de Santos, quer dizer: nenhum de nós tirou a sorte grande, os taes 500 contos, que os diabos levem... para a minha casa.

A estas horas está eleita grande porção dos Solons da Praia Grande.

E' excusado dizer que foram eleitos conservadores a dar com um páu; metaphora esta que é muito mais verdadeira do que á primeira vista parece.

Não é só a provincia que está satisfeita com este grande acontecimento. O paiz inteiro rende graças aos céus porque mais uma vez o Macico, o S. Sebastião do Alto, a Sacra Familia, o Paty do Alferes e outros estadistas de matto dentro, vão se fazer ouvir sobre as gravissimas questões que agitam o paiz e os narizes dos boticarios politicos das referidas localidades. Deus proteja a Salinha e St. Huberto os perdigotos.

Os capoeiras e os suicidas multiplicam-se diariamente, com aquella abundancia com que o Senhor multiplicou a descendencia de Abrahão.

E' curioso: depois que subio á boléa da caleça do Estado o «partido da ordem», tem andado tudo em uma desordem de mil diabos.

Os jornaes apparecem quotidianamente replétos de noticias de—disturbios, capoeiragens, facadas, furtos, arrombamentos, assassinatos, suicidios... todas as formas imaginaveis da *desordem*. O Jornal passou a noticiar as proe-

zas dos *negóas* e *guayamís* com esta expressiva epigraphie: « Ainda e sempre os capoeiras. » Aquelle *sempre* é sumamente lisongeiro para a reputação do Sr. desembargador chefe da nossa *despolícia*.

As proezas capoeiricas sômente são comparaveis em numero—aos suicídios.

Velhos e crianças, brancos e pretos— todos suicilam-se! O suicídio está se tornando mais popular do que a *caninha*, e amanhã ou depois algum actor divertido representará uma scena comica com o titulo *Todos suicidam-se!* para substituir a estafada *Todos bebem*.

Porém de quantos suicídios têm ultimamente occorrido nenhum mais lamentavel, mais compungente do que o d'aquelle infeliz José Castilho, menino de 13 annos de idade, caixeiro da *Casa do Ayres*, na rua 7 de Setembro. Em artigo especial occupa-se hoje com esse triste assumpto o director d'esta folha.

Se *A Semana* tivesse a importancia do *Jornal*, da *Gazeta* ou *Diario de Noticias* ou do *Paiz*, faria uma obra de caridade, que, a todos agradando, daria á folha que a fizesse a consagração da estima publica e a gratidão de alguns infelizes. Referimo-nos aos irmaos do pobre suicida, a esses desgraçados orphãos que, segundo aquelle declarou em sua carta, estão em condições mais que precarias.

Não seria talvez difficil descobrir ou le páram elles, e protegel-os, collocando-os ao abrigo da miseria. Fora acção generosa e das que mais honra e sympathy podem dar a um jornal, inteiramente compenetrado da importancia da sua missão. Mas, fraca e humilde como é, o mais que *A Semana* pode fazer é aventar a idéa. Ellaahi fica, illustrados collegas.

Já entraram no exercicio dos cargos de delegados de policia para que foram nomeados, os Srs. Drs. Hermenigildo de Almeida e Carlos de Gusmão. Ambos são formados em Direito, com borla e capello. Um é magro e de estatura media, tado barbado, tímido, muito tímido, olhos grandes, que geralmente olham de soslaio; é reservado, intelligente, molesto e sobretudo desastrado. O segundo é alto, bem encarnado, quer dizer: quasi gordo, voz imperiosa, emphatica, um pouquinho fanha, energico, *poseur*, oculos de vidros escuros, *cavaiguac* basto, (que desgraça: *cavaiguac!*), cabelleira pretenciosa, caracolada, estudioso, ambicioso, um pouquinho vaíoso, mas em fundo—excellente rapaz. Ha de fazer figura.

Já começou mesmo a se tornar saliente prentendo capoeiras e reprimindo um grande *rolô* que houve ha dias no Sant'Anna.

Desejamos a ambos os jovens delegados todas as felicidades e que persigam ferozmente estes dois pavorosos inimigos da nossa população:—o jogo e a capoeiragem.

A *Gazeta da Tarde* de ante-hontem deu em *ultima hora* noticia de um horroroso e duplo crime commettido no Rio Bonito ha dias, e encabeçou-a com os seguintes dizeres:

« ASSASSINATO »

SCENA DE SANGUE

Duas pessoas feridas

E' o caso que um tal Raphael de tal, de 20 e poucos annos de idade, apaixonou-se damnadamente pela esposa do Sr. capitão Antonio Ribeiro, e a tal ponto que uma tarde penetrou por uma janella no quarto em que se banhava aquella senhora com uma filha de

12 annos e «procurou violenta-a ou á pobre criança» (sic). Nada conseguindo, brandiu uma foice, que levára consigo, e degolou a senhora com um só golpe, e ferio gravissimamente a criança. Depois saltou a janella e lá se foi para o matto com a cabeça de D. Maria na dextra e a foice na sinistra.

«Antes de ahí chegar, foi-lhe encontrado um filho da desgraçada senhora, e Raphael, não se tendo saciado no sangue indefeso que derramara, desfechou no pobre moço uma foçada, que quasi decepou-lhe o braço esquerdo pela região da clavícula.»

Depois embrenhou-se no capoeirão, atirou para dentro do matto a cabeça da pobre senhora e... deu ás de Villa Diogo. Mas, afinal, foi preso pela policia riobonitense, que não é para graças.

Eis ahí uma noticia de arripiar o cabelo a uma bola de bilhar!

Irri! que trenebundissimo crime! e que Lacenairesinho de se lhe tirar o chapéu! *Horresco*—trezentas vezes!

E' possível, é mesmo provavel, que tola essa rocambolesca historia seja verdadeira; mas palavra que parece mentira!

A ser a expressão da verdade nua e crua, propomos que se mude o nome da sanguinolenta villa de Rio Bonito para—*Rio das Mortes*.

Safa! Estou todo arripiado de horror! Preciso rir-me um pouco: vou ver o *Conde de Monte Christo*.

JOSÉ DO EGYPITO.

José de Alencar

Completam-se hoje oito annos que falleceu o glorioso auctor do *Guzrany*, das *Minas de prata* e de tantas outras obras primorosas, que foram as primeiras pedras do edificio hoje ainda em meio, da nossa litteratura. Curvamo-nos reverentes e entristecidos ante o tumulo do illustre romancista brasileiro, apenas consolamos da perda do escriptor pela consciencia da immortalidade da sua obra.

Um suicida de treze annos

De quantos occorreram na semana o facto que mais viva e profundamente interessou e commoveu a nossa população foi sem duvida o suicidio d'esse pobre menino, caixeiro na casa n. 119 da rua Sete de Setembro.

Tinha 13 annos, e enforcou-se! Porque?

Os commentadores da imprensa diaria attribuiram a varias causas efficientes esse tristissimo facto. Um d'elles, escriptor de nota,—espírito independente e culto—a tal ponto se horrorizou, que não poude impedir estas exclamações, de uma philosophia tão cruel quanto banal:

« Mas, piedade á parte, que homem daria uma criança que pensou em morrer, na idade em que as outras crianças só pensam em brincar? Que trinta annos dariam aquelles treze annos? »

E teve porventura culpa essa criança de ser orphão de pae e mãe? de não ter no mundo um amigo? de viver abandonado e sózinho, na idade em que a protecção e a convivencia são indispensaveis? teve ella culpa de a haverem submettido á dura canga do tra-

balho commercial, explorando-lh'o, gozando-lh'o, sem recompensal-o, nem sequer com a roupa e o calçado? Como não havia de pensar na morte esse desgraçadinho?

A carta que elle deixou é, na sua triste singeleza, um longo poema de dor, e tambem documento preciosissimo, que attestarâ mais tarde o sordido mercantilismo d'esta epocha e a grande desgraça que sempre foi a orphandade na infancia.

Registremol-a integralmente, sem lhe alterar nada; apenas,—pondo em caracteres italicos os topicos mais importantes:

« Eu vou dizer o que sinto dentro do meu coração. Eu vou fazer uma asneira, conheço que é, mas é por causa de eu pensar de mim e de meus irmaos. *Eu eston empregado, trabalhando para uns e para outros de graça, e eu sem lenços para assoar, sem botinas para calçar, sem dinheiro para o bond.*

« *E uma vez vim a pé da rua da Real Grandeza, em Botafogo, á rua Sete de Setembro n. 119. Ora... isso... bem pensado, não é para se ter pena e doer o coração: E, depois, ver meus irmaos desgraçados, sem ter, coitados, roupas para vestirem, e sabe Deus sem comida para comerem, coitados.*

« E eu me lembrando d'isto tudo e não tendo para socorrer, não tenho coragem de vê-los n'esta triste miseria e por isso mato-me porque não penso em mais nada, e o mais adeus.

« Lembranças a quem por mim perguntar. »

O soffrimento apressa a virilidade, faz homens precoces.

Esse pequeno—sem conselhos de pae, sem caricias de mãe, pobre, desamparado, entregue, não sabemos por quem, a estranhos de coração endurecido no frio traquejo do commercio, separado de seus irmaos, tão infelizes como elle, mal vestido, quasi descalço, apenas alimentado, talvez maltratado mais do que por palavras,—esse pequeno, na idade em que os outros pensam em brincar, só podia pensar em morrer.

Muito cedo emmu leceu naquella alma-sinha o matinal concerto das alegrias infantis; muito cedo encrepusculou-se a aurora risonha d'aquelle coração; muito cedo aquella intelligencia entrou a pensar nas durezas da vida e nas injustiças dos homens.

Aos treze annos era um vélho. A dor centuplica os minutos. Se elle fosse um máu, se o seu caracter fosse perverso, elle, em vez de se matar, a si, teria pensado em matar aquelles que, em proveito proprio, lhe roubavam a sua fortuna, o que elle tinha de mais precioso:—a infancia. Teria pensado em fugir aos exploradores da sua fraqueza, e em ir buscar longe, por quaesquer meios, um pouco de liberdade, um pouco de ar, um pouco de luz.

Mas elle, coitado, bem sabia qual é nesta terra o futuro dos infelizes que, como elle e seus irmaos, não têm pae nem mãe.

Além d'isso, a idéa da morte é para os que soffrem como um protector discreto, como um amigo risonho e manso que frequentemente nos visita. Não assusta: acaricia, seduz, attrae.

Vieram-me lagrymas aos olhos ao ler o topico em que, depois de haver dito que fizera uma vez a pé o trajecto da rua da Real Grandeza, em Botafogo, á rua Sete de Setembro, a pobre criança escreveu: « Ora... isso... bem pensado, não é para se ter pena e doer o coração?... »

E' sim, pobre criança, é para doer o coração de quem o não tenha empedernido no egoismo ganancioso da vida mercantil. Teus patrões, infeliz José

Castilho, julgavam talvez que de sobejo pagavam o teu trabalho—não te deixando morrer á fome. Pensavam de accordo com o seu tempo e com as condições do paiz em que vivem.

Não os inculpamos por isso. Além de que, esse miseravel, na epocha presente, em que tudo se faz pela protecção e pelo empenho, não tinha nem pae, nem mãe, nem protector. Que mais tinha elle direito de esperar do que o prato de carne e arroz para po ler continuar a arrastar a sua vida sem risos nem beijos, a sua vida de cão sem dono? E era muito!

Não se encontram na rua pratos com carne nem camas, embora duras. E elles, os patrões, podiam polo na rua quando quizessem!

Ah! bem vêdes que eram generosos e magnanimos.

José Castilho é que era perfido e ruim e ingrato e indigno da «presença de Deus», como disse o alludido escriptor.

Fizeste bem enforcando-te, *monstro-sinho*.

No momento em que te estrangulavas, a deshoras, no fundo escuro do grande armazem fechado em que tu estavas, *sósinho*, nesse momento em todo o mundo, ninguem acarinhava no pensamento a tua imagem, ninguem beijava o teu nome—pronunciando-o—, ninguem! a não ser talvez algum dos teus irmãos, tão orfãos, tão nús, tão desgraçados como tu.

Bem vê o leitor: essa criança fez bem em matar-se. A vida não é cousa tão preciosa que valha a ausencia de pae, demãe, de irmãos, de amigos e de protector.

A vida só é um bem quando floresce plantada em um coração; sem o amor a vida não é um bem: é um castigo.

E que havia feito aquelle menino para soffrer castigo tão crú?

Pobre suicida! Miserrima criança!

Ah! leitora, se em vida ella não merecia um par de sapatos, agora parece-me que merece uma lagrima.

Chorem-n'a os teus olhos sobre a memoria do pequeno José; se elle houvesse merecido em vida a felicidade suprema de uma lagrima, não a verterias agora sobre a sua cova rasa, piedosa leitora, que és mãe.

E a patria teria talvez mais um filho para servir-a e honral-a.

Dezembro, 10.

VALENTIM MAGALHÃES.

A democracia inclina-se muito a crêr que póle dispensar o espirito.

FR. SARCEY.

VIVER ÁS CLARAS

Meu caro director d'A Semana.

No penultimo numero d'esta revista, Marcos Valente, dando noticia das *Cartas Sertanejas*, faz-me a amabilidade de declarar que acha injusto o modo como me tracta o auctor d'ellas—«por motivos que não vem a pello indagar.»

Eu é que não posso deixar em obscuridade taes motivos, que se reduzem a este unico, pára mim altamente honroso—haver eu, como re lactor do *Colombo*, em artigo e lictorial, escrupulosamente cortez, intervindo em de-

feza dos meus illustres correligionarios, os republicanos paulistas, aggrados pelo auctor das taes *Cartas*.

Não houve nenhum outro motivo para as *amenidades* que me remetteram as *Cartas Sertanejas*, e com que eu muito me ufano.

Com a publicação d'estas linhas fará favor ao

Seu collaborador e amigo,

LUCIO DE MENDONÇA.

Debalde procuraremos collocar-nos fóra e acima da multidão; em fim de contas é para a multidão que escrevemos.

AFF. DAUDET.

AQUI, ALI, ACOLA'

Um sabio astrologo (ainda os ha!) vae publicar proximamente uma curiosissima obra, contendo predições para a maior parte das celebridades contemporaneas.

Trasladamos alguns extractos, publicados pelo excellente hebdomadario pariziense *Les annales*:

—O principe Jeronymo Napoleão, por haver nascido sob o 18º grau do signo da Virgem, em anno de Venus, no cyclo d'este planeta, etc... deve ter um caracter irascivel, duro, áspero e vingativo. Morrerá de morte violenta a 3 de Setembro de 1907.

—O principe Victor, seu filho, morrerá tambem de morte violenta, *provavelmente* de uma queda de cavallo ou de carruagem, no dia 9 de março de 1916.

—Tambem violentamente perecerá o Conde de Pariz a 16 de Abril de 1898.

—Grévy, o presidente da Republica, nascido a 15 de Agosto de 1807, morrerá a 5 de Fevereiro de 1900.

—Leão XIII fallecerá de morte violenta a 4 de Julho de 1886. Pobre papa! Poucos mezes tem de vida. E' aproveitall-os, Sanctidade!

—A rainha Victoria morrerá em um incendio, ou em consequencia de um incendio, a 10 de Setembro de 1889.

—O principe de Galles succumbirá, depois de um movimento revolucionario, a 20 de Janeiro de 1891.

—O imperador da Russia em 1900.

—O imperador da Allemanha está ameaçado por inimigos occultos e poderosos, secundados por terriveis inimizadas de mulheres. Morrerá a 10 de Julho de 1890, com a idade de 93 annos, tres mezes e 18 dias.

—O principe de Bismarck—*provavelmente* assassinado—precederá no tumulo seu augusto amo, de quarenta e um dias; sua morte será, portanto, a 30 de Maio de 1880.

Guardem os nossos leitores estas datas para verificar, a seu tempo, as prophcias do astrologo.

Um astronomo amador, de Teramo, na Italia, o Sr. Pemignani, disse haver verificado sobre o planeta Marte a existencia de pontos luminosos, muito brilhantes, que mudam methodicamente de logar, como dirigidos por mão intelligente. Esses pontos luminosos são, na opinião do tal astronomo—signaes telegraphicos feitos pelos habitantes de Marte á terra, sua visinha. Até hoje não conseguimos,—nós, os habitantes da terra—ler os taes signaes telegraphicos; mas—affirma-o outro sabio, o Sr. Nizardi—havemos um dia de conseguil-o.

Tudo isso veio muito seriamente publicado na *Revista Scientifica*, de Napoles.

Segundo affirma um constructor americano de machinas de impressão, deverá dentro de poucos annos ser o prólo mecanico substituido pela impressão por meio da photographia.

O primeiro problema seria estabelecer uma prova negativa de uma columna de jornal e de fixal-a com um jacto de luz electrica sobre o papel, que seria desenrolado com tal rapidez que se tirariam 100 provas por segundo ou 360,000 por hora.

A primeira difficuldade consistiria em achar um papel muito sensivel á luz e barato; mas tal difficuldade não é invencivel.

«A previsã» do constructor americano—diz o jornal donde extrahimos esta noticia—é mais seria do que a principio póle parecer. Ha dez annos ninguem acrolitaria que fosse possivel fixar uma prova photographica em 1/500 de minuto; e não ha talvez cincoenta annos que o impressor que houvesse prolicto aos seus confrades que se chegaria um dia a tirar 20,000 jornaes por hora, por meio do prólo rotativo, teria sido declarado doido. E, no entanto, esse algarismo nada tem de exagerado.»

Lembramos tambem que o *Petit Journal*, ha dois mezes, por occasião das eleições, fez uma edição de um milhão de exemplares.

Já deve ter chegado ao Jardim das Plantas, de Paris, um *naja*, anctosamente esperal-o.

O *naja* é uma serpente que se tornou muito rara—felizmente!—mesmo nos arredores do Cabo, onde ainda se encontra a sua formidavel especie. O comprimento d'este medonho reptil póle ser até de 15 pés, e é talvez a mais venenosa e terrivel das serpentes.

O effeito da sua peçonha é fulminante.

Acaba de ser descoberta um t planta electrica, que foi denominada *Phytolacca electrica*. A seis metros de distancia d'ella, a agulha imantada agita-se de modo extraordinario. Sobre ella não pousam passaros nem insectos.

Segundo se lê nos ultimos jornaes francezes, está definitivamente resolvido o problema da navegacão aerea. As ultimas experiencias feitas no *Camp de Chalais* pelo capitão Renard com o balão dirigivel, de que são inventores aquelle capitão e o capitão Krebs, foram definitivas; corooou-as o melhor resultado.

Que se aprêse o nosso patriocio, Sr. Jnlío Cesar. Urge que elle faça a experiencia decisiva do seu *Santa Maria*. Que Ella o proteja e o faça vencer Amen.

Em Janeiro do proximo anno effectuar-se-á a eleição do presidente da republica franceza. Acredita-se e parece certo que, aceitando Grevy—como declarou aceitar—numa nova presidencia, e como a escolha de seu successor seria muito difficil, será reeleito Grevy.

A proposito do casamento da princesa Beatriz occuparam-se muito os jornaes inglezes com a fortuna da familia real de Inglaterra. Esta fortuna é consideravel, a julgar pelo testamento que a rainha Victoria acaba de tornar conhecido. Sem contar as riquezas que ella pode ter como imperatriz das Indias.

sua fortuna particular é calculada superior a cem milhões de francos (40,000 contos,) sem contar as suas propriedades no Aberdeenshire, onde a rainha possue 33,000 acres de terra, o castello de Claremont e os Estados d'Osborne.

O coronel Du Bange o inventor de um canhão prodigioso, acaba de ser nomeado pela rainha Victoria cavalleiro da Ordem do Banho, reservada ás testas coroadas e aos marechaes em chefe. Em França ha apenas tres cavalleiros d'essa ordem: Mac-Mahon, Canrobert e agora o coronel Du Bange.

E' ocioso accrescentar que no Brazil não é ainda cavalleiro d'essa Ordem o nosso collega da *Musa do Povo*.

ALFINETE.

UM SONETO

ATTRIBUIDO A BAZILIO DA GAMA

O lindo soneto que em seguida publicamos é attribuido ao nosso notavel poeta José Bazilio da Gama. O Sr. Dr. Joaquim do Carmo, illustrado reitor do Externato D. Pedro II,— a quem devemos uma copia do soneto em questão,—decorou-o ha annos, como da lavra do auctor do *Araguay*; entretanto, tendo-o mostrado a varios escriptores nossos, nenhum d'elles lhe disse conhecê-lo, nem soube a quem attribuiu-o.

Eis um curioso problema litterario: descobrir o ver la leiro auctor do soneto attribuido a Bazilio da Gama. Esperamos que elle despertará a attenção dos competentes e de quantos se interessarem por questões desta ordem, e que se dignarão de nos communicar o que a respeito souberem.

Eis o soneto:

Alegre pintasilgo, flor vivente,
Não cantes lisongeiro a um desgraçado;
Suave fontezinha, alma do prado,
Não corras: acumpinha um descontente.

Se ahí, n'esse raminho, alegremente,
Cantando zombas de meu triste fado;
Se aqui, entre estas penhas, sem cuidado,
Murmúras rindo de quem chora ausente,

Tem lastima de mim, em breve espaço;
Voa, corre a saber de um bem que adoro,
Sem que os longes vos sirvam de embaraço;

Para o que, doce Orpheu, crystal sonôro,
Voa tu com as penas que aqui pisso,
Corre tu com as lagrimas que choro.

JOSE' BAZILIO DA GAMA. (?)

CRITICA SCIENTIFICA

O Sr. Dr. Clemente Ferreira, habil clinico de Rezende, moço que deixou traços luminosos da sua passagem pela Faculdade da Medicina do Rio de Janeiro, enviou-nos mais um trabalho seu: *Contribution à l'étude clinique des applications thérapeutiques de l'antipyrine*.

E' uma brochura de 65 paginas, recheada de 17 observações de febre remittente palustre, febre remittente typhoidea tambem de origem palustre, de febre intermittente palustre, de bronchite aguda, de bronchopneumonia, de tuberculose pulmonar no segundo e terceiro periodo, de endometrite hemorrhagica sub-agu-

da, etc., etc., etc., observações de sua clinica que provam o bom resultado colhido no emprego da dimethylxiquinazina.

Lemos com cuidado o seu bem elaborado trabalho e notamos o consciencioso estudo a que se entregou sobre a applicação da *antipyrina*.

O illustrado clinico ha de, porém, acitar a opinião de que, se a substancia que com tanta proficiencia estudou e experimentou não produz mais do que os efeitos citados, não nos veio prestar relevantes serviços, por já termos outros que são nossos antigos conhecidos e que nos servem com energia e vigor em occasiões identicas ás desenvolvidas nas suas valiosas observações.

Antes do Sr. Dr. Clemente Ferreira dar á luz a sua monographia, já tivemos occasião de experimentar a antipyrina, animados por um bom trabalho do Sr. Dr. Vieira de Mello, em dois casos de tuberculose pulmonar sem resultado lisongeiro.

Em ambos os casos, a tuberculose estava no começo do terceiro periodo; havia apyrexia matutina e calafrios muito pronunciados, febre intensa das 4 e das 6 horas da tarde, em deante, terminando em abundantissimos e profusos suores para a madrugada.

Não queremos oppor apenas estes dois casos ás 17 observações apresentadas pelo moço habil e estudioso, mas que sirvam ao menos para demonstrar que estudamos a substancia e applicamos-a tambem como simples experiencia, por que não queremos que ella tire o logar das que são já bem conhecidas e que, como já dissemos, prestam ilustres ou melhores serviços.

Agradecemos ao Sr. Dr. Clemente Ferreira a sua boa offerta, acclitamos que o estudo medico do nosso paiz muito tem a esperar do seu concurso, e pedimos permissão para consignar aqui as seguintes palavras do abalizado e querido mestre:

«No começo da minha carreira paguei ás novidades o tributo que pagam todos os medicos novos que se dedicam com ardor ao estudo dos livros: as doutrinas mais recentes, as experiencias mais modernas, as substancias medicamentosas até então desconhecidas e preconizadas no tratamento de certas molestias, eram logo abraçadas e preferidas. As frequentes decepções por que tive de passar foram-me ensinando que mesmo em materia de sciencia nem tudo que brilha é ouro, e hoje estou convencido de que a Europa, ao lado de esplendidas conquistas alcançadas nestes ultimos vinte annos nos diferentes ramos de conhecimentos humanos tributarios da medicina clinica e de que ella se tem aproveitado em beneficio dos doentes, tem-nos mandado como innovações muita coisa inutil, muita banalidade, muitas inexactidões e muita fantasia.

A nós brasileiros, que ainda não podemos nos libertar da tutela scientifica do velho mundo, compete com a experiencia e a reflexão separar o joio do trigo.»

DR. SAMEN.

O PROCESSO DAS ROSAS

(TRADUÇÃO DE R. PORCUNCULA)

No jardim do hospital dos alienados, onde voa por entre os raios do sol a neve alba das borboletas, passeia um louco, ainda moço. E' pallido e sympathico. E' quanta tristeza no seu olhar vago! Para deante de uma roseira brava

e colhe uma rosa; para entre duas roseiras e colhe de uma uma rosa-chá e da outra uma rosa-musgo.

Sobre um banco de madeira, na volta de uma rua, colloca as tres flores colhidas.

Diz á rosa brava:

— Rosa, responde! E's accusa-la de teres, quando eras moça, abandonado sem misericordia uma pobre e triste creança, que te a lorava, para desposar um velho, que era rico. Que tens a dizer em tua defeza?

Elle ouve a resposta e replica:

— Foi ouvida a defeza. Condemno-te.

Diz á rosa chá:

— Rosa chá, responde! E's accusa-la de teres no tempo em que eras mulher jovem e mundana, desesperado, torturado pelo manejo infame dos sorrisos mentirosos e dos consentimentos retractados, um infeliz rapaz, cujo coração batia ardentemente só por ti. Que tens a allegar em tua defeza?

Elle ouve a resposta e replica:

— Foi ouvida a defeza. Condemno-te.

Diz á rosa-musgo:

— Rosa-musgo, responde! E's accusada de teres, no tempo em que eras uma bella rapariga que venha beijos e risos, enlouquecido com as tuas perversas caricias e arruinado e envidado um homem desgraçado que pedia aos teus seios, ondas que adormecem, e aos teus labios que embriagam, o esquecimento dos desesperos antigos. Que tens a dizer em tua defeza?

Espera a resposta, e replica:

— Foi ouvida a defeza. Condemno-te.

Feitos estes julgamentos, tira do bolso um lindo instrumento complicado, feito de madeira das ilhas e de luzente aço. E' uma pequenina guilhotina, que, seismando, elle fabricou nas suas horas vagas.

Alternadamente, sobre o diminuto cepo collocou a rosa brava, a rosa-chá e a rosa-musgo, uma após outra, sob o cutello, que desliza e decepa, as flores, separadas das suas hastes, rolaram na areia da rua.

Levanta-as do chão e examina-as detidamente.

Vae para o fundo sombrio do jardim, ali onde não passa ninguem, abre na terra com os dedos uma covinha, põe nelle as tres supplicadas, e cobre — as de areia e folhas de acacia.

Depois ajoelha-se e chora até— a noite sobre o tumulo das rosas culpadas.

CATULLE MENDÉS.

PAGINAS ESQUECIDAS

Na *Semana Illustrada* de 5 de Janeiro de 1868 foram publicadas por «*um admirador do genio*» umas engraçadas oito oitavas ao famoso e nunca esquecido *Mal das Vinhas*. Reproduzimos-as com as «duas palavras com pretensões a prologo», de que as fez preceder o auctor. E' uma exaivação que certamente nos hão de agradecer os leitores.

Não podemos furtar-nos a uma pequenina, embora incompleta indiscrição: o «admirador do genio» é o applaudido poeta e presador, o velho Dr. José Maria.

«Sr. Redactor da *Semana Illustrada*.
Duas palavras com pretensões a prologo.

Muito tempo ha que do chão do meu humilde lavor ergo-me extasiado diante de um dos inventos humanitarios do flammejante e archi invencioneiro *Mal das Vinhas!* E que grandiloca e altisonante progressão de inventos e descobertas tem brotado do cerebro volcanico e pantagruelico desse portentoso e campanudo mixto, a que a gratidão da humanidade tem feito conhecer legendariamente pelo epitheto echoide e saludador de *Irmão universal!* Desde a caporosa até a seringa, como methollo de substituição; desde o meio impervio ou *anabasartico* e a *unha da gran besta* até a *raiz do queijo* e a *raiz da minha minha*, que trophéus de gloria não tem erguido o immortal humanitario?! Quiz tecer-lhe uma coroa, não encontrei a *raiz do ar*, unica preciosidade, que me parecia prestar-se a esse mister sublime; na falta de mais estúpida e bombardatica demonstração de respeito e de veneração ao briaren multiforme e brachiologico descobridor da pedra philosophal dos tempos novos, appliquei-lhe uma das oitavas mais sentimentaes do sublime episodio do grande epico portuguez, e com ella fiz uma *onça de versos*, que tanto valem oito oitavas. Eil-as! estampae-as, se as julgardes dignas do heroe polypharmaco, o Bayardo das raizes, o Mephistophelis daservas seccas. Aceite, Sr. redactor, este soliloquio do

Admirador do genio.

MOTTE

O' tu, que tens de humano o gesto e o peito,
(Se te humano é matar uma donzella
Frac e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencer-a)
A estas criancinhas tem respeito;
Pois o não tens á morte escura della:
Mova-te a piedade sua e minha;
Pois te não move a culpa, que não tinha.

GLOSA

Nem Achilles, Enéas, nem o Gama
Merecem occupar as noites minhas;
Mais alto assumpto minha musa inflamma,
Que eu vou cantar-te em verso, ó mal das vinhas!
A caparosa deu-te o nome e a fama
De irmão universal, que antes não tinhas:
Mostra, pois, da *bisnaga* o raro effeito,
O' tu que tens de humano o gesto e o peito.

Tiveste dô da fraca humanidade,
E contra um grande mal remedio achaste.
Hoje, lutas, desordens, quem ter ha de,
A' vista do remedio que encontraste?
Se a esposa alguém tratar com crueldade,
Dize-lhe tu, que o methodo inventaste:
Porque a matas? cruel? pergunta a ella
Se é de humano matar uma donzella.

E que direi da herculana mana?
A preclara varôa dos herbarios!
Que acerca das raizes, a magana
Sabe mais que um milhão de boticarios;
Ella, que antes da Hida era herculana,
Tem soffrido do heroe encontros varios:
Mas tudo atura, estando com effeito
Frac e sem força, só por ter sujeitoo.

Se assim tanto do irmão soffre a mesquinha,
Tambem gosa os triumphos vinhateiros,
Que não pode daservas ser rainha
Quem não roça o nariz nos espinheiros.
Quem da grande *bisnaga* e *minha-minha*
Pôde colher os fructos verdadeiros,
Podia dar sem susto e sem cautela
O coração a quem soube vencer-a.

Umaz criancinha tinha o Anthéu das curas,
Como caixeiros seus na loja antiga;
Muitas vezes, crueis descomposturas
Elle tinha co'a mana em dura briga;
Ella, mostrando as pallias figuras,
Dizia-lhe: herbarario d'uma figa,
Nessa lingua feroz guarda preceito,
A estas criancinhas tem respeito.

Veio á luta pôr termo uma deidade
Trasendo a mãe ao lado, pobre e enferma;
E do queijo a raiz, por caridade,
Pede que applique á misera estaferma:
Rua! grita-lhe o Freitas, com impiedade,
Fôra! fôra d'aquí esta palerma!...
Tem então dô de mim, diz-lhe a donzella,
Pois a não tens á morte escura d'ella:

Não a deixes morrer, pobre, coitada!
O' tu dos vinhateiros salvaterio!
Queres deixar a misera oppilada
Ir assim desta vez p'ra o cemiterio?
Tens do queijo a raiz tão afamada,
Dá-lhe ao menos *bisnaga*; o caso é sério!
Dá-lhe a raiz do ar, dá-lhe a quiminha,
Mova-te a piedade sua e minha.

Já commovido, o heroe da caparosa
Do rosto juvenil ao doce effeito,
Sim!... em nome da mãe deliciosa,
Da *arnica* e da *bisnaga* mostra o geito:
Expondo á nympha a *incenção pasmosa*;
Diz-lhe: a meus publicados tem respeito,
Mova-te á piedade a *minha-minha*,
Pois te não move a culpa que não tinha.

CONTOS A PREMIO

(Vide n. 47 d' *A Semana*)

Para este concurso em prosa, por nós instituido e que deverã encerrar-se no dia 14 de Fevereiro do anno proximo, recebemos mais os contos dos seguintes senhores: Soares de Souza Junior, (2) *Busilis*, e G. C. (S. Paulo.)

O ENTERRO

Carecendo de um scenario para a aventura tragica que, ha não pouco tempo, recebi já em estado de lenda, fiz no meu contosob titulo «O Enterro», descripção de uma parte da villa do Rio Bonito.

A peripecia intercala-la em a modesta narrativa, não teve logar n'aquella terra, nem por minha parte houve referencia alguma.

Tomei ali o que a ninguem pertence: —arvores, casas, céu, aspecto physico; descrevi cerimonia de ritual, sem especialidade denunciante.

Melin tre respeitavel con luz-me a esta explicação, além do interesse em desmontar conjecturas maliciosas para cuja vida não deve concorrer, em respeito á minha probidade litteraria.

CYRO DE AZEVEDO.

SYRIUS

Syrius, fulgido astro, ó rivedo diamante!
—Que és como rosa de oiro em campo azul perdida,
Dá-me teus raios, dá-me a tua luz radiante!
Que, com tal tinta, eu quero escrever neste instante
Ao anjo que idolatro uma canção florida!

Não temas derramar sobre mim teus fulgores
Lá da azulina esphera!
Como me ha de cegar tua luz opulenta,
Se cego não fiquei ao ver os esplendores
De seu doce sorrir, que, como a *Primavera*,
Os passaros alegre e as flores arizenta!

Assim como não sinto, ó nenuphar do *Empyreo*,
Inebriar-me o odor das violetas mimosas,
Desde que vi-lhe o labio—ensanguentado *lyrio*,
Cheio de aromas,— como as urnas primorosas;

Assim como não sinto encanto já das aves
Nas volatas joniaes, na garrulice harmonica,
Desde que ouvi-lhe a voz, que, como frauta *orpheonica*,
Prende as almas, encanta, em seus threnos suaves;
E faz com que se pense, entre harmonias celticas,
Em extasis ouvir,—ao som das notas graves
Das harpas de marfã, — choréas archangelicas;

De equal modo, acho fraco o teu fulgor, ó astro,
Desde que vi fulgir, como arroubante luar,
— No lucido alabastro
Do bello rosto scu,—cujo pallor encanta,
Do seu radioso olhar
— O resplendente rastro,—
Deslumbrante arrebol,
Que, como a luz do sol,
Faz reflorir a planta
E é de minh'alma escrava o brilhante pharol,
— A estrella sacrosanta,—

HENRIQUE DE MAGALHÃES

Côrte, 27 de Novembro de 1885.

Verdadeiros parizienses acabam sempre por entender-se.

FR. SARCEY.

COPRE DAS GRAÇAS

A mulher em tres verbos:
Donzella: *Reservada*.
Esposa: *Observada*.
Velha: *Conservada*.

Entre damas:
— Aquella Sra. D... que vibora!
— Coitada! não é assim tão má: se procura morder é para que se acredite que ella ainda tem dentes.

Em uma aula de portuguez:
Mestre.—Menino Affonso, o gerundio dos verbos é variavel ou invariavel?
Menino.—E' invariavel; com uma excepção: a do verbo amar.
Mestre.—Como assim?
Menino.— Sim, senhor: amando, Amanla.

No Instituto dos Surdos-Mudos, na festa da distribuição dos premios:
O Dr. Menezes Vieira faz um dos surdos-mudos responder verbalmente a algumas perguntas.

A voz do menino, como a de todos os surdos-mudos, é guttural, exquisita. Isso fez um Calino presente exclamar:

— Este é allemão; tem todo o suta-que germanico.

BIBIANO.

ANJO

Anda no céu o som da castanhola:
O espaço inda se ri de vel-a e ouvil-a...

L. DELFINO.

Anda um par de phalenas doudejante
No ar, buscando o rosto seu mimoso:
Céu,—onde luz com brilho esplendoroso,
O seu olhar, - planeta lucilante !

Som de psalterio é o echo melodioso
Da sua voz ; seu passo é estalitante
Castanhola festiva, que, vibrante,
O espaço fere e nos convida ao gozo...

Inda a mesma ella é : seu labio quente
Se ri co'a mesma graça voluptuosa
De ou' rora ; é sempre bello o seio ardente !...

Vel-a, é melhor que ver se alva Hecthaira,
E, ao modular da falla sonora,
Ouvil-a, é como ouvir sons d'harpa e lyra.

ASCANIO MAGNO.

SPORT

A inauguração do Hippodromo Fluminense, no dia 8 do corrente, foi uma festa que attrahio uma completa enchente e corren na melhor orlem possível, retirando-se to los satisfeitos com a digna directoria e com o resultado dos pareos.

Foram estes disputados com a maior lisura e ganharam os animaes que deviam ganhar, sendo merecedores de applausos não só os estimaveis proprietarios como os jockeys que se apresentaram na raia.

Pela brilhante inauguração podemos prever vida longa ao Hippodromo Fluminense.

No 1º pareo (800 metros) ganhou *Aymoré* em 58 segundos, seguido de *Bitter*, que fez boa carreira.

No 2º pareo *Savana* foi mal corrida e *Crichana* ponde ganhar com facilidade. O tiro foi de 1,020 metros, feitos em 72 segundos.

Aymoré tornou a sahir victorioso do 3º pareo (1,020 metros) gastando 71 segundos.

No 4º pareo *Barbara*, que estava a principio muito inquieta, resolveu sahir e ganhou bonito os 800 metros em 60 segundos, seguida de perto pelo ligeiro *Rubim*.

No 5º pareo *The Witch*, apezar de mal montada conseguiu bater *Jaguary* e *Aida III*. O tiro foi de 1,700 metros, feitos em 130 segundos.

Regalia levantou o premio do 6º pareo (1,350 metros) e *Africa* na pou le fazer.

No 7º pareo a luta entre *Conde* e *Barbara* foi renhida e aquelle sahio victorioso. A distancia de 800 metros foi feita em 60 segundos.

O jockey Arthur ganhou 4 corridas. Estava de veia.

Parabens ao Hippodromo Fluminense.

Excelente o programma de amanhã no Prado Vlla-Isabel. Ahi vão nossos palpites: No 1º pareo *Boyardo*. No 2º *Françoise*. No 3º *Druid*. No 4º *Fanfaron*. No 5º *Bayoco*. No 6º *Saphira*. No 7º *Savana*.

L. M. BASTOS.

Perguntei-me algumas vezes em que epocha eu desejaria viver, e, depois de uma longa peregrinação de seculo em seculo, voltei sempre ao desenove, ao nosso, ao meu.

FREDERIC PASSY.

THEATROS

EMPRESA MONTEDONIO

Representou-se sabbaio passado no Lucinda, pela primeira vez, o velho drama de Bourgeois e Dugué *A filha dos trapeiros* sob o novo titulo de *O crime de Marselha*.

Montedonio, o actor consciencioso e proveccto, quando organisou a sua companhia dramatica tencionava representar dramas modernos, de valor litterario e comedias finas, peças emfim que honrassem os auctores e os actores. Para começar montou *Os fialgos da casa mourisca*, esse bello drama, extrahido do delicioso romance de Julio Diniz. O drama teve desempenho magistral, a imprensa desfaz-se toda em elogios, mas ninguem foi ouvil-o:— completo fiasco. Depois montou *As scenas burguezas*, uma comelia engraçada, moderna.

Egual insuccesso. A' vista d'isso, Monte lonio resolveu arripiar carreira. Em boa hora o fez.

O crime de Marselha é drama para lhe dar muitas enchentes; se lh'as não dá é porque no Recreio continúa a representar-se o formidoloso *Conde de Monte Christo*.

Mas assim mesmo, muito maior do que antes tem sido a concorrência agora ao Lucinda.

A peça é geralmente bem desempenhada e está montada a capricho.

E' pena que um actor do merecimento de Monte lonio se veja obrigado a representar dramalhões antigos para poder sustentar-se e a sua companhia.

Estréa hoje no encaiporado theatro Phenix Dramatica uma companhia idem organisa la pelo actor Primo da Costa. Representar-se-ão as seguintes peças: *Fogo do céu*, em 3 actos, traduzida do hespanhol, e a sempiterna *Espadela*. E' este o elenco da companhia: «Primo da Costa, Galvão, Flavio Vandec, Murio, Monclar, Teixeira, Araujo, Costa, Silva, Raul, Santos e as Sras. DD. Fanny, Gilda, Gertrudes, Monclar, Augusta e Estephania.

Regente da orchestra—o conhecido maestro Francisco Gomes de Carvalho.»

Mas a grande novidade está nos preços, que são os seguintes:

Camarotes	5\$000
Cadeiras	1\$000
Entrada	500

Com mil demonios! Não pôde haver nada mais barato! Se agora o publico não concorrier á Phenix não será por certo por falta de dinheiro. Salvo se elle entente que os emprezarios devem pigar-lhe pura assistir aos seus espectaculos.

COMPANHIA LYRICA

Apresentou-se ante-hontem no theatro de S. Pedro d'Alcantara a companhia lyrica dirigida pelo artista Pedro Setragni. A opera escolhida para *debut* foi o *Trovador*. Ao grande calor da noite e ao ser tambem esta opera já muito conhecida do nosso publico deve ser attribuida a falta de concorrência que costuma haver n'uma *première*.

O desempenho dado pelos artistas, se levarmos em linha de conta as difficuldades que,—modestos, como se apresentam,—tiveram a vencer, foi muito accetavel.

E' difficillimo dizer cousas novas em Moral e talvez perigoso dizer cousas velhas em Politica.

VOLTAIRE.

FACTOS E NOTICIAS

Brilhantissima a festa do collegio Menezes Vieira no dia 8 do corrente.

Falta-nos espaço para detalhadamente, como deviamos, occupar-nos com ella. Diremos somente que os numerosissimos assistentes sahiram do collegio encantados com quanto viram e ouviram. Os exercicios gymnasticos, as marchas, os cantos, as provas de aproveitamento a todos satisfizeram, dando exacta idéa do muito que pola educação e pela instrução da nossa infancia têm feito o Dr. Menezes Vieira e sua Exma. esposa.

Como bem disse S. S. no seu bem elaborado e franco relatorio, ainda estamos longe de apreciar devidamente os beneficios e as excellencias dos modernos methodos educativos, hoje vulgarmente adoptados na Europa e mesmo na Asia. Mas a verdade brilhará, emfim, em todo o seu fulgor, e então ao benemerito educador será feita justiça inteira.

O batalhão dos pequenitos do « jardim da infancia » purtaram-se bravamente, dando á sua maternal professora noções elementares, mas exactas, dos variadissimos objectos e questões sobre que eram arguidos. Permitta-nos-ia, no entanto, a illustrada e gentil senhora uma observação?

Parece-nos que na descripção do plantio e preparo do café, que os seus alumnos fazem com tanta precisão e graça, ha uma grave lacuna. E' esta: não se diz que os homens empregados no Brazil no plantio e preparo do café são *escravos*. Isso daria ensejo a dar aos pequenos exactas noções do que é a *escravidão*, dos seus perniciosos effeitos, do que é a liberdade e dos seus maravilhosos beneficios.

E' boa preparar a geração que tem de nos succeder.

Aos nomes dos directores do collegio Menezes Vieira devemos juntar os dos Srs. Arthur de Sá, instructor d'aquella luzida rapaziada e Olavo Freire, ex-alumno e hoje mestre da officina de trabalhos em madeira, do qual, entre outros, apresentou-se um lindo leque que foi sorteado entre as senhoras presentes, cabendo ao n. 1.

Felicitamol-os a todos, pelo esplendido triumpho que foi a festa do dia 8 do corrente.

Do pharmaceutico Sr. Alcibia les Leite recebemos uma caixinha dos seus pós dentrificios intitulados *Alcibiadina*. São levemente rosados, tem um tenue perfume e são insapidos.

Seu auctor afirma que são os melhores pós dentrificios que existem. Como todos os auctores dos outros pós dizem o mesmo, cada um dos de sua invenção, temos por suspeita a opinião do Sr. Alcibiades. Mas se não são os melhores, são, comtudo, muito bons. Clareiam muito os dentes, dan-lo-lhes ao esmalte um lindo brilho de porcellana. Aconselhamos a *Alcibiadina* áquelles a quem Deus não dá nozes: quer dizer aos que têm dentes.

Arthur Duarte, o festejado auctor das *Bohemias* vae publicar novo volume de versos — *Volatas*. Será edictado por Custodio de Souza Pinto.

O excellente collegio Neves, na rua Barão de S. Felix, n. 98, encerra hoje os seus trabalhos, dando férias. Agradecemos o convite com que fomos honrados pelo seu digno director, o Dr. Neves Armond.

TRATOS Á BOLA

Habitués dos Tratos, descançae; descançae, queridos amigos que hoje bem pouco vos amolarei.

Vou tratar de engrolar o meu latim o mais ligeiramente possível. Tanto assim, que vou já dizer quaes foram os decifreadores dos *Tratos* ultimos.

Recebi uma alluvião de cartas, d'esta vez! O numero d'ellas não vem ao caso; portanto...

Decifraram as ultimas charadãs os Srs. *Cajá, Marte, Valerius, Madilena Fricinal Vassico, Pepe e Oidivo*, e as Exinas. Sras. *Rolinha* (triste ave gemitiva, que acertou com tudo, menos com o enygma alphabetic; mal sabia que aquelles quadrinhos eram nada menos que uma gaiola, que guardava um seu plumoso collega: um *pintasilgo*, passarinho tão terno e meigo como ella!), *Alexandrina, Bellora, Josephina B.* e mais não disse.

Coube o 1º premio ao Sr. *Pepe* e o 2º ao Sr. *Oidivo* que encerron as decifrações dentro d'este sonetinho:

Vi certa *agricultora*
Curar de enorme gèba
Uma jovem leitora
Com a *cajurubeba*;

Proveio a tal *corcova*
De uma *calamocada*,
Que quasi a poz na cova,
Deixando-a derreada.

Um velho rubicundo,
Sebento, feio, iminundo,
Fôra do crime o auctor.

Sabem porque? A moça
Furtara-lhe, por troça,
Um *pintasilgo*! Horror!!!

Muito bem. São pois as decifrações:
Da *microscopica*:—*Agricultora*.
Do 1º *logogrypho*:—*Cajurubeba*.
Do 2º dito:—*Calamocada*.
Do enygma:—*Pintasilgo*.

Agora queiram decifrar estas novas *tratices*:

ACFUAES

Sou do... 2—Grudo; 1—na musica, formado.
Tenho 9 letras e 4 syllabas: cubro.

Isto é ainda mais uma novidade do um frade que se julga o mais feliz dos frades! Pois se elle é tão protegido pela santa de suas devoções!... Pois se Deus está agora fazendo chover venturas sobre a sua cabeça!... Uma d'ellas, é o prazer de vos aturar, leitores, e com especialidade a D. Josephina B. cuja alma hei de fazer com que vá direita ao céu.

Agora expliquemos a charada:
Está visto, pelo que ella apresenta, que a coisa que se pretende achar, tem, segundo resa o conceito, 9 letras e 4 syllabas e cobre e pertence a quem quer, ou ao que quer que seja que se acha embuçado na capa da charada acima, que tem tres syllabas. Ponhamos o negocio ás escancaras: O objecto a decifrar pertence ao *soldado* que é a decifração da charada de cima (pois pode-se dizer que estas charadas são duplas): 2 Grudo—é *solda*, 1 na musica—é *do*; formado—é *soldado*. Qual o objecto do soldado que tem aquelle numero de syllabas e cobre? Barretina, não é verdade? Eis ahi a coisa decifrada.

Agora vae uma que não chega a ser difficil como quatro pregos e meio:

Sou do... 1—Alegro a vista, 1—e ando no ar, dos viventes.

Tenho 3 letras e uma syllaba: agarro.

ANLIGA

A minha primeira—2
Possue a segunda—2
O todo que é planta
Nos parques abunda.

DECAPITADA

(Por syllabas)

Ella é mulher—mas... comquanto alta,—esta mulher—está contrahida.—

ANAGRAMMA GEOGRAPHICO

Lá do *cacho*—*Aura* e *geira*,
Aranha—*A margem caçar*,
Guy he jaca—*Até tuba e pé*,
‡*Dava pino, nham*—*Pegue tinta, baga*.

Formar com estas phrasas truncadas os nomes de 9 terras do Brazil.

TIBURCIANA

2—2—Acima, sem ficar nada por cima.

PREMIOS

Ao 1º decifrador *Margaritas*, versos de D. Adelina Vieira.
Ao 2º—*O Gran Galeoto*.

FREI ANTONIO.

RECEBEMOS

— *Noticia da vida e trabalhos do naturalista brasileiro J. Barbosa Rodrigues*, por A. J. Ferreira da Silva, lente da Academia Polytechnica do Porto. 1885. Traz um bom retrato do illustre naturalista.

— *Revista de Engenharia*, ns. 124, 125 e 126. Publicação quinzenal, sob a direcção do engenheiro civil José Americo dos Santos. Rio de Janeiro.

— *Ensayo pratico da Lingua materna aos surdos mudos*, pelo Dr. Menezes Vieira. Rio de Janeiro, 1885. É digna de todo o louvor esta pequena obra. A sua melhor recommendação é o nome de seu auctor, que tanto tem feito em prol da instrucção e vio coroado do melhor exito os esforços que de ha muito emprega para dar linguagem articulada aos mudos.

— *Correio da Europa*. Edição do Brazil, n. 23. 6º anno. Director, Pedro Correia. Alguns retratos, muitos artigos litterarios e biographicos; muitissimas noticias.

— *O Guizo*, «Bico d'obra», publicado por muitos e pago por poucos. Periodico da Democracia que rende preito ao Deus Momo, e que por sua ordem vive:

«Com a farinha da troça

Enfarrinhando-lhe a cara...»

Dá a pacata burguezia, salvo seja! Vá tratando de ensurdecer a seriedade com os seus zabumbas, collega, e... saudinha, sim?

— *O Mequetrefe*, n. 392. Sempre cheio de graça o amavel collega. Traz um bello soneto do nosso estimado collaborador, o poeta Alberto de Oliveira.

— *Distracção*, n. 60.

— *O Gaturamo*, N. 1. Organ humoristico, litterario e noticioso, publicado na Villa de Sapucaia ou, digamos melhor: saltitante passarinho que, sobre os galhos da sapucaia, trilla, arrufando sa azas vermelhas, que muito melhor lhe assentariam, se fossem brancas. Não lhe aconselhamos que mude de opiniões, mas pelo menos, que mude de cor. Veja se troca por espirito tudo quanto nos dá em papel vermelho e verde.

— *O Libello do Povo*, por Timandro; commentado por Anfriso Fialho. Rio de Janeiro, 1885.

— *Perseverança Brazileira*, Associação garantida pelo Governo Imperial, por sua immediata fiscalisação; pequeno folheto que trata dos interesses geraes d'esta associação.

— *Gil Braz de Santilhana*, fasciculos ns. 14 e 15.

— *A Villa de Vallongo aos seus compatriotas residentes no Brazil*, numero unico, dirigido por

M. Pintoda Fonseca. Representa a confraternisação dos filhos de Vallongo, d'aquem e d'alem mar, na reacção contra a Camara Municipal d'aquella villa. Traz uma primorosa e finissima estampa phototypica, representando o panorama da villa de Vallongo.

— *O Domingo*, de S. João d'El-Rey, ns. 11 e 12. Não desmerecem dos anteriores. Um energico e bem pensado artigo de Jorge Rodrigues sobre Alfonso XII; um interessante conto de J. S. Braga, e outras cousas muito agradaveis, em prosa e verso.

— *Corymbo*, revista mensal, n. 6. Rio Grande do Sul, propriedade e redacção de Revoceta A. de Mello. Muito digno de ler-se: um delicado conto de Damasceno Vieira e uns mimosos versos de Vicente de Carvalho—entre outros bons artigos. Sente-se no *Corymbo* a falta de um summario, que é indispensavel em publicações d'esta natureza.

— *Bibliotheca do Povo e das escolas*, n. 116 — *Arte dramatica* por Manoel de Macedo. Editor D. Corazzi.

— «*Littre*, commemoração do 4º anniversario da morte do chefe da philosophia positiva»; 1881—1885. pelo Dr. Lycurgo dos Santos. S. Paulo.

— *O alumno*, organ litterario do «club Cognego Belmonte» n. 1. Bravos, colleginha! Desejamos-lhe muitos louros e que não mais seja impresso em papel amarelo.

— *Considerações sobre o emprego da antipyrina nas febres palustres e nas affecções broncho-pulmonares*, pelo Dr. Vieira de Mello. É um trabalho extrahido da «União Medica», e escripto a proposito de uma publicação recente do Sr. Dr. Clemente Ferreira, á qual o nosso collaborador Dr. Sahen responde no presente numero.

Agradecemos.

CORREIO

— Sr. *Martiniano Ernesto de Almeida* (neto de um Tupinambá). Mesmo que o Sr. não nos tivesse declarado a sua origem, quer nos parecer quo o arrojio de sua linguagem ter-nos-ia feito adivinhal-a. Muito bem, meu bravo selvagem! fale-nos sempre assim que isto é que é bom falar!

Parece-nos até que não é a penna, mas sim o *tacape* ou a *tambarana* o que o Sr. maneja com a sua possante mão tostada pelas soalheiras que retorcem as ramalhadas as invias selvas americanas. Infelizmente não podemos (por falta de espaço, já se deixa ver) não podemos contemplar-o publicando a sua «proclamação». Tambem de que serve? E' proclamar no deserto.

— Sr. *Motta Val-Florido*. A idea do seu soneto: «Parricida» é original e boa, mas a cousa é a forma; é na forma que pega o carro. Veja se consegue escolmal-a dos senões que a deformam talvez possamos reservar-lhe um logar na *Collaboração*. É necessario, porém, que venha inteiramente reformada.

Mas para mostrar-lhe que uem sempre condemnamos ao ostracismo o que se nos manda para ser publicado, vamos, por falta absoluta de espaço em outra secção, dar aqui mesmoo seu sonetinho:

TEMPORA MUTANTUR

(IMITAÇÃO)

D'antes cantava Pedrita,
Com sua voz modulada,
A sonora ballada
Da faceira hespanholita...

Com seu lacinho de fita
Sobre a madeixa anellada,
Jámais lhe fora levada
A palma em gosto. Catita!

Depois Pedrita fugio,
E ninguem soube p'ra onde
E ninguem mais a ouviu.

Ai! hontem vi-a no bonde:
Ingrata! Não me sorrio
Por ter ao lado o visconde!

M. Val-Florido.

— *Sr. Fabio Rios.* Per ora não lhe respondemos em definitiva sobre a publicação do seu soneto (que é, — valha a verdade — um pouco gracioso como quanto fraquinho) por querermos ver se conseguimos arranjar-lhe um lugar na sala de espera. Talvez possa dal-o na *Collaboração*.

Nada se perde em esperar.

— *Sr. F. M. C.* Por achar-se inçada de versos errados, deixamos de dar á estampa a sua « *Contemplação*. » Em todo caso, se quizer dar-se ao trabalho de limal-a, recompondo os versos errados, em summa: se conseguir refundil-a inteiramente, nada nos custará publical-a.

Cá ficamos ás ordens.

— *Sr. Carlos S. de A. Brotero.* Não desgostámos da sua poesia « *Soffrimento* » comquanto já esteja muito estafado o assumpto. Ahamol-a bem executada, á parte um ou outro descuido de metro, e publical-a-iamos com prazer se não fosse tão estirada. Dez estrophes! oh! é muita cousa. Mande-nos trabalho curto e um pouco mais cuidado na forma, que será publicado.

ANNUNCIOS

Dr. Henrique de Sá, especialista de syphilis e molestias das crianças. — Rua Primeiro de Março, 22 (consultas do meio-dia ás 2 horas) — Residência: Rua de S. Clemente, 165 A.

Dr. Cyro de Azevedo, Advogado. Das 10 ás 4 horas. — Beco das Cancellas n. 2.

Portuguez, francez e Inglez — Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

O Solicitador provisionado Olympio Theodoro de Araujo encarre-se gade liquidações judiciaes e amigaveis em qualquer ponto do Sul de Minas, trata de negocios forenses nos municipios de S. Gonçalo do Sapucahy e Campanha.

Pöde ser procurado na cidade da Campanha, rua do Franco.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRECÇÃO POR

E. GAMBARO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pöde ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

DR. GONZAGA FILHO

CONSULTORIO E RESIDENCIA

Rua Visconde de Inhaúma, 61

CONSULTAS DE 12 ÁS 3 DA TARDE

Especialidades:

Febres em geral, molestias pulmonares e do coração.

O COLLEGIO PUJOL

NA

ESTAÇÃO DOS MENDES

(E. F. D. PEDRO II)

reabre-se a 10 de Janeiro de 1886, entrando no 17º anno de sua existencia.

Curso completo de preparatorios e especial de noções de sciencias physicas e naturaes.

Nota — Não admitte alumnos maiores de 15 annos.

Os estatutos encontram-se na livraria Faro & Lino e no escriptorio desta folha.

DR. ARAUJO FILHO

MEDICO PARTEIRO

RESIDENCIA

Rua do Visconde do Rio Branco n. 36.

A PROVINCIA DO ESPIRITO SANTO

FOLHA DIARIA, CONSGRADA AOS INTERESSES PROVINCIAES

Redactores:

Moniz Freire e Cleto Nunes

Tiragem 1500 exemplares

Discute os interesses provinciaes, publica na integra os debates da Assembléa Provincial, dá resumo completo de todo o movimento administrativo do governo da provincia, mantem um serviço telegraphico com a capital do Imperio, e tem correspondentes na Corte, em Pariz, no Recife e em todas as localidades da provincia.

Assigna-se a 12\$000 por anno (sem sello) e 15\$000 com sello.

Por sua elevada circulação, até agora não attingida no Espirito-Santo por outro qualquer jornal, *A Provincia* recommenda-se á preferencia dos Srs. negociantes, industriaes, etc., para inserção de annuncios, reclames, avisos, etc.

Correspondente em Pariz

PARA ANNUNCIOS E RECLAMES
O **Sr. Alberto Lorette** — Rua de Ste. Anne, 51 bis. No Rio de Janeiro Dr. Deolindo Maciel, rua da Alfandega n. 155 (2º andar) e B. T. Magalhães Bastos, rua do Rosario 125.

ESCRITORIO DA REDACÇÃO:

Rua do Commercio 31 (1º andar)

VICTORIA

Collegio Universitario Fluminense

NO FIM DA RUA DO BARAO DE ITAPAGIPE

(Antiga da Bella Vista)

No alto do Engenho Velho, lugar onde nunca houve epidemia de especie alguma, funciona em edificio e com dependencias expressamente construidas para o fim a que se destina.

Deseja a visita dos interessados, tanto nacionaes como estrangeiros, da corte ou do interior.

Remettem-se prospectos pelo correio a quem os solicitar á directoria.

CHRONICA FRANCO-BRAZILEIRA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
EM PARIZ

REDACTOR EM-CHEFE: Lopes Troador.
ADMINISTRADOR: F. Castelli.

ASSIGNATURAS PARA O BRAZIL

Um anno. 10\$000
Seis mezes 6\$000

Tomam-se assignaturas e annuncios no escriptorio d'A SEMANA.

COLLEGIO NEVES

Instrução Primaria e Secundaria

Estabelecido em vasto predio, com grande chacara, offerce as melhores condições hygienicas.

Recebe internos, externos, e meio pensionistas.

Leccionam habéis e zelosos professores.

Rua Barão de S. Felix n. 98

RELOJOARIA

DE

ALFREDO CEZAR DA SILVEIRA

Casa acreditada para concertos de relogios

67 RUA DA ASSEMBLEA 67

A PENNA DE OURO

Papel, livros em branco, typographia, encadernação, pautação, objectos de escriptorio e de fantasia.

Francisco Leonardo Gomes

82 RUA DO OUVIDOR 82

AGENCIA D'A SEMANA

DR. F. PESSANHA
CLINICA MEDICA

CHAMADOS A QUALQUER HORA

Consultorio e residencia

28 Qua da Alfandega 28

RECADOS — QUITANDA 86

JUVENATO OURO-FINENSE

INSTRUCÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA

NA

Provincia de Minas

A CINCOENTA E QUATRO KILOMETROS DA PENHA DE MOGY-MIRIM, DE S. PAULO

Ensino pratico das linguas, intuitivo das sciencias.

Preparo das faculdades pelas (LIÇÕES DE COUSAS).

Anno lectivo de 10 mezes.

A matricula em qualquer epoca; só é pagavel o tempo da frequencia de cada alumno.

O 2º anno lectivo começa a 3 de Novembro proximo.

Ouro-Fino, Minas, 19 de Outubro de 1885.

O DIRECTOR. — Antonio Francisco Furtado de Mendonça Filho.

A SEMANA

CORTE

PROVINCIAS

Trimestre..... 28000
Semestre..... 48000
Anno..... 88000

Semestre..... 48000
Anno..... 88000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 300 RS.

SUMMARIO

Expediente.....	
Historia dos sete dias.....	J. DO EGYPTO.
D. Fernando.....	V. MAGALHÃES.
Um suicida de 19 annos..	
Aos caloteiros.....	LORGNON.
A vida elegante.....	O. BILAC.
Nocturno, soneto.....	L.
Os nossos livros.....	L. DE MENDONÇA.
Correio litterario.....	J. BRISSON.
As grandes verdades.....	A. DE SOUZA.
Intima; poesia.....	L. M. BASTOS.
Sport.....	P. THALMA.
Theatros.....	
Parnazo alegre; Meta-	H. DE MAGALHÃES.
morphoses, sonetos.....	
Collaboração; A nossa	J. P.
mãe.....	
Factos e noticias.....	FR. ANTONIO.
Tratos á bola.....	
Consulta.....	
Recebemos.....	
Correio.....	
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

Aos Srs. assignantes em atrazo que até o fim d'este mez não satisfizerem a importancia de suas assignaturas será irremissivamente suspensa a remessa da folha.

Os senhores que tomarem uma assignatura d'A Semana por todo o proximo anno de 1886 terão direito a um dos seguintes premios, á sua escolha:

VINTE CONTOS, por VALENTIM MAGALHÃES.—Este livro, que se está imprimindo nas officinas d'A Semana, foi expressamente feito para ser distribuido como premio aos assignantes d'esta folha. Conterá mais de duzentas paginas em superior papel, com uma capa de fantasia.

NÃO SERÁ POSTO Á VENDA.

Assim, os que tomarem uma assignatura d'A Semana por um anno, e somente esses, terão direito a um exemplar d'essa obra, que, a ser vendida não o seria por menos de 38000, o volume.

AURORAS, versos, por Alfredo de Souza; encadernação de luxo.

A CAVEIRA DA MARTYR, celebre romance de Camillo Castello Branco, em 3 volumes.

MARGARITAS, poesias da distincta poetisa D. Adelina Amelia Lopes Vieira; um bello volume.

Aos senhores assignantes de seis mezes daremos como premio UMA MUSICA, inedita, especial e expressamente composta para esse fim; QUATRO POEMAS, por Luiz Murat, um exemplar das AURORAS, brochado, ou TYPUS EM PROSA E VERSO, de A. Lopes Carlos.

N. B.— Os senhores que assignaram A Semana por um anno, a terminar em Dezembro de 1885 receberão, segundo promettemos, um exemplar dos VINTE CONTOS.

O Sr. Leonel Guerra é a unica pessoa por nós encarregada de agencia assignaturas nas provincias.

Tem todos os poderes para representar esta folha.

A SEMANA

Rio, 19 de Dezembro de 1885.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Curta, muito curta é a historia dos sete ultimos dias; tão curta que estivessemos quasi, quasi a não escrevel-a.

Mas não rejubilem os leitores: hão de aturar-me.

E' verdade — e isto allego em meu favor — que peor seria terem de aturar o Filindal.

Felizmente este sujeito anda ultimamente arredio de cousas litterarias, não sabemos ao certo por qual razão, e em aproveitou a sua benedicta obtusidade para evitar que a deleteria prosa d'esse nefasto plumitivo venha collaborar com o cavaignac, o suicidio, o Pachidérme, os capoeiras e as loterias para o completo aniquilamento d'esta infeliz capital, bem digna de meliores epidemias.

O maior acontecimento da semana foi a morte do rei D. Fernando, esse principe de talento, que, nestes tempos de democracia e de reformas, conseguiu fazer-se amado nos dois paizes que falam a lingua de Camões pelos que amam as artes e odeiam os principes.

Isso faz todo o seu elogio. Em artigo especial nos occupamos com essa perda deploravel para a arte e para a monarchia portugueza.

O integro promotor publico Dr. Sampaio Ferraz mostrou mais uma vez que sabe cumprir rectilineamente o seu

dever, apresentando denuncia ao juiz do 7º districto criminal contra os capoeiras Dario e Paredes, como auctores, e contra outros como cúmplices do assassinato do menor Manoel Moreira Pinto, barbaramente morto a navalhada na noite de 20 de Agosto passado.

Parece que, por mais protecção que tenham na policia os denunciados, será feita a luz nesse tristissimo caso, recebendo os culpados a respectiva e necessaria *cusinadella*.

No genero escandaloso que houve de melhor foi o conflicto entre o Dr. Carlos de Carvalho e o Sr. Francisco Marcondes Machado. Conflicto serio — a bengala e estoppe. Pancadaria para cá, espetacellias para lá. As versões sobre o facto diversificam muito.

Uns affirmam que foi o Dr. Carvalho quem provocou o Sr. Marcondes — e esta foi a publicada pela maioria dos jornaes; outras asseveram exactamente o contrario. O abaixo assignado, não tendo tido o desprazer de assistir a esse lamentavel incidente, não pôde de seguro decidir entre estas e aquellas. Limita-se a lamentar o facto, momentaneamente porque, segundo declaração do proprio interessado, retirou o Dr. Carvalho a sua candidatura á assemblea geral. S. S. tem talento e é trabalhador; com a sua cooperação muito poderiam ganhar os publicos negocios — como se costuma dizer em artigos com pretensões a fundo.

O certo é que o Sr. Marcondes está processando o Dr. Carvalho, porque este, em plena rua do Ouvidor, quiz reduzir-o a roast-beef, assando-o de espeto ao sol, a este inclemente sol de Dezembro, a que devem ser unicamente attribuidos aquelle e outros que taes *assados*; e o Dr. Carvalho está processando o Sr. Marcondes por este haver-o reduzido a tapete, sacudindo-lhe a poeira á bengala, á vista de Deus e de todo o mundo, com excepção da policia, está sabido.

Para bem dos interessados (livre-nos Deus de taes *interesses*, e da publica moralidade, esperamos que não tardará o formidoloso escandaloso a ser abafado pela conhecida e piedosa Sra. D. Pedra-em-cima.

Continuam os suicidios.

O suicidio é a febre amarella d'este verão. E' força confessar que não é peor — nem melhor — do que a outra.

Ah! se o Sr. Dr. Freire descobrisse tambem o microbio d'esta nova febre amarella!

Pense nisso o illustrado Atila dos *criptococcus*: olhe que com a vacina contra o suicidio immenso serviço prestaria — aos *cadaveres*!

JOZÉ DO EGYPTO.

D. FERNANDO

O telegrapho transmittio-nos no dia 15 a noticia de que fallecera em Lisboa, no palacio das Necessidades, S. M. El-Rei D. Fernando, pae do actual Rei D. Luiz I, de Portugal e cunhado de S. M. o Imperador D. Pedro II, do Brazil.

D. Fernando, principe al'emão da finissima nobreza dos Coburgo e Gotha, nasceu a 29 de Outubro de 1816 e casou a 9 de Janeiro de 1836 com D. Maria II, irman de S. M. o Imperador, rainha de Portugal. Pelo fallecimento da rainha, tomou o logar de regente em 15 de Novembro de 1853, e occupou-o até a elevação de seu filho D. Pedro V, de venerada memoria.

Cavalheiro de fina educação e de apuradissimo gosto, elle trouxe para a córte banal e chata da dynastia bragançina a grande e poderosa vitalidade do seu espirito. Muito mais artista do que politico, elle conservou sempre uma nobre isempção no que se referia aos negocios do Estado e á baixa intriga da cortezania depauperada das antecamaras reais.

Homem elegante, homem de espirito, elle preferio ser cidadão querido a ser soberano respeitado. Assim, conseguiu ser democrata devêras, sem esforço e sem affectação, naturalmente, por indole, e por uma nitida comprehensão do viver moderno, que já se não compadece com o apparato principesco e picaresco das usanças tradicionaes da velha nobreza. Passeiava pelas ruas e pelos jardins publicos em boa camaradagem com os escriptores e com os artistas de talento. Colleccionador de raridades e de obras de arte, contam-se maravilhas do seu castello da Penha, em Cintra. O povo adorava-o porque ao pé d'elle estava sempre á vontade, como deante de um irmão que apenas se respeita pelas virtudes e pela superioridade de espirito. As artes portuguezas devem-lhe muitissimo, não só pela protecção que sempre dispensou aos artistas, como pelos proprios productos da sua intelligencia e da sua habilidade, pois que D. Fernando era um gravador distinctissimo, como se pode ver ainda nas collecções do antigo *Archivo Pittoresco* e d'*A Arte*, onde collaborou por muito tempo ao lado dos melhores gravadores modernos. As suas gravuras, de traço muito fino mas seguro, têm um grande cunho de originalidade e valeam-lhe o titulo popular de rei-artista. titulo muito mais honroso do que os da maior parte dos reis portuguezes, que se condecoravam com titulos e cognomes muitas vezes extravagantes.

Um dos factos que mais evidentemente provam a independencia do seu espirito e o despreendimento das etiquetas e das conveniencias regias é o seu casa-

mento (Julho de 1839) com a celebre cantora Elisa Hensler, depois Condessa d'ella.

Este facto, que foi quasi um escandalo europeu, é, a nosso ver, um dos que mais affirmam a altivez de caracter de D. Fernando e que mais o approximam do cidadão e do homem moderno. Mas, além d'esse, ha ainda outro facto que attesta os mesmos principios—é o da recusa que fez da corôa de Hespanha quando solicitado para a collocar na cabeça.

Ha muito tempo que o desespero de um cancro na bocca diminuiu a natural jovialidade e a perpetua alegria do rei.

Agora, que elle succumbio a essa molestia, choram-n'o sinceramente os muitos amigos verdadeiros e leaes que tinha, o que não acontece a todos os homens collocados na sua alta posição, que, fóra do circulo da familia, apenas podem esperar a lagryma fingida dos bajuladores e dos hypocritas.

A numerosa colonia portugueza do Brazil apresentamos cordialmente os nossos sinceros pezames.

Um suicida de treze annos

RESPOSTA A ARTHUR AZEVEDO

Ao artigo com que no ultimo numero d'esta folha commentei o suicidio de José Castilho, o caixa-rincho de uma casa da rua Sete de Setembro, contradictando algumas phrases de Eloy, o heroe de *palanque*, do *Diario de Noticias*, replicou elle, o Eloy, por essa folha no dia 15 do corrente.

Como é sabido e elle proprio tem confessado, o escriptor que mal se disfarça com a meia mascara d'aquelle pseudonymo é Arthur Azevedo.

Portanto, como elle não faz questão do incognito e me repugna a mim discutir com um adversario de pseudonymo, dirigir-me-ei directamente a Arthur Azevedo.

Em todo o meu artigo não se encontrava cousa nenhuma que pudesse melindrar o festejado chronista. Referi-me a elle nestes termos: « escriptor de nota, espirito independente e culto. »

Apenas disse, — porque era preciso dizel-o, pois que tinha de combater-lhe os conceitos, — apenas disse que a philosophia que dictou ao engraçado escriptor as impugnadas phrases era «tão cruel quanto banal. »

Não podia elle, contudo, vér nisso offensa, e se eu tal suspeitasse não o teria dicto.

Não ha escriptor—genial embora — que não tenha os seus momentos de banalidade.

No emtanto, eis aqui, textualmente, as phrases com que começou a me responder Arthur Azevedo:

« Ora, com franqueza, nesta questão é natural que o men objectivo seja mais exacto que o de Valentim Magalhães... »

« Eu me explico: O illustre moço foi creado com todo o mimo, e ainda hoje— francamente—é o typo melindroso do menino brasileiro; esteve de pensionista num collegio onde nada lhe faltava; frequentou durante cinco annos a academia de S. Paulo, com larga e prompta mezada, e alli conquistou esse pergaminho que é o «*Sézamo, abre-te*» de todas as posições sociaes na nossa terra; logo depois de formado, esposou por

inclinação a priminha de quem era «noivo» desde pequerrucho. Nunca lhe faltaram cuidados de familia. Jámais conheceu a *quebradeira*, na acepção fun lamental e genuina d'este vocabulo medonho. »

Devo confessar que a leitura d'essas palavras mais espantou-me que ferio-me.

Eu não tenho a honra e a felicidade de contar Arthur Azevedo no numero limitadissimo, aliás, dos meus *amigos intimos*; nunca lhe fiz confidencia nenhuma da minha vida privada.

As nossas relações não passaram nunca além de franca e amistosa camaradagem litteraria, com os pequenos obsequios mutuos e as mutuas amabilidades de collegas ligados pela estima proveniente da affinidade geral das idéas e da convivencia no trabalho.

Em taes condições, não lhe havendo eu feito a confidencia intima da minha vida particular, procedeu levianamente fazendo publicas cousas que só a mim interessam, cousas de caracter delicado e grave, porque entendem com o *homem*—não mais com o *escriptor*—e que elle foi beber a uma fonte que ignoro, mas que sensatamente não poderia julgar—a melhor.

O resultado de tão estranhavel levianidade foi faltar á verdade em tudo quanto disse, offendendo com esses escusados carapetões um companheiro e camarada que sempre buscou ser-lhe agradável e util.

Qualquer dos meus poucos amigos intimos sabe muito bem «se fui criado com todo o mimo»; se «nada me faltou» no collegio em que estive; se tive nos tempos de academia «larga e prompta mesada»; se tem sido o pergaminho adquirido em S. Paulo o «*Sézamo, abre-te*» das mo lesta posições sociaes» que tenho occupado; se jamais conheci a *quebradeira*; e finalmente, qualquer dos meus amigos intimos, dos meus verdadeiros amigos, tendo de se referir em publico á minha esposa, não o faria da maneira futil e indelicada, embora não offensiva, pela qual o fez o meu espirituoso collega.

Para aquelles que, como Arthur Azevedo, não me conhecem particularmente, basta que me considerem um homem honesto e um escriptor que não deshonra o seu paiz e os seus collegas.

Agora inquirirá naturalmente o leitor:

—Mas que necessidade tinha o Arthur de trazer para a rua a vida privada de seu contradictor? Em que interessava isso á questão?

A resposta é facil de obter-se. Basta ler o que elle escreveu em seguida áquillo. Aqui vae, sem alteração de umavirgula:

«Agora eu: aos 13 annos, em 1868, justamente na idade em que o menino Castilho se enforcou, tiraram-me dos estudos, e «arrumaram-me» n'uma casa de commercio, d'onde só sahia para ver minha mãe (e estava a duzentos passos) d'ella) de quinze em quinze dias,—e onde o meu emprego consistia em varrer duas e tres vezes por dia o armazem e o escriptorio, e de manhan muito cedo dar á bomba n'um poço e encher uma tina d'agua para a mulata do meu patrão tomar banho.

Ordenado nenhum; davam-me casa e comida; naturalmente não achavam pouco...

Não tenho a ridicula pretensão de fazer aqui a minha auto-biographia. Basta confessar que, depois de numerosas peripecias, cheguei ao Rio de Janeiro aos desenhove annos, com um numero igual de illusões e de cartas de recommendação, mas sem vintem no bolso. As illusões, guardei-as, — por signal que ainda conservo algumas.

Quanto ás cartas de recommeulação, so me servi de quatro, e rasguei as outras quando um senador da minha terra, depois de ler a quarta, em que lhediziam que eu era rapaz intelligente e com muita disposição para as letras, offereceu-se para arranjar-me um logar de conductor de bond, e ain la era preciso que eu pedisse emprestados a um usurario os 200\$ precisos para a respectiva fiança. Agradei e recusei a protecção do grande homem, «apezar de que (accrescentei), num logar de conductor de bond, como em qualquer outra posição que estivesse reservada aos meus acanhados meritos, eu teria o prazer de ver sempre S. Ex. adiante de mim...» O que equivaliu a chamar-lhe burro.

«Durante muito tempo fui mestre de meninos, adjuncto a certo collegio, e os meus unicos recursos eram 40\$000 com que o dono do estabelecimento remunerava (por não poder fazel-o melhor) as seis horas de serviço diario que eu lhe prestava. Com esse diuheiro eu, que não era nenhum Bocage, tinha que pagar casa, comida, roupa, calçado e tabaco.

«E o caso é que os 40\$000 réis e eu enten liamo-nos perfeitamente, se bem que nos separassemos sempre no primeiro do mez, para não nos tornarmos a ver sonã) d'alii a trinta dias. Mas o meu bom humor, esse é que, graças a Deus, nunca se separou de mim.

Portanto, não é inuito que um sujeito que soube resistir e ainda hoje resiste heroicamente, (sic) a tantas difficuldades, ponha de parte o sentimento, todo individual, da piedade, quando se trata de commentar publicamente um facto cujo exemplo lhe parece pernicioso.»

Para que essas 68 linhas de elogio proprio pulessem produzir todo o almejo effecto, era preciso antes apresentar-me como um d'esses frivolos «meninos bonitos» que tudo alcançam pelos bellos olhos que Deus lhes deu e pela protecção da familia e dos padrinhos.

Para que brillasse o heroe era preciso mergulhar na sombra, cobrir de ridiculo o *filhote*, o *bacharelzinho* sem merecimento proprio...

Veja, no entanto, o admiravel heroe como eu sou generoso: podia ha pouco ter aproveitado o ensejo para, defendendo-me, mostrar ao seculo ancioso que sou tambem merecedor da sua admiração e de uma estatua em vida. Longe, porém, de fazel-o, deixei na tela todas as sombras com que me pintou o heroe para, transcrevendo a sua auto-biographia, reforçar a radiação estellina com que modestamente se encarpou.

Para compensar o heroismo «de haver em pequeno» enchido d'agua muitas vezes a tina em que se lavava a mulata do meu patrão», nem ao menos confessei que para tomar café depois do jantar tive muitas vezes de levar ao cebo os meus compendios, arrostando tempestades de decompostura para arranjar outros com o meu tutor.

Ah! decididamente eu nunca hei de ter uma estatua; não sei ganhala.

Não tenho polpa de heroe.
Benedictos os céus, que ao menos me fizeram—bacharel!

Quanto ao pouco com que o festejalo escriptor procurou rebater os meus conceitos com pouco responderei.

Eu não préguei, nem prégaréi o suicidio.

Foi meu fim, ao contrario, evital-o, descartando a posição desgraçada d'aquelle infeliz e invocando a piedade e a protecção de todos para esses desgraçadinhos que não tem lo pae nem mãe, nem protector, nem amigo, podem não ter tambem a força necessaria para con-

tinuar «a ser creanças e procurem na morte uma felicidade que lhes parece inacessivel.

Escrevi aquelle artigo com toda a minha alma, com todo o meu coração.

Orphão de mãe, desde muito criança, criado longe de meu pae, embora por parentes que desveladamente procuravam substituil-os, eu (perdoe-se-me esta revelação) pude mais tarde conhecer de perto, de muito perto, não já em mim, mas em pessoa que me é carissima, o que é ser orphão.

Depois, na minha não longa pratica de advogado, vi augmentarem-se-me a compaixão e a estima por esses desgraçados, verificando a maneira porque são protegidos pelo Direito e pela Justiça do nosso paiz.

Tudo isso, e mais as circumstancias compungentissimas d'aquelle suicidio concorreu para que o meu artigo fosse antes um grito de desespero, um gemido de compaixão do que um artigo de polémica, um estudo sereno e raciocinado da melindrosa questão.

Foi isso o que não quiz ou não soube ver o meu injusto collega do *Diario*.

De resto, a questão do suicidio é complexissima, sobre modo grave e delicada para discutil-a sem o espaço e o tempo que agora me faltam.

Concluindo, direi somente que se é covardia tirar-se um homem a propria vida, quando a lucta recrudescce e assanham se as difficuldades e enfurece-se a desgraça a perseguil-o, covardia é tambem o conservar a vida sem honra propria nem provcito alheio.

VALENTIM MAGALHÃES

Lê-se no *Pharol*, de 15 do corrente:

«—A *Semana*, n. 50. Em um artigo de sensação sobre o suicidio do menino Castilho, Valentim Magalhães, parecendo ir contra o que disse *Eloy*, o heroe, o elegante chronista, sobre o facto, não faz mais do que contribuir generosamente para a grandiosa obra que *Eloy* como outros jornalistas inicia: derrocar o pedestal romantico e sympathico d'onde se impõe o sudio a certas mentalidades doentias.

Eloy verberou Castilho, que o não ouve, afim de tornal-o antipathico e indigno de imitação; Valentim, imagigoso e sentimental, move os espiritos fortes, os homens feitos, a velarem atentos em que não venham a causar indirectamente a reproducção do desesperado acto criminoso.

Interessante como é o assumpto, merecem especial attenção os dous distinctos escriptores.»

Capeando uma cédula de 10\$, recebeu o director d'esta folha a carta que em seguida publicamos, com ommissão apenas dos primeiros periodos, cujas benevolas amabilidades o destinatario muito agradece.

A *Semana* aventou a idéa de soccorrer os irmãos de José Castilho, proporcionando-lhe meios honestos e sufficientes de manutenção pelo trabalho; mas reconhecendo a sua propria fraqueza, pediu aos seus collegas diarios mais importantes que tomassem a si a caridosa tarefa. Até agora nenhum d'elles o fez. Resta-nos a doce consolação de havermos suggerido o caridoso pensamento, que, como se vai ver, se não achou echo em os nossos collegas, achou-o no coração de um desconhecido, ao qual sentimos não poder apertar a mão.

Agra lécen lo-lhe muito o seu generoso concurso e satisfazen lo a sua vontade, abrimos uma subscrição em favor dos orphãos, irmãos do desgraçado

menino que procurou na morte o repouso e a felicidade. Não temos grande esperanza, Sr. G. P. S. D. no resultado dos nossos esforços. Restar-nos-á a satisfação de havermos procedido bem.

Eis a carta:

«Ao Illm. Sr. Dr. Valentim Magalhães.

Tambem me repugnou a philosophia cruel de quem perguntou—que trinta annos dariam aquelles treze annos?—

Ainda bem que V. S. responde por mim e por todos aquelles que estranhlaram tal interrogação.

Como José Castilho, tambem ont'ora fui explorado pela especulação de egoistas, sempre promptos a abusarem da pouca experiencia dos menores que lhes são confiados, ou que o acaso colloca debaixo do seu poder, e, se não procedi como elle, é porque, embalado desde o berço nas crencas d'uma religião sensata, despida dos preconceitos da ignorancia e dos prejuizos dasuperstição, tive forças para resistir, encarando a luta pela vida como um dever sagrado e a fraqueza do suicidio como uma aberração, uma falta imperdoavel.

As piedosas lagrymas que implorou ás suas leitoras d'*A Semana*—sobre a memoria do pequeno José, revelam os nobres sentimentos de V. S. e a idéa aventada na *Historia dos sete dias*—do inimitavel *José do Egypto*, achou echo no coração d'um seu constante leitor que mania inclusos dez mil réis para principiar uma subscrição a favor dos infelizes orphãos, irmãos do pobre suicida.

Oxalá que eu encontre bastantes imitadores e mais generosos, nesta simples offerta que a vossa penna alcançou, e com que presto assim, mais uma vez, homenagem ao vosso illustre nome.

13 de Dezembro de 1885.—G. P. S. D.

Subscrição em favor dos irmãos de José Castilho:

G. P. S. D.	10\$000
A <i>Semana</i> .	10\$000

AOS CALOTEIROS

L'Italia, excellent jornal italiano, dirigi lo pelo Dr. Fogliani, no seu numero de 12 do corrente, diz aos seus assignantes relapsos algumas palavras duras mas bem merecidas, que nos tambem podemos repetir a alguns dos nossos, cujo numero, felizmente, é pequeno.

Transcrevemos algumas d'essas palavras para salutar exemplo dos povos:

«Falaremos claro agora, porque estamos resolvidos a por os pontos nos ii e a não mais cumular de attensões e de gentilezas uma gente que se mostra para connosco tão grosseiramente vilan, e tão pouco disposta a seguir o caminho da delicadeza e do dever.»

«Ninguem deve ser nosso assignante á força. Temos dado *L'Italia*—um jornal modesto e despretencioso, mas honesto e animado de boas intenções; temos feito tudo para agradar aos nossos leitores, e temos supportado com animo sereno os maiores sacrificios, sacrificios que ninguem pode imaginar. E qual foi a nossa retribuição

por parte de um grau lissimo numero dos nossos compatriotas das provincias? E' melhor calarmo-nos.»

«Aos nossos assignantes bons, que, reconhecendo os nossos esforços, e enchendo-nos generosamente de attentões, retribuiram a nossa boa vontade e as nossas patrioticas intenções, pedimos desculpa por nos vermos na necessidade dolorosa de dirigir palavras um pouco acerbas áquelles que, rindo-se de nos e do nosso honesto trabalho, não nos deram signal de vida, depois de terem recebido *L'Italia* durante um anno inteiro.»

«A paciencia tem limites e os nossos bons leitores não de comprehender que quando a paciencia espera um anno a transbordar, ninguem tem o direito de pretender mais.»

A VIDA ELEGANTE

CLUB DE REGATAS GUANABARENSE

Apesar de pouco concorrida, foi muito animada a *soirée* dada no sabbado passado pelo Club de Regatas.

O concerto annunciado nos programma foi sensivelmente alterado, por terem faltado a Exma. Sra. D. Adelaide Burlamaqui e o *basso* Sr. Rossi, que se haviam encarregado de varias partes.

Começou, pois, por um *Grande Trio em ré menor*, para piano, violino e violoncello, por Arthur Napoleão, Cernicchiaro e Cerrone. A execução foi brilhantissima, como era de esperar de tão distinctos artistas.

A 2ª parte foi um *Solo Violino* de Kuruki, por Cernicchiaro.

Bravissimo. Em seguida o Sr. Ragusa tocou ao piano, muitissimo bem, 3 partes da op. 44 de Chopin, *Carillon*, *Barcarola* e *Polonaise*.

Terminou o concerto pela *Rhapsodie hongroise*, para violoncello, de Dancila, pelo Sr. Cerrone.

Depois do concerto começaram as danças, muito animadamente, e terminaram por um bello *cotillon*, dirigido habilmente pelos Drs. Julio Ottomi e Fernando Mendes. Findou a *soirée* ás 3 1/2 da manhã.

Foi uma festa simples, mas muito alegre e muito agradável.

Os nossos cumprimentos ao elegante Club de Regatas.

LORGNON.

NOCTURNO

Lá fora, a voz do vento ulula rouca!
Tu a cabeça no meu hombro inclina,
E essa bocca vermelha e pequenina
Approxima a sorrir de minha bocca:

Que eu a fronte repouse, anciosa e louca,
Em teu seio—mais alvo que a neblina
Que nas manhãs glaciaes, humida e fina,
Da serra as grimpas elevadas toca...

Solta as franças agora como um mano
De ouro: Embala-me o somno com teu canto...
E en, aos raios divinos d'esse olhar,

Possa dormir tranquillo, como o rio
Que, em noites calmas, socegado e frio
Dorme aos raios de prata do luar...

OLAVO BILAC.

OS NOSSOS LIVROS

O illustrado medico Dr. Lycurgo Santos publicou em livro, tendo-o refundido, o artigo com que, na *Provincia de S. Paulo*, commemorara o 4º anniversario da morte de Littré.

E' uma eloquente homenagem áquelle grande espirito, dos mais altos e radiantes que têm illuminado o mundo.

Para o positivismo, cujo Christo foi Augusto Comte, tendo tido Bacon por Precursor, Littré foi o Paulo, o apóstolo de genio, o independente, a evangelisar por sua propria conta.

Para todos os pensadores dignos do nome, Littré é, além de um homem veneravel, um sabio digno da mais pura admiração: representa o que o positivismo tem de verda leiramente grande—a sua philosophia, e representa o escolho das degenerações que tanto o prejudicam na obra de Comte—as conclusões politicas, que chegam a concordar com o conservatorismo de Guizot no governo dos mais capazes, e a parte religiosa, não no seu principio, bellissimo, do culto aos gran les homens, mas nas excentricidades cultuaes que fazem do *Cathecismo Positivista* uma obra de decadencia intellectual.

Profundos, ainda que humildes admiradores de Littré, mestre em todas as espheras que percorreu o seu genio prodigioso, acolhemos preciosamente o bello tributo que á sua memoria immorttal prestou o Dr. Lycurgo Santos, em um opusculo brilhante de erudição philosophica e litteraria.

L.

CORREIO LITTERARIO

«ACUCENAS», PRIMEIROS VERSOS, POR VALERIO DA SILVA.—VASSOURAS, 1885

Ruim, ruim sem nenhuma attenuação, este volume de versos.

Como outros collegas de imprensa que se têm pronunciado neste ou em casos semelhantes, tambem somos da voto que se desatenta a allegação de estréia e dos dezoito annos do poeta. Ninguem e nada o obrigava a estreiar com esta edicão, nem a começar em publico e em livro, pelos primeiros versos.

Aqui bem cabe o conselho do medico da anecdotas: se a dificuldade estava, como costuma estar, nos primeiros versos, era começar pelos segundos, ou terceiros, ou centesimos, a ser poeta publico, —dado que alguma vez quizesse entrar nesse caminho perigoso.

Mas o Sr. Valerio foi apressado, e «o seu paranymphe no mundo litterario», o Sr. Dr. Lucindo Filho, não teve a misericórdia de o conter. Agora, ante a equalitaria letra retonda, temos de lhe dizer a verdade, sem attender a mais nada senão ao seu proprio livro.

Este é deploravel, como tudo: como idéa e como forma; como concepção artistica e como composição metrificada: perante o bom-senso e perante a grammatica.

A concepção é, na maioria dos casos, de uma infantilidade de trovador em faxa, quando não é completo disparate.

E é a isto que o seu padrinho litterario chama a naturalidade da juventilidade. Valha-nos Deus com estes padrinhos!

Não era só pelos nove annos do preceito horaciano, lembrado na introdução do livro, que o Sr. Valerio de-veria ter guardado o manuscrito das *Acucenas*; era para todo o sempre, *per omnia secula seculorum*,

Diz até o Sr. Dr. Lucindo que estes versos são correctos. Oh!...

Nem correctos perante a syntaxe. Exemplos:

Procurei *lhe ir beijar*, ou *le ella estava*.

E sempre aquelles fremitos de vila *Ondulam a selva o manto viridente*.

Chegando na choça do peito sahiu-lhe Mil gritos de dor!

Alli de noite e dia *ella resiste* Os furacões infrenes collossaes.

Desfallece-se á beira do caminho.

E *dize-me: conhece esta caveira?*

Nem perante a sciencia mais elementar, ou, melhor, perante o senso commum. Exemplo:

Eis a materia se tornando em—nada! Só por alta dose de catholicismo ingerido pôde um maucebo emittir tão crassa asneira.

Outros exemplos... de physiologia divertida:

O seu craneo *robusto* de donzella.

E depois de ranger dente por dente.

Outro, de meteorologia calumniosa:

As quexas dos *avaros* vendavaes.

Se as tristes *Acucenas* chegam a ter verdadeiros *specimens* do genero *Musa do Povo!*...

Como estes:

Seus olhos de verde-mar,
As negras pedras fietando,
Julgavam nellas achar

Alguma cousa.

Em tola a visinhança era geral
Que, n'um bosque sombrio e natural,
Havia uma casinha encantadora,
Que nella morou sempre uma senhora
Já velha, respeita-la e que no valle
Alegre passeiava com seu chale
De lá e borlas negras setinadas.

— Ah! foi senhorio!

Antonio raivoso, com gesto sombrio,
Tambem repetiu-lhe:

— Ah! foi senhorio!

Para exemplo da puerilidade, que é a feição predominante do livro, basta apontar toda a concepção do conto intituloado *Corina*.

So aquelles versos do final!...

Mas então reconhece ella o perigo,
Era um homem malvado, que comisigo
Já trazia um punhal de folha fina,
Talvez para matar pobre Corina!

Se não fosse parecer que nos deleitamos na censura facil a um timido principiante, analysariamos uma peça inteira do livrinho, *Love fit*, por exemplo, que, com todo o seu titulo inglez, tem bem boas tolices; mas podia parecer maldade: não vamos além do que fica dicto, e dicto com pezar, e terminamos ponderando ao Sr. Valerio que versos d'estes não se publicam, e ao Sr. Dr. Lucindo—que não é de bom amigo deixal-os publicar.

Valença, 14 de Dezembro.

LUCIO DE MENDONÇA.

AS GRANDES VERDADES

Abrimos hoje esta secção.

E' destinada a registrar, como claramente o diz o seu titulo, opiniões, pensamentos, sentenças de escriptores, nos quaes se encerrem as grandes verdades, de cujo conhecimento geral e rigorosa pratica grande proveito viria para o homem e para a sociedade.

Ha muito a ganhar com o estudo e a meditação das « grandes verdades. »

Muitas d'ellas não serão novas (*quid sub sole novum?*): mas justamente as verdades unais antigas são as menos sabidas.

D'ahi o não ser ocioso, antes conveniente, repetil-as.

As seguintes, devidas á penna do eminente escriptor politico Jules Brisson são do numero das taes que não são novas mas que devem ser repetidas.

Tratando da recente abertura do Parlamento francez, diz o citado escriptor:

« No interior da sala das sessões era grande a agitação.

Cada deputado, entrando, procurava reconhecer a sua respectiva cadeira. O Sr. Rochefort, agitado, inquieto, ruído como sempre, atravessou o hemicyclo com rapido passo, e foi sentar-se no ultimo lugar do derradeiro banco da extrema esquerda. O Sr. Julio Ferry escolheu o seu lugar no centro, em face da tribuna. Quando atravessava a sala, poucas mãos se lhe estenderam; elle mostrava philosophicamente tirar o seu partido d'esse momentaneo abandono.

Sem duvida elle se estava lembrando margamente do seu passado, pensando na época em que, naquella mesma recinto, bastava-lhe fazer um aceno para ver curvar-se-lhe uma maioria fiel. E durara dois annos essa fidelidade! Esta recordação parecia tornar-lhe ainda mais sensível a sua impopularidade actual.

Mas o Sr. Julio Ferry, que é um dos raros homens de Estado da terceira republica, não é homem que se deixe subjugar por essa impopularidade.

O Sr. Ferry bem sabe que ella tambem ferio Thiers nos ultimos annos de sua vida, apesar dos magnificos serviços por elle prestados á França durante os seus tres annos de presidencia. O proprio Gambetta que era tão popular no paiz e cuja popularidade cresceu ainda depois de sua morte, vio-se tambem abaloua-lo por seus amigos. Quando a morte veio extinguir a sua voz eloquente, já elle tinha perdido grande parte de sua influencia.

Julio Simon, que por seu alto saber e seu alto valor, devia occupar um dos primeiros cargos publicos, está posto á margem, como os seus predecessores; ao passo que tantas nullidades se repiampam nos ministerios.

O Sr. Julio Ferry está em boa companhia; elle saberá esperar com paciencia a hora da sua recatada em scena.

Entretanto, o que hoje se passa está de accordo com as tradições da democracia.

O suffragio universal é naturalmente inconstante: o povo apenas supporta e com impaciencia os homens superiores e prefere sempre aquelles que o fisongeiam aos que o servem. Já isso era assim no tempo de Aristides e de Catão. Sob a primeira republica vio-se, cada um por seu turno, Verguiau substituído por Danton, a Danton succeder Robespierre e o proprio Robespierre immolado pelo povo, cujo idolo fora. Nem mesmo Mirabeau, que havia sido a voz eloquente da revolução, escapou á lei commum; sua memoria conheceu o esgoto depois da apothese.

O mesmo com Lamartine em 1848. Eleito deputado, por vinte departamentos, não conseguiu a reeleição no anno seguinte. Nem sequer conseguiu uma cadeira de representante dos seus concidaãos no departamento de Saone et Loire, do qual havia sido durante trinta annos a gloria e o orgulho.

Não nos devemos portanto surprehenler de hoje ver tantas meliocridades na primeira fila e tantos homens superiores deixo los na sombra.

Está ainda por fazer a educação da democracia.»

J. BRISSON.

INTIMA

Tu sabes porque sou triste
Quando te vejo, mulher?
E' que eu sei que não existe
Aquillo que a gente quer.

O céu com que nós sonhamos,
Cheio de anjinhos, e sões,
Se junto d'elle chegamos
Mais elle foge de nós!

Como são máus os pezares!
Como é doce o teu sorriso!
Rebentam dos teus olhares
Auroras, de que eu preciso!

Esta batalha da vida
E' tão negra e complicada,
Que a nossa razão ferida
Cabe muitas vezes no Nada!

A esperanca é a borboleta
Que anda em nossa alma a voar
D'azas tremulas, inquieta
Como as espinhas no mar!

O grande amor que me deste,
Que mora em meu coração,
Olha! tolo elle se veste
De azul, a cor da illusão!

E azul é o céu... entretanto,
Quantas vezes as procellas
Não o enlutam com seu manto,
Cegando o olhar das estrellas?;

Não penses que o amor suavisa
Tolo o mal, tolas as maguas;
Ha muita flor que desliza
Por sobre o abysmo das aguas!

O amor, se em minh'alma entro,
Sinto-o como um arrebol!
Não ha sol que cá por dentro
Brilhe mais do que este sol!

Fora d'ahi, sobre a terra!
Que val o amor?—Tu sorris?
Ah, teu ouvi-lo se cerra
A's cousas que o mundo diz!

Se viesse o mel das venturas
Do amor que em nós tem raizes,
Foramos duas creaturas
Felizes, muito felizes!

Foramos dois passarinhos,
Plumas de neve rufando,
Viverão uos mesmos ninhos,
Nos mesmos ramos pousando!

Mas não! De magnas assones
Se eu tiver de ti no pé,
E' porque sei o que somos,
E sei a vida o que é!

Não te entristeças so ás vezes
Me vires mudo e tristonho;
Eu ando sobre os revezes,
E tu na nuvem de um sonho!
Dezembro de 1885.

ALFREDO DE SOUZA.

SPORT

No ultimo domingo houve no Prado, Villa Izabel uma enchente completa e o programma das corridas teve o melhor dos resultados pois foi muito applaudido pelo publico, não havendo reclamações nem perturbações da boa ordem.

No 1.º pareo, 1450 metros apresentaram-se na raia *Regalia*, *Boyardo* e *Bitter* sendo esta a ordem da chegada e 97o o tempo de corrida. *Boyardo* se perdeu por cabeça e por ter si lo mal corrido. Já vêem que o nosso palpite era de entende lor.

No 2.º pareo se se apresentou *Linda* que levantou metade do premio. E ligam que não ha felicidade! Oh si ha. Quando foi que esse pobre bicho pensou em suspender 2008 e assim pelo certa?

No 3.º pareo ganhou *Druid* em 94 segundos os 145 metros, tendo apenas por competidor *Mactirim*. Foi o nosso palpite.

No 4.º pareo *Talisman* em 130 segundos bateu facilmente *Fanfaron* em 180 metros e o ratei do poule so deu de lucro 2000 rs. O jockey de *Fanfaron* não é mau, é honesto e habil; mas pesa como um abale e só por excepção um parafheiro consegue trazelo ao vencedor.

No 5.º pareo ainda demos no vinte. Em 106 segundos *Druid* bateu em 1000 metros *Bayoco* e *Regalia*. Quando demos esse palpite muitos riam-se e alguns acceitaram. Estes ultimos comeram apenas 978 e tanto por poule. E viva a secção *Sport* d'A Semana!

No 6.º pareo *Saphira* sahino um pouco atrazada, esforçou-se no principio e perdeu as forças para o fim, dando em 1000 metros a victoria ao *Veva* que foi montado por Firmino. O tempo da corrida foi de 67 segundos.

No ultimo pareo *Eucharis*, apesar de 65 kilos e não correnlo *Savana*, ganhou em 104 segundos os 1450 segundos.

A's 5 1/2 da tarde estavam terminadas as corridas.

Vejam os leitores primeiramente na nossa ultima pagina, o excellente programma do *Derby-Club*, e depois de muito estudal-o dignem-se de attendermos.

No 1.º pareo poderá haver duvida de que *Savana* com 55 Kilos e em 1450 metros ganhe facilmente?

No 2.º pareo, apesar dos 64 kilos, ainda o valente *Aymoré* deve brilhar.

No 3.º pareo..... não se riam..... *Druid* torua a ganhar, confirmando lo que é melhor meio sangue que *Bayoco* e que *Regalia*.

No 4.º pareo nada podem fazer nem *The aquella*, nem *Malatromba*. *Comtesse* deve ganhar nada de tolices.

No 5.º pareo..... quevem rit-se outra vez?..... pois riam-se, mas a *Carmen* vai mostrar que custou 10008.

No 6.º pareo, seu lo o tiro 1000 metros *Sylvia II* deve ganhar esbarra la. Como,

porém, correm *Sylvia, Talisman e Boreas*. o melhor é consultarem uma *soumnambula*.

No 7.º pareo inclinamo-nos por *Neva* apesar de que *The witch* pode tornar a esticar-se.

Fazemos votos para que o *Derby-Club* tenha uma festa esplendida sem as scenas desagradaveis da ultima corrida.

L. M. BASTOS.

COFRE DAS GRAÇAS

Um delegado da Instrucção Publica visita' uma escola publica de Macacos. Pergunta qual a grammatica adoptada nella. Respondem-lhe que a de Coruja.

—Perfeitamente; exclamma o delegado: para escola de Macacos só grammatica de Coruja.

Em um exame de francez um dos examinandos, tendo de passar para a lingua de Corneille esta phrase: «Devem-se respeitar todos as pessoas, sobretudo as mulheres», fel-o por esta forma:

«On doit respecter tout le monde, *re-dingote aux femmes.*»

Moralidade do caso:—Esse alumno foi approvedo.

Nos ensaios de musica da *Mulher-Homem* um dos coristas, achando muito difficil um côro que ensaiava, exclamou:

— Irra! é um côro cabelludo!

THEATROS

A *Gazeta de Noticias* deu ante-hontem a seguinte noticia:

«Vão muito adianta los os ensaios preparativos da *Mulher-Homem*, a revista que para o Sant'Anna escreveram Valentin Magalhães e Filinto de Almeida. Dos scenarios, promptos na maior parte, dizem-nos maravilhas, com especialidade do do prologo, que representa certo reino phantastico, e do do ultimo acto—a apothose final, pintados por Carrancini; e do da apothose a V. Hugo, devido ao pincel de Coliva.

Quanto à musica, é quasi toda original, especialmente escripta por Cavalier, Mesquita, D. Francisca Gonzaga, Miguel Cardoso e Henrique de Magalhães.

Um bisbillhoteiro, que conseguiu ouvir os ensaios, recommendou nos o corô de abertura, um bellissimo corô composto por Cavalier no genero dos de Gounod, umas certas côplas de Mesquita, o jongo dos negros sexagenarios, o tango cantado pela *Mulher-Homem* e o cateretê dos hortaliçeiros, compostos por Henrique de Magalhães, que ás vezes despele-se de Apollo para entreter-se com Euterpe.

As vestimentas dos jornaes foram imaginadas e desenhadas por Ville Rose Méryss. Consta-nos que a da *Vanguarda* é originalissima.

Ultima informação:—tudo está sendo preparado a capricho, com grande luxo e primor; cousas estas, a que—aliás—de ha muito o Heller nos acostumou.»

Estamos auctorisados a confirmar inteiramente essas informações, callando, por enquanto, outras de ainda maior sensaçào. Dentro de mui pouco tempo, logo que amanheça o 1886 teremos em scena a *Mulher-Homem*.

Desde já chamamos a attençào do publico e lhe pedimos toda a sua protecçào para o spectaculo que, em bene-

ficio do sympathico e intelligente actor Mauro de Bellido, se ha de realisar no dia 23 do corrente. Mauro está ha seis mezes gravemente enfermo, ferido de fatal paralysis, que o inutilisou completamente para o trabalho.

Emquanto teve saude e forças não conhecemos outro mais trabalhador do que elle.

E' mais do que um favor protegelo na desgraça: é um verdadeiro dever.

O beneficio da talentosa actriz Helena Cavalier terá logar no dia 23 do corrente com a primeira representaçào do grande drama *O domador de feras*.

Prophetisamos-lhe nunca vista enchente.

O Sr. Souza Bastos annuncia para muito breve a estrêa da sua companhia de operetas, no *Principe Imperial*, com a primeira da opera comica em 3 actos, *O cavalheiro Mignon*, musica de Weuzel.

O empresario Monte Ionio, para com quem tem sido o publico tão ingrato, fará representar proxivamente no Polytheama o drama de grande spectaculo: *Guerra da Italia*. Marchas, cavallos, soldadesca, tiros, sangue, scenas violentas e dramaticas, tudo se encontra nesta peça, destina-la a grande successo.

P. THALMA.

PARNAZO ALEGRE

METAMORPHOSES

I

*Um sujeito, num burro, um dia, em tarde amena,
Desia funda grotta, em matta escura, quando
Saltinbaucos venaes cercaram-n'õ, e, sem pena,
Roubaram-lhe a alimaria em que ia viajando.*

*Perdeu-se, e d'Aymorês foi preso por um bando,
Cresceu-lhe a barba e o cisco embastio-lhe a melena;
Acostumou-se à atroz selvageria, e em plena
Floresta virgem foi-se irracionalisando.*

*Hervagens mastigava e, já com ar de idiota,
Mirrava emmaranhado em mivediças mattas;
Emquanto,—oh! do Destino irrisoria chacota!*

*Coberto de europeis e borlas e turbantes,
Valsava o burro em meio a um circo de acrobatas,
Aos truancos sons de guisos tititantes.*

II

*Se o homem fosse posto em frente ao burro um dia,
Se um dia o burro em frente ao homem posto fosse,
Nem o senhor o burro então conheceria
Nem o burro o senhor; tudo nelles mudou-se.*

*Emquanto o asno perdia o habito do couce,
O individuo da falla o habito perdia;
O homem decahio, o ente bruto illustrou-se;
E, enquanto o racional de insectos se nutria,*

*Do troião, posto à mesa, os dentes trituravam,
Em logar de capim, sabornas frituras,
Do jumento, na Côte, as orelhas minguavam;*

*Na selva, da creatura esticava-se o abdomen.
O bruto em meio à gente e o home'entre as verduras:
O homem fez-se bruto, e o bruto... fez homem!*

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

COLLABORAÇÃO

A NOSSA MÃE

(UM ANNO DEPOIS DE SEU FALLECIMENTO)

Nós tínhamos um anjo carinhoso
Que abria as azas e nos dava abrigo
No oceano da existencia tormentoso,
E salvos n'õ levava a porto amigo.

Um anjo tutelar que transformava
Com lagrimas d'amor, com um sorriso,
Com o suave conforto que nos dava
As agruras da vida em paraíso.

E que com suas mãos todas candura
De bençãos mil celestes nos cobria,
E da mais sã virtude a norma pura
Em nossa alma, solícito, inscrevia.

E em cujo seio, sem igual no amor,
Só floria e só fructeava qu'into
Ha no mundo mais bello e encantador,
Mais nobre e caro e bom e augusto e santo!

E essa fonte riquissima do bem,
Essa aurora de luz que não se exp'ine...
Tudo perdemos em perler-te, ó Mãe,
O' prodigio d'amor, ó ser sublime!

J. P.

FACTOS E NOTICIAS

Lê-se no *Timburibá*, de Rezende:

A' feição da *Semana* vai apparecer em Santos um novo periodico em cuja re-lacçào figurará a penna rutilante do erudito philologo Julio Ribeiro.

Agradecendo a lisongeira idéa de nos tomar por modelo, desejamos o breve apparecimento d'esse nosso futuro collega.

FESTAS ESCOLARES

Esteve acima de todo elogio a *matinée* musical da respeitavel e provecita professora, a Exma. Sra. D. Amelia Anais da Silva Costa. Teve logar a *matinée*, em que tomaram a maior parte as alumnas da distincta professora, no collegio Menezes Vieira. O programma que era magnifico foi irreprehensivelmente executado.

Outra festa escolar bellissima foi a do «Collegio Progresso», de que é directora a distinctissima professora D. Eleonor Leslie, uma senhora notavel pelo seu talento educativo como pela sua illustraçào e pela captivante gentileza do seu tracto. Realisou-se a festa no salão do «Imperial Conservatorio de Musica», no dia 11 do corrente com immensa concorrência.

Felicitemos a grande educadora pelos brilhantes resultados que do seu collegio apresentou.

Tem estado enfermo o nosso collega d'O domingo, Sr. Jorge Rodrigues. Desejamos-lhe prompto e completo restabelecimento.

No dia 3 de Janeiro proximo futuro apparecerá em Barbacena o primeiro numero do «Correio de Barbacena».

E' seu relactor o Sr. Frederico Salgado, um estimavel cavalheiro, a quem agradecemos a fineza da visita com que nos distinguio.

Está n'esta corte Soares de Souza Junior, distincto collaborador d'esta folha.

Lembram-se os leitores que nós também, ha pouco tempo, clamámos d'este mesmo logar a favor do pobre Clemente Ferrari a quem ha cinco annos desaparecerá um filho.

Pois, devido aos ingentes esforços do nosso collega Fogliani, eficazmente auxiliado pelo Sr. Bernardino de Rezende, inspector de quartirão em Riachuelo, a criança já foi entregue ao pae.

Parabens ao pae e nosso collega da Italia.

TRATOS Á BOLA

D'esta vez fui muito infeliz. Sabeis qual foi a causa das minhas tristezas?

O haver recebido poucas cartas de tratistas, (tratantes!...) e, o que é peor, nenhuma decifração exacta. Ingrata-lhões!...

Nem a Sra. D. Josephina B. quiz vir d'esta feita consolar-me, na minha clausura, com as suas conceituosas phrases! Que abismo que é o coração humano... Cruzes, tres vezes!!!...

Os decifradores que um pouco mais acertadamente andaram foram os senhores *Odivo e Pépe* (destemi-los campeões!) que só não conseguiram pôr em trocos meudos o *anagramma geographico*.

A' vista de semelhante fiasqueira não tenho remedio senão decifrar eu mesmo a *tratantada* do numero passado.

Eis as decifrações:

Da Actual:—mão;

Da Antiga:—Gallo-crista;

Da Decapitada:—Marcolina;

Da Tiburciãna:—Sobretudo;

Do Anagramma:—Penha, Lageado, Guararema, Jacarehy, Caçapava, Taubaté, Pindamonhangaba, Guaratinguetá, Cachoeira.

Agora façam por decifrar tudo isto que eu, com prodiga e benta mão, vou derramar por esta columna aba xo:

MICROSCOPICA

—Ti—a—

5

Significa parentesco;
Vae por deante: segui-a.

ACTUAL

Sou visto no...—1; sou letra,—2—
não me emporcalho,— sendo azul.—
Tenho 3 letras e 1 syllaba :—aclaro.

BISADA

3— E' coisa que prende:

—vé—

2—Navegue nella você.

ANTIGA

Não sou boa—1—

Sou accento—1—

Sou preposição—1—

Conceito

Nome proprio de mulher.

MYOSOTIS.

LOGOGRAPHO

Corro sempre para o mar, 1, 2, 5, 5, 4.
E utencilio serei—3, 2, 1, 6.
Dizendo que sou jornal,
Faço ponto, acubarei.

O SATANAZ

Ao 1.º e 2.º decifradores os mesmos premios promettidos.
E até sabbado.

FREI ANTONIO.

CONSULTAS

Illm. Sr. Manoel José d'Assumpção Souza (Magé). Eis a resposta á sua consulta de 6 do corrente:

«Se o titulo for accionado no foro contencioso, é o credor habil para requerer preferencia antes da adjudicação. O advogado, S. Nabuco.»

RECEBEMOS

— *Revue Politique et Littéraire*, 2º semestre, n. 21.

— *L'Avenir du Brésil*, a nova e seccia collega franceza publicada no Rio; 1º anno, n. 3.

— *Corymbo*, a interessante revista da poetisa a Sra. D. Revocata de Mello. Anno I n. 66. Traz grande quantidade de versos e bons trechos em prosa.

— *O Gaturamo*, de Sapucaia; ns. 5 e 6. D'esta vez o mimos: passaro traz a rica plumagem pintada de azul e verde. São gostos.

— *O Cadastro da Policia*, fasciculo n. 42.

— *O Cherubim*, periodico dedicado ao bello sexo, n. 14.

— *A Zugui*, jornal litterario; publica-se mensalmente. N. 3. Traz algumas pilherias que não nos parecem más e versalhada a dar com um páu. Longos e dilatados annos.

— *O Domingo*, o excellente semanario de S. João d'El-Rei. N. 13.

— *Analyse do projecto do Açude do Quizandá*, feita pelo ex-primeiro engenheiro hydraulico da commissão, Antonio Joaquim da Costa Couto.

— *Revista de Guimarães*; publicação da Sociedade Maritins Sarmiento. Volume II. N. 1.

— Uma interessante folhinha de desfoliar, graciosamente offertada pelos Srs. Carlos Gonçalves & Guimarães.

— Uma outra bellissima folhinha da casa do Cunha.

— De Moçambique o n. 1 da *Revista Africana*, publicação mensal, de que é director J. P. da Silva Campos Oliveira.

— Do Sr. Lyrio Ferdinando,—um modesto escriptor, que tem já publicado varios livros uteis—*a Lyra das Crianças*; collecção de lindas e pequenas poesias proprias para serem recitadas pelas crianças de ambos os sexos. A poesia intitulada *A vida da innocencia* foi por engano publicada com a assignatura *V. de Magalhães*, em vez de *D. de Magalhães* (Visconde de Araújo). O exemplar que nos foi offerecido é luxuosamente encadernado, todo cheio de luxos e duraduras. *Merci*.

— *A Estação*, de 15 do corrente. Magnifica. E' seu costume.

CORREIO

—Sr. Modesto de Paiva. Para attendermos mais depressa ao seu pedido, mande-nos nova copia dos versos.

—Sr. Lauro de Solis. Engraçados os seus versos. Serão publicados muito brevemente.

—Sr. M. Fleius. Agradecemos e aceitamos o seu offerecimento. Não podemos, porém, publicar *A pitada*, por ser escripta em um tom demasiado livre. Será bom escolher também alguns trechos em prosa, dos que, no seu tempo, mais tenham agradado.

—Sr. Alius.—O senhor em todos os dias de sua vida, nunca foi Alius nem cousa que com isto se assemelhe; o meu bom amigo o mais que pôde ser é um *alho*. Diz que é estrangeiro... Ora não sabia eu outra cousa! Estou bem certo que, se não veio de Mata-cães, veio com certeza da Hottentotia; pois cuido que, somente nesse paiz poderá ser usada a grammatica que o senhor manuseia e a metrificacão e fórma que dá ás suas produções poeticas.

Meu senhor, quem não se acha convenientemente preparado para ir ao Parnaso,—monte, a cujo cimo poucos sobem com galhardia,—quem não pôde lá ir, vae... a outra parte.

Tenha paciencia! mas ainda d'esta vez... não pegam os bichos, quero dizer, as bichas. Olhe: quer um conselho? Don-lho de graça: dê uma vista d'olhos á *Carta de nomes* e depois que souber ler por cima o: *Antão, Anna, audei, amar*, appareca.

ANNUNCIOS

Dr. Henrique de Sá, especialista de syphilis e molestias das crianças. Rua Primeiro de Março, 27 (consultas do meio-dia ás 2 horas) — Residencia: Rua de S. Clemente, 165 A.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Portuguez, francez e Inglez —Professor Rodolpho Porciuncula. Recalcos nesta folha.

O advogado Dr. Valentin Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBARO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pole ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

Collegio Universitario Fluminense

NO FIM DA RUA DO BARAO DE ITAPAJIBE

(Antiga da Bella Vista)

No alto do Engenho Velho, logar onde nunca houve epidemia de especie alguma, funciona em edificio e com dependencias expressamente construidas para o fim a que se destina.

Deseja a visita dos interessados, tanto nacionaes como estrangeiros, da corte ou do interior.

Remettem-se prospectos pelo correio e quem os solicitar á directoria.

O COLLEGIO PUJOL

NA

ESTAÇÃO DOS MENDES

E. F. D. PEDRO II)

reabre-se a 10 de Janeiro de 1885, entrando no 17º anno de sua existencia.

Curso completo de preparatorios e especial de noções de sciencias physicas e naturaes.

Nota — Não admitte alumnos maiores de 15 annos.

Os estatutos encontram-se na livraria Faro & Lino e no escriptorio desta folha.

DERBY-CLUB

PROGRAMMA DA OITAVA CORRIDA, A REALIZAR-SE

DOMINGO, 20 DE DEZEMBRO DE 1885

ÀS 11 1/2 HORAS EM PONTO

GRANDE PREMIO EXCELSIOR

Primeiro pareo — E. de F. D. PEDRO II—Handicap — 1.450 metros—Animas de qualquer paiz de menos de meio sangue—Premios: 300\$ ao primeiro e 60\$ ao segundo

	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	<i>Eucharis</i>	Tordilho.....	5 annos	Paraná.....	65 kilos	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes
2	<i>Savina</i>	Castanho....	4 »	R. Gr. do Sul. 55 »	»	Branco e verde.....	C.
3	<i>Sultão</i>	Libano.....	3 »	Minas Geraes 40 »	»	Grénat e azul.....	M. F. Vaz.
4	<i>Gaúcho</i>	Chita.....	2 »	R. Gr. do Sul. 41 »	»	Grénat e facha preta.....	Firmino Gonçalves.
5	<i>Arenas</i>	Doura lillo... 5 »	»	Rio de Prati. 50 »	»	Branco, encarnado e facha.	J. P.
6	<i>Verbena</i>	Castanho.... 3 »	»	R. de Janeiro. 52 »	»	Ouro e facha.....	Freitas Guimarães.
7	<i>Crichani</i>	Caita.....	6 »	Paraná.....	55 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
8	<i>Conde</i>	Castanho.... 6 »	»	Idem.....	53 »	Vermelho e azul.....	A. M.
9	<i>Bisão</i>	Zaino.....	5 »	Rio de Prata. 41 »	»	Vermelho e amarello.....	Coudelaria Campista.
10	<i>Sirodio</i>	Castanho.... 5 »	»	R. Gr. do Sul. 53 »	»	Ouro e encarnado.....	J.
11	<i>Zaire</i>	Gateiolo.... 4 »	»	Paraná.....	41 »	Rosa e ouro.....	P. S.
12	<i>Didi</i>	Pampa.....	3 »	S. Paulo.....	41 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.

Segundo pareo—SEIS DE MAIO—1.200 metros—Animas do paiz até meio sangue—Premios: 100\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo

1	<i>Boyardo</i>	Alazão.....	4 annos	S. Paulo.....	56 kilos	Branco e estrellas azues...	M. P.
2	<i>Alteza</i>	Libano.....	5 »	Idem.....	55 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
3	<i>Mandarim</i>	Rosillo.....	3 »	Idem.....	51 »	Grénat e azul.....	Cunha Lima.
4	<i>Aymoré</i>	Castanho.... 5 »	»	Idem.....	64 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
5	<i>Doura</i>	Alazão.....	6 »	P. de Janeiro. 56 »	»	Verde e ouro.....	J. L. da Costa.
6	<i>Aurora</i>	Alazão tost... 3 »	»	S. Paulo.....	59 »	Vermelho e preto.....	Coudelaria Ypiranga.
7	<i>Aranha</i>	Alazão.....	4 »	Idem.....	53 »	Vermelho.....	Idem.

Terceiro pareo—PROGRESSO—1.750 metros—Animas do paiz até meio sangue—Premios: 500\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo

1	<i>Druid</i>	Tordilho.....	3 annos	R. de Janeiro. 49 kilos	»	Encarnado e ouro.....	P. M. de Magalhães.
2	<i>Regalia</i>	Vermelho.... 5 »	»	S. Paulo.....	58 »	Encarnado, ouro e facha...	Idem idem.
3	<i>Baioco</i>	Castanho.... 4 »	»	Idem.....	56 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
4	<i>Africa</i>	Preto.....	7 »	Paraná.....	52 »	Encarnado, branco e ouro..	L. V.
5	<i>Guanaco</i>	Alazão tost... 9 »	»	Idem.....	54 »	Vermelho.....	Coud. R. Grandense.

Quarto pareo—COSMOS—1.609 metros—Animas de qualquer paiz—Premios: 800\$ ao primeiro e 200\$ ao segundo

1	<i>Contesse d'Olonne</i>	Alazão.....	4 annos	França.....	52 kilos	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
2	<i>Malstron</i>	Castanho.... 2 »	»	Inglaterra... 45 »	»	Cinzento e grénat.....	P. J.
3	<i>The Witch</i>	Alazão.....	3 »	Idem.....	47 »	Encarnado e branco.....	R. V.

Quinto pareo—GRANDE EXCELSIOR—2000 metros—Potros e potranças nacionaes até 3 annos—Premios: 2.500\$ ao primeiro e 500\$ ao segundo

1	<i>Nicoafy</i>	Zaino.....	3 annos	Paraná.....	49 kilos	Encarnado e ouro.....	M. P.
2	<i>Sybilla</i>	Idem.....	3 »	S. Paulo.....	49 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
3	<i>Dora</i>	Alazão.....	3 »	Idem.....	49 »	Ouro e facha.....	Freitas Guimarães.
4	<i>Carmen</i>	Idem.....	3 »	Idem.....	49 »	Azul e estrellas cor de ouro	E. M.

Sexto pareo—DERBY-CLUB—1.609 metros—Inteiros e eguas do paiz—Premios: 800\$ ao primeiro e 160\$ ao segundo

1	<i>Jaguary</i>	Castanho.... 5 annos	»	S. Paulo.....	51 kilos	Encarnado, branco e ouro..	L. V.
2	<i>Sylvia II</i>	Alazão.....	4 »	Idem.....	52 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
3	<i>Talisman</i>	Alazão.....	6 »	Idem.....	54 »	Idem, idem, idem.....	Coudelaria Cruzeiro.
4	<i>Boreas</i>	Castanho.... 4 »	»	Idem.....	52 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
5	<i>Coralia</i>	Castanho.... 4 »	»	Idem.....	50 »	Vermelho.....	D. P.

Setimo pareo—LEMGRUBER—1.000 metros—Potros e potranças estrangeiros até 3 annos—quê não tenham ganho no Derby—Premios: 500\$ ao primeiro e 120\$ ao segundo

1	<i>Fanfarron</i>	Alazão.....	3 annos	França.....	51 kilos	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
2	<i>Gaudriole</i>	Castanho.... 2 »	»	Idem.....	46 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
3	<i>Charybdes</i>	Idem.....	2 »	Inglaterra... 46 »	»	Idem.....	Idem.
4	<i>The Witch</i>	Alazão.....	3 »	Idem.....	50 »	Encarnado e branco.....	R. V.
5	<i>Nera</i>	Castanho.... 2 »	»	França.....	47 »	Verde e amarello.....	Coud. Independencia

NCTA --Pede-se aos Srs. proprietarios de animas inscriptos no primeiro pareo o obsequio de os apresentarem no ensilhamento ás 11 horas da manhan, em ponto.—A. CESAR LOPES 2º secretario.

A SEMANA

CORTE

Trimestre..... 28000
Semestre..... 48000
Anno..... 88000

PROVINCIAS

Semestre..... 48000
Anno..... 88000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

SUMMARIO

Expediente.....	
O nosso p. primeiro anno...	
Historia dos sete dias — O Natal.....	H. DE MAGALHÃES.
A Fada Boa.....	JULIA LOPES.
Os Bébés.....	S. SOUZA JUNIOR.
Aqui, ali, acolá.....	ALFINETE.
O dia de Nata.....	ADELINA VIEIRA.
« O Domingo ».....	
As crianças.....	A. MENDES.
Contos a premio.....	
Objecto de amor.....	V. MAGALHÃES.
Novo hem; soneto.....	F. D'ALMEIDA.
Conveio litterario.....	L. DE MENDONÇA.
Bolos.....	C. FERULA.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Theatros.....	P. TALMA.
Factos e noticias.....	
Consultas.....	
Tratos á bola.....	FR. ANTONIO.
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

Aos Srs. assignantes em atrazo que até o fim d'este mez não satisfizerem a importancia de suas assignaturas será irremissivelmente suspensa a remessa da folha.

Os senhores que tomarem uma assignatura d'*A Semana* por todo o proximo anno de 1886 terão direito a um dos seguintes premios, á sua escolha:

VINTE CONTOS, por VALENTIM MAGALHÃES.—Este livro, que se está imprimindo nas officinas d'*A Semana*, foi expressamente feito para ser distribuido como premio aos assignantes d'esta folha. Conterá mais de duzentas paginas em superior papel, com uma capa de fantasia.

NÃO SERÁ POSTO Á VENDA.

Assim, os que tomarem uma assignatura d'*A Semana* por um anno, e somente esses, terão direito a um exemplar d'essa obra, que, a ser vendida não o seria por menos de 38000, o volume.

AURORAS, versos, por Alfredo de Souza; encadernação de luxo.

A CAVEIRA DA MARTYR, celebre romance de Camillo Castello Branco, em 3 volumes.

MARGARITAS, poesias da distincta poetisa D. Adalina Amelia Lopes Vieira; um bello volume.

Aos senhores assignantes de seis mezes daremos como premio UMA MU-

sica, inédita, especial e expressamente composta para esse fim; QUATRO POEMAS, por Luiz Murat, um exemplar das AURORAS, brochado, on TYPUS EM PROSA E VERSO, de A. Lopes Cardoso.

V. B.— Os senhores que assignaram *A Semana* por um anno, e terminar em Dezembro de 1885, receberão, segundo promettemos, um exemplar dos VINTE CONTOS.

O Sr. Leonel Guerra é a unica pessoa por nós encarregada de agenciar assignaturas nas provincias—

Tem todos os poderes para representar esta folha.

A SEMANA

Rio, 26 de Dezembro de 1885.

Havendo sido os sete dias transactos pobrissimos de factos apreciaveis, constituindo uma das semanas mais chôchas, mais desesperadoramente magras de que temos lembrança, havendo sido o Natal o seu unico acontecimento, a *Historia dos sete dias* occupa-se hoje com o Natal, e em verso.

O nosso numero de hoje é dedicado ás crianças.

Possam os versos joviaes e as rimas sônoras dos nossos poetas concorrer tambem para augmentar o brilho das festas e folgedos infantis, que alegam todas as casas da nossa capital.

Por falta de espaço não damos hoje algumas das secções fixas da folha. Que nos desculpem esta falta as pessoas interessadas na publicação das referidas secções.

O NOSSO PRIMEIRO ANNO

Com o presente numero encerra *A Semana* o seu primeiro anno de existencia.

Cincoenta e duas vezes temos vindo a publico com regularidade chronometrica e pontualidade archi-britannica.

Ha um anno que todos os sabbados, todos, *A Semana* toma lugar no bonde da Imprensa (*) e faz com os collegas a

(*) Vide l.º n.º d'*A Semana*.

viagem da publicidade, distribuindo pelo caminho risos e conselhos, flores e bálos, pilherias e commentarios.

Nunca uma folha hebdomadaria, de caracter litterario, alcançou entre nos a vida relativamente longa d'*A Semana*, — porque as que temos tido vivem apenas o tempo sufficiente... para morrer — nem tampouco a sua voga e popularidade.

Quer isto dizer que ella tem tido em seu favor elementos de vitalidade e manutengão excepcionaes e poderosos.

O primeiro d'esses elementos tem sido a dedicacão do seu sen director e de todos os seus companheiros; temos trabalhado com alma e sem descanso, arrostando sacrificios e contrariedades, acirrando-nos no empenho de dotar a capital do imperio com um periodico litterario realmente digno d'este qualificativo.

Fundada com pequeno capital, não sendo rico o seu proprietario, *A Semana*, para manter-se, somente podia contar com o favor publico. O facto de se haver sustentado durante um anno, estando ao fim d'este em prosperas conlicções, garantidoras de longa existencia, demonstra que *A Semana* veio preencher um claro no jornalismo do paiz e teve a suprema ventura de ser oportuna.

Seria vergonhoso que o Brazil não pudesse sustentar uma revista hebdomadaria, especialmente dedicada ás letras.

Por diminuto que fosse o numero de pessoas capazes de comprehender a utilidade e de apreciar o valor de uma tal publicação, e de gosto sufficiente educado para se deleitar com a sua leitura, ainda assim, essa pequena parcella da população do paiz deveria bastar, senão para a fortuna, ao menos, para a subsistencia da folha.

Foi esse raciocinio que nos levou a fundar *A Semana*; que não era falso, o resultado da empreza o prova.

Apenas num ponto — mas importantissimo — nos enganámos. Foi este: acreditavamos que — como parecia natural — a Corte receberiamos o maior auxilio, que principalmente nellá encontraríamos a mais abundante fonte de renda.

Pois illudimo-nos desastradamente. Dos assignantes d'*A Semana* apenas um terço, ou menos, pertence á capital do imperio. Se para vivermos precisassemos d'ella estariamos arranjados!

— Mas, pensará o leitor, se a Corte não assigna *A Semana* é porque a compra.

Outro engano: tambem a não compra. A nossa venda avulsa é diminuta; conservamola apenas como elemento de annuncio. E' provavel que esta heroica cidade, ouvindo todos os sabbados apregoar *A Semana*, venha enfim, não dizermos ao cabo de um anno; seria exigir muito! — mas ao cabo de cinco ou seis, — a saber que *A Semana*... existe!

Pobre cidade! Tem apenas cerca de

400.000 habitantes e sustenta (sustenta é um modo de dizer) nada menos de cinco (!) folhas diárias,—não contando as recém-nascidas, porque estas ainda podem vir a morrer do mal de sete dias,—e duas ou tres folhas semanais!

E' demasiada carga!

Demais, como ha de a Corte ter 28000 para tomar uma assignatura trimestral do nosso periodico, se a insaciavel, a feroz, a devastadora Jogatina a suga, a exhaure, a devora com suas mil boccas, qual a mais faminta?

E' preciso uma fortuna para, além de alimentar dezenas de loterias constantes, quotidianas, *kermesses*, rifas particulares. e os cem mil diversos jogos de azar que fervilham nesta cidade, alimentar tambem uma folha hebdomadaria, que tem o desaforo inaudito de de não ser—nem commercial, nem pornographica.

Dou pois razão á capital; como, porém, cada dia augmentam as assignaturas das provincias, temos a honra de agradecer em nome d'A *Semana* á capital a efficaz, a immensa, a preciosa protecção... que lhe não tem dispensado.

Não passaremos, contudo, adiante, sem fazer notar outra circumstancia curiosa. E' esta:—Das classes letradas, quer dizer dos homens diplomados, ou por suas profissões mais de perto interessadas nas letras, d'esses é que A *Semana* menos auxilio e menos adhesões tem tido.

Dos advogados, medicos, engenheiros, pharmaceuticos, professores e litteratos, aos quaes enviámos, no começo, a nossa folha, a maior parte—dois terços, talvez,—devolveu-nol-a, negou-se a assignal-a! Outra parte acceitou-a, mas recusou pagar!

Suas Senhorias dão-me permissão para não commentar o seu acto, não é assim?

Mesmo porque patifarias de tal ordem não se commentam: registram-se; como diz uma veneranda *chapa*.

O successo d'A *Semana* é tambem devido em grande parte á protecção decidida e valiosa de muitos cavalheiros, cujos nomes vamos declinar, como singela prova do nosso profundo reconhecimento.

São elles — os «benemerritos d'A *Semana*.»

Varios são os seus titulos de benemerencia. Firmam-se uns no auxilio pecuniario com que concorreram para a fundação d'esta folha, cujo modesto capital foi constituido por acções; outros —na propaganda benéfica que d'ella fizeram, angariando grande numero de assignantes; ainda outros na collaboração desinteressada e assidua com que têm abrilhantado as nossas paginas. Alguns ha que reúnem todos esses titulos de benemerencia.

Nessa classe figuram os Exmos. Srs.:

Dr. Affonso Celso Junior.

Dr. Henrique de Sá.

Dr. Lucio de Mendonça.

Os outros cavalheiros aos quaes A *Semana* deseja tributar publicamente a sua gratidão e a sua estima pelo muito que, por varias razões, lhes deve, são os seguintes senhores:

Francisco Ferreira Monteiro.

J. M. de Oliveira Junior.

J. F. Pereira de Mendonça.

Alfredo A. Vieira.

Alfredo Pujol.

Conselheiro Rodolpho Dantas.

Barão de Macahúbas.

Carlos A. Cezar Pluisant.

Dr. Joaquim Abilio Borges

Exma. Sra. D. Maria A. de Borha Pacca.

Dr. Joaquim A. Pinto Pacca.

Dr. Gonzaga Filho.

Antonio F. Furtado de Mendonça, filho.

Gaspar da Silva.

Antonio F. Lobo, junior.

Boaventura de Sá.

João P. de Oliveira Dias.

Dr. Guimarães Natal.

Capitão J. L. Cezar de Oliveira, junior.

Detemo-nos. Teriamos de encher muitas columnas se quizessemos registrar nellas os nomes de *todas* as pessoas ás quaes nos ligam o reconhecimento e a sympathia. Tão numerosos e tão importantes têm sido os favores e as sympathias com que foi acolhida e festejada A *Semana*. Creiam aquelles cujos nomes calamos que a nossa gratidão os sabe de cor, e nunca os ha de esquecer.

A's collaboradoras e collaboradores d'esta folha,—a todos, sem especialisar nenhum,—agradecemos os radiosos trabalhos com que os seus talentos a illuminaram.

Continuamos, pois, em nossa marcha, como até aqui:—sem medo e sem mácula; afoitamo-nos a dizelo.

Anima-nos o favor e a consideração publica, e sobram-nos forças para levar por deante a nossa empresa.

Pretendemos melhorar tanto quanto nos seja possivel A *Semana*, procurando tornal-a sempre mais interessante, mais util e mais agradável.

Dispensamo-nos de fazer grandes promessas. Não mais precisamos d'esse engodo para attrahir assignantes; além de que já temos dado provas sobejas do esmero, da solicitude e mesmo dos sacrificios com que fazemos a nossa folha.

Apenas diremos que das grandes novidades que estamos preparando será uma das primeiras um conto de *Lulú Senior*, o mais popular e mais engraçado dos redactores das *Balas de estalo*, da *Gazeta de Noticias*; conto especialmente escripto para nós e que será publicado com illustrações de Belmiro de Almeida.

Quanto ao mais... ha de soar, a seu tempo.

Concluindo, tem A *Semana* a honra de desejar a todas as pessoas de bom gosto que a assignam—BOAS SAHIDAS E MELHORES ENTRADAS.

HISTORIA DOS SETE DIAS

O NATAL

O vosso dia risonho
Eis que surge, mocidade,
Vós que só tendes o sonho,
Vós que não tendes maldade.

Lindas crianças amadas,
Irmãs das garrulas aves,
O sol inunda as estradas
De resplendores suaves!

Os rosas vos dão perfumes,
O Olympo vos dá fulgores;
Vinde em trefegos cardumes:
Quero enramar-vos de flores.

Ide aos jardins aromantes,
E ao descante das cigarras,
Colhei pendões tremulantes
De campanulas bisarras.

Oh! que alegrias serenas!...
Voae celeres aos campos
Sobre o dorso das phalenas,
Nas azas dos pyrillamos!

O' vós, que sois vivas rosas,
Festões de rosas, meninos,
Ponde nas fronte mimosas;
Cantae da candura os hymnos!

Ouvi os doces trinados
Da passarada canora,
O' corpos abençoados
Feitos do brilho da Aurora!

Coróllas,—olentes cofres,—
Trazei, *babies*, p'ra colhor-las
Do orvalho os brancos aljofres,
Da relva nos mantos verdes.

Voam no ar, entre afagos,
Milhões de aves pipilantes...
O céu entorna nos lagos
Phosphorescencias brilhantes!...

O sol, com scctas de prata,
Da noite retalha os crepes...
Em todo o mundo ha reinata!
Ha risos pelos presepes!

O Azul é todo bonanças,
A Terra é toda boninas;
Folgae risonhas crianças,
Brincae, ó louras meninas!

Nos prados ha filigranas,
Saneñas e leutejoulas:
Viude enfeitar-vos, ufanas;
Saltai por entre as papoulas!

O dia é de riso:—ride!
Salte ao ar Polichinello!...
Que ainda não vos aggride
A Dor! P'ra vos tudo é bello!

Quantos ornatos descubro
No mundo:—está todo em gala!
Da Alvorada o brilho rubro
Tinge as nuvens cor de opala.

Crianças, trepae ás frondes...
Saltae! subi aos outeiros,
Que andam por lá,—nem suppondes!
Os colibris forasteiros.

Dos vossos lindos brinquedos,
Que pendem da *arvore*, aos centos,
Reparti, meninos ledos,
Com os poquenos macilentos.

Que, enquanto folgae contentes,
Ha nas mansardas escuras
Crianças, que gemem doentes,
Curtindo mil amarguras!

O' descendentes de nobres,
Meninos neditos e guapos,
Beijae os outros, os pobres,
Embora envoltos em trapos!

Nem carinhos, nem regalos
Elles têm, os infelizes!
As suas mãos já têm callos,
Seus corpos têm cicatrizes!

Não têm roupagens de preço,
Não descendem de fidalgos;
Têm a brancura do gesso!
Têm a magreza dos galgos!

Vós tendes cama doirada,
Possuis brilhante nome...
E os tristes nem uma pada
De pão que lhes mate a fome!

Eia! á festa, satisfeitos!
Mas c'os pobres pequerruchos
De amenoas e de confeitos
Reparti vossos cartuchos.

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

A FADA BOA

Laurinha portou-se admiravelmente bem durante o anno inteiro, porisso a avósinha lhe dizia:

—Deixa estar que a Fada Boa não se ha de esquecer de ti pelo Natal.

Com essa esperança redobrava a pequenita de meiguice e docilidade.

A Fada Boa! que risonhas promessas ella faz ás crianças! Se ao bater da sua varinha de condão surgem bonecas bonitas e doces tão gostosos! A Fada Boa! que deliciosa creatura, como compensa os bons e pune os máos!...

Quando Laurinha, hoje de manhã, abriu os olhos vio ainda atravez das pestanas alguém recostado nas cambraias do seu travessero, uma encantadora bébé toda atufada em rendas! e ella despertou alegre... como o que de mais alegre houver no mundo.

A avósinha, solícita, estava a espreital-a, rio-se da alegria da neta e conton-lhe assim a visita da Fada:

—Hontem á noite estava tudo muito socegado em casa; nem o cãozinho, nem o gato, nem mesmo um ratinho se mexia! Tu durmias quietinha, bem aninhada no colxão-sinho fofo, sonhando naturalmente com pastilhas de chocolate, cerejas crystalisadas, *marrons glacés*; com umas dançarinas graciosas, de saiotos de renda, sapatinhos de setim, e com uns *pierrôts* cheios de guisados dourados e sonóros... Eu tinha feito as minhas orações, amarrado o lenço na cabeça e já ia apagar a vèla para dormir, quando ouvi bulha perto de casa. Voei para a janella, corri o fecho, escancarei as folhas e levantei a vidraça. A lua espalhava uma claridade diaphana, mas forte como a claridade do sol coada por um globo azul; voavam pelo ar nmas aves multicores e tão pequeninas que a mão de uma criança poderia escondel-as; nas pedras da calçada, que luziam como vidro, vinha um carrinho d'ouro puxado por oito veadinhas brancas, atreladas com fitas e flores e guiadas por um postilhão velhinho e alegre. Os animaes corriam velozes, o conductor assobiava-lhes, excitava-os com o seu chicotinho de cabo de esmeraldas. Como sòbem para o ceu as folhas seccas, impellidas pelo vento n'um redemoinho rajado, assim subio para o telhado o carrinho d'ouro.

Desceu então do tecto uma escada de lumes e pela escada a Fada Boa, vestida de azul e rendas. Atraz d'ella vinha o postilhão com longas barbas brancas de assucar-candi; os olhos eram duas amóras, e o nariz um morango.

Vinha a rir de alegria e todo a tremer como um podim de geleia. Era pançudosinho, fallador, trazia casaca de velludo verde, as pernas finas calçadas de meias de seda e fivellas nos sapatos, flor na *boutonière*, e um cofre de prata na mão...

Então a Fada tirou esta boneca do cofre e disse que se tu fores sempre boa, Laurinha, terás noutro Natal uma visita maior.

Subiram outra vez pela escada, o tecto abriu-se e fechou-se e tu durmias... durmias! Fui á janella; o carrinho voava arrebatado pelas veadinhas brancas; sobre as casas das crianças boas a Fada espalhava uma chuva de rosas, dizendo, até que a perdi de vista: —Boas festas!.. Boas festas!

Laurinha fez voto de bondade, vestio-se á pressa e foi contar, radiante de felicidade, o occorrido á mamãe...

JULIA LOPES

OS «BÉBÉS»

Os trefegos *bébés*,
As loiras criancinhas,
Gosto de ver nos pequeninos pés,
Cahindo e levantando tubiantes,
Mal ensaiando uns passos vacillantes,
Como um vôo as implumes andorinhas,
Os trefegos *bébés*,
As loiras criancinhas.

Aquella hesitação,
Aquella gentileza,
O candido sorriso e o gesto então,
Quando de mim se acercam, se as ajudo
A firmarem-se: tudo nellas, tudo,
Tem tal meiguice, e graça, e tal pureza,
Naquella hesitação,
Naquella gentileza,

Que me ponha a scismar
Se Deus não se enganara
Quando no mundo as veio e illocar,
Fasendo-as pequeninas para a terra
Que mais pe meua fez, que a não encerra,
Como não guarda o vidro a essencia rara...
E me ponho a scismar
Se Deus não se enganara!

Mes no quem sabe, emfim,
Se outro destino ti tham?
Se ás pequeninas — grandes fiz assim,
Porque as queria Deus nos sóes brilhantes,
E dos *bébés* os passos vacillantes
Sò por engano á terra os encaminham?
Mesmo quem sabe emfim
Se outro destino ti tham?

Que os trefegos *bébés*;
As loiras criancinhas,
Quando tentam firmar os breves pés,
Dão-me idé de aladas primaveras
Que a lejam para as celiças espheras,
Como no inverno um bando de andorinhas...
Os trefegos *bébés*,
As loiras criancinhas!

SOARES DE SOUZA JUNIOR

AQUI, ALI, ACOLA!

O *Café Procope*, que teve outr'ora tanta reputação acaba de desaparecer, ferido pela fallencia.

E' d'esse modo que aos poucos vai desaparecendo a *velha Paris*. Um dos antigos *cafés* ainda hoje de pé é o da *Regence*, celebre pelas partidas de xadrez, que ali se realisavam no seculo passado.

Era, com effeito, ali que se encontravam os jogadores de xadrez e os *bellos espiritos*... Por ali passaram successivamente, em épocas differentes, d'Alembert, Diderot, Marmontel, Chamfort, Robespierre, Bonaparte, Dumont-d'Urville, Labournaye, Mery, Musset, etc...

O *café de la Regence* lembra um facto commovente:

Robespierre ia ali de vez em quando fazer a sua partida de xadrez, jogo este de que era um grande amator.

Uma noite em que elle estava só á sua mesa do costume e esperando parceiro, foi sorprendido ao ver um moço imberbe, tímido, sentar-se-lhe defronte e offerecer-se para parceiro.

Robespierre accetou, e, cousa que nunca lhe acontecera, perdeu tres partidas seguidamente.

O tribuno, de bom humor nessa noite, não se mostrou contrariado.

—Perdi, disse elle; mas qual era o ganho?

Não fizemos condições.
— Accetou a aposta que eu tentava fazer? perguntalhe o moço.
— De bom grado; respondeu Robespierre, que contava com algum pedido de dinheiro.

Então o moço tirou do bolso um papel e estendeu-lhe, tremendo.

Era uma folha de soltura para um prisioneiro da *Conciergerie* sob o nome de conde de... faltando só a assignatura para que a folha tivesse valor.

Robespierre franziu o sobrolho, hesitou um momento e depois assignou.

— Mas quem és tu? perguntou Robespierre, entregando-lhe o abençoado papel.

— Cidadão, respondeu o desconhecido com emoção, eu sou a noiva do conde.

ALFINETE.

O DIA DE NATAL

Nascera nesse dia glorioso a gentil heroína d'este conto, ha seis annos apenas. Onde estava? não se lhe ouvia o passo gracioso nem o rir argentino, sempre prompto a fugir-lhe dos labios; nem cantava. S'tava entretido o lindo cherubim num pavilhão ao fundo do jardim.

Vivia nelle a boa Josephina, santa velha que outr'ora acalentara a mãe da linda Estella. Quando a morte renhou Clotilde, a velha a pequenina ergueu do berço, e disse com voz clara, illuminada de um febril transporte: —Pomba! abre as azas brancas para a luz! Tua filha tem mãe. Vida, Jesus!

Desde então não parou: noites perdidas, fantasticas historias, mil folguedos, vestidinhos catitas, lindos nadas, bonecas logo vistas e esquecidas, beijos, caricias, mysticos segredos, conselhos, risos, cantos, crianças—enchiam-lhe a existencia de fulgor; mas... um dia—cegon! Que horrivel dôr!

O pae de Estella andava viajando desde que se apagará a nivea estrella que tanto, tanto amara; emfim, saudoso, voltou inesperado, e, recendo que o não amasse ainda a sua Estella, a elle, que chegava sequioso dos beijos d'essa flor angelical, quiz festejar a noite de Natal.

No meio do salão, muito em segredo, tinham armado uma arvore gigante. Era verde e frondosa, em baixo d'ella poderiam caber, seguramente, umas vinte crianças. Num instante ficou cheia de mimos. Quando Estella a visse, que faria? Deus do céu! Talvez chorasse e risse, que sei eu?

Josephina chorava muitas vezes por não poder mais ver o lindo anjinho que era toda a sua alma! O seu encanto dizia-lhe com fé: —Quero que rezes ao Pae do Céu pedindo um bocallinho de luz para os teus olhos; mas sem pranto! E' dia de meus annos, sabes bem, senão, Fífina, eu chorarei tambem.

A' noite foi chamada. Na saleta encontrou o papá, que a foi levando para o gran desalão; subitamente abriu-se a porta e, como a borboleta vendo a luz enlouquece, e cega, arfando, atira-se na luz, Estella, em frente a tanto brilho, a maravilhas taes correu, chorou e riu, até não mais.

As suas amiguinhas escondidas,
um bando de avesitas curiosas,
entraram a cantar alegremente;
começaram as danças, as corridas,
as gargalhadas claras e ruidosas;
era um conjuncto harmonico, eloquente!
Estella ria, ria... era feliz,
mas... de repente, pára, chora e diz:

Fifina, cmquanto eu rio, ella padeco!
O pae do céu tirou-lhe a luz e o riso!
Não verá mais o campo e as flores bellas!
Não, não quero brincar... até parece
que sou ingrata e má. O paraíso
é o amor que me tem. Não quero cstrellas
que brilhem mais que as lagrymas de dor
que chora, quando a beijo.

Santo amor!

ADELINA A. LOPES VIEIRA!

«O DOMINGO»

O n.º 14 d'este bello semanario, que se publica em S. João d'El-Rey, sob a redacção dos jovens e talentosos escriptores Jorge Rodrigues e José Braga, trouxe-nos a mais delicada e mais grata surpresa!

Havendo sido solicitados Valentim Magalhães e Filinto d'Almeida para colaborar n'O Domingo, corresponderam à amavel solicitação, enviando-lhe o que lhes foi possível no momento fazer.

Não poliam os nossos collegas deixar de corresponder por aquella forma ao honroso convite. Fazendo-o, cumpriram simplesmente — um dever.

Não o entendeu assim a illustrada e sympathica redacção d'O Domingo, que recebeu a visita dos nossos collegas com a gentileza e a generosidade com que o fallecido «rei-artista» recebia no seu feérico castello da Pena as pessoas que o visitavam.

Transcrevemos em seguida o que sobre os nossos referidos collegas escreveu O Domingo; e fazemo-lo unicamente para provar-lhe o quanto nos penhoraram os seus immerecidos favores.

Pedimos venia ao nosso distincto collega para transcrever de suas columnas o conto e o soneto dos nossos companheiros de redacção.

Ao Domingo a nossa profunda gratidão e sincera estima.

VALENTIM MAGALHÃES

Nenhum dos moços que nestes ultimos tempos cultivam a litteratura no Brazil conseguiu tão rapidamente alcançar tantos triumphos e salientar-se tão brillantemente na republica das nossas letras, como o illustre escriptor que hoje dignamente dirige A Semana.

Como estudante, em S. Paulo, já o applaudido poeta dos Cantos e Luctas, de parceria com Raymundo Corrêa, Alfonso Celso Junior, Augusto de Lima, Lucio de Mendonça e outras intelligencias superiores,—elevava a imprensa academica com a força vigorosa de seus bellissimos artigos, com a harmonia de seus versos primorosos; illustrava a tribuna com a fluencia de sua palavra entusiasta e erguida sempre em favor d'esses levantados principios, d'essas aspirações nobres, que a mocidade generosa de continuo defende ao clarão das vivas crentes, ainda não maculadas

ao contacto de ambições vulgares;— dava, enfim, aos seus collegas provas de uma dedicação ao trabalho, de um amor ás letras,—que deviam servir de exemplo ás gerações novas, que na Academia se succellessem.

Depois de formado, e, o que é mais, depois de casado, não descançou um momento Valentim Magalhães no labutar incessante a que entregava o seu talento, produzindo sempre muitas poesias bem acabadas, contos, phantazias, critica litteraria e até artigos sobre... politica!

Continuou a dar provas reiteradas de sua opulenta imaginação e da sua invencivel tendencia para as lutas porfiadas do jornalismo.

Mais tar le entrou para a redacção da Gazeta de Noticias. Ali obteve o seu maior successo como jornalista — as Notas á margem

Manejando com certa habilidade a critica satyrica, apreciando os factos au jour le jour com muita promptidão e muito espirito, activo, illustrado, audaz, fez com que a Gazeta obtivesse mais 50 por cento das sympathias de que gozava então, por causa das suas — notas.

Como todos os escriptores, ou antes: como todos os batalhadores, teve dias... que não devem figurar entre as gratas recordações do jovem escriptor.

Mais de uma vez as Notas á margem resvalaram para o terreno perigoso das questões individuaes; mais de uma vez ellas se esqueceram do largo caminho luminoso por onde seguiam a colher laureis, para enveredarem,—em horas de máu humor ou de mal contidos resentimentos—por veredas tortuosas de recriminações ferinas e de acres admoestação nascidas de uns desaccordos, muitas vezes manifestados mais pelo desejo de discutir que pela vontade de offender justos melindres, ou de negar incontestaveis meritos.

Como escuras nuvensitas esfumando-se em azulado céu, amplamente radiante, essas notas passaram e foram-se... como aves agoureiras, foragidas de estranhos lares, procurando bem longe novos climas, de onde não voltarão jamais...

E V. Magalhães voltou ao seu caminho de outrora, aos hymnos triumphaes dos seus vinte annos, e continuou a receber os applausos e os louvores destinados aos que se distinguem na arena galhardamente.

Deixando a Gazeta de Noticias, facto este que causou dolorosa impressão entre os seus muitos admiradores, consagrou-se mais á Semana, que fundara pouco antes, e com tal criterio e aptidão tem orientado a sua folha, que ella hoje goza de uma grande acceitação merecida, como o primeiro jornal litterario, que é, do paiz.

Laborioso como poucos, interessando-se sinceramente pelo progresso das letras patrias, Valentim Magalhães presta-lhe, com sua penna valente e incançavel, o mais animador auxilio.

Publicou tres obras: (*) um magnifico livro de versos—Cantos e Luctas; um delicado poemeto—Colombo e Neué; uma parodia em verso á Morte de D. Juan—A Vida de seu Juca, (**) e tem no prelo um livro com Vinte Contos, que é só destinado aos ditos assignantes d'A Semana.

Da nova geração de escriptores talvez seja o que mais tenha trabalhado no jornalismo, e sempre com distincção. Moço ainda como é, se proseguir, como é licito esperar, nesse nobre esforço de não deixar succumbir de todo a littera-

o amabilissimo escriptor e que ceuse de mencionar os Cua tros e contos.

(**) Esta obra foi escripta em e laborada com Henri ne d' Magalhães.

N. DA R.

tura brasileira, elle e os poucos que o acompanham no labor continuado hão de concorrer muito para eleva-la.

Não nos propuzemos a escrever um esboço biographico do laureado escriptor, porque tanto não comportavam os limites do espaço de que dispomos hoje.

O que ali vac dito é apenas um preito ao talento provalo do illustre collega d'A Semana e uma expressio do nosso —reconhecimento.

Este reconhecimento é inspirado pela amabilidade com que V. Magalhães nos proporcionou occasião de causar aos nossos leitores uma agradável surpresa.

Adcante publicamos um mimoso conto do conhecido litterato, escripto especialmente para honrar as modestas columnas d'O Domingo.

Estamos convencidos de que os leitores hão de apreciar devidamente o delicioso mimo, que, justamente desvanecidos, lhes offerecemos hoje.

SONETO

Filinto d'Almeida, o poeta inspiradissimo e de fina tempera, que conhece todos os divinos mysterios, todas as mysteriosas harmonias do metro, o espiituoso prosador, o companheiro de Valentim Magalhães n'A Semana, Filinto d'Almeida com todo o seu cavalheirismo, com toda a sua gentileza, dignou-se de enviar-nos uma eucantadora melodia de sua lyra invejavel, um lampejo de sua inspiração delicada e insinuante, para scintillar nas paginas d'O Domingo, como radiação feliz de uma boa nova, que ha de por força causar aos nossos leitores grata sensação de alegria extrema.

Não temos necessidade de chamar todas as attentções para o soneto Novo Bem.

O nome que o subscrive e por si só — uma attracção.

(D' O Domingo)

AS CRIANÇAS

As crianças são como as alvoradas:
Roseas e lindas; logo muito cedo,
De manhã, nos bercinhos levantadas,
Do scego do lar sentindo me'o,

Chamam a grande luz: — a má: quer'ia.
E pouco a pouco refulgentes, ellas,
D'essa sub'lime luz que lhes dá vida,
Brilham alegres pela casa e belas.

ARTHUR MENDES.

CONTOS A PREMIO

(Vide n.º 17 d'A Semana.)

Além dos annunciados, recebemos mais o do Sr. Victor Zero.

OBJECTO DE AMOR

Quando Eduardo sahio da casa do corrector era tarde, muito tarde, quasi meia noite.

Apenas chegado á rua, enterrou com um gesto desesperado o chapéu na cabeça, e, sem ao menos voltar-se para cortejar o bom velhote que lhe allumiava do alto, com o castiçal erguido, a escalaria longa e estreita, entrou a caminhar apressadamente, como levado por uma grande afflicção.

Choviscava forte; mas elle parecia não percebê-lo, pois tinha o guarda-chuva fechado na mão esquerda, enquanto com a direita erguia a bocca e retirava o charuto, que ardia rapidamente.

Ao passar por um café aberto, fartamente illuminado, deteve-se um instante, como interdito, olhando para dentro; mas depois entrou, sentou-se à mesa, pediu cognac, esgotou o calice, de um trago, pagou, agarron nervosamente no primeiro jornal que viu, percorren-lhe algumas linhas com os olhos inquietos e rubros como duas brazas, atirou o jornal com um sobresalto e sahio com arremesso, levando estampada no rosto uma afflicção indizível.

Seu espirito devia estar se debaten-lo em tremenda luta angustiosa.

Vagou assim pelas ruas muito tempo.

Por fim (soava nos sinos uma hora da madrugada) encontrou-se em frente da porta de sua casa.

Esteve alguns instantes parado, consultou automaticamente o relógio à luz de um phosphoro,—esquecido de que naquella mesma instante havia batido uma hora—fez um gesto para abrir a porta e logo outro para partir de novo; sentou-se depois na soleira, com o rosto fechado nas mãos, o guarda-chuva ao lado.

Um rondante,—ao passar-lhe por defronte—deteve-se, vendo-o; bateu-lhe no hombro:

— Que faz aqui, camarada? mas, reconhecendo-o, exclamou com voz mesclada de espanto e respeito:

— Perião, seu doutor...

Eduardo, com o rosto afogueado de vergonha, ergueu-se, como impellido por uma mola, balbucian-lo:

— Uma indisposição subita... Mas não é nada. Obrigalo.

Metteu a chave, abriu a porta, fechou-a por dentro e subio lesto as escadas.

II

No vasto quarto luxuoso velava uma lamparina mortua.

Sobre o largo leito de *ricur chène* lavado, Lucia dormia em delicioso desalinho. A alvura do bello collo e dos braços esculpturaes, emersos das orelhas de renda, tinha reflexos lacteos. A cabeça, derreca sobre um travesseiro, pedia, em sua deslumbrante formosura dormente, um beijo de artista, um d'esses beijos de que nascem as obras primas da litteratura e da arte.

O seio arfava mollemente, a bocca sorria como uma rosa entreabrindo-se à noite aos beijos do orvalho... o corpo, abanlonado ao somno, tinha tentações mais lascivas que o *Cantico dos Canticos*...

Eduardo ao ver a mulher fez um gesto de tédio. Aproximou-se, sentou-se numa cadeira em frente do leito e poz-se a contemplar muda e longamente a esposa, mas de modo que não parecia vê-la, pensando em cousas graves e remotas.

Subito, como n'um sonho de sonambuloso, começou a monologar:

— Perdido! Estou perdido! Não ha ninguém mais que me possa aconselhar, ninguém que me possa arrancar d'esta situação horrivel! E, entretanto, eu estaria salvo se tivesse alguém que me amasse devêras; porque esse alguém saberia encontrar em seu coração um meio de me salvar...

Foi então que pareceu ver Lucia. Teve um frémito, o rosto illuminou-se-lhe vivamente em subita alegria. Atirou-se para o leito, ia acordar a mulher, ia ouvir d'ella a palavra salvadora...

— Lucia! Lucia!

A rapariga entreabriu os olhos, cheios

de somno, espreguicou-se, desnudando o seu formoso busto de Venus e voltou-se para o outro lado, adormecendo de novo.

Eduardo levou então as mãos à cabeça com desespero, e do seu labio frio, contrahido num rictus de desespero terrivel, cahiram sobre aquella esplendida mulher adormecida,—cahiram como gotas de chamma,—estas palavras:

— Desgracado! Esquecia-me que não é do teu corpo que preciso agora! É's unicamente um objecto... de amor!

VALENTIM MAGALHÃES.

Rio, 10 de Dezembro.

(D'O Domingo.)

NOVO BEM

Que já de triste não sou
Por mim, nem pelo meu mal.

— BERNARDIM RIBEIRO.

Se este Bem que eu te devo não devera,
Certo que o mal que eu tinha me matara;
No coração, hydra roaz, ficara,
Nos recessos do peito se escondera.

Mas tu veste como a Primavera;
Refleira minh' alma e morta seira;
Tanto que ouvio minh' alma essa voz clara
Deixou de ser o mal que d'antes era.

Agora, inuito que outro mal tu me fira,
É' tão intenso o bem que eu tenho agora,
Que, mais que todo o mal, vigas e perdura.

Elle é que me concerta os sons da lyra,
Elle é que me sustenta e me avigora,
Dan-to-me a vida por me dar ventura.

1885, Dezembro 6.

FILINTO D'ALMEIDA

(D'O Domingo.)

CORREIO LITTERARIO

ECCE IYERUM... ENEAS

Volta-me, meu ineditorial da *Gazeta de Noticias* de hoje, o auctor das *Miragens*, a fallar em lealdade, que me nega, e em habilidade, que me outorga, a proposito dos plagios que lhe censurei.

Não levo a mal a insistencia, ainda que o assumpto já se me vae tornando pouco interessante; quanto mais aos leitores! O classico homonymo carregava aos hombros, sem que lhe pesasse, o pae Anchises,

Ipsa subibo humeris, nec me labor iste gravabit; este Enéas a si impõe o gostoso peso de salvar, fugindo, os teiros pequerruchos. Faz bem, que este *parvus Iulus*, por exemplo, estava mal se tivesse de andar, como o outro, pelo seu proprio pé:

Então pelo negror das campas obscuras.

Desleal e habil chama-me Enéas; desembaraçado e finório parece-me elle.

É', devêras desembaraçado, entre tantos plagios que lhe provei, confrontando versos d'elle com versos de Crespo, na *Semana* de 5 deste mez, sair-se apenas em defezo do plagio mais leve, que se dá entre o seu *Noivo* e a *Noiva das Minuturas*. Disse eu e confimo que não se parecem só no titulo; para o demonstrar citei o final da *Voira*:

E o noivo diz: «Eulim!» e o final do *Noivo*:

O noivo amplifica aquella noite infinda.

Aqui a empalmação litteraria não se

põle dizer de gatuno vulgar; mas, ainda assim, não precisa grande habilidade para apprehender o em que ella consiste: a idéa predominante, com que remata uma como outra poesia, é a ancia do noivo para se achiar a sos com a noiva, anhele que, nos versos de Crespo, a noite, *enfim*, realisa, e que, nos versos de Enéas, os convidados prolongam com um baile *infindo*.

Ora, havendo eu expressamente, pela transcripção, circumscripto o plagio a essa idéa final, a que vem a garbosa reprodução dos dois sonetos inteiros, para maior clareza—do que estava clarissimo?

E não é tambem desembaraço desafiarme para transcrever, de par com os seus, os versos de Crespo a que foi colhêr idéas, quando isso mesmo, exactissimamente isso, foi o que já fiz no alludido artigo do dia 5?

O protesto de Enéas na despedida, é vaidoso: eu não escrevo para ter a honra da sua resposta; se não fosse o appêlo que fez aos meus sentimentos de amigo da verdade, ter-me-hia forrado ao tédio de lhe replicar. O que, para acabar, diz, ou insinua, do meu nome, é uma asnidale tão vã que nem me toca, nem en tella.

Fica no chão.

Valença, 20 de Dezembro.

LUCIO DE MENDONÇA.

BOLOS

Para nos a Provilencia tem a forma extravagante de um *cavaignac*.

Quando apparece no horizonte um d'esses alongados espanadores subqueixaes, nos exultamos de puro jubilo, e desengouçamo-nos tolo em alegrias turbulentas.

Nos, que do alto d'estas columnas, como um propheta da Biblia, temos lançado aos povos do municipio neutro a luz irradiante da nossa palavra, engalanada sempre de bisalharias classicas, e arrejada bastantes vezes por caprichos de vernaculidade puritana e escolhida; nós, que ajudamos a moralidade litteraria e jornalística no intento de destruir a sandice chronica da *Folha Nova* e le deslappar o tão insulso quão ingenno *Quidam* do sopêdo *Jornal do Commercio*; nós, que temos trabalhado como um moiro em prol do velho santo *Bom Senso martyr*, e que ainda nos não encontramos diplomado pelo suffragio universal da Ilha das Cobras para uma curul vitalicia no arceopago do Campo de Sant'Anna;—nos não queriamos que a ultima *Semana* d'este anno deixasse de apparecer illuminada por esta hilariante secção.

Mas bolos são coisa preciosa, que se não distribue a torto e a direito, porém com applicação directa num dado individuo ou num.la lo caso; a feição da generalidade não se compadece com os intitos que lhes deram origem, coisante declaramos nas palavras preambulares dos primeiros.

Andavamos, pois, á cata de umas mãos delinquentes, nas quaes pudesse-mos descarregar a nossa férula correctora, eis senão quando a Providencia, sollicita, faz apparecer nos *Apedidos*,— especie de Ilha de Sapucaia do *Pachiderme*,—a cabelluda touceira invertida que se dependura do meuto microcosmico de Maximiano Pimenta!

Lá está elle, o famoso *cavaignac* do Carlos Malagueta, no *Jornal* do dia 23!

Vem damnado! To-lo lesmado em peçonha amara, parece uma vassoura que acabasse de esmagar trezentos milhões de aranhas pançudas!

Felizmente, d'esta vez a colera de Maximiano cae sobre Arthur Azevedo, que tem hombros herculeos e sabe transmutar em clava heroica o gracioso calamo que lhe traça as gallanices despretensiosas e folgazans do estylo facil.

Pelos bofes de um crocodillo! que tem ruindade por dez este Malagueta!

Vio dois amigos em via de se deshaverem por amor de uma futilidade, vio que esses dois amigos reconheceram a tempo o errado caminho que levavam e retrocederam num bom abraço, seguindo juntos a larga estrada da boa e sincera amizade; e, ao invéz de se regosijar, como collega, do opt mo resultado da denuncia, vem por ahí abaixo a descompor um d'esses amigos, só por que este trasladou da bocca de um burguez desoccupado um dicto innocente que se lhe referia, a elle Maximiano.

Desgraçada Pimenta! Que demonio de toxico se lhe derramaria no figado, ao nascedoiro, que ain lá hoje, ao voltar dos bem puxados quarenta, mal a gente lhe aperta um pouco os illaes, segrega e espirra a bilis temperada de assafetida que lhe subministra os argumentos nas questões ainda as mais simples, ou sejam de pura arte, ou sejam de letras, ou apenas de futil melindre pessoal!

Este infeliz precisa de um figado novo, ainda que seja de papelão. Assim como está, um bello dia, descuidada a Junta de hygiene, arrebenta por ahí e dá cabo de toda a população—empestando-a.

Snr. Coliva! celebra lo scenographo, tenha a bondade de arranjar um figado pintado ali para o sr. Laet.

CHICO FÉRULA.

SPORT

Realisaram-se no ultimo domingo as corridas do *Derby-Club* que tiveram a maior animação e uma verdadeira enchente.

No 1.º pareo, de doze animaes inscriptos, só dois ou tres não correram e os demais foram batidos em 1450 metros por *Eucharis* que apezar dos 65 kilos fez a corrida em 103 segundos, sendo acompanhada por *Savana*. *Sirodio* desanimou, *Crichauá* ficou de crista cahida, *Zaire* zurrou com as vergalhadadas, *Coude* perdeu o titulo e *Didi* chorou como uma criança.

No 2.º pareo 1200 metros foi um verdadeiro «entra Juca e arreda manduca», ainda *Aurora* não vinha raiando e já *Alteza* na bagagem, consolando a *Arauha* e afastando-se do *Douro*. O resultado é que apenas ficaram em scena *Boyardo*, *Aymori* e *Mandurim*, que dançaram uma succulenta quadrilha obrigada a chicoteamento na recta e a estender o pescoço *Mandurim* ao chegar ao posto do vencedor. A *musica* foi feita em 82 segundos e os professores lamberam-se com D\$800..... para cigarros.

O povo pintou o sete e custou a acomodar-se, precisando que lhe fossem ao lombo com algumas espaleiradas.

No 3.º pareo *Bayocco* por um triz dá um beneficio em favor do velho *Guano*, que fez um figurão nos 1750 metros, obrigando o primeiro a ganhar, bem sovadinho em 122 segundos. Que rombo que ia havendo nas fileiras! Felizmente o Firmino é firme e o Antonio Branco cabiu na tinta. *Druid* e *Regalia* assistiram de longe á briga dos dois.

No 4.º pareo *The-Witch* fez bonita figura ao lado de *Contesse d'Olonne* que percorreu os 1600 metros em 108 segundos. *Malstron* carregou a mala, queremos dizer a bagagem.

No 5.º pareo a *Carmen* mostrou que está ficando muito araponga. *Sibylla* tomam-lo a frente percorreu os 2000 metros em 137 segundos e apenas consentiu que *Dora* a acompanhasse como criada grave. *Nicoafi* encavacou com o tiro.

O heroe do dia foi o *Borcas*.

Não o conhecem? Pois é aquelle mesmo bagageiro dos 1750 metros, quando *Talisman*, como uma pedreira, arrebetou em cima do xé-povinho. *Boreas* batendo *Sylvia II* em 1609 metros e 106 segundos demonstrou o que temos dito, isto é, que de 1000 metros para cima é o primeiro producto nacional.

Talisman bem que o chamava de longe e queria roçar pello ao menos uma vez. Mas *Borcas* continuava em sua carreira vertiginosa e só dizia: *nada de musicas*.

Chegamos ao 7.º pareo. Sim, senhor! Cumprimentamos a Coudelaria Alliança. E' o que se chama um tiro em regra. *Charibdes* ganhou perfeitamente e desde que chegou ao posto do vencedor em 63 segundos, os apostadores só têm de chorar na cama que é logar quente, nada poden-lo perguntar nem sobre *Gaudriole*, nem sobre *Neva* que ainda, surrados que fossem, não deram em publico aquella esplendida prova, que era especialidade da *Aspazia*—E' caso de dizer-se para a orchestra: o chocolate acabou-se. O peor é que *The Witch* esteve quasi não quasi a entornar a bandeja.

A vinte e um do corrente a sociedade *Hippodromo Fluminense* procedeu a eleição de sua definitiva directoria, que ficou assim organizada:

Presidente—Dr. Francisco Corrêa Diniz.

Vice-Presidente—Dr. A. Pinheiro Junior.

1.º Secretario—Tenente Paulo Fabygraf.

2.º Secretario—Snr. João Chaves.

Thesoureiro—Dr. Moreira Sampaio.

E' de esperar que o *Hippodromo Fluminense*, que realisou amanhã sua segunda corrida, tenha uma enchente igual á da inauguração e que todo o divertimento corra na melhor ordem.

Os pareos são interessantissimos e tão duvidosos que não nos animamos a dar nosso palpite.

L. M. BASTOS.

THEATROS

A amabilidade do nosso estimado collega Arthur Azevedo devemos o prazer de hoje publicar a letra do *rondó* que tem *A Semana* de cantar no *Bilontra*. A musica é do maestro Miguel Cardoso. Tivemos occasião de ouvi-la.

E' uma valsa leve, saltitante, travessa, lindissima.

Aos actores do *Bilontra* os sinceros agradecimentos d'*A Semana*.

Eis o

RONDÓ

Eu sou a *Semana*, menina garbosa,
Que, apenas nascida, já dá que fallar!
Não ha quem me venha no verso ou na prosa:
Victorias brilhantes pretendo ganhar!
Comquanto na corte jornaes litterarios
Sem mil sacrificios não possam vingar,
En zombo deis fúias dos ventos contrarios,
Alegre e contente—vivendo a cantar,
Sonetos, romances, charadas, artigos,
De tudo e por tudo vos posso ofertar!
Se acaso me ler les, screis meus amigos,
Não tendo o costume de ler sem pagar!
Eu sou a *Semana*, etc.»

Com o drama—*O Domador de Feras* fez beneficio na noite de 23 do corrente, no *Recreio Dramatico*, a distincta actriz Helena Cavalier.

A concorrência foi magnifica. O que não admira, pois a beneficiada, além das sympathias que gosa do nosso publico, escolheu para a sua festa uma peça ain lá não representada nos palcos d'esta heroica e leal cidade.

O Domador de Feras é um drama em 5 actos e 6 quadros, recheiado de situações dramaticas, de lances supinamente commoventes e capazes de arrancar lagrimas...ao chafariz do Lagarto.

Ha nelle muitos assassinatos, muitos tiros e etc. Pudera! se é devido á penna de D'Ennery e Ch. Edmond, dois sujeitos capazes de fazer chorar as pedras com os seus dramalhões.

A empresa do *Recreio* caprichou na montagem d'*O Domador de Feras*. Nada ha a pedir. O trabalho de scenographia é muito bom, destacando-se o scenario do quarto quadro feito pelo scenographo Orestes Coliva; é um primor! Aquella cascata de agua natural, de agua de *verdade*, correndo pelo palco, é surprehen lente, e é uma verdadeira novidade.

Parabens ao Sr. Coliva.

Quanto ao desempenho do drama, foi bom. Helena Cavalier comprehendendo perfeitamente o seu papel de Thereza.

Dias Braga egualmente o de Mardoché.

Balbina foi muito bem no de Margarida, Lisboa fez o que ponde para dar-nos um bom Jorge D'Harley.

Maggioli, Castro e os outros, apezar da pouca importancia de seus papeis, portaram-se como bons actores que são.

Em um dos nossos theatros realisar-se-á brevemente a estrêa e beneficio da interessante e intelligente actrizinha Corina. Esperamos que o publico concorrerá a essa festa, que promete ser magnifica, pois o programma, que será publicado proximo, é muito escolhido.

FACTOS E NOTICIAS

Julio Ribeiro, noticia o *Diario Mercantil*, vae crear em Santos uma folha hebdomadaria á feição d'*A Semana*.

Intitular-se-á *A Procellaria*.

Vicente de Carvalho, o festejado poeta, fará parte da redacção. Julio Ribeiro conta com a collaboração assidua de varios escriptores de nomeada.

O primeiro numero deve apparecer em Janeiro proximo.

Esperamol-o ansiosamente.

CONTOS INFANTIS

Da *Gazeta de Noticias*, de 21 do corrente, transcrevemos a descripção do bello sarau litterario, e fazemol-o porque não poderiamos dar conta d'essa reunião melhor do que o fez o nosso amavel e importante collega, cujas palavras fazemos nossas.

Eis a noticia:

Ente-hontem houve em casa do Dr. J. M. Velho da Silva um magnifico sarau litterario, de character inteiramente particular e intimo.

Entre escriptores, poetas, professores publicos, etc., achavam-se presentes á selecta reunião os Srs. barões de Paranaipicaba e de S. Felix, Drs. Valentim Magalhães, José Lino de Almeida, Ernesto Coutinho, Victorio da Costa, Srs. Filinto de Almeida, H. de Magalhães e outros cavalheiros das nossas lettras.

O fim da reunião era a leitura de um volume de contos em prosa e verso, para crianças, que, sob o singelo título de *Contos Infantis*, vão publicar as distinctissimas escriptoras DD. Adelina Amelia Lopes Vieira e Julia Lopes.

O Sr. Dr. Valentim Silveira Lopes, habilissimo clinico, director do hospital da Misericordia de Campinas, expoz, na sua qualidade de pai das auctoras, o motivo da reunião e os intuitos da obra.

A leitura foi feita pelas proprias auctoras, sempre com um successo ruidoso e franco. Alguns d'esses pequenos contos desprezenciosos commoveram profundamente o auditorio, que prompia de quando em quando em exclamações de enthusiasmo. Os contos são na verdade admiraveis de simplicidade, de bom e puro estylo, de correcção e de acabamento.

Naquellas pequenas historias escriptas com toda a segurança de traços, ha grandes e utilissimas lições de moral, um grande trabalho destinado a concorrer poderosamente para a educação affectiva e sentimental das crianças e para uma certa direcção intellectual, que sem duvida se não aprende em nenhum dos livros infantis aoptados pelas nossas escolas de instrucção primaria.

O livro vae apparecer brevemente, e então o publico terá occasião de examinar esta bella obra, unica no seu genero em portuguez, e verá quanta arte e quanto talento, quanta observação e sciencia da vida ha naquellas paginas, onde se sente palpitem, com toda a vehemencia, todos os thesouros de sentimento de dois corações de mulher.

O illustre Sr. Dr. Victorio da Costa, inspector geral da instrucção publica, foi dos que mais apreciaram o trabalho das duas gentis escriptoras, o que nos faz esperar que elle seja adoptado para as escolas primarias, o que será um assignalado e grande serviço feito á instrucção e, por consequencia, ao futuro do Brazil.

DOIS MIMOS

Nos boulevards de Paris, nas squares de Londres, nas avenidas de Bruxellas, nas praças de Lisboa, nas ruas de Yedo e até nos beccos de Pekin—o assumpto principal da conversação dos *touristes*, dos *flaneurs* e dos leões da *haute gomme*, é o bom gosto, a elegancia, o exquisito e raro capricho que na America meridional se nota na estupidamente conhecida papelaria (Guimarães & Ferdinando, situada na cidade do Rio de Janeiro, á rua do Ouvidor, bem na esquina da rua do Carmo).

Ø Joaquim Guimarães, o 29, honra e gloria da papelada nacional, tem espalhado a fama da sua casa desde o Novo Mundo até os confins do Globo! (1)

Quando chega o fim do anno e elle começa a distribuir as suas folhinhas e os seus cartões e mimos de *boas festas*, toda a Europa estremece de inveja e lamenta-se até ás lagrymas por não poder ser fregueza do nunca visto emporio do papel, dos *enveloppes* e dos *chromos*!

Este anno, o demouio do Guimarães, offereceu-uos uma folhinha *épatante*, onde se vé um busto de mulher formosissima, ideal, digna da palheta Inbrica e languorosa de Cabanel; uma mulher que parece ser a propria Primavera, irradiando o seu immenso orgulho de noiva universal!

Além d'esta preciosa folhinha, digna de figurar nas colleções do fallecido rei

(1) Não confundir com os hotéis dos mesmos titulos

D. Fernando, offereceu-nos tambem uma deslumbrante *corbeille*, ornada dos nomes e pseudonymos de alguns collaboradores d'*A Semana*, precioso trabalho de penna, executado pelo primoroso calligrapho V. Figueiró.

Ahi fica o agradecimento e o puff... agora, se nos quizerem mandar tambem um annuncio da casa, não seremos nos quem o recuse... não; isso nunca!

Partio em dias da semana passada para Campinas, onde reside, o Sr. Dr. Valentim Lopes, com sua Exma. familia.

Chegou da Bahia, havendo sido approvedo no 2º anno do curso medico o distincto moço Sr. Heitor Murat.

Tem estado gravemente enferma a distincta compositora D. Francisca Gonzaga. Desejamos-lhe prompto restabelecimento.

CONSULTAS

Ao assignante que nos remetteu uma consulta sobre use certo testamento de verá ser executado no juizo da Provedoria, não a have ido assignado, e tendo-se extraviado a carta que a acompanhava, rogamos o favor de nos communicar o seu nome e residencia, para lhe endereçarmos a resposta.

TRATOS Á BOLA

Tratistas, deitada a minha benção sobre vossas cabeças, começarei por vos desejar boas festas.

Não ignoraes, de certo, que é de bom gosto, entre a gente civilizada, presentear os amigos no dia de Natal; ora, eu que tenho a ventura de me não considerar no numero dos vossos inimigos, espero que vos não esqueçaes d'este bom frade, que, com os succulentos pratinhos das boas charadas, vos delicia pontualmente, todas as semanas, o paladar do intellecto.

Eu com tudo me contento. E' bastante que cada um de vós me mande, não direi uma pipa, mas unicamente uma caixa do bello vinho do Porto, ou do corroborante Malvasia, para que nade a minh'alma num oceano de contentamento!

E dito isto, vou tratando de declarar quaes os felizes mortaes que d'esta vez decidiram a charadancia passada.

Foram elles os Srs. *Fricinal Vassico*, *José Victor da Silva*, *O Paiz* (jornal), *Pépe*, *Zé dos Pasteis*, e *D. Josephina B.*

Tiveram porém a dita de ser premiados o Sr. *Pépe*, e *O Paiz*; que podem mandar buscar os seus premios.

As decifrações são estas:
Da microscopica:—*Continuação*;
Da actual:—*Sol*;
Da bisada:—*Chaveta, chata*;
Da antiga:—*Matilde*;
Do logogrypho:—*Semana*.

Agora é que eu quero ver quem tem garrafas vacias para vender! qual será o menino bonito que ponha em pratos limpos tudo o que me vae escorrer dos bicos da religiosa penna por esta encosta abaixo:

LOGOGRYPHO

Em aqui serei um homem—7,6,9,2,6, 4, 13, 5.
Morre-se aqui destemido.—1,8,12,5,11,6.
E' bem custoso se ver.—14,6,4,15.
Este manjar conhecido.—10, 11,3,13,7,15.

—Um poeta.—
O Satanaz.

NOVISSIMAS

1—2—1—1.—Não lhe é favoravel no cavallo, e quando não é seria, esta letra, que é ave.

1—1—1—1. Na corda, este verbo não nega a preposição que não é velha.

1—2—2—E' verbo, e não traz roupa quando corre este homem.

CHARADA-LOGOGRYPHO

Diz-nos que parta, que siga,
Sem jamais se demorar—1.
Mas estes, (deixe que eu diga)
Nos podem muito ensinar.—2.

Prende a pedra preciosa
E no sapato a ha de ver,—2.
Embora sem ser formosa,
Mui dignos so quer dizer—2.

CONCEITO

Isto nada representa, 9, 8, 3, 2.
Resoluto e destemido, 4, 8, 11, 4, 2.
No navio se apresenta—6,5,3,7,1,10,11.
E' primeiro (está vencido?) 1, 3, 2, 4, 2.

Josephina B.

A	C	D	E	I	M	N	O	P
1	1	2	4	1	3	1	4	2
G R T U								
			1	2	3	3		

Formar um adverbio com as letras acima, repetidas tantas vezes quantas os algarismos designam.

PREMIOS:

Os dois felizardos que os merecerem, não de ter occasião de lambor os beijos e gritar por mais. Abençoa-vos a todos satisfeitissimo, o vosso *pater* espirital

FREI ANTONIO.

ANNUNCIOS

Dr. Henrique de Sa, especialista de syphilis e molestias das crianças.—Rua Primeiro de Março, 22 (consultas do meio-dia ás 2 horas)—Residencia: Rua de S. Clemente, 165 A.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Portuguez, francez e Inglez—Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 30.

HIPPODROMO FLUMINENSE

PROGRAMMA DAS GRANDES CORRIDAS

DE DOMINGO 27 DE DEZEMBRO DE 1885

AO MEIO-DIA EM PONTO

Primeiro parco—REGENERAÇÃO—1.020 metros—Animaes nacionaes de 3 annos até meio sangue—Prêmios: 300\$ ao primeiro e 60\$ ao segundo

NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1 <i>Nicoafy</i>	Zaino.....	3 annos	Paraná.....	43 kilos	Encarnado e ouro.....	M. P.
2 <i>Araby</i>	Alazão.....	3 »	R. de Janeiro.	48 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
3 <i>Vampa</i>	Zaino.....	3 »	Rio Grande..	48 »	Grênat e bonet azul.....	Coud. Paraizo.
4 <i>Aurora</i>	Alazão tost..	3 »	S. Paulo.....	46 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
5 <i>Druid</i>	Tordilho.....	3 »	R. de Janeiro.	48 »	Encarna lo e ouro.....	Pelagio de Magalhães.

Segundo parco—OITO DE DEZEMBRO—800 metros—Animaes peludos de qualquer paiz—Prêmios: 200\$ ao primeiro e 50\$ ao segundo

1 <i>Orione</i>	Alazão.....	4 annos	Rio da Prata.	58 kilos	Azul e encarnado.....	Freitas Guimarães.
2 <i>Zaire</i>	Libuno.....	4 »	Paraná.....	53 »	Rosa e ouro.....	Machado Gomes.
3 <i>Sultão</i>	Idem.....	3 »	Minas Geraes	50 »	Grênat e bonet azul.....	J. F. Vaz.
4 <i>Baguassú</i>	Rosilho.....	5 »	Paraná.....	55 »	Vermelho.....	
5 <i>Taquary</i>	Picarco.....	7 »	R. Gr. do Sul.	55 »	Encarna lo.....	J. V.
6 <i>Conde</i>	Castanho.....	6 »	Paraná.....	53 »	Vermelho e azul.....	Coudelaria Alliança.
7 <i>Crichaná</i>	Chita.....	6 »	Idem.....	56 »	Azul e ouro.....	Idem.
8 <i>Bisão</i>	Zaino.....	5 »	Rio da Prata.	60 »	Verde e amarello.....	José Cruz.
9 <i>Mayatú</i>	Rosilho.....	4 »	Minas-Geraes	52 »	Jaqueta br. e bonet preto..	H. P.
10 <i>Barbara</i>	Idem.....	3 »	R. Gr. do Sul.	53 »	Azul e ouro.....	Manuel Ribeiro.
11 <i>Savana</i>	Castanho.....	4 »	Idem.....	52 »	Branco e verde.....	C.
12 <i>Serodio</i>	Idem.....	5 »	Idem.....	55 »	Ouro e encarnado.....	J.

Terceiro parco—ENSAIO—1.350 metros—Animaes nacionaes até meio sangue—Prêmios: 400\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo

1 <i>Bonita</i>	Alazão.....	4 annos	S. Paulo.....	49 kilos	Encarnado e branco.....	J. P. Machado.
2 <i>Aranha</i>	Alazão.....	4 »	Idem.....	49 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
3 <i>Aymoré</i>	Castanho.....	5 »	Idem.....	54 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
4 <i>Boyardo</i>	Alazão.....	4 »	Idem.....	51 »	Branco e estrellas azues...	M. P.
5 <i>Alteza</i>	Libuno.....	5 »	Idem.....	52 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
6 <i>Druid</i>	Tordilho.....	3 »	R. de Janeiro.	48 »	Encarnado e ouro.....	Pelagio de Magalhães.

Quarto parco—CARRIS URBANOS—1.600 metros—Animaes de qualquer paiz—Prêmios: ao primeiro 50 % e 10 % ao segundo da renda líquida do parco—Entrada 30\$000

1 <i>La-Linda</i>	Castanho.....	5 annos	Rio da Prata.	57 kilos	Preto e encarnado.....	J. W.
2 <i>Flora</i>	Idem.....	5 »	Idem.....	57 »	Azul e encarnado.....	J. M.
3 <i>Jaguary</i>	Idem.....	5 »	S. Paulo.....	54 »	Encarnado, branco e ouro..	R. V.
4 <i>Saphira</i>	Zaino.....	3 »	França.....	54 »	Branco e vermelho.....	A. Soares.

Quinto parco—CONCURSO—1.350 metros—Animaes até meio sangue—Prêmios 400\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo

1 <i>Nicoafy</i>	Zaino.....	3 annos	Paraná.....	48 kilos	Encarnado, e ouro.....	M. P.
2 <i>Aymoré</i>	Castanho.....	5 »	S. Paulo.....	53 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
3 <i>Boyardo</i>	Alazão.....	4 »	Idem.....	51 »	Branco e estrellas azues...	M. P.
4 <i>Flora</i>	Castanho.....	5 »	Rio da Prata.	55 »	Azul e encarnado.....	J. M.
5 <i>Alteza</i>	Libuno.....	5 »	S. Paulo.....	52 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
6 <i>La Linda</i>	Castanho.....	5 »	Rio da Prata.	57 »	Preto e encarnado.....	L. W.

Sexto parco—OMNIBUS—800 metros—Animaes de menos de meio sangue—Prêmios: 200\$ ao primeiro e 50\$ ao segundo

1 <i>Orione</i>	Alazão.....	4 annos	Rio da Prata.	58 kilos	Azul e encarnado.....	Freitas Guimarães.
2 <i>Zaire</i>	Libuno.....	4 »	Paraná.....	53 »	Rosa e ouro.....	Machado Gomes.
3 <i>Dedi</i>	Pampa.....	3 »	S. Paulo.....	48 »	Vermelho e preto.....	Coudelaria Ypiranga.
4 <i>Baguassú</i>	Rosilho.....	5 »	Paraná.....	55 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
5 <i>Conde</i>	Castanho.....	6 »	Idem.....	56 »	Vermelho e azul.....	Coudelaria Alliança.
6 <i>Crichaná</i>	Chita.....	6 »	Idem.....	56 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
7 <i>Bucha</i>	Zaino.....	5 »	S. Paulo.....	53 »	Encarnado e verde.....	Coudelaria Alliança.
8 <i>Barbara</i>	Rosilho.....	3 »	R. Gr. do Sul.	53 »	Azul e ouro.....	Manuel Ribeiro.
9 <i>Serodio</i>	Castanho.....	5 »	Idem.....	55 »	Ouro e encarnado.....	J.
10 <i>Savana</i>	Idem.....	4 »	Idem.....	52 »	Branco e verde.....	C.

OBSERVAÇÕES.—Os Srs. proprietarios ficam avisados de que as corridas terão começo ao meio-dia em ponto.

A companhia de Carris-Urbanos terá carros especiaes a toda hora para o Hippodromo, assim como a empresa de carris da Villa-Guarany.

Rio de Janeiro, 21 de Dezembro de 1885.

JOÃO CHAVES, 2º secretario.



